FRANK HERBERT

DUNA SAGA

Neil McClements

FRANK HERBERT

DUNA SAGA

Exilado

ÍNDICE

DUNA

Frank Herbert

Tradução de Jorge Luíz Calife
Título Original: *Dune*

Às pessoas cuja labuta ultrapassa as ideias e invade o domínio do "real": aos ecólogos das terras áridas, onde quer que estejam, não importa a época, fica dedicada esta tentativa de profecia, com humildade e admiração.

FRANK HERBERT, 1965

LIVRO PRIMEIRO

DUNA

1

O começar é o momento mais delicado na correção do equilíbrio. Esta irmã Bene Gesserit bem o sabe. Por isso, ao começar a estudar a vida de Muad'Dib, teve o cuidado de situá-la em sua época: nascido no 57° ano do Imperador Padishah Shaddam IV. E com mais cuidado ainda localizou Muad'Dib em sua terra: o planeta Arrakis. Mas que ninguém se iluda com o fato de ter ele nascido em Caladan e lá ter vivido seus primeiros quinze anos: Arrakis, o planeta conhecido como Duna, será para sempre a sua terra.

— do Manual do Muad'Dib, escrito
pela Princesa Irulan

Na semana anterior à sua partida para Arrakis, quando toda aquela agitação final chegara a um frenesi quase insuportável, uma velha encarquilhada veio visitar a mãe de Paul, o rapaz.

Era uma noite quente no Castelo Caladan e a antiga pilha de rochas, que servira como lar para a família Atreides por vinte e seis gerações, exibia aquela atmosfera suarenta que costumava adquirir antes de uma mudança no tempo.

A velha foi introduzida por uma porta lateral do longo corredor abobadado que levava ao quarto de Paul, e foi-lhe concedido um momento para observá-lo enquanto ele dormia.

Na penumbra de uma lâmpada suspensa enfraquecida e pendurada junto do solo, o rapaz acordado podia ver diante da porta uma forma feminina volumosa erguendo-se um passo adiante de sua mãe. A velha parecia uma bruxa com o cabelo como teias de aranha embaraçadas, feições obscurecidas pelo capuz e dois olhos como jóias brilhantes.

— Ele não é muito pequeno para sua idade, Jessica? — indagou a velha, sua voz chiando e ressonando como um baliset desafinado.

A resposta da mãe de Paul veio em suave contralto: — Sabe-se que os Atreides começam a crescer tardiamente, Sua Reverência.

— Assim ouvi, assim ouvi — chiou a voz asmática da velha. — No entanto ele já tem quinze anos.

— Sim, Sua Reverência.

— Está acordado e nos escutando, esse maroto — riu a velha.

— Mas a realeza precisa ser matreira e se ele é realmente o Kwisatz Haderach... bem...

Nas sombras de seu leito Paul conservava os olhos semicerrados. Os dois ovais brilhantes formados pelos olhos da bruxa pareciam reluzir, expandindo-se ao fitá-la.

— Durma bem, seu molequinho esperto — disse ela. — Amanhã precisará de toda a sua esperteza para enfrentar meu gom jabbar.

Então ela se foi, empurrando sua mãe para fora e fechando a porta com uma pancada seca.

Paul ficou acordado pensando: o que será um gom jabbar?

Em todas as perturbações desse tempo de mudanças, a velha fora a coisa mais estranha que presenciara.

"Sua Reverência."

E o modo como ela tratara sua mãe Jessica, como se ela fosse uma criada em vez do que ela realmente era: uma dama Bene Gesserit, uma concubina do duque e mãe de seus herdeiros ducais.

Seria um gom jabbar alguma coisa pertencente a Arrakis e que ele precisaria conhecer antes de chegar lá?

Repetiu as estranhas palavras da velha: gom jabbar.. Kwisatz Haderach. Havia tanto que aprender... Arrakis devia ser um lugar tão diferente de Caladan, que a mente de Paul rodopiava com seus novos conhecimentos. Arrakis-Duna-Planeta Deserto.

Thufir Hawat, o Mestre de Assassinos de seu pai, lhe explicara: os Harkonnen, seus inimigos mortais, haviam ocupado Arrakis durante oitenta anos, mantendo o planeta como um semifeudo, sob um contrato com a Companhia CHOAM para minerar a especiaria geriátrica Melange. Agora os Harkonnen partiriam e seriam substituídos pela Casa dos Atreides, na forma de um feudo completo — uma vitória aparente do Duque de Leto. No entanto, dissera Hawat, esta aparência guardava um perigo mortal, sendo o Duque tão popular entre as Grande Casas de Landsraad.

— E um homem popular atrai o ciúme dos poderosos concluíra Hawat.

"Arrakis-Duna-Planeta Deserto."

Paul adormeceu para sonhar com uma caverna de Arrakis, com pessoas silenciosas movendo-se à sua volta na luz mortiça dos brilhoglobos. Era um lugar solene como uma catedral e ele ouvia um ruído fraco, como água gotejando. Enquanto sonhava, Paul tinha a certeza de que se lembraria quando acordasse. Ele sempre se lembrava dos sonhos que eram previsões.

O sonho se apagou.

Paul acordou sentindo o calor de seu leito... pensando... pensando. Esse mundo do Castelo Caladan, sem brinquedos nem companheiros de sua idade, talvez não merecesse tristezas na despedida. Seu professor, o Dr. Yueh, havia insinuado que o sistema de classes faufreluches não era tão rígido em Arrakis. O planeta abrigava gente que vivia nas margens do deserto, sem caides ou bashares para comandá-los. Eram os povos esquivos da areia chamados Fremen, e nem os recenseamentos da Armada Imperial os registravam.

“Arrakis-Duna-Planeta Deserto.”

Sentindo suas próprias tensões, Paul decidiu praticar uma das lições do corpo-mente ensinadas por sua mãe. Três inspirações rápidas acionaram a resposta: caiu numa consciência flutuante... focalizando sua percepção... dilatação arterial... evitando o mecanismo divagador da mente... ter consciência por escolha... sangue enriquecido regando as áreas sobrecarregadas... “não se obtém comida-abrigo-liberdade somente com o instinto”... a consciência animal é incapaz de se estender além do momento presente e não conhece a idéia de que suas vítimas possam se extinguir... o animal destrói e não produz... os prazeres animais permanecem próximos dos níveis de sensação e evitam o perceptivo... os humanos necessitam de uma tela de fundo através da qual possam perceber seu universo... consciência focalizada por escolha, isso produz a sua tela... a integridade corporal segue o fluxo sanguíneoneural de acordo com a mais profunda consciência das necessidades celulares... todas as coisas/células/seres são inconstantes... lute pela permanência de fluxo interno...

Dentro da consciência de Paul a lição se repetia, seguidamente. E quando a aurora tocou a janela do quarto com sua luz amarelada ele a sentiu através das pálpebras fechadas; abrindo-as, ouviu a agitação renovada do castelo, vendo o padrão familiar das vigas do teto.

A porta do corredor se abriu e sua mãe apareceu com cabelos de um bronze pálido presos em coque por uma fita negra. O rosto oval desprovido de emoção com os olhos verdes a fitá-la com solenidade.

— Já está acordado... Dormiu bem?

— Sim.

Ele observou seu porte esbelto e percebeu o indício de tensão em seus ombros enquanto ela escolhia as roupas nas prateleiras.

Outro não teria notado essa tensão, mas ela o treinara bem nos ensinamentos Bene Gesserit, nas observações das minúcias. Voltou-se trazendo-lhe um casaco semiformal. Estava lá a crista vermelha do falcão, o símbolo dos Atreides, sobre o peito.

— Vista-se depressa — disse ela. — A Reverenda Madre está esperando.

— Sonhei com ela uma vez — respondeu Paul. — Quem é ela?

— Ela foi minha professora na escola de Bene Gesserit. Agora é a Reveladora da Verdade para o Imperador. E... Paul... — Jessica hesitou. — Você deve contar a ela sobre seus sonhos.

— Contarei. Foi com sua ajuda que ganhamos Arrakis?

— Nós não ganhamos Arrakis. — Jessica sacudiu a poeira das calças que escolhera para ele e colocou-as junto com o casaco, no suporte ao lado da cama. — Não deixe a Reverenda Madre esperando.

Paul se sentou segurando os joelhos. — O que é um gom jabbar?

Novamente o treino que ela lhe dera mostrava a ele sua hesitação quase imperceptível, fazendo-o sentir medo.

Jessica caminhou até a janela, abriu as cortinas e olhou através dos pomares junto ao rio, na direção do Monte Syubi. Você aprenderá a respeito do... gom jabbar muito breve.

Percebendo o temor em sua voz, ele ouviu-a surpreso, enquanto Jessica falava sem se voltar.

— A Reverenda Madre está esperando em minha sala matinal. Por favor, apresse-se.

A Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam observou, sentada numa cadeira, enquanto mãe e filho se aproximavam. As janelas ao seu lado abriam-se para a curva sul do rio e as terras cultivadas dos Atreides, mas a Reverenda Madre ignorava a visão. Sentia o peso da idade nessa manhã, e isso a punha de mau humor... Culpava por isso as viagens espaciais, com aquela abominável Corporação Espacial e seus costumes secretos. Todavia essa era uma missão que exigia atenção especial de uma Bene Gesserit com a visão. Nem mesmo a Reveladora da Verdade do Imperador Padishah poderia eximir-se de suas responsabilidades.

“Maldita Jessica!”, pensou a Reverenda Madre. Se ao menos ela houvesse dado à luz uma menina, como lhe foi ordenado.

Jessica parou a três passos da cadeira e fez uma pequena reverência com um suave movimento de sua mão esquerda ao longo da borda da saia. Paulo inclinou-se ligeiramente como seu mestre de dança lhe ensinara, numa reverência usada quando em dúvida quanto à importância da outra pessoa.

Essas nuanças na saudação de Paul não escaparam à Reverenda Madre, que comentou: — Ele é bem cauteloso, Jessica. — A mão de Jessica tocou o ombro do rapaz de um modo firme. No tempo de uma batida do coração seu toque transmitiu medo através da palma, depois ela conseguiu se controlar.

— Assim lhe foi ensinado, Sua Reverência.

“De que é que ela tem medo?”, cismava Paul.

A velha estudou Paul num instante apenas: rosto oval como o de Jessica, mas ossos fortes... os cabelos negros do Duque, as sobrancelhas do avô paterno, e aquele nariz fino, desdenhoso, os olhos verdes a fitarem diretamente, como os do velho Duque, avô paterno, agora morto.

"Bem, aquele era um homem que apreciava o poder da coragem, mesmo na morte", pensou a Reverenda Madre.

— O ensinamento é uma coisa — disse ela —, o ingrediente básico é outra. Veremos. — Os velhos olhos fitaram Jessica duramente. Deixe-nos a sós. Apreciaria se praticasse a meditação da paz.

Jessica tirou a mão do ombro de Paul. — Sua Reverência, eu...

— Jessica, você sabe o que deve ser feito.

Paul olhou para sua mãe, intrigado.

Jessica se empertigou. — Sim... é claro.

Paul observou novamente a Reverenda Madre. A polidez e o próprio temor de Jessica aconselhavam cautela, mas ele sentia-se furioso com o medo que percebera se irradiando de sua mãe.

— Paul... — Jessica respirou fundo —, esse teste que está prestes a realizar é importante para mim.

— Teste? — Olhou para ela intrigado.

— Lembre-se de que você é um filho do Duque — disse Jessica.

Depois girou e saiu da sala acompanhada pelo ruído sibilante de sua saia. A porta fechou-se sólida por trás dela.

Paul encarou a velha e conteve sua raiva. Pode alguém tratar Lady Jessica como se ela fosse uma criada?

Um sorriso tremulou nos cantos da boca enrugada.

— Lady Jessica foi minha criada, garoto, durante quatorze anos na escola. E foi uma boa criada. Agora venha cá!

A ordem o atingiu como uma chicotada e ele obedeceu antes que pudesse pensar. "Usando a Voz em mim", pensou. Parou diante de um gesto da velha, ficando ao lado de seus joelhos.

— Está vendo isto? — perguntou ela. De uma das obras do vestido retirara um cubo de metal verde, com aproximadamente quinze centímetros de aresta.

Ela o girou deixando Paul perceber que um dos lados estava aberto — negro e assustador. Nenhuma luz penetrava aquela escuridão.

— Ponha sua mão dentro desta caixa.

O medo percorreu o corpo de Paul. Ele começou a recuar mas a velha disse:

— É assim que você obedece a sua mãe?

Fitou aqueles olhos de pássaro. Então, lentamente, sentindo compulsões e incapaz de inibi-las, Paul colocou a mão dentro da caixa. Sentiu a princípio uma sensação de frio, enquanto a escuridão se fechava em torno de sua mão, depois sentiu um metal escorregadio contra seus dedos e um formigamento, como se a mão estivesse adormecida.

Uma aparência destruidora tomou as feições da mulher. Ela ergueu a mão direita e colocou-a junto a um dos lados do pescoço de Paul. Ele viu um brilho metálico e começou a se voltar.

— Pare! — gritou ela.

“Usando a Voz novamente!”, pensou ele enquanto tornava a fitar o rosto dela.

— Eu estou segurando meu gom jabbar junto de seu pescoço.

— O gom jabbar, o inimigo destro — disse ela. — É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. Ah, ah! Não tente recuar ou você sentirá o veneno.

Paul tentou engolir e sentiu a garganta seca. Não conseguia afastar seus olhos da face enrugada, dos olhos brilhantes, das gengivas pálidas em torno dos dentes de metal prateados que apareciam enquanto ela falava.

— Um filho do Duque deve entender de venenos. É a moda da época, não é, Musky, ser envenenado na bebida? Algumas vezes, ser envenenado na comida. Os venenos rápidos, os lentos e os mais ou menos. Aqui há um novo para você: o gom jabbar. Ele mata apenas os animais.

O orgulho de Paul controlou seu medo: — Atreve-se a sugerir que o filho do Duque é um animal?

— Digamos que eu sugiro que você seja humano — respondeu a velha. — Firme! Aviso-lhe que não tente escapar. Sou velha mas minha mão pode espetar esta agulha em seu pescoço antes que possa fugir.

— Quem é você? — sussurrou. — Como enganou minha mãe para me deixar sozinho consigo? Trabalha para os Harkonnen?

— Os Harkonnen? Deus nos livre, não. Agora fique quieto.

Dedos ressequidos tocaram seu pescoço e ele controlou um impulso involuntário de pular longe.

— Bom — disse ela. — Você passou no primeiro teste. Agora eis o resto dele. Se retirar sua mão desta caixa você morre. Esta é a única regra. Mantenha a mão na caixa e você vive; tire-a e morre.

Paul respirou fundo para controlar seus tremores.

— Se eu gritar, os servos estarão aqui em segundos e você morrerá.

— Servos não passarão por sua mãe, que monta guarda diante daquela porta. Confie nisso. Sua mãe sobreviveu a este teste. Agora é a sua vez. Sinta-se honrado. Raramente submetemos a este teste as crianças do sexo masculino.

A curiosidade reduziu o medo de Paul até um nível controlável.

Ele sentia sinceridade na voz dela, não havia como negá-la. Se sua mãe estava guardando aquela porta... se era realmente um teste... O que quer que fosse ele estava preso, apanhado como numa armadilha por aquela mão em seu pescoço: o gom jabbar.

Lembrou-se da resposta na Litania contra o medo, que sua mãe lhe ensinara a partir do rito Bene Gesserit.

"Eu não temerei. O medo é o assassino da mente. Medo é a morte pequena que traz a obliteração. Enfrentarei meu medo. Não permitirei que ele passe sobre mim ou através de mim. E, quando ele se for, voltarei minha visão interna para olhar sua trilha.

Por onde o medo passou nada restou. Apenas eu permaneço."

Sentiu a calma retornar e disse:

— Vamos com isso, velha.

— Velha! — retrucou ela. — Você tem coragem, isso é inegável. Bem, veremos. — Ela se inclinou, sussurrando : — Você vai sentir dor na mão que está dentro da caixa. Dor. Mas... Retire a mão e eu espetarei seu pescoço com meu gom jabbar — a morte é tão rápida como um golpe de machado. Tire sua mão e o gom jabbar acaba com você. Entendeu?

— O que há na caixa?

— Dor.

Sentia um torpor crescente na mão e comprimiu os lábios.

"Como é que isso pode ser um teste?", pensou. O formigamento tornou-se uma coceira.

A velha disse: — Já ouviu falar de animais que mastigam uma perna até arrancá-la para escaparem de uma armadilha? Este é um truque animal. Um humano permaneceria na armadilha, suportaria a dor, fingiria estar morto para matar o caçador e eliminar a ameaça aos seus semelhantes.

A coceira tornou-se uma fraca sensação de queimadura.

— Por que está fazendo isso? — perguntou ele.

— Para determinar se você é humano. Fique calado.

Paul fechou a mão esquerda enquanto a sensação de queimadura aumentava na outra mão. Ela crescia lentamente: calor sobrepondo-se a calor... sobre calor. Sentia as unhas da mão que estava livre penetrando na palma. Tentou flexionar os dedos em fogo mas não conseguiu movê-los.

— Isso queima — sussurrou.

— Silêncio!

A dor pulsava em seu braço enquanto o suor aparecia na testa.

Cada fibra de seu ser implorava pela retirada da mão daquela abertura

flamejante... mas... o gom jabbar. Sem mover a cabeça ele tentou mexer com os olhos, para ver aquela agulha terrível junto ao seu pescoço. Sentiu que estava respirando de um modo ofegante, tentou se controlar mas não pôde.

Dor!

Seu mundo esvaziou-se de tudo, exceto a mão imersa em agonia e aquela cara ancestral a observá-lo, a alguns centímetros dele.

E seus lábios pareciam tão secos que tinha dificuldade para separá-los. A queimadura! A queimadura!

Pensou que podia sentir a pele negra se contraindo e soltando de sua mão agonizante, a carne frigindo e caindo até que somente restassem ossos carbonizados.

E então a dor parou. Parou como se um interruptor houvesse sido desligado.

Paul sentia o braço direito tremendo, o suor cobrindo seu corpo.

— É o bastante — resmungou a velha. — Kull wahad! Nenhuma menina jamais aguentou tanto tempo. Eu devia estar querendo que você falhasse. — Ela se inclinou para trás, retirando o gom jabbar do lado do pescoço.

— Tire sua mão da caixa, jovem humano, e olhe para ela.

Ele lutou contra o tremor e o vazio escuro, onde sua mão parecia continuar por vontade própria. A memória da dor inibia qualquer movimento e a razão lhe dizia que apenas um toco enegrecido sairia daquela caixa.

— Faça o que mandei! — exigiu ela.

Ele tirou a mão da caixa num movimento súbito e olhou perplexo. Nem uma marca. Nenhum sinal da agonia na carne. Levanta a mão e mexe com os dedos.

— Dor induzida nos nervos — explicou a velha. — Não se pode andar por aí mutilando humanos em potencial. Existem aqueles que dariam muito para conhecer o segredo desta caixa. — Escondeu-a de novo nas dobras do vestido.

— Mas a dor... — insistiu ele.

— Dor! Um humano pode controlar cada nervo de seu corpo.

Paul sentiu uma fisgada na mão esquerda, abriu os dedos e viu quatro marcas sangrentas onde as unhas haviam penetrado na palma. Abaixou a mão olhando para a bruxa. — Você fez isso com minha mãe uma vez?

— Já peneirou areia através de uma tela?

O tom da pergunta abalou sua mente fazendo-a atingir um nível mais elevado de consciência : “Areia através de uma tela.” Ele acenou afirmativamente.

— Nós, Bene Gesserit, peneiramos pessoas para encontrar humanos.

Ele levantou a mão direita, desejando a recordação da dor. — E isso é

tudo que é preciso? Dor?

— Eu o observei sofrer, rapaz. A dor é apenas o eixo do teste. Sua mãe já lhe contou sobre nossos métodos de observação. Vejo os sinais de seu ensinamento em você. Nosso teste é crise e observação.

Ele confirmou com a cabeça. — É verdade!

Ela o observava. "Ele sente a verdade! Pode ser ele? Pode realmente ser ele?" Controlou a excitação lembrando a si mesma: "A esperança embaça a observação."

— Você sabe quando as pessoas acreditam no que dizem.

— Sei.

As harmonias da habilidade, confirmadas por testes repetitivos, estavam na voz dele. Ela as ouviu e disse : — Talvez seja você o Kwisatz Haderach. — Sente-se aqui aos meus pés, irmãozinho.

— Prefiro ficar de pé.

— Sua mãe sentou-se aos meus pés uma vez.

— Eu não sou minha mãe.

— Você nos odeia um pouco, não? — Ela olhou para a porta e chamou: — Jessica! — A porta abriu-se violentamente e Jessica surgiu olhando de modo severo para dentro da sala. A severidade desapareceu de suas feições quando ela viu Paul. Sorriu ligeiramente.

— Jessica, alguma vez já parou de me odiar? — indagou a velha.

— Eu a amo e odeio — respondeu Jessica. — O ódio vem da dor que eu nunca esquecerei. O amor, este...

— Somente os fatos básicos — exigiu a velha, no entanto sua voz era gentil agora. — Você pode entrar agora, mas fique calada. Feche aquela porta e cuide para que ninguém nos interrompa.

Jessica obedeceu, ficando de costas contra a porta fechada.

"Meu filho vive", pensou. "Meu filho vive e é humano. Eu sabia que ele era... mas... ele vive. Agora posso continuar minha vida." A porta parecia dura contra suas costas, tudo na sala pressionava sua percepção.

"Meu filho vive."

Paul observava sua mãe. "Ela contou a verdade." Ele queria ficar só e pensar na experiência por que passara, mas sabia que não poderia sair até receber permissão. A velha adquirira poder sobre ele. "Elas falam a verdade", pensou. Sua mãe suportara o teste. Deve haver um propósito terrível nele... o medo e a dor haviam sido terríveis. E ele entendia propósitos terríveis. Eles impulsionavam contra todas as probabilidades. Eram sua necessidade. E Paul se sentia contaminado por uma resolução terrível. Embora ainda não soubesse qual era ela.

— Algum dia, rapaz — dizia a velha —, você talvez tenha que ficar do lado de fora de uma porta como aquela. Isto exige controle.

Paul fitou a mão que conhecera a dor e a Reverenda Madre.

O som de sua voz era diferente de qualquer outra voz que conhecera. As palavras tinham um brilho que as delineava. Havia uma nitidez nelas. Sentia que qualquer pergunta que lhe fizesse traria uma resposta que o elevaria deste mundo carnal para alguma coisa maior.

— Por que vocês testam em busca de humanos? — indagou ele.

— Para libertá-los.

— Libertar?

— Houve um tempo em que os homens abdicaram do pensamento em favor das máquinas, na esperança de que as máquinas os fariam livres. Mas isso permitiu apenas que outros homens, com máquinas, os escravizassem.

— Tu não farás a máquina à semelhança do homem — observou Paul.

— Exatamente como no Jihad Butleriano e na Bíblia Católica Laranja — disse ela. — Mas o que a Bíblia C. L. deveria dizer é “Tu não farás uma máquina para imitar a mente humana.” — Já estudou os Mentat a seu serviço?

— Eu estudei com Thufir Hawat.

— A Grande Revolta tirou a muleta. Ela forçou a mente humana a se desenvolver. Escolas foram criadas para treinar talentos humanos.

— Escolas Bene Gesserit?

Ela acenou afirmativamente. — Temos duas principais remanescentes daquelas antigas escolas: a Bene Gesserit e a Corporação Espacial. A Corporação, achamos nós, enfatiza quase que apenas a matemática. A Bene Gesserit realiza outra função.

— Política — disse o rapaz.

— Kull wahad! — exclamou a velha enquanto enviava um olhar duro para Jessica.

— Eu não contei a ele, Sua Reverência — explicou Jessica.

A Reverenda Madre voltou a atenção para Paul. — Você conseguiu deduzir com um número extraordinariamente pequeno de indícios. Política de fato. A escola Bene Gesserit original foi dirigida por aqueles que viam a necessidade de um fio de continuação nos assuntos humanos. Achavam que não haveria tal continuidade sem a separação da estirpe humana da estirpe animal, para propósitos de procriação.

As palavras da velha subitamente perderam sua veemência especial para Paul. Ele sentia uma ofensa contra o que sua mãe chamava de seu instinto de retidão. Não era que a Reverenda Madre estivesse mentindo para ele. Ela obviamente acreditava no que dizia. Era algo mais profundo, algo preso à sua

terrível resolução.

Ele disse: — Mas minha mãe me diz que muitas Bene Gesserit das escolas não conhecem seus ancestrais.

— As linhas genéticas se encontram sempre em nossos registros — respondeu ela. — Sua mãe sabe que, ou ela é de ascendência Bene Gesserit, ou sua estirpe foi considerada aceitável em si mesma.

— Então por que ela não pode saber quem são seus pais?

— Algumas podem... muitas não. Podemos, por exemplo, querer uni-la a um parente próximo para produzir um fator dominante em alguma tendência genética. Nós temos muitas razões.

Novamente Paul sentiu uma ofensa contra sua retidão. Comentou: — Vocês exigem muito de si mesmas.

A Reverenda Madre olhou para ele imaginando: "Terei percebido uma crítica em sua voz?" — Nós carregamos um fardo pesado — disse ela.

Paul se sentia emergindo cada vez mais do choque produzido pelo teste. Ele lançou um olhar de avaliação sobre ela e disse: — Você diz que eu talvez seja o... Kwisatz Haderach. O que é isto? Um gom jabbar humano?

— Paul — pediu Jessica — você não deve usar esse tom...

— Eu cuidarei disso, Jessica — interrompeu a velha. — Agora, rapaz, você tem conhecimento da droga Reveladora da Verdade?

— Vocês a tomam para aumentar sua habilidade em detectar falsidade. Minha mãe me contou.

— Já teve oportunidade de vê-la em transe verdadeiro?

Ele sacudiu a cabeça: — Não.

— A droga é perigosa mas produz percepção. Quando uma Reveladora da Verdade recebe o dom pela droga, ela pode observar muitos lugares em suas memórias — nas memórias de seu corpo. Nós olhamos ao longo de muitas avenidas para o passado... mas somente através de caminhos femininos. — A voz dela adquiriu um tom de tristeza. — Pois existe um lugar que nenhuma Reveladora da Verdade pode ver. Nós somos repelidas por ele, aterrorizadas. Diz-se que um homem virá um dia e encontrará no dom da droga a sua visão interior. Ele verá onde nós não podemos ver, em ambos, o passado feminino e o passado masculino.

— Este é o Kwisatz Haderach?

— Sim, aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo: O Kwisatz Haderach. Muitos homens já tentaram a droga... tantos... mas nenhum teve sucesso.

— Eles tentaram e falharam? Todos eles?

— Oh, não! — ela sacudiu a cabeça. — Eles tentaram e morreram.

2

Tentar compreender o Muad'Dib sem entender seus inimigos mortais, os Harkonnen, é como tentar ver a Verdade sem conhecer a Falsidade. É uma tentativa de ver a Luz sem conhecer a Escuridão. Não pode ser bem-sucedida.

— do Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Era um globo, em relevo, de um mundo parcialmente nas sombras, girando sob o ímpeto de uma mão gorda que brilhava cheia de anéis. O globo estava colocado num suporte, na parede de uma sala sem janelas, cujas demais paredes apresentavam uma miscelânea de rolos multicoloridos de pergaminhos, livros filmados, carretéis e teipes. Na sala brilhava uma luz que partia de bolas douradas suspensas por planos elevados móveis.

Uma mesa elipsóide, com um tampo de laca petrificada de cor rosa-jade, ocupava o centro da sala. Cadeiras suspensoras Veriformes colocavam-se à volta, duas delas estando ocupadas no momento. Em uma delas estava um jovem de cabelos negros, com aproximadamente dezesseis anos, de rosto redondo e olhos sombrios. Na outra um homem baixinho e magro, com um rosto efeminado.

Ambos, o homem e o jovem, olhavam para o globo e para o homem que, meio oculto pelas sombras, o fazia girar.

Um riso soou ao lado do globo. Uma voz grave trovejou no meio do riso.

— Lá está ele, Piter. A maior armadilha para homens em toda a história. E o Duque dirige-se para suas mandíbulas. Não é uma coisa magnífica que eu, o Barão Vladimir Harkonnen, a tenha feito?

— Seguramente, Barão — respondeu o homem. Sua voz saía como a de um tenor, com uma suave musicalidade.

A mão gorda desceu sobre o globo interrompendo sua rotação.

Agora todos os olhos podiam focalizar-se na superfície imóvel, percebendo que este era o tipo de globo feito para colecionadores ricos ou governadores planetários do Império. Tinha um selo de manufatura imperial sobre ele. As linhas de latitude e longitude eram traçadas com fios de platina da

grossura de um cabelo. As calotas polares constituíam-se de incrustações dos melhores diamantes nuvem-leitosos.

A mão movia-se traçando detalhes na superfície.

— Eu o convido a observar — trovejou a voz. — Observe de perto, Piter. E você também, Feyd-Rautha, meu querido. De sessenta graus norte a setenta graus sul, estas delicadas ondulações. Suas cores não lhes lembram caramelos? E em parte alguma você vê o azul dos lagos, rios ou mares. E aquelas adoráveis calotas polares, tão pequenas! Pode alguém confundir este lugar? Arrakis! Verdadeiramente único. Um palco soberbo para uma vitória singular.

O sorriso tocou os lábios de Piter.

— E pensar, Barão, que o Imperador Padishah acredita estar entregando ao Duque seu planeta de especiaria. Que comovente!

— Esta é uma declaração insensata — rugiu o Barão. — Você diz isso para confundir o jovem Feyd-Rautha, mas não é necessário confundir meu sobrinho.

O jovem de cara amarrada remexeu-se na cadeira e alisou uma dobra na roupa negra que usava. Sentou ereto ao ouvir uma batida discreta na porta logo atrás.

Piter levantou-se, cruzou a sala e abriu a porta apenas o suficiente para receber um cilindro com mensagem. Fechou a porta e desenrolou o cilindro, lendo-o. Deu um risinho e depois outro.

— Então? — perguntou o Barão.

— O tolo nos responde, Barão.

— Quando é que um Atreides recusa a oportunidade para se expressar? — observou o Barão. — O que é que ele diz?

— Ele é muito rude, Barão. Trata-o por “Harkonnen”, não por “Sir e Querido Primo”, não há título nem nada.

— É um bom nome — resmungou o Barão, a voz denunciando sua impaciência. — Que diz o querido Leto?

— Ele diz: “Sua oferta para uma reunião é recusada. Eu já encontrei muitas vezes a sua traição e isto é algo que todos os homens conhecem.”

— E...? — indagou o Barão.

— Ele diz: “A arte do kanly ainda tem seus admiradores no Império.” E assina: “Duque Leto de Arrakis.” — Piter começou a rir. — De Arrakis! Oh, meu! É demais!

— Cale-se, Piter! — exigiu o Barão e a risada foi interrompida como se um botão fosse acionado. — Kanly, é? Uma vendetta, hein? E ele usa esta ótima palavra antiga, tão rica em tradições, para estar certo de que eu saberei seu significado.

— Fizeste o gesto de paz — disse Piter. — As convenções foram obedecidas.

— Para um Mentat você fala demais, Piter — respondeu o Barão, enquanto pensava: "Devo me livrar dele logo. Ele quase já viveu além da sua utilidade." Olhou o assassino Mentat do outro lado da sala, observando o detalhe em suas feições que a maioria das pessoas reparava primeiro: os olhos, as fendas obscurecidas de azul dentro de azul, olhos sem nenhum branco.

O sorriso abria-se na face de Piter. Como uma careta sob aqueles olhos que pareciam fendas. — Mas, Barão! Nunca uma vingança foi mais bela. É observar um plano da mais requintada traição: fazer Leto trocar Caladan por Duna, e sem ter alternativa devido às ordens do Imperador... Como o senhor é divertido!

Numa voz fria o Barão disse: — Você tem a língua solta, Piter.

— Mas sou feliz, meu Barão. Enquanto o senhor... o senhor é tocado pelo ciúme.

— Piter!

— Ah, ah, Barão! Não é lamentável que o senhor fosse incapaz de conceber este delicioso plano por si mesmo?

— Algum dia eu o farei estrangular, Piter.

— Certamente, Barão. Enfim! Mas um ato de bondade nunca se perde, não é mesmo?

— Andou mastigando verita ou semuta, Piter?

— A verdade sem medo surpreende o Barão? — indagou Piter, seu rosto numa caricatura da expressão grave. — Ah, ah! Mas como vê, Barão, eu sei, como Mentat, quando irá mandar o executor. Vai esperar pelo tempo que eu for útil. Fazê-lo cedo demais seria desperdício e eu ainda sou muito útil. Eu conheço o que aprendeu daquele adorável planeta Duna. "Não desperdiçar." Não é verdade, Barão?

O Barão continuava fitando Piter.

Feyd-Rautha se remexeu na cadeira. "Estes tolos polêmicos!", pensava. "Meu tio não consegue falar com seus Mentat sem discutir. Será que eles pensam que não temos mais o que fazer além de ouvir os seus argumentos?"

— Feyd — disse o Barão. — Eu lhe recomendei que ouvisse e aprendesse, quando foi convidado a vir aqui. Está ouvindo?

— Sim, tio. — A voz era cuidadosamente subserviente.

— Algumas vezes eu me pergunto quanto a Piter — continuou o Barão. — Eu provoco o sofrimento quando é necessário, mas ele... Eu juraria que ele tira um prazer do sofrimento. Por mim eu posso sentir pena do pobre Duque Leto. O Dr. Yueh agirá contra ele logo e isto será o fim dos Atreides. Mas

certamente Leto saberá qual a mão que dirigiu o dócil doutor... e saber será uma coisa terrível.

— Então, por que não dirigiu o doutor no sentido de mergulhar uma kindjal entre as costelas dele de um modo silencioso e eficiente? — indagou Piter. — Fala em piedade, mas...

— O Duque deve saber quando eu encerrar o seu destino interrompeu o Barão. — E todas as outras Grandes Casas devem saber também. O conhecimento lhes dará uma pausa. E eu ganharei mais espaço para manobras. A necessidade é óbvia, mas eu não tenho que gostar dela.

— Espaço para manobras — zombou Piter. — Já tem os olhos do Imperador a observá-la, Barão. Está se movendo de um modo muito ousado. Um dia o Imperador mandará uma legião ou duas do seu Sardaukar descer aqui, em Giedi Prime, e isto será o fim do Barão Vladimir Harkonnen.

— Você gostaria de ver isto, não gostaria, Piter? — indagou o Barão. — Você apreciaria a visão do Corpo de Sardaukar pilhando minhas cidades e saqueando este castelo. Verdadeiramente adoraria isto.

— O Barão precisa perguntar? — sussurrou Piter.

— Você deveria ser um Bashar. É muito interessado em sangue e dor. Talvez eu tenha me precipitado prometendo o espólio de Arrakis.

Piter deu cinco passos miúdos na sala e parou exatamente atrás de Feyd-Rautha. Havia uma tensão no ar dentro da sala e o jovem olhou para Piter com uma expressão preocupada.

— Não brinque com Piter, Barão. Você me prometeu Lady Jessica. Você prometeu-a para mim.

— Para quê, Piter? — indagou o Barão. — Para causar dor?

Piter olhou-o, prolongando o silêncio.

Feyd-Rautha moveu sua cadeira suspensora para o lado e perguntou:

— Tio, eu tenho que ficar? Você disse...

— Meu querido Feyd-Rautha está impaciente — disse o Barão, movendo-se nas sombras ao lado do globo. — Paciência, Feyd — e então voltou a atenção para o Mentat. — E quanto ao filho do Duque, o garoto Paul, meu caro Piter?

— A armadilha vai trazê-lo para o senhor, Barão — murmurou Piter.

— Não foi essa a minha pergunta. Você se lembra de que previu que a feiticeira Bene Gesserit daria uma filha ao Duque. E estava errado, Mentat.

— Eu não erro frequentemente, Barão — disse Piter, demonstrando pela primeira vez medo na voz. — Reconheça isso: eu não erro frequentemente. E deve saber que estas Bene Gesserit geram principalmente filhas. Mesmo a consorte do Imperador produziu apenas meninas.

— Tio — disse Feyd-Rautha —, você afirmou que haveria alguma coisa

de importante para mim aqui...

— Escute só o meu sobrinho. Ele aspira a governar o meu baronato, e no entanto não consegue governar a si próprio. O Barão se mexeu ao lado do globo, uma sombra entre sombras. — Está bem, Feyd-Rautha Harkonnen. Convoquei-o aqui esperando lhe ensinar um pouco de sabedoria. Você já observou o nosso bom Mentat? Devia ter aprendido alguma coisa desta discussão.

— Mas, tio...

— Piter é um Mentat bastante eficiente, não diria, Feyd?

— Sim, mas...

— Ah! De fato, mas! Ele consome muita especiaria, come como se fosse doce. Olhe nos seus olhos. Ele poderia ter vindo diretamente de um grupo de trabalho Arrakeen. O eficiente Piter, mas ainda emocional e dado a explosões acaloradas. O eficiente Piter, mas ainda capaz de errar.

Piter falou em voz baixa, num tom mal-humorado. — Chamou-me aqui para prejudicar minha eficiência com críticas, Barão?

— Prejudicar sua eficiência? Você me conhece bem, Piter. Eu queria apenas que meu sobrinho entendesse as limitações de um Mentat.

— Já começou a treinar o meu substituto?

— Substituir você? Por que, Piter? Onde eu encontraria outro Mentat com a sua astúcia e peçonha?

— No mesmo lugar onde me encontrou, Barão.

— Talvez devesse fazer isso — disse o Barão. — Você me parece um pouco instável ultimamente. E toda a especiaria que come!

— Os meus prazeres são muito dispendiosos, Barão? Faz objeção a eles?

— Meu querido Piter, são seus prazeres que o prendem a mim. Como poderia fazer objeção a eles? Eu apenas desejava que meu sobrinho o observasse.

— Então estou em exposição. Devo dançar? Devo realizar minhas várias funções para que o eminente Feyd-Rau...

— Precisamente — disse o Barão. — Você está em exposição. Agora fique calado. — Olhou para Feyd-Rautha notando os lábios grossos e salientes do sobrinho, marca genética dos Harkonnen, agora se torcendo ligeiramente com o divertimento. — Este é um Mentat, Feyd. Ele foi treinado e condicionado para realizar certas funções. O fato de vir embalado num corpo humano, contudo, não deve ser esquecido. É uma séria desvantagem. As vezes acho que os antigos com suas máquinas pensantes é que estavam certos.

— Elas eram brinquedos comparados comigo resmungou Piter. — Até você, Barão, poderia superar aquelas máquinas.

— Talvez — disse o Barão. — Ah, bem... — Respirou fundo e arrotou. —

Agora, Piter, delineie para o meu sobrinho os pontos principais de nossa campanha contra a Casa de Atreides. Funcione como um Mentat para nós, por favor.

— Barão, já lhe adverti para não confiar informações a alguém tão jovem. Minhas observações do...

— Eu serei o juiz quanto a isso. E lhe dei uma ordem, Mentat. Realize uma de suas várias funções.

— Assim seja — disse Piter. Ele se empertigou, assumindo uma estranha atitude de dignidade, como se fosse outra máscara, só que desta vez cobrindo todo o seu corpo. — Em alguns dias, tempo Standard, todos os membros da casa do Duque Leto embarcarão numa nave de carreira da Corporação Espacial para Arrakis. A Corporação deverá desembarcá-los na cidade de Arrakeen, em vez de na nossa cidade de Carthag. O Mentat do Duque, Thufir Hawat, terá concluído, com razão, que Arrakeen é mais fácil de ser defendida.

— Ouça cuidadosamente, Feyd — recomendou o Barão, Observe os planos dentro dos planos, dentro dos planos.

Feyd-Rautha acenou com a cabeça, pensando: “Isto se parece mais com ele. O velho monstro está me deixando penetrar em seus segredos finalmente. Ele deve realmente tencionar fazer de mim o seu herdeiro.”.

— Existem muitas possibilidades tangenciais — continuou Piter.

— Eu indiquei que a casa de Atreides viajará para Arrakis. Não devemos contudo ignorar a possibilidade de que o Duque tenha contratado a Corporação para removê-la a um lugar seguro fora do Sistema. Em circunstâncias semelhantes outros se tornaram Casas renegadas, levando a família, os escudos e o equipamento atômico para longe do Império.

— O Duque é um homem muito orgulhoso para fazer isso observou o Barão.

— É uma possibilidade — disse Piter. — O efeito final para nós seria o mesmo.

— Não, não seria! — rosnou o Barão. — Eu o quero morto e sua linhagem acabada.

— Esta é uma alta probabilidade — continuou Piter. — Existem certos preparativos que indicam quando uma Casa está prestes a se tornar renegada. O Duque não parece estar fazendo nenhuma destas coisas.

— Certo — suspirou o Barão. — Prossiga, Piter.

— Em Arrakeen o Duque e sua família ocuparão a Residência, ultimamente o lar do Conde e de Lady Fenring.

— O Embaixador dos Contrabandistas — riu o Barão.

— Embaixador do quê? — indagou Feyd-Rautha.

— Seu tio estava fazendo troça — observou Piter. — Ele chama o Conde Fenring de Embaixador dos Contrabandistas, indicando o interesse do Imperador nas operações de contrabando em Arrakis.

Feyd-Rautha olhou intrigado para seu tio. — Por quê?

— Não seja obtuso, Feyd — retrucou o Barão. — Enquanto a Corporação permanecer efetivamente fora do controle imperial, não poderá ser de outro modo. Senão, como poderiam os espiões e os assassinos se deslocar de um ponto a outro?

A boca de Feyd-Rautha fez um “oh” mudo.

— Nós arranjamos algumas “distrações” na Residência continuou Piter.

— Haverá um atentado contra a vida do herdeiro dos Atreides. Um atentado que pode ser bem-sucedido.

— Piter — resmungou o Barão. — Você sugere...

— Eu indiquei que acidentes podem acontecer. E o atentado deve parecer real.

— Ah, mas o rapaz é um jovem tão encantador — lamentou o Barão. — É claro que ele é potencialmente mais perigoso que o pai... e com aquela mãe-bruxa a treiná-lo. Maldita mulher! Mas por favor, continue, Piter.

— Hawat terá previsto que temos um agente plantado entre eles. O suspeito óbvio é o Dr. Yueh, que é de fato o nosso agente. Todavia Hawat investigou e descobriu que o nosso doutor é um graduado da Escola Suk, com Condicionamento Imperial supostamente seguro para servir até mesmo ao Imperador. Tem-se grande confiança no Condicionamento Imperial. Presume-se que o condicionamento final não possa ser quebrado sem .matar o indivíduo a ele submetido. Entretanto, como alguém observou certa vez, dada a alavanca adequada, pode-se mover até um planeta. Nós encontramos a alavanca que moveria o doutor.

— Como? — indagou Feyd-Rautha. Achava o assunto fascinante. Todos sabiam ser impossível subverter um Condicionamento Imperial.

— Em outra ocasião — respondeu o Barão. — Continue, Piter.

— No lugar de Yueh, nós colocaremos um suspeito muito interessante no caminho de Hawat. A própria audácia da suspeita fará com que Hawat volte sobre ela as suas dúvidas.

— Ela? — indagou Feyd-Rautha.

— Lady Jessica em pessoa — disse o Barão.

— Não é sublime? — indagou Piter. — A mente de Hawat ficará tão atraída por esta perspectiva que perturbará suas funções como Mentat. Ele pode mesmo tentar matá-la — matutou Piter. Mas não creio que ele consiga.

— Ou não deseja, não é mesmo? — perguntou o Barão.

— Não me distraia. Enquanto Hawat está ocupado com Lady Jessica, nós o distrairemos ainda mais com levantes em algumas das cidades ocupadas por guarnições. Estes deverão ser dominados, afinal o Duque deve acreditar que tem o controle da situação. E então, quando tudo estiver suficientemente amadurecido, nós enviaremos o sinal para o Dr. Yueh e atacaremos com nosso maior trunfo... ah...

— Prossiga, conte a ele — recomendou o Barão.

— Entraremos em ação reforçados por duas legiões de Sardaukar disfarçadas com uniformes dos Harkonnen.

— Sardaukar! — sussurrou Feyd-Rautha, sua mente focalizada nas terríveis tropas imperiais, os matadores sem piedade, os fanáticos soldados do Imperador Padishah.

— Está vendo como eu confio em você, Feyd — disse o Barão.

— Nenhum indício disto deverá jamais chegar ao conhecimento das outras Grandes Casas, ou o Landsraad se unirá contra a Casa Imperial e será o caos.

— O ponto principal — continuo Piter — é este: uma vez que a casa dos Harkonnen está sendo usada para fazer o trabalho sujo imperial, nós obteremos uma verdadeira vantagem. É uma vantagem perigosa, certo, mas se usada com cautela levará a casa Harkonnen a uma riqueza maior do que a de qualquer outra Casa do Império.

— Você não faz idéia de quanta riqueza está envolvida, Feyd. — disse o Barão. — Nem em seus sonhos mais extravagantes. Só para começar, nós possuiremos o controle ditatorial irrevogável da Companhia CHOAM.

Feyd-Rautha assentiu. Riqueza era o objetivo. E CHOAM era a chave para a riqueza, com cada uma das nobres Casas nutrindo-se dos cofres da Companhia, sempre que o poder das ditaduras o permitia. Essas ditaduras CHOAM eram a verdadeira evidência do poder político do Império, sucedendo-se com as mudanças no peso dos votos dentro da Landsraad, enquanto esta se equilibrava contra o Imperador e aqueles que o apoiavam.

— O Duque de Leto — disse Piter — pode tentar se refugiar entre a escória dos Fremen, junto à orla do deserto. Ou pode tentar enviar sua família para essa segurança imaginária. Mas esse caminho encontra-se bloqueado por um dos agentes de sua majestade: Kynes — o ecologista planetário. Deve se recordar dele.

— Feyd se lembra; continue — disse o Barão.

— Bancar o tolo não é bonito, Barão — disse Piter.

— Continue a explicação, eu o ordeno! — rugiu o Barão.

Piter deu de ombros. — Se as coisas correrem como planejado continuou

—, a casa de Harkonnen terá um subfeudo em Arrakis dentro de um ano Standard. Seu tio será dispensado daquele feudo mas seu próprio agente pessoal governará Arrakis.

— Mais lucros — comentou Feyd-Rautha.

— De fato — disse o Barão, e pensou: “Será justo; fomos nós que conquistamos Arrakis... com exceção de alguns mestiços Fremen que se esconderam nas orlas do deserto... e alguns contrabandistas subjugados, presos ao planeta quase tão profundamente quanto os trabalhadores nativos.”

— E as Grandes Casas saberão que o Barão destruiu os Atreides — terminou Piter. — Elas saberão.

— Elas saberão — sussurrou o Barão.

— O mais adorável de tudo — observou Piter — é que o Duque saberá também. Ele já sabe mesmo agora. Pode sentir a armadilha.

— É verdade que o Duque sabe — recordou o Barão; e sua voz tinha um toque de tristeza. — Ele não pode evitar o conhecimento... maior é a pena.

O Barão moveu-se para longe do globo de Arrakis e à medida que emergia das sombras, sua figura ganhava dimensão. Imensamente gordo, com protuberâncias por baixo das dobras de seu manto negro que indicavam ser toda essa gordura sustentada em parte por suspensores portáteis presos à sua pele. Ele devia pesar duzentos quilos Standard; em realidade, porém, seus pés não poderiam suportar mais do que cinquenta.

— Estou faminto — resmungou o Barão enquanto roçava seus lábios proeminentes com a mão inchada, fitando Feyd-Rautha através dos olhos quase ocultos por dobras de gordura. — Peça comida, meu querido. Nós faremos uma refeição antes de nos retirarmos.

3

Assim falou Santa Alia-da-Faca: A Reverenda Madre deve combinar a malícia sedutora de uma cortesã à intocável majestade de uma deusa virgem, mantendo esses atributos sob tensão pelo tempo que durarem os poderes de sua juventude. Pois quando a beleza e a juventude se forem, ela descobrirá que o ponto médio, antes local de equilíbrio entre tensões, transformou-se numa fonte de astúcia e desenvoltura. "

— de Comentários Familiares do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

— Bem, Jessica, que tem a dizer em sua defesa? — perguntou a Reverenda Madre.

Era quase a hora do poente no Castelo Caladan, no dia do teste de Paul. As duas mulheres estavam sozinhas na sala matinal de Jessica, enquanto Paul aguardava na Câmara de Meditação, adjacente e à prova de som.

Jessica se encontrava de pé, voltada para as janelas do lado sul.

Ela fitava, e contudo não via, as cores do entardecer através dos prados e do rio. Escutara e todavia não gravara a pergunta da Reverenda Madre.

Houvera outra prova uma vez, há muitos anos. Uma menina magricela com o cabelo da cor do bronze e o corpo torturado pelos ventos da puberdade entrara no estúdio da Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, Inspetora Superior da escola Bene Gesserit em Wallach IX. Jessica olhou para sua mão direita, flexionou os dedos lembrando-se da dor, do terror, do ódio.

— Pobre Paul! — sussurrou ela.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Jessica! — A voz da velha era autoritária, exigente.

— O quê? Oh... — Jessica afastou sua atenção do passado, encarando a Reverenda Madre, que se sentava com as costas para a parede de pedra entre as duas janelas do oeste. — O que espera que eu diga?

— O que espero que você diga? O que espero que você diga? — A voz da velha tinha um tom cruel de imitação.

— Ah, sim, eu tive um filho! — desabafou Jessica, sabendo que sua raiva

estava sendo deliberadamente estimulada.

— Você fora instruída para conceber apenas filhas para os Atreides.

— Significava muito para ele — justificou ela.

— E você em seu orgulho não pensou que poderia dar à luz o Kwisatz Haderach!

Jessica ergueu o queixo. — Eu senti a possibilidade.

— E pensou apenas no desejo do seu Duque por um filho retrucou a velha. — E seus desejos não entraram nisso. Uma filha dos Atreides poderia se casar com o herdeiro dos Harkonnen e selar este ramo. Você complicou tudo inapelavelmente. Podemos perder ambas as linhas de sangue agora.

— Você não é infalível — disse Jessica enfrentando o olhar firme da outra.

A velha apenas murmurou: — O que está feito está feito.

— Eu jurei que nunca me arrependeria de minha decisão.

— Quão nobre! Sem arrependimentos! Vamos ver isso quando você for uma fugitiva, com um preço sobre sua cabeça e a mão de cada homem voltada para buscar sua vida e a vida de seu filho.

Jessica empalideceu: — Não existe alternativa?

— Alternativa? Uma Bene Gesserit deve perguntar isso?

— Pergunto apenas o que vê no futuro, com suas habilidades.

— Vejo no futuro o que já vi no passado. Nós bem sabemos o padrão de nossas vidas, Jessica. A raça conhece a sua própria mortalidade e teme a estagnação de sua hereditariedade. Está no sangue o impulso para misturar linhas genéticas sem qualquer plano. O Império, a Companhia CHOAM, todas as Grandes Casas, não passam de fragmentos na trilha da inundação.

— CHOAM — murmurou Jessica. — Suponho que já está decidido como eles dividirão os espólios de Arrakis.

— O que é a CHOAM senão o indicador dos ventos que sopram em nossos tempos? — continuou a velha. — O Imperador e seus amigos agora controlam cinquenta e nove vírgula sessenta e cinco por cento dos votos na ditadura CHOAM. Certamente eles farejam lucros e é provável que outros, farejando esses mesmos lucros, aumentem seu poder de voto. Este é o padrão da história, garota.

— Isso é certamente o que preciso agora — comentou Jessica. — Uma revisão histórica.

— Não seja espirituosa, menina! Você conhece, assim como eu conheço, as forças que nos cercam. Nós temos uma civilização equilibrada em três pontos: a Casa Imperial mantida em equilíbrio com a Federação das Grandes Casas de Landsraad, e entre as duas a Corporação, com seu maldito monopólio no

transporte interestelar. Na política, o tripé é a mais instável das estruturas.

Já seria bastante ruim sem as complicações de uma cultura de comércio feudal que volta suas costas para a maior parte do conhecimento científico.

Jessica comentou amargamente: — Fragmentos na trilha da enchente, e este fragmento aqui é o Duque de Leto, e aquele outro é o seu filho, e este aqui...

— Cale a boca, garota! Você entrou nisso sabendo que caminhava numa corda bamba.

— Eu sou uma Bene Gesserit, existo apenas para servir — citou Jessica.

— Verdade. E tudo que nos resta esperar é tentar evitar que isso resulte numa conflagração generalizada, salvando o que pudermos das linhas-chave de sangue.

Jessica fechou seus olhos sentindo as lágrimas pressionarem por baixo das pálpebras. Lutou para acalmar os tremores interiores e exteriores, a respiração descompassada, o pulso rápido, o suor nas palmas. Em seguida ela disse: — Eu pagarei pelo meu próprio erro.

— E seu filho pagará também.

— Eu o protegerei no que for capaz.

— Proteger! — vociferou a velha. — Você sabe a fraqueza que existe nisso! Proteja seu filho em demasia, Jessica, e ele não crescerá forte para cumprir qualquer destino.

Jessica deu as costas olhando pela janela para a escuridão crescente.

— É realmente tão terrível esse planeta Arrakis?

— Suficientemente ruim, mas não inteiramente. A Missionária Protetora tem estado lá e suavizado um pouco o lugar. — A Reverenda Madre levantou-se, endireitando uma dobra em sua veste. Chame o rapaz aqui. Eu devo partir logo.

— Deve, realmente?

A velha abrandou sua voz: — Jessica, minha menina, eu desejaria poder ficar em seu lugar e suportar seus sofrimentos. Mas cada uma de nós deve seguir seu próprio caminho.

— Eu sei.

— Você me é tão cara quanto qualquer uma de minhas próprias filhas, mas não posso permitir que isso interfira com o dever.

— Entendo... a necessidade.

— O que você fez, Jessica, e por que o fez, ambas sabemos. Mas a bondade me força a dizer-lhe que há pouca chance de que o seu garoto seja a Totalidade Bene Gesserit. Não deve se permitir esperar demais.

Jessica sacudiu as lágrimas dos cantos dos olhos num gesto de raiva.

— Você faz com que eu me sinta uma menina novamente, a recitar minha primeira lição. — Ela forçou as palavras para fora da boca: — “Humanos jamais

se submetem aos animais”. — Um soluço sacudiu seu corpo e em voz baixa Jessica acrescentou: — Tenho sido tão solitária.

— Este é um dos testes — observou a velha. — Humanos são quase sempre solitários. Agora chame o rapaz. Ele teve um dia longo e assustador. Mas teve tempo para pensar e se lembrar, e eu devo fazer as outras perguntas sobre esses seus sonhos.

Jessica acenou afirmativamente, foi até a porta da Câmara de Meditação e abriu-a.

— Paul, venha aqui agora, por favor.

Paul caminhou com uma lentidão obstinada e olhou para sua mãe como se ela fosse uma estranha. Havia cautela em seus olhos quando ele observou a Reverenda Madre, mas desta vez ele deu-lhe a reverência destinada a um igual. Ouviu sua mãe fechar a porta nas suas costas.

— Jovem — disse a velha —, voltemos a essa questão dos sonhos.

— O que deseja?

— Você sonha toda noite?

— Nem sempre sonhos que valham a pena recordar. Posso lembrar cada sonho, mas alguns valem a pena ser lembrados e outros não.

— Como sabe a diferença?

— Apenas sei.

A velha olhou para Jessica, e tornou a olhar para Paul. — E o que sonhou na noite passada? Valia a pena lembrar?

— Sim. — Paul fechou os olhos. — Sonhei com uma caverna... e água... e uma garota muito magra com olhos grandes. Os olhos dela eram totalmente azuis, não tinham branco. Falo com ela e conto a seu respeito, sobre ver a Reverenda Madre em Caladan. — Abriu os olhos.

— E o que contou a essa garota estranha a meu respeito? Foi o que aconteceu hoje?

Paul pensou antes de falar. — Sim, eu digo a essa garota que você veio e colocou uma marca de estranheza em mim.

— “Marca de estranheza”. — A velha respirou e olhou rápido para Jessica novamente. — Diga-me sinceramente agora, Paul, você sempre sonha com coisas que depois acontecem exatamente como você sonhou?

— Sim, e eu já sonhei com essa garota antes.

— Oh! Você a conhece?

— Não, mas vou conhecê-la.

— Fale-me a respeito dela.

Mais uma vez Paul fechou os olhos.

— Encontramos num pequeno lugar um abrigo entre as rochas. É quase

noite, mas está quente e posso ver trechos arenosos, por uma abertura nas rochas. Estamos... esperando por alguma coisa... para que eu vá encontrar algumas pessoas... e ela está assustada mas tenta ocultar isso de mim e eu estou excitado. E ela diz: “Conte-me sobre as águas de seu mundo, Usul.” — Paul abre os olhos. — Não é estranho? Meu mundo é Caladan. Nunca ouvi falar num planeta chamado Usul.

— Há mais alguma coisa nesse sonho? — indagou Jessica.

— Sim, mas talvez ela esteja me chamando de Usul. Já pensei nisso.

Novamente ele fechou os olhos. — Ela me pede para falar sobre as águas. Seguro suas mãos e lhe recito um poema, mas tenho que explicar a ela o significado de palavras como praia, arrebentação, algas e gaivotas.

— Qual é o poema? — perguntou a Reverenda Madre.

Paul abriu os olhos. — É apenas um dos poemas de Gurney Halleck para as ocasiões tristes.

Atrás de Paul, Jessica começa a recitar:

“Relembro a fumaça salgada de uma fogueira na praia
E as sombras sobre os pinheiros —
Sólidas, firmes... fixas —
Gaivotas empoleiradas na borda da terra,
Branco sobre o verde...
E um vento chega através dos pinheiros,
Fazendo ondular as sombras;
As gaivotas abrem suas asas
Sobem
Enchendo o céu com estridências.
E eu ouço o vento
Soprando sobre nossa praia,
E a arrebentação,
E vejo que nosso fogo
Queimou as algas.”

— É esse — disse Paul.

A velha observou-o e disse:

— Jovem, como uma Inspetora das Bene Gesserit, busco o Kwisatz Haderach, o homem que pode realmente se tornar um de nós. Sua mãe vê essa possibilidade em você, mas ela olha com olhos de mãe. Possibilidade eu também vejo, mas nada além disso.

Ela então ficou em silêncio, e Paul percebeu que esperava que ele dissesse algo. Ficou calado.

Daí a pouco ela disse: — Como quiser, então. Há profundezas em seu espírito que eu reconheço.

— Posso ir embora agora? — perguntou.

— Não quer ouvir o que a Reverenda Madre pode lhe explicar sobre o Kwisatz Haderach? — indagou Jessica.

— Ela disse que aqueles que tentaram obter o título morreram.

— Mas eu posso lhe dar alguns indícios sobre o motivo por que eles falharam — explicou a Reverenda Madre.

"Ela fala de indícios", pensou Paul. "Ela não sabe de nada realmente."

— Indique então.

— E me dane? — A velha sorriu amargamente, formou-se uma teia de vincos em sua face. — Muito bem: "Aquele que se submete governa."

Ficou perplexo. Ela estava falando a respeito de coisas tão elementares quanto tensão dentro de significado. Será que pensava que sua mãe não lhe ensinara nada?

— Isso é uma indicação? — indagou.

— Não estamos aqui para trocar palavras ou discutir seus significados — respondeu ela. — O salgueiro submete-se ao vento e prospera, até um dia em que se tornam muitos salgueiros: uma muralha contra o vento. Este é o propósito do salgueiro.

Paul olhava para ela. Ela dizia propósito e ele sentia a palavra atingi-la, recontaminando-o com o terrível propósito. Experimentava uma raiva súbita contra a mulher. Essa velha bruxa estúpida com sua boca cheia de chavões.

— Você pensa que eu posso ser o Kwisatz Haderach e fala comigo — disse ele. — Mas não disse nada quanto ao modo de ajudarmos o meu pai. Eu a ouvi falando para minha mãe. Falando de meu pai como se ele já estivesse morto. Bem, ele não está!

— Se houvesse alguma coisa a ser feita por ele, nós a teríamos feito — resmungou a velha. — Podemos conseguir salvar você. Há dúvida quanto a isso, mas é possível. Quanto a seu pai, não há nada. Quando tiver aprendido a aceitar esse fato, terá aprendido a verdadeira lição Bene Gesserit.

Paul observou como as palavras abalavam sua mãe e olhou com raiva para a velha. Como é que ela podia dizer uma coisa dessas em relação a seu pai? O que a fazia tão certa? Sua mente fervia de ressentimento. A Reverenda Madre voltou-se para Jessica.

— Você esteve treinando-o no Caminho. Eu vi os indícios. Teria feito o mesmo em seu lugar, e o diabo carregue as Regras.

Jessica assentiu.

— Agora tenha cuidado de ignorar as ordens regulares de treinamento. A própria segurança dele exige a Voz. Ele já teve um bom começo mas nós sabemos o quanto mais precisa aprender... e isso desesperadamente. Ela caminhou para junto de Paul e abaixou a cabeça para fitá-la.

— Adeus, meu jovem. Espero que você consiga. Mas se não conseguir... bem, nós ainda assim poderemos ter êxito.

Uma vez mais ela olhou para Jessica. Um sinal de compreensão passou entre elas e então a velha deixou a sala, seus mantos sibilando, sem olhar para trás. A sala e seus ocupantes já estavam cancelados em seus pensamentos. Mas Jessica conseguira vislumbrar o rosto da Reverenda Madre enquanto ela se voltava para sair. Havia lágrimas nas faces enrugadas. Essas lágrimas eram mais assustadoras que qualquer outra palavra ou sinal que houvessem trocado naquele dia.

4

Deve ter lido que Muad'Dib não tinha colegas de .rua idade em Caladan. Os perigos eram muito grandes. Mas Muad'Dib tinha maravilhosos mestres companheiros. Havia Gurney Halleck, o guerreiro-trovador. Você cantará algumas das canções de Gurney enquanto ler este livro. Havia Thufir Hawat, o velho Mentat, Mestre dos Assassinos, que lançava o medo até mesmo no coração do imperador Padishah. Lá estava Duncan Nabo, o mestre espadachim de Ginaz, o Dr. Wellington Yueb, um nome negro de traição mas brilhante de conhecimento; Lady Jessica, que guiou seu filho no Caminho das Bene Gesserit e — é claro — o Duque Leto, cujas qualidades como pai por muito tempo foram subestimadas.

— de História da infância do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Thufir Hawat deslizou para dentro da sala de treinamento do Castelo Caladan fechando a porta suavemente. Ficou parado um momento, sentindo-se velho, cansado. Sua perna esquerda doía onde fora ferida uma vez, a serviço do Velho Duque.

"Três gerações deles agora", pensou ele.

Olhou através da grande sala, brilhante com a luz derramando-se das clarabóias. Viu o garoto sentado com as costas para a porta, atento aos papéis e mapas espalhados sobre a mesa.

"Quantas vezes devo dizer a ele que nunca se sente com as costas para a porta?" Hawat limpou a garganta.

Paul continuou curvado sobre seus estudos.

A sombra de uma nuvem passou sobre as clarabóias. Novamente Hawat pigarreou.

Paul endireitou o corpo falando sem se voltar:

— Eu sei. estou sentado com as costas para a porta.

Hawat suprimindo um sorriso caminhou através da sala.

Paul olhou para o homem velho, de cabelos grisalhos, que parou junto à extremidade da mesa. Os olhos de Hawat eram duas poças de vigilância num

rosto escuro e profundamente vincado.

— Eu o ouvi aproximar-se pelo corredor — disse Paul. E também quando abriu a porta.

— Os sons que faço podem ser imitados.

— Eu saberia a diferença.

“Ele poderia”, pensou Hawat. “Aquela sua mãe-bruxa está fazendo-o passar por um profundo treinamento, com certeza. Gostaria de saber o que a sua preciosa escola pensa disso. Deve ter sido por isso que elas mandaram a Inspetora aqui: para colocar nossa querida Lady Jessica na linha.”

Hawat puxou uma cadeira diante de Paul e sentou-se de frente para a porta. Fez isso de propósito, inclinou-se para trás e estudou a sala. Parecia-lhe um lugar subitamente curioso, estranho, com a maior parte de seu mobiliário já despachada para Arrakis. Permanecia uma mesa de treino e um espelho de esgrima, com seus prismas de cristal imóveis, o boneco-alvo por trás deles, remendado e estofado como um antigo soldado de infantaria, mutilado e combalido pelas guerras.

“Lá estou eu”, pensou Hawat.

— Thufir, em que está pensando? — indagou Paul.

Hawat olhou para o rapaz.

— Eu estava pensando que logo estaremos longe daqui e talvez nunca mais vejamos este lugar de novo.

— Isso o deixa triste?

— Triste? Tolice! Abandonar amigos, sim, é tristeza. Um lugar é só um lugar. — Olhou para os mapas sobre a mesa. — E Arrakis é apenas outro lugar.

— Meu pai o mandou para me testar?

Hawat olhou-o, carrancudo. O rapaz tinha grandes poderes de observação sobre ele. Acenou afirmativamente.

— Você deve achar que seria melhor se ele viesse em pessoa, mas sabe como é ocupado. Ele virá depois.

— Estive estudando as tempestades em Arrakis.

— As tempestades. Eu vejo.

— Parecem muito ruins.

— Este é um termo muito brando: ruim. Aquelas tempestades se formam através de seis ou sete mil quilômetros de planície, alimentando-se de tudo que possa contribuir para impulsioná-las. A força de coriolis, outras tempestades, qualquer coisa que tenha um grama sequer de energia. Elas podem soprar com ventos de até setecentos quilômetros horários, carregados com tudo que estiver solto em seu caminho: areia, pó, tudo. Elas podem comer a carne dos ossos e lixar os ossos até transformá-los em pequenas lascas.

— Por que eles não possuem controle climático?

— Arrakis sofre problemas muito especiais, os custos são altos e haveria manutenção e tudo o mais. A Corporação cobra um preço espantoso por satélites de controle e a casa de seu pai não é uma das mais ricas, garoto. Você sabe disso.

— Já chegou a ver os Fremen?

“A mente do garoto está se movendo em todas as direções hoje”, pensou Hawat.

— É como se não os tivesse visto. Há muito pouca coisa que os distingua do resto do povo mais pobre. Todos usam aqueles mantos longos e fedem horrivelmente em qualquer espaço fechado.

É por causa daqueles trajes que vestem. Chamam-nos trajes destiladores, que recuperam a água eliminada pelo corpo.

Paul engoliu em seco, percebendo subitamente a umidade em sua boca, lembrando-se de ter sonhado com sede. Que pessoas pudessem ter tanta necessidade de água a ponto de reciclarem a própria umidade de seus corpos produzia nele um sentimento de tristeza.

— A água é preciosa lá — disse.

Hawat concordou com um aceno, pensando: “Talvez eu esteja conseguindo, passando para ele a importância desse planeta como um inimigo. É loucura ir lá sem essa medida de cautela em nossas mentes.”

Paul olhou para a clarabóia, percebendo que começara a chover. Viu a água se espalhando sobre o metavidro cinzento.

— Água! exclamou.

— Você aprenderá a dar grande importância à água — continuou Hawat. — Como filho do Duque, você nunca terá falta dela, mas verá as pressões da sede à sua volta.

Paul umedeceu os lábios com a ponta da língua, pensando naquele dia, fazia uma semana, e em sua provação com a Reverenda Madre, ela também dissera alguma coisa a respeito da sede.

— Você aprenderá sobre as planícies funerárias — dissera ela. — Sobre o deserto vazio, a vastidão onde nada vive exceto a especiaria e os vermes da areia. Você protegerá seus olhos contra o clarão do sol. Abrigo significará um buraco longe do vento e oculto à vista. Você caminhará sobre os dois pés, sem montaria, carro de solo ou “tóptero”.

E Paul percebera mais no tom da voz dela, uma cantilena irregular, do que nas palavras.

— Quando se vive em Arrakis — dissera ela —, khala, a terra, é vazia. As luas serão suas amigas e o sol seu adversário.

Paul sentiu sua mãe ficar ao seu lado, deixando a posição de vigília junto à

porta. Ela havia olhado para a Reverenda Madre, perguntando:

— Não vê nenhuma esperança, Reverência?

— Não para o pai. — E a velha acenara para Jessica, pedindo silêncio e olhando de novo para Paul. — Grave isto em sua memória rapaz: um mundo é sustentado por quatro coisas... Ela ergueu quatro dedos grandes e nodosos. — ... a cultura dos sábios, a justiça dos grandes, as preces dos virtuosos e o valor dos bravos. Mas tudo isso é nada... — e ela fechou os dedos num punho sem um governante que conheça a arte de governar. Faça dela a ciência de sua tradição!

Uma semana se passara desde aquele dia em que estivera com a Reverenda Madre. Suas palavras só agora começavam a ser totalmente compreendidas. Ali, sentado na sala de treinamento com Thufir Hawat, Paul sentiu o golpe incisivo do medo. Olhou para a expressão intrigada do Mentat.

— Para onde foi essa sua desatenção? — indagou Hawat.

— Encontrou a Reverenda Madre?

— Aquela bruxa, Reveladora da Verdade para o Império? — Os olhos de Hawat moveram-se rápidos com interesse. — Eu a encontrei.

— Ela... — Paul hesitou, descobrindo-se incapaz de contar a Hawat a respeito de sua prova. As inibições eram muito profundas.

— Sim? O que é que ela fez?

Paul inspirou fundo duas vezes.

— Ela disse uma coisa. Fechou os olhos relembrando as palavras e, quando falou, sua voz assumiu inconscientemente o mesmo tom usado pela velha: — “Você, Paul Atreides, descendente de reis, filho do Duque, você deve aprender a governar. É algo que nenhum de seus ancestrais soube.” — Paul abriu os olhos dizendo: — Isto me deixou furioso e eu disse que meu pai governa um planeta inteiro. E ela disse: “Ele o está perdendo”, e eu respondi que meu pai estava obtendo um planeta mais rico. Ela disse: “Ele vai perder aquele também.” Eu queria correr e avisar meu pai, mas ela disse que ele já tinha sido avisado por você, por mamãe, por muitas pessoas.

— É verdade — murmurou Hawat.

— Então por que nós vamos? — perguntou Paul.

— Porque o Imperador o ordenou. E porque existe esperança, a despeito do que aquela bruxa-espiã disse. Que mais brotou dessa antiga fonte de sabedoria?

Paul olhou para sua mão direita e fechou-a num punho sobre a mesa. Lentamente desejou que seus músculos relaxassem. “Ela colocou algum tipo de controle sobre mim”, pensou. “Mas como?”

— Ela pediu-me que lhe dissesse o que é governar, e respondi que é comandar. E ela disse então que eu precisava desaprender algumas coisas.

“Ela atingiu o alvo no ponto exato”, pensou Hawat. Acenou para Paul continuar.

— Ela disse que um governante deve aprender a persuadir, não a compelir. Disse que ele deve ter sensibilidade para atrair os melhores homens.

— Como acha ela que seu pai atraiu homens como Duncan e Gurney? — indagou Hawat.

Paul deu de ombros. — Então ela disse que um bom governante deve aprender a linguagem de seu mundo, que é diferente para cada mundo. E eu pensei que ela se referia ao fato de eles não falarem Galach em Arrakis, mas ela explicou que não era isso. Ela queria dizer a linguagem das rochas e das coisas que crescem, a linguagem que você não escuta com seus ouvidos. E eu disse que isso é o que o Dr. Yueh chama de Mistério da Vida.

Hawat riu. — Como é que ela recebeu isso?

— Acho que ficou meio louca. Ela disse então que o mistério da vida não é um problema para ser resolvido, mas uma realidade para ser experimentada. Assim eu citei a Primeira Lei do Mentat para ela: “Um processo não pode ser interrompido para ser entendida. O entendimento deve vir com o fluxo do processo, deve se unir a ele e fluir junto.” Isso pareceu satisfazê-la.

“Ele parece estar conseguindo se dominar”, pensou Hawat, “mas aquela velha bruxa o assustou. Por que ela fez isso?”

— Thufir — indagou Paul —, Arrakis vai ser tão ruim quanto ela disse?

— Nada pode ser tão ruim — respondeu Hawat forçando um sorriso. — Tome aqueles Fremen como exemplo, o povo renegado do deserto. Através da análise de primeira aproximação eu posso lhe dizer que eles são muitos, muitos mais do que o Império suspeita. Pessoas vivem lá, garoto, muitas pessoas e... — Hawat colocou um dedo musculoso diante do olho — eles odeiam os Harkonnen com uma paixão sangrenta. Você não deve sussurrar uma palavra disto, garoto. Eu lhe digo apenas como ajudante de seu pai.

— Meu pai me contou a respeito de Salusa Secundus. Você sabe, Thufir, parece-se muito com Arrakis... talvez não tão ruim, mas semelhante.

— Não sabemos muito sobre Salusa Secundus hoje em dia disse Hawat. — Somente como era há muito tempo. Mas o que se sabe lhe dá razão.

— Será que os Fremen vão nos ajudar?

— É uma possibilidade. — Hawat levantou-se. — E estou partindo hoje para Arrakis. Enquanto isso, pense num velho que se orgulha de você e tenha cuidado, está bem? Venha cá como um bom rapaz, e sente-se de frente para aquela porta. Não é que eu acredite que exista algum perigo no castelo, é apenas para formar um hábito.

Paul levantou-se e deu a volta na mesa. — Vai embora hoje?

— Hoje, sim, e você seguirá amanhã. A próxima vez que nos encontrarmos será sobre o solo de um novo mundo. — Ele segurou o braço direito de Paul na altura do bíceps. — Mantenha o braço da faca desimpedido e seu escudo a plena carga. — Soltou o braço e bateu levemente no ombro do rapaz. Depois virou-se, caminhando rapidamente para a porta.

— Thufir! — chamou Paul. Hawat voltou-se, diante da porta aberta. — Não fique de costas para a porta — disse Paul. Um sorriso abriu-se no velho rosto enrugado. — Isso eu não farei, garoto. Confie nisso. — E ele se foi, fechando a porta suavemente. Paul sentou-se onde Hawat estivera, arrumando os papéis. "Mais um dia aqui", pensou. Olhou em torno da sala. "Estamos partindo." E a idéia da partida tornou-se subitamente mais real para ele do que jamais fora. Lembrou-se de outra coisa que a velha dissera a respeito de um mundo ser a soma de muitas coisas: as pessoas, a poeira, as coisas que crescem, as luas, as marés, os sóis — a soma desconhecida chamada natureza, um total vago sem qualquer noção do agora. E ele se perguntara: "O que é o agora?" A porta abriu-se bruscamente e um homem feio e corpulento lançou-se através dela, carregando um punhado de armas.

— Bem, Gurney Halleck — perguntou Paul —, é você o novo mestre de armas? Halleck chutou a porta com o calcanhar para fechá-la. — Você prefere que eu venha para jogar jogos, eu sei — disse, enquanto olhava para a sala, percebendo que os homens de Hawat já estavam lá, verificando, tornando-a segura para um herdeiro do Duque. Os sinais sutis do código estavam em toda parte. Paul observou o homem feio e bamboleante se colocar em movimento, virar na direção da mesa de treino com sua carga de armas, viu o baliset de nove cordas a tiracolo como o multiestilete enfiado entre as cordas próximo do teclado. Halleck despejou as armas sobre a mesa, alinhando-as: floretes, punhais, kindjals, atordoadores de projéteis lentos, e cinturões- escudos. A cicatriz nítida em seu queixo retorcia-se quando ele se voltou, lançando um sorriso através da sala.

— Será que você não dá ao menos um bom dia para mim, seu moleque? E que agulha você espetou no velho Hawat? Ele passou por mim no corredor como um homem que se apressa para o funeral de seu inimigo.

Paul sorriu. De todos os homens de seu pai, era de Gurney Halleck que ele gostava mais; conhecia seus humores e diabruras, e considerava-o mais como um amigo do que como uma espada alugada.

Halleck tirou o baliset do ombro e começou a afiná-lo:

— Se não falas eu não falo — disse.

Paul levantou-se e avançou pela sala dizendo:

— Bem, Gurney, você vem preparado para a música quando é tempo de

luta?

— Então hoje é o dia de ser insolente para com os velhos — comentou Halleck. Ele tentou uma corda do instrumento e acenou com a cabeça.

— Onde está Duncan Idaho? — indagou Paul. — Não é ele que deve ensinar-me o manejo das armas?

— Duncan se foi para liderar a segunda onda sobre Arrakis respondeu Halleck. — Tudo que sobrou foi o pobre Gurney, que está saindo da briga e doido por música. — Tocou outra corda e escutou sorrindo.

— E foi decidido no conselho que, sendo você tão mau lutador, é melhor ensinar-lhe música, assim você não desperdiçará a vida por inteiro.

— Então é melhor me cantar uma balada — disse Paul.,— Eu quero ter certeza de como não fazê-lo.

— Ah, ah, ah! — riu Gurney e começou com "Garotas Galacianas", seu multiestilete movendo-se como um borrão sobre as cordas enquanto ele cantava:

"Oh-h-h, as garotas Galacianas
Farão tudo por pérolas,
E as de Arrakis por água!
Mas se desejas damas
Que incendeiem como chamas
Tente uma irmã de Caladan!"

— Não está mau para uma péssima mão com o estilete comentou Paul. — Mas se minha mãe o ouvir cantando esse tipo de canção neste castelo, ela pendurará suas orelhas na parede externa, como decoração.

Gurney puxou a orelha direita. — Pobre decoração elas dariam, estão muito arranhadas de escutar em fechaduras enquanto um rapaz que conheço pratica algumas estranhas modinhas em seu baliset.

— Ah, sim, esqueceste o que é encontrar areia em sua cama — disse Paul enquanto apanhava um escudo-cinturão da mesa e o afivelava rapidamente na cintura. — Então vamos lutar!

Os olhos de Halleck se arregalaram num espanto fingido.

— Ah! foi a sua mão travessa que executou aquela façanha! Em guarda, jovem mestre! Tenha cuidado por hoje! — Ele pegou um florete, cortando o ar em golpes sucessivos. — Sou um demônio em busca de vingança!

Paul ergueu o florete, curvou-o em suas mãos e assumiu a posição aguile com um pé adiante. Adotou uma atitude solene, numa imitação cômica do Dr. Yueh.

— Que pateta meu pai me enviou para treino de armas — entoou Paul. — Esse parvo Gurney Halleck esqueceu-se da primeira lição para um combatente com armas e escudo. — Apertou o botão da força em sua cintura, sentindo o arrepio na pele que indicava o campo defensivo em sua testa e ao longo das costas, ouviu todos os sons exteriores tomarem a característica tonalidade desafinada, provocada pela filtragem do escudo.

— Numa luta com escudo é preciso ser rápido na defesa e lento no ataque — recitou Paul. — O propósito é levar o oponente a cometer um erro, tornando-o suscetível a um ataque pela esquerda. O escudo repele o golpe rápido, e torna-se vulnerável à lenta kindjal! — Paul golpeou com o florete, simulando um ataque, para rapidamente recuar, agora pronto a um impulso lento, medido para penetrar as defesas do escudo.

Halleck observou os movimentos, voltando-se no último instante para deixar a lâmina cega passar junto de seu peito.

— Velocidade excelente — comentou. — Mas abriu a guarda, ficando exposto a um contragolpe por baixo.

Paul recuou, desapontado.

— Eu devia dar-lhe umas palmadas na retaguarda por tal descuido — disse Halleck, e levantou uma kindjal da mesa, exibindo-a com a ponta para cima. — Isto, na mão de um inimigo, pode sangrá-lo até a morte! Você é um bom aluno, nada mais que isso, e eu lhe avisei que nem mesmo em treino deve deixar um homem penetrar sua guarda com a morte nas mãos.

— Acho que não estou disposto hoje — disse Paul.

— Disposto? — A voz de Halleck denunciava seu ultraje até mesmo sob a filtragem do escudo. — Que tem disposição a ver com isso? Você luta quando é necessário, não importa a disposição! Disposição é coisa para gado, para fazer amor ou tocar baliset. Não é para lutar.

— Sinto muito, Gurney.

— Não sente o bastante.

Halleck ativou seu próprio escudo e agachou-se com a kindjal pronta para o golpe na mão esquerda, o florete erguido na direita.

— Agora eu digo em guarda para valer! — E saltou alto para um lado, e logo para a frente, num furioso ataque.

Paul recuou aparando os golpes. Sentia o campo estalando enquanto as extremidades dos escudos se tocavam e se repeliam, sentia a comichão elétrica do contato ao longo da pele. “Que há com o Gurney?”, perguntou a si mesmo. “Ele não está simulando esse ataque.” Moveu a mão esquerda, deixando o punhal escorregar em sua palma, desde a bainha no pulso.

— Está necessitando de uma lâmina extra, hein? — grunhiu Halleck.

“Será isso uma traição?”, pensou Paul. “Certamente não o Gurney!” Eles lutaram ao longo da sala: estocada e parada, ardil contra ardil. O ar dentro de sua bolha-escudo tornando-se viciado devido às demandas que a lenta permuta, ao longo das bordas da barreira, não podia suprir. A cada novo contato dos escudos o cheiro de ozônio tornava-se mais forte.

Paul continuou a recuar, mas agora dirigia sua retirada em direção à mesa de exercícios. “Se puder colocá-lo ao lado da mesa eu lhe mostrarei um truque”, pensou. “Só mais um passo, Gurney.”

Gurney deu o passo. Paul aparou um golpe para baixo e voltou-se quando viu o florete de Halleck prender-se na borda da mesa. Lançou-se para o lado, golpeando alto com seu próprio florete e levando o punhal ao pescoço de Halleck. Parou a lâmina a uma polegada da jugular.

— É isto que procuras? — sussurrou Paul.

— Olhe para baixo, garoto — disse Halleck ofegante.

Ele obedeceu e viu a kindjal de seu oponente enfiada sob a mesa, a ponta quase tocando-lhe a virilha.

— Nós nos teríamos reunido na morte — disse Halleck. — Mas admito que você luta melhor quando pressionado. E quando parece ficar disposto. — Sorriu de modo cruel, a cicatriz nítida tremendo ao longo do queixo.

— O modo como me atacou... — observou Paul. — Você teria realmente me feito sangrar?

Halleck recolheu a faca e ficou ereto. — Se tivesse lutado um pouquinho abaixo de suas habilidades, eu o teria deixado com uma cicatriz para se lembrar. Não quero que meu pupilo favorito caia diante do primeiro vagabundo Harkonnen que lhe aparecer.

Paul desativou o escudo e apoiou-se sobre a mesa para tomar fôlego.

— Eu mereci isso, Gurney. Mas você teria deixado meu pai furioso se me ferisse. Não quero que seja punido por minhas faltas.

— Quanto a isso — respondeu Halleck —, foi minha falta também. Mas não se incomode com uma ou duas cicatrizes de treinamento. Tem sorte de ter tão poucas; e quanto a seu pai, o Duque me puniria somente se eu falhasse em fazer de você um lutador de primeira classe. E eu estaria falhando se não lhe explicasse a falácia que é esta idéia de disposição que desenvolveu ultimamente.

Paul se levantou, colocando o punhal de volta na bainha do punho.

— Não é brincadeira o que fazemos aqui — acrescentou Halleck.

Paul concordou com um aceno. Sentia um certo espanto com a seriedade anormal de Halleck, sua veemência sóbria. Olhou para a cicatriz cor de beterraba no queixo do homem, lembrando-se da história que contava como ela fora produzida por Rabban, a Besta, num fosso de escravos dos Harkonnen, em Giedi

Prime. E Paul sentiu-se envergonhado por ter duvidado de Halleck ainda que por um instante. Ocorria-lhe agora que aquela cicatriz, ao ser produzida, fora acompanhada por uma dor tão intensa, talvez, quanto aquela infligida pela Reverenda Madre.

Procurou afastar o pensamento que gelava seu mundo.

— Suponho que esperasse me divertir um pouco hoje: as coisas andam tão sérias por aqui ultimamente.

Halleck voltou-se para esconder suas emoções. Alguma coisa ardia-lhe os olhos. Sentia-se dolorido, como se houvesse sofrido uma queimadura; e isso era tudo que restara de um dia perdido, que lhe fora arrancado pelo tempo.

"Quão cedo esta criança deve assumir sua maturidade", pensou. "Quão cedo ela deve aprender a ler aquele padrão em sua mente, aquele contrato de cautela brutal para ordenar os fatos necessários, no encadeamento necessário."

— Por favor, enumere seus parentes mais próximos pediu Paul.

Halleck respondeu sem se voltar: — Eu percebi que você queria se divertir, jovem, e nada me agradaria mais do que me unir a você na brincadeira. Mas não podemos brincar mais. Amanhã vamos para Arrakis, e Arrakis é real. Os Harkonnen são reais.

Paul tocou a testa com a lâmina do florete voltada para cima.

Halleck viu a saudação e respondeu com um aceno, depois indicou o boneco-alvo.

— Agora vamos exercitar sua velocidade. Deixe-me ver como você responde àquela coisa. Eu a controlarei daqui, de onde posso ter uma visão completa da ação. E devo adverti-lo de que estarei tentando novos contragolpes hoje. Este é um aviso que não terá de um inimigo real.

Paul esticou os dedos dos pés, para aliviar os músculos. Sentia-se solene ante a súbita percepção de que sua vida tornara-se repleta de rápidas mudanças. Caminhou até o boneco, acionou o botão no peito da coisa com a ponta de seu florete, e sentiu o campo defensivo repelir a lâmina.

— Engarde!— gritou Halleck, e o boneco atacou.

Paul ativou seu escudo, aparou o golpe e contra-atacou.

Halleck observava, enquanto manipulava os controles. Sua mente parecia-lhe dividida em duas partes: uma delas alerta às necessidades do treinamento e a outra vagueando como uma mosca irrequieta.

"Sou uma árvore frutífera bem treinada", pensou. "Cheia de sentimentos e habilidades bem treinadas, todos enxertados em mim para outros colherem."

Por algum motivo ele se lembrava de sua irmã mais jovem, com seu rosto de duende, tão claro em sua mente. Mas ela estava morta agora, morta numa casa de prazeres para as tropas dos Harkonnen. Ela adorava flores como amores-

perfeitos, ou seriam margaridas? Não conseguia lembrar as flores favoritas de sua irmã e isso o incomodava muito.

Paul repeliu um lento giro do boneco, golpeou para cima com sua mão esquerda entretisser.

“Aquele diabinho esperto!”, pensou Halleck, agora atento aos movimentos das mãos entrelaçadas de Paul. “Ele tem estudado e praticado por conta própria. Aquele não é o estilo Duncan, e certamente não é nada que eu lhe tenha ensinado.”

Esse pensamento apenas aumentava a tristeza de Halleck: “Estou contaminado pela melancolia.” Começou a pensar a respeito de Paul, se o rapaz algum dia ouvira temeroso as batidas do próprio coração, no travesseiro durante a noite.

— Se desejos fossem peixes, todos nós lançaríamos as redes murmurou.

Era uma expressão usada por sua mãe, e que ele sempre repetia quando a escuridão do amanhã estava quase a envolvê-lo. Então pensou como seria estranho levar esse ditado para um planeta que nunca conhecera mares ou peixes.

5

YUEH (yu'e), Wellington (aveling-tun), Stdrd 10, 082 - 10, 191; doutor em medicina pela Escola Suk em Stdrd 10,112); ma.— Wanna Marcus, B. G. (Stdrd 10,092-10,186?); conhecido principalmente como traidor do Duque Leto Atreides. (Cf Bibliografia, Apêndice (Condicionamento Imperial e Traição, A).

— do Dicionário do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Embora ouvisse o Dr. Yueh entrar na sala de treinos, notando a rígida cautela nos passos do homem, Paul permaneceu esticado na mesa de exercícios, com o rosto para baixo, exatamente como o massagista o deixara. Sentia-se deliciosamente descontraído depois do treino com Gurney Halleck.

— Você parece confortável — comentou Yueh com voz aguda, caracteristicamente calma.

Paul ergueu a cabeça, vendo a figura magra do homem parado a vários passos de distância; observou a roupa negra vincada, o bloco quadrangular da cabeça com os lábios purpúreos e o bigode caído, a tatuagem do Condicionamento Imperial em forma de diamante na testa; o cabelo negro comprido, preso no anel prateado da Escola Suk, no ombro esquerdo.

— Ficará feliz em saber que não teremos tempo para uma lição normal hoje — disse Yueh. — Seu pai estará aqui dentro em pouco.

Paul se sentou.

— Entretanto, eu consegui para você um leitor de livros filmada e várias lições, durante a travessia para Arrakis.

— Oh!

Paul começou a se vestir. Sentia-se excitado com a vinda de seu pai. Eles haviam passado muito pouco tempo juntos, desde a ordem do Imperador para assumir o feudo de Arrakis.

Yueh caminhou até a mesa pensando: "Como o rapaz se desenvolveu nesses últimos meses. Que desperdício! Oh! que triste desperdício". Depois se lembrou: "Eu não devo falhar. O que faço é para garantir que minha Wanna não possa mais ser ferida pelas bestas Harkonnen".

Paul reuniu-se a ele na mesa, abotoando a jaqueta.

— O que eu estarei estudando na viagem?

— Ah-h-h-h, as formas de vida terrânicas de Arrakis. O planeta parece ter aberto seus braços para certas formas de vida terrânicas. E não está claro como isso aconteceu. Quando chegarmos, devo procurar o ecologista planetário — um certo Dr. Kynes — e oferecer minha ajuda nas investigações.

E Yueh pensou: “O que estou dizendo? Sou hipócrita até comigo mesmo.”

— Haverá algo sobre os Fremen? — indagou Paul.

— Os Fremen? — Yueh tamborilou com os dedos sobre a mesa, percebeu que Paul notava o movimento nervoso e recolheu a mão.

— Será que você tem alguma coisa a respeito da população de Arrakis em geral?

— Sim, certamente — disse Yueh. — Há duas divisões do povo, de um modo geral. Os Fremen formam um grupo, e os outros são o povo dos pegas, pias e panelas. Existem casamentos mistos, já me disseram. As mulheres das vilas pias e panelas preferem maridos Fremen; seus homens preferem esposas Fremen; eles têm um ditado: “Polidez vem das cidades, sabedoria do deserto.”

— Tem gravuras deles?

— Vou ver o que posso conseguir para você. O detalhe mais interessante são os olhos, totalmente azuis, sem nenhum branco.

— Mutação?

— Não, é relacionado à saturação do sangue com melange.

— Os Fremen devem ser corajosos para viverem nas orlas do deserto.

— Completamente. Eles compõem poemas sobre suas facas. As mulheres são tão violentas quanto os homens. Até mesmo as crianças Fremen são perigosas e violentas. A você não será permitido misturar-se com eles, atrevo-me a dizer.

Paul olhou para Yueh, encontrando nesses poucos vislumbres dos Fremen um poder verbal que captava toda a sua atenção.

“Que gente para ganhar como aliados!”

— E os vermes?

— O quê?

— Eu gostaria de estudar um pouco mais a respeito dos vermes da areia.

— Ah, certamente. Tenho um livro-filme de um pequeno espécime, com apenas cento e dez metros de comprimento e vinte e dois metros de diâmetro. Foi filmado nas latitudes do norte.

Vermes com mais de quatrocentos metros de comprimento já foram registrados por testemunhas confiáveis, e há motivos para se acreditar que existam outros maiores ainda.

Paul observou a carta da projeção cônica das latitudes austrais de Arrakis

aberta sobre a mesa.

— O cinturão do deserto e as regiões polares sul estão marcados como inabitáveis. É por causa dos vermes?

— E das tempestades.

— Mas qualquer lugar pode ser tornado habitável.

— Se for economicamente viável — observou Yueh. — Arrakis tem muitos perigos que tornam isso dispendioso. — Alisou o bigode pendente. — Seu pai estará aqui logo. Antes de partir, tenho um presente para você, algo que encontrei enquanto embrulhava minhas coisas. Ele colocou um objeto sobre a mesa, era preto, oblongo e menor do que o polegar de Paul.

O rapaz simplesmente olhou. Yueh percebeu como Paul não estendia a mão para pegar e pensou: "Como é cauteloso!"

— Isso é uma Bíblia Católica Laranja muito antiga, feita para uso de viajantes espaciais. Não é um livro-filme e sim algo verdadeiramente impresso em papel de filamento. Tem seu próprio amplificador e sistema de carga eletrostática. — Pegou o objeto e demonstrou. — O livro é mantido fechado por uma carga, que força contra as capas fechadas por molas. Você pressiona as bordas, assim, e as páginas que selecionou se repelem uma contra a outra, fazendo o livro se abrir.

— É tão pequeno.

— Mas tem mil e oitocentas páginas. Você pressiona. a borda, deste modo, e a carga se move adiante, uma página de cada vez, enquanto lê. Nunca toque as páginas com seus dedos. O filamento do tecido é muito delicado.

Fechou o livro e passou-o para Paul. — Experimente.

Yueh observou Paul operar o ajuste de páginas, enquanto pensava: "Salvo minha própria consciência, dando-lhe o conforto da religião antes de atraiçoá-lo. Assim posso dizer a mim mesmo que ele se foi para onde eu jamais irei."

— Isso deve ter sido feito antes dos livros-filmes — disse Paul.

— É muito antigo. Vamos fazer disso um segredo nosso, certo? Seus pais podem julgar que é muito valioso para ser dado a alguém tão jovem.

E Yueh pensou: "Sua mãe certamente desconfiaria de meus motivos."

— Bem... — Paul fechou o livro, segurando-o em sua mão. — Se é tão valioso...

— Satisfaça o desejo de um velho — disse Yueh. — Isso me foi oferecido quando eu era muito jovem. — E pensou: "Devo captar sua imaginação, assim como sua cupidez." — Abra-o no Kalima quatrosessenta e sete, onde diz: "Na água toda vida começa". Há um leve chanfro na borda da capa para marcar o lugar.

Paul sentiu duas ranhuras na capa, uma mais rasa que a outra.

Apertou a mais rasa e o livro se abriu em sua palma, o ampliador deslizando em posição.

— Leia em voz alta — pediu Yueh.

Paul umedeceu os lábios com a língua e leu: — “Pense no fato de que uma pessoa surda não pode ouvir. E então que outros tipos de surdez não podemos possuir? Que sentidos não faltarão que não possamos ver e ouvir outros mundos à nossa volta? O que existe em torno de nós que não...”

— Pare! — gritou Yueh.

Paul olhou-o surpreso.

Yueh fechou os olhos, lutando para recobrar a compostura.

“Que perversidade fez com que o livro se abrisse na passagem favorita de minha Wanna?” Abriu os olhos e viu Paul a fitá-lo.

— Algo errado? — indagou o rapaz.

— Eu sinto muito — disse Yueh. — Este era o trecho favorito de minha falecida esposa. Não é aquele que eu tencionava que lesse. Ele traz de volta lembranças que são dolorosas.

— Há dois chanfros — observou Paul.

“É claro”, pensou Yueh. “Wanna marcou sua passagem. Os dedos dele são mais sensíveis que os meus e encontraram a marca que ela deixou. Foi um acidente, não mais que isso.”

— Talvez ache o livro interessante. Tem muita verdade histórica, assim como boa filosofia ética.

Paul olhava para o minúsculo livro em sua mão, uma coisa tão pequena e no entanto continha um mistério — alguma coisa acontecera enquanto lia. Sentira algo sacudir o seu terrível propósito.

— Seu pai estará aqui a qualquer momento. Deixe o livro de lado e leia quando quiser.

Paul tocou na borda, como Yueh demonstrara, e o livro selou-se. Guardou-o em sua túnica. Por um momento, quando Yueh gritara, Paul temera que o homem exigisse o livro de volta.

— Eu lhe agradeço o presente, Dr. Yueh — falou com formalidade. — Será nosso segredo. Se existe um favor que deseje de mim, não hesite em pedir.

— Eu... não preciso de nada — respondeu Yueh.

E pensou: “Por que fico aqui me torturando? E atormentando este pobre rapaz... embora ele de nada saiba. Malditas bestas Harkonnen! Por que me escolheram para sua abominação?”

6

Como devemos abordar o estudo do pai do Muad'Dib? Um homem de insuperável cordialidade e surpreendente frieza foi o Duque Leto Atreides. Todavia, muitos fatos abrem passagem para o entendimento do Duque: seu permanente amor pela dama Bene Gesserit; os sonhos que ele tinha em relação a seu filho; a devoção dos homens que o serviam. Você o vê lá — um homem enredado pelo destino, uma figura solitária, seu brilho ofuscado pela glória de seu filho. E todavia alguém se pergunta: que é o filho senão uma extensão de seu pai?

— de Comentários sobre a família do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan

Paul observou seu pai entrar na sala de treinamentos e viu os guardas tomarem posição no lado de fora. Um deles fechou a porta. Como de costume, Paul experimentava um sentimento de presença em seu pai, alguém inteiramente unido à realidade do momento.

O Duque era alto, de pele escura. Seu rosto era magro e anguloso, suavizado apenas pelos olhos cinzentos e profundos. Ele usava um uniforme de trabalho negro, com a crista do falcão heráldico no peito. Um cinturão-escudo platinado, com a pátina do excesso de uso, envolvia-lhe a cintura estreita.

O Duque indagou: — Trabalhando duro, filho?

Caminhou até a mesa, observando os papéis sobre ela, percorrendo a sala com o olhar até parar em Paul. Sentia-se cansado, impregnado da dor causada pelo esforço em ocultar a fadiga. "Devo usar de toda a oportunidade disponível para repousar durante a travessia para Arrakis", ele pensou. "Não haverá repouso em Arrakis."

— Não muito duro — respondeu Paul. — Tudo é tão... — deu de ombros.

— Sim, bem, amanhã nós partimos. Será bom estar instalado na nova casa, com toda esta confusão esquecida.

Paul acenou, subitamente dominado pela lembrança das palavras da Reverenda Madre: "... para o pai, nada."

— Pai, Arrakis será tão perigoso quanto todos dizem?

O Duque forçou um gesto casual, sentou-se num canto da mesa e sorriu. Todo um padrão de conversação formou-se em sua mente, o tipo de coisa que ele usaria para combater a melancolia em seus homens antes da batalha. O padrão gelou-se antes de ser vocalizado, confrontado por um único pensamento: “Este é o meu filho.”

— Será perigoso — admitiu.

— Hawat contou-me que nós temos um plano para os Fremen — disse Paul enquanto se perguntava: “Por que não conto a ele o que a velha disse? Como é que ela prendeu minha língua?”

O Duque percebeu a angústia de seu filho e explicou:

— Como sempre, Hawat vê a oportunidade principal. Mas há muito mais em jogo. Eu vejo também o Combine Honnete Ober Advancer Mercantiles — a Companhia CHOAM. Ao dar-me Arrakis, Sua Majestade é forçado a ceder-nos uma ditadura CHOAM... um ganho sutil.

— CHOAM controla a especiaria — observou Paul.

— E Arrakis com sua especiaria é nossa estrada para a CHOAM, mas existe mais na CHOAM do que apenas melange.

— A Reverenda Madre advertiu o senhor? — indagou Paul subitamente, suas mãos fechadas em punhos, com as palmas escorregadias de suor. Que esforço fora necessário para fazer esta simples pergunta!

— Hawat me contou que ela o assustou com avisos a respeito de Arrakis. Não deixe que os temores de uma mulher obscureçam sua mente. Nenhuma mulher deseja aqueles que ela ama em perigo. A mão por trás daquelas advertências era a de sua mãe. Considere-as como um sinal do amor que ela tem por nós.

— Ela sabe a respeito dos Fremen?

— Sim, e sobre muito mais.

— O quê?

“A verdade”, pensou o Duque, “pode ser pior do que ele imagina, mas mesmo os fatos perigosos são valiosos, se você foi treinado para lidar com eles. E este é um detalhe em que nada foi poupado para meu filho: o aprendizado no manuseio de verdades perigosas. Esta deve, no entanto, ser peneirada, ele é jovem ainda.”

— Poucos produtos escapam ao controle da CHOAM explicou o Duque. — Madeira, jumentos, cavalos, vacas, árvores, estrume, tubarões, pele de baleia — os mais prosaicos e os mais exóticos... até mesmo nosso pobre arroz pundi de Caladan. Qualquer coisa a Corporação transportará; as obras de arte de Ecaz, máquinas de Richesse e Ix. Mas tudo isso perde a importância diante da melange. Um punhado de especiarias lhe compraria uma casa em Tupile. Ela não

pode ser sintetizada, deve ser minerada em Arrakis. Ela é única e tem propriedades geriátricas verdadeiras.

— E agora nós a controlamos?

— Até certo ponto. O importante é considerar todas as Casas que dependem dos lucros da CHOAM. E pensar que uma enorme proporção desses lucros é dependente de um único produto a especiaria. Imagine o que aconteceria se alguém reduzisse a produção da especiaria.

— Quem quer que houvesse estacado melange faria fortuna. — respondeu Paul. — Enquanto os outros estariam em dificuldades.

O Duque se permitiu um momento de amarga satisfação, olhando para seu filho e pensando quão perspicaz, quão verdadeiramente culta aquela observação havia sido. Ele assentiu:

— Os Harkonnen têm estado armazenando por mais de vinte anos.

— Eles querem que a produção de especiaria seja interrompida e que você seja culpado.

— Eles desejam que o nome Atreides se torne impopular. Pense nas Casas de Landsraad que vêem em mim uma certa capacidade de liderança, seu orador não-oficial. Pense em como eles reagiriam se eu fosse o responsável por uma séria redução de seus tos. Afinal, os lucros de uma pessoa estão em primeiro lugar. A Grande Convenção que se dane, você não deixa alguém empobrecê-lo! — Um sorriso duro torceu a boca do Duque. Eles olharão para outro lado, não importando o que seja feito comigo.

— Mesmo se formos atacados com atômicos?

— Nada de tão flagrante. Nenhum desafio aberto à Convenção. Mas quase tudo que não chegue a isso. Talvez até mesmo pulverização, e envenenamento do solo.

— Então, por que estamos caminhando ao encontro disso?

— Paul! — o Duque franziu a testa fitando o filho. — Conhecer onde está a armadilha, este é o primeiro passo para evitá-la. É como o combate individual, filho, somente que numa escala maior. Um estratagema dentro de um estratagema, dentro de outro. Parece não ter fim e nossa tarefa é descobri-la. Sabendo que os Harkonnen armazenaram melange, fazemos a seguinte pergunta: “Quem mais armazenou?” Esta será a lista dos nossos inimigos.

— Quem?

— Certas Casas que sabíamos serem bastis, e algumas que pensamos serem amigas. Não precisamos levá-las em consideração por ora, porque existe alguém muito mais importante: nosso amado Imperador Padishah.

Paul tentou engolir, com a garganta subitamente seca. Não pode convocar a Landsraad? Denunciar...

— Fazendo com que nosso inimigo saiba que nós conhecemos qual a mão que empunha a faca? Ah, agora Paul... agora nós vemos a faca. Quem sabe para a mão de quem ela passaria a seguir? Se apresentarmos estes fatos perante a Landsraad isso só criaria uma grande nuvem de confusão. O Imperador negaria tudo, e quem poderia contradizê-lo? Tudo que obteríamos seria um pouco de tempo, e estaríamos nos arriscando ao caos. E de onde viria o próximo ataque?

— Todas as Casas poderiam começar a armazenar a especiaria.

— Nossos inimigos têm uma boa dianteira, grande demais para ser alcançada.

— O Imperador, ou seja, o Sardaukar.

— Disfarçados com fardas dos Harkonnen, sem dúvida — disse o Duque. — Mas soldados fanáticos não obstante.

— Como poderiam os Fremen nos ajudar contra os Sardaukar?

— Hawat já lhe falou sobre Salusa Secundus?

— O planeta-prisão do Imperador? Não.

— E se ele fosse mais que um planeta-prisão, Paul? Existe uma pergunta que você nunca ouviu sendo feita em relação ao Corpo Imperial de Sardaukar: "de onde é que eles se originam?"

— Do planeta-prisão?

— Eles vêm de algum lugar.

— Mas os recrutas que o Imperador exige...

— Isso é o que nós somos levados a crer, que eles são apenas os recrutas treinados desde jovens, e muito bem preparados. Você ouve murmúrios ocasionais a respeito dos quadros de treinamento do Imperador, mas o equilíbrio de nossa civilização permanece o mesmo: as forças militares das Grandes Casas de Landsraad de um lado, o Sardaukar e os recrutas de apoio do outro. E seus recrutas de apoio, Paul. O Sardaukar permanece Sardaukar.

— Mas todos os relatórios sobre Salusa Secundus dizem que lá é um mundo infernal!

— Sem dúvida. Mas se você fosse formar homens duros, fortes e ferozes, que condições ambientais você imporia sobre eles?

— Como poderia ganhar a lealdade de homens assim?

— Existem modos comprovados: jogue com o conhecimento certo da superioridade deles, a mística do pacto de segredo, o espírito do sofrimento compartilhado. Pode ser feito. Tem sido feito em muitos mundos, em várias épocas.

Paul assentiu, mantendo sua atenção no rosto de seu pai. Percebia alguma revelação iminente.

— Considere Arrakis — disse o Duque. — Quando você deixa o interior

das cidades e vilas é tão terrível quanto Salusa Secundus.

Paul arregalou os olhos. — Os Fremen!

— Nós temos lá o potencial para um grupo tão forte e mortífero quanto o Sardaukar. Exigirá paciência para treiná-los secretamente, e riqueza para equipá-los devidamente. Mas os Fremen estão lá... e a riqueza da especiaria também. Percebe agora por que vamos para Arrakis sabendo que lá existe uma armadilha?

— Os Harkonnen sabem a respeito dos Fremen?

— Os Harkonnen desprezam os Fremen, caçam-nos por esporte. Nunca se incomodaram sequer em contá-los. Conhecemos a política Harkonnen em relação às populações planetárias: gastar o mínimo possível para mantê-las, e só.

Os fios metálicos no símbolo do falcão cintilaram sobre o peito de seu pai, enquanto o Duque mudava de posição. — Percebe agora?

— Estamos negociando com os Fremen agora mesmo — disse Paul.

— Enviei uma missão liderada por Duncan Idaho. Duncan é um homem orgulhoso e impiedoso, mas fiel à verdade. Creio que os Fremen vão admirá-lo. Se tivermos sorte, eles podem julgar-nos por ele: Duncan, o moralista.

— Duncan, o moralista — observou Paul. — E Gurney, o valoroso.

— Você os nomeia bem — disse o Duque.

E Paul pensou: “Gurney é um daqueles que a Reverenda Madre diz que suportam mundos... o valor dos bravos.”

— Gurney me contou que você se saiu muito bem com as armas hoje.

— Não foi o que ele me disse.

O Duque riu alto. — Calculei que Gurney seria cauteloso com suas palavras. Ele diz que você tem uma ótima consciência — em suas próprias palavras — da diferença entre o gume de uma lâmina e sua ponta.

— Gurney diz que não há arte em matar com a ponta, que isso deve ser feito com o gume.

— Gurney é um romântico — resmungou o Duque. Essa conversa sobre matar o perturbava, partindo de seu filho. — Eu preferia que você nunca precisasse matar, mas se a necessidade vier, faça do modo que puder, ponta ou gume. — Ele olhou para a clarabóia, na qual a chuva ainda tamborilava.

Vendo a direção do olhar de seu pai, Paul pensou nos céus úmidos lá fora, uma coisa jamais vista em Arrakis, e este pensamento nos céus colocou sua mente no espaço além deles.

— As naves da Corporação são realmente grandes? — indagou.

O Duque olhou para ele. — Esta será sua primeira ocasião fora do planeta. Sim, elas são grandes. Estaremos viajando num Heighliner, porque a viagem é longa. Um Heighliner é realmente grande. Seus porões irão alojar todos os nossos transportes e fragatas num pequeno canto, nós seremos apenas uma

pequena parte na carga do navio.

— E não seremos capazes de deixar nossas fragatas?

— Isso é parte do preço que se paga pela segurança da Corporação. Poderão existir naves dos Harkonnen bem ao nosso lado, e não teremos nada que temer delas. Os Harkonnen não poriam em perigo seus privilégios de transporte.

— Ficarei observando em nossas telas para ver se vejo um homem da Corporação.

— Não vai. Nem mesmo seus agentes podem ver um Homem da Corporação. A Corporação é zelosa de sua privacidade e de seu monopólio. Não faça nada para ameaçar nossos privilégios de transporte, Paul.

— Acha que eles se escondem porque sofreram mutações e já não parecem humanos?

— Quem sabe? — O Duque deu de ombros. — Esse é um mistério que provavelmente não resolveremos. Temos problemas mais imediatas e você é um deles.

— Eu?

— Sua mãe queria que eu lhe dissesse isso, filho. Você é capaz de ter habilidades Mentat.

Paul fitou o pai, incapaz de falar por um momento, então:

— Mentat? Eu? Mas...

— Hawat concorda, filho. É verdade.

— Mas eu pensei que o treinamento Mentat tivesse de ser iniciado na infância, e que a pessoa não pudesse saber por que isso inibiria sua...

Ele interrompeu-se, todas as circunstâncias passadas focalizando-se numa rápida computação. — Eu percebo.

— Chega o dia — disse o Duque — em que o Mentat potencial deve aprender o que está sendo feito. Não pode mais ser feito por ele. O Mentat deve compartilhar a escolha quanto a continuar ou abandonar o treinamento. Alguns podem prosseguir, outros são incapazes. Somente o Mentat potencial pode dizer com certeza sobre si mesmo.

Paul esfregou o queixo. Todo o treinamento especial de Hawat e de sua mãe, os mnemônicos, a focalização da consciência, o controle muscular e o aguçamento da sensibilidade, os estudos de linguagem e nuances de voz — tudo isso encaixava-se num novo tipo de compreensão em sua mente.

— Você será o Duque algum dia, filho — disse o pai. — E um duque Mentat pode ser formidável. Pode se decidir agora, ou precisa de mais tempo?

Não houve hesitação na resposta.

— Prosseguirei com o treinamento.

— Formidável — murmurou o Duque, e Paul viu um sorriso de orgulho

no rosto de seu pai. O sorriso deixou-o chocado. Dava uma aparência de caveira às feições magras do Duque. Paul fechou os olhos sentindo o “terrível propósito” despertando em seu interior. “Talvez ser um Mentat seja um propósito terrível”, pensou ele.

Mas mesmo enquanto focalizava esse pensamento, sua nova consciência o negava.

7

Com Lady Jessica e Arrakis, o sistema Bene Gesserit de recriar lendas proféticas através da Missionária Protetora obteve plenos resultados. A sabedoria de recriar o universo conhecido com um padrão de profecias para a proteção do pessoal B. G. há muito tem sido apreciada, mas nunca observada numa condição in extremis, com um casamento mais do que ideal entre pessoa e preparação. As lendas proféticas tinham tomado conta de Arrakis até mesmo em rótulos adotados (incluindo o canto da Reverenda Madre e a maior parte da Shan-a panoplia propbeticus). Considera-se, de um modo geral, atualmente, que as habilidades latentes de Lady Jessica foram grosseiramente subestimadas.

— de Análise da Crise de Arrakeen,
escrito pela Princesa Irulan
[circulação restrita: B.G. número de arquivo AR-81088587]

Em volta de Lady Jessica — empilhados em cantos do grande salão Arrakeen, amontoados em espaços abertos — erguia-se a carga empacotada de suas vidas: caixas, valises, baús, engradados, alguns parcialmente esvaziados. Ela podia ouvir os monta-cargas da lançadeira da Corporação depositando outra remessa na entrada.

Jessica ficou de pé no centro do salão. Virou-se lentamente olhando para cima e em volta, para as esculturas sombreadas, gretas e janelas em profundos nichos. Esse gigantesco anacronismo da sala fazia com que ela se lembrasse do Hall das Irmãs em sua Escola Bene Gesserit. Mas na escola o efeito era acolhedor, enquanto aqui tudo era pedra nua.

Algum arquiteto fora buscar muito tempo atrás, na história, os motivos para essas paredes em arcobotante e escuros ornatos suspensos, pensou Jessica. O teto em abóbada elevava-se dois pavimentos acima dela, com grandes vigas mestras que, tinha certeza, haviam sido transportadas para Arrakis através do espaço, mediante um custo monstruoso. Nenhum planeta nesse sistema cultivava árvores de que se pudesse fazer semelhantes vigas, a não ser que as vigas fossem imitação de madeira.

Ela achava que eram verdadeiras.

Essa fora a mansão do governo nos dias do Velho Império. Custos haviam sido de menor importância, então. Isso fora antes dos Harkonnen e sua nova megalópolis Carthag: um lugar barato e reluzente como latão, uns duzentos quilômetros a nordeste, através da Terra Partida. Leto fora sábio em escolher esse lugar para assento de seu governo. O nome Arrakeen tinha um som agradável, cheio de tradição. E esta era uma cidade pequena, fácil de defender e esterilizar.

O som de caixas sendo descarregadas soou novamente na entrada. Jessica suspirou.

Contra uma caixa de papelão à sua direita erguia-se uma pintura do pai do Duque. Fios de embalagem pendiam como decoração estragada, e um pedaço de fio ainda estava preso na mão esquerda de Jessica. Ao lado da pintura havia uma cabeça de touro negro, montada num quadro polido. A cabeça era uma ilha negra num mar de papel estofado. A placa estava colocada sobre o solo, enquanto o focinho brilhante do touro apontava para o teto, como se o animal estivesse a ponto de emitir um berro nessa sala ecoante.

Jessica imaginava que tipo de compulsão a levara a desempacotar aquelas duas coisas em primeiro lugar — a pintura e a cabeça de touro. Sabia haver algo de simbólico na ação. Desde o dia em que os compradores do Duque a tinham retirado da escola, nunca se sentira tão assustada e insegura.

A cabeça e a pintura.

Elas aumentavam seu senso de confusão. Ela estremeceu olhando para as janelas em fenda, lá em cima. Ainda era o início da tarde aqui, e nessas latitudes o céu parecia negro e frio — muito mais escuro que o cálido azul de Caladan. Uma pontada de saudade pulsou em seu interior.

“Tão distante, Caladan.”

— Aqui estamos!

A voz era do Duque Leto.

Ela rodopiou vendo-o caminhar da passagem em arco para o salão de jantar. Seu uniforme negro de trabalho, com a crista vermelha do falcão no peito parecia poeirento e amassado.

— Julguei que se perdera neste lugar horrível — disse ele.

— É uma casa fria — respondeu ela. Olhava para seu porte alto, a pele escura que a fazia pensar em oliveiras, sol dourado e águas azuis. Havia fuligem de madeira no cinza de seus olhos, mas o rosto era de rapina: magro, cheio de ângulos e planos afiados.

Sentiu um súbito medo dele, e isso apertou seu peito. Ele se tornara uma pessoa selvagem e impulsiva, desde a decisão de se curvar ante o comando do

Imperador.

— A cidade inteira parece fria — acrescentou ela.

— É uma pequena cidade de guarnição, suja e poeirenta. Mas nós mudaremos isso. — Olhou ao redor da sala. — Estes são salões públicos para solenidades oficiais. Dei uma olhada em alguns dos apartamentos familiares da ala sul. São muito melhores. — Chegou mais perto tocando-a no braço, admirando-lhe a imponência.

E novamente ele se punha a pensar sobre a desconhecida linhagem de sua esposa: “Uma Casa renegada talvez? Alguma realeza ilegítima? Ela parece mais nobre que o próprio sangue do Imperador.”

Sob a pressão de seu olhar ela se voltou, exibindo-lhe o perfil.

E ele percebeu não haver um único e preciso detalhe que realçasse sua beleza. O rosto era oval, sob uma touca de cabelos cor de bronze polido. Seus olhos eram bem separados, tão verdes e claros quanto os céus matutinos de Caladan. O nariz era pequeno, a boca ampla e generosa. Seu talhe era sóbrio: alto e com todas as curvas tendendo para o esbelto.

Lembrava-se que as irmãs leigas da escola chamavam-na de magricela, assim os compradores lhe haviam dito. Mas essa descrição simplificava em demasia. Ela trouxera de volta à linhagem dos Atreides uma beleza régia. Ele estava feliz de que Paul se parecesse com a mãe.

— Onde está Paul? — indagou.

— Em algum lugar da casa, tomando suas lições com Yueh.

— Provavelmente na ala sul. Pensei ter ouvido a voz de Yueh, mas não tive tempo para olhar — ele disse. Olhou para ela hesitando. — Vim aqui somente para pendurar a chave do Castelo Caladan no salão de jantar.

Jessica prendeu a respiração, controlando o impulso para se lançar ao marido. Pendurar a chave. Havia uma finalidade no gesto.

Mas esse não era o lugar nem a ocasião para conforto.

— Vi nossa bandeira sobre a casa quando chegamos.

Ele olhou para a pintura do pai. — Onde você vai pendurar esta?

— Em algum lugar daqui.

— Não. — A palavra soou monótona e final, dizendo-lhe que ela poderia tentar persuadi-la, mas seria inútil. Ainda assim ela teria de tentar, mesmo que o gesto só lhe servisse para provar que não poderia persuadi-lo.

— Meu senhor — disse ela —, se apenas me...

— A resposta continua sendo não. Eu vergonhosamente permito-lhe fazer quase tudo que deseja, mas não isso. Acabo de vir da sala de jantar onde existem...

— Meu senhor. Por favor!

— A escolha é entre sua digestão e minha dignidade ancestral, minha querida. Eles ficarão suspensos na sala de jantar.

Ela suspirou: — Sim, meu senhor.

— Você pode retomar seu costume de jantar em seu quarto, sempre que for possível. Eu a esperarei em sua posição adequada apenas nas ocasiões formais.

— Obrigado, meu senhor.

— E não fique toda fria e formal comigo! Dê graças por nunca ter me casado com você, minha cara. Do contrário, seria seu dever reunir-se a mim na mesa durante cada refeição.

Ela manteve o rosto imóvel, e assentiu.

— Hawat já pôs nosso farejador de veneno sobre a mesa de refeições. Há um modelo portátil em seu quarto.

— Já antecipava este... desacordo.

— Minha querida, eu também penso em seu conforto. Já contratei os servos. Eles são nativos mas Hawat já verificou todos eles. São todos Fremen e deverão servir até que nossa própria gente possa ser liberada de suas outras tarefas.

— Podemos realmente confiar em alguém deste lugar?

— Em qualquer um que odeie os Harkonnen. Você pode mesmo querer manter a governanta Shadout Mapes.

— Shadout — repetiu Jessica. — Um título Fremen?

— Disseram-me que significa “caçamba”, uma palavra com nuanças bem importantes aqui. Ela pode não lhe parecer a serva típica, embora Hawat a tenha em alta conta, baseado no relatório de Duncan. Eles estão convencidos de que ela quer servir. Especificamente servir a você.

— Eu?

— Os Fremen souberam que você é Bene Gesserit. Existem lendas aqui sobre a Bege Gesserit.

“A Missionária Protetora”, pensou Jessica. “Nenhum lugar escapa à ação delas.”

— Isto quer dizer que Duncan foi bem-sucedido? Os Fremen serão nossos aliados?

— Não há nada definido — respondeu ele. — Eles querem nos observar um pouco, acredita Duncan. No entanto prometeram parar com os ataques contra nossas vilas exteriores, durante um período de trégua. Este é um ganho muito mais importante do que pode parecer. Hawat me disse que os Fremen eram um espinho no pé dos Harkonnen, e que a extensão de seus estragos era um segredo bem guardado. Não teria sido bom o Imperador conhecer a ineficácia dos

militares Harkonnen.

“Uma governanta Fremen”, meditou Jessica, retornando ao assunto Shadout Mapes. “Ela terá os olhos totalmente azuis.”

— Não deixe que a aparência dessa gente a engane. Existe uma força profunda e uma vitalidade sadia neles. Acho que serão tudo que nós necessitamos.

— É uma aposta perigosa — disse ela.

— Não vamos começar de novo.

Jessica forçou um sorriso. — Estamos comprometidos, sem dúvida nenhuma. — Ela recorreu ao rápido regime para obtenção de calma: duas inspirações profundas, o pensamento ritual, e então continuou: — Quando, eu selecionar os aposentos, devo reservar algo especial para você?

— Algum dia deve me ensinar como faz isso. O modo como põe de lado suas preocupações e volta-se para os assuntos práticos. Deve ser um dom Bene Gesserit.

— É um dom feminino — respondeu ela.

Ele sorriu. — Bem, reserve salas. Certifique-se de que eu terei um escritório espaçoso próximo de meu quarto. Haverá mais trabalho burocrático aqui do que em Caladan. E uma sala de guardas, é claro. Isto deve ser o suficiente. Não se preocupe quanto à segurança da casa. Os homens de Hawat verificaram isso profundamente.

— Tenho certeza de que sim.

Ele olhou para o relógio de pulso. — Deve verificar para que todos os marcadores de tempo estejam ajustados à hora local de Arrakis. Consegui um técnico para fazer isso. Ele virá dentro em breve. — Afastou uma mecha de cabelo da testa. — Devo retornar ao campo de pouso agora. A segunda lançadeira deve chegar a qualquer momento com meu pessoal de apoio.

— Não pode mandar Hawat recebê-los, meu senhor? Parece tão cansado.

— O bom Thufir está mais ocupado do que eu. Você sabe que este planeta está infestado com intrigas Harkonnen. Além disso, devo persuadir alguns dos mais treinados caçadores de especiaria a não partirem. Eles têm a opção, você sabe, com a mudança do feudo. E esse planetologista que o Imperador e a Landsraad instalaram como juiz da Mudança não pode ser comprado. Ele está concedendo a opção. Aproximadamente oitocentos homens treinados esperam partir com a lançadeira de especiaria e há uma nave de carga da Corporação esperando.

— Meu senhor... — ela interrompeu, hesitando.

— Sim?

“Ele não pode ser persuadido a tentar fazer este planeta seguro para nós”,

pensou ela ".E não posso usar meus truques nele."

— A que horas espera jantar? — perguntou ela.

"Não era isso que ela tencionava dizer", pensou ele. "Ah, minha Jessica, se estivéssemos em algum outro lugar, qualquer lugar longe deste terrível planeta, sozinhos, nós dois, sem preocupações..."

— Comerei no refeitório dos oficiais, no campo. Não espere por mim até que seja bem tarde. E... ah, mandarei um guardacarro buscar Paul. Quero que ele venha à nossa conferência estratégica.

Limpou a garganta, como se fosse dizer mais alguma coisa, e então, sem aviso, virou-se, caminhando em direção à entrada, onde Jessica podia ouvir mais caixas sendo depositadas. Sua voz soou uma vez por lá, uma voz de comando, desdenhosa, do modo como ele sempre se dirigia aos servos quando estava com pressa. Lady Jessica está no grande salão, junte-se a ela imediatamente.

A porta externa bateu.

Jessica voltou-se olhando para a pintura do pai do Duque Leto.

Fora feita por um artista famoso, Albe, durante a meia-idade do velho Duque. Ele fora representado em traje de toureiro, com uma capa magenta caída sobre o braço esquerdo. O rosto parecia jovem, dificilmente mais velho do que o próprio Leto agora, e com os mesmos traços aquilinos, o mesmo olhar cinzento. Ela cerrou as mãos em punhos, os braços esticados, caídos nos lados do corpo, olhando com ódio para a pintura.

— Maldito sejas, maldito, maldito! — sussurrou ela.

— Quais são suas ordens, nobre senhora?

Era uma voz de mulher, fina e estridente.

Jessica girou o corpo e olhou para baixo, vendo uma mulher de cabelos grisalhos, magra e ossuda, dentro de um vestido que parecia um saco marrom. A mulher parecia tão enrugada e ressequida quanto qualquer um dos membros da multidão que os saudara ao longo do caminho, desde o campo de pouso, naquela manhã. Cada nativo que vira neste planeta, pensou Jessica, parecia magro e subnutrido. E no entanto Leto dissera que eles eram fortes e saudáveis. E lá estavam os olhos — aquele azul profundo, escuro, sem qualquer branco — olhos misteriosos, reservados. Jessica teve de se esforçar para não fitá-los.

A mulher acenou com a cabeça de um modo rígido, dizendo:

— Meu nome é Shadout Mapes, nobre senhora. Quais são suas ordens?

— Você pode me tratar por "minha senhora" — disse Jessica. — Eu não sou nobre. Sou apenas a concubina do Duque Leto.

Novamente, aquele modo estranho de assentir, a mulher fitou Jessica com uma indagação maliciosa. — Há uma esposa, então?

— Não, e nunca houve. Sou a única... companheira do Duque, a mãe de

seu herdeiro.

Enquanto falava, Jessica ria internamente do orgulho por trás de suas palavras. “Que foi mesmo que Santa Augustine disse? “A mente comanda o corpo, e ele obedece. A mente comanda a si mesma, e encontra resistência”. Sim, tenho encontrado mais resistências ultimamente. Se tivesse um refúgio sossegado que eu pudesse usar...”

Um estranho grito soou da estrada, fora da casa. Repetiu-se :

— Soo-soo-Sook! Soo-soo-Sook! — e então — lkhut-eigh! lkhuteigh! Depois novamente: — Soo-soo-Sook!

— Que é isso? — perguntou Jessica. — Ouvi várias vezes enquanto atravessávamos as ruas no carro, esta manhã.

— Apenas um vendedor de água, minha senhora. Mas não precisará se incomodar com eles. A cisterna daqui contém cinquenta mil litros e é mantida sempre cheia. — Ela olhou para seu próprio vestido. — Por isso não preciso usar meu traje-destilador — comentou. — E nem estou morta!

Jessica hesitou, querendo interrogar essa mulher Fremen, precisando de informações para guiá-la. Todavia, buscar ordem na confusão do palácio era mais importante. Achava perturbador que a água fosse uma medida de riqueza nesse lugar.

— Meu esposo falou-me de seu nome, Shadout. Reconheço a palavra, é muito antiga.

— Conhece as línguas ancestrais então? — indagou Mapes, aguardando a resposta com uma estranha curiosidade.

— Idiomas são o primeiro aprendizado de uma Bene Gesserit. Eu conheço a Bhotani Jib e a Chakobsa, todas as linguagens dos caçadores.

Mapes acenou: — Exatamente como diz a lenda.

Jessica se perguntou: “Por que eu fico jogando com esta fraude?” Mas os caminhos de uma Bene Gesserit eram tortuosos.

— Conheço as Coisas Negras e os caminhos da Grande Mãe — continuou Jessica, lendo sinais mais óbvios nas reações de Mapes e em sua aparência. — Miseces prejia — disse ela na língua Chakobsa. — Andral t’re gera! Trada cik buscakri miseces perakri...

Mapes recuou um passo, como se estivesse pronta a fugir.

— Eu sei muitas coisas — disse Jessica. — Sei que você deu à luz várias crianças, que perdeu entes queridos, ocultou seu medo e usou de violência. Usou e ainda vai usar. Eu sei muitas coisas.

Mapes disse em voz baixa: — Não queria ofendê-la, minha senhora.

— Você fala na lenda e busca respostas. Mas cuidado com as respostas que encontrar. Sei que veio preparada para a violência com uma arma oculta em

seu corpete.

— Minha senhora, eu...

— Existe uma remota possibilidade de que você pudesse derramar meu sangue. Mas ao fazê-la traria mais desgraças que seus piores temores fazem supor. Há coisas piores do que a morte, você sabe. Até mesmo para todo um povo.

— Minha senhora! — suplicou Mapes. Ela parecia a ponto de cair de joelhos. — A arma foi mandada como um presente para a senhora, caso provasse ser a Escolhida.

— E para me matar se eu não o provasse — acrescentou Jessica.

Aguardou, no relaxamento aparente que faz uma Bene Gesserit tão aterradora em combate.

“Agora veremos para que lado se inclina a decisão”, pensou.

Lentamente Mapes estendeu a mão para a gola do vestido, retirando uma bainha negra de onde se projetava um punho igualmente preto, com saliências que se ajustavam à forma dos dedos. Segurou a bainha com uma das mãos e o punho com a outra, retirando uma lâmina cor de leite. Uma lâmina que parecia reluzir e cintilar com luz própria. Tinha gume duplo, como uma kindjal, e talvez vinte centímetros de comprimento.

— Conhece isto, minha senhora?

“Só podia ser uma coisa”, pensou Jessica, “a lendária faca cristalina de Arrakis, cuja lâmina nunca fora levada para fora do planeta, e da qual se sabia apenas através de rumores e mexericos.”

— É uma faca cristalina — respondeu.

— Não diga isso levianamente. Conhece seu significado?

Jessica pensou: “Há um propósito nesta pergunta. Aqui está a razão pela qual esta Fremen buscou emprego nesta casa; para fazer-me esta pergunta. Minha resposta poderá precipitar violência ou então... o quê? Ela quer que eu responda qual o significado de uma faca. Ela é chamada Shadout na língua Chakobsa. Faca, isto é, `Produtor da Morte’, em Chakobsa. Está se tornando inquieta, eu devo responder agora. Retardar é tão perigoso quanto responder erroneamente.”

— Isto é `Produtor’...

— Eighe-e-e-e-e! — uivou Mapes. Era um som ao mesmo tempo de pesar e exaltação. Ela tremia tanto que a lâmina enviava agulhas cintilantes de luz, refletidas por toda a sala.

Jessica esperou, preparada. Pretendera dizer que a faca era produtor da morte e então acrescentar a palavra ancestral, mas todos os sentidos a advertiam agora, todo o treinamento de vigília que expunha significados na mais

involuntária contração muscular.

A palavra-chave é Produtor.

“Produtor? Produtor.”

Mapes ainda segurava a faca erguida, como se tencionasse usá-la.

Jessica acrescentou: — Você acha que eu, conhecendo os mistérios da Grande Mãe, não conheceria o Produtor?

Mapes abaixou a faca. — Minha senhora, quando se vive com a profecia por tanto tempo, o momento da revelação é um choque.

Jessica lembrava-se da profecia — a Shari-a e toda a panoplia propheticus, uma Bene Gesserit das Missionárias Protetoras desembarcada aqui há muitos séculos atrás — a essa altura já morta, há muito tempo, mas com sua missão cumprida: as lendas protetoras, implantadas nesse povo para o dia em que uma Bene Gesserit necessitasse.

Bem, o dia chegara.

Mapes recolocou a faca na bainha, dizendo: — Esta é uma lâmina ainda não assentada, minha senhora. Mantenha-a sempre junto de si. Mais de uma semana longe de carne e ela começa a se desintegrar. É sua, um dente do shai-hulud, para guardar enquanto viver.

Jessica estendeu a mão direita e arriscou: — Mapes, você desembainhou aquela lâmina sem banhá-la com sangue.

Com um susto, Mapes deixou cair a lâmina na mão de Jessica e abriu o corpete do vestido, num gesto violento, gemendo : — Tire a água de minha vida!

Jessica retirou a lâmina da bainha, admirada. Como ela cintilava!

Dirigiu a ponta para Mapes, vendo o pânico que a morte produzia na mulher. “Veneno na ponta?”, perguntou a si mesma. Inclinou a ponta fazendo um delicado arranhão com o gume, acima do seio esquerdo de Mapes. O sangue saiu grosso e em quantidade, depois parou. “Coagulação ultra-rápida”, pensou. “Seria uma mutação para conservar umidade?”

Embainhou a lâmina, ordenando: — Abotoe seu vestido, Mapes.

Mapes obedeceu trêmula, os olhos sem brancos fitando Jessica.

— Você é nossa, é a Escolhida.

Houve um som de material sendo descarregado na entrada. Rapidamente Mapes agarrou a faca embainhada e a escondeu no corpete de Jessica. — Quem vir a faca deve ser purificado ou morto! rosnou ela. — Você sabe disso, minha senhora!

“Eu sei agora”, pensou Jessica.

Os carregadores partiram sem entrar no grande salão.

Mapes recuperou a calma e se recompôs, dizendo: — Aos impuros que virem a faca cristalina não deve ser permitido deixar com vida Arrakis. Nunca

esqueça isso, minha senhora. Foi-lhe confiada a faca cristalina. — Respirou fundo e acrescentou: — Agora tudo deve tomar seu devido curso, que não pode ser apressado.

Olhou para as caixas empilhadas e os pertences amontoados à volta.

— E há trabalho de sobra para nós aqui.

Jessica hesitou. — "As coisas devem tomar seu curso." Esta era uma frase específica do estoque de encantamentos da Missionária Protetora. — A vinda da Reverenda Madre para libertá-los.

"Mas eu não sou a Reverenda Madre", pensou Jessica, e depois "Grande Mãe! Eles plantaram isso aqui! Deve ser um lugar hediondo!"

Em tom casual, Mapes indagou: — O que deseja que eu faça primeiro, senhora?

O instinto levou Jessica a responder no mesmo tom. — A pintura do velho Duque deve ser pendurada neste lado da sala de jantar. A cabeça do touro deve ser colocada na parede oposta à da pintura.

Mapes caminhou para a cabeça do touro. — Que grande animal deve ter sido para ter uma cabeça dessas. — Parou observando.

— Vou limpá-la primeiro, não, minha senhora?

— Não.

— Mas há sujeira acumulada nos chifres.

— Isso não é sujeira, Mapes. É o sangue do pai do nosso Duque. Os chifres foram pulverizados com um fixador transparente, horas depois que esse animal matou o velho Duque.

Mapes levantou-se. — Ah, nossa!

— É apenas sangue. Sangue muito velho. Peça alguma ajuda para pendurar estas coisas, são muito pesadas.

— Acha que o sangue me incomodou? — indagou Mapes. — Eu sou do deserto e já vi sangue em quantidade.

— Vejo que viu.

— Incluindo o meu — continuou Mapes. — Mais do que a senhora tirou com aquele arranhãozinho tolo.

— Preferiria que eu tivesse cortado mais fundo?

— Ah não! A água do corpo já é muito escassa para ser esguichada dispendiosamente no ar. Fez a coisa certa.

Jessica, notando as palavras e a maneira como eram ditas, percebia as profundas implicações da expressão "a água do corpo".

Novamente sentia a opressão que a importância da água exercia sobre Arrakis.

— Em que lado da sala de jantar eu devo pendurar estas lindas coisas,

senhora?

“Sempre prática essa Mapes”, pensou Jessica, e respondeu: Use seu próprio julgamento, Mapes. Não faz realmente qualquer diferença.

— Se diz assim, senhora.

Mapes curvou-se começando a retirar os restos de fio de embalagem da cabeça.

— Então você matou o velho Duque? cantarolou ela.

— Devo pedir um carregador para ajudá-la?

— Não, eu conseguirei, senhora.

“Sim, ela conseguirá”, pensou Jessica, “esta criatura Fremen gira ao redor disso: o impulso para conseguir.”

Sentia a lâmina fria da faca cristalina sob seu corpete, e pensava na longa cadeia de intrigas e maquinações Bene Gesserit, que forjara outro elo aqui nesse lugar. Graças a essas maquinações ela sobrevivera a uma crise mortal. — Não pode ser apressado — dissera Mapes. Todavia sentia um ritmo impetuoso nesse lugar que a enchia de pressentimentos. E, nem todos os arranjos da Missionária Protetora, ou a inspeção desconfiada de Hawat sobre essa pilha de rochas, iriam apagar este agouro.

— Quando terminar de pendurar, comece a esvaziar as caixas.

Um dos encarregados na entrada tem as chaves, e sabe onde as coisas devem ser colocadas. Apanhe as chaves e a lista com ele. Se houver alguma pergunta, eu estarei na ala sul.

— Como quiser, minha senhora.

Jessica afastou-se, pensando: “Hawat pode ter considerado esta residência segura, mas há alguma coisa errada com este lugar. Posso senti-lo.”

Uma urgente necessidade de ver seu filho apoderou-se de Jessica.

Ela começou a caminhar em direção à porta abobadada, que conduzia a uma passagem ligando o salão de jantar com as alas familiares. Cada vez mais rápido, ela caminhou até estar quase correndo.

Por trás dela Mapes parou de retirar os fios da cabeça de touro, olhou para a figura que se afastava e murmurou: — Ela é a Escolhida, sim. Pobre coitada.

8

“Yueh! Yueh! Yueh!” diz o refrão. “Um milhão de mortes não eram suficientes para Yueh!”

— de História infantil de Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan

A porta encontrava-se escancarada e Jessica passou por ela, entrando na sala de paredes amarelas. A sua esquerda estendia-se um longo sofá de couro negro, duas prateleiras para livros, vazias, e um frasco de água suspenso, com pó acumulado em seus lados bojudos. A direita, ao redor de outra porta, havia mais estantes vazias, uma mesa de Caladan e três cadeiras. Nas janelas, diretamente à frente, via-se o Dr. Yueh, de costas para ela, a atenção fixa no mundo exterior.

Jessica deu um passo silencioso para dentro da sala.

Percebeu que o casaco de Yueh estava amarrotado, com uma mancha branca próxima do cotovelo esquerdo, como se ele tivesse se apoiado em giz. Visto de trás, ele parecia um boneco, marionete de palitos, todo sem carne dentro de uma roupa muito larga, pronto para saltar na direção de seu dono. Apenas o bloco quadrangular da cabeça, com o longo cabelo cor de ébano preso ao anel prateado da Escola Suk, sobre o ombro, parecia ter vida — virando-se lentamente para seguir algum movimento do lado de fora.

Novamente ela observou a sala, sem ver sinal de seu filho. Mas a porta fechada à esquerda conduzia ao pequeno quarto, pelo qual Paul expressara seu agrado.

— Boa tarde, Dr. Yueh. Onde está Paul?

Ele acenou, como se para alguma coisa lá fora, e falou de um modo distraído, sem se voltar. — Seu filho ficou cansado, Jessica. Eu o mandei repousar na sala ao lado.

Abruptamente ele se enrijeceu, voltou-se para ela com o bigode balançando sobre seus lábios rosados.

— Perdoe-me, minha senhora! Meus pensamentos estavam muito distantes... Eu... não tencionava parecer petulante.

Ela sorriu, estendendo a mão direita. Temeu, por um momento, que ele fosse ajoelhar-se.

— Wellington, por favor...

— Usar seu primeiro nome daquele modo... eu...

— Nós nos conhecemos há seis anos — disse ela. — É um longo passado. Creio que as formalidades deviam ser dispensadas entre nós, quando em particular.

Yueh arriscou um leve sorriso, pensando: “Acho que funcionou. Agora ela vai pensar que qualquer mudança em minhas atitudes será devida ao embaraço. Ela não buscará razões mais profundas enquanto acreditar que já possui a resposta.”

— Receio ter estado divagando. Sempre que me sinto... especialmente pesaroso a seu respeito... sinto pensar na senhora como... Jessica.

— Pesaroso quanto a mim? Por quê?

Yueh deu de ombros. Há muito tempo percebera que Jessica não era dotada com o dom completo da clarividência, como a sua Wanna fora. Todavia sempre usava da verdade com ela, sempre que fosse possível. Era mais seguro.

— Viste este lugar, minha... Jessica. — Ele tropeçou no nome, mergulhou adiante: — Tão desolado... depois de Caladan. E o povo! As mulheres da cidade por que passamos quando vínhamos para cá, uivando debaixo daqueles véus. O modo como olhavam para nós.

Jessica cruzou os braços sobre o peito, abraçando a si mesma, sentindo a faca cristalina, a lâmina feita do dente de um verme da areia, se os relatórios eram corretos.

— Somos apenas estranhos para eles. Gente diferente, com costumes diferentes. Eles só conhecem os Harkonnen. Olhou além dele, para as janelas. — Que estava olhando lá fora?

Ele virou-se para a janela. — O povo.

Jessica caminhou até ficar ao seu lado, olhando para a esquerda em direção à fachada da casa, onde a atenção de Yueh se focalizava. Uma linha de vinte palmeiras crescia lá, o solo abaixo delas limpo e desolado. Uma cerca-tela as separava da estrada na qual as pessoas, cobertas com mantos, iam passando. Jessica percebeu um leve tremular no ar entre ela e as pessoas — o escudo caseiro — e prosseguiu observando a multidão que passava, tentando imaginar por que Yueh os julgava tão interessantes.

O padrão surgiu e ela levou a mão ao rosto. O modo como as pessoas olhavam para as palmeiras. Percebeu inveja, ódio e mesmo um certo senso de esperança. Cada pessoa varria aquelas árvores com uma expressão fixa.

— Sabe o que eles estão pensando? — indagou Yueh.

— É capaz de ler mentes?

— Aquelas mentes — disse ele. — Elas olham para aquelas árvores e

pensam: “Lá estão cem de nós”. Isto é o que elas pensam.

Olhou para ele intrigada: — Por quê?

— Aquelas são tamareiras. Uma tamareira consome quarenta litros de água por dia. Um homem necessita de apenas oito litros.

Uma tamareira, então, equivale a cinco homens. Há vinte tamareiras lá, portanto, cem homens.

— Mas algumas daquelas pessoas olham para as árvores com esperança.

— Elas esperam que algumas tâmaras caiam, todavia esta é a estação errada.

— Nós observamos este lugar com uma visão muito crítica — disse ela. — Existe esperança ao lado do perigo, por aqui. Aquela especiaria poderia nos tornar ricos. Com um tesouro gordo poderíamos transformar este mundo no que desejássemos.

Interiormente ela riu de si mesma: “A quem eu estou tentando convencer?” O riso escapou-lhe ao controle, emergindo áspero e sem humor. — Mas não se pode comprar segurança acrescentou.

Yueh virou o rosto, para escondê-lo de Jessica. “Se ao menos fosse possível odiar essa gente, em vez de amá-la!” A sua maneira, de muitos modos, Jessica era como a sua Wanna. Mas o pensamento carregava suas próprias exigências, endurecendo-o quanto ao seu propósito. Os caminhos da crueldade Harkonnen eram tortuosos.

Wanna poderia não estar morta. Ele tinha que ter certeza.

— Não se preocupe por nós, Wellington. O problema é nosso, não seu.

“Ela pensa que me preocupo com ela!” Ele piscou para conter as lágrimas. “E eu o faço, é claro. Mas preciso me colocar diante daquele Barão negro, com sua façanha realizada, e me arriscar a golpeá-lo em seu momento mais fraco: na hora da exaltação!”

Suspirou.

— Eu incomodaria Paul se fosse observá-lo? — perguntou Jessica.

— Nem um pouco. Dei-lhe um sedativo.

— Ele está recebendo bem a mudança?

— Exceto por ficar um pouco exausto. Ele está excitado, mas qual o rapaz de quinze anos que não estaria nestas circunstâncias? Caminhou para a porta e abriu-a, mostrando a Jessica.

— Ele está aqui.

Jessica se aproximou, observando a penumbra do quarto.

Paul estava deitado num leito estreito, um braço debaixo do fino cobertor e o outro sob a cabeça. Ao lado da cama, as venezianas sobre a janela teciam uma rede de sombras projetadas ao rosto e no cobertor.

Jessica fitou o filho, vendo a forma oval do rosto, igual ao seu. Mas o cabelo era como o do Duque — cor de carvão e emaranhado. Longas pestanas ocultavam os olhos cor de limas. Jessica sorriu, sentindo seus temores recuarem. Subitamente, a idéia dos traços genéticos nas feições do filho dominou seus pensamentos.

Seus traços no contorno da face, com os toques agudos do pai surgindo através desse contorno, como maturidade emergindo da infância.

Ela pensava nas feições do rapaz como uma singular destilação de padrões casuais. Filas intermináveis de tendências, encontrando-se nesse nexo. O pensamento fez com que desejasse ajoelhar-se ao lado da cama, tomando o filho em seus braços, mas foi inibida pela presença de Yueh. Recuou fechando a porta suavemente.

Yueh retornara para a janela, incapaz de suportar o modo como Jessica olhava seu filho. "Por que Wanna nunca me deu filhos? Sei, como médico, que não havia nenhuma razão física contra isso. Haveria alguma razão Bene Gesserit? Teria ela, talvez, sido instruída quanto a servir um propósito diferente? O que teria sido? Ela me amava, certamente."

Pela primeira vez, ele teve consciência de que poderia ser parte de um padrão mais complicado, e emaranhado, do que sua mente poderia compreender.

Jessica parou novamente ao lado dele:

— Que maravilhoso abandono é o sono de uma criança.

Yueh respondeu mecanicamente:

— Se ao menos os adultos pudessem relaxar assim.

— Exato.

— Onde será que nós perdemos essa capacidade? — murmurou ele.

Ela olhou para ele, captando o tom estranho, sua mente, todavia, ainda com Paul, pensando nos novos rigores do treinamento aqui, pensando nas diferenças sobre sua vida, agora tão distinta da vida que haviam planejado para ele.

— Nós perdemos de fato alguma coisa — disse ela.

Olhando para a direita podia ver uma colina, com a corcova de um grupo de arbustos verde-cinza amassados pelo vento — folhas empoeiradas e ramos secos como garras. Um céu muito escuro erguia-se sobre a colina como um borrão, enquanto a luz leitosa do sol de Arrakis emprestava à cena uma tonalidade prateada, uma luz como a da faca cristalina oculta em seu corpete.

— O céu é tão escuro — comentou.

— Isso é devido, parcialmente, à ausência de umidade.

— Água! — retrucou ela. — Para qualquer lado que você se volte aqui, você se envolve com a ausência de água.

— É esse o precioso mistério de Arrakis — comentou ele.

— Por que é tão escassa? Existe rocha vulcânica aqui. Existe uma dúzia de fontes de energia que eu poderia citar. Existe gelo polar. Eles dizem que não se pode perfurar no deserto. As tempestades e marés de areia destruiriam o equipamento mais rápido do que pode ser instalado; isso se os vermes não o pegarem primeiro. E nunca encontraram traços de água por lá, de qualquer modo. Mas o mistério, Wellington, o verdadeiro mistério é que poços têm sido perfurados aqui, nas "pias" e "panelas". Já leu a respeito deles?

— Primeiro um filete, depois nada — disse ele.

— Mas, Wellington, esse é o mistério. A água está lá. Ela seca e nunca mais aparece. Todavia, outro poço perfurado ao lado produz o mesmo resultado: um filete que pára. Ninguém jamais ficou curioso quanto a isso?

— É curioso — ele respondeu. — Você suspeita de algum agente vivo? Não teria ele aparecido nas amostras colhidas?

— O que teria aparecido? Matéria vegetal alienígena?... ou animal? Quem a reconheceria? — Ela voltou as costas para a colina. — A água é interrompida. Alguma coisa a interrompe, tapa o buraco. Esta é minha suspeita.

— Talvez a razão seja conhecida — observou Yueh. Os Harkonnen eliminaram muitas fontes de informação a respeito de Arrakis. Talvez tivessem uma razão para suprimi-las.

— Que razão? E então existe a umidade atmosférica. Pouca, é verdade, mas existe alguma. É a principal fonte de água por aqui, captada em precipitadores e "armadilhas de vento". Mas de onde ela vem?

— Das camadas polares?

— Ar frio transporta muito pouca umidade, Wellington. Existem coisas aqui, por trás do véu erguido pelos Harkonnen, que merecem investigação cuidadosa. Nem todas essas coisas estão diretamente envolvidas com a especiaria.

— Nós estamos, de fato, embaixo do véu dos Harkonnen. Talvez, bem... — Ele interrompeu-se, percebendo a maneira intensa com que ela o observava. — Há algo errado?

— O modo como você disse Harkonnen. Nem mesmo o meu Duque carrega em sua voz tamanho rancor ao pronunciar esse nome. Não sabia que tinha razões pessoais para odiá-los, Wellington.

"Grande Mãe!", pensou ele. "Levantei suas suspeitas! Agora devo usar todos os truques que minha Wanna me ensinou. E só existe uma solução: dizer a verdade, até onde seja possível."

— Você não sabia que minha esposa, minha Wanna... Ele estremeceu, incapaz de falar com o súbito aperto em sua garganta.

Tentou: — Eles... — mas as palavras não saíam. Sentia-se em pânico, fechou os olhos experimentando a agonia em seu peito, até que uma mão tocou seu braço gentilmente.

— Perdoe-me — disse Jessica. — Eu não desejava abrir uma velha ferida.

E pensou: "Aqueles animais. Sua esposa era Bene Gesserit — os indícios são óbvios nele. E é igualmente óbvio que os Harkonnen a mataram. Eis outra pobre vítima, unida aos Atreides pelos laços do ódio."

— Sinto muito — disse Wellington. — Sou incapaz de falar a respeito. — Abriu os olhos abandonando-se à consciência de sua mágoa. Isso pelo menos era verdadeiro.

Jessica observou-o, vendo a face angulosa, os olhos amendoados, negros e brilhantes como lantejoulas, o bigode fino, suspenso como um arco ao redor dos lábios purpurinos e do queixo estreito.

Os vincos na testa e nas maçãs do rosto, ela percebia, eram linhas de sofrimento, assim como de idade. Uma profunda afeição pelo homem tomou conta dela.

— Wellington. Sinto tê-lo trazido para este lugar tão perigoso.

— Vim por minha espontânea vontade — respondeu ele. E isso também era verdade.

— Mas o planeta inteiro é uma armadilha Harkonnen. Você sabia disso.

— Será preciso mais do que uma armadilha para pegar o Duque Leto — comentou. E isso também era verdade.

— Talvez eu devesse ter mais confiança nele. É um estrategista brilhante.

— Nós perdemos nossas raízes. É por isso que nos sentimos tão perturbados.

— E é tão fácil matar uma planta arrancada — comentou Jessica. — Principalmente se você a coloca num solo hostil.

— Podemos ter certeza de que este solo é hostil?

— Ocorreram tumultos quando foi revelado quantas pessoas o Duque estava acrescentando à população. Só foram contidos quando as pessoas perceberam que íamos instalar novas "armadilhas de vento" e condensadores para dar conta da sobrecarga.

— Isso é porque existe o mínimo de água para manter a vida humana por aqui. As pessoas percebem que, se chega mais gente para beber a quantidade limitada de água que existe, o preço dispara, e os muito pobres morrem. Mas o Duque resolveu isso. Não significa que os distúrbios da água representem uma hostilidade permanente contra ele.

— E os guardas — disse Jessica. — Guardas em toda parte. E escudos. Pode-se ver o tremular deles para onde quer que se olhe. Não vivíamos desse

modo em Caladan.

— Dê uma chance a este planeta.

Jessica continuou a olhar de modo severo para fora da janela.

— Posso sentir o cheiro da morte neste lugar. Hawat enviou agentes avançados para cá, aos batalhões. Aqueles guardas lá fora são homens dele. Os carregadores também. Houve retiradas inexplicadas de largas somas do tesouro. Essas quantias só podem significar uma coisa: suborno sem postos elevados. — Ela sacudiu a cabeça. — Aonde quer que vá Thufir Hawat, morte e fraude seguirão com ele.

— Está difamando Thufir.

— Difamando! Eu o estou elogiando. A morte e o logro são nossas únicas esperanças agora. Eu apenas não me iludo quanto aos métodos de Thufir.

— Devia... se manter ocupada — aconselhou ele. — Não dar tempo a pensamentos tão mórbidos...

— Ocupada! O que é que toma mais o meu tempo, Wellington? Eu sou a secretária do Duque. Tão ocupada que cada dia aprendo coisas novas para temer... coisas que nem mesmo suspeitava existirem. — Comprimiu os lábios, falando baixinho: — As vezes me pergunto o quanto do meu treinamento Bene Gesserit, em negócios, influenciou minha escolha.

— O que quer dizer? — Sentia-se surpreendido pelo tom cínico, a amargura que nunca a vira expor.

— Não acha, Wellington, que uma secretária presa a alguém pelos laços do amor não seria muito mais segura?

— Não é um pensamento que valha a pena, Jessica.

A resposta viera naturalmente aos seus lábios. Não havia dúvida quanto aos sentimentos do Duque em relação à sua concubina.

Bastava observar o modo como ele a seguia com os olhos.

Ela suspirou.

— Você tem razão, não vale a pena.

Novamente ela comprimiu o corpo com seus braços, sentindo a faca cristalina contra sua carne e pensando em todos os negócios ainda não terminados que ela representava.

— Logo haverá muito derramamento de sangue. Os Harkonnen não descansarão até que estejam mortos, ou meu Duque destruído.

O Barão não esquecerá que Leto possui sangue real — não importando quão remoto ele seja — enquanto os títulos dos Harkonnen derivam todos dos lucros da CHOAM. Mas o veneno em sua mente é o conhecimento de que um Atreides baniu um Harkonnen, por covardia, após a Batalha de Corrin.

— A velha rixa — murmurou Yueh, sentindo por um instante o toque

ácido do ódio. A velha rixa que o aprisionara em sua teia, matara sua Wanna ou, pior ainda, a deixara para ser torturada pelos Harkonnen até que seu marido cumprisse as exigências. A velha rixa que o envolvera, e a todas essas pessoas, como parte de uma coisa envenenada. A ironia era que algo tão mortal viesse a florescer aqui em Arrakis, a única fonte de melange em todo o universo, o prolongador da vida, a fonte de saúde.

— Em que está pensando?

— Estou pensando que a especiaria rende seiscentos e vinte mil solaris por decagrama no mercado aberto, neste momento. Isso é riqueza para comprar muitas coisas.

— Sentiu o toque da cobiça, Wellington?

— Não é cobiça.

— O que é então?

Ele deu de ombros.

— Futilidade. — Olhou para ela. — Consegue se lembrar da primeira vez que provou da especiaria?

— Tinha gosto de canela.

— Mas nunca tem o mesmo gosto duas vezes. É como a vida, que apresenta uma face diferente cada vez que você a encara. Alguns afirmam que a especiaria produz uma reação de aprendizado de sabor. O corpo, sentindo que uma coisa é boa para ele, interpreta seu sabor como agradável, levemente euforizante. E, como a vida, não pode ser verdadeiramente sintetizado.

— Acho que teria sido mais sábio para nós nos tornarmos renegados, colocando-nos além do alcance do Império — disse ela.

Percebeu que Jessica não estivera realmente ouvindo suas palavras, muito ocupada que estava com as próprias, cheias de assombro: “Por que, por que não o levei a fazer isso? Eu poderia convencê-lo a fazer qualquer coisa.”

Yueh falou rapidamente. Agora havia uma verdade acompanhada de uma mudança no assunto:

— Consideraria atrevimento de minha parte... Jessica, se eu fizesse uma pergunta pessoal?

Ela pressionou o corpo contra a saliência da janela, numa inexplicável reação de ansiedade.

— É claro que não. Você é... meu amigo.

— Por que nunca forçou o Duque a desposá-la?

Ela girou, a cabeça erguida, olhos brilhantes.

— Fazê-lo me desposar? Mas...

— Desculpe, eu não devia ter perguntado.

— Não. Há uma boa razão política. Enquanto meu Duque permanecer

solteiro, uma das Grandes Casas ainda pode ambicionar uma aliança. E... — suspirou — influenciar pessoas, forçando-as a realizar suas vontades, produz uma atitude cética com relação à humanidade. Degrada tudo que toca. Se eu o forçasse a realizar meu desejo ele perderia a espontaneidade.

— É algo que minha Wanna teria dito — murmurou Yueh, e aqui havia outra verdade. Colocou a mão sobre a boca, engolindo convulsivamente. Nunca estivera tão próximo de desabafar tudo, confessar seu papel secreto.

Mas foi Jessica quem falou, destruindo a ocasião.

— Além disso, Wellington, o Duque é na verdade dois homens. Um deles eu amo muito. Ele é encantador, atencioso, espirituoso... terno — tudo o que uma mulher poderia desejar. Mas o outro homem é... frio, empedernido, exigente, egoísta — tão duro e cruel quanto um vento de inverno. É o homem que foi moldado por seu pai. — A face de Jessica se contorceu: — Se ao menos aquele velho tivesse morrido quando meu Duque nasceu!

No silêncio que se seguiu entre os dois, a brisa de um ventilador podia ser ouvida soprando nas venezianas.

Daí a pouco ela respirou fundo e disse:

— Leto tem razão. Estas salas são melhores que nas outras seções da casa. — Virou-se, varrendo o aposento com seu olhar. — Vai me desculpar, Wellington, mas preciso dar outra olhada nesta ala antes de selecionar os alojamentos.

Ele assentiu com a cabeça:

— É claro. — No íntimo pensava: "Se ao menos houvesse algum meio de não fazer essa coisa que preciso fazer."

Jessica deixou cair os braços num gesto de resignação, atravessou o salão e parou na porta, hesitando por um instante, depois saiu. "Todo o tempo em que estivemos falando ele estava escondendo alguma coisa", pensou ela. "Para não ofender meus sentimentos, sem dúvida. Ele é um bom homem". Novamente hesitou, quase voltando para confrontar Yueh e forçá-lo a revelar aquela coisa oculta. "Mas isso só iria envergonhá-lo, assustando-o ao perceber que seus sentimentos são tão facilmente revelados. Eu devo ter mais confiança em meus amigos".

9

Muitos têm notado a rapidez com que o Muad'Dib aprendeu as exigências de Arrakis. Bene Gesserit, é claro, conhece os fundamentos dessa rapidez. Aos outros, nós podemos dizer que o Muad'Dib aprendeu rapidamente porque seu treinamento básico era em como aprender. Sua primeira lição foi a confiança básica em sua capacidade de compreender. É chocante descobrir quantas pessoas não acreditam em sua capacidade de aprender, e quantas mais acreditam que o aprendizado seria algo difícil. Muad'Dib sabia que cada experiência carrega sua lição.

— de Humanidade do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan.

Paul continuava deitado, fingindo dormir. Fora fácil ocultar na palma da mão o tablete soporífero que lhe dera o Dr. Yueh, e fingir que o engolira. Paul conteve a vontade de rir. Mesmo sua mãe acreditara em seu sono. Quisera saltar da cama e pedir a permissão dela para explorar a casa, mas percebera que não teria sua aprovação. As coisas ainda estavam muito inseguras. Assim era melhor.

"Se eu escapulir sem perguntar, não estarei desobedecendo a ordens. E ficarei na casa onde é seguro."

Ouviu sua mãe e Yueh conversando na outra sala. As palavras eram indistintas — alguma coisa quanto a especiaria e... os Harkonnen. A conversação se erguia e caía.

As atenções de Paul voltaram-se para a cabeceira esculpida de sua cama. Uma falsa cabeceira presa à parede, e ocultando os controles para as diversas funções desse quarto. Um peixe saltando fora talhada na madeira, com espessas ondas marrons por baixo. Sabia que, se apertasse o olho visível do peixe, acenderia as lâmpadas suspensoras do quarto. Uma das ondas, quando torcida, controlava a ventilação. Outra, modificava a temperatura.

Sem fazer ruído, Paul se sentou na cama. Uma estante alta erguia-se contra a parede à sua esquerda. Podia girar para o lado revelando um armário com gavetas ao longo da face aposta. A maçaneta da porta para o salão fora moldada na forma da barra de empuxo de um ornitóptero.

Era como se todo o quarto houvesse sido decorado para seduzi-lo. Esse

quarto e o resto do planeta.

Pensou no livro-filme que Yueh lhe mostrara — “Arrakis: Estação Botânica de Testes em Desertos para sua Majestade Imperial.” Era um velho filme-livro anterior à descoberta da especiaria. Nomes esvoaçavam através da mente de Paul, cada um deles com sua imagem impressa pelo pulso mnemônico do livro: “saguaro, arbusto de burro, tamareira, verbena de areia, prímula noturna, cacto barril, arbusto incenso, árvore fumacenta, arbusto creo-Boto... raposa, falcão do deserto, rato canguru...”

Nomes e imagens, nomes e figuras do passado terreno do homem. Imagens que não se encontravam mais em parte alguma do universo, exceto aqui, em Arrakis.

Tantas coisas para aprender sobre a especiaria.

E os vermes da areia.

Uma porta se fechou na outra sala. Paul ouviu os passos de sua mãe recuarem através do salão. O Dr. Yueh, ele sabia, iria encontrar alguma coisa para ler e permaneceria na outra sala.

Agora era o momento para explorar.

Saiu da cama dirigindo-se para a porta-estante que abria-se no armário. Parou ao ouvir um som às suas costas, e voltou-se. A cabeceira esculpida da cama estava se dobrando sobre o ponto onde ele estivera dormindo. Paul gelou, e a imobilidade salvou sua vida.

Detrás da cabeceira deslizou um minúsculo caçador-rastreador, com não mais do que cinco centímetros de comprimento. Paul logo reconheceu; era um tipo comum de arma para assassinatos, que toda criança de sangue real aprendia a reconhecer muito cedo. Constituía-se de uma voraz farpa de metal, guiada pelo olho e a mão de um agente nas proximidades. Ela poderia mergulhar em carne móvel e abrir seu caminho através dos canais nervosos, até atingir o órgão vital mais próximo.

O rastreador se elevou, virando de lado para atravessar o quarto e voltar.

O conhecimento das limitações desse tipo de arma relampejou pela mente de Paul: seu campo suspensor comprimido distorcia a visão do olho transmissor. Apenas com a luz fraca do quarto para refletir seu alvo, o operador teria que depender de um movimento, apontando para qualquer coisa que se movesse. Um escudo poderia retardar um rastreador, fornecendo o tempo necessário para destruí-lo, mas Paul deixara seu escudo na cama. Pistolas laser poderiam derrubá-los, mas pistolas laser eram dispendiosas e de manutenção notoriamente difícil. Além disso, havia sempre o perigo de uma pirotécnica explosiva, se um laser cruzasse um escudo aquecido. Por isso os Atreides confiavam em seus escudos corpóreos, e em sua destreza.

Paul se mantinha agora num estado de imobilidade quase catatônica, sabendo que teria somente sua astúcia para enfrentar essa ameaça.

O caçador-rastreador ergueu-se mais meio metro. Ondulou através da luz oblíqua das venezianas, para a frente e para trás, dividindo o quarto.

“Devo agarrá-lo”, pensou. “O campo suspensor o tornará escorregadio na parte de baixo. Devo segurar com força.”

A coisa caiu meio metro, correu para a esquerda, circulando ao redor da cama. Emitia um fraco zumbido.

“Quem estará operando esta coisa?”, pensou Paul. “Tem de ser alguém próximo. Eu poderia gritar por Yueh, mas aquilo o atingiria no momento que ele abrisse a porta.”

A porta do salão estalou atrás de Paul. Ouviu-se uma batida e depois ela se abriu.

O rastreador disparou como uma flecha, passando por sua cabeça em direção ao movimento.

A mão direita de Paul saltou agarrando a coisa mortífera num movimento para baixo. Aquilo zumbiu e se contorceu em sua mão, mas seus músculos estavam fechados sobre ela, em desespero. Com uma volta violenta e um impulso ele golpeou a ponta da coisa contra a chapa de metal da porta. Sentiu o ruído quando o olho do rastreador foi esmagado e a coisa ficou morta em sua mão.

Ainda assim continuou segurando, para ter certeza.

Ergueu a cabeça encontrando o azul total dos olhos de Shadout Mapes.

— Seu pai me mandou buscá-lo — disse ela. — Há homens no salão para escoltá-lo.

Paul assentiu, seus olhos e sua consciência focalizados nessa mulher curiosa, com seu vestido-saco na cor marrom dos servos. Ela olhava agora para a coisa em sua mão.

— Já ouvi falar desses — disse. — Ele teria me matado, não?

Paul teve de engolir em seco antes de poder falar.

— Eu... era o alvo.

— Mas estava vindo em minha direção.

— Porque você estava em movimento. — E pensou: “Quem será esta criatura?”

— Então você salvou minha vida?

— Eu salvei nossas vidas.

— Parece-me que você poderia ter deixado que ele me atingisse, para então escapar.

— Quem é você?

— Shadout Mapes, a governanta.

— Como sabia onde me encontrar?

— Sua mãe me disse. Encontrei-a nas escadarias que levam à sala sobrenatural. — Apontou para a direita. — Os homens de seu pai ainda estão aguardando.

“Aqueles serão homens de Hawat”, pensou Paul. “Devemos encontrar o operador desta coisa.”

— Vá encontrar os homens de meu pai. Diga-lhes que apanhei um caçador-rastreador na casa, e que se espalhem para encontrar o operador. Diga-lhes que selem a casa e o terreno imediatamente.

Eles saberão como fazê-la. O operador, certamente, será um estranho entre nós.

“Poderia ser esta criatura?” Mas sabia que não era. O rastreador estava sendo controlado quando ela entrou.

— Antes que eu cumpra as suas ordens — disse Mapes —, devo aparar as arestas entre nós dois. Você colocou uma carga sobre meus ombros que não sei se posso suportar. Mas nós, Fremen, pagamos nossas dívidas, sejam elas dívidas negras ou dívidas brancas. É sabido que existe um traidor no meio de vocês. Quem é eu não sei, mas temos certeza de que ele existe. Talvez seja a mão que guiou este cortador de carne.

Paul absorveu tudo isso em silêncio: um traidor. Antes que ele pudesse responder, a mulher estranha virou-se e correu em direção à entrada.

Pensou em chamá-la de volta, mas ela tinha um ar de quem ficaria ressentida se ele o fizesse. Ela dissera o que sabia e agora estava seguindo para cumprir as suas ordens. A casa estaria fervilhando de homens de Hawat dentro de um minuto.

Sua mente ocupou-se com outras partes da estranha conversação: “sala sobrenatural”. Olhou para a esquerda, na direção que ela apontara. “Nós, Fremen.” Então aquilo era uma Fremen. Ele fez uma pausa para o piscar mnemônico que armazenaria o padrão daquele rosto em sua memória: feições enrugadas, como uma ameixa, cor bronzeada escura, olhos azuis sem qualquer branco. Adicionou o rótulo: a Shadout Maper.

Ainda segurando o rastreador espatifado, Paul voltou-se para o quarto, apanhou seu cinturão-escudo de cima da cama com a mão esquerda. Colocou-o em torno da cintura afivelando enquanto corria para o salão, dirigindo-se para a esquerda.

Ela disse que mamãe estaria nalgum lugar por aqui — escadas... “uma sala sobrenatural”.

10

Que tinha Lady Jessica para sustentá-la na ocasião de seu julgamento?

Pense cuidadosamente no provérbio Bene Gesserit e talvez perceba: “Uma estrada, seguida precisamente até o seu final leva a lugar nenhum. Suba a montanha só um pouco, para se certificar de que é uma montanha. Do topo da montanha você não poderá ver a montanha. “

— de Comentários sobre a Família do Muad’Dib, escrito pela Princesa Irulan

No final da ala sul Jessica encontrou uma escada de metal, subindo em espiral até uma porta oval. Tornou a olhar na direção do salão, e depois novamente para cima, na direção da porta.

“Oval? Que forma estranha para a porta de uma casa.”

Através das janelas, embaixo da escada espiral, podia ver o grande sol branco de Arrakis movendo-se em direção ao poente.

Longas sombras golpeavam na direção do salão. Voltou sua atenção para as escadas. A iluminação oblíqua, muito forte, colocava em relevo os fragmentos de terra seca sobre o metal dos degraus.

Jessica colocou a palma sobre o corrimão e começou a subir.

O metal escorregava frio sob sua mão. Ela parou na porta, vendo que faltava a maçaneta. Havia porém uma leve depressão na superfície onde deveria existir a maçaneta.

“Certamente não é um fecho de leitura de palma”, pensou ela.

“Um fecho de leitura de palma é regulado para a forma da mão do indivíduo e as linhas em sua palma.” Contudo, era o que parecia. Havia modos para se abrir qualquer fecho de palma, ela os aprendera na escola.

Jessica olhou para trás, para se certificar de que não era observada, e colocou sua palma contra a depressão na porta. Uma pressão bem suave para distorcer as linhas... um giro do pulso, depois outro, fazendo a palma escorregar sobre a superfície num movimento de torção.

Sentiu o clique.

Passos apressados ecoaram no corredor abaixo. Jessica retirou a mão da

porta e voltou-se, vendo Mapes chegar ao pé da escada.

— Há homens no grande salão dizendo que foram enviados pelo Duque para buscar o jovem mestre Paul. Eles têm o sino ducal e o guarda os identificou. — Percebeu que Mapes olhava para a porta e depois para ela.

"Bem cautelosa essa Mapes", pensou Jessica. "Isso é um bom sinal."

— Ele está na quinta sala do final deste corredor, o quarto pequeno. Se tiver dificuldade para despertá-lo, chame o Dr. Yueh no salão ao lado. Paul pode precisar de uma injeção para acordar.

Novamente Mapes lançou um olhar penetrante para a porta oval e Jessica julgou detectar uma expressão de ódio. Antes que pudesse indagar sobre a porta ou o que ela ocultava, Mapes se fora, apressada.

"Hawat liberou este lugar. Não pode haver nada muito terrível aqui."

Empurrou a porta que girou para dentro de uma pequena saleta, com outra porta oval na extremidade oposta. A outra porta tinha um fecho em forma de volante.

"Uma comporta de ar!", admirou-se Jessica. Olhou para baixo e viu uma escora de porta caída no chão do pequeno cubículo.

A escora levava a marca pessoal de Hawat. "Esta porta foi deixada aberta e escorada", pensou. "Alguém provavelmente derrubou a escora por acaso, sem perceber que a porta externa se fecharia com a fechadura de palma.

Pulou por sobre o portal e entrou na pequena sala.

"Para que uma eclusa de ar dentro de uma casa?", perguntou a si mesma. E pensou repentinamente em criaturas exóticas seladas em climas especiais.

"Climas especiais!"

Isso faria sentido em Arrakis, onde até as mais secas das formas cultivadas trazidas para o planeta tinham que ser irrigadas.

A porta atrás dela começou a se fechar. Segurou-a, prendendo-a aberta com a escora que Hawat deixara. Novamente observou o fecho volante da porta interna, notando agora uma fraca inscrição no metal acima. Reconheceu as palavras em Galache que diziam:

— Oh, Homem! Aqui está uma adorável porção da criação divina. Coloque-se diante dela, e aprenda a amar a perfeição de Teu Amigo Supremo.

Jessica fez pressão na roda, girou para a esquerda e a porta interna se abriu. Uma brisa suave acariciou sua face, soprou seus cabelos. Sentiu uma mudança no ar, um odor mais rico. Abriu completamente a porta, olhando através da vegetação compacta, com a luz de um sol amarelo derramando-se por cima.

"Um sol amarelo?", admirou-se ela. Então percebeu: "Filtros de vidro!"

Passou por sobre a soleira e a porta se fechou atrás.

— Uma estufa de planeta úmido — sussurrou Jessica.

Plantas em vasos e arbustos podados erguiam-se por toda a parte. Ela reconheceu uma mimosa, um marmeleiro florido, sondagi, uma pleniscenta de flores verdes, acarso listrado de verde-branco... rosas...

“Até mesmo rosas!”

Curvou-se para respirar a fragrância de uma gigantesca flor rosada, depois ergueu-se para observar ao redor.

Um som rítmico invadiu seus sentidos.

Abriu caminho através da mata de folhas sobrepostas, olhando para o centro da sala. Uma fonte baixa erguia-se ali, pequena, com lábios acanelados. O som rítmico vinha de um arco de água caindo sobre uma tigela metálica.

Jessica colocou-se numa atitude de rápida clarificação dos sentidos, para iniciar uma inspeção metódica do perímetro da sala. Esta parecia possuir dez metros quadrados. De sua colocação acima do final do corredor, e das sutis diferenças arquitetônicas, presumiu que fora adicionada ao teta dessa ala muito depois da construção do prédio.

Parou na extremidade sul da sala, defronte de uma ampla extensão de vidro-filtrador de luz, olhando ao redor. Cada metro quadrado disponível encontrava-se apinhado de plantas exóticas, típicas de climas úmidos. Alguma coisa se mexeu em meio às folhas, fazendo Jessica ficar tensa, para então perceber um simples servok, acionado por mecanismo de tempo, com braços constituídos por mangueiras e encanamentos. Um desses braços elevou-se, lançando um fino spray de umidade que cobriu de vapor sua face. O braço retraiu-se e Jessica olhou para o que ele estivera regando: uma samambaia.

Água por toda parte nessa sala, num planeta onde água era o mais precioso suco da vida. Água sendo desperdiçada tão escandalosamente, que Jessica sentiu-se profundamente chocada.

Olhou para o sol amarelo através do vidro-filtro. Parecia suspenso sobre o horizonte recortado, acima dos penhascos que formavam parte da imensa elevação rochosa conhecida como Muralha Escudo.

“Vidro tingido” pensou ela. “Para transformar um sol branco em alguma coisa mais suave e familiar. Quem teria construído este lugar? Leto? Seria típico dele surpreender-me com semelhante presente, mas não houve tempo. E ele está muito ocupado com problemas mais sérios.”

Lembrou-se de um relatório revelando que muitas das casas de Arrakeen eram seladas por comportas herméticas e janelas de pressão, para conservar a umidade interna. Leto explicara ser uma deliberada declaração de poder e riqueza sua casa ignorar tais precauções, com suas portas e janelas fechadas apenas contra a poeira onipresente.

Mas essa sala incorporava uma declaração muito mais importante que a ausência de selos de umidade em portas e janelas. Jessica estimou que nessa sala de recreação era consumida água suficiente para sustentar mil pessoas em Arrakis, talvez mais.

Moveu-se ao longo da janela, continuando a observar o interior da sala. Percebeu então uma superficie metálica da altura de uma mesa, colocada ao lado da fonte, com um bloco de papel branco e uma caneta, parcialmente encobertos por uma folha em forma de leque. Aproximou-se da mesa notando os sinais da inspeção de Hawat sobre ela, estudando a mensagem escrita no bloco:

A LADY Jessica

Que este lugar possa lhe proporcionar tanto prazer quanto forneceu a Mim. Por favor, permita que esta sala lhe transmita uma lição que aprendemos das mesmas mestras: a proximidade de algo muito desejado nos tenta ao excesso de indulgência. Neste caminho jaz o perigo.

Meus melhores votos,

MAKGOT LADY FENRING

Jessica lembrava-se de que Leto se referira ao antigo representante do Imperador nesse lugar como Conde Fenring. Mas a mensagem oculta na nota exigia atenção imediata, e fora elaborada de modo a informá-la de que sua autora fora outra Bene Gesserit. Um pensamento amargo atingiu Jessica momentaneamente: o Comande se casara com sua senhora.

Mesmo enquanto esse pensamento estalava em sua mente, ela já se curvara para descobrir a mensagem oculta. Que, necessariamente, existiria, uma vez que a nota visível continha uma frase que cada Bene Gesserit, se não restringida por uma proibição da Escola, deveria mencionar a outra Bene Gesserit, quando as condições o exigissem: “Neste caminho jaz o perigo.”

Jessica tateou o verso da folha, esfregando sua superficie em busca dos pontos de código. Nada. A borda do bloco foi apalpada do mesmo modo, e igualmente nada. Recolocou o bloco onde o encontrara, sentindo o peso da urgência.

“Seria algo na posição do bloco?”

Todavia, Hawat estivera nessa sala e, sem dúvida, movera o bloco. Olhou para a folha que estivera sobre o bloco. A folha!

Percorreu com o dedo a sua superficie inferior, ao longo da borda, chegou ao caule. Estava aqui! Seus dedos sentiram os sutis pontos codificados, lendo-os com uma única passagem: “Seu filho e o Duque estão em perigo imediato. Um

quarto foi projetado para atrair seu filho. Os H. o carregaram com armadilhas mortais para serem descobertas, deixando uma que possa escapar à detecção." Jessica conteve o ímpeto de correr de volta para Paul; a mensagem inteira devia ser compreendida. Seus dedos deslizaram apressadamente sobre os pontos. "Não conheço a natureza exata da ameaça, mas tem alguma coisa a ver com uma cama. A ameaça ao seu Duque envolve a deserção de um companheiro de confiança, ou um tenente. H. planeja entregá-la, como presente, para um subordinado. Até onde alcança meu conhecimento, esta estufa é segura. Perdoe-me se não posso lhe dizer mais. Minhas fontes são muito poucas, uma vez que meu Conde não está na folha de pagamento de H. Com toda a pressa, MF."

Jessica lançou a folha para o lado e girou para correr ao encontro de Paul. Naquele instante a comporta de ar abriu-se violentamente e Paul entrou correndo, segurando alguma coisa em sua mão direita. Bateu a porta atrás de si e viu sua mãe; correu, abrindo caminho através da folhagem, para alcançá-la. Ao ver a fonte, colocou sua mão com a coisa sobre a água que caía.

— Paul! — Jessica agarrou seu ombro, olhando para a mão. — O que é isso?

Ele falou displicentemente, mas ela percebeu o esforço que fazia para manter esse tom:

— Um caçador-rastreador. Peguei-o em meu quarto e esmaguei-lhe o nariz, mas quero ter certeza. Água deve provocar-lhe um curto-circuito.

— Mergulhe-o — ordenou ela.

Paul obedeceu.

Daí a pouco ela disse:

— Retire sua mão e deixe a coisa na água.

Paul retirou a mão, sacudindo a água, enquanto fitava o metal imóvel dentro da fonte. Jessica quebrou um talo de planta e com ele cutucou a farpa mortífera. Estava morta.

Deixou o talo cair na água e olhou para Paul. Seus olhos estudavam a sala com uma intensidade que ela reconheceu imediatamente: O modo B.G.

— Este lugar poderia ocultar qualquer coisa — disse ele.

— Tenho razões para acreditar que é seguro.

— Meu quarto era supostamente seguro. Hawat disse...

— Era um caçador-rastreador — lembrou ela. — Isso significa alguém dentro da casa para operá-la. Raios controladores de rastreadores possuem alcance limitado. A coisa poderia ter sido introduzida após a investigação de Hawat.

E, entretanto, ela pensava na mensagem da folha "... deserção de um companheiro de confiança ou tenente". "Não Hawat, com certeza. Oh, não

Hawat!”

— Os homens de Hawat estão dando uma busca por toda a casa agora mesmo. Este rastreador quase pegou aquela velha que veio me acordar.

— A Shadout Mapes — disse Jessica, lembrando-se do encontro nas escadarias. — Uma ordem de seu pai para...

— Isso pode esperar — interrompeu Paul. — Por que acha que esta sala é segura?

Ela apontou para a nota, e explicou-a.

Ele relaxou ligeiramente.

Jessica permanecia tensa, pensando:

“Um caçador-rastreador, Mãe Misericordiosa!” Exigia todo o seu treinamento para conter um tremor histérico.

Paul falou com convicção:

— Foram os Harkonnen, evidentemente. Nós teremos de destruí-los.

Pancadas rápidas soaram na comporta. O código de chamada de um dos regimentos de Hawat.

— Entre! — gritou Paul.

A porta se abriu dando passagem a um homem alto, com o uniforme dos Atreides, a insígnia de Hawat no quepe.

— Aqui está o senhor! A governanta disse que estaria aqui. — Ele olhou ao redor da sala. — Encontramos um jazigo na adega e capturamos um homem que estava oculto dentro dele. Ele tinha um consolo de rastreador.

— Quero tomar parte no interrogatório — pediu Jessica.

— Eu sinto, minha senhora. Nós o estropiamos ao capturá-lo. Ele morreu.

— Nada que o identificasse?

— Ainda não encontramos nada, minha senhora.

— Ele era um nativo Arrakeen? — perguntou Paul.

Jessica assentiu, percebendo a astúcia da pergunta.

— Ele tinha uma aparência nativa — respondeu o homem. — Foi colocado dentro daquela pilha há mais de um mês, por sua aparência. Deixado lá, aguardando sua vinda. As pedras e a argamassa por onde ele entrou na adega estavam intocadas quando nós inspecionamos o local ontem. Eu arriscaria minha reputação nisto.

— Ninguém questiona sua eficácia.

— Eu questiono, minha senhora. Nós devíamos ter usado sondas sônicas lá embaixo.

— Presumo que é isso que estão fazendo agora — disse Paul.

— Sim, senhor.

— Mande avisar a meu pai que chegaremos atrasados.

— Imediatamente, senhor. — Olhou para Jessica. — É ordem de Hawat que, sob circunstâncias como estas, o jovem mestre seja mantido num lugar seguro. — Mais uma vez seu olhar percorreu a sala. — Que tal este lugar?

— Tenho razões para acreditar que é seguro — respondeu ela.

— Hawat e eu o inspecionamos.

— Então montarei guarda lá fora, minha senhora, até que tenhamos liberado a casa uma vez mais. — Ele se curvou, tocando o quepe em saudação a Paul, recuou e saiu fechando a porta.

Paul interrompeu o súbito silêncio.

— Não seria melhor examinarmos a casa depois, pessoalmente? Seus olhos podem ver coisas que outros não perceberiam.

— Esta ala era o único lugar que eu ainda não tinha examinado. Eu a deixei para o fim porque...

— Porque Hawat dera a ela sua atenção pessoal.

Jessica olhou rápido para o rosto do filho, questionando.

— Você desconfia de Hawat?

— Não, mas ele está ficando velho... vive sobrecarregado. Nós devíamos tirar um pouco do peso sobre os ombros dele.

— Isso apenas o envergonharia, prejudicando sua eficiência. Um inseto desgarrado não seria capaz de vaguear por esta ala depois que Hawat soubesse disso. Ele ficará envergonhado de que...

— Devemos tomar nossas próprias medidas.

— Hawat serviu a três gerações de Atreides com honra — insistiu ela. — Ele merece todo o respeito e confiança que pudermos lhe dar... muitas vezes.

— Quando meu pai fica aborrecido com alguma coisa que você fez, ele diz “Bene Gesserit”, como se fosse uma praga.

— E o que eu faço que aborrece seu pai?

— Quando você discute com ele.

— Você não é seu pai, Paul.

Ele pensou: “Eu a deixarei preocupada, mas devo dizer-lhe o que aquela mulher Mapes falou a respeito de um traidor entre nós.”

— O que você está escondendo? Paul, você não é assim.

Ele deu de ombros, e contou a conversa com Mapes.

Jessica pensou na mensagem na folha, e chegou a uma súbita decisão. Mostrou a folha para Paul e contou-lhe a respeito da mensagem.

— Meu pai deve saber disso imediatamente. Vou radiografar em código.

— Não. Deve esperar até que possa vê-lo em particular. O mínimo de pessoas deve saber disso.

— Quer dizer que não devemos confiar em ninguém?

— Há outra possibilidade. Esta mensagem pode ter sido destinada a confundir-nos. As pessoas que a enviaram podem acreditar que ela seja sincera, enquanto seu único propósito tenha sido o de enviá-la a nós.

O rosto de Paul permanecia resolutamente melancólico: Para semear a desconfiança e a suspeita entre nossas fileiras. Para enfraquecer-nos desse modo.

— Você deve contar a seu pai em particular, e acautelá-lo quanto a esse aspecto.

— Entendo.

Ela voltou-se para a alta extensão de vidro-filtrador, olhando para sudoeste, onde o sol de Arrakis mergulhava — uma bola amarelada sobre os penhascos.

Paul acompanhou-lhe o olhar, dizendo:

— Também não acredito que seja Hawat. Seria possível que fosse Yueh?

— Ele não é um tenente, ou companheiro. E eu lhe asseguro que ele odeia os Harkonnen tão amargamente quanto nós.

Paul olhava para os penhascos, pensando: “E poderia ser Gurney... ou Duncan. Poderia ser um dos subtenentes? Impossível Eles são todos de famílias leais a nós durante gerações — por uma boa razão.”

Jessica passou a mão pela testa sentindo sua própria fadiga.

“Tanto perigo aqui!” Ela olhou para a paisagem tingida de amarelo pelo filtro, estudando-a. Além das terras do Duque estendiam-se os silos de especiaria, cercados por altas cercas com torres de observação erguendo-se sobre pernas finas como palitos, postadas ao redor, como um monte de aranhas espantadas. Ela podia contar pelo menos vinte silos de armazenagem estendendo-se até os penhascos da Muralha Escudo. Silos repetindo-se, através da bacia.

Lentamente, o sol amarelo enterrou-se abaixo do horizonte.

Estrelas surgiram e ela percebeu uma muito brilhante, tão baixa no horizonte que piscava com um ritmo claro e preciso. Um tremular de luz: pisca, pisca, pisca, pisca.

Paul se mexeu ao lado dela na penumbra da sala. Mas Jessica o ignorou. Concentrava-se naquela única estrela brilhante, percebendo que ela se encontrava demasiadamente baixa, que devia vir de um dos penhascos da Muralha Escudo.

“Alguém está sinalizando.”

Tentou ler a mensagem, mas era num código que nunca aprendera.

Outras luzes surgiram na planície abaixo dos penhascos; luzes amarelas pequeninas, espaçadas contra a escuridão azulada. E uma luz à esquerda tornou-se mais brilhante, e começou a piscar para o penhasco. Muito rápida: pisca,

brilha, pisca, tremula!

Depois desapareceu.

A falsa estrela no penhasco apagou-se imediatamente.

Sinais... isso a enchia de uma premonição.

“Por que usavam luzes através da bacia?”, ela se perguntava. “Por que não podiam usar a rede de comunicações?”

A resposta era óbvia: a comunirrede estaria, certamente, grampeada agora pelos agentes do Duque Leto. Sinais luminosos só poderiam significar que mensagens estavam sendo enviadas entre seus inimigos: os agentes Harkonnen.

Houve uma batida na porta, por trás deles, e em seguida a voz de um dos homens de Hawat:

— Tudo limpo, senhora. É hora de levar o jovem mestre para seu pai.

11

É costume dizer que o Duque Leto ficou cego aos perigos de Arrakis e caminhou negligentemente para a armadilha. Não seria mais justo sugerir que ele viveu tanto tempo na presença de extremo perigo que julgou mal uma mudança em sua intensidade? Ou seria possível que ele tenha se sacrificado deliberadamente para que seu filho pudesse encontrar uma vida melhor? Tudo indicava que o Duque era um homem que não se deixava enganar com facilidade.

— de Comentários sobre a Família do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan.

O Duque Leto inclinou-se contra o parapeito da torre de controle de pousos, do lado de fora de Arrakeen. A primeira lua da noite, uma moeda de metal prateado, surgia acima do horizonte sul. Abaixo dela, os penhascos escarpados da Muralha Escudo brilhavam como glacê ressequido, através de uma névoa de pó. As luzes de Arrakeen reluziam na névoa, à sua esquerda — amarelas, brancas, azuis.

Pensou nos avisos colocados com sua assinatura em todos os lugares populosos do planeta: "Nosso sublime Imperador Padishah me encarregou de tomar posse deste planeta, e terminar com todas as disputas."

A formalidade ritualística atingia-o com um sentimento de solidão. "Quem seria enganado por aquela legalidade tola? Não os Fremen, certamente. Nem as Casas Menores, que controlavam o comércio no interior da Arrakis... Seriam as criaturas Harkonnen verdadeiramente humanas?"

"Eles tentaram tirar a vida de meu filho!"

Sua raiva era difícil de suprimir.

Viu as luzes de um veículo movendo-se em direção ao campo de pouso, vindo de Arrakeen. Esperou que fosse o transporte de tropas trazendo Paul. A demora era irritante, muito embora soubesse que fora motivada pela cautela da parte do tenente de Hawat.

"Eles tentaram tirar a vida de meu filho!"

Sacudiu a cabeça, tentando expulsar os pensamentos de ódio, olhando de

volta para o campo onde cinco de suas próprias fragatas postavam-se ao redor do perímetro, como sentinelas monolíticas.

“Melhor um atraso cauteloso que...”

O tenente era um bom homem, ele procurou se lembrar. Um homem marcado para promoção, completamente leal.

“Nosso sublime Imperador Padisbab...”

Se as pessoas nesta decadente cidade de guarnição pudessem ver a nota particular do Imperador ao seu “Nobre Duque”. As alusões desdenhosas aos homens e mulheres com véus: “(...) mas o que mais alguém poderia esperar de bárbaros cujo sonho mais acalentado é o de poderem viver fora da segurança ordeira dos faufreluches?”

O Duque sentiu, nesse momento, que seu sonho mais acalentado era acabar com todas as distinções de classe e nunca mais pensar em ordem inflexível. Olhou para cima, para além do pó, em direção às estrelas fixas, pensando: “Em torno de uma daquelas luzes circula Caladan... mas eu nunca mais verei meu lar.” A saudade de Caladan trazia uma dor súbita em seu peito. Sentia que ela não vinha de seu próprio interior e sim de Caladan, estendendo-se para ele através do espaço. Não conseguia chamar essa terra desolada de lar, e duvidava de que algum dia pudesse.

“Preciso ocultar meus sentimentos, pelo bem do rapaz. Se ele tiver que ter um lar, é este lugar. Posso achar que Arrakis é o inferno, aonde cheguei antes da morte, mas ele precisa encontrar algo aqui que o inspire. Tem que haver alguma coisa.”

Uma onda de autopiedade, imediatamente menosprezada e rejeitada, passou através dele e, por alguma razão, lembrou-se de um poema de Gurney Halleck, que frequentemente repetia:

“Meus pulmões provam do ar do Tempo Soprando através de areias que caem...”

“Gurney encontraria muitas areias caindo por aqui”, pensou o Duque. As vastidões centrais para além daqueles penhascos gelados pela lua eram desertas: rocha nua, dunas, e poeira soprando. Um deserto seco e não cartografado, com tribos de Fremen espalhadas ao longo de sua orla e talvez por dentro dele. E se alguém poderia comprar um futuro para a linhagem dos Atreides aqui, seriam os Fremen.

Desde que os Harkonnen não os tivessem contaminado com seus esquemas venenosos.

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Um clamor de metal rangente vibrou através da torre, sacudindo o parapeito abaixo de seus braços. Obturadores contra explosão baixaram na sua

frente, bloqueando a visão.

“Um ônibus espacial vem chegando. Hora de ir lá embaixo e começar a trabalhar”, pensou ele. Voltou-se para as escadarias, dirigindo-se para a grande sala de reuniões, tentando manter-se calmo enquanto descia, preparando seu rosto para o encontro próximo.

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Os homens já estavam chegando do campo quando ele atingiu a sala sob a cúpula amarela. Eles carregavam suas mochilas espaciais sobre os ombros, gritando e fazendo barulho como estudantes de volta das férias.

— Hei! Sentiram aquilo sobre vocês, cães? Aquilo é gravidade, homem! — Quantos G este lugar puxa? Parece pesado... Nove décimos de G, de acordo com o livro.

O fogo cruzado de palavras tomou conta da grande sala.

— Deu uma boa olhada nesse buraco enquanto descíamos?

— Onde está todo o saque que este lugar devia ter? — Os Harkonnen levaram consigo. — Para mim, um chuveiro morno e uma cama macia! — Ainda não ouviu, estúpido? Nada de chuveiros neste lugar, você esfrega sua bunda com areia! — Hei! Parem com isso. É o Duque!

O Duque saiu da entrada para a escadaria, entrando num salão repentinamente silencioso.

Gurney Halleck avançou no meio da multidão, sacola sobre um dos ombros, o pescoço de um baliset de nove cordas agarrado na outra mão. Mãos com dedos longos, polegares enormes, cheios de minúsculos movimentos que podiam extrair uma música tão delicada do instrumento.

O Duque observou Halleck, admirando a feia massa de homem, notando os olhos penetrantes como lascas de vidro, cheios de uma compreensão feroz. Aqui estava um homem que vivia fora das faufreluches, embora obedecendo a seus preceitos. Como era mesmo que Paul o chamara?

“Gurney, o Valoroso.”

O cabelo louro, cor de feno, estendia-se sobre os pontos calvos da cabeça. A boca larga contorcida num esgar de prazer, enquanto a cicatriz do chicote inkvine que golpeara seu maxilar parecia mover-se, como se dotada de vida própria. Seu ar era de confiança casual, tranquilidade assumida. Ele chegou junto do Duque, se curvou.

— Gurney — disse Leto.

— Meu senhor. — Ele gesticulou com o baliset na direção dos homens na sala. — Estes são os últimos. Eu teria preferido chegar com a primeira onda, mas...

— Ainda há alguns Harkonnen para você — respondeu o Duque. —

Venha comigo, Gurney, aonde possamos falar.

— As suas ordens, meu senhor.

Dirigiram-se para um quarto ao lado de uma máquina de água, enquanto os homens se remexiam inquietos no grande salão. Halleck deixou cair sua sacola num canto, mas continuou segurando o baliset.

— Quantos homens você pode enviar ao Hawat? — indagou o Duque.

— Thufir está com problemas, senhor?

— Ele só perdeu dois agentes, e seus homens de vanguarda nos deram uma excelente cobertura sobre toda a estrutura Harkonnen montada aqui. Se nos movermos rapidamente podemos conquistar uma certa segurança, o espaço de que precisamos para respirar. Ele deseja tantos homens quantos você possa conseguir; homens que não hesitarão na hora de um pequeno trabalho com a faca.

— Ele pode ficar com trezentos dos meus melhores. Para onde devo enviá-los?

— Ao portão principal. Hawat tem um agente lá, esperando para conduzi-los.

— Devo fazer isso imediatamente, senhor?

— Num momento. Temos um outro problema. O comandante do campo vai segurar o ônibus espacial até o nascer do sol mediante um pretexto. O Heighliner da Corporação que nos trouxe até aqui está indo embora em sua rota e o ônibus espacial deverá fazer contato com um cargueiro que está levando uma carga de especiaria.

— Nossa especiaria, meu senhor?

— Nossa especiaria. Mas o ônibus deverá transportar também alguns dos caçadores de especiaria do velho regime. Eles optaram por partir com a mudança de feudo, e o juiz da Mudança permitiu. Eles são trabalhadores valiosos, Gurney, aproximadamente oitocentos homens. Antes que o ônibus decole, você deve persuadir alguns desses homens a se alistarem conosco.

— Quão forte deve ser essa persuasão, senhor?

— Desejo que eles cooperem voluntariamente, Gurney. Esses homens possuem a habilidade e a experiência de que necessitamos. O fato de estarem partindo sugere que não são parte da máquina Harkonnen. Hawat acredita que pode haver alguns maus elementos infiltrados no grupo, mas ele vê assassinos em cada sombra.

— Thufir encontrou algumas sombras muito férteis, em seu tempo, meu senhor.

— E houve algumas que ele não encontrou. Mas acho que plantar agentes nesta multidão de partida revelaria muita imaginação da parte dos Harkonnen.

— Possivelmente, senhor. Onde estão os homens?

— Lá embaixo, na sala de espera do nível inferior. Sugiro que você vá até lá, e toque uma ou duas canções para amaciar suas mentes, e então inicie a pressão. Você pode oferecer posições de autoridade àqueles que se qualificarem para elas. Ofereça salários vinte por cento mais altos do que eles recebiam sob o governo dos Harkonnen.

— Não mais do que isso, senhor? Conheço as escalas de pagamento dos Harkonnen. E para homens com o desejo de viajar e bolsos cheios com o pagamento final... bem, senhor, vinte por cento dificilmente pareceriam uma razão adequada para ficarem.

Leto disse impaciente: — Então use de seu próprio arbítrio, em casos particulares. Mas lembre-se de que o tesouro não é ilimitado. Mantenha em vinte por cento, sempre que for possível. Nós necessitamos, principalmente, de condutores de especiaria, observadores meteorológicos, homens das dunas — todos os que tiverem experiência na areia.

— Compreendo, senhor. Eles virão todos pela violência: seus rostos erguidos para o vento do leste, reunindo-se no cativeiro da areia.

— Uma citação muito tocante. Entregue sua tripulação a um dos tenentes. Peça a ele para dar uma rápida instrução aos homens quanto à disciplina da água, depois coloque-os para dormir no quartel, junto ao campo. O pessoal do campo irá dirigi-los, então.

E não se esqueça dos homens para Hawat.

— Trezentos dos melhores, senhor. — Ele pegou sua mochila espacial e perguntou: — Onde devo me apresentar ao senhor, quando minhas tarefas estiverem terminadas?

— Vou realizar um conselho aqui, na sala superior. Manteremos o comando lá. Quero arranjar uma nova ordem de dispersão planetária, com os esquadrões blindados seguindo na frente.

Halleck parou no ato de se voltar, percebendo o olhar de Leto.

— Está prevendo esse tipo de confusão, senhor? Pensei que havia um juiz de Mudança por aqui.

— Haverá guerra aberta e secreta — respondeu o Duque. Sangue aos borbotões será derramado por aqui, antes que tenhamos terminado.

— “E a água que tiraste do rio se converterá em sangue sobre a terra árida” — citou Halleck.

O Duque suspirou. — Vá depressa, Gurney.

— Muito bem, meu senhor. — A cicatriz da chicotada tremulou com o seu sorriso.

— “Olhem! Como um burro selvagem no deserto, eu avanço em meu

trabalho.” — Ele se voltou, caminhando para o centro da sala onde parou para transmitir suas ordens, depois seguiu a toda pressa por entre seus homens.

Leto sacudiu a cabeça. Halleck era um assombro contínuo: uma cabeça cheia de canções, citações e frases floreadas... e o coração de assassino, quando chegava a hora de lidar com os Harkonnen.

Daí a pouco Leto seguiu sem pressa, num curso diagonal em direção ao elevador, respondendo às saudações com um aceno da mão. Reconheceu um dos homens da propaganda, e parou para transmitir-lhe uma mensagem que deveria ser enviada aos homens através dos canais adequados: aqueles que haviam trazido suas mulheres gostariam de saber que elas estavam em segurança, e onde poderiam ser encontradas. Os outros desejariam saber que a população aqui parecia gabar-se de ter mais mulheres do que homens.

O Duque bateu no braço do homem da propaganda, um sinal de que a mensagem possuía prioridade máxima, e devia ser transmitida imediatamente, depois continuou seu caminho. Acenou para os homens, sorriu, trocou amenidades com um subalterno.

“O Comandante deve sempre parecer confiante”, pensou ele.

“Toda aquela fé montada sobre seus ombros, enquanto você se senta num ponto crítico sem jamais demonstrá-la.”

Deu um suspiro de alivio quando o elevador o engoliu, e pôde voltar seu rosto para as portas impessoais.

12

“Eles tentaram tirar a vida de meu filho!”

Acima da saída do campo de pouso Arrakeen, toscamente gravada como se por um instrumento inadequado, havia uma inscrição que o Muad’Dib repetiria muitas vezes. Ele a viu em sua primeira noite em Arrakis, quando foi trazido para o posto de comando ducal com vistas a participar da primeira conferência do estado maior de seu pai. As palavras na inscrição eram uma súplica para aqueles que deixavam Arrakis, mas caíram com um significado sombrio nos olhos de um rapaz que acabara de escapar de um encontro muito próximo com a morte. Elas diziam: “Oh você, que conheceu o que sofremos aqui, não nos esqueça em suas preces. “

— do Manual do Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan

— Toda a teoria da guerra repousa sobre o risco calculado dizia o Duque. — Mas, quando chega a hora de arriscar sua própria família, o elemento de cálculo se afoga em... outras coisas.

Sabia que não estava contendo sua raiva como deveria, e por isso se voltou, caminhando ao longo da comprida mesa, e depois voltando.

O Duque e Paul encontravam-se sozinhos na sala de conferências do campo de pouso. Uma sala que ecoava vazia, mobiliada apenas com a longa mesa, e as cadeiras antiquadas de três pernas ao redor. Numa das extremidades havia um quadro de mapas e um projetor. Paul sentava-se à mesa junto do quadro de mapas.

Contara a seu pai sua experiência com o caçador-rastreador, e transmitira as notícias de que um traidor os ameaçava.

O Duque parou diante de Paul golpeando a mesa. — Hawat me disse que a casa estava segura!

Paul falou hesitantemente :

— Eu fiquei furioso também no início. E culpei Hawat. Mas a ameaça veio de fora da casa. Era simples, hábil e direta. E teria conquistado êxito se não fosse o treinamento que recebi de você, e de muitos outros — inclusive de

Hawat.

— Você o está defendendo? — reclamou o duque.

— Sim.

— Ele está ficando velho. É isso. Ele deveria...

— Ele é sábio, com a experiência que acumulou. Quantos erros de Hawat é capaz de lembrar?

— Deveria ser eu a defendê-lo — respondeu o duque. Não você.

Paul sorriu.

Leto sentou-se na extremidade da mesa, colocando a mão sobre seu filho.

— Você amadureceu ultimamente, filho. — Ergueu a mão. — Isso me alegra. — Correspondeu ao sorriso do filho. — Hawat punirá a si mesmo. Ele canalizará mais fúria contra si, por causa disso, do que nós dois poderíamos derramar sobre ele.

Paul olhou para as janelas escurecidas além do quadro de mapas, em direção à negrura da noite. As luzes da sala refletiam-se de uma sacada estendendo-se lá fora. Ele viu movimento e reconheceu a silhueta de um guarda no uniforme dos Atreides. Olhou de volta para a parede branca por trás de seu pai, e então para baixo, em direção à superfície brilhante da mesa, onde suas mãos se contraíam em punhos.

A porta oposta ao Duque abriu-se de súbito e Thufir Hawat caminhou para dentro, parecendo mais velho e coriáceo que nunca.

Marchou ao longo de todo o comprimento da mesa, parando diante de Leto em posição de sentido.

— Meu senhor — disse ele, falando para um ponto acima da cabeça do Duque. — Acabo de saber como falhei ao senhor. Torna-se necessário que eu apresente minha resigna...

— Sente-se e pare de agir como um tolo — respondeu Leto, indicando a cadeira na frente de Paul. — Se você cometeu um erro foi ao superestimar os Harkonnen. Suas mentes simples produziram um estratagema simples. Nós não contávamos com truques simples, e meu filho esteve se esforçando para me demonstrar que somente sobreviveu devido ao seu treinamento. Você não falhou lá. — Bateu no recosto da cadeira vazia. — Sente-se, é o que eu digo!

Hawat afundou na cadeira.

— Mas...

— Não ouvirei mais nada sobre isso. O incidente está encerado! Temos assuntos mais urgentes. Onde estão os outros?

— Pedi que esperassem enquanto eu...

— Chame-os.

Hawat olhou nos olhos de Leto.

— Senhor, eu...

— Sei quem são meus verdadeiros amigos, Thufir. Chame os homens.

Hawat engoliu em seco.

— Imediatamente, meu senhor. — Girou na cadeira e gritou para a porta aberta. — Gurney, faça-os entrar.

Halleck liderou a coluna de homens para dentro da sala, os oficiais do estado-maior parecendo sérios e sombrios, seguidos pelos auxiliares mais jovens e os especialistas, todos com uma aparência de impetuosidade. Ruídos breves ecoaram na sala enquanto os homens tornavam seus assentos. Um leve perfume de estimulante rachag atravessou a mesa.

— Há café para aqueles que quiserem — disse Leto.

Olhava para os homens pensando: “Eles são uma boa equipe. Um homem poderia estar muito pior neste tipo de guerra.” Esperou enquanto o café era trazido da sala ao lado e servido, notando o cansaço em alguns rostos.

Em pouco tempo colocou sua máscara de calma eficiência, levantando-se e exigindo a atenção com uma batida do nó dos dedos sobre a mesa.

— Bem, senhores, nossa civilização parece ter caído tão profundamente no hábito da invasão, que nem podemos obedecer a uma simples ordem do Império sem que os velhos hábitos sejam revividos.

Risos secos soaram ao longo da mesa e Paul percebeu que seu pai dissera a coisa adequada, no tom precisamente carreto, para levantar o moral por aqui. Até mesmo o sinal de fadiga em sua voz fora perfeito.

— Creio que, em primeiro lugar, é melhor saber se Thufir tem alguma coisa a acrescentar ao seu relatório sobre os Fremen. Thufir?

Hawat ergueu a cabeça.

— Eu me ocupei de algumas questões econômicas depois de meu relatório inicial, senhor, mas posso afirmar agora que os Fremen parecem cada vez mais ser os aliados de que necessitamos. Eles estão aguardando agora para ver se podem confiar em nós, mas parecem estar negociando abertamente. Eles nos enviaram presentes: trajes destiladores de sua própria confecção... e mapas de certas áreas desertas cercando baluartes que os Harkonnen deixaram para trás... — Abaixou a cabeça fitando a superfície da mesa. — Seus relatórios de inteligência provaram ser totalmente confiáveis, e nos ajudaram consideravelmente em nossos negócios com o juiz da Mudança. Eles também enviaram algumas coisas secundárias: jóias para Lady Jessica, licor de especiaria, doces, remédios. Meus homens estão examinando tudo isso agora, e parece que não há truques.

— Você gosta dessa gente, Thufir? — indagou um homem ao longo da mesa.

Hawat encarou o questionador.

— Duncan Idaho diz que eles devem ser admirados.

Paul olhou para seu pai, depois novamente para Hawat, arriscando uma pergunta:

— Há alguma informação nova quanto ao número de Fremen neste lugar?

Hawat olhou para Paul.

— A partir do sistema de processamento de alimentos e outros indícios, Idaho estima que o complexo caverna que ele visitou tinha umas dez mil pessoas. Seu líder disse que governava um sietch de duas mil almas. Temos razão para crer que exista um grande número de tais comunidades sietch. Todas elas parecem prestar obediência a alguém chamado Liet.

— Isso é algo de novo — observou Leto.

— Pode ser um erro de minha parte, senhor. Há indícios que sugerem que esse Liet possa ser uma divindade local.

Outro homem pigarreou para indagar:

— É verdadeiro que eles comerciam com os contrabandistas?

— Uma caravana de contrabandistas, carregando uma pesada carga de especiaria, deixou este sietch enquanto Idaho lá estava. Eles usaram tropas de bestas e sugeriram que enfrentariam uma jornada de dezoito dias.

— Parece — observou Leto — que os contrabandistas redobraram suas operações durante este período de agitação. Isto deve ser estudado cuidadosamente. Não devemos nos preocupar muito com fragatas não licenciadas operando fora de nosso planeta — isto sempre foi feito. Mas tê-los totalmente fora de nossa vigilância não é recomendável.

— O senhor tem um plano? — indagou Hawat.

O duque olhou para Halleck. — Gurney, eu queria que você liderasse uma delegação, uma embaixada se preferir, visando contatar esses românticos negociantes. Diga a eles que eu ignorarei suas operações, desde que me entreguem um dízimo ducal. Hawat estima que os subornos e os combatentes extras, necessários às operações deles, têm-lhes custado quatro vezes a quantia que me pagariam.

— E se o imperador souber disso? — indagou Halleck. — Ele tem um ciúme muito grande de seus lucros na CHOAM, meu senhor.

Leto sorriu.

— Nós depositaremos todo o dízimo, abertamente, em nome de Shaddam IV, e deduziremos a quantia legalmente dos nossos custos com o suporte de tropas. Deixe que os Harkonnen combatam isso! E estaremos arruinando alguns funcionários locais que têm engordado sob o sistema Harkonnen. Fim das propinas.

Um sorriso contorceu a face de Halleck.

— Ah, meu senhor, que lindo golpe baixo. Gostaria de ver a cara do barão quando souber disso.

O Duque voltou-se para Hawat:

— Thufir, você conseguiu aqueles livros-razão que disse que poderia comprar?

— Sim, meu senhor. Eles estão sendo examinados detalhadamente agora mesmo. Dei uma olhada neles e posso lhe fornecer uma primeira estimativa.

— Vá em frente.

— Os Harkonnen tiravam dez bilhões de solaris daqui, a cada trezentos e trinta dias Standard.

Um murmúrio de espanto percorreu a mesa. Até mesmo os jovens auxiliares, que demonstravam sinais de tédio, empertigaram-se trocando olhares de admiração.

Halleck murmurou :

— "Pois eles sugaram da abundância dos mares e dos tesouros ocultos na areia..."

— Como podem ver, cavalheiros — disse Leto —, depois disso não creio que ainda exista alguém tão tolo para acreditar que os Harkonnen calmamente empacotaram suas coisas e foram embora, apenas porque o Imperador assim o ordenou.

Houve um acenar de cabeças por toda a sala, expressões de concordância.

— Teremos que tomar isso na ponta da espada — observou Leto, e voltou-se para Hawat. — Seria uma boa medida fazer um inventário do equipamento: quantos tratores de areia, colhedores, processadores de especiaria e equipamento de apoio foram deixados por eles?

— Uma provisão completa, de acordo com o inventário examinado pelo juiz da Mudança, meu senhor. — Hawat gesticulou para que um auxiliar lhe passasse uma pasta que abriu sobre a mesa. — Mas eles se esqueceram de mencionar que metade dos tratores está imprestável e que somente um terço dispõe de "transporta-tudo" para voar com eles até as areias de especiaria, ou seja: que tudo que os Harkonnen nos deixaram está prestes a cair aos pedaços. Nós teremos muita sorte se conseguirmos colocar metade desse equipamento em operação, e mais sorte ainda se um quarto disto ainda estiver funcionando daqui a seis meses.

— Exatamente o que esperávamos — disse Leto. — Qual é a expectativa da firma quanto ao equipamento básico?

Hawat olhou para a pasta. — Aproximadamente novecentas e trinta colhedoras-processadoras podem ser enviadas dentro de alguns dias. Seis mil

duzentos e cinquenta ornitópteros para busca, patrulhamento e observação do tempo... Os "transporta-tudo" são menos de mil.

Halleck disse:

— Não seria mais barato reabrir as negociações com a Corporação visando obter permissão de orbitar uma fragata, como satélite meteorológico?

O Duque olhou para Hawat.

— Nada de novo neste lado, hein, Thufir?

— Devemos seguir por outros caminhos, por enquanto. O agente da Corporação não estava realmente negociando conosco. Ele estava apenas deixando claro — de um Mentat para outro — que o preço seria fora de nosso alcance, e assim permaneceria, não importando qual a capacidade que desenvolvêssemos. Nossa tarefa é descobrir por quê, antes de nos dirigirmos a ele novamente.

Um dos ajudantes de Halleck remexeu-se em sua cadeira, desabafando:

— Isso não é justo.

— Justiça? — O duque olhou para o homem. — Quem pede por justiça? Nós fazemos nossa própria justiça. Faremos aqui em Arrakis Vença ou morra. Está arrependido de se unir a nós, senhor?

O homem encarou o duque.

— Não, senhor. O senhor não tem escolha, e eu não poderia fazer nada senão segui-la. Perdoe-me a explosão... é que... nos sentimos amargos às vezes...

— De amargura eu entendo — disse o Duque —, mas não vamos reclamar a respeito de justiça enquanto tivermos braços e a liberdade para usá-los. Mais alguém, entre vocês, abriga amargura? Se assim for pode desabafar. Este é um conselho amistoso onde qualquer um pode falar o que pensa.

Halleck mexeu-se dizendo:

— Acho que o que dói mais, senhor, é que não tivemos voluntários das outras Grandes Casas. Eles se dirigem ao senhor como "Leto, o justo" e prometem eterna amizade, mas desde que isso não lhes custe nada.

— Eles não sabem quem vai vencer esta disputa. A maioria das Casas tem engordado por não correr riscos. Não podemos culpá-los por isso, podemos apenas desprezá-los. — Olhou para Hawat.

— Estávamos discutindo equipamento. Você se importaria de projetar algumas amostras, para familiarizar os homens com as máquinas?

Hawat assentiu, gesticulando para um ajudante no projetor.

A imagem de um sólido em terceira dimensão surgiu na superfície da mesa, um terço do comprimento na direção do Duque.

Alguns dos homens mais afastados se levantaram, para ter uma visão melhor da projeção 3D.

Paul inclinou-se para diante, fitando a máquina.

Em escala, com relação às minúsculas figuras humanas ao seu redor, a coisa deveria ter uns cento e vinte metros de comprimento por quarenta de largura. Constituía-se, basicamente, de um longo corpo em forma de besouro, movendo-se sobre plataformas independentes, de esteiras largas.

— Esta é uma fábrica colhedora — explicou Hawat. Escolhemos uma em boas condições para esta projeção. É um engenho-reboque que chegou aqui com o primeiro grupo de ecologistas imperiais, embora ainda seja mantido em funcionamento... sem que eu saiba como, e por quê.

— Se é aquela que eles chamam de "Velha Maria", pertence a um museu — explicou um ajudante. — Acho que os Harkonnen a mantinham como uma punição, uma ameaça sobre as cabeças de seus trabalhadores: "comportem-se direito; ou serão enviados para prestar serviço na Velha Maria."

Risos ecoaram pela mesa.

Paul manteve-se distante desse humor, sua atenção focalizada sobre a projeção e a pergunta que ocupava sua mente. Apontou para a imagem sobre a mesa, dizendo : — Thufir, os vermes da areia são bastante grandes para engolir esse negócio todo?

Um rápido silêncio tomou conta da sala. O Duque praguejou baixinho e depois pensou: "Não, eles precisam enfrentar as realidades do lugar."

— Existem vermes no deserto profundo que poderiam tragar toda esta fábrica, de um único gole — explicou Hawat. — Aqui em cima, junto da Muralha Escudo, onde a maior parte da colheita de especiaria é feita, existem vermes em quantidade tal que poderiam danificar esta fábrica, e devorá-la com calma.

— Por que não as dotamos de escudos? — indagou Paul.

— De acordo com o relatório de Idaho, os escudos são perigosos no deserto. Um escudo, do tamanho do corpo de uma pessoa, atrairia todos os vermes num raio de centenas de metros. Parece induzi-los a um frenesi assassino. Temos a palavra dos Fremen quanto a isso, e nenhuma razão para duvidar. Idaho não viu nenhum indício de equipamento de escudos no sietch.

— Nenhum mesmo? — insistiu Paul.

— Seria muito difícil ocultar esse tipo de coisa entre vários milhares de pessoas. Idaho teve livre acesso a todas as partes do sietch. Não viu escudos, ou qualquer indicação quanto ao seu uso.

— É um enigma — observou o duque.

— Os Harkonnen, claramente, usaram escudos à vontade por aqui — continuou Hawat. — Eles tinham depósitos de reparos em cada vila de guarnição, e seus livros mostram uma pesada despesa com substituições de

escudos e peças sobressalentes.

— Teriam os Fremen algum meio de anular os escudos? indagou Paul.

— Não me parece provável. É teoricamente possível, claro, uma imensa contra-carga estática faria o truque, mas até hoje ninguém foi capaz de fazer o teste.

— Teríamos ouvido a respeito — disse Halleck. — Os contrabandistas vivem em contato com os Fremen, e já teriam adquirido tal artefato se houvesse algum disponível. E não teriam inibições quanto a comercializá-la fora do planeta.

— Não gosto de uma pergunta desta importância sem resposta comentou Leto. — Thufir, quero que dê prioridade máxima à solução deste problema.

— Já estamos trabalhando nele, meu senhor. — Fez uma pausa, pigarreou, continuando. — Ah, Idaho disse uma coisa: ele disse que não há enganos quanto à atitude dos Fremen com relação aos escudos. Ele disse que eles geralmente acham graça.

O Duque franziu a testa.

— O assunto em discussão é o equipamento de especiaria.

Hawat gesticulou para seu ajudante com o projetor.

A imagem 3D da fábrica colhedora foi substituída pela projeção de um engenho alado, que fazia parecerem anões as imagens dos humanos ao seu redor.

— Isto é um transporta-tudo — explicou Hawat. Essencialmente é um ornitóptero muito grande, cuja única função é descer uma fábrica nas areias ricas em especiaria e resgatá-la, quando um verme da areia aparece. Eles sempre aparecem. A colheita de especiaria é um processo de chegar e correr, levando tanto quanto possível.

— Admiravelmente adequado à moralidade Harkonnen disse Leto.

A gargalhada foi abrupta, e muito alta.

Um ornitóptero substituiu o transporta-tudo na tela de projeção.

— Estes “tópteros” são razoavelmente convencionais. As maiores modificações são as que os dotam de um alcance extra. Um cuidado especial tem sido dedicado a vedar as áreas essenciais contra areia e pó. Somente um, em cada trinta, possui escudo possivelmente para descartar o peso do gerador em beneficio de um alcance maior.

— Não gosto desta desmitificação em escudos — murmurou o Duque; e pensou: “Seria esse o segredo dos Harkonnen? Significará que não seremos capazes de escapar, nem mesmo em fragatas com escudos, se tudo virar contra nós?” Sacudiu a cabeça para afastar o pensamento e disse: — Vamos fazer uma estimativa de trabalho. Qual seria o nosso lucro?

Hawat virou duas páginas em seu livro de notas.

— Após inventariar os reparos e o equipamento operacional, calculamos nossa primeira estimativa de custos operacionais. É baseada, naturalmente, num número por baixo, para fornecer uma clara margem de segurança. — Fechou os olhos, no semi-transe Mentat: — Sob o governo dos Harkonnen, os salários e a manutenção eram mantidos em quatorze por cento. Teremos sorte se conseguirmos trinta por cento, no início. Com reinvestimento e fatores de crescimento adicionados, incluindo a porcentagem da CHOAM e os custos militares, nossa margem de lucros será reduzida a uns estreitos seis ou sete por cento, até que possamos substituir o equipamento gasto. Seremos, então, capazes de impulsioná-la para os doze ou quinze por cento ideais. — Abriu os olhos. — A não ser que o meu senhor deseje adotar métodos Harkonnen.

— Estamos trabalhando para conquistar uma base planetária sólida e permanente; para isso teremos que manter uma grande percentagem das pessoas satisfeitas, principalmente os Fremen.

— Especialmente os Fremen — concordou Hawat.

— Nossa supremacia em Caladan — lembrou o Duque — dependia do poder aeronaval. Aqui, devemos desenvolver alguma coisa que eu chamaria de poder no deserto. Isso pode incluir força aérea, mas é possível que não. Chamo a atenção de vocês para a ausência de escudos nos tópteros. — Sacudiu a cabeça. — Os Harkonnen dependiam da rotatividade de seu pessoal de fora do planeta em alguns dos postos-chaves. Nós não podemos fazer o mesmo. Cada novo grupo de substitutos traria sua quota de agitadores.

— Então teremos que nos contentar com um lucro mais reduzido e colheitas reduzidas — explicou Hawat. — Nossa produção, nas duas primeiras safras, cairá para um terço da média Harkonnen.

— Aí está — disse Leto. — Exatamente como esperávamos. Teremos que nos mover rápido com os Fremen. Quero dispor de cinco batalhões completos de tropas Fremen, antes da primeira fiscalização da CHOAM.

— Não nos dá muito tempo, senhor — comentou Hawat.

— Não temos muito tempo, como você bem o sabe. Eles estarão aqui, com Sardaukar disfarçados de Harkonnen na primeira oportunidade. Quantos acha que eles poderão embarcar, Thufir?

— Quatro ou cinco batalhões, senhor. Não mais do que isso, sendo os custos de transporte de tropas pela Corporação o que são.

— Então, cinco batalhões de Fremen mais as nossas próprias forças devem dar conta. Vamos ter alguns Sardaukar prisioneiros para desfilarem em frente do Conselho da Landsraad e as coisas ficarão bem diferentes, com lucros ou sem eles.

— Faremos o melhor que pudermos, senhor.

Paul olhou para seu pai e depois para Hawat, subitamente consciente da idade avançada do Mentat, consciente de que aquele velho servira três gerações de Atreides. Envelhecido. Era evidente no brilho embaçado dos olhos castanhos, nas maçãs do rosto fendidas e queimadas por climas exóticos, na curva arredondada dos ombros e nos lábios finos, com a tintura do suco de sapho.

"É muita dependência de um homem idoso", pensou Paul.

— Estamos atualmente numa guerra de assassinos — explicou o Duque —, mas ela ainda não chegou ao seu ponto máximo. Thufir, qual é a situação da máquina Harkonnen neste planeta?

— Eliminamos duzentos e cinquenta e nove de seus elementos-chave, meu senhor. Não mais do que três células Harkonnen permanecem. Talvez cem pessoas ao todo.

— Essas criaturas Harkonnen que você eliminou possuíam propriedades?

— A maioria estava bem situada, meu senhor, na classe empresarial.

— Quero certificados forjados de lealdade com as assinaturas de cada um — ordenou o Duque. — Arquive cópias com o juiz da Mudança. Adotaremos a acusação legal de que eles falsearam sua fidelidade. Isso nos permitirá confiscar suas propriedades, tomar tudo, pegar suas famílias e despi-las. E certifique-se de que a Coroa obtenha seus dez por cento. Deve ser tudo inteiramente legal.

Thufir sorriu, revelando dentes tingidos de vermelho por baixo dos lábios carmesins.

— Um movimento digno de sua grandeza, meu senhor. Envergonha-me não ter pensado nisto antes.

Halleck franziu a testa, surpreendendo a expressão aborrecida no rosto de Paul. Todos os outros sorriam e faziam gestos de concordância.

"Isso é errado", pensava Paul. "Apenas fará com que os outros lutem mais duramente. Eles não terão nada a ganhar se rendendo."

Sabia que as convenções abertas que governavam um kanly permitiam isso, mas era o tipo de movimento que poderia destruí-los, ainda que lhes desse a vitória.

— "Eu tenho sido um estranho numa terra estranha" — citou Halleck.

Paul olhou para ele, reconhecendo a citação da Bíblia C.L., e perguntando a si mesmo: "Será que Gurney também deseja um fim para estas tramas tortuosas?"

O Duque olhou para a escuridão além das janelas e voltou-se para Halleck.

— Gurney, quantos daqueles trabalhadores das areias você persuadiu para ficarem conosco?

— Duzentos e oitenta e seis ao todo, senhor. Creio que devemos ficar com

eles e nos considerarmos felizes. Eles estão todos nas categorias mais úteis.

— Não mais? — O Duque apertou os lábios. — Faremos correr a notícia de que...

Uma confusão na porta o interrompeu. Duncan Idaho passou pelos guardas, avançou apressado ao longo da mesa e se curvou para falar junto ao ouvido do Duque.

Leto acenou para que se erguesse.

— Fale alto, Duncan. Como pode ver, este é um conselho estratégico de estado-maior.

Paul estudava as feições de Idaho, os movimentos felinos, a rapidez de reflexos que o tornavam um professor de armas difícil de imitar. O rosto escuro e redondo voltou-se para ele, os olhos eram de um animal das cavernas, não dando nenhuma demonstração de nada, porém Paul reconhecia a máscara de serenidade tapando a excitação.

Idaho olhou ao longo da mesa e disse:

— Pegamos uma força de mercenários Harkonnen disfarçados de Fremen. Os próprios Fremen nos enviaram um mensageiro para avisar quanto ao grupo falso. Durante o ataque, contudo, nós descobrimos que os Harkonnen tinham emboscado o mensageiro. Ele foi gravemente ferido e nós o estávamos trazendo para cá, para ser tratado por nossos médicos, quando ele morreu. Percebi como o homem estava mal e parei para ver o que podia fazer. Surpreendi-o tentando jogar longe alguma coisa. — Idaho olhou para Leto: — Uma faca, meu senhor, uma faca como o senhor nunca viu.

— Faca cristalina? — indagou alguém.

— Sem dúvida alguma. Branco-leitosa e brilhando com uma luz interior. — Ele estendeu a mão para a túnica e tirou uma bainha, com um cabo negro projetando-se.

— Mantenha essa lâmina embainhada!

A voz vinha da porta aberta, no final da sala. Uma voz vibrante e penetrante, que fez todos olharem naquela direção.

Uma figura alta envolta em manto erguia-se na porta, bloqueada pelas espadas cruzadas dos guardas. Um manto cor de bronze claro o envolvia completamente, com exceção de uma pequena abertura no capuz e no véu negro a revelar olhos totalmente azuis, sem nenhum sinal de branco.

— Deixe-o entrar — sussurrou Idaho.

— Deixem o homem passar — disse o Duque.

Os guardas hesitaram, e então baixaram suas espadas.

O homem deslizou pela sala parando diante de Leto.

— Este é Stilgar, chefe do sietch que visitei, e líder daqueles que nos

avisaram sobre o falso bando — explicou Idaho.

— Bem-vindo, senhor — disse Leto. — Por que não devemos desembainhar esta lâmina?

Stilgar olhou para Idaho, dizendo:

— Você observou os costumes de honra e purificação entre nós. Eu lhe permitiria ver a lâmina do homem que você socorreu. — Seu olhar varreu os outros na sala. — Mas eu não conheço esses outros. Você permitiria que eles violassem uma arma honrada?

— Eu sou o Duque Leto. Permitiria que eu visse a lâmina?

— Permitiria que adquirisse o direito de desembainhá-la — respondeu Stilgar, enquanto um murmúrio de protesto percorria a mesa. Ele ergueu a mão magra e coberta por véu escuro. — Devo lembrá-lo de que esta lâmina pertence àquele de quem você se tornou amigo.

No silêncio que se seguiu, Paul estudou o homem, sentindo a aura de poder que dele se irradiava. Tratava-se de um líder, um líder Fremen.

O homem próximo ao centro da mesa no lado oposto a Paul balbuciou:

— Quem é ele para nos dizer que direitos temos em Arrakis?

— Costuma-se dizer que o Duque Leto governa com a aprovação dos governados — disse o Fremen. — Ah, sim, eu devo lhes falar sobre os nossos costumes: uma certa responsabilidade recai sobre aqueles que fitam uma faca cristalina. — Ele passou um olhar sombrio na direção de Idaho. — Eles se tornam parte de nós, e jamais poderão deixar Arrakis sem o nosso consentimento.

Halleck e vários dentre os outros começaram a se levantar, com expressões de fúria em seus rostos. Halleck disse:

— O Duque Leto determina se...

— Um momento por favor — pediu Leto e a brandura em sua voz os conteve. "Não devo permitir que isto escape ao controle", ele pensou. Dirigiu-se ao Fremen:

— Senhor, eu honro e respeito a dignidade pessoal de qualquer homem que respeite a minha dignidade. Tenho uma dívida para consigo e eu sempre pago minhas dívidas. Se é seu costume que esta faca permaneça embainhada, então assim é ordenado, por mim. E se houver algum outro modo pelo qual possamos honrar o homem que morreu em nosso serviço, basta que nos diga.

O Fremen olhou para o Duque e então, lentamente, puxou para o lado o véu que lhe cobria o rosto, revelando um nariz fino e uma boca de lábios grossos em meio a barba negra brilhante. Deliberadamente, ele se curvou sobre a extremidade da mesa e cuspiu em sua superfície polida.

Enquanto os homens ao redor se erguiam, indignados, a voz de Idaho

trovejou através da sala:

— Parem!

Na tensa imobilidade que se seguiu, Idaho disse:

— Nós lhe agradecemos, Stilgar, pela dádiva de sua umidade corporal. Nós a aceitamos pela intenção com que é dada. — E Idaho cuspiu na mesa diante do Duque.

Ao lado do Duque ele explicou:

— Lembre-se quão preciosa é a água aqui, senhor. Aquele foi um gesto de respeito.

Leto sentou-se novamente, percebendo o olhar de Paul e o sorriso triste no rosto do filho. Sentiu o lento relaxar da tensão em torno da mesa, enquanto a compreensão chegava à mente de seus homens.

O Fremen olhou para Idaho, dizendo:

— Você se portou bem em meu sietch, Duncan Idaho. Existe um compromisso em sua fidelidade ao Duque?

— Ele me pede para me alistar com ele, senhor! explicou Idaho.

— Aceitaria uma lealdade dupla? — indagou Leto.

— Deseja que eu vá com ele, senhor?

— Eu desejo que tome sua própria decisão — respondeu Leto, incapaz de evitar o tom de urgência em sua voz.

Idaho observou o Fremen.

— Você me aceitaria sob estas condições, Stilgar? Haveria ocasiões em que eu deveria retornar para servir ao meu Duque.

— Você luta bem e fez o melhor que pôde pelo nosso amigo — respondeu Stilgar, depois olhou para o Duque. — Vamos deixar assim: o homem Idaho fica com a faca cristalina, como marca de sua lealdade para conosco. Ele deve ser purificado, é claro, e os ritos seguidos, mas isto pode ser feito. Ele será Fremen e soldado dos Atreides. Há um precedente para isto: Liet serve a dois mestres.

— Duncan? — indagou Leto.

— Compreendo, senhor.

— Então chegamos a um acordo.

— Sua água é nossa, Duncan Idaho — disse Stilgar. — O corpo do nosso amigo permanece com o seu Duque. A água dele é água dos Atreides. Que isto seja o laço de união entre nós.

Leto suspirou olhando para Hawat, percebendo o olhar do velho Mentat. Hawat acenou, sua expressão satisfeita.

— Eu esperarei lá embaixo — continuou Stilgar —, enquanto Idaho se despede de seus amigos. Turok era o nome de nosso colega morto. Lembre-se disso quando chegar a ocasião de libertar seu espírito. Vocês são amigos de

Turok.

Stilgar começou a se virar.

— Não quer ficar conosco um pouco? — indagou Leto.

O Fremen se voltou, recolocando o véu sobre o rosto com um gesto casual e ajustando alguma coisa debaixo dele. Paul vislumbrou o que parecia um fino tubo antes que o véu assentasse em sua posição.

— Há alguma razão para que eu fique?

— Nós o honraríamos — disse o Duque.

— A honra exige que eu esteja em outra parte muito em breve — respondeu o Fremen, lançando outro olhar para Idaho enquanto se virava num movimento rápido, passando pelos guardas da porta.

— Se os outros Fremen forem como ele, nós serviremos muito bem uns aos outros — disse Leto.

Idaho disse com voz rouca:

— Ele é uma amostra regular, senhor.

— Você entende o que deve fazer, Duncan?

— Sou seu embaixador junto aos Fremen.

— Depende muito de você, Duncan. Nós vamos necessitar de, pelo menos, cinco batalhões dessa gente antes que os Sardaukar desçam sobre nós.

— Isto vai levar algum tempo, senhor. Os Fremen são um grupo muito independente. — Idaho hesitou e então acrescentou: — E, senhor, há uma outra coisa. Um dos mercenários que nós derrubamos estava tentando tirar a lâmina do nosso amigo Fremen morto. O mercenário diz que há uma recompensa Harkonnen de um milhão de solaris para qualquer um que traga uma única faca cristalina.

O queixo de Leto ergueu-se em evidente surpresa.

— Por que eles precisam tanto de uma dessas lâminas?

— A faca é extraída do dente de um verme da areia, é a marca dos Fremen, senhor. Com ela, um homem de olhos azuis pode penetrar em qualquer sietch que exista. Eles questionariam a mim, a menos que eu fosse conhecido. Eu não me pareço com um Fremen, mas...

— Piter de Vries — disse o Duque.

— Um homem de astúcia diabólica, meu senhor — comentou Hawat.

Idaho colocou a faca embainhada em sua túnica.

— Guarde essa faca — recomendou o Duque.

— Eu entendo, meu senhor. — Ele bateu no transceptor, no estojo do cinturão. — Eu enviarei um relatório assim que for possível. Thufir tem meu código de chamada. Use linguagem de batalha. — Ele fez uma saudação, girou nos calcanhares e partiu apressadamente ao encontro do Fremen.

Ouviram seus passos afastando-se ao longo do corredor.

Um olhar de compreensão passou entre Leto e Hawat. Eles sorriram.

— Temos muito a fazer, senhor — disse Halleck.

— E eu o afasto de seu trabalho.

— Tenho o relatório sobre as bases avançadas — disse Hawat.

— Devo reservá-la para outra ocasião, senhor?

— Vai ser longo?

— Não para um resumo. Diz-se, entre os Fremen, que existiam mais de duzentas dessas bases avançadas, construídas aqui em Arrakis durante o período da Estação de Testes Botânicos de Deserto. Todas supostamente abandonadas, mas existem relatórios de que elas foram lacradas antes de serem abandonadas.

— Equipamento nelas?

— De acordo com os relatórios que eu tenho do Duncan.

— Onde estão localizadas? — indagou Halleck.

— A resposta a essa pergunta — disse Hawat — é, invariavelmente: — "Liet sabe."

— Só Deus sabe — murmurou Leto.

— Talvez não, senhor — continuou Hawat. — Ouviu esse Stilgar usar o nome. Estaria ele se referindo a uma pessoa real?

— Servindo a dois senhores — observou Halleck. — Soa como uma citação religiosa.

— E você devia saber — disse o Duque.

Halleck sorriu.

— Esse juiz da Mudança — continuou Leto. — O ecologista imperial, Kynes... não saberia ele onde ficam essas bases?

— Senhor — advertiu-o Hawat. — Esse Kynes é um servo imperial.

— Mas está bem longe do imperador. Eu quero aquelas bases. Elas estarão carregadas de material que nós poderíamos recuperar e usar para reparos em nosso equipamento de trabalho.

— Senhor, aquelas bases ainda são, legalmente, feudo de Sua Majestade.

— O clima aqui é suficientemente violento para destruir qualquer coisa — explicou o Duque. — Nós poderemos sempre culpar o clima. Pegue esse Kynes e finalmente descubra se essas bases existem.

— Seria perigoso comandá-las — insistiu Hawat. Duncan deixou claro uma coisa: essas bases, ou a idéia delas, possui algum profundo significado para os Fremen. Nós poderíamos nos indispor com eles se tomássemos tais bases.

Paul observava os rostos dos homens a sua volta, notando o modo intenso com que acompanhavam cada palavra. Eles pareciam profundamente perturbados pela atitude de seu pai.

— Ouça o que ele diz, pai — falou Paul baixinho. — Ele fala a verdade.

— Senhor — continuou Hawat —, aquelas bases poderiam nos fornecer material para consertar cada peça de equipamento que nos deixaram e ainda assim permanecerem além do nosso alcance por razões estratégicas. Seria precipitado mover-se nesse terreno sem um conhecimento maior. Esse Kynes tem a autoridade de árbitro do Império. Não devemos nos esquecer disso. E os Fremen o respeitam.

— Faça tudo gentilmente, então. Só quero saber se aquelas bases existem.

— Se assim o deseja, senhor. — Hawat recostou-se no assento abaixando a cabeça.

— Tudo bem, então — disse Leto. — Já sabemos o que temos à nossa frente: trabalho. Fomos treinados para realizá-la, temos alguma experiência, sabemos quais serão as recompensas e as alternativas são claras. Todos vocês possuem suas tarefas. — Olhou para Halleck. Gurney, cuide da situação dos contrabandistas em primeiro lugar.

— “Eu irei ao encontro dos rebeldes que habitam a terra seca...”, entoou Halleck.

— Algum dia eu surpreenderei este homem sem uma citação, e ele vai parecer despido — disse Leto.

Risos ecoaram ao redor da mesa, mas Paul notou o esforço empregado neles.

O Duque voltou-se para Hawat:

— Instale outro posto de comando para inteligência e comunicações neste andar, Thufir. Quando o tiver aprontado, eu quero vê-lo.

Hawat se levantou olhando ao redor da sala como se buscasse apoio. Voltou-se, liderando a procissão para fora da sala. Os outros se moveram apressadamente, arrastando suas cadeiras no piso, aglomerando-se em pequenos nós de confusão.

“Terminou em confusão”, pensou Paul, olhando para as costas dos homens que partiam. Anteriormente, reuniões como essa costumavam terminar numa atmosfera de decisão. Esse encontro por outro lado parecera se arrastar, consumido por suas próprias insuficiências e com uma discussão para coroar tudo.

Pela primeira vez ele se permitia pensar na possibilidade de derrota — pensando nela não por medo ou por causa de avisos como o da velha Reverenda Madre, mas enfrentando-a devido ao seu próprio julgamento da situação.

“Meu pai está desesperado” — concluiu —, “as coisas não vão bem para nós, nem um pouco.”

E Hawat; Paul lembrou-se de como o velho Mentat agira durante a

conferência — hesitações sutis, sinais de inquietação.

Hawat se encontrava profundamente perturbado por alguma coisa.

— É melhor você permanecer aqui pelo resto da noite, filho aconselhou o Duque. — O dia vai raiar logo, de qualquer modo. Eu avisarei sua mãe. — Ele se levantou lentamente, de modo rígido. — Por que não junta algumas dessas cadeiras e se estica para repousar um pouco?

— Eu não estou muito cansado, senhor.

— Como quiser.

O Duque cruzou as mãos às costas e começou a caminhar, indo e vindo ao longo da mesa.

“Como um animal enjaulado”, pensou Paul.

— Vai discutir a possibilidade do traidor com Hawat?

O Duque parou diante de seu filho, falando para as janelas escuras.

— Já discutimos essa possibilidade muitas vezes.

— A velha parecia muito segura, e a mensagem que mamãe...

— Precauções foram tomadas. — Leto olhou ao redor da sala e Paul percebeu o olhar de ansiedade. — Fique aqui. Há algumas coisas a respeito dos postos de comando que eu quero discutir com Thufir. Ele virou-se, saindo da sala com um rápido aceno para os guardas.

Paul observou o lugar onde seu pai se colocara. Um espaço que estivera vazio antes mesmo que o Duque deixasse a sala. Lembrou-se do aviso da velha “... para o pai, nada”.

13

No primeiro dia, quando o Muad'Dib passou pelas ruas de Arrakeen com sua família, algumas das pessoas ao longo do caminho se lembraram das lendas e da profecia, arriscando-se a gritar. — "Mahdi!" Mas seu grito era mais uma pergunta que uma afirmação, já que eles podiam apenas esperar que ele fosse aquele que fora previsto como o Lisan al-Gaib, A Voz do Mundo Exterior. A atenção deles foi concentrada na mãe também, já que tinham ouvido dizer que ela era Bene Gesserit, e parecia óbvio a eles que ela fosse a outra Lisan al-Gaib.

— do Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

O Duque encontrou Thufir Hawat sozinho, no canto de uma sala aonde o guarda o encaminhara. Havia o ruído de homens instalando equipamentos de comunicações na sala adjacente, mas esse lugar parecia razoavelmente tranquilo. O Duque olhou à volta, enquanto Hawat se levantava da mesa apinhada de papéis. Tratava-se de uma divisão de paredes verdes que, acrescentando-se à mesa, ostentava três cadeiras suspensoras de onde a marca "H", dos Harkonnen, fora apressadamente removida, deixando uma mancha colorida irregular.

— As cadeiras são soltas, mas bastante seguras — disse Hawat.

— Onde está Paul, senhor?

— Deixei-o na sala de conferências. Espero que ele descanse um pouco, sem que eu esteja por perto para distraí-lo.

Hawat assentiu e caminhou para a porta, em direção à sala ao lado e fechou-a, interrompendo o ruído de estática e centelhas elétricas.

— Thufir — principiou Leto —, os depósitos de especiaria do Império e dos Harkonnen atraem a minha atenção.

— Meu senhor?

O Duque comprimiu os lábios.

— Armazéns são suscetíveis de destruição. — Ergueu a mão quando Hawat ia começar a falar.

— Ignore as reservas secretas do Imperador. Ele, secretamente, gostará de

ver os Harkonnen ficarem embaraçados. E pode o Barão reclamar a destruição de alguma coisa sem admitir, abertamente, que a possuía?

Hawat sacudiu a cabeça.

— Dispomos de poucos homens, senhor.

— Use alguns homens de Idaho. E talvez alguns Fremen apreciem uma viagem para fora do planeta. Uma incursão em Giedi Prime. Há vantagens táticas para tal diversão, Thufir.

— Como quiser, meu senhor. — Hawat voltou-se e o Duque percebeu os sinais de seu nervosismo. — Talvez ele suspeite de que desconfio dele. Deve saber que tenho relatórios confidenciais sobre traidores. Melhor acalmar seus temores imediatamente.

— Thufir, desde que você é um dos poucos em que posso confiar completamente, há um outro assunto pedindo uma discussão. Ambos sabemos a vigilância constante que temos que manter para evitar que traidores se infiltrem em nossas forças... mas eu tenho dois novos relatórios.

Hawat olhou para ele e Leto repetiu as histórias que Paul contara.

Em lugar de produzirem a intensa concentração Mentat, os relatórios apenas aumentaram a agitação de Hawat.

Leto estudou o velho e depois disse:

— Você está guardando alguma coisa, velho amigo. Eu devia ter suspeitado quando o vi tão nervoso durante a reunião. O que é que era quente demais para derramar na frente daquela reunião?

Os lábios tingidos de sapho contraíram-se numa linha reta, com minúsculos vincos dela se irradiando. Mantiveram-se nessa rigidez enrugada enquanto ele dizia:

— Meu senhor, eu não sei como abordar esta questão.

— Nós já infligimos mais de uma cicatriz um ao outro, Thufir disse Leto. — Você sabe que pode abordar qualquer assunto comigo.

Hawat continuava a fitá-lo, pensando: “Este é o modo como eu o aprecio mais. Este é o homem honrado que merece toda a minha lealdade e serviço. Por que devo feri-lo?”

— Bem? — exigiu Leto.

Hawat encolheu os ombros.

— É só um pedaço de mensagem. Nós a tiramos de um correio Harkonnen. A mensagem era endereçada a um agente chamado Pardee. Temos boas razões para crer que esse Pardee era um dos homens-chave no movimento subterrâneo dos Harkonnen por aqui. A nota é algo que poderia ter grandes consequências, ou nenhuma. É suscetível a várias interpretações.

— Qual é o delicado conteúdo dessa nota?

— Pedaço de uma nota, meu senhor. Incompleta. Estava sobre um filme minímico com a cápsula de destruição usual presa a ele. Interrompemos a ação do ácido um pouco antes da rasura total, e apenas um fragmento restou. Esse fragmento, porém, era extremamente sugestivo.

— Sim?

Hawat esfregou os lábios:

— A nota diz: "...eto nunca suspeitará e quando o golpe o atingir, vindo de uma mão adorada, o reconhecimento de sua origem em si será o suficiente para destruí-lo." A mensagem estava sob o selo do Barão, e já autentiquei esse selo.

— Sua suspeita é óbvia — disse o Duque numa voz repentinamente fria.

— Eu preferiria decepar meus braços a feri-lo, senhor. Mas e se...

— Lady Jessica — concluiu Leto, sentindo o ódio consumi-lo.

— Não foi capaz de extrair os fatos desse Pardee?

— Infelizmente, Pardee não se encontrava mais entre os vivos quando interceptamos o correio. O mensageiro certamente não sabia o que transportava.

— Percebo.

Leto sacudiu a cabeça, pensando. "Que negócio mais nojento. Não pode haver nenhuma verdade nisso. Eu conheço bem a minha mulher."

— Meu senhor, e se...

— Não! — gritou o Duque. — Há um engano aqui e...

— Nós não podemos ignorar, meu senhor.

— Ela está comigo há dezesseis anos. Houve incontáveis oportunidades para... Você mesmo investigou a escola e a mulher!

Hawat falou num tom amargo:

— É sabido que as coisas às vezes me escapam.

— É impossível, eu lhe digo! Os Harkonnen querem destruir a linhagem dos Atreides, e isso significa Paul também. Eles já tentaram uma vez. Pode uma mulher conspirar contra seu próprio filho?

— Talvez ela não conspire contra seu filho. O atentado de ontem pode ter sido uma farsa.

— É impossível que tenha sido uma farsa.

— Senhor, presume-se que ela não conheça seus pais, mas e se conhece? E se ela for uma órfã, digamos órfã por uma ação dos Atreides?

— Se assim fosse, ela teria agido muito antes. Envenenado minha bebida... ou um punhal durante a noite. Quem teve melhores oportunidades?

— Mas os Harkonnen querem destruí-lo, meu senhor. Seu objetivo não é simplesmente matar. Existe todo um espectro de sutis distinções num kanly. Este poderia ser um trabalho de arte entre as vendetas.

Os ombros do Duque cederam. Ele fechou os olhos, parecendo velho e

cansado. “Não pode ser”, pensou, “aquela mulher tem aberto seu coração para mim.”

— Que melhor modo de destruir-me do que semear a suspeita sobre a mulher que eu amo?

— Uma interpretação que eu já considerei — respondeu Hawat. — Ainda assim...

O Duque abriu os olhos, fitando Hawat enquanto pensava: “Deixe que ele suspeite. Suspeita é o seu negócio, não o meu. Talvez se eu fingir que acredito nisso o outro homem se torne descuidado.”

— O que sugere?— sussurrou o Duque.

— Por enquanto, constante vigilância, meu senhor. Ela deve ser observada todo o tempo. Cuidarei para que seja feito discretamente. Idaho seria o homem ideal para o trabalho. Talvez dentro de uma semana possamos tê-lo de volta. Existe um rapaz na tropa de Idaho que temos treinado. Ele seria o elemento ideal para mandar aos Fremen como substituto. Tem o dom da diplomacia.

— Não arrisque nossa ligação com os Fremen.

— Claro que não, senhor.

— E quanto a Paul?

— Talvez possamos alertar o Dr. Yueh.

Leto voltou as costas para Hawat.

— Deixo isso em suas mãos.

— Serei discreto, meu senhor.

“Pelo menos posso contar com isso”, pensou Leto, e depois disse:

— Vou dar uma caminhada. Se precisar de mim, estarei no perímetro. O guarda poderá...

— Meu senhor, antes que se vá eu tenho uma seção de filme que devia ler. É uma análise da primeira abordagem da religião Fremen. Lembra-se de que me pediu para fazer um relatório a respeito?

O Duque parou, falando sem se voltar:

— Não pode esperar?

— É claro, meu senhor. Perguntou-me o que eles estavam gritando. Era “Mahdi!” Eles dirigiam o termo para o jovem mestre. Quando eles...

— Ao Paul?

— Sim, meu senhor. Existe uma lenda aqui, uma profecia de que um líder virá para eles, filho de uma Bene Gesserit. Para conduzi-los em direção à verdadeira liberdade. Segue o padrão messiânico familiar.

— E eles pensam que Paul é... esse...

— Eles apenas esperam que ele seja, meu senhor. — Hawat estendeu a cápsula com o fragmento de filme.

O Duque aceitou, colocando-o no bolso.

— Eu olharei depois.

— Certamente, meu senhor.

— Neste momento eu preciso pensar.

— Sim, meu senhor.

O Duque inspirou profundamente, quase num lamento, e caminhou para a porta. Voltou-se para a direita ao longo do corredor e começou a caminhar, mãos cruzadas para trás, prestando pouca atenção ao que existia naquele lugar. Havia passagens e escadarias, sacadas e salões... pessoas que faziam saudações e se afastavam para deixá-lo passar.

Algum tempo depois ele retornou à sala de conferências, encontrando-a às escuras. Paul dormia sobre a mesa com o manto de um guarda lançado sobre ele, e uma mochila servindo de travesseiro. O Duque atravessou a sala silenciosamente e chegou à sacada por sobre o campo de pouso. Um guarda na extremidade da sacada reconheceu-o através do fraco reflexo das luzes do campo, e ficou em posição de sentido.

— A vontade — murmurou Leto, recostando-se sobre o frio metal do parapeito.

Uma quietude anterior à aurora estabelecera-se sobre o deserto.

Ele olhou para cima. Lá no alto, as estrelas eram como um xale de lantejoulas lançado sobre um fundo azul. Baixa, no horizonte sul, a segunda lua da noite fitava através de um fino véu de poeira — uma lua inacreditável, lançando-lhe o seu olhar cínico.

Enquanto Leto a observava, a lua mergulhou atrás dos penhascos da Muralha Escudo, fazendo-os parecer cobertos de geada.

Na súbita intensidade da escuridão ele experimentou um calafrio. Estremeceu. Raiva ferveu em seu interior.

“Os Harkonnen me caçaram, estorvaram e perseguiram pela última vez. Eles são pilhas de excremento, com mentes dignas de um delegado de vilarejo! Aqui eu fincarei pé!”, pensou com um toque de tristeza. “Devo governar com olho e garra — como um falcão entre os pássaros.” Inconscientemente sua mão tocou o emblema do falcão na túnica.

Para o leste, a noite criou um feixe de cinza luminoso, depois uma opalescência de concha marinha que enfraqueceu as estrelas.

E, então, chegou o longo e radioso momento da aurora, atingindo o horizonte acidentado.

Uma visão de tamanha beleza, que captou sua atenção.

“Algumas coisas superam a rotina.”

Jamais julgara que alguma coisa aqui pudesse ser tão bela quanto esse

horizonte vermelho despedaçado, e aqueles penhascos purpúreos e ocres. Além do campo de pouso, onde o fraco orvalho da noite lançara vida sobre as sementes de Arrakis, ele viu grandes aglomerados de flores vermelhas, com uma trilha articulada de violeta... como pegadas de um gigante.

— É uma linda manhã, senhor — disse o guarda.

— Sim, realmente.

“Talvez este planeta possa cultivar a amizade de alguém”, pensou ele. “Talvez possa tornar-se um bom lar para meu filho.”

Percebeu então as figuras humanas movendo-se nos campos de flores, varrendo-os com estranhos engenhos em forma de foices recolhedoras de orvalho. A água é tão preciosa aqui que até mesmo o orvalho deve ser colhido.

“Este pode ser um lugar hediondo”, pensou o Duque.

14

“Não existe, provavelmente, um instante mais terrível de conhecimento do que aquele em que você descobre que seu pai é apenas um homem — de carne e osso.”

— de Citações Reunidas do Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan

O Duque disse:

— Paul, vou fazer uma coisa odiosa, mas é preciso. — Leto colocara-se ao lado do farejador de veneno, trazido para a sala de conferências com vistas ao desjejum. Os braços sensores da coisa tombavam frouxos sobre a mesa, lembrando a Paul o aspecto de um estranho inseto recém-morto.

A atenção do Duque parecia voltar-se para as janelas, em direção ao campo de pouso e à poeira contra o céu da manhã.

Paul tinha uma unidade de leitura diante dos olhos, observando o curto segmento de filme a respeito das práticas religiosas Fremen. O clip fora compilado por um dos especialistas de Hawat e Paul se sentia perturbado pelas referências a si próprio.

“Mahdi!”

“Lisan al-Gaib!”

Podia fechar os olhos e relembrar os gritos da multidão. “Então é isto que eles esperam”, pensou. E lembrava-se do que a velha TM Reverenda Madre dissera: Kwisatz Haderach. As memórias tocavam os sentimentos de um terrível propósito, obscurecendo esse estranho mundo com sensações de uma familiaridade que era incapaz de entender.

— Uma coisa odiosa — repetiu o Duque.

— Que quer dizer, senhor?

Leto virou-se, olhando para o filho.

— Porque os Harkonnen planejam me pegar, fazendo-me desconfiar de sua mãe. Eles não sabem que antes eu desconfiaria de mim mesmo.

— Não entendo, senhor.

Leto olhou novamente para as janelas. O sol branco encontrava-se bem

elevado em seu quadrante matinal. Sua luz leitosa atingia a poeira fervilhante, a derramar-se em nuvens sobre os canyons sem saída, entremeando-se pela Muralha Escudo.

Falando lentamente, com voz baixa para conter seu ódio, o Duque explicou a Paul o conteúdo da misteriosa nota.

— Poderia igualmente desconfiar de mim — disse ele.

— Eles precisam pensar que tiveram sucesso. Devem me julgar semelhante tolo. Deve parecer real. Nem mesmo sua mãe pode saber que se trata de uma farsa.

— Mas senhor, por quê?

— A resposta de sua mãe não pode ser uma encenação. Oh, ela é capaz da suprema encenação... mas muita coisa depende disso. Espero revelar o traidor. Deve parecer que eu fui inteiramente logrado. Ela precisa ser magoada desse modo, para que não sofra um mal maior.

— Por que me diz isso, pai? Talvez eu deixe escapar...

— Eles não vão vigiar você. Você manterá o segredo. É preciso.

Caminhou para as janelas sem se virar, dizendo: — Desse modo, se alguma coisa me acontecer, você pode avisá-la — contar a ela que eu nunca duvidei, nem pelo menor instante. Eu gostaria que ela soubesse disso. — Paul reconheceu os pensamentos de morte nas palavras de seu pai, falando rapidamente:

— Nada vai lhe acontecer, senhor. Os...

— Cale-se, filho.

Paul observou seu pai pelas costas, percebendo a fadiga no ângulo do pescoço, na linha dos ombros, nos movimentos lentos.

— Está apenas cansado, pai.

— Estou cansado — concordou o Duque. — Estou moralmente cansado. A melancólica degeneração das Grandes Casas me atingiu afinal. E nós fomos tão fortes um dia!

Paul respondeu em rápida irritação:

— Nossa Casa não degenerou!

— Será que não?

O Duque voltou-se, encarando o filho, revelando os círculos escuros ao redor de seus olhos, uma contorção desdenhosa na boca.

— Eu devia ter me casado com sua mãe, fazendo dela minha duquesa. E no entanto... minha condição de solteiro poderia dar a alguma das Casas a esperança de se aliarem comigo, através de suas filhas em idade de casamento. — Deu de ombros. — E assim...

— Mamãe explicou tudo isso para mim.

— Nada conquista mais lealdade para um líder que um ar de bravura. Portanto, eu cultivei essa aparência.

— O senhor lidera muito bem — protestou Paul. — E governa bem. Os homens o seguem por vontade própria, e o amam.

— Meu corpo de propaganda é um dos melhores — continuou o Duque, voltando-se para fitar novamente a depressão. — Existe maior oportunidade para nós, aqui, em Arrakis, do que o Império suspeita. No entanto, às vezes eu penso se não teria sido melhor se tivéssemos fugido, tornando-nos renegados. As vezes eu gostaria de poder afundar num anonimato entre as pessoas, tornar-me menos exposto...

— Pai!

— Sim, estou cansado. Você sabia que estamos usando resíduo de especiaria como matéria-prima, e já temos nossa própria fábrica para manufaturar filme-base?

— Senhor?

— Não podemos sofrer escassez de filme-base. De outro modo, como poderíamos inundar cada vila e cidade com nossas informações? As pessoas devem tomar conhecimento de quão bem as governo. E como poderiam saber se não lhes contássemos?

— O senhor deve descansar um pouco — aconselhou Paul.

Mais uma vez o Duque encarou o filho.

— Arrakis tem outra vantagem que eu quase esqueci de mencionar. Especiaria está em toda parte, aqui. Você a respira e come em quase tudo. E eu descobri que isso confere certa imunidade aos venenos mais comuns do Manual dos Assassinos. A necessidade de vigiar cada gota de água coloca toda a produção de alimentos — cultura de lêvedo, hidropônica, chemavit, tudo — sob a mais cuidadosa fiscalização. Não podemos eliminar grandes segmentos de nossa população com veneno, e igualmente não podemos ser atacados desse modo. Arrakis nos torna moralmente éticos.

Paul começou a falar, mas o Duque o interrompeu:

— Eu precisava de alguém para quem pudesse dizer estas coisas, filho. — Ele suspirou, olhando de volta para a paisagem seca, onde até mesmo as flores haviam desaparecido, pisadas pelos colhedores de orvalho, secas sob o sol da manhã, após seu crescimento explosivo durante a noite.

— Em Caladan nós governávamos com poder aéreo e marítimo. Aqui, nós precisamos engatinhar atrás de um poder sobre o deserto. Esta é a sua herança, Paul. No que você se tornará, se algo me acontecer? Você não se tornará uma Casa renegada, e sim uma Casa guerrilheira caçada, fugindo.

Paul buscou as palavras, incapaz de encontrar algo para dizer.

Nunca antes vira seu pai tão abatido.

— Para manter Arrakis — continuou ele —, nos defrontamos com decisões que podem nos custar o auto-respeito. — Apontou para fora da janela, em direção à bandeira verde e negra dos Atreides, pendendo imóvel de um mastro na extremidade do campo. — Aquela honrosa flâmula pode vir a significar muitas coisas maléficas.

Paul engoliu, sentindo a garganta seca. As palavras do pai traziam futilidades, o senso de fatalismo que deixava o rapaz com uma sensação de vazio no peito.

O Duque pegou um tablete antifadiga de dentro do bolso, engoliu-o sem água.

— Poder e medo — continuou. — As ferramentas da arte de governar. Devo ordenar nova ênfase no treinamento de guerrilha para você. Naquele filme ali — eles o chamam de "Mahdi Lisan al-Gaib" — como último recurso, você deve capitalizar isso.

Paul observou os ombros de seu pai se endireitarem, enquanto o tablete fazia efeito, mas as palavras de medo e dúvida permaneciam em sua mente.

— O que está retardando aquele ecologista? Eu disse a Thufir que o trouxesse aqui cedo.

15

Meu pai, o Imperador Padishah, me pegou pela mão um dia e senti, pelo que minha mãe me ensinara, que ele estava perturbado. Ele me levou até o Salão dos Retratos, até a ego-semelhança do Duque Leto Atreides. Eu percebi a forte semelhança entre eles — entre meu pai e aquele homem no retrato — ambos com rostos magros e elegantes, feições incisivas dominados por olhos frios.

— Princesa-filha — disse ele — eu desejei que você estivesse mais velha, quando chegou a ocasião deste homem escolher uma esposa. — Meu pai tinha 71 naquela ocasião, mas não parecia mais velho que o homem no retrato. Eu só tinha 14, mas me lembro de perceber imediatamente que meu pai desejava secretamente que o Duque fosse seu filho, e lamentava as razões políticas que fariam deles inimigos.

— de Na Casa de Meu Pai,
escrito pela Princesa Irulan

O primeiro encontro do Dr. Kynes com as pessoas a quem lhe haviam ordenado trair deixou-o abalado. Ele se orgulhava de ser um cientista, para quem as lendas eram apenas indícios apontando raízes culturais. Entretanto, o rapaz se adequava muito precisamente na velha profecia. Ele tinha os "olhos indagadores" e o ar de "franqueza reservada".

É claro que a profecia deixava uma certa liberdade quanto ao detalhe se a Deusa-Mãe traria o Messias com ela, ou o produziria no local. Ainda assim havia uma correspondência curiosa entre previsão e pessoa.

Eles se encontraram no meio da manhã, do lado de fora do prédio da administração do campo de pouso de Arrakeen. Um ornitóptero sem marcas agachava-se nas proximidades, zumbindo suavemente, de prontidão como um inseto sonolento. Um guarda dos Atreides colocava-se ao lado, com a espada desembainhada e provocando uma fraca distorção do escudo ao seu redor.

Kynes sorriu desdenhosamente ante o padrão do escudo, pensando: "Arrakis tem uma surpresa guardada para eles!"

O planetólogo ergueu a mão, sinalizando para que sua guarda Fremen

retrocedesse. Caminhou adiante, na direção da entrada do edifício — um buraco negro na rocha envolta em plástico. “Tão exposto este prédio monolítico”, pensou ele. “Tão menos adequado que uma caverna.”

O movimento dentro da entrada prendeu sua atenção. Ele parou, aproveitando o momento para ajustar seu manto, e o controle do traje destilador no ombro esquerdo.

As portas da entrada se abriram. Guardas Atreides emergiram, todos pesadamente armados: atordoadores de projéteis lentos, escudos e espadas. Por trás deles vinha um homem alto, de feições aquilinas, com pele e cabelos escuros. Usava um manto-juba, com a crista dos Atreides no peito, e o usava de um modo que traía sua pouca familiaridade com o traje, que se agarrava às pernas do trajedestilador num dos lados. Faltava-lhe um ritmo livre e gingado ao caminhar.

Ao lado do homem caminhava um jovem com o mesmo cabelo escuro, mas de rosto mais arredondado. Parecia muito pequeno para ter quinze anos, que Kynes sabia ser sua idade. Todavia, o corpo jovem carregava um senso de comando, uma segurança empertigada, como se visse e conhecesse coisas à sua volta que fossem invisíveis aos outros. Usava um manto do mesmo tipo que o do pai, mas com uma naturalidade espontânea aparentando a familiaridade de quem sempre usara tal vestuário.

— “O Mahdi terá consciência de coisas que os outros não podem ver”, dizia a profecia.

Kynes sacudiu a cabeça, dizendo para si mesmo: “Eles são apenas pessoas.”

Junto com os dois, e vestido como eles para o deserto, vinha um homem que Kynes reconheceu: Gurney Halleck. Respirou fundo para conter seu ressentimento contra Halleck, que lhe dera instruções quanto ao modo de se portar diante do duque e seu herdeiro.

— Pode chamar o Duque de “meu senhor”, ou “Sir”. “Meu Nobre” também é correto, mas geralmente reservado para ocasiões mais formais. O filho deve ser chamado “jovem mestre”, ou “meu senhor”. O Duque é um homem de muita indulgência, mas não tolera intimidade — dissera-lhe.

E Kynes pensava, enquanto observava o grupo se aproximar: “Eles aprenderão logo quem é o senhor aqui em Arrakis. Mandam-me ser interrogado no meio da noite por aquele Mentat, não mandam? Esperam que eu os guie numa inspeção da mineração de especiaria, não esperam?”

O significado das perguntas de Idaho não escapara a Kynes.

Eles queriam as bases Imperiais. E era óbvio que haviam tomado conhecimento das bases por obra de Idaho.

“Cuidarei para que Stilgar envie a cabeça de Idaho para o seu Duque”, disse Kynes para si mesmo.

O grupo do Duque encontrava-se a apenas alguns passos de distância, seus pés em botas de deserto esmagando a areia.

Kynes se curvou.

— Meu senhor Duque.

Ao se aproximar, Leto observara com interesse a figura solitária, de pé ao lado do ornitóptero: alto, magro, vestido para o deserto com um manto largo, traje-destilador e botas de cano curto.

O capuz do homem estava lançado para trás, o véu pendendo de um dos lados, revelando o cabelo louro-palha longo e uma barba rala. Seus olhos insondáveis eram de um azul dentro de azul, sob sobrancelhas espessas. Restos de manchas negras permaneciam ao redor dos olhos.

— Você é o ecologista — disse o Duque.

— Nós preferimos, por aqui, o velho título, meu senhor: planetólogo.

— Como desejar. — Leto olhou para Paul. — Filho, este é o juiz da Mudança, árbitro das disputas, o homem colocado aqui para verificar se as formalidades são obedecidas em nossa suposição de poder sobre este feudo. — Olhou para Kynes. — E este é meu filho.

— Meu senhor — disse Kynes.

— Você é um Fremen? — indagou Paul.

Kynes sorriu. — Sou aceito em ambos os lugares, sietch e vilarejos, jovem mestre. Mas estou a serviço de Sua Majestade, o Planetólogo Imperial.

Paul assentiu, impressionado pela aparência de força transmitida pelo homem. Halleck lhe apontara Kynes de uma das janelas superiores no prédio da administração.

— Aquele homem, com a escolta de Fremen, movendo-se agora para o ornitóptero.

Paul observara Kynes durante alguns segundos, através dos binóculos, notando a boca reta, a testa alta. Halleck dissera em seu ouvido:

— Um tipo estranho. Tem um modo preciso de falar, direto, incisivo como uma lâmina.

E o Duque por trás deles dissera:

— Tipo cientista.

Agora, a apenas alguns passos do homem, Paul sentia o poder de Kynes, o impacto de sua personalidade, como se ele tivesse sangue real, nascido para comandar.

— Compreendo que devemos agradecer-lhe nossos trajes destiladores e estes mantos — disse Leto.

— Espero que eles lhe sirvam bem, meu senhor. São de confecção Fremen e tão próximos quanto possível das dimensões fornecidas a mim por seu homem, Halleck.

— Eu me preocupei quando disse que não poderia nos levar para o deserto a menos que usássemos estes trajes. Nós podemos carregar bastante água, não pretendemos ficar muito tempo fora e teremos cobertura aérea — a escolta que pode ver acima de nós, neste momento. Não é provável que sejamos forçados a descer.

Kynes olhou para Leto, vendo a carne gorda de água e falou friamente:

— Nunca fale em probabilidade em Arrakis. Você fala somente em possibilidades.

Halleck ficou rígido.

— O Duque deve ser tratado como Meu Senhor ou Sir!

Leto fez o sinal particular com a mão, avisando a Halleck para desistir, e disse:

— Nossos costumes são novos aqui, Gurney. Devemos ser tolerantes.

— Como quiser, senhor.

— Temos uma dívida para com o senhor, Dr. Kynes. Estes trajes e a consideração por nosso bem-estar serão lembrados.

Num impulso, Paul lembrou-se de uma citação da Bíblia C. L., dizendo:

— “A dádiva é a bênção do rio.”

As palavras foram transportadas no ar parado e a escolta Fremen, que Kynes deixara na sombra do prédio da administração, saltou de sua posição agachada de repouso, balbuciando em clara agitação. Um deles gritou: — Lisan al-Gaib!

Kynes girou nos calcanhares, fazendo um sinal curto, como um golpe com a mão, mandando os guardas embora. Eles se afastaram balbuciando, dando a volta ao prédio.

— Muito interessante — observou Leto.

Kynes olhou duramente para o Duque e para Paul: — A maioria dos nativos do deserto por aqui é muito supersticiosa. Não lhes dê atenção, eles não pretendiam fazer nenhum mal. — No íntimo ele pensava nas palavras da lenda: — “Ele o saudará com palavras sagradas, e sua dádiva será uma bênção.”

O julgamento de Leto, com relação a Kynes — baseado parcialmente num breve relatório verbal de Hawat (cheio de suspeitas e cauteloso) —, cristalizou-se subitamente. O homem era um Fremen. Kynes viera com uma escolta Fremen, o que poderia significar que os Fremen testavam sua nova liberdade para entrar nas áreas urbanas. Todavia, parecera uma guarda de honra. Por seus modos, Kynes era um homem orgulhoso, acostumado à liberdade, seus modos e

sua língua contidos apenas por suas próprias suspeitas. A pergunta de Paul fora direta e pertinente.

Kynes se tornara nativo.

— Não devíamos partir, senhor? — indagou Halleck.

O Duque assentiu.

— Pilotarei meu próprio "tóptero". Kynes pode se sentar na frente comigo e me orientar. Você e Paul tornam os assentos traseiros.

— Um momento, por favor — disse Kynes. — Com sua permissão, senhor, devo checar a segurança de seus trajes.

O Duque tentou dizer alguma coisa mas Kynes insistiu:

— Eu me preocupo com minha própria carne, assim como com a sua... meu senhor. Sei muito bem qual será a garganta a ser cortada, se algo acontecer a vocês dois enquanto estiverem sob meus cuidados.

O Duque franziu a testa, pensando: "Como é delicado este momento. Se me recusar posso ofendê-lo. E este pode ser um homem cujo valor para mim ultrapassa as medidas. Entretanto... deixá-lo penetrar meu escudo, tocando minha pessoa quando conheço tão pouco a seu respeito!"

Os pensamentos relampejaram em sua mente, com uma decisão seguindo rápido em seu encalço:

— Estamos em suas mãos — disse, e deu um passo adiante abrindo seu manto. Viu Halleck ficar na ponta do pé, sério e alerta, mas permanecendo onde estava. — E se tiver a bondade, eu apreciaria uma explicação a respeito do traje, fornecida por alguém que vive tão intimamente com ele.

— Certamente — respondeu Kynes. Tateou sob o manto, sentindo os fechos de ombro, falando enquanto inspecionava o traje.

— Trata-se, basicamente, de um micro sanduíche: um filtro de alta eficiência com sistema de troca de calor. — Ajustou os selos de ombro. — A camada de contato com a pele é porosa. O suor passa através dela resfriando o corpo num processo de evaporação quase normal. As duas camadas seguintes... — corrigiu o assentamento, apertando mais no peito — ... incluem filamentos para troca de calor, e precipitadores de sal. O sal é recuperado.

O Duque ergueu os braços num gesto, e disse:

— Muito interessante.

— Respire profundamente — instruiu Kynes.

Leto obedeceu.

Kynes observou os fechos sob o braço, ajustando um. Os movimentos do corpo, principalmente a respiração e um pouco de ação osmótica, fornecem a força de bombeamento. Afrouxou levemente o ajuste no peito. — A água recuperada circula para bolsas de armazenagem, das quais você suga, através

deste tubo, no prendedor sobre seu pescoço.

O Duque virou o queixo abaixando a cabeça para ver a extremidade do tubo.

— Eficiente e conveniente — disse ele. Boa engenharia.

Kynes ajoelhou-se, observando o vedamento das pernas. Urina e fezes são processados nos bolsões da coxa. — Levantou-se verificando o caimento no pescoço, erguendo uma aba seccionada lá. — No deserto você usa este filtro sobre seu rosto, com este tubo nas narinas e tampões para assegurar um encaixe perfeito. Respire através do filtro sobre a boca, e expire pelo tubo no nariz. Com um traje Fremen em boas condições de funcionamento, não perderá mais que um dedal de umidade por dia — mesmo se for apanhado no Grande Erg.

— Um dedal por dia — repetiu Leto.

Kynes comprimiu o dedo contra a almofada do traje sobre a testa:

— Isto pode roçar um pouco. Se irritá-lo, por favor me diga. Eu poderia ajustar um pouco mais.

— Meus agradecimentos. — O Duque moveu os ombros dentro do traje, enquanto Kynes recuava, percebendo que ficava melhor agora — mais justo e menos irritante.

Kynes voltou-se para Paul.

— Agora vamos dar uma olhada em você, rapaz.

“Um bom homem”, pensou o Duque, “mas terá de aprender a se dirigir a nós no modo conveniente.”

Paul permaneceu passivo enquanto Kynes inspecionava o traje. Fora uma sensação estranha vestir o traje enrugado, com sua superfície escorregadia. Em sua consciência existia o conhecimento absoluto de que nunca antes usara um traje-destilador. E, no entanto, cada movimento, ao ajustar as presilhas adesivas sob a inexperiente orientação de Gurney, lhe parecera natural, instintivo.

Ao apertar o ajuste do peito, para obter o máximo de ação bombeadora a partir do movimento da respiração, sabia o que fazia e por quê. Ao ajustar as presilhas do pescoço e da testa soubera ser necessário tê-las bem apertadas, para evitar esfoladuras por fricção.

Kynes endireitou o corpo recuando com uma expressão intrigada.

— Já usou um traje-destilador antes?

— Esta é a primeira vez.

— Então alguém o ajustou para você?

— Não.

— Suas botas para o deserto estão encaixadas no estilo chinelo, nos calcanhares. Quem lhe disse para fazer desse modo?

— Parecia o modo correto.

— Certamente que é.

Kynes passou a mão pelo rosto, pensando na lenda: — "Ele conhecerá teus caminhos como se neles houvesse nascido."

— Nós estamos perdendo tempo — disse Leto. Gesticulou para o tóptero que aguardava e tomou a frente, aceitando a saudação do guarda com um aceno. Entrou ajustando o cinto de segurança, verificando controles e instrumentos. O aparelho estalou enquanto os outros subiam a bordo.

Kynes prendia seus cinturões enquanto notava o conforto acolchoado da aeronave — um luxo suave de estofamentos cinza esverdeados, instrumentos brilhantes, e a sensação de ar filtrado e umedecido em seus pulmões enquanto as portas se fechavam e as aberturas de ventilação começavam a zumbir.

"Tão suave", pensou ele.

— Tudo pronto, senhor! — avisou Halleck.

Leto liberou a energia para as asas, sentindo-as erguer-se e baixar uma, duas vezes. Estavam no ar, dez metros de altura, asas embandeiradas e jatos traseiros impulsionando-os para cima, numa ascensão íngreme.

— Sudeste, sobre a Muralha Escudo — orientou Kynes. — É para onde instruí o seu mestre de areia a concentrar o equipamento.

— Certo.

O Duque inclinou-se em direção à sua escolta, as outras aeronaves assumindo posições de guarda enquanto se dirigiam para sudeste.

— O projeto e a manufatura desses trajes revelam um alto grau de sofisticação — comentou Leto.

— Algum dia eu lhe mostrarei uma fábrica-sietch respondeu Kynes.

— Eu acharia interessante. Percebi que alguns trajes são manufaturados em cidades de guarnição.

— Cópias inferiores. Qualquer homem de Duna que dê valor a sua pele usa um traje Fremen.

— Que reduzirá sua perda de água a um dedal por dia?

— Adequadamente trajado, com o capuz da testa lacrado, todos os fechos em ordem, sua maior perda de água é através das palmas em suas mãos — explicou Kynes. — Pode usar luvas se não estiver usando as mãos em trabalho delicado; mas a maioria dos Fremen, quando no deserto, esfrega suas mãos com o suco das folhas do arbusto creosoto. Ele inibe a transpiração.

O Duque olhou à esquerda e para baixo, em direção ao panorama acidentado da Muralha Escudo. Abismos de rocha torturada, manchas de amarelo-marrom cruzadas por linhas negras de rompimento de falhas. Era como se alguém houvesse deixado cair essa região do espaço, abandonando-a onde se esmagara.

Cruzaram uma depressão estreita, com um nítido contorno de areia cinzenta espalhando-se para dentro da bacia. Um delta seco delineado de encontro à rocha mais escura.

Kynes recostou-se no assento, pensando na carne gorda de água que sentira por baixo dos trajes-destiladores. Eles usavam cinturões escudos sobre seus mantos, atordoadores de projéteis lentos na cintura, e transmissores de emergência do tamanho de moedas em cordões ao redor do pescoço. Ambos, o Duque e seu filho, carregavam facas em bainhas afiveladas ao redor dos pulsos, e parecendo bem gastas. Pessoas que transmitiam a Kynes uma curiosa combinação de delicadeza e força armada. Havia uma atitude neles completamente diferente dos Harkonnen.

— Quando fizer seu relatório ao imperador sobre a mudança de governo, dirá que nós obedecemos às regras? — indagou Leto, olhando rapidamente para Kynes, depois voltando sua atenção para o curso seguido.

— Os Harkonnen se foram, vocês vieram — disse Kynes lacônicamente.

— E está tudo como deveria ser? — insistiu Leto.

Uma tensão momentânea mostrou-se no contrair de um músculo no queixo de Kynes.

— Como planetólogo e juiz da Mudança, sou um servidor direto do Império... meu senhor.

O Duque sorriu friamente.

— Mas nós conhecemos as realidades.

— Eu relembro que Sua Majestade apóia meu trabalho.

— Deveras? E qual é o seu trabalho?

No breve silêncio que se seguiu, Paul pensou: “Ele está forçando Kynes muito precipitadamente.” Olhou para Halleck, mas o menestrel-guerreiro olhava para fora, em direção ao panorama desolado.

Kynes falou de modo duro:

— Obviamente refere-se ao meu trabalho como planetólogo.

— Obviamente.

— Trata-se principalmente de biologia das terras áridas e botânica... algum trabalho geológico de perfuração de solo para obter amostras, e testes. As possibilidades de um planeta inteiro nunca se esgotam.

— Também investigou a especiaria?

Kynes voltou-se, e Paul reparou na linha de severidade sobre a face do homem.

— Uma pergunta singular, meu senhor.

— Tenha em mente, Kynes, que este agora é o meu feudo. Meus métodos diferem daqueles dos Harkonnen. Eu não me importo que você estude a

especiaria desde que eu compartilhe de suas descobertas. — Olhou para o planetólogo e indagou: — Os Harkonnen desencorajavam o estudo da especiaria, não?

Kynes correspondeu ao olhar sem responder.

— Pode falar francamente — disse Leto —, sem temer por sua pele.

— A Corte Imperial se encontra de fato muito distante murmurou Kynes enquanto pensava: "O que espera este invasor? Será que me julga tão tolo a ponto de me colocar ao seu lado?"

O Duque riu, voltando sua atenção para a tarefa de manter a aeronave no curso.

— Percebo um tom amargo em sua voz, senhor. Entramos aqui com nosso grupo de matadores domesticados, hein? E esperamos que perceba imediatamente que somos diferentes dos Harkonnen?

— Já vi a propaganda com que inundaram cada sietch e vila — respondeu Kynes.— "Ame o bom Duque, seu corpo de..."

— Agora chega! — gritou Halleck inclinando-se para a frente.

Paul pôs a mão no ombro de Halleck.

— Gurney! — advertiu Leto, olhando para trás. — Este homem passou muito tempo sob o governo dos Harkonnen.

Halleck recostou-se novamente no assento.

— Sim.

— Seu homem, Hawat, foi muito sutil — disse Kynes. — Mas seu objetivo era claro.

— Abrirá aquelas bases para nós, então?

Kynes respondeu bruscamente:

— Elas são propriedade de sua Majestade Imperial.

— Mas não estão sendo usadas.

— Elas poderiam ser usadas.

— E Sua Majestade concorda?

Kynes lançou um olhar duro sobre o Duque.

— Arrakis poderia ser um éden se seus governantes olhassem além da mera escavação de especiaria!

"Ele não respondeu à minha pergunta", pensou o Duque.

"Como pode um planeta se tornar um Éden sem dinheiro?"

— Para que serve o dinheiro, se não compra os serviços de que se necessita?

"Ah, agora sim!", pensou Leto, dizendo:

— Discutiremos isso em outra ocasião. Agora creio que estamos chegando à borda da Muralha Escudo. Devo manter o mesmo curso?

— O mesmo curso — murmurou Kynes.

Paul olhou pela janela. Abaixo deles o terreno acidentado começava a rebaixar em cristas que se amontoavam em direção a uma planície de rocha nua terminando numa saliência de bordas nítidas. Além da borda, finos crescentes de dunas marchavam em direção ao horizonte, com manchas monótonas aqui e ali indicando a existência de alguma coisa que não areia. Afloramentos de rocha, talvez. No ar tremulante de calor, Paul não podia ter certeza.

— Existem plantas lá embaixo? — indagou Paul.

— Algumas — respondeu Kynes. — Na zona de vida desta latitude, existem principalmente o que chamamos de pequenos ladrões-de-água, adaptados para invadirem um ao outro, em busca de umidade, engolindo os vestígios de orvalho. Algumas partes do deserto pululam com vida, cada variedade aprendeu como sobreviver nestes rigores. Se for apanhado lá, você também terá que imitar esse tipo de vida, ou então morrer.

— Quer dizer roubar água um ao outro? — perguntou Paul.

A idéia lhe parecia uma afronta, e sua voz traía sua emoção.

— Acontece — continuou Kynes —, mas isso não era precisamente o que eu tinha em mente. Como vêem, meu clima exige uma atitude especial com relação à água. Você se torna consciente da água todo o tempo. Não desperdiça nada que contenha umidade.

O Duque pensou: — "... meu clima."

— Gire dois graus mais ao sul, meu senhor — advertiu Kynes. — Há um vento soprando do oeste.

O Duque assentiu com a cabeça. Já vira os rolos de poeira cor de cobre naquela direção. Inclinou o "tóptero" numa curva, percebendo o modo como as asas dos escoltas refletiam o laranja leitoso da luz refratada pela poeira, ao se virarem para acompanhá-los.

— Isso deve nos colocar além da borda da tempestade explicou Kynes.

— Aquela areia deve ser perigosa, se você voar dentro dela comentou Paul. — É verdade que ela corta os metais mais fortes?

— Nesta altitude não é areia, e sim pó — respondeu Kynes. — O perigo reside na falta de visibilidade, turbulência e obstrução das entradas de ar dos motores.

— Veremos mineração de especiaria hoje?

— Muito provável.

Paul recostou-se no assento. Tinha usado suas perguntas e a hiperconsciência para fazer o que sua mãe chamava de "registrar" uma pessoa. Possuía Kynes agora — tom de voz, cada detalhe na face ou gesto. Um dobramento irregular na manga esquerda do manto revelava uma faca numa

bainha de punho. A cintura se avolumava estranhamente. Dizia-se que os homens do deserto usavam uma cinta, na qual enfiavam pequenos acessórios.

Talvez as protuberâncias fossem produzidas por tal cinta, certamente não eram de algum cinturão escudo oculto. Um pino de cobre entalhado com uma figura semelhante a uma lebre prendia o manto de Kynes no pescoço. Outro pino menor, de forma semelhante, prendia-se na extremidade do capuz, agora caído sobre os ombros.

Halleck virou-se no assento ao lado de Paul, estendendo a mão para o compartimento traseiro, de onde tirou seu baliset. Kynes observou enquanto Halleck afinava o instrumento, depois voltou sua atenção para a rota percorrida.

— Que gostaria de ouvir, jovem Mestre?

— Você escolhe, Gurney.

Halleck aproximou o ouvido do quadro sonoro, tocou uma corda e cantou suavemente:

“Nossos pais comiam maná no deserto,
Nos locais flamejantes onde nascem os torvelinhos.
Senhor, salve-nos daquela terra horrível!
Salve-nos... ohhh, salve-nos
Da terra seca e sedenta.”

Kynes olhou para o Duque, dizendo:

— Você viaja com uma guarda bem pequena, meu senhor. São todos eles homens de muito talento?

— Gurney? — Leto sorriu. — Gurney é único. Eu gosto de tê-lo comigo por seus olhos. Seus olhos não deixam escapar quase nada.

O planetólogo franziu as sobrancelhas.

Sem perder o tom ou a rima, Halleck interpôs:

“Pois eu sou como a coruja do deserto Ahh! Como a coruja do deserto!”

Leto estendeu a mão apanhando um microfone do painel de instrumentos, que ativou com o polegar, dizendo :

— Líder para escolta Gamma. Objeto voador às nove horas, setor B. Pode identificá-la?

— É apenas um pássaro — disse Kynes, e acrescentou. — Você tem olhos penetrantes.

O alto-falante do painel estalou, e uma voz se ouviu:

— Escolta Gamma. Objeto examinado sob ampliação total. É um grande pássaro.

Paul olhou na direção indicada, vendo o ponto distante: um ponto em movimento intermitente, e percebeu quão alerta seu pai devia estar. Cada sentido

perfeitamente atento.

— Eu não sabia que havia pássaros desse tamanho tão longe, deserto adentro — comentou o Duque.

— Provavelmente era uma águia — explicou Kynes. — Muitas criaturas se adaptaram a este lugar.

O ornitóptero voou sobre uma planície de rocha nua. Paul olhou para baixo, de uma altura de dois mil metros, vendo a sombra enrugada de sua nave e da escolta. A terra embaixo parecia plana, mas as ondulações na sombra revelavam o contrário.

— Alguém já conseguiu escapar do deserto? — indagou o Duque.

A música de Halleck parou. Ele inclinou-se para a frente a fim de ouvir melhor a resposta.

— Não do deserto profundo — disse Kynes. — Homens já caminharam para fora da zona secundária várias vezes. Eles sobreviveram ao cruzá-la através das áreas rochosas, onde os vermes raramente vão.

O timbre na voz de Kynes prendeu a atenção de Paul. Percebeu seus sentidos tornando-se alertas na maneira como haviam sido treinados.

— Ah, os vermes — disse Leto. — Preciso ver um algum dia.

— Pode ver um hoje — respondeu Kynes. — Onde quer que exista especiaria, existirão vermes.

— Sempre? — indagou Halleck.

— Sempre.

— Existe então uma relação entre os vermes e a especiaria?

Kynes voltou-se, e Paul percebeu os lábios contraídos enquanto ele falava.

— Eles defendem areias de especiaria. Cada verme tem um... território. Quanto à especiaria, quem sabe? Os espécimes de vermes que examinamos nos levam a suspeitar de complicadas interações químicas dentro deles. Descobrimos traços de ácido hidroclorídrico nos dutos, formas mais complicadas de ácido em outras partes. Posso dar-lhe uma de minhas monografias a respeito.

— E um escudo não é defesa? — indagou Leto.

— Escudos! — zombou Kynes. — Ative um escudo dentro da zona dos vermes e selará seu destino. Os vermes ignorarão as divisões territoriais e virão de muito longe para atacar o escudo. Nenhum homem usando escudo jamais sobreviveu a tal ataque.

— Como se podem abater os vermes, então?

— Choque elétrico de alta voltagem, aplicado separadamente em cada um dos anéis-segmentos, é o único modo conhecido de matar e preservar um verme inteiro. Eles podem ser atordoados e despedaçados com explosivos, mas cada anel-segmento possui vida própria. Excetuando-se os atômicos, eu não conheço

nenhum explosivo suficientemente poderoso para destruir inteiramente um grande verme. Eles são incrivelmente resistentes.

— Por que não foi feito nenhum esforço no sentido de exterminá-los totalmente? — indagou Paul.

— Muito dispendioso. Seria preciso cobrir uma área muito grande.

Paul acomodou-se em seu canto. Seu senso de verdade e sua consciência de tonalidade de voz revelavam-lhe que Kynes estava mentindo e dizendo meias-verdades. Pensou: "Se existe um relacionamento entre os vermes e a especiaria, então matar os vermes destruiria a especiaria."

— Breve, ninguém terá que caminhar para fora do deserto explicou Leto. — Colocando-se estes pequenos transmissores no pescoço, o salvamento estará a caminho. Todos os nossos trabalhadores vão usá-los. Estamos instalando um serviço especial de salvamento.

— Muito louvável — disse Kynes.

— Seu tom de voz revela que não concorda — observou Leto.

— Concordar? É claro que eu concordo, mas não vai adiantar muito. A eletricidade estática das tempestades de areia cobre muitos sinais. Os transmissores entram em curto. Isso já foi tentado antes, como deve saber. Arrakis é muito duro com equipamentos. E se há um verme caçando, não lhe sobra muito tempo. Frequentemente não se tem mais do que quinze ou vinte minutos.

— Qual seria a sua recomendação?

— Pede o meu conselho?

— Como planetólogo, sim.

— E o seguiria?

— Se julgá-lo sensato.

— Muito bem, meu senhor: nunca viaje sozinho.

O Duque voltou sua atenção aos controles.

— Isso é tudo?

— É. Nunca viaje sozinho.

— E se ficar desgarrado durante uma tempestade e for forçado a descer? — indagou Halleck. — Não há alguma coisa que se possa fazer?

— Alguma coisa cobre um campo de possibilidades muito grande.

— O que você faria? — indagou Paul.

Kynes olhou duramente para o rapaz, depois concentrou sua atenção de novo no Duque.

— Eu me lembraria de proteger a integridade de meu traje-destilador. Se estivesse fora da zona dos vermes, ou sobre terreno rochoso, eu ficaria junto da nave. Se estivesse sobre areia aberta, me afastaria da nave o mais rápido que

pudesse. Uns mil metros seriam o suficiente. Então me esconderia debaixo de meu manto. Um verme pegaria a nave, mas poderia deixar de me perceber.

— E então o quê? — indagou Halleck.

Kynes deu de ombros.

— Esperaria que o verme fosse embora.

— Isso é tudo? — indagou Paul.

— Depois que o verme se fosse, tentaria sair caminhando. Deve-se andar de modo suave, evitar areias-tambor ou bacias de maré-poeira, dirigir-se para a área rochosa mais próxima. Existem muitas áreas assim. Pode-se conseguir.

— Areias-tambor? — indagou Halleck.

— Uma forma de compactação da areia. O mais leve passo a faz ressoar. Isto sempre atrai a atenção dos vermes.

— E uma bacia de maré-poeira? — perguntou Leto.

— São certas depressões no deserto que ficaram cheias de pó ao longo dos séculos. Algumas são tão vastas a ponto de possuírem correntes e marés. Todas engolirão o descuidado que pisar nelas.

Halleck recostou-se, dedilhando novamente o baliset. Daí a pouco ele cantou:

“Os animais selvagens do deserto caçam por lá, esperando os inocentes passarem.

Ohh não provoques os deuses do deserto, ou terás um epitáfio solitário.

Os perigos do...”

Interrompeu a canção inclinando-se para a frente.

— Nuvem de poeira adiante, senhor.

— Estou vendo, Gurney.

— Isso é o que procuramos — disse Kynes.

Paul esticou-se no assento para olhar, vendo uma nuvem ondulada de cor amarela, agarrando-se à superfície do deserto, uns trinta quilômetros adiante.

— Um de nossos tratores-fábricas — disse Kynes. — Está sobre a superfície, o que indica se encontrar colhendo especiaria. A nuvem é areia sendo expelida, depois que a especiaria foi centrifugamente removida. Não há outra nuvem exatamente igual àquela.

— Aeronave acima dela — disse Leto.

— Estou vendo dois... três... quatro vigias. Estão observando para detectar sinal de verme.

— Sinal de verme? — indagou o Duque.

— Uma onda de areia movendo-se em direção ao trator. Eles devem ter sondas sísmicas na superfície, também. Os vermes às vezes viajam muito profundos, o que dificulta que a onda se mostre. — Kynes observou o céu ao

redor. — Devia haver um transporta-tudo por aqui, mas não consigo vê-lo.

— O verme sempre aparece, hein? — indagou Halleck.

— Sempre.

Paul inclinou-se, tocando o ombro de Kynes.

— Qual é o tamanho de cada área exigida por um verme?

Kynes franziu a testa. A criança continua a fazer perguntas de adulto.

— Isto depende do tamanho do verme.

— Qual é a variação? — perguntou Leto.

— Os grandes podem controlar trezentos ou quatrocentos quilômetros quadrados. Os pequenos... — parou enquanto o Duque pisava nos freios dos jatos. A aeronave sacudiu-se enquanto os casulos dos jatos na cauda sussurravam, silenciando. Asas curtas alongaram-se, colhendo o ar. A nave tornou-se um verdadeiro "tóptero" enquanto o Duque fazia uma curva, mantendo as asas numa batida suave, e apontando com sua mão esquerda para o leste, além da fábrica-trator.

— Aquilo lá é um sinal de verme?

Kynes inclinou-se sobre o Duque para olhar na direção indicada.

Halleck e Paul se reuniram, olhando na mesma direção, e este percebeu que a escolta, apanhada de surpresa pela manobra súbita, se adiantara, e agora iniciava uma curva de retorno. O trator-fábrica encontrava-se ainda a três quilômetros de distância.

Aonde o Duque apontara, as dunas em forma de crescente lançavam sombras onduladas na direção do horizonte, e estendendo-se ao longo delas, como uma curva de nível esticada na distância, vinha um alongado monte em movimento, uma crista de areia. Paul lembrou-se da turbulência causada por um grande peixe nadando logo abaixo da superfície.

— Verme — disse Kynes. — Um dos grandes. — Inclinou-se para trás, pegando o microfone do painel e acionando uma nova frequência no seletor. Olhando para a carta quadriculada, colocada num tambor acima de suas cabeças, ele chamou: — Chamando trator em Delta Ajax Niner, aviso sinal de verme. Trator em Delta Ajax Niner, aviso sinal de verme. Confirme recebimento, por favor.

O alto-falante do painel emitiu estalidos de estática, depois uma voz:

— Quem chama Delta Ajax Niner? Câmbio.

— Eles parecem muito calmos — comentou Halleck.

Kynes falou no microfone.

— Vôo não registrado, a norte e a leste de vocês, aproximadamente três quilômetros. Sinal de verme em curso de colisão com sua posição; tempo de contato estimado em vinte e cinco minutos.

Outra voz soou no alto-falante:

— Aqui é o controle-localizador. Observação confirmada. Fiquem de prontidão para o cálculo de contato. — Houve uma pausa e então: — Contato em vinte e seis minutos, não mais. Foi uma estimativa precisa. Quem está no vôo sem registro? Câmbio.

Halleck soltara seu cinturão de segurança e se colocara na frente, entre Kynes e o Duque.

— Esta é a frequência regular de trabalho, Kynes?

— Sim, por quê?

— Quem está ouvindo?

— Apenas as equipes de trabalho nesta área. Reduz a interferência.

Novamente o rádio estalou e então:

— Aqui é Delta Ajax Niner. Quem recebe o crédito de bônus por esta localização? Câmbio.

Halleck olhou para o Duque.

Kynes explicou:

— Existe um bônus, calculado com base no valor da carga de especiaria, para quem quer que dê o primeiro aviso de verme. Eles querem saber...

— Diga-lhes quem avistou primeiro aquele verme disse Halleck.

O Duque assentiu.

Kynes hesitou, depois ergueu o microfone.

— Crédito de localização para o Duque Leto Atreides. O Duque Leto Atreides. Câmbio.

A voz do alto-falante era monótona e parcialmente distorcida por uma descarga de estática.

— Recebemos, obrigado.

— Agora diga a eles para dividirem o bônus entre si — ordenou Halleck. — Diga-lhes que é o desejo do Duque.

Kynes respirou fundo e então:

— É o desejo do Duque que vocês dividam o bônus entre os membros da tripulação. Receberam-me? Câmbio.

— Recebemos. Obrigado.

Leto explicou:

— Esqueci-me de mencionar que Gurney é um relações-públicas muito talentoso.

Kynes olhou intrigado para Halleck.

— Isso fará com que os homens saibam que o Duque se preocupa com sua segurança — disse Halleck. — A notícia se espalhará. Está na frequência de trabalho da área, é improvável que os agentes Harkonnen ouçam. — Olhou na

direção da cobertura aérea. — Além disso, somos uma força bem poderosa. Foi um bom risco.

O Duque inclinou a aeronave em direção à nuvem de areia em erupção da fábrica-móvel.

— O que está acontecendo agora?

— Existe uma asa transporta-tudo em algum lugar aqui perto disse Kynes. — O transporta-tudo virá e levará a fábrica.

— E se o transporta-tudo estiver danificado? — indagou Halleck.

— Algum equipamento é sempre perdido. Aproxime-se do trator, meu senhor, vai achar isso interessante.

O Duque olhou carrancudo, ocupado com os controles enquanto se aproximavam do ar turbulento sobre o trator.

Paul olhou para baixo, vendo a areia ainda esguichando do monstro de metal e plástico, agora diretamente abaixo. Parecia um imenso besouro azul-bronze, com muitas esteiras largas montadas na extremidade, com braços estendidos ao redor. Ele viu um focinho, em forma de gigantesco funil invertido, enfiado na areia escura adiante.

— Um rico leito de especiaria, a julgar pela cor — disse Kynes.

— Eles continuarão trabalhando até o último minuto.

O Duque alimentou as asas com mais força, enrijeceu-as para uma descida brusca e nivelou abaixo, planando num círculo acima do trator. Uma olhada à esquerda e à direita mostrou sua escolta mantendo altura e circulando acima.

Paul observou a nuvem amarela esguichando dos canos de ventilação do tratar, olhou para o deserto, na direção da trilha do verme que se aproximava.

— Não deveríamos ouvi-los chamando o transporta-tudo? indagou Halleck.

— Eles geralmente operam numa frequência diferente.

— Não deveriam ter dois transporta-tudo de prontidão para cada trator? — indagou Leto. — Deve haver vinte e seis homens naquela máquina lá embaixo, para não mencionar o custo do equipamento.

Kynes respondeu:

— Nós não temos bastante aqui...

Parou no meio da frase ao ouvir uma voz irada no altofalante:

— Algum de vocês pode ver a asa? Não está respondendo.

Um ruído desconexo se seguiu, afagou-se num abrupto sinal de superposição, depois silêncio. A primeira voz falou de novo:

— Reportem pelos números! Câmbio.

— Aqui é o controle localizador. A última vez que a vi, a asa estava muito alta, e circulando para noroeste. Não posso vê-la agora. Câmbio.

— Localizador Um: Negativo. Câmbio.
— Localizador Dois: Negativo. Câmbio.
— Localizador Três: Negativo. Câmbio.
Silêncio.
O Duque olhou para baixo. A sombra de sua própria aeronave passava agora sobre o tratar.
— Somente quatro localizadores. Isso é correto?
— Correto — respondeu Kynes.
— Existem cinco em nosso grupo. Nossas aeronaves são maiores. Podemos carregar mais três pessoas. Aqueles localizadores devem poder levar mais dois em cada um.
Paul fez a aritmética mental.
— Vão sobrar três homens.
— Por que eles não colocam dois transporta-tudo para cada trator? — reclamou Leto.
— Não há equipamento extra em número suficiente — explicou Kynes.
— Maior razão para proteger o que temos!
— Para onde pode ter ido aquele transporta-tudo? indagou Halleck.
— Pode ter sido forçado a pousar em algum lugar fora da vista — respondeu Kynes.
O Duque pegou o microfone, hesitou com o polegar sobre o botão.
— Como eles podem perder o transporta-tudo de vista?
— Eles mantêm a atenção no solo, procurando sinais de vermes — explicou Kynes.
O Duque apertou o botão, dizendo:
— Aqui é o seu Duque. Estamos descendo para pegar a tripulação do Delta Ajax Niner. Todos os localizadores devem nos seguir. Localizadores devem pousar no lado leste. Desceremos no oeste. Câmbio. — Estendeu a mão para baixo, acionando sua própria frequência de comando.
Repetiu a ordem para a escolta, entregou o microfone de novo para Kynes.
Kynes colocou o aparelho na frequência de trabalho e uma voz gritou no alto-falante:
— ... uma carga quase completa de especiaria! Temos uma carga quase completa! Não podemos deixá-la para aquele maldito verme! Câmbio!
— Dane-se a especiaria — retrucou Leto, furioso. Apanhou de volta o microfone, dizendo: — Poderemos sempre pegar mais especiaria. Há lugar em nossas aeronaves para levar todos, com exceção de três de vocês. Tirem a sorte ou decidam do modo que preferirem quem deve ir. Mas vocês vão e isto é uma ordem! — Colocou o microfone de volta nas mãos de Kynes com violência, e

murmurou um “desculpe” quando Kynes sacudiu um dedo ferido.

— Quanto tempo? — indagou Paul.

— Nove minutos — respondeu Kynes.

O Duque considerou:

— Esta aeronave tem mais potência que as outras. Se decolarmos com força dos jatos, com as asas a três quartos, poderíamos colocar mais um homem a bordo.

— Essa areia é mole — disse Kynes.

— Com quatro homens a mais durante uma decolagem a jato, nós poderemos perder as asas, senhor — advertiu Halleck.

— Não nesta nave — respondeu Leto. Voltou sua atenção aos controles enquanto o “tóptero” planava ao lado do trator. As asas inclinaram-se para cima, freando o “tóptero”, que deslizou parando a vinte metros da fábrica.

O trator encontrava-se silencioso agora, nenhuma areia saía de seus ventiladores, e apenas um fraco troar mecânico ressoava de seu interior, tornando-se mais audível quando o Duque abriu a porta do seu lado.

Imediatamente suas narinas foram atingidas pelo odor de canela, forte e penetrante.

Com um forte bater de asas, a aeronave localizadora planou em direção à areia do outro lado da grande máquina. A escolta do Duque desceu para pousar em perfeito alinhamento com seu “ornitóptero”.

Paul, olhando para a fábrica, percebia como todos os “tópteros” pareciam minúsculos diante dela. Mosquitos diante de um enorme besouro.

— Gurney, você e Paul joguem fora o assento traseiro — instruiu o Duque. Manualmente ele ajustou as asas para três quartos, travou o ângulo e verificou os controles das nacelas dos jatos. — Por que diabos eles não estão saindo daquela máquina?

— Eles esperam que o transporta-tudo apareça — disse Kynes.

— Eles ainda têm alguns minutos. — Olhou para o leste.

Todos olharam na mesma direção, sem ver sinal do verme; todavia, permanecia no ar um sentimento pesado, de ansiedade.

O Duque pegou o microfone, acionando sua frequência de comando.

— Dois de vocês joguem fora seus geradores de escudo. Pelos números. Vocês podem carregar mais um homem desse modo. Não vamos deixar ninguém para aquele monstro. Depois acionou novamente a frequência de trabalho, e gritou:

— Muito bem, vocês em Delta Ajax Niner! Todos para fora! Agora! Esta é uma ordem de seu Duque! Depressa, ou eu cortarei esse trator em pedaços com uma arma laser!

Uma escotilha abriu-se na dianteira da fábrica, outra na traseira e mais uma no topo. Homens saíram aos trambolhões, escorregando e se arrastando para a areia. Um homem alto, num manto de trabalho remendado, foi o último a emergir. Ele saltou para uma das esteiras e daí para a areia.

O Duque recolocou o microfone no painel, e saiu para o degrau da asa, gritando:

— Dois homens em cada um dos localizadores.

O homem de manto remendado começou a separar sua tripulação em pares, empurrando-os em direção às aeronaves que esperavam do outro lado.

— Quatro para cá! — gritou o Duque. — Mais quatro naquela nave lá atrás! — Apontou para um dos "tópteros" de escolta, logo atrás. Os guardas acabavam de arrastar o gerador de escudo para fora. — Quatro naquela outra! — Apontou para outra escolta que lançara fora seu gerador. — Três homens em cada uma das outras aeronaves! Corram, seus cães da areia!

O homem alto terminou de dirigir seus companheiros, e veio caminhando com dificuldade através da areia, seguido por três homens.

— Eu ouço o verme, mas não consigo vê-la — disse Kynes.

Os outros ouviram, então, um resvalar abrasivo, distante e se tornando mais alto a cada momento.

— Maldito modo de operar — murmurou o Duque.

Aeronaves começaram a bater as asas, saltando da areia à volta deles. Leto lembrou-se de uma ocasião, nas selvas de seu planeta natal, quando emergira subitamente numa clareira e vira pássaros carnívoros erguerem-se em debandada da carcaça de um búfalo.

Os trabalhadores da especiaria chegaram ao lado do "tóptero" e começaram a subir a bordo, por trás do Duque. Halleck ajudava, arrastando-os para dentro.

— Entrem, rapazes, depressa!

Paul, empurrado contra um canto pelos homens suarentos, sentiu o odor do medo; percebeu que dois dos homens tinham péssimos ajustes no pescoço de seus trajes-destiladores. Arquivou a informação em sua memória para uso futuro. Seu pai teria que ordenar disciplina mais rigorosa quanto aos trajes-destiladores. Os homens tendem ao relaxamento se você não vigia certas coisas.

O último homem penetrou ofegante na traseira, dizendo:

— O verme! Está quase em cima de nós! Decole!

O Duque acomodou-se em seu assento, franziu a testa dizendo:

— Ainda temos quase três minutos, segundo estimativa de contato original. Certo, Kynes? — Fechou a porta, verificando a tranca.

— Quase exato, meu senhor — respondeu Kynes e pensou: "Um homem

frio, este duque.”

— Tudo seguro aqui, senhor — avisou Halleck.

Leto fez um sinal de concordância observando o último de seus escoltas decolar. Ajustou a ignição, olhou uma vez mais para as asas e os instrumentos e acionou a sequência dos jatos.

A decolagem comprimiu Leto e Kynes em seus assentos, pressionando as pessoas na traseira. Kynes observava o modo como Leto manuseava os controles — suave, seguro. O “tóptero” encontrava-se no ar agora, e o Duque verificava os instrumentos, olhando à esquerda e à direita, para as asas.

— Está muito pesada, senhor — disse Halleck.

— Bem dentro das tolerâncias desta nave — respondeu ele. Você não pensa realmente que eu arriscaria esta carga, pensa, Gurney?

Halleck sorriu.

— Nem um pouco, senhor.

O Duque inclinou a aeronave numa curva aberta, elevando-se acima do trator.

Paul, espremido num canto junto da janela, olhou para a máquina silenciosa sobre a areia. O sinal de verme interrompera-se a quatrocentos metros do trator, e agora parecia haver uma turbulência na areia ao redor da fábrica.

— O verme se encontra debaixo do trator — disse Kynes. — Estão a ponto de testemunhar algo que poucos já viram.

Montes de areia produziam sombras em torno do trator, agora.

A grande máquina começou a se inclinar para a direita. Um imenso redemoinho de areia formava-se nessa direção. Movia-se cada vez mais rápido, enquanto a areia e o pó enchiam o ar por centenas de metros ao redor.

E então eles viram!

Um enorme orifício emergiu da areia. Luz do sol faiscando dos brilhantes raios brancos dentro dele. O diâmetro do orifício era pelo menos duas vezes o comprimento do trator, calculou Paul. Observou enquanto a máquina escorregava para dentro daquela abertura escura, numa onda de areia e pó. O orifício recuou.

— Deuses, que monstro! — murmurou um homem ao lado de Paul.

— Pegou toda a nossa famosa especiaria — resmungou outro.

— Alguém vai pagar por isso — disse o Duque. — Prometo-lhe isso.

Pelo tom da voz de seu pai, Paul percebia sua raiva profunda, e descobriu que a compartilhava; isto fora um desperdício criminoso.

No silêncio que se seguiu, eles ouviram a voz de Kynes.

— Abençoado o Produtor e Sua água — murmurava Kynes. — Abençoada Sua chegada e Sua partida. Que Sua passagem possa purificar o

mundo. Que Ele possa manter o mundo para Seu povo.

— Que é que está dizendo? — indagou o Duque.

Kynes permaneceu silencioso.

Paul olhou para os homens apinhados à sua volta. Eles olhavam cheios de temor para Kynes. Um deles sussurrou:

— Liet.

Kynes voltou-se, carrancudo. O homem se encolheu, intimidado.

Outro começou a tossir. Uma tosse seca, áspera. Daí a pouco ele balbuciou ofegante.

— Maldito seja aquele buraco infernal.

O alto nativo de Duna, que fora o último a deixar o tratar, disse:

— Cale-se, Coss. Você não tem nada pior do que sua tosse.

Ele se remexeu entre os homens até conseguir olhar o Duque pelas costas.

— É o Duque Leto, eu presumo. Ao senhor nós damos graças por nossas vidas. Estávamos prontos a acabar lá, até que o senhor chegou.

— Calma, homem, deixe o Duque pilotar esta nave — advertiu Halleck.

Paul olhou para Halleck. Ele também vira os sinais de tensão no rosto de seu pai. Caminha-se com cuidado quando o Duque está furioso.

Leto começou a retirar seu "tóptero" do grande círculo em que o colocara, mas interrompeu a manobra ante um novo sinal de movimento na areia. O verme se retirara para as profundezas e agora, próximo ao ponto onde estivera o trator, duas minúsculas figuras podiam ser vistas, movendo-se para o norte, afastando-se da depressão da areia. Pareciam deslizar sobre a superfície, sem levantar qualquer pó que marcasse a passagem deles.

— Quem está lá embaixo? — indagou Leto.

— Dois sujeitos que vieram conosco passear, sor — respondeu o alto homem de Duna.

— Por que não me disse nada a respeito deles?

— Foi um risco que eles aceitaram, sor.

— Meu senhor — disse Kynes —, eles sabem que não se pode fazer nada por homens apanhados no deserto em território de verme.

— Mandaremos uma nave da base vir buscá-los! — afirmou Leto.

— Como quiser, meu senhor — continuou Kynes. — Mas é provável que quando a aeronave aqui chegar não haja nada para ser salvo.

— Mandaremos a nave, de qualquer modo.

— Eles estavam bem junto ao ponto de onde o verme saiu — comentou Paul. — Como puderam escapar?

— Os lados da cratera desmoronam e tornam as distâncias ilusórias — explicou Kynes.

— Desperdiça combustível ficando aqui, senhor arriscou Halleck.

— Certo, Gurney.

O Duque virou a aeronave na direção da Muralha Escudo.

Seus escoltas desceram de seus altos círculos, tomando posições acima e em ambos os lados.

Paul pensava no que Kynes e o homem de Duna haviam dito.

Sentira meias-verdades e mentiras completas. Os homens na areia tinham deslizado sobre a superfície com muita segurança, movendo-se de um modo claramente calculado para evitar que o verme fosse atraído de suas profundezas.

"Fremen!", pensou. "Quem mais pareceria tão seguro de si na areia? Quem mais seria deixado para trás sem preocupações, como algo natural — por que não estariam realmente em perigo? Eles sabem como viver aqui! Sabem como enganar os vermes!"

— O que aqueles Fremen faziam no trator? — indagou.

Kynes voltou-se rapidamente.

O homem alto de Duna olhava de olhos arregalados para Paul azul-dentro-de-azul, sem nenhum traço de branco.

— Quem é este rapaz? — indagou.

Halleck se moveu, colocando-se entre o homem e Paul.

— Este é Paul Atreides, o herdeiro ducal.

— Por que ele diz que havia Fremen em nosso roncador?

— Eles se ajustavam à descrição — insistiu Paul.

Kynes falou aborrecido.

— Não se pode reconhecer Fremen apenas olhando para eles! — Olhou para o homem. — Você! Quem eram aqueles homens?

— Amigos de um dos outros. Apenas amigos de uma vila, que desejavam ver as areias de especiaria.

Kynes voltou as costas, resmungando:

— Fremen!

Lembrava-se das palavras da lenda: "O Lisan al-Gaib verá através de todos os subterfúgios."

— Eles devem estar mortos agora, sor, não devemos falar deles desrespeitosamente.

Paul ouvia a falsidade nas vozes, sentira a ameaça que trouxera Halleck, instintivamente, para uma posição defensiva.

Falou secamente:

— Um lugar terrível para morrerem.

Kynes disse sem se voltar:

— Quando Deus ordena a uma criatura que morra num lugar determinado,

Ele faz com que a vontade dessa criatura leve-a para aquele lugar.

Leto olhou duramente para Kynes.

E Kynes devolveu o olhar, mas sentindo-se perturbado por um fato que observara aqui: “Este Duque preocupa-se mais com seus homens do que com a especiaria. Ele arriscou sua própria vida, e a de seu filho, para resgatar aqueles homens. Aceitou a perda daquele trator de especiaria com um simples gesto. A ameaça sobre as vidas dos homens, contudo, o deixou furioso. Um líder como este comandará uma lealdade fanática. Será muito difícil derrotá-la.”

Contra sua própria vontade e todos os julgamentos prévios, Kynes admitiu para si mesmo: “Gosto desse Duque.”

16

Grandeza é uma experiência transitória. Nunca é consistente. Ela depende, em parte, da imaginação criadora de mitos da humanidade. A pessoa que experimenta a grandeza deve refletir a respeito do mito que encarna. Deve refletir sobre aquilo que nela se projeta. E deve possuir forte senso do sarcástico. Isso é o que a separa da crença em sua própria pretensão. O sarcasmo é o que lhe permitirá mover-se dentro de si mesma. Sem esta qualidade, até mesmo a grandeza ocasional será suficiente para destruir um homem.

— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

No salão de jantar da grande casa Arrakeen, as lâmpadas suspensoras brilhavam contra o crepúsculo vespertino, lançando seu brilho amarelado sobre a cabeça do touro negro com seus chifres sangrentos e sobre a pintura do Velho Duque, em escuro óleo lustroso.

Abaixo desses talismãs, linho branco reluzia, ao redor dos reflexos na prataria polida dos Atreides, toda colocada em arranjos precisos ao redor da grande mesa — pequenos arquipélagos de utensílios à espera, ao lado dos copos de cristal, cada conjunto disposto diante de um pesado assento de madeira. O clássico candelabro central permanecia apagada, sua corrente de sustentação torcendo-se para cima em direção às sombras onde se ocultava o mecanismo farejador de venenos.

Parando na porta para inspecionar o arranjo, o Duque pensou a respeito do farejador, e do que ele significava em sua sociedade.

"Todo um padrão. Podemos ser sondados através de nossa linguagem — as variações precisas e delicadas nos modos de administrar a morte traiçoeira. Irá alguém tentar chaumurky esta noite — o veneno na bebida? Ou será chaumas — veneno na comida?"

Sacudiu a cabeça.

Ao lado de cada prato colocara-se uma jarra d'água. Ao longo dessa mesa havia água suficiente, estimou Leto, para sustentar uma família pobre de

Arrakeen por mais de um ano.

Flanqueando a porta havia duas largas pias de lajotas verdes e amarelas. Cada uma com seu suporte para toalhas. Era costume, explicara a governanta, que os convidados, ao entrarem, mergulhassem suas mãos cerimoniosamente na pia, derramando vários copos de água sobre o piso, secando suas mãos numa das toalhas que depois era lançada sobre a poça que crescia junto à porta.

Depois do jantar, mendigos se reuniriam do lado de fora para levar a água espremida das toalhas.

“Bem típico de um feudo Harkonnen. Cada degradação do espírito humano que possa ser concebida.” Respirou fundo, sentindo o ódio apertar seu estômago.

— Esse costume termina neste momento — murmurara.

Viu uma serviçal, uma. das velhas ossudas que a governanta recomendara, observando da porta da cozinha à sua frente. Ele a chamou com a mão erguida. Ela moveu-se para fora das sombras, dando a volta apressada ao redor da mesa. Notou a face ressequida, os olhos de azul-dentro-de-azul.

— O que o meu senhor deseja? — Mantinha a cabeça baixa, os olhos encobertos.

Ele gesticulou:

— Mande que estas pias e toalhas sejam retiradas.

— Mas, nobre senhor... — Ela olhou para cima, de boca aberta.

— Eu conheço o costume! — ralhou ele. — Coloque estas pias na porta da frente. Enquanto estivermos jantando, e até que terminemos, cada mendigo poderá apanhar um copo cheio de água. Entendido?

A face enrugada exibiu emoções mutáveis: desapontamento, raiva.

Subitamente Leto percebeu que a mulher devia ter planejado vender a água espremida das toalhas pisadas, conseguindo alguns cobres dos desgraçados que se reuniam junto à porta. Talvez isto também fosse um costume.

Seu rosto tornou-se sombrio e ele resmungou:

— Vou postar um guarda para garantir que minhas ordens sejam cumpridas.

Virou-se, caminhando de volta para a passagem do Grande Salão. Memórias rolavam em sua mente, como os murmúrios da velha. Lembrava-se de água em espaço aberto e ondas — dias de relva, não de areia —, verões deslumbrantes, que haviam passado como folhas num vento de tormenta.

Tudo perdido.

“Estou ficando velho”, pensou. “Senti a mão fria de minha mortalidade. E no quê? Na cobiça de uma velha.”

No Grande Salão, Lady Jessica era o centro de um grupo variado defronte

à lareira. Um fogo estalava, lançando ondulações de luz laranja sobre as jóias e rendas, sobre os tecidos caros. Reconheceu em meio ao grupo um fabricante de trajes-destiladores de Carthag, um importador de equipamentos eletrônicos, um fornecedor de água, cuja mansão de veraneio situava-se junto de sua fábrica, na calota polar, um representante do Banco da Corporação (esguio e fechado), um vendedor de peças sobressalentes para equipamentos de mineração, e finalmente uma mulher magra, de rosto cruel, cujo serviço de acompanhante para visitantes vindos de fora do planeta era, reconhecidamente, uma cobertura para diversas operações de chantagem, contrabando e espionagem.

A maioria das mulheres no salão parecia ter sido escolhida pelo tipo específico — decorativas, selecionadas, uma curiosa amostra de sensualidade intocável.

Mesmo sem sua condição de anfitriã, Jessica teria dominado o grupo, pensou Leto. Ela não usava jóias e escolhera cores cálidas — um longo vestido, quase da cor do fogo na lareira, com uma fita marrom, cor de terra, envolvendo seus cabelos ruivos.

Percebia que ela fizera isso para tentá-lo sutilmente, numa resposta à recente atitude de frieza. Tinha consciência de que ele a apreciava mais quando usava esses tons, vendo-a num ondular de cores quentes.

Nas proximidades, mais como um líder que um membro do grupo, colocava-se Duncan Idaho, vestido num cintilante uniforme, face inescrutável, com o cabelo negro encaracolado muito bem penteado. Fora convocado de volta do convívio com os Fremen, e recebera suas ordens de Hawat: — "Sob o pretexto de guardá-la, você manterá Lady Jessica sob constante vigilância."

Leto olhou ao longo da sala.

Lá estava Paul num canto, cercado por um bajulante grupo de jovens riquezas de Arrakeen, enquanto três oficiais da Tropa da Casa faziam contraste no grupo. O Duque reparou particularmente nas mulheres mais jovens. Que conquistas um herdeiro ducal não faria! Mas Paul tratava a todas igualmente, com seu ar de nobreza reservada.

"Ele usará bem o título", pensou o Duque; e percebeu, com um súbito calafrio, que esse fora outro pensamento mórbido.

Paul percebeu seu pai na porta e evitou seu olhar. Observou os grupos de convidados, as mãos cobertas de jóias segurando bebidas (e as discretas inspeções com minúsculos farejadores remotos).

Vendo todas as faces que falavam animadamente, e sentindo-se repelido por elas. Eram todas como máscaras baratas, presas sobre pensamentos corrompidos — vozes tagarelando para encobrir o profundo silêncio interior.

"Estou amargurado", pensou ele, e imaginou o que Gurney não diria a

respeito.

Conhecia a fonte de sua depressão. Não quisera vir a essa festa, mas seu pai fora inflexível:

— Você tem um lugar e uma posição para manter, já está na idade disso. Você já é quase um homem.

Paul observou seu pai sair da porta, inspecionar a sala, e então avançar para o grupo em torno de Jessica.

Quando Leto se aproximou, o fornecedor de água estava indagando:

— É verdade que o Duque vai instalar controle climático?

Atrás dele o Duque respondeu:

— Ainda não fomos tão longe em nossos planos, senhor.

O homem se voltou, revelando um rosto arredondado e melífluo, fortemente bronzeado.

— Ahh! o Duque! Sentimos sua falta.

Leto olhou para Jessica. "Uma coisa que precisava ser feita."

Voltou sua atenção para o comerciante de água, e explicou o que ordenara com relação às pias de lavagem, acrescentando:

— No que me concerne, o velho costume termina aqui.

— Trata-se de uma ordem ducal? — indagou o homem.

— Deixo isto para sua... ah... consciência — respondeu Leto, voltando-se ao perceber a chegada de Kynes.

Uma das mulheres comentou:

— Acho que é um gesto muito generoso. Dar água para os... — Alguém fez com que ela se calasse.

Leto observava Kynes, notando que o planetólogo usava um uniforme marrom-escuro em estilo antigo, com dragonas de Servo Civil Imperial, e uma pequena gota dourada, indicadora de posto, no colarinho.

O comerciante de água indagou, com fúria na voz.

— O Duque está criticando o nosso costume?

— Este costume acaba de ser mudado — disse Leto. Acenou com a cabeça para Kynes e notou a preocupação no rosto de Jessica, pensando: "Um olhar de censura não a caracteriza muito, mas aumentará os rumores de discórdia entre nós dois."

— Com a permissão do Duque — insistiu o fornecedor de água —, eu gostaria de indagar mais a respeito de costumes.

Leto notou o súbito tom oleoso na voz do homem, percebeu o silêncio de expectativa do grupo, o modo como as cabeças começavam a se voltar em direção a eles, por toda a sala.

— Já não é quase hora do jantar? — indagou Jessica.

— Mas nosso convidado tem algumas perguntas — disse Leto, encarando o fornecedor de água. Via um homem de rosto redondo e grandes olhos, com lábios grossos que o faziam lembrar-se do memorando de Hawat: "Esse fornecedor de água é um homem a quem devemos vigiar — Lingar Bewt, lembre-se do nome. Os Harkonnen o usaram, mas nunca chegaram a controlá-lo inteiramente.

— Costumes com relação à água são tão interessantes dizia Bewt com um sorriso. — Sinto-me curioso a respeito do que pretende fazer quanto à estufa ligada a esta casa. Pretende continuar a pavoneá-la na cara das pessoas... meu senhor?

Leto conteve seu ódio, observando o homem. Pensamentos atravessavam rapidamente a sua mente. Era necessário ter coragem para desafiá-lo em seu próprio castelo ducal, principalmente quando possuía a própria assinatura de Bewt sobre um contrato de fidelidade. A ação exigia, igualmente, a consciência de um certo poder pessoal. Água de fato era uma força nesse lugar. Se as instalações fornecedoras de água fossem minadas, por exemplo, prontas para serem destruídas mediante um sinal... O homem parecia capaz de tal coisa. Destruição das instalações de água poderia muito bem destruir Arrakis. Essa devia ter sido a ameaça que Bewt mantivera sobre os Harkonnen.

— Meu senhor, o Duque e eu temos outros planos para a nossa estufa — disse Jessica. Ela sorriu para Leto. — Nós pretendemos mantê-la, certamente, mas somente como um símbolo de confiança para o povo de Arrakis. É nosso sonho que um dia o clima de Arrakis possa ser suficientemente modificado para que plantas cresçam por toda parte aqui.

"Deus a abençoe!", pensou Leto. "Que o nosso fornecedor de água rumine isso."

— Seu interesse em água e controle de clima é óbvio — disse ele. — Mas devo aconselhá-lo a diversificar seus negócios. Um dia, a água não será um bem tão precioso em Arrakis.

"Hawat deve redobrar seus esforços para se infiltrar na organização deste Bewt. E nós devemos iniciar a construção de instalações de fornecimento de água sobressalente imediatamente. Nenhum homem vai segurar uma espada sobre minha cabeça!", pensou o Duque.

Bewt assentiu, o sorriso vinda em seu rosto. — Um sonho louvável, meu senhor. — E se afastou.

A atenção de Leto foi despertada pela expressão no rosto de Kynes. O homem fitava Jessica extasiado — como um apaixonado, ou uma pessoa em transe religioso.

Os pensamentos de Kynes estavam dominados, afinal, pelas palavras da

profecia. “E eles compartilharão teu sonho mais precioso.” Falou diretamente para Jessica:

— Você traz o encurtamento do caminho?

— Ah! Dr. Kynes — disse o fornecedor de água. — Chegando de suas caminhadas com seus grupos de Fremen. Que gentileza sua ter vindo.

Kynes olhou de modo inescrutável para Bewt, dizendo:

— Costuma-se dizer, lá no deserto, que a posse de uma grande quantidade de água pode levar um homem a um descuido fatal.

— Eles têm muitos ditados estranhos lá no deserto — respondeu Bewt, sua voz revelando apreensão.

Jessica aproximou-se de Leto, escorregando a mão por sobre o braço dele, para conseguir apoio e se acalmar. Kynes dissera : “... o encurtamento do caminho.” No velho idioma, esta frase traduzia-se como “Kwisatz Haderach”. A curiosa pergunta do planetólogo não fora percebida pelos outros, e agora Kynes se curvava junto a uma mulher, ouvindo um galanteio em voz baixa.

“Kwisatz Haderach”, pensava Jessica. “Será que nossa Missionária Protetora também plantou esta lenda por aqui?” O pensamento trazia-lhe uma nova esperança para Paul. “Ele pode ser o Kwisatz Haderach. Ele pode ser.”

O representante do Banco da Corporação iniciara uma conversa com o comerciante de água, e a voz de Bewt se ergueu acima do rumor das conversas:

— Muitas pessoas já tentaram mudar Arrakis.

O Duque percebeu como as palavras pareceram ferir Kynes, fazendo-o erguer-se e abandonar o flerte com a mulher.

No súbito silêncio, um membro das tropas da casa, em uniforme de infantaria, aproximou-se de Leto por trás, dizendo:

— O jantar está servido, meu senhor.

O Duque dirigiu um olhar indagador para Jessica.

— É costume aqui que anfitrião e anfitriã sigam seus convidados até a mesa — ela disse sorrindo. — Devemos mudá-lo também, meu senhor?

Leto respondeu com frieza:

— Este me parece um bom costume. Vamos deixá-la como está, por enquanto.

“A ilusão de que suspeito dela por traição deve ser mantida.”

Observou os convidados passarem. “Quem entre vocês acredita nessa mentira?”

Jessica, sentindo seu distanciamento, pensava, como fizera frequentemente na última semana: “Ele age como um homem lutando consigo mesmo. Será porque fui tão rápida organizando este jantar?

No entanto ele sabe como é importante que comecemos a entrosar nossos

oficiais e soldados com os locais, no plano social. Somos pai e mãe adotivos para todos eles, e nada afirma esse fato mais fortemente do que este tipo de atividade social.”

Leto observava os convidados enfileirados, lembrando-se do que Thufir Hawat dissera ao ser informado do jantar: “Senhor, eu o proíbo!”

Um sorriso amargo surgiu em seus lábios. Que cena tinha sido.

E quando o Duque permanecera inflexível quanto a comparecer ao jantar, Hawat sacudira a cabeça.

— “Eu tenho um mau pressentimento a respeito disso, meu senhor. As coisas estão acontecendo muito rapidamente em Arrakis. Este não é o estilo dos Harkonnen. Não se parece nem um pouco.”

Paul passou por seu pai em companhia de uma jovem, meia cabeça mais alta que ele mesmo. Lançou um olhar frio para Leto, e assentiu para alguma coisa que a jovem mulher lhe dissera.

— O pai dela fabrica trajes-destiladores — explicou Jessica.

— E me contaram que somente um tolo se deixaria apanhar no deserto profundo usando um dos trajes desse homem.

— Quem é o homem com o rosto marcado, na frente de Paul? — perguntou Leto. — Eu não o reconheço.

— Uma adição tardia à lista — sussurrou ela. — Foi Gurney quem conseguiu. É um contrabandista.

— Gurney conseguiu?

— A meu pedido. Foi liberado por Hawat, embora eu pense que Hawat não se sentiu muito à vontade. O contrabandista chama-se Tuek, Esmar Tuek. Ele é uma força entre sua gente. Todos o conhecem por aqui, ele janta em muitas casas.

— Por que está aqui?

— Todos os presentes farão a mesma pergunta. Tuek espalhará a dúvida e a suspeita, apenas com sua presença. Também servirá para demonstrar que você pretende manter suas ordens contra subornos com reforço do lado dos contrabandistas também. Este foi um ponto que Hawat pareceu apreciar.

— Não estou certo se aprecio. — Ele acenou para um casal que passava, vendo que apenas alguns poucos convidados ainda restavam para precedê-los. — Por que não convidou alguns Fremen?

— Há Kynes.

— Sim, há Kynes — repetiu ele. — Arranjou mais alguma outra pequena surpresa para mim? — Caminhou com ela por trás da procissão.

— Tudo o mais é bem convencional.

E ela pensou: “Meu querido, não percebes que este contrabandista

controla naves rápidas e pode ser subornado? Nós devemos ter uma saída aberta, uma porta por onde escapar de Arrakis se tudo o mais nos falhar aqui.”

Ao entrarem no salão, soltou seu braço, permitindo que ele puxasse a cadeira para ela. Sentou-se enquanto Leto caminhava para o lado oposto, onde um soldado de infantaria aguardava, segurando a cadeira do Duque. Os convidados sentaram-se com um arrastar de cadeiras e o ruído de panos roçando, mas o Duque permaneceu de pé. Fez um sinal com a mão e os soldados em torno da mesa recuaram um passo, assumindo posição de sentido.

Um silêncio nervoso desceu sobre o salão.

Jessica, olhando ao redor da mesa, percebeu um leve tremor na extremidade dos lábios de Leto, notou o rubor de ódio em sua face. “O que o enfureceu? Certamente não foi o meu convite ao contrabandista.”

— Algumas pessoas questionaram meu ato de mudar o costume das pias de lavagem — disse Leto. — Este é o meu modo de mostrar a vocês que muitas coisas vão mudar.

Seguiu-se um silêncio embaraçoso.

“Devem achar que ele está bêbado”, pensou Jessica.

Leto ergueu seu frasco de água, mantendo-o numa posição onde os raios de luz das lâmpadas suspensoras cintilavam sobre ele. Como um cavalheiro do Império, então, eu brindo a todos vocês.

Os outros pegaram seus frascos, os olhos voltados para o Duque. Sobre sua súbita imobilidade, uma lâmpada suspensora deslizou levemente, empurrada por uma brisa vinda do corredor da cozinha. Sombras percorreram as feições aquilinas do Duque.

— Aqui estou, e aqui permanecerei!

Houve um movimento interrompido de frascos em direção às bocas. O Duque permanecia com o braço erguido.

— Meu brinde constitui uma daquelas máximas tão queridas de todos nós: “Negócios trazem progresso! Que a fortuna passe por todos os lugares.”

Provou de sua água e os outros o imitaram. Olhares indagadores eram trocados.

— Gurney! — chamou o Duque.

De um quarto na extremidade do salão veio a voz de Halleck:

— Aqui, meu senhor!

— Toque uma canção para nós, Gurney.

Um ritmo de baliset flutuou no ar. Servos começaram a colocar os pratos com a comida sobre a mesa, após um gesto de autorização do Duque: lebre do deserto assada em molho cepeda, aplo-mage siriana, chukka e café com melange (o cheiro forte de canela produzido pela especiaria espalhou-se pela mesa), um

verdadeiro banquete acompanhado de cintilante vinho caladaniano.

E no entanto o Duque continuava de pé.

Enquanto os convidados aguardavam, a atenção dividida entre os pratos colocados diante deles e o Duque, Leto disse:

— Em épocas passadas constituía tarefa do anfitrião entreter seus hóspedes com seus próprios talentos. — Os nós em seus dedos estavam brancos, tão fortemente ele segurava o frasco de água: — Eu não sei cantar, mas repito para vocês as palavras da canção de Gurney. Considerem-nas como outro brinde. Um brinde a todos aqueles que morreram para que pudéssemos chegar a esta estação.

Um remexer desconfortável soou ao redor da mesa.

Jessica observou as pessoas sentadas nos lugares mais próximos. Lá estava o fornecedor de água e sua mulher, o pálido e austero representante do Banco da Corporação (parecendo um espantalho com os olhos fixos em Leto), o robusto Tuek com a cicatriz no rosto, seus olhos de azul dentro de azul abaixados.

— Revista meus amigos, tropas que passaram em revista — entoou o Duque. — Todos a sofrerem do peso de dores e dólares. Seus espíritos usam nossas insígnias de prata. Revista amigos, tropas que passaram em revista: cada um, um ponto no tempo, sem ambição ou malícia. Com eles passou a sedução da fortuna. Revista amigos, tropas que passaram em revista. Quando nosso tempo terminar, com seu sorriso amargo, nós também passaremos no rastro da fortuna.

O Duque deixou que sua voz diminuísse na última frase, até se tornar quase um murmúrio. Bebeu um gole de seu frasco colocando-o sobre a mesa de modo violento. A água derramou da borda, molhando o linho branco.

Os outros beberam num silêncio embaraçado.

Novamente o Duque ergueu seu frasco e dessa vez derramou a metade que restara sobre o piso, sabendo que os outros ao redor da mesa deviam fazer o mesmo.

Jessica foi a primeira a seguir o exemplo.

Os outros hesitaram antes de começar a esvaziar seus frascos, e Jessica notou como Paul, sentado junto de seu pai, observava as reações dos outros. Ela própria também se encontrou fascinada por aquilo que o comportamento dos convidados revelava, principalmente nas mulheres. Esta era água clara, potável, não alguma coisa suja numa toalha ensopada. A relutância em desperdiçá-la era visível nas mãos trêmulas, nas reações lentas, nos risos nervosos... e na obediência violenta à imposição. Uma mulher deixou cair seu frasco e olhou em outra direção enquanto seu companheiro o recuperava.

Kynes, entretanto, foi quem mais lhe chamou a atenção. O planetólogo

hesitou, e então esvaziou seu copo num recipiente que trazia por baixo da jaqueta. Sorriu para Jessica ao perceber que ela o observava, e ergueu o frasco vazio num brinde silencioso.

Ele não parecia nem um pouco embaraçado por seu gesto.

A música de Halleck ainda ressoava pela sala, mas mudara de tom e elevava-se agora alegre e animada, como se tentasse levantar os ânimos.

— Que o jantar comece — disse Leto e sentou finalmente em sua cadeira.

"Ele está furioso e indeciso", pensou Jessica. "A perda daquele trator-fábrica o atingiu mais profundamente do que deveria. Deve haver alguma coisa a mais do que a simples perda. Ele age como um homem desesperado." Ergueu o garfo esperando que o movimento ocultasse sua própria e súbita amargura. "Por que não? Ele está desesperado."

A princípio lentamente, depois com crescente animação, o jantar seguiu seu curso. O fabricante de trajes-destiladores cumprimentou Jessica pelo vinho e por seu cozinheiro.

— Trouxemos ambos de Caladan — explicou ela.

— Soberbo! — disse ele, provando chukka. — Simplesmente soberbo! Sem nenhum traço de melange. A gente se cansa de provar especiaria em tudo.

O representante do Banco da Corporação olhou para Kynes:

— Eu soube, Dr. Kynes, que outro trator-fábrica foi perdido para um verme.

— As notícias andam rápido — disse Leto.

— Então é verdade? — indagou o banqueiro, mudando sua atenção para Leto.

— Claro que é verdade! — respondeu o Duque. — O maldito transporta-tudo desapareceu. E não devia ser possível uma coisa tão grande desaparecer assim!

— Quando o verme veio, não havia nada para recuperar o trator — explicou Kynes.

— Isso não devia ser possível — repetiu o Duque.

— Ninguém viu o transporta-tudo partir? — indagou o banqueiro.

— Os localizadores costumam manter seus olhos voltados para a areia — disse Kynes. — Eles estão primeiramente interessados em sinais de verme. A tripulação de um transporta-tudo é composta, normalmente, de quatro homens — dois pilotos e dois oficiais. Se um, ou até mesmo dois desses tripulantes estivessem a serviço dos inimigos do Duque...

— Ahh, entendo — disse o banqueiro. — E você, como juiz da Mudança, faz objeção a isso?

— Eu devo considerar minha posição cuidadosamente — respondeu

Kynes —, e certamente não devo discuti-la à mesa. Ele pensou : “Aquele esqueleto! Ele sabe que este é o tipo de infração que fui instruído a evitar.”

O banqueiro sorriu, voltando sua atenção para a comida.

Jessica sentou-se, lembrando-se de uma palestra dos tempos de sua escola Bene Gesserit. O assunto fora espionagem e contra-espionagem. Uma Reverenda Madre gorducha, de cara alegre, fora a conferencista, sua voz animada contrastando curiosamente com o assunto da aula.

“Uma coisa a ser notada a respeito de qualquer escola de espionagem e contra-espionagem é o padrão de reações básicas em todos os seus graduados. Qualquer disciplina fechada deixa sua marca, seu padrão sobre seus estudantes. Esses padrões são suscetíveis de análise e predição.

“Padrões motivacionais, por outro lado, serão similares entre todos os agentes de espionagem. Quer dizer: há certos tipos de motivação que são similares, a despeito das diferentes estolas ou objetivos opostos. Vocês estudarão primeiro como separar esses elementos para sua análise — no início através de padrões de perguntas que traem a orientação interior dos interrogadores, depois através da observação cuidadosa da orientação pensamento-linguagem, sob essa análise. Descobrirão ser razoavelmente simples determinar a raiz linguística de seus objetos de análise através de ambos: inflexão de voz e padrão de fala.”

Agora, sentando-se à mesa com seu filho, seu Duque e seus convidados, e ouvindo o representante do Banco, Jessica sentia um arrepio: o homem era um agente Harkonnen; ele possuía o padrão vocal de Giedi Prime — sutilmente disfarçado, mas tão exposto à sua percepção treinada que era como se ele a tivesse anunciado claramente.

“Isso significa que a própria Corporação se colocou como adversária dos Atreides?” O pensamento a deixava chocada, e ela dissimulou a emoção pedindo um novo prato, ouvindo todo o tempo o homem trair suas intenções. “Ele vai mudar a conversa a seguir para um assunto aparentemente inocente, mas com sugestões funestas”, ela pensou. “É o padrão.”

O banqueiro engoliu em seco, provou um gole de vinho e sorriu para alguma coisa que a mulher ao lado lhe dissera. Pareceu ouvir por um momento o que um homem dizia, explicando ao Duque como as plantas nativas de Arrakis não tinham espinhos.

— Gosto de observar o vôo dos pássaros de Arrakis — disse o banqueiro dirigindo suas palavras para Jessica. — Todos os nossos pássaros, é claro, são comedores de carniça, e muitos deles sobrevivem sem água, tendo se tornado bebedores de sangue.

A filha do fabricante de trajes-destiladores, sentada entre Paul e seu pai, na outra extremidade da mesa, torceu seu belo rosto numa careta e reclamou:

— Oh Soo-Soo, você diz coisas tão desagradáveis.

O banqueiro sorriu.

— Eles me chamam de Soo-Soo porque sou conselheiro de finanças para a União dos Mascates de Água.

Como Jessica continuasse a olhar para ele sem comentários, ele acrescentou:

— Por causa do grito dos vendedores de água “SooSoo Sook!” — Imitou o chamado com tamanha precisão que muitos em torno da mesa riram.

Jessica ouvia o tom presunçoso na voz, mas percebia, principalmente, o motivo que levara a jovem a falar. Ela produzira a desculpa para que o banqueiro falasse o que queria dizer. Olhou para Lingar Bewt. O magnata da água parecia carrancudo, concentrado em seu jantar. Para Jessica era como se o banqueiro houvesse dito: “Eu também controlo a fonte máxima de poder em Arrakis: Água!”

Paul percebera a falsidade na voz de seu companheiro de jantar, e como sua mãe seguira a conversação com a meticulosidade de uma Bene Gesserit. Agindo num impulso, ele decidiu entrar no jogo. Dirigiu-se ao banqueiro.

— Quer dizer, senhor, que esses pássaros são canibais?

— Esta é uma pergunta curiosa, jovem mestre. Eu apenas disse que os pássaros bebem sangue. Não tem que ser o sangue de sua própria espécie, tem?

— Não era uma pergunta curiosa — continuou Paul. Jessica notou a qualidade da réplica imediata, uma característica de seu treinamento, exposta na voz do rapaz. — A maior parte das pessoas cultas sabe que o pior tipo de competição potencial, para um organismo jovem, vem dos membros de sua própria espécie. — Deliberadamente, ele estendeu o garfo e pegou uma amostra de comida do prato de seu companheiro, levando-a à boca. — Eles estão comendo do mesmo prato. Possuem as mesmas necessidades básicas.

O banqueiro se empertigou, olhando aborrecido para o Duque.

— Não cometa o erro de pensar que meu filho é uma criança disse Leto sorrindo.

Jessica notou que Bewt se animara e que Kynes e o contrabandista Tuek estavam sorrindo.

— É uma regra de ecologia — disse Kynes — que o jovem mestre parece compreender muito bem. A luta entre elementos vitais é a luta pela energia livre de um sistema. Sangue é uma fonte eficiente de energia.

O banqueiro baixou o garfo, falando numa voz irada:

— Diz-se que a ralé Fremen costuma beber o sangue de seus mortos.

Kynes sacudiu a cabeça, falando num tom de palestra:

— Não só o sangue, meu senhor, mas toda a água de um homem pertence

enfim ao seu povo, à sua tribo. Torna-se uma necessidade quando se vive junto da Grande Planície. Toda a água é preciosa lá, e o corpo humano é composto de setenta por cento de água em relação ao peso. Um homem morto certamente não necessita mais dessa água.

O banqueiro colocou ambas as mãos contra a mesa ao lado do prato e pareceu a Jessica que ele ia empurrar a cadeira para trás e abandonar o jantar em fúria.

Kynes olhou para ela.

— Perdoe-me, minha senhora, por tratar de um assunto tão desagradável na mesa, mas vocês estavam ouvindo velhas falsidades e necessitavam de um esclarecimento.

— Tem estado em contato há tanto tempo com os Fremen, que perdeu todo o tato — retrucou o banqueiro.

Kynes olhou para ele calmamente, estudando sua face pálida e trêmula:

— Está me desafiando, senhor?

O banqueiro gelou. Engoliu em seco e falou rapidamente:

— É claro que não. Eu não insultaria nossos anfitriões.

Jessica percebeu o medo na voz do homem, notando o temor em seu rosto, em sua respiração, no pulsar das veias em sua têmpora. Kynes deixara o homem aterrorizado!

— Nossos anfitriões são perfeitamente capazes de decidir por si mesmos quando se sentem insultados — continuou Kynes. — Eles são gente corajosa, que compreende a defesa da honra. Nós todos podemos testemunhar sua coragem pelo simples fato de se encontrarem aqui... agora... em Arrakis.

Jessica percebeu que Leto estava apreciando tudo isso. A maioria dos outros convidados não fazia o mesmo. Pessoas à volta pareciam se preparar para a luta, as mãos fora de vista, sob a mesa. Duas notáveis exceções eram Bewt, que sorria abertamente ante o embaraço do banqueiro, e o contrabandista Tuek, que parecia observar Kynes à espera de um sinal. Jessica viu que Paul olhava para Kynes com admiração.

— Então? — indagou Kynes.

O banqueiro murmurou:

— Eu não pretendia ofender; por favor, aceite minhas desculpas!

— Livremente oferecida, livremente aceita — disse Kynes. Sorriu para Jessica e voltou a comer, como se nada houvesse acontecido.

Jessica percebeu que o contrabandista também relaxara. Ela anotou isto: o homem mostrara todo o aspecto de um auxiliar, pronto a saltar em socorro de Kynes. Devia existir um acordo de algum tipo entre os dois.

Leto remexia o garfo, olhando de modo indagador para Kynes.

Os modos do ecologista indicavam uma mudança de atitude com relação à Casa dos Atreides. Ele parecera muito mais frio durante sua viagem pelo deserto.

Jessica ordenou outra entrada de comida e bebida. Servos apareceram com langues de lapins de garenne, mais vinho tinto e molho de cogumelos, ao lado.

Lentamente a conversação voltou ao normal, mas Jessica percebia uma certa agitação, uma tonalidade nervosa, e percebeu que o banqueiro comia em carrancudo silêncio. “Kynes o teria matado sem hesitação”, ela pensou. Notava uma atitude tranquila, em relação ao assassinato, nas maneiras de Kynes. Ele era um assassino eventual, e Jessica calculava que essa fosse uma atitude Fremen.

Voltou-se para o fabricante de trajes-destiladores, à sua esquerda, e disse:

— Fico frequentemente admirada com a importância que a água tem aqui em Arrakis.

— Muito importante — concordou ele. — Que prato é esse? É delicioso!

— Línguas de coelho selvagem com molho especial. Uma receita muito antiga.

— Preciso conseguir essa receita.

Ela assentiu com a cabeça.

— Cuidarei para que a receba.

Kynes olhou novamente para Jessica, dizendo:

— O recém chegado a Arrakis subestima frequentemente a importância da água aqui. Vocês estão lidando com a Lei do Mínimo.

Ela ouviu o tom de sondagem na voz dele e respondeu:

— O crescimento é limitado pela necessidade presente na quantidade mínima. E, naturalmente, as condições menos favoráveis controlam a taxa de crescimento.

— É raro encontrar membros de uma Grande Casa conscientes de problemas planetológicos. Água é a condição mínima favorável à vida aqui em Arrakis. E lembre-se que o próprio “crescimento” pode produzir condições desfavoráveis, a menos que tratado com extremo cuidado.

Jessica percebeu uma mensagem oculta nas palavras de Kynes, mas não conseguia decifrá-la. — Crescimento — ela disse. — Você quer dizer que Arrakis pode ter um ciclo de água ordenado, capaz de sustentar a vida humana sob condições mais favoráveis?

— Impossível! — retrucou o magnata da água.

Jessica voltou sua atenção para Bewt.

— Impossível?

— Impossível para Arrakis. Não ouça este sonhador. Todas as evidências de laboratório estão contra ele.

Kynes olhou para Bewt, e Jessica percebeu que toda a conversação ao

redor da mesa se interrompera, enquanto as pessoas se concentravam nessa nova discussão.

— Provas de laboratório tendem a nos cegar quanto a um fato muito simples — disse Kynes. — O fato é o seguinte: estamos lidando aqui com questões que se originam e existem fora de quatro paredes, onde as plantas e os animais vivem sua existência normal.

— Normal! — vociferou Bewt. — Nada em Arrakis é normal!

— Muito ao contrário — continuou Kynes. — Certos equilíbrios poderiam ser estabelecidos aqui ao longo de linhas de auto-sustentação. É apenas necessário entender os limites do planeta e as pressões exercidas sobre ele.

— Nunca será feito — concluiu Bewt.

O Duque percebeu, subitamente, o ponto exato em que a atitude de Kynes se modificara: fora quando Jessica falara a respeito de manter a estufa de plantas como uma promessa para Arrakis.

— O que seria necessário para estabelecer o sistema auto-sustentável, Dr. Kynes? — indagou Leto.

— Se conseguirmos colocar três por cento dos elementos das plantas verdes de Arrakis, envolvidos na formação de compostos de carbono como substância alimentar, nós teremos iniciado o sistema cíclico.

— Água é o único problema, então? — indagou o Duque. Sentia o entusiasmo de Kynes e dele compartilhava.

— A água obscurece os outros problemas. Este planeta tem muito oxigênio sem seus acompanhantes normais: vida vegetal difundida e bióxido de carbono livre, produzido em fenômenos tais como vulcões. Aqui ocorrem interações químicas pouco comuns sobre superfícies muito grandes.

— Já tem projeto-piloto?

— Tivemos muito tempo para construir o Efeito Tansley. Pequenas unidades experimentais, em bases amadorísticas, das quais minha ciência, agora, pode retirar suas bases de trabalho.

— Não existe água suficiente — insistiu Bewt. Simplesmente não existe água.

— Mestre Bewt é um especialista em água — concluiu Kynes.

Sorriu, voltando-se para terminar seu jantar.

O Duque gesticulou bruscamente, num gesto incisivo com a mão, e exigiu.

— Não! Eu quero uma resposta! Existe água suficiente, Dr. Kynes?

Kynes olhava para seu prato, e Jessica observava o jogo de emoções em seu rosto. “Ele disfarça muito bem”, pensou ela, mas conseguira registrá-lo agora e lia que Kynes lamentava suas palavras.

— Existe água suficiente? — insistiu Leto.

— Pode... haver — respondeu Kynes, finalmente.

"Ele está fingindo incerteza", pensou Jessica.

Com seu senso de verdade mais profundo, Paul captava o motivo subjacente e precisava de todo o seu treino para ocultar sua excitação. "Existe água suficiente, mas Kynes não deseja que isso seja conhecido."

— Nosso planetólogo tem muitos sonhos interessantes disse Bewt. — Ele sonha com os Fremen, com profecias e messias.

Risos soaram em pontos isolados em torno da mesa. Jessica os marcou bem: o contrabandista, a filha do fabricante de trajes-destiladores, Duncan Idaho, a mulher do misterioso serviço de acompanhantes.

"As tensões estão curiosamente distribuídas aqui, nesta noite", concluiu ela. "Está se passando muita coisa de que não tenho consciência. Preciso desenvolver novas fontes de informação."

O Duque olhou para Kynes, Bewt e Jessica. Sentia-se curiosamente ludibriado, como se alguma coisa vital houvesse acabado de lhe escapar.

— Talvez — ele murmurou.

Kynes disse rapidamente:

— Talvez possamos discutir isso em outra ocasião, meu senhor. Existem tantas...

O planetólogo interrompeu-se quando um soldado em uniforme Atreides entrou apressado pela porta de serviço, passou pelo guarda e parou ao lado do Duque. O homem curvou-se e sussurrou no ouvido de Leto.

Jessica reconheceu o distintivo de Hawat no boné do soldado, e lutou contra uma inquietação crescente. Dirigiu-se para a companheira do fabricante de trajes-destiladores, uma pequenina mulher de cabelos pretos com uma cara de boneca e um sinal de dobra epicântica nos olhos.

— Quase não tocou seu jantar, minha querida. Devo pedir algo especial para você?

A mulher olhou para seu companheiro antes de responder:

— Não estou com fome.

O Duque ergueu-se abruptamente ao lado do soldado, falando num duro tom de comando:

— Fiquem todos sentados. Terão que me desculpar, mas surgiu um problema que exige minha atenção pessoal. — Ele se levantou. — Paul, assuma o meu lugar como anfitrião, por gentileza.

Paul também se levantou, desejando indagar de seu pai por que ele tinha de sair, mas sabendo que precisava se comportar à altura. Ele se moveu até a cadeira de Leto e sentou-se.

O Duque virou-se para o aposento onde se encontrava Halleck, dizendo:
— Gurney, por favor, tome o lugar de Paul na mesa.
Não devemos ter um número ímpar aqui. Quando o jantar terminar, talvez eu precise de você para conduzir Paul até o P.C. de campo. Espere por minha chamada.
Halleck emergiu do aposento contíguo trajando uniforme, sua feiúra gorda parecendo fora de lugar, em meio àquela elegância cintilante. Ele encostou o baliset na parede e caminhou para o lugar vazio de Paul.
— Não há motivo para alarme — disse Leto. — Mas devo pedir para que ninguém saia, até que a guarda da casa diga que é seguro. Vocês estarão em perfeita segurança contanto que permaneçam aqui; e nós resolveremos este pequeno problema muito brevemente.
Paul percebeu as palavras de código na mensagem de seu pai: guarda-segurança-brevemente. O problema era uma falha na segurança, não violência. Viu que sua mãe também recebera a mensagem, e parecia mais calma.
O Duque deu um aceno rápido, virou-se e saiu pela porta de serviço, seguido pelo soldado.
Paul disse:
— Por favor, continuemos com o jantar. Acho que o Dr. Kynes estava discutindo a questão da água.
— Podemos discuti-la em outra ocasião? — pediu Kynes.
— Sem dúvida — respondeu Paul.
Jessica notava com orgulho a dignidade de seu filho, seu maduro senso de auto-confiança.
O banqueiro ergueu seu frasco de água, gesticulando para Bewt.
— Nenhum de nós aqui pode superar Mestre Lingar Bewt, no que diz respeito a frases floreadas. Pode-se até julgar que ele aspira ao status de Grande Casa. Vamos, mestre Bewt, acompanhe-nos num brinde. Talvez tenha um torrão de sabedoria para o menino que deve ser tratado como homem.
Jessica cerrou o punho direito, por baixo da mesa. Viu um sinal passar de Halleck para Idaho, enquanto as tropas ao longo da parede se moviam para posições de máxima guarda.
Bewt lançou um olhar fulminante para o banqueiro.
Paul olhou rapidamente para Halleck, notando a posição defensiva de seus guardas e fitou o banqueiro até que o homem abaixou o frasco de água.
— Uma vez, em Caladan — disse Paul —, vi o corpo de um pescador afogado ser recuperado. Ele...
— Afogado? — indagou a filha do fabricante de trajes.
Paul hesitou, e então explicou: — Sim, imerso em água até morrer.

Afogado.

— Que modo interessante de morrer — murmurou ela.

O sorriso de Paul tornou-se uma expressão irritada. Ele voltou sua atenção para o banqueiro. — A coisa interessante a respeito desse homem eram os ferimentos em seus ombros — feitos pelas botas com cravos de outro pescador. Esse pescador era um, entre vários, num bote — um veículo para viajar através da água — que afundara, mergulhando embaixo d'água. Um outro pescador, auxiliando no resgate, disse já ter visto marcas como aquelas várias vezes. Elas significavam que outro pescador afogado tentara subir nos ombros de seu infeliz companheiro, numa tentativa para alcançar a superfície, para alcançar o ar.

— Por que isso é interessante? — indagou o banqueiro.

— Por causa de uma observação feita por meu pai na ocasião. Ele disse que o homem se afogando, que sobe nos ombros de outro para se salvar, é compreensível, exceto quando se vê isso acontecendo na sala de visitas. — Paul hesitou; o suficiente para que o banqueiro percebesse o duplo sentido, e então concluiu. — E eu devo acrescentar: exceto quando se vê acontecer na mesa de jantar.

Um silêncio súbito desceu sobre a sala.

"Isso foi imprudente", pensou Jessica. "Este banqueiro tem poder suficiente para exigir desculpas." Viu que Idaho estava pronto para a ação imediata, e as tropas da casa estavam alertas. Gurney Halleck tinha os olhos voltados para os homens à sua frente.

— Ho, ho, ho, ho! — Era o contrabandista Tuek, cabeça lançada para trás, rindo em completo abandono.

Sorrisos nervosos surgiram ao redor da mesa.

Bewt parecia se divertir.

O banqueiro empurrara sua cadeira para trás e fitava Paul com olhar fixo.

Kynes comentou:

— Quem irrita um Atreides corre seu próprio risco.

— É costume dos Atreides insultar seus convidados? — perguntou o banqueiro.

Antes que Paul pudesse responder, Jessica inclinou-se para a frente, dizendo:

— Senhor! — Ela pensava: "Devemos descobrir qual é o jogo desta criatura Harkonnen. Estará ela aqui para tentar algum movimento contra Paul? Será que tem ajuda?"

— Meu filho mostra uma carapuça e o senhor afirma que ela tem as suas medidas? Que revelação fascinante — disse Jessica, enquanto deslizava com a mão ao longo da perna, buscando a faca cristalina que prendera numa bainha

abaixo do joelho.

O banqueiro voltou seu olhar furioso para Jessica. A atenção se deslocou de Paul, e Jessica percebeu satisfeita que ele se afastava da mesa o suficiente para liberar as mãos para ação. Compreendera a palavra-chave: carapuça. “Prepare-se para a violência.”

Kynes dirigiu um olhar indagador para Jessica, e fez um sinal muito sutil com a mão para Tuek.

O contrabandista colocou-se de pé, erguendo seu frasco de água.

— Eu ofereço um brinde. Ao jovem Paul Atreides, ainda um garoto por sua aparência, mas um homem em suas ações.

“Por que eles se meteram?”, pensou Jessica.

O banqueiro olhava agora para Kynes, e ela viu o terror retornando ao rosto do agente.

Pessoas começavam a responder ao brinde ao redor da mesa.

“Aonde Kynes vai, as pessoas o seguem. Ele nos revela estar ao lado de Paul. Qual é o segredo de seu poder? Não pode ser devido ao posto de juiz da Mudança, isso é temporário. E, certamente, não por ele ser um funcionário público”, pensou Jessica.

Ela removeu a mão do cabo da faca cristalina, ainda presa à barriga da perna, e ergueu seu frasco para Kynes que respondeu adequadamente.

Somente Paul e o banqueiro (“Soo-Soo! Que apelido idiota!”, pensou Jessica) permaneciam de mãos vazias. A atenção do banqueiro fixava-se em Kynes, Paul olhava para seu prato.

“Eu estava lidando com a situação adequadamente”, pensava Paul. “Por que eles interferiram?” Olhou veladamente para os convidados mais próximos. “Prepare-se para a violência? De quem? Certamente não da parte daquele banqueiro.”

Halleck se remexeu, e falou sem se dirigir a ninguém em particular:

— Em nossa sociedade, as pessoas não deviam ser tão rápidas em se considerar ofendidas. Isso é, frequentemente, um gesto suicida. — Olhou para a filha do fabricante de trajes-destiladores ao seu lado. — Não pensa assim, senhorita?

— Oh sim, de fato — respondeu ela. — Existe violência em demasia. Ela me deixa enjoada. E na maior parte dos casos não há nenhuma intenção de ofender, mas as pessoas morrem do mesmo jeito. Não faz sentido.

— Realmente não faz — disse Halleck.

Jessica notou a quase perfeição no gesto da garota, e concluiu: “Aquela mocinha de cabeça oca não é uma mocinha de cabeça oca, afinal. Vira o padrão da ameaça, e entendera que Halleck também o detectara. Eles haviam planejado

atrair Paul com sexo.

Jessica se acalmou. Seu filho fora provavelmente a primeira pessoa a perceber, seu treinamento não deixara de notar o estratagema óbvio.

Kynes disse ao banqueiro:

— Não está na hora de outra desculpa?

O banqueiro voltou um sorriso amarelo na direção de Jessica, dizendo:

— Minha senhora, eu temo ter me excedido em seus vinhos. A senhora serve bebidas fortes em sua mesa, e eu não estou acostumado a elas.

Jessica percebia o veneno por baixo do tom, e respondeu suavemente:

— Quando estrangeiros se encontram, grandes concessões devem ser feitas quanto às diferenças de costumes e treinamentos.

— Obrigado, minha senhora.

A companheira de cabelos negros do fabricante de trajes-destiladores inclinou-se em direção a Jessica:

— O Duque disse que ficaríamos seguros aqui. Espero que isso não signifique mais lutas.

"Ela foi instruída para levar a conversa para esse assunto", pensou Jessica.

— Provavelmente será algo sem importância — disse ela. — Mas existem muitas coisas exigindo a atenção do Duque atualmente. Enquanto continuar a inimizade entre Atreides e Harkonnen não podemos nos descuidar. O Duque jurou kanly, e obviamente não deixará nenhum agente Harkonnen vivo em Arrakis. — Olhou para o agente do Banco da Corporação. — E as Convenções naturalmente permitem isso. — Voltou a atenção para Kynes: — Não é verdade, Dr. Kynes?

— Certamente que sim — respondeu ele.

A companheira do fabricante de trajes olhou para ele, dizendo:

— Creio que comerei alguma coisa agora. Gostaria de um pouco daquela ave que serviram antes.

Jessica fez sinal para um servo, e voltou-se para o banqueiro.

— O senhor estava falando de pássaros e seus hábitos, no início. Eu acho tantas coisas a respeito de Arrakis interessantes. Diga-me, onde é encontrada a especiaria? Os caçadores precisam penetrar muito no deserto?

— Oh não, minha senhora — respondeu ele. — Muito pouco se conhece a respeito do deserto profundo. E praticamente nada quanto às regiões austrais.

— Existe uma lenda a respeito de um grande Veio-Mãe de especiaria, que aguardaria descoberta nas vastidões do sul disse Kynes. — Mas suspeito que isso seja uma invenção, criada unicamente para servir a uma canção. Alguns dos caçadores de especiaria mais ousados às vezes penetram na borda do cinturão central, mas isso é extremamente perigoso. A navegação é incerta, e as

tempestades frequentes. As baixas em pessoal aumentam dramaticamente à medida que se opera mais distante das bases na Muralha Escudo. Não foi considerado lucrativo se aventurar muito para o sul. Talvez se possuíssemos um satélite meteorológico...

Bewt olhou para cima, falando com a boca cheia.

— Diz-se que os Fremen viajam por lá, que eles vão a toda parte e que caçam esponjas e poços de sugar até mesmo nas latitudes austrais.

— Esponjas e poços de sugar? — indagou Jessica.

Kynes respondeu rapidamente.

— Simples boatos extravagantes, minha senhora. Uma esponja é um local onde a água se filtra para a superfície, ou suficientemente próximo da superfície, que permite escavar seguindo certos indícios. Um poço de sugar é uma forma de esponja de onde se retira água através de um canudo... ou assim se diz.

“Há engano em suas palavras”, pensou Jessica e Paul perguntou a si mesmo: “Por que é que ele mente?”

— Que interessante! — exclamou Jessica, pensando: “Costuma-se dizer.. Que modo curioso de falar eles possuem aqui. Se ao menos soubessem o quanto isso revela de sua dependência de superstições.”

— Ouvi dizer que vocês possuem um ditado — disse Paul. — Que a polidez vem das cidades e a sabedoria do deserto.

— Há muitos ditados em Arrakis — respondeu Kynes.

Antes que Jessica pudesse formular outra pergunta, um servo inclinou-se ao lado dela com um bilhete. Ela o abriu notando a caligrafia do duque e os sinais em código.

— Todos ficarão satisfeitos em saber — disse ela — que nosso Duque manda avisar que podemos ficar tranquilos. O assunto que o obrigou a se ausentar já foi resolvido. O transporta-tudo perdido foi encontrado. Um agente Harkonnen na tripulação subjugou os outros e voou com a máquina até uma base de contrabandistas, esperando vendê-la por lá. Ambos, homem e máquina, foram devolvidos às nossas forças.

— Ela acenou para Tuek, que respondeu ao cumprimento.

Jessica dobrou novamente a nota, guardando-a em sua manga.

— Fico feliz em saber que isto não levou a uma luta aberta disse o banqueiro. — Todo o povo espera que os Atreides tragam a paz e a prosperidade.

— Especialmente a prosperidade — disse Bewt.

— Devemos ter a nossa sobremesa agora? — indagou Jessica.

— Eu pedi ao nosso chefe de cozinha que preparasse um doce de Caladan: arroz pongi com molho dolsa.

— Parece maravilhoso — comentou o fabricante de trajes. — Seria

possível ter a receita?

— Qualquer receita que desejar — respondeu Jessica, registrando o homem para mencioná-lo posteriormente a Hawat. O fabricante de trajes era um tremendo arrivista, e poderia ser comprado.

Trivialidades voltaram a ser o assunto principal da conversa ao redor: — Que tecido maravilhoso... ele está fazendo um engaste para colocar a jóia... podemos tentar um aumento de produção na próxima quinzena...

Jessica olhava para o prato, pensando na parte codificada da mensagem de Leto. “Os Harkonnen tentaram introduzir um carregamento de armas laser. Nós o capturamos, mas isso pode significar que eles já tiveram sucesso com outros carregamentos. E certamente quer dizer que não podemos confiar mais em escudos. Tomem as precauções apropriadas.”

Focalizou sua mente em armas laser. Os feixes aquecidos ao branco da luz disruptora podiam cortar através de qualquer substância conhecida, desde que não houvesse um escudo ao redor da substância. O fato de que a retrocarga de um escudo faria explodir a arma laser e o escudo não incomodava os Harkonnen. Por quê?

Uma explosão escudo-arma laser constituía-se numa variável incerta e perigosa, podendo ser mais poderosa que uma arma atômica, ou apenas o suficiente para matar o portador da arma e o seu alvo sob o escudo.

As dúvidas a enchiam de intranquilidade.

Paul comentou:

— Nunca duvidei de que encontraríamos o transporta-tudo. Uma vez que meu pai age para resolver um problema, ele o resolve. Este é um fato que os Harkonnen estão começando a descobrir.

“Ele está se gabando”, pensou Jessica. “Não devia. Uma pessoa que vai dormir no subsolo esta noite, como precaução contra armas laser, não tem o direito de se gabar.”

17

Não há escapatória — nós pagamos pela violência dos nossos ancestrais.
“

— de Citações Reunidas do Muad’Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Jessica ouviu o tumulto no grande salão e acendeu a luz ao lado de sua cama. O relógio colocado lá não fora adequadamente ajustado para a hora local, e ela precisou subtrair vinte e um minutos para determinar que eram aproximadamente duas horas da madrugada.

O ruído era alto e indistinto. Seria o ataque dos Harkonnen?

Saiu da cama e verificou as telas monitoras, para ver onde se encontrava sua família. A tela mostrou Paul dormindo em uma profunda sala da adega, apressadamente convertida em dormitório para o rapaz. O ruído obviamente não estava penetrando lá embaixo. Não havia ninguém no quarto do Duque, sua cama estava arrumada. Estaria ele ainda no P.C. de campo?

Ainda não existiam telas para a parte frontal da casa.

Jessica ficou imóvel no meio do quarto, ouvindo.

Ouviam-se gritos e vozes ininteligíveis. Ouviu o nome do Dr. Yueh sendo chamado, encontrou um robe e o colocou sobre os ombros, calçando chinelas e prendendo a faca cristalina na perna.

Novamente uma voz chamou pelo Dr. Yueh.

Jessica prendeu o roupão na cintura e saiu para o corredor. Um pensamento lhe ocorreu subitamente: “E se Leto estiver ferido?”

O corredor parecia se estender infinitamente sob seus pés. Ela passou através da abóbada na extremidade, atravessou o salão de jantar e chegou ao Grande Salão encontrando o lugar brilhantemente iluminado, com todas as lâmpadas suspensoras brilhando ao máximo.

À sua direita, próximo à entrada frontal, ela viu dois guardas da casa segurando Duncan Idaho entre eles. Sua cabeça oscilava para a frente, e havia um silêncio abrupto em toda a cena.

Um dos guardas falou de modo acusador:

— Viu o que você fez? Acordou Lady Jessica.

As grandes cortinas por trás dos homens enfunavam-se, mostrando que a porta permanecia aberta. Não havia sinal do duque ou de Yueh. Mapes aparecia de pé ao lado, olhando friamente para Idaho.

Ela usava um longo roupão marrom com um desenho de serpentina. Seus pés estavam colocados em botas de deserto não amarradas.

— Então eu acordei Lady Jessica — balbuciou Idaho. Ergueu o rosto para o teto e berrou:

— Minha espada foi banhada no sangue de Grumman!

“Grande Mãe!”, pensou ela. “O homem está bêbado.”

O rosto escuro e redondo de Idaho se contorcia numa carranca.

Seu cabelo, encaracolado como o pêlo de um bode negro, parecia emplastrado de sujeira. Um rasgo em sua túnica deixava à mostra a camisa que ele usara durante o jantar.

Jessica aproximou-se dele.

Um dos guardas acenou com a cabeça para ela, sem largar Idaho.

— Não sabíamos o que fazer com ele, minha senhora. Ele estava causando confusão aí em frente, recusando-se a entrar. Nós temíamos que os moradores locais aparecessem e o vissem assim. Isto nos daria um mau nome por aqui.

— Onde foi que ele esteve? — indagou Jessica.

— Ele acompanhou uma das jovens damas até sua casa depois do jantar, minha senhora. Ordens de Hawat.

— Que jovem dama?

— Uma daquelas acompanhantes, entende, senhora? Olhou para Mapes abaixando a voz: — Eles estão sempre chamando Idaho para tomar conta das damas.

Jessica pensou: “Sim, mas por que ele está bêbado?”

Franziu a testa voltando-se para Mapes:

— Mapes, traga um estimulante. Sugiro cafeína. Talvez ainda tenha sobrado um pouco de café de especiaria.

Mapes deu de ombros e dirigiu-se para a cozinha. Suas botas de deserto não amarradas faziam ruído no chão de pedra.

Idaho girou sua cabeça bamba para olhar Jessica de esguelha.

— Matei mais de trezentos pro Duque — balbuciou ele —, só quero saber por que eu tô aqui? Não posso viver em cima ou embaixo deste solo. Que tipo de lugar é este, hein?

Um ruído no corredor lateral chamou a atenção de Jessica. Ela voltou-se vendo o Dr. Yueh se aproximar com o estojo médico na mão esquerda. Ele encontrava-se completamente vestido, e parecia pálido e exausto. A tatuagem em forma de diamante aparecia nítida em sua testa.

— O bom doutor! — gritou Idaho. — Quem é você, doutor, o homem das pílulas e ataduras? — Olhou de olhos turvos para Jessica. Tô fazendo um papel ridículo, não tô?

Jessica franziu o cenho, ficou em silêncio, pensando: “Por que iria Idaho se embebedar? Será que ele foi drogado?”

— Muita cerveja de especiaria! — disse Idaho tentando se endireitar.

Mapes voltou com uma xícara fumegante nas mãos, parou incerta ao lado de Yueh. Olhou para Jessica, que sacudiu a cabeça.

Yueh colocou o estojo no chão e acenou, saudando Jessica.

— Cerveja de especiaria, hein? — comentou ele.

— Coisa mais danada que já provei — disse Idaho, tentando ficar em posição de sentido. — Minha espada conheceu o sangue pela primeira vez em Grumman! Matei um Harko... Harko... matei ele pro Duque.

Yueh olhou para a xícara nas mãos de Mapes.

— O que é isso?

— Cafeína — respondeu Jessica.

Yueh pegou a xícara e aproximou-a dos lábios de Idaho.

— Beba isso, rapaz.

— Não quero mais bebida.

— Beba, estou mandando!

A cabeça de Idaho tombou para a frente e ele deu um passo cambaleante na direção de Yueh, arrastando consigo os guardas.

— Já estou cheio de ter que agradar este Universo Imperial, doutor. Só uma vez quero fazer as coisas ao meu modo.

— Depois que beber isso — disse Yueh. — É apenas cafeína.

— Esquisito como todo o resto desse lugar! Maldito sol muito brilhante; nada tem as cores certas. Tudo errado ou...

— Bem, é noite agora — observou Yueh. Ele falava com calma: Beba isso como um bom rapaz, e vai se sentir melhor.

— Num quero me sentir melhor!

— Não podemos discutir com ele a noite inteira — disse Jessica. “Isto pede um tratamento de choque”, pensou ela.

— Não é preciso ficar, minha senhora — disse Yueh. Posso cuidar disso.

Jessica sacudiu a cabeça, deu um passo à frente e esbofeteou Idaho.

Ele cambaleou para trás com os guardas, olhando furioso para ela.

— Isto não é modo de se comportar na casa de seu Duque — disse ela, e arrancou a xícara das mãos de Yueh derramando parte de seu conteúdo. Empurrou-a na direção de Idaho e gritou: — Agora beba! Isto é uma ordem!

Idaho se colocou de pé e falou lentamente, com uma pronúncia cuidadosa

e precisa:

— Não recebo ordens de uma maldita espiã Harkonnen.

Yueh se enrijeceu, voltando-se para encarar Jessica.

Seu rosto tornou-se muito pálido, mas ela compreendeu. Tudo se tornava claro agora; todos os ramos interrompidos dos significados que ela vira em palavras e ações ao seu redor, por todos esses dias passados, podiam agora ser traduzidos. Encontrou-se presa de uma fúria quase que grande demais para ser contida. Foi necessário seu treinamento Bene Gesserit mais profundo para acalmar seu pulso, e normalizar a respiração, e ainda assim sentia um fogo interior lutando para extravasar.

“Eles estão sempre chamando Idaho para tomar conta das damas.”

Ela encarou Yueh, que abaixou a cabeça.

— Você sabia disso?

— Eu...ouvi rumores, minha senhora. Mas não queria aumentar suas preocupações.

— Hawat! — exigiu ela. — Quero que me tragam Thufir Hawat imediatamente!

— Mas, minha senhora...

— Imediatamente!

“Tem que ser Hawat”, pensou ela. “Suspeita como esta não poderia vir de outra fonte sem ser descartada imediatamente.”

Idaho sacudiu a cabeça, murmurando:

— Estourem a maldita coisa inteira.

Jessica olhou para a xícara em sua mão, e abruptamente atirou seu conteúdo no rosto de Idaho.

— Tranquem-no em um dos quartos de hóspedes da ala leste — ordenou ela. — Deixem que ele durma.

Os dois guardas olharam para ela angustiados. Um deles arriscou:

— Talvez devêssemos levá-lo para algum outro lugar, senhora. Poderíamos...

— Ele deve ficar aqui! — retrucou ela. — Ele tem um trabalho a fazer aqui. — Sua voz revelava amargura: — Ele é tão bom para tomar conta das damas.

O guarda engoliu em seco.

— Sabe onde está o Duque?

— No posto de comando, minha senhora.

— Hawat está com ele?

— Hawat está na cidade, minha senhora.

— Vocês trarão Hawat para mim imediatamente. Estarei em minha sala

quando ele chegar.

— Mas, minha senhora...

— Se necessário eu chamarei o Duque — ameaçou ela. Mas espero que não seja necessário. Não quero perturbá-lo com isso.

— Sim, minha senhora.

Jessica colocou a xícara vazia nas mãos de Mapes percebendo o olhar questionador nos olhos de azul-dentro-de-azul. — Você pode voltar para o quarto, Mapes.

— Tem certeza de que não vai precisar de mim?

Jessica sorriu amargamente:

— Tenho.

— Talvez isso possa esperar até amanhã — sugeriu Yueh. — Eu poderia lhe dar um sedativo e...

— Você retornará para os seus aposentos e me deixará cuidar disso ao meu modo. — Deu uma leve pancada em seu braço para suavizar o tom de comando. — Este é o único modo.

Abruptamente, de cabeça erguida, ela se voltou e saiu, caminhando através da casa em direção aos seus aposentos. Paredes frias... passagens... uma porta familiar... Abriu a porta com violência, passou por ela e fechou-a num estrondo. Parou, olhando para as janelas cobertas de escudos de sua sala de estar. “Hawat! Podia ter sido ele a quem os Harkonnen haviam comprado? Veremos.”

Foi até a cadeira. Uma cadeira em estilo antigo, estofada com um revestimento de pele de schlag bordada, e moveu-a para uma posição voltada para a porta. Tornou-se subitamente muito consciente da faca cristalina na bainha, sobre sua perna. Removeu a bainha e prendeu-a ao braço, testando seu ajuste. Uma vez mais observou a sala, localizando todas as coisas precisamente em sua memória para qualquer emergência: a espreguiçadeira junto de um dos cantos, as cadeiras ao longo da parede, as duas mesas baixas e a cítara montada num suporte junto da porta de seu quarto.

Uma luz pálida derramava-se das lâmpadas suspensoras. Enfraqueceu-as ainda mais e se sentou, alisando o estofamento e apreciando o aspecto nobre da cadeira, adequada para a ocasião.

“Agora deixe que ele venha”, pensou ela. “E então veremos.”

Preparou-se para a espera no modo Bene Gesserit, acumulando paciência, poupando as forças.

Mais cedo do que esperava uma batida soou na porta, e Hawat entrou.

Ela o observou sem se mover de sua cadeira, percebendo a aparência de energia induzida por drogas em seus movimentos, sentindo a fadiga que se acumulava por baixo. Os olhos cansados e injetados brilhavam. Sua pele

coriácea parecia fracamente amarelada na luz do salão, e havia uma mancha úmida, comprida, na manga do braço onde usava a faca.

Ela sentiu cheiro de sangue ali.

Apontou para uma das cadeiras e disse:

— Traga aquela cadeira e sente-se de frente para mim.

Hawat inclinou-se e obedeceu. "Aquele bêbado idiota do Idaho!" — ele pensou. Observou o rosto de Jessica, tentando visualizar um meio de salvar a situação.

— É hora de esclarecer a situação entre nós — disse Jessica.

— O que a perturba, minha senhora? — indagou ele, sentando-se e colocando a mão sobre os joelhos.

— Não banque o reservado comigo! Se Yueh não lhe contou por que o chamei aqui, então um de seus espiões em minha casa o fez. Não podemos ser honestos um com o outro?

— Como quiser, minha senhora.

— Primeiro você me responderá a uma pergunta — disse ela. — Você é um agente Harkonnen?

Hawat ergueu-se, quase se levantando da cadeira, seu rosto escuro de fúria:

— Você se atreve a me insultar!?

— Sente-se. Você me insultou primeiro.

Lentamente ele deixou o corpo afundar no assento.

E Jessica, lendo os sinais faciais que conhecia tão bem, respirou fundo. "Não é o Hawat."

— Agora sei que permanece leal ao meu Duque. Estou preparada portanto para perdoar sua afronta contra mim.

— Existe alguma coisa para ser perdoada?

Jessica franziu a testa, pensando: "Devo jogar com meu trunfo?

Devo contar a respeito da filha do Duque, que carrego comigo há algumas semanas? Não, nem mesmo Leto sabe. Isso só iria complicar sua vida, distraí-lo numa ocasião em que precisa estar concentrado para assegurar nossa sobrevivência. Ainda haverá tempo para usar isso."

— Uma reveladora da verdade resolveria esse problema — disse ela —, mas nós não temos nenhuma qualificada pela Alta junta.

— Como diz, nós não temos uma Reveladora da Verdade.

— Existe um traidor entre nós? — indagou ela. — Eu tenho observado nossa gente com extremo cuidado. Quem poderia ser? Não é o Gurney, e certamente nem o Duncan. Seus tenentes não ocupam funções estratégicas, para serem considerados. Também não é você, Thufir; nem pode ser o Paul. Sei que

não sou eu. Será o Dr. Yueh então? Devo chamá-lo e submetê-lo ao teste?

— Sabe que seria um gesto inútil. Ele é condicionado pelo Alto Colégio. Isso eu sei com certeza.

— Para não mencionar que sua esposa era uma Bene Gesserit assassinada pelos Harkonnen — disse Jessica.

— Então foi isso que aconteceu com ela!

— Não ouviu o ódio em sua voz quando ele menciona os Harkonnen?

— Sabe que eu não tenho ouvidos para isso.

— O que levantou essa sua suspeita contra mim? — indagou ela.

Hawat amarrou a cara.

— Minha senhora, está colocando seu servo numa posição difícil. Minha lealdade em primeiro lugar é para com o Duque.

— Estou preparada para perdoar muito devido a essa mesma lealdade.

— E novamente devo indagar: existe algo para ser perdoado?

— Impasse? — perguntou ela.

Ele deu de ombros.

— Vamos conversar sobre outra coisa, então. Duncan Idaho, esse admirável lutador cujas habilidades para guarda e vigilância são tão estimadas. Esta noite ele se excedeu em alguma coisa chamada cerveja de especiaria. Ouvi relatórios de que outros entre nossa gente já foram entorpecidos por essa. mistura. Isso é verdade?

— Tem os seus relatórios, minha senhora.

— Eu os tenho. Não pode ver nesses excessos com a bebida um sintoma, Thufir?

— Minha senhora fala por charadas.

— Aplique suas habilidades Mentat! Qual é o problema com Duncan e os outros? Eu posso dizê-la em apenas quatro palavras: Eles estão sem lar.

Hawat apontou o dedo para o piso.

— Arrakis é o lar de todos eles.

— Arrakis é uma terra desconhecida! Caladan era o lar deles, mas nós lhes arrancamos as raízes. Eles não têm lar, e temem que o Duque esteja falhando em sua confiança.

Ele se empertigou.

— Uma conversa dessas, partindo de um dos homens, seria causa para...

— Ora, pare com isso, Thufir. É derrotismo ou traição se um médico diagnostica uma doença corretamente? Minha única intenção é curar a doença.

— O Duque me encarrega dessas questões.

— Mas você compreende que eu tenho uma preocupação natural quanto ao progresso da doença. E talvez reconheça que tenho certas habilidades para

agir ao longo dessa linha.

“Terei de chocá-lo severamente?”, pensou ela. “Ele precisa ser sacudido com algo que o arranque de uma rotina imposta.”

— Podem existir muitas interpretações para sua preocupação — disse ele.

— Então já me condenou?

— Claro que não, minha senhora. Mas não posso me permitir correr nenhum risco, estando a situação como está.

— Uma ameaça à vida de meu filho passou por você, aqui mesmo nesta casa. Quem correu o risco?

Seu rosto se enrubesceu.

— Ofereci minha renúncia ao Duque.

— Ofereceu sua renúncia a mim? Ou ao Paul?

“Agora ele está furioso”, pensou ela. “Posso ver isso na rapidez de sua respiração, na dilatação das narinas, olhar fixo.” Percebeu o pulso batendo em sua têmpora.

— Sou um homem do Duque — respondeu ele, seco.

— Não há traidor algum — disse Jessica. — A ameaça é alguma outra coisa. Talvez tenha a ver com armas laser. Talvez eles se arrisquem ocultando algumas armas laser com mecanismos de tempo, apontadas para os escudos desta casa. Talvez eles...

— E quem poderia dizer, depois da explosão, que não fora atômica? — indagou ele. — Não, minha senhora. Eles não arriscariam nada tão ilegal. Radiação permanece. A evidência é difícil de apagar. Não, eles seguirão a maioria das normas. Tem que ser um traidor.

— Você é o homem do Duque — retrucou ela. — Você o destruiria no esforço para salvá-lo?

Ele respirou fundo e disse:

— Se a senhora for inocente, terá minhas desculpas mais humildes.

— Olhe para você agora, Thufir. Os humanos vivem melhor quando cada um tem seu próprio lugar, quando cada um sabe onde se vincula ao esquema geral das coisas. Destrua o lugar e você destruirá a pessoa. Você e eu, Thufir, dentre todas as pessoas que amam o Duque, estamos justamente situados numa posição em que poderíamos facilmente destruir um ao outro. Eu poderia sussurrar suspeitas a seu respeito ao ouvido do Duque toda a noite, não poderia? No momento em que ele estivesse mais suscetível a tais cochichos? Preciso explicar mais claramente?

— Está me ameaçando?

— De fato, não. Eu apenas demonstro para você que alguém está nos atacando através do vínculo básico de nossas vidas. É diabolicamente hábil. Eu

proponho que devolvamos esse ataque ordenando nossas vidas de um modo tal que não restarão fendas onde farpas como essas possam penetrar.

— Acusa-me de sussurrar suspeitas sem base?

— Sem base, sim.

— E você responderia a isso com seus próprios cochichos.

— Sua vida é feita de cochichos, Thufir, não a minha.

— Então questiona minhas habilidades?

Ela suspirou.

— Thufir, eu quero que examine seu próprio envolvimento emocional nisso tudo. Um humano ao natural é um animal sem lógica. Suas projeções de lógica sobre todos os assuntos são anti-naturais, mas devem continuar a ser feitas por sua utilidade. Você é a personificação de lógica, um Mentat. No entanto, suas soluções e problemas são conceitos que num sentido real se projetam para fora de você mesmo, para serem estudados e examinados de todos os ângulos.

— Acha que pode me ensinar meu próprio ofício? — indagou ele sem tentar esconder o desprezo na voz.

— Você pode aplicar sua lógica em qualquer coisa fora de você mesmo — continuou ela —, mas é uma tendência humana que, quando nós encontramos problemas pessoais, principalmente os mais profundos, torna-se extremamente difícil trazê-los à tona para que possam ser analisados logicamente. Nos debatemos ao redor, culpando tudo, menos o motivo verdadeiro e profundamente enraizado que se encontra realmente nos devorando.

— Está deliberadamente tentando minar a minha fé em minhas habilidades como um Mentat — acusou ele asperamente. — Se eu encontrasse alguém de nossa gente tentando sabotar deste modo qualquer outra arma de nosso arsenal, eu não hesitaria em denunciá-lo e destruí-lo.

— Os melhores Mentat possuem um respeito saudável pelo fator de erro em suas computações.

— Eu nunca disse outra coisa!

— Então aprofunde-se nestes sintomas que ambos observamos: embriaguez entre os homens, lutas — mexericos e troca de rumores extravagantes a respeito de Arrakis; eles ignoram as mais simples...

— Chega de frivolidade! — disse ele. — Não tente distrair minha atenção fazendo uma questão simples parecer misteriosa.

Jessica olhou para ele, pensando em todos os homens do Duque ruminando suas mágoas nos alojamentos, até que se pudesse quase sentir a tensão acumulada, como isolamento, queimando. "Eles estão se tornando como os homens da lenda anterior à Corporação", pensou ela. "Como os homens da nave estelar perdida Ampoliros — esgotados sobre seus canhões — eternamente

buscando, eternamente preparados e eternamente desprevenidos.”

— Por que nunca usou plenamente as minhas habilidades em seus serviços para o Duque? Tem medo de uma rival para sua posição?

Ele olhou para ela, os velhos olhos queimando.

— Conheço parte do treinamento que recebem suas... — Não concluiu.

— Vá adiante, diga, “suas bruxas Bene Gesserit”.

— Sei algo a respeito do verdadeiro treinamento que recebem.

Observei-o refletir-se em Paul. Não sou iludido pelo que suas escolas dizem ao público: Que existem apenas para servir.

“O choque precisa ser severo e ele está quase pronto para ele”, pensou ela.

— Você me ouve respeitosamente no Conselho, e no entanto raramente dá crédito aos meus conselhos. Por quê?

— Não confio em suas razões Bene Gesserit — respondeu ele. — Vocês podem achar que vêem através de um homem, podem pensar que são capazes de obrigar um homem a fazer exatamente o que vocês...

— Thufir, seu pobre tolo! — exclamou ela, furiosa.

Ele olhou carrancudo, remexendo-se na cadeira.

— Quaisquer que sejam os rumores que tenha ouvido a respeito de nossas escolas, a verdade é muito mais surpreendente. Se eu desejasse destruir o Duque, ou você, ou qualquer pessoa ao meu alcance, você não poderia me deter.

“Por que permite que o orgulho arranque estas palavras de mim?”, pensou ela. “Não foi este o modo como fui treinada. Não é a maneira de chocá-lo.”

Hawat deslizou a mão por baixo de sua túnica, onde mantinha um pequenino projetor de agulhas envenenadas. “Ela não está usando escudo. Será isso apenas uma bravata? Eu poderia matá-la agora... mas ah, as consequências se eu estiver errado!”

Jessica percebeu o gesto na direção do bolso e disse:

— Vamos rezar para que a violência nunca seja necessária entre nós.

— Uma boa idéia.

— Entretanto, a doença se espalha entre nós, e eu devo perguntar novamente: não é mais razoável supor que os Harkonnen plantaram essa suspeita para nos lançar um contra o outro?

— Parece que voltamos ao impasse — disse ele.

Ela suspirou, pensando: “Ele já está quase pronto.”

— O Duque e eu somos pai e mãe substitutos para o nosso povo. A posição...

— Ele não se casou com você — disse Hawat.

Jessica procurou se manter calma. “Esta foi uma boa resposta.”

— Mas ele não se casará com mais ninguém. Não enquanto eu viver. E

nós somos substitutos, como eu dizia. Para quebrar essa ordem natural entre nós, para confundir, dissolver e perturbar, que alvo seria mais sedutor para os Harkonnen?

Ele sentia a direção para onde ela o levava, e suas sobrancelhas contraíram-se.

— O Duque? — indagou Jessica. — Um alvo atraente, sim, mas ninguém, com a possível exceção de Paul, é melhor guardado. Eu? Devo tentá-los, certamente, mas eles devem saber que uma Bene Gesserit é um alvo difícil. Mas há um objetivo melhor, alguém cujas tarefas criam necessariamente um ponto cego. Alguém para quem a suspeita é tão natural quanto o ato de respirar. Alguém que constrói a sua vida com insinuações e mistérios. Apontou a mão direita para ele. — Você!

Hawat tentou saltar de sua cadeira.

— Não lhe dei licença para sair, Thufir!

O velho Mentat praticamente caiu de volta no assento, tão rapidamente que seus músculos lhe falharam.

Ela sorriu friamente.

— Agora você conhece algo a respeito do verdadeiro treinamento que nós recebemos.

Hawat tentou engolir em seco. Aquela ordem fora régia, decidida, pronunciada num tom e de um modo que a tornavam completamente irresistível. Seu corpo obedecera antes que sua mente pudesse pensar a respeito. Nada teria evitado sua reação; nem lógica, nem fúria... nada. Para fazer o que ela acabara de realizar, era preciso um conhecimento íntimo, apurado, da pessoa assim dominada, um controle profundo como sequer sonhara ser possível.

— Já lhe disse antes que nós devíamos entender um ao outro. E quero dizer com isso que deve tentar me compreender. Eu já entendo você. E lhe digo agora que sua lealdade para com o Duque é tudo que garante a sua segurança comigo.

Ele olhava-a, umedecendo os lábios com a língua.

— Se eu desejasse uma marionete faria o Duque se casar comigo — continuou ela. — Ele podia até pensar que o fizera por sua livre vontade.

Hawat abaixou a cabeça, olhando através de seus escassos cílios.

Apenas um auto-controle rígido o impedia de chamar o Controle da guarda... e a suspeita agora de que a mulher poderia impedi-lo. Sua pele coçava com a lembrança de como ela o controlara.

Naquele momento de hesitação ela poderia ter sacado uma arma e tê-lo morto.

“Será que cada humano possui esse ponto cego?”, perguntava ele a si

mesmo. “Qualquer um de nós pode ser impulsionado para agir sem resistência?” A idéia o atordoava. “Quem poderia deter uma pessoa com tamanho poder?”

— Você teve um vislumbre do punho que existe dentro da luva Bene Gesserit — disse ela. — Poucos chegam a percebê-la e apenas o vivenciam através da experiência. O que eu fiz foi algo relativamente simples para nós. Ainda não viu todo o meu arsenal. Pense nisto.

— Por que não sai então destruindo os inimigos do Duque?

— Quem você teria para destruir? Gostaria que eu fizesse do Duque um fraco? Eternamente se apoiando em mim?

— Mas com tal poder...

— O poder é uma espada de dois gumes, Thufir. Você pensa: “Como é fácil para ela moldar uma ferramenta humana para golpear nas entranhas do inimigo.” É verdade, Thufir. Até mesmo nas suas entranhas. No entanto o que eu conseguiria com isso? Se muitas Bene Gesserit agissem desse modo, isso não tornaria todas as Bene Gesserit suspeitas? Nós não queremos isso, Thufir. Não desejamos destruir a nós mesmas. — Ela acenou com a cabeça. — Verdadeiramente, nós existimos apenas para servir.

— Eu não posso lhe responder — disse ele. — Sabe que eu não posso lhe responder.

— Você não dirá nada a respeito do que aconteceu hoje aqui, para ninguém. Eu o conheço, Thufir.

— Minha senhora... — novamente o velho tentou engolir em seco.

E pensou: “Ela tem grandes poderes, sim. Mas eles não fariam dela uma arma ainda mais admirável para os Harkonnen?”

— O Duque pode ser destruído tão rapidamente por seus amigos como por seus inimigos. Eu confio agora que você chegará ao fundo desta suspeita e a eliminará.

— Se ela se mostrar desprovida de bases, sim.

— Se — sorriu ela com desdém.

— Se — insistiu ele.

— Você é tenaz.

— Cauteloso — respondeu ele. — E consciente do fator erro.

— Então eu farei outra pergunta: o que significa para você estar preso e desarmado diante de outro ser humano, enquanto o outro segura uma faca diante de sua garganta? E, no entanto, esse outro ser humano evita matá-lo, livra-o das cordas que o prendem e lhe entrega a faca, para que use como desejar? O que acha disso?

Ela se levantou da cadeira e voltou as costas para ele. Você pode ir agora, Thufir.

O velho Mentat levantou-se hesitando, a mão movendo-se vagarosa em direção à arma mortífera sob a túnica. Lembrava-se do touro e do pai do Duque (que fora um bravo, não importando suas falhas). Num dia de tourada, há muito tempo, o terrível animal negro lá estava, de cabeça baixa, imóvel e confuso. O velho Duque voltara as costas para os chifres, capa lançada ostentosamente sobre o ombro, enquanto as palmas choviam das arquibancadas.

Eu sou o touro e ela é o matador. Afastou a mão da arma olhando o suor que brilhava na palma vazia.

Não importava o que os fatos provassem no final, ele sabia que nunca esqueceria esse momento, nem perderia um sentimento de suprema admiração por Lady Jessica.

Sem fazer ruído, ele se voltou e deixou a sala.

Jessica abaixou o olhar dos reflexos nas janelas, virou-se e fitou a porta fechada.

— Agora veremos um pouco de ação adequada — sussurrou ela para si mesma.

18

Você se debate com seus sonhos?
Luta contra as sombras?
E se move num transe?
O tempo lhe escapou.
Sua vida está perdida.
Você a desperdiçou em ninharias.
Vítima de sua loucura.

— Lamento por Jamis na Planície Funerária, de Canções do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan

Leto parou no vestíbulo de sua casa, estudando a nota à luz de uma única lâmpada suspensora. Faltavam apenas algumas horas para o raiar do dia, e ele sentia um cansaço profundo. Um mensageiro Fremen trouxera o bilhete ao posto externo de guarda, exatamente quando o Duque chegava de seu posto de comando.

A nota dizia: "Uma coluna de fumaça durante o dia, um pilar de fogo à noite."

Não havia assinatura.

"O que significa isso?", perguntou com os seus botões.

O mensageiro se fora sem esperar por uma resposta e antes que pudesse ser interrogado. Desaparecera dentro da noite como uma sombra.

Leto colocou o papel dentro do bolso de sua túnica, pensando em mostrá-lo a Hawat, posteriormente. Afastou uma mecha de cabelos de sobre a testa e respirou fundo. As pílulas antifadiga estavam começando a perder o efeito. Haviam sido dois longos dias desde aquele jantar e, mais do que isso, desde que dormira pela última vez.

Além de todos os problemas militares houvera aquela perturbadora conversa com Hawat, e o relatório de seu encontro com Jessica.

"Devo acordar Jessica?" Ele hesitou. "Não há mais razão para continuar com este jogo de segredo com ela. Ou há?"

"Maldito Duncan Idaho."

Sacudiu a cabeça. “Não, não foi Duncan. O erro foi meu de não confiar em Jessica desde o princípio. Devo fazê-lo agora, antes que maior dano seja provocado.”

A decisão fez com que se sentisse melhor, e ele correu para o Grande Salão, e ao longo das passagens, em direção à ala familiar.

No ponto em que o corredor virava para a área de serviço, ele parou. Um estranho gemido vinha de algum ponto no corredor de serviço. Leto levou a mão esquerda ao botão de seu cinturão-escudo, e colocou sua kindjal na mão direita. A faca lhe transmitia um sentimento de confiança. O estranho som provocara um arrepio através de seu corpo.

Suavemente o Duque se moveu pela passagem, amaldiçoando a iluminação inadequada. As suspensoras menores haviam sido colocadas em intervalos de oito metros, e reguladas no nível de iluminação mais fraco. As paredes de pedra negra devoravam a luz.

Hesitou novamente, quase acionando seu escudo, mas se conteve porque isso limitaria seus movimentos e sua audição... e porque o carregamento capturado de armas laser o deixara cheio de dúvidas. Havia um vulto escuro estirado no piso, aparecendo na penumbra, adiante.

Silenciosamente ele se moveu em sua direção, percebendo tratar-se de uma figura humana, caída com o rosto contra o chão de pedra. Leto virou-a com o pé, a faca erguida, e se abaixou na luz fraca para ver o rosto. Era o contrabandista Tuek, com uma mancha úmida ao longo do peito. Os olhos sem vida fitando a escuridão vazia. Leto tocou a mancha, estava quente.

“Como pode este homem estar morto aqui? Quem o matou?”

O gemido era mais alto agora. Vinha de um ponto à frente e ao longo do corredor lateral, que dava na sala central onde havia sido instalado o principal gerador de escudo para a casa.

Com a mão no botão do cinto e a faca pronta, o Duque passou por sobre o cadáver e deslizou pela passagem, olhando cautelosamente em torno da curva para a sala do gerador de escudo.

Outro vulto cinzento estendia-se no piso, alguns passos à frente, e ele percebeu imediatamente ser essa a origem do gemido. A forma arrastou-se em sua direção, com dolorosa lentidão, murmurando, ofegando.

Leto dominou sua súbita contrição de medo e correu atravessando a passagem para abaixar-se ao lado do vulto rastejante. Era Mapes, a governanta Fremen, seu cabelo caído sobre o rosto, roupas em desordem. Uma mancha negra tomava-lhe as costas até um dos lados. Ele tocou-lhe o ombro e ela ergueu-se sobre os cotovelos, a cabeça inclinada para fitá-lo com olhos vazios e escuros.

— Você — disse ela ofegante — matou... guarda... mandado... buscar... Tuek... escapar... minha senhora... você... você... aqui... não... Caiu para a frente, a cabeça batendo contra a pedra.

Leto procurou sentir o pulso nas têmporas. Não havia nenhum.

Olhou para a mancha na roupa. Ela fora apunhalada pelas costas.

Quem? Seus pensamentos se aceleraram. Ela estaria querendo dizer que alguém matara o guarda? E Tuek? Jessica teria mandado buscá-lo? Por quê?

Começou a se levantar. Súbito, um sexto sentido o advertiu. Sua mão lançou-se em busca do botão que acionava o cinturão-escudo, mas era muito tarde. Um choque entorpecedor lançou-lhe o braço para o lado. Sentiu uma dor naquele local e viu um dardo projetando-se de sua manga. A paralisia propagava-se em direção ao ombro. Exigiu-lhe um esforço agonizante para erguer a cabeça e olhar ao longo da passagem.

Yueh encontrava-se na porta aberta da sala do gerador, seu rosto refletindo a luz amarela de uma única lâmpada suspensora acima da porta. Havia silêncio na sala atrás dele, não se ouvia nenhum som vindo dos geradores.

“Yueh!”, pensou Leto. “Ele sabotou os geradores da casa! Estamos abertos para o exterior!”

Yueh começou a caminhar em sua direção, colocando o revólver de dardos no bolso.

Leto descobriu ainda ser capaz de falar, balbuciou:

— Yueh! Como?

Então a paralisia atingiu suas pernas, e ele deslizou para o chão com as costas contra a parede de pedra.

O rosto de Yueh carregava uma expressão de tristeza enquanto se inclinava para tocar a testa de Leto. O Duque percebeu que ainda podia sentir o toque, porém levemente.

— A droga no dardo é seletiva — disse Yueh. — Você pode falar, mas não o aconselho a fazê-la. — Ele olhou ao longo do corredor e novamente se curvou sobre Leto, puxando o dardo e lançando-o para o lado. O som do dardo tinindo sobre as pedras era fraco e soava distante aos ouvidos do Duque. “Não pode ser Yueh”, pensou Leto. “Ele é condicionado.”

— Como? — sussurrou ele.

— Eu sinto, meu querido Duque, mas existem coisas que vão impor exigências mais profundas que isso — disse, tocando a tatuagem em forma de diamante sobre sua testa. — Eu mesmo acho muito estranho — uma anulação de minha consciência pirética —, mas eu desejo matar um homem. Sim, eu realmente o desejo, e não hesitarei diante de nada para fazê-lo.

Abaixou a cabeça olhando para o Duque.

— Oh, não é você, meu querido Duque. O Barão Harkonnen. Eu desejo matar o Barão.

— Bar... ão... Har...

— Fique quieto, por favor, meu pobre Duque. Você não tem muito tempo. Aquele dente pivô que coloquei em sua boca, depois daquela queda em Narcal, deve ser substituído neste momento. Eu o deixarei inconsciente e substituirei o dente. — Abriu a mão fitando, alguma coisa na palma. — Uma duplicata exata, com o núcleo moldado com perfeição na forma de um nervo. Escapará aos detetores, e mesmo a um esquadrinhamento rápido. Mas se você morder sobre ele com força, a cobertura se parte. Então, quando exalar sua respiração fortemente, encherá o ar ao seu redor com gás venenoso extremamente mortífero.

Leto olhou para Yueh, vendo a loucura nos olhos do homem, a transpiração ao longo do queixo e da testa.

— Você já está morto de qualquer maneira, meu pobre Duque, mas chegará perto do Barão antes de morrer. Ele acreditará que está atordoado pelas drogas e incapaz de qualquer esforço final para atacá-lo. Você estará drogado e amarrado. Mas um ataque pode tomar muitas formas estranhas. Você se lembrará do dente. O dente, Duque Leto Atreides. Você tem que se lembrar do dente.

O velho médico se inclinou cada vez mais próximo, até que todo o seu rosto, com o bigode pendente, dominava o estreito campo de visão do Duque.

— O dente — sussurrou ele.

— Por quê? — suspirou Leto.

Yueh ajoelhou-se ao lado do Duque.

— Fiz um acordo de shaitan com o Barão, e devo me certificar de que ele cumpriu com sua parte. Quando eu o vir, saberei. Quando olhar para o Barão, então eu saberei. Mas nunca chegarei em sua presença sem o preço. Você é o preço, meu pobre Duque, e saberei quando encontrá-lo. Minha pobre Wanna me ensinou muitas coisas, e uma delas foi a ter certeza da verdade, quando a tensão é muito grande. Não posso fazê-lo sempre, mas quando vir o Barão, eu saberei.

Leto tentou olhar para o dente na mão de Yueh. Sentia como se aquilo estivesse acontecendo num pesadelo. Não podia ser verdade.

Os lábios purpúreos de Yueh torceram-se numa careta. Não chegarei suficientemente perto do Barão; do contrário, eu mesmo o mataria. Não, eu serei mantido numa distância segura. Mas você... ah minha adorável arma! Ele vai querê-lo muito perto, para exultar e se gabar um pouco.

Leto achava-se quase hipnotizado pelo movimento de um músculo no lado esquerdo do queixo de Yueh. O músculo se torcia enquanto o homem falava. Yueh inclinou-se ainda mais perto. E você, meu bom Duque, meu precioso

Duque, você se lembrará do dente. — Mostrou-o seguro entre o indicador e o polegar. — Será tudo que lhe restará.

A boca de Leto moveu-se sem produzir um som, e então:

— Recuso-me.

— Ah, isso não. Você não pode recusar. Porque em troca desse pequeno serviço estou fazendo algo por você. Eu salvarei sua mulher e seu filho. Nenhum outro pode fazê-lo, apenas eu. Eles podem ser removidos para um lugar onde nenhum Harkonnen poderá alcançá-los.

— Como... salvá-los? — sussurrou Leto.

— Fazendo parecer que estão mortos, colocando-os entre uma gente que puxa uma faca ao ouvir o nome dos Harkonnen, que odeia tanto os Harkonnen que ateará fogo a uma cadeira onde um Harkonnen houver sentado e salgará o solo por onde um Harkonnen passar. — Tocou o queixo de Leto. — Sente alguma coisa no maxilar?

O Duque percebeu que não seria capaz de responder. Sentia um puxar distante, viu a mão de Yueh aparecer com seu anel ducal.

— Para Paul — disse ele. — Você estará inconsciente em breve. Adeus, meu pobre Duque. Na próxima vez em que nos virmos não haverá tempo para conversas.

Um frio se propagava do queixo de Leto sobre sua face. Sentia-se distante; o corredor às escuras encolhia para se tornar um ponto centrado nos lábios de Yueh.

— Lembre-se do dente! — sussurrou o médico. — O dente!

19

Devia existir uma ciência do descontentamento. As pessoas necessitam de tempos difíceis e de opressão para desenvolver seus músculos psíquicos.

— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Jessica acordou na escuridão sentindo um pressentimento na quietude aparente ao seu redor. Não podia entender por que seu corpo e sua mente pareciam tão lânguidos. Comichões de medo percorreram seus nervos. Ela pensou em se levantar e acender a luz, mas alguma coisa retardou sua decisão.

Sua boca se sentia... estranha.

Lump-lume-lume-lume!

Um som monótono, sem direção, no escuro. Em algum lugar.

Começou a sentir seu corpo, tomando consciência das cordas prendendo seus pulsos e tornozelos, da mordaça em sua boca. Estava deitada de lado, com as mãos presas às costas. Testou as ligaduras, percebendo se tratarem de fibras krimskell, que penetrariam mais fundo em sua carne se ela tentasse rebentá-las.

E agora ela se lembrava.

Um movimento na escuridão de seu quarto, alguma coisa úmida e de odor penetrante caindo sobre seu rosto, enchendo sua boca, mãos agarrando-a. Ela arquejara, apenas uma única inspiração, sentindo o narcótico na umidade. A consciência recuara então, mergulhando-a na caixa negra do terror.

"Chegou a hora", pensou ela. "Como é fácil subjugar uma Bene Gesserit. Tudo que é preciso é traição. Hawat estava certo."

Procurou se acalmar para não se ferir nas cordas.

"Este não é o meu quarto", pensou ela. "Eles me trouxeram para algum outro lugar."

Lentamente conseguiu despertar sua paz interior, e tornou-se consciente do próprio suor, com sua infusão química de medo.

"Onde está Paul? Meu filho, o que terão feito com ele?"

"Acalme-se."

Forçou-se a si mesma a se controlar, usando as ancestrais rotinas. Mas o terror permanecia à espreita, bem perto.

“Leto? Onde está você, Leto?”

Sentiu um abrandamento da escuridão. Começou com sombras. Dimensões separando-se, tornando-se novos espinhos de consciência. Branco. Uma linha sob a porta.

“Eu estou no chão.”

Pessoas andando. Sentia através do piso.

Controlou a memória do terror que ameaçava retornar. “Devo permanecer calma, alerta e preparada. Posso dispor apenas de uma chance.” Novamente forçou a calma interior.

A batida irregular de seu coração se harmonizou contando a passagem do tempo. Ela contou para trás. “Estive inconsciente durante uma hora.” Fechou os olhos, focalizando sua consciência nos passos que se aproximavam.

“Quatro pessoas.”

Contou as diferenças em seus passos.

“Devo fingir que ainda estou inconsciente.” Relaxou-se contra o piso frio, testando a disposição de seu corpo, ouvindo a porta abrir e sentindo o aumento de luz sobre suas pálpebras.

Pés se aproximaram; alguém se inclinava sobre ela.

— Você está acordada — trovejou uma voz grave. — Não finja o contrário.

Ela abriu os olhos.

O Barão Vladimir Harkonnen erguia-se sobre ela. À sua volta reconheceu a sala da adega onde Paul dormira, viu seu beliche num dos lados. Vazio. Lâmpadas suspensoras foram trazidas pelos guardas e distribuídas ao redor da porta aberta. Havia um clarão de luz na passagem, além, que feria seus olhos.

Ela olhou para cima, em direção ao Barão. Ele usava uma capa amarela que se avolumava sobre seus suspensores portáteis. As bochechas gordas eram dois montes querubínicos, por baixo de olhos negros como os de uma aranha.

— A droga foi cronometrada — rugiu ele. — Sabíamos o instante em que se recobraria.

“Como pode ser?”, perguntou a si mesma. “Eles teriam de conhecer meu peso exato, meu metabolismo, meu... Yueh!”

— É uma pena que tenha de permanecer amordaçada. Poderíamos ter uma conversa tão interessante.

“Yueh é o único que poderia ter feito”, pensava ela. “Como?”

O Barão olhou para trás na direção da porta.

— Entre, Piter.

Ela nunca vira antes o homem que entrou para se colocar ao lado do Barão, mas o rosto era conhecido, e o homem era Piter de Vries, o Mentat-

assassino. Procurou estudá-lo: feições aquilinas, olhos completamente azuis, que sugeriam tratar-se de um nativo de Arrakis; mas as sutilezas do movimento e sua postura revelavam que não. Sua carne estava muito firme, com água. Ele era alto, delgado, e tinha algo que sugeria efeminação.

— Pena que não possamos ter uma conversa, minha cara Lady Jessica — disse o Barão. — No entanto, estou ciente de suas habilidades. — Olhou para o Mentat. — Não é verdade, Piter?

— É como o senhor diz, Barão.

A voz era de tenor. Tocou-lhe a espinha com uma onda gelada.

Nunca ouvira uma voz tão fria. Para alguém com um treinamento Bene Gesserit a voz gritava: "Assassino!"

— Tenho uma surpresa para o Piter — continuou o Barão. — Ele pensa que veio aqui para receber sua recompensa: você, Lady Jessica. Mas eu desejo demonstrar uma coisa: ele não a quer realmente.

— Está brincando comigo, Barão? — indagou Piter, e sorriu.

Ao ver aquele sorriso, Jessica se admirou de o Barão não ter saltado para se defender de Piter. Então se corrigiu. O Barão não poderia ler o significado daquele sorriso. Ele não possuía o Treinamento.

— Em muitas coisas Piter é bem ingênuo — explicou o Barão. — Ele se recusa a admitir que criatura mortífera é você, Lady Jessica. Eu poderia mostrar a ele, mas isso seria correr um risco tolo. — O Barão sorriu para Piter, cujo rosto se tornara uma máscara de expectativa.

— Sei o que Piter realmente quer. Piter quer o poder.

— Você me prometeu que eu poderia tê-la — disse Piter. A voz de tenor perdera parte de sua fria discrição.

Jessica percebia os sinais na voz do homem, permitindo-se um estremecimento interior. "Como pudera o Barão transformar um Mentat em semelhante animal?"

— Eu lhe dou uma escolha, Piter.

— Que escolha?

O Barão estalou seus dedos gordos.

— Esta mulher e o exílio para longe do Império, ou o Ducado de Atreides em Arrakis, para governar como achar adequado, em meu nome.

Jessica observou os olhos de aranha que estudavam Piter.

— Você poderia ser o Duque aqui, em tudo; menos no nome.

"Estará meu Leto morto então?", perguntou Jessica de si para si. Sentia um gemido silencioso começar em alguma parte de sua mente.

O barão mantinha a atenção voltada para o Mentat.

— Procure compreender a si próprio, Piter. Você a deseja por ser ela a

mulher do Duque, um símbolo de seu poder: bela, útil, requintadamente treinada para o seu papel. Mas um ducado inteiro, Piter! Isso é mais do que um símbolo; isso é realidade. Com ele você poderia ter muitas mulheres... e mais.

— Você não zomba de Piter?

O Barão voltou-se, com a leveza de dançarino proporcionada pelos suspensores. — Zombar? Eu? Lembre-se de que estou desistindo do garoto. Você ouviu o que o traidor disse a respeito do treinamento do rapaz. Eles são iguais, mãe e filho: ambos mortíferos. — O Barão sorriu. — Devo sair agora, mas mandarei o guarda que reservei para este momento. Ele é surdo como uma pedra. Tem ordens para conduzi-lo no primeiro trecho de sua jornada para o exílio. Ele deverá subjugar esta mulher, caso perceba que ela está ganhando controle sobre você. E não permitirá que lhe retire a mordaça até que estejam fora de Arrakis. Se escolher não partir, ele tem outras ordens.

— Não precisa sair — disse Piter. — Eu já escolhi.

— Ah, ah! — O Barão riu. — Uma decisão tão rápida só pode significar uma coisa.

— Eu ficarei com o ducado.

E Jessica pensou: “Será que Piter não percebe que o Barão está mentindo para ele? Mas como ele poderia saber? Ele é um Mentat degenerado.”

O Barão olhou para Jessica.

— Não é maravilhoso que eu conheça Piter tão bem? Apostei com o meu Mestre-de-Armas que esta seria a escolha de Piter. Ah! Bem, eu os deixo agora. Isso é muito melhor, ah, muito melhor. Você compreende, Lady Jessica? Não guardo rancor contra você. É a necessidade que me obriga. É muito melhor desse modo. Sim. E eu não ordenei que você a destruísse de fato. Quando me perguntarem o que lhe aconteceu, posso dizer que não sei, sinceramente.

— Vai deixar isso a meu cargo? — indagou Piter.

— O guarda que lhe mandei acatará suas ordens. O que quer que seja feito, eu o deixo a seu cargo. — Olhou diretamente para Piter. — Sim, não haverá sangue em minhas mãos aqui. Será sua a decisão. Eu não saberei nada. Você aguardará até que eu tenha partido, antes de fazer o que julgar necessário. Bem... ah, sim. Ótimo.

“Ele teme o questionamento da Reveladora da Verdade”, pensou Jessica. “Quem? A Reverenda Madre Gaius Helen, é claro!

E se ele sabe que deverá enfrentar seu questionamento, então o Imperador está metido nisso com certeza. Ahh-h-h-h, meu pobre Leto.”

Com um último olhar para Jessica, o Barão se voltou e saiu pela porta. Ela o seguiu com seu olhar, pensando: “Como a Reverenda Madre advertiu: um adversário muito poderoso.”

Dois soldados Harkonnen entraram. Outro, com o rosto transformado numa máscara de cicatrizes, parou na porta com uma arma laser na mão.

"O surdo", pensou Jessica, estudando o rosto coberto de cicatrizes. "O Barão sabe que eu poderia usar a Voz em qualquer outro."

Scarface olhou para Piter.

— Temos o garoto numa padiola aí fora. Quais são as suas ordens?

Piter disse a Jessica:

— Pensei em prendê-la com uma ameaça sobre seu filho, mas começo a perceber que isso não funcionaria. Deixei que a emoção subjugasse a razão, o que é um péssimo hábito para um Mentat. Voltou-se para o primeiro par de soldados, certificando-se de que o surdo podia ler seus lábios: — Levem os dois para o deserto, como o traidor sugeriu que fosse feito com o rapaz. O plano dele é muito bom. Os vermes destruirão todas as provas, e seus corpos nunca serão encontrados.

— Não deseja matá-los você mesmo? — indagou Scarface.

"Ele pode ler nos lábios", pensou Jessica.

— Eu sigo o exemplo do meu Barão — disse Piter. — Leve-os para onde o traidor mandou.

Jessica ouviu o duro controle Mentat na voz de Piter, e pensou: "Ele também teme a Reveladora da Verdade."

Piter deu de ombros, voltou-se, e saiu pela porta. Hesitou por um momento antes de sair, e Jessica pensou que ele ia se voltar para fitá-la pela última vez, mas ele se foi sem o fazer.

— Eu não gostaria de enfrentar uma Reveladora da Verdade após o trabalho desta noite. — disse Scarface.

— Não é provável que você esbarre com aquela velha bruxa — disse um dos outros soldados. Ele deu a volta em torno de Jessica e inclinou-se sobre ela. — Não vamos fazer o nosso trabalho ficando aqui conversando. Pegue os pés...

— Por que não os matamos aqui mesmo? — indagou Scarface.

— Muito sujo — disse o primeiro. — A não ser que você queira estrangulá-los. Eu gosto de um trabalho direito. Jogue-os no deserto como o traidor disse, corte-os em dois ou três lugares e deixem o chamariz para os vermes. Nada para limpar depois.

— Sim... bem, eu suponho que você tem razão — respondeu Scarface.

Jessica ouvia-os, observando, registrando. Mas a mordaça bloqueava sua Voz, e havia que levar em conta o surdo.

Scarface colocou a arma laser no coldre e pegou Jessica pelos pés. Eles a levantaram como um saco de cereal, manobrando-a através da porta para jogá-la sobre uma maca flutuando em suspensores, onde havia outra figura amarrada.

Quando eles a viraram para acomodá-la, ela viu o rosto de seu companheiro. Era Paul. Ele estava amarrado mas não tinha mordaça. Seu rosto estava a menos de dez centímetros do dela, olhos fechados, respiração normal.

"Estará drogado?", perguntou ela a si mesma.

Os soldados ergueram a maca e os olhos de Paul entreabriram-se um pouco — fendas negras a fitá-la.

"Ele não deve tentar a Voz." Ela rezou mentalmente. "O guarda surdo!"

Os olhos de Paul se fecharam.

Ele estivera praticando respiração-consciente, acalmando sua mente enquanto ouvia seus captores. O surdo constituía um sério problema, mas Paul procurou conter seu desespero. O regime Bene Gesserit para acalmar, aprendido com sua mãe, contribuía para mantê-lo alerta, pronto para utilizar qualquer oportunidade.

Permitiu-se outra inspeção, com os olhos semi-cerrados. Sua mãe parecia ilesa, embora estivesse amordaçada.

Tentou imaginar quem a teria capturado. Sua própria prisão fora bem simples. Fora para a cama tomando a cápsula prescrita pelo Dr. Yueh e acordara para se encontrar amarrado nessa maca.

Talvez algo similar acontecera com ela. A lógica apontava o traidor como sendo o Dr. Yueh, mas Paul mantinha sua conclusão final em suspenso. Era difícil aceitar que um médico Suk pudesse ser um traidor.

A maca inclinou-se levemente enquanto os soldados passavam com ela através da porta, saindo para a noite estrelada. Uma bóia suspensora raspou contra o portal, e eles começaram a andar na areia, pés rangendo sobre ela. A asa de um "tóptero" na frente tapava as estrelas. A maca baixou ao solo.

Paul adaptou seus olhos à luz fraca, reconhecendo o soldado surdo que agora abria a porta do ornitóptero e olhando para a penumbra verde do interior, provocada pelo painel de instrumentos.

— Este é o "tóptero" que devemos usar? — indagou o surdo, voltando-se para observar os lábios dos companheiros.

— É o que o traidor disse estar preparado para trabalho no deserto — respondeu o outro.

Scarface acenou com a cabeça.

— Mas esse é um daqueles usados em pequenos trabalhos de ligação. Só há espaço aí dentro para dois de nós.

— Dois é o suficiente — disse o carregador da maca, movendo-se para chegar mais perto e mostrar seus lábios para leitura.

— Nós podemos nos encarregar de tudo daqui para a frente, Kinet.

— O Barão disse que eu me certificasse do que acontecera a esses dois —

disse Scarface.

— Com que se preocupa? — indagou outro soldado por trás da maca.

— Ela é uma Bene Gesserit, elas possuem poderes.

— Ahh... — O carregador da maca fez o sinal do punho junto do ouvido.

— Uma delas, hein? Sabe o que isso significa.

O soldado por trás dele grunhiu. — Ela será carne para os vermes logo. Não acredita que mesmo uma bruxa Bene Gesserit tenha poderes sobre um daqueles grandes vermes, hein, Czigo? — Deu um empurrão na maca.

— Eh eh! — exclamou o carregador. Voltou-se para a maca, pegando Jessica pelos ombros. — Vamos, Kinet. Você pode vir conosco, se quiser se certificar.

— Muita gentileza sua me convidar, Czigo — respondeu Scarface.

Jessica sentiu-se sendo erguida, a sombra da asa girando, estrelas. Foi empurrada para a traseira do "tóptero", as fibras krimskell que a prendiam foram examinadas e depois amarradas ao piso. Paul foi colocado ao seu lado, amarrado firmemente, mas Jessica notou que o rapaz fora imobilizado com cordas simples.

Scarface, o surdo a quem os companheiros chamavam Kinet, tomou seu assento na frente. O carregador de maca chamado Czigo deu a volta e ocupou o outro assento frontal.

Kinet fechou a porta do seu lado e curvou-se sobre os controles. O "tóptero" decolou ao impulso de uma batida da asa e dirigiu-se para o sul, por sobre a Muralha Escudo. Czigo bateu no ombro do companheiro, dizendo:

— Por que não vai lá atrás e fica de olho naqueles dois?

— Tem certeza de que sabe o caminho? — indagou Kinet, observando os lábios do outro.

— Eu ouvi o traidor tanto quanto você.

Kinet girou seu assento e Jessica percebeu uma cintilação de luz estelar na arma laser em sua mão. O interior de paredes finas do ornitóptero parecia coletar a iluminação, enquanto seus olhos se ajustavam; todavia, a face cheia de cicatrizes do guarda permanecia indistinta. Jessica testou o cinturão de seu assento e o encontrou frouxo. Havia uma aspereza no cinto sobre seu braço esquerdo, e ela percebeu que a correia fora quase cortada. Arrebentaria com um puxão súbito.

"Será que alguém esteve neste "tóptero" preparando-o para nós?", perguntou ela com os seus botões. "Quem?" Lentamente, torceu seus pés amarrados para longe dos pés de Paul.

— Certamente é uma vergonha desperdiçar uma mulher tão bonita como esta — disse Scarface. — Você já possuiu algum tipo nobre? — Voltou-se para olhar o piloto.

— Nem todas as Bene Gesserit são nobres — respondeu ele.
— Mas todas elas parecem.
“Ele pode me ver muito bem”, pensou Jessica. Ergueu suas pernas amarradas por sobre o assento encolhendo-se numa bola sinuosa e olhando para Scarface.
— Realmente muito bonita — disse Kinet. Umedeceu os lábios com a língua. — Certamente seria uma vergonha. — Olhou para Czigo.
— Está pensando o que eu estou pensando? — indagou o piloto.
— E quem saberia? — perguntou o guarda. — Depois... — Deu de ombros. — Eu nunca tive nenhuma nobre para mim. Posso nunca mais ter outra chance como esta.
— Se colocar a mão na minha mãe... — gritou Paul, olhando com ódio para Scarface.
— Ei! — riu o piloto. — O filhote sabe latir. Mas não vai morder.
E Jessica pensou: “Paul está colocando sua voz num tom muito agudo. Mas pode funcionar.”
Voaram em silêncio.
“Esses pobres tolos”, pensou Jessica observando os guardas e relembrando as palavras do Barão. “Eles serão mortos assim que relatarem o sucesso de sua missão. O Barão não vai querer testemunhas.”
O “tóptero” fez uma curva sobre a extremidade sul da Muralha Escudo e ela viu uma extensão de areia sombreada pelo luar estender-se por baixo.
— Aqui já deve ser longe o suficiente — disse o piloto. O traidor falou para colocá-los na areia em qualquer lugar perto da Muralha Escudo. — Inclinou a aeronave em direção às dunas numa longa descida curva até trazê-la num vôo rasante sobre a superfície do deserto.
Jessica percebeu que Paul iniciara a respiração rítmica dos exercícios de auto-controle. Ele fechou os olhos e depois abriu.
Ela observava sem poder ajudá-lo. “Ele não dominou a voz ainda.” pensou ela. “Ele falha.”
O “tóptero” tocou na areia com uma sacudidela suave e Jessica, olhando para o norte na direção da Muralha Escudo, viu a sombra de asas descendo para se ocultar por lá.
“Alguém está nos seguindo! Quem? Aqueles que o Barão enviou para vigiarem este par. E existirão vigias para os vigias também.”
Czigo desligou os rotores das asas e o silêncio se derramou sobre eles.
Jessica voltou a cabeça podendo enxergar através da janela, além de Scarface. Viu o brilho fraco da lua nascente, e o lado coberto de geada de uma rocha erguendo-se do deserto. Estrias escavadas pela erosão riscavam sua

superfície.

Paul pigarreou.

E o piloto disse:

— Agora, Kinet?

— Eu não, Czigo.

Czigo voltou-se, dizendo:

— Ah, olhe só. — E estendeu a mão para a saia de Jessica.

— Remova-lhe a mordaça! — comandou Paul.

Jessica sentiu as palavras ressoarem no ar. O tom, o timbre excelentes, imperativos, muito precisos. Uma tonalidade levemente mais baixa teria sido ideal mas essa também poderia cair dentro do espectro desse homem.

Czigo ergueu a mão para o pano sobre a boca de Jessica, desfez o nó.

— Pare com isso! — ordenou Kinet.

— Ah, cale a boca — respondeu Czigo. — As mãos dela estão amarradas.

A tira de pano caiu e os olhos dele brilharam enquanto observava Jessica.

Kinet colocou a mão no ombro do piloto.

— Olhe, Czigo, não é preciso...

Jessica torceu o pescoço, cuspiu a mordaça ajustando sua voz num tom íntimo e baixo.

— Cavalheiros! Não precisam lutar por minha causa. — E ao mesmo tempo contorceu-se sinuosamente em direção a Kinet.

Viu que ficavam tensos, percebendo que naquele instante estavam convictos da necessidade de lutar por ela. Sua discórdia não requeria nenhum outro motivo; em suas mentes, já estavam brigando por sua causa.

Ergueu o rosto para o brilho do painel de instrumentos, para ter certeza de que Kinet leria seus lábios e disse:

— Vocês não devem discordar. — Eles se afastaram subitamente olhando-se desconfiados. Vale a pena lutar por uma mulher? — indagou ela.

Simplesmente por pronunciar aquelas palavras, por estar ali, ela tornava infinitamente importante que lutassem por ela.

Paul comprimiu os lábios, forçando-se a ficar calado. Ele tivera sua chance de utilizar a Voz. Agora tudo dependia de sua mãe, cuja prática ia muito além da sua.

— Sim — exclamou Scarface. — Não é preciso lutar...

Sua mão disparou em direção ao pescoço do piloto. O golpe foi recebido com um brilho de metal que deteve o braço, e no mesmo movimento, atingiu o peito de Kinet.

Scarface gemeu e tombou para trás de encontro à porta.

— Pensou que eu era algum idiota para não conhecer esse truque —

comentou Czigo. Recuou a mão, revelando a faca que brilhou na luz do luar.

— Agora o garoto — disse ele, inclinando-se para Paul.

— Não há necessidade disso — murmurou Jessica.

Czigo hesitou.

— Você não preferiria que eu cooperasse? — indagou ela. — Dê uma chance ao garoto. — Seu lábio contorceu-se num sorriso de desdém. — Ele não terá muita chance lá naquela areia. Permita-lhe isso e... — Ela sorriu. — Será bem recompensado.

Czigo olhou para a esquerda e para a direita, e voltou sua atenção para Jessica.

— Já ouvi o que pode acontecer com um homem neste deserto. O garoto acharia minha faca um gesto de misericórdia.

— Estou pedindo muito? — suplicou ela.

— Está tentando me enganar.

— Não quero ver meu filho morrer — disse Jessica. — Isto é truque?

Czigo moveu-se para trás, abriu o trinco da porta com o cotovelo e agarrou Paul arrastando-o por cima do assento e empurrando-o até estar com metade do corpo fora da porta. Ergueu a faca.

— O que você faria, garoto, se eu lhe cortasse as cordas?

— Ele sairia daqui imediatamente, e correria para aquelas rochas — disse Jessica.

— É isso o que você faria, filhote? — indagou Czigo.

A voz de Paul foi apropriadamente sombria.

— Sim.

A faca moveu-se para baixo, cortando as cordas que prendiam suas pernas. Paul sentiu a mão do homem em suas costas, para empurrá-lo para fora e fingiu que caía em direção à moldura da porta; tentando se apoiar, voltou-se, como se lutasse para se equilibrar, e golpeou subitamente com o pé direito.

O dedo do pé foi apontado com tamanha precisão, que justificaria os longos anos de treinamento, como se todo aquele aprendizado se reunisse num único instante. Quase todos os músculos do corpo cooperaram na colocação e no direcionamento do pé, de modo que a extremidade atingiu a parte macia do abdômen de Czigo, logo abaixo do esterno, pressionou para cima com terrível força sobre o fígado, e através do diafragma, para esmagar o ventrículo direito do coração do homem.

Com um grito e um som gorgolejante o guarda tombou para trás, num espasmo, e desabou sobre os assentos. Paul, incapaz de usar suas mãos, caiu na areia lá fora, rolando para dissipar a energia da queda e colocando-se de pé. Saltou de volta para a cabine, onde encontrou a faca e segurou-a nos dentes,

enquanto sua mãe roçava suas cordas no gume até se soltar. Ela apanhou a lâmina e livrou as mãos do rapaz.

— Eu teria cuidado dele — disse ela. — Ele teria cortado minhas cordas. Aquilo foi um risco tolo.

— Eu vi a abertura e a usei — respondeu ele.

Ela percebeu o duro controle em sua voz e disse:

— O sinal da casa de Yueh está rabiscado no tela desta cabine.

Olhou para cima e viu o símbolo encaracolado.

— Vamos sair e dar uma olhada nesta aeronave. Existe um pacote debaixo do assento do piloto. Eu o percebi quando entramos.

— Bomba?

— Duvido. Há algo peculiar aqui.

Paul saltou de novo para a areia e Jessica o seguiu. Ela voltou-se estendendo a mão por baixo do assento em busca do estranho embrulho, vendo os pés de Czigo perto de seu rosto e sentindo umidade no embrulho enquanto o removia. Percebeu que a umidade era o sangue do piloto.

“Desperdício de umidade”, pensou ela, sabendo que isso era típico da mentalidade de Arrakeen.

Paul olhou em torno, vendo a escarpa rochosa elevar-se do deserto como uma praia saindo do mar, com paliçadas escavadas pelo vento erguendo-se além. Voltou-se enquanto sua mãe levantava o embrulho para retirá-la do “tóptero”, e viu quando ela olhou na direção da Muralha Escudo. Fez o mesmo, para descobrir o que lhe atraíra a atenção, e percebeu outro ornitóptero descendo em direção a eles. Não teriam tempo para retirar os corpos do aparelho e escapar.

— Corra, Paul! — gritou Jessica. — São os Harkonnen.

20

Arrakis ensina a mentalidade da faca: cortar aquilo que está incompleto e dizer.

— Agora está completo porque termina aqui.

— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Um homem no uniforme dos Harkonnen parou na extremidade do corredor e encarou Yueh, depois de olhar rapidamente para o corpo de Mapes e o vulto estendido do Duque. Levava uma arma laser em sua mão direita. Havia uma aparência de brutalidade espontânea em sua figura, um senso de dureza e equilíbrio que causou um calafrio em Yueh.

"Sardaukar", pensou ele. "Um Bashar, por sua aparência. Provavelmente do Imperador, enviado aqui para ficar de olho no que está acontecendo. Não importa o uniforme, não há meio de disfarçá-los."

— Você é Yueh? — perguntou o homem. Olhou de modo questionador para o anel da Escola Suk no cabelo do doutor e para a tatuagem em forma de diamante. Depois fitou os olhos de Yueh.

— Eu sou Yueh — respondeu o médico.

— Pode ficar tranquilo, Yueh. Quando abaixou os escudos da casa nós entramos diretamente. Está tudo sob controle aqui. Este é o Duque?

— Este é o Duque.

— Morto?

— Apenas inconsciente. Sugiro que o amarre.

— Você cuidou destes outros? — Ele olhou para trás na direção do corredor onde jazia o cadáver de Mapes.

— Maior é o pesar — murmurou Yueh.

— Pesar? — zombou o Sardaukar. Ele avançou e examinou Leto. — Então este é o grande Duque Vermelho.

"Se houvesse alguma dúvida a respeito da identidade deste homem, ela terminaria aqui", pensou Yueh. "Somente o imperador chama os Atreides de os 'Duques Vermelhos'."

O Sardaukar se abaixou e cortou a insígnia do falcão vermelho do uniforme de Leto. — Um pequeno souvenir — ele explicou.

— Onde está o anel do sinete ducal?

— Não estava com ele — respondeu Yueh.

— Estou vendo — retrucou bruscamente o Sardaukar.

Yueh engoliu em seco e ficou tenso. “Se me pressionarem e trouxerem uma Reveladora da Verdade, eles descobrirão a respeito do anel e do “tóptero”, que preparei. Tudo será em vão”, pensou.— Algumas vezes o Duque envia o anel por um mensageiro, como garantia de que uma ordem está vindo diretamente dele — explicou o médico.

— Devem ser mensageiros de uma confiança tremenda, hein? — murmurou o Sardaukar.

— Não vai amarrá-lo?

— Quanto tempo ele estará inconsciente?

— Duas horas ou mais. Minha dosagem não foi tão precisa quanto no caso da mulher e do menino.

O Sardaukar cutucou o Duque com o pé.

— Não há nada a temer, mesmo quando ele acordar. Quando a mulher e o menino acordarão?

— Dentro de dez minutos.

— Tão cedo?

— Disseram-me que o Barão chegaria logo atrás de seus homens.

— Assim será. Você aguardará lá fora, Yueh. — Olhou duramente para o médico. — Agora!

Yueh ainda fitou Leto.

— E a respeito...

— Ele será entregue ao Barão, adequadamente amarrado e embalado, como um assado para o forno. — Novamente o Sardaukar olhou para a tatuagem-diamante na testa de Yueh. — Você é conhecido. Estará seguro dentro dos corredores. Não temos mais tempo para conversas, traidor; eu ouço os outros chegando.

“Traidor”, pensou Yueh. Abaixou a cabeça e passou pelo Sardaukar, percebendo num vislumbre como a história iria lembrá-lo: “Yueh, o traidor”.

Encontrou mais corpos em seu caminho para a entrada frontal e olhou para eles, temeroso de que pudessem ser Paul ou Jessica.

Todos eram das tropas da casa, ou então usavam uniformes Harkonnen.

Guardas Harkonnen surgiram alertas, olhando para ele quando saiu pela porta da frente diretamente para a noite iluminada por chamas. As palmeiras ao longo da estrada haviam sido incendiadas no intuito de iluminar a casa. Uma

fumaça negra, proveniente dos inflamáveis usados para queimar as palmeiras, elevava-se através de labaredas cor de laranja.

— É o traidor — disse alguém.

— O Barão vai querer vê-lo logo.

“Devo chegar ao “tóptero”, — pensou ele. Preciso colocar o anel do sinete ducal onde Paul possa encontrá-la.” Um medo súbito o atingiu: “E se Idaho suspeitar de mim ou ficar impaciente? Se ele não esperar, nem for exatamente para onde eu lhe disse, Jessica e Paul nunca serão salvos deste massacre. E terei negado até mesmo o menor alívio para minha consciência.”

O guarda Harkonnen soltou-lhe o braço, dizendo:

— Espere ali e fique fora do caminho.

Abruptamente Yueh viu-se abandonado nesse cenário de destruição, sem que nada lhe fosse poupado, sem receber a menor compaixão. “Idaho não pode falhar!”

Outro guarda esbarrou nele e gritou:

— Fique fora do caminho, seu!

“Mesmo depois de lucrarem com meus atos eles me desprezam.”

Empertigou-se ao ser empurrado para o lado e tentou recuperar algo de sua dignidade.

— Espere pelo Barão — rosnou o oficial da guarda.

Yueh respondeu com um aceno e caminhou com uma naturalidade controlada ao longo da fachada da casa, virou na extremidade, penetrando nas sombras, longe da visão das palmeiras em chamas. Rapidamente, cada passo traindo-lhe a ansiedade, ele dirigiu-se para o pátio dos fundos, abaixo da estufa, onde o “tóptero” esperava: a aeronave colocada para transportar Paul e sua mãe.

Um guarda colocara-se na porta dos fundos, sua atenção voltada para o corredor iluminado e os homens fazendo ruído lá dentro, dando busca nos aposentos.

“Como estão confiantes!” pensou.

Manteve-se nas sombras e deu a volta ao redor do “tóptero”, abrindo a porta no lado oposto ao guarda. Tateou por baixo dos assentos frontais procurando o estojo Fremen que escondera, levantou uma aba e enfiou o anel ducal. Sentiu o papel crespo de especiaria, onde escrevera a nota e pressionou o anel contra o papel. Removeu a mão, fechando de novo o embrulho.

Suavemente, fechou a porta do “tóptero”, e caminhou de volta até o canto da fachada, de onde atravessou sob a luz das palmeiras incendiadas.

“Agora está feito”, disse para si mesmo.

Novamente caminhava na luz das chamas. Puxou o manto ao redor da cabeça e olhou para o fogo. “Logo saberei. Logo verei o Barão e saberei. E o

Barão encontrará um pequeno dente...”

21

Uma lenda diz que, no instante em que o Duque Leto Atreides morria, um meteoro riscava o céu, acima de seu palácio ancestral em Calada”.

— Princesa Irulan: Introdução a uma história infantil do Muad’Dib

O Barão Vladimir Harkonnen encontrava-se de pé, diante de uma das vigias da fragata leve, agora pousada, que usava como posto de comando. Mais além da janela circular via a noite de Arrakeen iluminada pelas chamas, sua atenção voltada para a distante Muralha Escudo onde suas armas secretas funcionavam.

Artilharia explosiva.

Os canhões disparavam contra as cavernas para onde os soldados do Duque haviam se retirado, numa resistência final. Disparos cuidadosamente medidos, de luz alaranjada, lançando chuveiros de rocha e pó na breve iluminação. Os homens do Duque estavam sendo fechados pelos desmoronamentos, para morrerem de inanição, presos como animais em suas tocas.

O Barão podia sentir o distante martelar dos canhões: uma batida de tambor conduzida até ele pelo metal da nave: brump... brump. Então: BRUUMP — brump!

“Quem iria pensar em reviver a artilharia nesta era de escudos?” O pensamento era como um sorriso mental. “Era previsível que os homens do Duque fugissem para aquelas cavernas e o Imperador apreciará minha habilidade em poupar as vidas em nossas forças conjuntas.”

Ajustou um dos pequenos suspensores que levantavam seu corpo obeso contra a força da gravidade. Um sorriso vincou sua boca, pressionando a linha do queixo.

“Uma pena desperdiçar tropas como as do Duque”, pensou ele.

E sorriu mais amplamente, rindo de si próprio. “Ter pena deve ser cruel!” Balançou afirmativamente a cabeça. Falhas eram, por definição, intoleráveis. O Universo inteiro estava lá, à espera do homem que pudesse tomar as decisões certas. Os coelhos indecisos tinham que ser descobertos, colocados para correr em busca de suas tocas. De que outro modo poderia controlá-los e fazer com que

se reproduzissem? Imaginou seus soldados como abelhas colocando os coelhos em fuga e pensou: “O dia zumbe suavemente quando tem um bom número de abelhas trabalhando para você.”

Uma porta se abriu por trás dele, e o Barão observou o reflexo na janela enegrecida pela noite, antes de se voltar.

Piter de Vries avançou para dentro da câmara seguido por Umman Kudu, o capitão da guarda pessoal do Barão. Havia um movimento de homens além da porta, os rostos submissos de seus guardas, com suas expressões cuidadosamente servis em sua presença.

O Barão se virou.

Piter levou o dedo ao topete numa falsa saudação.

— Boas notícias, meu senhor. Os Sardaukar trouxeram o Duque.

— Claro que trouxeram — trovejou o Barão.

Observou a sombria máscara de maldade no rosto efeminado de Piter. E os olhos, aquelas fendas sombreadas do mais puro azul.

“Logo terei que removê-lo”, pensou. “Ele quase ultrapassou sua utilidade, quase chegou ao ponto de positiva ameaça para minha pessoa. Mas primeiro ele deve fazer com que o povo de Arrakis o odeie. Desse modo, saudarão meu querido Feyd-Rautha como a um salvador.”

Voltou sua atenção para o capitão da guarda — Umman Kudu músculos da mandíbula lembrando uma tesoura, queixo parecendo a extremidade de uma bota —, um homem em quem podia confiar por serem seus vícios bem conhecidos.

— Primeiro quero saber onde está o traidor que me entregou o Duque. Devo dar a esse homem sua recompensa.

Piter virou-se e fez sinal para o guarda do lado de fora.

Houve um movimento de vultos negros e o Dr. Yueh entrou.

Seus movimentos eram firmes, rígidos. O bigode caía-lhe sobre os cantos dos lábios purpúreos. Apenas os velhos olhos pareciam vivos. Yueh parou a três passos da porta, obedecendo a um gesto de Piter, e ficou lá, olhando para o Barão.

— Ahh, Dr. Yueh.

— Meu senhor Harkonnen.

— Ouvi dizer que nos entregou o Duque.

— Minha parte no acordo, meu senhor.

O Barão olhou para Piter.

Piter assentiu com a cabeça e ele voltou sua atenção para Yueh.

— A parte do acordo, hein? E eu... — disse depressa. — O que eu devia fazer em troca?

— Sabe muito bem, meu senhor Harkonnen.

Yueh permitia-se pensar agora. Percebera a traição nos modos do Barão. Wanna estava de fato morta, perdida além de seu alcance. De outro modo ainda existiria algum poder sobre o fraco doutor. Os modos do Barão indicavam que tal não acontecia.

— Sei?

— Prometeu libertar minha Wanna de sua agonia.

— Oh, sim! Agora me lembro. E assim fiz. Essa era a minha promessa. Foi desse modo que dominamos o Condicionamento Imperial. Você não podia suportar a visão de sua bruxa Bene Gesserit rastejando sob os amplificadores de dor do Piter. Bem, o Barão Vladimir Harkonnen sempre cumpre suas promessas. Eu lhe disse que a livraria de sua agonia e permitiria que se reunisse a ela. Assim será. — Acenou com a mão para Piter.

Os olhos azuis de Piter assumiram urna aparência vítrea. Seus movimentos eram elegantes e imprevistos como os de um gato.

A faca em sua mão brilhou como garra enquanto se lançava sobre as costas de Yueh.

O velho se enrijeceu, sem tirar os olhos do Barão.

— Assim, junte-se a ela.

Yueh continuava de pé, oscilando. Seus lábios se moveram com uma precisão cuidadosa, a voz saindo numa cadência curiosamente controlada:

— Você... pensa... que... me... derrotou... Você... pensa... que... não... sei... o... que... conquistei... para... minha... Wanna.

E ele caiu. Sem se curvar ou desfalecer. Caiu ereto como uma árvore.

— Assim, junte-se a ela — repetiu o Barão. Mas suas palavras eram como um fraco eco.

Yueh lhe dera uma sensação de presságio. Ele voltou sua atenção rapidamente para Piter, observando-o limpar a lâmina num pedaço de pano, e a aparência cremosa de satisfação nos olhos azuis.

“Então é assim que ele mata por suas próprias mãos”, pensou ele. “É bom saber.”

— Ele nos entregou o Duque?

— Certamente, meu senhor — respondeu Piter.

— Então, traga-o aqui!

Piter olhou para o capitão da guarda que girou para obedecer.

O Barão olhou para Yueh no chão. Pelo modo como o homem caíra, fazia pensar que tinha carvalho em vez de ossos no seu interior.

— Nunca consegui confiar num traidor — disse ele. Nem mesmo num traidor que fabriquei.

Olhou para a janela obscurecida pela noite. A quietude negra além era toda sua, ele o sabia. Não havia mais o troar da artilharia contra a Muralha Escudo. As tocas encontravam-se seladas. Naquele instante sua mente não conseguiu conceber nada mais belo do que o vazio negro. A não ser que houvesse branco sobre o negro. Branco lustroso como porcelana.

Mas permanecia o sentimento de dúvida.

Que teria tentado dizer o tolo do doutor? Obviamente ele sabia o que o esperava no final. Mas aquele trecho a respeito de julgar que o derrotara. “Você pensa que me derrotou.” O que significaria?

O Duque Leto Atreides entrou pela porta. Seus braços presos por correntes, seu rosto aquilino manchado de pó. O uniforme fora rasgado no ponto onde alguém lhe arrancara a insígnia. Havia farrapos sobre a cintura onde o cinturão-escudo fora removido sem desatar os laços do uniforme. Os olhos do Duque tinham uma aparência esgazeada e insana.

— Bem — disse o Barão. Hesitou, respirando fundo. Percebera ter falado muito alto e esse momento, tão imaginado, perdera parte de seu sabor.

“Maldito doutor por toda a eternidade!”, pensou.

— Creio que o bom Duque está drogado — explicou Piter. — Foi deste modo que Yueh o apanhou para nós. — Voltou-se para o Duque: — Não está drogado, meu querido Duque?

A voz era distante. Leto podia sentir as correntes, a dor em seus músculos, os lábios partidos. Suas faces queimavam, o sabor seco da sede irritando-lhe a boca. Mas os sons eram monótonos, como se amortecidos por um revestimento de algodão. Só podia ver formas vagas através desse revestimento.

— E quanto à mulher e ao menino, Piter? — indagou o Barão. — Alguma notícia?

A língua de Piter moveu-se sobre os lábios.

— Você ouviu alguma coisa! — exigiu o Barão. — O quê?

Piter olhou rapidamente para o capitão da guarda e de volta ao Barão. — Os homens que enviamos para o trabalho, meu senhor. Eles... ah... foram... encontrados.

— Bem, e disseram que tudo estava satisfatório?

— Eles estão mortos, meu senhor.

— Mas é claro que estão! O que eu quero saber é...

— Eles estavam mortos quando os encontramos, meu senhor.

O rosto do Barão ficou lívido.

— E a mulher e o menino?

— Nenhum sinal, meu senhor, mas havia um verme. Ele chegou enquanto o local estava sendo examinado. Talvez tenha acontecido como desejávamos: um

acidente. Possivelmen...

— Nós não nos baseamos em possibilidades, Piter. E quanto ao "tóptero" desaparecido? Isso sugere alguma coisa ao meu Mentat?

— Um dos homens do Duque obviamente escapou nele, meu senhor. Matou nosso piloto e escapou.

— Qual dos homens do Duque?

— Foi uma morte limpa e silenciosa, meu senhor. Isso indica trabalho de Hawat ou daquele Halleck. Possivelmente Idaho. Ou qualquer um dos principais tenentes.

— Possibilidades — murmurou o Barão. Olhou para a figura drogada e cambaleante do Duque.

— A situação está sob nosso controle, meu senhor insistiu Piter.

— Não, não está! Onde se encontra aquele estúpido planetólogo? Onde está aquele Kynes?

— Soubemos onde ele pode ser encontrado e já mandamos buscá-la, meu senhor.

— Não gosto do modo como esse servo do Imperador está nos ajudando — resmungou o Barão.

Eram palavras que lhe chegavam surdas, abafadas, mas algumas delas queimaram na mente de Leto. "A mulher e o menino, nenhum sinal." Paul e Jessica haviam escapado. E o destino de Hawat, Halleck e Idaho permanecia desconhecido. Ainda havia esperança.

— Onde está o anel do sinete ducal? — perguntou o barão.

— Não está em seu dedo.

— O Sardaukar diz que não estava com ele quando foi apanhado — respondeu o capitão da guarda.

— Você matou o doutor muito cedo. Aquilo foi um erro, você devia ter me avisado, Piter. Moveu-se muito precipitadamente para o êxito de nosso empreendimento. — Olhou carrancudo. — Possibilidades!

O pensamento ficou suspenso como uma onda senoidal na mente de Leto. "Paul e Jessica escaparam!" E havia algo mais em sua memória: um acordo, quase podia se lembrar...

"O dente!"

Lembrava-se de parte daquilo agora: "uma pílula de gás venenoso moldada na forma de um dente postiço."

Alguém lhe dissera para lembrar-se do dente. O dente encontrava-se em sua boca, podia sentir sua forma com a língua. Tudo que devia fazer era mordê-la com força.

"Ainda não", pensou.

Alguém lhe dissera para esperar até que o Barão estivesse perto.

Quem lhe dissera? Não conseguia se lembrar.

— Durante quanto tempo ele permanecerá drogado desse modo? — indagou o Barão.

— Talvez mais uma hora, meu senhor.

— Talvez — resmungou o Barão. Voltou-se novamente para a janela escurecida pela noite. — Estou faminto.

“Aquele é o Barão, aquela forma cinzenta e enevoada ali”, pensou Leto. A forma dançava para a frente e para trás, oscilando com o movimento da sala. E a sala se expandia e contraia, tornava-se brilhante e depois escura. Dobrou-se na escuridão e apagou.

O tempo tornou-se uma sequência de camadas para o Duque.

Ele deslizava através delas. “Devo esperar.”

Havia uma mesa. Leto via a mesa muito claramente. E um homem gordo e grosseiro do outro lado da mesa com os restos de uma refeição à sua frente. Leto sentiu-se sentado numa cadeira diante do homem gordo, sentiu as correntes, as correias que prendiam seu corpo dormente à cadeira. Tinha consciência da passagem do tempo, mas sua extensão lhe escapara.

— Creio que ele está se recobrando, Barão.

“Uma voz aveludada. Era Piter.”

— Assim eu vejo, Piter.

“Um ronco grave: o Barão.”

Leto sentia que as coisas se tornavam consistentes à sua volta.

A cadeira tornava-se firme, as correntes mais apertadas.

E podia ver o Barão claramente agora. Observou os movimentos das mãos do homem, seus toques compulsivos. A borda do prato, o cabo de uma colher, um dedo traçando a dobra da papada.

Leto fitava a mão se movendo, fascinado por ela.

— Você pode me ouvir, Duque Leto. Sei que pode me ouvir disse o Barão. — Queremos saber de você onde poderemos encontrar sua concubina e a criança que nela gerou.

Nenhum sinal escapara a Leto, mas as palavras formaram uma onda de calma através dele. “Então é verdade, eles não pegaram Paul e Jessica.”

— Isto não é um brinquedo de criança — roncou o Barão. — Deve saber que não estamos brincando. — Inclinou-se na direção de Leto, estudando-lhe a face. Magoava o Barão que essa questão não pudesse ser resolvida particularmente, apenas entre eles dois.

Permitir que outros vissem a realeza em tais apertos era um mau precedente.

Leto sentia suas forças retornarem. E agora a memória do falso dente surgia em sua mente, nítida como uma torre numa planície.

A cápsula em forma de nervo dentro do dente — o gás venenoso — lembrava-se de quem havia colocado a arma mortal em sua boca: “Yueh.”

A memória enevoada pela droga recordava-se indistintamente de um cadáver sendo arrastado nessa sala. Algo que permanecera como um vapor suspenso na mente de Leto. Sabia que fora Yueh.

— Ouviu este som, Duque Leto? — indagou o Barão.

Leto tornou-se consciente de um som rouco, o gemido abafado de alguém em agonia.

— Pegamos um de seus homens disfarçados de Fremen. Desvendamos o disfarce muito facilmente: os olhos, como sabe.

Ele insiste que foi mandado para se infiltrar entre os Fremen e espioná-los, mas vivi algum tempo neste planeta, meu caro primo. Ninguém espiona aquela ralé esfarrapada do deserto. Diga-me, você conseguiu comprar a ajuda deles? Mandou sua mulher e seu filho para eles?

Leto sentiu o medo apertar seu peito. “Se Yueh os enviou para o deserto... a busca não cessará até que sejam encontrados”, pensou.

— Vamos, vamos — continuou o Barão. — Nós não temos muito tempo e a dor é rápida. Por favor, não me leve a fazer isso, meu querido Duque. — Olhou para Piter, que permanecia ao lado de Leto. Piter não tem todas as suas ferramentas aqui, mas tenho certeza de que poderá improvisar.

— Improvisação às vezes é melhor, Barão.

“Aquela voz aveludada, insinuante!” Leto podia ouvi-la junto de sua orelha.

— Você tinha um plano de emergência — disse o Barão. — Para onde foram enviados a mulher e o menino? — Olhou para a mão de Leto. — Seu anel está faltando. Está com o garoto?

O Barão fitou diretamente os olhos de Leto.

— Você não responde. Vai me forçar a fazer uma coisa que não quero? Piter usará métodos simples e diretos, e eu concordo que algumas vezes eles são o que há de melhor, mas não é bom que você seja submetido a tais coisas.

— Sebo quente nas costas, talvez; ou então nas pálpebras — disse Piter. — Talvez em outras partes do corpo. É especialmente eficiente quando a vítima não sabe onde o sebo vai cair em seguida.

É um bom método e há uma espécie de beleza no padrão de bolhas de pus brancas na pela nua, hein, Barão?

— Primoroso — respondeu o Barão, sua voz soando mal-humorada.

“Aqueles dedos tocando!” Leto observava as mãos gordas, as jóias

brilhantes nas mãos gordas como as de um recém-nascido seus movimentos compulsivos.

Os sons da agonia chegando através da porta atingiam os nervos do Duque. “Quem eles apanharam? Teria sido Idaho?”

— Acredite-me, querido primo. Não quero chegar a esse ponto.

— Pense em mensagens nervosas, correndo para buscar a ajuda que não virá — disse Piter. — Possuo um talento artístico para isso, como sabe.

— Você é um artista soberbo — rosnou o Barão. — Agora tenha a decência de ficar calado.

Leto lembrou-se subitamente de algo que Gurney Halleck dissera uma vez, ao ver uma pintura do Barão: “E eu fiquei de pé sobre a areia, vendo a besta se erguer do mar... e sobre sua cabeça o nome da blasfêmia.”

— Nós perdemos tempo, Barão — disse Piter.

— Talvez. Você sabe, meu querido Leto, que no final vai nos dizer onde eles estão. Existe um nível de dor que irá subjugá-lo.

“Ele tem razão”, pensou Leto. “Se não fosse pelo dente... e o fato de que verdadeiramente não sei onde eles se encontram.”

O Barão pegou uma fatia de carne, enfiou na boca, mastigou lentamente e engoliu. “Devemos tentar uma nova abordagem”, pensou.

“Observe esta pessoa singular que nega poder ser comprada. Observe-a, Piter.”

E o Barão pensou: “Sim! Olhe para ele, este homem que se acredita acima de qualquer suborno. Veja-o preso aqui por um milhão de frações de si mesmo, vendidas em bocados por cada segundo de sua vida! Se você o segurasse agora e sacudisse ele chocalharia oco por dentro. Esvaziado! Vendido! Que diferença faz como ele morre agora?”

O coaxar de sapos ao fundo parou.

O Barão viu Umman Kudu, o capitão da guarda, aparecer na porta do outro lado da sala e sacudiu a cabeça. O prisioneiro não fornecera a necessária informação. Outro fracasso. Hora de parar de desperdiçar o tempo com esse Duque idiota, esse estúpido tolo que não percebe o inferno que jaz tão próximo, a distância medida pela espessura de um nervo.

Esse pensamento acalmou o Barão, vencendo sua relutância em ter um membro da realeza submetido a tortura. Viu-se subitamente como um cirurgião realizando soberbas e intermináveis dissecações com a tesoura — cortando fora as máscaras dos tolos para expor o inferno existente por baixo.

“Coelhos, todos eles”, pensou.

E como se acovardavam quando viam um carnívoro!

Leto olhava por sobre a mesa, perguntando a si mesmo por que esperava

tanto. O dente acabaria com tudo aquilo rapidamente.

Mas, ainda assim, a maior parte de sua vida fora boa. Encontrou-se lembrando de uma pipa em forma de antena, suspensa na concha azul do céu de Caladan, e Paul rindo de alegria ao vê-la. Lembrou-se do nascer do sol aqui em Arrakis, com as camadas coloridas de estratos na Muralha Escudo, barrentas na atmosfera empoeirada.

— Muito mal — murmurou o Barão. Empurrou o corpo para longe da mesa, com as mãos apoiadas nas bordas, levantou-se rápido em seus suspensores e hesitou, vendo uma mudança na fisionomia do Duque. Viu o homem respirar fundo e o queixo se enrijecer. Um ondular de músculos no maxilar enquanto o Duque fechava a boca com força.

“Como ele tem medo de mim!”, pensou o Barão.

Movido pelo medo de que o Barão pudesse lhe escapar, Leto mordeu com força a cápsula-dente e sentiu-a partir-se. Abriu a boca expelindo o vapor cáustico que pudera sentir formando-se sobre sua língua. O Barão ficou pequeno, uma figura vista no final de um túnel que se fechava. Ouviu um som estrangulado ao seu lado.

“Piter, o de voz suave, eu o peguei também!”, pensou.

— Piter! O que está havendo?

A voz tonitruante vinha de muito longe. Leto sentia lembranças atropelarem-se em sua mente, como velhos murmúrios de bruxas desdentadas. A sala, a mesa, o Barão, um par de olhos aterrorizados — azul-dentro-de-azul —, tudo comprimido ao seu redor em arruinada simetria.

E havia um homem com um queixo como a extremidade de uma bota, um homem de brinquedo caindo. Um homem de brinquedo com um nariz quebrado inclinado para a esquerda. Um metrônomo desregulado, preso para sempre no início de uma batida. Leto ouviu louças quebrando-se — tão distante —, um rugido em seus ouvidos. Sua mente era uma cesta sem fundo, recebendo tudo. Tudo que já existira, cada grito, sussurro, cada... silêncio.

No final apenas um pensamento restava, aparecendo para Leto numa luz informe, sobre raios negros: “O dia que a carne molda, e a carne que o dia molda.” O pensamento lhe dava um sentimento de plenitude que sabia nunca poder explicar.

Silêncio.

O Barão encontrava-se de pé, com as costas para sua porta particular, sua própria saída de emergência por trás da mesa. Ele a fechara sobre uma sala cheia de homens mortos. Seus sentidos percebiam os guardas afluindo em grande número à sua volta. “Será que eu respirei aquilo?”, perguntou a si mesmo. “O que quer que fosse será que me pegou também?”

Sons retornavam, e com eles o raciocínio. Ouviu alguém gritando ordens, pedindo máscaras contra gás... “mantenham a porta fechada... ponham os ventiladores a toda força!”

“Os outros caíram rapidamente, mas eu ainda estou de pé. Ainda respiro. Diabos, esta foi perto!”, pensou.

Podia analisar o que acontecera agora. Seu escudo fora ativado numa regulagem baixa, mas ainda assim o suficiente para retardar a troca molecular através da barreira do campo. E ele estivera se afastando da mesa... Isto e o som de Piter sufocando-se, que trouxera o capitão da guarda correndo para dentro da sala, para seu próprio fim.

O acaso e um aviso de um homem no último suspiro haviam lhe salvado a vida.

O Barão não sentia gratidão por Piter. O idiota se deixara matar. E quanto àquele estúpido capitão da guarda? Ele afirmara ter revistado todos antes de trazê-los à presença do Barão! “Como fora possível que o Duque...? Não houvera nenhum aviso, nem mesmo do farejador de venenos sobre a mesa, até que fosse muito tarde. Como?”

“Bem, não importa agora”, pensou o Barão, sua mente se clareando. “O próximo capitão da guarda começará uma investigação para encontrar as respostas a todas essas perguntas.”

Tornou-se mais consciente da atividade no corredor, além da curva, para a outra porta da sala da morte. O Barão afastou-se de sua porta, observando os lacaios ao seu redor. Eles estavam lá esperando, silenciosos, olhando para o Barão.

“Será que o Barão vai ficar furioso?”

E o Barão percebia que apenas alguns segundos haviam transcorrido desde sua fuga daquela sala terrível.

Alguns guardas tinham armas apontadas para a porta. Outros dirigiam sua ferocidade contra o corredor vazio que se estendia além, em direção aos ruídos que vinham da curva à direita.

Um homem veio correndo daquela direção, máscara contra gases pendente de seu pescoço, olhos atentos aos farejadores de veneno alinhados em fila ao longo do teto desse corredor. Tinha cabelo louro, rosto chato e olhos verdes. Linhas marcadas irradiavam-se de sua boca de lábios grossos. Parecia uma criatura aquática colocada erradamente entre aqueles que caminhavam sobre a terra.

O Barão olhou para o homem, lembrando seu nome : Nefud. lakin Nefud. Cabo da Guarda. Nefud era viciado em semuta, a combinação de droga e música que atingia estágios profundos da consciência. Uma informação bem útil.

Ele parou diante do Barão e fez a saudação. — O corredor está limpo, meu senhor. Eu estava do lado de fora observando e vi que deve ter sido gás venenoso. Os ventiladores em sua sala estão sugando ar destes corredores. — Olhou para o farejador acima da cabeça do Barão. — Nada daquela substância escapou; temos a sala limpa agora. Quais são as suas ordens?

O Barão reconheceu a voz do homem. O mesmo que gritara as ordens. “Eficiente, este cabo”, pensou.

— Estão todos mortos lá dentro?

— Sim, meu senhor.

“Bem, devemos nos ajustar”, pensou o Barão.

— Primeiro deixe-me felicitá-lo, Nefud. Você é o novo capitão de minha guarda. Espero que guarde no coração a lição aprendida com o destino de seu predecessor.

Observou a consciência da promoção crescer em seu novo oficial. Nefud percebia que nunca mais ficaria sem semuta.

Nefud acenou com a cabeça.

— Meu senhor, sabe que me devotarei inteiramente à sua segurança.

— Sim. Bem, de volta ao trabalho. Suspeito que o Duque tinha alguma coisa em sua boca. Você descobrirá o que era essa alguma coisa, como foi utilizada e quem o ajudou a colocá-la lá. Tornará todas as precauções...

O Barão interrompeu a frase, sua linha de pensamento destruída por um tumulto no corredor às suas costas. Guardas na porta do elevador para os andares inferiores da fragata tentavam conter um alto coronel Bashar que acabara de sair.

O Barão sentiu-se incapaz de analisar-lhe o rosto: magro, com uma boca fina como um talho em couro, olhos escuros como tinta.

— Tirem as mãos de mim, seu bando de comedores de carniça! rugiu o homem, arremessando os guardas para o lado.

“Ah, um dos Sardaukar”, pensou o Barão.

O coronel caminhou a passos largos para o Barão, cujos olhos semicerraram-se com apreensão. Os oficiais do Sardaukar deixavam-no inquieto. Todos pareciam ser parentes do Duque, e seus modos para com ele...

O coronel plantou-se à sua frente, a meio passo de distância e com as mãos nas cadeiras. Os guardas atrás em nervosa indecisão.

O Barão reparou na ausência de saudação, no desdém nas maneiras do Sardaukar, e seu desconforto aumentou. Eles tinham apenas uma legião nesse local — dez brigadas — reforçando as legiões Harkonnen, mas o Barão não se enganava. Essa única legião seria perfeitamente capaz de derrotá-lo.

— Diga aos seus homens que não devem tentar me impedir de vê-lo, Barão — rosnou o Sardaukar. — Meus homens trouxeram-lhe o Duque Atreides

antes que pudesse discutir seu destino consigo. Vamos fazer isso agora.

“Eu não posso ser humilhado diante de meus homens”, pensou o Barão.

— E então? — disse numa voz tão fria e controlada que o deixou orgulhoso de si mesmo.

— Meu Imperador me encarregou de assegurar que seu primo real morreria de modo limpo e sem agonia.

— Foram essas as ordens imperiais que recebi — mentiu o Barão. — Acha que eu desobedeceria?

— Devo relatar ao Imperador o que vejo com meus próprios olhos — disse o Sardaukar.

— O Duque já está morto — retrucou o Barão, e acenou com a mão para que o sujeito se retirasse.

O coronel Bashar continuou encarando o Barão. Nenhum tremor nos olhos ou nos músculos dizia que ele reconhecera a ordem para retirar-se.

— Como?

“Realmente!”, pensou o Barão. “Isso e demais.”

— Por suas próprias mãos, se quer saber. Ele tomou veneno.

— Eu quero ver o corpo agora! — exigiu o coronel.

O Barão olhou para o teta com fingida irritação enquanto pensava: “Maldição! Este Sardaukar verá a sala antes que a disposição dos corpos possa ser mudada!”

— Agora! — rugiu o Sardaukar. — Quero ver com meus próprios olhos.

Não havia meio de evitá-la, percebeu o Barão. O Sardaukar veria tudo. Saberia que o Duque matara homens dos Harkonnen... e que o Barão escapara por pouco. Havia a evidência dos restos do jantar sobre a mesa, e o Duque morto sobre ela cercado de destruição.

Não havia meio de evitar.

— Eu não serei logrado — acrescentou o coronel.

— E não está sendo — retrucou o Barão, e olhou para os olhos do oficial.

— Não escondo nada de meu Imperador. — Acenou para Nefud. — O coronel Bashar deve ver tudo de uma vez. Leve-o pela porta, Nefud.

— Por aqui, senhor — disse Nefud.

Lentamente, de modo insolente, o Sardaukar passou pelo Barão abrindo caminho com os ombros entre os guardas.

“Insuportável”, pensava o Barão. “Agora o Imperador saberá como fui logrado e reconhecerá nisso um sinal de fraqueza.”

E era cruel perceber como o Imperador e seus Sardaukar eram parecidos em seu desprezo pela fraqueza. O Barão mordeu o lábio inferior, consolando-se com o fato de que o Imperador pelo menos não saberia do ataque dos Atreides

em Giedi Prime e da destruição dos estoques de especiaria que os Harkonnen mantinham lá.

“Maldito Duque!”, pensou.

Observou os homens por trás: o arrogante Sardaukar e o atarracado e eficiente Nefud.

“Terei que fazer ajustes”, pensou. “Terei que colocar Rabban governando este maldito planeta uma vez mais. Sem restrições.

Terei que gastar meu próprio sangue Harkonnen para colocar Arrakis em condições de aceitar Feyd-Rautha. Maldito Piter!

Ele tinha que se deixar matar antes que eu terminasse com ele?!”

E o Barão suspirou.

“Devo mandar pedir um novo Mentat em Tleielax, imediatamente. Eles sem dúvida possuem um novo, pronto para mim, a esta altura.”

Um dos guardas ao seu lado tossiu. O Barão voltou-se para o homem. — Eu estou com fome.

— Sim, meu senhor.

— E eu desejo me divertir enquanto vocês limpam aquela sala e estudam seus segredos para mim.

O guarda olhou para o chão. — Que diversão meu senhor deseja?

— Estarei em meu quarto. Tragam-me aquele jovem que compramos em Gamont, aquele com os olhos lindos. Deixem-no bem drogado, não me sinto com disposição para a luta.

— Sim, meu senhor.

O Barão voltou-se e começou a andar de modo ondulante, característico da flutuabilidade produzida pelos suspensores. “Sim”, pensava ele, “aquele rapazinho com os olhos lindos, que se parece tanto com o Paul Atreides.”

22

O mares de Caladan,
Ó Povo do Duque Leto...
A Cidadela de Leto caiu,
Caiu para sempre...

— de Canções do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Paul sentia que todo o seu passado, cada experiência anterior a essa noite tornava-se como areia, escorrendo dentro de uma ampulheta. Estava sentado junto de sua mãe, encolhido com os braços ao redor dos joelhos, dentro de uma pequena tenda de tecido e plástico. Uma tenda destiladora que viera, como os trajes Fremen que agora usavam, de dentro do embrulho deixado no "tóptero".

Não havia mais dúvida na mente de Paul a respeito de quem colocara o estojo Fremen lá, quem dirigira a rota do "tóptero" que os transportara prisioneiros.

"Yueh."

O médico traidor os enviara diretamente para as mãos de Duncan Idaho.

Paul observava através da extremidade transparente da tenda, vendo as rochas sombreadas pela luz do luar cercando esse lugar onde Idaho os deixara escondidos.

"Escondendo-me como uma criança quando agora eu sou o Duque", pensou. Sentia a idéia atormentá-lo, mas não podia negar a sabedoria do que estavam fazendo.

Alguma coisa acontecera à sua consciência essa noite. Via com uma claridade precisa cada circunstância e ocorrência ao seu redor. Sentia-se incapaz de deter o afluxo de dados, ou a fria precisão com que cada novo item era acrescentado ao seu conhecimento, ou o poder de computação centrado em sua consciência. Isso era poder Mentat e muito mais.

Pensou de novo naquele instante de ódio impotente quando o estranho "tóptero" mergulhara sobre eles, baixando como um gigantesco falcão sobre o deserto, o vento uivando através de suas asas. A coisa em sua mente acontecera

então. O “tóptero” deslizara pousando e abrindo um sulco numa crista de areia, no encalço das duas figuras correndo: ele mesmo e sua mãe. Lembrava-se agora do cheiro de enxofre provocado pela abrasão dos esquis da aeronave contra a areia.

Sua mãe, ele sabia, voltara-se esperando uma arma laser nas mãos de um mercenário Harkonnen e reconhecera Duncan Idaho inclinando-se para fora da porta aberta, gritando:

— Depressa. Há um sinal de verme ao sul de vocês.

Mas Paul já sabia, ao se virar, quem pilotava aquele “tóptero”. Uma acumulação de minúcias: no modo como o aparelho voara, a corrida do pouso — indícios tão pequenos que nem mesmo sua mãe os detectara —, tudo indicando-lhe a identidade exata da pessoa sentada nos controles.

Jessica se mexeu ao lado dele, dizendo:

— Só pode haver uma explicação. Os Harkonnen tinham a esposa de Yueh. Ele odiava os Harkonnen! Tenho certeza disso. Você leu sua nota. Mas por que ele nos salvou da carnificina?

“Só agora ela percebe e assim mesmo pobremente”, pensou Paul. O pensamento era um choque. Ele soubera do fato como algo natural, percebido ao ler a nota que acompanhara o sinete ducal no embrulho.

“Não tente me perdoar”, escrevera Yueh. “Não quero seu perdão, já carrego uma culpa suficiente. O que fiz foi feito sem malícia ou esperança de compreensão da parte dos outros. É meu próprio tahaddi al-burhan, meu teste final. Eu lhe dou o sinete ducal dos Atreides como prova de minha sinceridade. Quando ler isso, o Duque Leto estará morto. Console-se com minha garantia de que ele não terá morrido sozinho, que aquele que odiamos acima de todos os outros morreu com ele.”

A nota não fora assinada mas não havia engano na caligrafia quase ilegível e bem familiar: Yueh.

Relembrando a carta, Paul experimentava novamente a angústia daquele momento. Algo agudo e estranho que parecera ocorrer fora de sua nova perspicácia. Lera que seu pai estava morto e conhecera a verdade das palavras, mas sentira-as como se fossem nada além de outro dado, outra informação a ser acrescentada em sua mente e utilizada.

“Eu amava meu pai”, pensou Paul, e sabia que isso era verdade. “Eu devia lamentar sua morte, chorar, sentir alguma coisa.”

Mas não sentia nada além de: “Eis um fato importante.”

Apenas um, entre todos os outros fatos.

E durante todo aquele tempo sua mente continuava acrescentando impressões sensoriais, extrapolando, computando.

As palavras de Halleck voltaram à sua mente: “Disposição é coisa para gado ou para fazer amor Você luta quando é necessário, não importando a disposição.”

“Talvez se]a isso”, pensou. “Lamentarei por meu pai mais tarde... quando for a hora.”

Não sentia nenhuma diminuição na fria precisão de seu ser.

Sentia, isso sim, que essa nova consciência era somente um começo, que ela estava aumentando. Penetrara-o o sentimento de um terrível propósito que experimentara primeiro durante sua provação com a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam. Sua mão direita, a mão que recordava da dor, comichava e pulsava.

“É assim que é ser o Kwisatz Haderach?”, perguntou com os seus botões.

— Por algum tempo pensei que Hawat falhara outra vez — disse Jessica. — Pensei que talvez Yueh não fosse um médico Suk.

— Ele era tudo que nós julgávamos ser... e muito mais — respondeu Paul, enquanto pensava: “Por que ela é tão lenta em perceber essas coisas?” Depois acrescentou: — Se Idaho não conseguir chegar até Kynes, nós...

— Ele não é nossa única esperança — disse ela.

— Não foi isso que sugeri.

Ela ouviu o frio do aço em sua voz, o senso de comando, e olhou para o filho através da escuridão acinzentada da tenda destiladora. Paul era uma silhueta delineada contra as rochas cobertas de geada pelo luar, que apareciam na extremidade transparente da tenda.

— Outros dentre os homens de seu pai devem ter escapado. Nós devemos reuni-los novamente, encontrar...

— Teremos que contar apenas conosco — disse ele. — Nossa principal preocupação são as armas atômicas da família. Devemos apanhá-las antes que os Harkonnen possam dar uma busca.

— Não é provável que as encontrem; o modo como foram ocultas...

— Não podemos dar-lhes sequer uma chancel.

E ela pensou: “Chantagem com os atômicos da família, ameaçando o planeta e a especiaria — isto é o que ele tem em mente. Mas tudo que pode esperar agora é uma fuga para o anonimato como renegado.”

As palavras de sua mãe haviam provocado outra cadeia de pensamentos em Paul: a preocupação do duque com todas as pessoas que haviam perdido essa noite. “Pessoas são a verdadeira força de uma Grande Casa”, pensou ele. E lembrou-se das palavras de Hawat: “Separar-se de pessoas é uma tristeza; um lugar é somente um lugar.”

— Eles estão usando Sardaukar — lembrou Jessica. — Devemos aguardar

até que os Sardaukar sejam retirados.

— Eles pensam que nos apanharam entre o deserto e os Sardaukar — observou. — Eles não pretendem deixar sobreviventes entre os Atreides — exterminação total. Não conte com ninguém da nossa gente escapando.

— Não podem continuar se arriscando indefinidamente com uma exposição da participação do Imperador nisso tudo.

— Não podem?

— Alguns dentre os nossos devem conseguir escapar.

— Será?

Jessica voltou-se assustada com a amargura na voz de seu filho, ouvindo o preciso julgamento das chances. Sentia que a mente dele saltava na frente da sua, vendo mais em certos aspectos do que poderia. Ajudara a treinar essa inteligência, mas agora sentia-se temerosa. Seus pensamentos voltaram-se buscando o perdido santuário de seu Duque, e lágrimas queimaram seus olhos.

"Este é o modo como devia ser Leto, um tempo para o amor e um tempo para a tristeza." Colocou a mão sobre o abdômen, sua consciência focalizada no embrião em seu interior. "Eu tenho comigo a filha dos Atreides que recebi ordens para gerar, mas a Reverenda Madre estava errada: uma filha não teria salvo meu Leto. Esta criança é somente vida brotando para o futuro, no meio da morte. Eu a concebi por instinto, não por obediência."

— Tente o receptor da comunirrede agora — pediu Paul.

"A mente continua funcionando, não importa como tentemos contê-la", pensou ela.

Jessica encontrou o minúsculo receptor deixado por Idaho e apertou o botão. Uma luz verde brilhou no instrumento e pequenos chiados saíram do alto-falante. Ela reduziu o volume e procurou através das faixas de onda. Uma voz falando no código de batalha dos Atreides soou na tenda.

"... voltem e reagrupem-se na crista. Fedor informa que não há sobreviventes em Carthag, e que o Banco da Corporação foi saqueado."

"Carthag!", pensou Jessica. "Esse era o centro dos Harkonnen."

— Eles são Sardaukar — disse outra voz. — Cuidado com Sardaukar em uniformes Atreides. Eles...

Um rugido encheu o alto-falante e a voz se calou.

— Tente outras faixas — disse Paul.

— Percebe o que isso significa? — indagou Jessica.

— Eu já esperava. Eles querem que a Corporação nos culpe pela destruição de seu banco. Com a Corporação contra nós, estamos presos em Arrakis. Tente outras faixas.

Ela pesou suas palavras: "Eu já esperava." O que acontecera com ele?

Lentamente Jessica voltou ao aparelho. Enquanto movia o botão de sintonia captava outros vislumbres da violência nas poucas vazes ainda usando o código Atreides: "... recuar...", "... tentem se reagrupar em..." "...presos numa caverna em..."

E não havia engano na exaltação vitoriosa da algaravia Harkonnen que se derramava das outras faixas. Comandos rápidos, relatórios de batalha. Não havia o suficiente para Jessica registrar e quebrar o código, mas o tom era óbvio.

Vitória Harkonnen.

Paul sacudiu o embrulho ao seu lado, ouvindo os dois recipientes de água sacudirem gorgolejando. Respirou fundo olhando através da extremidade transparente da tenda, para o escarpamento de rocha delineado contra as estrelas. Sua mão esquerda tateou em busca do selo-esfíncter na entrada da tenda.

— O dia não tarda a nascer — disse ele. — Podemos esperar durante este dia por Idaho, mas não durante outra noite. No deserto deve-se viajar à noite e repousar na sombra durante o dia.

A lembrança da tradição insinuou-se na mente de Jessica: "Sem um traje-destilador, um homem, sentado na sombra, no deserto, necessita de cinco litros de água por dia para manter o peso de seu corpo." Sentia a pele suave e escorregadia do traje-destilador envolvendo-lhe o corpo, e pensava como suas vidas dependiam agora daquela vestimenta.

— Se sairmos daqui, Idaho não poderá nos encontrar — disse ela.

— Existem modos de se fazer um homem falar — disse Paul. — Se Idaho não houver retornado ao amanhecer, devemos considerar a possibilidade de que tenha sido capturado. Quanto tempo acha que ele poderia resistir?

A pergunta não necessitava de resposta e Jessica ficou em silêncio.

Paul levantou a aba do embrulho e retirou um micromanual com ampliador e aba luminosa. Letras verdes e laranja destacavam-se nas páginas: "reservatórios de água, tenda destiladora, capas de energia, recaths, respirador para areia, binóculos, estojo para reparos em traje-destilador, pistola baramarca, mapa de escoadouro, filtroplugs, parabússola, ganchos de produtor, batedor, estojo Fremen, pilar de fogo..."

Tantas coisas necessárias à sobrevivência no deserto.

Daí a pouco ele colocou o manual no piso da tenda.

— Para onde poderemos ir? — perguntou Jessica.

— Meu pai falava de poder do deserto. Os Harkonnen não podem governar este planeta sem ele. Eles nunca o governaram inteiramente nem deverão. Nem mesmo com dez mil legiões de Sardaukar.

— Paul, você não deve achar que...

— Temos todas as provas em nossas mãos. Exatamente aqui nesta tenda,

na própria tenda, neste embrulho e seu conteúdo, nestes trajes-destiladores. Sabemos que a Corporação pede um preço proibitivo pelos satélites meteorológicos. Sabemos que...

— Que têm os satélites meteorológicos a ver com isso? Eles não poderiam... — Jessica interrompeu a frase.

Paul sentia sua mente hiperalerta, anotando as reações de Jessica, computando as minúcias.

— Percebe agora? — ele disse. — Satélites observam o terreno embaixo e há coisas no deserto profundo que não devem ser submetidas à inspeção frequente.

— Está sugerindo que a própria Corporação controla este planeta?

Ela era tão lenta...

— Não! — respondeu ele. — Os Fremen! Eles pagam à Corporação em troca de privacidade, pagam numa moeda disponível a todos com poder sobre o deserto: especiaria. Isso é mais do que uma resposta em aproximação secundária, é uma computação em linha reta. Confie nela.

— Paul, você ainda não é um Mentat, não pode saber com certeza como...

— Eu nunca serei um Mentat. Sou alguma coisa mais... uma aberração.

— Paul! Como pode dizer uma coisa dessas...

— Deixe-me em paz!

Virou as costas para ela olhando dentro da noite. “Por que não choro?”, pensou. Sentia cada fibra de seu ser desejar esse desabafo, e sabia que lhe seria negado para sempre.

Jessica nunca ouvira tamanha mágoa na voz de seu filho. Queria estender a mão para ele, segurá-lo confortando-o, ajudando-o, e todavia sentia não existir nada que pudesse fazer. Ele teria que superar esse problema sozinho.

A aba brilhante do manual do estojo Fremen colocada entre eles chamou sua atenção. Pegou-a olhando para a folha e lendo: “Manual do Deserto Amistoso — o lugar cheio de vida. Aqui estão o ayat e o burhan da Vida. Acredite e al-Lat nunca o queimará.”

“Parece-se com o livro de Azhar”, pensou Jessica lembrando-se de seus estudos sobre os Grandes Segredos. “Será que um Manipulador de Religiões visitou Arrakis?”

Paul tirou a parabússola de dentro do estojo, colocou-a de volta e disse:

— Pense em todas essas máquinas Fremen especializadas. Elas mostram uma sofisticação sem par. Admita isto. A cultura que produz estas coisas demonstra profundezas das quais ninguém suspeita.

Hesitante, ainda preocupada com a dureza em sua voz, Jessica voltou a olhar o livro, observando uma constelação ilustrada no céu de Arrakis:

“Muad’Dib: O Rato”. Notou que sua cauda apontava para o norte.

Paul observava os movimentos de sua mãe, quase indistintos na escuridão da tenda, revelando-se na luz do manual. “Agora é hora de realizar o desejo de meu pai”, pensou ele. “Devo transmitir sua mensagem agora, quando ela ainda tem tempo para tristeza e mágoa. Mais tarde isto seria um inconveniente para nós.” Descobriu-se chocado com a precisão de sua própria lógica.

— Mãe — disse ele.

— Sim?

Ela percebeu a mudança no tom de voz, sentiu um frio nas entranhas ao ouvi-lo. Nunca antes percebera um controle tão cruel.

— Meu pai está morto.

Buscou dentro de si mesma pelo alinhamento de fato com fato, o modo Bene Gesserit de avaliar dados. Finalmente a análise foi atingida e com ela a sensação de uma terrível perda.

Jessica apenas assentiu com a cabeça, incapaz de falar. Paul prosseguiu:

— Meu pai me encarregou uma vez de lhe transmitir uma mensagem se algo lhe acontecesse. Ele temia que pudesse acreditar que perdera a confiança em você.

“Aquela inútil suspeita”, pensou ela.

— Ele queria que soubesse que jamais suspeitou, queria que soubesse que sempre confiou em você completamente, sempre a amou e estimou muito. Ele disse que antes desconfiaria de si mesmo e que tinha apenas um arrependimento: de nunca tê-la feito sua Duquesa.

Ela passou a mão na face, limpando as lágrimas, e pensou: “Que estúpido desperdício de umidade corporal!”, mas sabia instantaneamente a razão desse pensamento: uma simples tentativa de fugir da mágoa, refugiando-se no ódio. “Leto, meu Leto, que coisas terríveis nós fazemos àqueles que amamos!”

Com um movimento violento apagou a pequenina aba luminosa do manual.

Soluços sacudiram seu corpo.

Paul ouvia o sofrimento de sua mãe e sentia apenas o vazio dentro de si mesmo. “Não tenho tristeza”, concluiu. “Por quê? Por quê?” Sentia essa incapacidade para se magoar como uma falha terrível.

“Um tempo para receber e um tempo para perder”, pensou Jessica, relembrando-se da Bíblia C.L. “Um tempo para manter e um tempo para abandonar, tempo para amor e tempo para ódio; tempo de guerra e tempo de paz.”

A mente de Paul avançava em sua fria precisão. Via os caminhos que se estendiam à sua frente nesse planeta hostil. Sem possuir agora nem mesmo a

válvula de segurança representada pelo sonho, ele focalizava essa consciência presciente, vendo-a como uma computação dos futuros mais prováveis, mas acrescida de alguma coisa mais, uma franja de mistério. Como se sua mente mergulhasse em alguma camada eterna e sentisse os ventos do futuro.

Abruptamente, como se houvesse encontrado a chave necessária, a mente de Paul saltou outro nível de percepção. Sentiu-se a si mesmo agarrando-se nessa nova camada, segurando-se num apoio precário e observando ao redor. Era como se estivesse dentro de um globo com estradas irradiando-se para longe em todas as direções... e no entanto isso constituía apenas uma sensação aproximada.

Lembrou-se uma vez de ter visto um lenço de gaze sendo levado pelo vento. Sentia o futuro como alguma coisa torcendo-se sobre uma superfície ondulante e não-permanente igual à do lenço soprado ao vento.

E viu pessoas.

Sentiu o calor e o frio de incontáveis possibilidades.

Conheceu nomes e lugares, experimentou emoções incontáveis, reviu dados em fendas inexploradas. Havia tempo para sondar, testar e provar — mas nenhum para moldar.

A coisa era um espectro de possibilidades — desde o passado mais remoto até o futuro mais distante — do mais provável ao mais improvável. Testemunhou sua própria morte de modos incontáveis. Viu novos planetas e novas culturas.

Gente.

Gente.

Podia vê-los em tamanha quantidade que não poderiam ser enumerados, e no entanto sua mente os catalogava.

Até mesmo os Homens da Corporação.

E pensou: “A Corporação — ali haveria um lugar para nós, minha estranheza aceita como algo familiar e altamente valioso, sempre com um suprimento assegurado da especiaria agora necessária.”

Mas a idéia de viver sua vida com a mente tateando à frente, através dos futuros possíveis, para guiar espaçonaves se arremessando no vazio, o assustava. Esse era um caminho, todavia; e ao encontrar o futuro possível, que continha os Homens da Corpo-ração, ele reconheceu sua própria estranheza.

“Eu tenho outro tipo de visão. Vejo outro tipo de terreno: as trilhas disponíveis.”

Essa consciência lhe proporcionava, ao mesmo tempo, confiança e medo. Tantos eram os lugares, naquele outro tipo de terreno, que mergulhavam ou viravam para fora de sua vista.

E tão rapidamente como viera, a sensação desapareceu e Paul percebeu

que toda aquela experiência durara o tempo de um único batimento de coração.

E, no entanto, sua consciência pessoal fora como que virada pelo avesso, “iluminada” de um modo terrível. Ele olhou à sua volta.

A noite envolvia a tenda destiladora, oculta em seu esconderijo entre as rochas. O sofrimento de sua mãe ainda podia ser ouvido.

Sua própria ausência de pesar também podia ser sentida... aquele lugar vazio nalgum ponto separado de sua mente, que prosseguia em seu ritmo uniforme — lidando com dados, avaliando, computando, apresentando respostas como o pensamento de um Mentat.

E agora ele percebia possuir uma riqueza de informações como poucas mentes já haviam reunido, embora isso não fizesse aquele lugar vazio mais suportável. Sentia como se alguma coisa fosse partir, como o dispositivo de disparo para uma bomba-relógio tiquetaqueando em seu interior. Aquilo prosseguia indiferente à sua vontade, registrando minúsculas variações ao seu redor: uma leve alteração na umidade, uma queda fracional de temperatura, o avanço de um inseto sobre o teto da tenda, a solene aproximação da aurora no trecho de céu estrelado que podia ver pela extremidade transparente da tenda.

O vazio tornava-se insuportável. Saber como o relógio fora colocado em movimento não fazia diferença. Podia olhar para seu próprio passado e ver o seu princípio — o treinamento, o aguçamento de talentos, as refinadas pressões de disciplinas sofisticadas, até mesmo a exposição da Bíblia C.L. num momento crítico... e finalmente o forte consumo da especiaria. E podia olhar para a frente, na direção mais aterradora, vendo até onde ela conduzia.

“Eu sou um monstro!”, pensou. “Uma aberração!”

— Não! — exclamou. E depois repetiu: — Não, não! NÃO!

Descobriu que estava batendo com os punhos contra o fundo da tenda. (Com aquela sua parte implacável registrando isso como um interessante dado emocional a ser alimentado na computação.)

— Paul!

Sua mãe estava ao seu lado, segurando suas mãos; sua face era uma mancha cinzenta a observá-lo. — Paul, o que está errado?

— Você! — respondeu ele.

— Eu estou aqui, Paul. Está tudo bem.

— O que fez comigo?

Numa súbita percepção ela sentiu algumas das raízes da pergunta e disse:

— Eu dei à luz você.

Esta era, tanto por instinto como por seu próprio conhecimento sutil, a resposta precisamente correta para acalmá-lo. Ele sentiu suas mãos a segurá-lo, focalizando no fraco contorno do rosto.

(Para Paul, certos traços genéticos na estrutura facial de Jessica tornavam-se indícios, registrados de um novo modo por sua mente fluente, e adicionados a outros dados, para que a resposta da soma final fosse apresentada.)

— Largue-me!

Ela ouviu a frieza em sua voz e obedeceu.

— Quer me dizer o que está errado, Paul?

— Tinha consciência do que estava fazendo quando me treinava?

“Não há mais infantilidade em sua voz”, pensou ela e disse:

— Eu esperava o que qualquer mãe ou pai espera. Que você fosse... superior, diferente.

— Diferente?

Ela percebeu a amargura na voz e tentou se justificar.

— Paul, eu...

— Você não queria um filho! Você queria um Kwisatz Haderach! Queria uma Bene Gesserit macho!

Ela recuou ante sua mágoa.

— Mas Paul...

— Algum dia consultou meu pai a esse respeito?

Ela respondeu suavemente, com uma tristeza ainda recente:

— Seja você o que for, Paul, sua hereditariedade vem tanto de seu pai quanto de mim.

— Mas não o treinamento. Não as coisas que... despertaram... o que dormia.

— O que dormia?

— Está aqui. — Ele colocou a mão sobre a cabeça e o peito. Dentro de mim. E continua sem parar...

— Paul!

Percebera a ponta de histeria na voz dele.

— Ouça-me! — continuou ele. — Você queria que a Reverenda Madre ouvisse a respeito de meus sonhos. Escute no lugar dela agora. Eu acabei de sonhar acordado. Sabe por quê?

— Deve procurar se acalmar — disse ela. — Se há...

— A especiaria. Está em tudo aqui, no ar, no solo, na comida. A especiaria geriátrica. É como a droga reveladora da verdade. É um veneno!

Jessica retesou o corpo.

A voz de Paul tornou-se mais baixa. Ele repetiu:

— Um veneno... tão sutil, tão insidioso... tão irreversível. Não matará você a menos que pare de tomá-lo. Não podemos deixar Arrakis, a não ser que levemos parte de Arrakis conosco.

A terrível presença naquela voz não permitia discussão.

— Você e a especiaria. A especiaria pode mudar qualquer um que consome essa quantidade dela, mas graças a você eu pude trazer essa mudança ao nível da consciência. E não consigo deixá-la no inconsciente, onde sua perturbação poderia ser abafada. Posso vê-la.

— Paul, você...

— Eu vejo!— repetiu ele.

Jessica percebeu loucura em sua voz e não soube o que fazer, mas ele falou de novo, e seu controle férreo retomou:

— Estamos presos aqui.

— Estamos presos aqui — concordou ela.

E aceitou a verdade em suas palavras. Nenhuma pressão das Bene Gesserit, nenhum truque ou artifício poderia libertá-los completamente de Arrakis. A especiaria viciava. Seu corpo conhecera o fato muito antes que sua mente despertasse para ele.

“Assim, é aqui que nós viveremos nossas vidas”, pensou ela, “neste planeta infernal. O lugar está preparado para nós, se conseguirmos escapar dos Harkonnen. E não resta dúvida quanto ao meu destino: uma reprodutora preservando uma importante linha hereditária para o Plano Bene Gesserit.”

— Devo lhe contar a respeito de meu sonho acordado — insistiu Paul, agora com fúria em sua voz. — E para ter certeza de que aceitará o que digo, revelarei primeiro que sei que terá uma filha, minha irmã, aqui em Arrakis.

Jessica colocou suas mãos contra o fundo da tenda, pressionando contra a parede de tecido curvo para sufocar a angústia e o medo. Sabia que sua gravidez não se mostrara ainda, somente seu próprio treinamento Bene Gesserit lhe permitira ler os primeiros sinais débeis em seu corpo e tomar conhecimento do embrião com apenas algumas semanas de idade.

— Somente para servir — sussurrou ela, agarrando-se ao lema Bene Gesserit. — Existimos apenas para servir.

— Nós encontraremos um lar entre os Fremen — disse Paul. — Onde sua Missionária Protetora comprou-nos uma saída de emergência.

“Elas prepararam um caminho para nós no deserto”, pensou Jessica. “Mas como ele pode saber da Missionária Protetora?” Encontrava mais dificuldade em dominar seu terror ante a estranheza dominante de Paul.

Ele estudava-lhe a sombra na escuridão, vendo seu medo e cada reação em sua nova consciência, como se estivessem delineados contra uma luz cegante. Um sentimento de compaixão pela mãe começou a se insinuar em seu interior.

— As coisas que podem acontecer aqui eu não posso nem começar a lhe dizer. Não posso nem sequer dizê-las a mim mesmo, embora as tenha

testemunhado. Esse senso do futuro... não pareço ter controle sobre ele, a coisa simplesmente acontece. O futuro imediato, digamos dentro de um ano, eu posso ver parte dele... uma estrada tão larga quanto nossa Avenida Central em Caladan. Alguns lugares eu não vejo... lugares sombreados... como que ocultando-se por trás de uma colina (novamente pensou na superfície do lenço levado pelo vento) e existem ramificações.

Ficou em silêncio, a memória da visão a subjugá-lo. Nenhum sonho presciente, nenhuma experiência em sua vida o preparara inteiramente para a totalidade com que os véus haviam sido arrancados revelando a nudez do tempo.

Relembrando a experiência, ele reconhecia seu próprio terrível propósito: a pressão de sua vida expandindo-se como uma bolha crescente... o tempo recuando diante dela.

Jessica encontrou o controle da iluminação da tenda e o ativou.

Uma luz verde fez recuar as sombras diminuindo seu medo. Ela olhou para o rosto de Paul, para seus olhos... aquele olhar para dentro. Sabia onde havia visto esse olhar: registrado em gravações sobre desastres, nos rostos de crianças que haviam experimentado a fome ou terríveis ferimentos. Os olhos eram como fossos, a boca uma linha reta, as maçãs do rosto flácidas.

“É o olhar da consciência aterrorizada”, pensou ela, “de alguém forçado ao conhecimento de sua própria mortalidade.”

De fato, ele não era mais uma criança.

A importância subjacente às suas palavras começou a se instalar em sua mente, eliminando tudo mais. Paul podia ver o futuro, ver um meio para escaparem.

— Existe um caminho para escapar dos Harkonnen disse Jessica.

— Os Harkonnen! — zombou ele. — Tire aqueles humanos pervertidos de sua mente. — Olhou para a mãe observando-lhe as feições sob a luz da tenda. Linhas reveladoras...

— Não devia se referir a pessoas como humanas sem...

— Não esteja tão certa de poder traçar uma linha de separação — retrucou ele. — Nós carregamos nosso passado conosco. E, minha mãe, há uma coisa que não sabe, e deveria saber. Nós somos Harkonnen.

A mente de Jessica fez algo terrível: fechou-se como se necessitasse isolar-se de toda sensação. A voz de Paul todavia continuou, naquele passo implacável, a arrastá-la com ele.

— Na próxima vez que encontrar um espelho estude seu rosto; estude o meu agora. Os traços estão aqui, se quiser vê-los. Olhe para minhas mãos, para a disposição de meus ossos. E se nada disso convencê-la, então aceite a minha palavra a respeito. Caminhei no futuro, olhei num registro, vi um lugar e tenho

todos os dados. Nós somos Harkonnen.

— Um... ramo renegado da família — disse ela. — É isso, não é? Algum primo Harkonnen que...

— Você é a filha do Barão — disse ele e observou a maneira como Jessica pressionava as mãos contra a boca. — O Barão experimentou muitos prazeres em sua juventude, e uma vez permitiu-se ser seduzido. Isso foi feito com propósitos genéticos pelas Bene Gesserit, por uma de vocês.

O modo como ele dissera vocês atingiu-a como uma bofetada.

Sua mente entretanto já funcionava de novo e ela não podia negar as palavras. Tantas linhas soltas e sem significado em seu passado estendiam-se agora conectando-se. A filha que as Bene Gesserit queriam não era com o propósito de terminar a velha rivalidade Atreides-Harkonnen, e sim de solidificar algum fator genético em suas linhas de parentesco. Mas qual? Ela tateou em busca de uma resposta.

Como se observasse dentro de sua mente, Paul lhe disse:

— Elas pensavam estar me alcançando. Mas eu não sou o que esperam, e além disso cheguei antes do tempo. E elas não sabem disso.

Jessica levou as mãos à boca.

“Grande Mãe! Ele é o Kwisatz Haderach!”

Sentia-se nua e exposta diante dele, percebendo que a fitava com olhos aos quais muito pouco poderia ser escondido. E isso, sabia, era a base de seu medo.

— Você pensa que eu sou o Kwisatz Haderach. Tire isso de sua cabeça. Eu sou alguma coisa inesperada.

“Devo avisar uma de nossas escolas”, pensou ela. “O índice de casamentos pode nos mostrar o que aconteceu.”

— Elas não vão descobrir a meu respeito até que seja muito tarde — disse ele.

Jessica tentou distraí-lo, abaixando as mãos e dizendo:

— Bem, nós encontraremos refúgio entre os Fremen?

— Os Fremen possuem um ditado que atribuem ao shai-hulud, o Velho Pai da Eternidade. Ele diz: “Esteja preparado para apreciar aquilo que encontras.” E pensou: “Sim, minha mãe, entre os Fremen. Você adquirirá os olhos azuis e uma calosidade ao lado de seu lindo nariz, produzido pelo tubo filtrador de seu traje... E dará luz à minha irmã: Santa Alia da Faca.”

— Se você não é o Kwisatz Haderach — perguntou ela —, então o que...

— Não poderia saber — respondeu ele. — E nem acreditaria se pudesse ver.

“Eu sou uma semente”, pensou.

Percebia subitamente quão fértil era o solo sobre o qual caíra e com essa compreensão o terrível propósito tomou conta de seu interior, rastejando através daquele espaço vazio e ameaçando sufocá-lo de tristeza.

Observara duas ramificações principais ao longo do caminho. Em uma delas confrontava o maligno Barão e dizia: — “Olá, vovô.”

O pensamento dessa trilha, e do que existia em sua extensão, deixou-o enjoado.

O outro caminho possuía longas extensões de obscuridade cinzenta com a exceção de picos de violência. Via uma religião guerreira surgir aqui, um fogo espalhando-se através do Universo, com a bandeira verde e negra dos Atreides ondulando na frente de legiões de fanáticos, embriagados com licor de especiaria. Gurney Halleck e mais alguns dentre os homens de seu pai — muito poucos — estavam entre eles, todos marcados pelo símbolo do falcão tirado do santuário do crânio de seu pai.

— Eu não posso seguir este caminho — murmurou ele. — Isso é o que as velhas bruxas em suas escolas desejam.

— Eu não o compreendo, Paul! — exclamou Jessica.

Ele permaneceu silencioso, pensando na semente que encantava, pensando com a consciência racial com que pela primeira vez experimentara aquele terrível propósito. Percebeu que já não podia odiar as Bene Gesserit, o Imperador ou mesmo os Harkonnen.

Eles estavam todos amarrados à necessidade que a espécie tinha de renovar sua herança dispersa, cruzando, misturando e derramando suas linhas consanguíneas numa nova seleção de genes. E a raça só conhecia um meio de fazê-la. O modo antigo, já experimentado e certo, que avançava sobre tudo em seu caminho: jihad.

“Eu certamente não posso escolher este caminho.”

Entretanto, via novamente, com seu olhar mental, o santuário do crânio de seu pai e toda a violência, com as bandeiras verde e negras ondulando no meio.

Jessica pigarreou, preocupada com seu silêncio.

— Então... os Fremen nos oferecerão santuário?

Ele olhou para cima, através da luz esverdeada da tenda, para as linhas aristocráticas no rosto dela. — Sim, este é um dos caminhos. — E assentiu com a cabeça. — Eles me chamarão... Muad’Dib, “Aquele que aponta o caminho.” Sim, é desse modo que eles me conhecerão.

E fechou os olhos pensando: “Agora, meu pai, eu posso chorar por você.” Sentiu as lágrimas escorrerem sobre seu rosto.

LIVRO SEGUNDO

MUAD'DIB

23

Quando meu pai, o Imperador Padishah, foi informado da morte do Duque Leto e das circunstâncias em que ocorrera, ficou furioso, de um modo como eu nunca vira antes. Ele culpou minha mãe e o acordo que o forçara a colocar uma Bene Gesserit no trono. Ele culpou a Corporação e o velho e maligno Barão. Culpou todos à sua vista, sem excetuar nem mesmo a mim, pois, como ele disse, eu era uma bruxa como todas as outras. E, quando tentei confortá-lo, dizendo-lhe que tudo fora feito de acordo com as velhas leis da auto-preservação, às quais até mesmo os mais antigos governantes prestaram obediência, ele me olhou com desprezo e me perguntou se o julgava um fraco. Percebi então que ele se irritara tanto não por se preocupar com o Duque morto, e sim com o que essa morte significaria para a realeza. Quando olho para trás, em direção a esse incidente, penso que pode ter havido alguma presciência da parte de meu pai também, já que é certo que sua linha de parentesco e a do Muad'Dib compartilhavam uma origem comum.

— de Na Casa de Meu Pai,
escrito pela Princesa Irulan

— Agora, Harkonnen matará Harkonnen — sussurrou Paul.

Acordara um pouco antes do cair da noite e sentara-se na tenda selada e às escuras. Ao falar ouviu o ruído fraco de sua mãe se mexendo onde dormira, de encontro à parede oposta.

Paul observou o detetor de proximidade no piso, estudando-lhe os mostradores iluminados na escuridão por tubos fosforescentes.

— Será noite logo — disse sua mãe. — Por que não levanta as cortinas da tenda?

Paul percebia que a respiração de Jessica permanecera diferente durante algum tempo. Estivera silenciosa na escuridão, aguardando até se certificar de que ele estava acordado.

— Erguer as cortinas não vai ajudar em nada. Houve uma tempestade e a tenda está coberta pela areia. Vou escavar uma saída logo.

— Nenhum sinal de Duncan ainda?

— Nenhum.

Paul esfregou, distraidamente, o anel com o sinete ducal em seu polegar, sentindo um ódio súbito contra a própria substância desse planeta que ajudara a matar seu pai, um ódio que o deixou trêmulo.

— Eu ouvi a tempestade começando — disse Jessica.

O vazio de suas palavras ajudou-o a restaurar um pouco a calma. Sua mente relembrando o começo da tempestade, visto através da extremidade transparente da tenda: frios glóbulos de areia cruzando a depressão rochosa, e depois rios e caudais de pó percorrendo o céu. Olhara para a agulha rochosa lá fora, vendo-a mudar de forma sob o impacto do vento, tornando-se uma cunha baixa cor de madeira. A areia canalizada para dentro da depressão sombreara o céu com um tom escuro e depois bloqueara toda a luz ao cobrir a tenda.

O teto estalara uma única vez, enquanto ajustava-se à pressão; depois o silêncio, rompido apenas pelo fraco chiar de foles enquanto o snorkel de areia bombeava o ar da superfície.

— Tente o receptor novamente — pediu Jessica.

— Não adianta — respondeu ele.

Encontrou o tubo de água do traje-destilador, em seu grampo no pescoço, e sugou o líquido morno. Pensou que nesse ato encontrava-se o verdadeiro começo de sua existência em Arrakis, vivendo da umidade recuperada de sua própria respiração e de seu corpo. Uma água sem sabor, insípida, mas que aliviou sua garganta.

Jessica ouviu Paul beber, sentiu a maciez de seu próprio traje-destilador grudando-se ao seu corpo, mas recusou-se a admitir a própria sede. Aceitá-la significaria despertar inteiramente para as terríveis exigências de Arrakis, onde era preciso aproveitar até mesmo traços de umidade, reunindo as poucas gotas nas bolsas de armazenagem da tenda, lamentando um suspiro desperdiçado.

Bem mais fácil refugiar-se novamente no sono.

No entanto houvera um sonho quando dormira durante o dia e a fazia estremecer só de relembrá-lo. Estendia suas mãos para deter a areia escorrendo e proteger um nome escrito: Duque Leto Atreides. O nome estava sendo apagada pela areia e ela tentou reescrevê-lo, mas a primeira letra desaparecia antes que a última fosse delineada.

A areia não parava.

E o sonho se tornava um choro estridente, cada vez mais alto.

Um choro ridículo que percebia partir de si própria quando ainda era uma pequena criança, pouco mais que um bebê. Uma mulher, não inteiramente visível em sua memória, estava se afastando.

“Minha mãe desconhecida”, pensou. “A Bene Gesserit que me deu à luz e

me entregou às Irmãs, porque assim lhe fora ordenado. Estaria ela feliz por se livrar de uma criança Harkonnen?"

— O lugar para golpeá-los é na especiaria — disse Paul subitamente.

"Como pode ele pensar em ataque numa ocasião dessas?", perguntou ela a si mesma. — Um planeta inteiro, cheio de especiaria. Como pode atingi-los nessa parte?

Podia ouvi-la mexer-se, o som do embrulho sendo arrastado pelo piso.

"Tínhamos poder aéreo e naval, em Caladan. Aqui será o poder do deserto. Os Fremen são a chave."

Sua voz vinha das proximidades do esfincter da tenda. Com seu treino Bene Gesserit podia sentir naquela voz um tom de amargura voltado contra ela.

"Toda a sua vida ele foi treinado para odiar os Harkonnen. E agora ele descobre que é um Harkonnen... por minha causa. E quão pouco ele me conhece! Eu era a única mulher do meu Duque, aceitei sua vida e seus valores, a ponto de desafiar minhas ordens Bene Gesserit."

A iluminação da tenda foi acionada pela mão de Paul, enchendo o interior abobadado de radiação esverdeada. Paul agachou-se sob o esfíncter, com o capuz de seu traje-destilador ajustado para o deserto. Testa coberta, filtro bucal no lugar, tampões de nariz ajustados. Apenas seus olhos escuros eram visíveis. A estreita faixa visível de seu rosto voltou-se apenas uma vez em direção a Jessica.

— Apronte-se para sair — disse ele, com a voz abafada pelo filtro, Jessica puxou o filtro sobre a boca e começou a ajustar o capuz enquanto Paul abria o lacre da tenda.

A areia fez ruído quando ele abriu o esfincter, e um crepitar de grãos percorreu o interior da tenda antes que ele pudesse imobilizá-los com a ferramenta de compactação estática. Um orifício cresceu na parede de areia enquanto a ferramenta realinhava os grãos.

Paul deslizou para fora e os ouvidos de Jessica acompanharam seu progresso pela superfície.

"O que ele irá encontrar lá fora?", perguntou a si mesma. "Tropas Harkonnen e Sardaukar são perigos que podemos esperar. Mas e quanto aos perigos que desconhecemos?"

Pensou na ferramenta de compactação e nos outros instrumentos estranhos dentro do embrulho. Cada um deles surgindo em sua mente como um indício de ameaças misteriosas.

Sentiu a brisa quente da superfície tocar sua face onde o filtro a deixava exposta.

— Passe-me o embrulho. — Era a voz de Paul, baixa e cautelosa.

Jessica moveu-se para obedecer ouvindo os litrojons de água gorgolejarem

enquanto ela arrastava o pacote pelo piso. Olhou para cima vendo Paul emoldurado contra as estrelas.

— Aqui — disse ele, estendendo a mão e puxando o pacote para a superfície.

Agora ela podia ver o círculo de céu estrelado na extremidade do orifício. Pareciam-lhe as pontas luminosas de armas apontadas contra ela. Uma chuva de meteoros cruzou aquele trecho de noite, parecendo-lhe um aviso, como as listras de um tigre, ou gotas luminosas coagulando-lhe o sangue. Sentia frio ao pensar no preço sobre suas cabeças.

— Depressa — pediu Paul. — Quero desinflar a tenda.

Uma chuva de areia da superfície roçou-lhe a mão esquerda.

"Quanta areia a mão pode segurar?", pensou ela.

— Preciso puxá-la? — indagou ele.

— Não.

Ela engoliu com a garganta seca e escorregou pelo buraco, sentindo a areia estaticamente compactada raspar sob suas mãos. Paul segurou-lhe o braço e puxou-a para fora. Ela ficou de pé, ao lado dele, sobre um trecho uniforme de deserto iluminado pelas estrelas, olhando ao redor. A areia enchera a depressão em que se encontravam quase até a borda, deixando apenas uma indistinta orla de rochas circundantes. Ela sondou a escuridão distante com seus sentidos treinados.

Ruído de pequenos animais.

Pássaros.

Uma queda de areia deslocada e sons fracos de uma criatura dentro dela.

Paul esvaziando a tenda e recuperando-a através do buraco.

A luz das estrelas apenas quebrava a escuridão; o suficiente para carregar cada sombra de ameaças. Jessica olhou para os trechos de absoluta escuridão.

"Negro é uma cega lembrança", pensou ela. "Você ouve os sons da matilha, os ruídos daqueles que caçaram seus ancestrais num passado tão antigo que somente suas células mais primitivas podem recordar. Os ouvidos vêem, as narinas vêem."

Daí a pouco Paul chegou junto dela dizendo:

— Duncan disse-me que, se fosse capturado, poderia aguentar por esse período de tempo. Devemos partir agora. — Colocou o embrulho nos ombros e atravessou a borda rasa da bacia rochosa, subindo para a saliência de onde podia ver melhor a vastidão do deserto.

Jessica acompanhou-o automaticamente, percebendo como vivia agora ao seu redor.

"Pois agora a minha dor é mais pesada que a areia dos mares", pensou.

"Este mundo me esvaziou de tudo, exceto do ancestral propósito: a vida que deve me suceder. Vivo agora para o meu jovem Duque, e para a filha que ainda vai nascer."

Sentia a areia dificultar seus passos, enquanto subia para junto de Paul.

Ele olhou para o norte, ao longo de uma linha de rochas e observou uma escarpa longínqua.

O distante perfil das rochas era como um antigo encouraçado dos mares recortando-se contra as estrelas. Sua longa extensão erguendo-se sobre uma onda invisível, como sílabas de antenas bumerangue, chaminés inclinando-se para trás, e uma superestrutura em forma de T elevando-se na popa.

Um clarão alaranjado surgiu subitamente acima da silhueta, seguido por uma brilhante linha de púrpura cortando o espaço em direção ao brilho.

Outra linha de púrpura!

E outro brilho alaranjado lançando-se para o alto!

Era como uma antiga batalha naval, com canhoneio e fogo antiaéreo, e sua visão deixou-os absortos, observando.

— Pilares de fogo — sussurrou Paul.

Um anel de olhos vermelhos ergueu-se sobre as rochas distantes. Linhas vermelhas riscaram o céu.

— Escapamento de jatos e armas laser — disse Jessica.

A primeira lua de Arrakis, avermelhada pela poeira, erguia-se acima do horizonte à esquerda e eles perceberam o sinal de uma tempestade naquela direção. Uma faixa movendo-se sobre o deserto.

— Devem ser "tópteros" dos Harkonnen nos caçando observou Paul. — Pelo modo como estão varrendo o deserto... é como se quisessem ter certeza de esmagar o que estiver por lá, como se esmaga um ninho de insetos.

— Ou um ninho de Atreides — respondeu Jessica.

— Devemos procurar abrigo — disse Paul. — Vamos para o sul mantendo-nos junto das rochas. Se nos apanharem em espaço aberto... — Ele voltou-se ajustando o pacote sobre os ombros. — Estão matando tudo o que se move.

Deu um longo passo sobre a saliência rochosa e no mesmo instante ouviu o sussurrar de uma aeronave em vôo planado, vendo as formas negras dos ornitópteros acima deles.

24

Meu pai disse-me uma vez que o respeito à verdade se encontra muito próximo de ser a base de toda a moralidade. — Nada pode surgir do nada — disse ele. E isso é um pensamento profundo se você compreende quão instável "a verdade" pode ser.

— de Conversas com o Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

— Sempre me orgulhei de ver as coisas da forma como são realmente — disse Thufir Hawat. — Esta é a maldição de ser um Mentat. Não se pode parar de analisar dados.

O velho rosto coriáceo parecia tranquilo na penumbra anterior à alvorada. Seus lábios tingidos de sapho formavam uma linha reta com vincos radiais que se estendiam para cima.

Um homem envolto em mantos agachava-se, silencioso, sobre a areia, diante de Hawat, aparentemente impassível.

Os dois encontravam-se abaixo de uma projeção de rocha dominando uma depressão larga e rasa. A aurora começava a se espalhar sobre a linha acidentada das colinas do outro lado da bacia, pintando tudo de rosado. Estava frio debaixo da rocha; um frio seco e penetrante deixado pela noite. Houvera um vento morno bem antes da aurora mas agora estava frio, e Hawat podia ouvir dentes batendo atrás dele, entre os poucos soldados ainda restantes em sua força.

O homem agachado diante de Hawat era um Fremen. Ele viera através da depressão em forma de pia com a primeira luz da falsa aurora, deslizando sobre a areia, ocultando-se nas dunas, seus movimentos quase imperceptíveis.

O Fremen estendeu um dedo para a areia e desenhou uma figura. Parecia um arco lançando uma flecha.

— Existem muitas patrulhas Harkonnen — disse, erguendo o dedo e apontando para as colinas de onde Hawat e seus homens haviam descido.

Hawat assentiu com a cabeça.

"Muitas patrulhas. Sim."

Ainda assim ele não sabia o que esse Fremen desejava, e isso o irritava.

Supõe-se que o treinamento de um Mentat dê a um homem poderes para perceber motivos.

Essa fora a pior noite da vida de Hawat. Ele estivera em Tsimpo, uma cidade onde ficava situada uma guarnição, um posto avançado para a antiga capital Carthag, quando os relatórios de ataque começaram a chegar. No princípio ele pensara: “É uma simples incursão; os Harkonnen estão nos testando.”

Mas relatório seguira-se a relatório, cada vez mais rapidamente.

Duas legiões desembarcaram em Carthag. Cinco legiões — cinquenta brigadas! — atacando a base principal do Duque em Arrakeen.

Uma legião em Arsut.

Dois grupos de combate em Rocha Partida.

Depois os relatórios se tornaram mais detalhados. Havia Sardaukar imperiais entre os atacantes — possivelmente duas legiões. E tornou-se claro que os invasores conheciam precisamente a quantidade de efetivos que deviam utilizar e para onde deviam ser enviados. Exatamente! Um serviço de espionagem perfeito.

O choque e a fúria de Hawat haviam aumentado até ameaçar o perfeito desempenho de suas habilidades como Mentat, a dimensão do ataque golpeava sua mente como algo físico.

Agora, escondendo-se debaixo de um pedaço de rocha no deserto, ele assentia com a cabeça para si mesmo, tentando se embrulhar em sua túnica rasgada como que para se proteger das frias sombras.

“O tamanho do ataque.”

Ele sempre esperara que o inimigo pudesse alugar alguma nave pequena, da Corporação, para incursões de sondagem. Esse era um movimento típico nessa modalidade de guerra entre Casas. Naves ligeiras pousavam e decolavam regularmente em Arrakis para transportar a especiaria da Casa dos Atreides, e Hawat tornara precauções contra ataques ocasionais de falsas naves de especiaria. No caso de um ataque total aguardavam não mais do que dez brigadas.

No entanto, havia mais de duas mil naves pousadas em Arrakis na última contagem. E não apenas naves ligeiras, mas fragatas, naves de reconhecimento, monitoras, transportes de tropas, esmagadoras, caixas de lançamento...

Com elas, mais de cem brigadas. Dez legiões!

Seria necessária toda a produção de especiaria de Arrakis durante cinquenta anos para custear tamanho empreendimento.

Realmente seria.

“Nós subestimamos o que o Barão estaria disposto a gastar num ataque

contra nós”, pensou Hawat. “Eu falhei diante de meu Duque.”

Mas havia a questão do traidor.

“Viverei o suficiente para vê-la estrangulada! Devia ter morto aquela bruxa Bene Gesserit quando tive uma chance.” Não havia dúvida em sua mente quanto a quem os atraiçoara: Lady Jessica.

Ela se encaixava em todos os fatos disponíveis.

— Seu tenente, Gurney Halleck, e parte de suas forças, estão seguros com os nossos amigos contrabandistas — disse o Fremen.

— Bom.

“Assim, Gurney conseguirá escapar deste planeta infernal. Não estamos completamente acabados ainda”, pensou.

Hawat olhou para seus homens reunidos. Começara a noite com trezentos dos melhores. Destes, aproximadamente vinte ainda existiam, metade deles feridos. Alguns dormiam agora, recostados contra a rocha ou espalhados na areia embaixo. Seu último “tóptero”, aquele que estavam usando como máquina de efeito de solo,[1] para transportar os feridos, enguiçara um pouco antes do alvorecer.

Eles o haviam cortado em pedaços com os lasers, esconderam as peças e então caminharam até esse esconderijo na borda de uma depressão.

Hawat tinha apenas uma idéia vaga de sua localização: uns duzentos quilômetros a sudeste de Arrakeen. Os principais caminhos entre as comunidades sietch da Muralha Escudo ficavam nalgum lugar ao sul.

O Fremen diante de Hawat puxou para trás seu capuz e o gorro do traje-destilador, revelando o cabelo e a barba dourados. O cabelo era penteado para trás da testa alta. Ele possuía aqueles inescrutáveis olhos de azul total, provocados pela dieta de especiaria.

A barba e o bigode estavam manchados num dos lados da boca, seus pêlos emaranhados pela pressão do tubo de recolhimento que se desenrolava dos tampões no nariz.

O homem removeu esses tampões, reajustou-os, e coçou uma cicatriz junto do nariz.

— Se cruzarem a pia esta noite — disse ele —, não devem usar seus escudos. Existe uma passagem na muralha... — E o Fremen girou nos calcanhares apontando para o sul — ... Lá, depois é areia até o erg. Escudos atrairão um... — ele hesitou —— ...verme. Eles não vêm frequentemente aqui, mas um escudo atrairá um com certeza.

“Ele disse verme”, pensou Hawat. “Mas ia dizer alguma outra coisa. O quê? E o que deseja de nós?”

Hawat suspirou.

Não conseguia se lembrar de outra ocasião em que houvesse se sentido tão cansado. Era um esgotamento muscular que nem as pílulas de energia conseguiam aliviar.

Aqueles malditos Sardaukar!

Pensou com amargura nos fanáticos soldados, e na traição imperial que eles representavam. Sua própria avaliação Mentat sobre todos os dados revelava-lhe quão remota era a chance de apresentar a evidência dessa traição ante o Alto Conselho do Landsraad, onde a justiça poderia ser feita.

— Você deseja ir ao encontro dos contrabandistas? — indagou o Fremen.

— Isso é possível?

— O caminho é longo.

“Os Fremen não gostam de dizer não”, dissera-lhe Idaho.

Hawat disse:

— Não me disse, ainda, se seu povo pode ajudar os meus feridos.

— Eles estão feridos.

“A mesma maldita resposta todo o tempo!”, pensou.

— Nós sabemos que estão feridos! — retrucou Hawat. — Isso não é o...

— Paz, amigo — advertiu o Fremen. — O que seus feridos dizem? Existe entre eles quem saiba quanto de água é necessário para o grupo?

— Nós não falamos a respeito de água. Nós...

— Posso entender sua relutância — disse o Fremen. — Eles são seus amigos, seus companheiros de tribo. Você tem água?

— Não o suficiente.

O Fremen gesticulou, apontando para a túnica de Hawat com a pele exposta debaixo dela. — Vocês foram apanhados em sietch sem seus trajes. Deve tomar uma decisão quanto à água, amigo.

— Podemos contratar sua ajuda?

O Fremen deu de ombros.

— Vocês não possuem água. Ele olhou para o grupo atrás de Hawat. — De quantos de seus feridos pode dispor?

Hawat ficou em silêncio, olhando para o homem. Como Mentat, podia perceber que sua comunicação estava fora de fase. Palavrassons não se ligavam aqui da maneira normal.

— Eu sou Thufir Hawat — disse. — E posso falar em nome de meu Duque. Ofereço um compromisso em troca de sua ajuda. Desejo uma ajuda limitada que consistirá em preservar minha força apenas o suficiente para matar uma traidora, que se julga fora do alcance de uma vingança.

— Deseja que fiquemos ao seu lado numa vendetta?

— Eu cuidarei da vendetta, pessoalmente. Apenas desejo me libertar da responsabilidade pelos meus feridos.

O Fremen franziu a testa.

— Como pode ser responsável por seus feridos? Eles são responsáveis por si mesmos. A água é a questão principal, Thufir Hawat. Gostaria que eu tomasse essa decisão em seu lugar?

O homem levou a mão à arma, oculta sob o manto. Hawat ficou tenso, se perguntando: “Haverá traição aqui também?”

— O que teme? — perguntou o Fremen.

“Esta gente e sua desconcertante franqueza!” Hawat falou cautelosamente:

— Existe um preço por minha cabeça.

— Ahh — e o Fremen retirou a mão da arma. — Você pensa que nós temos a corrupção bizantina. Não nos conhece. Os Harkonnen não possuem água suficiente para comprar a menor de nossas crianças.

“Mas possuíam o preço de uma passagem na Corporação para mais de duas mil naves de combate”, pensou Hawat. E o tamanho desse preço ainda o desconcertava.

— Nós combatemos os Harkonnen. Não devíamos compartilhar os problemas e os modos de enfrentar essa batalha?

— Estamos compartilhando — respondeu o Fremen. — Já o vi lutar contra os Harkonnen. Você é bom. Houve ocasiões em que eu teria apreciado tê-lo ao meu lado.

— Diga-me onde posso ajudá-lo — disse Hawat.

— Quem sabe? — disse o Fremen. — Existem forças Harkonnen por toda parte. Mas você ainda não tomou a decisão quanto à água, nem a colocou nas mãos de seus feridos.

“Devo ser cauteloso”, pensou Hawat. “Há algo aqui que não entendo.”

— Você me mostraria o seu modo, a maneira de Arrakis?

— Um jeito estranho de pensar — disse o Fremen, e havia um tom sarcástico em sua voz. Ele apontou para o noroeste, acima do topo das colinas. — Nós observamos quando vocês vieram através da areia na noite passada. — Abaixou o braço. — Vocês mantiveram sua força na face escorregadia das dunas. Isto é mau. Não têm trajes-destiladores, nem água. Não vão durar muito.

— As maneiras de Arrakis não são fáceis de aprender respondeu Hawat.

— É verdade. Mas matamos os Harkonnen.

— O que fazem com seus feridos?

— Será que um homem não percebe quando vale a pena ser salvo? Seus feridos sabem que você não tem água — ele inclinou a cabeça, olhando de soslaio para Hawat. — Esta é, claramente, a ocasião para uma decisão quanto à

água. Ambos, feridos e não feridos, devem pensar no futuro da tribo.

“O futuro da tribo. A tribo dos Atreides. Há sentido nisso.”

Forçou-se a formular a pergunta que estivera evitando.

— Tem notícias do meu Duque, ou de seu filho?

Os olhos azuis impenetráveis fitaram-no diretamente.

— Notícias?

— O destino deles! — retrucou Hawat impaciente.

— O destino é o mesmo para todos. Seu Duque, dizem, encontrou o seu. Quanto ao Lisan al-Gaib, seu filho, isso encontra-se nas mãos de Liet. E Liet ainda não disse.

“Sei a resposta sem perguntar”, pensou Hawat.

Olhou para seus homens, eles estavam todos despertos agora.

Tinham ouvido e olhavam para a areia, com suas expressões revelando sua conscientização: para eles não haveria retorno a Caladan, e agora Arrakis estava perdido.

Hawat voltou-se para o Fremen.

— Teve notícias de Duncan Idaho?

— Ele estava na Grande Casa quando o escudo foi desligado.

Foi só isso que ouvi, nada mais.

“Ela baixou o escudo e deixou os Harkonnen entrarem. Era eu que estava sentado com as costas para a porta”, pensou ele. “Como é que ela pôde fazer isso quando significava voltar-se igualmente contra o próprio filho? Mas... quem sabe como uma bruxa Bene Gesserit pensa... se é que se pode chamar aquilo de pensar?”

Ele tentou engolir com a garganta seca.

— Quando saberão a respeito do rapaz?

— Sabemos pouco do que acontece em Arrakeen. — O Fremen deu de ombros. — Quem sabe?

— Você tem meios de descobrir?

— Talvez. — O Fremen coçou a cicatriz junto do nariz. — Diga-me, Thufir Hawat, sabe a respeito das grandes armas que os Harkonnen usaram?

“A artilharia”, pensou Hawat amargamente. “Quem iria supor que usariam artilharia neste tempo de escudos?”

— Refere-se à artilharia que usaram para prender nossa gente nas cavernas. Eu tive... um... conhecimento teórico sobre tais armas explosivas.

— Qualquer homem que se refugia numa caverna com apenas uma saída merece morrer — comentou o Fremen.

— Por que me pergunta a respeito dessas armas?

— Liet assim o deseja.

“É isso o que ele quer de nós?”, pensou Hawat. Depois disse: Vocês vieram aqui em busca de informação sobre os canhões?

— Liet deseja ver uma dessas armas pessoalmente.

— Então vocês devem ir lá e pegar uma — zombou Hawat.

— Sim — respondeu o Fremen. — Nós pegamos uma. Nós a ocultamos onde Stilgar pode estudá-la para Liet, e onde Liet poderá vê-la, por si mesmo, se assim o desejar. Mas duvido que ele deseje. A arma não é muito boa. Péssimo projeto para Arrakis.

— Vocês... pegaram uma!?

— Foi uma boa luta — continuou o Fremen. — Perdemos apenas dois homens e derramamos a água de mais de cem deles.

“Havia Sardaukar guarnecendo cada canhão”, pensou Hawat.

“Este louco do deserto fala tranquilamente em perder apenas dois homens contra os Sardaukar!”

— Não teríamos perdido os dois se não fosse por aqueles outros, lutando ao lado dos Harkonnen — disse Fremen. — Alguns deles são excelentes lutadores.

Um dos soldados de Hawat aproximou-se mancando e olhou para o Fremen agachado.

— Está falando a respeito dos Sardaukar?

— Ele fala dos Sardaukar — disse Hawat.

— Sardaukar! — havia alegria na voz do Fremen. — Ah, então era isso que eles eram! Esta foi de fato uma boa noite. Sardaukar. Que legião? Você sabe?

— Não.

— Sardaukar — matutou o Fremen. — Mas no entanto eles usam roupas dos Harkonnen. Isso não é estranho?

— O Imperador não quer que saibam que ele lutou contra uma Grande Casa.

— Mas você sabe que eles eram Sardaukar.

— E quem sou eu? — perguntou Hawat amargamente.

— Você é Thufir Hawat. Bem, teríamos descoberto em tempo. Enviamos três deles aprisionados para serem interrogados pelos homens de Liet.

O auxiliar de Hawat falou lentamente, com descrença em sua voz:

— Vocês... capturaram Sardaukar?

— Apenas três deles — disse Fremen. — Eles lutam muito bem.

Havia um lamento amargurado na mente de Hawat. “Se tivéssemos tido tempo para nos unir a esses Fremen... Se pudéssemos treiná-los e armá-los. Grande Mãe, que força de combate não teríamos possuído!”

— Talvez você esteja perdendo tempo em se preocupar com o Lisan al-Gaib — disse o Fremen. — Se ele for realmente o Lisan al-Gaib, então nenhum mal poderá atingi-lo. Não se preocupe com algo que ainda não foi provado.

— Eu sirvo o... Lisan al-Gaib — disse Hawat. — Seu bem-estar é minha única preocupação. Eu me consagrei pessoalmente a isso.

— Comprometeu-se também quanto à água dele?

Hawat olhou para o seu auxiliar, que ainda fitava o Fremen, depois voltou sua atenção para a figura agachada. — Quanto à sua água, sim.

— E deseja retornar a Arrakeen, ao lugar de sua água?

— Ao... Sim, ao lugar de sua água.

— Por que não disse logo que era uma questão de água? — O Fremen levantou-se, ajustando os tampões do nariz com firmeza.

Hawat gesticulou com a cabeça para que seu auxiliar voltasse para junto dos outros. O homem encolheu os ombros cansados e obedeceu. Hawat ouviu uma conversa em voz baixa surgir entre seus homens.

O Fremem disse. — Sempre existe em caminho para a água.

Atrás de Hawat um homem praguejou. O auxiliar de Hawat chamou:

— Thufir, Arkie acaba de morrer.

O Fremen colocou o punho junto da orelha.

— O compromisso da água! Isso é um sinal. — Olhou para Hawat. — Temos um lugar aqui perto para aceitar a água. Devo chamar meus homens?

O auxiliar retornou para junto de Hawat, dizendo:

— Thufir, um par de homens deixou suas esposas em Arrakeen. Eles... bem, você sabe como são as coisas numa ocasião dessas.

O Fremen ainda mantinha o punho junto da orelha.

— Será o compromisso da água, Thufir Hawat?

A mente de Hawat acelerava-se. Ele sentia agora o significado das palavras do Fremen, mas temia a reação dos homens cansados, quando compreendessem.

— O compromisso da água — confirmou ele.

— Que nossas tribos se unam — disse o Fremen, abaixando o punho.

Como se isso fosse um sinal, quatro homens deslizaram e pularam das rochas acima deles. Eles correram para debaixo da saliência de pedra, embrulharam o homem morto num manto, ergueram-no, e começaram a correr com ele ao longo da encosta da colina para a direita. Jatos de poeira erguiam-se em torno dos seus pés.

Estava terminado antes que os homens de Hawat pudessem compreender. O grupo com o corpo, pendendo como num saco dentro do manto dobrado, desaparecera atrás da colina.

Um dos homens de Hawat gritou:
— Aonde é que eles vão com o Arkie? Ele era...
— Eles o estão levando para ser enterrado — respondeu Hawat.
— Os Fremen não enterram seus mortos! — retrucou o homem.
— Não tente nenhum truque conosco, Thufir. Sabemos o que eles fazem. Arkie era um dos...
— O Paraíso é uma certeza para o homem que morre a serviço do Lisan al-Gaib — disse o Fremen. — Se é ao Lisan al-Gaib que vocês servem, como disseram, por que erguer vozes de lamentação? A memória de alguém que morreu desse modo permanecerá enquanto durar a memória do homem.
Todavia os homens de Hawat avançavam, olhares de ódio no rosto. Um deles capturara uma arma laser e começou a retirá-la do cinto.
— Parem onde estão! — gritou Hawat. Lutava contra a fadiga doentia que se apoderava de seus músculos. — Essas pessoas respeitam nossos mortos. Os costumes diferem, mas o significado é o mesmo.
— Eles vão despedaçar o Arkie para obter sua água — disse ríspido o homem com o laser.
— Isso significa que seus homens desejam assistir à cerimônia? — indagou o Fremen.
“Ele nem mesmo percebe o problema”, pensou Hawat. A ingenuidade dos Fremen era assustadora.
— Eles estão preocupados com o respeito devido ao seu camarada — disse ele.
— Nós o trataremos com a mesma reverência com que tratamos um dos nossos — disse o Fremen. — Este é um compromisso de água e conhecemos os ritos. A carne de um homem lhe pertence; sua água pertence à tribo.
Hawat falou rapidamente enquanto o homem com a arma laser avançava outro passo.
— Vocês ajudarão agora os nossos feridos?
— Não se questiona um compromisso — disse Fremen. — Faremos por vocês o que uma tribo faz por si própria. Mas, primeiro, devemos conseguir trajes para todos e cuidar do que precisam.
O homem com o laser hesitou.
O ajudante de Hawat disse:
— Está comprando ajuda para nós com a água de Arkie?
— Comprando, não — respondeu Hawat. — Estamos nos unindo a essa gente.
— Os costumes diferem — murmurou um dos homens.
Hawat começou a se descontrair.

— E eles irão nos ajudar a retornar a Arrakeen?

— Nós mataremos Harkonnen — disse o Fremen. Sorriu: — E Sardaukar. — Ele retrocedeu alguns passos, colocou as mãos em concha sobre os ouvidos e inclinou a cabeça para trás, escutando. Daí a pouco baixou as mãos e disse:

— Uma aeronave se aproxima. Escondam-se debaixo da rocha e permaneçam imóveis.

A um gesto de Hawat, os homens obedeceram.

O Fremen pegou em Hawat e colocou-o junto dos outros, dizendo:

— Lutaremos quando for a hora. — Levou a mão debaixo do manto, tirando uma pequena caixa, de onde retirou um animal.

Hawat reconheceu um pequenino morcego. O morcego virou a cabeça e ele viu que os olhos eram de azul-dentro-de-azul.

O Fremen acariciou o morcego, confortando-o, sussurrando para ele. Depois inclinou-se sobre a cabeça do animal, permitindo que uma pequena gota de saliva caísse de sua língua para a boca erguida do morcego. O animal estendeu suas asas mas permaneceu pousado na mão do Fremen. O homem então pegou um pequenino tubo, colocou-o junto da cabeça do morcego e emitiu uma série de sons dentro do tubo. Depois ergueu o animal e lançou-o para o alto.

O morcego voou na direção da colina e logo desapareceu.

O Fremen dobrou a caixa, e guardou-a debaixo do manto. Novamente ele inclinou a cabeça, ouvindo.

— Eles buscam nas terras altas. É de se perguntar o que eles procuram por lá.

— Sabem que nós viemos nesta direção — explicou Hawat.

— Não se deve presumir nunca que somos o único objetivo de uma caçada — disse o Fremen. — Observe do outro lado da bacia e verá uma coisa.

O tempo passou.

Alguns dos homens de Hawat se remexiam inquietos, cochichando.

— Permaneçam silenciosos como animais assustados — sussurrou o Fremen.

Hawat percebeu movimentos junto da elevação oposta. Manchas passageiras de bronze sobre bronze.

— Meu pequeno amigo transportou sua mensagem. Ele é um ótimo mensageiro, de dia ou de noite. Eu ficaria muito infeliz se o perdesse.

O movimento do outro lado da depressão terminou. Por toda a extensão de quatro ou cinco quilômetros de areia nada aconteceu, exceto a pressão crescente do calor do dia e colunas irregulares de ar em ascensão.

— Fiquem bem silenciosos agora — sussurrou o Fremen.

Uma fila de indivíduos, caminhando com dificuldade, surgiu de uma

fenda na encosta do outro lado, atravessando a “pia” na direção deles. Para Hawat eles pareciam Fremen, mas um grupo curiosamente inepto. Ele contou seis homens avançando vagarosamente sobre as dunas.

Um “tuok-tuok” de asas de ornitóptero soou alto, à direita, por trás do grupo de Hawat. A aeronave surgiu sobre a muralha da elevação acima deles, um “tóptero” dos Atreides com as cores de guerra dos Harkonnen apressadamente pintadas por cima. Mergulhou na direção dos homens que cruzavam a depressão.

Eles pararam na crista de uma duna e acenaram.

O “tóptero” circulou uma vez acima deles, numa curva apertada, depois desceu para pousar envolto numa nuvem de pó, diante dos Fremen. Cinco homens saltaram da aeronave e Hawat percebeu o luzir de escudos repelindo a poeira e a dura competência dos Sardaukar, perceptível em seus movimentos.

— Aiihhh! Eles usam aqueles estúpidos escudos — exultou o Fremen ao lado de Hawat, olhando para a abertura na muralha sul da “pia”.

— Eles são Sardaukar — sussurrou Hawat.

— Ótimo.

Os Sardaukar se aproximaram do grupo de Fremen, num meio círculo envolvente. O sol brilhava nas lâminas desembainhadas. Os Fremen permaneciam num grupo compacto, indiferentes.

Subitamente, jorraram Fremen da areia ao redor dos dois grupos. Num instante eles alcançaram o ornitóptero; depois entraram nele. Onde os dois grupos se haviam encontrado, na crista da duna, uma nuvem de pó obscurecia parcialmente os movimentos violentos.

Dentro em pouco, a poeira abaixou, para revelar apenas Fremen ainda de pé...

— Eles deixaram apenas três homens dentro do “tóptero” explicou o Fremen do lado de Hawat. — Não creio que tenhamos danificado a aeronave ao tomá-la.

Atrás de Hawat um dos homens murmurou:

— Aqueles eram Sardaukar!

— Percebeu como lutavam bem? — indagou o Fremen.

Hawat respirou fundo. Sentia o pó queimado ao seu redor, sentia o calor e a aridez. Numa voz que correspondia à secura ambiente ele respondeu:

— Sim, eles lutam bem, de fato.

O ornitóptero capturado decolou com um brusco bater de asas e virou para o sul numa ascensão íngreme.

“Então esses Fremen podem pilotar ornitópteros”, pensou Hawat.

Na duna distante um Fremen acenou com um quadrado de tecido verde. Uma, duas vezes.

— Estão vindo mais! — disse bruscamente o Fremen ao lado de Hawat. — Estejam preparados. Eu esperava tirá-los daqui sem mais incômodos.

“Incômodos?” — admirou-se Hawat.

Ele viu mais dois “tópteros” mergulharem de grande altura, vindas do oeste em direção ao trecho de areia subitamente livre de qualquer Fremen visível. Somente oito manchas azuis, os corpos dos Sardaukar em uniformes Harkonnen, permaneciam no palco da violência.

Outro “tóptero” deslizou por sobre a muralha rochosa, acima de Hawat. Ele respirou fundo ao vê-la. Era um grande transporte de tropas. Voava com as asas estendidas e em movimento lento, característico de carga completa, qual gigantesco pássaro chegando ao ninho.

Na distância, o feixe de uma arma laser, como um dedo purpúreo incandescente, saltou de um dos “tópteros” em mergulho, lancetando a areia e erguendo uma trilha de pó.

— Covardes! — murmurou o Fremen.

O transporte de tropas desceu sobre o trecho com os cadáveres de uniformes azuis. Suas asas abriam-se completamente para atuar como conchas sobre o ar, freando a aeronave em uma parada rápida.

Súbito a atenção de Hawat foi atraída por um luzir de sol sobre metal, ao sul, e ele viu um “tóptero” mergulhando a plena força, suas asas dobradas colando-se aos lados, as chamas douradas dos jatos riscando o céu cinzento. Mergulhou como uma flecha caindo sobre o transporte de tropas que estava sem escudo devido à atividade com lasers ao seu redor. O “tóptero” atingiu o alvo em cheio.

Uma explosão flamejante sacudiu a depressão, rochas caíram das elevações ao redor. Um jorro de fogo vermelho-alaranjado projetou-se verticalmente no céu, marcando o ponto onde o transporte e seus “tópteros” de escolta haviam estado. Tudo lá estava pegando fogo.

“Foi um Fremen que decolou naquele ‘tóptero’, capturado”, pensou Hawat. “Ele se sacrificou deliberadamente para pegar aquele transporte. Grande Mãe! Quem são esses Fremen?”

— Uma troca razoável — explicou o Fremen ao seu lado. — Devia haver trezentos homens naquele transporte. Agora devemos buscar sua água, e fazer planos para conseguir outra aeronave. — Começou a caminhar para fora do abrigo na rocha.

Uma chuva de uniformes azuis caiu da parede rochosa à sua frente, descendo com a lentidão provocada por suspensores gravitacionais. Naquele breve instante Hawat pôde ver que eram Sardaukar, os rostos duros exibindo o frenesi da batalha. Estavam sem escudos e cada um carregava uma faca em uma

das mãos e um atordoador na outra.

Uma faca atirada alcançou o Fremen companheiro de Hawat na garganta, lançando-o para trás, o rosto torcido para baixo.

Hawat apenas teve tempo de puxar de sua própria faca, antes que a escuridão provocada pelo impacto de um projétil atordoador o derrubasse.

25

O Muad'Dib podia de fato ver o futuro, mas você deve compreender os limites de seu poder. Pense na visão. Você tem olhos mas não pode ver sem luz. Se estiver no fundo de um vale, não poderá enxergar além. Do mesmo modo o Muad'Dib nem sempre poderia escolher seu ponto de observação sobre o terreno misterioso. Ele nos conta que apenas uma decisão obscura a respeito de uma profecia, como por exemplo a escolha de uma palavra em detrimento de outra, poderia mudar inteiramente o aspecto do futuro. E nos adverte: "A virão de uma época é extensa, mas quando se passa através dela, o tempo se torna uma porta estreita" Ele sempre lutou contra a tentação de escolher o caminho mais claro e seguro, advertindo: "Esta trilha conduz sempre à estagnação."

— do Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan

Quando os ornitópteros deslizaram através do céu noturno acima deles, Paul segurou sua mãe pelo braço e advertiu:

— Não e mova!

Então notou a aeronave-líder iluminada pela luz do luar, percebendo o modo como suas asas se ajustavam para a frenagem, o indício do movimento de mãos descuidadas sobre os contrates.

— É Idaho — suspirou aliviado.

A aeronave e suas escoltas assentaram sobre uma depressão rochosa como um bando de pássaros chegando ao ninho. Antes que a poeira assentasse, Idaho já estava fora do "tóptero", correndo ao encontro deles. Duas figuras em trajes Fremen o seguiram e Paul reconheceu uma delas: o alto de barba dourada era Kynes.

— Por aqui! — gritou Kynes, e caminhou para a esquerda.

Atrás dele os outros Fremen lançavam coberturas de pano sobre seus ornitópteros, até que as aeronaves se tornassem uma fileira de dunas baixas.

Idaho parou diante de Paul fazendo uma saudação.

— Meu senhor, os Fremen possuem um esconderijo temporário aqui perto, onde nós...

— O que é aquilo, lá atrás?

Paul apontou para o incêndio acima dos penhascos distantes.

— Os escapamentos dos jatos e os fachos purpúreos das armas laser atingindo o deserto.

Um raro sorriso tocou o rosto redondo e plácido de Idaho.

— Meu senhor, nós lhes deixamos uma pequena sur...

Uma luz branca e cegante derramou-se sobre o deserto. Brilhante como o sol, recortando sombras negras diante de cada rocha. Num movimento rápido, Idaho pegou no braço de Paul com uma das mãos, no ombro de Jessica com a outra, derrubando-os de cima da saliência de rocha para o fundo da "bacia". Eles deitaram juntos na areia enquanto o rugido da explosão ribombava no céu acima. A onda de choque arrancou lascas de rocha da saliência onde haviam estado.

Idaho sentou-se, limpando a areia da roupa.

— Os atômicos da família! — exclamou Jessica. — Pensei...

— Você plantou um escudo por lá — disse Paul.

— Um bem grande — explicou Idaho. — Ligado a plena força. Um feixe laser o atingiu e... — encolheu os ombros.

— Fusão sub-atômica — disse Jessica. — Isso é uma arma perigosa.

— Arma não, minha senhora, defesa. Aquela ralé pensará duas vezes antes de usar armas laser da próxima vez.

Os Fremen dos ornitópteros surgiram acima deles. Um chamou em voz baixa:

— Nós devemos buscar abrigo, amigos.

Paul levantou-se, enquanto Idaho dava a mão a Jessica.

— Aquela explosão vai atrair uma atenção considerável, senhor — disse Idaho.

"Senhor", pensou Paul.

A palavra possuía uma conotação estranha ao lhe ser dirigida.

Senhor havia sido um tratamento reservado, geralmente, a seu pai.

Sentiu-se tocado momentaneamente pelos poderes de presciência que adquirira, achando-se contaminado por aquela selvagem consciência racial que conduzia o universo humano em direção ao caos.

A visão o deixou abalado e permitiu que Idaho o conduzisse ao longo da borda da bacia até uma projeção rochosa. Os Fremen estavam abrindo um caminho para baixo, areia adentro, com suas ferramentas de compactação.

— Posso levar o seu embrulho, senhor? — indagou Idaho.

— Não é pesado, Duncan — respondeu Paul.

— Está sem o seu escudo corporal. Quer usar o meu? — e olhou para a escarpa distante. — Não é provável que haja mais atividade de lasers por aqui.

— Fique com seu escudo, Duncan. Seu braço direito já é escudo suficiente para mim.

Jessica viu como o elogio surtia efeito, como Idaho se movia para mais perto de Paul. “Meu filho sabe como tratar sua gente”, pensou.

Os Fremen removeram um tampão de rocha que abria uma passagem para baixo, através de um complexo subterrâneo natural, no fundo do deserto. Uma cobertura camuflada abriu-se para eles.

— Por aqui — disse um dos Fremen, e tomou a frente, descendo para a escuridão pelos degraus esculpidos na rocha.

Atrás deles a tampa bloqueou a luz do luar. Um fraco brilho esverdeado acendeu-se adiante, revelando degraus e paredes rochosas. Havia uma curva para a esquerda e Fremen envoltos em mantos os rodeavam por toda parte. Dobraram a curva do túnel e encontraram outra passagem descendente que se abria para uma rústica câmara de caverna.

Kynes estava diante deles agora, seu capuz lançado para trás, o pescoço coberto pelo traje-destilador brilhando na luz verde. A barba e o longo cabelo encontravam-se despenteados. Os olhos azuis sem branco pareciam escuros sob as espessas sobrancelhas.

No instante daquele encontro Kynes pensou: “Por que estou ajudando essa gente? É a coisa mais perigosa que já fiz. Posso me condenar junto com eles.”

E então olhou diretamente para Paul, vendo o menino que se tornara homem ocultando a mágoa, suprimindo tudo, exceto a posição que agora devia assumir: o ducado. E Kynes percebeu naquele momento que o ducado ainda existia unicamente por causa desse jovem e isso não era algo para ser considerado levianamente.

Jessica olhou uma vez ao redor da câmara, registrando-a com seus sentidos Bene Gesserit: um laboratório civil, um lugar cheio de ângulos e quadrados, à maneira antiga.

— Esta era uma das Estações de Testes Ecológicos Imperiais que meu pai queria como bases avançadas — disse Paul.

“Seu pai queria!”, notou Kynes, e novamente perguntou a si próprio: “Serei tão tolo a ponto de ajudar essa gente? Por que faço isso? Seria tão mais fácil apanhá-los agora e comprar a confiança dos Harkonnen com eles.”

Paul seguia o exemplo de sua mãe, registrando a sala, vendo o balcão de trabalho estendendo-se num lado, as paredes de rocha lisa. Instrumentos alinhando-se ao longo do balcão: mostradores brilhando, planos de tela metálica de onde se erguiam vidros acanelados, um cheiro de ozônio por toda parte.

Alguns dos Fremen moveram-se para um canto oculto da câmara e novos sons começaram lá. O “tossir” da maquinaria, o zumbido de correias girando e

multi-impulsores.

Paul olhou para a extremidade da sala vendo gaiolas com pequenos animais empilhadas contra a parede.

— Reconheceu este lugar corretamente — disse Kynes. Para que o utilizaria, Paul Atreides?

— Para transformar este planeta num lugar adequado aos seres humanos.

“Talvez seja por isso que eu os ajudo”, pensou Kynes.

Os sons da máquina cessaram subitamente. Preenchendo o silêncio ouviu-se um agudo guinchar de animal vindo de uma das gaiolas. Foi interrompido subitamente.

Paul voltou sua atenção para as gaiolas, percebendo que os animais eram morcegos de asas marrons. Um alimentador automático estendia-se diante das gaiolas.

Um Fremen saiu da área oculta da câmara e falou com Kynes: Liet, o equipamento gerador de campo não está funcionando. Sinto-me incapaz de ocultar-nos aos detetores de proximidade.

— Pode consertá-lo?

— Não rapidamente. As peças... — O homem encolheu os ombros.

— Sim — concordou Kynes. — Então nos arranjaremos sem as máquinas. Consiga uma bomba manual para trazer-nos ar da superfície.

— Imediatamente!

O homem saiu apressado.

Kynes voltou-se para Paul.

— Você deu uma boa resposta.

Jessica percebeu o som tranquilo da voz do homem. Era uma voz real, acostumada a comandar. E ela não deixara de notar a referência feita a ele como Liet. Liet era seu alterego Fremen, a outra face do pacífico planetólogo.

— Estamos muito gratos por sua ajuda, Dr. Kynes — disse ela.

— Hum, veremos — respondeu ele, e acenou para um de seus homens: — Café com especiaria em meus alojamentos, Shamir.

— Imediatamente, Liet.

Kynes indicou uma passagem abobadada na parede lateral.

— Por aqui, por favor.

Jessica se permitiu um aceno altivo antes de aceitar. Viu Paul fazer um gesto para Idaho, avisando-o para montar guarda na porta.

A passagem, com dois passos de largura, abria-se numa pesada porta para dentro de um escritório quadrangular, iluminado por globos luminosos dourados. Jessica passou a mão pela porta ao entrar e surpreendeu-se ao identificar o material: plasteel.

Paul caminhou três passos para dentro da sala e colocou seu embrulho no chão. Ouviu a porta fechar-se às suas costas e estudou o lugar: aproximadamente oito metros de lado, paredes de rocha natural avermelhadas, interrompidas apenas por arquivos de metal à direita. Uma mesa baixa com um tampo de vidro leitoso cheio de bolhas amarelas ocupava o centro da sala. Quatro cadeiras suspensoras envolviam a mesa.

Kynes passou por Paul e puxou uma cadeira para Jessica. Ela se sentou notando o modo como seu filho examinava a sala.

Paul permaneceu de pé por um instante. Uma fraca anormalidade nas correntes de ar mostrou-lhe que havia uma saída secreta à direita, por trás dos arquivos.

— Sente-se, Paul Atreides — pediu Kynes.

“Quão cuidadosamente ele evita o meu título”, pensou Paul.

Mas aceitou a cadeira, permanecendo silencioso enquanto Kynes se sentava.

— Você percebe que Arrakis poderia ser um paraíso, mas no entanto, como bem pode ver, o Império manda para cá apenas seus capangas treinados, seus caçadores de especiaria!

Paul ergueu o polegar com o anel ducal.

— Vê este anel?

— Sim.

— Conhece o seu significado?

Jessica voltou-se, abruptamente, para fitar seu filho.

— Seu pai está morto nas ruínas de Arrakeen — disse Kynes. — Tecnicamente, você é o Duque.

— Sou um soldado do Império. Tecnicamente, um capanga treinado.

O rosto de Kynes tornou-se grave.

— Mesmo com os Sardaukar do Imperador de pé sobre o cadáver de seu pai?

— Os Sardaukar são uma coisa, a fonte legal de minha autoridade é outra.

— Arrakis tem a sua própria maneira de determinar quem usa o manto da autoridade — disse Kynes.

Jessica olhou para Kynes, pensando: “Existe uma rigidez de aço neste homem, da qual ninguém tirou ainda a têmpera... E nós precisamos dele. Paul está fazendo algo muito arriscado.”

— Os Sardaukar em Arrakis são uma medida do quanto nosso amado Imperador temia meu pai — disse Paul. — Agora darei ao Imperador Padishah razões para temer o...

— Garoto. Há coisas que você não...

— Deve se dirigir a mim como “Sir”, ou “Meu Senhor”.

“Calina”, pensou Jessica.

Kynes olhava para Paul, e ela percebia o brilho de admiração nos olhos do planetólogo, o toque do humor em seu rosto.

— Sir — disse ele.

— Eu sou um embaraço para o Imperador — continuou Paul. — Sou um embaraço para todos aqueles que desejam dividir Arrakis como seu espólio. Enquanto eu viver, continuarei a ser tamanho embaraço que permanecerei preso em suas gargantas, sufocando-os até a morte!

— Palavras — disse Kynes.

Paul olhou fixamente para Kynes, deixou passar um momento e disse:

— Vocês possuem uma lenda do Lisan al-Gaib aqui, a Voz do Mundo Exterior, aquele que conduzirá os Fremen ao paraíso. Seus homens possuem...

— Superstição! — respondeu Kynes.

— Talvez, e no entanto talvez não. Superstições, algumas vezes, possuem raízes estranhas e ramificações curiosas.

— Você tem um plano. Isso é bem óbvio... Sir!

— Poderiam os seus Fremen me fornecer uma prova positiva de que os Sardaukar se encontram neste planeta, usando uniformes Harkonnen?

— É bem provável.

— O Imperador colocará um Harkonnen novamente no poder por aqui — disse Paul. — Talvez até mesmo Rabban, a Besta. Deixe-o. Uma vez que ele esteja envolvido além da possibilidade de fugir à sua culpa, faremos com que o Imperador enfrente a possibilidade de uma denúncia ante o Landsraad. Deixe que ele responda lá...

— Paul! — exclamou Jessica.

— Isso se o Alto Conselho de Landsraad aceitar seu caso observou Kynes. — E isso teria apenas uma consequência: guerra generalizada entre o Império e as Grandes Casas.

— Caos — disse Jessica.

— Mas apresentarei o meu caso ao Imperador, e lhe darei uma alternativa para o caos.

Jessica falou num tom duro:

— Chantagem?

— Um dos instrumentos da política, como você mesma disse uma vez.

Jessica notou a amargura em sua voz; ele continuou:

— E o Imperador não tem filhos, apenas filhas.

— Está cobiçando o trono? — indagou ela.

— O Imperador não se arriscará a ter o Império destroçado por uma

guerra total. Planetas destruídos, desordem por toda parte. Ele não se arriscará.

— É uma jogada desesperada o que propõe — disse Kynes.

— O que as Grandes Casas mais temem? — perguntou Paul.

— Elas temem o que está acontecendo aqui, agora mesmo. Os Sardaukar apanhando-as uma por uma. É por isso que existe uma Landsraad. Ela é o fixador da Grande Convenção. Apenas unidas elas podem igualar-se às forças imperiais.

— Mas elas são...

— Isso é o que temem — insistiu Paul. — Arrakis se tornaria um grito de reunião. Cada um deles se veria no lugar do meu pai: separado do rebanho e assassinado.

Kynes perguntou a Jessica.

— Este plano funcionaria?

— Eu não sou Mentat — respondeu ela.

— Mas é uma Bene Gesserit.

Jessica lançou-lhe um olhar indagador e disse:

— O plano dele tem pontos bons e maus... como qualquer plano teria, nesse estágio. Todo plano depende tanto de sua execução quanto de seus conceitos.

— "A Lei é a ciência final" — citou Paul. — Assim está escrito, acima da porta do gabinete do Imperador. Pretendo mostrar-lhe a lei.

— Não tenho certeza se poderei confiar na pessoa que concebe esse plano — disse Kynes. — Arrakis tem o seu próprio plano, que nós...

— Do trono, eu poderia transformar Arrakis num paraíso, apenas com um aceno de mão — respondeu Paul. — Este é o pagamento que ofereço em troca de seu apoio.

Kynes empertigou-se:

— Minha lealdade não se encontra à venda, senhor.

Paul olhou para ele por sobre a mesa, encontrando o brilho frio daquele azul-dentro-de-azul, estudando o rosto barbado, a aparência dominadora. Um duro sorriso tocou seus lábios e Paul disse:

— Bem falado, peço desculpas.

Kynes respondeu ao seu olhar e daí a pouco disse:

— Nenhum Harkonnen jamais admitiu um erro. Talvez os Atreides não sejam como eles.

— Pode ser uma falha na educação deles — disse Paul. — Você diz que não está à venda, mas acredito que tenho uma moeda que irá aceitar. Por sua lealdade, ofereço-lhe a minha lealdade... total.

"Meu filho tem a sinceridade dos Atreides", pensou Jessica.

“Ele possui aquela honra tremenda, quase ingênua, e que poderosa força ela é realmente.”

Percebeu que as palavras de Paul haviam abalado Kynes.

— Isso é tolice — disse Kynes. — Você é apenas um menino e...

— Eu sou o Duque — respondeu Paul. — E sou um Atreides. Nenhum Atreides jamais faltou a esse compromisso.

Kynes engoliu em seco.

— Quando digo totalmente — continuou Paul —, quero dizer sem reservas. Eu daria minha vida por você.

— Senhor! — exclamou Kynes, e Jessica percebeu que a palavra lhe escapara inconscientemente. Ele não estava mais falando a um rapazinho de quinze anos, e sim a um homem, a um superior. Agora Kynes usava o tratamento com sinceridade.

“Neste momento ele daria a vida por Paul”, pensou ela. “Como os Atreides conseguem isso tão facilmente, tão rápido?”

— Sei que fala sinceramente — disse Kynes. — Entretanto os Harkon...

A porta atrás de Paul abriu-se subitamente. Ele girou e viu uma cena violenta: gritos, o choque de aço contra aço, imagens de rostos, como reproduções de cera, em expressões de fúria.

Com sua mãe ao lado, Paul saltou para a porta, vendo Idaho bloqueando a passagem, seus olhos injetados de sangue, visíveis através do luzir do escudo, mãos em garras atrás dele, arcos de aço golpeando inutilmente. Uma labareda alaranjada brilhou no instante em que um atordoador foi repelido pelo escudo. As lâminas de Idaho passavam por tudo aquilo, relampejando, sangue gotejando delas.

Kynes estava ao lado de Paul, e juntos eles lançaram todo o peso contra a porta.

Paul ainda teve uma última visão de Idaho: de pé, contra um enxame de uniformes Harkonnen, seus movimentos controlados, o cabelo negro com o vermelho da morte espalhando-se; e então a porta foi fechada ruidosamente quando Kynes acionou os ferrolhos.

— Parece que me decidi — disse ele.

— Alguém detectou suas máquinas antes que fossem desligadas — observou Paul. Ele puxou sua mãe para longe da porta, notando o desespero nos olhos dela.

— Eu devia ter esperado problemas quando o café não chegou disse Kynes.

— Há uma saída de emergência para fora daqui. Devemos usá-la? — perguntou Paul.

Kynes respirou fundo antes de responder.

— Esta porta deve aguentar durante vinte minutos, no mínimo, a menos que usem uma arma laser.

— Eles não vão usar lasers, temendo que tenhamos escudos deste lado.

— Aqueles eram Sardaukar em uniformes Harkonnen sussurrou Jessica.

Podiam ouvir pancadas na porta, agora. Golpes repetidos.

Kynes apontou para os arquivos contra a parede, do lado direito, e disse:

— Venham por aqui.

Abriu uma gaveta no primeiro arquivo, manipulando uma alavanca dentro dela. Todo o conjunto de arquivos girou, revelando a boca negra de um túnel.

— Esta porta também é de plasteel — explicou ele.

— Vocês estavam bem preparados — notou Jessica.

— Vivemos sob o domínio dos Harkonnen durante oitenta anos — foi a resposta de Kynes. Ele os conduziu escuridão adentro e fechou a porta.

No súbito negrume Jessica viu uma seta luminosa no piso à sua frente.

A voz de Kynes soou atrás deles:

— Aqui nós nos separamos. Esta parede é resistente. Aguentará uma hora no mínimo. Sigam as setas como esta no piso, elas se apagarão ao passarem. Conduzem através de um labirinto a uma outra saída onde escondi um "tóptero". Há uma tempestade sobre o deserto esta noite. Sua única esperança é fugir para essa tempestade, mergulhar nela e correr com ela. Minha gente já fez isso ao roubar "tópteros". Se mantiver uma altitude elevada dentro da tempestade você sobreviverá.

— E você? — indagou Paul.

— Tentarei escapar de outro modo. Se for capturado... bem, ainda sou o Planetólogo Imperial. Sempre posso dizer que era seu prisioneiro.

"Correndo como covardes", pensou Paul. "Mas de que outro modo posso viver para vingar meu pai?"

Voltou-se para olhar a porta, Jessica percebeu o movimento e disse:

— Duncan está morto, Paul. Você viu o ferimento. Não pode fazer nada por ele.

— Cobrarei caro por todos eles, um dia.

— Não, a menos que corra agora — disse Kynes.

Paul sentiu a mão do homem sobre seu ombro.

— Onde nos encontraremos, Kynes?

— Enviarei Fremen em busca de vocês. A trilha da tempestade é conhecida. Depressa agora, e que a Grande Mãe lhes dê velocidade e sorte.

Eles o ouviram partir, correndo na escuridão.

Jessica encontrou a mão de Paul e o puxou gentilmente.

— Não devemos nos separar.

— Sim — concordou ele.

E seguiu-a por cima da primeira seta, vendo-a enegrecer assim que a tocaram. Outra flecha apontava adiante. Passaram por ela vendo-a extinguir-se igualmente, vendo outra mais à frente.

Estavam correndo agora.

“Planos, dentro de planos, dentro de planos”, pensava Jessica.

“Teremos nos tornado parte do plano de alguém, agora?”

As flechas indicaram o caminho ao longo de curvas, passando por aberturas fracamente percebidas na débil luminescência. O caminho inclinou-se para baixo uma vez, depois para cima, sempre para cima. Chegaram finalmente a um lance de degraus, viraram outra curva e pararam diante de uma parede brilhante, com uma maçaneta visível em seu centro. Paul pressionou a maçaneta e a parede girou, afastando-se dele.

Luzes se acenderam para revelar uma caverna talhada na rocha com um ornitóptero agachado em seu centro. Uma parede lisa e cinzenta, com um sinal de porta, erguia-se além da aeronave.

— Para onde foi Kynes? — indagou Jessica.

— Ele fez o que qualquer bom líder de guerrilhas teria feito: separou-nos em dois grupos e providenciou para que não pudesse revelar onde estamos, se for capturado. Ele não saberá, realmente.

Paul puxou sua mãe para dentro da câmara, notando como seus pés levantavam a poeira sobre o solo.

— Ninguém esteve aqui durante um bom tempo — disse.

— Ele parecia confiante de que os Fremen nos encontrarão observou Jessica.

— Participo dessa confiança.

Paul soltou a mão dela, caminhou para a porta esquerda do ornitóptero, abriu-a e colocou seu embrulho na parte traseira.

— Esta aeronave tem refletores de proximidade. O painel de instrumentos tem controle remoto para a porta, controle de luz. Oitenta anos sob o jugo dos Harkonnen ensinaram-lhes a ser meticulosos.

Jessica apoiou-se de encontro ao lado oposto da aeronave, recuperando o fôlego.

— Os Harkonnen terão uma força cobrindo esta área — disse ela. — Eles não são estúpidos. — Parou, considerando seu sentido direcional, depois apontou para a direita. — A tempestade que vimos ficava naquela direção.

Paul acenou, lutando contra uma abrupta relutância em pôr-se em movimento. Conhecia sua causa mas não encontrava apoio nesse conhecimento.

Em algum momento dessa noite ele havia ultrapassado um ponto de decisão, penetrando num profundo desconhecido. Conhecia a área temporal a circundá-lo, mas o aqui e agora existia como um lugar misterioso. Era como se houvesse presenciado sua própria pessoa, vista de uma grande distância, desaparecer num vale. Das incontáveis trilhas que saíam do vale algumas poderiam trazer Paul Atreides de volta ao campo visual, mas muitas não.

— Quanto mais esperarmos, melhor preparados eles estarão disse Jessica.

— Entre e prenda seus cintos — disse ele.

Juntou-se a ela no ornitóptero, ainda lutando com a idéia de que esse era um terreno cego, fora do alcance de sua visão presciente. E percebeu num súbito choque que estivera confiando cada vez mais em sua memória presciente e isso o enfraquecera para enfrentar essa emergência em particular.

"Se confiar apenas em seus olhos, seus outros sentidos se enfraquecerão", dizia uma máxima Bene Gesserit. Lembrou-se dela naquele momento, prometendo a si mesmo nunca mais cair nessa armadilha... se escapasse vivo dessa situação.

Prendeu seus cintos de segurança, verificou que sua mãe estava bem segura e checou a condição da aeronave. As asas estavam estendidas na posição de repouso, com suas delicadas folhas de metal intercaladas. Ele tocou a barra retratora e observou as asas se encurtarem na posição adequada para uma decolagem impulsionada a jato, do modo como Gurney Halleck lhe ensinara. O interruptor de partida moveu-se com facilidade. Mostradores no painel de instrumentos ganharam vida enquanto os casulos dos jatos eram armados. As turbinas começaram a assoviar.

— Pronta? — indagou ele.

— Sim.

Tocou o controle remoto para as luzes e a escuridão os encobriu.

Sua mão era uma sombra contra os mostradores luminosos enquanto acionava o controle remoto da porta. Sons de rangidos ecoaram adiante. Ouviu-se ao longe um cascatear de areia que não tardou a desaparecer. Uma brisa poeirenta tocou as faces de Paul fazendo-o fechar a porta, sentindo a súbita pressão.

Uma larga extensão de estrelas toldadas pelo pó e emolduradas por uma escuridão recortada em ângulos surgiu, então, onde antes existira a parede-porta. A luz estelar definia uma saliência adiante, com um indício de ondulações de areia.

Paul pressionou o interruptor do sequênciador de ações em seu painel. As asas bateram para cima e para baixo, lançando o "tóptero" para fora de seu ninho. A força aumentou subitamente nos casulos dos jatos enquanto as asas se

imobilizavam em atitude ascensional.

Jessica colocou suas mãos de leve sobre os controles duplos, sentindo a segurança dos movimentos do filho. Sentia-se assustada e ao mesmo tempo excitada. “Agora o treinamento de Paul é a nossa única esperança. Sua juventude e sua ligeireza.”

Paul liberou mais força para os jatos, o “tóptero” inclinou-se, a aceleração mergulhando-os nos assentos enquanto uma muralha negra erguia-se sobre as estrelas adiante. Ele deu mais asa e mais força à aeronave. Outra sequência de batidas de asa e eles passaram acima das rochas, vendo suas arestas congeladas de prata, seus afloramentos sob a luz das estrelas. Uma segunda lua, avermelhada pelo pó, mostrava-se acima do horizonte à direita, definindo a trilha da tempestade.

As mãos de Paul moviam-se rapidamente sobre os controles.

As asas reduziram-se aos tocos de um besouro, forças “G” puxaram-lhes a carne enquanto a aeronave virava numa curva fechada.

— Chamas de jatos atrás de nós! — disse Jessica.

— Posso vê-los.

Empurrou a alavanca de força para a frente. O “tóptero” saltou como um animal assustado, lançando-se para o sul em direção à tormenta e à grande curva do deserto. Mais próximo, Paul via sombras dispersas indicando-lhe onde a linha de rochas terminava e o leito de pedra afundava-se debaixo das dunas. Para além, estendiam-se as sombras em forma de foice, à luz do luar, dunas estendendo-se uma após outra. E acima do horizonte erguia-se a imensidão plana da tempestade, como uma muralha de encontro às estrelas.

Alguma coisa fez o “tóptero” balançar.

— Explosão de obus! — exclamou Jessica. — Estão usando algum tipo de arma lançadora de projéteis.

Viu um súbito sorriso animal no rosto de Paul. — Eles estão evitando usar armas laser.

— Mas não temos escudos!

— Será que eles sabem disso?

Novamente o “tóptero” estremeceu.

Paul inclinou-se para olhar para trás.

— Apenas um deles parece ser suficientemente rápido para nos acompanhar.

Voltou sua atenção ao curso, observando como a muralha da tempestade elevava-se diante deles. Parecia sólida.

— Lançadores de projéteis, foguetes, todo o armamento antigo. Eis uma coisa que forneceremos aos Fremen — sussurrou Paul.

— A tempestade. Não é melhor voltarmos? — indagou Jessica.

— E quanto àquela nave atrás de nós?

— Está ganhando vantagem.

— Agora!

Encurtou as asas novamente e fez uma curva abrupta para a esquerda, em direção à muralha da tormenta que parecia borbulhar de um modo enganosamente lento. Sentiu as maçãs do rosto sendo puxadas pela força "G".

Pareciam deslizar para dentro de um lento obscurecer de pó que se tornou cada vez mais escuro até bloquear totalmente a visão do deserto e da lua. A aeronave tornou-se um penacho horizontal na escuridão, iluminada apenas pela luminosidade verde do painel de instrumentos.

Através da mente de Jessica passavam todas as advertências a respeito dessas tempestades: que elas cortavam metal como manteiga, arrancavam a carne dos ossos e dissolviam os ossos. Sentia o golpear dos ventos cobertos de pó, que sacudiam a aeronave enquanto Paul lutava nos controles. Viu quando ele reduziu a força e sentiu o "tóptero" pular. O metal à sua volta assoviava e estremecia.

— Areia! — gritou ela.

Viu a cabeça de Paul sacudir uma negativa, à luz do painel.

— Não há muita areia nesta altitude.

E no entanto ela podia sentir que mergulhavam cada vez mais profundamente no redemoinho.

Paul ajustou as asas em sua máxima envergadura para ascensão, ouviu-as estalar com a tensão. Mantinha os olhos fixos no painel de instrumentos, planando por instinto, lutando por ganhar altura.

O som de sua passagem diminuiu. O "tóptero" começou a girar para a esquerda. Paul focalizou sua atenção no globo brilhante dentro da curva de atitude de vôo, esforçando-se para nivelar a aeronave.

Jessica tinha a estranha impressão de que eles estavam imóveis e de que todo o movimento era externo. Um vago fluir de bronze contra as janelas, um rumor que a lembrava das forças à sua volta.

"Ventos de setecentos e oitocentos quilômetros horários", pensou ela. Uma vertigem de adrenalina minava sua resistência. "Não devo ter medo", disse para si mesma, pronunciando as palavras da ladainha Bene Gesserit: "O medo é o assassino da mente."

Lentamente seus longos anos de treinamento prevaleceram, fazendo a calma retornar.

— Nós temos o tigre pela cauda — sussurrou Paul. Não podemos descer, nem pousar... e não creio que possamos nos elevar acima disto. Teremos que

voar com ela até passar.

A calma se esvaiu completamente e Jessica sentiu seus dentes baterem. Mordeu com força para pressioná-los. Então ouviu a própria voz de Paul, baixa e controlada, recitando a mesma ladainha.

"— O medo é o assassino da mente. O medo é a morte pequena que traz a obliteração. Enfrentarei meu medo. Não permitirei que ele passe sobre mim ou através de mim. E quando ele se for voltarei minha visão interior para fitar sua trilha. Por onde o medo passou nada restou. Apenas eu permaneço."

26

O que você despreza? Através disso será verdadeiramente conhecido.

— do Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

— Eles estão mortos, Barão — dizia Iakin Nefud, o capitão da guarda. — Ambos, a mulher e o menino, estão mortos com certeza.

O Barão Vladimir Harkonnen encontrava-se apoiado nos suspensores de dormir em seus alojamentos particulares. Além desses alojamentos, envolvendo-o como um ovo de múltiplas cascas, estendia-se a fragata espacial que ele pousara em Arrakis. Aqui, todavia, em seus alojamentos, o metal frio da nave era oculto pelas cortinas, almofadas de tecido e raros objetos de arte.

— É uma certeza — insistiu o capitão da guarda. — Eles estão mortos.

O Barão ajustou seu corpo volumoso nos suspensores e focalizou sua atenção na estátua de um menino saltando, colocada num nicho do outro lado da sala. O sono se afastou deixando-o desperto. Endireitou a almofada suspensora debaixo das dobras de gordura em seu pescoço e olhou sob o único globo luminoso, de sua câmara dormitório, para o portal onde o capitão Nefud se encontrava, bloqueado por um penta-escudo.

— Eles estão certamente mortos, Barão — repetiu o homem.

O Barão notou os traços do embotamento por semuta nos olhos do homem. Era óbvio que ele estivera num profundo êxtase da droga quando recebera o relatório, e parara apenas para tomar o antídoto, antes de correr até ali.

— Tenho um relatório completo — disse Nefud.

"Deixe-o suar um pouco", pensou o Barão. "E preciso manter as ferramentas de nosso governo sempre afiadas e prontas. Poder e medo, afiados e prontos."

— Viu seus corpos? — rugiu o Barão.

Nefud hesitou.

— Então?

— Meu senhor... eles foram vistos mergulhando em uma tempestade de areia .. ventos de mais de oitocentos quilômetros horários. Nada sobrevive a uma

tempestade assim, meu senhor. Nada! Uma de nossas próprias aeronaves foi destruída na perseguição.

O Barão observou Nefud, vendo o tique nervoso nos músculos do queixo, o modo como o maxilar se movia enquanto Nefud engolia em seco.

— Você viu os corpos? — indagou o Barão.

— Meu senhor...

— Com que propósito vem aqui chocalhando sua armadura? Para me dizer que uma coisa é certa quando não é? Pensa que vou elogiá-lo por sua estupidez, dar-lhe outra promoção?

O rosto de Nefud ficou branco como um osso.

"Olhe para esse frango", pensou o Barão. "Estou cercado por esses idiotas inúteis. Se eu espalhasse areia diante dessa criatura e lhe dissesse que era milho ela começaria a bicar."

— O homem, Idaho, nos levou até eles, então?

— Sim, meu senhor.

"Olhe como ele responde sem pensar", notou o Barão. E disse:

— Eles estavam tentando fugir para junto dos Fremen, hein?

— Sim, meu senhor.

— Existe mais alguma coisa nesse... relatório?

— O Planetólogo Imperial, Kynes, está envolvido, meu senhor. Idaho juntou-se a esse Kynes em circunstâncias misteriosas... eu poderia mesmo dizer circunstâncias suspeitas.

— Ah, sim...?

— Eles... ah, fugiram juntos para um lugar no deserto onde aparentemente o rapaz e sua mãe estavam se ocultando. Na excitação da caçada vários de nossos grupos foram apanhados em uma explosão de escudo-arma laser.

— Quantos nós perdemos?

— Eu... ah, não tenho certeza ainda, meu senhor.

"Ele está mentindo", pensou o Barão. "Deve ter sido muito ruim."

— O lacaio imperial, esse Kynes, estava fazendo jogo duplo, então, não é mesmo?

— Eu apostaria minha reputação nisso, meu senhor.

"Sua reputação!"

— Faça com que o homem seja morto — disse o Barão.

— Meu senhor! Kynes é o planetólogo imperial. Um servo de Sua Majestade...

— Faça parecer um acidente, então!

— Meu senhor, havia Sardaukar com nossas forças durante a tomada desse ninho Fremen. Eles têm Kynes sob custódia agora.

— Tire-o de perto deles. Diga que eu quero interrogá-lo.

— E se eles se recusarem?

— Não o farão, se agir adequadamente.

Nefud engoliu em seco:

— Sim, meu senhor.

— O homem deve morrer — roncou o Barão. — Ele tentou ajudar os meus inimigos.

Nefud mudou o apoio do corpo de um pé para o outro.

— Então?

— Meu senhor, os Sardaukar têm... duas pessoas em custódia que podem ser de interesse para o senhor. Eles apanharam também o Mestre dos Assassinos do Duque.

— Hawat? Thufir Hawat?

— Eu vi o prisioneiro com meus próprios olhos. Esse Hawat...

— Eu não acreditava que fosse possível!

— Eles dizem que foi derrubado por um atordoador, meu senhor. No deserto, onde não podia usar seu escudo. Ele está praticamente ileso. Se pudermos colocar nossas mãos sobre ele, nos fornecerá um bom divertimento.

— Você está falando de um Mentat — grunhiu o Barão. — Não se desperdiça um Mentat. Ele já falou? O que disse de sua derrota? Poderia ele conhecer a extensão da... mas não.

— Ele disse apenas o suficiente para revelar sua crença de que Lady Jessica era a traidora.

— Ahhh!

O Barão recostou-se, pensando.

— Tem certeza? É a Lady Jessica que atrai seu ódio?

— Ele disse isso em minha presença, meu senhor.

— Deixe que ele pense que ela está viva, então.

— Mas, meu senhor...

— Fique quieto. Desejo que Hawat seja tratado com gentileza.

Ele não deve ouvir nada a respeito do falecido Dr. Yueh, o verdadeiro traidor. Digamos que o doutor morreu defendendo o seu Duque. De certo modo isso pode ser verdadeiro. Em vez disso, nós iremos alimentar suas suspeitas contra Lady Jessica.

— Meu senhor, eu não...

— A maneira de se controlar um Mentat, Nefud, é através da informação. Informação falsa, resultados falsos.

— Sim, meu senhor, mas...

— Hawat está faminto? Com sede?

— Meu senhor, Hawat ainda está nas mãos dos Sardaukar.

— Sim, de fato. Mas os Sardaukar estarão tão ansiosos por obter informações de Hawat quanto eu. Reparei uma coisa a respeito de nossos aliados, Nefud. Eles não são muito astutos... politicamente. Acredito que isso seja deliberado; o imperador deve desejá-los desse modo. Sim, eu realmente acredito nisso. E você irá lembrar ao comandante dos Sardaukar de minha fama quanto a obter informação de fontes relutantes.

Nefud pareceu infeliz.

— Sim, meu senhor.

— Você dirá ao comandante dos Sardaukar que desejo questionar a ambos, Hawat e Kynes ao mesmo tempo, para jogar um contra o outro. Ele é capaz de entender isso, não é verdade?

— Sim, meu senhor.

— E uma vez que os tenhamos em nossas mãos...

— Meu senhor, os Sardaukar desejarão ter um observador conosco durante qualquer interrogatório.

— Tenho certeza de que poderemos produzir uma emergência capaz de afastar qualquer observador indesejável, hein, Nefud?

— Compreendo, meu senhor. É quando Kynes poderá ter o seu acidente.

— Ambos, Kynes e Hawat, terão seus acidentes então, Nefud.

Mas apenas Kynes sofrerá um acidente real. É Hawat que eu quero. Sim, isso mesmo.

Nefud pestanejou, engolindo em seco. Pareceu a ponto de fazer uma pergunta mas continuou calado.

— Hawat receberá comida e bebida, será tratado com bondade e simpatia — disse o Barão. — Em sua água administraremos o veneno desenvolvido pelo falecido Piter de Vries. E você providenciará para que o antídoto se torne um complemento regular da dieta de Hawat a partir deste momento... a não ser que eu dê instruções em contrário.

— O antídoto, sim. — Nefud sacudiu a cabeça. — Mas...

— Não seja estúpido, Nefud. O Duque quase me matou com aquela cápsula de veneno no dente. O gás que ele exalou em minha presença privou-me de Piter, meu mais valioso Mentat. Eu preciso de um substituto.

— Hawat?

— Hawat.

— Mas...

— Você vai dizer que Hawat é completamente leal aos Atreides. Verdade, mas os Atreides estão mortos. Nós iremos persuadi-lo, convencê-lo de que não é culpado pela morte do Duque. Foi tudo obra da bruxa Bene Gesserit. Ele tinha

um mestre inferior, alguém cuja razão estava toldada pela emoção. Mentats admiram a habilidade de calcular sem emoções, Nefud. Nós iremos lisonjear o formidável Thufir Hawat até conquistá-lo.

— Lisonjeá-lo. Sim, meu senhor.

— Hawat infelizmente tinha um mestre cujos recursos eram escassos, alguém que não poderia elevar um Mentat aos sublimes píncaros do raciocínio a que um Mentat tem direito. Hawat verá um certo elemento de verdade nisso. O Duque não podia custear os espiões mais eficazes para fornecer ao seu Mentat as informações desejadas. — E o Barão olhou diretamente para Nefud. — Não nos enganemos, Nefud. A verdade é uma arma poderosa. Sabemos como sobrepujamos os Atreides e Hawat também sabe. Nós o fizemos com nossa riqueza.

— Com riqueza. Sim, meu senhor.

— Iremos seduzir Hawat. Nós o esconderemos dos Sardaukar e deixaremos como segurança... a retirada do antídoto para o veneno. Não há meios de remover o veneno residual. E, Nefud, Hawat não precisa nem suspeitar. O antídoto não se revelará a um farejador de venenos. Hawat pode testar sua comida como quiser, sem detectar nenhum traço de veneno.

Os olhos de Nefud se arregalaram com a compreensão.

— A ausência de alguma coisa — continuou o Barão — pode ser tão mortífera quanto a presença. A ausência de ar, hein? A ausência de água? A ausência de alguma outra coisa com que nos viciamos. — E o Barão acenou: — Você me compreende, Nefud?

Nefud engoliu em seco.

— Sim, meu senhor.

— Então vá trabalhar. Encontre o comandante dos Sardaukar e coloque as coisas em movimento.

— Imediatamente, meu senhor.

Curvou-se, virou e saiu apressado.

“Hawat ao meu lado!”, pensou o Barão. “Os Sardaukar o entregarão a mim. Se suspeitarem de alguma coisa será de que desejo destruir o Mentat. E essa suspeita eu confirmarei! Os tolos. Um dos mais formidáveis Mentats de toda a história, um Mentat treinado para matar e eles o atiram a mim como algum brinquedo tolo para ser quebrado. Mostrarei a eles que uso posso fazer desse brinquedo.”

Estendeu a mão por baixo da cortina, ao lado de sua cama suspensora, pressionando um botão para chamar seu sobrinho mais velho, Rabban. Sentou-se novamente, sorrindo.

“E todos os Atreides mortos!”

O estúpido capitão da guarda estivera certo, é claro. Certamente que nada poderia sobreviver no caminho do sopro de areia de uma tempestade em Arrakis. Não um ornitóptero... nem seus ocupantes. A mulher e o garoto estavam mortos. As propinas nos lugares certos, a impensável despesa para transportar uma força militar esmagadora até a superfície desse planeta... todos os relatórios matreiros preparados para os ouvidos do Imperador e ninguém mais, todo o cuidadoso planejamento produzindo resultados plenos, afinal.

"Poder e medo, medo e poder!"

O Barão podia ver o caminho à sua frente. Um dia um Harkonnen seria Imperador. Não ele mesmo, nem um fruto do seu sêmen. Mas um Harkonnen. Não seria esse Rabban que acabava de convocar, é claro; mas o irmão mais novo de Rabban, o jovem Feyd-Rautha. Havia uma perspicácia no rapaz que o Barão apreciava... uma ferocidade.

"Um menino adorável", pensou o Barão. "Mais um ano ou dois, digamos quando ele tiver dezessete, e saberei se ele é o instrumento de que a Casa Harkonnen necessita para conquistar o trono."

— Meu Barão.

O homem que esperava fora do campo protetor, na porta do quarto do Barão, era baixo, bruto de rosto e corpo e com os sinais paternos da linhagem Harkonnen: olhos pouco separados e ombros volumosos. Havia alguma rigidez em sua gordura, mas era óbvio ao olhar que ele chegaria um dia a necessitar dos suspensores portáteis para carregar seu excesso de peso.

"Um cérebro com a mente nos músculos", pensou o Barão.

"Nenhum Mentat, o meu sobrinho... nenhum Piter de Vries, mas talvez alguma coisa mais adequada para a tarefa em vista. Se eu lhe der a liberdade para fazê-lo, ele triturará tudo em seu caminho. Oh, como ele será odiado aqui em Arrakis!"

— Meu querido Rabban — disse o Barão, desligando o campo da porta mas mantendo seu escudo corporal a plena força, ciente de que seu tremeluzir seria visível acima do globo luminoso ao lado da cama.

— Chamou-me? — disse Rabban, entrando na sala e olhando de relance para a perturbação no ar causada pelo escudo corpóreo. Buscou uma cadeira suspensora e não encontrou nenhuma.

— Fique mais perto, onde possa vê-lo- facilmente — pediu o Barão.

Rabban avançou outro passo, pensando que o maldito velho removera deliberadamente todas as cadeiras para forçar os visitantes a ficarem de pé.

— Os Atreides estão mortos — disse o Barão. — O último deles. Foi por isso que o convoquei aqui em Arrakis. O planeta é novamente nosso.

Rabban piscou os olhos.

— Mas eu pensei que ia colocar Piter de Vries no...

— Piter também está morto.

— Piter?

— Piter.

O Barão reativou o campo da porta, ajustando-o para bloquear qualquer penetração energética.

— Finalmente se cansou dele, hein? — indagou Rabban.

Sua voz parecia monótona e sem vida na sala bloqueada pelos escudos.

— Vou lhe dizer algo, e apenas uma única vez. Você insinua que eu eliminei Piter como alguém se livra de algo insignificante. — Estalou os dedos. — Assim, não é? Mas eu não sou estúpido, sobrinho; e receberei como uma grosseria se sugerir outra vez, por palavras ou por ações, que eu possa sê-lo.

O medo revelou-se no semicerrar dos olhos de Rabban. Ele sabia dentro de que limites o velho Barão seria capaz de se mover contra a própria família. Raramente chegaria ao ponto de mandar matar, a menos que houvesse um lucro fabuloso em jogo, ou uma provocação. Mas as punições contra um membro da família poderiam ser dolorosas.

— Perdoe-me, senhor Barão — disse Rabban, abaixando os olhos para ocultar sua própria raiva, assim como para mostrar subserviência.

— Você não me engana, Rabban — disse o Barão.

Rabban mantinha os olhos voltados para um ponto no chão à sua frente. Engoliu em seco.

— Tenho um ponto de vista — continuou o Barão. Nunca eliminar um homem irrefletidamente, do modo como um feudo pode fazê-lo, através de um processo, de acordo com a lei. Sempre devemos agir em benefício de um propósito maior, e conhecer qual é esse propósito!

Rabban deixou-se levar pela raiva:

— Mas o senhor eliminou o traidor Yueh! Vi seu corpo sendo carregado para fora quando cheguei na noite passada.

Olhou para o tio, subitamente assustado pelo som de suas próprias palavras.

Mas o Barão sorriu.

— Tenho muito cuidado com as armas perigosas. O Dr. Yueh era um traidor. Ele me entregou o Duque. — A energia fluía na voz do Barão: — Subornei um médico da Escola Suk! Da Escola Interna! Está ouvindo, garoto? Mas isso é um tipo muito perigoso de arma para se deixar por aí. Eu não o eliminei casualmente.

— O Imperador tem conhecimento de que subornou um médico Suk?

“Esta é uma pergunta perspicaz”, pensou o Barão. “Será que julguei mal

meu sobrinho?”

— O Imperador não sabe ainda, mas seus Sardaukar certamente lhe farão um relatório. Mas, antes que isso aconteça, terei meu próprio relatório em suas mãos, através dos canais da Companhia CHOAM. Eu lhe explicarei que tive a sorte de descobrir um médico que fingia ser condicionado. Um falso médico, entende? E como todos sabem que não se pode anular um condicionamento da Escola Suk, isso será aceito.

— Ah, percebo — murmurou Rabban.

E o Barão pensou: “De fato eu espero que perceba. Que veja como é vital que isso permaneça em segredo.” E o Barão subitamente se perguntou: “Por que fiz isso? Por que me gabei diante deste sobrinho idiota? Um sobrinho que deverei usar e descartar?”

Sentiu raiva de si próprio, sentiu-se traído.

— Deve ser mantido em segredo — comentou Rabban. Eu compreendo.

O Barão suspirou.

— Eu lhe darei instruções diferentes a respeito de Arrakis desta vez sobrinho. Da última vez que governou este lugar eu o mantive sob rédea curta. Desta vez só tenho uma exigência.

— E posso saber qual é?

— Lucro.

— Lucro?

— Tem alguma idéia, Rabban, de quanto nos custou trazer tamanha força militar para atingir os Atreides? Faz a mais leve suposição de quanto a Corporação cobra por transporte militar?

— Caro, hein?

— Caro!

O Barão apontou um braço gordo na direção de Rabban.

— Se você espremer Arrakis por cada centavo que ele nos possa dar, durante sessenta anos, você conseguirá apenas repor o que gastamos.

Rabban abriu a boca, e a fechou sem falar.

— Caro? — zombou o Barão. — O maldito monopólio da Corporação sobre o espaço nos teria arruinado se eu não tivesse planejado tudo isso há muito tempo, preparando-me para a despesa. Deve saber, Rabban, que nós custeamos tudo. Até pagamos pelo transporte dos Sardaukar.

Não era a primeira vez que o Barão perguntava a si próprio se ainda haveria um dia em que a Corporação pudesse ser lograda.

Eles eram insidiosos, cedendo apenas o suficiente para evitar que o freguês desistisse, até que pudessem tê-lo em suas mãos e forçá-lo a pagar, pagar e pagar.

E como sempre, as taxas mais exorbitantes recaíam sobre aventuras militares. — Taxas de risco — explicavam os escorregadios agentes da Corporação. E para cada agente que você pudesse inserir como cão de guarda no Banco da Corporação eles colocariam dois agentes em seu sistema.

"Insuportável!"

— Lucros, então — disse Rabban.

O Barão abaixou o braço, comprimindo a mão num punho.

— Você deve espremer!

— E posso fazer qualquer coisa que desejar, desde que esprema?

— Qualquer coisa.

— Aqueles canhões que trouxe. Poderia...

— Eu os estou removendo — respondeu o Barão.

— Mas...

— Você não precisará de tais brinquedos. Eles eram uma inovação especial e são agora inúteis. Precisamos de metal e eles não podem penetrar num escudo, Rabban. Eram apenas uma surpresa. Era previsível que os homens do Duque iriam se retirar para dentro das cavernas, nas colinas deste planeta abominável.

Nossos canhões apenas os selaram lá dentro.

— Mas os Fremen não usam escudos.

— Você poderá ficar com algumas armas laser, se o desejar.

— Sim, meu senhor; e ter as mãos livres para agir.

— Desde que esprema.

O sorriso de Rabban era maligno.

— Eu compreendo perfeitamente, meu senhor.

— Você não entende nada perfeitamente — rosnou o Barão. — Vamos deixar isto claro desde o início. O que entende é como cumprir minhas ordens. Já lhe ocorreu, sobrinho, que existem pelo menos cinco milhões de pessoas neste planeta?

— Será que o meu senhor se esquece de que eu fui o regente-siridar daqui por muito tempo? E se o meu senhor me perdoar, eu lhe direi que sua estimativa é muito baixa. É difícil contar uma população dispersa entre "pias" e "panelas", no modo como se distribuem por aqui. E quando se pensa nos Fremen do...

— Os Fremen não devem ser considerados; não vale a pena!

— Perdoe-me, meu senhor, mas os Sardaukar não pensam desse modo.

O Barão hesitou, olhando para o sobrinho.

— Você sabe de alguma coisa?

— Meu senhor já tinha saído quando eu cheguei na noite passada. Eu... ah, tomei a liberdade de contactar alguns dos meus tenentes do... período

anterior. Eles estiveram agindo como guias para os Sardaukar. E me relataram que um bando de Fremen embaseou uma força de Sardaukar, em algum lugar a sudeste daqui, e exterminou-a completamente.

— Exterminaram uma força de Sardaukar?

— Sim, meu senhor.

— Impossível!

Rabban encolheu os ombros.

— Fremen derrotando Sardaukar — zombou o Barão.

— Eu repito apenas o que me foi relatado. Dizem que essa força de Fremen já havia capturado o temível Thufir Hawat.

— Ahhh. — O Barão acenou sorrindo.

— Eu acredito no relatório — continuou Rabban. — Não tem idéia do problema que eram esses Fremen.

— Talvez. Só que não eram realmente Fremen o que os seus tenentes viram. Eles deviam ser soldados dos Atreides, treinados por Hawat e disfarçados como Fremen. É a única resposta possível.

Novamente Rabban encolheu os ombros.

— Bem, os Sardaukar acreditam que eles eram Fremen e já iniciaram um programa para exterminar completamente os Fremen.

— Ótimo!

— Mas...

— Isso manterá os Sardaukar ocupados. E nós logo teremos Hawat, eu sei! Eu posso senti-lo! Ah este foi verdadeiramente um grande dia! Os Sardaukar fora, caçando alguns inúteis bandos do deserto, enquanto nós recebemos o verdadeiro prêmio!

— Meu senhor... — Rabban hesitou, franzindo a testa. — Eu sempre senti que nós subestimamos os Fremen, em números e em...

— Ignore-os, rapaz! Eles são a ralé. São as cidades populosas, as vilas, que devem nos preocupar. Existem muitas pessoas por lá, não?

— Muitas, meu senhor.

— Elas me preocupam, Rabban.

— Preocupam?

— Oh... noventa por cento não darão problemas. Mas existem uns poucos... Casas Menores por exemplo, pessoas ambiciosas que podem tentar algo perigoso. Se uma delas saísse de Arrakis contando histórias desagradáveis sobre o que aconteceu por aqui eu ficaria muito aborrecido. Tem idéia de quão aborrecido eu ficaria?

Rabban engoliu em seco.

— Deve tomar medidas imediatas para manter um refém de cada uma das

Casas Menores — disse o Barão. Até onde qualquer um fora de Arrakis deve saber, esta foi uma batalha direta de Casa contra Casa. Os Sardaukar não participaram dela, você compreende? Ao Duque foi oferecido o refúgio normal e o exílio, mas ele morreu num infeliz acidente, antes que pudesse aceitar. E ele estava a ponto de aceitar. Esta é a história. E qualquer rumor de que havia Sardaukar aqui deve ser ridicularizado.

— Como o Imperador deseja — disse Rabban.

— Como o Imperador deseja.

— E quanto aos contrabandistas?

— Ninguém acredita em contrabandistas, Rabban. Eles são tolerados mas não possuem credibilidade. E, de qualquer modo, você estará gastando algumas propinas aqui e ali... e tomando outras precauções que tenho certeza poderá imaginar...

— Sim, meu senhor.

— Duas coisas de Arrakis, então, Rabban: lucro e uma mão implacável. Você não deve mostrar misericórdia aqui. Pense nesses tolos como eles são: escravos invejosos de seus senhores, esperando apenas uma oportunidade para se rebelarem. Não deve demonstrar o menor vestígio de piedade ou clemência para com eles.

— Pode alguém exterminar um planeta inteiro? indagou Rabban.

— Exterminar? — A surpresa mostrou-se no movimento rápido com que o Barão virou a cabeça. — Quem falou em exterminar?

— Bem, eu presumo que vá trazer uma nova população de colonos e...

— Eu disse “espremer”, sobrinho, não exterminar. Não desperdice a população, apenas leve-a até um estado de total submissão. Você deve ser um carnívoro, meu garoto. — O Barão sorriu, uma expressão de bebê no rosto gordo. — Um carnívoro nunca pára, jamais mostra clemência. Clemência é uma quimera. Pode ser superada pelo estômago roncando sua fome, pela garganta gritando sua sede. Deve estar sempre faminto e sedento. — E o Barão acariciou as protuberâncias debaixo dos suspensores.

— Como eu.

— Eu vejo, meu senhor.

Rabban olhou para a esquerda e para a direita.

— Está tudo claro, então, sobrinho?

— Exceto por uma coisa, tio: Kynes, o planetólogo.

— Ah sim, Kynes.

— Ele é o homem do Imperador, meu senhor. Ele pode ir e vir como desejar. E ele é muito chegado aos Fremen... casou-se com uma.

— Kynes estará morto amanhã, ao cair da noite.

— Isso é muito perigoso, tio. Matar um servo imperial.

— Como acha que cheguei aonde estou tão rapidamente? — A voz do Barão era baixa, carregada de adjetivos impronunciáveis. — Além disso, não precisaria temer que Kynes deixasse Arrakis. Esquece-se de que ele é viciado na especiaria?

— É claro!

— Aqueles que o sabem não farão nada para colocar em perigo seu próprio suprimento — acrescentou o Barão. — E Kynes deve saber, com certeza.

— Eu havia me esquecido.

Eles fitaram-se em silêncio, depois o Barão disse:

— Inicialmente, você deve fazer de meu próprio suprimento sua primeira preocupação. Tenho um estoque para uso pessoal, mas aquele ataque suicida dos homens do Duque pegou a maior parte do que possuíamos para venda.

— Sim, meu senhor.

O Barão pareceu animado.

— Amanhã de manhã, você reunirá o que restou de organização aqui e lhes dirá: — Nosso Sublime Imperador Padishah me encarregou de tomar posse deste planeta e terminar com todas as disputas.

— Eu compreendo, meu senhor.

— Desta vez tenho certeza que sim. Discutiremos isso com mais detalhes amanhã. Agora deixe-me terminar meu sono.

Desativou o campo da porta e observou o sobrinho sair.

“Um cérebro com a mente nos músculos”, pensou o Barão. “Eles estarão reduzidos a massa sangrenta quando ele terminar com eles. Então eu mandarei Feyd-Rautha para retirar-lhe essa carga e eles darão vivas ao seu salvador: “Amado Feyd-Rautha, Benigno Feyd-Rautha!, o Clemente Feyd-Rautha que nos salva da besta. Feyd-Rautha, um homem para seguir até a morte.” E o rapaz saberá então como oprimir com impunidade. Tenho certeza de que será a pessoa de que necessitamos. Vai aprender, e com um corpo tão adorável. Realmente um garoto adorável.”

27

Aos quinze anos de idade, ele já aprendera a silenciar.

— de História Infantil do Muad'Dib
escrito pela Princesa Irulan

Enquanto lutava com os controles do ornitóptero Paul tornou-se consciente de uma capacidade para perceber as forças da tempestade. Sua percepção mais sensível que a de um Mentat computava com base em frações de minúcias. Sentia as frentes de poeira, os rolos e entremeados de turbulência, o vórtex ocasional.

O interior da cabine era uma caixa iluminada pelo brilho verde dos painéis de instrumentos. O fluxo cor de bronze da poeira do lado de fora parecia uniforme, mas o sentido interior de Paul começava a ver através dessa cortina.

"Devo encontrar o vórtex certo", pensou.

Por algum tempo sentira a força da tempestade diminuindo, e no entanto ela ainda os sacudia. Esperou por outra turbulência.

O vórtex começou com uma abrupta onda de ar que sacudiu toda a aeronave. Paul desafiou o medo que sentia, a tentação para desviar o "tóptero" para a esquerda.

Jessica percebeu a manobra no globo indicador da posição de vôo.

— Paul! — gritou ela.

O vórtex os fez girar, inclinando e torcendo a aeronave. Levantou-a como uma lasca num gêiser, lançando-os para cima e para fora. Uma partícula alada dentro de um núcleo de poeira em espiral iluminado pela segunda lua.

Paul olhou para baixo, vendo o pilar de vento quente definido pela poeira que acabara de expeli-los, vendo a tempestade que enfraquecia estender-se como um rio seco sobre o deserto. Um movimento cinza ao luar tornando-se cada vez menor, embaixo, enquanto subiam na corrente ascendente.

— Estamos livres — sussurrou Jessica.

Paul virou a aeronave para longe da poeira, como uma ave de rapina preparando-se para mergulhar, e observou o céu noturno.

— Escapamos deles — respondeu ele.

Jessica sentia o coração bater e procurou acalmar-se olhando para a

tempestade que diminuía. Seu sentido de tempo lhe dizia que havia viajado dentro daquela mistura de forças da natureza durante quase quatro horas, mas outra parte de sua mente computava a passagem como uma vida inteira. Sentia-se renascer.

“Foi como a ladainha. Nós a aceitamos e não resistimos. A tempestade passou em torno e através de nós. Ela se foi, mas nós permanecemos.”

— Não gosto do som do movimento de nossas asas — disse Paul. — Sofremos alguns danos nesta área.

Sentia o vôo irregular através de suas mãos nos controles. Estavam fora da tempestade mas ainda dentro de sua visão presciente. E no entanto haviam escapado, e ele se sentia tremendo, na beira de uma revelação. Estremeceu.

A sensação era magnética e aterrorizante, e Paul se encontrou preso à indagação do que causara esse sua consciência trêmula.

Parte dela, ele sentia, era devida à dieta saturada de especiaria de Arrakis. Mas outra parte podia ter vindo da ladainha, como se as palavras possuíssem um poder em si mesmas.

“Eu não temerei...”

Causa e efeito: estava vivo a despeito das forças malignas, e se sentia à beira de uma auto-consciência que não poderia ter existido sem a mágica da ladainha.

Palavras da Bíblia Católica Laranja passaram em sua memória: “Que sentidos nos faltam que não podemos ver e ouvir o outro mundo que nos envolve?”

— Existe rocha à nossa volta — avisou Jessica.

Paul voltou sua atenção para o movimento do ornitóptero e sacudiu a cabeça para clarear a mente. Olhou para onde sua mãe apontara e viu formas rochosas erguendo-se negras sobre a areia, à frente e à direita. Sentia o vento em seus tornozelos e poeira na cabine. Um orificio em algum lugar, outro resultado da tempestade.

— Melhor pousar na areia — aconselhou Jessica. — As asas podem não aguentar uma frenagem total.

Ele indicou um lugar à frente, onde cumes erodidos pela areia se erguiam acima das dunas, iluminados pelo luar. — Vou descer perto daquelas rochas. Verifique seu cinturão.

Ela obedeceu, pensando: “Temos água e trajes-destiladores. Se pudéssemos encontrar alimento poderíamos sobreviver por um longo tempo neste deserto. Os Fremen vivem aqui, e o que eles podem fazer nós também podemos.”

— Corra para aquelas rochas no instante em que pararmos avisou Paul. —

Eu levarei o embrulho.

— Correr para... — ela começou a repetir, depois ficou em silêncio e assentiu. — Os vermes.

— Nossos amigos, os vermes — corrigiu ele. — Eles pegarão este “tóptero” e não restará indícios de onde pousamos.

“Como é direto o pensamento dele”, admirou-se Jessica.

Planaram cada vez mais baixo... mais baixo...

E então veio uma rápida sensação de movimento: sombras barradas de dunas, rochas elevando-se como ilhas. O “tóptero” atingiu o topo de uma duna com um leve solavanco, saltou sobre um vale de areia e tocou outra duna.

“Ele está reduzindo nossa velocidade de encontro à areia”, pensou Jessica, e admirou-se com a competência de Paul.

— Segure-se! — avisou ele.

Puxou os freios das asas, suavemente a princípio, depois cada vez com mais força. Sentiu-os apanhando o ar como conchas, sua altura caindo cada vez mais rápida. O vento uivava através das capas ligadas nas folhas das asas.

E de repente, com apenas uma leve sacudidela de aviso, a asa esquerda, enfraquecida pela tempestade, dobrou-se para cima, batendo de encontro ao lado do “tóptero”. A aeronave escorregou no topo de um duna e, virando para a esquerda, tombou na face oposta do monte de areia para enterrar o nariz na duna seguinte, em meio a uma cachoeira de areia. Afinal imobilizou-se, tombada sobre o lado da asa quebrada, a asa direita apontando para o céu estrelado.

Paul arrancou o cinto de segurança e lançou-se para cima, por sobre sua mãe, abrindo a porta da cabine. Areia escorreu para dentro, trazendo um odor de atrito em esmeril. Pegou o embrulho na traseira e viu que Jessica já se encontrava livre do cinturão. Subindo no lado do assento da direita ela saiu, pisando na pele metálica do “tóptero”. Ele a seguiu, arrastando a mochila do embrulho por suas correias.

— Corra! — ordenou.

Apontou para a face da duna mais além, onde podia ser visto um torreão de rocha cortada pela erosão. Jessica pulou de cima do ornitóptero e correu, tropeçando e se arrastando duna acima.

Ouviu o avanço ofegante de Paul atrás dela e afinal chegou no alto de uma crista de areia que curvava-se em direção às rochas.

— Siga ao longo da crista — ordenou ele. — Será mais rápido.

Avançaram com dificuldade, os pés afundando na areia.

Um novo som começou a chegar-lhes aos ouvidos: um sussurro baixo, um assovio característico de escorregar abrasivo.

— Verme! — disse Paul.

Ficava cada vez mais nítido.

— Rápido! — exclamou ofegante.

A primeira plataforma de pedra, como uma praia erguendo-se da areia, encontrava-se a menos de dez metros quando ouviram o esmagar e espatifar de metal atrás deles.

Paul colocou a mochila no braço direito, segurando-a pelas correias. Ela golpeava no lado do corpo enquanto ele corria. Segurou o braço de Jessica com a outra mão e os dois subiram na encosta rochosa, através de uma superfície coberta de cascalhos até um canal tortuoso, escavado pelo vento. Respiravam ofegantes, sentindo o ar seco na garganta.

— Não aguento mais correr — arquejou Jessica.

Paul parou, colocando-a em uma estreita passagem da rocha, depois voltou-se para olhar o deserto. Um monte de areia em movimento corria paralelo à sua ilha de rocha. Haviam ondulações à luz do luar, ondas de areia e uma cova, cercada por uma crista de areia quase no mesmo nível dos olhos de Paul, embora a uma distância aproximada de um quilômetro. As dunas achatadas em seu rastro curvavam-se uma vez, um laço curto fechando o trecho de deserto onde haviam abandonado o ornitóptero destroçado.

E onde estivera o verme, não havia sinal da aeronave. O monte escavado moveu-se para o deserto, depois voltou-se sobre seu próprio rastro como se procurasse alguma coisa.

— É maior que uma nave da Corporação — sussurrou Paul. Disseram-me que os vermes cresciam muito no deserto profundo, mas eu não percebia como poderiam ser grandes.

— Nem eu.

Novamente a coisa afastou-se das rochas, acelerando agora numa trilha curva em direção ao horizonte. Eles ouviram até que o som de sua passagem se perdeu no suave sussurrar da areia ao redor.

Paul respirou fundo e olhou para a escarpa que a luz do luar fazia parecer coberta de geada. Uma citação do Kitab al-Ibar escapou de seus lábios :

— “Viajar à noite e repousar nas sombras durante o dia.” — Olhou para sua mãe. — Ainda temos algumas horas de noite. Pode continuar?

— Num momento.

Caminhou por cima da plataforma natural de pedra, colocando a mochila sobre o ombro e ajustando suas correias. Parou um instante com a parabússola em suas mãos.

— Quando estiver pronta.

Ela se afastou da fenda na rocha, sentindo sua força retornar.

— Que direção?

— Para onde esta crista rochosa levar — apontou ele.

— Para o interior do deserto — disse ela.

— O deserto dos Fremen — murmurou Paul.

Parou, chocado pela lembrança da imagem em alto-relevo, que vira com sua visão presciente quando ainda em Caladan. Havia visto esse deserto mas o aspecto da visão fora então sutilmente diferente, como uma imagem ética que desaparecera em sua consciência, absorvida pela memória, e agora falhava em apresentar um registro perfeito ao ser projetada sobre o cenário real. A visão parecia ter mudado, apresentando-se de um ângulo diferente enquanto ele permanecia imóvel.

"Idaho estava conosco na visão", lembrou-se ele. "Mas agora Idaho está morto."

— Pode ver um caminho para seguirmos? — indagou Jessica, confundindo sua hesitação.

— Não — respondeu Paul. — Mas vamos assim mesmo.

Ajustou a mochila mais firmemente nos ombros e subiu um canal escavado na rocha pela areia e o vento. O canal se abria para um piso rochoso, iluminado pelo luar, que se elevava numa série de degraus sucessivos em direção ao sul.

Paul dirigiu-se para o primeiro desses degraus e subiu nele. Jessica o seguia logo atrás.

Dentro em pouco ela percebia como sua vida se centrava agora em questões imediatas, específicas: os bolsões de areia entre as rochas, onde seus passos se tornavam mais lentos, as arestas de rocha esculpidas pelos ventos que cortavam suas mãos, as obstruções que forçavam a uma escolha; passar por cima ou dar a volta?

O terreno impunha-lhes os seus próprios ritmos e eles falavam apenas quando necessário, as vozes roucas de exaustão.

— Cuidado agora. Esta saliência tem areia escorregadia.

— Tenha cuidado para não bater com a cabeça nesta projeção.

— Fique abaixo desta crista; a lua está atrás de nós e revelaria nossos movimentos a qualquer um lá em cima.

Paul parou em uma dobra da rocha e colocou a mochila sobre uma estreita plataforma.

Jessica recostou-se ao seu lado, grata pelo momento de repouso.

Ouviu-o sugando o tubo do traje-destilador e imitou-o, bebendo sua própria água reciclada. O gosto era salobro e ela se lembrou das águas de Caladan. Uma fonte alta envolvendo uma curva de céu, numa riqueza de umidade que não se fazia notar por si mesma... somente por sua forma, seus

reflexos ou seu som, quando ela parou ao seu lado.

"Parar", pensou. "Para repousar... para repousar verdadeiramente."

Ocorreu-lhe então que a compaixão residia na capacidade para parar, ainda que por apenas um momento. Não haveria compaixão onde não houvesse pausas...

Paul ergueu-se sobre a saliência rochosa, virou-se uma vez, depois subiu por uma superfície inclinada. Jessica seguiu-o com um suspiro.

Escorregaram para uma ampla prateleira natural que se inclinava ao redor de um penhasco íngreme. Novamente entravam no ritmo irregular, forçado pelo movimento em terreno acidentado.

Jessica sentia a passagem da noite dominada pelo tipo de substância abaixo de seus pés e mãos. Rochas, pedras arredondadas, ou então pedras irregulares, areia granulosa, areia fina, poeira ou pó.

O pó entupia os filtros nasais e tinha de ser soprado para fora.

A areia granulada e as pedras redondas rolavam sobre a superfície dura, podendo facilmente derrubar o descuidado. As pedras irregulares cortavam.

Por fim, havia os onipresentes bolsões de areia, afundando sob seus pés.

Paul parou subitamente numa saliência de rocha, apoiando sua mãe quando esta cambaleou ao seu lado.

Apontou para a esquerda e ela olhou ao longo de seu braço, para ver que se encontravam no topo de uma colina, com o deserto se estendendo embaixo como um oceano estático, duzentos metros sob a encosta. Lá estavam as ondas prateadas pelo luar, sombras de ângulos que se convertiam em curvas e ao longe, na distância, elevava-se a mancha cinzenta e enevoada de outra escarpa.

— Deserto aberto — disse ela.

— Um trecho muito amplo para atravessar — respondeu ele, com a voz abafada pelo filtro sobre o rosto.

Jessica olhou para a esquerda e para a direita. Nada senão areia lá embaixo.

Paul observava diretamente à frente através das dunas, olhando o movimento das sombras na passagem da lua. — Uns três ou quatro quilômetros de extensão.

— Vermes? — indagou Jessica.

— Certamente que existirão — respondeu ele.

Ela voltou sua atenção para o próprio cansaço, para a dor muscular que lhe entorpecia os sentidos. — Não deveríamos repousar e comer?

Paul retirou a mochila dos ombros e sentou-se, inclinando-se sobre o pacote. Jessica apoiou-se com a mão sobre os ombros dele, enquanto deitava na rocha ao seu lado. Sentiu Paul se virar enquanto ela se acomodava, ouviu-o

remexer no embrulho.

— Aqui está — disse.

Sua mão parecia seca contra as dela, enquanto ele colocava duas cápsulas energéticas em sua palma.

Jessica as engoliu com um relutante gole de água do tubo do traje-destilador.

— Beba toda a sua água — aconselhou Paul. — Axioma: “O melhor lugar para conservar sua água é em seu próprio corpo. Ela mantém sua energia e você se sentirá forte. Confie em seu traje-destilador.”

Ela obedeceu, esvaziando todas as bolsas de recolhimento através do tubo e sentindo as forças retornarem. Pensou então quão pacífico era o lugar nesse momento de cansaço, e lembrou-se de ter ouvido uma vez Gurney Halleck, o menestrel-guerreiro, dizer: “Melhor uma refeição seca e a quietude do que uma casa cheia de lutas e sacrifícios.”

Repetiu as palavras para Paul.

— Este era o Gurney — respondeu ele.

Jessica captou o tom de voz, o modo como ele falava de alguém já morto e pensou: “O pobre Gurney pode muito bem estar morto.” As forças dos Atreides resumem-se agora aos mortos, aos cativos e aos perdidos, como eles, nesse vazio seco.

— Gurney sempre tinha a citação certa — comentou Paul. Posso ouvi-lo agora: “E eu farei os rios secarem, e venderei a Terra aos perversos. Farei da terra um deserto e tudo que nela houver estará nas mãos dos estrangeiros.”

Jessica fechou os olhos e sentiu-se à beira das lágrimas, comovida pela ternura na voz de seu filho.

Algum tempo depois Paul indagou:

— Como... se sente?

Ela percebeu que a pergunta era dirigida em consideração ao seu estado de gravidez.

— Sua irmã só nascerá daqui a muitos meses. Eu me sinto... fisicamente adequada.

E pensou admirando-se: “Como eu falo com uma formalidade tão rígida ao meu próprio filho!” E já que era da natureza de uma Bene Gesserit buscar em seu interior a resposta para qualquer dúvida, ela pesquisou encontrando a fonte de sua formalidade: “Tenho medo de meu filho; temo sua estranheza; temo o que ele possa ver adiante de nós, o que ele possa me revelar.”

Paul puxou o capuz sobre os olhos, ouvindo os sons da noite.

Seu nariz coçava e ele o esfregou removendo o filtro. Tomou consciência então do rico odor de canela.

— Existe especiaria melange aqui por perto — disse.

Um vento do norte acariciou-lhe o rosto, ondulando as dobras do albornoz. Esse vento todavia não carregava a ameaça de tormenta, ele podia sentir a diferença.

— A aurora se aproxima — disse.

Jessica acenou com a cabeça, concordando.

— Existe um meio de atravessar em segurança aquele trecho de areia. Os Fremen costumam fazê-la.

— Por causa dos vermes?

— Se colocássemos um batedor do nosso estojo Fremen aqui nas rochas, ele manteria os vermes ocupados por algum tempo.

Jessica olhou para a extensão do deserto banhado pelo luar, separando-os da outra escarpa. — Tempo para atravessar quatro quilômetros?

— Talvez. Se atravessarmos tendo o cuidado de fazer apenas ruídos naturais, do tipo que não atrairá vermes...

Paul observou a extensão aberta de deserto, questionando sua memória presciente, sondando as misteriosas alusões a batedores e ganchos de produtor, no manual do estojo Fremen que viera com sua mochila de fuga. Achou estranho que tudo que sentisse fosse um terror penetrante ao pensar nos vermes. Sabia, como se tal conhecimento se encontrasse exatamente na extremidade de sua percepção, que os vermes deviam ser respeitados, não temidos... se... se...

Sacudiu a cabeça.

— Terão que ser sons destituídos de ritmo — observou Jessica.

— O quê? Oh, sim. Se amortecermos nossos passos... a areia deve ser remexida, às vezes. Os vermes não podem investigar cada pequeno som. Devemos estar completamente repousados antes de tentar.

Observou a outra muralha de rocha, notando a passagem do tempo nas sombras verticais lançadas pela lua. — O dia nascerá dentro de uma hora.

— Onde passaremos o dia? — indagou ela.

Paul voltou-se para a esquerda e apontou:

— Aquela colina curva-se para o norte, lá embaixo. Pode ver o modo como é escavada pela erosão em sua face voltada para o vento? Devem existir fendas profundas lá.

— Devemos ir agora?

Ele se levantou, ajudando-a a pôr-se de pé.

— Sente-se suficientemente repousada para a descida? Quero chegar o mais próximo que puder do nível do deserto antes que acampemos.

— O suficiente — respondeu ela, indicando-lhe que liderasse a descida.

Paul hesitou, depois levantou o embrulho, colocando-o sobre os ombros e

começando a descer a elevação.

“Se ao menos nós tivéssemos suspensores”, pensou Jessica. “Seria uma simples questão de pular até lá embaixo. Mas talvez suspensores sejam outra coisa a ser evitada no deserto. Talvez atraiam os vermes, como fazem os escudos.”

Chegaram a uma série de prateleiras, sobrepostas em degraus descendentes, e além delas viram uma fenda, com a borda delineando-se à luz do luar.

Paul movia-se cautelosamente, apressando-se um pouco por ser óbvio que a luz da lua não duraria muito tempo. Serpentearam para baixo, penetrando num mundo de sombras cada vez mais profundas. Formas rochosas erguiam-se para as estrelas ao redor.

A fenda estreitou-se, até a largura de dez metros, na borda de um declive de areia cinzenta que se inclinava para baixo, sumindo na escuridão.

— Podemos descer? — indagou Jessica.

— Creio que sim.

Testou a superfície com um dos pés.

— Podemos escorregar. Eu irei na frente. Espere até ouvir que parei.

— Cuidado — recomendou ela.

Paul colocou-se sobre o declive e deslizou, escorregando para baixo sobre uma superfície fofa até atingir um chão de areia compactada. O lugar encontrava-se bem no interior das muralhas de rocha. Ouviu um som de areia deslizando às suas costas. Tentou enxergar alguma coisa encosta acima na escuridão e quase foi derrubado pela avalanche. Depois silêncio.

— Mamãe? — chamou.

Não houve resposta.

— Mamãe?

Deixou cair a mochila e lançou-se pelo declive acima, tropeçando, escavando, lançando areia para os lados como um homem enlouquecido.

— Mamãe! — gritou ofegante. — Mãe, onde está você?

Outro deslizamento de areia o atingiu, enterrando-o até os quadris. Conseguiu se arrastar para fora.

“Ela foi apanhada no deslizamento”, pensou. “Enterrada. Devo me acalmar e agir com cuidado. Ela não vai sufocar imediatamente. Vai se colocar num estado de suspensão bindu para reduzir sua necessidade de oxigênio. Ela sabe que vou escavar à sua procura.”

Usando o método Bene Gesserit que Jessica lhe ensinara, Paul reduziu o ritmo acelerado de seu coração, e colocou sua mente vazia como uma lousa em branco, sobre a qual os momentos passados pudessem se inscrever. Cada

mudança ou movimento durante o deslizamento repetiu-se então em sua memória, acontecendo com uma lentidão interior que contrastava com a fração de segundo do tempo real necessário a uma lembrança completa.

Daí á pouco ele avançou diagonalmente pela encosta acima, sondando cautelosamente até encontrar a parede da fenda, uma curva de rocha adiante. Começou a escavar, movendo a areia com extremo cuidado para evitar outro deslizamento. Uma dobra de tecido chegou às suas mãos e ele a seguiu encontrando um braço. Suavemente acompanhou o comprimento do braço até descobrir o rosto.

— Pode me ouvir?

Nenhuma resposta.

Escavou mais rapidamente, livrando os ombros. Jessica parecia lânguida sob suas mãos, mas ele detectou uma fraca batida cardíaca.

“Suspensão bindu”, pensou.

Tirou a areia expondo-lhe o corpo até a cintura, colocou os braços sob seus ombros e arrastou-a declive abaixo, lentamente a princípio, depois com rapidez, à medida que sentia a areia deslizar acima. Ofegante com o esforço, lutando para manter o equilíbrio, ele puxou-a cada vez mais rápido, até sentir o piso compactado da fenda sob seus pés. Então, colocou Jessica sobre seu ombro e saiu disparado, enquanto todo o declive arenoso desabava com um assovio alto que ecoou amplificado dentro das paredes rochosas.

Parou na extremidade da fenda, no ponto em que esta se abria para as dunas sucessivas do deserto, uns trinta metros abaixo, e suavemente colocou Jessica sobre a areia, murmurando a palavra-chave para retirá-la do estado cataléptico.

Ela despertou lentamente, inspirando de modo profundo, seguidamente.

— Sabia que me encontraria — sussurrou.

Ele olhou para trás, em direção ao interior da fenda.

— Talvez fosse melhor se eu não tivesse.

— Paul!

— Perdi o embrulho — disse ele. — Está enterrado sob centenas de toneladas de areia, no mínimo.

— Tudo?

— A reserva de água, a tenda destiladora, tudo que é importante. — Tocou o bolso. — Ainda tenho a parabússola. — Remexeu no cinturão: — Faca e binóculos. Poderemos dar uma boa olhada ao redor do lugar em que vamos morrer.

Naquele instante o sol se levantou acima do horizonte, em algum ponto à esquerda, além da extremidade da fenda. Cores cintilaram na areia sobre o

deserto; mais além, um coro de pássaros entoou suas canções de dentro de seus ninhos ocultos nas rochas.

Jessica tinha olhos apenas para o desespero estampado no rosto de Paul. Procurou colocar um tom de desprezo na voz:

— Foi desse modo que você foi ensinado?

— Não compreende? Tudo de que precisamos para sobreviver neste lugar está sob a areia.

— Você me encontrou — disse ela, e agora sua voz era suave, compreensiva.

Paul agachou-se, olhando dentro em pouco para o novo declive de areia no alto da fenda, estudando-o, calculando o modo como a areia devia se encontrar solta.

— Se pudéssemos imobilizar uma pequena área daquele declive e a face superior de um buraco escavado na areia, seríamos capazes de abrir caminho até o embrulho. A água poderia fazer isso, mas não temos água suficiente para...

— Ele interrompeu a frase, pensando: “Espuma!”

Jessica manteve-se imóvel, tentando não perturbar o hiperfuncionamento da mente de Paul.

Ele olhou para as dunas, buscando com seu olfato e com os olhos, encontrando a direção, e então centrando sua atenção em uma mancha de areia escura abaixo.

— Especiaria — disse. — Sua essência é altamente alcalina. E eu tenho o paracompasso; sua fonte de energia tem base ácida.

Jessica recostou-se ereta de encontro a uma rocha. Paul ignorou-a, ficando de pé e correndo para baixo, ao longo da superfície compactada pelo vento, que se derramava da extremidade da fenda até o solo do deserto.

Ela observou, notando como ele descontinuava seus passos: um passo, pausa, dois passos... escorregando... pausa...

Não havia ritmo que pudesse revelar a um verme que algo alheio ao deserto se movia aqui.

Paul chegou até o trecho de especiaria, colocou um monte dentro de uma dobra do manto e retornou para a fenda. Derramou a especiaria sobre a areia diante de Jessica, agachou-se e começou a desmontar a parabússola com a ponta da faca. A face do instrumento soltou-se, ele removeu o cinturão e espalhou as peças sobre a faixa de pano, depois retirou a unidade de força. O mecanismo do mostrador saiu em seguida, deixando a caixa em forma de pires completamente vazia.

— Vai precisar de água — observou Jessica.

Paul sugou um bocado de água do tubo do traje, preso ao seu pescoço, e a

expeliu dentro da caixa da bússola.

“Se ele falhar, esta água está desperdiçada”, pensou Jessica.

“Mas isso não importará então, de qualquer modo.”

Usando a faca Paul cortou a unidade de força, abrindo-a para derramar seus cristais dentro da água. Eles espumaram um pouco e assentaram.

Os olhos de Jessica captaram um movimento acima. Ela olhou vendo uma fila de falcões empoleirados na borda da fenda. Eles olhavam para baixo, em direção à água exposta.

“Grande Mãe! Eles podem sentir a água até mesmo a esta distância.”

Paul recolocara a tampa na parabússola deixando um pequeno orifício onde deveria ser ajustado o botão de regulagem. Com o instrumento modificado numa das mãos e um punhado de especiaria na outra, voltou para a fenda, estudando a inclinação do declive. Sua roupa se enfunava ao vento, sem o cinturão para contê-la. Subiu parte do caminho acima do alude de areia erguendo poeira, provocando pequenos deslizamentos.

Daí a pouco parou, pressionando uma pitada de especiaria dentro da parabússola e sacudindo o estojo do instrumento.

A espuma verde borbulhou para fora do orifício deixado pelo botão de regulagem. Paul dirigiu-a para o declive, formando um dique baixo e removendo a areia por baixo dele, enquanto imobilizava as paredes da abertura com mais espuma.

Jessica foi até uma posição abaixo e perguntou:

— Posso ajudar?

— Suba e escave, ainda faltam três metros, vai ser por pouco.

— Enquanto ele falava a espuma parou de sair do instrumento.

— Rápido — pediu. — Não há modo de saber durante quanto tempo a espuma conterá a areia.

Jessica correu para o seu lado enquanto Paul colocava outra pitada de especiaria dentro do orifício e sacudia o estojo da parabússola. Novamente a espuma saiu fervilhando.

Enquanto ele direcionava a barreira de espuma, Jessica escavava com ambas as mãos, arremessando areia declive abaixo.

— Qual é a profundidade? — perguntou ela ofegante.

— Uns três metros. Só tenho a posição aproximada. Podemos ter que alargar este buraco. — Moveu-se um passo para o lado escorregando na areia solta. — Incline sua escavação para trás. Não vá perpendicularmente.

Jessica obedeceu enquanto lentamente o buraco se aprofundava.

Chegou finalmente ao nível da depressão sem obter nenhum sinal do embrulho.

“Terei calculado mal?”, perguntou ele de si para si. “Fui eu que entrei em pânico primeiro, causando tudo. Terá isso prejudicado minha habilidade?

Olhou para a bússola. Menos de duas onças de infusão ácida permaneciam. Jessica, de pé no fundo do buraco, passou a mão cheia de espuma sobre o rosto e respondeu ao olhar de Paul.

— A face superior — disse. — Com cuidado agora. — Adicionou outra porção de especiaria dentro da caixa e derramou a espuma borbulhante em torno das mãos de Jessica, enquanto ela começava a escavar uma face vertical no declive superior do buraco. Na segunda passada suas mãos encontraram alguma coisa dura. Lentamente, puxou para fora o trecho de uma correia com uma fivela plástica.

— Não mova nem mais um pouco — disse Paul, quase num sussurro.

Jessica segurou a correia com uma das mãos, olhando para ele.

O rapaz jogou a parabússola vazia no fundo da depressão e explicou:

— Dê-me sua outra mão, e ouça cuidadosamente: vou puxá-la para o lado e para baixo. Não solte esta correia. Não receberemos mais nenhum desabamento do alto; este declive já se estabilizou.

Tudo que vou fazer é manter sua cabeça fora da areia. Uma vez que o buraco esteja cheio, poderemos escavar para que você saia, e puxar o embrulho.

— Compreendo.

— Pronta?

— Pronta.

Fechou os dedos com força sobre a correia. Com um único puxão Paul a colocou com metade do corpo para fora do buraco, segurando-lhe a cabeça para cima enquanto a barreira de espuma cedia e a areia se derramava enchendo o orifício. Quando o deslizamento parou, Jessica encontrava-se enterrada até a cintura, o braço e o ombro esquerdos ainda sob a areia, o queixo protegido numa dobra do manto de Paul. Sentia o ombro doer com o esforço colocado sobre ele.

— Ainda estou segurando a correia.

Lentamente Paul abriu caminho na areia ao lado dela até encontrar a correia.

— Juntos agora. Pressão firme, não podemos para-la.

Mais areia se derramou do alto, enquanto eles retiravam o embrulho. Quando a correia chegou à superfície Paul parou e ajudou a mãe a libertar-se da areia. Juntos puxaram o pacote declive abaixo, para fora da armadilha.

Minutos depois encontravam-se no solo da fenda, segurando o embrulho entre eles.

Paul observou a mãe. A espuma manchava-lhe o rosto e o manto, a areia prendia-se em flocos onde a espuma secara. Ela parecia ter acabado de servir de

alvo para bolas de areia verde e úmida.
— Você está horrível.
— E você também não está muito bonito — respondeu ela.
Ambos começaram a rir mas logo a seriedade voltou.
— Aquilo não devia ter acontecido — disse ele. — Eu fui descuidado.
Jessica encolheu os ombros, sentindo as pelotas de areia caírem de seu manto.
— Eu vou erguer a tenda — disse ele. — É melhor tirar esse manto e sacudi-lo.
Voltou-se, pegando o embrulho. Ela se limitou a acenar, sentindo-se subitamente cansada demais para responder.
— Existem buracos de escoras na pedra. Alguém já ergueu tendas por aqui antes de nós.
"Por que não?", pensou Jessica enquanto limpava a roupa. Este era um ótimo lugar, protegido entre paredes de rocha e de frente para outra elevação quatro quilômetros adiante. Suficientemente elevado acima do deserto para evitar os vermes, mas suficientemente próximo para permitir fácil acesso antes de uma travessia.
Observou que o filho já tinha a tenda armada, com seu hemisfério camuflado nas paredes de rocha da fenda. Ele passou por ela erguendo o binóculo. Ajustou a pressão interna com uma rápida torção, focalizando as lentes de óleo no outro penhasco, que se erguia dourado à luz da manhã.
Jessica ficou olhando enquanto Paul estudava aquele panorama apocalíptico, seus olhos sondando os rios de areia e os desfiladeiros.
— Existem coisas crescendo por lá — disse ele.
Ela encontrou o binóculo sobressalente no embrulho ao lado da tenda e foi para junto dele.
— Lá — apontou Paul, enquanto segurava o binóculo com a outra mão.
— Saguaro — disse ela. — Planta de região seca.
— Pode haver gente por perto.
— Ou pode ser o remanescente de uma estação botânica de testes — advertiu ela.
— Isso é muito para o sul, deserto adentro — respondeu ele.
Abaixou o binóculo esfregando a mão embaixo do abafador do filtro, sentindo como estavam secos e rachados seus lábios, provando o gosto poeirento da sede na boca.
— Aquilo tem a aparência de um lugar de Fremen — observou.
— Tem certeza de que os Fremen serão amistosos? indagou Jessica.
— Kynes prometeu ajudar.

“Mas existe desespero entre o povo do deserto”, pensou ela. “Eu mesma o senti hoje. E pessoas desesperadas podem nos matar por causa de nossa água.” Fechou os olhos, e contra essa desolação invocou em espírito uma cena de Caladan. Houvera uma vez uma viagem de férias. Ela e o Duque Leto, antes do nascimento de Paul, voando sobre as selvas do sul, por sobre os ricos leitos de plantas aquáticas e ervas silvestres. Havia visto fileiras de homens como formigas, levando cargas em paus colocados sobre os ombros, dotados de flutuação suspensora. E nas vastidões do mar, as pétalas brancas, em forma de triângulo, dos trimarans.

Tudo perdido.

Abriu os olhos para a imobilidade do deserto, para o calor crescente do dia. Incansáveis redemoinhos de ar aquecido começavam a tremular nas dunas. A face do outro penhasco parecia vista através de uma lente ordinária.

Um derramamento de areia espalhou sua breve cortina sobre a extremidade aberta da fenda. A areia escorreu sussurrante, solta pela brisa da manhã, solta pelos falcões que começavam a alçar vôo do alto da elevação. Quando o deslizamento terminou, permaneceu um assovio que se tornou cada vez mais alto. Um som que uma vez ouvido nunca era esquecido.

— Verme — sussurrou Paul.

Veio da direita, com uma imponência natural, que não poderia ser ignorada. Um monte de areia seguido de um sulco serpenteante, cortando caminho através das dunas para dentro do campo de visão. O monte se ergueu na frente, lançando poeira para os lados, como a onda na proa de um barco e depois se foi, seguindo para a esquerda.

O som diminuiu, morreu.

— Já vi fragatas espaciais que eram menores — disse Paul.

Jessica acenou com a cabeça, continuando a olhar para o deserto. Onde o verme passara permanecia aquele sulco assustador, parecendo seguir interminavelmente diante deles.

— Quando tivermos repousado — disse ela —, continuaremos com suas lições.

Ele conteve uma raiva súbita.

— Mãe, não acha que podíamos dispensar...

— Hoje você entrou em pânico — respondeu. — Conhece sua mente e o sistema nervoso bindu de seu corpo melhor do que eu, mas ainda tem muito que aprender quanto à musculatura prana. O corpo faz coisas em si mesmo, às vezes, Paul, e eu devo lhe ensinar a respeito. Precisa aprender a controlar cada músculo, cada fibra de seu corpo. Vamos começar com as mãos. Primeiro os músculos dos dedos, os tendões da palma e a sensibilidade das pontas. — Levantou-se. —

Venha, vamos para a tenda agora.

Ele flexionou os dedos da mão esquerda, observando Jessica se arrastar para dentro da válvula-esfíncter e sabendo que não poderia afastá-la de sua determinação... Devia concordar.

“Não importa o que tenham feito de mim. Eu sou uma parte disto”, pensou.

Começar pelas mãos!

Olhou para sua mão, que lhe pareceu extremamente inadequada, quando comparada a criaturas como os vermes.

28

Nós viemos de Caladan. Um mundo que era um paraíso para nossa forma de vida. Não havia necessidade, em Caladan, de construir paraísos físicos ou mentais, nós podíamos ver o paraíso à nossa volta. E o preço que pagamos por ele foi o preço que os homens sempre pagam ao conquistar um paraíso em suas vidas: nós nos tornamos indolentes e perdemos a fibra.

— de Conversas com o Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

— Então você é o grande Gurney Halleck — disse o homem.

Halleck, de pé, olhava através da caverna circular do escritório para o homem sentado atrás da mesa metálica. O homem usava mantos Fremen, mas tinha os olhos apenas parcialmente tingidos de azul, revelando uma dieta de alimentos provenientes de fora do planeta. O escritório era uma réplica do centro de controle-mestre de uma fragata espacial — sistemas de comunicação e telas de vídeo ao longo de trinta graus do arco formado pela parede circular, bancos de armamento e disparo remoto laterais e a escrivaninha formada de uma projeção da parede — parte da curva remanescente.

— Eu sou Staban Tuek, filho de Esmar Tuek — disse o contrabandista.

— Então é um daqueles a quem agradeço a ajuda que recebemos — respondeu Halleck.

— Ah, gratidão — murmurou o contrabandista. — Sente-se.

Um assento-concha, do tipo usado em naves espaciais, emergiu da parede ao lado das vídeo-telas, e Halleck deixou-se afundar dentro dele com um suspiro, sentindo o cansaço. Podia ver seu próprio reflexo na superfície negra polida ao lado do contrabandista, e fez uma expressão aborrecida ao perceber as linhas de fadiga no rosto gordo. A cicatriz de inkvine ao longo de sua mandíbula contorceu-se com a expressão carrancuda.

Halleck deixou de lado seu reflexo e olhou para Tuek. Percebia a semelhança familiar agora. As mesmas sobrancelhas espessas do pai, os mesmos planos do rosto e do nariz.

— Seus homens me dizem que seu pai está morto, assassinado pelos

Harkonnen — disse Halleck.

— Pelos Harkonnen ou pelo traidor entre sua própria gente?

O ódio dominou parte do cansaço de Halleck. Ele se ergueu parcialmente no assento. — Pode apontar o traidor?

— Não temos certeza.

— Thufir Hawat suspeitava de Lady Jessica.

— Ah, a bruxa Bene Gesserit... talvez. Mas Hawat é agora um prisioneiro dos Harkonnen.

— Eu ouvi. — Halleck respirou fundo antes de continuar. Parece que teremos de continuar a matança.

— Não fará nada que atraia a atenção sobre nós — disse Tuek.

— Mas...

— Você e aqueles seus homens que salvamos são bem-vindos ao santuário entre nós. Você fala em gratidão. Muito bem, pague o seu débito para conosco. Sempre podemos usar bons homens. Mas os destruiremos imediatamente se fizerem o mais leve movimento explicito contra os Harkonnen.

— Mas eles mataram o seu pai, homem!

— Talvez. E se assim for eu lhe darei a resposta de meu pai para aqueles que agem sem pensar: “Uma pedra é maciça e a areia é pesada, mas a ira de um tolo pesa mais ainda.”

— Quer dizer que não fará nada, então? — perguntou Halleck sarcástico.

— Não me ouviu dizer isso. Eu apenas disse que vou proteger o nosso contrato com a Corporação. E a Corporação exige que joguemos um jogo cauteloso. Existem outros modos de se destruir um inimigo.

— Ahhhh...

— Ah, de fato. Se tem em mente procurar a bruxa, pode fazê-lo. Mas devo avisá-lo de que é provavelmente muito tarde... e duvidamos de que ela seja a pessoa que procura, em todo caso.

— Hawat cometia muito poucos erros — disse Halleck.

— Ele se deixou cair nas mãos dos Harkonnen — disse Tuek.

— Acredita que ele seja o traidor?

Tuek encolheu os ombros.

— Isso é acadêmico. Achamos que a bruxa está morta. Pelo menos os Harkonnen pensam assim.

— Parece conhecer um bocado a respeito dos Harkonnen.

— Indícios e sugestões... rumores e palpites.

— Temos setenta e quatro homens — disse Halleck. — Se deseja seriamente que nos coloquemos a seu serviço, deve acreditar que o nosso Duque está morto.

— Seu corpo foi visto.

— E o do rapaz também? O jovem mestre Paul? — Halleck tentou engolir, sentindo um aperto na garganta.

— De acordo com as últimas notícias que tivemos ele se perdeu com a mãe em uma tempestade no deserto. É provável que nem mesmo os seus ossos sejam encontrados.

— Ah, sim, a bruxa está morta também... todos mortos.

Tuek acenou.

— E eles dizem que Rabban, a Besta, sentará uma vez mais sobre o trono do poder aqui em Duna.

— O Conde Rabban de Lankiveil?

— Sim.

Halleck precisou de um momento para conter a onda de ódio que ameaçou sufocá-lo. Afinal, falou com a respiração acelerada:

— Eu tenho minha conta pessoal a ajustar com Rabban. Devo a ele a perda de minha família e... — coçou a cicatriz ao longo do queixo — ... e isto.

— Não se arrisca tudo para realizar uma vingança prematura — disse Tuek, e franziu a testa ao ver o tremer dos músculos ao longo do queixo de Halleck, o súbito distanciamento nos olhos entreabertos.

— Eu sei... eu sei... — Halleck respirou fundo.

— Você e seus homens podem pagar sua passagem para fora de Arrakis trabalhando para nós. Existem muitos lugares para...

— Libertarei meus homens de qualquer obrigação para comigo. Eles podem escolher por si mesmos. Com Rabban aqui, eu fico.

— Com esse estado de espírito, não tenho certeza se desejamos que fique.

Halleck encarou o contrabandista.

— Duvida de minha palavra?

— Não...

— Você me salvou dos Harkonnen. Dei minha lealdade ao Duque Leto sem outra razão além dessa. Ficarei em Arrakis... com vocês ou com os Fremen.

— Se um pensamento é enunciado, em palavras ou não, ele constitui algo real e tem sua força. Você pode descobrir que a linha entre a vida e a morte, junto aos Fremen, é nítida e curta.

Halleck fechou os olhos brevemente, sentindo o cansaço dominá-lo. — "Onde está o Senhor que nos guiou através da terra dos desertos e dos fossos?" — murmurou ele.

— Mova-se com calma e o dia da vingança chegará — aconselhou Tuek. — A pressa é um artifício de Shaitan. Contenha sua mágoa — nós temos remédios para isso; três coisas que acalmam o coração ferido água, grama verde

e a beleza de uma mulher.

Halleck abriu os olhos:

— Eu preferiria o sangue de Rabban Harkonnen fluindo aos meus pés. — Olhou para Tuek. — Acredita que esse dia chegará?

— Não tenho nenhuma relação com os modos como encontrará seu futuro, Gurney Halleck. Só posso ajudá-lo a enfrentar o presente.

— Então aceitarei essa ajuda e ficarei até o dia em que me disser que posso vingar seu pai e todos os outros a quem...

— Ouça-me, guerreiro — disse Tuek, inclinando-se para a frente sobre a mesa, os ombros erguidos e os olhos atentos. O rosto do contrabandista era como pedra gasta. — A água de meu pai eu mesmo a comprarei de volta, com a lâmina de minha espada.

Halleck observou Tuek e naquele momento o contrabandista fez com que se lembrasse do Duque Leto: um líder de homens, corajoso, seguro de sua posição e do rumo a seguir. Tuek era como o Duque... antes de Arrakis.

— Deseja a minha espada ao seu serviço? — indagou Halleck.

Tuek recostou-se no assento, relaxando, observando Halleck em silêncio.

— Considera-me um guerreiro? — insistiu Halleck.

— Você foi o único entre os tenentes do Duque a conseguir escapar. Seu inimigo era esmagador e no entanto você se deixou rolar com ele... Você o derrotou do modo como derrotamos Arrakis.

— Ah?

— Nós vivemos com paciência e tolerância aqui, Gurney Halleck — disse Tuek. — Arrakis é o nosso inimigo.

— Um inimigo de cada vez, não é isso?

— Exato.

— É desse modo que os Fremen sobrevivem?

— Talvez.

— Você disse que eu poderia achar a vida entre os Fremen muito dura. Eles vivem no deserto, em campo aberto. É por isso?

— Quem sabe onde os Fremen vivem? Para nós o Planalto Central é uma terra de ninguém. Mas eu gostaria de falar mais a respeito de...

— Disseram-me que a Corporação raramente permite que suas naves de especiaria sobrevoem o deserto. Mas existem rumores de que se podem ver trechos de vegetação aqui e ali, desde que se saiba onde olhar.

— Rumores! — zombou Tuek. — Deseja escolher agora entre nós e os Fremen? Temos uma certa segurança em nosso próprio sietch escavado na rocha, nossas próprias áreas ocultas. Vivemos como homens civilizados. Os Fremen não passam de alguns bandos maltrapilhos que usamos como caçadores de

especiaria.

— Mas eles conseguem matar Harkonnen.

— E quer saber o resultado? Agora mesmo eles estão sendo caçados como animais. Com armas laser, já que não possuem escudos. Estão sendo exterminados, e por quê? Porque mataram Harkonnen.

— Foi mesmo Harkonnen que eles mataram?

— Que quer dizer?

— Não ouviu dizer que podem ter vindo Sardaukar com os Harkonnen?

— Mais boatos.

— Mas um massacre, um extermínio organizado, isso não é típico dos Harkonnen. Um pogrom é sempre um desperdício.

— Eu acredito no que vejo com os meus próprios olhos — respondeu Tuek. — Faça sua escolha, guerreiro. Eu ou os Fremen. Eu lhe oferecerei santuário e a promessa de derramar o sangue que ambos desejamos ver derramado. Mas tenha certeza, os Fremen lhe oferecerão apenas a vida dos perseguidos.

Halleck hesitou, sentindo sabedoria e simpatia nas palavras de Tuek, e entretanto perturbado por algo que não sabia explicar.

— Mas confie em sua própria habilidade — continuou Tuek. — De quem foram as decisões que lhe deram força através da batalha? As suas. Portanto decida.

— Assim devo fazer. O Duque e seu filho estão mesmo mortos?

— Assim crêem os Harkonnen. E no que concerne a tais coisas, inclino-me a acreditar nos Harkonnen. — Um sorriso amargo formou-se na boca de Tuek. — Mas esse é o único crédito que dou a eles.

— Então assim deve ser — murmurou Halleck. Ergueu a mão direita, com a palma para cima e o polegar dobrado contra ela no gesto tradicional.

— Eu lhe ofereço a minha espada.

— Aceito.

— Deseja que eu convença meus homens a me seguirem?

— Você os deixaria tomar suas próprias decisões?

— Eles me seguiram até aqui, mas a maioria nasceu em Caladan. Arrakis não é o que eles pensaram que fosse. Aqui eles perderam tudo, exceto suas vidas. Eu preferiria que decidissem por si mesmos, agora.

— Mas agora não é tempo para fraquejar. Eles o seguiram até aqui...

— Precisa deles, não é mesmo?

— Sempre podemos usar combatentes experientes... nos tempos que correm, mais do que nunca.

— Aceitou a minha espada. Quer que eu vá persuadi-los?

— Acredito que eles o seguirão, Gurney Halleck.

— Devemos esperar por isso?

— Exato.

— Posso tomar minha própria decisão nesse assunto?

— Sua própria decisão.

Halleck ergueu-se do assento-concha, sentindo o quanto de sua reserva de forças esse pequeno esforço exigia.

— Por enquanto cuidarei do bem-estar e do alojamento deles.

— Consulte o meu auxiliar. Drisq é o nome dele. Diga-lhe que é meu desejo que vocês recebam toda a atenção. Irei vê-los dentro em pouco. Antes tenho que despachar alguns carregamentos de especiaria.

— “A fortuna passa em toda parte” — citou Halleck.

— Em toda parte — concordou Tuek. — E um tempo de convulsão é uma rara oportunidade para o nosso negócio.

Halleck assentiu com a cabeça, ouvindo um leve sopro e sentindo o movimento do ar enquanto a comporta se abria ao seu lado. Ele virou-se, passando agachado através dela para fora do escritório.

Encontrou-se na sala de reuniões, através da qual ele e seus homens haviam sido conduzidos pelos auxiliares de Tuek. Era uma área comprida e um pouco estreita, escavada na rocha natural, sua superfície lisa revelando o uso de raios-cortadores no trabalho.

O teto se prolongava, alto o suficiente para dar prosseguimento à curva natural de sustentação da rocha, e permitir correntes internas de conversão de ar. Armários e prateleiras de armas enfileiravam-se nas paredes.

Halleck notou, com um toque de orgulho, que aqueles dentre seus homens que ainda eram capazes de ficar de pé estavam nessa posição. Não se permitiam nenhum relaxamento ante o cansaço e a derrota. Médicos dos contrabandistas moviam-se atendendo aos feridos. Padiolas haviam sido dispostas em uma área à esquerda, cada homem ferido com um companheiro Atreides.

O treinamento Atreides — “Nós cuidamos dos nossos!” resistia como um núcleo de rocha entre eles; e Halleck notou-o com orgulho.

Um de seus tenentes aproximou-se, carregando o baliset de nove cordas de Halleck fora de seu estojo. O homem fez uma saudação e disse:

— Senhor, os médicos aqui dizem que não há esperanças para Mattai. Eles não possuem bancos de órgãos e de ossos aqui, somente um posto médico. Mattai não vai durar muito, dizem eles, e ele tem um pedido ao senhor.

— Qual é?

O tenente ergueu o baliset.

— Mattai deseja uma canção para suavizar sua partida, senhor. Ele diz que

saberá qual é... ele a pediu ao senhor muitas vezes. — O tenente engoliu em seco. — Chama-se “Minha Mulher”. Se...

— Eu sei. — Halleck pegou o baliset, retirando o multi-estilete de seu prendedor no teclado. Tirou um tom suave do instrumento, descobrindo que alguém já o afinara. Havia uma ardência em seus olhos, mas ele afastou-a do pensamento enquanto caminhava dedilhando os tons, forçando-se a sorrir naturalmente.

Vários de seus homens e o médico contrabandista encontravam-se inclinados sobre uma das padiolas. Um dos homens começou a cantar baixinho quando Halleck se aproximou, respondendo ao tom com a facilidade de uma longa familiaridade:

“Minha mulher está na janela,
Linhas curvas num quadrado de vidro.
Braços erguidos... inclinada.
Sob o vermelho e o dourado do poente
— Venham para mim...
Venham para mim, braços mornos de minha amada.
Para mim...”

O cantor parou, estendendo um braço enfaixado e fechando os olhos do homem na maca.

Halleck fez soar um último tom suave, pensando: “Agora somos setenta e três.”

29

A vida familiar na Creche Real é algo de difícil compreensão para muitas pessoas, mas tentarei criar-lhes uma virão resumida. Meu pai tinha apenas um amigo verdadeiro: o Conde Hasimir Fenring eunuco-genético e um dos lutadores mais mortíferos de todo o Império. O Conde, um homem feio mas elegante, trouxe uma nova concubina-escrava para meu pai um dia, e eu fui mandada por minha mãe para espionar o que acontecia. Todos espionávamos meu pai, por uma questão de auto-proteção. Uma das concubinas-escravas permitidas a meu pai pelo acordo entre a Corporação e a Bene Gesserit não poderia, é claro, ter um herdeiro-real, mas as intrigas eram constantes e deprimentes no modo como eram iguais. Tornamo-nos peritas — minha mãe, minhas irmãs e eu — em evitar sutis instrumentos de morte. Pode parecer uma coisa terrível para se dizer, mas não estou certa de que meu pai fosse inocente em todos aqueles atentados. Uma família real não é como as outras famílias. E aqui estava uma nova concubina-escrava, ruiva como meu pai, esguia e graciosa. Tinha a musculatura de uma dançarina e seu treinamento, obviamente, incluíra neuro-sedução. Meu pai olhou para ela durante algum tempo, enquanto ela posava nua diante dele, e afinal disse:

— Ela é demasiado bela. Vamos guardá-la como presente para alguém. — Vocês não fazem idéia de quanta consternação esse ato de contenção criou na Creche Real. Afinal, sutileza e auto-controle são as mais mortíferas ameaças a todos nós.

— de A Casa de Meu Pai, escrito pela Princesa Irulan

Paul encontrava-se do lado de fora da tenda destiladora no final da tarde. A fenda onde instalara seu acampamento encontrava-se mergulhada em sombras escuras. Ele olhou para a extensão de areia em direção ao penhasco distante, em dúvida se devia ou não acordar sua mãe, que dormia dentro da tenda.

Dobras sobre dobras de dunas estendiam-se além do abrigo. Do outro lado do sol poente elas provocavam sombras tão negras que pareciam pedaços de noite.

E havia a planura. Sua mente buscava alguma coisa alta naquele

panorama, e não encontrava nenhuma verticalidade no horizonte ou no ar trêmulo de calor. Nenhum crescimento, nenhuma forma curvando-se ao vento para marcar a passagem da brisa... Apenas as dunas e aquele penhasco distante sob um céu cinza-azulado.

“E se não houver nenhuma estação de testes abandonada por lá?”, pensou ele. “E se não existirem Fremen e as plantas que vemos forem apenas um produto do acaso?”

Dentro da tenda Jessica despertou, virando-se de lado e olhando para Paul através da extremidade transparente. Ele estava de costas para ela e algo em sua postura fazia com que se lembrasse do pai. Sentiu o peso da mágoa elevando-se em seu interior e olhou em outra direção. Daí a pouco ajustou seu traje-destilador, refrescou-se com um pouco de água da bolsa recolhedora da tenda e saiu para esticar os músculos.

Paul falou, sem se voltar:

— Estava apreciando a quietude daqui.

“Como a mente se ajusta ao seu ambiente”, pensou ela, lembrando-se da doutrina Bene Gesserit: “A mente pode seguir em ambas as direções quando sob tensão — em direção ao positivo ou ao negativo; ligado e desligado. Pense nisso como um espectro cujos extremos são a inconsciência na extremidade negativa, e a hiperconsciência na extremidade positiva. A direção para onde a mente se inclina, sob tensão, é fortemente influenciada pelo treinamento.”

— A vida poderia ser boa aqui — disse ele.

Ela tentou ver o deserto através dos olhos dele, tentando abarcar todos os rigores desse planeta como um lugar comum, imaginando os possíveis futuros que ele vislumbrara. “Alguém pode se achar sozinho lá fora. Sem precisar ter medo de ninguém vindo atrás, sem temer o caçador.”

Passou por Paul erguendo seu binóculo, ajustando as lentes de óleo e observando a escarpa adiante. Sim, havia saguaros nos arroios, e outras plantas ressequidas... manchas de vegetação rasteira, verde-amareladas, nas sombras.

— Vou levantar acampamento — disse Paul.

Jessica assentiu caminhando para a boca da fenda, de onde podia ver uma extensão maior do deserto, girando o binóculo para a esquerda. Uma região salina brilhava, com uma mistura poeirenta em suas bordas. Um trecho de branco, onde branco significava morte, mas a depressão revelava outra coisa: água. Em alguma época a água fluíra através daquele branco brilhante. Ela abaixou o binóculo, ajustou o albornoz, ouvindo por um momento o som dos movimentos de Paul.

O sol mergulhou ainda mais baixo no horizonte e as sombras se estenderam sobre a depressão salgada. Linhas de cores berrantes espalharam-se

sobre o horizonte do poente, fluíram sobre um dedo de escuridão que sondava a areia. Depois, sombras negras como carvão se propagaram, e o rápido cair da noite ocultou a face do deserto.

Estrelas!

Olhava para elas sentindo os movimentos de Paul que se aproximava. A noite no deserto voltando-se para o alto com um sentimento de elevação em direção às estrelas. O peso do dia se afastava, e uma leve brisa soprou em seu rosto.

— A primeira lua se erguerá logo — disse Paul. — O embrulho já está pronto e eu plantei um batedor.

"Nós poderíamos nos perder para sempre neste lugar infernal", pensou Jessica, "e ninguém saberia."

O vento da noite trazia a areia que lhe irritava o rosto, e produzia um odor de canela.

— Sentiu o cheiro?

— Posso senti-lo até mesmo através do filtro — respondeu ela.

— Riqueza. Mas será que nos conseguiria água? — Apontou através da depressão. — Não há sinal de luzes artificiais por lá.

— Os Fremen estariam ocultos num sietch, por trás daquelas rochas.

Uma borda prateada surgiu acima do horizonte à direita: a primeira lua. Ergueu-se até se tornar plenamente visível, com o padrão em forma de mão nítido em sua face. Jessica observou o branco prateado da areia exposta à sua luz.

— Eu plantei um batedor na parte mais profunda da fenda explicou Paul. — Quando acender o pavio ele nos dará trinta minutos.

— Trinta minutos?

— Antes de começar a atrair um... verme.

— Oh, eu estou pronta para seguir em frente.

Ele se afastou e Jessica ouviu seu avanço pela fenda acima.

"A noite é um túnel", pensou. "Um túnel para o amanhã... se tivermos um amanhã." Sacudiu a cabeça. "Por que devo ser tão mórbida? Meu treinamento foi melhor do que isso."

Paul retornou, pegou o embrulho e liderou a descida até a primeira duna que se espalhava adiante. Parou, ouvindo os passos da mãe às suas costas. Ouvia seu caminhar lento, os sons repetidos e singulares. O código do deserto se revelando.

— Devemos caminhar sem ritmo — disse Paul, e procurou captar a memória de homens caminhando na areia; em ambas... na memória presciente e na memória real.

— Observe como eu faço — disse ele. — É desse modo que os Fremen caminham na areia. — Caminhou sobre a face da duna voltada para a direção do vento, seguindo sua curva, movendo-se com um passo arrastado.

Jessica observou seu progresso durante dez passos e o seguiu imitando-o, percebendo o sentido daquele modo de agir. Deviam fazer sons que reproduzissem o resvalar natural da areia... como o vento. Mas os músculos protestavam contra esse padrão interrompido, antinatural: um passo... arrasta o pé... arrasta... um passo... um passo... espera... arrasta... passo... O tempo parecia se prolongar ao redor deles. O penhasco adiante não se tornava mais próximo. O outro atrás ainda se elevava bem alto.

Lamp! lamp! lamp! lamp!

Era um tamborilar vindo da elevação atrás.

— O batedor — sussurrou Paul.

A batida continuava e parecia difícil não reproduzir seu ritmo no caminhar.

Lamp... Lamp... Lamp... Lamp...

Moviam-se sob uma abóbada iluminada pelo luar, perfurada por aquela batida oca. Para baixo e para cima, através de dunas escorregadias: passo... arrasta o pé... espera... passo... sobre a areia que escorria sob os pés... arrasta... espera... passo.

Todo o tempo seus ouvidos buscando aquele silvo especial.

O som, quando veio, principiou tão baixo que o próprio arrastar dos pés o tornava indistinto. Mas ele aumentou... cada vez mais alto... vindo do oeste.

Lamp... lamp... lamp... lamp... — tamborilava o batedor.

O silvo se aproximou, estendendo-se sobre a noite, atrás deles.

Eles voltaram a cabeça enquanto caminhavam, vendo o monte de areia que o verme punha em movimento.

— Continue andando — sussurrou Paul. — Não olhe para trás.

Um rangido furioso explodiu nas sombras das rochas que haviam acabado de deixar. Depois um ruído de avalanche.

— Não pare — advertiu Paul.

Percebia que haviam chegado ao ponto onde as duas elevações rochosas, a que ficava adiante e a que ficava atrás, pareciam igualmente distantes. E atrás deles prosseguia aquele chicotear, o frenético partir de rochas dominando a noite.

Continuaram avançando, sempre, sem parar... Seus músculos atingindo um doloroso estágio mecânico que parecia estender-se indefinidamente. Paul, no entanto, notava que a escarpa adiante tornara-se um pouco mais elevada.

Jessica movia-se num vazio de concentração, consciente de que apenas a

força de sua vontade ainda a fazia caminhar. Sua boca estava seca e doída, mas os ruídos atrás afastavam qualquer esperança de parar para um gole de água, nos bolsões de recolhimento do traje.

Lamp!... lamp!

Um novo furor trovejou no penhasco distante, abafando o ruído do batedor.

Depois silêncio.

— Rápido — pediu Paul.

Ela acenou, sabendo que ele não vira o gesto, mas precisando desse movimento para convencer a si mesma de que era necessário exigir ainda mais dos músculos já levados ao limite... o movimento antinatural...

A face rochosa, representando a segurança à frente, erguia-se até as estrelas e Paul notou um plano de areia lisa estendendo-se na base. Caminhou sobre ele tropeçando em sua fadiga, endireitando-se com o arremessar de um pé involuntariamente para a frente.

Um barulho surdo sacudiu a areia ao redor. Paul saltou para o lado.

Buum! Buum!

— Tambor de areia — avisou Jessica.

Paul recuperou o equilíbrio. Olhou em volta observando a areia ao seu redor, a escarpa rochosa, talvez a duzentos metros de distância.

Para trás ele ouviu um silvo, como o vento assoviando.

— Corra! — gritou Jessica. — Corra, Paul!

Eles correram, o som do tambor ressoando sob seus pés. Então estavam fora da areia, sobre um leito de pedras. Por algum tempo a corrida era um alivio para os músculos doloridos com o uso desordenado. Aqui estava uma ação que podia ser entendida, aqui havia ritmo. Mas a areia e o cascalho resvalavam sob seus pés e o assovio da aproximação do verme tornou-se um som de tempestade que crescia ao redor deles.

Jessica tropeçou e caiu de joelhos. Tudo que conseguia pensar era a fadiga, o som e o terror.

Paul levantou-a e os dois correram de mãos dadas. Um fino poste erguia-se da areia adiante; eles o ultrapassaram e viram outro.

A mente de Jessica só os registrou depois que haviam passado por eles. Ali estava outro, sua superfície corroída pelo vento elevando-se de uma fenda na rocha.

Mais outro.

Rocha!

Sentia, através dos pés, o choque da superfície resistente, a força ganha do apoio mais firme.

Uma fenda profunda estendia sua sombra vertical sobre a colina adiante. Eles saltaram para ela comprimindo-se dentro de um estreito buraco. Lá atrás o som da passagem do verme interrompeu-se. Jessica e Paul voltaram-se olhando para o deserto.

Onde as dunas começavam, talvez a cinquenta metros de distância, ao pé da praia rochosa, uma curva cinza-prateada emergiu do deserto lançando rios de areia e pó cascateando ao redor. Aquilo elevou-se ainda mais, transformando-se em uma gigantesca boca. Um buraco negro e redondo com bordas que brilhavam na luz do luar.

A boca serpenteou em direção à estreita fenda onde Paul e Jessica se agachavam. Um cheiro forte de canela invadiu as narinas de ambos. O luar cintilava nos dentes de cristal.

A boca se movia para a frente e para trás.

Paul prendeu a respiração.

Jessica se abaixou, olhando.

Era necessária uma intensa concentração em seu treino Bene Gesserit para controlar o terror primitivo, subjugando o medo na memória racial que ameaçava dominar sua mente.

Paul sentia uma espécie de alegria. Em algum instante muito próximo ele cruzara uma barreira de tempo, penetrando em território desconhecido. Podia sentir a escuridão adiante, nada revelando-se à sua visão interior. Era como se algum passo que dera o houvesse mergulhado nalgum poço... ou dentro da depressão entre duas ondas, onde o futuro fosse invisível. A paisagem sofrera uma profunda mudança.

E, em vez de assustá-lo, a sensação de escuridão no tempo forçava uma hiperaceleração de seus outros sentidos. Encontrou-se avaliando cada aspecto observável da coisa que se erguia da areia procurando por ele. Sua boca tinha aproximadamente oitenta metros de diâmetro... dentes de cristal com a forma curva das facas cristalinas brilhavam ao longo da borda... o hálito de canela... ácidos e aldeídos sutis...

O verme obscureceu o luar enquanto roçava nas rochas acima deles. Uma chuva de pequenas pedras e areia cascateou para dentro do abrigo estreito.

Paul puxou sua mãe mais para o fundo.

Canela!

O cheiro chegava quase a sufocá-los.

“O que tem a ver um verme com a especiaria melange?”, perguntou Paul de si para si. E lembrou-se de Liet-Kynes deixando escapar uma velada referência à existência de uma associação entre vermes e especiaria.

Bruummmm!

Era como um trovão seco vindo de longe, à direita.

E novamente: Brruuummm!

O verme retrocedeu de volta para a areia, ficou parado momentaneamente, seus dentes de cristal refletindo clarões de luar.

Lamp! Lamp! Lamp! Lamp!

“Outro batedor!”, pensou Paul.

Novamente ele soou à direita.

Um tremor percorreu o corpo do verme. Ele se afastou ainda mais areia adentro. Somente a curva superior abobadada permaneceu, como a metade da boca de um sino, a curva de um túnel, elevando-se acima das dunas. Som de areia raspando.

A criatura mergulhou ainda mais, recuando, voltando-se. Transformou-se num monte de areia encrespado que se curvou para longe através da depressão entre duas dunas.

Paul saiu da fenda, observando a onda de areia retroceder através da desolada vastidão, em direção ao chamado do novo batedor.

Jessica acompanhou com os ouvidos: Lamp... lamp... lamp...

Então o som parou.

Paul encontrou o tubo de seu traje-destilador e sugou um pouco de água reciclada.

Jessica o observava, mas sua mente parecia vazia com a fadiga, e como consequência do terror.

— Tem certeza de que foi embora? sussurrou.

— Alguém o chamou — disse Paul. — Fremen.

Sentiu-se recuperando as forças.

— Era tão grande!

— Não tão grande quanto aquele que pegou o nosso “tóptero”.

— Tem certeza de que foram os Fremen?

— Eles usaram um batedor.

— Por que nos ajudariam?

— Talvez não estivessem ajudando. Talvez estivessem apenas chamando um verme.

— Por quê?

A resposta encontrava-se no limite de sua consciência, mas se recusava a emergir. Tinha uma visão, em sua mente, de alguma coisa relacionada com aqueles bastões farpados telescópicos no embrulho. Os “ganchos de produtor”.

— Por que eles chamariam um verme? — insistiu Jessica.

Uma insinuação de medo tocou sua mente e ele forçou-se a dar as costas para sua mãe, examinando o penhasco.

— É melhor encontrarmos um caminho até o alto antes que amanheça. — Apontou. — Aqueles mastros por que passamos... Existem mais.

Ela olhou para onde indicava a mão do rapaz e viu os mastros.

Marcos riscados pelo vento, aparecendo na sombra de uma estreita saliência que se torcia para dentro de uma fenda alta acima deles.

— Eles marcam um caminho para o alto do penhasco comentou Paul. Colocou o embrulho sobre o ombro, caminhou até a extremidade da saliência e começou a subida para o topo.

Jessica aguardou um momento, resistindo, recuperando suas forças, e então seguiu.

Eles avançaram para o alto, seguindo os mastros-guias até que a saliência tornou-se uma estreita borda na boca de uma profunda fenda.

Paul inclinou a cabeça para olhar dentro do lugar escuro. Podia sentir o equilíbrio precário de seus pés naquela delgada borda, mas forçou-se a ser cauteloso. Via apenas escuridão dentro da fenda que se estendia para cima, aberta às estrelas, no topo. Seus ouvidos procuravam, encontrando apenas os sons que deviam ser esperados: um leve escorrer de areia, o brrr de um inseto, a batida de uma pequena criatura correndo. Sondou a escuridão com um dos pés, sentindo rocha abaixo de uma superfície abrasiva. Lentamente ele avançou ao longo da borda, fazendo sinal a sua mãe para que o seguisse. Agarrou uma dobra solta no manto dela e a ajudou a contornar a borda.

Olharam para cima, em direção à luz das estrelas emolduradas por dois lábios de rocha. Paul percebia a mãe ao seu lado como uma sombra cinzenta, indistinta.

— Se pudéssemos ao menos nos arriscar a usar uma luz sussurrou ele.

— Temos outros sentidos além dos olhos — respondeu ela.

Paul deslizou um dos pés para a frente, mudou o apoio do corpo e sondou com o outro pé, encontrando uma obstrução. Ergueu o pé descobrindo um degrau, e firmou-se sobre ele. Estendeu a mão para trás, sentindo o braço de sua mãe, puxando o manto para chamá-la a prosseguir.

Outro degrau.

— Vai até o topo, eu acho — disse ele baixinho.

“Degraus rasos e uniformes”, pensou Jessica. “Feitos pelo homem, sem dúvida alguma.”

Seguiu a sombra de Paul sentindo com o pé a sucessão de degraus. As paredes de rocha estreitaram-se até que seus ombros quase as roçavam. Os degraus terminavam em uma garganta fendida com aproximadamente vinte metros de comprimento, seu piso nivelado, abrindo-se em uma depressão rasa, iluminada pelo luar.

Paul caminhou na borda, sussurrando:

— Que belo lugar!

Jessica só podia olhar em silenciosa concordância, um passo atrás dele.

A despeito do cansaço, da irritação dos recaths, dos tampões nas narinas e do confinamento do traje-destilador. A despeito do medo e do doloroso desejo de repousar, a beleza da depressão penetrou em seus sentidos, forçando-a a parar para admirá-la.

— Como uma terra de fadas — comentou Paul.

Jessica acenou concordando.

A vegetação de deserto estendia-se à frente dela: arbustos, cactos, pequenas moitas de folhas, tudo tremulando à luz do luar. As paredes circulares apareciam escuras à sua esquerda, congeladas pela lua à direita.

— Esta deve ser uma aldeia dos Fremen — comentou Paul.

— É preciso haver gente para que tantas plantas sobrevivam concordou ela. Desencapou o tubo dos bolsões em seu traje-destilador e sugou. Um líquido morno e fracamente acre escorregou-lhe garganta abaixo. Sentiu como a refrescava. A capa do tubo rangeu contra flocos de areia ao recolocá-la.

Um movimento chamou a atenção de Paul. À sua direita e ao longo da curva formada pelo piso da depressão. Ele olhou através dos arbustos e ervas em direção ao trecho em forma de cunha, formado por uma superfície arenosa delineada pelo luar, e habitada por uma coisinha saltitante.

— Camundongo! — disse ele.

A coisinha continuava, entrando e saindo das sombras.

Algo caiu silenciosamente em seu campo de visão em direção ao camundongo. Houve um fino guincho, um bater de asas, enquanto um fantasmagórico pássaro cinzento elevava-se com uma pequenina sombra negra pendendo de suas garras.

"Nós precisávamos desta lembrança", pensou Jessica.

Paul continuou a olhar ao longo da "pia". Inalou, sentindo um suave mas penetrante odor de folhas secas subindo na noite. A ave de rapina fazia-o pensar nos modos de vida do deserto. Ele trouxera um silêncio tão completo à depressão que o luar azul leitoso quase podia ser ouvido fluindo sobre o saguaro e o arbusto espinhoso. Sentia-se um ruído luminoso aqui, mais básico em sua harmonia que qualquer outra música neste universo.

— É melhor encontrarmos um lugar para armar a tenda — disse ele. — Amanhã poderemos tentar encontrar os Fremen, que...

— A maioria dos intrusos aqui lamenta encontrar os Fremen!

Uma pesada voz masculina destruindo a quietude. Uma voz que vinha de algum ponto à direita e acima deles.

— Por favor, não corram, intrusos — disse a voz quando Paul tentou recuar na garganta. — Se correrem apenas desperdiçarão a água de seus corpos.

“Eles nos querem pela água em nossa carne!”, pensou Jessica.

Seus músculos sobrepujando toda a fadiga colocaram-se em prontidão máxima sem nenhum indício externo. Ela logo determinou a localização da voz. “Que maneiras furtivas! Eu não o ouvi chegar”, pensou.

Percebeu que o dono da voz se permitira apenas produzir pequenos sons, naturais ao deserto.

Outra voz chamou da borda da depressão, à esquerda. Acabe logo com isso, Stil. Tire a água deles e vamos prosseguir nosso caminho. Temos pouco tempo antes da aurora.

Paul, menos condicionado a responder a emergências do que sua mãe, sentia desgosto por ter se assustado e tentado recuar.

Deixara suas habilidades serem encobertas por um pânico momentâneo. Forçava-se agora a obedecer aos ensinamentos de Jessica: relaxe, depois simule um relaxamento e prepare os músculos para golpear como um chicote em qualquer direção.

Ainda assim sentia uma ponta de medo em seu interior, conhecendo sua origem. Esse era um tempo cego... sem nenhum futuro à vista... e eles estavam diante de Fremen selvagens, cujo único interesse se encontrava na água contida na carne de dois corpos desprotegidos.

30

Essa adaptação religiosa dos Fremen, então, é a fonte do que agora reconhecemos como "Os Pilares do Universo"; cujos Qizara Tafavid se encontram entre nós, com sinais, provas e profecias. Eles trazem a mística fusão de Arrakis cuja beleza profunda é exemplificada pela excitante música construída sobre velhas formas, mas estampada com o novo despertar. Quem não ouviu ainda O Hino do Homem Velho e não ficou profundamente comovido?

Arrastei meus pés pelo deserto
Cuja Miragem se agitava como uma multidão.
Sedento de glória, cobiçando o perigo,
Vagueei pelos horizontes de al-Kulab,
Observando o tempo nivelar montanhas
Em sua busca e em sua fome por mim.
E vi os pardais se aproximarem rapidamente,
Mais atrevidos que um lobo no ataque.
Espalham-se sobre a árvore de minha juventude.
E ouvi o bando em meus ramos
Sendo apanhado em seus bicos e garras!

— do Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan

O homem se arrastava sobre o topo da duna. Uma partícula de pó apanhada no brilho do sol do meio-dia. Estava vestido apenas com os trapos remanescentes de um manto jubba, sua pele nua entre os farrapos. O capuz fora arrancado do manto, mas o homem fizera um turbante com uma tira de tecido rasgado. Mechas de cabelo louro projetavam-se sob o turbante, igualando-se com a barba rala e as grossas sobrancelhas. Por baixo dos olhos de azul-dentro-de-azul, restos de uma nódoa negra espalhavam-se até as maçãs do rosto. Uma depressão emaranhada sobre a barba e o bigode revelava onde o tubo do traje-destilador marcara sua trilha, do nariz até as bolsas de recolhimento.

O homem parou sobre a crista da duna, braços estendendo-se para baixo

sobre a face oposta. O sangue coagulara em suas costas e sobre seus braços e pernas. Manchas de areia cinza-amarelada agarravam-se aos ferimentos. Lentamente ele colocou as mãos sob o corpo e conseguiu se levantar cambaleando. Até mesmo nesse movimento casual permanecia um traço da precisão que antes existira.

— Eu sou Liet-Kynes — disse, dirigindo-se ao horizonte vazio, e sua voz soou como uma caricatura rouca da força que conhecera.

— Sou o Planetólogo de Sua Majestade Imperial — sussurrou. — O ecologista planetário de Arrakis. Sou o administrador destas terras.

Tropeçou, caindo de lado sobre a superfície dura da face voltada para o vento. Suas mãos agarraram febrilmente a areia.

“Sou o administrador destas terras”, pensou.

Percebia o seu próprio estado semi-delirante, sabia que era preciso enterrar-se na areia, descobrindo uma camada inferior mais fria e se cobrindo com ela. Mas podia sentir o odor suave, rançoso, de um bolsão de pré-especiaria em algum ponto debaixo dessa areia. Mais do que qualquer outro Fremen, ele conhecia o perigo que isso representava. Se podia cheirar a massa de pré-especiaria, isso significava que os gases, presos profundamente sob a areia, estavam se aproximando do estágio de pressão explosiva.

Era preciso sair dali logo.

Suas mãos esboçaram débeis rabiscos na face da duna e um pensamento espalhou-se em sua mente, claro, nítido: “A riqueza verdadeira de um planeta encontra-se em sua paisagem, na maneira como tomamos parte naquela fonte básica de civilização a agricultura.”

Achou estranho que sua mente, há tanto tempo fixa num único curso de pensamentos, fosse incapaz de escapar deles. As tropas Harkonnen o haviam abandonado ali, sem água ou traje-destilador, pensando que um verme poderia pegá-lo se o deserto não o fizesse. Haviam achado divertido deixá-lo vivo, para morrer aos poucos nas mãos impessoais de seu planeta.

“Os Harkonnen sempre acham difícil matar Fremen”, pensou.

“Nós não morremos facilmente. Eu já devia estar morto agora... vou estar morto logo... mas não posso parar de ser um ecologista.”

A função mais elevada da ecologia consiste na compreensão das consequências.

A voz o deixou chocado por tê-la reconhecido, sabendo que se tratava da voz de um morto. Era a voz de seu pai, que fora o planetólogo nesse mesmo planeta, antes dele. Seu pai, há muito tempo morto durante um desmoronamento na Bacia de Gesso.

— Meteu-se em uma bruta encrenca, filho — disse-lhe o pai.

— Devia saber quais seriam as consequências ao tentar ajudar o filho daquele Duque.

“Estou delirando”, pensou Kynes.

A voz parecia vir da sua direita e Kynes roçou com o rosto na areia, virando-se para olhar naquela direção. Não havia nada, nada exceto uma curva extensão de dunas, tremulando com o calor sob o brilho pleno do sol.

— Quanto mais vida houver dentro de um sistema, mais nichos haverá para essa vida — dizia seu pai. E a voz vinha agora de trás, à sua esquerda.

“Por que ele fica se movendo à minha volta?”, perguntou Kynes de si para si: “Será que ele não quer que eu o veja?”

— A vida aumenta a capacidade de um ambiente em sustentar a vida — continuou seu pai. — A vida torna os nutrientes necessários mais facilmente acessíveis. Ela adiciona mais energia ao sistema através da tremenda interação química de um organismo para com outro.

“Por que ele fica sempre repetindo o mesmo assunto? Eu já sabia isso antes de completar dez anos.”

Falcões do deserto, comedores de carniça como a maioria das criaturas selvagens dessa terra; começaram a circular acima dele.

Kynes viu uma sombra passar próximo à sua mão, e forçou a cabeça a se virar olhando para o alto. Os pássaros eram uma mancha indistinta no céu azul prateado — grãos distantes de fuligem flutuando acima.

— Nós generalizamos — disse-lhe o pai. — Não se pode traçar linhas em torno de problemas planetários. A planetologia é uma ciência que exige reduções e encaixes.

“O que é que ele está tentando me dizer? Existirá alguma consequência que deixei de perceber?”

Seu rosto tombou de volta na areia quente, e Kynes sentiu o odor de rocha queimada debaixo dos gases pré-especiaria. De algum canto de sua mente lógica um pensamento se formou: “Aquilo lá em cima são pássaros carniceiros. Talvez algum dos meus amigos Fremen os veja e venha investigar.”

— Para o trabalho do planetólogo a ferramenta mais importante são os seres humanos. Você deve cultivar o conhecimento ecológico entre as pessoas. É por isso que criei esta forma inteiramente nova de notação ecológica.

“Ele repete coisas que me disse quando eu era uma criança”, pensou Kynes.

Começou a sentir frio, mas o resto de sua mente lógica lhe disse: “O sol está bem acima. Você não tem traje-destilador e está quente; o sol está evaporando a umidade para fora de seu corpo.”

Seus dedos agarraram-se, fracos, na areia.

“Eles não podiam nem ao menos me deixar um traje-destilador!”, pensou.

— A presença de umidade no ar ajuda a evitar uma evaporação muito rápida da existente nos corpos vivos — disse seu pai.

“Por que ele fica repetindo o óbvio?”, cismou Kynes.

Tentou pensar em umidade no ar, em grama cobrindo essa duna... em água livre em algum ponto abaixo, num longo qanat fluindo com água de irrigação, aberto ao céu, exceto nas ilustrações dos textos... Água livre... água de irrigação... Eram necessários cinco mil metros cúbicos de água para irrigar um hectare de terra durante uma estação, lembrou-se.

— Nosso primeiro objetivo em Arrakis — disse-lhe o pai — serão as regiões de grama. Começaremos com esses tipos de capim mutante. Quando tivermos umidade presa nestas regiões gramadas poderemos começar as florestas nas terras elevadas. Depois, algumas massas de água livre — pequenas no princípio —, situadas ao longo das linhas de ventos dominantes, com precipitadores de umidade, em armadilhas de vento, colocadas em espaços ao longo dessas linhas para recapturar o que o vento leva. Devemos criar um verdadeiro siroco — um vento úmido — mas nunca poderemos dispensar as armadilhas de vento.

“Sempre me dando aula”, pensou Kynes. “Por que ele não cala a boca? Não percebe que estou morrendo?”

— Vai morrer igualmente, se não sair agora mesmo de cima da bolha que está se formando nas profundezas embaixo de você.

Ela está lá, você sabe disso, pode cheirar os gases pré-especiaria.

Sabe que os pequenos produtores estão começando a perder um pouco de sua água nessa massa.

O pensamento daquela água debaixo dele era enlouquecedor. Podia imaginá-la agora, fechada em camadas de rocha porosa pelos coriáceos pequenos produtores, meio planta meio animal. Uma fina ruptura estava derramando a fria fonte da água líquida mais clara, pura e refrescante dentro de...

“Massa pré-especiaria!”

Inalou sentindo o odor doce e rançoso. Era muito mais forte à sua volta agora do que antes.

Conseguiu erguer-se, pondo-se de joelhos. Ouviu o grito de um pássaro e um apressado bater de asas.

“Isto aqui é um deserto de especiaria. Deve haver Fremen por aqui mesmo à luz do dia. Certamente eles verão os pássaros, e devem vir investigar”, pensou.

— O movimento sobre uma região é uma necessidade para a vida animal — continuou seu pai. — Povos nômades seguem essa mesma necessidade. As linhas de movimento se ajustam às necessidades físicas de água, comida e

minerais. Devemos controlar esses movimentos alinhandos para os nossos propósitos.

— Cale a boca, velho — murmurou Kynes.

— Devemos fazer uma coisa em Arrakis que nunca foi tentada antes sobre um planeta inteiro: devemos usar o homem como força ecológica construtiva. Inserindo formas adaptadas de vida terrena: uma planta aqui, um animal ali, um homem naquele lugar, visando transformar o ciclo da água, para construir um novo tipo de paisagem.

— Cale-se — gemeu Kynes.

— Foram as linhas de movimento que nos forneceram os primeiros indícios quanto ao relacionamento entre os vermes e a especiaria.

“Um verme”, pensou Kynes com uma onda de esperança. “Um produtor certamente deve aparecer quando a bolha estourar. Mas não tenho os ganchos. Como poderei montar num grande produtor sem os ganchos?”

Podia sentir a frustração minando o pouco de força que ainda lhe restava. Água, tão próxima, somente uma centena de metros abaixo dele. Um verme viria com certeza, mas não haveria meios de prendê-la na superfície e usá-lo.

Kynes tombou para a frente, retornando à depressão rasa que seus movimentos haviam criado. Sentiu areia quente de encontro ao lado esquerdo da face, mas a sensação era remota, distante.

— O ambiente de Arrakis formou-se sobre um padrão evolucionário de formas de vida nativas. Como é estranho que tão poucas pessoas chegassem a observar a especiaria o suficiente para se perguntarem quanto ao equilíbrio quase ideal entre Nitrogênio e CO, sendo mantido, aqui, na ausência de grandes áreas com cobertura vegetal. A esfera de energia de um planeta encontra-se visível e passível de ser compreendida. Um processo implacável; mas um processo, não obstante. Existe uma brecha nele? Então, nesse caso, alguma coisa ocupa essa brecha. A ciência é feita de tantas coisas que parecem óbvias, depois que foram explicadas. Eu sabia que o pequeno produtor estava lá, oculto profundamente na areia, antes mesmo que o visse.

— Por favor, pare de me dar aula, papai — sussurrou Kynes.

Um dos falcões pousou na areia junto de sua mão estendida.

Kynes viu-o dobrar as asas e inclinar a cabeça para fitá-lo. Reuniu todas as suas forças para gemer para ele. O pássaro saltou a uma distância de dois passos, mas continuou a fitá-lo.

— O homem e suas obras têm constituído uma doença sobre a superfície de seus planetas muito antes de nossa época. A natureza tende a compensar essas doenças, removendo-as ou isolando-as, para incorporá-las ao sistema do seu próprio modo.

O falcão abaixou a cabeça, estendeu e fechou as asas, depois novamente transferiu a atenção para a mão estendida.

Kynes descobriu que não tinha mais forças para gemer e espantar o animal.

— O sistema histórico de pilhagem mútua e extorsão termina aqui em Arrakis — continuava seu pai. — Você não pode continuar para sempre tomando o que precisa, sem consideração por aqueles que virão depois. As qualidades físicas de um planeta estão gravadas em seu registro político e econômico. Temos o registro à nossa frente, e nosso caminho é óbvio.

“Ele nunca pára de dar aula”, pensou Kynes. “Discursando, discursando, discursando... sempre.”

O falcão saltou à distância de um passo em direção à sua mão, virou a cabeça primeiro em uma direção, depois na outra, estudando a carne exposta.

— Arrakis é um planeta de uma única colheita. Uma colheita. Ela sustenta a classe governante que vive como as classes governantes sempre viveram, enquanto abaixo delas uma massa semi-humana de semi-escravos sobrevive do que sobra, dos restos. São as massas e os restos que ocuparão nossa atenção. Eles são mais valiosos do que jamais se suspeitou.

— Eu o estou ignorando, pai — sussurrou Kynes, quase inaudível. — Vá embora.

Em seguida pensou: “Certamente devem existir alguns de meus Fremen por perto. Eles não podem evitar ver esses pássaros sobre mim. Virão investigar, ainda que para ver se existe umidade disponível.”

— As massas de Arrakis vão saber que nós trabalhamos para fazer a água fluir sobre a terra. A maioria deles, é claro, terão apenas uma compreensão semi-mística de como tencionamos fazê-lo. Muitos, não compreendendo a questão proibitiva da taxa de massa, poderão até mesmo pensar que vamos trazer água de algum outro planeta onde ela é abundante. Deixe-os pensar o que quiserem, contanto que acreditem em nós.

“Dentro de um minuto vou levantar e lhe dizer o que penso dele. Ficando aí, dando aula, quando devia estar me ajudando”, pensou Kynes.

O pássaro deu outro pulo para mais próximo da mão estendida de Kynes. Outros dois falcões pousaram na areia atrás dele.

— Religião e lei, entre nossas massas, deve ser uma coisa única continuou o pai de Kynes. — Um ato de desobediência deve ser um pecado e exigir penalidades religiosas. Isso terá a dupla vantagem de produzir maior obediência e maior bravura. Não devemos depender tanto da coragem individual, como pode ver, e sim da coragem de uma população inteira.

— Onde está minha população, agora que eu mais preciso dela? —

perguntou Kynes. Reuniu toda a sua força conseguindo mover a mão na largura de um dedo em direção aos pássaros mais próximos. O falcão saltou para trás, reunindo-se aos seus companheiros, pronto para alçar vôo.

— Nosso cronograma atingirá a estatura de um fenômeno natural. A vida de um planeta é como um tecido imenso, bem entrelaçado. As mudanças na vegetação e nos animais serão determinadas, a princípio, pelas forças físicas que manipulamos. À medida que se estabelecerem, entretanto, nossas mudanças se tornarão influências controladoras, e teremos de lidar com elas igualmente. Não se esqueça, porém, de que necessitamos controlar apenas três por cento da energia superficial — apenas três por cento, inclinando a estrutura inteira em direção ao nosso sistema auto-sustentador.

"Por que não me ajuda? Sempre o mesmo: quando mais preciso de você, você me abandona." Queria voltar a cabeça na direção da voz do pai, fitar o velho de cima para baixo, mas seus músculos se recusavam a obedecer.

Viu o falcão se mover. Ele aproximava-se de sua mão, um passo cauteloso de cada vez, enquanto seus companheiros esperavam em fingida indiferença. Parou a apenas um pulo de distância da mão.

Uma profunda claridade invadiu a mente de Kynes. Via subitamente um potencial em Arrakis que seu pai nunca percebera.

As possibilidades ao longo desse caminho diferente fluíram através dele.

— Não há desastre mais terrível para o seu povo do que cair nas mãos de um Herói — disse-lhe o pai.

"Lendo minha mente", pensou Kynes. "Pois muito bem, deixe-o" As mensagens já devem ter sido enviadas às vilas do meu sietch. Nada poderá detê-los. Se o filho do Duque está vivo, eles o encontrarão e o protegerão como ordenei. Podem desfazer-se da mulher, sua mãe, mas salvarão o rapaz", pensou.

O falcão deu mais um salto que o trouxe até à distância de uma bicada. Inclinou a cabeça para examinar a carne indolente.

Abruptamente ele se endireitou, esticou a cabeça para o alto e com um único grito saltou para o ar, inclinando-se para descrever uma curva acima, com seus companheiros logo atrás.

"Eles vieram", pensou Kynes. "Meus Fremen me encontraram!"

Então ouviu a areia roncando.

Todo Fremen conhecia esse som, podendo distingui-lo imediatamente do ruído dos vermes, ou de outras formas de vida do deserto. Nalgum ponto debaixo dele a massa de pré-especiaria acumulara o suficiente em água e matéria orgânica, proveniente dos pequenos produtores, e atingira o estágio crítico de crescimento descontrolado. Uma gigantesca bolha de dióxido de carbono formara-se profundamente na areia, erguendo-se em direção à superfície num

enorme “sopro”, com um redemoinho de areia em seu centro. Trocando o que houvesse na superfície pelo que se formara nas profundezas da areia.

Os falcões circulavam acima gritando sua frustração. Sabiam o que estava acontecendo. Qualquer criatura do deserto saberia.

“E eu sou uma criatura do deserto”, pensou Kynes. “Está vendo, pai? Eu sou uma criatura do deserto.”

Sentiu a bolha erguê-lo num domo de areia, sentiu que este se partia enquanto o redemoinho de pó o engolfava e arrastava em direção à fria escuridão. Por um momento a sensação de frio e umidade foram um alívio abençoado. Depois, enquanto o planeta o matava, ocorreu a Kynes que seu pai e todos os outros cientistas estavam errados. O mais persistente de todos os princípios universais era o acidente e o erro.

Até mesmo os falcões considerariam esses fatos...

31

Profecia e presciência — como podem elas ser colocadas em teste diante de questões sem resposta? Considere: o quanto é verdadeira a previsão de "força de onda" (como o Muad'Dib se refere à sua imagem-visão) e o quanto é resultado do trabalho do profeta, moldando o futuro para se adequar à profecia? Qual a harmonia inerente ao ato de profetizar? Será que o profeta vê o futuro ou vê apenas uma linha de fraquezas, uma falha ou rachadura que lhe permita partir com palavras ou decisões, assim como um cortador de diamantes parte sua jóia com um golpe de faca?

— de Reflexões Particulares a Respeito do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

— Tire a água deles — dissera o homem, falando no meio da noite, e Paul lutara contra seu medo, olhando para sua mãe. Seus olhos treinados percebiam como ela se preparara para a luta, os músculos prontos para a ação rápida.

— Seria lamentável se fôssemos obrigados a destruí-los imediatamente — disse a voz acima deles.

"Foi este quem nos falou primeiro"; pensou Jessica. "Há pelo menos dois deles, um à nossa direita e um à nossa esquerda."

— Cignoro brobosa sukares bin mange Ia pcbagavas doí tece tramavas na beslas lele pal brobas!"

Era o homem à direita chamando através da depressão.

Para Paul as palavras eram incompreensíveis, mas, com o treinamento Bene Gesserit, Jessica reconheceu a linguagem. Tratava-se de Chakobsa, uma das mais antigas linguagens de caçadores, e o homem acima deles dizia que talvez fossem os estranhos que procuravam.

No súbito silêncio que se seguiu ao chamado, a face da segunda lua, brilhando azul-esbranquiçada, surgiu sobre as rochas da depressão, fitando como um rosto redondo e brilhante.

O som de pessoas correndo veio das rochas — em cima e em ambos os lados... movimentos escuros ao luar. Muitas pessoas fluindo através das sombras.

"Uma tropa inteira!", pensou Paul com um súbito aperto no coração.

Um homem alto, num albornoz mosqueado, surgiu diante de Jessica. Seu filtro bucal fora removido, para permitir que falasse mais claramente, e pendia do lado do queixo, revelando uma barba espessa à luz oblíqua da lua. A face e os olhos continuavam ocultos pelo capuz.

— O que temos aqui? Gênios ou humanos? — indagou ele.

Jessica percebeu a ironia em sua voz, analisou-a, permitindo-se aceitar uma leve esperança. Essa era a voz de comando, a voz que primeiro os assustara com sua súbita intrusão dentro da noite.

— Humanos, eu garanto — disse o homem.

Jessica sentia, mais do que via, a faca escondida em uma das dobras do manto do homem. Sentiu um amargo ressentimento de que nem ela nem Paul possuísse um escudo.

— Vocês também falam? — indagou o homem.

Jessica colocou toda a altivez real ao seu alcance em suas maneiras e na sua voz. Uma resposta era urgente, mas ela ainda não ouvira o suficiente desse homem para ter certeza de ter registrada na memória sua cultura e suas fraquezas.

— Quem vem a nós como criminosos saindo da noite? indagou.

A cabeça encapuçada demonstrou tensão num movimento súbito e então um lento relaxar, bastante revelador. Esse homem possuía um bom auto-controle.

Paul afastou-se de sua mãe para oferecer dois alvos separados, e permitir a ambos uma área livre para agir.

A cabeça semi-oculta no capuz voltou-se diante do movimento de Paul, abrindo um trecho de rosto para a luz do luar. Jessica viu um nariz fino e um olho brilhante. Um olho escuro, muito escuro, sem qualquer sinal de branco, e um bigode marrom escuro, voltado para cima.

— Provavelmente um menino — disse o homem. — Se vocês forem fugitivos dos Harkonnen é possível que sejam bem-vindos entre nós. O que é isso, garoto?

As possibilidades faiscavam na mente de Paul: um estratagema? Um fato?

Uma decisão imediata tornava-se necessária.

— Por que dariam boas-vindas a fugitivos? — indagou ele.

— Um garoto que pensa e fala como um homem — disse o homem alto. — Bem, agora, para responder à sua pergunta, meu jovem wali, eu sou aquele que não paga o fai, o tributo de água aos Harkonnen. E por isso que posso dar boas-vindas a fugitivos.

"Ele sabe quem somos", pensou Paul. "Há uma certa dissimulação em sua voz."

— Eu sou Stilgar, o Fremen — disse o homem alto. — Será que isto solta

sua língua, garoto?

"A mesma voz", pensou Paul, lembrando-se do Conselho e desse mesmo homem buscando o corpo de um amigo assassinado pelos Harkonnen.

— Eu o conheço, Stilgar. Eu estava com meu pai no Conselho quando você veio a nós em busca da água de seu amigo. Você partiu levando consigo um dos homens de meu pai, Duncan Idaho. Uma troca entre amigos.

— E Idaho nos abandonou para voltar ao seu Duque respondeu Stilgar.

Jessica percebeu os tons de desprezo na voz do homem e se manteve preparada para atacar.

A voz acima nas rochas chamou de novo:

— Nós perdemos tempo aqui, Stil.

— Este é o filho do Duque — retrucou Stilgar. — É, com certeza, aquele a quem Liet nos mandou procurar.

— Mas... é uma criança, Stil.

— O Duque era um homem, e este jovem usou um batedor disse Stilgar.

— Aquela foi uma brava travessia no caminho do shai-hulud.

Jessica percebia que ele a excluíra de seus pensamentos. Teria já lhe passado uma sentença?

— Nós não temos tempo para um teste — protestou a voz acima deles.

— E, no entanto, ele poderia ser o Lisan al-Gaib insistiu Stilgar.

"Ele está procurando por um presságio!", pensou Jessica.

— Mas, e a mulher? — indagou a voz acima.

Jessica se preparou novamente. Percebera morte naquela voz.

— Sim, a mulher — disse Stilgar. — E sua água.

— Você conhece a lei. Aqueles que não podem viver no deserto...

— Cale-se — comandou Stilgar. — Os tempos mudam.

— Será que Liet ordenou isso? — indagou a voz nas rochas.

— Você ouviu a voz do cielago, Jamis — disse Stilgar. — Por que me pressiona?

Jessica pensava: "Cielago!" O indício na linguagem abria largos caminhos à compreensão: essa era a linguagem de Ilm e Fiqh, e cielago significava morcego, um pequeno mamífero voador.

"Voz do cielago": eles haviam recebido uma mensagem distrans para que procurassem por Paul e por ela.

— Eu apenas lhe lembro suas obrigações, amigo Stilgar — disse a voz nas rochas.

— Minha obrigação é para com a força de minha tribo. Este é o meu único dever e não preciso de que ninguém me lembre. Esse menino-homem me interessa. Ele é saudável, foi criado com muita água, cresceu longe do pai sol.

Ele não tem os olhos do ibad, e todavia não fala nem age como os fracos das panelas. Nem o seu pai. Como pode ser isso?

— Não podemos passar a noite aqui discutindo. Se uma patrulha...

— Eu não vou lhe dizer novamente para ficar calado, Jamis.

O homem acima ficou em silêncio, mas Jessica o ouviu se mover, saltando sobre o desfiladeiro e descendo até o fundo da depressão pela esquerda.

— A voz do cielago sugeriu que haveria vantagem para nós em salvar vocês dois — disse Stilgar. — Eu vejo possibilidades nesse menino forte. Ele é jovem e pode aprender. Mas, e quanto a você, mulher?

“Eu tenho sua voz e o seu padrão registrados agora”, pensou Jessica. “Posso controlá-lo com uma única palavra, mas ele é um homem forte... vale muito mais para nós com plena liberdade de ação. Vamos ver.”

— Eu sou a mãe deste menino — disse Jessica. — A força dele, que você admira, é em parte produto de meu treinamento.

— A força de uma mulher pode ser infinita — disse Stilgar.

— Certamente é, no caso de uma Reverenda Madre.

— Você é uma Reverenda Madre?

Por um momento, Jessica colocou de lado todas as implicações daquela pergunta e respondeu com sinceridade:

— Não.

— Foi treinada nas maneiras do deserto?

— Não; mas muitos consideram valioso o meu treinamento.

— Nós fazemos nossos próprios julgamentos de valor.

— Cada homem tem o direito ao seu próprio julgamento.

— É bom que veja a razão. Não podemos nos demorar aqui para testá-la, mulher. Você compreende? Não queremos que o seu espírito nos persiga. Vou levar o menino-homem, seu filho, e ele terá minha proteção e o santuário em minha tribo. Mas para você, mulher... compreende que não é nada pessoal? É a lei de Istislah, no interesse de todos. Não é suficiente?

Paul deu um passo adiante.

— De que estão falando?

Stilgar olhou rapidamente para ele, mas manteve a atenção em Jessica.

— A menos que tenha sido treinada profundamente, desde a infância, para sobreviver aqui, você poderia causar a destruição de uma tribo inteira. É a lei, e nós não podemos carregar inúteis...

O movimento de Jessica principiou com uma queda para o solo, simulando um desmaio. Era uma reação óbvia a ser esperada de uma estrangeira fraca, e o óbvio sempre retarda as reações de um oponente. Leva um instante para interpretar algo conhecido quando esse algo é apresentado como

desconhecido. Ela saltou ao ver o ombro direito de Stilgar cair para colocar a arma, oculta nas dobras do manto, apontando em sua nova posição. Uma volta súbita, um golpe com o braço, seguido de um rodopiar de mantos e Jessica estava apoiada de encontro a uma rocha, com o homem indefeso à sua frente.

Com os primeiros movimentos de sua mãe, Paul recuou dois passos. Quando ela atacou, ele mergulhou nas sombras. Um homem barbado surgiu em seu caminho, lançando-se para diante, meio agachado, com uma arma na mão. Paul atingiu o homem embaixo do esterno com um soco direto, pulou para o lado e o golpeou na base do pescoço, tomando-lhe a arma enquanto ele caía.

Em seguida estava em meio às sombras, subindo entre as rochas com a arma enfiada no cinturão de pano. Reconhecera o tipo apesar de sua forma pouco familiar. Uma arma lançadora de projéteis e isso revelava muitas coisas a respeito desse lugar. Outro indício de que escudos não eram usados por aqui.

“Eles vão se concentrar em minha mãe, e naquele Stilgar.

Ela pode cuidar dele. Eu devo chegar a um ponto vantajoso de onde possa ameaçá-los e dar a ela o tempo de que precisa para escapar”, pensou Paul.

Houve um coro de nítidos estalidos de molas vindas da depressão, e uma chuva de projéteis zumbiu nas rochas em torno dele. Um deles atingiu seu manto. Paul espremeu-se num canto e encontrou-se dentro de uma estreita fenda vertical. Começou a subir, com as costas apoiadas num dos lados e os pés no outro.

Lentamente, e tão silencioso quanto poderia.

O rugido da voz de Stilgar ecoou até ele:

— Voltem, seus piolhos com cabeça de verme! Ela quebra o meu pescoço se chegarem perto!

A voz no fundo da depressão avisou:

— O garoto fugiu, Stil. .. Que vamos...

— Claro que ele fugiu, seu cérebro de areia... Agghh! Calma, mulher.

— Diga-lhes que parem de perseguir o meu filho.

— Eles já pararam, mulher. Ele fugiu, como você tencionava que fizesse. Grandes deuses! Por que não disse que era uma mulher sobrenatural e uma lutadora?

— Mande seus homens recuarem. Diga-lhes que voltem para dentro da depressão onde eu possa vê-los... e é melhor que acredite nisto: eu sei quantos eles são.

E ela pensou: “Este é um momento delicado, mas se este homem é tão inteligente quanto parece, nós teremos uma chance.”

Paul continuou a subir vagarosamente. Encontrou uma saliência onde poderia repousar e olhou para baixo. Ouviu a voz de Stilgar:

— E se eu recusar? Como pode... agghh! Deixe-me, mulher! Não lhe faremos mal agora. Grandes Deuses! Se pode fazer isto ao mais forte entre nós, você vale dez vezes seu peso em água.

"Agora o teste da razão", pensou Jessica, e disse:

— Você procura pelo Lisan al-Gaib.

— Vocês poderiam ser as pessoas em nossa lenda respondeu ele. — Mas eu acreditarei nisso quando for testado. Tudo que sei é que vieram aqui com aquele estúpido Duque... Aii! Mulher! Eu não me importo se me matar! Ele era bravo e honrado, mas foi estúpido por se colocar diante do punho dos Harkonnen.

Silêncio.

Daí a pouco Jessica falou:

— Ele não tinha escolha, mas não vamos discutir a respeito. Agora, diga àquele homem, ali atrás do arbusto, que pare de tentar apontar aquela arma para mim ou deixarei o universo livre de você e irei atrás dele em seguida.

— Você aí — gritou Stilgar. — Faça o que ela diz.

— Mas Stil...

— Faça o que ela manda, seu cara de verme, seu lagarto com cérebro de areia. Do contrário eu a ajudarei a desmembrá-lo! Não pode ver o valor desta mulher?

O homem atrás do arbusto levantou-se para fora de seu esconderijo parcial e abaixou a arma.

— Ele obedeceu — disse Stilgar.

— Agora explique claramente à sua gente o que deseja de mim. Não quero que nenhum jovem cabeça-quente cometa um erro tolo.

— Quando penetramos em vilas e cidades nós precisamos ocultar nossa origem e identidade, misturando-nos com o povo das pias e panelas. Então não carregamos armas, já que a faca cristalina é sagrada. Mas você, mulher, você tem uma habilidade sobrenatural para a luta. Nós apenas ouvimos a respeito disso e muitos duvidavam, mas não se pode duvidar do que se vê com os próprios olhos. Você dominou um Fremen armado. Essa é uma arma que busca alguma poderia revelar.

Houve um murmúrio na depressão, enquanto as palavras de Stilgar eram compreendidas.

— E se eu concordar em ensinar a vocês o... modo sobrenatural?

— Meu apoio para você assim como para o seu filho.

— E como podemos estar certos da sinceridade de sua promessa?

A voz de Stilgar perdeu um pouco do sutil tom de persuasão e assumiu uma tonalidade amarga:

— Aqui fora, mulher, nós não carregamos papéis para contratos. Não fazemos promessas noturnas para quebrá-las com a alvorada. Quando um homem diz uma coisa, isso é seu contrato. Como líder de meu povo eu os faço confiar em minha palavra. Ensine-nos o modo sobrenatural e terá um santuário entre nós por quanto tempo desejar. Sua água se misturará com nossa água.

— Você fala por todos os Fremen?

— Com o tempo é possível que sim. Mas somente o meu irmão Liet fala por todos os Fremen. Hoje, eu prometo apenas o segredo. Minha gente não falará a respeito de vocês em nenhum outro sietch. Os Harkonnen retornaram para Duna com todas as suas forças e o seu Duque está morto. Dizem que vocês morreram numa tempestade. O caçador não procura caça morta.

“Há segurança nisso. Mas esta gente possui um bom sistema de comunicação”, pensou Jessica. “E mensagens podem ser enviadas.”

— Presumo que uma recompensa foi oferecida por nós.

Stilgar permaneceu em silêncio e Jessica quase podia ver os pensamentos girando em sua cabeça, sentindo o movimento dos músculos embaixo de suas mãos.

Daí a pouco ele disse:

— Direi uma vez mais: eu lhe dei a palavra da tribo. Meu povo conhece o seu valor para todos nós agora. O que os Harkonnen poderiam nos oferecer? Nossa liberdade? Ah!, você é o taqwa, que nos comprará mais do que toda a especiaria nos cofres dos Harkonnen.

— Então devo lhe ensinar o meu modo de luta — disse Jessica, sentindo a inconsciente intensidade ritual de suas próprias palavras.

— Agora pode me libertar?

— Assim seja.

Jessica soltou o homem e caminhou para o lado, ficando à plena vista do grupo na depressão. “Esse é o teste da mistura”, pensou.

“Mas Paul deve saber a respeito deles ainda que eu morra em prol de seu conhecimento.”

No silêncio que se seguiu, Paul inclinou-se para a frente tentando obter uma visão melhor do ponto onde sua mãe se encontrava. Ao se mover ouviu uma respiração pesada se interromper subitamente acima dele, na fenda vertical da rocha. Percebeu uma fraca sombra delineada contra as estrelas.

A voz de Stilgar veio lá de baixo.

— Você aí em cima! Pare de caçar o rapaz. Ele vai descer logo.

A voz de um garoto, ou de uma moça, soou na escuridão, acima de Paul:

— Mas, Stil, ele não pode estar longe de...

— Eu disse que o deixasse, Chani! Sua filha de um lagarto!

Uma voz praguejou baixinho acima de Paul, seguida de uma queixa, igualmente em voz baixa.

— Chama-me de filha de lagarto! — Depois a sombra sumiu de vista.

Paul voltou sua atenção para a cratera, percebendo a sombra cinzenta de Stilgar movendo-se ao lado de sua mãe.

— Venham todos vocês — chamou Stilgar, depois voltou-se para Jessica. — E agora eu lhe pergunto: como podemos ter certeza de que cumprirá com sua parte em nosso acordo? É você quem vive com papéis e contratos vazios tais como...

— Nós, de Bene Gesserit, não quebramos nossas promessas mais do que vocês o fazem...

Houve um silêncio prolongado, e depois um súbito sussurrar de vozes:

— Uma bruxa Bene Gesserit!

Paul tirou a arma do cinturão, apontando-a para a silhueta negra de Stilgar, mas o homem e seus companheiros permaneceram imóveis, olhando para Jessica.

— É a lenda — disse alguém.

— Dizem que Shadout Mapes deu esse relatório a seu respeito disse Stilgar. — Mas uma coisa tão importante deve ser testada. Se você for a Bene Gesserit da lenda, cujo filho nos conduzirá ao paraíso... Encolheu os ombros.

Jessica suspirou pensando: “Então nossa Missionária Protetora plantou até mesmo essas válvulas de segurança religiosa neste buraco infernal. Ah, bem... vai nos ajudar, e isso é o que deve fazer.” E ela disse:

— A vidente que lhes trouxe essa lenda o fez sob o compromisso do karama e ijaz, do milagre e da inimitabilidade da profecia. Isso eu sei. Desejam um sinal?

As narinas dele se dilataram à luz do luar.

— Não podemos nos demorar para realizar ritos — sussurrou ele.

Jessica lembrou-se de um mapa que Kynes lhe mostrara quando preparava rotas de fuga. Como isso parecia remoto. Havia, no mapa, um lugar chamado “Sietch Tabr”, com o nome “Stilgar” anotado ao lado.

— Talvez quando chegarmos ao Sietch Tabr — disse ela.

A revelação o fez estremecer, e Jessica pensou: “Se ao menos ele soubesse os truques que nós usamos! Ela deve ter sido muito boa, aquela Bene Gesserit das Missionárias Protetoras. Esses Fremen estão lindamente preparados para acreditar em nós.”

Stilgar se mexeu desconfortavelmente.

— Devemos partir agora. — Acenou com a cabeça, permitindo que soubesse que estavam partindo com a permissão dela.

Ele olhou para o penhasco, quase diretamente para a saliência rochosa onde Paul se agachava.

— Você aí, garoto. Pode descer agora.

Voltou sua atenção para Jessica, falando num tom de desculpa:

— Seu filho fez uma quantidade incrível de ruídos ao subir. Ele tem muito que aprender para não nos colocar em perigo, mas ele é jovem.

— Não há dúvida de que temos muito que ensinar um ao outro. Enquanto isso, é melhor dar uma olhada em seu companheiro ali. Meu filho barulhento foi um pouco duro ao desarmá-lo.

Stilgar girou, seu capuz batendo.

— Onde?

— Atrás daqueles arbustos — apontou ela.

Stilgar tocou dois de seus homens.

— Verifiquem. Depois olhou para seus companheiros identificando-os. — Jamis está faltando. — Olhou para Jessica. — Até o seu garoto conhece o modo sobrenatural?

— E vai reparar que ele não saiu de lá, como lhe ordenou.

Os dois homens que Stilgar enviara retornaram, suportando um terceiro que cambaleava e ofegava entre eles. Stilgar olhou para eles rapidamente, antes de voltar sua atenção para Jessica.

— O filho só obedecerá às suas ordens, hein? Bom. Ele conhece disciplina.

— Paul! Pode vir aqui agora — disse Jessica.

Paul se levantou saindo para a luz do luar acima de sua fenda esconderijo. Colocou a arma Fremen de volta no cinto, e ao se virar viu outro vulto sair das rochas para encará-lo.

Sob a luz da lua e de seus reflexos na pedra cinzenta, Paul viu uma pequena criatura em mantos Fremen. Um rosto oculto nas sombras olhando por baixo de um capuz, com o cano de uma das armas de projéteis saindo de uma dobra na vestimenta e apontando para ele.

— Eu sou Chani, filha de Liet.

A voz era alegre, com insinuações de riso.

— Eu não permitiria que você ferisse meus companheiros.

Paul engoliu em seco. A criatura diante dele virou-se na direção da lua, permitindo que visse um rosto de fada, com olhos muito escuros. A familiaridade naquele rosto, com suas feições brotando de incontáveis visões em sua presciência inicial, deixou-o chocado.

Lembrou-se do modo desafiante com que descrevera esse mesmo rosto saído de um sonho, dizendo para a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam : “Eu

a encontrarei um dia.”

Agora, aqui estava aquele rosto, mas num encontro como ele jamais sonhara.

— Você foi tão barulhento quanto um shai-hulud em fúria disse ela. — E tomou o caminho mais difícil para chegar aqui em cima. Siga-me. Eu lhe mostrarei um meio mais fácil de descer.

Ele pulou para fora da fenda, seguindo o rodopiar daquele manto através da paisagem acidentada. Ela movia-se como uma gazela, dançando sobre as rochas. Paul sentiu o sangue quente em seu rosto e ficou grato pela escuridão.

“Aquela garota!” Ela era como um toque do destino, e ele se sentia apanhado em uma onda, em sintonia com o movimento que elevava todo o seu espírito.

Dentro em pouco eles se encontravam entre os outros Fremen, no piso da depressão.

Jessica deu um sorriso amarelo para Paul e falou com Stilgar.

— Esta será uma boa troca de conhecimentos. Espero que sua gente perdoe nossa violência. Ela pareceu... necessária. Vocês estavam a ponto de... cometer um erro.

— Salvar alguém de um erro constitui uma dádiva do paraíso — respondeu Stilgar. Tocou os lábios com a mão esquerda e retirou a arma da cintura de Paul com a direita, jogando-a para um companheiro. — Você terá sua própria pistola maula, rapaz, quando fizer jus a uma.

Paul começou a falar mas se conteve, lembrando-se de um ensinamento de sua mãe: “Todo começo é uma ocasião muito delicada.”

— Meu filho terá as armas de que necessitar — disse Jessica.

Olhou para Stilgar forçando-o a pensar no modo como Paul conseguiria a pistola.

Stilgar olhou para o homem que Paul derrubara: Jamis. Ele respirava pesadamente, cabeça baixa, permanecendo afastado.

— Você é uma mulher difícil de entender — disse Stilgar, estalando os dedos da mão esquerda para um dos companheiros: — Kushti bakka te.

“Mais Chakobsa”, pensou Jessica.

O companheiro colocou dois quadrados de gaze na mão de Stilgar. Depois que passou o pano entre os dedos, fixou um deles em torno do pescoço de Jessica, abaixo do capuz, colocando o outro em Paul, do mesmo modo.

— Agora vocês usam o lenço do bakka — disse ele. — Se nos separarmos vocês serão reconhecidos como pertencendo ao sietch de Stilgar. Falaremos de armas em outra ocasião.

Moveu-se através de seu bando, inspecionando-o, entregando o embrulho

do estojo Fremen de Paul para um de seus homens carregar.

"Bakka", pensou Jessica, reconhecendo o termo religioso

"bakka — aquele que chora." Sentia como o simbolismo dos lenços unia esse bando. "Como pode o choro uni-los?", perguntou ela de si para si.

Stilgar aproximou-se da jovem que embaraçara Paul, dizendo:

— Chani, coloque este menino-homem sob sua proteção. Evite que ele se meta em encrencas.

Chani tocou o braço de Paul

— Venha comigo, menino-homem.

Paul ocultou a raiva em sua voz:

— Meu nome é Paul, e é melhor que você...

— Nós lhe daremos um nome, homenzinho — disse Stilgar.

— Por ocasião do mihna, no teste do aql.

— O teste da razão — traduziu Jessica. A súbita necessidade da ascendência de Paul dominou todas as outras considerações e ela retrucou: — Meu filho já foi testado com o gom jabbar!

No silêncio que se seguiu, ela percebeu que tocara no coração deles.

— Há muito que não sabemos um do outro — disse Stilgar. — Mas estamos nos demorando demais. O sol não deve nos encontrar em campo aberto. — Caminhou até o homem que Paul golpeara, e indagou: — Jamis, pode viajar?

Um grunhido foi a resposta.

— Surpreendeu-me, foi o que ele fez. Aquilo foi um acidente. Eu posso prosseguir.

— Nada de acidente — disse Stilgar. — Você, junto com Chani, são os responsáveis pela segurança do rapaz. Estas pessoas têm a minha proteção.

Jessica observou o homem, Jamis. Fora dele a voz que discutira com Stilgar do alto das rochas. Dele era a voz com a nuança da morte. E Stilgar julgava necessário reforçar sua autoridade com esse Jamis.

Stilgar observou rapidamente o grupo e fez sinal a dois homens para que se destacassem.

— Larus e Farrukh, vocês devem ocultar nossos rastros. Cuidem para que não deixemos nenhum traço de nossa passagem. Tenham cuidado extra. Temos duas pessoas conosco que não foram bem treinadas. — Voltou-se com a mão erguida, e apontou através da depressão. — Pelotão em linha, com flanqueadores. Movam-se! Devemos estar na Caverna do Espinhaço antes da aurora.

Jessica ajustou o passo ao lado de Stilgar, contando as cabeças.

Havia quarenta Fremen, mais ela e Paul, somando quarenta e dois.

E pensou: "Eles viajam em formação militar. Até mesmo a garota, Chani."

Paul tomou lugar na fila atrás de Chani, sufocando o sentimento de mágoa por ter sido apanhado por uma garota. Em sua mente, agora, encontrava-se a lembrança trazida pela resposta de sua mãe: "Meu filho foi testado com o gom jabbar!" Percebeu que sua mão comichava com a lembrança da dor.

— Cuidado com onde pisa — sussurrou Chani. — Não roce nos arbustos, ou deixará fiapos de roupa que revelarão sua passagem.

Paul engoliu em seco, assentindo.

Jessica escutava os sons da tropa, ouvindo seus próprios passos e os de Paul, maravilhando-se com o modo como os Fremen se moviam. Havia quarenta pessoas atravessando a depressão, e apenas os sons naturais do lugar podiam ser ouvidos. Vultos fantasmagóricos, com seus mantos ondulando através das sombras. Seu destino: Sietch Tabr, o sietch de Stilgar.

Examinou a palavra em sua mente: sietch. Tratava-se de um termo Chakobsa que permanecera imutável através de incontáveis séculos, desde a antiga linguagem dos caçadores. Sietch: lugar de encontro em ocasião de perigo. As profundas implicações da palavra e da linguagem só agora começavam a registrar-se, após a tensão do encontro.

— Estamos andando bem — comentou Stilgar. — Com a bênção do Shai-hulud, chegaremos à Caverna do Espinhaço antes da alvorada.

Jessica acenou com a cabeça, conservando sua força, sentindo a terrível fadiga que controlava apenas com sua força de vontade... e finalmente admitiu: "Pela força do júbilo." Sua mente concentrou-se no valor dessa tropa, percebendo o que lhe revelava a respeito da cultura dos Fremen. "Todos eles, uma cultura inteira, treinada em disciplina militar. Que coisa valiosa para um Duque banido!"

32

Os Fremen eram supremos naquela qualidade que os antigos denominavam spannungsbogen — que pode ser definida como o retardo auto-imposto entre o desejo por uma determinada coisa e o ato de estender a mão para apanhá-la.

— de A Sabedoria do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Eles se aproximaram da Caverna do Espinhaço ao raiar do dia, esgueirando-se através de uma fenda, na muralha da depressão; era tão estreita que precisavam mover-se de lado para atravessá-la. Jessica viu Stilgar destacar guardas na fraca luz da aurora, e viu-os de relance quando começaram a subir o penhasco.

Paul voltou a cabeça para o alto enquanto caminhava, observando as camadas geológicas do planeta através desse corte em seção reta que se abria em estreita fenda para o céu azul-acinzentado.

Chani puxou-o pelo manto para apressá-lo, dizendo-lhe:

— Rápido, já é quase dia.

— Os homens que subiram acima de nós, o que estão fazendo? — indagou ele sussurrando.

— A primeira vigília do dia — respondeu ela. — Agora apresse-se!

"Uma guarda no lado de fora", pensou Paul. "Sábio. Mas teria sido ainda mais sábio se tivéssemos nos aproximado deste lugar em grupos separados. Haveria menos chance, então, de perder uma tropa inteira." Interrompeu o pensamento, percebendo que isso era tática de guerrilha, e lembrando-se do medo em seu pai de que os Atreides se tornassem uma casa guerrilheira.

— Rápido! — pediu Chani.

Apressou o passo ouvindo o sussurro dos mantos atrás. E lembrou-se das palavras do sirat na minúscula Bíblia C.L. de Yueh.

"O Paraíso à minha direita, o Inferno à esquerda e o Anjo da Morte por trás." A citação passou por sua mente.

Depois de uma curva, a passagem se alargou. Stilgar pôs-se de lado, sinalizando a entrada para um buraco baixo que se abria em ângulos retos.

— Rápido! — disse. — Ficaremos como coelhos engaiolados se uma patrulha nos surpreender aqui.

Paul curvou-se, seguindo Chani para dentro de uma caverna iluminada por uma luz acinzentada e fraca, vinda de algum ponto acima. — Pode ficar de pé — disse ela.

Ele se levantou, observando o lugar: uma área larga e profunda com um teto abobadado e pouco mais alto do que um homem com a mão levantada. A tropa espalhou-se nas sombras, e Paul viu sua mãe surgir num dos lados, observando as pessoas. Percebia que ela não conseguia se confundir com os Fremen, mesmo que sua roupa fosse idêntica. O modo como se movia... com um certo senso de graça e poder.

— Encontre um lugar para repousar e fique fora do caminho, menino-homem — disse Chani. — Aqui há comida. — E colocou dois bocados embrulhados em folhas sobre sua mão. Cheiravam a especiaria.

Stilgar surgiu atrás de Jessica, dando ordens a um grupo à sua esquerda.

— Recoloquem o selo da entrada no lugar e cuidem de prender a umidade. — Voltou-se para outro Fremen: — Lemil, traga os globos luminosos. — Pegou Jessica pelo braço, dizendo. — Quero lhe mostrar uma coisa, mulher sobrenatural. — E levou-a por uma curva na rocha, em direção a uma fonte de luz.

Jessica encontrou-se olhando para fora, através de uma larga abertura na caverna. Uma abertura situada num ponto alto da parede do penhasco. Olhava em direção a outra depressão, com aproximadamente doze quilômetros de largura, protegida por altas paredes rochosas. Touceiras esparsas de plantas distribuíam-se à sua volta.

Enquanto olhava para a depressão acinzentada pela aurora, o sol se elevou sobre a escarpa distante, iluminando uma paisagem de rochas e areia cor bege-clara. Notou como o sol de Arrakis parecia saltar sobre o horizonte.

"É porque nós desejamos contê-lo", pensou ela. "A noite é mais segura que o dia." Sentiu uma saudade extrema de um arco-íris, nesse lugar que nunca vira chuva. "Devo suprimir este tipo de recordações. Elas são uma fraqueza, e não posso mais me permitir fraquezas."

Stilgar agarrou-lhe o braço, apontando para a depressão.

— Lá! Pode ver?

Olhou na direção indicada, percebendo um movimento: pessoas no fundo da depressão espalhando-se à luz do dia, dentro das sombras do penhasco oposto. A despeito da distância, seus movimentos eram nítidos no ar claro. Ela ergueu o binóculo que estava sob o manto, focalizando as lentes de óleo no povo distante; lenços ondulavam, como um bando de borboletas coloridas.

— Aquele é o lar — disse Stilgar. — Estaremos lá esta noite. Olhou para a paisagem adiante, coçando o bigode. — Meu povo está trabalhando muito tarde. Isso significa que não há patrulhas por perto. Mandarei um sinal para eles mais tarde, e ficarão preparados para nos receber.

— Sua gente mostra boa disciplina — comentou Jessica. Abaixou o binóculo vendo que Stilgar ainda olhava para eles.

— Eles obedecem à lei da preservação da tribo. É o mesmo modo pelo qual escolhemos o nosso líder. O líder é aquele que for mais forte, aquele que trouxer água e segurança. — Voltou a atenção para o rosto dela.

Ela correspondeu ao olhar, notando os olhos sem traços de branco, as pálpebras manchadas, a barba e o bigode orlados de poeira, a linha do tubo de recolhimento curvando-se das narinas para dentro do traje-destilador.

— Comprometi sua liderança ao derrotá-lo, Stilgar?

— Você não me desafiou.

— É importante que um líder mantenha o respeito ante sua tropa.

— Não é uma daquelas situações com que eu não possa lidar. Quando me derrotou, você derrotou a todos nós. Agora eles esperam aprender com você... o modo sobrenatural... E alguns estão curiosos para ver se pretende me desafiar.

Ela pesou todas as implicações.

— Vencendo-o em combate formal?

Ele assentiu:

— Aconselho-a a não fazer isso, porque eles não a seguiriam. Você não é da areia. Eles perceberam isso durante nossa caminhada noturna.

— Gente prática — comentou ela.

— É verdade — concordou olhando para a depressão. Conhecemos nossas necessidades. Mas alguns estão pensando profundamente, agora que estamos perto de casa. Estivemos muito tempo fora, trabalhando para entregar nossa quota de especiaria aos comerciantes livres e à amaldiçoada Corporação... que suas faces sejam negras para sempre.

Jessica interrompeu-se no ato de se voltar, olhando para o rosto dele.

— A Corporação? O que tem a ver a Corporação com sua especiaria?

— É a ordem de Liet. Nós conhecemos a razão, mas mesmo assim o gosto é amargo. Subornamos a Corporação com um monstruoso pagamento em especiaria para manter os nossos céus livres de satélites, de modo que ninguém possa espionar o que estamos fazendo na superfície de Arrakis.

Ela considerou suas palavras, lembrando-se de que Paul lhe dissera ser essa uma das prováveis razões para o céu de Arrakis ser limpo de satélites.

— E o que fazem na superfície de Arrakis que não deve ser visto?

— Nós a modificamos... lentamente, mas com segurança... para torná-la

adequada à vida humana. Nossa geração não verá isso, nem nossos filhos, ou os filhos de nossos filhos e seus netos... mas um dia virá. — Olhou com olhos velados para a depressão.

— Água a céu aberto, plantas verdes altas, e gente caminhando livremente, sem trajes-destiladores.

“Então este é o sonho de Liet-Kynes”, pensou ela, e comentou .

— Subornos são perigosos. Costumam se tornar cada vez maiores, com o tempo.

— Eles aumentam, mas o modo mais lento é o modo mais seguro.

Jessica voltou-se, olhando para a depressão, tentando vê-la do modo como Stilgar a via em sua imaginação. Mas viu apenas as manchas de mostarda das rochas distantes, e um repentino movimento enevoado no céu, acima dos penhascos.

— Ah! — exclamou Stilgar.

A princípio Jessica pensou que fosse um veículo de patrulha, e então percebeu que se tratava de uma miragem. Outra paisagem, flutuando sobre o deserto: areia e um distante ondular de vegetação. Em segundo plano, um verme enorme viajava na superfície, aparentemente com mantos Fremen ondulando em suas costas.

A miragem dissolveu-se.

— Seria melhor cavalgar — comentou Stilgar. — Mas não podemos permitir um produtor dentro desta depressão. Assim, teremos de caminhar esta noite.

“Produtor, a palavra deles para verme”, pensou Jessica.

Mediu a importância daquelas palavras, a declaração de que eles não poderiam “permitir” um verme dentro da depressão. Sabia o que tinha visto na miragem: Fremen cavalgando nas costas de um gigantesco verme. Era necessário um forte controle emocional para não trair o choque que sentira ao pensar nas implicações disso tudo.

— Devemos voltar para junto dos outros — disse Stilgar. — Senão minha gente pode desconfiar por eu estar demorando muito com você. Alguns já estão com inveja de que minhas mãos tenham experimentado seus encantos durante nossa luta na noite passada, na Bacia de Tuono.

— É o bastante! — retrucou Jessica.

— Sem ofensa — disse Stilgar, e sua voz era suave. — Mulheres entre nós não são tomadas contra sua vontade... e com você... — ele encolheu os ombros —... mesmo esta convenção não é necessária.

— Ponha na cabeça que eu era a mulher do Duque — disse, mas sua voz já estava mais calma.

— Como quiser. É hora de selar esta abertura para permitir um relaxamento na disciplina de trajes-destiladores. Minha gente precisa repousar confortavelmente neste dia. Suas famílias lhe permitirão pouco repouso amanhã.

O silêncio caiu entre eles.

Jessica olhou em direção à luz do sol. Ouvira o que pensara ter ouvido na voz de Stilgar? Uma oferta velada de algo mais do que "proteção"? Será que ele precisava de uma esposa? Percebia poder se colocar nesse lugar ao lado dele. Seria uma maneira de terminar com o conflito a respeito da liderança tribal. A mulher adequadamente alinhada com o homem.

Mas o que seria de Paul, então? Quem poderia dizer quais as regras de paternidade aqui? E quanto à filha ainda não nascida, que carregara durante essas semanas? A filha do Duque morto?

Permitiu-se encarar o pleno significado dessa outra criança crescendo dentro dela, percebendo seus verdadeiros motivos ao permitir sua concepção. Sabia quais eram: havia sucumbido àquele impulso profundo compartilhado por todas as criaturas ameaçadas de morte. Um impulso de buscar imortalidade através da prole. O instinto de fertilidade das espécies a dominara.

Olhou para Stilgar, vendo que ele ainda a observava, aguardando uma resposta. "Uma filha nascida aqui, de uma mulher casada com um homem como este. Qual seria o destino dessa filha?", indagou a si mesma. "Será que ele tentaria limitar as necessidades que se impõem para o destino que uma Bene Gesserit deve seguir?"

Stilgar pigarreou, revelando ter entendido algumas das questões na mente de Jessica.

— O que é importante, para um líder, é o que o torna líder. As necessidades de seu povo. Mesmo que você me ensine os seus poderes, pode chegar o dia em que um de nós precisará desafiar o outro. Eu preferiria outra alternativa.

— Existem outras alternativas? — indagou ela.

— A Sayyadina — disse ele. — Nossa Reverenda Madre está muito velha.

"Sua Reverenda Madre!"

Antes que ela pudesse sondar essa afirmação, ele continuou:

— Eu não estou me oferecendo, necessariamente, como marido. Isso não é nada difícil, já que você é bela e desejável. Mas, se você se tornar uma de minhas mulheres, isso pode levar alguns dos meus jovens a acreditarem que eu estou por demais preocupado com os prazeres da carne para me preocupar com as necessidades da tribo. Mesmo neste momento, eles nos ouvem e observam...

"Um homem que pondera suas decisões, que pensa nas consequências."

— Existem, entre meus jovens, aqueles que chegaram à idade impetuosa.

É preciso auxiliá-los durante esse período. Não devo dar razões para que eles me desafiem porque, do contrário, eu teria de matar e aleijar entre eles. Isso não é o procedimento adequado para um líder, se puder ser evitado com honra. Um líder, como pode ver, é uma das coisas que distinguem um povo de uma turba. Ele mantém os limites dos indivíduos. Muito pouca individualidade, e o povo se torna uma turba.

Suas palavras, a profundidade de sua consciência, o fato de que ele falava tanto para ela quanto para aqueles que os ouviam secretamente, forçou-a a reavaliá-lo.

“Ele tem valor”, pensou. “Onde terá aprendido esse equilíbrio interior?”

— A lei que determina nossa forma de escolher um líder é apenas uma lei — disse Stilgar. — Mas não significa que justiça seja sempre algo de que um povo precisa. Aquilo de que realmente necessitamos, agora, é tempo para crescer e prosperar, para espalhar nossa força sobre a terra.

“Quem serão seus ancestrais?”, perguntava Jessica consigo mesma. “De onde virá tal seleção genética?” Ela disse:

— Stilgar, eu o subestimei.

— Essa era a minha suspeita.

— Cada um de nós aparentemente subestimou o outro.

— Eu gostaria de terminar com isso — disse ele. — Gostaria de ter sua amizade e... sua confiança. Gostaria daquele tipo de respeito de um pelo outro que cresce dentro do peito, sem necessidade dos agarramentos do sexo.

— Compreendo — respondeu ela.

— Confia em mim?

— Eu “ouço” sua sinceridade.

— Entre nós a Sayyadina, quando não é a líder formal, ocupa um lugar especial, de honra. Elas ensinam. Elas mantêm a força de Deus aqui dentro. — Ele tocou o peito.

“Agora devo sondar este mistério da Reverenda Madre”, pensou Jessica.

— Você fala de sua Reverenda Madre... e eu ouvi palavras de lenda e profecia.

— Dizem que uma Bene Gesserit e sua prole guardam a chave para o nosso futuro.

— Acredita que sou eu?

Observou-lhe a face, pensando: “O jovem junco morre tão fácil. Os começos são tempos de grande perigo.”

— Não sabemos — respondeu ele.

Ela assentiu com a cabeça, pensando: “Ele é um homem honrado. Deseja que eu lhe dê um sinal, mas não inclinará a balança do destino dizendo-me qual

é o sinal.”

Jessica olhou para a depressão lá embaixo, para as sombras douradas e purpúreas, e as vibrações do ar poeirento através da boca da caverna. Sua mente foi subitamente tomada por uma prudência felina. Conhecia o canto da Missionária Protetora, sabia como se adaptar às técnicas de lenda, medo e esperança, usando-as para suas necessidades prementes, mas sentia estranhas mudanças... como se alguém se houvesse introduzido entre esses Fremen, capitalizando o trabalho da Missionária Protetora.

Stilgar pigarreou novamente.

Ela sentia sua impaciência, sabia que o dia avançava e os homens aguardavam para selar essa abertura. Essa era uma ocasião para audácia de sua parte e percebeu do que necessitava: alguma dar al-hikman, alguma escola de tradução que lhe daria...

— Adab — sussurrou ela.

Sua mente parecia ter girado dentro de si. Reconheceu a sensação com um acelerar do pulso. Nada, em todo o treinamento Bene Gesserit, carregava semelhante sinal de reconhecimento. Só poderia ser a adab, a memória insistente que vem por si mesma.

Entregou-se, permitindo que as palavras fluíssem de sua boca.

— lbn qirtaiba. Tão distante quanto o ponto onde a areia termina. — Esticou o braço para fora do manto, vendo os olhos de Stilgar se arregalarem, ouvindo o ruído de muitos mantos se movendo às suas costas. — Eu vejo um Fremen... com o livro dos exemplos — entoou. — Ele lê para al-Lat, o sol a quem desafiou e subjugou. Ele lê os Sadus do julgamento, e isto é o que ele lê:

“Meus inimigos são como folhas verdes corroídas
Que se colocaram no caminho da tempestade.
Não viste o que fez o nosso Senhor?
Enviou a pestilência entre eles
Que conspiravam contra nós.
Eles são como pássaros espalhados pelo caçador.
Seus planos são como bolar de veneno
Que cada boca deita.”

Um tremor percorreu-lhe o corpo e ela abaixou o braço. Das sombras do interior da caverna chegava-lhe a resposta sussurrada por muitas vozes.

— Seus trabalhos foram derrubados.

— A chama de Deus eleva-se em teu coração — disse ela.

E pensou: “Agora atingimos o canal adequado.”

— O fogo de Deus ilumina — veio a resposta.

Ela acenou.

— Teus inimigos cairão.

— Bi-lakaifa — responderam eles.

No súbito silêncio, Stilgar curvou-se diante dela.

— Sayyadina — disse. — Se o Shai-hulud permitir, então poderá ainda passar no interior e tornar-se uma Reverenda Madre.

“Passar no interior”, pensou ela. “Um modo curioso de se exprimir. Mas o resto se encaixou muito bem no canto.” Sentia uma amargura cínica pelo que acabara de fazer. “Nossa Missionária Protetora raramente falha. Um lugar foi preparado para nós, nesta terra selvagem. A prece do salat esculpiu nosso esconderijo.

Agora... devo representar o papel de Auliya, a Amiga de Deus...

Sayyadina, para os povos selvagens, tão fortemente impressionados com as profecias Bene Gesserit, que até chamam suas sacerdotisas de Reverendas Madres.”

Paul encontrava-se ao lado de Chani, nas sombras da caverna interior. Ainda podia sentir o gosto da comida que ela lhe dera: carne de ave e sementes, tudo ligado com mel de especiaria e envolto em uma folha. Ao provar, ele percebeu que nunca antes havia comido tamanha concentração de essência de especiaria, e sentira um medo momentâneo. Sabia o que essa essência lhe faria — a “mudança da especiaria” capaz de impulsionar sua mente para um novo estado de consciência presciente.

— Bi-lal kaifa — sussurrou Chani.

Olhou para ela, percebendo o espanto com que os Fremen pareciam aceitar as palavras de sua mãe. Apenas o homem chamado Jamis se afastara da cerimônia, destacando-se, com os braços dobrados sobre o peito.

— Duy yakha hin mange — sussurrou Chani. — Duy punra hin mange. — “Eu tenho dois olhos. Eu tenho dois pés.”

E olhou para Paul com uma expressão de espanto.

Paul respirou fundo, tentando controlar a tempestade em seu interior. As palavras de sua mãe haviam se unido ao efeito da essência, e agora ele sentia a voz dela aumentando e diminuindo em seu interior, como as sombras de uma fogueira. E através de tudo sentia o tom sarcástico na voz — conhecia-a tão bem! — mas nada poderia deter essa coisa que começara com um pouco de comida.

“Terrível propósito!”

Podia senti-la, a consciência racial da qual não poderia escapar.

Lá estava aquela clareza absoluta, o influxo de dados, a fria precisão de sua consciência. Abaixou-se no chão, sentando com as costas de encontro à rocha, entregando-se... Sua consciência fluiu para aquela camada fora do tempo, de onde podia observar o próprio tempo, sentindo os caminhos disponíveis, os ventos do futuro... assim como os ventos do passado. A visão monocular do passado, a visão monocular do presente, a visão monocular do futuro. Todas se combinando em uma visão triocular que lhe permitia ver o tempo se tornando espaço.

Havia o perigo, ele sentia, de ultrapassar a si mesmo; e necessitava apoiar-se em sua consciência do presente, sentindo a indistinta deflexão da experiência, o momento fluido, a contínua solidificação daquilo-que-é, no perpétuo-era.

Ao apreender o presente ele sentia, pela primeira vez, a maciça estabilidade do movimento do tempo, em toda parte complicada por correntes mutáveis, ondas, marés e contramarés, como a arrebentação do mar contra falésias rochosas. Isso fornecia-lhe uma nova compreensão de sua presciência, e ele via a fonte do tempo cego, a fonte do erro, com uma sensação imediata de medo.

A presciência, percebia, era uma iluminação que incorporava os limites daquilo que revelava; ao mesmo tempo, era uma fonte significativa de precisão e erro. A intervenção de uma espécie de incerteza de Heisenberg: o dispêndio de energia para revelar aquilo que ele via, mudava o que era visto.

E o que ele via era uma conexão de tempo dentro dessa caverna, um fervilhar de possibilidades focalizadas nesse ponto, onde a mais diminuta ação — o piscar de um olho, uma palavra descuidada, um grão de areia deslocado — movia uma gigantesca alavanca através do universo conhecido. Ele via violência, com seu resultado sujeito a tantas variáveis, que seu mais leve movimento criava vastas mudanças no padrão.

A visão fez com que desejasse congelar tudo em estado de imobilidade, mas isso também seria uma ação, com suas consequências.

As incontáveis consequências — linhas que se expandiam saindo dessa caverna, e ao longo da maioria dessas linhas ele via o seu próprio corpo morto, com o sangue fluindo de um largo ferimento de faca.

33

Meu pai, o Imperador Padishah, tinha 72 anos e no entanto não aparentava mais do que 35, no ano em que registrou a morte do Duque Leto e entregou Arrakis de volta aos Harkonnen. Ele raramente aparecia em público usando outra roupa que não o uniforme de Sardaukar e o capacete preto, com o leão imperial em ouro sobre a testa. O uniforme era uma lembrança clara de onde se assentava o seu poder. No entanto, ele não era sempre tão espalhafatoso. Quando queria, ele podia irradiar charme e sinceridade, mas eu frequentemente me pergunto, nestes dias de hoje, se alguma coisa dele era o que parecia. Penso, agora, que era um homem lutando constantemente para escapar às barras de uma gaiola invisível. Vocês devem se lembrar de que ele era um imperador, o líder pai de uma dinastia que recuava no passado mais indistinto. Todavia, nós lhe negamos um filho legal. Não seria essa a mais terrível derrota que um governante já sofreu? Minha mãe obedeceu às suar Irmãs Superioras naquilo em que Lady Jessica desobedeceu. Qual delas era a mais forte? A História já respondeu a esta pergunta.

— de Casa de meu Pai, escrito pela Princesa Irulan

Jessica acordou em meio à escuridão da caverna, sentindo o remexer dos Fremen à sua volta, respirando o odor acre do traje-destilador. Sua noção de tempo lhe dizia que logo seria noite lá fora, mas a caverna permanecia na escuridão, isolada do deserto pelas coberturas plásticas que prendiam a umidade de seus corpos dentro desse espaço.

Percebia ter-se entregue ao sono completamente relaxante do grande cansaço, e isso sugeria algo de sua avaliação inconsciente quanto à sua segurança pessoal na tropa de Stilgar. Virou-se sobre a rede feita com seu manto e colocou os pés sobre o piso rochoso, calçando as botas de deserto.

“Eu devo me lembrar de prender essas botas no estilo chinela, para auxiliar a ação bombeadora de meu traje-destilador. Há tantas coisas para serem lembradas.”

Ainda podia sentir o gosto da refeição matinal — o bocado de carne de ave e cereal servido dentro de uma folha com mel de especiaria — e percebia

que o uso do tempo era invertido aqui: a noite era o tempo das atividades, e o dia a ocasião para o repouso.

"A noite oculta, a noite é segura."

Desenganchou seu manto dos grampos para rede, colocados no quarto de rocha, remexeu o tecido na escuridão até encontrar a gola e enfiou-se nele.

"Como poderei enviar uma mensagem para as Bene Gesserit?", perguntou ela a si mesma. "Elas precisam saber a respeito dos dois que escaparam do santuário Arrakeen."

Globos luminosos acenderam-se no fundo da caverna. Ela viu pessoas movendo-se lá, e Paul entre elas, já vestido e com o capuz caído para trás, revelando o perfil aquilino dos Atreides.

"Ele agira de um modo tão estranho antes que se retirassem", pensou ela. "Retraído." Parecia alguém que houvesse escapado da morte, seus olhos vítreos e semicerrados, com o olhar voltado para o interior. Fizera com que pensasse em seu aviso a respeito da dieta impregnada de especiaria: viciava.

"Existirão efeitos secundários? Ele dissera alguma coisa com relação à sua faculdade presciente, mas permanecera estranhamente silencioso quanto ao que vira."

Stilgar surgiu das sombras à sua direita, caminhando em direção ao grupo debaixo dos globos luminosos. Ela percebeu como ele cofiava a barba, e sua atitude felina.

Um medo abrupto atingiu Jessica quando seus sentidos captaram as tensões visíveis nas pessoas reunidas em torno de Paul as posições ritualísticas, os movimentos rígidos.

— Eles têm a minha proteção! — rugiu Stilgar.

Jessica reconheceu o homem que Stilgar confrontava: Jamis!

Viu a raiva de Jamis, a posição contraída de seus ombros.

"Jamis, o homem que Paul derrotou."

— Você conhece a regra, Stilgar — dizia Jamis.

— Quem a conhece melhor? — indagou Stilgar, e ela percebeu o tom conciliador em sua voz, a tentativa de apaziguar alguma coisa.

— Eu escolho o combate — grunhiu Jamis.

Jessica atravessou correndo a caverna e segurou Stilgar pelo braço.

— O que é isso? — indagou.

— E a lei de amtal — respondeu Stilgar. — Jamis está exigindo o direito de testar a sua parte na lenda.

— Ela deve ter um defensor — disse Jamis. — Se o seu defensor vencer, a verdade será provada. Mas dizem... — E ele olhou para as pessoas reunidas... — que ela não necessitará de um defensor entre os Fremen. O que significa que traz

consigo o seu próprio defensor.

“Ele está falando em combate individual com Paul!”, pensou Jessica.

Soltou o braço de Stilgar e deu um passo adiante.

— Sou sempre a minha própria defensora. O significado é suficientemente simples para...

— Não nos ensine os nossos costumes! — retrucou Jamis. — Não sem antes apresentar mais provas do que as que já vi. Stilgar poderia ter lhe contado antes tudo que você disse esta manhã. Ele pode ter enchido a sua mente de instruções, e você pode ter repetido para nós, esperando causar uma falsa impressão.

“Posso dominá-lo, mas isso poderia entrar em conflito com a maneira como eles interpretam a lenda.” E novamente ela se admirou com a maneira como o trabalho da Missionária Protetora fora distorcido nesse planeta.

Stilgar olhou para Jessica, falando em voz baixa, mas cuidadosamente controlada para chegar até a extremidade do grupo. Jamis é pessoa de guardar rixas, Sayyadina. Seu filho o derrotou e...

— Foi um acidente! — gritou Jamis. — A força da bruxa agiu na Bacia de Tuono, e eu provarei isso agora!

— ... e eu mesmo já o derrotei — continuou Stilgar. — Ele busca, com seu desafio tahaddi, atingir a mim, além de seu filho. Existe demasiada violência em Jamis para torná-lo bom líder, demasiada ghafla, a distração. Ele entrega sua boca às regras, e seu coração à sarfa, o afastamento. Não, ele nunca daria um bom líder. Eu o tenho conservado por todo este tempo porque é útil em uma luta, mas quando se deixa dominar por seu ódio, torna-se perigoso para sua própria sociedade.

— Stilgar-r-r-r-r!” — rugiu Jamis.

Jessica percebia o que Stilgar estava fazendo, ele tentava enfurecer Jamis para afastar o desafio de Paul.

Stilgar encarou Jamis, e novamente Jessica ouviu aquele tom apaziguador em sua voz trovejante.

— Jamis, ele é apenas um garoto. Ele é...

— Você o chamou de homem — retrucou Jamis. — Sua mãe diz que ele passou pelo teste do gom jabbar. Ele é bem desenvolvido e tem excesso de água. Aqueles que carregaram a mochila deles dizem que há dois litrejons de água nela. Litrejons! E nós sugando nossos bolsões de recolhimento, no instante em que mostram uma gota de umidade.

Stilgar olhou para Jessica.

— É verdade? Existe água em sua mochila?

— Sim.

— Litrejons de água?

— Dois litrejons.

— Para que seria usada essa riqueza?

"Riqueza?", pensou ela. Sacudiu a cabeça sentindo a frieza na voz.

— Onde eu nasci a água caía do céu e corria sobre a terra, em largos rios — explicou ela. — Havia oceanos tão largos que você não poderia ver a outra praia. Eu não fui treinada em sua disciplina de água. Nunca precisei pensar desse modo antes.

Um murmúrio de exclamação elevou-se das pessoas ao redor: Água caindo do céu... e fluindo sobre a terra.

— Sabia que existem aqueles entre nós que perderam o conteúdo de seus bolsões de recolhimento, por acidente, e estarão em sérios apuros antes que alcancemos Tabr esta noite?

— Como eu poderia saber? Se precisam, pode dar a eles água da nossa mochila.

— Era isso que tencionava fazer com aquela riqueza?

— Eu tencionava usá-la para salvar uma vida — respondeu Jessica.

— Então nós aceitamos sua bênção, Sayyadina.

— Ela não vai nos comprar com água — resmungou Jamis. — Nem você conseguirá me enfurecer, Stilgar. Posso ver que está tentando me fazer desafiá-lo, antes que tenha provado minhas palavras.

Stilgar encarou Jamis.

— Está mesmo resolvido a forçar essa luta contra uma criança, Jamis? — Sua voz era baixa, maliciosa.

— Ela deve ser defendida.

— Mesmo se encontrando sob minha proteção?

— Eu invoco a lei de amtal. É o meu direito.

Stilgar assentiu:

— Então, se o garoto não cortá-lo, você responderá ante a minha faca em seguida. E desta vez eu não conterei minha lâmina como fiz antes.

— Não pode permitir isso — disse Jessica. — Paul é apenas...

— Não deve interferir, Sayyadina — respondeu Stilgar. — Oh, eu sei que pode me dominar, e portanto pode dominar qualquer um de nós, mas não pode vencer a todos nós juntos. Assim deve ser, é a lei de amtal.

Jessica ficou em silêncio, olhando para ele na luz esverdeada dos globos luminosos, percebendo a rigidez demoníaca que tomara conta de sua expressão. Voltou sua atenção para Jamis, vendo sua expressão pensativa: "Eu já vi isto antes", pensou. "Ele medita. É do tipo silencioso, que se prepara interiormente. Eu devia estar preparada."

— Se ferir o meu filho — disse ela — terá que me enfrentar. Eu o desafio agora! Eu o sangrarei em uma junta...

— Mãe! — Paul adiantou-se, tocando-lhe a manga. — Talvez se eu explicar para Jamis como...

— Explicar! — resmungou Jamis.

Paul ficou em silêncio, olhando para o homem. Não sentia medo dele. Jamis parecia desajeitado em seus movimentos e fora derrubado muito facilmente, durante o encontro noturno na areia.

Mas Paul ainda sentia a fervilhante conexão temporal dessa caverna, ainda recordava suas visões prescientes, visões de si mesmo morto por uma facada. E havia tão poucas trilhas para escapar daquela visão...

Stilgar avisou:

— Sayyadina, você deve recuar agora para onde...

— Pare de chamá-la de Sayyadina! — gritou Jamis. — Isso ainda terá que ser testado. Ela conhece a prece! E daí? Toda criança entre nós a conhece.

“Ele já falou o bastante”, pensou Jessica. “Tenho a chave para ele, e posso imobilizá-lo com uma única palavra.” Hesitou. “Mas não posso deter todos eles.”

— Você responderá a mim, então — disse, afinando a voz num tom envolvente, com um pequeno chiado e uma contenção da respiração no final.

Jamis olhou para ela, o medo estampado em sua face.

— Eu lhe ensinarei o que é agonia — continuou Jessica no mesmo tom. — Lembre-se disso enquanto lutar. Você sofrerá tal agonia que o gom jabbar lhe parecerá uma recordação feliz. Vai contorcer-se em todo o seu...

— Ela tenta lançar-me um feitiço — exclamou Jamis ofegando. Colocou o punho fechado ao lado da orelha. — Eu exijo que seja silenciada!

— Assim seja — concordou Stilgar, lançando um olhar de advertência para Jessica.

— Se falar de novo, Sayyadina, saberemos que está usando sua bruxaria, e você será punida. — Fez sinal para que ela recuasse.

Jessica sentiu mãos a puxá-la, ajudando-a a retroceder, e notou que eram gentis. Viu Paul sendo separado da turba, a garota com cara de fada, Chani, cochichando em seu ouvido enquanto apontava na direção de Jamis. Um círculo se formou dentro da tropa. Mais globos luminosos foram trazidos e regulados na faixa do amarelo.

Jamis entrou no círculo, tirou o manto e jogou-o para alguém na multidão. Ficou à espera, usando o traje-destilador lustroso e cinzento que parecia remendado e marcado por costuras e pregas. Por um momento ele inclinou a boca em direção ao ombro, bebendo do tubo da bolsa recolhedora. Depois

empertigou-se, retirou o traje-destilador, entregando-o cuidadosamente para alguém no círculo e ficou usando apenas uma tanga, um tipo de tecido apertado envolvendo-lhe os pés, e com uma faca cristalina na mão direita.

Jessica viu a menina Chani ajudando Paul, viu quando ela colocou uma faca cristalina em sua mão. Ele testou o peso e o equilíbrio da arma. Jessica procurou pensar no fato de que Paul fora treinado em prana e bindu, nervo e fibra. Aprendera a lutar em uma escola mortífera, tendo por professores homens como Duncan Idaho e Gurney Halleck, homens que já haviam se transformado em lendas durante suas vidas. O rapaz conhecia os modos tortuosos das Bene Gesserit, e parecia ágil e confiante.

"Mas ele tem apenas quinze anos, e não tem escudo. Devo parar com isso. Deve haver algum modo de..." Olhou para cima e percebeu Stilgar a vigiá-la.

— Você não pode detê-lo — disse ele. — Não fale.

Ela colocou a mão sobre a boca. "Eu plantei o medo na mente de Jamis. Talvez isso o retarde um pouco... Se ao menos eu pudesse rezar, rezar..."

Paul encontrava-se só agora, entrando no círculo, e usando apenas os calções de luta que vestia por baixo do traje-destilador. Segurava a faca cristalina na mão direita, os pés descalços sobre a rocha coberta de areia. Idaho o advertira inúmeras vezes: "Quando em dúvida quanto à superfície, pés descalços são o melhor." E havia as palavras de Chani, ainda frescas em sua consciência: — "Jamis golpeia para a direita com sua faca, depois que um golpe é aparado. É um hábito dele, que todos nós já observamos. E ele vai visar os olhos, tentando aproveitar uma piscadela para atingi-lo. Ele também pode lutar com ambas as mãos, cuidado com uma mudança da faca de uma mão para a outra."

Mas a recordação mais forte na mente de Paul, tão forte que ele a sentia com todo o seu corpo, eram os treinamentos e o mecanismo de reação instintiva forjados dia após dia, hora após hora, na prática de solo.

As palavras de Gurney Halleck estavam lá para serem lembradas: "O bom lutador de faca usa a ponta, a lâmina e o protetor do cabo, simultaneamente. A ponta também pode cortar, a lâmina também pode penetrar, e o protetor pode servir para prender a lâmina de seu adversário."

Olhou para a faca cristalina. Não havia protetor no encaixe da lâmina com o cabo, apenas um delgado anel circular, com as extremidades proeminentes, para proteger a mão. Além disso, percebia desconhecer a tensão de quebra dessa lâmina. Nem mesmo sabia se ela poderia ser partida.

Jamis começou a deslizar para a direita, ao longo da extremidade do círculo oposta a Paul.

Paul agachou-se, percebendo não ter escudo, mas ainda assim com o treinamento ajustado para lutar com aquele campo sutil ao seu redor. Fora

treinado para reagir, na defesa, com a maior velocidade, enquanto seu ataque seria controlado, com a lentidão necessária para penetrar no escudo do inimigo. A despeito dos avisos constantes de seus treinadores para não depender inconscientemente da redução de velocidade, causada pelo escudo, sabia agora que isso era parte de si mesmo.

Jamis pronunciou um desafio ritual.

— Que a tua faca lasque e quebre!

"Então esta faca pode quebrar", pensou.

Consolou-se com o fato de que Jamis também estava sem escudo. Todavia o homem não fora treinado com seu uso, e não tinha, portanto, as inibições de um lutador acostumado ao escudo.

Paul olhou para Jamis no outro lado do círculo. O corpo do homem parecia um chicote, cheio de nós sobre um esqueleto seco. Sua faca cristalina tinha um brilho amarelo-leitoso sob a luz dos globos luminosos. O medo percorreu-lhe o corpo. Sentia-se subitamente sozinho e nú, colocado sob a luz amarela dentro desse círculo de gente. A presciência alimentara seu conhecimento com incontáveis experiências, sugerindo as correntes mais fortes do futuro e as cadeias de decisões que as guiavam, mas isso aqui era o "agora-real". Isso era a morte, suspensa de um infinito número de minúsculos contratempos.

Qualquer coisa poderia alterar o rumo do futuro aqui, ele percebia. Alguém tossindo na tropa de assistentes, uma distração. Uma variação no brilho de um globo luminoso, uma sombra enganadora.

"Estou com medo", disse ele para si mesmo.

Circulou cuidadosamente na direção oposta a Jamis, repetindo silenciosamente a ladainha Bene Gesserit contra o medo: "O medo é o assassino da mente..." Foi como um banho frio, lavando seu corpo. Sentiu os músculos se descontraindo, se ajustando, prontos para a luta.

— Vou embainhar minha faca em seu sangue — rugiu Jamis. E no meio da última palavra atacou.

Jessica viu o movimento, sufocando um grito.

Onde o homem golpeara havia somente ar, e Paul se encontrava agora por trás de Jamis, com uma oportunidade clara de atingi-lo nas costas.

"Agora, Paul! Agora!", gritava mentalmente Jessica.

O movimento de Paul foi lentamente controlado, lindamente fluido, mas tão vagaroso que deu a Jamis a oportunidade de se esquivar, recuando e virando-se para a direita.

Paul também recuou, agachado.

— Primeiro precisa achar meu sangue — disse ele.

Jessica reconhecia o ritmo do lutador de escudo em seu filho, percebendo como isso podia ser uma faca de dois gumes. As reações do rapaz eram as de um jovem treinado até um máximo de eficiência como essa gente nunca conhecera. Infelizmente, seu ataque fora treinado também, e condicionado pela necessidade de penetrar uma barreira de escudo. Um escudo repeliria um golpe rápido, admitindo apenas um contragolpe enganadoramente lento.

Era necessário controle e astúcia para penetrar um escudo.

“Será que Paul percebe o que está acontecendo?”, pensou ela.

“Ele precisa.”

Novamente Jamis atacou, seus olhos negros como tinta cintilando, seu corpo um borrão amarelo sob os globos luminosos.

E novamente Paul escapou, para retornar muito lento, no ataque.

Outra vez...

E mais outra...

E outra...

Em todas as vezes, o contragolpe chegava um instante atrasado.

Jessica percebia algo que ela esperava que escapasse à atenção de Jamis. As reações defensivas de Paul eram muito rápidas, mas ele sempre se movia no ângulo exato que seria necessário se um escudo estivesse ajudando-o a desviar parte do golpe de Jamis.

— Seu filho está brincando com aquele pobre tolo? indagou Stilgar. Acenou para que ela ficasse em silêncio antes que pudesse responder:

— Desculpe, deve ficar calada.

Agora os dois lutadores circulavam um em torno do outro: Jamis com a faca na extremidade do braço esticado, inclinada levemente para cima. Paul agachado, com a faca abaixada.

Novamente Jamis atacou e desta vez virou-se para a direita, onde Paul estivera se esquivando.

Em vez de recuar, escapando, Paul atingiu a mão que empunhava a faca do adversário com a ponta de sua própria lâmina. Então fugiu, virando-se para a esquerda, grato pela advertência de Chani.

Jamis recuou para o centro do círculo, esfregando a mão ferida.

O sangue gotejou por um instante, depois parou. Os olhos do homem estavam arregalados — dois buracos negro-azulados estudando Paul com prudência, na luz fraca dos globos luminosos.

— Ah, esta doeu — murmurou Stilgar.

Paul agachou-se, pronto para enfrentar outra investida, e como fora treinado a proceder, depois de tirar o primeiro sangue, indagou:

— Você desiste?

— Ah! -gritou Jamis.

Um murmúrio furioso elevou-se da assistência.

— Parem! — gritou Stilgar. — O rapaz não conhece nossas regras. — Falou então para Paul:

— Não pode haver desistência no desafio do tahaddi. A morte é o resultado.

Jessica viu seu filho engolir em seco, e pensou: “Ele nunca matou um homem desse modo... no calor de uma briga de faca. Será que pode fazê-lo?”

Paul circulou lentamente para a direita, pressionado pelo movimento de Jamis. O conhecimento presciente das fervilhantes variáveis de tempo existentes nessa caverna vinha atormentá-lo agora.

Sua nova compreensão revelava existirem muitas decisões, excessivamente comprimidas nessa luta, para que qualquer sequência futura pudesse mostrar-se claramente. Variáveis acumulando-se sobre variáveis — era por esse motivo que essa caverna aparecia como uma junção indistinta em seu caminho. Como uma gigantesca rocha em meio a uma enchente, criando redemoinhos na correnteza em redor.

— Acabe com isso, garoto! — murmurou Stilgar. — Não brinque com ele.

Paul avançou lentamente no anel, confiando em sua própria vantagem quanto à velocidade.

Jamis recuava à medida que a compreensão se fazia em sua mente — este não era nenhum estrangeiro, fraco e tolo, no anel tahaddi, presa fácil para a faca cristalina de um Fremen.

Jessica via a marca do desespero no rosto do homem. “Agora é o momento em que ele se torna mais perigoso. Agora ele está desesperado, e pode fazer qualquer coisa. Percebe que esta não é uma criança de seu próprio povo, mas uma máquina lutadora, treinada desde que nasceu. Agora o medo que plantei em sua mente começará a crescer.”

Encontrou-se sentindo pena de Jamis, uma emoção temperada pela consciência do perigo imediato para seu filho.

“Jamis pode fazer qualquer coisa... qualquer coisa imprevisível.”

Naquele instante ela cogitou se Paul teria vislumbrado esse futuro, se estaria revivendo essa experiência. Viu o modo como Paul se movimentava, as gotas de suor em seu rosto e em seus ombros, a prudência visível no fluir de seus músculos. E pela primeira vez ela sentiu, sem compreender, o fator de incerteza no dom do filho.

Ele pressionava a luta agora, circulando ao redor do adversário, mas sem atacar. Percebera o medo em seu oponente e a memória da voz de Duncan Idaho fluía em sua consciência: “Quando seu adversário o temer, é o momento de dar

rédeas a esse medo, dar-lhe tempo para se acumular. Deixe que ele se transforme em terror.

O homem aterrorizado luta contra si mesmo. Finalmente, ele ataca em desespero, e esse é o momento mais perigoso. Todavia, pode-se ter certeza de que o homem aterrorizado geralmente cometerá um erro fatal. Você está sendo treinado aqui para detectar esses erros e usá-los.”

As pessoas na caverna começaram a murmurar.

“Eles pensam que Paul está brincando com o homem”, considerou Jessica. “Acham que Paul está sendo desnecessariamente cruel.”

Mas percebia também a excitação do grupo, a maneira como apreciavam o espetáculo. E também podia ver a pressão acumulando-se sobre Jamis. O momento em que esta se tornou demasiada para que ele a suportasse foi tão óbvio para ela quanto para Jamis... ou para Paul.

Jamis saltou alto, golpeando para baixo com a mão direita, que no entanto estava vazia. A faca cristalina encontrava-se agora em sua mão esquerda.

Jessica se assustou.

Mas Paul fora avisado por Chani: “Jamis luta com ambas as mãos.” Além disso, a meticulosidade de seu treinamento considerara esse truque: “Fique atento para a faca e não para a mão que a segura”, avisara Gurney Halleck diversas vezes. “A faca é muito mais perigosa que a mão, e a faca pode estar em ambas as mãos.”

E Paul percebera o erro de Jamis: fraca movimentação com os pés, fazendo passar o tempo de uma batida de coração antes que o homem se recuperasse do salto. Um salto destinado a confundir Paul e ocultar a mudança da faca.

Exceto com relação à luz amarela baixa dos globos luminosos, e aos olhos tintos dos espectadores, era exatamente como uma sessão de prática de solo. Escudos não contam quando o próprio movimento do corpo pode ser usado contra ele. Paul trocou a faca de mão, num movimento rápido, escorregou de lado e impulsionou a lâmina para cima, no ponto em que o peito de Jamis descia. Então recuou, para ver o homem tombar.

Jamis caiu como um boneco flácido, o rosto no chão. Deu um último suspiro e virou o rosto na direção de Paul, depois ficou imóvel no piso de rocha. Os olhos sem vida olhavam no vazio como contas de vidro negro.

“Matar com a ponta não tem requinte”, dissera Idaho uma vez. “Mas não permita que isso contenha sua mão quando a oportunidade se apresentar.”

A tropa avançou, enchendo o círculo e puxando Paul para o lado. Eles se agacharam ocultando Jamis, em frenética atividade. Daí a pouco, um grupo saiu apressado em direção às profundezas da caverna, carregando uma carga

embrulhada num manto.

Onde havia um corpo no piso rochoso não restava nada agora.

Jessica pressionou para a frente, caminhando em direção ao filho. Sentiu-se nadando num mar de corpos fedorentos, cobertos por mantos, uma turba estranhamente silenciosa.

“Agora é o momento terrível”, pensou. “Ele matou um homem, em clara superioridade de mente e músculos. Não deve aprender a apreciar tal vitória.”

Abriu caminho através do restante do grupo, chegando ao pequeno espaço aberto onde dois Fremen barbudos ajudavam Paul a colocar o traje-destilador.

Jessica observou seu filho, notando que os olhos de Paul pareciam brilhantes. Ele respirava pesadamente, permitindo que o ajudassem em vez de ajudá-los.

— Ele contra Jamis, e nenhuma marca nele — murmurou um dos homens.

Chani colocara-se ao lado, os olhos fixos em Paul. Jessica notou a excitação da garota, a admiração no rosto de fada.

“Deve ser feito agora, e com rapidez”, pensou Jessica.

Reuniu o máximo de desdém em sua voz e em suas maneiras, dizendo:

— Bem, como se sente sendo um assassino?

Paul ficou rijo, como se acabasse de receber uma bofetada. Encarou o olhar frio de sua mãe, e seu rosto enrubesceu.

Involuntariamente, olhou para o local onde estivera o corpo de Jamis.

Stilgar abriu caminho até chegar ao lado de Jessica, voltando das profundezas da caverna para onde fora levado o corpo de Jamis. Falou com Paul, num tom amargo e controlado:

— Quando chegar a ocasião para me desafiar, e tentar o meu burda, não pense que vai brincar comigo do modo como brincou com Jamis.

Jessica percebeu o modo como suas próprias palavras, e as de Stilgar, atingiam Paul, fazendo o trabalho duro sobre o rapaz. O engano cometido por essa gente servira agora para um bom propósito. Ela olhou os rostos ao redor, como Paul estava fazendo, vendo o que ele via. Admiração, sim, e medo... até um pouco de aversão. Olhou para Stilgar, notando seu fatalismo, sabendo o que ele pensava da luta.

Paul encarou sua mãe.

— Você sabe como foi.

Ela percebeu o retorno da sanidade, o remorso em sua voz, e olhou para o resto da tropa, dizendo:

— Paul nunca matou um homem com faca.

Stilgar encarou Jessica, seu rosto revelando descrença.

— Eu não estava brincando com ele — disse Paul, colocando-se diante de

sua mãe enquanto endireitava o caimento do manto.

Olhou para a mancha escura do sangue de Jamis no piso da caverna.

— Eu não queria matá-lo.

Jessica viu a compreensão chegar lentamente em Stilgar, percebeu seu alivio enquanto ele alisava a barba, com a mão cheia de veias proeminentes. Ouviu os murmúrios de compreensão se espalhando no grupo.

— Foi por isso que lhe pediu para desistir — comentou Stilgar. — Eu percebo agora. Nossos costumes são diferentes, mas você verá que há sentido neles. Pensei que havíamos admitido um escorpião em nosso meio. — Hesitou, e então acrescentou: — E eu não vou chamá-lo de garoto outra vez.

Uma voz gritou do meio da tropa.

— Ele precisa de um nome, Stil.

Stilgar acenou, alisando a barba.

— Vejo força em você... como a força embaixo de uma pilastra... — Fez nova pausa, depois: — Você será conhecido, entre nós, como Usul, a base da pilastra. Este será seu nome secreto, seu nome na tropa. Nós, do Sietch Tabr, poderemos usá-la, mas ninguém de fora deve conhecê-lo... Usul.

Murmúrios percorreram novamente a tropa.

— Uma boa escolha esta... forte... nos trará sorte. — E Jessica sentiu a aceitação, sabendo-se incluída com seu campeão. Ela era, de fato, a Sayyadina.

— Agora, qual o nome de adulto que você escolhe para que o chamemos abertamente? — indagou Stilgar.

Paul olhou para sua mãe, depois de volta para Stilgar. Trechos e pedaços desse momento registravam-se em sua memória presciente, mas ele sentia as diferenças como se fossem algo físico, uma pressão a forçá-lo através de uma porta estreita, representando o presente.

— Como chamam entre vocês o pequeno rato, o rato que salta? — indagou, lembrando-se do movimento que vira na Bacia Tuono. Ele indicou com a mão.

Um riso soou na tropa.

— Nós o chamamos Muad'dib — respondeu Stilgar,

Jessica assustou-se. Era o nome que Paul lhe dissera, ao falar que os Fremen iriam aceitá-lo e chamá-lo assim. Sentia um súbito medo de seu filho, e por seu filho.

Paul engoliu em seco. Sentia como se houvesse desempenhado esse papel por vezes incontáveis em sua mente... e no entanto... havia diferenças. Podia ver a si próprio, equilibrado num vertiginoso cume, tendo experimentado muito e possuindo um enorme estoque de conhecimentos. No entanto, tudo ao seu redor era como um abismo.

E novamente recordou-se da visão das legiões fanáticas, seguindo a bandeira verde e negra dos Atreides, pilhando e queimando através do universo em nome de seu profeta Muad'Dib.

"Isso não pode acontecer", disse para si mesmo.

— É esse o nome que deseja, Muad'Dib? — indagou Stilgar.

— Eu sou um Atreides — sussurrou Paul, e então falou alto: Não é justo que eu abdique, inteiramente, do nome que me foi dado por meu pai. Eu poderia ser conhecido entre vocês como Paul Muad'Dib?

— Você é agora Paul Muad'Dib — disse Stilgar.

E Paul pensou: "Isso não estava na visão. Eu fiz algo diferente."

Entretanto, sentia o abismo permanecer ao seu redor.

Novamente os murmúrios percorreram a tropa, enquanto os homens se voltavam, uns para os outros — ... Não podia pedir mais... É a lenda, — certeza... Lisan al-Gaib... Lisan al-Gaib...

— Vou dizer-lhe uma coisa a respeito de seu novo nome — explicou Stilgar. — A escolha nos agrada. O Muad'Dib é sábio nas maneiras do deserto. O Muad'Dib cria sua própria água. O Muad'Dib se oculta do sol e viaja no frio da noite. O Muad'Dib é fértil, e se multiplica sobre a terra. O Muad'Dib é chamado "instrutor de meninos". Essa é uma poderosa base sobre a qual pode construir sua vida, Paul Muad'Dib, que é Usul, entre nós. Nós lhe damos as boas-vindas.

Stilgar tocou a testa de Paul, com a palma de uma das mãos, depois abraçou-o, murmurando:

— Usul.

Quando Stilgar o soltou, outro membro da tropa abraçou Paul, repetindo seu nome, e ele foi passando, de abraço em abraço, através de todo o grupo, ouvindo vozes e diferentes tonalidades: — Usul... Usul... Usul... Usul. — Já podia reconhecer alguns.

E lá estava Chani, que pressionou a face contra a sua, enquanto o abraçava e dizia o seu nome.

Daí a pouco Paul encontrava-se novamente diante de Stilgar, que disse:

— Agora você é dos Ichwan Bedwine, nosso irmão. Seu rosto endureceu e ele acrescentou, com voz de comando: E agora, Paul Muad'Dib, aperte esse traje-destilador. — Olhou para Chani. — Chani! Os tampões de nariz de Paul Muad'Dib possuem o pior encaixe que já vi! Acho que lhe ordenei que cuidasse disso!

— Eu não tinha o material, Stil — respondeu ela. — Há os de Jamis, é claro, mas...

— Basta!

— Então eu dividirei os meus. Posso me arranjar com apenas um, até que...

— Você não fará isso. Sei que há sobressalentes entre nós. Onde estão os sobressalentes? Somos uma tropa unida, ou um bando de selvagens?

Mãos se estenderam oferecendo objetos duros e fibrosos. Stilgar selecionou quatro, e entregou-os a Chani. — Ajuste esses para Usul e Sayyadina.

Uma voz se elevou da retaguarda da tropa.

— E quanto à água, Stil? E quanto aos litrojons no embrulho deles?

— Eu sei de sua necessidade, Faro. — Stilgar olhou para Jessica, e ela acenou, assentindo.

— Divida um daqueles entre os que necessitam — disse Stilgar. — Mestre d'água!... onde está o mestre d'água? Ah, Shimoom, cuide de medir o que for necessário. O necessário, e nada mais. Esta água é propriedade do dote da Sayyadina, e será paga no sietch de acordo com as taxas de campo, menos as cotas de carregamento.

— O que é "pagamento de acordo com as taxas de campo"? indagou Jessica.

— Dez para um — respondeu Stilgar.

— Mas...

— É uma regra sábia, como terá oportunidade de ver.

Um som de mantos em movimento marcou a atividade no final da tropa, enquanto os homens se voltavam para buscar a água.

Stilgar ergueu a mão e fez-se silêncio.

— Quanto a Jamis, ordeno uma cerimônia completa. Jamis era nosso companheiro e irmão de Ichwan Bedwine. Não nos afastaremos sem o devido respeito para com aquele que provou a nossa sorte em seu desafio tahaddi. Eu invoco os ritos... ao pôr-do-sol, quando a escuridão vier para cobri-lo.

Paul ouviu essas palavras e sentiu-se mergulhar no abismo uma vez mais... tempo cego. Não havia passado ocupando o futuro, em sua mente... exceto... exceto... que ele ainda podia sentir a bandeira verde e negra dos Atreides ondulando... em algum lugar adiante... ainda podia ver as espadas ensanguentadas do jihad, e as legiões de fanáticos.

"Não vai ser assim", disse ele para si mesmo. "Não posso permitir."

34

Deus criou Arrakis para ensinar aos fiéis.

— de A Sabedoria do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Na quietude da caverna, Jessica ouvia o roçar da areia sobre a pedra enquanto as pessoas se moviam, os distantes chamados dos pássaros que Stilgar dissera serem sinais de seus sentinelas.

Os grandes selos plásticos haviam sido removidos das aberturas da caverna. Podia ver a marcha das sombras do entardecer sobre o lábio rochoso à sua frente, e a depressão além. Sentia que a luz do dia os abandonava; sentia o calor seco, assim como as sombras. Sabia que sua percepção treinada logo lhe daria o que esses Fremen obviamente possuíam: a capacidade de sentir até mesmo a mais leve mudança na umidade do ar.

Como eles haviam corrido para ajustar seus trajes-destiladores, quando a caverna fora aberta!

Nas profundezas da caverna alguém começou a cantar.

"Ima trava okolo! I korenja okolo!"

Jessica traduziu em silêncio: "Estas são as cinzas! E estas são as raízes!"

A cerimônia fúnebre para Jamis estava começando.

Olhou para o poente Arrakeen, para as faixas sucessivas de cores no céu. A noite começava a invocar suas sombras, ao longo das rochas e dunas distantes.

E, entretanto, o calor persistia.

Calor que forçava seus pensamentos em direção à água, e ao fato observado de que esse povo inteiro pudera ser treinado a sentir sede a intervalos determinados.

Sede.

Podia relembrar as ondas iluminadas pela lua, em Caladan, lançando mantos brancos sobre as rochas... e o vento pesado de umidade. Aqui, a brisa que tocava sua vestimenta secava os trechos de pele exposta na testa e nas maçãs do rosto. Os novos tampões de nariz irritavam-na e ela tornou-se inteiramente consciente do tubo que descia através de seu rosto, para dentro do traje, recuperando a umidade de sua respiração.

O próprio traje era uma caixa de suor.

— Seu traje será mais confortável quando seu corpo estiver ajustado a um conteúdo menor de água — dissera Stilgar.

Sabia que ele estava certo, mas isso não tornava esses momentos nem um pouco mais confortáveis. A preocupação inconsciente com a água, nesse lugar, pesava em sua mente. "Não", ela se corrigiu. "Era preocupação com umidade."

E isso era uma questão bem mais sutil e profunda.

Ouviu passos que se aproximavam e virou-se para ver Paul sair das profundezas da caverna, seguido por Chani.

"Eis outra questão", pensou Jessica. "Paul precisa ser advertido em relação a essas mulheres. Uma dessas mulheres do deserto não serviria como esposa para um Duque. Como concubina sim, mas não como esposa."

Então se admirou com seu próprio modo de pensar. "Terei sido contaminada por seus esquemas?" Como havia sido bem condicionada! "Sou capaz de pensar nas necessidades conjugais da realeza, sem nem uma vez considerar o meu próprio concubinato. Todavia... eu era mais que uma concubina."

— Mãe.

Paul parou diante dela, Chani ao seu lado.

— Mãe, você sabe o que eles estão fazendo lá atrás?

Jessica fitou a mancha negra dos olhos dele, por baixo do capuz.

— Creio que sim.

— Chani me mostrou... porque se supõe que eu deva ver e dar minha... permissão para a pesagem da água.

Jessica olhou para Chani.

— Eles recuperariam a água de Jamis — explicou ela, a voz saindo anasalada através dos tampões do nariz. — É a regra. A carne pertence à pessoa, mas sua água pertence à tribo... exceto em combate.

— Eles dizem que a água é minha — disse Paul.

Jessica se perguntou por que isso a fazia subitamente alerta e cautelosa.

— A água de combate pertence ao vencedor — continuou Chani. — É porque você tem de lutar em aberto, sem trajes-destiladores. O vencedor tem de recuperar a água que perdeu durante a luta.

— Não quero a água dele — murmurou Paul. Sentia-se parte de muitas imagens movendo-se simultaneamente, de um modo fragmentado, que era desconcertante para sua visão interior. Não tinha certeza quanto ao que iria fazer, mas de uma coisa estava certo: não queria a água destilada da carne de Jamis.

— É... água — disse Chani.

Jessica admirou o modo como ela dissera "água". Tanto significado num

som tão simples. Um ditado Bene Gesserit veio-lhe à mente: “A sobrevivência é a habilidade de nadar em águas estranhas.” E ela pensou: “Paul e eu precisamos encontrar as correntes e os padrões nessas águas estranhas... para podermos sobreviver.”

— Você aceitará a água — disse.

Reconheceu o tom em sua própria voz. Ela o usara uma vez, com Leto, para dizer ao seu Duque perdido que ele deveria aceitar uma grande soma, oferecida por seu apoio em uma aventura duvidosa. Devia aceitar porque era o dinheiro que mantinha o poder para os Atreides.

Em Arrakis água era dinheiro, e ela percebia isso claramente.

Paul permaneceu em silêncio, sabendo que faria o que ela ordenara — não porque ela ordenara, mas porque o tom em sua voz o forçara a reavaliar. Recusar a água seria quebrar um costume Fremen consagrado.

Depois ele lembrou as palavras do Kalima 476 na Bíblia C.L. de Yueh. Elas diziam: “Toda vida tem origem na água.”

Jessica olhou para ele, curiosa: “Onde aprendeu essa citação? Ele não estudou os mistérios.”

— Assim é dito — disse Chani. — Giudichar afirma: “Está escrito no Shah-Nama que a água foi a primeira, dentre todas as coisas, a ser criada.”

Por alguma razão que não era capaz de explicar (e isso a incomodava mais do que a sensação), Jessica subitamente estremeceu.

Voltou-se para esconder sua perplexidade, exatamente a tempo de ver o sol se esconder. Uma violenta mistura de cores derramando-se sobre o céu, enquanto o sol mergulhava abaixo do horizonte.

— É hora!

Era a voz de Stilgar, ressoando na caverna.

— A arma de Jamis foi morta. Jamis foi por Ele chamado, pelo Shai-hulud, que ordenou as fases para as luas, que diariamente minguam, e no final parecem curvas, como varas secas... — A voz de Stilgar baixou de volume. — Assim foi com Jamis.

O silêncio desceu como um cobertor sobre a caverna.

Jessica via a sombra cinzenta de Stilgar, como uma figura fantasmagórica no interior da caverna. Olhou de volta para a paisagem lá embaixo, e sentiu a frieza.

— Que os amigos de Jamis se aproximem — disse Stilgar.

Homens moveram-se atrás de Jessica, descendo uma cortina sobre a abertura. Um único globo luminoso foi aceso no alto, bem no fundo da caverna. Seu brilho amarelo permitia ver um fluir de figuras humanas; Jessica ouviu o roçar dos mantos.

Chani deu um passo à frente, como que atraída pela luz.

Jessica curvou-se junto ao ouvido de Paul falando no código familiar:

— Siga o exemplo deles, faça como eles fizerem. Será uma cerimônia simples, destinada a aplacar a sombra de Jamis.

“Vai ser muito mais do que isso”, pensou Paul. Sentia como que uma torção em sua consciência, como se estivesse tentando agarrar alguma coisa em movimento e imobilizá-la.

Chani veio para junto de Jessica e segurou-a pela mão: Venha, Sayyadina, devemos nos sentar em separado.

Paul observou as duas se moverem para dentro das sombras, deixando-o sozinho. Sentiu-se abandonado.

Os homens que haviam colocado a cortina vieram instalar-se ao seu lado.

— Venha, Usul.

Permitiu que o guiassem até um círculo de pessoas, formado ao redor de Stilgar, que se colocara bem abaixo do globo luminoso e ao lado de um fardo anguloso, coberto por um manto sobre o piso rochoso.

A tropa agachou-se ante um gesto de Stilgar, seus mantos sussurrando com o movimento. Paul sentou-se com eles, observando Stilgar, notando o modo como a luz diretamente acima transformava seus olhos em poços negros, e tornava mais brilhante o tecido verde em seu pescoço. Depois, deslocou sua atenção para o monte coberto pelo manto, reconhecendo o braço de um baliset projetando-se do tecido.

— O espírito abandona a água do corpo, quando a primeira lua se levanta — entoou Stilgar. — Assim se diz. E quando virmos a primeira lua se erguer esta noite, quem ela invocará?

— Jamis — respondeu a tropa.

Stilgar girou no centro do círculo, percorrendo os rostos com o olhar:

— Eu era um amigo de Jamis. Quando a aeronave falcão mergulhou sobre nós, em Buraco-na-Rocha, foi Jamis quem me puxou para a segurança. — Ele inclinou-se sobre o volume ao lado, erguendo o manto. — Eu levo este manto, como amigo de Jamis. Direito do líder. — Colocou o manto sobre o ombro e levantou-se.

Agora Paul podia ver o conteúdo do volume exposto: o pálido cinza-lustroso de um traje-destilador, um litrojon bem arranhado, um lenço com um livro no centro, a empunhadura sem lâmina de uma faca cristalina, uma bainha vazia, uma mochila dobrada, uma parabússola, um distrans, um batedor, uma pilha de ganchos metálicos do tamanho de um punho, um conjunto do que pareciam pequenas rochas dentro de uma dobra de tecido, um punhado de penas emaranhadas... e um baliset exposto ao lado da mochila dobrada.

"Então Jamis tocava baliset", pensou Paul. O instrumento fazia-o lembrar-se de Gurney Halleck e de tudo que fora perdido. Sabia, através de sua memória, do futuro e do passado, que algumas linhas de acaso poderiam produzir um encontro com Halleck, mas as reuniões seriam poucas e indistintas. Isso o intrigava. O fator de incerteza trazendo-lhe admiração. "Significará alguma coisa que eu farei..., ou que poderei fazer... poderia acarretar a destruição para o Gurney... ou trazê-lo de volta à vida... Ou...

Engoliu em seco, sacudindo a cabeça.

E novamente Stilgar se inclinou sobre a pilha.

— Para a mulher de Jamis, e para os guardas — disse, colocando as pequenas rochas e o livro nas dobras de sua roupa.

— Direito do líder — entoou a tropa.

— O marcador para o jogo de café de Jamis. — Stilgar ergueu um disco chato de metal verde. — Isto eu darei para Usul, em uma cerimônia adequada, quando retornarmos ao sietch.

— Direito do líder — entoou a tropa.

Finalmente, ele apanhou o cabo da faca cristalina e o exibiu.

— Para a planície funerária.

— Para a planície funerária — respondeu a tropa.

Em seu lugar no círculo, oposto à posição de Paul, Jessica acenou com a cabeça reconhecendo a fonte ancestral do rito. Pensava: "O encontro entre ignorância e conhecimento, entre brutalidade e cultura... tudo começa na dignidade com que tratamos nossos mortos." Olhou para Paul, pensando: "Será que ele percebe? Será que ele saberá o que fazer?"

— Nós somos amigos de Jamis — disse Stilgar. — Não estamos chorando nosso morto como um bando de garvarg.

Um homem de barba cinzenta, à esquerda de Paul, levantou-se.

— Eu era um amigo de Jamis — disse. Caminhou até a pilha e apanhou o distrans. — Quando nossa água caiu abaixo do mínimo, no cerco em Dois Pássaros, Jamis compartilhou a dele. — E o homem retornou para seu lugar no círculo.

"Será que esperam que eu também diga que era amigo de Jamis?", considerou Paul. "Esperam que eu tire alguma coisa daquela pilha?" Viu rostos se virarem em sua direção, momentaneamente. "Eles esperam isso!"

Outro homem no lado oposto a Paul se levantou, foi até a pilha e removeu o paracompasso. — Eu era um amigo de Jamis — disse. — Quando uma patrulha nos apanhou, em Curva-da-Colina, e eu fui ferido, Jamis os atraiu, de modo que os feridos pudessem ser salvos. Voltou para seu lugar no círculo.

Novamente os rostos se voltaram na direção de Paul, e ele viu a

expectativa demonstrada neles. Abaixou os olhos e sentiu um cotovelo cutucá-lo enquanto uma voz sussurrava:

— Você traria a destruição sobre nós?

“Como posso dizer que era seu amigo?”, perguntava ele com os seus botões.

Outro vulto se levantou do círculo, no lado oposto a Paul, e, quando o rosto envolto no capuz entrou na iluminação, ele reconheceu sua mãe. Ela removeu o lenço do monte, dizendo: Eu era uma amiga de Jamis. Quando o espírito dos espíritos, dentro dele, viu as necessidades da verdade, esse espírito recuou, poupando meu filho. — Ela retornou ao seu lugar.

Paul lembrou o desprezo na voz dela quando o confrontara após a luta: “Como se sente sendo um assassino?”

Novamente viu os rostos se voltarem em sua direção, sentindo a raiva e o medo entre a tropa. Uma passagem que sua mãe certa vez livro-filmara para ele, a respeito do “Culto dos Mortos”, relampejou em sua mente. Sabia o que tinha a fazer.

Paul levantou-se lentamente.

Um suspiro de alívio passou pelo círculo.

Paul sentia uma diminuição de seu eu, enquanto avançava para o centro do círculo. Como se houvesse perdido um pequeno fragmento de si mesmo, e o procurasse naquela pilha. Inclinou-se sobre o monte de pertences e ergueu o baliset. Uma corda soou suavemente ao bater em alguma coisa na pilha.

— Eu era um amigo de Jamis — sussurrou.

Sentiu lágrimas queimando seus olhos e forçou mais volume em sua voz. — Jamis me ensinou... que... quando você mata... você paga por isso. Eu desejaria ter conhecido Jamis melhor.

Cego pelas lágrimas, ele caminhou de volta ao seu lugar no círculo, e sentou-se no piso rochoso.

Uma voz falou baixinho:

— Ele derramou lágrimas!

A notícia passou ao redor do círculo:

— Usul dá umidade aos mortos!

Sentiu dedos tocando sua face úmida, ouviu sussurros de espanto.

Jessica, ouvindo as vozes, percebia a profundidade da experiência, compreendendo as terríveis inibições que deviam existir contra o derrame de lágrimas. Focalizou seu raciocínio nas palavras: “Ele dá umidade aos mortos.” Tratava-se de uma dádiva para o mundo das sombras — lágrimas. Elas seriam sagradas, sem dúvida.

Nada, nesse planeta, impressionara mais sua mente do que o valor

absoluto da água. Não os vendedores de água, nem as peles secas dos nativos. Não os trajes-destiladores, ou as regras da disciplina da água. Aqui estava uma substância mais preciosa que todas as outras: a própria vida entrelaçada de simbolismo e ritual.

Água.

— Eu toquei seu rosto — disse alguém baixinho. — Senti a dádiva.

A princípio os dedos que lhe tocavam o rosto haviam-no assustado. Ele agarrou a empunhadura fria do baliset, sentindo as cordas penetrarem em sua palma. Então viu os rostos além das mãos estendidas — os olhos arregalados de admiração...

Depois as mãos recuaram. A cerimônia fúnebre recomeçou. Agora, entretanto, havia um sutil espaço vazio ao redor de Paul, um retraimento. A tropa o honrava com um respeitoso isolamento.

E a cerimônia terminou com um canto, entoado em voz baixa:

“A lua cheia te chama...
Shai-hulud verás;
Vermelha é a noite, sombrio o céu
De morte sangrenta tu morreste.
Erguemos nossas preces para a lua: ela é redonda...
E a sorte entre nós será plena,
O que buscamos será encontrado
Na terra de chão firme.”

Um volume permanecia aos pés de Stilgar. Ele agachou-se colocando nele as palmas das mãos. Alguém se abaixou ao seu lado, e Paul reconheceu o rosto de Chani na sombra do capuz.

— Jamis carregava trinta e três litros mais sete, trinta e três dracmas de água da tribo — disse Chani. — Eu a abençôo agora, na presença da Sayyadina. Ekkeri-akairi, esta é a água, fillissinfollasy de Paul Muad’Dib! Kivi a-kavi, nunca mais, nakalas!

Nakalas! será medida e contada ukair-an! pelas batidas de coração jan-jan-jan do nosso amigo... Jamis.

Num súbito e profundo silêncio Chani se voltou, olhando para Paul. Instantes depois ela disse:

— Onde eu sou chama, tu serás carvão. Onde eu sou orvalho, tu serás água.

— Bi-lal kaifa — entoou a tropa.

— Para Paul Muad'Dib vai esta porção — continuou Chani.

— Que ele possa guardá-la para a tribo, preservando-a da perda descuidada. Que ele possa ser generoso com ela, em tempo de necessidade. Que ele possa passá-la adiante, quando for a sua vez, pelo beneficio da tribo.

— Bi-lal kaifa — respondeu o grupo.

"Eu devo aceitar esta água", pensou Paul. Lentamente ele se levantou, aproximando-se de Chani até ficar ao seu lado. Stilgar recuou para abrir espaço, tomando o baliset gentilmente de sua mão.

— Ajoelhe-se — pediu Chani.

Paul obedeceu.

Ela guiou-lhe as mãos até a bolsa de água, segurando-as de encontro à superfície elástica:

— A tribo confia-lhe esta água — disse ela. — Jamis a deixou. Leve-a em paz. — Levantou-se, puxando Paul consigo.

Stilgar devolveu-lhe o baliset e estendeu-lhe a palma da mão, com uma pequena pilha de anéis de metal. Paul olhou para eles, notando os diferentes tamanhos, o modo como a luz do globo luminoso se refletia neles.

Chani pegou o anel mais largo, erguendo-o na ponta do dedo.

— Trinta litros — explicou ela. Um por um pegou os outros, mostrando-os individualmente para Paul, enquanto os contava:

— Dois litros, um litro, sete fichas de água com uma dracma cada uma, uma ficha de trinta e três centavos de dracma. Ao todo, trinta e três litros, mais sete e trinta três dracmas secundários.

Ergueu-os juntos no dedo, para que Paul os visse.

— Você os aceita? — indagou Stilgar.

Paul engoliu em seco, e assentiu com a cabeça:

— Sim!

— Depois — disse Chani —, eu lhe mostrarei como prendê-los em seu lenço, de modo que não façam barulho e o denunciem, quando precisar de silêncio. — Estendeu a mão.

— Quer... guardá-los para mim? — indagou Paul.

Chani voltou-se, olhando espantada para Stilgar.

Ele sorriu, dizendo:

— Paul Muad'Dib, que é Usul, não conhece ainda os nossos costumes, Chani. Guarde suas fichas de água sem compromisso, até a ocasião em que possa mostrar a ele a maneira de carregá-las.

Ela acenou, tirou uma tira de pano debaixo de seu manto, unindo os anéis com ela, em uma intrincada trança. Hesitou, e depois os colocou no cinto, por baixo do manto.

“Perdi alguma coisa aqui”, pensou Paul. Percebia um sentimento de humor ao seu redor, alguma coisa troçando com ele, e sua mente logo reuniu a memória presciente: “Fichas de água oferecidas a uma mulher — modo, ritual de fazer a corte.”

— Mestres d’água! — chamou Stilgar.

A tropa levantou-se, num sussurrar de mantos. Dois homens avançaram para levantar a bolsa de água. Stilgar pegou o globo luminoso, liderando o caminho em direção às profundezas da caverna.

Paul caminhava espremido, logo atrás de Chani. Notou o brilho lustroso que a luz produzia sobre as paredes rochosas, o modo como as sombras dançavam, e sentiu a elevação no ânimo da tropa, evidente no ar de expectativa silenciosa.

Jessica, puxada para o final da tropa por mãos ávidas, empurrada entre corpos que se acotovelavam, suprimiu um instante de pânico. Reconhecera fragmentos do ritual, identificando os sinais de Chakobsa e Bhotani-jib nas palavras, consciente da violência selvagem que poderia explodir num desses momentos aparentemente calmos.

“Jan-jan-jan”, pensou ela. “Vá-vá-vá.”

Era como um jogo de criança que houvesse perdido toda a inibição nas mãos de adultos.

Stilgar parou diante de uma parede de rocha amarela, pressionou uma saliência, e a parede deslizou silenciosamente, afastando-se dele para abrir-se em uma fenda irregular. Avançaram por uma rede que parecia de favos, dirigindo um sopro de ar frio sobre Paul, quando ele passou.

Paul lançou um olhar indagador para Chani, puxando-lhe o braço.

— Aquele ar parecia úmido.

— Sshhh! — respondeu ela.

Mas um homem atrás comentou:

— Um bocado de umidade na armadilha, esta noite. É o modo de Jamis nos dizer que está satisfeito.

Jessica passou pela porta secreta ouvindo-a fechar-se às suas costas. Notou como os Fremen diminuíam o passo ao atravessar a rede de favos, sentindo a umidade que vinha na direção aposta.

“Armadilhas de vento!”, percebeu ela. “Eles esconderam as armadilhas em algum ponto da superfície para canalizar o ar até as regiões mais frias, aqui embaixo, e precipitar a umidade contida.”

Passaram através de outra porta de rocha, com grades acima. A porta fechou-se em seguida. A corrente de ar em suas costas carregava uma sensação de umidade claramente perceptível para Paul e Jessica.

Na frente da tropa, o globo luminoso nas mãos de Stilgar desceu abaixo do nível das cabeças dos homens, à frente de Paul. Pouco depois ele sentiu degraus sob seus pés, curvando-se para a esquerda. Luz se refletia de baixo para cima, em torno de cabeças cobertas, revelando o movimento circular das pessoas descendo em espiral pelos degraus.

Jessica sentiu um crescendo de tensão ao seu redor, a opressão do silêncio que lhe atingia os nervos, com um sentimento de exigência.

Os degraus terminaram e a tropa passou através de outra porta baixa. A luz do globo luminoso foi engolida por um imenso espaço aberto, sob um alto teto abobadado.

Paul sentiu a mão de Chani segurando seu braço com força, ouviu um fraco som de gotejar no ar frio, notando a completa calma que se apoderava dos Fremen diante dessa catedral da água.

“Eu vi este lugar num sonho”, pensou ele.

A idéia era ao mesmo tempo tranquilizadora e frustrante. Em algum ponto adiante, em seu caminho, as hordas fanáticas abriam sua trilha sangrenta através do universo, chamando seu nome. A bandeira verde e negra dos Atreides se tornaria um símbolo de terror. Legiões selvagens avançariam para a batalha bradando seu grito de guerra: Muad’Dib!

“Não deve ser assim. Não posso permitir que isso aconteça.”

No entanto, podia sentir as exigências da consciência racial em seu interior, seu próprio terrível propósito, e percebia que nenhuma ação menor poderia desviar a aproximação do Jaganath. Estava ganhando peso e momento. Se ele morresse nesse instante, a coisa continuaria através de sua mãe e sua irmã, ainda não nascida.

Nada, a não ser a morte de toda a tropa reunida aqui, e agora ele próprio e sua mãe incluídos — poderia deter a coisa.

Paul olhou em volta, vendo a tropa dispor-se formando uma linha transversal que avançou para uma barreira baixa, esculpida na rocha. Além dessa barreira, sob a luz do globo de Stilgar, Paul viu uma superfície de água negra e lisa. Estendia-se para dentro das sombras, escura e profunda — até a parede mais distante que aparecia fracamente visível, talvez a uma centena de metros adiante.

Jessica sentiu um leve repuxar na pele do rosto e da testa, que se relaxava na presença da umidade. A piscina era profunda; ela podia notar sua profundidade, e resistiu ao desejo de mergulhar nela as mãos.

Ouviu um som de água derramando, à sua esquerda. Olhou ao longo da linha sombreada dos Fremen, vendo Paul e Stilgar juntos dos mestres d’água, que esvaziavam sua carga dentro da piscina através de um medidor de fluxo. O medidor era como um olho redondo e cinzento erguendo-se acima da borda. Viu

o ponteiro luminoso mover-se, enquanto a água fluía até parar em trinta e três litros, sete e trinta e três dracmas.

"Soberba precisão na medida da água", pensou Jessica. Notou que as paredes da tina do medidor não apresentavam nenhum traço de umidade após a passagem da água. A água fluíra daquelas paredes sem qualquer tensão adesiva. Percebia nisso um indício quanto à tecnologia dos Fremen revelando-se num simples fato

"Eles eram perfeccionistas." Jessica caminhou ao lado da barreira, até chegar junto de Stilgar. O caminho foi aberto para ela com uma cortesia natural. Notou o distanciamento nos olhos de Paul, enquanto o mistério dessa grande piscina dominava seus pensamentos.

Stilgar olhou para ela:

— Existem aqueles entre nós que precisam de água — disse ele. — No entanto, eles seriam capazes de vir aqui sem tocar nesta água. Acredita nisso?

— Acredito — respondeu ela.

Ele olhou para a piscina.

— Temos mais de trinta e oito milhões de decalitros aqui. Protegidos contra os pequenos produtores, ocultos e preservados.

— Um tesouro escondido.

Stilgar ergueu o globo para olhar nos olhos dela.

— É muito mais que um tesouro. Temos milhares de depósitos como este, e somente alguns entre nós conhecem todos. — Ele inclinou a cabeça para um lado, e o globo lançou um brilho amarelo sobre seu rosto e sua barba. — Ouviu isto?

Eles escutaram.

O gotejar da água, precipitada pela armadilha-de-vento, enchia a sala com sua presença. Jessica percebia que toda a tropa fora apanhada em uma espécie de êxtase, ouvindo em arrebatamento, e apenas Paul parecia distanciado.

Para ele o som era como a passagem do tempo, tiquetaqueando.

Podia sentir o fluxo do tempo passando através de seu corpo, os instantes perdidos e nunca mais recapturados. Sentia a necessidade de uma decisão, mas ao mesmo tempo estava sem forças para mover-se.

— Tem sido calculado com precisão — sussurrou Stilgar. — Nós sabemos, em cada milhão de decalitros, de quanto necessitamos. Quando tivermos, mudaremos a face de Arrakis.

O abafado sussurro da resposta elevou-se da tropa:

— Bi-lal kaifa.

— Aprisionaremos as dunas debaixo de extensões de grama — disse Stilgar, a voz se tornando cada vez mais poderosa. — Prenderemos a água ao

solo, com árvores e arbustos.

— Bi-lal kaifa — entoou o grupo.

— A cada ano a camada de gelo polar se retrai.

— Bi-lal kaifa — cantaram eles.

— Transformaremos Arrakis num lar: com lentes para derretimento nos pólos, com lagos nas zonas temperadas, e somente o deserto profundo para o produtor e sua especiaria.

— Bi-lal kaifa.

— E nenhum homem jamais precisará procurar por água. Ela será sua para retirar do poço, açude, lago ou canal. Ela correrá através dos qanats para regar nossas plantas. Estará lá para qualquer homem usar. Será sua, bastando estender a mão.

— Bi-lal kaifa.

Jessica percebia o ritual religioso nas palavras, notando sua própria resposta reverente. “Eles estão ligados ao futuro”, pensou.

“Têm sua montanha para galgar. Esse é o sonho de um cientista... e estas pessoas simples, estes camponeses, estão tomados por ele.”

Seus pensamentos voltaram-se para Liet-Kynes, o ecologista planetário do Imperador, o homem que se tornara nativo. Ela o admirava. Esse era um sonho para capturar as almas dos homens, podia sentir nele a mão do ecologista. Era um sonho pelo qual os homens morreriam de boa vontade, outro daqueles ingredientes essenciais que sentia serem necessários a seu filho: pessoas com um objetivo, gente que seria fácil imbuir de fervor e fanatismo. Eles seriam fundidos como uma espada, para reconquistar o lugar de Paul.

— Nós partimos agora — disse Stilgar —, esperando que a primeira lua se levante. Quando Jamis se encontrar, seguramente, em seu caminho, iremos para casa.

Sussurrando sua relutância, a tropa o seguiu, contornando a barreira de água e subindo as escadarias.

Paul, caminhando logo atrás de Chani, sentia que um momento vital havia passado. Ele perdera a oportunidade para uma decisão essencial, e encontrava-se agora enredado em seu próprio mito.

Tinha consciência de ter visto esse lugar antes, experimentando como um fragmento de seu sonho presciente na distante Caladan, mas os detalhes do lugar eram preenchidos agora com elementos que não vira. Ocorria-lhe um sentimento de admiração ante os limites de seu dom. Era como se ele avançasse dentro de uma onda de tempo, algumas vezes na crista, outras na parte de baixo, enquanto ao seu redor outras ondas se erguiam e tombavam, revelando, e em seguida escondendo, o que levavam em suas superfícies.

Através de tudo isso, o selvagem jihad ainda assomava à sua frente, com toda a violência e o massacre. Era como um promontório acima da arrebentação.

A tropa passou pela última porta, entrando na caverna principal.

A porta foi selada, as luzes apagadas, as coberturas removidas das aberturas, revelando que a noite, com suas estrelas, já se estendera sobre a face do deserto.

Jessica caminhou até a entrada ressequida da caverna e olhou para o alto. As estrelas pareciam nítidas e próximas. Ela ouviu o remexer da tropa à sua volta, o som de um baliset sendo afinado em algum lugar lá atrás, e a voz de Paul cantarolando. Notou uma melancolia em sua voz que a deixou preocupada.

A voz de Chani soou na escuridão.

— Fale-me a respeito das águas em seu mundo de origem, Paul Muad'Dib.

— Noutra ocasião, Chani; eu prometo.

"Tamanha tristeza."

— É um baliset muito bom — comentou Chani.

— Muito bom — respondeu ele. — Acha que Jamis se importa que eu o use?

"Ele fala dos mortos com o verbo no presente", pensou Jessica, sentindo-se perturbada pelas implicações.

A voz de um homem interferiu:

— Jamis gostava de música na hora de deitar.

— Então cante-me uma de suas canções — pediu Chani.

"Tamanho encanto feminino na voz desta menina", notou Jessica. "Devo adverti-lo a respeito dessas mulheres... o quanto antes."

— Esta era uma canção de um amigo meu — disse Paul. — Acredito que ele esteja morto agora, o Gurney. Ele a chamava de sua "canção do entardecer".

A tropa ficou em silêncio, ouvindo a voz de Paul se elevar num doce tenor juvenil, com o baliset tilintando ao fundo.

"Neste tempo claro de fitar as brasas —
Que um sol dourado perdeu no cair da noite.
Que frenesi de sentidos, que odor de almíscar
Se unem na lembrança."

Jessica sentia verbalizar-se a música em seu peito — pagã, carregada com sons que a tornavam subitamente consciente de si mesma de uma forma intensa, sentindo seu próprio corpo e suas carências. Ouviu tensa e imóvel.

“Na quietude da noite adornada de pérolas Isso é para nós!
Que prazeres percorrem então —
Brilhantes em seus olhos Que amores floridos Impelem nossos corações...
Que amores floridos Preenchem nossos desejos.”

Jessica notou a quietude que se seguiu, enquanto a última nota ainda ressoava. “Por que meu filho canta uma canção de amor para aquela menina?” Sentiu um medo súbito. A vida fluía ao seu redor e ela era incapaz de segurar-lhe as rédeas. “Por que ele escolheu esta canção? Os instintos são muito francos, às vezes. Por que ele fez isso?”

Paul permanecia sentado na escuridão, um único pensamento dominando-lhe a consciência. “Minha mãe é o meu inimigo. Ela não sabe disso, mas ela é. Ela está trazendo o seu jihad. Ela me deu à luz, ela me treinou. Ela é o meu inimigo.”

35

O conceito de progresso age como um mecanismo protetor para nos ocultar os horrores do futuro.

— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Em seu décimo sétimo aniversário Feyd-Rautha Harkonnen matou seu centésimo gladiador-escravo nos jogos familiares. Como observadores da Corte Imperial encontravam-se o Conde e Lady Fenring, visitando a Casa dos Harkonnen em Giedi Prime, e convidados a se sentarem junto dos familiares mais próximos, na caixa dourada acima da arena triangular.

Em honra ao aniversário do futuro Barão, e para lembrar a todos os Harkonnen e seus súditos que Feyd-Rautha era o herdeiro designado, fora decretado feriado em Giedi Prime. O velho Barão instituíra uma pausa em todos os trabalhos, de meridiano a meridiano, e um esforço fora empreendido na cidade principal de Harko, no sentido de criar uma ilusão de alegria. Bandeiras ondulavam nos prédios, e uma nova camada de tinta fora espalhada ao longo das paredes na Rua da Corte.

No entanto, fora da rua principal, o Conde Fenring e sua senhora notaram os montes de lixo, as paredes, os muros ásperos, cuja cor marrom se refletia nas poças de água escura sobre as ruas, o movimento furtivo das pessoas.

No castelo de paredes azuis, havia uma terrível perfeição, mas não lhes escapou o preço que se pagava por isso: guardas por toda parte, e armas com aquele polimento especial que um olhar treinado percebia estarem sendo usadas regularmente. Havia barreiras de inspeção até para a passagem rotineira de uma área para outra, dentro do castelo. Os servos revelavam seu treinamento militar no modo como caminhavam, no caimento dos ombros... e no modo como seus olhos vigiavam, vigiavam e vigiavam.

— A pressão continua — o Conde sussurrou para sua senhora, usando a linguagem secreta entre ambos. — O Barão está começando a ver o preço que realmente pagou para se livrar do Duque Leto.

— Algum dia desses eu devo lhe recontar a lenda da Fênix respondeu ela.

Encontravam-se na sala de recepção do castelo, esperando para serem

conduzidos até os jogos. Não era uma sala muito grande, talvez quarenta metros de comprimento, e metade disso na largura. Entretanto, os falsos pilares laterais haviam sido moldados com um pronunciado afilamento em direção ao teto, sutilmente arqueado, criando, ambos, uma ilusão de espaço muito maior.

— Ah, aí vem o Barão! — exclamou o Conde.

O Barão atravessou a sala com um gingado peculiar, característico do peso suportado por suspensores. A papada ondulando, os suspensores bamboleando embaixo do manto cor de laranja.

Anéis brilhavam em suas mãos, e opafiras cintilavam no manto.

Ao lado do Barão caminhava Feyd-Rautha. Seu cabelo negro, penteado em madeixas entremeadas, parecia inadequadamente jovial para os olhos sombrios. Ele usava uma túnica negra, justa, e calças apertadas em forma de sino na bainha. Seus pés pequenos calçavam chinelas de sola macia.

Lady Fenring notou a postura do rapaz e os músculos firmes por baixo da túnica, pensando: “Aqui está alguém que não vai se permitir engordar.”

O Barão parou diante deles, segurando o braço de Feyd-Rautha de um modo possessivo.

— Meu sobrinho, o futuro Barão, Feyd-Rautha Harkonnen. — E, voltando seu rosto de bebê em direção a Feyd-Rautha, acrescentou: — O Conde e Lady Fenring, de quem falei.

Feyd-Rautha inclinou a cabeça com a cortesia requerida. Olhou para Lady Fenring. Ela era loura e esbelta, seu corpo perfeito envolto num vestido leve de linho cru — simples adequação de forma, sem ornamentos. Olhos verde-acinzentados o fitaram. Ela tinha aquela dignidade serena das Bene Gesserit que as tornava tão sutilmente perturbadoras para os jovens.

— Aaahhhhmmm! — exclamou o Conde. Observou Feyd-Rautha. — Hummmm, jovem meticuloso, ah, meu... hummm... caro? — O Conde olhou para o Barão. — Meu querido Barão, você diz que falou a nosso respeito com esse jovem meticuloso. O que disse a ele?

— Falei a meu filho da grande estima que o Imperador tem por você, Conde Fenring — respondeu o Barão, enquanto pensava: “Marque-o bem, Feyd. Um assassino com os modos de um coelho. Este é o tipo mais perigoso.”

— É claro! — disse o Conde, e sorriu para sua companheira.

Feyd-Rautha achou as ações do homem e suas palavras quase insultantes. Chegavam muito perto de se tornarem algo manifesto, exigindo reparação. Focalizou sua atenção no Conde: um homem pequeno, de aparência frágil, seu rosto lembrava uma doninha, com os olhos muito grandes e escuros, as têmporas grisalhas. E seus movimentos... Ele movia uma das mãos e girava a cabeça de um modo, e mudava o movimento de repente. Era difícil acompanhar.

— Ammmmmhhh, é tão raro encontrar tamanha... ummm... precisão — disse o Conde, dirigindo-se ao ombro do Barão. Eu... ahh, felicito-o quanto à... hummmm... perfeição de seu... ahhh... herdeiro.

— É muito gentil — respondeu o Barão. Ele se curvou, mas Feyd-Rautha notou que os olhos de seu tio não aprovavam a cortesia.

— Quando é irônico... hummm... isto sugere que você está... aahhh... pensando em algo profundo — disse o Conde.

“Lá vai ele de novo”, pensou Feyd-Rautha. “Soa como se estivesse nos insultando, mas não há nada que justifique um pedido de satisfações.”

Escutar o homem dava a Feyd-Rautha a impressão de que sua cabeça estava sendo empurrada num mingau... ammmmhhhumm!

Voltou sua atenção para Lady Fenring.

— Estamos... aahh... tomando muito tempo deste jovem — disse ela. — Se compreendi, ele deve aparecer na arena hoje.

“Mesmo para os padrões do harém imperial ela é encantadora!”, pensou Feyd-Rautha. E disse:

— Posso lhe dedicar a morte de um gladiador hoje, minha senhora. Consagrando-lhe minha atuação na arena, com sua permissão.

Ela voltou o olhar serenamente, mas sua voz foi como uma bofetada, quando disse:

— Você não tem a minha permissão.

— Feyd! — gritou o Barão. E pensou: “O idiota! Será que ele quer esse Conde mortífero desafiando-o?”

Mas o Conde apenas sorriu, e resmungou:

— Hummmm.

— Você realmente devia estar se aprontando para a arena, Feyd — advertiu o Barão. — Deve repousar, e não assumir nenhum risco tolo.

Feyd-Rautha fez uma mesura, seu rosto sombrio de ressentimento.

— Tenho certeza de que tudo será como desejar, tio. Acenou para o Conde Fenring: — Senhor. — Para Lady Fenring: — Senhora. — Depois voltou-se e caminhou para fora da sala, quase sem olhar para o grupo das Famílias Inferiores, próximo à porta dupla.

— Ele é tão jovem — suspirou o Barão.

— Aaahnmmm, de fato, hmmm — disse o Conde.

E Lady Fenring pensou: “Como pode ser este o jovem a quem a Reverenda Madre se referiu? Será ele a linha genética que devemos preservar?”

— Temos mais de uma hora, antes de nos dirigirmos para a arena — disse o Barão. — Talvez pudéssemos ter nossa breve conversa agora, Conde Fenring. — Inclinou a cabeça maciça. — Existe uma considerável quantidade de assuntos

a serem discutidos.

“Vamos ver como o menino de recados do Imperador transmite sua mensagem, sem jamais ser tão grosseiro a ponto de dizê-la explicitamente.”

O Conde falou com sua companheira:

— Ammmm-ahhhumm, você, hummm... pode nos desculpar... aahhh... um instante, querida?

— A cada dia, algum momento, a cada hora, traz a mudança disse ela. — Hummmm. — Sorriu de modo encantador para o Barão, antes de se voltar. Sua saia longa fez um ruído sussurrante, e ela caminhou de modo altivo, com uma postura nobre, em direção às portas duplas na extremidade da sala.

O Barão notou como toda a conversação se interrompia entre as Casas Menores quando ela se aproximou, como todos os olhos a seguiam. “Bene Gesserit!”, pensou o Barão. “O Universo seria melhor se nos livrássemos de todas elas!”

— Existe um cone de silêncio entre dois dos pilares, ali à nossa esquerda — explicou o Barão. — Podemos conversar lá sem medo de sermos ouvidos. — Seguiu na frente com seu passo ondulante, entrando no campo supressor de ruídos, ouvindo os sons do castelo se tornarem distantes e abafados.

O Conde se colocou ao lado do Barão, e ambos se voltaram, ficando de frente para a parede, de modo que seus lábios não pudessem ser lidos.

— Não estamos satisfeitos com o modo como ordenou a retirada dos Sardaukar, em Arrakis — disse o Conde.

“Falando diretamente!”, surpreendeu-se o Barão.

— Os Sardaukar não poderiam ficar mais tempo sem correrem o risco de que outras pessoas soubessem do modo como o Imperador me ajudou — respondeu o Barão.

— Mas, seu sobrinho Rabban não parece estar se esforçando o suficiente para solucionar a questão dos Fremen.

— E o que o Imperador quer? Não pode haver mais que um punhado de Fremen em Arrakis. O deserto ao sul é inabitável. O deserto ao norte é percorrido regularmente por nossas patrulhas.

— Quem diz que o deserto ao sul é inabitável?

— Seu próprio planetólogo disse isso, meu caro Conde.

— Mas o Dr. Kynes está morto.

— Ah sim... infelizmente está.

— Ouvimos falar de um vôo sobre as extensões do sul. Viram indícios de vida vegetal.

— A Corporação concordou então em realizar uma observação do espaço?

— Sabe muito bem, Barão, que o Imperador não pode legalmente colocar

Arrakis sob vigilância.

— E eu não posso custear uma — retrucou o Barão. — Quem fez esse vôo?

— Um... contrabandista.

— Alguém mentiu para você, Conde. Contrabandistas não podem navegar sobre regiões do sul melhor do que os homens de Rabban. Tempestades, estática de areia, e tudo o mais. Marcos de navegação são derrubados mais rapidamente do que podem ser instalados.

“Discutiremos os vários tipos de estática em outra ocasião”, pensou o Barão. — Encontrou algum erro na minha contabilidade, então?

— Quando você próprio imagina erros, não pode haver autodefesa.

“Ele está tentando deliberadamente me enfurecer”, concluiu

O Barão respirou fundo duas vezes, para se acalmar. Podia cheirar o seu próprio suor, e o arnês dos suspensores por baixo da roupa parecia-lhe subitamente irritante.

— O Imperador não pode estar infeliz com a morte da concubina e do garoto. Eles fugiram para o deserto, houve uma tempestade.

— De fato ocorreram muitos acidentes convenientes concordou o Conde.

— Não gosto de suas insinuações, Conde.

— Raiva é uma coisa, violência outra — disse o Conde. — Deixe-me adverti-lo: se algum acidente infeliz me acontecer aqui, as Grandes Casas tomarão conhecimento do que fez em Arrakis. Há muito que suspeitam de seus negócios.

— O único negócio recente de que posso me lembrar respondeu o Barão — foi o transporte de várias legiões de Sardaukar para Arrakis.

— E pensa que pode ameaçar o Imperador com isso?

— Eu não pensaria nisso!

O Conde sorriu.

— Podem ser encontrados comandantes, entre os Sardaukar, que confessarão ter agido sem receber ordens, apenas porque desejavam uma luta com a ralé Fremen.

— Muitos suspeitariam de tal confissão — respondeu o Barão, mas a ameaça deixou-o perturbado: “Seriam os Sardaukar tão disciplinados?”

— O Imperador deseja examinar seus livros.

— Quando quiser.

— Você... ahh... não tem objeções?

— Nenhuma. Minha gerência da CHOAM pode ser examinada minuciosamente. — E pensou: “Deixe que eles façam uma falsa acusação contra mim, e tentem prová-la. Eu estarei aqui, como Prometeu, dizendo: olhem para

mim, eu fui injuriado. E depois deixe que façam qualquer outra acusação contra mim, até mesmo uma verdadeira. As Grandes Casas não acreditarão num segundo ataque de um acusador que já se mostrou errado.”

— Não duvide que seus livros vão receber o mais minucioso exame — murmurou o Conde.

— Por que o Imperador está tão interessado em exterminar os Fremen?

— Deseja mudar de assunto, hein? — O Conde encolheu os ombros. — São os Sardaukar que o desejam, não o Imperador. Eles precisam praticar matanças... e odeiam deixar uma tarefa por terminar.

“Será que ele tenciona assustar-me, lembrando-me que é apoiado por assassinos tão sedentos de sangue?”, perguntou a si mesmo o Barão.

— Uma certa quantidade de mortes sempre foi uma das exigências do negócio, mas uma linha deve ser traçada em algum lugar. Alguém deve ser deixado para colher a especiaria.

O Conde emitiu uma risada curta.

— Você pensa que pode subjugar os Fremen?

— Nunca foram tão numerosos para justificar isso. Mas a matança deixou o resto de minha população inquieta. Chegou ao ponto de eu ter que considerar outra solução para o problema de Arrakis, meu querido Fenring. E devo confessar que o Imperador merece o crédito por minha inspiração.

— Ahhh?

— Como vê, Conde, tenho o planeta-prisão do Imperador, Salusa Secundus, para me inspirar.

O Conde olhou para ele de modo intenso.

— Que conexão possível pode existir entre Arrakis e Salusa Secundus?

O Barão notou a aparência vigilante nos olhos de Fenring e disse:

— Nenhuma conexão, ainda.

— Ainda?

— Deve admitir que seria um meio de desenvolver uma substancial força de trabalho em Arrakis. Usar o lugar como planeta-prisão.

— Antecipa um aumento de prisioneiros?

— Tem havido agitação — admitiu o Barão. — Eu tenho sido obrigado a espremê-los com alguma severidade, Fenring. Além do mais, você sabe o preço que paguei àquela maldita Corporação para levar nossa força mútua até Arrakis. Esse dinheiro tem que vir de algum lugar.

— Sugiro que não use Arrakis como planeta-prisão sem o consentimento do Imperador, Barão.

— É claro que não — respondeu este, admirando-se com a súbita frieza na voz de Fenring.

— Outra questão — disse o Conde. — Soubemos que o Mentat do Duque Leto, Thufir Hawat, não está morto, e sim a seu serviço.

— Eu não podia desperdiçá-lo.

— Mentiu para o comandante dos Sardaukar quando lhe disse que Hawat estava morto.

— Só uma pequena mentira, meu querido Conde. Eu não tinha estômago para continuar discutindo com aquele homem.

— Hawat era o verdadeiro traidor?

— Oh, pelo amor de Deus, não! Era o falso médico. — O Barão enxugou o suor no pescoço. — Deve compreender, Fenring, que eu estava sem um Mentat. Sabe disso. Nunca fiquei sem um Mentat. Foi muito inquietante.

— Como pôde conseguir que Hawat mudasse sua lealdade?

— Seu Duque estava morto. — O Barão forçou um sorriso.

— Não há nada a temer de Hawat, meu caro Conde. A carne do Mentat foi impregnada com um veneno latente. Nós administramos o antídoto em suas refeições. Sem o antídoto, o veneno é acionado e ele morre em questão de dias.

— Retire o antídoto — ordenou o Conde.

— Mas ele é tão útil!

— E sabe muitas coisas que nenhum homem vivo deveria saber.

— Você disse que o Imperador não teme uma revelação.

— Não brinque comigo, Barão!

— Quando eu receber tal ordem com um selo imperial, obedecerei. Do contrário, não me submeterei aos seus caprichos.

— Acha que é um capricho?

— Que mais pode ser? O Imperador tem obrigações para comigo, Fenring. Eu o livrei do incômodo Duque.

— Com a ajuda de alguns Sardaukar.

— Onde mais o Imperador teria encontrado uma Casa para fornecer os uniformes que esconderam a sua atuação nesse assunto?

— Ele tem feito a si mesmo essa pergunta, Barão; mas com uma ênfase um pouquinho diferente.

O Barão observou Fenring, notando a rigidez dos músculos do maxilar, o auto-controle cuidadoso. — Ahh, então é isso. Espero que o Imperador não pense que pode agir contra mim em total segredo.

— Ele espera que isso não se torne necessário.

— O Imperador não pode achar que o estou ameaçando! O Barão se permitia agora um tom de mágoa na voz, e pensava: “Deixe que me caluniem desse modo! Posso me colocar naquele trono enquanto ainda estiver batendo no peito, e dizendo como fui caluniado.”

A voz do Conde tornou-se seca e distante ao dizer:

— O Imperador acredita no que os seus sentidos lhe dizem.

— O Imperador se atreveria a acusar-me de traição diante do Conselho de Landsraad? — O Barão prendeu a respiração, com o desejo de que tal acontecesse.

— O Imperador não precisa se atrever a nada.

O Barão girou em seus suspensores para ocultar sua expressão.

“Poderia acontecer durante a minha vida!”, pensava. “Imperador! Lance uma falsa acusação contra mim! E então: os subornos, a coerção, o agrupamento de todas as Grandes Casas. Elas se uniriam sob minha bandeira como servos em busca de abrigo. A coisa que mais temem é que o Imperador lance os Sardaukar sobre eles, sobre uma Casa de cada vez.”

— O Imperador tem sinceras esperanças de nunca precisar acusá-lo de traição.

Achou difícil conter a ironia em sua voz, e manter uma expressão de mágoa, mas afinal conseguiu.

— Tenho sido um súdito extremamente leal! Essas palavras me ferem além da minha capacidade de expressão.

— Ammmhhhh — respondeu o Conde.

O Barão continuou de costas, acenando com a cabeça. Depois disse:

— É hora de ir para a arena.

— De fato — concordou o Conde.

Ambos se moveram para fora do cone de silêncio, e lado a lado caminharam em direção aos grupos das Casas Menores, no final do corredor. Um sino começou a tocar em algum ponto do castelo: “Aviso de vinte minutos” para a reunião na arena.

— As Casas Menores aguardam que as lidere — disse o Conde, acenando em direção às pessoas enquanto se aproximavam.

“Duplo sentido... duplo sentido”, pensou o Barão.

Olhou para os novos talismãs que flanqueavam a saída do salão: a cabeça de touro e a pintura a óleo do Velho Duque Atreides, pai do falecido Duque Leto. Eles enchiam o Barão de um estranho pressentimento, e ele tentava imaginar que pensamentos esses talismãs teriam inspirado ao Duque Leto, quando estavam suspensos nos salões de Caladan, e depois em Arrakis. A bravura do pai, e a cabeça do touro que o matara.

— A humanidade tem apenas uma ciência — comentou o Conde, enquanto lideravam a fileira de seguidores, emergindo do salão para dentro da sala de espera. Um lugar estreito com janelas altas e piso com padrões de azulejos brancos e púrpura.

— E que ciência é essa? — indagou o Barão.

— É a... ammmmhh, ciência dos ... ahhh... descontentes.

Atrás deles os membros das Casas Menores, todos com caras submissas, riram no tom exato de apreciação; mas o som carregou uma nota de discórdia ao chocar-se com o súbito acelerar de motores que roncaram quando os escudeiros abriram as portas externas, revelando uma fileira de carros de solo, seus estandartes ondulando na brisa.

O Barão ergueu a voz para superar o súbito ruído, dizendo:

— Espero que não fique descontente com a atuação de meu sobrinho hoje, Conde Fenring.

— Eu... aahhh... sinto-me como... hummm... ahhhhh... pressentimento, sim. Sempre num... aaahhhhmmm... processo verbal, deve-se... aahhhhh... considerar o... uuummmmm... escritório de origem.

O Barão ocultou um súbito enrijecimento de surpresa ao tropeçar no primeiro degrau da saída. "Processo verbal! Isso é o relatório de um crime contra o Império!"

O Conde todavia sorriu, fazendo parecer uma piada, e deu pancadinhas no braço do Barão.

Em todo o caminho para a arena, entretanto, o Barão sentou-se entre as almofadas blindadas do seu carro, lançando olhares dissimulados para o Conde, ao seu lado. Perguntava a si mesmo por que o moleque de recados do Imperador julgara necessário fazer esse tipo específico de piada diante das Casas Menores. Era óbvio que Fenring raramente dizia alguma coisa que julgasse desnecessária, ou usava duas palavras quando apenas uma produzisse efeito.

Raramente também ele empregava uma frase com um único significado.

Encontravam-se sentados em uma caixa dourada sobre a arena triangular. Cornetas soando, as arquibancadas acima e à volta apinhadas, as flâmulas chicoteando ao vento, quando o Barão ouviu a resposta às suas inquietações.

— Meu caro Barão — disse o Conde inclinando-se próximo ao seu ouvido. — Você sabe — não? — que o Imperador ainda não deu sua aprovação oficial quanto à escolha de seu sucessor.

O Barão sentiu-se dentro de um súbito cone de silêncio provocado por seu próprio choque. Olhou para Fenring, quase sem ver a esposa do Conde, que passava pelos guardas para se unir ao grupo na caixa dourada.

— É por isso que estou aqui hoje. O Imperador deseja que eu faça um relatório revelando se escolheu, ou não, um sucessor à altura. Não há nada como a arena para revelar a verdadeira personalidade de uma pessoa... ahh?

— O Imperador prometeu-me livre escolha de sucessor! protestou o Barão.

— Veremos — disse Fenring, e voltou-se para cumprimentar sua dama. Ela sentou-se, sorrindo para o Barão, e então dirigiu sua atenção para o chão arenoso abaixo deles, onde Feyd-Rautha surgia em roupas justas. Uma luva negra e uma longa faca na mão direita, uma luva branca, e uma faca curta na esquerda.

— Branco para o veneno, negro para a pureza — comentou Lady Fenring. — Um costume curioso, não é, meu amor?

— Ahh — respondeu o Conde.

As palmas e aclamações soaram nas galerias familiares, e Feyd-Rautha parou para agradecê-las, olhando e observando os rostos.

Vendo seus primos e primas, os meio-irmãos, as concubinas e amigas. Eles eram como bocas róseas de trombetas gritando em meio a um colorido agitar de roupas e bandeiras.

Ocorreu-lhe que aquelas fileiras apinhadas de faces olhariam tão avidamente para o seu sangue sendo derramado quanto para o do gladiador. Não havia dúvida, porém, quanto ao resultado dessa luta. Aqui havia apenas uma insinuação de perigo, sem substância... e no entanto... Feyd-Rautha ergueu suas facas para o sol, saudando os três cantos da arena, à moda antiga. A faca curta na mão enluvada de branco (branco, o sinal de veneno) foi embainhada primeiro. Depois a longa lâmina na mão com a luva preta... a lâmina pura que se encontrava agora impura, sua arma secreta para transformar esse dia em uma vitória puramente pessoal. Havia veneno na lâmina negra.

O ajuste em seu escudo corpóreo levou apenas um momento, e ele parou para sentir a pele da testa comprimindo-se, indicando que ele se encontrava corretamente protegido.

Esse instante tinha seu próprio suspense, e Feyd-Rautha fez com que ele se prolongasse, com a consciência de um atar, acenando para seus treinadores e auxiliares. Checando-lhes o equipamento, com um olhar minucioso.

Fez sinal para os músicos.

A marcha lenta começou, sonora em sua pompa ancestral, e Feyd-Rautha liderou sua companhia através da arena, até pararem embaixo da caixa de seu tio. Apanhou a chave cerimonial quando foi lançada, e a música parou.

No abrupto silêncio que se seguiu, ele recuou dois passos, erguendo a chave e gritando:

— Dedico este momento de verdade a... Fez uma pausa, sabendo o que o tio iria pensar: “O jovem idiota vai dedicar a Lady Fenring, apesar de tudo, e causar um escândalo!” — ... ao meu tio e patrono, o Barão Vladimir Harkonnen — gritou Feyd-Rautha, adorando ver o tio suspirar de alívio.

A música recomeçou com uma marcha rápida, e Feyd-Rautha liderou seus

homens de volta para a arena, correndo em direção à porta que admitia apenas aqueles que usavam a faixa de identificação adequada. Feyd-Rautha orgulhava-se de nunca ter usado a porta, e raramente usara os auxiliares encarregados de distrair o adversário. Mas era bom saber que se encontravam disponíveis nesse dia. Planos especiais algumas vezes envolviam perigos especiais.

Novamente o silêncio desceu sobre a arena.

Feyd-Rautha voltou-se, encarando a grande porta vermelha de onde surgiria o gladiador.

Aquele gladiador especial.

“O plano que Thufir Hawat concebera era admiravelmente simples e direto”, pensou ele. O escravo não estaria drogado, esse era o perigo. Em vez disso, uma palavra-chave condicionando o inconsciente do homem imobilizaria seus músculos num instante crítico. Feyd-Rautha relembrou a palavra, formou-a nos lábios sem contudo pronunciá-la: Escória! Aos olhos da platéia, pareceria que um escravo não drogado fora colocado na arena para matar o futuro Barão, e toda a evidência, cuidadosamente forjada, apontaria para o mestre dos escravos.

A porta emitiu um zumbido baixo quando os servo-motores foram armados para abertura.

Feyd-Rautha focalizou todos os seus sentidos naquela porta. Esse primeiro momento era sempre crítico. A aparição do gladiador, enquanto ele saía, revelava muito ao olho treinado, muito do que era necessário saber. Todos os gladiadores supostamente estariam drogados com elaca, para saírem em posição de luta, prontos para matar; mas era importante notar como cada indivíduo levantava a faca, para que lado se voltava ao se defender, ou se ele tinha consciência dos espectadores na platéia. O modo como um escravo inclinava a cabeça poderia fornecer um indício vital para aparar seus golpes e iludi-lo.

A porta vermelha abriu-se subitamente.

Um homem alto e musculoso investiu para fora. Tinha a cabeça raspada e os olhos negros e fundos. Sua pele era cor de cenoura, como deveria ser, dado o efeito da droga elaca, mas Feyd-Rautha sabia que a cor era efeito de tinta. O escravo usava malha verde e o cinturão vermelho de um semi-escudo; a flecha do cinturão apontando para a esquerda indicava que apenas esse lado se encontrava defendido.

Ele segurou sua faca como se fosse uma espada, inclinou-se ligeiramente para a frente, na posição do lutador treinado. Avançou lentamente para a arena, voltando seu lado protegido pelo escudo na direção de Feyd-Rautha e seus auxiliares, na porta protetora.

— Não gosto desse aí — comentou um dos homens de Feyd.

— Tem certeza de que ele está drogado, meu senhor?

— Ele tem a cor da droga — respondeu Feyd-Rautha.

— No entanto, ele tem a postura de um lutador — disse outro auxiliar.

Feyd-Rautha avançou dois passos na areia, observando o escravo.

— O que foi que ele fez com o braço? — indagou um picador.

A atenção de Feyd-Rautha voltou-se para o arranhão sangrento no antebraço esquerdo do homem, seguiu-o até a mão, que apontava para um desenho feito com sangue na malha verde. Uma forma úmida, delineando o contorno de um falcão.

Falcão!

Feyd-Rautha olhou para aqueles olhos fundos e escuros, notando um brilho vigilante.

"É um dos homens do Duque Leto, que aprisionamos em Arrakis!", percebeu Feyd-Rautha. "Nenhum gladiador comum!" Um arrepio percorreu-lhe o corpo, e ele se descobriu imaginando se Hawat não teria outros planos para essa luta. Um estratagema, dentro de um estratagema, dentro de outro estratagema. E com apenas o mestre dos escravos preparado para levar a culpa.

O chefe de seus auxiliares falou junto ao seu ouvido: Não gosto da aparência deste aí, meu senhor. Deixe-me espetar um agulhão ou dois em seu braço para testá-lo.

— Eu darei minhas próprias espetadas — respondeu Feyd-Rautha. Pegou um par das longas lanças com gancho, ergueu-as, testando o equilíbrio. As farpas também deviam estar providas de droga, embora não o estivessem, desta vez. O chefe dos auxiliares poderia morrer por isso, mas era tudo parte do plano.

— Você sairá disto como um herói — explicara-lhe Hawat.

— Matando seu gladiador homem a homem, a despeito da traição.

O mestre dos escravos será executado, e um de seus homens colocado no posto.

Feyd-Rautha avançou mais cinco passos na arena, aproveitando o momento, estudando o escravo. Os especialistas nas arquibancadas acima já haviam percebido que alguma coisa não estava certa. O gladiador tinha a cor da pele correta para um homem drogado, mas mantinha-se de pé sem tremer. Os aficcionados estariam sussurrando, um para o outro, agora:

— Olhem como ele espera. Devia estar agitado, atacando e recuando. Veja como ele conserva sua força, como espera. E não devia estar esperando.

Feyd-Rautha sentiu seu entusiasmo crescer. "Que haja traição na mente de Hawat. Eu posso cuidar deste escravo", pensou. "É a minha faca longa que carrega o veneno desta vez, não a curta. Nem Hawat sabe disso."

— Ei, Harkonnen! — gritou o escravo. — Está preparado para morrer?

Um silêncio mortal tomou conta da arena. "Escravos não lançam

desafios!”

Agora Feyd-Rautha tinha uma visão clara dos olhos do gladiador, notando a fria ferocidade do desespero estampada neles.

Notou o modo como o homem esperava, descontraído e pronto, músculos preparados para a vitória. Os boatos entre escravos haviam levado a mensagem de Hawat até esse homem: “Você terá a verdadeira chance de matar o futuro Barão.” E até aí o esquema permanecia como fora planejado.

Um sorriso maldoso esboçou-se nos lábios de Feyd-Rautha. Ele ergueu a lança, vendo na postura do gladiador o sucesso para seus planos.

— Hei! Hei! — desafiou o escravo e avançou dois passos.

“Ninguém nas galerias terá dúvidas agora.”

Esse escravo deveria se encontrar parcialmente incapacitado pelo terror que a droga induz. Cada movimento seu demonstraria o conhecimento íntimo de que não havia esperanças. Ele não poderia vencer. Teria sido alimentado com histórias a respeito dos venenos que o futuro Barão escolhia para a lâmina em sua mão esquerda. Feyd-Rautha jamais administrava morte rápida. Ele apreciava exibir venenos raros, ficando na arena e apontando, para o público, os efeitos secundários na vítima a se contorcer. Havia medo nos olhos do escravo, sim, mas não terror. Feyd-Rautha levantou alto as farpas na ponta da lança, acenando em uma quase-saudação.

O gladiador atacou.

Seus movimentos e defesa eram tão bons quanto Feyd-Rautha jamais vira. Um golpe lateral, bem aplicado, por pouco não cortou os tendões da perna esquerda do futuro Barão.

Feyd-Rautha saltou para o lado, deixando uma lança farpada no antebraço direito do escravo. Os ganchos, completamente enterrados na carne do homem, não poderiam ser retirados sem rasgar os tendões.

Uma exclamação de espanto escapou da platéia. Um som que encheu Feyd-Rautha de júbilo.

Sabia agora o que seu tio estaria sentindo, sentado lá em cima com os Fenring, os observadores da Corte Imperial a seu lado. Não haveria interferência nessa luta. As formalidades seriam cumpridas diante das testemunhas. E o Barão interpretaria os eventos na arena de um único modo: como uma ameaça a si próprio.

O escravo retrocedeu, segurando a faca entre os dentes e amarrando a lança ao braço, com a flâmula. — Não sinto sua agulha! gritou. Avançou novamente, a faca pronta, o lado esquerdo oferecido, enquanto seu corpo se curvava para trás visando apresentar a maior superfície protetora do meio-escudo.

A ação não passou despercebida nas galerias. Soaram gritos nos camarotes familiares. Os auxiliares de Feyd-Rautha chamavam, perguntando-lhe se precisava deles.

Acenou para que recuassem.

“Eu lhes darei um espetáculo como nunca tiveram antes”, pensou Rautha. “Nenhuma morte simples que pudessem sentir e admirar o estilo. Isso seria alguma coisa para apanhá-los por dentro e torcê-los. Quando eu for Barão, eles se lembrarão deste dia, e nenhum deixará de me temer, por causa deste dia.”

Abriu espaço devagar ante o lento avançar do gladiador. A areia rangeu sob seus pés. Ouvia a respiração ofegante do escravo, o odor de seu próprio suor penetrava-lhe as narinas, assim como o cheiro de sangue no ar.

Confiante, ele se moveu para trás, virando-se para a direita, com uma segunda lança já pronta. O escravo moveu-se de lado, Feyd-Rautha pareceu tropeçar e ouviu o grito da platéia.

Novamente o escravo golpeou.

“Deuses, que lutador!”, pensou Feyd-Rautha, enquanto saltava para o lado. Somente sua agilidade de jovem o salvou, mas ele deixou a segunda lança farpada, firmemente enterrada no músculo do braço direito do escravo.

Choveram aclamações nervosas das galerias.

“Eles me aclamam agora”, pensou. Ouvira o entusiasmo nas vozes, exatamente como Hawat dissera que seria. Nunca eles haviam aclamado um lutador da família desse modo. E pensava em uma coisa que Hawat lhe dissera: — “É mais fácil ser aterrorizado por um inimigo a quem se admira.”

Rapidamente Feyd-Rautha recuou para o centro da arena, onde todos poderiam vê-lo claramente. Desembainhou a lâmina comprida, agachou-se e esperou pelo escravo.

O homem parou apenas o tempo necessário para amarrar o segundo espeto ao braço, depois correu em sua perseguição.

“Que a família me veja fazer esta coisa”, pensou Feyd-Rautha.

“Eu sou o inimigo deles: que pensem em mim como me vêem agora.”

Puxou também da espada curta.

— Eu não tenho medo de você, suíno Harkonnen — disse o gladiador. — Suas torturas não podem magoar um homem morto. E estarei morto, com minhas próprias mãos, antes que alguém ponha um dedo em minha carne. E você estará morto ao meu lado!

Feyd-Rautha sorriu, oferecendo agora a faca comprida. Aquela com o veneno na ponta. — Tente essa! — gritou, enquanto atiçava com a lâmina curta na outra mão.

O escravo trocou a faca de mão e aparou, tentando segurar a lâmina que se

encontrava na mão enluvada de branco. Aquela que a tradição dizia conter o veneno.

— Você morrerá, Harkonnen.

Os dois lutaram em diagonal na arena. Onde o escudo de Feyd-Rautha tocava o meio-escudo do escravo, um brilho azul marcava o contato. O ar em torno deles enchia-se de ozônio.

— Morra com seu próprio veneno!

Ele começou a forçar a mão enluvada de branco para dentro do campo protetor, voltando a lâmina que julgava carregar o veneno.

“Deixe que vejam isto!”, pensou Feyd-Rautha. Golpeou com a lâmina comprida e ouviu-a chocar-se inutilmente contra a lança farpada, amarrada ao braço do escravo.

Sentiu um momento de desespero. Não pensara que lanças com farpas pudessem ser uma vantagem para o escravo. Agora elas davam ao homem um segundo escudo. E a força desse gladiador!

A lâmina curta estava sendo forçada, inexoravelmente, em sua direção, e Feyd-Rautha percebeu que um homem também podia morrer com uma lâmina sem veneno.

— Escória! — balbuciou Feyd-Rautha.

Ante a palavra-chave, os músculos do gladiador obedeceram com uma momentânea frouxidão. Foi o bastante para Feyd-Rautha. Ele recuou o espaço suficiente para a faca comprida, sua ponta envenenada relampejou, traçando uma linha vermelha para baixo, no peito do escravo. A ação do veneno foi instantânea, e o homem cambaleou para trás.

“Agora, deixe que a minha querida família observe”, pensou Feyd-Rautha. “Deixe-os pensar nesse escravo que tentou voltar contra mim a faca que julgava envenenada. Deixe-os perguntar a si mesmos como um gladiador pode vir a esta arena pronto para semelhante atentado. E deixe-os sempre conscientes de que não podem conhecer, com certeza, qual de minhas mãos carrega o veneno.”

Ficou em silêncio, observando o movimento cada vez mais lento do escravo. O homem parecia hesitar. Havia algo claro em seu rosto agora, para todos reconhecerem. A morte estava escrita lá.

E o escravo sabia o que lhe tinha sido feito, e como fora feito.

A lâmina errada carregara o veneno.

— Você! — gemeu o homem.

Feyd-Rautha afastou-se para dar espaço à morte. A droga paralisante contida no veneno ainda não fizera todo o efeito, mas a lentidão do homem revelava o seu avanço.

O escravo cambaleou para a frente, como se estivesse sendo puxado por

um cordão. Um passo arrastado de cada vez. Cada passo o único, em seu universo. Ainda segurava a faca, mas sua ponta tremia.

— Um dia... um... de nós... pegará... você — balbuciou.

Um gemido triste contorceu sua boca. Sentou-se curvado, depois se enrijeceu, rolando com o rosto para o chão na direção oposta a Feyd-Rautha.

Avançou pela arena silenciosa, colocando o pé sob o gladiador e rolando-o, para dar às galerias uma visão clara do rosto do homem, quando o veneno começasse a agir sobre os músculos, produzindo contrações e espasmos.

Mas, quando o gladiador rolou, sua própria faca apareceu projetando-se de seu peito.

A despeito da frustração, Feyd-Rautha não pôde deixar de se admirar com o esforço que o escravo realizara para vencer a paralisia, e fazer essa coisa consigo mesmo. E, com a admiração, vinha a consciência de que ali se encontrava alguma coisa para ser temida.

"Aquilo que torna um homem super-humano é aterrorizante."

Enquanto voltava sua mente para esse pensamento, Feyd-Rautha tornou-se consciente de um intenso ruído nas galerias e arquibancadas ao redor. Eles o estavam aplaudindo entusiasmados.

Voltou-se, olhando para a platéia.

Todos aplaudiram, exceto o Barão, que continuava sentado com a mão no queixo, em profunda meditação. E o Conde e sua dama olhavam para ele, com os rostos marcados por sorrisos.

O Conde Fenring voltou-se para a mulher, dizendo:

— Unnhhhh... um jovem... aaahhn... cheio de recursos. Hein, minha querida?

— Suas... han... respostas sinápticas foram muito rápidas — respondeu ela.

O Barão olhou para ela, para o Conde, e voltou sua atenção para a arena, pensando: "Se alguém pode chegar tão perto de um dos meus!" A raiva começou a substituir-lhe o medo. "Farei com que o mestre dos escravos morra sobre fogo lento, esta noite... E se este Conde e sua dama tiveram alguma participação nisso..."

A conversação na caixa do Barão encontrava-se muito distante para que Feyd-Rautha pudesse ouvir alguma coisa além do bater de pés e do coro, que agora vinha das arquibancadas.

— Cabeça! Cabeça! Cabeça! Cabeça!

O Barão, carrancudo, observou o modo como Feyd-Rautha se voltava para ele. Languidamente, controlando sua raiva com dificuldade, ele acenou para o jovem de pé na arena, ao lado do corpo estendido do escravo. "Que o garoto

fique com a cabeça. Ele a mereceu por desmascarar o mestre dos escravos."

Feyd-Rautha viu o sinal de concordância e pensou: "Eles acham que me honram. Deixe que vejam o que eu penso!"

Viu seus auxiliares se aproximarem com uma faca-serra, para fazer-lhe as honras, e acenou para que recuassem, repetindo o gesto quando hesitaram. "Eles pensam que me honram com apenas uma cabeça!" Curvou-se, colocando as mãos do gladiador em torno do cabo da faca, depois removeu a faca, colocando-a nas mãos inertes.

Tudo foi feito num instante. Ele se levantou chamando os auxiliares. — Enterrem este escravo intacto, com a faca nas mãos. O homem merece.

Na caixa dourada, o Conde Fenring inclinou-se junto do Barão, e disse:

— Um grande gesto, este; verdadeira bravura. Seu sobrinho possui estilo, bem como coragem.

— Ele insultou a multidão, ao recusar a cabeça — murmurou o Barão.

— Nem um pouco — disse Lady Fenring, olhando para as arquibancadas ao redor.

O Barão notou a linha de seu pescoço. Um fluir de músculos verdadeiramente adorável. Como num rapazinho.

— Eles apreciam o que o seu sobrinho fez.

Enquanto a importância do gesto de Feyd-Rautha era compreendida nos bancos mais afastados, enquanto todos viam os auxiliares carregarem o gladiador morto intacto, o Barão os observava, percebendo que ela interpretara a reação corretamente. As pessoas estavam delirantes, batendo umas nas outras, gritando e sapateando.

Falou, cansado:

— Devo ordenar um festival. Não podemos mandar as pessoas para suas casas nesse estado. Com suas energias ainda não consumidas. Elas precisam saber que compartilho seu entusiasmo.

Fez um sinal para o guarda, e um dos servos acima baixou a flâmula laranja dos Harkonnen sobre o balcão. Uma, duas, três vezes! Sinal para um festival.

Feyd-Rautha atravessou a arena para se colocar embaixo da caixa dourada, armas embainhadas, braços pendentes do corpo.

Acima do frenesi da multidão, que ainda não diminuíra, ele gritou:

— Um festival, tio?

O ruído começou a diminuir, enquanto as pessoas viam a conversação sendo mantida e esperavam.

— Em sua honra, Feyd — respondeu o Barão. Novamente a flâmula foi abaixada em sinal.

Através da arena, as barreiras foram anuladas e rapazes começaram a saltar para dentro, correndo em direção a Feyd-Rautha.

— Ordenou os escudos protetores abaixados, Barão? — indagou o Conde.

— Ninguém machucará o rapaz. Ele é um herói.

Os primeiros populares alcançaram Feyd-Rautha, erguendo-o nos ombros e começando a dar a volta à arena.

— Ele poderia caminhar desarmado e sem escudo através dos quarteirões mais pobres de Harko, esta noite — explicou o Barão.

— Eles lhe dariam o que tivessem de comida e bebida, apenas para partilhar de sua companhia.

Elevou-se de sua cadeira, acomodando seu peso nos suspensores.

— Vão desculpar-me, por favor. Existem questões que exigem minha atenção imediata. O guarda os levará ao castelo.

O Conde levantou-se e fez uma mesura.

— Certamente, Barão. Estamos interessados no festival. Nunca vimos um festival Harkonnen.

— Sim — respondeu o Barão. — Um festival. — Ele voltou-se, sendo envolvido pelos guardas enquanto caminhava para a saída particular da caixa.

O capitão da guarda curvou-se diante do Conde Fenring.

— Suas ordens, meu senhor?

— Nós iremos, ahhhh... esperar pelo pior do... unnn... tumulto passar.

— Sim, meu senhor. — O homem curvou-se, recuando três passos.

O Conde Fenring olhou para sua dama, falando-lhe de novo no código de murmúrios pessoal:

— Você viu, não?

Na mesma língua de murmúrios, ela respondeu:

— O rapaz sabia que o gladiador não estaria drogado. Houve um momento de medo, sim, mas não de surpresa.

— Foi planejado — disse ele. — Toda a atuação.

— Sem dúvida.

— Isso cheira a Hawat.

— De fato.

— Eu já exigi que o Barão elimine Hawat.

— Isso foi um erro, meu querido.

— Percebo agora.

— Os Harkonnen podem ter um novo Barão aqui, muito breve.

— Se esse é o plano de Hawat...

— Isso será examinado — respondeu ela.

— O jovem será mais suscetível ao controle.

— Por nós... após esta noite.

— Você não espera nenhuma dificuldade em seduzi-lo, não, minha queridinha?

— Não, meu amor. Você viu como ele olhava para mim.

— Sim, e posso ver agora por que devemos possuir essa linha genética.

— De fato, e é óbvio que devemos exercer um controle sobre ele. Eu plantarei em seu mais profundo inconsciente as frases prana-bindu necessárias para dobrá-lo.

— Partiremos assim que for possível. Tão logo esteja certa.

Ela estremeceu.

— Sem dúvida. Eu não desejaria ter uma criança neste lugar terrível.

— As coisas que fazemos em nome da humanidade — disse ele.

— A sua parte é mais fácil.

— Existem alguns preconceitos antigos que eu tive de dominar. E eles são primordiais, você sabe.

— Meu pobre querido — disse, acariciando-lhe o rosto. — Você sabe que este é o único modo seguro de salvar aquela linha de sangue.

Ele falou com uma voz de amargura.

— Entendo perfeitamente o que estamos fazendo.

— E nós não falharemos.

— A culpa começa com o sentimento de fracasso — lembrou ele.

— Não haverá culpa — explicou ela. — Hipnoligação da psique desse Feyd-Rautha com sua criança em meu ventre. Então nós iremos.

— Aquele tio... Já viu tamanha distorção?

— Ele é muito violento — disse Lady Fenring. — Mas o sobrinho pode muito bem se tornar pior, com o tempo.

— Graças ao tio. Quando se pensa no que esse rapaz poderia ter sido, com alguma outra criação. Com o código de honra dos Atreides para guiá-lo, por exemplo.

— É triste.

— Não poderíamos ter salvo ambos, o jovem Atreides e esse aí? O que eu ouvi a respeito daquele rapaz, Paul, me pareceu admirável. Uma boa união entre criação e treinamento. — Sacudiu a cabeça. — Mas não devemos desperdiçar lágrimas sobre a aristocracia dos desafortunados.

— Existe um ditado Bene Gesserit...

— Você tem ditados para tudo — protestou ele.

— Vai gostar desse. Ele diz: “Não conte um homem como morto até que veja seu corpo. E, ainda assim, poderá se enganar.”

36

Muad'Dib nos diz em Um Tempo para Reflexão, que seus primeiros encontros com as exigências de Arrakis constituíram o verdadeiro princípio de sua educação. Ele aprendeu então a sondar a areia, aprendeu a linguagem das agulhas do vento picando sua pele, aprendeu como o nariz pode ficar com a coceira da areia, e como reunir a preciosa umidade de seu corpo guardando-a e preservando-a. Enquanto seus olhos tomavam a cor azul do Ihad, ele aprendia os modos de Chakobsa.

— Prefácio de Stilgar para Muad'Dib, o Homem,
escrito pela Princesa Irulan

A tropa de Stilgar retornou ao sietch com os dois extraviados do deserto, subindo a depressão na luz minguante da primeira lua. As figuras, envoltas em mantos, apressavam-se com o perfume do lar em suas narinas. A linha acinzentada da aurora atrás deles parecia mais brilhante no desfiladeiro, onde o calendário de horizonte marcava o meio do outono, o mês de Caprock.

Folhas mortas, varridas pelo vento, espalhavam-se na base da colina onde as crianças do sietch haviam estado reunindo-as. No entanto, os sons da passagem da tropa (com exceção de ocasionais tropeços, da parte de Paul e sua mãe) não podiam ser diferenciados dos sons naturais da noite.

Paul limpou a poeira solidificada pelo suor em sua testa, sentiu um puxão no braço e ouviu a voz de Chani, sussurrando:

— Faça como lhe disse: puxe a dobra do capuz sobre sua testa! Deixe apenas os olhos expostos, do contrário você desperdiçará umidade.

Uma ordem, igualmente sussurrada por trás deles, exigiu silêncio.

— O deserto ouve vocês!

Um pássaro cantou nas rochas acima.

A tropa parou e Paul sentiu a repentina tensão.

Então ouviu uma batida fraca nas rochas, um som não mais alto do que um camundongo saltando na areia.

Novamente o pássaro cantou.

Uma comoção percorreu as fileiras da tropa. E novamente a batida do rato

percorreu seu caminho, através da areia.

Uma vez mais o pássaro cantou.

A tropa recomeçou sua subida pela fenda das rochas, mas havia agora um silêncio ainda maior entre os Fremen, um silêncio que enchia Paul de cautela. Ele notou os olhares dissimulados para Chani, o modo como parecia, agora, afastada, recolhida dentro de si mesma.

Passavam agora por um trecho de rochas; percebia um fraco sibilar de mantos ao seu redor, enquanto notava o relaxamento na disciplina, embora ainda permanecesse uma quietude anormal em Chani e nos outros. Ele seguiu uma forma sombreada, subindo degraus, virando uma curva, depois mais degraus, passando por um túnel, por duas portas seladas contra perda de umidade, até chegar a uma estreita passagem, iluminada por globos. As paredes e o teto eram de rocha amarela.

Em toda a sua volta, Paul via Fremen lançando para trás os seus capuzes, removendo os tampões de nariz, respirando profundamente. Alguém suspirou. Paul olhou para Chani e descobriu que não se encontrava mais ao seu lado. Foi cercado por um turbilhão de corpos envoltos em mantos. Alguém esbarrou nele, dizendo:

— Desculpe-me, Usul. Que aperto! É sempre assim. — À esquerda, o rosto magro e barbado do homem chamado Farok voltou-se para Paul. As órbitas tingidas e a escuridão azul dos olhos pareciam mais escuras sob os globos amarelos. — Retire seu capuz, Usul. Você está em casa. — Ele ajudou Paul a soltar o prendedor do capuz, abrindo um espaço ao redor para passarem.

Paul arrancou os tampões do nariz, puxou para o lado o pano sobre a boca e o odor do lugar o atingiu: corpos não lavados, ésteres destilados de resíduos recuperados, por toda parte as emanações rançosas da humanidade, e uma mistura de cheiros de especiaria.

— Por quem estamos esperando, Farok?

— Pela Reverenda Madre, creio. Você ouviu a mensagem... pobre Chani.

“Pobre Chani?”, indagou Paul de si para si. Olhou em volta, tentando descobrir onde ela estava, para onde fora sua mãe em meio a todo esse aperto.

Farok respirou fundo.

— Aqui tem cheiro de lar — disse.

Paul notou que o homem estava apreciando o fedor no ar, que não havia ironia em seu tom. Ouviu sua mãe tossir e depois sua voz atravessando o aperto da tropa.

— Como são ricos os odores de seu sietch, Stilgar. Vejo que realizam muitos trabalhos com a especiaria... vocês fazem papel... plásticos... e aquilo não são explosivos químicos?

— Percebe tudo isso apenas no cheiro? — indagou outro homem.

Paul percebeu que ela estava falando para seu beneficio. Queria que ele aceitasse rapidamente esse assalto às suas narinas.

Houve um murmúrio de atividade na parte dianteira da tropa, e uma prolongada inspiração pareceu percorrer todos os Fremen.

Paul ouviu vozes sussurrando, ao longo da fila:

— É verdade então... Liet está morto.

“Liet”, pensou. E então: “Chani, filha de Liet!” As peças se uniam em sua mente. Liet era o nome Fremen do planetólogo. Olhou para Farok e indagou:

— Esse é o Liet conhecido como Kynes?

— Há somente um Liet — respondeu Farok.

Paul voltou-se, olhando para as costas do Fremen à sua frente.

“Então Liet-Kynes está morto”, pensou ele.

— Foi traição dos Harkonnen — cochichou alguém. Eles fizeram parecer um acidente... perdido no deserto... queda do “tóptero”...

Paul sentiu uma explosão de ódio em seu interior. O homem que os ajudara, que os salvara dos caçadores Harkonnen, o homem que enviara seus bandos de Fremen procurando por dois extraviados no deserto... outra vítima dos Harkonnen.

— Usul ainda está faminto por vingança? — indagou Farok.

Antes que Paul pudesse responder, ouviu-se um chamado em voz baixa e a tropa avançou para dentro de uma espaçosa câmara, arrastando Paul junto. Encontrou-se em um amplo espaço aberto, diante de Stilgar e uma mulher usando um traje que parecia um sarongue comprido, de cor verde e laranja, brilhante. Seus braços estavam nús até os ombros, e ele pôde ver que ela não usava traje-destilador. Sua pele era cor de oliva pálida. O cabelo escuro, comprido, escorria para trás a partir da testa alta, ressaltando as maçãs proeminentes do rosto, o nariz aquilino, entre a densa escuridão de seus olhos.

Ela voltou-se para Paul e ele viu anéis dourados, com fichas de água pendendo em suas orelhas.

— Foi este que venceu meu Jamis? — indagou ela.

— Fique quieta, Harad — disse Stilgar. — Foi coisa do Jamis. Ele invocou o tahaddi al-burhan.

— Mas ele não passa de um menino! — Ela sacudiu a cabeça rapidamente, fazendo as fichas de água tilintarem. Minhas crianças tornadas órfãs por outra criança? Certamente foi um acidente!

— Usul, quantos anos você tem? — indagou Stilgar.

— Quinze standard — respondeu Paul.

Stilgar percorreu a tropa com seu olhar.

— Existe alguém, entre vocês, que deseje me desafiar?

Silêncio.

Stilgar olhou para a mulher.

— Até que eu aprenda seus modos sobrenaturais, não o desafio.

Ela devolveu o olhar.

— Mas...

— Você viu a mulher estranha que foi com Chani, para ver a Reverenda Madre? Ela é uma Sayyadina forafreyn, mãe deste rapaz. A mãe e o filho são mestres nos modos estranhos de luta.

— Lisan al-Gaib — sussurrou a mulher. Seus olhos refletiam admiração, ao se voltarem para Paul.

"A lenda novamente", pensou Paul.

— Talvez — disse Stilgar. — Ele ainda não foi testado. — Voltou sua atenção para Paul. — Usul, é nosso costume que você agora zele pela .mulher de Jamis, e por seus dois filhos. O yali... alojamento dela agora é seu. O jogo de café é seu... assim como sua mulher.

Paul observou a mulher, admirado. "Por que ela não lamenta por seu homem? Por que não demonstra ódio contra mim?"

Abruptamente percebeu que os Fremen o olhavam, esperando.

Alguém sussurrou: — Temos trabalho a fazer. Diga como a aceita.

Stilgar perguntou: — Você aceita Harah como mulher ou como Serva?

Harah ergueu os braços, girando lentamente nos calcanhares.

— Eu ainda sou jovem, Usul. Dizem que ainda pareço tão jovem como eu era com Geoff.. antes que Jamis o vencesse.

"Jamis matou outro homem para tomá-la", pensou Paul.

— Se eu aceitá-la como serva, ainda posso mudar de opinião, depois? — perguntou ele.

— Você terá um ano para alterar sua decisão — explicou Stilgar. Depois disso, ela é uma mulher livre para escolher quem desejar... ou você pode libertá-la, para escolher por si mesma, quando quiser. Mas ela é sua responsabilidade, não obstante, durante um ano... e sempre compartilhará alguma responsabilidade para com os filhos de Jamis.

— Eu a aceito como serva — disse Paul.

Harah bateu com o pé no chão, sacudindo os ombros com raiva.

— Mas eu sou jovem!

Stilgar olhou para Paul, dizendo:

— Cautela é uma qualidade valiosa, num homem que vai liderar.

— Mas eu sou jovem — repetiu Harah.

— Cale-se — ordenou Stilgar. — Se uma coisa tem mérito, ela será

reconhecida. Mostre a Usul os seus alojamentos, e cuide para que ele tenha roupas limpas e um lugar de repouso.

— Ohhh! — lamentou ela.

Paul já registrara o suficiente para conseguir uma primeira avaliação. Sentia a impaciência da tropa, sabendo que muitas coisas estavam sendo retardadas aqui. Pensou em perguntar sobre o paradeiro de sua mãe e de Chani, mas viu na fisionomia nervosa de Stilgar que isso seria um erro.

Olhou para Harah afinando a voz, fazendo um tom cavo, de modo a acentuar nela o medo e o espanto, dizendo:

— Leve-me aos meus alojamentos, Harah! Discutiremos sua juventude em outra ocasião.

Ela recuou dois passos, olhando assustada para Stilgar. Ele tem a voz estranha.

— Stilgar — exclamou Paul. — O pai de Chani fez com que eu lhe devesse um grande favor. Se existe algo...

— Isso Será decidido em Conselho — respondeu Stilgar. Você poderá falar, então. — Ele acenou, dando licença para saírem, e foi embora com o resto da tropa a segui-lo.

Paul pegou Harah pelo braço, notando como era fria sua carne. Sentiu-a tremer.

— Eu não vou machucá-la, Harah. Mostre-me nossos alojamentos — e ele suavizou sua voz com tons relaxantes.

— Não vai me abandonar quando passar o ano? Sei perfeitamente que não sou mais tão jovem como era antes.

— Enquanto eu viver, você terá um lugar ao meu lado respondeu ele, soltando-lhe o braço. — Vamos agora. Onde são os meus alojamentos? — Ela virou-se guiando-o para baixo através de uma passagem, dobrando à direita num amplo túnel transversal, iluminado por globos amarelos igualmente espaçados no teto.

O piso de pedra era liso, sem nenhum sinal de areia.

Paul colocou-se ao lado dela, observando-lhe o perfil aquilino enquanto caminhavam.

— Você me odeia, Harah?

— Por que deveria odiá-lo?

Ela acenou para um grupo de crianças que olhavam para eles de uma saliência elevada, num dos lados da passagem. Paul vislumbrou formas de adultos, atrás das crianças, parcialmente ocultos por cortinas muito finas.

— Eu... venci Jamis.

— Stilgar disse que houve uma cerimônia, e que você é um amigo de

Jamis. — Olhou de lado para ele. — Stilgar disse que você deu umidade para os mortos. É verdade?

— Sim.

— Isso é mais do que eu posso fazer... ou farei.

— Não lamenta a perda dele?

— Quando for o tempo para lamentação, eu lamentarei.

Passaram por uma abertura em arco. Paul olhou através dela, vendo homens e mulheres trabalhando com uma maquinaria montada em andaimes, em uma câmara larga e brilhante. Parecia haver um ritmo de urgência.

— Que estão fazendo ali?

Ela olhou para trás, enquanto passavam além do arco, e respondeu:

— Eles se apressam em terminar a quota na oficina de plásticos, antes de fugirmos. Precisamos de muitos coletores de orvalho para a plantação.

— Fugir?

— Até que os açougueiros parem de nos caçar ou sejam expulsos de nossa terra.

Paul se recuperou de um tropeção, sentindo um instante do tempo aprisionado, lembrando-se de um fragmento, uma projeção visual de presciência; todavia, ela estava deslocada como uma montagem em movimento. Essas peças de sua memória presciente não eram exatamente como as lembrava.

— Os Sardaukar nos caçam — concordou ele.

— Não vão encontrar muito, exceto um ou dois sietch vazios. E encontrarão sua parte de mortes na areia.

— Eles encontrarão este lugar? — indagou ele.

— Provavelmente.

— E no entanto nós perdemos tempo para... — gesticulou com a cabeça, em direção ao arco, agora bem atrás — ... fabricar... coletores de orvalho?

— A plantação tem que continuar.

— O que são coletores de orvalho?

O olhar dela era cheio de espanto. — Eles não lhe ensinam nada no... de onde quer que tenha vindo.

— Não sobre coletores de orvalho.

— Hai! — disse, e havia toda uma conversação nessa única palavra.

— Bem, o que são eles?

— Cada arbusto, cada erva que você vê lá fora, no erg, como supõe que elas vivem quando as deixamos? Cada uma é plantada do modo mais gentil em seu pequeno fosso. Os poços são cheios com toldos ovais de cromo-plástico. A luz os torna brancos. Pode vê-los cintilando na alvorada, se olhar de um ponto alto. O branco reflete. Mas quando o Velho Pai Sol se vai, o cromo-plástico

reverte sua transparência para o negro. Ele esfria com extrema rapidez, e a superfície condensa a umidade do ar. Essa umidade goteja para manter nossas plantas vivas.

— Coletores de orvalho — murmurou ele, encantado pela beleza simples de tal estratagema.

— Eu lamentarei por Jamis no tempo devido — disse, como se sua mente ainda não houvesse abandonado essa pergunta. — Ele era um bom homem, o Jamis, mas se enfurecia facilmente, e com rapidez. Um bom fornecedor, o Jamis, e uma maravilha com as crianças. Ele não fazia qualquer distinção entre o garoto do Geoff, meu primeiro filho, e o seu próprio. Eles eram iguais, aos seus olhos. — Ela voltou um olhar indagador para Paul. — Será desse modo com você, Usul?

— Nós não temos esse problema.

— Mas se...

— Harah!

Ela estremeceu com a severidade na voz dele.

Passaram por outra sala brilhantemente iluminada, visível através de um arco, à esquerda.

— O que é feito ali?

— Eles reparam a máquina de tecelagem. Mas ela deve ser desmontada esta noite. — Gesticulou para um túnel ramificando-se à esquerda. — Por ali, e além, há processadores de alimentos, e manutenção para trajes-destiladores. — Olhou para Paul. — Seu traje parece novo, mas se precisar de conserto eu sou boa com trajes. Trabalho na fábrica na temporada.

Começaram a encontrar grupos de pessoas agora, e maior número de aberturas, nos lados do túnel. Uma fila de homens e mulheres passou por eles carregando bolsas que borbulhavam ruidosamente. O cheiro de especiaria era forte em torno deles.

— Eles não conseguirão nossa água — disse Harah. — Ou nossa especiaria. Pode ter certeza disso.

Paul olhou para as aberturas nas paredes do túnel, notando um pesado carpete em uma das saliências elevadas, vislumbres de quartos com tecidos brilhantes nas paredes, e almofadas empilhadas.

Pessoas nas aberturas ficavam em silêncio enquanto eles se aproximavam, seguindo Paul com olhares curiosos e de respeito.

— As pessoas acham estranho que você tenha vencido Jamis. É provável que tenha alguns desafios a enfrentar, quando nos acomodarmos num novo sietch.

— Eu não gosto de matar.

— Assim diz Stilgar — respondeu ela, sua voz traindo-lhe a descrença.

Um cantar agudo tornou-se cada vez mais alto, adiante deles.

Eles chegaram a outra abertura lateral, mais larga do que qualquer uma das outras que Paul já vira. Diminuiu o passo, olhando para uma sala repleta de crianças sentadas, com as pernas cruzadas sobre um tapete marrom. Diante de um quadro-negro na parede oposta havia uma mulher de roupa amarela, um estilete projetor em sua mão.

O quadro encontrava-se repleto de desenhos: círculos, cunhas e curvas, quadrados e rastros de cobras, arcos fluidos divididos por linhas paralelas. A mulher aponta para os desenhos um após o outro, tão rápido quanto pode mover o estilete projetor, e as crianças cantam em ritmo, enquanto a mão dela se move.

Paul escutava, ouvindo as vozes se tornarem cada vez mais fracas lá atrás, enquanto avançava para as profundezas do sietch com Harah.

— Árvore! — cantavam as crianças: — Árvore, grama, dunas, vento, montanha, colina, fogo, relâmpago, rochas, rochas, poeira, areia, calor, abrigo, calor, pleno inverno, frio, vazio, erosão, verão, caverna, dia, tensão, lua, noite, caprock, maré de areia, colina, plantação, ligadura...

— Vocês continuam a dar aulas, em uma ocasião como esta? — indagou Paul.

O rosto dela tornou-se sombrio, e uma mágoa perceptível em sua voz: — O que Liet nos ensinou nós não podemos esquecer um instante. Liet, que está morto, não pode ser esquecido. Ele é o caminho de Chakobsa.

Atravessaram o túnel para a esquerda, subindo em uma saliência. Harah abriu cortinas finas como gaze e ficou ao lado: Seu yali está pronto para você, Usul.

Paul hesitou, antes de unir-se a ela sobre a saliência. Sentia uma súbita relutância em ficar a sós com essa mulher. Ocorreu-lhe estar cercado por um modo de vida que só poderia ser entendido postulando-se uma ecologia de idéias e valores. Sentia que esse mundo Fremen estava tentando fisgá-lo, envolvê-lo em seus caminhos. E sabia o que o esperava na armadilha... O selvagem jihad, a guerra religiosa que ele sentia dever evitar a qualquer custo.

— Este é seu yali — repetiu Harah. — Por que hesita?

Paul acenou, subindo ao encontro dela. Ergueu as cortinas, sentindo as fibras de metal no plástico, seguindo-a através da curta entrada até atingir uma sala maior, quadrada, com aproximadamente seis metros de lado. Espessos carpetes azuis cobriam o piso, tecidos azuis e verdes ocultavam as paredes de rocha, enquanto globos luminosos sintonizados na luz amarela oscilavam contra faixas de tecido amarelo, pendendo como cortinas do teto.

O efeito era semelhante ao interior de uma antiga tenda.

Harah colocou-se diante dele, a mão esquerda sobre o quadril, seus olhos observando-lhe o rosto.

— As crianças estão com uma amiga. Elas se apresentarão depois.

Paul disfarçou seu embaraço vistoriando rapidamente a sala.

Finas cortinas à direita, ele percebeu, ocultavam parcialmente uma sala maior, com almofadas empilhadas em torno das paredes. Sentiu uma brisa suave, vindo de um duto de ar, e viu a abertura habilmente oculta entre os panos pendentes do teto.

— Quer que eu o ajude a retirar seu traje-destilador?

— Não... obrigado.

— Devo buscar comida?

— Sim.

— Existe uma câmara de reciclagem, além da outra sala apontou ela. — Para seu conforto e conveniência, quando não estiver usando o traje-destilador.

— Você disse que teremos de abandonar este sietch. Não devíamos estar embrulhando as coisas, ou algo parecido?

— Será feito no devido tempo. Os açougueiros ainda não penetraram em nossa região.

Ela ainda hesitava, olhando para ele.

— O que é? — reclamou.

— Você não tem os olhos do Ibad. É estranho, mas não inteiramente sem atrativo.

— Traga a comida. Estou faminto.

Ela sorriu para ele — o sorriso de uma mulher experiente, que Paul achou inquietante. — Eu sou sua serva — disse e girou para se afastar num movimento flexível, abaixando-se sob um pesado enfeite de parede que revelou outra passagem, antes de cair de novo no lugar.

Sentindo-se furioso consigo mesmo, passou pela fina cortina à direita e entrou na sala maior. Ficou lá por um momento, tomado de incertezas. Queria saber onde estaria Chani... Chani, que acabara de perder o pai.

“Somos iguais nesse ponto”, pensou.

Um grito agudo soou nos corredores externos, seu volume abafado pelas cortinas. Repetiu-se um pouco mais distante. Depois novamente Paul percebeu que alguém estava cantando a hora.

Percebeu, então, não ter visto relógios em parte alguma.

Um fraco cheiro de arbusto creosoto, queimando, atingiu suas narinas, sobrepujando o onipresente fedor do sietch. Paul reconheceu já ter superado o assalto odorífero aos seus sentidos.

Preocupava-se uma vez mais com sua mãe, em como a montagem do

futuro iria incorporá-la... e a filha que ela carregava.

Uma mutável consciência temporal ondulou ao seu redor. Sacudiu a cabeça violentamente, concentrando suas atenções nas evidências que apontavam para a grande profundidade e amplidão da cultura dos Fremen, que acabava de tragá-lo. Com suas sutis estranhezas.

Notara uma coisa a respeito dessas cavernas e dessa sala, uma coisa que sugeria maiores diferenças do que tudo que já testemunhara. Não havia sinal de farejadores de venenos aqui, nenhuma indicação de seu uso em qualquer parte da caverna. E, no entanto, ele podia sentir cheiros de venenos em meio ao fedor do sietch. Desde os fortes aos comuns.

Ouviu um rumor de cortinas e, pensando que fosse Harah retornando com a comida, virou-se para observá-la. No lugar dela viu aparecerem dois garotos, saindo debaixo de cortinas deslocadas. Tinham idades entre nove e dez anos e olhavam-no com olhares de avidez. Cada um deles usava uma pequena faca cristalina, tipo kindjal, a mão repousando sobre o cabo.

Lembrou-se das histórias sobre os Fremen. Histórias de que suas crianças lutavam tão ferozmente quanto os adultos.

37

As mãos se movem, os lábios se movem —
Idéias jorram de suas palavras,
E seus olhos devoram!
Ele é uma ilha de Personalidade.

— descrição contida no Manual do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Os fosfotubos, nas extensões superiores da caverna, lançavam um brilho fraco sobre o interior cheio de gente, sugerindo o tamanho colossal desse espaço cercado de rocha... Jessica notava que era maior que o Salão de Reuniões da escola Bene Gesserit. Calculou que havia mais de cinco mil pessoas reunidas aqui, debaixo da projeção de rocha onde ela se colocara com Stilgar.

E mais pessoas continuavam chegando. Enchiam o ar com seus murmúrios.

— Seu filho foi chamado em seu repouso, Sayyadina — revelou Stilgar. — Deseja que ele compartilhe sua decisão?

— Ele poderia mudar minha decisão?

— O ar com que fala vem de seus próprios pulmões, certamente, mas...

— A decisão permanece — insistiu ela.

No entanto, sentia receio, imaginando se poderia usar Paul como uma desculpa para recuar desse curso tão perigoso. E havia uma filha, ainda não nascida, com que se preocupar. Aquilo que colocava em perigo a carne da mãe colocaria em perigo a carne da filha.

Chegaram homens com tapetes enrolados, grunhindo em protesto contra seu peso, erguendo a poeira enquanto suas cargas eram jogadas sobre a saliência.

Stilgar segurou-a pelo braço, levando-a de volta até a trompa acústica que formava o limite posterior da projeção de rocha. A Reverenda Madre sentará aqui, mas você pode descansar até que ela chegue.

— Eu prefiro ficar de pé.

Observou os homens desenrolarem os tapetes, cobrindo a saliência, depois olhou para a multidão. Devia haver agora pelo menos dez mil pessoas no piso

rochoso abaixo.

E, ainda assim, continuava a chegar mais.

Lá fora, no deserto, ela sabia já haver um crepúsculo avermelhado; mas aqui, no salão da caverna, permanecia a perpétua penumbra, uma vastidão cinzenta apinhada de gente. Gente que viera vê-la arriscar sua vida.

Uma passagem foi aberta através da multidão à sua direita e ela viu que Paul se aproximava, ladeado por dois garotos. Havia um ar de presunção e audácia naquelas crianças, que mantinham as mãos sobre as facas e olhavam carrancudas para a muralha de gente em ambos os lados.

— Os filhos de Jamis, que agora são filhos de Usul — explicou Stilgar. — Eles levam muito a sério suas tarefas de escolta. — Ele arriscou um sorriso para Jessica.

Ela reconheceu seu esforço para animá-la e ficou grata, embora não pudesse retirar de sua mente o perigo com que se confrontava.

“Não tenho outra escolha senão fazer isto”, pensou ela. “Devemos agir rapidamente, se vamos garantir nosso lugar entre estes Fremen.”

Paul subiu na projeção de rocha, deixando as crianças embaixo.

Parou diante de sua mãe, olhando para Stilgar, e depois para Jessica.

— O que está acontecendo? Pensei que estavam me chamando para o Conselho.

Stilgar ergueu uma das mãos pedindo silêncio, apontou para a esquerda, onde outra passagem fora aberta em meio à multidão.

Chani se aproximava com seu rosto de fada marcado pela tristeza.

Ela removera seu traje-destilador e usava um gracioso vestido azul que deixava à mostra os braços finos. Próximo ao ombro, no braço esquerdo, fora amarrado um lenço verde.

“Verde para o luto”, pensou Paul.

Era um dos costumes que os dois filhos de Jamis lhe haviam explicado indiretamente, ao dizerem que não usavam verde porque o aceitavam como pai-guardião.

— Você é o Lisan al-Gaib? — eles haviam perguntado. Paul, sentindo o jihad naquelas palavras, evitou uma resposta com outra pergunta. Descobrira então que Kaleff, o mais velho dos dois, tinha dez anos, sendo o filho natural de Geoff Orlop, o mais jovem, tinha oito, e era o filho natural de Jamis.

Fora um dia estranho, com esses dois montando guarda ao seu lado, porque assim pedira, mantendo afastados os curiosos e dando-lhe tempo para alimentar seus pensamentos e memórias prescientes, planejando um modo de evitar o jihad.

E agora, de pé ao lado de sua mãe nessa caverna, olhando para a multidão

embaixo, ele cogitava se algum plano poderia evitar a selvagem expansão das legiões de fanáticos.

Chani, aproximando-se da saliência, era seguida a distância por quatro mulheres que carregavam uma quinta sobre uma liteira.

Jessica ignorou a aproximação de Chani, focalizando toda a sua atenção na mulher sobre a liteira: uma velha, uma coisa murcha e enrugada num vestido preto com um capuz jogado para trás, a revelar os cabelos grisalhos e o pescoço fibroso.

As carregadoras de liteira depositaram sua carga gentilmente sobre a saliência, permanecendo embaixo, e Chani ajudou a anciã a se levantar.

"Então esta é a Reverenda Madre", pensou Jessica.

A velha apoiava-se pesadamente em Chani, enquanto maneava em direção a Jessica, parecendo um conjunto de gravetos presos num roupão preto. Parou na sua frente, olhando para cima por um longo instante, antes de falar num rouco sussurro:

— Então é você — e a velha cabeça acenou precariamente, uma única vez, sobre o pescoço fino. — A Shadout Mapes tinha razão em ter pena de você.

Jessica falou rapidamente e com desdém:

— Eu não preciso da piedade de ninguém.

— Isso ainda falta ser provado — disse a velha, com sua voz rouca. Voltou-se, com surpreendente rapidez, para encarar a multidão: — Diga a eles, Stilgar.

— Devo?

— Nós somos o povo de Misr — explicou ela. — Desde que nossos ancestrais Sunni fugiram do Nilótico al-Ourouba, nós temos conhecido luta e morte. Os jovens devem prosseguir, para que nossa gente não desapareça.

Stilgar respirou fundo e deu dois passos à frente.

Jessica notou o silêncio se estabelecendo dentro da caverna abarrotada com umas vinte mil pessoas agora, esperando, quase imóveis e silenciosas. Fazia com que se sentisse pequena, e enchia-a de cautela.

— Esta noite nós abandonaremos este sietch que nos abrigou por tanto tempo, e rumaremos para o sul, deserto adentro — disse Stilgar, sua voz ribombando por sobre as faces erguidas, reverberando com a força emprestada pela trompa acústica por trás da saliência.

A multidão continuava em silêncio.

— A Reverenda Madre me diz que não pode sobreviver a outra hajra. Nós já vivemos antes sem uma Reverenda Madre, mas isso não é bom para pessoas que buscam um novo lar em tais paragens.

Agora a multidão se mexia, ondulando com sussurros e correntes de

inquietação.

— Isso pode não acontecer — explicou Stilgar. — Nossa nova Sayyadina, Jessica, a Estranha, consentiu em entrar no ritual desta vez. Ela tentará passar, para que não percamos a força de nossa Reverenda Madre.

"Jessica, a Estranha", pensou ela. Via Paul olhando para ela, os olhos cheios de perguntas, enquanto sua boca se mantinha em silêncio ante toda estranheza ao seu redor.

"Se eu morrer na tentativa, o que será dele?" Novamente sentia pressentimentos fluindo em sua mente.

Chani conduziu a Reverenda Madre para um banco de rocha, colocado profundamente no interior da trompa acústica, e retornou para ficar ao lado de Stilgar.

— Que não percamos tudo, se Jessica, a Estranha, falhar — disse Stilgar. — Chani, filha de Liet, será consagrada como Sayyadina, nesta ocasião. — Afastou-se um passo para o lado.

Das profundezas da trompa acústica a voz de anciã chegou até eles, um sussurro amplificado, duro e penetrante:

— Chani retornou de sua hajra. Chani viu as águas.

Uma resposta sussurrante elevou-se da multidão. — Ela viu as águas!

— Eu consagro a filha de Liet como Sayyadina — disse a velha.

— Ela está aceita — respondeu a multidão.

Paul quase não ouvia a cerimônia, com sua atenção ainda centrada no que fora dito sobre sua mãe.

"Se ela falhar."

Olhou para trás, em direção à que era chamada de Reverenda Madre, estudando as feições ressequidas da velha, a insondável fixação azul de seus olhos. Parecia que uma brisa ia soprá-la para longe; ao mesmo tempo, algo em sua aparência sugeria que ela poderia ficar, intocada, na trilha de uma tormenta de coriolis. Ela carregava a mesma aura de poder que ele relembrava na Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, que o testara com agonia, à maneira do gom jabbar.

— Eu, a Reverenda Madre Ramallo, cuja voz fala como uma multidão, digo-lhes isto: é adequado que Chani entre para Sayyadina.

— É adequado — respondeu a multidão.

A velha acenou, sussurrando:

— Eu dou a ela os céus prateados, o deserto dourado e as rochas cintilantes, os campos verdes que existirão. Eu os dou a Sayyadina Chani. E para que ela não esqueça que é uma serva de todos nós, a ela são destinadas as tarefas servis nesta Cerimônia da Semente. Seja como Shai-hulud deseja. — Ela ergueu

um braço fino e marrom, e o deixou cair. Jessica sentia a cerimônia encerrá-la com uma corrente que a arrastava para além do ponto de retorno. Olhou uma vez para o rosto cheio de perguntas de Paul, e então preparou-se para a prova.

— Que os mestres d'água se aproximem — ordenou Chani, com apenas um leve tremor em sua voz de menina.

Agora Jessica sentia-se no foco do perigo, conhecendo sua presença na vigilância da multidão, no silêncio.

Um grupo de homens percorreu uma trilha ondulada, aberta pela multidão, movendo-se em pares. Cada par carregava um pequeno saco de pele, do tamanho, talvez, do dobro da cabeça de um homem. Os sacos balançavam, pesados.

Os dois lideres depositaram sua carga aos pés de Chani, sobre a saliência, e recuaram.

Jessica olhou para o saco e em seguida para os homens. Eles tinham os capuzes tombados para trás, revelando os cabelos compridos presos num rolo, na base do pescoço. Os poços negros de seus olhos olhavam para ela sem se desviarem.

Um espesso odor de canela elevou-se do saco, chegando até Jessica. "A especiaria?", perguntou ela de si para si.

— Existe água? — indagou Chani.

O mestre d'água à esquerda, um homem com uma cicatriz violácea atravessando a base do nariz, acenou uma vez. — Existe água, Sayyadina, mas nós não podemos bebê-la.

— Existem sementes? — indagou Chani.

— Existem sementes — respondeu o homem.

Chani ajoelhou-se, colocando as mãos no saco. Abençoada seja a água, e sua semente.

Havia uma familiaridade no ritual, e Jessica observou a Reverenda Madre Ramallo. Os olhos da velha estavam fechados, e ela sentava-se curvada, como se estivesse adormecida.

— Sayyadina Jessica — chamou Chani.

Jessica voltou-se vendo a garota olhar para ela.

— Já provou da água abençoada? — indagou Chani.

E antes que Jessica pudesse responder, ela mesma disse:

— Não é possível que tenha provado da água abençoada. Veio de outro mundo, e não é uma privilegiada.

Um suspiro passou através da multidão, um ruído de mantos movendo-se, que fez os cabelos se arrepiarem na nuca de Jessica.

— A colheita era vasta e o produtor foi destruído — disse Chani.

Começou a desamarrar um tubo enrolado no topo do saco.

E agora Jessica sentia uma sensação de perigo fervendo ao seu redor. Olhou para Paul, vendo que ele fora capturado pelo mistério do ritual, e só tinha olhos para Chani.

“Será que ele já viu este momento no tempo?”, perguntou Jessica a si mesma. Repousou a mão no abdômen, pensando na filha lá dentro, e indagando com os seus botões: “Terei o direito de arriscar nossas vidas?”

Chani ergueu o tubo em direção a Jessica.

— Aqui está a Água da Vida, a água que é maior do que a água! Kan, a água que liberta a alma. Se for a Reverenda Madre, ela abrirá o universo para você. Que o Shai-hulud julgue isso agora.

Jessica sentia-se dividida entre a sua obrigação para com Paul e o dever para com sua filha que ainda ia nascer. Pelo bem de Paul, ela sabia que era necessário levar aquele tubo à boca, e beber do conteúdo do saco, mas enquanto se curvava para fazê-la, seus sentidos a advertiam do perigo.

A substância no saco tinha um cheiro penetrante, e de certo modo parecido com o de muitos venenos que conhecia, mas ao mesmo tempo diferente, também.

— Deve beber agora — disse Chani.

“Não há retorno agora”, lembrou-se Jessica. Mas nada, em todo o seu treino Bene Gesserit, ocorria-lhe que pudesse ajudá-la nesse instante.

“O que é isso?”, perguntou de si para si. “Um licor? Uma droga?”

Enquanto aproximava o tubo da boca, cheirava os ésteres de canela, lembrando-se então da bebedeira de Duncan Idaho. “Licor de especiaria?” Colocou na boca o tubo de sifão, e sugou apenas um diminuto gole. Tinha gosto de especiaria, parecendo um pouco picante na língua.

Chani pressionou o saco de pele. Uma grande golfada do liquido projetou-se para dentro de sua boca e, antes que pudesse evitar, já o tinha engolido, lutando para manter a calma e a dignidade.

— Aceitar uma pequena morte é pior do que a morte em si — disse Chani, e olhou para Jessica, esperando.

E Jessica devolveu o olhar, ainda segurando o tubo na boca.

Provara o conteúdo do saco, e agora sentia-o em suas narinas, no céu da boca, nas faces, nos olhos... Uma doçura picante.

“Frio.”

Novamente Chani bombeou o liquido para dentro de sua boca.

“Delicado.”

Jessica observou o rosto de Chani — o rosto de fada vendo traços de Liet-Kynes ainda não fixados pelo tempo.

“Isto é uma droga”, disse ela para si mesma. Mas diferente de qualquer outra droga por ela conhecida, embora o treino Bene Gesserit obrigasse a provar muitas.

As feições de Chani estavam tão claras como se delineadas na luz.

“Uma droga.”

Um silêncio envolvente se estabeleceu ao seu redor. Cada fibra de seu corpo aceitava o fato de que algo profundo lhe acontecera.

Sentia-se uma partícula consciente, menor do que qualquer partícula sub-atômica, mas ainda assim capaz de movimento, e de sentir o mundo ao seu redor. Como uma revelação abrupta — como cortinas sendo arrancadas — ela compreendeu que se tornara consciente de uma extensão psicocinestética de si mesma. Ela era um ponto, e no entanto não era.

A caverna permanecia à sua volta — as pessoas. Podia senti-las: Paul, Chani, Stilgar, a Reverenda Madre Ramallo.

“Reverenda Madre!”

Na escola, ouvira rumores de que algumas não sobreviviam ao teste de Reverenda Madre, que a droga as dominava.

Voltou sua atenção para a Reverenda Madre Ramallo, consciente agora de que tudo isso estava acontecendo num instante de tempo congelado. O tempo parado, apenas para ela.

“Por que o tempo está suspenso?”, perguntou a si mesma. Olhou para as expressões imobilizadas ao seu redor, vendo uma partícula de poeira acima da cabeça de Chani, parada lá.

Esperando.

A resposta a esse instante veio como uma explosão em sua consciência: seu sentido pessoal de tempo fora suspenso para salvar-lhe a vida!

Focalizou sua consciência na extensão psicocinestética de si mesma, olhando para dentro, e sendo confrontada imediatamente por um núcleo celular, um poço de escuridão do qual ela se afastou abruptamente.

“Este é o lugar onde não podemos olhar”, pensou. “Aí está o lugar que as Reverendas Madres tão relutantemente mencionam. O lugar onde apenas um Kwisatz Haderach poderá olhar.”

Essa consciência trouxe-lhe de volta um pouco de sua confiança, e novamente ela se aventurou a focalizar essa extensão psicocinestética, tornando-se um eu-partícula, que buscava dentro de seu corpo por uma fonte de perigo.

Ela encontrou-a na droga que engolira.

O material era constituído de partículas, dançando dentro dela, seus movimentos tão rápidos que nem mesmo o tempo congelado pudera pará-las. Partículas dançantes. Ela começou a reconhecer estruturas familiares, uniões

atômicas: um átomo de carbono aqui, oscilando em espiral... uma molécula de glicose. Jessica deparou com toda uma cadeia de moléculas e reconheceu uma proteína... configuração metilprotéica.

“Ahh!”

Uma exclamação mental, silenciosa, em seu interior, enquanto via a natureza do veneno.

Usando sua sondagem psicocinestética, ela se moveu para dentro dele, mudando a posição de um átomo de oxigênio, permitindo que outra partícula de carbono se ligasse, religando a cadeia de oxigênio... hidrogênio.

A mudança espalhou-se... cada vez mais rápida, enquanto a reação catalítica abria sua superfície de contato.

A suspensão de tempo relaxou seu poder sobre ela, e Jessica sentiu movimento. O tubo saindo do saco ainda lhe tocava a boca, recolhendo, vagarosamente, uma gota de umidade.

“Chani está recolhendo o catalisador do meu corpo para alterar o veneno dentro do saco”, pensou ela. “Mas por quê?”

Alguém a colocou sentada. Viu a Reverenda Madre Ramallo sendo trazida para sentar-se ao seu lado, sobre a projeção atapetada. Uma mão fria tocou-lhe o pescoço.

E lá estava outra partícula psicocinestética entrando em sua consciência! Jessica tentou rejeitá-la, mas a partícula deslizou, cada vez mais perto... mais perto.

Elas se tocaram!

Era o máximo em empatia: ser duas pessoas ao mesmo tempo.

Não era telepatia, mas consciência mútua.

“Com a velha Reverenda Madre!”

Mas Jessica via agora que a Reverenda Madre não pensava em si mesma como uma velha. Uma imagem desdobrou-se diante do mútuo olho mental: uma moça muito jovem, com um espírito saltitante e um temperamento afetuoso.

Dentro da consciência mútua, a garota disse:

— Sim, é assim que eu sou.

Jessica apenas podia aceitar as palavras, não podia responder.

— Você terá isto logo, Jessica — disse-lhe a imagem interior.

“Isto é alucinação”, pensou ela.

— Você sabe que não é. Rápido, agora, não lute contra mim. Não há muito tempo. Nós... — Houve uma longa pausa, depois a imagem interna continuou: — Você devia nos ter dito que está grávida.

Jessica encontrou a voz que falava dentro da consciência mútua.

— Por quê?

— Isso modifica vocês duas! Santa Mãe, o que fizemos?

Jessica sentiu uma mudança forçada na consciência mútua, viu outra presença-partícula com seu olhar interior. O outro ponto corria loucamente, para cá e para lá, circulando. E irradiava puro terror.

— Você tem de ser forte — disse a presença-imagem da Reverenda Madre.

— Sinta-se grata por ter no ventre uma menina. Isso mataria um feto masculino. Agora... cuidadosamente, suavemente... toque a presença de sua filha. Seja a presença de sua filha. Absorvendo o medo... acalmando... use sua coragem, sua força... suave agora... com calma...

O ponto rodopiante passou perto e Jessica compeliu-se a tocá-lo.

O horror ameaçou sufocá-la.

Ela lutou do único modo que conhecia: "Eu não temerei. O medo é o assassino da mente."

A ladainha produziu uma calma aparente. O outro ponto permaneceu imóvel, junto dela.

"Palavras não funcionarão", compreendeu ela. E tentou reduzir-se a reações emotivas básicas. Irradiando amor, conforto, um cálido aconchego.

O terror diminuiu.

Novamente a presença da velha Reverenda Madre se afirmou, mas agora havia uma tripla consciência mútua: duas ativas, e uma que permanecia quieta, absorvendo.

— O tempo me apressa — disse a Reverenda Madre. Tenho muito para lhe dar, mas não sei se a sua filha pode aceitar tudo isso e manter a sanidade. Mas assim deve ser: as necessidades da tribo têm prioridade.

— O que...

— Fique calada, e aceite!

Experiências começaram a se desenrolar diante de Jessica.

Era como um filme-palestra no projetor de treinamento subliminar, lá na escola Bene Gesserit... mas rápido... atordoantemente rápido. E todavia... nítido.

Conheceu cada experiência, como acontecera: houvera um amante. Viril, barbado, com os olhos de Fremen, e Jessica viu sua força e seu carinho, tudo a respeito dele, num piscar de olhos, através da memória da Reverenda Madre.

Não havia tempo agora para pensar no que isso poderia estar fazendo com o feto de sua filha, somente tempo para aceitar e registrar. As experiências de vida derramavam-se sobre Jessica: nascimento, vida, morte — assuntos importantes, e não importantes, tudo atropelando-se num único tempo de visão.

"Por que uma queda de areia, do alto de um penhasco, deve permanecer na memória?", indagou ela.

Foi muito tarde que ela percebeu o que estava acontecendo: a velha estava morrendo, e ao morrer passava suas experiências para a consciência de Jessica, como água sendo derramada de uma caneca para outra. O outro ponto apagou-se, recuando na consciência pré-natal, enquanto Jessica o observava. E, morrendo em concepção, a velha Reverenda Madre abandonou sua vida na memória de Jessica, com um último conjunto de palavras.

— Eu estive esperando por você, por um longo tempo disse ela. — Aqui está minha vida.

E lá estava, reunida e encerrada, toda ela.

Até mesmo o momento da morte.

“Eu sou agora uma Reverenda Madre”, percebeu Jessica.

E sabia, com a consciência generalizada em que se tornara, precisamente o que significava ser uma Reverenda Madre Bene Gesserit. A droga venenosa a transformara.

E isso não era exatamente como elas faziam na escola Bene Gesserit, ela tinha certeza. Ninguém jamais lhe revelara os mistérios envolvendo essa parte, mas tinha certeza de que não era assim.

O resultado final era o mesmo.

Jessica sentiu a partícula-filha ainda tocando sua consciência interior; sondou-a sem obter resposta.

Um terrível sentimento de solidão apoderou-se dela ao perceber o que lhe acontecera. Via sua própria vida aparecer como um padrão que se retardara, enquanto todas as vidas ao seu redor aceleravam-se tanto que as interconexões se tornavam claras.

A sensação de consciência-partícula se apagou levemente, sua intensidade diminuindo, enquanto o corpo se relaxava da ameaça do veneno. Ainda sentia, entretanto, a outra partícula, tocando-a com um sentimento de culpa por ter permitido que isso acontecesse.

“Eu fiz isso, minha pobre querida filha ainda não formada. Eu trouxe você para este universo, e expus sua consciência a tudo, sem qualquer defesa.”

Um minúsculo fluir de amor e conforto, como um reflexo do que ela derramara nele, pareceu sair do outro ponto.

Antes que pudesse responder, Jessica sentiu a presença adab da memória exigente. Havia algo que precisava ser feito. Tentou alcançá-la, percebendo ser impedida pela embriaguez que a droga da mudança imprimira em seus sentidos.

“Posso modificar isto”, pensou ela. “Posso afastar a ação da droga e torná-la inofensiva.” Sentiu, entretanto, que isso seria um erro. “Estou dentro de um ritual de união.”

E então percebeu o que devia ser feito.

Jessica abriu os olhos e apontou para o saco de água, agora sendo erguido acima dela por Chani.

— Isso foi abençoado — disse. — Misturem as águas, deixem que a mudança atinja a todos, que as pessoas possam dividir e compartilhar a bênção.

“Deixe que o catalisador faça seu trabalho”, pensou ela. “Deixe que as pessoas bebam e tenham sua consciência, uma da outra, aumentada por algum tempo. A droga é segura agora... agora que a Reverenda Madre a modificou.”

A memória ainda agia sobre ela, impulsionando-a. Havia outra coisa a fazer, mas a droga tornava difícil a compreensão.

“Ahhh... a velha Reverenda Madre.”

— Encontrei a Reverenda Madre Ramallo — disse Jessica. — Ela se foi, mas permanece. Que sua memória seja honrada no ritual.

“E agora? De onde tirei estas palavras?”

Percebeu que vinham da outra memória, a vida que lhe fora dada, e que agora era parte dela mesma. Alguma coisa a respeito dessa dádiva, entretanto, permanecia incompleta.

“Deixe-os ter sua orgia”, disse dentro dela a outra memória.

— Eles recebem tão poucos prazeres na vida. Sim, e eu e você precisamos desse pouco tempo para nos conhecermos, antes que eu possa recuar e aprender através de suas memórias. Já me sinto presa a pedaços de você. Ahh... você tem a mente tão cheia de coisas interessantes. Tantas coisas que eu nunca imaginei.

E a mente-memória encerrada dentro dela abriu-se, permitindo que Jessica observasse ao longo de um amplo corredor de memórias, através de outras Reverendas Madres que se sucediam, parecendo não ter fim.

Recuou assustada, temendo perder-se num oceano de identidades. Ainda assim, o corredor permanecia, revelando-lhe que a cultura Fremen era muito mais antiga do que suspeitara.

Havia existido Fremen em Poritrin, ela podia vê-los; um povo que crescera fraco, num planeta demasiado generoso. Presa fácil para os caçadores imperiais os capturarem, e plantarem nas colônias humanas de Bela Tegeuse e Salusa Secundus.

Oh! Os lamentos que Jessica sentia naquela partida.

Bem nas profundezas do corredor, uma voz-imagem gritou: Eles nos negaram o Hajj!

E Jessica viu os depósitos de escravos em Bela Tegeuse, lá no fundo do corredor, viu a seleção e a poda, que espalhara homens para Rossak e Harmonthep. Cenas de ferocidade brutal abriam-se para ela como pétalas de uma flor terrível. E viu o fio que conduzia ao passado, tecido por Sayyadina atrás de Sayyadina. Primeiro pela tradição oral, oculta nos cânticos da areia, e depois

afinado através de suas próprias Reverendas Madres, com a descoberta da droga venenosa em Rossak... desenvolvendo agora uma força sutil, com a descoberta da Água da Vida em Arrakis.

Bem fundo no corredor outra voz gritou:

— Não perdoem nunca! Não se esqueçam nunca!

A atenção de Jessica concentrava-se, porém, na revelação da Água da Vida, observando sua fonte: a emanação líquida de um verme ao morrer, um produtor. Quando ela o viu sendo morto, em sua nova memória, não pôde suprimir o espanto.

Á criatura fora afogada!

— Mamãe, você está bem?

A voz de Paul chegou até ela. Jessica lutou para escapar de sua consciência interior e olhar para ele, reconhecendo sua obrigação para com o rapaz e, no entanto, ressentindo-se de sua presença.

“Eu sou como uma pessoa cujas mãos foram mantidas entorpecidas, sem qualquer sensação, desde o seu primeiro instante de consciência. E então um dia a habilidade para sentir é forçada nelas.”

O pensamento prendeu-se em sua mente, envolvendo a consciência.

“E eu digo: — Olhem! Não tenho mãos! — Mas as pessoas à minha volta dizem: — E o que são mãos?”

— Você está bem? — repetiu Paul.

— Sim.

— Posso beber, então? — Apontou para o saco nas mãos de Chani. — Eles querem que eu beba.

Ouviu o significado oculto em suas palavras, percebendo que ele detectara o veneno na substância original, não modificada, e que se preocupava com ela. Ocorreu a Jessica, então, admirar-se com os limites da presciência de Paul. Sua pergunta revelava muito.

— Pode beber — disse ela. — Já foi modificada.

Olhou além dele para ver Stilgar a fitá-la, os olhos escuros estudando-a.

— Agora sabemos que não pode ser falsa — disse ele.

Sentiu um significado oculto aqui também, mas o torpor da droga dominava seus sentidos. Como isso era cálido e... tranquilizador. Como eram gentis esses Fremen, ao introduzi-la em semelhante companheirismo...

Paul vira a droga apoderar-se de sua mãe.

E ele pesquisara em sua memória. O passado fixo, as linhas de fluxo dos futuros possíveis. Era como vasculhar através de instantes aprisionados do tempo, algo desconcertante para as lentes de seu olho interior. Os fragmentos eram difíceis de compreender, quando arrancados para fora do fluxo.

Essa droga, podia reunir conhecimentos a respeito dela, entender o que ela estava fazendo com sua mãe, mas o conhecimento carecia de um ritmo natural, faltava-lhe um sistema de mútua reflexão.

Percebeu, repentinamente, ser uma coisa olhar o passado, ocupando o presente. O verdadeiro teste de presciência era ver o passado, no futuro.

As coisas continuavam a não ser o que pareciam.

— Beba! — ordenou Chani. Ela sacudiu a biqueira de um dos sacos sob o seu nariz.

Paul empertigou-se, olhando para Chani. Sentia uma excitação carnavalesca permeando o ar. Sabia o que iria acontecer se bebesse essa droga de especiaria, com a quintessência da substância que lhe ocasionara a mudança. Retornaria à visão do tempo puro, do tempo que se tornava espaço. Iria colocá-la naquele vertiginoso pináculo, e desafiá-la a compreender.

Atrás de Chani, Stilgar disse :

— Beba, garoto. Você atrasa o ritual.

Ouviu a multidão, nesse instante. O ardor em suas vazes:

— Lisan al-Gaib! — diziam. — Muad'Dib! — Olhou para sua mãe.

Ela parecia dormir pacificamente, em uma posição sentada, sua respiração regular e profunda. Uma frase saída do futuro, que era seu solitário passado, entrou em sua mente: "Ela dorme nas Águas da..."

Chani puxou sua manga.

Paul levou o bico até a boca, ouvindo as pessoas gritarem. Sentiu o líquido esguichar em sua garganta, quando Chani comprimiu o saco; sentiu vertigem no perfume. Chani removeu o bico e entregou a saco para mãos que se estendiam do fundo da caverna.

Seus olhos observaram-lhe o braço, notando a faixa verde do luto.

Ela se levantou, observando a direção do seu olhar e dizendo:

— Eu posso lamentar por ele, mesmo na alegria das águas. Isso foi uma coisa que ele nos deixou.

Segurou-lhe as mãos, puxando-o ao longo da projeção de rocha.

— Nós somos idênticos em uma coisa, Usul: cada um de nós perdeu seu pai para os Harkonnen.

Paul a seguiu. Sentia que sua cabeça fora separada do corpo e restaurada com estranhas conexões. Suas pernas pareciam distantes e entorpecidas.

Penetraram em uma estreita passagem, suas paredes fracamente iluminadas por globos luminosos muito espaçados. Sentia a droga começar a produzir o seu efeito singular sobre ele, abrindo-lhe o tempo como se fosse uma flor. Encontrou necessidade de se apoiar em Chani enquanto viravam, entrando em outro túnel na penumbra. A mistura de tecido estriado e acolchoado, que

sentia por baixo do manto, estimulava sua circulação. Uma sensação que, adicionada ao efeito da droga, dobrando o passado e o futuro sobre o presente, deixava-lhe apenas uma fina margem de foco triocular.

— Eu a conheço, Chani — sussurrou ele. — Nós nos sentamos em uma saliência acima da areia, enquanto eu acalmava os seus temores. Eu a acariciei na escuridão do sietch. Nós... — Descobriu-se perdendo o foco, tentou sacudir a cabeça e tropeçou.

Chani amparou-o, levando-o através de espessas cortinas para dentro do calor amarelado de seu apartamento. Mesas baixas, almofadas, um leito debaixo de uma cobertura laranja.

Paul percebeu que haviam parado, que Chani o olhava com olhos que revelavam temor.

— Precisa me contar.

— Você é a Sihaya — disse ele. — A fonte no deserto.

— Quando a tribo compartilha a água — explicou ela. — Estamos juntos... todos nós. Nós... partilhamos. Posso... sentir os outros comigo, mas tenho medo de partilhar com você.

— Por quê?

Tentou focalizá-la, mas passado e futuro misturavam-se com o presente, toldando a imagem. Viu Chani em posições, locais e modos incontáveis.

— Existe alguma coisa assustando você — disse ela. — Quando o afastei dos outros... eu o fiz porque podia sentir que os outros o desejavam. Você... estimula as pessoas. Faz... com que vejamos coisas!

Paul procurou se esforçar para falar claramente:

— E o que você vê?

Ela olhou para suas próprias mãos.

— Vejo uma criança... em meus braços. É nossa criança, sua e minha. — Colocou a mão na boca. — Como posso conhecer cada detalhe a seu respeito?

“Eles possuem um pouco do talento”, disse-lhe sua mente.

“Mas o suprimem, porque ele os aterroriza.”

Num momento de claridade, ele viu como Chani estava tremendo.

— O que você quer dizer? — indagou.

— Usul — sussurrou ela, ainda trêmula.

— Você não pode recuar para o futuro — disse ele.

Uma profunda compaixão por ela percorreu sua mente. Puxou-a para junto de si, acariciando-lhe os cabelos.

— Chani, Chani, não tema...

— Usul, ajude-me — gritou ela.

Enquanto ela falava, ele sentia a droga completar seu trabalho em seu

interior, arrancando as cortinas, para permitir que visse o distante torvelinho cinzento que constituía seu futuro.

— Você está tão quieto — disse Chani.

Tomou posição em sua consciência, vendo o tempo estender-se em suas misteriosas dimensões, delicadamente equilibradas e, no entanto, rodopiando; estreitas e, no entanto, estendidas como uma rede a colher incontáveis mundos e forças. Uma corda esticada sobre a qual devia caminhar, e ao mesmo tempo uma gangorra na qual se balançava.

De um lado podia ver o império. Um Harkonnen chamado Feyd-Rautha que relampejava em sua direção como uma lâmina mortal; os Sardaukar, lançando-se de seu planeta para espalhar o massacre em Arrakis; a Corporação, conspirando e tramando; as Bene Gesserit, com seus esquemas de reprodução seletiva. Todos se amontoavam como um cúmulo tempestuoso, erguendo-se em seu horizonte, contidos por não mais do que os Fremen e seu Muad'Dib. Fremen, o gigante adormecido tomando posição para sua cruzada selvagem através do universo.

Paul sentia-se no centro, como o pivô em torno do qual toda a estrutura girava. Caminhando sobre um delicado fio de paz, com uma medida de felicidade constituída por Chani ao seu lado.

Podia ver tudo aquilo estender-se à sua frente, um tempo de calma relativa num sietch oculto, um instante de paz entre períodos de violência.

— Não existe nenhum outro lugar de paz — murmurou.

— Usul, você está chorando. Usul, minha força, você dá umidade aos mortos? Aos que morreram?

— Aqueles que ainda não morreram.

— Então deixe que tenham seu tempo de vida.

Sentiu através da neblina da droga o quão certa ela estava e puxou-a de novo para si, com uma pressão selvagem.

— Sihaya! — disse ele.

Ela colocou uma palma sobre sua face.

— Eu não estou mais com medo, Usul. Olhe para mim. Vejo o mesmo que você vê, quando me segura deste modo.

— E o que você vê?

— Eu nos vejo compartilhando o amor num tempo de calmaria entre as tempestades. É o que devemos fazer.

A droga o dominava novamente, e ele pensou: "Tantas vezes você me deu o conforto e o esquecimento." Sentiu mais uma vez a hiperiluminação, com suas imagens de tempo em alto-relevo, sentindo seu futuro se tornar um conjunto de memórias... As ternas indignidades do amor físico, o compartilhar e a comunhão

de personalidades, a suavidade e a violência.

— Você é a fonte, Chani — murmurou ele. — Fique comigo.

— Sempre — respondeu ela, beijando-lhe o rosto.

LIVRO TERCEIRO

O PROFETA

38

Nenhuma mulher, homem ou criança jamais chegou a penetrar na intimidade de meu pai. O mais perto que alguém chegou de uma camaradagem casual com o imperador Padishah foi no relacionamento oferecido pelo Conde Hasimir Fenring um companheiro de infância. O grau de amizade atingido pelo Conde Fenring pode ser visto primeiramente como algo positivo: ele acalmou as suspeitas da Laflásmad, depois do Caso Arrakis. Isso custou mais de um bilhão de solaris, em subornos com especiaria, contou minha mãe, e houve outros presentes também: mulheres escravas, honras reais, posições de influência. A segunda maior evidência da amizade do Conde foi negativa. Ele se recusou a matar um homem, embora isso estivesse dentro de suas possibilidades e meu pai o houvesse ordenado. Eu relatarei esse episódio em breve.

— Conde Fenring: Um Perfil,
escrito pela Princesa Irulan

O Barão Vladimir Harkonnen avançou, furioso, ao longo dos corredores, saindo de seus aposentos pessoais, passando rapidamente através das poças de luz do entardecer que se derramavam das altas janelas. Ele ondulava e se contorcia em seus suspensores, com uma série de movimentos violentos.

Ele trovejou pela cozinha pessoal, passando pela biblioteca, pela pequena sala de recepção e para dentro da antecâmara dos servos, onde o descanso do cair da noite já começara.

O capitão da guarda, Iakin Nefud, encontrava-se agachado num divã, do outro lado da câmara, o estupor da semuta estampado em seu rosto liso, o estranho gemido da música de semuta a envolvê-lo. Sua própria corte sentava-se próximo, esperando fazer seus apelos.

— Nefud! — urrou o barão.

Homens correram.

Nefud levantou-se, o rosto calmo pelo efeito do narcótico, acrescido de uma palidez que revelava seu medo. A música de semuta parou.

— Senhor Barão — exclamou Nefud. Apenas a droga evitava, ainda, a vacilação em sua voz.

O Barão observou os rostos ao redor, notando a imobilidade nas feições. Voltou sua atenção para Nefud, falando num tom falsamente amável.

— Há quanto tempo tem sido capitão de minha guarda, Nefud?

Nefud engoliu em seco.

— Desde Arrakis, meu senhor. Quase dois anos.

— E sempre antecipou os perigos à minha pessoa?

— Esse é o meu único desejo, meu senhor.

— Então onde está Feyd-Rautha? — rugiu o Barão.

Nefud assustou-se:

— Meu senhor?!

— Não considerou que Feyd-Rautha pudesse constituir um perigo à minha pessoa? — novamente a voz era cortês.

Nefud umedeceu os lábios com a língua. Parte do estupor da semuta deixara seus olhos.

— Feyd-Rautha está no alojamento dos escravos, meu senhor.

— Com as mulheres de novo, hein? — O Barão tremia com o esforço para controlar o ódio.

— Senhor, pode ser que ele...

— Silêncio!

O Barão avançou outro passo para dentro da antecâmara, notando como os homens recuavam, abrindo um espaço sutil ao redor de Nefud, dissociando-se do objeto da ira.

— Não ordenei que soubesse com precisão o paradeiro do futuro Barão, durante todo o tempo? — indagou o Barão, avançando mais um passo. — Não lhe disse que devia saber, com precisão, tudo o que o futuro Barão estivesse dizendo durante todo o tempo, e para quem ele dissesse? — Mais um passo. — Não lhe disse que devia me avisar, sempre que ele fosse para os alojamentos das escravas?

Nefud engoliu novamente, o suor aparecendo em sua testa.

O Barão manteve a voz monótona, quase destituída de ênfase.

— Não lhe disse todas essas coisas?

Nefud assentiu.

— E não lhe disse que devia verificar todos os meninos escravos que me fossem enviados? E que devia fazer isso pessoalmente?

Novamente Nefud acenou, afirmativamente.

— Você por acaso não viu a marca na coxa daquele que me enviou esta noite? É possível que você...

— Tio!

O Barão voltou-se, vendo Feyd-Rautha de pé, na porta. A presença do

sobrinho aqui, agora... a aparência de inquietação que o jovem não conseguia esconder inteiramente... tudo isso contribuía para revelar muita coisa. Feyd-Rautha tinha seu próprio sistema de espionagem focalizado no Barão.

— Existe um corpo no meu quarto que eu desejo que seja removido — disse o Barão, mantendo sua mão sobre a arma lançadora de projéteis embaixo do manto, grato por seu escudo ser o melhor.

Feyd-Rautha olhou para os dois guardas diante da parede à direita, e acenou. Os dois correram para a porta tomando o caminho do corredor, em direção aos apartamentos do Barão.

"Aqueles dois, hein?", pensou o Barão. "Ah! esse jovem monstro tem muito que aprender ainda sobre conspiração!"

— Presumo que deixou tudo em paz no alojamento dos escravos, não, Feyd?

— Estive jogando queops com o mestre dos escravos respondeu Feyd-Rautha, enquanto pensava: "O que saiu errado? O garoto que mandamos para meu tio foi morto, obviamente. Mas ele era perfeito para o serviço. Mesmo Hawat não poderia ter feito uma escolha melhor. O garoto era perfeito!"

— Jogando xadrez de pirâmides — comentou o Barão. Que ótimo. Você venceu?

— Eu?... ah, sim, tio. — Feyd-Rautha lutava para conter sua inquietação.

O Barão estalou os dedos.

— Nefud, você deseja reconquistar minhas boas graças?

— Senhor, o que foi que eu fiz... — estremeceu Nefud.

— Isso não importa, agora. Feyd bateu o mestre de escravos em queops. Você ouviu isso?

— Sim... senhor.

— Quero que reúna três homens e vá ao encontro do mestre de escravos — instruiu o Barão. — O mestre de escravos deve ser garroteado. Tragam seu corpo para mim quando tiverem terminado, para que eu veja se foi feito adequadamente. Não podemos permitir jogadores de xadrez ineptos ao nosso serviço.

Feyd-Rautha ficou pálido, deu um passo à frente.

— Mas, tio, eu...

— Depois, Feyd — e o Barão acenou com a mão. — Depois.

Os dois guardas, que haviam seguido para os alojamentos do Barão, em busca do cadáver do garoto, passaram cambaleando pela porta da antecâmara, com sua carga pendendo entre eles, os braços balançando. O Barão observou-os até que desapareceram.

Nefud colocou-se ao lado do Barão.

— Deseja que eu mate o mestre de escravos agora, meu senhor?

— Agora! — respondeu o Barão. — E, quando houver terminado, adicione à sua lista aqueles dois que acabaram de passar.

Não gostei do modo como carregavam aquele corpo. Deve-se fazer essas coisas adequadamente. Eu vou querer ver suas carcaças, também.

Nefud balbuciou.

— Senhor, foi alguma coisa que eu...

— Faça o que seu mestre ordenou — disse Feyd-Rautha, pensando: “Tudo que posso esperar, agora, é salvar minha própria pele.”

“Bom”, pensou o Barão, “ele ainda sabe como cortar seus fracassos”. Sorriu internamente. “O garoto sabe também o que irá me satisfazer, e o que será mais adequado para receber minha ira, para que esta não caia sobre ele. Sabe que devo preservá-la. Quem mais tenho eu para tomar as rédeas que devo largar um dia? Não tenho ninguém tão capaz. Mas ele precisa aprender! E devo me preservar, enquanto ele está aprendendo.”

Nefud chamou homens para ajudá-lo, e os liderou porta afora.

— Quer acompanhar-me até os meus aposentos, Feyd?

— Ao seu comando — respondeu Feyd-Rautha. Curvou-se, pensando: “Fui apanhado.”

— Vá na frente — disse o Barão, apontando para a porta.

Feyd-Rautha demonstrou seu medo apenas com uma leve hesitação.

“Terei falhado inteiramente?”, perguntou a si mesmo. “Será que ele vai enfiar uma lâmina envenenada em minhas costas... lentamente, através do escudo? Será que possui um sucessor alternativo?”

“Deixe-o experimentar seu momento de terror”, pensava o Barão enquanto caminhava atrás do sobrinho. “Ele irá me suceder, mas na ocasião que eu escolher. Não quero que jogue fora o que construí!”

Feyd-Rautha tentava não caminhar muito rapidamente. Sentia a pele comichando em suas costas, como se seu corpo igualmente aguardasse o golpe. Os músculos tensionando e relaxando, alternadamente.

— Já ouviu as últimas notícias de Arrakis? — indagou o Barão.

— Não, tio.

Feyd-Rautha forçou-se a não olhar para trás. Viraram no corredor, saindo da ala dos servos.

— Há um novo profeta, ou líder religioso de algum tipo, entre os Fremen. Eles o chamam Muad’Dib. Muito divertido, realmente. Significa. “O Rato”. Já disse a Rabban que deixe que tenham sua religião. Vai mantê-los ocupados.

— Isso é muito interessante, tio — respondeu Feyd-Rautha.

Deu a volta em direção ao corredor particular para o quarto de seu tio,

imaginando: “Por que ele fala em religião? Será alguma indireta para mim?”

— Sim, não é?

Entraram nos apartamentos do Barão através do salão de recepção, passando para o quarto. Percebiam-se, ali, indícios sutis de luta: uma lâmpada suspensora fora do lugar, um colchão fora da cama, um tranqui-rolo derramado sobre a cabeceira.

— Foi um plano muito hábil — comentou o Barão. Manteve seu escudo corporal ligado ao máximo enquanto parava, confrontando o sobrinho. — Mas não o bastante. Diga-me, Feyd, por que não me atacou pessoalmente? Teve oportunidades suficientes.

Feyd-Rautha encontrou uma cadeira suspensora, encolheu os ombros mentalmente, enquanto se sentava, sem ter recebido permissão.

“Devo ser ousado agora”, decidiu.

— Ensinou-me que minhas próprias mãos devem permanecer limpas.

— Ah... sim — reconheceu o Barão. — Quando enfrentar o Imperador, deve ser capaz de dizer que não fez nada. A bruxa ao lado do Imperador ouvirá suas palavras, e saberá se são falsas ou verdadeiras. Sim, eu o adverti a esse respeito.

— Por que nunca comprou uma Bene Gesserit, tio? Com uma Reveladora da Verdade ao seu lado...

— Você conhece os meus gostos! — retrucou o Barão.

Feyd-Rautha observou o tio, depois disse:

— Ainda assim, uma seria valiosa para...

— Eu não confio nelas! — rosnou o Barão. — E pare de tentar mudar de assunto!

Feyd-Rautha falou amavelmente.

— Como desejar, tio.

— Eu me lembro de uma ocasião, na arena, vários anos atrás. Naquele dia parece que um escravo fora enviado para matá-lo. Foi isso, de fato, o que aconteceu?

— Foi há tanto tempo, tio. Além do mais, eu...

— Sem evasões, por favor — disse o Barão, sua voz revelando o controle que exercia sobre a raiva.

Feyd-Rautha voltou a olhar para o tio, pensando: “Ele sabe, do contrário não iria perguntar.”

— Foi uma fraude, tio. Eu arranjei tudo para desacreditar o seu mestre de escravos.

— Muito hábil. E corajoso, também. Aquele gladiador-escravo quase o pegou, não?

— Sim.

— Se você tivesse fineza e sutileza para igualar sua coragem, então seria mesmo formidável. — O Barão sacudiu a cabeça de um lado para outro e, como fizera muitas vezes, desde aquele dia terrível em Arrakis, ele se encontrou lamentando a perda de Piter, o Mentat. Aquele fora um homem de sutilezas delicadas, diabólicas. E todavia isso não o salvara. Novamente sacudiu a cabeça.

O destino é, às vezes, inescrutável.

Feyd-Rautha observou o aposento, estudando os sinais da luta, tentando saber como o tio pudera dominar o escravo, que haviam preparado tão cuidadosamente.

— Como o venci? — perguntou o Barão. — Ahh, Feyd, deixe-me ficar com algumas armas para assegurar minha velhice. É melhor que usemos esta ocasião para fazer um acordo. Uma barganha.

Feyd-Rautha olhou fixamente para ele. “Um acordo! Então ele quer me manter como seu herdeiro com certeza. Por que mais faria um acordo? Um acordo é entre iguais, ou quase iguais!”

— Que acordo, tio? — Feyd-Rautha sentia-se orgulhoso por sua voz permanecer calma, sem trair a alegria que sentia.

O Barão também notou o controle, e acenou com a cabeça. Você é um ótimo material, Feyd; e eu não desperdiço bom material. Você persiste, todavia, em se recusar a aprender o meu verdadeiro valor, obstinado. Não percebe por que eu devo ser preservado como alguém de supremo valor para você. Isto... — Apontou para a evidência da luta no quarto. — Isto foi uma tolice, e eu não recompenso tolices.

“Vá direto ao ponto, seu velho tolo!”, pensou Feyd-Rautha.

— Você pensa em mim como um velho tolo — disse o Barão. — Devo dissuadi-lo a esse respeito.

— Falou em um acordo.

— Ah... a impaciência dos jovens. Bem, eis a substância do acordo. Você interromperá esses atentados tolos contra a minha vida. E eu, quando estiver pronto para isso, abdicarei em seu favor. Vou retirar-me para uma posição de conselheiro, deixando-o no assento do poder.

— Retirar-se, tio?

— Você me julga um tolo, e isso confirma esse julgamento? Você acha que estou suplicando-lhe! Ande com cuidado, Feyd. Este velho tolo viu a agulha coberta que você plantou na coxa daquele menino-escravo. Exatamente onde eu colocaria minha mão, não é? Uma leve pressão e... snick! Uma agulha envenenada na palma da mão do velho tolo! Ahhh, Feyd...

Sacudiu a cabeça, pensando: “Teria funcionado se Hawat não me

prevenisse. Bem, deixe que o garoto acredite que eu vi a trama sozinho. De um certo modo, eu o fiz. Fui eu que salvei Hawat dos destroços de Arrakis. E esse garoto precisa ter mais respeito por minha perícia.”

Feyd-Rautha continuou em silêncio, lutando contra si mesmo.

“Será que ele diz a verdade? Pretende mesmo se retirar? Por que não? Tenho certeza de que lhe sucederei um dia, se me mover com cuidado. Ele não pode viver para sempre. Talvez eu tenha sido um tolo em tentar apressar o processo.”

— Falou num acordo. Que garantia devo dar?

— Como podemos confiar um no outro, hein? Bem, Feyd, quanto a você, estou encarregando Thufir Hawat de vigiá-lo. Confio em que as capacidades Mentat de Hawat possam fazer isso. Você me compreende? E quanto a mim, você terá que ter fé. Mas eu não posso viver para sempre, posso, Feyd? E talvez seja hora de começar a suspeitar de que sei coisas que você “deveria” saber.

— Eu lhe dou minha garantia, e o que você me dá? indagou Feyd-Rautha.

— Eu permito que continue vivendo.

Novamente Feyd-Rautha observou seu tio. “Ele coloca Hawat em cima de mim. O que diria, se eu lhe contasse que Hawat planejou o truque com o gladiador, que lhe custou seu mestre de escravos? Provavelmente diria que estou mentindo, em uma tentativa para desacreditar Hawat. Não, o bom Thufir é um Mentat, e antecipou este momento.”

— Bem, o que diz? — indagou o Barão.

— Que posso dizer? Eu aceito, é claro.

Feyd-Rautha pensava: “Hawat! Ele joga nos dois lados... não é isso? Mudou-se para o campo de meu tio, porque não me aconselhei com ele sobre o atentado com o garoto-escravo.”

— Não disse nada quanto a ter colocado Hawat para vigiá-lo comentou o Barão.

Feyd-Rautha demonstrou sua raiva ao dilatar as narinas. O nome de Hawat fora um sinal de perigo entre os Harkonnen por tantos anos... e agora tinha um novo significado: ainda perigoso.

— Hawat é um brinquedo perigoso — disse Feyd-Rautha.

— Brinquedo! Não seja estúpido. Eu sei o que tenho em Hawat, e como controlá-lo. Hawat possui emoções profundas, Feyd. Um homem sem emoções é o que se deve temer. Mas emoções profundas... ah, estes podem ser curvados de acordo com nossas necessidades.

— Tio, eu não o compreendo.

— Sim, isso é bastante evidente.

Somente o tremular de uma pálpebra revelou a passagem do ressentimento

através de Feyd-Rautha.

— E você não compreende Hawat — acrescentou o Barão.

“Nem você”, pensou Feyd.

— A quem Hawat culpa por sua atual situação? — indagou o Barão. — A mim? Certamente. Mas ele era um instrumento dos Atreides, e me superou durante anos, até que o Império se intrometesse. Esse é o modo como ele vê a coisa. Seu ódio por mim é algo casual, agora. Ele acredita que pode me vencer quando quiser. E ao acreditar nisso, ele é vencido. Pois eu dirijo sua atenção para onde quero... contra o Império.

Tensões, causadas por esse novo entendimento, traçaram uma linha sobre a testa de Feyd-Rautha, comprimindo-lhe a boca. Contra o Imperador?

“Deixe que o meu querido sobrinho saboreie isso”, pensou o Barão. “Deixe que ele diga para si mesmo: “Imperador Feyd-Rautha Harkonnen!’ Deixe-o imaginar quanto é que isso vale. Certamente, vale a vida de um velho tio, que pode tornar esse sonho realidade.”

Lentamente, Feyd-Rautha umedeceu os lábios com a língua.

“Poderia ser verdade o que o velho tolo estava dizendo? Existiria aqui alguma coisa a mais do que parecia?”

— E o que tem Hawat a ver com tudo isso? — indagou Feyd-Rautha.

— Ele pensa que pode nos usar como instrumento de sua vingança contra o Imperador.

— E quando isso for realizado?

— Ele não raciocina além de sua vingança. Hawat é um homem que deve servir a outros, e nem ao menos pensa em si próprio.

— Eu aprendi muito com Hawat — concordou Feyd-Rautha, sentindo a verdade nas palavras enquanto as pronunciava. Mas quanto mais eu aprendo, mais sinto que devíamos nos livrar dele... logo.

— Não gosta da idéia de ele estar a observá-lo?

— Hawat vigia todo o mundo.

— E ele pode colocá-lo no trono. Hawat é sutil. Ele é perigoso, maquiavélico. Mas eu não retirarei o antídoto, ainda. Uma espada também é perigosa, Feyd, mas nós temos uma bainha para esta. O veneno permanece nele. Quando retirarmos o antídoto, a morte irá embainhá-la.

— De certo modo é como na arena — disse Feyd-Rautha. Estratagemas dentro de estratagemas, dentro de estratagemas.

Você observa para ver como o gladiador se inclina, para que lado ele olha, como empunha a faca.

Assentiu para si mesmo, vendo como essas palavras agradavam ao seu tio, mas pensando: “Sim, é como na arena! E o gume é a mente!”

— Agora pode ver como precisa de mim — disse o Barão. — Eu ainda sou útil, Feyd.

"Uma espada para ser empunhada até que esteja muito cega para o uso", pensou Feyd-Rautha.

— Sim, tio.

— E agora — disse o Barão — vamos, os dois, até o alojamento dos escravos. E eu vou observar enquanto você, com suas próprias mãos, mata todas as mulheres da ala do prazer.

— Tio!

— Haverá outras mulheres, Feyd. Mas eu já disse para não cometer um erro tolo comigo.

O rosto de Feyd-Rautha tornou-se melancólico.

— Mas tio, você...

— Vai aceitar sua punição e aprender alguma coisa com ela.

Feyd-Rautha fitou o olhar maligno do tio. "E eu devo lembrar esta noite", pensou ele. "E, ao lembrá-la, recordarei outras noites."

— Você não vai recusar — advertiu o Barão.

"O que você poderia fazer se eu recusasse, meu velho?", perguntou Feyd-Rautha a si mesmo. Sabia no entanto que haveria outra punição, talvez alguma mais sutil, mais brutal, para dobrá-lo.

— Eu o conheço, Feyd — disse o Barão. — Não vai recusar.

"Muito bem", pensou Feyd-Rautha, "preciso de você agora. Percebi isso. O acordo está feito. Mas não vou precisar de você sempre. E... algum dia... "

39

Na profundidade do inconsciente humano, existe uma necessidade penetrante de um universo lógico, que faça sentido. Mas o universo real está sempre um passo adiante da lógica.

— de Citações do Muad'Dib, escrito pela Princesa Irulan

"Já me sentei diante de muitos governantes das Grandes Casas, mas nunca vi um porco mais perigoso e brutal do que este", pensou Thufir Hawat."

— Pode falar francamente comigo, Hawat — grunhiu o Barão.

Inclinava-se para trás em sua cadeira suspensora, os olhos sob as dobras de gordura, fixos em Hawat.

O velho Mentat olhou para a mesa que o separava de Vladimir Harkonnen, notando a opulência de seu material. Até mesmo isso era um fator a ser considerado ao analisar o Barão; assim como as paredes vermelhas dessa sala particular de conferências, e o cheiro fraco e suave de ervas que pairava no ar, ocultando o odor de almíscar.

— Você não me fez enviar aquele aviso para Rabban apenas por algum capricho — disse o Barão.

O rosto coriáceo de Hawat permaneceu impassível, sem revelar nada do asco que sentia.

— Eu suspeito de muitas coisas, meu senhor.

— Sim. Bem, desejo saber como Arrakis se coloca em suas suspeitas a respeito de Salusa Secundus. Não é suficiente dizer-me que o Imperador está preocupado a respeito de uma ligação entre Arrakis e o seu misterioso planeta-prisão. Mas só apressei o aviso para Rabban porque o mensageiro precisava partir naquele Heighliner. Você disse que não poderia haver atraso. Bem, ótimo. Mas agora eu quero uma explicação.

"Ele fala demais", pensou Hawat. "Não é como Leto, que podia me dizer uma coisa com um simples erguer de uma sobrancelha, um aceno da mão. Nem como o Velho Duque, que podia expressar uma frase inteira pronunciando uma única palavra. Este é um imbecil! Destruí-lo será um serviço para a humanidade."

— Você não sairá daqui até que eu tenha uma explicação completa —

acrescentou o Barão.

— O senhor fala muito naturalmente de Salusa Secundus — observou Hawat, uma colônia penal. Os piores refugos da galáxia são enviados para Salusa Secundus. Que mais devemos saber?

— As condições no planeta-prisão são mais opressivas do que em qualquer outro lugar — explicou Hawat. — Já ouviu dizer que a taxa de mortalidade entre os novos prisioneiros é superior a sessenta por cento. Já ouviu dizer que o Imperador pratica ali toda forma de opressão. Ouve tudo isso e não faz perguntas?

— O Imperador não permite que as Grandes Casas inspecionem sua prisão — grunhiu o Barão. — Mas ele também não olha dentro de minhas masmorras.

— E qualquer curiosidade a respeito de Salusa Secundus é... ah... — Hawat levou um dedo magro aos lábios... desencorajada.

— E daí? Ele não se orgulha de algumas das coisas que deve fazer por lá.

Hawat permitiu que o mais fraco dos sorrisos se formasse em seus lábios escuros. Seus olhos cintilaram na luz do tubo luminescente enquanto ele encarava o Barão.

— Nunca desejou saber de onde o Imperador tira os seus Sardaukar?

O Barão comprimiu seus lábios gordos. Isso dava às suas feições a aparência de um bebê. Sua voz tinha um tom de petulância, enquanto ele dizia:

— Por que deveria?... Ele recruta... quer dizer, há os convocados e os que se alistam de...

— Haa! — exclamou Hawat. — As histórias que se ouvem a respeito dos feitos dos Sardaukar, elas não são rumores, são? São relatos em primeira mão, vindas do limitado número de sobreviventes entre os que já lutaram com os Sardaukar, não é?

— Os Sardaukar são excelentes lutadores, sem dúvida. Mas eu creio que as minhas próprias legiões...

— Um bando de escoteiros, em comparação! — retrucou Hawat. — Você acha que eu não sei por que o Imperador se voltou contra a Casa de Atreides?

— Isso não é um assunto aberto à sua especulação — advertiu o Barão.

“Será possível que nem ele saiba o que motivou o Imperador?”, indagou a si mesmo Hawat.

— Qualquer área é aberta à especulação, se tiver relação com o que me contratou para fazer. Eu sou um Mentat. Não se sonegam informações e linhas de computação para um Mentat.

Por um longo minuto o Barão olhou para ele, e então:

— Diga o que deve dizer, Mentat.

— O Imperador Padishah voltou-se contra a Casa de Atreides, porque os

Mestres de Guerra do Duque, Gurney Halleck e Duncan Idaho, haviam treinado uma força de combate — uma pequena força de combate — que era tão boa quanto os Sardaukar. Alguns deles eram até melhores. E o Duque se encontrava em posição de aumentar essa força, fazendo-a tão forte, em todos os detalhes, quanto a do Imperador.

O Barão pesou essa revelação e disse.

— O que tem Arrakis a ver com isso?

— Ele fornece um conjunto de recrutas já condicionados ao mais duro treinamento de sobrevivência.

O Barão sacudiu a cabeça.

— Você não está se referindo aos Fremen?

— Eu me refiro aos Fremen.

— Ahh! Então por que avisar Rabban? Não pode haver mais do que um punhado de Fremen depois do pogrom dos Sardaukar e da opressão de Rabban. — Hawat continuou a fitá-lo, silencioso.

— Nada mais do que um punhado — repetiu o Barão. — Rabban matou seis mil deles, só no ano passado!

Hawat continuou olhando.

— E no ano anterior foram nove mil. E, antes que os Sardaukar partissem, deram conta de pelo menos vinte mil.

— Quais foram as perdas nas tropas de Rabban durante os dois últimos anos? — indagou Hawat.

O Barão esfregou a papada.

— Bem, ele tem feito um severo recrutamento, é verdade. Seus agentes fazem promessas um tanto extravagantes e...

— Devemos considerar trinta mil baixas, em números redondos? — perguntou Hawat.

— Isso seria um pouco alto.

— Ao contrário. Posso ler nas entrelinhas dos relatórios de Rabban, tanto quanto você. E, certamente, deve ter entendido meu relatório quanto aos nossos agentes.

— Arrakis é um planeta hostil. Perdas causadas pelas tempestades podem ser...

— Ambos sabemos o cálculo para as tempestades — observou Hawat.

— E se perdemos trinta mil, que tem isso? — indagou o Barão, o rosto muito vermelho.

— Segundo sua própria contagem — explicou Hawat — ele matou quinze mil durante dois anos, enquanto perdia duas vezes esse número de homens. Você diz que os Sardaukar se encarregaram de eliminar outros vinte mil,

possivelmente alguns mais. E eu vi suas relações de transporte, quando voltaram de Arrakis. Se eles mataram vinte mil, suas perdas foram de quase cinco para um. Por que não considera esses números, Barão? E compreende o que eles significam?

O Barão respondeu de modo frio e cadenciado.

— Esse é o seu trabalho, Mentat. O que eles significam?

— Eu lhe dei a contagem, cabeça por cabeça, feita por Duncan Idaho no sietch que visitou. Tudo se encaixa. Se eles possuem apenas duzentas e cinquenta dessas comunidades sietch, sua população deve ser em torno de cinco milhões. Na pior das hipóteses, creio que eles possuem duas vezes esse número de comunidades. Se você espalha essa população em tal planeta...

— Dez milhões?

A papada do Barão estremeceu de espanto.

— No mínimo.

O Barão comprimiu os lábios. Seus olhos de conta olhavam sem vacilar para Hawat. "Será isso uma verdadeira computação Mentat? Como é possível que ninguém suspeite?"

— Nós nem sequer reduzimos expressivamente o crescimento de sua taxa de natalidade — continuou Hawat. — Tudo que fizemos foi podar os espécimes mais fracos, deixando os fortes para se tornarem mais fortes. Exatamente como em Salusa Secundus.

— Salusa Secundus! — gritou o Barão. — O que tem a ver isso com o planeta-prisão do Imperador?

— Um homem que sobrevive em Salusa Secundus começa a se tornar mais rijo que a maioria dos outros. Se adicionar o melhor treinamento militar...

— Tolice! Segundo seu próprio argumento, eu poderia recrutar homens entre os Fremen, depois do modo como eles foram oprimidos por meu sobrinho.

Hawat falou com voz branda.

— Não oprime as suas tropas?

— Bem... eu... mas...

— Opressão é algo relativo. Seus combatentes se encontram em melhor situação do que aqueles ao seu redor, não? Eles só terão alternativas desagradáveis, se não forem soldados do Barão, não é?

O Barão ficou em silêncio, os olhos no vazio. As possibilidades... teria Rabban, inconscientemente, fornecido à Casa Harkonnen a arma final?

Daí a pouco ele disse:

— Como poderia se certificar quanto à lealdade de tais recrutas?

Hawat explicou:

— Eu os colocaria em pequenos grupos, não maiores do que um pelotão.

Eu os retiraria de sua condição opressiva, e os colocaria isolados, com um conjunto de treinadores que compreenderiam a origem e o ambiente deles. De preferência pessoas vindas de uma idêntica situação de opressão. Então, eu introduziria neles a mística de que seu planeta era, na verdade, um campo de treinamento secreto, destinado a produzir seres superiores, como eles. E durante todo o tempo, eu lhes mostraria o que tais seres superiores poderiam ganhar: uma vida de riqueza, lindas mulheres, mansões elegantes... o que desejassem.

O Barão começou a acenar.

— O modo como os Sardaukar vivem em seus lares.

— Depois de algum tempo, os recrutas chegam a acreditar que um lugar como Salusa Secundus é justificado, porque os produziu: a elite. O mais subalterno Sardaukar vive uma vida, em muitos aspectos, tão opulenta quanto qualquer membro de uma Grande Casa.

— Que idéia — sussurrou o Barão.

— Começa a compartilhar minhas suspeitas? — indagou Hawat.

— Mas onde começou tal coisa?

— Ah, sim: de onde se originou a Casa Corrino? Haveria pessoas em Salusa Secundus, antes que o Imperador enviasse para lá seus primeiros contingentes de prisioneiros? Mesmo o Duque Leto, um primo no lado feminino, nunca soube com certeza. Tais perguntas não são encorajadas.

Os olhos do Barão ficaram vidrados, enquanto ele pensava.

"Sim, um segredo mantido com muito cuidado. Eles usaram de todos os artifícios para..."

— Além disso, o que haveria lá para esconder? Que o Imperador Padishah possui um planeta-prisão? Todo o mundo sabe disso. O que ele tem...

— Conde Fenring! — exclamou o Barão.

Hawat interrompeu sua explicação, olhando intrigado.

— O que tem o Conde Fenring?

— No aniversário de meu sobrinho, vários anos atrás, esse papagaio imperial, o Conde Fenring, veio como observador oficial e para... ah, concluir um acordo de negócios entre mim e o Imperador.

— Então?

— Eu... ah, durante uma de nossas conversas, disse algo a respeito de transformar Arrakis num planeta-prisão. Fenring...

— O que disse, exatamente? — indagou Hawat.

— Exatamente? Isso foi há um bocado de tempo e...

— Meu senhor Barão, se deseja fazer o melhor uso possível de meus serviços, deve me dar as informações adequadas. Será que essa conversa não foi gravada?

O rosto do Barão corou de raiva.

— Você é tão ruim quanto Piter! Eu não gosto desses...

— Piter não está mais com o senhor. Quanto a isso, o que foi que aconteceu com Piter?

— Ele se tornou muito confiante, muito exigente...

— Assegurou-me que não desperdiça um homem útil. Vai me desperdiçar com ameaças e jogos de palavras? Estávamos discutindo o que disse ao Conde Fenring.

Lentamente o Barão se recompôs. “Quando chegar a hora”, pensou ele, “vou me lembrar de seus modos para comigo. Sim, vou me lembrar!”

— Um momento — disse o Barão, e pensou no grande salão.

O ambiente ajudava-o a lembrar-se; visualizou o cone de silêncio em que haviam se colocado. — Eu disse alguma coisa mais ou menos assim: “O Imperador sabe que uma certa quantidade de mortos sempre constitui uma das necessidades do negócio. Estava me referindo às perdas em nossa força de trabalho. Então... eu disse algo a respeito de ter considerado uma outra solução para o problema de Arrakis, e disse que o planeta-prisão do Imperador me inspirara a imitá-la.”

— Sangue de Bruxa! — retrucou Hawat. — O que disse Fenring?

— Foi aí que ele começou a fazer perguntas a seu respeito.

Hawat recostou-se no assento, fechou os olhos, pensando: “Então é por isso que eles começaram a vigiar Arrakis.” E disse:

— Bem, agora está feito. — Abriu os olhos. — Agora eles devem ter espiões por todo Arrakis. Dois anos!

— Mas, certamente que minha inocente sugestão de que...

— Nada é inocente aos olhos do Imperador! Quais foram suas instruções para Rabban?

— Apenas que ensinasse Arrakis a nos temer.

Hawat sacudiu a cabeça.

— Você tem agora duas alternativas, Barão. Pode matar todos os nativos, exterminá-los inteiramente Ou...

— Desperdiçar toda uma força de trabalho?

— Prefere que o Imperador e as Grandes Casas, que ele ainda pode reunir, venham realizar uma curetagem por aqui, saqueando Giedi Prime até deixá-la como uma fruta oca?

O Barão observou seu Mentat.

— Ele não se atreveria!

— Não?

Os lábios do Barão tremeram.

— Qual é a outra alternativa?

— Abandonar seu querido sobrinho Rabban.

— Aband... — O Barão não terminou a palavra, olhando para Hawat.

— Não lhe mande mais tropas, nem ajuda de qualquer tipo. Não responda a suas mensagens, a não ser para dizer-lhe que ouviu falar do modo terrível como está cuidando dos negócios em Arrakis, e que pretende tomar medidas corretivas assim que for capaz. Providenciarei para que algumas dessas mensagens sejam interceptadas por espiões imperiais.

— Mas... e a especiaria, e os rendimentos, o...

— Exija seus lucros como Barão, mas seja cuidadoso em como faz as exigências. Exija somas fixas de Rabban. Nós podemos...

O Barão voltou as mãos com as palmas para cima.

— Mas como posso ter certeza de que meu sobrinho mexeriqueiro não vai...

— Nós ainda temos nossos espiões em Arrakis. Diga a Rabban que ou ele consegue as cotas de especiaria que estipula, ou será substituído.

— Eu conheço meu sobrinho. Isso só o faria oprimir a população ainda mais.

— E claro que ele fará isso! — retrucou Hawat. — Você não quer que isso pare agora! Apenas deseja ter suas .mãos limpas. Deixe Rabban criar o seu Salusa Secundus para você. Não há nem mesmo necessidade de lhe enviar prisioneiros. Ele já tem toda a população necessária. Se Rabban está obrigando sua gente a produzir suas cotas de especiaria, então o Imperador não precisa suspeitar de nenhum outro motivo. Existem razões suficientes para torturar aquele planeta. E você, Barão, não demonstrará com palavras ou ações que existe alguma outra razão para isso.

O Barão não pôde evitar um tom matreiro de admiração em sua voz.

— Ah, Hawat, você é de fato maquiavélico. Mas, agora, como nos moveremos em Arrakis, fazendo uso do que Rabban prepara?

— Esta é a coisa mais simples de todas, Barão. Se a cada ano estipular uma cota um pouquinho mais alta do que a do ano anterior, as coisas logo chegarão a um extremo por lá, e a produção cairá. Poderá então remover Rabban, e assumir em pessoa... para corrigir o estrago.

— Faz sentido — respondeu o Barão. — Mas posso me sentir cansado de tudo isso. Estou preparando uma outra pessoa para tomar conta de Arrakis para mim.

Hawat observou o rosto gordo à sua frente. Lentamente, o velho soldado-espião começou a acenar com a cabeça.

— Feyd-Rautha disse ele. — Então esse é o motivo para a opressão agora.

Também é maquiavélico, Barão. Talvez possamos incorporar esses dois planos. Sim, seu Feyd-Rautha pode ir para Arrakis como salvador. Ele pode conquistar a população. De fato.

O Barão sorriu. E, por trás de seu sorriso, perguntou a si mesmo: “Agora, como isso se encaixa no esquema pessoal de Hawat?”

E Hawat, percebendo que estava dispensado, levantou-se, deixando a sala de paredes vermelhas. Enquanto caminhava, não podia esquecer os perturbadores fatores desconhecidos que se infiltravam em toda computação a respeito de Arrakis. Esse novo líder religioso a que Gurney Halleck aludira, de seu esconderijo entre os contrabandistas, esse Muad’Dib.

“Talvez não devesse ter aconselhado o Barão a deixar que essa religião floresça onde quiser, mesmo entre os povos das pias e panelas”, pensou ele. “Mas é bem conhecido que a repressão faz com que as religiões ganhem força.”

E pensou também nos relatórios de Halleck quanto às táticas de batalha dos Fremen. As táticas mostravam indícios do próprio Halleck... de Idaho... até mesmo das estratégias de Hawat.

“E se Idaho sobreviveu?”

Essa era uma pergunta tola. Não indagara a si mesmo se Paul teria sobrevivido. Sabia que o Barão estava convencido de que todos os Atreides estavam mortos. A bruxa Bene Gesserit fora sua arma, o Barão admitira. E isso só podia significar um fim para tudo... até mesmo para o filho da mulher.

“Que ódio venenoso ela devia ter nutrido pelos Atreides. Alguma coisa como o ódio que eu sinto por esse Barão. Será que meu golpe será tão completo e derradeiro quanto o dela?”

40

Existe, em todas as coisas, um padrão que é parte do nosso universo. Ele tem simetria, elegância e graça... aquelas qualidades que se podem encontrar nas criações do verdadeiro artista. Pode-se encontrá-las também no passar das estações, no modo como a areia se dispõe ao longo de uma crista, nos aglomerados de ramos do creosoto ou no padrão de suas folhas. Tentamos copiar esses padrões em nossas vidas e em nossa sociedade, buscando os ritmos, as danças e as forças que confortam No entanto, é possível ver o perigo em encontrar a perfeição derradeira. É evidente que a derradeira perfeição contém sua própria rigidez. Em tal perfeição, todas as coisas se movem em direção à morte.

— de As Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

Paul Muad'Dib relembrava-se de que houvera uma refeição carregada com essência de especiaria. Agarrava-se a essa memória porque constituía um ponto de apoio através do qual ele podia reconhecer que suas experiências mais recentes deviam ter sido um sonho.

"Estou num teatro de processos", disse para si mesmo. "Sou uma presa da visão imperfeita, da consciência racial e seu terrível propósito." Não podia escapar ao medo de que de algum modo havia ultrapassado a si próprio, perdendo sua posição no tempo, de maneira que o passado, o futuro e o presente se confundiam sem distinção. Era um tipo de fadiga visual, produzida, ele o sabia, por sua constante necessidade de manter o futuro presciente como um tipo de memória, algo intrinsecamente associado ao passado.

"Chani preparou a refeição para mim", lembrou-se ele.

E, no entanto, Chani estava muito longe, no Sul, nas terras frias onde o sol era quente, escondida numa das novas fortalezas sietch, segura, com seu filho Leto II.

Ou seria isso uma coisa que ainda iria acontecer?

Não, ele procurou tranquilizar-se, Alia, a Singular, sua irmã, fora com sua mãe e com Chani, numa viagem de vinte tumperes para o Sul, cavalgando num

palanquim de Reverenda Madre, fixo nas costas de um Produtor Selvagem.

Contraía-se ante o pensamento de cavalgar um dos gigantescos vermes, indagando a si mesmo: “Ou será que Alia ainda vai nascer?”

“Eu estava numa razia”, lembrava-se. “Nós atacamos para recuperar a água dos nossos mortos em Arrakeen. E encontrei os restos de meu pai na pira funerária. E coloquei seu crânio num relicário, sobre uma montanha de rocha Fremen, acima do Passo de Harg.”

Ou seria isso uma coisa ainda por acontecer?

“Meus ferimentos são reais”, disse para si mesmo. “Minhas cicatrizes são reais. O santuário do crânio de meu pai é real.”

Ainda em seu estado de sonho, Paul se lembrava de que Harah, a esposa de Jamis, viera incomodá-lo uma vez, para dizer que houvera uma luta no corredor do sietch. Isso fora no sietch provisório, antes que as mulheres e as crianças fossem mandadas para o Sul. Harah ficara na entrada da câmara interna, as asas negras de seus cabelos presas atrás por anéis de água em uma corrente. Ela ficara ao lado das cortinas da câmara, e lhe dissera que Chani acabara de matar alguém.

“Isso aconteceu. Isso foi real, não nascido fora do seu tempo e sujeito a mudança.”

Lembrou-se de que correra para fora encontrando Chani em pé, debaixo dos globos amarelos do corredor, vestida num brilhante roupão azul, com o capuz caído para trás, um rubor de esforço em suas feições de fada. Estava embainhando sua faca cristalina.

Um grupo se afastava ao longo do corredor, levando um fardo.

E Paul lembrou-se de ter pensado: “Sempre se conhece quando eles estão carregando um corpo.”

Os anéis de água de Chani, que ela usava em uma corda ao redor do pescoço, tilintaram enquanto ela se voltava para ele.

— Chani, o que foi isso? — indagara ele.

— Eu despachei um sujeito que veio desafiá-lo em combate singular, Usul.

— Você o matou?

— Sim, mas talvez devesse tê-lo deixado para Harah.

(E Paul se lembrava de como os rostos das pessoas ao redor haviam demonstrado aprovar essas palavras. Até mesmo Harah sorrira.)

— Mas ele veio para me desafiar!

— Você me treinou no modo sobrenatural, Usul.

— Certamente! Mas você não devia...

— Eu nasci no deserto, Usul. Sei usar uma faca cristalina.

Ele suprimiu sua irritação, tentando falar de modo sensato.

— Isso pode ser verdadeiro, Chani, mas...

— Não sou mais uma criança caçando escorpiões no sietch à luz de um globo manual, Usul. Eu não brinco mais.

Paul olhou enérgico para ela, surpreendido pela violência oculta em seus modos espontâneos.

— Ele não valia a pena, Usul — disse Chani. — Eu não perturbaria suas meditações com gente como ele. — Ela se aproximou, olhando-o com o canto dos olhos, abaixando a voz, para que somente ele pudesse ouvir:

— E... querido, quando se espalhar que um desafiante pode ter de me enfrentar, e ser levado a uma morte vergonhosa pela mulher do Muad'Dib, haverá poucos desafiantes.

"Sim, isso havia acontecido com certeza. Era passado verdadeiro. E o número de desafiantes, testando a nova lâmina do Muad'Dib, caíra, de fato, dramaticamente."

Em algum lugar, num mundo que não pertencia ao sonho, houve um sinal de movimento, o grito de um pássaro noturno.

"Eu sonhei", reconheceu ele. "Foi a refeição de especiaria."

Ainda assim, sentia uma sensação de abandono. Imaginou se não seria possível que o seu espírito-ruh houvesse escorregado de algum modo para o mundo onde os Fremen acreditavam que ele tinha sua verdadeira existência: para o alam al-mithal, o mundo das similitudes, o reino metafisico onde todas as limitações físicas eram removidas. E ele conhecia o medo ao pensar em tal lugar, porque a remoção de todas as limitações físicas significava a remoção de todos os pontos de referência. No cenário de um mito, ele não poderia se orientar e dizer: "Eu sou quem sou, porque estou aqui."

Sua mãe lhe dissera uma vez: "As pessoas estão divididas; algumas delas quanto ao modo de pensarem a seu próprio respeito."

"Devo estar acordando de um sonho", disse para si mesmo.

Pois isso havia acontecido: essas palavras de sua mãe, Lady Jessica, que era agora à Reverenda Madre dos Fremen. Essas palavras haviam passado para a realidade.

Jessica encontrava-se temerosa do relacionamento religioso entre ele e os Fremen, Paul sabia. Ela não gostava do fato de que pessoas dos sietch e dos vilarejos nas fendas se referissem ao Muad'Dib como Ele. E lá ia ela, questionando entre as tribos, mandando suas Sayyadinas espiãs, coletando suas respostas e meditando sobre elas.

Ela citara um provérbio Bene Gesserit para ele : "Quando a política e a religião viajam no mesmo carro, os ocupantes acreditam que nada pode ficar em

seu caminho. Seu movimento se torna um avanço de cabeça, cada vez mais rápido, mais rápido. Eles colocam de lado todo pensamento quanto aos obstáculos, e se esquecem de que um precipício não se revela para um homem em corrida cega, a não ser quando já é tarde demais.”

Paul lembrava-se de ter se sentado com sua mãe no quarto dela, na câmara interna cercada por cortinas escuras, com as superfícies cobertas por desenhos bordados da mitologia Fremen. Ele ficara lá sentado, ouvindo-a e notando o modo como ela era sempre observadora, mesmo quando os olhos aparentemente se voltavam para o chão. Seu rosto oval tinha novas linhas nos cantos da boca, mas o cabelo ainda parecia de bronze polido. Os olhos verdes espaçados já se ocultavam embaixo de uma cobertura de azul induzido pela especiaria.

— Os Fremen possuem uma religião simples e prática — dissera ele.

— Nada a respeito de religião é simples — ela advertira.

Paul, entretanto, vendo o futuro nebuloso que ainda se erguia diante deles, encontrou-se agitado pela raiva. Só pôde dizer:

— A religião unifica nossas forças. É a nossa mística.

— Você cultiva deliberadamente esse ar de bravura — acusara ela. — Nunca pára de doutrinar.

— Assim você me ensinou.

Mas ela estivera cheia de alegações e argumentos naquele dia.

Fora o dia da cerimônia de circuncisão para o pequeno Leto. Paul entendera algumas das razões para seu desgosto. Ela nunca aceitara sua ligação, “o casamento dos jovens”, com Chani. Mas Chani dera-lhe um filho Atreides, e Jessica se descobrira incapaz de rejeitar a criança com sua mãe.

Ela se remexeu finalmente ante seu olhar e disse:

— Você me acha uma mãe desnaturada.

— É claro que não.

— Eu vejo o modo como me observa quando estou com sua irmã. Você não entende sua irmã.

— Eu sei por que Alia é diferente. Ela não havia nascido ainda, era parte de você, quando mudou a Água da Vida. Ela...

— Você não sabe nada a esse respeito!

Paul, subitamente incapaz de exprimir o conhecimento obtido de seu tempo, dissera apenas:

— Não acho que você seja desnaturada.

Ela notou sua angústia e disse:

— Há uma coisa, filho.

— Sim?

— Eu tenho de amar a sua Chani. Eu a aceito!

Isso fora real, disse ele para si mesmo. Não era uma visão imperfeita, a ser modificada pelas torções saídas da origem do tempo.

A nova confiança deu-lhe um novo apoio sobre seu mundo.

Trechos de sólida realidade começaram a mergulhar através do estado de sonho, para dentro de sua consciência. Soube, de repente, que se encontrava num hiereg, um campo do deserto. Chani plantara sua tenda destiladora num chão de areia, por causa de sua maciez. Isso só poderia significar que Chani estava por perto — Chani sua alma, Chani sua sihaya, doce como a fonte do deserto. Chani das palmeiras do sul distante.

Agora lembrava-se de tê-la ouvido cantando um cântico da areia para ele, na hora de dormir.

"Ó minha alma,
Que não se inclina para o
Paraíso esta noite, juro pelo Shai-hulud
Você irá até lá,
Obediente ao meu amor."

E ela cantara as canções dos amantes, compartilhadas na areia, seu ritmo como o arrastar das dunas sob seus pés.

"Diga-me dos seus olhos
E eu lhe direi do seu coração
Diga-me dos seus pés
E eu lhe direi de suas mãos
Diga-me do seu sono
E eu lhe direi do seu despertar
Diga-me dos seus desejos
E eu lhe direi das suas necessidades."

Ouvira alguém tocando um baliset em outra tenda, e pensara em Gurney Halleck. Lembrado pelo instrumento familiar, ele pensara em Gurney, cujo rosto vira no meio de um bando de contrabandistas, mas que não o vira, não poderia vê-lo, ou saber a seu respeito, para não levar, inadvertidamente, os Harkonnen até o filho do Duque que haviam assassinado. Mas o estilo do tocador naquela noite, sua distinção com os dedos nas cordas do baliset, trouxe o verdadeiro músico de volta para a memória de Paul.

Agora era Chatt, o Saltador, capitão dos Fedaykin, líder dos comandos da

morte que guardavam o Muad'Dib.

"Estamos no deserto", Paul recordou. "Estamos no erg central, além das patrulhas Harkonnen. Estou aqui para caminhar na areia, para atrair um produtor e nele montar com minha própria astúcia, para poder ser um completo Fremen."

Sentia agora a pistola maula em seu cinturão, a faca cristalina.

Sentia o silêncio a envolvê-lo.

Tratava-se daquele silêncio especial que precede a manhã, quando os pássaros noturnos já se foram e as criaturas do dia ainda não assinalaram seu despertar para o inimigo, o sol.

— Você deverá caminhar na areia, à luz do dia, para que Shai-hulud o veja, e saiba que não tem medo — dissera Stilgar. — Assim, nós revertemos nosso tempo e dormimos esta noite.

Silenciosamente, Paul se sentou, sentindo a frouxidão de um traje-destilador solto em torno de seu corpo, a tenda na penumbra, adiante. Ele se movia suavemente, e no entanto Chani percebeu.

Ela falou na escuridão da tenda, outra sombra lá dentro: Ainda não amanheceu completamente, meu amado.

— Sihaya — disse ele, falando com a alegria em sua voz.

— Você me chama de sua fonte no deserto. Mas neste dia eu sou sua observadora. A Sayyadina que vigia para que os ritos sejam obedecidos.

Ele começou a ajustar o traje-destilador.

— Você me disse certa vez as palavras do Kitab al-lbar — respondeu ele. — Você me disse: "A mulher é o teu campo; vá então para o teu campo e comece a cultivá-lo."

— E eu sou a mãe do teu primeiro filho — concordou ela.

Ele a via na penumbra, acompanhando-o movimento por movimento, ajustando seu próprio traje-destilador para o deserto.

— Devia aproveitar todo o repouso de que dispõe — aconselhou ela.

Reconhecendo o amor que ela sentia por ele ao falar assim, Paul repreendeu-a gentilmente.

— A Sayyadina da Vigília não aconselha, nem avisa, o candidato.

Chani veio ficar ao seu lado, tocando-lhe o rosto com a palma da mão.

— Hoje eu sou as duas coisas: a observadora e a mulher.

— Devia ter deixado essa tarefa para outra.

— Esperar é muito pior. Eu preferi estar ao seu lado.

Ele beijou-lhe a palma da mão, antes de prender a cobertura do rosto em seu traje, depois virou-se e abriu o selo da tenda. O ar que penetrou trouxe um frio não inteiramente seco, que se precipitaria como traços de orvalho na madrugada. Com ele veio o cheiro da massa pré-especiaria, a massa que havia

detectado na direção nordeste, revelando que haveria um produtor nas imediações.

Paul arrastou-se através da abertura esfíncter, ficou de pé sobre a areia e esticou os músculos para afugentar o sono. Uma fraca luminescência verde-pérola esboçava o horizonte leste; as tendas de sua tropa pareciam pequenas dunas falsas a cercá-lo na penumbra. Notou um movimento à esquerda: era o guarda, e percebeu que fora visto.

Todos sabiam o perigo que ele enfrentava nesse dia. Todo Fremen já o enfrentara. Permitiram-lhe seus últimos momentos de isolamento agora, para que pudesse se preparar.

“Deve ser feito hoje”, repetiu para si mesmo.

Pensou no poder que exercia em face do pogrom. Nos velhos que mandavam seus filhos para que ele os treinasse no modo “sobrenatural” de batalha; nos velhos que o ouviam agora em conselho, e seguiam seus planos; nos homens que retornavam para lhe transmitir o mais alto cumprimento Fremen :

— Seu plano funcionou, Muad’Dib.

E, no entanto, o menor e o mais desprezível dos guerreiros Fremen podia fazer uma coisa que ele nunca fizera. Paul tinha consciência de que sua liderança sofria com o conhecimento onipresente dessa diferença entre eles.

Ele ainda não cavalgara um produtor.

Oh! ele fora com os outros em ataques e viagens de treinamento, mas ainda não fizera sua própria viagem. Até que o fizesse, seu mundo estava restrito pelas habilidades dos outros, e nenhum Fremen verdadeiro poderia permitir isso. Até que fizesse isso sozinho, até mesmo as grandes terras do sul, a área a vinte tumperes além do erg, lhe seria negada, a menos que ordenasse um palanquim e viajasse como uma Reverenda Madre, ou um dos feridos ou doentes.

A memória de sua luta contra a visão interna, durante a noite, retornou. Via um estranho paralelo aqui: se dominasse o produtor, seu comando sobre os homens se fortaleceria. Se dominasse seu olho interior, teria sua própria noção de como comandar. Mas, além de ambos, estendia-se a área enevoada, A Grande Agitação, onde o universo inteiro parecia enredado.

A diferença nos modos como compreendia o Universo o assombrava: precisão igualada a imprecisão. Podia vê-la in Bitu. E no entanto, quando isso surgira, nascendo das pressões da realidade, o agora tinha sua própria vida, e crescia com suas diferenças sutis.

O terrível propósito permanecia. A consciência racial permanecia.

E, acima de tudo, assomava o jihad, sangrento e selvagem.

Chani reuniu-se a ele do lado de fora, braços dobrados com as mãos nos cotovelos, olhando do canto dos olhos como ela costumava fazer quando queria

observar seu estado de espírito.

— Fale-me de novo sobre as águas de sua terra natal, Usul — pediu ela.

Ele percebeu que estava tentando distraí-lo, aliviar sua mente das tensões antes do teste mortífero. Ficava cada vez mais claro, e alguns de seus Fedaykin já começavam a desarmar suas tendas.

— Eu preferiria que me contasse a respeito do sietch e do nosso filho. Será que o nosso Leto já tem minha mãe em suas mãos?

— É Alia que ele segura muito bem. E está crescendo rapidamente. Vai ser um grande homem.

— Como é lá no Sul?

— Quando cavalgar o produtor verá por si mesmo.

— Mas eu preferiria ver primeiro através dos teus olhos.

— É tremendamente solitário.

Ele tocou o lenço nezhoni na testa dela, onde se projetava sob o capuz do traje. — Por que não fala a respeito do sietch?

— Eu já falei. O sietch é um lugar solitário, sem nossos homens. É um lugar de trabalho. Nós trabalhamos nas fábricas e na sala de cerâmica. Existem armas para serem feitas, postes para implantar, de modo que possamos prever o tempo, especiaria a ser coletada para os subornos. Existem dunas para serem plantadas, de modo que cresçam e possam ser ancoradas. Existem panos e tapetes para fazer e células de combustível para serem recarregadas. E, por fim, há crianças para serem treinadas, de modo que a força da tribo nunca seja perdida.

— Não há nada agradável, então, no sietch?

— As crianças. Nós cumprimos os rituais. Temos comida suficiente. Algumas vezes uma de nós viaja para o Norte, para estar com seu homem. A vida deve continuar.

— Minha irmã Alia já é aceita pelo povo?

Chani voltou-se para ele, na crescente luz do dia. Seus olhos a fitá-la diretamente agora. — Isto é uma coisa para ser discutida em outra ocasião, meu querido.

— Vamos discuti-la agora.

— Deve conservar suas energias para o teste.

Percebeu que tocara num ponto sensível, notando o retraimento em sua voz.

— O desconhecido traz suas próprias preocupações — disse ele.

Daí a pouco ela acenou:

— Ainda há um... mal-entendido por causa do desenvolvimento de Alia. As mulheres têm medo porque uma criança, pouco mais do que um bebê, já

fala... de coisas que só um adulto pode saber. Elas não compreendem a... mudança no ventre que fez Alia tão... diferente.

— Existe algum problema? — indagou ele, pensando ao mesmo tempo: “Tive visões a respeito de problemas com Alia.”

Chani olhou para a crescente linha da alvorada.

— Algumas das mulheres se reuniram para apelar ante a Reverenda Madre.

Elas exigiram que ela exorcizasse o demônio em sua filha. Elas citaram a escritura:

— “Que uma bruxa não viva entre nós.”

— E o que minha mãe disse para elas?

— Ela recitou a lei, e as mandou embora envergonhadas. Ela disse: — Se Alia cria problemas, é falha da autoridade que não previu nem preveniu o problema. E tentou explicar como a mudança atingira Alia dentro do ventre. Mas as mulheres estavam furiosas por terem sido embaraçadas. Foram embora resmungando.

“Haverá problemas por causa de Alia”, pensou ele.

Um sopro de areia cristalina tocou-lhe as partes expostas do rosto, trazendo o aroma da massa pré-especiaria. — El Sayal, a chuva de areia que traz a manhã — comentou.

Olhou na luz crepuscular para a paisagem do deserto, a paisagem que não conhecia clemência, a areia que era a forma absorvida em si mesma. Um relâmpago serpenteou num canto escuro ao sul. Indício de que uma tempestade acumulara uma carga estática por lá. O trovão ribombou logo a seguir.

— A voz que embeleza a terra — murmurou Chani.

Mais homens saíam de suas tendas. Guardas chegavam do perímetro. Todas as coisas à sua volta moviam-se suavemente, dentro de rotinas ancestrais que não exigiam nenhuma ordem.

— Dê tão poucas ordens quanto possível — dissera-lhe seu pai... uma vez... há tanto tempo. — Uma vez que dê ordens sobre um determinado assunto, terá de repeti-las sempre.

Os Fremen conheciam essa regra instintivamente.

O mestre d’água da tropa começou o cântico da manhã, adicionando-lhe agora o chamado para o ritual de iniciação do cavaleiro da areia.

— O mundo é uma carcaça — cantou o homem, sua voz gemendo acima das dunas. — Quem pode fazer recuar o Anjo da Morte? O que Shai-hulud determinou é o que deve ser.

Paul ouvia, lembrando que eram as mesmas palavras que iniciavam o canto da morte dos seus Fedaykin, as palavras que os comandos suicidas

recitavam ao se lançarem para a batalha.

“Haverá um santuário de pedra aqui, neste dia, para marcar a partida de outra alma?”, perguntou Paul a si mesmo. “Irão os Fremen passar por aqui, no futuro, para cada um adicionar outra pedra, e pensar no Muad’Dib que morreu neste lugar?”

Sabia que isso se encontrava entre as alternativas do dia, um fato ao longo das linhas de futuro que se irradiavam de sua posição no tempo-espaço. A visão imperfeita o importunava. Quanto mais resistia ao seu terrível propósito, quanto mais lutava contra a aproximação do jihad, maior a confusão lançada através de sua presciência. Todo o seu futuro tornava-se como um rio lançando-se em direção a um abismo. Um ponto violento além do qual tudo era coberto de nuvens e neblina.

— Stilgar se aproxima — avisou Chani. — Devo ficar afastada agora, meu amado. Agora devo ser a Sayyadina e observar os rituais, para que possam ser relatados verdadeiramente nas Crônicas. — Olhou para ele, e por um breve instante sua reserva desapareceu, mas logo ela se controlou novamente.

— Quando tudo isso houver passado, deverei preparar sua refeição com minhas próprias mãos — disse ela, virando-se e afastando-se.

Stilgar aproximou-se andando sobre a areia farinhenta, remexendo pequenos montes de pó. Os nichos escuros de seus olhos permaneciam fixos em Paul, com seu olhar indômito. Um vislumbre da barba negra, acima da máscara do traje-destilador, as linhas na face áspera, que poderiam ter sido esculpidas pelo vento na rocha nativa.

O homem carregava a bandeira de Paul — bandeira verde e negra, com um tubo de água no mastro — que já era uma lenda nessa terra.

Um pouco orgulhoso, Paul pensou: “Não posso fazer as coisas mais simples sem que se tornem lenda: eles irão notar como eu me despedi de Chani, como saudei Stilgar, cada movimento que fizer neste dia. Viva ou morra, será uma lenda. E eu não posso morrer. Senão será apenas lenda, e nada poderá parar o jihad.

Stilgar plantou o mastro na areia ao lado de Paul, deixando cair as mãos para os lados do corpo. Seus olhos de azul-dentro-de-azul permaneciam nivelados e atentos, fazendo com que Paul se lembrasse de como seus próprios olhos também já assumiam essa máscara de cor de especiaria.

— Eles nos negaram o Hajj — disse Stilgar com solenidade ritual.

Como Chani lhe ensinara, Paul respondeu:

— Quem pode negar a um Fremen o direito de caminhar e cavalgar para onde ele deseja?

— Eu sou um Naib — disse Stilgar. — Nunca serei apanhado vivo. Sou

uma perna do tripé da morte que destruirá nossos inimigos.

O silêncio estabeleceu-se entre os dois.

Paul olhou para os outros Fremen, dispersos sobre a areia, mais além de onde estava Stilgar; notou o modo como eles se postavam imóveis, para esse momento de preces pessoais. E pensou em como os Fremen eram um povo cuja vida consistia em matanças, todo um povo que vivera com ódio e pesar em todos os seus dias, sem considerar, uma única vez, que algo poderia tomar o lugar desses sentimentos. Exceto no sonho que Liet-Kynes lhes incutira antes de morrer.

— Onde está o senhor que nos lidera através dos poços e das terras desertas? — indagou Stilgar.

— Ele está sempre conosco — entoaram os Fremen.

Stilgar caminhou para junto de Paul e disse baixinho:

— Agora, lembre-se do que lhe falei. Faça-o de modo simples e direto... nada de exibições. Entre nosso povo, nós cavalgamos o produtor com a idade de doze anos. Você está com mais de seis anos além dessa idade, e não nasceu para esta vida. Não precisa impressionar ninguém com sua coragem. Nós sabemos que é valente. Tudo que deve fazer é chamar o produtor e cavalgá-lo.

— Eu me lembrarei — respondeu Paul.

— Certifique-se de que sim. Não quero que envergonhe meu treinamento.

Stilgar tirou de sob o seu manto uma vara de plástico com um metro de comprimento. A vara tinha uma ponta em uma das extremidades, e um chocalho impulsionado por mola, na outra. Preparei este batedor pessoalmente. É muito bom. Leve-o.

Paul sentiu o plástico liso e morno enquanto aceitava o instrumento.

— Shishakli está com seus ganchos. Ele os entregará a você quando subir naquela duna lá embaixo. — Stilgar apontou para a direita. — Chame um grande produtor, Usul! Mostre-nos o caminho.

Paul notou o tom na voz de Stilgar. Metade ritualístico e metade a voz de um amigo preocupado.

Naquele instante o sol pareceu saltar sobre o horizonte. O céu assumiu uma cor azul-cinza prateada, indicando que esse seria um dia de grande calor e seca, mesmo para os padrões de Arrakis.

— É hora do dia escaldante — disse Stilgar, sua voz agora inteiramente ritualística. — Vá, Usul, e cavalgue o produtor, viaje pela areia como um líder de homens!

Paul saudou sua bandeira, notando como a flâmula verde e negra pendia imóvel, agora que a brisa da aurora já morrera.

Voltou-se na direção da duna que Stilgar indicara. Uma elevação cor de

bronze sujo, com uma crista em forma de “S”. A maioria da tropa já começava a galgar a outra duna que protegia seu acampamento.

Uma figura envolta em mantos ainda permanecia no caminho de Paul: Shishakli, um líder de esquadrão dos Fedaykin, com apenas os olhos cobertos por espessas pálpebras visíveis entre o capuz do traje e a máscara.

Shishakli exibiu-lhe duas varas finas quando Paul se aproximou. Tinham um metro e meio de comprimento, com ganchos brilhantes de plasteel em uma das extremidades; a outra extremidade era dura, para permitir maior firmeza da mão.

Paul aceitou ambas com a mão esquerda, como estipulado pelo ritual.

— Estes são meus próprios ganchos — disse Shishakli com uma voz rouca. — Eles nunca me falharam.

Paul acenou com a cabeça, mantendo o exigido silêncio. Passou pelo homem e subiu a encosta da duna. Na crista ele olhou para trás, vendo a tropa se espalhar como um bando de insetos, seus mantos ondulando. Estava sozinho, agora, na crista arenosa, com apenas o horizonte à sua frente, o horizonte plano e imóvel.

Stilgar escolhera uma boa duna, mais alta que as demais, e com um bom ponto de observação.

Curvando-se para a frente, Paul enfiou o batedor profundamente na encosta voltada para o vento, onde a areia se encontraria compactada e forneceria um alcance máximo de transmissão às batidas. Então hesitou, relembrando as lições, as exigências de vida ou morte que o enfrentavam. Quando tirasse o trinco, o batedor começaria seu chamado. Através da areia, um gigantesco verme, um produtor, ouviria o som e viria em sua direção. Com as duas varas-ganchos, finas como chicotes, ele poderia montar no dorso alto e curvo do produtor. Enquanto a extremidade dianteira do anel-segmento de um verme estivesse aberta pelo gancho, permitindo que a areia abrasiva penetrasse no seu tecido interior mais sensível, o animal não mergulharia abaixo da superfície. Ele iria rolar seu gigantesco corpo para colocar o segmento aberto o mais distante possível da superficie arenosa.

“Eu sou um cavaleiro da areia”, disse para si mesmo.

Olhou para os ganchos em sua mão esquerda. Só tinha de mudar a posição daqueles ganchos ao longo da curva, no imenso dorso do produtor, para fazer a criatura rolar e virar, guiando-a para onde desejasse... Já vira isso ser feito. Haviam-no ajudado a subir nos lados de um verme para um curto passeio de treinamento. O verme, uma vez cativo, poderia ser cavalgado até que estivesse imóvel e exausto sobre a superfície do deserto, quando então um novo produtor seria chamado.

Uma vez que houvesse passado nesse teste, Paul sabia que estaria qualificado para fazer a jornada de vinte tumperes até as terras do Sul. Para repousar e se recuperar lá onde as mulheres e suas famílias haviam sido protegidas do massacre, entre as novas palmeiras e sietches. Ergueu a cabeça olhando para o Sul, lembrando-se de que um produtor selvagem, atraído de dentro do erg, era um fator desconhecido; e que aquele que o invocava era também uma incógnita nesse teste.

— Você deve avaliar cuidadosamente o produtor que se aproxima — explicara Stilgar. — Deve ficar suficientemente próximo para que possa montá-la enquanto passa e, no entanto, não tão próximo a ponto de que ele o engula ao passar.

Em uma decisão repentina, Paul soltou o trinco do batedor. O chocalho começou a girar e os chamados ecoaram através da areia.

Uma batida regular: Lamp... lamp... lamp... lamp.

Levantou-se esquadrinhando o horizonte, lembrando-se das palavras de Stilgar: — Avalie a linha de aproximação cuidadosamente. Lembre-se que um verme raramente se aproxima de um batedor sem ser visto. Mas ouça assim mesmo. Frequentemente é possível ouvi-lo antes de vê-lo.

E as palavras de cautela de Chani, sussurradas à noite, quando o temor a dominara, enchiam agora sua consciência:

— Quando se posicionar ao longo da trilha de um produtor, você deve permanecer completamente imóvel. Deve pensar em si mesmo como um trecho de areia. Esconda-se embaixo de seu manto, e torne-se uma pequena duna em sua própria essência.

Lentamente vasculhou o horizonte, ouvindo, observando, em busca dos sinais que lhe haviam sido ensinados.

Veio do sudeste. Um assovio distante, um sussurrar de areia. Daí a pouco, ele viu a silhueta distante do rastro do animal recortando-se contra a luz da aurora, e percebeu nunca ter visto antes um produtor tão grande, nunca ouvira falar de um daquele tamanho. Parecia ter mais de meia légua de comprimento, e a onda de areia sobre sua cabeça era como uma montanha se aproximando.

“Isto é algo que eu nunca vi; em minha visão ou em minha vida”, acautelou-se Paul. Correu na direção do caminho percorrido pelo animal para tomar posição, apanhado inteiramente pelas rápidas exigências do momento.

41

“Controlem a cunhagem e as cortes — deixem que a ralé tenha o resto. “ Assim aconselha a vocês o Imperador Padishah. E ele lhes diz: “Se querem lucros, devem dominar.” Há verdade nessas palavras, mas eu pergunto a mim mesmo: Quem é a ralé, e quem são os dominados?”

— “Mensagem Secreta do Muad’Dib para a Landsraad”, de O Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan

Um pensamento espontâneo penetrou na mente de Jessica: “Paul deve estar se submetendo ao teste de cavaleiro da areia a qualquer momento, agora. Eles tentam esconder de mim esse fato, mas ele é óbvio.”

“E Chani partiu em alguma missão misteriosa.”

Jessica encontrava-se sentada em sua câmara de repouso, aproveitando o momento de quietude entre as aulas noturnas. Era uma câmara agradável, mas não tão grande quanto a que possuíra no Sietch Tabr antes de sua fuga do pogrom. Ainda assim, esse lugar tinha grossos tapetes sobre o chão, colchões macios, uma mesa baixa de café bem à mão, cortinas multicoloridas sobre as paredes, e os suaves globos luminosos amarelos acima. O aposento estava impregnado por aquele odor acre, característico de um sietch dos Fremen, que Jessica agora associava a um sentimento de segurança.

Ao mesmo tempo, ela sabia que nunca superaria o sentimento de se encontrar num lugar estranho. Era a aspereza que os tapetes e cortinas tentavam esconder.

Um ruído fraco e tilintante penetrou na câmara de repouso. Jessica sabia que se tratava de uma celebração de nascimento, provavelmente de Subiay. Seu tempo estava próximo e Jessica tinha certeza de que logo veria o bebê: um querubim de olhos azuis, trazido até a Reverenda Madre para sua bênção. Sabia também que sua filha Alia estaria presente à celebração, e iria relatá-la.

Ainda não era hora para a prece noturna da separação. Eles não teriam começado uma celebração de nascimento perto da hora da cerimônia que lembrava as incursões escravizadoras contra Pori-trin, Bela Tegeuse, Rossak e

Harmonthep.

Jessica suspirou. Sabia que estava tentando manter seus pensamentos distantes de seu filho e dos perigos que ele enfrentava: os fossos-armadilhas com suas farpas envenenadas, os ataques dos Harkonnen (embora estes estivessem diminuindo, à medida que os Fremen recebiam sua quota de aeronaves e atacantes, com as novas armas que Paul lhes fornecera). E havia os perigos naturais do deserto: produtores, a sede e os abismos de pó.

Pensou em pedir um café, mas com esse pensamento ocorreu-lhe notar, mais uma vez, o sempre presente paradoxo do modo de vida dos Fremen: como eles viviam bem nessas cavernas sietch em comparação com os pyons dos desfiladeiros graben; e, no entanto, eles suportavam muito mais durante uma hajr no deserto aberto. Mais do que qualquer servidor dos Harkonnen poderia suportar.

Uma mão escura saiu das cortinas ao seu lado, depositou uma xícara de café sobre a mesa e se retirou. Da xícara elevou-se o aroma do café com especiaria.

“Uma oferenda pela celebração do nascimento”, pensou ela.

Provou o café, sorrindo para si mesma. “Em que outra sociedade do nosso universo uma pessoa de minha posição aceitaria uma oferta anônima de bebida, e tomaria essa bebida sem temor? Posso alterar qualquer veneno agora, antes que me faça mal, é claro, mas esta doadora não sabe.”

Esvaziou a xícara sentindo a energia e o vigor de seu conteúdo. Quente e delicioso.

E perguntou também a si mesma que outra sociedade teria tamanha consideração por sua privacidade e conforto, a ponto de uma pessoa vir trazer uma oferenda e se introduzir apenas o suficiente para depositar o presente sem incomodá-la? Respeito e amor haviam enviado essa dádiva... com apenas um leve toque de medo.

Outra particularidade do episódio se revelou em sua consciência: ela desejara o café e ele aparecera. Não havia nada relacionado com telepatia aqui, ela sabia. Era o tau, a identidade da comunidade do sietch, uma compensação produzida pelo veneno sutil da dieta de especiaria que todos compartilhavam. Essa grande massa de gente jamais poderia esperar obter a iluminação que a especiaria lhe trouxera, eles não haviam sido treinados e preparados para isso. Suas mentes rejeitariam aquilo que não pudessem entender ou abarcar. Ainda assim, eles agiam e reagiam, algumas vezes, como se fossem um único organismo.

E o pensamento a respeito dessas coincidências nunca penetrara em suas mentes.

“Terá Paul conseguido passar no teste da areia?”, indagou Jessica a si mesma. “Ele é capaz, mas um acidente pode atingir até os mais capazes.”

A espera.

“É a monotonia”, pensou ela. “Podemos esperar por algum tempo; e então a monotonia e a fadiga da espera nos dominam.”

E havia todo tipo de espera em suas vidas.

“Há mais de dois anos que estamos aqui. E duas vezes esse número deve passar, no mínimo, antes que possamos pensar em tentar arrancar Arrakis das mãos do governador Harkonnen, o Mudir Nahya, Rabban, a Besta.”

— Reverenda Madre!

A voz vinda do outro lado das cortinas que cobriam a porta era de Harah, a outra mulher no lar de Paul.

— Sim, Harah.

As cortinas se separaram, e Harah pareceu deslizar através delas. Ela usava sandálias de sietch e um sarongue verde e amarelo que expunha seus braços quase até os ombros. Seu cabelo negro encontrava-se repartido no meio e penteado para trás, como as asas de um inseto, chato e oleoso sobre a cabeça. As feições proeminentes, de rapina, formavam uma máscara de preocupação.

Atrás de Harah vinha Alia, a menina-criança de apenas dois anos.

Ao ver sua filha, Jessica impressionou-se, como acontecia frequentemente com a semelhança que Alia apresentava com Paul, quando na mesma idade. A mesma solenidade nos olhos muito abertos, no olhar indagador, o cabelo escuro e a firmeza da boca.

Mas havia também diferenças sutis, e era nessas diferenças que residia a inquietação sentida pelos adultos na presença de Alia.

A criança, pouco mais do que um bebê, comportava-se com uma calma e uma compreensão além de sua idade. Os adultos ficavam chocados ao vê-la rir ante um sutil jogo de palavras entre pessoas de sexos opostos. Ou surpreendiam-se ouvindo sua voz, balbuciante ainda, dificultada por um palato mole e malformado, e descobriam em suas palavras observações maliciosas que só poderiam basear-se em experiência que uma criança de dois anos jamais poderia ter tido.

Harah afundou num colchão com um suspiro de exasperação, olhando com uma expressão de censura para a criança.

— Alia — chamou Jessica.

A criança aproximou-se da mãe, sentando-se no colchão ao lado dela e segurando-lhe a mão. O contato da carne restaurou aquela consciência mútua que ambas compartilhavam desde antes do nascimento de Alia. Não era uma questão de pensamentos compartilhados, embora houvesse descargas desse tipo,

se ambas se tocavam enquanto Jessica mudava o veneno de especiaria para uma cerimônia. Era alguma coisa maior, uma consciência imediata da centelha vital da outra, uma coisa aguda e pungente, uma identidade nervosa que as tornava unidas emocionalmente.

De modo formal, como convinha ante uma integrante da família de seu filho, Jessica disse:

— Subakh ul kuhar, Harah. Esta noite a encontra bem?

Com a mesma formalidade ela respondeu:

— Subakh un nar. Eu estou bem. — As palavras foram quase sem tonalidade. Novamente ela suspirou.

Jessica sentiu o divertimento de Alia.

— A ghanima de meu irmão está aborrecida comigo — disse Alia, em seu quase balbuciar.

Jessica notou o termo que ela usara para referir-se a Harah: ghanima. Nas sutilezas do idioma Fremen, a palavra significava: “alguma coisa adquirida em combate”; e com um tom de pronúncia especial significaria alguma coisa não mais usada em seu propósito original: um ornamento, uma ponta de lança usada como peso para cortinas.

Harah olhou carrancuda para a criança:

— Não tente insultar-me, pirralha. Eu conheço meu lugar.

— O que você fez dessa vez, Alia? — indagou Jessica.

Harah respondeu:

— Não somente ela se recusou a brincar com as outras crianças hoje, mas se intrometeu onde...

— Eu me escondi atrás das cortinas e observei a criança de Subiay nascendo — disse Alia. — É um menino. Ele chorou, chorou e chorou. Que jogo de pulmões! Quando já havia chorado o suficiente...

— Ela saiu e o tocou — disse Harah. — E ele parou de chorar.

Todos sabem que um bebê Fremen deve esgotar seu choro ao nascer, se estiver num sietch, para que nunca chore de novo denunciando-nos numa hajr.

— Ele já chorara o suficiente — explicou Alia. — Eu só queria sentir sua centelha, sua vida. Isso é tudo. E, quando ele me sentiu, não quis chorar mais.

— Isso só provocou mais falatório entre as mulheres — disse Harah.

— A criança de Subiay é saudável? — indagou Jessica. Percebia que alguma coisa estava perturbando profundamente Harah.

— Saudável como qualquer mãe possa desejar — respondeu Harah. — Elas sabem que Alia não o feriu. Elas não se importaram muito que ela o tocasse, ele se acalmou logo depois, e estava feliz. Foi... — Harah deu de ombros.

— É a estranheza de minha filha, não é? — indagou Jessica, e acrescentou: — É o modo como ela diz coisas além de seus anos, falando o que uma criança de sua idade não poderia conhecer. Coisas do passado.

— Como poderia ela saber como uma criança se parecia em Bela Tegeuse? — perguntou Harah com veemência.

— Mas ele parece — disse Alia. — O menino de Subiay parece exatamente com o filho de Mitha, nascido antes da separação.

— Alia! — ralhou Jessica. — Eu lhe avisei.

— Mas, mãe, eu vi, era verdade e...

Jessica sacudiu a cabeça vendo os sinais de inquietação no rosto de Harah. “O que eu dei à luz?”, indagou a si mesma. “Uma filha que já conhecia ao nascer tudo que eu sabia., e mais: tudo que fora revelado a ela, através dos corredores do passado, pelas Reverendas Madres dentro de mim.”

— Não é apenas as coisas que ela diz — explicou Harah. — São os exercícios também: o modo como se senta e olha uma rocha, movendo apenas um músculo ao lado do nariz, ou um músculo no dorso de um dedo, ou...

— Isso faz parte do treino Bene Gesserit. Você sabe disso, Harah. Negaria à minha filha sua herança?

— Reverenda Madre, sabe que essas coisas não importam para mim. São as pessoas e o modo como murmuram. Sinto perigo nisso. Elas vêem sua filha como um demônio, as outras crianças se recusam a brincar com ela, que ela...

— Ela tem tão pouco em comum com as outras crianças. Ela não é demônio, é apenas...

— É claro que não é!

Jessica surpreendeu-se com a veemência no tom de Harah, e olhou para Alia. A criança parecia perdida em pensamentos, irradiando um senso de... espera. Jessica voltou sua atenção para Harah.

— Respeito o fato de que pertence à família de meu filho — disse ela. (Alia estremeceu de encontro à sua mão.) — Pode falar abertamente comigo sobre o que a perturba.

— Eu não pertencerei à casa de seu filho por muito tempo mais — respondeu Harah. — Esperei esse tempo pelo bem de meus filhos, pelo treinamento especial que eles recebem, como crianças de Usul. É pouco, entretanto, o que posso dar a eles, desde que é conhecido que não partilho o leito de seu filho..

Novamente Alia se remexeu ao lado dela, meio adormecida, morna.

— Você tem sido uma boa companheira para meu filho, no entanto — disse. E. acrescentou para si mesma, já que tais pensamentos a acompanhavam sempre: “Companheira... não esposa.”

Concentrou-se diretamente no centro da mágoa que surgira dos falatórios, comuns no sietch, de que o relacionamento de seu filho com Chani já se tornara algo permanente, um casamento.

"Eu amo Chani", pensou ela, mas lembrava-se de que o amor teria de ser colocado de lado, ante as necessidades reais. Os casamentos, entre a realeza, obedeciam a outras razões que não o amor.

— Pensa que não sei o que planeja para seu filho? — indagou Harah.

— O que quer dizer?

— Você planeja unir as tribos sob o comando Dele — disse Harah.

— E isso é mau?

— Eu vejo perigo para ele... e Alia é parte desse perigo.

Alia se aconchegou junto da mãe, os olhos abertos agora, observando Harah.

— Observei vocês duas juntas — disse Harah. — O modo como se tocam. E Alia é como minha própria carne, porque ela é irmã daquele que é como meu irmão. Eu a vigiei e guardei, desde o tempo em que era uma recém-nascida, no tempo da razia, quando fugimos para cá. Já vi muitas coisas a respeito dela.

Jessica assentiu, sentindo o desassossego crescendo em Alia ao seu lado.

— Sabe o que eu quero dizer — continuou Harah. — O modo como ela sabia, desde o princípio, o que dizíamos a respeito dela. Quando houve algum outro bebê que conhecesse a disciplina da água tão jovem? Que outro bebê diria suas primeiras palavras para sua pajem: "Eu te amo, Harah?"

Harah olhou para Alia.

— Por que pensa que aceito seus insultos? Eu sei que não há malícia neles.

Alia olhou para a mãe.

— Sim, tenho poderes de raciocínio, Reverenda Madre — prosseguiu Harah. — Eu poderia ser uma Sayyadina. Eu vi o que vi.

— Harah... — Jessica encolheu os ombros. — Não sei o que dizer. — Sentiu-se surpreendida consigo mesma, porque isso era literalmente verdadeiro.

Alia levantou-se, endireitou os ombros. Jessica sentiu que o tempo de espera terminara, havia agora uma emoção composta de decisão e tristeza.

— Nós cometemos um erro — disse Alia. — Agora precisamos de Harah.

— Foi na cerimônia da semente — observou Harah. Você mudou a Água da Vida, Reverenda Madre, quando Alia ainda estava em seu interior.

"Precisamos de Harah?", pensou Jessica.

— Quem mais pode falar entre as pessoas, e fazer com que me compreendam? — indagou Alia.

— O que você deseja que ela faça? — perguntou Jessica.

— Ela já sabe o que fazer — respondeu Alia.

— Eu direi a eles a verdade — disse Harah, seu rosto parecendo subitamente velho e triste, com a pele cor de oliva franzida em vincos, um feitiço nas feições severas. — Direi a eles que Alia apenas finge ser uma garotinha, mas ela nunca foi uma garotinha.

Alia sacudiu a cabeça, lágrimas escorrendo em sua face; e Jessica sentiu uma onda de tristeza vinda de sua filha, como se fosse sua própria emoção.

— Sei que sou uma monstruosidade — sussurrou Alia. Esta consideração adulta, vinda da boca de uma criança, era como uma amarga confirmação.

— Você não é uma monstruosidade! — retrucou Harah. — Quem se atreveu a dizer isso?

Mais uma vez Jessica admirou-se ante o violento tom protetor na voz de Harah, e percebeu que Alia julgara corretamente. Elas precisavam de Harah. A tribo a entenderia em suas palavras e emoções, pois era óbvio que ela amava Alia como se fosse sua própria filha.

— Quem disse isso? — repetiu Harah.

— Ninguém.

Alia usou a aba do manto da mãe para enxugar as lágrimas em seu rosto, depois alisou o tecido onde ficara úmido e amarrotado.

— Então não fale assim — ordenou Harah.

— Sim, Harah.

— Agora poderia me dizer como aconteceu, para que eu possa contar aos outros. Diga-me o que foi que aconteceu com você.

A criança engoliu em seco e olhou para a mãe.

Jessica acenou afirmativamente.

— Um dia eu acordei — explicou Alia. — Foi como acordar de um sono, só que eu não podia me lembrar de ter ido dormir.

Eu me encontrava num lugar escuro e morno. E estava assustada.

Ouvindo o quase balbuciar de sua filha, Jessica sentia-se transportada de volta àquele dia na grande caverna.

— Quando me assustei — continuou Alia —, tentei escapar, mas não havia jeito. E então vi a centelha... só que não era exatamente como vê-la. A centelha estava lá, comigo, e eu sentia suas emoções... acalmando-me, tranquilizando-me, falando para mim que tudo ia ficar bem. Aquilo era minha mãe.

Harah esfregou os olhos, sorrindo de modo tranquilizador para Alia. Contudo transparecia um brilho alucinado nos olhos da mulher Fremen, uma intensidade, como se eles também estivessem tentando ouvir as palavras de Alia.

Jessica pensou: "Que sabemos realmente sobre o modo como alguém

assim pensa... partindo de suas experiências únicas, seu treinamento e sua herança ancestral?”

— Quando eu estava me sentindo segura e tranquila — explicou Alia — surgiu outra centelha ao nosso lado... e tudo começou a acontecer de uma vez. A outra chispa era a antiga Reverenda Madre. Ela estava... trocando vidas com minha mãe... tudo... e eu estava lá com elas, vendo tudo... tudo. E, quando acabou, eu era elas e todas as outras e eu mesma... só que levou algum tempo para me encontrar de novo... havia tantas outras...

— Foi uma coisa cruel — disse Jessica. — Nenhum ser deveria despertar para a consciência desse modo. O mais extraordinário é que tenha podido aceitar tudo que lhe aconteceu.

— Eu não podia fazer outra coisa. Eu não sabia como rejeitar, como esconder minha consciência... ou desligá-la... tudo apenas aconteceu... tudo...

— Nós não sabíamos — murmurou Harah — quando demos a Água para sua mãe mudar, não sabíamos que você já existia dentro dela.

— Não fique triste por isso, Harah — aconselhou Alia. — Eu não devia me sentir triste também. Apesar de tudo, há um motivo para alegria aqui. Eu sou uma Reverenda Madre. A tribo tem duas Rev...

Ela interrompeu a frase, e inclinou a cabeça para ouvir.

Harah girou nos calcanhares, esbarrando na almofada, olhando para Alia e, então, voltando sua atenção para o rosto de Jessica.

— Você não suspeitava? — indagou Jessica.

— Psiu! — pediu Alia.

Um cântico ritmado e distante filtrava-se através das cortinas a separá-las dos corredores do sietch. Tornou-se mais alto e distinto, os

sons nítidos agora: “Ya! Ya! Yawm! Ya! Ya! Yawm! Mu zein, wallah! Ya! Ya! Yawm! Mu zein, Wallah!”

Os cantadores passaram diante da porta externa, suas vozes ressoando através das câmaras internas do apartamento. Depois, lentamente o som recuou.

Quando já diminuíra o suficiente, Jessica começou o ritual, a voz carregada de tristeza: — Era o Ramadhan; abril, em Bela Tegeuse.

— Minha família sentava-se no jardim, ao redor da piscina continuou Harah —, o ar carregado da umidade que se elevava do jorro de uma fonte. Havia uma árvore de portyguls, redonda e de cor viva, ao alcance da mão. Havia uma cesta com mish mish e Baklawa, e copos de liban... todo o tipo de coisas boas para comer. Em nossos jardins e em nossas aglomerações existia paz... paz em toda a terra...

— A vida era cheia de felicidade, até que os caçadores vieram... prosseguiu Alia.

— O sangue correu frio ante os gritos de nossos amigos prosseguiu Jessica. Sentia as memórias fluindo através dela, brotando de todos aqueles outros passados que compartilhava.

— La, la, la, as mulheres choraram — cantou Harah.

— E os caçadores vieram através do mushtamal, correndo para nós com suas facas gotejando, vermelhas, com as vidas de nossos homens — disse Jessica.

Um silêncio caiu sobre as três, como estaria acontecendo em todos os apartamentos do sietch. Silêncio enquanto todos se lembravam, mantendo assim a dor sempre renovada.

Daí a pouco Harah pronunciou o término ritual da cerimônia, dando às palavras uma dureza que Jessica nunca ouvira antes.

— Nós nunca perdoaremos, nem nunca esqueceremos.

Na quietude meditativa que se seguia à cerimônia elas ouviram um murmúrio de pessoas, o sussurro de muitos mantos em movimento. Jessica notou que alguém se colocava diante das cortinas que isolavam seus aposentos.

— Reverenda Madre!

Era uma voz de mulher, que Jessica reconheceu: a voz de Thartar, uma das esposas de Stilgar.

— Que foi, Thartar?

— Há problemas, Reverenda Madre.

Jessica sentiu um aperto no coração, um abrupto medo por Paul.

— Paul! — exclamou ela sem pensar.

Thartar abriu as cortinas, entrando na câmara. Jessica vislumbrou uma multidão se comprimindo no lado de fora, antes que as cortinas se fechassem. Olhou para Thartar: uma mulher escura e pequena, num roupão preto estampado com desenhos vermelhos, o azul total de seus olhos apontando fixamente para Jessica, as aberturas no nariz pequeno dilatando-se para revelar as cicatrizes dos tampões.

— O que foi?

— Há notícias da areia — disse Thartar. — Usul encontrará o produtor para seu primeiro teste... é hoje. Os homens jovens dizem que ele não pode falhar, ele será um cavaleiro da areia ao cair da noite. Os jovens estão se agrupando para uma razia. Eles tencionam atacar ao norte, e encontrar-se com Usul lá. Eles vão emitir seu grito, então. Dizem que vão forçá-lo a desafiar Stilgar e assumir o comando de todas as tribos.

“Recolhendo água, plantando nas dunas, mudando seu mundo lentamente mas com segurança; isso não é mais suficiente”, pensou Jessica. “Os pequenos ataques, as incursões seguras, não bastam, agora que Paul e eu mesma os

treinamos. Eles sentem seu poder. Querem lutar."

Thartar mudou o apoio do corpo de um pé para o outro, pigarreou.

"Conhecemos a necessidade de uma espera cautelosa, mas permanece o núcleo de nossa frustração. Sabemos o mal que uma espera muito prolongada pode nos causar: perderemos nosso senso de propósito, se a espera for muito prolongada."

— Os jovens dizem que, se Usul não desafiar Stilgar, vai ter muito o que temer.

Thartar abaixou os olhos.

— Então é assim — murmurou Jessica. E pensou: "Bem, nós vimos esta situação se aproximar. Eu e Stilgar."

Novamente Thartar pigarreou.

— Até mesmo meu irmão Shoab diz isso. Eles não deixarão escolha para Usul.

"Assim que chegou a hora! E Paul terá de cuidar disso sozinho.

A Reverenda Madre não deve se envolver na sucessão", pensou Jessica.

Alia soltou a mão de sua mãe e disse:

— Vou com Thartar para ouvir os jovens. Talvez exista um caminho.

Jessica percebeu o olhar de Thartar, mas falou com Alia:

— Vá, então. E venha relatar-me assim que puder.

— Não queremos que isso aconteça, Reverenda Madre disse Thartar.

— Não queremos — concordou Jessica. — A tribo precisa de toda a sua força. — Olhou para Harah. — Irá também com elas?

Harah respondeu à parte implícita da pergunta:

— Thartar não permitirá que façam mal a Alia. Ela sabe que logo seremos viúvas, juntas, ela e eu, para compartilhar o mesmo homem. Temos conversado a esse respeito.

Olhou para Thartar, depois de volta para Jessica.

— Temos um entendimento.

Thartar estendeu a mão para Alia:

— Devemos nos apressar. Os jovens já estão partindo.

Passaram pelas cortinas, a mão da criança na mão da pequena mulher. A criança parecendo liderar.

— Se Paul Muad'Dib matar Stilgar, isso não servirá à tribo comentou Harah. — Sempre foi esse o modo de sucessão, mas os tempos mudaram.

— Os tempos mudaram para você também — respondeu Jessica.

— Não acredita que eu duvide do resultado dessa luta. Usul não pode evitar vencer.

— Foi isso que tencionei dizer.

— E acredita que meus sentimentos pessoais interferiram em meu julgamento — comentou Harah. Sacudiu a cabeça, os anéis de água tilintando em seu pescoço. — Como está enganada. Talvez pense também que lamento não ter sido a escolhida de Usul, que tenho ciúmes de Chani.

— Você fez sua própria escolha, quando pôde — respondeu Jessica.

— Eu tenho pena de Chani.

Jessica se empertigou:

— O que quer dizer?

— Eu sei o que pensa de Chani. Pensa que ela não é a esposa adequada para seu filho.

Jessica relaxou o corpo sobre as almofadas. Encolheu os ombros.

— Talvez.

— Pode estar certa. E, se estiver, vai encontrar uma aliada surpreendente: a própria Chani. Ela quer o melhor para Ele.

Jessica engoliu em seco para eliminar um súbito aperto em sua garganta.

— Eu gosto muito de Chani. Ela pode não ser...

— Seus tapetes estão muito sujos — comentou Harah, inesperadamente. Percorreu o piso com seu olhar, evitando fitar os olhos de Jessica.

— Tanta gente entrando aqui o tempo todo. Realmente devia limpá-los com mais frequência.

42

Não se pode evitar o jogo político dentro de uma religião ortodoxa. Esta luta pelo poder permeia o treinamento, a educação e a disciplina de qualquer comunidade ortodoxa. Devido às suas pressões, os líderes de tal comunidade devem, inevitavelmente, enfrentar um derradeiro dilema: ou sucumbirem ao completo oportunismo, como prego para manterem seu domínio, ou se arrastarem ao sacrifido próprio, pelo bem da ética ortodoxa.

— de Muad'Dib: As Questões Religiosas,
escrito pela Princesa Irulan

Paul esperava na areia, ao lado da linha de aproximação do imenso produtor. "Não devo esperar como um contrabandista: impaciente e nervoso", recordou-se. "Devo ser parte do deserto."

A coisa se encontrava a apenas alguns minutos, agora, enchendo a manhã com o assovio que sua passagem provocava ao friccionar a areia. Os grandes dentes dentro da boca cavernosa expandiam-se, como alguma imensa flor. O odor de especiaria dominava o ar.

O traje-destilador de Paul ajustava-se confortavelmente em seu corpo, e ele possuía apenas uma consciência distante dos tampões no nariz e da máscara respiradora. Os ensinamentos de Stilgar durante aquelas horas cansativas na areia apagavam tudo o mais.

— A que distância além do raio de um produtor você deve se colocar, sobre areia grossa? — perguntara Stilgar.

Ele respondera corretamente:

— Meio metro para cada metro de diâmetro do produtor.

— Por quê?

— Para evitar o vórtex de sua passagem, e ainda ter tempo de correr e montá-la.

— Já cavalgou os pequenos, criados para semear e produzir a "Água da Vida". Mas o que vai invocar para seu teste será um produtor selvagem, um velho homem do deserto. Deve ter o respeito devido para com um desses.

Agora o tamborilar do batedor confundia-se com o assovio do verme que

se aproximava. Paul respirou fundo, sentindo o odor mineral da areia até mesmo através de seus filtros. O produtor selvagem, o velho homem do deserto, erguia-se quase sobre ele. Seus segmentos dianteiros encrespados lançavam uma onda de areia que iria cobrir seus joelhos.

"Venha, seu monstro adorável", pensou. "Suba, você ouviu meu chamado. Suba. Suba."

A onda levantou seus pés, a poeira superficial arremessou-se sobre ele. Procurou se firmar, seu mundo agora dominado pela passagem daquela parede curva obscurecida pela areia, aquela colina segmentada, as linhas dos anéis nitidamente definidas.

Ergueu seus ganchos, apontando ao longo dos anéis, e inclinou-se para a frente. Sentiu quando prenderam e repuxaram. Saltou para cima, plantando seus pés contra aquela parede, inclinando-se para trás, puxando contra as farpas dos ganchos. Esse era o instante da verdade em todo o teste: se houvesse plantado seus ganchos corretamente, na borda dianteira do segmento-anel, de modo a abri-lo, o verme não poderia rolar e esmagá-lo.

A criatura diminuiu a velocidade. Deslizou sobre o batedor, silenciando-o. Lentamente começou a rolar, para o alto, sempre para o alto, levando aquelas farpas irritantes para o mais alto que podia, longe da areia que ameaçava o macio interior imbricado de seu anel-segmento.

Paul se encontrou de pé no topo do verme. Sentiu-se exultante, como um imperador observando seu mundo. Suprimiu um súbito impulso para pular lá em cima, fazer o verme virar, mostrar o seu domínio sobre a criatura.

Subitamente compreendia por que Stilgar o avisara quanto aos jovens imprudentes, que dançavam e brincavam com esses monstros, dando cambalhotas sobre o dorso, removendo ambos os ganchos, para recolocá-los antes que o verme pudesse derrubá-los.

Deixando um dos ganchos no lugar, Paul retirou o outro, e colocou-o em uma posição mais baixa, ao longo do lado. Quando esse segundo gancho se encontrava firme em posição, ele o testou, retirando então o primeiro e trazendo-o para mais baixo, descendo desse modo ao longo da circunferência. O produtor rolou, e ao rolar ele se voltou, vindo a circundar a extensão de areia fina onde os outros se encontravam esperando.

Paul os viu subir, usando seus ganchos para galgar o dorso do verme, mas evitando as bordas sensíveis dos anéis até se encontrarem no topo. Posicionaram-se, finalmente, em uma linha tripla atrás dele, firmes contra seus ganchos.

Stilgar avançou através das fileiras, verificou o posicionamento dos ganchos de Paul, depois olhou para o rosto sorridente do rapaz.

— Você conseguiu, hein? — disse, elevando a voz acima do assobio da passagem do verme. — Isso é o que pensa? Que conseguiu? — Ficou ereto. — Agora, deixe-me dizer-lhe que este foi um trabalho muito mal feito. Nós temos garotos de doze anos que fazem melhor. Havia areia-tambor à sua esquerda, enquanto esperava. Não teria podido recuar se o verme virasse naquela direção.

O sorriso desapareceu do rosto de Paul.

— Eu vi a areia-tambor.

— Então por que não sinalizou para que um de nós tomasse posição secundária a você? Isso era algo que poderia fazer, mesmo no teste.

Paul engoliu em seco, voltando o rosto para o vento provocado pela velocidade com que avançavam.

— Acha que estou fazendo mal em dizer isso agora — comentou Stilgar. — É o meu dever. Penso em seu valor para a tropa. Se houvesse tropeçado naquela areia-tambor, o produtor teria se voltado sobre você.

A despeito de um impulso de raiva, Paul sabia que Stilgar falava a verdade. Levou um longo minuto, e todo um esforço do treinamento que recebera de sua mãe, para recuperar um sentimento de calma.

— Perdão. Não acontecerá de novo.

— Em uma posição difícil, sempre recorra a um secundário, alguém para pegar o produtor, caso não possa — aconselhou Stilgar. — Lembre-se de que trabalhamos em conjunto. Desse modo estamos garantidos. Trabalhamos em conjunto, certo?

Bateu no ombro de Paul.

— Trabalhamos em conjunto — concordou ele.

— Agora — disse Stilgar, ríspido. — Mostre-me que sabe como controlar um produtor. Em que lado estamos?

Paul observou a superfície escamada do anel, notando o tamanho e as características das escamas, o modo como cresciam maiores para a direita, menores para a esquerda. Cada verme, ele sabia, movia-se caracteristicamente com um lado para cima, com mais frequência. Quando iam envelhecendo, o lado “para cima” tornava-se uma constante, e as escamas debaixo ficavam maiores, mais pesadas, mais lisas. Escamas do topo podiam ser reconhecidas pelo tamanho, num grande verme.

Mudando a posição de seus ganchos, Paul moveu-se para a esquerda. Fez sinal para que os flanqueadores abrissem segmentos ao longo dos lados, mantendo o verme num curso retilíneo, enquanto rolava. Quando fez o animal virar-se, posicionou dois timoneiros adiante.

— Ach, haiii-yoh! — gritou, no chamado tradicional. O timoneiro da esquerda abriu um anel-segmento naquela posição.

Num majestoso círculo, o produtor voltou-se para proteger seu segmento aberto. Deu uma volta completa e, quando se encontrava apontado para o sul, Paul gritou: — Geyrat!

O timoneiro soltou o gancho. O produtor alinhou-se em novo curso retilíneo. Stilgar comentou:

— Muito bom, Paul Muad'Dib. Com bastante prática, você ainda pode se tornar um cavaleiro da areia.

Paul franziu a testa, pensando: “Não fui eu o primeiro a subir?”

Atrás dele cresceu uma súbita risada. A tropa começou a cantar, lançando seu nome contra o céu.

— Muad'Dib! Muad'Dib! Muad'Dib! Muad'Dib!

E bem para trás, ao longo da superfície do verme, Paul ouviu a batida dos estimuladores golpeando os segmentos da cauda. O verme começou a ganhar velocidade. Seus mantos ondulavam ao vento, enquanto o som abrasivo da passagem do animal aumentava.

Paul olhou para trás, através da tropa, e descobriu o rosto de Chani entre eles. Olhou para clã enquanto falava para Stilgar.

— Então, Stil? Sou um cavaleiro da areia?

— Hal yawm! Você é um cavaleiro da areia, neste dia.

— Então posso escolher o nosso destino?

— Esta é a tradição.

— E sou um Fremen, nascido neste dia, aqui no erg Habbanya. Não tive outra vida antes deste dia. Eu era uma criança, até hoje.

— Não inteiramente uma criança — respondeu Stilgar, prendendo o canto do capuz que o vento açoitava.

— Mas havia uma rolha fechando o meu mundo, e essa rolha foi arrancada.

— Não há rolha.

— Quero ir para o Sul, Stilgar. Vinte tumperes. Quero ver essa terra que nós criamos, essa terra que até hoje só vi pelos olhos dos outros.

“E verei meu filho e minha família”, pensou ele. “Preciso de tempo agora para considerar o futuro que é passado dentro de minha mente. O tumulto se aproxima, e se eu não me encontrar onde possa dominá-la, a coisa fugirá ao controle.”

Stilgar olhou para ele de modo fixo e avaliador. Paul continuou mantendo sua atenção em Chani, vendo o interesse aumentar no rosto dela, notando também a excitação que suas palavras haviam produzido na tropa.

— Os homens estão ávidos para atacar com você as pias dos Harkonnen — disse Stilgar. — As pias estão a apenas um tumper de distância.

— Os Fedaykin já incursionaram comigo. Eles atacarão comigo novamente, até que nenhum Harkonnen respire o ar de Arrakis.

Stilgar continuou a observá-lo enquanto cavalgavam, e Paul percebeu que o homem via esse momento através da memória, do como ele se erguera a uma posição de comando no sietch Tabr, e à liderança do Conselho dos Líderes, agora que Liet-Kynes estava morto.

“Ele já ouviu os relatórios de agitação entre os Fremen”, pensou Paul.

— Deseja uma reunião de líderes? — indagou Stilgar.

Olhos brilharam entre os jovens da tropa. Eles balançavam o corpo enquanto cavalgavam, sempre observando. E Paul notou também o olhar de inquietação em Chani, o modo como fitava alternadamente Stilgar, que era seu tio, e Paul Muad’Dib, que era seu companheiro.

— Você não imagina o que eu quero — respondeu Paul.

Pensou: “Não posso recuar. Devo manter o controle sobre esta gente.”

— Você é o mudir dos cavaleiros da areia, hoje — disse Stilgar, uma fria formalidade na voz. — Como vai usar esse poder?

“Precisamos de tempo para relaxar, tempo para uma fria reflexão”, pensava Paul.

— Nós iremos para o Sul.

Um senso de dignidade inevitável envolveu Stilgar enquanto ele puxava seu manto, apertando-o contra o corpo.

— Haverá uma Reunião. Eu mandarei as mensagens.

“Ele pensa que vou desafiá-lo”, compreendeu Paul. “E sabe que não pode me vencer.”

Olhou para o sul, sentindo o vento contra as maçãs do rosto, pensando nas exigências que forçavam suas decisões.

“Eles não sabem como é isso”, pensou.

Mas sabia que não podia permitir que nenhuma ponderação o desviasse. Precisava permanecer na linha central da tempestade de tempo, que podia ver no futuro. Havia um instante em que ela poderia ser desfeita, mas apenas se ele estivesse no lugar de onde pudesse cortar o nó central.

“Não vou desafiá-lo, se isso puder ser evitado”, concluiu. “Se houver algum outro modo de evitar o jihad...”

— Vamos acampar para a refeição noturna, e a prece, na Caverna dos Pássaros, embaixo da cordilheira Habbanya — disse Stilgar. Firmou-se com um dos ganchos contra o ondular do produtor, e com a outra mão apontou para uma barreira baixa de rochas erguendo-se do deserto.

Paul estudou a elevação, as grandes riscas de rocha cruzando-a como ondas. Nenhum verde, nenhuma florescência suavizava aquele horizonte rígido.

E além estendia-se o caminho para o deserto austral, uma viagem de pelo menos dez dias e noites, incitando os produtores o mais rápido que pudessem.

Vinte tumperes.

O caminho conduzia para bem longe do alcance das patrulhas Harkonnen, e ele sabia como seria, os sonhos haviam mostrado.

Um dia, enquanto avançassem haveria uma fraca mudança de cor no horizonte, uma mudança tão ligeira que poderia pensar que a imaginara a partir de suas esperanças. E então haveria um novo sietch.

— A minha decisão convém ao Muad'Dib? — indagou Stilgar.

Somente o mais leve tom de sarcasmo marcava sua voz; mas os ouvidos dos Fremen em volta, capazes de distinguir cada tonalidade no canto de um pássaro ou na mensagem de um cielago, notaram claramente esse sarcasmo, e todos observaram Paul, para ver o que ele faria.

— Stilgar me ouviu jurar minha lealdade a ele quando consagramos os Fedaykin — disse Paul. — Meus comandos da morte sabem que eu falo com honra. Será que Stilgar duvida disso?

Uma verdadeira mágoa revelara-se na voz de Paul, e Stilgar abaixou a cabeça.

— Usul, o companheiro de meu sietch, dele eu nunca duvido disse ele. — Mas você também é Paul Muad'Dib, o Duque Atreides, e Lisan al-Gaib, a Voz do Mundo Exterior. Esses homens eu não conheço.

Paul voltou-se para observar a cordilheira Habbanya emergir do deserto. O produtor embaixo deles ainda parecia forte e disposto, poderia carregá-los através do dobro da distância percorrida por qualquer outro conhecido pelos Fremen, Sabia disso, não havia nada nas histórias contadas para as crianças que igualasse esse velho homem do deserto. Era a matéria bruta para uma nova lenda, percebeu Paul.

Uma mão segurou o seu ombro.

Olhou-a, seguindo o braço até o rosto acima, com os olhos negros de Stilgar expostos entre a máscara-filtro e o capuz.

— O homem que liderava o sietch Tabr antes de mim — disse ele — era meu amigo. Nós enfrentamos perigos juntos. Ele devia a mim sua vida, várias vezes... e eu lhe devia a minha.

— Eu sou seu amigo, Stilgar.

— Ninguém duvida disso — disse. Removeu a mão e encolheu os ombros. — É o modo como deve ser...

Paul percebia que Stilgar, encontrando-se por demais mergulhado no modo de vida dos Fremen, não considerava a possibilidade de algum outro curso para as coisas. Aqui um líder tornava o controle das mãos mortas de seu

predecessor, ou enfrentava mortalmente os homens mais fortes de sua tribo, se um líder morresse no deserto. Foi desse modo que Stilgar chegara a ser um naib.

— Devemos deixar este produtor em areia profunda — disse Paul.

— Sim — concordou Stilgar. — Caminharemos até a caverna a partir daqui.

— Já o cavalgamos bastante. Ele vai se enterrar e ficar amuado, por um dia ou dois.

— Você é o mudir dos cavaleiros da areia — lembrou Stilgar. — Diga quando nós...

Interrompeu-se no meio da frase, olhando para o céu do leste.

Paul girou o corpo. A cobertura azul da especiaria em seus olhos fazia com que o céu aparecesse escuro, um azul-celeste fortemente filtrado contra o qual o rítmico e distante reluzir aparecia em nítido contraste.

“Ornitóptero”!

— Um pequeno “tóptero” — avisou Stilgar.

— Pode ser um observador — comentou Paul. — Acha que nos viu?

— A essa distância, somos apenas um verme na superfície respondeu Stilgar, Moveu sua mão esquerda. — Para fora, espalhem-se na areia.

A tropa começou a descer pelos lados do verme, saltando e se confundindo com a areia, ocultos embaixo de seus mantos. Paul marcou o ponto onde Chani saltara e dentro em pouco ele estava sozinho com Stilgar.

— Primeiro a subir, último a saltar — disse.

Stilgar acenou, desceu pelo lado com seus ganchos e saltou para a areia.

Paul esperou, até que o produtor estivesse a uma distância segura da área de dispersão do pessoal, e então soltou os ganchos.

Este era sempre um momento delicado num verme ainda não completamente exausto.

Livre de seus incitadores e dos ganchos, o grande verme começou a se enterrar na areia. Paul correu para trás, ao longo do amplo dorso, julgou, cuidadosamente, o momento adequado, e saltou.

Caiu correndo, escorregou pelo lado mais fofo de uma duna, do modo como lhe haviam ensinado, e se escondeu embaixo de um deslizamento de areia que cobriu seu manto.

Agora, a espera.

Virou devagarinho, expondo-se a uma tira de céu, com uma dobra do manto. Imaginou os outros lá atrás, ao longo do caminho, fazendo a mesma coisa.

Ouviu o bater das asas do ornitóptero antes que pudesse vê-lo.

Houve um assovio de jatos e ele passou sobre aquele trecho do deserto,

virando numa longa curva em direção à cordilheira.

Um "tóptero" sem marcas de identificação, notou Paul.

Voou para fora da vista, por trás dos penhascos.

Um pio de pássaro elevou-se sobre o deserto, depois outro.

Paul sacudiu a areia do corpo e subiu para o topo da duna. Outras figuras levantavam-se ao longo de uma linha, na direção da cordilheira. Reconheceu Stilgar e Chani, entre eles.

Stilgar assinalou na direção dos penhascos.

Reuniram-se e começaram a caminhada na areia, deslizando sobre a superfície num ritmo irregular, que não incomodaria nenhum produtor.

Stilgar seguia ao lado de Paul, sobre a crista compactada de areia de uma duna.

— Aquela era uma aeronave dos contrabandistas — disse ele.

— Assim me pareceu — respondeu Paul. — Mas estamos muito no interior do deserto para contrabandistas.

— Eles também andam tendo dificuldades com as patrulhas.

— Se estão incursionando tão profundamente, podem ir mais além.

— É verdade.

— Não vai ser bom para eles ver o que podem ver se se aventurarem muito profundamente para o sul. Contrabandistas também vendem informações.

— Eles estão caçando especiaria, não acha? — indagou Stilgar.

— Haverá uma asa e um trator esperando em algum lugar por aquele "tóptero". Nós temos especiaria. Vamos colocar uma isca num trecho de areia e pegar alguns contrabandistas. Eles precisam saber que esta é nossa terra, e nossos homens precisam de prática com as novas armas.

— Agora, Usul fala — disse Stilgar. — Usul pensa como um Fremen.

"Mas Usul deve abrir caminho para decisões que enfrentam um terrível propósito", pensou Paul.

A tempestade ganhava força e se aproximava.

43

Quando a lei e o dever estão unidos, fundidos pela religião, você nunca se torna inteiramente consciente, completamente conhecedor de si mesmo. Você é sempre um pouco menos do que um indivíduo.

— de Muad'Dib: As Noventa e Nove Maravilhas do Universo, escrito pela Princesa Irulan

A fábrica de processamento de especiaria dos contrabandistas, com sua asa transportadora e um anel de ornitópteros, surgiu sobre uma elevação de dunas como um enxame de insetos seguindo sua rainha. Adiante do enxame, encontrava-se uma das cristas de rocha, pouco elevadas, que se erguiam do deserto como pequenas imitações da Muralha Escudo. As praias secas da elevação estavam varridas, totalmente livres de areia por causa de uma tempestade recente.

Na bolha de controle da fábrica, Gurney Halleck inclinou-se para a frente, ajustando as lentes de óleo de seu binóculo para examinar a paisagem. Mais além dos penhascos ele podia ver uma mancha escura, que poderia ser um afloramento de especiaria. Deu um sinal para o ornitóptero acima, mandando-o investigar.

A aeronave abanou as asas para indicar que recebera o sinal, e destacou-se do enxame, acelerando na direção da areia escura. Circundou a área, com seus detectores pendendo junto da superfície.

Quase imediatamente fez uma inclinação com as asas dobradas, e um círculo, que indicavam para a fábrica a descoberta de especiaria.

Gurney guardou o binóculo, sabendo que os outros haviam visto o sinal. Gostava desse ponto. Os penhascos ofereciam algum abrigo e proteção. Encontravam-se enfiados profundamente na vastidão do deserto, um lugar improvável para uma emboscada... mas ainda assim... Assinalou para a tripulação, indicando que voassem por sobre a montanha para sondá-la, enviando os reservas para assumirem posições em torno da área... Não muito alto para que não fossem percebidos de longe pelos detectores dos Harkonnen.

Duvidava, entretanto, que alguma patrulha Harkonnen viesse tão ao sul. Este era território Fremen.

Gurney verificou suas armas, amaldiçoando o destino que fizera os escudos inúteis aqui. Qualquer coisa que atraísse um verme devia ser evitada a qualquer custo. Coçou a cicatriz de inkvine ao longo do queixo, e observou o cenário, decidindo ser mais seguro liderar uma equipe de terra através dos penhascos. Inspeção a pé ainda era o método mais confiável. Nunca se é cuidadoso em demasia quando Fremen e Harkonnen estão se atirando nas gargantas um do outro.

Eram os Fremen que o preocupavam aqui. Eles não se importavam de comerciar, vendendo-lhe toda a especiaria que pudesse comprar; mas eram demônios na trilha da guerra se desse uma pisada em local que o proibissem de entrar. E estavam diabolicamente astutos, ultimamente!

A Gurney aborrecia a astúcia e a habilidade desses nativos em batalha. Eles exibiam uma sofisticação, na arte da guerra, tão elevada quanto qualquer coisa que ele já encontrara. E Gurney fora treinado pelos melhores combatentes do universo, ganhando experiência em batalhas onde apenas uns poucos, os melhores, haviam sobrevivido.

Novamente esquadrinhou a paisagem, querendo saber por que se sentia tão inquieto. Talvez fosse o verme que haviam visto... mas este se encontrava do outro lado da montanha.

Uma cabeça brotou na bolha de controle, ao lado de Gurney. O comandante da fábrica, um velho pirata de um olho só, com uma barba cheia, o olho azul e os dentes leitosos da dieta de especiaria.

— Parece um trecho rico, senhor — disse. — Devemos pegá-la?

— Desça na extremidade daqueles penhascos — ordenou Gurney. — Deixe-me desembarcar com os meus homens. Pode recolher a especiaria daquele ponto. Daremos uma olhada naquela rocha.

— Certo.

— Em caso de encrenca, salve a fábrica. Subiremos nos “tópteros”.

O comandante da fábrica fez uma saudação.

— Sim, senhor! — e mergulhou pela comporta.

Mais uma vez Gurney observou o horizonte. Tinha de respeitar a possibilidade de que houvesse Fremen por aqui, e que estava invadindo o território deles. Os Fremen o preocupavam, com sua dureza e imprevisibilidade. Muitas coisas a respeito desse negócio o preocupavam, mas as recompensas eram enormes. O fato de que não pudesse mandar os localizadores subirem bem alto e a necessidade de manter silêncio no rádio aumentavam seu desconforto.

A fábrica-trator fez uma volta e começou a descer. Suavemente, ela planou até a praia seca ao pé dos penhascos, e as esteiras tocaram a areia.

Gurney abriu a cúpula da bolha, soltou os cintos de segurança. No instante

em que a fábrica parou, ele estava do lado de fora, descendo sobre os suportes das esteiras, depois de fechar a bolha, e pulando para a areia, mais além das redes de emergência. Os cinco homens de sua guarda pessoal também já estavam saindo, emergindo da comporta do nariz. Outros soltavam a asa transportadora, que se destacou da fábrica e subiu para voar num círculo de espera, a baixa altura.

Imediatamente o grande trator-fábrica começou a avançar aos solavancos, virando-se para longe do penhasco, em direção à mancha escura da especiaria sobre a areia.

Um “tóptero” mergulhou nas proximidades, deslizando até parar. Outro o seguiu, e depois mais outro. Desembarcaram os homens do pelotão de Gurney e se elevaram, pairando acima.

Gurney testou seus músculos, esticando-se dentro do traje-destilador. Deixou a máscara-filtro fora do rosto, perdendo umidade em beneficio de uma necessidade maior: aumentar a força de sua voz, caso precisasse gritar ordens. Começou a galgar as rochas, verificando o terreno. Cascalho e areia grossa sob os pés, o cheiro de especiaria.

“Ótimo lugar para uma base de emergência”, pensou. “Poderia ser sensato enterrar alguns suprimentos aqui.”

Olhou para trás, observando seus homens se dispersarem enquanto o seguiam. Bons homens. Até mesmo os novos, que ainda não tivera tempo de testar. Bons homens. Não era preciso ficar dizendo-lhes o tempo todo o que deviam fazer. Nem um brilho de escudo se mostrava em qualquer um deles. Não havia covardes nesse grupo, carregando escudos para o deserto, onde um verme poderia sentir o campo e aparecer para roubar-lhes a especiaria.

De sua pequena elevação nas rochas, Gurney podia ver a mancha de especiaria a meio quilômetro de distância, com o trator acabando de alcançar seus limites mais próximos. Olhou para sua cobertura aérea, notando a altitude... não estavam muito alto. Acenou com a cabeça para si mesmo, e recomeçou a escalada do penhasco.

Naquele mesmo instante a montanha entrou em erupção.

Doze riscas de fogo subiram rugindo, em direção aos “tópteros” e à asa transportadora. Ouviu-se um estrondo metálico na direção do trator-fábrica, e as rochas ao redor de Gurney fervilharam de homens encapuzados.

Ainda teve tempo para pensar: “Pelos chifres da Grande Mãe! Foguetes! Eles se atrevem a usar foguetes!”

Depois, estava face a face com uma figura encapuzada, que se agachava na sua frente, com uma faca cristalina na mão. Outros dois homens se encontravam à espera, nas rochas acima, à esquerda e à direita. Somente os olhos

do lutador eram visíveis entre o gorro e o véu cor de areia do albornoz, mas a postura e a atitude alerta revelavam tratar-se de um combatente treinado. Os olhos eram da cor azul-dentro-de-azul dos Fremen do deserto profundo.

Gurney moveu uma das mãos em direção a sua faca, mantendo os olhos fixos na arma do oponente. Se eles se atreviam a usar foguetes, isso significava que deviam ter outros tipos de armas lançadoras de projéteis. Esse instante exigia extrema cautela. Somente pelo som já podia perceber que pelo menos uma parte de sua cobertura aérea fora derrubada. Ouvia grunhidos também, os sons de vários homens lutando lá atrás.

Os olhos do combatente na frente de Gurney seguiram o movimento de sua mão em direção à faca, depois se ergueram para encará-lo.

— Deixe essa faca embainhada, Gurney Halleck — disse o homem.

Gurney hesitou. Aquela voz soava estranhamente familiar, mesmo através do filtro de um traje-destilador.

— Conhece meu nome?

— Não precisa usar uma faca em mim, Gurney — disse o homem. Levantou-se, guardando sua faca cristalina embaixo do manto. — Diga aos seus homens para cessarem com essa resistência inútil.

O homem lançou o capuz para trás, puxando o filtro para o lado.

O choque, ao ver a cara do homem, gelou os músculos de Gurney. A princípio, ele acreditou estar olhando para uma imagem fantasmagórica do Duque Leto Atreides. O reconhecimento completo foi mais lento.

— Paul — murmurou ele. Então, mais alto: — Paul! É você mesmo?

— Não confia em seus olhos?

— Eles dizem que você está morto — disse Gurney, com a voz rouca. Deu um meio passo para a frente.

— Diga aos seus homens para se renderem — ordenou Paul, acenando para as partes mais baixas do penhasco.

Gurney voltou-se, relutante em tirar os olhos de Paul. Viu luta somente em alguns pontos. Homens do deserto, com suas cabeças cobertas, pareciam estar em toda parte. O trator-fábrica estava parado com Fremen em cima. Não havia mais aeronaves no céu.

— Parem a luta! — gritou Gurney. Respirou fundo e colocou as mãos em concha sobre a boca, improvisando um megafone.

— Aqui é Gurney Halleck! Parem a luta!

Aos poucos a luta foi cessando, os combatentes separando-se, cuidadosamente. Os olhos voltaram-se para ele, questionando.

— Estes são amigos — gritou Gurney.

— Ótimos amigos! — alguém gritou de volta. — Metade de nossa gente

foi assassinada.

— É um engano — disse Gurney. — Não aumente o erro.

Voltou-se para Paul, fitando os olhos azuis de Fremen que o rapaz agora possuía.

Um sorriso se abriu nos lábios de Paul, mas havia uma dureza em sua expressão que fazia com que Gurney se recordasse do Velho Duque, o avô de Paul. Percebeu também uma aparência rude e musculosa no físico do rapaz, o que nunca notara antes num Atreides. Um aspecto coriáceo na pele, os olhos semicerrados, com um olhar avaliador que parecia medir tudo que houvesse ao redor.

— Eles disseram que você estava morto — repetiu Gurney.

— É a melhor proteção possível, eu creio, foi deixar que pensassem assim — respondeu Paul.

Gurney sentiu que ter acreditado na morte de seu jovem Duque não era uma boa desculpa para tê-lo abandonado à própria sorte.

Pensar que... seu amigo estava morto. E perguntou a si mesmo o que restaria ainda do menino que conhecera e treinara como um lutador.

Paul deu um passo em direção a Gurney, notando que seus olhos estavam ardendo.

— Gurney...

Aconteceu de repente: num instante eles estavam se abraçando, batendo um nas costas do outro, sentindo a segurança da carne sólida.

— Menino! Menino! — repetiu Gurney.

E Paul:

— Gurney, Gurney.

Depois se separaram, olhando um para o outro. Gurney respirou fundo.

— Então, é por sua causa que os Fremen estão se tornando tão sábios em táticas de batalha. Eu devia saber. Eles fazem coisas que eu poderia ter planejado. Se ao menos eu soubesse... Sacudiu a cabeça. — Se ao menos houvesse me enviado uma notícia; nada iria me deter. Eu teria vindo correndo e...

O olhar de Paul fez com que parasse... um olhar duro, avaliador. Gurney suspirou.

— Certo... Haveria. aqueles que iriam se indagar por que Gurney Halleck saíra correndo, e alguns fariam mais do que se perguntar. Eles sairiam em busca das respostas.

Paul acenou, olhando para os Fremen à sua volta, o olhar curioso nos rostos dos Fedaykin. Ficou de costas para os comandos da morte, olhando novamente para Gurney Halleck. Seu antigo mestre espadachim o enchia de

alegria; podia vê-lo como um bom presságio, um sinal de que se encontrava num curso para o futuro, onde tudo correria bem.

"Com Gurney ao meu lado..."

Olhou para baixo, ao longo do penhasco, além dos Fedaykin, observando a equipe de contrabandistas que viera com Halleck.

— Que posição tornam seus homens, Gurney?

— Eles são contrabandistas, todos eles. Eles ficam onde estiver o lucro.

— Haverá muito pouco lucro em nosso empreendimento — disse Paul, notando o sinal sutil que Gurney lhe fizera com o dedo da mão direita. O velho código manual de seu passado. Nessa quadrilha de contrabandistas havia homens que inspiravam temor e desconfiança.

Esticou o lábio para indicar que compreendera e olhou para os homens que montavam guarda acima deles, nas rochas. Viu Stilgar entre eles, e a lembrança do problema ainda não resolvido esfriou um pouco sua alegria.

— Stilgar, este é Gurney Halleck, sobre quem já lhe falei. O mestre de armas de meu pai e um dos espadachins que me instruíram. Trata-se de um velho amigo, a quem se pode confiar qualquer empreendimento.

— Eu ouvi — respondeu Stilgar. — Você é o seu Duque.

Paul olhou para o rosto escuro acima dele, cogitando que razões teriam levado Stilgar a dizer apenas isso. "Seu Duque." Houvera uma entonação sutil e estranha na voz dele, como se desejasse dizer alguma outra coisa. E isso não era comum em Stilgar, que como líder dos Fremen era um homem que dizia o que pensava.

"Meu Duque!", pensou Gurney. Olhou novamente para Paul. "Sim, com Leto morto, o título cai sobre os ombros de Paul."

O padrão da guerra dos Fremen em Arrakis começava a tomar um novo aspecto na mente de Gurney. "Meu Duque!" Um lugar que estivera morto, dentro dele, começou a voltar à vida. Apenas uma parte de sua consciência concentrava-se em Paul, ordenando que a tripulação de contrabandistas fosse desarmada para os interrogatórios.

Mas a mente de Gurney retornou para essa ordem, ao ouvir alguns de seus homens protestarem. Sacudiu a cabeça e virou-se.

— Homens, vocês estão surdos? Este é, por direito, o Duque de Arrakis. Façam como ele ordena.

Resmungando, os contrabandistas se submeteram.

Paul moveu-se para ficar ao lado de Gurney, e falou em voz baixa:

— Eu não esperava que caísse nesta armadilha, Gurney.

— Estou devidamente punido — disse ele. — Aposto como seu trecho de especiaria não tem mais do que um grão de espessura. Uma isca para nos atrair.

— Esta é uma aposta que você ganhou — disse Paul. Olhou para os homens sendo desarmados. — Existe mais algum homem de meu pai entre a sua equipe, Gurney?

— Nenhum. Nós nos dispersamos. Existem alguns entre os comerciantes livres. A maioria gastou seus lucros deixando este lugar.

— Mas você ficou.

— Eu fiquei.

— Por que Rabban está aqui?

— Achei que não tinha mais nada, a não ser a vingança.

Um estranho grito interrompido soou no topo do penhasco. Gurney olhou, vendo um Fremen acenar com o lenço.

— Um produtor se aproxima — disse Paul. Andou até um ponto na rocha, com Gurney a segui-lo, e olhou para o sudoeste.

O sulco e o monte de um verme podiam ser vistos a meia distância, uma trilha coroada de poeira que cortava, diretamente através das dunas, num curso retilíneo para o penhasco.

— É grande o suficiente — comentou Paul.

Um som de metal batendo elevou-se do trator-fábrica abaixo deles. O veículo voltou-se sobre suas esteiras, como um gigantesco inseto, e partiu pesadamente em direção às rochas.

— É uma pena que não tenhamos podido salvar o transporta-tudo — lamentou Paul.

Gurney olhou para ele, depois para a fumaça e os destroços sobre o deserto, onde os ornitópteros e o transporta-tudo haviam sido derrubados pelos foguetes dos Fremen. Sentiu uma dor súbita pelos homens perdidos ali, seus homens, e disse:

— Seu pai teria se preocupado mais com os homens que poderia ter salvo.

Paul olhou-o rapidamente e abaixou o olhar. Depois disse:

— Eles eram seus amigos, Gurney, eu compreendo. Para nós, entretanto, eles eram intrusos que poderiam ver coisas que não deveriam ver. Deve compreender isso.

— Eu entendo muito bem. E agora estou curioso para ver o que não devia.

Paul olhou para o velho e bem lembrado sorriso cruel no rosto de Halleck, o estremecer da cicatriz de inkvine ao longo do queixo do homem.

Gurney apontou para o deserto abaixo. Os Fremen continuavam realizando suas tarefas naquele panorama, e ocorreu-lhe que nenhum deles parecia preocupado com a aproximação do verme.

Uma batida soou das dunas, adiante do trecho com a isca de especiaria. Um tamborilar profundo, que parecia ressoar embaixo de seus pés. Gurney viu

os Fremen se posicionarem na areia, ao longo da trilha do verme. E o verme surgiu como um grande peixe da areia, criando uma onda na superfície, seus anéis ondulando e torcendo. Num instante, de seu ponto de vantagem acima do deserto, Gurney viu a tomada do verme: o salto atrevido do primeiro homem com os ganchos, a virada da criatura, o modo como um bando de homens escalou a curva escamosa e brilhante do dorso do verme.

— Eis uma das coisas que não devia ver — disse Paul.

— Tem havido histórias e rumores — comentou Gurney —, mas não é uma coisa fácil de acreditar, sem vê-la. — Sacudiu a cabeça. — A criatura que todos os homens temem em Arrakis, vocês o tratam como animal de montaria.

— Você ouviu meu pai falar em poder do deserto. Aí está. A superfície deste planeta é nossa. Nenhuma condição, tempestade ou criatura pode nos deter.

"Nós", pensou Gurney. "Ele fala dos Fremen. Ele fala de si mesmo como um deles." Novamente olhou para o azul da especiaria nos olhos de Paul. Seus próprios olhos, bem o sabia, tinham um tom dessa cor, mas contrabandistas podem conseguir alimentos de fora desse mundo, e restava um matiz casto e sutil na cor dos olhos deles. Eles falavam na "pincelada de especiaria", significando que um homem se tornara nativo. E havia sempre uma insinuação de desconfiança nessa idéia.

— Houve épocas em que nós não cavalgávamos um produtor à luz do dia, nessas latitudes — explicou Paul. — Mas Rabban ficou com muito pouco apoio aéreo para desperdiçá-la olhando alguns pontos na areia. — Olhou para Gurney: — Suas aeronaves aqui foram um choque para nós.

"Para nós... para nós..."

Gurney sacudiu a cabeça para afastar tais pensamentos.

— Nós não fomos, para vocês, o choque que vocês foram para nós respondeu.

— Que se diz a respeito de Rabban, nas pias e nas vilas?

— Dizem que eles fortificaram os povoados nos desfiladeiros graben de tal forma que vocês não podem ameaçá-los. Eles dizem que só precisam sentar-se dentro de suas defesas, enquanto vocês se esgotam num ataque inútil.

— Em resumo: eles estão imobilizados.

— Enquanto vocês podem ir para onde desejam — concordou Halleck.

— É uma tática que aprendi com você. Eles perderam a iniciativa, o que significa que perderam a guerra.

Gurney sorriu, com uma expressão de entendimento.

— Nosso inimigo se encontra exatamente onde queríamos — disse Paul, e olhou para Gurney. — Bem, Gurney, você se alista comigo para terminar esta campanha?

— Alistar? Meu senhor, eu nunca dei baixa do seu serviço. É o único que me restou... pensar que estava morto. E eu abandonado, fazendo o que podia, esperando o momento em que poderia dar minha vida pelo que ela vale... a morte de Rabban.

Um silêncio embaraçoso estabeleceu-se sobre Paul.

Uma mulher subiu as rochas ao encontro deles, seus olhos visíveis entre o capuz do traje e a máscara, olhando alternadamente para Paul e seu companheiro. Parou diante dele, e Gurney notou o modo como ela ficava junto de Paul, seu ar possessivo.

— Chani — disse Paul —, este é Gurney Halleck. Já me ouviu falar nele.

Ela olhou para Halleck, depois de volta para Paul.

— Eu ouvi.

— Aonde foram os homens com o produtor? — indagou Paul.

— Eles o estão apenas desviando, para dar-nos tempo de salvar o equipamento.

— Ótimo, então... — Paul interrompeu o que ia dizer, cheirou o ar.

— Há um vento se aproximando — disse Chani.

Uma voz gritou no topo da montanha:

— Ho! Lá... o vento!

Gurney viu a movimentação dos Fremen acelerar-se agora... Um correr para lá e para cá, um sentimento de pressa. Uma coisa que o verme não provocara, acontecia agora pelo temor ao vento.

O trator-fábrica subiu, vagarosamente, pela praia seca abaixo, e uma entrada se abriu diante dele nas rochas... rochas que se fecharam em seguida, tão habilmente que a passagem desapareceu ante seus olhos.

— Vocês têm muitos esconderijos como este? — Gurney perguntou a Paul.

— Frequentemente muitos — respondeu. Olhou para Chani. — Encontre Korba. Diga-lhe que Gurney me avisou que há homens entre os contrabandistas em quem não podemos confiar.

Chani olhou mais uma vez para Gurney, depois para Paul, acenou afirmativamente e partiu sobre as rochas, saltando com a agilidade de uma gazela.

— Ela é sua mulher? — perguntou Gurney.

— A mãe de meu primeiro filho. Existe outro Leto entre os Atreides.

Gurney aceitou o fato com um arregalar dos olhos.

Paul observou a ação ao redor, com um olho crítico. Uma cor escura e barrenta dominava o céu ao sul, e as primeiras rajadas intermitentes começavam a lançar areia em torno de suas cabeças.

— Sele seu traje — disse, colocando a máscara e o capuz sobre a cabeça.

Gurney obedeceu, grato pelos filtros.

Paul perguntou, a voz abafada pela máscara:

— Quais os homens de sua equipe em quem não confia, Gurney?

— Há alguns recrutas novos. Gente de fora do planeta... — ele hesitou, pensando, subitamente, como o termo “gente de fora” viera tão facilmente à sua boca.

— Sim? — indagou Paul.

— Eles não são o tipo habitual de caçadores de fortuna que costumamos receber. Estes são duros.

— Espiões Harkonnen?

— Creio, meu senhor, que eles não fazem relatórios aos Harkonnen. Suspeito que sejam homens do serviço imperial. Há um toque de Salusa Secundus neles.

Paul olhou rapidamente para ele.

— Sardaukar?

Gurney encolheu os ombros.

— Podem ser, mas estão bem disfarçados.

Paul acenou, pensando na facilidade com que Gurney retornara aos modos de um servidor dos Atreides... mas com sutis reservas... diferenças. Arrakis o modificara também.

Dois Fremen encapuzados surgiram atrás de uma fenda de rocha, abaixo, e começaram a subir. Um deles carregava um grande embrulho negro sobre um dos ombros.

— Onde está minha equipe, agora? — indagou Gurney.

— Em segurança, nas rochas abaixo de nós. Temos uma caverna aqui — a Caverna dos Pássaros. Depois da tempestade decidiremos o que fazer com eles.

Uma voz chamou do alto:

— Muad’Dib!

Paul olhou para cima, viu um guarda Fremen indicando-lhes que entrassem na caverna. Paul assinalou que tinha ouvido.

Gurney o observava com uma nova expressão:

— Você é o Muad’Dib? Você é o “redemoinho de areia”?

— É o meu nome Fremen — respondeu Paul.

Gurney afastou-se, sentindo um pressentimento opressivo. Metade de sua equipe morta na areia, os outros prisioneiros. Ele não se importava com os novos recrutas, os tipos suspeitos, mas entre os outros havia bons homens, amigos, pessoas pelas quais se sentia responsável. “Depois da tempestade, decidiremos o que fazer com eles.” Fora isto que Paul dissera, o que o Muad’Dib dissera. E

Gurney lembrou-se das histórias contadas a respeito do Muad'Dib, do Lisan al-Gaib: como ele arrancara a pele de um oficial Harkonnen para fazer couro de tambor; como ele andava cercado pelos comandos da morte, os Fedaykin, que se lançavam à batalha com o canto da morte nos lábios.

"Ele."

Galgando as rochas, os dois Fremen saltaram para uma saliência diante de Paul. O de rosto escuro disse:

— Tudo seguro, Muad'Dib. É melhor descermos agora.

— Certo.

Gurney notou o tom de voz do homem: meio ordem, meio pedido. Tratava-se do homem chamado Stilgar, outro personagem nas novas lendas dos Fremen.

Paul olhou para o embrulho que o outro homem carregava e perguntou:

— Korba, o que há nesse embrulho?

Stilgar respondeu:

— Estava no trator. Tinha a inicial de seu amigo aqui, e contém um baliset. Muitas vezes eu o ouvi falar do talento de Gurney Halleck com um baliset.

Gurney observou o homem, vendo a borda da barba negra acima da máscara do traje-destilador, o olhar de rapina, o nariz cinzelado.

— Tem um companheiro que pensa, meu senhor. Obrigado, Stilgar.

Stilgar fez sinal para que seu companheiro passasse o embrulho para Gurney, e disse:

— Agradeça ao seu senhor Duque. Sua tolerância é o que permite que seja aceito aqui.

Gurney aceitou o embrulho, intrigado pelo tom áspero da conversação. Havia um ar de desafio no homem, e Gurney considerou se haveria um sentimento de ciúme no Fremen. Aqui estava alguém chamado Gurney Halleck, que conhecera Paul mesmo nos tempos anteriores a Arrakis, um homem que compartilhava uma camaradagem que Stilgar nunca poderia invadir.

— Vocês dois precisam ser amigos — disse Paul.

— Stilgar, o Fremen, é um nome de fama. Qualquer matador de Harkonnen me honrará se for meu amigo.

— Você dará a mão para meu amigo Gurney Halleck, Stilgar? — indagou Paul.

Lentamente, Stilgar estendeu a mão, segurando os grossos calos da mão de Gurney.

— Existem poucos que ainda não ouviram o nome de Gurney Halleck — disse, e soltou a mão. Voltou-se para Paul. — A tempestade se aproxima.

— Agora mesmo — respondeu Paul.

Stilgar voltou-se, liderando o caminho através das rochas; era uma trilha serpenteante, até uma fenda abrigada que os introduziu na entrada baixa da caverna. Alguns homens correram para fixar um selo de porta atrás deles. Globos luminosos revelavam um amplo espaço sob um teto abobadado, com uma saliência de rocha elevando-se de um dos lados, e uma passagem partindo dela.

Paul saltou para a saliência, com Gurney logo atrás, e entrou na passagem; os outros tornaram outro caminho, oposto à entrada.

Guiou Gurney através de uma ante-sala, e daí para dentro de uma câmara com cortinas escuras, cor de vinho, pendendo sobre as paredes.

— Podemos desfrutar uma certa privacidade aqui, por algum tempo. Os outros irão respeitar minha...

Um sino de alarme soou na câmara externa, sendo seguido por gritos e ruído de armas se chocando. Paul girou nos calcanhares, correndo para atravessar a ante-sala e alcançar a saliência do átrio, acima da câmara externa. Gurney veio logo atrás, de arma na mão.

Abaixo deles, no piso da caverna, agitava-se uma confusão de figuras em luta. Paul ficou parado um instante, avaliando a situação, separando os mantos e bourkas dos Fremen das roupas daqueles que os enfrentavam. Os sentidos que sua mãe havia treinado para perceber os indícios mais sutis captaram um fato significativo: os Fremen lutavam contra homens que usavam roupas de contrabandistas, mas estes encontravam-se agachados em trios, recuando em triângulos quando pressionados. Um modo de luta corpo-a-corpo que constituía uma marca dos Sardaukar imperiais.

Um Fedaykin, no meio da turba, viu Paul; imediatamente, seu grito de guerra elevou-se para ecoar dentro da câmara:

— Muad'Dib! Muad'Dib! Muad'Dib!

Outro olhar também percebera Paul, e uma faca negra foi lançada contra ele. Paul esquivou-se, ouvindo a faca tilintar de encontro à pedra atrás de si. Olhou, para se certificar de que Gurney a recuperara.

Os grupos triangulares estavam, agora, sendo pressionados para recuar. Gurney ergueu a faca diante dos olhos de Paul, apontando para a cabeça do leão dourado, com olhos multifacetados no cabo, a serpentina amarela da cor imperial. Sardaukar, com certeza.

Paul saltou de cima da projeção rochosa. Apenas três Sardaukar permaneciam. Montes sangrentos e esfarrapados de corpos Fremen e Sardaukar espalhavam-se por todo o piso da câmara.

— Parem! — gritou Paul. — O Duque Paul Atreides ordena que parem!

Os lutadores hesitaram.

— Vocês, Sardaukar! — gritou ele para o grupo remanescente.

— Por ordem de quem vocês ameaçam um Duque governante? — E, rapidamente, enquanto seus homens começavam a cercar os Sardaukar, acrescentou: — Parem! Eu ordeno!

Um membro do trio encurralado se levantou.

— Quem diz que nós somos Sardaukar? — protestou ele.

Paul apanhou a faca das mãos de Gurney, e ergueu-a para que todos vissem.

— Isto diz que vocês são Sardaukar!

— Então quem diz que é um Duque governante?

Paul acenou para os Fedaykin:

— Estes homens dizem que eu sou um Duque no governo. Seu próprio imperador entregou Arrakis para a casa dos Atreides. Eu sou a Casa dos Atreides.

Os Sardaukar ficaram em silêncio, remexendo-se.

Paul observou o homem: alto, feições comuns, com uma pálida cicatriz estendendo-se por metade da maçã esquerda do rosto. Confusão e ódio revelavam-se em seus modos, mas ainda assim permanecia um orgulho característico, sem o qual um Sardaukar pareceria despido, e com o qual ele pareceria bem trajado, ainda que totalmente nu.

Paul olhou para um dos tenentes dos Fedaykin e perguntou:

— Korba, por que eles ainda tinham armas?

— Eles guardaram facas em bolsos ocultos, dentro de seus trajes-destiladores.

Paul observou os mortos e os feridos dentro da caverna, depois voltou sua atenção para o tenente. Não havia necessidade de palavras, e o tenente abaixou a cabeça.

— Onde está Chani? — indagou ele, aguardando com a respiração suspensa pela resposta.

— Stilgar retirou-a por uma passagem lateral. — Korba olhou para a entrada na rocha, e depois para os mortos e feridos. Eu me considero responsável por esse erro, Muad'Dib.

— Quantos desses Sardaukar havia aqui, Gurney?

— Dez.

Paul atravessou o piso da câmara, até ficar a uma distância de golpe do porta-voz dos Sardaukar.

Os Fedaykin ficaram tensos. Não aprovavam que ele se expusesse assim ao perigo. Isso era algo que se comprometiam a evitar, porque os Fremen

desejavam preservar a sabedoria do Muad'Dib.

Sem se voltar, Paul disse para o tenente:

— Quantas foram nossas baixas?

— Quatro feridos e dois mortos, Muad'Dib.

Percebeu um movimento além dos Sardaukar. Chani e Stilgar apareciam agora na outra passagem. Voltou sua atenção para o Sardaukar, olhando para o branco estrangeiro dos olhos do porta-voz.

— Você! Como é o seu nome? — intimou ele.

O homem enrijeceu-se, olhou para a direita e para a esquerda.

— Não tente! É óbvio, para mim, que vocês têm ordem de buscar e destruir o Muad'Dib. Garanto que foram vocês que sugeriram buscar especiaria no deserto profundo.

Uma exclamação de espanto, partindo de Gurney, lá atrás, trouxe um leve sorriso aos lábios de Paul.

O rosto do Sardaukar ficou vermelho.

— O que vê à sua frente é mais do que o Muad'Dib. Sete de vocês estão mortos, contra dois de nós. Três para um. Muito bom, contra Sardaukar, hein?

O homem ergueu-se na ponta dos pés; abaixou-se, quando os Fedaykin ameaçaram avançar.

— Eu lhe perguntei o seu nome — disse Paul, e recorreu às sutilezas da voz. — Diga-me o seu nome!

— Capitão Aramsham, Sardaukar Imperial! — respondeu o homem. Seu queixo caiu em seguida, e ele olhou para Paul em completa perplexidade. Sua atitude, indicando considerar essa caverna um refúgio de bárbaros, desaparecera.

— Bem, capitão Aramsham, os Harkonnen pagariam regiamente para saber o que o senhor agora sabe. E o Imperador, o que ele não daria para descobrir que um Atreides ainda vive, apesar de sua traição?

O capitão olhou novamente para os lados, fitando os dois homens que ainda lhe restavam. Paul quase podia ver os pensamentos percorrendo a cabeça do homem: "Os Sardaukar não se submetem, mas o imperador precisava saber dessa ameaça."

Ainda usando a Voz, Paul ordenou:

— Renda-se, capitão.

O homem à esquerda do capitão saltou, sem aviso, em direção a Paul, recebendo no peito o impacto da faca de seu próprio superior. Caiu sobre uma pilha úmida, com a faca ainda no corpo.

O capitão voltou-se para o único companheiro que lhe restava.

— Eu decido o que serve melhor a Sua Majestade. Entendido?

O outro Sardaukar relaxou o corpo.

— Jogue sua arma no chão! — ordenou o capitão.

O Sardaukar obedeceu. O capitão voltou sua atenção para Paul.

— Eu matei um amigo por sua causa. Vamos nos lembrar disso sempre.

— Vocês são meus prisioneiros — respondeu Paul. — Vocês se submetem a mim; se vivem ou não, isso não importa. — Fez sinal à sua guarda para que levasse os dois Sardaukar, depois chamou o tenente que examinara os prisioneiros.

A guarda movimentou-se empurrando os Sardaukar para longe. Paul inclinou-se para seu tenente.

— Muad'Dib — disse o homem. — Eu falhei ante...

— A falha foi minha, Korba; eu devia tê-los advertido quanto ao que buscar. No futuro, quando revistar Sardaukar, lembre-se disso. Lembre-se também de que cada um leva uma ou duas unhas falsas, nos dedos dos pés. Unhas que podem ser combinadas com outros objetos ocultos em seus corpos, para produzir um transmissor eficiente. Eles têm mais de um dente falso. E carregam fios de shigawire nos cabelos, tão finos que é quase impossível percebê-los; e, no entanto, são suficientemente resistentes para estrangular um homem cortando-lhe o pescoço. Com Sardaukar é preciso esquadrinhá-los — com raios duros e refletidos — e depilar todo o seu corpo. E, quando houver terminado, certifique-se de ter encontrado tudo.

Olhou para Gurney, que se aproximara para ouvir.

— Então é melhor matá-los — sugeriu o tenente.

Paul sacudiu a cabeça, ainda olhando para Gurney.

— Não, eu quero que eles escapem.

Gurney olhou-o perplexo:

— Senhor!

— Sim?

— O homem aqui está certo. Mate estes prisioneiros de uma vez. Destrua toda a evidência a respeito deles. Acabou de envergonhar Sardaukar imperiais. Quando o Imperador souber, não vai descansar até assá-lo em fogo lento.

— Não é provável que o Imperador tenha tal poder sobre mim — respondeu Paul, falando de modo pausado e frio. Alguma coisa acontecera em seu interior enquanto enfrentava os Sardaukar. Uma soma de decisões que se acumulavam em sua consciência.

— Gurney, existem muitos homens da Corporação junto de Rabban?

Gurney empertigou-se, semicerrando os olhos.

— Sua pergunta não faz...

— Existem? — Paul repetiu a pergunta em voz alta.

— Arrakis está fervilhando de agentes da Corporação. Eles andam

comprando especiaria como se fosse a coisa mais preciosa no universo. Por que outro motivo acha que nos arriscaríamos a penetrar tão profundamente no...

— É a coisa mais preciosa do Universo, para eles.

Olhou para Chani e Stilgar, que atravessavam a câmara agora, vindo em sua direção. — E nós a controlamos, Gurney.

— Os Harkonnen a controlam! — protestou Gurney.

— As pessoas que podem destruir uma coisa são as que verdadeiramente a controlam — disse Paul, acenando com a mão para evitar outros comentários de Gurney. Depois, fez sinal para Stilgar, que parara em sua frente com Chani ao lado.

Pegou a faca do Sardaukar com a mão esquerda e a entregou a Stilgar.

— Você vive para o bem da tribo. Poderia tirar a minha vida com essa faca?

— Pelo bem da tribo — resmungou Stilgar.

— Então use essa faca.

— Está me desafiando?

— Se o fizer, deverei colocar-me desarmado na sua frente, e deixar que me mate.

Stilgar surpreendeu-se. Chani exclamou:

— Usul! — olhando para Gurney e, depois, de volta para Paul.

Enquanto Stilgar ainda pesava suas palavras, Paul disse:

— Você é Stilgar, um lutador. Quando os Sardaukar começaram a lutar aqui, você não estava na frente da luta. Seu primeiro pensamento foi proteger Chani.

— Ela é minha sobrinha — protestou Stilgar. — Se houvesse alguma dúvida quanto à capacidade dos seus Fedaykin em lidar com aquela escória...

— Por que pensou primeiro em Chani?

— Eu não pensei.

— Oh?

— Pensei primeiro em você — admitiu Stilgar.

— Acha que pode erguer sua mão contra mim? — indagou Paul.

Stilgar começou a tremer.

— É o costume — murmurou.

— É o costume matar estrangeiros encontrados no deserto, para tomar sua água como dádiva do Shai-hulud. E, no entanto, você permitiu que dois desses estrangeiros vivessem uma noite, eu e minha mãe.

Enquanto Stilgar permanecia trêmulo, a fitá-lo, Paul acrescentou:

— Os costumes se modificam, Stilgar. Você mesmo já os modificou.

Stilgar olhou para o emblema amarelo na faca em sua mão.

— Quando eu for um Duque em Arrakeen, com Chani ao meu lado, você acha que vou ter tempo para me preocupar com todos os detalhes a respeito do governo do sietch Tabr? Você se preocupa com os problemas internos de cada família?

Stilgar continuava a olhar para a faca.

— Acha que desejo cortar meu braço direito? — indagou Paul.

Stilgar olhou para ele, erguendo a cabeça, lentamente.

— Você! — exigiu Paul. — Acredita que desejo privar a tribo, e a mim mesmo, de sua sabedoria e de sua força?

Em voz baixa, Stilgar finalmente disse:

— O jovem de minha tribo cujo nome eu conheço, esse jovem eu poderia matar no campo do desafio, se Shai-hulud assim o desejasse. Mas ao Lisan al-Gaib que está nele, eu não posso ferir. Sabia disso quando me deu esta faca.

— Eu sabia — concordou Paul.

Stilgar abriu a mão. A faca tilintou no piso de rocha.

— Os costumes mudam — concordou ele.

— Chani — disse Paul —, vá até minha mãe. Peça-lhe que venha até aqui, para que seu conselho seja disponível quando...

— Mas você disse que nós iríamos para o Sul! — protestou ela.

— Eu estava errado. Os Harkonnen não estão lá. A guerra não é lá.

Chani suspirou, aceitando isso como uma mulher do deserto aceitava todas as necessidades no meio de uma vida entremeada com a morte.

— Você transmitirá a mensagem somente para minha mãe, sem que ninguém mais a ouça. Diga-lhe que Stilgar me reconhece como o Duque de Arrakis, mas que devemos encontrar uma forma de fazer com que os jovens aceitem isso sem combate.

Chani olhou para Stilgar.

— Faça como ele diz — resmungou Stilgar. — Ambos sabemos que ele poderia me Vencer... eu não poderia erguer minha mão contra ele... pelo bem da tribo.

— Deverei retornar com sua mãe? — indagou Chani.

— Apenas mande que ela venha. Os instintos de Stilgar estavam certos. Eu sou mais forte quando você está em segurança. Permanecerá no sietch.

Ela começou a protestar, mas interrompeu-se.

— Sihaya — chamou Paul, usando seu nome íntimo. Ela girou para a direita, encontrando o olhar de Gurney.

A conversa entre Paul e o velho Fremen passara como uma nuvem ao redor de Gurney, desde que Paul se referira a sua mãe.

— Sua mãe? — indagou ele.

— Idaho nos salvou na noite do ataque — disse Paul, distraído pela partida de Chani. — Agora mesmo nós...

— O que aconteceu a Duncan Idaho, meu senhor?

— Ele morreu, conseguindo um pouco de tempo para que pudéssemos escapar.

“A bruxa está viva!”, pensou Gurney. “Aquela contra quem eu jurei vingança está viva! E é óbvio que o Duque Paul não sabe que tipo de criatura o trouxe ao mundo. A maldita! Atraiçoou seu pai com os Harkonnen!”

Paul passou por ele subindo para a projeção de rocha. Olhou para trás, notando que os mortos e os feridos estavam sendo removidos, e pensou, amargamente, que ali se tecera outro capítulo da lenda do Paul Muad’Dib. “Eu nem sequer desembainhei minha faca, mas será dito que neste dia matei vinte Sardaukar com minhas próprias mãos.”

Gurney acompanhou Stilgar, caminhando sobre o solo que nem mesmo sentia. A caverna, com sua iluminação amarela dos globos luminosos, fora expulsa de seus pensamentos pelo ódio. “A bruxa está viva, enquanto aqueles a quem ela atraiçoou estão reduzidos a ossos em tumbas solitárias. Devo agir para que Paul saiba a verdade a respeito dela, antes que eu a mate.”

44

Quão frequentemente um homem furioso se nega a ouvir o que sua consciência lhe diz.!

— de Citações Reunidas do Muad'Dib,
escrito pela Princesa Irulan

A multidão, na câmara de assembléia da caverna, irradiava aquele sentimento de conspiração que Jessica sentira no dia em que Paul matara Jamis. Havia um murmurar nervoso nas vozes.

Pequenos grupos se juntavam como nós no mar de mantos.

Jessica colocou o cilindro com a mensagem embaixo do manto, enquanto emergia da saliência rochosa que levava aos aposentos particulares de Paul. Sentia-se repousada após a longa viagem desde o Sul, mas ainda se ressentia de que Paul não houvesse permitido que usassem os ornitópteros capturados.

— Nós ainda não temos o controle completo do ar — dissera.

— E não podemos nos tornar dependentes de combustível estrangeiro. Ambos, o combustível e as aeronaves, devem ser poupados para o dia do esforço máximo.

Paul encontrava-se agora junto com um grupo de jovens, próximo à saliência. A pálida luz dos globos luminosos emprestava à cena uma tintura de irrealidade. Era como uma representação, um quadro vivo, acrescido pela dimensão do cheiro dos alojamentos, os sussurros e os sons dos pés se arrastando.

Observou o filho, perguntando-se por que ele ainda não apresentara sua surpresa: Gurney Halleck. O pensamento em Gurney perturbava-a com recordações de um passado mais tranquilo, dias de amor e beleza com o pai de Paul.

Stilgar aguardava com um pequeno grupo dos seus homens na outra extremidade da plataforma natural. Havia uma aparência de dignidade resignada nele, no modo como esperava sem falar.

"Não podemos perder este homem", pensou Jessica. "O plano de Paul precisa funcionar. Qualquer outra coisa seria uma grande tragédia." Desceu da plataforma, passando por Stilgar sem fitá-lo, e chegou junto da multidão. Um

caminho foi aberto para ela, enquanto se dirigia para Paul. O silêncio seguiu-a.

Sabia o significado daquele silêncio: as perguntas não formuladas do povo, a admiração pela Reverenda Madre.

Os jovens afastaram-se de Paul quando se aproximou, e Jessica sentiu-se assombrada, momentaneamente, pela nova deferência que lhe demonstravam. “Todos os homens abaixo de sua posição cobiçam sua situação”, dizia um ditado Bene Gesserit. Mas ela não encontrava inveja ou cobiça nesses rostos. Eles eram mantidos a distância pela fermentação religiosa ao redor da liderança de Paul.

E ela se lembrou de outro ditado Bene Gesserit que dizia: “Os profetas têm o hábito de morrer pela violência.”

Paul olhou para ela.

— Está na hora — disse Jessica, passando-lhe o cilindro com a mensagem.

Um dos companheiros de Paul, mais ousado que os outros, olhou para Stilgar, dizendo:

— Vai desafiá-lo, Muad’Dib? Agora é o momento, com certeza. Eles pensarão que é um covarde se não...

— Quem se atreve a me chamar de covarde? — gritou Paul, levando a mão ao cabo da faca cristalina.

O silêncio caiu sobre o grupo, propagando-se pela multidão.

— Há trabalho a fazer — disse Paul, enquanto o homem recuava. Voltou-se, abrindo caminho com os ombros através da multidão, até chegar à saliência rochosa, subiu nela e enfrentou o povo.

— Faça-o! — gritou alguém.

Murmúrios e sussurros elevaram-se atrás do grito.

Paul esperou que fizessem silêncio. Ele veio lentamente, em meio a tosses e ruídos de gente se remexendo. Quando estava completamente quieto dentro da caverna, Paul ergueu o queixo, falando em uma voz que chegava até às extremidades mais distantes.

— Vocês estão cansados de esperar — disse.

Novamente aguardou até que os gritos de resposta cessassem completamente.

— De fato, eles estão cansados de esperar. — Ergueu o cilindro com a mensagem pensando no que continha. Sua mãe lhe mostrara, explicando como fora retirado de um correio dos Harkonnen.

E a mensagem era explícita: Rabban estava sendo abandonado à sua própria sorte aqui em Arrakis. Não podia pedir ajuda ou reforços.

Novamente Paul ergueu a voz:

— Vocês acham que é hora para que eu desafie Stilgar e mude a liderança

das tropas! — Antes que pudessem responder, Paul lançou-lhes sua voz carregada de fúria:

— Vocês pensam que o Lisan al-Gaib é tão estúpido?

Houve um silêncio de perplexidade.

“Ele está aceitando o manto religioso”, pensou Jessica. “Ele não pode fazer isso!”

— É o costume! — gritou alguém.

Paul falou de um modo seco, sondando as correntes emocionais:

— Os costumes mudam!

Uma voz irritada elevou-se de um dos cantos da caverna.

— Nós decidiremos o que deve mudar!

Gritos dispersos de concordância soaram através da multidão.

— Como quiserem — disse.

E Jessica ouviu as entonações sutis que ele estava usando: os poderes da Voz que ela lhe ensinara.

— Como quiserem — concordou ele. — Mas primeiro vão ouvir o que tenho a dizer.

Stilgar moveu-se ao longo da saliência, seu rosto barbado impassível.

— Este é o costume também — disse. — A voz de qualquer Fremen pode ser ouvida em conselho. Paul Muad’Dib é um Fremen.

— O bem da tribo é a coisa mais importante, não? — indagou Paul.

Ainda com a voz carregada de dignidade, Stilgar respondeu:

— Assim nossos passos são guiados.

— Certo — concordou Paul. — Então, quem governa essa tropa de nossa tribo, e quem governa todas as tribos e tropas através dos instrutores de luta que treinamos no “modo sobrenatural”?

Esperou, olhando por sobre as cabeças da multidão. Não houve resposta. Daí a pouco, disse:

— Será que Stilgar governa tudo isso? Ele mesmo diz que não. Será que eu governo? Mesmo Stilgar obedece a minhas ordens, em certas ocasiões, e os sábios, mesmo os mais sábios, me ouvem e me honram em conselho.

Algumas pessoas se remexiam, mas o silêncio permanecia na multidão.

— Bem — continuou Paul. — Será que minha mãe governa? — Apontou para Jessica, em seu manto negro característico, de pé entre eles. — Stilgar e todos os outros líderes de tropa buscam seus conselhos antes de qualquer decisão importante. Vocês sabem disso. Mas será que uma Reverenda Madre caminha na areia, ou lidera uma razia contra os Harkonnen?

Rugas surgiam nas testas daqueles que Paul podia ver, mas ainda havia murmúrios de protesto.

“Este é o modo mais arriscado de fazê-lo”, pensou Jessica, mas lembrou-se da mensagem no cilindro, e de tudo que ela implicava, percebendo a intenção de Paul: ir direto até a origem das incertezas deles, livrar-se delas de modo que todos o seguissem.

— Nenhum homem reconhece liderança sem o desafio e o combate, não é mesmo?

— Esse é o costume! — gritou alguém.

— E qual é o nosso objetivo? Derrubar Rabban, a Besta, e reconstruir nosso mundo, transformando-o num lugar onde possamos criar nossas famílias em meio a abundância de água. Não é esse o nosso objetivo?

— Tarefas duras exigem costumes duros — gritou alguém.

— Você quebra sua faca antes da batalha? — indagou Paul. — Eu digo isso como um fato, não como um desafio ou uma ostentação; não existe um homem aqui, Stilgar incluído, que possa me vencer em combate individual. Stilgar admitiu isso, ele sabe, assim como vocês o sabem.

Novamente os murmúrios de fúria ergueram-se da multidão.

— Muitos de vocês já me observaram na prática de solo. Vocês sabem que não estou me gabando tolamente. Digo isso porque é um fato conhecido por todos, e seria tolice não percebê-la. Comecei a treinar nessa modalidade de luta muito mais cedo do que vocês, e meus instrutores eram mais duros do que qualquer um que já tenham visto. De que outro modo eu teria vencido Jamis em uma idade em que vocês, garotos ainda, estavam lutando apenas combates simulados?

“Ele está usando muito bem a Voz”, pensou Jessica. “Mas isso não é o bastante com esta gente. Eles possuem bom isolamento contra o controle vocal. Ele deve apanhá-los também com lógica.”

— Então — disse Paul —, nós chegamos a isso. — Mostrou o cilindro-mensagem, removendo sua tira de teipe. — Isso foi tirado de um correio Harkonnen. Sua autenticidade encontra-se acima de qualquer suspeita. É dirigido a Rabban. Diz que sua requisição de novas tropas foi negada, que sua colheita de especiaria encontra-se abaixo da quota, e que ele deve extrair mais especiaria de Arrakis com o pessoal de que dispõe.

Stilgar colocou-se ao lado de Paul.

— Quantos, entre vocês, percebem o que isso significa? indagou Paul. — Stilgar viu imediatamente.

— Eles estão isolados! — gritou alguém.

Paul colocou a mensagem e seu cilindro no cinturão. Do pescoço, ele tirou um fio de shigawire trançado, e dele removeu um anel, exibindo-o para a multidão.

— Este é o sinal ducal de meu pai. Eu jurei que nunca o usaria até que estivesse pronto para liderar minhas tropas através de Arrakis e reclamar meu feudo por direito! — Colocou o anel no dedo e fechou a mão num punho.

Completa imobilidade se produziu dentro da caverna.

— Quem governa aqui? — gritou Paul erguendo o punho. — Eu governo aqui! Governo cada polegada quadrada de Arrakis! Este é o meu feudo ducal, diga o Imperador sim ou não! Ele o deu a meu pai, e de meu pai ele vem a mim!

Ergueu-se na ponta dos pés, depois se apoiou novamente nos calcanhares. Observou a multidão, sentindo seu estado de espírito.

“Quase no ponto”, pensou.

— Existem homens aqui que receberão postos importantes em Arrakis, quando eu reclamar os direitos imperiais que são meus. Stilgar é um desses homens. Não porque eu deseje comprá-lo com isso! Nem por motivo de gratidão, embora eu seja um de muitos aqui que lhe devem a vida. Não! Mas porque ele é forte e sábio. Porque ele governa sua tropa com sua inteligência, e não apenas com as regras. Vocês me julgam estúpido? Acham que eu cortaria o meu braço direito para deixá-lo ensanguentado no fundo desta caverna, apenas para lhes proporcionar um circo?

Percorreu a multidão com o olhar. — Quem entre vocês diz que eu não sou o verdadeiro governante de Arrakis? Será que tenho de provar isso deixando cada tribo Fremen no erg sem seu líder?

Ao seu lado Stilgar se remexeu, olhando para ele com ar indagador.

— Devo diminuir nossa força, quando mais precisamos dela? Sou o seu governante, e digo a vocês que é hora de pararmos de matar os nossos melhores homens, e começar a matar nossos verdadeiros inimigos: os Harkonnen!

Num movimento rápido, Stilgar puxou de sua faca e a apontou sobre as cabeças da multidão.

— Longa vida ao Duque Paul Muad’Dib! — gritou.

Um rugido ensurdecedor encheu a caverna, ecoando sucessivamente. Eles estavam aplaudindo e cantando:

— Ya hya chouhada! Muad’Dib! Muad’Dib! Muad’Dib! Ya hya chouhada!

Jessica traduziu para si mesma: “Longa vida aos lutadores de Muad’Dib!” A cena que ela, Paul e Stilgar haviam planejado em segredo funcionara como esperado.

O tumulto cedeu lentamente.

Quando o silêncio retornou, Paul encarou Stilgar e disse:

— Ajoelhe-se, Stilgar.

Stilgar caiu de joelhos sobre a plataforma natural.

— Dê-me sua faca cristalina.

Stilgar obedeceu.

“Isto não é como planejamos”, pensou Jessica.

— Repita comigo, Stilgar — disse Paul, relembrando as palavras da consagração, como as ouvira sendo usadas por seu pai.

— Eu, Stilgar, tomo esta faca das mãos de meu Duque.

— Eu, Stilgar, tomo esta faca das mãos de meu Duque — repetiu Stilgar, aceitando a lâmina leitosa oferecida por Paul.

— E onde meu Duque ordenar eu colocarei esta lâmina — disse Paul.

Stilgar repetiu as palavras, falando de modo lento e solene.

Relembrando a fonte do ritual, Jessica piscou os olhos para conter as lágrimas, sacudiu a cabeça. “Conheço as razões para isto”, pensou ela. “Não devia me permitir tal emoção.”

— Dedico esta lâmina à causa de meu Duque e à morte de seus inimigos, pelo tempo que fluir o nosso sangue! — disse Paul. Stilgar repetiu. — Beije a lâmina — ordenou Paul. Stilgar obedeceu; e então, na maneira Fremen, beijou o braço de Paul, o braço que empunhava a faca. A um aceno de Paul, ele embainhou a arma e levantou-se.

Um murmúrio de admiração percorreu a turba e Jessica ouviu as palavras:

— A profecia! Uma Bene Gesserit mostrará o caminho, e uma Reverenda Madre o verá. — E de mais longe, na multidão:

— Ela nos mostra o caminho através de seu filho!

— Stilgar lidera esta tribo — disse Paul. Que nenhum homem duvide disso. Ele comanda com minha voz. O que ele disser a vocês será como se eu houvesse dito. “Sábio”, notou Jessica. “Um comandante tribal não deve perder sua dignidade diante daqueles que lhe obedecem.” Paul abaixou a voz e disse:

— Stilgar, quero que caminhantes da areia e cielagos sejam enviados, esta noite, para convocar uma Reunião do Conselho. Depois que os tiver enviado, traga Chatt, Korba e Otheym, e mais dois outros tenentes de sua própria escolha. Traga-os para os meus alojamentos, para o planejamento de batalha. Devemos possuir uma vitória, para mostrar ao Conselho dos Líderes quando eles chegarem! Acenou para que sua mãe o acompanhasse, e liderou o caminho para fora da saliência, através de multidão, em direção à passagem central e às câmaras que haviam sido preparadas como aposentos. Enquanto Paul avançava através da multidão, mãos se estendiam para tocá-lo. Vozes chamavam.

— Minha faca irá aonde Stilgar ordenar, Paul Muad’Dib! Deixe-nos lutar logo, Paul Muad’Dib! Permita que molhemos o mundo com o sangue dos Harkonnen!

Sentindo a emoção de toda essa gente, Jessica percebia a vontade de lutar

elevada ao extremo. Eles não poderiam se encontrar mais preparados. “Nós os levamos à crista da onda”, pensou ela. Na câmara interna, Paul fez sinal para que sua mãe se sentasse e disse:

— Espere aqui. — Depois abaixou-se saindo por entre as cortinas. Estava muito quieto, no interior do aposento, depois que Paul se fora; tão quieto, por trás das cortinas, que nem mesmo o fraco murmurar das bombas que circulavam o ar por dentro do sietch podia ser ouvido.

“Ele vai trazer Gurney Halleck aqui”, pensou ela. E admirou-se com a estranha mistura de emoções que isso lhe trazia. Gurney e sua música haviam sido parte de tantas ocasiões agradáveis em Caladan, antes da mudança para Arrakis! Sentia como se Caladan houvesse acontecido com alguma outra pessoa, parte de uma outra vida. De fato, nos quase três anos desde então, ela havia se tornado realmente outra pessoa. E tendo de enfrentar Gurney, era forçada a uma reavaliação das mudanças. O jogo de café de Paul, na adelgaçada liga de prata e jasmium, que ele herdara de Jamis, repousava em uma mesa baixa à sua direita. Ela olhou para aquilo, pensando em quantas mãos haviam tocado aquele metal. Chani servia Paul com esse jogo, há um mês.

“Que pode essa mulher do deserto fazer por um Duque, exceto servir-lhe café?”, perguntou a si mesma. “Ela não lhe traz nenhum poder, nenhuma família. Paul só tem uma chance: aliar-se com uma Grande Casa poderosa, talvez mesmo com a família imperial. Existem princesas com as quais ele pode casar, até mesmo uma que foi treinada Bene Gesserit.”

E Jessica se imaginou deixando os rigores de Arrakis em troca de uma vida de poder e segurança, uma vida que ela poderia conquistar, como mãe de um consorte imperial. Olhou para as grossas cortinas que obscureciam a rocha, nessa cela de caverna, pensando em como chegara até ali. Cavalgando em meio a um bando de vermes, os palanquins e as plataformas cheias de utensílios empilhados para a campanha que se avizinhava. “Enquanto Chani viver, Paul não verá seu dever. Ela lhe deu um filho, e para ele isso é o bastante.”

Uma súbita saudade de seu neto a acometeu, a criança cuja semelhança com o avô era tão evidente. Jessica colocou as palmas das mãos sobre o rosto, e começou a respiração ritual que acalmava as emoções e clareava a mente. Então, inclinou-se para a frente, a partir da cintura, no exercício religioso que preparava o corpo para as exigências da mente.

A escolha de Paul quanto à Caverna dos Pássaros como seu posto de comando não podia ser questionada, ela bem o sabia. O lugar era ideal. Para o norte, encontrava-se a Passagem dos Ventos, abertura para uma vila protegida, e uma pia cercada de penhascos. Era um povoado-chave, lar de artesãos e técnicos, um centro de manutenção para todo um setor defensivo dos

Harkonnen.

Uma tosse soou do lado de fora das cortinas. Jessica ergueu-se, respirou fundo, exalando o ar lentamente.

— Entre — disse.

Cortinas foram lançadas para os lados, e Gurney Halleck saltou para dentro da câmara. Jessica só teve tempo para um vislumbre do rosto com uma estranha careta, e ele já se encontrava atrás dela, erguendo-a com um braço musculoso por baixo de seu queixo.

— Gurney, seu tolo, o que está fazendo? — indagou ela.

Sentiu a ponta da faca tocando suas costas, um frio espalhando-se daquela ponta. Sabia, naquele instante, que Gurney tencionava matá-la.

“Por quê?” Não podia pensar em nenhuma razão para isso, já que ele não era do tipo que se tornava traidor. Mesmo assim, sentiu a certeza de sua intenção, e ao conhecê-la sua mente se agitou. Ali estava um homem que não seria dominado facilmente. Um assassino precavido contra a Voz, consciente de cada estratagema de combate, de cada truque de morte e violência. Ali estava um instrumento que ela própria ajudara a treinar, com indícios e sugestões sutis.

— Você pensou que havia escapado, hein, bruxa? rosnou Gurney.

Antes que ela pudesse pensar na pergunta, ou tentar respondê-la, as cortinas se abriram e Paul entrou.

— Aqui está ele, Mamãe... — Paul não terminou a frase, percebendo a tensão na cena.

— Vai ficar onde está, meu senhor — advertiu Gurney.

— O que... — Paul sacudiu a cabeça, atônito.

Jessica começou a falar, mas sentiu o braço apertar sua garganta.

— Vai falar somente quando eu permitir, bruxa. E quero somente uma coisa de você, para que seu filho ouça. Estou preparado para enterrar esta faca em seu coração num reflexo, ao primeiro sinal de uma ação contra mim. Sua voz deverá permanecer num único tom. Não vai mover ou retesar certos músculos. Agirá com extrema cautela, se quiser ganhar mais alguns segundos de vida. E isso, eu lhe asseguro, é tudo que tem.

Paul deu um passo à frente.

— Gurney, o que é isso, homem...

— Pare onde está! Mais um passo e ela está morta.

Paul levou a mão ao cabo de sua faca. Falou com uma calma mortífera.

— É melhor que se explique, Gurney.

— Eu fiz um juramento. Jurei que mataria o traidor de seu pai. Acha que eu me esqueceria do homem que me salvou de um fosso de escravos dos Harkonnen, deu-me liberdade, vida e honra... deu-me sua amizade, uma coisa

que valorizo acima de tudo? E eu tenho quem o traiu sob minha faca. Ninguém pode evitar que eu...

— Você não poderia estar mais enganado, Gurney — disse Paul.

E Jessica pensou: “Então é isso! Que ironia!”

— Estou errado? — perguntou Gurney. — Então vamos ouvir isso da própria mulher. Mas deixe que ela se lembre de que eu subornei, espionei e trapaceei para confirmar essa suspeita. Até mesmo empurrei semuta num capitão da guarda Harkonnen para conseguir parte da história.

Jessica sentiu o braço em sua garganta aliviar o aperto ligeiramente, mas antes que ela pudesse falar ouviu a voz de Paul:

— O traidor era Yueh. Eu lhe digo isso uma vez, Gurney. A evidência é completa e não pode ser negada. Era Yueh! Não me importa como você chegou a essa suspeita, pois ela não pode ser mais do que isso... mas se ferir minha mãe...

Paul ergueu a faca cristalina e exibiu a lâmina...

— Eu terei o seu sangue.

— Yueh era um médico condicionado, adequado para uma casa real — retrucou Gurney. — Ele não podia se tornar um traidor!

— Conheço um modo de remover o condicionamento.

— Provas — insistiu Gurney.

— As provas não se encontram aqui. Estão no sietch Tabr, bem longe, no Sul, mas se...

— Isso é um truque — gritou Gurney, seu braço apertando a garganta de Jessica.

— Não é truque, Gurney — disse Paul, e sua voz carregava uma nota de tristeza tão terrível que seu som partiu o coração de Jessica.

— Vi a mensagem capturada de um agente Harkonnen disse Gurney. — A nota indicava, diretamente, ...

— Eu a vi também — respondeu Paul — Meu pai mostrou-me, na noite em que explicou por que tinha de ser um truque dos Harkonnen destinado a fazê-lo suspeitar da mulher a quem amava.

— Ahh! — exclamou Gurney. — Você não...

— Fique quieto — ordenou Paul, e a calma monótona de sua voz carregava mais comando do que Jessica jamais ouvira em qualquer outra voz.

“Ele possui o Grande Controle”, pensou ela.

O braço de Gurney tremeu contra seu pescoço. A ponta da faca em suas costas moveu-se incerta.

— O que você não fez — disse Paul — foi ouvir minha mãe soluçando por seu Duque perdido durante a noite. Não viu seus olhos flamejarem, quando ela fala em matar Harkonnen.

“Então ele tem ouvido”, pensou Jessica. Lágrimas turvaram-lhe os olhos.

— O que você não fez — continuou Paul —, foi se lembrar das lições que aprendeu no fosso de escravos dos Harkonnen. Você fala de orgulho na amizade com meu pai! Não aprendeu a diferença entre Harkonnen e Atreides, de modo a poder cheirar um truque dos Harkonnen só pelo fedor que exala? Não aprendeu que a lealdade dos Atreides é comprada com amor, enquanto a moeda dos Harkonnen é o ódio? Não podia ver através da própria natureza dessa traição?

— Mas Yueh? — murmurou Gurney.

— A prova que temos é a própria mensagem de Yueh para nós, admitindo sua traição. Eu lhe asseguro isso pela amizade que tenho por você, uma amizade que ainda guardarei, mesmo depois de deixá-lo morto neste chão.

Ouvindo seu filho, Jessica maravilhava-se com a percepção dele, a visão penetrante de sua inteligência.

— Meu pai tinha um instinto para amigos. Ele transmitia o seu amor frugalmente, mas sem errar nunca. Sua fraqueza residia no mau entendimento do ódio. Ele achava que qualquer um que odiasse os Harkonnen não poderia traí-lo. — Paul olhou para sua mãe. Ela sabe disso. Eu mesmo dei a ela a mensagem de meu pai, dizendo que nunca duvidara da lealdade dela.

Jessica sentiu que perdia o controle de suas emoções e mordeu o lábio inferior. Vendo a rígida formalidade em Paul, ela percebia o que essas palavras estavam lhe custando. Queria correr para ele, segurar sua cabeça de encontro ao seu peito como nunca fizera. Mas o braço ao redor de sua garganta cessara de tremer, a ponta da faca em suas costas ainda pressionava firme e afiada.

— Um dos momentos mais terríveis na vida de um garoto disse Paul — é quando ele descobre que seu pai e sua mãe são seres humanos que compartilham um amor que ele nunca poderá receber inteiramente. É uma perda, um despertar para o fato de que o mundo é aqui e ali e nós estamos sozinhos nele. O momento carrega sua própria verdade, você não pode evitá-la. E eu ouvi meu pai, quando ele falou de minha mãe. Ela não é traidora, Gurney.

Jessica recuperou a voz e disse:

— Gurney, solte-me. — Não havia nenhum comando especial em sua voz, nenhum truque para atingir-lhe as fraquezas, mas a mão de Gurney cedeu. Ela caminhou para junto de Paul, ficando diante dele sem tocá-lo.

— Paul — disse —, existem outros tipos de revelação neste universo. Eu, de repente, vejo como usei você, como o modifiquei e manipulei para colocá-lo num caminho de minha escolha... um caminho que eu tinha de escolher, se isso é uma justificativa, por causa de meu próprio treinamento. — Ela engoliu em seco para se livrar de um aperto na garganta e continuou, olhando nos olhos de seu filho. — Paul, quero que você faça uma coisa por mim: escolha o seu próprio

caminho, busque sua felicidade. Case-se com sua mulher do deserto, se é isso que deseja. Desafie a tudo e a todos para obter isso. Mas escolha por si mesmo...

Ela parou de falar, ouvindo um murmúrio atrás de si.

"Gurney!"

Viu os olhos de Paul apontados para uma direção além dela, virou-se. Gurney continuava no mesmo ponto, mas tinha embainhado a faca e arrancado o manto de seu peito, para expor o cinza lustroso de um traje-destilador, do tipo que os contrabandistas compravam nos sietches.

— Ponha sua faca bem aqui no meu peito — murmurou Gurney. — Peço-lhe que me mate e acabe com isso. Eu sujei meu nome. Traí meu próprio Duque! O melhor...

— Fique quieto! — ordenou Paul.

Gurney olhou para ele, surpreso.

— Feche esse manto e pare de agir como tolo. Já tive tolices suficientes por um dia.

— Mate-me, eu lhe peço! — rugiu Gurney.

— Você me conhece melhor. Quantos tipos de idiota pensa que eu sou? Será que devo passar por isso com cada homem de quem preciso?

Gurney olhou para Jessica, falando num tom desolado e suplicante, tão pouco característico de sua natureza.

— Então faça-o, minha senhora, por favor... mate-me.

Jessica caminhou para junto dele, colocando a mão sobre seu ombro.

— Gurney, por que você insiste em que os Atreides devem matar aqueles a quem amam? — Delicadamente, ela retirou o tecido do manto de entre os dedos de Gurney e o fechou, prendendo-o sobre seu peito.

Gurney disse soluçando:

— Mas... eu...

— Você pensa que estava fazendo uma coisa por Leto — disse ela. — E por isso eu o respeito.

— Minha senhora — exclamou Gurney. A cabeça tombou para a frente, o queixo quase tocando-lhe o peito, os olhos apertados tentando deter as lágrimas.

— Vamos pensar nisso como um mal-entendido entre velhos amigos — disse ela, e Paul percebeu tons tranquilizadores em sua voz. — Está acabado, e nós podemos ser gratos porque nunca mais esse tipo de mal-entendido vai acontecer entre nós.

Gurney abriu os olhos brilhantes de umidade, olhando para ela.

— O Gurney Halleck que eu conhecia era um homem tão hábil com a lâmina quanto com o baliset. E era o homem do baliset que eu admirava mais. Será que esse Gurney Halleck não se lembra de como eu costumava ouvi-lo

satisfeita, durante horas, enquanto tocava para mim? Você ainda tem um baliset, Gurney?

— Eu tenho um novo — respondeu Gurney —, comprado de Chusuk, um ótimo instrumento. Toca como um genuíno Varota, embora não tenha a assinatura. Creio que foi feito por um aluno de Varota que... — Ele se interrompeu. — Que posso lhe dizer, minha senhora? Aqui estamos nós falando sobre...

— Não apenas falando, Gurney — disse Paul. E aproximou-se para se colocar ao lado de sua mãe, olhando nos olhos de Gurney.

— Não apenas falando, mas fazendo algo que traz a felicidade entre amigos. Eu receberia como uma gentileza se tocasse para nós agora. O planejamento da batalha pode aguardar um pouco. Nós não vamos entrar em luta até o dia de amanhã, em todo caso.

— Eu... eu vou apanhar meu baliset. Está no corredor.

Ele passou por eles e se foi através das cortinas. Paul colocou a mão no braço de sua mãe, e descobriu que ela estava tremendo.

— Está acabado, mãe — disse.

Sem virar a cabeça Jessica olhou para ele do canto dos olhos.

— Acabado?

— É claro. Gurney...

— Gurney? Oh... sim. — Ela abaixou o olhar.

As cortinas sussurraram quando Gurney retornou com seu baliset. Ele começou a afiná-lo, evitando encará-los. Os panos sobre as paredes abafavam os ecos, fazendo com que o instrumento soasse como algo pequeno e íntimo.

Paul levou sua mãe para uma das almofadas e sentou-se com ela de costas para as espessas cortinas das paredes. Subitamente percebeu como ela lhe parecia velha, com seu rosto começando a apresentar as rugas de linhas secas pelo deserto, o esticar da pele nos cantos de seus olhos velados de azul.

“Ela está cansada”, pensou. “Preciso encontrar um meio de aliviar sua carga.”

Gurney feriu uma corda.

Paul olhou para ele e disse:

— Há... algumas coisas que exigem a minha atenção. Espere por mim aqui.

Gurney acenou, sua mente parecendo muito distante, como se caminhasse nesse momento sob os céus amplos de Caladan, com a pluma das nuvens a prometer chuva lá do horizonte.

Paul forçou-se a voltar as costas para ele, e atravessou as pesadas cortinas saindo para a passagem lateral. Ouviu Gurney iniciar uma canção e parou por

um momento, para ouvir o som abafado da música:

“Pomares e vinhas,
E huris de seios generosos,
E um cálice transbordando diante de mim.
Por que ainda falo de batalhas
E montanhas que se reduziram a pó?
Por que sinto estas lágrimas?
Os céus estão abertos,
Espalhando suas riquezas;
Basta-me estender a mão para recolher seus bens.
Por que ainda penso em emboscadas
E venenos em cálices fundidos?
Por que sinto minhas lágrimas?
Os braços do amor me acenam
Com suas delicias despidas,
A prometerem um éden de êxtases.
Por que ainda me lembro das cicatrizes,
Sonhando com velhas agressões...
Por que ainda durmo com medo?”

Um correio Fedaykin apareceu num canto da passagem, adiante de Paul. O homem tinha o capuz do manto caído para trás, e os fechos do traje-destilador soltos em torno do pescoço, uma prova de que acabara de chegar do deserto.

Paul fez sinal para que ele parasse, afastou-se das cortinas da porta e moveu-se ao longo do corredor, aproximando-se do correio.

O homem curvou-se, as mãos unidas na frente do corpo da maneira como deveria saudar uma Reverenda Madre, ou Sayyadina dos ritos. Ele disse:

— Muad’Dib, os líderes estão começando a chegar para o Conselho.

— Tão cedo?

— Estes são aqueles que Stilgar mandou chamar mais cedo, quando pensou que... — O homem encolheu os ombros.

— Eu percebo — respondeu Paul, olhando uma vez para trás, em direção aos sons fracos do baliset, pensando na velha canção que sua mãe preferia, uma curiosa mistura de música alegre e palavras tristes. Stilgar virá aqui logo, com os outros. Mostre-lhe onde minha mãe espera.

— Eu aguardarei aqui, Muad’Dib — disse o correio.

— Sim... sim, faça isso.

Paul passou pelo homem, em direção às profundezas da caverna, dirigindo-se para um lugar que todas as cavernas como aquela possuíam. Um lugar próximo da bacia de contenção de água. Haveria um pequeno Shai-hulud nesse lugar, uma criatura com não mais do que nove metros de comprimento, mantida presa e impedida de crescer pelos poços de água ao seu redor. O produtor, depois de emergir de seu pequeno vetar, evitava a água pelo veneno que ela constituía para ele. E o afogamento de um produtor era o maior segredo dos Fremen, por produzir a substância de sua união: a Água da Vida, o veneno que só poderia ser modificado por uma Reverenda Madre.

A decisão viera quando Paul enfrentava a tensão de sua mãe em perigo. Nenhuma linha de futuro que houvesse visto carregara esse momento de perigo, partindo de Gurney Halleck. O futuro, o futuro cinzento e enevoado, com aquele sentimento de que o universo inteiro rolava em direção a um fervilhante núcleo, permanecia ao seu redor como um mundo fantasmagórico.

"Eu devo vê-la" — pensou ele.

Seu corpo adquirira lentamente uma certa tolerância para com a especiaria, o que tornava suas visões prescientes cada vez mais escassas... cada vez mais fracas... A solução lhe parecia óbvia.

"Eu vou afogar o produtor. Veremos agora se eu sou o Kwisatz Haderach, aquele que pode sobreviver ao teste a que as Reverendas Madres têm sobrevivido..."

45

E assim aconteceu, no terceiro ano da Guerra do Deserto, que Paul Muad'Dib se encontrasse sozinho na Caverna dos Pássaros, prostrado sob as cortinas kiszva de sua cela interna. Ele jazia como morto, apanhado nas revelações da Água da Vida, seu ser transportado, para além das fronteiras do tempo, pelo veneno que produz a vida. Assim se tornou verdadeira a profecia de que o Lisan al-Gaib se encontraria, ao mesmo tempo, morto e vivo.

— de Lendas Reunidas de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan

Chani emergiu da bacia de Habbanya, na escuridão anterior à aurora, ouvindo o "tóptero" que a trouxera do sul partir zumbindo para seu esconderijo na vastidão. A sua volta, a escolta mantinha distância, dispersando-se nas rochas do penhasco em busca de perigos... e dando à companheira do Muad'Dib, a mãe de seu primeiro filho, algo que ela pedira: um momento para caminhar sozinha.

"Por que ele me chamou?", indagava ela de si para si. "Ele me disse antes que eu devia permanecer no Sul, com o pequeno Leto e Alia."

Puxou o manto e saltou sobre uma pequena barreira de rochas, galgando a trilha que somente os indivíduos treinados para o deserto poderiam reconhecer na escuridão. O cascalho escorregava sob seus pés e ela pulava sobre eles sem pensar na agilidade que isso requeria.

A subida era agradável, diminuindo os temores que haviam fermentado em seu interior, devido ao afastamento silencioso da escolta, e ao fato de que um precioso "tóptero" fora enviado para buscá-la. Sentia uma alegria interior ante a proximidade da reunião com seu Paul Muad'Dib, seu Usul. Seu nome poderia ser um grito de batalha sobre a terra: "Muad'Dib! Muad'Dib! Muad'Dib!" Mas ela conhecera um homem diferente, por um nome diferente: o pai de seu filho e o amante terno.

Um grande vulto elevou-se das rochas acima dela, acenando para que se apressasse. Ela apertou o passo. Os pássaros da alvorada começavam a cantar, elevando-se no céu. Uma fraca faixa de luz crescia sobre o horizonte oriental.

O vulto não era um membro de sua própria escolta. "Otheym?", perguntou

ela a si mesma, reconhecendo a familiaridade dos modos e movimentos. Chegou junto dele, reconhecendo-o na luz que aumentava. As feições largas e lisas do tenente dos Fedaykin, seu capuz aberto e o filtro da boca preso no modo frouxo que ele usava algumas vezes, quando se aventurava no deserto por apenas um instante.

— Depressa — sussurrou ele, levando-a para uma fenda escondida que conduzia ao interior da caverna oculta. — Já vai clarear disse ele, enquanto segurava o selo da porta, aberto para que ela entrasse. — Os Harkonnen têm mandado patrulhas desesperadas sobre parte desta região. Não podemos nos arriscar a ser descobertos agora.

Emergiram em uma estreita entrada lateral para a Caverna dos Pássaros. Globos luminosos acenderam-se. Otheym passou por ela, dizendo:

— Siga-me rápido, agora.

Correram pela passagem, penetrando por outra porta-válvula, percorrendo outra passagem e atravessando, finalmente, as cortinas do que fora o quarto de repouso da Sayyadina, nos dias em que essa caverna era um simples local de repouso durante o dia.

Tapetes e colchões cobriam agora o piso. Cortinas, bordadas com a figura do falcão vermelho, ocultavam as paredes rochosas. Uma mesa de campo, baixa, encontrava-se coberta de papéis num dos lados, papéis dos quais se elevava um aroma de especiaria, característico de sua origem.

A Reverenda Madre estava sentada sozinha, do outro lado da entrada. Ela olhou com aquele olhar interior que fazia os não iniciados tremerem. Otheym uniu as palmas das mãos, e disse:

— Eu trouxe Chani. — Curvou-se e depois recuou, saindo através das cortinas.

E Jessica pensou: “Como direi a Chani?”

— Como está meu neto? — indagou.

“Então teremos uma saudação ritual?”, pensou Chani, sentindo seus temores retornarem. “Onde está Muad’Dib? Por que ele não está aqui para me receber?”

— Ele se encontra saudável e feliz, minha mãe respondeu Chani. — Eu o deixei com Alia aos cuidados de Harah.

“Minha .mãe”, pensou Jessica. “Sim, ela tem o direito de me chamar desse modo, numa saudação formal. Ela me deu um neto.”

— Eu soube que um presente de tecidos foi enviado do sietch Coanua.

— São tecidos lindos — respondeu Chani.

— Alia envia alguma mensagem?

— Nenhuma mensagem. Mas o sietch funciona mais tranquilamente agora

que as pessoas começam a aceitar o milagre de sua condição.

“Por que ela está prolongando tanto isso”, pensou Chani. “Alguma coisa era tão urgente que eles enviaram um “tóptero” para me buscar. E agora nos arrastamos através dessas formalidades!”

— Devemos providenciar para que um pouco do novo tecido seja cortado em roupas para o pequeno Leto — disse Jessica.

— Como desejar, minha mãe — respondeu Chani, e abaixou o olhar. — Há alguma notícia das batalhas? — Procurou manter o rosto sem expressão, de modo que Jessica não percebesse ser essa uma pergunta a respeito do Muad’Dib.

— Novas vitórias — explicou Jessica. — Rabban tem enviado propostas cautelosas para uma trégua. Seus mensageiros têm sido enviados de volta, sem sua água. Rabban chegou mesmo a aliviar os encargos sobre as pessoas dos povoados, nas pias. Mas é muito tarde. As pessoas sabem que ele faz isso porque nos teme.

— E assim tudo corre como disse o Muad’Dib — concluiu Chani. Olhou para Jessica, tentando manter seus temores para si mesma. “Eu mencionei o nome dele, mas ela não respondeu. Não se pode perceber emoção naquela pedra de vidro que ela chama de rosto... mas ela está muito fria. Por que estará tão quieta? O que terá acontecido ao meu Usul?”

— Eu queria que estivéssemos no Sul — recomeçou Jessica.

— Os oásis lá estavam tão belos quando partimos! Você não anseia pelo dia em que toda a terra possa brotar desse modo?

— A terra é verdadeiramente bela, mas há muita dor sobre ela.

— A dor é o preço da vitória — respondeu Jessica.

“Estará ela me preparando para a dor?”, perguntou Chani consigo mesma.
— Existem tantas mulheres separadas de seus homens. Elas ficarão com ciúmes quando souberem que eu fui chamada para o Norte.

— Eu a chamei — disse Jessica.

Chani sentiu seu coração acelerar-se. Queria levar as mãos aos ouvidos, temerosa do que eles pudessem ouvir. Ainda assim, manteve a voz calma.

— A mensagem estava assinada pelo Muad’Dib.

— Eu a assinei desse modo, na presença de seus tenentes explicou Jessica.
— Tratava-se de um subterfúgio necessário. — E pensou: “A mulher de meu Paul é muito corajosa. Ela se mantém fiel às delicadezas mesmo quando o medo está quase dominando-a. Sim. Ela pode ser aquela de quem necessitamos agora.”

Apenas um leve tom de resignação transpareceu na voz de Chani quando ela falou:

— Agora, deve dizer-me aquilo que precisa ser dito.

— Nós precisamos de você aqui para me ajudar a reanimar Paul — disse

Jessica enquanto pensava: “Aí está! Falei do modo precisamente correto. Reanimá-lo, assim ela saberá que Paul está vivo, e saberá que corre perigo; tudo em uma única palavra.”

Chani só levou um momento para se acalmar: “O que devo fazer?” Queria saltar para Jessica, sacudi-la e gritar: “Leve-me até ele!” Mas esperou, silenciosamente, por uma resposta.

— Suspeito que os Harkonnen conseguiram infiltrar um agente entre nós para envenenar Paul. É a única explicação que se encaixa. Um veneno bem fora do comum. Eu já examinei seu sangue dos modos mais sutis, sem que pudesse detectá-la.

Chani caiu de joelhos.

— Veneno? Ele está sofrendo dores? Posso...

— Ele está inconsciente — respondeu Jessica. — Seus processos vitais estão tão lentos que apenas podem ser detectados pelas mais refinadas técnicas. Estremeço só em pensar no que poderia ter acontecido, se não fosse eu a encontrá-lo. Ele parece estar morto, para um olhar não-treinado.”

— Você tem outras razões, além da cortesia, para me chamar até aqui. Eu a conheço, Reverenda Madre. O que acredita que eu possa fazer que você não pode?

“Ela é valente, adorável e ... ahhh... tão perspicaz”, pensou Jessica. “Daria uma ótima Bene Gesserit.”

— Chani, você pode achar isso difícil de acreditar, mas eu não sei precisamente por que mandei buscá-la. Foi instintivo... uma intuição básica. O pensamento veio-me espontaneamente: “Mande buscar Chani.”

Pela primeira vez Chani percebeu a tristeza na expressão de Jessica, a dor não-dissimulada modificando-lhe o olhar interior.

— Fiz tudo que sabia — disse. — E esse tudo... é tão além do que normalmente se supõe que ele signifique, que você acharia difícil imaginá-la. E no entanto... eu falhei.

— O velho companheiro Halleck — perguntou Chani —, é possível que ele seja um traidor?

— Não! O Gurney não.

As duas palavras resumiam toda uma conversação, e Chani percebeu as buscas, os testes... as memórias de antigos fracassos que se resumiam nessa simples negação.

Chani levantou-se, alisou seu manto manchado pelo deserto e disse:

— Leve-me até ele.

Jessica ergueu-se e virou para a esquerda, passando pelas cortinas sobre a parede.

Chani a seguiu, encontrando-se no que devia ter sido um depósito, suas paredes rochosas agora ocultas sob pesadas cortinas.

Paul encontrava-se sobre uma maca de campanha encostada a uma parede. A luz de um único globo luminoso iluminava-lhe o rosto. Um manto negro o cobria até o peito, deixando os braços de fora, estendidos ao longo do corpo. Ele parecia estar despido sob o manto. A pele exposta parecia cera, rígida. Não havia movimento visível.

Chani suprimiu o impulso de se lançar para a frente, atirando-se sobre ele. Descobriu que seus pensamentos voltavam-se para seu filho, Leto; e percebeu que também Jessica, uma vez, havia enfrentado um momento como esse. Com o homem que amava ameaçado pela morte, forçando sua mente a se concentrar no que poderia ser feito para salvar seu jovem filho. Essa conscientização formou um elo súbito com a mulher mais velha, e Chani segurou-lhe a mão. O aperto, em resposta, foi doloroso em sua intensidade.

— Ele vive — disse Jessica. — Asseguro-lhe que ele vive. Mas o fio da vida se encontra tão tênue que pode escapar facilmente à detecção. Já existem alguns, entre os líderes, murmurando que é a mãe que fala e não a Reverenda Madre, que meu filho se encontra realmente morto, e eu me recuso a entregar sua água para a tribo.

— Há quanto tempo ele está assim? — indagou Chani, soltando a mão de Jessica e movendo-se para dentro do aposento.

— Três semanas. Passei quase uma semana tentando reanimá-lo. Houve reuniões, discussões... investigações. Então eu mandei buscá-la. Os Fedaykin obedecem a minhas ordens, de outro modo eu não teria sido capaz de retardar a... — Umedeceu os lábios com a língua, observando Chani se aproximar de Paul.

Ela encontrava-se sobre ele agora, olhando para a barba fina de jovem que lhe emoldurava o rosto, traçando com os olhos a linha alta das sobrancelhas, o nariz forte, os olhos fechados. Feições tão calmas nesse rígido repouso.

— Como ele recebe sua nutrição? — indagou ela.

— As exigências de sua carne são tão pequenas que ele ainda não necessitou de comida — respondeu Jessica.

— Quantas pessoas sabem o que aconteceu?

— Somente seus assessores mais próximos, alguns líderes, os Fedaykin e, é claro, quem quer que tenha administrado o veneno.

— Não existe nenhum indício quanto ao envenenador?

— E não é por falta de desejo em investigar.

— O que dizem os Fedaykin?

— Eles acham que Paul se encontra num transe sagrado, reunindo seus santos poderes para a batalha final. Este é um pensamento que eu tenho

cultivado.

Chani ajoelhou-se ao lado da maca, e inclinou-se para junto do rosto de Paul. Sentiu uma diferença imediata no ar ao redor de sua face... mas era apenas a especiaria, o onipresente odor que permeava tudo na vida de um Fremen. Ainda assim...

— Você não nasceu no meio da especiaria como eu disse Chani. — Já investigou a possibilidade de que seu corpo se tenha rebelado contra o excesso de especiaria em sua dieta?

— Os testes de reações alérgicas foram negativos — respondeu Jessica.

Fechou os olhos, tanto para apagar essa cena como por causa da súbita consciência de sua fadiga. “Há quanto tempo eu não durmo?”, perguntou ela de si para si. “Muito tempo.”

— Quando você muda a Água da Vida — explicou Chani —, você o faz dentro de si própria, pela consciência interna. Já usou essa consciência para testar-lhe o sangue?

— Sangue Fremen normal. Completamente adaptado à dieta e à vida aqui.

Chani sentou-se sobre os calcanhares, submergindo em si mesma enquanto estudava o rosto de Paul. Tratava-se de um truque que aprendera ao observar as Reverendas Madres. O tempo podia ser colocado para servir à mente. Bastava concentrar toda a atenção...

Daí a pouco ela disse:

— Há um produtor aqui?

— Existem vários — respondeu Jessica, com um toque de cansaço. — Nós não ficamos sem eles nestes dias. Cada vitória requer uma bênção. Cada cerimônia, antes de um reide...

— Mas Paul Muad’Dib tem-se mantido afastado dessas cerimônias.

Jessica acenou afirmativamente, lembrando-se dos sentimentos ambivalentes que seu filho nutria em relação à droga da especiaria, e à consciência presciente que ela lhe trazia.

— Como sabe disso? — indagou ela.

— Tem sido comentado.

— Comentado demais — reconheceu Jessica amargamente.

— Traga-me a água bruta de um produtor — pediu Chani.

Jessica enrijeceu-se ante o tom de comando na voz dela, observou a intensa concentração na fisionomia da jovem mulher e disse:

— Imediatamente. — Saiu através das cortinas para chamar um encarregado da água.

Chani continuou olhando para Paul. “Se ele tentou fazer isso”, pensava ela. “É o tipo de coisa que ele poderia tentar...”

Jessica ajoelhou-se ao lado dela segurando uma jarra de campanha. O cheiro forte do veneno penetrava nas narinas de Chani.

Ela mergulhou o dedo no fluido e levou-o para junto do nariz de Paul.

A pele, ao longo da ponta do nariz, enrugou-se levemente. Lentamente, as narinas se dilataram.

Jessica soltou uma exclamação de espanto.

Chani tocou com o dedo molhado o lábio superior de Paul. Ele inspirou profundamente.

— O que significa isso? — quis saber Jessica.

— Acalme-se. Deve converter uma pequena quantidade de água sagrada. Rápido!

Sem questionar, porque reconhecera o tom perceptivo da voz de Chani, Jessica levou a jarra até a boca, sorvendo um pequeno gole.

Os olhos de Paul se abriram. Ele olhou para cima em direção a Chani.

— Não é necessário que ela mude a Água — disse ele com a voz fraca mas nítida.

Jessica, com um gole de fluido sobre a língua, viu seu corpo entrar em ação, convertendo o veneno quase automaticamente.

Na leve aceleração que a cerimônia sempre produzia nos sentidos ela percebeu um brilho vital emanando de Paul; uma radiação que se imprimia em sua consciência. E naquele instante ela percebeu.

— Você bebeu da água sagrada!

— Apenas uma gota — respondeu Paul. — Tão pequena... uma gota...

— Como pôde fazer uma coisa tão tola?

— Ele é seu filho — comentou Chani.

Jessica olhou furiosa para ela.

Um raro sorriso, afetuoso e cheio de compreensão, surgiu nos lábios de Paul.

— Ouça minha amada — disse. — Escute o que ela diz, mãe. Ela sabe.

— Uma coisa que outros podem fazer ele deve fazer — observou Chani.

— Quando eu tive a gota em minha boca, quando a provei e senti, quando percebi o que ela estava fazendo comigo, então eu soube que poderia fazer aquilo que você fez. Suas inspetoras Bene Gesserit falam do Kwisatz Haderach, mas elas não podem imaginar os lugares em que estive nos poucos minutos em que eu... Parou, olhando para Chani com uma expressão intrigada. — Chani? O que está fazendo aqui? Você devia estar... Por que está aqui?

Ele tentou se erguer, apoiando-se nos cotovelos. Chani o pressionou de volta, delicadamente.

— Por favor, meu Usul.

— Sinto-me tão fraco — disse ele, os olhos movendo-se para observar ao redor. — Há quanto tempo estou aqui?

— Esteve três semanas num estado de coma tão profundo que a centelha da vida parecia ter-lhe escapado — respondeu Jessica.

— Mas foi... apenas um momento atrás e...

— Um momento para você, três semanas de medo para mim.

— Foi apenas uma gota, mas eu a converti. Mudei a Água da Vida. — Antes que Jessica ou Chani pudessem impedi-lo, Paul mergulhou sua mão no frasco que elas haviam deixado no piso ao seu lado, e levou a mão gotejante à boca, engolindo todo o liquido contido na palma.

— Paul! — gritou Jessica.

Ele segurou-lhe a mão, encarando-a com um sorriso de morte, e Jessica sentiu-lhe a consciência penetrando em sua mente.

A união não era afetuosa, nem tão completa e compartilhada como fora com Alia ou com a Velha Reverenda Madre na caverna... mas era uma união: um sentimento de identidade compartilhada em todo o ser. Aquilo a sacudiu e enfraqueceu, e ela se encolheu em sua mente, com medo dele. Falando alto, disse:

— Você fala de um lugar onde não pode entrar? Mostre-me onde fica o lugar que as Reverendas Madres não podem ver. — Jessica sacudiu a cabeça, aterrorizada pelo pensamento.

— Mostre-o para mim! — ordenou ele.

— Não!

Mas sabia que não podia escapar. Empurrada pela força terrível que dele emanava, ela fechou os olhos e focalizou para dentro... na direção-que-era-escura.

A consciência de Paul fluiu através dela, e à sua volta, na escuridão. Jessica vislumbrou fracamente um lugar, antes que sua mente se apagasse de terror. Sem que soubesse por quê, todo o seu corpo tremia com o que tinha visto. Uma região onde um vento soprava e centelhas brilhavam, onde anéis luminosos se expandiam e se contraíam, onde filas de formas brancas, tumescentes, fluíam por cima e por baixo das luzes, impulsionadas pela escuridão e por um vento que vinha de parte alguma.

Pouco depois ela abriu os olhos, vendo que Paul a observava.

Ele ainda segurava sua mão, mas a união terrível se fora. Ela dominou seus tremores, e Paul soltou-lhe a mão. Era como se alguma muleta tivesse sido removida. Jessica cambaleou, levantando-se e retrocedendo. Teria caído, se Chani não saltasse para ampará-la.

— Reverenda Madre! — disse Chani — o que está errado?

— Cansada — murmurou Jessica. — Tão... cansada.

— Aqui — mostrou Chani. — Sente-se aqui. — Ajudou Jessica a se acomodar em uma almofada, junto da parede.

Seus braços jovens e fortes pareciam tão bons a Jessica. Ela se agarrou a Chani.

— Ele realmente compreendeu a Água da Vida? — indagou Chani, soltando-se das mãos de Jessica.

— Ele compreendeu — sussurrou, a mente ainda oscilando e ondulando com o contato. Era como saltar em terra firme depois de semanas em mar agitado. Sentia a Velha Reverenda Madre dentro dela... e todas as outras que a haviam precedido despertarem indagando:

— O que era aquilo? O que aconteceu? Onde era aquele lugar?

E através de tudo isso permeava a compreensão de que seu filho era o Kwisatz Haderach, aquele que pode se encontrar em muitos lugares ao mesmo tempo. Ele era o fato brotando do sonho Bene Gesserit, e essa realidade não lhe dava paz.

— Que aconteceu? — insistiu Chani.

Jessica sacudiu a cabeça. Paul explicou:

— Existe, dentro de cada um de nós, uma força ancestral que tira, e uma força ancestral que dá. Um homem encontra pouca dificuldade em encarar aquele lugar, dentro de si mesmo, onde habita a força que tira; mas é quase impossível para ele fitar a força que dá, sem se transformar em alguma coisa diferente de um homem. Para uma mulher, a situação é revertida.

Jessica olhou para cima, encontrando Chani a fitá-la enquanto ouvia Paul.

— Você me compreende, mãe? — indagou ele.

Ela só podia acenar que sim.

— Essas coisas são tão antigas dentro de nós — continuou ele —, que se encontram enraizadas dentro de cada célula individual de nossos corpos. Nós somos moldados por essas forças. Você pode dizer para si mesma: “Sim, percebo como tal coisa pode ser.” Mas quando olha para dentro, e confronta a força pura de sua própria vida exposta, você percebe seu perigo. Percebe que poderia ser dominada completamente por ela, esmagada. O maior perigo para aquele que Dá é a força que toma. O maior perigo para o que Toma, é a força que dá. É tão fácil ser dominado pelo dar como pelo tomar.”

— E você, meu filho — indagou Jessica —, é aquele que dá ou aquele que toma?

— Eu sou o fulcro. Eu não posso dar sem tomar, e não posso tomar sem... — Paul se interrompeu, olhando para a parede à sua direita.

Chani sentiu uma brisa em seu rosto, voltou-se para ver as cortinas

fechando.

— Era Otheym — disse Paul. — Ele estava escutando.

Aceitando as palavras, Chani sentiu-se tocada por uma parte da presciência que atormentava Paul, e conheceu uma coisa-que-ainda-ia-ser, como se já houvesse ocorrido: Otheym iria falar o que vira e ouvira, outros iriam espalhar a história, até que ela se houvesse tornado um fogo sobre a terra. Paul Muad'Dib não era como os outros homens, eles iriam dizer. Não pode haver mais dúvida. Ele é um homem, e no entanto ele enxerga através da Água da Vida como uma Reverenda Madre. Ele é, de fato, o Lisan al-Gaib.

— Você viu o futuro, Paul — disse Jessica. — Vai dizer o que viu?

— Não o futuro — respondeu. — Eu vi o Agora. — Forçou-se para uma posição sentada, acenando para que Chani se afastasse, quando ela se moveu para ajudá-lo. — O Espaço acima de Arrakis está repleto de naves da Corporação.

Jessica estremeceu ante a certeza em sua voz.

— O próprio Imperador Padishah se encontra aqui — disse Paul, olhando para o teta rochoso de sua cela —, com sua Reveladora da Verdade favorita, e cinco legiões de Sardaukar. O velho Barão se encontra aqui, com Thufir Hawat ao seu lado e sete naves abarrotadas com cada recruta que ele pôde conseguir. Cada uma das Grandes Casas tem seus guerreiros sobre nós... esperando.

Chani sacudiu a cabeça, incapaz de tirar os olhos de Paul. Sua estranheza, o tom monótono em sua voz, o modo como ele parecia olhar através dela a enchiam de espanto e admiração.

Jessica tentou engolir com a garganta seca.

— O que é que eles estão esperando?

Paul olhou para ela.

— A permissão da Corporação para que possam pousar. A Corporação abandonará, em Arrakis, qualquer força que pouse sem permissão.

— A Corporação está nos protegendo? — indagou Jessica.

— Nos protegendo! A própria Corporação causou isso, ao espalhar histórias sobre o que estamos fazendo aqui, e reduzindo as tarifas de transporte de tropas a um ponto em que até as Casas mais pobres estão lá em cima, agora, esperando para nos atacar.

Jessica notou a ausência de amargura em seu tom de voz e admirou-se. Não podia duvidar de suas palavras; ela as ouvira, com a mesma intensidade, naquela noite em que lhe revelava a trilha do futuro que os tinha conduzido entre os Fremen.

Paul respirou fundo, depois disse:

— Mãe, você deve mudar uma quantidade da Água para nós. Nós

precisamos do catalisador. Chani, mande uma força de batedores partir para... encontrar massa de pré-especiaria. Se nós plantarmos uma quantidade de Água da Vida em cima de uma massa de pré-especiaria, você sabe o que irá acontecer?

Jessica mediu suas palavras, e de repente viu o significado.

— Paul! — exclamou ela, ofegante.

— A Água da Morte — respondeu ele. — Será uma reação em cadeia. — Ele apontou para o solo. — Espalhando a morte entre os pequenos produtores, matando o vetor do ciclo vital, que inclui a especiaria e os produtores. Arrakis se tornará uma verdadeira desolação... sem especiaria ou produtores.

Chani levou a mão aos lábios, chocada, num silêncio atordoado pela blasfêmia que se derramava dos lábios de Paul.

— Aquele que pode destruir uma coisa a controla. Nós podemos destruir a especiaria.

— O que segura a mão da Corporação? — sussurrou Jessica.

— Eles estão procurando por mim — respondeu Paul. — Pense nisso! Os melhores navegadores da Corporação, homens que podem sondar adiante através do tempo, encontrando o curso mais seguro para os Heighliners mais velozes. Todos eles procurando por mim... e incapazes de me encontrar. Como eles tremem! Eles sabem que eu possuo o seu segredo aqui! — Paul ergueu a mão em concha. — Sem a especiaria, eles estão cegos!

Chani recuperou sua voz:

— Disse que vê o “agora”?

Paul recostou-se, observando a extensão do “presente”, seus limites que se estendiam para o futuro e o passado, mantendo sua visão com dificuldade, à medida que a iluminação produzida pela especiaria começava a diminuir.

— Faça como ordenei — disse ele. — O futuro está se tornando confuso para a Corporação, assim como para mim. As linhas de visão estão se estreitando. Tudo se focaliza aqui, onde a especiaria se encontra... onde eles não se atreveram a interferir anteriormente... porque interferir significava perder o que possuíam.

46

Mas agora eles estão desesperados. Todos os caminhos conduzem à escuridão.

E o dia raiou quando Arrakis se encontrava no eixo do universo, com a roda pronta para girar.

— de O Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan

— Dê uma olhada naquela coisa! — sussurrou Stilgar.

Paul encontrava-se ao lado dele, em uma fenda na rocha, sobre a borda da Muralha Escudo, olhos fixos no coletor de um telescópio Fremen. A lente de óleo encontrava-se focalizada em uma pequena nave estelar, exposta sob a luz da aurora, na depressão abaixo deles. A elevada face leste da nave brilhava sob a luz do sol, mas o lado na sombra ainda exibia vigias brilhando amareladas, com a luz noturna dos globos luminosos. Além da nave, a cidade de Arrakeen estendia-se, fria e reluzente, na luz do sol do norte.

Não era a nave que produzia admiração em Stilgar, Paul bem o sabia, mas a construção da qual ela era apenas o poste central.

Uma única tenda de metal, com muitos andares de altura, estendendo-se num círculo de mil metros ao redor da base da nave ligeira.

Uma tenda formada por folhas de metal encaixadas. O alojamento temporário para cinco legiões de Sardaukar e sua majestade imperial, o Imperador Padishah Shaddam IV.

De sua posição, agachado à esquerda de Paul, Gurney Halleck disse:

— Eu conto nove andares. Deve haver um bocado de Sardaukar ali.

— Cinco legiões — disse Paul.

— Está ficando claro — sussurrou Stilgar. — Não gosto disto, Muad'Dib; está se expondo. Vamos voltar para as rochas, agora.

— Estou perfeitamente seguro aqui.

— Aquela nave possui armas lançadoras de projéteis — disse Gurney.

— Eles acreditam que estamos protegidos por escudos respondeu Paul. — Não se arriscariam a desperdiçar um disparo num trio não identificado, mesmo

se nos vissem.

Paul girou o telescópio para esquadrinhar a muralha oposta da depressão, vendo os penhascos cheios de perfurações, com os desmoronamentos que marcavam as tumbas de tantos soldados de seu pai. Naquele momento, ele teve uma impressão da adequação daquele cenário. Como era justo que as sombras dos homens de seu pai assistissem a esse momento. Os fortes dos Harkonnen e suas cidades, através das terras abrigadas, encontravam-se em poder dos Fremen, ou então isolados de suas fontes, como ramos cortados de uma planta, deixados para murchar. Apenas essa depressão e essa cidade ainda restavam nas mãos do inimigo.

— Eles podem tentar uma surtida com “tópteros” — disse Stilgar —, se nos virem aqui.

— Deixe que o façam. Teremos mais “tópteros” para queimar hoje... e sabemos que uma tempestade se aproxima.

Virou o telescópio para o lado oposto do campo de pouso de Arrakeen, visando as fragatas Harkonnen alinhadas lá. Uma bandeira da Companhia CHOAM ondulava suavemente em seu mastro, espetado no solo abaixo delas.

Paul pensou no desespero que forçara a Corporação a permitir que esses dois grupos pousassem, enquanto todos os outros eram mantidos na reserva. A Corporação era como um homem testando a areia com o dedo do pé, para verificar sua temperatura antes de erguer uma tenda.

— Existe algo novo para se ver daqui? — indagou Gurney. — Nós devíamos estar nos abrigando. A tempestade se aproxima.

Paul voltou sua atenção para a tenda gigante.

— Eles trouxeram até mesmo suas mulheres. E servos e lacaios. Ahh, meu querido Imperador, como és confiante.

— Os homens estão voltando pelo caminho secreto avisou Stilgar. — Podem ser Otheym e Korba, retornando.

— Certo, Stil — concordou Paul. — Vamos voltar.

Ainda assim ele deu uma olhada final através do telescópio, estudando a planície com suas altas naves, a brilhante tenda metálica, a cidade silenciosa e as fragatas dos mercenários Harkonnen. Então deslizou para trás, em torno de uma escarpa de rocha, seu posto no telescópio sendo ocupado por um vigia Fedaykin.

Paul saiu para uma depressão rasa na superfície da Muralha Escudo. Era um lugar com aproximadamente trinta metros de diâmetro e três metros de profundidade, uma escavação natural da rocha que os Fremen haviam escondido embaixo de uma cobertura de camuflagem translúcida. O equipamento de comunicações fora aglomerado em torno de um buraco, na parede à direita. Guardas Fedaykin espalhados através da depressão esperavam pela ordem de

ataque do Muad'Dib.

Dois homens emergiram do buraco junto ao equipamento de comunicações, e falaram com os guardas ali postados.

Paul olhou para Stilgar, e acenou na direção dos dois homens.

— Pegue o relatório deles, Stil.

Stilgar moveu-se para obedecer.

Paul agachou-se com as costas na rocha, esticou os músculos, depois se levantou. Viu Stilgar enviando os dois homens de volta através daquele orifício escuro na rocha, e pensou na longa descida através daquele túnel feito pelo homem, até o fundo da depressão.

Stilgar se aproximou.

— O que era tão importante, que eles não podiam enviar um cielago com a mensagem? — indagou Paul.

— Eles estão poupando seus pássaros para a batalha — respondeu Stilgar, e imediatamente olhou para o equipamento de comunicações. — Mesmo com um feixe estreito, é errado usar essas coisas, Muad'Dib. Eles podem nos localizar determinando a posição do emissor.

— Eles logo estarão ocupados demais para me encontrar — respondeu Paul. — Que foi que os homens relataram?

— Nossos queridos Sardaukar desembarcaram perto da Velha Falha, abaixo, no anel de montanhas, e estão a caminho agora para se unirem a seu senhor. Os lançadores de foguetes e outras armas de projéteis estão posicionados. As pessoas foram posicionadas como ordenou. Foi tudo rotina.

Paul olhou através da tigela rasa em que se encontravam, observando seus homens na luz filtrada admitida pela cobertura camuflada. Sentiu o tempo se arrastando, como um inseto a avançar sobre uma rocha exposta.

— Nossos Sardaukar vão levar algum tempo avançando a pé, antes que possam sinalizar para um transporte de tropas. Eles estão sendo vigiados?

— Eles estão sendo vigiados — repetiu Stilgar, em resposta.

Ao lado de Paul, Gurney Halleck pigarreou.

— Não seria melhor nos colocarmos num lugar seguro?

— Não existe tal lugar — respondeu Paul. — O relatório do tempo ainda é favorável?

— A Avó de todas as tempestades se aproxima — disse Stilgar. — Não pode senti-la, Muad'Dib?

— O ar parece favorável, mas eu gosto de certeza na previsão do tempo.

— A tempestade estará aqui dentro de uma hora — explicou Stilgar; acenou para a fenda que se abria na direção dos alojamentos do imperador e das fragatas Harkonnen. — Eles também sabem disso. Não há um "tóptero" no céu.

Tudo está trancado e amarrado. Eles tiveram um relatório meteorológico de seus amigos lá no espaço.

— Houve mais algum ataque de sondagem?

— Nada, desde o pouso da noite passada — respondeu Stilgar.

— Eles sabem que estamos aqui, e aguardam para escolher sua hora.

— Nós escolheremos a hora.

Gurney olhou para o alto e grunhiu.

— Se eles nos permitirem...

— Aquela frota vai ficar no espaço — disse Paul.

Gurney sacudiu a cabeça.

— Eles não têm escolha — explicou Paul. — Nós podemos destruir a especiaria. A Corporação não se atreveria a arriscar isso.

— Gente desesperada é a mais perigosa — comentou Gurney.

— Não somos nós também desesperados? — indagou Stilgar.

Gurney olhou carrancudo.

— Você não viveu o sonho dos Fremen — advertiu Paul. — Stil está pensando em toda a água que gastamos em subornos, nos anos de espera, antes que Arrakis possa florescer. Ele não...

— Arrrgh — resmungou Halleck.

— Por que é ele tão lúgubre? — perguntou Stilgar.

— Ele é sempre assim antes da batalha. É a única forma de bom humor que o Gurney se permite.

Lentamente, um sorriso cruel espalhou-se pelo rosto de Gurney, seus dentes aparecendo brancos, acima da máscara do traje-destilador.

— Fico lúgubre só de pensar em todas as pobres almas Harkonnen que vamos despachar sem confissão.

Stilgar riu.

— Ele fala como um Fedaykin.

— Gurney já nasceu um comando da morte — disse Paul e pensou: “Sim, deixe que eles ocupem a mente com trivialidades antes que sejamos testados contra aquela força lá na planície.”

Olhou para a fenda na rocha, depois de volta para Gurney, descobrindo que o guerreiro-trovador voltara à sua carranca pensativa.

— A preocupação subtrai a força — murmurou Paul. — Disse-me isso uma vez, Gurney.

— Meu Duque — respondeu ele. — Minha principal preocupação é quanto aos atômicos. Se usá-los para abrir um buraco na Muralha Escudo...

— Aquelas pessoas lá em cima não usarão armas atômicas contra nós. Eles não se atreveriam... pela mesma razão por que não podem se arriscar a que

venhamos a destruir sua fonte de especiaria.

— Mas a prescrição contra...

— A prescrição! — retrucou Paul. — É o medo, não a prescrição, que impede as Casas de lançarem armas atômicas umas contra as outras. A linguagem da Grande Convenção é suficientemente clara: “Uso de armas atômicas contra humanos será causa para obliteração planetária.” Nós vamos explodir a Muralha Escudo, não seres humanos.

— É uma distinção muito sutil.

— Os especialistas em sutilezas, lá em cima, aceitarão de bom grado qualquer justificativa. Não vamos mais falar nisso.

Paul virou-se, desejando poder se sentir tão confiante na verdade. Daí a pouco disse:

— E quanto às pessoas na cidade? Já tomaram posição?

— Sim — murmurou Stilgar.

Paul olhou diretamente para ele:

— O que o incomoda?

— Jamais conheci um homem de cidade em quem se pudesse confiar inteiramente.

— Eu já fui um homem de cidade.

Stilgar enrijeceu-se. Seu rosto cobriu-se de rubor.

— Muad’Dib sabe que eu não pretendia...

— Sei o que pretendia dizer, Stil. Mas o teste de um homem não é o que você acha que ele vai fazer. É o que ele realmente faz. Essa gente da cidade tem sangue Fremen. Apenas não aprendeu ainda a escapar de sua escravidão. Nós ensinaremos...

Stilgar acenou com a cabeça, falando num tom de arrependimento:

— São os hábitos de uma vida inteira, Muad’Dib. Na Planície Funerária aprendemos a desprezar os homens das comunidades.

Paul olhou para Gurney, notando que ele observava Stilgar.

— Diga-nos, Gurney, por que a gente da cidade, lá embaixo, foi retirada de suas casas pelos Sardaukar?

— Um velho truque, meu Duque. Eles pensaram em nos sobrecarregar com refugiados.

— Faz tanto tempo, desde a época em que as guerrilhas eram eficientes, que eles podem ter se esquecido de como combatê-las — disse Paul. — Os Sardaukar nos ajudaram. Eles apanharam algumas mulheres da cidade para se divertirem com elas, decoraram seus estandartes de batalha com as cabeças dos homens que fizeram objeção a isso. Desse modo, criaram um ódio febril entre gente que, de outro modo, teria. considerado a batalha que se aproxima como

apenas um grande incômodo... a possibilidade de trocar um conjunto de patrões por outro... Os Sardaukar estão recrutando homens para nós, Stilgar.

— O povo da cidade parece ávido para lutar — concordou Stilgar.

— Seu ódio é recente e claro — explicou Paul. — É por isso que vamos usá-los como tropa de choque.

— O massacre entre eles será terrível — comentou Gurney, e Stilgar assentiu, concordando.

— Eles foram esclarecidos quanto às chances — respondeu Paul. — Sabem que cada Sardaukar que matarem será um a menos para nós. Como vêem, cavalheiros, eles têm algo por que morrer. Descobriram que são um povo. Estão despertando.

Um murmúrio de espanto partiu do vigia no telescópio. Paul dirigiu-se para a fenda na rocha e indagou:

— Que foi que houve lá embaixo?

— Uma grande agitação, Muad'Dib. Naquela monstruosa tenda de metal. Um carro de superfície chegou da Muralha Leste e foi como um falcão entrando num ninho de perdizes das rochas.

— Nossos prisioneiros Sardaukar chegaram, então — comentou Paul.

— Agora eles colocaram um escudo ao redor do campo inteiro disse o vigia. — Posso ver o ar tremulando até mesmo na extremidade dos armazéns onde eles guardam a especiaria.

— Agora eles sabem com quem estão lutando — comentou Gurney. — Deixe que as bestas Harkonnen tremam e se martirizem ante a constatação de que um Atreides ainda vive.

Paul deu instruções ao Fedaykin no telescópio.

— Observe o mastro da bandeira no topo da nave do Imperador. Se minha bandeira for erguida lá...

— Não vai ser — disse Gurney.

Paul percebeu a expressão intrigada no rosto de Stilgar e explicou:

— Se o Imperador aceitar minha reivindicação, seu sinal será restaurar a bandeira dos Atreides sobre Arrakis. Nesse caso, usaremos o segundo plano, atacando somente os Harkonnen. Os Sardaukar ficarão de lado e deixarão que resolvamos a questão entre nós.

— Eu não tenho experiência com essas coisas de fora do planeta — disse Stilgar. — Já ouvi falar nelas, mas me parece improvável que...

— Não é preciso experiência para saber o que eles vão fazer — comentou Gurney.

— Eles estão erguendo uma nova bandeira na nave alta — avisou o observador. — A bandeira é amarela... com um círculo negro e vermelho no

centro.

— Eis uma resposta sutil — disse Paul. — A bandeira da Companhia CHOAM.

— É a mesma bandeira das outras naves — acrescentou o guarda Fedaykin.

— Eu não compreendo — disse Stilgar.

— De fato, uma resposta sutil — explicou Gurney. — Se ele houvesse hasteado a bandeira dos Atreides, seria obrigado a aguentar as repercussões desse ato. Há observadores demais por aqui.

Ele poderia responder com uma bandeira Harkonnen. Isso seria uma declaração muito óbvia. Mas não... ele ergue a bandeira da CHOAM. Diz às pessoas lá em cima — Gurney apontou para o espaço — onde está o lucro. Está dizendo que não se importa se há um Atreides aqui ou não.

— Quanto tempo vai levar até que a tempestade atinja a Muralha Escudo? — perguntou Paul.

Stilgar voltou-se para consultar um dos Fedaykin no interior da tigela. Logo depois retornou dizendo

— Bem pouco, Muad'Dib. Mais cedo do que esperávamos. E é a avó de todas as tempestades... talvez até mesmo maior do que desejaria.

— É a minha tempestade — disse Paul, e viu o espanto e a admiração nos rostos dos Fedaykin mais próximos. — Se sacudir o mundo inteiro, não será mais do que desejei. Irá atingir a Muralha Escudo com força total?

— Passará suficientemente perto para causar o mesmo efeito — respondeu Stilgar.

Um correio saiu do buraco que levava até o fundo da depressão abaixo e relatou:

— Os Sardaukar e as patrulhas Harkonnen estão se recolhendo, Muad'Dib!

— Eles esperam que a tempestade derrame muita areia sobre a depressão para permitir boa visibilidade — comentou Stilgar.

— Pensam que vamos fazer o mesmo.

— Diga aos nossos artilheiros para ajustarem bem a pontaria antes que a visibilidade diminua — avisou Paul. — Eles devem arrancar o nariz de cada uma daquelas naves assim que a tempestade tenha destruído os escudos.

Caminhou para a parede da tigela, puxando uma dobra da cobertura camuflada para observar o céu. Os redemoinhos em forma de rabo-de-cavalo já podiam ser vistos contorcendo-se contra o céu escuro. Paul restaurou a cobertura e ordenou:

— Comece a enviar nossos homens, Stil.

— Não vem conosco? — indagou Stilgar.

— Vou esperar aqui um pouco com os Fedaykin.

Stilgar fez um gesto de compreensão em direção a Gurney, caminhou para o orifício nas rochas e desapareceu.

— O detonador que estoura a Muralha Escudo vai ficar em suas mãos, Gurney. Acha que pode fazê-la?

— Eu o farei.

Paul acenou para um tenente dos Fedaykin.

— Otheym, comece a mover as patrulhas de reconhecimento para fora da área da explosão. Elas devem ter saído de lá quando a tempestade nos atingir.

O homem se curvou e seguiu Stilgar.

Gurney inclinou-se sobre a fenda da rocha e falou com o homem ao telescópio

— Mantenha sua atenção sobre a muralha sul. Estará completamente sem defesas até que a estouremos.

— Envie um cielago com um sinal de tempo — ordenou Paul.

— Alguns carros de solo estão se movendo na direção da muralha sul — avisou o homem do telescópio. — Alguns deles estão usando armas de projéteis, testando-as. Nossa gente está usando escudos corporais, como ordenou. Os carros de solo pararam.

No abrupto silêncio, Paul ouviu os demônios de vento soprando acima — a frente da tempestade. A areia começou a escorrer para dentro da tigela através de brechas na cobertura. Uma rajada de vento apanhou a cobertura e a carregou.

Paul gesticulou para que os Fedaykin se abrigassem e correu em direção aos homens junto ao equipamento de comunicações ao lado do túnel. Gurney ficou a seu lado enquanto Paul se curvava sobre o sinaleiro. Alguém disse:

— A avó de todas as tempestades, Muad'Dib.

Paul olhou para o céu que escurecia e ordenou:

— Gurney, recolha os observadores da muralha sul.

Teve de repetir a ordem gritando acima do rugido crescente da tormenta.

Gurney voltou-se para obedecer.

Paul prendeu a máscara filtradora e ajustou o capuz do traje-destilador.

Gurney voltou.

Paul tocou-lhe o ombro, apontando para o detonador colocado na boca do túnel, além do sinaleiro. Gurney foi para lá, parando com uma das mãos sobre o disparador, os olhos voltados para Paul.

— Não estamos recebendo mensagens — avisou o sinaleiro ao lado de Paul. — Muita estática.

Paul assentiu, mantendo os olhos sobre o mostrador do tempo standard

diante do homem. Depois olhou para Gurney, ergueu uma das mãos, voltando a atenção para o mostrador. O ponteiro arrastou-se em sua volta derradeira.

— Agora! — gritou Paul, abaixando a mão.

Gurney pressionou o detonador.

Pareceu que um segundo inteiro transcorrera antes que sentissem o chão ondular e sacudir embaixo deles. Um trovão ribombante adicionou-se ao rugido da tempestade.

O vigia Fedaykin apareceu ao lado de Paul, com o telescópio embaixo do braço.

— A Muralha Escudo está aberta, Muad'Dib! — gritou ele.

— A tempestade está em cima deles, e nossos artilheiros já estão disparando.

Paul pensou na tempestade varrendo o interior da depressão, a carga de eletricidade estática dentro da muralha de areia destruindo cada barreira-escudo no campo inimigo.

— A tempestade! — alguém gritou. — Devemos nos abrigar, Muad'Dib!

Paul compreendeu imediatamente, saindo de seu devaneio ao sentir as agulhas de areia picando a parte exposta de seu rosto.

"Agora estamos comprometidos", pensou. Colocou o braço sobre o ombro do sinaleiro.

— Abandone o equipamento, há mais no túnel.

Sentiu-se arrastado, com os Fedaykin pressionando à sua volta para protegê-lo. Comprimiram-se através da entrada do túnel, sentindo o silêncio relativo, e viraram numa curva para atravessar uma pequena câmara com globos luminosos no teto e outra abertura de túnel adiante.

Outro sinaleiro colocara-se lá com seu equipamento de comunicações.

— Muita estática — avisou o homem.

Um redemoinho de areia encheu o ar ao redor.

— Selem o túnel! — gritou Paul. Uma súbita quietude revelou que a ordem fora obedecida. — O caminho para o interior da depressão está aberto? — indagou.

Um Fedaykin foi olhar e retornou, dizendo:

— A explosão causou alguns deslizamentos de rochas, mas os engenheiros dizem que está aberto. Eles estão limpando a passagem com raios laser.

— Diga-lhes para usarem as mãos! — gritou Paul. — Há escudos ativos lá embaixo?

— Eles estão sendo cuidadosos, Muad'Dib — disse o homem, mas voltou-se para obedecer.

O sinaleiro do lado externo passou por eles carregando seu equipamento.

— Eu disse àqueles homens que abandonassem o equipamento! — reclamou Paul.

— Os Fremen não gostam de abandonar equipamento, Muad'Dib — respondeu um dos Fedaykin.

— Homens são mais importantes do que equipamento neste instante. Logo teremos mais equipamento do que poderemos usar, ou não teremos mais necessidade de qualquer equipamento.

Gurney Halleck surgiu ao seu lado:

— Ouvi dizer que o caminho está aberto até lá embaixo. Aqui, estamos muito próximos da superfície se os Harkonnen resolverem contra-atacar do mesmo modo.

— Eles não se encontram em posição de contra-atacar respondeu Paul. — Agora mesmo estão descobrindo que não têm mais escudos e lhes é impossível abandonar Arrakis.

— Todavia, o novo posto de comando está preparado, meu senhor — Ainda não precisam de mim no posto de comando. O plano será levado adiante sem mim. Devemos esperar pelo...

— Estou recebendo uma mensagem, Muad'Dib — avisou o sinaleiro junto do posto de comunicações. O homem sacudiu a cabeça, pressionando o fone do receptor contra a orelha. Muita estática! — Começou a escrever num bloco a sua frente, sacudindo a cabeça, esperando, escrevendo... esperando.

Paul colocou-se ao seu lado. O Fedaykin recuou, dando-lhe espaço, Paul olhou para o que o homem havia escrito e leu:

— Ataque... em sietch Tabr... prisioneiros... Alia (espaço em branco) famílias dos (espaço em branco) mortos são... eles (espaço em branco) o filho do Muad'Dib.

Novamente o sinaleiro sacudiu a cabeça.

Paul olhou para cima, vendo que Gurney o observava.

— A mensagem tem muitas lacunas — disse Gurney. — A estática. Você não sabe se...

— Meu filho está morto! — exclamou Paul, sabendo, enquanto falava, que isso era verdade. — Meu filho está morto e... Alia foi capturada... como refém.

Sentiu-se vazio, uma casca sem emoções. A tudo que tocava trazia morte e dor. Era como uma doença que poderia espalhar-se pelo universo.

Sentia a sabedoria dos velhos, a acumulação de experiências de incontáveis vidas possíveis. Alguma coisa parecia rir e esfregar as mãos dentro de si.

E Paul pensou: “Quão pouco sabe o universo a respeito da natureza da verdadeira crueldade!”

47

E o Muad'Dib se colocou diante deles e disse: — Embora nós consideremos os prisioneiros como mortos, ainda assim ela vive. Pois sua semente é a minha semente e sua voz é a minha voz. E ela vê até os limites mais extremos das possibilidades. Dentro do vale do incompreensível, ela enxerga por minha causa.

— de O Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan

O Barão Vladimir Harkonnen mantinha-se com os olhos baixos na câmara de audiência imperial, uma selamlik oval dentro da tenda do Imperador Padishah. Com olhares reservados, o Barão observara a sala de paredes metálicas e seus ocupantes: os noukkers, os pajens, os guardas, a tropa de Sardaukar da Casa alinhada diante das paredes, em posição de descansar, embaixo de bandeiras sangrentas e esfarrapadas, capturadas em batalha para constituírem a única decoração da sala.

Vozes soaram à direita da câmara, ecoando de uma passagem elevada:

— Abram caminho! Abram caminho para Sua Alteza Real!

O Imperador Padishah Shaddam IV entrou na câmara de audiência seguido por sua corte. Ficou esperando enquanto lhe traziam o trono, ignorando o Barão e aparentemente a todos na sala.

O Barão percebeu-se incapaz de ignorar Sua Alteza Real, e observou o Imperador em busca de um sinal, de algum indício do propósito dessa audiência. O Imperador mantinha-se altivo, esperando. Uma figura magra e elegante, em uniforme cinza de Sardaukar, com ornamentos dourados e prateados. O rosto magro e os olhos frios lembravam o Duque Leto, há tanto tempo morto. Lá estava a mesma aparência de ave de rapina. Mas o cabelo do Imperador era ruivo, não escuro, e a maior parte dele encontrava-se oculta pelo capacete negro de Burseg, com a crista imperial dourada sobre o topo.

Pajens trouxeram o trono. Uma cadeira maciça esculpida em uma única peça de quartzo Hagal — translúcida, azul-esverdeada, com fios de fogo amarelo. Eles a colocaram sobre uma plataforma. O Imperador subiu e sentou-

se. Uma velha em manto negro, com um capuz cobrindo-lhe a testa, destacou-se da comitiva do Imperador e tomou posição ao lado do trono, uma de suas mãos esqueléticas repousando no recosto de quartzo. Seu rosto surgia de dentro do capuz como uma caricatura de bruxa — olhos e bochechas afundados, nariz muito comprido, pele manchada e veias salientes. O Barão procurou controlar seus temores ante a visão daquela criatura. A presença da Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, a Reveladora da Verdade do Imperador, mostrava a importância da audiência. O Barão afastou os olhos dela, observando o séquito em busca de um indício. Havia dois agentes da Corporação, um alto e gordo, o outro baixo e também gordo, ambos com olhos cinzentos. E entre os lacaios erguia-se uma das filhas do Imperador, a Princesa Irulan, mulher de quem diziam estar sendo treinada nos mais profundos conhecimentos Bene Gesserit com o fito de se tornar uma Reverenda Madre. Era alta e loura, com um rosto de pura beleza esculpida e olhos verdes que pareciam fitar através dele.

— Meu caro Barão. — O Imperador condescendera em notar-lhe a presença. A voz era de barítono, com elaborado controle. Conseguia menosprezá-la ao mesmo tempo em que o saudava. O Barão curvou-se totalmente e avançou para a posição requerida, a dez passos da plataforma do trono.

— Eu vim ao seu chamado, Majestade.

— Chamado! — riu-se a velha bruxa.

— Reverenda Madre! — ralhou o Imperador, ao mesmo tempo em que sorria ante o embaraço do Barão. — Primeiro me dirá aonde enviou seu assecla Thufir Hawat. O Barão olhou de relance para a esquerda e para a direita, arrependendo-se de ter vindo a esse lugar sem seus próprios guardas. Não que eles fossem de muita ajuda contra os Sardaukar. Ainda assim...

— Bem? — insistiu o Imperador.

— Ele saiu há cinco dias, Majestade. — Olhou rapidamente na direção dos agentes da Corporação, depois de volta para o Imperador. — Devia pousar em uma base de contrabandistas e tentar infiltrar-se no campo desse Fremen fanático, o tal Muad'Dib.

— Incrível! — exclamou o Imperador.

Uma das garras da bruxa bateu no ombro do Imperador. Ela inclinou-se para a frente, sussurrando em seu ouvido.

O Imperador acenou com a cabeça, concordando, e disse:

— Cinco dias, Barão. Diga-me então por que não está preocupado com sua ausência.

— Mas eu estou preocupado, Majestade!

O Imperador continuou a fitá-lo, esperando. A Reverenda Madre emitiu

uma risada cacarejante.

— O que quero dizer, Majestade — continuou o Barão —, é que, de qualquer modo, Hawat estará morto dentro de mais algumas horas.

E falou ao Imperador sobre o veneno latente e a necessidade do antídoto.

— Que inteligente, Barão! E onde se encontram os seus sobrinhos, Rabban e Feyd-Rautha?

— A tempestade se aproxima, Majestade. Eu os mandei inspecionar o nosso perímetro para o caso de os Fremen atacarem sob a cobertura da areia.

— Perímetro — disse o Imperador. A palavra saiu como se lhe enrugasse a boca. — A tempestade não nos afetará muito aqui na depressão e aquela escória Fremen não vai atacar enquanto eu estiver aqui, com cinco legiões de Sardaukar.

— Certamente que não, Majestade — concordou o Barão. — Mas um erro no lado da cautela não pode ser censurado.

— Ahhh! Censura. Então eu não devo falar sobre quanto tempo essa tolice de Arrakis tem me tomado? Nem nos lucros da Companhia CHOAM derramando-se neste buraco de rato? Ou das obrigações da corte, dos negócios de Estado que tive de retardar, até mesmo cancelar, por causa deste problema estúpido?

O Barão abaixou a cabeça, assustado pela raiva do Imperador.

A delicadeza de sua posição, sozinho e dependente da Convenção do dictum família das Grandes Casas, o inquietava. "Será que ele tenciona me matar?", pensou. "Ele não pode! Não com as demais Grandes Casas aguardando lá em cima, esperando qualquer desculpa para lucrar com essa revolta em Arrakis."

— Conseguiu algum refém? — indagou o Imperador.

— É inútil, Majestade — respondeu o Barão. — Esses loucos desses Fremen realizam uma cerimônia fúnebre para cada prisioneiro e agem como se ele já estivesse morto.

— Ah, sim?

O Barão aguardou, olhando para a direita e para a esquerda, na direção das paredes metálicas da selamlik, pensando na monstruosa tenda de fanmetal à sua volta. A riqueza ilimitada que ela representava deixava perplexo até mesmo o Barão. "Ele traz pajens", pensou, "e inúteis lacaios da corte, suas mulheres e companheiros. Cabeleireiros, costureiros, projetistas, tudo... todos os parasitas da corte. Todos aqui, bajulando, tramando, pavoneando-se ante o Imperador... todos aqui para vê-lo pôr um fim no caso Arrakis, para escrever epigramas sobre as batalhas e idolatrar os feridos."

— Talvez você nunca tenha procurado o tipo certo de reféns disse o

Imperador.

“Ele sabe de alguma coisa”, concluiu o Barão. O medo desceu como uma pedra em seu estômago, até que nem pudesse pensar em comer. E no entanto o sentimento era como a fome, e ele se ergueu várias vezes em seus suspensores como se fosse ordenar que lhe trouxessem comida. Mas não havia ninguém por perto para obedecer aos seus pedidos.

— Tem alguma idéia de quem pode ser esse Muad’Dib? indagou o Imperador.

— Um dos Umma, certamente — respondeu o Barão. Um Fremen fanático, um aventureiro religioso. Eles surgem regularmente nas fronteiras da civilização. Vossa Majestade bem o sabe.

O Imperador olhou para a Reveladora da Verdade, depois voltou o rosto carrancudo para o Barão.

— E não possui qualquer outra informação quanto a esse Muad’Dib?

— Trata-se de um louco, Majestade. Mas afinal todos os Fremen são um pouco loucos.

— Louco?

— Sua gente grita o seu nome ao lançar-se à luta. As mulheres jogam seus recém-nascidos contra nós e se atiram sobre nossas facas a fim de abrir caminho para seus homens. Eles não têm nenhuma... nenhuma... decência!

— Tão ruim assim? — murmurou o Imperador, o tom de desprezo não passando despercebido ao Barão. — Diga-me, caro Barão, já mandou investigar as regiões em torno do pólo sul de Arrakis?

O Barão olhou para o Imperador, chocado com a súbita mudança de assunto.

— Mas... bem, como sabe, Majestade, toda aquela região é inabitável, aberta aos ventos e aos vermes. Não há nem mesmo especiaria naquelas latitudes.

— Não recebeu relatórios das naves de transporte de especiaria, falando de pequenas extensões verdes aparecendo por lá?

— Sempre houve tais relatórios. Alguns deles foram averiguados há muito tempo. Certas plantas foram vistas. Muitos “tópteros” foram perdidos. Demasiado custoso, Majestade. Trata-se de um lugar onde os homens não podem sobreviver por muito tempo.

— Então... — disse o Imperador.

Estalou os dedos e uma porta se abriu à sua esquerda, por trás do trono. Por ela saíram dois Sardaukar conduzindo uma menininha que parecia ter quatro anos de idade. Ela usava um manto aba negro, com o capuz jogado para trás revelando os cordões de um traje-destilador pendendo livres sobre sua garganta.

Seus olhos tinham o azul dos Fremen, dominando um rosto redondo e macio.

Ela não demonstrava medo e em seu olhar havia algo que fazia com que o Barão se sentisse ainda menos à vontade, sem que pudesse explicar a razão.

Até mesmo a velha Reveladora da Verdade Bene Gesserit recuou ante a passagem da criança, fazendo um sinal de cautela em sua direção. A velha bruxa fora obviamente abalada por aquela presença.

O Imperador pigarreou para falar, mas a menina falou primeiro.

Voz fraca, com traços de um balbuciar causado pelo palato ainda mole, mas não obstante muito clara.

— Então, aqui está ele — disse, avançando até a borda da plataforma do trono. — Não parece grande coisa, parece? Um velho gordo e assustado, fraco demais para aguentar a própria carne sem a ajuda de suspensores.

Uma declaração tão inesperada, partindo da boca de uma criança, fez o Barão olhar para ela, sem fala, a despeito de sua raiva.

“Será uma anã?”, indagou a si mesmo.

— Meu caro Barão — disse o Imperador —, conheça a irmã do Muad’Dib.

— A ir... — O Barão voltou sua atenção para o Imperador.

— Mas eu não compreendo.

— Eu também, algumas vezes, erro pelo lado da cautela. Têm-me relatado que suas regiões em torno do pólo sul, ditas inabitáveis, mostram evidências de atividade humana.

— Mas isso é impossível! — protestou o Barão. — Os vermes... a areia é aberta aos...

— Essa gente parece capaz de evitar os vermes — explicou o Imperador.

A criança sentou-se na borda da plataforma ao lado do trono, os pés balançando. Havia uma aparência de total confiança no modo como ela observava ao redor.

O Barão olhou os pés chutando o ar, o modo como eles moviam o manto negro, o indício das sandálias ocultas sob o tecido.

— Infelizmente — continuou o Imperador —, enviei apenas cinco transportes de tropas com uma força de ataque ligeira a fim de recolher prisioneiros para interrogatório. Por pouco conseguimos escapar com três prisioneiros e um único transporte de tropas sobreviventes. Preste atenção, Barão, meus Sardaukar quase foram esmagados por uma força composta principalmente de mulheres, crianças e velhos. Esta criança aqui encontrava-se no comando de um dos grupos atacantes.

— Está vendo, Majestade! — exclamou o Barão. — Está vendo como eles são!

— Eu me deixei capturar — falou a criança. — Não queria encarar meu irmão e ter de lhe dizer que seu filho fora morto.

— Somente um punhado dos nossos homens conseguiu escapar — disse o Imperador. — Escapar, ouviu bem?

— Nós os teríamos apanhado também — gabou-se a criança se não fossem as chamas.

— Meus Sardaukar usaram os jatos de altitude de seu transporte como lança-chamas. Um movimento desesperado e a única coisa que os tirou de lá com os três prisioneiros. Marque bem o que estou lhe dizendo, meu caro Barão: Sardaukar forçados a fugir em confusão para escapar de mulheres, crianças e velhos.

— Devemos atacar com força total — falou o Barão de modo estridente. — Devemos destruir até o último vestígio...

— Cale-se! — rugiu o Imperador, erguendo-se do trono. — Não abuse mais de minha inteligência! Você permanece aí, com essa inocência tola e...

—Majestade! — advertiu a Reverenda Madre.

O Imperador acenou para que ela se calasse.

— Diz que não sabe a respeito da atividade que encontramos, nem sobre as qualidades combativas dessa gente soberba! Pelo que me toma, Barão?

O Barão deu dois passos para trás, pensando: “Foi Rabban, ele fez isso comigo, Rabban tem...”

— E essa falsa disputa com o Duque Leto — murmurou o Imperador, deixando-se cair no trono. — Que lindo modo de manobrar tudo.

— Majestade! — suplicou o Barão. — Que está...

— Silêncio!

A velha Bene Gesserit colocou a mão sobre o ombro do Imperador, curvando-se para falar em seu ouvido.

A criança sentada na plataforma parou de mexer com os pés e disse:

— Faça-o ter mais medo, Shaddam. Eu não devia apreciar isso, mas acho impossível suprimir esse prazer.

— Quieta, criança — ordenou o Imperador. Inclinando-se para a frente, colocou a mão sobre a cabeça da menina e olhou diretamente para o Barão. — Será possível, Barão? Que seja tão ingênuo quanto sugere a minha Reveladora da Verdade? Não reconhece esta criança, filha de seu aliado, o Duque Leto?

— Meu pai nunca foi aliado dele — disse a criança. — Meu pai está morto e essa velha besta Harkonnen nunca me viu antes.

O Barão ficou reduzido a uma expressão estupefata. Quando reencontrou a voz, foi apenas para perguntar, rouco:

— Quem?

— Eu sou Alia, filha do Duque Leto e de Lady Jessica, e irmã do Duque Paul Muad'Dib — falou a criança, saltando para o piso da câmara de audiência. — Meu irmão prometeu que colocará sua cabeça no topo de um estandarte de batalha, e eu acho que ele deve fazer isso.

— Fique quieta, criança — disse o Imperador, recostando-se no trono, a mão no queixo, observando o Barão.

— Eu não recebo ordens do Imperador — respondeu Alia.

Voltou-se, olhando para a velha Reverenda Madre.

— Ela bem o sabe.

O Imperador olhou para sua Reveladora da Verdade.

— O que ela quer dizer?

— Essa criança é abominável — respondeu a velha. — Sua mãe merece uma punição maior do que qualquer coisa já registrada na história. A morte! Que não pode vir muito depressa para essa criança ou para aquela que a gerou! — A velha apontou um dedo para Alia. — Saia de minha mente!

— T-P? — sussurrou o Imperador, voltando a atenção para Alia.

— Pela Grande Mãe!

— Não compreende, Majestade — disse a velha. — Não é telepatia. Ela está em minha mente. Ela é como aquelas que me precederam, aquelas que me deram suas memórias. Ela fica em minha mente! Ela não pode estar lá, mas está!

— Que outras? — quis saber o Imperador. — Que tolice é essa?

A velha levantou-se, abaixando a mão.

— Eu já falei demais, mas permanece o fato de que essa criança que não é criança deve ser destruída. Há muito fomos avisadas contra ela e a respeito de como evitar tal nascimento, mas uma de nós nos traiu.

— Você está dizendo tolices, velha — retrucou Alia. — Você não sabe como foi, e no entanto matraca como uma idiota obtusa.

Alia fechou os olhos, respirou fundo e prendeu a respiração.

A Velha Reverenda Madre gemeu e cambaleou.

Alia abriu os olhos.

— Assim é que foi, um acidente cósmico... e você desempenhou um papel nele.

A Reverenda Madre estendeu ambas as mãos, as palmas agitando-se no ar, tentando alcançar Alia.

— Que está acontecendo aqui? — indagou o Imperador. Criança, pode mesmo projetar seus pensamentos na mente de outra pessoa?

— Não é assim — respondeu Alia. — A não ser que eu tenha nascido como você, não posso pensar como você.

— Mate-a! — balbuciou a velha, agarrando-se ao recosto do trono como

suporte. — Mate-a! — Os olhos fundos brilhavam para Alia.

— Silêncio! — ordenou o Imperador, observando Alia. — Criança, é capaz de se comunicar com seu irmão?

— Meu irmão sabe que estou aqui.

— Pode dizer-lhe que se renda para salvar sua vida?

Alia sorriu para o Imperador de modo inocente.

— Eu não faria isso.

O Barão cambaleou para a frente, até se colocar ao lado de Alia.

— Majestade — suplicou —, eu não sabia de nada...

— Interrompa-me mais uma vez, Barão — advertiu o Imperador —, e perderá a capacidade de interromper... para sempre.

Mantinha a atenção voltada para Alia, observando-a através de olhos semicerrados.

— Você não vai, hein? Pode ler em minha mente o que farei se me desobedecer?

— Já lhe disse que não posso ler mentes, mas ninguém precisa de telepatia para perceber suas intenções.

O Imperador franziu a testa.

— Criança, sua causa está perdida. Só tenho de reunir forças e reduzir este planeta a...

— Não é tão simples assim — respondeu Alia. Olhou para os dois homens da Corporação. — Pergunte a eles.

— Não é inteligente ir de encontro aos meus desejos — disse o Imperador. — Não me deve negar o mínimo que seja.

— Meu irmão virá agora — avisou Alia. — Mesmo um Imperador pode tremer ante o Muad'Dib, pois ele tem a força dos justos e os céus lhe sorriem.

O Imperador levantou-se abruptamente.

— Esta brincadeira já foi suficientemente longe. Eu pegarei o seu irmão e este planeta e vou pulverizá-los até...

A sala estremeceu e sacudiu ao redor deles. Uma súbita cascata de areia derramou-se atrás do trono, onde a tenda se acoplava à nave do Imperador. Uma abrupta tensão na pele revelou que um escudo de grande alcance estava sendo ativado.

— Eu o avisei — disse Alia. — Meu irmão vem aí.

O Imperador ficou de pé diante do trono, a mão direita pressionando o ouvido direito, com um servorreceptor ali colocado transmitindo seu relatório de situação. O Barão moveu-se dois passos para trás de Alia, enquanto os Sardaukar saltavam para posições junto às portas.

— Vamos retornar ao espaço e reagrupar-nos — disse o Imperador. —

Minhas desculpas, Barão. Esses loucos estão atacando sob a cobertura da tempestade. Vamos mostrar-lhes a ira do Imperador. Apontou para Alia. — Entregue o corpo dela à tempestade.

Enquanto ele falava, Alia recuava, fingindo terror.

— Deixe que a tempestade tenha o que ela puder pegar! — gritou ela. E recuou, caindo nos braços do Barão.

— Eu a peguei, Majestade! — gritou ele. — Devo despachá-la agora, aaahhhh! — jogou Alia no chão, segurando o braço esquerdo.

— Sinto muito, vovô — disse Alia. — Você acaba de conhecer o gom jabbar dos Atreides. — Levantou-se, deixando uma agulha negra cair de sua mão.

O Barão recuou, os olhos arregalados enquanto olhavam para um talho vermelho na palma da mão esquerda.

— Você... você...

Caiu de lado sobre os suspensores, uma massa pendente de carne segura a algumas polegadas do piso, a cabeça tombada e a boca aberta.

— Essa gente é insana — rosnou o Imperador. — Rápido! Para a nave. Nós purificaremos este planeta de cada...

Alguma coisa emitiu centelhas à sua esquerda. Um relâmpago esférico saltou da parede naquele ponto, estalando ao tocar o piso metálico, o cheiro de isolamento queimado espalhando-se através da selamlik.

— O escudo! — gritou um dos oficiais Sardaukar. — O escudo externo está arriado! Eles...

Suas palavras foram apagadas num rugido metálico quando a parede da nave, atrás do Imperador, tremeu e balançou.

— Eles estouraram o nariz de nossa nave! — gritou alguém.

A poeira espalhava-se pela sala. Sob sua cobertura, Alia saltou, correndo para a porta externa.

O Imperador girou, movimentando seu pessoal na direção de uma porta de emergência que se abrira na parede da nave, ao lado do trono. Fez um sinal com a mão para um oficial Sardaukar que saltara do meio da poeira:

— Faremos nossa linha de defesa aqui! — ordenou.

Outra explosão sacudiu a tenda. As portas duplas abriram-se na extremidade oposta da câmara, admitindo areia carregada pelo vento e o som de gritos. Uma pequena figura em manto negro pôde ser vista momentaneamente contra a luz: Alia correndo para apanhar uma faca e, como convinha ao seu treinamento Fremen, matar os Harkonnen e os Sardaukar que estivessem feridos. Os Sardaukar da Casa avançaram através da névoa amarelo-esverdeada, na direção da abertura, armas prontas, formando um arco para proteger a retirada do

Imperador.

— Salve-se, senhor! — gritou o oficial Sardaukar. — Entre na nave!

Mas o Imperador permanecia sozinho agora, sobre a plataforma do trono que apontava para a porta. Uma seção de quarenta metros da tenda gigante explodira e as portas da selamlik abriam-se para a areia levada pelo vento. Uma nuvem de poeira estendia-se baixa sobre o mundo exterior, soprada de uma distância apenas esboçada em tons pastéis. Relâmpagos de eletricidade estática saltavam da nuvem, e os clarões e centelhas dos escudos entrando em curto-circuito devido à carga da tempestade podiam ser vistos através da poeira. A planície fervilhava de figuras em combate — Sardaukar e homens envoltos em mantos que giravam e pulavam parecendo sair da própria tempestade.

Tudo isso era como uma moldura para o alvo indicado pela mão do Imperador.

Da neblina de areia apareceu uma massa ordeira de formas cintilantes — grandes curvas elevando-se, cheias de agulhas de cristal, e se convertendo em bocas de vermes da areia formando uma muralha maciça deles, cada qual com tropas Fremen cavalgando para o ataque. Aproximaram-se numa cunha sibilante, as roupas batendo ao vento enquanto cortavam seu caminho através da escaramuça na planície.

Eles avançaram para a frente, em direção à tenda do Imperador, enquanto os Sardaukar da Casa ficavam perplexos pela primeira vez em sua história, atordoados por um ataque que suas mentes não conseguiam aceitar.

Mas as figuras saltando do dorso dos vermes eram homens, e as lâminas brilhando àquela sinistra luz amarela eram algo que os Sardaukar haviam sido treinados para enfrentar. Eles se lançaram em combate, e foi homem contra homem na planície de Arrakeen, enquanto uma guarda pessoal de Sardaukar escolhidos empurrava o Imperador para dentro da nave, selando a porta atrás dele e se preparando para morrer ali como parte do seu escudo.

No choque do relativo silêncio dentro da nave, o Imperador olhou para os rostos e os olhos arregalados de seu séquito, vendo a filha mais velha corada pelo esforço, a velha Reveladora da Verdade parecendo uma sombra negra com o capuz puxado sobre o rosto, e afinal encontrando as faces que procurava: os dois homens da Corporação. Eles estavam vestidos na cor cinza característica, sem adornos, o que parecia adequado à calma que ambos mantinham, apesar da carga emocional ao seu redor.

O mais alto dos dois, entretanto, mantinha uma das mãos sobre o olho esquerdo. Enquanto o Imperador observava, alguém esbarrou no braço do homem, a mão se moveu e o olho foi revelado.

Ele havia perdido uma de suas lentes de contato dissimuladoras, e o olho

mostrava agora um azul total, tão escuro a ponto de ser quase negro.

O mais baixo abriu caminho, parando a um passo do Imperador.

— Não sabemos o que vai acontecer.

E o companheiro mais alto, a mão de volta sobre o olho, acrescentou com voz fria:

— Mas esse Muad'Dib também não pode saber.

As palavras sacudiram o Imperador para fora de seu estupor.

Ele dominou o desprezo em sua voz com visível esforço, já que não era necessário o foco simplório de um navegador da Corporação sobre a maior probabilidade para ver o futuro imediato que se seguiria à luta naquela planície. "Estarão esses dois tão dependentes de sua faculdade a ponto de terem perdido a capacidade de usar seus olhos e seu raciocínio?", perguntou-se o Imperador.

— Reverenda Madre — disse ele —, precisamos conceber um plano.

Ela ergueu o capuz do rosto, fitando o Imperador sem piscar.

O olhar que passou entre os dois revelava um completo entendimento. Ambos só tinham agora uma arma e sabiam qual era: traição.

— Chame o Conde Fenring em seus alojamentos — ordenou a Reverenda Madre.

O Imperador Padishah concordou com um aceno e gesticulou para que um dos auxiliares obedecesse ao comando.

48

Ele era um guerreiro e um místico, ogro e santo, a raposa e o inocente, cavalheiresco e implacável, menos que um deus, mais que um homem. Não há medida para as razões do Muad'Dib pelos padrões normais. No momento de seu triunfo, ele viu a morte e no entanto aceitou a traição. Pode-se dizer que ele fez isso por um sentimento de justiça? Então, justiça de quem? Lembrem-se de que estamos falando do Muad'Dib, que ordenou tambores de batalha feitos com a pele de seus inimigos, o Muad'Dib que negou as convenções de seu passado ducal com um aceno de mão, dizendo meramente: — Eu sou o Kwisatz Haderach. Isso é razão suficiente.

— de O Despertar de Arrakis,
escrito pela Princesa Irulan

Foi para a mansão do governador de Arrakeen, a velha residência que os Atreides haviam ocupado ao chegarem à Duna, que eles escoltaram Paul Muad'Dib na noite de sua vitória. O prédio erguia-se exatamente como Rabban o restaurara, virtualmente intocado pela luta, embora houvessem ocorrido saques por parte da gente da cidade. Parte da mobília do salão principal fora revirada e destroçada.

Paul caminhou através da entrada principal, com Gurney Halleck e Stilgar seguindo-o um passo atrás. Sua escolta espalhara-se pelo salão principal, consertando o lugar e limpando uma área para o Muad'Dib. Um esquadrão começou a investigar para ter certeza de que nenhuma armadilha oculta fora deixada ali.

— Eu me lembro do dia em que chegamos aqui com seu pai — comentou Gurney. Olhou para as vigas e para as janelas altas e estreitas. — Não gostei deste lugar naquela ocasião e gosto menos agora. Uma de nossas cavernas seria mais segura.

— Falando como um verdadeiro Fremen — disse Stilgar, notando o sorriso frio que suas palavras traziam aos lábios do Muad'Dib. — Vai reconsiderar, Muad'Dib?

— Este lugar é um símbolo — respondeu Paul. — Rabban viveu aqui. Ao

ocupar este local, eu selo minha vitória para que todos entendam. Envie homens para inspecionarem o prédio. Não toquem em nada. Apenas se certifiquem de que não restou gente dos Harkonnen ou um de seus brinquedos.

— As suas ordens — disse Stilgar, com nítida relutância em seu tom de voz enquanto se virava para obedecer.

Os homens das comunicações correram para dentro da sala com seu equipamento, começando a instalá-lo perto da grande lareira.

A guarda Fremen que se adicionara aos Fedaykin sobreviventes tomou posições ao redor do aposento. Havia murmúrios entre eles, e muitos olhares rápidos de suspeita. Por muito tempo esse fora um lugar do inimigo para que agora aceitassem casualmente a sua própria presença dentro dele.

— Gurney, mande uma escolta buscar minha mãe e Chani. Será que Chani já sabe a respeito de seu filho?

— A mensagem foi enviada, meu senhor.

— Os produtores já estão sendo retirados do interior da depressão?

— Sim, meu senhor, a tempestade já está quase no fim.

— Qual a extensão dos danos causados por ela?

— Em sua trilha direta, sobre o campo de pouso e os armazéns de estocagem na planície, os danos foram pesados respondeu Gurney. — Tanto os da tempestade quanto os da batalha.

— Nada que o dinheiro não possa consertar, presumo.

— Exceto pelas vidas, meu senhor — observou Gurney, um tom de censura em sua voz, como se dissesse: “Desde quando um Atreides se preocupa primeiro com as coisas quando há pessoas em jogo?”

Paul, todavia, só podia focalizar sua atenção na visão interna e nas fendas visíveis na muralha do tempo que ainda se estendia sobre seu caminho. Através de cada abertura, o jihad avançava furioso pelos corredores do futuro.

Ele suspirou e atravessou o salão, vendo uma cadeira contra a parede. Ela já estivera na sala de jantar e poderia até ter sido a de seu pai. Naquele momento, entretanto, era apenas um objeto sobre o qual repousar seu cansaço, ocultando-o de seus homens.

Sentou-se, puxando os mantos de sobre as pernas e afrouxando o traje-destilador ao redor do pescoço.

— O Imperador permanece entocado nos restos de sua nave disse Gurney.

— Por enquanto, mantenham-no lá. Já encontraram os Harkonnen?

— Ainda estão examinando os mortos.

— Qual foi a resposta das naves lá em cima? — Paul ergueu o queixo para o teto.

— Nenhuma resposta ainda, meu senhor.

Paul suspirou novamente, recostando-se na cadeira. Daí a pouco disse:

— Tragam-me um prisioneiro Sardaukar. Devemos enviar uma mensagem ao Imperador. É hora de discutir os termos.

— Sim, meu senhor.

Gurney voltou-se, fazendo um sinal com a mão para um Fedaykin que assumira posição de guarda junto de Paul.

— Gurney — sussurrou Paul. — Desde que nos reunimos ainda não o ouvi pronunciar a citação adequada ao evento.

Virou-se e viu Gurney engolir em seco, o súbito enrijecer dos músculos ao redor do queixo.

— Como quiser, meu senhor — respondeu Gurney. Pigarreou, falando com a voz rouca: — E a vitória naquele dia se transformou em tristeza para todo o povo: pois naquele dia as pessoas ouviram dizer que o rei perdera seu filho.

Paul fechou os olhos, forçando a mágoa para fora de sua mente, deixando-a esperar como ele uma vez esperara para lamentar pelo pai. Por ora, voltava os pensamentos para as descobertas acumuladas nesse dia: a união de futuros e a presença oculta de Alia em sua consciência.

De todos os usos da visão do tempo, esse era o mais estranho.

— Eu enfrentei o futuro para colocar minhas palavras onde apenas você pudesse ouvi-las — dissera Alia. — Nem mesmo você pode fazer isso, meu irmão. Eu acho um jogo interessante. E... ah sim, eu matei o nosso avô, o velho Barão demente. Ele quase não sentiu dor.

Silêncio. Seu sentido de tempo a vira retirar-se.

— Muad’Dib!

Paul abriu os olhos para ver, acima dele, o semblante escuro de Stilgar, as pupilas ainda brilhantes com o fogo da batalha.

— Vocês encontraram o corpo do velho Barão — disse Paul.

— Como poderia saber? — sussurrou Stilgar, surpreso. Acabamos de encontrar o corpo naquela grande pilha de metal que o Imperador construiu.

Paul ignorou a pergunta, vendo que Gurney voltava, acompanhado por dois Fremen suportando um prisioneiro Sardaukar.

— Aqui está um deles, meu senhor — disse Gurney, fazendo sinal para que os guardas segurassem o prisioneiro cinco passos à frente de Paul.

Os olhos do Sardaukar, percebeu Paul, tinham a aparência vidrada de uma pessoa em choque. Uma contusão azulada estendia-se da ponta do nariz até o canto da boca. Ele era da casta loura e bem apessoada cuja aparência constituía sinônimo de posição entre os Sardaukar. E no entanto não havia insígnia no uniforme rasgado, exceto pelos botões dourados com a crista imperial e as fitas esfarrapadas das calças.

— Creio que este é um oficial — disse Gurney.

Paul assentiu, dizendo:

— Sou o Duque Paul Atreides. Compreende isso, homem?

O Sardaukar olhou para ele, imóvel.

— Fale! — gritou Paul —, ou seu Imperador pode morrer.

O homem piscou, engolindo em seco.

— Quem sou eu? — perguntou Paul.

— O Duque Paul Atreides.

Ele parecia excessivamente submisso a Paul, mas nesse caso os Sardaukar nunca teriam sido preparados para acontecimentos como os desse dia. Nunca haviam conhecido outra coisa senão a vitória, e isso, Paul compreendeu, podia ser uma fraqueza. Colocou de lado esse pensamento para consideração posterior visando seu próprio programa de treinamento.

— Tenho uma mensagem para que leve ao Imperador — disse Paul, moldando suas palavras de acordo com a antiga fórmula: — Eu, um Duque de uma Grande Casa, membro da família imperial, dou minha palavra de juramento sob a Grande Convenção. Se o Imperador e sua gente depuserem as armas e vierem a mim, eu protegerei suas vidas como a minha própria. — Ergueu a mão com o sinete ducal para que o Sardaukar o visse.

— Juro por isto!

O homem umedeceu os lábios com a língua e olhou para Gurney.

— Sim — acrescentou Paul. — Quem senão um Atreides receberia a lealdade de Gurney Halleck?

— Eu levarei a mensagem — concordou o Sardaukar.

— Levem-no para nosso posto de comando avançado e enviem-no — ordenou Paul.

— Sim, meu senhor — Gurney fez sinal para que os guardas obedecessem e levou-os para fora.

Paul voltou-se para Stilgar.

— Chani e sua mãe acabam de chegar — disse Stilgar. — Chani pediu um pouco de tempo para ficar só com sua dor. A Reverenda Madre pediu um momento na sala estranha, não sei por quê.

— Minha mãe está doente, saudosa de um planeta que talvez nunca mais veja. Onde a água cai do céu e as plantas crescem tão juntas que não se pode caminhar entre elas.

— Água do céu — sussurrou Stilgar.

Naquele instante, Paul percebeu como Stilgar fora transformado de um Fremen naib em uma criatura do Lisan al-Gaib, receptáculo de obediência e admiração. Era uma redução do homem que fora e Paul sentiu os ventos

fantasmagóricos do jihad naquela constatação.

“Acabo de ver um amigo transformar-se num adorador”, pensou.

Sentindo uma súbita solidão, olhou à volta notando como os guardas pareciam colocar-se em posição de revista na sua presença. Sentia uma competição sutil e orgulhosa desenvolvendo-se entre eles. Cada um esperando ser notado pelo Muad’Dib.

“O Muad’Dib, de quem fluem todas as bênçãos”, pensou Paul, como se esse fosse o pensamento mais amargo de toda a sua vida.

“Eles sentem que eu devo assumir o trono, mas não sabem que faço isso para evitar o jihad.”

Stilgar pigarreou e disse:

— Rabban também está morto.

Paul assentiu com a cabeça.

Os guardas à sua direita subitamente se colocaram em posição de sentido, abrindo caminho para Jessica. Ela usava o manto negro e seu andar mostrava indícios da maneira de se caminhar sobre a areia, mas Paul não deixou de perceber como essa casa restaurava um pouco do que ela já fora — a concubina de um Duque governante. Sua presença ainda tinha algo da antiga arrogância.

Jessica parou diante de Paul e olhou para ele. Percebeu sua fadiga e o modo como ele a ocultava, mas não conseguiu sentir compaixão. Era como se houvesse ficado incapaz de sentir qualquer emoção pelo filho.

Havia penetrado no Grande Salão imaginando por que esse lugar se recusava a encaixar-se harmoniosamente em suas memórias. Permanecia uma sala estranha, como se nunca houvesse caminhado por ela, nunca houvesse andado ali com seu amado Leto, nunca houvesse ali confrontado um Duncan Idaho bêbado... nunca, nunca, nunca...

“Devia haver uma palavra-tensão diretamente oposta a adab, a memória que se impõe. Devia existir uma palavra para as memórias que se anulam a si mesmas.”

— Onde está Alia? — indagou.

— Lá fora, fazendo o que qualquer boa criança Fremen deveria estar fazendo em tal ocasião — respondeu Paul. — Está matando inimigos feridos e marcando seus corpos para as equipes de recuperação de água.

— Paul!

— Deve compreender que ela faz isso por misericórdia. Não é curioso como interpretamos mal a unidade oculta entre bondade e crueldade?

Jessica olhou furiosa para o filho, chocada pela profunda mudança que ocorrera nele. “Que representou a morte de seu filho em meio a tudo isso?”, ela se perguntou. Depois disse:

— Os homens contam histórias estranhas a seu respeito, Paul. Dizem que possui todos os poderes da lenda, que nada lhe pode ser oculto, que vê onde outros não podem ver.

— Uma Bene Gesserit me indagando a respeito de lendas?

— Tive uma participação no que você se tornou — ela admitiu mas não deve esperar que eu...

— Como se sentiria vivendo bilhões de bilhões de vidas? indagou Paul. — Há um tecido de lendas para você! Pense em todas aquelas experiências, na sabedoria que trariam. Mas a sabedoria tempera o amor, não é? E dá novas formas ao ódio. Como pode me dizer o que é cruel, a não ser que já tenha mergulhado nas profundezas de ambos, nos extremos da bondade e da crueldade? Você devia me temer, mãe. Eu sou o Kwisatz Haderach.

Jessica tentou engolir com a garganta seca, depois disse:

— Uma vez você me negou que fosse o Kwisatz Haderach.

Paul sacudiu a cabeça.

— Não posso negar mais nada. — Olhou nos olhos dela. O Imperador e sua gente vêm aqui agora. Serão anunciados a qualquer momento. Fique ao meu lado. Quero ter uma visão clara de todos eles. E minha futura noiva estará entre eles.

— Paul! Não cometa o erro de seu pai!

— Ela é uma princesa — insistiu Paul. — É a chave para o trono, e isso é tudo que ela vai ser. Erro? Pensa que por ser eu aquilo que fez de mim não sinto necessidade de vingança?

— Mesmo sobre uma inocente? — indagou Jessica, enquanto pensava: "Ele não deve cometer os erros que eu cometi."

— Não há mais inocentes — respondeu Paul.

— Diga isso a Chani — disse Jessica, apontando para a passagem que conduzia aos fundos da residência.

Chani entrou no Grande Salão vinda de lá, caminhando entre os guardas Fremen como se não os visse. O capuz e o gorro do traje-destilador caindo para trás, a máscara facial presa ao lado. Caminhava com frágil incerteza, atravessando o salão para se colocar ao lado de Jessica.

Paul viu as marcas das lágrimas no rosto dela. "Ela dá água aos mortos." Sentiu uma pontada de mágoa em seu interior, mas foi como se só pudesse ter esse sentimento na presença de Chani.

— Ele está morto, meu amado — disse ela. — Nosso filho está morto.

Mantendo-se sob rígido controle, Paul levantou-se e estendeu a mão para tocar o rosto de Chani, sentindo a umidade de suas lágrimas.

— Ele não pode ser substituído, mas haverá outros filhos — disse ele. —

É Usul quem promete isso.

Colocou-a ao seu lado com delicadeza e acenou para Stilgar.

— Muad'Dib — apresentou-se Stilgar.

— Eles estão vindo da nave, o Imperador e sua gente disse Paul. — Eu ficarei aqui. Coloque os prisioneiros num espaço aberto no centro da sala. Eles serão mantidos a uma distância de dez metros de mim, a menos que eu ordene o contrário.

— Ao seu comando, Muad'Dib!

Enquanto Stilgar se virava para obedecer, Paul ouviu os murmúrios de admiração entre os guardas Fremen:

— Estão vendo? Ele sabia! Ninguém lhe disse, mas ele sabia!

Agora, podia-se ouvir o séquito do Imperador se aproximando, seus Sardaukar cantarolando uma das marchas destinadas a manter o moral. Houve um murmúrio na entrada e Gurney Halleck passou entre os guardas, conferenciando com Stilgar e depois se movendo para ficar ao lado de Paul, uma aparência estranha nos olhos.

"Será que vou perder o Gurney também?", pensou Paul. "Do mesmo modo como perdi Stilgar... perder um amigo para ganhar uma criatura?"

— Eles não trazem armas de arremesso — avisou Gurney. — Eu mesmo me certifiquei disso. — Olhou a sala vendo os preparativos de Paul. — Feyd-Rautha Harkonnen está com eles. Devo separá-lo?

— Deixe-o.

— Há alguns homens da Corporação também, exigindo privilégios especiais e ameaçando um embargo contra Arrakis. Disse-lhes que lhe transmitiria a mensagem.

— Deixe que ameacem.

— Paul! — advertiu Jessica. — Ele está falando da Corporação!

— Vou arrancar-lhes as presas daqui a pouco — respondeu Paul.

E pensou então na Corporação, uma força que se especializara durante tanto tempo que se tornara um parasita, incapaz de existir independentemente da vida da qual se nutria. Nunca se haviam atrevido a empunhar a espada... e agora não podiam segurá-la.

Podiam ter-se apoderado de Arrakis quando compreenderam o erro que haviam cometido ao se especializarem no narcótico de ampliação de consciência para seus navegadores. Poderiam ter feito isso, vivendo seus dias gloriosos e morrendo. Em vez disso, preferiam existir de um momento para outro, esperando que os mares em que nadavam pudessem produzir um novo hospedeiro quando o antigo morresse.

Os navegadores da Corporação, dotados de um dom limitado de

presciência, haviam tomado uma decisão fatal: escolher sempre o rumo mais claro e seguro que conduzia para baixo, em direção à estagnação.

“Deixe que olhem de perto para seu novo hospedeiro”, pensou Paul.

— Há também uma Reverenda Madre Bene Gesserit que afirma ser amiga de sua mãe — disse Gurney.

— Minha mãe não tem amigas Bene Gesserit.

Mais uma vez, Gurney olhou na direção do Grande Salão, e então se curvou junto ao ouvido de Paul.

— Thufir Hawat está com eles, meu senhor. Não tive chance de vê-lo em particular, mas ele usou nosso velho código de sinais manuais para dizer que esteve trabalhando com os Harkonnen e pensou que o senhor estivesse morto. Diz que deve ser deixado entre eles.

— Você deixou Thufir entre aqueles...

— Ele queria... e eu achei que era melhor. Se... acontecer algo errado, ele estará onde podemos controlá-lo. Se não, teremos um ouvido do outro lado.

Paul pensou nos vislumbres prescientes que tivera quanto às possibilidades desse momento — e em uma linha de tempo na qual Thufir carregava uma agulha envenenada que o Imperador lhe ordenara que usasse contra “esse novo Duque”.

Os guardas da entrada colocaram-se de lado, formando um corredor curto com suas lanças. Ouviu-se o som de roupas sendo arrastadas, pés raspando a areia que se introduzira na Residência.

O Imperador Padishah Shaddam IV liderou seu séquito para dentro do salão. Seu capacete burseg fora perdido e o cabelo ruivo aparecia em desarranjo. A manga esquerda do uniforme estava rasgada ao longo da costura interna. Ele estava sem cinto e sem armas, mas sua presença movia-se com ele, como uma bolha de escudo de força que mantinha uma área aberta ao seu redor.

Uma lança Fremen caiu subitamente, barrando-lhe o caminho onde Paul ordenara. Os outros atropelaram-se atrás, uma montagem de cores, de pés se arrastando e rostos olhando surpresos.

Paul percorreu o grupo com o olhar, vendo mulheres com sinais de choro dissimulados e lacaios que tinham vindo para apreciar de camarote uma vitória dos Sardaukar e que agora pareciam chocados pela derrota. Viu os olhos de pássaro brilhantes da Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam cintilando embaixo do capuz negro, e ao lado dela o furtivo Feyd-Rautha Harkonnen.

“Há um rosto ali que o tempo me negou”, pensou Paul.

Olhou além de Feyd-Rautha, atraído por um movimento e vendo um rosto magro de doninha que nunca encontrara antes... no tempo ou fora dele. Era um rosto que sentia dever conhecer, e o sentimento carregava a marca do medo.

“Por que devo temer esse homem?”, perguntou a si mesmo.

Inclinou-se para sua mãe, sussurrando:

— O homem à esquerda da Reverenda Madre, aquele de aparência maligna. Quem é ele?

Jessica olhou, reconhecendo o rosto a partir dos dossiês do Duque.

— Conde Fenring — ela disse. — Aquele que esteve aqui bem antes de nós, um eunuco-genético... e um matador.

“O garoto de recados do Imperador”, pensou Paul. E o pensamento era um choque reverberando através de sua consciência, pois ele havia visto o Imperador em incontáveis associações espalhadas através dos futuros possíveis... mas nem uma única vez o Conde Fenring aparecera nessas visões prescientes.

Ocorreu a Paul ter visto seu próprio corpo sem vida, ao longo de incontáveis extensões da teia do tempo, sem que nunca houvesse presenciado o momento de sua morte.

“Será que me foi negado vislumbrar esse homem por ser ele quem vai me matar?”

O pensamento produziu um pressentimento angustiante, e Paul forçou a atenção para longe de Fenring, olhando agora para os remanescentes dos Sardaukar, os soldados e os oficiais com a amargura e o desespero estampados nos rostos. Aqui e ali, entre eles, alguns rostos captaram-lhe a atenção brevemente. Oficiais Sardaukar notando a disposição da sala, tramando e planejando ainda, em busca de um meio para transformar a derrota em vitória.

Finalmente a atenção de Paul recaiu sobre uma mulher loura, alta, de olhos verdes e com um rosto de beleza aristocrática, clássica em sua altivez, intocada pelas lágrimas, completamente inconquistável. Sem que lhe dissessem, já sabia quem era ela — Princesa Real, Bene Gesserit em treinamento, um rosto que sua visão de tempo lhe mostrara em muitos aspectos: Irulan.

“Lá está minha chave”, pensou.

Notou então um movimento entre as pessoas aglomeradas, um rosto e uma figura surgindo: Thufir Hawat, as velhas feições enrugadas, os lábios tingidos de escuro, os ombros caídos, a aparência frágil dos idosos.

— Lá está Thufir Hawat — disse Paul. — Deixe que ele saia, Gurney.

— Meu senhor.

— Deixe que ele se aproxime.

Gurney assentiu.

Hawat cambaleou para a frente assim que uma lança Fremen foi erguida e recolocada atrás dele. Os olhos injetados olhavam para Paul, medindo, buscando.

Paul deu um passo à frente, sentindo os movimentos tensos e hesitantes do Imperador e sua gente.

O olhar de Hawat focalizou além de Paul, e o velho disse: Lady Jessica, só hoje compreendi como lhe fui injusto em meus pensamentos. Não precisa me perdoar.

Paul aguardou, mas sua mãe permaneceu em silêncio.

— Thufir, velho amigo — disse ele. — Como pode ver, minhas costas não se voltam para nenhuma porta.

— O universo é cheio de portas — respondeu Hawat.

— Sou como meu pai, Thufir?

— Mais como seu avô. Tem suas maneiras e o olhar dele nos olhos.

— E no entanto sou filho de Leto. Por isso lhe digo, Thufir: em pagamento pelos anos que serviu à minha família, você pode pedir o que quiser de mim agora. Qualquer coisa. Quer minha vida agora, Thufir? Ela é sua.

Paul deu outro passo à frente, as mãos pendendo ao lado do corpo, notando a compreensão crescer nos olhos de Hawat.

“Ele percebe que eu sei a respeito da traição”, pensou Paul.

Modulando a voz para que fosse levada num quase sussurro aos ouvidos de Hawat e a mais ninguém, Paul disse:

— Falo sério, Thufir. Se pretende me golpear, faça-o agora.

— Só queria estar em sua presença uma vez mais, meu Duque — respondeu Hawat, e Paul notou pela primeira vez o esforço que o velho fazia para não cair. Estendeu a mão, segurando Hawat pelos ombros e sentindo os tremores musculares por baixo deles.

— Está sentindo dor, meu velho amigo?

— Existe dor, meu Duque — concordou Hawat —, mas o prazer é maior. — Ele revirou-se nos braços de Paul, estendendo a mão esquerda, com a palma voltada para cima, em direção ao Imperador, revelando a pequenina agulha presa entre os dedos.

— Está vendo, Majestade? Vê a agulha de seu traidor? Pensava que eu, que dediquei minha vida ao serviço dos Atreides, lhes concederia menos do que isso agora?

Paul cambaleou quando o velho tombou em seus braços, sentindo nele a morte, a total frouxidão. Suavemente, colocou Hawat no chão, levantou-se e fez sinal para que os guardas levassem o corpo.

O silêncio tomou conta da sala enquanto a ordem era obedecida.

Um olhar de espera mortal tornava agora o rosto do Imperador.

Olhos que nunca antes haviam admitido o medo aceitavam-no finalmente.

— Majestade — disse Paul, notando a contração de surpresa que sacudiu a esguia Princesa Real. A palavra fora pronunciada com o controle tonal Bene Gesserit, carregando cada matiz de desprezo e desdém que Paul pudera reunir.

“Treinamento Bene Gesserit de fato”, pensou ela.

O Imperador pigarreou e disse:

— Talvez meu respeitado parente acredite ter todas as coisas sob seu controle agora. Nada poderia estar mais distante dos fatos. Você violou a Convenção, usou atômicos contra...

— Eu usei atômicos contra o relevo natural do deserto. Estava em meu caminho e eu tinha pressa em alcançá-lo, Majestade, para lhe pedir explicação a respeito de algumas de suas estranhas atividades.

— Existe uma enorme armada das Grandes Casas esperando no espaço acima de Arrakis agora mesmo — disse o Imperador. — Só preciso dizer uma palavra e eles...

— Oh, sim — disse Paul —, quase me esquecia deles.

Procurou em meio ao séquito do Imperador até ver os rostos dos dois homens da Corporação. Falou com Gurney :

— São aqueles os dois agentes da Corporação, Gurney? Os dois gordos vestidos de cinza, ali?

— Sim, meu senhor.

— Vocês dois! — disse Paul, apontando. — Saiam daí imediatamente e enviem mensagens mandando aquela frota de volta para casa. Depois disso, pedirão minha permissão antes...

— A Corporação não aceita ordens suas! — retrucou o mais alto dos dois.

Ele e o companheiro abriram caminho através da barreira, de lanças, que foi erguida a um aceno de Paul. Os dois homens aproximaram-se e o mais alto apontou o braço para Paul e disse:

— Você pode muito bem considerar-se sob embargo por sua...

— Se ouvir mais alguma tolice como essa de um dos dois respondeu Paul —, darei uma ordem para que se destrua toda a produção de especiaria de Arrakis... para sempre.

— Está louco? — indagou o mais alto, recuando um passo.

— Então reconhece que tenho poder para fazer isso?

O homem da Corporação pareceu fitar o espaço por um momento, e então disse:

— Sim, pode fazer isso, mas não deve.

— Ahhh! — exclamou Paul, acenando com a cabeça. Navegadores da Corporação, vocês dois, não?

— Sim!

O mais baixo disse :

— Você ficaria também cego e condenaria todos nós a uma morte lenta. Tem alguma idéia do que significa ser privado do licor da especiaria, uma vez

que se esteja viciado?

— O olho que vê adiante, na direção do curso seguro, fica fechado para sempre — disse Paul. — A Corporação estaria inutilizada. Os humanos tornar-se-iam pequenos aglomerados isolados em seus planetas. Vocês sabem que eu poderia fazer isso por puro rancor... ou por puro tédio.

— Vamos discutir isso em particular — pediu o mais alto. — Estou certo de que poderemos chegar a um acordo que seja...

— Mande a mensagem sobre Arrakis para a sua gente. Estou ficando cansado desta discussão — advertiu Paul. Se aquela frota lá em cima não partir logo, não haverá mais motivo para conversa alguma. — Acenou em direção aos encarregados do equipamento de comunicações no lado da sala. — Podem usar nosso equipamento.

— Primeiro devemos conversar sobre isso — disse o mais alto. — Não podemos simplesmente...

— Faça-o! — gritou Paul. — O poder de destruir alguma coisa representa o controle absoluto sobre ela. Já concordaram em que possuo esse poder. Não estamos aqui para discutir, negociar ou chegar a qualquer acordo! Vocês vão obedecer minhas ordens ou sofrer as consequências imediatas!

— Ele realmente pretende fazê-lo! exclamou o mais baixo, e Paul notou que o medo os dominava.

Lentamente, os dois aproximaram-se do equipamento Fremen de comunicações.

— Será que vão obedecer? — perguntou Gurney.

— Eles possuem uma visão do tempo muito estreita — respondeu Paul. Podem enxergar adiante até um muro branco que marca as consequências de sua desobediência. Cada navegador da Corporação em cada nave acima de nós pode olhar adiante para a mesma barreira. Eles vão obedecer. Paul voltou os olhos para o Imperador e disse:

— Quando lhe permitiram que subisse ao trono de seu pai, foi apenas mediante a garantia de que mantivesse o fluxo da especiaria. Fracassou diante deles, Majestade. Sabe quais são as consequências?

— Ninguém me permitiu...

— Pare de bancar o tolo! — gritou Paul. — A Corporação é como uma vila diante de um rio. Eles precisam da água, mas só podem recolher o que necessitam. Não são capazes de represar o rio e controlá-lo, pois isso atrairia as atenções sobre sua dependência e acabaria acarretando sua destruição. O fluxo de especiaria é o rio deles e eu construí uma represa. Mas minha represa não pode ser destruída sem que se destrua o rio inteiro.

O Imperador passou a mão pelo cabelo ruivo, olhando para as costas dos

dois homens da Corporação.

— Até sua Reveladora da Verdade Bene Gesserit está tremendo — continuou Paul. — Há outros venenos que as Bene Gesserit podem usar em seus truques, mas uma vez que se tenham acostumado ao licor de especiaria os outros não funcionam mais.

A velha puxou os mantos negros e disformes em torno do corpo e avançou através do grupo, até se colocar diante da barreira de lanças.

— Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam — disse-lhe Paul —, faz um bom tempo desde Caladan, não?

Ela olhou através dele em direção a Jessica.

— Bem, Jessica, vejo que seu filho é aquele que de fato aguardávamos. Por isso você poderá ser perdoada até mesmo pela abominação de sua filha.

Paul controlou uma raiva fria e penetrante, dizendo-lhe:

— Você nunca teve direito ou razão para perdoar minha mãe por coisa alguma!

Os olhos da velha encontraram os dele.

— Tente seus truques comigo, velha bruxa. Onde está seu gom jabbar? Tente olhar para aquele lugar que vocês não se atrevem a olhar! — disse Paul. — Vai me encontrar lá, olhando para você.

A velha abaixou a cabeça.

— Não tem nada a dizer?

— Eu lhe dei as boas-vindas às fileiras dos humanos ela murmurou. — Não suje isso...

Paul ergueu a voz:

— Observem-na, camaradas! Isso é uma Bene Gesserit, uma Reverenda Madre, criatura paciente dedicada a uma causa paciente. Ela pode esperar junto com suas irmãs — noventa gerações de espera pela combinação ideal de genes e ambiente que produziria a pessoa que seus planos exigiam. Observem-na! Ela sabe agora que as noventa gerações produziram essa pessoa. Aqui estou... mas... eu... nunca... lhe... obedecerei!

— Jessica! — gritou a velha. — Faça com que ele se cale!

— Cale-o você mesma — respondeu Jessica.

Paul olhou furioso para a velha.

— Por sua participação em tudo isto, eu ficaria feliz em mandar que fosse estrangulada. Você não poderia evitá-lo! — gritou ele, enquanto ela se enrijecia de raiva. — Mas eu conheço uma punição melhor, que é deixá-la viver seus últimos anos, sem nunca poder me tocar ou me curvar para realizar qualquer de seus planos.

— Jessica, o que você fez? — quis saber a velha.

— Eu lhe darei somente uma coisa — disse Paul. — Vocês viram parte do que a raça necessita, mas sua visão foi muito pobre. Pensam em controlar a reprodução humana e unir alguns poucos selecionados de acordo com o plano-mestre! Quão pouco vocês compreendem do que...

— Você não deve falar dessas coisas! — silvou a velha.

— Silêncio! — rugiu Paul.

A palavra pareceu adquirir substância enquanto ondulava pelo ar, sob o controle de Paul.

A velha cambaleou para trás e tombou nos braços daqueles que se encontravam às suas costas, o rosto destituído de expressão pelo choque, ante o poder com que ele lhe dominara a mente.

— Jessica — ainda conseguiu sussurrar. — Jessica.

— Eu me lembro de seu gom jabbar — continuou Paul. — Você se lembrará do meu. Posso matá-la com uma única palavra.

Os Fremen através do salão se entreolharam. Afinal, a lenda não dizia: “E sua palavra levará a morte eterna àqueles que se colocarem contra a retidão”?

Paul voltou sua atenção para a esguia Princesa Real, ao lado de seu pai, o Imperador. Mantendo os olhos sobre ela, disse:

— Majestade, ambos conhecemos um caminho para sairmos de nossas dificuldades.

O Imperador olhou para a filha e de volta para Paul.

— Como se atreve? Você! Um aventureiro sem família, um ninguém saído de...

— Já admitiu quem eu sou. Um parente real, já o disse. Vamos parar com as tolices.

— Eu sou seu governante!

Paul lançou um olhar para os homens da Corporação, agora junto do equipamento de comunicações e olhando em sua direção. Um deles acenou afirmativamente.

— Eu poderia forçá-la.

— Não se atreveria — retrucou o Imperador. Paul limitou-se a encará-lo.

A Princesa Real colocou a mão sobre o braço do pai.

— Pai — disse ela, e sua voz era suave e tranquilizadora.

— Não tente seus truques comigo — advertiu o Imperador. Depois olhou para a filha. — Você não precisa fazer isso, filha. Há outros recursos que nós ainda...

— Mas aqui está um homem adequado para ser seu filho insistiu ela. A velha Reverenda Madre, parecendo recomposta, forçou caminho até ficar ao lado do Imperador, inclinou-se junto ao seu ouvido e sussurrou.

— Ela está pedindo a seu favor — disse Jessica.

Paul continuava a olhar para a Princesa de cabelos dourados. Indagou à mãe:

— Aquela é Irulan, a mais velha, não é?

Chani chegou junto dele pelo outro lado e perguntou:

— Deseja que eu saia, Muad'Dib?

Olhou para ela.

— Sair? Você nunca mais sairá de perto de mim.

— Nada mais há a nos prender — respondeu Chani.

Paul fitou-a durante um instante em silêncio, depois disse:

— Fale apenas a verdade comigo, Sihaya. — Quando ela tentou responder, ele a silenciou com um dedo sobre os lábios. — Aquilo que nos liga não pode ser afrouxado. Agora observe esta questão atentamente, pois desejo rever tudo isso mais tarde, através de sua sabedoria.

O Imperador e sua Reveladora da Verdade estavam tendo uma acalorada discussão em voz baixa.

Paul falou novamente com a mãe.

— Ela o está lembrando de que é parte de seu acordo colocar uma Bene Gesserit no trono, e Irulan é aquela que elas treinaram para isso.

— Era esse o plano delas?

— Não é óbvio?

— Eu vejo os indícios! — retrucou Jessica. — Minha pergunta destinava-se a lembrá-lo de que não deve tentar ensinar-me as matérias em que o instruí.

Paul olhou para ela, percebendo o sorriso frio em seus lábios.

Gurney Halleck inclinou-se entre eles, dizendo:

— Quero lembrá-lo, meu senhor, de que ainda existe um Harkonnen naquele grupo. — Acenou em direção a Feyd-Rautha, seus cabelos negros nítidos contra a barreira de lanças à esquerda. — Aquele que está olhando de soslaio, à esquerda. Uma face tão malévola como jamais vi. Prometeu-me uma vez que...

— Obrigado, Gurney — disse Paul.

— É o na-Barão... Barão agora que o velho está morto. Ele servirá para o que eu tinha em...

— Pode pegá-lo, Gurney?

— Meu senhor está brincando?

— Aquela discussão entre a Reverenda Madre e o Imperador já se alongou o suficiente, não acha, mãe?

— De fato — respondeu Jessica.

Paul elevou a voz, chamando o Imperador.

— Majestade, existe um Harkonnen entre o seu pessoal?

O desprezo real revelou-se no modo como o Imperador se voltou para encarar Paul.

— Acredito que meus acompanhantes se encontram sob a proteção de sua palavra ducal.

— Minha pergunta é para informação apenas. Desejava saber se um Harkonnen é oficialmente parte de sua corte ou se ele está meramente se escondendo por trás de uma definição, por covardia.

O sorriso do Imperador foi calculado.

— Qualquer um aceito para acompanhante imperial é membro de minha corte.

— Tem a palavra do Duque — disse Paul. — Mas o Muad'Dib é outra questão. Ele pode não reconhecer sua definição do que constitui uma corte. Meu amigo Gurney Halleck deseja matar um Harkonnen. Se ele...

— Kanly! — gritou Feyd-Rautha, pressionando contra a barreira de lanças. — Seu pai lançou esta vendetta, Atreides. Você me chama de covarde enquanto se esconde entre suas mulheres e propõe mandar um lacaio contra mim!

A velha Reveladora da Verdade sussurrou alguma coisa com veemência no ouvido do Imperador, mas ele a empurrou para o lado, dizendo:

— Kanly, não é? Existem regras muito definidas para kanly.

— Paul, coloque um fim nisto — pediu Jessica.

— Meu senhor — disse Gurney. — Prometeu que eu teria um dia contra os Harkonnen.

— Já teve seu dia contra eles, Gurney — respondeu Paul, sentindo uma sensação de abandono tomar conta de suas emoções.

Tirou o manto e o capuz de sobre os ombros e os entregou à mãe, junto com o cinturão e a faca cristalina. Começou a retirar o traje-destilador, sentindo agora como o universo parecia focalizar-se nesse momento.

— Não há necessidade disso — lembrou Jessica. — Há modos mais fáceis, Paul.

Paul acabou de despir o traje-destilador e tirou a faca cristalina de sua bainha, na mão de Jessica.

— Eu sei, venenos e assassinos, todos os velhos modos familiares.

— Prometeu-me um Harkonnen! — sussurrou Gurney e Paul notou o ódio no rosto do homem, o modo como a cicatriz de inkvine aparecia escura e saliente. — Deve-me isso, meu senhor!

— Será que sofreu mais por causa deles do que eu? indagou Paul.

— Minha irmã — respondeu Gurney. — Meus anos no fosso dos

escravos...

— Meu pai — disse Paul —, meus bons amigos e companheiros, Thufir Hawat e Duncan Idaho, meus anos como fugitivo, sem posição nem ajuda... e mais uma coisa: agora é um kanly e você conhece muito bem as regras que devem prevalecer.

Halleck encolheu os ombros.

— Meu senhor, se aquele suíno... ele não é mais que uma besta que se chuta e depois se joga fora o sapato por estar contaminado. Chame um executor, se precisar, ou deixe-me fazer isso, mas não se ofereça a...

— Muad'Dib não precisa fazer isso — disse Chani.

Paul olhou para ela, vendo o medo em seus olhos.

— Mas o Duque Paul deve — respondeu.

— Aquele é um animal Harkonnen! — falou Gurney.

Paul hesitou, pensando em revelar sua própria ascendência Harkonnen, mas parou ante um olhar significativo de sua mãe e disse apenas:

— Mas este ser tem forma humana, Gurney, e merece uma oportunidade.

Gurney recusava-se a aceitar.

— Se ele tem tanta...

— Por favor, fique de lado — pediu Paul, erguendo a faca cristalina e empurrando Gurney delicadamente para o lado.

— Gurney! — disse Jessica, tocando-lhe o braço. — Ele é como o avô em sua índole. Não o distraia. É tudo que pode fazer por ele agora. — E pensou: "Grande Mãe! Que ironia."

O Imperador observava Feyd-Rautha, notando-lhe os ombros fortes, os músculos grossos. Voltou-se para olhar Paul: um jovem esguio e magricela, não tão desnutrido quanto os nativos de Arrakeen, mas com as costelas aparecendo para serem contadas. Tão magro nos flancos que o movimento dos músculos poderia ser acompanhado sob a pele.

Jessica inclinou-se junto de Paul, ajustando a voz para que somente ele pudesse ouvi-la:

— Uma coisa, filho: algumas vezes uma pessoa perigosa é preparada pelas Bene Gesserit, com uma palavra implantada nos mais profundos recessos de sua consciência pelos velhos métodos dador e do prazer. A palavra-som mais frequentemente usada é Uroshnor. Se esse aí estiver preparado, como eu suspeito muito que esteja, essa palavra pronunciada em seu ouvido deixará seus músculos flácidos e sem...

— Não quero nenhuma vantagem especial. Saia de meu caminho.

Gurney falou com ela:

— Por que ele está fazendo isso? Será que pretende deixar-se matar para

se tornar um mártir? Essa conversa religiosa dos Fremen, é isso que lhe está confundindo a razão?

Jessica ocultou o rosto com as mãos, percebendo não saber inteiramente por que Paul tornara esse curso. Podia sentir a morte na sala e sabia que esse Paul modificado seria capaz de fazer o que Gurney sugeria. Cada talento que ela possuía focalizava-se na necessidade de proteger o filho, mas nada havia que pudesse fazer.

— É essa conversa religiosa, não é? — insistiu Gurney.

— Cale-se — sussurrou Jessica. — E reze.

O rosto do Imperador foi marcado por um sorriso inesperado.

— Se Feyd-Rautha Harkonnen... de meu séquito... assim o deseja... eu o libero de qualquer constrangimento e lhe concedo inteira liberdade para escolher seu curso de ação. — Acenou com a mão em direção aos guardas Fedaykin de Paul. — Um membro de sua escória está com o meu cinturão e a minha lâmina curta. Se Feyd-Rautha assim o desejar, poderá enfrentá-lo com a minha lâmina em suas mãos.

— Eu o desejo! — respondeu Feyd-Rautha, e Paul viu o orgulho no rosto do homem.

“Ele está super-confiante”, pensou. “Essa é uma vantagem natural que posso aceitar.”

— Tragam a lâmina do Imperador! — ordenou Paul, observando enquanto seu comando era obedecido. — Coloquem-na ali no chão. — E indicou um lugar com o pé. — Ponham essa gentalha imperial de encontro à parede e deixem o Harkonnen desimpedido.

Um agitar de mantos, um arrastar de pés, ordens em voz baixa e protestos acompanharam a obediência à ordem de Paul. Os homens da Corporação permaneceram junto ao equipamento. Olhavam para ele preocupados, em evidente indecisão.

“Eles estão acostumados a ver o futuro”, pensou Paul, “mas neste lugar e momento eles estão cegos... tão cegos como eu próprio.” Tentou observar os ventos do tempo, sentindo a agitação, o olho da tempestade agora focalizado nesse instante. Até mesmo as fendas se haviam fechado. Aqui estava o jihad ainda não nascido, ele bem o sabia. Aqui estava a consciência racial que uma vez conhecera como seu próprio e terrível propósito. Aqui havia razão suficiente para a existência de um Kwisatz Haderach ou um Lisan al-Gaib, ou até mesmo para as vacilantes tramas das Bene Gesserit. A raça humana sentira sua própria dormência, sentira-se a si mesma tornando-se decadente e agora só conhecia a necessidade de experimentar uma agitação, uma desordem em meio à qual os genes pudessem misturar-se e as novas combinações, mais fortes, sobreviver.

Todos os seres humanos vivos eram como um único organismo inconsciente nesse momento, experimentando uma espécie de estímulo sexual capaz de superar qualquer obstáculo.

E Paul percebia quão fúteis seriam quaisquer esforços para tentar mudar até mesmo a menor parte disso tudo. Pensara em se opor ao jihad dentro de si próprio, mas o jihad aconteceria. Suas legiões iriam partir em fúria de Arrakis, mesmo sem a sua presença. Só precisavam da lenda em que ele já se tornara. Já lhes mostrara o caminho, dera-lhes até mesmo o controle sobre a Corporação, que precisava de especiaria para sobreviver.

Um sentimento de fracasso o permeava, e através dele ele viu que Feyd-Rautha Harkonnen já despira o uniforme rasgado e permanecia apenas com uma cinta de luta com núcleo de malha.

“Este é o clímax. Daqui, o futuro se abrirá, as nuvens se dissipando como num instante de glória. E se eu morrer agora eles dirão que me sacrifiquei para que meu espírito pudesse liderá-los.

Se eu viver, dirão que nada pode opor-se ao Muad’Dib.”

— Está pronto o Atreides? — perguntou Feyd-Rautha, usando as palavras do antigo ritual kanly.

Paul escolheu responder ao modo Fremen.

— Que a tua faca se lasque e parta! — Apontou para a lâmina do Imperador sobre o piso, indicando que Feyd-Rautha deveria avançar para pegá-la.

Mantendo a atenção sobre Paul, Feyd-Rautha apanhou a faca, balançando-a na mão por um momento para sentir-lhe o peso. A excitação aumentava em seu interior. Essa era a luta com que sonhara, homem contra homem, perícia contra perícia, sem a intervenção de escudos. Podia ver um caminho para o poder se abrindo ali, já que o Imperador certamente recompensaria aquele que o livrasse desse incômodo Duque. A recompensa poderia ser até mesmo aquela filha arrogante e uma parte do trono. E esse Duque camponês, esse aventureiro de um mundo atrasado, não poderia ser páreo para um Harkonnen treinado em todo tipo de estratagema e traição num milhar de combates de arena. Esse simplório não tinha meios de perceber que estava enfrentando mais armas do que uma simples faca.

“Vamos ver se você é à prova de veneno!”, pensou Feyd-Rautha. Saudou Paul com a lâmina do Imperador, dizendo:

— Encontre sua morte, tolo.

— Vamos lutar, primo? — indagou Paul, e avançou na ponta dos pés, olhos fixos na lâmina que o esperava, corpo agachado, com sua própria faca cristalina leitosa apontando como se fosse uma extensão de seu braço.

Circularam um ao redor do outro, os pés fazendo ruído contra o solo, os olhos atentos à menor abertura.

— Como você dança bonito — zombou Feyd-Rautha.

“Ele é um falador”, pensou Paul. “Eis aí outra fraqueza. Sente-se incomodado pelo silêncio.”

— Já se confessou? — indagou Feyd-Rautha.

Paul continuou a circundá-lo em silêncio.

E a velha Reverenda Madre, observando a luta em meio ao aperto da corte do Imperador, sentiu o corpo tremer. O jovem Atreides chamara o Harkonnen de primo. Isso só podia significar que ele conhecia a ascendência que ambos compartilhavam, algo fácil de se compreender, já que ele era o Kwisatz Haderach. Mas essas palavras obrigavam-na a focalizar sua atenção na única coisa que realmente lhe importava ali.

Isso poderia representar uma grande catástrofe para os planos de reprodução controlada das Bene Gesserit.

Sentira algo do que Paul tinha vislumbrado momentos antes.

Que Feyd-Rautha poderia matá-lo sem sair vitorioso. Outro pensamento, entretanto, quase a destruía: dois produtos finais do longo e custoso programa de seleção humana enfrentavam-se em uma luta de morte que poderia facilmente acabar com ambos. Se os dois morressem, isso deixaria apenas a filha bastarda de Feyd-Rautha, ainda um bebê, uma variável desconhecida, e Alia, a abominável.

— Talvez vocês só tenham ritos pagãos por aqui — falou Feyd-Rautha. — Gostaria que a Reveladora da Verdade do Imperador preparasse seu espírito para a jornada?

Paul sorriu circulando para a direita, alerta, os pensamentos lúgubres suprimidos pelas necessidades do momento.

Feyd-Rautha saltou, fingindo golpear com a mão direita enquanto a faca já se encontrava na esquerda.

Paul esquivou-se facilmente, notando a hesitação condicionada pelo uso do escudo no golpe de Feyd-Rautha. Ainda assim, não era um condicionamento tão grande quanto Paul já vira, e percebeu que o adversário já lutara antes contra inimigos sem escudo.

— Será que um Atreides corre ou fica e luta? — perguntou Feyd-Rautha.

Paul recomeçou a circular lentamente. Palavras de Idaho surgiram em sua mente, palavras ouvidas num treinamento de prática de solo, muito tempo atrás, em Caladan: “Use os primeiros momentos para estudar. Pode perder muitas oportunidades de uma vitória rápida, mas os instantes de observação constituem a garantia do sucesso. Aguarde a ocasião e se certifique.”

— Talvez ache que essa dança vai prolongar sua vida por alguns momentos — disse Feyd-Rautha. — Ótimo. — Parou de circular e se levantou.

Paul vira o bastante para uma primeira aproximação. Feyd-Rautha caminhava para o lado esquerdo, apresentando o lado direito do quadril como se a cinta de luta em malha pudesse proteger todo esse lado. Era a ação de um homem treinado no escudo e com uma faca em cada mão.

“Ou...” Paul hesitou... a cinta era mais do que parecia.

O Harkonnen parecia demasiado confiante contra um homem que, nesse mesmo dia, liderara uma vitória contra legiões de Sardaukar. Feyd-Rautha notou a hesitação, dizendo:

— Por que prolongar o inevitável? Está me impedindo de reclamar os meus direitos sobre essa bola de lixo.

“Se é um dardo”, pensou Paul, “está bem escondido. A cinta não mostra qualquer indício de modificação.”

— Por que não fala?

Paul recomeçou a descrever o círculo de observação, permitindo-se um frio sorriso ante o tom de nervosismo na voz de Feyd-Rautha, evidência de que a pressão do silêncio estava aumentando.

— Você sorri, não é? — indagou Feyd-Rautha, saltando no meio da frase.

Aguardando uma ligeira hesitação, Paul quase falhou no instante de se esquivar da lâmina que relampejou em sua trajetória descendente. Sentiu-a arranhar seu braço esquerdo e imediatamente controlou uma dor súbita naquele ponto, sua mente fluindo com a compreensão de que a hesitação anterior fora um truque — uma simulação. Ali estava mais que o simples oponente que esperara. Haveria truques dentro de truques, dentro de truques.

— Seu próprio Thufir Hawat me ensinou algumas de minhas habilidades — gabou-se Feyd-Rautha. — Ele me proporcionou o primeiro sangue que derramei. É uma pena que o velho tolo não tenha vivido para ver isto.

Paul lembrava-se do que Idaho lhe dissera uma vez: “Aguarde apenas o que acontece na luta. Desse modo, nunca será surpreendido.”

Novamente, ambos circularam agachados, um ao redor do outro, cautelosos.

Paul viu a confiança voltar ao oponente. Será que um arranhão significa tanto para o homem? A não ser que houvesse veneno na lâmina! Mas como poderia ser? Seus próprios homens haviam manuseado a faca, passando-a por um farejador antes de entregá-la. Eram muito bem treinados para deixar passar algo tão óbvio.

— Aquela mulher com quem estava falando — provocou Feyd-Rautha. — Aquela pequenina. É alguma coisa de especial para você? Um bichinho de

estimação, talvez? Ela merecerá minha atenção especial.

Paul permaneceu calado, sondando seus sentidos internos, examinando o sangue do ferimento e encontrando um traço de soporífero da lâmina do Imperador. Realinhou o próprio metabolismo para enfrentar essa ameaça e modificar as moléculas da droga, mas sentiu um estremecimento de dúvida. Eles haviam preparado uma lâmina com soporífero. Soporífero. Nada que pudesse alertar um farejador de veneno, mas suficientemente forte para adormecer os músculos onde tocasse. Os inimigos tinham seus próprios planos dentro de planos, seu próprio estoque de traições. Novamente Feyd-Rautha saltou, golpeando.

Paul, o sorriso congelado no rosto, aparou o golpe com lentidão, como se estivesse sofrendo os efeitos da droga, mas no último instante se esquivou para atingir o braço que o golpeava com a ponta de sua faca cristalina.

Feyd-Rautha saltou de lado e saiu do caminho, a lâmina agora na mão esquerda e com apenas uma lividez no rosto para revelar a dor do ácido onde Paul o cortara.

“Deixe que ele tenha seu momento de dúvida”, pensou Paul.

“Deixe que ele suspeite de veneno.”

— Traição! — gritou Feyd-Rautha. — Ele me envenenou! Sinto veneno em meu braço!

Paul baixou seu manto de silêncio para responder:

— Apenas um pouquinho de ácido para contrabalançar o soporífefo da lâmina do Imperador.

Feyd-Rautha igualou o frio sorriso de Paul, ergueu a faca na mão esquerda para uma falsa saudação. Por trás da faca, seus olhos brilhavam de ódio.

Paul passou a faca cristalina para a mão esquerda, igualando seu oponente, e novamente eles circularam em observação.

Feyd-Rautha começou a reduzir o espaço entre eles, aproximando-se de lado, a faca em posição elevada, a raiva revelando-se nos olhos semi-cerrados e nos músculos do queixo. Ele atacou pela direita e por baixo, e então os dois estavam unidos, um contra o outro, faca contra faca, pressionando.

Paul, cauteloso quanto ao lado direito dos quadris de Feyd-Rautha, onde suspeitava que houvesse um dardo envenenado, forçou-se a virar para a direita. Quase não viu a ponta da agulha surgir debaixo da linha do cinturão. Uma mudança de direção e uma aparente entrega aos movimentos do adversário o avisaram. A minúscula ponta errou a carne de Paul por um espaço insignificante.

“No lado esquerdo do quadril!”

“Traição dentro de traição, dentro de traição”, lembrou-se Paul.

Usando os músculos através do treinamento Bene Gesserit, Paul cedeu o

suficiente para apanhar Feyd-Rautha num reflexo. Todavia, a necessidade de evitar o minúsculo ponto projetando-se do oponente fez com que perdesse o apoio dos pés, caindo pesadamente ao chão, com Feyd-Rautha por cima.

— Está vendo aqui em meu quadril? — sussurrou Feyd-Rautha Sua morte, seu tolo. — Começou a se contorcer, forçando a agulha envenenada cada vez mais perto. — Isso imobilizará seus músculos e dará à minha faca a chance de acabar com você. Não ficará nenhum traço da droga para ser detectado!

Paul retesou-se ouvindo os gritos silenciosos em sua mente, seus antecessores impressos em suas células a exigirem que ele usasse a palavra secreta para retardar Feyd-Rautha e se salvar.

— Não direi isso! — exclamou.

Feyd-Rautha surpreendeu-se, apanhado em uma mínima hesitação. Foi o suficiente para que Paul encontrasse o ponto fraco em seu equilíbrio, situado num dos músculos das pernas. As posições inverteram-se. Feyd-Rautha encontrou-se por baixo, com o lado direito do quadril erguido e incapaz de se virar por causa da agulha presa contra o solo.

Paul torceu a mão esquerda até livrá-la e, ajudado pela lubrificação do sangue que saía de seu braço, impulsionou-a com força por baixo do queixo de Feyd-Rautha. A ponta da faca penetrou ali, afundando até atingir o cérebro. Feyd-Rautha sofreu um espasmo e ficou inerte, tombando de lado, ainda preso pela agulha enterrada ao chão.

Respirando profundamente para recuperar a calma, Paul desprendeu-se e se levantou, ficando de pé ao lado do corpo, a faca na mão, erguendo os olhos com deliberada lentidão para fitar através da sala, na direção do Imperador.

— Majestade — disse —, suas forças estão reduzidas uma vez mais. Agora vamos abandonar os fingimentos e as desculpas? Vamos discutir o que deve ser feito? Sua filha se casará comigo, abrindo caminho para que um Atreides se sente no trono.

O Imperador voltou-se, olhando para o Conde Fenring. O Conde respondeu ao seu olhar — olhos cinzentos contra olhos verdes.

O pensamento passou claro entre eles, uma amizade tão antiga que o entendimento podia ser obtido com um único olhar.

“Mate esse idiota para mim”, dizia o Imperador. “O Atreides é jovem e cheio de recursos, sim... mas também está cansado pelo longo esforço e não será páreo para você, de qualquer modo. Desafie-o agora... sabe como fazê-lo... Mate-o.”

Lentamente, Fenring voltou a cabeça, num prolongado e lento movimento, até encarar Paul.

— Faça-o! — sussurrou o Imperador.

O Conde observou Paul, vendo-o com os olhos que sua Lady Margot haviam treinado nos modos Bene Gesserit, consciente do mistério e da grandeza escondidos no jovem Atreides.

"Eu poderia matá-lo", pensou Fenring, sabendo que isso era verdade.

Mas alguma coisa nas profundezas ocultas de seu ser o deteve, e o Conde vislumbrou brevemente, inadequadamente, a vantagem que tinha sobre Paul — um modo de se ocultar do jovem, uma furtividade de personalidade, e motivos que nenhum olho poderia penetrar.

Paul, consciente disso pelo modo como o nó do tempo fervilhava, entendeu finalmente por que não vira antes o Conde Fenring ao longo das teias de sua presciência. Fenring era um dos que poderiam ter sido, um quase Kwisatz Haderach, danificado por uma falha em seu padrão genético — um eunuco, seu talento concentrado na furtividade e no isolamento interior. Um profundo sentimento de compaixão pelo Conde fluiu através de Paul, o primeiro sentido de irmandade que jamais experimentara.

Sentindo as emoções de Paul, Fenring disse:

— Majestade, devo recusar.

O ódio dominou Shaddam IV. Ele deu dois passos curtos através de seu séquito e mandou um soco violento no queixo de Fenring.

Um rubor escuro espalhou-se pela face do Conde. Ele olhou diretamente para o Imperador, falando com deliberada falta de ênfase:

— Nós temos sido amigos, Majestade. E o que faço agora é devido a essa amizade. Eu me esquecerei de que me golpeou.

Paul pigarreou, dizendo:

— Estávamos falando do trono, Majestade.

O Imperador girou nos calcanhares, olhando furioso para Paul.

— Eu me sento no trono! — gritou.

— Vai ter um trono em Salusa Secundus — respondeu Paul.

— Eu depus minhas armas e vim até aqui mediante sua palavra de honra. Atreve-se a me ameaçar?

— Sua pessoa está segura em minha presença. Um Atreides prometeu isso. Muad'Dib, entretanto, o sentencia ao seu próprio planeta-prisão. Mas não tema, Majestade. Eu aliviarei a dureza do lugar com todos os poderes à minha disposição. Ele deverá tornar-se um mundo-jardim, cheio de coisas adoráveis.

Enquanto o significado oculto nas palavras de Paul crescia na mente do Imperador, este olhou furioso, dizendo:

— Agora vemos seus verdadeiros motivos.

— De fato — respondeu Paul.

— E o que será de Arrakis? — perguntou o Imperador. — Outro planeta-

jardim, cheio de coisas adoráveis?

— Os Fremen têm a palavra do Muad'Dib. Haverá água fluindo aqui, a céu aberto, e oásis verdes, cheios de coisas boas. Mas nós temos de pensar na especiaria também. Assim, sempre existirá deserto em Arrakis... e ventos violentos, e provas para endurecer um homem. Nós, Fremen, temos um ditado: "Deus criou Arrakis para educar os fiéis." Não se pode ir contra a vontade de Deus.

A velha Reveladora da Verdade, a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, tivera sua própria visão do significado oculto nas últimas palavras de Paul. Ela vislumbrara o jihad e disse.

— Não pode soltar essa gente no universo!

— Vai ter saudades dos modos gentis dos Sardaukar! — retrucou Paul.

— Você não pode fazer isso — ela sussurrou.

— Você é uma Reveladora da Verdade. Reconsidere suas palavras. — Olhou para a Princesa Real, depois novamente para o Imperador. — Melhor que seja feito logo, Majestade.

O Imperador lançou um olhar aflito sobre a filha. Ela tocou-lhe o braço e falou de modo tranquilizador.

— Para isso eu fui treinada, pai.

Ele respirou fundo.

— Não pode impedir isso — murmurou a Reveladora da Verdade.

O Imperador empertigou-se, olhando com uma aparência de dignidade recuperada.

— Quem irá negociar por você, cavalheiro?

Paul voltou-se, vendo a mãe com os olhos semi-cerrados, a esperar juntamente com Chani e um esquadrão de guardas Fedaykin.

Ele aproximou-se delas e parou, olhando para Chani.

— Eu conheço suas razões, Usul — sussurrou Chani. — Se deve ser assim...

Paul, percebendo a tristeza em sua voz, tocou-lhe o rosto.

— Não tema nada, minha Sihaya, não tema nunca. — Abaixou o braço olhando para Jessica.

— Irá negociar por mim, mãe, com Chani ao seu lado. Ela tem sabedoria e olhos atentos. É sábio dizer que ninguém barganha mais duramente que um Fremen. Ela estará olhando por mim através dos olhos de seu amor, e com a mente em seus filhos que ainda vão nascer. Escute o que ela disser.

Jessica sentiu o frio calculismo do filho e controlou um estremecimento.

— Quais são suas instruções? — indagou.

— Todas as ações da Companhia CHOAM pertencentes ao Imperador

como dote.

— Todas! — Jessica ficou chocada a ponto de quase perder a fala.

— Ele deve ser despido de tudo que tem. Quero o título de Conde e a diretoria da CHOAM para Gurney Halleck, além do feudo de Caladan. Haverá títulos e poder para cada homem dos Atreides que tenha sobrevivido, sem exceção do soldado mais inferior.

— E quanto aos Fremen? — indagou Jessica.

— Os Fremen são meus. O que receberem será dado pelo Muad'Dib. Começarei colocando Stilgar como governador de Arrakis, mas isso pode esperar.

— E quanto a mim?

— Há algo que deseje?

— Talvez Caladan — disse ela, olhando para Gurney. — Não estou certa. Me tornei demasiado Fremen... e Reverenda Madre. Preciso de um tempo de paz e quietude para pensar.

— Isso você terá — disse Paul. — E tudo mais que Gurney e eu lhe pudermos dar.

Jessica assentiu, sentindo-se subitamente muito velha e cansada.

Olhou para Chani:

— E para a concubina real?

— Nenhum título para mim — sussurrou Chani. — Nada, eu lhe peço.

Paul olhou nos olhos dela, lembrando-se de como a vira uma vez, tendo nos braços o pequeno Leto, seu filho agora morto em meio a essa violência.

— Eu lhe juro agora — ele falou baixinho — que não precisará de nenhum título. Aquela mulher será minha esposa e você concubina, porque essa é uma necessidade política, e precisamos solidificar uma paz neste momento, até reunir as Grandes Casas da Landsraad ao nosso lado. Devemos obedecer a formalidades. Todavia, aquela princesa não receberá de mim nada mais que um nome. Nenhuma criança, nenhum toque ou suavidade de olhar, nenhum instante de desejo.

— Assim você diz agora — respondeu Chani, enquanto olhava através da sala para a altiva princesa.

— Conhece muito pouco o meu filho — falou Jessica. Olhe aquela princesa, tão altiva e confiante. Dizem que ela tem pretensões de natureza literária. Vamos esperar que encontre consolo em tais coisas, pois terá muito pouco além disso. — Um riso amargo escapou dos lábios de Jessica. — Pense nisto, Chani: aquela princesa terá um nome, e no entanto receberá menos que uma concubina, nunca conhecerá um momento de carinho do homem ao qual está ligada. Enquanto nós, Chani, nós que carregamos o título de concubina... a

história nos chamará de esposas.

APÊNDICES

Apendice I: A Ecologia De Duna

Além de um ponto crítico dentro de um espaço finito, a liberdade diminui à medida que os números crescem. Isso é verdadeiro para os seres humanos no espaço finito de um ecossistema planetário, assim como o é com relação às moléculas de gás num frasco selado. A questão humana não é tanto quanto poderão sobreviver dentro do sistema, mas sim quanto de existência será possível para aqueles que sobreviverem.

— Pardot Kynes, Primeiro Planetólogo de Arrakis

A impressão produzida por Arrakis na mente de um recém-chegado é a de uma terra excessivamente inóspita. O estrangeiro pode achar que nada poderia viver ou crescer em espaço aberto por aqui, que esta é uma verdadeira desolação que nunca foi fértil e nunca o será.

Para Pardot Kynes, o planeta era meramente uma expressão de energia, uma máquina impulsionada por seu sol. O que era preciso era apenas remoldá-la para se adequar às necessidades humanas. Sua mente voltou-se imediatamente para a população humana que se movia livremente: os Fremen. Que desafio! Que ferramenta eles podiam ser! Fremen: uma força ecológica e geológica de potencial quase ilimitado.

Pardot Kynes era, de muitas maneiras, um homem direto e simples. Como escapar às restrições dos Harkonnen? Casando-se com uma mulher Fremen. Quando ela lhe dá um filho Fremen, você começa com ele, com Liet-Kynes e outras crianças, ensinando-lhes conhecimentos ecológicos, criando uma nova linguagem com símbolos que capacitem a mente a manipular toda uma paisagem, seu clima, seus limites de acordo com as épocas do ano, até finalmente romper através de todas as idéias de força para chegar à deslumbrante consciência da ordem.

“Há uma beleza de movimentos e um equilíbrio internamente reconhecidos em qualquer planeta saudável para os seres humanos”, dizia Kynes. “Você pode ver nessa beleza um dinâmico efeito estabilizador essencial a toda forma de vida. Seu objetivo é simples: manter e produzir padrões coordenados de diversidade cada vez maior. A vida aumenta a capacidade de sustentação de vida de um sistema fechado. A vida — todas as suas formas —

está a serviço da vida. Os nutrientes necessários tornam-se disponíveis, através da vida, para servirem a outros tipos de vida de variedade cada vez maior, à medida que aumenta a diversidade dessa mesma vida. Toda a paisagem se torna viva, então, cheia de relacionamentos e relacionamentos dentro de relacionamentos."

Assim era Pardot Kynes dando aulas para uma turma num sietch.

Antes das aulas, entretanto, ele precisou convencer os Fremen. Para entender como isso aconteceu, é necessário primeiro compreender a enorme sinceridade e inocência com que ele abordava qualquer problema. Ele não era ingênuo, apenas não se permitia desvios em relação a seus objetivos.

Estava explorando a paisagem de Arrakis num carro de solo para um só homem, durante uma tarde quente, quando deu de cara com uma cena deploravelmente comum. Seis bravos Harkonnen, totalmente armados e protegidos com escudos, haviam encurralado três jovens Fremen num espaço aberto além da Muralha Escudo, próximo da vila de Windsack. Para Kynes, parecia uma luta de brincadeira, mais comédia que realidade, até perceber que os Harkonnen realmente pretendiam matar os Fremen. A essa altura, um dos jovens já tombara com uma artéria seccionada. Dois dos bravos também estavam caídos, mas ainda restavam quatro homens, muito bem armados, contra dois adolescentes.

Kynes não era valente, apenas tinha cautela e sinceridade de propósitos. Os Harkonnen estavam matando os Fremen. Estavam destruindo as ferramentas com que pretendia reestruturar o planeta! Ligou seu próprio escudo, aproximou-se e matou dois dos Harkonnen com uma espada curta, antes que percebessem que havia alguém atrás deles. Esquivou-se de um golpe de espada de um dos restantes e cortou a garganta do homem com um hábil entrisseur, deixando que o sobrevivente enfrentasse os dois jovens, enquanto se voltava para salvar o rapaz ferido. E de fato o salvou... enquanto o sexto Harkonnen era eliminado.

Ora, ali estava uma bela situação. Os Fremen não sabiam o que fazer com Kynes. Sabiam quem ele era, é claro. Nenhum homem chegava em Arrakis sem que um completo dossiê fosse parar nas fortalezas Fremen. Eles o conheciam: um servo imperial.

Mas ele matava Harkonnen!

Os adultos poderiam dar de ombros e, com um pouco de pesar, enviar essa alma para unir-se às dos seis homens mortos no chão. Esses Fremen, entretanto, eram jovens inexperientes e tudo que conseguiam perceber era que tinham uma dívida de morte para com esse servo imperial.

Kynes terminou encontrando-se, dois dias depois, num sietch que se abria sobre a Passagem dos Ventos. Para ele, tudo era muito natural. Falou com os

Fremen a respeito de água, de dunas ancoradas por capim, de palmeiras cheias de tâmaras e de qanats fluindo sobre o deserto. Falou, falou e falou.

Em torno dele, desenvolvia-se um debate que Kynes nem percebeu. Que fazer com esse louco? Ele conhecia a localização de um dos principais sietches. Que fazer? E quanto às suas palavras? Essa conversa de louco sobre um paraíso em Arrakis? Apenas conversa. Ele sabe demais. Mas ele matou Harkonnen! E quanto à dívida da água? Quando foi que ficamos devendo alguma coisa ao Império? Ele matou Harkonnen? Qualquer um pode matar Harkonnen. Eu mesmo já fiz isso. Mas, e quanto a essa conversa de Arrakis florescendo? Muito simples. Onde está a água para isso? Ele diz que está aqui! E salvou três dos nossos. Salvou três tolos que se colocaram no caminho do punho dos Harkonnen! E ele viu as facas cristalinas!

A decisão necessária já era conhecida horas antes que fosse pronunciada. O tau do sietch diz a seus membros o que eles devem fazer; até mesmo a necessidade mais brutal torna-se conhecida. Foi enviado um lutador experiente com uma faca consagrada para fazer o trabalho. Dois encarregados de água o seguiram para obter a água do corpo. Uma brutal necessidade.

É duvidoso que Kynes tenha chegado sequer a reparar em seu suposto executor. Estava falando para um grupo que o cercava a uma distância cautelosa. Falava enquanto caminhava num curto círculo, gesticulando. Água livre, dizia Kynes, caminhar ao ar livre sem trajes-destiladores. Água para recolher de um lago! Portyguls!

O homem com a faca o confrontou.

— Remova-se daqui — disse Kynes, e continuou falando a respeito de armadilhas secretas de vento. Esbarrou no homem e voltou-lhe as costas, abertas para o golpe cerimonial.

O que se passou na mente daquele executar ninguém pode saber.

Será que ele acabou ouvindo Kynes e acreditou? Quem sabe? Mas o que ele fez está registrado. Uliet era seu nome, o Velho Liet.

Uliet caminhou três passos e deliberadamente caiu sobre a própria faca, assim “removendo” a si mesmo. Suicídio? Alguns dizem que foi Shai-hulud quem o guiou.

Histórias de profecias!

A partir daquele instante, Kynes só precisava apontar, dizendo “vão para lá”. E tribos inteiras de Fremen iam. Homens morreram, mulheres morreram, crianças morreram. Mas eles prosseguiram.

Kynes retornou a seus serviços imperiais, dirigindo as Estações de Testes Biológicos. E agora os Fremen começavam a aparecer entre o pessoal de tais estações. Os Fremen entreolhavam-se. Estavam infiltrando-se no “sistema”,

possibilidade que nunca haviam considerado. Ferramentas das estações começaram a aparecer nos sietches, especialmente raios de corte, usados para escavar sob o solo criando bacias de coletagem e armadilhas de vento ocultas.

A água começou a ser coletada nessas bacias.

Tornou-se então evidente para os Fremen que Kynes não era um homem totalmente louco, apenas o suficiente para ser um santo.

Ele era um dos umma, a irmandade dos profetas. A sombra de Uliet foi promovida ao sadus, o trono dos juízes celestiais.

Kynes — direto, totalmente concentrado em sua missão sabia que a pesquisa altamente organizada tem a garantia de nunca produzir nada novo. Estabeleceu experiências com pequenas unidades e um intercâmbio regular de informações para produzir um rápido efeito Tansley, deixando cada grupo encontrar o seu próprio caminho. Eles deveriam acumular milhões de pequeninos fatos. Ele organizou somente testes isolados e toscos para colocar as dificuldades na perspectiva adequada.

Fizeram-se amostragens de núcleo rochoso. Delinearam-se mapas das longas alterações de tempo chamadas de clima. Ele descobriu que, no amplo cinturão contido pelas linhas de 70 graus ao Norte e ao Sul, durante milhares de anos as temperaturas não haviam escapado à faixa dos 254-332 graus (absolutos), e que esse cinturão possuía longas estações de crescimento, quando as temperaturas variavam de 284 a 302 graus absolutos: um espaço para a vida de origem terrestre... uma vez que a questão da água fosse resolvida.

E quando será resolvida?, indagaram os Fremen. Quando veremos Arrakis tornar-se um paraíso?

Da maneira como um professor responderia a uma criança que lhe perguntasse a soma de dois mais dois, Kynes respondeu-lhes: Dentro de trezentos a quinhentos anos.

Outro povo menos resistente teria gritado de desapontamento.

Mas os Fremen haviam aprendido a ter paciência com homens que usavam chicotes. Era um pouco mais do que esperavam, mas todos podiam ver que o dia abençoado iria chegar. Eles apertaram os cintos e voltaram ao trabalho. De algum modo, o desapontamento fez com que a perspectiva do paraíso parecesse mais real.

A preocupação em Arrakis não era com água, mas com umidade. Animais de estimação eram quase desconhecidos, animais de criação, raros. Alguns contrabandistas empregavam o asno do deserto domesticado, o kulon, mas o preço da água era elevado, mesmo quando as bestas eram dotadas de trajes-destiladores modificados.

Kynes pensou em instalar fábricas de redução para produzir água a partir

do hidrogênio e do oxigênio encontrados nas rochas nativas, mas o fator energia versus custo revelou-se proibitivo. As calotas polares (não obstante o falso sentimento de segurança quanto à água que elas traziam para os pyons) continham uma quantidade muito pequena para o projeto... e ele já começava a suspeitar onde a água devia ser encontrada. Havia um aumento constante da umidade do ar nas latitudes médias e em determinados ventos. Havia um indício primário na composição do ar: 23 por cento de oxigênio, 75,4 por cento de nitrogênio e 0,23 por cento de dióxido de carbono, com gases residuais completando o resto.

Existia uma rara planta nativa dotada de raízes que crescia acima do nível de 2.500 metros na zona temperada do Norte. Um tubérculo com dois metros de comprimento produzia meio litro de água. E havia plantas terrestres do deserto: as mais resistentes mostravam sinais de crescimento se plantadas em depressões com precipitadores de orvalho enfileirados.

Então Kynes viu a panela salgada.

Seu “tóptero”, voando entre estações situadas bem no meio do bled, foi afastado do curso por uma tempestade. Quando a tempestade passou, lá estava a “panela”: uma gigantesca depressão oval com uns trezentos quilômetros ao longo do eixo maior — cintilante surpresa branca em pleno deserto. Kynes pousou e provou da superfície varrida pela tempestade. Sal.

Agora ele tinha certeza.

Existira água livre em Arrakis em alguma ocasião. Ele começou a examinar as evidências dos poços secos onde fios de água haviam aparecido e desaparecido para nunca mais retornarem.

Kynes colocou os limnologistas Fremen, recentemente treinados, para trabalharem: seu principal indício eram pedaços de matéria coriácea encontrados algumas vezes após uma explosão da massa de especiaria. Isso fora atribuído à fictícia “truta da areia” do folclore Fremen. Quando os fatos se transformaram em evidências, uma criatura emergiu para explicar essas tiras coriáceas: um nadador da areia que bloqueava a água em bolsões férteis, dentro dos estratos porosos inferiores, abaixo da linha dos 280 graus absolutos.

Esses “ladrões de água” morriam aos milhões a cada estouro da especiaria. Uma mudança de cinco graus na temperatura poderia matá-los. Os poucos sobreviventes entravam em estado semi-dormente de hibernação em cisto para emergirem seis anos depois na forma de pequenos (seis metros de comprimento) vermes da areia. Destes, somente uns poucos conseguiam evitar seus irmãos maiores e os bolsões de água pré-especiaria para chegarem à maturidade como gigantescos shai-huluds. (A água é venenosa para o shai-hulud, como os Fremen já sabiam há muito tempo, de afogarem o raro “verme

raquítico” do Pequeno Erg para produzirem o narcótico de ampliação da consciência a que chamavam Água da Vida. O “verme raquítico” é uma forma primitiva de shai-hulud que atinge o comprimento de apenas nove metros.) Agora eles possuíam a visão de todo o relacionamento circular: pequeno produtor para a massa de pré-especiaria; pequeno produtor para shai-hulud, shai-hulud para espalhar a especiaria, da qual se alimentam microscópicas criaturas chamadas de plâncton-da-areia; o plâncton-da-areia, alimento do shai-hulud, crescendo, enterrando-se e se transformando em pequenos produtores.

Kynes e sua gente deixaram de lado esses grandes relacionamentos e se concentraram na micro-ecologia. Primeiro o clima: a areia superficial frequentemente atingia temperaturas de 344 a 350 graus absolutos. Um pé abaixo da superfície, a temperatura poderia ser 55 graus mais fria, um pé acima da superfície, 25 graus mais fria. Folhas ou sombras negras poderiam fornecer mais 18 graus de resfriamento. Em seguida, os nutrientes: em Arrakis, a areia é principalmente um produto da digestão dos vermes, o pó (problema que lá é verdadeiramente onipresente) é produzido pelo constante movimento superficial, o movimento “saltado” da areia. Os grãos mais grossos são encontrados nos lados das dunas que se opõem aos ventos predominantes. O lado voltado para o vento é compactado e duro. As dunas antigas são amarelas (oxidadas), as recentes são da cor da rocha geralmente cinza.

Os lados das velhas dunas opostos ao vento forneceram as primeiras áreas de plantio. Os Fremen objetivaram primeiramente obter um ciclo do capim ralo, com pêlos semelhantes à turfa, para se entrelaçarem e se emaranharem, fixando as dunas ao privarem o vento de sua grande arma: os grãos móveis.

Zonas de adaptação foram estabelecidas no distante Sul, longe da observação dos Harkonnen. Capins mutantes foram plantados primeiro ao longo da face oposta ao vento (face escorregadia) de dunas escolhidas, que se colocavam na trilha dos ventos de Oeste predominantes. Com a face aposta ao vento ancorada, o lado voltado para o vento crescia cada vez mais alto e o capim avançava, acompanhando. Sifs gigantes (longas dunas com cristas sinuosas) de mais de 1.500 metros de altura foram produzidas desse modo.

Quando as dunas de barreira atingiam altura suficiente, suas faces voltadas para o vento eram plantadas com o capim-espada, mais resistente. Cada estrutura, com base seis vezes mais espessa que a altura, era ancorada — fixada.

Agora começavam as plantações mais profundas — plantas efêmeras (quenopódios, carurus e amarantos, para começar), depois a vassoura-escocesa, o tremoceiro baixo, o eucalipto-trepadeira (tipo adaptado para as regiões do norte de Caladan), tamargueira-anã, pinhoda-praia — e depois as verdadeiras plantas de deserto: candelila, saguaro e bisnaga, o cacto-barril. Onde isso

crescia, eles introduziram a salvade-camelo, o capim-cebola, o capim-de-gobi, a alfafa selvagem, o arbusto-toca, a verbena-da-areia, a prímula noturna, o arbusto-incenso, a árvore fumarenta, e o arbusto creosoto.

Voltaram então a atenção para a necessária vida animal, criaturas que se enterrassem no solo para arejá-la: pequena raposa, rato-canguru, lebre-do-deserto, tartaruga-da-areia... e os predadores, para manter a população sob controle: falcão-do-deserto, coruja-anã, águia e coruja-do-deserto; e insetos para preencherem os nichos que essas criaturas não pudessem alcançar: escorpião, centopéia, aranha-alçapão, vespa e mosca varejeira... mais o morcego-do-deserto, para manter os insetos sob controle.

Agora vinha o teste crucial: tamareiras, algodão, melões, café, plantas medicinais, mais de duzentas variedades de plantas comestíveis para testar e adaptar.

“O que os analfabetos em ecologia não são capazes de perceber é que um ecossistema é um sistema”, dizia Kynes. “Um sistema mantido dentro de certa estabilidade fluida que pode ser destruída por uma falha em apenas um nicho. Um sistema tem ordem, flui de um ponto para outro. Se alguma coisa interrompe esse fluxo, a ordem desaparece. Aqueles que não foram treinados podem não perceber esse colapso até que seja tarde demais. Por isso é que a função mais elevada da ecologia é a compreensão das consequências.”

Teriam eles atingido um sistema?

Kynes e sua gente observaram e esperaram. Os Fremen agora compreendiam o que ele pretendera dizer com uma previsão aberta de quinhentos anos.

Um relatório veio da região das palmeiras.

Na borda das plantações de deserto, o plâncton-da-areia está sendo envenenado pela interação com as novas formas de vida. Razão: incompatibilidade protéica. Formava-se lá uma água envenenada que as formas de vida de Arrakis não tocavam. Uma zona de desolação cercou as plantações; nem mesmo o shai-hulud se atrevia a invadi-la.

Kynes foi até lá pessoalmente — uma viagem de vinte tumperes (num palanquim como um ferido ou uma Reverenda Madre, já que ele nunca se tornou um cavaleiro da areia). Ele testou a zona desolada (ela fedia até o céu) e voltou com um bônus, um presente de Arrakis.

A adição de enxofre e fixação de nitrogênio convertiam a zona desolada num rico leito para vida terrestre. As plantações poderiam avançar à vontade.

— Isso muda o cronograma? — indagaram os Fremen.

Kynes voltou a suas fórmulas planetárias. Os números das armadilhas de vento estavam razoavelmente estabelecidos, então. Ele foi generoso com seus

descontos, sabendo que seria impossível traçar linhas exatas em torno de problemas ecológicos. Certa quantidade de cobertura vegetal já fora destinada à fixação de dunas, outra quantidade para alimento (humano e animal), outra para captar umidade em sistemas de raízes e fornecer água às áreas calcinadas ao redor. Dessa vez eles mapearam os pontos frios móveis no bled. Estes tinham de ser computados nas fórmulas. Até mesmo o shai-hulud tinha seu lugar nas cartas. Ele nunca deveria ser destruído, ou a riqueza de especiaria iria terminar. Sua fábrica digestiva interna, com sua enorme concentração de ácidos e aldeídos, constituía gigantesca fonte de oxigênio. Um verme médio (com duzentos metros de comprimento) liberava tanto oxigênio na atmosfera quanto dez quilômetros quadrados de área coberta de plantas verdes fotos sintéticas.

Havia a Corporação a considerar. Os subornos em especiaria para a Corporação, visando evitar satélites meteorológicos e outros tipos de observadores nos céus de Arrakis, já haviam atingido grandes proporções.

Os Fremen também não podiam ser ignorados. Especialmente eles, com suas armadilhas de vento e sua ocupação irregular da terra organizada ao redor do suprimento de água. Os Fremen com seu novo conhecimento de ecologia e seu sonho de transformar vastas áreas de Arrakis, passando por uma fase de pradaria, até chegar à cobertura florestal.

De seus mapas emergiu um número e Kynes o relatou. Três por cento. Se eles conseguissem envolver três por cento das plantas verdes de Arrakis na formação de compostos de carbono, teriam seu ciclo auto-sustentável.

— Mas quanto tempo? — indagaram os Fremen.

— Oh, em torno de trezentos e cinquenta anos.

Ah, sim, era verdade o que esse umma dissera no princípio: a coisa não viria no tempo de existência de qualquer homem agora vivo, nem no de seus netos oito gerações além, mas um dia viria.

O trabalho continuou: construir, plantar, escavar, treinar as crianças.

Então Kynes-o-Umma morreu num desabamento na Bacia do Gesso.

A essa altura, seu filho Liet-Kynes tinha dezenove anos um perfeito Fremen e cavaleiro da areia que já matara mais de cem Harkonnen. A nomeação real, para a qual o velho Kynes já indicara o nome do filho, chegou naturalmente. A rígida estrutura de classes dos faufreluches tivera seu propósito bem-ordenado aqui.

O filho fora treinado para seguir o caminho do pai.

O curso já fora estabelecido a essa altura; os Ecológicos Fremen tinham uma direção a seguir. Liet-Kynes só precisava observar e pressionar e espionar os Harkonnen... até o dia em que seu planeta foi atormentado por um herói...

Apendice II: A Religiao De Duna

Antes da vinda do Muad'Dib, os Fremen de Arrakis praticavam uma religião cujas raízes no Saari Maometano são evidentes a qualquer estudioso. Muitos já traçaram os grandes empréstimos tomados a outras religiões. O exemplo mais comum é o Cântico da Água, cópia direta do Manual Litúrgico Católico Laranja, chamando por nuvens de chuva que Arrakis nunca viu. Mas existem pontos de concordância mais profundos entre o Kitab al-Ibar dos Fremen e os ensinamentos da Bíblia, do Ihn e do Fiqh.

Qualquer comparação entre as crenças religiosas dominantes no Império até a época do Muad'Dib deve começar com as grandes forças que as moldaram!

1. Os seguidores dos Quatorze Sábios, cujo livro era a Bíblia Católica Laranja e cujos pontos de vista encontram-se expressos nos Comentários e no restante da literatura produzida pela Comissão de Tradutores Ecumênicos (C.T.E.).

2. As Bene Gesserit, que particularmente negavam constituir uma ordem religiosa, mas que operavam sob um escudo quase impenetrável de rituais místicos, com métodos de treinamento, simbolismo, organização e ensino quase inteiramente religiosos.

3. A classe governante agnóstica (incluindo-se aí a Corporação), para a qual a religião era uma espécie de espetáculo de marionetes destinado a divertir o povo e mantê-la dócil, e que acreditava essencialmente que todos os fenômenos — mesmo os religiosos podiam ser reduzidos a explicações mecânicas.

4. Os chamados Ensinamentos Ancestrais — incluindo-se os preservados pelos Peregrinos Zensunni do primeiro, do segundo e do terceiro Movimentos Islâmicos; o Navacristianismo de Chusuk; as Variantes Budislâmicas dos tipos predominantes em Lankiveil e Sikun; os Livros da União do Mahayana Lankavatara; o Zen Hekiganshu de Delta Pavonis III; o Tawrah e o Zabur Talmúdico que sobreviviam em Salusa Secundus; o disperso ritual Obeah; o Muadh Quran, com seu Ilm e seu Figh puros, preservados entre os fazendeiros de arroz pundi de Caladan; os afloramentos hindus encontrados por todo o universo em pequenos bolsões de pyons isolados; e finalmente o Jihad Butleriano.

Há uma quinta força que moldou a crença religiosa, mas seu efeito é tão universal e profundo que merece ser examinado separadamente.

Evidentemente, trata-se da viagem espacial, que em qualquer discussão sobre religião merece ser escrita assim:

VIAGEM ESPACIAL!

Os movimentos da humanidade através do espaço profundo exerceram um efeito singular sobre a religião durante os cento e dez séculos que precederam o Jihad Butleriano. De início, a viagem espacial, embora generalizada, era lenta, incerta e muito pouco controlada — e, antes do monopólio da Corporação, realizada através de uma barafunda de métodos. As primeiras experiências espaciais, muito mal divulgadas e sujeitas a extrema distorção, induziram a uma desenfreada especulação mística.

Imediatamente, o espaço deu sentido e sabor diferentes às idéias sobre a Criação. Essa diferença pode ser notada nos maiores feitos religiosos desse período. Em todas as religiões, o sentimento do sagrado era atingido pela anarquia da escuridão exterior.

Era como se Júpiter e todas as suas formas descendentes se retraíssem à escuridão maternal para serem substituídos por uma imanência feminina cheia de ambiguidades e com a face repleta de terrores.

As antigas fórmulas se entrelaçavam e se entremeavam ao serem adequadas às necessidades das novas conquistas e dos novos símbolos heráldicos. Era um tempo de luta entre as bestas-demônios, de um lado, e as velhas preces e invocações, do outro.

Nunca houve um desfecho claro.

Durante esse período, dizia-se que o Gênesis fora reinterpretado, permitindo que Deus dissesse: “Crescei e multiplicaivos, e enchei o universo, e o subjugai, governando sobre todo o tipo de bestas estranhas e criaturas vivas nos infinitos ares e infinitas terras e abaixo delas.”

Era um tempo de feiticeiras cujos poderes eram reais. A medida disso é encontrada no fato de que nunca revelaram como acenderam a tocha da discórdia.

E então veio o Jihad Butleriano — duas gerações de caos. O deus da lógica-máquina foi derrubado entre as massas para que um novo conceito se erguesse: “O Homem não pode ser substituído.”

Essas duas gerações de violência foram uma pausa talâmica para toda a humanidade. Os homens olharam para seus deuses e rituais e perceberam que eles estavam recheados com a mais terrível de todas as equações: medo sobre ambição.

Hesitantemente, os líderes de religiões cujos adeptos haviam derramado o

sangue de bilhões começaram a se reunir para trocar pontos de vista. Tratava-se de um movimento encorajado pela Corporação Espacial, que então principiava a construir seu monopólio sobre todas as viagens interestelares, e pelas Bene Gesserit, que reuniam as feiticeiras.

Desses primeiros encontros ecumênicos, surgiram dois grandes resultados

1. A compreensão de que todas as religiões possuíam ao menos um ponto em comum, traduzido no mandamento: "Não deverás deturpar a alma."

2. A Comissão de Tradutores Ecumênicos.

A CTE reuniu-se na ilha neutra da Velha Terra, local de nascimento das religiões maternas. Eles se encontraram "na crença comum de que existe uma Essência Divina no universo". Cada fé com mais de um milhão de seguidores foi representada, e todos chegaram a um acordo surpreendentemente rápido quanto à declaração de seu objetivo comum : "Nós estamos aqui para remover uma arma básica das mãos das religiões em disputa. Essa arma é a pretensão de possuir a única e derradeira revelação."

O júbilo ante esse "sinal de profundo acordo" revelou-se prematuro. Durante mais de um ano standard, essa declaração constituiu o único anúncio feito pela CTE. Os homens falavam amargamente do atraso. Trovadores compunham canções satíricas a respeito dos cento e vinte e um "Velhos Maníacos", como os delegados da CTE passaram a ser chamados. (O nome surgiu de uma piada obscena que brincava com as iniciais [em inglês, C.E.T.] e chamava os delegados de "Cranks-Effing-Turners".) Uma das canções, o "Repouso de Brown", tem sido relembrada periodicamente e ainda hoje é popular.

"Considerem O repouso de Brown e A tragédia Em todos aqueles Maníacos! Todos aqueles Maníacos Tão preguiçosos, tão preguiçosos Por todos estes dias.

Que o tempo tem cobrado ao meu Lorde Sandwich!"

Rumores ocasionais escapavam das reuniões da CTE. Diziam que eles estavam comparando textos e, irresponsavelmente, os textos eram citados. Tais rumores provocaram inevitavelmente distúrbios antiecumênicos e, é claro, inspiraram novos ditos espirituosos.

Dois anos se passaram... três anos.

Dos membros da Comissão, nove haviam morrido, tendo sido substituídos. Os restantes fizeram uma pausa para observar as formalidades de posse dos substitutos e anunciaram estar trabalhando para produzir um livro, unindo "todos os sintomas patológicos" das religiões passadas.

— Estamos produzindo um instrumento do Amor para ser tocado de todos os modos — disseram.

Muitos consideram singular que essa declaração tenha provocado os piores surtos de violência contra o ecumenismo. Vinte delegados foram chamados de volta por suas congregações. Um deles cometeu suicídio, roubando uma fragata espacial e mergulhando no sol.

Historiadores estimam que a revolta custou oito milhões de vidas. Isso representa quase seis mil vidas para cada um dos mundos que então compunham a Liga da Landsraad. Considerando a agitação da época, essa estimativa pode não ser exagerada, embora qualquer pretensão de precisão não seja mais que isso: uma pretensão. A comunicação entre os mundos achava-se então num de seus mais baixos recessos.

Os trovadores, naturalmente, tiveram bons momentos. Uma comédia musical muito popular naquele período colocava um dos delegados da CTE sentado embaixo de uma palmeira, em uma praia de areia branca, cantando:

“Por Deus, pela mulher e pelo esplendor do amor Nós vadiamos aqui sem medo ou preocupação Trovador! Trovador, cante outra melodia Por Deus, pela mulher e pelo esplendor do amor!”

Revoltas e comédias eram apenas sintomas daquela época, profundamente reveladores. Denunciavam o clima psicológico, as profundas incertezas... o empenho em conseguir algo melhor, mais o medo de que nada pudesse resultar de tudo aquilo.

As maiores forças contra a anarquia, nessa época, eram a embrionária Corporação, as Bene Gesserit e a Landsraad, que continuava seu registro de dois mil anos de reuniões, a despeito dos mais severos obstáculos. A participação da Corporação aparece claramente: ela fornecia livre transporte para todos os assuntos da Landsraad e da CTE. O papel das Bene Gesserit é mais obscuro.

Certamente, essa foi a época em que elas consolidaram seu domínio sobre as feiticeiras, exploraram os narcóticos sutis, desenvolveram o treinamento prana-bindu e conceberam a Missionária Protetora, o braço negro da superstição. Mas esse também foi o período que assistiu à composição da Ladainha contra o Medo e à montagem do livro de Azhar, essa maravilha bibliográfica que preserva os grandes segredos da maioria das antigas fés.

O comentário de Ingsley talvez seja o único possível: “Aqueles foram tempos de profundo paradoxo.”

Por quase sete anos, o CTE trabalhara. E enquanto seu sétimo aniversário se aproximava, seus membros prepararam o universo dos seres humanos para um anúncio significativo. Naquele sétimo aniversário, eles revelaram a Bíblia Católica Laranja.

— Eis um trabalho com significado e dignidade — disseram eles. — Aqui está o modo pelo qual a humanidade se tornará consciente de si mesma como

criação completa de Deus.

Os homens da CTE estavam ligados a arqueólogos de idéias, inspirados por Deus na grandeza da redescoberta. Foi dito que eles haviam trazido de volta à luz “a vitalidade dos grandes ideais cobertos pelo sedimento dos séculos”, que haviam “aguçado os imperativos morais que surgem de toda consciência religiosa.”

Junto com a Bíblia C.L., a CTE apresentou o Manual Litúrgico e os Comentários — em muitos aspectos, um trabalho mais extraordinário, não apenas pelo aspecto de síntese (menos de metade do tamanho da Bíblia C.L.), mas também pela sinceridade e pela mistura de autopiedade e farisaísmo.

A abertura constituía um apelo a todos os governantes agnósticos. “Os homens, não encontrando respostas ao sunnan [as dez mil questões religiosas do Shari-ah], agora aplicam seu próprio raciocínio. Todos os homens buscam o esclarecimento. A religião é apenas o modo mais antigo e honroso pelo qual os homens procuram obter um sentido para o universo de Deus. Os cientistas buscam a legitimidade dos eventos. E tarefa da religião encaixar o homem nessa legitimidade.”

Em sua conclusão, todavia, os Comentários estabeleciam um tom duro que muito provavelmente predizia seu destino.

“Muito daquilo que tem sido chamado de religião carrega uma atitude inconsciente de hostilidade com relação à vida. A verdadeira religião deve ensinar que a vida é cheia de prazeres agradáveis ao olhar de Deus, que o conhecimento sem ação é vazio. Todos os homens devem perceber que o ensinamento de uma religião através de regras, mecanicamente, é uma farsa. O ensinamento adequado é facilmente reconhecido. Podemos reconhecê-lo sem dúvida quando ele nos desperta a sensação de termos ouvido algo que sempre soubemos.”

Houve um estranho sentimento de calma quando as prensas e os impressores de shigawire rodaram e a Bíblia C.L. se espalhou através dos mundos. Alguns interpretaram isso como um sinal divino, uma profecia de unidade.

No entanto, até os delegados da CTE mostraram como essa calma era fictícia, ao retornarem às respectivas congregações. Dezoito deles foram linchados no período de dois meses. Cinquenta e três retrataram-se dentro de um ano.

A Bíblia C.L. foi denunciada como um trabalho produzido pelos “adoradores da razão”. Disseram que suas páginas estavam carregadas de um sedutor interesse pela lógica. Revisões que alimentavam o fanatismo e a intolerância popular começaram a aparecer.

Essas revisões inclinavam-se a aceitar simbolismos (a cruz, o crescente, o chocalho emplumado, os doze santos, o Buda magro, etc), e logo se tornou evidente que as antigas superstições e crenças não haviam sido absorvidas pelo novo ecumenismo.

O rótulo de Halloway para o esforço de sete anos da CTE "Determinismo Galactofásico" — foi aceito por bilhões de pessoas, que interpretaram as iniciais D.G. como "Demônio Gigante".

O presidente da CTE, Toure Bomoko, um Ulemá dos Zensunnis e um dos quatorze delegados que nunca se retrataram ("Os Quatorze Sábios" da tradição popular), apareceu para admitir finalmente que a CTE errara.

— Não devíamos ter tentado criar novos símbolos — disse ele.

— Tínhamos de ter percebido que não era nossa missão introduzir dúvidas nas crenças aceitas, que não devíamos produzir curiosidade a respeito de Deus. Somos confrontados diariamente com a aterradora instabilidade de todas as coisas humanas, e no entanto permitimos que nossas religiões se tornem mais rígidas e controladas, mais conformistas e opressoras. Que sombra é essa sobre a estrada do Divino Comando? E um aviso de que as instituições persistem, de que os símbolos permanecem, mesmo quando seu significado foi perdido, de que não existe soma de todo o conhecimento obtido.

A amarga ambiguidade dessa "confissão" não escapou aos críticos de Bomoko, e logo depois ele foi forçado a fugir para o exílio, sua vida dependendo da garantia de sigilo da Corporação.

Conta-se que morreu em Tupile, honrado e estimado, sendo suas últimas palavras : — A religião deve permanecer como uma saída para pessoas que dizem a si mesmas : "Eu não sou o tipo de pessoa que desejaria ser." Jamais deve reduzir-se a um encontro dos que se acham satisfeitos consigo mesmos.

É agradável pensar que Bomoko entendeu a profecia em suas palavras : "As instituições persistem." Noventa gerações depois, a Bíblia C.L. e os Comentários permeavam o universo religioso.

Quando Paul Muad'Dib elevou a mão direita sobre o santuário de pedra que envolvia o crânio de seu pai (a mão direita dos abençoados, não a esquerda dos condenados), citou palavra por palavra o "Legado de Bomoko" : "Vocês que nos derrotaram comentam entre si que Babilônia caiu e que sua obra foi destruída. E eu lhes digo que o homem permanece sob julgamento, cada homem em seu próprio banco dos réus. Cada homem é uma pequena guerra."

Os Fremen diziam do Muad'Dib que ele era como Abu Zide, cuja fragata desafiou a Corporação e que um dia viajou até "lá" e voltou. Lá, usado desse modo, traduz-se diretamente da mitologia Fremen como a terra do espírito-ruh, o alam al-mithal onde todas as limitações desaparecem.

O paralelo entre isso e o Kwisatz Haderach pode ser visto facilmente. O Kwisatz Haderach, que a Irmandade buscara através de seu programa de procriação controlada, era interpretado como o “Encurtamento do caminho” ou “Aquele que pode estar em dois lugares ao mesmo tempo”.

Mas ambas as interpretações, como se pode demonstrar, derivam diretamente dos Comentários: “Quando a tarefa da lei e a da religião são uma só, você raramente abarca o universo.”

De si mesmo, o Muad’Dib disse: “Eu sou uma rede no mar do tempo, livre para varrer o futuro e o passado. Eu sou uma membrana móvel da qual nenhuma possibilidade pode escapar.”

Esses pensamentos são um só e se relacionam com o Kalima 22 da Bíblia C.L., que diz: “Seja um pensamento enunciado em palavras ou não, ele constitui uma coisa real e tem poder sobre a realidade.”

E quando voltamos aos próprios comentários do Muad’Dib em “Os Pilares do Universo”, como interpretado por seu sagrado seguidor, o Qizara Tafwid, que vemos seu verdadeiro débito para com a CTE e os Fremen-Zensunni.

Muad’Dib: “A lei e a obrigação são uma só, e assim devem ser. Mas lembrem-se dessas limitações — assim, vocês nunca são inteiramente auto-conscientes. Assim, vocês permanecem imersos no tau comunitário. Assim, vocês são sempre menos que um indivíduo.”

Bíblia C.L.: Idêntico palavreado (61 Revelações).

Muad’Dib: “A religião frequentemente compartilha o mito do progresso, que nos protege dos terrores de um futuro incerto. “

CTE, Comentário: Idêntico palavreado. (O Livro de Azhar atribui essa declaração a Neshou, autor religioso do primeiro século; através de uma paráfrase.)

Muad’Dib: “Se uma criança, uma pessoa não treinada, uma pessoa ignorante ou uma pessoa insana incita à desordem, a falha é da autoridade por não ter previsto ou evitado essa desordem.”

Bíblia C.L.: “Qualquer pecado pode ser atribuído, ao menos em parte, a uma tendência má, natural, que constitui circunstância atenuante aceitável por Deus.” (O Livro de Azhar atribui isso à antiga Tawra Semítica.)

Muad’Dib: “Estenda sua mão e se alimente do que Deus lhe deu; e quando estiver satisfeito, louve a Deus. “

Bíblia C.L.: uma paráfrase com idêntico significado. (O Livro de Azhar traça a origem disso, em forma ligeiramente diferente, no Primeiro Islã.)

Muad’Dib: “A bondade é o princípio da crueldade.”

Fremen Kitab al-Ibar: “O peso de um Deus bondoso é algo temível. Não

nos deu Deus o sol flamejante (AI-lat)? Não nos deu Deus as Mães da Umidade (Reverendas Madres)? Não nos deu Deus Shaitan (Iblis, Satã?) E de Shaitan não recebemos a perniciosidade da pressa?”

(Essa é a fonte do ditado Fremen: “A velocidade vem de Shaitan.” Considere-se que, para cada cem calorias de calor geradas por exercícios [velocidade], o corpo evapora cerca de seis onças de transpiração. A palavra Fremen para transpiração é bakka ou lágrimas e, em uma pronúncia, se traduz como: “A essência vital que Shaitan espreme de sua alma.”)

A chegada do Muad’Dib é chamada por Koneywell de “religiosidade oportuna”, mas o oportunismo tem pouco a ver com ela. Como disse o próprio Muad’Dib: “Eu estou aqui; portanto...”

É vital, contudo, para se compreender o impacto religioso do Muad’Dib, que nunca se perca de vista o seguinte fato: os Fremen eram um povo do deserto cuja ascendência fora acostumada a ambientes hostis. O misticismo não é difícil quando você sobrevive cada segundo enfrentando uma hostilidade aberta. “Você está lá — portanto...”

Com tal tradição, o sofrimento é aceito — talvez como punição inconsciente, mas aceito. E é bom lembrar que os rituais Fremen oferecem uma liberdade quase total em relação aos sentimentos de culpa. Isso não deriva necessariamente do fato de sua lei e sua religião serem coisas idênticas, fazendo da desobediência um pecado. É mais certo dizer que eles se livravam mais facilmente da culpa porque sua existência diária exigia decisões brutais (frequentemente mortais) que, em ambiente mais ameno, fariam pesar sobre os homens uma culpa insuportável.

Isso constitui provavelmente uma das raízes da ênfase que os Fremen colocavam sobre a superstição (desconsiderando-se o sacerdócio da Missionária Protetora). Que importa que areias assoviando sejam um presságio? Que importa se você faz o sinal do punho quando vê a Primeira Lua? A carne de um homem é dele mesmo e sua água pertence à tribo — e o mistério da vida não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser vivenciada. As profecias ajudam a relembrar isso. E porque você está aqui, porque você tem a religião, a vitória não lhe pode escapar no final.

Como as Bene Gesserit ensinaram durante séculos, muito antes de arranjarem complicações com os Fremen:

“Quando religião e política avançam no mesmo carro, quando esse carro é dirigido por um homem santo vivo (baraka), nada pode ficar em seu caminho.”

Apendice III: Relatório Sobre Os Motivos E Propósitos Das Bene Gesserit

Aqui segue um resumo do Summa preparado pelos próprios agentes a pedido de Lady Jessica, imediatamente após o Caso Arrakis. A sinceridade deste relatório eleva seu valor bem além do trivial.

Pelo fato de as Bene Gesserit terem trabalhado durante séculos por trás do biombo de uma escola semi-mística, enquanto realizavam seu programa de procriação selecionada entre os seres humanos, temos uma tendência a atribuir-lhes maior importância do que realmente merecem. A análise de seu "julgamento dos fatos" durante o Caso Arrakis revela a profunda ignorância da escola quanto ao seu próprio papel.

Pode-se argumentar que as Bene Gesserit só podiam examinar os fatos que lhes eram disponíveis, e que não tinham acesso direto à pessoa do Profeta Muad'Dib. Mas a escola já superara obstáculos maiores e seu erro, desse modo, torna-se mais profundo.

O objetivo do programa das Bene Gesserit era provocar o nascimento de uma pessoa que elas rotulavam como o "Kwisatz Haderach", termo que significa "aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo". Em termos mais simples, o que procuravam era um ser humano com poderes mentais que lhe permitissem compreender e usar dimensões de ordem mais elevada.

Elas estavam tentando obter um super-Mentat, um computador humano com algumas das habilidades prescientes encontradas nos navegadores da Corporação. Ora, prestem muita atenção a estes fatos: Muad'Dib, nascido Paul Atreides, era filho do Duque Leto, homem cuja linha de sangue fora acompanhada cuidadosamente por mais de mil anos. A mãe do Profeta, Lady Jessica, era filha natural do Barão Vladimir Harkonnen e portava produtores de genes cuja importância suprema para o programa de procriação fora conhecida durante quase dois .mil anos. Ela era uma Bene Gesserit por criação e treinamento, e deveria ter-se constituído em ferramenta ao projeto.

À Lady Jessica foi ordenado que produzisse uma filha para os Atreides. O plano era unir essa filha com Feyd-Rautha Harkonnen, com elevada probabilidade de que desse casamento resultasse um Kwisatz Haderach. Em vez disso, por motivos que ela mesma confessa nunca lhe terem sido totalmente claras, a concubina Lady Jessica desafiou as ordens e gerou um filho.

Só isso já devia ter alertado as Bene Gesserit quanto à possibilidade de

uma variável descontrolada ter-se introduzido em seu esquema. Mas havia outras indicações mais importantes que foram praticamente ignoradas

1. Quando jovem, Paul Atreides demonstrou habilidade para prever o futuro. Era conhecido como tendo visões prescientes consideradas precisas, penetrantes e que desafiavam uma explicação quadridimensional.

2. A Reverenda Madre Gaius Helen Mohian, uma Inspetora Bene Gesserit que testou a humanidade de Paul quando ele tinha quinze anos, afirmou em seu depoimento que ele havia suportado mais agonia no teste do que qualquer outro ser humano já registrado. E no entanto ela deixou de chamar a atenção para isso em seu relatório.

3. Quando a família Atreides se mudou para o planeta Arrakis, a população Fremen saudou o jovem Paul como um profeta, “a voz do mundo exterior”. As Bene Gesserit estavam bem conscientes dos rigores de um planeta como Arrakis, com paisagem totalmente desértica, absoluta ausência de água livre e ênfase nas mais primitivas necessidades de sobrevivência, o que inevitavelmente produz elevada proporção de sensitivos. Todavia, essa reação dos Fremen, além do óbvio elemento que era a dieta alimentar de Arrakis, com grande quantidade de especiaria, foi subestimada pelas observadoras Bene Gesserit.

4. Quando os Harkonnen e os soldados-fanáticos do Imperador Padishah reocuparam Arrakis, matando o pai de Paul e a maioria dos soldados dos Atreides, Paul e sua mãe desapareceram. Mas quase imediatamente surgiram relatórios a respeito de um novo líder religioso entre os Fremen, um homem chamado Muad’Dib, novamente saudado como “a voz do mundo exterior”. Os relatórios afirmavam claramente ser ele acompanhado por uma nova Reverenda Madre do Rito Sayyadina, “que é a mulher que o gerou”. Registros disponíveis às Bene Gesserit declaravam em termos bem claros que as lendas Fremen a respeito do profeta continham as seguintes palavras: “Ele deverá nascer de uma bruxa Bene Gesserit.”

(Pode-se argumentar que as Bene Gesserit tinham enviado para Arrakis sua Missionária Protetora, séculos antes, com o fito de implantar algo da tipo dessa lenda como uma segurança caso alguma integrante da escola se encontrasse extraviada no planeta, necessitando de um santuário. Assim, a lenda da “voz do mundo exterior” devia ser ignorada, já que parecia parte de um estratagema-padrão das Bene Gesserit. Mas isso só seria verdadeiro caso se considerasse que as Bene Gesserit acertaram ao ignorarem os outros indícios a respeito de Paul Muad’Dib.)

5. Quando o Caso Arrakis começou a ferver, a Corporação Espacial deu indicações às Bene Gesserit. Afirmou que seus navegadores, que usavam a droga

da especiaria de Arrakis para obter a limitada presciência necessária para que pudessem guiar espaço-naves através do vazio, estavam “incomodados quanto ao futuro” ou “viam problemas no horizonte”. Isso só poderia indicar que eles viam um nó, um ponto de encontro de inúmeras decisões delicadas, além do qual o caminho se achava oculto ao olhar presciente. Isso constituía uma indicação clara de que alguma agência estava interferindo com dimensões de ordem elevada!

(Algumas Bene Gesserit há muito tempo já possuíam o conhecimento de que a Corporação não poderia interferir diretamente na fonte vital de especiaria, pois seus navegadores já estavam lidando, ao seu modo inepto, com dimensões de ordem elevada, pelo menos a ponto de reconhecerem que o mais leve passo em falso que dessem em Arrakis poderia ser catastrófico. Era fato conhecido que os navegadores da Corporação não conseguiam prever um modo de assumir o controle da especiaria sem gerar esse nó. A conclusão óbvia era que uma pessoa com poderes de ordem mais elevada estava assumindo o controle da fonte de especiaria, mas ainda assim as Bene Gesserit deixaram de levar em conta esse indício!) Em face desses fatos, chega-se à conclusão inevitável de que o ineficiente comportamento das Bene Gesserit neste caso foi produto de um plano mais elevado, do qual elas se achavam completamente inconscientes!

Apêndice IV: O Almanaque En-Ashraf

(Trechos Selecionados das Casas Nobres)

SHADDAMIV (10134-10202)

O imperador Padishah, 81°. de sua linhagem (Casa Corrino) a ocupar o trono do Leão Dourado, reinou de 10.156 (data em que seu pai, Elrood IX, morreu sob os efeitos do chaumurky) até ser substituído pela Regência, em 10.196, estabelecida em nome de sua filha mais velha, Irulan. O principal acontecimento de seu reinado é a revolta em Arrakis, que muitos historiadores atribuem à preocupação de Shaddam IV com a pompa e as funções da corte. As fileiras do Burseg foram dobradas nos primeiros dezesseis anos de seu reinado. As verbas para o treinamento de Sardaukar declinaram continuamente nos últimos trinta anos anteriores à Revolta de Arrakis. Ele teve cinco filhas (Irulan, Chalice, Wensicia, Josifa e Rugi) e nenhum filho legítimo. Quatro das filhas o acompanharam no exílio. Sua esposa, Anirul, uma Bene Gesserit de Posto Desconhecido, morreu em 10.176.

LETO ATREIDES (10140-10191)

Primo do lado feminino da Casa Corrino, ele é frequentemente chamado de Duque Vermelho. A Casa de Atreides governou Caladan como um feudo-siridar durante vinte gerações, até ser pressionada a se transferir para Arrakis. Ele é conhecido principalmente como o pai do Duque Paul Muad'Dib, o Regente Umma. Os restos do Duque Leto ocupam a "Tumba da Caveira" em Arrakis. Sua morte é atribuída à traição de um médico Suk, num ato planejado pelo Barão-Siridar, Vladimir Harkonnen.

LADY JESSICA (Hon. Atreider) (10154-10256

Filha natural (referência Bene Gesserit) do Barão-Siridar Vladimir Harkonnen. Mãe do Duque Paul Muad'Dib. Ela graduou-se na escola B. G. de Wallach IX.

LADY ALIA ATREIDES (10191-)

Filha legítima do Duque Leto Atreides e sua formal concubina Lady Jessica. Lady Alia nasceu em Arrakis aproximadamente oito meses após a morte do Duque Leto. A exposição pré-natal a um narcótico de ampliação de espectro consciente é a razão dada para as referências Bene Gesserit que a chamam de "A

Amaldiçoada". É conhecida na história popular como Santa Alia ou Santa Alia da Faca. (Para uma história detalhada, ver Santa Alia, Caçadora de um Bilhão de Mundos, de Pander Oulson.)

ULADIMIR HARKONNEN (10.110-10193)

Comumente conhecido como Barão Harkonnen, seu título oficial é Barão-Siridar (governador planetário). Vladimir Harkonnen é descendente masculino em linha direta do Bashar Abulurd Harkonnen, banido por covardia após a Batalha de Corrin. O retorno da Casa Harkonnen ao poder é geralmente atribuído a uma astuta manipulação do mercado de pele de baleia, posteriormente consolidada com a abundância de melange em Arrakis. O Barão-Siridar morreu em Arrakis durante a revolta. O título passou brevemente para o na-Barão Feyd-Rautha Harkonnen.

CONDE HASIMIR FENRING (10133-10225)

Primo pelo lado feminino da Casa Corrino, foi amigo de infância de Shaddam IV. (A frequentemente desacreditada História Pirata de Comino apresenta o curioso relato que Fenring teria sido responsável pelo chaumurky que eliminou Elrood IX.) Todos os registros concordam em que Fenring era o amigo mais chegado de Shaddam IV. Entre as tarefas imperiais realizadas pelo Conde Fenring constam as de Agente Imperial em Arrakis durante o regime Harkonnen e depois Siridar-Absentia de Caladan. Ele se reuniu a Shaddam IV em seu exílio em Salusa Secundus.

CONDE GLOSSU RABBAN (10132-10193)

Glossu Rabban, Conde de Lankiveil, era o sobrinho mais velho de Vladimir Harkonnen. Glossu Rabban e Feyd-Rautha Rabban (que tomou o nome Harkonnen quando escolhido para pertencer à casa do Barão-Siridar) eram filhos legítimos do mais jovem meio-irmão do Barão-Siridar, Abulurd. Este renunciou ao nome Harkonnen e a todos os direitos do título ao receber o governo do subdistrito de Rabban-Lankiveil. Rabban era um nome feminino.

Terminologia Do Império

Ao se estudar o Império, Arrakis e toda a cultura que produziu o Muad'Dib, ocorreram muitos termos não-familiares. Aumentar a compreensão é um objetivo louvável; portanto, definições e explicações são fornecidas abaixo.

A

ABA: manto frouxo usado pelas mulheres Fremen; geralmente preto.

ACH: vire à esquerda; comando de um condutor de vermes.

ADAB: memória insistente que surge por si mesma.

AKARSO: planta nativa de Sikun (de 70 Ofiuco A) caracterizada por folhas quase oblongas. Suas faixas verdes e brancas indicam a constante condição múltipla das regiões paralelas de clorofila ativa e dormente.

ALAM AL-MITHAL: o mundo místico das semelhanças, onde todas as limitações físicas são eliminadas.

AL-LAT: o sol original da humanidade; com o uso, qualquer primário de um planeta.

AMPOLIROS: o lendário "Holandês Voador" do espaço.

AMTAL ou REGRA AMTAL: regra comum em planetas primitivos sob a qual alguma coisa é testada para determinar seus limites ou defeitos. Comumente: teste de destruição.

AQL: o teste da razão. Originalmente, "Sete Questões Místicas" começando com: "Quem é este que pensa?"

ARRAKEEN: primeiro povoado de Arrakis, há muito tempo sede do governo planetário.

ARRAKIS: o planeta conhecido como Duna; terceiro planeta de Canopus.

ASSASSINOS, MANUAL DOS: compilação, datada do século III, dos venenos comumente usados em uma Guerra dos Assassinos. Posteriormente ampliado para incluir os dispositivos mortíferos permitidos sob a Paz da Corporação e a Grande Convenção.

AULIYA : na religião dos Peregrinos Zensunni, a mulher à mão esquerda de Deus: donzela na mão de Deus.

AUMAS : veneno administrado na comida. (Especificamente veneno em comida sólida.) Em alguns dialetos: Chaumas.

AYAT: os sinais de vida. (Ver Burhan.)

B

BAKKA: na lenda Fremen, aquele que chora por toda a humanidade.

BAKLAWA: massa folheada feita com xarope de tâmaras.

BALISET: instrumento musical de nove cordas, descendente linear da cítara, afinado de acordo com a escala musical Chusuk. Instrumento favorito dos trovadores imperiais.

BARADYE, PISTOLA: revólver de poeira com carga estática desenvolvido em Arrakis com a finalidade de lançar uma grande marca de tinta sobre a areia.

BARAKA : homem santo vivo, dotado de poderes mágicos.

BASHAR (frequentemente Coronel Bashar) : oficial dos Sardaukar, uma fração acima do posto de Coronel na classificação militar padrão. Patente criada para o governador militar de um subdistrito planetário. (Bashar do Corpo é título reservado exclusivamente para uso militar.)

BATALHA, LINGUAGEM DE qualquer linguagem especial de etimologia restrita desenvolvida para comunicação vocal durante a guerra.

BEDWINE: ver Ichwan Bedwine.

BELA TEGEUSE: quinto planeta de Kuentsing: terceira parada na migração forçada dos Zensunni (Fremen).

BENS GESSERIT: antiga escola de treinamento físico e mental estabelecida basicamente para estudantes do sexo feminino, depois que o jihad Buferiano destruiu os robôs e as chamadas “máquinas pensantes”.

B.G.: expressão idiomática que significa Bene Gesserit, exceto quando acompanhada de uma data. Com a data significa Before Guild (Antes da Corporação) e identifica o sistema cronológico imperial baseado na gênese do monopólio da Corporação Espacial (Spacing Guild).

BHOTANI JIB: ver Chakobsa.

BI-LAL KAIFA: Amém. (Literalmente: “Nada mais precisa ser explicado.”)

BINDU: relativo ao sistema nervoso humano, especialmente ao treinamento neural. Frequentemente expresso como nervura-Bindu. (Ver Prana.)

BINDU, SUSPENSÃO: forma especial de catalepsia auto-induzida.

BLED : deserto plano e aberto.

BOURKA: manto isolado usado pelos Fremen no deserto aberto.

BURHAN: as provas de vida. (Comumente, o ayat e o burhan da vida. Ver Ayat.) BURSEG: general comandante dos Sardaukar.

BUTLERIANO, JIHAD: ver jihad Butleriano (também Grande Revolta).

C

CAÇADOR-RASTREADOR: voraz estilha de metal com flutuação de

suspensores, guiada como arma por um console controlador situado nas imediações. Dispositivo comum para assassinatos.

CAID: patente de oficial Sardaukar atribuída a um funcionário militar cujas tarefas exigem o trato com civis. Posto de governo militar exercido sobre todo um distrito planetário; acima do posto de Bashar, mas não equivalente ao de Burseg.

CAIXAS DE LANÇAMENTO: termo geralmente aplicado a qual-quer recipiente de carga, de forma irregular, equipado com superfícies de ablação e sistema suspensor de amortecimento. São usadas para, do espaço, lançar material sobre a superfície de um planeta.

CALADAN: terceiro planeta de Delta Pavonis, local de nascimento de Paul Muad'Dib.

CAMINHANTE DA AREIA: qualquer Fremen treinado para sobreviver no deserto aberto.

CANTO E RESPONDO: ritual invocatório, parte da panóplia pro pbeticus de uma Missionária Protetora.

CASA: clã governante de um planeta ou sistema planetário.

CASA MAIOR: governantes de um feudo planetário; negociantes interplanetários. (Ver Casa, acima.)

CASA MENOR:classe de negociantes e empresários restritos à superficie de um planeta.

CATCHPOCKET (BOLSA DE RECOLHIMENTO) : bolsa de um traje destilador onde a água filtrada é recolhida e armazenada.

CAVALEIRO DA AREIA: denominação Fremen para uma pessoa capaz de capturar e cavalgar um verme da areia.

CHAKOBSA : a chamada "linguagem magnética", derivada em parte do antigo Bhotani (Bhotani Jib-jib significando dialeto). Reunião de antigos dialetos modificados pelas necessidades de sigilo, mas principalmente a linguagem de caça dos Bhotani, assassinos de aluguei da Primeira Guerra dos Assassinos.

CHAUMAS (Rumas em alguns dialetos) : veneno em comida só-lida, em oposição ao veneno administrado de outro .modo.

CHAUMURKY (Musky ou Murky em alguns dialetos) : veneno administrado na bebida.

CHEREM: irmandade do ódio (geralmente para vingança).

CHOAM: iniciais de Combine Honnete Ober Advancer Mercanti-les — a companhia de desenvolvimento universal controlada pelo Imperador e pelas Grandes Casas, tendo como sócios comanditários a Corporação e as Bene Gesserit.

CHUSUK: quarto planeta de Teta Shalish; o chamado "Planeta da

Música”, famoso pela qualidade de seus instrumentos musicais. (Ver Varota.)

CIELAGO: qualquer Cbiroptera modificado de Arrakis, adaptado ao transporte de mensagens distrans.

COMERCIANTES LIVRES: expressão idiomática que significa contrabandistas.

CONDICIONAMENTO IMPERIAL: invenção da Escola Médica Suk, constitui a mais elevada forma de condicionamento canina a ação de tirar uma vida humana. Os iniciados são marcados na testa com a tatuagem do diamante e recebem permissão para usar o cabelo longo e preso a um anel de prata Suk.

CONE DE SILÊNCIO: campo de um distorcedor que limita o poder de alcance da voz ou de qualquer vibrador, abafando as vibrações com vibração idêntica, porém defasada de 180 graus.

CONSCIÊNCIA PIRÉTICA: a chamada “consciência do fogo”; nível inibitório tocado pelo condicionamento imperial. (Ver Condicionamento Imperial.)

CONTROLE LOCALIZADOR: ornitóptero leve de um grupo de caça à especiaria, encarregado de controlar a vigília e a proteção ao grupo.

CORIOLIS, TEMPESTADE DE: qualquer grande tempestade de areia em Arrakis, onde, sobre as terras planas, os ventos são intensificados pelo próprio movimento giratório do planeta, atingindo velocidades superiores a 700 quilômetros horários.

CORPORAÇÃO ESPACIAL: uma das pernas do tripé político que mantém a Grande Convenção. A Corporação foi a segunda escola de treinamento fisico e mental ver Bene Gesserit), estabelecida após o Jihad Buferiano. O estabelecimento do monopólio da Corporação sobre o transporte e as viagens espaciais, bem como sobre as operações bancárias, é tomado como marco inicial do Calendário imperial.

CORRIN, BATALHA DE : batalha espacial da qual tirou o nome a Casa Imperial de Corrino. A batalha teve lugar próximo a Sigma Draconis, no ano 88 B.G., e estabeleceu a ascensão da Casa governante de Salusa Secundus.

D

DAR AL-HIKMAN: escola de tradução ou interpretação religiosa.

DERCH: virar à direita; comando de um condutor de vermes.

DICTUM FAMILIA: lei da Grande Convenção que proíbe que se mate uma pessoa real ou um membro de uma Grande Casa através de uma traição não-formalizada. A lei estabelece os meios formais e os limites nos modos de assassinato.

DISCIPLINA DA ÁGUA: o duro treinamento que prepara os habitantes de Arrakis para lá sobreviverem sem desperdício de umidade.

DISTRANS: engenho destinado a produzir uma impressão neural temporária no sistema nervoso de pássaros ou cbiroptera. O grito normal da criatura transporta então a mensagem impressa, que pode ser separada de sua onda portadora por outro distrans.

DROGA ELACA : narcótico produzido pela queima da madeira elaca de Ecas. Seu efeito é eliminar a maior parte da vontade de autopreservação de uma pessoa. A pele do dragado mostra uma característica cor de cenoura. Comumente usada no preparo dos escravos-gladiadores para a arena.

E

ECAZ: quarto planeta de Alfa Centauri B; o paraíso dos escultores, assim chamado por ser o lar da plantafog, vegetal capaz de ser moldado no local unicamente com a força do pensamento humano.

EL-SAYAL: “Chuva de areia”. Queda de poeira transportada a uma altitude média (em torno de 2 mil metros) por uma tempestade coriolis. El-sayals frequentemente trazem umidade ao nível do solo.

ERG : extensa região de dunas, mar de areia.

ESCUDO DEFENSIVO: campo protetor produzido por um gerador Holtzman. Esse campo deriva da Fase Um do efeito anuladorsuspensor. O escudo permitirá apenas a passagem de objetos movendose a baixas velocidades (dependendo da regulagem, essa velocidade varia entre seis e nove centímetros por segundo). Somente um imenso campo elétrico poderá provocar-lhe um curto-circuito. (Ver laser, armas.)

ESMAGADORES : nave espacial militar composta de muitas naves menores, encaixadas e projetadas para caírem sobre uma posição inimiga, esmagando-a.

ESTOJO DE REPAROS: peças essenciais para reparos e substituição de trajes-destiladores.

F

FABRICA COLHEDORA (ou COLHEDORA) : grande máquina para mineração de especiarias (geralmente com 120 metros de comprimento por 40 de largura), comumente empregada sobre áreas de derramamento de melange rica e não-contaminada (frequentemente chamada de “trator” por causa do corpo em forma de besouro, sobre esteiras independentes).

FACA CRISTALINA: a faca sagrada do Fremen de Arrakis. É

manufaturada em duas formas, a partir de dentes de vermes da areia mortos. Essas formas são “fixa” e “não-fixa” (ou “estabilizada” e “nãoestabilizada”). Uma faca não-fixa requer a proximidade do campo elétrico de um corpo humano para evitar sua desintegração. As facas fixas são tratadas para armazenamento. Todas possuem aproximadamente vinte centímetros de comprimento.

FAI: o tributo da água, principal forma de imposto em Arrakis.

FANMETAL: metal formado pelo crescimento de cristais de jasmium em duralumínio; famoso pela enorme resistência à tração, em relação ao peso. O nome deriva de seu uso em estruturas desmontáveis que são abertas por desdobramento em forma de leque.

FAREJADOR DE VENENO: analisador de radiação dentro do espectro olfativo, regulado para detectar substâncias venenosas.

FAUFRELUCHES: a rígida lei de distinção de classes mantida pelo Império: “Um lugar para cada homem e cada homem em seu lugar.”

FEDAYKIN: comandos da morte dos Fremen; historicamente, um grupo que se forma prestando o juramento de dar a vida para corrigir uma injustiça.

FIBRA KRIMSKEL ou CORDA KRIMSKEL: a “fibra-garra”, tecida com fios das trepadeiras hufuf de Ecaz. Os nós atados com a fibra krimskel apertam-se cada vez mais, até os limites predeterminados, quando se puxam suas linhas. (Para um estudo mais detalhado, ver As Trpadeira.r E.rtranguladoras de Eca~., de Holjance Vohnbrook.)

FICHAS DE ÁGUA: anéis de metal de diferentes tamanhos, cada um designando uma quantidade específica de água pagável das reservas Fremen. As fichas de água possuem significado profundo (muito além da idéia de dinheiro), principalmente nos rituais de nascimento, morte e corte.

FIQH: conhecimento, lei religiosa; uma das origens semilendárias da religião dos peregrinos Zensunni.

FILME MINiMICO: shigawire de um micron de diâmetro, frequentemente usado para a transmissão de dados de espionagem e contra-espionagem.

FOGO, PILAR DE : simples foguete pirotécnico destinado a enviar sinais através do deserto.

FRAGATA: maior espaçonave capaz de pousar inteira na superfície de um planeta e decolar.

FREMEN: as tribos livres de Arrakis, habitantes do deserto, remanescentes dos Peregrinos Zensunni. (“Piratas da Areia”, de acordo com o Dicionário Imperial.) FREMEN, ESTOJO: estojo com equipamento para sobrevivência no deserto, manufaturado pelos Fremen.

G

GALACH: idioma oficial do Império. Híbrido anglo-eslávico, com fortes traços de termos de especialização cultural adotados durante a longa cadeia de migrações humanas.

GAMONT: terceiro planeta de Niushe, famoso pela cultura hedonista e por exóticas práticas sexuais.

GARE : .monte isolado e íngreme.

GEYRAT: direto à frente; comando de um condutor de vermes.

GHAFLA: entregar-se a distrações. Pessoa volúvel, na qual não se deve confiar.

GHANIMA : algo adquirido em batalha ou combate individual. Comumente, recordação de batalha guardada unicamente para despertar a lembrança.

GIEDI PRIME: planeta de Ofiuco B (36), lar da Casa Harkonnen. E um planeta de viabilidade mediana, com espectro fotossintético de baixa atividade.

GINAZ, CASA DE : em certa época, aliada do Duque Leto Atreides. Seus membros foram derrotados na Guerra dos Assassinos contra Grumman.

GIUDICHAR: verdade sagrada. (Termo comumente usado na expressão "Giudichar afirma": uma verdade original que se mantém.) GLOBO LUMINOSO: equipamento para iluminação com flutuação de suspensores, dotado de energia interna independente (geralmente, baterias orgânicas).

GOM JABBAR: o inimigo manual; agulha especificamente envenenada com metacianeto e usada pelas Inspetoras Bene Gesserit no teste de alternativa mortal, para verificar a percepção humana.

GRABEN : longo fosso geológico formado quando o solo cede em razão do movimento das camadas inferiores da crosta.

GRANDE CONVENÇÃO: trégua universal imposta sob o equilí-brio de poder mantido pela Corporação, pelas Grandes Casas e pelo Império. Sua principal regra é a proibição do uso de armas atômicas contra alvos humanos. Cada regra da Grande Convenção começa dizendo: "As formalidades devem ser obedecidas."

GRANDE MAE : a deusa com chifres, princípio feminino do espaço (comumente, Mãe Espacial), face feminina da trindade machofêmea-neutro aceita como Ser Supremo por muitas religiões dentro do Império.

GRANDE REVOLTA: termo popular para o Jihad Butleriano. (Ver jihad Butleriano.)

GRUMMAN . segundo planeta de Niusche, famoso principalmente pelo conflito de sua Casa governante (Moritani) com a Casa Ginaz.

GUERRA DOS ASSASSINOS: forma limitada de guerra permitida sob a Grande Convenção e a Paz da Corporação. O objetivo é reduzir o envolvimento de espectadores inocentes. Regras indicam as formas de declaração e restringem as armas permitidas.

H

HAGAL: o “Planeta jóia “ (II Thet’a Shaowei), minerado na época de Shaddam I.

HAIII-YOH: ordem de ação; comando de um condutor de vermes.

HAJJ: jornada sagrada.

HAJR: migração através do deserto.

HAJRA: jornada de busca.

HALL YAWM: “Agora! Finalmente!”, exclamação Fremen.

HARMONTHEP: Ingsley afirma ser esse o nome do planeta que serviu de sexto ponto de parada na migração Zensunni. Supõe-se que tenha sido um satélite de Delta Pavonis não mais existente.

HEIGHLINER: grande transporte de carga operando no sistema de transportes da Corporação Espacial.

HIEREG: acampamento temporário dos Fremen no deserto, sobre areia.

HOLTZMAN, EFEITO : efeito de repulsão negativa produzido por um gerador de escudo.

HOMEM DA ÁGUA: Fremen consagrado e investido nas tarefas rituais de circundar a água e a Água da Vida.

HOMEM DOS GANCHOS : Fremen com ganchos de produtor preparado paia capturar um verme da areia.

HOMENS DAS DUNAS : em Arrakis, trabalhadores do deserto, caçadores de especiarias, etc. Trabalhadores da areia. Trabalhadores das Especiarias.

I

IBAD, OLHOS DO: efeito característico de uma dieta carregada de melange, quando o branco e a pupila dos olhos ficam de cor azul profunda. (Indica profunda dependência de melange.)

IBN QIRTAIBA : “Assim dizem as palavras sagradas... “ Início formal de uma encantação religiosa dos Fremen (derivado da panoplia propbeticus).

ICHWAN BEDWINE: a irmandade de todos os Fremen de Arrakis.

IJAZ: profecia que, por sua própria natureza, não pode ser negada; profecia imutável.

I I HUT-EIGH: grito dos vendedores de água de Arrakis (etimologia incerta). Ver Soo-Soo Sook!

ILM: teologia, ciência da tradição religiosa, uma das origens semi-lendárias da fé dos Peregrinos Zensunni.

INKVINE: planta trepadeira nativa de Giedi Prime e frequentemente usada como chicote nos fossos de escravos. As vítimas ficam marcadas com tatuagens cor de beterraba que provocam uma dor residual durante muitos anos.

INSPETORA SUPERIORA : uma Reverenda Madre Bene Gesse-rit que é também diretora regional da escola B.G. (Comumente, uma Bene Gesserit dotada da Visão.)

ISTISLAH: lei da guerra em geral; usualmente, o prefácio para uma necessidade brutal.

IX: ver Richese.

J

JIHAD: cruzada religiosa; cruzada fanática.

JIHAD BUTLERIANO: (ver também Grande Revolta) a cruzada contra os computadores, as máquinas pensantes e os robôs conscientes iniciada em 201 A.G. e concluída em 108 A.G. Seu principal mandamento permanece na Bíblia C.L. como “Não farás a máquina à semelhança da mente humana.”

JUBBA, MANTO: capa para todas as ocasiões (pode ser regulada para refletir ou admitir calor radiante, convertendo-se assim em cobertor ou abrigo). Comumente usada em Arrakis por cima de um trai e-destilador.

JUIZ DA MUDANÇA: funcionário indicado pelo Alto Conselho da Landsraad e pelo Imperador para fiscalizar mudanças de feudo, negociações de kanly ou batalhas formais durante uma Guerra de Assassinos. A autoridade do juiz como árbitro só pode ser desafiada perante o Alto Conselho e com a presença do Imperador.

K

KANLY : Disputa formal ou vendetta sob as regras da Grande Convenção e realizada de acordo com suas limitações específicas. (Ver juiz da Mudança.) Originalmente, as regras foram estabelecidas para proteger espectadores inocentes.

KARAMA: milagre; ação iniciada pelo mundo espiritual.

KHALA: invocação tradicional para acalmar os espíritos furiosos de um lugar cujo nome se tenha mencionado.

KINDJAL: espada curta (ou faca longa) de lâmina dupla com

comprimento aproximado de vinte centímetros e lâmina levemente curva.

KISWA: qualquer desenho ou figura da mitologia Fremen.

KITAB AL-IBAR: combinação de manual de sobrevivência e livro religioso redigido pelos Fremen de Arrakis.

KULL WAHAD! : “Estou profundamente impressionado!” Sincera exclamação de surpresa, comum no Império. A interpretação depende do contexto. (Dizem que o Muad’Dib, observando certa vez um filhote de falcão do deserto emergindo de seu ovo, sussurrou: “Kull wahad!”)

KULON: asno selvagem das estepes asiáticas da Terra adaptado para a vida em Arrakis,

KWISATZ HADERACH: “Encurtamento do Caminho”. Esse é o rótulo dado pelas Bene Gesserit ao “desconhecido” pára o qual elas buscavam uma solução genética: um Bene Gesserit macho cujos poderes mentais orgânicos iriam estender-se sobre o tempo e o espaço.

L

LA, LA, LA: grito de pesar dos Fremen. (Lã traduz-se como a negativa final, um “não” para o qual não pode haver apelo.)

LANDSRAAD, ALTO CONSELHO DA: o círculo fechado da Landsraad, autorizado a atuar como supremo tribunal nas disputas entre Casas.

LARANJA, BÍBLIA CATÓLICA: o “Livro Acumulador”, texto religioso produzido pela Comissão de Tradutores Ecumênicos. Contém elementos da maioria das religiões antigas, in-luindo o Saari Maometano, o Cristianismo Mahayana, o Catolicismo Zensunni e as tradições Budislâmicas. Seu supremo mandamento é considerado como sendo: “Não deturparás a alma.”

LASER, REVOLVER, ARMA: projetor laser de onda contínua. Seu uso como arma é limitado em uma cultura que emprega escudos de gerador de campo devido à explosiva pirotécnica (tecnicamente, fusão subatômica) produzida quando seu feixe atravessa um campo.

LEGIAO IMPERIAL: dez brigadas (cerca de 30 mil homens).

LENTE DE OLEO: óleo hufuf mantido sob tensão estática por um campo de força envolvente, dentro de um tubo de observação, como parte de um sistema de ampliação ou manipulação da luz. Pelo fato de cada lente poder ser ajustada individualmente, na proporção de um mícron de cada vez, a lente de óleo é considerada a precisão máxima em sistemas de manipulação da luz visível.

LIBAN: o liban Fremen é produzido com água de especiaria misturada

com farinha de yucca. Originalmente, bebida feita com leite azedo.

LISAN AL-GAIB: “A Voz do Mundo Exterior”. Nas lendas mes-siânicas dos Fremen, profeta vindo de outro planeta. Algumas vezes traduzido como “Fornecedor da Água”. (Ver Mahdi.)

LITROJON: recipiente de um litro usado para o transporte de água em Arrakis; feito com plástico à prova de choque, de alta densidade e dotado de selo positivo.

LIVROFILME: texto em shigawire usado para treinamento e carregando um pulso mnemônico.

M

MAHDI: na lenda messiânica Fremen, “Aquele que nos Levará ao Paraíso”.

MANTENE: sabedoria subjacente, argumento sustentador, primeiro princípio. (Ver Giudichar.)

MAPA DE PIAS: mapa da superficie de Arrakis desenhado com referência às rotas (traçadas com parabússola) mais confiáveis para se atingir locais de refúgio. (Ver Parabússola.)

MASTRO NA AREIA : arte de colocar mastros de fibra e plástico nas vastidões do deserto de Arrakis e ler os padrões das marcas deixadas nesses mastros pelas tempestades de areia como indício para previsão meteorológica.

MAULA : escravo.

MELANGE : “especiaria das especiarias”, cultura da qual Arrakis constitui a única fonte. A especiaria, conhecida principalmente por suas qualidades geriátricas, produz moderada dependência quando ingerida em pequenas quantidades. Uma dependência severa surge do consumo de quantidades acima de dois gramas diários por cada setenta quilos de peso corporal. (Ver Ibad, Água da Vida e Massa Préespeciaria.) Muad’Dib afirmou que essa especiaria era a chave de seus poderes proféticos. Navegadores da Corporação fazem afirmações semelhantes. Seu preço no mercado imperial chegou a 620 mil solaris por decagrama.

MENTAT: classe dos cidadãos do Império treinados para supremas conquistas em lógica. “Computadores humanos”.

MESTRE DE AREIA: superintendente geral de optações com especiarias.

METAVIDRO: vidro produzido por infusão de gás a altas temperaturas através de folhas de quartzo jasmium. Famoso pela extrema resistência à tração (cerca de 450 mil quilos por centímetro quadrado em dois centímetros de espessura) e pela capacidade de agir como filtro seletivo de radiação.

MIHNA : estação para o teste de jovens Fremen que desejam ser considerados adultos.

MISH-MISH : damasco.

MISR: termo histórico que os Zensunni (Fremen) atribuem a si mesmos: “O Povo”.

MISSIONÁRIA PROTETORA: ramo da ordem Bene Gesserit encarregado de semear superstições contagiantes em mundos primitivos, abrindo caminho, assim, para a exploração dessas regiões pelas Bene Gesserit.

MODO BENS GESSERIT: uso da observação de minúcias.

MONITOR: espaçonave de guerra com dez seções dotada de pesada armadura e proteção de escudos. Projetada para ser separada em suas seções componentes durante decolagem após uma queda planetária.

MOTORISTA DE ESPECIARIAS: qualquer homem das dunas que controle ou dirija maquinaria móvel sobre a superfície desértica de Arrakis.

MUAD’DIB: rato-canguru adaptado para a vida em Arrakis, criatura associada na mitologia Fremen com o desenho visível na segunda lua do planeta. Essa criatura é admirada pelos Fremen por sua habilidade para sobreviver no deserto.

MUDIR NAHYA: nome Fremen para Rabban, a Besta (Conde Rabban de Lankiveil), o primo Harkonnen que foi governador-siridar em Arrakis durante muitos anos. Frequentemente traduzido por “Demônio Governante”.

MURALHA ESCUDO: acidente geográfico montanhoso, situado na região Norte de Arrakis, que protege uma pequena área da força total das tempestades coriolis que assolam o planeta.

MUSHTAMAL: pequeno jardim anexo ou quintal.

MUSKY: veneno na bebida. (Ver Chaumurky.)

MU ZEIN WALLAH! : Mu zein significa “nada bom” e wallah é uma exclamação final reflexiva. Na abertura tradicional de uma maldição Fremen contra um inimigo, Wallah transforma-se em ênfase sobre as palavras Mu zein, significando “Nada bom, nunca bom, bom para nada”.

N

Na-: prefixo que significa “nomeado” ou “próximo na linha de sucessão”. Desse modo, na-Barão significava herdeiro aparente do baronato.

NAIB: pessoa que jurou nunca ser apanhada viva pelo inimigo; juramento tradicional de um líder Fremen.

NEZHONI, LENÇO: almofada-lenço usada na testa, por baixo do capuz do traje-destilador, por uma mulher Fremen casada ou “associada’, após o

nascimento de um filho.

NOUKKERS: oficiais do corpo de guarda-costas imperiais que se encontram ligados ao Imperador por laços de sangue. Posto tradicional para filhos de concubinas reais.

O

OPAFIRE : uma das raras jóias opalinas de Hagal.

ORNITÓPTERO (comumente, “tóptero”) : qualquer aeronave capaz de voar batendo as asas à maneira dos pássaros.

OUT-FREYN ou FORAFREYN: termo Galach para “estranho às imediações”, isto é, não-pertencente à comunidade imediata, nãopertencente aos selecionados.

P

PALMA, FECHO DE: qualquer tranca ou fecho capaz de ser aberto pelo contato com a palma da mão humana à qual foi ajustado.

PANELA : em Arrakis, qualquer região baixa ou depressão criada pelo rebaixamento do solo. (Em planetas com água suficiente, esse tipo de acidente geográfico indica região outrora coberta de água.) Acredita-se que Arrakis tenha pelo menos uma região dessas, embora isso ainda seja tema de discussão.

PANOPLIA PROPHETICUS: termo que abrange as superstições contagiantes usadas pelas Bene Gesserit para explorar regiões primitivas. (Ver Missionária Protetora.)

PARABÚSSOLA: qualquer bússola que determine a direção através das anomalias magnéticas locais; usada onde se dispõe de mapas e onde o campo magnético total de um planeta é instável ou sujeito a encobrimento por severas tempestades magnéticas.

PENTAESCUDO: gerador de campo de cinco camadas adequado para áreas pequenas, tais como portas e passagens. (Os grandes campos reforçados tornam-se cada vez mais instáveis com cada camada que se acrescente.) Virtualmente impenetrável para alguém que não esteja usando um desmontador sintonizado nos códigos de escudo. (Ver Porta Prudente.)

PEQUENO PRODUTOR: criatura meio planta, meio animal, que vive nas profundezas da areia e constitui o vetor do verme da areia de Arrakis. As excreções do pequeno produtor formam a massa de pré-especiaria.

PIA: região de terras baixas habitáveis de Arrakis, cercada por montanhas que a protegem das tempestades predominantes.

PISTOLA MAULA : arma de mola para lançamento de dardos

envenenados; seu alcance é de quarenta metros.

PLANO GRIDEX :separador de cargas diferenciais usado para remover areia da massa de pré-especiaria; engenho usado no segundo estágio do refinamento de especiarias.

PLASTEEL: aço estabilizado com fibras de stravidium cultivadas dentro de sua estrutura cristalina.

PLENISCENTA: exótica flor verde de Ecaz, famosa pelo aroma suave.

PO, ABISMOS DE: qualquer fenda ou depressão profunda no deserto de Arrakis que tenha sido coberta pelo pó e não se destaque da superfície circundante. Armadilhas mortais para seres humanos ou animais, que neles afundarão sem deixar vestígios.

PORITRIN: terceiro planeta de Epsilon Alangue, considerado por muitos Peregrinos Zensunni como seu planeta de origem, embora sua linguagem e mitologia indiquem raízes planetárias muito mais antigas.

PORTA PRUDENTE ou BARREIRA PRUDENTE (idiomaticamente: pruporta ou prubarreira) ; qualquer pentaescudo colocado para permitir a fuga de pessoas selecionadas sob condições de perseguição. (Ver pentaescudo.)

PORTYGULS: laranjas.

PRANA (musculatura prana): os músculos do corpo quando con-siderados como unidades para treinamento máximo. (Ver Bindu.)

PRE-ESPECIARIA, MASSA DE: estágio de violento crescimento fungosóide atingido quando a água penetra nas excreções dos pequenos produtores. Nesse estágio, a especiaria de Arrakis produz o característico “estouro”, trocando o material do subsolo profundo pela matéria da superfície acima. Essa massa, após a exposição ao ar e ao sol, transforma-se em melange. (Ver também Melange e Água da Vida.)

PRIMEIRA LUA: o maior satélite natural de Arrakis, primeiro a se elevar durante a noite; é conhecido pelo nítido contorno de um punho humano em sua superficie.

PRIMS: laços de sangue para além de primos.

PROCÉS VERBAL: relatório semiformalizado alegando crime contra o Império. Legalmente: ação situada entre uma simples alegação verbal e uma acusação formal de crime.

PRODUTOR: ver Shai-Hulud.

PRODUTOR, GANCHOS DE: ganchos usados para capturar, montar e dirigir um verme da areia de Arrakis.

PUNDI, ARROZ: arroz mutante cujos grãos, com elevado conteúdo de açúcar natural, atingem comprimentos acima de quatro centímetros. Principal produto de exportação de Caladan.

PYONS: camponeses ou trabalhadores ligados à superficie de um planeta, uma das classes inferiores segundo a Faufreluches. Legalmente: guarnição de um planeta.

Q

QANAT: canal aberto para transportar água de irrigação, sob con-dições controladas, através do deserto.

QUEOPS: xadrez de pirâmides em nove níveis com o duplo obje-tivo de colocar a própria rainha no ápex e o rei do adversário em xeque.

QIRTAIBA :ver Ibn Qirtaiba.

QUIZARA TAFWID: sacerdotes Fremen (após Muad'Dib).

R

RACHAG: estimulante do tipo cafeína extraído das uvas amarelas do akarso. (Ver Akarso.)

RAIO DE CORTE: versão de arma laser de curto alcance usada principalmente como ferramenta de corte e bisturi de cirurgia.

RAMADHAN: antigo período religioso marcado com jejuns e preces. Tradicionalmente, o nono mês de um calendário solar-lunar. Os Fremen marcam sua observância de acordo com o ciclo de passagem da primeira lua sobre o nono meridiano.

RAZZIA: ataque de guerrilha semipirático.

RECATHS: tubos que ligam o sistema de eliminação de dejetos de um corpo humano ao sistema de filtros de reciclagem de um trajedestilador.

RESIDUAL, VENENO: inovação atribuída ao Mentat Piter de Vries, pela qual o corpo é impregnado de uma substância para a qual se devem administrar contínuas doses de antídoto. A retirada do antídoto em qualquer ocasião provoca a morte.

REUNIÃO: distinta de uma Reunião de Conselho. Trata-se de uma convocação formal de lideres Fremen para testemunharem uma luta que decide a liderança tribal. (Uma Reunião de Conselho é uma assembléia destinada a obter decisões que envolvam todas as tribos.)

REVERENDA MADRE: originalmente, uma inspetora Bene Gesserit, alguém capaz de transformar o "veneno iluminador" dentro de seu corpo, elevando-se, assim, até um estágio superior de consciência. Título adotado pelos Fremen para suas próprias lideres religiosas que realizam uma "iluminação" semelhante. (Ver também Bene Gesserit e Água da Vida.)

RICHESE: quarto planeta de Eridani A, classificado, juntamente com Ix,

como suprema cultura mecânica. Conhecido por sua miniaturização. (Para um estudo detalhado de como Richese e Ix escaparam aos efeitos mais severos do Jihad Butleriano, ver O último Jibad, de Sumer e Kautman.)

RUH-ESPIRITO: na crença Fremen, a parte de um indivíduo que se encontra sempre enraizada no mundo metafísico e que é capaz de senti-lo. (Ver Alam al-Mithal.)

S

SADUS: juízes. Esse título Fremen refere-se aos sagrados juízes, equivalentes aos santos.

SALUSA SECUNDUS: terceiro planeta de Gama Waiping; designado como Planeta Prisão Imperial após a remoção da Corte Real para Kaitain. Salusa Secundus é o mundo de origem da Casa Corrino, e o segundo ponto de parada na migração dos Peregrinos Zensunni. A tradição Fremen afirma que eles teriam sido escravos em S. S. durante nove gerações.

SAPHO: líquido rico em energia e extraído das raízes do Ecaz. Comumente usado pelos Mentats, os quais afirmam que ele amplia os poderes mentais. Os usuários desenvolvem escuras manchas cor de rubi na boca e nos lábios.

SARDAUKAR: soldados-fanáticos do Imperador Padishah. Eram homens criados em ambiente tão hostil que provocava a morte de seis em cada treze pessoas antes da idade de onze anos. Seu treinamento militar enfatizava a crueldade e uma desconsideração quase suicida pela própria segurança pessoal. Eram ensinados desde a infância a usar a crueldade como arma-padrão, enfraquecendo seus oponentes com o terror. No ápice de sua influência sobre o universo, costumavase dizer que a habilidade deles com a espada equivaleria ao nível de dez Ginaz, e sua astúcia na luta se aproximaria à de uma adepta da Bene Gesserit. Qualquer um deles era considerado equivalente a dez soldados comuns da Landsraad. Na época de Shaddam IV, embora ainda fossem formidáveis, sua força fora minada pelo excesso de confiança, e a mística sustentadora de sua religião guerreira encontrava-se enfraquecida pelo cinismo.

SARFA :ato de voltar as costas a Deus.

SAYYADINA: acólita feminina na hierarquia religiosa dos Fremen.

SCHLAG: animal nativo de Tupile que já foi caçado até quase a extinção por seu couro fino e resistente.

SEGUNDA LUA: o menor dos dois satélites de Arrakis, notável pela figura do rato-canguru delineada em sua superfície.

SELAMLIK: câmara de audiência imperial.

SELO DE PORTA: selo hermético de plástico, portátil, usado para manter a umidade nas cavernas ocupadas pelos Fremen durante o dia.

SEMELHANÇA DE EGO: retrato reproduzido através de um projetor de shigawire, capaz de reproduzir movimentos sutis que dizem transmitir a essência do ego.

SEMI-IRMAOS: filhos de concubinas da mesma casa e registrados como tendo o mesmo pai.

SEMUTA: o segundo narcótico derivado (por extração cristalina) do resíduo da madeira elaca queimada. O efeito (descrito como um êxtase mantido fora da noção do tempo) é provocado por certas vibrações atonais conhecidas como música de semuta.

SERVOK: mecanismo de relojoaria destinado a realizar tarefas simples; um dos engenhos "automáticos" limitados permitidos após o Jihad Buferiano.

SHADOUT: balde de poço, título honorário dos Fremen.

SHAH-NAMA : o semilendário primeiro livro dos Peregrinos Zensunni.

SHAI-HULUD : verme da areia de Arrakis, o "Velho do Deserto", "Velho Pai da Eternidade" e "AVO do Deserto". Significativamente, seu nome, quando dito em certo tom ou escrito em letras maiúsculas, designa a divindade terrena segundo as superstições Fremen. Os vermes da areia crescem até atingir enorme tamanho (espécimes com mais de 400 metros têm sido vistos no interior do deserto) e vivem até idade muito avançada, a não ser que sejam mortos por seus semelhantes ou afogados na água, que é venenosa para eles. A maior parte da areia existente em Arrakis é atribuída à ação dos vermes. (Ver Pequeno Produtor.)

SHAITAN: Satã.

SHARI-A: a parte da panoplia propheticus que estabelece o ritual supersticioso. (Ver Missionária Protetora.) SHIGAWIRE: extrusão metálica de uma vinha de solo (1Varvi narviium) cultivada somente em Salusa Secundus e III Delta Kaising. Famosa pela extrema resistência à tração.

SIETCH: em Fremen, "local de reunião em ocasião de perigo". Pelo fato de os Fremen terem vivido por tanto tempo em perigo, o termo passou a ser usado geralmente para designar qualquer caverna habitada por uma de suas comunidades tribais.

SIHAYA: em Fremen, a época da primavera no deserto, com conotações religiosas implicando o tempo da fertilidade e o "paraíso que virá".

SIRAT: a passagem da Bíblia C.L. que descreve a vida humana como uma jornada através de uma ponte estreita (o Sirat), com "o paraíso à minha direita, o inferno à minha esquerda e o Anjo da Morte por trás".

SNORK DE AREIA: equipamento respirador destinado a bombear o ar da superficie para uma tenda destiladora coberta por areia.

SOBRENATURAL: idiomático: aquilo que compartilha do místico ou da magia (bruxaria).

SOLARI: unidade monetária oficial do Império, com poder de compra estabelecido em negociações quatricentenárias entre a Corporação, a Landsraad e o Imperador.

SÓLIDO: imagem tridimensional de um projetor sólido usando sinais de referência de 360 graus impressos num rolo de shigawire. Os projetores sólidos Ixian são comumente considerados os melhores.

SONDAGI: tulipa-samambaia de Tupali.

SOO-SOO SOOK! : Grito dos vendedores de água de Arrakis. Sook é o local de um mercado. (Ver lkhut-eigh!)

STUNNER ou ATORDOADOR: arma de projétil lento que lança um dardo pontiagudo contendo droga ou veneno. A eficácia é limitada por variações na regulagem dos escudos e pelo movimento relativo entre alvo e projétil.

SUBAKH UL KUHAR: “Você está bem?”, saudação Fremen.

SUBAKH UN NAR : “Eu estou bem, e você?”, resposta tradicio-nal.

SUSPENSOR : fase secundária (baixo dreno de força) de um campo Holtzman. Anula a gravidade dentro de certos limites prescritos pela massa relativa e pelo consumo de energia.

T

TAHADDI, DESAFIO: desafio dos Fremen para combate mortal, normalmente com a finalidade de testar alguma questão fundamental.

TAHADDI AL-BURHAN: o teste final, do qual não pode haver apelação (geralmente porque ele traz a morte ou a destruição).

TAMBOR-AREIA: areia compactada de tal modo que qualquer golpe súbito sobre sua superficie produz um distinto som de tambor.

TAMPAO-FILTRO: filtro para nariz usado com trajedestilador com a finalidade de captar a umidade exalada na respiração.

TAQWA: literalmente, “o preço da liberdade”. Alguma coisa de grande valor. Aquilo que uma divindade exige de um mortal (e o temor provocado pela exigência).

TAU, O: na terminologia Fremen, a unicidade de uma comunidade de sietch, reforçada pela dieta de especiaria, e especialmente na orgia do tau produzida pela ingestão da Água da Vida.

TENDA DESTILADORA: pequeno abrigo fechado, de tecido micro

ssanduíche, projetado para recuperar água potável a partir da umidade ambiente eliminada em seu interior pela respiração de seus ocupantes.

TESTE-MASHAD : qualquer teste no qual a honra (definida como uma posição espiritual) se encontre em jogo.

TLEILAX: único planeta de Thalim, conhecido como um centro renegado de treinamento para Mentats. Fonte dos Mentats “pervertidos”.

T.P.: telepatia.

TRAJE-DESTILADOR: roupa que envolve todo o corpo, inventada em Arrakis. Seu tecido é um micro ssanduíche que realiza as funções de dissipação de calor e de filtragem dos resíduos corporais. A umidade recuperada torna-se disponível para consumo a partir dos bolsões de recolhimento.

TRANSE DA VERDADE: transe semi-hipnótico, induzido por um dos vários narcóticos de “ampliação do espectro da consciência”, no qual pequenos indícios de falsidade deliberada tornamse evidentes ao observador. (Nota : os narcóticos de “ampliação da consciência” são frequentemente fatais, exceto para indivíduos dessensibilizados, capazes de transformar a configuração venenosa dentro de seus próprios corpos.)

TRANSPORTA-TUDO: asa elevadora (comumente, “asa”), “pé-de-boi” aéreo de Arrakis, usado no transporte de grandes equipamentos de mineração, recolhimento e processamento de especiaria.

TRANSPORTE DE TROPA: qualquer nave da Corporação projetada especificamente para o transporte de tropas entre planetas.

TRATOR DA AREIA: termo genérico usado para designar maquinaria projetada com a finalidade de operar na superficie de Arrakis com vistas à caça e coleta da melange.

TREINAMENTO: quando aplicado às Bene Gesserit, esse termo, comum em outras situações, assume significado especial, referindo-se ao condicionamento de nervos e músculos ver Bindu e Prana) levado às últimas possibilidades permitidas pelas funções naturais.

TRIPÉ DA MORTE : originalmente, o tripé sob o qual os executores do deserto enforcavam suas vítimas. Pelo uso: os três membros de um Cherem que juraram a mesma vingança.

TUBO DE ÁGUA: qualquer tubo dentro de um traje-destilador ou tenda destiladora que transporte a água recuperada para o bolsão de recolhimento ou deste para o usuário.

TUPILE: o chamado “planeta santuário” (provavelmente, vários planetas) das Casas derrotadas do Império. Localização (ões) conhecida(s) somente pela Corporação e mantida(s) como segredo inviolável sob a Paz da Corporação.

U

ULEMA: doutor Zensunni em teologia.

UMMA: membro da irmandade dos profetas. (Termo pejorativo no Império, significando uma pessoa louca, dada a previsões fanáticas.)

UROSHNOR: um dos vários sons destituídos de significado e que as Bene Gesserit implantam na mente de vítimas selecionadas para fins de controle. A pessoa sensibilizada, ao ouvir esse som, fica temporariamente imobilizada.

USUL: em Fremen, “a base do pilar”.

V

VAROTA: famoso fabricante de balisets; nativo de Chusuk.

VERITE: um dos narcóticos eliminadores da vontade produzidos em Ecaz. Torna a pessoa incapaz de mentir.

VERME DA AREIA: Ver Shai-Hulud.

VIDA, ÁGUA DA: veneno “iluminador” (ler Reverenda Madre). Especificamente, o liquido exalado por um verme da areia ver Shai-Hulud) no momento de sua morte por afogamento e que, no corpo de uma Reverenda Madre, é transformado no narcótico usado nas orgias tau do sietch. Narcótico de “ampliação do espectro da consciência”.

VOZ: treinamento combinado, criado pelas Bene Gesserit, que permite que uma adepta controle outras pessoas meramente pelo uso de modulações da voz.

W

WALI: jovem Fremen ainda não testado.

WALLACH IX: nono planeta de Laoujin, onde se localiza a Escola Principal das Bene Gesserit.

WINDTRAP ou ARMADILHA DE VENTO: engenho colocado no caminho de um vento predominante e capaz de precipitar dentro da armadilha a umidade contida no ar por ele apanhado, geralmente através de brusca mudança de temperatura.

Y

YA HYA CHOUHADA!: “Longa vida aos lutadores!” Grito de guerra dos Fedaykin. O termo ya (agora), nesse grito, é reforçado pela forma hya (agora prolongado). O termo chouhada (lutadores) tem aqui o significado adicional de lutadores centra a injustiça. Há uma distinção nessa palavra que especifica que

os lutadores não estão combatendo por alguma coisa, mas contra algo específico — e só isso.

YALI: alojamentos pessoais de um Fremen dentro de um sietch.

YA! YA! YAWM! : canto cadenciado dos Fremen, usado em ocasiões de profunda significação ritualística. Ya tem uma raiz linguística que significa “Agora prestem atenção!” A forma Yawm é um termo modificado que pede urgente aproximação. O canto traduz-se normalmente como “Agora, ouçam isto!”

Z

ZENSUNNI: seguidores da seita cismática que derivou dos ensinamentos de Maomé (o chamado “Terceiro Mohamede”) por volta de 1381 A.G. A religião dos Zensunni é famosa principalmente pela ênfase no misticismo e pela reversão aos “modos dos nossos pais”. A maioria dos estudiosos aponta Ali Ben Ohashi como líder do cisma original, mas há alguma evidência de que Ohashi era meramente o porta-voz masculino de sua segunda esposa, Nisai.

NOTAS CARTOGRÁFICAS

Bacia Polar.— 500 metros abaixo do nível do Bled.

Base para a latitude: meridiano que atravessa a Montanha do Observatório.

Cartbag: aproximadamente 200km a nordeste de Arrakeen. Caverna dos Pássaros: cordilheira Habbanya.

Grande Bled: deserto plano e aberto, oposto à área de dunas do Erg. O

deserto estende-se de 60 graus Norte até 70 graus Sul. É constituído principalmente de areia e rochas, com ocasionais afloramentos do complexo do subsolo.

Grande Planície: depressão aberta e rochosa que se derrama no Erg. Está a 100 metros acima do nível do Bled. Em algum lugar da depressão encontra-se a "panela salgada" que Pardot Kynes (pai de Liet-Kynes) descobriu. Há afloramentos de rocha elevando-se a alturas de 200 metros, desde o sul do Sietch Tabr até as comunidades sietch indicadas.

Harg, Passo de: o Santuário do Crânio de Leto fica acima desse passo.

Linha-base para a determinação de altitudes: o Grande Bled.

Oeste da Muralha da Borda: alta escarpa (4.600 metros) que se eleva a partir da Muralha Escudo de Arrakeen.

Palmeiras do Sul: não aparecem neste mapa. Encontram-se em torno de 40 graus de latitude Sul.

Planície Funerária: Erg Aberto.

Velha Fenda: fenda na Muralha Escudo de Arrakeen que desce a 2.240 metros; destruída por Paul Muad'Dib.

Ventos, Passo dos: envolto em penhascos e abrindo-se para os povoados das pias.

Vermelho, Abismo: 1.582 metros abaixo do nível do Bled.

Vermes, Linha dos: indica os pontos mais ao Norte onde os vermes têm sido observados (a umidade, não o frio, é o fator determinante).

O MESSIAS DE DUNA

Frank Herbert

Tradução de Jorge Luíz Calife
Título Original: *Dune Messiah*

Resumo da Entrevista com Bronso de IX, na Cela da Morte

P: O que o levou à sua abordagem particular da história do Muad'Dib?

R: Por que deveria responder às suas perguntas?

P: Porque eu preservarei suas palavras.

R: Ah, o oferecimento final a um historiador!

P: Vai cooperar, então?

R: Por que não? Mas você nunca vai entender o que inspirou minha Análise da História. Nunca. Vocês, sacerdotes, têm muito em jogo para que...

P: Faça uma tentativa.

R: Uma tentativa. Está bem... por que não? Minha atenção foi despertada pela superficialidade com que é visto este planeta devido ao seu nome popular: Duna. Não Arrakis, repare bem, mas Duna. A história é obcecada por Duna como um deserto, o berço dos Fremen. Tal história concentra-se nos costumes derivados da escassez de água e no fato de que os Fremen levavam vidas semi-nômades, em trajes destiladores que recuperavam a maior parte da umidade produzida por seus corpos.

P: E isso não é verdadeiro?

R: São verdades superficiais, que ignoram o que se encontra abaixo da superfície. E como... como tentar entender meu planeta natal, Ix, sem observar que seu nome derivou do fato de ser o nono planeta de seu sistema solar. Não... não é o bastante ver Duna como um local de tempestades violentas. Não é suficiente falar a respeito da ameaça representada pelos gigantescos vermes da areia.

P: Mas essas coisas são cruciais à personalidade de Arrakis!

R: Cruciais? É claro. Mas conduzem a uma visão restrita, um único ponto de vista planetário, do mesmo modo como Duna é um planeta de colheita única. A única e exclusiva fonte da especiaria, da melange.

P: Sim, deixe-nos ouvi-lo discorrer sobre a sagrada especiaria.

R: Sagrada! Como todas as coisas sagradas, ela dá com uma das mãos e tira com a outra. Ela prolonga a vida e permite ao iniciado vislumbrar seu futuro. Mas ela o prende a um vício cruel e lhe marca os olhos como os seus são

marcados: azul total, sem nenhum branco. Seus olhos, seus órgãos de virão, tornam-se uma coisa desprovida de contraste, de aparência igual.

P: Semelhante heresia o trouxe a esta cela!

R: Fui trazido a esta cela por seus sacerdotes. Como todos os sacerdotes, vocês aprenderam cedo a rotular a verdade como heresia.

P: Você se encontra aqui porque se atreveu a dizer que Paul Atreides perdeu algo de essencial para sua humanidade antes que se tornasse o Muad'Dib.

R: Sem falar que ele perdeu o pai aqui, na guerra dos Harkonnen. Nem da morte de Duncan Idaho, que se sacrificou para que Paul e Lady Jessica pudessem escapar.

P: Seu sarcasmo é evidente.

R: Sarcasmo! Isso, sem dúvida, é crime maior do que heresia. Mas veja bem, não sou realmente uma pessoa sarcástica. Sou apenas um observador e comentarista. Vi verdadeira nobreza em Paul quando ele fugiu para o deserto com sua mãe grávida. É claro que ela era de grande ajuda, mas não deixava de ser um estorvo.

P: O problema de vocês, historiadores, é que nunca estão satisfeitos. Podem ver a verdadeira nobreza no Sagrado Muad'Dib, mas não deixam de acrescentar uma observação sarcástica. Não é de admirar que as Bene Gesserit também o tenham denunciado.

R: Vocês, sacerdotes, fazem bem em se aliar à Irmandade Bene Gesserit. Elas também sobrevivem por ocultarem o que realmente fazem. Mas não são capazes de esconder o fato de que Lady Jessica era uma Bene Gesserit treinada. Vocês sabem que ela treinou o filho nas artes das Bene Gesserit. Meu crime foi discutir isso como fenômeno, comentar sobre suas artes mentais e seu programa genético. Vocês não querem que se chame atenção para o fato de que o Muad'Dib era a esperança da Irmandade quanto a um messias cativo. Que era seu Kwisatz Haderach, antes de ser seu profeta.

P: Se eu tinha alguma dúvida quanto à sua sentença de morte, você acaba de dissipá-la.

R: Só posso morrer uma vez.

P: Há muitos modos de morrer.

R: Tenham cuidado para não me transformarem num mártir. Não creio que o Muad'Dib... Diga-me, o Muad'Dib sabe o que vocês fazem nestas masmorras?

P: Não incomodamos a Sagrada Família com tais trivialidades.

R: (Risada) E foi para isso que Paul Atreides lutou até conquistar um lugar entre os Fremen! Foi para isso que ele aprendeu a cavalgar e controlar um verme da areia! Foi um erro responder às suas perguntas.

P: Mas manterei minha promessa de preservar suas palavras.

R: Você será mesmo capaz? Então ouça-me, atentamente, seu Fremen degenerado, seu sacerdote sem outro deus que não você mesmo! Vocês têm muito pelo que responder. Foi um ritual Fremen que deu a Paul sua primeira dose maciça de melange, despertando-o assim para as visões de seu futuro. E foi num ritual Fremen que a mesma melange despertou a consciência de Alia, ainda no ventre de Jessica. Já considerou o que significou para Alia ter sido trazida a esse universo inteiramente consciente, possuidora de todas as memórias e todo o conhecimento de sua mãe? Um estupro não seria mais aterrorizante.

P: Sem a sagrada melange, o Muad'Dib não se teria tornado líder de todos os Fremen. Sem sua sagrada experiência, Alia não seria Alia.

R: E sem a sua cega crueldade Fremen, você não seria um sacerdote. Ah, conheço vocês, Fremen. Pensam que o Muad'Dib lhes pertence porque teve um filho com Chani, porque adotou os costumes dos Fremen. Mas ele era um Atreides desde o início, e foi treinado como adepto das Bene Gesserit. Dominava disciplinas inteiramente desconhecidas por vocês. Pensam que ele lhes trouxe uma nova organização e uma nova missão. Ele prometeu que transformaria seu planeta deserto num paraíso cheio de água. E, enquanto os deslumbrava com tais visões, tirava-lhes a virgindade!

P: Semelhante heresia não muda o fato de que a Transformação Ecológica de Duna prossegue no ritmo previsto.

R: E cometi a heresia de localizar as raízes dessa transformação e de examinar suas consequências. Aquela batalha lá nas planícies de Arrakeen pode ter ensinado ao Universo que os Fremen poderiam derrotar os Sardaukar imperiais, mas o que mais ela ensinou? Quando o império estelar da Família Corrino se tornou um império Fremen, sob o governo do Muad'Dib, em que mais o império se tornou? Seu jihad levou apenas doze anos, mas que lição nos ensinou. Agora, o Império compreende a fraude que foi o casamento do Muad'Dib com a Princesa Irulan!

P: Você se atreve a acusar o Muad'Dib de fraude!

R: Embora vá me matar por isso, não é uma heresia. A Princesa tornou-se sua consorte, não sua mulher. Chani, sua pequena favorita Fremen — ela é a mulher. Todos sabem disso. Irulan era uma chave para o trono, e nada mais.

P: É fácil perceber por que os que conspiram contra o Muad'Dib usam sua Análise Histórica como argumento de zombarias!

R: Não vou convencê-lo, sei muito bem disso. Mas os argumentos da conspiração surgiram muito antes de minha Análise. Doze anos de jihad do Muad'Dib criaram os argumentos. Foi isso que uniu os grupos de poder ancestral, iniciando a conspiração contra o Muad'Dib.

1

Tamanha riqueza de mitos envolve Paul Muad'Dib, o Imperador Mentat, e sua irmã, Alia, que é difícil enxergar as pessoas reais por trás desses véus. Mas existiu, apesar de tudo, um homem, nascido Paul Atreides, e uma mulher, nascida Alia. A carne deles estava sujeita ao espaço e ao tempo. E, embora seus poderes oraculares os colocassem além dos limites normais de tempo e espaço, eram membros da raça humana. Vivenciavam acontecimentos reais, que deixavam tragos reais sobre o universo real. Para entendê-los, devemos compreender que sua catástrofe foi a catástrofe de toda a humanidade. Este trabalho é dedicado, então, não ao Muad'Dib ou à sua irmã, mas aos seus herdeiros... todos nós.

— Dedicatória na Concordância do Muad'Dib, tal como transcrita da Tabla Memorium do Culto Espiritual de Mahdi

O reinado imperial do Muad'Dib gerou mais historiadores do que qualquer outra era da história humana. A maioria deles defendia pontos de vista particulares, invejosos e sectários, mas isso revela algo a respeito do impacto peculiar produzido por um homem que despertou tamanhas paixões em mundos tão diversos.

É claro que ele continha os ingredientes históricos, ideais e idealizados. Esse homem, nascido Paul Atreides, de uma antiga Grande Família, recebeu profundo treinamento prana-bindu de Lady Jessica, sua mãe, uma Bene Gesserit, e possuía, portanto, soberbo controle sobre músculos e nervos. Mais do que isso, porém, era um Mentat, um intelecto cujas capacidades ultrapassavam as dos computadores mecânicos, religiosamente proscritos, usados pelos antigos.

E, acima de tudo mais, o Muad'Dib era o Kwisatz Haderach que o programa de procriação da Irmandade buscara através de milhares de gerações.

O Kwisatz Haderach, aquele que poderia estar em "muitos lugares ao mesmo tempo", o profeta, o homem através do qual as Bene Gesserit esperavam controlar o destino da humanidade. Esse homem tornou-se o Imperador Muad'Dib e realizou um casamento de conveniência com a filha do Imperador Padishah, a quem derrotara.

Pensem no paradoxo, na falha implícita nesse momento, pois vocês certamente já leram outras histórias e conhecem superficialmente os fatos. Os Fremen selvagens do Muad'Dib realmente dominaram o Padishah Shaddam IV. Eles derrubaram as legiões de Sardaukar, as forças aliadas das Grandes Casas, os exércitos Harkonnen e os mercenários trazidos com dinheiro do Landsraad. Ele colocou a Corporação Espacial de joelhos e sua própria irmã, Alia, no trono religioso que as Bene Gesserit julgaram seu.

Fez todas essas coisas e mais ainda.

Os missionários Qizarate do Muad'Dib transportaram sua guerra religiosa através do espaço, num jihad, cujo maior ímpeto durou apenas doze anos-padrão. Mas, nesse tempo, o colonialismo religioso colocou todo o universo humano sob seu domínio, com a exceção de uma pequena fração.

Ele pôde realizar isso porque a captura de Arrakis, planeta conhecido mais frequentemente como Duna, lhe deu o monopólio da derradeira moeda do reino: a especiaria geriátrica melange, o veneno que produz a vida.

Tínhamos, então, outro ingrediente ideal para história: um material cuja química psíquica desvendava o Tempo. Sem a melange, a Irmandade das Reverendas Madres não poderia realizar seus feitos de observação e controle humano. Sem a melange, os Timoneiros da Corporação não poderiam navegar através do espaço. Sem a melange, bilhões e bilhões de cidadãos imperiais morreriam pela privação do vício.

Sem melange, Paul Muad'Dib não poderia profetizar.

Sabemos que esse momento de supremo poder continha em si o fracasso. E só pode haver uma resposta: a predição total e completamente precisa é letal.

Outros historiadores dizem que o Muad'Dib foi derrotado pelos conspiradores mais óbvios: a Corporação, a Irmandade e os amoralistas científicos Bene Tleilex, com seus disfarces de Dançarino Facial. Outras histórias apontam para os espiões no lar do Muad'Dib. Eles dão muita importância ao Tarô de Duna, que confundiu os poderes proféticos do Muad'Dib. Alguns mostram como o Muad'Dib foi levado a aceitar os serviços de um ghola, a carne trazida de volta da morte e treinada para destruí-lo. Mas, certamente, devem estar cientes de que esse ghola era Duncan Idaho, o tenente dos Atreides, que perecera ao salvar a vida do jovem Paul.

E, no entanto, delineiam a cabala Qizarate guiada por Korba, o Panegirista. Levam-nos a seguir passo a passo o plano de Korba, para transformar o Muad'Dib em mártir e colocar a culpa em Chani, a concubina Fremen.

Como se pode, com isso, explicar os fatos tal como a história os revelou? Não se pode. Somente pela natureza letal da profecia é que podemos entender o

fracasso de um poder tão grande e dotado de visão tão ampla.

Nossa esperança é que outros historiadores aprendam alguma coisa a partir desta revelação.

— Análise Histórica: Muad'Dib por Bronso de Ix

2

Não existe separação entre deuses e homens; uns se fundem suave e casualmente nos outros.

— Provérbios do Muad'Dib

A despeito da natureza homicida da trama que esperava elaborar, os pensamentos de Scytale, o Dançarino Facial Tleilaxu, retornavam sempre à sua amarga compaixão.

"Devo lamentar-me por causar morte e sofrimento ao Muad'Dib", dizia a si mesmo.

Mantinha essa bondade cuidadosamente escondida de seus companheiros de conspiração. Entretanto, tais sentimentos lhe revelavam que achava mais fácil identificar-se com a vítima do que com o atacante — algo característico dos Tleilaxu.

Scytale permanecia em perturbado silêncio, afastado dos outros.

A discussão a respeito do veneno psíquico já durava algum tempo. Era enérgica e veemente, mas educada, naquele modo cegamente compulsivo que os adeptos das Grandes Escolas sempre adotam diante de questões muito próximas de seus dogmas.

— Quando acharem que o têm preso, aí então vão descobri-lo totalmente livre.

Quem falava era a velha Reverenda Madre das Bene Gesserit, Gaius Helen Mohiam, sua hospedeira em Wallach IX. Era uma figura magricela, envolta em mantos negros. Uma velha bruxa sentada num assento flutuador à esquerda de Scytale. Seu capuz aba fora jogado para trás, revelando uma face coriácea sob cabelos prateados. Olhos profundos olhavam do fundo de bolsões nas feições de caveira.

Eles estavam usando a linguagem mirabbasa, uma falange de consoantes e vogais unidas. Tratava-se de um instrumento para transmitir delicadas sutilezas emocionais. Edric, o Timoneiro da Corporação, respondeu à Reverenda Madre com uma mesura vocal contida num sarcasmo. Um adorável toque de polidez desdenhosa.

Scytale olhou para o enviado da Corporação. Edric nadava num recipiente

de gás alaranjado a apenas alguns passos de distância. Seu receptáculo fora colocado no centro de uma cúpula transparente que as Bene Gesserit haviam construído para esse encontro. O homem da Corporação era uma figura alongada, vagamente humanóide, com pés em forma de nadadeiras e mãos membranosas, amplamente espalmadas. Um peixe num mar estranho. Os ventiladores de seu tanque emitiam uma pálida nuvem alaranjada, rica com o perfume da especiaria geriátrica melange.

— Se prosseguirmos nesse curso, morreremos de estupidez — disse a quarta pessoa presente, um membro em potencial da conspiração — a Princesa Irulan, esposa ("mas não mulher", lembrou-se Scytale) de seu inimigo mútuo. Ela colocara-se ao lado do tanque de Edric, alta, bela e loura, esplêndida num roupão de pele de baleia azul com um chapéu equivalente. Botões dourados cintilavam em suas orelhas. Movia-se com uma altivez aristocrática, mas alguma coisa na suavidade meditativa de suas feições revelava os controles de sua formação como Bene Gesserit.

A mente de Scytale voltou-se das nuanças de linguagem e de rostos para as nuanças de localização. Em todas as direções ao redor da cúpula, viam-se colinas marcadas pela neve em fusão, que refletiam a cor úmida e mosqueada do pequeno sol azul-claro suspenso no meridiano.

"Por que este lugar em particular?", Scytale perguntava a si mesmo. As Bene Gesserit raramente faziam alguma coisa sem motivo. Tome-se como exemplo a planta aberta dessa cúpula: um lugar mais convencional e confinado teria afligido o homem da Corporação com um nervosismo claustrofóbico. As inibições em sua psique eram as do nascimento e da vida fora dos planetas, no espaço aberto.

Ter construído esse lugar especialmente para Edric, entretanto, era um dedo incisivo apontado para suas fraquezas.

"E o que aponta para mim aqui?", perguntou Scytale com os seus botões.

— Não tem nada a dizer por si mesmo, Scytale? — insistiu a Reverenda Madre.

— Quer me atrair para essa disputa de tolos? — indagou Scytale. — Muito bem. Estamos lidando com um messias em potencial. Não se lança um ataque frontal a uma pessoa assim. Torná-la um mártir seria nossa derrota.

Todos o olharam:

— Você acha que esse é o único perigo? — disse a Reverenda Madre, com sua voz asmática.

Scytale encolheu os ombros. Havia escolhido uma aparência branda, de rosto redondo, para esse encontro. Feições joviais e lábios grossos e insípidos, o corpo de um gorducho inchado. Ocorria-lhe agora, enquanto estudava os outros

conspiradores, ter feito uma escolha ideal, produto do instinto, talvez. Nesse grupo, somente ele poderia manipular sua aparência corpórea através de um vasto espectro de feições e formas corporais. Era um camaleão humano, um Dançarino Facial, e a forma que usava no momento fazia com que os outros o subestimassem.

— Bem? — insistiu a Reverenda Madre.

— Estava desfrutando do silêncio — respondeu Scytale. — Nossas hostilidades não devem ser explicitadas.

A Reverenda Madre recuou e Scytale percebeu que ela o estava reavaliando. Elas eram todas produtos de um profundo treinamento prana-bindu, capazes de um controle sobre nervos e músculos que poucos humanos jamais haviam atingido. Mas Scytale, Dançarino Facial, possuía músculos e ligações nervosas das quais os outros não eram dotados, mais o dom especial que lhe permitia assumir a psique de outra pessoa, assim como sua aparência.

Scytale deu-lhe tempo para completar sua reavaliação e disse:

— Veneno!

Pronunciou a palavra com silabas atonais que revelavam que somente ele compreendia seu significado oculto.

O homem da Corporação agitou-se e sua voz se propagou a partir do brilhante globo do altofalante, que orbitava um canto de seu tanque, acima de Irulan.

— Estávamos discutindo veneno psíquico, não físico.

Scytale riu. Uma gargalhada mirabhasa podia esfolar um oponente e ele não tinha nada a contê-lo agora.

Irulan sorriu em apreciação, mas os cantos dos olhos da Reverenda Madre revelaram um débil indício do seu ódio.

— Pare com isso! — protestou Mohiam.

Scytale parou, mas agora tinha a atenção de todos. Edric numa raiva silenciosa, a Reverenda Madre alerta em seu ódio, Irulan divertindo-se, mas intrigada.

— Nosso amigo Edric está sugerindo — disse Scytale — que um par de bruxas Bene Gesserit, treinadas em todos os modos sutis, não aprenderam a verdadeira utilidade da fraude.

Mohiam voltou-se para fitar as colinas geladas do mundo das Bene Gesserit. Ela estava começando a perceber o ponto vital no caso, notou Scytale. Isso era bom. Irulan já era outra questão.

— Você é um dos nossos ou não é, Scytale? — indagou Edric, fitando com seus minúsculos olhos de roedor.

— Minha lealdade não se encontra em discussão — respondeu Scytale.

Mantinha sua atenção sobre Irulan. — Está perguntando a si mesma, Princesa, se foi para isso que atravessou todos aqueles parsecs, arriscando tanto?

Ela acenou afirmativamente.

— Para trocar amenidades com um peixe humanóide ou discutir com um gordo Dançarino Facial Tleilaxu? — continuou Scytale.

Ela se afastou do tanque de Edric, sacudindo a cabeça, aborrecida com o forte odor de melange.

Edric aproveitou o momento para colocar na boca uma pílula de melange. Ele comia, respirava e, sem dúvida alguma, também bebia especiaria, notou Scytale. Compreensivamente, uma vez que esta aumentava os poderes prescientes de um Timoneiro, fornecendo-lhe a capacidade para guiar um heighliner da Corporação através do espaço em velocidade transluz. Com a ampliação da consciência fornecida pela especiaria, ele poderia encontrar a linha do futuro da nave que evitaria o perigo. Edric farejava outro tipo de perigo agora, mas seu apoio presciente poderia não ajudá-lo.

— Creio que foi um erro para mim ter vindo até aqui — disse Irulan.

A Reverenda Madre voltou-se, abriu e fechou os olhos, num estranho gesto de réptil.

Scytale desviou seu olhar de Irulan para o tanque, convidando a Princesa a partilhar de seu ponto de vista. Ela devia, Scytale bem o sabia, ver em Edric uma figura repelente: o olhar atrevido, aqueles pés e mãos monstruosos movendo-se suavemente no gás, o fumegante rodopiar dos torvelinhos alaranjados ao seu redor.

Ela devia estar imaginando quais seriam os hábitos sexuais dele, pensando em quão estranho seria unir-se sexualmente a tal criatura. Até mesmo o gerador de campo de força, que recriava para Edric a ausência de peso do espaço, o separava dela agora.

— Princesa — disse Scytale —, por causa da presença de Edric aqui, a visão oracular de seu esposo não poderia tropeçar em certos incidentes, incluindo este... presumivelmente.

— Presumivelmente — disse Irulan.

Olhos fechados, a Reverenda Madre acenou com a cabeça.

— O fenômeno da presciência é muito mal entendida, até mesmo pelos iniciados — disse ela.

— Sou um completo Navegador da Corporação e possuo o Poder — afirmou Edric.

Novamente, a Reverenda Madre abriu os olhos. Dessa vez, fitou o Dançarino Facial, os olhos sondando com aquela intensidade peculiar das Bene Gesserit. Avaliava as minúcias.

— Não, Reverenda Madre — murmurou Scytale. — Não sou tão simples quanto aparento.

— Não compreendemos esse poder da segunda visão — comentou Irulan. — Há um ponto: Edric diz que meu esposo não pode ver, conhecer ou prever o que acontece dentro da esfera de influência de um Navegador. Mas até onde se estende essa influência?

— Existem pessoas e coisas, em nosso universo, as quais percebo apenas por seus efeitos explicou Edric, a boca de peixe comprimida em uma linha. — Sei que estiveram aqui... ali... em algum lugar. Como as criaturas aquáticas agitam as correntezas ao passarem, assim também a presciência agita o Tempo.

Já vi por onde seu marido esteve; nunca pude vê-lo, nem as pessoas que realmente compartilham sua lealdade e seus objetivos. Essa é a cobertura que um líder dá àqueles que o seguem.

— Irulan não o segue — disse Scytale, olhando de lado para a Princesa.

— Todos sabemos por que esta conspiração deve ser conduzida somente em minha presença disse Edric.

Usando o tom de voz com que descreveria uma máquina, Irulan disse:

— Você tem seus costumes, ao que parece.

“Ela agora o vê tal como ele é”, pensou Scytale. “Bom!”

— O futuro é algo a ser moldado — disse Scytale. — Não se esqueça disso, Princesa.

Irulan olhou para o Dançarino Facial.

— Pessoas que compartilham os objetivos e a lealdade do Muad’Dib — comentou ela. Certamente, os legionários Fremen usam seu manto. Já o vi profetizar para eles, ouvi seus gritos de adulação ao seu Mahdi, seu Muad’Dib.

“Acabou de ocorrer a ela”, pensou Scytale, “que se encontra em julgamento aqui, que ainda resta a ser tomada uma decisão que pode preservá-la ou destruí-la. Ela pode ver a armadilha que lhe preparamos.”

Momentaneamente, o olhar de Scytale uniu-se ao da Reverenda Madre e ele experimentou a estranha compreensão de que haviam compartilhado esse pensamento a respeito de Irulan. A Bene Gesserit, é claro, teria instruído sua Princesa, preparando-a com a mentira saga. Mas sempre chegava o momento em que uma Bene Gesserit devia confiar em seu próprio treinamento e em seus instintos.

— Princesa, sei o que mais deseja do Imperador — disse Edric.

— E quem é que não sabe? — indagou Irulan.

— Deseja ser a mãe fundadora da dinastia real — continuou Edric, como se não a tivesse ouvido. — A menos que se una a nós, isso nunca acontecerá. Aceite minha palavra oracular a esse respeito. O Imperador a desposou por

motivos políticos, mas nunca compartilhará seu leito.

— Assim, o oráculo é também um voyeur — zombou Irulan.

— O Imperador está mais firmemente ligado à sua concubina Fremen do que a você! — retrucou Edric.

— E ela não lhe dará um herdeiro — disse Irulan.

— A razão é a primeira vítima de uma emoção forte — murmurou Scytale. Sentiu a liberação do ódio de Irulan, percebeu seu conselho fazendo efeito.

— Ela não lhe dá um herdeiro — continuou Irulan, a voz revelando agora uma calma controlada — porque lhe estou ministrando secretamente um anticoncepcional. Esse é o tipo de confissão que desejava ouvir de mim?

— Não é uma coisa que o Imperador deva descobrir — respondeu Edric, sorrindo.

— Tenho mentiras prontas para ele — explicou Irulan. — Ele pode ter um senso para a verdade, mas há mentiras que são mais fáceis de aceitar do que a verdade.

— Deve fazer sua escolha, Princesa — disse Scytale. — Mas entendendo o que a protege.

— Paul é justo comigo — disse ela. — Tenho assento em seu Conselho.

— Nos doze anos em que foi sua Princesa Consorte — indagou Edric — alguma vez ele demonstrou o mais ligeiro calor humano para com você?

Irulan sacudiu a cabeça.

— Ele depôs seu pai com sua infame horda de Fremen, desposou-a para estabelecer seu direito ao trono, e no entanto jamais coroou sua Imperatriz — disse Edric.

— Edric tenta abalá-la com a emoção, Princesa — explicou Scytale. — Não é interessante?

Ela olhou rapidamente para o Dançarino Facial, vendo o sorriso de atrevimento em suas feições e respondendo com um erguer das sobrancelhas. Encontrava-se inteiramente consciente agora, percebia Scytale, de que, se deixasse essa conferência sob a influência de Edric, o que constituía uma parte da trama, esses momentos estariam ocultos da visão oracular de Paul. Se recusasse o comprometimento, entretanto...

— Não lhe parece, Princesa — perguntou Scytale —, que Edric possui demasiada influência em nossa conspiração?

— Eu já concordei — disse Edric — em me submeter à melhor decisão que surgir em nossos conselhos.

— E quem escolhe a melhor decisão? — indagou Scytale.

— Deseja que a Princesa nos abandone sem se unir a nós? — perguntou

Edric.

— Ele quer que seu comprometimento seja verdadeiro — resmungou a Reverenda Madre. — Não deve haver truques entre nós.

Scytale percebeu que Irulan assumira uma postura pensativa, as mãos ocultas nas mangas do roupão. Ela estaria pensando agora a respeito da isca que Edric lhe oferecera: "ser a fundadora de uma dinastia real". Estaria imaginando que estratagemas os conspiradores teriam providenciado para se protegerem dela. Deveria estar pesando muitas coisas.

— Scytale — disse Irulan, daí a pouco —, costuma-se dizer que vocês, Tleilaxu, possuem um curioso conceito de honra. Suas vítimas devem sempre ter um meio de escapar.

— Se elas puderem encontrá-la — concordou Scytale.

— Serei uma vítima? — indagou Irulan.

Uma gargalhada escapou de Scytale. A Reverenda Madre bufou.

— Princesa — disse Edric, com voz suavemente persuasiva —, já é uma de nós, não tema por isso. Não espiona na Residência Imperial para suas superioras Bene Gesserit?

— Paul sabe que faço relatórios às minhas mestras.

— Mas não lhes fornece material para uma forte propaganda contra seu Imperador? — indagou Edric.

"Não o 'nosso' Imperador", notou Scytale, "mas o 'seu' Imperador. Irulan era muito Bene Gesserit para deixar passar essa insinuação."

— A questão resume-se aos poderes e a como eles podem ser usados — comentou Scytale, caminhando para junto do tanque do homem da Corporação. — Nós, de Tleilaxu, acreditamos que em todo o universo existe apenas o insaciável apetite da matéria, que a energia é o único sólido verdadeiro. E a energia aprende. Ouça-me bem, Princesa: a energia aprende. Isso é o que chamamos de poder.

— Não me convenceu de que possamos derrotar o Imperador — disse Irulan.

— Ainda nem convencemos a nós mesmos — respondeu Scytale.

— Em todo lugar para onde nos voltamos — disse Irulan — confrontamo-nos com seu poder. Ele é o Kwisatz Haderach, aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Ele é o Mahdi, cujo mero capricho é uma ordem para os seus missionários Qizarate. Ele é o Mentat, cuja mente computadorizada supera os maiores e mais antigos computadores. Ele é o Muad'Dib, sob cujas ordens as legiões Fremen despovoam planetas inteiros.

Ele possui a visão oracular que enxerga o futuro. Possui o padrão genético que nós, Bene Gesserit, buscamos...

— Conhecemos seus atributos — interrompeu a Reverenda Madre. — E conhecemos também sua abominável irmã Alia, que possui esse padrão genético. Mas eles também são humanos, ambos. E, portanto, têm suas fraquezas.

— E onde estão essas fraquezas humanas? — perguntou o Dançarino Facial. — Devemos buscá-las na seita religiosa de seu Jihad? Podem os Qizara do Imperador ser voltados contra ele? E quanto à autoridade civil das Grandes Casas? Poderia o Congresso da Landsraad fazer mais do que lhe enviar um protesto verbal?

— Sugiro a Combine Honnete Ober Advancer Mercantiles — disse Edric, voltando-se em seu tanque. — CHOAM é negócio e negócios buscam lucros.

— Ou talvez a mãe do Imperador — comentou Scytale. — Lady Jessica, ao que sei, permanece em Caladan, mas se encontra em frequente comunicação com o filho.

— Aquela cadela traidora — disse Mohiam, sem alterar a voz. — Se pudesse, renegaria minhas mãos que a treinaram.

— Nossa conspiração necessita de uma alavanca — comentou Scytale.

— Somos mais que conspiradores — retrucou a Reverenda Madre.

— Ah, sim — concordou Scytale. — Somos enérgicos e aprendemos rapidamente. Isso nos torna a única esperança, a certeza de salvação da humanidade. — Ele falava com um tipo de oratória usada para transmitir uma convicção absoluta, o que talvez fosse a maior das zombarias, vinda, como vinha, de um Tleilaxu.

Apenas a Reverenda Madre pareceu compreender a sutileza.

— Por quê? — indagou ela, dirigindo a pergunta a Scytale.

Antes que o Dançarino Facial pudesse responder, Edric limpou a garganta e disse:

— Não vamos trocar bobagens filosóficas. Cada pergunta pode ser reduzida a uma só: por que existe alguma coisa? Cada questão religiosa, ou de negócios, ou de governo, tem um único derivativo: quem exercerá o poder? Alianças, ligas, complexos, todos perseguem miragens, a menos que busquem o poder. Tudo mais é tolice, como acaba percebendo a maioria dos seres pensantes.

Scytale encolheu os ombros num gesto destinado unicamente à Reverenda Madre. Edric respondera à pergunta que ela fizera.

Esse tolo pomposo era a maior fraqueza entre eles. Para se certificar de que a Reverenda Madre tinha compreendido, Scytale disse:

— Ouvindo cuidadosamente o seu mestre, a pessoa adquire instrução.

A Reverenda Madre acenou lentamente.

— Princesa — disse Edric —, faça sua opção. Você foi escolhida como um instrumento do destino, o melhor que...

— Guarde seus elogios para aqueles que podem ser influenciados por eles — disse Irulan. — Antes mencionou um fantasma, um espírito saído do túmulo que poderia corromper o Imperador. Explique isso.

— O Atreides derrotará a si próprio! — exultou Edric.

— Pare de falar por enigmas! — retrucou Irulan. — O que é esse fantasma?

— Um fantasma bem incomum — disse Edric. — Ele tem corpo e nome. O corpo... é a carne de um renomado mestre espadachim conhecido como Duncan Idaho. O nome...

— Idaho está morto — disse Irulan. — Paul já lamentou sua perda muitas vezes em minha presença. Ele viu Idaho ser morto pelos Sardaukar de meu pai.

— Mesmo na derrota — explicou Edric —, os Sardaukar de seu pai não abandonavam a sabedoria. Vamos supor que um sábio comandante Sardaukar tenha reconhecido o espadachim num cadáver que seus homens deixaram. Que fazer, então? Existem usos para tal carne e tal treinamento... caso se aja com rapidez.

— Um ghola Tleilaxu — sussurrou Irulan, olhando de esguelha para Scytale.

Percebendo sua atenção, Scytale fez uso de seus poderes de Dançarino Facial: forma fluindo sobre forma, carne movimentando-se e se reajustando. Daí a pouco, um homem esbelto erguia-se diante dela. O rosto permanecia um tanto redondo, mas bem mais escuro e com feições levemente aplainadas. Maçãs do rosto proeminentes formavam prateleiras para olhos com dobras epicânticas bem definidas. Os cabelos eram negros e revoltos.

— Um ghola com esta aparência — disse Edric, apontando para Scytale.

— Ou apenas outro Dançarino Facial? — indagou Irulan.

— Não — respondeu Edric. — Um Dançarino Facial arrisca-se a se expor sob vigilância prolongada. Não. Vamos supor que nosso sábio comandante Sardaukar tenha preservado o cadáver de Idaho para os tanques de axolotl. Por que não? Esse corpo tinha a carne e os nervos de um dos melhores espadachins da história, um conselheiro dos Atreides, um gênio militar. Que desperdício perder todo aquele treinamento e habilidade quando ele poderia ser revivido como instrutor para os Sardaukar.

— Não ouvi um sussurro sequer a respeito disso, e eu era uma das confidentes de meu pai disse Irulan.

— Ah, mas seu pai era um homem derrotado e, em questão de horas, você seria vendida ao novo Imperador — disse Edric.

— Isso foi feito? — quis saber Irulan.

Com um ar de enlouquecida complacência, Edric disse:

— Vamos supor que nosso sábio comandante Sardaukar, conhecendo a necessidade de agir com rapidez, imediatamente enviasse a carne preservada de Idaho para os Bene Tleilax. Vamos supor ainda mais: que o comandante e seus homens tenham morrido antes de transmitir a informação ao seu pai, que não teria encontrado muita utilidade nela, de qualquer modo. Permaneceria então algo físico, um pedaço de carne que teria sido enviado para Tleilaxu. E só havia um modo de ele ser enviado: é claro, num heighliner. Nós, da Corporação, naturalmente conhecemos cada carga que transportamos. E, com esse conhecimento, não julgaríamos ainda mais sábio adquirir o ghola como presente adequado para um Imperador?

— Fizeram isso, então — disse Irulan.

Scytale, que novamente assumira sua aparência rechonchuda, disse:

— Como nosso enfadonho amigo indica, nós o fizemos.

— E como Idaho foi condicionado? — indagou Irulan.

— Idaho? — perguntou Edric, olhando para o Tleilaxu. — Você conhece algum Idaho, Scytale?

— Nós lhe vendemos uma criatura chamada Hayt — disse Scytale.

— Ah, sim... Hayt — disse Edric. — Por que o venderam para nós?

— Porque uma vez geramos nosso próprio kwisatz haderach — explicou Scytale.

Com um movimento rápido da velha cabeça, a Reverenda Madre o encarou.

— Você não nos contou isso! — acusou ela.

— Vocês não perguntaram — respondeu Scytale.

— E como dominaram seu kwisatz haderach? — indagou Irulan.

— Uma criatura que tenha passado toda a sua vida criando uma representação particular de sua personalidade morrerá para não se tornar a antítese dessa representação — explicou Scytale.

— Não compreendo — arriscou Edric.

— Ele se matou — resmungou a Reverenda Madre.

— Compreende-me bem, Reverenda Madre — advertiu Scytale, usando um tipo de voz que dizia: você não é um objeto sexual, nunca foi um objeto sexual, não poderia ser um objeto sexual.

O Tleilaxu esperou que a ênfase espalhafatosa atingisse seu objetivo. Ela não devia confundir suas intenções. A compreensão deveria passar através da raiva até a consciência de que o Tleilaxu certamente não poderia fazer uma acusação dessas, conhecendo como devia conhecer as exigências de procriação da Irmandade. Suas palavras, entretanto, continham um insulto vulgar, completamente estranho à personalidade de um Tleilaxu.

Rapidamente, usando o modo apaziguador da mirabhasa, Edric tentou amenizar a situação.

— Scytale, você nos contou que vendeu Hayt porque tinha a mesma opinião que nós sobre a forma de utilizá-la.

— Edric, quer ficar calado até que eu lhe dê permissão de falar? — disse Scytale.

O homem da Corporação começou a protestar. A Reverenda Madre retrucou:

— Cale-se, Edric!

E o homem da Corporação recuou em seu tanque, agitando-se.

— Nossas próprias emoções transitórias não são pertinentes à solução do problema mútuo observou Scytale. — Elas encobrem o raciocínio, pois a única emoção relevante é o medo básico que nos trouxe a este encontro.

— Nós compreendemos — disse Irulan, olhando para a Reverenda Madre.

— Vocês devem perceber as perigosas limitações de nosso escudo — explicou Scytale. — O oráculo não pode encontrar aquilo que não compreende.

— Você é maquiavélico, Scytale — comentou Irulan.

"O quão maquiavélico, ela não deve nem imaginar", pensou Scytale. "Quando isso terminar, nós possuiremos um kwisatz haderach que poderemos controlar. E esses outros não possuirão nada."

— Qual foi a origem de seu kwisatz haderach? — indagou a Reverenda Madre.

— Experimentamos com várias essências puras — explicou Scytale. — O puro bem e o puro mal. Um vilão puro, que se satisfaz apenas na criação do terror e da dor, pode bem ser educativo.

— O velho Barão Harkonnen, avô de nosso Imperador, era uma criação dos Tleilaxu? — indagou Irulan.

— Não das nossas — disse Scytale. — Mas, afinal, a natureza frequentemente produz criaturas tão mortíferas quanto as nossas. Meramente as produzimos sob condições em que podemos estudá-las.

— Não serei desprezado e tratado desse modo! — protestou Edric. — Quem é que oculta este encontro do...

— Está vendo? — indagou Scytale. — Aquele que nos oculta a melhor decisão? Mas que decisão?

— Desejo discutir a maneira de entregar Hayt ao Imperador — insistiu Edric. — Entendo que Hayt reflete a velha moral que o Atreides aprendeu em seu mundo pátrio. Supõe-se que Hayt torne fácil para o Imperador a ampliação de sua natureza moralista, de modo a delinear os elementos positivos-negativos da vida e da religião.

Scytale sorriu, lançando um olhar tolerante a seus companheiros. Eram como esperava que fossem.

A velha Reverenda Madre empunhava suas emoções como uma foice. Irulan fora bem treinada para uma tarefa na qual falhara, uma criação imperfeita das Bene Gesserit. Edric não era mais (nem menos) que a mão do ilusionista: ele poderia esconder e distrair. Por ora, mergulhara novamente num silêncio mal-humorado, enquanto os outros o ignoravam.

— Posso entender então que esse Hayt se destina a envenenar a mente de Paul? — perguntou Irulan.

— Mais ou menos — respondeu Scytale.

— E quanto ao Qizarate? — ela insistiu.

— Basta apenas uma leve mudança na ênfase, uma avalancha de emoções para transformar a inveja em inimizade — disse Scytale.

— E quanto à CHOAM? — perguntou Irulan.

— Eles ficarão do lado em que estiverem os lucros — disse Scytale.

— E os outros grupos poderosos?

— Basta invocar o nome do Governo — continuou Scytale.

— Uniremos os menos poderosos em nome do progresso e da moral. Nossa oposição morrerá, vítima de seus próprios embaraços.

— Alia também?

— Hayt é um ghola com múltiplos propósitos. A irmã do Imperador encontra-se numa idade em que pode ser distraída por um homem charmoso, moldado para esse propósito. Será atraída por sua masculinidade, assim como por suas habilidades de Mentat.

Mohiam permitiu que seus velhos olhos se arregalassem de surpresa.

— O ghola é um Mentat? Esse é um movimento perigoso.

— Para ser preciso — lembrou Irulan —, um Mentat deve receber dados precisos. Que acontecerá se Paul lhe pedir que defina o propósito que se encontra por trás de nosso presente?

— Hayt lhe dirá a verdade — explicou Scytale. — Não fará diferença.

— E assim você deixa uma porta de fuga aberta para Paul — comentou Irulan.

— Um Mentat! — murmurava Mohiam.

Scytale olhava para a velha Reverenda Madre, percebendo os antigos ódios que coloriam suas respostas. Desde os dias do Jihad Butleriano, quando as “máquinas pensantes” haviam sido eliminadas da maior parte do universo, os computadores inspiravam desconfiança. E as velhas emoções marcavam igualmente os computadores humanos.

— Não gosto da maneira como sorri — disse Mohiam abruptamente,

usando o tom verdadeiro, enquanto olhava com ódio para Scytale.

Do mesmo modo, Scytale respondeu:

— E a mim não agrada aquilo que a satisfaz. Mas devemos trabalhar juntos. Todos percebemos isso. — Olhou para o homem da Corporação. — Não é mesmo, Edric?

— Você ensina lições dolorosas — respondeu Edric. — Presumo que desejava tornar claro que eu não deveria opor-me à decisão conjunta de meus colegas conspiradores.

— Como podem ver, ele é capaz de aprender — comentou Scytale.

— Também posso perceber outras coisas — resmungou Edric.

— Os Atreides têm o monopólio da especiaria. Sem ela, não posso sondar o futuro. As Bene Gesserit perdem seu sentido da verdade. Temos estoques, mas eles se esgotam. A melange é uma moeda poderosa.

— Nossa civilização possui mais de uma moeda — respondeu Scytale. — Assim, a lei da oferta e da procura falha.

— Vocês pensam em roubar esse segredo — protestou Mohiam. — E ele tem um planeta guardado por aqueles loucos Fremen.

— Os Fremen são civis, instruídos ou ignorantes — disse Scytale. — Não são loucos. Podem ser treinados para acreditar, não para conhecer. Crenças podem ser manipuladas. Somente o conhecimento é perigoso.

— Mas me deixarão com alguma coisa para gerar uma dinastia real? — indagou Irulan.

Todos perceberam o comprometimento em sua voz, mas somente Edric sorriu.

— Alguma coisa — disse Scytale. — Alguma coisa.

— Isso significará o fim desse Atreides como força governante — disse Edric.

— Presumo que outros menos dotados da capacidade de profetizar já fizeram tal prognóstico disse Scytale. — Para eles, mektub al mellab, como dizem os Fremen.

— Isso foi escrito com sal — traduziu Irulan.

Enquanto ela falava, Scytale percebia o que a Bene Gesserit havia preparado para ele: uma mulher linda e inteligente que jamais poderia ser sua. “Ah, bem”, pensou, “talvez eu faça uma réplica dela.”

3

Toda civilização deve lutar contra uma força inconsciente capaz de bloquear, trair ou opor-se a quase todas as interceptações conscientes de uma coletividade.

— Teorema Tleilaxu (não-comprovado)

Paul sentou-se na beirada da cama e começou a tirar suas botas de deserto. Tinham o cheiro rançoso deixado pelo lubrificante que facilitava a ação das bombas impulsionadas pelo calcanhar em seu traje destilador. Era muito tarde. Havia prolongado sua caminhada noturna, causando preocupação àqueles que o amavam.

Reconhecidamente, as caminhadas eram perigosas, mas era o tipo de perigo que ele poderia reconhecer e enfrentar de imediato.

Havia alguma coisa compulsiva e atraente em caminhar anonimamente durante a noite pelas ruas de Arrakeen.

Chutou as botas para um canto, embaixo do único globo luminoso da sala, e começou a abrir as tiras de vedação do traje destilador. Deus, como estava cansado! Mas o cansaço detinha-se em seus músculos, deixando sua mente fervilhar. Observar as atividades mundanas do dia-a-dia enchia-o de um sentimento de profunda inveja. A maior parte daquele anônimo fluir de vida fora das paredes de sua residência não poderia ser compartilhada pelo Imperador. Mas... caminhar ao longo da rua sem atrair a atenção... que privilégio! Passar em meio ao clamor dos peregrinos mendigando, ouvir um Fremen amaldiçoar um lojista:

— Você tem as mãos úmidas!...

Sorrindo com essa lembrança, Paul tirou o traje destilador.

Levantou-se nú e estranhamente sintonizado com o seu mundo. Duna era um mundo paradoxal agora. Um mundo sitiado e, no entanto, um centro de poder. Encontrar-se sitiado, decidiu, era o destino inevitável do poder. Olhou para baixo, fitando o tapete verde e sentindo sua textura grossa contra os pés.

As ruas estavam cobertas, até a altura do tornozelo, da areia soprada sobre a Muralha Escudo pelo vento tempestuoso. O tráfego de pedestres a transformara numa poeira sufocante que entupia os filtros dos trajes destiladores. Podia sentir

o cheiro da poeira até agora, a despeito da limpeza com jatos de ar na entrada de sua propriedade. Era de um odor cheio de lembranças do deserto.

“Outros dias... outros perigos.”

Comparado àqueles dias, o perigo de suas caminhadas solitárias parecia bem menor. Colocando o traje destilador, vestia o deserto. O traje, com toda a sua aparelhagem destinada a recuperar a umidade liberada pelo corpo, guiava seus pensamentos de maneira sutil, fixando seus movimentos num padrão típico do deserto. Tornava-se um Fremen selvagem. Mais que um disfarce, o traje fazia com que se sentisse estranho à sua personalidade urbana. Dentro dele, abandonava a segurança e assumia as velhas habilidades ditadas pela violência. Os peregrinos e o pessoal da cidade passam por ele de cabeça baixa. Mantinham distância dos selvagens, por prudência. E, se o deserto tinha um rosto para o povo da cidade, era a face de um Fremen, oculta pelos filtros bucais e nasais de um traje destilador.

Na verdade, agora havia apenas um pequeno risco de que alguém dos antigos dias no sietch pudesse reconhecê-lo pelo modo de andar, pelo odor ou pelos olhos. Mesmo assim, as chances de encontrar um inimigo continuavam pequenas.

Um ranger de porta se abrindo e um clarão de luz interromperam sua meditação. Chani entrou trazendo café em uma bandeja de platina. Dois globos luminosos escravizados seguiram-na, saltando para suas posições: um, na cabeceira da cama; o outro, flutuando ao lado dela para iluminar seu trabalho.

Chani movia-se com um ar imutável de frágil poder — tão independente, tão vulnerável. Algo na maneira como se curvava sobre a bandeja de café lembrava a Paul seus primeiros dias. As feições de Chani permaneciam as de uma fada ou duende, aparentemente intocadas pelos anos, a menos que se examinassem os cantos daqueles olhos sem branco, observando-se as linhas que lá existiam: “sulcos da areia”, como os Fremen do deserto os chamavam.

O vapor escapou do bule quando ela ergueu a tampa pelo pegador de esmeralda. Ele era capaz de notar que o café ainda não estava pronto pelo modo como ela recolocava a tampa. O bule tinha forma feminina, prateada, com estrias, nitidamente grávida, e lhe fora dado como espólio de combate, quando matara o antigo dono em luta individual. Jamis, esse fora o nome do homem... Jamis. Que estranha imortalidade a morte trouxera para Jamis. Teria ele segurado aquele objeto em sua mão, sabendo que a morte lhe seria inevitável?

Chani arrumou as xícaras: louça azul de formas atarracadas, como “criados agachados abaixo do imenso bule. Havia três xícaras: uma para cada pessoa que iria beber, mais uma para todos os antigos donos das peças.

— Estará pronto num momento — ela disse.

Olhou-o e Paul imaginou como parecia diante de seus olhos.

Ainda o veria como um estrangeiro exótico, magro e musculoso, mas ainda assim gordo de água pelos padrões Fremen? Seria ainda o Usul, do nome tribal, que a possuíra no "tau Fremen" quando eram fugitivos no meio do deserto?

Paul observou seu próprio corpo: musculatura rija, delgado... algumas cicatrizes a mais, mas essencialmente o mesmo, apesar dos doze anos como Imperador. Olhando para cima, vislumbrou sua face no espelho da prateleira: olhos de Fremen, totalmente azuis, marca do vício em especiaria; nariz pontudo de Atreides.

Parecia o neto adequado para um Atreides que morrera na praça de touros dando um espetáculo para seu povo.

Algo que o velho dissera penetrou na mente de Paul: "Aquele que governa assume uma responsabilidade irrevogável para com os governados. Você é um administrador. Isso exige, às vezes, um ato de amor abnegado, que pode parecer apenas divertido para aqueles a quem você governa."

Paul ainda se lembrava do velho com afeição.

"E o que eu fiz pelo nome dos Atreides?", indagou a si mesmo. "Soltei o lobo no meio dos cordeiros."

Por um instante, contemplou toda a morte e toda a violência acontecendo em sua mente.

— Para a cama, agora! — disse Chani, num incisivo tom de comando que, Paul sabia, teria chocado profundamente seus súditos imperiais.

Obedeceu, deitando-se de costas com as mãos por trás da cabeça, e deixando-se embalar pela agradável familiaridade dos movimentos de Chani.

O aposento em torno deles provocou-lhe súbito divertimento.

Não era o que a população devia imaginar sobre o quarto do Imperador. A luz amarelada dos bruxuleantes globos luminosos movia as sombras em um conjunto de jarros de vidro colorido sobre uma prateleira ao lado de Chani. Paul lembrou seus conteúdos em silêncio. Ingredientes secos da farmacopéia do deserto, unguentos, incenso, lembranças... um pouco de areia do Sietch Tabr, uma mecha de cabelo de seu primeiro filho... há muito tempo morto... morto há doze anos... uma testemunha inocente assassinada durante a batalha que fizera de Paul o Imperador.

O rico cheiro do café de especiaria encheu o aposento. Paul o inalou, o olhar voltando-se para o pote ao lado da bandeja onde Chani preparava o café. O pote continha amendoins. O inevitável farejador de venenos montado embaixo da mesa acenava com seus braços de inseto por sobre a comida. O farejador o irritava. Eles nunca haviam necessitado de farejadores em seus dias de deserto!

— O café está pronto — disse Chani. — Está com fome?

A irritada negativa foi abafada pelo som estridente de um transporte leve de especiaria, arremessando-se rumo ao espaço a partir do campo situado ao lado de Arrakeen.

Entretanto, Chani percebeu sua raiva, encheu as xícaras e colocou uma ao alcance de sua mão. Sentou-se em seguida ao pé da cama, descobrindo-lhe as pernas e começando a massageá-las no local onde os músculos se encontravam intumescidos pela caminhada com o traje destilador. Suavemente, de um modo que não o enganava, disse:

— Vamos discutir o desejo de Irulan em relação a um filho.

Os olhos de Paul arregalaram-se. Observou Chani cuidadosamente.

— Irulan voltou de Wallach há menos de dois dias — disse ele. — Já esteve com você?

— Não discutimos as frustrações dela — respondeu Chani.

Paul forçou sua mente para a vigília mental, examinando Chani à dura luz da observação minuciosa, o modo Bene Gesserit que sua mãe lhe ensinara, com isso violando seus votos. Era algo que não gostava de fazer com Chani. Parte da atração que ela exercia em relação a ele residia no fato de Paul raramente precisar empregar sobre ela seus poderes tensionadores. Chani evitava perguntas indiscretas, mantendo um senso Fremen de boas maneiras. Suas perguntas eram frequentemente muito práticas.

O que interessava a Chani eram os fatos relacionados à posição de seu homem — sua força no Conselho, a lealdade de suas legiões, as habilidades e talentos de seus aliados. Sua memória guardava catálogos de nomes e relacionava detalhes. Era capaz de enumerar as fraquezas de cada inimigo conhecido, as disposições potenciais de cada força oponente, os planos de batalha de seus líderes militares, o instrumental e as capacidades de produção das indústrias básicas.

E por que agora, perguntava Paul consigo mesmo, ela indagava a respeito de Irulan?

— Perturbei sua mente — disse Chani. — Não era minha intenção.

— Qual era sua intenção?

Ela sorriu timidamente, correspondendo ao seu olhar.

— Se está zangado, amor, por favor não esconda.

Paul deitou-se novamente.

— Devo afastá-la? — indagou ele. — Sua utilidade é limitada agora e não gosto das coisas que senti a respeito de sua viagem ao lar da Irmandade.

— Não vai abandoná-la — comentou Chani, continuando a massagear-lhe as pernas, enquanto falava com franqueza. — Disse muitas vezes que Irulan é

seu contato com nossos inimigos, que pode interpretar os planos deles através das ações dela.

— Então por que me pergunta a respeito do desejo de Irulan quanto a uma criança?

— Creio que se a engravidasse desconcertaria nossos inimigos e a colocaria em posição vulnerável.

Paul percebeu, pelos movimentos das mãos de Chani sobre suas pernas, o quanto aquela declaração lhe custara. Sentiu um aperto na garganta e falou suavemente:

— Chani, minha adorada, jurei que nunca levaria Irulan para o leito. Um filho lhe proporcionaria muito poder. Deseja que ela tome seu lugar?

— Não tenho lugar.

— Não é assim, Sihaya, minha primavera do deserto. Por que essa súbita preocupação com Irulan?

— Minha preocupação é com você, não com ela! Se Irulan tivesse uma criança Atreides, seus amigos lhe questionariam a lealdade. E quanto menor for a confiança que nossos inimigos coloquem nela, menor será a utilidade que Irulan terá para eles.

— Um filho para ela significará sua morte, Chani — disse Paul. — Você conhece as intrigas que correm neste lugar — Um movimento de sua mão abrangeu o palácio.

— Você deve ter um herdeiro! — disse ela com voz rouca.

— Ahhh! — fez ele.

Então era isso: Chani não fora capaz de gerar-lhe um filho.

Alguém mais, então, deveria fazê-lo. Por que não Irulan? Esse era o modo como funcionava a mente de Chani. Devia ser feito num ato de amor, pois em todo o Império havia fortes tabus contra os métodos artificiais. Chani chegara a uma decisão tipicamente Fremen.

Paul estudou-lhe a face sob essa nova luz. Era um rosto que, de certo modo, ele conhecia melhor que o seu próprio. Vira esse rosto suavizado pela paixão, na doçura do sono, marcado por medos, ódios e mágoas.

Fechou os olhos e Chani surgiu em suas reminiscências como mocinha outra vez — velada no tempo da primavera, cantando, acordando ao seu lado —, tão perfeita que a própria visão o esgotava. Em sua lembrança, ela sorria... tímida a princípio, depois cheia de tensão, como se buscasse escapar.

A boca de Paul ficou seca. Por um instante, suas narinas aspiraram a fumaça de um futuro devastado e a voz de outro tipo de visão a lhe ordenar que se desembaraçasse... desembaraçasse... desembaraçasse. Suas visões proféticas vinham espiando a eternidade há muito tempo, captando trechos de línguas

estrangeiras, ouvindo pedras e carnes que não lhe pertenciam. Desde aquele dia em que se encontrara pela primeira vez com o terrível propósito, vislumbrara o futuro e o observara, buscando encontrar a paz.

Existia um modo, é claro. Conhecia-o de cor, embora não o conhecesse no âmago... um futuro mecânico, repetitivo nas instruções que lhe enviava: desligue-se, desligue-se, desligue-se...

Paul abriu os olhos notando a determinação estampada no rosto de Chani. Ela interrompera a massagem em suas pernas e agora estava sentada, imóvel — pura Fremen. As feições permaneciam familiares debaixo do lenço de cor azul, que frequentemente usava para prender os cabelos na privacidade de seus aposentos. Mas a máscara da decisão colocada em seu rosto representava um modo de pensamento estranho a ele. As mulheres Fremen haviam compartilhado seus homens com outras por milhares de anos... nem sempre pacificamente, mas de modo a tornar essa realidade não destrutiva. Algo desse tipo, misteriosamente Fremen, ocorrera a Chani.

— Você me dará o único herdeiro que desejo — ele disse.

— Já viu isso? — perguntou ela, tornando óbvio, por sua ênfase, que se referia à presciência.

Como o fizera muitas vezes, Paul imaginou de que modo poderia explicar as sutilezas do oráculo, as inumeráveis Linhas do Tempo, cuja visão flutuava diante dele como um tecido ondulante. Suspirou, lembrando-se da água erguida de um rio com as mãos em concha... tremulando, escorrendo. Memórias inundaram-lhe o rosto. Como poderia mergulhar em futuros que se i tornavam cada vez mais obscuros pelas pressões de um número demasiado de oráculos?

— Você não viu, então — disse Chani.

Aquela visão do futuro não lhe era mais acessível, a não ser através de um esforço exaustivo. Que poderia mostrar-lhe, exceto mágoa, indagou-se Paul. Sentia-se ocupando uma intermediária zona inóspita, um lugar devastado, onde suas emoções flutuavam ondulando, varridas para diante numa agitação descontrolada.

Chani cobriu-lhe as pernas, dizendo:

— Um herdeiro para a Casa Atreides, isso não é coisa que se deixe por conta do acaso ou de uma única mulher.

Era algo que sua mãe teria dito, pensou Paul. Imaginou se Lady Jessica estivera em comunicação secreta com Chani. Sua mãe pensaria em termos da Casa Atreides. Tratava-se de um padrão nela gerado e condicionado pelas Bene Gesserit e que se manteria mesmo agora, quando seus poderes se voltavam contra a Irmandade.

— Você ouviu quando Irulan veio me ver hoje — ele acusou.

— Ouvi — confessou ela, sem olhar para ele.

Paul focalizou seu pensamento no encontro com Irulan. Havia entrado na sala familiar notando um manto inacabado sobre o tear de Chani. Havia no local um cheiro acre de verme, um odor maligno que quase encobria o perfume de canela da especiaria, Alguém havia derramado essência pura de especiaria e deixado ali para que se combinasse com o tapete impregnado dessa substância. Não fora uma combinação feliz, pois a essência de especiaria dissolvera o tapete. Marcas oleosas haviam-se coagulado no piso de plastpedra onde estivera o tapete. Pensou em chamar alguém para limpar quando Harah, a esposa de Stilgar e amiga mais chegada de Chani, surgira para anunciar Irulan.

Fora forçado a realizar a entrevista na presença daquele cheiro maligno, incapaz de escapar à superstição Fremen de que os cheiros malignos prenunciavam o desastre.

Harah saiu enquanto Irulan entrava.

— Bem-vinda — disse Paul.

Irulan usava um roupão de pele de baleia cinzenta. Ela o apertou, depois levou a mão aos cabelos. Podia perceber que estava surpresa com seu tom amigável. As palavras de fúria que preparara para esse encontro deixavam-lhe a mente numa confusão de pensamentos.

— Veio para relatar que sua Irmandade perdeu o último vestígio de moral.

— Não é arriscado ser tão ridículo? — indagou ela.

— Ser ridículo e perigoso, uma associação questionável.

Seu treinamento de Bene Gesserit renegado detectou quando ela dominou o impulso de recuar. O esforço revelou-lhe um breve vislumbre do medo subjacente, e ele percebeu que ela recebera uma tarefa que não lhe agradava.

— Eles esperavam demais de uma princesa de sangue real — disse Paul.

Irulan imobilizou-se e Paul percebeu que ela se trancara num rígido auto-controle. Uma carga verdadeiramente pesada, pensou.

E perguntou a si mesmo por que suas visões prescientes não haviam fornecido qualquer vislumbre desse futuro possível.

Lentamente, Irulan foi relaxando. Não havia razão para se entregar ao medo, nem para recuar, decidira.

— Permitiu que o clima caísse novamente num padrão muito primitivo — disse, enquanto esfregava os braços através do roupão. — Estava seco e havia uma tempestade de areia, hoje. Nunca vai permitir que chova aqui?

— Você não veio até aqui para falar do clima — respondeu Paul.

Sentia-se mergulhado em duplos significados. Estaria Irulan tentando dizer-lhe alguma coisa que seu treinamento não lhe permitia que dissesse abertamente? Assim parecia. Sentiu-se lançado à deriva, debatendo-se para

alcançar de novo a terra firme.

— Devo ter um filho — disse Irulan.

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Preciso satisfazer esse desejo! — retrucou ela. — Se preciso for, encontrarei outro pai para meu filho. Vou corneá-lo e você que se atreva a me denunciar publicamente.

— Pode cornear o quanto quiser, mas nada de filho.

— Como pode me impedir?

Com um sorriso de suprema brandura, respondeu-lhe:

— Mandarei garroteá-la se for preciso.

Um silêncio de choque a conteve por um momento e Paul sentiu que Chani ouvia por detrás das pesadas cortinas de seus alojamentos particulares.

— Sou sua esposa — sussurrou Irulan.

— Não vamos mais desempenhar essa farsa tola — ele disse. — Você não representa mais nada. Ambos sabemos quem é minha esposa.

— E eu sou um objeto útil, nada mais — disse Irulan com a voz cheia de amargura.

— Não desejo ser cruel com você.

— Escolheu-me para essa posição.

— Não, o destino a escolheu. Seu pai a escolheu. A Bene Gesserit a escolheu, a Corporação a escolheu. E eles a indicaram uma vez mais. Para o que a escolheram agora, Irulan?

— Por que não posso ser a mãe de seu filho?

— Porque esse é um papel para o qual não foi escolhida.

— É meu direito dar à luz o herdeiro real! Meu pai era...

— Seu pai era e ainda é um animal. Ambos sabemos que ele perdeu todo o contato com a humanidade a quem devia governar e proteger.

— Será que ele foi menos odiado que você?

— Uma boa pergunta — concordou, um sorriso malicioso tocando as extremidades de sua boca.

— Diz que não deseja ser cruel comigo e no entanto...

— É por isso que concordo em que tenha qualquer amante que escolher. Mas me entenda bem: escolha um amante, mas não traga um filho bastardo para dentro de minha casa. Eu negaria esse filho. Não me importo que tenha amantes, contanto que seja discreta e não tenha filhos. Seria tolo agir de outro modo, nestas circunstâncias. Não abuse dessa concessão que livremente lhe dou. No que concerne ao trono, controlo o sangue que deverá herdá-la. A Bene Gesserit não controla isso, muito menos a Corporação. Trata-se de um dos privilégios que conquistei ao esmagar as legiões Sardaukar de seu pai, lá fora, na Planície de

Arrakeen.

— Sua decisão, então — disse Irulan, girando e saindo apressada.

Lembrando-se agora desse encontro, Paul o analisava com sua consciência, enquanto olhava para Chani, sentada ao lado dele na cama. Podia entender seus próprios sentimentos ambivalentes com relação a Irulan, podia entender a decisão Fremen de Chani. Sob outras circunstâncias, Chani e Irulan poderiam ter sido amigas.

— O que decidiu? — indagou ela.

— Nada de filhos — respondeu.

Chani fez o sinal Fremen da faca cristalina, usando o indicador e o polegar da mão direita.

— Pode chegar a esse ponto — concordou ele.

— Você não pensa que uma criança resolveria alguma coisa quanto a Irulan? — indagou ela.

— Só um tolo pensaria isso.

— Não sou tola, meu amor.

A raiva o dominou.

— Nunca disse que era! Mas isto não é uma maldita novela romântica. Há uma princesa verdadeira no final daquele corredor. Ela foi criada em meio a todas as intrigas sórdidas de uma corte imperial. Conspirar é coisa tão natural para ela quanto escrever suas histórias estúpidas!

— Não são estúpidas, amor.

— Provavelmente, não. — Ele controlou a raiva e lhe segurou as mãos. — Desculpe. Mas essa mulher tem muitas tramas... tramas dentro de tramas. Ceda a uma de suas ambições e permitirá que ela avance em direção a outra.

Com a voz calma, Chani disse:

— Já não disse isso?

— Sim, é claro que disse. — Olhou-a. — Então, o que está tentando me dizer agora?

Chani deitou-se ao seu lado, colocando a mão sobre seu pescoço.

— Eles chegaram a uma decisão a respeito de como combatê-lo. Irulan está exalando o cheiro de decisões secretas.

Paul acariciou-lhe os cabelos.

Chani se despira.

Um terrível propósito o tocava. Era como um vento coriólis em sua alma, assoviando através da estrutura de seu ser. Seu corpo conhecia coisas que nunca aprendera conscientemente.

— Amada Chani — sussurrou — sabe o que eu daria para terminar o Jihad, para me separar da maldita divindade que o Qizarate projeta sobre mim?

Ela tremeu.

— Mas você só tem que ordenar.

— Oh, não, mesmo que eu morresse agora, meu nome ainda os lideraria. E quando penso no nome Atreides associado a toda essa carnificina religiosa...

— Mas você é o Imperador! Tem o...

— Sou apenas um símbolo. Quando a divindade é concedida, o chamado deus perde o controle. — Um riso amargo o fez estremecer. Sentia o futuro olhando-o através de dinastias ainda não sonhadas. Sentia seu ser separado, chorando, desencadeado dos anéis do destino... apenas seu nome continuava. Fui escolhido — disse ele. — Talvez ao nascer... certamente, antes que pudesse dizer alguma coisa. Fui escolhido.

— Então, renegue essa escolha — disse Chani.

Seu braço apertou em torno do ombro dela.

— No devido tempo, minha amada. Dê-me um pouco mais de tempo.

Lágrimas contidas queimavam-lhe os olhos.

— Devíamos retornar ao Sietch Tabr — sugeriu Chani. — Há muita disputa nesta tenda de pedra.

Ele concordou com a cabeça, seu queixo batendo no tecido macio do lenço que cobria os cabelos de Chani. O perfume calmante da especiaria preenchia-lhe as narinas.

Sietch. O significado da antiga palavra Chakobsa o envolvia: lugar de refúgio e segurança em época de perigo. A sugestão de Chani fazia com que ansiasse pela visão da areia aberta, por distâncias límpidas onde de muito longe se poderia enxergar um inimigo aproximando-se.

— As tribos esperam que o Muad'Dib retorne a elas — disse Chani, enquanto erguia a cabeça para fitá-lo. — Você nos pertence.

— Pertenço a uma visão — sussurrou ele.

Pensou então no Jihad, na mistura de genes através dos parsecs e na visão que lhe revelava como tudo iria terminar. Deveria pagar esse preço? Todo aquele ódio se evaporaria, morrendo como morrem os fogos, brasa por brasa. Mas, ah...! Que preço terrível!

"Nunca quis ser um deus. Queria apenas desaparecer como uma jóia de orvalho apanhada pela manhã. Queria fugir dos anjos e dos amaldiçoados... sozinho... como que por descuido."

— Voltará ao Sietch? — insistiu Chani.

— Sim — ele sussurrou, enquanto pensava: "Devo pagar o preço."

Chani suspirou profundamente, tornando a acomodar-se de encontro a ele.

"Desperdicei tempo", pensou, enquanto percebia como fora confinado pelos limites do amor e do Jihad. E o que era uma vida, não importa o quão

amada, diante de todas as vidas que o Jihad certamente consumiria? O sofrimento individual pode pesar contra a agonia das multidões?

— Amor? — indagou Chani.

Ele colocou a mão sobre seus lábios.

“Vou entregar-me”, pensou. “Vou fugir enquanto ainda tenho forças para fazê-lo. Voar através de um espaço onde um pássaro não me seguiria.” Era um pensamento inútil, sabia disso. O Jihad seguiria seu fantasma.

Que poderia responder? Como explicar quando o povo o sobrecarregava de uma tolice brutal? Quem poderia entender?

“Queria olhar para trás e dizer: Lá! Lá está uma existência que não me poderia prender. Vejam! Eu desapareço! Nenhum obstáculo ou rede de concepção humana pode prender-me de novo. Renuncio à minha religião! Este instante glorioso é meu! Eu estou livre!”

“Que palavras vazias!”

— Um grande verme foi visto ontem, abaixo da Muralha Escudo — disse Chani. — Tinha mais de cem metros de comprimento, dizem. Os grandes assim raramente se aproximam desta região, agora. A água os afasta, suponho. Dizem que esse veio para convocar o Muad’Dib de volta ao seu lar no deserto. — Beliscou-lhe o peito. — Não ria de mim!

— Não estou rindo.

Paul admirava-se com a persistência do mito dos Fremen, sentindo um aperto no peito, uma coisa insinuando-se em sua linha da vida: adab, a memória insistente. Lembrou-se do quarto de sua infância em Caladan... noite escura na câmara de pedra... uma visão! Um de seus primeiros momentos de presciência. Sentiu a mente mergulhar na visão através de uma memória enevoada (visão dentro de visão). Uma fila de Fremen, seus mantos empoeirados. Caminhavam através de uma fenda entre altos rochedos. Carregavam um volume comprido e enrolado em panos.

Paul ouviu a si próprio falando na visão:

— Era quase sempre doce... mas você foi a maior doçura...

Adab o liberou.

— Está tão quieto — sussurrou Chani. — O que foi?

Paul estremeceu, sentando-se na cama, com o rosto a lhe evitar o olhar.

— Você está zangado porque estive na borda do deserto? — disse ela.

Ele balançou a cabeça sem falar.

— Só fui até lá porque desejo um filho — explicou.

Paul sentia-se incapaz de falar, consumido pelo poder daquela primeira visão. Terrível propósito! Naquele instante, toda a sua vida era um ramo sacudido pela partida de um pássaro... e o pássaro era a casualidade. A livre

escolha.

“Sucumbi ao fascínio do oráculo”, pensou ele.

Sentia que entregar-se a esse poderoso fascínio significava prender-se a um único caminho de vida, um único destino. Seria possível, perguntava a si mesmo, que o oráculo não revelasse o futuro? Seria possível que as profecias criassem o futuro? Expusera sua vida a uma teia de linhas subjacentes que o aprisionara naquele distante despertar, vítima de um futuro-aranha que mesmo agora avançava sobre ele com mandíbulas aterradoras.

Um axioma das Bene Gesserit insinuou-se em sua mente: “usar a energia pura é tornar-se infinitamente vulnerável a forças ainda maiores.”

— Sei o que o aborrece — continuou Chani, tocando-lhe o braço. — É verdade que as tribos restabeleceram os velhos rituais e os sacrifícios sangrentos, mas não participo deles.

Paul respirou profundamente, de modo trêmulo. A torrente de visões se dissipara, tornando-se um lugar profundo e calmo, onde as correntes se moviam com força absorvente, além de seu alcance.

— Por favor — suplicou Chani. — Quero um filho, nosso filho. Será isso tão terrível?

Paul acariciou o braço que o tocava e depois se afastou. Saiu da cama, apagou os globos luminosos e foi até a janela do patamar, onde abriu as cortinas. O deserto profundo não poderia penetrar ali, exceto através de suas fragrâncias. Um paredão sem janelas erguia-se para o céu noturno diante dele. A luz do luar caía tangencialmente sobre um jardim interior, árvores sentinelas e largas folhas, vegetação úmida. Podia ver um lago com peixes refletindo estrelas em meio às folhas, bolsões brancos de brilho floral em meio às sombras. Momentaneamente, percebeu esse jardim como visto pelos olhos dos Fremen: estranho, ameaçador, perigoso por desperdiçar água.

Pensou nos Vendedores de Água, cujos negócios haviam sido destruídos pelas dádivas generosas de suas mãos. Odiavam-no porque ele lhes destruíra o passado. E existiam outros, mesmo aqueles que haviam lutado por muito tempo para comprar a preciosa água, que o odiavam por ter modificado as antigas tradições. Enquanto o padrão ecológico ditado pelo Muad’Dib refazia a paisagem planetária, a resistência humana aumentava. Não seria presunçoso, perguntava a si próprio, acreditar que poderia modificar um planeta inteiro, com tudo crescendo onde e da maneira como desejava? Mesmo que fosse bem-sucedido, e o universo que o aguardava lá fora? Temeria um tratamento similar?

De repente, fechou as cortinas e os basculantes. Voltou-se para Chani, na escuridão, sentindo que ela o aguardava. Seus anéis de água tilintaram como os sinetes dos peregrinos. Tateou pelo som até encontrá-la de braços estendidos.

— Amado — sussurrou. — Perturbei você?
Os braços dela envolviam-lhe o futuro, tal como o futuro o envolvia.
— Não foi você — respondeu. — Ah... não foi você.

4

O advento do escudo pelo Processo de Campo e a arma laser, com sua interação explosiva, mortal para atacante e atacado, estabeleceram as atuais limitações à tecnologia de armamentos. Não precisamos deter-nos no papel especial das armas atômicas. O fato de que qualquer Família em meu Império poderia liberar seus atômicos, de modo a destruir as bases planetárias de outras cinquenta ou mais Famílias, causa certo nervosismo, é verdade. Mas todos nós possuímos planos preventivos para uma retaliação devastadora. A Corporação e a Landsraad guardam as chaves que contém essa força. Não, minha preocupação volta-se para o desenvolvimento de seres humanos como armas em um campo virtualmente ilimitado que algumas forças estão desenvolvendo.

— Palestra do Muad'Dib ante a Escola de Guerra,
extraída das Crônicas de Stilgar

O velho fitava da porta com seus olhos de um azul total. Olhos velados por aquela suspeita que todo o povo do deserto sente com relação aos estrangeiros. Linhas de amargura marcavam os cantos de sua boca, onde ela podia ser vista, nos limites da barba branca. Não usava traje destilador e era revelador que ignorasse esse fato tendo pleno conhecimento de que a umidade escapava de sua casa através da porta aberta, Scytale curvou-se, fazendo o cumprimento dos conspiradores.

De algum ponto atrás do velho vinha o som de uma rabeca de três cordas, gemendo com a dissonância atonal da música de semuta. Mas os modos do velho não revelavam o estupor causado pela droga, indicação de que a semuta constituía fraqueza de outro. Parecia estranho para Scytale encontrar um vício tão sofisticado num lugar como esse.

— Saudações de longe — disse Scytale, sorrindo com o rosto de feições vulgares que escolhera para esse encontro. Ocorreu-lhe então que o velho poderia reconhecer o rosto escolhido. Alguns dos Fremen mais velhos de Duna haviam conhecido Duncan Idaho.

A escolha das feições, que julgara divertida, podia ser um erro, concluiu Scytale. Mas não se atrevia a mudar de rosto ali. Nervoso, olhou para a rua. Será

que o velho não ia convidá-lo a entrar?

— Conheceu meu filho? — indagou o homem.

Essa, pelo menos, era uma das respostas combinadas. Scytale pronunciou a frase adequada, enquanto mantinha os olhos alertas para qualquer indício suspeito nas cercanias. Não apreciava sua posição ali. A rua era um beco sem saída que terminava nessa casa. Todas as casas em volta haviam sido construídas para veteranos do Jihad. Elas formavam o subúrbio de Arrakeen que se estendia pela Bacia Imperial, além de Tiemag. As paredes que cercavam essa rua apresentavam superfícies vazias, feitas de sombrio plasmeld, interrompidas apenas pelas sombras negras de portais selados e, aqui e ali, por obscenidades rabiscadas. Ao lado dessa porta, por exemplo, alguém rabiscara que um certo Beris trouxera para Arrakis uma doença repugnante que o privara da virilidade.

— Veio com companhia? — perguntou o velho.

— Sozinho — respondeu Scytale.

O velho pigarreou, ainda hesitando daquele modo enlouquecedor.

Scytale procurou acalmar-se. Contatos desse tipo tinham seus próprios riscos. Talvez o velho conhecesse alguma razão para agir assim. No entanto, era a hora adequada. O pálido sol estava quase diretamente acima. Nessa parte da cidade, as pessoas trancavam-se em suas casas para dormir durante o período mais quente do dia.

Seria o novo vizinho que incomodava esse homem? — Scytale perguntou a si mesmo. A casa adjacente, ele sabia, fora destinada a Otheym, que fizera parte dos temidos Fedaykin, os comandos da morte do Muad'Dib. E Bijaz, o anão catalista, aguardava com Otheym.

Scytale voltou a observar o velho, notando a manga vazia que pendia de seu ombro esquerdo e a falta do traje destilador. Um ar de autoridade permanecia nesse homem. Ele não fora um subalterno no Jihad.

— Posso saber o nome do visitante? — perguntou o velho.

Scytale conteve um suspiro de alívio. Fora aceito, afinal.

— Sou Zaal — disse, dando o nome que recebera para essa missão.

— Sou Farok — revelou o velho. — Já fui Bashar da Nona Legião do Jihad. Isso significa alguma coisa para você?

Scytale, percebendo ameaça nas palavras, respondeu:

— Nasceu no Sietch Tabr, oferecendo sua lealdade a Stilgar.

Farok descontraiu-se e ficou de lado.

— Você é bem-vindo à minha casa.

Scytale passou por ele e entrou no átrio, mergulhado em sombras. Piso de azulejos azuis, desenhos brilhantes trabalhados em cristal sobre as paredes. Além do vestíbulo, havia um pátio coberto. A luz penetrava através de filtros

translúcidos e se derramava num prateado opalescente, como a noite branca da Primeira Lua. Lá atrás, a porta da rua rangeu em sua vedação à prova de umidade.

— Éramos um povo nobre — disse Farok, abrindo caminho em direção ao pátio. — Não pertencíamos à plebe. Não vivíamos em vilas graben... como esta! Tínhamos um sietch adequado na Muralha Escudo, acima da Cordilheira Habbanya. Um verme podia transportar-nos para dentro do Kedem, o deserto interior.

— Não era como isto aqui — concordou Scytale, percebendo agora o que trouxera esse Farok para a conspiração. O Fremen ansiava pelos antigos modos, dos velhos dias.

Entraram no pátio.

Scytale percebia que Farok lutava com uma intensa desconfiança com relação a esse visitante. Os Fremen não confiavam em olhos que não apresentassem o azul total do Ibad. Os estrangeiros, diziam os Fremen, tinham olhos desfocados, vendo coisas que não deviam ver.

A música de semuta parou quando entraram. Foi substituída, agora, pelo barulho de um baliset, primeiro um som de escala, depois notas claras de uma canção que era popular nos mundos de Naraj.

Quando seus olhos se acostumaram à luz, Scytale viu um jovem sentado com as pernas cruzadas num divã baixo, sob os arcos à direita. Os olhos do jovem eram órbitas vazias. Com aquela estranha facilidade dos cegos, começou a cantar no momento em que Scytale voltou a atenção para ele. A voz era alta e suave:

“Um vento carregou a terra
E soprou o céu para longe
Com todos os homens!
Quem é esse vento?
As árvores permanecem eretas
Bebendo onde bebem os homens
Já conheci muitos mundos,
Homens demais,
Árvores demais,
Ventos demais.”

Essa não era a letra original da canção, notou Scytale. Farok levou-o para longe do rapaz, por sob os arcos, até o lado oposto, indicando almofadas

espalhadas sobre o piso de azulejos. O azulejo fora trabalhado com desenhos de criaturas marinhas.

— Lá está uma almofada que já foi usada no sietch pelo Muad'Dib — disse Farok, indicando um monte redondo e negro. — É sua agora.

— Fico-lhe grato — respondeu Scytale, afundando no monte negro. Sorriu. Farok revelava sabedoria. Um sábio fala de lealdade mesmo quando ouve canções de significado oculto e palavras com mensagens secretas. Quem poderia negar os terríveis poderes do Imperador tirano?

Intercalando suas palavras com a canção, sem quebrar a rima, Farok indagou:

— A música de meu filho o incomoda?

Com um gesto, Scytale indicou uma almofada à sua frente e apoiou as costas contra um frio pilar.

— Gosto de música.

— Meu filho perdeu os olhos na conquista de Naraj — explicou Farok. — Cuidaram dele e ele poderia ter permanecido lá. Nenhuma mulher de meu povo o aceitaria assim. Acho curioso, no entanto, saber que tenho netos em Naraj que talvez nunca veja. Conhece os mundos de Naraj, Zaal?

— Na minha juventude, participei de uma touruée por lá com um grupo de Dançarinos Faciais, companheiros meus.

— Então, é um Dançarino Facial. Estava me indagando quanto a suas feições. Elas me lembravam um homem que conheci.

— Duncan Idaho?

— Esse mesmo. Um espadachim a serviço do Imperador.

— Foi morto. É o que dizem.

— É o que dizem — concordou Farok. — Você é um homem de verdade? Já ouvi histórias a respeito de Dançarinos Faciais que... — Ele encolheu os ombros.

— Somos hermafroditas Jadacha — explicou Scytale. — Ambos os sexos, a escolher. Neste momento, sou um homem.

Farok comprimiu os lábios, pensativo, depois disse:

— Devo pedir refrescos? Deseja água? Fruta gelada?

— A conversa será suficiente — respondeu Scytale.

— O desejo do visitante é uma ordem — disse Farok, acomodando-se na almofada diante de Scytale.

— Abençoado seja Abu d'Dhur, Pai das Indefinidas Estradas do Tempo — disse Scytale, enquanto pensava: "Aí está! Já lhe disse diretamente que vim da parte de um Timoneiro da Corporação e me encontro sob a cobertura de sigilo de um Timoneiro.

— Triplamente abençoado — respondeu Farok, dobrando as mãos sobre o colo em um aperto ritual. As mãos eram velhas, com veias salientes.

— Um objeto visto a distância revela apenas o seu princípio — citou Scytale, revelando seu desejo de conhecer alguma coisa a respeito da fortaleza do Imperador.

— Aquilo que é negro e maligno tem sua maldade percebida a qualquer distância — respondeu Farok aconselhando cautela.

“Por quê?”, perguntou a si mesmo Scytale. Mas disse apenas:

— Como seu filho perdeu os olhos?

— Os defensores de Naraj usaram um queima-pedra — respondeu Farok. — Meu filho estava muito perto. Malditos atômicos! Mesmo o queima-pedra devia ser proibido.

— Ele fica nos limites do objetivo da lei — concordou Scytale, enquanto pensava: “Um queima-pedra em Naraj! Não nos contaram a respeito disso. Por que esse velho fala em queima-pedras aqui?”

— Ofereci-me para adquirir olhos de Tleilaxu para ele, comprados a seus mestres — explicou Farok. — Mas há uma crença entre as legiões de que os olhos dos Tleilaxu escravizam seus usuários. Meu filho me contou que esses olhos são metálicos e que ele é de carne; portanto, tal união deveria ser pecaminosa.

— A essência de um objeto deve corresponder ao seu propósito original — disse Scytale, tentando levar a conversa novamente em direção às informações que buscava.

Os lábios de Farok se comprimiram, mas ele concordou com a cabeça.

— Fale abertamente do que deseja. Devemos confiar em seu Timoneiro.

— Já esteve dentro da residência Imperial?

— Estive lá para o banquete que celebrou a vitória em Molitor. Era frio dentro de toda aquela pedra, a despeito dos melhores aquecedores espaciais Ixianos. Dormimos na varanda do Templo de Alia, na noite anterior. Ele tem árvores por lá, você sabe... árvores de muitos mundos. Nós, os Bashars, estávamos vestidos com nossos melhores mantos verdes e tínhamos mesas separadas. Comemos e bebemos demais. Fiquei desgostoso com algumas das coisas que vi. Os feridos que caminhavam vieram, arrastando-se com suas muletas. Não creio que o Muad’Dib saiba quantos homens mutilou.

— Tinha objeções quanto ao banquete? — indagou Scytale, sabendo das orgias dos Fremen, estimuladas pela cerveja de especiaria.

— Não era como a fusão de nossas almas num sietch — explicou Farok. — Não havia o tau. Para entretenimento, a tropa dispunha de garotas escravas e os homens partilhavam histórias sobre suas batalhas e seus ferimentos.

— Assim, você estava dentro da grande pilha de pedra — insistiu Scytale.

— O Muad'Dib veio ao nosso encontro na varanda. "Boa sorte para todos!", ele disse. A saudação do deserto naquele lugar!

— Conhece a localização dos aposentos particulares dele? — indagou Scytale.

— Bem no interior — respondeu Farok. — Em algum lugar profundo. Contaram-me que ele e Chani vivem uma vida nômade, e tudo dentro das muralhas de seu palácio. Só sai para o Grande Salão durante as audiências públicas. Ele tem salas de recepção e locais para encontros formais, toda uma ala destinada à sua guarda pessoal, lugares para cerimônias e uma seção interna de comunicações. Há um quarto bem debaixo de sua fortaleza, contaram-me, onde mantém um verme atrofiado, cercado por um fosso com água para envenená-lo. É lá que ele lê o futuro.

"Mito entremeado com fatos", pensou Scytale.

— O aparelho do Governo o acompanha por toda parte — resmungou Farok. — Escreventes e auxiliares, e auxiliares dos auxiliares. Ele só confia naqueles, como Stilgar, que se encontravam próximos nos velhos dias.

— Você não — disse Scytale.

— Acho que ele se esqueceu de minha existência — respondeu Farok.

— Como é que ele sai e entra quando precisa deixar o prédio?

— Há uma pequena plataforma de pouso para tópteros que se projeta da muralha interna. Disseram-me que o Muad'Dib não permite que ninguém assuma os controles durante um pouso ali.

Dizem que exige uma tomada de aproximação, onde o menor erro de cálculo o faria despencar muralha abaixo, por cima de um dos seus malditos jardins.

Scytale balançou a cabeça, concordando. Isso era provavelmente verdadeiro. Uma entrada aérea, como essa, para os alojamentos do Imperador seria uma medida de segurança. E todos os Atreides eram soberbos pilotos.

— Ele usa homens como portadores de mensagens distrans — queixou-se Farok. — Humilha os homens implantando-lhes ondas tradutoras. A voz de um homem deve ser sua para comandar. Não deve carregar a mensagem de outro oculta dentro de seus sons.

Scytale encolheu os ombros. Todas as grandes potências usavam o distrans nessa era. Nunca se podia prever que obstáculos existiriam entre remetente e destinatário. O distrans desafiava a criptologia política porque se baseava em distorções sutis de padrões naturais de som, que podiam ser combinadas com enorme complexidade.

— Mesmo seus cobradores de impostos usam esse método. Em meu

tempo, o distrans era implantado apenas em animais inferiores.

“Mas os rendimentos devem ser mantidos em segredo”, pensou Scytale. “Mais de um governo já caiu quando as pessoas descobriram a verdadeira extensão da riqueza governamental.”

— Como os Fremen se sentem a respeito do Jihad do Muad’ Dib? Fazem alguma objeção a que se faça do Imperador um deus?

— A maior parte deles nem pensa nisso — respondeu Farok.

— Pensam no Jihad da maneira como eu pensava... a maior parte deles. E fonte de estranhas experiências, aventura e riqueza. Esta cabana graben em que vivo — Farok gesticulou em direção ao pátio — custou-me sessenta lidas de especiaria. Noventa kontares! Houve época em que eu não poderia sequer imaginar tamanha riqueza. — Sacudiu a cabeça.

Do outro lado do pátio, o jovem cego dedilhou as notas de uma balada de amor em seu baliset.

“Noventa kontares”, admirou-se Scytale. “Que estranho! Grande riqueza, certamente. A cabana de Farok seria considerada um palácio em muitos mundos, mas todas as coisas são relativas... mesmo o kontar. Será que Farok sabe, por exemplo, de onde veio essa medida para peso de especiaria? Teria conhecimento de que um e meio kontar já constituiu o limite para a carga de um camelo? Não é provável. Talvez ele nunca tenha ouvido falar a respeito de um camelo ou da Idade de Ouro da Terra.”

Suas palavras, curiosamente em ritmo com a melodia de seu filho no baliset, continuaram fluindo.

— Já tive uma faca cristalina, anéis de água correspondentes a dez litros, minha própria lança e o serviço de café de meu pai, uma garrafa feita de vidro vermelho, mais velha que as memórias de meu sietch. Tinha minha própria parte na especiaria, mas não tinha dinheiro. Era rico e não sabia. Duas esposas, eu tinha: uma feia e muito chegada a mim, a outra estúpida e obstinada, mas com as formas e o rosto de um anjo. Eu era um Fremen Naib, cavaleiro de vermes, senhor dos leviatãs da areia.

O jovem do outro lado do pátio acelerou o ritmo da melodia.

— Eu conhecia muitas coisas sem precisar pensar muito a respeito delas — continuou Farok. Sabia que havia água bem debaixo de nossas areias, presa lá sob a escravidão dos Pequenos Produtores. Sabia que meus ancestrais haviam sacrificado virgens ao Shai-hulud... antes que Liet-Kynes nos fizesse parar com isso. Eu vira as jóias na boca de um verme. Minha alma possuía quatro portais e eu conhecia a todos.

Ficou em silêncio, meditando.

— Então, veio o Atreides com a bruxa da sua mãe — disse Scytale.

— Veio o Atreides — concordou Farok. — Aquele a quem chamávamos Usul em nosso sietch, seu nome particular entre nós. Nosso Muad'Dib, nosso Mahdi! E quando ele convocou o Jihad, fui um daqueles que perguntaram: "Por que deveria eu ir lutar lá? Não tenho parentes por lá!" Mas outros homens foram, os jovens, os amigos, os companheiros de minha infância. Quando retornaram, falavam da mágica, do poder desse salvador Atreides. Ele combatera nossos inimigos, os Harkonnen. Liet-Kynes, que nos prometera um paraíso em nosso planeta, o abençoara. Dizia-se que esse Atreides viera para mudar nosso mundo e nosso universo, que era o homem que faria a flor dourada desabrochar dentro da noite.

Farok ergueu as mãos e examinou as palmas.

— Os homens apontavam para a Primeira Lua e diziam: "Sua alma está lá". Assim, chamavam-no o Muad'Dib. Eu não entendia tudo isso.

Abaixou as mãos, olhando para o filho do outro lado do jardim.

— Não tinha pensamentos na cabeça. Eles estavam apenas em meu coração, meu ventre, minhas virilhas.

Novamente, o ritmo da música de fundo se acelerou.

— Sabe por que me alistei no Jihad? — Os olhos do velho fitaram Scytale duramente. — Ouvi falar que existia uma coisa chamada mar. É difícil de acreditar num mar quando se viveu apenas aqui, entre nossas dunas. Não temos mares. Os homens de Duna nunca conheceram o mar. Tínhamos nossas armadilhas de vento.

Recolhíamos água para a grande mudança que Liet-Kynes nos prometera... essa grande mudança que o Muad'Dib está trazendo com um aceno de mão. Eu era capaz de imaginar um qanat, a água fluindo sobre a terra num canal. Partindo disso, minha mente poderia visualizar o que seria um rio. Mas um mar?

Farok olhou em direção à cobertura translúcida de seu pátio, como se tentasse sondar o universo além.

— Um mar — repetiu em voz baixa. — Era demasiado para minha mente imaginar. E, no entanto, os homens afirmavam ter visto essa maravilha. Eu achava que mentiam, mas tinha que saber por mim mesmo. Foi por isso que me alistei.

O jovem golpeou forte a última corda do baliset, depois iniciou uma canção com um ritmo ondulante, estranho.

— E você encontrou o seu mar? — indagou Scytale.

Farok permaneceu em silêncio e Scytale pensou que o velho não ouvira a pergunta. A música do baliset elevou-se e voltou a eles como em um movimento de maré. Farok respirava em harmonia com esse ritmo.

— Houve um poente — disse dentro em pouco. — Um dos velhos artistas poderia ter pintado tal poente. Havia um vermelho nele, a cor do vidro de minha garrafa. Havia dourado... azul. Foi no mundo que chamam Enfeil, onde liderei minhas legiões à vitória. Saímos de um passo entre as montanhas onde o ar estava tão saturado de água que chegava a ser enjoativo. Quase não podia respirá-la. E lá, abaixo de mim, estava a coisa a respeito da qual meus amigos tinham falado: água até onde podia ver e mais além. Marchamos ao encontro dela. Caminhei para dentro e bebi. Era amarga e me deixou doente. Mas a maravilha daquilo nunca mais me abandonou.

Scytale viu-se partilhando a admiração do velho Fremen.

— Mergulhei naquele mar — disse Farok, olhando para as criaturas aquáticas representadas nos azulejos do piso. — Um homem desapareceu debaixo d'água... outro se ergueu de dentro dela. Senti que podia lembrar-me de um passado que nunca existira. E olhei ao redor com olhos que aceitariam qualquer coisa... qualquer coisa de verdade. E vi um corpo flutuando na água... um dos defensores que havíamos morto. Havia um tronco perto, suportado pela água, parte de uma grande árvore. Posso fechar meus olhos agora e ver aquele tronco. Estava negro em uma das extremidades, devido ao fogo. E havia um pedaço de pano naquela água... não mais que um trapo amarelo... sujo, rasgado.

Olhei para todas essas coisas e entendi por que tinham vindo a esse lugar. Era para que eu as visse.

Farok voltou-se lentamente para Scytale, olhando-o nos olhos.

— O universo ainda não foi terminado, você sabe — disse.

"Este homem é um tagarela, mas tem profundidade", pensou Scytale. E disse:

— Posso ver que isso lhe deixou profunda impressão.

— Você é um Tleilaxu — respondeu Farok. — Já viu muitos mares. Eu só vi esse, mas sei de uma coisa a respeito dos mares que você não sabe.

Scytale descobriu-se tomado de um estranho sentimento de inquietação.

— A Mãe do Caos nasceu em um mar — disse Farok. — Um Qizara Tafwid estava perto quando saí gotejando de dentro d'água. Ele não entrara no mar. Ficara na areia... era areia úmida... junto com alguns de meus homens, que partilhavam seu medo. Observou-me com olhos que percebiam que eu aprendera alguma coisa que lhe fora negada. Tornara-me uma criatura marinha e o assustava. O mar me curara do Jihad e acho que ele percebera isso.

Scytale notou que, em algum ponto dessa narrativa, a música fora interrompida. Achou perturbador que não pudesse determinar o instante em que o baliset silenciara.

Como se fosse relevante para aquilo que estivera contando, Farok disse:

— Cada portão é guardado. Não existe meio de penetrar na fortaleza do Imperador.

— Essa é sua fraqueza — respondeu Scytale.

Farok esticou o pescoço para cima, observando.

— Existe um caminho para dentro — explicou Scytale. — O fato de a maioria dos homens inclusive, devemos esperar, o Imperador — acreditar no contrário... será nossa vantagem.

Esfregou os lábios, sentindo a estranheza da fisionomia que escolhera. O silêncio do músico o incomodava. Significaria que o filho de Farok estivera realmente transmitindo uma mensagem?

Esse fora o sentido da coisa, naturalmente: a mensagem condensada e transmitida dentro da música. Fora imprimida sobre o próprio sistema neutro de Scytale, para ser ativada no momento adequado pelo distrans embutido em seu córtex adrenal. Se terminara, ele se havia tornado um recipiente de palavras desconhecidas, um vaso cheio de dados: cada célula da conspiração em Arrakis, cada nome, cada senha... todas as informações vitais.

Com essas informações, poderiam enfrentar Arrakis, capturar um verme da areia e iniciar uma cultura de melange em algum lugar além do alcance do Muad'Dib. Poderiam quebrar o monopólio ao mesmo tempo em que quebravam o Muad'Dib. Poderiam fazer muitas coisas com essas informações.

— Temos a mulher aqui conosco — disse Farok. — Deseja vê-la agora?

— Eu a vi — respondeu Scytale. — Tenho-a estudado com muito cuidado. Onde está ela?

Farok estalou os dedos.

O jovem apanhou a rabeca e movimentou o arco sobre ela. A música de semuta escapou das cordas. Como se atraída pelo som, uma jovem vestida num roupão azul emergiu de um portal atrás do músico. O estupor do narcótico permeava seus olhos, que tinham o azul total do Ibad. Ela era uma Fremen, viciada na especiaria e agora dominada por outro vício, vindo de outro mundo.

Sua consciência afundara na semuta, perdendo-se em algum lugar, enquanto cavalgava o êxtase da música.

— É a filha de Otheym — explicou Farok. — Meu filho deu-lhe o narcótico na esperança de conquistar uma mulher de nosso Povo, a despeito de sua cegueira. Como pode ver, sua vitória foi vazia. A semuta levou o que ele esperava conquistar.

— E o pai dela não sabe? — indagou Scytale.

— Nem ela sabe. Meu filho lhe fornece falsas memórias com as quais ela se justifica por suas visitas. Acredita-se apaixonada por ele. Isso é o que a família dela pensa. Estão furiosos porque ele não é um homem completo, mas

não irão interferir, é claro.

A música silenciou.

Ante um gesto do músico, a jovem sentou-se ao seu lado, curvando-se para ouvir o que ele lhe murmurava.

— Que vai fazer com ela? — indagou Farok.

Uma vez mais, Scytale observou o pátio.

— Quem mais se encontra nesta casa? — indagou.

— Estamos todos reunidos aqui agora — respondeu Farok. — Não me disse o que vai fazer com a mulher. É o meu filho que deseja saber.

Como se fosse responder, Scytale estendeu o braço direito. Da manga de seu roupão projetou-se uma agulha cintilante que se introduziu no pescoço de Farok. Não houve grito ou mudança de postura. Farok estaria morto dentro de um minuto, mas continuava sentado imóvel, paralisado pelo veneno do dardo.

Lentamente, Scytale se levantou, caminhando até o músico cego.

O jovem ainda murmurava para a moça quando o dardo o atingiu.

Scytale segurou a jovem pelo braço e, com delicadeza, fez com que se levantasse. Antes que ela o olhasse, mudou de aparência rapidamente. Ela ficou ereta, os olhos focalizados nele.

— Que houve, Farok? — perguntou ela.

— Meu filho está cansado e deve repousar — respondeu Scytale. — Venha, vamos sair pelos fundos.

— Tivemos uma ótima conversa — disse ela. — Creio que o convenci a receber olhos dos Tleilaxu. Vai torná-lo um homem novamente.

— Já não falei isso muitas vezes? — respondeu Scytale, apressando-a para o quarto dos fundos.

Sua voz, notava com orgulho, combinava precisamente com as feições. Era inconfundivelmente a voz do velho Fremen, que decerto já estaria morto a essa altura.

Scytale suspirou. Tudo fora feito com compaixão, disse a si mesmo, e as vítimas certamente haviam percebido o perigo. Agora, essa moça devia ter sua chance.

5

Os impérios não sofrem o esvaziamento de seus propósitos na poça em que são criados. É quando são estabelecidos que os objetivos são perdidos e substituídos por um vago ritual.

— Palavras do Muad'Dib, pela Princesa Irulan

O encontro do Conselho Imperial ia ser uma reunião ruim, percebia Alia. Sentia as disputas se avolumando, ganhando força no modo como Irulan se recusava a olhar para Chani, em Stilgar remexendo nervosamente nos papéis, nos olhares carrancudos que Paul dirigia a Korba, o Qizara.

Acomodou-se na extremidade da mesa dourada, de modo a poder enxergar, das janelas da varanda, a luz empoeirada do entardecer.

Interrompido por sua chegada, Korba continuou com alguma coisa que estivera dizendo a Paul

— O que quero dizer, meu senhor, é que já não existem tantos deuses como existiam.

Alia riu, lançando a cabeça para trás. O movimento fez cair o capuz negro de seu manto aba, revelando-lhe as feições — os olhos de azul total da especiaria, o rosto oval de sua mãe debaixo de uma cobertura de cabelos cor de bronze, o nariz pequeno, a boca larga e generosa.

As maçãs do rosto de Korba ficaram quase da cor de seu manto alaranjado. Olhou para Alia furioso, um gnomo enraivecido, calvo e fumegante.

— Sabe o que andam dizendo de seu irmão? — indagou com veemência.

— Sei o que andam dizendo a respeito de seu Qizarate — retrucou Alia. — Que vocês não são divinos, são espiões de deus.

Korba olhou para Paul em busca de apoio, dizendo:

— Somos enviados pelas ordens do Muad'Dib para que Ele conheça a verdade sobre Seu povo e para que este conheça a verdade a respeito Dele.

— Espiões — insistiu Alia.

Korba comprimiu os lábios em ofendido silêncio.

Paul observou a irmã, tentando imaginar por que ela provocara Korba. De súbito, percebeu que Alia se tornara uma moça, bela com a radiante inocência inicial da juventude. Sentiu-se surpreso por não ter reparado nisso até aquele

instante. Estava com quinze anos, quase dezesseis, era uma Reverenda Madre sem ter sido mãe, uma sacerdotisa virgem, objeto de temerosa veneração pelas massas supersticiosas: Alia da Faca.

— Este não é o momento nem o lugar para as leviandades de sua irmã — disse Irulan.

Paul a ignorou, acenando para Korba.

— A praça está cheia de peregrinos. Saia para liderá-los nas preces.

— Mas eles o esperam, meu senhor — respondeu Korba.

— Coloque seu turbante. Nunca saberão de quem se trata, a esta distância.

Irulan controlou sua irritação por ser ignorada, observando Korba levantar-se para obedecer. Acabara de ter o súbito e inquietante pensamento de que Edric talvez não pudesse ocultar suas ações de Alia. “O que sabemos realmente a respeito da irmã?”, perguntou a si mesma.

Chani, as mãos firmemente entrelaçadas sobre o colo, olhou para Stilgar, do outro lado da mesa, seu tio e Ministro de Estado de Paul. Será que esse velho Fremen Naib já teve saudades da vida simples num sietch do deserto? Os cabelos negros de Stilgar, reparou, já começavam a ficar grisalhos nas têmporas, mas os olhos, debaixo das espessas sobrancelhas, permaneciam com aquele olhar distante. Era o olhar de águia dos indómitos, e sua barba ainda mostrava a marca do tubo recolhedor, deixada após uma vida dentro de um traje destilador.

Nervoso com a observação de Chani, Stilgar olhou ao redor pela Câmara do Conselho. Seu olhar parou na janela da varanda, com Korba de pé, no lado de fora. Korba estendeu os braços para abençoar e um truque produzido pelo sol poente lançou um halo avermelhado sobre a janela atrás dele. Por um momento, Stilgar viu o Qizara da Corte como uma figura crucificada em uma roda flamejante. Korba abaixou os braços, destruindo a ilusão, mas Stilgar continuou perturbado por ela. Seus pensamentos voltaram-se, em furiosa frustração, contra os suplicantes bajuladores, aguardando no Salão de Audiências, e a odiosa pompa que cercava o trono do Muad’Dib.

Encontrando-se com o Imperador, as pessoas esperavam apanhar alguma falha da parte dele, perceber enganos, pensava Stilgar. Achava que isso podia ser um sacrilégio, mas não tinha como evitá-lo.

O distante murmúrio da multidão penetrou na câmara, enquanto Korba retornava. A porta da varanda bateu em suas vedações, fechando-se atrás dele e interrompendo todo o som.

O olhar de Paul seguiu o Qizara. Korba ocupou seu lugar à esquerda de Paul, feições carrancudas recompostas, olhos esgazeados pelo fanatismo. Gostara daquele momento de poder religioso.

— A presença espiritual foi invocada — disse.

— Agradeça ao Senhor por isso — disse Alia.
Os lábios de Korba ficaram pálidos.
Paul observou novamente sua irmã, indagando a si mesmo quanto aos motivos dela. Sua inocência era ilusória, pensou. Ela surgira do mesmo programa de procriação Bene Gesserit que o criara. Que teria a genética kwisatz haderach produzido nela?
Havia sempre aquela misteriosa diferença: era um embrião no ventre quando sua mãe sobrevivera ao veneno puro da melange.
Mãe e filha ainda não nascida haviam-se tornado Reverendas Madres simultaneamente. Mas simultaneamente não significava identicamente.
Dessa experiência, Alia dizia que, num instante aterrador, despertara para a consciência, sua memória absorvendo as outras incontáveis vidas que sua mãe estava assimilando.
— Tornei-me minha mãe e todas as outras — dissera. — Ainda não estava completamente formada, não nascera, mas me tornei uma velha ali, naquele instante.
Sentindo seus pensamentos sobre ela, Alia sorriu para Paul. A fisionomia dele suavizou-se. “Como poderia alguém reagir diante de Korba senão com humor incrédulo”, perguntou a si próprio.
“Que é mais ridículo do que um Comando da Morte transformado em sacerdote?”
Stilgar bateu em seus papéis.
— Se meu soberano permite — disse —, estes assuntos são graves e urgentes.
— O Tratado de Tupile? — indagou Paul.
— A Corporação insiste em que devemos assinar o tratado sem conhecer a localização precisa da Entente de Tupile — explicou Stilgar. — Eles têm o apoio de alguns delegados da Landsraad.
— Que tipo de pressões empregou? — perguntou Irulan.
— As pressões que meu Imperador sugeriu para este empreendimento — respondeu Stilgar, a dura formalidade de sua resposta contendo toda a desaprovação que sentia quanto à Princesa Consorte.
— Meu senhor e esposo — disse Irulan, voltando-se para Paul e forçando-o a olhá-la.
“Enfatizando a diferença de seu título diante de Chani”, pensou Paul. “É uma fraqueza.” Em tais momentos, partilhava o desagrado de Stilgar com relação a Irulan, mas a compaixão temperava suas emoções. Que era Irulan senão um peão das Bene Gesserit?
— Sim? — respondeu.

Irulan olhava-o.

— Se negar-lhes a melange...

Chani sacudiu a cabeça em desacordo.

— Agimos com cautela — disse Paul. — Tupile permanece como um santuário para as Grandes Casas derrotadas. Simboliza um último recurso, um lugar derradeiro de abrigo para todos os nossos súditos. Revelar o santuário torna-o vulnerável.

— Se eles podem esconder pessoas, então podem esconder outras coisas — reclamou Stilgar. Um exército talvez, ou os passos iniciais de uma cultura de melange que...

— Não se empurram pessoas contra a parede — disse Alia. — Não se esperamos que permaneçam pacíficas. — Aborrecida, percebia que fora arrastada para uma disputa que ela mesma previra.

— Assim, gastamos dez anos de negociações para nada? — reclamou Irulan.

— Nenhuma das ações de meu irmão é para nada — respondeu Alia.

Irulan pegou um estilete de escrita, segurando-o com força até que os nós de seus dedos ficaram brancos. Paul viu que ela se controlava emocionalmente, usando o método das Bene Gesserit: olhar penetrante voltado para dentro e respiração profunda. Podia quase ouvi-la repetindo a litania. Pouco depois, Irulan disse:

— Que foi que ganhamos?

— Mantivemos a Corporação desequilibrada — respondeu Chani.

— Queremos evitar uma confrontação final com nossos inimigos — explicou Alia. — Não temos qualquer desejo especial de matá-los. Já existe carnificina suficiente acontecendo sob a bandeira dos Atreides.

“Ela também sente isso”, pensou Paul. Era estranho o sentimento de responsabilidade forçada que ambos sentiam por aquele universo briguento, idólatra, com seus êxtases de tranquilidade e movimento incontrolado. “Deveremos protegê-los deles próprios?”, perguntou a si mesmo. “Jogam com o nada a cada instante — vidas vazias, mundos vazios. Pedem demasiado de mim.”

Sentia a garganta sufocada, comprimida. Quantos momentos perderia? Quantos filhos? Quantos sonhos? Isso valeria o preço que sua visão revelara? Quem perguntaria aos vivos de um futuro distante, quem lhes diria: “Se não fosse pelo Muad’Dib, você não estaria aqui.”

— Negar-lhes a melange não resolveria nada — disse Chani. — Os navegadores da Corporação perderiam sua capacidade de enxergar o tempo-espaço. Suas irmãs Bene Gesserit perderiam seu sentido-verdade. Algumas

pessoas poderiam morrer antes do tempo. As comunicações seriam interrompidas. E quem seria o culpado?

— Eles não permitiriam que chegasse a esse ponto — insistiu Irulan.

— Será que não? — indagou Chani — Por que não? Quem culparia a Corporação? Eles estariam visivelmente desamparados.

— Assinaremos o tratado tal como está — disse Paul.

— Meu senhor — disse Stilgar, com a atenção voltada para as próprias mãos —, há uma pergunta em nossas mentes.

— Sim? — Paul deu toda a atenção ao velho Fremen.

— O senhor tem certos... poderes. Não poderia localizar a Entente, a despeito da Corporação?

“Poderes”, pensou Paul. Stilgar não poderia dizer apenas: “O senhor é presciente. Não poderia seguir uma trilha de futuro que leve até Tupile?”

Paul fitou a superfície dourada da mesa. Sempre o mesmo problema: como poderia expressar os limites do inexpressível? Deveria falar em fragmentação, o destino natural de todo poder? Como poderia alguém que nunca experimentara a mudança presciente da especiaria conceber uma consciência que não continha um tempo-espaço localizado, nenhuma imagem transmissora pessoal, nem sensores cativos associados?

Olhou para Alia, encontrando-a atenta a Irulan. Alia sentiu seus movimentos, olhou-o e sacudiu a cabeça em direção a Irulan.

Ah, sim, qualquer resposta que desse acabaria em um dos relatórios especiais que Irulan enviava às Bene Gesserit. Elas nunca desistiriam de buscar uma resposta para seu kwisatz haderach.

Stilgar, entretanto, merecia algum tipo de resposta. E, quanto a isso, também Irulan.

— Os não-iniciados tentam conceber a presciência como obedecendo à Lei Natural — disse Paul, unindo as mãos sobre a mesa. — Mas seria igualmente correto dizer que é o além falando conosco, que ser capaz de ler o futuro é um ato harmonioso do ser humano. Em outras palavras, a predição é consequência natural das ondulações do presente. Ela usa um aspecto da natureza, como podem ver. Mas tais poderes não podem ser usados a partir de uma atitude que preestabelece objetivos e propósitos. Será que um fragmento apanhado em uma onda revela em que direção está indo? Não há causa e efeito em um oráculo. As causas tornam-se origens de propagações e confluências, lugares onde as correntes se encontram. Aceitar a presciência enche seu ser de conceitos repugnantes ao intelecto. Sua consciência intelectual, portanto, a rejeita. Na rejeição, o intelecto torna-se parte do processo e é subjugado.

— Não pode fazê-lo? — indagou Stilgar.

— Se buscasse Tupile com a presciência — disse Paul, falando diretamente para Irulan —, isso ocultaria Tupile.

— Caos! — protestou Irulan. — Não tem... qualquer... consistência.

— Já disse que ela não obedece às Leis Naturais.

— Então há limites para o que você pode ver ou fazer com seus poderes? — indagou Irulan.

Antes que Paul pudesse responder, Alia disse:

— Cara Irulan, a presciência não conhece limites. Isso não é coerente? A coerência não é um aspecto necessário ao universo.

— Mas ele disse...

— Como pode meu irmão dar-lhe informações explicitas a respeito dos limites de alguma coisa que não tem limites? Suas fronteiras escapam ao intelecto.

“Alia fez uma maldade”, pensou Paul. Aquilo deixaria Irulan alarmada, ela, que tinha uma consciência tão escrupulosa, tão dependente de valores derivados de limites precisos. Seu olhar voltou-se para Korba, que se sentava numa pose de devaneio religioso... escutando a alma. Como o Qizarate faria uso desse diálogo? Mais mistério religioso? Alguma coisa para despertar a admiração? Sem dúvida.

— Então, vai assinar o tratado em sua forma atual? — indagou Stilgar.

Paul sorriu. O assunto do oráculo fora encerrado por iniciativa de Stilgar. O objetivo de Stilgar era somente a vitória, não a descoberta da verdade. Paz, justiça e moeda forte sustentavam o universo de Stilgar. Queria alguma coisa visível, real... a assinatura de um tratado.

— Vou assinar — disse Paul.

Stilgar apanhou uma nova pasta.

— Os últimos comunicados de nossos comandantes de campo no setor Ixiano falam de agitações em prol de uma constituição. — O velho Fremen olhou para Chani, que encolheu os ombros.

Irulan, que fechara os olhos e colocara ambas as mãos sobre a testa, em atitude de atenção mnemônica, abriu-os, observando Paul atentamente.

— A Confederação Ixiana oferece submissão — disse Stilgar. — Mas seus negociadores questionam a quantidade de Impostos Imperiais que eles...

— Querem um limite jurídico para minha vontade imperial — respondeu Paul. — Quem me governaria, a Landsraad ou a CHOAM?

Stilgar retirou da pasta uma nota em papel ircstroy.

— Um de nossos agentes enviou este memorando de um grupinho político da minoria na CHOAM. — Leu a mensagem cifrada com uma voz sem emoção. — “O Trono deve ser detido em sua busca por um monopólio de poder.

Devemos revelar a verdade a respeito do Atreides, como manobra por trás da tripla fraude da legislação do Landsraad, da sanção religiosa e da eficiência burocrática." Colocou a nota novamente na pasta.

— Uma constituição — murmurou Chani.

Paul olhou-a, voltando a atenção para Stilgar. "Assim, o Jihad vacila", pensou, "mas não a tempo de me salvar." O pensamento criava tensões emocionais. Lembrava-se de suas primeiras visões do Jihad ainda no futuro, do terror e da repugnância que experimentara. Agora, é claro, conhecia visões de horrores bem maiores. Vivera em meio à violência real. Vira seus Fremen, cheios de vigor místico, varrerem tudo diante deles, em uma guerra religiosa. O Jihad assumia nova perspectiva. Era limitado, evidentemente, um breve espasmo quando medido em relação à eternidade, mas além dele existiam horrores que superariam qualquer coisa conhecida no passado.

"E tudo em meu nome", pensou Paul.

— Talvez pudessem ser satisfeitos com uma aparência de constituição — sugeriu Chani. — Não precisaria ser verdadeira.

— A fraude é uma ferramenta da política — concordou Irulan.

— Há limites para o poder, como sempre o descobrem aqueles que colocam suas esperanças em uma constituição — respondeu Paul.

Korba ergueu-se de sua pose reverente.

— Meu senhor?

— Sim? — indagou Paul, pensando: "Aí está! Aí está alguém que nutre simpatias secretas por um imaginário governo da Lei."

— Poderíamos começar com uma constituição religiosa — sugeriu Korba. — Algo para os fiéis que...

— Não! — retrucou Paul. — Faremos disso uma Ordem de Conselho. Está anotando, Irulan?

— Sim, meu senhor — respondeu Irulan, a voz gélida de desaprovação ante as tarefas servis que Paul a forçava a executar.

— As constituições tornam-se a forma máxima da tirania — disse Paul. — Elas organizam o poder em tal escala que ele se torna esmagador. A constituição é o poder social mobilizado, e não possui consciência. Domina os mais ricos e os mais pobres, acabando com toda dignidade e individualidade. Seu equilíbrio é instável, e não tem limitações. Eu, entretanto, tenho limitações. Em meu desejo de fornecer proteção máxima ao meu povo, proíbo uma constituição. Ordem do Conselho, datada de etc. etc. etc.

— E quanto à preocupação Ixiana com relação aos impostos, meu senhor? — indagou Stilgar.

Paul forçou sua atenção a se desviar da aparência furiosa e meditativa do

rosto de Korba, dizendo:

— Tem uma proposta, Stil?

— Devemos controlar os impostos, senhor.

— O preço que cobraremos à Corporação por minha assinatura no Tratado de Tupile será a submissão da Confederação Ixiana aos nossos impostos. A Confederação não pode comercializar sem o transporte fornecido pela Corporação. Portanto, pagará.

— Muito bem, meu senhor. — Stilgar limpou a garganta e pegou outra pasta. — Relatório do Qizarate sobre Salusa Secundus. O pai de Irulan fez suas legiões executarem manobras de pouso.

Irulan encontrou alguma coisa interessante na palma de sua mão esquerda. Uma pulsação palpitava em seu pescoço.

— Irulan — indagou Paul —, persiste em afirmar que a única legião sob o comando de seu pai não é nada mais que um brinquedo?

— O que ele poderia fazer com uma única legião? — respondeu, encarando-o com olhos semicerrados.

— Ele poderia se matar — disse Chani.

Paul assentiu.

— E eu seria o culpado.

— Conheço alguns comandantes do Jihad que atacariam se soubessem disso — observou Alia.

— Mas se trata somente de sua força policial! — protestou Irulan.

— Então, não precisa de manobras de desembarque — respondeu Paul. — Sugiro que a próxima e breve carta a seu pai contenha uma exposição franca e direta de meus pontos de vista quanto à sua delicada posição.

Ela baixou o olhar, respondendo:

— Sim, meu senhor. Espero que termine com o problema. Meu pai daria um bom mártir.

— Hummm — murmurou Paul. — Minha irmã não enviará mensagens aos comandantes que mencionou, a menos que eu ordene.

— Um ataque a meu pai implica outros riscos, além dos óbvios riscos militares — disse Irulan. — As pessoas começam a encarar seu reinado com certa nostalgia.

— Você irá longe demais um dia — comentou Chani, com sua voz de Fremen mortalmente séria.

— Basta! — ordenou Paul.

Ponderou a menção de Irulan quanto a uma nostalgia pública.

Ah, sim, isso continha certa verdade. Mais uma vez, Irulan provara seu valor.

— As Bene Gesserit enviaram uma petição formal — disse Stilgar, exibindo outra pasta. Desejam consultá-lo quanto à preservação de sua linhagem.

Chani olhou para a pasta de esguelha, como se esta contivesse um engenho mortífero.

— Envie as desculpas costumeiras à Irmandade — respondeu Paul.

— Devemos fazer isso? — indagou Irulan.

— Talvez... seja hora de discutir o assunto — disse Chani.

Paul sacudiu veementemente a cabeça. Elas não poderiam saber que isso era parte de um preço que ainda não decidira pagar. Mas Chani não seria contida tão facilmente.

— Estive na muralha das preces do Sietch Tabr, onde nasci — disse. — Submeti-me aos médicos. Já me ajoelhei no deserto, enviando meus pensamentos às profundezas onde mora o Shai-hulud. No entanto, nenhum resultado.

"Ciência e superstição, tudo falhou para ela", pensou Paul. "Devo falhar também por não lhe dizer o que o nascimento de um herdeiro Atreides precipitaria?" Olhou, encontrando uma expressão piedosa nos olhos de Alia. A idéia de piedade partindo de sua irmã causava-lhe aversão. Ela também teria visto aquele futuro aterrorizante?

— Meu senhor, deve conhecer os perigos que a falta de um herdeiro acarreta para o reino — disse Irulan, fazendo uso de seus poderes vocais Bene Gesserit com suave persuasão. — Essas coisas são naturalmente difíceis de se discutir, mas devem ser abordadas com clareza. Um Imperador é mais que um homem. Sua figura lidera o reino. Se morre sem um herdeiro, segue-se uma guerra civil. Amando seu povo, não pode abandoná-lo assim.

Paul afastou-se da mesa e caminhou até as janelas da varanda.

O vento amortecia a fumaça das fogueiras na cidade lá embaixo, enquanto o céu exibia um escurecer azul-prateado, suavizado pela queda de pó do entardecer, vinda da Muralha Escudo. Olhou na direção sudoeste, fitando as escarpas que protegiam suas terras do norte contra o vento coriólis, e perguntou a si mesmo por que sua tranquilidade mental não poderia encontrar um escudo semelhante.

O Conselho permaneceu sentado em silêncio, atrás dele, consciente de quão próximo da fúria ele estava.

Paul sentia o tempo arremeter-se sobre ele. Tentou forçar sobre si uma tranquilidade feita de muitos equilíbrios, onde pudesse encontrar apoio para moldar um novo futuro.

"Desligue-se... desligue-se... desligue-se", pensou. Que aconteceria se pegasse Chani, apanhasse suas coisas e partisse com ela em busca de um

santuário em Tupile? Seu nome ficaria para trás. O Jihad encontraria novos e mais terríveis centros em torno dos quais pudesse girar. E seria culpado também por isso. Sentia-se subitamente temeroso de que, ao tentar alcançar qualquer coisa nova, perdesse o que lhe era mais precioso, como se o menor ruído que deixasse escapar pudesse lançar para trás o universo, colidindo e recuando até que nunca mais fosse capaz de recuperar qualquer fragmento dele.

Abaixo, a praça tornara-se o palco para um bando de peregrinos nas cores verde e branca do hajj. Avançavam como uma serpente desconjuntada, caminhando atrás de um guia Arrakeen. Lembravam a Paul que seu salão de recepções estaria repleto de suplicantes a essa hora. Peregrinos! Haviam-se tornado uma desagradável fonte de riqueza para o Império. O hajj enchia as espaço-vias de mendigos religiosos. Eles continuavam vindo, e vindo, e vindo.

“Como iniciei esse movimento?”, perguntou a si mesmo.

Obviamente, havia começado por força própria. Estava nos genes que agiam há séculos para conquistar esse breve espasmo.

Impulsionadas por aquele profundo instinto religioso, as pessoas continuavam vindo em busca da ressurreição. A peregrinação terminava ali — “Arrakis, o lugar do renascimento, o lugar onde morrer.”

Velhos Fremen, cheios de cinismo, diziam que ele desejava os peregrinos pela água que traziam em seus corpos.

E o que os peregrinos realmente buscavam?, perguntava Paul a si próprio. Diziam vir em busca de um lugar sagrado. Mas deviam saber que o universo não continha nenhum éden, nenhuma Tupile que fornecesse abrigo para a alma. Chamavam Arrakis de lugar do desconhecido, onde todos os mistérios eram explicados. Era um elo entre seu universo e o seguinte. O detalhe assustador era que pareciam partir satisfeitos.

“Que será que encontram aqui?”, indagou Paul a seus botões.

Frequentemente, em meio ao êxtase religioso, enchiam as ruas com gritos estridentes, como pássaros de um estranho aviário. De fato, os Fremen os chamavam de “pássaros migradores”. E os poucos que ali morriam eram as “almas aladas”.

Com um suspiro, Paul pensou no fato de que, a cada novo planeta que suas legiões subjugavam, abriam-se novas fontes de peregrinos. Vinham em gratidão pela “paz do Muad’Dib”.

“Em toda parte existe paz. Em toda parte... exceto no coração do Muad’Dib.”

Sentia que alguma parte de si mesmo jazia imersa em uma escuridão gelada que não tinha fim. Seus poderes prescientes haviam adulterado a imagem que toda a humanidade fazia do universo. Havia abalado um cosmo seguro e

substituído segurança por seu Jihad. Ultrapassara o universo dos homens com sua luta, seus pensamentos e suas previsões, mas permanecia a certeza de que esse universo ainda o iludia.

O planeta embaixo dele, que, sob seu comando, fora transformado de um deserto num paraíso rico em água, estava vivo. Tinha um pulso tão dinâmico quanto o de qualquer ser humano. Lutava contra ele, resistindo, escapando a seus comandos...

Uma mão deslizou sobre a de Paul. Olhou para trás e viu Chani a fitá-lo, com preocupação estampada em seus olhos. Olhos que o sorviam enquanto ela sussurrava:

— Por favor, amor, não combata o seu ruh-espírito.

Uma onda de emoção fluiu da mão de Chani, fazendo com que Paul se sentisse flutuar.

— Sihaya — sussurrou ele.

— Devemos voltar logo ao deserto — Chani insistiu, ainda em voz baixa.

Paul apertou-lhe a mão antes de soltá-la, retornando até junto à mesa, onde permaneceu de pé.

Chani tomou seu lugar.

Irulan olhava para os papéis diante de Stilgar, a boca comprimida em linha reta.

— Irulan se propõe ser a mãe do herdeiro imperial — disse Paul. Olhou para Chani, depois de volta para Irulan, que se recusou a encará-lo. — Todos sabemos que ela não me ama.

Irulan ficou rígida.

— Conheço os argumentos políticos — continuou. — São os argumentos humanos que me preocupam. Penso que, se a Princesa Consorte não estivesse submetida às ordens das Bene Gesserit, se não fosse movida por desejos de poder pessoal, minha reação poderia ser bem diferente. Na situação atual, entretanto, rejeito a proposta.

Irulan respirou fundo, trêmula.

Paul sentou-se novamente, imaginando que nunca a tinha visto com tão pouco controle de si mesma. Inclinando-se em sua direção, disse:

— Irulan, sinto muito, realmente.

Ela ergueu o queixo com uma aparência de pura fúria nos olhos:

— Não quero sua piedade! Voltou-se para Stilgar: — Há mais alguma questão que seja urgente e grave?

Mantendo o olhar fixo em Paul, Stilgar disse:

— Só mais uma questão, meu senhor. A Corporação solicita novamente uma embaixada formal aqui em Arrakis.

— Uma do gênero espaço-profundo? — indagou Korba, a voz cheia de ódio fanático.

— Presumivelmente — disse Stilgar.

— Um assunto a ser estudado com o maior cuidado, meu senhor — advertiu Korba. — O Conselho dos Naibs não apreciaria isto: ter um verdadeiro homem da Corporação aqui em Arrakis. Eles contaminam o solo em que pisam.

— Eles vivem em tanques e não tocam no solo — respondeu Paul, permitindo que a voz exprimisse sua verdadeira irritação.

— Os Naibs podem agir por conta própria, senhor — advertiu Korba.

Paul olhou-o furioso.

— Afinal, eles são Fremen, meu senhor — insistiu Korba. — Todos nos lembramos de como a Corporação trouxe aqueles que nos oprimiam. Não nos esquecemos da maneira como nos chantagearam, cobrando um resgate de especiaria para não revelar nossos segredos aos inimigos... Eles nos sugaram de cada...

— É o bastante! — retrucou Paul. — Acha que me esqueci?

Como se acabasse de despertar para a importância de suas próprias palavras, Korba gaguejou ininteligivelmente, depois:

— Meu senhor, perdoe-me. Não quis sugerir que o senhor não seja um Fremen. Eu não...

— Enviarão um Timoneiro — disse Paul. — E não é provável que um Timoneiro viesse aqui se percebesse perigo.

Com a boca seca pelo súbito medo, Irulan indagou:

— Já... viu um Timoneiro vindo aqui?

— É claro que não vi um Timoneiro — respondeu Paul, imitando-lhe o tom de voz. — Mas posso ver onde um deles esteve ou para onde está indo. Deixe-os enviar um Timoneiro. Talvez eu tenha uso para ele.

— Assim foi ordenado — disse Stilgar.

E Irulan, ocultando um sorriso com a mão, pensou: “É verdade, então. Nosso Imperador não pode ver um Timoneiro. Eles são mutuamente cegos. Nossa conspiração está oculta.”

6

Uma vez mais, o drama principia.
— O Imperador Paul Muad'Dib, em sua ascensão ao Trono do Leão

Alia olhava para baixo, através de sua janela oculta, focalizando o grande salão de recepções, a observar o avanço do séquito da Corporação.

A luz pronunciadamente prateada do meio-dia derramava-se através de janelas clerestórias, sobre um piso feito com lajotas azuis e verdes, que simulavam um lago com plantas aquáticas, tendo aqui e ali uma mancha de colorido exótico para indicar um pássaro ou outro animal.

Os homens da Corporação caminhavam através desse desenho como caçadores buscando sua presa em meio a uma floresta estranha. Formavam um desenho móvel de mantos cinzentos, negros e alaranjados, todos dispostos num padrão enganosamente casual, em torno do tanque transparente onde o Embaixador-Timoneiro nadava em seu gás alaranjado. O tanque deslizava sobre um campo sustentador, puxado por dois criados em mantos cinzentos, como um navio retangular sendo rebocado para sua doca.

Diretamente abaixo dela, Paul estava sentado no Trono do Leão, erguido sobre uma plataforma elevada. Usava a nova coroa solene, com seus emblemas do peixe e do punho. Mantos dourados e cravejados de jóias cobriam seu corpo. O tremeluzir de um escudo pessoal o envolvia. Duas alas de guarda-costas espalhavam-se em ambos os lados, ao longo da plataforma e descendo os degraus. Stilgar colocara-se dois passos abaixo da mão direita de Paul, usando um roupão branco com uma corda amarela que servia de cinturão.

A empatia fraternal dizia a Alia que Paul se perturbava com a mesma agitação que ela estava experimentando, embora duvidasse que mais alguém pudesse percebê-la. A atenção dele permanecia voltada para um criado de manto alaranjado, cujos olhos metálicos fitavam cegamente, sem se desviarem para a esquerda ou para a direita. Esse criado caminhava no canto direito, na dianteira do grupo do Embaixador, como um batedor militar.

Seu rosto era um tanto comum, debaixo de cabelos negros e crespos; sua figura, no que podia ser percebido por debaixo do manto alaranjado, transmitia uma identidade familiar a cada gesto.

Ele era Duncan Idaho.

Não podia ser Duncan Idaho e, no entanto, era.

Memórias cativas, absorvidas no ventre no momento da permutação de especiaria feita por sua mãe, identificavam esse homem para Alia através de uma decodificação rihani, que penetrava em qualquer camuflagem. Paul também o via, sabia ela, através de incontáveis experiências pessoais, de gratidão e de camaradagem na juventude.

Era Duncan.

Alia estremeceu. Só poderia haver uma resposta: esse era um ghola Tleilaxu, um ser reconstruído a partir da carne morta do Duncan original, que perecera para salvar Paul. Só podia ser um produto dos tanques axolof.

O ghola caminhava com o modo vigilante e atrevido de um mestre espadachim. Parou enquanto o tanque do Embaixador deslizava até se imobilizar a dez passos da plataforma.

À maneira das Bene Gesserit, da qual não podia fugir, Alia percebia a inquietação de Paul. Ele não mais olhava para a figura saída de seu passado. E, não olhando, todo o seu ser observava.

Os músculos tensos, enquanto acenava para o Embaixador da Corporação, disse:

— Disseram-me que seu nome é Edric. Damos-lhe as boas-vindas à nossa Corte, na esperança de que isso traga novo entendimento entre nós.

O Timoneiro assumiu uma pose reclinada, sibarítica, em seu gás alaranjado e atirou uma cápsula de melange na boca antes de responder ao olhar atento de Paul. 0 minúsculo aparelho tradutor, orbitando em um canto do tanque, reproduziu um som de tosse e depois uma voz rouca, descompromissada:

— Curvo-me ante meu Imperador e peço licença para apresentar minhas credenciais e oferecer um pequeno presente.

Um auxiliar entregou um pergaminho a Stilgar, que o estudou, carrancudo, fazendo, a seguir, um aceno para Paul. Ambos, Stilgar e Paul, voltaram-se para o ghola, aguardando pacientemente abaixo da plataforma.

— Sem dúvida, meu Imperador já viu o presente — disse Edric.

— Estamos satisfeitos em aceitar suas credenciais — disse Paul. — Explique o presente.

Edric rolou dentro do tanque, voltando sua atenção para o ghola.

— Esse é um homem chamado Hayt — disse, soletrando o nome. — De acordo com nossos investigadores, possui uma história muito curiosa. Foi morto aqui, em Arrakis... com um terrível ferimento na cabeça, que necessitou de muitos meses para regeneração. O corpo fora vendido aos Bene Tleilax como pertencendo a um mestre espadachim, um adepto da Escola Ginaz. Ocorreu-nos

que devia ser Duncan Idaho, um auxiliar de confiança em sua casa. Nós o compramos como um presente adequado a um Imperador. — Edric olhou para Paul. — Não é Idaho, senhor?

Cautela e constrangimento modularam a voz de Paul.

— Ele tem o aspecto de Idaho. “Será que Paul vê alguma coisa que não percebo?”, perguntou-se Alia “Não, é Duncan.”

O homem chamado Hayt continuava impassível, os olhos de metal fixos adiante, o corpo relaxado. Não dava sinal algum de que percebia ser o assunto em discussão.

— De acordo com nosso melhor conhecimento, ele é Idaho — disse Edric.

— Agora é chamado de Hayt — disse Paul. — Nome curioso.

— Senhor, não há meios de saber como e por que os Tleilaxu escolhem seus nomes. Mas um nome pode ser mudado. O nome Tleilaxu tem pouca importância.

“Essa é uma coisa Tleilaxu”, pensou Paul. “Aí está o problema.” Os Bene Tleilax têm poucas fixações de natureza fenomenológica. Bem e mal possuem significados estranhos em sua filosofia. O que não poderiam ter incorporado à carne de Idaho, por projeto ou capricho?

Paul olhou para Stilgar, notando a supersticiosa admiração do Fremen. Era uma emoção que ecoava através de toda a guarda Fremen. A mente de Stilgar estaria especulando a respeito dos hábitos repugnantes dos homens da Corporação, dos Tleilaxu e dos gholas.

Voltando-se para o ghola, Paul disse:

— Hayt é seu único nome?

Um sorriso sereno expandiu-se nas feições do ghola. Os olhos de metal ergueram-se, enquadrando Paul, mas mantendo a fixação mecânica.

— Assim que sou chamado, meu senhor. Hayt.

Em seu obscuro orifício de observação, Alia tremeu. Era a voz de Idaho, uma qualidade sonora tão precisa que sentiu sua impressão nas próprias células.

— Que agrade a meu senhor se eu disser que sua voz me dá prazer — acrescentou o ghola. — Isso é um indício, dizem os Bene Tleilax, de que já ouvi essa voz... antes.

— Mas não sabe com certeza — disse Paul.

— Não conheço nada de meu passado com certeza, meu senhor. Explicaram-me que não possuo lembranças de minha vida anterior. Tudo que permanece é o padrão estabelecido pelos genes. Existem, entretanto, nichos nos quais coisas familiares poderão encaixar-se. Existem vozes, lugares, comidas, faces, sons e ações... Uma espada em minha mão, os controles de um tóptero...

Notando o interesse com que o homem da Corporação acompanhava o

diálogo, Paul indagou:

— Você compreende que é um presente?

— Foi-me explicado, meu senhor.

Paul recostou-se com as mãos apoiadas nos braços do trono.

“Que dívida tenho para com a carne de Duncan?”, pensou.

“O homem morreu salvando-me a vida. Mas esse não é Idaho, é um ghola.” E, no entanto, ali estavam a mente e o corpo que haviam ensinado Paul a pilotar um tóptero, como se as asas brotassem de seus próprios ombros. Paul sabia que não poderia empunhar uma espada sem se apoiar na rígida educação que recebera de Idaho. Um ghola. Uma carne cheia de falsas impressões, facilmente mal-interpretadas. Velhas associações persistiriam. “Duncan Idaho.” Não era uma máscara que o ghola estivesse usando, mas o disfarce de uma personalidade que se movia de um modo diferente daquilo que os Tleilaxu pudessem ter escondido.

— Como nos poderia servir? — perguntou Paul.

— De qualquer modo que o meu senhor desejar e minhas capacidades permitirem.

Alia, observando de seu ponto de vista, sentia-se tocada pela modéstia do ghola. Não conseguia detectar qualquer coisa de fingido. Algo verdadeiramente inocente brilhava no novo Duncan Idaho. O original fora mundano, temerário. Essa carne fora purificada de tudo. Era uma superfície pura sobre a qual os Tleilaxu haviam escrito... o quê?

Sentiu então os perigos ocultos no presente. Essa era uma criação dos Tleilaxu. E os Tleilaxu exibiam uma perturbadora ausência de inibições em suas criações. A curiosidade desenfreada poderia guiar suas ações. Gabavam-se de poder fazer qualquer coisa a partir de um adequado material humano bruto: demônios ou santos. Vendiam mentats assassinos. Produziram um médico assassino, sobrepujando, ao aviá-lo, as inibições Suk contra tirar uma vida humana. Seus produtos incluíam criados servis, objetos sexuais adaptáveis a qualquer desejo, soldados, generais, filósofos e até mesmo um moralista ocasional.

Paul se remexeu, olhando para Edric.

— Como esse presente foi treinado? — indagou.

— Se lhe agrada, meu senhor — respondeu Edric —, posso dizer que os Tleilaxu se divertiram em treinar esse ghola como um mentat e também como filósofo da escola Zensunni. Buscavam, assim, ampliar suas habilidades com a espada.

— E foram bem-sucedidos?

— Não sei, meu senhor.

Paul avaliou a resposta. Seu senso de verdade Bene Gesserit dizia-lhe que Edric acreditava sinceramente que o ghola fosse Idaho. Havia mais, porém. As águas do Tempo, através das quais se movia esse Timoneiro oracular, sugeriam perigos sem revelá-los. Hayt. O nome Tleilaxu enunciava perigo. Paul sentiu-se tentado a rejeitar o presente. Mas, enquanto sentia tal tentação, já sabia que não poderia escolher esse caminho. Essa carne fazia demandas à Casa dos Atreides — fato que o inimigo conhecia muito bem.

“Um filósofo Zensunni”, meditou Paul, olhando uma vez mais para o ghola.

— Já examinou seu próprio papel e seus motivos?

— Encaro meus serviços com atitude de humildade, senhor. Sou uma mente purificada, lavada dos imperativos de meu passado humano.

— Desejaria ser chamado de Hayt ou de Duncan Idaho?

— Meu senhor, pode chamar-me como desejar, pois não sou apenas um nome.

— Mas gosta do nome Duncan Idaho?

— Creio que era o meu nome, senhor. Encaixa-se em mim. E no entanto... produz respostas curiosas. O nome de alguém, penso, deve carregar consigo muito do que é desagradável, juntamente com o agradável.

— O que lhe dá mais prazer? — indagou Paul.

Inesperadamente, o ghola riu, respondendo a seguir:

— Buscar nos outros sinais que revelem meu eu anterior.

— E vê tais sinais aqui?

— Oh, sim, meu senhor. Seu homem Stilgar ali se encontra, surpreendido entre a suspeita e a admiração. Foi um amigo de meu antigo eu, mas esta carne de ghola causa-lhe repulsa. O senhor admirou o homem que fui... e confiou nele.

— Mente limpa — disse Paul. — E como é que uma mente purificada pode ficar nossa cativa?

— Cativa, meu senhor? A mente purificada toma suas decisões na presença do desconhecido, sem causas ou efeitos. Isso é ser cativa?

Paul olhou, carrancudo. Era uma citação Zensunni, enigmática, apropriada... imersa num credo que negava função objetiva a qualquer atividade mental. “Sem causas ou efeitos!” Tais pensamentos chocavam-lhe a mente. “Desconhecido?” Desconhecidos e incógnitas apareciam em todas as decisões, até mesmo em sua visão oracular.

— Prefere que o chamemos de Duncan Idaho? — perguntou Paul.

— Vivemos pelas diferenças, meu senhor. Escolha um nome para mim.

— Vamos deixar ficar o nome Tleilaxu: Hayt. Esse é um nome que inspira cautela.

Hayt curvou-se e recuou um passo.

Alia ficou intrigada: “Como ele sabia que a entrevista estava terminada? Eu sabia porque conheço meu irmão. Mas não houve qualquer indício que um estranho pudesse ter percebido. Será que o Duncan Idaho dentro dele sabe?”

Paul olhou para o Embaixador e disse:

— Foram reservados alojamentos para sua embaixada. É nosso desejo que tenhamos uma consulta particular dentro do tempo mais breve possível. Mandaremos buscá-lo. Deixe-me informá-lo, antes que receba a notícia de fontes imprecisas, de que uma Reverenda Madre da Irmandade, Gaius Helen Mohiam, foi retirada do heighliner que o trouxe até aqui. Isso foi feito por ordem nossa. A presença dela em sua nave será um dos itens de nossas conversações.

Com um aceno da mão, Paul dispensou o enviado:

— Hayt — disse —, fique aqui.

Os criados do embaixador recuaram, puxando o tanque. Edric tornou-se um movimento alaranjado dentro do gás da mesma cor. Olhos, boca, membros que ondulavam suavemente.

Paul observou até que o último homem da Corporação se foi, as grandes portas girando para se fecharem atrás deles.

“Eu o fiz”, pensou. “Aceitei o ghola.” A criação dos Tleilaxu era uma isca, sem dúvida alguma. Muito provavelmente, a velha bruxa, a Reverenda Madre, desempenhava o mesmo papel. Mas esse era o tempo do tarô que previra em suas visões iniciais. O maldito tarô! Ele turvava as águas do Tempo até que o presciente se esforçava por detectar momentos, perdendo horas. Mas muitos peixes mordiam a isca e escapavam, lembrou-se. E o tarô trabalhava a seu favor, assim como contra. O que não pedia ver, outros igualmente poderiam não ser capazes de detectar.

O ghola continuava de pé, a cabeça inclinada para um lado, esperando.

Stilgar caminhou pelos degraus, ocultando o ghola ao se interpor à frente de Paul. Em Chakobsa, a linguagem de caça dos dias do sietch, Stilgar disse:

— Aquela criatura no tanque dá-me calafrios, senhor, mas esse presente! Mande-o embora!

No mesmo idioma, Paul respondeu:

— Não posso.

— Idaho está morto. Esse não é Idaho. Deixe-me tirar sua água para a tribo.

— O ghola é problema meu, Stil. Seu problema é nossa prisioneira. Quero a Reverenda Madre guardada com o maior cuidado pelos homens que treinei para resistirem aos ardis da Voz.

— Não gosto disso, senhor.

— Serei cauteloso, Stil. Cuide para que você também o seja.

— Muito bem, senhor.

Stilgar desceu até o salão, passou perto de Hayt, farejou-o e saiu.

“O mal pode ser sentido pelo cheiro”, pensou Paul. Stilgar havia fincado a bandeira verde e branca dos Atreides em uma dúzia de mundos, mas ainda permanecia um Fremen supersticioso, à prova de qualquer sofisticação.

Paul observou o presente.

— Duncan, Duncan — sussurrou. — Que fizeram com você?

— Deram-me a vida, meu senhor — respondeu Hayt.

— Mas por que foi treinado e entregue a nós?

Hayt comprimiu os lábios, e disse, então:

— Pretendem que o destrua.

A sinceridade da declaração abalou Paul. Mas, afinal, de que outro modo poderia responder um mentat-Zensunni? Mesmo na forma de um ghola, um mentat não podia falar nada menos que a verdade, especialmente partindo da calma interior de um Zensunni. Essa era a mente de um computador humano, ligada a um sistema nervoso adaptado às tarefas há muito tempo relegadas aos odiados engenhos mecânicos. Condicioná-la também como Zensunni significava uma carga dupla de honestidade... a menos que os Tleilaxu houvessem embutido alguma coisa ainda mais bizarra nessa carne.

Por que, por exemplo, os olhos mecânicos? Os Tleilaxu gabavam-se de que seus olhos de metal constituíam uma melhoria em relação aos originais. Estranho, então, que a maioria dos Tleilaxu não os usasse por livre escolha.

Paul olhou para o orifício de observação de Alia, buscando sua presença e ajuda, conselhos não afetados por sentimentos de responsabilidade e dívida.

Mais uma vez, olhou para o ghola. Não era um presente inútil.

Dava respostas honestas a perguntas perigosas.

“Não faz diferença que eu saiba que essa é uma arma a ser usada contra mim”, pensou Paul.

— Que devo fazer para me proteger de você? — indagou em linguagem direta, não com o plural majestático, mas do modo como teria perguntado ao velho Duncan Idaho.

— Mande-me embora, meu senhor.

Paul sacudiu negativamente a cabeça.

— Como deverá destruir-me?

Hayt olhou para os guardas que se haviam aproximado mais de Paul, após a saída de Stilgar. Virou-se, observando o salão, e depois voltou seus olhos metálicos para Paul, balançando a cabeça.

— Este é um lugar onde um homem se afasta das pessoas — disse Hayt.

— Revela tamanho poder que só se pode contemplá-lo confortavelmente na lembrança de que todas as coisas são finitas. Os poderes oraculares de meu senhor traçaram seu curso para este lugar?

Paul tamborilou os dedos sobre os braços do trono. O mentat buscava dados, mas a pergunta o perturbara.

— Cheguei a esta posição através de decisões fortes... nem sempre divorciadas de minhas outras... habilidades.

— Decisões fortes — disse Hayt. — Elas harmonizam a vida de um homem. Pode-se tirar a têmpera dos melhores metais, aquecendo-os e permitindo que se resfriem sem os devidos cuidados.

— Está me distraindo com tagarelices Zensunni?

— Os Zensunni possuem outros caminhos para explorar, senhor, além da distração e da exibição.

Paul umedeceu os lábios com a língua, respirou fundo e ordenou seus próprios pensamentos na postura de compensação do mentat. Respostas negativas elevavam-se em torno dele. Não seria esperado que se distraísse com o ghola, esquecendo-se de suas outras tarefas. Não, não era isso. Por que um mentat Zensunni? Filosofia .. palavras... contemplação... busca interior... Sentiu a fraqueza de seus dados.

— Precisamos de mais dados — murmurou.

— Os fatos necessitados por um mentat não aderem a ele, como pólen num manto, quando se passa através de um campo florido — disse Hayt. — Deve escolher seu pólen cuidadosamente e examiná-lo sob poderosa ampliação.

— Deve ensinar-me essa habilidade Zensunni com retórica — disse Paul.

Os olhos metálicos brilharam por um momento.

— Meu senhor, talvez seja esse o objetivo.

“Tolher minha vontade com palavras e idéias”, imaginou Paul.

— As idéias devem ser mais temidas quando se transformam em ações — disse.

— Mande-me embora, senhor — pediu Hayt, e era a voz de Duncan Idaho, cheia de preocupação para com seu “jovem mestre”.

Paul sentiu-se aprisionado por aquela voz. Não podia mandá-la embora, mesmo vinda de um ghola.

— Você ficará — disse. — Ambos teremos extrema cautela.

Hayt curvou-se em submissão.

Paul olhou para o orifício-espião, suplicando para que Alia tomasse esse presente de suas mãos e descobrisse seus segredos.

Gholas eram fantasmas para assustar crianças. Nunca pensara em conhecer um. Para conhecer este, precisava colocar-se acima de toda a

compaixão... e não tinha certeza de que poderia fazê-lo. Duncan... Duncan... Onde se encontraria Idaho nessa carne moldada sob medida? Não era carne... era um disfarce em forma de carne! Idaho estava morto para sempre, no piso de uma caverna de Arrakis. Seu fantasma fitava com olhos de metal. Dois seres colocados lado a lado nessa carne saída do túmulo. Um era uma ameaça, com sua força e sua natureza ocultas sob véus singulares.

Fechando os olhos, Paul permitiu que antigas visões escoassem através de sua consciência. Sentia os espíritos do amor e do ódio brotarem de um mar turbulento, onde nenhum recife se elevava acima do caos. Nenhum ponto de apoio sobre o qual pudesse observar a agitação.

“Por que nenhuma visão me mostrou esse Duncan Idaho? O que escondeu o Tempo de um oráculo? Outros oráculos, obviamente.”

Paul abriu os olhos, indagando:

— Hayt, você tem o poder da presciência?

— Não, meu senhor.

Havia sinceridade naquela voz. Era possível que o ghola não soubesse que possuía essa habilidade, é claro. Mas isso prejudicaria sua capacidade de trabalho como mentat. Qual seria o detalhe escondido no projeto?

Velhas visões erguiam-se em torno de Paul. Seria obrigado a escolher o pior caminho? O tempo distorcido sugeria a presença do ghola naquele futuro hediondo. Seria forçado a tomar essa trilha, não importando o que fizesse?

“Desligue-se... desligue-se... desligue-se... “

O pensamento repicava em sua mente.

Em sua posição acima de Paul, Alia sentara-se com o queixo descansando sobre a mão esquerda, enquanto olhava para o ghola. Uma atração magnética nesse Hayt estendia-se sobre ela.

A restauração dos Tleilaxu fornecera-lhe a juventude e uma intensidade inocente que a desafiavam. Entendia o apelo não-verbalizado de Paul. Quando falham os poderem de previsão, é hora de se voltar para os espiões verdadeiros e para os poderes físicos. Admirava-se, entretanto, da própria avidez em aceitar tal desafio. Sentia um desejo verdadeiro de estar junto desse homem novo, talvez tocá-lo.

“Ele é um perigo para nós dois”, pensou.

7

A verdade sofre com a análise excessiva.

— Antigo Ditado Fremen

— Reverenda Madre, estremeço ao vê-la em tais circunstâncias — disse Irulan.

Encontrava-se junto à porta da cela, medindo as dimensões daquele espaço com seus modos de Bene Gesserit. Tratava-se de um cubículo de três metros escavado com raios de corte nos veios da rocha marrom, abaixo do castelo de Paul. Como mobília, tinha uma frágil cadeira de cesto agora ocupada pela Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, um catre com cobertor marrom, sobre o qual se espalhava um baralho das novas cartas do Tarô de Duna, uma torneira de água com regulador acima de uma bacia de recuperação, e uma latrina Fremen com selos de umidade. Tudo escasso, primitivo. Uma luz amarelada saía de globos luminosos ancorados e engaiolados nos quatro cantos do teto.

— Já mandou avisar Lady Jessica? — indagou a Reverenda Madre.

— Sim, mas não espere que ela levante um dedo contra seu primogênito — respondeu Irulan.

Olhou para as cartas, que revelavam os poderosos voltando as costas aos suplicantes. A carta do Grande Verme encontrava-se debaixo da Areia Desolada. Um conselho para ser paciente. “Será que é preciso um tarô para ver isso?”, indagou-se Irulan.

Um guarda permanecia do lado de fora, observando-as através da janela de metavidro da porta. Irulan sabia que haveria outro monitorando esse encontro. Empregara muito planejamento e pensara bastante antes de se atrever a ir até ali. Permanecer afastada, entretanto, teria implicado outros perigos.

A Reverenda Madre estivera entregue à meditação prana, entremeada pelo exame do tarô. A despeito do sentimento de que nunca sairia de Arrakis viva, conseguira manter certa calma com relação a tudo isso. Os poderes oraculares de uma pessoa podem ser pequenos, mas águas turvas eram águas turvas. E sempre havia a litania contra o Medo.

Restava-lhe, ainda, assimilar a importância das ações que a tinham

precipitado nessa cela. Negras suspeitas pululavam em sua mente (e o tarô sugeria uma confirmação). Seria possível que a Corporação houvesse planejado tudo?

Um Qizara de manto amarelo, a cabeça raspada para receber um turbante, os olhos redondos de um azul total em uma face redonda e agradável, a pele coriácea pela exposição ao vento e ao sol de Arrakis, aguardara por ela na ponte de recepção do heighliner. Olhou-a por sobre um bulbo de café de especiaria, servido por um comissário subserviente, estudou-a por um momento, abaixando o bulbo.

— A senhora é a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam?

Repetir essas palavras em sua mente era reviver aquele instante em sua memória. Sua garganta havia-se apertado, num incontrolável espasmo de medo. Como um dos asseclas do Imperador tomara conhecimento de sua presença a bordo do heighliner?

— Soubemos que estava a bordo — disse o Qizara. — Já esqueceu que lhe é negada a permissão de colocar os pés no planeta sagrado?

— Não estou em Arrakis — respondera. — Sou passageira de um heighliner da Corporação em espaço livre.

— Não existe esse tal de espaço livre, madame.

Ela registrou o ódio, misturado com profunda suspeita, em seu tom de voz.

— O Muad'Dib governa em toda parte — acrescentara o Qizara.

— Arrakis não é meu destino — insistira a Reverenda Madre.

— Arrakis é o destino de todos — disse-lhe, e ela temeu, por um momento, que ele fosse lançar-se numa recitação do itinerário místico que os peregrinos seguiam. (Essa mesma nave transportara milhares de peregrinos.) Mas o Qizara puxara um amuleto dourado de debaixo do manto, beijara-o, tocando com ele a testa, para depois colocá-lo sobre o ouvido direito, escutando com atenção. Daí a pouco recolocou o amuleto no esconderijo.

— Foi-lhe ordenado que reúna sua bagagem e me acompanhe a Arrakis.

— Mas tenho negócios em outra parte!

Naquele momento, suspeitou de traição por parte da Corporação... ou exposição através de algum poder transcendental do Imperador ou de sua irmã. Afinal, talvez o Timoneiro não ocultasse a conspiração. Alia, a abominável, certamente possuía as habilidades de uma Reverenda Madre Bene Gesserit. Que acontecia quando esses poderes eram acoplados às forças que agiam em seu irmão?

— Vamos agora! — ordenou o Qizara.

Tudo nela gritava para que não colocasse novamente os pés nesse

amaldiçoado planeta deserto. Fora ali que Lady Jessica se voltara contra a Irmandade. Ali elas haviam perdido Paul Atreides, o kwisatz haderach que buscaram por longas gerações de cuidadosa procriação controlada.

— Agora — concordou.

— Temos pouco tempo — disse o Qizara. — Quando o Imperador ordena, todos os súditos obedecem.

"Assim, a ordem viera de Paul!"

Pensara em protestar ante o Navegador-Comandante do heighliner, mas a futilidade de tal gesto a conteve. O que a Corporação poderia fazer?

— O Imperador disse que devo morrer se colocar os pés em Duna! — explicou, num último e desesperado esforço. — Você mesmo falou isso. Vai me condenar se me levar lá para baixo.

— Não diga mais nada — sentenciou o Qizara. — Assim foi ordenado.

Era dessa forma que sempre falavam das ordens imperiais, bem o sabia. Ordenado! O sagrado governante, cujos olhos poderiam penetrar no futuro, falara. O que devia ser, seria. Ele havia visto, não havia?

Com o sentimento doentio de que acabara apanhada em uma teia que ela mesma tecera, voltara-se para obedecer.

E a teia tornara-se uma cela que Irulan podia visitar. Percebia que Irulan envelhecera um pouco desde o encontro em Wallach IX. Novas linhas de preocupação estendiam-se nos cantos de seus olhos. Bem... era hora de verificar se essa Irmã Bene Gesserit poderia obedecer a seus votos.

— Já tive alojamentos piores — disse a Reverenda Madre. — Vem da parte do Imperador? — Permitiu que seus dedos se movessem como se estivesse inquieta.

Irulan leu o movimento dos dedos, fazendo com que os seus se agitassem e transmitissem a resposta, enquanto falava: — Não... vim assim que soube que estava aqui.

— O Imperador não ficará furioso? — indagou a Reverenda Madre.

Novamente, seus dedos se moviam: imperativos, pressionando, exigindo.

— Deixe que fique furioso. A senhora foi minha professora na Irmandade, assim como foi a professora da mãe dele. Será que ele pensa que lhe vou voltar as costas assim como ela o fez? — E a linguagem dos dedos de Irulan pedia desculpas, implorava.

A Reverenda Madre suspirou. Na superfície, era o suspiro de um prisioneiro, lamentando seu destino, mas, interiormente, sentia a resposta como uma crítica a Irulan. Era tolice esperar que o precioso padrão genético do Imperador Atreides pudesse ser preservado através dela. Não importava sua beleza, essa Princesa era uma fraude. Debaixo daquele verniz de atração sexual,

vivia uma bruxa lamurienta, mais interessada em palavras que em ações. Entretanto, Irulan ainda era uma Bene Gesserit, e a Irmandade reservava certas técnicas para serem usadas em alguns de seus adeptos mais fracos, como garantia de que as instruções vitais seriam cumpridas.

Debaixo daquela conversa banal a respeito de um catre mais macio e comida melhor, a Reverenda Madre colocou em ação seu arsenal persuasivo e deu suas ordens: a união sexual entre irmão e irmã devia ser explorada. (Irulan quase sucumbiu ao receber essa ordem.)

— Devo ter minha chance! — imploraram os dedos de Irulan.

— Já teve sua chance — retrucou a Reverenda Madre.

E foi explícita em suas instruções: não estaria o Imperador sempre zangado com sua concubina? Seus poderes singulares deviam torná-lo muito solitário. A quem poderia falar com alguma esperança de ser compreendido? Com a irmã, obviamente, com quem compartilhava a solidão. A profundidade dessa comunhão devia ser explorada. Deviam-se criar oportunidades para reuni-los na privacidade. Deviam-se conseguir encontros íntimos entre os dois. A possibilidade de eliminação da concubina tinha de ser explorada. A mágoa dissolvia as barreiras tradicionais.

Irulan protestou. Se Chani fosse assassinada, as suspeitas cairiam imediatamente sobre a Princesa Consorte. Além disso, havia outros problemas. Chani adotara uma antiga dieta Fremen que, ao que se supunha, propiciava a fertilidade, eliminando toda possibilidade de administrar-lhe drogas contraceptivas. Com a eliminação do anticoncepcional, Chani se tornaria ainda mais fértil.

A Reverenda Madre ficou furiosa e ocultou isso com dificuldade, enquanto os dedos relampejavam suas exigências. Como essa informação não fora transmitida no começo da conversa? Como Irulan poderia ser tão estúpida? Se Chani concebesse e tivesse um filho, o Imperador o declararia seu herdeiro!

Irulan protestou, dizendo que entendia os perigos, mas que os genes poderiam não ser inteiramente perdidos.

“Maldita estupidez!”, praguejou a Reverenda Madre. Quem saberia que retenções e complicações genéticas Chani não poderia introduzir com sua raça Fremen selvagem? A Irmandade devia manter a linhagem pura! E um herdeiro renovaria as ambições de Paul, lançando-o em novos esforços no sentido de consolidar seu Império. A conspiração não poderia permitir tal contratempo.

Defensivamente, Irulan perguntou como poderia ter evitado que Chani experimentasse tal dieta.

Mas a Reverenda Madre não estava disposta a aceitar desculpas. Irulan recebeu instruções explicitas para enfrentar a nova ameaça. Se Chani

concebesse, um abortivo devia ser introduzido em sua comida ou bebida. Ou então deveria ser morte. Um herdeiro para o trono, partindo de tal fonte, devia ser evitado a todo custo.

Um abortivo seria tão perigoso quanto um ataque aberto contra a concubina, protestou Irulan. Tremia só de pensar em tentar matar Chani.

Seria Irulan intimidada pelo medo?, quis saber a Reverenda Madre, a linguagem dos dedos transmitindo profundo desdém.

Furiosa, Irulan assinalou que conhecia seu valor como agente na casa real. Desejaria a conspiração desperdiçar tão valiosa agente? Seria ela sacrificável? De que outro modo poderiam manter uma vigília tão minuciosa sobre o Imperador? Teriam introduzido um novo agente na casa? Era isso? Seria usada agora pela última vez, num ato de desespero?

Numa guerra, todos os valores adquirem novos relacionamentos, retrucou a Reverenda Madre. O maior perigo que enfrentavam era de que a Casa Atreides se afirmasse no poder com uma linhagem imperial. A Irmandade não poderia aceitar tamanho risco. Isso ultrapassava o perigo com relação ao padrão genético do Atreides. Se Paul estabilizasse sua família no trono, a Irmandade poderia aguardar séculos de descontinuidade em seus programas.

Irulan entendeu o argumento, mas não podia escapar ao sentimento de que fora tomada uma decisão no sentido de sacrificar a Princesa Consorte por algo de grande valor. Seria alguma coisa que ela deveria saber a respeito do ghola?, arriscou Irulan.

A Reverenda Madre quis saber se Irulan pensava que a Irmandade se compunha de tolas. Quando haviam falhado em comunicar a Irulan tudo que devia saber?

Não era uma resposta, mas a admissão de que algo fora ocultado, percebeu Irulan. Revelava que não lhe contavam mais do que aquilo que precisava saber.

Como poderiam estar certas de que o ghola seria capaz de destruir o Imperador?, indagou.

Poderia igualmente ter indagado se a melange era capaz de destruir, respondeu a Reverenda Madre.

Tratava-se de uma resposta que continha uma mensagem sutil, percebeu Irulan. O “chicote que instrui” das Bene Gesserit informava-lhe que devia ter entendido há muito tempo essa similaridade entre a especiaria e o ghola. A melange era valiosa, mas tinha um preço: o vício. Adicionava anos à vida de uma pessoa... décadas para alguns... mas era apenas outro modo de morrer.

O ghola era uma coisa mortalmente valiosa.

A maneira óbvia de evitar um nascimento indesejado era matar a mãe em

perspectiva antes da concepção, assinalou a Reverenda Madre, retornando ao ataque.

“É claro”, pensou Irulan, “se decidir gastar certa soma, consiga o que puder.”

Os olhos da Reverenda Madre, escuros com o brilho azul do vício da especiaria, observavam Irulan, medindo, esperando, captando minúcias.

“Ela me lê claramente”, pensou Irulan com desânimo. “Treinou-me, observando-me em seu treinamento. Sabe que percebo quais as decisões que aqui foram tomadas. Apenas observa para ver como aceito esse conhecimento. Bem, aceito-o como Bene Gesserit e como Princesa.”

Irulan conseguiu dar um sorriso, depois se colocou de pé, pensando na evocativa passagem de abertura da Litania contra o Medo: “Eu não temerei. O medo é o assassino da mente. O medo é a morte pequena que traz a obliteração total. Enfrentarei meu medo...”

Quando a calma retornara, pensou: “Deixe que me sacrifiquem. Eu lhes mostrarei o que vale uma princesa. Talvez lhes consiga mais do que esperavam.”

Após mais algumas palavras vazias para terminar a entrevista, Irulan partiu.

Quando se foi, a Reverenda Madre voltou às suas cartas de tarô, colocando-as no padrão “redemoinho de fogo”. Imediatamente, tirou o Kwisatz Haderach do Grande Arcano e a carta veio junto com o Oito de Naves: a sibila vendada e traída. Não eram cartas de bom augúrio; indicavam recursos secretos para seus inimigos.

Largou as cartas e se sentou inquieta, perguntando a si mesma se Irulan não poderia ainda destruí-las.

8

Os Fremen a vêem como o Símbolo da Terra, a semi-deusa cuja tarefa especial é proteger ar tribos através dos poderes de sua violência. Ela é a Reverenda Madre de suas Reverendas Madres. Para os peregrinos que a buscam com pedidos de que lhes restaure a virilidade ou torne férteis as estéreis, ela é uma forma de antimentat. Ela se alimenta da prova de que o "analítico" tem limitações. Representa a derradeira tensão. Ela é a virgem-meretriz-mordaz, cruel e tão destrutiva em seus caprichos quanto uma tempestade de coriólis.

— Santa Alia da Faca, de acordo com o Relatório de Irulan.

Alia erguia-se como uma sentinela em mantos negros sobre o terraço sul de seu Templo, o Santuário do Oráculo, que os soldados Fremen de Paul haviam construído para ela, contra uma das muralhas da fortaleza.

Odiava essa parte de sua vida, mas não conhecia meio de evitar o Templo sem trazer a destruição para todos eles. Os peregrinos (malditos sejam!) tornavam-se mais numerosos a cada dia. A entrada inferior do templo encontrava-se abarrotada deles. Ambulantes caminhavam entre os peregrinos e havia pequenos feiticeiros, arúspices, adivinhos, todos fazendo seu comércio numa desprezível imitação de Paul Muad'Dib e sua irmã.

Pacotes vermelhos e verdes contendo o novo Tarô de Duna sobressaíam entre as mercadorias dos vendedores, notou Alia. Indagava-se quanto ao tarô. Quem estaria introduzindo esse artigo no mercado Arrakeen? Por que o tarô ganhara proeminência nesse lugar e nessa época em particular? Seria devido ao Tempo Turvo? O vício da especiaria sempre conferia alguma sensibilidade para previsão. Os Fremen eram notoriamente infelizes. Seria acidental que tantos deles se envolvessem em profecias e presságios naquele momento e lugar? Decidiu-se a buscar uma resposta na primeira oportunidade.

Havia um vento de sudeste, um pequeno resto de vento contido pela escarpa da Muralha Escudo que se erguia, elevada, nessas regiões do norte. Sua orla brilhava, alaranjada, através de uma fina névoa de poeira iluminada de baixo pelo sol do entardecer. Era um vento quente contra sua face e a deixava saudosa da areia e da segurança dos espaços abertos.

A última multidão do dia começou a descer os amplos degraus de pedra verde da entrada inferior, algumas pessoas sozinhas, outras em grupos, algumas parando para olhar as lembranças e amuletos sagrados nas prateleiras dos ambulantes, outras consultando um último e insignificante feiticeiro. Peregrinos, suplicantes, gente da cidade, Fremen, vendedores encerrando os negócios do dia... formavam uma fila irregular que se afastava pela avenida ladeada de palmeiras que levava ao coração da cidade.

Os olhos de Alia percebiam os Fremen, notando a aparência congelada do espanto supersticioso em seus rostos, a maneira semi-selvagem com que mantinham distância dos outros. Eram sua força e seu perigo. Ainda capturavam vermes gigantescos para transporte, esporte ou sacrifício. Ressentiam-se com os peregrinos vindos de outros mundos, quase não toleravam o povo das cidades, vivendo nas panelas e fossos graben, odiavam o sarcasmo que percebiam nos vendedores de rua. Uma pessoa não esbarra num Fremen selvagem nem mesmo no meio de uma multidão como aquela, que fervilhava no Templo de Alia. Não ocorriam esfaqueamentos nos Distritos Sagrados, mas os corpos eram encontrados... mais tarde.

A partida da turba levantara a poeira. O cheiro de pedra pulverizada chegou às narinas de Alia, acendendo a dor da saudade do bled aberto. Seu sentido do passado, percebia, fora aguçado pela vinda do ghola. Houvera muito prazer naqueles dias livres, antes que seu irmão ocupasse o trono. Tempo para brincadeiras, tempo para pequenas coisas, tempo para apreciar o frio de uma manhã ou um poente, tempo... tempo... tempo. Até mesmo o perigo era bom naqueles dias. Um perigo claro, vindo de fontes conhecidas. Não havia necessidade de esforço nos limites da presciência, de olhar através de véus turvos em busca de frustrantes vislumbres do futuro.

Os Fremen selvagens tinham um ditado: “Quatro coisas não podem ser escondidas: o amor, a fumaça, um pilar de fogo e um homem caminhando através do bled aberto.”

Com súbito sentimento de repulsa, Alia recuou da plataforma, penetrando nas sombras do Templo. Caminhou ao longo da sacada que se abria sobre a brilhante opalescência do Salão dos Oráculos. A areia nos ladrilhos se friccionava sob seus pés, “Os suplicantes sempre arrastavam areia para dentro das Câmaras Sagradas!” Ignorou os servos, os guardas, os postulantes, os onipresentes sacerdotes-bajuladores do Qizarate, mergulhando na passagem espiral que se retorcia para cima em direção a seus alojamentos particulares. Lá, em meio a divãs, tapetes espessos, cortinas de tendas e outras lembranças do deserto, dispensou as amazonas Fremen que Stilgar colocara como suas guardas pessoais. “Vigias, mais provavelmente!” Quando partiram, resmungando

objeções, porém com mais medo dela que de Stilgar, Alia despiu o manto, conservando apenas a faca cristalina embainhada na tira de couro em torno de seu pescoço, deixando para trás as peças de roupa espalhadas enquanto caminhava para o banho.

Ele estava próximo, sabia — aquela sombra de homem que podia sentir em seu futuro, mas não podia ver. Aborrecia-lhe que nenhum poder de presciência pudesse acrescentar carne àquela silhueta. Ele podia ser sentido apenas em momentos inesperados, quando ela esquadrinhava as vidas de outros. Ou então percebia um contorno esfumaçado, delineado em solitária escuridão, quando a inocência se aliava ao desejo. Ele permanecia exatamente além de um horizonte não-fixado, e ela sentia que, se forçasse seus talentos, até uma intensidade inesperada, poderia vê-lo. Ele estava há... um assalto constante à sua consciência: violento, perigoso, imoral.

O ar quente e úmido a envolvia em sua banheira. Ali estava um hábito que aprendera com suas entidades-memória das incontáveis Reverendas Madres a se enfileirarem em sua consciência, como pérolas em um colar brilhante. Água, água morna em uma banheira cheia, aceitando sua pele enquanto deslizava para dentro dela. Azulejos verdes com figuras de peixes vermelhos num padrão marinho cercavam a água. Tal abundância de água ocupava esse espaço que um velho Fremen se teria sentido ultrajado ao vê-la sendo usada meramente para lavar a carne humana.

Ele estava próximo.

Era o desejo lutando contra a castidade, pensou. Sua carne ansiava por um companheiro. O sexo não continha qualquer mistério para uma Reverenda Madre que presidira as orgias nos sietch. A consciência tau de seus outros-eus poderia fornecer qualquer detalhe que sua curiosidade desejasse. Esse sentimento de proximidade poderia não ser nada mais do que carne desejando carne.

A necessidade de ação lutou contra a letargia da água morna.

De súbito, Alia se ergueu, gotejando para fora do banho, e caminhou nua e molhada para dentro da câmara de treinamento, ao lado de seu quarto. A câmara, oblonga e iluminada por clarabóias, continha instrumentos brutos e sutis para sensibilizarem uma adepta das Bene Gesserit até um estado final de consciência, preparo físico e mental. Havia ampliadores mnemônicos, moedores digitais de Ix para reforçar e sensibilizar os dedos das mãos e dos pés, sintetizadores de odor, sensitizadores táteis, campos de gradiente de temperatura, reveladores de padrões para evitar que ela caísse em hábitos discerníveis, treinadores de resposta às ondas Alfa, sincronizadores-pescadores para apurarem habilidades de análise no espectro de luz e sombra...

Em letras de dez centímetros ao longo de uma parede, escritas com sua própria mão em tinta mnemônica, aparecia o lembrete principal do credo Bene Gesserit:

“Antes de nós, todos os métodos de aprendizado foram maculados pelo instinto. Aprendemos a aprender. Antes de nós, pesquisadores dominados pelo instinto possuíam um campo de atenção limitado, frequentemente não abrangendo mais que o período de uma única vida. Projetos estendendo-se através de cinquenta ou mais gerações jamais lhes ocorriam. O conceito de treinamento total de músculos e nervos jamais penetraria em suas consciências.”

Enquanto caminhava para dentro da sala de treinamento, Alia percebia seu próprio reflexo multiplicado milhares de vezes nos prismas de cristal dos espelhos de esgrima, pendentes do coração de um boneco-alvo. Viu a longa espada esperando em seus suportes, de encontro ao alvo, e pensou: “Sim! Vou exercitar-me até a exaustão... drenar a carne e clarear a mente.”

A espada ajustou-se adequadamente à sua mão. Retirou a faca cristalina da bainha em seu pescoço, segurando-a com a mão esquerda, enquanto apertava o botão ativador com a ponta da espada.

A resistência tornou-se algo real, enquanto a aura do escudo no alvo se ampliava, impulsionando sua arma para longe de um modo lento, mas firme.

Os prismas brilharam. O alvo deslizou para a esquerda.

Alia o acompanhou com a ponta da lâmina longa, pensando, como frequentemente o fazia, que essa coisa poderia estar quase viva. Mas eram apenas servomotores e complexos circuitos refletores, projetados com o fim de atraírem o olhar para longe do perigo, confundindo e ensinando. Era um instrumento regulado para reagir como ela reagiria, um anti-eu que se movimentava enquanto ela se movimentava, equilibrando a luz em seus prismas, mudando seu alvo, oferecendo sua contra-lâmina.

Muitas lâminas pareceram projetar-se em sua direção, partindo dos prismas, mas somente uma era real. Aparou a verdadeira e deslizou com a espada através da resistência do escudo para tocar o alvo. Um marco luminoso acendeu-se: vermelho e brilhando entre os prismas... mais agitação mental.

Novamente a coisa atacou, movendo-se, agora, à velocidade de um marcador, apenas um pouco mais rápida do que fora no início.

Alia segurou o golpe e, contrariando toda cautela, moveu-se para dentro da zona de perigo, acertando com a faca cristalina.

Duas luzes brilharam nos prismas.

Uma vez mais, a coisa aumentou sua velocidade, movendo-se em seus rolamentos, atraída como um magneto pelos movimentos do corpo dela e pela ponta de sua espada.

Ataque — defesa — contra-ataque... Ataque — defesa — contra-ataque...

Tinha, agora, quatro luzes brilhando lá dentro, e a coisa se tornava mais perigosa, movendo-se cada vez mais depressa a cada luz, oferecendo mais áreas de confusão.

Cinco luzes.

O suor brilhava em sua pele nua. Alia habitava agora um universo cujas dimensões se delineavam na lâmina ameaçadora, no alvo, nos pés nus sobre o piso da área de treinamento, sentidos-nervos-músculos, movimento contra movimento.

Ataque — defesa — contra-ataque.

Seis luzes... sete...

Oito!

Nunca antes havia arriscado oito.

Em um recesso de sua mente, crescia um sentimento de urgência, um grito contra tamanha loucura. O instrumento de prismas e alvo não poderia pensar, sentir cautela ou remorso. E portava uma lâmina real. Lutar contra menos que isso contrariava o propósito de semelhante treinamento. Aquela lâmina investindo poderia aleijar ou matar. E os melhores espadachins do Império jamais enfrentavam mais que sete luzes.

Nove!

Alia experimentava um sentimento de suprema exaltação. A lâmina atacante e o alvo tornavam-se borrões dentro de borrões. Sentia que a espada em sua mão se tornara uma coisa viva. Era um anti-alvo. Não movia a lâmina, a lâmina é que a movia.

Dez!

Onze!

Alguma coisa relampejou por sobre seu ombro, reduziu a velocidade ao atingir a aura do escudo em torno do alvo, deslizou através dela e ativou a tecla de desligar. Prismas e alvo retorceram-se em seu caminho rumo à imobilidade.

Alia girou furiosa pela interrupção, mas sua reação foi transformada em tensão ante a consciência da suprema habilidade com que aquela faca fora atirada. Fora um lançamento cronometrado dentro do mais preciso apuro. Rápido o suficiente para penetrar na zona de escudo, mas não demasiado rápido para ser desviado.

E atingira um ponto a um milímetro do alvo de onze luzes.

Alia descobriu suas tensões e emoções diminuindo, de modo não muito diferente da parada do boneco-alvo. Não ficou inteiramente surpresa ao ver quem havia lançado a faca.

Paul encontrava-se bem dentro do portal da sala de treinamento, com

Stilgar três passos atrás. Os olhos de seu irmão estavam semicerrados pela raiva.

Alia, tornando-se consciente de sua nudez, pensou em se cobrir com alguma coisa, depois achou a idéia divertida. O que os olhos haviam visto não poderia ser apagada. Lentamente, recolocou a faca crislatina no prendedor da tira em seu pescoço.

— Eu devia saber — disse ela.

— Presumo que saiba quão perigoso foi isso — disse Paul.

Aproveitou para ler as reações no rosto e no corpo dela: o rubor do exercício colorindo-lhe a pele, a plenitude úmida de seus lábios. Havia uma inquietante feminilidade que nunca percebera antes em sua irmã. Achou estranho que pudesse olhar para uma pessoa que lhe era tão próxima e não mais reconhecê-la na moldura de identidade que lhe parecera tão fixa e familiar.

— Isso foi loucura — disse Stilgar, rouco, colocando-se ao lado de Paul.

As palavras eram de fúria, mas Alia notava admiração em sua voz, podia vê-la em seus olhos.

— Onze luzes — disse Paul, sacudindo a cabeça.

— Teria conseguido doze, se você não houvesse interferido — disse ela. Começou a empalidecer sob seu olhar firme, tão próximo. — E por que essas malditas coisas possuem tantas luzes se não devemos tentar atingi-las? — acrescentou.

— Uma Bene Gesserit deveria indagar quanto ao raciocínio que está por trás de um sistema aberto? — perguntou Paul.

— Suponho que nunca tentou além de sete! — disse ela, a raiva retornando. Sua postura atenta começava a aborrecê-la.

— Só uma vez — respondeu Paul. — Gurney Halleck me apanhou em dez. Minha punição foi tão embaraçosa que não vou lhe dizer o que ele fez. E falando de embaraços...

— Da próxima vez, talvez vocês se façam anunciar — disse ela.

Passou por Paul, esbarrando nele, e encontrou um roupão cinza no quarto de dormir. Vestiu-o e começou a escovar os cabelos diante do espelho da parede. Sentia-se suada, triste, em uma espécie de melancolia pós-coito que a deixava com vontade de tomar outro banho... e então ir dormir.

— Por que vieram até aqui? — quis saber Alia.

— Meu senhor — disse Stilgar, com uma estranha inflexão de voz que fez com que Alia se voltasse para fitá-lo.

— Estamos aqui por sugestão de Irulan — respondeu Paul.

— Por mais estranho que possa parecer. Ela acredita, e as informações em poder de Stilgar confirmam isso, que nossos inimigos se encontram a ponto de fazer uma grande tentativa no sentido de...

— Meu senhor! — repetiu Stilgar, a voz mais incisiva.

Enquanto seu irmão se voltava, indagador, Alia continuava a olhar para o velho Naib Fremen. Agora, alguma coisa nele a tornava intensamente consciente de que era um dos primitivos. Stilgar acreditava num mundo sobrenatural, muito próximo dele, com o qual falava em uma linguagem pagã muito simples, que eliminava todas as dúvidas. O universo natural onde se encontrava era violento, incontido, não possuindo a moral comum do Império.

— Sim, Stil — disse Paul. — Quer dizer a ela por que viemos?

— Esta não é a hora de falar no motivo de nossa vinda — respondeu Stilgar.

— Que há de errado, Stil?

Stilgar continuava fitando Alia.

— Senhor, está cego?

Paul voltou-se para sua irmã, sentindo uma ansiedade crescente. De todos os seus auxiliares, apenas Stilgar se atrevia a falar com ele naquele tom, mas mesmo Stilgar decidia quais as ocasiões em que isso era necessário.

— Essa aí deve ter um companheiro! — deixou escapar Stilgar. — Haverá problemas, e muito breve, se não se casar.

Alia virou-lhe as costas com rapidez, seu rosto subitamente quente. “Como ele me tocou?”, perguntava a si mesma. Seu auto-controle Bene Gesserit fora impotente para evitar sua reação. Como Stilgar fizera aquilo? Ele não possuía o poder da Voz.

Sentia-se espantada e furiosa.

— Ouçam o grande Stilgar! — disse Alia, mantendo as costas voltadas para ele, consciente da tonalidade aguda em sua voz, mas incapaz de ocultá-la. Conselho de Stilgar, o Fremen, para as donzelas.

— Como amo os dois, devo falar — disse Stilgar, uma profunda dignidade transparecendo em sua voz. — Não me tornei um chefe entre os Fremen sendo cego àquilo que une homens e mulheres. Ninguém precisa de poderes misteriosos para isso.

Paul refletiu sobre o significado nas palavras de Stilgar, reexaminando o que haviam visto ali, bem como sua própria e inegável reação masculina para com a irmã. Sim, havia uma aparência de excitação sexual em Alia, alguma coisa selvagemente lasciva. O que a fizera entrar na prática de solo completamente nua? E arriscar a vida daquele modo tolo! Onze luzes nos prismas de esgrima! Aquele autômato descerebrado erguia-se em sua mente com todos os aspectos de uma ancestral criatura de horror. Possuí-lo era a moda dessa era, símbolo de status, mas carregava consigo também o verniz da antiga imoralidade. Em certa época, haviam sido guiados por inteligências artificiais,

cérebros-computadores. O Jihad Butleriano terminara com isso, mas não acabara com a aura de vício aristocrático que envolvia tais coisas.

Stilgar estava certo, obviamente. Teriam que encontrar um companheiro para Alia.

— Cuidarei disso — disse Paul. — Alia e eu discutiremos o assunto mais tarde, em particular.

Alia voltou-se, sua atenção focalizada em Paul. Sabendo como sua mente funcionava, percebia que fora alvo de uma decisão mentat, de incontáveis bits caindo juntos naquela análise de computador humano. Havia algo de inexorável nessa realização.

Um movimento como o dos planetas, que possuía algo da ordem universal, inevitável e aterradora.

— Senhor — insistiu Stilgar. — Talvez nós...

— Não agora! — retrucou Paul. — Temos outros problemas no momento.

Ciente de que não se atreveria a enfrentar a lógica de seu irmão, Alia colocou de lado os últimos momentos, à maneira das Bene Gesserit, e disse:

— Irulan mandou vocês? — Sentia certa ameaça nesse pensamento.

— Indiretamente — respondeu Paul. — A informação que ela nos deu confirma nossas suspeitas de que a Corporação está prestes a tentar obter um verme da areia.

— Tentarão capturar um dos pequenos, na tentativa de começar o ciclo da especiaria em algum outro mundo — explicou Stilgar. — Significa que encontraram um mundo que consideram adequado.

— Significa que possuem cúmplices Fremen! — argumentou Alia. — Nenhum estrangeiro seria capaz de capturar um verme!

— É lógico — disse Stilgar.

— Não, não é — respondeu Alia. Estava enfurecida por tal estupidez. — Paul, certamente você...

— A podridão está se espalhando — disse ele. — Todos nós já sabíamos disso há algum tempo. Nunca vi esse outro mundo e isso me incomoda. Se eles...

— Isso o incomoda? — reclamou Alia. — Só significa que ocultam sua localização com Timoneiros, da mesmo maneira como ocultam seus santuários.

Stilgar abriu e fechou a boca sem falar. Tinha a demolidora sensação de que seus ídolos haviam admitido uma fraqueza profana.

Paul, sentindo a inquietação de Stilgar, acrescentou:

— Temos um problema imediato! Quero sua opinião, Alia. Stilgar sugere que ampliemos nossas patrulhas sobre o bled aberto e reforcemos a vigília nos sietch. É bem possível que pudéssemos localizar um grupo de desembarque e evitar que...

— Com um Timoneiro a guiá-los? — indagou Alia.

— Eles estão desesperados, não estão? — concordou Paul. — É por isso que estou aqui.

— Que será que eles viram e nós não? — quis saber Alia.

— Justamente.

Alia assentiu com a cabeça, recordando seus pensamentos a respeito do novo Tarô de Duna. Logo enumerou seus temores.

— Estão lançando um cobertor sobre nós — disse Paul.

— Com patrulhas adequadas — arriscou Stilgar —, poderíamos evitar o...

— Não se evita nada... para sempre — respondeu Alia.

Não gostava do modo como sentia funcionar agora a mente de Stilgar. Ele estreitara sua alçada, eliminara coisas obviamente essenciais. Esse não era o Stilgar de que se recordava.

— Devemos admitir que conseguirão um verme — disse Paul.

— Se serão capazes de iniciar o ciclo da melange em outro mundo, já é questão diferente. Precisarão de algo mais que um verme.

Stilgar fitou os irmãos. Com o pensamento ecológico enraizado nele pela vida no sietch, compreendia o que queriam dizer. Um verme aprisionado não viveria senão dentro de um pedaço de Arrakis... — o plâncton da areia, os Pequenos Produtores e tudo mais. O problema da Corporação era grande, mas não impossível de ser solucionado. Sua crescente incerteza concentrava-se em uma área diferente.

— Então suas visões não detectam a Corporação trabalhando? — indagou.

— Maldição! — explodiu Paul.

Alia observou Stilgar sentindo o violento choque de idéias secundárias que ocorria em sua mente. Ele se debruçava sobre uma linha de encantamentos. Mágica! Mágica! Vislumbrar o futuro significava roubar um fogo terrível da chama sagrada.

Continha a atração derradeira do perigo extremo, almas arriscadas e perdidas. Alguém trouxera de volta, daquelas distâncias informes e perigosas, uma coisa que tinha forma e poder. Mas Stilgar começava a sentir outras forças, talvez poderes maiores, além daquele horizonte desconhecido. Sua Bruxa Rainha e seu Amigo Feiticeiro traíam uma perigosa fraqueza.

— Stilgar — disse Alia, lutando contra a vontade de segurá-lo pelos ombros —, você se coloca num vale entre dunas, eu fico na crista. Vejo onde você não vê. E, entre outras coisas, vejo montanhas que ocultam as distâncias.

— Existem coisas ocultas para vocês — concordou Stilgar. — Isso sempre admitiram.

— Todo poder é limitado — disse Alia.

— E o perigo pode surgir por detrás das montanhas — comentou Stilgar.

— É alguma coisa dessa ordem — concordou Alia.

Stilgar concordou com a cabeça, o olhar voltado para o rosto de Paul.

— Mas, seja o que for que venha por trás das montanhas, terá que cruzar as dunas.

9

O jogo mais perigoso do universo é governar sob uma base oracular. Não nos consideramos suficientemente bravos ou sábios para jogar esse jogo. As medidas detalhadas aqui, para regularem questões menores, encontram-se tão próximas das fronteiras do governo quanto nos arriscamos a nos aventurar. Para nossos propósitos, tomamos emprestada uma definição das Bene Gesserit e consideramos os vários mundos como reservatórios de genes, fontes de ensinamentos e de mestres, fontes de possibilidades. Nosso objetivo não é governar, mas colher nesses reservatórios genéticos, aprendendo e nos tornando livres de todas as restrições impostas por nossas dependências e pelo governo.

— "A Orgia como Ferramenta de Governo",
Capítulo Três de O Timoneiro da Corporação

— Foi lá que seu pai morreu? — perguntou Edric, lançando um feixe de raio indicador, do interior de seu tanque, até uma marca em forma de jóia em um dos mapas de relevo que adornavam a parede do salão de recepções de Paul.

— Aquele é o Santuário do Crânio — respondeu Paul. — Meu pai morreu prisioneiro em uma fragata Harkonnen na depressão abaixo de nós.

— Oh, sim, lembro-me da história agora — disse Edric. — Alguma coisa com relação à morte do Barão Harkonnen, seu velho inimigo mortal.

Esperando não revelar em demasia o terror que lhe impunham ambientes pequenos e fechados como essa sala, Edric enrolou-se dentro do gás alaranjado, dirigindo seu olhar para Paul, sentado num longo divã listrado de cinza e negro.

— Minha irmã matou o Barão — disse Paul com voz e modos frios. — Pouco antes da batalha de Arrakeen.

E por que, perguntava a si mesmo, o homem-peixe da Corporação reabria velhas feridas nesse lugar e nessa ocasião?

O Timoneiro parecia estar lutando uma batalha perdida no sentido de conter suas energias nervosas. Estavam ausentes os lânguidos movimentos de peixe do encontro anterior. Os minúsculos olhos de Edric viravam-se para um lado e para outro, com movimentos bruscos... questionando, avaliando. O único servo que o acompanhara permanecia destacado, próximo à linha de guardas do

palácio, enfileirada na extremidade da parede à esquerda de Paul. O criado preocupava Paul. Era corpulento, de pescoço grosso, com rosto vazio e idiota. O homem havia entrado no salão empurrando o tanque de Edric ao longo de seu campo sustentador, caminhava de modo estranho e agora estava com os braços separados, as mãos nos quadris.

“Scytale” fora o nome que Edric usara. “Scytale, um servo.”

A aparência superficial do ajudante era de uma estupidez gritante, mas os olhos o traíam. Riam de tudo que viam.

— Sua concubina pareceu apreciar a performance dos Dançarinos Faciais — comentou Edric. — Fico satisfeito por ter podido proporcionar esse pequeno entretenimento. Particularmente, apreciei a reação dela ao ver suas próprias feições repetidas por todo O grupo.

— Não há uma advertência quanto a homens da Corporação trazerem presentes? — indagou Paul.

Pensou no espetáculo lá fora, no Grande Salão. Os Dançarinos haviam entrado usando as roupas e a aparência das figuras do Tarô de Duna, lançando-se em padrões aparentemente casuais que se desenvolviam em redemoinhos de fogo e antigas configurações proféticas. Então chegaram os governantes. Uma parada de reis e imperadores como faces de moedas, formais e rígidos em seus contornos, mas curiosamente fluidos. E as piadas: uma réplica do corpo e do rosto de Paul, Chani repetindo-se através do piso do salão, e até mesmo Stilgar, que resmungara e estremecera enquanto os outros riam.

— Mas nossos presentes foram dados com a melhor das intenções — protestou Edric.

— Como vocês são amáveis — respondeu Paul. — Mas o ghola que nos deu acredita ter sido projetado para nos destruir.

— Destruí-lo, senhor? — indagou Edric, todo atencioso. — Pode alguém destruir um deus?

Stilgar, que entrava, ouviu essas últimas palavras, parou e olhou furioso para os guardas. Estavam mais afastados de Paul do que gostaria. Aborrecido, gesticulou para que se aproximassem.

— Está tudo bem, Stil — disse Paul, erguendo a mão. — Apenas uma discussão amigável. Por que não traz o tanque do Embaixador para a extremidade de meu divã?

Stilgar, avaliando a ordem, percebeu que aquilo colocaria o tanque do Timoneiro entre Paul e o volumoso ajudante, demasiado próximo de Paul, mas...

— Está tudo bem, Stil — repetiu Paul, fazendo o sinal particular com a mão que tornava a ordem um imperativo.

Movendo-se com óbvia relutância, Stilgar empurrou o tanque para junto

de Paul. Não apreciara a sensação do tanque ou o forte perfume de melange em torno dele. Tomou posição a um canto do recipiente, abaixo do engenho orbitante através do qual falava o Timoneiro.

— Matar um deus — disse Paul. — Isso é muito interessante. Mas quem diz que sou um deus?

— Aqueles que o veneram — respondeu Edric, olhando de modo incisivo para Stilgar.

— É nisso que acredita? — indagou Paul.

— No que acredito, senhor, não vem ao caso. É evidente à maioria dos observadores, entretanto, que o senhor conspira para se tornar um deus. E pode-se perguntar se isso é coisa que um mortal possa fazer... em segurança.

Paul avaliava o homem da Corporação. Criatura repelente, mas perceptiva. Era uma pergunta que Paul fizera a si mesmo diversas vezes. Entretanto, vira um número suficiente de linhas de Tempo alternativas para conhecer possibilidades muito piores do que a de aceitar a deificação. Muito piores. Essas não eram, porém, as possibilidades normais de uma sondagem de Timoneiro. Curioso. Por que essa pergunta fora enunciada? O que Edric esperaria ganhar com tal insulto? Os pensamentos de Paul agitavam-se — salto (a associação dos Tleilaxu estaria por trás desse movimento) — salto (a recente vitória do Jihad em Sembou influenciaria as ações de Edric) — salto (vários credos das Bene Gesserit mostravam-se aqui) — salto...

Um processo que envolvia vários milhares de bits de informação derramava-se através de sua consciência computacional.

Levou uns três segundos.

— Estará um Timoneiro questionando as linhas de orientação da presciência? — indagou Paul, colocando Edric em terreno onde era mais fraco.

Isso perturbou o Timoneiro, mas ele se defendeu bem, respondendo com o que pareceu um longo aforismo:

— Nenhum homem inteligente questiona os fatos da presciência, senhor. A visão oracular tem sido conhecida pelo homem desde os tempos mais antigos. Ela tem um modo de nos enredar quando menos suspeitamos. Felizmente, existem outras forças em nosso universo.

— Maiores que a presciência? — perguntou Paul, pressionando-o.

— Se apenas a presciência existisse, realizando tudo, senhor, ela se aniquilaria a si própria. Nada, exceto a presciência? Onde poderia ser aplicada, senão em seus próprios movimentos degenerados?

— Existe sempre a condição humana — concordou Paul.

— Uma condição no mínimo muito precária. Sem confundi-la com alucinações.

— Minhas visões serão nada mais que alucinações? — indagou Paul, com uma tristeza fingida na voz. — Ou está sugerindo que meus seguidores estão alucinados?

Stilgar, sentindo a tensão crescente, deu um passo para junto de Paul, fixando a atenção sobre o Timoneiro reclinado em seu tanque.

— Deturpa minhas palavras, senhor — protestou Edric. Havia um curioso sentimento de violência nas palavras dele.

“Violência aqui?”, admirou-se Paul. “Não se atreveriam! A menos (e olhou para os guardas) que as forças que me protegem sejam usadas para me substituir.”

— Mas você me acusa de conspirar para me tornar um deus — disse Paul, modificando o tom de voz de maneira a que apenas Edric e Stilgar pudessem ouvi-la. — Conspirar?

— Uma escolha pobre de palavras, talvez, meu senhor — disse Edric.

— Mas significativa — respondeu Paul. — Revela que espera o pior de mim.

Edric curvou o pescoço, olhando de esguelha para Stilgar com visível preocupação.

— As pessoas sempre esperam o pior dos ricos e dos poderosos, senhor. Costuma-se dizer que uma pessoa pode sempre reconhecer um aristocrata porque este revela apenas os vícios que o tornarão popular.

Um tremor percorreu o rosto de Stilgar.

Paul notou-lhe os movimentos, sentindo os pensamentos e ódios sussurrando na mente do companheiro. Como esse homem da Corporação se atrevia a falar assim com o Muad’Dib?

— Não está brincando, é claro — comentou.

— Brincando, senhor?

Paul tornou-se consciente da secura em sua boca. Sentia haver pessoas em demasia dentro da sala, que o ar que respirava passara através de muitos pulmões. A marca da melange do tanque de Edric revelava-se ameaçadora.

— E quais poderiam ser seus cúmplices nessa conspiração? — perguntou pouco depois. Apontaria o Qizarate?

O encolher de ombros de Edric agitou o gás alaranjado em torno de sua cabeça. Não mais parecia preocupado com Stilgar, embora o Fremen continuasse a fitá-lo com raiva.

— Está sugerindo que meus missionários das Ordens Sagradas, todos eles, estão pregando sutis falsidades — insistiu Paul.

— Podia ser uma questão de auto-interesse e sinceridade — respondeu Edric.

Stilgar levou a mão à faca cristalina sob seu manto.

Paul sacudiu a cabeça e disse:

— Então me acusa de insinceridade?

— Não estou certo de que acusar seja a palavra adequada, senhor.

“O atrevimento dessa criatura!”, pensou Paul, dizendo a seguir:

— Acusando ou não, está dizendo que meus bispos e eu não somos melhores do que bandoleiros sedentos de poder.

— Sedentos de poder, senhor? — Novamente, Edric olhou para Stilgar. — O poder tende a isolar aqueles que o acumulam em demasia. Acaba-se perdendo o contato com a realidade... e se cai.

— Meu senhor! — resmungou Stilgar. — Já mandou executar homens por muito menos!

— Homens, sim — concordou Paul. — Mas esse é um Embaixador da Corporação.

— Ele o acusa de fraude profana! — disse Stilgar.

— Suas idéias me interessam, Stil. Contenha sua raiva e permaneça alerta.

— Como o Muad’Dib ordenar.

— Diga-me, Timoneiro — continuou Paul. — Como poderia manter essa fraude hipotética sobre tão enormes distâncias de espaço e de tempo sem meios de vigiar cada missionário, verificar cada nuance em cada convento e templo Qizarate?

— Que é o tempo para o senhor? — indagou Edric.

Stilgar franziu a testa, obviamente intrigado. E pensou: “O Muad’Dib diz com frequência que vê através dos véus do tempo. Que está realmente dizendo o homem da Corporação?”

— A estrutura de tal fraude não começaria a apresentar fendas? — indagou Paul. — Desacordos significativos, cismas... dúvidas, confissões de culpa... Certamente, uma fraude não pode suprimir tudo isso.

— O que a religião e o auto-interesse não puderem ocultar, os governos podem — respondeu Edric.

— Está testando os limites de minha tolerância?

— Será que meus argumentos carecem de méritos? — retrucou Edric.

“Será que ele deseja que o matemos?”, indagou Paul a si próprio. “Estará Edric oferecendo-se em sacrifício?”

— Prefiro o ponto de vista céptico — disse Paul, testando-o. — Você, obviamente, foi treinado em todos os truques enganadores da política, os duplos significados e as palavras do poder. A linguagem nada mais é que uma arma para você, e com ela testa minha armadura.

— O ponto de vista céptico — disse Edric, com um sorriso ampliando-se

em sua boca. — E os governantes são notoriamente cépticos no que concerne à religião. A religião também é uma arma. E que tipo de arma a religião se torna quando transformada em governo?

Paul sentiu-se imobilizar interiormente, uma profunda cautela apoderando-se dele. Para quem estaria Edric falando? Malditas palavras de esperteza, carregadas com a manipulação de equilíbrios. Que tons subjacentes de humor confortável, o ar implícito de segredos compartilhados: suas maneiras revelavam que ele e Paul eram dois homens sofisticados de um universo mais vasto, que entendiam coisas inacessíveis ao povo. Com um sentimento de choque, Paul percebeu que não havia sido o alvo principal dessa retórica. Essa aflição em visita à Corte estivera falando para os outros, para Stilgar e os guardas do palácio... Talvez mesmo para o servo corpulento.

— O manto religioso foi lançado sobre mim — disse Paul. — Não o busquei. E pensou: “Aí está! Deixe que esse homem-peixe se julgue vitorioso em nossa guerra de palavras!”

— Então, por que não o repudiou, senhor? — indagou Edric.

— Por causa de minha irmã, Alia — respondeu Paul, observando Edric com muito cuidado. — Ela é uma deusa. Deixe-me acautelá-lo no que concerne a Alia, para que ela não o mate com seu olhar.

Um sorriso maligno começou a esticar a boca de Edric, mas logo foi substituído por uma aparência chocada.

— Estou falando muitíssimo sério — acrescentou Paul, observando o choque se espalhar, vendo Stilgar acenar afirmativamente.

Com voz desanimada, Edric respondeu:

— Feriu minha confiança no senhor. E, sem dúvida, era a sua intenção.

— Não se sinta certo quanto a conhecer minha intenção — disse Paul, fazendo sinal a Stilgar de que a audiência estava terminada.

Ante o gesto indagador de Stilgar, perguntando se Edric deveria ser assassinado, Paul fez com a mão um sinal negativo, ampliando com um imperativo para evitar que Stilgar tornasse a questão em suas próprias mãos.

Scytale, o ajudante de Edric, caminhou para o canto traseiro do tanque, empurrando-o em direção à porta. Quando passou diante de Paul, parou, voltando-lhe o olhar risonho e dizendo:

— Se meu senhor permite?

— Sim, o que é? — perguntou Paul, notando como Stilgar se aproximava em resposta à ameaça implícita desse homem.

— Alguns dizem — disse Scytale — que as pessoas se agarram à liderança imperial porque o espaço é infinito. Sentem-se solitárias sem um símbolo unificador. E, para gente solitária, o Imperador representa um lugar

definido. Podem voltar-se em direção a ele e dizer: “Vejam, lá está Ele. Ele nos torna unidos.” Talvez a religião sirva ao mesmo propósito, meu senhor.

Scytale balançou a cabeça, satisfeito, e deu outro impulso ao tanque de Edric. Ambos saíram do salão, Edric deitado de costas em seu tanque, com os olhos fechados. O Timoneiro parecia exausto, todas as suas energias nervosas exauridas.

Paul fitou pelas costas a figura bamboleante de Scytale, admirando-se com as palavras do homem. Um sujeito peculiar, esse Scytale. Enquanto estava falando, irradiava a impressão de ser muitas pessoas, como se toda sua herança genética aparecesse exposta em sua pele.

— Isso foi estranho — comentou Stilgar, sem se dirigir a ninguém em particular.

Paul levantou-se do divã, enquanto os guardas fechavam a porta atrás de Edric e sua escolta.

— Estranho — repetiu Stilgar, uma veia pulsando em sua têmpora.

Paul reduziu as luzes do salão e caminhou para uma janela que se abria em ângulo sobre a muralha. Luzes brilhavam bem abaixo, um movimento de pigmeus. Uma equipe de trabalho trazia gigantescos blocos de plasmeld para consertar a fachada do templo de Alia, danificada por um golpe de vento carregado de areia.

— Foi uma tolice, Usul, convidar essa criatura para vir a estes alojamentos — disse Stilgar.

“Usul”, pensou Paul. “Meu nome de sietch. Stilgar recorda-me que já me governou, que me salvou do deserto.”

— Por que fez isso? — insistiu Stilgar, falando junto de Paul.

— Dados — respondeu. — Precisamos de mais dados.

— Não é perigoso tentar enfrentar essa ameaça apenas como um mentat?

“Essa foi perspicaz”, pensou Paul.

A computação mentat permanecia finita. Não se pode dizer alguma coisa infindável dentro dos limites de qualquer linguagem. Entretanto, as habilidades mentat tinham seus usos. Ele disse isso, desafiando Stilgar a refutar-lhe o argumento.

— Mas alguma coisa sempre permanece do lado de fora — respondeu Stilgar. — Alguma coisa que é melhor deixar de fora.

— Ou de dentro — acrescentou Paul.

E aceitou, por um instante, sua própria fusão oráculo-mentat, Por fora, sim. E dentro: lá estava o verdadeiro horror. Como poderia proteger-se de si próprio? Eles certamente o estavam preparando para se auto-destruir, mas essa era uma situação cercada de possibilidades ainda mais aterrorizantes.

Seu devaneio foi interrompido pelo som de rápidas passadas.

A figura de Korba, o Qizara, surgiu na porta, iluminada por trás pela luz brilhante dos corredores. Entrou como que empurrado por uma força invisível e parou quase imediatamente ao encontrar a penumbra do salão. Suas mãos pareciam cheias de rolos de shigawire. Brilhavam, sob a iluminação do corredor, como estranhas jóias arredondadas que se apagaram quando a mão de um guarda fechou a porta.

— Está aí, meu senhor? — perguntou Korba, fitando nas sombras.

— O que é? — indagou Stilgar.

— Stilgar?

— Estamos ambos aqui. O que é?

— Sinto-me perturbado pela recepção ao homem da Corporação.

— Perturbado? — indagou Paul.

— As pessoas dizem, meu senhor, que está honrando seus inimigos.

— Isso é tudo? São esses os rolos que lhe pedi para trazer antes? — Paul indicou os globos de shigawire nas mãos de Korba.

— Rolos... ah! Sim, meu senhor. São as histórias. Vai vê-las aqui?

— Já vi todas. Quero-as para Stilgar.

— Para mim? — indagou Stilgar.

Sentiu crescer o ressentimento pelo que interpretava como capricho da parte de Paul. Histórias! Stilgar procurara Paul bem cedo para discutir as computações logísticas com referência à conquista de Zabulon. A presença do Embaixador da Corporação os havia interrompido. E agora, era Korba com essas histórias!

— Quanto sabe a respeito da história? — disse Paul, estudando o homem a seu lado.

— Meu senhor, posso citar o nome de cada mundo que nosso povo tocou em suas migrações. Conheço as extensões imperiais...

— A Idade de Ouro da Terra. Já a estudou?

— Terra? Idade de Ouro? — Stilgar estava irritado e intrigado.

Por que Paul desejava discutir os mitos da aurora dos tempos? A mente de Stilgar sentia-se entulhada com dados sobre Zabulon... computações da equipe de mentats: duzentas e cinco fragatas de ataque com trinta legiões, batalhões de apoio, estruturas de pacificação, missionários Qizarate... as necessidades de alimentação (tinha os números na mente) e a melange... armamentos, uniformes, medalhas... urnas para as cinzas dos mortos... o número de especialistas: homens para produzirem a matéria bruta da propaganda, contadores, funcionários... espiões... e espiões para vigiarem os espiões...

— Trouxe a ligação do sincronizador de pulsos também, meu senhor —

acrescentou Korba.

Obviamente, sentira as tensões aumentando entre Paul e Stilgar e encontrava-se perturbado por elas.

Stilgar sacudiu a cabeça negativamente. “Sincronizador de pulsos”? Por que Paul desejaria que ele usasse o sistema de excitação mnemônica com o projetor de shigawire? Por que esquadrinhar em busca de dados históricos específicos? Isso era trabalho de mentat! Como de hábito, Stilgar sentia-se incapaz de fugir a uma profunda suspeita ao pensar em usar o projetor e seus acessórios. A coisa sempre o imergia em sensações perturbadoras, uma chuva esmagadora de dados que sua mente separava depois, surpreendendo-o com informações que não julgara possuir.

— Senhor, trouxe as computações Zabulon — disse.

— Desidrate as computações Zabulon! — retrucou Paul, usando o termo obsceno dos Fremen, significando que ali havia um tipo de umidade que nenhum homem devia rebaixar-se em tocar.

— Meu senhor!

— Stilgar — disse Paul —, você precisa urgentemente de um senso de equilíbrio que só pode vir do entendimento dos efeitos a longo prazo. A pouca informação que temos sobre os tempos antigos, a ninharia de dados deixados pelos butlerianos, acaba de ser trazida por Korba. Comece por Gengis Khan.

— Gengis... Khan? Era membro dos Sardaukar, meu senhor?

— Oh, muito antes disso. Ele matou... talvez quatro milhões de pessoas.

— Devia ter um armamento formidável para matar tanta gente, senhor. Raios laser talvez, ou...

— Ele não as matou pessoalmente, Stil. Matou da maneira que eu mato, enviando suas legiões. Há um outro Imperador que gostaria que observasse de passagem... Hitler. Este matou mais de seis milhões. Muito bom para aqueles dias.

— Matou... com suas legiões? — perguntou Stilgar.

— Sim.

— Não são estatísticas muito impressionantes, meu senhor.

— Muito bem, Stil. — Paul olhou para os rolos nas mãos de Korba, que permanecia com eles, como se desejasse poder largá-los no chão e correr. — Estatísticas. Em uma estimativa conservadora, matei sessenta e um bilhões, esterilizei noventa planetas, desmoralizei completamente outros quinhentos. Exterminei os seguidores de quarenta religiões que existiam, desde os...

— Infiéis! — protestou Korba. — Infiéis, todos eles!

— Não — disse Paul. — Fiéis.

— Meu soberano está brincando — disse Korba, a voz trêmula. — O

Jihad trouxe dez mil mundos para debaixo da luz resplandecente do...

— Para a escuridão — insistiu Paul. — Levaremos cem gerações para nos recuperar do Jihad do Muad'Dib. Acho difícil imaginar que alguém possa superar isso. — Uma risada rouca emergiu de sua garganta.

— O que diverte o Muad'Dib? — indagou Stilgar.

— Não estou me divertindo. Tive meramente uma súbita visão do Imperador Hitler dizendo alguma coisa similar. Sem dúvida, ele o fez.

— Nenhum outro governante jamais possuiu seus poderes — argumentou Korba. — Quem se atreveria a desafiá-lo? Suas legiões controlam o universo conhecido e todo o...

— As legiões controlam — repetiu Paul. — Pergunto-me se elas sabem disso.

— O senhor controla suas legiões! — interrompeu Stilgar, e era óbvio, pelo tom de sua voz, que sentia repentinamente sua posição naquela cadeia de comando, sua própria mão guiando todo aquele poder.

Tendo colocado os pensamentos de Stilgar em movimento na direção em que desejava, Paul voltou toda a atenção para Korba, dizendo:

— Coloque os rolos aqui no divã. — Enquanto Korba obedecia, Paul acrescentou: — Como vai a recepção, Korba? Minha irmã está controlando tudo bem?

— Sim, meu senhor. — O tom de Korba era cauteloso. — E Chani observa do orifício. Ela suspeita que possa haver Sardaukar em meio ao séquito da Corporação.

— Sem dúvida, ela tem razão — disse Paul. — Os chacais se reúnem.

— Bannerjee — disse Stilgar, citando o nome do chefe da segurança de Paul — estava preocupado antes, temeroso de que alguns deles pudessem penetrar nas áreas particulares do castelo.

— E o fizeram?

— Ainda não.

— Mas havia alguma confusão nos jardins formais — acrescentou Korba.

— Que tipo de confusão? — quis saber Stilgar.

Paul assentiu.

— Estranhos indo e vindo, pisando nas plantas, sussurrando. Ouvi relatos de comentários perturbadores.

— Tais como? — indagou Paul.

— "Então, é assim que são gastos os nossos impostos?" Disseram-me que o próprio Embaixador fez a mesma pergunta.

— Não acho surpreendente. Havia muitos estranhos nos jardins?

— Dúzias, meu senhor.

— Bannerjee colocou tropas escolhidas diante das portas mais vulneráveis, meu senhor — disse Stilgar.

Enquanto falava, voltou-se, permitindo que a única luz remanescente no salão iluminasse metade de seu rosto. A iluminação peculiar, o rosto, tudo alcançou um fragmento de lembrança na mente de Paul. Alguma coisa dos tempos no deserto. Paul não se incomodou de lembrá-la por inteiro, sua atenção agora focalizada em como Stilgar recuara mentalmente. O Fremen tinha uma testa de pele lisa, que espelhava quase todos os pensamentos que lhe cruzavam a mente. Sentia suspeitas agora, suspeitas profundas quanto ao comportamento estranho do Imperador.

— Não gosto da intrusão em nossos jardins — disse Paul.

— Cortesia para com os convidados é uma coisa, assim como as necessidades formais de se saudar um enviado. Mas isso...

— Cuidarei para que sejam removidos de lá imediatamente — disse Korba.

— Espere! — ordenou Paul quando Korba começava a se virar.

Na súbita quietude do momento, Stilgar esgueirou-se para uma posição de onde poderia observar o rosto de Paul, o que foi feito habilmente. Paul admirou a maneira como ele o fizera, sem qualquer petulância. Era um gesto Fremen, astúcia tocada pelo respeito à privacidade de outra pessoa, movimento ditado pela necessidade.

— Que horas são? — indagou Paul.

— Quase meia-noite, senhor — respondeu Korba.

— Korba, acho que você deve ler a minha melhor criação.

— Senhor! — Havia injúria na voz.

— Sente-se intimidado por mim? — indagou Paul.

— O senhor é Paul Muad'Dib, que foi Usul em nosso sietch. Conheço minha devoção ao...

— Alguma vez se sentiu como um apóstolo?

Korba obviamente não entendeu as palavras, mas interpretou corretamente o tom de voz.

— Meu Imperador sabe que tenho a consciência limpa!

— Que o Shai-hulud nos salve — murmurou Paul.

O silêncio indagador do momento foi quebrado pelo som de uma pessoa assoviando enquanto caminhava ao longo do corredor externo. O assovio foi interrompido pelo grito de comando de um guarda, assim que chegou diante da porta.

— Korba, acho que você sobreviverá a tudo isto — disse Paul, enquanto percebia a luz crescente do entendimento no rosto de Stilgar.

— E quanto aos estranhos nos jardins, senhor? — perguntou Stilgar.

— Ah, sim, mande Bannerjee colocá-los para fora, Stil. Korba irá assisti-lo.

— Eu, senhor? — Korba traía uma profunda inquietação.

— Alguns de meus amigos já se esqueceram que um dia foram Fremen — disse Paul, falando para Korba, mas moldando suas palavras para Stilgar. — Você marcará aqueles que Chani identificar como Sardaukar e cuidará para que sejam mortos. Faça-o você mesmo. Quero que seja feito silenciosamente, sem causar distúrbios desnecessários. Devemos ter em mente que há mais coisas no governo e na religião do que aprovar tratados e fazer sermões.

— Obedeço às ordens do Muad'Dib — sussurrou Korba.

— E quanto às computações Zabulon? — indagou Stilgar.

— Amanhã. E quando os estranhos tiverem sido retirados dos jardins, anuncie que a recepção está terminada. A festa acabou, Stil.

— Compreendo, meu senhor.

— Estou certo que sim.

10

Aqui jaz um deus caído...
Sua queda não foi pequena.
Nós construímos apenas seu pedestal,
Um pedestal alto e estreito.

— *Epigrama Tleilaxu*

Alia agachou-se com os cotovelos sobre os joelhos, o queixo descansando em cima dos punhos, e olhou para o corpo sobre a duna — alguns ossos e restos de carne esfarrapada que já tinham sido uma jovem mulher. As mãos, a cabeça e a maior parte do torso superior estavam ausentes, comidos pela tempestade de coriólis. Toda a areia em volta apresentava as pegadas deixadas pelos médicos e investigadores de seu irmão. Eles haviam partido agora, todos, exceto os atendentes mortuários que esperavam ao lado, juntamente com Hayt, o ghola, aguardando que ela terminasse seu misterioso exame do que ali fora escrito.

Um céu cor de trigo envolvia a Cena com a luz verde-azulada comum ao meio-dia nessas latitudes.

O corpo fora descoberto várias horas antes por um correio em vôo baixo, cujos instrumentos haviam detectado um ligeiro traço de água onde não devia existir nenhuma. Seu chamado trouxera os especialistas. E eles haviam descoberto... o quê? Isso fora uma mulher de aproximadamente vinte anos de idade, Fremen, viciada em semuta... que morrera ali, no meio do deserto, devido aos efeitos de um sutil veneno de origem Tleilaxu.

Morrer no deserto era uma ocorrência bem comum. Mas um Fremen viciado em semuta era tamanha raridade que Paul a enviara para examinar o local do modo como sua mãe lhes havia ensinado.

Alia sentia que não conseguira nada ali, exceto lançar sua própria aura de mistério sobre uma cena que já era suficientemente misteriosa. Ouviu os pés do ghola agitarem a areia e olhou para ele. Tinha a atenção voltada momentaneamente para os tópteros de escolta que circulavam acima, como um bando de corvos.

“Cuidado com a Corporação trazendo presentes”, pensou Alia.

O tóptero mortuário e sua própria aeronave erguiam-se da areia próximo a

um afloramento de rocha atrás do ghola. Olhar os tópteros pousados produzia em Alia a ânsia de estar no ar, longe dali.

Mas Paul imaginara que ela seria capaz de ver alguma coisa ali, algo que os outros poderiam deixar passar despercebido. Ela se mexeu dentro de seu traje destilador. Parecia asperamente estranho, após todos esses meses de vida sem usá-la, dentro da cidade. Observou o ghola, imaginando se ele poderia saber alguma coisa importante a respeito dessa morte peculiar. Uma mecha de seu cabelo negro escapara ao capuz do traje. Sentiu que sua mão desejava recolocar aquele cabelo no lugar.

Como que atraídos por esse pensamento, seus brilhantes olhos de metal voltaram-se para ela. Aqueles olhos a deixavam trêmula e ela virou o rosto em outra direção.

Uma mulher Fremen morrera ali, vítima de um veneno chamado “a garganta do inferno”.

Uma Fremen viciada em semuta.

Alia compartilhava a inquietação de Paul ante tal associação.

Os atendentes mortuários aguardavam pacientemente. O cadáver não continha água suficiente para que eles a recuperassem. Não sentiam necessidade de comer. E acreditavam que Alia, mediante alguma arte glíptica, estivesse lendo alguma verdade singular nesses restos.

Mas nenhuma verdade singular a atingiu.

Havia apenas um aborrecimento profundo dentro dela, ante os óbvios pensamentos dos atendentes. Eram o produto do maldito mistério religioso. Ela e seu irmão não podiam ser gente. Eles tinham que ser alguma coisa mais. A Bene Gesserit se encarregara disso com suas manipulações sobre a linhagem Atreides. Sua mãe havia contribuído para isso ao lançá-los na trilha da feitiçaria. E Paul perpetuara essa diferença. As Reverendas Madres enclausuradas na memória de Alia agitavam-se inquietas, provocando lampejos adab de pensamentos: “Paz, Pequenina. Você é o que é. Existem compensações.” Compensações! Convocou o ghola com um gesto. Ele parou ao lado dela, atento, paciente.

— O que você vê nisto? — indagou ela.

— Talvez nunca venhamos a saber quem morreu aqui — respondeu ele. — A cabeça, com os dentes, se foi. As mãos... É improvável que alguém como ela possuísse em algum lugar um registro genético com o qual pudéssemos identificar suas células.

— Veneno Tleilaxu — disse Alia. — Que acha disso?

— Muitas pessoas compram esses venenos.

— É bem verdade. E essa carne está demasiado destruída para ser regenerada, como fizeram com o seu corpo.

— Mesmo que fosse possível confiar nos Tleilaxu para fazerem isso.

Ela assentiu e ficou de pé.

— Agora, você me levará de volta para a cidade. Quando já estavam no ar, rumando para o norte, ela disse: — Você pilota exatamente como Duncan Idaho fazia. Ele lançou-lhe um olhar especulativo.

— Outros já me disseram isso..

— Em que está pensando agora? — perguntou ela.

— Em muitas coisas.

— Pare de evitar minhas perguntas, droga!

— Que pergunta?

Ela lançou-lhe um olhar furioso. Ele percebeu a fúria e deu de ombros. Como era semelhante a Duncan Idaho naquele gesto, ela pensou. De modo acusador e com a voz cativante, ela falou:

— Eu só queria que suas reações fossem verbalizadas de modo a que eu pudesse opor-lhes os meus pensamentos. A morte daquela jovem me incomoda.

— Eu não estava pensando naquilo.

— No que estava pensando, então?

— Nas estranhas emoções que sinto quando as pessoas falam naquele que eu posso ter sido.

— Pode ter sido?

— Os Tleilaxu são muito espertos.

— Nem tanto assim. Você era Duncan Idaho.

— Muito provável. É a computação básica.

— E assim você ganha emoções.

— Até certo ponto. Sinto uma ansiedade. Sinto-me inquieto. Há uma tendência para tremer e devo devotar meus esforços a controlá-la. Tenho... lampejos de imagens.

— Que tipo de imagens?

— É muito rápido para que eu reconheça. Clarões, espasmos... quase memórias.

— Não se sente curioso sobre essas memórias?

— É claro. A curiosidade me impulsiona em frente, mas eu me movimento contra uma pesada relutância. Eu penso: “E se eu não for aquele que eles acreditam que eu seja?” Não gosto desse pensamento.

— E isso é tudo que pensava?

— Você sabe muito bem, Alia.

“Como ele se atreve a usar meu primeiro nome?” Ela sentiu a raiva erguer-se e afundar sob a memória do modo como ele falara: tons subjacentes, suaves e pulsantes, confiança masculina natural. Um músculo contraiu-se ao

longo do queixo da moça.

Ela comprimiu os dentes.

— Aquilo lá embaixo não é El Kuds? — indagou ele, inclinando ligeiramente uma asa e causando súbita comoção na escolta.

Ela olhou para as sombras da aeronave ondulando sobre o promontório acima do Passo Harg, para o despenhadeiro e para a pirâmide rochosa que continha o crânio de seu pai. “El Kuds — o Lugar Sagrado.”

— O Lugar Sagrado — ela confirmou.

— Eu devo visitar esse local um dia. A proximidade dos restos de seu pai deve trazer memórias que eu possa recapturar.

Ela percebeu subitamente quão forte devia ser essa necessidade de conhecer a pessoa que ele havia sido. Era uma compulsão central dentro dele. Tornou a olhar para as rochas, o penhasco com a base afundando-se na praia seca e no mar de areia. Rocha cor de canela erguendo-se das dunas como um navio singrando as ondas.

— Vamos fazer a volta — ela pediu.

— A escolta...

— Eles nos seguirão. Gire por baixo deles.

Ele obedeceu.

— Você serve verdadeiramente ao meu irmão? — perguntou ela quando já se encontravam no novo curso, a escolta seguindo atrás.

— Eu sirvo aos Atreides — respondeu ele em tom formal.

E ela viu sua mão direita erguer-se e cair, quase repetindo a antiga saudação de Caladan. Uma aparência melancólica tomou conta de seu rosto. Observou enquanto ele olhava para baixo, em direção à pirâmide rochosa.

— Que o incomoda?

Os lábios dele se moveram. Uma voz embargada, insegura.

— Ele era... ele era... — uma lágrima lhe escorreu pelo rosto.

Alia sentiu-se imobilizada por um espanto típico dos Fremen.

Ele dava água aos mortos! Compulsivamente, levou o dedo ao rosto dele, sentindo a lágrima.

— Duncan — sussurrou.

Ele parecia amarrado aos controles do tóptero, o olhar preso à tumba lá embaixo.

Alia ergueu a voz.

— Duncan!

Ele engoliu em seco, sacudiu a cabeça, olhou para ela, os olhos de metal cintilantes.

— Eu... sinto... um braço... sobre meus ombros — sussurrou: — Eu sinto

isso! Um braço. — Sua garganta esforçava-se. — Era um amigo... era... um... amigo.

— Quem?

— Não sei. Penso que era... não sei.

A luz de chamada começou a piscar diante de Alia, o capitão da escolta desejando saber por que eles retornavam ao deserto.

Ela pegou o microfone e explicou que havia feito uma breve homenagem à tumba de seu pai. O capitão lembrou-lhe que já era tarde.

— Iremos para Arrakeen agora — disse ela, recolocando o microfone no lugar.

Hayt respirou fundo e fez uma curva com o tóptero em direção ao norte.

— Foi o braço de meu pai que sentiu, não? — perguntou ela.

— Talvez.

A voz era a de um mentat computando probabilidades e ela percebeu que ele recuperara a compostura.

— Sabe como conheci meu pai? — ela indagou.

— Tenho uma idéia.

— Então, permita-me deixar isso claro.

Em breves palavras, ela explicou como despertara para a consciência de Reverenda Madre antes do próprio nascimento, um feto aterrorizado com o conhecimento das incontáveis vidas embebidas em suas células nervosas... E tudo isso após a morte de seu pai.

— Eu conheço meu pai tal como minha mãe o conheceu — disse ela. — Em cada detalhe, por menor que seja, de cada experiência que ela compartilhou com ele. De certo modo, eu sou minha mãe. Tenho todas as suas memórias, até o instante em que ela bebeu a Água da Vida e penetrou no transe de transmigração.

— Seu irmão explicou-me um pouco disso.

— Ele o fez? Por quê?

— Um mentat precisa de dados.

— Ah.

Ela olhou em direção à extensão plana da Muralha Escudo.

Rocha torturada, fendas e fossos.

Ele percebeu a direção do olhar, dizendo:

— Lugar muito exposto, aquele lá embaixo.

— Mas fácil de se encontrar esconderijo — respondeu ela.

Depois, olhou para ele.

— Me lembra a mente humana... com todos os seus subterfúgios.

— Ahhh — disse ele.

— Ahhh? Que quer dizer com ahhh? — Sentia-se subitamente furiosa

com ele, e a razão lhe escapava.

— Você gostaria de saber o que minha mente oculta — disse ele, e era uma afirmação, não uma pergunta.

— Como sabe que já não descobri quem você realmente é através de meus poderes de presciência?

— E já o fez? — Ele parecia verdadeiramente curioso.

— Não.

— As sibilas têm limitações — disse ele.

Ele parecia estar se divertindo e isso reduziu a fúria de Alia.

— Acha engraçado? Não tem respeito por meus poderes? — perguntou.

A pergunta soava como um argumento muito fraco, mesmo a seus ouvidos.

— Respeito suas profecias e presságios mais do que imagina. Eu estava na audiência durante seu Ritual Matutino.

— E o que isso significa?

— Possui grande habilidade com símbolos — disse ele, mantendo a atenção voltada para os controles do tóptero. — Isso é um dom das Bene Gesserit, eu diria. Mas, como muitas bruxas, você ficou descuidada com seus poderes.

Ela teve um espasmo de medo e gritou:

— Como se atreve?

— Eu me atrevo a muito mais do que meus criadores previram — disse ele. — Devido ao fato singular de que permaneço com seu irmão.

Alia observou as bolas de aço que eram seus olhos. Não havia qualquer expressão humana. O capuz do traje destilador ocultava-lhe a linha do queixo. Não obstante, a boca permanecia firme.

Havia grande força ali... e determinação. Suas palavras tinham uma carga tranquilizadora. “Eu me atrevo a muito mais...”

Isso era algo que Duncan Idaho poderia ter dito. Os Tleilaxu teriam moldado esse ghola melhor do que imaginavam... ou seria isso mera farsa, parte de seu condicionamento?

— Explique-se, ghola — ela ordenou.

— Conheça-te a ti mesmo, é esse o seu mandamento — continuou ele.

Novamente ela sentia que ele estava se divertindo.

— Não faça jogo de palavras comigo, sua... sua coisa! — disse ela, levando a mão à faca cristalina presa na bainha da garganta. — Por que você foi dado a meu irmão?

— Seu irmão me disse que você estava presente à entrega. Nesse caso, ouviu-me responder-lhe essa mesma pergunta.

— Responda novamente. Para mim!
— Eles pretendem que eu o destrua.
— Quem está falando é o mentat?
— Sabe a resposta para isso sem precisar perguntar — censurou ele. — E sabe também que tal presente não era necessário. Seu irmão já está se destruindo de forma bem adequada.
Ela mediu essas palavras, a mão permanecendo no cabo da faca cristalina. Uma resposta astuta, mas havia sinceridade em sua voz.
— Então por que esse presente?
— Pode ter divertido os Tleilaxu. E também é verdade que a Corporação pediu que eu fosse entregue como presente.
— Por quê?
— A mesma resposta.
— Como é que sou descuidada com meus poderes?
— Como os está empregando?
Essa pergunta penetrou por entre suas próprias apreensões.
Afastou a mão da faca, perguntando:
— Por que diz que meu irmão está se destruindo?
— Ora, vamos, criança! Onde estão os famosos poderes? Perdeu a capacidade de raciocinar?
Controlando a raiva, ela respondeu:
— Raciocine para mim, mentat.
— Muito bem.
Ele olhou rapidamente para a escolta, depois voltou a atenção ao curso seguido. A planície de Arrakeen estava começando a aparecer além dos limites setentrionais da Muralha Escudo. O desenho dos vilarejos e panelas nos graben permanecia indistinto por sob a mortalha de poeira, mas o brilho distante de Arrakeen já podia ser notado.
— Sintomas — ele disse. — Seu irmão mantém um Panegirista oficial que...
— Que foi uma dádiva dos Naibs Fremen!
— Estranha dádiva partindo de amigos. Por que eles o cercariam com tanto servilismo e bajulação? Já ouviu este Panegirista? "As pessoas são iluminadas pelo Muad'Dib. O Regente Umma, nosso Imperador, saiu da escuridão para brilhar resplandecente sobre todos os homens. Ele é nosso Rei. Ele é a água preciosa que sai de uma fonte inesgotável. Ele derrama a alegria para que todo o universo beba." Arrgh!
Falando com suavidade, Alia disse:
— Se eu repetisse suas palavras para nossa escolta Fremen, eles o

picariam até reduzi-lo a alimento para pássaros.

— Então, diga-lhes.

— Meu irmão governa pela lei natural que emana dos céus.

— Não acredita nisso, então por que fica repetindo?

— Como sabe em que eu acredito?

Ela sentia um tremor que nenhum poder das Bene Gesserit poderia controlar. Esse ghola estava produzindo um efeito imprevisto.

— Ordenou-me que raciocinasse como um mentat — lembrou ele.

— Nenhum mentat sabe no que eu acredito! — Ela respirou profundamente duas vezes. — Como se atreve a nos julgar?

— Julgá-los? Eu não julgo ninguém.

— Não faz idéia de como fomos ensinados!

— Ambos foram ensinados a governar. Condicionados a uma sede de poder insaciável. Imbuídos de uma compreensão astuta da política e de um profundo entendimento dos usos da guerra e dos rituais. Lei natural? Que lei natural? Aquele mito que assombra a história humana? Assombra! É um fantasma. Algo irreal, insubstancial. Seu Jihad seria uma lei natural?

— Tagarelice de mentat — retrucou ela.

— Eu sou um servo dos Atreides e falo com franqueza.

— Servo? Nós não temos servos, somente discípulos.

— E eu sou um discípulo da compreensão — respondeu ele. — Entenda isso, criança, e vai...

— Não me chame de criança — gritou ela, puxando metade da faca cristalma para fora da bainha. — Admito meu erro.

Ele olhou para ela, sorriu e voltou sua atenção à pilotagem do tóptero. As muralhas íngremes do Castelo Atreides podiam ser notadas agora, dominando os subúrbios ao norte de Arrakeen.

— Você é uma coisa antiga na carne de alguém que é pouco mais que uma criança — explicou ele. — E essa carne encontra-se perturbada pela puberdade.

— Não sei por que o escuto — resmungou ela, deixando que a faca mergulhasse de volta na bainha. Enxugou a palma da mão no manto. A mão, úmida de transpiração, perturbava seu senso de frugalidade Fremen. Tamanho desperdício de umidade corpórea!

— Ouve-me porque sabe que sou devotado a seu irmão. Minhas ações são claras e facilmente compreensíveis.

— Nada a seu respeito é claro e facilmente compreensível. É a criatura mais complexa que já vi. Como poderei saber o que os Tleilaxu colocaram em você?

— Por engano ou intenção, eles me deram a liberdade para moldar a mim

mesmo.

— Você fica voltando às parábolas Zensunni — acusou ela.

“O homem sábio molda a si mesmo... os tolos só vivem para morrer.” — A voz dela o imitava. Discípulo da compreensão!

— Os homens são incapazes de separar a mesquinhez da iluminação.

— Fala por meio de charadas!

— Eu falo da abertura da mente.

— Vou repetir tudo isso para Paul.

— Ele já ouviu a maior parte.

Sentiu-se dominada pela curiosidade.

— Como é, então, que você permanece vivo e livre? O que ele disse?

— Ele riu. E disse: “As pessoas não querem um guarda-livros como Imperador; elas querem um senhor, alguém que as proteja das mudanças.” Mas concordou em que a destruição de seu Império parte dele próprio.

— Por que diria tais coisas?

— Porque o convenci de que compreendo seu problema e vou ajudá-lo.

— Que poderia ter dito para conseguir isso?

Ele permaneceu em silêncio, curvando o ornitóptero em sua descida para o pouso no complexo da guarda, sobre o teto do Castelo.

— Eu ordeno que me diga!

— Eu não estou certo de que poderia ouvir isso.

— Eu serei o juiz quanto a isso! Agora, ordeno que fale imediatamente!

— Permita-me que pouse primeiro — disse ele e, sem esperar pela permissão, girou a aeronave, colocando as asas na posição de máxima sustentação e descendo suavemente sobre a brilhante plataforma alaranjada em cima do teto.

— Agora — disse Alia. — Fale.

— Eu disse a ele que suportar a si próprio pode ser a tarefa mais dura do universo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Isso é... isso é...

— Uma pílula amarga de se engolir — acrescentou ele, observando os guardas correrem através do teto, vindo ao encontro deles e assumindo suas posições de escolta.

— Amarga tolice!

— O maior dos nobres e o servo mais inferior compartilham o mesmo problema. Não pode contratar um mentat ou qualquer outro intelecto que o resolva para você. Não há intimação ou convocação de testemunhas que lhe possa dar as respostas. Nenhum servo... ou discípulo pode enfaixar esse

ferimento. Você o enfaixa por si mesma e continua sangrando para que todos vejam.

Ela girou para se afastar dele, percebendo naquele instante o que esse gesto revelava a respeito de seus sentimentos. Sem dom de voz ou truque de bruxaria, ele havia alcançado sua psique uma vez mais. E como é que fazia isso?

— O que lhe recomendou que fizesse? — sussurrou ela.

— Eu lhe disse para julgar, impor a ordem.

Alia observou os guardas, notando a paciência com que aguardavam a ordem.

— Fazendo justiça? — murmurou ela.

— Não é isso! — retrucou ele. — Sugeri que ele julgasse sem ser mais guiado por um único princípio, talvez...

— E então?

— Que mantivesse seus amigos e destruísse os inimigos.

— Que julgasse injustamente?

— Que é justiça? Duas forças em colisão. Cada uma delas pode estar certa dentro de sua própria esfera de ação. E é aqui que um Imperador impõe soluções ordeiras. Os choques que ele não puder evitar, ele resolve.

— Como?

— Da maneira mais simples: ele decide.

— Preservando os amigos e destruindo os inimigos.

— Isso não é estabilidade? As pessoas querem ordem, dessa maneira ou de qualquer outra. Elas sentam-se na prisão de seus desejos e percebem que a guerra se tornou um esporte para os ricos. Essa é uma forma perigosa de sofisticação. Causa a desordem.

— Vou dizer a meu irmão que você é demasiado perigoso e que deve ser destruído — disse ela, voltando-se para encará-lo.

— Uma solução que já sugeri — replicou ele.

— E é por isso que é perigoso — disse ela, medindo as palavras com muito cuidado. — Você dominou suas paixões.

— Não é por isso que sou perigoso.

Antes que ela pudesse mover-se ele se inclinou em sua direção, segurou-a pelo queixo com uma das mãos e plantou seus lábios sobre os dela.

Foi um beijo carinhoso, breve. Depois, ele se afastou e ela ficou olhando, em estado de choque, temperado por vislumbres de sorrisos espasmódicos nos rostos dos guardas, ainda aguardando em posição de sentido, do lado de fora.

Alia colocou um dedo sobre os lábios. Houvera uma enorme sensação de familiaridade naquele beijo. Os lábios dele haviam sido a carne de um futuro que ela já presenciara, de algum modo, por sua presciência. Com o peito ofegante,

ela disse:

— Devia mandar esfolá-lo.

— Por que sou perigoso?

— Porque é demasiado atrevido!

— Eu não me atrevo a nada. Não tomo nada que não me tenha sido oferecido primeiro. Fique satisfeita por não ter tomado tudo que me foi oferecido. — Ele abriu a porta e saiu. — Venha. Já nos atrasamos muito em uma tarefa inútil.

Caminhou em direção à cúpula de entrada, além da plataforma.

Alia saltou e correu para alcançá-lo.

— Vou contar a ele tudo que você disse... e fez.

— Ótimo. — Ele segurou a porta para que ela entrasse.

— Ele vai ordenar que seja executado — disse ela entrando no domo.

— Por quê? Porque tomei o beijo que eu queria?

Ele a seguiu, seu movimento forçando-a a recuar enquanto a porta se fechava atrás de si.

— O beijo que você queria! — Sentia-se ultrajada.

— Está bem, Alia, o beijo que você queria, então.

Começou a andar em torno dela, em direção ao campo de queda.

Como se esse movimento a houvesse impulsionado para um estado de percepção ampliada, ela sentiu a sinceridade... a total honestidade dele. "O beijo que eu queria", repetiu em seu pensamento. "Era verdade."

— Sua sinceridade, é por isso que é perigoso — disse ela, seguindo-o.

— Está retornando aos caminhos da sabedoria — disse ele, sem interromper a marcha. — Um mentat não teria exposto esse assunto de modo mais direto. Agora, o que viu no deserto?

Ela segurou-lhe o braço, forçando-o a parar. Ele o fizera de novo: impulsionara-lhe a mente para um estado de percepção aguçada.

— Não posso explicar isso — disse ela. — Mas fico pensando em Dançarinos Faciais. Por quê?

— Foi por isso que seu irmão a enviou para o deserto. Conte-lhe a respeito desse pensamento persistente.

— Mas por quê? — Ela sacudiu a cabeça. — Por que Dançarinos Faciais?

— Há uma jovem morta lá fora — disse ele. — E talvez nenhuma jovem tenha sido dada como desaparecida entre os Fremen.

11

Penso na alegria que é estar vivo e imagino se jamais conseguirei mergulhar interiormente até as raízes desta carne para me conhecer tal como um dia fui. As raízes então lá. Ainda que algum ato meu seja capaz de encontrá-las, elas permanecem fincadas no futuro. Mas todas as coisas que um homem pode fazer são minhas. Qualquer ato meu pode fazê-lo.

— A Palavra do Ghola, Comentário de Alia

Enquanto permanecia mergulhado no forte odor da especiaria, olhando para dentro através do transe oracular, Paul viu que a lua se tornava uma esfera alongada. Aquilo rolava e se torcia, chiando o terrível chiado de uma estrela sendo apagada num mar infinito — caindo... caindo... caindo... como uma bola atirada por uma criança.

Então se foi.

Essa lua não se escondera no horizonte. A percepção o engolfou. Ela se fora: não havia mais lua. A terra tremia como um animal sacudindo a pele. O terror tomou conta dele.

Paul saltou na cama, os olhos arregalados, fitando. Uma parte dele ainda olhava para dentro, a outra, para fora. Lá fora ele via o gradeado de plasmeld que ventilava seu quarto particular e sabia que mais adiante se encontrava o penhasco rochoso que cercava o Castelo. Por dentro, ele continuava a ver a lua caindo.

“Fora! Fora!”

A grade de plasmeld abria-se para a ofuscante iluminação do meio-dia de Arrakeen. Dentro... era a noite mais negra. Um conjunto de odores suaves, vindos do jardim no telhado, provocou-lhe os sentidos, mas nenhum perfume floral poderia afastar aquela lua caindo.

Paul girou, colocando os pés sobre a superfície fria do piso, e olhou através da grade. Podia ver através do arco da ponte para pedestres, construída com cristais estabilizados de ouro e platina. Jóias de fogo do distante Cedon decoravam a ponte, que conduzia às galerias da cidade interna, por sobre um lago e uma fonte cheios de flores aquáticas. Caso se levantasse, Paul sabia que poderia olhar lá para baixo e ver as pétalas, tão limpas e vermelhas como sangue

fresco, girando, voltando-se. Discos de cor ambiental lançados sobre uma água verde-esmeralda.

Seus olhos captaram a cena sem retirá-lo do transe da especiaria.

“Aquela visão terrível da lua perdida.”

Uma visão que sugeria uma perda monstruosa da segurança individual. Talvez houvesse presenciado a queda de sua civilização, derrubada por suas próprias pretensões.

“Uma lua... uma lua... uma lua caindo.”

Necessitara de uma dose maciça de especiaria para penetrar no lodo agitado pelo tarô. E tudo que lhe mostrara fora uma lua caindo e aquele caminho odioso que já conhecia desde o início. Para pôr fim ao Jihad, para silenciar o vulcão da carnificina, ele precisa desacreditar a si próprio.

“Desligue-se... desligue-se... desligue-se...”

O perfume floral do jardim no teto lembrava-lhe Chani. Precisava de seus braços agora, dos braços envolventes do amor e do esquecimento. Mas nem mesmo Chani seria capaz de exorcizar essa visão. Que diria Chani se ele fosse até ela com a declaração de que andava com a morte na mente? Sabendo que era inevitável, por que não escolher uma morte aristocrática e terminar a vida num duelo secreto, desdenhando os anos que poderiam restar? Morrer antes que sua força de vontade chegasse ao fim, não era essa a opção de um aristocrata?

Levantou-se, atravessou a abertura da grade e saiu para a sacada, acima das flores e trepadeiras do jardim. Sua boca guardava a secura de uma marcha pelo deserto.

“Lua... lua... onde é aquela lua?”

Pensou na descrição que Alia fizera do corpo de uma jovem encontrada nas dunas. Uma Fremen viciada em semuta! Tudo encaixava-se num padrão odioso.

“Não se tira nada deste universo”, pensou. “Ele dá o que deseja.”

Os restos de uma concha dos mares da Mãe Terra jaziam sobre uma mesinha ao lado do parapeito da sacada. Segurou entre as mãos sua lisura lustrosa, tentando sentir-se recuado no Tempo. A superfície aperolada refletia cintilantes luas luminosas. Afastou o olhar dela, olhando para cima, por sobre o jardim, em direção ao céu que se tornava um incêndio — esteiras de poeira iridescente brilhando sob um sol prateado.

“Meus Fremen se autodenominam ‘Filhos da Lua’, pensou.

Colocou a concha de volta no lugar e caminhou ao longo da sacada. Aquela lua aterrorizante poderia representar alguma esperança de fuga? Sondou em busca de significado na região da comunhão mística. Sentia-se fraco, abalado, ainda dominado pela especiaria.

Na extremidade norte de seu abismo de plasmeld, ele pôde ver os prédios baixos do Governo. Pessoas andando a pé enchiam as passarelas do teto. Sentia que elas passavam por lá como uma brisa esfregando um fundo de portas, paredes e lajotas desenhadas. As pessoas eram as lajotas! Quando piscava, podia vê-las congeladas em sua mente. Um azulejo.

"Uma lua caíra e se fora."

Ocorreu-lhe o sentimento de que a cidade lá fora traduzira-se em curioso símbolo de seu universo. Os prédios que via tinham sido erguidos na planície onde seus Fremen haviam derrotado as legiões de Sardaukar. Aquele solo que já fora pisado em batalhas agora ressoava com o ruído apressado dos negócios.

Mantendo-se na extremidade da sacada, Paul atingiu um dos cantos. Agora sua visão tornava-se um panorama dos subúrbios, onde as estruturas da cidade se perdiam nas rochas e na areia soprada do deserto. O Templo de Alia dominava o primeiro plano. Panos pendendo ao longo de suas faces de 2 mil metros de altura exibiam o símbolo da lua do Muad'Dib.

"Uma lua caindo."

Passou a mão sobre a testa e os olhos. A metrópole-símbolo o oprimia, e ele desprezava seus próprios pensamentos. Em outro, tal vacilação teria provocado sua fúria.

Odiava sua cidade!

E o ódio, alimentado pelo tédio, flamejou e ferveu fundo dentro dele, nutrido por decisões que não poderiam ser evitadas.

Conhecia a trilha que seus pés deviam percorrer. já pudera vê-la o suficiente, não pudera? Vira! Certa vez... muito tempo atrás, pensara em si mesmo como um inventor de formas de governo.

Mas a invenção recaíra em velhos padrões. Era como alguma coisa hedionda dotada de memória plástica. Molde-a da maneira como desejar, mas relaxe por um momento e ela voltará às antigas formas. Forças agindo além de seu alcance, no peito dos homens, ainda o desafiavam e iludiam.

Paul olhou por cima dos telhados. Que tesouros de vida livre não se encontrariam debaixo daqueles tetos? Vislumbrou manchas de folhas verdes, canteiros abertos em meio à greda vermelha e dourada dos tetas. Verde, o dom de Muad'Dib e sua água. Pomares e arvoredos surgiam à sua volta, plantações ao aberto capazes de rivalizar com as do lendário Líbano.

— O Muad'Dib gasta água como um louco — diziam os Fremen.

Paul colocou a mão sobre os olhos.

"A lua caíra."

Deixou cair as mãos, olhando para a metrópole com a visão clareada. Os prédios exibiam uma aura de monstruosa barbaridade imperial. Erguiam-se,

enormes e brilhantes, sob o sol do norte. Colossos! Toda extravagância arquitetônica que uma história demente poderia produzir encontrava-se dentro de seu campo de visão: terraços com as proporções de uma meseta, praças tão grandes quanto certas cidades, parques, propriedades, trechos de agreste cultivado.

Um talento soberbo reunira inexplicáveis prodígios de mau gosto. Detalhes imprimiam-se sobre ele: um portal da mais antiga Bagdá... uma cúpula sonhada na mítica Damasco... um arco saído da baixa gravidade de Atar... elevações harmoniosas e estranhas profundezas. Tudo criando um efeito de inigualada magnificência.

“Uma lua! Uma lua! Uma lua!”

A frustração o dominava. Sentia a pressão do inconsciente coletivo, daquela expansão nascente dos seres humanos através de seu universo. Lançavam-se sobre ele com a força de uma gigantesca onda de maré. Sentia as vastas migrações agindo sobre os negócios humanos: redemoinhos, correntes, fluxos de genes. Nenhuma barragem de abstinência, nenhum ataque de impotência ou imprecação poderia detê-las.

O Jihad do Muad’Dib era menos que um piscar de olho nesse movimento maior. As Bene Gesserit nadavam nessa maré, sua entidade corporativa negociando com genes, tão presa à corrente como ele próprio. A visão de uma lua caindo devia ser avaliada contra o pano de fundo de outras lendas, outras visões em um universo onde até mesmo as estrelas, aparentemente eternas, minguavam, tremulavam, se apagavam...

Que importância teria uma única lua nesse universo?

Bem de dentro de sua cidadela fortificada, tão profundo que o som às vezes se perdia no fluxo de ruídos da cidade, um rebab de dez cordas tilintava com uma canção do Jihad, o lamento por uma mulher deixada para trás em Arrakis:

“Seus quadris são dunas curvadas pelo vento,
Seus olhos brilham com o calor do verão
Duas tranças pendem em suas costas,
Cabelos ricos com anéis de água!
Minhas mãos lembram sua pele,
Perfumada como âmbar, cheirando a flores.
Pálpebras trêmulas com memórias..’
Golpeado estou pela chama branca do amor!”

A canção o enjoava. Um tema para criaturas estúpidas perdidas no sentimentalismo! Poderia muito bem ser cantada para o cadáver que Alia vira, impregnado de duna.

Uma figura moveu-se nas sombras da grade atrás da sacada.

Paul virou-se.

O ghola emergiu à plena luz do sol. Seus olhos metálicos cintilavam.

— É Duncan Idaho ou o homem chamado Hayt? — indagou Paul.

O ghola parou a dois passos dele.

— Qual deles meu senhor prefere?

A voz tinha um suave tom de cautela.

— Banque o Zensunni — disse Paul amargamente.

“Significados dentro de significados!” O que um filósofo Zensunni poderia dizer ou fazer para mudar um detalhe da realidade que se desenvolvia diante deles nesse momento?

— Meu senhor está perturbado?

Paul voltou-lhe as costas, olhando na direção da distante escarpa da Muralha Escudo, vendo arcos e contrafortes esculpidos pelo vento, numa terrível imitação da cidade. A natureza fazendo uma piada com ele! “Veja o que eu posso construir!” Reconheceu um corte no maciço distante, um lugar onde a areia se derramava de uma fenda, e pensou: “Lá, bem ali, nós combatemos os Sardaukar!”

— O que perturba o meu senhor? — perguntou o ghola.

— Uma visão — sussurrou Paul.

— Ahhhh. Quando os Tleilaxu me despertaram pela primeira vez, eu tive visões. Estava inquieto, solitário... sem saber realmente que sentia solidão. Não naquela ocasião. Minhas visões nada revelavam! Os Tleilaxu me disseram que era apenas uma moléstia da carne que todos os homens e gholas sofrem, um enjôo, nada mais.

Paul voltou-se, observando os olhos do ghola, aquelas bolas de aço perfurado sem expressão. Que visões aqueles olhos teriam?

— Duncan... Duncan... — sussurrou.

— Me chamam Hayt.

— Eu vi uma lua cair. Ela se foi, destruída. Ouvi um assovio forte. A terra tremia.

— Ficou embriagado por demasiado tempo — disse o ghola.

— Eu pergunto ao Zensunni e o mentat me responde! Muito bem! Faça minha visão passar por sua lógica mentat. Analise-a e reduza-a a meras palavras, prontas para serem enterradas.

— Um enterro, de fato — disse o ghola. — O senhor foge da morte.

Concentra-se no instante seguinte, recusando-se a viver aqui e agora. Presságios! Que muleta para um Imperador!

Paul estava fascinado por ver uma verruga familiar no queixo do ghola.

— Tentando viver nesse futuro — disse o ghola —, pode dar-lhe substância? Pode torná-lo real?

— Se eu seguir o caminho que minha visão do futuro revela, estarei vivo quando acontecer murmurou Paul. — Que o faz pensar que desejo viver lá?

O ghola encolheu os ombros.

— Pediu-me uma resposta substancial.

— E onde está a substância num universo composto de eventos? Haverá uma resposta final? Cada solução não produzirá novas perguntas?

— O senhor meditou por tanto tempo que adquiriu ilusões de imortalidade — disse o ghola. Mesmo o seu império, meu senhor, viverá a sua época e morrerá.

— Não me exiba altares enegrecidos — resmungou Paul. — Já ouvi o bastante em matéria de histórias tristes sobre deuses e messias. Por que eu precisaria de poderes especiais para profetizar minha própria ruína, como todos os outros? O criado mais servil de minha cozinha pode fazer isso. — Sacudiu a cabeça. — A lua caiu!

— Ainda não levou sua mente para repousar em seus primórdios — sugeriu o ghola.

— É assim que vai me destruir? Evitando que eu ordene meus pensamentos?

— Pode ordenar o caos? — indagou o ghola. — Nós, Zensunni, costumamos dizer: “Não reunir é a derradeira ordenação.” Pode juntar alguma coisa sem antes unir a si mesmo?

— Eu estou atormentado por uma visão e você fica falando tolices! — enfureceu-se Paul. — O que sabe de presciência?

— Eu já vi um oráculo funcionar — respondeu o ghola. — Já vi aqueles que buscam sinais e profecias para seu destino individual. Eles temem aquilo que buscam.

— Minha lua caindo é real — sussurrou Paul. Respirou trêmulo. — Aquilo se move, se move...

— Os homens sempre temeram as coisas que se mexem sozinhas. O senhor teme seus próprios poderes. Coisas caem-lhe na cabeça vindas de parte alguma. Quando elas caem, para onde vão?

— Conforta-me com tormentos — rosnou Paul.

Uma iluminação interior modificou o rosto do ghola. Por um momento, ele se tornou todo Duncan Idaho.

— Eu lhe dou o conforto que posso — disse.

Paul admirou-se com aquele momentâneo espasmo. Teria o ghola sentido uma mágoa que sua mente rejeitara? Teria Hayt suprimido uma de suas próprias visões?

— Minha lua tem um nome — sussurrou Paul.

Deixou que a visão fluísse sobre ele. Embora todo o seu ser gritasse, nenhum som lhe escapou. Tinha medo de falar, temendo que a voz pudesse traí-lo. O ar desse futuro aterrorizante encontrava-se espesso com a ausência de Chani. Carne que gritara em êxtase, olhos que o haviam queimado com seu desejo, voz que o encantara justamente por não apresentar truques de controle sutil... tudo perdido, reduzido de volta a água e areia.

Lentamente, ele se voltou, olhando para fora, para o presente, para a praça diante do templo de Alia. Três peregrinos de cabeça raspada entraram na avenida das procissões. Usavam mantos amarelos encardidos e apressavam-se com as cabeças curvadas ante o vento da tarde. Um caminhava arrastando o pé esquerdo. Avançaram contra o vento, contornando uma curva do caminho e saindo para fora do campo de visão.

Exatamente como a lua faria, eles haviam partido. A visão ainda permanecia diante dele. Seu terrível propósito não lhe dava qualquer escolha.

“A carne se rende”, pensou. “A eternidade toma de volta o que é seu. Nossos corpos agitaram estas águas brevemente, dançaram com certa embriaguez ante o amor à vida e ao ego, enfrentaram idéias estranhas e então se submeteram aos instrumentos do Tempo. Que poderíamos dizer a respeito disso? Aconteci. Eu não sou... no entanto, aconteci.”

12

Não se implora ao sol por misericórdia.

— Trabalho do Muad'Dib,
dos Comentários de Stilgar

Um momento de incompetência pode ser fatal, lembrou a si mesma a Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam.

Avançava coxeando, aparentemente despreocupada, ante o anel de guardas Fremen. Um destes, atrás dela, sabia muito bem, era um surdo-mudo, imune a qualquer astúcia da Voz. Sem dúvida, ele estava encarregado de matá-la ante a menor provocação.

Por que Paul a convocara?, perguntava-se. Estaria a ponto de passar a sentença? Lembrava-se do dia, muito tempo atrás, quando o testara... a criança kwisatz haderach. Ele fora muito profundo.

Maldita seja sua mãe para a eternidade! Era culpa dela que as Bene Gesserit houvessem perdido o controle sobre essa linha genética.

O silêncio propagava-se pelas passagens abobadadas à frente de seu séquito. Sentia a notícia sendo transmitida. Paul perceberia esse silêncio e saberia que ela vinha antes que fosse anunciada. E ela não se iludia com a idéia de que seus poderes pudessem ser maiores que os dele.

Maldito seja!

Lamentava as cargas que a idade lhe havia imposto. Juntas doloridas, respostas não tão rápidas como já haviam sido, músculos não tão elásticos como os chicotes de sua juventude. Um longo dia por trás dela e uma longa vida. Consumira esse dia em consultas ao Tarô de Duna, na busca inútil de algum indício quanto ao seu próprio destino. Mas as cartas eram vagarosas.

Os guardas conduziram-na ao redor de uma curva e para dentro de outra das aparentemente intermináveis passagens abobadadas. Janelas de metavidro triangulares, à esquerda, abriam-se para uma visão de trepadeiras trançadas sobre gradis, no alto, e flores cor de anil mergulhadas em profundas sombras lançadas pelo sol do entardecer. Azulejos estendiam-se sob seus pés... figuras de criaturas aquáticas de planetas exóticos. Lembranças de água por toda parte. Prosperidade... riqueza. Figuras envoltas em mantos passaram por outro

corredor, diante dela, lançando olhares reservados para a Reverenda Madre. O reconhecimento óbvio em suas maneiras... e na tensão. Mantinha sua atenção voltada para a linha definida do corte de cabelo do guarda imediatamente em frente: a carne jovem, rosada nos vincos da gola do uniforme. A imensidão dessa cidadela começava a impressioná-la. Corredores... corredores... Passaram por um portal aberto de onde emergia o som do timbur e da flauta, tocando música suave e ancestral. Um olhar lhe revelou o azul dentro do azul de olhos Fremen fitando do interior do salão. Sentiu neles a fermentação de revoltas lendárias, agitando-se em genes selvagens. Ali se encontrava a medida de seu fardo pessoal, ela bem o sabia. Uma Bene Gesserit não poderia fugir à consciência dos genes e de suas possibilidades. Sentiu-se tocada por um sentimento de perda: aquele Atreides tolo e teimoso! Como poderia negar as jóias de posteridade dentro de suas virilhas? Um kwisatz haderach! Nascido fora de seu tempo, era verdade, mas real... tão real quanto sua abominável irmã... e ali estava o perigoso desconhecido. Uma Reverenda Madre selvagem, gerada sem as inibições das Bene Gesserit, sem lealdade ao ordeiro desenvolvimento dos genes. Ela partilhava os poderes do irmão, sem dúvida... e mais ainda. O tamanho da cidadela começava a oprimi-la. Será que esses corredores não terminavam nunca? O lugar estava impregnado de um poder físico terrível. Nenhum planeta, nenhuma civilização em toda a história humana, jamais presenciara tal imensidão feita pelo homem. Uma dúzia de cidades antigas poderia se ocultar dentro dessas paredes.

Passaram por portais ovais com luzes piscando. Ela os reconheceu como trabalho ixiano: orifícios de transporte pneumático. Por que então estavam caminhando toda essa distância? A resposta começou a se formar em sua mente: para oprimi-la, preparando-a para a audiência com o Imperador.

Um pequeno indício, mas a ele se juntavam outras indicações sutis. A relativa supressão e seleção de palavras pelos membros da escolta, os traços de timidez primitiva em seus olhos quando eles a chamavam de “Reverenda Madre”, a natureza fria e suave, essencialmente desodorizada, dessas passagens... tudo combinado para revelar muita coisa que uma Bene Gesserit poderia interpretar.

Paul desejava alguma coisa da parte dela!

Ocultou o sentimento de júbilo. Havia uma alavanca de acordo. Restava apenas descobrir a natureza dessa alavanca e testar sua força. Algumas alavancas haviam movido coisas maiores do que essa cidadela. O toque de um dedo já derrubara civilizações.

A Reverenda Madre lembrou-se da avaliação de Scytale: “Quando uma criatura se tornou alguma coisa, ela preferirá a morte a se transformar em seu

oposto.”

Os corredores através dos quais estava sendo escoltada tornaram-se mais vastos, através de estágios sutis — truques no arqueado do teto, gradual ampliação dos pilares de sustentação, substituição das janelas triangulares por formas maiores, oblongas. E diante dela, finalmente, ergueram-se portas duplas, centradas na parede oposta de uma alta antecâmara. Percebeu que as portas eram muito grandes e foi forçada a suprimir uma exclamação quando sua percepção treinada mediu as verdadeiras .proporções. A porta tinha pelo menos oito metros de altura, e metade disso de largura.

Quando se aproximou com a escolta, as portas giraram para dentro — num imenso e silencioso movimento de máquinas ocultas. Reconheceu mais mão-de-obra ixiana. Através daquele gigantesco portal, ela ingressou, com os guardas, no Grande Salão de Recepções do Imperador Paul Atreides “Muad’Dib, diante de quem todas as pessoas são diminuídas.” E agora ela via funcionar o efeito desse ditado popular.

Enquanto avançava em direção a Paul, no trono distante, a Reverenda Madre sentia-se mais impressionada pelas sutilezas arquitetônicas à sua volta do que pela imensidão. O espaço era grande: ele poderia ter abrigado toda uma cidadela de qualquer outro governante da história humana. A extensão aberta do salão revelava muito a respeito das forças estruturais ocultas, equilibradas com habilidade. As escoras e vigas de suporte atrás dessas paredes do distante teto abobadado deviam superar qualquer coisa já tentada. Tudo falava de um gênio da engenharia.

Sem parecer, o salão se tornava menor na extremidade mais distante, recusando-se a reduzir o Muad’Dib em seu trono sobre uma plataforma. Uma consciência destreinada, chocada pelas proporções da arquitetura ao redor, iria vê-la, a princípio, como uma pessoa muitas vezes maior do que realmente era. As cores influenciavam a psique desprotegida. O trono verde de Paul fora esculpido a partir de uma única esmeralda hagariana. Ele sugeria coisas crescendo e, segundo a mitologia Fremen, refletia as cores da manhã. Ele sussurrava que ali se sentava aquele que poderia fazer alguém lamentar-se — vida e morte num único símbolo, hábil tensão de opostos. Por trás do trono, cortinas drapeadas cascateavam num laranja queimado, o dourado curtido da terra de Duna, com flocos cor de canela da melange. Para um olhar treinado, o simbolismo era óbvio, mas continha fortes golpes para prostrar os não-iniciados.

O Tempo desempenhava um papel nisso.

A Reverenda Madre calculou os minutos necessários para se aproximar da Presença Imperial em seu andar coxeado. Havia tempo para intimidar alguém. Qualquer tendência ao ressentimento seria espremida para fora da pessoa pelo

poder sem limites focalizado em um único indivíduo. A pessoa poderia começar a marcha em direção ao trono cheia de dignidade humana, mas terminaria como um mosquito.

Auxiliares e atendentes colocavam-se em torno do Imperador curiosamente ordenados, guardas da casa, atentos, ao longo da parede cortinada do fundo, a abominável Alia dois passos abaixo de Paul e, junto à sua mão esquerda, Stilgar, o lacaio imperial, sobre o degrau diretamente abaixo de Alia. À direita, um degrau acima do piso do salão, uma figura solitária: o fantasma em carne de Duncan Idaho — o ghola. Ela notou velhos Fremen entre os guardas. Naibs barbados com cicatrizes de trajes destiladores em suas narinas, facas cristalinas embainhadas nas cinturas, algumas pistolas maula e até mesmo algumas armas de laser. Deviam ser homens de muita confiança, pensou ela, para portarem armas de laser na presença de Paul quando ele obviamente usava um gerador de campo. Podia notar o tremeluzir do campo em torno dele. Um disparo de uma arma de laser naquele campo e toda essa cidadela seria reduzida a um buraco no chão.

Sua guarda parou a dez passos do pé da plataforma, dividindo-se para não obstruir a visão do Imperador. Então, ela notou a ausência de Chani e Irulan, admirando-se disso. Ele não dava qualquer audiência importante sem elas, pelo que se comentava.

Paul acenou com a cabeça para ela, silencioso, avaliando.

Imediatamente, ela decidiu partir para a ofensiva e disse:

— Então, o grande Paul Atreides se digna ver alguém a quem baniu.

Paul sorriu atravessado, pensando: “Ela sabe que desejo alguma coisa dela.” Tal conhecimento seria inevitável, sendo ela quem era. Reconhecia-lhe os poderes. As Bene Gesserit não se tornam Reverendas Madres por acaso.

— Podemos dispensar os duelos verbais? — indagou ele.

Seria assim tão fácil?, imaginou ela. Então disse:

— Diga o que deseja.

Stilgar remexeu-se, olhando incisivamente para Paul. O lacaio imperial não lhe apreciara o tom.

— Stilgar deseja que eu a mande embora — disse Paul.

— Sem me matar? — ela indagou. — Eu teria esperado alguma coisa mais direta de um Naib Fremen.

Stilgar olhou para ela, carrancudo, e disse:

— Frequentemente, eu devo falar o oposto daquilo que penso. Chamam a isso de diplomacia.

— Então, vamos dispensar a diplomacia também. Era necessário fazer-me caminhar toda essa distância? Sou uma velha.

— Era preciso demonstrar-lhe quão duro posso ser. Desse modo, saberá reconhecer a magnanimidade — disse Paul.

— Atreve-se a tais grosserias com uma Bene Gesserit?

— Os atos grosseiros transmitem suas próprias mensagens.

Ela hesitou, medindo-lhe as palavras. Assim, isso significava que ele ainda poderia dispensá-la... grosseiramente, como era óbvio, se ela... se ela o quê?

— Diga o que deseja de mim — murmurou a velha.

Alia olhou para o irmão e acenou para as cortinas atrás do trono. Ela conhecia o raciocínio de Paul sobre tudo isso, mas não gostava da coisa. Podemos chamar de profecia impetuosa: sentia-se cheia de relutância em tomar parte nessa barganha.

— Deve ser cuidadosa no modo como fala comigo, velha — disse Paul.

“Ele me chamou de velha quando ainda era um moleque”, pensou a Reverenda Madre. “Estará me recordando agora da presença de minha mão em seu passado? A decisão que tornei então, deverei repeti-la aqui?” Sentia o peso dessa decisão, uma coisa física que deixava seus joelhos trêmulos. Músculos gritando de fadiga.

— Foi uma longa caminhada — ele concordou. — Posso ver que está cansada. Vamos nos retirar para minha câmara particular, atrás do trono. Poderá sentar-se lá. — Fez um sinal com a mão para Stilgar e se levantou.

Stilgar e o ghola convergiram para ela, ajudando-a a subir os degraus e seguindo Paul através da passagem oculta pelas cortinas.

Percebia agora por que ele a saudara no salão: fora uma encenação para os guardas e Naibs. Ele os temia, então. E agora... agora ele exibia uma condescendência gentil, atrevendo-se a tais ardis com uma Bene Gesserit. Ou isso seria atrevimento? Sentiu outra presença atrás de si e olhou, vendo que Alia a seguia. Os olhos da jovem tinham uma aparência meditativa, maligna. A Reverenda Madre estremeceu.

A câmara particular, na extremidade do corredor, era um cubo de plasmeld com vinte metros de lado, contendo globos luminosos, que forneciam uma iluminação amarelada, e espessas cortinas alaranjadas, de uma tenda destiladora do deserto, em torno das paredes. Havia divãs, almofadas macias e um suave odor de melange. Frascos de água cristalina surgiam sobre uma mesinha.

Parecia diminuto depois do salão exterior.

Paul sentou-a sobre um divã e ficou de pé diante dela, observando o velho rosto. Dentes metálicos, olhos que ocultavam mais do que revelavam, pele profundamente enrugada. Indicou-lhe um frasco com água. Ela sacudiu a cabeça negativamente, deslocando um fiapo de cabelo grisalho.

Em voz baixa, ele disse:
— Desejo barganhar com a senhora pela vida de minha amada.
Stilgar pigarreou.
Alia passou o dedo sobre o cabo da faca cristalina embainhada em seu pescoço.
O ghola permanecia na porta, rosto impassível, olhos metálicos apontados para um ponto no ar acima da cabeça da Reverenda Madre.
— O senhor teve visão de minha mão agindo na morte dela? — indagou a Reverenda Madre.
Mantinha a atenção voltada para o ghola, que curiosamente a perturbava. Por que se sentia ameaçada pelo ghola? Ele era um instrumento da conspiração.
— Eu sei o que deseja de mim — disse Paul, evitando responder à pergunta.
“Então, ele apenas suspeita”, ela pensou. Olhou para as pontas dos sapatos expostas sob a dobra do seu manto. Sapatos pretos... Pretos... e o manto exibindo as marcas do seu confinamento: manchado, amarrotado. Ergueu o queixo para encontrar o brilho furioso nos olhos de Paul. O júbilo fluía através dela, mas a velha ocultava a emoção por trás de lábios comprimidos, olhos semicerrados.
— Que moeda tem para oferecer? — indagou.
— Você poderá ter o meu sêmen, mas não a minha pessoa — respondeu Paul. — Irulan será banida e inseminada artificial...
— Como se atreve! — rugiu a Reverenda Madre, o corpo se enrijecendo.
Stilgar deu meio passo adiante.
De modo desconcertante, o ghola sorriu, e agora era Alia que o observava.
— Não vamos discutir as coisas que sua Irmandade proíbe — continuou Paul. — Não ouvirei mais conversas sobre pecados, maldições ou crenças deixadas por antigos Jihads. Vocês podem ter o meu sêmen para os seus planos, mas nenhum filho de Irulan se sentará no meu trono.
— Seu trono — ela zombou.
— Meu trono.
— Então, quem dará à luz o herdeiro imperial?
— Chani.
— Ela é estéril.
— Ela está grávida.
Uma inspiração involuntária revelou o choque da Reverenda Madre.
— É mentira — retrucou ela.
Paul ergueu a mão a fim de deter Stilgar, que avançava para ela.
— Sabemos há dois dias que ela carrega um filho meu.
— Mas Irulan...

— Somente por meios artificiais. Essa é minha oferta. A Reverenda Madre fechou os olhos para lhe ocultar o rosto.

Maldição! Lançar o dado genético de tal modo! A aversão fervia em seu peito. Os ensinamentos das Bene Gesserit, as lições do Jihad Buferiano — tudo proibia um ato desses. Não se aviltam as aspirações mais elevadas da humanidade. Máquina alguma poderia funcionar à maneira da mente humana. Nenhuma ordem ou documento poderia obrigar que homens se reproduzissem no nível de animais.

— A decisão é sua — disse Paul.

Ela sacudiu a cabeça. Os genes, os preciosos genes dos Atreides... somente eles eram importantes. A necessidade era mais importante que as proscrições. Para a Irmandade, a reprodução significava mais que a união de esperma e óvulo. O objetivo era capturar a psique.

A Reverenda Madre compreendia agora as profundas sutilezas da oferta de Paul. Ele faria as Bene Gesserit tomarem parte num ato que iria acarretar a ira popular... se algum dia fosse descoberto. Elas não poderiam admitir tal paternidade se o Imperador a negasse. Era uma moeda que poderia salvar os genes dos Atreides para a Irmandade, mas jamais compraria um trono.

Deixou seu olhar percorrer a sala, estudando cada face: Stilgar, agora passivo e na expectativa; o ghola, congelado em algum lugar interior; Alia, observando o ghola... e Paul — a fúria oculta debaixo de um verniz fino.

— Essa é sua única oferta? — indagou ela.

Minha única oferta.

Olhou para o ghola, atraída por um breve movimento dos músculos em torno de seu queixo. Emoção?

— Você, ghola — disse ela. — Tal oferta deveria ter sido feita? E tendo sido feita, deveria ser aceita? Funcione como mentat para nós.

Os olhos metálicos voltaram-se para Paul.

— Responda como desejar — disse Paul.

O ghola voltou seu olhar reluzente para a Reverenda Madre, chocando-a uma vez mais com seu sorriso.

— Uma oferta é tão boa quanto aquilo que ela compra. A troca aqui oferecida é de uma vida por outra, assunto de ordem muito elevada.

Alia tirou da testa um fio de cabelo cor de cobre e perguntou:

— E o que mais se oculta nessa barganha?

A Reverenda Madre recusava-se a olhar para Alia, mas as palavras queimaram-lhe a mente. Sim, haviam implicações bem mais profundas. A irmã era abominável, é verdade, mas não poderia negar-lhe o status de Reverenda Madre, com tudo que esse título implicava. Gaius Helen Mohiam sentia naquele

instante não ser mais uma única pessoa, mas todas as outras que se sentavam, como minúsculas agregações, em sua memória. Elas estavam alertas, cada Reverenda Madre que ela absorvera ao se tornar Sacerdotisa da Irmandade. Alia devia encontrar-se na mesma situação.

— Que mais? — perguntou o ghola. — Pode-se perguntar por que as bruxas Bene Gesserit ainda não usaram os métodos dos Tleilaxu.

Gaius Helen Mohiam e todas as Reverendas Madres dentro dela estremeceram. Sim, os Tleilaxu faziam coisas repugnantes.

Se alguém extinguisse as barreiras contra a inseminação artificial, qual seria o próximo passo dos Tleilaxu? Mutação controlada?

Paul, observando o jogo de emoções em torno dele, sentiu abruptamente que não mais conhecia essas pessoas. Só podia ver estranhos, e até mesmo Alia era agora uma estranha.

Alia disse:

— Se soltarmos o gene dos Atreides à deriva no rio Bene Gesserit, quem sabe o que poderá resultar?

A cabeça de Gaius Helen Mohiam voltou-se subitamente, respondendo ao olhar de Alia. Por breve instante, elas foram duas Reverendas Madres unidas, comunicando um único pensamento: "O que se encontra por trás de uma ação dos Tleilaxu? O ghola era uma criação dos Tleilaxu. Teria ele colocado esse plano na mente de Paul? Este tentaria negociar diretamente com Bene Tleilax?"

Desviou o olhar para longe de Alia, sentindo suas próprias ambivalências e imperfeições. A armadilha do treinamento das Bene Gesserit, lembrou-se, estava nos poderes que outorgava.

Tais poderes predispunham a pessoa à vaidade e ao orgulho.

Mas o poder ilude aqueles que o usam. Surge a tendência a se acreditar que o poder é capaz de superar qualquer obstáculo... inclusive a própria ignorância de quem o utiliza.

Somente uma coisa se erguia acima de tudo, nesse caso, do ponto de vista das Bene Gesserit, disse ela a si mesma. Era a pirâmide de gerações que chegara ao ápex em Paul Atreides... E em sua abominável irmã. Uma escolha errada agora e a pirâmide teria que ser reconstruída... iniciando novas gerações em linhas paralelas e com espécimes reprodutores carecendo das características ideais.

"Mutação controlada", pensou ela. "Será que os Tleilaxu realmente a praticavam? Que coisa tentadora!" Sacudiu a cabeça, achando melhor afastar tais pensamentos.

— Rejeita minha proposta? — indagou Paul.

— Estou pensando — respondeu ela.

Ela tornou a olhar para a irmã. O par ideal para essa fêmea Atreides fora perdido... assassinado por Paul. Outra possibilidade permanecia, entretanto... uma possibilidade que consolidara as características desejadas em uma descendência. Paul atrevia-se a oferecer uma reprodução animal às Bene Gesserit! Quanto ele estaria realmente disposto a pagar em troca da vida de sua Chani? Aceitaria uma união com a própria irmã?

Lutando para ganhar tempo, a Reverenda Madre disse:

— Diga-me, ó imaculado exemplar de tudo que é sagrado, Irulan tem alguma coisa a dizer quanto à sua proposta?

— Irulan fará aquilo que lhe disser que faça — retrucou Paul.

"É bem verdade", pensou Mohiam. Firmando o queixo, ofereceu uma nova jogada:

— Existem dois Atreides.

Paul, percebendo algo do que se encontrava na mente da velha bruxa, sentiu o sangue escurecer-lhe a face.

— Cuidado com o que sugere — advertiu.

— O senhor só usaria Irulan para conquistar seus objetivos, não é?

— Não foi ela treinada para isso — ser usada? — indagou Paul.

"E nós a treinamos, é isso que ele está dizendo", pensou Mohiam. "Bem... Irulan é uma moeda dividida. Haveria outro modo de gastá-la?"

— Colocará no trono o filho de Chani? — indagou a Reverenda Madre.

— No meu trono — respondeu Paul.

Olhou para Alia, imaginando se ela conheceria as possibilidades divergentes dessa discussão. Alia estava de olhos fechados, aparentando uma estranha calma. Com que força interior estaria comungando? Vendo a irmã desse jeito, sentiu-se lançado à deriva. Com Alia numa praia que dele se afastava.

A Reverenda Madre tomou sua decisão.

— Isso é demasiado para que apenas uma pessoa decida. Devo consultar nosso Conselho em Wallach. Permitiria que eu enviasse uma mensagem?

"Como se ela precisasse de minha permissão!", pensou Paul. E disse:

— De acordo, então. Mas não se atrase muito. Não ficarei esperando sentado enquanto vocês decidem.

— Negociará com os Bene Tleilax? — indagou o ghola, a voz constituindo uma aguda intromissão.

Os olhos de Alia abriram-se subitamente e ela fitou o ghola como se tivesse sido despertada por um intruso perigoso.

— Ainda não tomei tal decisão — respondeu Paul. — O que farei será partir para o deserto assim que isso possa ser arranjado. Nosso filho deverá nascer em um sietch.

— Sábia decisão — entoou Stilgar.

Alia recusou-se a olhar para Stilgar. Era uma decisão errada, podia senti-la em cada uma de suas células. Paul devia saber disso. Por que se havia fixado em tal caminho?

— Terá a Bene Tleilax oferecido seus serviços? — indagou Alia. Percebia que Mohiam aguardava a resposta.

Paul sacudiu a cabeça.

— Não. — Olhou para Stilgar. — Stil, faça com que a mensagem seja enviada para Wallach.

— Imediatamente, meu senhor.

Paul voltou-se, esperou Stilgar convocar os guardas e sair com a velha bruxa. Sentia Alia debatendo-se, em dúvida quanto a se devia confrontá-la com mais perguntas. Ela voltou-se, em vez disso, para o ghola.

— Mentat — perguntou ela —, os Tleilaxu oferecerão seus serviços a meu irmão?

O ghola encolheu os ombros.

Paul sentia sua atenção vaguear. “Os Tleilaxu? Não... não no modo como Alia sugeria.” Sua pergunta, no entanto, revelava que ela não percebera as alternativas do momento... Bem... as visões variam de sibila para sibila. Por que não de irmão para irmã? Vagueando... vagueando... retornava de cada pensamento com um susto, captando estilhaços da conversação que tinha lugar a seu lado.

Preciso conhecer o que os Tleilaxu... plenitude de dados é sempre... saudáveis dúvidas onde...

Paul virou-se, olhou para a irmã e captou sua atenção. Sabia que ela notaria as lágrimas em seu rosto e se surpreenderia com elas. Deixe que ela se surpreenda. A surpresa era uma gentileza agora. Olhou para o ghola, vendo apenas Duncan Idaho, a despeito dos olhos metálicos. Mágoa e compaixão lutavam dentro de Paul. Que poderiam registrar aqueles olhos?

“Existem muitos graus de visão, assim como muitos graus de cegueira”, pensou. Sua mente

Voltou-se para a paráfrase de uma passagem da Bíblia Universal Laranja: “De que sentidos carecemos que não podemos ver um outro mundo em torno de nós?”

Aqueles olhos metálicos constituiriam um outro sentido que não a visão?

Alia aproximou-se do irmão, sentindo sua tristeza absoluta.

Tocou em uma lágrima de sua face com um gesto de admiração dos Fremen e disse:

— Não devemos lamentar-nos por aqueles que nos são caros antes de sua

partida.

— Antes de sua partida — sussurrou Paul. — Diga-me, irmãzinha, o que é “antes”?

13

Já me fartei desse negócio de deus e sacerdócio! Pensa que não percebo meu próprio mito? Consulte seus dados uma vez mais, Hayt. Faz com que meus ritos se insinuassem nos atos humanos mais elementares. As pessoas se alimentam em nome do Muad'Dib! Fazem amor em meu nome, nascem em meu nome... atravessam a rua em meu nome. Uma viga de telhado não pode ser erguida na habitação mais miserável da distante Gallgisbree sem que se invoquem ar bênçãos do Muad'Dib!

— Livro das Diatribes, extraído das Crônicas de Hayt

— Arrisca-se em demasia ao deixar seu posto e vir até aqui a esta hora — disse Edric, olhando furioso, através das paredes de seu tanque, para o Dançarino Facial.

— Como é fraco e estreito seu raciocínio — disse Scytale.

— Quem é que veio para visitá-lo?

Edric hesitou, observando as formas volumosas, as pálpebras grossas, o rosto abrutalhado. Era início do dia e o metabolismo de Edric ainda não se ajustara à passagem do repouso noturno ao pleno consumo de melange.

— Essa não é a forma com que caminhava nas ruas? — indagou Edric.

— Ninguém olharia duas vezes para algumas das figuras que eu fui hoje.

"O camaleão pensa que uma mudança de forma poderá ocultá-lo de qualquer coisa", pensou Edric com rara inspiração. E se indagou se sua presença na conspiração realmente os ocultaria de todos os poderes oraculares. A irmã do Imperador, por exemplo...

Sacudiu a cabeça, agitando o gás alaranjado de seu tanque, e perguntou:

— Por que está aqui?

— O presente deve ser estimulado a agir mais rapidamente — disse Scytale.

— Isso não pode ser feito.

— Deve-se encontrar um meio — insistiu Scytale.

— Por quê?

— As coisas não estão ao meu agrado. O Imperador tenta dividir-nos. Já fez sua oferta às Bene Gesserit.

— Oh, ISSO.

— Isso! Deve estimular o ghola para que...

— Você o moldou, Tleilaxu — respondeu Edric. — Sabe muito bem que não devia pedir isso. Fez uma pausa, aproximando-se da parede do tanque. — Ou nos terá mentido a respeito do presente?

— Mentido?

— Você disse que a arma era para ser apontada e disparada, nada mais. Uma vez que o ghola fosse entregue, não poderíamos interferir.

— Qualquer ghola pode ser perturbado — disse Scytale. — Não é preciso nada além de questioná-lo quanto ao seu ser original.

— O que isso produziria?

— Iria induzi-lo a realizar ações que nos interessariam.

— Ele é um mentat, com poderes de lógica e raciocínio — contestou Edric. — Pode adivinhar o que estou fazendo... ou a irmã, se sua atenção for despertada por...

— Você nos oculta da sibila ou não?

— Não estou com medo de oráculos — respondeu Edric. — Preocupo-me com a lógica, com espiões verdadeiras, com a força física do Império, com o controle da especiaria, com...

— Pode-se contemplar o Imperador e seus poderes confortavelmente, bastando para isso lembrar que todas as coisas são finitas — disse Scytale.

Curiosamente, o Timoneiro recuou agitado, os membros debatendo-se como alguma salamandra bizarra. Scytale sentiu certa repugnância ante essa visão. O Navegador da Corporação usava a malha escura de costume, que se avolumava no cinturão com os vários recipientes. E no entanto... dava uma impressão de nudez quando se movia. Eram os movimentos de natação, de estender os membros para agarrar alguma coisa, decidiu Scytale.

Uma vez mais lhe ocorreu como eram delicados os elos dessa conspiração. Eles não formavam um grupo compatível. E aí se encontrava a fraqueza.

A agitação de Edric diminuiu. Ele olhou para Scytale, sua visão colorida pelo gás laranja que o sustentava. Que trama o Dançarino Facial não reservaria para salvar a si próprio, perguntou-se Edric. O Tleilaxu não estava agindo de modo previsível.

Mau presságio.

Alguma coisa na voz e nas ações do Navegador revelavam a Scytale que o Homem da Corporação temia mais a irmã do que o Imperador. Esse era um

pensamento repentino, relampejando na tela da consciência. Perturbador. Teria deixado de notar algo importante em relação a Alia? O ghola seria arma suficiente para destruir a ambos?

— Sabe o que costumam dizer a respeito de Alia? — indagou Scytale, sondando.

— Que quer dizer? — Novamente, o homem-peixe se agitou.

— Que nunca antes a filosofia e a cultura tiveram uma patrocinadora como ela. Prazer e beleza unidos em...

— Que há de resistente na beleza — ou no prazer? — perguntou Edric. — Nós destruiremos ambos os Atreides. Cultura! Eles administram a cultura da maneira mais adequada ao Governo. Beleza! Eles promovem o tipo de beleza que escraviza. Criam uma ignorância alfabetizada... a coisa mais fácil. Não deixam nada ao acaso. Correntes! Tudo que eles fazem forja correntes, escraviza. Mas os escravos sempre se revoltam.

— A irmã pode casar-se e produzir descendentes — advertiu Scytale.

— Por que você fala da irmã?

— O Imperador pode escolher um par para ela.

— Deixe que ele escolha. Já é muito tarde.

— Nem mesmo você pode inventar o momento seguinte — advertiu Scytale. — Você não é um criador... mais do que são os Atreides. — Sacudiu a cabeça. — Não devemos conjecturar em demasia.

— Não somos nós que damos com a língua falando em criação — protestou Edric. — Não somos a plebe que tenta fazer do Muad'Dib um messias. Que tolice é essa? Por que está colocando essas questões?

— É este planeta — disse Scytale. — Ele coloca questões.

— Os planetas não falam!

— Este fala.

— Como?

— Ele fala de criação. Areia soprada à noite, isso é criação.

— Areia soprada...

— Quando você desperta, a primeira luz do dia lhe revela um mundo novo... tudo fresco e pronto para suas pegadas.

"Areia que não foi pisada", pensou Edric, "Criação?" Sentia nós de súbita ansiedade a afligi-lo. O confinamento nesse tanque, a sala em volta, tudo fechando-se sobre ele, a oprimi-lo.

"Pegadas na areia."

— Você fala como um Fremen — disse Edric.

— Esse é um pensamento dos Fremen, e é muito instrutivo — concordou Scytale. — Eles falam do Jihad do Muad'Dib deixando rastros no universo, do

mesmo modo como um Fremen deixa pegadas na areia virgem. Eles deixaram uma trilha sobre as vidas dos homens.

— E assim?

— Outra noite vem — continuou Scytale. — Os ventos sopram.

— Sim — disse Edric. — O Jihad é finito. O Muad'Dib usou seu Jihad e...

— Ele não usou o Jihad — discordou Scytale. — Foi o Jihad que fez uso dele. Creio que ele o teria detido se pudesse.

— Se pudesse? Tudo que ele tinha a fazer era...

— Oh, fique quieto! — gritou Scytale. — Não se pode deter uma epidemia mental. Ela salta de pessoa para pessoa através de parsecs. É terrivelmente contagiosa. Ataca pelo lado desprotegido, no lugar onde guardamos os fragmentos de pragas semelhantes. Quem pode parar uma coisa assim? O Muad'Dib não tem o antídoto. A coisa se enraíza no caos. Alguma ordem pode chegar lá?

— Você foi infectado, então? — indagou Edric. Ele se voltou lentamente dentro do gás laranja, imaginando por que as palavras de Scytale carregavam um tom de medo. O Dançarino Facial teria rompido com a conspiração? Não havia modo de olhar o futuro e examinar isso agora. O futuro tornara-se uma corrente lamacenta, coagulada de profetas.

— Estamos todos contaminados — disse Scytale, e se lembrou de que a inteligência de Edric possuía limites severos. Como poderia expor esse argumento de modo a que o Homem da Corporação pudesse entendê-lo?

— Mas quando nós o destruirmos — disse Edric —, o contag...

— Eu devia deixá-lo em sua ignorância — disse Scytale. — Mas minhas obrigações não o permitem. Além do mais, seria perigoso para todos nós.

Edric recuou, firmando-se novamente com um chute de um dos pés de palmide que lançou o gás laranja em rodopios em torno de suas pernas.

— Você fala de modo estranho — ele disse.

— Toda esta coisa é explosiva — advertiu Scytale com a voz mais calma. — Está a ponto de estourar. E quando isso acontecer, lançará seus fragmentos através dos séculos. Não percebe isso?

— Já lidamos com religiões antes — protestou Edric. — Se esta nova...

— Não é apenas uma religião! — disse Scytale, imaginando o que a Reverenda Madre não diria da rude educação do companheiro conspirador. — Um governo religioso é coisa diferente.

O Muad'Dib recrutou seu Qizarate por toda parte, substituindo os antigos funcionários do Governo. Mas não tem um serviço civil permanente, uma rede de embaixadas interligadas. Possui bispados, ilhas de autoridade. E no centro de cada uma dessas ilhas se encontra um homem. Os homens aprendem a

conquistar e manter o poder pessoal. Os homens são invejosos.

— Quando estiverem divididos, nós os absorveremos um por um — disse Edric com um sorriso complacente. — Corte a cabeça e o corpo cairá para...

— Esse corpo tem duas cabeças — lembrou Scytale.

— A irmã, que pode se casar.

— Que certamente se casará.

— Não gosto do seu tom, Scytale.

— E eu não gosto de sua ignorância.

— E daí, se ela se casar? Isso abalará nossos planos?

— Abalará o universo.

— Mas eles não são únicos. Eu mesmo possuo poderes que...

— Você é uma criança. Você engatinha onde eles caminham.

— Eles não são únicos!

— Você se esquece, homem da Corporação, que criamos um kwisatz haderach. Trata-se de um ser tomado pelo espetáculo do Tempo. Uma forma de vida que não pode ser ameaçada sem acarretar, para o inimigo, uma ameaça idêntica. O Muad'Dib sabe que nós atacaríamos sua Chani. Devemos andar mais depressa do que temos feito. Você deve chegar até o ghola e estimulá-lo como o instruí.

— E se não o fizer?

— Nós sentiremos o trovão.

14

"O verme de muitos dentes,
Poder negar o que não tem cura?
A carne e o hálito que te atraem
Ao terreno de todos os princípios
Devoram monstros que se contorcem
numa porta de fogo!
Não tiveste maroto em teu vestuário
Que te conserve a embriaguez,— da divindade
Ou que te ocultasse a chama"

— Canção do Verme, extraída do Livro de Duna

Paul exercitara-se duramente na prática de solo, usando contra o ghola a faca cristalina e a espada curta. Encontrava-se agora diante de uma janela, olhando para baixo, em direção à praça do templo, tentando imaginar a cena com Chani na clínica. Ela se sentira mal ao amanhecer, na sexta semana de sua gravidez. Os médicos eram os melhores. Eles o chamariam quando tivessem notícias.

Sombrias nuvens de areia do entardecer escureciam o céu sobre a praça. Os Fremen chamavam esse tempo de "ar sujo".

Será que os médicos nunca o chamariam? Cada segundo lutava para se escoar, relutante em entrar no seu universo.

Esperar... esperar... As Bene Gesserit não tinham enviado resposta de Wallach. Atraso deliberado, é claro.

A visão presciente registrara esses momentos, mas ele bloqueava sua consciência em relação ao oráculo, preferindo desempenhar o papel de um peixe do Tempo que nadava, não para onde desejava, mas para onde o levavam as correntezas. Agora, o destino não permitiria resistências.

Podia ouvir o ghola colocando as armas nas prateleiras, examinando o equipamento. Paul suspirou e colocou a mão no cinturão, desativando o escudo. O arrepio da passagem do campo correu por sua pele.

Enfrentaria os eventos quando Chani viesse. Haveria tempo suficiente

para aceitar o fato de que aquilo que ele lhe ocultara havia prolongado sua vida. Seria ruim, ele se perguntava, preferir Chani ao herdeiro? Mas que direito tinha de fazer a escolha por ela? Pensamentos tolos! Quem hesitaria diante das alternativas: o fosso dos escravos, a tortura, a mágoa agonizante... e pior.

Ouviu a porta abrir-se, os passos de Chani.

Voltou-se.

Um ódio assassino transparecia no rosto da mulher. O largo cinturão dos Fremen que cingia o manto dourado, os anéis de água usados como colar, uma das mãos nos quadris (nunca longe da faca), o olhar cortante de sua primeira inspeção em qualquer aposento, tudo nela parecia o pano de fundo para a violência.

Ele abriu os braços quando ela se aproximou, puxando-a para junto de si.

— Alguém — disse ela, estridente, bem junto ao peito dele — me esteve ministrando um anticoncepcional por muito tempo... antes que eu começasse a nova dieta. Haverá problemas com o nascimento por causa disso.

— Mas existem remédios? — indagou ele.

— Remédios perigosos. Eu conheço a fonte daquele veneno! Vou tirar o sangue dela.

— Minha Sihaya — ele sussurrou, segurando-a com força para acalmar um súbito tremor. — Você dará à luz o herdeiro que desejamos. Isso não é o bastante?

— Minha vida se consome rapidamente — ela disse, pressionando seu corpo contra o dele. — O nascimento controla agora a minha vida. Os médicos me disseram que avança num ritmo terrível. Eu preciso comer... e comer e comer... e também ingerir mais especiaria... comê-la, bebê-la. Vou matá-la por isso!

Paul beijou-a no rosto.

— Não, minha Sihaya, você não matará ninguém.

E pensou: "Irulan prolongou sua vida, minha amada. Para você, o tempo de dar à luz será o tempo da morte."

Sentiu uma mágoa profunda sugar seu interior, esvaziando-lhe a vida num frasco negro.

Chani afastou-se num movimento súbito:

— Ela não pode ser perdoada!

— Quem falou em perdoar?

— Então, por que não devo matá-la?

Era uma pergunta tão trivial entre os Fremen que Paul se sentiu quase dominado por um desejo histérico de rir. Controlou-o dizendo:

— Não iria ajudar.

— Já viu isso?

Paul sentiu o ventre comprimir-se com a memória-visão.

— O que já vi... o que j á vi... — murmurou.

Cada aspecto dos acontecimentos a sua volta encaixava-se num padrão que o paralisava. Sentia-se acorrentado a um futuro que, por ter sido exposto com muita frequência, agarrara-se a ele como um súcubo sedento. Uma secura e um aperto comprimiam-lhe a garganta. Teria seguido o chamado de seu próprio oráculo, indagava-se, até que este o levasse a um presente implacável?

— Diga-me o que viu — disse Chani.

— Não posso.

— Então, por que não devo matá-la?

— Porque eu lhe peço.

Observou-a enquanto ela aceitava isso. E ela o fez da maneira como a areia aceitava a água: absorvendo-a e ocultando-a. Haveria obediência debaixo daquela superfície quente e enfurecida? Percebeu então que a vida no Castelo Real deixara Chani intocada. Ela apenas parara ali por algum tempo, habitando uma estação intermediária na jornada, ao lado de seu homem. Nada dos modos do deserto lhe fora tomado.

Então Chani se afastou dele, olhando para o ghola que esperava junto ao círculo de diamante da porta de treinamento.

— Esteve esgrimindo com ele? — indagou ela.

— E me sinto melhor por isso.

O olhar dela percorreu o círculo no piso e voltou aos olhos metálicos do ghola.

— Eu não gosto disso.

— Ele não se destina a cometer qualquer violência contra mim — explicou Paul.

— Já viu isso?

— Não, não vi.

— Então, como pode saber?

— Porque ele é mais que um ghola, é Duncan Idaho.

— Os Bene Tleilax o criaram.

— Eles criaram mais do que pretendiam.

Ela sacudiu a cabeça. A extremidade do lenço nezhoni roçava a gola de seu roupão.

— Como pode alterar o fato de que ele é um ghola?

— Hayt — disse Paul —, você é o instrumento da minha ruína?

— Se a substância do aqui e agora for alterada, o futuro também o será — respondeu o ghola.

— Isso não é resposta! — discordou Chani. Paul ergueu a voz:
— Como eu vou morrer, Hayt?
Uma luz cintilou nos olhos artificiais.
— Dizem que o senhor será vítima do dinheiro e do poder.
Chani ficou rígida.
— Como ele se atreve a lhe falar assim?
— O mentat é sincero — respondeu Paul.
— Duncan Idaho foi um amigo verdadeiro? — ela perguntou.
— Ele deu a vida por mim.
— É triste — sussurrou Chani — que um ghola não possa ser revertido ao ser que o originou.
— Iria cambiar-me? — indagou o ghola, dirigindo a pergunta a Chani.
— O que ele quer dizer? — perguntou Chani.
— Ser cambiado é ser mandado de volta — explicou Paul. — Mas não existe retorno.
— Cada homem carrega consigo seu próprio passado — disse Hayt.
— E cada ghola? — perguntou Paul.
— De certo modo, meu senhor,
— Então, onde está o passado em sua carne secreta? — perguntou Paul. Chani percebeu que a pergunta perturbava o ghola. Seus movimentos tornaram-se mais rápidos, as mãos comprimidas em punhos. Olhou para Paul, imaginando que motivo o levara a sondá-lo assim. Haveria um meio de reverter essa criatura ao homem que havia sido?
— Alguma vez um ghola relembrou seu passado real? — indagou Chani.
— Muitas tentativas foram feitas — disse Hayt, o olhar fixo no piso diante de seus pés. Nenhum ghola jamais foi restaurado ao seu ser anterior.
— Mas você deseja que isso aconteça — disse Paul. As superfícies vazias dos olhos do ghola ergueram-se para se concentrar em Paul de um modo intenso.
— Sim!
Com voz suave, Paul disse:
— Se houver um meio...
— Esta carne — disse Hayt, levando a mão esquerda à testa num curioso movimento de saudação — não é a carne original do meu nascimento. É... uma reconstituição. Somente a forma é familiar. Um Dançarino Facial poderia fazer o mesmo.
— Não tão bem — disse Paul. — E você não é um Dançarino Facial.
— Isso é verdade, meu senhor.
— De onde vem sua forma?
— A impressão genética nas células originais.

— Em algum lugar — explicou Paul —, há alguma coisa plástica que se lembra da forma de Duncan Idaho. Dizem que os antigos sondaram essa região antes do Jihad Butleriano. Qual a extensão dessa memória, Hayt? O que ela aprendeu do original?

O ghola encolheu os ombros.

— E se ele não fosse Duncan Idaho? — indagou Chani.

— Mas era.

— Pode ter certeza?

— Ele é Duncan em cada detalhe. Não posso imaginar uma força suficientemente poderosa para manter essa forma assim, sem qualquer desvio ou alteração.

— Meu senhor! — advertiu Hayt. — O fato de não poder imaginar uma coisa não a exclui da realidade. Existem coisas que eu devo fazer como ghola que não faria como homem.

Mantendo a atenção em Chani, Paul disse:

— Está vendo?

Ela assentiu.

Paul se voltou, lutando contra uma tristeza profunda. Caminhou até as janelas da sacada e fechou as cortinas. As luzes se acenderam no súbito crepúsculo. Ele apertou a cinta do roupão, enquanto ouvia os sons às suas costas.

Não havia nada.

Virou-se. Chani encontrava-se como que fascinada, o olhar centrado no ghola.

Hayt, percebia Paul, refugiara-se em alguma câmara interna do seu ser... Retornara ao lugar do ghola.

Chani virou-se ao som do retorno de Paul. Ainda se sentia sob o fascínio daquele instante que Paul precipitara. Durante um breve momento, o ghola fora um ser humano intenso, cheio de vitalidade. Naquele instante, ele fora alguém que ela não temia... de fato, alguém de quem gostava e a quem admirava. Agora compreendia o propósito de Paul nessa sondagem. Ele queria que ela visse o “homem” na carne do ghola.

Olhou para Paul.

— Aquele homem era Duncan Idaho?

— Aquele era Duncan Idaho. Ele ainda está lá.

— Ele teria permitido que Irulan continuasse vivendo? — indagou ela.

“A água não chegou bem ao fundo”, pensou Paul. E disse:

— Se eu lhe ordenasse.

— Eu não entendo. Você não devia estar furioso?

— Eu estou.

— Não parece furioso. Parece triste.

Ele fechou os olhos.

— Sim, isso também.

— Você é meu — ela disse. — Eu sei disso, mas de repente não posso entendê-lo.

Abruptamente, Paul sentiu-se como se estivesse caminhando por uma longa caverna. Sua carne se movimentava... primeiro um pé, depois o outro... mas seus pensamentos se encontravam em outra parte.

— Eu não compreendo a mim mesmo — sussurrou. Quando abriu os olhos, descobriu que se havia afastado de Chani. Ela falou de algum lugar atrás dele:

— Meu amado, não perguntarei mais o que viu. Só sei que lhe devo dar o herdeiro que desejamos. Ele assentiu com a cabeça.

— Eu sabia disso desde o início. Virou-se para observar Chani. Ela parecia muito distante.

Ela se empertigou, colocando uma das mãos sobre o abdome.

— Estou faminta. Os médicos dizem que devo comer três ou quatro vezes o que comia antes. Estou assustada, meu amado. Está acontecendo muito depressa.

— Muito depressa — concordou ele. — Esse feto sabe que tem necessidade de se desenvolver rapidamente.

15

A natureza audaciosa das ações do Muad'Dib pode ser compreendida pelo fato de que Ele sabia desde o inicio para onde se dirigia e, no entanto, nem uma única vez se desviou desse caminho. Ele mostrou isso claramente quando disse: "Eu lhes digo que cheguei agora ao momento do meu teste, quando será mostrado que sou o Derradeiro Servidor. " Assim, Ele uniu tudo em Um, de modo que tanto amigos quanto inimigos pudessem adorá-lo. E é por essa razão, e somente por essa, que seus Apóstolos rezavam: "Senhor, livrai-nos dos outros caminhos que o Muad'Dib cobriu com as Águas de Sua Vida. " Esses "outros caminhos" só podem ser imaginados com profunda repulsa.

— Extraído do Yiam-el-Din (Livro do julgamento)

O mensageiro era uma mulher jovem — rosto, nome e família conhecidos por Chani —, sendo esse o motivo de ela ter penetrado na Segurança Imperial.

Chani não fizera nada além de identificá-la para um oficial de Segurança chamado Bannerjee, que então arranjou o encontro com o Muad'Dib. Bannerjee agiu movido pelo instinto e pela confiança no fato de que o pai da moça fora um membro dos Comandos da Morte do Imperador, os temidos Fedaykin dos dias anteriores ao Jihad. De outro modo, teria ignorado a alegação de que a mensagem se destinava unicamente aos ouvidos do Muad'Dib.

Obviamente, ela foi revistada e observada antes de encontrar Paul em seu escritório particular. Mesmo assim, Bannerjee a acompanhou, uma das mãos segurando-lhe o braço e a outra sobre a faca.

Era quase meio-dia quando eles a trouxeram para a sala, um espaço curioso que misturava características dos Fremen do deserto com detalhes aristocráticos da família. Cortinas hiereg cobriam três das paredes: delicadas tapeçarias adornadas com motivos mitológicos dos Fremen. Uma tela de visão cobria a quarta parede, superfície de cor cinza-prateada atrás da mesa oval cujo topo exibia um único objeto, um relógio de areia dos Fremen construído num orrery. O orrery, mecanismo suspensor manufaturado em Ix, suportava ambas as luas de Arrakis alinhadas com o sol na clássica "Trindade do Verme".

Paul, de pé atrás da mesa, olhou para Bannerjee. O oficial de Segurança

era um daqueles que haviam feito carreira na força policial Fremen, conquistando a posição com cérebro e lealdade comprovada, a despeito dos ancestrais contrabandistas que seu nome revelava. Era uma figura sólida, quase gorda. Fiapos de cabelo negro caíam-lhe sobre a pele escura da testa, de aparência úmida, como o topete de um pássaro exótico. Seus olhos eram de um azul dentro de azul, firmes num olhar que poderia presenciar a felicidade ou uma atrocidade sem vacilar ou mudar a expressão. Tanto Chani quanto Stilgar confiavam nele. Paul sabia que, se mandasse Bannerjee estrangular a garota, ele o faria imediatamente.

— Senhor, esta é a garota mensageira — ele disse. — Minha senhora Chani disse que já o avisou.

— Sim. — Paul acenou bruscamente.

Curiosamente, a jovem não olhava para ele. Sua atenção voltava-se para o orrery. Ela era de pele escura, altura média, sua figura oculta debaixo de um manto cujo tecido cor de vinho, de alta qualidade e corte simples, revelava riqueza. Seu cabelo negro-azulado estava preso por uma fita estreita de um material que combinava com o manto. O manto ocultava-lhe as mãos que, Paul suspeitava, estariam firmemente unidas. Tudo conferia com o personagem. Inclusive o manto: uma peça elegante, poupada para essa ocasião.

Paul fez sinal para que Bannerjee ficasse de lado. Ele hesitou antes de obedecer. Agora, a garota se movia. Um passo à frente.

Ao fazê-lo, moveu-se com graça, mas ainda assim seus olhos o evitavam.

Paul pigarreou.

Agora, a garota ergueu o olhar, os olhos sem branco dilatando-se ao tom exato da admiração. Ela tinha rosto pequeno, curioso, com queixo delicado, um senso de discrição na boca pequena.

Os olhos pareciam anormalmente grandes, acima das maçãs do rosto oblíquas. Na aparência geral, alguma coisa dizia que essa moça não era muito de sorrir. Os cantos de seus olhos tinham mesmo um fraco enevoado amarelo que poderia ser resultante de irritação causada pela poeira ou vestígio de semuta.

Tudo conferia com o personagem.

— Pediu para me ver — disse Paul.

Chegara o momento do teste supremo para essa forma feminina. Scytale dotara-a da forma, dos maneirismos, do sexo, da voz... de tudo que suas habilidades poderiam captar e assumir.

Mas essa era uma forma feminina que o Muad'Dib conhecera em seus dias no sietch. Ela era uma criança naquela época, mas compartilhara experiências com ele. Certas áreas da memória devem ser evitadas delicadamente. Era o papel mais perfeito que Scytale já tentara desempenhar.

— Sou Lichna de Otheym, do Berk al Dib.

A voz da jovem saía fraca, mas firme, dando nome, pai e linhagem.

Paul assentiu e percebeu como Chani fora enganada. O timbre da voz, tudo reproduzido com exatidão. Não fosse seu próprio treinamento de Bene Gesserit em termos de voz, bem como a teia em que sua visão oracular o envolvera, esse Dançarino Facial poderia ter enganado até mesmo a ele.

O treinamento expunha certas discrepâncias: a garota era mais velha do que sua idade conhecida, havia um controle excessivo sobre suas cordas vocais e o conjunto de ombros e pescoço perdia por uma pequena fração a sutil altivez da pose de um Fremen.

Mas havia exatidão também: o rico manto fora bordado para revelar o verdadeiro nível social... e as feições eram incrivelmente exatas. Elas revelavam certa afinidade desse Dançarino Facial em relação ao papel que desempenhava.

— Repouse em minha casa, filha de Otheym — disse Paul, na saudação formal dos Fremen. Você é bem-vinda como a água após uma seca travessia.

Uma leve distensão mostrou a confiança que essa aparente aceitação havia transmitido.

— Eu trago uma mensagem — disse ela.

— O mensageiro de um homem é como ele mesmo — disse Paul.

Scytale respirou suavemente. Ia tudo bem, mas agora chegava o momento crucial. O Atreides devia ser guiado para aquela trilha especial. Devia perder sua concubina Fremen em circunstâncias em que mais ninguém compartilhasse sua culpa. A falha deveria ser apenas do onipotente Muad'Dib. Ele devia ser conduzido à conscientização final de seu fracasso e daí à aceitação da alternativa dos Tleilaxu.

— Eu sou a fumaça que afasta o sono durante a noite — disse Scytale, empregando uma expressão em código dos Fedaykin que significa: "Eu trago más notícias".

Paul lutou para manter a calma. Ele se sentia nú, a alma abandonada num tempo cego, oculto de toda visão. Oráculos poderosos ocultavam esse Dançarino Facial. Somente as extremidades dos momentos lhe eram conhecidas. Só sabia o que não deveria fazer. Não poderia matar esse Dançarino Facial, pois isso precipitaria um futuro que devia ser evitado a todo custo. De algum modo, era preciso encontrar um meio de penetrar naquela escuridão e alterar o padrão aterrador.

— Passe-me a mensagem — disse Paul.

Bannerjee movera-se para se colocar num local de onde poderia observar o rosto da garota. Ela pareceu notá-lo pela primeira vez e seu olhar voltou-se para o cabo da faca, debaixo da mão do Oficial de Segurança.

— O inocente não crê no mal — disse ela, olhando diretamente para Bannerjee.

“Ahh, muito bem feito”, pensou Paul. Era o que a verdadeira Lichna teria dito. Sentiu momentânea mágoa pela verdadeira filha de Otheym. Morta agora, um cadáver na areia. No entanto, não havia tempo para tais emoções. Olhou carrancudo.

Bannerjee mantinha a atenção voltada para a garota.

— Fui instruída a entregar esta mensagem em segredo — ela disse.

— Por quê? — indagou Bannerjee, a voz ríspida, sondando.

— Porque é desejo de meu pai.

— Este é um amigo meu — disse Paul. — Não sou um Fremen? Então, meu amigo pode ouvir tudo.

Scytale fez a forma de garota tranquilizar-se. Seria esse um verdadeiro costume dos Fremen... ou um teste?

— O Imperador pode fazer suas próprias regras — disse Scytale. — Esta é a mensagem: meu pai deseja que vá ao encontro dele levando Chani.

— Por que devo levar Chani?

— Ela é sua mulher e uma Sayyadina. Essa é uma questão de Água, pelas regras de nossas tribos. Ela deve atestar que meu pai fala de acordo com o Modo Fremen.

“Então é verdade que existem Fremen na conspiração”, pensou Paul. Esse momento encaixava-se no padrão das coisas que decerto ocorreriam. E não lhe restava alternativa senão submeter-se a esse curso de ação.

— Sobre o que seu pai irá falar? — perguntou ele.

— Sobre uma conspiração contra o senhor, uma conspiração entre os Fremen.

— Por que ele não trouxe a mensagem pessoalmente? — quis saber Bannerjee.

Ela manteve o olhar fixo em Paul.

— Meu pai não poderia ter vindo aqui. Os conspiradores suspeitam dele e ele não teria sobrevivido à jornada.

— E ele não podia revelar-lhe a trama? — perguntou Bannerjee. — Como foi que arriscou a própria filha em tal missão?

— Os detalhes estão gravados num distrans que somente o Muad’Dib poderá abrir. Isso eu sei respondeu ela.

— Então, por que ele não enviou o distrans? — indagou Paul.

— Trata-se de um distrans humano.

— Eu irei, então — disse Paul. — Mas sozinho.

— Chani deve ir com o senhor!

— Chani está grávida.
— Quando foi que uma mulher Fremen se recusou a...
— Meus inimigos lhe ministraram um veneno sutil — revelou Paul. — Ela terá um parto difícil. Sua saúde não lhe permitiria acompanhar-me agora.
Antes que Scytale pudesse contê-las, estranhas emoções passaram pelas feições da garota: frustração, raiva. Scytale lembrou-se de que a cada vítima devia ser oferecida uma alternativa de fuga, até mesmo a uma vítima como o Muad'Dib. A conspiração não fracassara, entretanto. O Atreides permanecia na rede. Era uma criatura que se desenvolvera firmemente segundo determinado padrão. Ele destruiria a si mesmo antes de mudar para alguma coisa oposta a esse padrão. Acontecera assim com o kwisatz haderach Tleilaxu. E aconteceria assim com este. Depois... o ghola.
— Deixe-me falar com Chani para que ela decida — pediu a garota.
— Eu já decidi — retrucou Paul. — Você me acompanhará no lugar de Chani.
— Mas isto requer uma Sayyadina do Ritual!
— Você não é amiga de Chani?
"Encurralado!", pensou Scytale. "Será que ele suspeita? Não.
Está sendo cauteloso à maneira dos Fremen. E o anticoncepcional é um fato. Bem... há outros modos."
— Meu pai me instruiu para que eu não retornasse — explicou Scytale. — Disse-me que eu deveria buscar asilo aqui, que o senhor não arriscaria a minha vida.
Paul assentiu com a cabeça. Era incrivelmente adequado e ele não poderia negar o pedido de asilo. Ela alegaria a obediência de um Fremen às ordens do pai.
— Eu levarei a esposa de Stilgar, Harah — disse Paul. — Você nos instruirá sobre o caminho até seu pai.
— Como sabe que pode confiar na mulher de Stilgar?
— Eu sei.
— Mas eu não.
Paul contraiu os lábios, depois perguntou.
— Sua mãe ainda vive?
— Minha verdadeira mãe foi-se com o Shai-hulud. Minha segunda mãe ainda vive e cuida de meu pai. Por quê?
— Ela é do Sietch Tabr?
— Sim.
— Eu me lembro dela — disse Paul. — Ela servirá no lugar de Chani. — Fez um sinal para Bannerjee. — Mande os serventes levarem Lichna de Otheym

para alojamentos adequados.

Bannerjee assentiu. Serventes. Essa palavra-chave significava que o mensageiro devia ser colocado sob guarda especial. Ele a segurou pelo braço, ela resistiu.

— Como irá até meu pai? — insistiu a garota.

— Você descreverá o caminho para Bannerjee. Ele é meu amigo.

— Não! Meu pai me ordenou! Eu não posso!

— Bannerjee? — disse Paul.

Bannerjee parou. Paul percebeu que o homem fazia uma busca em sua memória enciclopédica, que o ajudara a colocá-lo nessa posição de confiança.

— Conheço um guia que poderá levá-lo até Otheym — disse Bannerjee.

— Então, eu irei sozinho.

— Senhor, se...

— Otheym assim o quer — disse Paul, quase não podendo ocultar a ironia.

— Senhor, é muito perigoso — protestou Bannerjee.

— Mesmo um Imperador deve aceitar alguns riscos. A decisão foi tomada. Faça como ordenei.

Relutantemente, Bannerjee levou o Dançarino Facial para fora da sala.

Paul olhou para a tela vazia atrás de sua mesa. Sentia ter aguardado a chegada de uma rocha, em sua jornada cega, vinda das alturas.

Devia contar a Bannerjee a verdadeira natureza da mensageira?, perguntou-se. Não! Tal incidente fora escrito na tela de sua visão. Qualquer desvio poderia precipitar a violência. Um momento de apoio teria que ser encontrado, um lugar onde pudesse libertar-se da visão.

“Se tal lugar existisse... “

16

Não importa quão exótica se torne a civilização humana, não importam os acontecimentos da vida e da sociedade, nem a complexidade da interface humano/máquina, há sempre interlúdios de poder solitário, quando o curso da humanidade, seu próprio futuro, depende de ações relativamente simples a cargo de indivíduos solitários.

— Extraído do Deusbuk Tleilaxu

Enquanto atravessava a elevada ponte para pedestres que unia seu Castelo ao Prédio de Escritórios do Qizarate, Paul acrescentou um coxear ao seu modo de caminhar. Era quase poente e ele passou por longas sombras que ajudavam a ocultá-lo. Ainda assim, olhos penetrantes poderiam detectar alguma coisa em suas maneiras e identificá-lo. Usava um escudo, mas o mantinha desativado — os auxiliares haviam concluído que seu tremeluzir poderia levantar suspeitas.

Olhou para a esquerda. Cordões de nuvens de areia estendiam-se por sobre o poente como venezianas. O ar que passava pelos filtros de seu traje destilador estava seco, hiereg.

Não estava realmente só ali fora, mas a teia de segurança nunca estivera tão aberta em torno dele, desde que parara de caminhar sozinho pelas ruas, à noite. Ornitópteros com equipamentos de varredura noturna deslizavam bem acima, de modo aparentemente casual, todos ligados aos movimentos de Paul através de um transmissor escondido em suas roupas. Homens escolhidos caminhavam pelas ruas abaixo. Outros se haviam espalhado pela cidade depois de verem o Imperador em seu disfarce: uma roupa Fremen completa, incluindo o traje-destilador e as botas do deserto, as feições escurecidas. Suas bochechas haviam sido distorcidas com inserções de plastene. Um tubo coletor descia ao longo do lado esquerdo do queixo.

Ao chegar ao lado oposto da ponte, Paul olhou para trás, percebendo um movimento por trás da gelosia de pedra que ocultava a sacada de seus alojamentos particulares. Chani, sem dúvida.

“Procurar areia no deserto”, assim ela classificara essa aventura.

Quão pouco ela entendia de sua amarga escolha. Ao escolher entre

agonias, pensou ele, tornara quase insuportáveis até mesmo as menores.

Por um momento confuso, emocionalmente doloroso, ele recordou sua partida. Naquele último instante, Chani experimentara um vislumbre-tau de seus sentimentos, mas os interpretara erroneamente. Ela julgara que suas emoções eram aquelas experimentadas pelos que deixam seus entes queridos para penetrarem no perigoso desconhecido.

“Se eu não soubesse”, ele pensou.

Atravessara a ponte, penetrando na passagem superior através do prédio de escritórios. Havia globos luminosos fixos, aqui e ali, e pessoas apressadas em seus negócios. O Qizarate jamais adormecia. Paul teve a atenção despertada pelos letreiros acima das portas, como se os estivesse vendo pela primeira vez: “Mercadores Velozes”, “Destiladores e Retortas de Vento”, “Prospectos Proféticos”, “Testes de Fé”, “Suprimentos Religiosos”, “Armamentos”... “Propagação da Fé”...

Um rótulo mais honesto teria sido “Propagação da Burocracia”, pensou.

Um tipo de funcionário público religioso brotara em todo o universo. Esse novo homem do Qizarate era mais frequentemente um convertido. Raramente substituía um Fremen nos postos-chaves, mas preenchia todos os interstícios. Usava a melange tanto para demonstrar que podia pagar por ela quanto pelos benefícios geriátricos. Colocava-se à parte de seus governantes: o Imperador, a Corporação, as Bene Gesserit, o Landsraad, a Família ou o Qizarate. Seus deuses eram a Rotina e os Registros. Era servido por mentats e por prodigiosos sistemas de arquivamento. Conveniência era a primeira palavra de seu catecismo, embora cumprisse rigorosamente os preceitos butlerianos. As máquinas não podem ser moldadas à imagem do homem, eles diziam, mas cada uma de suas ações revelava que preferiam as maquinas aos homens, as estatísticas aos indivíduos, o ponto de vista generalizante e distante ao toque pessoal íntimo, que exigia imaginação e iniciativa.

Ao emergir da rampa, no lado oposto do prédio, Paul ouviu os sinos convocando para o Ritual da Noite, no Templo de Alia.

Aqueles sinos transmitiam um curioso sentimento de permanência.

O templo, do outro lado da praça apinhada de gente, era novo, seus rituais tinham concepção recente. Entretanto, havia algo nesse cenário, no interior de uma “pia” do deserto, um fosso natural na extremidade de Arrakeen. Algo no modo como a areia trazida pelo vento começara a erodir as pedras e o plastene, algo na maneira desordenada com que os prédios se haviam erguido em torno do Templo, tudo conspirando para produzir a impressão de que esse era um lugar muito antigo, cheio de tradições e de mistério.

Decidido, enfrentou o aperto da multidão. O único guia que suas forças de

Segurança haviam podido encontrar insistira em que a coisa fosse feita desse modo. A Segurança não gostara da maneira imediata com que Paul concordara. E Stilgar, ainda menos. Mas fora Chani quem levantara as maiores objeções.

A multidão à sua volta, mesmo quando seus membros roçavam nele, parecia olhar em sua direção sem realmente o ver, seguindo em frente, algo que lhe transmitia curiosa liberdade de movimentos. Era desse modo que haviam sido condicionados a tratar um Fremen, bem o sabia. Ele andava como um homem do deserto interior, e tais homens se enfureciam facilmente.

Enquanto acompanhava o fluxo cada vez mais apressado em direção ao templo e à escadaria acima, o aperto da multidão tornava-se ainda maior. As pessoas à sua volta não podiam deixar de pressioná-lo, e ele se viu alvo de desculpas rituais: “Perdoe-me, nobre senhor, não pude evitar essa descortesia”; “Este aperto é o pior que já vi”; “Eu me humilho, sagrado cidadão”; “Um desajeitado me empurrou.”

Após as primeiras palavras, Paul passou a ignorá-las. Não havia sinceridade nelas, exceto uma espécie de temor ritual. Encontrou-se, em vez disso, pensando no longo caminho que percorrera, desde seus tempos de menino no Castelo Caladan. Onde teria colocado o pé nessa trilha pela primeira vez? Que o conduzira a tal jornada através de uma praça lotada num planeta tão distante de Caladan? Teria realmente colocado o pé nessa trilha? Não podia dizer que agira por uma razão específica em qualquer ponto de sua vida. Os motivos e forças que colidiam com ele haviam sido muito complexos. Mais complexos, possivelmente, que qualquer outro conjunto de estímulos na história humana. Tinha o forte sentimento de que ainda poderia evitar um destino que podia ver claramente ao longo de seu caminho. Entretanto, a multidão o empurrava para a frente, fazendo-o sentir vertigem, como se houvesse perdido a orientação, escapando-lhe a direção pessoal sobre sua vida.

A multidão fluíra com ele escadaria acima e agora penetrava no pórtico do Templo. As vozes tornaram-se sussurros. O cheiro do medo era cada vez mais forte... azedo, suarento.

Acólitos já haviam iniciado as cerimônias dentro do Templo. Seu canto dominava todos os outros sons — sussurros, roçar de mantos, pés arrastando-se, tosses —, contando a história dos Lugares Distantes visitados pela Sacerdotisa em seu transe sagrado.

Ela cavalga o verme de areia do espaço!
Guia através de todas as tormentas
Rumo à terra dos suaves ventos.

E embora possamos dormir no covil das serpentes,
Ela guarda nossas almas sonhadoras.
Protegendo-nos do calor do deserto,
Ela nos oculta num buraco frio.
O brilho de seus dentes brancos
Nos guia através da noite.
Nas tranças de seus cabelos,
Somos erguidos aos céus!
Suave fragrância, perfume de flores,
Envolve-nos em sua presença.

"Balak!", pensou Paul em Fremen. "Cuidado! Ela também pode estar tomada por paixões violentas."

O pórtico do Templo estava cercado por finos tubos luminosos, simulando chamas de velas. Elas tremulavam e esse tremular despertava-lhe memórias ancestrais, embora soubesse ser essa a intenção. O cenário era atávico, sutilmente elaborado, eficaz. E ele odiava o papel que desempenhava em tudo isso.

A multidão fluiu com ele através das altas portas metálicas, penetrando na gigantesca nave, lugar sombrio, com luzes tremeluzentes colocadas bem acima e um altar brilhantemente iluminado na extremidade mais recuada. Atrás do altar havia um arranjo decepcionantemente simples, de madeira negra incrustada com desenhos da areia provenientes da mitologia Fremen. Luzes ocultas tremulavam sobre o campo de uma porta para criar um arco-íris boreal. As sete fileiras de acólitos cantando estendiam-se abaixo daquela cortina espectral, assumindo um aspecto bizarro: mantos negros, faces brancas, bocas mexendo-se em uníssono.

Paul observou os peregrinos à sua volta, subitamente invejoso da concentração em que mergulhavam, da aparência de estarem ouvindo verdades que lhe eram negadas. Parecia-lhe que ganhavam ali alguma coisa que ele próprio não poderia obter, alguma cura misteriosa.

Tentou aproximar-se mais do altar e foi impedido por uma mão em seu braço. Girou subitamente, encontrando o olhar avaliador de um velho Fremen. Olhos de um azul dentro de azul debaixo de sobrancelhas espessas, o reconhecimento evidente neles. Um nome relampejou em sua mente: Rasir, companheiro de seus dias no sietch.

No aperto da multidão, Paul sabia-se totalmente vulnerável se Rasir planejasse usar de violência.

O velho chegou mais perto, uma das mãos debaixo de um manto sujo de

areia, segurando o cabo de uma faca cristalina, sem dúvida. Paul preparou-se da melhor maneira possível para resistir ao ataque. O velho aproximou a cabeça de seu ouvido e sussurrou:

— Nós iremos com os outros.

Era o sinal para identificar seu guia. Paul fez que sim.

Rasir recuou, olhando para o altar.

— Ela vem do leste — cantavam os acólitos. — O sol se ergue às suas costas. Todas as coisas aparecem expostas. Ao brilho pleno da luz, seus olhos não perdem nada, nem luz, nem escuridão.

Uma uivante rebab soou por entre as vozes, silenciando-as e diminuindo na distância. Com um movimento súbito, elétrico, a multidão avançou vários metros em frente. Encontrava-se comprimida em uma massa apertada de carne, o ar pesado com sua respiração e o cheiro da especiaria.

— Shai-hulud escreve na areia clara! — gritaram os acólitos.

Paul sentiu sua própria respiração prender-se em uníssono com a daqueles à sua volta. Um coro feminino começou a entoar baixinho, de dentro das sombras, atrás da tremeluzente porta:

— Alia... Alia... Alia...

Tornou-se mais e mais alto para depois cair em súbito silêncio.

Novamente as vozes principiaram, em tom suave de oração:

Ela acalma todas as tormentas...
Seus olhos matam nossos inimigos
E atormentam os infiéis.
Dos pináculos de Tuono,
Onde a luz da aurora cai
E a água clara corre,
Pode-se ver-lhe a sombra,
No brilhante calor do verão.
Ela nos serve pão e leite...
Frios recendendo a temperos.
Seus olhos dissolvem nossos inimigos,
Atormentam nossos opressores
E penetram em todos os mistérios.
Ela é Alia... Alia... Alia...

Lentamente, as vozes diminuíram e silenciaram.

Paul sentia-se enjoado. “Que estamos fazendo?”, indagava a si próprio.

Alia era uma criança bruxa, mas estava ficando mais velha. E ele pensou: "Crescendo para se tornar mais perversa."

A atmosfera mental coletiva do Templo devorava sua psique. Podia sentir o elemento de si mesmo que era uno em relação a todos aqueles à sua volta, mas as diferenças constituíam uma contradição mortal. Encontrava-se imerso, isolado num pecado pessoal que jamais poderia expiar. A imensidade do universo fora desse templo fluiu em sua consciência. Como poderia um homem, um ritual, ter esperanças de tecer tal imensidão para formar um vestuário que servisse a todos os homens?

Paul estremeceu.

O universo opunha-se a ele a cada passo. Iludindo-lhe a compreensão, concebendo incontáveis disfarces para confundi-lo. Esse universo nunca concordaria com qualquer forma que ele lhe desse.

Um profundo silêncio propagou-se pelo Templo.

Alia emergia da escuridão atrás dos arco-íris tremulantes. Usava um manto amarelo debruado com o verde dos Atreides. O amarelo da luz do sol, o verde da morte que produzia a vida. Paul experimentou o súbito e surpreendente pensamento de que Alia houvesse surgido ali apenas para ele, só para ele. Olhou para a irmã através da multidão no Templo. Ela era sua irmã. Ele conhecia seu ritual e suas origens, mas nunca antes se havia colocado ali, entre os peregrinos, para observá-la como eles a viam.

Ali, representando o mistério desse lugar, percebia que ela compactuava com o universo que o antagonizava.

Acólitos trouxeram-lhe um cálice dourado.

Alia ergueu o cálice.

Com uma parte de sua percepção, Paul sabia que aquele cálice continha melange não-alterada, o veneno sutil, o sacramento do seu oráculo.

Com o olhar no cálice, Alia falou. Sua voz era uma carícia para os ouvidos, um som florido, fluente e musical.

— No início, éramos vazios — ela disse.

— Ignorantes de todas as coisas — entoou o coro.

— Não conhecíamos o Poder que mora em toda parte — disse Alia.

— E em todo o Tempo — cantou o coro.

— Aqui está o Poder — mostrou Alia, erguendo o cálice.

— Ele nos traz alegria — cantou o coro.

"E nos traz aflição", pensou Paul.

— Ele desperta a alma — disse Alia.

— E elimina todas as dúvidas — respondeu o coro.

— Nos mundos, perecemos — cantou Alia.

— E no Poder, sobrevivemos — replicou o coro.

Alia levou o cálice aos lábios e bebeu.

Para seu próprio espanto, Paul descobriu-se prendendo a respiração, tal como o mais humilde peregrino da multidão. A despeito de cada faceta de conhecimento pessoal sobre a experiência pela qual Alia estava passando, ele fora apanhado na teia do tao. Via-se agora relembrando como aquele veneno violento se propagara por seu corpo. A memória revelava a parada do tempo, quando a consciência se tornava uma partícula que mudava a composição do veneno, Reexperimentava o despertar em uma ausência de tempo onde todas as coisas eram possíveis. Conhecia a experiência que Alia estava vivendo e no entanto agora percebia que realmente não sabia. O mistério vendava-lhe os olhos.

Alia tremeu e caiu de joelhos.

Paul suspirou juntamente com os peregrinos extasiados. Parte do véu começou a se erguer diante dele. Absorvido na beatitude da visão, esquecera-se de que cada visão pertencia a todos aqueles que ainda se encontravam a caminho, esperando para se realizarem. Na visão, passava-se através da escuridão, incapaz de distinguir a realidade do acidente insubstancial. Ansiava-se por absolutos que nunca poderiam existir.

Ansiando-se, perdia-se o contato com o presente.

Alia oscilou no êxtase da mudança provocada pela especiaria.

Paul sentia-se como se uma presença transcendental estivesse falando com ele, dizendo:

— Olhe! Veja lá! Vê o que ignorou?

E naquele instante ele julgou olhar através de outros olhos, vendo um ritmo e um simbolismo, nesse lugar, que nenhum artista ou poeta poderia reproduzir. Era algo vital e belo, um brilho de luz que expunha toda a voracidade do poder... até mesmo a dele.

Alia falou. Sua voz amplificada trovejou através da nave do Templo.

— Noite luminosa — gritou.

Um gemido passou como uma onda através dos peregrinos.

— Nada se oculta em semelhante noite! — disse Alia. — Que rara Luz é esta escuridão? Você não pode fitá-la! Os sentidos não podem registrá-la. Nenhuma palavra é capaz de descrevê-la.

— Baixou a voz. — O abismo permanece. Está prenhe de todas as coisas que ainda estão por vir. Ahhh, que suave violência!

Paul sentia-se esperando por algum sinal particular de sua irmã. Poderia ser qualquer ação ou palavra, algo nos processos místicos e mágicos, um fluxo que poderia alcançá-lo como a flecha de um arco cósmico. Esse instante

permanecia como mercúrio, tremeluzindo em sua consciência.

— Haverá tristeza — entoou Alia. — Eu lembro a vocês que todas as coisas são apenas o inicio, sempre o início. Mundos esperam para serem conquistados. Alguns, ao alcance do som de minha voz, atingirão destinos grandiosos, exaltados. Vocês zombarão do passado, esquecendo-se do que agora lhes digo: dentro de todas as diferenças, existe unidade.

Paul suprimiu um grito de desapontamento enquanto Alia abaixava a cabeça. Ela não dissera o que ele esperava ouvir. Seu corpo sentia-se como uma concha seca, uma casca abandonada por algum inseto do deserto.

Outros deviam sentir algo similar, pensou. Sentia uma inquietude à sua volta. De repente, uma mulher na multidão, bem distante, à esquerda de Paul, gritou angustiada.

Alia ergueu a cabeça e Paul teve a sensação vertiginosa de que a distância entre eles desabava, que se encontrava a apenas alguns centímetros dela, fitando-lhe os olhos esgazeados.

— Quem me chama? — indagou Alia.

— Eu — gritou a mulher. — Eu a chamo, Alia. Alia, me ajude! Eles dizem que meu filho foi morto em Muritan. Ele se foi? Será que nunca mais tornarei a ver meu filho... nunca?

— Você tenta andar para trás na areia — entoou Alia. — Nada se perde. Tudo retorna mais tarde, mas você poderá não reconhecer a forma alterada que regressa.

— Alia, não compreendo — gemeu a mulher.

— Você vive no ar, mas não o vê — disse Alia, a voz severa. — Será você um lagarto? Sua voz tem o sotaque dos Fremen. Será que um Fremen tenta trazer de volta os mortos? De que precisamos de nossos mortos, exceto sua água?

No centro da nave, um homem num rico manto vermelho ergueu ambas as mãos, as mangas caindo para expor os braços enfaixados de branco.

— Alia! — ele gritou. — Eu recebi uma proposta de negócios. Devo aceitá-la?

— Você vem aqui como um pedinte — devolveu Alia. — Procura o pote dourado, mas encontrará somente um punhal.

— Pediram-me que matasse um homem! — gritou uma voz à direita. Uma voz profunda, com tons de sietch. — Devo aceitar a incumbência? E aceitando-a, terei sucesso?

— O início e o fim são uma coisa única. — retrucou Alia.

— Já não lhes disse isso antes? Você não veio aqui para fazer essa pergunta. Por que não pode acreditar que deve vir aqui e gritar contra isso?

— Ela está furiosa esta noite — murmurou uma mulher junto de Paul. —

Já a viu tão aborrecida?

“Ela sabe que estou aqui”, pensou Paul. “Será que percebeu alguma coisa na visão que a enfureceu? Sua raiva será dirigida a mim?”

— Alia — disse um homem diretamente em frente de Paul.

— Diga a estes homens de negócios e corações fracos quanto tempo seu irmão deverá governar!

— Eu lhe permito que olhe atrás daquela curva por si mesmo — disse Alia rispidamente. — Você carrega na boca seus preconceitos! É porque meu irmão cavalga o verme do caos que você dispõe de água e de teto!

Segurando o manto num gesto violento, Alia virou-se, caminhando através das tremeluzentes fitas de luz e desaparecendo na escuridão.

Imediatamente, os acólitos iniciaram o cântico final, mas o ritmo estava descompassado. Obviamente, haviam sido surpreendidos pelo término inesperado dos rituais. Um murmúrio incoerente elevou-se por todos os lados na multidão. Paul sentia a agitação a seu redor — pessoas inquietas, insatisfeitas.

— Foi aquele tolo com sua estúpida pergunta sobre negócios — murmurou a mulher junto de Paul. — Que hipócrita!

O que Alia teria visto? Que trilha através do futuro?

Alguma coisa acontecera essa noite, estragando os rituais do oráculo. Usualmente, a multidão gritava para que Alia respondesse a suas perguntas mesquinhas. Eles iam ao oráculo como mendigos, sim. Ele os ouvira muitas vezes, escondido, enquanto observava da escuridão atrás do altar. Que acontecera de diferente nessa noite?

O velho Fremen puxou a manga de Paul, indicando com a cabeça a direção da saída. A multidão já começava a empurrar para lá. Paul deixou-se levar com ela, a mão do guia em seu braço. Havia nele o sentimento de que seu corpo tornara-se manifestação de algum poder que não mais podia controlar. Tornara-se um não-ser, uma quietude ambulante. No núcleo desse não-ser estava ele, permitindo-se conduzir através das ruas de sua cidade, seguindo um caminho tão familiar a suas visões que lhe gelava o coração de mágoa.

“Eu devia saber o que Alia viu”, pensava ele. “Eu já vi isso muitas vezes. E ela não gritou contra aquilo... viu as alternativas também.”

17

O crescimento da produção e o crescimento da renda não devem desequilibrar-se em meu Império. Essa é a substância de meu comando. Não devem existir dificuldades no balanço de pagamentos entre as diferentes esferas de influência. E a razão para isso é simplesmente que eu ordenei. Eu quero enfatizar Minha autoridade nessa área. Eu sou o supremo consumidor de energia deste domínio e assim permanecerei, vivo ou morto. Meu governo é a economia.

— Ordem ao Conselho, Imperador Paul Muad'Dib

— Vou deixá-lo aqui — disse o velho, tirando a mão do braço de Paul. — Fica à direita, a segunda porta a partir do final. Vá com o Shai-hulud, Muad'Dib... e se lembre de quando era Usul.

O guia de Paul desapareceu nas sombras.

Haveria homens da Segurança em algum lugar lá fora, esperando para agarrar o guia e levá-lo a um local de interrogatório.

Paul sabia disso, mas se surpreendeu desejando que o velho Fremen pudesse escapar.

Havia estrelas no céu, e a luz distante da Primeira Lua, em algum lugar além da Muralha Escudo. Mas o lugar em que estava não era o deserto aberto, onde um homem poderia visar uma estrela para guiá-lo em seu curso. O velho o trouxera para um dos novos subúrbios, Paul reconhecia.

A rua estava agora coberta de areia soprada das dunas, que começavam a invadir os limites. Uma luz mortiça brilhava de um único globo suspensor público, bem afastado. Sua iluminação era suficiente para mostrar que essa era uma rua sem saída.

O ar ao redor parecia espesso com o cheiro de um alambique de recuperação de resíduos. A coisa devia ter sido muito mal tampada para que seus odores fétidos escapassem, perdendo uma quantidade perigosa de umidade para o ar noturno. Quão descuidada essa gente se tornara, pensou Paul. Eles eram milionários da água, esquecidos dos dias em que um homem poderia ser morto em Arrakis em troca de apenas um oitavo da água existente em seu corpo.

“Por que estou hesitando?”, perguntou-se ele. “É a segunda porta a partir do final da rua. Eu saberia disso mesmo que não me dissessem. Mas isso deve ser jogado com precisão. Assim... eu hesito.”

O ruído de uma discussão elevou-se subitamente da casa na esquina, à esquerda de Paul. Uma mulher repreendia alguém: a nova ala da casa deixava infiltrar-se poeira, ela se queixava. Será que ele pensava que a água caía do céu? Se poeira podia entrar, a umidade também podia escapar.

“Alguns ainda se lembram”, pensou Paul.

Andou pela rua, deixando para trás o ruído da discussão.

“Água do céu!”, pensou.

Alguns Fremen haviam presenciado essa maravilha em outros mundos. Ele a vira pessoalmente e a encomendara para Arrakis, mas a memória disso parecia-lhe algo que tivesse acontecido a outra pessoa. Chuva, era como aquilo se chamava. De repente, lembrou-se de uma tempestade no mundo onde nascera. As nuvens cinzentas e espessas no céu de Caladan, a presença de uma tempestade elétrica, o ar úmido e as grandes gotas tamborilando nas clarabóias, correndo em pequenos arroios pelas beiras dos telhados. Bueiros recolhiam a água, canalizando-a para um rio que corria, lamacento, diante dos pomares da Família... Árvores com ramos nús a brilharem, molhados.

Sentia a camada de areia sobre a rua dificultando-lhe os passos. Por um instante, imaginou a lama agarrando-se a suas botas durante a infância. Depois, estava de volta à areia, na escuridão empoeirada e abafada pelo vento, com o Futuro suspenso sobre ele, a escarnecê-lo. Sentia a aridez da vida a seu redor como uma acusação. “Você fez isto!” Eles se tornaram uma civilização de insensíveis observadores e contadores de histórias, gente que resolvia todos os seus problemas com poder... e mais poder... e ainda mais poder — sugando-lhe cada erg.

Pedras ásperas surgiram sob seus pés. Sua visão lembrava-se delas. O negro retângulo de uma porta apareceu à direita — negro sobre negro: a casa de Otheym. A casa do Destino, lugar diferente de todos os outros a seu redor, apenas pelo papel que o Tempo escolhera para que representasse. Era um lugar estranho, que ficaria marcado ao longo da história.

A porta abriu-se quando bateu. A fenda revelou a luz verde e embaçada de um átrio. Um anão olhava para fora, rosto de velho em corpo de criança, uma aparição que sua presciência nunca vira.

— O senhor veio, então — disse a aparição. O anão colocou-se de lado, abrindo passagem. Não havia admiração em seus modos, apenas a avidez de um sorriso maligno.

— Entre! Entre!

Paul hesitou. Não houvera anão algum em sua visão, mas tudo mais permanecia idêntico. As visões podiam conter tais disparidades e ainda assim permanecer fiéis a seu mergulho original no infinito. A diferença tentava-o a ter esperanças. Olhou de volta para a rua, para o alto, em direção ao brilho cremoso e aperolado de sua lua, surgindo das sombras recortadas. A lua o assombrava. Como ela caíra?

— Entre! — insistiu o anão.

Paul entrou, ouvindo a porta fechar-se com uma pancada sobre os selos de umidade. O anão passou por ele liderando a caminhada, seus pés enormes fazendo ruído no chão. Abriu o delicado portão gradeado que levava ao pátio coberto, no centro da residência, e indicou: — Eles o esperam, meu senhor.

"Meu senhor" pensou Paul. "Ele me conhece, então."

Antes que Paul pudesse explorar essa descoberta, o anão escorregou por uma passagem lateral. A esperança era um vento-dervixe, rodopiando e dançando dentro de Paul. Atravessou o pátio. Era um lugar escuro e lúgubre, com o cheiro da doença e da derrota a penetrá-la. Sentia-se intimidado pela atmosfera.

Seria derrota escolher um mal menor?, ele se perguntava. A que profundezas essa trilha o conduzira?

Luz derramou-se de uma porta estreita na parede aposta. Ele controlou a impressão de observadores e de cheiros malignos, e entrou pela porta, para um pequeno aposento. Era um lugar vazio, mesmo para os padrões dos Fremen, com cortinas hiereg cobrindo apenas duas das paredes. No lado oposto à porta, um homem estava sentado sobre almofadas carmesins, abaixo da melhor cortina. Uma figura feminina pairava nas sombras, por trás de outro portal, na parede nua, à esquerda.

Paul sentiu-se aprisionado pela visão. Essa era a maneira como acontecera. Onde estava o anão? Onde estava a diferença?

Seus sentidos captaram a sala numa única observação gestálica. O lugar fora alvo de um cuidado extremo, a despeito do mobiliário pobre. Ganchos e hastes, atravessando as paredes nuas, mostravam onde cortinas e tapeçarias haviam sido removidas. Os peregrinos pagavam preços elevados por artefatos autênticos dos Fremen, lembrou-se Paul. E os peregrinos ricos viam as tapeçarias do deserto como tesouros, verdadeiras marcas de um hajj.

Paul sentia que essas paredes nuas o acusavam com sua pintura de sulfato de cálcio. Puídos, os dois cortinados remanescentes ampliavam seu sentimento de culpa.

Uma prateleira estreita ocupava a parede à direita. Continha uma fileira de retratos, a maioria deles de Fremen barbudos, alguns usando uniformes imperiais

e posando sobre exóticos panoramas de outros mundos. O cenário mais comum era uma paisagem marinha.

O Fremen sobre as almofadas pigarreou, forçando Paul a olhar para ele. Era Otheym, precisamente como sua visão o revelara: o pescoço que se tornara esquelético, uma coisa de passarinho que parecia demasiado fraca para sustentar a grande cabeça. O rosto era uma ruína assimétrica. Redes de cicatrizes sobre o lado esquerdo, abaixo de um olho úmido e caído, mas pele limpa do outro lado, e o olho de um azul dentro de azul, característico dos Fremen, fitando-o diretamente. Um nariz comprido dividia o rosto.

As almofadas de Otheym haviam sido colocadas no centro de um tapete puído, marrom, com fios dourados e castanhos. O tecido das almofadas exibia manchas e remendos, mas cada objeto de metal em torno da figura sentada reluzia de polimento: as molduras dos retratos, suportes e beiradas das prateleiras, o pedestal de uma mesinha à direita.

Paul acenou com a cabeça, visando a metade perfeita do rosto de Otheym, e disse:

— Boa sorte a você e à sua moradia. — Era a saudação de um velho amigo e colega de sietch.

— Assim eu o vejo uma vez mais, Usul.

A voz que citou seu nome tribal chiava com o tremor característico de um velho. A pele caída do olho, no lado arruinado do rosto, movia-se acima das cicatrizes coriáceas. Cerdas de barba rala, cinzenta, surgiam ali, e o lado do queixo apresentava um descascado rugoso. A boca de Otheym se contorcia enquanto ele falava, a abertura expando dentes de metal prateados.

— O Muad'Dib sempre responde ao chamado de um Fedaykin — disse Paul.

A mulher nas sombras do portal moveu-se, dizendo:

— Assim se gaba Stilgar.

Ela avançou para a luz, uma versão mais velha da Lichna que o Dançarino Facial copiara. Paul relembrou-se de que Otheym tinha irmãs casadas. O cabelo dela era grisalho, o nariz tornara-se pronunciado como o de uma bruxa. Calos de tecelã percorriam indicadores e polegares. Uma mulher Fremen teria exibido tais marcas com orgulho, nos dias do sietch, mas esta as ocultou numa dobra do manto azul-pálido, assim que notou a atenção que despertavam.

Paul lembrou-lhe o nome — Dhuri. O choque era que ele a lembrava como criança, não como em sua visão desses momentos. Isso se devia ao tom lamuriento de sua voz, coisa que vinha da infância.

— Você me vê aqui — ele disse. — Eu estaria aqui se Stilgar não houvesse aprovado? — Voltou-se para Otheym. — Eu carrego sua carga de

água, Otheym. Ordene o que quiser.

Esse era o modo direto de falar entre irmãos de sietch.

Otheym assentiu, trêmulo, com um aceno de cabeça que quase foi demasiado para o pescoço fino. Ergueu a mão esquerda, manchada, para apontar as ruínas de seu rosto.

— Eu peguei a doença que fende em Tarahell, Usul — chiou ele. — Logo depois de nossa vitória, quando tínhamos tudo... — Um acesso de tosse o fez calar-se.

— A tribo logo coletará sua água — disse Dhuri.

Ela caminhou até Otheym, ajeitando as almofadas atrás dele e segurando-lhe os ombros, para firmá-lo até que a tosse passasse. Não era realmente muito velha, percebeu Paul, mas sua boca era circundada por esperanças perdidas e a amargura lhe marcava os olhos.

— Eu chamarei os médicos — disse Paul.

Dhuri voltou-se, as mãos nos quadris.

— Nós já tivemos médicos aqui, tão bons quanto qualquer um que possa chamar.

Lançou um olhar involuntário à parede vazia, à esquerda.

“E os médicos cobraram muito caro”, pensou Paul.

Sentia-se impaciente, preso pela visão, mas consciente de que pequenas diferenças se haviam infiltrado. Como poderia explorar essas diferenças? O Tempo saía de sua meada cheio de mudanças sutis, mas o tecido de fundo mantinha uma igualdade opressiva.

Sabia, com terrível certeza, que, se tentasse quebrar o padrão que o envolvia ali, este se tornaria algo de uma violência formidável. O poder oculto nesse fluxo de Tempo enganadoramente suave o oprimia.

— Digam o que querem de mim — reclamou.

— Não poderia ser apenas que Otheym precisasse de um amigo para ficar a seu lado nesta hora? — indagou Dhuri. — Será que um Fedaykin tem que entregar sua carne a estranhos?

“Nós compartilhamos o Sietch Tabr”, lembrou-se Paul. “Ela tem o direito de me censurar por minha aparente insensibilidade.”

— O que eu puder fazer, farei — disse ele.

Outro acesso de tosse sacudiu Otheym. Quando passou, ele disse ofegante:

— Existe traição, Usul. Uma conspiração dos Fremen contra você. — Sua boca moveu-se novamente, mas nenhum som saiu.

A saliva escorreu de seus lábios e Dhuri limpou-lhe a boca com a bainha de seu manto. Paul percebeu como o rosto dela revelava sua fúria ante tamanho

desperdício de umidade.

Um ódio frustrante ameaçou dominar Paul. “Otheym não deveria ser sacrificado desse modo! Um Fedaykin merecia algo melhor.” Mas nenhuma escolha restara — não para um Comando da Morte ou seu Imperador. Eles caminhavam sobre uma navalha de Occam, dentro dessa sala. O menor passo em falso multiplicaria os horrores... não para eles mesmos, mas para toda a humanidade, e mesmo para aqueles que os destruiriam.

Paul forçou a mente ficar calma e olhou para Dhuri. A expressão de terrível ansiedade com que ela olhava para Otheym transmitiu-lhe força. “Chani nunca deve olhar para mim desse modo”, disse a si mesmo.

— Lichna falou de uma mensagem — disse Paul.

— Meu anão — chiou Otheym. — Eu o comprei num... num... num mundo que... me esqueci. Ele é um distrans humano, um brinquedo abandonado pelos Tleilaxu. Ele registrou todos os nomes... os traidores...

Otheyrn ficou em silêncio, tremendo.

— Você fala de Lichna — disse Dhuri. — Quando chegou, soubemos que ela o alcançara em segurança. Se está pensando nessa nova carga que Otheym coloca sobre seus ombros, Lichna é a soma dessa carga. Uma troca justa, Usul: pegue o anão e se vá.

Paul suprimiu um estremecimento do corpo e fechou os olhos.

“Lichna!” A verdadeira filha havia perecido no deserto, um corpo arruinado pela semuta, abandonado à areia e aos ventos.

Abrindo os olhos, disse:

— Vocês poderiam ter vindo à mim em qualquer ocasião para...

— Otheym ficou afastado para poder ser contado entre aqueles que o odeiam, Usul — explicou Dhuri. — A casa ao sul da nossa, no fim da rua, é um local das reuniões de seus inimigos. É por isso que ficamos com este casebre.

— Então, chame o anão e nós partiremos — disse Paul.

— Não me ouviu bem — disse Dhuri.

— Deve levar o anão para um lugar seguro — explicou Otheym, com uma força estranha em sua voz. — Ele carrega consigo o único registro dos traidores. Ninguém suspeita de seu talento. Eles pensam que o mantenho como diversão.

— Nós não podemos partir —— acrescentou Dhuri. — Somente você e o anão. Todos sabem como somos pobres. Dissemos que estávamos vendendo o anão e eles o tomarão pelo comprador. É sua única chance.

Paul consultou sua memória da visão: nela, ele saía dali com os nomes dos traidores, mas sem ver como esses nomes eram levados. O anão, obviamente, movia-se sob a proteção de outro oráculo. Então ocorreu a Paul que todas as criaturas deviam carregar alguma espécie de destino estampado, devido a

tensões variadas, fixado pelo treinamento e pela disposição. Desde o momento em que o Jihad o escolhera, sentira-se cercado pelas forças da multidão. Elas fixavam seus propósitos, exigiam e controlavam seus rumos. Quaisquer ilusões a respeito de Livre-Arbítrio que ele pudesse alimentar nada mais eram, agora, do que pancadas de um prisioneiro contra as grades de sua cela. Sua maldição residia no fato de que ele podia ver a cela. Ele a via!

Escutava o vazio da casa: só eles quatro dentro dela — Dhuri, Otheym, o anão e ele próprio. Inalava o medo e a tensão dos companheiros, sentia sobre eles os olhos de observadores: sua própria força de ornitópteros, voando bem acima... e aqueles outros... na casa ao lado.

“Eu errei em ter esperanças”, pensou Paul. Mas a idéia de esperança trazia-lhe um senso distorcido dessa emoção, sentia ainda poder aproveitar esse momento,

— Chame o anão — disse

— Bijaz! — chamou Dhuri.

— A senhora me chamou? — O anão entrou no aposento vindo do pátio, com uma expressão alerta e preocupada em seu rosto.

— Você terá um novo mestre, Bijaz — disse Dhuri. Olhou para Paul. — Pode chamá-lo de... Usul.

— Usul, isto é, a base do pilar — disse Bijaz, traduzindo. — Como pode Usul ser a base, se eu sou a mais inferior de todas as coisas vivas?

— Ele sempre fala desse modo — desculpou-se Otheym.

— Eu não falo — disse Bijaz. — Eu opero uma máquina chamada linguagem. Ela range e geme, mas é minha agora.

“Um brinquedo dos Tleilaxu, instruído e alerta”, pensou Paul.

“Os Bene Tleilaxu jamais se desfazem de coisa tão valiosa.” Voltou-se e observou o anão. Olhos redondos de melange responderam ao seu olhar.

— Que outros talentos você tem, Bijaz? — indagou Paul.

— Eu sei quando devemos partir — respondeu Bijaz. — É um talento que poucos homens possuem. Há um tempo para os finais... e isso é um bom começo. Vamos começar a partir, Usul.

Paul examinou a memória de sua visão: não havia anão, mas as palavras do pequenino adequavam-se à ocasião.

— Na porta, você me tratou por senhor. Conhece-me, então? — perguntou ele.

— O senhor tem ascendência — disse Bijaz, sorrindo. — É muito mais que a base Usul. O senhor é o Imperador Atreides, Paul Muad’Dib. E é também o meu dedo — o anão ergueu o dedo indicador da mão direita.

— Bijaz! — ralhou Dhuri. — Você está arriscando sua sorte.

— Estou arriscando meu dedo — protestou Bijaz, a voz guinchando. Apontou para Usul. — Eu aponto para Usul. Meu dedo não é Usul em pessoa? Ou será o reflexo de algo mais fundamental? Trouxe o dedo para junto dos olhos, examinando-o com um sorriso zombeteiro, primeiro um lado, depois o outro.

— Ahh, é apenas um dedo, afinal.

— Ele sempre nos aborrece com sua tagarelice — disse Dhuri com a voz carregada de preocupação. — Acho que foi por isso que os Tleilaxu se desfizeram dele.

— Eu não serei patrocinado — disse Bijaz. — E no entanto tenho agora um novo patrão. Como são estranhos os trabalhos de um dedo. — Olhou para Dhuri e Otheym com olhos curiosamente brilhantes. — Laços fracos nos unem, Otheym. Algumas lágrimas e nos separamos. — Os grandes pés do anão fizeram ruído no chão enquanto ele dava meia-volta e parava, olhando para Paul. — Ahh, patrão! Percorri longo caminho até o encontrar.

Paul assentiu com a cabeça.

— Você será bondoso, Usul? — indagou Bijaz. — Sou uma pessoa, bem sabe. As pessoas têm muitas formas e tamanhos. Esta é apenas uma delas. Eu sou fraco nos músculos, mas forte na boca, barato de alimentar, mas caro de satisfazer. Esvazie-me como desejar e ainda restará dentro de mim mais do que os homens colocaram.

— Não temos mais tempo para suas estúpidas charadas — disse Dhuri, irritada. — Você deve partir.

— Eu estou cheio de charadas, mas nem todas são estúpidas — respondeu Bijaz. — Ter ido embora, Usul, é ter passado. Dhuri fala a verdade e eu tenho um talento para ouvir, também. Vamos deixar o passado pelo passado.

— Você possui o senso da verdade? — indagou Paul, determinado agora a acompanhar o ritmo de sua visão.

Qualquer coisa era melhor do que romper esses momentos e produzir novas consequências. Restavam algumas coisas a serem ditas por Otheym a fim de que o Tempo não fosse desviado para canais ainda mais aterrorizantes.

— Eu tenho o senso do agora — respondeu Bijaz.

Paul notou que o anão ficara mais nervoso. Estaria ele consciente das coisas que estavam para acontecer? Poderia ser seu novo oráculo?

— Você perguntou por Lichna? — indagou Otheym subitamente, olhando para Dhuri com o olho são.

— Lichna está segura — respondeu Dhuri.

Paul baixou a cabeça para que sua expressão não revelasse a mentira. Segura. Lichna estava reduzida a cinzas em um túmulo secreto.

— Está bem, então — disse Otheym, tomando o gesto de Paul como sinal de concordância. Uma boa coisa entre as más, Usul. Não gosto do mundo que estamos construindo, sabia? Era muito melhor quando estávamos sozinhos no deserto, tendo apenas os Harkonnens como inimigos.

— Há apenas uma linha muito estreita entre muitos amigos e muitos inimigos — disse Bijaz. Onde essa linha termina, não há início nem fim. Vamos terminar aqui, meus amigos.

Ele caminhou para o lado de Paul, agitando-se nervoso de um pé para o outro.

— O que é “senso do agora”? — perguntou Paul, fazendo o momento prolongar-se, estimulando o anão.

— Agora! — respondeu Bijaz, trêmulo. — Agora! Agora!

— Puxou o manto de Paul. — Vamos agora!

— Sua boca fica tagarelando, mas ele não faz mal a ninguém — disse Otheym, cheio de afeição na voz, o olho perfeito fitando Bijaz.

— Até um tagarela pode dar o sinal de partida — disse Bijaz. — Vamos partir enquanto ainda há tempo para recomeçar.

— Bijaz, o que você teme? — indagou Paul.

— Temo o espírito que me procura agora — murmurou Bijaz, o suor surgindo na testa, as maçãs do rosto contorcendo-se. — Temo aquele que não pensa e que não terá um corpo, exceto o meu — e esse volta-se para si mesmo! Temo as coisas que vejo e as que não vejo.

“Este anão possui o poder da presciência”, pensou Paul. Bijaz compartilhava o terrível oráculo. Será que também compartilharia o destino do oráculo? Que força teria o poder do anão? Possuiria ele a pequena presciência daqueles que tateavam com o Tarô de Duna? Ou seria coisa maior? O quanto teria visto?

— É melhor que se vão — disse Dhuri. — Bijaz está certo.

— Cada minuto que nos demoramos — insistiu Bijaz — prolonga... prolonga o presente!

“Cada minuto que nos demoramos adia minha culpa”, pensou Paul. O hálito venenoso de um verme, seus dentes gotejando areia, havia soprado sobre ele. Isso acontecera muito tempo atrás, mas agora ele inalava a memória desse fato — amargura e especiaria. Podia sentir seu próprio verme aguardando — “a urna do deserto”.

— Estes são tempos conturbados — disse ele, referindo-se ao julgamento de Otheym quanto ao seu mundo.

— Os Fremen sabem o que fazer em tempo de dificuldade — disse Dhuri.

Otheym contribuiu com um trêmulo aceno.

Paul olhou para Dhuri. Não esperava que sua obrigação fosse maior do que aquilo que poderia suportar, mas a amargura de Otheym e o ardente ressentimento que via nos olhos de Dhuri deram uma sacudida em sua determinação. “Alguma coisa valeria esse preço?”

— O atraso não serve a propósito algum — disse ela.

— Faça o que deve, Usul — chiou Otheym. Paul suspirou. As palavras da visão haviam sido pronunciadas. — Haverá um julgamento — disse ele para completar tudo. Virando-se, caminhou para fora da sala ouvindo os pés de Bijaz a golpearem o chão atrás de si.

— Esqueça o passado — murmurava Bijaz enquanto saíam. — Deixe o passado ficar onde quiser. Este foi um dia sujo.

18

O fraseado rebuscado do legalismo cresceu em torno da necessidade de ocultar de nós mesmos a violência que cometemos uns contra os outros. Entre privar um homem de uma hora de sua vida e privá-lo da própria vida, a diferença é apenas de grau. Vocês cometeram uma violência contra ele, consumiram sua energia. Eufemismos elaborados podem ocultar sua intenção de matar, mas por trás de qualquer uso do poder sobre outra pessoa permanece o derradeiro pressuposto: "Eu me alimento de sua energia."

— Adendo às Ordens no Conselho,
Imperador Paul Muad'Dib

A Primeira Lua erguia-se bem alto sobre a cidade quando Paul, com seu escudo ativado e tremeluzindo em torno dele, emergiu do beco sem saída. Um vento vindo do maciço fazia a poeira e a areia rodopiarem ao longo da rua estreita e deixou Bijaz piscando e cobrindo os olhos.

— Precisamos correr — murmurou o anão. — Corra! Corra!

— Você sente perigo? — perguntou Paul.

— Eu conheço o perigo!

Um repentino sentimento de perigo muito próximo foi seguido, quase que imediatamente, pelo aparecimento de uma figura que se juntou a eles, saindo de um portal.

Bijaz se encolheu, gemendo.

Era apenas Stilgar, movendo-se como uma máquina de guerra, a cabeça impulsionada para a frente, os pés golpeando o chão com vigor.

Rapidamente, Paul explicou o valor do anão e o entregou a Stilgar. A velocidade de sua visão ganhou então grande impulso.

Stilgar saiu correndo com Bijaz, enquanto Guardas da Segurança envolviam Paul. Foram dadas ordens no sentido de enviar alguns homens pela rua, em direção à casa seguinte à de Otheym. Os homens correram para obedecer, sombras entre sombras.

"Mais sacrifícios", pensou Paul.

— Queremos os prisioneiros vivos — sussurrou um dos oficiais da

Guarda.

O som era um eco da visão nos ouvidos de Paul. A coisa avançava com uma precisão sólida: visão/realidade, passo a passo.

Ornitópteros passavam diante da lua.

A noite estava cheia de tropas imperiais em ataque.

Um chiado suave cresceu acima de todos os outros sons, subindo até se tornar um rugido, enquanto os ouvidos ainda ressoavam com seu sibilar. A coisa adquiriu um brilho marrom avermelhado, cor de tijolo, que ocultou as estrelas e engolfou a lua.

Paul, conhecendo esse som e esse brilho desde os vislumbres iniciais do pesadelo em sua visão, sentia um estranho senso de realização. Acontecera do modo como devia.

— Queima-pedra! — gritou alguém.

— Queima-pedra! — o grito ressoava a sua volta. — Queima-pedra... queima... pedra...

Por ser o que se esperava dele, Paul colocou um braço diante do rosto, num gesto de proteção, e mergulhou atrás da baixa saliência de um meio-fio. Já era muito tarde, é claro.

Onde antes existira a casa de Otheym, erguia-se agora uma coluna de fogo, um jato cegante rugindo para o céu. Emitia um brilho sujo que delineava em contornos precisos o balé dos homens lutando e fugindo, a retirada dos ornitópteros batendo suas asas.

Para cada membro dessa multidão frenética, já era tarde demais.

O solo tornou-se quente debaixo de Paul. Cessaram os sons de passos apressados. Homens se atiravam ao chão ao redor dele, todos conscientes de que não havia mais propósito em fugir. O dano inicial já fora feito; deviam aguardar que a potência do queima-pedra se esgotasse. A radiação da coisa, da qual nenhum homem poderia fugir, já lhes penetrara na carne.

E o resultado peculiar da radiação do queima-pedra já agia sobre eles. O que mais essa arma poderia fazer residia no planejamento dos homens que a tinham usado, daqueles que haviam desafiado a Grande Convenção para usá-la.

— Deus... um queima-pedra — gemeu alguém. — Eu... não... quero... ficar... cego.

— E quem quer? — indagou, ríspido, um soldado mais afastado ao longo da rua.

— Os Tleilaxu venderão muitos olhos aqui — resmungou alguém junto de Paul. — Agora, calem-se e esperem!

Eles esperaram.

Paul permanecia em silêncio, pensando nos efeitos dessa arma.

Se tivesse combustível suficiente, abriria caminho até o núcleo do planeta. Em Duna, o nível da lava em fusão era demasiado profundo, mas por isso mesmo a coisa era mais perigosa. Tais pressões liberadas e fora de controle poderiam partir o planeta, espalhando fragmentos sem vida através do espaço.

— Acho que está diminuindo um pouco — disse alguém.

— Está apenas mergulhando mais fundo — advertiu Paul.

— Fiquem abaixados, todos vocês. Stilgar mandará ajuda.

— Stilgar escapou?

— Escapou.

— O chão está quente — queixou-se alguém.

— Eles se atreveram a usar atômicos! — protestou um soldado junto de Paul.

— O som está diminuindo — disse alguém ao longo da rua.

Paul ignorou essas palavras, concentrado nas pontas dos dedos pressionadas contra o pavimento. Podia sentir a coisa rolando e trovejando cada vez mais fundo...

— Meus olhos! — gritou alguém. — Eu não posso ver!

"Alguém que estava mais perto do que eu", pensou Paul. Ainda podia enxergar até o final do beco quando erguia a cabeça, embora a cena parecesse enevoada. Um brilho vermelho amarelado preenchia a área que antes abrigava a casa de Otheym e a de seu vizinho. Pedaços dos prédios adjacentes criavam desenhos escuros enquanto desmoronavam na fossa brilhante.

Paul ficou de pé. Sentira o queima-pedra morrer, silenciando-se embaixo dele. Seu corpo estava coberto de suor, escorregando dentro do lustroso traje destilador. Fora demasiado para que o traje desse conta. O ar que inspirava em seus pulmões trazia o calor e o fedor de enxofre do queima-pedra.

Quando olhava para os soldados que começavam a se erguer a sua volta, o enevoado dos olhos de Paul transformou-se em escuridão. Ele recorreu à visão oracular desses momentos, e então se voltou, caminhando ao longo da trilha que o Tempo lhe abrira, adequando-se tão perfeitamente à visão que ela não poderia lhe escapar. Sentia que se tornava consciente desse lugar como uma possessão coletiva, realidade fundida em previsão.

Gemidos e lamentos dos soldados elevavam-se a sua volta, enquanto os homens percebiam estarem cegos.

— Acalmem-se! — gritou Paul. — A ajuda está a caminho. — E como os lamentos persistiam, ele disse: — Este é o Muad'Dib! Eu lhes ordeno que aguentem firme! A ajuda vem chegando!

Silêncio.

Então, coincidindo com sua visão profética, um guarda próximo indagou.

— É verdadeiramente o Imperador? Qual de vocês pode ver? Diga-me.

— Nenhum de nós tem olhos — respondeu Paul. — Eles tiraram meus olhos também, mas não minha visão. Eu posso ver você de pé aí, uma parede suja ao alcance de sua mão esquerda.

Agora, espere com bravura. Stilgar vem aí com nossos amigos.

O “tuoque-tuoque” de muitos ornitópteros aproximando-se tornou-se cada vez mais alto. Depois, o som de passos apressados. Paul observou seus amigos chegando, unindo os sons que faziam à sua visão oracular.

— Stilgar! — gritou, acenando com o braço. — Aqui!

— Graças ao Shai-hulud — gritou Stilgar, correndo para Paul.

— O senhor não está... — No súbito silêncio, a visão de Paul revelou-lhe Stilgar a fitá-lo com uma expressão de desespero, vendo os olhos arruinados de seu amigo e Imperador. — Oh, meu senhor gemeu Stilgar. — Usul... Usul... Usul...

— Que aconteceu com o queima-pedra? — gritou um dos recém-chegados.

— Acabou — respondeu Paul, erguendo a voz. Gesticulou, — Vão para lá agora e salvem aqueles que se encontravam mais próximos. Ergam barreiras. Rápido, agora! — Voltou-se para Stilgar.

— Pode ver, meu senhor? — indagou Stilgar, com admiração em sua voz. — Como é possível?

Como resposta, Paul tocou com um dedo o rosto de Stilgar, acima da máscara bucal do traje destilador, e sentiu as lágrimas.

— Não precisa me dar umidade, velho amigo — disse. — Eu não estou morto.

— Mas seus olhos!

— Eles cegaram meu corpo, mas não minha visão. Ah, Stil, eu vivo num sonho apocalíptico. Meus passos se ajustam tão perfeitamente a ele que o que mais temo é me tornar entediado, revivendo algo de maneira tão exata.

— Usul, eu não, não...

— Não tente entender. Aceite. Eu me encontro num mundo além deste aqui. Para mim, ambos são iguais. Eu não preciso de mão para me guiar. Vejo todos os movimentos a minha volta.

Vejo cada expressão de seu rosto. Não tenho olhos e no entanto vejo.

Stilgar sacudiu a cabeça com veemência.

— Senhor, devemos ocultar essa sua aflição dos...

— Não a esconderemos de homem algum — retrucou Paul.

— Mas a lei...

— Agora vivemos pela Lei dos Atreides, Stil. A Lei dos Fremen, de que

os cegos devem ser abandonados no deserto, aplica-se somente aos cegos, e eu não estou cego. Eu vivo no ciclo de uma existência onde a guerra entre o bem e o mal encontra sua arena. Nós estamos no ponto decisivo na sucessão das eras e temos nossos papéis para desempenhar.

Num súbito silêncio, Paul ouviu um dos feridos sendo levado.

— Foi terrível — o homem gemia. — Uma grande fúria de fogo.

— Nenhum desses homens deverá ser levado ao deserto — disse Paul. — Está me ouvindo, Stil?

— Eu o ouço, meu senhor.

— Eles deverão receber novos olhos custeados por mim.

— Será feito, meu senhor.

Paul, percebendo o espanto crescente na voz de Stilgar, disse:

— Eu estarei no tóptero de Comando. Assuma o comando aqui.

— Sim, meu senhor.

Paul passou junto de Stilgar e caminhou pela rua. Sua visão revelava-lhe cada movimento, cada irregularidade sob seus pés, cada rosto que encontrava. Deu ordens enquanto se movia, apontando para homens de seu séquito pessoal, chamando-os pelos nomes, convocando para junto de si aqueles que representavam o aparelho mais central do Governo. Podia sentir o terror crescendo a seu redor, os sussurros temerosos.

— Os olhos dele!

— Mas ele olhou diretamente para você, chamou-o pelo nome!

No tóptero de Comando, ele desativou o escudo pessoal, estendeu o braço para dentro da máquina e tomou o microfone da mão de um espantado oficial de comunicações. Transmitiu uma rápida sequência de ordens, depois recolocou o microfone na mão do oficial. Voltando-se, chamou o especialista em armamentos, um daqueles da nova e impetuosa geração, que só tinha vagas lembranças da vida no sietch.

— Eles usaram um queima-pedra — disse Paul.

Depois da mais breve pausa, o homem disse:

— Assim me disseram, senhor.

— Você sabe o que isso significa, é claro.

— O combustível só pode ter sido atômico.

Paul assentiu, imaginando como a mente desse homem devia estar funcionando aceleradamente. A Grande Convenção proibia tais armas. A descoberta do infrator faria desabar o ataque retaliatório de todas as Grandes Casas reunidas. Velhas rixas seriam esquecidas, abandonadas, em face de uma ameaça que reavivava antigos temores.

— Não pode ter sido manufaturado sem deixar alguns traços — disse

Paul. — Você reunirá o equipamento adequado e procurará o lugar onde fizeram o queima-pedra.

— Imediatamente, senhor.

Com um último olhar temeroso, o homem saiu, apressado,

— Meu senhor — arriscou o oficial de comunicações atrás dele —, seus olhos...

Paul virou-se, esticou o braço para dentro do tóptero e colocou o transmissor em sua faixa pessoal.

— Chame Chani — ordenou. — Diga-lhe que... diga-lhe que estou vivo e logo estarei junto dela.

"Agora as forças se reúnem", pensou ele. E percebeu quão forte era o cheiro do medo na transpiração ao seu redor.

19

Ele se afastou de Alia,
O ventre celeste!
Sagrado, sagrado, sagrado!
Léguas de areia flamejante
Confrontam o nosso Senhor.
Ele pode ver sem olhos!
Um demônio está sobre ele!
Sagrada, sagrada, sagrada
Equação: Ele a resolveu pelo Martírio!

— A Lua Cai, Canções do Muad'Dib

Após sete dias de uma atividade radiante e febril, o Castelo assumiu uma quietude antinatural. Nessa manhã, havia pessoas à volta, mas elas falavam aos sussurros, as cabeças muito próximas umas das outras, e caminhavam sorrateiramente, algumas com um passo curiosamente furtivo. A visão de um pelotão de guardas vindo do átrio atraiu olhares indagadores, e um franzir de testas ante o ruído que os recém-chegados faziam com seus passos e empilhar de armas. Estes, ao entrarem, logo captaram o estado de espírito do interior, passando também a se movimentar de modo furtivo.

Ainda se ouviam conversas sobre o queima-pedra:

— Ele disse que o fogo tinha uma cor azul-esverdeada e um cheiro infernal.

— Elpa é um tolo! Diz que prefere cometer suicídio a receber olhos dos Tleilaxu.

— Eu não gosto de falar em olhos.

— O Muad'Dib passou por mim e me chamou pelo nome!

— Como Ele pode ver sem olhos?

— As pessoas estão partindo, já ouviu? O medo é grande.

Os Naibs dizem que irão para o Sietch Makab a fim de se reunirem num Grande Conselho.

— Que fizeram eles com o Panegirista?

— Eu os vi levarem-no para a câmara onde os Naibs estão se reunindo. Imagine Korba prisioneiro!

Chani acordara cedo, despertada pela quietude no Castelo. Ao despertar, encontrara Paul sentado ao lado dela, as órbitas vazias apontadas para algum lugar além da parede oposta do quarto.

As perdas causadas pelo queima-pedra, com sua especial afinidade pelo tecido ocular, toda a carne destruída, haviam sido removidas. Injeções e unguentos haviam salvo a carne mais resistente em torno das cavidades oculares, mas Chani sentia que a radiação penetrara bem mais fundo.

Sentiu uma fome voraz ao se sentar e alimentou-se com a comida que havia ao lado da cama: pão de especiaria, queijo forte.

Paul gesticulou para a comida:

— Amada, acredite-me, não havia meio de poupá-la disto.

Chani conteve um acesso de tremores quando ele voltou para ela aquelas órbitas vazias. Desistira de pedir-lhe que explicasse. Ele falava de modo muito estranho:

— Fui batizado na areia e isso me custou o dom de acreditar.

Quem comercia com a fé hoje em dia? Quem compra? Quem vende?

Que poderia estar querendo dizer com essas palavras?

Recusava-se até mesmo a considerar a possibilidade de receber olhos dos Tleilaxu, embora os comprasse generosamente para os homens que compartilhavam sua desgraça.

Com a fome saciada, Chani escorregou para fora da cama e olhou de volta para Paul, notando-lhe o cansaço. Linhas severas emolduravam-lhe a boca. Os cabelos negros estavam em pé, despenteados por um sono que não trouxera descanso. Ele parecia muito pensativo, remoto. A alternação de despertar e dormir nada fazia para mudar isso. Ela voltou-se e sussurrou:

— Meu amor... meu amor...

Ele se inclinou, puxando suas costas de volta para a cama e beijando-a no rosto.

— Logo estaremos de volta ao nosso deserto — disse baixinho. — Só restam algumas coisas a serem feitas aqui.

Ela tremeu ante a determinação dessa voz.

Seus braços se apertaram em torno dela, e ele murmurou:

— Não sinta medo de mim, minha Sihaya. Esqueça o mistério e aceite o amor. Não há mistério no amor. Ele provém da vida. Não pode sentir isso?

— Posso.

Colocou a palma da mão de encontro ao peito dele, contando as batidas de seu coração. O amor nele gritava ao espírito Fremen no interior dela: torrencial, transbordante, selvagem. Uma força magnética a envolveu.

— Eu lhe prometo uma coisa, minha amada — disse Paul.

— Um filho nosso governará um império tão grande que o meu se apagará, em comparação. Tais conquistas da vida e da arte, e sublime...

— Nós estamos aqui e agora! — ela protestou, lutando para conter um soluço seco. — E... sinto que temos tão pouco... tempo.

— Nós temos a eternidade, minha amada.

— Você pode ter a eternidade. Eu só tenho o agora.

— Mas isto é eternidade. — Ele acariciou-lhe a testa.

Ela comprimiu-se de encontro a ele, os lábios sobre seu pescoço, e a pressão agitou a vida em seu ventre. Sentiu o remexer.

Paul sentiu também e colocou a mão sobre o abdome de Chani, dizendo:

— Ahh, pequeno governante do universo, espere por sua ocasião. Este momento é meu.

Ela se admirava de que ele sempre se referisse no singular à vida que crescia dentro dela. Será que os médicos não lhe tinham contado? Pesquisou em sua própria memória, curiosa de que o assunto nunca houvesse sido discutido entre eles. Decerto ele devia saber que ela carregava gêmeos. Hesitou em abordar a questão. Ele devia saber. Ele sabia tudo, conhecia todas as coisas que diziam respeito a ela. Suas mãos, sua boca — tudo nele a conhecia.

Daí a pouco ela disse:

— Sim, amor. Isto é para sempre... isto é real.

Fechou os olhos bem apertados para que a visão das órbitas vazias não lhe arrastasse a alma do paraíso ao inferno. Não importava a mágica rihani com que ele envolvia suas vidas, sua carne permanecia real, suas carícias não podiam ser negadas.

Quando se levantaram para se vestir, ela disse:

— Se as pessoas pudessem conhecer o seu amor...

Mas o estado de espírito de Paul havia mudado, e ele respondeu:

— Não se pode basear a política no amor. As pessoas não se preocupam com o amor, desordenado demais. Preferem o despotismo. A liberdade em demasia traz o caos. Não podemos permitir isso, podemos? E como tornar o despotismo adorado?

— Você não é um déspota! — protestou ela, prendendo o lenço em torno do pescoço. — Suas leis são justas.

— Ahh, as leis — disse ele. Caminhou até a janela e abriu as cortinas

como se pudesse enxergar lá fora. — Que é a lei? Controle? As leis filtram o caos e o que é que goteja? A serenidade? Lei: nosso ideal mais elevado e nossa natureza mais elementar. Não olhe para a lei muito de perto. Se o fizer, vai perceber as interpretações racionais, o casuísmo, os precedentes de conveniência. Encontrará a serenidade, que apenas é outra palavra para descrever a morte.

A boca de Chani comprimiu-se em uma linha. Ela não podia negar-lhe a sabedoria e sagacidade, mas esses estados de espírito a aterrorizavam. Ele se voltava sobre si mesmo e ela sentia a luta interior. Era como se ele examinasse o ditado dos Fremen, “Nunca perdoar, nunca esquecer” e açoitasse a própria carne com ele.

Caminhou para ficar a seu lado, olhando para ele de determinado ângulo. O calor crescente do dia começara a empurrar o vento norte para fora dessas latitudes abrigadas. O vento pintara um falso céu cheio de plumas ocres e folhas de cristal, estranhos desenhos de ouro e vermelho, arremetendo-se. Alto e frio, o vento colidia com a Muralha Escudo, erguendo redemoinhos de pó.

Paul sentiu o calor de Chani ao seu lado e momentaneamente baixou a cortina do esquecimento sobre sua visão. Podia estar só, em pé ali, os olhos fechados. O Tempo, entretanto, recusava-se a esperar por ele. Inalou a escuridão desprovida de estrelas ou de lágrimas. Sua aflição dissolvia a substância até que tudo que restava era o espanto ante o modo como os sons se condensavam em seu universo. Tudo a sua volta era influenciado por esse solitário senso de audição, que recuava apenas quando ele tocava em objetos: a cortina, a mão de Chani... Percebeu-se escutando a respiração dela.

Onde estava a insegurança das coisas que eram apenas prováveis?, perguntou a si mesmo. Sua mente transportava uma enorme carga de memórias mutiladas. Para cada instante de realidade, havia incontáveis projeções, coisas condenadas a nunca existir.

Um arquivo invisível dentro dele relembrava esses falsos passados, sua carga ameaçando, por vezes, afogar o presente.

Chani inclinou-se contra seu braço.

Ele sentia seu próprio corpo através do toque dela: carne morta carregada pelos redemoinhos do tempo. Estava impregnado de memórias que haviam vislumbrado a eternidade. E ver a eternidade era expor-se a seus caprichos e ser oprimido por dimensões intermináveis. A falsa imortalidade do oráculo exigia um pagamento: Passado e Futuro tornavam-se simultâneos.

Uma vez mais, a visão elevou-se de seu fosso negro e se prendeu a ele. Ela era seus olhos, movia-lhe os músculos. Guiando-o para o instante seguinte, a próxima hora, o próximo dia... até que se sentisse sempre há!

— É tempo de nos colocarmos a caminho — disse Chani. — O Conselho...

— Alia estará lá para ficar no meu lugar.

— E ela sabe o que fazer?

— Sabe.

O dia de Alia principiara com um esquadrão da guarda tomando conta do pátio de desfile abaixo de seus alojamentos. Ela olhou para aquela cena de confusão frenética, de falatório barulhento e intimidante. A cena tornou-se compreensível quando ela reconheceu o prisioneiro que eles haviam trazido: Korba, o Panegirista.

Fez sua toalete matinal caminhando ocasionalmente até a janela e mantendo vigilância sobre o andamento da impaciência lá embaixo. Seu olhar sempre se voltava para Korba. Tentava lembrar-se dele como o duro e barbado comandante da terceira onda na Batalha de Arrakeen. Era impossível. Korba convertera-se num janota imaculado, vestido agora com um manto de seda Parato de corte refinado. Encontrava-se aberto na cintura para revelar um belo rufo engomado e uma sobrecasaca bordada, decorada com jóias verdes. Um cinturão roxo guarnecia-lhe a cintura. As mangas, projetando-se por baixo do manto, haviam sido costuradas com motivos de verde-escuro e veludo negro.

Alguns Naibs haviam saído para observar o tratamento a que era submetido um companheiro Fremen. O clamor fora produzido por eles, excitando Korba a afirmar sua inocência. Alia observou os rostos dos Fremen, tentando recapturar memórias dos homens que havia conhecido. O presente apagava o passado. Todos eles se haviam tornado hedonistas, provando prazeres que a maioria dos homens nem poderia imaginar.

Seus olhares ansiosos voltavam-se com frequência para o portal da câmara onde deveriam reunir-se. Estavam pensando na visão-cega do Muad’Dib, a nova manifestação dos poderes misteriosos. Pela lei, um cego deveria ser abandonado no deserto, sua água entregue ao Shai-hulud. Mas o Muad’Dib os via sem olhos. Também não gostavam de edificações, sentindo-se vulneráveis num espaço erguido acima do solo. Dê-lhes uma caverna adequada, cortada na rocha, e eles poderão relaxar. Mas não aqui, não com este novo Muad’Dib esperando lá dentro.

Enquanto se virava para descer e ir à reunião, ela viu a carta, exatamente onde a deixara, na mesa junto à porta: a última mensagem de sua mãe. A despeito da especial reverência por Caladan, como local de nascimento de Paul, Lady Jessica enfatizara sua recusa em tornar aquele planeta um ponto de parada para o hajj.

“Não há dúvida de que meu filho é uma figura célebre na história”, ela

escrevera, “mas não posso ver isso como desculpa para me submeter a uma invasão da plebe.”

Alia tocou a carta, experimentando uma curiosa sensação de contato mútuo. Esse papel estivera nas mãos de sua mãe. Um instrumento tão arcaico, a carta — mas pessoal como nenhum outro registro poderia ser. Escrito na linguagem de Batalha dos Atreides, ela representava uma privacidade quase invulnerável na comunicação.

Pensar em sua mãe afligia Alia com a costumeira agitação interior. A mudança da especiaria, que fundira as mentes de mãe e filha, às vezes a forçava a pensar em Paul como o filho que dera à luz. O mesmo complexo de unidade apresentava-lhe o próprio pai como amante. Sombras fantasmagóricas saltavam em sua mente, pessoas do possível.

Alia reviu a carta enquanto descia a rampa para a antecâmara, onde sua guarda de amazonas a esperava.

“Vocês produzem um paradoxo mortífero”, escrevera Jessica. “Os governos não podem ser religiosos e autoritários ao mesmo tempo. A experiência religiosa implica uma espontaneidade que as leis inevitavelmente suprimem. E não se pode governar sem leis. Suas leis acabarão substituindo a moral, substituindo a consciência, substituindo até mesmo a religião pela qual vocês julgam governar. Os rituais sagrados devem brotar do louvor e do anseio por santidade, que produzem um tipo de moral significativo. O governo, por outro lado, é um organismo cultural particularmente atraente a dúvidas, questionamentos e contendas. Eu vejo chegar o dia em que o cerimonial tornará o lugar da fé e o simbolismo substituirá a moral.”

O perfume de café de especiaria saudou Alia na antecâmara. Quatro guardas amazonas, nos mantos verdes de serviço, ficaram em posição de sentido quando ela entrou. Saíram atrás dela, mantendo o passo e caminhando firmemente, da maneira desafiante, típica de sua juventude, olhos alertas em busca de ameaças. Possuíam rostos marcados pelo fanatismo, intocados pelo espanto. Irradiavam aquela qualidade especial dos Fremen, o senso de violência: poderiam matar naturalmente, sem qualquer sentimento de culpa.

“E nisso eu sou diferente”, pensou Alia. “O nome Atreides já está suficientemente sujo sem isso.”

A notícia de sua vinda a precedeu. Um escudeiro que esperava correu assim que ela entrou no salão inferior, indo chamar a guarda completa. O salão estendia-se, sem janelas e sombrio, iluminado apenas por alguns globos de luz mortiça. De repente, as portas que davam para o pátio de desfiles abriram-se na extremidade, deixando entrar o brilho da luz do dia. A guarda, com Korba no meio, surgiu vinda de fora e com a luz do sol a iluminá-la por trás.

— Onde está Stilgar? — quis saber Alia.

— Já está lá dentro — respondeu uma das amazonas.

Alia abriu caminho para a câmara. Era um dos lugares de reunião mais pretensiosos de todo o Castelo. Uma alta galeria com fileiras de poltronas ocupava um dos lados. Diante da galeria, cortinas alaranjadas haviam sido abertas, revelando janelas altas. A luz solar, muito brilhante, derramava-se de um espaço aberto, com um jardim e uma fonte. Na extremidade mais próxima da câmara, à direita, erguia-se uma plataforma com uma única cadeira maciça.

Caminhando em direção à cadeira, Alia olhou para trás e viu a galeria ser ocupada pelos Naibs.

Guardas da casa ocupavam o espaço aberto embaixo da galeria e Stilgar caminhava entre eles, com uma palavra aqui, uma ordem ali, sem dar qualquer indício de que vira Alia entrar.

Korba foi trazido e colocado sentado diante de uma mesinha, com almofadas a cercá-lo, no piso da câmara, abaixo da plataforma. A despeito das vestes elegantes, o Panegirista transmitia agora a aparência de um velho sonolento, rabugento, encolhido contra o frio exterior dentro de seus mantos. Dois guardas tornaram posição atrás dele.

Stilgar aproximou-se da plataforma enquanto Alia se sentava.

— Onde está o Muad’Dib? — indagou ele.

— Meu irmão me delegou poderes para presidir como Reverenda Madre — respondeu Alia.

Ouvindo isso, os Naibs na galeria começaram a erguer suas vozes em protesto.

— Silêncio! — ordenou Alia. Na súbita quietude subsequente, ela disse: — Não é a Lei dos Fremen que estipula que uma Reverenda Madre deve presidir uma sessão quando a vida e a morte estão em jogo?

Quando se compreendeu a gravidade de sua declaração, a imobilidade desceu sobre os Naibs, mas Alia assinalou os olhares de fúria na fileira de rostos. Ela os enumerou em sua mente para discussão no Conselho: Hobars, Rajifiri, Tasmin, Saajid, Umbu, Legg... Os nomes carregavam consigo pedaços de Duna!

Sietch Umbu, Depressão Tasmin, Fenda de Hobars...

Voltou a atenção para Korba.

Percebendo seu olhar, Korba ergueu o queixo e disse:

— Eu afirmo minha inocência.

— Stilgar, leia as acusações — disse Alia.

Stilgar exibiu um pergaminho de papel de especiaria marrom e deu um passo em frente. Começou a ler com um floreio solene na voz, como se ocultasse os ritmos. Dava às palavras uma qualidade incisiva, clara e cheia de honradez:

— ... e que você conspirou com traidores para trazer a destruição ao nosso senhor e Imperador; e que se encontrou em vil sigilo com diversos inimigos do reino; e que...

Korba continuava a sacudir a cabeça, com um olhar de ódio sentido.

Alia ouvia meditativamente, o queixo apoiado no punho esquerdo, a cabeça inclinada para um lado, o outro braço estendido ao longo do braço da cadeira. Trechos do processo formal começaram a escapar de sua consciência, bloqueados por seu próprio sentimento de inquietação.

— ... venerável tradição... apoio às legiões e a todos os Fremen em toda a parte... violência respondida com violência, de acordo com a Lei... majestade da Pessoa Imperial... negando-se todos os direitos a...

Era tolice, ela pensou. Tolice! Tudo isso... tolice... tolice...

Stilgar terminou:

— E assim esta questão é trazida a julgamento.

No silêncio subsequente, Korba inclinou-se para a frente, as mãos agarrando os joelhos, o pescoço com as veias dilatadas, esticando-se como se estivesse preparando-se para saltar. Sua língua tremulou entre os dentes enquanto ele falava.

— Nem por palavras, nem por ações, traí meus votos como Fremen! Eu exijo confrontar meu acusador!

"Um protesto bem simples", pensou Alia.

E percebeu que isso produzira um efeito considerável sobre os Naibs. Eles conheciam Korba. Ele era um deles. E para se tornar um Naib ele provara ter a coragem e a cautela de um Fremen. Korba não era brilhante, mas era confiável. Não era capaz de liderar um Jihad, mas constituía boa escolha como oficial de suprimentos. Não era um cruzado, mas alguém que valorizava as velhas virtudes dos Fremen: "A Tribo está acima de tudo."

As palavras amargas de Otheym, tal como Paul as recitara, passaram pela mente de Alia. Ela esquadrinhou a galeria. Qualquer um daqueles homens devia estar se vendo no lugar de Korba.

E alguns por bom motivo. Mas, nesse caso, um Naib inocente era tão perigoso quanto um culpado.

Korba também percebia isso.

— Quem me acusa? — exigiu saber. — Como Fremen, tenho o direito de confrontar meu acusador.

— Talvez você acuse a si mesmo — disse ela.

Antes que pudesse ocultá-lo, um terror místico surgiu brevemente na face de Korba. Estava lá para todos lerem: "Com seus poderes, Alia só tinha que acusá-lo, dizendo trazer evidências da região das sombras, o alam al-mytbal."

— Nossos inimigos possuem aliados Fremen — pressionou Alia. — Estes têm destruído armadilhas de água, explodido qanats, envenenado plantações, pilhado bacias de armazenagem...

— E agora... roubaram um verme do deserto e o levaram para outro mundo!

A voz dessa intromissão era bem conhecida de todos: o Muad'Dib. Paul atravessou a porta do salão, abrindo caminho entre as fileiras de guardas e caminhando para se colocar ao lado de Alia. Chani, que o acompanhava, permaneceu nas laterais.

— Meu senhor — exclamou Stilgar, recusando-se a olhar o rosto de Paul.

Paul voltou suas órbitas vazias para a galeria e em seguida na direção de Korba:

— E então, Korba? Onde estão as palavras de louvor?

Murmúrios começaram a ser ouvidos nas galerias. Tornaram-se mais altos, palavras isoladas e frases audíveis: "... lei para os cegos... modo Fremen... no deserto... quem quebra..."

— Quem diz que estou cego? — indagou Paul. Encarou a galeria. — Você, Rajifiri? Vejo que está usando dourado hoje, e que aquela camisa azul debaixo do manto ainda traz a poeira das ruas. Sempre desleixado.

Rajifiri fez um gesto de repulsa, os três dedos exibidos contra o mal.

— Aponte esses dedos para você mesmo! — gritou Paul. — Nós sabemos onde está o mal! Voltou-se para Korba. — Existe culpa em seu rosto, Korba.

— Não minha culpa! Eu posso ter sido ligado aos culpados, mas não... — Ele se interrompeu, olhando assustado para a galeria.

Recebendo a deixa de Paul, Alia se levantou e desceu para o piso da câmara, avançando até junto da mesa de Korba. De uma distância de menos de um metro, olhou para ele, silenciosa, intimidando.

Korba encolheu-se sob o peso de seus olhos. Remexeu-se, olhou ansioso para as galerias.

— De quem são os olhos que busca lá? — indagou Paul.

— Não pode ver? — balbuciou Korba.

Paul reprimiu um momentâneo sentimento de piedade por Korba. O homem encontrava-se aprisionado na visão, tão seguramente quanto qualquer um dos presentes. Ele desempenhava um papel, não mais que isso.

— Eu não preciso de olhos para vê-lo — respondeu Paul.

E começou a descrever Korba, cada movimento, cada tique nervoso, cada olhar de súplica para a galeria.

O desespero cresceu em Korba.

Observando-o, Alia percebeu que o homem poderia quebrar a qualquer

momento. Alguém na galeria deveria perceber quão próximo ele se encontrava disso, pensou ela. Quem? Estudou os rostos dos Naibs notando pequenos indícios reveladores nas faces que dissimulavam emoções... raiva, medos, incertezas... culpas.

Paul ficara em silêncio.

Korba assumiu deplorável postura de pomposidade para suplicar:

— Quem me acusa?

— Otheym o acusa — respondeu Alia.

— Mas Otheym está morto! — protestou Korba.

— Como sabe disso? — indagou Paul. — Por meu sistema de espiões? Ah, sim! Sabemos de seus espiões e mensageiros. Sabemos quem trouxe o queima-pedra para cá, de Tarahell.

— Era para a defesa do Qizarate! — balbuciou Korba.

— E foi assim que caiu nas mãos dos traidores? — perguntou Paul.

— Ele foi roubado e nós... — Korba ficou em silêncio, engolindo em seco. Seu olhar voltava-se para a direita e para a esquerda. — Todos sabem que eu fui a voz do amor pelo Muad'Dib. — Olhou para a galeria. — Como pode um homem morto acusar um Fremen?

— A voz de Otheym não está morta — respondeu Alia. Calou-se quando Paul a tocou no braço.

— Otheym enviou-nos sua voz — explicou Paul. — Ela dá os nomes, os atos de traição, os lugares de reunião e as datas. Está notando a ausência de certos rostos no Conselho dos Naibs, Korba? Onde estão Merkur e Fash? Keke, o Coxo não se encontra conosco hoje. E Takin, onde está ele?

Korba sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Eles deixaram Arrais com o verme roubado — disse Paul.

— Mesmo que eu o libertasse agora, Korba, o Shai-hulud teria sua água por sua participação em tudo isso. Por que não o liberto, Korba? Pense em todos esses homens cuja visão foi tirada, os homens que não podem ver como eu vejo. Eles têm famílias e amigos, Korba. Onde você poderia se esconder deles?

— Foi um acidente — suplicou Korba. — De qualquer modo, eles estão recebendo olhos dos Tleilaxu... — Novamente, calou-se.

— E quem sabe que tipo de escravidão não trazem os olhos de metal? — indagou Paul.

Os Naibs na galeria começaram a sussurrar comentários por trás de mãos erguidas. Agora, olhavam friamente para Korba.

— Defesa do Qizarate — murmurou Paul, retornando à justificativa de Korba. — Um engenho que destrói um planeta ou produz raios J que cegam todos aqueles que se encontrarem muito próximos. Que efeito você concebia

como defesa, Korba? Será que o Qizarate esperava cegar os olhos de todos os observadores?

— Era uma curiosidade, meu senhor — suplicou Korba. — Sabíamos que a Antiga Lei estipulava que somente Famílias poderiam possuir os atômicos, mas o Qizarate obedecia... obedecia...

— Obedecia a você — acusou Paul. — Uma curiosidade, de fato.

— Mesmo que seja apenas a voz de meu acusador, deve colocá-la diante de mim! — disse Korba. — Um Fremen tem seus direitos.

— Ele fala a verdade, senhor — comentou Stilgar.

Alia olhou severamente para Stilgar.

— A lei é a lei — disse Stilgar, sentindo o protesto de Alia.

Começou a citar a Lei dos Fremen, entremeando as citações com seus próprios comentários sobre como ela era pertinente.

Alia experimentou a estranha sensação de ouvir as palavras de Stilgar antes que fossem pronunciadas. Como ele poderia ser tão crédulo? Stilgar nunca lhe parecera mais oficial e conservador, mais concentrado na adesão ao Código de Duna. O queixo estava erguido, agressivo. A boca, incisiva. Não haveria mais nada nele, exceto essa pomposidade excessiva?

— Korba é um Fremen e deve ser julgado pela Lei dos Fremens — concluiu Stilgar.

Alia voltou-se, olhando para as sombras do dia caindo sobre a parede diante do jardim. Sentia-se esgotada pela frustração. Já tinham deixado que essa coisa se arrastasse pela manhã. E agora o quê? Korba relaxara e os modos do Panegirista revelavam que ele havia sofrido um ataque injusto, que tudo que fizera fora por amor ao Muad'Dib. Olhou para Korba, surpreendendo-se com a astuta expressão de auto-importância escorregando sobre sua face.

Ele quase podia ter recebido uma mensagem, ela pensou. Agia como um homem que ouvira seus amigos gritarem:

— Aguente firme, Korba! A ajuda está a caminho.

Por um instante, haviam tido tudo em suas mãos. A informação do anão, os nomes dos informantes, os indícios de que havia outros na conspiração. Mas haviam permitido que passasse o momento crítico. "Stilgar? Certamente, não Stilgar." Olhou para o velho Fremen.

Stilgar respondeu ao seu olhar sem estremecer.

— Obrigado, Stil — disse Paul —, por nos recordar as Leis.

Stilgar inclinou a cabeça. Aproximou-se, moldando palavras silenciosas de um modo que, sabia, Paul e Alia poderiam ler.

"Vou espremê-lo até deixá-lo seco e então cuidar do assunto."

Paul assentiu, fazendo sinal para os guardas atrás de Korba.

— Removam Korba para uma cela de segurança máxima — ordenou Paul. — Ele não receberá visitas, exceto o Conselheiro defensor. Para isso, aponto Stilgar.

— Deixe-me escolher meu próprio defensor! — gritou Korba.

Paul voltou-se subitamente.

— Você nega a equidade e a capacidade de decisão de Stilgar?

— Oh, não, meu senhor, mas...

— Levem-no! — gritou Paul.

Os guardas ergueram Korba das almofadas e o levaram para fora.

Com novos murmúrios, os Naibs começaram a esvaziar a galeria. Criados saíram da parte inferior da galeria, caminharam até as janelas e puxaram as cortinas alaranjadas. Um brilho alaranjado tomou conta do salão.

— Paul — chamou Alia.

— Quando precipitarmos a violência — ele disse —, será quando a tivermos sob controle total. Obrigado, Stil, desempenhou bem o seu papel. Alia, tenho certeza de que identificou os Naibs que estavam com ele. Eles não podiam deixar de se denunciar.

— Vocês dois tramaram isso, não? — perguntou Alia, aborrecida.

— Se eu tivesse ordenado a execução de Korba imediatamente, os Naibs poderiam ter compreendido — explicou Paul. — Mas esse procedimento formal, sem base estrita na Lei dos Fremen, faria com que sentissem ameaçados os seus direitos. Quais os Naibs que estavam com ele, Alia?

— Rajifiri, com certeza — respondeu ela em voz baixa. — E Saajid, mas...

— Dê a lista completa a Stilgar.

Alia engoliu em seco, compartilhando nesse momento o temor geral de Paul. Sabia como ele andava entre eles sem os olhos, mas a delicadeza da situação a assustava. Ver-lhes as formas no ar de sua visão! Ela sentia sua própria pessoa tremeluzindo para ele num tempo sideral, cuja coincidência com a realidade dependia inteiramente de suas palavras e ações. Ele os tinha todos na palma de sua visão!

— Já passou a hora de sua audiência matinal, senhor — disse Stilgar. — Muitas pessoas... curiosas... com medo...

— Está com medo, Stil?

Quase um sussurro:

— Sim.

— Você é meu amigo, nada tem a temer de mim.

Stilgar engoliu em seco:

— Sim, meu senhor.

— Alia, encarregue-se da audiência matinal. Stilgar, dê o sinal.

Stilgar obedeceu.

Uma onda de movimento brotou das grandes portas. Uma multidão foi pressionada para fora do salão, na penumbra, de modo a permitir a entrada dos funcionários. Muitas coisas começaram a acontecer ao mesmo tempo: a guarda da casa empurrando para trás os Suplicantes que pressionavam para entrar, advogados em trajes berrantes tentando abrir caminho, gritos, pragas. Os advogados acenavam com os papéis dos clientes. O Funcionário da Assembléia entrou adiante deles, através de uma passagem aberta pela guarda no meio da multidão. Ele carregava a Lista de Preferências, com aqueles que haviam recebido permissão para se aproximarem do Trono. O Funcionário, um Fremen magro chamado Tecrube, avançava com um cinismo enfadado, exibindo a cabeça raspada e as suíças aparadas.

Alia procurou interceptá-lo, dando a Paul o tempo para que escapasse com Chani através de uma passagem exclusiva, atrás da plataforma. Sentiu momentânea desconfiança com relação a Tecrube, ante o olhar de inquisitiva curiosidade com que ele acompanhou a saída de Paul.

— Eu falarei por meu irmão hoje — ela disse. — Faça com que os Suplicantes se aproximem, um de cada vez.

— Sim, minha senhora. — Ele se voltou para organizar a multidão.

— Posso me lembrar de uma época em que não se teria enganado quanto ao propósito de seu irmão aqui — disse Stilgar.

— Eu estava distraída — respondeu ela. — Houve uma mudança muito dramática em você, Stil. Que foi?

Stilgar empertigou-se, chocado. As pessoas mudavam, era lógico. Mas de modo dramático? Essa era uma visão particular de si mesmo que nunca tivera questionado. Os artistas importados, de lealdade dúbia e virtudes ainda mais dúbias, eram dramáticos.

Os inimigos do Império empregavam o drama em suas tentativas de sublevar a população volúvel. Korba afastara-se das virtudes dos Fremen para encenar um drama em benefício do Qizarate. E ia morrer por isso.

— Está sendo perversa — respondeu Stilgar. — Desconfia de mim?

A mágoa em sua voz suavizou a expressão de Alia, mas não seu tom de voz:

— Sabe que não desconfio de você. Sempre concordei com meu irmão em que, uma vez que um assunto estivesse nas mãos de Stilgar, poderíamos seguramente esquecê-lo.

— Então por que diz que eu... mudei?

— Está se preparando para desobedecer a meu irmão — disse ela. —

Posso notar isso em você. Só espero que não destrua a ambos.

O primeiro dos Suplicantes se aproximava agora. Ela virou-se antes que Stilgar pudesse responder. O rosto dele, entretanto, exibia as coisas que ela sentira na carta de sua mãe — a substituição da moral e da consciência pela lei.

“Vocês produzem um paradoxo mortífero.”

20

Tibarca era um apologista da Cristandade Socrática, provavelmente um nativo de IV Arcbus que viveu entre os séculos XIII e XIX antes de Corrino, ao que tudo indica no segundo reinado de Dalamak. De seus escritos, só sobrevive uma parte, da qual foi tirado este fragmento: "Os corações de todos os homens habitam a mesma selva. "

— Extraído do Dunabuk de Irulan

— Você é Bijaz — disse o ghola, entrando na pequena câmara onde o anão era mantido sob guarda. — Chamam-me Hayt.

Um forte contingente da guarda da casa viera juntamente com o ghola para se encarregar da vigilância noturna. Carregada pelo vento do poente, a areia picara-lhes as faces enquanto atravessavam o pátio externo, fazendo-os piscar e se apressar. Podia-se ouvi-los agora na passagem externa, trocando os gracejos e rituais de seu trabalho.

— Você não é Hayt — disse o anão. — Você é Duncan Idaho. Eu estava lá quando eles colocaram sua carne morta no tanque e estava lá quando a removeram, viva e pronta para o treinamento.

O ghola engoliu com a garganta subitamente seca. Os brilhantes globos luminosos da câmara perdiam o tom amarelado nas cortinas verdes. A luz revelava gotas de transpiração na testa do anão. Bijaz parecia uma criatura de curiosa integridade, como se o propósito nele moldado pelos Tleilaxu se projetasse através da pele. Havia poder debaixo da máscara de covardia e frivolidade do anão.

— O Muad'Dib encarregou-me de interrogá-lo para descobrir o que os Tleilaxu pretendiam que fizesse aqui — disse Hayt.

— Tleilaxu, Tleilaxu — cantou o anão. — Eu sou Tleilaxu, seu pateta! E, sob esse ponto de vista, você também.

Hayt observou o anão. Bijaz irradiava uma agilidade carismática que fazia o observador lembrar-se de antigos ídolos.

— Ouviu a guarda lá fora? — indagou Hayt. — Se eu der a ordem, eles o estrangularão.

— Hei! Hei! — gritou Bijaz. — Que grosseiro empedernido você se tornou. E diz que veio aqui em busca da verdade.

Hayt descobriu-se incapaz de encarar a calma secreta debaixo da expressão de Bijaz:

— Talvez eu esteja apenas buscando o futuro — disse ele.

— Bem falado — respondeu o anão. — Agora nos conhecemos um ao outro. Quando dois ladrões se encontram, dispensam apresentações.

— De modo que somos ladrões. E o que é que nós roubamos?

— Não ladrões, dados — explicou Bijaz. — E você veio aqui para ler os meus pontos. Eu, em troca, leio os seus. E você! Você tem duas caras!

— Realmente me viu entrando nos tanques dos Tleilaxu? — perguntou Hayt, combatendo uma curiosa relutância em fazer a pergunta.

— Eu não disse isso? — respondeu Bijaz, pulando de pé. — Tivemos uma luta terrível com você. Sua carne não queria retornar.

De súbito, Hayt sentiu-se num sonho controlado por outra mente, e que por momentos poderia esquecer isso para se perder nas circunvoluções dessa mente.

Bijaz, astuto, inclinou a cabeça para um lado e caminhou à volta do ghola, olhando para ele.

— A excitação reacende velhos padrões em você — disse ele. — Você é o perseguidor que não deseja encontrar aquilo que persegue.

— E você é uma arma apontada para o Muad'Dib — disse Hayt, virando-se para seguir o anão. Que é que deve fazer?

— Nada! — respondeu Bijaz, parando. — Eu lhe dou uma resposta comum para uma pergunta comum.

— Então seu alvo é Alia. É isso?

— Eles a chamam de Hawt, o Peixe-Monstro, nos mundos exteriores. Como é possível que eu ouça seu sangue ferver quando fala dela?

— Então eles a chamam de Hawt — repetiu o ghola, observando Bijaz em busca de algum indício de seu propósito. O anão dava respostas muito estranhas.

— Ela é a virgem-meretriz — disse Bijaz. — É vulgar, mordaz, dotada de um conhecimento tão profundo que aterroriza, cruel quando é mais bondosa, inconsequente quando pensa, e quando procura construir torna-se tão destrutiva quanto uma tempestade coriólis.

— Então veio aqui para falar contra Alia — comentou Hayt.

— Contra ela? — Bijaz mergulhou na almofada junto da parede. — Eu vim aqui para ser capturado pelo magnetismo de sua beleza física. — Ele sorriu, uma expressão de réptil no rosto grande.

— Atacar Alia é atacar seu irmão.

— Isso é tão claro que é difícil de perceber — concordou Bijaz. — Na verdade, o Imperador e a irmã são uma única pessoa, um ser metade masculino, metade feminino.

— Isso é uma coisa que já ouvi, dita pelos Fremen do deserto profundo — observou Hayt. — E são esses os que revivem os sacrifícios sangrentos ao Shai-hulud. Como pode repetir essa tolice?

— Você ousa dizer que é tolice? — retrucou Bijaz. — Você, que é ao mesmo tempo homem e máscara? Ah, mas os dados não podem ler seus próprios pontos. Eu me esqueci disso. E está duplamente confuso porque serve ao duplo ser Atreides. Seus sentidos não se encontram tão próximos da resposta quanto a sua mente.

— Você prega essas falsas crenças sobre o Muad'Dib para os seus guardas? — indagou Hayt em voz baixa. Sentia a mente emaranhada pelas palavras do anão.

— Eles o pregam para mim! — respondeu Bijaz. — E rezam. Por que não deveriam? Todos nós devíamos estar rezando. Não vivemos à sombra da mais perigosa criação que o universo jamais testemunhou?

— Perigosa criação?

— A própria mãe deles recusa-se a viver no mesmo planeta com eles!

— Por que não me responde diretamente? Sabe que tenho outros meios de interrogá-lo — exigiu Hayt. — E nós conseguiremos as respostas... de um modo ou de outro.

— Mas eu já lhe respondi! Já não disse que o mito é real? Serei o vento que carrega a morte em seu ventre? Não! Eu sou palavras! Palavras como o relâmpago que salta da areia para um céu escuro. Eu disse: "Apague a lâmpada, o dia raiou." E você fica dizendo: "Dê-me uma lâmpada para que eu possa encontrar o dia."

— Está fazendo um jogo perigoso comigo — advertiu Hayt.

— Pensa que não posso entender essas idéias dos Zensunni? Você deixa pegadas tão claras quanto um pássaro na lama.

Bijaz começou a rir baixinho.

— De que está rindo?

— Porque tenho dentes e não queria ter — disse Bijaz, rindo. — Não tendo dentes, eu não poderia rangê-los.

— E agora eu sei qual é o seu alvo — disse Hayt. — Você foi apontado para mim.

— E acertei em cheio! — concordou Bijaz. — Você era um alvo muito grande, como eu poderia errar? — Acenou com a cabeça, como que para si mesmo. — E agora eu cantarei para você.

Começou a cantarolar, com os lábios fechados, um tema monótono, agudo, lamuriento, que se repetia seguidamente.

Hayt enrijeceu-se, experimentando estranhas dores que lhe percorriam a espinha para cima e para baixo. Olhou para o rosto do anão, vendo olhos jovens em uma face velha. Os olhos eram o centro de uma rede de linhas brancas, nodosas, que se propagavam para os ocos abaixo das têmporas. Era uma cabeça muito grande! Cada detalhe das feições focalizava-se naquela boca comprimida de onde partia o ruído monótono. O som fazia com que Hayt pensasse em antigos rituais, memórias folclóricas, velhas palavras e costumes, significados semi-esquecidos em murmúrios perdidos. Alguma coisa fundamental estava acontecendo ali — um terrível jogo de idéias através do tempo. Idéias ancestrais entremeavam-se no canto do anão. Era como uma luz queimando na distância, aproximando-se cada vez mais, iluminando a vida através de um período de séculos.

— Que está fazendo comigo? — perguntou Hayt, ofegante.

— Você foi o instrumento que me ensinaram a tocar — respondeu Bijaz. — E o estou tocando. Deixe-me revelar-lhe os nomes dos outros traidores entre os Naibs: Bikouros e Cahueit. E há Djedida, que era secretário de Korba. E Abumojandis, o ajudante de Bannerjee. Agora mesmo, um deles pode estar enterrando uma lâmina no seu Muad'Dib.

Hayt sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Sentia muita dificuldade em falar.

— Nós somos como irmãos — disse Bijaz, interrompendo uma vez mais sua cantiga monótona. Crescemos no mesmo tanque: primeiro eu, depois você.

Os olhos metálicos de Hayt subitamente lhe causaram uma dor lancinante. Uma névoa vermelha, tremulante, cercava tudo aquilo que via. Sentiu-se isolado de tudo, exceto da dor, experimentando o ambiente ao seu redor como se dele estivesse separado por uma fina divisão, como gaze soprada pelo vento. Tudo tornara-se acidental, envolvimento casual de matéria inanimada. Sua própria vontade não era mais que uma coisa sutil, mutável. Vivia sem respirar e era inteligível apenas como iluminação interior.

Com uma compreensão nascida do desespero, ele conseguiu atravessar a cortina de gaze com o solitário sentido da visão, o único que lhe restara. Sua atenção focalizou-se como uma luz brilhante sob Bijaz. Hayt sentiu que seus olhos penetravam através das camadas de que era constituído o anão, vendo o pequeno homem como um intelecto alugado e, abaixo disso, uma criatura aprisionada por apetites e desejos que se comprimiam nos olhos. Camada após camada, até que finalmente restava apenas uma entidade-aspecto sendo manipulada por símbolos.

— Estamos num campo de batalha — disse Bijaz. — Você pode falar sobre isso.

Com a voz libertada por esse comando, Hayt disse:

— Não pode me forçar a matar o Muad'Dib.

— Já ouvi um ditado das Bene Gesserit, segundo o qual nada é firme, nada é equilibrado, nada é durável em todo o universo. Nada permanece em seu estado. A cada dia, por vezes a cada hora, surge uma alteração.

Atordoado, Hayt sacudiu a cabeça, de um lado para o outro.

— Você pensava que o tolo do Imperador era o prêmio que buscávamos — disse Bijaz. — Como entende pouco os nossos mestres, os Tleilaxu. A Corporação e as Bene Gesserit pensam que nós produzimos artefatos. Na realidade, produzimos ferramentas e serviços. Qualquer coisa pode ser uma ferramenta: a pobreza, a guerra. A guerra é útil por ser muito eficaz em diversas áreas. Ela estimula o metabolismo, reforça o governo, difunde tendências genéticas. Ela possui vitalidade como nenhuma outra coisa no universo. Somente aqueles que reconhecem o valor da guerra e a exercitam possuem certo grau de autodeterminação.

Com uma voz estranhamente plácida, Hayt disse:

— Estranhos pensamentos partem de você, quase suficientes para me fazerem acreditar em um Deus vingativo. Que restauração foi necessária para criar você? Certamente daria uma história fascinante, sem dúvida alguma com um epílogo ainda mais extraordinário.

— Magnífico! — riu Bijaz. — Você ataca. Portanto, tem vontade própria e exercita a autodeterminação.

— Está tentando despertar a violência em mim — disse Hayt com voz ofegante.

Bijaz negou isso, sacudindo a cabeça.

— Despertar, sim; violência, não. Você é um discípulo da consciência por treinamento, como você mesmo disse. Eu tenho uma consciência para despertar em você, Duncan Idaho.

— Hayt!

— Duncan Idaho. Matador extraordinário. Amante de muitas mulheres. Espadachim e soldado. Servidor dos Atreides no campo de batalha. Duncan Idaho.

— O passado não pode ser despertado.

— Não?

— Isso nunca foi feito!

— É verdade, mas nossos mestres desafiam a idéia de que alguma coisa não possa ser feita. Sempre buscam a ferramenta adequada, a exata aplicação do

esforço, os serviços apropriados da...

— Você está ocultando seu verdadeiro propósito! Ergue uma barreira de palavras e elas nada significam!

— Há um Duncan Idaho em você — continuou Bijaz. — Ele se submeterá à emoção ou ao exame desapaixonado, mas se submeterá. Sua consciência se erguerá através de uma tela de contenção e seleção, saindo de um passado que segue seus passos. Ele o estimula agora, enquanto o detém. Mas existe dentro de você aquele ser sobre o qual a consciência deve se focalizar, e que irá obedecer.

— Os Tleilaxu pensam que ainda sou seu escravo, mas eu...

— Quieto, escravo! — disse Bijaz naquela voz lamurienta.

Hayt descobriu-se imobilizado no silêncio.

— Agora descemos ao leito da rocha — disse Bijaz. — Sei que pode senti-lo. E essas são as palavras-chaves para manipulá-lo... Creio que elas terão apoio suficiente.

Hayt sentia a transpiração derramando-se em sua face, o tremor no peito e nos braços, mas era incapaz de se mover.

— Um dia — continuou Bijaz —, o Imperador irá até você e dirá: “Ela se foi.” Seu rosto será uma máscara de dor. Ele dará água aos mortos, como chamam as lágrimas por aqui. E você vai dizer, usando a minha voz: “Mestre! Ó mestre!”

A garganta e o maxilar de Hayt doíam com a imobilização dos músculos. Ele só podia virar a cabeça num estreito arco de um lado para o outro.

— E você dirá: “Trago uma mensagem de Bijaz.” — O anão sorriu. — Pobre Bijaz, que não possui mente... pobre Bijaz, um tambor estufado com mensagens, uma essência para que outros façam uso... Bata em Bijaz e ele produzirá ruídos...

Sorriu novamente:

— Você me toma por hipócrita, Duncan Idaho! Mas eu não sou! Eu posso sentir mágoa também. Mas chegou a ocasião de substituir palavras por espadas.

Um soluço fez Hayt estremecer.

Bijaz riu baixinho e continuou:

— Ah, obrigado, Duncan, obrigado. As exigências do corpo são a nossa salvação. Como o Imperador carrega o sangue dos Harkonnen em suas veias, vai agir como queremos. Ele se tornará uma máquina salivante, expelindo palavras que ressoarão de modo adorável para os nossos mestres.

Hayt piscou, pensando em como o anão parecia um animal pequeno e vigilante, uma coisa maldosa de rara inteligência.

“Sangue Harkonnen num Atreides?”

— Você pensa em Rabban, a Besta, o vil Harkonnen, e queima de ódio.

Você é como os Fremen nisso tudo. Quando as palavras falham, a espada está sempre à mão, hein? Você pensa na tortura que os Harkonnen infligiram a sua família. E, pelo lado materno, seu precioso Paul é um Harkonnen! Não acharia difícil matar um Harkonnen agora, acharia?

Uma frustração amarga propagou-se pelo ghola. Ou seria raiva? Por que isso deveria causar raiva?

— Ohhh — exclamou Bijaz. — Ahhh, hah! Clique, clique. Existe mais na mensagem. É a troca que os Tleilaxu oferecem ao seu precioso Paul Atreides. Nossos mestres restaurarão sua amada. Uma irmã para você, outro ghola.

De repente, Hayt sentiu que havia um universo ocupado unicamente por suas próprias batidas cardíacas.

— Um ghola — continuou Bijaz. — Será a carne de sua amada. Ela dará à luz os filhos dele. E amará somente a ele. Nós poderemos até melhorar o original, se ele assim o desejar. Será que um homem já teve oportunidade maior para reaver aquilo que perdeu? Ele fará tudo para aceitar essa oferta.

Bijaz assentiu com a cabeça, os olhos abaixando-se como se estivessem cansados. Depois disse:

— Ele será tentado... e, aproveitando sua distração, você se aproximará. E nesse instante atacará! Dois gholas em vez de um! Isso é o que nossos mestres exigem! — O anão pigarreou, balançou a cabeça uma vez mais e disse:

— Fale.

— Eu não farei isso — disse Hayt.

— Mas Duncan Idaho o faria. Será o instante de suprema vulnerabilidade para esse descendente dos Harkonnen. Não se esqueça disso. Você irá sugerir aperfeiçoamentos em sua amada: talvez um coração imortal, emoções mais suaves. Oferecerá asilo enquanto se aproxima ainda mais dele: um planeta de sua escolha em algum lugar além do Império. Pense nisso! Sua amada restaurada. Sem mais razão para lágrimas e com um lugar idílico para viver até o fim dos seus anos.

— Uma oferta dispendiosa — disse Hayt, sondando. — Ele perguntará pelo preço.

— Diga-lhe que ele deverá renunciar à sua divindade e desacreditar o Qizarate. Deverá desacreditar a si próprio e a sua irmã.

— Nada mais? — indagou Hayt, zombeteiro.

— E deverá entregar todas as suas ações da CHOAM, naturalmente.

— Naturalmente.

— E se ainda não estiver suficientemente próximo para dar-lhe o golpe, fale no quanto os Tleilaxu admiram o que ele lhes ensinou a respeito das possibilidades da religião. Diga-lhe que os Tleilaxu possuem um departamento

de engenharia religiosa, moldando religiões para necessidades particulares.

— Como são espertos.

— Você se julga livre para zombar e desobedecer-me — disse Bijaz inclinando a cabeça ardilosamente. — Não negue que...

— Eles o fizeram muito bem, animalzinho — disse Hayt.

— Tão bem como você — respondeu o anão. — Você lhe dirá que se apresse. A carne se deteriora, e a carne dela deverá ser preservada num tanque criológico.

Hayt sentiu que se debatia, apanhado em uma matriz de objetos que não poderia reconhecer. O anão parecia tão seguro de si!

Devia haver uma falha na lógica dos Tleilaxu. Ao criarem seu ghola, eles o haviam preparado para responder à voz de Bijaz, mas... Mas o quê? Lógica/matriz/objeto... Como era fácil confundir um raciocínio claro com um raciocínio correto! A lógica dos Tleilaxu seria distorcida?

Bijaz sorriu, parecendo ouvir uma voz oculta.

— Agora você vai se esquecer — disse ele. — Quando chegar o momento, se lembrará. Ele irá dizer: “Ela se foi,” Então, Duncan Idaho acordará.

O anão bateu as mãos.

Hayt grunhiu, sentindo-se como se tivesse sido interrompido no meio de um pensamento... ou talvez no meio de uma frase. O que seria? Algo a respeito de... alvos?

— Pensa em me confundir e me manipular — disse ele.

— Como é isso? — indagou Bijaz.

— Sou o seu alvo e não o pode negar.

— Nem pensaria em negá-la.

— E o que é que tentaria fazer comigo?

— Uma gentileza — respondeu Bijaz. — Uma simples gentileza.

21

A natureza sequencial dos acontecimentos verdadeiros não é iluminada com total precisão pelos poderes da presciência, exceto sob as mais extraordinárias circunstâncias. O oráculo vislumbra incidentes arrancados de sua cadeia histórica. A eternidade se move. Ela atinge o oráculo e o suplicante, sem distinção. Que os súditos do Muad'Dib duvidem de sua majestade e de sua virão oracular. Que neguem seus poderes. Que nunca duvidem da Eternidade.

— Os Evangelhos de Duna

Hayt viu Alia sair do Templo e cruzar a praça. Sua guarda apinhava-se junto dela, expressões violentas nos rostos para ocultar as linhas moldadas pela boa vida e pelo prazer.

As asas de um tóptero brilharam como um heliógrafo à luz brilhante do sol do entardecer, acima do Templo; fazia parte da Guarda Real, com o símbolo do punho do Muad'Dib pintado na fuselagem.

Hayt voltou seu olhar para Alia. Ela parecia deslocada ali na cidade, pensou. Seu cenário adequado era o deserto — espaço livre e desimpedido. Uma coisa curiosa a respeito dela lhe ocorreu enquanto a via aproximar-se: Alia só parecia pensativa quando sorria. Era um truque dos olhos, concluiu ele, relembrando como ela aparecera na recepção para o embaixador da Corporação: arrogante contra um fundo de música e conversas, entre uniformes e vestidos extravagantes. Alia usara roupa branca, um luminoso traje de castidade. Ele a olhara do alto, de uma janela, enquanto ela atravessava o jardim interno, com o lago, as fontes, a folhagem de capim-dos-pampas e o mirante branco.

Tudo errado... totalmente errado. Ela pertencia ao deserto.

Hayt respirou angustiado. Alia saíra do seu campo de visão, tal como fazia agora. Ele esperou, abrindo e fechando as mãos. A entrevista com Bijaz deixara-o inquieto.

Ouviu o cortejo de Alia passar do lado de fora da sala onde esperava. Ela ia para os alojamentos familiares.

Tentava agora focalizar seus pensamentos no detalhe que o perturbava a respeito dela. Teria sido a maneira como caminhara atravessando a praça? Sim. Ela parecera uma criatura caçada, fugindo de um predador. Saiu para a sacada

interligada e caminhou por ela, por trás de pára-sóis de plasmeld. Parou enquanto ainda estava oculto pelas sombras. Alia encontrava-se na balaustrada, olhando para o Templo.

Olhou para onde ela estava olhando, na direção da cidade. E viu retângulos, blocos de cor, movimentos rastejantes de vida e de som. Estruturas brilhavam, tremeluzindo. Ondulações de calor erguiam-se em espirais dos topos dos telhados. Havia um menino do outro lado, jogando bola num beco formado por um maciço arcobotante, a um canto do Templo. A bola ia e vinha.

Alia também observava a bola. Sentia uma identidade forçada com aquela bola, indo contra a parede e voltando... indo e voltando. Sentia-se como se ela própria estivesse ricocheteando nos corredores do Templo.

A porção de melange que ingerira, exatamente antes de deixar o Templo, fora a maior que já experimentara — uma super-dose maciça. Mesmo antes de fazer efeito, já a aterrorizava.

“Por que fiz isso?”, perguntou a si mesma.

“É preciso escolher entre os perigos.” Não era isso? Esse era o meio de penetrar no nevoeiro espalhado sobre o futuro por aquele maldito Tarô de Duna. Havia uma barreira que devia ser quebrada. Agira por pura necessidade de verificar para onde ia o irmão em sua caminhada cega.

O familiar estado de fuga da melange começou a introduzir-se em sua consciência. Ela respirou fundo, experimentando uma forma instável de calma, suspensa e sem identidade.

“A posse de uma segunda visão tende a tornar a pessoa perigosamente fatalista”, pensou. Infelizmente, não existia um ponto de equilíbrio abstrato, um cálculo da presciência. As visões do futuro não podiam ser manipuladas como fórmulas. A pessoa precisava entrar nelas, com isso arriscando sua vida e sua saúde mental.

Uma figura saiu das sombras na sacada adjacente. O ghola!

Em seu estado de consciência ampliada, ela o via com uma claridade intensa. As feições escuras, vivazes, dominadas por aqueles olhos metálicos cintilantes. Ele era uma união de opostos terríveis, algo reunido de modo chocantemente linear. Era sombra e luz intensa, produto dos processos que haviam revivido sua carne morta... e de alguma coisa intensamente pura... inocente.

Inocência submetida a um cerco!

— Estava aí o tempo todo, Duncan? — indagou.

— Quer dizer que eu sou Duncan? — ele disse. — Por quê?

— Não me questione — respondeu ela.

E pensou, olhando para ele, que os Tleilaxu não haviam deixado parte

alguma de seu ghola por terminar.

— Somente os deuses podem se arriscar à perfeição com segurança — ela disse. — Trata-se de algo perigoso para um homem.

— Duncan morreu — disse ele, desejando que ela não o chamasse assim. — Eu sou Hayt.

Ela estudou seus olhos artificiais, imaginando o que eles enxergariam. Olhando-se de perto, eles revelavam minúsculos orifícios negros, pequenos poços de escuridão cavados no metal reluzente.

Facetas! O universo tremulou ao redor dela e deu uma guinada brusca. Alia firmou-se com uma das mãos sobre a superfície da balaustrada aquecida pelo sol. Sim, a melange tinha efeito rápido.

— Está se sentindo mal? — perguntou Hayt. Aproximou-se, os olhos de aço abertos, fitando.

"Quem falou?", perguntou ela a si mesma. Seria Duncan Idaho?

Seria o ghola-mentat ou o filósofo Zensunni? Ou seria um peão dos Tleilaxu, mais perigoso que qualquer Timoneiro da Corporação? Seu irmão sabia.

Olhou outra vez para o ghola. Agora, havia nele alguma coisa inativa, latente. Ele estava saturado com a espera e com poderes além de sua vida comum.

— Por parte de minha mãe, sou como as Bene Gesserit — ela disse. — Você sabia disso?

— Sabia.

— Eu uso os poderes delas, penso como elas pensam. Parte de mim conhece a sagrada urgência do programa de procriação... e seus produtos.

Ela piscou, sentindo que parte de sua consciência começava a se movimentar livremente no Tempo.

— Dizem que as Bene Gesserit nunca desistem — comentou ele, observando-a de perto e notando como seus dedos pareciam brancos nos pontos em que seguravam a borda da sacada.

— Eu tropecei? — indagou ela.

Ele percebeu como ela respirava profundamente, cada movimento cheio de tensão, uma aparência vítrea nos olhos.

— Quando você tropeça — ele disse —, pode recuperar o equilíbrio saltando por sobre a coisa em que tropeçou.

— As Bene Gesserit tropeçaram — disse ela. — E agora tentam recuperar o equilíbrio saltando por sobre meu irmão. Elas querem o bebê de Chani... ou o meu.

— Está esperando um filho?

Ela lutou para se fixar num relacionamento espaço-temporal ante essa pergunta. Esperando um filho? Quando? Onde?

— Eu vejo... meu filho — ela sussurrou.

Afastou-se da beira da sacada, voltando o rosto para encarar o ghola. Ele tinha a face curtida, os olhos amargos... dois círculos de chumbo reluzente... e, enquanto se voltava, afastando-se da luz para lhe acompanhar o movimento, de sombras azuis.

— O que... você vê com esses olhos? — perguntou ela num sussurro.

— O que outros olhos vêem.

Essas palavras ressoaram nos ouvidos de Alia, estendendo-lhe a consciência. Ela sentia estender-se através do universo... cada vez mais. Era como se estivesse entremeada com o Tempo.

— Você ingeriu uma dose muito grande de especiaria — disse ele.

— Por que eu não posso vê-lo? — murmurou ela. O ventre de toda a criação a mantinha cativa. Diga-me, Duncan, por que não posso vê-lo?

— Não pode ver quem?

— Não posso ver o pai de meus filhos. Estou perdida na névoa do Tarô. Ajude-me.

A lógica mentat ofereceu-lhe sua computação básica e ele disse:

— As Bene Gesserit querem uma união entre você e seu irmão. Isso prenderia a linha genética...

Um uivo escapou dela.

— O ovo na carne! — exclamou, ofegante.

Uma sensação gelada percorria-lhe o corpo, seguida por um calor intenso. O companheiro não visto em seus sonhos mais sombrios! Carne de sua carne que o oráculo não poderia revelar... Chegaria a isso?

— Você se arriscou a uma dose perigosa da especiaria? — ele perguntou.

Alguma coisa dentro dele lutava para exprimir o terror absoluto ante a idéia de que uma mulher Atreides pudesse morrer, de que Paul pudesse encará-la com o conhecimento de que uma mulher da família real... se fora.

— Você não sabe como é caçar o futuro — ela disse. — Algumas vezes eu vislumbro a mim mesma... Mas fico em meu próprio caminho. E não posso ver através de mim. — Abaixou a cabeça, sacudindo-a de um lado para o outro.

— Quanta especiaria você tomou? — perguntou ele.

— A natureza abomina a presciência — disse ela, erguendo a cabeça. — Sabia disso, Duncan?

Ele falou baixinho, cheio de compreensão, como se conversasse com uma criança pequena.

— Diga-me quanta especiaria você tomou. — Segurou-a pelo ombro com

a mão esquerda.

— As palavras são um instrumento tão tosco, tão primitivo, tão ambíguo — ela disse, afastando-se de sua mão.

— Deve me dizer — insistiu ele.

— Olhe para a Muralha Escudo — ordenou ela, apontando.

Enviou seu olhar ao longo do próprio braço estendido e estremeceu enquanto a paisagem desmoronava numa visão arrebatadora: um castelo de areia destruído por ondas invisíveis. Afastou o olhar, trespassada pela visão do rosto do ghola. As feições dele fluíam, tornavam-se velhas, depois jovens... velhas... jovens. Ele era a própria vida, agressiva, interminável... Voltou-se para fugir, mas ele lhe agarrou o pulso.

— Vou chamar um médico — disse.

— Não! Deve deixar que eu tenha minha visão! Preciso saber!

— Você vai entrar agora — ele disse.

Alia olhou para a mão dele. Onde suas carnes se tocavam, ela sentia uma presença elétrica que ao mesmo tempo a atraía e a assustava. Soltou-se com um movimento brusco e disse, ofegante:

— Você não pode segurar um furacão!

— Você precisa de auxilio médico!

— Não compreende? Minha visão está incompleta, são apenas fragmentos. Tremulam e saltam. Eu preciso relembrar o futuro. Não percebe isso?

— Que importa o futuro se você morrer? — perguntou ele, forçando-a gentilmente a entrar nos aposentos da Família.

— Palavras... palavras — ela murmurava. — Não posso explicar isso. Uma coisa é a ocasião para outra coisa, mas não existe causa... nem efeito. Não podemos deixar o universo como era. Tente o quanto quiser, há sempre uma fenda.

— Deite-se aqui — ordenou ele.

“Como ele é tolo.”, ela pensou.

Frias sombras a envolveram. Sentia os próprios músculos rastejando como vermes. Uma cama firme que sabia ser insubstancial. Só o espaço era permanente. Nada mais tinha substância.

A cama fluía com muitos corpos, todos seus. O tempo tornava-se uma sensação múltipla, sobrecarregada. Sem apresentar uma única reação que ela pudesse abstrair. Era o Tempo. Ele se movia.

Todo o universo escorregava para trás, para a frente, para o lado.

— Não é uma coisa-aspecto — ela tentou explicar. — Você não pode colocar-se debaixo dele ou em torno dele. Não há um ponto de apoio.

Houve uma agitação de pessoas em torno dela. Muitos alguéns segurando-lhe a mão esquerda. Ela olhou para sua própria carne em movimento e seguiu um braço que serpenteava até a máscara fluida de um rosto: Duncan Idaho! Seus olhos estavam... errados, mas era Duncan — criança-homem-adolescente-criança-homem-adolescente... cada linha naquelas feições revelava preocupação por ela.

— Duncan, não tenha medo — sussurrou.

Ele apertou-lhe a mão e sacudiu a cabeça.

— Fique quieta.

E pensou: “Ela não deve morrer! Não deve! Nenhuma mulher Atreides pode morrer!” Sacudiu a cabeça violentamente. Tais pensamentos desafiavam a lógica mentat. A morte era necessária para que a vida pudesse continuar.

“O ghola me ama”, pensou Alia.

O pensamento tornou-se um leito rochoso ao qual se podia agarrar. Ele era um rosto familiar, com um quarto sólido por trás. Reconheceu um dos quartos da suíte de Paul.

Uma pessoa fixa, imutável, fez alguma coisa com um tubo em sua garganta. Ela lutou contra aquilo tendo vômitos.

— Nós chegamos em tempo — disse a voz, que ela reconheceu ser de um dos médicos da Família. — Devia ter me chamado mais cedo.

Havia suspeita na voz do médico. Ela sentiu o tubo escorregar para fora de sua garganta: uma serpente, um cordão tremeluzente.

— A aplicação vai fazê-la dormir — disse o médico. — Eu mandarei um dos criados para...

— Eu ficarei com ela — disse o ghola.

— Isso não seria conveniente — retrucou o médico.

— Fique... Duncan — sussurrou Alia.

Ele acariciou-lhe a mão para lhe dizer que ouvira.

— Minha senhora — disse o médico —, seria melhor se...

— Não me diga o que é melhor — disse ela, rouca. Sua garganta doía a cada sílaba.

— Minha senhora — insistiu o médico com a voz acusadora —, conhece o perigo de se consumir melange em demasia. Só posso supor que alguém lhe deu sem que...

— Você é um tolo. Está negando minhas visões? Sei o que tomo e por quê. — Levou a mão à garganta. — Agora, deixe-nos, imediatamente!

O médico saiu de seu campo de visão, dizendo:

— Eu mandarei avisar seu irmão.

Ela percebeu que ele saiu e voltou sua atenção para o ghola.

Agora, a visão era clara em sua consciência, um meio de cultura em que o presente crescia para fora. Sentia o ghola mover-se naquele jogo do Tempo, não mais enigmático, agora fixado contra um fundo reconhecível.

“Ele é o ponto crucial”, ela pensou. “O perigo e ao mesmo tempo a salvação.”

Estremeceu, sabendo que vislumbrara a visão de seu irmão.

Lágrimas indesejadas queimaram-lhe os olhos. Sacudiu a cabeça com força. Não queria lágrimas! Elas desperdiçavam umidade e, pior, distraíam o duro fluxo da visão. Paul devia ser detido!

Uma vez, só uma vez, ela atravessara o Tempo para colocar sua voz onde ele iria passar. Mas as tensões e a mutabilidade não lhe permitiriam isso agora. A teia do Tempo passava através de seu irmão, como raios de luz através de uma lente. Ele encontrava-se no foco e sabia disso. Atraíra todas as linhas para si próprio e não permitiria que elas escapassem ou mudassem.

— Por quê? — murmurou ela. — Será ódio? Será que ele se atira contra o Tempo porque este o fere? Será isso... ódio?

Pensando tê-la ouvido pronunciar seu nome, o ghola indagou:

— Minha senhora?

— Se eu apenas pudesse queimar essa coisa, tirá-la de mim. — Ela chorou. — Eu não queria ser diferente.

— Por favor, Alia — murmurou ele. — Tente dormir um pouco.

— Eu queria ser capaz de rir — ela sussurrou, lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. — Mas sou a irmã de um Imperador que é adorado como um deus. As pessoas me temem. Nunca desejei ser temida.

Ele enxugou as lágrimas do rosto dela.

— Eu não queria ser parte da história — continuou ela, baixinho. — Eu queria ser amada... e amar.

— Você é amada.

— Ah, o leal Duncan — ela disse.

— Por favor, não me chame assim — suplicou ele.

— Mas você é. E a lealdade é um bem valioso. Que pode ser vendido... não comprado, mas vendido.

— Não gosto do seu cinismo.

— Dane-se a sua lógica! É verdade!

— Durma — ele disse.

— Você me ama, Duncan?

— Sim.

— Será uma daquelas mentiras? — perguntou ela. — Uma daquelas mentiras mais críveis do que a verdade? Por que tenho medo de acreditar em

você?

— Você teme as minhas diferenças, como eu temo as suas.

— Seja um homem, não um mentat! — retrucou ela rispidamente.

— Eu sou um mentat e um homem.

— Você fará de mim sua mulher, então?

— Farei o que o amor exigir.

— E a lealdade?

— E a lealdade.

— É aí que você é mais perigoso — ela disse.

Suas palavras o perturbavam. Não havia sinal disso em seu rosto, nenhum músculo tremia. Mas ela sabia. A memória-visão expunha a perturbação. Entretanto, sentia ter perdido parte da visão, que devia relembrar algo mais do futuro. Lá havia outra percepção, que não agia precisamente de acordo com os sentidos, uma coisa que lhe caía dentro da cabeça vinda de parte alguma, como acontecera com a presciência. Aquilo se ocultava nas sombras do Tempo — infinitamente doloroso.

Emoção! Era isso — emoção! Aparecera em sua visão, não diretamente, mas como um produto a partir do qual ela poderia determinar o que se encontrava por detrás. Ela havia sido possuída por uma emoção. Uma única constrição feita de medo, mágoa e amor. Estava lá em sua visão, tudo reunido num único corpo epidêmico, primordial e todo-poderoso.

— Duncan, não me deixe — ela sussurrou.

— Durma — aconselhou ele. — Não lute.

— Eu devo... eu devo. Ele é a isca em sua própria armadilha. Ele é um servo do poder e do terror. Violência... a deificação é uma prisão que se fecha sobre ele. Ele vai perder... tudo. Vai fazê-la em pedaços.

— Você fala de Paul?

— Eles estão fazendo com que ele se destrua a si próprio — ofegou ela, arqueando as costas. Demasiada pressão, demasiada mágoa. Eles o estão conduzindo para longe do amor. — Caiu de volta na cama. — Estão criando um universo onde ele não se permitirá viver.

— Quem está fazendo isso?

— Ele é! Oh, você é tão tolo. Ele é parte do padrão. E é muito tarde... muito tarde... muito tarde. Enquanto falava, ela sentia sua consciência cair, camada por camada. A coisa parou para repousar diretamente abaixo de seu umbigo. Corpo e mente separados e reunidos num depósito de visões-relíquias... movendo-se... movendo-se... E ela ouviu uma batida de coração fetal, uma criança do futuro. A melange ainda a possuía, deixando-a flutuar no Tempo, à deriva. Ela sabia que experimentara a vida de uma criança ainda não concebida.

Uma coisa era certa a respeito dessa criança: sofreria o mesmo despertar que ela própria sofrera. E seria uma entidade consciente e pensante antes de deixar o ventre.

22

Há um limite para a força, mesmo a mais poderosa, que podemos empregar sem destruirmos a nós mesmos. Avaliar esse limite é a verdadeira arte de governar. Fazer mau uso do poder é um pecado fatal. A lei não pode ser um instrumento de vingança, um penhor ou uma fortaleza contra os mártires que tenha criado. Não se pode ameaçar um indivíduo e escapar das consequências.

— O Muad'Dib e a Lei, Comentário de Stilgar

Chani olhava para a manhã no deserto, emoldurada pela fenda no penhasco abaixo do Sietch Tabr. Não usava o traje destilador, e isso fazia com que se sentisse desprotegida no deserto. A gruta de entrada do sietch encontrava-se oculta nos contrafortes do penhasco, acima e atrás dela.

O deserto... o deserto... Sentia como se o deserto a houvesse seguido por toda parte, aonde quer que tivesse ido. Voltar ao deserto não fora bem um retorno ao lar, mas uma volta para ver o que sempre estivera em seu lugar.

Uma dolorosa contração propagou-se por seu abdome. O nascimento estava próximo. Lutou contra a dor, querendo prolongar esse momento a sós com o deserto.

A quietude da aurora dominava a terra. Sombras projetavam-se entre as dunas e os terraços da Muralha Escudo, ao redor. A luz diurna saltava sobre a elevada escarpa, trazendo-a a seus olhos em uma paisagem desolada que se estendia sob um céu de azul lavado. A cena correspondia à terrível sensação de descrença que a atormentava desde o momento em que soubera a respeito da cegueira de Paul.

"Por que estamos aqui?", ela se perguntava.

Não se tratava de uma hajra, uma jornada de busca. Paul nada buscava ali, exceto, talvez, um lugar adequado para que ela desse à luz. E ele convocara estranhos companheiros para essa jornada, pensou ela: Bijaz, o anão dos Tleilaxu; Hayt, o ghola, que podia ser o zumbi de Duncan Idaho; Edric, o Timoneiro-Embaixador da Corporação; Gaius Helen Mohiam, a Reverenda Madre Bene Gesserit que ele tão obviamente odiava; Lichna, a estranha filha de Otheym, que parecia incapaz de se mover além dos olhares vigilantes dos

guardas; Stilgar, seu tio Naib e sua esposa favorita, Harah... e Irulan... Alia...

O som do vento através das rochas acompanhava-lhe os pensamentos. O dia no deserto tornara-se amarelo sobre amarelo, bronze sobre bronze, cinza sobre cinza.

Por que tão estranha mistura de companhias?

— Nós nos esquecemos — dissera Paul em resposta à sua pergunta — de que a palavra “companhia” originalmente significava um grupo de viajantes. Nós somos uma companhia.

— Mas que valor eles possuem?

— Aí está! — dissera ele, voltando para ela aquelas assustadoras órbitas vazias. — Nós perdemos aquele sentido claro da vida. Se uma coisa não pode ser engarrafada, batida ou acumulada, não lhe damos valor algum.

Ofendida, ela dissera:

— Não era isso que eu queria dizer.

— Ah, minha querida — dissera ele, tranquilizador. — Estamos tão ricos em dinheiro e tão pobres em vida. Eu sou mau, estúpido e obstinado...”

— Não é!

— Isso também é verdade. Mas minhas mãos ficaram azuis com o tempo. Eu penso... Penso que tentei inventar a vida sem perceber que ela já fora inventada.

E ele tocara-lhe o ventre para sentir a nova vida lá dentro.

Lembrando isso, ela colocou ambas as mãos sobre o abdome e tremeu, arrependendo-se de ter pedido a Paul que a levasse àquele lugar.

O vento do deserto agitava odores desagradáveis nas plantações da orla, que ancoravam as dunas na base do penhasco. As superstições dos Fremen a dominavam: cheiros ruins, tempos ruins. Voltou-se para o vento e viu um verme surgir além das plantações. Ele ergueu-se como a proa de um navio demoníaco saindo das dunas, agitou a areia, cheirou a água, mortal para sua espécie, e fugiu deixando um longo monte cavado.

Ela odiou a água, então, inspirada pelo temor do verme. A água, que já fora a alma de Arrakis, tornara-se um veneno. A água trazia a pestilência. Só o deserto era limpo.

Abaixo dela, surgiu uma turma de trabalho Fremen. Eles subiram para a entrada de nível médio do sietch e ela notou que tinham os pés enlameados.

“Fremen com pés enlameados!”

As crianças do sietch começaram a cantar para a manhã, suas vozes soando a partir da entrada superior. As vozes faziam com que ela sentisse o tempo fugindo-lhe como falcões diante do vento. Estremeceu.

Que tormentas Paul conseguiria ver com sua visão sem olhos?

Sentia nele um louco perigoso, alguém cansado de canções e de polêmicas.

O céu, percebia agora, ficara de um cinza cristalino, riscado por raios de alabastro e desenhos bizarros delineados pela areia que o vento levava. Uma linha de branco cintilante captou-lhe a atenção. Olhos subitamente alertas, ela interpretou o sinal. Céu branco ao sul: boca do Shai-hulud. Uma tempestade se aproximava, ventos fortes. Sentiu o aviso da brisa, um sopro cristalino de areia contra sua face. O cheiro da morte vinha nesses ventos: odores de água fluindo em qanats, areia úmida, rocha pulverizada.

A água, fora por causa dela que o Shai-hulud enviara seu vento coriólis.

Falcões surgiram sobre a fenda onde se encontrava, buscando refúgio contra o vento. Eles eram marrons como as rochas e tinham o escarlate em suas asas. Sentiu seu espírito fugir com eles: eles tinham um lugar onde se esconderem. Ela não.

— Minha senhora, o vento se aproxima!

Ela voltou-se, vendo o ghola a chamá-la da entrada superior do sietch. Temores típicos dos Fremen a envolveram: uma morte limpa e a água do corpo reivindicada pela tribo, dessas coisas ela entendia. Mas... algo que voltara da morte...

A areia soprada pelo vento a atingiu, avermelhando-lhe a face. Ela olhou por sobre o ombro para a assustadora faixa de poeira que cobria o céu. O deserto abaixo da tempestade assumira uma aparência agitada, de cor fulva, como se ondas de areia golpeassem uma praia em uma tempestade, tal como Paul certa vez descrevera o mar. Ela hesitou, fascinada por um sentimento de transiência do deserto. Medido contra a eternidade, isso não era mais que um caldeirão. Arrebentação de dunas trovejando de encontro aos penhascos.

A tempestade lá fora tornara-se algo universal para ela — todos os animais se ocultando, até que nada restasse, exceto os próprios sons do deserto: a areia fustigada pelo vento arranhando as rochas, o assovio de uma rajada mais forte, o ruído de uma pedra caindo subitamente do alto de uma colina. De repente, alguma coisa além do alcance da visão. Um verme tombando ao seu modo tolo, certamente, e escorregando para as profundezas secas.

Apenas um momento, no modo como sua vida media o tempo, mas naquele momento ela sentia esse planeta sendo arrastado, poeira cósmica, parte de outras ondas.

— Devemos apressar-nos — disse o ghola, agora num ponto à sua direita. Sentiu o medo que havia nele, a preocupação com sua segurança.

— Vai arrancar a carne de seus ossos — disse ele, como se houvesse alguma necessidade de explicar para ela como era essa tempestade.

O medo que sentia dele foi afastado pela óbvia preocupação que ele demonstrava, e Chani permitiu que o ghola a conduzisse pela escadaria de pedra, penhasco acima... Entraram pelo defletor serpenteante que protegia a entrada. Ajudantes abriram o selo de umidade e o fecharam atrás deles.

Os odores do sietch tomaram de assalto suas narinas. O lugar estava repleto de memórias olfativas: o cheiro da proximidade de muitos corpos, os odores rançosos dos alambiques de reciclagem de resíduos, aromas familiares de comida, o cheiro de pedra pulverizada das máquinas trabalhando... e sobre tudo isso a onipresente especiaria. Melange por toda parte.

Respirou fundo: "Lar."

O ghola retirou a mão de seu braço e ficou de lado, uma figura paciente agora, como que desligado quando não estava em uso. E no entanto... ele observava.

Chani hesitou na câmara de entrada, intrigada por alguma coisa que não podia identificar. Esse era verdadeiramente o seu lar. Quando criança, caçara escorpiões ali, à luz de um globo luminoso. Alguma coisa mudara, contudo...

— Não deveria ir para seus aposentos, minha senhora? — indagou o ghola.

Como se acionada por essas palavras, uma ondulante contração atingiu-lhe o ventre. Lutou para não deixar transparecer.

— Minha senhora? — insistiu o ghola.

— Por que Paul está temeroso em relação ao parto de nossos filhos? — indagou ela subitamente.

— É natural temer por sua segurança — respondeu ele.

Ela levou a mão ao rosto, onde o impacto da areia o deixara avermelhado.

— E ele não teme pelas crianças?

— Minha senhora, ele não pode pensar em uma criança sem se recordar de que seu primogênito foi assassinado pelos Sardaukar. Observou o ghola — rosto inexpressivo, olhos mecânicos, impenetráveis. Essa criatura seria realmente Duncan Idaho? Seria amiga de alguém? Teria falado com sinceridade agora?

— Não devia estar com os médicos? — ele disse.

Novamente percebia, em sua voz, o temor por sua segurança.

Sentiu de súbito que sua mente se encontrava indefesa, pronta a ser invadida por percepções chocantes.

— Hayt, estou com medo — sussurrou. — Onde está meu Usul?

— Negócios de Estado o detiveram — respondeu o ghola.

Fez que sim com a cabeça, pensando na escolta que o acompanhara numa grande revoada de ornitópteros, e subitamente percebeu o que a intrigava a

respeito do sietch: os odores estranhos. Os auxiliares e funcionários do Governo haviam trazido seus próprios perfumes para esse ambiente. Aromas de dietas e de roupas, de cosméticos exóticos, formavam uma subcorrente de cheiros.

Sacudiu a cabeça, ocultando o impulso de rir amargamente.

Até os cheiros mudavam na presença de Muad'Dib.

— Havia assuntos urgentes que ele não podia adiar — explicou o ghola, interpretando mal sua hesitação.

— Sim... sim, compreendo. Eu vim naquele enxame também.

Relembrando o vôo desde Arrakeen, agora ela admitia para si mesma que não pensara em sobreviver a ele. Paul insistira em pilotar seu próprio ornitóptero e sem olhos guiara a máquina até o sietch. Após essa experiência, nada que ele fizesse poderia mais surpreendê-la.

Outra dor propagou-se em seu abdome. O ghola percebeu a inspiração funda, a contração no rosto dela, e disse:

— Está na hora?

— Eu... sim, é.

— Não deve retardar — disse ele, e, segurando-a pelo braço, levou-a apressadamente pelo salão.

Sentiu pânico nele e procurou acalmá-lo.

— Temos tempo.

Ele pareceu não ouvir.

— A visão do nascimento segundo os Zensunni — disse, estimulando-a a andar mais depressa ainda — é que a espera sem propósito conduz a um estado de maior tensão. Não lute com o que está acontecendo. Lutar é preparar-se para o fracasso. Não se deixe aprisionar pela necessidade de conseguir alguma coisa. Desse modo, não conseguirá nada.

Enquanto ele falava, chegaram à entrada dos alojamentos. Ele a empurrou através do cortinado e gritou:

— Harah! Harah! Chegou a hora para Chani. Chame os médicos!

Seu grito trouxe auxiliares correndo. Houve uma grande agitação, no centro da qual Chani se sentiu uma ilha de calma... até que a dor seguinte a atingiu.

Hayt, dispensado, no corredor externo, teve tempo para se admirar de seus próprios atos. Sentia-se fixo em algum ponto do tempo onde todas as verdades eram apenas temporárias. O pânico acompanhara suas ações, ele percebia. Pânico centrado não na possibilidade de Chani morrer, mas em que Paul pudesse aproximar-se dele depois... cheio de dor... sua amada perdida... perdida...

"Uma coisa não pode emergir do nada", disse ele a si mesmo.

"De onde vem esse pânico?"

Sentiu reduzidas suas faculdades de mentat e deixou escapar um longo e trêmulo suspiro. Uma sombra psíquica passara sobre ele e, na escuridão emocional em que o lançara, sentira-se aguardando algum som absoluto. O partir de um galho na selva.

Suspirou novamente. O perigo passara por ele sem atingi-lo.

Lentamente, reuniu seus poderes, despojando-se dos fragmentos de inibição, até se afundar na percepção mentat. Forçou isso — não do melhor modo, mas do modo necessário. Sombras fantasmagóricas moviam-se em seu interior, no lugar de pessoas.

Era uma estação de transferência para cada dado que já tinha encontrado. Seu ser era habitado por criaturas da possibilidade.

Elas passavam à sua frente para serem comparadas, julgadas.

A transpiração surgiu em sua testa.

Pensamentos, com limites indistintos, esvoaçavam, fugindo na escuridão... Sistemas infinitos, desconhecidos! Um mentat não poderia atuar sem a consciência de que trabalhava num sistema infinito. O conhecimento fixo não poderia abarcar o infinito. O mundo todo não podia ser enquadrado numa perspectiva finita.

Em vez disso, ele deveria toucar-se o infinito... momentaneamente.

Num único espasmo gestáltico, ele conseguiu, vendo Bijaz sentado diante dele, brilhando como que por algum fogo interior.

“Bijaz!”

O anão fizera alguma coisa com ele!

Hayt sentiu que se equilibrava à beira de um poço mortal. Projetou para diante a linha de computações mentat, vendo o que se poderia desenvolver a partir de suas próprias ações.

— Uma compulsão — exclamou, ofegante. — Fui preparado com uma compulsão! Um mensageiro de manto azul, passando no momento em que Hayt falava, parou, hesitante.

— Disse alguma coisa? Sem olhar para ele, o ghola assentiu com a cabeça.

— Eu disse tudo.

23

Havia um homem muito sábio
Que saltou num lugar arenoso.
E queimou ambos os olhos!
E quando percebeu que seus olhos estavam perdidos,
Não fez nenhuma queixa.
Criou uma visão
E fez de si mesmo um santo.

— *Verso Infantil, extraído da História do Muad'Dib*

Paul encontrava-se na escuridão, do lado de fora do sietch. Sua visão oracular revelava-lhe que era noite e que a luz da lua delineava a silhueta do santuário, no topo da Rocha do Queixo, que se elevava à sua esquerda. Aquele era um lugar saturado de memórias, seu primeiro sietch, onde ele e Chani...

"Não devo pensar em Chani", disse ele a si mesmo.

O diluído campo de sua visão revelava-lhe as mudanças à volta. Um aglomerado de palmeiras à direita, a linha negro-prateada de um qanat transportando água através das dunas amontoadas pela tempestade da manhã.

"Água fluindo no deserto!" Lembrava-se de outro tipo de água, fluindo num rio de seu mundo de origem, Caladan. Não percebera então o tesouro que constituía esse fluxo, mesmo o escorrer turvo de um qanat através de uma depressão do deserto. Tesouro.

Com uma tosse delicada, um auxiliar aproximou-se por trás.

Paul estendeu a mão para receber um magnabord com uma única folha de papel metálico sobre ele. Moveu-se tão lentamente quanto a água do qanat. A visão fluía, mas ele se encontrava cada vez mais relutante em se deixar levar por ela.

— Perdão, senhor — disse o auxiliar. — O Tratado de Semboule. Sua assinatura?

— Eu posso lê-la! — retrucou Paul. Rabiscou "Imper. Atreides" no lugar adequado e devolveu o quadro, empurrando-o diretamente para as mãos estendidas do auxiliar, consciente do medo que isso inspirava.

O homem correu.

Paul voltou-lhe as costas. “Terra feia, desolada!” Imaginou-a saturada de sol e monstruosa de calor, lugar de deslizamentos de areia e da escuridão afagada por poços de poeira. Pequenos torvelinhos ou diabinhos de vento, desenrolando minúsculas dunas por sobre as rochas, seus ventres estreitos cheios de cristais ocres. Mas era uma terra rica também, explodindo de lugares estreitos com panoramas de vazia imensidão percorrida por tempestades, íngremes penhascos e cordilheiras que se erguiam como se estivessem prestes a desmoronar.

Tudo que ela pedia era água... e amor.

A vida transformava essas vastidões irascíveis em formas de graça e movimento, ele pensou. Essa era a mensagem do deserto.

A compreensão dos contrastes o atordoava. Queria voltar-se para os criados que se apinhavam na entrada do sietch e gritar-lhes: Se precisam venerar alguma coisa... então venerem a vida... toda espécie de vida, cada pequena e rastejante partícula de vida! Nós estamos todos juntos nesta beleza!

Eles não entenderiam. No deserto, eram interminavelmente desertos. Não havia coisas crescendo que dançassem para eles um balé verde.

Comprimiu as mãos, tentando deter a visão. Queria fugir de sua própria mente. Ela era uma besta que vinha devorá-lo! A consciência estava nele, encharcada, pesando com toda a vida que sugara, saturada com demasiadas experiências.

Desesperado, Paul espremeu os pensamentos para fora.

“Estrelas!”

A consciência girou ao pensar em todas aquelas estrelas acima dele... um volume infinito. Um homem precisaria ser meio louco para imaginar que poderia governar uma gota que fosse daquele volume. Não podia nem começar a imaginar o número de súditos que seu Império pretendia ter.

Súditos? Adoradores e inimigos, era o mais provável. Será que alguns deles conseguiriam enxergar além de suas rígidas crenças? Onde estaria o homem que houvesse escapado ao estreito destino ditado por seus preconceitos? Nem mesmo o Imperador escapara. Vivera uma vida de tomar tudo, tentando criar um universo segundo sua própria imagem. Mas o universo exultante abria caminho através dele, afinal, com suas ondas silenciosas.

“Eu cuspo em Duna.”, pensou. “Dou-lhe minha umidade.”

Ele criara esse mito a partir de movimentos intrincados e da imaginação, tirando-o do amor e da luz do luar, de preces mais velhas que Adão, de penhascos cinzentos e sombras carmesins, dos lamentos e dos rios de mártires... e aonde chegara, afinal?

Quando as águas recuassem, as praias do Tempo se estenderiam claras lá

fora, vazias e brilhantes, com grãos infinitos de memória e nada mais. Seria essa a gênese dourada do homem?

A areia pisada contra as rochas revelou-lhe que o ghola viera reunir-se a ele.

— Esteve me evitando hoje, Duncan — disse Paul.

— É perigoso para o senhor me chamar assim — disse o ghola.

— Eu sei.

— Eu vim... para avisá-lo, meu senhor.

— Eu sei.

A história da compulsão que Bijaz fizera intrometer-se em sua mente derramou-se dos lábios do ghola.

— Conhece a natureza dessa compulsão? — indagou Paul.

— Violência.

Paul sentiu-se chegando ao lugar que o chamara desde o inicio. Sentia-se suspenso. O Jihad o dominara, fixando-o numa trilha de planeio da qual a terrível força gravitacional do Futuro jamais o soltaria.

— Não haverá violência por parte de Duncan — sussurrou Paul.

— Mas senhor...

— Diga-me o que vê à nossa volta.

— Meu senhor?

— O deserto, como está ele esta noite?

— Não pode vê-lo?

— Não tenho olhos, Duncan.

— Mas...

— Só tenho minha visão — explicou Paul —, e preferia que não a tivesse. Estou morrendo de presciência, sabia disso, Duncan?

— Talvez... o que teme não aconteça — disse o ghola.

— O quê? Negar meu próprio oráculo? Como é possível, se já o vi realizar-se em milhares de profecias concretizadas? As pessoas o consideram um poder, uma dádiva. Mas é uma aflição! Não deixa que eu abandone minha vida onde a encontrei!

— Meu senhor — murmurou o ghola. — Eu... não é... jovem mestre, não deve... eu... — E ficou em silêncio. Paul percebeu a confusão do ghola e disse:

— De que me chamou, Duncan?

— O quê? O que eu... por um momento...

— Você me chamou de “jovem mestre”.

— Eu o fiz, sim.

— Era assim que Duncan sempre me chamava. — Estendeu a mão, tocando o rosto do ghola. Seria isso parte de seu treinamento com os Tleilaxu?

— Não.

Paul abaixou a mão.

— O que era, então?

— Saiu de... mim.

— Você serve a dois senhores?

— Talvez.

— Livre-se do ghola, Duncan.

— Como?

— Você é humano. Faça algo humano.

— Eu sou um ghola!

— Mas sua carne é humana. Duncan está nela.

— Alguma coisa está nela.

— Eu não me importo com o modo como faça isso. Mas faça-o.

— Já previu isso?

— A presciência que se dane!

Paul voltou-se. Agora, sua visão arremetia-se para a frente, ainda com fendas, mas não era mais uma coisa que pudesse ser detida.

— Meu senhor, se já...

— Quieto! — Paul ergueu uma das mãos. — Ouviu isso?

— O quê, meu senhor? Paul sacudiu a cabeça. Duncan não ouvira. Teria apenas imaginado o som? Fora seu nome tribal sendo chamado do deserto — muito distante, baixo:

— Usul... Uuuuussssssuuuuulll...

— Que foi, meu senhor? Paul sacudiu a cabeça. Sentia-se vigiado. Alguma coisa lá fora, nas sombras da noite, sabia que ele estava ali. Alguma coisa? Não... alguém.

— Geralmente era doce — ele sussurrou. — E você era mais doce que tudo.

— Que disse, meu senhor?

— É o futuro — respondeu Paul.

Aquele amorfo universo humano lá fora agitara-se por um momento, dançando ao ritmo de sua visão. Golpeara com uma nota poderosa. E os ecos poderiam durar.

— Não compreendo, meu senhor — disse o ghola.

— Um Fremen morre quando está muito saudoso do deserto — disse Paul. — Eles chamam isso de “doença da água”. Não é estranho?

— É muito estranho.

Paul forçou suas memórias, tentando relembrar o som de Chani respirando a seu lado durante a noite. “Onde existe conforto?”, perguntou a si mesmo. Tudo

que podia se lembrar era de Chani ao desjejum, no dia em que haviam partido para o deserto. Ela estivera inquieta, irritada.

— Por que usa esse velho paletó? — ela quisera saber, olhando o casaco do uniforme negro, com a crista vermelha do falcão abaixo dos seus mantos de Fremen. — Você é um Imperador!

— Mesmo um Imperador tem suas roupas favoritas — ele respondera.

Por uma razão que não podia explicar, isso trouxera lágrimas reais aos olhos de Chani — a segunda vez na vida dela em que as inibições dos Fremen se haviam fragmentado.

Agora, na escuridão, Paul esfregava o próprio rosto, sentindo a umidade nele. "Quem dá umidade aos mortos?", perguntou.

Era o seu próprio rosto, e no entanto não era. O vento gelava a pele úmida. Um frágil sonho formara-se e se quebrara. Que era esse aperto no peito? Seria algo que comera? Quão amargo e queixoso era esse seu outro eu, que dava umidade aos mortos.

O vento eriçava-se de areia. O céu, seco agora, era o seu céu. Mas de quem era esse tremular que permanecia?

Ouviram um lamento bem distante, das profundezas do sietch.

Tornou-se mais alto... cada vez mais alto...

O ghola girou ante o súbito clarão de luz quando alguém abriu violentamente os selos da entrada. Naquela luz, viu um homem com um sorriso malévolo... Não! Não era um sorriso, mas uma máscara de pesar! Tratava-se de um tenente Fedaykin chamado Tandis. Atrás dele, muitas pessoas se comprimiam, todas silenciosas agora que haviam visto o Muad'Dib.

— Chani... — disse Tandis.

— Está morta — sussurrou Paul. — Eu ouvi seu chamado.

Ele voltou-se em direção ao sietch. Conhecia esse lugar. Era um lugar onde não poderia esconder-se. Sua visão, arremetendo-se, iluminava toda a multidão de Fremen. Ele via Tandis, sentia a tristeza do Fedaykin, seu medo e seu ódio.

— Ela se foi — disse Paul.

O ghola ouviu essas palavras como se brotassem de um halo flamejante. Queimavam-lhe o peito, a espinha, as órbitas de seus olhos de metal. Sentiu a mão direita mover-se em direção à faca no cinturão, Seus próprios pensamentos tornavam-se estranhos, fragmentados. Era um títere suspenso por cordões que se estendiam a partir daquele halo espantoso. Movia-se obedecendo a ordens e desejos de outrem. Os cordões sacudiam seus braços, suas pernas, seu queixo. Sons escaparam de sua boca, um ruído terrível, repetitivo...

— Hraak! Hraak! Hraak!

A faca ergueu-se para golpear. Naquele instante, ele dominou a própria voz, moldando palavras roucas:

— Corra, jovem mestre, corra!

— Não correremos — respondeu Paul. — Vamos andar com dignidade e fazer o que deve ser feito.

Os músculos do ghola imobilizaram-se. Ele estremeceu, oscilou.

“... o que deve ser feito”. As palavras rolavam em sua mente como um grande peixe à superfície das águas... “o que deve ser feito!” Ah, soara como o velho Duque, o avô de Paul. O jovem mestre tinha algo do velho em si... “o que deve ser feito!”

As palavras começaram a se desdobrar na consciência do ghola. A sensação de viver duas vidas simultaneamente espalhou-se por sua mente: Hayt/Idaho/Hayt/Idaho... Tornou-se uma corrente imóvel de existência relativa, singular, solitária. Velhas memórias fluíam em sua mente. Ele as observava, ajustando-as à nova compreensão, criando um começo a partir da integração de uma nova consciência. Uma nova pessoa atingindo uma forma temporária de tirania interna. Uma síntese forte que permanecia carregada de desordens em potencial, mas que os eventos pressionavam para um ajustamento temporal. O jovem mestre precisava dele.

Estava feito, então. Conhecia-se a si próprio como Duncan Idaho, relembrando tudo a respeito de Hayt como se tivesse sido armazenado nele secretamente e incendiado por um flamejante catalisador. O halo se dissolveu e ele se livrou das compulsões dos Tleilaxu.

— Fique perto de mim, Duncan — disse Paul. — Dependerei de você em muitas coisas. — E como Idaho continuasse a fitá-lo arrebatado, ele chamou: — Duncan!

— Sim, sou Duncan.

— Claro que é! Esse foi o momento em que você voltou. Vamos entrar agora.

Idaho caminhou ao lado de Paul. Era como nos velhos tempos e simultaneamente não era. Agora que se livrara dos Tleilaxu, podia apreciar o que lhe haviam dado. Seu treinamento Zensunni permitia-lhe dominar o choque causado pelos acontecimentos. A realização mentat formava um contrapeso. Eliminou todo o medo, colocando-se acima de sua fonte. Toda a sua consciência olhava para diante, de uma posição de infinito espanto: estivera morto e agora estava vivo.

— Senhor — disse o Fedaykin Tandis, quando se aproximaram. — A mulher, Lichna, diz que precisa vê-lo. Eu lhe disse que esperasse.

— Obrigado — disse Paul. — O nascimento...

— Falei com os médicos — respondeu Tandis, passando também a acompanhá-lo. — Eles disseram que agora o senhor tem dois filhos, ambos vivos e saudáveis.

— Dois? — Paul tropeçou, apoiando-se no braço de Idaho.

— Um menino e uma menina — disse Tandis. — Eu os vi. Eles são ótimos bebês Fremen.

— Como... como ela morreu? — sussurrou Paul.

— Meu senhor? — Tandis inclinou-se, aproximando-se.

— Chani? — disse Paul.

— Foi o parto, meu senhor — sussurrou Tandis. — Dizem que o corpo dela foi esgotado pela rapidez com que aconteceu. Eu não compreendo, mas foi isso que eles disseram.

— Leve-me até ela — disse Paul, baixinho.

— Meu senhor?

— Leve-me até ela!

— E para lá que estamos indo, meu senhor. — Novamente Tandis se inclinou junto de Paul. Por que o seu ghola carrega uma faca desembainhada?

— Duncan, guarde a faca — disse Paul. — O tempo da violência passou.

Ao falar, Paul sentia-se mais próximo do som de sua voz que do mecanismo que criara o som. Dois bebês! A visão mostrava apenas um. Entretanto, esses momentos passavam ao ritmo da visão. Havia ali uma pessoa sentindo mágoa e ódio. Alguém. Sua própria consciência movia-se sem sair do lugar, revivendo toda a sua vida a partir de memórias.

“Duas crianças?”

Novamente tropeçou. “Chani, Chani”, pensou ele. “Não havia outro modo, Chani, minha amada. Acredite-me, essa morte foi a mais rápida para você... e a mais clemente. Eles teriam tomado nossas crianças como reféns, exibido você em uma jaula e nos poços de escravos, imputando-lhe a culpa por minha sorte. Desse modo... desse modo, nós os destruímos e salvamos nossos filhos.”

“Filhos?”

Uma vez mais, tropeçou.

“Eu permiti isso”, pensou. “Devia me sentir culpado.”

O som de uma confusão ruidosa preenchia a caverna adiante deles. Tornava-se mais alto, precisamente como ele se lembrava que seria. Sim, esse era o padrão, o inexorável padrão, mesmo com duas crianças.

“Chani está morta”, disse a si mesmo.

Em algum momento distante de um passado que compartilhara com outros, seu futuro estendera-se para ele. Envolvendo-o e atraindo-o para esse

desfiladeiro cujas paredes se tornavam cada vez mais estreitas. Podia senti-las fechando-se sobre ele. Era desse modo que a visão se desenrolava.

"Chani está morta. Eu devia me entregar à tristeza."

Mas esse não era o caminho da visão.

— Alia foi chamada? — perguntou.

— Ela está com as amigas de Chani — disse Tandis.

Paul sentiu a multidão sendo pressionada para trás a fim de lhes abrir o caminho. O silêncio os precedia como uma onda.

A ruidosa confusão começava a morrer. Um sentimento de emoção acumulada permeava o sietch. Queria remover as pessoas de sua visão, mas descobriu que era impossível. Cada rosto que se voltava para segui-lo trazia sua marca especial. Aquelas faces estavam cheias de curiosidade. Sentia a mágoa também, era verdade, mas entendia a crueldade que os envolvera. Estavam observando o eloquente tornar-se mudo, o sábio virar tolo. O palhaço não apeia sempre para a crueldade?

Isso era mais que uma vigília de morte, menos que um velório.

Sentia a alma implorando por repouso, mas ainda assim a visão o impulsionava. "Só mais um pouco, agora", disse a si mesmo. Uma escuridão negra e cega o aguardava bem à frente.

Lá se encontrava o lugar arrancado de sua visão pela mágoa e pela culpa, o lugar onde a lua caíra.

Ele tropeçou sobre aquilo e teria caído, não fosse o firme apoio de Idaho, presença sólida que sabia como compartilhar a mágoa em silêncio.

— Este é o lugar — disse Tandis.

— Cuidado com o degrau, senhor — advertiu Idaho, ajudando-o a passar pela entrada.

Cortinas roçaram no rosto de Paul. Idaho o puxou para que parasse e então ele sentiu o quarto, um reflexo em seu rosto e seus ouvidos. Era um espaço cercado por paredes de rocha ocultas por tapeçarias.

— Onde está Chani? — sussurrou Paul.

A voz de Harah respondeu-lhe:

— Ela está aqui, Usul.

Paul deixou escapar um suspiro trêmulo. Temera que o corpo já tivesse sido removido para os alambiques onde os Fremen recuperavam a água para a tribo. Seria esse o caminho da visão?

Sentiu-se abandonado em sua cegueira.

— As crianças? — indagou.

— Também estão aqui, meu senhor — disse Idaho.

— Tem lindos gêmeos, Usul — disse Harah. — Um menino e uma

menina. Vê? Nós os colocamos aqui na creche.

"Duas crianças", pensou, admirado. A visão mostrava apenas uma filha. Soltou-se do braço de Idaho, caminhando para o lugar de onde Harah falara, e bateu em uma superfície dura.

Suas mãos a exploraram: os contornos de metavidro de um berçário.

Alguém segurou-lhe o braço esquerdo.

— Usul?

Era Harah. Ela guiou sua mão para dentro do berçário e ele sentiu uma carne muito macia. Era tão quente! Sentia costelas, respiração.

— Este é seu filho — sussurrou Harah. Moveu-lhe a mão. — E esta é sua filha. — A mão dela apertou-se sobre a sua. — Usul, está verdadeiramente cego agora?

Ele sabia o que ela estava pensando: "Os cegos devem ser abandonados no deserto." As tribos Fremen não carregam peso morto.

— Leve-me para Chani — pediu ele, ignorando-lhe a pergunta.

Harah voltou-se, guiando-o para a esquerda.

Paul sentiu-se agora aceitando o fato de Chani estar morta.

Tornara no universo um lugar que não desejava, usando uma carne que não se adequara. Cada inspiração avivava-lhe as emoções. "Dois filhos!" Imaginou se não teria se lançado a um caminho onde sua visão jamais retornaria. Não lhe pareceu importante.

— Onde está meu irmão?

Era a voz de Alia atrás dele. Ouviu-lhe a agitação, sentindo sua presença dominadora enquanto ela tomava seu braço da mão de Harah.

— Preciso falar com você! — sussurrou ela.

— Daqui a pouco — respondeu Paul.

— Agora! É a respeito de Lichna.

— Eu sei. Espere um momento.

— Você não tem um momento!

— Tenho muitos momentos.

— Mas Chani não tem!

— Fique quieta! — ordenou ele. — Chani está morta. — Colocou a mão sobre sua boca quando ela começava a protestar.

— Eu lhe ordeno que fique calada! — Sentiu-a acalmar-se e tirou a mão.

— Descreva o que vê — ele disse.

— Paul! — Frustração e lágrimas entrechocavam-se na voz dela.

— Deixe para lá — disse ele.

Forçou em si mesmo uma paz interior e abriu os olhos de sua visão para esse momento. Sim... ainda estava lá. O corpo de Chani encontrava-se sobre um

catre dentro de um anel de luzes.

Alguém arrumara seu manto branco, ajustando-o para tentar ocultar o sangue do parto. Não importava; ele não podia afastar sua consciência da visão do rosto dela: um enorme espelho da eternidade em feições imobilizadas!

Voltou-se, mas a visão o acompanhava. Ela se fora... nunca mais retornaria. O ar, o universo, tudo vazio... vazio em toda parte. Seria essa a essência de sua penitência? Desejava lágrimas, mas elas não vinham. Teria vivido tempo demais como Fremen?

Essa morte exigia sua umidade!

Bem perto, um dos bebês chorou e foi acalentado. O som fez descer uma cortina sobre sua visão e Paul agradeceu as trevas.

“Este é outro mundo”, pensou. “Dois filhos.”

O pensamento saiu de algum transe oracular perdido. Ele tentou recapturar a dilatação da mente além do tempo, característica da melange, mas a consciência o frustrou. Nenhum lampejo de futuro surgiu nessa nova consciência. Sentia-se rejeitando o futuro... qualquer futuro.

— Adeus, minha Sihaya — sussurrou.

A voz de Alia, dura e exigente, veio de algum lugar atrás dele.

— Eu trouxe Lichna!

Paul voltou-se.

— Essa não é Lichna — disse ele. — E um Dançarino Facial. Lichna está morta.

— Mas ouça o que ela diz — pediu Alia.

Lentamente, Paul caminhou na direção da voz de sua irmã.

— Não me surpreende encontrá-lo vivo, Atreides.

A voz era a de Lichna, mas com sutis diferenças, como se o orador estivesse usando as cordas vocais da moça, mas não se incomodasse mais em controlá-las com eficiência. Paul sentiu sua atenção despertada por uma estranha nota de honestidade naquela voz.

— Não se surpreende? — indagou.

— Eu sou Scytale, um Tleilaxu dos Dançarinos Faciais, e desejo saber uma coisa antes de chegarmos a um acordo. Aquele que vejo atrás de você é o ghola ou é Duncan Idaho?

— É Duncan Idaho — respondeu Paul. — E não farei acordo com você.

— Creio que fará — insistiu Scytale.

— Duncan — chamou Paul, falando por sobre o ombro. — Você mataria esse Tleilaxu se eu lhe pedisse?

— Sim, meu senhor. — Na voz de Idaho, havia a fúria reprimida de um berserker[2] .

— Espere! — pediu Alia. — Não sabe o que está rejeitando.

— Mas eu sei — respondeu Paul.

— Então, é realmente Duncan Idaho dos Atreides disse Scytale. — Nós encontramos a alavanca! Um ghola pode recuperar seu passado. — Paul ouviu passos. Alguém esbarrou nele ao passar à sua esquerda. A voz de Scytale vinha agora de um ponto às suas costas. — O que se lembra de seu passado, Duncan?

— Tudo. Da infância em diante. Me lembro até de você diante do tanque, quando me retiraram — disse Idaho.

— Maravilhoso — exclamou Scytale. — Maravilhoso.

Paul ouvia a voz se movendo. “Preciso de uma visão”, pensou.

A escuridão o frustrava. Seu treinamento Bene Gesserit lhe advertia quanto a uma terrível ameaça em Scytale, e no entanto a criatura permanecia uma voz, uma sombra de movimento inteiramente além dele.

— Estes são os bebês Atreides? — perguntou Scytale.

— Harah! — gritou Paul. — Tire-a daqui!

— Fiquem onde estão! — gritou Scytale. — Todos vocês! Eu os aviso! Um Dançarino Facial pode andar mais rápido do que suspeitam. Minha faca pode terminar com essas duas vidas antes que possam me tocar.

Paul sentiu alguém segurar-lhe o braço direito e depois caminhar nessa direção.

— Isso é o bastante, Alia — disse Scytale.

— Alia — pediu Paul. — Não.

— É minha culpa — gemeu Alia. — Minha culpa!

— Atreides — chamou Scytale —, vamos discutir um acordo agora?

Atrás de si, Paul ouviu uma imprecação rouca. Sua garganta comprimiu-se ante a violência reprimida revelada pela voz de Idaho. Este não podia perder o controle! Scytale mataria os bebês!

— Para fazer um acordo, é preciso que se tenha alguma coisa para oferecer — disse Scytale. Não é isso, Atreides? Gostaria de ter de volta a sua Chani? Podemos restaurá-la para você. Um ghola, Atreides. Um ghola com plena memória! Mas devemos apressar-nos. Diga a seus amigos que tragam um tanque criológico de modo a se preservar a carne.

“Ouvir uma vez mais a voz de Chani”, pensou Paul. “Sentir sua presença ao meu lado. Ah, foi por isso que eles me deram Idaho como ghola, para deixar que eu descobrisse o quanto a recriação é idêntica ao original. Mas agora... restauração completa... ao preço que eles pedirem. Serei para sempre um instrumento dos Tleilaxu. E Chani... acorrentada ao mesmo destino por uma ameaça aos nossos filhos, exposta uma vez mais às tramas do Qizarate...”

— Que pressões vocês usariam para restaurar a memória de Chani? — indagou Paul, lutando para que a voz saísse calma. — Vocês a condicionariam para que... matasse um de seus próprios filhos?

— Nós usamos quaisquer pressões de que necessitemos — respondeu Scytale. — O que você diz, Atreides?

— Alia — disse Paul —, tente fazer um acordo com essa coisa. Não posso discutir com o que não posso ver.

— Sábia escolha — exultou Scytale. — Bem, Alia, o que me oferece como agente de seu irmão?

Paul baixou a cabeça, mergulhando na quietude dentro da quietude. Vislumbrara alguma coisa naquele instante... Como uma visão, mas não exatamente. Uma faca junto dele. Lá!

— Dê-me um momento para pensar — pediu Alia.

— Minha faca é paciente — respondeu Scytale —, mas a carne de Chani não é. Use uma quantidade razoável de tempo.

Paul sentiu-se piscando. Não podia ser... Mas era! Sentia os olhos! Seu ponto de vista era estranho e eles se moviam de modo aleatório. Lá! A faca entrou em seu campo de visão. Com um choque que lhe paralisou a respiração, Paul reconheceu aquele ponto de vista. Era de um de seus filhos! Via a mão de Scytale com a faca a partir do interior do berçário! Ela reluzia a apenas algumas polegadas de distância. Sim... e podia ver a si próprio do outro lado do quarto — cabeça baixa, quieto, uma figura que não constituía ameaça, ignorada pelas outras no aposento.

— Para começar, vocês passariam para o nosso nome todas as suas ações na CHOAM — sugeriu Scytale.

— Todas elas? — protestou Alia.

— Todas.

Observando a si mesmo através dos olhos no berçário, Paul tirou da bainha a faca cristalina. O movimento produziu uma curiosa sensação de dualidade. Ele mediu a distância, o ângulo.

Não haveria uma segunda chance. Então preparou o corpo do modo Bene Gesserit, armando-se como uma mola comprimida para um único movimento concentrado, uma coisa prana que exigia todos os seus músculos equilibrados em perfeita unidade.

A faca cristalina saltou de sua mão. Um risco leitoso que relampejou em direção ao olho direito de Scytale, jogando para trás a cabeça do Dançarino Facial. Este levou ambas as mãos ao rosto e cambaleou para trás, batendo na parede. Sua faca fez barulho contra o teto e tombou no chão. Scytale como que ricocheteou na parede, caindo de cara no chão, morto antes de tocar no piso.

Ainda através dos olhos no berçário, Paul observou os rostos de todos voltarem-se em direção à sua figura sem olhos, percebendo o choque que causara. Então Alia correu para o berçário, inclinando-se sobre este e lhe ocultando a visão.

— Oh, eles estão salvos! — exclamou Alia. — Estão salvos

— Meu senhor — sussurrou Idaho —, isso era parte de sua visão?

— Não. — Ele agitou a mão na direção de Idaho. — Deixe para lá.

— Perdoe-me, Paul — pediu Alia. — Mas quando aquela criatura disse que eles poderiam... reviver...

— Existem preços que um Atreides não pode pagar — respondeu Paul. — Você sabe disso.

— Eu sei — suspirou ela. — Mas fui tentada...

— Quem não seria? — perguntou Paul.

Virou as costas para eles e tateou até uma parede, apoiando-se contra ela e tentando compreender o que fizera. “Como? Como?

Os olhos no berçário!” Sentia-se à beira de uma terrível revelação.

“Meus olhos, pai.”

As formas-palavras brilhavam diante de sua visão cega.

— Meu filho! — sussurrou Paul, muito baixo para que alguém ouvisse. — Você... está consciente.

“Sim pai, olhe!”

Paul escorregou contra a parede num espasmo de tontura.

Sentia-se esgotado. Sua própria vida chicoteava diante dele. Viu seu pai. Ele era seu pai e também seu avô, bem como os avós anteriores. Sua consciência rolava num corredor de fragmentação mental através de toda a sua linhagem masculina.

“Como?”, indagava em silêncio.

Fracas formas-palavras apareceram, apagaram-se, foram-se como se a tensão fosse demasiada. Paul enxugou saliva do canto da boca. Lembrou-se do despertar de Alia no ventre de Lady Jessica. Mas não houvera a Água da Vida, nada de superdose de melange... ou houvera? A fome de Chani teria sido desse tipo? Ou isso seria, de algum modo, o produto genético de sua linhagem, previsto pela Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam?

Paul sentiu-se dentro do berçário, com Alia falando baixinho acima dele. As mãos dela o acariciavam. O rosto assomava como algo gigantesco, diretamente acima. Ela o fez voltar-se e ele viu sua companheira no berçário — uma garota com aquela ossuda aparência de força que caracterizava uma linhagem do deserto.

Ela tinha a cabeça cheia de cabelos cor de bronze. E enquanto ele olhava

ela abriu os olhos. Aqueles olhos! Era Chani que fitava através deles... e Lady Jessica. Uma multidão olhava por aqueles olhos, — Veja isto — disse Alia. — Eles estão olhando um para o outro.

— Bebês dessa idade não podem focalizar os olhos — disse Harah.

— Eu podia — comentou Alia.

Lentamente, Paul sentiu que se desligava daquela consciência infinita. Estava de volta ao seu próprio muro de lamentações, inclinando-se contra ele. Idaho sacudia-lhe o ombro suavemente.

— Meu senhor?

— Que o meu filho seja chamado Leto em homenagem a meu pai — disse Paul, endireitando-se.

— Na ocasião do batismo — disse Harah —, eu ficarei ao seu lado, como amiga da mãe, e darei esse nome.

— E minha filha será chamada Ghanima.

— Usul! — censurou Harah. — Ghanima é um nome de má sorte.

— Ele salvou sua vida — disse Paul. — Que importa que Alia zombasse de você com esse nome? Minha filha é Ghanima, um espólio de guerra.

Paul ouviu rodas guinchando atrás dele. O catre com o corpo de Chani estava sendo removido. O cântico do Ritual da Água começou.

— Hal yawm! — disse Harah. — Devo partir agora para ser uma observadora da verdade sagrada e ficar junto de minha amiga pela última vez. Sua água pertence à tribo.

— Sua água pertence à tribo — murmurou Paul, ouvindo Harah sair. Tateou para a frente e encontrou a manga de Idaho.

— Leve-me para o meu quarto, Duncan.

Dentro de seu alojamento, ele se soltou suavemente. Era hora de ficar a sós. Mas antes que Idaho pudesse sair, houve uma agitação na porta.

— Mestre! — Era Bijaz chamando do portal.

— Duncan — disse Paul —, deixe que ele avance dois passos. Mate-o se chegar mais perto.

— Certo — respondeu Idaho.

— É Duncan? — indagou Bijaz. — É verdadeiramente Duncan Idaho?

— É — respondeu Idaho. — Eu me lembro.

— Então o plano de Scytale teve sucesso!

— Scytale está morto — disse Paul.

— Mas eu não estou e nem o plano — continuou Bijaz. — Pelo tanque em que cresci! Pode ser feito! Terei os meus passados... todos eles. Só é preciso o estímulo certo.

— Estímulo? — perguntou Paul.

— A compulsão de matá-lo — explicou Idaho com a voz cheia de ódio. — Computação mentat. Eles descobriram que eu o considerava como o filho que nunca tive. Para não matá-lo, o verdadeiro Duncan Idaho assumiria o controle do corpo do ghola.

Mas... poderia ter falhado. Diga-me, anão, se seu plano houvesse falhado, se eu matasse o Imperador, o que faria então?

— Oh... nesse caso eu teria feito um acordo com Alia para lhe salvar o irmão. Mas deste modo o acordo fica melhor.

Paul inspirou de modo trêmulo. Podia ouvir os lamentos do cortejo passando agora pelo último corredor, em direção aos aposentos mais profundos e aos alambiques.

— Não é muito tarde, meu senhor — disse Bijaz. — Quer ter o seu amor de volta? Nós podemos restaurá-la. Um ghola, sim. Mas agora... agora temos a capacidade de fazer uma restauração completa. Devo chamar os servos com o tanque criológico para preservar a carne de sua amada...

Era mais difícil agora, descobriu Paul. Exaurira seus poderes com a primeira tentação dos Tleilaxu. E agora tudo por nada!

Sentir a presença de Chani uma vez mais...

— Silencie-o! — pediu a Idaho, falando na linguagem de batalha dos Atreides. Ouviu Idaho mover-se em direção à porta.

— Mestre! — guinchou Bijaz.

— Se me ama — disse Paul, ainda na linguagem cifrada —, faça-me um favor: mate-o antes que eu ceda!

— Nããããoo... — gritou Bijaz.

O som interrompeu-se subitamente num grunhido assustado.

— Fiz um bem a ele — disse Idaho.

Paul baixou a cabeça. Não podia ouvir os lamentos do cortejo.

Pensou no velho ritual dos Fremen que agora se realizava nas profundezas do sietch, na sala do alambique da morte, bem lá no fundo, onde a tribo recuperava sua água.

— Não havia escolha — disse Paul. — Compreende isso, Duncan?

— Compreendo.

— Há algumas coisas que uma pessoa é incapaz de suportar. Eu interferi em todos os futuros possíveis. Eu podia criá-los, até que, finalmente, eles me criaram.

— Meu senhor, não devia...

— Há problemas no universo para os quais não existem respostas — continuou Paul. — Nada. Nada pode ser feito.

Ao falar, Paul sentiu que seu elo com a visão se fragmentava.

Sua mente encolheu-se, dominada por infinitas possibilidades.
E sua visão perdida tornou-se como o vento, soprando sem controle.

24

A respeito do Muad'Dib, costumamos dizer que ele se foi em uma jornada em direção à terra onde caminhamos sem deixar pegadas.

— Preâmbulo do Credo Qizarate

Havia um dique para água junto da areia, limite exterior das plantações do sietch. Uma ponte de rocha vinha em seguida e depois era o deserto aberto sob os pés de Idaho. O promontório do Sietch Tabr dominava o céu noturno atrás dele. A luz de ambas as luas pintava de prata sua borda superior. Um pomar estendia-se até bem junto da água.

Idaho parou no lado do deserto e olhou de volta para os ramos floridos sobre a água silenciosa: reflexos e realidade — quatro luas. Sentia o traje destilador escorregar sobre sua pele. O cheiro de pedra úmida pulverizada invadia-lhe as narinas, penetrando através dos filtros. O vento fazia o ruído de um riso maligno através do pomar. Escutou os sons noturnos. Ratos-cangurus habitavam o capim junto da água; uma coruja lançou seu chamado das sombras do penhasco; o chiado de um deslizamento de areia veio do bled aberto.

Idaho voltou-se na direção do som.

Fora Tandis quem trouxera Paul até aquele ponto. Depois, o homem voltara para fazer seu relatório. E Paul caminhara para o deserto — como um Fremen.

— Ele estava cego... verdadeiramente cego — dissera Tandis, como se isso explicasse tudo. Antes ele tinha a visão a respeito da qual nos falara... mas...

Um encolher de ombros. Os Fremen cegos eram abandonados no deserto. O Muad'Dib podia ser o Imperador, mas era também um Fremen. Não cuidara para que os Fremen protegessem e criassem seus filhos? Ele era um Fremen.

O deserto era um esqueleto lá fora, observou Idaho. Costelas de rocha prateadas pelo luar mostrando-se através da areia; depois começavam as dunas.

"Eu não devia tê-lo deixado sozinho, nem mesmo por um minuto", pensou Idaho. "Eu sabia o que se passava em sua mente."

— Ele me contou que o futuro não mais necessitava de sua presença física — relatara Tandis. Quando me deixou, olhou para trás e disse: "Agora estou livre." Foram essas as suas palavras.

“Malditos!”, pensou Idaho.

Os Fremen haviam se recusado a enviar tópteros de busca ou qualquer outro tipo de salvamento. Era contra seus antigos costumes.

— Haverá um verme para o Muad’Dib — disseram. E começaram a entoar o canto para aqueles que eram entregues ao deserto, aqueles cuja água iria para o Shai-hulud: — Mãe da areia, pai do Tempo, início da vida, conceda-lhe passagem.

Idaho sentou-se em uma rocha achatada, olhando para o deserto. A noite lá fora estava repleta de contornos de camuflagem. Não havia meios de se descobrir a direção que Paul tomara.

— Agora estou livre.

Idaho pronunciou essas palavras em voz alta, surpreendendo-se com o som de sua própria voz. Por algum tempo, deixou que sua mente vagasse, relembrando o dia em que levara Paul, ainda criança, ao mercado marítimo em Caladan, o brilho ofuscante do sol na água, as riquezas do mar trazidas mortas para serem vendidas. Lembrou-se de Gurney Halleck tocando para eles a música de baliset, prazeres, risos. Ritmos saltitavam em sua consciência, conduzindo sua mente como uma escrava ao longo dos canais dos prazeres relembrados.

Gurney Halleck. Gurney o culparia por essa tragédia.

A memória musical se apagou.

Lembrou as palavras de Paul: “Há problemas neste universo para os quais não existem respostas.”

Começou a imaginar como Paul iria morrer lá no deserto. Rapidamente, devorado por um verme? Lentamente, sob o sol?

Alguns Fremen do sietch haviam dito que o Muad’Dib nunca morreria, que ele entrara no mundo-ruh, onde havia todos os futuros possíveis, e que estaria presente, daí por diante, no alam almytbal, caminhando sem parar, mesmo depois que sua carne não mais existisse.

“Ele vai morrer e sou impotente para evitar isso”, pensou Idaho.

Começou a perceber que poderia haver uma cortesia exagerada em morrer sem deixar traços sem restos, sem nada, tendo um planeta inteiro como túmulo.

“Mentat, decifre a si mesmo”, pensou.

Palavras penetraram em sua memória, palavras ritualísticas de um tenente Fedaykin montando guarda aos filhos do Muad’Dib.

— Será obrigação solene do oficial encarregado...

A linguagem difícil e presunçosa do Governo o enfurecia. Ela seduzira os Fremen como seduzira a todos. Um homem, um grande homem estava morrendo lá fora, mas a linguagem floreava...

Que acontecera a todos os significados precisos que eliminavam as

tolices? Em algum lugar perdido, onde o Império criara, eles haviam sido banidos, selados contra qualquer chance de redescoberta. Sua mente procurava soluções ao modo mentat. Padrões de conhecimento brilhavam ali. Os cabelos de Lorelen[3] deviam brilhar assim, atraindo... atraindo o marinheiro encantado para as cavernas de esmeralda...

Com um susto, Idaho recuperou-se do esquecimento catatônico.

"É isso. Em vez de encarar meu fracasso, eu desapareceria dentro de mim mesmo!"

O instante daquele quase mergulho permaneceu em sua memória. Examinando-o, sentia sua vida estender-se, quase tão longa quanto o próprio universo. A carne verdadeira jazia condensada, finita, na caverna de esmeraldas de sua consciência, mas a vida infinita havia compartilhado o seu ser.

Levantou-se, sentindo-se purificado pelo deserto. A areia começava a se mover ao vento, bicando a superfície das folhas no pomar, lá atrás. Havia um cheiro seco e abrasivo de poeira no ar noturno. Seu manto chicoteou ao impulso de uma súbita rajada.

Em algum lugar, lá no deserto, percebeu Idaho, uma grande tempestade se agitava, erguendo vórtices de poeira que rodopiavam em assoviante violência — um gigantesco verme da areia, suficientemente poderoso para arrancar a carne dos ossos.

"Ele se unirá ao deserto." Pensou Idaho. "E o deserto o completará."

Era um pensamento Zensunni, lavando sua mente como água clara. Paul continuaria caminhando lá fora, ele sabia. Um Atreides não se entregaria completamente ao destino, nem mesmo com a plena consciência do inevitável.

Então, um toque de presciência lhe atingiu a mente e ele viu que as pessoas do futuro falariam de Paul em termos marítimos.

A despeito de uma vida encharcada de poeira, a água o seguiria:

— Sua carne soçobrou — diriam. — Mas ele continuou nadando.

Por trás de Idaho, um homem pigarreou.

Idaho olhou para trás, percebendo a figura de Stilgar em pé sobre a ponte que atravessava o qanat.

— Ele não será encontrado — disse Stilgar. — E no entanto todos os homens o acharão.

— O deserto o leva e o torna um deus — concordou Idaho.

— E no entanto ele era um intruso aqui. Ele trouxe uma química alienígena para este planeta... a água.

— O deserto impõe seus próprios ritmos — disse Stilgar. — Nós lhe demos as boas-vindas, o chamamos de nosso Mahdi, nosso Muad'Dib, e lhe

demos seu nome secreto, Base do Pilar: Usul.

— Ainda assim, ele não nasceu Fremen.

— E isso não muda o fato de que nós o reclamamos... e o levamos, finalmente. — Stilgar colocou a mão sobre o ombro de Idaho. — Todos os homens são intrusos, velho amigo.

— Você é bastante profundo, não é Stil?

— O suficiente. Posso ver como atravancamos o universo com nossas migrações. O Muad'Dib deu-nos alguma coisa que não era amontoada. Os homens recordarão o seu Jihad por isso, pelo menos.

— Ele não vai se entregar ao deserto — disse Idaho. — Ele está cego, mas não vai se entregar. Ele é um homem de honra e de princípios. Recebeu o treinamento dos Atreides.

— E sua água se derramará sobre a areia — disse Stilgar. — Venha. — Puxou gentilmente o braço de Idaho. — Alia está de volta e pergunta por você.

— Ela estava com você no Sietch Makab?

— Sim, ajudou a colocar na linha aqueles Naibs amolecidos.

Eles obedecem às suas ordens agora... como eu o fiz.

— Que ordens?

— Ela ordenou a execução dos traidores.

— Oh! — Idaho controlou uma sensação de vertigem enquanto olhava para o promontório. Que traidores?

— O homem da Corporação, a Reverenda Madre Mohiam, Korba... alguns outros.

— Vocês mataram uma Reverenda Madre?

— Eu o fiz. O Muad'Dib deixou uma instrução no sentido de que isso não fosse feito. Encolheu os ombros. — Mas eu o desobedeci, como Alia sabia que eu faria.

Idaho olhou novamente para o deserto, sentindo que se tornava um todo, uma pessoa capaz de enxergar o padrão que Paul criara. "Estratégia de decisão", chamavam os Atreides em seus manuais de treinamento. "As pessoas são subordinadas ao Governo, mas os governados influenciam os governantes." Será que os governados teriam alguma concepção, ele se perguntava, do que haviam ajudado a criar ali?

— Alia... — disse Stilgar, pigarreando. Parecia embaraçado. — Ela necessita do conforto de sua presença.

— E ela é o Governo — murmurou Idaho.

— Uma regência, não mais que isso.

— A fortuna passa em toda parte, como o pai dela dizia com frequência — murmurou Idaho.

— Nós faremos nosso acordo com o futuro — disse Stilgar. — Pode vir agora? Nós precisamos de você lá. — Novamente, pareceu embaraçado. — Ela está... perturbada. Pragueja contra o irmão num momento e chora por ele no instante seguinte.

— Já vou — prometeu Idaho.

Ouviu Stilgar partir. Ficou de frente para o vento, que aumentava de intensidade, deixando os grãos de areia chocarem-se com o traje-destilador. A consciência mentat projetava-lhe padrões fluindo para o futuro. As possibilidades o deixavam tonto. Paul colocara em movimento um vórtex rodopiante e nada poderia colocar-se em seu caminho.

Os Bene Tleilax e a Corporação haviam jogado suas cartas com exagero e perdido: estavam desacreditados. O Qizarate encontrava-se abalado pela traição de Korba e outros de seus membros. E o último ato voluntário de Paul, sua aceitação final dos costumes, assegurara a lealdade dos Fremen para com ele e sua família. Agora, ele seria um deles para sempre.

— Paul se foi! — A voz de Alia parecia abafada. Ela viera quase em silêncio até onde Idaho se encontrava e agora estava ao lado dele. — Ele era um tolo, Duncan!

— Não diga isso!

— Todo o universo dirá antes que eu termine — insistiu ela.

— Mas por que, pelo amor dos céus?

— Pelo amor de meu irmão, não dos céus.

A percepção Zensunni dilatou-lhe a consciência. Ele podia sentir que não havia mais nenhuma visão nela... não houvera desde a morte de Chani.

— Você pratica um amor estranho — ele disse.

— Amor? Duncan, ele só precisava sair fora da trilha! Que importa que o resto do universo viesse desabando atrás dele? Ele estaria seguro... e Chani com ele!

— Então... por que não o fez?

— Pelo amor dos céus — ela sussurrou. Então, mais alto, acrescentou: — Toda a vida de Paul foi uma luta para escapar ao seu Jihad e à sua deificação. Afinal, ele se livrou disso. Ele escolheu isso!

— Ah, sim... o oráculo. — Idaho sacudiu a cabeça, admirado. — Até a morte de Chani. Sua lua caiu.

— Ele era um tolo, não era, Duncan?

A garganta de Idaho se comprimiu de mágoa.

— Tamanho tolo! — disse Alia ofegante, seu controle fragmentando-se. — Viverá para sempre, enquanto nós deveremos morrer!

— Alia, não...

— É apenas tristeza — ela disse, com a voz baixa. — Só tristeza. Sabe o que devo fazer por ele? Devo salvar a vida da Princesa Irulan. Aquela! Você devia ouvir seus lamentos. Chorando, gemendo, dando umidade aos mortos. Ela jura que o amava e não sabia, insulta sua Irmandade e diz que passará a vida ensinando as crianças de Paul.

— Confia nela?

— Ela recende a lealdade!

— Ah — murmurou Idaho.

O padrão final desenrolou-se diante de sua consciência como um desenho em tecido. A deserção da Princesa Irulan era o passo final. Isso deixava as Bene Gesserit sem qualquer apoio contra os herdeiros dos Atreides.

Alia começou a soluçar, apoiando-se nele, o rosto comprimido contra o seu peito.

— Oh, Duncan, Duncan. Ele se foi!

Idaho levou os lábios ao cabelo dela.

— Por favor — sussurrou. Sentia-lhe a mágoa fundindo-se à sua como dois arroios desaguando no mesmo lago. — Preciso de você, Duncan — soluçou ela. — Me ame!

— Eu a amo — respondeu ele, baixinho. Alia ergueu a cabeça e olhou para o contorno de seu rosto delineado pelo luar.

— Eu sei, Duncan. O amor reconhece o amor. Suas palavras transmitiram-lhe um estremecimento, um sentimento de alienação com respeito à sua velha personalidade. Viera até ali procurando por uma coisa e encontrara outra. Era como se entrasse em uma sala cheia de pessoas conhecidas só para perceber que não conhecia realmente nenhuma delas. Ela se soltou dele e o tomou pela mão.

— Virá comigo, Duncan?

— Aonde me levar — respondeu ele. E ela o conduziu de volta através do qanat, rumo à escuridão da base do maciço e a seu Lugar de Segurança.

Epílogo

Nenhum odor acre de alambique funeral para o Muad'Dib.
Nenhum toque de sinos ou rito solene que liberte a mente
Das sombras cobiçosas.
Ele é o santo tolo,
O estrangeiro dourado que vive para sempre
Nas fronteiras da razão.
Abaixe sua guarda e ele estará lá!
Com sua paz carmesim e sua palidez soberana,
Golpeando nosso universo em teias proféticas.
À beira de um calmo olhar... lá!
Saindo dos eriçados campos estelares:
Misterioso, letal, vidente sem olhos,
Instrumento da profecia cuja voz nunca morre!
Shai-hulud, ele o espera sobre um fio
Onde os casais caminham e se olham, olho no olho,
No delicioso fastio do amor.
Ele caminha na longa caverna do tempo,
A espalhar a tolice de seu sonho.

— O Hino de Ghola

OS FILHOS DE DUNA

Frank Herbert

Tradução de Jorge Luíz Calife
Título Original: *Children of Dune*

Para Bev:

Pelo maravilhoso compromisso de nosso amor e para compartilhar sua beleza e sabedoria, pois ela verdadeiramente inspirou este livro.

“Para aqueles que ousam trilhar caminhos diferentes...”

1

Os ensinamentos do Muad'Dib tornaram-se terreno para os pedantes, os supersticiosos e os corruptos. Ele ensinou um modo de vida equilibrado, uma filosofia com a qual os seres humanos poderiam enfrentar os problemas que surgissem de um universo em constante mutação. Ele disse que a humanidade ainda se encontrava evoluindo, num processo que não terá fim. E disse que a evolução se processa através de princípios mutáveis, conhecidos apenas pela eternidade.

Como pode um raciocínio corrompido funcionar com essa essência?

— Palavras do Mentat Duncan Idaho

Um oval de luz surgiu sobre o espesso tapete que cobria a rocha nua do piso da caverna. A luz brilhava sem uma fonte aparente, tendo existência apenas sobre a superfície de tecido vermelho, trançada com fibra de especiaria. Um círculo indagador, com aproximadamente dois centímetros de diâmetro, movia-se aleatoriamente — ora mais alongado, ora oval. Encontrando o lado de uma cama, ele saltou para o alto e se dobrou através da superfície do leito.

Debaixo do cobertor verde havia uma criança de cabelos ruivos, o rosto ainda gordinho de bebê, a boca generosa — uma figura que carecia dos traços esguios, da magreza tradicional dos Fremen, mas que não era tão gorda de água como um estrangeiro. Quando a luz passou sobre as pálpebras cerradas, o pequeno estremeceu. A luz apagou-se.

Agora havia apenas o som regular da respiração, e mais fraco, atrás dele, o gotejar tranquilizador da água sendo coletada numa bacia de recolhimento a partir da armadilha de vento, bem acima da caverna.

Novamente a luz apareceu no aposento — um pouquinho maior, alguns lúmens mais brilhante.

Dessa vez, trazia uma sugestão de fonte e movimento: uma figura coberta por um manto preenchia o portal abobadado na extremidade da câmara e de lá se originava a luz. Uma vez mais ela fluiu através do aposento, sondando, testando. Tinha uma aparência ameaçadora, uma inquieta insatisfação. Evitou a criança que dormia, parou sobre a grade do renovador de ar, no canto superior,

investigou uma saliência nas cortinas verdes e douradas, que suavizavam a rocha ao redor.

Daí a pouco, a luz se apagou. A figura encapuzada moveu-se com um rumor revelador, produzido pelo agitar de seus mantos, e assumiu posição a um dos lados do portal. Qualquer pessoa consciente da rotina no Sietch Tabr teria deduzido imediatamente que se tratava de Stilgar, Naib do Sietch, guardião dos gêmeos órfãos que um dia receberiam o manto de seu pai, Paul Muad'Dib. Stilgar frequentemente realizava tais inspeções noturnas nos aposentos dos gêmeos, sempre dirigindo-se em primeiro lugar à câmara onde Ghanima dormia e terminando aqui, no quarto adjacente, onde se podia assegurar de que Leto não sofria ameaças.

“Sou um velho tolo”, pensou Stilgar.

Alisou a fria superfície do projetor de luz antes de recoloca-lo na argola do cinturão. O projetor o irritava, embora dependesse dele. Essa coisa era um sutil instrumento do Império, um engenho destinado a detectar a presença de grandes corpos vivos. Revelara apenas as crianças dormindo nos aposentos reais.

Stilgar sabia que seus pensamentos e emoções eram como a luz. Não conseguia imobilizar uma inquieta projeção interior. Algum poder maior controlava esse movimento, projetando-o nesse momento em que sentia o perigo acumulado. Aqui estava o magneto para os sonhos de grandeza através do universo conhecido. Aqui estavam as riquezas transitórias, a autoridade profana e o mais poderoso de todos os talismãs místicos: a autenticidade divina do legado religioso do Muad'Dib. Nesses gêmeos, em Leto e sua irmã Ghanima, focalizava-s e um poder espantoso. Enquanto eles vivessem, o Muad'Dib, embora morto, viveria neles.

Não eram apenas duas crianças de nove anos de idade; eram forças naturais, objetos de veneração e temor. Eram os filhos de Paul Atreides, que se tornara Muad'Dib, o Mahdi de todos os Fremen. O Muad'Dib acendera uma explosão da humanidade; os Fremen se haviam espalhado num jihad, a partir de seu planeta, levando consigo seu fervor através do universo humano, numa onda de governos religiosos cuja amplitude e autoridade onipresente haviam deixado sua marca em cada planeta.

“E no entanto estas crianças são de carne e osso”, pensou Stilgar. “Com dois únicos golpes de minha faca, eu imobilizaria seus corações. E a água deles retornaria à tribo.”

Sua mente agitou-se com tal pensamento.

“Matar os filhos do Muad'Dib!”

Entretanto, os anos o haviam tornado introspectivamente sábio. Stilgar conhecia a origem desse pensamento terrível. Ele vinha da mão esquerda dos

amaldiçoados, não da mão direita dos abençoados.

O ayat e o burhan da Vida guardavam poucos mistérios para ele. Em certa época, sentira-se orgulhoso por se julgar um Fremen, por pensar no deserto como um amigo e chamar seu planeta de Duna, e não Arrakis como estava escrito em todos os mapas imperiais.

“Como as coisas são simples quando nossos messias não passam de sonhos”, pensou. “Ao encontrar nosso Mahdi, soltamos sobre o universo incontáveis sonhos messiânicos. E cada pessoa subjugada pelo jihad sonha agora com um líder que um dia virá.”

Stilgar olhou para a escuridão dos aposentos.

“Se minha faca libertasse todas essas pessoas, será que elas fariam de mim um messias?”

Leto podia ser ouvido, agitando-se em sua cama.

Stilgar suspirou. Jamais conhecera o avô Atreides , cujo nome essa criança tomara. Mas muitos afirmavam que a força moral do Muad’Dib nele se originara. Iria aquela tremenda capacidade para a justiça saltar uma geração agora? Stilgar sentiu-se incapaz de responder tal pergunta.

E pensou: “O Sietch Tabr é meu. Eu governo este lugar. Sou um Naib dos Fremen. Sem mim, não teria havido Muad’Dib. Estes gêmeos agora... através de Chani, mãe deles e minha parenta, meu sangue pulsa em suas veias. Eu estava lá. Com o Muad’Dib, com Chani e todos os outros. Que foi que fizemos ao nosso universo?”

Stilgar era incapaz de explicar por que tais pensamentos vinham a seu encontro, no meio da noite, e por que faziam com que se sentisse tão culpado. Agachou-se dentro de seu manto. A realidade não era nem um pouco como o sonho. O Deserto Amistoso, que um dia se estendera de um pólo a outro, estava reduzido à metade de seu tamanho. O paraíso mítico das extensões verdes que se ampliavam o enchia de angústia. Não era como o sonho. Enquanto seu planeta mudava, ele também mudava. Tornara-se uma pessoa mais sutil do que o chefe de sietch que um dia fora. Agora estava consciente de muitas coisas — dos negócios de Estado e das profundas consequências das menores decisões. E no entanto sentia todo esse conhecimento e sutileza como uma fina camada recobrindo um núcleo férreo de consciência mais simples e determinística. E esse núcleo mais antigo o chamava, suplicando para que retornasse aos valores mais puros.

Os sons do amanhecer no sietch começaram a interferir com seus pensamentos. Pessoas movimentavam-se na caverna. Sentiu a brisa em sua face: elas estavam saindo pelos selos das aberturas, ao encontro da escuridão que precede a aurora. A brisa revelava descuido do mesmo modo como indicava o

tempo. Os moradores não mais obedeciam à rígida disciplina da água dos velhos dias. Por que deveriam, quando já se registrará chuva no planeta, quando já se viam nuvens, quando oito Fremen haviam sido cobertos de água e mortos por uma súbita enxurrada num wadi? Até então a palavra afogado não existira na linguagem de Duna. Mas este não era mais Duna, este era Arrakis... e esta era a manhã de um dia importante.

Ele pensou: “Jessica, a mãe do Muad’Dib e avó destes gêmeos reais, retorna hoje ao nosso planeta. Por que ela termina seu exílio auto-imposto justamente nesta ocasião? Por que deixa a suavidade e a segurança de Caladan em troca dos perigos de Arrakis?”

E existiam outras preocupações: sentiria ela as dúvidas de Stilgar? Ela era uma bruxa Bene Gesserit, graduada nos profundos conhecimentos da Irmandade, e uma Reverenda Madre por seus próprios méritos. Tais mulheres eram perspicazes e muito perigosas.

Iria ela ordenar-lhe que caísse sobre a própria faca, como fora ordenado ao Umma protetor de Liet-Kynes?

“Devo obedecer a ela?”, perguntou-se.

Sentiu-se incapaz de responder a pergunta , mas começou a pensar em Liet-Kynes, o planetólogo que fora o primeiro a sonhar com a transformação do deserto planetário de Duna no planeta verde, propício à vida humana, que agora se tornava. Liet-Kynes fora o pai de Chani. Sem ele não teria havido o sonho, não teria havido Chani nem os gêmeos reais. As consequências dessa frágil corrente assombravam Stilgar.

“Como nos encontramos neste lugar?”, ele se perguntava. “Como nos combinamos? Para que propósito? Será meu dever terminar com tudo isto? Desarmar esta grande combinação?”

Stilgar reconhecia esse terrível desejo agindo agora sobre si. Ele podia fazer uma escolha, negando o amor e a família para realizar o que se esperava de um Naib nessa ocasião: tomar uma decisão mortífera pelo bem da tribo. Por um lado, tal assassinato representava o máximo em traição e atrocidade. “Matar simples crianças!” E no entanto elas não eram simples crianças. Haviam consumido a melange, compartilhado da orgia no sietch, vasculhado o deserto em busca da truta da areia e participado de outros jogos das crianças Fremen... E se haviam sentado ante o Conselho Real. Crianças tão novas e no entanto suficientemente sábias para participarem do Conselho. Podiam ser crianças fisicamente, mas eram ancestrais em suas experiências, nascidas com a totalidade da memória genética, a terrível consciência que os separava, junto com sua tia Alia, de todos os outros seres humanos vivos.

Muitas vezes, em muitas noites, Stilgar encontrara sua mente circulando

em torno da diferença compartilhada pelos gêmeos e sua tia; muitas vezes despertara em razão desses tormentos, vindo até o quarto dos gêmeos com seus sonhos interrompidos. Agora suas dúvidas focalizavam-se. A ausência de decisão já era em si uma decisão. Ele sabia disso. Esses gêmeos, assim como sua tia, haviam despertado no ventre materno, adquirindo todas as memórias legadas por seus ancestrais. O vício da especiaria fizera isso, o vício de suas mães: Lady Jessica e Chani. Lady Jessica tivera um filho, o Muad'Dib, antes de se viciar. Alia viera depois do vício. Isso era claro, em retrospecto. As incontáveis gerações da procriação seletiva dirigida pelas Bene Gesserit tinham resultado no Muad'Dib, mas em parte alguma nos planos da Irmandade elas haviam considerado a melange. Oh, elas conheciam essa possibilidade, mas a temiam, chamando-a de Abominação. Esse era o detalhe mais angustiante. Abominação. Elas deviam ter motivos para tal julgamento. E se diziam que Alia era uma Abominação, então isso devia aplicar-se igualmente aos gêmeos, já que Chani também fora viciada, seu corpo saturado de especiaria, e seus genes de algum modo haviam complementado os do Muad'Dib.

Os pensamentos de Stilgar agitavam-se. Não havia dúvida de que esses gêmeos tinham ido além de seu pai. Mas em que direção? O menino falava na habilidade de poder ser o pai — e o provara. Ainda muito pequeno, Leto revelara possuir memórias que só poderiam pertencer ao Muad'Dib. Haveria outros ancestrais aguardando nesse vasto espectro de memórias — ancestrais cujas crenças e hábitos criavam perigos terríveis para os seres humanos?

Abominações, diziam as sagradas bruxas da Bene Gesserit. E no entanto a Irmandade ambicionava a genofase dessas crianças. As bruxas queriam o esperma e o óvulo sem a perturbadora carne que os carregava. Seria esse o motivo por trás do retorno de Lady Jessica? Ela havia rompido com a Irmandade para apoiar o Duque, seu marido, mas havia rumores de que retornara aos hábitos das Bene Gesserit.

"Eu poderia terminar com todos esses sonhos", pensava Stilgar. "Como seria simples."

E no entanto novamente se admirava de que pudesse contemplar tal escolha. Seriam os gêmeos do Muad'Dib os responsáveis por uma realidade que destruía os sonhos dos outros? Não, eles eram meramente a lente através da qual a luz fluía para revelar as novas formas do universo.

Atormentada, sua mente refugiava-se nas velhas crenças Fremen, pensando: "A ordem de Deus vem; assim, procure não apressá-la. Deus mostra o caminho e alguns se desviam dele."

Era a religião do Muad'Dib que mais perturbava Stilgar. Por que haviam transformado o Muad'Dib num deus? Por que endeusar um homem que se sabia

ter sido de carne e osso? O Elixir Dourado da Vida, do Muad'Dib, criara um monstro burocrático que cavalgava todos os negócios humanos. Com o Governo unido à religião, qualquer infração da lei tornava-se pecado. Um cheiro de blasfêmia erguia-se como fumaça ante qualquer questionamento dos decretos governamentais. A acusação de rebelião invocava o fogo do inferno e os julgamentos farisaicos.

E no entanto eram os homens que criavam esses decretos.

Stilgar sacudiu a cabeça, amargurado, sem dar atenção aos criados que haviam penetrado na antecâmara real para os afazeres matinais.

Tocou a faca cristalina no cinturão, pensando no passado que ela simbolizava, lembrando como mais de uma vez simpatizara com os rebeldes cujos levantes haviam sido esmagados por suas próprias ordens. A confusão propagava-se em sua mente e ele desejava ter meios de controlá-la, retornando à vida simples representada pela faca. Mas o universo nunca volta atrás. Era uma grande máquina projetando-se sobre o vácuo cinzento da não-existência. Sua faca, caso provocasse a morte dos gêmeos, apenas reverberaria contra esse vazio, tecendo novas complexidades que ecoariam pela história humana, criando novas ondas de caos, desafiando a humanidade a tentar novas formas de ordem e desordem.

Stilgar suspirou, percebendo os movimentos a seu redor. Sim, esses criados representavam um tipo de ordem construída ao redor dos gêmeos do Muad'Dib. Eles se moviam sem cessar, cuidando do que fosse necessário. "É melhor acompanhá-los", pensou Stilgar. "É melhor enfrentar o que vem por aí quando chegar a hora."

"Também sou um criado", disse para si mesmo. "E meu senhor é Deus, o Piedoso, o Clemente." E lembrou-se de uma frase: "Certamente, Nós colocamos grilhões sobre seus pescoços, cobrindo-os até o queixo, de modo que suas cabeças se erguessem. E Nós colocamos uma barreira diante deles, e outra atrás. E Nós os cobrimos para que não pudessem ver."

Assim estava escrito na velha religião Fremen.

Assentiu para si mesmo.

A capacidade de ver, de antecipar o momento seguinte, como o Muad'Dib fizera em suas espantosas visões do futuro, acrescentava um contrapeso às atividades humanas. Criava novos lugares para decisão. Estar livre dos grilhões poderia muito bem ser o resultado de uma vontade divina. Essa era outra complexidade além da percepção humana normal.

Stilgar afastou a mão da faca, os dedos comichando com a lembrança. Mas a lâmina que uma vez brilhara na boca escancarada de um verme da ar eia continuava na bainha. Sabia que não puxaria a faca nesse momento para matar

os gêmeos. Chegara a uma decisão. Era melhor manter aquela velha virtude que ainda nutria: a lealdade. É preferível a complexidade do que se pensa conhecer do que aquela que desafia a compreensão. Melhor o agora do que o sonho futuro. Um gosto amargo na boca dizia a Stilgar o quanto podem ser vazios e revoltantes certos sonhos.

“Não! Chega de sonhos!”

2

DESAFIO: “Viste o Pregador?”
RESPOSTA: “Vi um verme da areia.”
DESAFIO: “Que me dizes desse verme?”
RESPOSTA: “Ele nos dá o ar que respiramos.”
DESAFIO: “Então por que destruímos sua terra?”
RESPOSTA: “Porque o Shai-Hulud [Verme da areia endeusado] assim ordena.”

— Enigmas de Arrakis por Harq al-Ada

Como era costume dos Fremen, os gêmeos Atreides levantavam-se uma hora antes do nascer do sol. Em suas câmaras adjacentes, eles bocejaram e se espreguiçaram em secreta harmonia, sentindo a atividade na caverna-alojamento ao redor. Podiam ouvir os criados, na antecâmara, preparando o desjejum. Uma sopa simples com tâmaras e nozes misturadas num líquido obtido a partir da especiaria parcialmente fermentada. Havia globos luminosos na antecâmara e uma suave luz amarelada penetrava através das arcadas. Os gêmeos vestiram-se rapidamente a essa luz suave, um ouvindo o outro nas imediações. Como tinham combinado, ambos envergaram trajes-destiladores para se protegerem dos ventos quentes do deserto.

Dentro em pouco, o par real encontrou-se na antecâmara, notando a súbita imobilidade dos criados. Leto, como se observou, usava uma capa cor de bronze, de bordo negro, sobre o cinza lustroso do traje-destilador. Sua irmã usava uma capa verde. A gola de cada uma das capas era presa por uma fivela com a forma do falcão dos Atreides — dourado com jóias vermelhas formando os olhos.

Vendo todo esse requinte, Harah, uma das esposas de Stilgar, comentou:

— Vejo que se vestiram em honra de sua avó.

Leto apanhou sua terrina com o desjejum antes de olhar para o rosto de Harah, escuro e vincado pelo vento. Sacudiu a cabeça e perguntou:

— Como sabe que não é a nós mesmos que honramos?

Harah enfrentou seu olhar atrevido sem estremecer e disse:

— Meus olhos são tão azuis quanto os seus.

Ghanima riu alto. Harah sempre fora uma adepta do jogo de desafio dos Fremen. Em uma única frase ela dissera: “Não brinque comigo, garoto. Você pode ser da realeza, mas ambos trazemos o estigma do vício da melange — olhos sem partes brancas. Que Fremen necessita de mais elegância ou maior honra do que essa?”

Leto sorriu sacudindo a cabeça, arrependido.

— Harah, meu amor, se você fosse mais jovem e não pertencesse a Stilgar, eu a tomaria como esposa.

Harah aceitou essa pequena vitória com tranquilidade, acenando para que os outros criados continuassem a preparar os aposentos para as importantes atividades do dia.

— Comam seu desjejum — disse. — Vão precisar de energia hoje.

— Então concorda em que não estamos suficientemente arrumados para encontrar nossa avó? — perguntou Ghanima, falando com a boca cheia.

— Não tenha medo dela, Ghani — respondeu Harah.

Leto engoliu uma porção de sopa e enviou um olhar indagador para Harah. A mulher era infernalmente sábia, percebendo o jogo da elegância com tanta rapidez.

— Será que ela pensa que a tememos? — perguntou ele.

— Provavelmente não — disse Harah. — Lembre-se de que ela era nossa Reverenda Madre. Conheço seus hábitos.

— Como foi que Alia se vestiu? — perguntou Ghanima.

— Ainda não a vi — respondeu Harah de modo seco, afastando-se.

Leto e Ghanima trocaram um olhar de compreensão e se curvaram sobre sua refeição. Daí a pouco saíam para a grande passagem central.

Ghanima falou então, usando um dos antigos idiomas que ambos compartilhavam através da memória genética.

— Então, hoje temos uma avó.

— Isso deixa Alia muito incomodada — disse Leto.

— Quem gosta de conceder tal autoridade? — perguntou Ghanima.

Leto riu baixinho, um som adulto saindo curiosamente de uma carne tão jovem.

— É mais do que isso.

— Será que os olhos da mãe dela observarão o que já observamos?

— E por que não?

— Sim... deve ser disso que Alia tem medo.

— Quem conhece a Abominação melhor do que uma Abominação? — indagou Leto.

— Nós podemos estar errados, você sabe — comentou Ghanima.

— Mas não estamos. — E citou o Livro de Azhar das Bene Gesserit: "É com razão e terrível experiência que nós chamamos de Abominação aos pré-nascidos. Pois quem sabe que esquecida e amaldiçoada personalidade de nosso passado mais maligno poderia se apoderar da carne viva?"

— Conheço a história — disse Ghanima. — Mas se isso fosse verdade, por que então não sofremos esse assalto interior?

— Talvez porque nossos pais montem guarda dentro de nós — respondeu Leto.

— Então, por que Alia não teve guardiães?

— Não sei. Pode ser pelo fato de um dos pais ainda permanecer entre os vivos. Ou simplesmente porque ainda somos jovens e fortes. Talvez quando formos mais velhos e cínicos.

— Devemos ter muito cuidado com essa avó — disse Ghanima.

— E não discutir esse Pregador que anda pelo planeta propagando a heresia?

— Não acredita realmente que ele seja o nosso pai!

— Eu não faço julgamentos a respeito, mas Alia o teme.

Ghanima sacudiu a cabeça bruscamente:

— Eu não acredito nessa besteira de Abominação!

— Você tem tantas memórias quanto eu. Pode acreditar no que desejar.

— Você acha que é porque ainda não nos atreve mos a experimentar o transe da especiaria, enquanto Alia já o fez.

— É exatamente o que penso.

Ficaram em silêncio ao penetrarem no fluxo de pessoas que usavam a passagem central. Fazia frio no Sietch Tabr, mas os trajes-destiladores estavam quentes e os gêmeos mantiveram os capuzes condensadores por sobre os cabelos ruivos. Seus rostos denunciavam a marca dos genes compartilhados: a boca ampla e os olhos bem separados, na tonalidade inteiramente azul dos viciados na especiaria.

Leto foi o primeiro a notar a aproximação de sua tia Alia.

— Aí vem ela — disse ele, usando a linguagem de batalha dos Atreides como advertência.

Ghanima acenou com a cabeça para a tia, quando esta parou diante deles, e disse:

— Uma presa de guerra saúda sua parenta ilustre.

Usando a mesma linguagem Chakobsa, Ghanima enfatizou o significado de seu próprio nome

— Presa de Guerra.

— Como vê, adorada tia — disse Leto —, nos preparamos para nosso encontro com sua mãe.

Alia, a única pessoa no apinhado lar real que não nutria a menor surpresa ante o comportamento adulto dessas crianças, olhou furiosa de uma para a outra. E disse:

— Cuidado com a língua, vocês dois!

O cabelo cor de bronze de Alia estava preso atrás com dois anéis de água dourados. Seu rosto oval apresentava-se carrancudo e a boca ampla, com seu traço de auto-indulgência, comprimia-se em linha reta. Vincos de preocupação expandiam-se nos cantos dos olhos de cor azul sobre azul.

— Já lhes avisei para que se comportassem hoje — disse ela. — Conhecem as razões tão bem quanto eu.

— Nós conhecemos as suas razões, mas talvez a senhora não conheça as nossas — disse Ghanima.

— Ghani! — censurou Alia.

Leto olhou para a tia com raiva e disse:

— Hoje, dentre todos os dias, não fingiremos ser crianças idiotas!

— Ninguém quer que finjam — respondeu Alia . — Mas acreditamos que não seja prudente provocar pensamentos perigosos em minha mãe. Irulan também concorda comigo. Quem sabe que papel Lady Jessica escolherá desempenhar? Apesar de tudo, ela é uma Bene Gesserit.

Leto sacudiu a cabeça, imaginando: "Por que Alia não nota o que nós suspeitamos? Será que está ficando velha?" Observou a sutileza dos traços genéticos no rosto de Alia que traíam seu avô materno. O Barão Vladimir Harkonnen não fora uma pessoa agradável. Ante essa observação, Leto sentiu sua própria inquietação, pensando: "Ele é meu ancestral também."

— Lady Jessica foi treinada para governar — disse ele. Ghanima assentiu com a cabeça.

— Por que ela escolheu esta ocasião para retornar? Alia franziu a testa e respondeu:

— É possível que apenas deseje ver os netos?

Ghanima pensou: "É isso que a senhora espera, querida tia. Mas sabe que não é provável."

— Ela não pode governar este lugar — explicou Alia. — Ela tem Caladan. Isso devia ser suficiente.

Ghanima falou de modo conciliador:

— Quando nosso pai partiu para morrer no deserto, ele deixou a senhora como Regente. Ele...

— Tem alguma queixa? — perguntou Alia.

— Foi uma escolha justa — disse Leto, aproveitando a deixa de sua irmã. — Era a única pessoa que sabia como é nascer do modo como nascemos.

— Há rumores de que minha mãe retornou à Irmandade — disse Alia. — E vocês dois sabem o que as Bene Gesserit pensam a respeito de...

— Abominações — disse Leto.

— Sim!

— Uma vez bruxa, sempre bruxa... assim dizem — completou Ghanima.

“Mana, você joga um jogo perigoso”, pensou Leto. Ainda assim, acompanhou a irmã, dizendo:

— Nossa avó era uma mulher muito simples, mais simples que as outras de seu gênero. A senhora compartilha das memórias dela, tia Alia. Certamente devia saber o que esperar.

— Simples! — disse Alia, sacudindo a cabeça. Olhou para a passagem cheia de gente antes de voltar sua atenção para os gêmeos. — Se minha mãe fosse menos complexa, nenhum de vocês estaria aqui. Nem eu. Eu teria sido sua primogênita e nada disto... — Ela estremeceu, dando de ombros. — Eu os aviso para que sejam muito cuidadosos com o que disserem hoje. — Alia olhou para cima. — Aí vem a minha guarda.

— Ainda não considera seguro que a acompanhemos até o espaço porto? — indagou Leto.

— Esperem aqui — respondeu Alia. — Eu a trarei. Leto trocou olhares com a irmã e disse:

— Já nos disse muitas vezes que as memórias que guardamos daqueles que viveram antes de nós carecem de certa utilidade até que tenhamos experimentado o suficiente, em nossa própria carne, para lhes emprestar a realidade. Minha irmã e eu acreditamos nisso. E previmos mudanças perigosas com a chegada de nossa avó.

— Não deixem de acreditar nisso — disse Alia, e se virou, sendo envolvida por sua guarda e caminhando rapidamente para a entrada, onde os ornitópteros os aguardavam.

Ghanima enxugou uma lágrima do olho direito.

— Água para os mortos? — sussurrou Leto, tomando-lhe o braço.

Ghanima suspirou fundo, pensando em como observara sua tia usando os modos que conhecia a partir de sua própria acumulação de experiências ancestrais.

— O transe da especiaria causou isto? — indagou, sabendo de antemão o que Leto lhe diria.

— Tem alguma sugestão melhor?

— Só para argumentar, por que o nosso pai... ou mesmo a nossa avó não

sucumbiu a isso?

Ele a observou por um momento. Então acrescentou:

— Sabe a resposta tão bem quanto eu. Eles tinham personalidades formadas quando vieram para Arrakis. O transe da especiaria... Bem — e deu de ombros. — Eles não nasceram neste mundo já possuídos por seus ancestrais. Já Alia...

— Por que ela não acreditou nos avisos das Bene Gesserit? — Ghanima mordeu o lábio inferior. — Alia tinha a mesma informação que nós para tomar por base.

— Elas já a estavam chamando de Abominação — disse Leto. — Não acharia tentador tentar descobrir se você é mais forte que todos aqueles...

— Não, eu não!

Ghanima fugiu ao olhar questionador de seu irmão, estremecendo. Era só consultar suas memórias genéticas e os avisos da Irmandade tomavam forma nítida. Os pré-nascidos possuem uma tendência observável a se tornarem adultos de hábitos perversos. E a causa provável... Novamente estremeceu.

— É uma pena que não tivéssemos alguns pré-nascidos em nossa ancestralidade — disse Leto.

— Talvez tenhamos.

— Mas nós... Ah, sim, a velha pergunta sem resposta: teremos realmente acesso aberto ao arquivo total de experiências de cada um de nossos ancestrais?

A partir de sua própria inquietação interior, Leto sabia como essa conversa devia ser perturbadora para a irmã. Eles já haviam discutido muitas vezes essa questão, sem nunca chegar a conclusão alguma. Ele acrescentou:

— Devemos retardar e retardar sempre, cada vez que ela nos pressionar para o transe da especiaria. Devemos ter um cuidado extremo com superdoses de especiaria. Esse é o nosso melhor curso de ação.

— Uma superdose teria que ser muito grande — comentou Ghanima.

— Nossa tolerância é provavelmente muito alta — concordou Leto. — Veja de quanto Alia precisa.

— Tenho pena dela — disse Ghanima. — A atração deve ter sido sutil e insidiosa, rastejando em seu subconsciente até que...

— Ela é uma vítima, sim — disse Leto. — Abominação.

— Nós podemos estar errados.

— Certo.

— Eu sempre me pergunto — meditou Ghanima — se a próxima memória ancestral que buscarmos não será aquela que...

— O passado não se encontra mais distante do que seu travesseiro -— disse Leto.

— Devemos buscar uma oportunidade para discutir isso com nossa avó.
— Assim me incita a memória dentro de mim. Ghanima olhou para ele.
— O conhecimento demasiado não torna fáceis as decisões.

3

O sietch era na orla do deserto
Era de Liet, era de Kynes,
Era de Stilgar, era do Muad'Dib
E, uma vez mais, era de Stilgar.
Os Naibs, um por um, dormem na areia.
Mas o sietch continua.

— De uma canção Fremen

Alia sentia o coração batendo forte enquanto caminhava para longe dos gêmeos. Durante alguns segundos pulsantes, sentira-se compulsivamente próxima de ceder ao desejo de ficar com eles e pedir-lhes ajuda. Que tola fraqueza. A memória transmitiu uma calma advertência através de seu corpo.

Será que os gêmeos se atreveriam a praticar a presciência? O caminho que lhes engolfara o pai devia atraí-los — o transe da especiaria, com suas visões ondulantes do futuro, como gaze soprada por um vento inconstante.

"Por que não posso ver o futuro?", perguntou-se Alia. "Por mais que eu tente, por que ele me escapa?"

Os gêmeos devem ser levados a tentar, disse ela a si mesma. Eles podem ser atraídos para isso.

Afinal, possuem a curiosidade das crianças aliada a memórias que abrangem milênios.

"Exatamente como eu", pensou Alia.

Sua guarda abriu os selos de umidade da Entrad a Oficial do sietch e formou de lado, enquanto ela emergia para a plataforma de pouso onde os ornitópteros aguardavam. Havia um vento do deserto soprando poeira através do céu; entretanto, o dia era radioso. Emergir da luminosidade dos brilho-globos do sietch para a luz do dia lançou adiante seus pensamentos.

Por que Lady Jessica retornava nesse momento? Alguém teria contado histórias em Caladan, histórias sobre como a Regência era...

— Devemos apressar-nos, minha senhora — disse um dos guardas, erguendo sua voz acima dos sons do vento.

Alia deixou que a ajudassem a subir no ornitóptero e prendeu o arreio de segurança, mas seus pensamentos continuavam saltando adiante.

"Por que logo agora?"

Enquanto as asas do ornitóptero batiam e a aeronave deslizava no ar, Alia sentiu a pompa e o poder de sua posição como se fossem coisas físicas... Mas eram tão frágeis, oh, como eram frágeis! Por que logo agora, quando seus planos ainda não estavam concluídos?

As névoas poeirentas se ergueram, levadas pelo vento, e ela pôde ver a luz do sol brilhando sobre a nova paisagem do planeta: amplas extensões de vegetação verde onde um dia predominara a terra ressequida.

"Sem uma visão do futuro, eu posso falhar. Oh, que mágica eu poderia realizar se ao menos pudesse ver como Paul via! Não é amargura o que me trazem as visões prescientes."

Uma fome atroz estremeceu através dela e Alia desejou poder abdicar de tal poder. Oh, ser como os outros eram, cegos na mais segura de todas as cegueiras, vivendo apenas a hipnótica meia vida na qual o choque do nascimento precipita a maio ria dos humanos. Mas não! Nascera uma Atreides, vítima de uma consciência com a profundidade de eras que lhe fora imposta pelo vício de sua mãe.

"Por que minha mãe está de volta hoje?"

Gurney Halleck estaria com ela — sempre o servo dedicado, o assassino de aluguel de modos feios, leal e direto, um músico que executava um assassinato ou alegrava o ambiente com igual tranquilidade, tocando sua baliset de nove cordas. Alguns diziam que ele se tornara o amante de sua mãe. Isso era algo que devia descobrir. Podia revelar-se uma informação valiosa.

O desejo de ser como os outros a abandonou.

"Leto deve ser levado ao transe da especiaria."

Lembrava-se de ter perguntado ao garoto como ele se portaria com relação a Gurney Halleck. E Leto, sentindo os significados subjacentes à pergunta, dissera que Halleck era leal, mas "com uma falha". E acrescentara:

— Ele adorava... meu pai.

Notara a pequena hesitação. Leto quase dissera "me adorava" em vez de "adorava meu pai"...

Sim, às vezes era difícil distinguir a memória genética da pessoa. E Gurney Halleck só tornaria essa distinção mais difícil para Leto.

Um sorriso cruel tocou os lábios de Alia.

Gurney preferira retornar a Caladan com Lady Jessica após a morte de Paul. Sua volta deixaria muitas coisas emaranhadas. Voltando a Arrakis, ele adicionaria suas próprias complexidades às linhas já existentes. Ele servira ao

pai de Paul, e desse modo prosseguia na sucessão: de Leto I para Paul, de Paul para Leto II. E, saindo do programa de procriação Bene Gesserit, de Jessica para Alia, de Alia para Ghanima — uma ramificação. Gurney, aumentando a confusão de identidades, poderia revelar-se valioso.

"Que faria ele se descobrisse que carregamos o sangue dos Harkonnen que ele odeia tanto?"

O sorriso nos lábios de Alia tornou-se introspectivo. Os gêmeos eram, apesar de tudo, crianças.

Eram como crianças com incontáveis ancestrais, cujas memórias pertenciam a outros e a elas próprias.

Iriam ficar de pé, na saliência da entrada do Sietch Tabr, e observar o rastro deixado pela nave de sua avó ao pousar na Bacia de Arrakeen. Aquela marca flamejante da passagem da nave, bem visível no céu... isso tornaria a chegada de Jessica mais real para seus netos?

"Minha mãe vai me indagar quanto ao treinamento deles", pensou Alia. "Terei misturado as disciplinas prana bindu com a ponderação adequada? E eu lhe direi que eles treinam a si mesmos, exatamente como eu fiz. E lhe citarei as palavras de seu próprio neto: 'Entre as responsabilidades do comando está a necessidade de punir... mas somente quando a vítima assim o exige.'"

Alia concluiu então que, se ao me nos conseguisse manter a atenção de Lady Jessica suficientemente voltada para os gêmeos, outros poderiam escapar de sua inspeção minuciosa.

Tal coisa poderia ser feita. Leto era muito parecido com Paul. E por que não seria? Ele poderia ser Paul quando quisesse. Até mesmo Ghanima possuía essa perturbadora habilidade.

"Exatamente como eu posso ser minha mãe, ou qualquer uma das outras que partilharam suas vidas conosco."

Desviou-se desse pensamento e olhou para a paisagem da Muralha Escudo, que passava. E então: "Como terá sido deixar a morna segurança de Caladan, com sua riqueza de água, e retornar a Arrakis, este planeta desértico onde seu Duque foi assassinado e seu filho morreu como um mártir?"

Por que Lady Jessica estaria voltando agora?

Alia não encontrou resposta — nenhuma resposta certa. Ela podia compartilhar a consciência do ego de outras, mas, onde as experiências seguiam seus diferentes caminhos, seus motivos igualmente divergiam. A matéria-prima para as decisões jazia em ações particulares executadas por indivíduos. Para os pré-nascidos, para os muito-nascidos Atreides, esta permanecia como uma realidade suprema. Em si mesma, outro tipo de nascimento: fora a separação absoluta da carne que vivia e respirava ao deixar o ventre materno que a afligira

com a consciência múltipla.

Alia não achava estranho que ao mesmo tempo amasse e odiasse sua mãe. Era uma necessidade, um equilíbrio necessário que não deixava espaço para culpa ou remorso. Onde poderia acabar o amor ou o ódio? Seria possível culpar as Bene Gesserit por terem colocado Lady Jessica em determinado caminho? A culpa torna-se difusa quando a memória abrange, milênios. A Irmandade buscara apenas gerar um Kwisatz Haderach: o equivalente masculino de uma Reverenda Madre plenamente desenvolvida... e mais — um ser humano de sensibilidade e consciência superiores, o Kwisatz Haderach, que poderia estar em muitos lugares simultaneamente. Lady Jessica fora meramente um peão nesse programa de procriação e tivera o mau gosto de se apaixonar pelo parceiro a que fora destinada.

Respondendo aos desejos de seu Duque, ela gerara um filho em vez da filha que a Irmandade desejava como primogênita.

“Deixando-me para nascer somente depois que já se viciara na especiaria. E agora elas não me querem. Agora elas me temem! Com boas razões...”

Elas conseguiram Paul, seu Kwisatz Haderach, uma geração mais cedo — um pequeno erro de cálculo num plano muito amplo. E agora tinham outro problema: a Abominação, que carregava consigo os preciosos genes que elas buscaram por tantas gerações.

Alia sentiu uma sombra passar sobre si e olhou para o alto. Sua escolta estava assumindo uma posição de guarda mais elevada, preparatória para o pouso. Sacudiu a cabeça, admirada com o modo como seus pensamentos tinham vagueado. Qual era a vantagem de recuperar a memória de antigas vidas só para misturar seus erros? Essa era uma vida nova.

Duncan Idaho voltara sua consciência mentat sobre a questão do motivo pelo qual Lady Jessica escolhera essa ocasião para retornar. Avaliara o problema no estilo de computador humano que era sua habilidade £ dissera que ela voltava para entregar os gêmeos à Irmandade. Os gêmeos também tinham os preciosos genes, e Duncan podia estar certo. Isso poderia ser o suficiente para ter retirado Lady Jessica de sua auto-imposta reclusão em Caladan. Se a Irmandade ordenasse... Bem, por que mais ela voltaria ao cenário de tanta coisa que lhe devia ser tão dolorosa?

— Veremos — murmurou Alia.

Sentiu o ornitóptero tocar o teto de seu Castelo, uma pontuação positiva e incisiva que a enchia de sombrias expectativas.

4

“melange (mé-lange também malanj) origem incerta (embora se acredite que derive do antigo franzh terrano): a. composto de especiarias; b. especiaria de Arrakis (Duna) com propriedades geriátricas percebidas pela primeira vez por Yanshuph Ashkoko, químico real do reino de Shakkad, o Sábio; melange de Arrakeen, encontrada apenas nas areias mais profundas do deserto de Arrakis, ligada às visões proféticas de Paul Muad’Dib (Atreides), primeiro Mahdi dos Fremen; também empregada pelos Navegadores da Corporação Espacial e pelas Bene Gesserit.”

— Dicionário Real quinta edição

Os dois grandes felinos aproximaram-se do penhasco à primeira luz da aurora, andando com facilidade. Ainda não se encontravam em plena caçada, apenas patrulhavam seu território. Eram conhecidos como tigres Laza, uma raça especial trazida para o planeta Salusa Secundus quase 8 mil anos atrás. A manipulação genética da antiga espécie terra na apagara algumas características desses tigres, ao mesmo tempo em que aperfeiçoara outros elementos. As presas permaneciam longas. As faces eram largas, com olhos alertas e inteligentes. As patas haviam sido aumentadas para lhes dar suporte em terreno acidentado, e suas unhas embainhadas podiam estender-se por mais de 10 centímetros, as pontas afiadas como navalhas pela compressão abrasiva das bainhas. A pelagem era de uma tonalidade bronze uniforme para torná-los quase invisíveis sobre o terreno arenoso.

Ainda de outro modo diferiam de seus ancestrais: servo-estimuladores haviam sido implantados em seus cérebros enquanto eram filhotes. Esses estimuladores os transformavam em marionetes de qualquer um que possuísse um transmissor.

Estava frio e quando os felinos pararam, examinando o terreno, sua respiração condensou-se em vapor sobre o ar. Em torno deles se estendia um a árida e estorricada região de Salusa Secundus, lugar que abrigava umas poucas trutas da areia contrabandeadas de Arrakis e mantidas precariamente vivas no sonho de que um dia o monopólio da melange pudesse ser quebrado. No lugar

onde os felinos se encontravam, a paisagem era marcada por rochas cor de cobre e alguns arbustos esparsos, de um verde prateado às longas sombras do sol nascente.

Com o mais leve dos movimentos, os grandes gatos ficaram subitamente alertas. Seus olhos voltaram-se lentamente para a esquerda e então suas cabeças se viraram. Lá embaixo, no terreno desolado, duas crianças subiam de mãos dadas por um leito seco de aluvião. Pareciam ter uma idade em torno de nove ou 10 anos-padrão. Ambas tinham cabelos ruivos e usavam trajes-destiladores parcialmente cobertos por ricos mantos bourka de cor branca, que exibiam em torno da bainha e no capuz a crista do falcão da Casa Atreides, delineada com fio de gema flamejante. Enquanto caminhavam, as crianças conversavam alegremente e suas vozes eram levadas com clareza até os felinos. Os tigres Laza conheciam esse jogo; já o haviam jogado antes, mas permaneciam imóveis, aguardando o disparo do sinal de perseguição em seus servo-estimuladores.

Agora, um homem surgiu no topo do penhasco, acima dos felinos. Ele parou e observou a cena: tigres, crianças. Usava o uniforme de trabalho dos Sardaukar, cinza e negro, com a insígnia de um Levenbrech, ajudante de um Bashar. Um arreio passado por trás do pescoço e sob os braços prendia a seu peito o servo-transmissor, uma embalagem de pouca espessura em que as chaves de controle podiam ser alcançadas facilmente com ambas as mãos.

Os felinos não se voltaram com sua aproximação. Conheciam esse homem pelo cheiro e pelo som. Ele desceu até se colocar a dois passos dos tigres e limpou o suor da testa. O ar estava frio, mas o trabalho era quente. Novamente seus olhos pálidos esquadrinharam a cena: tigres, crianças. Endireitou um fio de cabelo úmido e louro sob o negro capacete de trabalho e tocou o microfone implantado em sua garganta.

— Os gatos já os avistaram.

A resposta chegou através de receptores implantados atrás de cada orelha.

— Podemos vê-los.

— Agora? — indagou o Levenbrech.

— Será que eles o farão sem o comando de perseguição? — retrucou a voz.

— Eles estão prontos — disse o Levenbrech.

— Muito bem, vejamos se quatro sessões de condicionamento já são suficientes.

— Diga-me quando estiver pronto.

— Quando quiser.

— Agora, então — disse o Levenbrech.

Tocou o botão vermelho do lado direito de seu servo-transmissor, primeiro

soltando a barra que protegia a chave. Agora, os felinos encontravam-se livres de qualquer impulso inibidor transmitido.

Manteve a mão sobre um botão preto, abaixo do vermelho, pronto a deter os animais, caso se voltassem contra ele. Mas eles nem o notaram, agachando-se e começando a descer a encosta em direção às crianças. Suas grandes patas resvalavam em movimentos suaves.

O Levenbrech agachou-se para observar, sabendo que em algum lugar perto dele um transolho oculto transmitia toda a cena para um monitor secreto dentro do castelo onde vivia o Príncipe.

Dentro em pouco os felinos começaram a trotar e depois a correr.

As crianças, sua atenção voltada para a subida através do terreno rochoso, ainda não haviam percebido o perigo. Uma delas riu, um som alto e agudo no ar límpido. A outra tropeçou e, ao recuperar o equilíbrio, viu os tigres. Apontou, dizendo:

— Olhe!

Ambas pararam, olhando para essa interessante intrusão em suas vidas. E ainda estavam de pé, imóveis, quando os tigres as atingiram, um sobre cada criança. As crianças morreram abruptamente, com os pescoços quebrados. Então, os felinos começaram a devorá-las.

— Devo chamá-los de volta? — indagou o Levenbrech.

— Deixe que terminem. Eles agiram bem. Sabia que o fariam. Esse par é soberbo.

— Os melhores que já vi — concordou o Levenbrech.

— Então está bem. Já estamos enviando o transporte para buscá-lo. Desligando agora.

O Levenbrech levantou-se e se espreguiçou. Conteve o impulso de olhar diretamente para a elevação à sua esquerda, onde uma cintilação reveladora indicaria a localização do transolho que transmitira essa esplêndida performance ao seu Bashar, lá longe, nas terras verdejantes do Capitólio. O Levenbrech sorriu. Esse dia de trabalho ia valer-lhe uma promoção. Já podia sentir a insígnia de Bator em seu colarinho e um dia... Burseg... Talvez mesmo Bashar. As pessoas que serviam bem no exército de Farad'n, neto do falecido Shaddam IV, recebia m belas promoções. E um dia, quando o Príncipe estivesse sentado no trono que lhe pertencia por direito, haveria promoções ainda maiores. O posto de Bashar não seria o ponto final. Ainda havia baronatos e condados para serem exercidos nos muitos mundos desse reino... quando os gêmeos Atreides tivessem sido eliminados.

5

Os Fremen devem retornar à sua fé original, ao seu gênio em formar comunidades humanas. Eles devem retornar ao passado, onde sua lição de sobrevivência foi aprendida na luta contra Arrakis. O único negócio dos Fremen devia ser a tarefa de abrir sua alma aos ensinamentos interiores. Os mundos do Império, a Landsraad e a Confederação CHOAM não lhes trazem nenhuma mensagem. Apenas roubam suas almas.

— O Pregador de Arrakeen

Por todas as direções à volta de Lady Jessica, estendendo-se pela monótona uniformidade da planície de pouso, sobre a qual seu transporte repousava, chiando e estalando após o mergulho desde o espaço, se erguia um oceano de humanidade. Ela estimava que meio milhão de pessoas ali se encontrassem e apenas um terço delas fosse de peregrinos. Mantinham-se em espantoso silêncio, a atenção fixa na plataforma de descarga do transporte, onde as sombras da comporta escondiam Jessica e seu séquito.

Faltavam duas horas para o meio-dia, mas o ar acima da multidão já refletia uma ondulação poeirenta, prenunciando o calor que viria.

Jessica levou a mão aos cabelos cor de cobre, riscados de prata no ponto em que emolduravam seu rosto oval, abaixo do capuz aba de Reverenda Madre. Sabia não estar com sua melhor aparência após uma viagem tão longa, e o negro do manto não era sua cor favorita. Entretanto, já havia usado esse traje antes e a significação do manto aba nã o seria despercebida pelos Fremen. Suspirou. As viagens espaciais não eram coisa que se harmonizasse com ela, e havia ainda a carga extra de suas memórias — aquela outra viagem de Caladan para Arrakis, quando seu Duque fora forçado a aceitar esse feudo contra sua vontade.

Lentamente, sondando com suas habilidades de Bene Gesserit para detectar minúcias significativas, ela esquadrinhou o mar de gente. Havia capuzes de trajes-destiladores cinzentos, vestimentas dos Fremen do deserto profundo, havia peregrinos em mantos brancos, com as marcas da penitência sobre seus ombros, e bolsões dispersos de ricos mercadores, com roupas leves e sem os capuzes para exibirem seu desdém pela perda da umidade no ar ressequido de

Arrakeen... e lá estava a delegação da Sociedade dos Fiéis, com mantos verdes e cabeças cobertas por capuzes pesados, destacados na santidade de seu próprio grupo.

Somente quando ela erguia o olhar acima da multidão é que a cena adquiria alguma similaridade com aquela que a recebera em sua chegada, junto de seu amado Duque. Há quanto tempo isso ocorrera? "Mais de 20 anos." Não gostava de pensar no tempo transcorrido entre essas duas ocasiões.

O tempo era como um peso morto dentro dela, como se os anos longe desse planeta nunca houvessem existido.

"Uma vez mais na boca do dragão", pensou.

Aqui, sobre essa mesma planície , seu filho havia arrebatado o Império das mãos do falecido Shaddam IV. Uma convulsão na história que imprimira esse lugar nas mentes e nas crenças dos homens.

Ouviu os movimentos inquietos de seu séquito lá atrás, e novamente suspirou. Eles deviam esperar por Alia, que se atrasara. O grupo de Alia já podia ser visto aproximando-se pela extremidade mais distante da multidão, criando uma onda humana enquanto a cunha de Guardas Reais abria passagem.

Jessica esquadrinhou a paisagem mais uma vez. Muitas diferenças submetiam-se a seu olhar inquiridor. Uma sacada para preces fora acrescentada à torre de controle do campo. E bem distante, à esquerda, do outro lado da planície, erguia-se a assombrosa pilha de plasteel que Paul construíra como sua fortaleza — seu "sietch acima da areia". Era a maior construção integrada individual que já se erguera pela mão do homem. Cidades inteiras poderia m ter sido alojadas entre suas paredes, e ainda teria sobrado espaço.

Agora, abrigava a mais poderosa força de governo em todo o Império, a "Sociedade dos Fiéis" de Alia, que esta erguera sobre o corpo do irmão.

"Esse lugar deve desaparecer", pensou Jessica.

A delegação de Alia alcançara o pé da rampa de desembarque e lá permanecia na expectativa.

Jessica reconheceu as feições vincadas de Stilgar . E Deus nos livre! Lá estava a Princesa Irulan, escondendo sua selvageria naquele corpo sedutor, com sua touca de cabelos dourados revelando-se ao capricho de uma brisa. Irulan parecia não ter envelheci do um dia sequer. Isso era uma afronta. E lá, na ponta da cunha, encontrava-se Alia, com as feições imprudentemente juvenis, os olhos voltados para cima, na direção das sombras da comporta. A boca de Jessica comprimiu-se numa linha reta enquanto ela observava o rosto da filha. Uma sensação desagradável pulsou através de seu corpo e ela ouviu o bater de ondas de sua própria vida soando em seus ouvidos. Os rumores eram verdadeiros. Horrível! Horrível! Alia mergulhara no caminho proibido. A evidência lá estava

para que qualquer iniciada pudesse ler. Abominação!

Nos poucos momentos que levou para se recobrar, Jessica percebeu o quanto desejara concluir que os rumores eram infundados.

"E quanto aos gêmeos?", perguntou-se. "Estarão perdidos também?"

Lentamente, como convinha à mãe de um deus , Jessica caminhou para fora das sombras, chegando à borda da rampa. Seu séquito permaneceu atrás, conforme as instruções recebidas. Os momentos seguintes seriam cruciais . Jessica encontrava-se sozinha, plenamente visível pela multidão.

Ouviu Gurney Halleck tossir nervosamente lá atrás. Gurney fizera objeções:

— Não vai usar nem mesmo um escudo? Por deus, mulher! Está louca!

Entretanto, entre as características mais valiosas de Gurney estava um núcleo de obediência. Ele daria sua opinião, mas depois obedeceria. Como agora obedecia.

Quando Jessica surgiu, o mar humano emitiu um som semelhante ao assovio de um gigantesco verme da areia. Ela ergueu os braços no gesto de bênção com que o clero condicionara o Império. Com perceptíveis bolsões de retardatários, mas ainda assim como um único e gigantesco organismo, as pessoas caíram de joelhos. Até mesmo o cortejo oficial acompanhou esse movimento.

Jessica marcara bem os grupos que se haviam atrasado na genuflexão e sabia que outros olhos além dos seus, atrás dela e entre seus agentes disseminados na multidão, haviam memorizado um mapa temporário, marcando as posições dos retardatários.

E enquanto Jessica caminhava com os braços erguidos, Gurney e seus homens saíram. Eles se moveram com rapidez, passando por ela rampa abaixo e ignorando os olhares de espanto do cortejo oficial. Uniram-se aos agentes, que se identificaram por meio de sinais manuais. Rapidamente, dispersaram-se por entre o mar humano, saltando por sobre grupos de figuras ajoelhadas, correndo através de passagens estreitas entre os fiéis. Alguns de seus alvos perceberam o perigo e tentaram fugir.

Esses foram os mais fáceis: uma faca atirada ou o laço de um garrote e os fugitivos tombaram. Os outros foram levados para fora da aglomeração, mãos amarradas, pés acorrentados.

Enquanto tudo isso acontecia, Jessica permanecia com os braços estendidos, abençoando a multidão com sua presença e mantendo-a submissa. Ela percebia o indício dos rumores se espalhando e sabia qual seria o boato predominante, pois este fora plantado: "A Reverenda Madre volta para estirpar os negligentes. Abençoada seja a mãe de nosso Senhor!"

Quando tudo terminou — alguns corpos sem vida estendidos na areia, prisioneiros conduzidos para as celas debaixo da torre de controle —, Jessica abaixou os braços. Apenas três minutos haviam transcorrido. Sabia ser pouco provável que Gurney e seus homens houvessem atingido alguns dos líderes da oposição, aqueles que representavam a ameaça maior. Estes seriam alertas e perspicazes. Mas os cativos poderiam revelar alguns peixes interessantes, ao lado da quota normal de inúteis e simplórios.

Jessica abaixou os braços e as pessoas avançaram, aclamando-a a seus pés.

Como se nada de extraordinário houvesse acontecido, ela desceu a rampa sozinha, evitando a filha e concentrando sua atenção em Stilgar. A barba negra, que se espalhava sobre o colarinho do capuz do traje-destilador num turbulento delta, já mostrava algumas marcas cinzentas. Seus olhos, entretanto, mantinham aquela mesma intensidade com que se haviam apresentado em seu primeiro encontro no deserto. Stilgar sabia o que acabara de acontecer, e o aprovara. Ali estava um verdadeiro Naib Fremen, um líder de homens capaz de tomar decisões sangrentas. Suas primeiras palavras foram inteiramente adequadas.

— Bem-vinda ao lar, Minha Senhora. É sempre um prazer testemunhar uma ação direta e efetiva.

Jessica se permitiu um pequeno sorriso.

— Feche o porto, Stil. Ninguém sai até termos interrogado aqueles que apanhamos.

— Já está feito, Senhora. Planejei tudo isso com o homem de Gurney.

— Aqueles que ajudaram, então, eram seus homens.

— Alguns deles, Minha Senhora.

Ela notou a reserva oculta e assentiu com a cabeça.

— Você me observou muito bem naqueles dias, Stil.

— Como um dia se esforçou para me ensinar, Minha Senhora, a gente observa os sobreviventes e aprende com eles.

Alia deu um passo à frente e Stilgar se colocou de lado, enquanto Jessica confrontava sua filha.

Sabendo que não havia modo de esconder o que descobrira, Jessica nem mesmo tentou disfarçar. Alia podia ler minúcias quando era preciso, como qualquer adepta da Irmandade. Ela já saberia, pelo comportamento de Jessica, o que fora visto e interpretado. Elas eram inimigas para as quais o termo mortal seria apenas superficial.

Alia preferiu a raiva como reação mais fácil e adequada.

— Como se atreve a planejar uma ação como essa sem me consultar? — quis saber, levando o rosto para perto do de Jessica.

Jessica falou com brandura:

— Como acaba de ouvir, Gurney nem ao menos me participou o plano todo. Era como se...

— E você, Stilgar? — disse Alia, voltando-se para ele. — A quem você dedica sua lealdade?

— Meu juramento é para com os filhos do Muad'Dib — respondeu Stilgar rapidamente. — Ainda não eliminamos a ameaça que paira sobre eles.

— E por que a ação não a encheu de alegria... filha?

Alia piscou os olhos, olhou para a mãe, contendo a tempestade interior, e até mesmo conseguiu abrir um sorriso direto.

— Eu estou cheia de alegria... mãe.

Para sua própria surpresa, Alia descobriu-se feliz, experimentando um terrível prazer que se derramava, afinal, entre ela e sua mãe. O momento temido se passara e a balança do poder não se alterara.

— Discutiremos isso com maiores detalhes em ocasião mais conveniente — acrescentou Alia, falando para a mãe e para Stilgar.

— Mas é claro — respondeu Jessica, voltando-se para Irulan com um movimento que indicava o encerramento da entrevista.

Durante umas breves batidas do coração, Jessica e a Princesa ficaram em silêncio, uma diante da outra — duas Bene Gesserit que haviam rompido com a Irmandade pela mesma razão: o amor...

Ambas pelo amor de homens que agora estavam mortos. A Princesa amara Paul em vão, tornando-se sua esposa, mas não sua mulher. E agora vivia unicamente para as crianças que Paul ganhara de sua concubina Fremen, Chani.

Jessica foi a primeira a falar:

— Onde estão meus netos?

— No Sietch Tabr.

— É muito perigoso para eles aqui. Eu compreendo.

Irulan permitiu-se um fraco aceno com a cabeça. Observara o diálogo entre Jessica e Alia, mas o interpretara da maneira pela qual Alia a havia preparado: "Jessica retornou à Irmandade e ambas sabemos que elas têm planos para os filhos de Paul." Irulan nunca fora a adepta mais dedicada da Bene Gesserit, sendo mais valiosa pelo fato de ser filha de Shaddam IV do que por qualquer outra razão.

Frequentemente orgulhosa demais para se esforçar, aperfeiçoando suas capacidades, agora tomava partido com uma rapidez que lhe desmerecia o treinamento.

— Realmente, Jessica — disse Irulan. — O Conselho Real devia ter sido consultado. Foi errado de sua parte trabalhar somente através de...

— Devo acreditar que nenhuma de vocês confia em Stilgar? — indagou Jessica.

Irulan tinha suficiente sagacidade para saber que não podia haver resposta a essa pergunta.

Ficou feliz quando os delegados do clero, incapazes de conter sua impaciência, abriram caminho, aproximando-se. Trocou um breve olhar com Alia, pensando: "Jessica continua arrogante e confiante como sempre." Entretanto, um axioma Bene Gesserit brotou em sua mente: "Os que são arrogantes erguem muralhas atrás das quais tentam ocultar seus medos e suas dúvidas." Seria esse o caso de Jessica? Certamente que não. Então, devia ser pose. Mas com que propósito? Essa questão perturbava Irulan.

Os sacerdotes foram ruidosos ao tomarem conta da mãe do Muad'Dib. Alguns limitaram-se a lhe tocar os braços, outros curvaram-se e lhe dirigiram saudações. Afinal, os líderes da delegação tiveram sua vez com a Mais Sagrada Reverenda Madre, aceitando os papéis preestabelecidos — "Os últimos serão os primeiros" — com sorrisos ensaiados e dizendo-lhe que a cerimônia oficial de Purificação a aguardava no Castelo, a velha fortaleza de Paul.

Jessica observou o par, achando-o repelente. Um deles chamava-se Javid, jovem de feições carrancudas e face arredondada, com olhos sombrios que não ocultavam as suspeitas que habitavam suas profundezas. O outro era Zebataleph, o segundo filho de um Naib que ela conhecera durante seus dias como Fremen, como ele não demorou a lhe lembrar. Este era fácil de classificar: a jovialidade unida à crueldade, rosto magro com barba loura e um ar de secreta excitação e profundo conhecimento.

Considerou Javid o mais perigoso dos dois, um conselheiro particular, simultaneamente magnético e — não conseguia encontrar palavra melhor — repelente. Achou seu sotaque estranho, cheio de velhas pronúncias Fremen, como se originário de algum bolsão isolado.

— Diga-me, Javid — perguntou. — De onde você vem?

— Não sou mais que um simples Fremen do deserto — respondeu, cada sílaba desmentindo sua declaração.

Zebataleph introduziu-se na conversa com uma deferência agressiva, quase zombeteira.

— Temos muito a discutir sobre os velhos dias, Minha Senhora. Fui um dos primeiros, como sabe, a reconhecerem a sagrada natureza da missão de seu filho.

— Mas você não era um dos Fedaykin — disse ela.

— Não, Minha Senhora. Eu tinha uma inclinação mais filosófica, de modo que estudei para o sacerdócio.

“E assim assegurou a preservação de sua pele”, pensou ela. Javid lembrou:

— Eles esperam por nós no Castelo, Minha Senhora. Novamente ela considerou o estranho sotaque como questão em aberto, a exigir resposta.

— Quem aguarda por nós? — indagou.

— A Assembléia da Fé. Todos aqueles que mantém brilhantes o nome e os feitos de seu sagrado filho — respondeu Javid.

Jessica olhou à sua volta, viu Alia sorrindo para Javid e perguntou:

— Esse homem é um dos que você nomeou, filha? Alia assentiu com a cabeça.

— Um homem destinado a grandes feitos.

Mas Jessica notou que Javid não sentia prazer por receber essa atenção, e marcou-o para um estudo especial a ser feito por Gurney. E lá vinha Gurney, com cinco homens de confiança, assinalando que tinham vadios suspeitos sob interrogatório. Caminhava com o passo gingado de um homem poderoso, o olhar relampejando à esquerda e à direita, cada músculo fluindo na tranquila vigilância que ela lhe ensinara a partir do manual prana-bindu das Bene Gesserit. Gurney era uma feia montanha de reflexos treinados, um matador aterrorizante para alguns, mas Jessica o amava e valorizava acima de qualquer outro homem vivo. A cicatriz de um chicote inkvine ondulava em sua mandíbula, dando-lhe uma aparência sinistra, mas um sorriso suavizou-lhe a face quando ele viu Stilgar.

— Muito bem feito, Stil — disse. E seguraram os braços um do outro à maneira Fremen.

— A Purificação — disse Javid, tocando o braço de Jessica. Jessica recuou, escolhendo as palavras cuidadosamente através do poder controlador da Voz, o tom e a pronúncia calculados para obter um preciso efeito emocional sobre Javid e Zebataleph.

— Eu voltei a Duna para ver meus netos. Devemos perder tempo com essa tolice sacerdotal?

Zebataleph reagiu com um choque, o queixo caído, os olhos arregalados olhando para ver quem tinha pronunciado essas palavras. E marcando cada uma delas. “Tolice sacerdotal!” Que efeito isso teria, vindo da mãe do messias?

Javid, contudo, confirmou a avaliação de Jessica. Sua boca assumiu uma expressão cruel, e ele sorriu. Os olhos não corresponderam ao sorriso nem se desviaram para marcar os outros ouvintes.

Javid conhecia cada membro desse grupo. Tinha um mapa mental assinalando todos aqueles que, de agora em diante, deviam ser vigiados com cuidado especial. Somente segundos depois Javid parou de sorrir com uma brusquidão que já revelava ter percebido que se traíra. Ele não falhara no trabalho de casa: conhecia os poderes de observação de Lady Jessica. Com um

breve aceno da cabeça, reconheceu-os.

Num lampejo de avaliação, Jessica pesou as necessidades. Bastaria um sutil sinal com a mão para Gurney, e Javid seria morto. Isso poderia ser feito ali mesmo, para causar impacto, ou mais tarde, de modo a parecer um acidente.

Pensou: “Quando tentamos ocultar nossos impulsos mais internos, todo o ser grita, revelando-nos.” Seu treinamento Bene Gesserit voltou-se para essa revelação, que elevava as adeptas acima dessa fraqueza e lhes ensinava a ler a carne aberta dos outros. Ela via a inteligência de Javid como valiosa, um peso temporário na balança. Se ele pudesse ser conquistado, seria o elo de que necessitava, a brecha dentro do clero de Arrakeen. E era um dos homens de Alia.

Então, Jessica disse:

— Minha delegação oficial deve permanecer pequena. No entanto, temos espaço para mais um. Javid, você se unirá a nós. Sinto muito, Zebataleph. E Javid... eu comparecerei a essa... cerimônia, se assim insistir.

Javid tomou fôlego e disse em voz baixa:

— Se a mãe do Muad’Dib assim ordena. — Olhou para Alia, para Zebataleph e de volta para Jessica. — É doloroso para mim atrasar seu encontro com seus netos, mas existem, ahh, razões de Estado...

Jessica pensou: “Bom. Ele é, acima de tudo, um homem de negócios. Uma vez determinado o seu preço, poderemos comprá-lo.”

Encontrou-se apreciando o fato de ele insistir em sua preciosa cerimônia. Essa pequena vitória lhe daria poder entre os companheiros, e ambos sabiam disso. Aceitar sua Purificação podia ser um preço baixo a pagar por serviços posteriores.

— Presumo que já tenha providenciado o transporte — disse ela.

6

Eu lhes dou o camaleão do deserto, cuja habilidade em se confundir com o terreno lhes revela tudo que precisam

saber a respeito das raízes da ecologia e dos alicerces de uma identidade pessoal.

— Livro de Diatribes, das Crônicas de Hayt

Leto estava sentado, tocando um pequeno baliset que lhe fora enviado, em seu quinto aniversário, por um artista consumado naquele instrumento: Gurney Halleck. Em quatro anos de prática, Leto conseguira certa fluência, embora as duas cordas graves laterais ainda lhe causassem problema. Ele achava o baliset tranquilizador, contudo, quando seus sentimentos o perturbavam, fato que não passara despercebido a Ghanima. Ele estava sentado, à luz do poente, numa saliência rochosa situada na extremidade sul de um afloramento de rochas escarpadas que protegiam dos ventos o Sietch Tabr. Suavemente, dedilhava o baliset.

Ghanima encontrava-se atrás dele, sua pequena figura irradiando protesto. Ela não quisera ir até ali, um espaço aberto, depois de saber, através de Stilgar, que a avó se atrasara em Arrakeen. Em particular, fazia objeções ao fato de ir àquele lugar perto do cair da noite. Tentando apressar o irmão, indagou.

— Bem, como é?

Como resposta, ele começou outra melodia.

Pela primeira vez, desde que aceitara o presente, Leto, sentia-se intensamente cônscio do fato de que esse baliset era obra de um mestre artesão de Caladan. Leto tinha memórias herdadas capazes de afligi-lo com uma profunda nostalgia pelo lindo planeta onde governara a Casa Atreides. Bastava relaxar suas barreiras interiores na presença dessa música para ouvir as memórias daqueles tempos, quando Gurney empregara o baliset para divertir seu amigo e aluno Paul Atreides. Com o baliset soando em suas mãos, Leto sentia-se uma vez mais dominado pela presença psíquica do pai. Ainda assim, continuou tocando, relaxando cada vez mais ao som do instrumento, a cada segundo que passava.

Sentia a absoluta e idealizada união dentro de seu ser, que sabia como

tocar esse baliset, embora seus músculos de nove anos de idade ainda não estivessem condicionados a essa consciência interior.

Ghanima bateu o pé, impaciente, sem perceber que acompanhava o ritmo da música tocada pelo irmão.

Fazendo uma careta de concentração, Leto interrompeu a música conhecida e tentou uma canção mais antiga que qualquer outra jamais tocada por Gurney. Uma canção que já era velha quando os Fremen emigraram para seu quinto planeta. As palavras ecoavam um tema Zensunni, e ele as ouvia em sua memória, enquanto seus dedos produziam uma vacilante versão da melodia.

A bela forma da Natureza
Contém uma essência adorável
Chamada por alguns de... decomposição.
Por essa adorável presença
A nova vida encontra seu caminho.
Lágrimas derramadas silenciosamente
São apenas água para a alma:
Elas trazem nova vida.
Para a dor dos seres...
Uma separação daquela cena
Que a morte torna completa.

Ghanima falou por trás dele, enquanto ele tocava a nota final.

— Eis uma música velha e sórdida. Por que logo essa?

— Porque é adequada.

— Vai tocá-la para o Gurney?

— Talvez.

— Ele vai chamá-la de tolice melancólica.

— Eu sei.

Leto olhou para Ghanima por sobre o ombro. Não lhe surpreendia que ela conhecesse a canção e a letra, mas sentiu súbita admiração pela singularidade de suas vidas gêmeas. Um deles podia morrer e no entanto permanecer vivo na consciência do outro, cada memória compartilhada permanecendo intacta, tão próximos estavam um do outro. Sentiu-se assustado pela teia atemporal daquela proximidade, e afastou o olhar da irmã. A teia continha fendas, disso ele sabia, e seu medo surgia das fendas mais recentes. Sentia suas vidas começando a se separar e se admirava: “Como posso contar-lhe a respeito dessa coisa que aconteceu somente comigo?”

Olhou para longe no deserto, vendo as sombras profundas atrás das barachans: aquelas dunas móveis, altas, em forma de crescente, que ondulavam ao redor de Arrakis. Era o Kedem, o deserto interior, e suas dunas raramente eram marcadas, nesses dias, pelas irregularidades provocadas com o avanço de um verme gigante. O poente desenhou traços sangrentos sobre as dunas, emprestando uma luz belicosa às bordas de sombra. Mergulhando do céu carmesim, um falcão capturou sua consciência, assim como um perdiz-das-rochas em pleno vôo.

Diretamente abaixo dele, no leito do deserto, plantas cresciam numa profusão de verdes, irrigadas por um qanat que fluía parcialmente a céu aberto, parcialmente em túneis por sob o solo. A água provinha de gigantescas armadilhas de vento situadas atrás dele, .no ponto mais elevado das rochas. A bandeira verde dos Atreides ondulava abertamente ali.

"Água e verde."

Os novos símbolos de Arrakis: a água e o verde.

Um oásis de dunas plantadas na forma de um diamante estendia-se abaixo de seu elevado posto de observação, fazendo-o focalizar sua atenção na aguda consciência dos Fremen. O som de sino de um pássaro noturno ressoou no penhasco abaixo, ampliando a sensação de estar vivendo momentos de um passado selvagem.

"Nous avons changé tout cela", pensou, usando com facilidade um dos antigos idiomas que ele e Ghanima empregavam em particular. "Nós alteramos tudo isto." Suspirou. "Oublier je ne puis." "Não posso esquecer."

Por trás do oásis, podia ver, sob a luz que diminuía, aquela terra que os Fremen chamavam "O Vazio". A terra onde nada cresce, a terra que nunca foi fértil. A água e o grande plano ecológico estavam mudando isso. Agora havia lugares em Arrakis onde se podia enxergar o verde tapete de pelúcia das colinas cobertas de florestas. Florestas em Arrakis! Alguns, dentre os membros da nova geração, achavam difícil imaginar que houvesse dunas debaixo daquelas verdes colinas ondulantes. Para esses olhos jovens, não havia choque algum em ver a folhagem plana das árvores de climas chuvosos.

Mas Leto se encontrava agora pensando à velha maneira dos Fremen, cauteloso com as mudanças, temeroso ante a presença do novo.

Ele disse:

— As crianças me contaram que raramente encontram a truta da areia aqui, próximo à superfície.

— Que se supõe que isso indique? — perguntou Ghanima com petulância em sua voz.

— As coisas estão começando a mudar muito rapidamente — respondeu

ele.

Novamente, o pássaro cantou nos penhascos e a noite caiu sobre o deserto, tal como o falcão caíra sobre a perdiz. A noite frequentemente o submetia a um assalto de memórias. Todas aquelas vidas interiores clamando por seu próprio momento. Ghanima não fazia objeção a esse fenômeno do modo como ele fazia. Sabia de sua inquietação, e ele sentiu sua mão sobre o ombro num gesto de simpatia.

Fez soar uma corda raivosa do baliset.

Como lhe poderia contar o que lhe estava acontecendo?

Dentro de sua cabeça havia guerras e vidas incontáveis parcelando memórias ancestrais: acidentes violentos, langores de amor, as cores de muitos lugares e de muitos rostos... as mágoas enterradas e a saltitante alegria das multidões. Ele ouviu elegias à primavera em planetas que não mais existiam, danças ao verde e à luz de fogueiras, gritos, saudações e uma quantidade inumerável de conversas.

Esse ataque era mais duro de suportar ao cair da noite, ao ar livre.

— Não devíamos entrar? — perguntou ela.

Ele sacudiu a cabeça e ela sentiu o movimento, percebendo, afinal, que seus problemas eram mais profundos do que havia suspeitado.

“Por que é tão frequente que eu assista ao cair da noite aqui fora?”, indagou a si próprio. Não sentira Ghanima retirar a mão.

— Você sabe por que se atormenta desse modo — ela disse.

Ele ouviu a leve repreensão na voz da irmã. Sim, sabia. A resposta estava lá, óbvia em sua consciência: “Porque aquele grande conhecido-desconhecido dentro de mim me movimenta como uma onda.” Sentia o ondular de seu passado como se cavalgasse uma prancha de surfe. Tinha as memórias da presciência de seu pai espalhando-se através do tempo, sobrepostas sobre tudo mais, e ainda assim queria todos aqueles passados. Ele os queria! E eles eram tão perigosos. Agora tinha total consciência disso, com essa nova coisa que teria que contar a Ghanima.

O deserto começava a brilhar sob a luz da Primeira Lua que surgia. Ele observou a falsa imobilidade das dobras de areia, a se estenderem para o infinito. À sua esquerda, a curta distância, encontrava-se o Criado, um afloramento de rocha que o impacto dos ventos carregados de areia reduzira a uma forma baixa e sinuosa, como um verme negro golpeando através das dunas. Algum dia, a rocha embaixo dele estaria aplainada de forma semelhante e o Sietch Tabr não mais existiria, exceto nas memórias de alguém como ele. Não duvidava de que nessa época haveria alguém como ele.

— Por que está olhando para o Criado? — perguntou Ghanima.

Ele deu de ombros. Em desafio às ordens de seus guardiães, ele e Ghanima iam com frequência até o Criado. Haviam descoberto ali um esconderijo secreto, e Leto agora sabia por que o lugar os atraía.

Embaixo dele, a uma distância reduzida pela escuridão, a extensão aberta de um qanat brilhava ao luar; sua superfície ondulava com os movimentos dos peixes predadores, que os Fremen sempre colocavam em suas reservas de água para evitar a truta da areia.

— Eu me coloco entre o peixe e o verme — murmurou ele.

— O quê?

Ele repetiu mais alto.

Ghanima levou a mão à boca, começando a suspeitar daquilo que o impulsionava. Seu pai havia agido assim; ela só tinha que consultar sua memória e comparar.

Leto estremeceu. Memórias que o prendiam a lugares que sua carne nunca conhecera apresentavam-lhe respostas a perguntas que nunca fizera. Via relacionamentos e acontecimentos desdobrando-se numa gigantesca tela interior. O verme da areia de Duna não atravessaria a água, um veneno para ele. E no entanto a água existira ali em tempos pré-históricos. Depressões de gipsita natural atestavam a existência de mares e lagos que haviam desaparecido. Poços, perfurados profundamente, encontravam água, mas eram logo selados pela truta da areia. Tão claramente como se houvesse testemunhado os acontecimentos, ele viu o que acontecera a esse planeta, e isso o encheu de um terrível presságio com relação às mudanças cataclísmicas que a intervenção humana estava trazendo.

Com a voz quase transformada num sussurro, ele disse:

— Eu sei o que aconteceu, Ghanima. Ela inclinou-se para junto dele.

— Sim?

— A truta da areia...

Ele ficou em silêncio e ela se perguntou por que Leto continuava se referindo à fase embrionária do gigantesco verme da areia desse planeta, mas não se atreveu a perguntar.

— A truta da areia — repetiu ele. — Foi introduzida aqui a partir de algum outro lugar. Este era um planeta úmido, então. Elas proliferaram além da capacidade dos ecossistemas existentes. Enquistaram toda a água livre disponível, transformando este planeta num deserto... e fizeram isso para sobreviver. Num planeta suficientemente seco, elas poderiam passar à fase de vermes da areia.

— As trutas da areia? — Ghanima sacudiu a cabeça, não porque duvidasse dele, mas porque não desejava sondar as profundezas onde ele colher a tais informações. E pensou: “Trutas da areia?”

Muitas vezes, na encarnação atual ou nas outras, ela participara daquele jogo infantil de espetar paus em busca da truta da areia, estimulando-as a entrar numa fina membrana de luva antes de levá-las ao alambique da morte, para tirar-lhes a água.

Era difícil pensar nessas pequenas criaturas irracionais como agentes de importantes eventos.

Leto assentiu para si mesmo. Os Fremen sempre haviam tido o conhecimento da necessidade de colocar peixes predadores em suas cisternas. A truta resistia ativamente às grandes acumulações de água junto à superfície do planeta. Peixes predadores nadavam naquele qanat lá embaixo. Os vetores do verme da areia podiam encarregar-se de pequenas quantidades de água, como aquela existente nas células da carne humana, por exemplo. Confrontadas com grandes corpos de água, porém, suas fábricas químicas enlouqueciam, explodindo na transformação mortal que produzia a perigosa melange concentrada, a droga final para a ampliação da consciência, empregada em frações diluídas durante as orgias dos sietch. O concentrado puro que levara Paul Muad'Dib através das muralhas do Tempo, rumo às profundezas do poço de dissolução em que nenhum outro ser humano do sexo masculino se atrevera a mergulhar.

Ghanima sentiu o irmão tremendo no lugar onde se sentava, diante dela.

— O que você fez? — ela quis saber.

Mas ele não estava disposto a abandonar sua própria cadeia de revelações.

— Poucas trutas da areia, a transformação ecológica do planeta...

— Elas resistem a isso, é claro — disse Ghanima, agora começando a entender o medo na voz dele, atraída para aquela coisa contra a própria vontade.

— Quando as trutas da areia acabarem, com elas acabarão todos os vermes — ele concluiu. — As tribos precisam ser advertidas.

— Não haverá mais especiaria — disse ela.

As palavras meramente tocavam os pontos mais elevados de um perigo sistêmico que ambos viam suspenso acima da intrusão humana nas antigas cadeias de relacionamento de Duna.

— É isso que Alia sabe — ele disse. — É por isso que ela se regozija.

— Como pode ter certeza disso?

— Eu tenho.

Agora ela sabia com certeza o que o perturbava , e sentia que esse conhecimento a deixava arrepiada.

— As tribos não acreditarão em nós se ela nos desmentir — ele disse.

Essa declaração tocava no problema principal de suas existências: que Fremen esperaria sabedoria da parte de uma criança de nove anos? E A lia,

adquirindo cada vez mais experiência a partir de sua própria quota de memórias, jogava com isso.

— Devemos convencer Stilgar — disse Ghanima.

Como se fossem apenas uma, suas cabeças se voltaram e ambos fitaram o deserto iluminado pelo luar. Era um lugar diferente agora, transmutado por aqueles poucos instantes de compreensão. A interferência humana sobre o ambiente nunca lhes fora mais evidente. Sentiam-se partes integrantes de um sistema dinâmico, mantido numa ordem delicadamente equilibrada. A nova perspectiva envolvia uma mudança real de consciência que lhes inundava de observações. Como Liet-Kynes dissera, o universo era o local de conversação constante entre populações animais. E a truta da areia falara a eles, como animais humanos.

— As tribos entenderiam uma ameaça à água — observou Leto.

— Mas é uma ameaça a mais do que a água. É uma... — e ela ficou em silêncio, compreendendo a profunda significação de suas palavras.

A água era o derradeiro símbolo do poder em Arrakis. Em suas raízes, os Fremen permaneciam como animais extremamente aplicados, sobreviventes do deserto, especialistas em manter o controle em condições de tensão. E a medida em que a água se tornava abundante, uma estranha transferência simbólica lhes ocorria, mesmo ao perceberem as antigas necessidades.

— Quer dizer uma ameaça ao poder — ela corrigiu.

— É claro.

— Mas será que vão acreditar em nós?

— Se o virem acontecendo, compreenderão o desequilíbrio.

— Equilíbrio — disse Ghanima, repetindo as palavras do pai, muito tempo atrás. — É isso que distingue um povo de uma turba.

Essas palavras fizeram com que as memórias do pai fluíssem sobre ele.

— Fatores econômicos versus beleza, uma história mais velha do que a Rainha de Sabá. — Suspirou, olhando para ela por sobre o ombro. — Estou começando a ter sonhos prescientes, Ghani.

Um soluço de espanto escapou da boca da irmã. Ele acrescentou:

— Quando Stilgar nos disse que nossa avó se atrasaria, eu já sabia disso. Agora, meus outros sonhos são duvidosos.

— Leto... — ela sacudiu a cabeça, os olhos úmidos. — Para nosso pai, eles vieram bem mais tarde. Não acha que pode ser...

— Em sonho me vi usando uma armadura e correndo através das dunas. E já estive em Jacurutu.

— Jacu... — ela limpou a garganta. — Aquele velho mito!

— Um lugar real, Ghani! Devo encontrar esse homem que chamam o

Pregador. Devo encontrá-lo e interrogá-lo.

— Acha que ele é... nosso pai?

— Faça a si mesma essa pergunta.

— Seria bem típico dele — concordou ela. — Mas...

— Não gosto das coisas que sei que terei de fazer. Pela primeira vez em minha vida, eu entendo meu pai.

Ela se sentiu excluída de seus pensamentos, e disse:

— O Pregador é, mais provavelmente, apenas um velho místico.

— Rezo para que seja — sussurrou ele. — Oh, como rezo por isso! — Inclinou o corpo para a frente e se levantou, o baliset soando em sua mão enquanto se movimentava. — Será que ele era apenas um Gabriel sem a trombeta? — Olhou em silêncio para o deserto iluminado pelo luar.

Ela voltou-se para olhar na mesma direção e viu o brilho fluorescente da vegetação que apodrecia na extremidade das plantações do sietch. Depois, a suave transição para as linhas das dunas.

Lá estava um lugar cheio de vida. Mesmo enquanto o deserto dormia, alguma coisa nele permanecia desperta. Ela podia sentir isso, ouvindo animais bebendo no qanat abaixo. A revelação de Leto havia transformado a noite: esse era um momento vivo, um tempo para descobrir regularidades na perpétua mudança, um instante para sentir aquele longo movimento de seu passado terrânico, todo ele embrulhado em suas memórias.

— Por que Jacurutu? — ela indagou, e a uniformidade de seu tom de voz perturbou aquela atmosfera.

— Por quê?... Não sei. Da primeira vez que Stilgar nos contou como eles mataram as pessoas que havia por lá e tornaram o lugar tabu, eu pensei... o mesmo que você. Mas agora o perigo vem de lá. E do Pregador.

Ghanima não replicou nem exigiu que ele compartilhasse mais de seus sonhos prescientes.

Sabia o quanto isso revelava a ele o terror que el a sentia. Aquele caminho levava à Abominação, ambos sabiam. A palavra pairou impronunciada entre eles, enquanto ele se virava e liderava a caminhada de volta, sobre as rochas da entrada do sietch. “Abominação.”

7

O Universo pertence a Deus. É uma coisa só, um todo sobre o qual todas as divisões podem ser identificadas. A vida transitória, mesmo aquela vida racional e autoconsciente a que chamamos sensitiva, mantém apenas frágil domínio sobre qualquer porção do todo.

— Comentários da CET (Comissão de Tradutores Ecumênicos)

Halleck usava sinais manuais para transmitir a verdadeira mensagem enquanto falava sobre outros assuntos. Não gostara da pequena ante-sala que os sacerdotes haviam destinado para seu relatório, sabendo que devia estar pululando de aparelhos de espionagem. Deixem que eles tentem decifrar o código dos pequenos sinais manuais, pensou. Os Atreides usavam esse meio de comunicação há séculos sem que ninguém conseguisse ser mais esperto.

A noite caíra lá fora, mas a sala não tinha janelas. Sua iluminação ficava a cargo de globos luminosos situados nos cantos.

— Muitos daqueles que pegamos eram gente de Alia — sinalizou Halleck, observando o rosto de Jessica enquanto falava alto, dizendo-lhe que os interrogatórios ainda continuavam.

— Foi como previu — respondeu Jessica com movimentos de seus dedos. Ela acenou com a cabeça e respondeu verbalmente: — Aguardarei um relatório completo assim que estiver satisfeito, Gurney.

— É claro, Minha Senhora — ele disse, e seus dedos acrescentaram: — Há outra coisa muito perturbadora. Sob a ação de drogas profundas, alguns de nossos prisioneiros falaram em Jacurutu e, ao pronunciarem esse nome, morreram.

— Paralisação cardíaca condicionada? — indagaram os dedos de Jessica. E ela disse: — Já libertou algum dos cativos?

— Uns poucos, Minha Senhora. Os simplórios mais óbvios. — E seus dedos relampejaram.

— Suspeitamos de compulsão cardíaca, mas ainda não temos certeza. As autópsias não foram concluídas. Mas, como devia saber sobre essa coisa de Jacurutu, vim imediatamente.

— Meu Duque e eu sempre pensamos em Jacurutu como uma lenda

interessante, provavelmente baseada num fato real — disseram os dedos de Jessica, e ela ignorou a mágoa que normalmente a acometia quando falava de seu amor há muito falecido.

— Tem alguma ordem? — perguntou Halleck em voz alta. Jessica respondeu do mesmo modo, dizendo-lhe que retornasse ao campo de pouso e relatasse qualquer informação positiva que surgisse. Mas com os dedos ela transmitiu outra mensagem:

— Restabeleça contato com nossos amigos entre os contrabandistas. Se Jacurutu existe, eles terão que se manter à custa da venda de especiaria . E não haverá outro mercado para eles, exceto os contrabandistas.

Halleck inclinou a cabeça levemente e disse com os dedos:

— Já coloquei em movimento esse curso de ação, Minha Senhora. — E como não pudesse ignorar o treinamento de uma vida inteira, acrescentou: — Tenha muito cuidado neste lugar. Alia é sua inimiga e a maior parte do clero está com ela.

— Javid não está — responderam os dedos de Jessica. — Ele odeia os Atreides. Duvido que outra pessoa que não uma adepta pudesse detectar isso, mas sou positiva a esse respeito. Ele conspira e Alia não sabe.

— Estou colocando guardas extras para protegê-la — disse Halleck, falando novamente e evitando a centelha de desprazer nos olhos de Jessica. — Há riscos, disso estou certo. Vai passar a noite aqui?

— Mais tarde iremos para o Sietch Tabr — disse ela, e hesitou, a ponto de lhe dizer que não mandasse mais guardas, mas manteve o silêncio. Os instintos de Gurney mereciam confiança. Mais de um Atreides aprendera isso, para seu prazer ou mágoa. — Tenho mais uma reunião... com o Mestre dos Noviços, desta vez — ela disse. — Esse é o último encontro e eu partirei deste lugar com alegria.

8

E eu vi outra besta saindo das areias; e ela tinha dois chifres, como um carneiro, mas sua boca era cheia de presas e quente como a de um dragão; e seu corpo tremulava e queimava com grande calor enquanto ela silvava como uma serpente.

— Bíblia Católica Laranja Revisada

Ele chamava a si mesmo "o Pregador" e provocava grande temor entre muitos em Arrakis de que pudesse ser o Muad'Dib voltando do deserto, vivo, afinal. O Muad'Dib ainda podia estar vivo, já que ninguém vira seu corpo, levado pelo deserto. Ainda assim, seria o Muad'Dib? Era possível estabelecer pontos de comparação, embora ninguém que tivesse vivido nos velhos tempos se apresentasse para dizer:

— Sim, percebo que esse é o Muad'Dib. Eu o conheço.

E no entanto... tal como o Muad'Dib, o Pregador era cego, suas órbitas negras e marcadas com cicatrizes de um modo que só poderia ter sido provocado por um queima-pedra. E sua voz transmitia aquele caráter elétrico, penetrante, a mesma força compulsiva que exigia uma resposta de algum lugar profundo dentro de você. Muitos notaram isso. Era magro, esse Pregador, a face coriácea cheia de vincos, os cabelos grisalhos. Mas o deserto profundo fazia isso a muitas pessoas. Você só tinha que olhar para si próprio e ver a comprovação disso. E havia outro fator de controvérsia. O Pregador era conduzido por um jovem Fremen, um rapaz cujo sietch não se conhecia, e que dizia, quando lhe indagavam, que trabalhava sob pagamento. Argumentava-se então que o Muad'Dib, conhecendo o futuro, não necessitara de guias, exceto perto do fim, quando a dor o dominara. Mas então ele precisara de um guia, todos sabiam disso.

O Pregador aparecera nas ruas de Arrakeen durante uma manhã de inverno, com a mão bronzeada e marcada de veias sobre o ombro de seu jovem guia. O rapaz, que dizia chamar-se Assan Tariq, caminhou através da poeira cheirando a pedra da manhã turbulenta, levando seu protegido com a agilidade prática dos que nasceram num sietch e nunca perderam o contato.

Observou-se que o cego usava um manto bourka tradicional sobre um

traje-destilador que trazia a marca daqueles que haviam sido confeccionados, um dia, nas cavernas dos sietches do deserto mais profundo. Não era como os trajes ordinários, feitos atualmente. O tubo do nariz, que capturava a umidade da respiração para as camadas reciclador as embaixo do bourka, estava amarrado com fio trançado, feito da trepadeira negra, tão raramente vista hoje em dia. A máscara do traje, sobre a metade inferior do rosto, tinha manchas esverdeadas produz idas pela areia soprada com o vento. Em tudo e por tudo, esse Pregador era uma figura saída do passado de Duna.

Muitos entre as multidões madrugadoras daquele dia de inverno notaram sua passagem. Afinal, um Fremen cego permanecia uma raridade. A Lei Fremen ainda remetia os cegos para o Shai-Hulud.

As palavras da Lei, embora menos respeitadas nesses tempos modernos, amortecidos pela água, permaneciam imutáveis desde os primeiros dias. Os cegos eram uma dádiva para o Shai-Hulud. Eram expostos ao bled aberto para que os grandes vermes os devorassem. Quando isso ocorria — e havia histórias conhecidas nas cidades —, sempre era feito no lugar em que dominavam os vermes maiores, chamados os Velhos do Deserto. Um Fremen cego, portanto, era uma curiosidade, e as pessoas paravam para ver a passagem desse par estranho.

O garoto aparentava 14 anos-padrão, um membro da nova geração que usava trajes-destiladores modificados, deixando o rosto exposto ao ar que roubava a umidade. Tinha feições esguias, os olhos totalmente tingidos de azul pela especiaria, nariz protuberante e aquela aparência de inocência inócua que tão frequentemente mascara, entre os jovens, um conhecimento cínico. Em contraste com ele, o cego era uma lembrança de tempos quase esquecidos. Com as passadas longas e aquela magreza rija que falava de muitos anos sobre a areia, tendo apenas os pés ou um verme capturado para carregá-lo.

Mantinha a cabeça erguida naquela rigidez de pescoço que alguns cegos não podem evitar, movendo-a apenas ao inclinar o ouvido na direção de algum som interessante.

O estranho par atravessou as multidões que se reuniam no início do dia, chegando afinal aos degraus que levavam para cima, por hectares de terraços, até a escarpa que constituía o Templo de Alia, companhia adequada ao Castelo de Paul. O Pregador subiu os degraus até que seu jovem guia chegou à terceira plataforma, onde os peregrinos do Hajj esperavam pela abertura matinal das gigantescas portas acima deles. Eram portas suficientemente grandes para deixarem passar toda uma catedral de uma das antigas religiões. Passar através dela s, costumava-se dizer, reduzia a alma do peregrino a uma partícula suficientemente pequena de modo a poder penetrar através do fundo de uma

agulha e assim entrar no céu.

Na extremidade da terceira plataforma, o Pregador se voltou e foi como se olhasse à sua volta, vendo, com as órbitas vazias, os afetados residentes da cidade, alguns deles Fremen com roupas que simulavam trajes-destiladores, mas não passavam de tecidos decorativos, ao lado dos ávidos peregrinos, recém-desembarcados dos transportes espaciais da Corporação, esperando pelo primeiro passo na devoção que lhes asseguraria um lugar no paraíso.

A plataforma era um lugar barulhento: havia os Cultores do Espírito do Mahdi, vestindo mantos verdes e carregando falcões vivos treinados para gritarem o “chamado do céu”. Vendedores apregoavam sua comida. Muitas coisas eram postas à venda, com vozes gritando em competitiva estridência. Ali estava um tarô de Duna, com seus folhetos de comentários impressos em shigawire.

Um vendedor tinha pedaços de roupa exótica, que ele “garantia terem sido tocados pelo próprio Muad’Dib!”. Outro trazia frascos de água com o “ certificado de terem vindo do Sietch Tabr, onde viveu o Muad’Dib”. E, através de tudo isso, conversas em mais de 100 dialetos de Galach entremeavam-se com sons guturais e guinchos de linguagens estranhas reunidas sob o “Sagrado Império”. Dançarinos Faciais e gente pequena, oriundos dos suspeitos planetas de artesãos dos Tleilaxu, saltavam e giravam através da multidão em trajes berrantes. Havia rostos magros e rostos gordos, ricos em água. Um sussurro de passadas nervosas chegava do plasteel áspero que formava os amplos degraus. E ocasionalmente uma voz aguda se elevaria da cacofonia de preces: “— Mua-a-a-a-ad’Dib! Mua-a-a-ad’Dib! Receba as súplicas de minha alma! Tu, que és o ungido de Deus, receba minha alma! Mua-a-a-ad’Dib!”

Próximos, entre os peregrinos, atores mascarados recitavam, em troca de algumas moedas, os versos da atualmente popular Controvérsia entre Armistead e Leandgraph.

O Pregador inclinou a cabeça para ouvir.

Os atores eram homens da cidade, de meia-idade, com vozes entediadas. Sob o comando de uma palavra, o guia os descreveu para o Pregador. Estavam vestidos com mantos folgados, nem mesmo se dignando a simular trajes-destiladores para seus corpos ricos em água. Assan Tariq achou isso divertido, mas o Pregador o repreendeu.

O ator que fazia o papel de Leandgraph estava terminando uma fala:

— Bah! O Universo só pode ser apreendido pela mão de um ser sensível. Essa mão é que move seu precioso cérebro, e que impulsiona tudo mais que dele deriva. Você vê aquilo que criou, tornando-se consciente, só depois que a mão fez o seu trabalho!

Aplausos saudaram o desempenho.

O Pregador cheirou, inalando os ricos odores desse lugar: ésteres escapando de trajes-destiladores mal-ajustados, almíscares de origens diversas, a onipresente poeira de pedra, hálitos de incontáveis dietas exóticas, e os aromas de raros incenses que já começavam a ser queimados dentro do Templo de Alia e agora flutuavam sobre os degraus, numa corrente de ar habilmente dirigida. Os pensamentos do Pregador refletiam-se em seu rosto enquanto ele terminava de perceber tudo à sua volta: "Nós chegamos a isto, nós, os Fremen!"

Uma súbita distração ondulou pela multidão na plataforma. Dançarinos da Areia tinham chegado à praça ao pé dos degraus, meia centena deles, amarrados uns aos outros por cordas de elacca.

Obviamente, haviam dançado assim durante dias, buscando um estado de êxtase. Suas bocas espumavam enquanto eles se moviam em espasmos, batendo os pés em sua música secreta. Um terço deles pendia das cordas, inconsciente, puxado para a frente e para trás pelos outros, como marionetes em arames. Um desses bonecos despertara, entretanto, e a multidão aparentemente sabia o que esperar.

— Eu viii! — gritou o dançarino recém-desperto. — Eu viii! — Ele resistiu aos puxões dos outros dançarinos, seu olhar esgazeado lançando-se para a direita e a esquerda. — Onde se ergue esta cidade, restará apenas areia! Eu viii!

Uma grande gargalhada elevou-se da platéia. Até mesmo os novos peregrinos uniram-se a ela.

Isso era demais para o Pregador. Ele ergueu ambos os braços e rugiu numa voz que certamente comandara cavalgadas sobre grandes vermes:

— Silêncio! — E toda a multidão na praça ficou imóvel ante aquele grito de batalha.

O Pregador apontou a mão magra em direção aos dançarinos, e a ilusão de que realmente os via era sinistra.

— Não estão ouvindo aquele homem? Idólatras e blasfemos! Todos vocês! A religião do Muad'Dib não é o Muad'Dib. Ele a rejeitou, tal como rejeitou a vocês! A areia vai cobrir este lugar. A areia vai cobrir vocês!

Dizendo isso, abaixou os braços, colocou a mão sobre o ombro de seu guia e ordenou:

— Leve-me para longe deste lugar.

Talvez houvesse sido a escolha das palavras pelo Pregador. "Ele a rejeitou, tal como rejeitou a vocês!" Talvez fosse o tom de sua voz, certamente algo mais que humano, uma vocalização treinada, com certeza, nas artes da Voz das Bene Gesserit, que comandavam por meras nuanças de sutil inflexão.

Ou talvez tivesse sido apenas o misticismo inerente a esse lugar, onde o

Muad'Dib vivera, caminhara e governara. Alguém gritou do alto da plataforma, chamando pelo Pregador com uma voz que tremia de assombro religioso:

— É o Muad'Dib que volta para nós?

O Pregador parou, enfiou a mão na sacola em baixo de seu bourka e retirou um objeto que só os que estavam mais próximos reconheceram. Era uma mão humana mumificada pelo deserto, uma das ironias do planeta em relação à mortalidade que apareciam por vezes na arei a e eram consideradas universalmente como mensagens do Shai-Hulud.

A mão fora dissecada até se converter num punho fechado que terminava em ossos brancos, marcados por rajadas de areia levadas pelo vento.

— Eu trago a Mão de Deus, e isso é tudo que eu trago! — gritou o Pregador. — Eu falo pela Mão de Deus. Eu sou o Pregador.

Alguns entenderam com isso que aquela mão era do Muad'Dib, mas outros se fixaram naquela presença de líder e em sua voz terrível — e foi assim que Arrakis veio a conhecer o seu nome. Mas não foi a última vez que ouviram sua voz.

9

Relata-se comumente, meu caro Georad , que existe uma grande e natural virtude na experiência da melange.

Talvez isso seja verdade. Contudo, permanecem dentro de mim dúvidas quanto ao fato de o uso da melange trazer consigo a virtude. Parece-me que certas pessoas corromperam o uso da melange em desafio a Deus . Nas palavras do Ecúmeno, elas desfiguraram a alma. Elas roçam a superfície da melange e acreditam com isso terem obtido a graça. Elas ridicularizam seus companheiros, fazem grande mal à religiosidade e distorcem maliciosamente o significado dessa dádiva abundante, o que é decerto uma mutilação que ultrapassa a capacidade humana de restauração. Para estar em verdadeira sintonia com a virtude da especiaria, sem ser corrompido de modo algum, para ser cheio de honra divina, o homem deve permitir que suas palavras correspondam a suas ações. E quando suas ações representam um sistema de consequências malignas, você deve ser julgado por essas consequências, não por suas explicações. É desse modo que devemos julgar o Muad'Dib.

— A Heresia Formalista

Era uma sala pequena, marcada pelo odor de ozônio, reduzida a uma iluminação crepuscular, acinzentada, pelos globos luminosos enfraquecidos e pela luz azul-metálica de um único monitor transolho. A tela tinha aproximada mente um metro de largura e apenas dois terços disso de altura.

Revelava com detalhes o panorama de um vale rochoso e inóspito onde dois tigres Laza se alimentavam com os restos sangrentos de uma presa recentemente abatida. No penhasco acima dos tigres, podia-se ver um homem magro, usando um uniforme Sardaukar de trabalho, com a insígnia de Levenbrech no colarinho. Usava um quadro de servo-controle preso ao peito.

Uma cadeira suspensora veriforme fora colocada de frente para a tela, sendo ocupada por uma mulher de cabelos louros e idade indeterminada. Ela tinha a face em forma de coração e mãos delgadas que agarravam os braços da cadeira enquanto observava. Seu manto branco debruado de dourado ocultava-lhe a figura. Um passo à sua direita encontrava-se um homem corpulento,

vestido com o uniforme cor de ouro e bronze de um auxiliar Bashar dos antigos Sardaukar imperiais. Seu cabelo grisalho fora aparado sobre feições quadrangulares e destituídas de emoção.

A mulher tossiu e disse:

— Foi como havia previsto, Tyekanik.

— Certamente, Princesa — respondeu o Auxiliar Bashar com sua voz rouca.

Ela sorriu ante a tensão em sua voz e indagou:

— Diga-me, Tyekanik, como meu filho irá receber o som do título de Imperador Farad'n I?

— O título lhe é bem adequado, Princesa.

— Não foi isso que perguntei.

— Ele pode não aprovar algumas das coisas feitas para lhe conceder esse, ah, título.

— Então, novamente... — Ela voltou-se, olhando através da sombra em direção a ele. — Você serviu bem ao meu pai. Não foi sua a culpa de ele perder o trono para os Atreides. Mas por certo a picada daquela perda deve ter sido sentida tão agudamente por você quanto por qualquer...

— Será que a Princesa Wensicia tem alguma tarefa especial para mim? — indagou Tyekanik.

Sua voz permanecia rouca, mas agora havia uma tonalidade aguda.

— Você tem o mau hábito de me interromper — ela disse. Agora ele sorria, exibindo dentes espessos que brilhavam à luz emanada da tela.

— Às vezes me lembra seu pai — disse ele. — Sempre esses circunlóquios antes da solicitação de alguma delicada... ah, missão.

Ela virou o rosto para lhe ocultar sua fúria e indagou:

— Acredita realmente que aqueles tigres Laza colocarão meu filho no trono?

— É uma verdadeira possibilidade, Princesa. Deve admitir que os filhos bastardos de Paul Atreides não serão mais do que bocados suculentos para aqueles dois. E uma vez eliminados os gêmeos... — Encolheu os ombros.

— O neto de Shaddam IV torna-se o sucessor lógico — disse ela. — Isso se pudermos eliminar as objeções dos Fremen, da Landsraad e da CHOAM, para não mencionar qualquer Atreides sobrevivente que...

— Javid me assegurou que sua gente pode se encarregar de Alia com facilidade. Não conto Lady Jessica como Atreides. Portanto, quem mais permanece?

— A Landsraad e a CHOAM ficarão onde estiver o lucro — respondeu ela. — Mas e quanto aos Fremen?

— Nós os afogaremos em sua religião do Muad'Dib.

— Mais fácil dizer do que fazer, meu querido Tyekanik.

— Vejo que voltamos à velha discussão.

— A Casa Corrino fez coisas piores para obter o poder — disse ela.

— Mas aderir a essa... religião do Mahdi!

— Meu filho o respeita.

— Princesa, eu anseio pelo dia em que Casa de Corrino retornará ao trono que lhe é de direito.

Assim pensa cada Sardaukar remanescente aqui em Salusa. Mas se...

— Tyekanik! Este é o planeta Salusa Secundus. Não caia nas maneiras indulgentes que se espalham pelo nosso Império. Nome completo, título completo, atenção a cada detalhe. Esses atributos mandarão o sangue dos Atreides para as areias de Arrakis. Todos os detalhes, Tyekanik!

Ele sabia a razão desse ataque. Era parte dos truques astutos que ela aprendera com sua irmã, Irulan. Mas ele se sentia perdendo terreno.

— Você me ouviu, Tyekanik?

— Eu a ouço, Princesa.

— Quero que você se converta à religião do Muad'Dib.

— Princesa, eu caminharia no fogo pela senhora, mas isso...

— Essa é uma ordem, Tyekanik!

Ele engoliu em seco e olhou para a tela. Os tigres Laza haviam acabado de se alimentar e agora estavam deitados na areia, terminando de se limpar, as línguas compridas movendo-se sobre as patas dianteiras.

— Uma ordem, Tyekanik. Você me entende?

— Eu ouço e obedeço, Princesa. — Sua voz não mudara de tom.

Ela suspirou.

— Oh, se meu pai ao menos estivesse vivo...

— Sim, Princesa.

— Não zombe de mim, Tyekanik. Sei como isso é desagradável para você. Mas se der um exemplo a ser seguido...

— Ele pode não seguir, Princesa.

— Ele seguirá. — Apontou para a tela. — Mas me ocorre que aquele Levenbrech pode ser um problema.

— Um problema? Como?

— Quantas pessoas sabem desse negócio dos tigres?

— Aquele Levenbrech, que foi o treinador... um piloto de transporte, a senhora e, é claro...

— Ele bateu no próprio peito.

— E quanto aos fornecedores?

— Eles não sabem de nada. O que teme, Princesa?

— Meu filho é, bem, muito sensível.

— Os Sardaukar não revelam seus segredos — disse ele.

— Nem os mortos o fazem. — Ela se inclinou para a frente e acionou um botão vermelho embaixo da tela iluminada.

Imediatamente os tigres Laza ergueram as cabeças. Levantaram-se, olhando colina acima para o Levenbrech. Movendo-se como se fossem apenas um, voltaram-se e começaram a subir o penhasco.

Aparentando calma a princípio, o Levenbrech apertou a chave em seu console. Seus movimentos eram seguros, mas, como os felinos continuassem a avançar sobre ele, o homem tornou-se mais agitado, apertando a chave seguidas vezes e com mais firmeza. Uma expressão de surpresa surgiu em suas feições, sua mão moveu-se num movimento brusco em direção à faca de trabalho sobre a cintura. Mas esse movimento chegou muito tarde. Um a garra atingiu-lhe o peito e o atirou para trás.

Quando ele caía, o outro tigre o pegou pelo pescoço de uma única bocada e o sacudiu. A coluna vertebral partiu-se.

— Atenção aos detalhes — repetiu a Princesa. Ela se voltou e ficou rija quando Tyekanik sacou de sua faca. Mas ele a ofereceu a ela, com a lâmina voltada para si mesmo.

— Talvez queira usar a minha faca para cuidar do outro detalhe — disse ele.

— Coloque essa faca de volta na bainha e não aja como um tolo! — disse ela, furiosa. — Algumas vezes, Tyekanik, você me tenta a...

— Aquele era um bom homem, Princesa. Um dos meus melhores.

— Um dos meus melhores — ela corrigiu.

Ele inspirou profundamente, trêmulo, e embainhou a faca.

— E quanto ao meu piloto de transporte?

— Será considerado um acidente — respondeu ela. — Você irá instruí-lo para que tenha o maior cuidado quando trouxer aqueles tigres de volta para nós. E, é claro, depois que ele houver entregue nossos bichanos ao pessoal de Javid no transporte... — ela olhou para a faca.

— Isso é uma ordem, Princesa?

— É.

— Devo então cair sobre minha faca na ocasião, ou também vai cuidar desse, ahhh, detalhe?

Ela falou com uma calma forçada, a voz pesada:

— Tyekanik, se eu não estivesse absolutamente convencida de que cairia sobre sua faca ao meu comando, você não estaria aqui, ao meu lado, armado.

Ele engoliu em seco novamente e olhou para a tela. Os tigres estavam se alimentando uma vez mais.

Ela se recusava a olhar para a cena, continuando a fitar Tyekanik enquanto dizia:

— Você também dirá aos nossos fornecedores que não tragam mais qualquer par combinado de crianças que se encaixem na descrição necessária.

— Às suas ordens, Princesa.

— Não use esse tom de voz comigo, Tyekanik.

— Sim, Princesa.

Com os lábios comprimindo-se em linha reta, ela acrescentou:

— Quantos pares daqueles trajes nos restam?

— Seis conjuntos de mantos completos com trajes-destiladores e sapatos para areia, todos com a insígnia dos Atreides trabalhada sobre eles.

— Tecidos tão ricos quanto os que estavam naquele par? — ela acenou em direção à tela.

— Adequados à realeza, Princesa.

— Atenção aos detalhes. Os trajes serão enviados para Arrakis como presente aos nossos primos reais. Serão presentes de meu filho, está me entendendo, Tyekanik?

— Plenamente, Princesa.

— Faça com que ele escreva uma nota adequada. Deve dizer que el e envia aqueles pobres trajes como prova de sua devoção à Casa Atreides. Alguma coisa dessa ordem.

— E a ocasião?

— Deve ser um aniversário, dia santificado ou alguma coisa do gênero, Tyekanik. Deixo isso por sua conta. E confio em você, meu amigo.

Ele olhou para ela em silêncio. O rosto dela endureceu.

— Certamente deve saber disso. Em quem mais posso confiar, desde a morte de meu marido?

Ele encolheu os ombros, pensando no quanto el a se parecia com uma aranha. Não seria bom tornar-se muito íntimo dela, como ele agora suspeitava de que tivesse ocorrido com seu Levenbrech.

— E, Tyekanik — ela disse —, mais um detalhe.

— Sim, Princesa?

— Meu filho está sendo treinado para governar. Tempo virá em que ele deverá tomar a espada em suas próprias mãos. Você saberá quando chegar esse momento. Desejo ser informada imediatamente.

— Ao seu comando, Princesa.

Ela se inclinou para trás, olhando para Tyekanik com perspicácia.

— Você não aprova minhas ações, sei disso muito bem. Não tem importância, desde que se lembre sempre da lição do Levenbrech.

— Ele era muito bom com animais, mas dispensável; sim, Princesa.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Não? Então... não entendo.

— Um exército — ela explicou — é composto de partes dispensáveis, totalmente substituíveis.

Essa é a lição do Levenbrech.

— Partes substituíveis — repetiu ele. — Incluindo o comandante supremo?

— Sem um comando supremo dificilmente haverá razão para um exército, Tyekanik. É por isso que você irá aderir imediatamente a essa religião do Mahdi e ao mesmo tempo começar a campanha para converter o meu filho.

— Imediatamente, Princesa. Presumo que não deseja que eu limite a educação dele nas outras artes marciais à custa dessa, ahh, religião?

Ela ergueu-se da cadeira, caminhou à volta dele e parou na porta, falando sem olhar para trás.

— Um dia você vai tentar a minha paciência em demasia, Tyekanik. — E com isso saiu.

10

Ou nós abandonamos a Teoria da Relatividade, há tanto tempo aceita, ou paramos de acreditar que possamos nos envolver numa contínua e precisa previsão do futuro. De fato, conhecer o futuro levanta um conjunto de questões que não podem ser respondidas sob os parâmetros normais, a não ser que alguém, a princípio, projete um observador para fora do Tempo, e em segundo lugar anule todo o movimento. Se você aceita a Teoria da Relatividade, pode então demonstrar que o Tempo e o Observador devem permanecer imóveis, um em relação ao outro, do contrário surgirão imperfeições. Isso parece indicar ser impossível realizar uma previsão precisa do futuro. Como então podemos explicar a contínua busca desse objetivo visionário por parte de cientistas respeitados? E como então explicar o Muad'Dib?

— Palestras sobre a Presciência por Harq al-Ada

— Devo lhe dizer uma coisa — disse Jessica —, embora saiba que, ao lhe dizer isso, farei com que se lembre de muitas experiências de nosso passado mútuo, o que a colocará em perigo.

Fez uma pausa para notar como Ghanima recebia suas palavras.

As duas estavam sentadas sozinhas, sobre almofadas baixas, numa câmara do Sietch Tabr. Fora necessário um talento considerável para conseguir esse encontro e Jessica não estava certa de que estivera sozinha em suas manobras. Ghanima parecera antecipar-lhe cada passo, colaborando com ela.

Já se passavam quase duas horas desde o raiar do dia e toda a excitação dos cumprimentos e reconhecimentos. Jessica forçou o pulso de volta a um ritmo uniforme e focalizou sua atenção na sala de paredes de rocha, com suas cortinas escuras e almofadas amarelas. Para controlar as tensões acumuladas, encontrou-se, pela primeira vez em anos, relembrando a Litania contra o Medo do ritual Bene Gesserit.

"Eu não temerei. O medo é o assassino da mente. O medo é a pequena morte que traz a total obliteração. Eu enfrentarei meu medo, permitirei que ele passe sobre mim e através de mim. E quando houver passado, voltarei meu olhar interior para ver sua trilha. Para onde o medo se foi, não haverá nada. Só eu

restarei.”

Fez isso em silêncio e respirou fundo para se acalmar.

— Ela ajuda, às vezes — disse Ghanima. — A Litania, quero dizer.

Jessica fechou os olhos para ocultar o choque dessa percepção. Fazia muito tempo que alguém fora capaz de registrá-la tão intimamente.

A conscientização era desconcertante, principalmente quando acionada por seu intelecto oculto por trás de uma máscara de infância.

Tendo enfrentado seu medo, entretanto, Jessica abriu os olhos e conheceu a fonte de sua inquietação: “Eu temo por meus netos.” Nenhuma dessas crianças apresentava os estigmas da Abominação que Alia ostentava, embora Leto demonstrasse todos os sinais de estar ocultando alguma coisa terrível. Por essa razão, ele fora habilmente excluído desse encontro.

Agindo num impulso, Jessica colocou de lado suas máscaras emocionais mais enrustidas, sabendo que seriam de pouca utilidade aqui, apenas barreiras à comunicação. Desde aqueles momentos adoráveis com seu Duque que ela não abaixava essas barreiras, e por isso achou o ato ao mesmo tempo doloroso e aliviador. Ali permaneciam fatos que nenhuma maldição, prece ou litania poderia lavar da existência. A fuga não deixaria tais fatos para trás, eles não poderiam ser ignorados. Elementos da visão de Paul haviam sido realinhados e os tempos haviam alcançado seus filhos. Eles eram um ímã no vazio; o mal e todos os usos daninhos do poder acumulavam-se em torno deles.

Observando o efeito das emoções no rosto da avó, Ghanima admirou-se de que Jessica tivesse abandonado seu autocontrole.

Movendo suas cabeças de modo extraordinariamente sincronizado, ambas se voltaram, seus olhos se encontrando enquanto se fitavam profundamente. Os pensamentos passaram entre elas sem a necessidade de palavras.

Jessica: “Queria que você visse meu medo.”

Ghanima: “Agora sei que me ama.”

Foi um rápido momento de total confiança.

E Jessica disse:

— Quando seu pai era apenas um garoto, eu trouxe uma Reverenda Madre a Caladan para testá-lo.

Ghanima acenou afirmativamente com a cabeça. A memória era extremamente nítida.

— Nós Bene Gesserits sempre fomos cautelosas em nos certificarmos de que as crianças que criamos sejam humanas e não animais. Nem sempre se pode verificar isso pela aparência externa.

— É por causa do modo como foi treinada — disse Ghanima, e a memória inundou-lhe a mente.

Aquela velha Bene Gesserit, Gaius Helen Mohian. Ela viera ao Castelo Caladan com seu gom jabbar envenenado e a caixa de dor cauterizante. A mão de Paul (que se tornava a de Ghanima na memória compartilhada) gritava na agonia daquela caixa, enquanto a velha falava calmamente a respeito de morte imediata se a mão fosse aliviada daquela dor. E não havia dúvida alguma quanto à morte na agulha mantida de encontro ao pescoço da criança, enquanto a voz da anciã recitava monotonamente seu raciocínio:

"Você já ouviu falar em animais roendo uma perna para escaparem de uma armadilha? Esse é um truque animal. Um ser humano permaneceria na armadilha, suportando a dor, fingindo -se de morto, de modo a poder matar aquele que colocara a armadilha e assim eliminar a ameaça à sua espécie."

Ghanima sacudiu a cabeça ante a recordação da dor. A sensação de queimadura! A queimadura!

Paul imaginara que sua pele se soltava, negra, sobre aquela mão em agonia dentro da caixa. A carne torrando e se desprendendo até que só restavam ossos queimados. E tudo fora apenas um truque, a mão permanecia ilesa. Mas o suor escorreu da testa de Ghanima ante essa lembrança.

— É claro que se lembra disso de um modo que eu não posso — concluiu Jessica.

Por um momento, Ghanima, influenciada "pela memória, viu a avó sob ótica diferente: o que essa mulher poderia fazer impulsionada pelas necessidades impostas naqueles condicionamentos iniciais das escolas Bene Gesserit! Isso obrigava a novas perguntas quanto ao retorno de Jessica a Arrakis.

— Seria estúpido repetir tal teste em você ou em seu irmão — disse Jessica. — Vocês já conhecem o modo como ele transcorre. Devo presumir que são humanos e que não usarão de maneira errada os poderes que herdaram.

— Mas a senhora não faz realmente essa suposição — disse Ghanima.

Jessica piscou os olhos, percebendo que as barreiras haviam deslizado de volta, e baixou-as uma vez mais. Então indagou:

— Vai acreditar em meu amor por você?

— Sim. — Ghanima ergueu a mão quando Jessica ia começar a falar. — Mas esse amor não a impediria de nos destruir. Oh, eu conheço o raciocínio: melhor que o animal-humano morra do que recrie a si mesmo. E isso é especialmente verdadeiro se o animal-humano traz o nome Atreides.

— Você pelo menos é humana — deixou escapar Jessica. — Confio em meus instintos quanto a isso.

Ghanima percebeu a sinceridade e disse:

— Mas não está certa quanto a Leto.

— Não, não estou.

— Abominação?

Jessica conseguiu apenas acenar. Ghanima esclareceu:

— Não ainda, pelo menos. Ambos conhecemos o perigo. Pudemos ver isso progredindo em Alia.

Jessica colocou as mãos sobre os olhos e pensou: "Nem mesmo o amor pode nos proteger de fatos indesejáveis." E sabia que ainda amava a filha, chorando silenciosamente ante seu destino: "Alia, ó Alia! Sinto pela minha parte em sua destruição."

Ghanima pigarreou alto.

Jessica abaixou as mãos, pensando: "Posso lamentar minha pobre filha, mas existem outras necessidades agora." Depois, disse:

— Assim, você reconhece o que aconteceu com Alia.

— Leto e eu observamos acontecer. Não tínhamos poder para evitá-lo, embora tivéssemos discutido muitas possibilidades.

— Tem certeza de que seu irmão está livre dessa maldição?

— Tenho.

A calma segurança dessa declaração não podia ser negada e Jessica se viu aceitando-a. Depois, perguntou:

— Como foi que escaparam?

Ghanima explicou a teoria que ela e Leto tinha m desenvolvido, de que evitar o transe da especiaria, no qual Alia entrava com tanta frequência, fazia toda a diferença. Chegou mesmo a revelar seus sonhos e os planos que haviam discutido... Até mesmo Jacurutu.

Jessica assentiu:

— Alia é, contudo, uma Atreides, e isso coloca problemas enormes.

Ghanima ficou em silêncio ante a súbita percepção de que Jessica ainda chorava a morte de seu Duque como se ela tivesse ocorrido ontem, encontrando-se com isso disposta a guardar seu nome e sua memória contra qualquer ameaça. Memórias pessoais da época do Duque passaram pela consciência de Ghanima, reforçando essa avaliação e suavizando-a com a compreensão.

— Agora — disse Jessica com a voz mais alegre —, e quanto a esse Pregador? Ouvi alguns relatórios alarmantes, ontem, depois daquela maldita Purificação.

Ghanima encolheu os ombros.

— Ele poderia ser...

— Paul?

— Sim, mas ainda não o vimos para examiná-lo.

— Javid ri ante esses rumores — disse Jessica. Ghanima hesitou, depois fez a pergunta:

— Você confia nesse Javid?

Um sorriso amargo tocou os lábios de Jessica.

— Não mais que você.

— Leto diz que Javid ri das coisas erradas.

— Chega de falar do riso de Javid. Mas vocês têm realmente a idéia de que meu filho ainda está vivo, tendo retornado sob esse disfarce?

— Nós dizemos que é possível. E Leto... — Ghanima sentiu a boca subitamente seca, e relembrou temores segurando o peito. Forçou-se a do miná-los, narrando as outras revelações de Leto em seus sonhos prescientes.

Jessica moveu a cabeça de um lado para o outro, como que ferida.

Ghanima concluiu:

— Leto diz que precisa encontrar esse Pregador e se certificar.

— Sim... é claro. Eu nunca devia ter saído daqui. Foi covardia de minha parte.

— Por que se culpar? A senhora atingira um limite. Sei disso. Leto sabe, e até mesmo Alia sabe.

Jessica colocou a mão na garganta e a esfregou brevemente. Depois acrescentou:

— Sim, o problema é Alia.

— Ela exerce estranha atração sobre Leto — disse Ghanima. — Foi por isso que eu a ajudei a conseguir este encontro a sós comigo. Ele concorda em que ela se encontra perdida, sem qualquer esperança de recuperação, mas ainda assim arranja maneiras para estar com ela... e estudá-la... é muito perturbador. Quando tento falar contra isso, ele cai no sono. Ele...

— Ela o está drogando?

— Não. — Ghanima sacudiu a cabeça. — Mas ele tem essa estranha empatia com ela. E... em seu sono, ele frequentemente murmura Jacurutu.

— Novamente isso! — Jessica logo se achou relatando o depoimento de Gurney sobre os conspiradores revelados no campo de pouso.

— Às vezes tenho medo de que Alia deseje que Leto procure Jacurutu — disse Ghanima. — Sempre pensei nisso apenas como uma lenda. A senhora a conhece, é claro.

Jessica estremeceu.

— História terrível. Terrível.

— Que devemos fazer? — indagou Ghanima. — Tenho medo de pesquisar todas as minhas memórias. Todas as minhas vidas...

— Ghani! Eu a previno de que não faça isso. Não deve se arriscar a...

— Pode acontecer, mesmo que eu não me arrisque. Como podemos saber o que realmente aconteceu com Alia?

— Não! Você pode ser poupada dessa... dessa possessão. — E se conteve. — Bem... Jacurutu, não é? Já mandei Gurney encontrar o lugar... se é que ele existe.

— Mas como ele pode... Oh! É claro! Os contrabandistas. Jessica sentiu-se silenciada ante mais esse exemplo de como a mente de Ghanima funcionava de acordo com o que devia ser a consciência interior de outras pessoas. "A minha!" Como isso era verdadeiramente estranho. Jessica percebia que essa carne jovem podia carregar consigo todas as memórias de Paul, pelo menos até o momento da separação espermal de Paul em seu próprio passado. Era uma invasão da privacidade contra a qual alguma coisa primai em Jessica se revoltava. Momentaneamente, encontrou-se mergulhando naquele absoluto e inabalável julgamento Bene Gesserit: Abominação! Mas havia nessa criança uma suavidade, um desejo de se sacrificar pelo irmão que não podiam ser contestados.

"Nós somos uma só vida se estendendo para um futuro negro", pensou Jessica. "Somos um só sangue." Procurou criar coragem para aceitar os acontecimentos que ela e Gurney haviam iniciado.

Leto precisava ser separado de sua irmã, devia ser treinado do modo como a Irmandade insistia para que fosse.

11

Ouço o vento soprando através do deserto e vejo as luas de uma noite de inverno, erguendo-se como grandes naves no vazio. A elas faço o meu juramento: serei resoluto e farei do governo uma arte. Vou equilibrar o passado que herdei e me tornar um perfeito repositório para os restos das minhas memórias. E serei conhecido por minha bondade, mais que por minha sabedoria. Minha face brilhará ao longo dos corredores do Tempo, enquanto existirem os seres humanos.

— O Juramento de Leto, de acordo com Harq al-Ada

Quando ainda muito jovem, Alia Atreides praticava durante horas o transe prana-bindu, tentando reforçar sua própria personalidade pessoal contra o assalto de “todas aquelas outras”. Ela conhecia o problema — num sietch, era impossível escapar à melange. Ela infestava tudo: a comida, a água, o ar, até mesmo os tecidos de encontro aos quais Alia chorava durante as noites. Muito cedo ela reconheceu a utilidade das orgias do sietch, quando a tribo bebia a água da morte de um verme. Na orgia, os Fremen liberavam as tensões acumuladas por suas próprias memórias genéticas, e negavam essas memórias. Ela vira companheiros serem temporariamente possuídos durante uma orgia.

Para ela, não havia tal liberação, nenhuma negação. Já possuía consciência total bem antes do nascimento. Com essa consciência, viera uma percepção cataclísmica de suas condições: presa dentro de um ventre em contato intenso e inescapável com todas as personas de todos os seus ancestrais, mais as identidades transmitidas pela morte, no tów-da-especiaria, a Lady Jessica. Antes de nascer, Alia já possuía cada bit de saber necessário a uma Reverenda Madre Bene Gesserit — e mais, muito mais de “todas aquelas outras”.

Nesse saber se encontrava o reconhecimento de uma terrível realidade — a Abominação. A totalidade daquele conhecimento a enfraquecia. Os pré-nascidos não podiam escapar. E ainda assim ela lutara contra seus ancestrais mais terríveis, conquistando uma temporária vitória de Pirro que durara o período de sua infância. Conhecera então uma personalidade privada, mas esta não tinha imunidade contra intrusões ocasionais daqueles que viviam vidas

refletidas através dela.

“Assim serei um dia”, pensou. Esse pensamento a arrepiava. Caminhar e dissimular-se através da vida de uma criança, a partir de suas próprias entranhas, introduzindo-se, agarrando-se à consciência para acrescentar um quantum de sua experiência.

O medo a perseguiu na infância. E persistiu através da puberdade. Ela o combatera, sem nunca pedir ajuda. Quem entenderia a ajuda de que ela precisava? Não sua mãe, que jamais se poderia livrar do espectro daquela sentença da Bene Gesserit: os pré-nascidos eram Abominações.

E viera aquela noite em que seu irmão caminhara sozinho para o deserto em busca da morte, entregando-se ao Shai-Hulud, tal como se esperava de um Fremen cego. Em questão de um mês, Alia estava casada com o mestre espadachim de Paul, Duncan Idaho, um mentat trazido da morte pelas artes dos Tleilaxu. Sua mãe fugira para Caladan e os gêmeos de Paul eram um encargo jurídico seu.

Assim controlara a Regência.

As pressões da responsabilidade afastaram os antigos medos e Alia se encontrara aberta às suas vidas interiores, pedindo-lhes conselhos, mergulhando no transe da especiaria em busca de visões orientadoras.

A crise chegou num dia como muitos outros, durante o mês da primavera de Laab, numa clara manhã no Castelo do Muad’Dib, quando um vento frio soprava do pólo. Alia ainda usava a cor amarela do luto, a cor do sol estéril. Mais e mais, durante as últimas semanas, estivera negando a voz interior de sua mãe, que tendia a zombar dos preparativos para os Dias Santos que seriam celebrados no Templo.

Sua consciência interna de Jessica foi se apagando , se apagando... para afinal afundar-se na exigência anônima de que Alia se ocupasse com a Lei dos Atreides. Novas vidas começaram a clamar por seu instante de consciência. Alia sentia que acabara de abrir um fosso sem fundo, e rostos se elevavam para fora dele como uma nuvem de gafanhotos, até que ela conseguiu afinal focalizar um deles, que era como o de um animal: o velho Barão Harkonnen. Em aterrorizada indignação, ela gritara contra todo aquele clamor interno, conquistando um temporário silêncio.

Nessa manhã, Alia dera sua caminha da pré-desjejum através do jardim no teto do Castelo. Em nova tentativa de vencer a luta interior, tentara conter toda a sua consciência dentro da advertência de Choda aos Zensunni:

“Abandonando a escada, pode-se cair para cima”

Entretanto, o brilho da manhã por sobre os penhascos da Muralha Escudo continuava a distraí-la. Plantações do flexível capim-espalhado enchiam as

trilhas do jardim. Quando olhava na direção oposta à Muralha Escudo, viu no capim o orvalho, o aprisionamento da umidade que passara ali durante a noite, refletindo sua própria passagem como se fosse uma multidão.

Essa multidão causou-lhe vertigem. Cada reflexo trazia impressa a face da multidão interior.

Tentou focalizar a mente naquilo que o capim implicava. A presença de orvalho em grande quantidade revelando-lhe o quanto a transformação ecológica progredira em Arrakis. O clima das latitudes setentrionais estava se tornando mais quente; o dióxido de carbono da atmosfera encontrava-se em elevação. Lembrou a si mesma quantos novos hectares seriam colocados debaixo do cobertor de plantas verdes no próximo ano — e eram necessários 37 mil pés cúbicos de água para irrigar apenas um hectare.

A despeito de todas as tentativas de pensar em coisas mundanas, era incapaz de afastar a presença de todos os outros, circulando como tubarões em torno de sua mente.

Colocou as mãos sobre a testa e as apertou.

Os guardas de seu Templo haviam trazido um prisioneiro para ser julgado durante o poente do dia anterior: um tal de Essas Paymon, homem moreno e pequeno, aparentemente trabalhando para uma das casas menores, a dos Nebiros, que comerciava com artefatos sagrados e pequenos objetos para decoração. Na realidade, Paymon era conhecido como espião da CHOAM, com a tarefa de avaliar a colheita anual de especiaria. Alia estivera a ponto de mandá-lo para as masmorras quando ele protestara em voz alta contra “a injustiça dos Atreides”. A quilo podia acarretar-lhe uma imediata sentença de morte no trípode de enforcamento, mas Alia sentira-se cativada pelo atrevimento do homem. De seu Trono do Julgamento, falara com severidade, tentando assustá-lo para que revelasse mais do que já dissera aos inquisidores.

— Por que nossas colheitas de especiaria interessam tanto ao Combine Honnete? — exigira saber. — Diga-nos e poderemos poupá-lo.

— Eu apenas colho alguma coisa para a qual existe um mercado — respondera Paymon. — Não sei nada do que é feito da minha colheita.

— E por esse lucro mesquinho você interfere nos planos da realeza? — perguntara Alia.

— A realeza nunca leva em conta que nós também podemos ter planos — retrucara o homem.

Alia, impressionada com essa audácia desesperada, indagara:

— Essas Paymon, você trabalharia para mim?

Diante dessa pergunta, um sorriso clareou-lhe a face escura e ele disse:

— A senhora estava a ponto de me eliminar sem hesitação. Qual é meu

novo valor para que se crie subitamente um novo mercado?

— Você tem um valor simples e prático. É audacioso e está disposto a trabalhar pela maior oferta. Posso oferecer-lhe mais do que qualquer outra pessoa no Império.

Diante disso, ele citou uma soma extraordinária, mas Alia riu e retrucou com um número que considerava mais razoável, sem dúvida muito mais do que ele jamais recebera. E acrescentou:

— E, é claro, incluo a dádiva de sua vida, à qual presumo que atribua um valor ainda menos ordinário.

— Uma barganha! — gritara Paymon e, ante um sinal de Alia, fora levado pelo sacerdote Mestre de Entrevistas, Ziarenko Javid.

Menos de uma hora depois, quando Alia se preparava para deixar o Salão de Julgamentos, Javid veio correndo relatar que Paymon murmurara aqueles versos fatídicos da Bíblia Universal Laranja:

“Maléficos non patieres vivere.”

— Não permitirás que a bruxa viva — traduziu Alia.

Era assim que ele agradecia! Era um daqueles que tramavam contra sua própria vida! Num ímpeto de fúria como nunca antes experimentara, ordenou a execução imediata de Paymon, mandando seu corpo para o alambique da Morte do Templo, onde sua água, pelo menos, teria algum valor nos açudes dos sacerdotes.

Mas durante toda aquela noite o rosto de Paymon a assombrara.

Ela tentara todos os truques contra sua imagem persistente e acusadora, recitando o Buji do Livro Fremen de Kreos: “De nada me lembro! De nada me lembro!” Mas Paymon a acompanhara através de uma noite insone, até esse novo e atordoante dia em que ela percebia que o rosto dele se juntara àqueles outros nos reluzentes reflexos do orvalho.

Uma guarda feminina chamou-a para o desjejum, da porta do terraço que ficava atrás de uma cerca viva de mimosas. Alia suspirou. Sentia ter pouca opção entre os dois infernos: o chamado de dentro de sua mente e o chamado dos criados — todas eram vozes inúteis mas persistentes em suas exigências, ruídos diários que ela gostaria de poder silenciar com o gume de uma faca.

Ignorando a guarda, Alia olhou através do jardim do teto, em direção à Muralha Escudo. Um bahada deixara seu amplo rastro, como um leque de atritos sobre o solo coberto de seus domínios. O delta de areia espalhava-se diante de seus olhos, delineado pelo sol da manhã. Ocorreu-lhe que, para os olhos de um não-indiciado, aquele leque poderia parecer a evidência do fluxo de um rio, mas não era nada mais que o lugar onde seu irmão partira a Muralha Escudo, usando os atômicos da Família Atreides para abrir uma trilha no deserto pela qual os

vermes da ar eia haviam transportado as tropas Fremen em direção à sua acachapante vitória sobre seu antecessor imperial, Shaddam IV. Agora, um amplo qanat fluía sobre o lado oposto da Muralha Escudo, de modo a bloquear as incursões dos vermes da areia, que não passavam sobre a água, um veneno para eles.

“Será que tenho uma barreira dessas dentro de minha mente?”, pensou ela.

O pensamento aumentou a sensação de tonteira, de estar sendo separada da realidade.

“Vermes da areia! Vermes da areia.”

Sua memória apresentou-lhe uma coleção de imagens de vermes da areia: o poderoso Shai-Hulud, o demiurgo dos Fremen, besta mortal das profundezas do deserto, cujas efusões incluíam a inestimável especiaria. Como era estranho que o verme da areia crescesse a partir de um animalzinho chato e coriácio, a truta da areia, pensou. Elas eram como as multidões agregadas dentro de sua consciência. A truta da areia, unindo-se a outras trutas, bem juntinhas, sobre o leito rochoso do planeta, formava cisternas vivas: elas aprisionavam a água para que seu vetor, o verme da areia, pudesse viver.

Alia podia sentir a analogia: alguns daqueles outros dentro de sua mente aprisionavam forças perigosas que poderiam destruí-la.

Novamente a guarda chamou-a para o desjejum, um tom de impaciência transparecendo em sua voz.

Com raiva, Alia se voltou, acenando para que a guarda entendesse que estava dispensada.

A mulher obedeceu, mas a porta bateu com força.

E com o som da porta batendo Alia sentiu-se capturada por tudo que tentara negar. As outras vidas transbordaram dentro dela como uma horrenda maré. Cada vida exigindo, pressionando sua face de encontro aos seus centros de visão: uma nuvem de rostos. Alguns apresentavam peles com manchas sarnentas, outros eram cruéis e cheios de sombras fuliginosas; e havia bocas semelhantes a losangos úmidos. A pressão desse enxame fluiu sobre el a como uma correnteza que a obrigava a flutuar livremente e mergulhar nela.

— Não — sussurrou Alia. — Não... não... não...

Teria caído no jardim, não fosse o banco ao lado, que recebeu seu corpo alquebrado. Tentou apenas sentar-se, não conseguiu e acabou se estendendo sobre o frio plasteel, ainda a sussurrar sua recusa.

A maré continuava a subir dentro dela.

Sentia-se sensível a cada pedido de atenção, consciente do risco, mas alerta a cada exclamação daquelas bocas circunspectas que clamavam dentro dela. Elas formavam uma cacofonia de pedidos de atenção: “Eu! Eu!” “Não,

eu!” E ela sabia que, se lhes concedes se atenção, se ouvisse, cedendo totalmente uma única vez, estaria perdida. Encarar um daqueles rostos dentro da multidão e seguir sua voz significaria ser dominada pelo egocentrismo dos que compartilhavam sua existência.

— A presciência faz isso com você — sussurrou uma voz. Ela tapou os ouvidos com ambas as mãos, pensando: “Eu não sou presciente! O transe não funciona comigo!” Mas a voz persistiu:

— Poderia funcionar, se tivesse ajuda.

— Não... não — sussurrou Alia. Outras vozes ondularam em sua mente:

— Eu, Agamenon, seu ancestral, exijo uma audiência!

— Não... não! — Ela apertou as mãos contra os ouvidos até que a dor foi a resposta da carne.

Um tagarelar insano dentro de sua cabeça indagava:

— Que restou de Ovídio? Simples. Ele está no lugar de John Bartlett!

Os nomes careciam de significado para ela. Quer ia gritar contra todos eles, e contra todas as outras vozes, mas não conseguia encontrar a sua própria.

A guarda, enviada para o terraço por seus superiores, olhou uma vez mais pela porta, por trás das mimosas, viu Alia no banco e disse a unia colega:

— Ahh, ela está repousando. Você notou como ela não dormiu bem a última noite. É bom para ela fazer o zaha, a sesta matutina.

Alia não ouviu a mulher. Sua consciência fora dominada por cânticos entoados aos gritos:

— Velhos pássaros alegres é o que nós somos, viva! — As vozes ecoavam no interior de seu crânio e ela pensou: “Estou enlouquecendo. Estou perdendo a razão.”

Seus pés fizeram débeis movimentos de encontro ao banco. Sentia que, se ao menos pudesse controlar o corpo para correr, poderia escapar. Precisava escapar, evitar que alguma parte dessa maré interior a afogasse no silêncio, contaminando para sempre sua alma. Mas o corpo não obedecia. As forças mais poderosas do universo imperial obedeciam ao seu menor capricho, mas isso não acontecia com seu corpo.

Uma voz interior riu. E então disse:

— De certo ponto de vista, criança, cada incidente da criação representa uma catástrofe. — Era uma voz profunda, que trovejava ante seus olhos, e novamente o riso, como que escarnecendo do próprio tom pomposo: — Minha querida criança, vou ajudá-la, mas você deve me ajudar também.

Contra o clamor crescente soando ao fundo, por trás daquela voz grave, Alia disse, entre dentes que batiam:

— Quem... quem...

Um rosto formou-se em sua consciência. Um rosto sorridente, tão gordo que só poderia ter pertencido a um bebê, exceto pela avidez e pela cobiça brilhando em seus olhos. Ela tentou recuar, mas só conseguiu uma visão mais ampla incluindo o corpo preso àquele rosto. Um corpo imenso, incrivelmente gordo, envolto num manto que revelava, através de protuberâncias sutis, que toda aquela gordura exigia o apoio de suspensórios portáteis.

— Como vê — roncou a voz —, é apenas seu avô materno. Você me conhece. Eu era o Barão Vladimir Harkonnen.

— Você... você está morto! — disse ela ofegante.

— Mas é claro, querida! Quase todos nós, dentro de você, estamos mortos. Mas nenhum desses outros deseja realmente ajudá-la. Eles não a compreendem.

— Vá embora — suplicou Alia. — Oh, por favor, vá embora.

— Mas você precisa de ajuda,, minha neta — argumentou a voz do Barão.

“Quão singular ele parece”, pensou ela, observando a projeção do Barão sobre suas pálpebras fechadas.

— Eu desejo ajudá-la — adulou o Barão. — Os outros aqui só lutariam para dominar toda a sua consciência. Qualquer um tentaria apagá-la. Mas eu... eu só peço um pequeno cantinho para mim.

Novamente as outras vidas dentro dela ergueram seu clamor. A onda ameaçou engolfá-la uma vez mais, e Alia ouviu a voz de sua mãe gritando. Pensou: “Ela não está morta.”

— Cale-se! — ordenou o Barão.

Alia sentiu seus próprios desejos reforçando aquela ordem, fazendo com que fosse sentida através de sua consciência.

Um silêncio interior fluiu através dela como um banho frio e Alia sentiu que seu coração começava a retornar ao ritmo normal. Tranquilizadora, a voz do Barão penetrou:

— Está vendo? Juntos, somos invencíveis. Você me ajuda e eu a ajudo.

— O que... o que você quer? — sussurrou ela.

Um olhar melancólico surgiu naquele rosto gordo, sobre as pálpebras fechadas de Alia.

— Ahh, minha querida neta, só desejo alguns prazeres simples. Dê-me apenas um momento ocasional de contato com os seus sentidos. Ninguém mais precisa saber. Deixe-me sentir apenas uma pequena faceta de sua vida, quando, por exemplo, estiver nos braços de seu amante. Não é um preço pequeno o que eu peço?

— Ssssim.

— Bom, muito bom. — O Barão riu. — Em troca, querida neta, posso

servi-la de muitos modos. Posso lhe dar conselhos. Você será invencível interna e externamente. Afastaremos toda a oposição. E a história esquecerá seu irmão para lembrá-la com carinho. O futuro será seu.

— Você... não vai deixar... os outros... tomarem conta?

— Eles nada podem contra nós dois! Sozinhos podemos ser dominados, mas juntos comandamos. Eu lhe darei uma demonstração. Ouça.

E o Barão ficou em silêncio, retirando sua imagem e sua presença interior. Nenhuma outra memória, rosto ou voz das outras vidas se introduziu.

Alia permitiu-se um trêmulo suspiro.

Acompanhando esse suspiro, veio um pensamento. Forçava-se em sua consciência como se fosse um de seus próprios pensamentos, mas ela sentia vozes mudas por trás dele.

“O velho Barão era mau. Ele assassinou seu pai. Teria assassinado você e Paul. Tentou, mas falhou.”

A voz do Barão regressou, sem o rosto.

— É claro que eu a teria morto. Você não se colocou em meu caminho? Mas esse problema acabou. Você ganhou, criança! Você é a nova verdade.

Ela sentiu-se confirmando as palavras do Barão e seu rosto deslizou asperamente sobre a superfície dura do banco.

As palavras dele eram razoáveis, pensou. Um preceito Bene Gesserit reforçava a ponderação do que ele dissera. “O propósito do debate é mudar a natureza da verdade.”

“Sim... seria dessa maneira que as Bene Gesserits teriam julgado este assunto.”

— Precisamente! — disse o Barão. — Eu estou morto, enquanto você está viva. E só disponho de uma frágil existência. Sou apenas um eu-memória dentro de você. Sou seu, para que me controle. E quão pouco lhe peço em troca dos profundos conselhos que lhe posso dar.

— Que me aconselha a fazer agora? — perguntou ela, sondando.

— Está preocupada com o julgamento da noite passada — ele disse. — Você se pergunta se as palavras de Paymon foram relatadas com sinceridade. Talvez Javid tenha percebido nesse Paymon uma ameaça à posição que ele próprio ocupa. Não é essa a dúvida que a perturba?

— S... sim.

— E sua dúvida se baseia numa observação precisa, não é? Javid se porta com crescente intimidade com relação à sua pessoa. Mesmo o Duncan já notou isso, não?

— Você sabe que sim.

— Muito bem, então. Aceite Javid como seu amante e...

— Não!

— Está preocupada com o Duncan? Mas seu marido é um místico mentat. Não pode ser tocado nem ferido por preocupações carnais. Já não sentiu várias vezes o quanto ele se distancia de você?

— Mas ele...

— A parte mentat de Duncan compreenderá, se algum dia precisar conhecer a trama que você vai empregar para destruir Javid.

— Destruir?

— Certamente! Ferramentas perigosas podem ser usadas, mas devem ser colocadas de lado quando se tornam perigosas demais.

— Então... por que eu deveria... Quero dizer...

— Ahh, sua preciosa tola! Por causa do valor contido na lição.

— Não entendo.

— Os valores, minha querida, dependem do sucesso para serem aceitos. A obediência de Javid deve ser incondicional, sua aceitação de sua autoridade, absoluta, e sua...

— A moral dessa lição me escapa...

— Não seja estúpida, minha neta! A moral deve basear-se sempre na necessidade prática. Dai a César e toda aquela tolice. Uma vitória será inútil se não refletir seus mais profundos desejos. Não é verdade que admira a masculinidade de Javid?

Alia engoliu em seco, odiando ter de admitir, mas forçada por sua completa nudez ante um observador interno:

— S... sim.

— Bom! — Como essa palavra parecia soar alegre dentro de sua cabeça. — Agora começamos a entender um ao outro. Quando o tiver indefeso em sua cama, convencido de que a dominou, você lhe perguntará a respeito de Paymon. Faça-o em tom de brincadeira: com um riso de felicidade. E quando ele admitir que a enganou, você mergulhará uma faca cristalina entre as costelas dele. Ahh, o fluir do sangue pode acrescentar tanto à sua satis...

— Não — ela sussurrou, a boca seca ante o horror. — Não... não... não...

— Então eu o farei por você — argumentou o Barão. — Mas deve ser feito, tem de admitir isso. Se ao menos preparar as condições, eu assumirei temporariamente...

— Não!

— Seu medo é tão evidente, minha neta. Meu controle sobre seus sentidos só pode ser temporário. Existem outros, agora, que poderiam imitá-la com uma perfeição que... Mas você sabe disso. Comigo, ahh, as pessoas perceberiam minha presença imediatamente. E você conhece a Lei Fremen em relação aos

possuídos. Eles são mortos imediatamente. Sim... até mesmo você. E você sabe que eu não quero que isso aconteça. Tomarei conta de Javid por você e, uma vez que esteja feito, me afastarei. Só precisa...

— Qual a vantagem desse conselho?

— Livrá-la de um instrumento perigoso. E, criança, com isto se estabelece uma relação de trabalho entre nós, um relacionamento que só poderá prepará-la da melhor maneira com respeito a julgamentos futuros que...

— Preparar-me?

— Naturalmente.

Alia colocou as mãos sobre os olhos, tentando pensar, sabendo que qualquer pensamento seria do conhecimento dessa presença dentro dela, e que um pensamento poderia ter origem nessa presença e ser confundido com suas próprias idéias.

— Você se preocupa desnecessariamente — disse o Barão, muito persuasivo. — Esse sujeito, Paymon, era...

— O que eu fiz foi errado! Eu estava cansada e agi apressadamente. Devia ter buscado confirmação do...

— Você agiu da maneira certa! Seus julgamentos não podem basear-se em tolices abstraias, tais como a noção de igualdade dos Atreides. Foi isso que a manteve insone, não a morte de Paymon. Você tomou uma boa decisão! Ele era outro instrumento perigoso. Você agiu para manter a ordem em sua sociedade. Essa é urna boa razão para julgamentos, não essa tolice de justiça! Não existe algo como uma justiça igual em toda a parte. Tentar atingir esse falso equilíbrio causa agitação na sociedade.

Alia sentiu prazer nessa defesa de seu julgamento no caso de Paymon, mas ficou chocada com o conceito amoral por trás da argumentação.

— A igualdade perante a justiça era para os Atreides... era... — Tirou as mãos dos olhos, mas continuou mantendo-os fechados.

— Todos os seus juízes sacerdotes deviam ser advertidos contra esse erro — sugeriu o Barão.

— As decisões devem ser medidas apenas com relação ao seu mérito de manter a sociedade em ordem.

Um sem-número de civilizações passadas ergueu suas bases sobre os alicerces da igualdade perante a justiça. Semelhante tolice destrói as hierarquias naturais, que sã o muito mais importantes.

Um indivíduo só é importante em seu relacionamento com a sociedade como um todo. E a menos que uma sociedade seja ordenada em degraus lógico s, ninguém encontrará seu lugar nela. Nem os inferiores, nem os superiores. Vamos, vamos minha neta! Você deve ser uma mãe severa para o seu povo. É

seu dever manter a ordem.

— Tudo o que Paul fez foi...

— Seu irmão está morto, ele foi um fracasso!

— Assim como você!

— Verdade... Mas comigo ocorreu um acidente que estava além do meu projeto. Agora vamos, permita que cuidemos desse Javid da maneira como delineei.

Ela sentiu seu corpo tornar-se mais quente ante esse pensamento, e disse rapidamente.

— Preciso pensar a respeito.

E pensou: “Se for feito, será apenas para colocar Javid em seu lugar. E não é preciso matá-lo para isso. O tolo pode se trair... em minha cama.”

— Com quem está falando, Minha Senhora? — indagou uma voz.

Durante um confuso momento, Alia pensou que fosse outra intrusão daquela ruidosa multidão dentro dela, mas, ao reconhecer a voz, abriu os olhos. Ziarenka Valefor, chefe das amazonas guardiãs de Alia, encontrava-se ao lado do banco, a preocupação visível em suas curtidas feições Fremen.

— Falo com minhas vozes interiores — disse Alia, sentando-se. Sentia um frescor, uma sensação flutuante trazida pelo silêncio daquele desesperado clamor interno.

— Suas vozes internas. Sim, Minha Senhora. — Os olhos de Ziarenka brilharam quando ela ouviu essa informação. Todos sabiam que a sagrada Alia recorria a forças interiores que não eram disponíveis a outras pessoas.

— Traga Javid aos meus aposentos — ordenou Alia. — Há um assunto muito sério que desejo discutir com ele.

— Aos seus aposentos, Minha Senhora?

— Sim! À minha câmara pessoal.

— Como Minha Senhora ordena. — A guarda voltou-se para obedecer.

— Um momento — disse Alia. — Mestre Idaho já partiu para o Sietch Tabr?

— Sim, Minha Senhora. Partiu antes da aurora, como o instruiu. Deseja que eu mande buscá-lo para...

— Não. Eu mesma cuidarei de tudo. E, Zia, ninguém deve saber que esse Javid está sendo trazido ao meu quarto. Faça-o você mesma. É um assunto muito sério.

A guarda tocou a faca cristalina em sua cintura:

— Minha Senhora, se há alguma ameaça a...

— Sim, existe uma ameaça, e Javid pode estar no centro dela.

— Oh! Minha Senhora! Talvez eu não devesse trazê-lo...

— Zia! Você me julga incapaz de cuidar desse caso? Um sorriso matreiro surgiu na boca da guarda.

— Perdoe-me, Minha Senhora. Eu o levarei à sua câmara pessoal imediatamente, mas... com a permissão de Minha Senhora, montarei guarda do lado de fora da porta.

— Apenas você — disse Alia.

— Sim, Minha Senhora. Irei imediatamente.

Alia assentiu para si mesma, observando as costas de Ziarenka que se afastava. Então, Javid não era muito estimado entre sua guarda. Outro ponto contra ele. Mas ainda era valioso... muito valioso.

Ele era a chave para Jacurutu, e com aquele lugar, bem...

— Talvez você estivesse certo, Barão — ela sussurrou.

— Está vendo? — riu a voz dentro dela. — Ahh, esse será um serviço agradável para você, criança, e é apenas o começo...

12

Estas são ilusões da cultura popular que toda religião bem-sucedida deve promover: os maus nunca prosperam; somente os bravos merecem o melhor; a honestidade é a melhor política; as ações falam mais alto que as palavras; a virtude sempre triunfa; uma boa ação já é uma recompensa; todo homem mau pode ser recuperado; os talismãs religiosos protegem contra possessões demoníacas; só as mulheres podem compreender os mistérios ancestrais; os ricos estão condenados à infelicidade...

— Do Manual de Instruções: A Missionária Protetora

— Eu me chamo Muriz — disse o Fremen coriáceo.

Encontrava-se sentado no interior de uma caverna rochosa, iluminado pelo brilho de uma lâmpada de especiaria, cuja luz tremulante revelava paredes úmidas e as aberturas negras que serviam de passagem para esse lugar. Sons de água gotejando podiam ser ouvidos do fundo de uma dessas passagens e, embora tais sons fossem essenciais ao paraíso dos Fremen, os seis homens diante de Muriz não sentiam prazer em ouvir esse rítmico gotejar. Nessa câmara, havia o odor bolorento de um alambique da morte.

Um jovem de talvez 14 anos-padrão saiu da passagem e se colocou à esquerda de Muriz. Uma faca cristalina desembainhada refletiu o brilho amar elo da lâmpada de especiaria quando o jovem a ergueu, apontando-a brevemente para cada um dos homens amarrados.

Com um gesto em direção ao jovem, Muriz disse:

— Este é meu filho Assan Tariq, que está prestes a passar pelo teste da masculinidade.

Muriz pigarreou, olhando para cada um dos seis cativos. Eles encontravam-se sentados diante dele num semicírculo não muito preciso, bem presos com cordas de fibra de especiaria, que mantinham suas pernas cruzadas, as mãos presas atrás. As cordas terminavam em um nó corrediço apertado sobre a garganta de cada um dos homens. Seus trajes-destiladores haviam sido cortados na altura do pescoço.

Os homens amarrados olharam para Muriz sem vacilar. Dois deles usavam

vestimentas folgadas, vindas de fora do planeta, que os marcavam como residentes em uma cidade de Arrakis. Esses dois tinham peles mais lisas, de tonalidade mais clara que seus companheiros, cujas feições ressequidas e compleição ossuda os marcavam como nascidos no deserto.

Muriz assemelhava-se aos habitantes do deserto, mas seus olhos eram mais fundos, poços sem branco que nem mesmo o brilho da lâmpada de especiaria conseguia tocar. Seu filho parecia uma cópia ainda não terminada de si mesmo, com um rosto vulgar que não ocultava a agitação interior.

— Entre os Banidos, temos um teste especial para os jovens que se tornam homens — explicou Muriz. — Um dia meu filho será juiz em um Shuloch. Precisamos saber se ele agirá como deve. Nossos juízes não podem se esquecer de Jacurutu e de nosso dia de desespero. Kralizec, a Luta do Tufão, vive em nossos corações. — Tudo isso foi dito com monótona entonação ritualística.

Um dos habitantes da cidade, de feições mais suaves, mexeu-se diante de Muriz e disse:

— Vocês agem errado, nos ameaçando e nos amarrando deste jeito. Nós viemos em paz, em umma.

Muriz assentiu:

— Veio em busca de um despertar religioso pessoal? Ótimo. Vai ter esse despertar.

O homem tentou dizer:

— Se nós...

Ao lado dele, um escuro Fremen do deserto retrucou:

— Cale-se, seu tolo! Estes são os ladrões de água. São aqueles que pensávamos ter exterminado.

— A velha história — disse o cativo de feições suaves.

— Jacurutu é mais que uma história — respondeu Muriz. E uma vez mais indicou o filho. — Eu já apresentei Assan Tariq. Sou o arifa deste lugar, seu único juiz. Meu filho também será treinado para detectar demônios. As velhas maneiras são as melhores.

— Foi por isso que viemos ao deserto profundo — protestou o homem da cidade. — Escolhemos o antigo caminho, vagueando em...

— Com guias pagos — disse Muriz, apontando para os cativos de pele mais escura. — Vocês comprariam seu caminho para o céu? — Olhou para o filho. — Assan, está preparado?

— Eu refleti muito sobre a noite em que os homens vieram e chacinaram nosso povo — respondeu Assan, sua voz projetando uma incômoda tensão. — Eles nos devem a água.

— Seu pai lhe dá seis deles — disse Muriz. — Sua água é nossa. Suas

sombras são suas, suas guardiãs eternas. Elas o alertarão quanto aos demônios. Serão suas escravas quando você partir para o alam al-mythal. Que tem a dizer, filho?

— Eu lhe agradeço, meu pai — disse Assan. Deu um curto passo adiante. — Eu aceito ser um homem adulto entre os Banidos. Esta água é a nossa água.

Quando acabou de falar, o jovem se aproximou dos prisioneiros. Começando da esquerda, agarrou cada um dos homens pelo cabelo e enterrou a faca cristalina sob o queixo até o cérebro. Tudo feito de modo habilidoso, para derramar o mínimo de sangue. Somente os Fremen da cidade, de feições delicadas, protestaram, gritando, quando o jovem os agarrava pelo cabelo. Os outros cuspiram em Assan Tariq, ao velho modo, dizendo com isso: "Veja quão pouco eu valorizo a minha água quando ela é tomada por animais!"

Quando tudo estava terminado, Muriz bateu com as mãos uma única vez. Ajudantes vieram e começaram a remover os corpos, levando-os para o alambique da morte, onde seriam derretidos para a recuperação da água que continham.

Muriz levantou-se e olhou para o filho que respirava profundamente, observando os auxiliares a remover os corpos.

— Agora você é um homem. A água de nossos inimigos alimentará os escravos. E, meu filho...

Assan Tariq voltou-se, lançando sobre o pai um olhar alerta e predador. Os lábios do jovem formavam um leve sorriso.

— O Pregador não deve saber disso — disse Muriz.

— Compreendo, pai.

— Você se portou bem — disse Muriz. — Aqueles que hesitam no Shuloch não devem sobreviver.

— Como diz, pai.

— Tarefas importantes lhe serão confiadas. Estou orgulhoso de você.

13

Um homem sofisticado pode tornar-se primitivo. O que isso significa realmente é que o modo de vida de um homem muda. Velhos valores mudam, tornam-se ligados à paisagem, com suas plantas e animais. Essa nova existência exige um conhecimento funcional de to dos os eventos entrecruzados e múltiplos a que normalmente nos referimos como natureza. Ela exige uma medida de respeito pela força de inércia em tais sistemas naturais. Quando um homem adquire esse conhecimento funcional a esse respeito, isso se chama "ser primitivo". O inverso, é claro, é igualmente possível: o primitivo pode tornar-se sofisticado, mas não sem com isso aceitar terríveis danos psicológicos.

— Comentários de Leto, segundo Harq Al-Ada

— Como podemos ter certeza? — perguntou Ghanima. — Isso é muito perigoso.

— Nós já testamos anteriormente — respondeu Leto.

— Mas pode não ser a mesma coisa desta vez. Que tal se...

— É o único caminho aberto para nós — explicou Leto. — Você concorda em que não podemos usar a opção da especiaria.

Ghanima suspirou. Não apreciava esse duelo de palavras, mas conhecia a premente necessidade do irmão. E também conhecia a terrível fonte de sua relutância. Eles só precisavam olhar para Alia e ver os perigos daquele mundo interior.

— Então? — indagou Leto. Novamente ela suspirou.

Ambos sentavam-se com as pernas cruzadas em um de seus lugares secretos: uma estreita abertura da caverna sobre o penhasco, de onde sua mãe e seu pai costumavam observar o sol se pondo sobre o bled: Passavam-se duas horas da refeição vespertina, momento em que os gêmeos deviam estar exercitando os corpos e as mentes. Haviam preferido flexionar as mentes.

— Eu tentarei sozinho, se você se recusar a me ajudar — disse Leto.

Ghanima olhou na direção oposta ao irmão, para as cortinas negras dos selos de umidade que guardavam essa abertura na rocha. Leto continuou olhando para o deserto.

Estavam falando há algum tempo em um idioma tão antigo que mesmo seu nome permanecia desconhecido nessa época. A linguagem dava a seus pensamentos uma privacidade que nenhum outro ser humano poderia penetrar. Até mesmo Alia, que evitava as complexidades de seu mundo interior, carecia dos elos mentais que lhe permitiriam apreender mais que uma palavra ocasional.

Leto inalou profundamente, aspirando o odor característico de uma caverna-sietch dos Fremen, que persistia nessa alcova pouco ventilada. A algazarra do sietch e seu calor úmido estavam ausentes ali, e ambos sentiam alívio por isso.

— Concordo em que precisamos de orientação — disse Ghanima. — Mas se nós...

— Ghani! Precisamos mais que de orientação. Precisamos de proteção.

— Talvez não haja proteção. — Olhou diretamente para o irmão, fitando aquele seu olhar que lembrava um predador vigilante. Olhos que contradiziam a placidez de suas feições.

— Precisamos escapar à possessão — disse Leto. Ele usou um infinitivo especial do antigo idioma, uma forma estritamente neutra na voz, mas tensa e profundamente ativa em suas implicações.

Ghanima interpretou corretamente o argumento.

— Mohw'pwium d'mi hish pash moh'm ka — entoou ela. "A captura de minha alma é a captura de mil almas."

— Muito mais que isso — retrucou ele.

— Conhecendo o perigo, você persiste. — Ela fez disso uma declaração, não uma pergunta.

— Wabun 'k wabunat! — disse ele. "Erguendo-te, resistes!" Sentia sua escolha como a resposta a uma necessidade óbvia. A melhor maneira era agir ativamente. Deviam enrolar o passado sobre o presente e permitir-lhe desenrolar-se em seu futuro.

— Muriyat — ela concedeu em voz baixa. "Deve ser feito com amor."

— É claro. — Ele acenou com a mão num gesto de total aceitação. — Então, vamos consultar, como fizeram nossos pais.

Ghanima permaneceu silenciosa, tentando engolir e sentindo um aperto na garganta.

Instintivamente, olhou para o sul, em direção ao grande erg aberto, a revelar um fraco padrão de dunas cinzentas, sob a derradeira luz do dia. Naquela direção, seu pai se fora em sua última caminhada pelo deserto.

Leto olhou para baixo, por sobre a borda do penhasco, em direção ao verde oásis do sietch.

Estava tudo escuro por lá, mas ele conhecia as formas e cores: flores nas

cores do cobre e do ouro, vermelhas, amarelas e cor de ferrugem, espalhando-s e até os marcos de rocha que delineavam a região ocupada pelas plantações irrigadas através do qanat. Além dos marcos de rocha, estendia-se uma fedorenta faixa composta por formas de vida nativas, mortas pelas plantas alienígenas e pelo excesso de água, agora formando uma barreira contra o deserto.

Dentro em pouco, Ghanima disse:

— Estou pronta. Vamos começar.

— Sim, dane-se o resto! — Ele estendeu a mão e tocou-a no braço, de modo a aliviar a exclamação, acrescentando: — Por favor, Ghani... Cante aquela canção. Ela torna as coisas mais fáceis para mim.

Ghanima aproximou-se dele, envolvendo-lhe a cintura com o braço esquerdo. Respirou fundo duas vezes, limpou a garganta e começou a cantar, numa voz clara e aguda, a mesma letra que sua mãe tantas vezes entoara para seu pai:

Aqui eu resgato o penhor que me deste
E derramo a água suave sobre ti.
A vida prevalecerá neste lugar abafado:
Meu amor, tu viverás num palácio, e teus inimigos cairão no vazio.
Nós percorremos este caminho juntos
O caminho que o amor traçou para ti.
Certamente que eu mostro o caminho
Pois o meu amor é o teu palácio...

A voz dela mergulhava no silêncio do deserto, que até mesmo um sussurro poderia agitar, e Leto se sentiu mergulhando, afundando... tornando-se o pai cujas memórias se abriam diante dele numa sobrecamada dos genes de seu passado imediato.

“Por este breve espaço de tempo, devo ser Paul”, disse para si mesmo. “Esta ao meu lado não é Ghani; é minha amada Ghani, cujos sábios conselhos nos salvaram muitas vezes.”

De sua parte, Ghanima deslizara na memória-persona de sua mãe com uma facilidade assustadora, como sabia que faria. Como isso era mais fácil nas mulheres... e como era mais perigoso.

Com uma voz que se tornara subitamente rouca, Ghanima disse:

— Olhe lá, meu amado!

A Primeira Lua se erguera e, sobre sua fria luz, eles viram um arco de fogo alaranjado subindo para o espaço. O transporte que trouxera Lady Jessica,

agora carregado de especiaria, estava retornando para se encontrar com a nave-mãe, em forma de cacho, esperando em órbita.

A intensidade das lembranças fluiu através de Leto, trazendo memórias nítidas como o bater de sinos. Por um instante, ele era outro Leto, o Duque de Jessica. A necessidade colocou de lado tais memórias, mas não antes que ele sentisse o amor e a dor penetrantes.

"Eu devo ser Paul", lembrou a si mesmo.

A transformação caiu sobre ele com uma dualidade assustadora, como se Leto fosse uma tela negra sobre a qual seu pai era projetado. Ele sentiu ambas as carnes, a sua e a de seu pai, e as tremulantes diferenças ameaçaram dominá-lo.

— Ajude-me, pai — sussurrou ele.

A tremulante perturbação passou, e agora havia outra impressão em sua consciência, enquanto sua própria identidade como Leto se colocava de lado, como simples observadora.

— Minha última visão ainda não passou — ele disse, e a voz era a de Paul. Voltou-se para Ghanima. — Você sabe o que eu vi.

Ela tocou-lhe o rosto com a mão direita.

— Você caminhou para morrer no deserto, meu amado? Foi isso que fez?

— Pode ter sido o que fiz, mas aquela visão... Não teria sido razão suficiente para continuar vivo?

— Mas cego? — ela indagou.

— Mesmo assim.

— Para onde poderia ir?

Ele inspirou fundo, trêmulo.

— Jacurutu.

— Meu amado! — Lágrimas escorreram pelo rosto dela.

— Muad'Dib, o herói, deve ser destruído inteiramente — ele disse. — De outro modo, essa criança não poderá resgatar-nos do caos.

— O Caminho Dourado — ela disse. — Não é uma boa visão.

— É a única visão possível.

— Alia falhou, então...

— Completamente. Viu o registro disso.

— Sua mãe voltou muito tarde — ela assentiu, com a sábia expressão de Chani no rosto infantil de Ghanima. — Não poderia haver outra visão? Talvez se...

— Não, minha amada. Ainda não. Essa criança ainda não pode fitar o futuro e retornar em segurança.

Novamente, uma inspiração trêmula perturbou-lhe o corpo e o Leto observador sentiu a profunda saudade de seu pai, o desejo de viver uma vez mais

em carne viva, de tomar decisões vitais e... Que ânsia desesperada por desfazer os erros do passado!

— Pai! — chamou Leto, e foi como se o grito ecoasse dentro de seu próprio crânio.

Foi um profundo ato de vontade o que Leto sentiu naquele momento: a lenta retirada da presença interna de seu pai, a libertação de músculos e sentidos.

— Meu amado — sussurrou a voz de Chani ao seu lado, e a retirada retardou-se. — Que está acontecendo?

— Não se vá ainda — disse Leto, e era sua própria voz, rouca e incerta, mas ainda assim sua própria voz. — Chani, você deve nos dizer. Como evitaremos... o que aconteceu com Alia?

Foi o Paul dentro dele que respondeu, entretanto, com palavras que lhe chegavam ao ouvido interno hesitantes e com longas pausas.

— Não há certeza. Você... viu... o que quase... aconteceu... comigo...

— Mas Alia...

— O maldito Barão a possui!

Leto sentiu a garganta queimando de tão seca.

— É ele... Tem... Eu...

— Ele também está em você... mas... Eu... nós não podemos... às vezes sentimos... um ao outro, mas você...

— Não pode ler meus pensamentos? — perguntou Leto. — Não saberia então se... ele...

— Às vezes posso sentir seus pensamentos... mas eu... nós vivemos apenas através... do... reflexo de... sua consciência. Sua memória nos cria. O perigo... jaz numa memória definida. E... aqueles de nós... aqueles de nós que amam o poder... e tentaram obtê-lo... a qualquer preço... estes podem ser... mais definidos.

— Mais fortes? — sussurrou Leto.

— Mais fortes.

— Eu conheço sua visão — disse Leto. — Em vez de deixar que ele me possua, prefiro me tornar você.

— Isso não!

Leto acenou com a cabeça afirmativamente, sentindo a enorme força de vontade que seu pai reunira para se retirar, reconhecendo com isso as consequências do fracasso. Qualquer possessão reduzia o possuído à Abominação. O reconhecimento disso deu-lhe uma renovada sensação de força e Leto sentiu seu próprio corpo com uma intensidade anormal e uma profunda consciência dos erros passados: seus erros e os de seus ancestrais. Eram as incertezas que enfraqueciam, percebia isso agora.

Por um momento, a tentação e o medo lutaram dentro dele. Essa carne possuía a habilidade de converter a melange em visões do futuro. Com a especiaria, ele poderia respirar o futuro, rasgar os véus do Tempo. Achou a tentação difícil de abandonar, uniu as mãos e mergulhou na consciência prana-bindu. Sua carne negou a tentação. Sua carne usava o profundo conhecimento conquistado no sangue de Paul.

Aqueles que buscavam visões do futuro esperavam vencer apostas na corrida do amanhã. Mas em vez disso se encontravam presos a uma vida em que cada batida de coração, cada gemido angustiado eram conhecidos com antecedência. A última visão de Paul mostrara uma saída precária dessa armadilha, e Leto sabia agora que não tinha outra escolha senão seguir naquele caminho.

— A alegria de viver, sua beleza, está ligada ao fato de que a vida nos pode surpreender — ele disse:

Uma voz suave sussurrou em seu ouvido:

— Eu sempre conheci essa beleza.

Leto voltou a cabeça e fitou os olhos de Ghanima, que cintilavam à luz brilhante do luar. Viu Chani olhando para ele e disse:

— Mãe, você deve ir embora.

— Ahh, a tentação! — disse ela, e o beijou. Ele a afastou.

— Você tomaria a vida de sua filha?

— É tão fácil... tão tolamente fácil — ela disse.

Leto, sentindo o pânico começar a dominá-lo, lembrou-se do esforço de vontade que fora necessário à persona interior de seu pai para lhe abandonar a carne. Estaria Ghanima perdida naquele mundo-de-observação de onde ele vira e ouvira, aprendendo o que era necessário com seu pai?

— Eu a desprezarei, mãe — ele disse.

— Outros não me desprezarão. Seja meu amado.

— Se eu o fizer... sabe o que nós dois nos tornaremos. E meu pai vai desprezá-la.

— Nunca!

— Vou!

O som lhe fora arrancado da garganta sem sua vontade e carregara com ele as tonalidades antigas e sutis da Voz, que Paul aprendera com sua mãe bruxa.

— Não diga isso — ela gemeu.

— Vou desprezá-la!

— Por favor... por favor, não diga isso.

Leto esfregou a garganta, sentindo que os músculos se tornavam seus uma vez mais.

— Ele vai desprezá-la. Voltará as costas para você e partirá para o deserto novamente.

— Não... não...

Ela sacudia a cabeça de um lado para o outro.

— Você deve partir, mãe.

— Não... não... — Mas a voz já não tinha a força original.

Leto observou o rosto de sua irmã. Como os músculos se contraíam! Emoções correndo através da carne ante o torvelinho interior.

— Parta — sussurrou ele. — Parta.

— Nããão...

Ele a agarrou pelo braço, sentindo os tremores que lhe pulsavam através dos músculos, os nervos se contraindo. Ela se debateu, tentando se afastar, mas ele a segurou com força, sussurrando:

— Parta... parta...

E todo o tempo Leto censurava a si mesmo por ter colocado Ghani nesse jogo dos pais, que eles já haviam jogado tantas vezes, mas ao qual ela resistia ultimamente. Era verdade que as mulheres eram mais fracas ante esse assalto interior, ele percebia. Ali se encontrava a origem do medo das Bene Gesserits.

Horas se passaram e o corpo de Ghanima ainda tremia e se contorcia em sua batalha interior, mas agora a voz de sua irmã se juntava à discussão. Ele a ouvia falando com aquele imago dentro dela, suplicando.

— Mãe... por favor... — E uma vez: — Você viu Alia! Quer se tornar outra?

Afinal, Ghanima inclinou-se de encontro a ele e sussurrou:

— Ela aceitou e se foi.

Ele acariciou-lhe a cabeça.

— Ghani, sinto muito, sinto muito. Nunca mais lhe pedirei que faça isso. Fui egoísta. Me perdoe.

— Não há nada a ser perdoado — ela disse, e sua voz saía ofegante, como se após um grande esforço físico. — Nós aprendemos muito do que precisávamos saber.

— Ela lhe falou de muitas coisas — ele concordou. — Partilharemos isso depois, quando...

— Não! Nós o faremos agora. Você estava certo.

— Meu Caminho Dourado?

— Seu maldito Caminho Dourado!

— A lógica é inútil, a menos que venha armada com os dados essenciais — ele disse. — Mas eu...

— Nossa avó voltou para orientar nossa educação e verificar se fomos...

contaminados.

— Isso é o que Duncan diz. Não há nada novo em...

— Computação primária — concordou ela, sua voz ganhando força.

Afastou-se dele, olhando para o deserto que se encontrava imerso na quietude anterior à alvorada. Essa batalha... e esse conhecimento lhes tinham custado uma noite. A Guarda Real, posicionada além do selo de umidade, provavelmente tivera muito que explicar. Leto ordenara que nada os perturbasse.

— As pessoas frequentemente ganham sutileza com a idade — disse Leto. — Que é que estamos aprendendo com todas essas vidas para consultar?

— O que vemos do universo nunca corresponde à sua exata natureza física — ela respondeu.

— Não devemos olhar essa avó apenas como a uma avó.

— Isso seria perigoso — ele concordou. — Mas minha per...

— Existe algo além da sutileza. Precisamos ter um lugar em nossa consciência para perceber aquilo que não podemos preconceber. É por isso... que minha mãe me falou tantas vezes de Jessica.

Pelo menos, quando estávamos unidas naquela discussão interior, ela disse muitas coisas. — Ghanima suspirou.

— Nós sabemos que ela é nossa avó. Você esteve com ela durante horas, ontem. É por isso que...

— Se permitirmos isso, nosso conhecimento irá determinar a maneira como reagiremos a ela — disse Ghanima. — Foi por isso que minha mãe ficou me avisando. Ela citou as palavras de nossa avó uma vez e... — Ghanima tocou-lhe o braço — eu ouvi o eco dentro de mim, na voz de nossa avó.

— Avisamos você — disse Leto. Ele achava esse pensamento perturbador. Não haveria nada neste mundo em que se pudesse confiar?

— Os erros mais mortais derivam de pressupostos obsoletos — disse Ghanima. — Foi isso que minha mãe ficou repetindo.

— Isso é puro Bene Gesserit.

— Se... se Jessica retornou totalmente à Irmandade...

— Isso seria muito perigoso para nós — disse ele, completando o pensamento. — Nós carregamos o sangue do Kwisatz Haderach delas, de seu Bene Gesserit macho.

— Elas não vão abandonar a busca, mas podem nos abandonar. Nossa avó poderia ser o instrumento.

— Há um outro modo — ele lembrou.

— Sim, nós dois... gerando um filho. Mas elas sabem que os recessivos poderiam complicar esse casamento.

— É um risco que devem ter discutido.

— E com nossa avó participando. Não gosto disso.

— Nem eu.

— Ainda assim, não é a primeira vez que uma linhagem real tenta...

— Isso me repugna — disse ele estremecendo. Ela sentiu o movimento e ficou em silêncio.

— Poder — ele disse.

E naquela estranha alquimia de similaridade ela soube onde seus pensamentos estavam.

— O poder do Kwisatz Haderach deve fracassar — ela concordou.

— Usado ao modo delas — disse ele.

Naquele instante, o dia raiou sobre o deserto, além de seu ponto de vista. Eles sentiram o início do calor. Cores saltaram das plantações abaixo do penhasco. Folhas verde-acinzentadas lançavam sombras pontudas sobre o solo. A tangente luz matinal do sol prateado de Duna revelava o oásis verdejante, cheio de sombras roxas e douradas, dentro do poço formado pelos penhascos protetores.

Leto levantou-se, esticando o corpo.

— O Caminho Dourado, então — disse Ghanima. Falava tanto para si mesma quanto para ele, sabendo como a última visão de seu pai se fundia aos sonhos de Leto.

Alguma coisa roçou nos selos de umidade atrás deles, e foi possível ouvir vozes murmurando.

Leto retornou à antiga linguagem que ambos usavam para garantir a privacidade:

— L'ii ani howr samis sm'kwi owr samit sut.

Foi quando a decisão se encaixou em suas consciências. Literalmente: "Acompanharemos um ao outro no perigo mortal, muito embora apenas um possa retornar para contar a história."

Ghanima se levantou, então, e juntos atravessaram os selos de umidade, entrando no sietch, onde os guardas se levantaram e passaram a segui-los, enquanto os gêmeos se dirigiam a seus próprios alojamentos. Os grupos de pessoas abriam caminho para eles com deferência nessa manhã, trocando olhares com os guardas. Passar a noite sozinho sobre o deserto era um velho costume Fremen, reservado aos sábios sagrados. Todos os Umma haviam praticado essa forma de vigília. Paul Muad'Dib o fizera... e Alia. Agora os gêmeos reais tinham começado.

Leto notou a diferença e a mencionou para Ghanima.

— Eles não sabem o que decidimos por eles — ela disse. — Realmente não sabem.

Ainda na linguagem particular, ele disse:

— Isso exige o início mais casual.

Ghanima hesitou por um momento, dando forma a seus pensamentos. E então disse:

— Nessa ocasião, o luto por uma das crianças deve ser perfeitamente real... Até mesmo a construção de uma tumba. O coração deverá seguir o sono, para que não haja despertar.

Na antiga linguagem, essa era uma declaração extremamente complexa, empregando um objeto pronominal separado do infinitivo. Era uma sintaxe que permitia que cada conjunto interno de frases se voltasse para si mesmo, assumindo vários significados diferentes, todos definidos e distintos, mas sutilmente interrelacionados. Em parte, o que ela dissera era que arriscavam a vida com o plano de Leto — morte real ou simulada, não fazia diferença. A mudança resultante seria como a morte, literalmente um “homicídio funeral”. E havia um significado adicional no todo que apontava acusadoramente a quem quer que sobrevivesse para relatar, ou seja: “fora com a parte viva”. Qualquer passo em falso negaria todo o plano, e o Caminho Dourado de Leto se tornaria um beco sem saída.

— Extremamente delicado — concordou Leto, abrindo as cortinas enquanto entravam na antecâmara.

A atividade entre os criados parou apenas pelo espaço de uma batida de coração, enquanto os gêmeos passavam pelo corredor de teto em arco que levava aos alojamentos destinados a Lady Jessica.

— Você não é Osíris — relembrou-lhe Ghanima.

— Nem tentarei ser.

Ghanima o segurou pelo braço para detê-lo.

— Alia darsatay haunus M’smow — avisou ela.

Leto olhou nos olhos da irmã. De fato, as ações de Alia deixavam um mau cheiro que sua avó devia ter notado. Reconhecido, ele sorriu para Ghanima. Ela misturara a antiga linguagem com as superstições Fremen para invocar um presságio tribal básico. M’smow, o odor fétido de uma noite de verão, era prenúncio de morte nas mãos dos demônios . E ísis fora a deusa-demônio da morte para as pessoas cujo idioma eles agora falavam.

— Nós, Atreides, temos uma reputação de audácia a manter — disse ele.

— Assim, tomaremos o que precisarmos — replicou ela.

— Isso ou nos tornarmos requerentes ante nossa própria Regência. Alia gostaria disso.

— Mas nosso plano... — Ghanima deixou em suspenso. “Nosso plano”, ele pensou. Ela o compartilhava plenamente agora. Ele disse:

— Penso em nosso plano como um trabalho de shaduf. Ghanima olhou para a ante-sala por onde haviam passado, sentindo os odores matinais com seu sentido de eterno começo. Apreciara o modo como Leto empregara sua linguagem particular. Trabalho de shaduf. Era um voto de confiança. Ele dera ao plano o nome de um trabalho agrícola do gênero mais servil: fertilizar, irrigar, semear, transplantar, podar. E no entanto havia a implicação Fremen de que esses trabalhos ocorriam simultaneamente em Outro Mundo, onde simbolizavam o cultivo das riquezas da alma.

Ghanima observou o irmão, enquanto hesitavam na passagem da rocha. Tornava-se cada vez mais óbvio para ela que ele estava pedindo em dois níveis:

1) pelo Caminho Dourado de sua visão e da de seu pai;

2) que ela o deixasse com liberdade para realizar a criação do mito, extremamente perigosa, que o plano gerava.

Isso a assustava. Haveria mais alguma coisa em sua visão pessoal que ele não compartilhara?

Poderia ele se ver como uma figura com potencial para ser endeusada e liderar a humanidade em seu renascimento — tal pai, tal filho? O culto do Muad'Dib tornara-se rançoso, fermentando na má administração de Alia e nos abusos desenfreados de um clero militar que reunia o poder dos Fremen.

Leto desejava a regeneração.

"Ele está escondendo alguma coisa de mim", percebeu ela.

Recapitulou o que ele lhe contara a respeito de seu sonho. Aquilo era de um realismo tão contundente que ele podia ficar caminhando durante horas, estonteado. E o sonho nunca variava, dissera.

— Eu estou sobre a areia, à luz amarela e brilhante do dia, e no entanto não há sol. De repente, percebo que eu sou o sol. Minha luz brilha como um Caminho Dourado. Ao perceber isso, saio de dentro de mim mesmo e me volto, esperando me ver como sol. Mas não sou o sol: sou um boneco de palitos, um desenho de criança com relâmpagos em ziguezague, representando os olhos, pernas e braços feitos de palitos. Há um cetro em minha mão, e é um cetro real: muito mais detalhado, em verdade, que a figura de palitos que o segura. O cetro se move e isso me assusta. Enquanto ele se move, eu me sinto desperto, e no entanto sei que estou sonhando. Então, percebo que minha pele está envolvida por alguma coisa... uma armadura que caminha junto com minha pele. Não posso ver essa armadura, mas eu a sinto. O terror me abandona então, pois essa armadura me dá a força de 10 mil homens.

Enquanto Ghanima olhava para ele, Leto tentou desvencilhar-se dela para continuar seu caminho em direção aos aposentos de Jessica. Ghanima resistiu.

— Esse Caminho Dourado pode não ser melhor que qualquer outro — ela

disse.

Leto olhou para o piso de rocha entre eles, sentindo o forte retorno das dúvidas da irmã.

— Eu devo fazê-lo — disse ele.

— Alia está possuída — explicou ela. — E o mesmo poderia acontecer conosco. Já pode ter acontecido sem que nós sequer saibamos.

— Não — ele sacudiu a cabeça e a encarou. — Alia resistiu. Isso transmitiu força aos poderes que tem dentro de si. Por sua própria força, ela foi derrotada. Nós nos atrevemos a pesquisar lá dentro, procurando as antigas linguagens e os velhos conhecimentos. Já somos amálgamas das vidas que se encontram dentro de nós. Não resistimos, avançamos junto com elas. Foi isso que aprendi com nosso pai a noite passada. Era o que tinha a aprender.

— Ele não falou nada disso dentro de mim.

— Você escutou nossa mãe. Era o que nós...

— E quase perdi.

— Ela ainda é forte dentro de você? — O medo contraiu-lhe a face.

— Sim... mas agora penso que ela me protege com o seu amor. Você agiu muito bem quando discutiu com ela. — E Ghanima pensou no reflexo de sua mãe dentro dela, e disse: — Nossa mãe existe agora para mim no alam al-mythal, junto com os outros, mas provou do fruto do inferno. Agora posso ouvi-la sem medo. Como aos outros...

— Sim — concordou ele. — E eu ouvi meu pai, mas penso que estou realmente seguindo o conselho do avô cujo nome recebi. Talvez o nome torne tudo fácil.

— Você foi aconselhado no sentido de falar com nossa avó a respeito do Caminho Dourado?

Leto esperou que um criado passasse por eles com uma bandeja-cesto carregando o desjejum de Lady Jessica. Um forte aroma de especiaria espalhou-se no ar enquanto o criado passava.

— Ela vive em nós, assim como em sua própria carne — disse Leto. — Seus conselhos permitem uma segunda consulta.

— Não por mim — disse Ghanima. — Não vou correr aquele risco de novo.

— Então, por mim.

— Pensei que havíamos concordado em que ela retornara à Irmandade.

— De fato. Bene Gesserit em suas origens, ela própria no meio, e Bene Gesserit no final. Mas lembre-se que ela também carrega o sangue dos Harkonnen e está mais próxima deles do que nós. Ela tem experimentado uma forma dessa união interior que nós possuímos.

— Uma forma muito superficial — discordou Ghanima. — E você não respondeu minha pergunta.

— Não creio que eu vá mencionar o Caminho Dourado.

— Eu posso.

— Ghani!

— Não precisamos mais de um deus Atreides! Precisamos é de espaço para um pouco de humanidade!

— Alguma vez neguei isso?

— Não. — Ela respirou fundo e olhou na direção oposta à dele. Os criados olhavam para eles da antecâmara, ouvindo a discussão pelo tom de voz, mas incapazes de entender as antigas palavras.

— Nós temos de fazê-lo — ele disse. — Se falharmos nisso, podemos muito bem cair sobre nossas facas. — Ele usou o termo Fremen que continha o sentido de “derramar nossa água na cisterna tribal”.

Uma vez mais, Ghanima olhou para ele. Foi forçada a concordar, mas se sentia aprisionada dentro de uma construção de muitas paredes. Ambos sabiam que o dia do ajuste de contas os esperava ao longo do caminho, não obstante o que fizessem. Ghanima sabia disso com uma certeza reforçada pelos dados reunidos a partir de todas aquelas vidas-memórias, mas agora temia a força que dera a todas aquelas psiques ao usar os dados de suas experiências de vida. Elas rondavam como harpias dentro dela, demônios sombrios aguardando para emboscá-la.

Exceto sua mãe, que tivera o poder sobre a carne e renunciara a ele. Ghanima ainda se sentia abalada por aquela luta interior, sabendo que teria perdido, não fosse a capacidade persuasiva de Leto.

Este dizia que seu Caminho Dourado conduzia para fora dessa armadilha. Exceto pela incômoda percepção de que ele escondia alguma coisa de sua visão, ela só podia aceitar sua sinceridade.

Ele precisava da fértil criatividade dela para enriquecer seu plano.

— Seremos testados — ela disse, sabendo aonde levavam suas dúvidas.

— Não com a especiaria.

— Talvez até isso. Certamente no deserto e no Julgamento de Possessão.

— Você nunca mencionou o Julgamento de Possessão! — disse ela, acusadora. — Era parte de seu sonho?

Ele tentou engolir com a garganta seca, amaldiçoando o descuido que o fizera revelar-se.

— Sim.

— Então nós seremos... possuídos?

— Não.

Ela pensou a respeito do Julgamento — aquela prova ancestral dos Fremen cujo término quase sempre trazia a morte horrenda. Então, o plano de Leto tinha outras complexidades. Iria conduzi-los a um pico onde uma queda para qualquer um dos lados não poderia ser tolerada pela mente humana, de modo que esta permaneceria sã.

Sabendo para onde fluíam os pensamentos de Ghanima, Leto disse:

— O poder atrai os psicóticos. Sempre. Isso é o que temos de evitar dentro de nós mesmos.

— Tem certeza de que não vamos ser... possuídos?

— Não se criarmos o Caminho Dourado.

Ainda em dúvida, ela disse:

— Não vou gerar os seus filhos, Leto.

Ele sacudiu a cabeça, suprimindo os indícios que pudessem traí-lo uma vez mais, e mergulhou na forma real do antigo idioma.

— Irmã minha, eu a amo mais que a mim mesmo, mas esse não é meu desejo.

— Muito bem, vamos voltar então à outra questão antes de nos reunirmos à nossa avó. Uma faca enterrada em Alia poderia resolver a maioria dos nossos problemas.

— Se acredita nisso, então acredita que podemos caminhar no lodo sem deixar rastros. Além do mais, quando foi que Alia deu a alguém essa oportunidade?

— Há uma conversa a respeito de Javid.

— Duncan mostra algum sinal de estar criando chifres?

Ghanima deu de ombros.

— Um veneno, dois venenos. — Era o rótulo comumente aplicado ao hábito da realeza de catalogar os companheiros pela ameaça que representavam à sua pessoa, marca dos governantes em toda parte.

— Devemos fazê-lo ao meu modo — disse ele.

— Do outro jeito podia ser mais limpo.

Pela resposta, ele sabia que ela finalmente eliminara suas dúvidas e acabara concordando com o plano. Essa percepção não lhe trouxe satisfação alguma e ele se encontrou olhando para as próprias mãos e imaginando se a sujeira iria grudar.

14

Esta foi a conquista do Muad'Dib: Ele percebeu o reservatório subliminar de cada indivíduo como um banco inconsciente de memórias recuando até a célula primal de nossa gênese comum. Cada um de nós, ele disse, pode medir sua distância em relação a essa origem comum. Vendo isso, e sobre isso falando, ele chegou a uma audaciosa decisão. O Muad'Dib assumiu a tarefa de integrar a memória genética à contínua avaliação. Assim ele penetrou nos véus do Tempo, tornando o futuro e o passado uma coisa única. Essa foi a criação do Muad'Dib, incorporada ao seu filho e à sua filha.

— O Testamento de Arrakis por Harq al-Ada

Farad'n caminhava pelos jardins do palácio real de seu avô, observando as sombras se encurtarem enquanto o sol de Salusa Secundus subia em direção ao zénite. Precisava se esforçar um pouco para manter o passo com o alto Bashar que o acompanhava.

— Tenho dúvidas, Tyekanik — ele disse. — Oh, não há como negar a atração do trono, mas... — respirou fundo — Tenho tantos interesses.

Tyekanik, recém-saído de violenta discussão com a mãe de Farad'n, olhou de lado para o Príncipe, notando como a carne do rapaz estava se firmando agora que ele se aproximava de seu 18.° aniversário. Havia cada vez menos de Wensicia nele, a cada dia que se passava, e mais e mais do velho Shaddam, que preferira as ocupações pessoais às responsabilidades da realeza. Fora isso que lhe custara o trono no final, é claro. Ele se tornara brando na maneira de comandar.

— Terá que fazer uma escolha — disse Tyekanik. — Oh, sem dúvida haverá tempo para alguns de seus interesses, mas...

Farad'n mordeu o lábio inferior. O dever o mantinha ali, mas se sentia frustrado. Teria preferido ir para o território rochoso onde se realizavam as experiências com a truta da areia. Aquele era um projeto com enorme potencial: tire o monopólio da especiaria das mãos dos Atreides e tudo poderá acontecer.

— Tem certeza de que esses gêmeos serão... eliminados?

— Nada é absolutamente certo, Meu Príncipe, mas as perspectivas são

boas.

Farad'n encolheu os ombros. O assassinato permanecia um dos fatos comuns na vida da realeza. O idioma estava cheio de sutis permutações no que se referia a modos de eliminar personalidades importantes. Com uma única palavra, era possível distinguir entre veneno na comida e veneno na bebida. Ele presumiu que a eliminação dos gêmeos Atreides seria realizada através de veneno. Não era um pensamento agradável. De acordo com todos os testemunhos, os gêmeos formavam um par muito interessante.

— Teríamos que nos mudar para Arrakis? — indagou Farad'n.

— Seria a melhor opção, colocando-nos no ponto de maior pressão.

Farad'n parecia estar evitando alguma pergunta e Tyekanik tentava imaginar qual poderia ser.

— Sinto-me perturbado, Tyekanik — disse Farad'n, enquanto contornavam a extremidade de uma sebe e se aproximavam de uma fonte cercada por enormes rosas negras. Jardineiros podiam ser ouvidos podando além das sebes.

— Sim? — instigou Tyekanik.

— Essa, ah, religião que você professa...

— Nada de estranho quanto a ela, Meu Príncipe — respondeu Tyekanik, esperando que sua própria voz se mantivesse firme. — Esta religião fala ao guerreiro que existe em mim. É uma religião adequada a um Sardaukar. — Isso, pelo menos, era verdadeiro.

— Ssim... mas minha mãe parece tão satisfeita com isso. "Maldita Wensicia!", pensou Tyekanik. "Deixou o filho desconfiado."

— Eu não me importo com o que sua mãe pensa. A religião de um homem é assunto seu.

Talvez ela perceba nisso alguma coisa que possa ajudá-la a colocá-lo no trono.

— Foi o que pensei — disse Farad'n.

"Ahh, esse é um rapaz esperto!", pensou Tyekanik, e disse:

— Olhe para esta religião por si mesmo, e verá imediatamente por que a escolhi.

— Ainda assim... orar ao Muad'Dib? Afinal de contas, ele era um Atreides.

— Só posso dizer que os caminhos divinos são misteriosos — respondeu Tyekanik.

— Percebo. Diga-me, Tyek, por que me convidou para caminhar com você justamente agora? É quase meio-dia e geralmente, a esta hora, você está em algum lugar, cumprindo ordens de minha mãe.

Tyekanik parou num banco de pedra que se voltava para a fonte e as rosas gigantes, além. A água caindo tinha um efeito tranquilizador e ele manteve a atenção sobre ela enquanto falava:

— Meu Príncipe, fiz uma coisa de que sua mãe pode não gostar. — E pensou: "Se ele acreditar nisso, o maldito esquema dela funcionará." Tyekanik quase desejava o fracasso dos planos de Wensicia.

"Trazer aquele maldito Pregador até aqui. Ela estava louca. E o custo!"'

Como Tyekanik permanecesse em silêncio, esperando, Farad'n indagou:

— Tudo bem, Tyek, que foi que você fez?

— Eu trouxe um praticante dá oniromancia.

Farad'n olhou de modo penetrante para seu companheiro. Alguns dos Sardaukar mais velhos praticavam o jogo de interpretação dos sonhos, fazendo isso cada vez mais, desde sua derrota ante aquele "Supremo Sonhador", o Muad'Dib. Em algum lugar dentro de seus próprios sonhos, eles raciocinavam, poderia haver um caminho de volta ao poder e à glória. Entretanto, Tyekanik sempre se abstivera de tal prática.

— Isso não parece típico de você, Tyek — disse Farad'n.

— Então, só posso falar por minha nova religião — ele disse, voltando-se para a fonte. Falar de religião era, evidentemente, o motivo pelo qual se tinham arriscado a trazer o Pregador.

— Então, fale dessa religião.

— Como Meu Príncipe ordena. — Ele voltou-s e, olhando para aquele jovem que levava consigo todos os sonhos agora destilados no caminho que a Casa Corrino deveria seguir. — Igreja e Estado, Meu Príncipe, até mesmo fé e raciocínio científico, e mais ainda: progresso e tradição — tudo isso está unido nos ensinamentos do Muad'Dib. Ele ensinou que não existem opostos irreconciliáveis, exceto nas crenças dos homens e, algumas vezes, em seus sonhos. Alguém pode descobrir o futuro no passado, ambos são partes de um todo.

A despeito das dúvidas, que não podia evitar , Farad'n se sentiu impressionado por essas palavras. Percebeu uma nota de sinceridade relutante na voz de Tyekanik, como se o homem, ao falar, enfrentasse compulsões interiores.

— E foi por isso que me trouxe esse... esse intérprete de sonhos?

— Sim, Meu Príncipe. Talvez seu sonho tenha penetrado no Tempo. O senhor conquista a consciência de seu ser interior quando reconhece o universo como um todo coerente. Seus sonhos... bem...

— Mas eu falei casualmente dos meus sonhos — protestou Farad'n. — São uma curiosidade, nada mais. Nem sequer uma vez suspeitei que fossem...

— Meu Príncipe, nada do que faz deixa de ter importância.

— Isso é muito lisonjeiro, Tyek. Acredita real mente que esse sujeito possa enxergar o coração dos grandes mistérios?

— Sim, Meu Príncipe.

— Então, deixe que minha mãe se aborreça.

— Irá vê-lo?

— É claro... já que o trouxe para desagradar minha mãe. “Será que ele está zombando de mira?”, perguntou-se Tyekanik, e disse:

— Devo adverti-lo de que esse velho usa um a máscara. É um engenho ixiano que habilita os cegos a enxergarem através da própria pele.

— Ele é cego?

— Sim, Meu Príncipe.

— E sabe quem sou?

— Eu lhe contei, Meu Príncipe.

— Muito bem, vamos vê-lo.

— Se Meu Príncipe aguarda? aqui por um momento, eu lhe trarei o homem.

Farad’n olhou o jardim ao redor e sorriu. Um lugar tão bom quanto qual quer outro para essa tolice.

— Já lhe contou o que sonhei?

— Somente em termos gerais, Meu Príncipe. Ele vai lhe pedir um relato pessoal.

— Muito bem. Eu espero aqui. Traga o sujeito.

Farad’n virou-lhe as costas e ouviu Tyekanik sair apressadamente. Um jardineiro podia ser visto trabalhando logo além da sebe, o topo de sua cabeça com o capuz marrom, o lampejo da tesoura cortando acima do verde. O movimento era hipnótico.

“Esse negócio de sonhos é tolice”, pensou Farad’n. “Foi errado da parte de Tyek fazer isso sem me consultar. Estranho que Tyek se tornasse religioso com essa idade. E agora são os sonhos.”

Daí a pouco ele ouviu passos atrás de si. As passadas decididas e familiares de Tyekanik e um andar mais arrastado. Farad’n voltou-se, observando o intérprete de sonhos que se aproximava. A máscara ixiana era negra e parecia feita de gaze, ocultando o rosto desde a testa até embaixo do queixo.

Não havia fendas para os olhos, já que, a se acreditar nas gabolices dos ixianos, a máscara toda era um olho.

Tyekanik parou a dois passos de Farad’n, mas o velho mascarado aproximou-se a menos de um passo.

— O intérprete de sonhos — apresentou Tyekanik. Farad’n assentiu com a

cabeça.

O velho mascarado tossiu, quase um grunhido remoto, como se tentasse fazer alguma coisa subir-lhe do estômago.

Farad'n encontrava-se agudamente consciente do cheiro acre de especiaria que o velho desprendia. Parecia emanar do longo manto cinza que lhe cobria o corpo.

— Essa máscara é verdadeiramente parte de sua carne? — indagou Farad'n, percebendo que na verdade tentava atrasar a questão dos sonhos.

— Enquanto a uso — disse o velho, sua voz carregando um tom amargo e apenas uma sugestão de sotaque Fremen. — Seu sonho. Conte-me.

Farad'n encolheu os ombros: "Por que não?" Para isso é que Tyek trouxera o velho, ou não?

Dúvidas dominaram Farad'n e ele perguntou:

— Você é realmente um praticante da oniromancia?

— Vim para interpretar seu sonho, Poderoso Senhor.

Novamente, Farad'n encolheu os ombros. Essa figura mascarada o deixava nervoso, e ele olhou para Tyekanik, que continuava no lugar onde havia parado, braços cruzados, olhando para a fonte.

— Seu sonho, então — insistiu o velho.

Farad'n respirou fundo e começou a contar o sonho. Tornava-se mais fácil falar à medida que ele se envolvia inteiramente na narrativa. E falou a respeito de um poço em que a água fluía para cima, de mundos que eram átomos dançando em sua cabeça, da cobra que se transformava num verme de areia e depois explodia numa nuvem de pó. Falando sobre a cobra, ficou surpreso ao descobrir que isso lhe exigia um esforço maior. Uma terrível relutância o inibia, deixando-o mais furioso enquanto falava.

O velho permaneceu impassível quando Farad'n, afinal, ficou em silêncio. A máscara de gaze negra movia-se ligeiramente com sua respiração. Farad'n esperou. O silêncio continuava.

Daí a pouco, Farad'n perguntou:

— Não vai interpretar o meu sonho?

— Já o interpretei — disse ele, a voz parecendo vir de longa distância.

— Então? — Farad'n ouviu a própria voz, aguda, revelando-lhe a tensão que o sonho produzira.

Ainda assim, o velho permaneceu impassivelmente silencioso.

— Diga-me, então? — A raiva era óbvia em seu tom de voz.

— Eu disse que interpretaria. Não concordei em contar a interpretação.

Até mesmo Tyekanik se surpreendeu com isso, deixando cair os braços, os punhos contraídos.

— O quê? — perguntou ele com a voz rouca.

— Eu não disse que revelaria minha interpretação.

— Deseja mais dinheiro? — indagou Farad'n.

— Não pedi pagamento quando fui trazido até aqui.

Um orgulho frio na resposta suavizou a ira de Farad'n. Esse era um velho corajoso, em todo caso. Devia saber que a morte poderia seguir-se à desobediência.

— Deixe comigo, Meu Príncipe — pediu Tyekanik quando Farad'n começava a falar. Então:

— Pode nos dizer por que não revelará sua interpretação?

— Sim, Meus Senhores. O sonho me diz que não haveria propósito em explicar essas coisas.

Farad'n não pôde conter-se.

— Quer dizer que eu já sei o significado?

— Talvez saiba, Meu Senhor, mas essa não é minha preocupação.

Tyekanik colocou-se ao lado de Farad'n, ambos olhando para o velho com fúria.

— Explique-se! — exigiu Tyekanik.

— Isso mesmo — acrescentou Farad'n.

— Se eu falasse desse sonho, explorando esses assuntos de água e pó, cobras e vermes, analisando os átomos que dançam em sua cabeça , assim como na minha... Ah, Poderoso Senhor, minhas palavras só iriam confundi-lo e fazer com que insistisse no mal-entendido.

— Teme que suas palavras possam me enfurecer? — perguntou Farad'n.

— Meu Senhor! Já está furioso.

— É porque não confia em nós? — indagou Tyekanik.

— Chegou muito perto, Meu Senhor. Não confio em nenhum dos senhores e pela simples razão de que não confiam em si próprios.

— Você está perigosamente perto do limite — advertiu Tyekanik. — Homens já foram mortos por comportamentos menos atrevidos que o seu.

Farad'n assentiu, dizendo:

— Não desafie a nossa ira.

— As consequências fatais da ira dos Corri no são bem conhecidas, Meu Senhor de Salusa Secundus.

Tyekanik colocou a mão no braço de Farad'n para contê-lo e indagou:

— Está nos tentando a matá-lo?

Farad'n havia pensado nisso e sentiu um arrepio ao imaginar o que tal comportamento poderia implicar. Seria esse velho, que chamava a si mesmo de Pregador... seria ele mais do que aparentava? Quais seriam as consequências de

sua morte? Criar um mártir podia ser perigoso.

— Eu duvido que me matem, não importa o que eu diga — afirmou o Pregador. — Creio que conhece meu valor, Bashar, e seu Príncipe agora dele suspeita.

— Você se recusa terminantemente a interpretar esse sonho? — perguntou Tyekanik.

— Já o interpretei.

— E não revelará o que viu?

— Culpa-me por isso, Meu Senhor?

— Como nos pode ser valioso? — perguntou Farad'n. O Pregador ergueu a mão direita.

— Se eu acenar com esta mão, Duncan Idaho virá a meu encontro e me obedecerá.

— Que tolice é essa? — admirou-se Farad'n.

Mas Tyekanik sacudiu a cabeça, relembrando sua discussão com Wensicia, e disse:

— Pode ser verdade, Meu Príncipe. Este Pregador tem muitos seguidores em Duna.

— Por que não me disse que ele era desse lugar?

Antes que Tyekanik pudesse responder, o Pregador dirigiu-se a Farad'n:

— Meu Senhor, não deve sentir-se culpado com relação a Arrakis. O Senhor é apenas um produto de sua época. Essa é uma justificativa especial a que qualquer homem pode recorrer quando suas culpas o perturbam.

— Culpas! — Farad'n estava indignado. O Pregador apenas encolheu os ombros.

Curiosamente, isso fez com que a ira de Farad'n se transformasse em divertimento. Ele riu, lançando a cabeça para trás e fazendo com que Tyekanik o olhasse, espantado.

— Gosto de você, Pregador.

— Isso muito me gratifica, Príncipe — respondeu o velho. Sufocando o riso, Farad'n disse:

— Vamos conseguir-lhe um apartamento aqui no palácio. Será meu intérprete de sonhos oficial, mesmo que nunca me dê uma palavra da interpretação. E poderá ser meu conselheiro a respeito de Duna. Tenho grande curiosidade em relação àquele lugar.

— Isso eu não posso fazer, Príncipe.

Um pouco da raiva retornou e Farad'n olhou, irado, para a máscara negra.

— E por que não, rezador?

— Meu Príncipe — Tyekanik falou novamente, tocando o braço de

Farad'n.

— O que é, Tyek?

— Nós o trouxemos aqui sob um acordo de compromisso com a Corporação. Ele deve ser levado de volta para Duna.

— Sou convidado a voltar para Arrakis — disse o Pregador.

— E quem o convoca? — quis saber Farad'n.

— Um poder maior que o seu, Príncipe.

Farad'n lançou um olhar indagador para Tyekanik.

— Será ele um espião dos Atreides?

— Não é provável, Meu Príncipe. Alia estabeleceu um preço por sua cabeça.

— Se não são os Atreides, então quem o chama? — perguntou Farad'n, enquanto voltava sua atenção para o Pregador.

— Um poder maior que o dos Atreides.

Farad'n deixou escapar uma risada. Isso era apenas tolice mística. Como Tyek pudera ser enganado por tal coisa? Esse Pregador fora convocado — provavelmente por um sonho. E que importância tinham os sonhos?

— Isto é perda de tempo, Tyek. Por que me sujeitou a esta... farsa?

— Há uma dupla vantagem nisto, Meu Príncipe — explicou Tyekanik. — Este intérprete de sonhos prometeu entregar-nos Duncan Idaho, como agente da Casa Corrino. E tudo que pediu em troca foi encontrá-lo e interpretar seu sonho. — E Tyekanik acrescentou para si mesmo: "Ou assim ele disse a Wensicia!" Novas dúvidas acometiam o Bashar.

— Por que meu sonho lhe é tão importante, velho? — perguntou Farad'n.

— Seu sonho me diz que grandes eventos se encaminham para a sua conclusão lógica. Devo apressar minha volta.

Zombando, Farad'n perguntou:

— E assim permanecerá inescrutável, sem me conceder nenhum conselho.

— Os conselhos, Meu Príncipe, são uma comodidade perigosa. Mas vou arriscar algumas palavras que pode tomar como conselho ou então de qualquer outro modo que lhe agrade.

— Certamente — respondeu Farad'n.

O Pregador manteve seu rosto mascarado confrontando rigidamente a face de Farad'n.

— Governos podem erguer-se e cair devido a razões que parecem insignificantes, Meu Príncipe. Coisinhas pequenas! Uma discussão entre duas mulheres... para que lado o vento sopra em determinado dia... um espirro, uma tosse, o comprimento de um traje ou o choque casual de uma partícula de areia com o olho de um cortesão. Nem sempre são as preocupações majestosas dos

ministros imperiais que ditam o curso da história, como não são necessariamente as afirmações dos sacerdotes que movem as mãos de Deus.

Farad'n ficou profundamente excitado com essas palavras, sem que pudesse explicar suas emoções.

Tyekanik, entretanto, voltara sua atenção para uma frase. Por que esse Pregador falara em vestuário? A mente de Tyekanik focalizou-se nos trajes imperiais enviados aos gêmeos Atreides, nos tigres treinados para atacar. Estaria esse velho enunciando algum aviso sutil? O quanto ele saberia?

— Qual o conselho contido nisso? — perguntou Farad'n.

— Para ter sucesso — disse o Pregador —, deve reduzir sua estratégia ao ponto de aplicação.

Aonde se aplica a estratégia? A um lugar em particular, e tendo em mente uma pessoa em particular.

Mas, mesmo com a maior consideração às minúcias , alguns pequenos detalhes, aos quais não se deu qualquer significação, podem escapar. Pode sua estratégia, Príncipe, ser reduzida às ambições da esposa de um governador regional?

Com a voz fria, Tyekanik interrompeu:

— Por que fica insistindo em estratégia, Pregador? Qual está pensando que será a de meu Príncipe?

— Ele está sendo levado a desejar o trono — respondeu o Pregador. — Eu lhe desejo boa sorte, mas ele vai precisar de muito mais que sorte.

— Essas são palavras perigosas — advertiu Farad'n. — Como se atreve a dizer tal coisa?

— As ambições têm a tendência de permanecerem imperturbadas pela realidade. Eu me atrevo a dizer essas palavras porque o Senhor está em uma encruzilhada. Pode tornar-se admirável. Mas se encontra cercado por aqueles que não buscam justificativas morais, por assessores que se orientam unicamente pela estratégia. É jovem e forte, mas lhe falta certo treino avançado através do qual sua personalidade possa desenvolver-se. Isso é triste , pois o Senhor tem fraquezas cujas dimensões já descrevi.

— Que quer dizer com isso? — exigiu Tyekanik.

— Tenha cuidado quando fala — advertiu Farad'n. — Que fraquezas são essas?

— O Senhor não pensou no tipo de sociedade que poderia preferir. Nem leva em consideração as esperanças de seus súditos. Até mesmo a forma do Império que busca não se cristalizou em sua imaginação. — O Pregador voltou seu rosto mascarado para Tyekanik. — Seus olhos voltam-se para o poder, mas não para a sutileza de seus usos e perigos. Assim, seu futuro se enche de coisas

desconhecidas: mulheres discutindo, tosses e dias de vento. Como pode criar uma época sendo incapaz de enxergar todos os detalhes? Sua mente rija não lhe serve. Nesse ponto, ambos são fracos.

Farad'n observou o velho por longo espaço de tempo, admirado com os profundos problemas implícitos em tais pensamentos e com a persistência de conceitos desacreditados. Moral! Objetivos sociais! Esses eram mitos que deviam ser colocados ao lado da crença no movimento ascendente da evolução.

Tyekanik disse:

— Já tivemos o suficiente em matéria de palavras. E quanto ao preço em que concordamos, Pregador?

— Duncan Idaho é seu — respondeu o Pregador. — Tenha cuidado no modo como vai usá-lo. Ele é uma jóia inestimável.

— Oh, nós temos uma missão adequada para el e — disse Tyekanik, e olhou para Farad'n. — Com sua permissão, Meu Príncipe?

— Mande-o fazer as malas antes que eu mude de idéia — respondeu Farad'n, e então olhou com raiva para Tyekanik. — Não gostei do modo como me usou, Tyek!

— Perdoe-o, Príncipe — disse o Pregador. — Seu fiel Bashar executa a vontade de Deus mesmo sem conhecê-la.

Curvando-se, o Pregador partiu e Tyekanik correu para acompanhá-lo.

Farad'n observou os dois se afastando e pensou: "Devo estudar essa religião que Tyek abraçou." Depois sorriu amargamente. "Que intérprete de sonhos! Mas que importa? Meu sonho não era importante."

15

E ele teve a visão de uma armadura. A armadura não era a sua própria pele, era mais forte que plasteel. Nada penetrava sua armadura: nem faca, veneno ou areia, nem a poeira do deserto ou seu calor ressecante. Em sua mão direita, ele carregava o poder de criar a tempestade Coriolis, sacudindo a terra e desgastando-a até o nada. Seus olhos estavam fixos sobre o Caminho Dourado e na mão esquerda ele tinha o cetro do domínio absoluto. E, além do Caminho Dourado, seus olhos penetravam na eternidade, que ele sabia ser o alimento de sua alma e de sua eterna carne.

— "Heighia, o Sonho de Meu Irmão"
do Livro de Ghanima

— Seria melhor para mim que nunca me tornasse o Imperador — disse Leto. — Não quero dizer com isso que cometi o erro de meu pai e observei meu futuro num copo de especiaria. Não digo isso por egoísmo. Minha irmã e eu precisamos desesperadamente de um tempo de liberdade para aprendermos a viver com o que somos.

Ele ficou em silêncio, olhando indagadoramente para Lady Jessica. Falara sua parte, como havia combinado com Ghanima. E agora, qual seria a resposta de sua avó?

Jessica observou o neto à luz mortiça dos globos que iluminavam seus alojamentos no Sietch Tabr. Ainda era manhã cedo em seu segundo dia ali e ela já recebera relatórios perturbadores de que os gêmeos haviam passado a noite em vigília fora do sietch. Que estariam fazendo? Ela não dormira bem e sentia a fadiga cobrando que abandonasse o nível de hiperatividade que a sustentara através de todas as prementes necessidades e exigências, desde aquele desempenho crucial no espaço-porto. Esse era o sietch de seus pesadelos, mas lá fora não era o deserto que ela lembrava. "De onde vieram todas essas flores?" E o ar a seu redor parecia muito úmido. Os jovens estavam relaxando na disciplina do traje-destilador.

— Quem é você, criança, que precisa de tempo para aprender sobre si mesmo? — perguntou.

Ele sacudiu a cabeça suavemente, sabendo que esse seria um gesto estranhamente adulto num corpo de criança. Lembrou-se de que devia manter essa mulher desnorteada.

— Primeiro, não sou uma criança. Oh... — Levou a mão ao peito. — Este é um corpo de criança, sem dúvida alguma. Mas eu não sou uma criança.

Jessica mordeu o lábio superior, sem se importar com o que isso revelava. Seu Duque, morto há tantos anos nesse maldito planeta, rira dela quando fizera isso, certa vez. "Sua única resposta descontrolada", fora como chamara aquele morder de lábio. "Isso me diz que você está perturbada e que eu devo beijar esses lábios para lhes deter o tremor."

Agora o neto, que tinha o mesmo nome de seu Duque, a deixava imóvel, com o coração batendo, ao meramente sorrir e dizer:

— A senhora está perturbada. Vejo pelo tremor de seus lábios. Foi necessária a mais profunda disciplina Bene Gesserit para lhe restaurar uma aparência de calma. Conseguiu dizer:

— Está zombando de mim?

— Zombar? Nunca. Mas devo deixar claro o quanto somos diferentes. Permita-me lembrar-lhe daquela orgia no sietch, tanto tempo atrás, quando a Velha Reverenda Madre passou-lhe suas vidas e sua memória. Ela sintonizou-se com a senhora e lhe deu aquela... aquela longa tira de salsichas. Cada qual uma pessoa. A senhora ainda as tem. Assim, conhece um pouco do que eu e Ghanima sentimos.

— E Alia? — indagou Jessica, testando-o.

— Não discutiu isso com Ghani?

— Desejo discutir com você.

— Muito bem. Alia negou o que era e acabou tornando-se aquilo que mais temia. O passado-interior não pode ser relegado ao inconsciente. Esse é um caminho perigoso para qualquer ser humano, mas para nós, que somos pré-nascidos, é pior que a morte. E isso é tudo que vou dizer a respeito de Alia.

— De modo que você não é uma criança.

— Tenho milhões de anos de idade. Isso exige ajustamentos que outros seres nunca tiveram de fazer antes.

Jessica assentiu, mais calma agora, e muito mais cautelosa do que fora com relação a Ghanima.

E onde estava Ghanima? Por que Leto viera sozinho?

— Bem, minha avó. Somos Abominações ou somos a esperança dos Atreides?

Jessica ignorou a pergunta.

— Onde está sua irmã?

— Está distraindo Alia para evitar que sejamos perturbados. Isso é necessário. Mas Ghani nada lhe diria além do que eu já disse. Não a observou ontem?

— O que observei ontem é problema meu. Por que você fica tagarelando a respeito de Abominação?

— Tagarelar? Não me venha com o seu jargão Bene Gesserit, vovó. Eu o devolverei à senhora, palavra por palavra, direto de suas próprias memórias. Quero mais do que um tremor em seus lábios.

Jessica sacudiu a cabeça, sentindo toda a frieza dessa... pessoa que tinha seu sangue. Os recursos de que ele dispunha a intimidavam. Tentou igualar-lhe o tom de voz, indagando:

— Que sabe de minhas intenções?

Ele fungou:

— Não precisa me perguntar se cometi o erro de meu pai. Não olhei para fora de nosso jardim do tempo... pelo menos não intencionalmente. Deixo o absoluto conhecimento do futuro para aqueles momentos de déjà vu que todo ser humano pode experimentar. Eu conheço a armadilha da presciência. A vida de meu pai me revela tudo que eu preciso conhecer a respeito. Não, vovó: conhecer totalmente o futuro significa estar totalmente preso a esse futuro. Ele desmorona o Tempo. O Presente transforma-se no Futuro. Eu preciso de mais liberdade que isso.

Jessica sentiu sua língua contorcer-se com palavras impronunciadas. Como poderia responder-lhe com algo que ele já não conhecesse? Isso era monstruoso! "Ele sou eu! Ele é o meu amado Leto!"

Esse pensamento deixou-a chocada. Momentaneamente, imaginou se esse rosto infantil não poderia amoldar-se àquelas adoráveis feições, fazendo renascer... "Não!"

Leto abaixou a cabeça e olhou para cima a fim de observá-la. Sim, era possível manobrá-la, apesar de tudo. E disse:

— Quando a senhora pensa em presciência, o que espero seja coisa rara, provavelmente não age diferentemente de outras pessoas. A maior parte das pessoas apenas imagina como seria ótimo saber a cotação de amanhã da pele de baleia. Ou se um Harkonnen voltará a governar seu mundo pátrio de Giedi Prime. Mas é claro que nós conhecemos os Harkonnen sem precisar de presciência, não conhecemos, vovó?

Ela recusou-se a morder-lhe a isca. É claro que ela sabia a respeito do amaldiçoado sangue Harkonnen em sua ascendência.

— Quem é um Harkonnen? — perguntou ele, provocando. — Quem é Rabban, a Besta? Qualquer um de nós, ah? Mas estou divagando. Quer o falar do

mito popular da presciência: conhecer totalmente o futuro! Todo ele! Que fortunas não poderiam ser construídas... e perdidas... com tal conhecimento absoluto, ah? A plebe acredita nisso. Acredita que, se um pouquinho é bom, mais deve ser melhor. Que maravilha! E se a senhora entregasse a um deles o cenário completo de sua vida, com cada diálogo imutável até o momento de sua morte... que presente infernal isso seria. Que tédio absoluto! A cada instante da vida, ele estaria encenando o que já conhecia de todo. Sem poder desviar-se. Poderia antecipar cada resposta, cada palavra... sempre, sempre, sempre... — Leto sacudiu a cabeça.

— A ignorância tem suas vantagens. Um universo de surpresas é tudo que peço!

Fora uma longa declaração e Jessica se admirara, enquanto ouvia, de como suas entonações e maneirismos ecoavam seu pai, o filho que ela perdera. Até mesmo as idéias eram coisas que Paul poderia ter dito.

— Você me lembra seu pai — ela disse.

— Isso lhe é doloroso?

— De certo modo, mas é tranquilizador saber que ele ainda vive em você.

— Quão pouco compreende o modo como ele vive em mim.

Jessica sentiu-lhe o tom de voz calmo, mas carregado de amargura. Ela ergueu o queixo, olhando diretamente para ele.

— Ou como o seu Duque vive em mim — acrescentou Leto. — Vovó, Ghanima é a senhora! E o é de tal maneira que sua vida não lhe guarda um único segredo, até o instante em que deu à luz nosso pai. E quanto a mim! Que catálogo de recordações carnais eu sou. Há momentos em que parece demais para suportar. Veio aqui para nos julgar? Veio para julgar Alia? Melhor seria se nós a julgássemos!

Jessica tentou buscar uma resposta e não encontrou. Que ele estava fazendo? Por que essa ênfase em sua diferença? Será que ele buscava a rejeição? Teria chegado à mesma condição de Alia? A Abominação?

— Isto a perturba — disse ele.

— Sim, me perturba. — Ela se permitiu um fútil encolher de ombros. — Realmente me perturba, e por motivos que conhece muito bem. Tenho certeza de que reviu meu treinamento Bene Gesserit. Ghanima admite isso. Eu sei que Alia... o fez. Você tem consciência das consequências de sua diferença.

Ele a encarou com perturbadora intensidade.

— Por pouco não tomamos esse rumo com a senhora — disse ele, e havia um sentimento de fadiga que ela sentia a refletir-se na voz de Leto. — Conhecemos o tremular de seus lábios da maneira como seu amante o conhecia. Qualquer elogio que seu Duque lhe sussurrou na cama é parte de nossas

lembranças. E nós aceitamos isso, intelectualmente, sem dúvida. Mas eu a previno de que a aceitação intelectual não é o bastante. Se um de nós se tornar uma Abominação, poderá ser obra sua dentro de nós! Ou de meu pai... ou de minha mãe! Do seu Duque! Qualquer um de vocês poderia possuir-nos... e o resultado seria o mesmo.

Jessica sentiu algo a lhe queimar o peito, uma umidade nos olhos.

— Leto... — Conseguiu usar-lhe o nome, afinal. E descobriu que a dor era menor do que imaginara, forçando-se a continuar.

— Que você quer de mim?

— Eu poderia ensinar à minha avó.

— Ensinar-me o quê?

— Noite passada, eu e Ghani desempenhamos o papel de mãe e pai até quase nos destruirmos, mas aprendemos muito. Existem coisas que uma pessoa pode conhecer, se tiver consciência de sua condição. Ações podem ser previstas. Alia, bem... é certo que ela trama raptá-la.

Jessica piscou, chocada com a rápida acusação. Conhecia bem o truque, tendo-o empregado muitas vezes: coloque uma pessoa seguindo uma linha de raciocínio e então introduza o choque a partir de outra linha. Ela se recobrou respirando fundo.

— Sei o que Alia tem feito... o que ela é, mas...

— Vovó, tenha pena dela. Use seu coração assim como sua inteligência. Já fez isso antes. A senhora representa uma ameaça e Alia quer o Império só para ela... pelo menos a coisa em que ela se tornou deseja isso.

— Como vou saber que isso não é outra Abominação falando?

Ele encolheu os ombros.

— É aí que entra o seu coração. Ghani e eu sabemos como ela caiu. Não é fácil ajustar-se ao clamor daquela multidão interior. Suprima-lhes os egos e eles virão se aglomerando cada vez que invocar uma memória. Um dia... — ele engoliu em seco — um membro mais forte daquela matilha interior decide que é hora de partilhar a carne.

— E não há nada que se possa fazer? — perguntou ela, embora temesse ouvir a resposta.

— Nós acreditamos que existe alguma coisa... sim. Não podemos sucumbir ante a especiaria. Isso é o mais importante. E não devemos suprimir inteiramente o passado. Devemos usá-lo, transformá-lo num amálgama. Para finalmente fundirmos todos eles em nós mesmos. Não seremos mais aqueles que éramos originalmente... mas não estaremos possuídos.

— Você fala de um plano para me sequestrar.

— Isso é óbvio. Wensicia tem ambições em relação a seu filho. Alia é

ambiciosa por si mesma, e...

— Alia e Farad'n?

— Isso não é indicado — ele disse. — Mas Alia e Wensicia seguem cursos paralelos agora mesmo. Wensicia tem uma irmã na casa de Alia. Que coisa mais simples que uma mensagem para...

— Tem conhecimento de tal mensagem?

— Como se tivesse visto e lido cada palavra.

— Mas não viu a mensagem?

— Não era preciso. Só preciso saber que todos os Atreides estão reunidos em Arrakis. Toda a água em uma única cisterna. — Fez um gesto abrangendo todo o planeta.

— A Casa Corrino não se atreveria a nos atacar aqui!

— Alia lucraria com isso se eles o fizessem. — Um tom de desprezo na voz dele a provocou.

— Não permitirei que meu próprio neto me trate desse modo! — disse ela.

— Então, dane-se, mulher! Pare de pensar em mim como seu neto! Pense em mim como seu Duque Leto! — O tom de voz e a expressão facial, até mesmo o gesto brusco com a mão, foram tão exatos que ela se calou, confusa.

Com voz seca e distante, Leto disse:

— Eu tentei prepará-la. Reconheça isso, pelo menos.

— Por que Alia me sequestraria?

— Para pôr a culpa na Casa Corrino, sem dúvida.

— Não acredito nisso. Mesmo para ela, seria... monstruoso! Muito perigoso! Como ela poderia fazê-lo sem... Não posso crer nisso!

— Quando acontecer, vai acreditar. Ahh, vovó, Ghani e eu só temos que escutar dentro de nós mesmos para saber. É um simples caso de auto-preservação. De que outro modo poderíamos perceber os erros que são cometidos à nossa volta?

— Nem por um minuto aceito que o rapto seja parte dos planos de Alia para...

— Deus do céu! Como uma Bene Gesserit pode ser tão estúpida? O Império inteiro suspeita dos motivos pelos quais está aqui. Os propagandistas de Wensicia estão preparados para desacreditá-la. Alia nem pode esperar que isso aconteça. Se você cair, a Casa Atreides sofrerá um golpe mortal.

— E de que o Império suspeita?

Ela mediu suas palavras tão friamente quanto possível, sabendo que não poderia dobrar essa não-criança com algum truque da Voz.

— De que Lady Jessica planeja unir os gêmeos para a procriação! — disse ele em voz estridente. — Isso é o que a Irmandade deseja. Incesto!

Jessica piscou os olhos.

— Tolo rumor. — Engoliu em seco. — As Bene Gesserits não permitirão que tal boato se espalhe descontroladamente pelo Império. Ainda temos alguma influência. Lembre-se disso.

— Boato? Que boato? Vocês certamente mantiveram aberta a opção de nos unir para a procriação. — Ele sacudiu a cabeça quando ela começou a falar. — Não negue isso. Deixe-nos passar a puberdade vivendo na mesma casa, e a senhora naquela casa, e sua influência sobre os boatos não será mais que um trapo sacudido na frente de um verme da areia.

— Acredita que sejamos completas idiotas? — perguntou Jessica.

— De fato acredito. Sua Irmandade não é mais que um punhado de mulheres velhas e tolas que não pensaram em nada além de seu precioso projeto de procriação! Ghani e eu sabemos do trunfo que elas possuem. Vocês pensam que nós somos tolos?

— Trunfo?

— Elas sabem que a senhora é uma Harkonnen! Está escrito em seus registros de procriação: Jessica gerada em Tanidia Nerus pelo Barão Vladimir Harkonnen. Esse registro, tornado público acidentalmente, arrancaria suas garras...

— Você pensa que a Irmandade iria rebaixar-se à chantagem?

— Eu sei o que ela faria. Oh, elas souberam como dourar a pílula. Disseram-lhe que investigasse os rumores a respeito de sua filha. Alimentaram sua curiosidade e seus temores. E invocaram seu senso de responsabilidade, fazendo com que se sentisse culpada por ter fugido para Caladan. E lhe ofereceram a perspectiva de poder salvar seus netos.

Jessica só podia fitá-lo em silêncio. Era como se ele houvesse presenciado aquele encontro emocional com as procuradoras da Irmandade. Sentiu-se completamente vencida por suas palavras e agora começava a aceitar a possibilidade de que ele estivesse falando a verdade quando dizia que Alia planejava o rapto.

— Como vê, vovó, tenho uma decisão difícil a tomar — ele disse. — Devo seguir a mística dos Atreides? Viver para meus súditos... ou morrer por eles? Ou devo escolher outro caminho. Um caminho que me permitiria viver milhares de anos?

Jessica estremeceu involuntariamente. Essas palavras, ditas com tal tranquilidade, tocavam num assunto que as Bene Gesserits tornavam quase impensável. Muitas Reverendas Madres poderiam escolher aquele caminho... ou tentá-lo. A manipulação da química interna do corpo era disponível às iniciadas na Irmandade. Mas se uma o fizesse, cedo ou tarde todas iriam tentar. E não

haveria meio de ocultar tal acumulação de mulheres imunes à velhice. Elas sabiam com certeza que tal caminho as conduziria à destruição. A humanidade de vida curta se voltaria contra elas. Não... era impensável.

— Não gosto do curso dos seus pensamentos — disse ela.

— A senhora não entende meus pensamentos. Ghani e eu... — Ele sacudiu a cabeça. — Alia teve isso ao seu alcance e jogou fora.

— Tem certeza disso? Já enviei mensagem à Irmandade avisando que Alia pratica o impensável. Olhe para ela! Ela não envelheceu um dia desde que eu...

— Oh, isso! — ele rejeitou a possibilidade do equilíbrio corporal Bene Gesserit com um aceno de sua mão. — Estou falando de alguma coisa a mais: uma perfeição de ser muito além de qualquer coisa que os seres humanos jamais conseguiram.

Jessica permaneceu em silêncio, horrorizada com a maneira fácil com que ele lhe arrancara sua descoberta. Ele saberia, com certeza, que tal mensagem representava uma sentença de morte para Alia.

E não importava o modo como ele mudasse o fraseado, só podia estar falando em cometer a mesma ofensa. Será que não conhecia o perigo contido em suas palavras?

— Deve explicar-se — conseguiu ela dizer finalmente.

— Como? — ele indagou. — A menos que entenda que o Tempo não é o que parece, não poderei nem começar a explicar. Meu pai suspeitava disso. Ele chegou à beira da compreensão, mas recuou. Agora é tarefa minha e de Ghani.

— Insisto em que explique — exigiu Jessica enquanto segurava a agulha envenenada guardada em uma dobra de seu manto. Tratava-se do gom jabbar, tão mortal que a menor picada mataria em questão de segundos. E ela pensou: “Elas me avisaram que eu poderia ser obrigada a usá-lo.” O pensamento enviava ondas de tremores através dos músculos de seu braço, e Jessica sentia-se grata pelo manto a ocultar-lhe o corpo.

— Muito bem — ele suspirou. — Primeiro quanto ao Tempo. Não há diferença entre 10 mil anos e um ano; nenhuma diferença entre 100 mil anos e o espaço da batida de um coração. Nenhuma diferença. Esse é o primeiro fato a respeito do Tempo. E o segundo fato: o universo inteiro, com todo o seu Tempo, encontra-se dentro de mim.

— Que tolice é essa?

— Está vendo? A senhora não compreende. Vou tentar explicar de outro modo, então. — Ergueu a mão direita para ilustrar, movendo-a enquanto falava. — Nós avançamos, nós recuamos.

— Essas palavras não explicam nada!

— Isso é correto — ele disse. — Há coisas que as palavras não podem

explicar. Deve-se experimentá-las sem palavras. Mas não está preparada para tal aventura, exatamente como quando olha para mim e não me vê.

— Mas... Eu estou olhando diretamente para você. É claro que eu o vejo! — Olhou furiosa para o menino. Suas palavras refletiam o conhecimento do Codex Zenzunni, tal como lhe havia sido ensinado nas escolas Bene Gesserit: um jogo de palavras para confundir o conhecimento filosófico de alguém.

— Algumas coisas acontecem além de seu controle — ele disse.

— E como isso explica essa... essa perfeição tão além das demais experiências humanas?

Ele acenou com a cabeça.

— Se alguém retarda a velhice ou a morte pelo uso da melange ou pelo ajustamento do equilíbrio corporal aprendido, que vocês Bene Gesserits temem com razão, tal retardo apenas invoca uma ilusão de controle. Se alguém caminha rapidamente ou lentamente através de um sietch, atravessa-o do mesmo modo. E essa passagem do tempo é vivenciada internamente.

— Por que você joga com as palavras dessa maneira? Eu afiava minha sabedoria com essas tolices antes mesmo que seu pai houvesse nascido.

— E terá a sabedoria aumentado?

— Palavras, palavras!

— Ah, está chegando perto!

— Hein?

— Vovó?

— Sim?

Ele permaneceu em silêncio por longo momento. Depois disse:

— Está vendo? Ainda pode responder por si mesma. — Sorriu para ela. — Mas não é capaz de ver além das sombras. Eu estou aqui. — Novamente ele sorriu. — Meu pai chegou muito perto disso. Quando viveu, ele viveu, mas quando morreu fracassou na morte.

— Que está dizendo?

— Mostre-me seu corpo!

— Acredita que esse Pregador...

— É possível, mas, ainda assim, aquele não é o seu corpo.

— Não está explicando nada — ela acusou.

— Exatamente como adverti.

— Então por que...

— Porque perguntou. Eu tinha de lhe mostrar. Agora vamos voltar a Alia e seus planos de sequestro.

— Está planejando o impensável? — ela exigiu saber, segurando o venenoso gom jabbar pronto para uso embaixo de seu manto.

— Seria o carrasco dela? — perguntou ele por sua vez, a voz falsamente branda. E apontou o dedo para a mão que ela ocultava sob o manto. — Pensa que ela lhe daria a chance de usar isso? Ou que eu permitirei que o use?

Jessica descobriu-se incapaz de engolir.

— Em resposta à sua pergunta, não planejo o impensável — ele disse. — Não sou tão estúpido. Mas fiquei chocado com a senhora. Atreve-se a julgar Alia. É claro que ela quebrou o precioso mandamento Bene Gesserit! Que esperava dela? Você fugiu dela, deixando-a como rainha em tudo menos no nome. Todo aquele poder! Enquanto fugia para Caladan, para curar seus ferimentos nos braços de Gurney. Muito bem. Mas quem é a senhora para julgar Alia?

— Eu lhe avisei. Não vou per...

— Ora, cale-se!

Ele voltou o rosto na direção oposta a ela, enfastiado. Entretanto, suas palavras haviam sido pronunciadas naquele modo especial das Bene Gesserits — a Voz controladora. Aquilo a silenciou como se lhe houvessem tapado a boca. E ela pensou: “Quem saberia como me atingir com a Voz melhor do que ele?” Era um argumento consolador que aliviava seus sentimentos feridos. Como muitas vezes ela usara a Voz com outras pessoas, jamais esperara ser-lhe suscetível... não de novo... não desde seus dias de escola, quando...

Ele voltou-se novamente para ela.

— Sinto muito. É só que sei o quão cegamente se espera que reaja a...

— Cegamente? Eu? — Mostrou-se mais indignada com isso do que ficara por seu excelente uso da Voz contra si.

— Sim — ele disse. — Cegamente. Se ainda lhe resta alguma honestidade, vai reconhecer suas próprias reações. Eu chamo seu nome e a senhora diz “Sim?”. Eu silencio a sua língua. Invoco todos os seus mitos Bene Gesserit. Olhe seu interior do modo como lhe foi ensinado. Isso, pelo menos, é algo que pode fazer por sua...

— Como se atreve! O que sabe do... — Sua voz calou-se. É claro que ele sabia!

— Olhe o seu interior, eu digo! — Sua voz era imperiosa.

Novamente, a voz dele a dominou. Jessica sentiu os sentidos paralisados, a respiração acelerada.

Muito além de sua consciência espreitava um coração batendo, a respiração cansada de um... De repente, percebeu que a respiração acelerada, o coração batendo não eram latentes, não eram controláveis por seu domínio Bene Gesserit. Com os olhos se dilatando no choque da descoberta, sentiu a própria carne sendo controlada por outros. Lentamente, recuperou a pose, mas a

consciência permaneceu. Durante toda a entrevista, essa não-criança tocara suas reações como se ela fosse um instrumento afinado.

— Agora sabe o quão profundamente foi condicionada por suas preciosas Bene Gesserits — disse ele.

Ela só podia assentir afirmativamente. Sua crença nas palavras fora destroçada. Leto a forçara a olhar seu próprio universo físico bem de cara, e ela ficara abalada, a mente fugindo com uma nova consciência das coisas. “Mostre-me seu corpo!” Ele lhe mostrara o próprio corpo como se ela fosse uma recém-nascida. Isso não lhe acontecia desde seus primeiros dias de escola em Wallach, desde aqueles dias aterrorizantes antes que os compradores do Duque a viessem buscar. Desde então, não sentia tal incerteza assustadora quanto a seus próximos instantes de vida.

— Vai permitir que a sequestrem — disse Leto.

— Mas...

— Não estou pedindo para discutir isso. Vai permitir o sequestro. Pense nisso como uma ordem do seu Duque e verá seus motivos quando estiver feito. Vai confrontar um estudante muito interessante.

Leto levantou-se e acenou. Depois disse:

— Alguns atos têm um fim, mas não um começo; outros começam e não terminam. Tudo depende de onde se coloca o observador. — Voltando-se, deixou os aposentos.

Na segunda antecâmara, Leto encontrou Ghanima, correndo para seus aposentos particulares. Ela parou quando o viu e disse:

— Alia está ocupada com a Assembléia da Fé. — Depois olhou indagadoramente para a passagem que conduzia aos aposentos de Jessica.

— Funcionou — disse Leto.

16

A Atrocidade é reconhecida como tal igualmente por aquele que a sofre como por aquele que a comete, e por todos que dela tomam conhecimento em qual quer lugar. Não existem desculpas para a atrocidade, nenhum argumento que a alivie. A atrocidade nunca equilibra ou corrige o passado. Meramente prepara o futuro para mais atrocidades. Ela é auto perpetuadora... uma forma bárbara de incesto. Quem quer que cometa atrocidades torna-se também responsável pelas futuras atrocidades assim geradas.

— Os Apócrifos do Muad'Dib

Pouco depois do meio-dia, quando a maioria dos peregrinos se afastara para se refrescar em uma sombra ou fonte de bebida que pudesse encontrar, o Pregador entrou no grande quadrado abaixo do Templo de Alia, guiado pela mão de seus olhos alugados, o jovem Assan Tariq. Num bolso debaixo de seu manto fluido, o Pregador levava a máscara de gaze negra que usara em Salusa Secundus.

Divertia-lhe o pensamento de que a máscara e o rapaz serviam ao mesmo propósito: disfarce.

Enquanto precisasse de olhos alugados, as dúvidas permaneceriam.

"Deixe que o mito cresça, mas mantenha as dúvidas bem vivas", pensava.

Ninguém devia saber que a máscara era apenas pano, e não um artefato ixiano. Sua mão não devia deixar o ombro ossudo de Assan Tariq. Permita que o Pregador caminhe apenas uma vez como os dotados de visão, a despeito de suas órbitas vazias, e todas as dúvidas se dissolverão. A pequena esperança que ele nutria estaria morta. A cada dia ele orava por uma mudança, alguma coisa diferente na qual pudesse tropeçar, mas até mesmo Salusa Secundus fora um seixo, cada aspecto conhecido.

Nada mudara; nada podia ser modificado... ainda.

Muitas pessoas notaram sua passagem pelas lojas e arcadas, observando a maneira como ele voltava a cabeça para um lado e para o outro, mantendo-a centrada sobre um portal ou uma pessoa. Os movimentos de sua cabeça nem sempre eram os que se esperariam de um cego, e isso alimentava o mito

crescente.

Alia observava de uma abertura em forma de fenda na elevada ameia de seu templo. Examinava aquela face cheia de cicatrizes lá embaixo buscando um sinal... um indício preciso de sua identidade.

Todos os rumores lhe eram relatados. E cada um chegava com a emoção do medo.

Pensara que suas ordens para aprisionar o Pregador permaneceriam secretas, mas estas também lhe retornavam agora como boatos. Mesmo entre seus guardas, alguém não conseguia ficar calado.

Esperava agora que a guarda seguisse suas novas ordens e não capturasse esse mistério envolto em mantos num lugar público, onde tudo pudesse ser visto e relatado.

A praça estava quente e poeirenta. O jovem guia do Pregador puxara o véu de seu manto sobre o nariz, deixando apenas os olhos escuros e um estreito trecho da testa descobertos. O véu inchava com os contornos do tubo de recolhimento do traje- destilador. Isso revelava a Alia que eles tinham vindo do deserto. Onde será que se escondiam por lá?

O Pregador não usava um véu protetor contra o ar ressecante. Chegara mesmo a abaixar a dobra do tubo recolhedor de seu traje, sua face encontrando-se descoberta para a luz do sol e o calor tremeluzente que se erguia em ondas visíveis dos blocos da pavimentação.

Nos degraus do Templo, encontrava-se um grupo de nove peregrinos fazendo sua mesura de despedida. O lado da praça abrigado pelas sombras devia conter mais umas 50 pessoas, a maioria peregrinos devotando-se às várias penitências impostas pelo clero. Entre as testemunhas encontrar-se-iam mensageiros e alguns mercadores que ainda não haviam vendido o suficiente para fecharem durante a parte mais quente do dia.

Observando da fenda, Alia sentia o calor suarento e encontrava-se presa entre o pensamento e a sensação, do modo como frequentemente vira acontecer com seu irmão. A tentação de consultar seu interior ressoava como um zumbido funesto em sua cabeça. O Barão estava lá: ocupado, mas sempre pronto a jogar com seus temores quando o julgamento racional falhava e as coisas ao redor perdiam o senso de passado, presente e futuro.

“E se aquele lá for Paul?”, perguntou-se.

— Tolice — respondeu a voz dentro dela.

Mas não se podia duvidar dos relatos sobre as palavras do Pregador. “Heresia!” Pensar que o próprio Paul pudesse derrubar a estrutura erguida sobre seu nome era algo que a aterrorizava.

“Por que não?”

E pensou no que dissera durante o Conselho daquela manhã, quando se voltara raivosamente contra Irulan, insistindo em apressar a aceitação das roupas enviadas como presente pela Casa Corrino.

— Todos os presentes para os gêmeos serão examinados minuciosamente, como de costume — argumentara Irulan.

— E quando considerarmos o presente inofensivo? — gritara Alia.

De algum modo, aquela fora a coisa mais assustadora de todas: descobrir que o presente não acarretava qualquer ameaça.

No final, eles haviam aceito os finos tecidos e passado para a outra questão em debate: seria concedida a Lady Jessica uma posição no Conselho? Alia conseguira adiar a votação.

Pensava nisso enquanto olhava para o Pregador, lá embaixo.

As coisas que aconteciam com sua Regência eram agora como a outra face das transformações que haviam sido impostas ao planeta. Duna já simbolizara o poder do derradeiro deserto. Esse poder encolhera fisicamente, mas seu mito crescera, to mando corpo. Somente o deserto-oceano permanecia, o grande Deserto-Mãe do interior do planeta, com sua orla de espinheiros, que os Fremen ainda chamavam de Rainha da Noite. Por trás dos arbustos espinhentos, erguiam-se suaves colinas verdes ondulando para a areia. Todas as colinas tinham sido feitas pelo homem. Cada uma delas fora plantada por homens que haviam trabalhado como insetos rastejantes. O verde daquelas colinas era quase acabrunhante para alguém criado, como Alia o fora, na tradição das areias sombreadas de castanho. Em sua mente, assim como na de todos os Fremen, o deserto-oceano ainda prendia Duna com garras que nunca relaxariam. Ela só tinha de fechar os olhos para tornar a ver esse deserto.

Quem agora abrisse os olhos na orla do deserto veria as colinas verdejantes, o limo do pântano estendendo verdes pseudópodes em direção às areias — mas o outro deserto permanecia poderoso como sempre.

Alia sacudiu a cabeça e olhou para o Pregador.

Ele alcançara o primeiro dos terraços-degraus abaixo do Templo e voltara o rosto para a praça quase deserta. Alia tocou no botão abaixo de sua janela, que amplificava as vozes lá de baixo. Sentia uma onda de autopiedade, vendo-se presa ali, em sua solidão. Em quem poderia confiar? Pensara que Stilgar permaneceria digno de sua confiança, mas também ele fora afetado por esse cego.

— Você sabe como ele conta? — perguntara-lhe Stilgar — Eu o ouvi contando moedas enquanto pagava seu guia. Foi muito estranho para meus ouvidos de Fremen, e isso é uma coisa terrível. Ele conta: “shuc, ishcai, qimsa, chuascu, picha, sucta” e assim por diante. Não ouço alguém contando desse

modo desde os velhos dias no deserto.

Com isso, Alia percebera que Stilgar não poderia ser enviado para realizar o trabalho que precisava ser feito. E teria de ser cautelosa com sua guarda, onde a mais leve ênfase da Regência tendia a ser recebida como uma ordem absoluta.

O que esse Pregador estaria fazendo ali?

O mercado circundante, debaixo de suas galerias e arcadas protetoras, ainda apresentava um aspecto vistoso: mercadorias deixadas em exposição sob a guarda de alguns meninos. Uns poucos mercadores permaneciam despertos, farejando biscoitos de especiaria, dinheiro do interior ou o tilintar da bolsa de um peregrino.

Alia observou as costas do Pregador. Ele parecia pronto a falar, mas alguma coisa ainda continha sua voz.

"Por que me coloco aqui, olhando aquela ruína de carne ancestral?", perguntou-se ela. "Aquele destroço ambulante lá embaixo não pode ser o 'vaso de magnificência' que um dia foi."

Um sentimento fronteiriço entre a frustração e a raiva a dominou. Como ela poderia descobrir o que precisava a respeito do Pregador, descobrir com certeza, sem verificar? Encontrava-se tolhida. Não se atrevia a revelar mais que uma curiosidade passageira a respeito desse herege.

Irulan percebia isso. Ela perdera sua famosa pose de Bene Gesserit e gritara em Conselho:

— Nós perdemos a capacidade de pensar bem de nós mesmos! Até mesmo Stilgar ficara chocado.

Javid lhes restituíra a calma, dizendo:

— Não temos tempo para essa tolice!

Javid estava certo. Que importava o que eles pensavam de si mesmos? O importante era manter o poder imperial. Mas Irulan, recuperando sua pose, fora ainda mais devastadora:

— Nós perdemos alguma coisa vital, eu lhes digo. E quando a perdemos, perdemos também a capacidade de tomar boas decisões. Tomamos nossas decisões hoje em dia tal como tomamos uma posição inimiga. Ou então esperamos e esperamos, o que é uma forma de desistência, e permitimos que as decisões dos outros ditem nosso comportamento. Será que nos esquecemos de que fomos nós que fizemos fluir essa corrente?

E tudo isso em torno da aceitação do presente da Casa Corrino.

Irulan teria de ser eliminada, decidiu Alia.

O que aquele homem lá embaixo estava esperando? Chamava a si mesmo de Pregador. Então, por que não pregava?

Irulan estava errada quanto à nossa capacidade de tomar decisões, disse

Alia a si mesma. “Eu ainda posso tomar as decisões necessárias!” Uma pessoa com decisões de vida ou morte a serem tomadas deve toma-las ou permanecer presa a um pêndulo. Paul sempre dissera que a estase era a mais perigosa das coisas não-naturais. A única permanência era a fluidez. A mudança era tudo o que importava.

“Eu lhes mostrarei o que é mudança!”, pensou Alia.

O Pregador ergueu os braços numa bênção.

Alguns dos que permaneciam na praça aproximaram-se dele e Alia notou a lentidão com que se moviam. Sim, corriam boatos de que o Pregador desagradava a Alia. Ela curvou-se próximo do fone ixiano, ao lado da abertura de espionagem. O alto-falante trouxe-lhe os murmúrios das pessoas na praça, o som do vento, o arranhar de pés na areia.

— Eu lhes trago quatro mensagens! — disse o Pregador. Sua voz gritou no alto-falante e ela abaixou o volume.

— Cada mensagem destina-se a determinada pessoa — disse o Pregador. — A primeira mensagem é para Alia, suserana deste lugar. — E ele apontou para trás, na direção da fenda de onde ela espionava. — Eu lhe trago uma advertência: você, que tem no ventre o segredo da permanência, vendeu seu futuro por uma bolsa vazia!

“Como ele se atreve?”, pensou ela, mas as palavras a imobilizaram.

— Minha segunda mensagem — disse o Pregador — é para Stilgar, o Naib Fremen que acredita poder traduzir o poder das tribos em poder imperial. Meu aviso a você, Stilgar: a mais perigosa de todas as criações é um rígido código de ética. Ele se voltará contra você e o levará ao exílio!

“Ele já foi longe demais”, pensou Alia. “Devo mandar os guardas, não importa quais sejam as consequências.” Mas suas mãos permaneceram abaixadas.

O Pregador voltou-se para encarar o Templo, subiu o segundo degrau e uma vez mais se voltou para a praça, o tempo todo mantendo a mão esquerda sobre o ombro de seu guia. E gritou novamente:

— Minha terceira mensagem é para a Princesa Irulan. Princesa! A humilhação é algo que ninguém pode esquecer. Eu a aviso para que fuja!

“O que ele está dizendo?”, indagou-se Alia. “Nós humilhamos Irulan, mas... Por que ele a avisa para fugir? Minha decisão acabou de ser tomada!” Um arrepio de medo propagou-se através de Alia. “Como esse Pregador poderia saber?”

— Minha quarta mensagem é para Duncan Idaho — gritou ele. — Duncan, você aprendeu a acreditar que lealdade compra lealdade. Oh, Duncan, não creia na história pois a história é impelida por qualquer coisa que sirva como

dinheiro. Duncan! Pegue seus chifres e faça aquilo que sabe fazer melhor.

Alia mordeu as costas da mão direita. “Chifres!” Queria estender a mão e apertar o botão que chamaria os guardas, mas a mão se recusava a se mexer.

— Agora eu pregarei para vocês — disse o Pregador. — Este é um sermão do deserto. Eu o dirijo aos ouvidos do clero do Muad’Dib, àqueles que praticam o ecumenismo da espada. Ó crentes no destino manifesto! Não sabem que o destino manifesto tem seu lado demoníaco? Vocês gritam que se sentem enaltecidos meramente por terem vivido nas abençoadas gerações do Muad’Dib. Eu lhes digo que vocês abandonaram o Muad’Dib. A santidade substituiu o amor em sua religião! Vocês procuram a vingança do deserto.

E o Pregador abaixou a cabeça como que em prece.

Alia sentia-se trêmula ante o que ouvira. Deus do céu, que voz! Uma voz ferida por anos nas areias cauterizantes, mas que poderia ser um resquício da voz de Paul.

Uma vez mais o Pregador ergueu a cabeça. Sua voz trovejou sobre a praça, onde mais pessoas haviam começado a se reunir, atraídas por essa curiosidade vinda do passado.

— Assim está escrito — gritou o Pregador. — Aquele que ora por orvalho na orla do deserto trará inundação! Eles não escaparão de seu destino através dos poderes da razão! A razão vem do orgulho que um homem pode não reconhecer dessa forma quando já fez o mal. — Ele abaixou a voz.

— Diz-se do Muad’Dib que ele morreu de presciência, que o conhecimento do futuro o matou e que ele passou deste universo da realidade para o alam al-mythal. Eu lhes digo que isso é uma ilusão de Maya. Tais pensamentos não possuem realidade independente. Eles não podem deixar vocês e realizar coisas reais. O Muad’Dib disse de si mesmo que não era dotado da magia Rihani com a qual poderia codificar o universo. Não duvidem dele.

Novamente o Pregador ergueu os braços e elevou a voz num brado estentóreo.

— Eu advirto o clero do Muad’Dib! O fogo do penhasco os queimará! Aqueles que aprendem a lição da auto-ilusão deverão perecer vitimados pela própria ilusão. O sangue de um irmão não pode ser esquecido!

Ele abaixara os braços, encontrara seu guia e estava deixando a praça antes que Alia pudesse superar a trêmula imobilidade que a dominara. Tamanha heresia exposta sem medo! Tinha de ser Paul.

Precisava avisar os guardas. Eles não se atreviam a agir contra esse Pregador em campo aberto. O que ocorrera lá embaixo na praça confirmava isso.

A despeito da heresia, ninguém procurara deter o Pregador. Nenhum guarda do Templo saltara para persegui-lo. Nenhum peregrino tentara

interrompê-lo. Aquele cego carismático! Todos que o viam ou ouviam sentiam seu poder, o reflexo de seu talento divino.

A despeito do calor do dia, Alia subitamente sentiu frio. Sentiu a fragilidade de seu domínio sobre o Império como uma coisa física. Segurava a beirada de sua fenda de vigilância como se segurasse o poder, sentindo como lhe podia escapar. O equilíbrio entre o Landsraad, a CHOAM e o poder dos Fremen mantinha o núcleo desse poder, enquanto a Corporação Espacial e a Bene Gesserit agiam silenciosamente, nas sombras. A proibição da importação de desenvolvimentos tecnológicos provenientes das fronteiras mais distantes da humanidade corroía esse poder central. Os produtos permitidos às fábricas dos ixianos e dos Tleilaxu não conseguiam aliviar a pressão. E sempre ao fundo se erguia Farad'n, da Casa Corrino, herdeiro dos títulos e reivindicações de Shaddam IV.

Sem os Fremen, sem o monopólio da Casa Atreides sobre a especiaria geriátrica, esse domínio seria perdido. Todo o poder se dissolveria. Ela podia senti-lo escorregando de suas mãos nesse momento. As pessoas davam atenção a esse Pregador . Seria perigoso silenciá-lo, assim como seria perigoso deixá-lo continuar pregando palavras como as que gritara na praça. Ela podia sentir os primeiros prenúncios de sua própria derrota, e o padrão do problema se delineava claramente em sua mente. As Bene Gesserits haviam codificado esse problema:

"Uma grande população pode ser dominada por uma força pequena, mas poderosa — essa é uma situação muito comum em nosso universo. E nós conhecemos as principais condições pelas quais essa grande população pode voltar-se contra seus dominadores.

"1) Quando ela encontra um líder. Essa é a vais volátil ameaça aos poderosos; eles devem manter controle sobre os líderes.

"2) Quando a população reconhece a opressão. Mantenha a população cega e sem questionar.

"3) Quando a população percebe a esperança de fugir ao domínio. Ela não deve nem mesmo acreditar que a libertação é possível!"

Alia sacudiu a cabeça, sentindo as bochechas tremerem com a força do movimento. Os sinais estavam ali em seu povo. Cada relatório que recebia de seus espiões espalhados pelo Império reforçava a certeza de seu conhecimento. A guerra incessante do Jihad Fremen deixara sua marca em toda parte.

Em qualquer lugar tocado pelo "ecumenismo da espada" a população mantinha uma atitude de povo dominado: defensiva, oculta, evasiva. Todas as manifestações de autoridade — e isso significava essencialmente a autoridade religiosa — tornavam-se capazes de suscitar ressentimento. Ah, os peregrinos

ainda vinham aos milhões, e alguns deles provavelmente eram devotos. Mas para a maioria a peregrinação tinha outros motivos que não a devoção. Mais frequentemente, era um modo astuto de garantir o futuro. Ela enfatizava a obediência e produzia uma forma verdadeira de poder que se traduzia facilmente em riqueza. O Hajji que retornava de Arrakis voltava para casa com nova autoridade, novo status social. O Hajji podia tomar decisões lucrativas que os que haviam ficado em seu mundo não se atreveriam a desafiar.

Alia conhecia a popular charada: "Que se enxerga dentro da bolsa vazia daqueles que voltaram de Duna?" E a resposta: "Os olhos do Muad'Dib (diamantes de fogo)."

Os métodos tradicionais para dominar a crescente agitação popular enfileiraram-se diante de Alia: as pessoas deviam aprender que a oposição era sempre punida e a ajuda ao governante, sempre recompensada. As forças imperiais devem ser transferidas ao acaso. Os principais acessórios do poder imperial devem permanecer ocultos. E cada movimento com que a Regência se opõe a um ataque em potencial requer delicada sincronia para manter a oposição em desequilíbrio.

"Será que perdi meu senso de oportunidade?", ela se indagou.

— Que tola especulação é essa? — perguntou uma voz dentro dela. Sentiu que ficava mais calma. Sim, o plano do Barão era bom. Nós eliminamos a ameaça de Lady Jessica e ao mesmo tempo desacreditamos a Casa Corrino. Sim. Depois cuidaria do Pregador. Entendia sua postura . O simbolismo era claro. Ele era o espírito ancestral da especulação desenfreada, o espírito da heresia, vivo e funcionando em seu deserto de ortodoxia. Essa era sua força. Não importava se ele era ou não Paul... desde que essa dúvida pudesse ser mantida. Entretanto, o conhecimento Bene Gesserit de Alia lhe dizia que a força do Pregador poderia conter a chave de suas fraquezas.

"O Pregador deve ter uma falha que possamos encontrar. Farei com que o espionem, o observem a cada momento. E, se a oportunidade surgir, ele será desacreditado."

17

Não vou questionar as afirmações dos Fremen no sentido de que são divinamente inspirados a transmitir a revelação religiosa. Sua simultânea reivindicação de possuírem a revelação ideológica é que me inspira a menosprezá-los. É claro que eles fazem essa dupla reivindicação na esperança de que tal crença fortaleça seu mandarinato e os ajude a permanecer num universo que os julga cada vez mais opressivos. E é em nome de todos esses povos oprimidos que eu advirto os Fremen: expedientes úteis a curto prazo sempre fracassam a longo prazo.

— O Pregador de Arrakeen

Durante a noite, Leto subira com Stilgar até uma estreita saliência na crista do afloramento de rochas pouco elevadas a que os habitantes do Sietch Tabr deram o nome de o Criado. Sob a luz minguante da Segunda Lua, a saliência oferecia-lhes uma visão panorâmica: a Muralha Escudo com o monte Idaho ao norte, a Grande Planície ao sul, com dunas ondulando para leste, em direção à cordilheira Habbanya. A poeira no ar, resultante de uma tempestade recente, ocultava o horizonte ao sul, enquanto a luz do luar dava uma aparência de geada à borda da Muralha Escudo.

Stilgar fora até ali contra a sua vontade, entrando nessa aventura secreta porque Leto despertara sua curiosidade. Por que motivo era necessário arriscar-se a uma travessia pela areia durante a noite? O garoto ameaçara fugir e fazer a caminhada sozinho se Stilgar se recusasse a acompanhá-lo. Isso o perturbara profundamente. Dois alvos tão importantes sozinhos no meio da noite!

Leto agachou-se na saliência, olhando para o sul, em direção à planície. Ocasionalmente, batia no joelho como se estivesse frustrado.

Stilgar aguardou. Ele era bom em esperas silenciosa s, e estava a dois passos de seu protegido, braços cruzados, o manto ondulando suavemente à brisa noturna.

Para Leto, a travessia na areia representava uma resposta ao desespero interior, uma necessidade de buscar um novo alinhamento para sua vida no conflito silencioso ao qual Ghanima não mais poderia arriscar-se. Ele conduzira

Stilgar no sentido de compartilhar essa jornada porque essas eram coisas que Stilgar devia saber a fim de se preparar para o que vinha pela frente.

Novamente Leto bateu no joelho. Era difícil conhecer um início! Às vezes se sentia como extensão de todas aquelas incontáveis vidas, todas tão próximas e reais como a sua própria. No fluir daquelas vidas não havia fim nem realização — apenas o eterno começar. Elas podiam ser uma turba também, todas gritando-lhe como se ele fosse uma única janela através da qual cada um desejasse observar. E aí se encontrava o perigo que destruíra Alia.

Leto olhou para longe, vendo a luz do luar pratear os restos da tormenta. Dobras e sobredobras de dunas estendiam-se sobre a planície: areia de sílica carregada pelo vento, moldada em ondas — areia-ervilha, areia pulverizada e cascalhes. Sentia-se apanhado num daqueles momentos de imobilidade que antecediam a aurora. O tempo se comprimia sobre ele. Já era o mês de Akkad e para trás se estendia um interminável tempo de espera: dias longos e quentes, ventos quentes e secos; noites como essa, atormentadas por rajadas e sopros intermináveis vindos da fornalha que eram as terras do bled do Falcão. Olhou por sobre o ombro na direção da Mura lha Escudo, uma linha recortada contra a luz das estrelas. Além daquela Muralha, na Depressão ao Norte, se encontrava o foco de seus problemas.

Uma vez mais, contemplou o deserto. E, enquanto olhava no calor da escuridão, o dia raiou, o sol elevando-se das bandas de poeira e dando um toque de amarelo aos fiapos vermelhos da tempestade. Ele fechou os olhos, desejando imaginar como esse dia apareceria visto de Arrakeen, e a cidade se estendeu em sua consciência, captada como um conjunto de caixas espalhadas entre a luz e as novas sombras. Deserto... caixas... deserto... caixas...

Quando abriu os olhos, o deserto permanecia lá: uma ampla extensão marrom de areias sopradas pelos ventos. Sombras oleosas, ao longo da base de cada duna, estendiam-se como os raios da noite que acabara de passar. Elas ligavam um tempo ao outro. Leto pensou na noite passada ali com Stilgar inquieto ao seu lado, preocupado com o silêncio e as razões não-explicadas de ter ido a esse lugar. Stilgar devia ter muitas memórias de noites assim passadas com o seu adorado Muad'Dib. Mesmo agora, Stilgar estava em movimento, observando tudo à sua volta, alerta aos perigos. Ele não gostava de ficar ao ar livre durante o dia. E nisso era um puro Fremen dos velhos tempos.

A mente de Leto relutava em abandonar a noite e o esforço limpo de uma travessia da areia.

Uma vez ali, nas rochas, a noite assumira sua negra imobilidade. Ele entendia os temores de Stilgar em relação à luz do dia. O negro era uma coisa só, mesmo quando continha fervilhantes terrores. A luz podia ser muitas coisas. A

noite continha os odores do medo e suas criaturas que chegavam com sons resvalantes. As dimensões se distinguiam na noite, tudo se ampliava — espinhos mais agudos, lâminas mais cortantes. Mas os terrores do dia podiam ser piores.

Stilgar pigarreou.

Leto falou sem se voltar:

— Tenho um problema muito sério, Stil.

— Assim suspeitei.

A voz ao lado de Leto chegava baixa e cautelosa. A criança pronunciara as palavras de modo perturbadoramente semelhante ao pai. Isso era algo de uma magia proibida que fazia vibrar uma corda de repulsa em Stilgar. Os Fremen conheciam os terrores da possessão. Aqueles encontrados possuídos eram legitimamente mortos e sua água era derrama da sobre a areia para que não contaminasse a cisterna tribal. Os mortos deviam permanecer mortos. Era correio alguém se imortalizar em uma criança, mas as crianças não tinham o direito de assumir uma forma muito precisa de seu passado.

— Meu problema é que meu pai deixou muitas coisas por terminar — disse Leto. — Principalmente o foco de nossas vidas. O Império não pode prosseguir desta maneira, Stil, sem um foco adequado sobre a vida humana. Estou falando de vida, você entende? Vida, não morte.

— Certa vez, quando estava perturbado por um a visão, seu pai me falou desse modo — disse Stilgar.

Leto sentiu-se tentado a eliminar aquele questionamento temeroso com uma resposta banal, talvez uma sugestão para que quebrassem o jejum. Percebia estar com muita fome. Haviam se alimentado ao meio-dia do dia anterior e ele insistira para que jejuassem durante a noite. Mas outra fome crescia nele agora.

“O problema de minha vida é o problema deste lugar”, pensou. “Nenhuma criação preliminar.

Só posso recuar, recuar, até que as distâncias se desfocam. Não consigo ver o horizonte; não posso ver a cordilheira Habbanya. Não consigo encontrar o lugar original do teste.”

— Não existe realmente um substitutivo para a presciência — disse Leto. — Talvez eu devesse me arriscar com a especiaria...

— E ser destruído como seu pai?

— Um dilema — reconheceu Leto.

— Uma vez seu pai me confidenciou que conhecer muito bem o futuro era estar preso a esse futuro, sem qualquer liberdade para alterá-lo.

— Esse paradoxo é o nosso problema. A presciência é uma coisa sutil e poderosa. O futuro se torna o agora. E ter visão em terra de cegos acarreta perigos específicos. Se tenta interpretar o que vê para os cegos, você tende a se

esquecer que os cegos possuem um modo inerente de movimento, condicionado por sua cegueira. Eles são como uma máquina monstruosa movendo-se ao longo de seus próprios trilhos. Possuem um ímpeto próprio, suas próprias fixações. Eu temo os cegos, Stil. Porque eles podem facilmente esmagar qualquer coisa em seu caminho.

Stilgar olhou para o deserto. A aurora amarelada tornara-se um dia cor de aço. Ele perguntou:

— Por que viemos a este lugar?

— Porque eu queria que você visse o lugar onde posso morrer. Stilgar ficou tenso.

— Então, teve uma visão?

— Talvez fosse apenas um sonho.

— Por que viemos a um lugar tão perigoso? — Stilgar olhou furioso para seu protegido. — Vamos voltar imediatamente.

— Eu não vou morrer hoje, Stil.

— Não? Como foi essa visão?

— Vi três caminhos — disse Leto. Sua voz saía com um tom sonolento de recordação. — Um desses futuros exige que eu mate minha avó.

Stilgar olhou rapidamente na direção do Sietch Tabr, como se temesse que Lady Jessica pudesse ouvi-los a essa distância.

— Por quê?

— Para evitar que percamos o monopólio da especiaria.

— Eu não compreendo.

— Nem eu. Mas esse é meu pensamento no sonho quando eu uso a faca.

— Oh! — Stilgar compreendia o uso da faca. Respirou fundo. — Qual é o segundo caminho?

— Ghani e eu nos casamos para selar a linha de sangue dos Atreides.

— Ghaa! — Stilgar expeliu o fôlego numa violenta expressão de desgosto.

— Em tempos muito antigos, era normal que reis e rainhas fizessem isso — explicou Leto. — Mas Ghani e eu já decidimos que não o faremos.

— Eu os aconselho a manterem essa decisão! — Havia morte no tom de voz de Stilgar. Pela lei dos Fremen, o incesto era punido com a morte no tripé de enforcamento. Ele pigarreou e indagou. — E o terceiro caminho?

— Exige que eu reduza meu pai à estatura humana.

— O Muad'Dib era meu amigo — murmurou Stilgar.

— Ele era seu deus! Devo retirar-lhe a divindade.

Stilgar voltou as costas para o deserto, olhando através do oásis para seu amado Sietch Tabr.

Conversas desse tipo sempre o perturbavam.

Leto sentiu um odor suarento no movimento de Stilgar. Era tão tentador evitar as coisas importantes que precisavam ser ditas ali. Eles podiam falar durante metade do dia, afastando-se do específico em direção ao abstrato, como que se arrastando para longe das verdadeiras decisões, fugindo das necessidades imediatas que os confrontavam . E não havia dúvida de que a Casa Corrino representava uma ameaça real para vidas reais — a sua e a de Ghani. Mas tudo que fazia agora precisava ser medido e testado com relação às necessidades secretas. Certa vez, Stilgar votara a favor de que Farad'n fosse assassinado, sugerindo a sutil aplicação do chaumurky: veneno administrado numa bebida. Sabia-se que Farad'n era apaixonado por certos licores suaves. Isso não pudera ser permitido.

— Se eu morrer aqui — disse Leto —, você deve ter cuidado com Alia. Ela não é mais sua amiga.

— Que conversa é essa sobre a morte e sua tia? — Agora Stilgar estava verdadeiramente indignado: "Matar Lady Jessica! Cuidado com Alia! Morrer neste lugar!"

— Homens insignificantes transformam-se sob o comando dela — explicou Leto. — Um governante não precisa ser um profeta. Ou um deus. Um governante só precisa ser sensível. Eu o trouxe aqui comigo para deixar claro do que o Império precisa. Ele precisa de um bom governo. E isso não depende de leis nem precedentes, mas das qualidades pessoais daquele que governa.

— A Regência cuida de seus deveres imperiais muito bem — disse Stilgar. — Quando você chegar à idade...

— Eu já tenho idade! Sou a pessoa mais velha daqui! Ao meu lado, você não passa de uma criança manhosa. Posso lembrar-me de épocas há mais de 50 séculos. Ahh! Até posso me lembrar de quando nós Fremen estávamos em Thurgrod.

— Por que brinca com tais fantasias? — censurou Stilgar num tom de voz categórico.

Leto assentiu para si mesmo. Por que, de fato ? Por que reavivar as memórias daqueles outros séculos? Os Fremen de hoje eram seu problema imediato, a maioria deles apenas selvagens semido-mados, inclinados a rir da inocência desventurada.

— A faca cristalina dissolve-se na morte de seu dono — disse Leto. — O Muad'Dib se dissolveu. Por que então os Fremen continuam vivos?

Era uma daquelas bruscas mudanças de pensamento que confundiam Stilgar. Ele se encontrou temporariamente confuso. Tais palavras continham um significado, mas seu objetivo lhe escapava.

— Espera-se que eu seja o Imperador, mas sou obrigado a ser um servo — queixou-se Leto.

Olhou por sobre o ombro para Stilgar. — Meu avô, cujo nome recebi, acrescentou novas palavras ao seu brasão quando veio para Duna: “Aqui estou, aqui permanecerei.”

— Ele não tinha escolha — disse Stilgar.

— Muito bem, Stil. Nem eu tenho qualquer escolha. Devo ser o Imperador por direito de berço, pela adequação de meu entendimento, por tu do que foi investido em mim. Até mesmo sei de que o Império precisa: um bom governo.

— A palavra Naib tem um antigo significado — disse Stilgar. — Significa servo do Sietch.

— Eu me lembro de seu treinamento, Stil — disse Leto. — Para um governo adequado, a tribo deve ter meios de escolher homens cujas vidas reflitam o comportamento ideal de governo.

Das profundezas de sua alma Fremen, Stilgar disse:

— Você colocará o manto imperial se lhe for adequado. Mas primeiro deve provar que pode comportar-se da maneira adequada a um governante!

Inesperadamente, Leto riu. Depois disse:

— Duvida de minha sinceridade, Stil?

— Claro que não.

— De meu direito hereditário?

— Você é aquilo que é.

— E se eu fizer aquilo que todos esperam de mi m, essa será a medida da minha sinceridade, não?

— É o costume Fremen.

— Então, não devo ter opiniões próprias para guiar meu comportamento?

— Não entendo o que...

— Se eu sempre me comportar adequadamente, não importando o que me custe a supressão de meus próprios desejos, então essa é que será a medida do meu valor.

— Essa é a essência do autocontrole, jovem.

— Jovem! — Leto sacudiu a cabeça. — Ah, Stil, você me dá a chave para a ética racionalista de governo. Devo ser firme, cada uma de minhas ações enraizada nas tradições do passado.

— Isso é adequado.

— Mas o meu passado se alonga mais profundamente que o seu!

— Qual a diferença...

— Eu não tenho a primeira pessoa do singular, Stil. Sou uma pessoa múltipla, com memórias e tradições mais antigas do que você pode imaginar.

Essa é minha carga, Stil. Sou governado pelo passado. Estou repleto de um conhecimento inato que resiste ao novo, à mudança. No entanto, o Muad'Dib mudou tudo isso. — Leto fez um gesto em direção ao deserto, seu braço estendendo-se para abranger a Muralha Escudo atrás de si.

Stilgar voltou-se para fitar a Muralha Escudo. Um vilarejo fora construído abaixo da Muralha desde o tempo do Muad'Dib. Casas destinadas a abrigar uma equipe de planetólogos que ajudava a expandir a vida vegetal sobre o deserto. Stilgar olhou para aquela intromissão do homem na paisagem.

Mudança? Sim. Havia um alinhamento naquela vila, uma exatidão que o ofendia. Ficou em silêncio, ignorando a coceira causada por partículas de pedra pulverizada sob seu traje-destilador. Esse vilarejo era uma ofensa a tudo aquilo que esse planeta já fora. Subitamente, Stilgar desejou que um vento circular saltasse uivando sobre as dunas e destruísse aquele lugar. A sensação deixou-o tremendo.

Leto disse:

— Já reparou, Stil, que os novos trajes-destiladores são de péssima qualidade? Nossa perda de água é muito grande.

Stilgar conteve-se a ponto de dizer: "Não fui eu que disse isso?" Em vez disso, falou:

— Nosso povo torna-se cada vez mais dependente das pílulas. Leto acenou com a cabeça. As pílulas mudavam a temperatura do corpo, reduzindo a transpiração. Eram mais baratas e práticas que os trajes-destiladores. Mas causavam outros problemas ao usuário, entre eles uma tendência a retardar o tempo de reação e uma visão ocasionalmente turva.

— Foi por isso que viemos até aqui? — perguntou Stilgar. — Para discutir a fabricação de trajes-destiladores?

— Por que não? Desde que você não deseja encarar o que preciso discutir.

— Por que devo ter cuidado com a sua tia? — Havia um indício de raiva na voz de Stilgar.

— Porque ela joga com o velho desejo Fremen de resistir às mudanças e no entanto vai provocar uma mudança mais terrível do que você pode imaginar.

— Está exagerando! Ela é uma Fremen respeitável.

— Ahhh, então os Fremen respeitáveis se mantém firmes nos modos do passado e eu tenho um passado ancestral. Stil, se eu me entregasse a essa inclinação, iria exigir uma sociedade fechada, completamente dependente dos sagrados costumes do passado. Eu controlaria as migrações, explicando que elas fomentam novas idéias, e as novas idéias são uma ameaça a toda a estrutura da vida. Cada pequena sociedade planetária seguiria seus próprios caminhos, cumprindo seu destino. Até que finalmente o Império se fragmentaria sob o peso

das diferenças.

Stilgar tentou engolir com a garganta subitamente seca. Essas eram palavras que o Muad'Dib poderia ter pronunciado. Elas tinham a sua marca. Eram paradoxais, assustadoras. Mas se alguém permitisse qualquer mudança... Ele sacudiu a cabeça.

— O passado pode lhe indicar a maneira certa de se comportar se você vive no passado, Stil.

Mas as circunstâncias mudam.

Stilgar só podia concordar em que as circunstâncias mudavam. Como alguém deveria comportar-se, então? Olhou para além de Leto, vendo o deserto e ao mesmo tempo não o vendo. O Muad'Dib caminhara lá. A planície era um lugar de sombras douradas enquanto o sol se erguia, sombras arroxeadas com arroios secos e arenosos cobertos de vapores poeirentos. A névoa de poeira que geralmente se mantinha sobre a cordilheira Habbanya era visível a grande distância agora, e o deserto, estendendo-se de lá até aqui, apresentava um panorama de dunas que iam diminuindo, uma curva atrás da outra. Através do calor tremulante, ele viu as plantas que cresciam na orla do deserto. O Muad'Dib fizera com que a vida brotasse naquele lugar desolado. Flores cor de cobre, ouro e vermelho, folhas verde-acinzentadas, avermelhadas e da cor da ferrugem, pontas e sombras profundas debaixo de arbustos. O movimento no calor do dia fazia as sombras tremularem, vibrando no ar. Daí a pouco Stilgar, disse:

— Eu sou apenas um líder dos Fremen; você é o filho de um Duque.

— Não sabendo o que dizia, você o disse — replicou Leto. Stilgar franziu a testa. Certa vez, muito tempo atrás, o Muad'Dib o repreendera dessa maneira.

— Você se lembra disso, não se lembra, Stil? — perguntou Leto. — Nós estávamos embaixo da cordilheira Habbanya, e aquele capitão Sardaukar, lembra-se dele? Aramsham? Ele matou seu companheiro para se salvar. E você advertiu várias vezes naquele dia quanto ao risco de poupar as vidas dos Sardaukar que haviam visto nossos métodos secretos. E finalmente você disse que eles, com certeza, iam revelar o que tinham visto e que deviam ser mortos. E meu pai disse: "Não sabendo o que dizia, você o, disse." Você ficou magoado e lhe disse que era um simples líder dos Fremen e que os Duques deviam conhecer coisas mais importantes.

Stilgar olhou surpreso para Leto. "Nós estávamos embaixo da cordilheira Habbanya! Nós!"

Essa... essa criança que não havia nem mesmo sido concebida naquele dia sabia o que acontecera com todos os detalhes. Detalhes que só podiam ser do conhecimento de alguém que estivera lá. Era apenas outra prova de que essas crianças Atreides não podiam ser julgadas pelos padrões normais.

— Agora você me ouvirá — continuou Leto. — Se eu morrer ou desaparecer no deserto, você deverá fugir do Sietch Tabr. Eu o ordeno. Você deve levar Ghani e...

— Você ainda não é o meu Duque! Você é... uma criança!

— Sou um adulto em corpo de criança. — Leto apontou para uma estreita fenda nas rochas abaixo deles. — Se eu morrer aqui, será naquele lugar. Você verá o sangue e então saberá. Pegue minha irmã e...

— Vou dobrar a sua guarda — respondeu Stilgar. — Não virá aqui novamente. Vamos embora agora e você...

— Stil! Você não pode me proteger. Volte sua mente uma vez mais para aquela ocasião, na cordilheira Habbanya, Lembra-se?

O trator-fábrica estava lá na areia e um grande Produtor se aproximava. Não havia modo de salvar aquele trator de esteiras do verme. E meu pai ficou aborrecido com isso. Mas Gurney pensava apenas nos homens que perdera nas areias. Lembre-se do que ele disse: “Seu pai teria ficado mais preocupado com os homens que não pudesse ter salvo.” Stil, eu o encarrego de salvar as pessoas. Elas são mais importantes que as coisas. E Ghani é a mais preciosa de todas, porque sem mim ela é a única esperança dos Atreides...

— Não ouvirei mais nada — disse Stilgar.

Voltou-se e começou a descer pelas rochas em direção ao oásis do outro lado da extensão de areia. Ouviu Leto seguindo-o e daí a pouco este o ultrapassou, olhando para trás e dizendo:

— Já reparou, Stil, como as moças estão bonitas este ano?

18

A vida de um único ser humano, assim como a vida de um a família ou de todo um povo, persiste na memória. Meu povo deve passar a ver nisso uma parte de seu processo de maturação. Trata-se de um povo semelhante a um organismo, e nessa memória persistente seus membros armazenam mais e mais experiências num reservatório subliminar. A humanidade espera poder recorrer a esse material se ele for necessário para mudar o universo. Mas muito do que está guardado pode ser perdido naquele jogo casual de acidentes que nós chamamos de "destino". Muito pode não ser integrado em relações evolutivas, e assim não ser avaliado e colocado em ação pelas contínuas mudanças ambientais que agem sobre a carne. Uma espécie pode esquecer! Eis aí um valor especial do Kwisatz Haderach de que as Bene Gesserits nunca suspeitaram: o Kwisatz Haderach não pode esquecer.

— O Livro de Leio segundo Harq al-Ada

Stilgar não sabia como explicar, mas achara a observação casual de Leto profundamente inquietante. Aquilo permaneceu em sua consciência durante toda a caminhada através da areia até o Sietch Tabr, tomando precedência sobre tudo mais que Leto dissera lá no Criado.

De fato, as jovens de Arrakis estavam muito bonitas nesse ano. E os rapazes também. Seus rostos brilhavam serenamente com a abundância de água, seus olhos olhavam adiante, para muito longe. Eles expunham suas feições com frequência, sem a exigência das máscaras ou tubos de recolhimento dos trajes-destiladores. Frequentemente, nem mesmo usavam o traje-destilador ao ar livre, preferindo as novas indumentárias que, com os movimentos, ofereciam rápidos vislumbres de seus corpos ágeis e jovens.

Tal beleza humana apresentava-se diante da nova beleza da paisagem. Em contraste com o velho Arrakis, o olhar podia encantar-se agora com a visão ocasional de um conjunto de ramos verdes crescendo entre rochas marrom-avermelhadas. E os velhos alojamentos da cultura das cavernas, com seus minuciosos selos e armadilhas de umidade em cada entrada, estavam sendo substituídos por vilas em campo aberto, frequentemente construídas com tijolos

de lama seca. Lama!

“Por que desejei que aquela vila fosse destruída?”, perguntou-se Stilgar, e tropeçou enquanto caminhava.

Sabia pertencer a uma raça em extinção. Os velhos Fremen assombravam-se com a abundância e o esbanjamento em seu planeta. Água desperdiça da no ar por nada mais que sua capacidade de moldar tijolos de construção, A água usada em uma única habitação, de uma só família, poderia manter vivo um sietch inteiro durante um ano.

As novas construções possuíam até mesmo janelas transparentes para deixar entrar o calor do sol e aliviar a umidade no interior. Tais janelas abriam-se para o exterior.

Os novos Fremen, com suas casas de lama, podiam olhar a paisagem ao redor, não se encontravam mais fechados e acotovelados dentro de um sietch. E para onde a nova visão se voltava também viajava a imaginação. Stilgar podia sentir isso. A nova visão unia os Fremen ao resto do universo imperial, condicionando-os ao espaço ilimitado. Eles, que um dia haviam estado presos ao seco planeta Arrakis, escravos das mínimas necessidades, sem compartilhar da mente aberta dos habitantes da maioria dos planetas do Império.

Stilgar podia ver as mudanças contrastando com suas próprias dúvidas e temores. Nos velhos dias, raro era o Fremen que até mesmo considerava a possibilidade de deixar Arrakis e começar vida nova num dos mundos ricos em água. A eles não se permitia nem mesmo sonhar com a fuga.

Olhou para as costas de Leto enquanto o jovem caminhava à sua frente. Leto falara em proibições com relação a sair do planeta. Bem, isso sempre fora realidade na maioria dos outros mundos, mesmo naqueles onde o sonho era permitido como válvula de escape. Mas a escravidão planetária chegara ao auge em Arrakis. E os Fremen se haviam voltado para o interior, fechando-se em suas mentes, tal como estavam fechados em suas cavernas.

O próprio significado da palavra sietch — um refúgio em épocas turbulentas — se havia pervertido num monstruoso confinamento para uma população inteira.

Leto falara a verdade: o Muad’Dib mudara tudo isso.

Stilgar sentia-se perdido. Podia sentir suas velhas crenças desmoronando. A nova visão do exterior produzia uma vida que desejava escapar a qualquer confinamento.

“Como as moças estão bonitas este ano.”

Os velhos costumes (“Meus costumes!”, ele admitiu) haviam forçado seu povo a ignorar toda a história, exceto aquela que se refletia internamente em suas próprias labutas. Os velhos Fremen haviam estudado a história de suas próprias e

terríveis migrações, seus vôos de perseguição em perseguição. O velho governo planetário seguira a política declarada do velho Império. Eles haviam suprimido a criatividade e todo o sentido de progresso, de evolução. A prosperidade era uma coisa perigosa para o velho Império e os seus donos do poder.

Com um abrupto choque, Stilgar percebeu que essas também eram coisas perigosas no caminho que Alia estava seguindo.

Novamente, tropeçou e ficou ainda mais atrás de Leto.

Nos velhos costumes e religiões, não existia futuro, apenas um interminável agora. Stilgar percebia que antes do Muad'Dib os Fremen haviam sido condicionados a acreditar no fracasso, nunca na possibilidade de realização. Bem... eles haviam acreditado em Liet-Kynes, mas ele trabalhara com uma escala de tempo de 40 gerações. Tal coisa não constituía uma conquista, era apenas um sonho que, ele agora percebia, também se voltara para dentro.

"O Muad'Dib mudara tudo isso!"

Durante o Jihad, os Fremen haviam aprendido muito a respeito do velho imperador Padishah, Shaddam IV. O 81.° Padishah da Casa Corrino a ocupar o Trono do Leão Dourado e reinar sobre esse império de incontáveis mundos usara Arrakis como campo de testes para as políticas que esperava implementar no resto de seu império. Seus governadores planetários em Arrakis haviam cultivado um pessimismo persistente para reforçar suas bases de poder. Eles se haviam certificado de que todas as pessoas em Arrakis, até mesmo os Fremen, que vagueavam livremente, se familiarizassem com numerosos casos de injustiça e problemas insolúveis ; elas haviam aprendido a pensar em si mesmas como pessoas desamparadas, para as quais não haveria auxílio.

"Como as moças estão bonitas este ano!"

Enquanto observava as costas de Leto, que se afastava, Stilgar começou a se admirar com o modo como o jovem havia feito todos esses pensamentos fluírem em sua mente apenas com aquele comentário banal. Por causa daquele comentário, Stilgar surpreendera-se encarando Alia e seu próprio papel no Conselho de maneira inteiramente diferente.

Alia gostava de dizer que os velhos costumes cediam terreno lentamente. E Stilgar admitia que sempre achara essa declaração vagamente tranquilizadora. A mudança era algo perigoso. As invenções deviam ser proibidas. A capacidade do indivíduo tinha de ser negada. Para que outra função servia o clero senão para negar a vontade individual?

Alia ficava dizendo que as oportunidades de competição aberta deviam ser reduzidas aos limites controláveis. Mas isso significava que a ameaça periódica da tecnologia só poderia ser usada para confinar as populações — exatamente como servir a aos seus antigos senhores. Qualquer tecnologia permitida devia ser

incorporada aos rituais. De outro modo... de outro modo...

Novamente Stilgar tropeçou. Estava no qanat agora e viu Leto esperando embaixo de um pomar de damascos que crescia ao longo do curso d'água. Stilgar ouviu seus pés caminharem através do capim alto.

"Capim alto!"

"Em que posso acreditar?", perguntou-se Stilgar.

Era próprio dos Fremen de sua geração acreditar que os indivíduos necessitavam de um profundo senso de suas próprias limitações. As tradições eram certamente o principal elemento de controle em uma sociedade segura. As pessoas deviam conhecer as fronteiras de seu tempo, de sua sociedade, de seu território. Que havia de errado com o sietch como modelo de todo esse modo de pensar? Um senso de clausura penetrando cada escolha individual — cercando a família, a comunidade e cada medida tomada por um governo correto.

Stilgar parou e olhou, através do pomar, para Leto. O jovem estava lá, olhando-o com um sorriso.

"Será que ele sabe da agitação em minha cabeça?"

E o velho Naib Fremen tentou refugiar-se no catecismo tradicional de seu povo. Cada aspecto da vida exigia uma única forma, sua circularidade inerente baseada num secreto conhecimento interior do que dará certo e do que não dará. O modelo para a vida, para a comunidade, para cada elemento de uma sociedade maior, até e além dos cumes do governo — esse modelo deve ser o sietch e seu equivalente na areia: o Shai-Hulud. O gigantesco verme da areia era certamente a mais formidável das criaturas, mas quando ameaçado ele se escondia em profundezas impenetráveis.

"A mudança é perigosa!", repetiu para si mesmo. Uniformidade e estabilidade eram os objetivos adequados para um governo.

Mas os rapazes e as moças estavam belos.

E eles se lembravam das palavras do Muad'Dib ao depor Shaddam IV: "O que eu busco não é vida longa para o Imperador; é vida longa para o Império."

"Não foi isso que estive dizendo a mim mesmo?", perguntou-se Stilgar.

Voltou a caminhar, dirigindo-se para a entrada do sietch ligeiramente à direita de Leto. O jovem procurou interceptá-lo.

O Muad'Dib dissera outra coisa, lembrou-se Stilgar: "Exatamente como os indivíduos nascem, amadurecem, procriam e morrem, assim também o fazem as sociedades, as civilizações e os governos."

Perigosa ou não, haveria mudança. Os jovens e belos Fremen sabiam disso. Eles podiam olhar em frente e vê-la, e preparar-se para quando ela viesse.

Stilgar foi obrigado a parar. Era isso ou caminhar diretamente para cima de Leto.

O jovem olhou para ele com astúcia e disse:

— Está vendo, Stil? A tradição não é o guia absoluto que você pensou que fosse.

19

Um Fremen morre quando está muito longe do deserto; nós chamamos isso de “doença da água”.

— Comentários de Stilgar

— Para mim, é difícil pedir-lhe para fazer isso — disse Alia. — Mas... devo me certificar de que haverá um Império para os filhos de Paul herdarem. Não existe outro motivo para a Regência.

Alia voltou-se de onde estava sentada, diante do espelho, completando sua arrumação matinal.

Olhou para o marido, observando como ele recebia essas palavras. Duncan Idaho merecia um estudo cuidadoso nesses momentos; não havia dúvida de que ele se tornara algo muito mais sutil e perigoso do que o espadachim da Casa Atreides que um dia fora. A aparência externa permanecia similar: o cabelo negro sobre feições severas e escuras — mas nos longos anos desde que despertara do estado de ghola ele sofrera uma metamorfose interior.

Ela se perguntava agora, como se perguntara muitas vezes, o que o renascimento ghola poderia ter ocultado em seu secreto isolamento. Antes que os Tleilaxu houvessem exercido sobre ele suas técnicas sutis, as reações de Duncan haviam ostentado rótulos claros para os Atreides — lealdade, adesão fanática ao código de moral de seus antepassados mercenários, rapidez em se enfurecer e rapidez em se recuperar. Fora implacável em sua decisão de se vingar da Casa Harkonnen, e morrera salvando Paul. Mas os Tleilaxu compraram seu corpo aos Sardaukar e em seus tanques de regeneração haviam criado um zumbi-katrundo: a carne de Duncan Idaho sem qualquer de suas memórias conscientes. Ele fora treinado como mentat e enviado como presente, um computador humano para ser usado por Paul, excelente ferramenta equipada com a compulsão hipnótica de matar seu dono. Mas a carne de Duncan Idaho resistiria a essa compulsão e, na intolerável tensão assim resultante, seu passado celular retornara a ele.

Muito tempo atrás, Alia concluíra que era perigoso pensar nele como Duncan na privacidade de seus pensamentos. Melhor pensar nele com o nome de ghola: Hayt. Muito melhor. E era essencial que ele não tivesse o menor vislumbre do velho Barão Harkonnen sentado ali, na mente dela.

Duncan percebeu que Alia o observava e virou-lhe as costas. O amor não podia ocultar as mudanças que se haviam processado nela, nem lhe esconder a transparência de seus motivos. Os facetados olhos de metal com que os Tleilaxu o haviam equipado eram cruéis em sua capacidade de penetrar através da dissimulação. Eles a pintavam agora como uma figura maligna, quase masculina, e ele não podia suportar vê-la desse modo.

— Por que me volta as costas? — perguntou Alia.

— Eu devo pensar nisso — respondeu ele. — Lady Jessica é... uma Atreides.

— E sua lealdade é para com a Casa Atreides , não para comigo — reclamou Alia, fazendo beicinho.

— Não me considere uma pessoa volúvel — el e respondeu. Alia comprimiu os lábios. Teria sido muito intempestiva em sua abordagem?

Duncan caminhou para a sacada coberta que se abria sobre um canto da praça do Templo.

Podia ver os peregrinos começando a se reunir lá embaixo e os comerciantes de Arrakeen avançando para se nutrirem nas extremidades do grupo como uma matilha de predadores atacando uma manada de bestas. Sua atenção voltou-se para um grupo especial de comerciantes, com cestos de fibra trançada sobre os braços, mercenários Fremen andando um passo atrás deles. Caminhavam com uma força impassível através da multidão que ganhava corpo.

— Eles vendem peças de mármore gravada — disse, apontando. — Sabia disso? Colocam as peças no deserto para serem esculpidas pelas areias das tormentas. Por vezes surgem desenhos interessantes. Chamam isso de uma nova forma de arte, muito popular: genuíno mármore gravado pelas tempestades de Duna.

Comprei uma peça semana passada: uma árvore dourada com cinco pingentes. Linda, mas muito frágil.

— Não mude de assunto — disse Alia.

— Não mudei de assunto. É bonito, mas não é arte. Os seres humanos é que criam arte, com sua própria impetuosidade, com sua própria força de vontade. — Colocou a mão direita sobre o peitoril da janela. — Os gêmeos detestam esta cidade, e eu temo começar a perceber seus motivos.

— Não consigo ver a relação — disse Alia. — O sequestro de minha mãe não será um sequestro verdadeiro. Ela estará segura como sua prisioneira.

— Esta cidade foi construída pelos cegos. Você sabia que Leto e Stilgar saíram do Sietch Tabr para entrarem no deserto na semana passada? Ficaram ausentes uma noite inteira.

— Foi-me relatado. Essas bugigangas do deserto... Deseja que eu proíba

sua venda?

— Isso seria ruim para os negócios — disse el e, voltando-se. — Sabe o que Stilgar me disse quando lhe perguntei por que saíra para andar na areia daquele jeito? Disse que Leto desejava comungar com o espírito do Muad'Dib.

Alia sentiu o súbito frio do pânico e olhou para o espelho por um momento para se recuperar.

Leto não se aventuraria para fora do sietch, à noite, para tamanha tolice. Seria uma conspiração?

Idaho colocou uma das mãos sobre os olhos para tapar a visão de Alia e disse:

— Stilgar me disse que foi com Leto porque ainda acredita no Muad'Dib.

— É claro que ele acredita! Idaho riu, um som oco.

— Ele disse que ainda acredita porque o Muad'Dib sempre foi a favor dos pequenos.

— E o que você lhe respondeu? — perguntou Alia, sua voz revelando o medo.

Idaho tirou a mão dos olhos.

— Eu disse: isso deve fazer de você um dos pequenos.

— Duncan! Isso foi um jogo perigoso. Provoque aquele Naib Fremen e poderá despertar uma fera que nos destruirá a todos.

— Ele ainda acredita no Muad'Dib. Essa é nossa proteção.

— Qual foi a resposta dele?

— Ele disse que conhecia seus próprios motivos.

— Percebo.

— Não... não creio que perceba. As coisas que mordem têm dentes mais longos que os de Stilgar.

— Não estou entendendo você hoje, Duncan. Estou lhe pedindo para fazer uma coisa muito importante, uma coisa vital para... Por que toda essa divagação incoerente?

Como ela soava petulante. Ele voltou-se novamente para a janela.

— Quando fui treinado como mentat... É muito difícil, Alia, aprender a usar sua própria mente. Você aprende primeiro que deve permitir à mente funcionar sozinha. Isso é muito estranho.

Você pode exercitar seus próprios músculos, torná- los fortes, mas a mente age sozinha. Às vezes, depois que aprendeu a respeito de sua própria mente, ela lhe mostra coisas que você não quer ver.

— E foi por isso que tentou insultar Stilgar?

— Stilgar não conhece sua própria mente: não permite que ela funcione livremente.

— Exceto numa orgia de especiaria.

— Nem mesmo assim. Isso é que o torna um Naib . Para ser um líder de homens, ele controla e limita suas reações. Faz aquilo que se espera dele. Uma vez sabendo disso, você passa a conhecer Stilgar e pode medir o comprimento de seus dentes.

— Esse é o modo Fremen — disse ela. — Bem, Duncan, você vai fazê-lo ou não vai? Ela deve ser apanhada, a coisa toda deve parecer um trabalho da Casa Corrino.

Ele permaneceu em silêncio, julgando-lhe os argumentos e o tom de voz à sua maneira mentat.

Esse plano de rapto revelava uma frieza e uma crueldade cujas dimensões, assim expostas, o haviam chocado. Arriscar a vida de sua própria mãe pelas razões até então apresentadas? Alia estava mentindo.

Talvez os boatos a respeito dela e Javid fossem verdadeiros. Esse pensamento produziu uma rigidez gelada no estômago de Idaho.

— Você é o único em quem posso confiar para isso — disse Alia.

— Sei disso.

Ela tomou estas palavras como sinal de aceitação e sorriu para si mesma no espelho.

— Você sabe que um mentat aprende a ver cada ser humano como uma série de relacionamentos?

Alia não respondeu. Continuou sentada, tomada por uma lembrança pessoal que produziu uma expressão vazia em seu rosto. Idaho, olhando por sobre o ombro, viu aquela expressão e estremeceu.

Era como se ela escutasse vozes que somente ela pudesse ouvir.

— Relacionamentos — Alia sussurrou.

E ele pensou: “Devemos lançar fora velhos sofrimentos como a cobra abandona sua pele — apenas para criar um novo conjunto e aceitar todas as nossas limitações. É o mesmo com os governos — até com a Regência. Velhos governos podem ser acompanhados como mudas de penas. Devo realizar esse plano, mas não do modo como Alia ordena.”

Daí a pouco ela sacudiu os ombros e disse:

— Leto não devia ficar saindo por aí daquele jeito numa época como esta. Vou repreendê-lo.

— Nem mesmo com Stilgar?

— Nem mesmo com ele.

Ela ergueu-se do espelho e caminhou até onde Idaho se encontrava, diante da janela, colocando uma das mãos em seu braço.

Ele reprimiu um estremecimento, reduzindo sua reação a uma computação

mentat. Alguma coisa nela o revoltava.

Alguma coisa nela.

Não conseguia forçar-se a olhá-la. Ela rescendia à melange de seus cosméticos. Ele pigarreou.

Alia disse:

— Estarei ocupada hoje, examinando os presentes de Farad'n.

— As roupas?

— Sim. Nada do que ele faz é o que parece. E devemos nos lembrar que o seu Bashar, Tyekanik, é um adepto do chaumurky, dos chaumas e de toda a parafernália ligada a assassinatos de nobres.

— O preço do poder — disse ele, afastando-se dela. — Mas ainda temos mobilidade e Farad'n não tem.

Ela observou-lhe o perfil bem-delineado. Algumas vezes, o funcionamento daquela mente era muito difícil de perceber. Estaria ele apenas pensando que a liberdade de ação é a vida do poder militar?

Bem, a vida em Arrakis havia sido muito segura por muito tempo. Sentidos aguçados por perigos onipresentes podiam atrofiar-se por falta de uso.

— Sim — ela concordou. — Ainda temos os Fremen.

— Mobilidade — repetiu ele. — Não podemos degenerar para uma infantaria. Isso seria tolice.

Seu tom de voz a aborreceu e ela disse:

— Farad'n usará qualquer meio a seu alcance para nos destruir.

— Ah, é isso — ele disse. — Essa é uma forma de iniciativa, uma mobilidade que não tínhamos nos velhos dias. Tínhamos um código, o código da Casa Atreides. Sempre ganhávamos apenas o suficiente e deixávamos que os inimigos fossem os saqueadores. Essa restrição não mais se mantém, é claro. Temos igual mobilidade, a Casa Atreides e a Casa Corrino.

— Nós vamos raptar minha mãe para salvá-la do perigo, tanto quanto por qualquer outro motivo — protestou Alia. — Ainda vivemos pelo código.

Ele olhou para ela. Ela conhecia os riscos de incitar um mental a computar. Será que não perceberia o que ele havia computado? Entretanto... ele ainda a amava. Passou uma das mãos sobre os olhos. Como ela parecia jovem. Lady Jessica estava certa. Alia aparentava não ter envelhecido um dia em todos esses anos. Ainda tinha as feições suaves de sua mãe Bene Gesserit, mas os olhos eram tipicamente Atreides. Exigentes, calculistas, como os de um falcão. E agora alguma coisa capaz de uma frieza cruel rondava por trás daqueles olhos.

Idaho servira a Casa Atreides por muitos anos para não entender as forças da família, assim como suas fraquezas. Mas essa coisa dentro de Alia era nova. Os Atreides podiam jogar um jogo tortuoso contra seus inimigos, mas nunca

contra amigos e aliados, e de modo algum contra a Família.

Isso era básico no modo de agir dos Atreides: apoiar sua própria população ao máximo de sua capacidade, mostrar-lhe como vivia melhor sob o governo dos Atreides. Demonstrar seu amor para com seus amigos pela candura de seu comportamento em relação a eles. O que Alia lhe pedia agora não era típico dos Atreides. Ele sentia isso em toda a carne, em toda a estrutura nervosa de seu corpo. Ele era uma unidade, indivisível, sentindo essa atitude alienígena em Alia.

De repente sua percepção mentat entrou em consciência total e sua mente saltou no transe congelado onde não existia o Tempo, apenas a computação. Alia perceberia o que lhe acontecera, mas não poderia evitar. Entregara-se à computação.

Computação: uma Lady Jessica refletida vivia uma pseudovida na consciência de Alia. Ele percebia isso, assim como percebia o reflexo do Duncan Idaho pré-ghola que permanecia como uma constante em sua própria consciência. Alia tinha essa percepção por ser um dos pré-nascidos. Ele recebera essa consciência nos tanques de regeneração dos Tleilaxu. Entretanto, Alia negava esse reflexo arriscando a vida de sua mãe. Portanto, Alia não estava em contato com aquela pseudo-Jessica dentro dela. Daí resultava que Alia se encontrava totalmente possuída por outra pseudovida que excluíra as demais.

“Possuída!”

“Alienígena!”

“Abominação!”

À maneira mentat, ele aceitou isso e voltou-se para as outras facetas do problema. Todos os Atreides encontravam-se naquele único planeta. A Casa Corrino arriscaria um ataque a partir do espaço? Sua mente relampejou através de uma retrospectiva daquelas convenções que haviam terminado com as formas primitivas de guerra:

1) Todos os planetas são vulneráveis a ataques do espaço; logo, as instalações para vingança/retaliação são construídas fora dos planetas por cada uma das Grandes Casas. Farad’n deveria saber que os Atreides não teriam negligenciado essa precaução elementar.

2) Os campos de força eram uma defesa absoluta contra projéteis e explosivos de tipo não-atômico, a principal razão pela qual a luta individual, com as mãos, se reintroduzira nos combates humanos. Mas a infantaria tinha suas limitações. A Casa Corrino poderia ter treinado seus Sardaukar para que recuperassem a eficiência pré-Arrakeen, mas eles ainda não seriam páreo para a ferocidade dos Fremen.

3) O feudalismo planetário permanecia em constante ameaça ante urna

grande classe composta por técnicos, mas os efeitos do Jihad Butleriano continuavam a amortecer os excessos tecnológicos. Os ixianos, os Tleilaxu e alguns planetas externos, espalhados pelo espaço, constituíam a única ameaça possível desse gênero, mas eram planetariamente vulneráveis à ira combinada do restante do Império.

O Jihad Butleriano não poderia ser desfeito. A guerra mecanizada exigiria uma grande classe de técnicos e o Império dos Atreides canalizara tal força na busca de outros objetivos. Não havia uma grande classe de técnicos que não fosse vigiada. E o Império permanecia seguramente feudal, como era natural, de vez que essa era a melhor forma de sociedade tendo em vista a expansão sobre fronteiras selvagens amplamente dispersas: os novos planetas.

Duncan sentia sua consciência mentat coruscando enquanto disparava através de seus próprios dados de memória, completamente imune à passagem do Tempo. Chegando à convicção de que a Casa Corrino não iria arriscar-se a um ataque atômico ilegal, ele o fez numa computação instantânea, a trilha principal de decisão, mas perfeitamente consciente dos elementos que compunham essa convicção: o Império dispunha de tantas armas nucleares e afins quanto todas as Grandes Casas combinadas. Pelo menos metade das Grandes Casas reagiria sem pensar se a Casa Corrino quebrasse a Convenção. E o sistema de retaliação dos Atreides, fora do planeta, receberia a adesão de uma força esmagadora, sem haver sequer necessidade de convocá-la. O medo faria a chamada. Salusa Secundus e seus aliados desapareceriam em nuvens escaldantes. A Casa Corrino não se arriscaria a tal holocausto. Seus membros eram indubitavelmente sinceros em subscreverem o argumento de que as armas nucleares deviam ser reservadas para um único propósito: a defesa da humanidade caso “outra inteligência” ameaçadora algum dia fosse encontrada.

Os pensamentos por computação tinham limites distintos, nítido relevo. Não havia espaços intermediários indistintos. Alia escolhia o terror e o sequestro porque se tornara uma coisa estranha, não-Atreides. A Casa Corrino era uma ameaça, mas não da maneira apresentada por Alia em Conselho.

Alia queria que Lady Jessica fosse afastada porque aquela flamejante inteligência Bene Gesserit havia percebido o que apenas agora se tornava evidente para Idaho.

Saiu do transe mentat e viu Alia diante de si com uma fria expressão avaliadora no rosto.

— Não seria melhor que Lady Jessica fosse morta? — perguntou ele.

O estranho brilho da satisfação de Alia ficou exposto diante de seus olhos no breve instante que ela levou para cobri-lo de falsa indignação.

— Duncan!

Sim, essa Alia-alienígena preferia o matricídio.

— Você não teme por sua mãe, teme a ela — ele disse. Ela falou sem qualquer alteração em seu olhar avaliador.

— É claro que a temo. Ela tem enviado relatórios a meu respeito para a Irmandade.

— Que quer dizer com isso?

— Não sabe qual é a maior tentação para uma Bene Gesserit? — Aproximou-se dele sedutoramente, olhando-o de baixo para cima através das pálpebras semicerradas. — Eu só desejava me manter forte e alerta para o bem dos gêmeos.

— Você falou em tentação — disse ele com a voz sem emoção de um mentat.

— Aquilo que a Irmandade oculta mais profundamente, a coisa que elas mais temem. É por isso que me chamam de Abominação. Elas sabem que suas inibições não vão me deter. Tentação — elas sempre falam com grande ênfase:" A Grande Tentação. Não percebe? Nós, que empregamos os ensinamentos Bene Gesserit, podemos influenciar coisas tais como o ajustamento interno do equilíbrio enzimático de nossos corpos. Ele pode prolongar a juventude muito além da capacidade da melange.

Percebe as consequências que adviriam se muitas Bene Gesserits fizessem isso? Seria notado. Tenho certeza que está computando a precisão do que digo. A melange é que nos torna alvo de tantas tramas. Nós controlamos uma substância que prolonga a vida. E se for conhecido que as Bene Gesserits controlam um segredo ainda mais poderoso? Percebe? Nenhuma Reverenda Madre estaria segura. O sequestro e a tortura de Bene Gesserits se tornariam prática comum.

— E você obteve esse equilíbrio de enzimas. — Era uma constatação, não uma pergunta.

— Eu desafiei a Irmandade! Os relatórios de minha mãe para a Irmandade tornarão as Bene Gesserits firmes aliadas da Casa Corrino.

"Como é plausível", pensou ele, e disse, sondando:

— Mas certamente sua própria mãe não se voltaria contra você!

— Ela era Bene Gesserit muito antes de ser minha mãe, Duncan. Ela permitiu que seu próprio filho, meu irmão, fosse submetido ao teste do gom jabbar! Ela arranjou isso! Sabendo que talvez ele não sobrevivesse ao teste! As Bene Gesserits sempre foram fracas na fé e fortes no pragmatismo. Ela se voltará contra mim se acreditar que é o melhor para os interesses da Irmandade.

Ele assentiu com a cabeça. Como ela era convincente. Era um pensamento tão triste.

— Devemos manter a iniciativa — continuou Alia. — Essa é nossa

melhor arma.

— Há o problema do Gurney Halleck — ele disse. — Terei de matar meu velho amigo?

— Gurney está fora em alguma missão de espionagem no deserto — respondeu ela, consciente de que Idaho já sabia disso. — Está seguramente fora do caminho.

— Muito estranho. O Governador Regente de Caladan em missões aqui em Arrakis.

— Por que não? Ele é o amante dela, em seus sonhos, senão de fato.

— Sim, é claro. — E se admirou de que ela não tivesse percebido a insinceridade em sua voz.

— Quando vai raptá-la? — quis saber Alia.

— É melhor que não saiba.

— Sim... sim, percebo. Aonde vai levá-la?

— Aonde ela não possa ser encontrada. Confie nisso. Ela não vai ser deixada aqui para ameaçá-la.

O brilho nos olhos de Alia era evidente:

— Mas onde irá...

— Se não souber, poderá responder ante uma Reveladora da Verdade, se for necessário, que não sabe onde ela está.

— Ah, como é esperto, Duncan.

“Agora ela acredita que vou matar Lady Jessica”, pensou ele. E disse:

— Adeus, minha amada.

Ela não percebeu a determinação em sua voz e até mesmo o beijou levemente enquanto ele saía.

E por todo o caminho, através dos labirintos do Templo, que lembravam os corredores de um sietch, Idaho esfregava os olhos. Os olhos dos Tleilaxu não eram imunes às lágrimas.

20

Você amou Caladan
E chorou seu anfitrião perdido...
Mas a dor logo descobre
Que novos amores não podem apagar
Aqueles eternos espectros.

— Refrão do Lamento de Habbanya

Stilgar quadruplicou a guarda do sietch em torno dos gêmeos, mas sabia que isso era inútil. O garoto era como seu homônimo Atreides, o avô Leto . Todos que haviam conhecido o Duque original reparavam nisso. Leto tinha aquela aparência equilibrada, e uma cautela, sim, mas tudo isso devia ser avaliado em relação àquela impetuosidade latente, uma suscetibilidade para tomar decisões perigosas.

Ghanima era mais como a mãe. Lá estava o cabelo vermelho de Chani, os olhos dela e um modo calculado na maneira como se ajustava às dificuldades. Dizia com frequência que só fazia o que era preciso fazer, mas aonde Leto a conduzisse, ela o seguiria.

E Leto iria levá-los ao perigo.

Nenhuma vez Stilgar pensou em levar seus problemas a Alia. Isso também eliminava Irulan, que em tudo acompanhava Alia. Ao chegar a sua decisão, Stilgar percebia que aceitara a possibilidade de Leto ter julgado Alia corretamente.

“Ela usa as pessoas de modo cruel e descuida do”, pensou. “Usa até mesmo o Duncan desse modo. Não seria preciso muito para que ela se voltasse contra mim e me matasse. Ela me descartaria.”

Enquanto isso, a guarda era reforçada e Stilgar rondava seu sietch como um espectro envolto em mantos, espionando tudo. Todo o tempo, sua mente fervilhava com as dúvidas que Leto plantara.

Se não devemos depender da tradição, onde estará então a rocha sobre a qual poderemos ancorar nossas vidas?

Na tarde da Convocação de Boas-Vindas para Lady Jessica, Stilgar

espionou Ghanima, que aguardava ao lado da avó à entrada da grande câmara de assembléias do sietch. Ainda era cedo e Alia não chegara, mas as pessoas já entravam em grande número, lançando olhares disfarçados para a criança e a adulta enquanto passavam.

Stilgar parou em um nicho sombreado, fora do fluxo da multidão, e observou a dupla, incapaz de ouvir suas palavras acima do murmurante palpitar do público que se reunia. Gente de muitas tribos estaria ali para dar as boas-vindas à sua velha Reverenda Madre que retornava. Stilgar olhava para Ghanima. Os olhos dela, o modo como se moviam enquanto ela falava! Esse movimento o fascinava.

Aqueles olhos azuis profundos, exigentes, avaliadores. E o modo como lançava os cabelos ruivos para fora dos ombros com um giro da cabeça; era igual a Chani. Uma ressurreição fantasmagórica, uma semelhança misteriosa.

Lentamente, Stilgar se aproximou, tomando posição em outro nicho.

Era incapaz de associar o modo observador de Ghanima com o de qualquer outra criança de seu conhecimento. Exceto o irmão dela. Onde esta ria Leto? Stilgar olhou para trás, em direção à passagem apinhada. Seus guardas teriam dado o alarme se alguma coisa estivesse errada. Sacudiu a cabeça. Esses gêmeos eram um perigo para a sua saúde mental, um atrito constante contra sua paz interior. Quase podia odiá-los. Os parentes não eram imunes ao ódio de uma pessoa, mas o sangue (e sua preciosa água) levava consigo exigências de tolerância que transcendiam a maioria das outras preocupações. Esses gêmeos constituíam sua maior responsabilidade.

A luz parda, filtrando-se através da poeira, saía da cavernosa câmara da assembléia, além de Jessica e Ghanima. Tocava o ombro da criança e o novo manto branco que ela usava, iluminando-lhe o cabelo por trás, enquanto ela se virava para olhar as pessoas que passavam.

“Por que Leto me afligiu com essas questões?”, perguntou-se. Não havia dúvida de que o fizera deliberadamente. “Talvez quisesse que eu vivenciasse uma pequena parte de sua própria experiência mental.” Stilgar sabia que esses gêmeos eram diferentes, mas seus processos de raciocínio sempre se mostraram incapazes de aceitar o que sabia. Nunca havia experimentado o ventre como uma prisão para a consciência desperta. Uma consciência viva a partir do segundo mês de gestação, como se dizia.

Certa vez, Leto dissera que sua memória era como uma holografia interna, expandindo-se em tamanho e detalhes desde aquele chocante despertar original, embora sem nunca modificar a forma ou os contornos.

Pela primeira vez, enquanto observava Ghanima e Lady Jessica, Stilgar começou a compreender o que seria viver em tal teia de memórias

convulsionadas, incapaz de recuar ou encontrar um refúgio seguro na mente. Enfrentando tal condição, alguém teria de integrar a loucura, selecionando e rejeitando uma multidão de ofertas num sistema onde as respostas mudavam tão rapidamente quanto as perguntas.

Não poderia haver tradição fixa aí. Nem respostas absolutas a perguntas de significado dúbio.

O que funciona? Aquilo que não funciona. O que não funciona? Aquilo que funciona. Ele reconhecia o padrão. Era o velho jogo de adivinhação dos Fremen. Pergunta: "Que é que traz a morte e a vida?"

Resposta: "O vento Coriolis."

"Por que Leto quis que eu entendesse isso?" A partir de suas cautelosas sondagens, Stilgar sabia que os gêmeos compartilhavam uma visão mútua de sua diferença: pensavam nela como uma aflição.

"O canal de nascimento seria um lugar arrasador para alguém assim", pensou. A ignorância reduz o choque de certas experiências, mas eles não teriam ti do ignorância alguma a respeito do parto. Como seria viver uma vida onde se conhecessem todas as coisas que poderiam sair erradas? Você enfrentaria uma constante guerra de dúvidas. E se ressentiria por ser diferente de seus companheiros. Ser-lhe-ia agradável infligir aos outros até mesmo um toque dessa diferença. "Por que eu?" seria a primeira pergunta sem resposta.

"E o que estive indagando a mim mesmo", pensou ele. Um sorriso amargo tocou-lhe os lábios.

"Por que eu?"

Vendo os gêmeos sob essa nova ótica, entendia os perigosos riscos que eles assumiam com seus corpos ainda não desenvolvidos. Certa vez, Ghanima lhe colocara a situação de modo sucinto, depois que ele a repreendera por ter escalado a íngreme face oeste até a plataforma acima do Sietch Tabr.

— Por que devo temer a morte? Já estive lá antes... muitas vezes.

"Como posso pensar em ensinar alguma coisa a essas crianças?", perguntou-se. "Como alguém o pode?"

Curiosamente, os pensamentos de Jessica seguiam caminho semelhante enquanto ela conversava com a neta. Estivera pensando em como seria difícil transportar mentes maduras em corpos imaturos. O corpo teria de aprender tudo que a mente já sabia que ele poderia fazer, alinhando respostas e reflexos. O velho regime prana-bindu da Bene Gesserit lhes seria disponível, mas até mesmo lá a mente correria para onde a carne não ia poder acompanhá-la. Gurney tivera uma tarefa muito difícil em cumprir suas ordens.

— Stilgar está nos observando de um nicho lá atrás — disse Ghanima.

Jessica não se virou. Mas se sentiu confortada pelo que percebera na voz

de Ghanima. Ghanima amava o velho Fremen como se ama um parente. Mesmo quando falava dele de modo jocoso e o provocava, ela o amava. Essa compreensão forçou Jessica a ver o velho Naib sob nova luz, compreendendo numa revelação gestáltica o que os gêmeos e Stilgar compartilhavam. Esse novo Arrakis não se ajustava muito bem a Stilgar, percebia Jessica. Não mais do que esse novo universo se ajustava aos seus netos.

Sem ser invocado ou desejado, um velho ditado Bene Gesserit fluiu através da mente de Jessica:

“Suspeitar de tua própria mortalidade é conhecer o princípio do terror; aprender irrefutavelmente que és mortal é conhecer o fim do terror.”

Sim, a morte não seria um peso difícil de suportar, mas a vida seria um fogo lento para Stilgar e os gêmeos. Eles achavam seu mundo inadequado e ansiavam por outros caminhos onde as variações poderiam ser conhecidas sem ameaças. Eram filhos de Abrahão, aprendendo mais com o vôo de um falcão sobre o deserto do que com qualquer livro já escrito.

Leto confundira Jessica apenas aquela manhã, quando haviam parado junto do qanat que fluía abaixo do sietch. Ele dissera:

— A água nos aprisiona, vovó. Estaríamos melhor vivendo como o pó, pois então o vento nos poderia carregar mais alto que os mais elevados penhascos da Muralha Escudo.

Embora estivesse familiarizada com tal maturidade tortuosa saindo das bocas dessas crianças, Jessica fora surpreendida por essas palavras, mas conseguira responder:

— Seu pai poderia ter dito isso.

Leto lançou um punhado de areia no ar para vê-lo cair.

— Sim, ele poderia. Mas meu pai não considerava, então, com que rapidez a água faz tudo cair de volta ao solo de onde veio.

Agora, de pé ao lado de Ghanima, dentro do sietch, Jessica sentiu novamente o choque daquelas palavras. Voltou-se, olhando para a multidão que ainda fluía, e deixou seu olhar vaguear sobre a silhueta sombreada de Stilgar dentro do nicho. Stilgar não era nenhum Fremen domado, treinado apenas para levar gravetos para o ninho. Ainda era um falcão e, quando pensava na cor vermelha, não estava pensando em flores, mas em sangue.

— Ficou tão quieta repentinamente — disse Ghanima. — Há algo errado?

Jessica sacudiu a cabeça.

— Foi algo que Leto disse esta manhã. Só isso.

— Quando foram às plantações? Que foi que ele disse? Jessica pensou na curiosa aparência de sabedoria adulta que surgira no rosto de Leto, lá fora, naquela manhã. Era a mesma que agora surgia no rosto de Ghanima.

— Ele estava relembrando a ocasião em que Gurney retornou do meio dos contrabandistas para aderir novamente à bandeira dos Atreides — disse Jessica.

— Então vocês estavam falando a respeito de Stilgar.

Jessica não perguntou como viera essa percepção. Os gêmeos pareciam capazes de reproduzir as linhas de pensamento um do outro à vontade.

— Sim, estávamos — disse Jessica. — Stilgar não gostava de ouvir o Gurney chamando Paul de seu Duque, mas a presença de Gurney forçou a isso todos os Fremen. Gurney continuava dizendo “Meu Duque”.

— Percebo — disse Ghanima. — E é claro que Leto observou que ele ainda não era o Duque de Stilgar.

— Correto.

— Sabe o que ele estava fazendo com a senhora, é claro.

— Não estou certa — admitiu Jessica, e achou isso particularmente perturbador, pois nunca lhe ocorrera que Leto lhe estivesse fazendo alguma coisa.

— Ele estava tentando ativar suas memórias de nosso pai — explicou Ghanima. — Leto está sempre ansioso por conhecer nosso pai a partir dos pontos de vista de outros que o conheceram.

— Mas... Leto não tem...

— Oh, ele pode ouvir a sua vida interior. Certamente. Mas não é a mesma coisa. A senhora falou a respeito dele, é claro. Nosso pai, quero dizer. Falou nele como seu filho.

— Sim — admitiu Jessica. Não gostava da idéia de que esses gêmeos pudessem ligá-la e desligá-la à vontade, abrir suas memórias para observação, tocando qualquer emoção que lhes atraísse o interesse. Ghanima podia estar fazendo isso agora mesmo!

— Leto disse alguma coisa que a perturbou — disse Ghanima. Jessica ficou chocada ante a necessidade de suprimir a raiva.

— Sim... ele fez isso.

— Não gosta do fato de que ele conheça nosso pai tal como nossa mãe o conhecia, e conheça nossa mãe tal como nosso pai a conheceu — comentou Ghanima. — Não gosta do que isso implica... do que possamos conhecer a seu respeito.

— Realmente, nunca pensei nisso desse mo do antes — disse Jessica, sentindo a voz excessivamente formal.

— É o conhecimento de detalhes sensuais que geralmente a perturba — continuou Ghanima.

— É o seu condicionamento. Acha extremamente difícil pensar em nós como outra coisa que não crianças. Mas não existe nada que nossos pais tenha m

feito juntos, em público ou na intimidade, que não saibamos.

Por breve instante, Jessica sentiu voltar-lhe a mesma reação que tivera lá, junto ao qanat, mas agora essa reação voltava-se para Ghanima.

— Ele provavelmente lhe falou a respeito da “sensualidade animal” de seu Duque — disse Ghanima. — Algumas vezes Leto precisa de um freio naquela boca.

“Não existirá nada que esses gêmeos não possam profanar?”, perguntou-se Jessica, passando do choque à repulsa indignada. Como se atreviam a comentar a sensualidade de seu Leto? É claro que um homem e uma mulher que se amam compartilham o prazer de seus corpos. É uma coisa bonita e íntima, não algo para ser pavoneado numa conversa casual entre uma criança e um adulto.

“Criança e adulto!”

De repente, Jessica percebia que nem Leto nem Ghanima haviam feito aquilo por acaso.

Como Jessica permanecesse em silêncio, Ghanima disse:

— Nós a deixamos chocada. Peço desculpas por nós dois. Conhecendo Leto, sei que ele nem pensaria em se desculpar. Algumas vezes, quando está seguindo determinada pista, ele se esquece de o quanto somos diferentes... de você, por exemplo.

Jessica pensou: “E foi por esse motivo que os dois fizeram isso. É claro, estão me ensinando! E a quem mais estarão ensinando? Stilgar? Duncan?”

— Leto tenta ver as coisas tal como a senhor a as vê — explicou Ghanima. — As memórias não são o bastante. Quando se tenta o mais difícil, justamente aí se fracassa com maior frequência.

Jessica suspirou.

Ghanima tocou no braço da avó.

— Seu filho deixou por dizer muitas coisas que, no entanto, devem ser ditas, até mesmo a você. Perdoe-nos, mas ele a amava. Não sabia disso?

Jessica se virou para esconder as lágrimas brilhando em seus olhos.

— Ele conhecia seus temores — continuou Ghanima. — Exatamente como conhecia os de Stilgar. Querido Stil. Nosso pai era seu “Médico de Feras” e Stil não era mais que um caracol verde escondido em sua concha. — Cantarolou então a canção da qual tirara essas palavras. A música lançava os versos na consciência de Jessica sem qualquer concessão:

Ó Médico das Feras,
Para um caracol verde em sua concha
Com seu tímido milagre

Escondido, esperando a morte
Tu chegas como uma divindade!
E até mesmo os caracóis sabem
Que os deuses destroem
E que as curas trazem a dor,
Que o céu é visto
Através de um portal flamejante.
Ó Médico das Feras,
Sou um homem-caracol
Que vê teu único olho
Olhando para dentro de minha concha
Por que, Muad'Dib? Por quê?

E Ghanima concluiu:

— Infelizmente, nosso pai deixou muitos homens-caracóis em nosso universo.

21

O pressuposto de que os seres humanos existem dentro de um universo essencialmente impermanente, tomado como regra operacional, exige que o intelecto se torne um instrumento consciente totalmente equilibrado. Mas o intelecto não pode reagir desse modo sem envolver o organismo inteiro. Tal organismo pode ser notado por seu comportamento inflamado, impulsionador. E assim também ocorre na sociedade considerada como um organismo. Mas aqui encontramos uma velha inércia. As sociedades caminham segundo o estímulo de impulsos e reações ancestrais. Elas exigem permanência. E qualquer tentativa de mostrar o universo como impermanente ocasiona reações de rejeição, medo, raiva e desespero. Então, como explicam os a aceitação da presciência? Simples: aquele que fornece as visões prescientes fala de uma realização absoluta (permanente) e portanto pode ser saudado com alegria pela humanidade, mesmo ao predizer os mais terríveis acontecimentos.

— O Livro de Leto segundo Harq al-Ada

— É como lutar no escuro — disse Alia.

Ela caminhava de um lado para outro da Câmara do Conselho, pisando com força, desde as altas cortinas prateadas, que suavizavam a luz do sol da manhã entrando pelas janelas do leste, até os divãs agrupados embaixo de uma parede decorada com painéis, na extremidade oposta. Suas sandálias pisavam tapetes de fibra de especiaria trançada, ladrilhos de granada gigante e mais tapetes. Afinal, encontrou-se de pé, acima de Irulan e Duncan Idaho, que estavam sentados, de frente um para o outro, nos divãs de pele de baleia cinzenta.

Idaho resistira à ordem para que voltasse de Tabr, mas Alia enviara novas ordens, mais categóricas. O rapto de Jessica era agora mais importante do que nunca, mas tinha de esperar. As percepções mentat de Idaho eram exigidas nesse momento.

— Essas coisas revelam um mesmo padrão — disse Alia. — Cheiram a uma grande trama.

— Talvez não — arriscou Irulan, mas lançou para Idaho um olhar

indagador.

O rosto de Alia assumiu uma inconfundível expressão de escárnio. Como Irulan podia ser tão inocente? A menos... Alia deu uma olhada rápida e questionadora na princesa. Irulan usava um manto aba simples, todo negro, que igualava as sombras em seus olhos de um azul profundo, provocado pela especiaria. Seu cabelo louro estava preso numa trança, enrolada em apertada espiral sobre a nuca, acentuando um rosto emagrecido e endurecido pelos anos vividos em Arrakis. Ainda conservava a arrogância que aprendera na corte do pai, Shaddam IV, e Alia frequentemente sentia que essa atitude orgulhosa poderia mascarar os pensamentos de uma conspiradora.

Idaho recostava-se usando o uniforme verde e negro da Guarda da Casa Atreides, sem qualquer insígnia. Era uma afetação que produzia secretos ressentimentos entre muitos dos verdadeiros guardas de Alia, especialmente entre suas amazonas, que glorificavam a insígnia de oficial. Elas não gostavam da presença desse ghola-espadachim-mentat, mais ainda por ser ele o marido de sua senhora.

— Assim, as tribos querem Lady Jessica reconduzida ao Conselho da Regência — comentou Idaho. — Como isso pode...

— Eles fazem uma exigência unânime! — exclamou Alia, apontando para uma folha de papel de especiaria, adornada com relevos, colocada no divã ao lado de Irulan. — Farad'n é uma coisa, mas isso... isso tem o cheiro de outros alinhamentos!

— Que pensa Stilgar? — perguntou Irulan.

— A assinatura dele está no papel! — respondeu Alia.

— Mas se ele...

— Como poderia negar a mãe de seu deus? — zombou Alia. Idaho ergueu os olhos para ela.

Aquilo foi espantosamente próximo de uma provocação a Irulan! Novamente, perguntou-se por que Alia o trouxera de volta quando ela sabia que ele era necessário no Sietch Tabr para a realização do plano de sequestro. Seria possível que ela tivesse ouvido alguma coisa a respeito da mensagem a ele enviada pelo Pregador? Esse pensamento encheu-lhe o peito de agitação. Como poderia aquele místico mendicante conhecer o sinal secreto pelo qual Paul Atreides sempre convocara seu mestre-espadachim?

Idaho ansiava por deixar essa reunião sem sentido e retornar à busca da resposta a essa pergunta.

— Não há dúvida de que o Pregador esteve fora do planeta — disse Alia. — A Corporação Espacial não se atreveria a nos iludir em tal assunto. Farei com que ele seja...

— Vá com calma! — advertiu Irulan.

— De fato, tenha cuidado — disse Idaho. — Metade do planeta acredita que ele seja... — encolheu os ombros — seu irmão. — Idaho achou ter dito isso com uma atitude adequadamente displicente. Como o homem poderia conhecer aquele sinal?

— Mas e se ele é um correio ou um espião de...

— Ele não fez contato com ninguém da CHOAM ou da Casa Corrino — afirmou Irulan. — Podemos ter certeza...

— Não podemos ter certeza de coisa alguma!

Alia não tentou ocultar seu desdém. Voltou as costas a Irulan e encarou Idaho. Ele sabia por que estava ali! Por que não agia como era de se esperar? Ele estava no Conselho porque Irulan estava ali. A história que trouxera uma princesa da Casa Corrino para dentro das fileiras dos Atreides nunca poderia ser esquecida. A lealdade, uma vez trocada, poderia mudar novamente. Os poderes mentat de Duncan deviam estar procurando por falhas, por indícios sutis no comportamento de Irulan.

Idaho remexeu-se, agitado, e olhou para Irulan. Havia ocasiões em que ele se ressentia das necessidades diretas impostas ao desempenho de um mentat. Sabia o que Alia estava pensando. E Irulan também devia saber. Mas essa Princesa-esposa de Paul Muad'Dib tinha superado as decisões que a haviam tornado inferior à concubina real, Chani. Não havia dúvidas quanto a devoção de Irulan para com os gêmeos reais. Ela havia renunciado à sua família e à Bene Gesserit para se dedicar aos Atreides.

— Minha mãe é parte da trama! — insistiu Alia. — Por que outro motivo a Irmandade a enviaria de volta para cá numa ocasião como esta?

— A histeria não vai nos ajudar em nada — disse Idaho. Alia girou, afastando-se dele, como ele sabia que ela faria.

Isso o ajudava por não obrigá-lo a ter que encarar aquele rosto que um dia amara e que agora se encontrava tão desfigurado por uma estranha possessão.

— Bem — começou Irulan —, não podemos confiar totalmente na Corporação para...

— A Corporação! — resmungou Alia.

— Não podemos deixar de levar em conta a inimizade da Corporação ou da Bene Gesserit — explicou Idaho. — Mas devemos colocá-las na categoria especial de combatentes passivos. A Corporação se manterá presa à sua regra básica: jamais governar. Seu crescimento é parasitário, e eles sabem disso. Não farão nada que mate o organismo que os mantém vivos.

— A idéia deles sobre qual é o organismo que os mantém vivos pode ser diferente da nossa — disse Irulan de modo arrastado. Isso fora o mais próximo

que ela já chegara do sarcasmo, aquele tom preguiçoso de voz que dizia: “Você deixou escapar um aspecto, mentat.”

Alia parecia intrigada. Não esperava que Irulan tomasse essa linha de raciocínio. Não era o tipo de ponto de vista que um conspirador desejaria que fosse examinado.

— Sem dúvida — concordou Idaho. — Mas a Corporação não agiria abertamente contra a Casa Atreides. A Irmandade, por outro lado, poderia arriscar certo tipo de ruptura política que...

— Se o fizerem, será através de uma fachada. Alguém ou um grupo que elas possam repudiar — explicou Irulan. — A Bene Gesserit não se manteve viva todos esses séculos sem conhecer o valor de permanecer oculta. Elas preferem estar por trás do trono, não sobre ele.

“Permanecer oculta?”, admirou-se Alia. Seria isso que Irulan estaria fazendo?

— Precisamente o que penso da Corporação — disse Idaho. Para ele, eram úteis a argumentação e as explicações. Mantinham sua mente longe dos outros problemas.

Alia reaproximou-se das janelas iluminadas pelo sol. Conhecia o ponto cego de Idaho — cada mentat tinha o seu. Eles tinham de fazer declarações, e isso provocava uma tendência a depender de quantidades exalas, perceber limites finitos. Eles sabiam disso a respeito de si mesmo. Era parte de seu treinamento. E no entanto continuavam agindo além de seus parâmetros autolimitadores. “Devia lê-lo deixado no Sielch Tabr”, pensou Alia. “Teria sido melhor entregar Irulan a Javid para ser interrogada.”

Dentro de seu crânio, Alia ouviu uma voz ribombante:

— Exatamente!

“Cale-se! Cale-se! Cale-se!”, pensou ela. Um erro perigoso a atraía nesses momentos e ela era incapaz de lhe reconhecer os contornos. Tudo que podia sentir era o perigo. Idaho tinha que ajudá-la a escapar a essa limitação. Ele era um mentat. Os mentais eram necessários. Os computadores humanos substituíam os engenhos mecânicos destruídos pelo Jihad Butleriano. “Tu não farás a máquina à semelhança da mente humana!” Mas agora Alia desejava ler uma máquina submissa. Elas não leriam as limitações de Idaho. Nunca se desconfiaria de uma máquina.

Alia ouviu a voz arrastada de Irulan.

— Um truque dentro de um truque dentro de um truque — disse Irulan. — Nós todos conhecemos o padrão de ataque aceito para atingir o poder. Eu não censuro Alia por suas suspeites. É claro que ela suspeite de todos... até mesmo de nós. Ignore isso por um momento, entretanto. O que permanece como a

principal área de conflitos, a fonte mais fértil de perigo para a Regência?

— A CHOAM — respondeu Idaho com sua voz monótona de mentat.

Alia permitiu-se um sorriso amargo. A Combine Honnele Ober Advancer Mercantiles! Mas a Casa Atreides dominava a CHOAM, com 51 por cento de suas ações. O clero do Muad'Dib detinha outros cinco por cento, o que significava a aceitação pragmática, pelas Grandes Casas, de que Duna controlava a inestimável melange. Não era sem motivo que a especiaria era frequentemente chamada de "moeda secreta". Sem a melange, os heighliners da Corporação Espacial não poderiam sair do chão.

A melange precipitava o "transe de navegação", pelo qual uma rota transluz podia ser vista antes de ser percorrida. Sem a melange e sua ampliação do sistema imunológico humano, a expectativa de vida dos muito ricos degeneraria por um fator de pelo me nos quatro. Até mesmo a vasta classe média do Império ingeria a melange, diluída em pequenos borrifadores, pelo menos uma vez por dia.

Mas Alia percebera a sinceridade mentat na voz de Idaho, um som que ela estivera esperando com terrível expectativa.

CHOAM. A Combine Honnete abrangia muito mais que a Casa Atreides, muito mais que Duna, muito mais que o clero ou a melange. Eram fibras inkvine, pele de baleia, shigafios, artefatos e artistas ixianos, o comércio de pessoas e lugares, o Hajj, os produtos da tecnologia Tleilaxu, situados nos limites da legalidade. Eram drogas causadoras de dependência ao lado de técnicas médicas; eram o transporte (a Corporação) e todo o comércio supercomplexo de um Império que abrangia milhares de planetas conhecidos, mais alguns que se nutriam secretamente em suas fronteiras, devido aos serviços que prestavam. Quando Idaho dissera CHOAM, falara de uma fermentação constante, intriga dentro de intriga, um jogo de poder em que a mudança de um duodécimo nos pagamentos de quotas de comércio poderia mudar o governo de um planeta inteiro.

Alia voltou a se colocar diante das duas pessoas sentadas nos divãs.

— Alguma coisa específica a- respeito da CHOAM incomoda vocês?

— Existe sempre grande especulação a respeito da armazenagem de especiaria por parte de certas Casas — disse Irulan.

Alia bateu com as mãos sobre as próprias coxas e então apontou para o papel de especiaria gravado ao lado de Irulan.

— Essa exigência não a intriga, vindo como vem de...

— Muito bem! — exclamou Idaho. — Ponha as cartas na mesa! Que está ocultando? Sabe muito bem que não pode me negar informações e ainda esperar que eu funcione como um...

— Tem havido um aumento recente e muito significativo no comércio de pessoas com quatro habilidades específicas — revelou

Alia, enquanto imaginava se essa seria realmente uma nova informação para essa dupla.

— Que habilidades? — indagou Irulan.

— Mestres espadachins, mentats pervertidos de Tleilax, médicos condicionados da escola Suk e contadores corruptos, principalmente estes últimos. Por que guarda-livros suspeitos estariam em demanda exatamente agora? — Ela dirigiu a pergunta a Idaho.

"Funcione como mentat", pensou ele. Bem, isso era melhor do que se alongar na observação daquilo em que Alia se transformara. Focalizou suas palavras, repetindo-as na mente à maneira mentat.

"Mestres espadachins?" Esse fora o seu título, um dia. Mas os mestres espadachins representavam muito mais do que simples combatentes individuais. Podiam consertar escudos de força defensivos, planejar campanhas militares, projetar instalações de apoio militar, improvisar armas. "Mentats pervertidos?" Os Tleilaxu insistiam nessa fraude, obviamente. Como mentat, Idaho conhecia a frágil insegurança da perversão Tleilaxu. As Grandes Casas que adquiriam tais mentats esperavam controlá-los de modo absoluto. Isso era impossível! Até mesmo Piter de Vries, que servira aos Harkonnen em seu assalto à Casa Atreides, mantivera sua própria dignidade essencial, aceitando a morte em vez de entregar seu núcleo interior de personalidade autônoma, no final. "Médicos Suk?" Seu condicionamento supostamente os garantia contra a deslealdade para com seus senhores-pacientes. Os médicos Suk eram muito dispendiosos. Uma compra crescente de médicos Suk envolveria uma troca substancial de fundos.

Idaho pesou esses fatos contra o aumento dos contadores corruptos.

— Primeira computação — disse ele, indicando com forte segurança que falava de um fato induzido. — Houve um recente aumento na riqueza das Casas Menores. Algumas delas têm caminhado silenciosamente na direção do status de Grande Casa. Tal riqueza só pode provir de algumas mudanças específicas em alinhamentos políticos.

— Chegamos, afinal, à Landsraad — disse Alia, verbalizando sua própria crença.

— A próxima reunião da Landsraad será daqui a quase dois anos-padrão — lembrou Irulan.

— Mas as barganhas políticas nunca cessam — continuou Alia.

— E eu asseguro que entre aqueles signatários tribais — gesticulou para o papel ao lado de Irulan — se encontram alguns que pertencem às Casas Menores que mudaram seus alinhamentos.

— Talvez — respondeu Irulan.

— A Landsraad... — disse Alia. — Que melhor fachada para as Bene Gesserits? E que melhor agente para a Irmandade do que minha própria mãe? — Alia plantou-se na frente de Duncan Idaho. — Então, Duncan?

“Por que não funcionar como um mentat?”, indagou-se Idaho. Agora percebia o curso das suspeitas de Alia. Afinal, fora o guarda pessoal de Lady Jessica durante muitos anos.

— Duncan? — insistiu Alia.

— Você deve pesquisar em busca de qualquer consultoria legislativa que possa estar sendo preparada para a próxima sessão da Landsraad — respondeu Idaho. — Eles podem assumir a posição legal de que a Regência não tem poderes para vetar certos tipos de leis — especificamente, os ajustes das taxas e o policiamento dos cartéis. Existem outras, mas...

— Esse não seria um palpite muito pragmático da sua parte — comentou Irulan.

— Concordo — disse Alia. — Os Sardaukar não têm suas garras e nós ainda temos nossas legiões Fremen.

— Cuidado, Alia — avisou Idaho. — Nossos inimigos não se sentiriam mais satisfeitos se nos fizessem parecer monstruosos. Não importa quantas legiões você comande, num Império tão disperso quanto este, o poder, em última análise, tem por base o apoio popular.

— Apoio popular? — perguntou Irulan.

— Você quer dizer apoio das Grandes Casas — disse Alia.

— E quantas Grandes Casas nós enfrentaremos sob essa nova aliança? — perguntou Idaho. — O dinheiro está sendo coletado em lugares estranhos!

— As fronteiras? — indagou Irulan.

Idaho encolheu os ombros. Essa era uma pergunta sem resposta. Todos eles suspeitavam de que um dia os Tleilaxu, ou então os artífices tecnológicos nas fronteiras imperiais, anulariam o Efeito Holtzman. Nesse dia, os escudos seriam inúteis. E todo o precário equilíbrio que mantinha os feudos planetários desabaria. Alia recusava-se a considerar essa possibilidade.

— Prosseguiremos com o que temos — disse ela. — E o que temos é o conhecimento, por toda a diretoria da CHOAM, de que nós podemos destruir a especiaria, se eles nos forçarem. Não vão correr esse risco.

— De volta à CHOAM — disse Irulan.

— A menos que alguém tenha conseguido duplicar o ciclo da truta em verme da areia num outro planeta — disse Idaho. Olhou de modo indagador para Irulan, excitado por essa possibilidade.

— Salusa Secundus?

— Meus contatos lá permanecem dignos de confiança — respondeu Irulan. — Não em Salusa.

— Então, minha resposta permanece — disse Alia, fitando Idaho. — Continuamos com o que temos.

"Meu movimento", pensou Idaho, e disse:

— Por que me arrastou para longe de um trabalho importante? Podia ter chegado a esse resultado sozinha.

— Não use esse tom comigo! — retrucou Alia.

Os olhos de Idaho se arregalaram. Por um instante, ele vira o estranho no rosto de Alia, e fora uma visão desconcertante. Voltou sua atenção para Irulan, mas esta não vira... ou dava a impressão de não ter visto.

— Não preciso de educação elementar — disse Alia, a voz ainda marcada pela estranha raiva.

Idaho conseguiu dar um sorriso triste, mas seu peito doía.

— Nunca estamos longe da riqueza e de todas as suas máscaras quando lidamos com o poder — disse Irulan em sua voz arrastada.

— Paul era uma mutação social e como tal nos devemos lembrar que ele mudou o velho equilíbrio das riquezas.

— Tais mutações não são irreversíveis — disse Alia, dando as costas para eles como se não houvesse exposto sua terrível diferença. — Onde quer que haja riqueza neste Império, eles sabem disso.

— Eles também sabem — disse Irulan — que há três pessoas que poderiam perpetuar a mutação: os gêmeos e... — apontou para Alia.

"Estarão loucas, essas duas?", perguntou-se Idaho.

— Eles vão tentar me assassinar! — exclamou Alia de modo estridente.

Idaho continuou sentado em silêncio, chocado, sua consciência mental girando. Assassinar Alia? Para quê? Eles poderiam desacreditá-la muito facilmente. Poderiam separá-la de sua matilha Fremen e caçá-la à vontade. Mas o gêmeos eram diferentes... Ele sabia que não se encontrava na calma mentat adequada para tal avaliação, mas precisava tentar. Tinha de ser tão preciso quanto possível. Ao mesmo tempo, sabia que o pensamento preciso continha alguns valores absolutos não-digeríveis. A natureza não era precisa. O universo não era preciso quando reduzido à sua escala; era vago e nebuloso, cheio de mudanças e movimentos inesperados. A humanidade como um todo devia ser colocada nessa computação como um fenômeno natural. E todo o pro cesso de análise precisa representava um corte, uma remoção da corrente de fluxo do universo. El e tinha de entrar naquela corrente, vê-la em movimento.

— Tínhamos razão em focalizar a CHOAM e a Landsraad — dizia Irulan em seu modo pausado. — E a sugestão de Duncan oferece uma primeira linha de

investigação para...

— O dinheiro como expressão da energia não pode ser separado da energia que ele expressa — disse Alia. — Todos sabemos disso. Mas temos de responder a três perguntas específicas: Quando? Usando que armas? Onde?...

“Os gêmeos... os gêmeos”, pensava Idaho. “São os gêmeos que estão em perigo, não Alia.”

— Você não está interessada em quem ou como? — perguntou Irulan.

— Se a Casa Corrino, a CHOAM ou qualquer outro grupo emprega instrumentos humanos neste planeta — disse Alia —, temos uma probabilidade superior a 60 por centro de encontrá-los antes que tenham tempo de agir. Saber quando e onde vão agir nos propiciaria um aumento dessas chances. Como? Isso é apenas indagar com que armas.

“Por que elas não conseguem ver a coisa como eu a vejo?”, admirou-se Idaho.

— Certo — disse Irulan. — Quando?

— Quando toda a atenção estiver voltada para outra pessoa.

— A atenção estava voltada para sua mãe na Convocação — lembrou Irulan. — E não houve atentado.

— Lugar errado — disse Alia.

“Que é que ela está fazendo?”, perguntou-se Idaho.

— Onde então? — indagou Irulan.

— Aqui mesmo, no Castelo. É o lugar onde me sinto mais segura e menos em guarda.

— Com que armas? — perguntou Irulan.

— Convencionais. Alguma coisa que um Fremen poderia carregar consigo: uma faca cristalina envenenada, uma pistola maula, um...

— Eles não tentam um caçador-rastreador há muito tempo — disse Irulan.

— Não funcionaria em uma multidão. E terá de haver multidão.

— Uma arma biológica? — sugeriu Irulan.

— Um agente infeccioso? — perguntou Alia, sem ocultar sua incredulidade. Como Irulan podia pensar que um agente infeccioso teria sucesso contra as barreiras imunológicas que protegiam um Atreides?

— Eu estava pensando mais na linha de algum animal — explicou Irulan. — Um pequeno bicho treinado para morder uma vítima específica, aplicando o veneno com a mordida.

— Os furões da Casa preveniriam isso.

— Um deles, então? — indagou Irulan.

— Não poderia ser feito. Os furões da Casa rejeitariam um animal estranho e o matariam.

Você sabe disso.

— Estava apenas explorando as possibilidades na esperança de que...

— Eu alertarei minha guarda — concluiu Alia.

Quando Alia disse guarda, Idaho colocou a mão sobre seus olhos Tleilaxu tentando evitar o envolvimento arrebatador que deslizou sobre ele. Era o Rhajia, o movimento do Infinito, tal como expresso pela Vida. A dose latente de total imersão em consciência mentat que estava reservada a qualquer mentat. Aquilo lançava sua consciência sobre o universo como uma rede, caindo, definindo as formas dentro dela. Ele viu os gêmeos agachados na escuridão, enquanto garras gigantescas rasgavam o ar em torno deles.

— Não — sussurrou ele.

— O quê? — Alia olhou para ele como se estivesse surpresa por ainda encontrá-lo ali.

Ele abaixou as mãos da frente dos olhos.

— As vestes que a Casa Corrino enviou — disse ele. — Foram entregues aos gêmeos?

— É claro — respondeu Irulan. — São perfeitamente seguras.

— Ninguém vai tentar algo contra os gêmeos no Sietch Tabr — disse Alia. — Não tendo em volta aqueles guardas treinados por Stilgar.

Idaho olhou para ela. Não tinha nenhum dado em particular para reforçar um argumento baseado na computação mentat. Mas sabia. Ele sabia. Essa coisa que experimentara chegara muito perto do poder visionário que Paul conhecera. Nem Irulan nem Alia acreditariam naquilo partindo dele.

— Gostaria de alertar as autoridades portuárias contra a permissão de importação de quaisquer animais do exterior — disse ele.

— Você não está levando a sério a sugestão de Irulan — protestou Alia.

— Por que arriscar? — perguntou ele.

— Diga isso aos contrabandistas — disse Alia. — Eu confiarei nos furões da Casa.

Idaho sacudiu a cabeça. Que poderiam fazer os furões da Casa contra garras do tamanho daquelas que visualizara? Mas Alia estava certa. Subornos nos lugares certos, um complacente navegador da Corporação e qualquer lugar do Território Vazio poderia tornar-se um local de pouso. A Corporação resistiria a uma posição frontal em qual quer ataque à Casa Atreides, mas se o preço fosse suficientemente alto... Bem, podia-se pensar na Corporação como se fosse alguma coisa como uma barreira geológica que apenas tornava os ataques difíceis, mas não impossíveis. Eles sempre poderiam protestar que eram apenas uma “agência de transportes”. Como poderiam saber que uso se daria a uma carga determinada?

Alia quebrou o silêncio com um gesto puramente Fremen, o punho erguido com o polegar na horizontal. Acompanhou o gesto com uma exclamação tradicional que significava “Eu dou o Conflito do Tufão”. Obviamente, ela se via como o único alvo lógico para os assassinos, e o gesto era a afirmação de um universo cheio de ameaças não-eliminadas. Alia estava dizendo que lançaria o vento da morte sobre qualquer um que a atacasse.

Idaho sentiu a inutilidade de qualquer protesto . Percebia que ela não mais suspeitava dele.

Voltaria ao Sietch Tabr, onde ela esperava que executasse com perfeição o rapto de Lady Jessica. Idaho ergueu-se do divã com um súbito fluxo de adrenalina a lhe impulsionar a raiva. Pensava: “Se ao menos Alia fosse o alvo! Se ao menos os assassinos pudessem pegá-la!” Por um instante, levou a mão à própria faca, mas não lhe cabia fazer isso. Muito melhor para ela, entretanto, morrer como mártir do que viver para ser desacreditada e perseguida até um túmulo na areia.

— Sim — disse Alia, interpretando erroneamente sua expressão como de preocupação por ela.

— É melhor voltar depressa ao Tabr. — E pensou : “Como fui tola em suspeitar de Duncan! Ele é meu, não de Jessica!” Fora a exigência das tribos que a perturbara, concluiu. Acenou-lhe um alegre adeus quando ele saiu.

Idaho deixou a Câmara do Conselho sentindo-se sem esperanças. Alia não estava apenas cega com sua estranha possessão, mas se tornava mais insana a cada crise. Já ultrapassara o ponto de perigo e estava condenada. Mas que poderia ser feito pelos gêmeos? A quem ele poderia convencer? Stilgar? E o que Stilgar poderia fazer que já não estivesse sendo feito?

“Lady Jessica, então?”

Sim, ele exploraria essa possibilidade. Mas ela também poderia estar muito envolvida em tramas com sua Irmandade. Tinha poucas ilusões a respeito da concubina Atreides. Ela poderia fazer qualquer coisa sob as ordens das suas Bene Gesserits. Até mesmo voltar-se contra os próprios netos.

22

Os bons governos nunca dependem das leis e sim das qualidades pessoais daqueles que governam. A máquina do governo encontra-se sempre subordinada à vontade daqueles que a administram. O elemento mais importante de um governo, portanto, é o método de escolha de seus líderes.

— "Lei e Governo" —
Manual da Corporação Espacial

"Por que Alia deseja que eu compareça a essa audiência matinal?", perguntava-se Jessica. "Eles ainda não votaram minha volta ao Conselho."

Jessica encontrava-se na ante-sala do Grande Salão do Castelo. Em si mesma, a ante-sala teria sido um grande salão em qualquer outro lugar que não Arrakis. Seguindo a liderança Atreides, os prédios de Arrakeen se haviam tornado ainda mais gigantescos, à medida que a riqueza e o poder se concentravam, e essa sala resumia suas apreensões . Ela não gostava do aposento, com seu piso de azulejos representando a vitória de seu filho contra Shaddam IV.

Percebeu o reflexo do próprio rosto na porta de plasteel polido que levava ao Grande Salão.

Voltar a Duna forçava-a a tais comparações, e Jessica notava apenas os sinais do envelhecimento em suas próprias feições: o rosto oval desenvolvera pequenas linhas e os olhos estavam mais instáveis em seus reflexos azulados. Podia lembrar-se do tempo em que existira um branco em torno do azul de seus olhos. Somente as cuidadosas aplicações de um cabeleireiro profissional mantinham o bronze polido de seus cabelos. O nariz permanecia pequeno, a boca, generosa, e o corpo ainda era esguio, mas mesmo os músculos treinados à maneira Bene Gesserit mostravam uma tendência à lentidão, com o passar do tempo. Alguns podiam não notar isso e dizer: "Você não mudou nem um pouco!"' Mas o treinamento da Irmandade era uma faca de dois gumes: pequenas mudanças raramente deixam de ser notadas por pessoas treinadas dessa maneira.

E a ausência das pequenas mudanças em Alia não escapara à percepção de

Jessica.

Javid, o encarregado dos compromissos de Alia, encontrava-se diante da grande porta, parecendo muito cerimonioso essa manhã. Era um gênio metido em mantos, com um sorriso cínico no rosto redondo. Jessica via em Javid um paradoxo: um Fremen bem-alimentado. Notando a atenção dela sobre ele, Javid sorriu, compreensivo, e encolheu os ombros. Seu serviço no séquito de Jessica fora breve, como ele sabia que o seria. Odiava os Atreides, mas era o homem de Alia — em mais de um sentido, se os rumores estavam certos.

Jessica viu o encolher de ombros e pensou: “Esse gesto caracteriza esta era. Ele sabe que eu ouvi todas as histórias a seu respeito e não se importa. Nossa civilização poderia morrer de indiferença interna bem antes de sucumbir a qualquer ataque externo.”

Os guardas que Gurney lhe havia destinado, antes de partir para o deserto a fim de confrontar os contrabandistas, não haviam gostado de ela ter ido até ali sem a sua companhia. Mas Jessica sentia-se curiosamente segura. Deixe que alguém faça de mim uma mártir neste lugar; Alia não sobreviverá a isso. Ela o sabe.

Quando Jessica não respondeu ao encolher de ombros e ao sorriso, Javid tossiu, um ruído de eruptação em sua laringe que só poderia ter sido conseguido com a prática. Era como uma linguagem secreta. Aquilo dizia: “Entendemos a tolice de toda esta pompa, Minha Senhora. Não é maravilhoso aquilo em que os seres humanos podem ser levados a acreditar?”

“Maravilhoso!”, concordou Jessica, mas seu rosto não deu qualquer indicação desse pensamento.

A ante-sala estava bem cheia agora. Todos os suplicantes que teriam seu ingresso permitido essa manhã haviam recebido seu passe do pessoal de Javid. As portas externas haviam sido fechadas.

Suplicantes e criados mantinham uma distância cerimoniosa em relação a Jessica, mas observavam que ela usava o manto aba negro, formal, de uma Reverenda Madre Fremen. Isso causaria muitas perguntas. Nenhuma marca do clero do Muad’Dib podia ser vista em sua pessoa. As conversas corriam em tom de murmúrio, enquanto as pessoas dividiam sua atenção entre Jessica e a pequena porta lateral através da qual Alia chegaria para conduzi-los ao Grande Salão. Era óbvio para Jessica que o velho padrão que definia onde se encontravam os poderes da Regência fora abalado.

“Eu causei isso apenas vindo aqui”, pensou. “Mas eu vim porque Alia me convidou.”

Notando os sinais de perturbação, Jessica percebia que Alia estava prolongando deliberadamente esse momento, permitindo que correntes sutis

seguissem seu curso. Alia devia estar observando de uma vigia, é claro. Poucas sutilezas em seu comportamento escapavam a Jessica, e a cada minuto que passava esta percebia como estivera certa em aceitar a missão que a Irmandade praticamente lhe impusera.

— Não se pode permitir que as coisas continuem deste modo — argumentara a líder da delegação Bene Gesserit. — Certamente, os sinais de corrupção não escaparam à sua percepção... ou à de todas as pessoas! Sabemos por que nos deixou, mas também sabemos como foi treinada. Nada foi poupado em sua educação. Você é uma adepta da Panóplia Profética e deve reconhecer quando a fermentação de uma religião poderosa nos ameaça a todos.

Jessica comprimira os lábios enquanto pensava, olhando através da janela para os suaves indícios de primavera no Castelo Caladan. Não gostava de dirigir os pensamentos dessa maneira lógica.

Uma das primeiras lições da Irmandade fora reservar uma atitude de questionadora desconfiança ante qualquer coisa que aparecesse sob o rótulo de lógica . Mas as integrantes da delegação também sabiam disso.

Como o ar estivera úmido naquela manhã, pensou Jessica, olhando para a ante-sala de Alia.

Fresco e úmido. Aqui, havia no ar um sentimento de umidade suarenta que evocava a intranquilidade, e Jessica pensou: “Reverti ao modo de pensar dos Fremen.” O ar era demasiado úmido nesse sietch acima do solo. Que estaria acontecendo de errado com o Mestre dos Alambiques? Paul nunca teria permitido tal descuido.

Percebia que Javid, o rosto brilhante e alerta, mas tranquilo, parecia não ter notado a falha na umidade do ar dessa ante-sala. Uma falha de treinamento para alguém nascido em Arrakis.

As integrantes da delegação Bene Gesserit queriam saber se ela exigia provas de suas alegações.

Ela lhes dera uma resposta irritada, tirada de um de seus próprios manuais:

— Todas as provas conduzem inevitavelmente a proposições que não podem ser provadas!

Todas as coisas são conhecidas porque desejamos acreditar nelas.

— Mas nós submetemos essas questões aos mentais — protestara a líder da delegação.

Jessica olhou atônita para a mulher:

— Me admira que tenha chegado à sua presente posição e ainda não tenha consciência das limitações de todos os mentats.

Com isso a delegação ficou tranquila. Aparentemente, tudo fora um teste e Jessica passara. Elas temiam, é claro, que ela houvesse perdido o contato com

todas aquelas habilidades equilibradas que constituíam o núcleo do treinamento Bene Gesserit.

Agora, Jessica ficou ligeiramente alerta enquanto Javid deixava sua posição na porta e se aproximava. Ele se curvou numa mesura.

— Minha Senhora, ocorreu-me que pode não ter ouvido ainda a respeito da última proeza do Pregador.

— Recebo relatórios diários de tudo o que acontece aqui — respondeu Jessica, pensando:

“Deixe-o contar isso a Alia.”

Javid sorriu.

— Então sabe que ele insulta sua família. Na noite passada, ele pregou nos subúrbios do sul e ninguém se atreveu a tocá-lo. Sabe por quê, é claro.

— Porque pensam que ele é o meu filho que retorna — respondeu Jessica com voz entediada.

— Essa questão ainda não foi colocada ao mentat Idaho — lembrou Javid. — Talvez isso devesse ser feito, resolvendo-se a questão.

Jessica pensou: “Esse é um que não conhece verdadeiramente as limitações de um mentat, embora se atreva a colocar chifres num deles... pelo menos em seus sonhos, senão na vida real.”

— Os mentais compartilham as falibilidades daqueles que os empregam — ela disse. — A mente humana, assim como a mente de qualquer animal, é um ressonador. Ela responde às ressonâncias do ambiente. Um mentat aprende a estender sua consciência através de muitos laços paralelos de casualidade, e a prosseguir, de acordo com esses laços, em busca das longas correntes de consequências. — “Deixe-o digerir isso.”

— Esse Pregador não a perturba, então? — indagou Javid, a voz subitamente formal e solene.

— Eu o vejo como um sinal saudável — respondeu Jessica. — Não quero que seja incomodado.

Evidentemente, Javid não esperava essa resposta brusca. Tentou sorrir, não conseguiu, então disse:

— O Conselho governante da Igreja que endeusa o seu filho se curvará aos seus desejos, é claro, se assim insistir. Mas certamente alguma explicação...

— Talvez preferisse que eu explicasse como eu me encaixo em seus esquemas — ela disse.

Javid olhou para ela de modo crítico.

— Madame, não vejo razão lógica para sua recusa em denunciar esse Pregador. Ele não pode ser seu filho. Eu faço um pedido razoável: denuncie-o!

“Isso foi arranjado”, pensou Jessica. “Alia o mandou fazer isso.” E disse:

— Não!

— Mas ele desonra o nome de seu filho! Prega coisas abomináveis, grita contra sua sagrada filha, incita a população contra nós. Quando lhe perguntaram, ele disse que até mesmo a senhora possuía a natureza da maldade e que seu...

— Chega dessa tolice! — disse Jessica. — Diga a Alia que eu me recuso. Não ouvi outra coisa senão estórias sobre esse Pregador desde que voltei. Ele me deixa entediada.

— Será que a deixa entediada, Madame, saber que em seus últimos insultos ele disse que a senhora não se voltará contra ele? E agora, evidentemente...

— Má como sou, ainda assim não o denuncio.

— Isso não é assunto para brincadeiras, Madame! Jessica acenou para que ele fosse embora.

— Fora! — Falou com tal veemência que outros ouviram, o que o forçou a obedecer.

Seus olhos brilharam de raiva, mas ele conseguiu fazer uma rígida mesura e retornou à sua posição junto da porta.

Essa discussão encaixava-se perfeitamente nas observações que Jessica já fizera. Quando falava em Alia, a voz de Javid traía os meios tons roucos de um amante. Não havia engano nisso. Os boatos, sem dúvida, eram verdadeiros. Alia permitira que sua vida degenerasse de modo terrível e, ao observar isso, Jessica começou a nutrir a suspeita de que a moça era uma participante voluntária no processo da Abominação. Seria isso o resultado de uma vontade perversa de autodestruição? Pois decerto Alia estava trabalhando para destruir a si mesma, juntamente com a base de poder que se nutria dos ensinamentos de seu irmão.

Débeis indícios de inquietação começaram a se tornar evidentes na ante-sala. Os aficcionados desse lugar percebiam quando Alia se demorava e agora todos tinham ouvido a respeito do veemente repúdio de Jessica ao favorito de Alia.

Jessica suspirou. Sentia que seu corpo havia caminhado para o interior desse lugar com a alma se arrastando atrás. Os movimentos entre os cortesãos eram tão transparentes! A busca de pessoas importantes era uma dança que lembrava o vento batendo num campo de talos de cereais. Os refinados habitantes do lugar franziam as sobrancelhas e concediam enigmáticos números de importância a cada um de seus companheiros. Obviamente, sua repulsa a Javid o ferira; poucos falavam com ele agora. Mas os outros! Seus olhos treinados podiam ler os números de classificação nos satélites que serviam os poderosos.

“Eles não me cercam porque sou perigosa”, pensou. “Tenho o cheiro de

alguém que Alia teme.”

Jessica olhou à sua volta, vendo os olhares desviarem-se. Era uma gente tão fútil que ela se surpreendeu desejando gritar contra suas justificativas já prontas para suas vidas sem sentido. Oh, se ao menos o Pregador pudesse ver essa sala tal como ela aparecia agora!

Fragmentos de uma conversa próxima chamaram-lhe a atenção. Um sacerdote alto e esguio dirigia-se à sua rodinha de acompanhantes, obviam ente suplicantes que haviam ido ali sob seus auspícios.

— Frequentemente devo dizer o oposto daquilo que penso — ele dizia. — Isso se chama diplomacia.

A risada resultante foi muito alta, e muito rapidamente silenciada. Pessoas do grupo perceberam que Jessica tinha ouvido.

“Meu Duque teria enviado esse sujeito para o buraco mais distante que houvesse!”, pensou Jessica. “Eu voltei bem na hora.”

Sabia agora que tinha vivido na distante Caladan numa cápsula de isolamento que só permitira a penetração dos mais gritantes excessos de Alia. “Contribuí para minha própria existência sonhadora”, pensou. Caladan lhe oferecera algo como o isolamento proporcionado por uma verdadeira fragata de primeira classe, viajando segura dentro do porão de um heighliner da Corporação. Somente as manobras mais violentas podiam ser sentidas, e assim mesmo como meros movimentos suavizados.

“Como seduz viver em paz”, pensou.

Quanto mais via a corte de Alia, mais afinidade sentia pelas palavras relatadas como tendo partido do Pregador cego. Sim, Paul teria dito tais palavras se visse em que se tornara seu reino. E Jessica se perguntava o que Gurney teria descoberto entre os contrabandistas.

Percebeu que sua primeira reação a Arrakeen fora correia. Naquele primeiro passeio pela cidade, em companhia de Javid, sua atenção fora despertada pelas cercas blindadas em torno das residências, os caminhos e passagens fortemente guardados, os vigias pacientes em cada esquina, os muros altos e os subterrâneos profundos revelados pelas amplas fundações. Arrakeen deixara de ser um lugar generoso para se tornar fechado, desmedido e farisaico em seus duros contornos.

De repente, a pequena porta lateral da ante-s ala se abriu. Uma vanguarda de sacerdotisas amazonas espalhou-se pela sala, com Alia atrás delas, arrogante e com uma consciência restrita pelo poder real e terrível. O rosto de Alia estava tranquilo, sem qualquer emoção a se revelar quando seu olhar encontrou o da mãe. Mas ambas sabiam que a batalha havia começado.

A uma ordem de Javid, as gigantescas portas que davam para o grande

Salão começaram a se abrir, movendo-se com a silenciosa e inevitável impressão de energias ocultas.

Alia veio para junto da mãe enquanto os guardas as envolviam.

— Devemos entrar agora, mamãe?

— Não há tempo a perder — respondeu Jessica. E pensou, vendo a satisfação maligna nos olhos de Alia: "Ela acha que pode me destruir e permanecer incólume! Está louca!"

Jessica se perguntava se não fora isso que Idaho quisera dizer. Ele enviara uma mensagem, mas ela fora incapaz de responder. Era muito enigmática: "Perigo. Preciso vê-la." Fora escrita numa variante do velho idioma Chakobsa, onde uma palavra em especial, escolhida para denotar perigo, significava conspiração.

"Irei vê-lo imediatamente, assim que retornar a Tabr", pensou ela.

23

Esta é a falácia do poder: no fina l das contas, ele só é efetivo num universo absoluto e limitado. Mas a lição básica de nosso universo relativístico é que as coisas mudam . Qualquer poder deve sempre encontrar no final um poder maior. Paul Muad'Dib ensinou essa lição aos Sardaukar nas planícies de Arrakeen. Seus descendentes ainda deverão aprender essa lição por si mesmos.

— O Pregador em Arrakeen

O primeiro suplicante na audiência matinal era um trovador kadeshiano, um peregrino do Hajj cuja bolsa fora esvaziada por mercenários de Arrakeen. Ficou de pé sobre o piso de pedras verde-aquáticas da câmara, sem aparentar um ar de súplica.

Jessica admirou seu atrevimento da posição onde se sentava com Alia, no topo da plataforma de sete degraus. Tronos idênticos haviam sido colocados ali para a mãe e a filha, e Jessica tomou nota do fato de que Alia se sentava à direita, na posição masculina.

Quanto ao trovador kadeshiano, era óbvio que o pessoal de Javid lhe havia permitido entrar exatamente por esta qualidade que ele agora exibia: o atrevimento. Esperava-se que o trovador proporcionasse algum divertimento aos cortesãos do Grande Salão; era o pagamento que ele daria em troca do dinheiro que não mais possuía.

De acordo com o relatório do Sacerdote-Advogado, agora defendendo a causa do trovador, o kadeshiano ficara somente com a roupa do corpo e o baliset preso sobre o ombro por um cordão de couro.

— Ele diz que lhe deram uma bebida escura — disse o Advogado, quase sem ocultar o sorriso que tentava torcer-lhe os lábios. — Se esse detalhe agrada à sua Santidade, a bebida o deixou indefeso mas desperto, enquanto sua bolsa era cortada.

Jessica estudou o trovador enquanto o Advogado continuava sua cantilena em tom de falsa subserviência, a voz cheia de sórdido moralismo. O kadeshiano era alto, chegando facilmente a dois metros. Tinha os olhos inquietos, que mostravam uma vigília inteligente, além de humor. Seu cabelo louro caía até os

ombros, como era o estilo em seu planeta, e havia uma aparência de força viril em seu peito largo e no corpo, que logo se adelgaçava para baixo sem que o manto cinzento do Hajj pudesse ocultá-lo. Seu nome fora dado como sendo Tagir Mohandis, um descendente de engenheiros mercantes, orgulhoso de seus ancestrais e de si mesmo.

Alia finalmente interrompeu a súplica com um aceno da mão e falou sem se voltar:

— Lady Jessica fará o primeiro julgamento, em honra de sua volta ao nosso convívio.

— Obrigada, filha — respondeu Jessica, declarando a ordem de ascendência para que todos ouvissem. "Filha!" Seria esse Tagir Mohandis parte do plano? Ou seria um crente inocente? Esse julgamento fora preparado para abrir o ataque sobre ela, percebeu Jessica. Isso era óbvio na atitude de Alia.

— Você toca bem esse instrumento? — perguntou Jessica, indicando com a mão o baliset de nove cordas sobre o ombro do trovador.

— Tão bem quanto o Grande Gurney Halleck em pessoa! — respondeu Tagir, falando alto para que todos no salão ouvissem. Suas palavras provocaram uma interessante agitação entre os cortesãos.

— Você busca a dádiva do dinheiro para o transporte — disse Jessica. — Aonde o conduziria esse dinheiro?

— A Salusa Secundus e à corte de Farad'n — disse Mohandis. — Ouvi dizer que ele procura trovadores e menestréis, que apóia as artes e está se cercando de cultura, preparando uma renascença.

Jessica forçou-se a não olhar para Alia. Eles sabiam, é claro, o que Mohandis ia pedir.

Surpreendeu-se apreciando esse jogo. Será que eles achavam que ela era incapaz de reagir adequadamente a essa pressão?

— Você tocaria em troca de sua passagem? — perguntou Jessica. — Meus termos são termos Fremen. Se eu gostar de sua música, posso mantê-lo aqui para aliviar minhas preocupações; se sua música me ofender, posso mandá-lo realizar trabalho pesado no deserto, em troca do dinheiro de sua passagem. E se considerar que sua maneira de tocar só é adequada para Farad'n, que dizem ser inimigo dos Atreides, então o enviarei a ele com as minhas bênçãos. Aceita esses termos, Tagir Mohandis?

Ele lançou a cabeça para trás numa estrondosa gargalhada. Seu cabelo longo dançou enquanto pegava o baliset e o afinava cuidadosamente para indicar que aceitara o desafio.

A multidão no salão começou a se aproximar, mas foi contida pelos cortesãos e pelos guardas.

Daí a pouco, Mohandis feriu uma nota, mantendo o zumbido grave das cordas laterais com cuidadosa atenção para com sua vibração arrebatadora. Então, erguendo a voz num suave tenor, ele cantou, obviamente improvisando, mas tocando de modo tão hábil que Jessica se sentiu cativada, antes de prestar atenção à letra:

Vocês dizem-se saudosos dos mares de Caladan,
Onde certo dia governaram, Atreides,
Sem parar...
Mas os eLivross se demoram em terras de estranhos!
Vocês dizem que eles eram homens amargos, tão rudes
Que venderam seus sonhos do Shai-Hulud
Em troca de um alimento sem sabor...
Pois os eLivross se demoram em terras de estranhos.
Vocês fazem Arrakis tornar-se fraco
Silenciando a passagem do verme
E terminando seu período...
Como eLivross, vivendo em terras de estranhos
Alia! Eles a chamam de Coan-Teen
Aquele espírito que nunca é visto Até...

— Basta — gritou Alia. Ergueu-se meio caminho para fora do trono. — Vou mandar que o...

— Alia! — Jessica falou com a intensidade apenas necessária, sua voz ajustada no tom certo para evitar o confronto mas, ao mesmo tempo, obter toda a atenção. Era um esplêndido uso da Voz, e todos que a ouviram reconheceram os poderes treina dos nessa demonstração. Alia caiu de volta no trono e Jessica notou que ela não mostrava o menor indício de frustração.

"Isso também foi previsto", pensou Jessica. "Que interessante."

— O julgamento deste primeiro é meu — lembrou Jessica.

— Muito bem. — As palavras de Alia eram quase inaudíveis.

— Acho que este aqui é um presente adequado para Farad'n — disse Jessica. — Ele tem uma língua que corta como uma faca cristalina. A sangria que essa língua pode causar seria saudável para nossa corte, mas prefiro que seja causada à Casa Corrino.

Um leve murmúrio de risos propagou-se pelo salão. Alia permitiu-se um som resfolegante:

— Sabe do que ele me chamou?

— Ele não a chamou de nada, filha. Apenas relatou o que ele ou qualquer outro pode ouvir nas ruas. Lá eles a chamam de Coan-Teen...

— O espírito da morte feminino que caminha sem os pés — resmungou Alia.

— Se matar aqueles que relatam o que ouvem com sinceridade, manterá ao seu redor apenas aqueles que dizem o que você quer ouvir — disse Jessica com a voz suave. — Não posso pensar em nada mais venenoso do que apodrecer no fedor das próprias reflexões.

Audíveis exclamações de espanto partiram daqueles imediatamente abaixo do trono.

Jessica voltou sua atenção para Mohandis, que permanecia em silêncio, sem se intimidar. Ele aguardava qualquer sentença que lhe fosse passada como se não se importasse. Mohandis era exatamente o tipo de homem que seu Duque teria escolhido para ter ao seu lado em tempos difíceis: alguém que agia com confiança em seu próprio julgamento, mas aceitava o que quer que lhe pudesse acontecer, mesmo a morte, sem lamentar o destino. Então, por que escolhera esse curso de ação?

— Por que cantou exatamente aquela letra? — perguntou-lhe Jessica.

Ele ergueu a cabeça para falar claramente:

— Ouvi dizer que os Atreides eram honrados e de mente aberta. Pensei em testar isso e talvez ficar aqui a seu serviço, de modo a dispor de tempo para procurar aqueles que me roubaram e cuidar deles à minha própria maneira.

— Ele se atreve a nos testar! — murmurou Alia.

— Por que não? — perguntou Jessica.

Ela sorriu para o trovador em sinal de benevolência. Ele viera a esse salão apenas porque lhe oferecia outra oportunidade de aventura, outra passagem através de seu universo. Jessica sentia-se tentada a ligá-lo ao seu próprio séquito, mas a reação de Alia pressagiava o mal para o bravo Mohandis.

Havia também indícios que diziam ser esse o comportamento que esperavam de Lady Jessica: colocar um valente e belo trovador a seu serviço, como já fizera com o bravo Gurney Halleck. Era melhor que Mohandis seguisse seu caminho, embora a irritasse perder tão esplêndido espécime para Farad'n.

— Ele deve ir para a corte de Farad'n — pronunciou Jessica. — Cuidem para que receba o dinheiro de sua passagem. Deixem que sua língua tire o sangue da Casa Corrino e vejamos como ele sobrevive a isso.

Alia olhou furiosa para o chão, depois deu um sorriso atrasado.

— A sabedoria de Lady Jessica deve prevalecer — ela disse, acenando para que Mohandis fosse embora.

"Esta não saiu do jeito que ela esperava", pensou Jessica, mas havia

indicações nos modos de Alia de que um teste maior ainda estava por vir.

Outro suplicante foi trazido à frente.

Jessica, notando a reação de sua filha, sentiu a inquietação de suas dúvidas. A lição que aprendera com os gêmeos era necessária ali. Mesmo sendo Alia uma Abominação, ainda assim era um dos pré-nascidos. Podia conhecer sua mãe como conhecia a si mesma. Não fazia sentido que Alia fosse enganar-se quanto às reações de sua mãe na questão do trovador. “Por que ela encenou aquela discussão? Para me distrair?”

Não havia mais tempo para reflexão. O segundo suplicante assumira sua posição abaixo dos tronos gêmeos, seu Advogado a seu lado.

Dessa vez o suplicante era um Fremen, um velho que tinha no rosto as marcas da areia dos nascidos no deserto. Não era alto, mas tinha o corpo rijo, e o longo dishdasha normalmente usado sobre um traje-destilador lhe conferia uma aparência imponente. O manto estava de acordo com o rosto magro e o nariz adunco, com o brilho dos olhos de azul dentro de azul. Não usava um traje-destilador e parecia desconfortável sem ele. O gigantesco espaço do Salão de Audiências devia parecer-lhe uma perigosa área aberta que roubava à sua carne a inestimável umidade. Sob o capuz, que jogara parcialmente para trás, usava um keffiya amarrado em nós, o ornato adequado para a cabeça de um Naib.

— Sou Ghadhean al-Fali — disse ele, colocando um pé nos degraus para o trono, indicando seu status superior ao das pessoas na multidão. — Eu era um dos comandos da morte do Muad’Dib e estou aqui para tratar de um assunto do deserto.

Alia enrijeceu-se apenas ligeiramente, um pequeno indício. O nome de al-Fali estivera na petição de que colocassem Jessica no Conselho.

“Um assunto do deserto!”, pensou Jessica.

Ghadhean al-Fali falara antes que seu Advogado pudesse iniciar o pedido. Com aquela frase Fremen formal, avisara que trazia alguma coisa qu e seria da preocupação de todos em Duna. E que falava com a autoridade de um Fedaykin que oferecera sua vida ao lado da de Paul Muad’Dib. Jessica duvidava que isso tivesse sido o que Ghadhean al-Fali havia dito a Javid ou ao Advogado Geral, ao solicitar audiência. Sua suposição foi confirmada quando um funcionário do clero avançou correndo dos fundos da câmara, acenando com um lenço negro de intercessão.

— Minhas Senhoras! — gritou ele. — Não escutem esse homem! Ele vem sob falsa...

Jessica, vendo o sacerdote avançar em direção a elas, captou um movimento no canto dos olhos e percebeu quando Alia sinalizou com a mão na velha linguagem de batalha dos Atreides: “Agora!”

Não pôde determinar para onde o sinal era dirigi do, mas agiu instintivamente com um impulso no corpo para a esquerda, arrastando o trono e tudo mais. Ao cair, rolou para longe do trono, que desabava com um estrondo, e ficou de pé no momento em que ouvia o som do disparo de uma pistola maula... o qual se repetiu. Mas já estava movimentando-se com o primeiro som e sentiu alguma coisa dar um puxão em sua manga direita. Mergulhou na multidão de cortesãos e suplicantes reunidos abaixo da plataforma. Alia, percebia ela, não se movera.

Cercada de gente, Jessica parou.

Ghadhean al-Fali, notou ela, havia buscado refúgio no outro lado da plataforma, mas o Advogado permanecia na posição original.

Tudo acontecera com a rapidez de uma emboscada , mas todos no Salão sabiam a que lugar os reflexos treinados deveriam ter levado qualquer um apanhado de surpresa. Alia e o Advogado continuavam imóveis em seu comprometimento.

Uma agitação no meio do salão atraiu a atenção de Jessica e ela abriu caminho através da multidão, vendo quatro suplicantes segurarem o funcionário do clero. Seu pano negro de intercessão estava caído a seus pés com uma pistola maula exposta entre suas dobras.

Al-Fali passou por Jessica, olhou para a pistola e o sacerdote. O Fremen deixou escapar um grito de fúria e ergueu a mão do cinturão com um golpe achag, os dedos da mão esquerda rígidos.

Atingiu o sacerdote na garganta, fazendo-o tombar inerme. Sem ao menos um olhar para o homem que matara, o velho Naib voltou um rosto furioso para a plataforma.

— Dalal-H’an-nubuwwa! — gritou al-Fali, colocando as palmas das mãos sobre a testa e depois abaixando-as. — O Quadis as-Salaf não permitirá que eu seja silenciado! Se eu não matar aqueles que interferirem, outros o farão!

“Ele pensa que era o alvo”, percebeu Jessica. Olhou para sua manga e colocou o dedo no buraco circular deixado pela bolinha da pistola maula. Envenenada, sem dúvida.

Os suplicantes haviam colocado o sacerdote no chão. Ele se retorcia, morrendo com a laringe esmagada. Jessica acenou para um par de chocados cortesãos à sua esquerda e disse:

— Quero que esse homem seja salvo para ser interrogado. Se ele morrer, vocês morrem! — Como eles hesitassem, olhando para a plataforma, ela usou a Voz: — Mexam-se!

A dupla obedeceu.

Jessica colocou-se ao lado de al-Fali e o cutucou com o braço.

— Você é um tolo, Naib! Eles estavam atrás de mim, não de você.

Várias pessoas ao redor ouviram. No silêncio do choque que se seguiu, al-Fali olhou para a plataforma, onde um dos tronos estava tombado e no outro Alia permanecia sentada. A aparência de compreensão que lhe surgiu no rosto teria sido percebida por uma noviça.

— Fedaykin — disse Jessica, lembrando-lhe de seus antigos serviços à sua família —, nós que fomos queimados sabemos como nos colocar de costas um para o outro.

— Confie em mim, Minha Senhora — disse ele, percebendo o significado imediatamente.

Um ruído resfolegante atrás de Jessica fez com que ela se voltasse rapidamente, sentindo que al-Fali tomava posição para cobrir suas costas. Uma mulher no traje pomposo de uma Fremen da cidade estava se levantando da posição que ocupara ao la do do sacerdote caído no chão. Os dois cortesãos haviam desaparecido. A mulher nem mesmo olhou para Jessica, mas ergueu a voz no antigo lamento de seu povo — o chamado por aqueles que serviam nos al ambiques da morte, pedindo-lhes que viessem recolher a água do corpo para a cisterna tribal. Era um ruído curiosamente incongruente partindo de alguém vestido como essa mulher. Jessica sentiu a persistência dos velhos costumes ao mesmo tempo em que notava a falsidade nessa mulher da cidade. Essa criatura de vestido vistoso obviamente matara o sacerdote para se certificar de que ele seria silenciado.

“Por que ela se incomodou?”, perguntou-se Jessica. “Só precisava esperar que o homem morresse por asfixia.” Fora um ato desesperado, um sinal de medo profundo.

Alia estava inclinada para a frente, na borda de seu trono, os olhos brilhantes em alerta. Uma mulher esguia, usando as tranças presas em nós que caracterizavam a guarda de Alia, passou por Jessica, inclinou-se junto ao sacerdote, levantou-se e olhou de volta para a plataforma.

— Ele está morto.

— Faça com que seja removido — disse Alia. Depois gesticulou para os guardas abaixo da plataforma. — Endireitem o trono de Lady Jessica.

“Então ela vai tentar sustentar tudo isso descaradamente!”, pensou Jessica. Será que acreditava que poderia enganar alguém? Al-Fali falara no Quadis as-Salaf, invocando os pais sagrados da mitologia Fremen como seus protetores. Mas nenhum agente sobrenatural trouxera uma pistola maula para dentro desse salão onde não se permitiam armas. Uma conspiração envolvendo o pessoal de Javid era a única resposta, e a despreocupação de Alia quanto à sua própria segurança revelava a todos que ela fazia parte da conspiração.

O velho Naib falou para Jessica por sobre o ombro:

— Aceite minhas desculpas, Minha Senhora. Nós do deserto viemos à sua presença como nossa última e desalentada esperança, e agora percebemos que ainda necessita de nós.

— O matricídio não se ajusta bem com minha filha — disse Jessica.

— As tribos vão saber disso — prometeu al-Fali.

— Se necessitavam tanto de mim, por que não se aproximaram na Convocação no Sietch Tabr? — perguntou Jessica.

— Stilgar não permitiria.

“Ahh”, pensou Jessica, “a lei dos Naibs!” Em Tabr, a palavra de Stilgar era a lei.

O trono derrubado fora recolocado no lugar. A lia gesticulou para que sua mãe retornasse, dizendo:

— Todos vocês observem, por favor, a morte desse sacerdote traidor. Aqueles que me ameaçam morrem. — Olhou para al-Fali.

— Meus agradecimentos, Naib.

— Grato pelo engano — murmurou al-Fali. Olhou para Jessica.

— Estava certa. Minha ira eliminou aquele que devia ser interrogado.

Jessica sussurrou-lhe:

— Marque aqueles dois cortesãos e a mulher de vestido colorido, Fedaykin. Quero que eles sejam capturados e interrogados.

— Será feito — respondeu ele.

— Se sairmos daqui vivos — disse Jessica. — Vamos, vamos voltar e representar nossos papéis.

— Como quiser, Minha Senhora.

Juntos, retornaram à plataforma, Jessica subindo os degraus e reassumindo sua posição ao lado de Alia, al-Fali permanecendo embaixo, na posição de suplicante.

— Agora... — começou a dizer Alia.

— Um momento, filha — interrompeu Jessica. Ergueu a manga, mostrando o buraco com um dos dedos através dele. — O ataque foi dirigido contra mim. A bolinha quase me atingiu, apesar de eu estar me esquivando. Vocês todos notarão que a pistola maula não se encontra mais lá embaixo — apontou. — Com quem está ela?

Não houve resposta.

— Talvez pudesse ser encontrada.

— Que tolice! — exclamou Alia. — Eu era o...

Jessica voltou-se na direção de sua filha, apontando com a mão esquerda.

— Alguém lá embaixo está com aquela pistola. Não teme que...

— Uma de minhas guardas está com ela! — retrucou Alia.

— Então, que essa guarda me traga a arma — pediu Jessica.

— Ela já foi levada embora.

— Que conveniente.

— Que está dizendo?

Jessica permitiu-se um sorriso amargo.

— Estou dizendo que duas pessoas de sua gente foram encarregadas de salvar aquele sacerdote-traidor. Eu lhes avisei que morreriam se ele morresse. Elas vão morrer.

— Eu o proíbo!

Jessica meramente encolheu os ombros.

— Temos aqui um bravo Fedaykin — disse Alia, indicando al-Fali. — Esta discussão pode esperar.

— Pode esperar para sempre — disse Jessica no idioma Chakobsa, suas palavras incisivas para indicar a Alia que nenhuma discussão deteria o comando da morte.

— Veremos! — retrucou Alia. Olhou para al-Fali. — Por que está aqui, Ghadhean al-Fali?

— Para ver a mãe do Muad'Dib — respondeu o Naib. — Os remanescentes dos Fedaykin, o bando de irmãos que serviu ao seu filho, juntaram seus pobres recursos para comprar minha passagem através dos guardas cobiçosos que protegem os Atreides das realidades de Arrakis.

Alia disse:

— Qualquer coisa de que os Fedaykin necessitassem, eles só teriam que...

— Ele veio aqui para me ver — interrompeu Jessica. — Qual é a sua necessidade desesperada, Fedaykin?

Alia ainda disse:

— Eu falo pelos Atreides aqui! O que é essa...

— Cale-se, sua Abominação assassina! — retrucou Jessica. — Você tentou me matar, filha! Digo isso para todos aqui ouvirem. Você não pode mandar matar todos que estão neste salão para silenciá-los. Como aquele sacerdote o foi. Sim, o golpe do Naib teria morto o homem, mas ele podia ter sido salvo. Podia ter sido interrogado! Você não se preocupa com o fato de ele ter sido silenciado. Jogue seus protestos sobre nós como quiser, sua culpa está escrita em seus atos!

Alia ficou sentada, gelada em silêncio. E Jessica, observando o jogo de emoções no rosto da filha, percebeu um movimento aterradoramente familiar nas mãos dela. Uma resposta inconsciente que um dia identificara um inimigo mortal dos Atreides. Os dedos de Alia tamborilavam — o dedo mindinho duas vezes, o

indicador três vezes, o de do médio duas vezes, o mindinho uma vez, o dedo médio duas... e uma vez mais nessa mesma ordem.

O velho Barão!

O foco dos olhos de Jessica chamou a atenção de Alia e ela olhou para a própria mão, imobilizou-a e olhou de volta para a mãe, para perceber o terrível reconhecimento. Um sorriso de zombaria espalhou-se pela boca de Alia.

— Assim você conseguiu sua vingança contra nós — sussurrou-lhe Jessica.

— Ficou louca, mamãe?

— Gostaria de estar — respondeu Jessica. E pensou: “Ela sabe que eu vou confirmar isso perante a Irmandade. Ela sabe. Pode até suspeitar que vou contar aos Fremen e submetê-la a um Julgamento de Possessão. Não pode permitir que eu saia daqui viva.”

— Nosso bravo Fedaykin espera enquanto discutimos — disse Alia.

Jessica forçou sua atenção de volta ao velho Naib. Colocou os sentimentos sob controle e disse:

— Você veio para me ver, Ghadhean.

— Sim, Minha Senhora. Nós do deserto vemos coisas terríveis acontecendo. Os Pequenos Produtores saem da areia, como foi previsto nas mais antigas profecias. O Shai-Hulud não pode mais ser encontrado, exceto nas profundezas da Região Vazia. Nós abandonamos nosso amigo, o deserto!

Jessica olhou para Alia, que mera mente lhe gesticulou para que continuasse. Jessica observou a multidão na câmara, notando a aparência de chocada atenção em cada rosto. A importância da luta entre mãe e filha não passara despercebida a essas pessoas, e elas se admiravam em que a audiência continuasse. Voltou sua atenção para al-Fali.

— Ghadhean, que história é essa de Pequenos Produtores e escassez de vermes da areia?

— Mãe da Umidade — disse ele, usando-lhe o velho título Fremen —, fomos avisados a respeito de tudo isso no Kitab al-Ibar. Nós lhe suplicamos. Não se esqueça de que, no dia em que o Muad’Dib morreu, Arrakis voltou-se sobre si mesmo! Não podemos abandonar o deserto.

— Hah! — resmungou Alia. — A ralé supersticiosa do Deserto Interno teme a transformação ecológica. Eles...

— Eu o ouço, Ghadhean — respondeu Jessica. — Se os vermes se forem, perderemos a especiaria. E, sem a especiaria, que moeda teríamos para comprar nosso caminho?

Sons de surpresa: exclamações de espanto e cochichos podiam ser ouvidos, propagando-se através do Grande Salão. A câmara ecoava com o som.

Alia encolheu os ombros.

— Tolice supersticiosa!

Al-Fali ergueu a mão direita, apontando-a para Alia.

— Eu falo com a Mãe da Umidade, não com a Coan-Teen!

As mãos de Alia agarraram-se aos braços do trono, mas ela permaneceu sentada.

Al-Fali olhou para Jessica.

— Um dia houve a terra onde nada crescia. Agora existem plantas. Elas se propagam como piolhos sobre uma ferida. Tem havido nuvens e chuva ao longo do cinturão de Duna! Chuva, Minha Senhora! Ó preciosa mãe do Muad'Dib, tal como o sono é o irmão da morte, assim também é a chuva no cinturão de Duna. É a morte para todos nós.

— Fizemos apenas o que Liet-Kynes e o próprio Muad'Dib planejaram — protestou Alia. — Por que toda essa tagarelice supersticiosa? Nós reverenciamos as palavras de Liet-Kynes, que nos disse:

"Eu desejo ver este planeta inteiro apanhado numa rede de plantas verdes." E assim será.

— E que será dos vermes e da especiaria? — perguntou-lhe Jessica.

— Sempre haverá algum deserto. Os vermes sobreviverão — respondeu Alia.

"Ela está mentindo", pensou Jessica. "Por que ela mente?"

— Ajude-nos, Mãe da Umidade — suplicou al-Fali.

Com uma súbita sensação de visão dupla, Jessica sentiu um empurrão em sua consciência, um salto propelido pelas palavras do Naib. Era o inconfundível adab, a memória exigente que brotava por si mesma. Veio sem restrições e manteve seus sentidos imóveis enquanto a lição do passado era imprimida sobre sua consciência. Jessica sentia-se totalmente envolvida, como um peixe numa rede. E no entanto percebia a exigência daquilo como um momento mais-que-humano, cada pequena parte uma lembrança da criação. Cada elemento da lição-memória era real e no entanto insubstancial em sua constante mutação. Ela sabia que isso era o mais próximo que jamais chegaria de experimentar o regime de captação presciente que se abatera sobre seu filho.

"Alia mentiu por estar possuída por alguém que de seja destruir os Atreides. Ela foi, em si mesma, a primeira destruição. Então, al-Fali falou a verdade: os vermes da arei a estão condenados, a menos que o curso da transformação ecológica seja modificado." Sob a pressão da revelação, Jessica via as pessoas na audiência movendo-se em câmara lenta, seus papéis identificados para ela. Podia perceber aqueles que estavam encarregados de cuidar para que não saísse viva dali! E o caminho através deles delineava-se em

sua consciência como que marcado em luz brilhante. Confusão entre eles, um deles confundido para tropeçar sobre o outro, grupos inteiros atrapalhando-se. Percebia também que só poderia deixar esse Grande Salão para cair nas mãos de outros. Alia não se importava de criar uma mártir. Não — a coisa que a possuía não se importava.

Agora, no tempo congelado, Jessica escolhia um caminho que lhe permitiria salvar o velho Naib e enviá-lo como mensageiro. O caminho através da audiência permanecia indelevelmente claro.

Como era simples! Eles eram bufões com olhos tapados, seus ombros contidos em imóveis posições de defesa. Cada posição sobre o grande piso podia ser vista como uma colisão atrópica na qual a carne morta poderia descolar-se revelando os esqueletos. Os corpos deles, suas roupas e seus rostos descreviam infernos individuais: o seio não-sugado dos terrores escondidos, o brilho das jóias tornando-se um substituto das armaduras. Suas bocas emitiam julgamentos cheios de certezas aterrorizadas. Uma catedral de prismas revelando- se em sobrancelhas que demonstravam elevados sentimentos religiosos. Sentimentos negados pelas entranhas.

Jessica sentia a dissolução nas forças modeladoras soltas sobre Arrakis. A voz de al-Fali fora como um distrans em sua alma, despertando uma fera das profundezas de seu ser.

Num piscar de olhos, Jessica caminhou do adab para o universo do movimento, mas era um universo diferente daquele que comandara sua atenção apenas um segundo atrás.

Alia estava começando a falar, mas Jessica a deteve, dizendo:

— Silêncio! — E acrescentou: — Existem aqueles que temem que eu tenha retornado sem reservas para a Irmandade. Mas desde aquele dia no deserto, quando os Fremen concederam a dádiva da vida para mim e para meu filho, eu tenho sido Fremen! — E voltou a falar no antigo idioma que apenas aqueles no salão a quem suas palavras seriam úteis poderiam entender: — Onsar akhaka zeliman aw maslumem! "Apóie teu irmão nesta hora de necessidade, tenha sido ele justo ou injusto!"

Suas palavras produziram o efeito desejado, uma sutil mudança de posições dentro da câmara.

Mas Jessica continuou:

— Este Ghadhean al-Fali, um Fremen honesto, vem aqui me dizer o que outros já deviam ter me revelado. Que ninguém negue isso! A transformação ecológica tornou-se uma tempestade fora de controle!

Um mudo assentimento podia ser visto através do salão.

— E minha filha sente prazer nisso! Mektub al-mellah! Você abre

ferimentos em minha carne e neles escreve com sal! Por que os Atreides encontraram um lar neste lugar? Porque a Mohalata era natural para nós. Para os Atreides, o governo sempre foi uma aliança protetora: a Mohalata, como os Fremen sempre a conheceram. Agora, olhem para el a! — Jessica apontou para Alia. — Ela ri sozinha durante a noite, contemplando sua própria maldade! A produção de especiaria cairá até zero, ou, na melhor das hipóteses, a uma fração de seu nível anterior! E quando essa notícia se espalhar...

— Teremos um quinhão do produto mais inestimável em todo o universo! — gritou Alia.

— Teremos um quinhão do inferno! — retrucou Jessica, furiosa.

Alia começou a falar no Chakobsa mais antigo, a linguagem particular dos Atreides, com seus difíceis cliques e paradas glotais:

— Agora você sabe, mamãe! Acha que uma neta do Barão Harkonnen não aproveitaria todas aquelas vidas que a senhora espremeu em minha consciência antes mesmo que eu nascesse? Quando me enfureci contra o que fizera comigo, só tive que me perguntar o que o Barão teria feito. E ele respondeu! Está entendendo, cadela Atreides? Ele me respondeu!

Jessica escutou todo aquele rancor e confirmou sua suposição: “Abominação!” Alia fora dominada interiormente, possuída por aquele cahueit de maldade, o Barão Vladimir Harkonnen. Era o próprio Barão que falava por sua boca agora, sem se incomodar com o que fosse revelado. Ele queria que ela notasse sua vingança, queria que ela soubesse que ele não poderia ser expulso.

“Devo permanecer aqui, indefesa em meu conhecimento”, pensou Jessica. Com esse pensamento, lançou-se no caminho que o adab lhe revelara, gritando:

— Fedaykin, sigam-me!

Havia seis Fedaykin no salão, e cinco deles seguiram atrás dela.

24

Quando sou mais fraco que você, peco-lhe liberdade, pois isso está de acordo com os seus princípios; quando sou mais forte que você, tiro-lhe a liberdade, pois isso está de acordo com os meus princípios.

— Palavras de um antigo filósofo
(Atribuídas por Harq al-Ada a um certo Louis Veuillot)

Leto inclinou-se para fora da saída secreta do sietch e viu a curva do penhasco erguendo-se por cima de sua visão limitada. A luz do fim da tarde lançava longas sombras a partir das estrias verticais do penhasco. Uma borboleta-esqueleto voou, entrando e saindo das sombras, suas asas membranosas formando uma renda contra a luz. Como essa borboleta era delicada para existir ali, pensou ele.

Diretamente à frente encontrava-se o bosque de damascos, com as crianças trabalhando para juntar as frutas caídas. Além do pomar estava o qanat. Ele e Ghanima haviam iludido seus guardas, misturando-se à multidão de trabalhadores que chegavam. Fora relativamente simples se arrastarem para baixo, ao longo de uma passagem de ar, até sua conexão com os degraus que conduziam à saída secreta. Agora, só tinham que se misturar com as crianças, abrir caminho at é o qanat e mergulhar no túnel. Lá eles poderiam prosseguir ao lado dos peixes predadores que evitavam que a truta da areia bloqueasse a água de irrigação da tribo. Nenhum Fremen podia ainda imaginar que um ser humano se arriscaria a uma imersão acidental na água.

Ele caminhou para fora das passagens protetoras. O penhasco estendeu-se ao seu redor, tornando-se horizontal pela perspectiva de seus próprios movimentos.

Ghanima caminhava logo atrás. Ambos carregavam pequenos cestos de frutas, trançadas com fibra de especiaria, mas cada cesto levava um pacote selado: estojo Fremen, pistola maula, faca cristalina... e os novos trajes enviados por Farad'n.

Ghanima seguiu o irmão para dentro do pomar e misturou-se com as crianças trabalhando.

Máscaras de traje-destilador ocultavam cada rosto. Eles eram apenas mais

dois trabalhadores ali, mas ela sentia essa ação arrastando sua vida para longe das fronteiras protetoras e dos costumes conhecidos.

Como era simples esse passo, o que conduzia de um perigo para o outro.

Em seus cestos, aqueles trajes enviados por Farad’n comunicavam um propósito bem compreendido por ambos. Ghanima reforçava esse conhecimento ao bordar o próprio lema pessoal dos dois, “Nós compartilhamos”, em Chakobsa, acima da crista do falcão em cada peito.

Logo seria a hora do crepúsculo, e além do qanat, que delimitava a área cultivada do sietch, ocorreria aquele tipo especial de noite que poucos lugares no universo poderiam igualar. Seria aquele deserto suavemente iluminado com seu mundo de persistente solidão, seu sentimento saturado de que cada criatura se encontrava sozinha num novo universo.

— Nós fomos vistos — sussurrou Ghanima, curvando-se para trabalhar ao lado do irmão.

— Guardas?

— Não, outros.

— Bom.

— Devemos agir rapidamente — ela disse.

Leto reconheceu isso, caminhando para longe do penhasco através do pomar. Pensou com os pensamentos de seu pai: “Tudo permanece em movimento no deserto, ou então perece.” Lá longe na areia, podia ver o afloramento rochoso do Criado , lembrando-lhe a necessidade da mobilidade. As rochas permaneciam estáticas e rígidas em seu vigilante enigma, apagando-se a cada ano sob o assalto da areia impulsionada pelo vento. Um dia o Criado seria apenas areia.

Enquanto se aproximavam do qanat, ouviram música proveniente de uma entrada elevada do sietch. Era um grupo Fremen ao estilo antigo: flautas de dois furos, pandeiros e tímbales feitos sobre tambores de plástico de especiaria com peles esticadas de uma extremidade à outra. Ninguém perguntava que animal desse planeta fornecia tanta pele.

“Stilgar ainda se lembrará do que eu lhe falei a respeito da fenda no Criado”, pensou Leto. “Ele virá no escuro quando for muito tarde... e então saberá.”

Daí a pouco, estavam no qanat. Escorregaram para dentro do tubo aberto, descendo pela escada de inspeção até a plataforma de serviço. Era escuro, frio e úmido no qanat, e ambos podiam ouvir os peixes predadores pulando. Qualquer truta da areia que tentasse roubar essa água encontraria sua superfície interior, amolecida pela água, atacada pelos peixes. Os seres humanos também deviam ter cuidado com eles.

— Tenha cuidado — disse Leto, enquanto caminhava m ao longo da saliência escorregadia. Ele voltava sua memória para ocasiões e lugares que sua carne nunca conhecera. Ghanima o seguia.

No final do qanat, despiram-se até ficarem apenas com os trajes-destiladores e colocaram os novos mantos. Deixaram para trás os velhos mantos Fremen, enquanto subiam para fora, em outro tubo de inspeção, e escorregavam sobre uma duna que descia pelo lado oposto. Lá se sentaram, ocultos do sietch, prenderam as pistolas maula e as facas cristalinas nos cinturões, colocando os estojos Fremen sobre os ombros. Não mais podiam ouvir a música.

Leto levantou-se e avançou pelo vale entre as dunas, caminhando de modo silencioso, não-ritmado, sobre a areia aberta.

Abaixo da crista de cada duna eles se curvavam e se arrastavam pelo oculto sotavento, parando a fim de olhar para trás e verificar se não eram perseguidos. Nenhum caçador ainda se erguera do deserto quando eles chegaram nas primeiras rochas.

Nas sombras das rochas, abriram caminho em torno do Criado, subiram até uma saliência e olharam para o deserto. Cores piscavam bem longe no bled. O ar que escurecia mantinha a fragilidade de um fino cristal. A paisagem que se descortinava ante seus olhos encontrava-se além da compaixão — em parte alguma ela se interrompia, não havia hesitações. O olhar não se detinha em lugar algum, em seu movimento de varredura sobre aquela imensidão.

“É o horizonte da eternidade”, pensou Leto.

Agachada ao lado do irmão, Ghanima pensava: “O ataque virá logo.” Escutava em busca dos menores sons, seu corpo inteiro convertido num único sentido agudo de sondagem.

Leto sentara-se, igualmente alerta. Sabia que a culminação de todo o treinamento aplicado nas vidas que compartilhava tão intimamente acontecia agora. Nessa vastidão selvagem, as pessoas desenvolviam uma inescapável dependência em relação a seus sentidos, a todos os sentidos. A vida transformava-se numa acumulação de percepções armazenadas, cada qual ligada apenas à sobrevivência momentânea.

Daí a pouco, Ghanima subiu nas rochas e olhou através de uma fenda estreita em direção ao caminho por onde tinham vindo. A segurança do sietch parecia afastada por uma vida inteira, uma massa de penhascos silenciosos erguendo-se na distância marrom-arroxeada, com bordas enevoadas pela poeira nos picos, aonde os últimos raios do sol lançavam suas riscas prateadas. Ninguém podia ser visto a persegui-los na distância intermediária. Ghanima voltou para junto de Leto.

— Será um animal predador — disse ele. — Essa é minha computação

terciária.

— Acho que você parou de computar muito cedo — disse Ghanima. — Será mais que um animal. A Casa Corrino aprendeu a não colocar todas as suas esperanças num único cesto.

Leto acenou, concordando.

Sua mente parecia subitamente pesada com a multidão de vidas que sua diferença lhe proporcionava: todas aquelas vidas, a sua mesmo antes do nascimento. Estava saturado de viver e queria fugir à própria consciência. O mundo interior era uma fera pesada que poderia devorá-lo.

Inquieto, levantou-se e subiu até a fenda que Ghanima tinha usado, olhando para os penhascos do sietch. Lá, abaixo dos penhascos, podia ver como o qanat traçava uma linha entre a vida e a morte.

Na extremidade do oásis, estavam a salva-camelo, o capim-cebola, o capim-pluma degobi, a alfafa selvagem. Aos últimos raios de luz, podia notar os pássaros saltitando na alfafa. Os distantes pendões de cereais oscilaram num vento que traçou sombras a se moverem para a direita, subindo o pomar. O movimento captou sua consciência e ele viu que as sombras ocultavam, dentro de suas formas fluidas, uma mudança maior, e que essa mudança maior ocorri a sob os reflexos coloridos de um céu prateado pela poeira.

“Que vai acontecer aqui?”, perguntou-se.

Sabia que seria ou a morte ou um jogo mortal, tendo ele mesmo como objetivo. Ghanima seria aquela que retornaria, acreditando na morte que havia visto, ou relatando com a sinceridade partida da profunda compulsão hipnótica que seu irmão estava de fato morto.

As coisas desconhecidas desse lugar o assombravam. Pensou em como seria fácil sucumbir às exigências da presciência, arriscando-se a lançar sua consciência num futuro absoluto e imutável. A restrita visão de seus sonhos já era suficientemente ruim. Sabia que não se atreveria a arriscar a visão maior.

Daí a pouco, retornou para junto de Ghanima e disse:

— Nenhuma perseguição ainda.

— As feras que vão mandar atrás de nós serão grandes — disse Ghanima. — Poderemos ter tempo para vê-las se aproximando.

— Não se vierem no meio da noite.

— Logo estará escuro.

— Sim, é hora de descermos para o nosso lugar.

Ele indicou as rochas à sua esquerda e abaixo, onde a areia trazida pelo vento roera uma pequena fissura no basalto. Era suficientemente grande para admiti-los, mas suficientemente pequena para deixar de fora criaturas maiores. Leto sentia-se relutante em ir até lá, mas sabia que isso devia ser feito. Aquele

era o lugar que ele apontara para Stilgar.

— Eles podem realmente nos matar — disse ele.

— É um risco que temos de correr — ela respondeu. — Devemos isso ao nosso pai.

— Não estou discutindo.

E ele pensou: “Este é o caminho correto, esta mos fazendo a coisa certa.” Mas sabia quão perigoso era estar certo nesse universo. Sua sobrevivência agora exigia vigor, preparo e um entendimento das limitações de cada momento. Os hábitos Fremen eram sua melhor armadura, e o conhecimento Bene Gesserit, uma força mantida em reserva. Ambos pensavam agora como veteranos de batalha treinados pelos Atreides, sem qualquer outra defesa senão a dureza Fremen que nem mesmo era sugerida por seus corpos infantis e suas roupas formais.

Leto passou o dedo pelo punho da faca cristalina, com a ponta envenenada, presa à sua cintura.

Inconscientemente, Ghanima repetiu o gesto.

— Devemos descer agora? — perguntou ela.

Ao falar, percebeu o movimento bem abaixo de les, um movimento ligeiro — que a distância tornava menos ameaçador. Sua imobilidade alertou Leto antes mesmo que ela pudesse pronunciar um aviso.

— Tigres — ele disse.

— Tigres Laza — corrigiu ela.

— Podem nos ver.

— É melhor nos apressarmos — ela disse. — Uma maula nunca deteria aquelas criaturas.

Devem ter sido muito bem treinadas para isto.

— Devem ter um controlador humano em algum ponto à volta — indicou Leto, liderando a descida pelas rochas para a esquerda.

Ghanima concordou, mas guardou a concordância para si mesma, poupando suas forças.

Haveria um ser humano em algum lugar das imediações. Aqueles tigres não podiam ser soltos senão no momento adequado.

Os tigres moveram-se rapidamente à luz do crepúsculo, saltando de uma rocha para outra.

Eram criaturas guiadas pelos olhos, e logo seria noite, hora das criaturas que se servem dos ouvidos. O chamado de um pássaro noturno, como um toque de si no, partiu das rochas do Criado para enfatizar a mudança. Criaturas da escuridão já se movimentavam nas sombras das fendas delineadas.

Os tigres ainda permaneciam visíveis para os gêmeos que corriam. Os

animais fluíam com energia, um senso ondulante de certeza em cada movimento.

Leto sentiu que tropeçara nesse lugar para se livrar de sua alma. Corria com a certeza de que ele e Ghanima poderiam alcançarem tempo sua fenda estreita, mas seu olhar continuava a se voltar, fascinado, para as feras que se aproximavam.

“Um tropeção e estamos perdidos”, pensou.

Esse pensamento reduziu a confiança de seu conhecimento e ele correu mais depressa.

25

Vocês Bene Gesserits chamam sua atividade na Panóplia Profética de "Ciência da Religião". Muito bem. Eu, um investigador em busca de outro tipo de cientista, acho essa definição adequada. Vocês de fato constroem seus próprios mitos, mas assim o fazem todas as sociedades. Devo adverti-las , no entanto, de que estão se comportando do mesmo modo que tantos outros cientistas mal-orientados. Suas ações revelam que desejam tirar alguma coisa [para fora] da vida. É hora de lembrar-lhes de algo que tão frequentemente professam: não se pode ter uma única coisa sem o seu oposto.

— O Pregador de Arrakeen: Mensagem à Irmandade

Naquelas horas que antecediam a alvorada, Jessica estava sentada, imóvel, sobre um tapete gasto de tecido de especiaria. À sua volta se encontravam as rochas nuas de um sietch velho e pobre, um dos povoados originais. Situava-se abaixo da borda do Abismo Vermelho, abrigado do vento oeste do deserto. Al-Fali e seus irmãos a tinham levado até lá; agora, esperavam notícias de Stilgar. Os Fedaykin, contudo, haviam agido com muita cautela na questão das comunicações. Stilgar não devia conhecer-lhes a localização.

Os Fedaykin já sabiam estar incursos num procès-verbal, um relatório oficial de crimes contra o Império. Alia alegava que sua mãe fora subornada por inimigos do reino, embora a Irmandade ainda não tivesse sido acusada. No entanto, a natureza tirânica e arbitrária dos poderes de Alia estava evidente e sua crença de que controlava os Fremen por controlar o clero encontrava-se a ponto de ser testada.

A mensagem de Jessica a Stilgar fora direta e simples: "Minha filha encontra-se possuída e deve ser submetida ao julgamento."

Mas o medo minava os valores, e já se sabia que alguns Fremen prefeririam não acreditar nessa acusação. Suas tentativas de usar a acusação como passaporte provocaram duas batalhas durante a noite, mas os ornitópteros que o pessoal de al-Fali havia roubado conseguiram levar os fugitivos até esse local de segurança precária: o Sietch do Abis mo Vermelho. Mensagens haviam sido enviadas para os Fedaykin, mas pouco mais de 200 deles permaneciam em

Arrakis. Os outros ocupavam postos espalhados pelo Império.

Refletindo sobre esses fatos, Jessica se perguntava se havia ido para o lugar de sua morte.

Alguns dos Fedaykin acreditavam nisso, mas os comandos da morte aceitavam tal perspectiva com muita facilidade. Al-Fali meramente sorrira para ela quando alguns de seus homens mais jovens tinham verbalizado seus temores.

— Quando Deus ordena que uma criatura morra em determinado lugar, Ele faz com que os desejos de tal criatura a levem a esse lugar.

As cortinas manchadas do portal se mexeram e al-Fali entrou. O rosto do velho, estreito e queimado pelo vento, parecia carrancudo, seus olhos, febris. Obviamente, ainda não havia repousado.

— Alguém está chegando — disse ele.

— Da parte de Stilgar?

— Talvez. — Ele abaixou o olhar, virando-o para a esquerda, à maneira dos antigos Fremen quando traziam más notícias.

— Que foi? — quis saber Jessica.

— Recebemos notícias de Tabr de que seus netos não se encontram lá — disse ele, sem olhar diretamente para ela.

— Alia...

— Ela ordenou que os gêmeos fiquem sob sua custódia, mas o Sietch Tabr relata que eles não se encontram lá. Isso é tudo que sabemos.

— Stilgar mandou-os para o deserto — sugeriu Jessica.

— É possível, mas sabe-se que ele passou a noite procurando por eles. Talvez fosse um truque dele...

— Isso não é típico de Stilgar — ela disse, e pensou: “A menos que os gêmeos o tenham levado a fazer isso.” Mas isso tampouco pareci a muito provável. Admirava-se consigo mesma: nenhuma sensação de pânico a eliminar; seus temores pelos gêmeos eram temperados por aquilo que Ghanima lhe revelara. Ergueu o rosto para fitar al-Fali, encontrando-o a observá-la com compaixão nos olhos. Ela disse:

— Eles se foram para o deserto sozinhos.

— Sozinhos? Aquelas duas crianças!

Ela não se incomodou em explicar que “aquelas duas crianças” provavelmente sabiam mais a respeito de sobrevivência no deserto do que a maio ria dos Fremen vivos. Seus pensamentos estavam fixos no curioso comportamento de Leto, quando insistira em que permitisse que a sequestrassem.

Colocara essa memória de lado, mas o momento a exigia. Leto lhe dissera que ela saberia quando chegasse o momento de lhe obedecer.

— O mensageiro deve estar chegando no sietch — disse al-Fali. — Vou trazê-lo à sua presença. — E saiu através das cortinas remendadas.

Jessica olhou para a cortina. Tratava-se de um pano vermelho, feito com fibra de especiaria, mas as manchas eram azuis. Dizia-se que esse sietch se recusara a lucrar com a religião do Muad'Dib, conquistando com isso a inimizade do clero de Alia. As pessoas dali, contava-se, haviam empregado seu capital num plano para criar cães tão grandes quanto pôneis, com inteligência apurada, para servirem de guardiães para as crianças. Mas os cães haviam morrido, todos. Alguns diziam que fora veneno, e os sacerdotes eram culpados por isso.

Jessica sacudiu a cabeça para afastar essas reflexões, reconhecendo-as pelo que eram: ghafla, a distração vagueante.

Para onde teriam ido aquelas crianças? Para Jacurutu? Elas tinham um plano. "Tentaram me esclarecer até o ponto em que pensavam que eu poder ia aceitar", lembrou-se. E quando alcançaram os limites, do modo como os viam, Leto lhe ordenara que obedecesse.

Ele ordenara a ela.

Leto percebera o que Alia estava fazendo, isso era óbvio. Ambos os gêmeos haviam falado da "aflição" de sua tia, mesmo quando a defendiam. Alia estava pondo em jogo a retidão de sua posição na Regência. Sua exigência quanto à custódia dos gêmeos o confirmava. E Jessica surpreendeu-se com uma risada cruel sacudindo-lhe o próprio peito. A Reverenda Madre Gaius Helen Mohian gostava de explicar esse erro específico a sua aluna Jessica: "Se você focalizar sua consciência unicamente sobre a própria retidão, convidará as forças da oposição a que a dominem. Esse é um erro comum. Mesmo eu, sua mestra, já o cometi."

— E mesmo eu, sua aluna, o cometi — sussurrou Jessica para si mesma.

Ouviu os tecidos sussurrarem à passagem de alguém além das cortinas. Dois jovens Fremen entraram, parte do grupo que se havia reunido durante a noite. Os dois mostraram-se obviamente admirados por estarem na presença da mãe do Muad'Dib. Jessica fez deles uma análise completa: não se tratava de pensadores; eram pessoas que se ligariam a qualquer poder visionário em busca da identidade que isso lhes pudesse proporcionar. Sem um reflexo da parte dela, eram vazios. E, por isso, perigosos.

— Fomos mandado na frente por al-Fali para prepará-la — disse um dos jovens Fremen.

Jessica sentiu um súbito aperto no peito, mas sua voz permaneceu calma.

— Preparar-me para quê?

— Stilgar enviou Duncan Idaho como seu mensageiro. Jessica puxou o

capuz aba sobre os cabelos, num gesto inconsciente. “Duncan?” Mas ele era um instrumento de Alia.

O Fremen que falara deu meio passo adiante;

— Idaho diz que veio para conduzi-la a um lugar seguro, mas al-Fali não vê como isso possa acontecer.

— Parece muito estranho mesmo — concordou Jessica. — Mas existem coisas mais estranhas em nosso universo. Tragam-no.

Eles se entreolharam, mas obedeceram, saindo juntos com tanta pressa que causaram outro rasgo na cortina gasta.

Daí a pouco Idaho passava pela cortina, seguido pelos dois Fremen e com al-Fali à retaguarda, a mão na faca cristalina, Idaho pareci a calmo. Usava as vestes comuns de um Guarda da Casa Atreides, uniforme que pouco mudara em mais de 14 séculos. Arrakis havia substituído a lâmina de plasteel com punho de ouro por uma faca cristalina, mas esse era um detalhe menor.

— Disseram-me que deseja me ajudar.

— Embora possa parecer curioso — ele disse.

— Mas Alia não o enviou para me raptar? — perguntou Jessica.

Um leve soerguimento das sobrancelhas negras foi o único indício de sua surpresa. Os facetados olhos Tleilaxu continuaram a fitá-la com reluzente intensidade.

— Essas foram as ordens dela — confirmou ele.

Os nós dos dedos de al-Fali ficaram brancos sobre o punho da faca cristalina, mas ele não a desembainhou.

— Passei boa parte desta noite revendo os erros que cometi com minha filha — ela disse.

— Foram muitos — concordou Idaho. — E eu compartilhei da maioria deles.

Jessica percebia agora que os músculos do queixo de Idaho estavam tremendo.

— É fácil ouvir os argumentos que nos desviam de nosso caminho — comentou Jessica. — Eu queria deixar este lugar... Você... você... desejava uma garota a quem via como uma versão mais jovem de mim mesma.

Ele aceitou essas palavras em silêncio.

— Onde estão meus netos? — ela quis saber, sua voz tornando-se dura.

Ele piscou e então disse:

— Stilgar acredita que rumaram para o deserto, a fim de se esconderem. Talvez tenham percebido a crise se aproximando.

Jessica olhou para al-Fali, que assentiu, reconhecendo que ela tinha previsto isso.

— O que Alia está fazendo? — indagou ela.

— Arrisca-se a uma guerra civil — ele respondeu.

— Acredita que vai chegar a esse ponto? Idaho encolheu os ombros.

— Provavelmente não. Estes são tempos mais brandos. Há mais pessoas desejando ouvir argumentos agradáveis.

— Concordo. Bem, e quanto aos meus netos?

— Stilgar os encontrará... se...

— Sim, percebo. — Estava por conta de Gurney Halleck, então. Virou-se para olhar para a parede de rocha à sua esquerda. — Agora, Alia agarra o poder com força. — Olhou de novo para Idaho. — Você compreende? O poder deve ser seguro levemente e desse modo usado. Segurá-lo com muita força é ser dominado por ele e, assim, tornar-se sua vítima.

— Como o meu Duque sempre me disse — lembrou Idaho. De algum modo, Jessica sabia que ele se referia ao velho Leto e não a Paul. E perguntou.

— Para onde devo ser levada neste... sequestro?

Idaho olhou-a como se tentasse enxergar através das sombras criadas pelo capuz.

Al-Fali deu um passo adiante:

— Minha Senhora, não pensa seriamente em...

— Não é meu direito decidir meu próprio destino? — perguntou-lhe Jessica.

— Mas este... — A cabeça de al-Fali indicou Idaho.

— Este era meu leal guardião antes mesmo de Alia nascer. Antes de morrer, salvando a vida de meu filho e a minha. Nós Atreides sempre honramos certas obrigações.

— Então virá comigo? — perguntou Idaho.

— Para onde a levará? — quis saber al-Fali.

— É melhor que você não saiba — disse Jessica.

Al-Fali olhou zangado, mas permaneceu em silêncio. Sua face revelava indecisão, a compreensão da sabedoria implícita nas palavras dela, mas uma dúvida ainda não resolvida quanto à confiança em Idaho.

— Que será dos Fedaykin que me ajudaram? — perguntou Jessica.

— Terão a proteção de Stilgar,, se puderem chegar a Tabr — respondeu Idaho. Jessica encarou al-Fali.

— Eu lhe ordeno que vá para lá, meu amigo. Stilgar pode usar os Fedaykin na busca de meus netos.

O velho Naib abaixou os olhos.

— Como ordena a mãe do Muad'Dib. “Ele ainda obedece a Paul”, ela pensou.

— Devemos sair daqui rapidamente — aconselhou Idaho. — A busca decerto incluirá este lugar, e bem cedo.

Jessica inclinou-se para a frente e se levantou com aquela graça fluida que nunca abandonava inteiramente uma Bene Gesserit, mesmo quando sentia as dores da idade. E Jessica se sentia velha agora, após uma noite de vôo. Mesmo enquanto caminhava, sua mente permanecia voltada para aquela determinada conversa com seu neto. Que estaria ele realmente fazendo? Sacudiu a cabeça, ocultando o movimento ao ajustar o capuz. Era tão fácil cair na armadilha de subestimar Leto. A vida com crianças comuns condicionava a uma falsa visão da herança de que os dois gêmeos desfrutavam.

Sua atenção foi captada pela pose de Idaho. El e se encontrava naquele relaxamento que serve de preparação para a violência, um pé adiante do outro, posição que ela mesma lhe ensinara. Jessica olhou rapidamente para os dois jovens Fremen e para al-Fali. Dúvidas ainda incomodavam o velho Fremen, e os jovens sabiam disso.

— Eu confio minha vida a este homem — disse ela, dirigindo-se a al-Fali. — E não é a primeira vez.

— Minha Senhora — protestou al-Fali. — É que... — olhou furioso para Idaho. — Ele é o marido da Coan-Teen!

— E foi treinado pelo meu Duque e por mim.

— Mas ele é um ghola. — As palavras foram arrancadas de al-Fali.

— O ghola de meu filho — lembrou Jessica.

Era demasiado para um antigo Fedaykin que um dia jurara apoiar o Muad'Dib até a morte. Ele suspirou, andou para o lado e gesticulou para os dois jovens abrirem as cortinas.

Jessica passou, com Idaho atrás dela. Voltou-se e, do portal, falou com al-Fali:

— Você deve ir ao encontro de Stilgar. Deve confiar nele.

— Sim... — Ela ainda percebia dúvidas na voz do homem. Idaho tocou-lhe o braço.

— Devemos seguir imediatamente. Há alguma coisa que deseje levar?

— Somente meu senso comum.

— Por quê? Teme estar cometendo um erro? Ela ergueu o olhar para ele.

— Você sempre foi o melhor piloto de tópteros a nosso serviço, Duncan

Isso não o divertiu. Colocou-se à frente dela , caminhando rapidamente, percorrendo o mesmo caminho por onde viera. Al-Fali manteve-se um passo atrás de Jessica:

— Como sabia que ele veio num tóptero?

— Ele não está usando um traje-destilador — respondeu Jessica.

Al-Fali pareceu envergonhado ante essa óbvia percepção. Mas não se calou.

— Nosso mensageiro o trouxe aqui diretamente, desde o lugar onde está Stilgar. Eles podem ter sido vistos.

— Você foi visto, Duncan? — indagou Jessica, olhando para as costas de Idaho.

— Sabe muito bem que não. Voamos mais baixo que os topos das dunas.

Viraram por uma passagem lateral que descia em degraus espirais para finalmente desembocar numa vasta câmara, bem-iluminada por globos colocados no alto da rocha marrom. Um único ornitóptero voltava-se para a parede oposta, agachado como um inseto que espera o momento para saltar. A parede podia ser rocha falsa: uma porta abrindo-se para o deserto. Pobre como era esse sietch, ainda mantinha seus instrumentos de mobilidade e segredo.

Idaho abriu a porta do ornitóptero para ela, ajudando-a a subir para o as sento do lado direito.

Ao passar por ele, Jessica notou a transpiração em sua testa, onde caíra uma mecha de cabelo negro.

Espontaneamente, Jessica- se viu relembrando aquela cabeça a verter sangue numa caverna ruidosa. As bolinhas metálicas dos olhos Tleilaxu trouxeram-na de volta dessa recordação. Nada mais era aquilo que parecia. Ela se ocupou em prender o cinto de segurança.

— Faz um longo tempo desde que voou comigo, Duncan.

— Um tempo longo e distante — disse ele enquanto já verificava os controles.

Al-Fali e os dois jovens Fremen já aguardavam junto aos controles da rocha falsa, preparando-se para abri-la.

— Acha que ainda guardo dúvidas a seu respeito? — perguntou Jessica, falando suavemente com Idaho.

Ele mantinha sua atenção presa ao instrumental do motor, acionando os rotores e observando as agulhas movimentarem-se nos mostradores. Um sorriso surgiu em sua boca, um gesto rápido e duro de suas feições severas que se foi tão rapidamente quanto aparecera.

— Ainda sou uma Atreides — disse Jessica. — Alia não é mais.

— Não tema, eu ainda sirvo aos Atreides.

— Alia não é mais uma Atreides — repetiu Jessica.

— Não precisa me lembrar! — retrucou ele, furioso. — Agora, cale-se e deixe-me pilotar esta coisa.

O desespero em sua voz era totalmente inesperado, em desacordo com o Idaho que ela conhecera. Dominando um renovado sentimento de medo, Jessica

indagou:

— Para onde estamos indo, Duncan? Você pode me dizer agora.

Mas ele acenou para al-Fali e a falsa rocha se abriu para a brilhante luz prateada do sol. O ornitóptero saltou para diante e para cima, suas asas pulsando com o esforço, os jatos rugindo, e eles galgaram um céu vazio. Idaho tomou o curso sudoeste, em direção à cordilheira Sahaya, que podia ser vista como uma linha negra sobre a areia.

Daí a pouco ele disse:

— Não pense em mim com severidade, Minha Senhora.

— Não penso em você com severidade desde aquela noite em que entrou em nosso grande salão de Arrakeen, rugindo, bêbado com a cerveja de especiaria — ela disse, mas as palavras dele haviam renovado suas dúvidas, e Jessica assumiu a postura de relaxada preparação de uma completa defesa prana-bindu.

— Eu me lembro daquela noite muito bem — ele disse. — Eu era muito jovem e inexperiente.

— Mas o melhor mestre espadachim da comitiva do meu Duque.

— Não exatamente, Minha Senhora. Gurney podia superar-me seis vezes em cada 10. — Voltou-se para ela. — Onde está o Gurney?

— Cuidando de algo para mim. Ele sacudiu a cabeça.

— Sabe para onde nos dirigimos?

— Sim, Minha Senhora.

— Então me diga.

— Muito bem. Prometi que criaria uma trama possível contra a Casa Atreides. E só existe realmente um modo de se fazer tal coisa. — Apertou um botão no volante de controle e um casulo contentor saltou do assento de Jessica, envolvendo-a num invólucro macio, porém inquebrável, que deixava somente sua cabeça de fora. — Eu estou levando-a para Salusa Secundus — ele disse. — Para Farad'n.

Num raro espasmo incontrolado, Jessica lançou-se contra as placas que a envolviam e sentiu-as apertarem-se contra seu corpo, aliviando a pressão somente quando ela relaxou, mas não antes que sentisse o mortífero shigafio escondido nas bainhas protetoras.

— A liberação de shigafio foi desligada — disse Idaho sem olhar para ela. — Oh, sim, não tente usar a Voz contra mim. Faz longo tempo desde aqueles dias em que a senhora podia movimentar-me desse modo. — Olhou para ela. — Os Tleilaxu me protegeram contra esses ardis.

— Você esta obedecendo a Alia — disse Jessica. — E ela...

— Não, Alia não — respondeu ele. — Obedeço às ordens do Pregador. Ele quer que a senhora ensine a Farad'n como um dia ensinou a ... Paul.

Jessica ficou gelada em silêncio, lembrando-se das palavras de Leto dizendo que ela iria encontrar um aluno interessante. Daí a pouco, perguntou:

— Esse Pregador... é o meu filho?

A voz de Idaho pareceu vir de uma grande distância:

— Eu desejaria saber.

26

O universo está apenas lá; só há um meio pelo qual um Fedaykin pode observá-lo e permanecer senhor de seus sentidos. O universo nem promete nem ameaça. Ele contém coisas além do nosso controle: a queda de um meteoro, a erupção de um estouro de especiaria, o envelhecimento e a morte. Essas são as realidades do universo e elas devem ser encaradas, a despeito de como você se sinta em relação a elas. Não se podem afastar tais realidades com palavras. Elas lhe virão do seu próprio modo não-verbal, e então, então você entenderá o que significa "vida e morte". E ao entender isso se encherá de alegria.

— Muad'Dib aos seus Fedaykin

— E essas são as coisas que colocamos em movimento — disse Wensicia. — Essas coisas foram feitas por você.

Farad'n permaneceu imóvel, sentado diante da mãe em sua sala matinal. A luz dourada do sol vinha de trás dele, lançando sua sombra sobre o chão atapetado de branco. A luz refletida pela parede atrás de sua mãe lançava um halo em torno de seu cabelo. Ela usava o manto branco habitual, debruado em ouro, lembrança dos dias da realeza. Seu rosto em forma de coração parecia calmo, mas ele sabia que ela estava observando cada uma de suas reações. Sentia o estômago vazio, embora tivesse acabado de vir do desjejum.

— Você não aprova? — perguntou Wensicia.

— Que existe para ser desaprovado? — respondeu ele.

— Bem... que nós mantivemos isso oculto a você até agora.

— Oh, isso. — Ele observou a mãe, tentando refletir sobre sua posição complexa nessa questão. Só conseguia pensar em algo que percebera recentemente: Tyekanik não mais a tratava como "Minha Princesa". Do que ele a chamava agora? Rainha-Mãe?

"Por que tenho um sentimento de perda?", perguntou-se. "Que estou perdendo?" A resposta era óbvia: estava perdendo os dias despreocupados , o tempo para aquelas atividades intelectuais que tanto o atraíam. Se essa trama revelada por sua mãe surtisse efeito, tais coisas estariam perdidas para sempre. Novas responsabilidades exigiriam sua atenção. Descobriu que se ressentia disso

profundamente. Como eles se atreviam a tomar tais liberdades com o seu tempo? E sem ao menos consultá-lo!

— Ponha para fora — disse sua mãe. — Alguma coisa errada?

— E se esse plano falhar? — indagou ele, dizendo a primeira coisa que lhe viera à mente.

— Como pode falhar?

— Eu não sei... Qualquer plano pode falhar. Como vocês estão usando Idaho nisso?

— Idaho? Qual o seu interesse em... Oh, sim, aquele místico que Tyek trouxe aqui sem me consultar. Ele agiu errado. O místico falou em Idaho, não falou?

Era uma mentira desajeitada da parte dela, e Farad'n percebeu-se a olhar para a mãe admirado.

Ela sabia a respeito do Pregador o tempo todo!

— É apenas que eu nunca tinha visto um ghola — ele disse. Ela aceitou essa explicação, dizendo:

— Estamos poupando Idaho para alguma coisa importante. Farad'n mordeu silenciosamente o lábio superior.

Wensicia surpreendeu-se lembrando-se de seu falecido pai. Dalak agia assim às vezes, muito introvertido e complexo, difícil de se compreender. Dalak, lembrou a si mesma, fora amigo do Conde Hasimir Fenring e houvera alguma coisa de afetado e fanático em ambos. Farad'n seguiria nessa linha?

Começava a lamentar ter feito Tyek introduziu o rapaz na religião de Arrakeen. Quem sabia aonde aquilo poderia levá-lo?

— Como é que Tyek a chama agora? — perguntou Farad'n.

— O que.' — Ela Ficou surpresa com sua mudança de pensamento.

— Reparei que ele não mais a chama de "Minha Princesa". "Como ele é observador", pensou ela, perguntando-se por que isso a enchia de inquietação. "Será que ele pensa que eu tomei Tyek como amante? Tolice, isso não importaria de um modo ou de outro. Então, por que essa pergunta?"

— Ele me chama de "Minha Senhora" — ela disse.

— Por quê?

— Porque esse é o costume em todas as Grandes Casas. "Inclusive a Atreides", ele pensou.

— É menos sugestivo se por acaso ouvirem — explicou ela. — Poderiam pensar que havíamos desistido de nossas legítimas aspirações.

— Quem seria tão estúpido?

Ela comprimiu os lábios, resolvendo deixar a quilo passar. Uma coisa pequena, mas grandes campanhas se erguiam sobre muitos detalhes pequenos.

— Lady Jessica não devia ter deixado Caladan — ele disse. Ela sacudiu a cabeça abruptamente.

Que era isso? Sua mente estava lançando-se a esmo como alguma coisa enlouquecida! Perguntou-lhe:

— Que quer dizer com isso?

— Que ela não devia ter retornado a Arrakis. Essa foi uma péssima estratégia. Faz pensar.

Teria sido melhor se ela tivesse arranjado que seus netos a visitassem em Caladan.

“Ele está certo”, pensou ela, angustiada pelo fato de tal coisa nunca lhe haver ocorrido. Tyek teria de examinar isso imediatamente. Uma vez mais, ela sacudiu a cabeça. “Não!” O que Farad’n estava fazendo? Ele devia saber que o clero jamais se arriscaria a enviar ambos os gêmeos ao espaço.

Ela disse isso.

— É o clero ou Lady Alia? — perguntou ele, notando que os pensamentos da mãe haviam sido dirigidos para onde ele queria. Achava divertida sua nova importância, os jogos mentais disponíveis nas tramas políticas. Fazia muito tempo que a mente de sua mãe não o interessava desse modo. Ela era muito fácil de ser manobrada.

— Você acha que Alia deseja o poder para si mesma — perguntou Wensicia.

Farad’n olhou para o outro lado. E claro que A lia queria o poder para si mesma! Todos os relatórios daquele amaldiçoado planeta concordavam nesse ponto. Seus pensamentos partiram em novo rumo.

— Estive lendo sobre o Planetologista deles — disse Farad’n. — Há de haver uma chave para os vermes da areia e os haplóides lá em algum lugar, se ao menos...

— Deixe isso para os outros, agora! — disse ela, começando a perder a paciência com ele. — Isso é tudo que tem a dizer a respeito das coisas que fizemos por você?

— A senhora não as fez por mim.

— O quê??

— Fez pela Casa Corrino, agora mesmo a Senhora é a Casa Corrino. Não fui investido.

— Você tem responsabilidades! — ele disse. — E quanto a todas as pessoas que dependem de você?

Como se as palavras dela colocassem uma carga sobre si, Farad’n sentiu o peso de todas aquelas esperanças e sonhos que seguiam a Casa Corrino.

— Sim — concordou. — Compreendo isso, mas acho desagradáveis

algumas das coisas feitas em meu nome.

— Dês... Como pode dizer tal coisa? Fazemos o que qualquer Grande Casa faria para promover sua própria prosperidade!

— É mesmo? Acho que foi um pouco brutal. Não! Não me interrompa. Se vou ser

Imperador, então é melhor que aprenda a me ouvir. Pensa que não posso ler nas entrelinhas? Como aqueles tigres foram treinados?

Ela permaneceu muda ante essa cortante demonstração de suas habilidades perceptivas.

— Muito bem — ele disse. — Vou conservar Tyek porque sei que foi a senhora que o levou a isso. Ele é um bom oficial na maioria das circunstâncias, mas só lutará por seus princípios numa arena favorável.

— Seus... princípios?

— A diferença entre um bom oficial e um medíocre reside na força de sua personalidade. Ele tem de ser fiel a seus princípios quando quer que estes sejam desafiados.

— Os tigres eram necessários — disse ela.

— Acreditarei nisso se obtiverem sucesso — ele disse. — Mas não perdoarei o que teve de ser feito para treiná-los. Não proteste. É óbvio. Eles foram condicionados. A senhora mesma disse isso.

— Que vai fazer?

— Vou esperar para ver. Talvez me torne Imperador.

Ela levou a mão ao peito e suspirou. Por alguns momentos, ele a aterrorizara. Quase acreditara que ia denunciá-la. Princípios! Mas agora ele estava comprometido, podia perceber isso.

Farad'n levantou-se, foi até a porta e tocou a si neta, chamando os criados de sua mãe. Olhou para trás.

— Acabamos, não?

— Sim. — Ela ergueu a mão quando ele ia saindo. — Aonde vai?

— À biblioteca. Tornei-me fascinado ultima mente pela história de Corrino. — E a deixou, sentindo agora como carregava consigo aquele comprometimento.

"Maldita!"

Mas sabia que estava comprometido. Reconheci a haver uma profunda diferença emocional entre a história, tal como registrada num shigafio e lida calmamente, uma profunda diferença entre esse tipo de história e aquela que era realmente vivida pelas pessoas. Essa nova história vivida, que sentia ganhando forças a seu redor, transmitia-lhe um sentimento de mergulho num futuro irreversível.

Farad’n sentia-se agora impulsionado pelos desejos de todos aqueles cuja sorte cavalgava com ele.

Achou estranho que não pudesse fixar seus próprios desejos sobre isso.

27

Conta-se que o Muad’Dib, certa vez, ao ver uma erva tentando crescer entre duas rochas, removeu uma das rochas. Mais tarde, quando a erva podia ser vista florescendo, ele a cobriu com a rocha remanescente. “Era o destino dela”, explicou.

— Os Comentários

— Agora! — gritou Ghanima.

Leto, dois passos adiante dela, chegando ao estreito corte nas rochas, não hesitou! Mergulhou na fenda, arrastando-se para dentro até que a escuridão o envolveu. Ouviu Ghanima entrar atrás dele, um súbito silêncio e a voz dela, nem apressada, nem temerosa.

— Estou presa.

Ele se levantou, sabendo que isso colocaria sua cabeça ao alcance das garras, virou-se dentro da estreita passagem e se arrastou de volta, até sentir a mão estendida de Ghanima.

— É o meu manto — ela disse. — Foi apanhado.

Ele ouviu rochas caindo diretamente abaixo, puxou a mão dela, mas sentiu-a ceder muito pouco.

Havia uma respiração ofegante abaixo deles, um rosnado.

Leto enrijeceu o corpo, prendendo os quadris como uma cunha entre as rochas, e puxou o braço de Ghanima. O tecido rasgou-se e ele sentiu que ela era puxada em sua direção. Ela assoviou e ele percebeu que ela sentia dor, mas puxou mais uma vez, com mais força. Ela penetrou mais no buraco e finalmente completou o caminho, caindo a seu lado. Estavam muito próximos da entrada da fenda, contudo. Ele virou-se, caiu de quatro e se arrastou mais para o fundo. Ghanima o acompanhou.

Havia nos movimentos dela uma intensidade ofegante que lhe dizia que fora ferida. Chegou à extremidade da abertura e se virou, olhando para fora da estreita fenda de seu santuário. A entrada estava aproximadamente dois metros acima dele, cheia de estrelas. Alguma coisa grande cobriu as estrelas.

Um rugido trovejante encheu o ar ao redor dos gêmeos. Um som ancestral, profundo, ameaçador: o caçador falando à sua presa.

— Está muito ferida? — perguntou Leto, mantendo a voz calma.

Ela o igualou no tom de voz.

— Um deles me arranhou. Abriu meu traje-destilador ao longo da perna esquerda. Estou sangrando.

— Muito?

— Foi a veia. Não posso estancar o sangue.

— Use pressão — aconselhou ele. — Não se mexa. Cuidarei de nossos amigos.

— Tenha cuidado. São maiores do que eu esperava.

Leto desembainhou a faca cristalina e esticou- a para cima. Sabia que os tigres estariam sondando o que havia .abaixo, garras varrendo o estreito espaço onde seus corpos não poderiam entrar.

Lentamente, bem lentamente, Leto foi estendendo a faca. De súbito, alguma coisa atingiu a ponta da lâmina. Ele sentiu o golpe ao longo de to do o braço, quase perdendo seu domínio sobre a faca. Sobre sua mão esguichou sangue, salpicando-lhe o rosto, e houve um imediato rugido que o ensurdeceu. As estrelas voltaram a ser visíveis. Alguma coisa se debateu e caiu das rochas em direção à areia, numa violenta cambalhota.

Uma vez mais, as estrelas foram obscurecidas e ele ouviu o rugido do caçador. O segundo tigre se colocara em posição, sem se importar com o destino de seu companheiro.

— Eles são persistentes — comentou Leto.

— Você pegou um com certeza — disse Ghanima. — Ouça. Os rugidos e convulsões abaixo deles estavam ficando mais fracos. O segundo tigre permanecia, entretanto, como uma cortina tapando as estrelas.

Leto embainhou a lâmina e tocou no braço de Ghanima.

— Dê-me a sua faca. Quero uma ponta limpa para ter certeza de que pegarei este.

— Acha que eles terão um terceiro de reserva? — perguntou ela.

— Não é provável. Os tigres Laza caçam aos pares.

— Igual a nós.

— Igual a nós — concordou ele. Sentiu o punho da faca cristalina de Ghanima escorregar em sua mão e o segurou firme. Uma vez mais, iniciou aquela cuidadosa sondagem para o alto. A lâmina encontrou apenas espaço vazio, mesmo quando el e se esgueirou, até um nível perigoso. Recuou, fazendo uma avaliação.

— Não pode encontrá-lo?

— Não está se comportando do mesmo modo que o outro.

— Ainda está aqui. Pode sentir o cheiro?

Ele engoliu com a garganta seca . Um hálito fétido, úmido com o odor almiscarado do felino, assaltou suas narinas. As estrelas continuavam bloqueadas à sua visão. Nada se ouvia do primeiro tigre — o veneno da faca cristalina completara seu trabalho.

— Acho que vou ter que ficar de pé — disse Leto.

— Não!

— Ele tem de ser atraído ao alcance da faca.

— Sim, mas concordamos em que, se um de nós pudesse evitar ser ferido...

— E você está ferida; assim, você é que vai voltar — ele disse.

— Mas se você for gravemente ferido, não poderei deixá-lo.

— Tem uma idéia melhor?

— Me dê a faca de volta.

— Mas sua perna!

— Posso ficar de pé com a que está boa.

— Aquela coisa pode arrancar sua cabeça com uma patada. Talvez a maula...

— Se há alguém aí fora para ouvir, deve saber que viemos preparados para...

— Não gosto que assuma esse risco!

— Quem quer que esteja lá fora não deve saber que temos maulas. Não ainda. — Ela tocou-lhe o braço. — Serei cuidadosa, manterei a cabeça baixa.

Como Leto permanecesse em silêncio, ela disse:

— Você sabe que sou eu que devo fazer isso. Devolva minha faca.

Relutantemente, ele sondou com a mão livre até encontrar a mão dela e lhe entregou a faca. Era a coisa lógica a fazer, mas a lógica entrava em choque com toda a emoção dentro dele.

Sentiu Ghanima afastar-se, ouviu o atrito do manto dela contra a rocha. Ela ofegou e ele soube que ela devia estar de pé. “Tenha cuidado!”, pensou . E quase a puxou de volta para insistir no uso da pistola maula. Mas isso poderia prevenir qualquer um lá fora de que eles dispunham de tais armas. Pior, poderia afugentar o tigre para fora de alcance, e eles estariam presos ali dentro, com um tigre ferido esperando por eles em algum lugar desconhecido, lá fora nas rochas.

Ghanima respirou fundo e pressionou as costas contra a parede da fenda. “Devo ser rápida”, pensou. Esticou a mão para cima, com a faca. A perna esquerda pulsava no lugar onde as garras a tinham arranhado. Sentiu a crosta de sangue coagulado em sua pele naquele ponto e o calor de um novo fluxo. “Bem depressa!” Mergulhou seus sentidos na calma preparação para crise que o Modo

Bene Gesserit proporcionava, colocando a dor e todas as outras

perturbações fora de sua consciência.

O felino deve estender a pata para baixo! Lentamente, passou a lâmina ao longo da abertura. Onde estava o maldito animal? Uma vez mais, golpeou o ar. Nada. O tigre teria de ser estimulado ao ataque.

Cuidadosamente, sondou com seu sentido do olfato. Um bafo quente vinha da esquerda.

Posicionou-se, respirou fundo e gritou:

— Taqwa! — o antigo grito de guerra dos Fremen. Seu significado encontrava-se nas mais antigas lendas: "O preço da liberdade!"

Com o grito, inclinou a lâmina e golpeou ao longo da abertura escura da fenda. Garras atingiram-lhe o cotovelo antes que a lâmina tocasse a carne do animal e ela só teve tempo de inclinar o pulso na direção da dor, antes que a agonia lhe rasgasse o braço do cotovelo até o pulso. Através da dor, sentiu a ponta envenenada mergulhar no tigre. A lâmina foi arrancada de seus dedos entorpecidos.

Entretanto, novamente a estreita abertura da fenda se encontrava aberta para as estrelas, e o uivo do felino morrendo enchia a noite. Eles o acompanharam através de seus ruídos de agonia, debatendo-se em sua passagem pelas rochas. Daí a pouco veio o silêncio da morte.

— Ele pegou meu braço — disse Ghanima, tentando prender uma dobra solta de seu manto em torno da ferida.

— Muito ruim?

— Acho que sim. Não consigo sentir minha mão.

— Deixe-me acender uma luz e...

— Não, até que tenhamos cobertura.

— Vou me apressar.

Ela o ouviu se virando para alcançar seu estojo Fremen; sentiu o negrume escorregadio do escudo noturno sendo passado sobre sua cabeça e enfiado por trás. Ele não se importara em torná-lo impermeável à umidade.

— Minha faca está deste lado — ela disse. — Posso sentir o cabo com o joelho.

— Deixe-a por enquanto.

Ele acendeu um pequeno globo luminoso e o brilho a fez piscar. Leto colocou o globo no piso arenoso, de um lado, e emitiu uma exclamação de espanto ao ver o braço dela. A garra havia aberto um longo ferimento, um corte que descia do cotovelo, ao longo da parte de baixo do braço, até quase chegar ao pulso. Um ferimento que descrevia o modo como ela girara o braço para apresentar a ponta da faca ao alcance da garra do tigre.

Ghanima olhou uma vez para o corte, fechou os olhos e começou a recitar

a litania contra o medo.

Leto percebeu-se compartilhando dessa necessidade, mas colocou de lado o clamor de suas próprias emoções enquanto tentava fechar o ferimento. Tinha de ser feito cuidadosamente para deter o fluxo de sangue, embora mantendo a aparência de um curativo desajeitado que a própria Ghanima pudesse ter feito. Ele a fez prender o nó da atadura com sua mão livre, segurando uma das extremidades da bandagem com os dentes.

— Agora, vamos ver essa perna — ele disse.

Ela se virou para apresentar o outro ferimento. Não era tão ruim. Dois cortes rasos ao longo da barriga da perna. No entanto, haviam sangrado com abundância no traje-destilador. Ele os limpou da melhor maneira que podia e enfaixou o ferimento por baixo do traje-destilador, selando o traje sobre a bandagem.

— Deixei cair areia neles — ele disse. — Devem ser tratados assim que você voltar.

— Areia em nossos ferimentos — disse ela. — Essa é uma velha história para os Fremen.

Ele conseguiu sorrir e sentou-se. Ghanima inspirou profundamente.

— Nós conseguimos.

— Ainda não.

Ela engoliu em seco, lutando para se recuperar do choque. Seu rosto parecia pálido à luz do globo luminoso. E ela pensou: “Sim, devemos movimentar-nos rapidamente, agora. Quem controlava aqueles tigres pode estar lá fora neste momento.”

Leto, olhando para a irmã, sentiu uma súbita e esmagadora perda. Era como uma dor profunda disparando através de seu peito. Ele e Ghanima deviam separar-se agora. Por todos esses anos, desde o nascimento, haviam sido como uma única pessoa. Mas agora seus planos exigiam que sofressem uma metamorfose, seguindo caminhos distintos numa individualidade onde o compartilhar das experiências diárias nunca mais os uniria como no passado.

Refugiou-se nas coisas comuns e necessárias que precisavam ser feitas.

— Aqui está meu estojo Fremen. Tirei as bandagens de dentro dele. Alguém pode olhar.

— Sim. — Trocaram seus estojos.

— Alguém lá fora tem um transmissor para aqueles felinos — ele disse. — E mais provável que esteja esperando perto do qanat para ter certeza de que nos pegou.

Ela tocou em sua pistola maula, apanhando-a de onde estava, em cima do estojo, para colocá-la no cinturão embaixo de seu manto.

— Meu manto está rasgado.

— Sim.

— Grupos de busca podem chegar aqui logo — advertiu ele. — Pode haver um traidor entre eles. É melhor você voltar sozinha. Fale com Harrah para escondê-la.

— Eu... eu começarei a busca do traidor assim que voltar — ela disse.

Fitou a face do irmão, compartilhando o doloroso conhecimento de que, desse ponto em diante, iriam acumular diferenças. Nunca mais se riam como um só, a partilhar conhecimentos que ninguém mais poderia compreender.

— Irei para Jacurutu — ele disse.

— Fondak — disse ela.

Ele acenou, concordando. Jacurutu/Fondak — tinham de ser o mesmo lugar. Era o único modo pelo qual o lugar lendário poderia ter sido oculto. Os contrabandistas haviam feito isso, é claro.

Como era fácil para eles converter um rótulo em outro, agindo sob a cobertura da tácita convenção pela qual se permitia existirem. A família governante de um planeta deve ter sempre uma porta dos fundos pela qual possa escapar em casos extremos. E uma pequena quota nos lucros do contrabando mantinha o canal aberto. Em Fondak/Jacurutu, os contrabandistas se haviam apoderado de um sietch completamente operacional sem terem de se incomodar com uma população residente. E haviam escondido Jacurutu em campo aberto, sentindo-se seguros graças ao tabu que fazia com que os Fremen o evitassem.

— Nenhum Fremen pensaria em procurar por mim em tal lugar — disse ele. — Eles farão perguntas aos contrabandistas, é claro, mas...

— Nós faremos como foi combinado — disse ela. — É só que...

— Eu sei.

Ouvindo a própria voz, Leto percebia que ambos estavam arrastando esses últimos momentos de identidade. Um sorriso amargo surgiu-lhe na boca, acrescentando anos à sua aparência. Ghanima percebeu que o estava observando através dos véus do tempo, olhando para um Leto bem mais velho.

Lágrimas queimavam-lhe os olhos.

— Você ainda não precisa dar água aos mortos — ele disse, passando o dedo sobre a umidade em seu rosto. — Irei para um lugar suficientemente distante, onde ninguém me ouça, e chamarei um verme. — Indicou os ganchos de Produtor, desarmados e amarrados do lado de fora de seu estojo. — Estarei em Jacurutu antes da aurora, daqui a dois dias.

— Cavalgue rápido, meu amigo — ela sussurrou.

— Voltarei para você, minha única amiga — disse ele. — Lembre-se de ser cuidadosa no qanat.

— Escolha um bom verme — ela disse, repetindo a saudação de partida dos Fremen.

Com a mão esquerda, apagou o globo luminoso, e a cobertura noturna assoviou enquanto a puxava para o lado, dobrando-a e colocando-a em baixo do estojo. Ouviu quando ele partiu, sons suaves desfazendo-se rapidamente no silêncio, enquanto Leto se esgueirava pelas rochas até o deserto.

Ghanima preparou-se então para o que tinha de fazer. Leto devia estar morto para ela. Tinha de acreditar nisso. Não podia existir nenhum Jacurutu em sua mente, nenhum irmão lá fora buscando um lugar perdido na mitologia Fremen. Desse ponto em diante, não poderia pensar em Leto como numa pessoa viva. Devia condicionar a si própria para reagir com a crença absoluta de que o irmão fora morto, morto nesse lugar pelos tigres Laza. Não havia muitos humanos que pudessem enganar uma Reveladora da verdade, mas ela sabia que poderia fazer isso... poderia ter de fazê-lo. As multividas que ela e Leto compartilhavam lhes haviam ensinado o modo: um processo hipnótico que já era velho nos tempos da Rainha de Sabá, embora ela provavelmente fosse o único ser humano vivo que pudesse relembrar a Rainha de Sabá como uma realidade. As profundas compulsões foram projetadas com cuidado, e por longo tempo depois que Leto partiu Ghanima reorganizou sua autoconsciência, construindo uma irmã solitária, a gêmea sobrevivente, até alcançar uma totalidade plausível. Ao consegui-lo, descobriu que seu mundo interior se tornava silencioso, impermeável a intromissões em sua consciência. Era um efeito colateral que não havia esperado.

“Se ao menos Leto tivesse vivido para aprender isto”, pensou, e não achou que o pensamento fosse um paradoxo. Ficando de pé, olhou para o ponto do deserto onde o tigre apanhara o irmão.

Havia um som aumentando na areia lá fora, um som familiar a todos os Fremen: a passagem de um verme. Embora se tivessem tornado raros nessas regiões, os vermes ainda apareciam. Talvez este tivesse sido atraído pela agonia do primeiro felino... Sim, Leto havia morto o primeiro antes que o segundo o pegasse. Era estranhamente simbólica a chegada de um verme. E tão profunda era sua compulsão que ela viu três pontos escuros, lá longe na areia: os dois tigres e Leto. Então, o verme veio e restou apenas a areia, com sua superfície quebrando-se em novas ondas pela passagem do Shai-Hulud. Não tinha sido um verme muito grande... mas o suficiente. E sua compulsão não lhe permitiu ver a pequena figura montada no dorso anelado.

Lutando contra sua mágoa, Ghanima fechou o estojo Fremen e se arrastou cautelosamente para fora do esconderijo. Com a pistola maula na mão, observou a área. Nenhum sinal de um ser humano com um transmissor. Subiu as rochas e

atravessou para o outro lado, esgueirando-se através das sombras do luar, esperando e esperando, até se certificar de que nenhum assassino espreitava em seu caminho.

Através do espaço aberto, podia ver tochas em Tabr, a ondulante atividade de uma busca. Uma mancha negra moveu-se através da areia em direção ao Criado. Ela escolheu um caminho que a conduzia ao norte do grupo que se aproximava, desceu para as areias e caminhou ao longo das sombras das dunas. Cuidadosa em fazer com que seus passos mantivessem um ritmo quebrado, que não atrairia um verme, começou a atravessar a solitária extensão que separava Tabr do lugar onde Leto morrera.

Teria de ser cuidadosa no qanat, sabia. Nada deveria evitar que contasse como o irmão morrera para salvá-la dos tigres.

28

Os governos, quando se mantém, tendem cada vez mais a assumir formas aristocráticas. Não se conhece nenhum governo na história que tenha fugido a esse padrão. E à medida que a aristocracia se desenvolve, o governo tende cada vez mais a agir exclusivamente no interesse da classe governante — seja essa classe uma realeza hereditária, a oligarquia de um império financeiro ou a burocracia enraizada.

— "A Política como Fenômeno Cíclico" Manual de Treinamento Bene Gesserit

— Por que ele nos faz essa oferta? — perguntou Farad'n. — Isso é essencial.

Ele e o Bashar Tyekanik encontravam-se na sala de estar dos alojamentos particulares do Príncipe. Wensicia sentava-se a um lado, sobre um divã azul baixo, quase como ouvinte em vez de participante. Reconhecia essa posição e se ressentia dela, mas Farad'n passara por uma mudança aterrorizante desde aquela manhã, quando ela lhe revelara suas tramas.

Era o final da tarde no Castelo Corrino e a luz reduzida acentuava o conforto da sala — uma sala repleta de verdadeiros livros, reproduzidos em plastino, com prateleiras que revelavam uma horda de bobinas de reprodução, blocos de dados, rolos de shigafio, amplificadores mnemônicos. Por toda parte, indícios de que o aposento era muito usado: manchas de uso nos livros, metal brilhante nos amplificadores, cantos puídos nos blocos de dados. Havia apenas um divã, mas muitas cadeiras, todas elas flutuadores sensiformes projetados para o conforto discreto.

Farad'n encontrava-se de pé, com as costas para uma janela. Usava uniforme de Sardaukar em cinza e negro, tendo como insígnias somente os símbolos da garra e do leão dourado no colarinho.

Havia escolhido receber a mãe e o Bashar nessa sala esperando criar uma atmosfera de comunicação mais calma do que poderia conseguir num local mais formal. Mas Tyekanik, com seu constante "Meu Senhor isto", "Minha Senhora aquilo", mantinha a distância.

— Meu Senhor, não creio que ele fizesse essa oferta se fosse incapaz de entregá-la.

— É claro que não! — intrometeu-se Wensicia.

Farad'n meramente olhou para a mãe, de modo a fazê-la calar-se, e indagou:

— Não fizemos qualquer pressão sobre Idaho, qualquer tentativa de fazê-lo concretizar a entrega devido à promessa do Pregador?

— Não — respondeu Tyekanik.

— Então, por que Duncan Idaho, conhecido durante toda a sua vida por sua fanática lealdade aos Atreides, se oferece agora para entregar Lady Jessica em nossas mãos?

— Esses rumores sobre problemas em Arrakis... — arriscou Wensicia.

— Não-confirmados — cortou Farad'n. — Seria possível que o Pregador houvesse precipitado tudo isso?

— Seria — respondeu Tyekanik. — Mas não consigo perceber o motivo.

— Ele fala em buscar asilo para ela — disse Farad'n. — Isso seria lógico se os rumores fossem...

— Precisamente — concordou sua mãe.

— Ou podia ser algum tipo de ardil — disse Tyekanik.

— Podemos fazer várias suposições e estudá-las — comentou Farad'n. — Que tal se Idaho caiu em desgraça com sua Lady Alia?

— Isso podia explicar a questão — disse Wensicia. — Mas ele...

Farad'n interrompeu-a:

— Nenhuma notícia ainda dos contrabandistas? Por que não podemos...

— A transmissão é sempre lenta nesta estação — respondeu Tyekanik. — As necessidades da segurança...

— Sim, é claro, mas ainda assim... — Farad'n sacudiu a cabeça. — Não gosto dessa suposição.

— Não tenha pressa em abandoná-la — disse Wensicia. — Todas aquelas histórias a respeito de Alia e o tal sacerdote, qualquer que seja o seu nome...

— Javid — lembrou Farad'n. — Mas o homem é obviamente...

— Tem sido valiosa fonte de informação para nós — disse Wensicia.

— Eu estava a ponto de dizer que ele é obvia mente um agente duplo — disse Farad'n. — Como ele pôde se envolver nisso? Não é digno de confiança. Há muitos indícios...

— Não consigo percebê-los — ela disse.

Farad'n ficou subitamente furioso com a ingenuidade da mãe.

— Aceite minha palavra nisto, mãe! Os indícios estão lá; eu os explicarei depois.

— Receio ter de concordar — disse Tyekanik.

Wensicia mergulhou num silêncio magoado. Como eles se atreviam a colocá-la fora do Conselho desse modo? Como se ela fosse uma mulher de cabeça vazia, sem qualquer...

— Não devemos esquecer que Idaho já foi um ghola — lembrou Farad'n. — Os Tleilaxu... — Olhou de lado para Tyekanik.

— Esse ângulo será explorado — disse Tyekanik. Sentia-se admirando o modo como trabalhava a mente de Farad'n: alerta, indagadora, perspicaz. Sim, os Tleilaxu, ao restaurarem a vida de Idaho, podiam ter plantado nele algum condicionamento poderoso para seu próprio uso.

— Mas não consigo compreender os motivos dos Tleilaxu — confessou Farad'n.

— Um investimento em nossa sorte — disse Tyekanik. — Um pequeno seguro em troca de favores futuros.

— Um grande investimento, eu diria — disse Farad'n.

— Perigoso — disse Wensicia.

Farad'n tinha de concordar com ela. As habilidade de Lady Jessica eram notórias em todo o Império. Afinal, fora ela que treinara o Muad'Dib.

— Se ficarem sabendo que nós a prendemos... — advertiu Farad'n.

— Sim, essa é uma espada de dois gumes — lembrou Tyekanik. — Mas não é preciso que ninguém saiba.

— Vamos supor — disse Farad'n — que aceitemos essa oferta. Qual seria o valor dela?

Poderíamos trocá-la por alguma coisa de maior importância?

— Não abertamente — disse Wensicia.

— É claro que não! — Ele olhou para Tyekanik com expectativa.

— Isso terá de ser visto — respondeu Tyekanik. Farad'n assentiu.

— Sim, acho que, se aceitarmos, devemos considerar Lady Jessica como dinheiro investido para uso indeterminado. Afinal, a riqueza não precisa necessariamente ser gasta em alguma coisa determinada. Ela é apenas... potencialmente útil.

— Vai ser uma prisioneira muito perigosa — advertiu Tyekanik.

— Isso deve ser considerado, de fato. Disseram-me que suas habilidades de Bene Gesserit possibilitam que manipule uma pessoa unicamente através de um sutil emprego da voz.

— Ou do corpo — disse Wensicia. — Irulan certa vez me revelou algumas das coisas que aprendera. Ela estava se exibindo naquela época e eu não vi qualquer demonstração conclusiva. Ainda assim, é bastante forte a evidência de que as Bene Gesserits dispõem de meios para conquistar seus objetivos.

— Está sugerindo que ela poderia me seduzir? — perguntou Farad'n.

Wensicia meramente encolheu os ombros.

— Eu diria que ela está um pouquinho velha para isso, não? — perguntou Farad'n.

— Com uma Bene Gesserit, nada é certo — respondeu Tyekanik.

Farad'n experimentou um arrepio de excitação temperada com medo. Jogar esse jogo para recolocar a Casa Corrino no poder era algo que simultaneamente o atraía e repelia. Como permanecia atraente a vontade de abandonar esse jogo em troca de suas atividades preferidas: a pesquisa histórica e o aprendizado das tarefas de governo em Salusa Secundus. A restauração de suas forças de Sardaukar era uma tarefa em si... e para esse trabalho Tyek ainda era um bom instrumento. Um planeta era, apesar de tudo, uma enorme responsabilidade. Mas o Império ainda era uma responsabilidade maior, muito mais atraente como instrumento de poder. Quanto mais lia a respeito do Muad'Dib/Paul Atreides, mais fascinado se tornava Farad'n com os usos do poder. Como chefe titular da Casa Corrino, herdeiro de Shaddam IV, que conquista não seria reconduzir sua linhagem ao trono do Leão. Ele o queria! Ele o queria! E Farad'n descobrira que, ao repetir essa sedutora litania para si mesmo, várias vezes, conseguia superar dúvidas momentâneas. Tyekanik estava falando:

— ... e, é claro, a Bene Gesserit ensina que a paz encoraja as agressões, desse modo produzindo a guerra. O paradoxo da...

— Por que entramos nesse assunto? — perguntou Farad'n, trazendo sua atenção de volta da arena das especulações.

— Porque — disse Wensicia docemente, ao notar a expressão de devaneio no rosto do filho

— meramente indaguei se Tyek estava familiarizado com a filosofia que impulsiona a Irmandade.

— A filosofia deve ser abordada com irreverência — disse Farad'n, virando o rosto para Tyekanik. — Quanto à oferta de Idaho, acho que devemos fazer mais consultas e investigações.

Quando achamos que sabemos alguma coisa, esse é precisamente o momento em que devemos examinar o assunto com maior profundidade.

— Será feito — comprometeu-se Tyekanik. Apreciava essa tendência cautelosa em Farad'n, mas esperava que ela se estendesse às decisões militares que exigiam rapidez e precisão.

Com aparente irrelevância, Farad'n comentou:

— Sabem o que eu acho mais interessante a respeito da história de Arrakis? Era costume entre os Fremen, em tempos primitivos, matar à primeira

vista qualquer um que não estivesse usando um traje-destilador, que é facilmente visível com seu capuz característico.

— Por que esse fascínio pelo traje-destilador? — indagou Tyekanik.

— Então perceberam, hein?

— Como poderíamos deixar de notar? — disse Wensicia.

Farad'n lançou um olhar irritado em direção à mãe. Por que ela o interrompia desse modo?

Voltou a atenção para Tyekanik.

— O traje-destilador é a chave para a personalidade naquele planeta, Tyek. É a marca registrada de Duna. As pessoas tendem a prestar atenção às características físicas: o traje-destilador conserva a umidade do corpo, reciclando-a, e torna possível a existência no planeta. Sabe, o costume Fremen era ter um traje-destilador para cada membro da família, com a ex cessão dos que saíam para buscar alimentos. Estes tinham trajes sobressalentes. Mas, por favor, notem, vocês dois... — Farad'n, com um movimento, incluiu a mãe na conversa — ... como vestimentas que se parecem com trajes-destiladores, mas que realmente não o são, se tornaram alta moda em todo o Império. É característica dominante dos seres humanos copiaram o conquistador.

— Realmente, acha essa informação valiosa? — perguntou Tyekanik, num tom de voz intrigado.

— Tyek, Tyek, sem tais informações não se pode governar. Eu disse que o traje-destilador era a chave para a personalidade deles, e é! É uma coisa conservadora. E os enganos que eles cometerão serão enganos conservadores.

Tyekanik olhou para Wensicia que fitava o filho com expressão preocupada. Essa característica de Farad'n ao mesmo tempo atraía e preocupava o Bashar. Era tão diferente do velho Shadam. Este fora essencialmente um Sardaukar: um matador militar com poucas inibições. Mas Shaddam fora derrotado pelos Atreides sob o comando daquele maldito Paul. De fato, o que ele lera a respeito de Paul Atreides revelara exatamente as características que Farad'n agora exibia. Era possível que Farad'n pudesse hesitar menos que o Atreides ante as necessidades mais brutais, mas isso seria devido ao seu treinamento como Sardaukar.

— Muitos já governaram sem usar esse tipo de informação — comentou Tyekanik.

Farad'n meramente olhou para ele por um momento, e então disse:

— Governaram e fracassaram.

A boca de Tyekanik traçou uma linha rígida ante essa óbvia alusão ao fracasso de Shaddam.

Fora um fracasso dos Sardaukar, igualmente, e nenhum Sardaukar podia

lembrá-lo de modo leviano.

Tendo estabelecido seu ponto de vista, Farad'n disse:

— Como vê, Tyek, a influência de um planeta sobre o inconsciente coletivo de seus habitantes nunca foi inteiramente considerada. Para derrotar os Atreides, devemos compreender não apenas Caladan, mas Arrakis: um, um planeta suave, o outro, um campo de treinamento para decisões difíceis.

A união dos Atreides com os Fremen foi um evento único. Devemos saber como isso funcionou, ou não seremos capazes de igualá-los, para não falar em derrotá-los.

— O que isso tem a ver com a oferta de Idaho? — quis saber Wensicia.

Farad'n olhou para a mãe com pena:

— Começamos a derrotá-los através do tipo de tensões que introduzimos em sua sociedade.

Esta é uma ferramenta muito poderosa: a tensão. E a ausência dela é importante, também. Notou como os Atreides contribuíram para que as coisas se tornassem fáceis e suaves aqui?

Tyekanik permitiu-se um curto aceno de concordância com a cabeça. Esse ponto de vista era interessante. Os Sardaukar não se podiam permitir que se tornassem muito brandos. A oferta de Idaho ainda os incomodava, contudo. E ele disse:

— Talvez fosse melhor se rejeitássemos a oferta.

— Ainda não — disse Wensicia. — Temos um espectro de escolhas abertas para nós. Nossa tarefa é identificar o máximo possível desse espectro. Meu filho está certo: precisamos de mais informações.

Farad'n olhou para ela, medindo-lhe as intenções, bem como o significado superficial de suas palavras.

— Mas saberemos quando tivermos passado do ponto além do qual não há mais alternativas? — perguntou.

Uma risada amarga veio de Tyekanik.

— Se me perguntasse, eu diria que já passamos há muito do ponto em que não há retorno.

Farad'n inclinou a cabeça para trás a fim de rir alto:

— Mas ainda temos alternativas, Tyek! Quando chegamos ao fim da corda, ficamos num lugar interessante para reconhecer isso!

29

Nesta era, quando os meios de transporte humanos incluem engenhos capazes de atravessar as profundezas do espaço em transtempo, e outros que podem transportar pessoas rapidamente sobre superfícies planetárias virtualmente intransponíveis, parece estranho pensar na tentativa de fazer longas jornadas a pé. E no entanto esse permanece o principal meio de se viajar em Arrakis, fato atribuído parcialmente à preferência e parcialmente ao tratamento brutal que esse planeta reserva a qualquer coisa mecânica. Pelas restrições de Arrakis, a carne humana permanece a fonte de recursos mais duradoura e fidedigna para um Hajj. Talvez seja a consciência implícita desse fato que faz de Arrakis o derradeiro espelho para a alma.

— Manual do Hajj

Lenta e cautelosamente, Ghanima retornou a Tabr, mantendo-se nas sombras mais profundas das dunas, agachando-se quieta enquanto a equipe de buscas passava ao sul de sua posição. Uma terrível consciência a oprimia: o verme que pegara os tigres e o corpo de Leto, os perigos pela frente.

Ele se fora, seu irmão gêmeo estava perdido. Colocou de lado todas as lágrimas e alimentou o ódio. E nisso ela era puramente Fremen. Sabia disso e se aproveitava.

Entendia o que diziam a respeito dos Fremen. Não se considerava que eles tivessem uma consciência, tendo-a perdido no fogo da vingança contra aqueles que os haviam arrastado de planeta em planeta numa longa peregrinação. Isso era tolice, é claro. Somente o primitivo mais bruto não

possui consciência. A dos Fremen era altamente desenvolvida, voltada para seu próprio bem-estar como povo. Era apenas aos estrangeiros que eles pareciam brutos, exatamente como os estrangeiros pareciam aos Fremen. Cada Fremen sabia muito bem que poderia cometer um ato brutal sem sentir culpa. Os Fremen não se sentiam culpados pelos mesmos motivos que despertavam tais sentimentos em outros. Seus rituais proporcionavam-lhes a libertação de culpas que de outro modo poderiam tê-los destruído. Eles sabiam, nas profundezas de sua consciência, que qualquer transgressão poderia ser atribuída, ao menos em

parte, a circunstâncias atenuantes bem conhecidas: “a falha da autoridade”, “uma natural tendência ao mal” compartilhada por todos os seres humanos, ou a “má sorte” que qualquer criatura sensível deveria ser capaz de identificar como a colisão entre a carne mortal e o caos exterior do universo.

Nesse contexto, Ghanima se sentia como pura Fremen, uma extensão cuidadosamente preparada da brutalidade tribal. Só precisava de um alvo, e esse era obviamente a Casa Corrino. Ansiava por ver o sangue de Farad’n derramado no solo a seus pés.

Nenhum inimigo a aguardava no qanat. Até mesmo as equipes de buscas já se haviam deslocado para outros locais. Ela atravessou a água pela ponte de terra e se esgueirou através do capim alto, em direção à entrada secreta do sietch. De súbito, uma luz brilhou diante dela e Ghanima caiu deitada, olhando através das compridas hastes da alfafa gigante. Uma mulher havia penetrado na passagem, vinda do exterior, e alguém se havia lembrado de preparar a passagem da maneira como se devia preparar qualquer entrada de sietch. Em tempos de crise, saudava-se qualquer um que entrasse no sietch com uma luz brilhante, cegando temporariamente o recém-chegado e dando aos guardas tempo para decidir. Entretanto, tal saudação não devia ser transmitida ao deserto exterior. Uma luz visível dali significava que os selos externos haviam sido deixados de lado.

Ghanima sentiu amargura ante essa traição à segurança do sietch: a luz brilhando. Os costumes dos Fremen de camisas rendadas podiam ser encontrados por toda parte!

A luz continuou a projetar seu facho sobre o solo na base do penhasco. Uma jovem saiu correndo da escuridão do pomar e entrou na luz, revelando algum temor em seus movimentos.

Ghanima pôde ver o círculo brilhante de um globo luminoso dentro da passagem, um halo de insetos em torno dele. A luz iluminava duas sombras escuras na passagem: um homem e a garota. Estavam de mãos dadas, olhando nos olhos um do outro.

Ghanima sentiu que havia alguma coisa suspeita naquele casal. Não era apenas um par de amantes escapando por um momento dos trabalhos de busca. A luz estava suspensa acima e além deles na passagem. Os dois conversavam diante de um arco de luz que lançava suas sombras para a noite exterior, de onde qualquer um poderia observar-lhes os movimentos. De vez em quando, o homem deixava uma das mãos livre e gesticulava na luz, num movimento rápido e furtivo que, uma vez completo, conduzia a mão de volta às sombras.

Sons solitários de criaturas da noite preenchiam as sombras em torno de Ghanima, mas ela bloqueava tais distrações.

Que haveria de errado com aqueles dois?

Os movimentos do homem eram tão estáticos, tão cuidadosos.

Ele se voltou e a luz refletida pelo manto da mulher o iluminou, revelando um rosto vermelho com um nariz grande e manchado. Ghanima levou um susto ao reconhecê-lo. “Palimbasha!” Era o neto de um Naib cujos filhos haviam morrido a serviço dos Atreides. O rosto — e uma outra coisa revelada pelo giro aberto de seu manto, enquanto ele se voltava — traçou para Ghanima uma imagem completa. Ele usava um cinturão por baixo do manto e, presa nesse cinturão, havia uma caixa que brilhava com mostradores e chaves. Era um instrumento dos Tleilaxu ou ixianos, certamente. E tinha de ser o transmissor que controlara os tigres. Palimbasha! Isso significava que outra família Naibate passara para o lado da Casa Corrino.

Quem seria a mulher, então? Não importava . Era alguém que estava sendo usado por Palimbasha.

Espontaneamente, um pensamento Bene Gesserit entrou na mente de Ghanima: “Cada planeta tem seu próprio tempo, assim como cada vida.”

Ela se lembrava bem de Palimbasha, observando-o ali com aquela mulher, vendo o transmissor “e os movimentos furtivos. Palimbasha era professor na escola do sietch. Matemática. Tratava-se de um rude matemático que tentara explicar o Muad’Dib através da sua matéria, até ser censurado pelo clero.

Era um escravizador de mentes e seu processo de escravidão podia ser entendido com extrema simplicidade: transferia conhecimentos técnicos para os outros sem que esse conhecimento fosse acompanhado por uma transferência de valores.

“Eu devia ter suspeitado dele antes”, pensou ela. “Os indícios estavam todos aqui.”

Então, com um aperto ácido no estômago, ela lembrou: “Ele matou meu irmão!”

Procurou manter-se calma. Palimbasha também a mataria se ela tentasse passar por ele naquela entrada oculta. Agora, podia entender a exibição de luz, tão pouco característica dos Fremen, essa revelação aberta da entrada escondida. Eles estavam observando àquela luz para ver se alguma de suas vítimas escapara. Devia ser um terrível tempo de espera para eles, sem terem certeza. Vendo o transmissor, Ghanima pôde explicar os movimentos da mão: Palimbasha estava apertando o botão do transmissor frequentemente, num gesto furioso.

A presença desse par revelava muito a Ghanima. Era provável que cada entrada do sietch tivesse um observador semelhante em seu interior.

Passou a mão no nariz, onde a poeira causava coceira. A perna ferida

ainda pulsava e o braço da faca doía, quando não ardia. Os dedos permaneciam entorpecidos. Se tivesse de usar uma faca, teria de ser com a mão esquerda.

Pensou em usar a pistola maula, mas seu ruído característico atrairia atenções indesejadas.

Algum outro modo teria de ser encontrado.

Palimbasha virou-se na entrada uma vez mais. Era uma figura escura delineada contra a luz. A mulher voltou sua atenção para a noite exterior enquanto falava. Havia uma vigilância treinada nos modos dela, uma impressão de que ela sabia como olhar nas sombras usando o canto dos olhos. Então, era mais que um instrumento útil. Era parte da grande conspiração.

Ghanima relembrava agora que Palimbasha aspirava a ser um Kaymakam, um governador sob a Regência. Devia fazer parte de um plano bem maior, isso era claro, e haveria muitos outros como ele, mesmo ali, em Tabr. Ghanima examinou os contornos do problema assim exposto, sondando seu interior. Se pudesse pegar um desses guardiães vivo, muitos outros seriam apanhados.

O ruído de um pequeno animal bebendo no qanat atrás dela captou a consciência de Ghanima.

Sons naturais e coisas naturais. Sua memória sondou através de uma estranha barreira silenciosa em sua mente e encontrou uma sacerdotisa de Jowf capturada na Assíria por Senanqueribe. A memória daquela sacerdotisa revelou a Ghanima o que deveria ser feito. Palimbasha e sua mulher eram apenas crianças teimosas e perigosas. Não sabiam de nada a respeito de Jowf e nem mesmo conheciam o nome do planeta onde Senanqueribe e a sacerdotisa haviam desaparecido na poeira. Aquilo que estava a ponto de acontecer ao par de conspiradores, se lhes fosse explicado, só o poderia ser em termos de início nesse lugar.

E término nele.

Rolando de lado, Ghanima soltou seu estojo Fremen e tirou o snorkel[4] de areia de seus prendedores. Desencapou o snorkel e removeu o longo filtro de seu interior. Agora, possuía um simples tubo aberto. Selecionou uma agulha no estojo de consertos, desembainhou a faca cristalina e inseriu a agulha no oco envenenado da ponta da faca , o local onde um dia se encaixara o nervo de um verme da areia. Seu braço ferido tornava o trabalho difícil. Movimentou-se com cuidado, lentamente, em especial ao manusear a agulha envenenada, enquanto retirava um pacote de fibra de especiaria de sua câmara no estojo. A agulha encaixou-se bem na fibra, formando um míssil que entrou apertado no tubo do snorkel de areia.

Segurando a arma horizontalmente, Ghanima arrastou-se para mais perto da luz, movendo-se com lentidão para causar o mínimo de perturbação na alfafa.

Enquanto se movia, observava os insetos em tomo da luz. Sim, havia mosquitos naquela nuvem tremulante que eram notórios apreciadores de sangue humano. O dardo envenenado poderia passar despercebido, arrancado como se fosse um mosquito mordendo. Só restava uma decisão: qual dos dois pegar — o homem ou a mulher?

"Muriz." O nome surgiu espontaneamente em sua mente. Esse era o nome da mulher.

Lembrou-se de coisas que diziam a respeito dela. Era uma daquelas que rodeavam Palimbasha como os insetos em volta da luz. Era uma fraca, facilmente dominada.

Muito bem. Palimbasha havia escolhido a companheira errada para essa noite.

Ghanima levou o tubo à boca, com a memória da sacerdotisa de Jowf bem clara em sua consciência, visou cuidadosamente e expeliu seu fôlego num forte sopro.

Palimbasha bateu com a mão no rosto, retirando-a com um ponto de sangue. A agulha desaparecera, arrancada pelo movimento da própria mão.

A mulher disse alguma coisa reconfortante e Palimbasha riu. Enquanto ria, suas pernas começaram a ceder. Caiu de encontro à mulher, que tentou segurá-lo. Ela ainda oscilava, tentando suportar o peso morto, quando Ghanima chegou ao seu lado e pressionou a ponta da faca cristalina, desembainhada, em sua cintura, dizendo de modo calmo:

— Não faça movimentos súbitos, Muriz. Minha faca está envenenada. Pode largar Palimbasha, agora. Ele está morto.

30

Em todas as grandes forças socializantes, você encontrara um movimento subjacente para a obtenção e manutenção do poder através do uso de palavras. Do feiticeiro ao sacerdote, deste ao burocrata, tudo permanece igual.

Uma população governada deve ser condicionada à aceitação de palavras de força como coisas reais, confundindo o sistema simbólico com o universo tangível. Na manutenção de tal estrutura de poder, certos símbolos são mantidos fora da compreensão geral — símbolos tais como os que lidam com a manipulação econômica ou os que definem a interpretação local do que seja saúde mental. Uma simbologia secreta, dessa forma, leva ao desenvolvimento de sublinguagens fragmentadas, cada uma sendo um indício de que aqueles que a usam estão acumulando poder de alguma forma. Com essa visão do processo de poder, nossas Forças de Segurança Imperiais devem estar sempre alertas quanto à formação de sublinguagens.

— Palestra da Princesa Irulan
na Escola de Guerra Arrakeen

— Talvez seja desnecessário avisar-lhes — disse Farad’n. — Mas, para evitar quaisquer erros, digo que um mudo foi posicionado com ordens para matar os dois se eu mostrar algum indício de estar sucumbindo à feitiçaria.

Ele não esperava ver algum efeito produzido por essas palavras. Ambos, Lady Jessica e Duncan Idaho, corresponderam às suas expectativas.

Farad’n escolhera com cuidado o local para esse primeiro exame do par, o velho Salão de Audiências de Shaddam. O que ele tinha de pequeno era compensado em equipamentos e mobília exótica. Lá fora era uma tarde de inverno, mas nessa sala sem janelas a iluminação simulava um eterno dia de verão, banhado à luz dourada de globos luminosos feitos com o mais puro cristal ixiano e dispostos com um toque de arte.

As notícias de Arrakis enchiam Farad’n de tranquilo júbilo. Leto, o gêmeo do sexo masculino, fora morto, morto por um tigre assassino. Ghanima, a irmã sobrevivente, encontrava-se sob custódia da tia e era considerada refém. Um relatório completo esforçava-se por explicar a presença de Idaho e Lady Jessica:

santuário era o que eles buscavam. Espiões de Corrino relatavam uma instável trégua em Arrakis. Alia havia concordado em se submeter a um teste chamado “Julgamento de Possessão”, cujo propósito não fora plenamente explicado. Entretanto, nenhuma data fora marcada para esse teste e dois espiões de Corrino acreditavam que ele talvez nunca se realizasse. Uma coisa era certa, porém: tinha havido luta entre os Fremen do deserto e os Fremen Militares Imperiais, uma guerra civil malograda que levara o Governo a uma paralisação temporária. Os domínios de Stilgar eram agora campo neutro, estabelecido após uma troca de reféns, e Ghanima evidentemente fora considerada uma dessas reféns, embora o resultado das negociações permanecesse pouco claro.

Jessica e Idaho haviam sido trazidos a essa audiência seguramente amarrados em cadeiras suspensoras. Ambos eram contidos pelos fios finos e mortais do arame shiga, que cortaria a carne à menor resistência. Dois soldados Sardaukar os haviam trazido, verificado se estavam bem amarrados e partido.

O aviso fora realmente desnecessário. Jessica tinha visto o mudo armado diante de uma parede à sua direita, tendo à mão uma velha mas eficiente arma de projéteis. Ela permitiu que seu olhar vagueasse pelas incrustações exóticas da sala. Folhas largas de um raro arbusto ferroso tinham sido decoradas com pérolas-olhos e interlaçadas para formarem o crescente central de um teto abobadado.

O piso embaixo deles era formado por blocos alternados de madeira-diamante e concha kabuzu, arranjados dentro de molduras retangulares de osso passaquet. Estes haviam sido colocados sobre suas extremidades, cortados com laser e polidos. Materiais duros selecionados decoravam as paredes com desenhos trançados que delineavam as quatro posições do símbolo do Leão reivindicado pelos descendentes do falecido Shaddam IV. Os leões eram executados em ouro.

Farad’n decidira receber os prisioneiros de pé. Usava um uniforme composto de calção e blusão dourado, de seda elfo, aberto no pescoço. A única condecoração era o asterisco principesco da sua família real, usado no lado esquerdo do peito. Era acompanhado pelo Bashar Tyekanik, usando traje Sardaukar cor de bronze e botas espessas, mais uma trabalhada arma laser colocada num coldre frontal preso ao fecho do cinto. Tyekanik, cujo semblante carregado era conhecido de Jessica através dos relatórios da Bene Gesserit, ficou três passos à esquerda e um pouco atrás de Farad’n. Um único trono de madeira negra fora colocado diante da parede mais próxima, diretamente atrás dos dois.

— Agora — disse Farad’n, falando com Jessica —, tem alguma coisa a dizer?

— Eu perguntaria por que estamos amarrados assim? — disse Jessica

indicando o shigafio.

— Apenas acabamos de receber relatórios de Arrakis capazes de explicar sua presença aqui.

Talvez eu os liberte dentro em pouco. — Ele sorriu: — Se vocês... — Interrompeu enquanto sua mãe entrava pelas grandes portas atrás dos cativos.

Wensicia passou apressada por Jessica e Idaho, sem olhar para os dois, mostrou um pequeno cubo-mensagem para Farad'n e o ativou. Ele estudou a face brilhante, olhando para Jessica ocasionalmente e então de volta para o cubo. A face luminosa ficou escura e ele devolveu o cubo à mãe, indicando que ela deveria mostrá-lo a Tyekanik. Enquanto ela fazia isso , ele olhava carrancudo para Jessica.

Daí a pouco, Wensicia colocou-se à direita de Farad'n, o cubo escuro na mão direita, parcialmente oculto numa dobra de seu vestido branco.

Jessica olhou para Idaho à sua direita, mas ele se recusava a encará-la.

— As Bene Gesserits estão aborrecidas comigo — disse Farad'n. — Acreditam que sou responsável pela morte de seu neto.

Jessica manteve o rosto sem demonstrar emoção , pensando: "Então, a história de Ghanima deve ser aceita, a menos que..." Não gostava de suas suspeitas.

Idaho fechou os olhos, abrindo-os a fim de olhar para Jessica. Ela continuava a fitar Farad'n.

Idaho lhe havia contado a respeito de sua visão Rhajia, mas ela não parecera preocupar-se. Ele não sabia como catalogar a ausência de emoções que ela demonstrava. Ela sabia de alguma coisa, obviamente, algo que não revelava.

— Esta é a situação — disse Farad'n, e passou a explicar tudo que aprendera sobre os acontecimentos em Arrakis, sem omitir nada. E concluiu: — Sua neta vive, mas se encontra sob custódia de Lady Alia. Isso deve deixá-la satisfeita.

— Você matou meu neto? — perguntou Jessica. Farad'n respondeu com sinceridade:

— Eu não. Mas recentemente soube de uma trama que não foi elaborada por mim.

Jessica olhou para Wensicia, notando a expressão de regozijo naquele rosto em forma de coração, e pensou: "Ela o fez! A leoa conspira pelo filhote." Esse era um jogo no qual a leoa podia viver para se arrepender.

Voltando sua atenção a Farad'n, Jessica comentou:

— Mas a Irmandade acredita que você o matou. Farad'n olhou para a mãe.

— Mostre a ela.

Como Wensicia hesitasse, ele falou com um toque de fúria que Jessica

anotou para uso futuro:

— Eu disse para mostrar-lhe!

Com o rosto pálido, Wensicia apresentou a face do cubo com a mensagem, ativando-a. Palavras fluíram sobre a face, respondendo aos movimentos oculares de Jessica: “Conselho Bene Gesserit em Wallach IX apresenta protesto formal contra a Casa Corrino pelo assassinato de Leto Atreides II. Debate e apresentação de evidências são confiados à Comissão de Segurança Interna da Landsraad. Um campo neutro será escolhido e os nomes dos juízes serão submetidos à aprovação de todas as partes. Resposta imediata exigida. Sabit Rekush pela Landsraad.”

Wensicia retornou para o lado de seu filho.

— Como pretende responder? — perguntou Jessica.

Wensicia disse:

— Desde que meu filho ainda não foi formalmente investido como soberano da Casa Corrino, eu irei... Aonde vai? — A última pergunta fora dirigida a Farad’n que, enquanto ela falava, caminhara em direção à porta lateral, perto do vigia mudo.

Farad’n parou, virando-se apenas parcialmente.

— Estou voltando para os meus livros e as outras atividades pelas quais tenho muito mais interesse.

— Como se atreve!? — exclamou Wensicia. Um rubor escuro propagou-se-lhe do pescoço até as faces.

— Eu me atreverei a fazer umas poucas coisas em meu próprio nome — disse Farad’n. — A senhora tomou decisões em meu nome, decisões que eu considerei extremamente desagradáveis. Ou eu tomo minhas próprias decisões de agora em diante ou então pode procurar outro herdeiro para a Casa Corrino!

Jessica olhou rapidamente para cada um dos participantes desse confronto, percebendo a verdadeira raiva de Farad’n. O Auxiliar Bashar permanecia rígido em atenção, tentando aparentar que não ouvira nada. Wensicia hesitava , à beira de um ataque de fúria. Farad’n parecia perfeitamente disposto a aceitar qualquer resultado desse dado que jogara. Jessica admirou-lhe a postura, vendo muitas coisas nesse confronto que poderiam ser-lhe de valor. Parecia que a decisão de mandar tigres assassinos contra seus netos fora tomada sem o conhecimento de Farad’n. Havia poucas dúvidas quanto à sua sinceridade quando dizia que souber a da trama depois de iniciada. Nenhuma dúvida restava quanto à raiva sincera em seus olhos, enquanto ele permanecia ali, pronto a aceitar qualquer decisão.

Wensicia respirou fundo, de modo estremecido, depois disse:

— Muito bem, a posse formal terá lugar amanhã . Você pode agir antecipadamente a partir de agora. — Olhou para Tyekanik, que se recusou a

encará-la.

“Uma vez que mãe e filho saiam daqui, vai haver uma discussão aos gritos”, pensou Jessica.

“Mas acredito que ele venceu.” Permitiu que seus pensamentos se voltassem para a mensagem da Landsraad. A Irmandade julgara suas mensageiras com uma habilidade que dava crédito ao planejamento Bene Gesserit. Escondida na notícia formal de protesto, havia uma mensagem para os olhos de Jessica. A mensagem em si indicava que as espias da Irmandade conheciam a situação de Jessica e haviam avaliado Farad’n com soberba perspicácia, ao supor que ele iria mostrá-la à prisioneira.

— Gostaria de uma resposta à minha pergunta — disse Jessica, falando com Farad’n, enquanto ele se voltava para ela.

— Direi à Landsraad que nada tive a ver com esse assassinato

— respondeu Farad’n. — E acrescentarei que compartilho o desgosto da Irmandade pela maneira como foi feito, embora não possa ficar inteiramente insatisfeito com seus resultados. Minhas desculpas pelas tristezas que isso possa ter causado a vocês. A sorte passa em toda parte.

“A sorte passa em toda parte”, pensou Jessica. Esse fora um ditado favorito do seu Duque, e havia algo nos modos de Farad’n que revelavam que ele já sabia disso. Obrigou-se a ignorar a possibilidade de que ele houvesse realmente assassinado Leto. Tinha de presumir que os temores de Ghanima quanto a Leto tivessem motivado uma completa revelação do plano dos gêmeos. Os contrabandistas colocariam Gurney em posição de encontrar Leto, nesse caso, e os desejos da Irmandade seriam realizados. Leto teria de ser testado. Teria de ser. Sem o teste, estava condenado, como Alia o estava. E Ghanima... bem, isso podia ser encarado mais tarde. Não havia meio de enviar os pré-nascidos diante de uma Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam. Jessica respirou fundo.

— Cedo ou tarde — ela disse —, vai ocorrer a alguém que você e minha neta poderiam unir nossas duas Casas e curar velhas feridas.

— Isso já me foi mencionado como possibilidade — disse Farad’n, olhando rapidamente para a mãe. — Minha resposta foi que preferia esperar o resultado dos recentes acontecimentos em Arrakis. Não há necessidade de uma decisão apressada.

— E há sempre a possibilidade de você já ter sido jogado nas mãos de minha filha — disse Jessica.

Farad’n empertigou-se.

— Explique-se!

— As coisas em Arrakis não são aquilo que lhe podem parecer — revelou

Jessica. — Minha filha joga seu próprio jogo, o jogo da Abominação. Minha neta encontra-se em perigo, a menos que Alia descubra um meio de usá-la.

— Espera que eu acredite que você e sua filha se opõem uma à outra? Que Atreides combate Atreides?

Jessica olhou para Wensicia e de volta para Farad'n.

— Corrino combate Corrino.

Um sorriso maroto surgiu nos lábios de Farad'n.

— Bem dito. Como eu teria sido colocado nas mãos de sua filha?

— Ao se tornar implicado na morte de meu neto, ao me raptar.

— Raptar?

— Não confie nessa bruxa — advertiu Wensicia.

— Eu escolherei em quem confiar, mãe — respondeu Farad'n. — Perdoe-me, Lady Jessica, mas não entendo essa questão de rapto. Entendi que a senhora e seu fiel partidário...

— Que é marido de Alia... — disse Jessica.

Farad'n voltou um olhar avaliador para Idaho, depois olhou para o Bashar.

— Que você acha, Tyek?

O Bashar aparentemente estava tendo pensamentos similares aos de Jessica. Ele disse:

— Gosto do raciocínio dela. Cuidado!

— Ele é um mentat-ghola — comentou Farad'n. — Poderíamos testá-lo até a morte e não encontrar a resposta certa.

— Mas é seguro trabalhar na suposição de que possamos ter sido enganados — disse Tyek.

Jessica percebeu que chegara o momento de executar seu movimento nesse jogo. Se a mágoa de Idaho pudesse mantê-lo no papel que escolhera... Não gostava de usá-lo desse modo, mas havia prioridades maiores.

— Para começar — ela disse —, eu poderia anunciar publicamente que vim até aqui por minha própria escolha.

— Interessante — comentou Farad'n.

— Você teria de confiar em mime conceder-me plena liberdade em Salusa Secundus. Não poderia haver aparência de eu ter falado sob coação.

— Não! — protestou Wensicia. Farad'n a ignorou.

— Que motivo iria dar?

— Que sou a plenipotenciária da Irmandade enviada aqui para se encarregar de sua educação.

— Mas a Irmandade acusa...

— Isso exigiria uma ação decisiva de sua parte — explicou Jessica.

— Não confie nela — alertou Wensicia.

Com extrema polidez, Farad’n olhou para a mãe e disse:

— Se me interromper uma vez mais, farei com que Tyek a retire daqui. Ele ouviu seu consentimento para minha posse formal. Isso volta sua lealdade para mim agora.

— Ela é uma bruxa, eu lhe digo! — E Wensicia olhou para o mudo junto da parede.

Farad’n hesitou e então perguntou:

— Tyek, o que você acha? Terei sido enfeitiçado?

— Não em minha opinião. Ela...

— Os dois foram enfeitiçados!

— Mãe! — O tom de voz dele era calmo e decisivo. Wensicia comprimiu as mãos, tentou falar, depois se virou e saiu apressadamente da sala.

Dirigindo-se mais uma vez a Jessica, Farad’n perguntou:

— E as Bene Gesserits consentiriam nisso?

— Sim.

Farad’n absorveu as implicações de tudo e sorriu amarelo.

— Qual é o lucro da Irmandade em tudo isso?

— Seu casamento com minha neta.

Idaho lançou um olhar indagador para Jessica, parecendo que ia dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio. Jessica perguntou:

— Ia dizer alguma coisa, Duncan?

— Eu ia dizer que as Bene Gesserits querem o que sempre desejaram: um universo que não interfira com elas.

— Conclusão óbvia — comentou Farad’n. — Não consigo perceber por que declarou isso.

As sobrancelhas de Idaho se ergueram, fazendo o gesto que seus ombros não podiam, tolhidos pelo shigafio. Ele sorriu de modo desconcertante.

Farad’n, notando o sorriso, voltou-se para confrontar Idaho.

— Eu o divirto?

— Toda esta situação me diverte. Alguém de sua família comprometeu a Corporação Espacial ao usá-la para transportar para Arrakis instrumentos destinados ao assassinato, instrumentos cujo propósito não poderia ter sido oculto. Vocês ofenderam a Bene Gesserit ao matar um ser humano do sexo masculino que elas queriam para seu programa de pró...

— Está me chamando de mentiroso, ghola?

— Não, acredito que não sabia a respeito da trama. Mas pensei que a situação devia ser definida.

— Não se esqueça de que ele é um mentat — advertiu Jessica.

— Estava pensando nisso — respondeu Farad’n. Uma vez mais, encarou

Jessica. — Digamos que eu a liberte e faça sua declaração. Isso ainda deixaria de fora a questão da morte de seu neto. O mentat está certo.

— Foi sua mãe? — perguntou Jessica.

— Meu Senhor! — advertiu Tyekanik.

— Tudo bem, Tyek — acenou Farad'n. — E se eu disser que foi minha mãe?

Arriscando tudo ao testar essa divisão interna entre os Corrino, Jessica disse:

— Deve denunciá-la e bani-la.

— Meu Senhor — disse Tyekanik —, pode haver truques dentro de truques nisso tudo.

Idaho disse:

— E Lady Jessica e eu somos aqueles que serão enganados. Os músculos do queixo de Farad'n se contraíram.

Jessica pensou: "Não interfira, Duncan! Agora não!" Mas as palavras de Idaho haviam colocado em ação suas próprias capacidades de Bene Gesserit. Ele a chocara. Começou a se indagar se haveria a possibilidade de que estivesse sendo usada de um modo que não pudesse compreender. Ghanima e Leto... Os pré-nascidos poderiam recorrer a incontáveis experiências, um repositório de conselhos muito mais extenso do que qualquer Bene Gesserit viva poderia usar. E havia outra pergunta. Sua própria Irmandade teria sido inteiramente sincera com ela? Elas ainda podiam desconfiar. Afinal, ela as havia traído uma vez... com seu Duque.

Farad'n olhou para Idaho com uma expressão intrigada.

— Mentat, preciso saber o que representa esse Pregador para você.

— Ele arranjou a passagem até aqui... Não trocamos 10 palavras. Outros agiram por ele. Ele poderia ser... Ele poderia ser Paul Atreides, mas não tenho informação suficiente para ter certeza.

Tudo que sei com certeza é que era hora de partir e ele possuía os meios de transporte.

— Você falou em ser enganado — lembrou-lhe Farad'n.

— Alia espera que você nos mate silenciosamente e oculte todas as evidências. Após livrá-la de Lady Jessica, não lhe sou mais útil. E Lady Jessica, tendo servido aos propósitos de sua Irmandade, não lhe é mais útil. Alia vai chamar as Bene Gesserits para prestar contas, mas elas vão vencer.

Jessica fechou os olhos em concentração. Ele estava certo! Podia ouvir a firmeza mentat em sua voz, aquela profunda sinceridade em seu pronunciamento. O padrão caiu em seu lugar sem um tinido.

Ela respirou fundo duas vezes e ativou o transe mnemônico, passando os

dados por sua mente. Saiu do transe e abriu os olhos. Tudo acontecera enquanto Farad'n caminhava de sua posição diante dela para ficar a meio passo de Idaho. Uma distância de não mais que três passos.

— Não diga mais nada, Duncan — disse Jessica , lembrando-se tristemente de como Leto a avisara do condicionamento Bene Gesserit.

Idaho, a ponto de falar, fechou a boca.

— Eu dou as ordens aqui — disse Farad'n. — Continue, mentat. Idaho permaneceu em silêncio.

Farad'n virou-se para observar Jessica.

Ela olhava para um ponto distante na parede, revendo o que Idaho e o transe haviam montado: as Bene Gesserits não abandonaram a linhagem Atreides, era claro. Mas elas queriam o controle de um Kwisatz Haderach e haviam investido demasiado num longo programa de procriação selecionada.

Desejavam um choque aberto entre os Atreides e os Corrino, situação em que poderiam entrar como juízes. E Duncan estava certo. Elas sairiam com o controle de ambos, Ghanima e Farad'n. Era o único compromisso possível. Era de admirar que Alia não tivesse percebido isso. Jessica engoliu, sentindo um aperto na garganta. Alia... a Abominação! Ghanima tinha razão em ter pena dela. Mas quem restaria para ter pena de Ghanima?

— A Irmandade prometeu colocar você no trono, com Ghanima como sua mulher — disse Jessica.

Farad'n deu um passo para trás. A bruxa seria capaz de ler as mentes?

— Elas trabalharam em segredo e não através de sua mãe — continuou Jessica. — Contaram-lhe que eu não estava a par do plano delas.

Jessica percebeu a compreensão no rosto de Farad'n. Quão acessível ele era. Mas era verdade, a coisa toda. Idaho tinha demonstrado uma capacidade de mestre como mentat ao enxergar através da trama com os dados limitados de que dispunha.

— Assim, elas fizeram jogo duplo com a senhora — comentou Farad'n.

— Elas não me disseram nada a respeito disso. Duncan está certo. Me enganaram. — Ela assentiu para si mesma.

Fora uma clássica ação retardada no padrão tradicional da Irmandade. Uma história razoável, facilmente aceita por se enquadrar naquilo que se poderia imaginar como sendo os motivos delas. Mas elas queriam Jessica fora do caminho. Uma irmã imperfeita que já fracassara diante delas uma vez.

Tyekanik ficou ao lado de Farad'n.

— Meu Senhor, esses dois são perigosos demais para...

— Espere um pouco, Tyek. Existem engrenagens dentro de engrenagens aqui. — Ele encarou Jessica. — Temos razões para acreditar que Alia pode

oferecer-se como minha noiva.

Idaho teve uni sobressalto involuntário, mas se controlou. O sangue começou a gotejar de seu pulso esquerdo, cortado pelo shigafio.

Jessica permitiu-se uma pequena resposta, um arregalar dos olhos. Ela, que conhecera o Leto original como amante, pai de seus filhos, confidente e amigo, via seus traços de frio raciocínio filtrando-se agora através da perversidade de uma Abominação.

— E vai aceitar? — perguntou Idaho.

— Está sendo considerado.

— Duncan, eu lhe disse para ficar quieto — disse Jessica, e falou com Farad'n: — O preço dela eram duas mortes inconsequentes. Nós dois.

— Nós suspeitamos de traição — disse Farad'n. — Não foi o seu filho que disse que "traição gera traição"?

— A Irmandade quer controlar ambas as Casas. Atreides e Corrino. Não é óbvio?

— Estamos considerando agora a idéia de aceitar sua oferta, Lady Jessica. Mas Duncan Idaho teria de ser mandado de volta para sua amorosa esposa.

"A dor é uma função dos nervos", lembrou-se Idaho. "A dor vem como a luz chega aos olhos.

A força vem dos músculos, não dos nervos." Era um antigo exercício mentat, e ele o completou no espaço de uma respiração, flexionou o pulso direito e cortou uma artéria no shigafio.

Tyekanik saltou para a cadeira, acionando seu fecho para soltar as ligaduras e gritando por ajuda médica. Foi revelador que assistentes enxameassem pela sala, vindos de portas ocultas pelos painéis da parede.

"Houve sempre um bocado de insensatez em Duncan", pensou Jessica.

Farad'n observou Jessica por um momento, enquanto os médicos tratavam de Idaho.

— Eu não disse que ia aceitar sua Alia.

— Não foi por isso que ele cortou o pulso.

— Oh? Pensei que ele estivesse simplesmente se matando.

— Você não é tão estúpido. Pare de fingir comigo — disse Jessica.

Ele sorriu.

— Eu estou bem ciente de que Alia me destruiria. Nem mesmo a Bene Gesserit pode esperar que eu a aceite.

Jessica lançou um olhar avaliador para Farad'n. Quem era esse jovem rebento da Casa Corrino?

Ele não era bom em bancar o tolo. Novamente, lembrou-se das palavras de Leto de que ela encontraria um aluno interessante. E o Pregador também

desejava que isso acontecesse, assim dissera Idaho.

Desejou ter podido encontrar esse Pregador.

— Vai banir Wensicia?

— Parece uma troca razoável — respondeu ele.

Jessica olhou para Idaho. Os médicos haviam terminado, e amarras menos perigosas o mantinham na cadeira flutuadora.

— Os mentais deviam acautelar-se com absolutos — ela disse.

— Eu estou cansado — respondeu Idaho. — Não faz idéia de como estou cansado.

— Quando é super-explorada, até mesmo a lealdade acaba se gastando — disse Farad'n.

Novamente Jessica lhe dirigiu aquele olhar avaliador.

Percebendo-o, Farad'n pensou: "Em algum tempo, ela me conhecerá com certeza, e isso poderá ser valioso. Minha própria Bene Gesserit renegada! Essa é uma coisa que o filho dela teve e que eu não tenho. Deixe que ela tenha apenas um vislumbre de mim agora. Poderá ver o resto depois."

— Uma troca razoável — repetiu Farad'n. — Aceito a oferta em seus termos. — Sinalizou para o mudo diante da parede com um complexo tremular dos dedos. O mudo acenou. Farad'n curvou-se para os controles da cadeira e soltou Jessica.

Tyekanik indagou:

— Tem certeza, Meu Senhor?

— Não foi o que discutimos?

— Sim, mas...

Farad'n riu subitamente, dirigindo-se a Jessica:

— Tyek suspeita de minhas fontes. Mas com livros e fitas só se aprende que certas coisas podem ser feitas. O verdadeiro aprendizado exige que a pessoa faça essas coisas.

Jessica meditou a respeito disso enquanto se levantava da cadeira. Sua mente retornou aos sinais que Farad'n fizera com as mãos. El e tinha uma linguagem de batalha ao estilo Atreides! Isso revelava uma análise cuidadosa. Alguém ali estava conscientemente copiando os Atreides.

— É claro — respondeu Jessica. — Você quer que eu lhe ensine do modo como as Bene Gesserits são ensinadas.

Farad'n sorriu para ela.

— Uma oferta a que não posso resistir — ele disse.

31

A senha me foi dada por um homem que morreu nas masmorras de Arrakeen. Como vê, foi onde consegui este anel em forma de tartaruga. Estava no suk fora da cidade, onde tinha sido escondido pelos rebeldes. A senha? Oh, ela já foi mudada muitas vezes desde então. Era "Persistência". E a contra-senha era "Tartaruga". Foi o que me tirou de lá vivo. Foi por isso que comprei este anel: uma lembrança.

— Tagir Mohandis: Conversas com um Amigo

Leto estava bem longe na areia quando ouviu o verme atrás dele, dirigindo-se ao batedor que ele deixara e ao pó de especiaria que espalhara em torno dos tigres mortos. Esse era um bom presságio para o começo de seu plano: os vermes eram muito escassos nessas regiões durante a maioria das estações. Não era essencial, mas ajudava. Não haveria necessidade de Ghanima explicar a falta de um corpo.

A essa altura, ele já sabia que. Ghanima devia ter se condicionado à crença de que ele estava morto. Somente uma minúscula e isolada cápsula de consciência permaneceria nela, uma memória bloqueada que poderia ser reativada por palavras pronunciadas num idioma antiquíssimo, compartilhado apenas por eles dois em todo esse universo. "Secher Nbiw." Se ela ouvisse estas palavras:

"Caminho Dourado"... somente aí se lembraria dele. Até então estaria morto.

Agora Leto sentia-se completamente só.

Caminhava num passo descontínuo que produzia apenas os sons naturais ao deserto. Nada em sua passagem revelaria ao verme lá atrás que havia carne humana se mexendo por ali. Era um modo de caminhar tão profundamente condicionado que Leto nem precisava pensar a respeito. Os pés se moviam por si mesmos, nenhum ritmo mensurável em seus passos. Qualquer som que pudessem fazer seria atribuído ao vento, à gravidade. Nenhum ser humano passara por ali.

Quando o verme terminou seu trabalho, lá atrás, Leto agachou-se atrás da

face escorregadia de uma duna e olhou na direção do Criado. Sim, já estava bem longe. Plantou um batedor e chamou seu transporte. O verme veio rapidamente, quase sem lhe dar tempo para se posicionar antes de engolfar o batedor. Enquanto ele passava, Leto subiu em seu dorso com os ganchos de Produtor, abrindo a sensível borda anterior do anel e fazendo a fera irracional voltar-se na direção sudeste. Era um verme pequeno, mas forte. Leto podia sentir-lhe a força em seu ondular, enquanto ele assoviava através das dunas. Havia uma brisa vinda de trás e ele sentia o calor da passagem do verme, a fricção que a criatura convertia no princípio da especiaria dentro de si mesma.

Enquanto o verme se movia, a mente de Leto também se movia. Stilgar o conduzira em seu primeiro passeio de verme. Leto só precisava deixar a memória fluir para ouvir a voz de Stilgar: calma, precisa, cheia da polidez de uma outra era. Não era para Stilgar o titubear ameaçador de um Fremen embriagado pela aguardente de especiaria. Não eram para Stilgar a voz alta e as fanfarronices desses novos tempos. Não, Stilgar tinha seus deveres. Era um instrutor da realeza:

— Nos velhos tempos, os pássaros eram conheci dos pelo seu canto. E cada vento tinha o seu nome. O vento de seis diques era chamado de Pastaza, o vento de 20 cliques era o Cueshma e o de 100 cliques, o Heinali-Heinali, o arrastador de homens. E havia também o vento do demônio no deserto aberto: o Hula-sikali Wala, o vento que come a carne.

E Leto, que já conhecia essas coisas, acenava de gratidão ante a sabedoria da instrução recebida.

Mas a voz de Stilgar carregava-se de muitas coisas valiosas.

— Nos tempos mais antigos, havia certas tribos cujos membros eram conhecidos como caçadores de água. Eles se chamavam Iduali, que significa “insetos da água”, pois não hesitavam em roubar a água de outros Fremen. Se eles o apanhassem sozinho no deserto, não lhe deixariam nem mesmo a água da carne. E havia esse lugar onde eles viviam: o Sietch Jacurutu. Foi onde as outras tribos se reuniram para exterminar os Iduali. Isso foi muito tempo atrás, antes mesmo de Kynes. Nos dias do avô de meu bisavô. E, daqueles dias até hoje, nenhum Fremen foi a Jacurutu. É tabu.

Assim Leto fora lembrado de conhecimentos que já se encontravam em sua memória. Fora uma lição muito importante a respeito do funcionamento da memória. Uma memória não era o bastante, mesmo para alguém cujo passado fosse tão multiforme quanto o dele, a menos que seu uso fosse conhecido e seu valor revelado para julgamento. Jacurutu devia ter água, uma armadilha de vento, todos os atributos de um sietch Fremen, mais o valor incomparável de que nenhum Fremen se aventuraria por lá. Muitos dos jovens nem mesmo saberiam

que existira um lugar como Jacurutu. Oh, eles saberiam a respeito de Fondak, é claro, mas esse era um refúgio de contrabandistas.

Era o lugar perfeito para os mortos se esconderem. Entre os contrabandistas e os mortos de uma outra época.

"Obrigado, Stilgar."

O verme cansou-se antes da aurora. Leto escorregou de seu dorso e observou a criatura enterrar-se nas dunas, movendo-se lentamente, segundo seu padrão familiar. Ele mergulharia bem para o fundo e ficaria amuado.

— Devo descansar durante o dia — pensou ele.

Ficou no topo de uma duna e observou à sua volta. Vazio, vazio e vazio. Apenas a trilha ondulante do verme que desaparecera quebrava esse padrão.

O lento grito de um pássaro noturno desafiou a primeira banda de luz verde ao longo do horizonte leste. Leto escavou um abrigo na areia, inflando uma tenda destiladora em torno de seu corpo enterrado e enviando a ponta de um snorkel de areia para buscar o ar.

Por longo tempo, antes que o sono viesse, Leto ficou quieto na escuridão forçada, pensando a respeito da decisão que ele e Ghanima haviam tomado. Não fora uma decisão fácil, principalmente para Ghanima. Ele não lhe contara toda a sua visão, nem todo o raciocínio que dela derivara. Era uma visão, não um sonho, agora em seu pensamento. Mas a peculiaridade dessa coisa era que ele a via como a visão de uma visão. E se existia algum argumento para convencê-lo de que seu pai ainda era vivo, este se encontrava nessa; visão-visão.

"A vida do profeta prende-se à sua visão", pensou Leto. "E um profeta :só pode separar-se da visão criando sua morte em divergência com essa vi são." Assim era como apareceria na dupla visão de Leto, e ele ponderava a respeito disso, na medida em que se relacionava com a escolha que havia feito.

"Pobre João Batista", pensou. "Se ao menos tivesse tido a coragem de morrer de algum outro modo...

Mas talvez sua escolha tivesse sido a mais corajosa de todas. Como saberei que alternativas havia para ele? Só conheço as alternativas que se colocaram para o meu pai."

Leto suspirou. Voltar as costas para o pai era como atraiçoar um deus. Mas o Império Atreides precisava ser sacudido, havia caído no pior da visão de Paul. Com que descuido ele esquecera os homens. Fora feito sem pensar. A mola mestra de um a insanidade religiosa fora enrolada e deixada a tiquetaquear.

"E nós estamos presos à visão de meu pai."

Uma fuga àquela loucura encontrava-se ao longo do Caminho Dourado, Leto bem o sabia. Seu pai o tinha visto. Mas a humanidade poderia sair daquele Caminho Dourado e olhar para trás, em direção ao tempo do Muad'Dib, vendo-o

como uma época melhor. A humanidade precisava experimentar a alternativa ao Muad'Dib, contudo, ou nunca entenderia seus próprios mitos.

"Segurança... paz... prosperidade..."

Se lhes fosse dada a opção, havia poucas dúvidas quanto ao que a maioria dos cidadãos desse Império escolheria.

"Embora eles me odeiem", pensou. "Embora Ghanima me odeie."

Sua mão direita coçava, e ele pensou na terrível luva em sua visão-visão. "É como vai ser", pensou. "Sim, é como vai ser."

"Arrakis, dê-me forças", rezou Leto. Seu planeta permanecia forte e vivo abaixo dele e à sua volta. A areia fazia pressão sobre á tenda-destilador a. Duna era um gigante contando suas riquezas acumuladas. Era uma entidade enganadora, ao mesmo tempo bela e grosseiramente feia. A única moeda que seus mercadores conheciam realmente era o pulso de seu próprio poder, não importando como esse poder pudesse ter sido adquirido. Eles possuíam o planeta tal como um homem poderia possuir uma mulher aprisionada, ou do modo como as Bene Gesserits possuíam suas irmãs.

Não era de admirar que Stilgar odiasse os sacerdotes-mercadores.

"Obrigado, Stilgar."

Leto relembrou então a beleza dos velhos modos do sietch, a existência vivida antes da chegada da tecnocracia do Império, e sua mente fluiu como ele sabia que fluíam os sonhos de Stilgar. Antes dos globos luminosos e dos lasers, antes dos ornitópteros e dos tratores de especiaria, houvera outro tipo de vida: com mães de pele bronzeada e bebês nos quadris, lâmpadas que queimavam óleo de especiaria em meio a uma forte fragrância de canela. Naibs que persuadiam seu povo, sabendo que ninguém poderia ser forçado a coisa alguma. Fora um enxamear de vida em buracos feitos nas rochas.

"Uma luva terrível vai restaurar o equilíbrio", pensou Leto.

E daí a pouco dormiu.

32

Eu vi o seu sangue e um pedaço do manto que fora rasgado por garras afiadas. Sua irmã relata vividamente os tigres e a certeza de seu ataque. Nós interrogamos um dos conspiradores e os outros estão mortos ou sob custódia. Tudo aponta para uma trama dos Corrino. Uma Reveladora da Verdade atestou esse testemunho.

— Relatório de Stilgar à Comissão da Landsraad

Farad'n observava Duncan Idaho através do circuito de espionagem, buscando um indício que explicasse o estranho comportamento daquele homem. Passava pouco do meio-dia e Idaho aguardava fora dos aposentos destinados a Lady Jessica, esperando ter uma audiência com ela. Ela iria consentir em vê-lo? Saberia que estavam sendo espionados, é claro. Mas iria concordar em vê-lo?

Farad'n encontrava-se na sala de onde Tyekanik guiara o treinamento dos tigres Laza. Uma sala ilegal, na verdade, cheia como estava de instrumentos proibidos, produzidos pelas mãos dos Tleilaxu e dos ixianos. Com um movimento dos botões à sua direita, Farad'n poderia olhar para Idaho de seis ângulos diferentes, ou passar para o interior da suíte de Lady Jessica, onde os aparelhos de espionagem eram igualmente sofisticados.

Os olhos de Idaho incomodavam Farad'n. Aquelas bolas de metal perfurado que os Tleilaxu haviam fornecido a seu ghola nos tanques de regeneração marcavam seu possuidor como profundamente diferente dos outros seres humanos. Farad'n tocou nas próprias pálpebras, sentindo as superfícies duras das lentes de contato permanentes, que escondiam o azul total do vício da especiaria.

Os olhos de Idaho deviam registrar um universo diferente. Como poderia ser de outro modo? Farad'n quase ficou tentado a procurar os cirurgiões Tleilaxu e obter essa resposta por si mesmo.

"Por que Idaho tentou se matar?"

"Teria sido isso realmente o que ele tentou? Devia saber que não permitiríamos."

"Idaho permanece um perigoso ponto de interrogação."

Tyekanik desejava mantê-lo em Salusa ou matá-lo. Talvez isso fosse melhor.

Farad'n mudou para uma visão frontal. Idaho sentava-se num banco duro ao lado da porta que dava para a suíte de Lady Jessica. Era um vestíbulo sem janelas, com paredes de madeira leve decoradas com flâmulas em lanças. Idaho já se encontrava naquele banco há uma hora, e parecia disposto a esperar para sempre. Farad'n inclinou-se para junto da tela. O leal mestre espadachim dos Atreides, instrutor de Paul Muad'Dib, fora tratado gentilmente durante o tempo que vivera em Arrakis. Ele chegara com uma elasticidade juvenil em seu andar. Uma contínua dieta de especiaria devia tê-lo ajudado, é claro. E aquele maravilhoso equilíbrio metabólico que os tanques dos Tleilaxu sempre conferiam. Será que Idaho realmente se lembrava de seu passado antes dos tanques? Nenhum outro a quem os Tleilaxu houvessem revivido poderia afirmar isso. Que enigma era esse Idaho!

Os relatórios sobre sua morte encontravam-se na biblioteca. O Sardaukar que o abatera relatara sua destreza: 19 dos seus liquidados por Idaho antes que este tombasse. Dezenove Sardaukar! Sua carne bem que valia ser mandada para os tanques de regeneração. Mas os Tleilaxu haviam feito dele um mentat. Que estranha criatura viveria naquela carne regenerada ... Como ele se sentiria sendo um computador humano, em acréscimo a todos os seus outros talentos?

"Por que ele tentou se matar?"

Farad'n conhecia seus próprios talentos e tinha poucas ilusões a respeito deles. Era um historiador-arqueólogo e um juiz de homens. A necessidade o forçara a se tornar um conhecedor daqueles que o serviam — a necessidade e um estudo cuidadoso dos Atreides. Ele via isso como um preço sempre cobrado à aristocracia. Governar exige julgamentos precisos e incisivos por parte daqueles que lidam com o poder. Mais de um governante caiu devido aos erros e excessos de seus subordinados.

Um estudo cuidadoso dos Atreides revelava um talento soberbo na escolha dos servos. Eles sabiam como manter a lealdade, como manter afiado o ardor de seus guerreiros.

Idaho não estava agindo de acordo.

"Por quê?"

Farad'n estreitou as pálpebras, tentando enxergar através da pele daquele homem. Havia um toque de permanência em Idaho, um sentimento de que ele não poderia ser desgastado. Ele dava a impressão de ser fechado, num todo organizado e firmemente integrado. Os tanques dos Tleilaxu haviam colocado em movimento alguma coisa mais que humana, Farad'n o sentia. Havia um movimento auto-renovável naquele homem, como se ele agisse de acordo com

leis imutáveis, recomeçando após cada final. Ele movia-se numa órbita fixa com a persistência de um planeta girando em torno de uma estrela. Ele responderia à pressão sem se quebrar — apenas mudando ligeiramente sua órbita, sem contudo alterar qualquer coisa que fosse básica.

"Por que ele cortou o pulso?"

Qualquer que fosse o motivo, ele o fizera pela Casa Atreides, pela Casa que o governava. Os Atreides eram a estrela de sua órbita.

"De algum modo ele acredita que o fato de eu manter Lady Jessica aqui irá fortalecer os Atreides."

E Farad'n logo lembrou a si mesmo: "Um mentat pensa assim."

Isso dava a tal pensamento uma profundidade extra. Os mentats cometiam enganos, mas não com muita frequência.

Tendo chegado a essa conclusão, Farad'n quase convocou seus auxiliares para que mandassem embora Lady Jessica com Idaho. Esteve a ponto de agir, e então recuou.

Todos os dois — o mentat-ghola e a bruxa Bene Gesserit — permaneciam fichas de domínio desconhecido nesse jogo do poder. Idaho devia ser mandado de volta porque isso certamente agitaria os problemas em Arrakis. Jessica devia ser mantida ali, drenada em seus estranhos conhecimentos, para benefício da Casa Corrino.

Farad'n sabia que fazia um jogo sutil e mortal. Entretanto, preparara-se para essa possibilidade durante anos, sempre, desde que perceberá que era mais inteligente, mais sensível que as pessoas a seu redor. Fora uma descoberta assustadora para uma criança, e a biblioteca constituíra seu refúgio, assim como seu professor.

As dúvidas o incomodavam agora, e ele se perguntava se estaria apto para esse jogo. Afastara sua mãe, perdendo seus conselhos, mas as decisões dela sempre tinham sido perigosas para-ele. Tigres!

Seu treinamento tinha sido uma atrocidade e seu uso, uma estupidez. Como era fácil descobrir-lhes a origem! Ela devia ser grata por não ter sofrido nada mais que o banimento. Nesse ponto, o conselho de Lady Jessica ajustara-se às suas necessidades com uma precisão adorável. Ela devia ser levada a revelar o método daquele pensamento Atreides.

Suas dúvidas começaram a se apagar. Pensou em seus Sardaukar, novamente duros e adaptáveis através do treinamento rigoroso e da negação do luxo, segundo suas ordens. Suas legiões permaneciam pequenas, mas eram uma vez mais equivalentes , homem-a-homem, aos Fremen. Elas quase não serviriam a propósito algum enquanto os limites impostos pelo Tratado de Arrakeen restringissem o tamanho relativo de suas forças. Os Fremen ainda podiam

derrotá-las pela superioridade numérica — a menos que estivessem contidos e enfraquecidos por uma guerra civil.

Ainda era muito cedo para uma batalha dos Sardaukar contra os Fremen. Ele precisava de tempo. Precisava de novos aliados entre as Casas Maiores descontentes e os novos governantes das Casas Menores. Necessitava de acesso ao financiamento da CHOAM. Precisava de tempo para que seus Sardaukar se tornassem fortes e os Fremen se enfraquecessem.

Novamente Farad'n prestou atenção à tela que revelava o paciente ghola. Por que Idaho desejaria ver Lady Jessica a essa hora? Devia saber que eram espionados, que cada palavra, cada gesto seriam gravados e analisados.

"Por quê?"

Farad'n desviou o olhar da tela para a saliência ao lado de seu painel de controle. À pálida luz eletrônica, podia perceber os rolos contendo os últimos relatórios de Arrakis. Seus espiões eram meticulosos, tinha de lhes dar crédito. Havia muito para lhe dar prazer e esperança naqueles relatórios.

Fechou os olhos e os pontos altos dos relatórios passaram através de sua mente numa forma curiosamente editorial, à qual ele reduzia esses carretéis para seu próprio uso:

"À medida que o planeta se torna fértil, os Fremen se libertam das pressões da terra e suas novas comunidades perdem sua característica tradicional de sietch-fortaleza. Desde a infância, na velha cultura dos sietches, os Fremen eram ensinados pela máxima: 'Como o conhecimento de seu próprio ser, o sietch forma uma base sólida a partir da qual você caminhará em direção ao mundo e ao universo.'

"O Fremen tradicional diz: 'Olhe para o Maciço', querendo dizer com isso que a principal ciência é o Direito. Entretanto, a nova estrutura social está enfraquecendo essas velhas restrições legais; a disciplina se afrouxa. Os novos líderes Fremen conhecem apenas o Baixo Catecismo dos ancestrais, mais a história que se encontra camuflada na estrutura mítica de suas canções. As pessoas das novas comunidades são mais frívolas, mais abertas; discutem com maior frequência e são menos suscetíveis à autoridade. O velho povo dos sietches era mais disciplinado, mais inclinado a agir em grupo, e tinha uma tendência a se esforçar no trabalho, tendo mais cuidado com a preservação de seus recursos. Essa gente antiga acreditava que uma sociedade ordeira era a realização do indivíduo. Os jovens afastaram-se dessa crença. E os remanescentes da velha cultura olham para a juventude e dizem: 'O vento da morte apagou-lhes o passado!'" ,

Farad'n gostava da precisão de seu sumário. A nova diversidade de Arrakis só poderia trazer a violência. Ele tinha os conceitos essenciais

firmemente gravados nos carretéis.

“A religião do Muad’Dib baseia-se firmemente na velha tradição cultural Fremen dos sietches, enquanto que a nova cultura se afasta cada vez mais dessas disciplinas.”

Não pela primeira vez, Farad’n se perguntava por que Tyekanik abraçara essa religião. Era curioso o modo como Tyekanik acreditava nessa nova moral. Parecia inteiramente sincero, mas se portava como se agisse contra a própria vontade. Parecia uma pessoa que penetrara num redemoinho para testá-lo e fora apanhada por forças além de seu controle. A conversão de Tyekanik aborrecia Farad’n pelo caráter dessa mudança. Era uma reversão a costumes muito antigos dos Sardaukar. Ele advertira que os jovens Fremen poderiam sofrer um tipo semelhante de reversão e que as tradições inatas, enraizadas, poderiam prevalecer.

Uma vez mais, Farad’n pensou naqueles rolos de relatórios. Eles revelavam uma coisa inquietante: a persistência de um resíduo cultural Fremen dos tempos mais antigos — “A Água da Concepção.” O fluido amniótico dos recém-nascidos era recolhido no parto e destilado para ser a primeira água servida à criança. O costume tradicional exigia uma madrinha para servir a água, dizendo:

“Aqui está a água da tua concepção.” Mesmo os jovens Fremen ainda seguiam essa tradição com seus próprios recém-nascidos.

“A água da tua concepção.”

Farad’n sentia-se repugnado ante a idéia de beber água destilada do fluido amniótico em que nascera. E pensou a respeito da gêmea sobrevivente, Ghanima, sua mãe morta quando ela tomara aquela estranha água. Teria ela refletido posteriormente sobre esse estranho elo com seu passado?

Provavelmente não. Ela fora criada como Fremen. O que fosse natural e aceitável para os Fremen seria natural e aceitável para ela.

Momentaneamente, Farad’n lamentou a morte de Leto II. Teria sido interessante discutir essa questão com ele. Talvez houvesse uma oportunidade de discuti-la com Ghanima.

“Por que Idaho cortou o pulso?”

A pergunta persistia cada vez que olhava para a tela de espionagem. Novas dúvidas o assaltavam. Ele ansiava pela capacidade de mergulhar naquele misterioso transe da especiaria, como fizera Paul Muad’Dib, a fim de vasculhar o futuro e conhecer as respostas para suas perguntas. No entanto, não importando quanto de especiaria ele tivesse ingerido, sua consciência comum persistia no fluxo singular do agora, a refletir um universo de incertezas.

A tela espia mostrou uma serva abrindo a porta de Lady Jessica. A mulher

fez sinal para que Idaho entrasse, ele se levantou do banco e atravessou a porta. A serva preencheria um relatório completo depois, mais a curiosidade de Farad'n, uma vez mais totalmente despertada, o fez tocar outro botão no painel, observando Idaho entrar na sala de estar dos aposentos de Jessica.

Como ele parecia ,calmo e contido. E quão insondáveis eram os olhos do ghola.

33

Acima de tudo, o mentat deve ser um generalista, não um especialista. É sábio ter decisões de grande importância conduzidas por generalistas. Especialistas e experts levam a pessoa rapidamente ao caos. Eles são uma fonte de busca inútil de coisas insignificantes, a discussão a respeito de uma vírgula. O mentat generalista, por outro lado, deve levar o processo decisório a um saudável senso comum. Não se deve isolar da amplidão do que está acontecendo no universo. Deve permanecer capaz de dizer: "Não existe mistério algum quanto a este momento. Isso é o que nós desejamos agora. Pode mostrar-se errado posteriormente, mas então nós o corrigiremos quando chegar a hora." O mentat generalista deve compreender que qualquer coisa que possamos identificar como sendo o nosso universo é meramente parte de um fenômeno maior. O especialista, por outro lado, olha para trás, para dentro dos padrões estreitos de sua própria especialidade. O generalista olha para fora: busca os princípios vitais, sabendo muito bem que tais princípios mudam, se desenvolvem. São as características da própria mudança que o mentat generalista deve procurar. Não pode haver catálogo ou manual permanente para tais mudanças. Deve-se procurá-las com o mínimo de preconceitos possível, perguntando-se a si mesmo:

"Agora, o que essa coisa está fazendo?"

— Manual do Mentat

Era o dia do Kwisatz Haderach, o primeiro dia santo para os que seguiam o Muad'Dib. Com ele se reconhecia Paul Atreides endeusado como aquela pessoa que estava em toda parte simultaneamente.

O Bene Gesserit macho que misturava a ancestralidade masculina e a feminina num poder inseparável para se tornar o Uno-com-Tudo. Os fiéis chamavam esse dia de Ayil, o Sacrifício, para comemorar a morte que fizera a presença dele "real em todos os lugares".

O Pregador escolheu o início da manhã desse dia para aparecer uma vez mais na praça abaixo do templo de Alia, desafiando a ordem de prendê-l o, que todos sabiam ter sido emitida. Uma delicada trégua prevalecia entre o clero de

Alia e as tribos do deserto que se haviam rebelado, mas sua presença podia ser sentida como uma coisa tangível, que deixava inquietos a todos em Arrakeen. O Pregador não dissipou esse clima.

Era o 28.° dia de luto oficial pelo filho do Muad'Dib, seis dias após os ritos comemorativos da Velha Passagem, que haviam sido retardados pela rebelião. A própria luta, contudo, não detivera o Hajj.

O Pregador sabia que a praça estaria apinhada nesse dia. A maioria dos peregrinos tentava coincidir sua estada em Arrakis com a passagem do Ayil, "para sentir então a Sagrada Presença do Kwisatz Haderach no Seu dia".

O Pregador entrou na praça com a primeira luz do dia, encontrando o lugar já atravancado de fiéis. Manteve a mão levemente apoiada no ombro de seu jovem guia, sentindo o cínico orgulho nos passos do rapaz. Agora, quando o Pregador se aproximava, as pessoas sentiam cada nuance de seu comportamento. Tal atenção não era inteiramente desagradável para o jovem guia. E o Pregador meramente a aceitava como necessidade.

Tomando posição no terceiro degrau do Templo, o Pregador esperou que se fizesse silêncio. E quando o silêncio se havia propagado como uma onda através da multidão, e os passos apressados de outros, chegando para escutar, podiam ser ouvidos nos limites da praça, ele pigarreou. O frio da manhã ainda permanecia ao redor dele e a luz ainda não se derramara sobre a praça a partir dos topos dos prédios. Sentiu a pálida quietude da grande praça enquanto começava a falar:

— Eu vim para prestar homenagem e pregar em memória de Leto Atreides II — disse ele com aquela voz forte, tão reminiscente de um cavaleiro dos vermes do deserto. — Faço isso em compaixão por todos aqueles que sofrem. E lhes digo o que o jovem Leto aprendeu: que o amanhã ainda não se realizou e talvez nunca se realize. Este momento aqui é o único lugar e o único tempo observáveis por nós em nosso universo. Eu lhes peço que saboreiem este momento e compreendam o que ele lhes ensina. Eu lhes digo que aprendam que o crescimento e a morte de um governo têm sua evidência no crescimento e na morte de seus cidadãos.

Um murmúrio de perturbação atravessou a praça. Será que ele zombava da morte de Leto II?

Eles imaginavam se agora os Guardas-Sacerdotes correriam para prender o Pregador.

Alia sabia que não haveria tal interrupção. Era ordem sua que o Pregador não fosse molestado nesse dia. Ela se disfarçara com um bom traje-destilador e uma máscara captadora de umidade para lhe esconder a boca e o nariz, mais um manto e um capuz para lhe ocultar os cabelos. Encontrava-se no segundo degrau

logo abaixo do Pregador, observando-o cuidadosamente. Seria Paul? Os anos poderiam tê-lo mudado desse modo. E ele sempre fora soberbo com a Voz, o que tornava difícil identificá-lo pela fala. E esse Pregador dominava sua voz, fazendo de la o que queria. Paul não teria feito melhor. Alia sentia que tinha de conhecer a identidade desse homem antes de poder agir contra ele. Como suas palavras a deslumbravam!

Não sentira ironia nas declarações do Pregador. Ele estava usando a atração sedutora das frases definidas, pronunciadas com forte sinceridade. As pessoas podiam tropeçar apenas momentaneamente em seus significados, percebendo que ele desejara que elas titubeassem assim, aprendendo desse modo.

De fato, ele captara a reação da multidão, dizendo:

— A ironia frequentemente mascara a inabilidade de raciocinar além dos próprios pressupostos. Não estou sendo irônico. Ghanima tem dito a vocês que o sangue de seu irmão não pode ser lavado. Eu concordo. E eu lhes direi que Leto foi para onde seu pai foi, e fez aquilo que seu pai fez. A Igreja do Muad'Dib diz que ele escolheu, em benefício de sua própria humanidade, um caminho que pode parecer absurdo e tolo, mas que a história irá validar. Que a história está sendo reescrita neste exato momento. Eu lhes digo que há outra lição a ser aprendida com essas vidas e seus términos.

Alia, alerta a cada nuance, se perguntou por que o Pregador dissera términos em vez de mortes.

Estaria querendo dizer que um deles ou ambos não estavam verdadeiramente mortos? Como poderia ser? Uma Reveladora da Verdade havia confirmado a história de Ghanima. O que estava fazendo esse Pregador, então? Sua afirmação diria respeito ao mito ou à realidade?

— Prestem muita atenção nesta outra lição — trovejou o Pregador, erguendo os braços. — Se vocês possuem sua humanidade, abandonem o universo.

Abaixou os braços e apontou as órbitas vazias diretamente para Alia . Parecia estar falando intimamente com ela, uma ação tão óbvia que várias pessoas a seu redor se voltaram para olhar indagadoramente em sua direção. Alia estremeceu ante o poder que emanava dele. Esse homem podia ser Paul! Sim, podia!

— Mas percebo que seres humanos não podem suportar muito bem a realidade — continuou.

— Muitas vidas são unia fuga interior. A maioria prefere as verdades fixas. Vocês esticam suas cabeças nos estábulos e ruminam, contentes, até morrerem. Outros os usam para seus propósitos. E nenhuma vez vocês se

afastam do estábulo para erguerem a cabeça e serem vocês mesmos. O Muad'Dib veio para lhes dizer isso. Sem entenderem sua mensagem, não podem reverenciá-lo!

Alguém na multidão, possivelmente um sacerdote disfarçado, não pôde aguentar mais. Sua rouca voz masculina elevou-se para gritar:

— Você não viveu a vida do Muad'Dib! Como se atreve a ditar aos outros o modo como devem reverenciá-lo?

— Porque ele está morto! — rugiu o Pregador.

Alia voltou-se para ver quem havia desafiado o Pregador. O homem permanecia oculto de sua vista, mas sua voz veio de entre as cabeças que o ocultavam num outro grito:

— Se acredita que ele está verdadeiramente morto, então você está sozinho daqui para a frente!

Certamente era um sacerdote, pensou Alia. Mas não conseguia reconhecer-lhe a voz.

— Eu vim apenas para fazer uma pergunta simples — disse o Pregador. — Será que a morte do Muad'Dib deve ser seguida pelo suicídio moral de todos os homens? Será esse o resultado inevitável da vinda de um Messias?

— Então admite que ele é o Messias! — gritou a voz no meio do povo.

— Por que não, sendo eu o profeta dos seus tempos? — respondeu o Pregador.

Havia uma confiança tão calma em seu tom de voz e em suas maneiras que até mesmo o provocador ficou em silêncio. A multidão respondeu com um murmúrio de desconforto, um som baixo e animal.

— Sim — repetiu o Pregador. — Sou um profeta destes tempos.

Alia, concentrando-se nele, detectou as sutis inflexões da Voz. Ele certamente controlava a multidão. Teria sido treinado pela Bene Gesserit ? Seria ele outro instrumento da Missionária Protetora? Não verdadeiramente Paul, apenas outra parte daquele interminável jogo de poder?

— Eu articulo o mito e o sonho! — gritou o Pregador. — Sou o médico que faz o parto e anuncia que a criança nasceu. E no entanto venho até vocês num tempo de morte. Será que isso não os perturba? Eu devia sacudir suas almas!

Mesmo sentindo-se irritada com essas palavras, Alia compreendia o modo dirigido do discurso.

Com os outros, percebeu que se aproximava nos degraus, comprimindo-se na direção desse homem alto em trajes do deserto. Seu jovem guia captou-lhe a atenção: como parecia insolente e esperto! Teria o Muad'Dib se utilizado de um jovem tão cínico?

— Eu quero perturbar vocês! — gritou o Pregador. — Essa é a minha intenção! Vim aqui para combater a fraude e as ilusões de sua religião convencional e institucionalizada. Como todas as religiões desse tipo, sua instituição caminha em direção à covardia. Em direção à mediocridade, à inércia e à presunção.

Murmúrios furiosos começaram a se elevar no centro da multidão.

Alia sentiu as tensões e, exultante, se perguntou se não haveria conflito. Será que o Pregador poderia manipular essas tensões? Se não pudesse, era capaz de morrer ali mesmo!

— Aquele sacerdote que me desafiou! — O Pregador apontou em direção à multidão.

"Ele sabe!", pensou Alia. Uma sensação percorre u-lhe o corpo, quase sexual em suas nuances.

Esse Pregador fazia um jogo perigoso, mas o fazia com perfeição.

— Você, sacerdote, em seu mufti! — chamou o Pregador. — Você é um capelão dos presunçosos. Não vim aqui para desafiar o Muad'Dib , mas para desafiar vocês! Será verdadeira a sua religião quando nada lhes custa, nem implica riscos? Será verdadeira a sua religião quando engordam à custa dela? Será verdadeira a sua religião quando cometem atrocidades em seu nome? De onde vem a total degeneração que vocês causaram à revelação original? Responda-me, sacerdote!

Mas o provocador permaneceu calado. E Alia reparou que a multidão ouvia uma vez mais com ávida submissão, atenta a cada palavra do Pregador. Atacando o clero, conquistava-lhe a simpatia! E se seus espiões estavam correios, a maioria dos peregrinos e Fremen de Arrakis acreditava que esse homem fosse o Muad'Dib.

— O filho do Muad'Dib se arriscou! — gritou o Pregador, e Alia percebeu que havia lágrimas em sua voz. — O Muad'Dib se arriscou! Eles pagaram seu preço! E o que o Muad'Dib conseguiu? Uma religião que o está abandonando!

"Como essas palavras seriam diferentes se viessem do próprio Paul", pensou Alia. "Devo descobrir!" Aproximou-se mais, subindo os degraus, e outros a seguiram. Espremeu-se na multidão até quase lhe ser possível estender a mão e tocar no profeta misterioso. Sentiu nele o cheiro do deserto, uma mistura de especiaria e pó de pedra. Ambos, o Pregador e seu jovem guia, estavam empoeirados, como se tivessem chegado recentemente do bled. Ela podia ver as veias grossas na mão do Pregador, ao longo da pele que saía dos fechos do punho do traje-destilador. Podia notar que um dedo de sua mão esquerda havia usado um anel — a marca permanecia. Paul usara um anel naquele dedo: o Falcão Atreides, que agora repousava no Sietch Tabr. Leto o te ria usado se

vivesse... ou se ela lhe tivesse permitido ascender ao trono.

Novamente o Pregador voltou suas órbitas vazias para Alia e falou de modo pessoal, embora com sua voz que se propagava através da multidão.

— O Muad'Dib mostrou duas coisas a vocês: um futuro certo e um futuro incerto. Com uma percepção total, ele confrontou a incerteza final de um universo maior. Caminhou cegamente para fora de sua posição neste mundo. Ele nos mostrou o que os homens devem fazer sempre: escolher o incerto em lugar do certo. — Sua voz, Alia notou, assumiu um tom suplicante no final dessa declaração.

Alia olhou à sua volta e levou a mão ao cabo da faca cristalina. "Se eu o matasse agora mesmo, o que eles fariam?" Novamente sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. "Se eu o matasse e me revelasse, denunciando o Pregador como impostor e herege?"

Mas e se eles provassem que ele era Paul?

Alguém empurrou Alia para mais perto dele . Sentia-se cativada por sua presença, mesmo enquanto lutava para controlar sua raiva. Seria Paul? Deus! O que ela poderia fazer?

— Por que outro Leto foi tirado de nosso convívio? — perguntou o Pregador. E havia mágoa verdadeira em sua voz. — Respondam-me se puderem! Ahhh, a mensagem deles é clara: abandonem a certeza! — E repetiu num grito estentóreo: — Abandonem a certeza! Essa é a ordem mais profunda da vida. É disso que se trata a vida. Nós somos uma sonda rumo ao desconhecido, à incerteza. Por que não ouvem o Muad'Dib? Se a certeza significa conhecer absolutamente um futuro absoluto, então é apenas a morte disfarçada! Tal futuro transforma-se no agora! Ele lhes mostrou isso!

Com uma precisão terrível, o Pregador estendeu a mão e agarrou o braço de Alia. Sem a menor hesitação, sem a necessidade de apalpar. Ela tentou fugir, mas ele a segurou com dolorosa firmeza e falou diretamente para o rosto dela, enquanto os outros ao redor recuavam em confusão.

— O que Paul Atreides lhe disse, mulher? — perguntou ele, exigindo resposta.

"Como ele sabe que sou uma mulher?", ela se perguntou. Queria mergulhar em suas vidas interiores, pedir-lhes proteção, mas seu mundo interior permanecia assustadoramente silencioso, hipnotizado por essa figura do passado.

— Ele lhe disse que a consumação é igual à morte! — gritou o Pregador. — Previsão absoluta é consumação... é morte!

Alia tentou libertar seus dedos. Queria agarrar a faca e feri-lo para que a soltasse, mas não se atrevia. Nunca sentira tanto medo em toda a sua vida.

O Pregador ergueu o queixo para falar por sobre ela, dirigindo-se à

multidão. Gritou:

— Eu lhes dou as palavras do Muad'Dib. Vou esfregar-lhes nos rostos as coisas que tentam evitar. Não acho estranho que só desejem acreditar na quilo que lhes conforta. De que outro modo os seres humanos criam as armadilhas que nos engana m na mediocridade? De que outro modo definimos a covardia? Isso é o que o Muad'Dib lhes contou!

De repente, soltou o braço de Alia, empurrando-a na multidão. Ela teria caído, não fosse a massa de gente para suportá-la.

— Existir é destacar-se, sobressair na pais agem. Vocês não estão pensando ou realmente existindo, a menos que se disponham a arriscar, até mesmo sua sanidade mental, no julgamento de suas próprias existências.

Descendo o degrau, o Pregador segurou uma vez mais o braço de Alia — sem hesitar nem vacilar. Contudo, foi mais gentil dessa vez. Inclinou-se para perto dela, modulando a voz para que apenas seus ouvidos o captassem:

— Pare de tentar me empurrar uma vez mais para os bastidores, irmã.

E então, com a mão no ombro de seu jovem guia, ele desceu para o meio do povo. O caminho foi aberto para o estranho par. Mãos estenderam-s e para tocar o Pregador, mas as pessoas tentavam alcançá-lo com incrível delicadeza, temerosas do que pudessem encontrar embaixo daquele poeirento manto Fremen.

Alia permaneceu sozinha, em estado de choque , enquanto a multidão se afastava atrás do Pregador.

Agora estava cheia de certeza. Era Paul. Não restavam dúvidas. Era seu irmão. Sentia o que a multidão sentia. Havia estado em sua sagrada presença e agora seu universo desabava em torno dela. E queria correr atrás dele, implorando para que a salvasse de si mesma, mas não conseguia se mover.

Enquanto os outros se comprimiam para seguir o Pregador e seu guia, ela permanecia atordoada em desespero absoluto, uma aflição tão profunda que só podia tremer com ela, incapaz de controlar os próprios músculos.

"Que eu vou fazer? Que vou fazer?", perguntava a si mesma.

Agora não tinha nem ao menos Duncan para se apoiar, nem sua mãe. As vidas interiores permaneciam em silêncio. Havia Ghanima, mantida sob guarda segura dentro do Castelo, mas Alia não podia transmitir sua aflição à gêmea sobrevivente.

"Todos se voltaram contra mim. Que poderei fazer?"

34

A visão monocular de nosso universo diz que não devemos olhar muito longe à procura de problemas. Tais problemas talvez nunca cheguem. Em vez disso, preocupem-se com os lobos dentro de suas cercas. As matilhas circulando lá fora podem nem existir.

— O Livro de Azhar; Shamra 1:4

Jessica esperou por Idaho diante da janela de sua sala de estar. Era um lugar confortável, com divãs macios e cadeiras antigas. Não havia uma suspensora em qualquer um de seus aposentos e os globos luminosos eram feitos de cristal de outra era. Sua janela abria-se acima do jardim de um pátio interno, um andar abaixo.

Ela ouviu a serva abrir a porta, o som dos passos de Idaho no piso de madeira, depois sobre o tapete. Ouviu sem se voltar, mantendo o olhar na luz mosqueada do solo verde do pátio. O silencioso e trêmulo estado de guerra em suas emoções devia ser eliminado agora. Respirou fundo várias vezes, de acordo com o treinamento prana-bindu, e sentiu fluir a calma forçada.

O sol alto lançava no pátio um facho de luz poeirenta, destacando a roda prateada de uma teia de aranha esticada sobre os ramos de uma árvore que chegava quase à sua janela. Fazia frio ali dentro, mas fora da janela selada o ar tremia com o calor. O Castelo Corrino colocava-se num lugar estagnado, que negava a presença do verde em seu pátio.

Ouviu Idaho parar diretamente atrás dela.

Sem se voltar, disse:

— O dom das palavras é o dom do engano e da ilusão, Duncan. Por que deseja trocar palavras comigo?

— Pode ser que apenas um de nós sobreviva — ele disse.

— E você deseja que eu faça um bom relatório de seus esforços?

Jessica se virou, notando quão calmamente ele permanecia ali, observando-a com aqueles olhos de metal cinzento que não possuíam centro de foco. Como eram vazios!

— Duncan, será possível que esteja com ciúme de seu lugar na história?

Falava em tom acusador e lembrava-se de como se expressara naquela

outra vez em que confrontara esse homem. Ele estava bêbado na ocasião, dividido por obrigações conflitantes ao receber a ordem de espioná-la. Mas aquele havia sido o Duncan pré-ghola. Esse não era o mesmo homem. Não estava dividido em suas ações, nem angustiado.

Ele provou o julgamento dela ao sorrir.

— A história tem seu próprio tribunal e faz seus próprios julgamentos — comentou. — Duvido que eu esteja preocupado quando do meu julgamento.

— Por que está aqui? — perguntou ela.

— Pela mesma razão pela qual está aqui, Minha Senhora. Nenhum indício exterior traiu o poder chocante dessas simples palavras, mas Jessica refletiu a um ritmo furioso. “Será que ele realmente sabe por que estou aqui?” Como poderia? Somente Ghanima sabia. Te ria ele dados suficientes para uma computação mentat? Isso era possível. E se ela dissesse alguma coisa que a denunciasse? Teria ele agido desse modo se compartilhasse sua razão para estar ali? Ele devia saber que cada movimento seu, cada palavra, estava sendo observado por Farad’n ou seus servos.

— A Casa Atreides chegou a uma amarga encruzilhada — disse Jessica. — A Família voltou-se contra si mesma. Você estava entre os homens mais leais de meu Duque, Duncan. Quando o Barão Harkonnen...

— Não vamos falar dos Harkonnen — ele disse. — Isso foi em outra era e seu Duque está morto. — E ele imaginou: “Será que ela não é capaz de perceber que Paul revelou o sangue dos Harkonnen nos Atreides?” Que risco fora isso para Paul, mas ligara Duncan Idaho ainda mais firmemente a ele. A confiança em tal revelação fora uma moeda quase grande demais para ser concebida. Paul sabia o que a gente do Barão tinha feito a Idaho.

— A Casa Atreides não está morta — disse Jessica.

— Que é a Casa Atreides? — ele perguntou. — Será a senhora a Casa Atreides? Será Alia? Ghanima? Serão as pessoas que servem a essa Casa? Olho para essas pessoas e elas trazem a marca do trabalho árduo, além das palavras! Como podem ser os Atreides? Seu filho falou com razão: perseguição e trabalho árduo é a sina de todos aqueles que me seguem. Eu me separaria disso, Minha Senhora.

— Realmente se aliou a Farad’n?

— E não foi isso o que fez, Minha Senhora? Não veio aqui para convencer Farad’n de que um casamento com Ghanima resolveria todos os nossos problemas?

“Será que ele realmente pensa isso?”, perguntou-se ela. “Ou estará falando para os espiões que nos vigiam?”

— A Casa Atreides sempre foi essencialmente uma idéia. Você sabe disso,

Duncan. Nós compramos lealdade com lealdade.

— A serviço do povo — disse ele, sarcástico . — Ahh, quantas vezes ouvi seu Duque dizer isso. Ele deve estar inquieto em sua sepultura, Minha Senhora.

— Realmente acha que descemos tão baixo?

— Minha Senhora, não sabe que existem rebeldes Fremen que chamam a si próprios de "Marqueses do Deserto Interior", amaldiçoando a Casa Atreides e até mesmo o Muad'Dib?

— Ouvi o relatório de Farad'n — respondeu ela, tentando imaginar para onde ele estava levando essa conversa e com que objetivo.

— Mais que isso, Minha Senhora. Mais que o relatório de Farad'n. Ouvi a maldição deles por mim mesmo. É assim que ela é pronunciada: "Que o fogo os consuma, Atreides! Não deverão ter nem almas, nem espírito, nem corpos, nem sombras, nem mágica, nem ossos, nem cabelos, nem fala, nem palavras. Não deverão ter nem sepultura, nem casa, nem buraco, nem tumba. Não deverão ter nem jardim, nem árvore, nem arbusto. Não deverão ter água, nem pão, nem luz, nem fogo. Não deverão ter filhos, nem família, nem herdeiros, nem tribo. Não deverão ter cabeças, nem braços, nem pernas, nem andar, nem sementes. Não deverão ter assento em planeta algum. Não se deverá permitir que suas almas se ergam das profundezas, e nunca deverão estar entre aqueles que tiveram permissão para viver sobre a terra. Em nenhum dia deverão fitar o Shai-Hulud, mas devem ser presos e algemados na mais profunda abominação, e suas almas nunca deverão penetrar na gloriosa luz para todo o sempre." Essa é a maldição, Minha Senhora. Consegue imaginar tamanho ódio partindo dos Fremen? Eles reservam a todos os Atreides um lugar à mão esquerda dos malditos, ao lado da Mulher-Sol, que é cheia de fogo.

Jessica permitiu-se um estremecimento. Idaho indubitavelmente pronunciara aquelas palavras com a mesma voz em que ouvira a maldição original . Por que revelava isso à Casa Corrino? Ela podia imaginar um Fremen irado, terrível em sua fúria, diante de sua tribo a enunciar a antiga maldição. Por que Idaho queria que Farad'n a ouvisse?

— Você cria um forte argumento em favor do casamento de Ghanima e Farad'n — disse Jessica.

— A senhora sempre teve uma abordagem simples para os problemas — comentou ele. — Ghanima é uma Fremen. Só pode casar-se com quem não pague o fai, a taxa de proteção. A Casa Corrino entregou toda a sua parte nas ações da CHOAM a seu filho e seus herdeiros. Farad'n existe sob a tolerância dos Atreides. Lembra-se de quando seu Duque fincou em Arrafas a bandeira do Falcão?

Lembra-se do que ele disse? "Aqui estou, aqui permaneço!" E seus ossos

ainda estão lá. Farad'n teria de viver em Arrakis, levando consigo seus Sardaukar.

Idaho sacudiu a cabeça ante a simples idéia de tal aliança.

— Diz o velho ditado que descascamos um problema como uma cebola — disse ela, a voz fria.

"Como ele se atreve a falar comigo desse modo. A não ser que esteja desempenhando um papel ante os olhos vigilantes de Farad'n..."

— De algum modo, não consigo ver os Fremen e os Sardaukar compartilhando um planeta — comentou Idaho. — Essa é uma camada que não vai sair da cebola.

Ela não gostava dos pensamentos que as palavras de Idaho iriam despertar em Farad'n e seus assessores, e falou asperamente.

— A Casa Atreides ainda representa a lei deste Império! — E pensou: "Será que Idaho deseja que Farad'n acredite poder obter o trono sem os Atreides?"

— Oh, sim — respondeu Idaho. — Quase me esqueci. A lei dos Atreides! Tal como é traduzida, é claro, pelos sacerdotes do Elixir Dourado. Só tenho de fechar os olhos para ouvir seu Duque me dizer que a terra é sempre conquistada e mantida pela violência, ou por sua ameaça. A sorte passa em toda parte, como Gurney costumava cantar. O fim justifica os meios? Ou será que misturei os provérbios? Bem, não importa se o punho coberto pela malha é brandido abertamente pelas legiões Fremen ou Sardaukar, ou se fica escondido na Lei dos Atreides — o punho permanece lá. E a camada não sairá da cebola, Minha Senhora. Sabe, imagino qual o punho que Farad'n lhe vai exigir...

"O que ele está fazendo?", perguntou-se Jessica. A Casa Corrino iria sugar esse discurso e se banquetear com ele!

— Assim, você acha que os sacerdotes não permitirão que Ghanima se case com Farad'n? — sondou Jessica, tentando perceber para onde conduziam as palavras de Idaho.

— Deixá-la? Deus! Os sacerdotes deixarão que Alia faça o que quiser decretar. Poderia casar-se com Farad'n, ela própria.

"É isso que ele está sondando?", imaginou Jessica.

— Não, Minha Senhora — continuou Idaho. — Essa não é a questão. O povo deste Império não pode distinguir entre o Governo dos Atreides e o Governo de Rabbam, a Besta. Todo dia morrem homens nas masmorras de Arrakeen. Eu parti porque não podia oferecer meu braço ao serviço dos Atreides por mais uma hora que fosse. Não compreende o que estou dizendo, por que vim à sua presença como o representante mais próximo dos Atreides? O Império Atreides atraiçoou seu Duque e seu filho. Eu amava sua filha, mas ela seguiu um

caminho e eu segui outro. E se chegarmos a determinado ponto, eu aconselharei Farad'n a aceitar a mão de Ghanima — ou de Alia — mas somente sob seus próprios termos.

"Ahh, ele armou o palco para uma demissão formal, com honra, do serviço dos Atreides", pensou Jessica. Mas aquelas outras questões sobre as quais falara, teria ele possibilidade de saber o quanto favoreciam o trabalho dela? Jessica olhou para ele aborrecida.

— Você sabe que os espiões estão escutando cada palavra, não sabe?

— Espiões? — Ele riu. — Eles ouvem como eu ouviria no lugar deles. Não sabe como minha lealdade se coloca de modo diferente? Muitas noites eu passei sozinho no deserto, e os Fremen estão certos quanto àquele lugar. No deserto, especialmente à noite, a gente enfrenta os perigos de pensar demasiado.

— Foi lá que ouviu os Fremen nos amaldiçoarem?

— Sim. Entre os al-Ourouba. A pedido do Pregador, eu me juntei a eles, Minha Senhora.

Chamamos a nós mesmos de Zarr Sadus, os que se recusam a se submeter aos sacerdotes. Estou aqui para fazer a um Atreides meu anúncio formal de que estou passando para o território inimigo.

Jessica o observou, procurando minúcias reveladoras, mas Idaho não dava indicação de estar fingindo ou ocultando planos. Seria realmente possível que ele tivesse passado para o lado de Farad'n?

Ela se lembrou de uma máxima de sua Irmandade: "Em assuntos humanos, nada é duradouro; todos os assuntos humanos giram em espiral, movendo-se em torno e para fora." Se Idaho tinha realmente abandonado o serviço dos Atreides, isso explicaria seu atual comportamento. Ele estava se movendo em torno e para fora. Ela tinha de considerar essa possibilidade.

"Mas por que tinha ele enfatizado que o fizera a pedido do Pregador?"

A mente de Jessica acelerava-se e, tendo considerado as alternativas, ela percebeu que poderia ser obrigada a matar Idaho. O plano em que colocara todas as suas esperanças permanecia tão delicado que nada devia ser deixado que pudesse interferir com ele. Nada. E as palavras de Idaho indicavam que ele poderia conhecer seu plano. Ela avaliou suas posições relativas na sala, caminhando e se virando a fim de se colocar em posição para um golpe mortal.

— Sempre achei que o efeito normalizador das faufreluches era o pilar de nossa força — ela disse. Que ele se perguntasse por que ela mudara a conversa para o sistema de distinção de classes. — O Conselho das Grandes Casas na Landsraad, os Sysselraads regionais, todos merecem nossa...

— Não está conseguindo desviar minha atenção — disse ele.

E Idaho ficou admirado com a transparência que as ações dela haviam

adquirido. Será que ela se tornara negligente na dissimulação, ou teria finalmente rompido as muralhas de seu treinamento como Bene Gesserit? A última hipótese, concluiu ele, era a verdadeira, mas parte estava nela mesma — a mudança provocada pelo envelhecimento. Ele se entristecia por notar que os pequenos hábitos dos novos Fremen diferiam dos antigos. O esquecimento do deserto era o esquecimento de alguma coisa preciosa para os seres humanos, e ele não era capaz de descrever essa coisa, tal como não poderia descrever o que acontecera a Lady Jessica.

Jessica olhava para Idaho com evidente perplexidade, sem tentar ocultar esse sentimento. Será que ele podia registrá-lo tão facilmente?

— A senhora não vai me matar — ele disse, usando as palavras Fremen de advertência: — Não jogue seu sangue sobre minha faca. — E então pensou: “Tornei-me demasiado Fremen.” Dava-lhe um amargo sentido de continuidade perceber com que profundidade havia aceito os costumes do planeta que abrigara sua segunda vida.

— Acho melhor que você saia — disse ela.

— Não, até que aceite minha demissão do serviço dos Atreides.

— Está aceita! — disse ela bruscamente.

Só após pronunciar essas palavras é que ela percebeu o quanto essa discussão girara em torno de puros reflexos. Precisava de tempo para pensar e reconsiderar. Como Idaho podia saber o que ela iria fazer? Não o julgava capaz de saltar o Tempo, como no transe da especiaria.

Idaho recuou, sem lhe voltar as costas, até sentir a porta atrás de si. Então fez uma mesura.

— Uma vez mais a chamo de Minha Senhora, e então nunca mais. Meu conselho a Farad’n será que a mande de volta a Wallach, rápida e silenciosamente, na primeira oportunidade que surgir.

Você é um instrumento muito perigoso para se manter. Embora eu não acredite que ele a considere um instrumento. Você está trabalhando para a Irmandade, não para os Atreides. E agora me pergunto se algum dia trabalhou para os Atreides. Vocês bruxas percorrem um caminho muito profundo e obscuro para que os meros mortais possam confiar.

— Um ghola se considera um mero mortal — zombou ela.

— Comparado a você — replicou ele.

— Saia! — ela ordenou.

— Essa era minha intenção. — Ele deslizou por entre a porta, passando pelo olhar curioso da serva, que obviamente estivera escutando.

“Está feito”, pensou ele. “E eles só podem compreendê-lo de um único modo.”

35

Somente no reino da matemática se poderá compreender a precisa visão de futuro do Muad'Dib. Assim, primeiro postularemos qualquer número de pontos-dimensões no espaço (esse é o clássico agregado de n-dobras estendido a n dimensões). Nessa estrutura, o Tempo, tal como comumente entendido, se torna um agregado de propriedades unidimensionais. Aplicando isso ao fenômeno do Muad'Dib, descobrimos que, ou somos confrontados com novas propriedades do Tempo, ou então (através da redução pelo cálculo infinitesimal) estamos lidando com sistemas distintos que contém n propriedades corporais. Com relação ao Muad'Dib, vamos assumir como verdadeira a última hipótese.

Como foi demonstrado através da redução, os pontos-dimensões de n dobras só podem ter existências distintas em diferentes molduras do Tempo. Demonstra-se desse modo que coexistem dimensões distintas do Tempo. Sendo essa uma realidade inescapável, as previsões do Muad'Dib exigiam que ele percebesse n dobras, não como um amplo agregado, mas como uma operação dentro de uma única estrutura. Com efeito , ele congelou seu universo dentro de uma única moldura, que era a sua visão do Tempo.

— Palimbasha: Palestras no Sietch Tabr

Leto encontrava-se deitado na crista de uma duna, observando, através de uma extensão de areia, um sinuoso afloramento de rochas. Elas eram como um imenso verme sobre a areia, chato e ameaçador ao sol da manhã. Nada se movia lá. Nenhum pássaro circulava acima, nenhum animal saltitava entre as rochas. Ele podia ver as fendas das armadilhas de vento, quase no centro das costas do "verme". Devia haver água ali. O verme de pedra tinha aquela aparência familiar de um abrigo sietch, exceto pela ausência de criaturas vivas. Leto permaneceu quieto, confundindo-se com a areia e observando.

Uma das melodias de Gurney Halleck insistia em fluir através de sua mente, com uma persistência monótona:

Abaixo da colina onde as raposas correm
Um sol mosqueado brilha fulgurante

Onde meu único amor parou.
Abaixo da colina, na moita de erva-doce,
Eu espiono meu amor que não pode despertar.
Ele se esconde num túmulo
Abaixo da colina.

Onde ficaria a entrada para aquele lugar? Leto imaginava.

Sentia a certeza de que ali devia ser Jacurutu/Fondak, mas alguma coisa estava errada, além da ausência do movimento de animais. Alguma coisa tremulando nas bordas da percepção consciente o avisava.

Que se esconde abaixo daquela colina?

A ausência de animais era incômoda. Despertava seu senso Fremen de cautela: "Com relação à sobrevivência no deserto, a ausência revela mais que a presença." Entretanto, havia uma armadilha de vento e, portanto, devia existir água potável. Esse era um lugar tabu que se ocultava atrás 3o nome de Fondak, sua outra identidade perdida até mesmo na memória da maioria dos Fremen. E nem pássaros nem outros animais podiam ser vistos por lá.

Nenhum ser humano — e no entanto ali começava o Caminho Dourado.

Seu pai dissera certa vez:

— O desconhecido nos cerca a cada momento. É aí que você busca o conhecimento.

Leto olhou à sua direita, por sobre os topos das dunas. Ocorrera uma tempestade muito grande recentemente. O lago Azrak, a planície de gesso, ficara exposto sem a sua cobertura de areia. A superstição Fremen dizia que quem quer que visse as Biyan, as Terras Brancas, teria direito a um desejo de dois gumes, um desejo que poderia destruí-lo. Leto via apenas uma planície de gesso ou gipsita, revelando-lhe que um dia houvera água ao ar livre em Arrakis.

Como ia existir uma vez mais.

Olhou para cima, observando em torno, em busca de algum movimento. O céu estava turvo após a tempestade. A luz que passava através dele gerava a sensação de uma presença leitosa, de um sol prateado perdido em algum ponto acima do véu de poeira que persistia nas altitudes elevadas.

Mais uma vez, Leto voltou sua atenção para a rocha sinuosa. Tirou o binóculo do estojo Fremen, focalizando suas lentes móveis e perscrutando aquela nudez cinzenta, o afloramento rochoso em que um dia viveram os homens de Jacurutu. A ampliação da imagem revelou um arbusto espinhoso, do tipo chamado Rainha da Noite. O arbusto abrigava-se nas sombras de uma fenda que poderia conter a entrada para o velho sietch. Leto esquadrinhou o rochedo ao

longo de seu comprimento. O sol prateado tornava cinzentos os vermelhos, produzindo uma aparência plana e difusa na longa extensão de rocha.

Leto girou, voltando as costas para Jacurutu, e observou a região à sua volta através do binóculo. Nada nessa desolação preservava as marcas da passagem humana. O vento já apagara sua trilha, deixando apenas uma vaga elevação arredondada no lugar onde ele saltara de seu verme durante a noite.

Novamente, olhou para Jacurutu. Exceto pela armadilha de vento, não havia sinal de que homens «houvessem passado por aquele caminho. E se m aquela sinuosa extensão de rocha, nada restava ali para se subtrair da areia descorada, uma vastidão que se estendia de um horizonte a outro.

Leto sentiu subitamente que estava naquele lugar porque se tinha recusado a permanecer confinado ao sistema que seus ancestrais lhe haviam legado. Pensou em como as pessoas olhavam para ele, aquele engano universal em cada olhar, exceto no de Ghanima.

“Exceto por aquela multidão esfarrapada de memórias, essa criança nunca foi criança.”

“Devo assumir a responsabilidade pela decisão que tomamos”, pensou.

Uma vez mais, esquadrinhou a extensão de rocha. Por todas as descrições, isso tinha de ser Fondak, e nenhum outro lugar poderia ser Jacurutu. Sentia uma estranha relação ressonante com o tabu desse lugar. Ao modo Bene Gesserit, abriu a mente para Jacurutu, buscando não saber nada a seu respeito. Saber era uma barreira que dificultava o aprendizado. Por alguns momentos, permitiu-se apenas ressoar, sem fazer exigências ou perguntas.

O problema residia na falta de vida animal, mas havia algo especial que o alertava. Percebeu o que era, então: não havia pássaros carniceiros — nada de águias, abutres ou falcões. Mesmo quando outro tipo de vida se ocultava, essa aparecia. Cada lugar com água nesse deserto tinha sua cadeia de vida. E no final da cadeia estavam os onipresentes comedores de carniça. Nada viera investigar sua presença. Quão bem ele conhecia os “cães de guarda do deserto”, aquela linha de pássaros empoleirados no alto do penhasco em Tabr, primitivos agentes funerários esperando por carne. Como os Fremen diziam, “nossos competidores”. Mas eles diziam isso sem qualquer mágoa, pois os pássaros vigilantes frequentemente alertavam quando estranhos se aproximavam.

“E se este Fondak foi abandonado até mesmo pelos contrabandistas?”

Leto parou para beber de um de seus tubos de recolhimento.

“E se não houver realmente água por lá?”

Reviu sua posição. Havia cavalgado dois vermes pela areia até chegar ali, dirigindo-os através da noite até deixá-los meio mortos. Esse era o Deserto Interior, onde se devia encontrar o refúgio dos contrabandistas. Se existia vida

,ali, se ela pudesse existir, teria de ser na presença de água.

“E se não houver água? E se este lugar não é Fondak/Jacurutu?”

Uma vez mais, apontou o binóculo para a armadilha de vento. Suas bordas externas estavam marcadas pela areia e precisando de manutenção, mas o suficiente dela permanecia. Devia haver água.

“Mas e se não houver?”

Um sietch abandonado poderia perder sua água para o ar, em algum tipo de catástrofe. Por que não havia pássaros carniceiros? Teriam sido mortos por sua água? Por quem? Como todos eles teriam sido eliminados? Veneno?

“Agua envenenada.”

A lenda de Jacurutu não incluía qualquer menção a uma cisterna envenenada, mas isso podia ter acontecido. Se os bandos originais tivessem sido eliminados, já não estariam renovados a essa altura?

Os Iduali tinham sido exterminados gerações atrás, e as histórias nunca mencionavam veneno.

Examinou as rochas com o binóculo. Como um sietch inteiro podia ter sido eliminado? Certamente, alguns de seus membros deviam ter escapado. Raramente todos os habitantes de um sietch se encontravam no lar. Grupos percorriam o deserto, viajavam até as cidades.

Com um suspiro de resignação, Leto guardou o binóculo. Escorregou pela face oculta da duna, tendo um cuidado extra em enterrar sua tenda-destiladora e ocultar qualquer indício de sua presença, enquanto se preparava para passar ali as horas mais quentes do dia. Vagarosas correntes de fadiga tomavam conta de seus membros enquanto ele se fechava na escuridão. Dentro do espaço suarento da tenda, passou a maior parte do dia, dormitando e imaginando os enganos que poderia ter cometido.

Seus sonhos eram defensivos, mas não podia haver autodefesa nesse teste que ele e Ghanima havia escolhido. Uma falha escaldaria suas almas. Comeu biscoitos de especiaria e dormiu, acordando para comer uma vez mais, beber e voltar a dormir. Fora um a longa jornada até esse lugar, um teste severo para músculos de criança.

Próximo do anoitecer, ele despertou, sentindo-s e renovado, e escutou em busca de sinais de vida, depois, arrastou-se para fora de sua cobertura de areia. Havia poeira alta no céu, soprada em uma direção, mas ele podia sentir a ar eia picando seu rosto, vinda de outra direção. Indício certo de que haveria mudança de tempo. Podia sentir uma tempestade se aproximando.

Cautelosamente, subiu na crista de sua duna e olhou uma vez mais para aquelas rochas enigmáticas. O ar entre os dois lugares estava amarelo. Os sinais indicavam a aproximação de uma tempestade Coriolis, o vento que trazia a

morte em seu interior. Haveria um grande lençol de areia impulsionada pelo vento que poder ia estender-se por quatro graus de latitude. O vazio desolado da depressão de gipsita era agora uma superfície amarela, refletindo as nuvens de poeira. A falsa paz do entardecer o envolveu; e então0 o dia se acabou e já era noite, a noite que caía rapidamente no Deserto Interior. Nela, as rochas tornaram-se picos angulosos, prateados pela luz da Primeira Lua. Sentia espinhos de areia picando-lhe a pele. Um ribombo de trovão seco soou como um eco de distantes tambores, e no espaço entre o luar e a escuridão ele percebeu um movimento súbito: morcegos. Podia ouvir o bater de suas asas, seus pequenos guinchos. “Morcegos.”

Por intenção ou acidente, esse lugar transmitia um sentimento de abandonada desolação.

Encontrava-se onde deveria estar a semi-lendária fortaleza dos contrabandistas: Fondak. Mas e se não fosse Fondak? E se o tabu ainda permanecesse e essa fosse apenas a concha vazia do fantasmagórico Jacurutu?

Leto agachou-se a sotavento de sua duna e aguardou que a noite assumisse seus ritmos próprios. Paciência e cautela — cautela e paciência. Por algum tempo, ele se divertiu, relembrando o percurso de Chaucer, de Londres a Canterbury, enumerando os lugares a partir de Southwark: duas milhas até o bebedouro em St. Thomas, cinco milhas até Deptford, seis milhas até Greenwich, 30 milhas até Rochester, 40 milhas para chegar a Sitt ingbourne, 55 milhas até Boughton under Blean, 58 milhas até Harbledown e 60 milhas até Canterbury. Saber que poucos nesse universo se lembrariam de Chaucer ou conheceriam uma Londres — exceto o vilarejo de Gensireed — dava-lhe o sentimento de flutuar além do Tempo. St. Thomas fora preservada na Bíblia Universal Laranja e no livro de Azhar, mas Canterbury se fora das memórias dos homens, assim como o planeta que a conhecera. Lá estava a carga de sua memória, de todas aquelas vidas que ameaçavam engolfá-lo. Ele próprio fizera aquela viagem a Canterbury, uma vez.

Sua presente viagem, entretanto, era mais longa, e mais perigosa.

Daí a pouco ele subiu para a crista da duna e seguiu em direção às rochas iluminadas pelo luar.

Tentou confundir-se com as sombras, escorregando através das cristas sem fazer qualquer som que pudesse assinalar sua presença.

A poeira se fora, como frequentemente acontecia antes de uma tempestade, e a noite estava brilhante. O dia não revelara movimento algum, mas agora ele podia ouvir pequenas criaturas correndo na escuridão, à medida que se aproximava das rochas.

Na depressão entre duas dunas, encontrou um a família de gerbos que

correram ante sua aproximação. Arrastou-se sobre a crista seguinte, suas emoções tomadas pela ansiedade. Aquela fenda que vira, será que conduziria a uma entrada? E havia outras preocupações: os antigos sietches sempre eram guarnecidos por armadilhas: fossos com farpas envenenadas, plantas com espinhos venenosos.

Sentia-se dominado pela expressão Fremen: “A noite volta-se para os ouvidos.” E pensando nisso aguçava os ouvidos em busca dos menores sons.

Agora, as rochas cinzentas elevavam-se acima dele, parecendo gigantescas em sua proximidade.

Enquanto ouvia, escutou pássaros invisíveis no penhasco, o suave chamado de uma presa alada. Eram sons de pássaros diurnos, mas ouvidos à noite. Que teria virado do avesso o mundo desses animais?

Predadores humanos?

De súbito, Leto gelou de encontro à areia. Havia fogo no penhasco, um bale de jóias brilhantes e misteriosas contra o tecido negro da noite, o tipo de sinal que um sietch enviaria a caminhantes através do bled. Quais seriam os ocupantes desse lugar? Esgueirou-se para a frente nas profundas sombras da base do penhasco, tateando a rocha com a mão e escorregando o corpo para trás, enquanto buscava a fenda que vira à luz do dia. Localizou-a no oitavo passo e então retirou de seu estojo o snorkel da areia, sondando com ele a escuridão. Ao caminhar, sentiu alguma coisa cair sobre seus ombros, apertando-o e enlaçando-o pelos braços para imobilizá-lo.

“Trepadeira-prendedora!”

Resistiu ao impulso de lutar: isso só faria a trepadeira apertar ainda mais. Deixou cair o snorkel e flexionou os dedos da mão direita, tentando alcançar a faca na cintura. Sentia-se um inocente indefeso por não ter jogado alguma coisa naquela fenda, a distância, a fim de testar os perigos na escuridão. Sua mente estivera ocupada com o fogo sobre o penhasco.

Cada movimento fazia a trepadeira apertar ainda mais, mas afinal seus dedos tocaram o cabo da faca. Furtivamente, fechou a mão em torno do cabo, começando a retirar a faca.

Uma luz cegante o envolveu, imobilizando seus movimentos.

— Ahh, uma ótima pescaria em nossa rede.

Era uma voz grossa, masculina, vinda de trás , com alguma coisa vagamente familiar em seu tom. Tentou virar a cabeça, consciente da perigosa propensão da trepadeira a esmagar um corpo que se movesse com muita liberdade.

Uma mão tomou-lhe a faca antes que pudesse ver seu captor. Depois, moveu-se com habilidade através de seu corpo, retirando todos os pequenos

artefatos que ele e Ghanima carregavam para a sobrevivência. Nada escapou à revista, nem mesmo o garrote de shigafio escondido em seu cabelo.

E Leto ainda não pudera ver o homem.

Dedos fizeram alguma coisa à trepadeira-prendedora e ele percebeu que podia respirar com mais facilidade. Entretanto, o homem avisou:

— Não resista, Leto Atreides. Tenho sua água em minha xícara. Com um supremo esforço, Leto permaneceu calmo, e disse:

— Sabe meu nome?

— É claro! Quando se prepara uma armadilha é para um propósito específico. Uma presa específica, não?

Leto permaneceu em silêncio, mas seus pensamentos giravam.

— Sente-se traído! — disse a pesada voz. Mãos viraram seu corpo de modo gentil, mas com óbvia demonstração de força. Um adulto estava mostrando a essa criança quais eram as suas chances.

Leto olhou para o clarão de duas tochas flutuadoras e viu os negros contornos de uma face mascarada pelo traje-destilador, um capuz. À medida que seus olhos se ajustavam ao brilho, percebeu uma tira escura de rosto, os olhos inteiramente sombreados pelo vício da especiaria.

— Imagina por que nos demos a todo esse trabalho — disse o homem, sua voz partindo da parte inferior do rosto, coberta, de modo curiosamente abafado, como se ele quisesse esconder o sotaque.

— Há muito deixei de me admirar com o nú mero de pessoas que desejam ver mortos os gêmeos Atreides — respondeu Leto. — Suas razões são óbvias.

Enquanto falava, a mente de Leto lançava-se de encontro ao desconhecido como se este fosse as barras de uma jaula. Buscava loucamente por respostas. Uma armadilha com isca? Mas quem teria conhecimento, exceto Ghanima? Impossível! Ghanima não trairia o irmão. Então, alguém o conhecia tão bem a ponto de prever suas ações? Quem? Sua avó? Como poderia?

— Você não podia ter permissão de continuar da maneira que é — disse o homem. — Muito ruim. Antes de ascender ao trono, precisa ser educado. — E os olhos sem branco o fitaram diretamente. — Está imaginando como alguém poderia ter a presunção de educar uma pessoa como você? Você, que tem o conhecimento de multidões em suas memórias? Mas é exatamente isso, percebe? Você se julga instruído, mas não passa de um depósito de vidas mortas. Ainda não possui vida própria. É apenas um excesso ambulante de outras vidas, todas com um único objetivo — buscar a morte. Isso não é bom num governante, ser um perseguidor da morte. Você encheria de cadáveres o mundo à sua volta. Seu pai, por exemplo, nunca entendeu...

— Como se atreve a falar dele desse modo?

— Muitas vezes me atrevi. Ele era apenas Paul Atreides, apesar de tudo. Bem, garoto, bem-vindo à sua escola.

O homem ergueu a mão que estivera debaixo do manto e tocou a face de Leto. Ele sentiu a sacudidela de um disparo e se viu girando numa escuridão onde ondulava uma bandeira verde. Era a bandeira verde dos Atreides, com seus símbolos da noite e do dia, seu bastão de Duna que ocultava um tubo de água. Ouviu a água gorgolejando enquanto a inconsciência o envolvia. Ou seria a risada de alguém?

36

Ainda podemos nos lembrar dos dias áureos antes de Heisenberg, que mostrou aos seres humanos as muralhas que encerram nossas discussões predestinadas. As vidas dentro de mini acham isso divertido. O conhecimento, como podem ver, não tem utilidade se não tiver um propósito, mas é o propósito que constrói as muralhas que nos tolhem.

— Leto Atreides II
Sua Voz

Alia estava falando asperamente aos guardas que confrontara no vestíbulo do Templo. Havia nove deles nos uniformes verdes poeirentos da patrulha suburbana, e todos ainda estavam ofegando e suando pelo esforço feito. A luz do final da tarde entrava pela porta atrás deles. A área fora evacuada dos peregrinos.

— Assim, minhas ordens não significam nada para vocês? — ela perguntou.

Admirava-se com sua própria raiva, não tentando contê-la, mas deixando que prosseguisse. Seu corpo tremia com tensões não liberadas. Idaho se fora... e Lady Jessica... nenhum relatório... somente rumores de que ambos estavam em Salusa. Por que Idaho não enviara uma mensagem? Que teria feito ele? Teria finalmente descoberto a respeito de Javid?

Alia usava o amarelo do luto em Arrakeen, a cor do sol flamejante da história Fremen. Dentro de alguns minutos, estaria liderando a segunda e derradeira procissão à Velha Fenda, para completar o marco de pedra em honra ao sobrinho perdido. O trabalho seria terminado à noite, homenagem adequada a uma pessoa que fora destinada a liderar os Fremen.

Os guardas sacerdotais pareciam desafiantes em face de sua raiva, e nem um pouco

envergonhados. Enfileiravam-se diante dela, delineados pela luz decrescente. O odor da transpiração era facilmente identificável através de seus leves e ineficientes trajes-destiladores de habitantes da cidade. Seu líder, um Kaza alto e louro, com símbolos da família Cadelam em seu bourka, lançou para o lado a máscara do traje, de modo a poder falar mais claramente. Sua voz era

cheia das entonações orgulhosas que seriam de se esperar em um descendente da família que um dia governara o Sietch Abbir.

— É claro que tentamos capturá-lo!

O homem estava obviamente ofendido com o ataque de Alia.

— Ele fala blasfêmias! Nós conhecemos suas ordens, mas o ouvimos com nossos próprios ouvidos!

— E falharam em capturá-lo — disse Alia, a voz baixa e acusadora.

Outro guarda, uma mulher baixa e jovem, tentou defendê-los.

— A multidão é compacta por aqui! Juro que as pessoas nos atrapalharam!

— Vamos continuar a persegui-lo — disse o Cadelam. — Nem sempre fracassamos.

Alia olhou, furiosa.

— Por que não me entendem e obedecem?

— Minha Senhora, nós...

— Que vai fazer, filho de Cadelam, se o capturar e descobrir que, na verdade, é meu irmão?

Ele obviamente não percebera a ênfase especial que ela colocara em seu nome, embora não pudesse ser um guarda sacerdotal sem alguma instrução e a inteligência para usá-la. Será que ele desejava sacrificar-se?

O guarda engoliu em seco e disse:

— Devemos matá-lo nós mesmos, pois ele traz a desordem.

Os outros pareceram aterrorizados ao ouvirem isso, mas ainda assim desafiantes. Sabiam o que tinham ouvido.

— Ele convoca as tribos para se unirem contra a senhora — disse o Cadelam.

Alia sabia como lidar com ele agora. Falou em tom calmo e trivial:

— Percebo. Então, você deverá sacrificar-se desse modo, atingindo-o abertamente para que todos vejam quem você é e o que fez. Aí, creio que deve...

— Sacrificar-me...

Ele interrompeu-se, olhando para os companheiros. Como Kaza desse grupo, seu líder nomeado, ele tinha o direito de falar por eles, mas mostrava indícios de desejar que tivesse ficado calado. Os outros guardas se remexiam, desconfortáveis. No calor da perseguição, haviam desafiado Alia. Só podiam refletir agora a respeito de tal desafio ao “Ventre Celestial”. Com óbvio desconforto, os guardas abriram um pequeno espaço entre si mesmos e seu Kaza.

— Pelo bem da Igreja, nossa reação oficial terá de ser severa — disse Alia. — Compreende isso, não?

— Mas ele...

— Eu mesma o ouvi — ela disse. — Mas este é um caso especial.

— Ele não pode ser o Muad'Dib, Minha Senhora! "Quão pouco você sabe!", pensou ela, e disse:

— Não podemos nos arriscar atingindo-o em campo aberto, ferindo-o onde outros possam ver. Mas, é claro, se alguma outra oportunidade se apresentar...

— Ele está sempre cercado por multidões atualmente.

— Então, temo que deva ser paciente. É claro que , se insiste em me desafiar... — Ela deixou as consequências em suspenso, sem verbalizá-las, mas bem entendidas. O Cadelam era ambicioso, com uma carreira brilhante pela ,f rente.

— Não pretendemos desafiá-la, Minha Senhora. — O homem se controlara agora. — Agimos apressadamente, posso ver isso. Perdoe-nos, mas ele...

— Nada aconteceu; nada há para se perdoar — el a disse, usando a fórmula Fremen habitual nessas situações.

Era um dos muitos modos pelos quais uma tribo mantinha a paz em suas fileiras, e esse Cadelam ainda era bastante Fremen Antigo para se lembrar disso. Sua família tinha longa tradição de liderança. A culpa era o chicote do Naib, a ser usado com parcimônia. Os Fremen serviam melhor quando livres da culpa e do ressentimento.

Ele demonstrou compreender o julgamento dela, inclinando a cabeça e dizendo:

— Pelo bem da tribo, eu compreendo.

— Vão refrescar-se — ela disse. — A procissão começa dentro de alguns minutos.

— Sim, Minha Senhora. — Saíram apressados, cada movimento revelando o alívio que sentiam nessa escapada.

Dentro de Alia, uma voz grave roncou:

— Ahhh, você lidou habilmente com isso. Um ou dois deles ainda acreditam que você quer o Pregador morto. Eles encontrarão um meio.

— Cale-se! — sussurrou ela. — Cale-se! Eu nunca devia tê-lo escutado! Olhe o que você fez...

— Coloquei-a no caminho da imortalidade — disse a voz grave. Ela sentia aquilo ecoar em seu crânio como uma dor distante, e pensou: "Onde posso me esconder? Não há lugar para onde fugir!"

— A faca de Ghanima é afiada — disse o Barão. — Lembre-se disso.

Alia piscou os olhos. Sim, essa era uma coisa boa de se lembrar. A faca de Ghanima era afiada, e essa faca ainda poderia cortar as amarras representadas pelos atuais problemas.

37

Se a pessoa acredita em certas palavras, então acredita nas idéias que lhes são subjacentes. Quando se acredita que alguma coisa é certa ou errada, verdadeira ou falsa, então se crê nos pressupostos contidos nas palavras que expressam essa coisa. Tais pressupostos são frequentemente repletos de erros, mas permanecem muito preciosos para os que deles estão convencidos.

— "A Prova Aberta" da Panóplia Profética

A mente de Leto flutuava num vapor de fortes odores. Ele reconheceu o cheiro carregado de canela da melange, o suor confinado de corpos trabalhando, o cheiro acre de um alambique da morte descoberto, mais muitos tipos de poeira, com a predominância de pó de pedra. Esses odores formavam uma trilha através da areia dos sonhos, criando formas na neblina de uma terra morta. Ele sabia que esses cheiros deviam revelar-lhe alguma coisa, mas parte dele ainda não podia ouvir.

Pensamentos flutuavam como espectros através de sua mente: "Neste tempo, eu ainda não tenho feições determinadas; sou todos os meus ancestrais. O sol se pondo na areia é o sol se pondo em minha alma. Um dia, essa multidão dentro de mim foi grande, mas isso terminou. Sou um Fremen e terei a morte de um Fremen. O Caminho Dourado terminou antes de ter começado. Não é nada mais que pegadas apagadas pelo vento. Nós Fremen conhecemos todos os truques para nos ocultarmos: não deixamos fezes, nem água, nem rastros... Agora, veja como meus rastros se apagam."

Uma voz masculina falou junto de seu ouvido:

— Eu poderia matá-lo, Atreides, eu poderia matá-lo, Atreides. — Isso foi repetido interminavelmente, até perder o significado, até se tornar uma coisa muda que trazia para os sonhos de Leto uma litania do tipo: "Eu poderia matá-lo, Atreides."

Leto pigarreou e sentiu a realidade desse simples ato sacudir-lhe os sentidos. Sua garganta seca conseguiu perguntar:

— Quem...

A voz ao lado dele respondeu:

— Eu sou um Fremen instruído e já matei homens. Vocês nos tiraram

nossos deuses, Atreides.

Por que vamos nos importar com seu fedorento Muad'Dib? Seu deus está morto!

Seria essa a verdadeira voz de um Ouraba ou se ria outra parte do sonho? Leto abriu os olhos e se viu livre, deitado sobre um leito duro. Olhou para cima e viu rocha, globos luminosos de pouca intensidade e um rosto sem máscara olhando para ele, tão perto que podia sentir-lhe o hálito, com os odores familiares de uma dieta de sietch. O rosto era o de um Fremen. Não havia engano: pele escura, feições severas e carne carente de água. Não era um gordo habitante da cidade. Ali estava um Fremen do deserto.

— Sou Namri, pai de Javid — disse o Fremen. — Agora você me conhece, Atreides.

— Conheço Javid — respondeu Leto com a voz rouca.

— Sim, sua família conhece meu filho muito bem. Tenho orgulho dele. Você, Atreides, poderá conhecê-lo melhor muito em breve.

— O que...

— Sou um de seus mestres, Atreides. Só tenho uma função: sou aquele que pode matá-lo. E farei isso com satisfação. Nesta escola, ser aprovado significa viver; fracassar é ser entregue às minhas mãos.

Leto percebeu a implacável sinceridade daquela voz. Isso o deixou arrepiado. O homem era um gom jabbar humano, um inimigo arrogante destinado a testar seu direito de entrada no gênero humano.

Leto sentia nisso a mão de sua avó, e por trás dela as multidões sem face das Bene Gesserits. Ele estremeceu ante esse pensamento.

— Sua educação começa comigo — disse Namri. — Isso é justo. É adequado. Porque ela pode terminar comigo. Escute-me com cuidado, agora. Cada palavra minha traz consigo a sua vida. Tudo em mim contém a sua morte.

Leto deu uma olhada em direção à sala ao redor: paredes de rocha nua — somente o sofá, os globos luminosos mortiços e uma passagem escura por trás de Namri.

— Você não passaria por mim — ele advertiu, e Leto acreditou nele.

— Por que está fazendo isso?

— Isso já foi explicado. Pense nos planos que estão em sua cabeça! Você está aqui e não pode ter um futuro em sua presente condição. Os dois não se ajustam: o agora e o futuro. Mas se realmente conhecer seu passado, se olhar para trás e vir onde já esteve, talvez haja razão uma vez mais. Senão, haverá sua morte.

Leto notou que o tom de voz de Namri não era inteiramente inamistoso, mas era firme e não negava a possibilidade de morte.

Namri apoiou-se nos calcanhares, olhando para o teto de rocha.

— Em tempos antigos, os Fremen fitavam o leste durante a aurora. Eos, você sabia? Isso significa aurora em um dos antigos idiomas.

Com um orgulho amargo em sua voz, Leto disse:

— Eu falo esse idioma.

— Você não me escutou, então — disse Namri, e havia o gume cortante de uma faca em sua voz. — A noite era o tempo do caos. O dia era o tempo da ordem. Era assim na época desse idioma que você diz que fala: escuridão-desordem, luz-ordem. Nós Fremen mudamos isso. Eos era a luz na qual não confiávamos. Preferíamos a luz da lua ou das estrelas. A luz significava ordem em demasia, e isso pode ser fatal. Percebe o que vocês Éos-Atreides fizeram? O homem é uma criatura que pertence apenas à luz que o protege. O sol era nosso inimigo em Duna. — E Namri fez o olhar retornar para Leto. — Qual a luz que prefere, Atreides?

Pela atitude séria de Namri, Leto sentiu que essa pergunta era muito importante. O homem iria matá-lo se deixasse de dar a resposta correta? Era possível. Leto viu a mão de Namri repousando junto ao cabo polido de uma faca cristalina. Um anel em forma de tartaruga mágica brilhava na mão do Fremen.

Leto apoiou-se nos cotovelos e pôs a mente a sondar as crenças dos Fremen. Eles confiavam na Lei e adoravam ouvir suas lições expostas em forma de analogia. Esses velhos Fremen... A luz da lua?

— Eu prefiro... a luz do Lisanu L'haqq — disse Leto, vigilante quanto a reações sutis da parte de Namri. O homem pareceu desapontado, mas sua mão se afastou da faca. — E a luz da verdade, a luz do homem perfeito no qual a influência do al-Mutakallim pode ser vista claramente — prosseguiu Leto. — Que outra luz um homem preferiria?

— Você fala como quem recita, não como quem acredita.

E Leto pensou: "Eu realmente recitei." Mas começava a sentir o rumo dos pensamentos de Namri, como suas palavras se filtravam através de um treinamento precoce no antigo jogo de enigmas.

Milhares dessas charadas eram usadas no treinamento de um Fremen, e Leto só tinha de focalizar sua atenção nesse costume para inundar sua mente com exemplos. "Desafio: Silêncio? Resposta: O amigo dos perseguidos."

Namri assentiu para si mesmo, como se tivesse compartilhado desse pensamento, e disse:

— Existe uma caverna que é a caverna da vida para os Fremen. É uma verdadeira caverna que o deserto ocultou. Shai-Hulud, o grande bisavô de todos os Fremen, selou a entrada dessa caverna.

Meu tio Ziamad contou-me a respeito disso, e ele nunca me mentiu. Tal

caverna existe.

Leto ouviu o silêncio desafiador quando Namri acabou de falar. “A caverna da vida?”

— Meu tio Stilgar também me falou a respeito dessa caverna — disse ele. — Foi fechada para evitar que os covardes se ocultassem nela.

O reflexo dos globos luminosos brilhou nos olhos sombreados de Namri. Ele indagou:

— Vocês Atreides abririam essa caverna? Vocês buscam controlar a vida através de um ministério, que chamam de Ministério Central de Informação, Auqaf e Hajj. O Maulana encarregado chama-se Kausar. Ele percorreu um longo caminho desde as origens de sua família nas minas de sal de Niazi. Diga-me, Atreides, o que está errado em seu ministério?

Leto sentou-se, consciente agora de estar em meio a um jogo de charadas com Namri, no qual errar era morrer. O homem dava todos os indícios de que usaria a faca cristalina ante a primeira resposta incorreta.

Namri reconheceu essa compreensão em Leto e disse:

— Creia-me, Atreides. Eu sou o esmagador dos tolos. Sou o Martelo de Ferro.

Agora Leto compreendia. Namri via a si mesmo como Mirzabah, o Martelo de Ferro com que os mortos são espancados quando não respondem satisfatoriamente às perguntas que devem responder antes de entrarem no paraíso.

“Que haveria de errado com o ministério central que Alia e seus sacerdotes haviam criado?”

Leto pensou nos motivos que o haviam levado ao deserto, e reacendeu-se nele uma pequena esperança de que o Caminho Dourado ainda pudesse aparecer em seu universo. O que a pergunta de Namri implicava não era nada mais que o motivo que levara o próprio filho do Muad’Dib ao deserto.

— Deus deve mostrar o caminho — respondeu Leto.

O queixo de Namri moveu-se bruscamente para baixo e ele olhou severamente para Leto.

— É verdade que acredita nisso? — ele quis saber.

— É por isso que estou aqui — disse Leto.

— Para encontrar o caminho?

— Para encontrá-lo para mim mesmo. — Leto colocou os pés sobre a borda do catre. O piso de rocha não tinha tapete, era frio. — Os sacerdotes criaram seu ministério para ocultar o caminho.

— Você fala como um verdadeiro rebelde — disse Namri, e esfregou o anel de tartaruga no dedo. — Veremos. Ouça com cuidado uma vez mais. Você

conhece a elevada Muralha Escudo em Jalalud-Din? Aquela Muralha tem as marcas de minha família, gravadas lá nos primeiros dias. Javid, meu filho, já viu essas marcas. Abedi Jalal, meu sobrinho, as viu. Mujahid Shafqat, dos Outros, também viu nossas marcas. Na estação das tempestades, perto de Sukkar, eu desci com meu amigo Yakup Abad próximo daquele lugar. Os ventos eram terríveis, como os redemoinhos dos quais aprendemos nossas danças. Não tivemos tempo de ver as marcas porque a tempestade bloqueava o caminho. Mas quando a tormenta passou tivemos a visão do Thatta sobre a areia soprada. A face do Shakir Ali estava lá por um momento, olhando para baixo sobre sua cidade das tumbas. A visão se foi num instante, mas nós todos a tivemos. Diga-me, Atreides, onde poderei encontrar a cidade das Tumbas?

"Os redemoinhos dos quais aprendemos nossas danças", pensou Leto. "A visão de Thatta e Shakir Ali." Essas eram palavras dos Viajantes Zensunni, aqueles que se c onsideravam os únicos e verdadeiros homens do deserto.

"E os Fremen eram proibidos de ter tumbas."

— A cidade das tumbas encontra-se no final da trilha que todos os homens seguem — disse

Leto. E enumerou as beatitudes Zensunni: — Fica num jardim com mil passos quadrados. Há um lindo corredor de entrada com 233 passos de comprimento e 100 passos de largura, todo pavimentado com mármore da antiga Jaipur. Lá se encontra ar-Razzaq, aquele que fornece alimento a todos que lhe pedem. E no Dia do Julgamento, todos aqueles que se erguerem e procurarem a cidade das tumbas não deverão encontrá-la. Pois está escrito: Aquilo que conheces num mundo, não deverás encontrar em outro.

— Novamente você recita sem acreditar — zombou Namri. — Mas vou aceitar isso por enquanto, pois creio que sabe por que está aqui. — Um frio sorriso tocou-lhe os lábios. — Eu lhe concedo um futuro provisório, Atreides.

Leto estudou o homem cautelosamente. Seria isso outra pergunta disfarçada?

— Ótimo! — exclamou Namri. — Sua consciência foi preparada. Eu atingi os alvos. Mais uma coisa, então: ouviu dizer que eles usam imitações de trajes-destiladores na distante Kadrísh?

Enquanto Namri esperava, Leto movimentou sua mente em busca de um significado oculto.

"Imitações de trajes-destiladores? Eram usadas em muitos planetas."

— Os hábitos afetados de Kadrish são uma velha história, frequentemente repetida. Sábio é o animal que se confunde com seu ambiente.

Namri assentiu lentamente, depois disse:

— Aquele que o aprisionou e o trouxe aqui virá vê-lo dentro em breve.

Não tente sair deste lugar. Seria sua morte. — Levantando-se enquanto falava, Namri saiu pela passagem escura.

Por muito tempo depois que ele se fora, Leto continuou olhando para aquela passagem. Podia ouvir sons vindos de lá, as vozes abafadas de homens em trabalho de guarda. A história de Namri a respeito de uma visão-miragem permanecia em sua mente. Relembrava-lhe a longa travessia do deserto até aquele lugar. E não mais importava se era ou não Jacurutu/Fondak. Namri não era contrabandista, mas alguém muito mais poderoso. E o jogo que ele fazia cheirava a Lady Jessica, recendia a Bene Gesserit. Percebendo isso, Leto sentiu o perigo fechando-se sobre si. Mas aquela passagem escura por onde Namri se fora era a única saída do aposento. E lá fora havia um sietch estranho, com o deserto adiante. A dura severidade desse deserto, seu caos ordenado com miragens e intermináveis dunas, surgia para Leto como parte da armadilha em que fora apanhado. Ele poderia tornar a atravessar aquela areia, mas aonde isso o levaria? Esse pensamento era como água estagnada. Não lhe saciava a sede.

38

Devido à consciência unidirecional do Tempo, na qual a mente convencional permanece imersa, os seres humanos tendem a pensar em tudo como se fosse uma estrutura sequencial, orientada por palavras. Isso é uma armadilha mental que produz conceitos de curto prazo em matéria de eficácia e consequências, condição em que as respostas as crises são constantes e não-planejadas.

— Liet-Kynes Manual de Arrakis

“Palavras e movimentos simultâneos”, lembrou- se Jessica enquanto voltava seus pensamentos para os preparativos mentais necessários ao encontro iminente.

Era pouco após o desjejum, com o sol dourado de Salusa Secundus apenas começando a tocar o muro oposto ao jardim interno visto de sua janela. Vestira-se cuidadosamente: o manto negro com capuz de Reverenda Madre, mas com o brasão dos Atreides bordado em ouro em torno da bainha e do punho de cada manga. Jessica ajeitou meticulosamente o drapejado de seu traje, enquanto voltava as costas para a janela, colocando o braço esquerdo sobre a cintura de modo a exibir o símbolo do Falcão.

Farad’n reparou nos símbolos dos Atreides, comentando a respeito deles enquanto entrava, mas sem revelar raiva ou surpresa. Ela detectou um humor sutil na voz dele e se perguntou sobre sua razão.

Notou que ele vestira uma malha cinza, como ela tinha sugerido. Agora se sentava num divã verde, baixo, para o qual ela o dirigira, relaxando com o braço direito ao longo do recosto.

“Por que confio nela?”, ele pensava: “Essa é uma bruxa Bene Gesserit.”

Jessica, lendo o pensamento pelo contraste entre o corpo descontraído e a expressão do rosto, sorriu, dizendo:

— Você confia em mim porque sabe que nosso acordo é bom e quer o que lhe posso ensinar.

Notou o toque da zanga em sua testa e acenou com a mão esquerda para acalmá-lo.

— Não, eu não leio pensamentos. Leio a face, o corpo, os maneirismos, o tom de voz, a disposição dos braços. Qualquer um pode fazê-lo, desde que aprenda o Modo Bene Gesserit.

— E a senhora vai me ensinar?

— Tenho certeza de que estudou os relatórios a nosso respeito — ela disse. — Existe em algum lugar um relatório que diga que deixamos de cumprir uma promessa direta?

— Não, mas...

— Nós sobrevivemos, em parte, pela confiança que as pessoas têm em nossa sinceridade. E isso não mudou.

— Acho isso razoável — ele disse. — E estou ansioso para começar.

— Surpreende-me que nunca tenha solicitado à Bene Gesserit que lhe enviasse uma professora. Elas teriam pulado de satisfação ante a oportunidade de colocá-lo em débito para com elas.

— Minha mãe nunca me escutou quando eu insistia para que fizesse isso — ele disse. — Mas agora... — Encolheu os ombros num eloquente comentário sobre o banimento de Wensicia. — Devemos começar?

— Seria melhor ter começado isso quando era bem mais jovem. Vai ser mais duro para você agora — explicou Jessica. — Vai tomar-lhe muito mais tempo. Terá de começar aprendendo a ter paciência, extrema paciência. Rezo para que não ache o preço demasiado elevado.

— Não com a recompensa que oferece.

Ela ouviu a sinceridade, a pressão das expectativas e o toque de admiração em sua voz. Isso proporcionava as condições para o início. E ela disse:

— A arte da paciência, então... começando com alguns exercícios elementares prana-bindu para as pernas e os braços, para a respiração. Deixaremos as mãos e os dedos para depois. Está pronto?

Sentou-se num banco diante dele.

Farad’n assentiu com a cabeça, mantendo no rosto uma expressão de expectativa para esconder um súbito medo. Tyekanik o advertira de que poderia haver um truque na súbita oferta de Lady Jessica, alguma coisa arranjada pela Irmandade.

— Não se pode acreditar que ela as abandonou de novo, ou que elas a abandonaram.

Farad’n interrompera essa argumentação com um a súbita explosão de raiva pela qual se lamentara imediatamente. Sua reação emocional o fizera concordar mais rapidamente com as precauções de Tyekanik. Olhou para os cantos da sala, e para o brilho sutil das jems no teto. Toda aquela cintilação não provinha de verdadeiras jems, e tudo na sala seria gravado para que boas mentes

pudessem rever cada nuance, cada palavra, cada movimento.

Jessica sorriu, notando-lhe a direção do olhar, mas sem revelar que sabia para onde a atenção dele se desviara. Ela disse:

— Para aprender paciência do Modo Bene Gesserit, você deve começar por reconhecer a estabilidade crua e essencial de nosso universo. Nós chamamos de natureza — significando sua totalidade em todas as suas manifestações — o Derradeiro Não Absoluto. Para libertar sua visão e permitir que reconheça esse caráter mutável, condicional à natureza, você esticará os braços ao máximo, mantendo as mãos diante de si. Olhe para suas mãos estendidas, primeiro as palmas, depois o dorso.

Examine os dedos, a parte da frente e a de trás. Faça isso.

Farad'n obedeceu, mas se sentiu tolo. Essas eram suas próprias mãos, ele as conhecia.

— Imagine suas mãos envelhecendo — disse Jessica. — Elas devem se tornar muito velhas diante de seus olhos. Muito, muito velhas. Repare como a pele está seca...

— Minhas mãos não mudaram — ele disse. Já podia sentir os músculos do antebraço tremendo.

— Continue a olhar para suas mãos. Faça-as velhas, tão velhas quanto puder imaginar. Pode levar tempo. Mas quando as vir envelhecer, reverta o processo. Faça suas mãos ficarem jovens novamente — tão jovens quanto puder torná-las. Esforce-se por levá-las da infância até a idade avançada, à sua vontade, para trás e para frente, para trás e para frente.

— Elas não mudam! — protestou ele. Seus ombros doíam.

— Se você exigir isso de seus sentidos, então suas mãos irão mudar — ela disse. — Concentre-se em visualizar o fluxo de tempo que deseja: da infância à velhice, da velhice à infância. Pode levar horas, dias, meses. Mas pode ser conseguido. Reverter esse fluxo mutável vai ensiná-lo a ver cada sistema como algo girando em estabilidade relativa... apenas relativa.

— Pensei que estivesse aprendendo paciência. — Ela ouviu a raiva na voz dele, uma ponta de frustração.

— E estabilidade relativa — respondeu ela. — Essa é a perspectiva que você cria com suas próprias crenças, e as crenças podem ser manipula das pela imaginação. Você aprendeu apenas um modo limitado de olhar para o universo. Agora, deve fazer do universo sua própria criação. Isso lhe permitirá dominar qualquer estabilidade relativa para seu próprio uso, para quaisquer usos que for capaz de imaginar.

— Quanto tempo disse que leva?

— Paciência — ela relembrou-lhe.

Um sorriso espontâneo tocou-lhe os lábios. Seus olhos desviaram-se em direção a ela.

— Olhe para suas mãos! — ela gritou.

O sorriso desapareceu. Seu olhar voltou à concentrada fixação sobre as mãos estendidas.

— Que é que eu faço quando meus braços se cansarem?

— Pare de falar e se concentre — disse ela. — Se ficar muito cansado, pare. Volte a fazê-lo após alguns minutos de relaxamento e exercício. Deve persistir nisso até ter sucesso. Em seu atual estágio, isso é mais importante do que possa perceber. Aprenda essa lição ou as outras não virão.

Farad'n respirou profundamente, mordeu o lábio e tornou a fitar as mãos estendidas. Voltou-as lentamente: frente, dorso, frente, dorso... seus ombros tremiam de fadiga. Frente, dorso... Nada mudava.

Jessica levantou-se e atravessou a sala em direção à porta.

Ele falou sem tirar a atenção das mãos:

— Para onde está indo?

— Você exercitará isso melhor se ficar sozinho. Voltarei em uma hora. Paciência.

— Eu sei!

Ela o observou por um momento. Como ele pareci a concentrado. De repente, lembrava-lhe o próprio filho perdido, e ela se permitiu um suspiro.

— Quando voltar, vou ensinar-lhe exercícios para aliviar os músculos. Dê tempo ao tempo.

Ficará surpreso com o que pode levar seu corpo e seus sentidos a fazerem.

Ela saiu.

Os onipresentes guardas tomaram posição três passos atrás dela, seguindo-a enquanto caminhava ao longo do corredor. A admiração e o temor que sentiam eram óbvios. Eles eram Sardaukar, bem advertidos quanto à destreza de Jessica, criados ouvindo histórias a respeito de sua derrota pelos Fremen de Arrakis. Essa bruxa era uma Reverenda Madre Fremen, uma Bene Gesserit e uma Atreides.

Olhando para trás, Jessica viu suas faces ríspidas como marcos em seus planos. Tornou a olhar para a frente, desceu as escadas e atravessou uma passagem estreita para entrar no jardim sob suas janelas.

"Agora, se apenas Duncan e Gurney fizerem suas partes", pensou, enquanto sentia a trilha de cascalho sob os pés, vendo a luz dourada a se filtrar através das plantas.

39

Você aprenderá os métodos de comunicação integrada enquanto completa o próximo passo em sua educação mental. Essa é uma função gestáltica que sobreporá trilhas de dados em sua consciência, resolvendo complexidades e massas de dados a partir de técnicas de indexação-catalogação mentat que já terá dominado. Seu problema inicial será a quebra das tensões que surgem da montagem divergente de dados/ minúcias sobre assuntos especializados. Fique alerta.

Sem a integração sobreposta mentat, você pode ficar mergulhado no Problema de Babel, que é o rótulo que damos aos perigos onipresentes de se chegar a combinações errôneas a partir de uma informação precisa.

— Manual do Mentat

O som de tecidos roçando lançou centelhas de consciência através de Leto. Ele ficou surpreso por ter afinado sua sensibilidade ao ponto de identificar automaticamente os tecidos a partir de seu som: a combinação ouvida provinha de um manto Fremen roçando nas cortinas rústicas de uma porta.

Voltou-se em direção ao som. Ele vinha da passagem por onde Namri se fora, minutos atrás. Ao se virar, Leto viu entrar seu captor. Era o mesmo homem que o havia aprisionado: a mesma faixa de pele escura acima da máscara do traje-destilador, os olhos cauterizantes. O homem ergueu a mão para a máscara, tirando das narinas o tubo captador, abaixando a máscara e, num movimento idêntico, colocando o capuz de volta no lugar. Antes mesmo que seus olhos focalizassem a cicatriz do chicote inkvine ao longo do queixo, Leto o reconheceu. O reconhecimento era total em sua consciência, com a busca dos detalhes confirmadores vindo depois. Não havia engano a esse respeito: essa massa informe de humanidade, esse guerreiro-trovador era Gurney Halleck!

Leto comprimiu as mãos, dominado momentaneamente pelo choque do reconhecimento.

Nenhum partidário dos Atreides fora mais leal. Ninguém era melhor que ele na luta com escudos. Este fora o mestre confidente de Paul.

E era o criado de Lady Jessica.

Esse reconhecimento, e mais ainda, fluiu pela mente de Leto. Gurney era seu captor. Gurney e Namri estavam juntos nessa conspiração. E a mão de Jessica também agira ali.

— Percebo que esteve com nosso Namri — disse Halleck.

— Acredite nele, jovem senhor; ele tem uma função e somente uma. É capaz de matá-lo se surgir a necessidade.

Leto respondeu automaticamente no tom de voz de seu pai.

— Então você se uniu a meus inimigos, Gurney! Nunca pensei que o...

— Não tente nenhum de seus truques diabólicos comigo, garoto

— disse Halleck. — Estou protegido de todos eles. Sigo as ordens de sua avó. Sua educação foi planejada até o último detalhe. Foi ela que aprovou minha escolha de Namri. O que vem a seguir, doloroso como possa parecer, é feito por ordem dela.

— E o que ela ordena?

Halleck tirou uma das mãos de entre as dobras de seu manto, exibindo um injetor Fremen, primitivo, mas eficiente. Seu tubo transparente estava carregado de um fluido azul.

Leto recuou sobre o leito, até ser detido pela parede. Enquanto ele se movia, Namri entrou, ficando ao lado de Halleck, com a mão sobre a faca cristalina. Juntos, eles bloqueavam a única saída.

— Vejo que reconheceu a essência de especiaria — disse Halleck. — Você vai fazer a viagem do verme, garoto. Deve passar por ela. De outro modo, o que seu pai se atreveu a fazer e você não se atreve irá pairar sobre a sua mente pelo resto de seus dias.

Leto sacudiu a cabeça sem dizer palavra. Essa era a coisa que ele e Ghanima sabiam que poderia dominá-los. Gurney era um tolo ignorante! Como Jessica podia... Leto sentiu a presença paterna em suas memórias. Aquilo entrou em sua mente, tentando arrancar-lhe as defesas. Leto queria gritar indignado, mas não conseguia mover os lábios. Essa era a coisa que sua consciência pré-nascida mais temia: o transe da presciência, a percepção do futuro imutável, com toda a sua invariabilidade e os seus terrores. Certamente, Jessica não podia ter ordenado tal provação para seu neto. Mas a presença dela assomava em sua mente, enchendo-a de argumentos aceitáveis. Até mesmo a litania contra o medo era pressionada sobre sua mente numa ladainha repetitiva: “Não devo temer. O medo é o assassino da mente. O medo é a pequena morte que traz o esquecimento total. Enfrentarei meu medo. Permitirei que ele passe sobre mim e através de mim. E quando ele houver passado...”

Com uma praga que já era antiga quando a Caldéia era jovem, Leto tentou se mover, tentou saltar sobre os dois homens diante de si, mas os músculos

recusaram-se a obedecer. Como se já estivesse em transe, viu a mão de Halleck se mover e o injetor se aproximar. A luz do globo luminoso cintilou no fluido azul e o injetor tocou o braço esquerdo de Leto. A dor se propagou através dele, disparando para os músculos da cabeça.

De repente, ele viu uma mulher jovem agachada do lado de fora de uma tenda tosca, à luz da aurora. Abaixada diante dele, ela assava grãos de café até ficarem marrons, adicionando-lhes melange e cardomom. O som de uma rabeca ecoava em algum lugar atrás dele. Uma música que ecoava e ecoava, entrando em sua cabeça e ainda ecoando. Aquilo preencheu todo o seu corpo e ele se sentiu grande, muito grande, e não mais uma criança. E sua pele não era mais a sua. Conhecia essa sensação! A pele que não era sua. Calor espalhando-se pelo corpo. E tão abruptamente quanto na primeira visão, ele se encontrou de pé na escuridão. Era noite. Estrelas, como uma chuva de brasas, caíam aos montes de um cosmo brilhante.

Parte dele sabia não haver escapatória, mas ainda assim tentou lutar até que a presença paterna interferiu:

— Eu o protegerei no transe. Os outros dentro de você não irão toma-lo.

O vento derrubou Leto, fazendo-o rolar, assoviando, lançando pó e a areia sobre ele, cortando seus braços e seu rosto, puindo suas roupas e arrancando as extremidades rasgadas do tecido, agora inútil. Entretanto, ele não sentia dor e via os fe rimentos cicatrizarem-se tão rapidamente quanto apareciam. Ainda assim, rolava no vento e sua pele não era mais a sua.

“Vai acontecer!”, pensou.

Mas o pensamento era distante e vinha como se não lhe pertencesse realmente; não mais do que aquela pele era sua.

A visão o absorveu. Evoluía numa memória estereológica que separava passado e presente, futuro e presente, futuro e passado. Cada separação reunia-se num foco triocular que ele sentia como um mapa de relevo multidimensional mostrando sua própria existência futura.

Pensou: “O Tempo é uma medida do espaço, tal como o é um medidor de distâncias, mas o ato de medir prende-nos ao lugar que medimos.”

Sentiu o transe aprofundar-se. Aquilo vinha como uma ampliação da consciência interior que sua auto-identidade absorvia e através da qual ele se sentia mudando. Era um Tempo vivo e ele não conseguia apoderar-se nem mesmo de um instante dele. Fragmentos de memória, futuro e passado o afogavam. Entretanto, eles existiam como uma montagem em movimento. Seus relacionamentos submetiam-se a uma dança contínua. Sua memória era uma lente, um holofote brilhante que captava fragmentos, isolando-os, mas sempre fracassando na tentativa de deter o movimento incessante, as modificações que

fluíam para dentro de sua visão.

Aquilo que ele e Ghanima haviam planejado atravessava agora o foco do holofote, dominando tudo mais. Entretanto, agora essa visão o aterrorizava. Era uma realidade dolorosa e sua inevitabilidade não-crítica fazia com que seu ego se encolhesse.

E sua pele não era sua pele! Passado e presente rolaram através dele, avançando em ondas através das barreiras de seu horror. Era incapaz de separá-los. Num momento, sentiu-se iniciando o Jihad Butleriano, ávido por destruir qualquer máquina que simulasse a consciência humana. Isso tinha de ser o passado — terminado, acabado. E no entanto seus sentidos se lançavam através dessa experiência, absorvendo os mais insignificantes detalhes. Ele ou via um colega sacerdote falando de um púlpito:

“Devemos negar as máquinas-que-pensam. Os humanos devem estabelecer suas próprias linhas de orientação. Isso não é algo que as máquinas possam fazer. O raciocínio depende da programação, não do equipamento, e nós somos o derradeiro programa!”

Ele ouvia a voz claramente, conhecia esse ambiente — um amplo salão forrado em madeira com janelas escuras. A luz provinha de chamas crepitantes. E o colega sacerdote dizia: “Nosso Jihad é um ‘programa de eliminação’. Eliminamos as coisas que destroem nossa humanidade!”

Em sua mente, Leto sabia que o orador fora um servo dos computadores, alguém que os conhecia e consertava. Mas a cena desapareceu e agora Ghanima se encontrava diante dele, dizendo:

“Gurney sabe, ele me contou. São as palavras de Duncan, e Duncan estava falando como mentat. ‘Ao fazer o bem, evite a notoriedade; ao fazer o mal, evite a autoconsciência.’“

Isso tinha de Ser o futuro — um futuro distante . Mas ele sentia sua realidade. Algo tão intenso quanto qualquer passado de suas múltiplas vidas. E ele sussurrou:

— Não é verdade, pai?

Mas a presença paterna dentro dele advertiu : “Não atraia o desastre! Agora você está aprendendo sobre a consciência estroboscópica. Sem ela você poderia atropelar-se, perder seu marco-lugar no Tempo.”

E as imagens em baixo-relevo persistiram, intrusões martelando-lhe a consciência. Passado-presente-agora. Não havia uma verdadeira separação. Sabia que precisava fluir com essa coisa, mas a corrente o aterrorizava. Como poderia retornar a qualquer lugar reconhecível? No entanto, sentia-se forçado a eliminar toda resistência. Não podia perceber seu novo universo imobilizado, transformado em elementos rotulados. Nenhum fragmento se detinha. Nem

sempre as coisas podiam ser ordenadas e formuladas. Precisava encontrar o ritmo da mudança e enxergar, entre as mudanças, o próprio processo de mudança. Sem saber onde aquilo começava, sentiu que se movia dentro de um gigantesco moment bienheureux, capaz de ver o passado no futuro, o presente no passado e o agora dentro de ambos, passado e futuro. Era a acumulação dos séculos sendo vivenciada entre uma batida do coração e a batida seguinte.

A consciência de Leto flutuou livre, sem uma psique objetiva para compensar a consciência, sem barreiras. O "futuro provisório" de Namri permanecia ligeiramente em sua memória, mas compartilhava a percepção de muitos outros futuros. E, nessa consciência demolidora, todo o seu passado, cada vida interior, tornava-se sua própria vida. Com a ajuda do maior de todos dentro dele, Leto as dominou. Elas eram suas.

Pensou: "Quando se estuda um objeto a distância, apenas seu princípio pode ser visto." Havia conseguido essa distância e agora podia ver sua própria vida: o multipassado, com suas memórias, era o seu fardo, sua alegria e sua necessidade. Mas a viagem do verme adicionara outra dimensão, e o pai não mais montava guarda em seu interior porque tal necessidade não mais existi a. Leto via claramente através das distâncias — passado e presente. E o passado apresentava-lhe um derradeiro ancestral — alguém chamado Harum, sem o qual o futuro distante não existiria. Essas distâncias nítidas forneciam novos princípios, novas dimensões no compartilhar. Qualquer que fosse a vida que agora escolhesse, ele a viveria numa esfera autônoma de experiência de massa, um rastro de existências tão intrincado que nenhum tempo de vida único poderia contar as gerações nele contidas. Despertada, essa experiência de massa tinha o poder de dominar sua personalidade. A quilo poderia influenciar uma pessoa, uma nação, uma sociedade ou uma civilização inteira. Fora por isso, é claro, que Gurney aprendera a temê-lo, que a faca de Namri o aguardava. Eles não podiam ver esse poder dentro dele. Ninguém poderia vê-lo em sua totalidade... Nem mesmo Ghanima.

Daí a pouco Leto se sentou e viu que apenas Namri permanecia vigiando.

Com voz cansada, Leto disse:

— Não existe um conjunto único de limites para todos os homens. A presciência universal é um mito vazio. Somente as mais poderosas correntes locais do Tempo podem ser previstas. Mas, num universo infinito, local, pode abranger algo tão gigantesco que sua mente se encolhe diante dele.

Namri sacudiu a cabeça sem compreender.

— Onde está Gurney? — indagou Leto.

— Saiu para que não tivesse de me ver matá-lo.

— Você vai me matar, Namri? — Era quase uma súplica para que o

homem o fizesse.

Namri afastou a mão da faca.

— Como me pede para fazê-lo, não o farei. Se fosse indiferente, entretanto...

— A doença da indiferença destrói muitas coisas — disse Leto, assentindo para si mesmo. —

Sim... até mesmo civilizações morrem de indiferença. É como se esse fosse o preço cobrado para se conquistar novos níveis de complexidade ou consciência. — Olhou para Namri. — Assim, eles lhe disseram para buscar em mim sinais de indiferença? — E percebeu que Namri era mais que um assassino: Namri era maquiavélico.

— Como sinal de poder desenfreado — disse Namri, mas estava mentindo.

— Poder indiferente, sim — disse Leto, sentando-se e respirando profundamente. — Não havia grandeza moral na vida de meu pai, Namri; apenas uma armadilha local que ele armou para si mesmo.

40

O Paul, teu Muad'Dib,
Mahdi de todos os homens,
Teu hálito exalado
Lançou o furacão.

— Canções do Muad'Dib

— Nunca! — disse Ghanima. — Eu o mataria em nossa noite de núpcias.

Falava com uma teimosia que até agora resistira a todos os apelos. Alia e suas assessoras haviam passado metade da noite tentando, com isso mantendo os alojamentos reais em estado de agitação, mandando vir novas assessoras, pedindo comida e bebida. Todo o Templo e o Castelo adjacente fervilhavam com as frustrações causadas por decisões ainda não tomadas.

Ghanima sentava-se muito calma numa cadeira flutuadora verde, dentro de seus próprios aposentos, uma sala grande com ásperas paredes cor de bronze para simular a rocha de um sietch. O teto, entretanto, era um cristal imbar que tremulava com luz azul, e o piso era de azulejo negro. A mobília era escassa: uma pequena mesa para escrever , cinco cadeiras flutuadoras e o estreito leito colocado numa alcova à maneira Fremen. Ghanima usava o manto amarelo do luto.

— Você não é uma pessoa livre que possa decidir cada aspecto de sua vida — disse Alia, talvez pela centésima vez. "A pequena to la deve conscientizar-se disso, cedo ou tarde! Deve aprovar o noivado com Farad'n. Ela deve! Que o mate depois, mas o noivado exige uma aceitação aberta daquela que é comprometida pelos Fremen."

— Ele matou meu irmão — disse Ghanima, agarrando-se à única coisa que a sustentava. — Todos sabem disso. Os Fremen cuspiriam à menção de meu nome se eu consentisse nesse noivado.

"E essa é uma das razões pelas quais deve consentir", pensou Alia. Ela disse:

— Foi a mãe dele que o fez. Ele a baniu por isso. Que mais você deseja dele?

— Seu sangue — respondeu Ghanima. — Ele é um Corrino.

— Mas denunciou a própria mãe — protestou Alia. — E por que você deveria preocupar-se com a ralé Fremen? Eles aceitarão o que quer que eu lhes diga que aceitem. Ghani, a paz do Império exige que...

— Não consentirei — disse Ghanima. — Você não pode anunciar o noivado sem mim. Irulan, entrando na sala enquanto Ghanima falava, olhou de modo indagador para Alia e as duas assessoras, que permaneciam desanimadas ao lado dela. Alia ergueu os braços para o alto, em desalento, e deixou-se cair numa cadeira de frente para Ghanima.

— Fale você com ela, Irulan — pediu Alia.

Irulan puxou uma flutuadora e sentou-se ao lado de Alia.

— Você é uma Corrino, Irulan — advertiu Ghanima. — Não abuse de sua sorte comigo.

Ghanima levantou-se, atravessou a sala em direção ao leito e nele se sentou com as pernas cruzadas, olhando para as duas mulheres. Irulan, ela via, tinha se vestido com o manto aba negro, para igualar o de Alia, o capuz jogado para trás a revelar os cabelos dourados. Era um cabelo cor de luto sob a luz amarela dos globos flutuantes que iluminavam o aposento.

Irulan olhou para Alia, levantou-se e caminhou até ficar de frente para Ghanima.

— Ghani, eu me mataria se esse fosse o modo de resolver esta questão. E Farad'n é do meu sangue, como você tão gentilmente enfatizou. Mas você tem obrigações muito maiores do que sua dedicação aos Fremen...

— Isso não soa melhor partindo de você do que da parte de minha preciosa tia — respondeu Ghanima. — O sangue de um irmão não pode ser esquecido. Isso é muito mais que um pequeno aforismo Fremen.

Irulan comprimiu os lábios e disse:

— Farad'n mantém sua avó prisioneira. Duncan também é seu prisioneiro e se nós...

— Não estou satisfeita com suas histórias a respeito de como tudo isso aconteceu — disse Ghanima, olhando para Alia por sobre Irulan. — Um a vez, Duncan morreu para evitar que inimigos alcançassem meu pai. Talvez essa nova carne-ghola não seja mais a mesma que...

— Duncan foi encarregado de proteger a vida de sua avó! — disse Alia, girando em sua cadeira. — Confio em que ele escolheu o único modo de fazê-lo. — E pensou: "Duncan! Duncan! Não devia tê-lo feito desse modo."

Ghanima, percebendo o tom de falsidade na voz de Alia, olhou diretamente para a tia.

— Você está mentindo, Ventre Celestial! Ouvi a respeito de sua discussão com minha avó.

Que é que você tem medo de nos contar a respeito dela e de seu precioso Duncan?

— Você já ouviu tudo — respondeu Alia, sentindo o golpe do medo ante essa acusação aberta e tudo que ela implicava. A fadiga tornara-a descuidada, percebia agora. Levantou-se, dizendo: — Tudo que eu sei você sabe. — Voltou-se para Irulan. — Fale com ela. Ela deve ser levada a...

Ghanima interrompeu com um rude palavrão Fremen que parecia chocante partindo de lábios tão imaturos. No rápido silêncio que se seguiu, ela disse:

— Você pensa em mim como sendo apenas um a criança; você tem anos de maturidade em relação a mim e no final me fará aceitar. Pense novamente, ó Regente Celestial! Você conhece melhor que ninguém os anos de experiência que tenho dentro de mim. Ouvirei a eles, não a você.

A custo Alia suprimiu uma resposta furiosa, e olhou duramente para Ghanima. Abominação?

Quem era essa criança? Um novo temor com relação a Ghanima começou a crescer dentro de Alia.

Teria ela feito seu próprio acordo com as vidas contidas numa pré-nascida? Alia disse apenas:

— Ainda há tempo para que raciocine.

— Pode ainda haver tempo para que eu veja o sangue de Farad'n esguichar em torno de rainha faca — disse Ghanima.

— Acredite nisso. Se algum dia eu for deixada sozinha com ele, um de nós morrerá com certeza.

— Você pensa que amava seu irmão mais do que eu? — disse Irulan. — Você faz o jogo dos tolos! Eu era mãe para ele como fui para você. Eu era...

— Você nunca o conheceu — respondeu Ghanima. — Todos vocês, exceto, às vezes, minha amada tia, persistem em pensar em nós como crianças. Vocês são tolos! Alia sabe! Olhe como ela foge de...

— Eu não fujo de nada — disse Alia, mas voltou as costas para Irulan e Ghanima, olhando para as duas amazonas, que fingiam não estar ou vindo a discussão. Elas obviamente haviam desistido de convencer Ghanima e talvez até simpatizassem com ela. Com raiva, Alia as mandou embora da sala, e o alívio era óbvio em seus rostos ao obedecerem.

— Você foge — insistiu Ghanima.

— Escolhi um modo de vida que me é adequado — disse Alia, voltando-se a fim de olhar para Ghanima, sentada de pernas cruzadas sobre a cama.

Seria possível que ela tivesse feito aquele terrível acordo interior? Alia tentou ver-lhe os sinais em Ghanima, mas foi incapaz de enxergar um único

indício. E pensou: “Será que ela o viu em mim? Mas como poderia?”

— Você teve medo de ser uma janela para uma multidão — acusou Ghanima. — Mas somos pré-nascidas e sabemos. Você será a janela deles, consciente ou inconscientemente. Não pode negá-los.

— E Ghanima pensou: “Sim, eu a conheço, Abominação. E talvez acabe como você, mas por hora só posso ter pena de você e desprezá-la.”

Fez-se o silêncio entre Ghanima e Alia, algo quase palpável que alertou o treinamento Bene Gesserit de Irulan. Ela olhou primeiro para uma, depois para a outra, e perguntou:

— Por que ficaram tão quietas subitamente?

— Acabo de pensar numa coisa que exige considerável reflexão — disse Alia.

— Reflita à vontade, querida tia — zombou Ghanima. Alia, dominando a raiva estimulada pela fadiga, disse:

— Basta por hora! Deixe que ela pense. Talvez tome juízo.

Irulan levantou-se, dizendo:

— Está quase amanhecendo, de qualquer modo. Ghani, antes de sairmos se importaria de ouvir a última mensagem de Farad’n? Ele...

— Eu não quero — respondeu Ghanima. — E daqui para a frente pare de me chamar por esse ridículo diminutivo. Ghani! Ele apenas reforça o ridículo preconceito de que sou uma criança que vocês podem...

— Por que você e Alia ficaram tão subitamente caladas? — perguntou Irulan, de volta à primeira questão, mas agora formulando-a num delicado tom da Voz.

Ghanima lançou a cabeça para trás numa gargalhada.

— Irulan! Você tenta usar a Voz em mim?

— O quê? — Irulan estava perplexa.

— Você ensinaria sua avó a fritar ovos — disse Ghanima.

— Eu o quê?

— O fato de eu me lembrar dessa expressão e você nunca a ter ouvido antes devia fazê-la pensar — advertiu Ghanima. — Era uma velha expressão de desdém quando a sua Bene Gesserit ainda era jovem. Mas se isso não lhe serve de lição, pergunte a si mesma o que seus pais reais não deviam estar pensando quando a chamaram de Irulan? Ou seria Ruinan?

A despeito de seu treinamento, Irulan corou.

— Está tentando me provocar, Ghanima?

— E você tentou usar a Voz contra mim! Lembro-me das primeiras tentativas humanas nesse sentido. Lembro-me dessa época, ruinosa Irulan. Agora, saiam daqui todas vocês.

Mas Alia agora estava intrigada, presa por uma sugestão interior que lhe abafara a fadiga.

— Talvez eu tenha uma sugestão que possa mudar sua opinião, Ghani.

— Ainda insiste nesse nome! — Ghanima deixou escapar uma risadinha e depois disse: — Reflita por um momento: se eu desejo matar Farad'n, tudo que tenho a fazer é concordar com seus planos. Presumo que já pensou nisso. Tenha cuidado quando Ghani se comporta com muita docilidade.

Vêem, estou sendo totalmente sincera com vocês.

— Isso é o que eu esperava — disse Alia. — Se você...

— O sangue de um irmão não pode ser esquecido . Não me colocarei diante de meus amados Fremen como uma traidora, fazendo isso. "Jamais perdoar, jamais esquecer." Não é esse o nosso lema?

Aviso-as aqui, e direi isto publicamente: vocês não podem me fazer aceitar o noivado com Farad'n.

Quem, me conhecendo, acreditaria nisso? O próprio Farad'n não acreditaria. Ouvindo falar em tal noivado, os Fremen iriam rir e dizer: "Estão vendo? Ela o atrai para a armadilha." Se vocês...

— Compreendo isso — disse Alia, caminhando para ficar ao lado de Irulan. Esta, ela notara, estava ouvindo em silêncio, chocada, já consciente do rumo que tomava a conversa.

— E assim eu o estaria atraindo para uma armadilha. Se isso é o que você deseja, eu concordo, mas pode ser que ele não caia. Se deseja esse falso noivado como uma moeda oca para comprar de volta minha avó e seu precioso Duncan, então assim seja. Mas está em sua consciência. Traga-os de volta, mas Farad'n é meu. Eu o matarei.

Irulan girou para encarar Alia antes que pudesse falar:

— Alia! Se faltarmos com nossa palavra...

Não terminou a frase, deixando as coisas no ar , enquanto Alia, sorrindo, refletia sobre a cólera potencial entre as Grandes Casas, nas Faufreluches em Assembléia, as consequências destrutivas para a crença na honra dos Atreides, a perda da confiança religiosa, todos os tijolos, grandes e pequenos, de uma construção que desabaria.

— O resultado nos seria contrário — protestou Irulan. — Toda a crença na profecia de Paul seria destruída. E... o Império...

— Quem se atreveria a questionar nosso direito de decidir o que é errado e o que é certo? — perguntou Alia, a voz branda.

— Nós mediamos entre o bem e o mal. Só preciso proclamar...

— Você não pode fazer isso! — protestou novamente Irulan.

— A memória de Paul...

— É apenas outro instrumento da Igreja e do Estado — disse Ghanima. — Não diga tolices, Irulan. — Ghanima tocou a faca cristalina em sua cintura e olhou para Alia. — Subestimei a sagacidade de minha tia, Regente de tudo o que é sagrado no Império do Muad'Dib. De fato a subestimei. Atraia Farad'n para nossa sala de visitas, se quiser.

— Isso é uma temeridade — queixou-se Irulan.

— Você concorda com esse noivado, Ghanima? — indagou Alia, ignorando Irulan.

— Nos meus termos — disse Ghanima, a mão ainda sobre a faca cristalina.

— Eu lavo minhas mãos — disse Irulan, na verdade apertando as mãos. — Desejava argumentar em benefício de um verdadeiro noivado que serviria para curar...

— Nós lhe daremos uma ferida muito mais difícil de curar, Alia e eu — respondeu Ghanima.

— Traga-o rapidamente, se é que ele vem. E talvez venha. Quem suspeitaria de uma criança tão nova? Vamos planejar uma cerimônia formal de noivado que exija a presença dele. Haverá oportunidade para que eu fique a sós com ele... apenas um minuto ou dois...

Irulan estremeceu ante essa evidência de que Ghanima era, afinal de contas, inteiramente Fremen, uma criança que não se diferenciava dos adultos nessa terrível sangreira. Afinal, as crianças Fremen se acostumavam a matar os feridos nos campos de batalha, poupando as mulheres dessa tarefa para que elas pudessem coletar os corpos e levá-los para os alambiques da morte. E Ghanima, falando com a voz de uma criança Fremen, empilhava horror sobre horror na estudada maturidade de suas palavras, no antigo senso de vendei t a que flutuava suspenso como uma aura em torno dela.

— Está feito — disse Alia, e tentou evitar que sua voz ou seu rosto revelasse a satisfação que sentia. — Prepararemos a carta formal do noivado e faremos com que as assinaturas sejam testemunhadas pelos representantes adequados das Grandes Casas. Farad'n não poderá duvidar...

— Ele vai desconfiar, mas virá — disse Ghanima. — E terá guardas. Mas eles não pensarão em protegê-lo de mim.

— Pelo amor de tudo que Paul tentou fazer — protestou Irulan. — Vamos pelo menos fazer com que a morte de Farad'n pareça um acidente, ou resultado de malícia da parte de alguém de fora...

— Terei prazer em exibir minha faca ensanguentada ao meu povo — disse Ghanima.

— Alia, eu lhe imploro — pediu Irulan . — Abandone essa insanidade.

Declare kanly contra Farad'n, qualquer coisa que não...

— Não precisamos de uma declaração formal de vendetta contra ele — respondeu Ghanima. — Todo o Império sabe como nos devemos sentir. — E apontou para a manga de seu manto. — Nós usamos o amarelo do luto. E quando eu o trocar pelo negro do noivado Fremen, será que isso vai enganar alguém?

— Reze para que engane Farad'n — disse A lia. — E os delegados das Grandes Casas que vamos convidar para testemunhar a...

— Cada um desses delegados se voltará contra você — disse Irulan. — Você sabe disso.

— Ótima lembrança — respondeu Ghanima. — Escolha os delegados com cuidado, Alia. Devem ser do tipo que não nos importaremos em eliminar posteriormente.

Irulan ergueu os braços em desespero, virou-se e saiu.

— Coloque-a sob severa vigilância para o caso de tentar avisar o sobrinho — disse Ghanima.

— Não tente me ensinar a conduzir uma trama — disse Alia. Ela virou-se e seguiu Irulan, mas a um passo mais lento. As guardas do lado de fora e os criados à espera foram sugados em seu rastro como partículas de areia atraídas para o redemoinho causado por um verme se erguendo.

Ghanima sacudiu tristemente a cabeça, enquanto a porta se fechava, pensando: "É como o pobre Leto e eu pensamos. Deus! Queria que o tigre tivesse me matado em vez dele."

41

Muitas forças lutaram para controlar os gêmeos Atreides e quando a morte de Leto foi anunciada, esse movimento de tramas e contraíramos se ampliou. Notem-se as motivações relativas: a Irmandade temia Alia, uma Abominação adulta, mas ainda desejava as características genéticas transportadas pelos Atreides. A hierarquia da Igreja do Auqaf e do Hajj via somente o poder implícito no controle dos herdeiros do Muad'Dib. A CHOAM queria uma porta aberta para as riquezas de Duna. Farad'n e seus Sardaukar buscavam um retorno às glórias da Casa Canino. Os membros da Corporação Espacial temiam o resultado da equação Arrakis=melange, já que sem a especiaria eles não poderiam navegar. Jessica desejava reparar aquilo que sua desobediência à Bene Gesserit havia causado. Poucos pensaram em indagar aos gêmeos quais poderiam ser os seus planos, até que já era muito tarde.

— O Livro de Kreos

Pouco após a refeição da tarde, Leto viu um homem passar diante do portal em arco de seu aposento, e sua mente acompanhou esse homem. A passagem fora deixada aberta e Leto podia ver alguma atividade lá fora: cestos de especiaria sendo transportados, três mulheres com a sofisticação no vestir característica de estrangeiras, que as marcava como contrabandistas. Esse homem, que levou a mente de Leto a vaguear, podia não ter sido diferente, exceto por caminhar como Stilgar, um Stilgar muito mais jovem.

E foi uma caminhada peculiar aquela seguida pela mente de Leto. O Tempo preenchia sua consciência como um globo estelar. Ele podia ver infinitos espaços-tempos, mas tinha de se lançar em seu próprio futuro antes de saber em que momento se encontrava sua carne. Suas vidas-memórias multifacetadas avançavam e recuavam, mas eram suas agora. Como ondas numa praia, exceto que, caso se erguessem muito, ele poderia controlá-las e el as recuariam, deixando apenas o nobre Harum para trás.

Agora e novamente, ele ouviria essas vidas-memórias. Uma delas se ergueria, como o responsável pelo ponto num teatro, colocando a cabeça para fora de uma abertura no palco e dando as deixas para seu comportamento. Seu

pai apareceu durante essa caminhada mental e disse:

— Você é uma criança querendo ser um homem. Quando for um homem, vai procurar em vão pela criança que um dia foi.

Durante todo o tempo, ele sentia o corpo sendo incomodado pelas pulgas e piolhos de um velho sietch cuja manutenção era deficiente. Nenhum dos criados que traziam essa comida cheia de especiaria parecia incomodado por essas criaturas. Será que essa gente teria imunidade contra tais coisas ou apenas vivia com elas há tanto tempo que havia aprendido a ignorar o desconforto?

Quem seriam essas pessoas reunidas em torno do Gurney? Como tinham chegado a esse lugar?

Isso seria Jacurutu? Suas multi-memórias produzia m respostas de que ele não gostava. Eram pessoas feias e Gurney era a mais feia de todas. A perfeição flutuava ali, embora dormente e aguardando por baixo de uma feia superfície.

Parte dele sabia permanecer ligada à especiaria, mantida sob seu domínio pelas fortes doses de melange em cada refeição. Seu corpo de criança queria rebelar-se, enquanto sua persona delirava com a presença imediata de memórias vindas de milhares de eons.

Sua mente retornou da caminhada e ele não teve certeza se seu corpo havia realmente ficado para trás. A especiaria confundia-lhe os sentidos. Sentia as pressões de suas autolimitações acumulando-se contra ele, tal como as longas dunas baracan de um bled lentamente construíam uma rampa em direção a um penhasco do deserto. Um dia, alguns punhados de areia fluiriam sobre o penhasco, depois mais e mais... até que somente a areia permaneceria sob o céu.

Mas o penhasco ainda existiria lá embaixo.

“Ainda estou dentro do transe”, pensou ele.

Sabia que logo atingiria uma ramificação de vida e morte. Seus captores continuavam a mandá-lo de volta ao delírio da especiaria, insatisfeitos com suas respostas após cada retorno. Sempre o traiçoeiro Namri estava lá com sua faca. Leto conhecia incontáveis passados e futuros, mas ainda lhe restava descobrir qual deles satisfaria a Namri... ou a Gurney Halleck. Eles que riam alguma coisa fora de suas visões. A ramificação entre a vida e a morte atraía Leto. Sua vida, sabia, teria de possuir algum significado interior que a elevasse acima das circunstâncias e pormenores da visão. Pensando nessa exigência, sentia que sua consciência interior era sua verdadeira existência, e que a existência exterior era o transe. Isso o aterrorizava. Não queria voltar para esse sietch com suas pulgas, seu Namri e seu Gurney Halleck.

“Sou um covarde”, pensou.

Mas um covarde, mesmo um covarde, poderia morrer bravamente com apenas um gesto. Onde estaria esse gesto que o tornaria uno uma vez mais?

Como poderia acordar do transe e da visão para o universo que Gurney exigia? Sem essa volta, sem um despertar de visões sem objetivo, sabia que poderia morrer numa prisão de sua própria escolha. E nisso, afinal, chegara a cooperar com seus captores. Em algum lugar, precisava encontrar sabedoria, um equilíbrio interior que se refletiria sobre o universo e retornaria a ele numa imagem de calma e força. Somente então poderia buscar o Caminho Dourado e sobreviver à pele que não era a sua.

Alguém estava tocando baliset lá fora no sietch. Leto sentia que seu corpo provavelmente ouvia

a música no presente. Sentia o leito sob suas costas. Podia ouvir a música. Era Gurney tocando o baliset. Outros dedos não poderiam igualar esse domínio do mais difícil dos instrumentos. Ele tocava uma velha canção Fremen, do tipo chamado hadith em razão da narrativa que encerrava e da voz que evocava os padrões necessários à sobrevivência em Arrakis. A canção falava das ocupações humanas dentro de um sietch.

Leto sentiu a música transportá-lo através de uma caverna maravilhosa e ancestral. Via mulheres pisando sobre resíduos de especiaria para produzir combustível, coalhando especiaria para fermentação, trançando tecidos de especiaria. A melange estava em toda parte no sietch.

Havia momentos em que Leto não era capaz de distinguir entre a música e as pessoas na caverna-visão. O gemido e a batida de um tear eram o gemido e a batida do baliset. Entretanto, seus olhos interiores viram tecidos de cabelo humano, as longas peles de ratos mutantes, fios de algodão do deserto e tiras enroladas da pele de pássaros. Viu uma escola de sietch. A eco-linguagem de Duna lançou-se furiosamente em sua consciência sobre suas asas musicais. E ele viu uma cozinha a energia solar, uma longa câmara onde trajes-destiladores eram feitos e recebiam manutenção. Viu os previsores do tempo lendo os bastões que haviam trazido das areias.

Em algum ponto ao longo dessa jornada, alguém lhe trouxe comida e a colocou em sua boca, colherada por colherada, enquanto segurava sua cabeça com braço forte. Ele percebia isso numa sensação de tempo real, mas o maravilhoso jogo de movimentos continuava dentro dele.

E como se ocorresse no instante seguinte à refeição carregada de especiaria, viu cair uma tempestade de areia. Imagens móveis em seu hálito de areia tornaram-se reflexões douradas nos olhos de uma mariposa, e toda a sua vida, não mais que a .trilha viscosa de um inseto rastejante.

Palavras da Panóplia Profética passaram por sua mente: “Diz-se que não existe nada firme, nada equilibrado, nada permanente em todo o universo — que nada permanece em sua condição. A cada dia, por vezes a cada hora, ocorre uma

mudança.”

“A velha Missionária Protetora sabia o que estava fazendo”, pensou. “Elas sabiam a respeito dos Terríveis Propósitos. Sabiam como manipular pessoas e religiões. Nem mesmo meu pai lhes escapou, não no final.”

Ali se encontrava o indício que estivera buscando . Leto o estudou. Sentia a força retornando à sua carne. Todo o seu ser multifacetado virou-se e olhou para o universo. Ele se sentiu e se viu sozinho numa cela sombria, iluminada apenas pela luz da passagem exterior, por onde um homem passara carregando sua mente uma era atrás.

— Boa sorte para todos nós! — exclamou ele, à maneira Fremen tradicional.

Gurney Halleck apareceu na passagem arqueada, sua cabeça formando uma silhueta negra contra a luz exterior.

— Traga luz — pediu Leto.

— Deseja ser testado ainda mais? Leto riu.

— Não, é minha vez de testar vocês.

— Veremos.

Halleck virou-se e retornou instantes após com um brilhante globo luminoso azul preso debaixo do braço. Soltou-o na cela, deixando que flutuasse acima de suas cabeças.

— Onde está Namri? — perguntou Leto.

— Bem aí fora, onde posso chamá-lo.

— Ahh, o Velho Pai Eternidade sempre espera com paciência.

— Sentia-se curiosamente livre, erguendo-se à beira de uma descoberta.

— Você chama Namri pelo nome reservado ao Shai-Hulud?

— Sua faca é um dente de verme. Assim, ele é o Velho Pai Eternidade.

Halleck sorriu amargamente, mas não disse nada.

— Você ainda espera para me julgar — disse Leto. — E não existe meio de se trocar informação, admito, sem fazer julgamentos. Mas você não pode pedir ao universo que seja exato.

Um som de tecidos roçando atrás de Halleck alertou Leto da aproximação de Namri. Ele parou meio passo à esquerda de Halleck.

— Ahh, a mão esquerda dos malditos — disse Leto.

— Não é sábio brincar com o Infinito e o Absoluto — resmungou Namri. Ele olhou de lado para Halleck.

— Por acaso você é Deus, Namri, que pode invocar absolutos?

— perguntou Leto. Mas mantinha a atenção voltada para Halleck. O julgamento viria dali.

Ambos os homens meramente o fitaram, sem responder.

— Cada julgamento oscila à beira do erro — explicou Leto. — Afirmar-se na posse do conhecimento absoluto é se tornar monstruoso . O conhecimento é uma aventura sem fim nas fronteiras da incerteza.

— Que jogo de palavras é esse? — quis saber Halleck.

— Deixe-o falar — disse Namri.

— É um jogo no qual Namri me iniciou — disse Leto, e viu a cabeça do velho Fremen acenar em concordância. Certamente reconhecera o jogo de enigmas. — Nossos sentidos sempre funcionam em dois níveis.

— Trivialidade e mensagem — disse Namri.

— Excelente! — disse Leto. — Você me fornece trivialidade, eu lhe forneço mensagens. Eu vejo, ouço, sinto odores, toco ; sinto mudanças na temperatura, no paladar. Sinto a passagem do tempo. Posso captar amostras de emoções. Ahhh! Eu sou feliz. Estão vendo? Gurney? Namri? Não existe mistério quanto à vida humana. Ela não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser vivenciada.

— Você abusa de nossa paciência, garoto — disse Namri. — Este é o lugar onde deseja morrer?

Mas Halleck estendeu a mão para contê-lo.

— Primeiro, não sou um garoto — disse Leto. Ele fez o sinal em seu ouvido direito. — E você não vai me matar. Coloquei uma dívida de água sobre você.

Namri sacou a faca cristalina meio para fora da bainha.

— Não lhe devo nada!

— Mas Deus criou Arrakis para treinar os fiéis. Eu não apenas lhe mostrei minha fé — disse Leto —, mas o tornei consciente de sua própria existência. A vida exige a disputa. Você foi levado ao conhecimento — por mim! — de que sua realidade difere de todas as outras; é assim que você sabe que está vivo.

— A irreverência é um jogo perigoso para se fazer comigo — advertiu Namri, mantendo a faca cristalina meio desembainhada.

— A irreverência é o ingrediente mais necessário em uma religião — replicou Leto. — Para não falar em sua importância na filosofia. A irreverência é o único meio que nos resta para testar nosso universo.

— Assim, você pensa que compreende o universo? — indagou Halleck, abrindo um espaço entre ele e Namri.

— Sssim — disse Namri, e havia morte em sua voz.

— O universo pode ser compreendido apenas pelo vento — disse Leto. — Não existe um poderoso trono da razão dentro do cérebro. Criação é descoberta. Deus descobriu-nos no Vazio porque nos movíamos contra um fundo que Ele já conhecia. A parede estava branca. Então, havia movimento.

— Você brinca de esconder com a morte — advertiu Halleck.

— Mas vocês dois são meus amigos — disse Leto, e encarou Namri. — Quando você apresenta um candidato a Amigo de seu Sietch, não sacrifica um falcão e uma águia como oferendas? E não é esta a resposta: “Deus envia cada homem a seu destino, e assim acontece com os falcões, as águias e os amigos”?

A mão de Namri soltou a faca e a lâmina escorregou de volta em sua bainha. Olhou para Leto de olhos arregalados. Cada sietch mantinha secreto o seu ritual de amizade, e no entanto ali estava uma parte exclusiva do rito.

Halleck, entretanto, indagou:

— Este lugar é o seu destino?

— Eu sei o que você precisa ouvir de mim, Gurney — respondeu Leto, observando a passagem da esperança e da suspeita no rosto feio. Tocou seu próprio peito e disse: — Esta criança nunca foi criança. Meu pai vive dentro de mim, mas eu não sou ele. Você o amou e ele era um ser humano galante, com objetivos elevados e honrados. Sua intenção era terminar com o ciclo das guerras, mas ele agiu sem levar em conta o movimento infinito, tal como expresso pela vida. Isso é Rhajia!

Namri sabe. Seu movimento pode ser percebido por qualquer mortal. Cuidado com os caminhos que levam à possibilidade de futuros estreitos. Tais trilhas o afastam da infinidade e o levam a armadilhas letais.

— E o que é que eu preciso ouvir de você? — perguntou Halleck.

— Ele está apenas jogando com as palavras — avisou Namri, mas sua voz revelava profunda hesitação e dúvida.

— Eu me aliarei a Namri, contra meu pai — disse Leto. — E meu pai dentro de mim se alia conosco contra o que foi feito dele.

— Por quê? — quis saber Halleck.

— Porque é o amor fati que eu trago para a humanidade, o ato final de auto-exame. Neste universo, escolho me unir contra qualquer força que traga a humilhação para a humanidade. Gurney, Gurney! Você não nasceu e cresceu no deserto. Sua carne não conhece a verdade do que falo. Mas Namri conhece. Em terreno aberto, uma direção é tão boa quanto outra.

— Ainda não ouvi o que devo ouvir — resmungou Halleck.

— Ele fala de guerra e contra a paz — disse Namri.

— Não — disse Leto. — E nem meu pai falou contra a guerra. Mas olhe no que ele foi transformado. A paz só tem um significado neste Império. Ela é a manutenção de um único modo de vida. Você é dirigido a se sentir satisfeito. A vida deve ser uniformizada em todos os planetas do modo como ela é no Governo Imperial. O maior objetivo de estudo dos sacerdotes é encontrar as formas correias de comportamento humano. Para isso eles buscam as palavras do

Muad’Dib! Diga-me,

Namri, você está satisfeito?

— Não. — A resposta veio franca, numa rejeição espontânea.

— Então você blasfema?

— Claro que não!

— Mas você não está satisfeito. Está vendo, Gurney? Namri prova isso para nós. Cada pergunta, cada problema, não possui uma única respos ta correta. Deve-se permitir a diversidade. Um monólito é algo instável. Então, por que você exige de mim uma única declaração correta? Será essa a medida para seu monstruoso julgamento?

— Vai me forçar a mandar matá-lo? — perguntou Halleck, e havia agonia em sua voz.

— Não, eu terei pena de você — respondeu Leto. — Mande dizer a minha avó que eu vou cooperar. A Irmandade pode vir a lamentar essa minha cooperação, mas um Atreides deu sua palavra.

— Uma Reveladora da Verdade deverá verificar isso — disse Namri. — Esses Atreides...

— Ele terá sua chance de dizer à avó o que deve ser dito — disse Halleck, e acenou com a cabeça em direção à saída.

Namri parou antes de sair e olhou para Halleck.

— Eu rezo para que tenhamos feito a coisa certa deixando-o vivo.

— Vão, amigos — disse Leto. — Vão e reflitam . Enquanto os dois homens partiam, Leto se jogava de costas sobre o catre, sentindo o frio do leito sobre a espinha. O movimento fez sua cabeça girar sobre a borda de uma consciência carregada pela especiaria. E naquele instante ele viu o planeta inteiro: cada vila, cada cidade, cada metrópole, os lugares desertos e os lugares plantados. Todas as formas que se chocavam em sua visão traziam relacionamentos específicos de elementos interiores e exteriores. Ele via as estruturas da sociedade imperial refletidas nas estruturas físicas de seus planetas e de suas comunidades. Como um gigantesco desdobramento dentro dele, Leto via nessa revelação o que ela devia ser: uma janela para as partes invisíveis da sociedade. Percebendo isso, notou que todo sistema devia possuir tal janela. Mesmo o sistema representado por ele mesmo e o universo. Começou a perscrutar as janelas, um voyeur cósmico.

Era isso que sua avó e a Irmandade buscavam! Ele sabia. Sua consciência fluía num nível novo e mais elevado. Sentia o passado carregado em suas células, em suas memórias, nos arquétipos que assombravam suas conjecturas, nos mitos que o envolviam, em suas linguagens e seus detritos pré-históricos. Tudo eram formas saídas de seu passado humano e não-humano, todas as vidas

que agora comandava, todas elas nele integradas, afinal. E se sentia uma coisa num fluir e refluir de nucleotídeos.

Contra o pano de fundo do infinito, ele era uma criatura protozoária, cujo nascimento e morte eram virtualmente simultâneos. Mas ele era tanto infinito quanto protozoário, uma criatura de memórias moleculares.

“Nós humanos somos uma espécie de colônia de organismos!”, pensou.

Eles queriam sua cooperação. Ao lhe prometer cooperar, conquistara outra prorrogação da morte pela faca de Namri. Buscando a cooperação, eles buscavam reconhecer uma cura.

Mas ele pensou: “Entretanto, eu não lhes trarei a ordem social do modo como a esperam!”

Uma careta contorceu a boca de Leto. Sabia que não seria tão inconscientemente malévolo quanto seu pai o fora — despotismo em uma extremidade e escravidão na outra —, mas esse universo poderia orar por aqueles “bons e velhos tempos”.

Seu pai, em seu interior, falou-lhe então, sondando cautelosamente, incapaz de exigir atenção, mas suplicando por uma audiência.

E Leto respondeu:

— Não. Daremos a eles complexidades que ocupem suas mentes. Há muitos modos de se fugir do perigo. Como eles saberão que sou perigoso, a não ser que me conheçam durante milhares de anos?

Sim, pai interior, nós lhes daremos pontos de interrogação.

42

Não existe culpa ou inocência em vocês. Tudo isso é passado. A culpa espanca o morto, e eu não sou o Martelo de Ferro. Vocês, multidão de mortos, são meramente pessoas que fizeram certas coisas, e a memória dessas coisas ilumina meu caminho.

— Leto II a suas Vidas-Memórias de acordo com Harq al-Ada

— Ele se move por si mesmo! — disse Farad'n, a voz não mais que um sussurro.

Encontrava-se junto à cama de Lady Jessica, um grupo de guardas logo atrás dele. Lady Jessica se erguera da cama. Estava usando um vestido de parasseda branco, brilhante, com uma fita da mesma cor sobre os cabelos cor de cobre. Farad'n avançara correndo sobre ela, momentos antes. Usava a malha cinza e seu rosto estava suado com a excitação e o esforço de sua corrida através dos corredores do palácio.

— Que horas são? — perguntou Jessica.

— Horas? — Farad'n parecia intrigado. Um dos guardas disse:

— É a terceira hora após a meia-noite, Minha Senhora.

E o guarda olhou temeroso para Farad'n. O jovem príncipe viera correndo através dos corredores iluminados para a noite, arrastando guardas espantados em seu rastro.

— Mas ele se move — disse Farad'n. Estendeu a mão esquerda e depois a direita. — Vi minhas próprias mãos se encolherem até se tornar em pequenos punhos rechonchudos, e então me lembrei! Eram minhas mãos quando eu era um bebê. E me lembrei de como era ser um bebê, e era uma memória... mais clara. Eu estava reorganizando velhas lembranças.

— Muito bom — disse Jessica. A excitação dele era contagiante.

— E o que aconteceu quando suas mãos se tornaram velhas?

— Minha... mente era... lerda — ele disse. — Eu sentia uma dor nas costas. Bem aqui. — E tocou num lugar sobre o rim esquerdo.

— Você aprendeu uma lição muito importante — disse Jessica.

— Sabe que lição é essa?

Ele abaixou as mãos e olhou para ela. Então disse:

— Minha mente controla minha realidade. — Seus olhos cintilaram e ele repetiu, mais alto dessa vez: — Minha mente controla minha realidade!

— Isso é o começo do equilíbrio prana-bindu — explicou Jessica. — Mas somente o princípio.

— O que eu faço em seguida? — perguntou ele.

— Minha Senhora — o guarda que havia respondido à pergunta sobre as horas agora se aventurava a interromper. — A hora — ele disse.

“Será que seus postos de espionagem não são guarnecidos a esta hora?”, pensou Jessica, e disse:

— Vá embora. Temos trabalho a fazer.

— Mas Minha Senhora — insistiu o guarda, olhando temeroso de Farad’n para Jessica e novamente para Farad’n.

— Acha que vou seduzi-lo? — perguntou ela. O homem ficou rijo.

Farad’n riu, uma alegre liberação de tensões. Acenou com a mão, dispensando os homens.

— Vocês a ouviram. Vão embora.

Os guardas se entreolharam, mas obedeceram. Farad’n sentou-se à beira da cama.

— O que vem em seguida? — Sacudiu a cabeça . — Eu queria acreditar na senhora, mas não acreditava. Então... Foi como se minha mente se derretesse. Eu estava cansado. Minha mente abandonou a luta contra a senhora e aquilo aconteceu. Só isso! — Ele estalou os dedos.

— Não era contra mim que sua mente lutava — disse Jessica.

— É claro que não — ele admitiu. — Eu estava lutando contra mim mesmo, com todas as tolices que aprendi. O que vem em seguida?

Jessica sorriu.

— Confesso que não esperava que obtivesse sucesso tão rapidamente. Faz apenas oito dias desde que...

— Eu fui paciente — disse ele, sorrindo.

— E também começou a aprender paciência.

— Comecei?

— Você acaba de se arrastar sobre a borda desse aprendizado. Agora, é verdadeiramente um bebê. Antes... era somente um potencial, nem sequer nascido.

Os cantos da boca de Farad’n curvaram-se para baixo.

— Não fique tão desanimado, você conseguiu. Isso é que é importante. Quantos podem dizer que nasceram de novo?

— E o que vem em seguida? — ele insistiu.

— Você deverá praticar o que aprendeu. Quer o que seja capaz de fazer

isso à vontade, facilmente. Mais tarde, encontrará em sua consciência um novo lugar, que isso abriu. Ele será preenchido por sua habilidade de testar qualquer realidade contra suas próprias exigências.

— É tudo que farei agora... praticar o...

— Não. Agora pode começar o treinamento muscular. Diga-me, pode mover o dedo mindinho do pé esquerdo sem mover qualquer outro músculo do corpo?

— Meu... — Ela percebeu uma expressão reservada surgir em seu rosto enquanto ele tentava mover o dedo. Ele olhou para o pé daí a pouco, fitando-o enquanto o suor surgia em sua testa. Um suspiro profundo escapou-lhe. — Não posso fazer isso.

— Sim, pode... Vai aprender a fazê-lo. Aprenderá sobre cada músculo de seu corpo. Conhecerá esses músculos do modo como conhece suas mãos.

Ele engoliu em seco ante a magnitude dessa perspectiva. Depois disse:

— O que está fazendo comigo? Quais são seus planos para mim?

— Pretendo soltá-lo no universo — respondeu ela. — E você se tornará o que quer que mais profundamente deseje.

Ele meditou por um momento.

— Qualquer coisa que eu deseje?

— Sim.

— Isso é impossível!

— A menos que aprenda a controlar seus desejos da maneira como controla sua realidade — respondeu ela enquanto pensava: "Aí está! Deixe que seus analistas examinem isso. Eles aconselharão a uma aprovação cautelosa, mas Farad'n se colocará um passo mais próximo de perceber o que estou fazendo realmente."

Ele provou suas conjecturas ao dizer:

— Uma coisa é dizer a uma pessoa que ela realizará aquilo que seu coração desejar. Outra coisa propiciar essa realização.

— Você já chegou mais longe do que pensei — disse Jessica. — Muito bem. Prometo-lhe uma coisa: se completar este programa de aprendizado, terá o controle sobre si mesmo. O que quer que faça será porque realmente o deseja.

"E deixe que uma Reveladora da Verdade tente analisar isso", pensou ela.

Ele se levantou, mas sua expressão era calorosa, um sentimento de camaradagem.

— Sabe, acredito na senhora. Maldito seja se sei por quê, mas acredito. E não vou dizer uma palavra a respeito das outras coisas que estou pensando.

Jessica o observou ir embora, vendo-o sair de seu quarto. Depois, desligou os globos luminosos e se deitou. Esse Farad'n era astuto. Quase lhe contara que

estava começando a ver seus planos, mas se unia à conspiração pela própria vontade.

“Espere até que ele comece a dominar as próprias emoções”, pensou ela. Com isso, se ajeitou para voltar a dormir. O dia seguinte, sabia, seria cheio de encontros casuais com gente do palácio fazendo perguntas aparentemente inócuas.

43

A humanidade vive periodicamente um a aceleração dos acontecimentos, experimentando portanto uma corrida entre a renovável vitalidade da vida e a atraente adulteração da decadência. Nessa corrida periódica, qualquer pausa se torna um luxo. Somente então se pode refletir que tudo é permitido, tudo é possível.

— Os Apócrifos do Muad'Dib

"O toque da areia é importante", pensou Leto.

Podia sentir a aspereza abaixo de si, no lugar onde se sentava sob um céu brilhante. Eles o haviam forçado a ingerir outra forte dose de melange, e a mente de Leto se voltava sobre si mesma como um redemoinho. Uma pergunta ainda não respondida encontrava-se bem no fundo desse redemoinho: "Por que eles insistem em que eu diga isso?" Gurney era teimoso, não havia dúvida quanto a isso. E ele seguia as ordens de Lady Jessica.

Eles o haviam trazido para a luz do dia, fora do sietch, para essa "lição". Tinha a estranha sensação de ter deixado o corpo fazer o curto passeio, do sietch até esse lugar, enquanto seu ser interior mediava uma batalha entre o Duque Leto I e o velho Barão Harkonnen. Eles haviam lutado dentro dele e através dele, pois ele próprio não permitiria que se comunicassem diretamente. A luta lhe ensinara o que acontecera com Alia. Pobre Alia.

"Eu tinha razão em temer a viagem da especiaria", pensou.

Uma crescente amargura com relação a Lady Jessica preenchia-lhe o ser. Ela e seu maldito gom jabbar! Lute e vença, ou morra tentando. Ela não podia colocar uma agulha envenenada de encontro ao seu pescoço, mas podia mandá-lo para o vale do perigo que consumira sua própria filha.

Sons abafados penetraram em sua consciência. Eles ondularam, tornando-se cada vez mais altos, depois suaves, depois altos... suaves. Não havia meio de determinar se eram reais ou se provinham da especiaria.

O corpo de Leto vergou-se sobre seus braços cruzados. Sentia a areia quente através de suas nádegas. Havia um tapete diretamente à sua frente , mas Leto sentava-se sobre a areia. Uma sombra aparecia do outro lado do tapete:

Namri. Leto olhou para a textura lodosa do tapete, sentindo bolhas brotarem sobre ele. Sua consciência deslizou, contudo, em sua própria correnteza, através de uma paisagem que se estendia até o horizonte coberto de verde.

Seu crânio pulsava com tambores. Sentia calor, febre. A febre era a pressão de alguma coisa queimando que preenchia seus sentidos, agrupando a consciência carnal até que ele só podia sentir as sombras móveis de seus perigos. Namri e a faca. Pressão... pressão... Leto encontrou-se suspenso, afinal, entre o céu e a areia, sua mente inconsciente a tudo, menos à febre. Agora, aguardava que alguma coisa acontecesse, sentindo que qualquer ocorrência seria a primeira e a única coisa.

A luz do sol quente estourava brilhante em torno dele, sem tranquilidade, sem remédio. “Onde está o meu Caminho Dourado?” Por toda parte, insetos rastejavam. Por toda parte. “Minha pele não é minha pele.” Enviou mensagens ao longo de seus nervos, aguardando as respostas lentas e estranhas à sua pessoa.

“Para cima”, disse ele a seus nervos.

Uma cabeça que poderia ter sido a sua ergueu-s e lentamente, olhando para as extensões de brancura numa noite brilhante.

Alguém sussurrou:

— Agora ele está em transe bem profundo.

Nenhuma resposta.

O fogo do sol queimando, acumulando calor.

Lentamente, curvando-se para fora, a corrente de sua consciência o levou flutuando através da última tela de vazio verde, e lá, além das dunas que se curvavam suavemente, a não mais que alguns quilômetros da linha branca de um penhasco, lá estava o futuro verde germinando, crescendo, fluindo num verde interminável, propagando-se, verde, verde, expandindo-se interminavelmente.

Em todo aquele verde não restava um só grande verme.

Riquezas crescendo, luxuriantes, mas em parte alguma o Shai-Hulud.

Leto sentia que se aventurara através de velhas fronteiras até uma nova terra que somente a imaginação havia testemunhado, e agora olhava diretamente, através do véu seguinte, que uma humanidade bocejante chamara Desconhecido.

Era uma realidade sangrenta.

Sentia a fruta vermelha de sua vida oscilando num ramo, seu suco escapando-lhe, e o suco era a essência da especiaria fluindo através de suas veias.

Sem o Shai-Hulud não haveria mais especiaria.

Ele vira um futuro sem o verme-serpente de Duna, grande e cinzento. Sabia disso, e no entanto não podia fugir ao transe para escapar a tal passagem.

De repente, sua consciência mergulhou de volta — de volta, para longe

desse futuro mortífero.

Os pensamentos mergulharam em suas entranhas, tornando-se primitivos, movidos apenas por emoções intensas. Percebeu-se incapaz de focalizar qualquer aspecto particular de sua visão ou do ambiente à sua volta, mas havia uma voz dentro dele. Falava num idioma muito antigo, mas ele o entendia perfeitamente. A voz era musical e cadenciada, mas suas palavras o ameaçavam.

— Não é o presente que influencia o futuro, seu tolo, mas sim o futuro que forma o presente.

Você percebeu tudo ao contrário. Uma vez que o futuro está estabelecido, um desdobramento de eventos vai assegurar que ele seja fixo e inevitável.

Essas palavras o transpassaram. Sentiu o terror enraizar-se na matéria pesada de seu corpo.

Com isso, sabia que seu corpo ainda existia, mas a natureza incontrolada e o enorme poder de sua visão faziam-no sentir-se contaminado, indefeso, incapaz de sinalizar a um músculo e obter-lhe a obediência.

Sabia estar se submetendo mais e mais ao assalto daquelas vidas coletivas, cujas memórias certa vez o haviam levado a se acreditar real. O medo tomava conta dele. Pensou que poderia estar perdendo seu controle interior, tornando-se, afinal, uma Abominação.

Leto sentiu o corpo contorcer-se de horror.

Tornara-se dependente dessa vitória e da cooperação benevolente dessas memórias, recentemente conquistada. Elas se haviam voltado contra ele agora, todas elas — até mesmo o nobre Harum, em quem confiara. Estava tremulando numa superfície sem raízes, incapaz de conferir qualquer expressão à sua própria vida. Tentou concentrar -se numa imagem mental de si mesmo e foi confrontado por uma superposição de quadros, cada um numa idade: desde um bebê até um trêmulo ancião. Lembrou-se do treinamento inicial de seu pai: deixe suas mãos se tornarem jovens, e então velhas. Mas todo o seu corpo mergulhava agora nessa realidade perdida, e toda a progressão de imagens se fundiu a outros rostos, as feições daqueles que lhe haviam dado suas memórias.

Um relâmpago de diamantes o atingiu.

Leto sentiu fragmentos de sua consciência se separando, e no entanto retinha um senso de si mesmo em algum lugar entre o ser e o não-ser. A esperança se acelerou, sentiu o corpo respirar. Para dentro... para fora. Respirou fundo: yin. Deixou o ar escapar: yang.

Em algum lugar, pouco além de seu alcance, se achava o local da suprema independência, da vitória sobre toda a confusão inerente à sua multidão de vidas — não um falso sentido de comando, mas uma verdadeira vitória. Agora sabia qual fora o seu erro: buscara o poder na realidade de seu transe, preferindo isso a

enfrentar os temores que ele e Ghanima haviam alimentado um ao outro.

"O medo derrotou Alia."

Mas a busca do poder reservava outra armadilha, afastando-o no rumo da fantasia. Percebeu a ilusão. Todo o processo de ilusão deu meia-volta e agora ele percebia o centro do qual poderia observar, sem propósito, a passagem de suas visões, de suas vidas interiores.

A alegria o inundou. Fazia com que tivesse vontade de rir, mas ele negou a si mesmo esse luxo, sabendo que isso fecharia as portas da memória.

"Ahh, minhas memórias", ele pensou. "Percebi sua ilusão. Vocês não me criam mais o momento seguinte. Apenas me mostram como criar novos momentos. Não vou me prender aos velhos rumos."

Os pensamentos passaram através de sua consciência como se fossem um pano deixando limpa uma superfície, e no seu rastro ele sentiu seu corpo inteiro, um einfalle que relatou os mais diminutos detalhes de cada célula, de cada nervo. Entrou num estado de calma intensa. Nessa quietude, ouviu vozes, sabendo que vinham de grande distância, embora as ouvisse claramente, como se ecoassem num abismo.

Uma das vozes era a de Halleck:

— Talvez tenhamos dado uma dose muito forte. Namri respondeu:

— Demos exatamente o que ela nos disse para lhe dar.

— Talvez devêssemos voltar lá fora e dar outra olhada nele — sugeriu Halleck.

— Sabiha é boa nessas coisas . Ela nos chamará se acontecer alguma coisa errada — disse Namri.

— Não gosto desse negócio de Sabiha — disse Halleck.

— Ela é um ingrediente necessário — replicou Namri.

Leto sentia uma luz brilhante fora de si mesmo, e uma escuridão interior, mas a escuridão era reservada, protetora e morna. A luz começou a queimar, subindo, e ele sentiu que ela vinha da escuridão interior, rodopiando para fora como uma nuvem brilhante. Seu corpo tornou-se transparente, arrastando-o para o alto, e no entanto ele retinha aquele contato einfalle com cada célula e cada nervo. A multidão de vidas interiores caía num alinhamento, nada confuso nem misturado. Elas se tornaram muito quietas, duplicando seu próprio silêncio interior, cada vida-memória distinta, uma entidade incorpórea e indivisível.

Leto lhes disse então:

— Eu sou seu espírito. Sou a única vida que podem perceber. Sou uma casa para seus espíritos na terra que não é parte alguma, a terra que é seu único lar remanescente. Sem mim, o universo inteligível reverte ao caos. O criativo e o abismal encontram-se inexoravelmente ligados em mim: só eu posso intermediar

entre eles. Sem mim, a humanidade mergulharia na lama e na vaidade do conhecer.

Através de mim, vocês e eles encontrarão a única saída do caos: "o entendimento através da vida".

Com isso, libertou-se e se tornou ele mesmo, sua própria pessoa compreendendo a totalidade de seu passado. Não era vitória nem derrota, mas uma nova coisa a ser compartilhada com qualquer vida interior que escolhesse. Leto saboreou essa novidade, deixando que ela possuísse cada célula, cada nervo, liberando aquilo que o einfalle lhe fornecera e recuperando a totalidade no mesmo instante.

Depois de algum tempo, despertou numa escuridão branca. Num clarão de consciência, sabia onde se encontrava sua carne: estava sentado na areia, a aproximadamente um quilômetro do penhasco que marcava a extremidade norte do sietch. Agora conhecia aquele sietch: Jacurutu, com certeza... e Fondak. Mas era muito diferente dos mitos e lendas , bem como dos rumores que os contrabandistas permitiam escapar.

Uma jovem estava sentada num tapete diretamente em frente a ele, com um brilhante globo luminoso preso à manga esquerda, flutuando bem acima de sua cabeça. Quando Leto olhava para longe do globo luminoso, havia estrelas. Conhecia essa moça: estivera em uma de suas visões anteriores, a que torrava café. Era a sobrinha de Namri, tão hábil com a faca como o tio. Lá estava a faca no colo dela.

Ela usava um manto verde simples sobre um traje-destilador cinzento. Sabiha era o seu nome. E Namri tinha seus próprios planos para ela.

Sabiha notou o despertar em seus olhos e disse:

— Está quase amanhecendo. Você passou a noite inteira aqui.

— E a maior parte do dia — ele disse. — Você faz um bom café.

Essa declaração a intrigou, mas foi ignorada com uma determinação que indicava que um duro treinamento e instruções explícitas controlavam seu presente comportamento.

— É a hora dos assassinos — disse Leto. — Mas sua faca não é mais necessária. — Olhou para a faca cristalina no colo dela.

— Namri decidirá isso — ela disse.

"Não é o Halleck, então." Ela apenas confirmava seu conhecimento interior.

— O Shai-Hulud é um grande coletor de lixo e ótimo quando se trata de apagar evidências indesejáveis — disse Leto. — Eu mesmo o usei.

Ela colocou a mão levemente sobre o punho da faca.

— Quanta coisa é revelada pelo lugar onde nos sentamos e pelo modo

como e fazemos — ele comentou. — Você se senta sobre um tapete, e eu, sobre a areia.

A mão dela se fechou sobre o cabo da faca. Leto bocejou, abrindo a boca e esticando-a tanto que os maxilares doeram.

— Tive uma visão que a incluía.

Os ombros dela relaxaram-se levemente.

— Temos sido muito parciais com relação a Arrakis — disse ele. — É bárbaro de nossa parte. Há um certo momentum no que estivemos fazendo, mas agora devemos desfazer parte de nosso trabalho. As balanças devem ser colocadas num equilíbrio melhor.

Uma expressão intrigada tocou o rosto de Sabiha.

— Minha visão — continuou ele. — A menos que restauremos a dança da vida aqui em Duna, o dragão do leito do deserto não existirá mais.

Como ele usara o velho nome Fremen para o grande verme, ela o entendeu por um momento.

Então disse:

— Os vermes?

— Estamos num caminho sombrio. Sem especiaria, o Império vai desmoronar. A Corporação ficará parada. Os planetas perderão lentamente as memórias claras um do outro. Eles se voltarão sobre si mesmos. O espaço se tornará uma fronteira quando os Navegadores da Corporação perderem seu domínio. Nós nos agarraremos aos topos de nossas dunas e ficaremos ignorantes do que está acima e abaixo de nós.

— Você fala de modo muito estranho — disse ela. — Como foi que me viu em sua visão?

“Confie na superstição dos Fremen”, pensou ele, e disse:

— Eu me tornei pasigráfico. Sou um hieróglifo vivo destinado a registrar as mudanças que devem acontecer. Se eu não registrá-las, você encontrará tamanha mágoa que nenhum ser humano deveria experimentá-la.

— Que palavras são essas? — indagou ela. Mas sua mão permanecia levemente apoiada na faca.

Leto voltou sua cabeça em direção aos penhascos de Jacurutu, vendo o brilho inicial da Segunda Lua, fazendo sua passagem pré-alvorecer por trás das rochas. O grito de morte de uma lebre do deserto o chocou. Viu Sabiha estremecer. Lá vinha o bater de asas — um pássaro predador, criatura noturna do local. Viu o brilho de brasa de muitos olhos enquanto passavam acima dele, dirigindo-se para as fendas no penhasco.

— Devo seguir as instruções de meu novo coração — disse Leto. — Você me vê como apenas uma criança, Sabiha, mas...

— Eles me avisaram a seu respeito — respondeu Sabiha, e agora seus ombros estavam rígidos em alerta.

Ele percebeu o medo na voz dela e disse:

— Não tenha medo de mim, Sabiha. Você viveu oito anos a mais do que esta minha carne. Por isso eu a respeito. Mas eu tenho incontáveis milhares de anos a mais, de outras vidas, muitas mais do que conhece. Não me veja como uma criança. Atravessei muitos futuros e num deles nos vi enlaçados no amor. Você e eu, Sabiha.

— O que é... isso não pode... — Ela se interrompeu, confusa.

— Você poderá se acostumar à idéia — ele disse. — Agora, ajude-me a voltar para o sietch, pois estive em muitos lugares distantes e estou cansado de minhas viagens. Namri deve ouvir sobre onde eu estive.

Percebeu a indecisão dela e disse:

— Não sou o Hóspede da Caverna? Namri deve saber sobre o que aprendi. Temos muito a fazer para que nosso universo não se degenere.

— Não acredito naquilo...a respeito dos vermes — disse ela.

— Nem a respeito de nós, unidos no amor?

Ela sacudiu a cabeça. Mas ele podia ver os pensamentos flutuando na mente da moça como penas sopradas pelo vento. Suas palavras a haviam atraído e ao mesmo tempo repelido. Ser consorte do poder, isso certamente exercia grande fascínio. E no entanto lá estavam as ordens de seu tio. Mas um dia esse filho do Muad'Dib poderia governar Duna e as mais distantes vastidões desse universo. Ela experimentou, então, uma aversão extremamente Fremen a tal futuro. A consorte de Leto seria vista por todos, seria objeto de mexericos e especulações. Teria riqueza, entretanto, e...

— Sou o filho do Muad'Dib, capaz de ver o futuro — ele disse. Lentamente, ela recolocou a faca em sua bainha e se levantou com facilidade do tapete, colocando-se ao lado dele e o ajudando a se levantar. Leto achou divertidas as suas ações seguintes: ela dobrou o tapete cuidadosamente e o colocou sobre o ombro direito. Notou que avaliava seus tamanhos diferentes, refletindo sobre suas palavras: "Enlaçados no amor?"

"O tamanho é outra coisa que muda", pensou ele.

Ela colocou a mão sobre seu braço para ajudá- lo e controlá-lo. Leto tropeçou e ela falou severamente.

— Estamos muito longe do sietch para isso. — Queria dizer que o som indesejado poderia atrair um verme.

Leto sentia que seu corpo se tornara uma casca oca como aquelas abandonadas pelos insetos.

Conhecia essa casca: estava ligada à sociedade que fora erguida sobre o

comércio da melange e sua Religião do Elixir Dourado. Fora esvaziada por seus excessos. Os objetivos elevados do Muad'Dib haviam desabado numa prestidigitação sustentada pelo poder militar do Auqaf. E a religião do Muad'Dib tinha outro nome agora; era Shien-san-Shao, rótulo ixiano que designava a violência e a loucura daqueles que pensavam poder transformar o universo num paraíso pela ponta de uma faca cristalina. Mas isso também mudaria, como Ix tinha mudado. Pois ele era apenas o nono planeta a partir de seu sol, e seus habitantes tinham até mesmo esquecido a linguagem que lhe dera nome.

— O Jihad foi um tipo de loucura de massa — ele murmurou.

— O quê?

Sabiha estivera concentrada no problema de fazê-los caminhar sem ritmo, ocultando sua presença na areia. Focalizou por um momento a atenção em suas palavras, para interpretá-las como outro produto de seu óbvio cansaço. Sentia a fadiga nele, o modo como fora esgotado pelo transe.

Parecia sem sentido e cruel para ela. Se ele devia ser morto, como Namri dizia, então que isso fosse feito rapidamente, sem todo esse jogo. Entretanto, Leto falara de uma maravilhosa revelação. Talvez fosse isso que Namri buscava.

Certamente, esse devia ser o motivo por trás do comportamento da própria avó da criança. Por que outra razão Nossa Senhora de Duna daria sua aprovação a esses atos perigosos contra uma criança?

“Criança?”

Novamente ela refletiu sobre as palavras dele. Agora se encontravam na base do penhasco e ela parou, deixando que ele relaxasse por um momento ali, onde era mais seguro. Olhando para ele, à fraca luz das estrelas, perguntou:

— Como não poderia haver mais vermes?

— Somente eu posso mudar isso — respondeu ele. — Não tema. Posso mudar tudo.

— Mas é...

— Algumas perguntas não têm respostas — ele disse. — Eu vi esse futuro, mas as contradições somente a confundiriam. Este é um universo mutável e nós somos a mais estranha de todas as mudanças. Entramos em ressonância com muitas coisas. Nossos futuros exigem uma constante atualização. Agora, existe uma barreira que precisamos remover. Isso exige que façamos coisas brutais, que nos voltemos contra nossos desejos mais básicos, mais acalentados... Mas deve ser feito.

— O que deve ser feito?

— Alguma vez matou um amigo? — indagou ele e, voltando-se, liderou a caminhada pela fenda, que subia até a entrada oculta do sietch. Andava tão rapidamente quanto a fadiga do transe lhe permitia, mas ela continuava bem

atrás dele, agarrando seu manto e forçando-o a parar.

— Que história é essa de matar um amigo?

— Ele vai morrer de qualquer maneira — respondeu Leto. — Eu não tenho de fazê-lo, mas poderia evitar. E se eu não evitar não é o mesmo que matá-lo?

— Quem é esse... quem vai morrer?

— A alternativa me mantém calado — ele disse. — Posso ser obrigado a entregar minha irmã a um monstro.

Novamente ele se virou, afastando-se dela, e quando ela o puxou pelo manto, ele resistiu, recusando-se a responder suas perguntas. “É melhor que ela não saiba até chegar a ocasião”, pensou ele.

44

A seleção natural tem sido descrita como um peneiramento seletivo de um meio ambiente para separar aqueles que deixarão descendentes. Mas, no que concerne aos seres humanos, esse é um ponto de vista extremamente limitado. A reprodução através do sexo tende à experimentação e à inovação . Isso levanta muitas questões, incluindo-se aquela antiga pergunta quanto a se o ambiente é um agente seletivo depois que a variação ocorre, ou se o ambiente desempenha um papel pré-seletivo ao determinar as vari ações que são produzidas. Duna real mente não respondeu essas perguntas — apenas suscitou novas questões que Leto e a Irmandade poderão tentar responder nas próximas 500 gerações.

— A Catástrofe de Duna segundo Harq al-Ada

As nuas rochas marrons da Muralha Escudo as somavam na distância, visíveis para Ghanima como uma personificação daquela aparição que lhe ameaçava o futuro. Estava no jardim suspenso, no teto do Castelo, com o sol poente às suas costas . O sol apresentava um profundo brilho alaranjado devido às nuvens de poeira no ar, uma cor tão rica quanto a da franja da boca de um verme. Ela suspirou, pensando: “Alia... Alia... Será que o seu destino virá a ser o meu?”

As vidas internas se haviam tornado crescentemente barulhentas nos últimos tempos. Havia alguma coisa quanto ao condicionamento feminino numa sociedade Fremen — talvez fosse uma verdadeira diferença sexual, mas, o que quer que fosse , tornava a mulher mais suscetível a essa maré interior. Sua avó a havia advertido a respeito disto, enquanto elas conspiravam, reunindo a sabedoria acumulada das Bene Gesserits, mas despertando o conhecimento da ameaça dentro de Ghanima.

— A Abominação — dissera Jessica —, nosso termo para designar os pré-nascidos, tem atrás de si uma longa história de experiências amargas. O modo como ocorre parece indicar que as vidas interiores se dividem. Elas se separam no benigno e no maligno. O benigno permanece tratável, útil. O maligno parece unir-se numa poderosa psique, tentando assumir o controle da carne viva e de sua consciência. Sabe-se que o processo leva um tempo considerável, mas seus

indícios são bem conhecidos.

— Por que você abandonou Alia? — perguntou Ghanima.

— Eu fugi apavorada com o que havia criado — confessou Jessica em voz baixa. — Desisti e meu fardo agora é... talvez eu tenha desistido muito cedo.

— Que quer dizer?

— Não posso explicar ainda, mas... talvez ... não! Não lhe darei falsas esperanças. Ghafla, a abominável loucura, tem uma longa história na mitologia humana. Era chamada de muitas coisas, mas principalmente de possessão. Isso é o que parece ser. Você perde o seu rumo na malignidade e ela toma posse de você.

— Leto... temia a especiaria — disse Ghanima, descobrindo que podia falar a respeito dele calmamente. O terrível preço exigido deles!

— E sabiamente — disse Jessica. Não diria mais nada.

Mas Ghanima se arriscara a uma explosão de suas memórias interiores, perscrutando através de um véu curiosamente enevoado e expandindo futilmente seus temores de Bene Gesserit. Explicar o que havia acontecido a Alia não facilitava nem um pouco. No entanto, a acumulação de experiências Bene Gesserit apontava para uma possível fuga da armadilha, e quando Ghanima se arriscou a compartilhar informações com as memórias interiores, primeiro invocou o Mohalata, a parceria do lado benigno que poderia protegê-la.

Relembrava aquele encontro sob o brilho do poente, na extremidade do jardim suspenso.

Imediatamente, sentiu a presença-memória de sua mãe. Chani estava lá, uma aparição entre Ghanima e os penhascos distantes.

— Entre aqui e você comerá do fruto de zaqquum, o alimento do inferno! — dissera Chani. — Feche essa porta, minha filha, é sua única segurança.

O clamor interno elevou-se ao redor da visão e Ghanima fugiu, mergulhando sua consciência no Credo da Irmandade, reação mais de desespero que de confiança. Rapidamente, recitou o Credo, movendo os lábios e deixando a voz se elevar num sussurro:

“A religião é a imitação do adulto pela criança. A religião é um enquistamento de crenças passadas: a mitologia, que é a suposição, os pressupostos ocultos de confiança no universo, os pronunciamentos que os homens fazem em busca de poder pessoal, tudo misturado com fragmentos de esclarecimento. E sempre aquele derradeiro mandamento não-verbalizado: ‘Não deverás questionar!’

Mas nós questionamos. Nós quebramos esse mandamento por uma questão de lógica. O trabalho ao qual nos dedicamos é o de liberar a imaginação, dirigi-la ao mais profundo senso humano de criatividade.”

Lentamente, um sentimento de ordem retornou aos pensamentos de Ghanima. Sentia o corpo tremendo, contudo, e sabia como era frágil essa paz que conquistara — e aquele véu enevoado permanecia em sua mente.

— Leb Kamai — sussurrou ela. — Coração de meu inimigo, esse não será meu coração.

E procurou relembrar as feições de Farad'n, aquele rosto jovem, melancólico, com as sobrancelhas grossas e a boca firme.

"O ódio me tornará forte", pensou. "No ódio posso resistir ao destino de Alia."

Mas a trêmula fragilidade de sua posição permanecia, e tudo que ela conseguia pensar era no quanto Farad'n lembrava seu tio, o falecido Shaddam IV.

— Aqui está você!

Era Irulan aproximando-se pela direita de Ghanima, caminhando ao longo do parapeito com movimentos que lembravam os de um homem. Voltando-se, Ghanima pensou: "E ela é a filha de Shaddam."

— Por que persiste em se esgueirar sozinha ? — perguntou Irulan, parando em frente a Ghanima e se erguendo diante dela com o rosto zangado.

Ghanima preferiu não dizer que não estava sozinha, que os guardas a tinham visto sair para o telhado. A raiva de Irulan dirigiu-se ao fato de que ali estavam em campo aberto, onde uma arma distante poderia atingi-las.

— Você não está usando um traje-destilador — reparou Ghanima. — Sabia que, nos velhos tempos, uma pessoa apanhada fora do sietch se m traje-destilador era automaticamente morta?

Desperdiçar água era colocar a tribo em perigo.

— Agua! Água! — retrucou Irulan. — Quero saber por que você se arrisca desse modo. Volte para dentro. Você cria problemas para todos nós.

— Que perigo existe aqui, agora? — perguntou Ghanima. — Stilgar expurgou os traidores. A guarda de Alia está por toda parte.

Irulan olhou para cima, em direção ao céu que escurecia. Estrelas já eram visíveis contra um fundo cinza azulado. Voltou sua atenção para Ghanima.

— Não vou discutir. Fui mandada aqui para lhe dizer que recebemos notícias de Farad'n. Ele aceita, mas por alguma razão deseja retardar a cerimônia.

— Por quanto tempo?

— Ainda não sabemos. Está sendo negociado. Mas Duncan vai ser mandado de volta.

— E minha avó?

— Preferiu ficar em Salusa, por enquanto.

— Quem pode culpá-la? — perguntou Ghanima.

— Aquela briga tola com Alia!

— Não tente me enganar, Irulan! Aquilo não foi uma briga tola. Ouvimos as histórias.

— Os temores da Irmandade...

— São reais — disse Ghanima. — Bem, você me passou a mensagem. Vai usar esta oportunidade para tentar outra vez me dissuadir?

— Eu desisti.

— Já devia saber que não pode mentir para mim — disse Ghanima.

— Muito bem! Vou continuar tentando dissuadi -la. Este curso de ação é uma loucura. — E Irulan imaginou por que deixara Ghanima tornar-se tão irritante. Uma Bene Gesserit não precisa ficar irritada com coisa alguma. Ela disse:

— Estou preocupada com o extremo perigo que você corre. Sabe disso, Ghani, Ghani... você é a filha de Paul. Como pode...

— Porque sou sua filha — respondeu Ghanima. — A linhagem Atreides se estende até Agamenon, e sabemos o que está em nosso sangue. Nunca se esqueça disso, esposa sem filhos de meu pai. Nós Atreides possuímos uma história sangrenta e ainda não a encerramos.

Desatenta, Irulan perguntou:

— Quem foi Agamenon?

— Como é escassa a sua famosa educação Bene Gesserit. Sempre esqueço que vocês resumem a história. Mas as minhas memórias recuam até... — Ela se interrompeu, preferindo não despertar aquelas sombras de seu frágil sono.

— Do que quer que se lembre, deve saber como é perigoso esse caminho para...

— Eu o matarei — insistiu Ghanima. — Ele me deve uma vida.

— E eu evitarei isso se puder.

— Nós já sabemos disso. Você não terá tal oportunidade. Alia vai mandá-la para o sul, para uma das novas cidades, até que tudo esteja terminado.

Irulan sacudiu a cabeça, desanimada.

— Ghani, eu jurei que a guardaria contra qualquer perigo. E farei isso com minha própria vida, se necessário. Se pensa que vou definhar em alguma djedida de tijolos enquanto você...

— Sempre restará o Huanui — disse Ghanima, falando suavemente. — Temos o alambique da morte como alternativa. Lá, tenho certeza de que você não poderia interferir.

Irulan ficou pálida e levou uma das mãos à boca, esquecendo-se por um momento de todo o seu treinamento. Era uma medida do quanto ela se importava

com Ghanima esse quase completo abandono a tudo, exceto o medo animal. Falou com uma emoção esmagadora, permitindo que seus lábios tremessem.

— Ghani, não temo por mim mesma. Eu me jogaria na boca de um verme por você. Sim, eu sou aquilo que você me chama, a esposa sem filhos de seu pai, mas você é a criança que eu nunca tive. Eu lhe suplico... — Lágrimas brilharam nos cantos de seus olhos.

Ghanima lutou contra um aperto na garganta e disse:

— Existe outra diferença entre nós. Você nunca foi Fremen, eu não sou nada mais que isso.

Esse é o abismo que nos separa. Alia sabe. O que mais ela possa ser, ela sabe disso.

— Você não pode dizer o que Alia sabe — disse Irulan amargamente. — Se eu não a conhecesse como Atreides, juraria que ela está determinada a destruir a própria família.

“E como você sabe que ela ainda é Atreides?” , pensou Ghanima, admirando-se com a cegueira de Irulan. Era uma Bene Gesserit, e quem conheceria melhor que elas a história da Abominação? E ela nem mesmo se permitia pensar a respeito disso, quanto mais acreditar. Alia devia ter feito alguma bruxaria com essa pobre mulher.

Ghanima disse:

— Tenho uma dívida de água para com você. Por esse motivo, protegerei sua vida. Mas seu primo está perdido. Não diga mais nada a esse respeito.

Irulan controlou o tremor dos lábios, enxugou os olhos.

— Eu amei seu pai — sussurrou. — Eu nem sabia disso até que ele já estava morto.

— Talvez ele não esteja morto — disse Ghanima. — Esse Pregador...

— Ghani! Algumas vezes eu não a entendo. Paul iria atacar a própria família?

Ghanima encolheu os ombros, «olhou para o céu que escurecia.

— Ele pode achar divertido tal...

— Como pode falar disso com tanta leviandade?

— Para me afastar das profundezas escuras. Não estou zombando de você. Os deuses sabem que não. Mas sou apenas a filha de meu pai. E sou cada pessoa que contribuiu para a semente dos Atreides. Você não quer pensar em Abominação, mas eu não posso pensar em outra coisa. Sou uma pré-nascida. Sei o que está dentro de mim.

— Aquela velha superstição tola a respeito de...

— Não! — Ghanima estendeu a mão em direção à boca de Irulan. — Eu sou cada Bene Gesserit de seu maldito programa de procriação, até e incluindo

minha avó. E sou muito mais. — Arranhou a palma esquerda, tirando sangue com a ponta da unha. — Este é um corpo jovem, mas suas experiências... Oh, deuses, Irulan! Minhas experiências! Não! — Estendeu a mão uma vez mais enquanto Irulan se aproximava. — Conheço todos os futuros que meu pai explorou. Tenho a sabedoria de tantas vidas, e toda a ignorância também... todas as fraquezas. Se quer me ajudar, Irulan, primeiro aprenda quem sou.

Instintivamente, Irulan se curvou e tomou Ghanima em seus braços, abraçando-a fortemente, rosto contra rosto.

“Não deixe que eu tenha de matar esta mulher”, pensou Ghanima. “Não deixe isso acontecer.”

Enquanto esse pensamento passava em sua mente, todo o deserto mergulhou na noite.

45

Um pequeno pássaro te chamou
Com um bico manchado de vermelho.
Ele gritou uma vez sobre o Sietch Tabr
E tu avançaste na Planície Funerária.

— Lamento por Leto II

Leto acordou com o tilintar dos anéis de água no cabelo de uma mulher. Olhou para o portal aberto de sua cela e viu que Sabiha estava sentada lá. Com a consciência semi-submersa na especiaria, ele a via delineada por tudo que sua visão lhe revelara a respeito dela. Já passara dois anos da idade em que a maioria das mulheres Fremen estava casada, ou pelo menos noiva. Sua família, portanto, devia estar reservando-a para alguma coisa... ou para alguém. Ela estava em idade de casamento... isso era óbvio. Seus olhos enevoados pela visão percebiam-na como uma criatura vinda do passado terreno da humanidade: cabelo escuro e pele pálida, olhos fundos com uma tonalidade esverdeada no azul total.

Tinha nariz pequeno e boca ampla acima de um queixo pontudo. E era um sinal vivo para ele de que o plano das Bene Gesserits era conhecido — ou pelo menos se suspeitava dele — em Jacurutu. De modo que elas esperavam reviver o Imperialismo Faraônico através dele, não esperavam? Então, qual era seu trunfo para forçá-lo a se casar com a irmã? Certamente, Sabiha não poderia evitar isso.

Seu captores conheciam esse plano, contudo. E como o te riam descoberto? Não tinham partilhado de sua visão. Não o haviam acompanhado até o lugar onde a vida se tornava uma membrana móvel em outras dimensões. A subjetividade reflexiva e circular das visões que revelaram Sabiha era sua, e só sua.

Outra vez, os anéis de água tilintavam no cabelo de Sabiha e o som produzido perturbou-lhe as visões. Sabia onde estivera e o que havia aprendido. Nada poderia apagar isso. Agora não estava viajando no grande palanquim do Produtor, o tilintar dos anéis de água entre os passageiros como um ritmo para suas canções. Não... Estava ali, numa cela de Jacurutu, envolvido na mais

perigosa de todas as jornadas: saindo e voltando do Ahl as-sunna wal-jamas, saindo do mundo real dos sentidos e a ele retornando.

Que estaria ela fazendo ali com os anéis de água tilintando em seu cabelo? Oh, sim. Estava preparando mais do caldo com que pensavam mantê-lo cativo: comida misturada com essência de especiaria para mantê-lo meio fora do universo real até que, ou ele mores-se, ou o plano de sua avó obtivesse êxito. E cada vez que ele pensava que tinha ganho, eles o enviavam de volta. Lady Jessica estava certa, é claro... a velha bruxa! Mas que coisa para se fazer. A lembrança total de todas aquelas vidas dentro dele não tinha utilidade alguma, até que ele pudesse organizar os dados e recordá-los à vontade. Aquelas vidas tinham sido a matéria-prima da anarquia. Uma ou todas elas podiam tê-lo dominado. A especiaria e esse cenário peculiar em Jacurutu haviam sido uma aposta desesperada.

"Agora, Gurney espera por um sinal que eu me recuso a lhe dar. Quanto tempo vai durar sua paciência?"

Olhou para Sabiha. Ela jogara o capuz para trás, revelando assim as tatuagens tribais em suas têmporas. Leto não reconheceu as tatuagens, a princípio; então, lembrou-se de onde se encontrava.

Sim, Jacurutu ainda vivia.

Não sabia se devia sentir-se grato com relação à avó ou se devia odiá-la. Ela queria que ele tivesse instintos em nível de consciência. Mas os instintos eram apenas memórias raciais sobre como enfrentar as crises. Suas memórias diretas de todas aquelas outras vidas lhe revelavam muito mais que isso. Ele tinha tudo aquilo organizado agora, e podia ver o perigo de se revelar a Gurney. Não havia modo de ocultar a revelação de Namri. E Namri era outro problema.

Sabiha entrou na cela com a tigela nas mãos. El e admirou o modo como a luz exterior criava círculos de arco-íris nas extremidades dos cabelos da moça. Gentilmente, ela ergueu-lhe a cabeça e começou a alimentá-lo com o que havia na tigela. Foi só então que ele percebeu como estava fraco.

Permitiu que ela o alimentasse enquanto sua mente vagueava, relembrando a sessão com Gurney e Namri. Eles acreditavam nele! Namri mais do que Gurney, mas mesmo Gurney não podia negar o que seus sentidos já lhe haviam relatado a respeito desse planeta.

Sabiha enxugou-lhe a boca com a bainha de seu manto.

"Ahh, Sabiha", ele pensou, relembrando aquela outra visão que lhe enchia o coração de dor.

"Muitas noites eu sonhei ao lado de uma extensão de água, ouvindo os ventos soprarem acima. Muitas noites minha carne se encontrou ao lado do ninho da serpente e eu sonhei com Sabiha no calor de um verão. Eu a vi

armazenando pão de especiaria assado em folhas de plasteel aquecidas até o rubro. Vi a água clara no qanat, calma e brilhante, mas um vento de tempestade soprou em meu coração. Ela bebe o café e come. Seus dentes brilham nas sombras. Eu a vejo prendendo meus anéis de água em seu cabelo. A fragrância de âmbar no peito dela atinge meus sentidos mais profundos. Ela me atormenta e me oprime por sua própria existência."

A pressão de suas multimemórias fez explodir o englobamento de tempo congelado ao qual ele tentara resistir. Sentiu corpos se enlaçando, os sons do sexo, ritmos fundindo-se a cada impressão sensorial: lábios, respiração, suspiros úmidos, línguas. Em algum ponto de sua visão se encontravam formas helicoidais, cor de carvão, e ele sentia a batida dessas formas enquanto elas giravam dentro dele.

Uma voz suplicou no interior de seu crânio:

— Por favor, por favor, por favor...

Havia um intumescer adulto em seu baixo-ventre e ele sentiu sua boca se abrir, segurando, agarrando-se à forma do êxtase. Então, um suspiro, uma prolongada suavidade decrescente, uma queda.

Oh, como fora doce deixar aquilo acontecer!

— Sabiha — sussurrou ele. — ô minha Sabiha.

Quando ele mergulhou profundamente no transe, a pós a refeição, Sabiha pegou a tigela e saiu, parando na porta para falar com Namri.

— Ele chamou meu nome de novo.

— Volte e fique com ele — disse Namri. — Tenho de encontrar Halleck e discutir isso com ele.

Sabiha depositou a tigela ao lado da porta e retornou para a cela. Sentou-se na beira do catre, olhando para o rosto sombreado de Leto.

Daí a pouco ele abriu os olhos e estendeu a mão, tocando-lhe a face. Começou a falar com ela, então, contando-lhe a respeito da visão em que ela vivera.

Ela cobriu-lhe a mão com a sua enquanto ele falava. Como ele era terno... como era ter... Ela tombou no catre, amparada pela mão dele, já inconsciente antes que ele retirasse a mão. Leto levantou-se, sentindo as profundezas de sua fraqueza. A especiaria e as visões o haviam esgotado. Procurou, através de suas células, cada centelha sobressalente de energia, e saiu do catre sem perturbar Sabiha.

Tinha de partir, mas sabia que não chegaria muito longe. Lentamente, selou seu traje-destilador, colocou o manto à sua volta e deslizou através da passagem para o poço exterior. Havia algumas pessoas lá fora, ocupadas em seus próprios afazeres. Elas o reconheceram, mas ele não era sua responsabilidade.

Namri e Halleck deviam saber o que ele estava fazendo; Sabiha não podia estar longe.

Ele encontrou o tipo de passagem lateral de que necessitava e caminhou atrevidamente ao longo dela.

Lá atrás, Sabiha dormiu calmamente até que Halleck a acordou.

Ela se sentou, esfregou os olhos, viu o catre vazio, viu seu tio de pé atrás de Halleck, a raiva em seus rostos.

Namri respondeu à expressão no rosto dela.

— Sim, ele se foi.

— Como pôde deixá-lo escapar? — perguntou Halleck, furioso. — Como isso foi possível?

— Ele foi visto caminhando em direção à saída inferior — disse Namri, a voz estranhamente calma.

Sabiha encolheu-se diante deles, lembrando-se.

— Como? — quis saber Halleck.

— Não sei. Não sei.

— É noite e ele está fraco — disse Namri. — Não irá longe. Halleck virou-se bruscamente para encará-lo.

— Você quer que o garoto morra!

— Isso não me desagradaria. Novamente, Halleck confrontou Sabiha.

— Diga-me o que aconteceu.

— Ele tocou minha face. E ficou falando a respeito de sua visão ...de nós dois juntos. — Olhou para o catre vazio. — Ele me fez dormir. Fez alguma mágica comigo.

Halleck olhou para Namri.

— Poderia estar se escondendo aqui dentro em algum lugar?

— Em parte alguma aqui dentro. Ele será encontrado, será visto, Dirigia-se à saída. Está lá fora.

— Mágica — murmurou Sabiha.

— Não foi mágica — disse Namri. — Ele a hipnotizou. Quase fez isso comigo, lembra-se?

Disse que eu era seu amigo.

— Ele está muito fraco — comentou Halleck.

— Somente no corpo — replicou Namri. — Não irá longe, contudo. Desmontei as bombas de calcanhar em seu traje-destila-dor. Morrerá sem água se não o encontrarmos.

Halleck quase se voltou para golpear Namri, mas se manteve sob rígido controle. Jessica o avisara que Namri poderia ser obrigado a matar o rapaz. Deus! A que ponto haviam chegado. Atreides contra Atreides. Ele disse:

— Seria possível que ele apenas estivesse vagueando sob o transe da especiaria?

— Que diferença isso faz? — perguntou Namri. — Se nos escapar, deve morrer.

— Começaremos a busca à primeira luz do dia — disse Halleck. — Será que ele levou um estojo Fremen?

— Há sempre alguns ao lado do selo da porta. Ele teria sido tolo de não levar um. E de algum modo ele nunca me pareceu tolo.

— Então, mande uma mensagem para nossos amigos. Diga-lhes o que aconteceu.

— Não haverá mensagens esta noite — disse Namri. — Há uma tempestade se aproximando.

As tribos estiveram a rastreá-la nos últimos três dias. Estará aqui p la meia-noite. As comunicações já foram interrompidas. Os satélites comunicaram o desligamento deste setor duas horas atrás.

Um profundo suspiro sacudiu Halleck. O garoto morreria, certamente, se a tempestade de areia o apanhasse. Ela comeria a carne de seus ossos e os lixaria até reduzi-los a fragmentos, A morte encenada se tornaria real. Golpeou a palma aberta com o punho. A tempestade os prenderia ali no sietch. Não poderiam nem mesmo montar uma busca. E a estática da tempestade já isolara o sietch.

— Distrans — disse ele, imaginando que poderiam imprimir uma mensagem na voz de um morcego e enviá-lo com o alarme.

Namri sacudiu a cabeça.

— Morcegos não voam durante uma tempestade. Vamos, homem. São mais sensíveis que nós.

Se abrigarão nos penhascos até que ela passe. Melhor esperar que os satélites nos captem novamente.

Então poderemos tentar encontrar seus restos.

— Não se ele levou um estojo Fremen e se ocultou na areia — disse Sabiha.

Praguejando em silêncio, Halleck voltou-se e caminhou para o sietch.

46

A paz exige soluções, mas nunca obtemos soluções exatas; apenas trabalhamos nesse sentido. Uma solução fixa é, por definição, uma solução morta. O problema da paz é que ela tende a punir os erros em vez de recompensar o brilhantismo.

— As Palavras de Meu Pai: um Relato do Muad'Dib segundo a versão de Harq al-Ada

— Ela o está treinando? Está treinando Farad'n?

Alia olhou para Duncan Idaho com uma premeditada mistura de raiva e incredulidade. O heighliner da Corporação havia entrado na órbita de Arrakis ao meio-dia local. Uma hora depois, um transporte ligeiro deixara Idaho em Arrakeen, sem ser anunciado, mas semi segredo, informalmente.

Em questão de minutos, um tóptero o depositara no topo do Castelo. Avisada de sua chegada iminente, Alia o recebera ali, friamente formal diante de suas guardas, mas agora se encontravam nos alojamentos dela, abaixo da extremidade norte. Ele havia acabado de fazer seu relatório, falando a verdade com precisão e enfatizando cada dado à maneira mental.

— Ela perdeu o juízo — disse Alia.

Ele tratou dessa declaração como se fosse um problema mentat:

— Todas as indicações apontam que ela permanece bem equilibrada e sã. Eu diria que seu índice de sanidade permanece...

— Pare com isso! — retrucou Alia. — No que ela pode estar pensando?

Idaho, que sabia que seu próprio equilíbrio emocional dependia agora de um recuo para a frieza mentat, .disse:

— Eu cômputo que ela está pensando no noivado de sua neta. Suas feições permaneceram cuidadosamente calmas, mascarando a mágoa profunda que ameaçava engolfá-lo. Não havia Alia alguma ali. Alia estava morta. Por algum tempo, ele mantivera uma Alia mítica ante seus sentidos, alguém que ele criara a partir de seus próprios desejos, mas um mentat só podia manter essa auto-ilusão por tempo limitado. Essa criatura metida num disfarce humano estava possuída; uma psique demoníaca a dominava. Seus olhos de aço, com as

miríades de facetas disponíveis à vontade, reproduziam sobre seus centros de visão uma multiplicidade de Alias míticas. Mas quando ele as combinava numa única imagem, o resultado não era Alia. Suas feições moviam-se sob outras exigências. Ela era uma casca dentro da qual se haviam cometido ultrajes.

— Onde está Ghanima? — indagou ele. Ela não deu importância à pergunta:

— Eu a mandei com Irulan para ficar sob a guarda de Stilgar.

“Território neutro”, pensou ele. “Então, houve outra negociação com as tribos rebeladas. Ela está perdendo terreno e não percebe isso... ou será que percebe? Haverá outra razão? Terá Stilgar passado para o lado dela?”

— O noivado — meditou Alia. — Qual é a situação na Casa Corrino?

— Salusa enxameia de parentes, todos bajulando Farad’n, na esperança de compartilharem de sua volta ao poder.

— E ela o está treinando no modo Bene Gesserit...

— Não é adequado ao esposo de Ghanima?

Alia sorriu para si mesma, pensando na raiva permanente de Ghanima. Que Farad’n fosse treinado. Jessica estava treinando um cadáver.

— Devo refletir sobre isso com calma — ela disse. — Você está muito quieto, Duncan.

— Espero por suas perguntas.

— Percebo. Sabe que fiquei furiosa com você. Levá-la para Farad’n!

— Você me ordenou que fizesse a coisa parecer real.

— Fui forçada a redigir um relatório dizendo que os dois haviam sido capturados.

— Obedeci suas ordens.

— Você age de modo tão literal às vezes, Duncan. Quase me assusta. Mas se não tivesse, bem...

— Lady Jessica está fora do caminho — ele disse. — E para o bem de Ghanima, devemos ser gratos de que...

— Extraordinariamente gratos — concordou el a. Mas pensava: “Ele não é mais digno de confiança. Tem aquela maldita lealdade aos Atreides. Devo conseguir uma desculpa para mandá-lo embora... e fazer com que seja eliminado. Um acidente, é claro.”

Tocou-lhe a face.

Idaho forçou-se a responder à carícia, segurando-lhe a mão e a beijando.

— Duncan, Duncan, como isto é triste — ela disse —, mas não posso mantê-lo aqui comigo.

Muita coisa está acontecendo e tenho muito poucas pessoas em que possa confiar totalmente.

Ele soltou-lhe a mão e esperou.

— Fui forçada a mandar Ghanima para Tabr. As coisas estão muito agitadas por lá. Atacantes das Terras Partidas romperam os qanats na Bacia de Kagga e derramaram toda a água na areia.

Arrakeen sofre escassez de rações. A Bacia está repleta de trutas da areia devorando nossa colheita de água. Estamos cuidando delas, é claro, mas estamos muito enfraquecidos.

Ele já notara quão poucas amazonas da guarda de Alia podiam ser vistas no Castelo. Por isso pensou: "Os Maquis do Deserto Interior continuarão sondando nossas defesas. Será que ela não percebe isso?"

— Tabr ainda é território neutro — disse el a. — As negociações continuam por lá neste momento. Javid está lá com uma delegação dos sacerdotes. Mas eu gostaria que você ficasse em Tabr para vigiá-los, especialmente Irulan.

— Ela é uma Corrino — concordou ele.

Mas notou em seus olhos que ela o estava rejeitando. Como essa criatura-Alia se tornara transparente! Ela acenou com a mão.

— Vá agora, Duncan, antes que eu amoleça e o mantenha aqui a meu lado. Senti tanta falta de você.

— E eu de você — respondeu ele, permitindo que toda a mágoa fluísse em sua voz.

Ela olhou para ele, surpreendida por sua tristeza. Então disse:

— É para o meu bem, Duncan. — E enquanto pensava: "Muito mal, Duncan", ela acrescentou: — Zia o levará para Tabr. Precisamos que o tóptero volte para cá.

"Sua amazona favorita", pensou ele. "Devo ter cuidado com ela."

— Eu compreendo — respondeu, uma vez mais segurando e beijando a mão dela.

Olhou para a adorada carne que uma vez fora a sua Alia. Não conseguiu obrigar-se a olhar para o rosto dela enquanto saía. Alguém mais olhava para ele com aqueles olhos.

Enquanto subia para a plataforma no topo do Castelo, Idaho experimentava um crescente sentimento de questões não-respondidas. O encontro com Alia fora extremamente penoso para sua parte mentat, que continuava lendo indícios de dados. Esperou ao lado do tóptero na companhia de uma das amazonas do palácio, olhando sombriamente para o sul. A imaginação levou sua visão para além da Muralha Escudo, até o Sietch Tabr. "Por que Zia tem de me levar para Tabr? Trazer um tóptero de volta é tarefa servil. Por que esse atraso? Será que Zia está recebendo instruções especiais?"

Idaho olhou para a guarda vigilante e subiu para a posição do piloto dentro da cabina.

Inclinando-se para fora, disse:

— Diga a Alia que mandarei o tóptero de volta imediatamente com um dos homens de Stilgar.

Antes que a guarda pudesse protestar, ele fechou a porta e acionou os motores. Podia vê-la de pé, indecisa. Quem questionaria o consorte de Alia? Pôs o tóptero em vôo antes que ela pudesse decidir o que fazer.

Agora, sozinho no tóptero, permitiu que sua mágoa desabafasse em grandes e trémulos soluços.

Alia se fora. Eles se haviam separado para sempre. Lágrimas fluíram de seus olhos Tleilaxu e ele sussurrou:

— Deixem todas as águas de Duna fluir para as areias. Elas não igualarão as minhas.

Isso fora um excesso não-mentat, contudo, e ele o reconheceu como tal, forçando-se a sua sóbria avaliação das necessidades do momento. O tóptero exigia sua atenção. E as reações necessárias à pilotagem trouxeram-lhe algum alívio, fazendo-o sentir-se uma vez mais controlado.

“Ghanima novamente com Stilgar. E Irulan.”

Por que Zia fora designada para acompanhá-lo? Transformou a pergunta num problema mentat e a resposta o arrepiou: “Eu devia sofrer um acidente fatal.”

47

Este santuário do crânio de um governante não aceita preces. Ele se tornou o túmulo das lamentações. Somente o vento ouve a voz deste lugar. Os gritos das criaturas da noite e a maravilha mutável das duas luas, todos dizem que seu dia terminou. Suplicantes não chegam mais. Os convivas par tiram do banquete. Como é árido o caminho que desce desta montanha.

— Inscrições no Santuário de um Duque Atreides Anônimo

A coisa tinha uma aparência de ilusória simplicidade para Leto: evitar a visão, fazer aquilo que não fora visto. Conhecia a armadilha em seu pensamento, o modo como os fios ocasionais de um futuro fechado se enrolavam até prenderem a pessoa rapidamente, mas tinha um novo domínio sobre aqueles fios. Em parte alguma, vira a si mesmo fugindo de Jacurutu. O fio que levava a Sabiha devia ser cortado primeiro.

Agachava-se agora, à última luz do dia, na extremidade ocidental da rocha que protegia Jacurutu. Seu estojo Fremen fornecera-lhe tabletes energéticos e comida, e agora esperava que lhe retornassem as forcas. A oeste se encontrava o lago Azrak, a planície de gipsita onde um dia houvera água a céu aberto, nos tempos anteriores aos vermes. Fora de visão, a leste, estava Bene Sherk, um grupo de novos povoados que invadiam o bled aberto. Ao sul ficava Tanzerouft, a Terra do Terror: 3.800 quilômetros de vastidão, interrompida apenas pelas manchas verdes das dunas aprisionadas pelo capim e por armadilhas de vento destinadas a fornecer água — o trabalho de transformação ecológica que refazia a paisagem de Arrakeen. Eram mantidas por equipes enviadas por via aérea, nenhuma das quais nelas permanecia por muito tempo.

“Eu irei para o sul”, pensou ele. “Gurney vai esperar que eu faça exatamente isso.” Mas esse não era o momento para realizar o totalmente inesperado.

Logo estaria escuro e ele poderia abandonar seu esconderijo temporário. Olhou para a linha do horizonte, ao sul. Havia uma tira de céu pardo ao longo daquele horizonte, rolando como fumaça, ondulando como uma linha flamejante de poeira — uma tempestade. Observou o centro elevado da tormenta erguendo-

se da Grande Planície como um verme sondando. Durante um minuto inteiro, ficou olhando esse centro, percebendo que ele não se deslocava para a direita ou para a esquerda. Um velho ditado Fremen saltou em sua mente: “Quando o centro não se move, você está no seu caminho.”

A tempestade mudava tudo.

Por um momento, olhou de volta na direção oeste, a direção do Tabr, sentindo a enganadora paz cinza-bronze de um entardecer no deserto, vendo a planície de gesso circundada de rochas arredondadas pelos ventos, um vazio desolado, com sua superfície irreal de branco brilhante a refletir as nuvens de poeira. Em parte alguma de sua visão el e tinha visto a si mesmo sobrevivendo à serpente cinzenta de uma grande tempestade, ou se enterrando profundamente na areia para sobreviver. Havia apenas aquela visão de rolar no vento... mas isso poderia vir depois.

Mas uma tempestade estava lá, serpenteando através de muitos graus de latitude, chicoteando esse mundo para submetê-lo. Podia ser enfrentada. Havia velhas histórias, sempre contadas entre amigos, de que se poderia prender na superfície um verme esgotado, encaixando-se um gancho de Produtor debaixo de um de seus largos anéis e, tendo-o imobilizado, passar a tempestade à sombra de seu lado oposto ao vento. Havia uma linha divisória entre a audácia e a imprudência que o tentava com relação a essa idéia. Aquela tempestade não chegaria antes da meia-noite, na pior das hipóteses. Havia tempo. Quantas linhas de tempo não podiam ser cortadas ali? Todas, incluindo a derradeira?

“Gurney deve esperar que eu vá para o sul, mas não ao encontro de uma tempestade.”

Olhou para o sul, buscando uma trilha, e viu o rabisco fluido, cor de ébano, de uma garganta profunda curvando-se através da rocha de Jacurutu . Viu areia ondulando para dentro das profundezas da garganta, areia quimera. Era como um riacho lançando-se para dentro da planície, como se fosse água e não areia. O sabor arenoso da sede tocou-lhe a boca enquanto ele colocava o estojo Fremen sobre os ombros e descia a trilha que conduzia ao canyon. Ainda restava luz suficiente para que pudesse ver, mas sabia que estava jogando com o tempo.

Quando chegou à borda do canyon, o rápido anoitecer do deserto caiu sobre ele. Ficou apenas o brilho do luar para iluminar seu caminho em direção a Tanzerouft. Sentiu seu coração acelerar-se com todos os temores que suas ricas memórias proporcionavam. Sentia poder estar indo ao encontro da Huanui-naa, como os temores Fremen rotulavam as maiores tempestades: o Alambique Mortal da Terra. Mas o que quer que viesse viria sem visões. Cada um de seus passos deixava mais para trás a dhyana induzida pela especiaria, aquela

crescente consciência de sua natureza intuitivo-criativa, com seus desdobramentos no sentido da corrente imóvel da casualidade. A cada 100 passos que ele dava agora, devia dar pelo menos um passo para o lado, além das palavras e em comunhão com sua nova realidade interior, recentemente compreendida.

“De um modo ou de outro, pai, estou indo a seu encontro.”

Havia pássaros invisíveis nas rochas à sua volta, fazendo-se presentes apenas com seus guinchos. Com a sabedoria Fremen, ele escutou seus ecos para lhe guiar o caminho onde não podia ver.

Frequentemente, ao passar por fendas , observava os malignos olhos verdes de criaturas agachadas em esconderijos, pois sabiam que uma tempestade se aproximava.

Saiu da garganta para o deserto. A areia era uma coisa viva que parecia se mover e respirar abaixo dele, revelando-lhe movimentos profundos e fumarolas latentes. Olhou de volta, em direção às coberturas de lava tocadas pelo luar dos montes de Jacurutu. Aquela estrutura toda era metamórfica, formada principalmente por pressão. Arrakis ainda tinha alguma coisa a dizer quanto a seu próprio futuro. Leto plantou um batedor para chamar um verme e, enquanto começava a bater na areia, tomou posição para ouvir e observar. Inconscientemente, sua mão direita estendeu-se para o anel do falcão Atreides, escondido numa dobra amarrada de seu dishsasha. Gurney o havia encontrado, mas o deixara no lugar. Em que teria pensado ao encontrar o anel de Paul?

“Pai, espere-me em breve.”

O verme veio do sul, desviando-se para evitar as rochas. Não era tão grande quanto ele esperara, mas isso não podia ser remediado. Avaliou seu movimento e plantou os ganchos, subindo pelo lado escamoso numa rápida carreira, enquanto a criatura passava sobre o batedor lançando um jato de poeira. O verme voltou-se, obediente sob a pressão de seus ganchos, e o vento de sua velocidade começou a lhe chicotear o manto. Leto curvou-se, olhando as estrelas do sul, pálidas através da poeira, e apontou o verme naquela direção.

“Direto para a tempestade.”

Enquanto a Primeira Lua se elevava, Leto mediu a altura da tempestade e fez uma estimativa quanto à sua chegada. Não antes do raiar do dia. Estava se espalhando, reunindo mais energia para um grande salto. Haveria muito trabalho para as equipes de transformação ecológica. Era como se ali o planeta as combatesse com uma fúria consciente, que aumentava na medida em que a transformação reclamava mais terras.

Durante toda a noite ele pressionou o verme para o sul, sentindo-lhe as reservas de energia nos movimentos transmitidos através de seus pés.

Ocasionalmente, deixava a criatura desviar-se para oeste, o que ela persistia em fazer, seguindo as fronteiras invisíveis de seu território ou movida por uma profunda consciência da tempestade que se aproximava. Os vermes costumavam enterrar-se para escapar ao impacto da areia carregada pelos ventos, mas esse não afundaria sob o deserto enquanto os ganchos de Produtor mantivessem aberto ao menos um de seus anéis.

À meia-noite, o verme mostrava muitos sinais de exaustão. Leto moveu-se para trás, ao longo de sua garupa, permitindo que ele reduzisse a velocidade, mas mantendo o impulso rumo ao sul.

A tempestade chegou logo após o raiar do dia. Primeiro houve a imobilidade da aurora no deserto, pressionando as dunas umas sobre as outras. Depois, a poeira avançando fez com que ele fechasse a máscara facial. Na poeira cada vez mais espessa, o deserto tornava-se uma imagem cinzenta, sem contornos. Então, agulhas de areia começaram a lhe ferir as faces, picando-lhe as pálpebras. Sentiu os grãos grossos em sua língua e percebeu que havia chegado o momento de decisão. Devia arriscar-se a testar as velhas histórias, imobilizando o verme quase exaurido? Levou apenas o tempo de uma batida de coração para afastar essa hipótese, caminhando para a cauda do verme e afrouxando-lhe os ganchos.

Quase sem se mover agora, o verme começou a se enterrar. Mas os excessos do sistema de transferência de calor da criatura ainda agitavam um forno ciclônico em sua traseira, dentro da tempestade que aumentava rapidamente. As crianças Fremen aprendiam os perigos dessa posição, próximo à cauda de um verme, em suas primeiras histórias infantis. Os vermes eram fábricas de oxigênio e o fogo queimava selvagemente à sua passagem, alimentado pela abundante exalação das adaptações químicas à fricção que produziam.

A areia começou a chicotear junto de seus pés. Leto soltou os ganchos e saltou para longe, a fim de evitar a fornalha da cauda do verme. Tudo dependia agora de entrar embaixo da areia no lugar onde o verme a deixara fofa.

Agarrando a ferramenta de compactação estática com a mão esquerda, enterrou-se na face escorregadia de uma duna, sabendo que o verme devi a estar muito cansado para se virar e engoli-lo com sua enorme boca branco-alaranjada. Enquanto escavava com a esquerda, a direita retirava a tenda-destiladora do estojo Fremen e a preparava para ser inflada. Estava feito em menos de um minuto: colocara a tenda num bolsão de areia de paredes rígidas, a sotavento da duna. Inflou a tenda e se arrastou para dentro dela. Antes de fechar o esfíncter, estendeu a mão com a ferramenta de compactação em ação reversa. A face escorregadia da duna deslizou sobre a tenda, mas apenas alguns grãos

penetraram enquanto ele fechava a abertura.

Agora, tinha de trabalhar ainda mais rapidamente. Nenhum snorkel de areia poderia estender-se lá fora a fim de lhe fornecer o ar para a respiração. Essa era uma grande tempestade, do tipo a que poucos sobreviviam. Iria cobrir esse lugar com toneladas de areia. Somente a bolha macia da tenda-destiladora, com sua concha exterior compactada, poderia protegê-lo.

Leto deitou-se de costas, esticado, colocou as mãos sobre o peito e induziu-se ao transe dormente, no qual seus pulmões fariam apenas um movimento a cada hora. Nisso, entregou-se ao desconhecido. A tempestade iria passar e, se ela não expusesse seu frágil bolsão, ele poderia emergir... ou então entrar no Madinat assalan, o Domicílio da Paz. O que quer que acontecesse, sabia que havia rompido as linhas, uma por uma, deixando apenas o Caminho Dourado. Seria isso ou não retornaria ao califado dos herdeiros de seu pai. Não mais viveria a mentira daquele Desposyni, o terrível califado que celebrava o demiurgo de seu pai. Não mais se manteria em silêncio enquanto um sacerdote declamava tolices ofensivas: “Sua faca cristalina dissolverá os demônios.”

Com essa decisão, a consciência de Leto escorregou para a teia intemporal do dão.

48

Existem óbvias influências de ordem mais elevada em qualquer sistema planetário. Isso é frequentemente demonstrado pela introdução da vida de forma terrena em planetas recentemente descobertos. Em todos os casos, a vida, em áreas similares, desenvolve formas de adaptação extraordinariamente similares. Isso significa muito mais do que forma; indica uma organização para a sobrevivência e o relacionamento entre tais organizações. A busca, por parte dos homens, dessa ordem interdependente e de nosso nicho dentro dela representa uma necessidade profunda. Essa busca pode, contudo, degenerar no domínio conservador da uniformidade. Isso sempre se revelou mortífero para todo o sistema.

— A Catástrofe de Duna segundo Harq al-Ada

— Meu filho não via verdadeiramente o futuro, via o processo de criação e seu relacionamento com os mitos sobre os quais dormem os homens — disse Jessica.

Falava depressa, mas sem dar a impressão de estar apressando o assunto. Sabia que os observadores ocultos encontrariam um meio de interrompê-la assim que percebessem o que estava fazendo.

Farad'n estava sentado no chão, delineado por um raio de luz do sol da tarde que penetrava, inclinado, através da janela atrás dele. Jessica podia ver apenas o topo de uma árvore no jardim do pátio quando olhava para o lado oposto à sua posição, em pé diante da parede em frente a ele. Era um novo Farad'n que ela via: mais esguio, mais vigoroso. Os meses de treinamento haviam produzido nele sua mágica inevitável. Seus olhos brilhavam quando ele a fitava.

— Ele viu as formas que as forças existentes iriam criar, a menos que fossem desviadas — disse Jessica. — Para não se voltar contra seus companheiros, voltou-se contra si próprio. Recusou-se a aceitar aquilo que o confortava porque isso significaria covardia moral.

Farad'n havia aprendido a escutar em silêncio, testando, sondando, guardando suas perguntas até que estivessem bem afiadas. Ela estivera falando

sobre a visão Bene Gesserit da memória molecular expressa como ritual e então, muito naturalmente , se desviara para o modo pelo qual a Irmandade analisava Paul Muad'Dib. No entanto, Farad'n percebia um jogo de sombras em suas palavras e ações, uma projeção de formas inconscientes de variação junto com a intenção superficial de suas declarações.

— De todas as nossas observações, esta é a mais crucial — dizia ela agora. — A vida é uma máscara através da qual o universo se expressa. Nós aceitamos que toda a humanidade, com as formas de vida que a sustentam, representa uma "comunidade natural", e que o destino de toda vida está em jogo no destino do indivíduo. Assim, quando chegamos ao derradeiro auto-exame, o amor fati, paramos de brincar de deus e revertemos ao ensinamento. No final, selecionamos os indivíduos e os colocamos tão livres quanto formos capazes.

Ele percebia agora para onde ela se estava dirigindo e, conhecendo o efeito que isso teria sobre os que vigiavam, conteve o impulso de lançar um olhar de apreensão em direção à porta. Somente uni olho treinado teria notado esse desequilíbrio momentâneo, mas Jessica o viu e sorriu. Um sorriso, afinal, podia significar qualquer coisa.

— Esta é uma espécie de cerimônia de graduação — ela disse. — Estou muito satisfeita com você, Farad'n. Quer se levantar, por favor?

Ele obedeceu, bloqueando-lhe a visão do topo da árvore através da janela.

Jessica manteve os braços rígidos nos lados do corpo e disse:

— Estou encarregada de lhe dizer isto agora: eu me coloco na sagrada presença humana.

Como o faço agora, assim você se colocará um dia. Oro em sua presença para que assim seja. O futuro permanece incerto e assim deve ser, pois ele é a te la em que pintamos nossos desejos. Desse modo, a condição humana encara sempre um lindo quadro em branco. Temos apenas este momento para nos dedicarmos continuamente à sagrada presença que compartilhamos e criamos...

Enquanto Jessica terminava de falar, Tyekanik entrou pela porta à esquerda, caminhando com pretensa calma, na face a carranca habitual.

— Meu Senhor — ele disse.

Mas já era muito tarde. As palavras de Jessica e todos os preparativos realizados anteriormente haviam feito seu trabalho. Farad'n não era mais um Corrino. Ele agora era Bene Gesserit.

49

O que vocês da diretoria da CHOAM parecem incapazes de compreender é que no comércio raramente se encontra a verdadeira lealdade. Qual foi a última vez que ouviram dizer que um escrevente deu a vida por sua companhia? Talvez sua deficiência resida no falso pressuposto de que podem obrigar homens a pensar e cooperar. Essa tem sido a falha de todos, da religião aos estados-maiores, através da história. Os estados-maiores possuem um longo registro de destruição de suas próprias nações. Quanto à religião, recomendo uma releitura de Tomás de Aquino. E quanto a vocês da CHOAM, em que tolices acreditam! Os homens devem desejar fazer coisas a partir de seus próprios impulsos interiores. São as pessoas, e não as organizações comerciais ou as cadeias de comando, que fazem as grandes civilizações funcionarem. Cada civilização depende da qualidade dos indivíduos que produz. Se vocês superorganizam os seres humanos, superlegalizam, suprimem seu impulso de grandeza — eles não podem agir e sua civilização desmorona.

— Uma carta à CHOAM Atribuída ao Pregador

Leto saiu do transe numa transição tão suave que não definia uma condição como distinta da outra. Um nível de consciência simplesmente se transformara em outro.

Sabia onde se encontrava. Uma restauração de energia fluiu através dele, mas Leto sentiu outra mensagem no ar viciado, esgotado de oxigênio, dentro da tenda-destiladora. Caso se recusasse a se mover, sabia que continuaria preso a essa teia intemporal, o eterno agora em que todos os eventos coexistiam. A perspectiva o atraía. Via o Tempo como uma convenção moldada pela mente coletiva de todos os seres sensíveis. Tempo e Espaço eram categorias impostas ao universo por sua Mente. Só tinha de se livrar da multiplicidade para onde as visões prescientes o atraíam. Uma escolha ousada mudaria os futuros provisórios. Que ousadia exigia esse momento?

O estado de transe o atraía. Leto sentia ter saído do alam al-mythal para o universo da realidade apenas para achá-los idênticos. Desejava manter a mágica Rihani dessa revelação, mas a sobrevivência exigia que tomasse decisões. Seu

incansável gosto pela vida enviou os sinais ao longo de seus nervos.

De repente, estendeu a mão para o lugar onde deixara a ferramenta de compactação de areia.

Agarrou-a, rolou sobre seu estômago e abriu o esfíncter da tenda. Um punhado de areia escorregou sobre suas mãos. Trabalhando na escuridão, estimula do pelo ar viciado, agiu com rapidez, escavando um túnel ascendente num ângulo íngreme. Subiu seis vezes o comprimento de seu corpo antes de sair para a escuridão da noite e o ar livre. Deslizou para baixo, na face iluminada pelo luar de uma longa duna curva, e se encontrou a um terço do caminho que levava ao topo da duna.

A Segunda Lua encontrava-se acima dele. Movia-se rapidamente, ocultando-se por trás da duna, e as estrelas se estenderam por sobre ele como pedregulhos brilhantes ao lado de um caminho. Leto procurou a constelação do Caminhante, encontrou-a e deixou seu olhar percorrer o braço estendido até a luz brilhante da Foum al-Hout, a estrela polar do sul.

“Eis aí seu maldito universo!”, pensou. Visto de perto, era um lugar de movimento, com toda a areia à sua volta, um lugar de mudança, de singular idade sobre singularidade. Visto a grande distância, somente as configurações se revelavam, e estas poderiam tentar uma pessoa a crer em absolutos.

“Crendo em absolutos, podemos perder nosso rumo.” Isso o fez lembrar-se de uma advertência contida numa antiga canção Fremen: “Quem perde o rumo em Tanzerouft perde a vida.” As configurações poderiam guiá-lo ou prendê-lo numa armadilha. Era preciso lembrar que as configurações mudam.

Respirou fundo e se colocou em movimento. Mergulhando de volta ao longo da passagem que abrira, esvaziou a tenda, puxou-a de volta e reembrulhou o estojo Fremen.

Um brilho cor de vinho começou a se desenvolver ao longo do horizonte leste. Leto colocou a mochila sobre os ombros e subiu a crista da duna, ficando lá a sentir o ar frio anterior à aurora, até que o sol nascente lhe aquecesse o rosto. Em seguida, pintou uma nódoa escura em torno das órbitas para reduzir o reflexo da luz, sabendo que deveria cortejar o deserto, em vez de combatê-lo. Quando colocou a tintura de volta no estojo e sugou a água de um dos tubos de recolhimento, conseguiu apenas um punhado de gotas, depois ar.

Sentando-se na areia, começou a examinar o traje-destilador até chegar, afinal, às bombas de calcanhar. Tinham sido cortadas habilmente com uma faca-agulha. Retirou o traje-destilador e o consertou, mas o dano já fora feito. Pelo menos metade da água de seu corpo se perdera. Não fosse pelo que a tenda recuperara... Meditou sobre isso enquanto recolocava o traje, pensando em como era estranho que não o tivesse antecipado. Ali estava um dos perigos óbvios de

um futuro sem visões.

Agachou-se no topo da duna, então, deixando que a solidão desse lugar o absorvesse. Deixou o olhar vaguear, observando a areia em busca de algum orifício assoviante, qualquer irregularidade nas dunas que pudesse indicar especiaria ou atividade de verme. Mas a tempestade cobrira a terra com uniformidade. Daí a pouco, removeu um batedor de seu estojo, armou-o e o fez girar para convocar o Shai-Hulud de suas profundezas. Em seguida, afastou-se para esperar.

O verme levou um bom tempo para chegar. Leto o ouviu antes que o visse, voltando-se para leste, onde aquele sussurro de terra sacudida fazia o ar tremer, e esperou pelo primeiro vislumbre alaranjado de uma boca elevando-se da areia. O verme ergueu-se das profundezas numa gigantesca cascata de areia que lhe obscureceu os flancos. Passou por Leto como uma grande parede curva, cinzenta, e ele plantou-lhe os ganchos, subindo facilmente para o dorso. Desviou o verme para o sul numa grande trilha curva, ainda enquanto subia.

Sob o estímulo de seus ganchos, o verme ganhou velocidade. O vento chicoteou o manto a seu redor. Sentia-se tão estimulado como o verme, uma .intensa corrente de criação em suas entranhas.

Cada planeta tinha seu próprio tempo, e assim era com cada vida, relembrou-se.

Esse verme era do tipo que os Fremen chamavam de “rosnador”. Frequentemente enterrava suas placas frontais enquanto a cauda se mantinha a impulsioná-lo. Isso produzia sons estrondantes e fazia com que parte de seu corpo se erguesse numa corcova. Mas era um verme rápido e, quando apanhavam um vento na mesma direção em que seguiam, a exalação quente da cauda lançava uma brisa morna sobre Leto. Um vento cheio de odores acres, carregado de oxigênio.

Enquanto o verme acelerava para o sul, Leto permitia que sua mente corresse livre. Tentava pensar nessa passagem como uma nova cerimônia em sua vida, uma cerimônia que lhe evitava pensar no preço que teria de pagar por seu Caminho Dourado. Como os antigos Fremen, sabia que teria de adotar muitos ritos para evitar que sua personalidade se dividisse em suas memórias constituintes, para manter afastados os caçadores famintos de sua alma . Imagens contraditórias, nunca unificadas, deviam agora ser enraizadas numa tensão vital, uma força polarizadora que o impulsionasse a partir de dentro.

“Sempre a novidade”, pensou. “Devo encontrar sempre novas Unhas fora de minha visão.”

No cair da tarde, sua atenção foi captada por uma protuberância à sua frente, ligeiramente à direita do curso que seguia. Lentamente, a protuberância

tornou-se um monte isolado e íngreme, uma rocha erguendo-se precisamente no lugar onde esperava que se erguesse.

“Agora, Namri... Agora, Sabiha. Vamos ver como seus irmãos recebem a minha presença.” Essa era a linha mais delicada à sua frente, mais perigosa por suas tentações que por suas ameaças.

O monte passou longo tempo mudando de dimensões. E pareceu às vezes que se aproximava dele, em vez de ser ele a se aproximar.

O verme, cansado agora, insistia em se desviar para a esquerda. Leto escorregou ao longo da imensa curva para plantar seus ganchos de novo e manter o gigante em curso retilíneo. Um suave cheiro de melange chegou às suas narinas, sinal de um rico veio. Passaram pelas manchas leprosas de areia violeta, onde um estouro de especiaria fizera sua erupção, e ele manteve o verme firme em seu curso até ultrapassarem o veio. A brisa, perfumada pelo cheiro de canela, os perseguiu por algum tempo, até que Leto forçou o verme a tomar novo curso, seguindo diretamente para a rocha elevada.

De repente, cores cintilaram bem longe, ao sul, bled adentro: o descuidado lampejo de arco-íris de um artefato feito pelo homem no meio daquela imensidão. Leto ergueu seu binóculo, focalizando as lentes de óleo, e viu na distância as asas inclinadas de um rastreador de especiaria brilhando à luz do sol.

Abaixo dele, unia grande colhedora soltava suas as as, qual crisálida, antes de se mover lentamente.

Quando abaixou o binóculo, a colhedora se transformou num ponto e ele se sentiu dominado pela hadhdhab, a imensa onipresença do deserto. Isso lhe revelava como aqueles caçadores de especiaria deviam vê-lo, um ponto negro entre o céu e o deserto, o símbolo Fremen para o “homem”. Eles o tinham visto, é claro, e deveriam estar cautelosos. Iam esperar. Os Fremen eram sempre desconfiados ao encontrar alguém no deserto, até reconhecerem o recém-chegado ou verificarem com certeza que ele não representava ameaça. Mesmo dentro da patina da civilização imperial e suas sofisticadas regras, ainda permaneciam selvagens semidomados, sempre conscientes de que uma faca cristalina se dissolvia na morte de seu dono.

“Isso é o que pode salvar-nos”, pensou ele. “Essa rebeldia selvagem.”

Na distância, o rastreador inclinou-se à esquerda, depois à direita, num sinal para o solo.

Imaginou seus ocupantes observando o deserto atrás dele, em busca de um indício de que ele pudesse ser mais que um único cavaleiro num só verme.

Leto fez o verme rolar para a esquerda, manteve- o na curva até que tivesse revertido seu curso, escorregou pelo flanco e saltou longe. O verme, livre de seu controle, parou na superfície para respirar um pouco e então afundou um

terço da parte diante ira de seu corpo, ficando imóvel, recuperando-se.

Sinal seguro de que fora cavalgado durante muito tempo.

Leto afastou-se do verme, que agora ficaria ali. O rastreador circulava acima do trator-colhedora, ainda fazendo sinais com as asas. Eram renegados pagos pelos contrabandistas, com certeza, cautelosos quanto a comunicações eletrônicas. Esses caçadores deviam estar atrás de especiaria. Essa era a mensagem transmitida pela presença do trator.

O rastreador circulou uma vez mais, inclinou as as as e saiu do círculo, dirigindo-se diretamente para Leto. Ele reconheceu a máquina como um modelo de tóptero ligeiro, que seu avô havia introduzido em Arrakis. A aeronave circulou uma vez acima dele, passou por sobre a duna onde se encontrava e mergulhou para pousar contra a brisa. Desceu a 10 metros dele, escorregando em meio à poeira levantada. A porta do lado voltado para ele se abriu o suficiente para que dela saísse uma única figura em pesado manto Fremen com o símbolo da lança sobre o lado direito do peito.

O Fremen aproximou-se lentamente, dando a cada um dos dois tempo suficiente para observar o outro. O homem era alto, com o azul total da especiaria nos olhos. A máscara do traje-destilador ocultava a metade inferior de sua face e o capuz fora puxado para proteger a testa. O movimento do manto revelava uma mão debaixo dele, segurando uma pistola maula.

O homem parou a dois passos de Leto e olhou para ele com um franzir intrigado da pele em torno dos olhos.

— Boa sorte para nós todos — disse Leto.

O homem olhou ao redor, perscrutando a vastidão vazia, e então voltou sua atenção para Leto.

— O que é você, criança? —- perguntou ele, a voz abafada pela máscara. — Está tentando servir de rolha para um buraco de verme?

Novamente, Leto usou a fórmula Fremen tradicional:

— O deserto é meu lar.

— Wenn? — quis saber o homem. “Para que lado vai?”

— Eu viajo para o sul de Jacurutu. Uma risada abrupta partiu do homem.

— Bem, Batigh! Você é a coisa mais estranha que jamais vi em Tanzerouft.

— Não sou seu Pequeno Melão — disse Leto, respondendo ao termo Batigh. Esse era um título com sentido lúgubre. O Pequeno Melão da orla do deserto proporcionava água a qualquer um que o encontrasse.

— Não vamos bebê-lo, Batigh — disse o homem. — Sou Muriz, o arifa deste taif. — E indicou o distante trator de especiaria com um movimento da cabeça.

Leto notou que o homem se intitulava o Juiz de seu grupo e se referia aos outros como taif, um bando ou companhia. Não eram ichwan, não eram um grupo de irmãos. Renegados pagos, sem dúvida.

Aqui se encontrava o fio de que necessitava.

Quando Leto continuou em silêncio, Muriz indagou:

— Você tem um nome?

— Batigh servirá.

Uma risadinha estremeceu Muriz.

— Ainda não me contou o que faz aqui.

— Sigo as pegadas de um verme — respondeu Leto, usando a frase religiosa que dizia que ele se encontrava num hajj por sua própria umma, sua revelação pessoal.

— Uma pessoa tão jovem? — indagou Muriz. Ele sacudiu a cabeça. — Não sei o que fazer com você. Você nos viu.

— E o que foi que eu vi? — perguntou Leto. — Falo de Jacurutu e você não me dá resposta.

— Uni jogo de charadas — disse Muriz. — O que é aquilo, então? — E indicou a elevação distante.

Leto falou guiado por sua visão:

— Apenas Shuloch.

Muriz se enrijeceu e Leto sentiu o próprio pulso acelerar-se.

Um longo silêncio se seguiu, e Leto podia notar que o homem estava examinando e descartando várias respostas. “Shuloch!” Na hora calma das histórias, após uma refeição no sietch, as histórias sobre Shuloch eram frequentemente repeti das. Os ouvintes sempre presumiam que Shuloch era um mito, um lugar para coisas interessantes acontecerem, somente em benefício da história. Leto lembrava-se de uma dessas histórias a respeito de Shuloch: um rapaz era encontrado na orla do deserto e trazido para um sietch. A princípio, recusava-se a responder às perguntas de seus salvadores, e depois, quando falou, ninguém conseguiu compreender suas palavras. À medida que os dias se passavam, ele continuava a não cooperar, recusando-se a se vestir ou fazer qualquer outra coisa. E cada vez que era deixado sozinho fazia estranhos movimentos com as mãos. Todos os especialistas do sietch foram chamados para estudá-lo, mas não chegaram a resposta alguma. Então, uma mulher muito velha passou pela porta, viu as mãos se movendo e riu.

— Ele apenas imita o pai, que enrola fibras de especiaria para fazer cordas — explicou. — E desse modo que eles ainda fazem em Shuloch. Só está tentando sentir-se menos solitário. — E a moral da história: “Nos velhos costumes de Shuloch, existe segurança e um sentimento de pertencer ao fio

dourado da vida."

Como Muriz permanecesse em silêncio, Leto disse:

— Sou o rapaz de Shuloch que só sabe mover as mãos.

No rápido movimento da cabeça do homem, Leto percebeu que Muriz conhecia a história. Ele respondeu lentamente, com a voz baixa e carregada de ameaça.

— Você é humano?

— Tanto quanto você — respondeu Leto.

— Você fala de modo muito estranho para uma criança. Quero lembrá-lo de que sou um juiz que pode responder ao taqwa.

"Ah, sim", pensou Leto. Na boca de tal juiz, o taqwa significava uma ameaça imediata. Taqwa era o temor acarretado pela presença de um demônio, uma crença muito real entre os Fremen mais velhos. O arifa conhecia os modos de se matar um demônio e era sempre o escolhido, "pois possui a sabedoria para ser implacável sem ser cruel, para saber quando a bondade é de fato um caminho para uma crueldade maior."

Mas isso tinha de chegar ao ponto que Leto buscava, e ele disse:

— Posso me submeter ao Mashhad.

— Eu serei o juiz de qualquer teste espiritual — respondeu Muriz. — Você aceita isso?

— Bi-lal Kaifa — disse Leto. "Sem restrição."

Uma expressão maliciosa surgiu no rosto de Muriz. Ele disse:

— Não sei por que permito isso. Melhor seria matá-lo aqui mesmo, mas você é um pequeno Batigh e eu tive um filho que morreu. Vamos, nós iremos para Shuloch e eu reunirei o Isnad para tomar uma decisão a seu respeito.

Leto, notando como cada maneirismo do homem traía uma decisão mortífera, imaginou como alguém seria enganado desse modo. Ele disse:

— Sei que Shuloch é o Ahl as-sunna wal-jamas.

— O que uma criança conhece do mundo real? — perguntou Muriz, indicando a Leto que caminhasse na frente rumo ao ornitóptero.

Leto obedeceu, mas escutou cuidadosamente o som dos passos do Fremen.

— O modo mais seguro de se manter um segredo é fazer com que as pessoas acreditem que já conhecem a resposta — disse Leto. — Nesse caso, elas não fazem perguntas. Foi muito hábil da parte de vocês, que foram banidos de Jacurutu. Quem acreditaria que Shuloch, o lugar mítico das histórias, existe realmente? E como é conveniente para os contrabandistas ou para alguém mais que deseje ter acesso a Duna.

Os passos de Muriz pararam. Leto virou as costas para o lado do tóptero,

com a asa à sua esquerda.

Muriz encontrava-se a meio passo de distância, com sua pistola maula apontada diretamente para Leto.

— Então, você não é uma criança — ele disse. — Um maldito anão vem nos espionar! Pensei que você falava muito sabiamente para uma criança, mas você falou cedo demais.

— Não o suficiente — disse Leto. — Sou Leto, o filho de Paul Muad'Dib. Se me matar, você e a sua gente afundarão na areia. Se me poupar, eu os conduzirei à grandeza.

— Não tente suas manobras comigo, anão — retrucou Muriz. — Leto se encontra no verdadeiro Jacurutu, de onde você diz que... — Não terminou a frase. A mão com a arma se abaixara ligeiramente, enquanto uma expressão intrigada fazia suas pálpebras se comprimirem.

Era a hesitação pela qual Leto esperara. Ele fez cada indicação muscular de um movimento para a esquerda, o qual, desviando seu corpo não mais que um milímetro, lançou a arma do Fremen girando loucamente contra a ponta da asa. A pistola maula foi arrancada da mão de Muriz e, antes que ele pudesse recuperar-se, Leto estava atrás dele, com a faca do próprio Muriz pressionando as costas do homem.

— A ponta está envenenada — disse Leto. — Diga ao seu amigo no tóptero que deve permanecer exatamente onde está, sem se mexer. De outro modo, serei forçado a matá-lo.

Muriz, esfregando a mão ferida, sacudiu a cabeça para a figura dentro do tóptero e disse:

— Meu companheiro Behaleth o ouviu. Ficará imóvel como uma rocha.

Sabendo que tinha muito pouco tempo antes que os dois homens elaborassem um plano de ação ou que seus amigos viessem investigar, Leto falou rapidamente:

— Você precisa de mim, Muriz. Sem mim, os vermes e sua especiaria desaparecerão de Duna.

— Sentiu o Fremen ficar rígido.

— Mas como você sabe a respeito de Shuloch? — perguntou Muriz. — Sei que eles não falaram nada em Jacurutu.

— Assim, admite que sou Leto Atreides?

— Quem mais poderia ser? Mas como você...

— Porque você está aqui — respondeu Leto. — Shuloch existe; portanto, o resto é

completamente simples. Vocês são os Banidos que escaparam quando Jacurutu foi destruído. Eu os vi sinalizando com as asas, o que significa que não

usam engenhos que possam ser ouvidos a distância.

Vocês colhem especiaria, portanto comerciam. Só poderiam comerciar com os contrabandistas. Você é um contrabandista e no entanto é um Fremen. Portanto, deve ser de Shuloch.

— Por que me tentou para que o matasse?

— Porque você teria me matado de qualquer modo quando retornássemos a Shuloch.

Uma violenta rigidez dominou o corpo de Muriz.

— Cuidado, Muriz — advertiu Leto. — Sei a seu respeito. Está em sua história que vocês tomam a água de viajantes descuidados. Agora, isso deve ser um ritual comum entre vocês. De que outro modo poderiam silenciar aqueles que por acaso os encontram? De que outro modo manteriam seu segredo? Batigh! Você me seduzia com palavras bondosas e apelidos gentis. Por que desperdiçar minha água sobre a areia? E se eu desaparecesse como tantos outros ... bem, Tanzerouft teria dado cabo de mim.

Muriz fez o sinal dos Chifres do Verme com a mão direita, para afastar o Rihani que as palavras de Leto invocavam. E Leto, sabendo como os velhos Fremen desconfiavam dos mentais ou de qualquer outra coisa que os confundisse com uma ampla exibição de lógica, reprimiu um sorriso.

— Manri falou a nosso respeito em Jacurutu — disse Muriz

— Eu terei sua água quando...

— Você não terá nada senão areia se insistir em bancar o tolo. O que vai fazer, Muriz, quando todo o planeta se tornar capim verde, árvores e água a céu aberto?

— Isso nunca acontecerá!

— Está acontecendo diante dos seus olhos.

Leto ouviu os dentes de Muriz rangendo de ódio e frustração. Daí a pouco, o homem falou entre os dentes:

— Como você evitaria isso?

— Conheço todo o plano de transformação — respondeu Leto.

— Conheço cada fraqueza que existe nele, cada força. Sem mim, o Shai-Hulud desaparecerá para sempre.

Com o tom matreiro retornando à sua voz, Muriz perguntou:

— Bem, por que discutirmos isso aqui? Estamos num impasse. Você tem sua faca, pode me matar, mas Behaleth atiraria em você.

— Não antes que eu apanhasse sua pistola. E então eu teria o seu tóptero. Sim, posso pilotá-lo.

Uma expressão carrancuda enrugou a testa de Muriz por baixo do capuz.

— E se você não for quem diz ser?

— Meu pai não vai me identificar? — perguntou Leto.

— Ahhh, foi assim que você aprendeu, não? Mas... — Ele se interrompeu novamente, sacudindo a cabeça. — Meu próprio filho lhe serve de guia. Ele diz que vocês dois nunca... Como poderia...

— Então você não acredita que o Muad'Dib prevê o futuro.

— É claro que acredito! Mas ele diz a respeito de si mesmo que... — Novamente Muriz não terminou a frase.

— E você pensa que ele está inconsciente da sua desconfiança — disse Leto. — Vim a este lugar exato, nesta exata ocasião, para encontrá-lo, Muriz. Sei tudo a seu respeito porque vi você... e seu filho. Sei como vocês se julgam seguros, como zombam do Muad'Dib e como conspiram para preservar seu pequeno trecho de deserto. Mas sem mim seu pequeno trecho de deserto está condenado, Muriz. Perdido para sempre. Já se foi muito longe aqui em Duna. Meu pai quase esgotou sua visão e vocês só podem recorrer a mim.

— Aquele cego... — Muriz se interrompeu, engoliu em seco.

— Ele logo voltará de Arrakeen — disse Leto. — E então veremos quanto ele é cego. Até onde você se afastou dos velhos costumes Fremen, Muriz?

— O quê?

— Ele é Wadquiyas com vocês. Sua gente o encontrou sozinho no deserto e o trouxe aqui para Shuloch. Que rica descoberta ele não era! Mais valioso que um veio de especiaria. Wadquiyasl Ele tem vivido com vocês; sua água misturou-se com a de sua tribo. Ele é parte de seu Rio Espiritual. — E Leto pressionou sua faca contra o manto de Muriz. — Cuidado, Muriz. — Ergueu a mão esquerda e soltou a máscara facial do Fremen, deixando-a cair.

Sabendo o que Leto planejava, Muriz disse:

— Para onde você iria se nos matasse a ambos?

— De volta a Jacurutu.

Leto pressionou a parte carnuda de seu polegar contra a boca de Muriz.

— Morda e beba, Muriz. Faça isso ou então morra.

Muriz hesitou, depois mordeu violentamente a carne de Leto. Leto observou a garganta do homem, viu-o engolir convulsivamente, então afastou a faca e a devolveu.

— Wadquiyas — disse Leto. — Devo ofender sua tribo antes que você possa tirar minha água.

Muriz assentiu.

— Sua pistola está ali. — Leto indicou-a com o queixo.

— Confia em mim agora? — indagou Muriz.

— De que outro modo eu poderia viver entre os Banidos? Novamente, Leto percebeu o olhar matreiro de Muriz, mas dessa vez era algo avaliador. O

homem virou- se com uma rapidez que indicava decisões secretas, apanhou a pistola maula e se voltou para o degrau da asa.

— Venha — ele disse. — Já nos demoramos muito no covil de um verme.

50

O futuro da presciência nem sempre pode estar preso às regras do passado . Os fios da existência se emaranham de acordo com muitas leis desconhecidas. O futuro presciente insiste em ter suas próprias regras. Não se ajustará ao pensamento ordeiro dos Zensunni ou ao ordenamento da ciência. A presciência constrói uma integridade relativa. Ela exige um trabalho neste instante, sempre o advertindo de que não pode trançar cada fio no tecido do passado.

— Kalima: As Palavras do Muad'Dib - O Comentário de Shuloch

Muriz trouxe o ornitóptero até Shuloch com a facilidade que vem com a prática. Leto sentava-se ao lado dele, sentindo a presença armada de Behaleth atrás de si. Tudo agora dependia de confiança e do delgado fio da visão, ao qual ele se agarrava. Se aquilo falhasse, Allahu akbahr. Por vezes devemos submeter-nos a uma vontade mais elevada.

A montanha de Shuloch era impressionante nesse deserto. Sua presença não-assinalada revelava muitos subornos e muitas mortes, e muitos amigos em lugares importantes. Leto podia ver o coração de Shuloch como uma depressão cercada de penhascos, com canyons sem saída levando até ela.

Arbustos salgados e sombreiras, formando um bosque espesso e amplo, delineavam as bordas inferiores desses desfiladeiros, com um anel inter no de palmeiras indicando que o lugar era rico em água. Toscas construções de capim verde e fibra de especiaria haviam sido erguidas além das palmeiras, parecendo botões verdes espalhados pela areia. Lá deviam viver os banidos dos Banidos, aqueles que não poderiam descer mais, senão com a morte.

Muriz pousou na depressão junto à base de um dos canyons. Uma única estrutura se erguia da areia, diretamente à frente do tóptero: uma choupana de trepadeira do deserto e folhas de bejato, tudo revestido com tecido de especiaria fundido pelo calor. Tratava-se de uma réplica viva das primeiras e toscas tendas-destiladoras e revelava a degradação de alguns dos que viviam em Shuloch. Leto sabia que tal lugar devia vazar umidade e estar cheio de insetos picadores vindos da vegetação próxima. Então, era assim que seu pai vivia. Pobre Sabiha. Ali

seria a sua punição.

A uma ordem de Muriz, Leto deixou o tóptero, saltando para a areia e caminhando em direção à choupana. Podia ver muitas pessoas trabalhando perto do canyon, entre as palmeiras. Pareciam pobres, esfarrapadas, e o fato de quase não olharem para ele ou para o tóptero era um indício da opressão que devia reinar por ali. Leto pôde notar a orla de pedra de um qanat além dos trabalhadores, e não havia engano no sentimento de umidade no ar: água a céu aberto. Passando pela choupana, Leto viu que era tão tosca quanto havia esperado. Seguiu até o qanat e olhou para baixo, vendo o rodopiar de peixes predadores entre o fluxo escuro. Os trabalhadores, evitando seu olhar, continuaram limpando a areia da linha de aberturas na rocha.

Muriz veio por trás dele e disse:

— Você está no limite entre o peixe e o verme. Cada um desses desfiladeiros tem o seu verme.

Este qanat foi aberto e dentro em breve nós retiraremos os peixes para atrair a truta da areia.

— É claro — disse Leto. — Viveiros de criação. Vocês vendem vermes e trutas da areia para fora do planeta.

— Foi sugestão do Muad'Dib!

— Eu sei. Mas nenhum de seus vermes ou trutas da areia sobrevive muito tempo longe de Duna.

— Ainda não — disse Muriz. — Mas algum dia...

— Nem em 10 mil anos — disse Leto, voltando-se para observar a confusão no rosto de Muriz.

As perguntas fluíam ali como a água no qanat. Esse filho do Muad'Dib seria realmente capaz de enxergar o futuro? Alguns ainda acreditavam que o Muad'Dib fizera isso, mas... Como se poderia julgar uma coisa assim?

Daí a pouco, Muriz voltou-se, conduzindo-o para a choupana. Abriu um tosco selo de umidade na porta e fez sinal para que Leto entrasse. Lá dentro havia uma lâmpada de óleo de especiaria queimando junto à parede dos fundos, e uma pequena figura agachada abaixo dela, de costas para a porta. A queima do óleo produzia forte perfume de canela.

— Eles mandaram uma nova prisioneira para cuidar do sietch do Muad'Dib — resmungou Muriz. — Se ela nos servir bem, poderá conservar sua água por algum tempo. — Confrontou Leto. — Alguns dizem que é ruim tirar essa água. Aqueles Fremen de camisas rendadas agora fazem pilhas de lixo em suas novas cidades! Pilhas de lixo! Quando foi que Duna teve pilhas de lixo! Quando pegamos alguns como essa aí... — e gesticulou para a figura abaixo da lâmpada — geralmente estão meio loucos de medo, perdidos para sua própria

gente e nunca aceitos entre os verdadeiros Fremen. Está me entendendo, Leto-Batigh?

— Eu o compreendo. — A figura agachada não se movera.

— Você fala em nos liderar. Os Fremen sã o liderados por homens que derramaram sangue.

No que você nos poderia liderar?

— Kralizec — disse Leto, mantendo a atenção sobre a pessoa agachada.

Muriz olhou para ele, as sobrancelhas contraídas sobre os olhos azuis. Kralizec? Isso não era meramente uma guerra ou revolução; isso era a Luta do Tufão. Uma palavra tirada das mais antigas lendas Fremen: a batalha no fim dó universo. Kralizec?

O alto Fremen engoliu convulsivamente. Esse garoto era tão imprevisível quanto um almofadinha da cidade! Voltou-se para a figura agachada.

— Mulher! Liban wahid! — ordenou. "Traga-nos a bebida de especiaria."

Ela hesitou.

— Faça como ele diz, Sabiha — disse Leto.

Ela ficou de pé num movimento brusco, girando a fim de olhar para ele e incapaz de tirar os olhos de seu rosto.

— Você conhece essa aí? — perguntou Muriz.

— Ela é a sobrinha de Namri. Ela ofendeu Jacurutu e eles a mandaram para você.

— Namri? Mas...

— Liban wahid — disse Leto.

Ela passou correndo por ele, deixou atrás de si o selo da porta e eles ouviram seus passos apressados.

— Ela não irá longe — disse Muriz. Tocou o lado do nariz com o dedo. — Uma parenta de Namri, hein? Interessante. O que ela fez para ofendê-los?

— Permitiu que eu escapasse — respondeu Leto, voltando-se e seguindo Sabiha.

Encontrou-a de pé na beira do qanat. Colocou- se ao lado dela e olhou para a água. Havia pássaros nas palmeiras próximas e ele ouviu seus chamados, o bater de suas asas. Os trabalhadores produziam sons ásperos enquanto removiam a areia. Imóvel, ele fez o que Sabiha fazia, olhando para a água e seus reflexos. Pelos cantos dos olhos, via periquitos azuis entre as folhas das palmeiras. Um deles voou sobre o qanat e Leto o viu refletido sobre o brilho prateado dos peixes, peixes que nadavam juntos, tal como os pássaros e os predadores nadavam no mesmo firmamento.

Sabiha pigarreou.

— Você me odeia — disse Leto.

— Você me envergonhou. Envergonhou-me diante de meu povo. Eles tiveram um Isnad e me mandaram aqui para perder minha água. Tudo por sua culpa!

Muriz riu, bem atrás deles.

— Agora está vendo, Leto-Batjgh, que nosso Rio Espiritual tem muitos tributários.

— Mas minha água flui nas suas veias — replicou Leto, virando-se para ele. — Este não é um tributário. Sabiha é o destino da minha visão e eu a sigo. Fugi através do deserto para encontrar meu futuro aqui em Shuloch.

— Você e... — Ele apontou para Sabiha e lançou a cabeça para trás numa gargalhada.

— Não será como nenhum de vocês pensa — disse Leto. — Lembre-se disso, Muriz.

Encontrei as pegadas de meu verme. — Sentiu lágrimas escorrendo de seus olhos então.

— Ele dá água para os mortos — sussurrou Sabiha.

Até mesmo Muriz olhou para ele espantado. Os Fremen nunca choram a menos que se trate da mais profunda dádiva para a alma. Quase embaraçado, Muriz puxou a máscara sobre a boca e abaixou o capuz de seu djeballa sobre as sobrancelhas.

Leto olhou além do homem e disse:

— Aqui em Shuloch, eles ainda rezam por orvalho na orla do deserto. Vá, Muriz, e reze por Kralizec. Prometo-lhe que virá.

51

O discurso Fremen implica grande concisão e um senso preciso de expressão. Está imerso na ilusão do absoluto.

Seus pressupostos são campo fértil para religiões absolutistas. Além disso, os Fremen gostam de moralizar. Eles confrontam a terrível instabilidade de todas as coisas com declarações institucionalizadas. Dizem: “Sabemos que não existe a summa de todo o conhecimento disponível; isso é privilégio de Deus. Mas o que quer que os homens possam aprender, os homens podem conter.” Com essa abordagem incisiva do universo, esculpem uma crença fantástica em sinais e profecias e em seu próprio destino. Essa é a origem de sua lenda do Kralizec: a guerra do fim do universo.

— Relatório Particular Bene Gesserit/ folha 800881

— Eles o mantém a salvo num lugar seguro — disse Namri, sorrindo para Gurney Halleck do outro lado da sala quadrada, escavada na pedra. — Pode relatar isso aos seus amigos.

— E onde fica esse lugar seguro? — perguntou Halleck.

Ele não gostava do tom de voz de Namri e se sentia tolhido pelas ordens de Jessica. Maldita bruxa! Suas explicações não faziam sentido, exceto a advertência a respeito do que poderia acontecer caso Leto fracassasse em dominar suas terríveis memórias.

— É um lugar seguro — repetiu Namri. — Isso é tudo que me permitiram dizer-lhe.

— Como sabe disso?

— Recebi um distrans. Sabiha está com ele.

— Sabiha! Mas foi ela que...

— Não desta vez.

— Vai matá-lo?

— Isso não depende mais de mim.

Halleck contraiu o rosto. Distrans. Qual seria o raio de ação daqueles malditos morcegos de caverna? Ele os vira frequentemente esvoaçando através do deserto, com mensagens ocultas impressas em seus guinchos. Mas até onde

eles poderiam ir nesse planeta infernal?

— Devo vê-lo pessoalmente — disse Halleck.

— Isso não é permitido.

Halleck respirou fundo para se acalmar. Havia passado dois dias e duas noites esperando pelos relatórios de buscas. Agora, era outra manhã e ele sentia seu papel se dissolvendo à sua volta, deixando-o nu. Nunca apreciara o comando, de qualquer mo do. Os comandantes sempre esperam enquanto os outros fazem as coisas interessantes e perigosas.

— Por que não é permitido? — indagou. Os contrabandistas que haviam arranjado esse sietch-seguro haviam deixado muitas perguntas sem resposta e ele não queria a mesma coisa de Namri.

— Alguns acham que você viu demais quando viu este sietch. Halleck ouviu a ameaça e relaxou sua posição descansada do lutador treinado, a mão próxima, mas não sobre a faca. Sentia falta de um escudo, mas isso estava fora de cogitação, da do seu efeito sobre os vermes e sua vida curta na presença das cargas estáticas geradas pelas tempestades.

— Esse segredo não era parte dê nosso acordo — disse Halleck.

— Se eu o tivesse matado, isso teria sido parte de nosso acordo? Novamente, Halleck sentia o movimento de forças invisíveis a respeito das quais Lady Jessica não o avisara. Esse maldito plano dela!

Talvez fosse certo não confiar nas Bene Gesserits. Imediatamente, sentiu-se desleal. Ela havia explicado o problema, e ele entrara em seus planos com a expectativa de que, como todos os planos, esse iria necessitar de ajustamentos posteriores. Ela não era uma Bene Gesserit qualquer, era Jessica dos Atreides, que nunca fora outra coisa senão sua amiga e patrocinadora. Sem ela, sabia que teria sido lançado à deriva num universo mais perigoso que esse onde agora habitava.

— Não pode responder minha pergunta — disse Namri.

— Você devia matá-lo apenas se ele mostrasse estar... possuído — disse Halleck. — Abominação.

Namri levou o punho junto ao ouvido direito.

— Sua Senhora sabia que tínhamos testes para verificar isso. Foi sábio da parte dela deixar tal julgamento em minhas mãos.

Halleck comprimiu os lábios, frustrado.

— Você ouviu as palavras que a Reverenda Madre me dirigiu — continuou Namri. — Nós Fremen entendemos tais mulheres, mas vocês estrangeiros nunca as compreendem. As mulheres Fremen muitas vezes enviam seus filhos para a morte.

Halleck falou entre os dentes.

— Está querendo me dizer que o matou?

— Ele vive. Está em lugar seguro. Vai continuar a receber a especiaria.

— Mas eu devo escoltá-lo de volta à sua avó se ele sobreviver — disse Halleck.

Namri apenas encolheu os ombros.

Halleck percebeu que essa era toda a resposta que conseguiria. Maldição! Não poderia voltar para Jessica com tais perguntas sem respostas! Sacudiu a cabeça.

— Por que questionar o que não pode mudar? — indagou Namri. — Você está sendo bem pago.

Halleck olhou carrancudo para o homem. Fremen. Acreditavam que todos os estrangeiros eram influenciados principalmente pelo dinheiro. Mas Namri estava verbalizando mais que um preconceito Fremen. Outras forças se encontravam em ação por ali, isso era óbvio para quem fora treinado nos modos de observação Bene Gesserit. Toda essa coisa tinha o cheiro de um estratagema dentro de um estratagema dentro de um...

Mudando para a forma de insulto comum, Halleck disse:

— Lady Jessica ficará furiosa. Ela poderá mandar legiões contra...

— Zanadiq! — amaldiçoou Namri. — Seu mensageiro oficial! Você fica fora do Mohalata! Terei prazer em obter sua água para o Nobre Povo.

Halleck descansou a mão sobre sua faca e preparou a manga esquerda, onde havia guardado uma pequena surpresa para possíveis atacantes.

— Não vejo nenhuma água derramada aqui — ele disse. — Talvez você esteja cego pelo orgulho.

— Você vive porque eu quis que você aprendesse, antes de morrer, que sua Lady Jessica não enviará legiões contra ninguém. Você não será atraído silenciosamente para o Huanui, escória estrangeira. Eu pertenço ao Nobre Povo e você...

— E eu sou apenas um servo dos Atreides — disse Halleck com a voz calma. — Nós somos a escória que tirou a canga dos Harkonnen de cima de seu pescoço fedorento.

Namri mostrou os dentes brancos numa careta de ódio.

— Sua Senhora é prisioneira em Salusa Secundus . As mensagens que julgou serem dela vieram de sua filha!

Com um supremo esforço, Halleck conseguiu manter a voz calma.

— Não importa. Alia irá... Namri sacou da faca cristalina.

— O que você sabe do Ventre Celestial? Eu sou seu servo, seu prostituto. Faço a vontade dela quando tiro sua água! — E saltou através da sala num tolo movimento direto.

Halleck, sem se deixar enganar pela aparente ingenuidade, sacudiu a manga esquerda de seu manto, soltando o comprimento extra de tecido pesado que ele costurara ali e deixando que o pano recebesse o golpe da faca de Namri. Nesse mesmo movimento, Halleck lançou as dobras da roupa sobre a cabeça de Namri e golpeou com sua faca por sob e através do tecido, apontando diretamente para o rosto do Fremen. Sentiu a ponta da faca atingir o alvo enquanto o corpo de Namri se chocava contra ele com uma dura superfície de armadura metálica por baixo do manto. O Fremen emitiu um guincho, saltou para trás num movimento convulsivo e caiu. Ficou no chão, o sangue esguichando de sua boca enquanto seus olhos fitaram Halleck e então ficaram vidrados.

Halleck deixou o ar escapar por entre os lábios . Como aquele tolo Namri poderia ter julgado que alguém deixaria de notar a presença de uma ar madura por baixo de seu manto? Halleck dirigiu-se ao cadáver, enquanto recuperava a manga-armadilha, limpava a faca e a embainhava:

— Como você achava que nós, os servos Atreides, somos treinados, idiota?

Respirou fundo, pensando. "Bem, e agora? Em que estratagema eu me encontro?" Houvera verdade nas palavras de Namri. Jessica prisioneira dos Corrino e Alia realizando seus próprios esquemas maquiavélicos. Jessica o advertira de muitas contingências em que Alia seria o inimigo, mas não previra que ela própria poderia ser aprisiona da. Ele tinha suas ordens a obedecer, contudo.

Primeiro, havia a necessidade de sair daquele lugar. Felizmente, um Fremen envolto em mantos parecia-se com qualquer outro. Rolou o corpo de Namri para um canto e o cobriu com colchões, puxando um tapete para ocultar o sangue. Isso feito, ajustou os tubos do nariz e da boca de seu traje-destilador, colocou a máscara como alguém preparado para enfrentar o deserto, puxou o capuz sobre a cabeça e saiu para a longa passagem.

— Os inocentes caminham calmamente — pensou, andando como se apenas passeasse. Sentia-se curiosamente livre, como se estivesse dirigindo-se para fora do perigo e não para dentro dele.

"Nunca gostei do plano dela com relação ao garoto", pensou. "E vou lhe dizer isso se a vir. Se."

Pois se Namri falara a verdade, o mais perigoso plano alternativo entrava em ação. Alia não o deixaria viver muito tempo se o apanhasse, mas sempre havia Stilgar — um bom Fremen com boas superstições Fremen.

Jessica lhe explicara:

— Existe uma camada muito fina de comportamento civilizado sobre a

natureza original de Stilgar. E este é o modo como lhe arrancará essa camada...

52

O espírito do Muad'Dib é mais que palavras, mais que a lei que se eleva em seu nome. O Muad'Dib deve ser sempre uma ira interior contra a complacência dos poderosos, contra os charlatães e os fanáticos dogmáticos. E essa ira interior deve expressar-se porque o Muad'Dib nos ensinou uma coisa acima de todas as outras: que os seres humanos podem prosperar apenas na fraternidade de uma justiça social.

— O Tratado Fedaykin

Leto estava sentado de costas para a parede da choupana, sua atenção voltada para Sabiha, observando os fios de sua visão se desenrolarem. Ela havia preparado o café e o colocara de lado.

Agora, estava agachada diante dele, remexendo sua refeição noturna. Era uma sopa carregada de melange. As mãos dela moviam-se rapidamente com a concha, e o líquido azul manchava as bordas da tigela. Sabiha curvava o rosto magro sobre a tigela , misturando o concentrado. A tosca membrana que transformava a palhoça em tenda-destiladora fora remendada com um material mais fino, bem atrás dela, e isso formava um halo cinzento sobre o qual sua sombra dançava à luz tremulante da chama de cozinhar e da única lâmpada.

A lâmpada intrigava Leto. Essa gente de Shuloch esbanjava óleo de especiaria: uma lâmpada, não um globo luminoso. Eles mantinham escravos banidos dentro de suas muralhas, à maneira revelada pelas mais antigas tradições Fremen. E no entanto empregavam ornitópteros e as mais modernas colhedoras de especiaria. Eram uma tosca mistura do mais antigo e do mais moderno.

Sabiha empurrou a tigela de sopa em sua direção e apagou a chama de cozinhar. Leto ignorou a comida.

— Serei punida se você não comer isso — ela disse.

Ele olhou para ela, pensando: "Se eu a matar, isso destruirá uma das visões. Se lhe contar os planos de Muriz, isso destruirá outra visão. Se eu esperar aqui por meu pai, esse fio de visão se tornará uma corda poderosa."

Sua mente selecionava as linhas. Algumas tinham uma suavidade que o assombrava. Um futuro com Sabiha tinha uma realidade fascinante dentro de sua

consciência presciente. Ele ameaçava bloquear todos os outros até o seguir para suas agonias finais.

— Por que você olha para mim desse modo? — perguntou ela.

Ele ainda não respondeu.

Ela empurrou a tigela para mais perto dele.

Leto tentou engolir com a garganta seca. O impulso de matar Sabiha crescia dentro de si.

Sentiu-se tremendo com essa tentação. Como seria fácil destruir uma visão e deixar a selvageria correr livre!

— Muriz ordenou isso — ela disse, tocando a tigela.

Sim, Muriz ordenou. A superstição conquistava tudo. Muriz queria uma visão revelada para que ele a interpretasse. Era um antigo selvagem pedindo ao feiticeiro para jogar os ossos do boi e interpretar a posição em que haviam caído. Muriz levara o traje-destilador de seu prisioneiro, como "simples precaução". Havia uma zombaria implícita dirigida a Namri e Sabiha naquele comentário: "Só os tolos deixam um prisioneiro escapar."

Muriz tinha um profundo problema emocional, contudo: o Rio Espiritual. A água do prisioneiro fluía nas veias de Muriz. E Muriz buscava um indício que lhe permitisse lançar uma ameaça de morte sobre Leto.

"Tal pai, tal filho", pensou Leto.

— A especiaria só lhe dará visões — disse Sa biha. Os longos silêncios a incomodavam. — Eu já tive visões na orgia muitas vezes. Elas não significam nada.

"É isso!", pensou ele, seu corpo prendendo-se numa quietude que lhe deixava a pele fria e úmida. O treinamento Bene Gesserit dominou sua consciência, um ponto luminoso que se espalhava além dele para lançar a luz brilhante da visão sobre Sabiha e todos os seus companheiros Banidos. O antigo aprendizado Bene Gesserit era explícito:

"As linguagens são formadas para refletirem uma especialização no modo de vida. Cada especialização pode ser reconhecida por suas palavras , seus pressupostos e suas estruturas frasais.

Preste atenção às paradas. As especializações representam lugares onde a vida se detém, onde o movimento é represado e congelado." Percebia Sabiha, então, como uma criadora de visões, ela própria, e todos os outros seres humanos tinham o mesmo poder. E no entanto ela desdenhava suas visões na orgia da especiaria. Elas lhe causavam inquietação e por isso deviam ser colocadas de lado, deliberadamente esquecidas. Seu povo orava ao Shai -Hulud porque o verme dominava muitas de suas visões. Eles oravam pela umidade na orla do deserto porque a umidade limitava suas vidas. E no entanto nadavam em riqueza

de especiaria e atraíam trutas da areia para qanats abertos. Sabiha o alimentava com visões prescientes com uma insensibilidade natural, e no entanto, em suas palavras, ele via os sinais esclarecedores: ela dependia de absolutos, buscava limites finitos, e tudo por ser incapaz de lidar com os rigores de terríveis decisões que lhe to cavam a própria carne. Ela se agarrava à sua visão simples do universo, tão parada no tempo e tão generalizante como poderia ser, pois as alternativas a aterrorizavam.

Em contraste, Leto sentia o movimento puro dentro de si mesmo. Era uma membrana coletando dimensões infinitas e, já que via essas dimensões, poderia tomar as decisões terríveis.

"Como fez meu pai."

— Você deve comer isto! — disse Sabiha, a voz petulante.

Leto via agora todo o padrão de suas visões e sabia a linha que deveria seguir. "Minha pele não é minha pele." Levantou-se e ajustou o manto ao seu redor. O tecido parecia estranho, roçando em sua pele, sem o traje-destilador para lhe proteger o corpo. Seus pés estavam nus sobre o tecido fundido de especiaria que formava o piso, sentindo a areia que fora arrastada para dentro.

— Que está fazendo? — perguntou Sabiha.

— O ar esta ruim aqui. Vou lá fora.

— Você não pode fugir — ela avisou. — Cada canyon tem seu verme. Se ultrapassar o qanat, os vermes sentirão sua presença pela umidade. Esses vermes cativos são muito alertas... Não são como os do deserto. Além disso... — como sua voz se tornou zombeteira! — você não tem um traje-destilador.

— Então, por que se preocupa? — indagou ele, imaginando se ainda poderia provocar uma reação verdadeira da parte dela.

— Porque você não comeu.

— E você será punida.

— Sim!

— Mas eu já estou saturado de especiaria. Cada momento é uma visão. — Indicou a tigela com o pé descalço. — Derrame isso na areia. Quem é que vai saber?

— Eles vigiam — sussurrou ela.

Leto sacudiu a cabeça, livrando-a de suas visões, e sentiu uma nova liberdade a envolvê-lo. Não era preciso matar esse pobre peão. Ela dançava por outra música, nem mesmo conhecendo seus passos, acreditando ainda poder compartilhar o poder que atraía os piratas famintos de Shuloch e Jacurutu.

Leto foi até o selo da porta e colocou a mão sobre ele.

— Quando Muriz chegar — ela disse —, vai ficar furioso com...

— Muriz é um mercador do vazio — respondeu Leto. — Minha tia o

esgotou.

Ela se levantou.

— Vou com você.

E ele pensou: “Ela se lembra de como lhe escapei. Agora sente a fragilidade de seu domínio sobre mim. Suas visões se agitam dentro dela.” Mas ela não iria ouvir essas visões. Só tinha de refletir: como ele poderia dominar um verme cativo em seu estreito canyon? Como poderia viver em Tanzerouft sem traje-destilador ou estojo Fremen?

— Devo ficar só para consultar minhas visões — ele disse. — Você ficará aqui.

— Aonde vai?

— Ao qanat.

— As trutas da areia vêm em enxames durante a noite.

— Elas não vão me comer.

— Algumas vezes os vermes descem até perto da água — ela disse. — Se você atravessar o qanat... — Não terminou a frase, tentando colocar um tom de ameaça em suas palavras.

— Como eu poderia montar um verme sem ganchos? — indagou ele, imaginando se ela ainda poderia lembrar algum fragmento de suas visões.

— Vai comer quando retornar? — perguntou ela, agachando-se uma vez mais junto da terrina, apanhando a colher e recomeçando a mexer o caldo azul.

— Tudo em seu devido tempo — ele disse, sabendo que ela seria incapaz de detectar seu apurado uso da Voz, o modo como insinuava seus próprios desejos no processo de decisão dela.

— Muriz virá saber se você teve uma visão — advertiu ela.

— Lidarei com Muriz à minha maneira — ele disse, notando como os movimentos dela tinham se tornado lentos e pesados. O padrão de to dos os Fremen prestava-se naturalmente ao modo como ele a guiava agora. Os Fremen eram pessoas de extraordinária energia ao nascer do sol, mas uma profunda e letárgica melancolia frequentemente os dominava ao cair da noite. Ela já queria mergulhar no sono e nos sonhos.

Leto saiu sozinho para a noite.

O céu cintilava com estrelas e ele podia ver a massa da montanha ao seu redor delineada contra a sua configuração. Caminhou por sob as palmeiras até o qanat.

Por longo tempo, Leto ficou agachado à beira do qanat, ouvindo o incansável assoviar da areia no canyon. Tratava-se de um pequeno verme, pelo ruído que fazia; escolhido, sem dúvida, por essa razão. Um verme pequeno seria mais fácil de transportar. Pensou na captura do verme. Os caçadores o

atordoavam com uma névoa de água, usando o método Fremen tradicional de pegar um verme para o ritual da orgia/transformação. Entretanto, esse verme não seria morto por imersão. Seguiria num heighliner da Corporação, destinado a algum esperançoso comprador cujo deserto provavelmente seria demasiado úmido. Poucos estrangeiros percebiam o dessecamento básico que a truta da areia havia mantido em Arrakis. Havia mantido. Pois mesmo aqui em Tanzerouft haveria muitas vezes mais umidade no ar do que qualquer verme jamais conhecera, exceto durante sua morte numa cisterna Fremen.

Ouviu Sabiha remexendo-se na choupana atrás dele. Estava inquieta, excitada por suas próprias visões reprimidas. Imaginou como seria viver fora de uma visão com ela, compartilhando cada momento quando viesse, por si mesmo. O pensamento o atraía, muito mais forte que qualquer visão de especiaria. Havia certa pureza em enfrentar um futuro desconhecido.

"Um beijo num sietch vale por dois na cidade."

A velha máxima Fremen dizia tudo. O velho sietch contivera uma selvageria reconhecida misturada com timidez. Havia traços dessa timidez na gente de Jacurutu/Shuloch, mas somente traços.

Isso o entristecia por lhe revelar o que fora perdido.

Lentamente, tão lentamente que o conhecimento do que acontecia estava pleno em sua mente antes que reconhecesse suas origens, Leto tornou-se consciente do suave sussurro de muitas criaturas à sua volta.

"Trutas da areia."

Logo seria hora de passar de uma visão para outra. Sentia o movimento das trutas como um movimento dentro de si mesmo. Os Fremen tinham vivido com essas estranhas criaturas por gerações, sabendo que, se alguém arriscasse um pouco de água como isca, poderia atraí-las ao alcance da mão.

Muitos Fremen, morrendo de sede, haviam arriscado suas últimas gotas de água nessa aposta, sabendo que o doce xarope verde extraído de uma truta da areia poderia fornecer uma pequena fonte de energia.

Entretanto, as trutas da areia eram principalmente um brinquedo para as crianças que as apanhavam para o Huanui. E para brincar.

Leto estremeceu ante o pensamento do que aquela "brincadeira" lhe significaria agora.

Sentiu uma das criaturas escorregar sobre seus pés descalços. Ela hesitou e então prosseguiu, atraída pela maior quantidade de água no qanat.

Por um instante, entretanto, sentiu a realidade de sua terrível decisão. "A luva de truta da areia."

Era uma brincadeira de crianças. Se alguém segurava uma truta com a mão, esticando-a sobre a pele, a criatura formava uma luva viva. Os traços de

sangue nos capilares da pele poderiam ser sentidos por ela, mas alguma coisa misturada com a água do sangue as repelia. Cedo ou tarde, a luva escorregaria para a areia, para ser apanhada num cesto de fibra de especiaria. A especiaria as acalmava até serem jogadas num alambique da morte.

Podia ouvir as trutas se atirando no qanat e o redemoinho dos predadores a devorá-las. Agua amolecia as trutas da areia, tornando-as flexíveis. As crianças aprendiam isso bem cedo. Um pouco de saliva fazia com que soltassem o xarope doce. Leto escutou o agitar da água. Era a migração das trutas sobre o qanat aberto, mas elas não podiam conter o fluxo de um qanat patrulhado por peixes predadores.

Ainda assim, continuavam vindo, continuavam caindo.

Leto tateou a areia com a mão direita até seus de dos encontrarem a pele coriácea de uma truta.

Era a grande que esperava encontrar. A criatura não tentou fugir dele, movendo-se avidamente em direção à sua carne. Ele explorou seus contornos com a mão livre — tinha aproximadamente a forma de um diamante. Não tinha cabeça , extremidades nem olhos, mas infalivelmente encontraria água.

Uniria o corpo ao de suas companheiras, prendendo-se uma à outra pelo áspero entrelaçamento de cílios que se projetavam, até que o todo resultante se tornava um grande organismo em forma de saco, envolvendo a água e assim contendo o veneno que mataria o gigante em que as trutas um dia se transformariam: o Shai-Hulud.

A truta se contorcia em sua mão, alongando-se, esticando-se. Enquanto isso, ele sentia um alongamento e uma extensão equivalentes da visão que havia escolhido. “Este fio, não aquele.” Sentiu que a truta da areia se adelgaçava, cobrindo mais e mais sua mão. Nenhuma truta da areia jamais encontrara uma mão como essa, cada célula super-saturada de especiaria. Nenhum outro ser humano jamais vivera ou raciocinara nessas condições. Delicadamente, Leto ajustou seu equilíbrio enzimático, contando com a certeza que obtivera do transe da especiaria. O conhecimento das incontáveis vidas que se fundiam dentro dele proporcionava a certeza com que escolhia os ajustes precisos, prevenindo a superdose mortal que o abateria se ele se relaxasse em sua vigilância durante apenas uma batida do coração. Ao mesmo tempo, ele se fundia à truta da areia, alimentando-se nela, alimentando-se e aprendendo. Sua visão proporcionava-lhe o padrão, e ele o seguia precisamente.

Leto sentiu a truta tornar-se fina, espalhando-se sobre uma área cada vez maior de sua mão, até chegar ao braço. Localizou outra e a colocou sobre a primeira. O contato ativou um contorcer frenético nas duas criaturas. Seus cílios se trançaram e elas se tornaram uma única membrana que agora o envolvia até o

cotovelo. A truta se ajustava à luva viva da brincadeira infantil, mas se tornava mais fina e mais sensível, na medida em que ele a atraía para o papel de pele simbiótica. Estendeu a mão com sua luva viva, sentindo a areia, cada grão distinto aos seus sentidos. Aquilo não era mais uma truta da areia; era mais resistente, mais forte. E iria tornar-se cada vez mais forte... Apalpando, sua mão encontrou outra truta, que se uniu às duas anteriores, adaptando-se à nova função. Uma maciez coriácea insinuou-se por seu braço, até chegar ao ombro.

Com um terrível direcionamento de concentração, ele obteve a união da nova pele com seu corpo, evitando a rejeição. Nenhum “recanto de sua percepção teve a permissão de divagar sobre as horrorosas consequências do que fizera. Só importavam as necessidades de seu transe-visão. Apenas o Caminho Dourado poderia resultar dessa provação.

Leto despiu o manto e se deitou nu sobre a areia, o braço enluvado estendido sobre a rota de migração das trutas. Lembrava-se de que certa vez ele e Ghanima haviam apanhado uma truta e a raspado na areia até que ela se contraísse numa criança-verme, um tubo rígido com o interior prenhe do xarope verde. Mordia-se suavemente uma extremidade, sugando-a depressa, antes que o ferimento se fechasse, para obter alguma gotas de doçura.

Agora elas cobriam seu corpo. Podia sentir o pulsar de seu sangue contra a membrana viva.

Uma delas tentou cobrir-lhe o rosto, mas ele a moveu asperamente, até que ela se alongou num fino rolo. A coisa cresceu mais que uma criança-verme, permanecendo flexível. Leto mordeu sua extremidade, provando um fino fluxo de doçura que continuou por muito mais tempo do que qualquer Fremen jamais experimentara. Podia sentir a energia daquele líquido doce fluindo através de si. Uma curiosa excitação tomou conta de seu corpo. Ficou ocupado por algum tempo, rolando a membrana para fora de seu rosto até construir uma borda ou orla rígida que lhe circundava a face desde a testa até o queixo, deixando as orelhas expostas. Agora era hora de testar a visão.

Ele se levantou, virando-se para correr em direção à choupana, mas ao andar sentiu que o movimento de seus pés era demasiado rápido para que se equilibrasse. Mergulhou na areia, rolando e saltando de novo para cair em pé. O salto o levou a dois metros de altura e, quando caiu de volta, tentando caminhar, novamente se movia com demasiada rapidez.

“Pare!”, ordenou a si mesmo. Entrou no relaxamento forçado prana-bindu, unindo seus sentidos no redemoinho da consciência. Isso focalizou as ondulações interiores do constante-agora através do qual Leto vivenciava o Tempo, e ele permitiu que a exaltação da visão o aquecesse. A membrana funcionava precisamente como a visão havia previsto.

“Minha pele não é minha pele.”

Seus músculos precisavam de algum treinamento para se acostumarem a esse movimento ampliado. Quando caminhava, caía rolando. Daí a pouco ele se sentou. Na quietude, a orla abaixo de seu queixo tentou tornar-se uma membrana, cobrindo-lhe a boca. Ele cuspiu nela e a mordeu, sentindo a doçura do xarope. A coisa enrolou-se para baixo sob a pressão de sua mão.

Havia-se passado tempo suficiente para que se formasse a união com o corpo. Leto esticou-se no chão, rolando com o rosto para baixo. Começou a rastejar, raspando a membrana contra a areia.

Podia sentir bem a areia, mas nada lhe feria a pele. Com apenas algumas braçadas, ele cruzou 50 metros de areia. A reação física a essa fricção induzida era uma sensação de aquecimento.

A membrana não mais tentava cobrir-lhe o nariz ou a boca, mas agora ele iria deparar-se com o segundo maior passo no Caminho Dourado. Seus exercícios o haviam conduzido além do qanat, para o canyon onde se encontrava o verme aprisionado.

Ele o ouviu assoviando em sua direção, atraído por seus movimentos.

Leto saltou para ficar de pé e esperar, mas a ampliação do movimento o lançou 20 metros para dentro do desfiladeiro. Controlando suas reações com um terrível esforço, ficou de cócoras e endireitou o corpo. Agora, a areia começava a inchar diante dele, elevando-se numa monstruosa curva iluminada pelas estrelas. Abriu-se a apenas dois corpos de distância, dentes de cristal cintilando à luz mortiça. Ele viu a caverna de uma boca se escancarando, com o pálido bruxulear de uma chama lá no fundo. O cheiro de especiaria derramou-se sobre ele, mas o verme parou. E permaneceu diante dele, enquanto a Primeira Lua se elevava sobre o penhasco. A luz, refletindo-se nos dentes do verme, delineava o brilho irreal dos fogos químicos que queimavam nas profundezas da criatura.

Tão forte era o temor inato aos Fremen que Leto se viu dividido pelo desejo de fugir. Sua visão, entretanto, o mantinha imóvel, fascinado por esse momento prolongado. Ninguém jamais se colocara tão próximo à boca de um verme vivo e sobrevivera. Suavemente, Leto moveu o pé direito, encontrou um monte de areia e, reagindo com muita rapidez, foi impulsionado em direção à boca do verme.

Conseguiu parar de joelhos no chão.

Ainda assim, o verme não se moveu.

A criatura sentia apenas a presença da truta, e não atacaria o vetor da areia profunda pertencente à sua própria espécie. Atacaria outro verme em seu território e viria ao encontro de especiaria exposta ao ar livre. Somente uma barreira de água poderia detê-lo — e a truta da areia, como uma cápsula de água,

era uma barreira.

Experimentalmente, Leto moveu uma das mãos em direção àquela boca espantosa. O verme recuou um metro.

Com a confiança restaurada, Leto se afastou do verme e começou a ensinar os músculos a viverem com o novo poder. Cautelosamente, caminhou de volta ao qanat. O verme permaneceu imóvel atrás dele. Quando se encontrou além da barreira de água, Leto saltou com alegria, cruzando 10 metros sobre a areia, caiu esparramado, rolou e riu.

Uma luz projetou-se para fora quando o selo da porta da choupana foi aberto. Sabiha olhava para ele, delineada pelo brilho amarelo e roxo da lâmpada.

Rindo, Leto tornou a correr para o outro lado do qanat, parou em frente do verme, virou-se e a encarou de braços abertos.

— Olhe! — gritou. — O verme faz o que eu mando!

Enquanto a moça ficava imóvel pelo choque, ele girou, saiu correndo em torno do verme e para dentro do canyon. Ganhando experiência com a nova pele, descobriu que podia correr com um ligeiro flexionar dos músculos. Quase sem esforço. Quando se esforçava para correr, voava sobre a areia, com o vento a lhe queimar o círculo de pele exposta no rosto. No beco sem saída do final do canyon, saltou em vez de parar, subiu 15 metros , arrastou-se penhasco acima, agarrando-se às pedras, subindo como um inseto, e afinal chegou à crista acima de Tanzerouft.

O deserto estendia-se diante dele, uma vasta ondulação prateada sob a luz do luar.

A alegria maníaca que o dominara refreou-se.

Agachando-se, sentiu como seu corpo lhe parecia leve. O esforço produzira uma delgada película de transpiração que um traje-destilador teria absorvido e dirigido através do tecido de transferência, que removeria os sais. Enquanto relaxava, a película desapareceu, absorvida pela membrana mais rapidamente do que o seria por um traje-destilador. Pensativo, Leto fez rolar um trecho da membrana sob seus lábios, puxou-o para a boca e bebeu o líquido doce.

Sua boca, contudo, não estava mascarada. Com a sabedoria dos Fremen, ele sentia a umidade de seu corpo sendo desperdiçada a cada respiração. Então colocou uma seção da membrana sobre a boca, enrolando-a para trás ao tentar fechar as narinas, e manteve-a assim até que a barreira enrolada permaneceu no lugar. À maneira do deserto, ele assumiu a respiração automática: inspirar pelo nariz, expirar pela boca. A membrana sobre sua boca formou numa pequena bolha, mas permaneceu no lugar. Nenhuma umidade se coletava sobre seus lábios e as narinas permaneciam abertas. A adaptação prosseguia, então.

Um tóptero voou entre Leto e a Lua, curvou-se e desceu para um pouso com as asas estendidas sobre o topo do rochedo, talvez 100 metros à sua esquerda. Leto olhou para ele e se virou para ver por onde viera, subindo o canyon. Muitas luzes podiam ser vistas lá em baixo, além do qanat, o movimento de uma multidão. Ouviu gritos fracos, sentiu histeria nos sons. Dois homens do tóptero se aproximavam dele, o luar cintilando em suas armas.

“O Mashhad”, pensou Leto, e foi um pensamento triste. Ali estava o grande salto para o Caminho Dourado. Vestira o traje-destilador vivo e automantenedor de uma membrana de truta da areia, coisa de valor imensurável em Arrakis... at é que se entendesse o preço. “Não sou mais humano.

As lendas a respeito desta noite vão crescer e amplia r-se além de qualquer coisa reconhecível por seus participantes. Mas a lenda se tornará real.”

Olhou para baixo do penhasco, estimando que o solo do deserto se encontrava a 200 metros. A lua delineava fendas e saliências na face íngreme do rochedo, mas nenhuma trilha. Leto ficou de pé, inalou profundamente, olhou para os homens que se aproximavam e então caminhou para a beira do abismo e se lançou no espaço. Uns 30 metros abaixo, suas pernas flexionadas encontraram uma estreita saliência. Os músculos ampliados absorveram o choque e o lançaram num salto para o lado, em direção a outra saliência, onde ele agarrou uma estreita projeção de rocha com as mãos, caiu mais 20 metros, saltou para outro apoio, e uma vez mais caiu, saltando , pulando, agarrando estreitas saliências na pedra.

Os últimos 40 metros foram atravessados num único salto, com os joelhos dobrados e rolando, que o fez mergulhar pela face escorregadia de uma duna, num chuveiro de areia e pó. No fundo, ele ficou de pé e se lançou para a crista da próxima duna num único pulo. Podia ouvir gritos roucos do topo do penhasco, mas os ignorou, concentrando-se em pular do topo de uma duna para outro.

Enquanto se acostumava à ampliação dos músculos, sentiu uma alegria sensual que não antecipara nesses movimentos devoradores de distâncias. Era um bale no deserto, um desafio a Tanzerouft que ninguém mais experimentara.

Quando achou que os tripulantes do ornitóptero já se haviam recuperado do choque para persegui-lo uma vez mais, mergulhou na face sombreada de uma duna e se enterrou nela. A areia era como um líquido denso ante sua nova força, mas a temperatura se elevava perigosamente quando se movia com muita rapidez. Saiu livre no outro lado da duna e descobriu que a membrana lhe cobrira as narinas. Removeu-a, sentindo a nova pele pulsando sobre seu corpo em seu trabalho de absorver a transpiração.

Leto moldou um tubo em sua boca e bebeu o xarope enquanto observava o céu estrelado.

Estimou que percorrera uns 15 quilômetros desde Shuloch. Daí a pouco, um tóptero lançou sua sombra através das estrelas, como uma grande silhueta de pássaro, seguida por outra e mais outra. Ele ouviu o suave sussurro de suas asas, o assovio abafado de seus jatos.

Sugando pelo tubo vivo, ele esperou. A Primeira Lua passou por seu caminho, e depois a Segunda.

Uma hora antes da aurora, Leto subiu ao topo da duna e examinou o céu. Não havia mais caçadores. Agora, sabia ter embarcado numa jornada sem retorno. Adiante se encontrava a armadilha do Tempo e do Espaço que fora preparada como um a lição inesquecível para ele mesmo e para toda a humanidade.

Voltou-se para nordeste e atravessou outros 50 quilômetros antes de se enterrar na areia para passar o dia, deixando somente um minúsculo orifício de comunicação com a superfície, que mantinha aberto com o tubo de truta da areia. A membrana estava aprendendo a viver com ele, assim como ele aprendia a viver com ela. Tentou não pensar nas outras coisas que aquilo estava fazendo à sua carne.

“Amanhã, atacarei Gara Rulen”, pensou. “Destruirei seu qanat e farei sua água perder-se na areia. Então, irei para Windsack, Old Gap e Harg. Num mês, a transformação ecológica ficará atrasada uma geração inteira. Isso nos dará espaço para desenvolver um novo cronograma.”

E a culpa recairia nas tribos selvagens, é claro. Alguns reviveriam memórias de Jacurutu. Alia ficaria com as mãos cheias. Quanto à Ghanima... Silenciosamente, para si mesmo, Leto relembrou as palavras que lhe restaurariam a memória. Haveria tempo para isso, depois... se eles sobrevivessem a essa terrível mistura das linhas.

O Caminho Dourado o atraía lá fora, no deserto, quase como uma coisa física que pudesse ser vista de olhos abertos. E ele imaginou como era: tal como os animais se movem através da terra, suas existências dependiam do movimento da alma da humanidade bloqueada durante eras, precisando de uma trilha sobre a qual pudesse caminhar.

E então pensou em seu pai, dizendo para si mesmo: “Logo disputaremos de homem para homem, e somente uma visão emergirá...”

53

Os limites de sobrevivência são estabelecidos pelo clima, as longas mudanças que uma geração pode deixar de notar. E são os extremos do clima que estabelecem o padrão . Os seres humanos, solitários e finitos, podem observar províncias climáticas, flutuações anuais, e ocasionalmente observar coisas como: “Este foi o ano mais frio que já tivemos.”

Tais coisas são sentidas. Mas os humanos raramente tomam consciência de uma alteração na média que leve um longo período de tempo. E é precisamente com essa consciência que eles aprendem a sobreviver em qualquer planeta. Eles devem conhecer o clima.

— Arrakis, a Transformação segundo Harq al-Ada

Alia estava sentada com as pernas cruzadas em sua cama, tentando recompor-se recitando a Litania contra o Medo. Entretanto, uma risonha zombaria ecoava dentro de seu crânio, bloqueando cada um de seus esforços. Ela podia ouvir a voz que controlava seus ouvidos e sua mente.

— Que tolice é essa? Que é que você tem a temer?

Os músculos da barriga da perna se contraíram quando seus pés tentaram fazer movimentos de corrida. Não havia para onde correr.

Ela usava apenas uma beca dourada, da mais pura seda Paliana, e isso revelava a gordura que começava a lhe inchar o corpo. A Hora dos Assassinos acabara de passar; a aurora estava próxima.

Relatórios cobrindo os últimos três meses encontravam-se diante dela, sobre o cobertor vermelho.

Podia ouvir o zumbido do condicionador de ar, e a ligeira brisa agitava as etiquetas dos rolos de shigafio.

Ajudantes haviam-na despertado temerosamente, duas horas antes, trazendo notícias sobre a última infâmia, e Alia pedira os rolos de relatórios, buscando um padrão inteligível.

Desistiu da Litania.

Esses ataques tinham de ser obra dos rebeldes. Obviamente. Mais e mais dentre eles voltavam-se contra a religião do Muad’Dib.

— E o que há de errado nisso? — a voz zombeteira indagou dentro dela.

Alia sacudiu a cabeça violentamente. Namri lhe falhara. Fora uma tola em confiar numa faca de dois gumes tão perigosa. Suas ajudantes sussurravam que Stilgar era o culpado, que ele era secretamente um rebelde. E o que acontecera com Halleck? Oculto entre seus amigos contrabandistas?

Possivelmente.

Pegou um dos rolos do relatório. “E Muriz!” O homem estava histérico. Essa era a única explicação possível. De outro modo, ela teria de acreditar em milagres. Nenhum ser humano, muito menos uma criança (nem mesmo uma criança como Leto), podia saltar do penhasco de Shuloch e sobreviver para fugir pelo deserto, em saltos que o levavam da crista de uma duna para outra.

Alia sentia na mão a frieza do shigafio.

Onde estaria Leto, então? Ghanima recusava-se a acreditar que ele não estivesse morto. Uma Reveladora da Verdade confirmara-lhe a história: Leto morto por um tigre Laza. Então, quem seria a criança dos relatos de Namri e Muriz?

Ela estremeceu.

Quarenta qanats haviam sido fendidos, suas águas perdidas na areia. Os Fremen leais e mesmo os rebeldes não passavam de caipiras supersticiosos, todos eles! Seus relatórios estavam cheios de ocorrências misteriosas. Trutas da areia saltando nos qanats e se dividindo para se tornarem bandos de pequenas réplicas. Vermes afogando-se deliberadamente. Sangue gotejava da Segunda Lua e caía em Arrakis, onde formava grandes tempestades. E a frequência das tempestades estava aumentando!

Pensou em Duncan, incomunicável em Tabr, angustiado com os impedimentos que ela conseguira de Stilgar. Ele e Irulan quase só falavam do significado real por trás desses augúrios. Tolos!

Até mesmo seus espiões revelavam a influência dessas histórias infames!

Por que Ghanima insistia em seu relato do tigre Laza?

Alia suspirou. Somente um dos relatórios no shigafio a tranquilizava. Farad’n enviaria um contingente de sua guarda palaciana “para ajudá-la a enfrentar os problemas e preparar o caminho para o Rito Oficial do Noivado”. Alia sorriu para si mesma e compartilhou a gargalhada que lhe estremeceu o crânio. Aquele plano, pelo menos, permanecia intacto. Explicações lógicas seriam encontradas para afastar todas as bobagens supersticiosas.

Enquanto isso, ela usaria os homens de Farad’n para ajudá-la a fechar Shuloch e prender os dissidentes conhecidos, especialmente entre os Naibs. Pensou num movimento contra Stilgar, mas a voz interior a advertiu contra isso.

— Ainda não.

— Minha mãe e a Irmandade têm algum plano, elas próprias — sussurrou Alia. — Por que ela está treinando Farad'n?

— Talvez isso a excite — disse o Velho Barão.

— Não aquela geladeira.

— Não está pensando em pedir a Farad'n que a mande de volta?

— Sei dos perigos que isso encerra.

— Ótimo. Enquanto isso, e aquele jovem criado que Zia trouxe? Creio que seu nome é Agarves

— Buer Agarves. Se o convidasse para vir aqui esta noite....

— Não!

— Alia...

— Está quase amanhecendo, seu velho tolo e insaciável! Vai haver um Conselho Militar esta manhã, os sacerdotes terão...

— Não confie neles, querida Alia.

— É claro que não!

— Muito bem, agora esse Buer Agarves...

— Eu disse não!

O Velho Barão permaneceu em silêncio dentro dela, mas Alia começou a sentir uma dor de cabeça. Uma dor lenta que subia de sua face para o lado esquerdo do crânio. Uma vez, ele a fizera correr pelos corredores com esse truque. Agora ela resolveu resistir.

— Se persistir, tomarei um sedativo — ela disse.

Ele percebeu que era sério. A enxaqueca começou a diminuir.

— Muito bem — disse ele, insolente. — Em outra ocasião, então...

— Em outra ocasião — concordou ela.

54

“Tu dividiste a areia com tua força; tu quebraste a cabeça dos dragões no deserto. Sim. Eu te vejo como a besta saindo das dunas; tu possuis os dois chifres do cordeiro, mas falas como o dragão.”

— Bíblia Universal Laranja Revisada, Arran 11:4

Era a imutável profecia, as linhas tornando-se uma corda, coisa que Leto agora parecia ter conhecido por toda a vida. Ele olhava através das sombras do entardecer em Tanzerouft. Cento e setenta quilômetros ao norte estava Old Gap, a Velha Fenda, aquela abertura profunda e tortuosa através da Muralha Escuro pela qual os primeiros Fremen haviam emigrado para o deserto.

Leto já não tinha dúvidas. Sabia por que se encontrava ali, sozinho no deserto, e no entanto cheio de um sentimento como se essa terra inteira lhe pertencesse e fosse executar a sua vontade. Tinha aquele desejo que o ligava a toda a humanidade, aquela profunda necessidade de um universo de experiências que fizessem sentido lógico, um universo de regularidades reconhecíveis dentro de suas perpétuas mudanças.

“Eu conheço este universo.”

O verme que o levara até ali fora atraído pelas batidas de seu pé e se erguera diante dele, parando como um animal obediente. Leto saltara-lhe no dorso e, apenas com as mãos, ampliadas pela membrana, levantara a borda anterior de um anel do verme para mantê-lo na superfície. O verme se esgotara nessa corrida noturna para o norte. Sua fábrica interna, movida a silício e enxofre, havia funcionado a plena capacidade, exalando abundantes jorros de oxigênio que um vento de cauda lançara em redemoinhos em torno de Leto. Às vezes os sopros quentes o deixavam tonto, enchendo sua mente de estranhas percepções. A subjetividade circular e reflexiva de suas visões voltava sobre ele sua ancestralidade, forçando-o a reviver porções de seu passado terreno e então comparar essas porções com o seu atual eu mutável.

Já podia sentir o quanto se afastara de qualquer coisa reconhecível como humana. Seduzida pela especiaria que ele engolira a cada vestígio que encontrara, a membrana que o cobria não era mais truta da areia, tal como ele não era mais humano. Cílios haviam penetrado em sua carne, formando uma

nova criatura que buscaria sua própria metamorfose, nas eras que viriam pela frente.

“Você viu isto, pai, e o rejeitou”, pensou ele. “Era uma coisa terrível demais para se encarar.”

Leto sabia o que se acreditava de seu pai e por quê.

“O Muad’Dib morreu de presciência.”

Mas Paul Atreides passara do universo da realidade para o alam al-mythal enquanto ainda vivia, fugindo dessa coisa a que seu filho se atrevera.

E agora havia apenas o Pregador.

Agachado na areia, Leto manteve a atenção voltada para o norte. O verme viria daquela direção, e em seu dorso cavalgariam duas pessoas: um jovem Fremen e um homem cego.

Um bando de pálidos morcegos passou sobre sua cabeça, mudando seu curso para sudeste.

Eram pontos casuais no céu que escurecia, e o olho treinado de um Fremen poderia refazer seu caminho para descobrir onde se encontrava o abrigo naquela direção. Mas o Pregador evitaria esse abrigo. Seu destino era Shuloch, onde não se permitia a existência de morcegos selvagens que pudessem guiar estranhos até o lugar secreto.

O verme surgiu primeiro como um movimento escuro entre o deserto e o céu do norte. Matar, a chuva de areia caindo de grandes altitudes, levada por um vento de tempestade que passava, obscureceu sua visão por alguns minutos; depois ela retornou, mais nítida e mais próxima.

A linha fria na base da duna onde Leto se abaixara começou a produzir sua umidade noturna.

Ele saboreou essa frágil umidade em suas narinas e ajustou sobre a boca a bolha da membrana. Não havia mais necessidade de procurar “esponjas” ou “ poços de sugar”. Dos genes de sua mãe, possuía o grande intestino dos Fremen, mais longo e mais largo para retirar água de tudo que surgisse pelo caminho. Esse traje-destilador vivo captava e retinha cada partícula de umidade que encontrava. E mesmo enquanto ele estava sentado ali, a parte da membrana que tocava na areia emitia cílios-pseudópodes para caçar frações de energia que pudesse armazenar.

Leto observou o verme que se aproximava. A essa altura, sabia que o jovem guia o tinha visto, notando o ponto no topo da duna. A distância, o cavaleiro do verme não discerniria qualquer característica nesse objeto, mas esse era um problema que os Fremen já tinham aprendido a enfrentar.

Qualquer objeto desconhecido era perigoso. As reações do jovem guia seriam bem previsíveis, mesmo sem a visão.

Correspondendo à previsão, o curso do verme mudou ligeiramente, apontando na direção de Leto. Os vermes gigantes eram uma arma que os Fremen haviam empregado muitas vezes. Tinham ajudado a derrotar Shaddam, em Arrakeen. Mas esse verme deixou de cumprir a vontade de seu cavaleiro. Parou a 10 metros de distância e nenhum estímulo o faria cruzar outro grão de areia.

Leto levantou-se, sentindo os cílios tornarem a entrar na membrana atrás de si. Livrou a boca e clamou:

— Achlan, wasachlan! “Bem-vindo, duas vezes bem-vindo!”

O homem cego levantou-se atrás de seu guia, no topo do verme, uma das mãos sobre o ombro do rapaz. O homem mantinha o rosto erguido, o nariz apontado acima da cabeça de Leto como se tentasse farejar essa interrupção. O poente pintava sua testa de laranja.

— Quem está aí? — indagou o cego, sacudindo o ombro de seu guia. — Por que paramos? — Sua voz era anasalada pelos tampões do traje-destilador.

Temeroso, o jovem olhou para Leto e disse:

— É apenas uma pessoa sozinha no deserto. Uma criança, pela aparência. Tentei lançar o verme sobre ele, mas o verme se recusa.

— Por que não me disse? — quis saber o cego.

— Pensei que era apenas uma pessoa sozinha no deserto! — protestou o jovem. — Mas é um demônio.

— Fala como um verdadeiro filho de Jacurutu — disse Leto — E o senhor é o Pregador.

— Sim, sou. — E havia medo na voz do Pregador, pois afinal havia encontrado seu próprio passado.

— Este não é um jardim — disse Leto —, mas o senhor é bem-vindo para compartilhar este lugar comigo esta noite.

— Quem é você? — quis saber o Pregador. — Como parou nosso verme? — Havia um sombrio tom de reconhecimento na voz do Pregador. Agora ele relembrava as memórias de sua visão alternativa... sabendo que poderia chegar e terminar nesse lugar.

— É um demônio! — protestou o jovem guia. — Devemos fugir deste lugar ou nossas almas...

— Silêncio! — rugiu o Pregador.

— Sou Leto Atreides. Seu verme parou porque eu ordenei — respondeu Leto.

O Pregador gelou em silêncio.

— Venha, pai — insistiu Leto. — Desmonte e passe a noite comigo. Eu lhe darei o mais doce xarope para sugar. E vejo que possui estojos Fremen com

comida e jarros de água. Compartilharemos nossas riquezas aqui na areia.

— Leto ainda é uma criança — protestou o Pregador. — E dizem que está morto, vítima da traição dos Corrino. Não existe infância em sua voz.

— O senhor me conhece — disse Leto. — Sou pequeno para minha idade, assim como o senhor foi, mas minha experiência é ancestral e minha voz tem aprendido.

— Que faz aqui no Deserto Interior? — perguntou o Pregador.

— Buji — disse Leto. "Nada por nada." Era a resposta de um caminhante Zensunni, alguém que estava apenas em posição de repouso, sem esforço e em harmonia com o ambiente ao redor.

O Pregador sacudiu o ombro de seu guia.

— É uma criança? Verdadeiramente uma criança?

— Aiya — respondeu o jovem, mantendo uma atenção temerosa sobre Leto.

Um grande e estremecido suspiro sacudiu o Pregador e ele disse:

— Não.

— É um demônio em forma de criança — disse o guia.

— Vai passar a noite aqui — disse Leto.

— Faremos como ele diz — concordou o Pregador.

Soltou o ombro do guia e escorregou por um anel ao longo da lateral do verme, saltando para longe quando seus pés locaram na areia. Virando-se, disse:

— Leve o verme para longe e mande-o de volta para a areia. Está cansado e não nos irá incomodar.

— O verme não se move! — protestou o jovem.

— Ele irá — disse Leto. — Mas se você tentar fugir nele, deixarei que o coma.

Caminhou para um lado, fora do campo sensorial do verme, e apontou na direção pela qual eles tinham vindo.

— Vá por lá.

O jovem bateu com um agulhão contra o anel atrás dele e mexeu num gancho onde mantinha o anel aberto. Lentamente, o verme começou a escorregar sobre a areia, virando-se quando o jovem mudou o gancho para um lado.

O Pregador, seguindo o som da voz de Leto, subiu pela encosta da duna e ficou a dois passos de distância. Fez isso com uma segurança que revelou a Leto que essa não seria uma disputa fácil.

Aqui as visões se separavam. Leto disse: — Remova sua máscara facial, pai.

O Pregador obedeceu, deixando cair a dobra de seu manto e retirando a cobertura bucal.

Conhecendo sua própria aparência, Leto estudou esse rosto, vendo as linhas de semelhança como se elas estivessem delineadas com luz forte. Formavam uma reconciliação indefinível, uma trilha de genes sem fronteiras nítidas, e nelas não havia engano. Aquelas linhas vinham até Leto desde os dias florescentes, dos dias repletos de água, dos mares milagrosos de Caladan. Mas agora se encontravam num ponto divisório em Arrakis, enquanto a noite aguardava para se desdobrar sobre as dunas.

— Assim, pai — disse Leto, olhando para a esquerda, onde podia ver o jovem guia caminhando de volta, do ponto onde o verme fora abandonado.

— Muzein! — disse o Pregador, fazendo um gesto de corte com a mão direita. “Isto não é bom!”

— Koolish zein — disse Leto com voz suave. “Este é todo o bem que poderemos ter.” E acrescentou, falando na linguagem Chakobsa, a linguagem de batalha dos Atreides: — Aqui estou, aqui permaneço! Não nos podemos esquecer disso, pai.

Os ombros do Pregador se curvaram. Levou ambas as mãos às órbitas vazias num gesto que há muito não fazia.

— Eu lhe dei a visão dos meus olhos, uma vez, e peguei suas memórias — disse Leto. — Conheço suas decisões e estive no lugar onde se escondeu.

— Eu sei. — O Pregador abaixou as mãos. — Vai permanecer?

— Você me balizou com o nome do homem que colocou em seu brasão “Jysuis, yreste!”.

O Pregador suspirou profundamente.

— Até onde já foi essa coisa que você fez consigo mesmo?

— Minha pele não é mais a minha, pai. O Pregador estremeceu.

— Então, sei como me encontrou aqui.

— Sim, prendi minha memória a um lugar que minha carne nunca conhecera — disse Leto. — Preciso de uma noite com meu pai.

— Não sou seu pai. Sou apenas uma pobre cópia, uma relíquia. — Voltou a cabeça na direção do guia que se aproximava. — Não busco mais meu futuro em minhas visões.

Enquanto ele falava, a escuridão cobriu o deserto. Estrelas saltaram acima deles e Leto também se voltou para o guia que se aproximava.

— Wubakh ul kuhar! — gritou Leto para o jovem. “Saudações!”

De volta veio a resposta:

— Subakh un nar!

Falando num sussurro rouco, o Pregador disse:

— Esse jovem, Assan Tariq, é perigoso.

— Todos os Banidos são perigosos — concordou Leto. — Mas não para

mim. — Falou em tom baixo e calmo.

— Se essa é sua visão, não a compartilharei — disse o Pregador.

— Talvez não tenha escolha. Você é o fil-haquiqa, a Realidade. Você é Abu Dhur, Pai das Indefinidas Estradas do Tempo.

— Não sou mais que uma isca numa armadilha — disse o Pregador, a voz cheia de amargura.

— E Alia já comeu dessa isca — disse Leto. — Mas eu não aprecio o seu gosto.

— Você não pode fazer isso — sussurrou o Pregador.

— Já fiz. Minha pele não é mais a minha.

— Talvez não seja tarde demais para você...

— É tarde demais.

Leto inclinou a cabeça para um lado. Podia ouvir Assan Tariq subindo pela encosta da duna em direção a eles, vindo ao encontro do som de suas vozes.

— Saudações, Assan Tariq de Shuloch — disse Leto.

O jovem parou na encosta, logo abaixo de Leto, uma sombra negra sob a luz das estrelas. Havia indecisão na posição de seus ombros, no modo como inclinava a cabeça.

— Sim — disse Leto. — Eu sou aquele que escapou de Shuloch.

— Quando eu ouvi... — começou a dizer o Pregador. E novamente: — Você não pode fazer isso!

— Estou fazendo. Que importa se ficou cego uma vez mais?

— Pensa que tenho medo disso? — indagou o Pregador. — Não vê o ótimo guia que me forneceram?

— Eu o vejo. — Novamente, Leto encarou Tariq. — Não está me ouvindo, Assan? Sou aquele que escapou de Shuloch.

— Você é um demônio — disse o jovem, trêmulo.

— Seu demônio — disse Leto. — Mas você é o meu demônio. E Leto sentiu que a tensão crescia entre ele e seu pai. Era um jogo de sombras em torno deles, uma projeção de formas inconscientes. E Leto sentia as memórias de seu pai, uma forma de profecia às avessas, que buscava visões da realidade familiar desse momento.

Tariq também sentia a batalha de visões. Recuou vários passos duna abaixo.

— Você não pode controlar o futuro — sussurrou o Pregador, e o som de sua voz revelava um esforço, como se estivesse levantando um grande peso.

Então, Leto sentiu a dissonância entre eles. Era um elemento do universo com o qual sua vida inteira havia lutado. Ele ou então seu pai seria forçado a agir logo, tomando uma decisão nesse ato, escolhendo uma visão. E seu pai estava

certo: tentar um controle final sobre o universo faz com que você construa armas com as quais o universo acabará por derrotá-lo. Escolher e dominar uma visão exige que você se equilibre numa linha tênue — fazendo o papel de Deus equilibrado num arame muito alto, com a solidão do cosmo de ambos os lados. Nenhum dos competidores podia retirar-se para a morte-como-fim-do-paradoxo. Ambos conheciam as visões e as regras. E todas as antigas ilusões estavam morrendo. Quando um competidor se movia, o outro devia fazer um movimento em oposição. A única verdade real que lhes importava agora era a que os separava do cenário da visão. Não existia um lugar seguro, apenas uma mudança transitória de relacionamentos marcados dentro de limites que eles agora se impunham e aos quais se prendiam com vistas às mudanças inevitáveis. Cada um deles só podia contar com uma coragem solitária e desesperada, mas Leto tinha duas vantagens: entregara-se a um destino do qual não havia retorno e aceitara as terríveis consequências que resultariam para si mesmo. Seu pai ainda esperava que houvesse um caminho de volta, e não tomara essa decisão final.

— Você não deve! Você não deve! — disse o Pregador, a voz rouca.

“Ele percebe minha vantagem”, pensou Leto.

Leto falava em tom de conversa, ocultando suas próprias tensões e o esforço de equilíbrio que essa disputa, em outro nível, exigia.

— Não tenho nenhuma crença apaixonada na verdade, nenhuma fé senão aquela que eu crio — ele disse.

Sentia então o movimento entre si mesmo e seu pai, alguma coisa com características granulares que tocava apenas a própria crença ardente que Leto possuía, subjetivamente, em si mesmo. Com tal crença, sabia que colocara os marcos no Caminho Dourado. E algum dia tais marcos indicariam aos outros como serem humanos, estranha dádiva de uma criatura que naquele dia não mais seria humana.

Contudo, tais marcos sempre eram erguidos por jogadores. Leto os sentia espalhados pela paisagem de suas vidas interiores, e sentindo isso tomou posição para a derradeira aposta desse jogo.

Lentamente, cheirou o ar, buscando o sinal que ambos, ele e o pai, sabiam que viria. Uma questão permanecia: seu pai iria advertir o jovem guia aterrorizado sobre quem aguardava lá embaixo?

Daí a pouco, Leto sentiu ozônio em suas narinas, o odor que denunciava um escudo. Fiel às ordens dos Banidos, o jovem Tariq estava tentando matar esses dois perigosos Atreides, sem saber os horrores que isso precipitaria.

— Não — sussurrou o Pregador.

Mas Leto sabia que o sinal era autêntico. Sentir a o ozônio, mas não havia sensação de arrepio na pele. Tariq usava um pseudo-escudo do deserto, arma

desenvolvida exclusivamente para Arrakis.

Seu Efeito Holtzman chamaria um verme e o enlouqueceria. Nada deteria o verme nessas condições — nem água, nem a presença de trutas da areia... nada. Sim, o jovem havia plantado o engenho na encosta da duna, e estava começando a se afastar da zona de perigo.

Leto lançou-se do alto da duna, ouvindo seu pai gritar em protesto. Todavia, o espantoso ímpeto dos músculos ampliados de Leto lançou seu corpo como um míssil. Uma mão estendida agarrou a gola do traje-destilador de Tariq, a outra golpeou em torno para agarrar o manto do jovem condenado pela cintura. Houve um único estalido quando o pescoço se partiu. Leto rolou na areia, erguendo seu corpo como um instrumento esplendidamente equilibrado, que mergulhou diretamente na areia onde o pseudo-escuro fora escondido. Seus dedos encontraram o objeto e ele o retirou da areia, lançando-o num longo arco para o sul.

Daí a pouco se ouviu um grande ruído de alguma coisa se batendo e chiando, lá no deserto, onde o pseudo-escudo havia caído. O ruído logo diminuiu e desapareceu.

Leto olhou para o topo da duna onde seu pai se encontrava, ainda altivo, mas derrotado. Aquele lá em cima era Paul Muad'Dib, cego, furioso, quase desesperado com as consequências de ter fugido de uma visão que Leto aceitara. A mente de Paul esta ria refletindo agora a respeito do Longo Koan

Zensunni: "No ato único de predizer um futuro preciso, o Muad'Dib introduziu um elemento de desenvolvimento e crescimento na própria presciência através da qual ele via a existência humana. Com isso, atraiu a incerteza sobre si mesmo. Buscando o absoluto da previsão ordenada, ele ampliou a desordem, distorcendo a previsão."

Retornando ao topo da duna num único salto, Leto disse:

— Agora, sou seu guia!

— Nunca!

— Voltaria a Shuloch? Mesmo que lhe dessem as boas-vindas quando chegasse sem Tariq, para onde se foi Shuloch agora? Seus olhos vêem isso?

Paul confrontou o filho, então, apontando as órbitas vazias para Leto.

— Conhece realmente o Universo que criou aqui?

Leto percebeu aquela ênfase particular. A visão que ambos sabiam ter sido colocada em terrível movimento nesse lugar exigira um ato de criação em certo ponto do tempo. Naquele momento, todo o universo consciente compartilhava uma visão linear do tempo que possuía características de progressão ordeira. Eles haviam penetrado nesse tempo como se estivessem pulando para dentro de um veículo em movimento, e só poderiam abandoná-lo do mesmo modo.

Contra isso, Leto mantinha suas rédeas de muitos fios, equilibrando-se em sua própria visão iluminada do tempo como multi-linear e feito de muitas laçadas. Ele era o homem dotado de visão num universo de cegos. Somente ele poderia semear a racionalidade ordeira, pois seu pai não mais segurava as rédeas. Na visão de Leto, um filho havia altera do o passado. E um pensamento ainda nem sonhado, num futuro distante, poderia refletir-se sobre o agora e mover sua mão.

Somente a sua mão.

Paul sabia disso porque não mais conseguia perceber como Leto poderia manipular suas rédeas sobre o tempo; só conseguia reconhecer as consequências inumanas que Leto aceitara. E pensou: “Aqui se encontra a mudança pela qual rezei. Por que tenho medo dela? Porque é o Caminho Dourado!”

— Estou aqui para conferir propósito à evolução, e portando conferir propósito às nossas vidas — disse Leto.

— Realmente deseja viver aqueles milhares de anos, mudando como agora sabe que irá mudar?

Leto reconheceu que o pai não estava falando a respeito de mudanças físicas. Ambos sabiam quais seriam as consequências físicas: Leto se adapta ria e se adaptaria; a pele que não era a sua também ia adaptar-se. O impulso evolutivo em cada uma das partes se fundiria um no outro e disso emergiria uma única transformação. Quando viesse a metamorfose, se viesse, uma criatura pensante de espantosas dimensões emergiria sobre o universo — e esse universo a adoraria.

Não... Paul estava se referindo às mudanças interiores, aos pensamentos e decisões impostos aos adoradores.

— Aqueles que pensam que está morto — disse Leto —, sabe o que dizem a respeito de suas últimas palavras.

— É claro.

— Agora, faço aquilo que toda vida deve fazer a serviço da vida — disse Leto.

— Você nunca disse isso, mas um sacerdote, que achou que você nunca retornaria para chamá-lo de mentiroso, colocou essas palavras em sua boca.

— Eu não o chamaria de mentiroso. — Paul respirou fundo.

— Eram ótimas palavras finais.

— Vai ficar aqui ou retornar àquela palhoça na bacia de Shuloch? — indagou Leto.

— Este é o seu universo agora — disse Paul.

As palavras, carregadas de derrota, penetraram em Leto. Paul tentara guiar os últimos fios da sua visão pessoal, uma escolha que ele fizera anos antes no

Sietch Tabr. Para isso, aceitara seu papel como instrumento de vingança dos Banidos, os últimos remanescentes de Jacurutu. Eles o haviam contaminado, mas ele aceitara isso em lugar da visão de universo que Leto escolhera.

A tristeza de Leto foi tão grande que ele não conseguiu falar por vários minutos. Quando pôde controlar sua voz, ele disse:

— Vai receber de volta seu anel do falcão? — perguntou Leto. Paul sentou-se subitamente na areia, uma mancha negra sob a luz das estrelas.

— Não!

“Assim, ele sabe da futilidade desse caminho”, pensou Leto. Isso revelava muita coisa, mas não tudo. A disputa de visões passara do delicado plano das escolhas para um vulgar descarte de alternativas. Paul sabia que não poderia vencer, mas ainda esperava anular aquela visão única a que Leto se agarrara.

Daí a pouco, Paul disse:

— Sim, fui contaminado por Jacurutu. Mas você contaminou a si próprio.

— Isso é verdade — admitiu Leto. — Sou seu filho.

— E é um bom Fremen?

— Sim.

— Vai permitir que um cego finalmente parta para o deserto? Vai deixar-me encontrar a paz em meus próprios termos? — Ele golpeou a areia ao seu lado.

— Não, não permitirei isso — respondeu Leto. — Mas é seu direito cair sobre a própria faca, se insistir nisso.

— E você teria o meu corpo!

— Certo.

— Não!

“Então, ele conhece esse caminho”, pensou Leto. O corpo do Muad’Dib sendo colocado em relicário pelo próprio filho seria uma forma de cimentar a visão de Leto.

— Você nunca lhes contou, contou, pai?

— Nunca lhes contei.

— Mas eu contei. Contei a Muriz sobre Kralizec, a Luta do Tufão.

Os ombros de Paul arriaram.

— Você não pode — sussurrou ele. — Não pode.

— Agora sou uma criatura deste deserto, pai. Você falaria assim com uma tempestade Coriolis?

— Acha que sou covarde por recusar esse caminho — disse Paul, a voz rouca e trêmula. — Oh, eu o entendo muito bem, filho. Augúrios e arúspices sempre foram seus próprios tormentos. Mas nunca me perdi nos futuros possíveis porque este é impronunciável!

— Seu Jihad será um piquenique de verão em Caladan, em comparação — concordou Leto. — Eu o levarei para Gurney Halleck, agora.

— Gurney! Ele serve à Irmandade através de minha mãe. Agora Leto compreendia a extensão da visão de seu pai.

— Não, pai, Gurney não serve mais a ninguém. Conheço o lugar onde encontrá-lo e posso levá-lo para lá. É tempo para que se crie uma nova lenda.

— Vejo que não posso mudar sua opinião. Deixe-me tocá-lo, então, pois você é meu filho.

Leto estendeu a mão direita ao encontro dos dedos que tateavam, sentiu-lhes a força e a igualou, resistindo a cada mudança de movimento do braço de Paul.

— Nem mesmo uma faca envenenada pode me ferir agora — disse Leto. — Já possuo uma química diferente.

Lágrimas escorreram dos olhos vazios e Paul soltou a mão do filho, deixando seu braço cair ao lado do carpo.

— Se eu tivesse escolhido o seu caminho, teria me tornado o bicouros de shaitan. O que você se tornará?

— Durante algum tempo, eles me chamarão de missionário de shaitan, também. Então, começarão a se questionar e finalmente vão entender . Você não levou sua visão suficientemente longe, pai. Suas mãos realizaram coisas boas e coisas más.

— Mas o mal só foi conhecido depois do acontecimento!

— Que é o caminho para as piores maldades — retrucou Leto.

— Só atravessou uma parte de minha visão. Será que sua força não era suficiente?

— Sabe que eu não poderia permanecer lá. Nunca fiz uma coisa ruim que eu soubesse ser ruim antes de fazê-la. Não sou Jacurutu.

— Ele se levantou. — Acha que sou daqueles que riem sozinhos durante a noite?

— É triste você nunca ter sido realmente um Fremen — comentou Leto. — Nós Fremen sabemos como autorizar o arifa. Nossos juízes podem escolher entre os males. Foi sempre desse modo conosco.

— Fremen, não é? Escravos do destino que você ajudou a criar? — Paul aproximou-se de Leto, estendendo a mão num movimento curiosamente tímido para tocar o braço do filho e examiná-lo até onde a membrana deixava exposta a orelha, então a face e finalmente a boca. — Ahhh, esta ainda é sua própria carne — ele disse. — Aonde irá levá-lo esta carne? — Abaixou a mão.

— A um lugar onde os seres humanos possam criar seus futuros de um instante para outro.

— Assim você diz. Uma Abominação poderia dizer o mesmo.

— Não sou Abominação, embora pudesse ter sido. Vi o que aconteceu com Alia. Um demônio vive dentro dela, pai. Ghani e eu conhecemos esse demônio. É o Barão, seu avô.

Paul mergulhou o rosto em suas mãos. Seus ombros sacudiram-se por um momento, depois ele abaixou as mãos e sua boca estava comprimida numa linha de determinação.

— Existe uma maldição sobre nossa Casa. Eu rezei para que você atirasse aquele anel na areia, que me negasse e fugisse para construir... outra vida. Ela estava lá para você.

— A que preço?

Depois de um longo silêncio, Paul disse:

— O fim ajusta a trilha que vem até ele. Somente uma vez eu falhei na luta por meus princípios. Só uma vez. Aceitei o Mahdinato. Eu o fiz por Chani, mas isso fez de mim um mau líder.

Leto sentiu que não poderia responder a isso. A memória dessa decisão estava lá, dentro dele.

— Não posso mentir para você, tanto quanto não poderia mentir para mim mesmo — continuou Paul. — Eu sei disso. Cada homem devia possuir semelhante juiz. Só vou perguntar-lhe uma coisa: a Luta do Tufão é mesmo necessária?

— Será ela ou então os seres humanos serão extintos.

Paul ouviu a verdade nas palavras de Leto. Falou numa voz baixa que reconhecia a extensão maior da visão de seu filho.

— Eu não vi isso entre as escolhas.

— Acredito que a Irmandade suspeite disso — disse Leto. — Não posso aceitar qualquer outra explicação para a decisão de minha avó.

O vento da noite soprou frio ao redor deles, chicoteando o manto de Paul em torno de suas pernas. Ele tremeu. Vendo isso, Leto disse:

— Tenho um estojo, pai. Vou inflar a tenda e passaremos esta noite em conforto.

Mas Paul só pôde sacudir a cabeça, sabendo que não teria nenhum conforto nessa noite ou em qualquer outra. O Muad'Dib, o Herói, devia ser destruído. Ele mesmo dissera isso. Somente o Pregador poderia continuar agora.

55

Os Fremen foram os primeiros seres humanos a desenvolverem uma simbologia consciente/inconsciente através da qual sentiam os movimentos e as relações de seu sistema planetário. Eles foram as primeiras pessoas de qualquer lugar a expressarem o clima em termos de linguagem semi-matemática cujos símbolos escritos incorporam (e internalizam) relacionamentos exteriores. A linguagem em si era parte do sistema descrito. Sua forma escrita implicava o aspecto da coisa descrita. O conhecimento local, íntimo, daquilo que se achava disponível para sustentar a vida estava implícito nesse desenvolvimento. Pode-se medir a extensão dessa interação sistema/linguagem pelo fato de os Fremen verem a si mesmos como animais de pastagem e pilhagem.

— A História de Liet-Kynes por Harq al-Ada

— Kaveh Wahid — disse Stilgar. “Traga café.”

Fez sinal com a mão erguida para um ajudante que se encontrava ao lado da única porta que dava para o austero aposento de paredes de pedra onde ele havia passado essa noite de vigília. Esse era o lugar onde o velho Naib Fremen geralmente fazia seu desjejum espartano, e era quase hora do desjejum. Mas depois de uma noite como essa ele não sentia fome. Levantou-se e esticou os músculos.

Duncan Idaho, sentado numa almofada baixa, perto da porta, tentou suprimir um bocejo.

Acabara de perceber, enquanto falavam, que ele e Stilgar haviam passado a noite em claro.

— Perdoe-me, Stil — disse ele. — Eu o mantive acordado a noite toda.

— Ficar acordado a noite toda acrescenta um dia à vida da gente — disse Stilgar, aceitando a bandeja de café que lhe era passada desde a porta. Puxou um banco baixo em frente a Idaho e sobre ele colocou a bandeja, sentando-se diante de seu hóspede.

Ambos usavam os mantos amarelos do luto, mas o de Idaho era emprestado — usava-o porque as pessoas de Tabr se haviam ressentido do verde Atreides de seu uniforme de trabalho.

Stilgar derramou a bebida escura do jarro largo de cobre, provou-a primeiro e ergueu a xícara num sinal para Idaho — o antigo costume Fremen: “É seguro. Eu mesmo tomei dele.”

O café era trabalho de Harah, feito exatamente como Stilgar o preferia: os grãos torrados até um marrom-claro, depois moídos num pilão de pedra até se tornarem um fino pó que era fervido imediatamente, e ao qual se acrescentava uma pitada de melange.

Idaho inalou o rico aroma da especiaria e sorveu o líquido com cuidado, mas fazendo barulho.

Ainda não sabia se havia convencido Stilgar. Suas faculdades mentat começavam a funcionar com lentidão nas primeiras horas da manhã, todas as suas computações afinal confrontadas pelos dados inescapáveis fornecidos pela mensagem de Gurney Halleck.

Alia soubera a respeito de Lê to! Ela soubera.

E Javid devia ter compartilhado tal conhecimento.

— Devo ficar livre de suas restrições — disse por fim Idaho, reiniciando a discussão.

Stilgar manteve-se inflexível.

— O acordo de neutralidade exige que eu faça julgamentos duros. Ghani está segura aqui.

Você e Irulan estão seguros aqui. Mas você não pode enviar mensagens. Receber mensagens, sim, mas não enviá-las. Dei a minha palavra.

— Esse não é um tratamento que se deva dispensar a um convidado e velho amigo que compartilhou riscos com você — disse Idaho, sabendo que já usara esse argumento antes.

Stilgar colocou sua xícara sobre a bandeja, ajeitando-a no lugar cuidadosamente e mantendo sua atenção voltada para ela enquanto falava.

— Nós Fremen não sentimos culpa pelas mesmas coisas que produzem tais sentimentos em outros — disse ele. E voltou sua atenção para o rosto de Idaho.

“Ele deve ser levado a pegar Ghani e fugir deste lugar”, pensou Idaho. E disse:

— Não era minha intenção erguer uma tempestade de culpa.

— Compreendo — disse Stilgar. — Levantei essa questão para fazê-lo entender nossa atitude enquanto Fremen, pois é com isto que estamos lidando aqui: Fremen. Até mesmo Alia pensa como Fremen.

— E os sacerdotes?

— Eles são outro assunto — disse Stilgar. — De sejam que as pessoas inalem o vento cinzento do pecado, levando isso para a eternidade. Essa é uma

grande mácula pela qual buscam conhecer sua própria misericórdia. — Falava com a voz calma, mas Idaho percebeu nela a amargura e se admirou com o fato de isso não mudar a opinião de Stilgar.

— É um truque velho, muito velho, dos governos autocráticos — disse Idaho. — Alia sabe muito bem. Bons súditos devem sentir-se culpados e a culpa começa com um sentimento de fracasso.

O bom autocrata oferece muitas oportunidades de fracasso à sua população.

— Já reparei — disse Stilgar secamente. — Mas deve perdoar-me se eu menciono uma vez mais de que é de sua esposa que está falando. Da irmã do Muad'Dib.

— Ela está possuída, pode acreditar.

— Muitos dizem isso. Ela terá de se submeter ao teste, um dia. Enquanto isso, existem outras considerações mais importantes.

Idaho sacudiu a cabeça com tristeza.

— Tudo que lhe contei pode ser verificado. A comunicação com Jacurutu sempre se deu através do Templo de Alia. A trama contra os gêmeos tinha cúmplices lá. O dinheiro da venda dos vermes para fora do planeta vai para lá. Todas as ligações levam ao escritório de Alia, à Regência.

Stilgar sacudiu a cabeça e respirou fundo.

— Este é território neutro. Dei minha palavra.

— As coisas não podem prosseguir desse modo! — protestou Idaho.

— Concordo — assentiu Stilgar. — Alia está presa dentro de um círculo e a cada dia o círculo se torna menor. £ como nosso velho costume de possuir muitas esposas. Isso denuncia a esterilidade masculina. — Curvou-se, lançando sobre Idaho um olhar questionador. — Você diz que ela o enganou com outros homens... "usando o sexo como uma arma", acho que foi desse modo que se expressou. Então você tem uma abordagem perfeitamente legal disponível. Javid está aqui em Tabr com mensagens de Alia. Você só tem de...

— Em seu território neutro?

— Não, mas lá fora, no deserto...

— E se eu aproveitasse a oportunidade para escapar?

— Não teria tal oportunidade.

— Stil, eu lhe juro, Alia está possuída. Que preciso fazer para convencê-lo da...

— É uma coisa difícil de se provar — disse Stilgar. Era um argumento que ele usara muitas vezes durante a noite.

Idaho relembrou as palavras de Jessica e disse:

— Mas vocês possuem meios de prová-lo.

— Um meio, sim. — Novamente Stilgar sacudiu a cabeça. — Doloroso, irreversível. É por isso que eu lhe relembrei de nossa atitude com relação à culpa. Nós podemos libertar-nos de culpas que nos poderiam destruir em todas as situações, exceto no Julgamento de Possessão. Para isso o tribunal, que são todas as pessoas, assume plena responsabilidade.

— Mas vocês já o fizeram antes, não fizeram?

— Tenho certeza de que a Reverenda Madre não omitiu nossa história em sua exposição. Sabe muito bem que já foi feito antes.

Idaho reagiu à irritação na voz de Stilgar.

— Não estava tentando induzi-lo à falsidade. É apenas que...

— É a longa noite, as perguntas sem resposta — disse Stilgar. — Mas agora é de manhã.

— Devo ter permissão de enviar uma mensagem para Jessica.

— Isso significaria uma mensagem para Salusa — lembrou Stilgar. — Eu não faço promessas para serem quebradas. Minha palavra deve ser mantida, é por isso que Tabr é território neutro. Eu o manterei em silêncio. Empenhei a palavra de toda a minha família.

— Alia deve ser levada ao seu Julgamento!

— Talvez. Primeiro devemos descobrir se existem circunstâncias atenuantes. Uma falha de autoridade, possivelmente. Ou mesmo má sorte. Pode ria ser um caso de tendência negativa que todos os seres humanos compartilham, e não uma verdadeira possessão.

— Você quer ter certeza de que não sou apenas o marido traído buscando outros para executarem sua vingança.

— Esse pensamento ocorreu a outros, não a mim — disse Stilgar. Sorriu para que suas palavras não fossem ofensivas. — Nós Fremen temos nossa ciência da tradição, nosso hadith. Quando tememos um mentat ou uma Reverenda Madre, recorremos ao hadith. Costuma-se dizer que o único medo que não podemos enfrentar é o medo de nossos próprios erros.

— Lady Jessica deve ser avisada — insistiu Idaho. — Gurney disse...

— A mensagem pode não ter sido enviada por Gurney Halleck.

— Não o foi por mais ninguém. Nós Atreides temos modos de verificar a procedência das mensagens. Stil, pelo menos não quer examinar algumas das...

— Jacurutu não existe mais — continuou Stilgar, inflexível.

— Foi destruído há muitas gerações. — Tocou a manga de Idaho.

— E de qualquer modo não posso dispor de meus combatentes. São tempos difíceis estes, a ameaça aos qanats... você compreende? — Sentou-se novamente. — Agora, quanto a Alia...

— Não existe mais Alia.

— Assim diz você. — Stilgar bebeu outro gole de café e recolocou a xícara no lugar. — Vamos deixar isto assim, amigo Idaho. Muitas vezes não há necessidade de se arrancar um braço para remover uma farpa.

— Então vamos falar a respeito de Ghanima.

— Não há necessidade. Ghanima tem minha proteção, minha palavra. Ninguém pode feri-la aqui.

“Ele não pode ser tão tolo”, pensou Idaho.

Mas Stilgar estava se levantando para indicar que a entrevista terminara.

Idaho se ergueu, sentindo a rigidez dos joelhos . As batatas das pernas pareciam dormentes.

Enquanto se levantava, um auxiliar entrou e se colocou ao lado da porta. Javid entrou atrás dele.

Idaho voltou-se. Stilgar encontrava-se a quatro passos de distância. Sem qualquer hesitação, Idaho puxou de sua faca e num único movimento rápido a enfiou no peito de Javid, que de nada suspeitara. O homem cambaleou para trás, fazendo com que a faca saísse de seu corpo. Virou-se e caiu de rosto no chão. Suas pernas se debateram por um instante, e ele estava morto.

— Isso foi para silenciar os mexericos — disse Idaho.

O auxiliar ficou perplexo, com a faca desembainhada, indeciso quanto ao modo de reagir. Idaho já embainhara a sua, deixando uma mancha de sangue na borda do manto amarelo.

— Você manchou minha honra! — gritou Stilgar. — Este é território neutro...

— Cale-se! Idaho virou-se para o chocado Naib. — Você usa uma coleira, Stilgar!

Era um dos três piores insultos que poderiam ser dirigidos a um Fremen. O rosto de Stilgar ficou pálido.

— Você é um servo — continuou Idaho. — Vendeu os Fremen em troca de sua água.

Esse era o segundo pior insulto, aquele que destruíra o Jacuru-tu original.

Stilgar trincou os dentes e levou a mão à faca cristalina. O auxiliar afastou-se do corpo na porta.

Voltando as costas para o Naib, Idaho caminhou em direção à porta, passando pela pequena abertura ao lado do corpo de Javid e falando sem se voltar, para dirigir o terceiro insulto.

— Você não possui imortalitiade, Stilgar. Nenhum de seus descendentes carrega o seu sangue!

— Aonde vai agora, mental? — gritou Stilgar , enquanto Idaho continuava a se afastar do aposento. E a voz de Stilgar era fria como o vento dos pólos.

— Encontrar Jacurutu — disse Idaho, ainda sem se virar. Stilgar puxou da faca.

— Talvez eu possa ajudá-lo.

Agora Idaho estava na passagem. Ainda sem se deter, disse:

— Se quer me ajudar com a sua faca, ladrão de água, por favor o faça em minhas costas. Seria adequado para alguém que usa a coleira do demônio.

Com dois saltos, Stilgar atravessou o aposento, passou por cima do corpo de Javid e agarrou Idaho na passagem exterior. Com a mão crispada, virou Idaho, forçando-o a parar, e o confrontou com a boca contraída num esgar, a faca na mão. Tamanha era sua ira que Stilgar nem ao menos percebeu o sorriso curioso no rosto de Idaho.

— Saque sua faca, escória mentat! — rugiu Stilgar.

Idaho riu. E esbofeteou Stilgar com força — mão esquerda e mão direita, golpeando nos dois lados da cabeça.

Com um grito incoerente, Stilgar enterrou sua faca no abdômen de Idaho, golpeando para cima, através do diafragma, até o coração.

Idaho tombou sobre a faca, sorrindo para Stilgar, cuja ira se dissolveu num choque gelado.

— Duas mortes pelos Atreides — disse Idaho com a voz rouca. — A segunda por uma razão tão boa quanto a primeira. — Tombou para o lado, caindo com o rosto no piso de pedra. O sangue espalhou-se a partir do ferimento.

Stilgar olhou para o corpo por sobre sua faca gotejante e deixou escapar um trêmulo suspiro.

Javid estava morto atrás dele. E o consorte de Alia , o Ventre Celestial, esta va morto pelas próprias mãos de Stilgar. Podia-se argumentar que o Naib apenas protegera a honra de seu nome, vingando uma ameaça à sua prometida neutralidade. Mas o homem morto era Duncan Idaho. Não importavam os argumentos disponíveis, não importava m as “circunstâncias atenuantes”, nada poderia apagar tal fato.

Mesmo se Alia o aprovasse em particular seria forçada a responder publicamente com a vingança.

Afinal, ela era Fremen. Para governar os Fremen, não lhe era possível fazer outra coisa.

Só então Stilgar percebeu que essa situação era precisamente o que Idaho buscara conseguir com sua “segunda morte”.

Stilgar ergueu os olhos, vendo o rosto chocado de Harah, sua segunda esposa, a olhar para ele do meio da multidão que se reunia. Para onde quer que Stilgar se voltasse, havia rostos com expressões idênticas: o choque e a compreensão das consequências.

Lentamente, Stilgar ficou ereto, limpou a lâmina em sua manga e a embainhou. Falando para os rostos em tom calmo, disse:

— Aqueles que virão comigo devem arrumar as malas imediatamente. Envie homens para chamar os vermes.

— Para onde vai, Stilgar? — perguntou Harah.

— Para o deserto.

— Eu irei com você — ela disse.

— Claro que vai comigo. Todas as minhas esposas irão comigo. E Ghanima. Vá buscá-la, Harah. Imediatamente.

— Sim, Stilgar... agora mesmo — hesitou. — E Irulan?

— Se ela quiser...

— Sim, marido. — Ela ainda hesitava. — Vai levar Ghani como refém?

— Refém? — Ele ficou genuinamente surpreso com tal pensamento. — Mulher... — Tocou no corpo de Idaho suavemente com o dedo do pé. — Se este mentat estava certo, sou a única esperança de Ghani. — E se lembrou do aviso de Leto: “Cuidado com Alia. Você deve pegar Ghani e fugir.”

56

Depois dos Fremen, todos os planetólogos vêem a vida como expressões de energia e buscam os relacionamentos predominantes. Em pequenos pedaços, fragmentos e parcelas que se desenvolveram até um entendimento geral, a sabedoria racial dos Fremen foi traduzida em uma nova certeza. Aquilo que os Fremen possuem como povo, qualquer povo poderá ter. Só é necessário desenvolver um senso de relacionamentos energéticos. Só é preciso notar que a energia inunda os padrões das coisas e molda esses padrões.

— A Catástrofe de Arrakeen segundo Harq al-Ada

Era o Sietch de Tuek, na borda interior da Falsa Muralha. Halleck encontrava-se à sombra de um contraforte rochoso que abrigava a elevada entrada para o sietch, esperando que os de dentro decidissem se lhe dariam abrigo. Voltou o olhar para o deserto ao norte e depois para cima, em direção ao céu cinza azulado da manhã. Os contrabandistas do lugar tinham ficado perplexos ao saberem que ele, um estrangeiro, havia capturado e cavalgado um verme. Mas Halleck ficara igualmente admirado com a reação deles. Essa era uma coisa simples para um homem ágil que a vira sendo feita muitas vezes.

Halleck voltou sua atenção para o deserto, para o deserto prateado das rochas brilhantes e dos campos verde-acinzentados onde a água realizara sua mágica. De subido, tudo isso lhe pareceu um recipiente tremendamente frágil para conter a energia, a vida — tudo ameaçado por uma brusca alteração no padrão das mudanças.

Conhecia a origem dessa reação. Era a movimentação no solo do deserto abaixo dele.

Recipientes com trutas da areia mortas eram rolados para dentro do sietch para destilação e recuperação de sua água. Havia milhares dessas criaturas. Elas tinham vindo em resposta a um derramamento de água. E fora esse transbordamento que fizera disparar a mente de Halleck.

Olhou para baixo, em direção aos campos do sietch e da fronteira do qanat, que não mais fluía com sua preciosa água. Tinha visto os buracos nas paredes rochosas do qanat, o despedaçado forro de pedra por onde a água se

derramara na areia. Que teria produzido aqueles buracos? Alguns se estendiam por 20 metros nas seções mais vulneráveis do qanat, em lugares onde a areia fofa conduzia a depressões capazes de absorver a água. Eram essas de pressões que enxameavam de trutas da areia. As crianças do sietch as estavam matando e capturando.

Equipes de reparos trabalhavam nas paredes despedaçadas do qanat. Outras transportavam um mínimo de água para irrigar as plantas mais necessitadas. A fonte da água, a gigantesca cisterna abaixo da armadilha de vento de Tuek, fora fechada para evitar que o líquido continuasse a fluir para o qanat rompido. As bombas movidas a energia solar haviam sido desligadas. A água para irrigação vinha das poças que diminuíam no fundo do qanat e, laboriosamente, da cisterna no interior do sietch.

A moldura de metal do selo da porta, atrás de Halleck, estalou com o calor crescente do dia.

Como se o som tivesse movido seus olhos, Halleck percebeu que seu olhar se desviava para a curva mais distante do qanat, para o lugar onde a água se estendera com maior imprudência na direção do deserto. Os esperançosos planejadores desse sietch haviam plantado ali uma árvore especial, e ela estava condenada, a menos que o fluxo de água fosse logo restaurado. Halleck viu a tola e ondulante folhagem do salgueiro sendo despedaçada pelo vento e pela areia. Aquela árvore simbolizava a nova realidade, para ele e para Arrakis.

“Ambos somos estrangeiros aqui.”

Eles estavam levando um longo tempo a discutir a decisão lá no sietch, mas tinham necessidade de bons combatentes. Contrabandistas sempre necessitam de bons combatentes. Halleck não tinha ilusões a respeito deles. Os contrabandistas dessa época não eram aqueles que o tinham abrigado, tantos anos atrás, quando ele fugira da desintegração do feudo do Duque. Não, estes eram de um novo tipo, rápidos em buscar o lucro.

Novamente voltou os olhos para o tolo salgueiro. Ocorreu-lhe que os ventos tempestuosos da nova realidade poderiam destroçar esses contrabandistas e todos os se us amigos. Poderiam destruir Stilgar, com sua frágil neutralidade, e levar consigo todas as tribos que permaneciam leais a Alia. Eles se haviam tornado colonizados. Halleck já vira isso acontecer antes, conhecendo seu gosto amargo em seu próprio mundo. Podia ver claramente, relembrando os maneirismos dos Fremen das cidades, a configuração dos subúrbios e os hábitos inconfundíveis dos sietches rurais, que afetavam até mesmo esse esconderijo de contrabandistas. Os distritos rurais eram colônias dos centros urbanos. Eles haviam aprendido a usar uma canga acolchoada, conduzidos a ela por sua cobiça, se não por suas superstições.

Mesmo ali, especialmente ali, as pessoas tinham uma postura de população submissa, não de homens livres. Eram defensivas, evasivas, dissimuladas. Qualquer manifestação de autoridade era sujeita a ressentimento — qualquer que fosse a autoridade: a Regência, Stilgar, seu próprio Conselho...

"Não posso confiar neles", pensou Halleck. Só podia usá-los e nutrir sua desconfiança pelos outros. Era triste. Fora-se o velho dar e receber dos homens livres. Os velhos costumes haviam sido reduzidos a palavras ritualísticas, suas origens perdidas na memória.

Alia fizera bem o seu trabalho, punindo a oposição e recompensando os aliados, mudando as forças imperiais ao acaso, ocultando os maiores elementos de seu poder imperial. Os espiões! Deus, os espiões que ela devia ter!

Halleck quase podia ver o ritmo mortífero de movimento e contra-movimento através do qual Alia esperava manter a oposição desequilibrada.

"Se os Fremen continuarem adormecidos, ela vencerá", pensou ele.

O selo da porta atrás dele estalou e se abriu. Um funcionário do sietch, de nome Melides, emergiu. Era um homem baixo com o corpo em forma de cabeça que terminava em pernas tinas, a feiúra acentuada pelo traje-destilador.

— Você foi aceito — disse Melides.

E Halleck percebeu a dissimulação matreira na voz do homem. O que essa voz lhe revelava era que o santuário ali seria apenas por tempo limitado.

"Somente até que eu possar roubar-lhes um de seus tópteros", pensou.

— Minha gratidão ao seu Conselho — disse ele.

E pensou em Esmar Tuek, cujo nome fora dado a esse sietch. Esmar, há muito tempo morto pela traição de alguém, teria cortado a garganta desse Melides à primeira vista.

Qualquer caminho que estreite as possibilidades futuras pode tornar-se uma armadilha letal. Os seres humanos não estão procurando seu caminho através de um labirinto; eles perscrutam um vasto horizonte cheio de oportunidades únicas. O ponto de vista limitante do labirinto deveria atrair apenas criaturas que têm seus narizes enterrados na areia.

57

As singularidades e diferenças sexualmente produzidas são a proteção vital das espécies.

— Manual da Corporação Espacial

— Por que não sinto a dor? — Alia dirigiu a pergunta ao teto de sua pequena câmara de audiências, aposento que ela podia atravessar com 10 passadas em uma direção e 15 na outra. Havia duas janelas altas e estreitas que se abriam direta mente para os topos dos telhados de Arrakeen e a Muralha Escudo.

Era quase meio-dia e o sol queimava sobre a depressão em que a cidade fora erguida.

Alia baixou o olhar para Buer Agarves, o antigo Tabrita e atual auxiliar de Zia, que comandava a guarda do Templo. Agarves trouxera a notícia de que Javid e Idaho estavam mortos. Uma multidão de sicofantas, auxiliares e guardas vier a com ele, e outros se aglomerava m na passagem rebaixada lá fora, revelando que já conheciam o teor da mensagem de Agarves.

As más notícias andavam depressa em Arrakis.

Era um homem pequeno, esse Agarves, com um rosto muito redondo para um Fremen, quase infantil em sua forma. Pertencia à nova geração, dos que haviam engordado na abundância de água.

Alia o via como se tivesse sido dividido em duas imagens: uma com o rosto sério e olhos de um azul opaco, uma expressão preocupada em torno da boca. A outra imagem era sensual e vulnerável, excitantemente vulnerável. Ela apreciava especialmente a grossura de seus lábios.

Embora ainda não fosse meio-dia, Alia sentia alguma coisa, no silêncio à sua volta, que falava de poente.

“Idaho deve ter morrido no poente”, disse ela a si mesma.

— Como foi, Buer, que se tornou portador dessas notícias? — indagou ela, notando a rápida expressão vigilante que surgiu no rosto do homem.

Agarves tentou engolir e falou com a voz rouca, pouco mais que um sussurro.

— Eu acompanhei Javid, lembra-se? E quando ... Stilgar me enviou ao seu

encontro, mandou que eu lhe dissesse que trazia a sua obediência final.

— Obediência final — repetiu Alia. — O que ele quis dizer com isso?

— Eu não sei, Lady Alia — disse ele em tom de súplica.

— Explique-me novamente o que você viu — ordenou ela, admirando-se com a frieza que sentia em sua pele.

— Eu vi... — Ele inclinou a cabeça, nervoso, e olhou para o chão em frente de Alia. — Vi o Sagrado Consorte morto sobre o piso da passagem central, e Javid também morto, próximo, em uma passagem lateral. As mulheres já os estavam preparando para Huanui.

— E Stilgar o chamou para ver essa cena?

— É verdade, Minha Senhora., Stilgar me chamou. Ele mandou Modibo, o Torto, seu mensageiro no sietch. Modibo não me avisou de nada. Apenas me disse que Stilgar queria me ver.

— E você viu o corpo de meu marido lá no chão?

Ele a olhou nos olhos rapidamente, voltando sua atenção uma vez mais para um ponto no piso à sua frente, antes de assentir.

— Sim, Minha Senhora. E Javid estava morto, perto. Stilgar me contou... contou que o Sagrado Consorte havia matado Javid.

— E meu marido, você disse que Stilgar...

— Ele me falou de sua própria boca, Minha Senhor a. Stilgar disse que tinha feito aquilo.

Disse que o Sagrado Consorte tinha provocado a sua ira.

— Ira — repetiu Alia. — Como foi feito?

— Ele não disse. Ninguém disse. Eu perguntei e ninguém disse.

— E foi quando o mandaram até minha presença com as notícias.

— Sim, Minha Senhora.

— Não havia nada que pudesse ter feito?

Agarves umedeceu os lábios com a língua e depois respondeu:

— Stilgar me ordenou, Minha Senhora. Era o seu sietch.

— Percebo. E você sempre obedeceu a Stilgar.

— Sempre, Minha Senhora, até que ele me libertou de minha obrigação.

— Quando você foi mandado para me servir, quer dizer?

— E obedeço apenas à Senhora, agora.

— Isso é verdade? Diga-me, Buer, se eu lhe mandasse matar Stilgar, seu antigo Naib, você faria isso?

Ele a encarou com crescente firmeza.

— Se ordenasse, Minha Senhora.

— Eu o ordeno. Tem alguma idéia de para onde ele foi?

— Para o deserto. Isso é tudo que se sabe, Minha Senhora.

— Quantos homens ele levou?

— Talvez metade dos efetivos.

— E Ghanima e Irulan foram com ele?

— Sim, Minha Senhora. Os que partiram estão sobrecarregados com suas mulheres, crianças e bagagens. Stilgar ofereceu a todos uma escolha: acompanhá-lo ou ficarem livres da lealdade para com ele. Muitos preferiram a liberdade. Vão escolher um novo Naib.

— Eu escolherei o novo Naib para eles! E será você, Buer Agarves, no dia em que me trouxer a cabeça de Stilgar.

Agarves podia aceitar a escolha através da batalha. Era o modo Fremen. Ele disse:

— Como ordenou, Minha Senhora. De que forças posso...

— Veja com Zia. Não posso ceder-lhe muitos tópteros para a busca. Eles são necessários em outra parte. Mas terá um número suficiente de combatentes. Stilgar difamou sua honra. Muitos o servirão com alegria.

— Eu o conseguirei então, Minha Senhora.

— Espere!

Ela o observou por um momento, pensando em que m poderia mandar para vigiar essa criança vulnerável. Ele precisaria ser bem vigiado até que tivesse provado sua capacidade. Zia saberia quem mandar.

— Ainda não estou dispensado, Minha Senhora?

— Ainda não. Devo consultá-lo em particular e demoradamente quanto a seus planos para pegar Stilgar. — Levou a mão ao rosto. — Não as sumirei o luto até que você tenha obtido a minha vingança. Dê-me alguns minutos para me recompor. — Ela abaixou a mão. — Uma de minhas auxiliares lhe mostrará o caminho. — Fez um sinal sutil com a mão para uma de suas atendentes, e sussurrou para Salus, sua nova criada. — Façam com que ele seja lavado e perfumado antes de ser trazido a mim. Ele fede a verme.

— Sim, Minha Senhora.

Alia voltou-se então, fingindo a mágoa que não sentia, e correu para seus aposentos particulares. Lá, em seu quarto, bateu a porta, praguejou e bateu com o pé no chão.

“Maldito Duncan! Por quê? Por quê?”

Sentiu uma provocação deliberada da parte de Idaho. Ele matara Javid e provocara Stilgar.

Aquilo revelava que ele sabia a respeito de Javid. A coisa toda devia ser tomada como uma mensagem de Duncan Idaho, um gesto final.

Novamente bateu com o pé no chão, e mais uma vez, andando furiosa pelo quarto.

“Maldito! Maldito! Maldito!”

Stilgar passara-se para os rebeldes, e Ghanima com ele. Irulan também.

“Malditos sejam todos eles!”

Seus pés, pisando com força, encontraram um obstáculo doloroso. A dor a fez gritar, olhando para o chão e descobrindo que ferira o pé numa fivela metálica. Apanhou-a e ficou imóvel ao ver o que tinha nas mãos. Era uma velha fivela, uma das originais de platina e prata vindas de Caladan, concedidas pelo Duque Leto Atreides ao seu mestre espadachin Duncan Idaho. Vira Duncan usando aquilo muitas vezes. E ele a jogara fora ali.

Os dedos agarraram convulsivamente a fivela. Idaho a tinha deixado ali quando... quando...

Lágrimas escorreram de seus olhos, forçadas contra o poderoso condicionamento Fremen. Sua boca imobilizou-se numa careta, enquanto ela sentia a velha batalha começar dentro de seu crânio, estendendo-se para as pontas dos dedos, para os pés. Sentia ter se tornado duas pessoas. Uma delas olhava com espanto para essas contorções carnais. A outra buscava submeter-se à enorme dor que se espalhava em seu peito. Agora, as lágrimas fluíam livremente de seus olhos, e o Atônito dentro de si perguntava queixosamente:

— Quem chora? Quem é que chora? Quem está chorando agora?

Mas nada detinha as lágrimas, e ela sentia a dor queimando em seu colo enquanto lhe impulsionava a carne, atirando-a sobre a cama.

E alguma coisa continuava a perguntar com aquele profundo espanto:

— Quem chora? Quem é que...

58

Através desses aios, Leto II afastou-se da sucessão evolutiva. E o fez com um deliberado gesto de corte, dizendo:

"Ser independente é ser afastado." Ambos os gêmeos enxergavam além das dificuldades da memória como um processo de medida, isto é, um processo de determinar sua distância em relação às suas origens humanas. Entretanto, ficou para Leto II a realização da coisa audaciosa, reconhecendo que a verdade ira criação deve ser independente de seu criador. Ele se recusou a reordenar a sequência evolutiva, dizendo: "Isso também me leva para mais longe da humanidade." Ele percebia as implicações: não podem existir sistemas verdadeiramente fechados na vida.

— A Sagrada Metamorfose por Harq al-Ada

Havia pássaros vicejando dos insetos que fervilhavam na areia úmida além do qanat rompido: papagaios, pombas, gaios. Essa fora uma djedida, uma das últimas cidades novas, construída sobre fundações de basalto exposto. Estava abandonada agora. Ghanima, usando as horas da alvorada para explorar a área além das plantações originais do sietch abandonado, detectou movimento e viu um lagarto listrado. Antes fora um pica-pau gila fazendo seu ninho num paredão de barro da djedida.

Ela pensava no lugar como um sietch, mas era de fato um conjunto de muros baixos, feitos de tijolos de barro estabilizado, cercados por plantações destinadas a conter as dunas. Encontrava-se bem dentro de Tanzerouft, 600 quilômetros ao sul da cordilheira Sihaya. Sem mãos humanas para mantê-lo, o sietch já começava a se dissolver no deserto, suas paredes gastas pela areia dos ventos, seus vegetais morrendo, sua área de plantações fendida pelo sol quente.

Entretanto, a areia além do qanat permanecia úmida, atestando o fato de que a armadilha de vento ainda funcionava.

Nos meses decorridos desde sua fuga de Tabr, os fugitivos haviam buscado a proteção de vários lugares como esse, tornados inabitáveis pelo Demônio do Deserto. Ghanima não acreditava no Demônio do Deserto, embora não houvesse como negar a evidência visível da destruição dos qanats.

Ocasionalmente, eles recebiam notícias dos povoados do norte através de encontros com caçadores de especiaria rebeldes. Alguns tópteros , não mais que seis, realizavam vôos de busca, procurando por Stilgar, mas Arrakis era grande e seu deserto, amistoso para com os fugitivos. Havia relatos sobre uma força-tarefa de busca e destruição encarregada de encontrar o bando de Stilgar, mas esta, liderada pelo antigo Tabrita Buer Agarves, tinha outras missões e retornava com frequência a Arrakeen.

Os rebeldes diziam que ocorriam poucas lutas entre seus homens e as tropas de Alia. As depredações aleatórias do Demônio do Deserto faziam da Guarda Doméstica a primeira preocupação de Alia e dos Naibs. Mesmo os contrabandistas haviam sido atingidos, mas se dizia que eles também estavam percorrendo o deserto em busca da recompensa pela cabeça de Stilgar.

Stilgar trouxera seu bando para essa djedida pouco antes do escurecer do dia anterior, guiado pelo infalível senso de umidade de seu velho nariz de Fremen. Prometera que logo se dirigiriam para os palmeirais do sul, mas se recusava a marcar a data em que isso ocorreria. Embora estivesse com a cabeça a prêmio, por uma quantia que em certa época teria comprado um planeta, Stilgar parecia o mais feliz e despreocupado dos homens.

— Este é um bom lugar para nós — dissera el e, mostrando que a armadilha de vento ainda funcionava. — Nossos amigos nos deixaram um pouco de água.

Eles eram agora um bando pequeno, 60 pessoas ao todo. Os velhos, os doentes e os muito jovens haviam sido levados para o sul, para os palmeirais, recolhidos por famílias de confiança.

Somente os mais rijos permaneciam, e estes tinham muitos amigos no norte e no sul.

Ghanima imaginava por que Stilgar se recusava a discutir o que estava acontecendo com o planeta. Será que ele não enxergava? Os qanats estavam sendo rompidos, os Fremen recuavam para o norte e para o sul, em direção às fronteiras que um dia haviam marcado os limites das suas terras. Esse movimento só podia ser um sinal do que devia estar acontecendo ao Império. Uma situação era o espelho da outra.

Ghanima passou a mão sob a gola de seu traje-destilador e a fechou novamente. A despeito de suas preocupações sentia-se extraordinariamente livre nesse lugar. Suas vidas interiores não mais a incomodavam, embora algumas vezes lhes sentisse as memórias inseridas em sua consciência. Sabia, a partir dessas memórias, como fora esse deserto antes do trabalho de transformação ecológica. Ele fora mais seco, por exemplo. Aquela armadilha de vento abandonada ainda funcionava por estar processando ar úmido.

Muitas criaturas que haviam evitado esse deserto agora se aventuravam a viver nele. Muitos do bando observavam como proliferavam as corujas diurnas. Mesmo agora, Ghanima podia ver papa-formigas. Esses pássaros saltitavam e dançavam ao longo das linhas de insetos que enxameavam na areia úmida, no final do qanat rompido. Poucos texugos podiam ser vistos ali, mas havia ratos-cangurus em número incontável.

Um medo supersticioso dominava os novos Fremen, e Stilgar não era diferente dos outros.

Essa djedida fora devolvida ao deserto depois de ter seu qanat destruído pela quinta vez em 11 meses.

Por quatro vezes haviam consertado os devastadores estragos causados pelo Demônio do Deserto, até não haver mais excedente de água para se arriscarem a outra perda.

Acontecera o mesmo em todas as outras djedidas e em muitos dos velhos sietches. Dos nove povoados novos, oito haviam sido abandonados. Muitas das antigas comunidades sietch estavam mais apinhadas que em qualquer outra época de sua história. E enquanto o deserto entrava nessa nova fase, os Fremen retornavam aos velhos costumes. Em tu do viam presságios. Os vermes tornavam-se cada vez mais escassos, exceto em Tanzerouft? Era o julgamento do Shai-Hulud. E vermes mortos tinham sido vistos sem nada que revelasse por que haviam morrido. Logo após a morte, eles retomavam ao pó do deserto, mas suas carcaças em decomposição, que os Fremen por acaso encontravam, enchiam de terror os observadores.

O bando de Stilgar encontrara uma carcaça assim no mês anterior e levara quatro dias para que seus membros se libertassem do sentimento de desgraça. A coisa fedia a ranço e putrefação venenosa.

E seu corpo decomposto fora encontrado no topo de um gigantesco estouro de especiaria, quase toda ela arruinada.

Ghanima voltou as costas ao qanat, olhando de volta para a djedida. Diretamente em frente a ela se encontrava um muro quebrado que um dia protegera o mushtamal, um pequeno jardim anexo. Ela havia explorado o lugar com uma forte dependência em relação à própria curiosidade, encontrando um suprimento de pão de especiaria, chato e não-fermentado, dentro de uma caixa de pedra.

Stilgar o destruíra, dizendo:

— Os Fremen nunca deixariam comida em bom estado.

Ghanima suspeitara de que ele estivesse errado, mas não valia a pena discutir ou correr o risco.

Os Fremen estavam mudando. Em outra época, movimentavam-se

livremente através do bled, atraídos por necessidades naturais: água, especiaria, comércio. A atividade dos animais dava-lhes a orientação necessária. Mas agora os animais se comportavam seguindo ritmos novos e estranhos, enquanto a maioria dos Fremen se agrupava perto de suas antigas cavernas-alojamentos, sob a sombra norte da Muralha Escudo. Caçadores de especiaria eram raros em Tanzerouft, e apenas o bando de Stilgar se movia segundo os antigos costumes.

Ela confiava em Stilgar e em seu medo de A lia. Irulan reforçava seus argumentos agora, revertendo a estranhas meditações Bene Gesserit. Todavia, no distante Salusa, Farad'n ainda vivia.

Algum dia teria de haver um ajuste de contas.

Ghanima olhou para o céu cinza-prata da manhã, a mente cheia de dúvidas. De onde poderia vir a ajuda? Onde existia alguém para ouvir quand o ela revelasse o que vira acontecendo à sua volta?

Lady Jessica permanecia em Salusa, se é que os relatórios mereciam confiança. E Alia era uma criatura num pedestal, envolvida apenas na tentativa de parecer um colosso enquanto se afastava cada vez mais da realidade. Gurney Halleck não era encontrado em parte alguma, embora fosse visto em toda parte.

O Pregador se escondera, seus discursos heréticos tornando-se uma memória que se apagava.

E Stilgar.

Olhou para o outro lado do muro quebrado, onde Stilgar ajudava a consertar a cisterna. Ele adorava seu papel de fantasma do deserto, o prêmio por sua cabeça crescendo a cada mês.

Nada mais fazia sentido. Nada.

Quem seria esse Demônio do Deserto, essa criatura capaz de destruir os qanats como se fossem falsos ídolos a serem derrubados na areia? Seria um verme enlouquecido? Seria uma terceira força na rebelião, muitas pessoas? Ninguém acreditava que fosse um verme. A água mataria qualquer verme que se aventurasse contra um qanat. Muitos Fremen acreditavam que o Demônio do Deserto era realmente um bando de revolucionários dedica dos à derrubada do Mahdinato de Alia e à volta de Arrakis a seus antigos costumes. Aqueles que acreditavam nisso diziam que seria uma boa coisa. Livrar-se dessa gananciosa sucessão apostólica que fazia pouco mais que manter erguida a própria mediocridade.

Retornar à verdadeira religião que o Muad'Dib esposara.

Um profundo suspiro fez Ghanima estremecer. "Ó Leto", pensou ela. "Quase fico feliz por você não ter visto estes dias. Eu me juntaria a você, caso não tivesse uma faca que ainda precisa ser banhada em sangue. Alia e Farad'n. Farad'n e Alia . O Velho Barão é o demônio dela, e isso não pode ser permitido."

Harah saiu da djedida, aproximando-se de Ghanima com passo firme. Parou em frente dela e perguntou:

— Que está fazendo sozinha aqui fora?

— Este é um lugar estranho, Harah. Devíamos partir.

— Stilgar espera encontrar alguém aqui.

— Oh? Ele não me disse isso.

— Por que deveria lhe dizer tudo? Maku? — Harah bateu na bolsa de água, que fazia volume na frente do manto de Ghanima. — Já é uma mulher crescida para estar grávida?

— Já estive grávida tantas vezes que nem posso contá-las. Não faça comigo essas brincandeiras de adulto com criança!

Harah recuou um passo ante o rancor na voz de Ghanima.

— Vocês são um bando de estúpidos — disse ela, acenando com a mão para abranger a djedida e as atividades de Stilgar e sua gente. — Eu nunca deveria ter vindo com vocês.

— Estaria morta a esta altura se não tivesse vindo conosco.

— Talvez. Mas vocês não enxergam o que está bem diante de suas caras! Quem é que Stilgar espera encontrar aqui?

— Buer Agarves.

Ghanima olhou perplexa para ela.

— Ele está sendo trazido aqui secretamente por amigos do Sietch Abismo Vermelho — explicou Harah.

— O brinquedinho de Alia?

— Está sendo trazido de olhos vendados.

— Stilgar acredita realmente nisso?

— Buer pediu para parlamentar. Concordou com todos os nossos termos.

— Por que não me contaram isso?

— Stilgar sabia que você seria contra.

— Seria contra... isso é loucura! Harah olhou carrancuda.

— Não se esqueça de que Buer é...

— Da Família! — retrucou Ghanima. — Ele é neto do primo de Stilgar. Eu sei. E Farad'n, cujo sangue derramarei um dia, é meu parente igualmente próximo. Acha que isso vai deter minha faca?

— Nós recebemos um distrans. Ninguém está seguindo seu grupo.

Ghanima falou em voz baixa.

— Nada de bom vai advir disso, Harah. Devíamos partir imediatamente.

— Você leu um presságio? — indagou Harah. — Aquele verme morto que nós vimos! Era...

— Enfie isso no seu ventre e lhe dê à luz em outro lugar! — praguejou

Ghanima, furiosa. — Eu não gosto desse encontro nem deste lugar. Isso não é o bastante?

— Direi a Stilgar o que você...

— Eu mesma lhe direi!

Ghanima passou por Harah, que às suas costas fez o sinal dos chifres do verme para afastar o mal.

Mas Stilgar apenas riu dos temores de Ghanima e a mandou procurar uma truta da areia, como se ela fosse apenas outra criança. Ela fugiu para uma das casas abandonadas do djedida, agachando-se num canto para controlar a raiva. Mas a emoção passou rapidamente; sentiu um agitar das vidas internas e relembrou-se de alguém dizendo:

— Se pudermos imobilizá-los, as coisas correrão como planejamos.

“Que pensamento curioso.”

Não conseguia relembrar quem pronunciara tais palavras.

59

O Muad'Dib foi deserdado e falou para os deserdados de todas as épocas. Ele gritou contra aquela profunda injustiça que aliena o indivíduo daquilo em que aprendeu a acreditar, daquilo que lhe foi apresentado como um direito seu.

— Uma Análise do Mahdinato por Harq al-Ada

Gurney Halleck estava sentado no alto do monte em Shuloch com o baliset ao seu lado, sobre um tapete de fibra de especiaria. Abaixo dele , a depressão fechada enxameava de trabalhadores plantando a próxima colheita. A rampa de areia pela qual os Banidos tinham atraído os vermes com um rastro de especiaria fora bloqueada com um novo qanat. Para contê-lo, plantações estendiam-se elevação acima.

Era quase hora do almoço e Halleck estivera no alto desse morro por mais de uma hora, buscando privacidade para pensar. Seres humanos faziam o trabalho lá embaixo, mas tudo que ele via era obra da melange. A estimativa pessoal de Leto era de que a produção de especiaria logo decairia para se estabilizar em um décimo de seu pico durante os anos de Governo Harkonnen. Através do Império, os estoques dobravam de valor a cada nova avaliação. Trezentos e vinte e um litros era o que se dizia ter comprado metade do planeta Novebruns da Família Metulli.

Os Banidos trabalhavam como homens impulsionados por um demônio, e talvez o fossem.

Antes de cada refeição, voltavam-se para Tanzerouft e rezavam ao Shai-Hulud personificado. Era assim que viam Leto e, através de seus olhos, Halleck enxergava um futuro onde a maior parte da humanidade compartilharia esse ponto de vista. Halleck não estava certo de que essa perspectiva o agradasse.

Leto estabelecera esse padrão quando trouxera Halleck e o Pregador para esse lugar, no tóptero roubado de Halleck. Com as mãos nuas, Leto romper a o qanat de Shuloch, lançando grandes pedras a mais de 50 metros de distância. Quando os Bani dos tentaram intervir, Leto decapitou o primeiro a alcançá-lo, usando não mais que um rápido movimento do braço, tão rápido que fora difícil notá-lo.

Lançara os outros de volta sobre os companheiros e rira de suas armas.

Com voz de demônio, ele rugira para eles:

— O fogo não me tocará! Suas facas não podem me ferir! Eu uso a pele do Shai-Hulud!

Então os Banidos o reconheceram e relembraram sua fuga, saltando da montanha “diretamente para o deserto”. Prostraram-se diante dele e Leto deu suas ordens:

— Eu lhes trago dois hóspedes. Vocês deverão guardá-los e honrá-los. Vão reconstruir o qanat e começar a plantar um jardim-oásis. Um dia, farei deste lugar o meu lar. Vocês o prepararão para ser a minha casa. Não venderão mais especiaria, mas armazenarão cada porção que coletarem.

E continuou a dar suas instruções, os Banidos ouvindo cada palavra, vendo-o com olhos esgazeados pelo medo, com uma admiração terrível.

Ali estava o Shai-Hulud erguendo-se da areia, afinal!

Não houvera indícios dessa metamorfose quando Leto encontrara Gurney Halleck com Ghadhean al-Fali, num dos pequenos sietches rebeldes em Gare Ruden. Com seu companheiro cego, Leto saíra do deserto seguindo a velha rota da especiaria, viajando de verme numa região onde os vermes eram agora uma raridade. Falara em vários desvios que fora forçado a fazer pela presença de umidade na areia, suficiente para envenenar um verme. Chegaram logo após o meio-dia e foram trazidos para a sala de hóspedes, de paredes de rocha, pelos guardas.

Agora a memória assombrava Halleck.

— Então, este é o Pregador — ele dissera.

Caminhando à volta do cego, observando-o, Halleck relembrara as histórias a seu respeito.

Nenhuma máscara de traje-destilador ocultava a velha face dentro do sietch, e as feições estavam lá para que a memória fizesse comparações. Sim, o homem se parecia com o velho Duque, de quem Leto recebera o nome. Seria essa uma semelhança casual?

— Conhece as histórias a respeito deste homem? — indagara Halleck, falando para Leto. — De que ele é seu pai que voltou do deserto?

— Ouvi as histórias.

Halleck voltou-se para examinar o garoto. Ele usava um estranho traje-destilador, com bordas enroladas em torno do rosto e das orelhas. Um manto negro o cobria e botas de areia abrigavam seus pés. Havia muito a ser explicado quanto à sua presença ali. Como ele conseguira escapar uma vez mais.

— Por que você trouxe o Pregador até aqui? — perguntou Halleck. — Em Jacurutu, dizem que ele trabalha para eles.

— Não trabalha mais. Eu o trago aqui porque Alia o quer morto.

— Verdade? E você acha que este é um santuário?

— Você é o santuário.

Durante todo esse tempo, o Pregador permaneceu perto deles, ouvindo mas sem dar sinal algum de que se importava com os rumos da discussão.

— Ele me serviu bem, Gurney — disse Leto. — A Casa Atreides não perdeu todo o senso de obrigação para com aqueles que nos servem.

— A Casa Atreides? ‘

— Eu sou a Casa Atreides.

— Você fugiu de Jacurutu antes que eu pudesse completar os testes que sua avó ordenou — disse Halleck com a voz fria. — Como pode pretender...

— A vida deste homem deve ser guardada como se fosse a minha — disse Leto como se não houvesse discussão alguma, encarando o olhar de Halleck sem vacilação.

Jessica treinara Halleck em muitos dos refinamentos de observação da Bene Gesserit, e ele nada detectara em Leto que não revelasse mais que uma calma confiança. Mas as ordens de Jessica ainda permaneciam.

— Sua avó me encarregou de completar a sua educação e me certificar de que não se encontra possuído.

— Eu não estou possuído. — Apenas uma declaração segura.

— Por que fugiu?

— Namri tinha ordens para me matar, não importando o que eu fizesse. Suas ordens vinham de Alia.

— Você é um Revelador da Verdade, então?

— Sou. — Outra declaração calma, cheia de autoconfiança.

— E Ghanima também?

— Não.

O Pregador quebrou seu silêncio, voltando as órbitas vazias para Halleck, mas apontando para Leto.

— Acha que pode testá-lo?

— Não interfira quando não conhece nada do problema ou de suas consequências — ordenou Halleck, sem olhar para o homem.

— Ah, mas eu conheço muito bem as consequências — disse o Pregador. — Eu fui testado certa vez por uma velha que pensava saber o que estava fazendo. Como se revelou, ela não sabia.

Halleck olhou para ele, então.

— Você é outro Revelador da Verdade?

— Qualquer um pode ser, até mesmo você — respondeu o Pregador. — É uma questão de honestidade quanto à natureza de seus próprios sentimentos. Exige que você tenha um acordo interior com a verdade que permita um pronto

reconhecimento.

— Por que você interfere? — perguntou Halleck levando a mão à faca cristalina. Quem era esse Pregador?

— Eu sou responsável por estes eventos — disse o Pregador. — Minha mãe pode colocar seu próprio sangue sobre o altar, mas eu tenho outros motivos. E posso perceber o seu problema.

— Ah? — Halleck estava verdadeiramente curioso agora.

— Lady Jessica ordenou-lhe que diferenciasse entre o lobo e o cão, entre ze'eb e ke'lob. Pela definição dela, um lobo é alguém que possui o poder e o usa para o mal. Contudo, entre lobo e cão há um período de crepúsculo em que não se pode distinguir entre eles.

— Está bem perto da resposta — disse Halleck, notando como mais e mais gente do sietch se aglomerava na pequena sala para ouvir. — Como sabe disso?

— Porque eu conheço este planeta. Você não entende? Pense em como ele é. Debaixo da superfície existem rochas, poeira, sedimentos, areia. Essa é a memória do planeta, uma imagem de sua história. É a mesma coisa com os seres humanos. O cão relembra o lobo. Cada universo gira em torno de um núcleo do ser, e para fora desse núcleo vão todas as memórias, direto para a superfície.

— Muito interessante — disse Halleck. — Como é que isso me ajuda a cumprir minhas ordens?

— Reveja a imagem de sua história, que está dentro de você. Comunique-se como os animais o fariam.

Halleck sacudiu a cabeça. Havia integridade nesse Pregador, uma qualidade que ele reconhecera muitas vezes nos Atreides, e havia mais que um indício de que o homem estava empregando os poderes da Voz. Halleck sentiu seu coração bater mais rápido. Seria possível?

— Jessica queria um derradeiro teste através do qual o tecido subjacente de seu neto ficasse exposto -— disse o Pregador. — Mas o tecido sempre esteve lá, aberto ao seu olhar.

Halleck voltou-se para fitar Leto. O movimento fora espontâneo, compelido por forças irresistíveis.

O Pregador continuava como se desse uma aula para um aluno obstinado.

— Este jovem o confunde porque não é uma criatura singular. Ele é uma comunidade. E, como qualquer comunidade sob tensão, qualquer de seus membros pode assumir o comando. Esse comando nem sempre é benigno, e assim temos nossas histórias de Abominação. Mas você já feriu bastante essa comunidade, Gurney Halleck. Não percebe que já ocorreu uma transformação? Este jovem conquistou uma cooperação interior que é extremamente poderosa e

não pode ser subvertida.

Sem olhos, eu vejo isso. Uma vez eu me opus a ele, agora sigo suas ordens. Ele é o Curandeiro.

— Quem é você? — quis saber Halleck.

— Eu não sou nada além do que vê. Não olhe para mim, olhe para essa pessoa que recebeu ordens para testar e ensinar. Ela foi formada pela crise. Sobreviveu a um ambiente letal. Está aqui.

— Quem é você? — insistiu Halleck.

— Eu lhe digo que olhe apenas para este jovem Atreides! Ele é o sistema de retroalimentação final do qual depende nossa espécie. Ele tornará a inserir no sistema os resultados de seus desempenhos no passado. Nenhum outro ser humano pode conhecer seus desempenhos do passado como ele os conhece. E você pensa em destruir tal pessoa!

— Recebi ordens para testá-lo e não tive...

— Mas você teve!

— E ele é uma Abominação?

Um riso cansado sacudiu o Pregador.

— Você persiste com a tolice da Bene Gesserit. Como elas criam os mitos sobre os quais dormem os homens!

— Você é Paul Atreides? — perguntou Halleck.

— Paul Atreides não existe mais. Ele tentou colocar-se como um supremo símbolo moral enquanto renunciava a todas as exigências morais. El e se tornou um santo sem um deus, cada palavra sua uma blasfêmia. Como pode pensar...

— Porque você fala com sua voz.

— Vai testar a mim agora? Cuidado, Gurney Halleck. Halleck engoliu em seco e forçou a atenção de volta para o impassível Leto, que permanecia calmamente observando.

— Quem está sendo testado? — perguntou o Pregador. — Será, talvez, que Lady Jessica esteja testando você, Gurney Halleck?

Halleck achou esse pensamento profundamente perturbador, perguntando-se por que deixava que as palavras desse Pregador o influenciassem. Mas era uma coisa profunda nos servos Atreides a obediência à mística autocrática. Explicando isso, Jessica tornara o assunto ainda mais misterioso.

Halleck agora sentia alguma coisa mudando dentro de si mesmo, alguma coisa cujas bordas haviam sido apenas tangenciadas pelo treinamento Bene Gesserit que Jessica lhe impusera. Uma fúria inarticulada elevou-se dentro dele. Não queria mudar!

— Qual de vocês brinca de Deus e com que finalidade? — perguntou o Pregador. — Não pode confiar apenas na razão para responder essa pergunta.

De modo lento e deliberado, Halleck ergueu sua atenção de Leto para o cego. Jessica sempre dizia que ele devia atingir o equilíbrio do kairits — “tu deves — tu não deves”. Ela o chamava de disciplina sem palavras nem frases, sem regras nem argumentos. Era o gume afiado de sua própria verdade interior, a tudo abrangendo. Alguma coisa na voz desse cego, seu tom, seus modos, acendera uma fúria que se queimara até restar uma calma ofuscante dentro de Halleck.

— Responda a minha pergunta — disse o Pregador. Halleck sentiu que as palavras aprofundavam sua concentração sobre esse lugar, esse momento e todas as suas exigências. Sua posição no universo era definida apenas por sua concentração. Nenhuma dúvida permaneceu nele. Esse era Paul Atreides, não morto, mas retornando. E essa não-criança, Leto. Halleck olhou uma vez mais para Leto e o viu realmente. Viu os sinais de tensão em torno dos olhos, o senso de equilíbrio em sua postura, a boca passiva com seu estranho senso de humor. Leto destacava-se do ambiente como que iluminado pelo foco de uma luz cegante. Ele conquistara a harmonia simplesmente por aceitá-la.

— Diga-me, Paul — perguntou Halleck —, sua mãe sabe? O Pregador suspirou.

— Para a Irmandade, todos conquistam ‘a harmonia simplesmente por aceitá-la.

— Diga-me, Paul — insistiu Halleck —, sua mãe sabe? Novamente o Pregador suspirou.

— Para a Irmandade, toda ela, eu estou morto. Não tente me reviver.

Ainda sem olhar para ele, Halleck perguntou:

— Mas por que ela...

— Ela faz o que deve. Constrói sua própria vi da julgando governar muitas vidas. Assim, todos brincamos de deus.

— Mas você está vivo — sussurrou Halleck, agora dominado por essa compreensão, voltando-se finalmente para olhar o homem, mais jovem que ele, mas tão envelhecido pelo deserto que parecia ter duas vezes a sua idade.

— O que é isto? — Paul perguntou. — Vivo?

Halleck olhou à volta para os Fremen que observavam, suas faces indecisas entre a dúvida e a admiração.

— Minha mãe nunca teve de aprender minha lição. — E era a voz de Paul. — Ser um deus pode, no final, tornar-se aborrecido e degradante. Haverá razão suficiente para a invenção do livre-arbítrio! Um deus pode desejar fugir para o sono e ficar vivo apenas nas projeções inconscientes de suas criaturas de sonho.

— Mas você está vivo! — exclamou Halleck, agora mais alto. Paul ignorou a excitação na voz do velho companheiro e perguntou:

— Você teria realmente colocado este jovem contra sua irmã no teste-Mashhad? Que tolice mortal! Cada um teria dito: “Não! Mate-me! Deixe o outro viver!” E aonde esse teste levaria? Quem deveria então ficar vivo, Gurney?

— Não era esse o teste — protestou Halleck. Não gostava do modo como os Fremen se apinhavam em torno deles, observando Paul e ignorando Leto.

Mas Leto intercedia agora.

— Olhe para o tecido, pai.

— Sim... sim... — Paul erguera a cabeça como se farejasse o ar. — É Farad’n, então!

— Como é fácil sentir nossos pensamentos em vez de nossos sentidos — disse Leto.

Halleck fora incapaz de seguir esse pensamento e, a ponto de perguntar, foi interrompido pela mão de Leto sobre seu braço.

— Não pergunte, Gurney. Você poderia voltar a suspeitar que sou uma Abominação. Não! Deixe acontecer, Gurney. Se tentar forçar, só vai destruir a si mesmo.

Mas Halleck sentia-se assaltado por dúvidas. Jessica o havia advertido: “Eles podem ser muito sedutores, esses pré-nascidos. Conhecem truques que você nem mesmo sonhou.” Sacudiu a cabeça lentamente. E Paul! Deus do céu! Paul vivo e aliado a esse ponto de interrogação que havia gerado!

Os Fremen à volta deles não podiam mais se conter. Abriram caminho entre Halleck e Paul, entre Leto e Paul, empurrando os dois para o fundo. O ar estava cheio de perguntas ásperas.

— Você é o Muad’Dib? É verdadeiramente o Muad’Dib? É verdade o que ele diz? Diga-nos!

— Devem pensar em mim somente como o Pregador — respondeu Paul, tentando empurrá-los para sair. — Não posso ser Paul Atreides ou o Muad’Dib nunca mais. Não sou marido de Chani nem Imperador.

Halleck, temendo o que poderia acontecer se essas perguntas frustradas não encontrassem uma resposta lógica, estava a ponto de agir quando Leto se moveu à frente dele. Foi quando Halleck viu pela primeira vez um elemento da terrível mudança que se operara em Leto. Uma voz estrondosa rugiu:

— Afastem-se!

E Leto avançou, lançando Fremen adultos para a direita e para a esquerda, derrubando-os, socando-os com suas mãos, puxando facas pelas lâminas e arrancando-as das mãos deles.

Em menos de um minuto, os Fremen que ainda estavam de pé encontravam-se pressionados contra as paredes em silenciosa consternação. Leto colocara-se ao lado do pai.

— Quando o Shai-Hulud fala, vocês obedecem — disse Leto. E quando alguns dos Fremen começaram a questionar, Leto arrancara um pedaço de rocha da parede da passagem ao lado da saída da sala e o triturara com as mãos nuas, sorrindo todo o tempo.

— Eu destruiria este sietch debaixo de seus narizes — ele disse.

— O Demônio do Deserto — alguém sussurrou.

— E seus qanats — concordou Leto. — Eu os arrebentaria. Nós não estivemos aqui, estão me ouvindo?

Cabeças balançaram de um lado para o outro em aterrorizada submissão.

— Ninguém aqui nos viu — disse Leto. — Um sussurro da parte de vocês e voltarei para jogá-los no deserto sem água.

Halleck viu mãos sendo levantadas no gesto de cautela, o sinal do verme.

— Vamos partir agora, meu pai e eu, acompanhados por nosso velho amigo — disse Leto. — Preparem nosso tóptero.

E então Leto os guiara para Shuloch, explicando no caminho por que deviam agir rapidamente:

— Farad'n estará aqui em Arrakis muito em breve. E, como meu pai disse, então você verá o verdadeiro teste, Gurney.

Olhando para baixo, do alto da montanha de Shuloch, Halleck se perguntava uma vez mais, como fazia todo dia:

— Que teste? Que ele quis dizer?

Mas Leto não se encontrava mais em Shuloch e Paul se recusava a responder.

60

A Igreja e o Estado, o raciocino científico e a fé, o indivíduo e sua comunidade, até mesmo o progresso e a tradição — tudo isso pode ser reconciliado nos ensinamentos do Muad'Dib. Ele nos ensina que não existem opostos absolutos, exceto nas crenças dos homens. Qualquer um pode penetrar nos véus do Tempo. Você pode descobrir o futuro no passado ou em sua própria imaginação. Fazendo isso, reconquista sua consciência em seu ser interior. Então fica sabendo que o universo é um todo coerente e que você é indissociável dele.

— O Pregador em Arrakeen segundo Harq al-Ada

Ghanima sentava-se longe, fora do círculo de luz das lâmpadas de especiaria, e observava o tal Buer Agarves. Não gostava do rosto redondo e das sobrancelha» agitadas, nem de seu modo de mover os pés enquanto falava, como se suas palavras fossem uma música oculta sob a qual dançasse.

"Ele não está aqui para parlamentar com Stil", disse Ghanima a si mesma, vendo isso confirmado em cada palavra e movimento desse homem. Afastou-se mais ainda do círculo do Conselho.

Em cada sietch havia uma sala como essa, mas o salão de reuniões da djedida abandonada parecia a Ghanima um lugar apertado em razão de seu teto baixo. Sessenta pessoas do bando de Stilgar, mais nove que tinham vindo com Agarves, preenchia m somente uma extremidade do salão. Lâmpadas de óleo de especiaria lançavam uma luz refletida sobre as vigas baixas que suportavam o teto. As sombras dançavam sobre as paredes e uma fumaça acre enchia o lugar com o perfume de canela.

O encontro começara no cair da noite, depois das preces da umidade e da refeição noturna.

Seguia há mais de uma hora agora, e Ghanima não conseguia sondar os motivos ocultos no desempenho de Agarves. Suas palavras pareciam bem claras, mas seus gestos e o movimento dos olhos não concordavam com elas.

Agarves estava falando agora, respondendo uma pergunta de uma das tenentes de Stilgar, uma sobrinha de Harah chamada Rajia. Ela era uma mulher jovem e ascética, cuja boca, com os cantos voltados para baixo, lhe conferia um ar de perpétua desconfiança. Ghanima achava essa expressão satisfatória nas

presentes circunstâncias.

— Certamente acredito que Alia concederá um total e completo perdão a todos vocês — dizia Agarves. — De outro modo, eu não estaria aqui com esta mensagem.

Stilgar interveio quando Rajia tentou falar uma vez mais.

— Não estou tão preocupado quanto à nossa confiança nela como estou com a confiança dela em você. — A voz de Stilgar tinha um tom queixoso. Sentia-se pouco à vontade ante essa sugestão de que recuperaria seu antigo status.

— Não importa se ela confia em mim — disse Agarves. — Para ser franco a esse respeito, não creio que confie. Passei muito tempo procurando por você sem encontrá-lo. Mas sempre senti que ela não desejava realmente que fosse capturado. Ela estava...

— Ela era a esposa do homem que matei — disse Stilgar. — Eu lhe garanto que ele pediu por isso. Podia igualmente ter caído sobre sua própria faca. Mas essa nova atitude cheira a...

Agarves dançou com os pés, o ódio pleno em sua face.

— Ela o perdoa! Quantas vezes preciso dizer? Fez com que os sacerdotes fizessem um grande espetáculo pedindo orientação divina para...

— Você só levantou outra questão. — Era Irulan falando, inclinando-se à frente de Rajia, a cabeça loura destacando-se contra a cor escura da jovem. — Ela o convenceu, mas pode ter outros planos.

— O clero tem...

— Mas existem todas essas histórias — disse Irulan. — Que você é mais que apenas um assessor militar, que você é o seu...

— Basta! — Agarves estava fora de si de raiva. Sua mão pairou perto da faca. O conflito de emoções revelava-se abaixo da superfície de sua pele, contorcendo-lhe as feições. — Acreditem no que desejarem, mas eu não aguento aquela mulher! Ela me desonra! Ela suja tudo que toca! Fui usado, corrompido. Mas não ergui minha faca contra minha gente. Agora chega!

Vendo isso, Ghanima pensou: “Afinal, uma verdade saindo dele.”

Surpreendentemente, Stilgar começou a rir.

— Ahhh, primo. Perdoe-me, mas existe sinceridade na ira.

— Então concorda?

— Não disse isso. — Ele ergueu a mão quando Agarves ameaçou outra explosão de raiva. — Não estou aqui sozinho, Buer, existem todos, estes outros. — Gesticulou à sua volta. — Eles são minha responsabilidade. Vamos considerar, por um momento, que reparações Alia oferece.

— Reparações? Não houve nenhuma palavra quanto a reparações. Perdão,

mas não...

— Então, o que ela oferece como garantia de sua palavra?

— O Sietch Tabr e você como Naib, total autonomia e neutralidade. Ela compreende agora como...

— Não voltarei ao seu séquito nem lhe fornecer ei combatentes — avisou Stilgar. — Isso está entendido?

Ghanima notou que Stilgar começava a enfraquecer e pensou: “Não Stil, não!”

— Não há necessidade disso — disse Agarves. — Alia só quer Ghanima de volta para ela e a realização da promessa de noivado que ela...

— Então é isso! — disse Stilgar, as sobrancelhas contraindo-se. — Ghanima é o preço do meu perdão. Será que ela me julga...

— Ela o julga sensato — argumentou Agarves, voltando a se sentar.

Alegremente, Ghanima pensou: “Ele não vai fazê-lo. Poupe seu fôlego. Ele não vai fazê-lo.”

Enquanto pensava nisso, Ghanima ouviu um suave farfalhar atrás dela, à esquerda. Começou a se voltar e sentiu que mãos poderosas a agarravam. Um pano grosso, fedendo a drogas narcotizantes, cobriu-lhe o rosto antes que ela pudesse gritar. A consciência se apagou enquanto ela se sentia carregada em direção a uma porta no lado mais escuro do salão. Ela pensou: “Eu devia ter calculado.

Devia estar preparada!” Mas as mãos que a seguravam eram adultas e fortes. Não podia desvencilhar-se delas.

A última impressão sensorial de Ghanima foi o ar frio e um vislumbre de estrelas. Uma face envolta em manto que olhava para ela e indagava:

— Ela não foi ferida, foi?

A resposta se perdeu enquanto as estrelas giravam e corriam através de sua visão, esvaindo-se num clarão de luz que era o núcleo da sua consciência.

61

O Muad'Dib nos forneceu um tipo muito particular de conhecimento a respeito da visão profética, do comportamento que circunda tal visão e de sua influência sobre eventos que são vistos como "alinhados". (Isto é, eventos estabelecidos para ocorrerem dentro de um sistema relacionado que o profeta revela e interpreta.) Como já se observou em outras ocasiões, tal visão opera como uma armadilha particular para o profeta. Ele pode tornar-se uma vítima daquilo que ele sabe — o que é uma falha humana bastante comum. O perigo é que aqueles que prevêem acontecimentos reais podem deixar de considerar o efeito polarizador produzido por uma confiança excessiva em sua própria verdade. Eles tendem a esquecer que nada pode existir, num universo polarizado, sem a presença de seu oposto.

— A Visão Presciente por Harq al-Ada

A areia soprada pelo vento erguia-se como névoa no horizonte, obscurecendo o sol nascente.

Ela estava fria nas sombras das dunas. Leto encontrava-se do lado de fora do anel de palmeiras, olhando para o deserto. Sentia o cheiro do pó e o aroma das plantas espinhosas, ouvindo os sons matinais de animais e pessoas. Os Fremen não mantinham nenhum qanat nesse lugar. Só possuíam um mínimo de plantações irrigadas pelas mulheres, que carregavam a água em bolsas de pele. Sua armadilha de vento era uma coisa frágil, facilmente destruída pelos ventos das tempestades, mas facilmente reconstruída também. Uma existência dura, os rigores do comércio de especiaria e a aventura eram o modo de vida no lugar. Esses Fremen ainda acreditavam que o céu era o som da água corrente, mas nutriam um antigo conceito de liberdade que Leto compartilhava.

"A liberdade é um estado solitário", pensou ele.

Ajustou as dobras do manto branco que cobria seu traje-destilador vivo. Podia sentir como a membrana de truta da areia o havia mudado e, sempre que vinha esse sentimento, era forçado a dominar uma profunda sensação de perda. Não era mais totalmente humano. Coisas estranhas nadavam em seu sangue. Cílios de truta da areia haviam penetrado em cada órgão, ajustando-o,

modificando-o. A própria truta também estava mudando, adaptando-se. E Leto, sabendo disso, sentia-se despedaçado pelas velhas linhas de sua humanidade perdida, sua vida apanhada numa angústia primai, com sua continuidade ancestral destruída. No entanto, conhecia a armadilha existente em permitir tal emoção. Conhecia muito bem.

“Deixe o futuro acontecer por si mesmo”, pensou. “A única regra que governa a criatividade está no próprio ato da criação.”

Era difícil afastar o olhar das areias, das dunas, do grande vazio. Ali, na extremidade do deserto, se encontravam algumas rochas, mas elas levavam a imaginação para fora, em direção aos ventos, à poeira, aos esparsos e solitários animais e plantas, duna fundindo-se em duna, deserto em deserto.

De trás dele veio o som de uma flauta tocada para a prece matinal, o cântico da umidade que agora era uma serenata sutil-mente adaptada ao novo Shai-Hulud. Esse conhecimento na mente de Leto conferia à música um sentido de eterna solidão.

“Eu podia apenas caminhar para dentro daquele deserto”, pensou ele.

E tudo mudaria, então. Uma direção seria tão boa como qualquer outra. Já aprendera a viver uma vida livre de posses. Tinha afiado a mística Fremen até atingir um terrível gume: tudo que levava consigo era necessário, e isso era tudo que levava. Mas não levava coisa alguma, exceto o manto em suas costas, com o anel do falcão Atreides oculto em uma das dobras, e a pele que não era a sua.

Seria fácil ir embora dali.

Um movimento no céu captou-lhe a atenção: a fenda nas pontas das asas identificou um abutre.

A visão encheu-lhe o peito de mágoa. Como os Fremen selvagens, os abutres também viviam nessa terra porque era ali que haviam nascido. Não conheciam nada melhor e o deserto os moldara naquilo que eram.

Uma outra raça de Fremen, contudo, estava surgindo no rastro do Muad’Dib e de Alia. Eles eram a razão pela qual não podia permitir-se caminhar deserto adentro, como seu pai havia feito. Leto relembrou as palavras de Idaho nos primeiros dias:

— Estes Fremen são magníficos. Nunca encontrei um Fremen ganancioso.

Havia uma grande quantidade de Fremen gananciosos agora.

Uma onda de tristeza fluiu sobre Leto. Estava comprometido num curso de ação que mudaria isso tudo, mas a um preço terrível. E o controle desse rumo tornava-se cada vez mais difícil, à medida que se aproximavam do vértice.

Kralizec, a Luta do Tufão, encontrava-se adiante... mas Kralizec ou o pior seria o preço de um passo em falso.

Vozes soaram atrás de Leto, e então o som claro de uma criança falando:

— Aqui está ele. Leto voltou-se.

O Pregador saía do palmeiral, conduzido por uma criança.

“Por que ainda penso nele como o Pregador?”, perguntou-se Leto.

A resposta estava lá, num nítido, bloco de sua mente: “Porque ele não é mais o Muad’Dib, não é mais Paul Atreides.” O deserto o transformara no que ele era agora. O deserto e os chacais de Jacurutu, com suas superdoses de melange e suas constantes traições. O Pregador envelhecera antes do tempo, não a despeito da especiaria, mas por causa dela.

— Disseram que queria me ver agora — disse o Pregador, falando enquanto a criança que o guiava se detinha.

Leto olhou para a criança dos palmeirais, uma pessoa quase tão alta quanto ele próprio, dotada de uma admiração temperada pela curiosidade ávida. Os olhos jovens cintilavam, escuros, acima da máscara infantil do traje-destilador.

Leto acenou com a mão.

— Deixe-nos a sós.

Por um momento, houve um sinal de rebelião nos ombros da criança; então, a admiração e o respeito dos Fremen pela privacidade predominaram. A criança partiu.

— Sabe que Farad’n está aqui em Arrakis? — indagou Leto.

— Gurney me contou quando voamos para cá na noite passada.

E o Pregador pensou: “Como suas palavras são friamente calculadas. Ele é como eu era nos velhos dias.”

— Eu enfrento uma escolha difícil — disse Leto.

— Pensei que já tivesse feito todas as escolhas.

— Conhecemos muito bem esta armadilha, pai.

O Pregador pigarreou. As tensões revelavam-lhe como estavam perto da crise demolidora.

Agora, Leto não estaria mais dependendo da visão pura e sim da administração dessa visão.

— Precisa de minha ajuda? — perguntou o Pregador.

— Sim, estou voltando para Arrakeen e gostaria de ir como seu guia.

— Com que finalidade?

— Pregaria uma vez mais em Arrakeen?

— Talvez, existem coisas que eu não disse a eles.

— Não voltará para o deserto, pai.

— Se eu for com você?

— Sim.

— Farei o que quer que você decida.

— Já pensou em tudo? Farad'n estará lá, e sua mãe estará com ele.

— Sem dúvida.

Uma vez mais, o Pregador pigarreou. Era um indício de nervosismo que o Muad'Dib nunca teria permitido escapar. Essa carne estivera por muito tempo afastada do velho regime de auto-disciplina, sua mente com muita frequência arrastada à loucura por Jacurutu. E o Pregador pensou que talvez não fosse sábio retornar a Arrakeen.

— Não precisa voltar lá comigo — disse Leto. — Mas minha irmã está lá e eu preciso voltar.

Você pode ir com o Gurney.

— E você iria para Arrakeen sozinho?

— Sim, preciso encontrar Farad'n.

— Eu irei com você — suspirou o Pregador.

E Leto sentiu um indício da velha loucura da visão nos modos do Pregador, pensando: "Será que ele esteve fazendo o jogo da presciência?" Não. Nunca faria isso de novo. Conhecia a armadilha de um comprometimento parcial. Cada palavra do Pregador era uma confirmação de que ele havia entregue as visões ao filho, sabendo que tudo nesse universo fora previsto.

Eram as velhas polaridades que assombravam o Pregador agora. Ele tinha fugido de paradoxo em paradoxo.

— Vamos partir dentro de alguns minutos, então — disse Leto. — Vai dizer a Gurney?

— Gurney não vai conosco?

— Quero que Gurney sobreviva.

O Pregador então se abriu para as tensões. Elas estavam no ar à sua volta, no solo sob seus pés, uma coisa móvel que se focalizava sobre essa falsa criança que era seu filho. O grito abrupto das velhas visões aguardava na garganta do Pregador.

"Esta maldita santidade!"

O sumo arenoso de seus temores não podia ser evitado. Ele sabia o que iam enfrentar em Arrakeen. Iriam jogar uma vez mais contra forças mortais, aterrorizantes, que nunca mais os deixariam ter paz.

62

A criança que se recusa a andar no colo do pai, esse é o símbolo da capa cidade mais singular do ser humano.

"Eu não tenho de ser o que meu pai era. Não tenho de obedecer às regras de meu pai ou mesmo acreditar em tudo que ele acreditava. É minha força como ser humano que eu possa escolher por mim mesmo aquilo em que acreditar, ou o que ser e o que não ser."

— A Biografia de Leto Atreides II por Harq al-Ada

Peregrinas dançavam ao som de flautas e tambores na praça do Templo, sem nada a lhes cobrir as cabeças, braceletes nos pescoços , vestidos finos e reveladores. Seus cabelos longos e negros eram lançados ao redor, envolvendo-lhes os rostos enquanto elas giravam.

Alia olhou para a cena do alto de seu nicho no Templo, sentindo-se a um tempo atraída e repelida. Era o meio da manhã, hora em que o aroma do café de especiaria começava a flutuar através da praça, a partir dos vendedores abrigados nas sombras dos arcos. Logo ela teria de sair para saudar Farad'n, apresentar-lhe os presentes formais e supervisionar o primeiro encontro com Ghanima.

Tudo estava funcionando de acordo com o plano. Ghanima o mataria e, no choque resultante, somente uma pessoa estaria preparada para juntar os pedaços. As marionetes dançavam quando se puxavam os cordões. Stilgar tinha morto Agarves, Exatamente como ela esperava que fizesse. E Agarves tinha levado os raptores à djedida sem saber, com um transmissor secreto escondido nas novas botas que ela lhe dera. Agora, Stilgar e Irulan aguardavam nas masmorras do Templo. Talvez devessem morrer, mas poderia haver outros usos para eles. Não havia mal em esperar.

Reparou no modo como os Fremen da cidade observavam as dançarinas-peregrinas lá embaixo, seus olhos atentos, sem se desviarem. Uma básica igualdade sexual viera do deserto e persistira na cidade dos Fremen, mas as diferenças sociais entre masculino e feminino já se estavam fazendo sentir.

Isso também seguia de acordo com o plano. Dividir e enfraquecer. Alia podia sentir as mudanças sutis no modo como os Fremen observavam aquelas

mulheres estrangeiras em sua dança exótica.

“Deixe que olhem. Deixe que encham suas mentes com ghafla.”

As venezianas da janela de Alia tinham sido abertas e ela podia sentir o forte aumento do calor que, nessa estacão, começava com o nascer do sol e chegava ao pico no meio da tarde. A temperatura no calçamento de pedra da praça ficaria muito elevada. Seria desconfortável para aquelas dançarinas, mas elas ainda rodopiavam e se curvavam, sacudindo os braços e o cabelo no frenesi de sua homenagem. Haviam dedicado sua dança a Alia, o Ventre Celestial. Uma auxiliar viera sussurrar isso para Alia, olhando com desprezo para essas mulheres estrangeiras e seus costumes peculiares. E a ajudante explicara que as mulheres eram de Ix, onde remanescentes da ciência e da tecnologia proibidas ainda permaneciam.

Alia cheirou o ar. Aquelas mulheres eram tão ignorantes, tão supersticiosas e atrasadas quanto os Fremen do deserto... como aquela ajudante zombeteira tinha dito, tentando lisonjeá-la ao relatar a quem dedicavam a dança. E nem a ajudante nem as ixianas sabiam que Ix era meramente um número de uma linguagem esquecida.

Rindo baixinho para si mesma, Alia pensou: “Deixe que elas dancem.” A dança consumia energias que poderiam ser voltadas para ações mais destrutivas. E a música era agradável, um agudo lamento tocado contra a batida de tambores e palmas.

Subitamente, a música se afogou debaixo de um rugido de muitas vozes, do outro lado da praça. As dançarinas perderam o passo, recobrando-se numa breve confusão, mas perdendo a singela sensualidade; e mesmo a atenção delas se voltava para o portão mais afasta do da praça, onde uma multidão podia ser vista espalhando-se sobre as pedras como se fosse água correndo através da válvula aberta de um qanat.

Alia olhou para a onda que se aproximava.

Agora ouvia palavras, uma delas elevando-se acima de todas as outras:

— Pregador! Pregador!

Então ela o viu, caminhando na frente da onda, uma das mãos sobre o ombro de seu jovem guia.

As dançarinas peregrinas desistiram de seus rodopios e se retiraram para os degraus dos terraços abaixo de Alia. A elas se juntou a audiência, e Alia sentia a admiração nos observadores. Sua própria emoção era o medo.

“Como ele se atreve!”

Chegou a se virar para chamar a guarda, mas outros pensamentos a detiveram. A multidão já enchia a praça. Podia tornar-se violenta se fosse frustrada em seu desejo de ouvir esse visionário cego.

Alia cerrou as mãos.

“O Pregador!” Por que Paul estava fazendo isso? Metade da população o considerava “o louco do deserto” e, portanto, sagrado. Outros sussurravam nos bazares e lojas que ele devia ser o Muad’Dib.

Por que outro motivo o Mahdinato permitiria que ele proferisse tão violentas heresias?

Alia podia ver refugiados no meio da multidão, remanescentes dos sietches abandonados, seus mantos esfarrapados. Ficaria perigoso lá embaixo, erros poderiam ser cometidos.

— Senhora?

A voz vinha de trás de Alia. Ela se virou e viu Zia de pé sob o arco da porta que dava para a câmara exterior. A Guarda Armada da Casa encontrava-se atrás dela.

— Sim, Zia?

— Minha Senhora, Farad’n está lá fora pedindo audiência.

— Aqui? Em meus aposentos?

— Sim, Minha Senhora.

— E ele está sozinho?

— Com dois guarda-costas e Lady Jessica.

Alia levou a mão à garganta, relembrando o último encontro com sua mãe. Mas os tempos haviam mudado. Novas condições governavam esse relacionamento.

— Como ele é impetuoso — disse Alia. — Que razão ele deu?

— Ele ouviu a respeito do... — E Zia apontou para a janela sobre a praça. — Diz que lhe contaram que a Senhora tem o melhor ponto de observação.

Alia franziu a testa.

— Você acredita nisso, Zia?

— Não, Minha Senhora. Penso que ele ouviu os rumores. Quer observar sua reação.

— Minha mãe o levou a isso!

— Muito possivelmente, Minha Senhora.

— Zia, minha querida, quero que você cumpra um conjunto específico de ordens muito importantes para mim. Venha cá.

Zia aproximou-se até um passo de distância.

— Minha Senhora?

— Faça com que Farad’n, sua guarda e minha mãe sejam admitidos. Em seguida, prepare-se para trazer Ghanima. Ela deve ser vestida como uma noiva Fremen em todos os detalhes — todos.

— Com uma faca, Minha Senhora?

— Com uma faca.

— Minha Senhora, isso é...

— Ghanima não representa ameaça para mim.

— Minha Senhora, há razões para crer que ela fugiu com Stil-gar mais para protegê-lo do que por qualquer outra...

— Zia!

— Minha Senhora?

— Ghanima já fez seu apelo pela vida de Stilgar, e Stilgar permanece vivo.

— Mas ela é a herdeira presumível!

— Apenas execute minhas ordens. Que Ghanima esteja preparada. Enquanto estiver fazendo isso, mande cinco auxiliares do clero do Templo para a praça. Eles devem convidar o Pregador para vir até aqui. Faça com que eles aguardem um a oportunidade e falem com ele, nada mais. Não devem fazer uso da força. Quero que eles façam um convite educado. Nada de força. E, Zia...

— Minha Senhora? — como ela parecia mal-humorada agora.

— O Pregador e Ghanima devem ser trazidos à minha presença simultaneamente. Devem entrar juntos ao meu sinal. Está entendendo?

— Eu conheço o plano, Minha Senhora, mas...

— Então execute-o! Juntos. — E Alia acenou para que sua amazona saísse. Enquanto Zia se virava para sair, ela disse: — Quando sair, mande o grupo de Farad'n entrar, mas cuide para que eles sejam precedidos por 10 dos nossos elementos de maior confiança.

Zia olhou para trás, mas continuou andando em direção à saída.

— Será feito como ordenou, Minha Senhora.

Alia voltou-se para olhar pela janela. Em mais alguns minutos, o plano produziria seu fruto sangrento. E Paul estaria ali quando sua filha desse o coup de grâce em suas sagradas pretensões. Alia ouviu a guarda de Zia entrando. Logo, tudo estaria acabado. Tudo acabado. Olhou para baixo com um sentimento crescente de triunfo, enquanto o Pregador tomava sua posição no primeiro degrau. Seu jovem guia agachara-se ao lado dele. Alia viu os mantos amarelos dos sacerdotes do Templo aguardando à esquerda, mantidos a distância pela pressão da multidão. Mas eles eram experientes com multidões, e encontrariam um meio de se aproximarem de seu alvo. A voz do Pregador trovejou sobre a praça, e a multidão aguardou, ouvindo com arrebatada atenção. Que eles escutem! Logo suas palavras ganhariam significados diferentes do que ele pretendera. E não haveria Pregador para protestar.

Ouviu o grupo de Farad'n entrar e a voz de Jessica.

— Alia?

Sem se voltar, Alia disse:

— Bem-vindos, Príncipe Farad'n, mamãe. Venham e apreciem o espetáculo. — Olhou para trás, então, e viu o enorme Sardaukar, Tyekanik, olhando carrancudo para a guarda que lhe bloqueava o caminho. — Mas isso não é hospitaleiro — disse Alia. — Deixem que eles se aproximem. — Dois guardas, obviamente agindo sob as ordens de Zia, vi eram até junto de Alia, colocando-se entre ela e os outros. O resto da guarda moveu-se para o lado. Alia recuou para o lado direito da janela e fez um sinal.

— Este é verdadeiramente o melhor ponto de vista.

Jessica, usando o tradicional manto aba negro, olhou furiosa para Alia e escoltou Farad'n para junto da janela, colocando-se entre ele e a guarda de Alia.

— Isso é muita bondade de sua parte, Lady Alia — disse Farad'n. — Ouvi falar tanto a respeito desse Pregador.

— E lá está ele em carne e osso — disse Alia.

Ela notou que Farad'n usava o traje cinzento de um comandante Sardaukar, sem condecorações. Caminhava com uma graça esguia que Alia admirava. Talvez houvesse mais que um fútil divertimento nesse Príncipe Corrino.

A voz do Pregador ribombava na sala através dos fones amplificadores ao lado da janela. Alia sentia estremecerem seus ossos e começou a ouvir suas palavras com crescente fascinação.

— Eu me encontrei no deserto de Zan — gritou o Pregador —, naquela vastidão uivante. E Deus me ordenou que tornasse limpo aquele lugar. Pois nós fomos provocados no deserto, e ofendidos no deserto, e fomos tentados naquela vastidão desolada para que abandonássemos os nossos costumes.

"Deserto de Zan", pensou Alia. Esse era o nome dado ao lugar da primeira provação dos Caminhantes Zensunni, dos quais se dizia que os Fremen se haviam originado. Mas suas palavras!

Estaria ele assumindo o crédito pela destruição dos baluartes sietch das tribos leais?

— Bestas selvagens estendem-se sobre nossas terras! — gritou o Pregador, sua voz ribombando pela praça. — Criaturas aflitas enchem suas casas. Vocês, que fugiram de seus lares, não mais multiplicam seus dias sobre as areias. Sim, vocês, que esqueceram nossos costumes, vocês vão morrer num ninho corrompido se continuarem nessa trilha. Mas, se seguirem meu conselho, o Senhor os levará através da terra das covas até as Montanhas de Deus. Sim, Shai-Hulud os levará.

Fracos gemidos ergueram-se da multidão. O Pregador fez uma pausa, virando suas órbitas vazias de um lado para o outro e ouvindo o som. Então,

abriu os braços, esticou-os e gritou:

— Ô Deus, minha carne anseia por teu rumo numa terra seca e sedenta!

Uma velha na frente do Pregador, obviamente um a refugiada pela aparência remendada e gasta de suas vestes, estendeu as mãos para ele e suplicou:

— Ajude-nos, Muad’Dib. Ajude-nos!

Sentindo um aperto de medo no peito, Alia se perguntou se a aquela velha realmente conhecia a verdade. Olhou para sua mãe, mas Jessica permanecia impassível, sua atenção dividida entre a guarda de Alia, Farad’n e a vista da janela. Farad’n permanecia imóvel em fascinada atenção.

Alia olhou para a janela, tentando enxergar os sacerdotes do Templo. Não pôde vê-los e suspeitou que eles abriam caminho abaixo dela, junto às portas do Templo, buscando uma rota direta através dos degraus.

O Pregador apontou a mão direita sobre a cabeça da velha e gritou:

— Vocês são a única ajuda remanescente! Vocês são rebeldes. Vocês trazem o vento seco que não limpa nem refresca. Vocês transportam a carga do nosso deserto e o redemoinho se lança daquele lugar, daquela terra terrível. Eu estive naquela vastidão. A água corre sobre a areia, saída dos qanats rompidos. Arroios sulcam o solo. Agua que caiu do céu no Cinturão de Duna! Ah, meus amigos, Deus me ordenou. Cave no deserto uma rodovia que leve diretamente ao nosso Senhor, pois eu sou a voz que os chama da desolação.

Ele apontou para os degraus abaixo de seus pés, com o dedo trêmulo.

— Esta não é uma djedida perdida, que nunca mais será habitada! Aqui nós comemos o pão celestial. E aqui o ruído dos estrangeiros nos tirou de nossas casas! Eles criaram para nós a desolação, uma terra que nenhum homem habita, em que nenhum homem passará.

A. multidão se agitava desconfortavelmente, refugiados e Fremen da cidade, olhando para os peregrinos do Hajj que se destacavam entre eles.

“Ele pode começar um distúrbio sangrento!”, pensou Alia. “Bem, deixe-o, meus sacerdotes podem agarrá-lo na confusão.”

Então ela viu os cinco sacerdotes, um nó apertado de mantos amarelos abrindo caminho nos degraus por trás do Pregador.

— As águas que derramamos sobre o deserto converteram-se em sangue — dizia o Pregador, sacudindo os braços abertos. — Sangue sobre nossa terra! Olhem nosso deserto que podia desabrochar e nos alegrar. Ele atraiu o estrangeiro e o seduziu em nosso meio. Eles vêm para a violência! Seus rostos se fecham como se esperassem o último vento do Kralizec! Eles coletam a escravidão das areias. Eles sugam a abundância da areia, o tesouro escondido em suas profundezas.

Olhem para eles enquanto prosseguem em seu trabalho maligno. Pois está escrito: "E eu me coloquei sobre a areia e vi a besta se erguer, e sobre a cabeça dessa besta estava o nome de Deus!"

Murmúrios furiosos ergueram-se da multidão. Punhos levantaram-se e se sacudiram.

— Que ele está fazendo? — sussurrou Farad'n.

— Eu queria saber — disse Alia.

Ela levou a mão ao peito, sentindo a temerosa excitação desse momento. A multidão ia voltar-se contra os peregrinos se ele continuasse com isso!

Mas o Pregador se virou e apontou as órbitas vazias na direção do Templo, erguendo a mão para a alta janela de onde Alia observava.

— Uma blasfêmia permanece! — gritou. — Blasfêmia! E o nome da blasfêmia é Alia!

Um silêncio chocado dominou a praça.

Alia ficou imóvel, consternada. Sabia que a multidão não poderia vê-la, mas se sentiu exposta, dominada por um sentimento de vulnerabilidade. Os ecos das palavras tranquilizadoras dentro de seu crânio competiam com as batidas de seu coração. Só podia olhar para aquela cena incrível. O Pregador permanecia com a mão apontada para a janela.

Mas suas palavras haviam sido demasiadas para os sacerdotes. Eles quebraram o silêncio com gritos furiosos e desceram os degraus, lançando as pessoas para os lados. Enquanto eles se moviam, a multidão reagia, quebrando-se como uma onda sobre os degraus, arrastando as primeiras linhas de observadores e levando o Pregador à sua frente. Ele tropeçava cegamente, separado de seu jovem guia.

Então, um braço com a manga amarela elevou-se no aperto da massa, na mão uma faca cristalina. Ela viu a faca golpear para baixo, enterrando-se no peito do Pregador.

O estrondo trovejante das gigantescas portas do Templo sendo fechadas tirou Alia do estado de choque. A guarda, obviamente, tinha fechado as portas contra o assalto da multidão. Mas as pessoas já estavam recuando, abrindo espaço em torno da figura caída sobre os degraus. Um silêncio estranho desceu sobre a praça. Alia via muitos corpos, mas somente esse se destacava por si mesmo.

Então, uma voz gritou no meio da multidão:

— Muad'Dib! Mataram o Muad'Dib!

— Deus! — exclamou Alia, trêmula. — Deus do céu!

— Um pouco tarde para isso, não acha? — indagou Jessica. Alia virou-se bruscamente, notando a reação espantada de Farad'n ao ver a ira em seu rosto.

— Aquele que eles mataram era Paul! — gritou Alia. — Aquele era seu filho! Quando confirmarem isso, sabe o que vai acontecer?

Jessica permaneceu imóvel por um longo momento, pensando haver escutado alguma coisa que já sabia. A mão de Farad'n sobre seu ombro destruiu o momento.

— Minha Senhora — ele disse, e havia tamanha compaixão em sua voz que Jessica pensou que poderia morrer disso ali mesmo.

Seus olhos correram da raiva fria no rosto de Alia para a tristeza e a compaixão nas feições de Farad'n, e pensou: "Talvez eu tenha feito meu trabalho bem demais."

Não havia como duvidar das palavras de Alia. Jessica lembrava-se de cada entonação na voz do Pregador, ouvindo nela seus próprios truques, os longos anos de instrução que ela consumira com um jovem destinado a ser o Imperador, mas que agora se reduzira a um monte destroçado de trapos sangrentos sobre os degraus do Templo.

"Ghafla cegou-me", pensou Jessica.

Alia gesticulou para uma de suas auxiliares.

— Tragam Ghanima, agora.

Jessica forçou-se a identificar o significado dessas palavras: "Ghanima? Por que Ghanima agora?"

A ajudante voltou-se para a porta externa, fazendo sinal para que fosse aberta, mas antes que se pudesse pronunciar uma palavra a porta inchou, as dobradiças saltaram. Uma barra se partiu e a porta, uma espessa massa de plasteel, feita para aguentar energias terríveis, caiu dentro do aposento. Guardas saltaram para evitar-lhe o impacto, sacando suas armas.

Jessica e os guarda-costas de Farad'n reuniram-se em torno do Príncipe Corrino.

Mas a abertura revelava apenas duas crianças: Ghanima à esquerda, vestida em seu manto negro de noivado, e Leto à direita, o cinza brilhante de um traje-destilador abaixo de um manto branco sujo pelo deserto.

Alia olhou para a porta derrubada e para as crianças, e descobriu-se tremendo incontrolavelmente.

— A família está aqui para nos saudar — disse Leto. — Vovó — ele acenou para Jessica e voltou sua atenção para o Príncipe Corrino. — E este deve ser o Príncipe Farad'n. Bem-vindo a Arrakis, Príncipe.

Os olhos de Ghanima pareciam vazios. Ela mantinha a mão direita sobre a faca cerimonial em sua cintura, e parecia estar tentando escapar de Leto, que lhe segurava o braço. Leto sacudiu-lhe o braço e todo o seu corpo tremeu.

— Olhem para mim, membros da família — disse Leto. — Eu sou Ari, o

Leão dos Atreides.

E aqui... — Novamente sacudiu o braço de Ghanima com aquela poderosa facilidade que fazia todo o corpo dela estremecer —... aqui está Aryeh, a Leoa Atreides. Viemos para colocá-los no Secher Nbiw, o Caminho Dourado.

Ghanima, absorvendo as palavras-chaves, Secher Nbiw, sentiu a consciência fluir solta em sua mente. Foi um fluxo de precisão linear, com a consciência interior de sua mãe flutuando ali, ao lado dela, uma guardiã no portal. E Ghanima soube naquele instante que havia conquistado seu passado vociferante. Tinha um portal através do qual poderia olhar, quando necessitasse, para aquele passado.

Os meses de supressão auto-hipnótica haviam construído para ela um lugar seguro do qual podia dominar a própria carne. Começou a se voltar para Leto, com a necessidade de explicar isso que estava a impulsioná-la, quando se tornou consciente de onde estava e com quem. Leto soltou-lhe o braço.

— Nosso plano funcionou? — sussurrou Ghanima.

— Suficientemente bem — respondeu Leto. Recuperando-se do choque, Alia gritou para um grupo da guarda à sua esquerda:

— Prendam-nos!

Mas Leto se abaixou, pegou a porta caída com uma das mãos e a lançou, escorregando através do aposento, em direção aos guardas. Dois deles foram esmagados contra a parede. Os outros fugiram, aterrorizados. A porta pesava meia tonelada e aquela criança a tinha jogado.

Alia, tornando-se consciente de que o corredor além da porta continha guardas caídos, percebeu que Leto devia ter cuidado deles, que aquela criança havia destruído uma porta inexpugnável.

Jessica também vira os corpos, o espantoso poder de Leto, e chegara a conclusões similares, mas as palavras de Ghanima tocavam um núcleo de disciplina Bene Gesserit que forçava Jessica a manter a compostura. Esse neto falava de um plano.

— Que plano? — indagou Jessica.

— O Caminho Dourado, nosso plano imperial para o nosso Império — respondeu Leto, e então acenou para Farad'n. — Não pense mal de mim, primo. Estou agindo por você também. Alia esperava que Ghanima o matasse. Prefiro que você viva a sua vida com algum grau de felicidade.

Alia gritou para seus guardas encolhidos na passagem:

— Eu ordeno que os prendam!

Mas os guardas recusaram-se a entrar no aposento.

— Espere por mim aqui, mana — disse Leto. — Tenho uma tarefa desagradável a realizar. — E caminhou em direção a Alia.

Ela recuou para um canto e se agachou, sacando sua faca. As jóias verdes de seu cabo faiscavam à luz que vinha da janela.

Leto apenas continuou a avançar, as mãos vazias, mas preparadas.

Alia saltou com a faca.

Leto pulou quase até o teto e golpeou com o pé esquerdo. Atingiu Alia com um golpe de raspão na cabeça que a lançou ao chão com uma marca sangrenta na testa. A faca escapou-lhe da mão e deslizou pelo piso. Alia correu atrás da faca, mas encontrou Leto de pé à sua frente.

Alia hesitou, reunindo tudo que sabia do treinamento Bene Gesserit. Levantou-se com o corpo frouxo e preparado.

Uma vez mais, Leto avançou sobre ela.

Alia fingiu que golpeava para a esquerda, mas seu ombro direito se ergueu e o pé direito lançou-se num chute preciso, que teria estripado um homem se o acertasse com precisão.

Leto aparou o golpe com o braço e agarrou-lhe o pé, erguendo-a por ele e girando Alia acima de sua cabeça. A velocidade com que a girava no ar, segura pelo pé, produziu um som de panos batendo e assoviando através do aposento, enquanto o manto dela golpeava seu próprio corpo.

Os outros se abaixaram, afastando-se.

Alia gritava e gritava, mas ainda assim ele continuava a girá-la. Daí a pouco ela silenciou.

Lentamente, Leto reduziu a velocidade dos giros e a abaixou gentilmente até o chão. Ela caiu encolhida e ofegante.

Leto inclinou-se sobre ela.

— Eu poderia tê-la atirado através de uma parede — ele disse.

— Talvez isso tivesse sido melhor, mas agora nos encontramos no centro da luta. Você merece a sua chance.

Os olhos de Alia moviam-se loucamente de um lado para o outro.

— Eu conquistei aquelas vidas interiores — disse Leto. — Olhe para Ghani. Ela também pode...

Ghanima interrompeu:

— Alia, posso mostrar a você...

— Não.

A palavra foi arrancada de Alia. Seu peito subia e descia, arfante, e vozes começaram a sair de sua boca. Eram desconexas, praguejando e suplicando.

— Você viu! Por que não ouviu? — E novamente: — Por que está fazendo isso? Que está acontecendo? — E outra voz: — Detenha-os! Faça-os parar!

Jessica cobriu os olhos e sentiu a mão de Farad'n a apoiá-la. Alia ainda

delirava:

— Eu vou matá-lo! — Maldições terríveis escapavam de sua boca. — Vou beber o seu sangue!

— E os sons de muitos idiomas começaram a sair dela, todos misturados e confusos.

Os guardas apinhados na passagem externa fizera m o sinal do verme, em seguida levaram os punhos fechados à orelha. Ela estava possuída!

Leto levantou-se, sacudindo a cabeça. Caminhou até a janela e, com três rápidos golpes, espatifou o vidro reforçado com cristal, supostamente inquebrável, de sua moldura.

Uma aparência matreira surgiu no rosto de Alia . Jessica ouviu alguma coisa como sua própria voz partindo daquela boca contorcida, uma paródia do controle Bene Gesserit.

— Todos vocês! Fiquem onde estão!

Abaixando as mãos, Jessica encontrou-as úmidas de lágrimas. Alia rolou de joelhos, ficando de pé.

— Não sabem quem eu sou? — perguntou ela. Era sua antiga voz, aquela voz suave e musical da jovem Alia que não mais existia. — Por que estão todos olhando para mim desse jeito? — Voltou olhos suplicantes para Jessica. — Mãe, faça-os parar.

Jessica só conseguia sacudir a cabeça de um lado para o outro, consumida pelo derradeiro horror. Todas aquelas antigas advertências da Bene Gesserit eram verdadeiras. Olhou para Leto e Ghani, lado a lado, junto de Alia. O que tais avisos significariam para esses pobres gêmeos?

— Vovó — disse Leto, e havia uma súplica em sua voz. — Devemos ter um Julgamento de Possessão?

— Quem é você para falar em julgamento? — perguntou Alia, e sua voz era a de um homem queixoso, um homem autocrático e sensual, profundamente mergulhado na auto-indulgência.

Leto e Ghanima reconheceram a voz. O Velho Barão Harkonnen. Ghanima ouviu a mesma voz começando a ecoar em sua própria cabeça, mas o portal interior foi fechado, e ela sentiu sua mãe de guarda lá dentro.

Jessica permaneceu em silêncio.

— Então, a decisão é minha — disse Leto. — E a escolha é sua, Alia. Julgamento de Possessão ou... — Ele acenou em direção à janela aberta.

— Quem é você para me oferecer uma escolha? — perguntou Alia, e sua voz ainda era a do Barão.

— Demônio! — gritou Ghanima. — Deixe ela fazer sua própria escolha!

— Mamãe — suplicou Alia com sua voz de garotinha. — Mamãe, o que

eles estão fazendo?

O que você quer que eu faça? Ajude-me.

— Ajude-se você mesma — ordenou Leto, e por um instante ele viu a presença fragmentada de sua tia nos olhos dela, um olhar de desesperança que o fitou e se foi.

Mas o corpo dela se movia — rígido, forçado. Ela oscilou, tropeçou, afastou-se de seu caminho, mas retornou a ele, cada vez mais perto da janela aberta.

Agora, a voz do Velho Barão escapava-lhe dos lábios:

— Pare! Pare, eu digo! Eu lhe ordeno! Pare! Sinta isto! — Alia levou as mãos à cabeça e cambaleou mais próxima da janela. Tinha a sacada contra suas coxas, então, mas a voz ainda delirava.

— Não faça isso! Pare e eu a ajudarei. Tenho um plano. Escute-me. Pare, eu digo. Espere! — Mas Alia afastou as mãos da cabeça, agarrou a moldura da janela e, num movimento convulsivo, empurrou o corpo sobre o parapeito e se foi. Nem mesmo um grito lhe escapou enquanto caía.

Na sala, eles ouviram a multidão gritar, a pancada úmida quando Alia atingiu os degraus lá embaixo. Leto olhou para Jessica.

— Nós lhe dissemos para ter pena dela.

Jessica se virou e mergulhou o rosto na túnica de Farad'n.

63

O pressuposto de que todo um sistema pode ser levado a funcionar melhor através da abordagem de seus elementos conscientes revela uma perigosa ignorância. Essa tem sido frequentemente a abordagem ignorante daqueles que chamam a si mesmos de cientistas e tecnólogos.

— O Jihad Butleriano por Harq al-Ada

— Ele corre à noite, primo — disse Ghanima. — Ele corre. Já o viu correndo?

— Não — respondeu Farad'n.

Ele esperava com Ghanima fora do pequeno salão de audiências do Castelo, para onde Leto os convocara. Tyekanik encontrava-se a um lado, desconfortável junto a Lady Jessica, que parecia distante, como se sua mente vivesse num outro lugar. Passava pouco mais de uma hora dá refeição matinal, mas muitas coisas já tinham sido colocadas em movimento — uma chamada à Corporação, mensagens para a CHOAM e a Landsraad.

Farad'n achava difícil entender esses Atreides. Lady Jessica o havia advertido, mas a realidade deles ainda o deixará intrigado. Eles ainda falava m em noivado, embora a maio ria das razões políticas para isso parecesse se haver dissolvido. Leto ia assumir o trono; poucas dúvidas pareciam restar quanto a isso. Sua estranha pele viva teria de ser removida, é claro... mas, com o tempo...

— Ele corre para se cansar — disse Ghanima — É o Kralizec personificado. Nenhum vento jamais correu como ele corre. Ele é um borrão no topo das dunas. Já o vi. Ele corre e corre.

E quando fica exausto, finalmente retorna e repousa a cabeça no meu colo- "Peça à nossa mãe, dentro de você, para que ela ache um meio de eu morrer", ele suplica.

Farad'n olhou para ela. Na semana que se passara, desde o distúrbio na praça, o Castelo agitava-se com estranhos ritmos, misteriosas idas e vindas . Havia histórias sobre lutas violentas além da Muralha Escudo, que chegavam a ele através de Tyekanik, cuja assessoria militar fora solicitada.

— Eu não entendo você — disse Farad'n. — Encontrar um meio para ele morrer?

— Ele me pediu que o preparasse — respondeu Ghanima. Não era a primeira vez que ela se impressionava com a curiosa inocência desse Príncipe Corrino. Seria algo que Jessica fizera ou alguma coisa nata nele?

— Para o quê?

— Ele não é mais humano — explicou Ghanima. — Ontem você me perguntou quando ele ia remover a pele viva. Nunca. É parte dele agora, e ele é parte de la. Leto calcula que talvez tenha 4 mil anos de vida antes que a metamorfose o destrua.

Farad’n tentou engolir, sentindo a garganta seca.

— Percebe por que ele corre? — indagou Ghanima.

— Mas se ele vai viver tanto tempo e ser tão...

— Porque a memória como ser humano é muito rica dentro dele. Pense em todas aquelas vidas, primo. Não. Você não pode imaginar o que é porque não tem experiência disso. Mas eu sei. Eu posso imaginar sua dor. Ele deu mais que qual quer um antes dele. Nosso pai caminhou para o deserto, tentando fugir disso. Alia tornou-se, uma Abominação pelo medo que sentia. Nossa avó possui apenas uma infância indistinta nessa condição, e no entanto deve usar cada ardil Bene Gesserit para viver com isso — que é para o que serve o treinamento de Reverenda Madre. Mas Leto! Ele está completamente só, nunca haverá nada igual.

Farad’n sentia-se atordoado por essas palavras. Imperador por 4 mil anos?

— Jessica sabe — disse Ghanima, olhando para a avó. — Ele contou a ela na noite passada.

Chamou a si mesmo de primeiro autêntico planejador a longo prazo na história humana.

— O que... ele planeja?

— O Caminho Dourado. Ele lhe explicará depois.

— E ele tem um papel para mim... nesse plano?

— Como meu marido — disse Ghanima. — Ele está assumindo o programa de procriação controlada da Irmandade. Tenho certeza de que minha avó lhe falou a respeito do sonho da Bene Gesserit de uma Reverenda do sexo masculino com poderes extraordinários. Ele está...

— Você quer dizer que nós vamos ser apenas...

— Não apenas. — Ela segurou-lhe o braço, apertando-o com calorosa familiaridade. — Ele vai ter muitas tarefas de grande responsabilidade para nós. Isto é, quando não estivermos produzindo filhos.

— Bem, você é um pouco jovem ainda — disse Farad’n, retirando o braço.

— Nunca mais cometa esse erro — ela disse, e havia um tom gelado em

sua voz.

Jessica aproximou-se deles com Tyekanik.

— Tyek contou-me que a luta se espalhou para fora do planeta — disse Jessica. — O Templo Central de Biarek encontra-se sitiado.

Farad'n achou-a estranhamente calma ao fazer tal declaração. Ele revira os relatórios com Tyekanik durante a noite. O fogo selvagem da rebelião estava se espalhando pelo Império. Seria

apagado, é claro, mas Leto teria um triste Império para restaurar.

— Aí vem Stilgar — disse Ghanima. — Eles estavam esperando por ele. — E uma vez mais segurou o braço de Farad'n.

O velho Naib Fremen havia entrado pela porta mais afastada, escoltado por dois antigos Comandos da Morte, companheiros de seus dias no deserto. Todos estava m vestidos com mantos negros formais, com fímbrias brancas e tiras amarelas na cabeça, em sinal de luto. Aproximaram-se com passos firmes, mas Stilgar mantinha sua atenção sobre Jessica. Parou diante dela e inclinou a cabeça, atencioso.

— Você ainda se preocupa com a morte de Duncan Idaho — disse Jessica. Não apreciava essa preocupação em seu velho amigo.

— Reverenda Madre — ele disse.

"De modo que vai ser desse jeito!", pensou Jessica. "Tudo formal e de acordo com o código Fremen, com sangue difícil de eliminar."

Ela disse:

— Do nosso ponto de vista, você apenas desempenhou o papel para o qual Duncan o escolheu. Não é a primeira vez que um homem dá a sua vida pelos Atreides. Por que eles o fazem, Stil? Você esteve pronto para isso mais de uma vez. Por quê? Será que vocês sabem o quanto os Atreides dão em troca?

— Fico feliz pelo fato de a senhora não buscar desculpa para a vingança — respondeu Stilgar.

— Mas esses são assuntos que devo discutir com seu neto. Esses assuntos podem separar-nos de vocês para sempre.

— Quer dizer que Tabr não irá homenageá-lo? — perguntou Ghanima.

— Quero dizer que reservo meu julgamento. — Olhou friamente para Ghanima. — Não gosto daquilo em que meus Fremen se tornaram — resmungou. — Voltaremos aos nossos velhos costumes.

Sem vocês, se for preciso.

— Por algum tempo, talvez — disse Ghanima. — Mas o deserto está morrendo, Stil. O que vocês vão fazer quando não houver mais vermes, não houver mais deserto?

— Não acredito nisso!

— Dentro de mais 100 anos — disse Ghanima —, haverá pouco mais de 50 vermes, e estes serão doentes, mantidos em reservas cuidadosamente preservadas. Sua especiaria será apenas para a Corporação Espacial, e o preço... — Ela sacudiu a cabeça. — Vi os números de Leto. Ele esteve pelo planeta inteiro. Ele sabe.

— Esse é outro truque para manter os Fremen como seus vassalos?

— Quando é que você foi meu vassalo? — indagou Ghanima. Stilgar franziu a testa. Não importava o que ele fizesse ou dissesse, esses gêmeos sempre faziam parecer um erro seu!

— Na noite passada ele me contou a respeito de seu Caminho Dourado — disse Stilgar intempestivamente. — Não gostei dele!

— Isso é estranho — comentou Ghanima, olhando para a avó. — A maior parte do Império vai lhe dar as boas-vindas.

— Destruição para todos nós — murmurou Stilgar.

— Mas todos anseiam pela Idade de Ouro — disse Ghanima. — Não é assim, vovó?

— Todos — concordou Jessica.

— Eles desejam o Império Faraônico que Leto lhes proporcionará — continuou Ghanima. — Desejam uma paz rica, com colheitas abundantes, comércio pleno e igualdade para todos, exceto o Governante Dourado.

— Será a morte dos Fremen! — protestou Stilgar.

— Como pode dizer isso? Não vamos precisar de soldados e homens de bravura para enfrentar uma insatisfação ocasional? Por quê, Stil? Você e os bravos companheiros de Tyek serão duramente pressionados para fazerem o trabalho.

Stilgar olhou para o oficial Sardaukar e uma estranha luz de compreensão passou entre eles.

— E Leto controlará a especiaria — relembrou-lhes Jessica.

— Ele a controlará totalmente — acrescentou Ghanima.

Farad'n, ouvindo com a nova percepção que Jessica lhe ensinara, sentiu uma coisa ensaiada, um espetáculo preparado entre Ghanima e a avó.

— A paz vai perdurar, perdurar e perdurar — continuou Ghanima. — A memória da guerra quase desaparecerá. Leto conduzirá a humanidade através desse jardim por pelo menos 4 mil anos.

Tyekanik lançou um olhar indagador para Farad'n e pigarreou.

— Sim, Tyek? — perguntou Farad'n.

— Eu queria falar com o senhor em particular, Meu Príncipe. Farad'n sorriu, conhecendo a pergunta que estaria na mente militar de Tyekanik, sabendo que pelo menos dois outros entre os presentes também reconheceriam essa

questão.

— Eu não vou vender os Sardaukar — ele disse.

— Não é preciso — disse Ghanima.

— Escutou essa criança? — perguntou Tyekanik.

Estava indignado. O velho Naib ali entendia os problemas trazidos por toda essa trama, mas ninguém mais conhecia nada da situação!

Ghanima sorriu severamente e disse:

— Diga-lhe, Farad'n.

Farad'n suspirou. Era fácil esquecer a estranheza dessa criança que não era criança. Podia imaginar uma vida inteira casado com ela, as reservas ocultas em cada intimidade. Não era uma perspectiva totalmente agradável, mas ele estava começando a reconhecer sua inevitabilidade. O absoluto controle dos suprimentos de especiaria , que se estavam reduzindo! Nada se moveria no universo sem a especiaria.

— Depois, Tyek — disse Farad'n.

— Mas...

— Depois, eu disse! — Pela primeira vez ele usou a Voz com Tyekanik; viu o homem piscar, surpreso, e ficar em silêncio.

Jessica controlou um sorriso.

— Ele fala de paz e morte ao mesmo tempo — murmurou Stilgar. — Idade de Ouro!

Ghanima disse:

— Ele vai liderar os seres humanos através do culto da morte até o ar livre da vida exuberante!

Ele fala de morte porque isso é necessário, Stil. E uma tensão através da qual os vivos saberão que estão vivos. E quando seu Império cair... Oh, sim, ele cairá. Você pensa que isto agora é o Kralizec, mas o Kralizec ainda virá. E quando vier os seres humanos terão renovada sua memória de o que é estar vivo. E a memória persistirá enquanto existir um único ser humano vivo. Nós passaremos por essa prova uma vez mais, Stil. E sairemos dela. Sempre nos erguemos de nossas próprias cinzas. Sempre.

Farad'n, ouvindo suas palavras, agora entendia o significado do que ela dissera a respeito de Leto correndo. "Ele não será humano."

Stilgar ainda não se convencera.

— A extinção dos vermes — resmungou.

— Ah, os vermes voltarão — assegurou Ghanima. — Todos estarão mortos dentro de 200 anos, mas retornarão.

— Como... — Stilgar não terminou a frase.

Farad'n sentiu sua mente inundada pela revelação. Ele sabia o que

Ghanima ia dizer, antes que ela falasse.

— A Corporação apenas sobreviverá nos anos mais difíceis, e somente por causa de suas reservas e das nossas — explicou ela. — Mas haverá abundância após o Kralizec. E os vermes retornarão depois que meu irmão voltar às areias.

64

Como aconteceu com tantas outras religiões, o Elixir Dourado da Vida do Muad'Dib degenerou numa mágica exterior. Seus signos místicos tornaram-se meros símbolos para profundos processos psicológicos, e esses processos, é claro, descontrolaram-se. O que eles necessitavam era de um deus vivo, e não possuíam um. Uma situação que o filho do Muad'Dib tem corrigido.

— Declaração atribuída a Lu Tung-pin (Lu, o Hóspede da Caverna)

Leto estava sentado no trono do Leão para aceitar a homenagem das tribos. Ghanima encontrava-se ao seu lado, um degrau abaixo. A cerimônia no Grande Salão prosseguiu por horas.

Tribo após tribo, os Fremen passaram diante dele, através de seus delegados e seus Naibs. Cada grupo trazia presentes adequados a um deus dotado de terríveis poderes. Um deus da vingança que lhes prometia a paz.

Ele os assustara até a submissão na semana anterior, realizando seus feitos para a arifa reunida de todas as tribos. Os Juízes o tinham visto caminhar através de um fosso de fogo e emergir ileso para demonstrar que sua pele não tinha marcas, convidando-os a observá-lo de perto. Ordenara então que eles o golpeassem com facas, e sua pele impenetrável cobrira-lhe o rosto enquanto eles o esfaqueavam inutilmente. Ácidos escorreram sobre ele deixando apenas uma leve névoa. Ele tomara seus venenos e rira deles.

No final, chamara um verme e ficara em frente a ele, olhando-o na boca. Caminhara então até o campo de pouso de Arrakeen, onde atrevidamente derrubara uma fragata da Corporação, erguendo-a por uma de suas aletas de pouso.

A arifa relatara tudo isso com uma admiração temerosa, e agora os delegados tribais vinham para selar sua submissão.

O espaço abobadado do Grande Salão, com seus sistemas de isolamento acústico, tendia a absorver ruídos agudos, mas um constante arrastar de pés se movendo insinuava-se nos sentidos, juntamente com a poeira e ,os odores de pedra pulverizada trazidos do exterior.

Jessica, que se recusara a participar, observava de um alto orifício de

espionagem atrás do trono.

Sua atenção fora captada por Farad'n e pela compreensão de que ambos, ela e Farad'n, haviam sido manobrados. É claro que Leto e Ghanima haviam previsto as ações da Irmandade! Os gêmeos podiam consultar dentro de si próprios um conjunto de Bene Gesserits maior do que todas as que agora viviam no Império.

Ela sentia uma amargura especial pelo modo como a mitologia da Irmandade havia levado Alia à destruição. "Medo erguido sobre o medo!" Os hábitos de gerações haviam imprimido nela o destino da Abominação. Alia não conhecera qualquer esperança e é claro que havia sucumbido. O destino dela tornava a conquista de Leto e Ghanima ainda mais difícil de aceitar. Não apenas um escapara à armadilha, mas dois. A vitória de Ghanima sobre suas vidas interiores e sua insistência em que Alia só merecia piedade eram a coisa mais amarga de to das. A supressão hipnótica sob tensão, aliada ao namoro de um ancestral benigno, tinha salvado Ghanima. Isco podia ter salvo Alia, mas, sem esperanças, nada fora tentado, até que fosse muito tarde. A água de Alia fora derramada na areia.

Jessica suspirou e voltou sua atenção para Leto, no trono. Um gigantesco canopo, contendo a água do Muad'Dib, ocupava um lugar de honra à sua direita. Ele se gabara para Jessica de que seu pai dentro dele rira desse gesto, ainda que o admirasse.

A jarra e a ostentação haviam firmado sua resolução de não participar da cerimônia. Enquanto vivesse, sabia que nunca aceitaria Paul falando pela boca de Leto. Estava alegre pelo fato de a Casa Atreides ter sobrevivido, mas as coisas-que-podiam-ter-sido eram demais para que pudesse suportar.

Farad'n estava sentado com as pernas cruzadas ao lado da jarra com a água do Muad'Dib. Era a posição do escriba real, honraria recentemente concedida e aceita.

Farad'n sentia que se ajusta va muito bem a essa nova realidade, embora Tyekanik ainda estivesse furioso e previsse terríveis consequências. Tyekanik e Stilgar haviam formado uma sociedade na desconfiança que parecia divertir Leto.

Nas horas da cerimônia de homenagem, Farad'n passara da admiração ao tédio, e de volta à admiração. Eram um interminável fluxo de humanidade, esses inigualáveis combatentes. Sua lealdade renovada ao Atreides no trono não podia ser questionada. Colocavam-se em submisso terror diante dele, totalmente amedrontados pelo que a arifa tinha relatado.

A cerimônia foi atingindo o seu término. O último Naib colocou-se diante de Leto — Stilgar, na "posição de honra à retaguarda". Em vez de cestos

carregados de especiaria, jóias de fogo ou qualquer outro presente caro, como os que se encontravam em montes ao redor do trono, Stilgar trazia uma faixa de pano para a testa, feita de fibra de especiaria trançada. O Falcão Atreides fora bordado nela em verde e ouro.

Ghanima o reconheceu e olhou de lado para Leto.

Stilgar deixou a faixa no segundo degrau abaixo do trono e se curvou.

— Eu lhe trago a faixa usada por sua irmã quando a levei para o deserto a fim de protegê-la, — ele disse.

Leto controlou um sorriso.,

— Sei que você atravessou um período difícil, Stilgar — disse Leto. — Existe alguma coisa aqui que você deseje receber como pagamento? — E indicou as pilhas de dispendiosos presentes.

— Não, Meu Senhor.

— Eu aceito seu presente, então — disse Leto. Inclinou-se para diante, pegou a bainha do manto de Ghanima e lhe arrancou uma fina tira. — Eu lhe dou em troca uma tira do manto de Ghanima. O manto que ela usava quando foi raptada de seu acampamento no deserto, forçando-me a salvá-la.

Stilgar aceitou o pano com a mão trêmula.

— Zomba de mim, Meu Senhor?

— Zombar de você? Por meu nome, Stilgar, eu nunca zombaria de você. Eu lhe dei uma dádiva sem preço. Eu lhe ordeno que a leve sempre junto a seu coração, como uma lembrança de que todos os seres humanos são sujeitos a erro e que todos os líderes são humanos.

Um fino riso escapou de Stilgar.

— Que Naib o senhor teria dado!

— Que Naib eu sou! Naib dos Naibs. Nunca se esqueça disso!

— Como diz, Meu Senhor! — E Stilgar engoliu em seco, relembrando o relatório da arifa. E pensou. “Uma vez eu pensei em matá-lo. Agora, é muito tarde.” Seu olhar voltou-se para a jarra, de um dourado opaco e gracioso, com o topo verde. — Aquela é água da minha tribo.

— E da minha — disse Leto. — Eu lhe ordeno que leia a inscrição. Leia alto, para que todos possam ouvir.

Stilgar lançou um olhar indagador para Ghanima, mas ela o devolveu erguendo o queixo, uma fria resposta que o fez sentir um arrepio. Estariam esses moleques Atreides tentando pegá-lo para responder por sua impetuosidade e seus enganos?

— Leia — insistiu Leto, apontando.

Lentamente, Stilgar subiu os degraus e se curvou para olhar a jarra. Daí a pouco ele leu em voz alta:

— Esta água é a derradeira essência, fonte de criatividade fluindo para o exterior. Embora imóvel, simboliza todo o movimento. — E sussurrou para Leto: — O que isto significa, Meu Senhor?

— Sentia-se admirado com as palavras, tocado dentro de si próprio num lugar que não podia entender.

— O corpo do Muad'Dib é uma concha oca, como a que é abandonada por um inseto — explicou Leto. — Ele dominou o mundo interior enquanto desprezava o exterior, e isso levou à catástrofe. Ele dominou o mundo exterior enquanto excluía o mundo interior, e isso entregou seus descendentes aos demônios. O Elixir Dourado desaparecerá de Duna, e no entanto a semente do Muad'Dib prossegue, e sua água move o nosso universo.

Stilgar curvou a cabeça. Coisas místicas sempre o deixavam confuso.

— O início e o fim são unos — continuou Leto. — Você vive no ar, mas não o vê. Uma fase terminou. E desse término se desenvolve o início do seu oposto. Assim, nós teremos o Kralizec. E tudo retornará depois, de uma forma alterada. Você sente pensamentos em sua cabeça, seus descendentes os sentirão em seus estômagos. Volte para o Sietch Tabr, Stilgar. Gurney Halleck se reunirá a você lá, como meu assessor em seu Conselho.

— Não confia em mim, Meu Senhor? — A voz de Stilgar era baixa.

— Totalmente, de outro modo não lhe mandar ia o Gurney. Ele começará a recrutar a nova força de que logo necessitaremos. Aceito seu juramento de fidelidade, Stilgar. Está dispensado.

Stilgar se curvou e recuou, descendo os degraus e se voltando para o lado esquerdo do Salão.

Os outros Naibs o seguiram, de acordo com o princípio Fremen de que "os últimos serão os primeiros". Mas algumas de suas perguntas podiam ser ouvidas do trono, enquanto se afastavam.

— Do que estavam falando lá em cima, Stil? E o que significam aquelas palavras na água do Muad'Dib?

Leto disse a Farad'n:

— Pegou tudo isso, Escriba?

— Sim, Meu Senhor.

— Minha avó me diz que o treinou bem nos processos mnemônicos da Bene Gesserit. Isso é bom. Não o quero escrevendo ao meu lado.

— Como ordenar, Meu Senhor.

— Venha e fique ao meu lado — disse Leto.

Farad'n obedeceu, grato, mais do que nunca, pelo treinamento de Jessica. Quando se aceitava o fato de que Leto não era mais humano e não mais podia pensar como os pensam os humanos, o curso de seu Caminho Dourado se

tornava ainda mais assustador.

Leto olhou para Farad'n. Os guardas encontravam-se muito longe para poderem ouvir.

Somente os conselheiros da Presença Interior permaneciam no piso do Grande Salão, e eles se reuniam em grupos subservientes, bem além do primeiro degrau. Ghanima aproximara-se para repousar um braço no recosto do trono.

— Ainda não concordou em me entregar seus Sardaukar — disse Leto. — Mas o fará.

— Eu lhe devo muito, mas não tanto — disse Farad'n.

— Você acha que eles não se casarão bem com os meus Fremen?

— Tão bem quanto aqueles dois novos amigos, Stilgar e Tyekanik.

— E no entanto recusa?

— Eu aguardo sua oferta.

— Então, eu devo fazer a oferta, sabendo que nunca irá repeti-la. Rezo para que minha avó tenha feito bem a sua parte e que você esteja preparado para entender.

— O que devo entender?

— Existe sempre uma mística predominante em qualquer civilização — disse Leto. — Ela se ergue como uma barreira contra a mudança, e isso sempre deixa as gerações futuras despreparadas ante a traição do universo. Todas as místicas são iguais ao construírem essas barreiras: a mística religiosa, a mística do herói-líder, a mística do messias, a mística da ciência-tecnologia, ou a própria mística da natureza. Nós vivemos num Império moldado por essa mística, e agora esse Império está desabando porque a maioria das pessoas não distingue entre a mística e o seu universo. Está vendo, a mística é como uma possessão demoníaca, ela tende a dominar a consciência, tornando-se todas as coisas para o observador.

— Eu reconheço a sabedoria de sua avó nessas palavras — disse Farad'n.

— Muito bem, primo. Ela me perguntou se eu era uma Abominação e eu respondi negativamente. Essa foi minha primeira traição. Percebe? Ghanima escapou disso, mas eu não. Fui forçado a equilibrar as vidas interiores sob a pressão de doses excessivas de melange. Tive de buscar a cooperação ativa dessas vidas dentro de mim. Fazendo isso, evitei as mais malignas e escolhi uma ajuda dominante, um auxiliar lançado sobre mim pela consciência interior, que era meu pai. Não sou, em verdade, meu pai ou esse auxiliar. E então, novamente, não sou o Segundo Leto.

— Explique-me.

— Você tem um modo direto admirável. Eu sou uma comunidade dominada por alguém que era o mais antigo e o mais poderoso. Ele foi o pai de

uma dinastia que perdurou por 3 mil dos nossos anos. Seu nome era Harum, e até que sua linhagem desaparecesse, nas fraquezas congênitas e superstições dos descendentes, seus súditos vive ram numa grandeza rítmica. Eles se moviam inconscientes às mudanças das estações. Geravam indivíduos que tendiam a ter vida curta, ser supersticiosos e facilmente liderados pelo deus-rei. Tomados como um todo, eram um povo poderoso. Sua sobrevivência como espécie transformou-se num hábito.

— Eu não gosto do jeito disso — disse Farad'n.

— Nem eu, realmente, mas é o universo que vou criar.

— Por quê?

— É uma lição que aprendi em Duna. Nós mantemos a presença da morte como um espectro dominante entre os que vivem aqui. Com essa presença, os mortos mudam os vivos. As pessoas de tal sociedade voltam-se para seus próprios ventres. Mas quando vier a época do oposto, quando eles se erguerem, serão grandes e belos.

— Isso não respondeu a minha pergunta — protestou Farad'n.

— Não confia em mim, primo?

— Nem a sua avó confia.

— E com boa razão. Mas ela aquiesce porque deve. As Bene Gesserits são pragmáticas, no final. Eu compartilho a visão que elas têm de nosso universo, você sabe. Você traz as marcas desse universo. Você retém os hábitos do governo, catalogando tudo à sua volta em termos de sua possível ameaça ou valor.

— Concordei em ser seu escriba.

— Porque o divertia e lisonjeava seu verdadeiro talento, que é o de historiador. Você é um gênio para ler o presente em termos do passado. Você me antecipou em várias ocasiões.

— Não gosto de suas insinuações veladas.

— Bom. Você veio da ambição infinita até o seu presente estado inferiorizado. Será que minha avó não lhe advertiu quanto ao infinito? Ele nos atrai como um farol na noite, cegando-nos para os excessos que pode inflingir sobre o que é finito.

— Aforismos da Bene Gesserit! — protestou Farad'n.

— Mas muito mais precisos — continuou Leto. — A Bene Gesserit acreditava poder prever o curso da evolução. Mas deixou de levar em conta suas próprias mudanças no curso dessa evolução.

Elas presumiram que ficariam estáticas enquanto seu plano de procriação evoluía. Não tenho tal cegueira reflexiva. Olhe cuidadosamente para mim, Farad'n, pois não sou mais humano.

— Assim me assegurou sua irmã. — Farad'n hesitou, e então perguntou: — Abominação?

— Pela definição da Irmandade, talvez. Harum é cruel e autocrático. Eu compartilho sua crueldade. Marque-me bem: tenho a crueldade de um lavrador, e este universo humano é a minha fazenda. Os Fremen um dia tiveram águias domesticadas como animais de estimação, mas eu terei um Farad'n domesticado.

O rosto de Farad'n ficou vermelho.

— Cuidado com minhas garras, primo. Bem sei que meus Sardaukar cairiam diante de seus Fremen. Mas iríamos feri-los gravemente, e existem chacais esperando para pegar os fracos e feridos.

— Vou usá-lo bem, isso eu prometo — disse Leto. Inclinou-se para diante. — Não lhe disse que não sou mais humano? Acredite-me, primo. Eu não gerarei nenhum descendente, pois não possuo mais órgãos genitais. E isso força minha segunda traição.

Farad'n esperou em silêncio, percebendo afinal a direção dos argumentos de Leto.

— Devo me voltar contra cada preceito dos Fremen — disse Leto. — Eles irão aceitar, pois não podem fazer mais nada. Eu o mantenho aqui sob a atração do noivado, mas não haverá noivado entre você e Ghanima. Minha irmã se casará comigo!

— Mas você...

— Casar-se, eu disse. Ghanima deve continuar a linhagem Atreides. Existe também a questão do programa de procriação Bene Gesserit, que agora é o meu programa de procriação.

— Eu recuso — disse Farad'n.

— Recusa-se a ser o pai de uma dinastia Atreides?

— Que dinastia? Você ocupará o trono por milhares de anos.

— E moldarei seus descendentes à minha imagem. Será o mais intensivo e abrangente programa de treinamento em toda a história. Nós seremos um ecossistema em miniatura. Percebe? Seja qual for o sistema que um animal escolha para sobreviver, deve basear-se num padrão de comunidades interligadas, interdependentes, trabalhando juntas para o objetivo comum que é o sistema. E esse sistema produzirá os governantes mais inteligentes jamais vistos.

— Você usa palavras extravagantes na mais desagradável...

— Quem irá sobreviver ao Kralizec? — perguntou Leto. — E eu lhe prometo, o Kralizec virá.

— Você é um homem louco! Vai destruir o Império.

— É claro que vou... e não sou um homem. Mas criarei uma nova consciência em todos os homens. Eu lhe digo que debaixo do deserto de Duna

existe um lugar secreto com o maior tesouro de todos os tempos. Eu não minto. Quando o último verme morrer e a última colheita de melange for extraída de nossas areias, esses tesouros profundos saltarão pelo nosso universo. E enquanto o poder do monopólio da especiaria se apaga e as reservas ocultas deixam sua marca, novos poderes surgirão através de nosso reino. É tempo de os humanos aprenderem uma vez mais a viver de seus instintos.

Ghanima tirou o braço do recosto do trono, veio para junto de Farad'n e segurou-lhe a mão.

— Como minha mãe não era esposa, você não será marido — disse Leto. — Mas talvez haja amor, e isso será o bastante.

— Cada dia, cada momento, traz a mudança — disse Ghanima. — Nós aprendemos ao reconhecer esses momentos.

Farad'n sentiu o calor da mãozinha de Ghanima como uma presença insistente. Reconheceu os

recuos e fluxos dos argumentos de Leto, mas nem uma vez a Voz fora usada. Era um apelo às entranhas, não à mente.

— É isso que oferece por meus Sardaukar? — indagou ele.

— Muito, muito mais, primo. Eu ofereço aos seus descendentes o Império. E a você ofereço a paz.

— E qual será o resultado de sua paz?

— O oposto — disse Leto, a voz calmamente zombeteira. Farad'n sacudiu a cabeça.

— Acho muito alto o preço para meus Sardaukar. Mas devo permanecer como o Escriba, o pai secreto de sua linhagem real?

— Deve.

— Vai tentar forçar-me a seu hábito de paz?

— Vou.

— Resistirei a você em cada dia de minha vida.

— Mas isso é o que espero de você, primo. Foi por isso que o escolhi. E vou fazê-lo oficialmente. Vou lhe dar um novo nome. A partir deste momento, você será chamado Aquele que Quebra o Hábito, que em nossa língua é Harq al-Ada . Vamos, primo, não seja obtuso. Minha mãe o ensinou bem. Dê-me seus Sardaukar.

— Dê-os a ele — ecoou Ghanima. — Ele os terá, de um jeito ou de outro.

Farad'n sentiu o medo pela primeira vez na voz dela. Amor, então? Leto apelava, não à razão, mas a um salto intuitivo.

— Leve-os — disse Farad'n.

— Por certo — disse Leto.

Ele se ergueu do trono num movimento curiosamente fluido, como se

mantivesse seu terrível poder sob o mais delicado controle. Desceu até o nível em que Ghanima estava e moveu-a gentilmente, até que ela olhasse na direção oposta a ele. Voltou-se e colocou as costas contra as dela.

— Observe isto, primo Harq al-Ada. Este é o modo como sempre será conosco.

Permaneceremos assim quando estivermos casados. Costas contra costas, um olhando para longe do outro a fim de proteger a única coisa que sempre fomos. — Voltou-se, olhando zombeteiramente para Farad'n e abaixando a voz: — Lembre-se disso, primo, quando estiver face-a-face com Ghanima. Lembre-se disso quando sussurrar o amor e as coisas suaves, quando estiver mais tentado pelos hábitos de minha paz e de meu contentamento. Suas costas permanecerão expostas.

Afastando-se deles, Leto desceu os degraus para os cortesãos que esperavam, arrastando-os em sua esteira, como satélites, e deixando o salão.

Ghanima uma vez mais tomou a mão de Farad'n, mas seu olhar ainda fitava além da extremidade do salão, muito depois de Leto ter partido.

— Um de nós tinha de aceitar a agonia — ela disse. — E ele sempre foi o mais forte.

Fim

O IMPERADOR-DEUS DE DUNA

Frank Herbert

Tradução de Jorge Luíz Calife
Título Original: *God Emperor of Dune*

Quando eu estava escrevendo Duna

... não havia lugar em minha mente para preocupações quanto ao sucesso ou fracasso do livro. Só me preocupava com o que estava escrevendo. Seis anos de pesquisas tinham antecedido aquele dia em que me sentei para estruturar a história, e a textura das muitas camadas de tramas que planejara exigia um grau de concentração que eu nunca antes experimentara.

Devia ser uma história explorando o mito do Messias.

Devia produzir uma visão diferente de um planeta ocupado pelo homem como máquina energética.

Devia penetrar no funcionamento interligado da política e da economia.

Devia ser um estudo da previsão absoluta e de suas armadilhas.

Devia ter uma droga de expansão da consciência e revelar as consequências de uma dependência prolongada em relação a tal substância.

A água potável devia constituir uma analogia em relação ao petróleo e à própria água como substância cujo suprimento. diminui a cada dia.

Devia ser um romance ecológico, portanto, com muitas nuances, assim como uma história a respeito das pessoas e de suas preocupações humanas com os valores humanos. E eu precisava monitorar todas essas coisas em cada estágio da criação do livro.

Não havia espaço em minha cabeça para pensar em outra coisa.

Seguindo-se à primeira edição, houve uma lenta resposta dos editores, que mais tarde se revelou imprecisa. Os críticos tinham malhado. E mais de 12 editores se haviam recusado a publicar o livro. Não houve publicidade, mas alguma coisa estava acontecendo lá fora.

Durante dois anos fui saturado de queixas de livrarias e leitores que não conseguiam encontrar o livro. “The Whole Earth Catalog” (Catálogo Integral da Terra) elogiou. E eu ficava recebendo telefonemas de pessoas me perguntando se estava iniciando alguma religião.

A resposta: “Meu Deus! Claro que não!”

O que estou descrevendo e a lenta concretização de um sucesso. Quando os três primeiros livros de Duna estavam prontos, já não havia mais dúvidas de que este era um trabalho popular — um dos mais populares em toda a história, disseram-me, com mais de 10 milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro. Agora, o que a maioria das pessoas me pergunta é: “O que esse sucesso representa para você?”

Ele me surpreende, já que; não o esperava. Tampouco esperava o fracasso.

Era um trabalho e eu o realizei. Certos trechos de O Messias de Duna e Os filhos de Duna foram escritos antes mesmo de eu terminar Duna. Eles tornaram-se mais vividos ao serem postos no papel, mas a história essencial permanecia intacta. Eu sou um escritor e estava escrevendo. O sucesso significava que eu poderia passar mais tempo escrevendo.

Olhando para trás agora, percebo que realizei a coisa certa instintivamente. Não se escreve objetivando-se o sucesso. Isso tira a sua atenção daquilo que está criando. Se você o está fazendo realmente, com toda a dedicação, então escrever é tudo.

Existe um pacto implícito entre você e o leitor. Se alguém entra em uma livraria e paga pelo seu livro com dinheiro duramente ganho (energia), devemos a essa pessoa algum entretenimento, e tanto quanto possamos dar.

Essa foi realmente a minha intenção o tempo todo.

Frank Herbert

Para Peggy Rowntree

com amor e profunda admiração e grande estima

1

Trecho de uma palestra de Hadi Benotto anunciando as descobertas em Dar-es-Balat, no planeta de Rakis:

Não apenas é um prazer para mim anunciar a vocês, nesta manhã, nossa descoberta desse maravilhoso depósito contendo, entre outras coisas, uma monumental coleção de manuscritos inscritos em papel de cristal riduliano. Também tenho orgulho em lhes dar nossos argumentos quanto à autenticidade dessas descobertas e lhes revelar por que acreditamos ter encontrado os diários originais de Leto II, o Imperador-Deus.

Primeiramente, permitam-me que lhes recorde os tesouros históricos que todos conhecemos pelo nome de Os diários roubados, volumes de conhecida antiguidade que, através dos séculos, têm sido tão valiosos para nos ajudar no entendimento de nossos ancestrais. Como todos sabem, Os diários roubados foram decifrados pela Corporação Espacial, e a Chave de Tradução da Corporação foi usada para traduzir os volumes recém-descobertos. Ninguém nega a antiguidade da Chave de Tradução da Corporação, e ela, apenas ela, traduz esses volumes.

Em segundo lugar, esses volumes foram impressos por um sistema Ixiano cuja criação é realmente antiga. E Os diários roubados não deixam dúvida de que esse foi de fato o método empregado por Leto II para registrar suas observações históricas.

Terceiro, e nós acreditamos que isto é igual, em importância, à descoberta do próprio depósito: o repositório desses diários é sem dúvida um artefato Ixiano. Uma criação tão primitiva e, no entanto, tão maravilhosa que certamente irá lançar um novo entendimento sobre a época histórica conhecida como “A Dispersão”. Como era de se esperar, o depósito encontrava-se muito bem oculto. Ele foi enterrado a uma profundidade maior do que o mito ou a História Oral nos levaria a esperar, emitindo e absorvendo radiação de modo a simular as características naturais de suas cercanias. Um mimetismo mecânico que em si mesmo não constitui surpresa. O que surpreende nossos engenheiros, entretanto, é o modo como foi construído, usando métodos dos mais rudimentares e verdadeiramente primitivos.

Percebo que alguns de vocês se encontram tão excitados com isso como nós próprios ficamos. Acreditamos estar olhando para o primeiro Globo Ixiano, o não-espaço a partir do qual todos os aparelhos semelhantes se desenvolveram. Não se trata realmente do primeiro, mas acreditamos que deve ser “um” dos primeiros, incorporando os mesmos princípios do primeiro.

Permitam-me satisfazer sua óbvia curiosidade assegurando-lhes que serão conduzidos para uma breve inspeção do depósito dentro em pouco. Apenas solicitamos que mantenham silêncio quando estiverem lá dentro, pois nossos engenheiros e outros especialistas continuam a trabalhar na solução dos mistérios.

O que me conduz ao quarto ponto, e este pode ser o coroamento de nossas descobertas. É com uma emoção difícil de descrever que lhes revelo agora outra descoberta feita no local — gravações orais verdadeiras que se encontram rotuladas como tendo sido feitas por Leto II na voz de seu pai, Paul Muad’Dib. Uma vez que registros autenticados do Imperador-Deus se encontram guardados nos Arquivos das Bene Gesserit, nós lhes enviamos uma amostra de nossas gravações, todas elas feitas a partir de um antigo sistema de microbolha, com um pedido formal à Irmandade para que realizasse um teste de comparação. Restam-nos poucas dúvidas de que esses registros serão autenticados.

Agora, por gentileza, voltem sua atenção para os trechos traduzidos que lhes entregamos quando chegaram. Permitam-me que eu aproveite a oportunidade para me desculpar pelo peso. Ouvi alguns de vocês fazendo piadas a respeito. Nós usamos papel comum por uma razão prática — economia. Os volumes originais foram escritos em símbolos tão pequenos que precisam ser ampliados substancialmente antes de poderem ser lidos. De fato, isso exige mais de 40 volumes comuns, do tipo que vocês agora estão segurando, apenas para reproduzir o conteúdo de um cristal riduliano original.

Se o projetor... sim. Agora estamos projetando parte de uma página original na tela à sua esquerda. É da primeira página do primeiro volume. Nossa tradução aparece nas telas à direita. Chamo-lhes a atenção para a evidência interior, a poética vaidade das palavras, assim como o significado derivado da tradução. O estilo traduz uma personalidade que é coerente e identificável. Nós acreditamos que isso só pode ter sido escrito por alguém que possuía uma experiência direta de memórias ancestrais, por alguém que estivesse trabalhando para compartilhar a experiência extraordinária de vidas anteriores de um modo compreensível apenas àqueles que carecem desse dom.

Olhem agora para o significado real do conteúdo. Todas as referências estão de acordo com tudo que a história nos revelou a respeito de uma pessoa, a qual acreditamos seria a única capaz de ter deixado tal registro.

Temos outras surpresas para vocês. Tomei a liberdade de convidar um poeta bem conhecido, Rebeth Vreeb, para compartilhar esta plataforma conosco nesta manhã e ler, dessa primeira página, uma curta passagem de nossa tradução. É de nossa opinião que, mesmo em uma tradução, essas palavras assumem uma característica diferente quando lidas em voz alta. Queremos assim partilhar com vocês uma qualidade verdadeiramente extraordinária que descobrimos nesses volumes.

Senhoras e senhores, por gentileza, dêem boas-vindas a Rebeth Vreeb.

Da leitura de Rebeth Vreeb:

Eu lhes afirmo que sou o livro do destino.

As perguntas são o meu inimigo, pois minhas perguntas explodem! As respostas saltam para o ar como um bando de aves assustadas, escurecendo o céu com memórias das quais não consigo escapar. Não há uma só resposta, nenhuma é suficiente.

Que prismas relampejam quando penetro no campo terrível do meu passado! Sou uma lasca de pedra fechada em uma caixa.

A caixa gira e estremece. Sou atirado em uma tempestade de mistérios. E quando a caixa se abre eu retorno a esta presença como um estranho em terra primitiva.

Lentamente (lentamente, eu digo), reaprendo o meu nome.

Mas isso, apenas, não é conhecer-me.

Essa pessoa que tem meu nome, esse Leto que é o segundo a ser chamado assim, descobre outras vozes em sua mente, outros nomes, outros lugares. Oh, eu lhes prometo (assim como me prometeram) responder a um único nome. Se me chamarem Leto, eu responderei. O sofrimento faz isso possível. O sofrimento e mais uma coisa:

Eu seguro as rédeas!

Todas elas são minhas. Deixem-me imaginar um tópico — digamos... homens que morreram pela espada — e eu os tenho em toda a sua carnificina, cada imagem intacta, cada gemido, cada careta.

As alegrias de ser mãe. Eu penso e os leitos de parto são meus. Sorrisos de bebês desfilam em série, e assim os suaves balbucios de novas gerações. Os primeiros passinhos e as primeiras vitórias dos jovens são minhas para partilhar. Elas caem umas sobre as outras até que nada mais vejo senão igualdade e repetição.

“Mantenha isso tudo intacto”, advirto a mim mesmo.

Quem poderá negar o valor de tais experiências, a riqueza de aprendizado através da qual eu visualizo cada novo instante?

Ah, mas isso é o passado.

Não compreendem?
É apenas o passado!

2

Esta manhã eu nasci num yurt na borda de uma planície num planeta que não mais existe. Amanhã nascerei alguém mais em outro lugar. Ainda não escolhi. Nesta manhã, entretanto... ah essa vida! Quando meus olhos aprenderam a localizar, olhei para a luz do sol e pisei na grama, e vi gente vigorosa indo e vindo nas suaves atividades de suas vidas. Onde... oh, para onde foi todo esse vigor?

— *Os diários roubados*

As três pessoas correndo para o norte, através das sombras do luar na Floresta Proibida, enfileiravam-se por quase meio quilômetro. O último corredor da fila estava menos de 100 metros à frente dos lobos D que os perseguiam. Os animais podiam ser ouvidos grunhindo e ofegando em sua avidez. Do modo como fazem quando estão com a presa à vista.

Com a Primeira Lua diretamente acima, a floresta estava bem iluminada, e embora essas fossem latitudes elevadas em Arrakis, ainda estava quente com o calor de um dia de verão. A brisa noturna, vinda do Último Deserto de Sareer, trazia o perfume de resinas e a umidade exalada pelo solo abaixo. De vez em quando uma brisa do Mar de Kynes, além do Sareer, flutuava no caminho dos corredores com seus odores de sal e peixes.

Por um capricho do destino, o último corredor chamava-se Ulot, o que na linguagem Fremen significa “Querido Extraviado”. Ulot era de pequena estatura e com uma tendência à obesidade que colocara o peso extra de uma dieta em seu treinamento para essa aventura. Mesmo emagrecido para realizar essa carreira desesperada, seu rosto permanecia redondo, os grandes olhos castanhos vulneráveis numa sugestão de carne em demasia.

Para Ulot, tornara-se claro que não poderia correr muito mais. Ele ofegava e chiava. Ocasionalmente, tropeçava, mas não chamava seus companheiros. Sabia que não podiam ajudá-lo. Todos tinham feito o mesmo juramento, sabendo que não tinham defesas, exceto as velhas virtudes e lealdades dos Fremen. Isso permanecia verdadeiro, muito embora tudo que um dia se relacionara com os Fremen tivesse agora um caráter de museu — velhos recitais aprendidos em um

Museu Fremen.

E era a lealdade dos Fremen que mantinha Ulot em silêncio, na perfeita compreensão do seu destino. Um belo exemplo dos antigos valores, e deveras lamentável pelo fato de nenhum dos corredores ter tido um conhecimento que não tivesse saído de livros e tradições orais a respeito das virtudes que adotavam.

Os lobos D corriam bem atrás de Ulot, gigantescas figuras cinzentas com quase a altura de um homem. Eles saltavam e ganiam em sua ferocidade, cabeças erguidas, olhos focalizados em suas presas traídas pelo luar.

Uma raiz prendeu o pé de Ulot e ele quase caiu. Isso lhe forneceu uma energia renovada. Ele disparou, ganhando talvez a distância do comprimento de um lobo sobre seus perseguidores. Seus braços moviam-se de modo ritmado, e ele respirava ruidosamente pela boca aberta.

Os lobos D não mudaram seu ritmo. Eram sombras prateadas avançando através dos verdes odores da floresta. Sabiam que haviam ganho, era-lhes uma experiência familiar.

Novamente Ulot tropeçou. Equilibrou-se de encontro a um arbusto e continuou sua ofegante carreira, as pernas tremendo, rebeladas contra tais exigências. Não havia mais energia para outra corrida.

Um dos lobos D, uma fêmea grande, avançou pelo flanco esquerdo de Ulot. Ele se desviou, saltando em seu caminho. Dentes enormes rasgaram-lhe o ombro, e Ulot cambaleou. Ainda assim, não caiu. O cheiro de sangue adicionou-se aos odores da floresta. Um macho pequeno agarrou-lhe o quadril direito e finalmente Ulot tombou gritando. A matilha o envolveu e seus gritos interromperam-se abruptamente.

Sem pararem para comer, os lobos D reiniciaram a perseguição. Suas narinas sondavam o chão da floresta ?— as brisas errantes no ar, sentindo o rastro quente de mais dois seres humanos em fuga.

O corredor seguinte na fila era chamado Kwuteg, nome antigo e honrado em Arrakis, nome dos tempos de Duna. Um ancestral seu havia servido no Sietch Tabr como Mestre dos Alambiques da Morte, mas isso era tão distante, mais de 3 mil anos no passado, que a maioria tinha dúvidas a respeito. Kwuteg corria com passadas longas e um corpo alto e esguio que parecia perfeitamente adequado para semelhante esforço. Seus longos cabelos negros fluíam de suas feições aquilinas. Assim como os companheiros, ele usava um traje de corrida negro, feito de algodão finamente trançado. Este revelava o movimento das nádegas e das coxas musculosas, o ritmo firme e profundo de sua respiração. Somente a passada de Kwuteg, marcadamente lenta, traía o fato de que ele havia ferido o joelho direito ao descer os precipícios feitos pelo homem que cercavam a cidadela-fortaleza do Imperador-Deus em Sareer.

Kwuteg ouvira os gritos de Ulot e o abrupto silêncio, depois os renovados ganidos de perseguição dos lobos D. Não permitiu que sua mente criasse a imagem de outro amigo sendo morto pelos monstros guardiões de Leto, mas a imaginação exerceu um encantamento sobre ele. Kwuteg pensou em uma maldição contra o tirano, mas não desperdiçou fôlego em pronunciá-la. Ainda restava uma chance de que pudesse alcançar o santuário do Rio Idaho. Kwuteg sabia o que seus amigos pensavam a respeito dele — até mesmo Siona. Sempre fora conhecido como um poupador. Mesmo quando criança ele reservava suas energias até o momento mais necessário, parcelando suas reservas como que por avareza.

A despeito do joelho ferido, Kwuteg acelerou o passo. Sabia que o rio estava próximo. O ferimento ultrapassara o limite da agonia, pulsando como uma chama que queimava toda a sua perna e o lado esquerdo do corpo. Conhecia os limites de sua resistência. Sabia também que Siona estava quase alcançando a água. O corredor mais rápido de todos, ela carregava o pacote fechado e nele as coisas que haviam roubado da fortaleza no Sareer. Kwuteg focalizou os pensamentos naquele embrulho enquanto corria.

“Salve-o, Siona! Use-o para destruí-lo!”

O ruído dos lobos D penetrou na consciência de Kwuteg. Eles estavam muito perto e ele agora sabia que não ia escapar.

“Mas Siona deve escapar!”

Arriscou uma olhada para trás e viu um dos lobos correndo para flanqueá-lo. O padrão de ataque imprimiu-se em sua consciência e, quando o lobo ao lado saltou, Kwuteg saltou também. Colocando uma árvore entre ele e a matilha, mergulhou por baixo do lobo do flanco e o agarrou por uma das pernas traseiras. Sem parar, segurando-o com ambas as mãos, ele girou o lobo cativo como um cajado que espalhou os outros. Descobrindo que a criatura não era tão pesada quanto esperava, e quase apreciando a mudança na ação, ele golpeou os atacantes com sua arma viva, num rodopio que derrubou dois deles com um quebrar de crânios. Infelizmente, não podia guardar-se por todos os lados. Um macho magro o atingiu pelas costas, lançando contra uma árvore e fazendo-o perder sua arma.

— Deus! — gritou ele.

A matilha o cercou e Kwuteg alcançou a garganta do lobo magro com seus dentes. Mordeu com cada grama de seu desespero final. O sangue do lobo esguichou em seu rosto, cegando.

Rolando sem ter qualquer noção de para onde ia, Kwuteg agarrou outro lobo. Parte da matilha se dissolveu numa turba, ganindo e rodopiando. Outra voltou-se contra os próprios companheiros feridos. Mas a maioria continuou

sobre a vítima. Denotes rasgaram a garganta de Kwuteg de ambos os lados.

Siona também ouvira o grito de Ulot, e então o inconfundível silêncio, seguido pelos ganidos dos lobos que reassumiam a perseguição. Tamanho ódio a tomou que ela sentiu que poderia explodir. Ulot fora incluído nessa missão devido à sua habilidade analítica, sua capacidade para enxergar o todo a partir de umas poucas partes conhecidas. Fora Ulot que, tirando o indispensável ampliador de seu estojo, examinara os dois estranhos volumes que haviam encontrado com as plantas da Cidadela.

— Creio que é um código — dissera Ulot.

E Radi, pobre Radi, que fora o primeiro da equipe a morrer... Radi dissera:

— Não podemos nos permitir o peso extra. Jogue-os fora.

Ulot fora contra:

— Coisas sem importância não são ocultas desse modo.

Kwuteg se unira a Radi:

— Viemos em busca dos planos da Cidadela, e estamos com eles. Aquelas coisas são muito pesadas.

Mas Siona concordara com Ulot:

— Eu as carrego.

Isso terminara a discussão.

“Pobre Ulot.”

Todos sabiam que ele era o pior corredor da equipe. Ulot era lento na maioria das coisas, mas a clareza de sua mente não podia ser negada.

“Ele é confiável.”

Ulot fora confiável.

Siona controlou o ódio e usou sua energia para aumentar o passo. Árvores passavam como manchas à luz da lua. Havia penetrado no vazio sem tempo dos corredores, onde nada mais restava senão seus próprios movimentos, seu próprio corpo fazendo o que fora condicionado a fazer.

Os homens a achavam bonita quando corria, Siona sabia disso. Seu cabelo comprido era preso num coque para evitar que chicoteasse ao vento. Havia acusado Kwuteg de ser tolo quando ele se recusara a lhe copiar o estilo.

“Onde estará Kwuteg?”

Seu cabelo não era como o de Kwuteg. Tinha aquele castanho escuro que às vezes se confunde com o preto, mas que não é realmente preto, não como o de Kwuteg, de fato.

Na maneira como os genes ocasionalmente fazem, suas feições copiavam as de uma ancestral há muito tempo morta: rosto suavemente oval com boca generosa e olhos de alerta consciência acima do nariz pequeno. O corpo tornara-se magro pelos anos de corrida, mas ainda enviava fortes estímulos sexuais aos

homens em torno dela.

“Onde estará Kwuteg?”

A matilha ficara em silêncio e isso a enchia de preocupação. Eles tinham feito isso antes de derrubar Randi. E fora o mesmo quando pegaram Setuse.

Disse a si mesma que o silêncio poderia significar outras coisas. Kwuteg também era silencioso e forte. O ferimento não parecera incomodá-lo muito.

Siona começou a sentir dor no peito, o final do fôlego, coisa que ela conhecia muito bem dos longos quilômetros de treinamento. O suor ainda se derramava em seu corpo, sob o fino traje de corrida. A mochila, com a preciosa carga fechada para a travessia do rio, encontrava-se bem presa em suas costas. Ela pensou nos planos da Cidadela ali dobrados.

“Onde será que Leto esconde sua reserva de especiaria?”

Tinha que ser em algum lugar dentro da Cidadela. Tinha que ser. Em algum lugar das plantas haveria um indício. A especiaria melange pela qual a Bene Gesserit, a Corporação e todos os outros tinham fome... esse era um preço que valia o risco.

E aqueles dois volumes cifrados. Kwuteg estivera certo em uma coisa: o papel de cristal riduliano era pesado. Mas ela compartilhara a excitação de Ulot. Alguma coisa importante estava oculta naquelas linhas em código.

Uma vez mais os ávidos ganidos de caça dos lobos soaram na floresta atrás dela.

“Corra, Kwuteg! Corra!”

Agora, bem diante dela, através das árvores, podia ver a larga faixa de clareira que bordejava o Rio Idaho. Vislumbrou o brilho da lua além da clareira.

“Corra, Kwuteg!”

Ansiava por ouvir um som da parte dele, qualquer som. Somente eles dois restavam agora, dos 11 que tinham iniciado a corrida. Nove haviam pago com suas vidas por essa aventura:

Radi, Aline, Ulot, Setuse, Inineg, Onemao, Hutye, Memar e Oala.

Siona pensou em seus nomes e por cada um deles enviou uma prece silenciosa aos velhos deuses, não ao tirano Leto. Em especial, rezou ao Shai-Hulud.

“Eu rezo ao Shai-Hulud que vive nas areias.

De repente saiu da floresta, encontrando-se no trecho de solo ceifado, brilhando ao luar. Bem adiante, além da estreita praia de seixos, a água chamava por ela. A praia parecia prateada contra o fluir oleoso.

Um grito alto, vindo de trás das árvores, quase a fez vacilar. Reconheceu a voz de Kwuteg acima dos sons selvagens dos lobos. Kwuteg gritando para ela sem mencionar o nome, um grito inconfundível com uma única palavra que

resumia incontáveis conversas — uma mensagem de vida e morte.

— Corra!

Os sons da matilha transformaram-se numa terrível comoção, um frenesi de ganidos e rosnados, e nada mais se ouviu de Kwuteg. Sabia agora que ele gastara as últimas energias de sua vida.

“Retardando-os para me ajudar a escapar.”

Obedecendo ao grito de Kwuteg, ela disparou para a beira do rio e mergulhou de cabeça na água. O rio foi um choque enregelante depois do calor da corrida. Atordoou-a por um momento e ela se debateu para diante, lutando a fim de nadar e recuperar o fôlego. A mochila preciosa flutuava e batia na parte de trás de sua cabeça.

O rio Idaho não era largo naquele trecho, não tinha mais que 50 metros, fazendo uma curva suave, com um denteado de areia orlada de raízes e bancos luxuriantes de capim e juncos, onde a água se recusava a seguir as linhas retas projetadas pelos engenheiros de Leto. Siona sentiu-se mais forte ante o conhecimento de que os lobos D tinham sido condicionados para pararem na água. Suas fronteiras territoriais tinham sido traçadas, desse modo, o rio de um lado e a muralha do deserto do outro. Ainda assim, ela nadou os últimos metros sob a água e emergiu nas sombras de um banco, antes de se voltar e olhar para trás.

A matilha parara, enfileirando-se ao longo da margem — todos, exceto um, que descera até a beira do rio e se inclinava sobre as patas dianteiras quase dentro da correnteza. Ela o ouviu ganir.

Siona sabia que o lobo podia vê-la. Sem dúvida, os lobos D eram notáveis por seu agudo senso de visão. Eram localizadores na ancestralidade dos guardiães florestais de Leto, e ele os cruzava apurando o sentido da visão. Perguntou a si mesma se dessa vez os lobos quebrariam o condicionamento. Eles eram principalmente caçadores unidos. Se aquele na beira do rio entrasse na água, todos os outros poderiam segui-lo. Siona prendeu a respiração. Sentia a exaustão acumulada. Tinham atravessado quase 30 quilômetros, a metade disso com os lobos D nos calcanhares.

O lobo na beira do rio uivou e saltou de volta para se reunir aos companheiros. Ante algum sinal silencioso, eles se voltaram, retornando à floresta.

Siona sabia para onde iam. Os lobos D tinham permissão para comer qualquer coisa que abatessem na Floresta Proibida. Todos sabiam disso. Era o motivo pelo qual os lobos vagueavam na floresta — os guardiões do Sareer.

— Você pagará por isso, Leto — ela sussurrou. Era um som abafado, muito próximo do suave sussurro da água contra os juncos logo abaixo dela. —

Você pagará por Ulot, por Kwuteg e por todos os outros. Você pagara.

Lançou-se para a frente com suavidade e flutuou na corrente até que seus pés encontraram a primeira praia estreita. Lentamente, arrastando o corpo fatigado, ela saiu da água e parou para verificar se os conteúdos fechados na mochila permaneciam secos. O selo não fora rompido. Ela olhou para aquilo por um momento, sob a luz do luar, então ergueu os olhos para a muralha da floresta do outro lado do rio.

“O preço foi pago. Dez amigos queridos.”

Lágrimas cintilaram em seus olhos, mas ela tinha a herança dos antigos Fremen e suas lágrimas foram poucas. A aventura através do rio, diretamente pela floresta, enquanto os lobos patrulhavam as fronteiras do norte, depois através do Último Deserto do Sareer e sobre as muralhas da Cidadela — tudo isso já assumia as nuances de um sonho em sua mente... até mesmo a fuga dos lobos, que ela antecipara porque era certo que a matilha guardiã cruzaria a trilha dos invasores e estaria esperando... tudo um sonho. Era o passado.

“Eu escapei.”

Colocou o estojo na mochila fechada e a prendeu uma vez mais nas costas.

“Eu penetrei em suas defesas, Leto.”

Siona pensou então nos volumes cifrados. Tinha certeza de que alguma coisa oculta naquelas linhas em código abriria o caminho para a sua vingança.

“Eu vou destruí-lo, Leto!”

Não “nós o destruiremos!” Esse não era o caminho de Siona. Ela o faria sozinha.

Virou-se caminhando para os pomares além da margem ceifada do rio. Enquanto caminhava, repetia o juramento, acrescentando em voz alta o velho enunciado Fremen que terminava com seu nome completo:

— Siona Ibn Fuad al-Seyefa Atreides é quem o amaldiçoa, Leto. Você pagará por tudo!

3

O que se segue é uma tradução de Hadi Benotto dos volumes descobertos em Dar-es-Balat:

Eu nasci Leto Atreides II há mais de 3 mil anos padrão, medidos a partir do momento em que faço estas palavras serem impressas. Meu pai era Paul Muad'Dib. Minha mãe, sua consorte Fremen, Chani. Minha avó materna era Faroula, notável especialista em ervas entre os Fremen. Minha avó paterna foi Jessica, produto do projeto de procriação Bene Gesserit em sua busca por um elemento masculino capaz de compartilhar os poderes das Reverendas Madres da Irmandade. Meu avô materno foi Liet-Kynes, o planetólogo que organizou a transformação ecológica de Arrakis. Meu avô paterno foi O Atreides, descendente da casa de Atreus e possuidor de uma ancestralidade que recua diretamente até o original grego.

Basta dessas tolices!

Meu avô paterno morreu, como muitos bons gregos morreram, tentando matar seu inimigo mortal, o velho Barão Vladimir Harkonnen. Ambos agora repousam inconfortavelmente em minhas memórias ancestrais, e mesmo meu pai não está contente. Eu fiz o que ele temia fazer e agora sua sombra deve partilhar as consequências.

O Caminho Dourado o exige. E que é o Caminho Dourado?, você me pergunta. E a sobrevivência da humanidade, nem mais, nem menos. Nós, que possuímos a presciência, que conhecemos as armadilhas em nossos futuros humanos, possuímos sempre essa responsabilidade.

Sobrevivência.

Como você se sente a respeito disso? Suas mesquinhas alegrias e mágoas, até mesmo seus enlevos e agonias, raramente nos preocupam. Meu pai tinha esse poder. Eu o possuo ainda mais forte. Nós podemos olhar, quando queremos, através dos véus do Tempo.

Este planeta Arrakis, a partir do qual dirijo meu Império multigaláctico, não é mais como era nos dias em que o conheciam como Duna. Naquele tempo o planeta inteiro era um deserto. Agora existe apenas um remanescente muito

pequeno, o meu Sareer. O gigantesco verme da areia não vagueia mais livremente produzindo a especiaria melange. A especiaria! Duna era notado apenas como fonte da melange, a única fonte. Que substância extraordinária! Nenhum laboratório jamais foi capaz de reproduzi-la. E se trata da substância mais valiosa que a humanidade jamais encontrou.

Sem a melange para disparar a presciência linear dos Navegadores da Corporação, as pessoas só conseguem atravessar os parsecs a passo de tartaruga. Sem a melange, a Bene Gesserit não pode produzir Reveladoras da Verdade e Reverendas Madres. Sem as propriedades geriátricas da melange, as pessoas vivem e morrem de acordo com as escalas antigas: não mais que uns 100 anos de vida. Agora, a única especiaria existente é a que está guardada nos depósitos da Corporação e da Bene Gesserit, além de uns pequenos tesouros entre o que restou das Grandes Casas e do meu gigantesco depósito, que todos ambicionam. Como eles gostariam de poder me assaltar! Mas não se atrevem. Sabem que eu destruiria a todos antes de me render.

Não. Eles chegam aqui de chapéu na mão e esmolam por melange. Eu a forneço como recompensa e a nego como punição. E como eles me odeiam por isso.

Esse é o meu poder, eu lhes digo. E a minha dádiva.

Com ela eu criei a Paz. Eles desfrutaram de mais de 3 mil anos da Paz de Leto. Uma tranquilidade imposta que a humanidade só conheceu por breves períodos antes da minha ascensão. E, caso tenham esquecido, estudem a Paz de Leto uma vez mais nestes meus diários.

Eu comecei estes registros no primeiro ano da minha administração, nos primeiros espasmos da minha metamorfose, quando era principalmente humano, até mesmo visivelmente humano. A pele da truta da areia que eu aceitei (e meu pai recusou) e que me deu uma força ampliada, além da virtual imunidade a ataques convencionais e ao envelhecimento — essa pele cobria uma forma ainda reconhecível como humana: duas pernas, dois braços, um rosto humano emoldurado nas dobras de pergaminho da pele de truta da areia.

Ah, aquele rosto! Ainda o possuo — a única pele humana que exponho ao universo. Todo o resto da minha carne permanece coberto pelos corpos unidos daqueles pequenos vetores da areia profunda que um dia poderão converter-se em gigantescos vermes da areia.

Algo que eles farão... algum dia.

Frequentemente penso em minha metamorfose final, aquela semelhança de morte. Conheço o modo pelo qual ela virá, mas não conheço o momento nem

os outros seres que dela tomarão parte. Essa é uma coisa que não posso saber. Só sei se o Caminho Dourado continua ou termina. E, enquanto faço com que estas palavras sejam registradas, o Caminho Dourado continua e, por isso, pelo menos, me sinto contente.

Não posso mais sentir os cílios da truta da areia sondando a minha carne, apreendendo a água do meu corpo dentro de suas barreiras placentárias. Somos virtualmente um corpo agora, elas são a minha pele e eu sou a força que as move como um todo... na maior parte do tempo.

Enquanto estou escrevendo isto, o todo pode ser considerado um tanto grosseiro. Meu corpo tem aproximadamente sete metros de comprimento e algo mais que dois metros de diâmetro, frisado na maior parte de sua extensão, com meu rosto Atreides posicionado na altura de um homem, em uma das extremidades.

Os braços e mãos (ainda bem reconhecíveis como humanos) vêm logo abaixo. As pernas e os pés? Bem, estes atrofiaram-se quase inteiramente. Apenas nadadeiras, é o que restou, e estas recuaram ao longo do meu corpo. Meu peso total é de aproximadamente cinco toneladas antigas. Acrescento esses detalhes porque agora sei que serão de interesse histórico.

Como faço para carregar comigo todo esse peso? Principalmente na minha Carreta Real, manufaturada pelos Ixianos. Estão chocados? As pessoas invariavelmente odeiam e temem os Ixianos ainda mais do que me temem ou odeiam. Melhor o diabo, vocês sabem. Pois quem sabe o que os Ixianos podem construir ou inventar? Quem sabe?

Eu decerto não sei. Não inteiramente.

Mas tenho certa simpatia pelos Ixianos. Eles acreditam tão fortemente em sua tecnologia, em sua ciência, em suas máquinas. E como acreditamos (não importa a razão), nos entendemos entre nós, os Ixianos e eu. Eles fizeram muitos engenhos para mim, e acreditam conquistar assim a minha gratidão. Estas próprias palavras que estão lendo são impressas por um artefato Ixiano, um ditadeiro, como é chamado. Se eu produzir meus pensamentos de modo adequado, o ditadeiro é ativado. Só faço pensar desta maneira e as palavras são impressas para mim em folhas de cristal riduliano com apenas uma molécula de espessura. Algumas vezes mando fazer cópias impressas num material de menor capacidade de permanência. Duas cópias desse tipo é que me foram roubadas por Siona.

Ela não é fascinante, a minha Siona? Na medida em que compreenderem sua importância para mim, vocês poderão indagar se eu realmente teria

permitido que ela morresse lá na floresta. Não tenham dúvida quanto a isso. A morte é uma coisa muito pessoal, raramente interfiro com ela. Nunca no caso de alguém que deva ser testado, como é o caso de Siona. Eu a deixaria morrer em qualquer ocasião. Afinal, eu poderia produzir uma nova candidata em muito pouco tempo, da maneira como meço o tempo.

Mas até a mim ela fascina. Eu a observei lá na floresta. Observei-a através de meus engenhos Ixianos, e perguntando-me por que não previ essa aventura. Mas Siona é... Siona. Por isso não fiz qualquer movimento para deter os lobos. Estaria errado se o fizesse. Os lobos D não passam de uma extensão dos meus propósitos, e meus propósitos são os maiores predadores já conhecidos.

— Os diários de Leto II

4

O seguinte diálogo, de pouca extensão, é atribuído a um manuscrito chamado “O Fragmento de Welbeck”. Aponta-se como autor Siona Atreides Os participantes do diálogo são a própria Siona e seu pai, Moneo, que era (como todas as histórias revelam) majordomo e ajudante-chefe de Leto II. Data de uma época em que Siona ainda não atingira os 20 anos e estava sendo visitada pelo pai em seus alojamentos na Escola das Oradoras Peixes, na Cidade Festival de Onn, o maior centro populacional do planeta agora conhecido como Rakis. De acordo com os papéis de identificação do manuscrito, Moneo visitava sua filha em segredo para avisá-la de que se arriscava a ser destruída.

SIONA: Como sobreviveu com ele por tanto tempo, pai? Ele mata todos aqueles que se encontram perto dele. Todos sabem disso.

MONEO: Não! Você está errada. Ele não mata ninguém.

SIONA: Não precisa mentir a respeito dele.

MONEO: Eu não minto. Ele não mata ninguém.

SIONA: Então, como explica as mortes conhecidas?

MONEO: E o Verme que mata. O Verme é Deus. Leto vive no colo de Deus, mas ele não mata ninguém.

SIONA: Então, como você sobrevive?

MONEO: Eu sei reconhecer o Verme. Posso vê-lo em seu rosto e em seus movimentos. Sei quando o Shai-Hulud se aproxima.

SIONA: Ele não é o Shai-Hulud!

MONEO: Bem, essa era a maneira pela qual eles chamavam o Verme nos dias dos Fremen.

SIONA: Já li sobre isso. Mas ele não é o Deus do Deserto.

MONEO: Fique quieta, menina tola! Você não conhece nada sobre estas coisas.

SIONA: Sei que o senhor é um covarde.

MONEO: Quantas coisas você desconhece. Nunca se colocou lá, onde eu me coloco, e viu aquilo em seus olhos, nos movimentos de suas mãos.

SIONA: Que faz então quando o Verme se aproxima?

MONEO: Saio.

SIONA: Isso é prudente. Ele já matou nove Duncans Idahos, disso temos certeza.

MONEO: Eu lhe digo que ele não mata ninguém!

SIONA: E qual a diferença? Leto ou o Verme, eles são um só corpo agora.

MONEO: Mas são duas coisas distintas — Leto, o Imperador, e O Verme que é Deus.

SIONA: Você está louco!

MONEO: Talvez. Mas eu sirvo a Deus.

5

Eu sou o mais ardente observador de pessoas que já existiu. Eu as observo dentro de mim e do lado de fora. Passado e presente podem fundir-se em estranhas colocações dentro de mim. E enquanto a metamorfose continua em minha carne, coisas maravilhosas acontecem aos meus sentidos. E como se eu visse tudo em dose. Tenho a audição extremamente aguda, assim como a visão, além de um olfato extraordinariamente sensível. Posso detectar e identificar feromônios a três partes por milhão. Eu sei, já testei isso. Você não pode esconder muita coisa dos meus sentidos. Creio que você" ficaria horrorizado com o que posso detectar apenas pelo cheiro. Seus feromônios revelam-me o que você está fazendo ou se preparando para fazer. E gesto e postura! Certa vez fiquei olhando, durante metade de um dia, um velho sentado num banco em Arrakeen. Ele era um descendente de quinta geração de Stilgar, o Naib, e nem mesmo sabia disso. Observei o ângulo do seu pescoço, as dobras da pele abaixo do queixo, os lábios rachados e a umidade em torno das narinas. Os poros atrás das orelhas e os fios de cabelo grisalho escapando por detrás do capuz de um antiquíssimo traje destilador. Nem uma vez ele detectou que estava sendo observado. Ah! Stilgar teria percebido num segundo ou dois. Mas esse velho estava apenas esperando por alguém que nunca chegou. Acabou por se levantar e sair. Estava muito rígido depois de todo aquele tempo sentado. Eu sabia que nunca mais o veria em carne e osso novamente. Ele estava muito perto da morte e sua água certamente seria desperdiçada. Bem, isso não importava mais.

— Os diários roubados

Leto pensava que fosse o lugar mais interessante de todo o universo, o lugar onde ele esperava a chegada de seu atual Duncan Idaho. Pela maioria dos padrões humanos, era um espaço gigantesco, o núcleo de uma intrincada série de catacumbas embaixo de sua Cidadela. Câmaras com 30 metros de altura e 20 de largura partiam como raios do eixo onde ele aguardava. Seu carro fora posicionado no centro de uma câmara circular abobadada, com 400 metros de diâmetro e 100 de altura no ponto mais elevado acima dele.

Ele achava essas dimensões tranquilizadoras.

Era início da tarde na Cidadela, mas a única luz na câmara vinha da disposição casual de alguns globos luminosos, presos a suspensores que flutuavam ajustados para um brilho laranja. A luz não penetrava muito longe dentro dos raios, mas as memórias de Leto lhe revelavam a posição exata de tudo que havia lá — a água, os ossos, a poeira de seus ancestrais e dos Atreides que haviam vivido e morrido desde os tempos de Duna. Todos eles se encontravam ali, ao lado de alguns recipientes de melange para criar a ilusão de que esse era todo o seu tesouro, se algum dia a situação chegasse a tal extremo.

Leto sabia por que o Duncan se aproximava. Idaho soubera que os Tleilaxu estavam fazendo outro Duncan, outro ghola criado segundo as especificações exigidas pelo Imperador-Deus. E este Duncan temia estar sendo substituído após quase 60 anos de serviço. Era sempre alguma coisa dessa natureza que iniciava a subversão dos Duncans. Um enviado da Corporação tinha aguardado Leto mais cedo para adverti-lo de que os Ixianos haviam entregue uma arma laser a esse Duncan.

Leto riu. A Corporação continuava extremamente sensível a qualquer coisa que pudesse ameaçar seu minguado suprimento de especiaria. Eles ficavam aterrorizados ao pensar que Leto constituía a última ligação com os vermes da areia, produtores dos suprimentos originais de melange.

“Se eu morrer longe da água, não haverá mais especiaria — nunca mais.”

Esse era o temor da Corporação. E seus historiadores-contabilistas asseguravam que Leto repousava sobre o maior suprimento de melange de todo o universo. Isso transformava os membros da Corporação em aliados quase confiáveis.

Enquanto aguardava, Leto executou, com os dedos e a mão, os exercícios de sua herança Bene Gesserit. As mãos eram seu orgulho. Debaixo da membrana cinzenta, da pele de truta da areia, seus longos dedos e polegares em oposição podiam ser usados como qualquer mão humana. Já as quase nadadeiras, que um dia haviam sido seus pés e suas pernas, eram mais uma inconveniência do que uma vergonha. Ele podia arrastar, rolar e lançar seu corpo com uma velocidade espantosa, mas algumas vezes caía sobre as nadadeiras, e então havia dor.

Que estaria retardando o Duncan?

Leto imaginava o homem vacilando, olhando de uma janela para o horizonte fluido do Sareer. O ar estava vivo com o calor do dia e, antes de descer à cripta, Leto vira uma miragem a sudoeste. O espelho do calor inclinara-se transmitindo uma imagem através da areia. Mostrara-lhe um bando de Fremen de Museu avançando diante de um Sietch de Exibição para instruir um grupo de turistas.

Era frio na cripta, sempre frio, a iluminação sempre reduzida. Os túneis

que serviam de raios eram buracos escuros subindo e descendo em suaves gradientes para acomodarem a Carreta Real. Alguns túneis estendiam-se para além de falsas paredes através de muitos quilômetros. Passagens que Leto havia criado para si mesmo com ferramentas Ixianas — túneis de alimentação e caminhos secretos.

Enquanto antevia a próxima entrevista, um senso de nervosismo começou a crescer em Leto. Achou que essa era uma emoção interessante, que ele se acostumara a apreciar. Leto sabia que se tornara orgulhoso do atual Duncan e em si permanecia a esperança de que o homem sobrevivesse à próxima entrevista. Algumas vezes acontecia. Havia pouca probabilidade de que Duncan representasse uma ameaça mortal, embora isso devesse ser deixado ao acaso. Leto tentara explicar tal coisa a um dos primeiros Duncans... bem ali nessa mesma câmara.

— Você vai julgar estranho que eu, com os meus poderes, possa falar em sorte e acaso — Leto dissera.

O Duncan estava furioso.

— Você não deixa nada ao acaso. Eu o conheço!

— Que ingenuidade. A casualidade é a própria natureza do nosso universo.

— Não a casualidade! A discórdia. E você é o causador da discórdia!

— Excelente, Duncan. A discórdia é um grande prazer. E pelo modo como lidamos com a discórdia que afiamos nossa criatividade.

— Você não é nem mais humano! — Oh, como aquele Duncan estava furioso.

Leto achara tal acusação irritante, como um grão de areia no olho. Ele se agarrava aos vestígios de humanidade em sua personalidade com inegável rigidez, embora a irritação fosse o mais próximo que pudesse chegar da raiva.

— Sua vida está se tornando um clichê — acusou Leto.

Com isso o Duncan retirara um pequeno explosivo das dobras de seu manto. Que surpresa!

Leto adorava surpresas, mesmo perversas.

— Eis uma coisa que não previ! — disse ele para Duncan, que permanecia ali, estranhamente indeciso, agora que uma decisão lhe era absolutamente exigida.

— Isto poderia matá-lo — disse o Duncan.

— Sinto muito, Duncan. Causará um pequeno dano, não mais que isso.

— Mas disse que não previra isto! — A voz do Duncan tornara-se aguda.

— Duncan, Duncan, a previsão absoluta é que é igual à morte para mim. Como a morte é insuportavelmente aborrecida.

No último instante, o Duncan tentara atirar o explosivo para um lado, mas o material era muito instável e detonara cedo demais. O Duncan morrera. Ah, bem... os Tleilaxu sempre tinham outro em seus tanques axolotl.

Um dos globos luminosos acima de Leto começou a piscar. A excitação o dominou. Sinal de Moneo! O fiel Moneo alertando seu Imperador de que o Duncan estava descendo a cripta.

A porta do elevador humano, entre duas passagens no arco noroeste da câmara, se abriu. Duncan caminhou decidido, uma figura pequena na distância, mas os olhos de Leto discerniam até mesmo minúsculos detalhes — um amarrotado no cotovelo do uniforme, revelando que o homem estivera inclinado em algum lugar, com o queixo apoiado na mão. Sim, ainda havia marcas da mão no queixo. O odor do Duncan o precedeu: o homem estava saturado da própria adrenalina.

Leto permaneceu silencioso enquanto o Duncan se aproximava, observando detalhes. Esse Duncan ainda caminhava com o passo de um jovem, apesar de seu longo tempo de serviço. Ele podia agradecer por isso a uma pequena ingestão de melange. O homem usava o velho uniforme dos Atreides, preto com o falcão dourado do lado esquerdo do peito. Uma declaração interessante esta:

— Eu sirvo à honra dos velhos Atreides!

Seu cabelo ainda era um gorro negro de karakul, as feições fixas numa agudeza de rocha, com maçãs do rosto salientes.

“Os Tleilaxu criam bem os seus “gholas”, pensou Leto.

O Duncan carregava uma pequena valise de fibra marrom escura trançada, uma que ele carregara por muitos anos. Geralmente continha o material no qual ele baseava seus relatórios, mas hoje ela se avolumava com alguma carga mais pesada.

“A arma laser Ixiana.”

Idaho mantinha sua atenção no rosto de Leto enquanto caminhava. O rosto permanecia desconcertadoramente Atreides, feições esguias com olhos de um azul total, que os mais nervosos tomavam como uma intrusão física. Eles observavam bem de dentro do capuz cinzento de truta da areia que, Idaho sabia, podia desenrolar-se para a frente, protetoramente, num tremulante reflexo — um piscar do rosto em vez de um piscar de olhos. A pele era rosada dentro de sua moldura cinzenta. Era difícil evitar o pensamento de que o rosto de Leto era uma obscenidade, um fragmento perdido de humanidade preso dentro de alguma coisa totalmente alienígena.

Parando a apenas seis passos da Carreta Real, Idaho não tentou esconder sua furiosa determinação. Nem mesmo pensava se Leto sabia a respeito da arma

laser. Esse Império se afastara em demasia da velha moralidade Atreides, tornara-se uma crença cega e impessoal que esmagava os inocentes em seu caminho. Tinha de acabar!

— Eu vim para lhe falar a respeito de Siona e de outras questões — disse Idaho. Colocou a valise numa posição em que pudesse tirar a arma laser com facilidade.

— Muito bem — a voz de Leto estava cheia de tédio.

— Siona foi a única que escapou, mas ela ainda possui uma base de companheiros rebeldes.

— Acha que não sei disso?

— Conheço sua perigosa tolerância para com os rebeldes! O que não conheço é o conteúdo daquele embrulho que ela roubou.

— Oh, isto. Ela tem as plantas completas da Cidadela.

Por apenas um instante, Idaho era o Comandante da Guarda de Leto, profundamente chocado com semelhante quebra na segurança.

— E você a deixou escapar com isso?

— Não, foi você.

Idaho estremeceu com essa acusação. Lentamente, o assassino recentemente decidido que agora havia nele recuperou sua predominância.

— É tudo que ela conseguiu? — perguntou Idaho.

— Eu tinha dois volumes, cópias do meu diário, com as plantas. Ela roubou as cópias.

Idaho observou a face imóvel de Leto

— O que havia nesses registros? Às vezes você diz que é um diário, às vezes que é uma história.

— Um pouco de ambos. Você poderia mesmo dizer que é um manual.

— Incomoda-lhe que ela se tenha apoderado desses volumes?

Leto permitiu-se um suave sorriso que Idaho aceitou como resposta negativa. Uma tensão momentânea ondulou através do corpo de Leto enquanto Idaho levava a mão à delgada pasta. Que seria: a arma ou os relatórios? Embora o núcleo do seu corpo possuísse uma poderosa resistência ao calor, Leto sabia que parte de sua carne era vulnerável a pistolas laser, especialmente o rosto.

Idaho tirou um relatório da valise e, antes mesmo de começar a leitura, os indícios já eram óbvios para Leto. Idaho estava buscando respostas, não fornecendo informações. Desejava obter uma justificativa para um curso de ação que já escolhera.

— Nós descobrimos um Culto de Alia em Giedi Prime — disse Idaho.

Leto permaneceu em silêncio enquanto Idaho contava os detalhes. “Que coisa chata.” Deixou que os pensamentos vagueassem. Os adoradores de sua tia,

há muito morta, só serviam nesses dias para provocarem um divertimento ocasional. Os Duncans, previsivelmente, viam tal atividade como uma espécie de ameaça subterrânea.

Idaho terminou a leitura. Seus agentes eram minuciosos, não havia como negar isso. Aborrecidamente minuciosos.

— Isso nada mais é que um ressurgimento de Isis — disse Leto. — Meus sacerdotes e sacerdotisas terão um bom passatempo suprimindo esse culto e seus seguidores.

Idaho sacudiu a cabeça como se respondesse a uma voz interior.

— A Bene Gesserit sabia a respeito desse culto — disse ele.

Isso interessava a Leto.

— A Irmandade nunca me perdoou por lhe tomar seu programa de procriação.

Leto escondeu seu ligeiro divertimento. Os Duncans eram sempre muito sensíveis às questões de procriação, embora alguns deles, ocasionalmente, ficassem disponíveis como reprodutores.

— Percebo — disse Leto. — Bem, as Bene Gesserit são todas mais do que levemente insanas, mas a loucura representa um caótico reservatório de surpresas. E algumas surpresas podem ser valiosas.

— Não consigo ver algum valor nisso.

— Acha que a Irmandade estava por trás do culto? — indagou Leto.

— Acho.

— Explique.

— Eles possuíam um templo. E o chamavam Santuário da Faca Cristalina.

— E mesmo?

— E sua principal sacerdotisa era chamada “A Guardiã da Luz de Jessica.” Isso lhe sugere alguma coisa?

— E adorável! — Leto não ocultou seu divertimento.

— Que há de adorável nisso?

— Eles unem minha avó e minha tia em uma única deusa.

Idaho sacudiu a cabeça de um lado para o outro, sem compreender.

Leto permitiu-se uma pequena pausa interior, menos que o tempo de um piscar de olho. Sua avó dentro dele não apreciava particularmente esse culto de Giedi Prime. Ele precisou bloquear as memórias e suprimir-lhe a identidade.

— Que supõe que fosse o propósito desse culto? — indagou Leto.

— Óbvio. Uma religião rival para minar sua autoridade.

— Isso é simples demais. Sejam o que forem, as Bene Gesserits não são patetas.

Idaho aguardou uma explicação.

— Elas querem mais especiaria! — exclamou Leto. — Mais Reverendas Madres.

— Assim, elas o aborrecem até que pague o preço que elas pedem?

— Estou desapontado com você, Duncan.

Idaho meramente olhou para Leto, que conseguiu produzir um suspiro, um gesto complicado, não mais intrínseco à sua nova forma. Os Duncans eram normalmente brilhantes, mas Leto calculou que a trama em que este se envolvera lhe afetara a percepção.

— Eles escolheram Giedi Prime como seu lar. Que é que isso lhe sugere? — perguntou Leto.

— Era uma fortaleza dos Harkonnen, mas isso é história antiga.

— Sua irmã morreu lá, vítima dos Harkonnen. E correto que os Harkonnen e Giedi Prime estejam unidos em seus pensamentos. Por que não mencionou isso antes?

— Não pensava que fosse importante.

Leto comprimiu a boca em uma linha estreita. A referência à irmã tinha perturbado Duncan. O homem sabia intelectualmente ser apenas o último de uma longa linhagem de renascidos, produtos dos tanques axlotl dos Tleilaxu e retirados das células originais que lá se encontravam. O Duncan não podia escapar de suas memórias recuperadas. Sabia que os Atreides o tinham salvo da escravidão dos Harkonnen.

"E seja lá o que eu for", pensou Leto, "ainda sou Atreides".

— Que está tentando dizer? — exigiu Idaho.

Leto concluiu que era necessário um grito. E alto.

— Os Harkonnen eram acumuladores de especiaria!

Idaho recuou um passo.

Leto continuou em voz baixa:

— Existe um depósito de melange não-descoberto em Giedi Prime. E a Irmandade estava tentando descobri-lo, usando seus truques religiosos como cobertura.

Idaho estava envergonhado. Uma vez dita, a resposta parecia óbvia.

"E eu deixei de percebê-la", pensou.

O grito de Leto lançara-o novamente em seu papel de Comandante da Guarda Real. Idaho conhecia tudo a respeito da economia do Império, simplificada ao extremo: taxas de juros proibidas, dinheiro controlado. A única moeda exibia uma reprodução da face envolta de Leto: o Imperador-Deus. Mas tudo se baseava na especiaria, uma substância que, embora de valor enorme, continuava decrescendo em quantidade. Um homem podia carregar o preço de um planeta inteiro em sua bagagem de mão.

“Controle a cunhagem e as cortes. Deixe que a ralé possua o resto”, pensou Leto. O velho Jacob Broom dissera isso, e Leto podia ouvir o velho rindo em seu interior. “As coisas não mudaram muito, Jacob.”

Idaho respirou fundo.

— O Bureau da Fé devia ser notificado imediatamente.

Leto permaneceu em silêncio.

Tomando isso como um indício para que continuasse, Idaho prosseguiu com seus relatórios, mas Leto ouvia com apenas uma fração de sua consciência. Era como um circuito de monitoração que apenas registrava as palavras de Idaho e suas ações, permitindo uma intensificação ocasional para um comentário interior.

E agora ele desejava falar a respeito dos Tleilaxu.

“Esse terreno é perigoso para você, Duncan.”

Mas abria uma nova linha para as reflexões de Leto.

“Os matreiros Tleilaxu ainda produzem meus Duncans a partir das células originais. Fazem uma coisa religiosamente proibida, tanto eles como eu sabemos disso. Eu não permito a manipulação artificial da genética humana. Mas os Tleilaxu aprenderam que eu aprecio os Duncans como Comandantes da minha Guarda. Não creio que eles apreciem o valor disso como divertimento. Diverte-me que o rio agora ostentando o nome de Idaho fosse certa vez uma montanha. Essa montanha não mais existe. Nós a demolimos a fim de obter material para as elevadas muralhas que envolvem meu Sareer.

“E claro que os Tleilaxu agora sabem que ocasionalmente utilizo os Duncans em meu próprio programa de procriação controlada. Os Duncans representam a força do mestiço... e muito mais. Cada fogo deve ter sua maneira de abafar.

“Era minha intenção unir este com Siona para fins de procriação, mas talvez isso não seja mais possível agora.

“Ah! Ele quer que eu castigue severamente os Tleilaxu. Por que não pergunta diretamente? ‘Está se preparando para me substituir?’

“Sinto-me tentado a lhe dizer.”

Uma vez mais, a mão de Idaho entrou na bolsa. A introspecção monitorante de Leto não perdeu o movimento.

“A arma laser ou mais relatórios? São mais relatórios.

“Este Duncan permanece cuidadoso. Não apenas quer ter certeza de que sou ignorante quanto à sua intenção, mas também quer mais provas de que sou indigno de sua lealdade. Fica hesitando por muito tempo. Sempre foi assim. Já lhe disse vezes sem conta que não usarei minha presciência para predizer o momento de minha saída desta antiga forma. Mas ele tem dúvidas. Sempre

duvidou.

“Esta câmara cavernosa engole a sua voz e, não fosse por minha sensibilidade, a umidade aqui existente bloquearia a evidência química de seus temores. Eu reduzo sua voz para fora da consciência imediata. Que chato se tornou este Duncan. Ele está recontando a história, a história da rebelião de Siona, sem dúvida para chegar a repreensões pessoais quanto à última escapada.

“— Não se trata de uma rebelião ordinária — ele diz. “Tolo. Isso me leva de volta! Todas as rebeliões são ordinárias e de um tédio definitivo. E como se fossem copiadas de um mesmo padrão, uma igual à outra. Sua força impulsionadora é o vício da adrenalina e o desejo de obter poder pessoal. Todos os rebeldes são aristocratas de gabinete. E por isso que consigo convertê-los tão facilmente.

“Por que os Duncans nunca me escutam realmente quando lhes falo a respeito disso? Já tive essa discussão com este mesmo Duncan. Foi um dos nossos primeiros desentendimentos e o tivemos aqui mesmo nesta cripta.

“— A arte de governar exige que você nunca ceda a iniciativa aos elementos radicais — ele diz.

“Que pedante. Radicais surgem a cada nova geração, e não se deve tentar evitar isso. Isso é o que ele quer dizer com ‘ceder-lhes a iniciativa’. Ele deseja esmagá-los, suprimi-los, controlá-los, evitá-los. Ele é a prova viva de que existe pouca diferença entre a mente militar e a mente policial.

“E eu lhe disse:

“— Os radicais só devem ser temidos quando se tenta suprimi-los. Você deve demonstrar-lhes que está disposto a utilizar o que de melhor eles possam oferecer.

“— Eles são perigosos. Eles são perigosos! — Ele acha que repetindo isso pode criar alguma verdade.

Lentamente, passo a passo, eu o levo através da minha concepção e ele chega mesmo a dar a impressão de estar ouvindo.

“— Esta é a fraqueza deles, Duncan. Os radicais sempre vêem as questões em termos muito simples: preto e branco, bom e mal, eles e nós. E, ao abordarem questões complexas desse modo, abrem caminho para o caos. E a arte de governar, como você a chama, consiste no domínio do caos.

“— Ninguém pode lidar com todas as surpresas.

“— Surpresa? E quem está falando em surpresa? O caos não é surpresa. Ele possui suas características previsíveis. Por um motivo: ele afasta a ordem e reforça as forças que são opostas. Os extremos.

“Não é isso o que os radicais estão tentando fazer? Não estão tentando sacudir as coisas de modo a que possam assumir o controle?

“— Isso é o que eles pensam que estão fazendo. Na verdade, estão criando novos extremistas, novos radicais e continuando um velho processo.

“— E que me diz de um radical que perceba as complexidades e venha a você desse modo?

“— Esse não seria um radical. Seria um rival pela liderança.

“— Mas o que você faz?

“— Você entra em sociedade com ele ou então o mata. Foi assim que a luta pela liderança começou, em nível de grunhidos.

“— Sim, mas e no caso de um messias?

“— Como meu pai?

“O Duncan não aprecia essa pergunta. Sabe que, de um modo muito especial, eu sou meu pai. Percebe que eu posso falar com a voz e a persona de meu pai, que as memórias são precisas, não-censuradas e inescapáveis.

“Relutantemente, ele diz:

“— Bem... se quer colocar assim.

“— Duncan, eu sou todos eles e eu sei. Nunca houve um rebelde verdadeiramente abnegado por sua causa, apenas hipócritas — hipócritas conscientes ou inconscientes, dá tudo no mesmo.

“Isso sacode um pequeno ninho de marimbondos entre minhas memórias ancestrais. Alguns deles jamais cederam na crença de que eles, e somente eles, possuíam a chave para solucionar todos os problemas da humanidade. Bem, nisso eram como eu. Posso concordar com eles mesmo quando lhes digo que o fracasso é a melhor prova.

“Sou forçado a bloqueá-los, contudo. Não há sentido em me alongar entre eles. Não passam agora de lembranças sentimentais... enquanto este Duncan se coloca diante de mim com uma pistola laser.

“Grandes Deuses! Ele me pegou distraído e está com a arma na mão, apontada para o meu rosto.”

— Você, Duncan? Até você me traiu?

“Até tu, Brutus?”

Cada fibra de consciência de Leto tornou-se totalmente alerta. Ele podia sentir seu corpo se contraindo. A carne de verme tinha vontade própria.

Idaho falou com escárnio.

— Diga-me, Leto, quantas vezes devo pagar o preço da lealdade?

Leto reconheceu a pergunta implícita: “Quantos de mim já houve?” Os Duncans sempre queriam saber isso. Cada Duncan fazia essa pergunta e nenhuma resposta lhe satisfazia. Eles duvidavam.

Em sua voz mais triste de Muad’Dib, Leto perguntou:

— Você não se orgulha de minha admiração, Duncan? Nunca se

perguntou o que é que me faz desejá-lo como meu companheiro constante através dos séculos?

— Você sabe que sou o derradeiro tolo!

— Duncan!

A voz de um Muad'Dib furioso sempre conseguia desarmar Idaho. A despeito do fato de ele saber que nenhuma Bene Gesserit jamais dominara os poderes da Voz como Leto os dominara, era previsível que dançasse ao comando dessa voz. A arma laser tremulou em sua mão.

Foi o suficiente. Leto estava rolando para fora do carro e Idaho nunca o tinha visto mover-se desse modo. Nem mesmo suspeitara de que tal coisa pudesse acontecer. Para Leto, só eram necessárias duas coisas: uma ameaça real que o corpo de verme pudesse sentir e uma liberação desse corpo. O resto era automático, e a velocidade com que acontecia sempre assombrava o próprio Leto.

A arma laser era sua maior preocupação. Ela podia arranhá-lo bastante, mas poucos entendiam a capacidade de um corpo pré-verme para enfrentar o calor.

Leto atingiu Idaho enquanto rolava e a arma laser foi desviada ao disparar. Uma das inúteis nadadeiras que tinham sido as pernas e os pés de Leto enviou-lhe uma chocante descarga de sensações, golpeando-lhe a consciência. Por um instante, havia apenas dor. Mas o corpo de verme ficou livre para agir e os reflexos dispararam um violento paroxismo de espasmos. Leto ouviu o som de ossos quebrando-se e a arma laser foi atirada longe através do piso da cripta por um movimento descontrolado da mão de Idaho.

Rolando de cima de Idaho, Leto preparou-se para um novo ataque, mas já não havia necessidade. A nadadeira ferida ainda transmitia sinais de dor e ele sentiu que a ponta fora destruída. A pele de truta da areia já selara o ferimento e a dor diminuía para uma sensação latejante.

Idaho se mexeu. Era praticamente certo que fora mortalmente ferido. Seu peito parecia visivelmente esmagado. Havia uma agonia evidente quando ele tentava respirar, mas ainda assim abriu os olhos e fitou Leto.

"A persistência dessas possessões mortais!", pensou Leto.

— Siona — ofegou Idaho.

E Leto viu a vida abandoná-lo.

"Interessante", pensou. "Será possível que este Duncan e Siona. .. Não! Este Duncan sempre revelou um verdadeiro desdém pela insensatez de Siona."

Leto subiu de volta à Carreta Real. Dessa vez fora por pouco. Havia pouca dúvida de que o Duncan estivera apontando para o cérebro. Leto sempre fora consciente de que suas mãos e seus pés eram vulneráveis, mas não permitira a

ninguém saber que aquilo que um dia fora o seu cérebro não se encontrava mais associado ao rosto. Nem mesmo havia um cérebro de dimensões humanas, e sim dispersas agregações nodulares através de seu corpo. Não revelara tal coisa a ninguém, exceto a seus diários.

6

Oh, os panoramas que Eu já vi! E as pessoas! As longínquas peregrinações dos Fremen e todo o resto. Até mesmo os antigos mitos da Terra. Oh, as lições de astronomia e intriga, as migrações, os vôos desordenados, as corridas de doer as pernas e os pulmões através de todos aqueles pontos do cosmo onde defendemos nossas possessões passageiras. Eu lhes digo que somos uma maravilha e minhas memórias não deixam dúvida a esse respeito.

— Os diários roubados

A mulher trabalhando na pequena escrivaninha de parede era muito grande para a cadeira estreita na qual se empoleirava. Fora dali era o meio da manhã, mas na câmara sem janelas, enterrada profundamente embaixo da cidade de Onn, havia apenas um globo luminoso colocado num canto, ao alto. Fora regulado para uma luz amarela cálida, mas a luz não conseguia compensar o cinzento utilitarismo da pequena sala. Paredes e teto eram cobertos com painéis retangulares, idênticos, de monótono metal cinzento.

Havia apenas uma outra peça de mobília: um estreito catre coberto por um cobertor cinzento. Era óbvio que nenhuma das duas peças de mobiliário tinham sido projetadas para aquela ocupante.

A mulher usava uma espécie de pijama azul-escuro de uma única peça que se esticava sobre os ombros largos enquanto ela se curvava sobre a escrivaninha. A luz do globo luminoso refletia-se no cabelo louro cortado curto e sobre o lado direito da face, enfatizando o queixo quadrado. Este movia-se com palavras silenciosas enquanto dedos grossos pressionavam cuidadosamente as teclas de um fino teclado sobre a mesa. Ela tratava com deferência uma máquina que primeiro lhe produzira assombro e depois uma excitação temerosa. Uma longa familiaridade ainda não conseguira eliminar qualquer das duas emoções.

Enquanto ela escrevia, as palavras iam aparecendo em uma tela oculta dentro do retângulo de parede, exposto pela escrivaninha ao se curvar para baixo.

“Siona continua seguindo um curso de ação que prevê violento ataque à Sua Sagrada Pessoa”, ela escreveu. “Siona continua inabalável em seu declarado

propósito. Ela me disse hoje que pretende entregar cópias de seus livros roubados a grupos cuja lealdade à Sua Pessoa não pode ser assegurada. Os beneficiários citados são a Bene Gesserit, a Corporação e os Ixianos. Ela diz que os livros contém suas palavras cifradas e que com esse presente pretende ajudar na tradução de Suas Sagradas Palavras.

“Senhor, não sei que grandes revelações podem estar ocultas naquelas páginas, mas se elas contém alguma coisa que ameace a Sua Sagrada Pessoa eu lhe suplico que me liberte do meu voto de obediência a Siona. Não compreendo por que o Senhor me fez tomar esse voto, e o temo.

“Permaneço Sua serva fiel, Nayla.”

A cadeira estalou quando Nayla se reclinou para trás, pensando em suas palavras. O aposento mergulhou no isolamento quase desprovido de sons produzido pelo poderoso revestimento. Havia apenas a suave respiração de Nayla e um distante pulsar de maquinaria, sentido mais no piso do que no ar.

Nayla fitava a mensagem na tela. Destinada apenas aos olhos do Imperador-Deus, ela exigia mais do que uma sagrada sinceridade. Exigia uma candura profunda que Nayla achava exaustiva. Daí a pouco ela assentiu para si mesma e pressionou a chave codificadora das palavras, preparando-as para a transmissão. Curvando a cabeça, orou em silêncio antes de ocultar a escrivaninha dentro da parede. Essas ações, ela sabia, transmitiriam a mensagem. O próprio Deus tinha implantado um engenho físico dentro de sua cabeça, fazendo com que ela jurasse manter segredo e avisando-a de que poderia chegar a ocasião em que precisasse falar com ela através daquela coisa dentro do seu crânio. Nunca o fizera, mas Nayla suspeitava de que os Ixianos tinham construído o engenho. Aquilo tinha algo do jeito deles. Mas o próprio Deus fizera aquela coisa e portanto ela podia ignorar a suspeita de que houvesse um computador dentro dela, que aquilo pudesse ser algo proibido pela Grande Convenção.

“Não farás engenhos à semelhança da mente humana!”

Nayla estremeceu. Levantou-se, então, empurrando a cadeira para sua posição normal ao lado do catre. Seu corpo pesado e musculoso pressionou o fino traje azul. Ela transmitia um aspecto de deliberação contínua, suas ações eram as de alguém que se ajustava constantemente a uma grande força física. Voltou-se para a cama e estudou o local onde estivera a escrivaninha. agora havia apenas um painel cinzento e retangular, como os outros. Nenhum fiapo de tecido, nenhum fio de cabelo, nada ficara preso que pudesse revelar o segredo do painel.

Nayla respirou de modo profundo, restaurador, e saiu pela única porta do aposento para uma passagem cinzenta, fracamente iluminada por globos brancos

amplamente espaçados. Os sons das máquinas eram mais altos ali. Virou para a esquerda e minutos depois estava com Siona numa câmara um pouco maior. No centro havia uma mesa onde as coisas roubadas da Cidadela tinham sido expostas. Dois globos luminosos prateados iluminavam a cena: Siona sentada à mesa com um assistente chamado Topri de pé ao lado dela.

Nayla nutria uma admiração relutante por Siona, mas Topri era um homem pelo qual não se podia sentir coisa alguma, exceto aversão. Era um sujeito gordo e nervoso, com olhos verdes esbugalhados, nariz chato e lábios finos acima de um queixo encovado. Topri guinchava ao falar.

— Olhe aqui, Nayla! Olhe o que Siona encontrou espremido entre as páginas destes dois livros.

Nayla fechou e trancou a única porta da câmara.

— Você fala demais, Topri — advertiu Nayla. — Você é um tagarela. Como podia saber que eu estava sozinha naquela passagem?

Topri empalideceu e uma careta furiosa moldou-se em sua face.

— Temo que ela esteja certa — disse Siona. — Que lhe fez pensar que eu desejava que Nayla conhecesse a respeito de minha descoberta?

— Você lhe confia tudo!

Siona voltou sua atenção para Nayla.

— Sabe por que eu confio em você, Nayla? — A pergunta foi feita numa voz destituída de qualquer emoção.

Nayla dominou um súbito temor. Teria Siona descoberto o segredo?

“Terei falhado ante meu Senhor?”

— Não tem nenhuma resposta para a minha pergunta? — indagou novamente Siona.

— Ter-lhe-ei dado motivos para pensar de outro modo? — perguntou Nayla.

— Isso não é causa suficiente para a confiança — disse Siona.

— Não existe uma coisa como a perfeição... não nos seres humanos ou nas máquinas.

— Então, por que confia em mim?

— Suas palavras e suas ações estão sempre em concordância. E essa é uma coisa maravilhosa. Por exemplo, você não gosta de Topri e nunca tentou esconder isso.

Nayla olhou para Topri, que pigarreou.

— Não confio nele — disse Nayla.

As palavras surgiram em sua mente e saíram sem reflexão. Só depois de falar foi que Nayla percebeu o verdadeiro núcleo de sua aversão: Topri trairia qualquer um em troca de ganho pessoal.

“Será que ela descobriu tudo a meu respeito?”
Ainda carrancudo, Topri disse:
— Não vou ficar aqui e aceitar suas ofensas. — Fez menção de sair, mas Siona ergueu a mão para contê-lo. Topri hesitou.
— Embora falemos com as velhas palavras dos Fremen e juremos nossa lealdade um ao outro, não é isso que nos mantém unidos — disse Siona. — Tudo é baseado no desempenho. Isso é tudo o que eu levo em consideração. Vocês dois estão entendendo?
Topri assentiu automaticamente, mas Nayla sacudiu a cabeça de um lado para o outro.
Siona sorriu para ela.
— Nem sempre você concorda com minhas decisões, não é, Nayla?
— Não — a resposta saiu forçada.
— E nunca tentou esconder sua discordância, mas ainda assim sempre me obedece. Por quê?
— Foi isso que jurei fazer.
— Mas eu tenho dito que isso não é suficiente.
Nayla sabia que estava transpirando, sabia que isso era revelador, mas não podia se mover. “Que devo fazer? Jurei a Deus que obedeceria Siona, mas não lhe posso dizer isso.”
— Deve responder a minha pergunta — insistiu Siona. Eu lhe ordeno.
Nayla prendeu a respiração. Esse era o dilema que mais temia. Não havia maneira de escapar. Ela entoou uma prece silenciosa e falou em voz baixa.
— Jurei a Deus que lhe obedeceria.
Siona bateu as mãos de alegria e riu.
— Eu sabia disso!
Topri riu.
— Cale-se — ralhou Siona. — Estou tentando ensinar uma lição a você. Você não acredita em nada. Nem mesmo em si próprio.
— Mas eu...
— Fique calado, já disse! Nayla crê. Eu acredito. Isso é o que nos une. A fé!
Topri estava abismado.
— Fé? Você acredita no...
— Não no Imperador-Deus, seu idiota! Nós acreditamos que um poder superior pedirá contas ao verme tirano. E nós somos esse poder superior.
Nayla respirou, trêmula.
— Está tudo em ordem, Nayla. Não me importa de onde você tira a sua força, desde que tenha fé.

Nayla conseguiu sorrir, o sorriso se ampliou. Nunca mais fora tocada pela sabedoria de seu Senhor. “Eu posso falar a verdade e ela só funciona para o Meu Deus!”

— Deixem-me mostrar-lhes o que encontrei nestes livros disse Siona, indicando com um gesto algumas folhas de papel sobre a mesa. — Espremidas entre as páginas.

Nayla deu a volta à mesa e olhou para as folhas.

— Primeiro, temos isto.

Siona ergueu um objeto em que Nayla não tinha reparado. Era um fio fino de alguma coisa... e o que parecia ser uma.

— Uma flor? — indagou Nayla.

— Isso se encontrava entre duas páginas e nas páginas estava escrito isto.

Siona inclinou-se sobre a mesa e leu:

— Um fio do cabelo de Ghanima com uma florestrela que certa vez ela trouxe para mim.

Olhando para Nayla, Siona disse:

— Nosso Imperador-Deus se revela um sentimental. Essa é uma fraqueza que eu não esperava.

— Ghanima? — indagou Nayla.

— A irmã dele! Esqueceu sua História Oral.

— Oh, sim... A Prece para Ghanima.

— Agora escutem isto. — Siona pegou outra folha de papel e leu o que havia nela:

“Uma praia de areia tão cinzenta quanto uma face morta
A maré verde reflete a ondulação das nuvens,
Eu me coloco na borda escura e úmida.
E a espuma fria limpa meus dedos.
Sinto o cheiro dos fumos da madeira.”

Novamente Siona ergueu os olhos para Nayla.

— Isso é identificado como: “Palavras que escrevi quando me falaram da morte de Ghanima.” Que vocês acham disso?

— Ele... ele amava a irmã.

— Sim! Ele é capaz de amar. Oh, sim! Agora ele é meu!

7

Algumas vezes eu me entrego a expedições que nenhum outro ser pode realizar. Mergulho interiormente através do eixo de minhas memórias. Como uma criança de escola contando uma viagem de férias, escolho o assunto. Vamos ver... mulheres intelectuais! Busco atrás no tempo através do oceano de minha ancestralidade. Sou como um grande peixe alado nas profundezas. A boca de minha consciência se abre e eu as engulo! Algumas vezes... algumas vezes caço pessoas específicas registradas em nossas histórias. Que alegria íntima é reviver a vida de alguém enquanto zombo das suas pretensões acadêmicas.

— Os diários roubados

Moneo desceu a cripta com uma triste resignação. Não havia meio de escapar aos deveres que agora lhe eram exigidos. O Imperador-Deus exigia um pequeno espaço de tempo para lamentar a perda de outro Duncan... mas a vida continuava... e continuava e continuava...

O elevador escorregou suavemente para baixo em sua soberba confiabilidade Ixiana. Uma vez, só uma vez, o Imperador-Deus havia gritado para seu majordomo:

— Moneo! Às vezes eu penso que você foi feito pelos Ixianos!

Moneo sentiu o elevador parar. A porta se abriu e ele olhou através da cripta para o volume sombrio da Carreta Real. Não havia qualquer indicação de que Leto tivesse reparado em sua chegada. Moneo suspirou começando a longa caminhada através da sala cheia de ecos. Havia um corpo no chão perto da Carreta. Nada de déja vu. A coisa era meramente familiar.

Uma vez, nos primeiros dias de serviço de Moneo, Leto dissera:

— Você não gosta deste lugar, Moneo. Posso ver isso.

— Não, Senhor.

Com apenas uma pequena sondagem de memória, Moneo pôde ouvir sua própria voz naquele passado tolo. E a voz do Imperador-Deus respondendo.

Você não pensa num mausoléu como um lugar confortador, Moneo. Eu o vejo como uma fonte de força infinita.

Moneo relembrou-se de que ficara ansioso para mudar de assunto.

— Sim, meu Senhor.

Mas Leto insistira.

— Existem apenas alguns de meus ancestrais aqui. A água do Muad'Dib está aqui. Ghani e Harq al-Ada estão aqui, é claro, mas eles não são meus ancestrais. Não, se existe realmente alguma verdadeira cripta de meus ancestrais, eu sou essa cripta. Esta é principalmente para os Duncans e para os produtos do meu programa de procriação. Você virá para cá algum dia.

Moneo percebeu que tais recordações haviam retardado seu passo. Suspirou e andou um pouco mais depressa. Leto podia ser violentamente impaciente em certas ocasiões, mas ainda não emitia qualquer sinal. Moneo não considerou tal coisa como indício de que sua aproximação não estivesse sendo observada.

Leto encontrava-se com os olhos fechados e apenas seus demais sentidos registravam o avanço de Moneo através da cripta. Sua atenção estivera concentrada em pensamentos a respeito de Siona.

"Siona é minha ardente inimiga e não preciso das palavras de Nayla para confirmar isso. Siona é mulher de ação. Vive sobre a superfície de imensas energias que me enchem com fantasias de prazer. Não posso contemplar aquelas energias vitais sem um sentimento de êxtase. Elas são a razão de minha existência, a justificativa para tudo que fiz... até mesmo para o cadáver deste tolo Duncan agora diante de mim."

Os ouvidos de Leto revelaram-lhe que Moneo ainda não atravessara metade da distância até a Carreta Real. O homem andava cada vez mais devagar e então, subitamente, recuperava o passo.

"Que presente Moneo me deu com sua filha", pensou Leto. "Siona é jovem e preciosa. Ela representa o novo, enquanto eu sou uma reunião do obsoleto, uma relíquia dos amaldiçoados, dos perdidos e extraviados. Sou os fragmentos da história, que mergulharam além das recordações de todos os nossos passados. Uma acumulação de refugos como jamais se imaginou."

Leto fez as memórias desfilarem dentro dele e permitiu que observassem o que acontecera na cripta.

"As minúcias não minhas!"

Siona, porém... Siona era um quadro limpo sobre o qual ainda poderiam ser escritas coisas grandiosas.

"Eu guardo este quadro com infinito cuidado. Eu o estou preparando, limpando-o. Que pensaria o Duncan ao chamar pelo nome dela?"

Moneo aproximou-se do carro, confiante mas com todo cuidado. Certamente Leto não estava dormindo.

Leto abriu os olhos e os dirigiu para baixo, em direção a Moneo, que parara junto do cadáver. Nesse momento Leto achou um deleite observar o majordomo. Moneo usava um uniforme branco dos Atreides, sem qualquer insígnia, o que em si constituía um comentário sutil. O rosto dele, quase tão bem conhecido por Leto quanto seu próprio rosto, era todas as insígnias de que necessitava. Moneo esperou pacientemente e não houve mudança de expressão em suas feições simples e uniformes. O cabelo louro e grosso encontrava-se repartido ao meio igualmente. Bem lá dentro de seus olhos cinzentos, encontrava-se aquele caráter direto que costuma acompanhar o conhecimento de um grande poder pessoal. Era uma aparência que ele modificava apenas na presença do Imperador-Deus e, algumas vezes, nem mesmo ali. Nem uma vez ele olhou para o corpo no chão da cripta.

Como Leto continuasse em silêncio, Moneo pigarreou e disse:

— Encontro-me entristecido, meu Senhor.

“Estranho!”, pensou Leto. “Ele sabe que sinto um verdadeiro remorso com relação aos Duncans. Moneo examinou meus registros e já viu um número suficiente deles mortos. Sabe que apenas 19 Duncans tiveram o que as pessoas geralmente consideram morte natural.”

— Ele tinha uma arma laser Ixiana — disse Leto.

O olhar de Moneo voltou-se diretamente para a pistola no piso da cripta, à sua esquerda, demonstrando com isso que já a tinha visto. Voltou depois sua atenção para Leto, percorrendo com o olhar todo o comprimento de seu grande corpo.

— Está ferido, meu Senhor?

— Sem consequências.

— Mas ele o feriu?

— Aquelas barbatanas me são inúteis. Terão desaparecido inteiramente dentro de mais 200 anos.

— Removerei o corpo deste Duncan pessoalmente, meu Senhor. Existe algo.

— A parte de mim que ele queimou reduziu-se inteiramente a cinzas. Vamos deixar que o vento a leve. E um fim adequado para as cinzas.

— Como o meu Senhor deseje.

— Antes de remover o corpo, desarme a arma laser e a coloque onde eu possa apresentá-la ao embaixador Ixiano. Quanto ao homem da Corporação, que nos advertiu a respeito dela, presenteie-o pessoalmente com 10 gramas de especiaria. Oh... e nossas sacerdotisas em Giedi Prime devem ser alertadas quanto a um depósito de melange oculto por lá, provavelmente um velho contrabando dos Harkonnen.

— Que deseja que façamos com ele quando o encontrarmos, Senhor?

— Use uma porção para pagar os Tleilaxu por um novo ghola, o resto deve ser acrescentado aos nossos suprimentos aqui na cripta.

— Senhor — Moneo reconheceu as ordens, acenando levemente com a cabeça, sem realmente curvar-se. Seu olhar encontrou o de Leto.

Leto sorriu, pensando: “Ambos sabemos que Moneo não sairá sem tocar diretamente no assunto que mais nos preocupa.

— Vi o relatório a respeito de Siona — disse Moneo.

O sorriso de Leto ampliou-se. Moneo lhe dava tanto prazer nesses momentos. Suas palavras transmitiam tantas coisas que não exigiam uma discussão aberta entre eles. Palavras e ações num alinhamento preciso, transmitindo a consciência mútua de que ele, é claro, espionava a respeito de tudo. Agora havia uma preocupação natural por sua filha, mas ainda assim ele desejava deixar bem entendido que sua preocupação para com o Imperador-Deus continuava superior a tudo. De sua própria passagem por uma evolução similar, Moneo conhecia com precisão a delicada natureza dos atuais problemas de Siona.

— Não a criei, Moneo? — Leto perguntou. — Não controlei as condições de sua ancestralidade e de sua criação?

— Ela é minha única filha, minha única criança, Senhor.

— De certo modo ela me lembra o Harq al-Ada — disse Leto.

— Não parece haver nela muito de Ghani, embora isso tenha que estar presente de alguma forma. Talvez ela remonte aos nossos ancestrais no programa de Procriação da Irmandade.

— Por que diz isso, Senhor?

Leto refletiu. Haveria necessidade de que Moneo conhecesse esse detalhe particular a respeito de sua filha? Siona podia escapar à visão presciente algumas vezes. O Caminho Dourado permanecia, mas Siona se apagava. E no entanto... ela não era presciente. Ela era um fenômeno único e se sobrevivesse... Leto decidiu que não atrapalharia a eficiência de Moneo com informações desnecessárias.

— Relembre seu próprio passado — ele disse.

— De fato, meu Senhor! E ela possui tamanho potencial. tão maior do que algum dia tive. Mas isso a faz perigosa também.

— E ela não ouvirá seus conselhos — observou Leto.

— Não, mas eu possuo um agente em sua rebelião.

“Deve ser Topri”, pensou Leto.

Não era preciso presciência para saber que Moneo devia ter um agente plantado entre os rebeldes. Desde a morte da mãe de Siona Leto conhecera com

certeza crescente o curso das ações de Moneo. As suspeitas de Nayla apontavam para Topri. E agora Moneo exibia seus temores e revelava suas ações, oferecendo isso como o preço da contínua segurança de sua filha.

“Que pena que ele tenha tido apenas essa filha com aquela mulher.”

— Lembra-se de como o tratei em circunstâncias semelhantes

— disse Leto. — Conhece as exigências do Caminho Dourado tão bem como eu.

— Mas eu era jovem e tolo, meu Senhor.

— Jovem e impetuoso, jamais um tolo.

Moneo sorriu sem graça ante esse cumprimento, seus pensamentos inclinando-se cada vez mais em direção à crença de que agora entendia as intenções de Leto. “E os perigos também!”

Alimentando sua crença, Leto disse:

— Sabe como adoro surpresas.

“Isso é verdade”, pensou Leto. “Moneo sabe disso. Mas mesmo quando Siona me surpreende, ela me faz lembrar aquilo que eu mais temo — o tédio e a rotina que destruiriam o Caminho Dourado. Olhe como o tédio me colocou temporariamente à mercê do poder de Duncan! E Siona é o contraste através do qual encaro meus mais profundos temores. A preocupação de Moneo quanto à minha segurança é bem justificada.”

— Meu agente continuará vigiando os novos companheiros dela, meu Senhor. Não gosto deles.

— Os companheiros dela? Eu mesmo tive tais companhias muito tempo atrás.

— Rebeldes, Senhor? — Moneo parecia genuinamente surpreso.

— Não me provei um amigo da rebelião?

— Mas Senhor...

— As aberrações do nosso passado são muito mais numerosas do que possa pensar!

— Sim, meu Senhor. — Moneo estava desconcertado. mas ainda assim curioso. E ele sabia que o Imperador-Deus algumas vezes se tornava loquaz após a morte de um Duncan. — Deve ter visto muitas rebeliões, Senhor.

Involuntariamente, os pensamentos de Leto mergulharam nas memórias erguidas por tais palavras.

— Ah, Moneo — ele murmurou. — Minhas viagens pelos labirintos ancestrais memorizaram incontáveis lugares e eventos que eu nunca desejei ver repetidos.

— Posso imaginar suas jornadas interiores, Senhor.

— Não, não pode. Já vi povos e planetas, em tamanho número que eles

perdem o significado até mesmo na imaginação. Oh, e as paisagens pelas quais passei. A caligrafia de estradas alienígenas vislumbrada desde o espaço e impressas em minha mais profunda visão interior. A escultura carcomida de desfiladeiros e penhascos, de galáxias que me transmitiram o conhecimento de que sou apenas um cisco.

— Não, Senhor, certamente que não é.

Menos que um cisco! Já vi povos e suas sociedades inúteis através de tão repetitivas posturas que suas tolices me enchem de tédio, está me ouvindo?

— Não pretendia enfurecê-lo, meu Senhor — disse Moneo com humildade.

— Você não me enfurece. Algumas vezes me irrita, apenas isso. Não pode imaginar o que eu vi — califas e rajás, bashares, reis e imperadores, primitos e presidentes. Já os observei a todos. Cada chefe feudal. Cada pequeno faraó.

— Esqueça minha presunção, Senhor.

— Malditos romanos! — gritou Leto.

Ele falou para o seu interior, repetindo a maldição para os ancestrais. “Malditos romanos!”

A gargalhada deles o expulsou de sua arena interior.

— Não compreendo, Senhor — arriscou Moneo.

— E verdade. Você não compreende. Os romanos transmitiram a doença faraônica como fazendeiros espalhando sementes para a próxima colheita — césares, kaiseres, czares, imperadores... caseris... palatos... malditos faraós!

— Meus conhecimentos não abrangem todos esses títulos, Senhor.

— Eu posso ser o último da linha, Moneo. Reze para que assim seja.

— O que o meu Senhor ordenar.

Leto olhou para baixo na direção do homem.

— Nós somos os matadores do mito, você e eu, Moneo. Esse é o sonho que compartilhamos. E eu lhe asseguro, falando do trono olímpico de um Deus, que o governo é sempre um mito compartilhado. Quando o mito morre, assim morre o governo.

— Assim me ensinou, Senhor.

— Aquele homem-máquina, o Exército, criou nosso sonho atual, meu amigo.

Moneo pigarreou.

Leto reconheceu os pequenos sinais de impaciência da parte do majordomo.

“Moneo entende a respeito de exércitos. Sabe o sonho de tolo que foi a idéia de que os exércitos eram instrumentos básicos de governo.”

Como Leto continuasse em silêncio, Moneo caminhou até a pistola laser e

a apanhou do frio chão da cripta. Começou a desmontá-la.

Leto o observava, pensando como essa minúscula cena representava a essência do mito do Exército. O Exército impulsionava a tecnologia porque o poder das máquinas parecia tão óbvio para os de visão curta.

“Aquela pistola laser não é mais que uma máquina. Mas todas as máquinas falham ou são superadas. Ainda assim, o Exército reza na catedral de tais coisas — ao mesmo tempo fascinado e temeroso. Olhem como as pessoas temem os Ixianos! Em suas entranhas, o Exército sabe que é um Aprendiz de Feiticeiro. Ele liberta a tecnologia e nunca mais consegue tornar a prender a mágica na garrafa.

“Eu lhes ensinei outra mágica.”

E Leto falou às bordas em seu interior:

“Estão vendo? Moneo desarmou o instrumento mortífero. Uma conexão partida aqui, uma pequena cápsula esmagada ali.”

Leto cheirou. Ele sentia os esteres de um óleo preservativo no cheiro da transpiração de Moneo.

Ainda falando ao seu interior, Leto acrescentou: “Mas o gênio não está morto. A tecnologia gera a anarquia. Ela distribui essas ferramentas ao acaso. E com elas a provocação para a violência. A habilidade de construir e usar instrumentos de destruição selvagem vai passando inevitavelmente para as mãos de grupos cada vez menores, até que o último desses grupos é um único indivíduo.”

Moneo retornou para um ponto abaixo de Leto, segurando a pistola laser, desmontada, informalmente na mão direita.

— Existe um boato em Parella e nos planetas de Dan a respeito de um jihad contra coisas como esta aqui.

Moneo ergueu a arma laser e sorriu, mostrando que conhecia o paradoxo implícito em tais coisas.

Leto fechou os olhos. As hordas dentro dele queriam argumentar, mas ele as calou pensando: “Jihads criam exércitos. O Jihad Butleriano tentou livrar nosso universo das máquinas que simulam a mente do homem. Os Butlerianos deixaram exércitos em seu rastro e os Ixianos ainda manufaturam engenhos questionáveis... pelos quais lhes agradeço. Qual é o anátema? A motivação para devastar, não importam os instrumentos.”

— Aconteceu — murmurou ele.

— Senhor?

Leto abriu os olhos.

— Irei para a minha torre — disse. — Preciso de mais tempo para lamentar o meu Duncan.

— O novo Duncan já se encontra a caminho — disse Moneo.

8

Você a primeira pessoa a encontrar meu diário em pelo menos 4 mil anos, cuidado. Não se sinta orgulhoso de sua privacidade ao ler as revelações do meu arquivo Ixiano. Vai encontrar muita dor nelas. A não ser alguns vislumbres necessários para me assegurar de que o Caminho Dourado continuava, eu nunca desejei perscrutar além desses 4 milênios. Por isso não estou certo do que os eventos registrados em meus diários irão significar para a sua época. Apenas sei que meus diários caíram no esquecimento e que os acontecimentos que neles reconto terão sofrido indubitável distorção histórica através dos Enos. Eu lhes asseguro que a habilidade de vislumbrar nosso futuro pode tornar-se tediosa. Mesmo sendo considerado um deus, como certamente o fui, isto pode converter-se num tédio derradeiro. A mim me ocorreu, mais de uma vez, que o tédio sagrado constitui razão suficiente para a criação do livre arbítrio.

— Inscrição no Depósito de Dar-es-Balat

“Eu sou Duncan Idaho.”

Isso era tudo que ele desejava saber com certeza. Não apreciava as explicações dos Tleilaxu ou suas “histórias”. Mas os Tleilaxu haviam sido sempre temidos. Desacreditados e temidos.

Eles o haviam feito descer no planeta num pequeno ônibus espacial da Corporação, chegando pela linha do crepúsculo, com o brilho esverdeado da corôa solar aparecendo ao longo do horizonte enquanto mergulhavam na sombra do planeta. O espaço-porto não se parecera nem um pouco com qualquer coisa de que ele se lembrasse. Era maior e possuía um anel de prédios estranhos.

— Tem certeza de que aqui é Duna? — ele perguntara.

— Arrakis — corrigira sua escolta de Tleilaxu.

E eles o tinham levado apressadamente, dentro de um carro fechado, até esse prédio, em algum ponto do interior da cidade que chamavam de Onn, dando ao “n” uma crescente e estranha inflexão nasal. A sala na qual o deixaram tinha aproximadamente três metros quadrados, e na verdade não passava de um cubo. Não havia sinal de globos luminosos, mas o lugar se encontrava cheio de uma luz amarela e quente.

“Eu sou um ghola”, disse para si mesmo.

Isso fora um choque, mas tinha que acreditar. Estar vivo sabendo que tinha morrido era prova suficiente. Os Tleilaxu haviam retirado células de sua carne morta e feito crescer um broto em seus tanques axlotl. E o broto se convertera em seu corpo através de um processo que o fizera sentir-se, de início, um estranho em sua própria carne.

Olhou para o próprio corpo. Estava vestido em calças marrons-escuras e uma jaqueta de tecido grosso que lhe irritava a pele. Sandálias protegiam-lhe os pés. Exceto pelo corpo, isso era tudo que haviam lhe dado, uma parcimônia que revelava alguma coisa a respeito do caráter real dos Tleilaxu.

Não havia mobília na sala. Eles o haviam feito entrar através de uma única porta que não tinha maçaneta pelo lado de dentro. Olhou para o teto, à volta, na direção das paredes e da porta. A despeito do aspecto despido do lugar, sentia estar sendo vigiado.

— Mulheres da Guarda Imperial virão buscá-lo — eles haviam dito. E então tinham ido embora, sorrindo um para o outro.

Mulheres da Guarda Imperial?

A escolta dos Tleilaxu exibira um prazer sádico em expor suas habilidades na técnica de mudança de formas corporais. Ele nunca soubera, de um instante para o outro, que nova forma o fluxo plástico da carne deles iria apresentar.

“Malditos dançarmos faciais!”

Eles sabiam tudo a respeito dele, é claro, sabiam o quanto aqueles “capazes de assumir múltiplas formas” o desagradavam.

No que poderia acreditar vindo de Dançarmos Faciais? Muito pouco. Poderia crer em alguma coisa do que eles dissessem?

“Meu nome. Sei o meu nome.”

E tinha as suas memórias. Eles lhe haviam impresso a identidade. Supunha-se que gholas fossem incapazes de recuperar suas identidades originais. Mas os Tleilaxu haviam feito exatamente isso e ele fora forçado a crer porque entendia como fora feito.

No início, ele sabia, existira apenas um ghola plenamente desenvolvido, uma carne adulta sem nome ou memórias — um palimpsesto sobre o qual os Tleilaxu poderiam ter escrito qualquer coisa que tivessem desejado.

— Você é Ghola — haviam dito.

Esse fora o seu único nome durante algum tempo. Ghola fora tratado como uma criança suscetível e condicionado para matar um homem em especial — um homem tão semelhante ao Paul Muad’Dib original, a quem ele servira e adorara, que Idaho agora suspeitava de que tivesse existido um outro ghola. Mas, se isso fosse verdade, como eles haviam obtido as células originais?

E alguma coisa nas células de Idaho se havia rebelado contra matar um Atreides. Ele se havia surpreendido, de faca na mão, com a forma amarrada de um pseudo-Paul olhando para ele em furioso terror.

Memórias tinham jorrado em sua consciência. Ele se lembrou Ghola e se lembrou Duncan Idaho.

"Eu sou Duncan Idaho, mestre-espadachim dos Atreides."

Agarrava-se a essas memórias enquanto esperava na sala amarela:

"Eu morri defendendo Paul e sua mãe em uma caverna-sietch, debaixo das areias de Duna. Fizeram-me retornar a este planeta, mas Duna não existe mais. Agora é apenas Arrakis."

Tinha lido a história truncada que os Tleilaxu haviam fornecido, mas não acreditara nela. "Mais de 3.500 anos?" Quem poderia acreditar que sua carne permanecia após tamanho espaço de tempo?' Exceto que... com os Tleilaxu era possível. Tinha que crer nos próprios sentidos.

— Houve muitos de você — seus instrutores haviam dito.

— Quantos?

— Lorde Leto fornecerá tal informação.

"Lorde Leto?"

A história dos Tleilaxu dizia que esse Lorde Leto era Leto II, neto do mesmo Leto a quem Idaho servira com devoção fanática. Mas esse segundo Leto (assim a história dizia) se havia transformado em alguma coisa... alguma coisa tão estranha que Idaho perdera a esperança de compreender a transformação.

Como poderia um ser humano converter-se lentamente num verme da areia? Como poderia qualquer criatura pensante viver por mais de 3 mil anos? Nem mesmo as mais loucas projeções da especiaria geriátrica permitiriam tamanho tempo de vida.

"Leto II, o Imperador-Deus?"

Não era para se acreditar na história dos Tleilaxu!

Idaho lembrava-se de uma criança estranha — gêmeos na verdade: Leto e Ghanima. Filhos de Paul, filhos de Chani, que morrera ao dar à luz. A história dos Tleilaxu dizia que Ghanima tinha morrido após uma vida relativamente normal, mas que o Imperador-Deus continuara vivendo, vivendo...

— Ele é um tirano — haviam dito seus instrutores. — Ordenou que o produzíssemos em nossos tanques axlotl e o enviássemos para o seu serviço. Nós não sabemos o que aconteceu aos seus predecessores.

"E aqui estou eu."

Uma vez mais Idaho deixou que seu olhar percorresse as paredes nuas e o teto.

O som fraco de vozes penetrou em sua consciência. Olhou para a porta.

As vozes eram abafadas, mas pelo menos uma delas soava feminina.

“Mulheres da Guarda Imperial?”

A porta girou para dentro, sobre dobradiças silenciosas, e duas mulheres entraram. A primeira coisa que lhe captou a atenção foi o fato de uma das mulheres usar uma máscara, um capuz sem forma, de um negro que devorava a luz. Ela podia vê-lo claramente através do capuz, Duncan bem o sabia, mas suas feições nunca se revelariam, nem mesmo ante os mais sutis instrumentos de penetração. Aquele capuz revelava que os Ixianos, ou seus herdeiros, ainda se encontravam operando no Império. Ambas as mulheres usavam também uniformes de uma só peça, com uma cor azul forte e o falcão símbolo dos Atreides bordado em vermelho sobre o seio esquerdo.

Idaho as observou enquanto fechavam a porta e se voltavam para ele.

A mulher mascarada tinha um corpo forte e volumoso. Caminhava revelando o cuidado ilusório de uma fanática por musculação profissional. A outra mulher era esguia e graciosa com olhos amendoados e feições bem-definidas numa ossatura saliente. Idaho teve a impressão de já tê-la visto em algum lugar, mas não conseguia fixá-la na memória. Ambas carregavam facas-agulhas em bainhas colocadas nos quadris, e alguma coisa na maneira como se movimentavam revelou a Idaho que essas mulheres seriam extremamente hábeis com tais armas.

A esguia falou primeiro.

— Meu nome é Luli. Permita-me que seja a primeira a lhe falar como Comandante. Minha companheira deve permanecer no anonimato. Nosso Senhor Leto o ordenou. Pode chamá-la de Amiga.

— Comandante? — ele indagou.

— É desejo de nosso Senhor Leto que comande sua Guarda Real — disse Luli.

— É mesmo? Então vamos falar com ele a respeito disso.

— Oh, não! — Luli encontrava-se visivelmente chocada.

— O Senhor Leto o chamará quando for a hora. Enquanto isso ele deseja que cuidemos do seu conforto e de sua satisfação.

— E eu devo obedecer?

Luli meramente sacudiu a cabeça, intrigada.

— Serei um escravo?

Luli relaxou e sorriu.

— De modo algum. E só que Lorde Leto tem preocupações enormes, que exigem sua atenção pessoal. Ele precisa encontrar tempo para vê-lo. Enviou-nos porque estava preocupado quanto ao seu Duncan Idaho. Esteve por longo tempo nas mãos sujas dos Tleilaxu.

“Tleilaxus sujos”, pensou Idaho.

Isso pelo menos não tinha mudado.

Ele estava preocupado, entretanto, com uma referência em particular que surgira na explicação de Luli.

— Seu Duncan Idaho?

— Não é um guerreiro Atreides? — indagou Luli.

Ela o tinha apanhado. Idaho assentiu com a cabeça, virando-a levemente para olhar a enigmática mulher mascarada.

— Por que está usando máscara?

— Não deve ser conhecido que eu sirvo ao Senhor Leto — disse ela numa voz que era um agradável contralto. Mas Idaho suspeitava de que isso também fosse uma ilusão produzida pela máscara.

— Então, por que se encontra aqui?

— O Senhor Leto confia em mim para verificar se você foi alterado pelos sujos Tleilaxu.

Idaho tentou engolir com uma garganta subitamente seca. Tal pensamento tinha-lhe ocorrido várias vezes a bordo do transporte da Corporação. Se os Tleilaxu podiam condicionar um ghola a tentar o assassinato de um amigo querido, que mais não poderiam plantar na psique da carne regenerada?

— Vejo que pensou a respeito disso — disse a mulher mascarada.

— Você é um mentat? — perguntou Idaho.

— Oh, não! — interrompeu Luli. — O Senhor Leto não permite o treinamento de mentats.

Idaho olhou para Luli e então voltou sua atenção para a mulher mascarada: “Sem mentats.” A história dos Tleilaxu não havia mencionado este fato interessante. Por que Leto teria proibido os mentats? Certamente que a mente humana treinada nas super-habilidades da computação ainda possuiria seus usos. Os Tleilaxu lhe haviam assegurado que a Grande Convenção permanecia em vigor e que os computadores mecânicos continuavam banidos. Certamente essas mulheres teriam conhecimento de que os Atreides já tinham usado mentats.

— Qual é a sua opinião? — a mulher mascarada indagou.

— Os sujos Tleilaxu mexeram com sua psique?

— Eu não... penso que tenham.

— Mas não tem certeza?

— Não.

— Não tema, Comandante Idaho — ela disse. — Temos meios de nos certificar e meios de lidar com tais problemas, se eles surgirem. Os sujos Tleilaxu tentaram tal coisa apenas uma vez e pagaram muito caro por seu erro.

— Isso é tranquilizador. O Senhor Leto enviou-me alguma mensagem?

Luli respondeu:

— Ele nos mandou assegurá-lo de que ainda o ama, como os Atreides sempre o amaram. — Ela estava obviamente admirada com suas próprias palavras.

Idaho relaxou ligeiramente. Como um antigo servidor dos Atreides, soberbamente treinado por eles, achara muito fácil determinar várias coisas a partir desse encontro. Essas duas haviam sido fortemente condicionadas a uma obediência fanática. Se uma máscara especial podia esconder a identidade daquela mulher, haveria muitas outras cujos corpos seriam semelhantes. Tudo isso revelava perigos à volta de Leto que ainda exigiriam os velhos e sutis serviços de espiões e um imaginativo arsenal de armas.

Luli olhou para a companheira.

— Que me diz, Amiga?

— Ele pode ser levado à Cidadela — disse a mulher mascarada. — Este lugar não é bom. Os Tleilaxu estiveram aqui.

— Um banho quente e uma muda de roupa seriam agradáveis — disse Idaho.

Luli continuava olhando para a Amiga.

— Tem certeza?

— A sabedoria do Senhor não pode ser questionada — disse a mulher mascarada.

Idaho não gostava do tom de fanatismo na voz desta Amiga, mas se sentia seguro ante a integridade dos Atreides. Eles poderiam parecer cínicos e cruéis ante estranhos ou inimigos, mas ante sua própria gente eram justos e leais. Acima de tudo os Atreides eram leais à sua gente.

“E eu sou um deles” pensou Idaho. “Mas que terá acontecido ao eu que estou substituindo?” Sentia fortemente que essas duas não responderiam sua pergunta.

“Mas Leto responderá.”

— Podemos ir? — ele perguntou. — Estou ansioso para lavar de meu corpo o fedor dos sujos Tleilaxu.

Luli sorriu para ele.

— Venha. Eu vou banhá-lo eu mesmo.

Os inimigos aumentam a sua força.

Os aliados a enfraquecem.

9

Eu lhes digo isso na esperança de que os ajude a compreender por que agi da maneira como agi, no pleno conhecimento de que grandes forças se acumulavam em meu Império com apenas um desejo — o de me destruir. Você que lêem estas palavras podem saber muito bem o que realmente aconteceu, mas eu duvido de que compreendam o porque.

— Os diários roubados

A cerimônia da “Exibição”, pela qual os rebeldes iniciavam suas reuniões, arrastara-se interminavelmente para Siona. Ela sentara-se na fileira da frente e olhara para todos os lados, exceto para Topri, que conduzia a cerimônia a apenas alguns passos de distância. Essa sala, nos fossos de serviço abaixo de Onn, era uma que nunca tinham usado antes, mas tão semelhante a Outros lugares de reunião que poderia ter sido usada como modelo padrão.

“Sala de Reuniões dos Rebeldes — Classe B”, ela pensou. Era um lugar oficialmente designado como câmara de armazenagem e seus globos luminosos fixos não podiam ser regulados fora de um brilho branco. A sala tinha aproximadamente 30 passos de comprimento e era ligeiramente menor em largura. Poderia ser alcançada através de uma série labiríntica de câmaras semelhantes, uma das quais se encontrava convenientemente repleta com um estoque de rígidas cadeiras de dobrar destinadas às pequenas câmaras onde dormia o pessoal de serviço. Dezenove dos companheiros de rebelião de Siona ocupavam agora essas cadeiras em torno dela, com algumas deixadas vagas para os possíveis retardatários.

O período escolhido fora entre meia-noite e as mudanças de pessoal do início da manhã, de modo a mascarar o fluxo extra de pessoas nos porões de serviço. A maioria dos rebeldes usava disfarces de operários do setor de energia — calças e casacos cinzentos, descartáveis. Alguns poucos, entre eles Siona, usavam o verde dos inspetores de maquinaria.

Na sala, a voz de Topri era insistente é monótona. Ele não guinchava enquanto conduzia a cerimônia. De fato, Siona tinha de admitir que ele era bom naquilo, especialmente com os novos recrutas. No entanto, desde a declaração

franca de Nayla de que não confiava no homem, Siona passara a olhar para Topri de maneira diferente. Nayla era capaz de falar com uma ingenuidade cortante que arrancava os disfarces e as máscaras. E havia coisas que Siona descobrira a respeito de Topri desde aquela confrontação.

Ela voltou-se finalmente e olhou para o homem. A fria luz prateada não favorecia a pele pálida de Topri. Na cerimônia, ele usava a cópia de uma faca cristalina, uma cópia contrabandeada, comprada dos Fremen de Museu. Siona lembrou-se da transação enquanto olhava para a lâmina nas mãos de Topri. Fora uma idéia dele que parecera boa na ocasião. Ele a levara para um encontro num casebre nos limites da cidade, deixando Onn ao entardecer. Tinham esperado durante a noite até que a escuridão pudesse ocultar a vinda do Fremen de Museu. Os Fremen não deviam deixar seus alojamentos nos sietch sem uma dispensa especial recebida do Imperador-Deus.

Ela já estava quase desistindo quando o Fremen chegara, deslizando para fora da escuridão noturna enquanto sua escolta ficava para trás, guardando a porta. Topri e Siona estavam esperando sentados num banco tosco colocado de encontro à parede úmida de um aposento absolutamente simples A única luz provinha de uma fraca tocha amarela suportada por uma vareta fincada na parede de barro em desagregação.

As primeiras palavras do Fremen encheram Siona de dúvidas.

— Trouxeram o dinheiro?

Ela e Topri tinham se levantado quando ele entrara. Topri não pareceu incomodado com a pergunta. Ele bateu na sacola embaixo de seu manto, fazendo-a tilintar.

— Eu tenho o dinheiro aqui.

O Fremen era uma figura enrugada, curvada e áspera, usando uma cópia de velhos mantos Fremen com algum traje lustroso por baixo, provavelmente sua versão de um traje destilador. O capuz estava puxado para a frente, sombreando-lhe as feições. A luz da tocha fez as sombras dançarem sobre seu rosto.

Ele olhou primeiro para Topri e então para Siona antes de tirar de debaixo de seu manto um objeto enrolado num pano.

— Esta é uma cópia verdadeira, embora seja feita de plástico — ele disse. — Não cortaria gordura endurecida.

Tirou a lâmina do envoltório e a exibiu.

Siona, que vira facas cristalinas apenas em museus e nos raros registros visuais antigos dos arquivos de sua família, sentiu-se curiosamente tocada pela visão da lâmina naquele lugar. Sentia alguma coisa atávica agindo sobre ela e imaginou aquele pobre Fremen de Museu, com sua faca cristalina de plástico, como um verdadeiro Fremen dos velhos dias. A coisa que ele exibia era

subitamente a lâmina prateada de uma faca cristalina, brilhando nas sombras amareladas.

— Eu garanto a autenticidade da lâmina a partir da qual fizemos esta cópia — disse o Fremen. Falava numa voz baixa, que de algum modo se fazia ameaçadora pela ausência de ênfase.

Siona então ouviu o modo como ele carregava seu rancor numa manga de suaves vogais e ficou subitamente alerta.

— Tente alguma traição e nós o caçaremos como a um inseto — advertiu ela.

Topri olhou-a espantado.

O Fremen de Museu pareceu encolher. A lâmina tremeu em sua mão, mas seus dedos de gnomo ainda se curvavam em torno dela, como se agarrassem uma garganta.

— Traição, senhora? Oh, não. Mas nos ocorreu que pedimos muito pouco por esta cópia. Pobre como ela pareça, sua fabricação e venda nos coloca à mercê de um terrível perigo.

Siona olhou furiosa para ele, pensando em antigas palavras Fremen da História Oral: “Uma vez que você adquire uma alma vendida, o Suk é a totalidade da sua existência.

— Quanto você quer? — perguntou ela autoritária.

Ele disse uma soma duas vezes maior que a anterior.

Topri deixou escapar uma exclamação de espanto.

Siona olhou para ele.

— Tem essa quantia?

— Não inteiramente, mas nós tínhamos concordado.

— Dê-lhe o que você tem, tudo — disse Siona.

— Tudo?

— Não foi o que eu disse? Cada moeda daquela sacola. — Ela virou-se para o Fremen de Museu. — Você aceitará este pagamento! — Não era uma pergunta e o velho a ouviu corretamente. Enrolou a lâmina no pano e a passou para ela.

Topri entregou a sacola de moedas e resmungou alguma coisa.

Siona dirigiu-se ao Fremen:

— Nós sabemos o seu nome. Você é Teishar, ajudante do Garun de Tuono. Você tem uma mentalidade suk e me faz estremecer vendo em que os Fremen se tornaram.

— Senhora, nós temos de ganhar a vida — ele protestou.

— Você não está vivo — disse ela. — Desapareça!

Teishar voltara-se e saíra correndo com a sacola de dinheiro segura junto

ao peito.

A memória daquela noite não parecia agradável na mente de Siona enquanto ela observava Topri exibir a faca cristalina em sua cerimônia rebelde. “Não somos melhores do que Teishar”, ela pensou “Uma cópia é pior do que nada.” Topri brandia a estúpida lâmina sobre a cabeça enquanto se aproximava da conclusão da cerimônia.

Siona olhou para longe dele, fitando Nayla sentada à sua esquerda. Nayla olhou primeiro para uma direção e depois para outra. Dedicava especial atenção ao novo conjunto de recrutas no fundo da sala. Nayla não dava sua confiança com facilidade. Siona torceu o nariz quando o movimento do ar trouxe o cheiro de lubrificantes. As profundezas de Onn sempre cheiravam perigosamente “mecânicas”! Ela cheirou. E essa sala! Não apreciava esse lugar de reunião, podia facilmente, tornar-se uma armadilha. Guardas podiam bloquear os corredores externos e mandar patrulhas armadas. Este podia ser facilmente o lugar onde sua rebelião terminaria. E Siona estava duplamente incomodada pelo fato de que o local fora uma escolha de Topri.

“Um dos poucos enganos de Ulot”, ela pensou. O pobre Ulot, morto, aprovara a admissão de Topri na rebelião.

— Ele é um funcionário subalterno nos serviços municipais.

— Ulot explicara. — Topri pode encontrar muitos lugares úteis para nos encontrarmos e nos armarmos.

Topri chegara quase ao fim de sua cerimônia. Colocou a faca em sua caixa decorada e pôs a caixa no piso ao lado dele.

— Meu rosto é o meu juramento — ele disse, e voltou seu perfil para a sala, primeiro um lado, depois o outro. — Eu lhes mostro a minha face, de modo que me possam reconhecer em qualquer lugar e saber que sou um de vocês.

“Cerimônia estúpida”, pensou Siona.

Mas ela não se atrevia a quebrar o padrão estabelecido. E quando Topri tirou uma máscara de gaze negra de um bolso e a colocou sobre a cabeça, ela tirou sua própria máscara e também a colocou. Todos na sala fizeram a mesma coisa, e se podia ouvir o ruído da movimentação. A maioria dos presentes havia sido alertada de que Topri trouxera um visitante especial. Siona prendeu o nó da máscara sobre a nuca, ansiosa por ver o visitante.

Topri caminhou até a única porta da sala. Houve um tumulto de metal batendo enquanto todos se levantavam e dobravam suas cadeiras, colocando-as de encontro à parede oposta à porta. Mediante um sinal de Siona, Topri bateu três vezes no painel da porta, esperou duas batidas vindas de fora e então bateu quarto vezes.

A porta se abriu e um homem alto, em traje oficial marrom-escuro,

deslizou para dentro da sala. Não usava máscara, o rosto descoberto para que todos o vissem — um rosto magro e imperioso, com boca estreita, nariz fino e olhos castanho-escuros, profundos sob sobrancelhas espessas. Era um rosto reconhecido pela maioria dos ocupantes da sala.

— Meus amigos — disse Topri —, eu lhes apresento Iyo Kobat, o embaixador de Ix.

— Ex-embaixador — corrigiu Kobat. Sua voz era gutural e muito controlada. Ele tomou posição com as costas para a parede e de frente para as pessoas mascaradas na sala. — No dia de hoje recebi ordens de nosso Imperador-Deus para deixar Arrakis em desgraça.

— Por quê?

Siona fez a pergunta sem qualquer formalidade.

Kobat girou a cabeça num gesto brusco, um movimento rápido que fixou seu olhar no rosto mascarado.

— Houve um atentado contra a vida do Imperador. E ele traçou a origem da arma até minha pessoa.

Os companheiros de Siona abriram um espaço entre ela e o embaixador, claramente assinalando que a respeitavam.

— Então por que ele não o matou? — quis ela saber.

— Acho que ele está querendo dizer que eu não valho uma execução. Existe também o fato de que ele me usa agora para levar uma mensagem a Ix.

— Que mensagem? — Siona caminhou através do espaço aberto até parar a dois passos de Kobat. Reconheceu o apetite sexual do homem enquanto este lhe observava o corpo.

— Você é filha de Moneo — ele disse.

Uma tensão silenciosa explodiu dentro da sala. Por que ele revelava que a tinha reconhecido? Quem mais ele teria reconhecido ali? Kobat não parecia um tolo. Por que fizera isso?

— Seu corpo, sua voz e suas maneiras são bem-conhecidas aqui em Onn — disse ele. — Esta máscara é uma tolice.

Ela arrancou a máscara e sorriu para ele.

— Concordo. Agora responda a minha pergunta.

Ouviu Nayla caminhando para se colocar à sua esquerda. Mais dois auxiliares escolhidos por Nayla ficaram junto dela.

Siona viu o instante da conscientização atingir Kobat — sua morte aconteceria ali se ele falhasse em satisfazer suas exigências. Sua voz não perdeu o controle, mas ele falou mais lentamente, escolhendo as palavras com mais cuidado.

— O Imperador-Deus me disse que, tem conhecimento de um acordo

entre Ix e a Corporação. Nós estamos tentando construir um amplificador mecânico daqueles... talentos de navegação da Corporação que atualmente dependem da melange.

— Nesta sala nós o chamamos O Verme — disse Siona. — Que faria sua máquina Ixiana?

— Vocês estão conscientes de que os Navegadores da Corporação necessitam da especiaria antes que possam ver o caminho seguro para a travessia?

— Vocês substituiriam os navegadores com essa máquina?

— Pode ser possível.

— E que mensagem deve levar aos seus com relação a essa máquina?

— Devo dizer aos meus que eles só podem prosseguir com o projeto se enviarem ao Imperador relatórios diários a respeito dos progressos obtidos.

Ela sacudiu a cabeça.

— Ele não precisa de tais relatórios! Essa é uma mensagem estúpida.

Kobat engoliu em seco, não mais ocultando seu nervosismo.

— A Corporação e a Irmandade estão excitadas com nosso projeto — ele disse. — Estão cooperando conosco.

Siona assentiu uma vez:

— E pagam por sua participação partilhando sua especiaria com Ix.

Kobat olhou furioso para ela.

— Trata-se de um trabalho dispendioso e nós precisamos de especiaria para testes comparativos com os Navegadores da Corporação.

— Isso é uma mentira e uma trapaça. Seu engenho nunca funcionará e O Verme sabe disso.

— Como se atreve a nos acusar de.

— Cale-se! Eu apenas lhe disse a verdadeira mensagem. O Verme está dizendo a vocês, Ixianos, para continuarem trapaceando a Corporação e a Bene Gesserit. Isso o diverte.

— Mas pode funcionar! — insistiu Kobat.

Ela meramente sorriu para ele.

— Quem tentou matar o Verme?

— Duncan Idaho.

Nayla emitiu um som ofegante. Houve outros pequenos sinais de surpresa através da sala, uma testa franzindo-se, uma inspiração súbita.

— E Idaho está morto? — perguntou Siona.

— Nós presumimos que sim, mas o... ah, Verme recusa-se a confirmar.

— Por que presume que ele esteja morto?

— Os Tleilaxu enviaram outro ghola Idaho.

— Percebo.

Siona voltou-se e fez sinal para Nayla, que foi até uma extremidade da sala e retornou com um embrulho delgado enrolado em papel Suk cor-de-rosa. O tipo de papel que os lojistas usavam para embalar pequenas compras. Nayla entregou o embrulho a Siona.

— Esse é o preço do nosso silêncio — disse Siona, estendendo o embrulho para Kobat. — Foi por isso que permitimos que Topri o trouxesse aqui esta noite.

Kobat aceitou o embrulho, sem desviar sua atenção do rosto dela.

— Silêncio? — perguntou ele.

— Nós nos comprometemos a não informar a Corporação nem a Irmandade de que vocês as estão trapaceando.

— Nós não estamos trapa...

— Não seja tolo!

Kobat tentou engolir com a garganta seca. O significado das palavras dela tinha se tornado claro para ele: verdade ou não, se a rebelião espalhasse tal história todos acreditariam. Era o senso comum", como Topri se orgulhava de dizer.

Siona olhou para Topri, que esperava logo atrás de Kobat. Ninguém se unia a essa rebelião por motivos de “senso comum”. Será que Topri não percebia que esse “senso comum” poderia traí-lo? Ela voltou sua atenção para Kobat.

— Que há no embrulho? — ele perguntou.

Alguma coisa em sua maneira de perguntar revelou a Siona que ele já sabia.

— Essa é uma coisa que estou enviando para Ix. Você a levará até lá para mim. São cópias de dois volumes que retiramos da fortaleza do Verme.

Kobat olhou para o embrulho em suas mãos. Era óbvio que ele queria largar a coisa, que essa sua aventura na rebelião o tinha carregado com um peso mais mortífero do que ele havia esperado. Lançou um olhar de escárnio para Topri, que foi como se tivesse verbalizado: “Por que você não me avisou?”

— O que... — ele voltou a encarar Siona e pigarreou. — O que há nestes... volumes?

— Sua gente pode nos dizer isso. Pensamos que são as próprias palavras do Verme, escritas num código que não podemos ler.

— E que os faz pensar...

— Vocês Ixianos são hábeis com tais coisas.

— E se fracassarmos?

Ela encolheu os ombros.

— Nós não os culparemos por isso. Todavia, se usarem estes volumes

para qualquer outro propósito, ou deixarem de nos dar o relato total de uma descoberta...

— Como alguém pode ter certeza de que nos...

— Nós não vamos depender somente de vocês. Outros também receberão cópias. Acho que a Irmandade e a Corporação não hesitarão em tentar decifrar esses volumes.

Kobat colocou o embrulho debaixo do braço, pressionando-o contra seu corpo.

— Que a faz pensar que o... o Verme não conhece suas intenções... ou não sabe a respeito deste encontro?

— Eu penso que ele sabe de muitas coisas assim; pode até saber quem lhe retirou esses volumes. Meu pai acredita que ele é verdadeiramente presciente.

— Seu pai acredita na História Oral!

— Todos nesta sala acreditam nela. A História Oral não está em desacordo com a História Formal nas questões que são importantes.

— Então, por que o Verme não age contra você?

Ela apontou para o embrulho debaixo do braço de Kobat.

— Talvez a resposta esteja aí.

— Ou será que você e estes volumes cifrados não representam ameaça real para ele? — Kobat não ocultava seu ódio. Não apreciava ser forçado a tomar decisões.

— Talvez. Diga-me por que você mencionou a História Oral.

Uma vez mais Kobat sentiu a ameaça na voz.

— Ela diz que o Verme é incapaz de ter emoções humanas.

— Essa não é a razão — ela respondeu. — Você terá mais uma chance para me dizer a razão.

Nayla moveu-se mais dois passos para junto de Kobat.

— Eu... eu recebi instruções para rever a História Oral antes de vir aqui, aquela que sua gente... — ele encolheu os ombros.

— Que nós cantamos?

— Sim.

— Quem lhe disse isso?

Kobat engoliu em seco, dirigiu um olhar temeroso para Topri e então de volta para Siona.

— Topri? — ela perguntou.

— Eu achei que o ajudaria a nos compreender — disse Topri.

— E você lhe disse o nome de seu líder — acrescentou Siona.

— Ele já sabia! — A voz de Topri tinha reencontrado seu guincho.

— Que partes, em particular, da História Oral lhe mandaram rever? —

indagou Siona.

— A... ah, linhagem Atreides.

— E agora você julga que sabe por que as pessoas se unem a mim na rebelião.

— A História Oral revela exatamente como ele trata a todos da linhagem Atreides! — exclamou Kobat.

— Ele nos dá um pouco de corda e então nos enforca? indagou Siona, sua voz ilusoriamente calma.

— Isso foi o que ele fez com o seu próprio pai — disse Kobat.

— E agora ele está deixando que eu brinque de rebelião?

— Sou apenas um mensageiro — lembrou Kobat. — Se me matar, quem levará sua mensagem?

— Ou a mensagem do Verme — disse Siona.

Kobat permaneceu em silêncio.

— Não creio que você compreenda a História Oral — ela disse. — E acho que você não conhece o Verme muito bem, nem compreende suas mensagens.

O rosto de Kobat ficou vermelho de raiva.

— O que evitará que você se torne como todos os outros Atreides, uma parte submissa e obediente do... — Kobat interrompeu a frase, subitamente consciente do que a raiva o fizera dizer.

— Apenas mais um recruta para o círculo interno do Verme — disse Siona. — Como os Duncans Idaho?

Ela voltou-se e olhou para Nayla. Os dois auxiliares, Anouk e Taw tornaram-se subitamente alertas, mas Nayla permanecia impassível.

Siona acenou com a cabeça uma vez para Nayla.

Como haviam jurado fazer, Anouk e Taw tomaram posições bloqueando a porta. Nayla deu a volta para se postar junto ao ombro de Topri.

— Que... que está acontecendo? — indagou Topri.

— Queremos saber tudo de importante que o ex-embaixador possa partilhar conosco — respondeu Siona. — Queremos a mensagem integral.

Topri começou a tremer. A transpiração surgiu na testa de Kobat. Ele olhou uma vez para Topri e então voltou sua atenção para Siona. Aquele único olhar foi como um véu arrancado, para que Siona percebesse nitidamente o relacionamento entre os dois.

Ela sorriu. Isso meramente confirmava o que já descobrira.

Kobat ficou imóvel.

— Pode começar — ordenou Siona.

— Eu... o que você...

— O Verme lhe deu uma mensagem particular para seus mestres. Quero

ouvi-la.

— Ele... ele quer uma ampliação para sua carreta.

— Então espera crescer ainda mais. Que mais?

— Devemos enviar-lhe um grande suprimento de papel de cristal riduliano.

— Com que propósito?

— Ele nunca explica seus pedidos.

— Isso revela o uso de coisas que ele proíbe aos outros — ela disse.

Kobat disse amargamente:

— Ele nunca proíbe nada para si próprio!

— E vocês têm feito brinquedos proibidos para ele?

— Eu não sei.

“Ele está mentindo”, pensou ela, mas preferiu não insistir nisso. Já era suficiente conhecer a existência de outra rachadura na armadura do Verme.

— Quem irá substitui-lo?

— Eles estão enviando uma neta de Malky — disse Kobat.

— Deve lembrar-se de que ele.

— Nós nos lembramos de Malky — interrompeu Siona. — E por que uma neta de Malky se torna a nova embaixadora?

— Não sei. Mas isso foi ordenado mesmo antes que o Im... o Verme me mandasse partir.

— E o nome dela?

— Hwi Noree.

— Nós cultivaremos a amizade de Hwi Noree — disse Siona.

— Você não vale a pena. Esta Hwi Noree pode ser diferente. Quando retornará a Ix?

— Imediatamente após o Festival, na primeira nave da Corporação.

— E que vai dizer aos seus superiores?

— A respeito do quê?

— Minha mensagem!

— Eles farão o que pede.

— Eu sei. Pode ir agora, ex-embaixador Kobat.

Kobat quase colidiu com os guardas da porta, em sua pressa para sair. Topri fez menção de segui-lo, mas Nayla o segurou pelo braço. Topri lançou um olhar de temor ao corpo musculoso de Nayla e então olhou para Siona, a qual esperou que a porta se fechasse atrás do embaixador Ixiano antes de falar.

— Essa mensagem não era meramente para os Ixianos, era para nós também — ela disse. — O Verme nos desafia e nos mostra as regras do combate.

Topri tentou soltar seu braço da pressão de Nayla.

— O que você...

— Topri! Eu também posso mandar uma mensagem. Diga ao meu pai para informar o Verme de que nós aceitamos.

Nayla soltou-lhe o braço e Topri esfregou o lugar onde ela o segurara.

— Certamente que não...

— Saia enquanto pode e nunca mais volte — advertiu Siona.

— Não está dizendo que sus...

— Eu lhe disse para sair. Você é desajeitado, Topri. Eu estive na escola de Oradoras Peixes durante a maior parte da minha vida. Ensinaram-me a reconhecer isso.

— Kobat está partindo. Que mal há em...

— Ele não apenas me conhecia. Ele sabia o que eu tinha roubado da Cidadela! Mas ele não sabia que eu iria mandar o embrulho para Ix com ele. Suas ações revelaram-me que o Verme deseja que eu envie esses volumes para Ix!

Topri afastou-se de Siona na direção da porta. Anouk e Taw abriram-lhe passagem, escancarando a porta. Siona seguiu-o com sua voz:

— Não argumente que foi o Verme que falou com Kobat a meu respeito e sobre o embrulho! O Verme não manda mensagens tolas. Informe-lhe que eu disse isso!

10

Há quem diga que eu não possuo consciência. Como são falsos, até consigo mesmos. Eu sou a única consciência que jamais existiu. Assim como o vinho retém o perfume do seu barril, assim eu mantenho a essência de minha gênese mais ancestral, e essa é a semente da consciência. É isso que me faz sagrado. Eu sou Deus porque sou o único que realmente conhece sua hereditariedade!

— Os diários roubados

As seguintes perguntas e respostas foram gravadas quando os Inquisidores de IX se reuniram no Grande Palácio com a candidata a Embaixadora na Corte de Lorde Leto:

INQUISIDOR: Você indicou que deseja falar conosco sobre as motivações de Lorde Leto. Fale.

HWI NOREE: Sua Análise Formal não é satisfatória para as questões que vou abordar.

INQUISIDOR: Que questões?

HWI NOREE: Eu me pergunto o que motivaria Lorde Leto a aceitar essa horrenda transformação, esse corpo de verme, essa perda de sua humanidade. Vocês afirmam meramente que ele fez isso em troca do poder e de uma vida longa.

INQUISIDOR: E isso não é bastante?

HWI NOREE: Pergunte a si mesmo se aceitaria tal pagamento por tão mesquinho retorno.

INQUISIDOR: De sua infinita sabedoria, diga-nos então por que Leto escolheu transformar-se em verme.

HWI NOREE: Será que alguém aqui duvida de sua habilidade para prever o futuro?

INQUISIDOR: Ora! Isso não é pagamento suficiente pela transformação?

HWI NOREE: Mas ele já tinha a habilidade da presciência, assim como seu pai, antes dele. Não! Sugiro que ele fez tal escolha desesperada porque viu

em nosso futuro alguma coisa que tal sacrifício evitaria.

INQUISIDOR: E o que era essa coisa peculiar que ele viu em nosso futuro?

HWI NOREE: Eu não sei, mas me proponho descobrir.

INQUISIDOR: Você faz o tirano parecer um abnegado servo do povo!

HWI NOREE: Não é essa a característica proeminente da família Atreides?

INQUISIDOR: Assim a história oficial nos faz acreditar.

HWI NOREE: A História Oral o afirma.

INQUISIDOR: Que outras boas características você atribuiria ao Verme Tirano?

HWI NOREE: Boa característica, senhor?

INQUISIDOR: Característica de personalidade, então.

HWI NOREE: Meu tio Malky frequentemente dizia que Lorde Leto era dado a ter grande tolerância para com companheiros selecionados.

INQUISIDOR: Enquanto outros companheiros ele executa sem qualquer razão aparente.

HWI NOREE: Creio que existem razões e meu tio Malky deduziu algumas delas.

INQUISIDOR: Forneça-nos algumas dessas deduções.

HWI NOREE: Ameaças desajeitadas à sua pessoa.

INQUISIDOR: Ameaças desajeitadas!

HWI NOREE: Ele não tolera a pretensão. Lembre-se da execução dos historiadores e a destruição de seus trabalhos.

INQUISIDOR: Ele não deseja que a verdade seja conhecida!

HWI NOREE: Ele contou ao meu tio Malky que eles mentiram a respeito do passado. E observe isso! Quem conheceria o passado melhor do que ele? Nós todos conhecemos o assunto de suas introspecções.

INQUISIDOR: Que prova temos de que seus ancestrais vivem todos em sua mente?

HWI NOREE: Eu não vou entrar nessa discussão inútil. Meramente direi que acredito na evidência fornecida pela crença de meu tio Malky, e em suas razões para tal crença.

INQUISIDOR: Nós lemos os relatórios de seu tio e os interpretamos de outro modo. Malky era muito amigo do Verme.

HWI NOREE: Meu tio o considerava o mais hábil diplomata do Império, um mestre na arte das conversações e um especialista em qualquer assunto que se possa citar.

INQUISIDOR: E seu tio não falava na brutalidade do Verme?

HWI NOREE: Meu tio o julgava o máximo em civilização.

INQUISIDOR: Eu perguntei a respeito de brutalidade.

HWI NOREE: Capaz de brutalidade, sim.

INQUISIDOR: Seu tio o temia.

HWI NOREE: Lorde Leto carece de inocência ou ingenuidade. Só deve ser temido quando finge tais coisas. Isso foi o que meu tio disse.

INQUISIDOR: Essas palavras são dele, realmente.

HWI NOREE: Mais do que isso! Malky disse: Lorde Leto deleita-se com a diversidade e o gênio surpreendente da humanidade. Ele é meu companheiro favorito.

INQUISIDOR: Dê-nos o benefício de sua suprema sabedoria: como interpreta essas palavras de seu tio?

HWI NOREE: Não zombe de mim!

INQUISIDOR: Nós não zombamos. Buscamos o esclarecimento.

HWI NOREE: Essas palavras de Malky, e muitas outras coisas que ele escreveu diretamente para mim, sugerem que Lorde Leto está sempre buscando a novidade e a originalidade, mas que é cauteloso quanto ao potencial destrutivo de tais coisas. Assim meu tio acreditava.

INQUISIDOR: Existe mais alguma coisa que deseje acrescentar quanto a essas crenças que compartilha com seu tio?

HWI NOREE: Não vejo qualquer razão para acrescentar coisa alguma ao que já disse. Sinto ter desperdiçado o tempo dos Inquisidores.

INQUISIDOR: Mas você não desperdiçou nosso tempo: está confirmada como Embaixadora na Corte de Lorde Leto, o Imperador-Deus do Universo Conhecido.

11

Vocês devem lembrar-se de que eu possuo internamente, ao meu alcance, cada habilidade e cada experiência conhecida em nossa história. Esse é o reservatório de energia no qual me alimento quando abordo a mentalidade da guerra. Se vocês nunca ouviram os gritos e os gemidos dos feridos e agonizantes, então não conhecem a guerra. Eu já ouvi tais gritos em tamanho número que eles me perseguem. Eu mesmo já gritei no final de uma batalha. E sofri ferimentos de todas as épocas: ferimentos jeitos com punhos, pedras e cajados. Com membros couraçados e espadas de bronze, maça e canhão. De espadas e armas laser à silenciosa asfixia da poeira atômica. De invasões biológicas que enegrecem a língua e afogam os pulmões ao esguicho rápido de chamas, ao trabalho silencioso de venenos lentos... e mais ainda que não contarei! Eu os vi e senti a todos. E àqueles que se atrevem a me perguntar por que me comporto da maneira como me comporto, eu respondo: Com minhas memórias, não posso fazer outra coisa. Não sou um covarde, e um dia já fui humano.

— Os diários roubados

Na estação quente, quando os controladores do satélite meteorológico eram forçados a lidar com ventos atravessando os grandes mares, o cair da tarde frequentemente presenciava a queda de chuva nas extremidades do Sareer. Moneo, retornando de uma de suas inspeções periódicas ao perímetro da Cidadela, foi apanhado numa dessas pancadas súbitas. A noite caiu antes que ele alcançasse o abrigo, e uma guarda das Oradoras Peixes o ajudou a retirar sua capa úmida no portal sul. Era uma mulher corpulenta, de constituição rija, com o rosto quadrado, do tipo que Leto preferia para suas guardiãs.

— Aqueles malditos controladores do clima deviam ser obrigados a trabalhar melhor — disse ela enquanto pegava a capa.

Moneo assentiu rapidamente com a cabeça antes de começar a subida para seus alojamentos. Todas as Oradoras Peixes conheciam a aversão que o Imperador-Deus tinha por umidade, mas nenhuma delas fazia a distinção de Moneo.

“E o Verme que odeia a água”, pensou Moneo. “O Shai-Hulud anseia por Duna.”

Em seus aposentos, Moneo enxugou-se e vestiu roupas secas antes de descer para a cripta. Não havia razão para atrair o antagonismo do Verme. Uma conversa ininterrupta com Leto era necessária agora, uma conversa franca a respeito da pendente peregrinação à Cidade Festival de Onn.

Apoiando-se contra a parede do elevador que descia, Moneo fechou os olhos. Imediatamente a fadiga o dominou. Sabia não ter dormido o suficiente nos últimos dias, e não havia descanso à vista. Invejava a aparente liberdade de Leto quanto à necessidade do sono. Algumas horas de semi-repouso por mês pareciam o suficiente para o Imperador-Deus.

O cheiro da cripta e a parada do elevador arrancaram Moneo de seu cochilo. Ele abriu os olhos e fitou o Imperador-Deus sobre sua carreta no centro da Grande Câmara. Moneo empertigou-se e fez a caminhada familiar até aquela terrível presença. Como era de se esperar, Leto parecia alerta. Isso, pelo menos, era um bom sinal.

Leto ouvira o elevador se aproximando e viu Moneo despertar. O homem parecia cansado e isso era compreensível. A peregrinação a Onn estava próxima, com todas as obrigações cansativas referentes aos visitantes de fora do planeta, o ritual das Oradoras Peixes, os novos embaixadores, a mudança da Guarda Imperial, as aposentadorias e nomeações, e agora o novo ghola, Duncan Idaho, a ser encaixado na engrenagem bem lubrificada do aparato imperial. Moneo ocupava-se com um número crescente de detalhes e começava a demonstrar sua idade.

“Deixe-me ver”, pensou Leto. “Moneo fará 180 anos de idade na semana após nosso regresso de Onn.”

Um homem poderia viver muitas vezes esse tempo se consumisse a especiaria, mas ele se recusava. Leto não tinha dúvidas quanto à razão: Moneo entrara naquela condição humana peculiar em que ansiava pela morte. Agora apenas esperava para ver Siona instalada no Serviço Real, a próxima diretora da Sociedade Imperial das Oradoras Peixes.

“Minhas huris”, como Malky costumava chamá-las.

E Moneo conhecia a intenção de Leto de unir Siona a Duncan. Era época.

Moneo parou a dois passos do carro e olhou para Leto. Alguma coisa em seu olhar fez Leto lembrar-se do rosto de um sacerdote pagão dos tempos da Terra, em dedicada súplica num santuário familiar.

— Senhor, passou muitas horas observando o novo Duncan — disse Moneo. — Terão os Tleilaxu alterado suas células ou sua psique?

— Ele está imaculado.

Um profundo suspiro fez Moneo estremecer. Não havia prazer nele.

— Faz objeção ao seu uso como reprodutor? — indagou Leto.

— Acho peculiar pensar nele ao mesmo tempo como ancestral e pai de meus descendentes.

— Mas ele me dá acesso a um cruzamento de primeira geração entre uma forma humana mais antiga e os atuais produtos de meu programa de procriação controlada. Siona está afastada 21 gerações de tal cruzamento.

— Não consigo perceber o propósito de tal coisa. Os Duncans são mais lentos e menos alertas do que qualquer um de sua guarda.

— Não estou procurando bons resultados individuais, Moneo. Você acha que não tenho consciência da progressão geométrica ditada pelas leis que governam meu programa de procriação?

— Já vi seu livro de estoque genético, Senhor.

— Então sabe que mantenho registro dos recessivos e os elimino. As chaves genéticas dominantes são meu objetivo.

— E as mutações, Senhor? — Havia uma nota de astúcia na voz de Moneo que fez com que Leto observasse o homem atentamente.

— Não discutiremos esse assunto, Moneo.

Leto observou Moneo recolocar sua armadura de cautela. “Como ele é extremamente sensível aos meus estados de espírito. Creio que ele possui algumas de minhas habilidades, embora elas operem no nível do inconsciente. Sua pergunta sugere que ele pode mesmo suspeitar do que conseguimos em Siona.”

Testando isso, Leto disse:

— Parece-me evidente que não compreende o que busco conquistar com meu programa de procriação.

Moneo pareceu animar-se.

— Meu Senhor sabe que tento perceber suas regras.

— As leis tendem a se tornar temporárias a longo prazo, Moneo. Não existe tal coisa como a criatividade governada por regras.

— Mas o Senhor mesmo falou em leis que governariam seu programa de procriação.

— O que acabei de lhe dizer, Moneo? Tentar encontrar regras para a criação é como tentar separar a mente do corpo.

— Mas alguma coisa está evoluindo, Senhor. Eu sei por mim mesmo!

“Ele sabe por si mesmo! Querido Moneo. Está tão perto.”

— Por que você sempre busca traduções absolutamente derivativas, Moneo?

— Eu o ouvi falar em evolução transiormacional, Senhor. Esse é o título

em seu livro sobre genética. Mas e quanto à surpresa.

— Moneo! As regras mudam com cada surpresa.

— Senhor, não tem em mente nenhum aperfeiçoamento do estoque humano?

Leto olhou para ele pensando: “Se eu usar agora a palavra-chave, será que ele compreenderá?”

— Eu sou um predador, Moneo.

— Pred... — Moneo não chegou a terminar, sacudindo a cabeça.

Ele sabia o significado da palavra, mas esta em si o chocara. Estaria o Imperador-Deus brincando?

— Predador, Senhor?

— O predador melhora a espécie.

— Como pode ser, Senhor? O Senhor não nos odeia.

— Você me desaponta, Moneo. O predador nem sempre odeia sua presa.

— Os predadores matam, Senhor.

— Eu mato, mas não odeio. A presa sacia a fome. A presa é boa.

Moneo fitou o rosto de Leto em seu capuz cinzento. “Terei deixado de perceber a aproximação do Verme?”, admirou-se Moneo.

Temeroso, Moneo buscou os indícios. Não havia tremores no corpo, embaçamento no olhar ou contorcer das inúteis barbatanas.

— De que tem fome, Senhor? — arriscou Moneo.

— Anseio por uma humanidade verdadeiramente capaz de tomar decisões a longo prazo. Sabe qual é a chave para essa habilidade, Moneo?

— O Senhor o disse muitas vezes. E a habilidade de mudar de opinião. Mudar de ponto de vista.

— Mudar, sim. E você sabe o que quero dizer com longo prazo?

— Para o Senhor, longo prazo deve significar milênios.

— Moneo, até mesmo os meus milênios não passam de um ponto insignificante em relação ao Infinito.

— Mas sua perspectiva deve ser diferente da minha, Senhor.

— Em vista do Infinito, qualquer longo prazo definido se torna um curto prazo.

— Então, verdadeiramente, não existem regras, Senhor? — A voz de Moneo transmitia um fraco indício de histeria.

Leto sorriu para aliviar as tensões do homem.

— Talvez uma: as decisões tomadas a curto prazo tendem a fracassar a longo prazo.

Moneo sacudiu a cabeça, frustrado.

— Mas Senhor, sua perspectiva é...

— O Tempo se esgota para qualquer observador finito. Não existem sistemas fechados. Até mesmo eu apenas estico uma matriz finita.

Num movimento brusco, Moneo afastou sua atenção da face do Imperador, olhando as distâncias sugeridas pelos corredores do mausoléu. “Eu estarei lá algum dia. O Caminho Dourado poderá continuar, mas eu terminarei.” Isso não era importante, é claro. Apenas o Caminho Dourado que ele podia sentir em ininterrupta continuidade, apenas aquilo importava. Voltou a olhar para Leto, mas não para seus olhos completamente azuis. Haveria realmente um predador à espreita naquele corpo volumoso?

— Você não compreende a função de um predador — disse Leto.

As palavras chocaram Moneo, pois indicavam uma leitura de mente. Ele voltou seu olhar para os olhos de Leto.

— Você sabe intelectualmente que até mesmo eu sofrerei algum tipo de morte, algum dia — disse Leto. — Mas não acredita nisso.

— Como posso acreditar em algo que nunca testemunharei?

Moneo nunca se sentira mais solitário e temeroso. Que estaria fazendo o Imperador-Deus? “Eu desci aqui para discutir os problemas da peregrinação — . — e para descobrir suas intenções com relação a Siona. Será que ele está brincando comigo?”

— Vamos falar sobre Siona — disse Leto.

“Leitura da mente outra vez!”

— Quando irá testá-la, Senhor? — A pergunta estivera aguardando diante de sua consciência por todo o tempo, mas, agora que a enunciara, Moneo a temia.

— Logo.

— Perdoe-me, Senhor, mas certamente sabe o quanto temo pelo bem-estar de minha única filha.

— Outros sobreviveram ao teste, Moneo. Você mesmo.

Moneo engoliu em seco, relembrando como havia sido sensibilizado para o Caminho Dourado.

— Minha mãe me preparou. Siona não tem mãe.

— Ela tem as Oradoras Peixes. Ela tem você.

— Acidentes acontecem, Senhor.

Lágrimas brotaram nos olhos de Moneo.

Leto afastou o olhar da direção dele, pensando: “Ele está dividido entre sua lealdade para comigo e seu amor por Siona. Como é tocante essa preocupação com a prole. Será que ele não vê que a humanidade inteira é minha única filha?”

Voltando sua atenção para Moneo, Leto disse:

— Você está certo ao observar que acidentes acontecem, mesmo em meu universo. Será que isso não lhe ensina coisa alguma?

— Senhor, apenas desta vez não poderia — —.

— Moneo! Certamente não está pedindo que eu delegue autoridade a uma administradora fraca.

Moneo recuou um passo.

— Não, Senhor. E claro que não.

— Então confie na força de Siona.

Moneo endireitou os ombros.

— Eu farei o que for preciso.

— Siona deve ser despertada para suas obrigações como uma Atreides.

— Sim, é claro, Senhor.

— Não é esse o nosso compromisso, Moneo?

— Não o nego, Senhor. Quando irá apresentá-la ao novo Duncan?

— O teste vem primeiro.

Moneo olhou para o piso frio da cripta.

“Ele olha para o chão com tanta frequência”, pensou Leto. “O que ele pode ver no chão? As marcas milenares da minha carreta? Ah, não. — — e nas profundezas que ele perscruta, nos remos dos mistérios e tesouros que ele espera penetrar logo.

Uma vez mais Moneo ergueu o olhar para o rosto de Leto.

— Eu espero que ela aprecie a companhia do Duncan.

— Tenha certeza disso. Os Tleilaxu o trouxeram para mim em sua forma não-distorcida.

— Isso é tranquilizador, Senhor.

— Sem dúvida já observou que seu genótipo é notavelmente atraente para as mulheres.

— Essa foi minha observação, Senhor.

— Existe algo naqueles olhos suaves e observadores, naquelas feições fortes e no cabelo negro e espesso como pêlo de cabra que positivamente derrete a psique feminina.

— Como o Senhor diz.

— Sabe que agora mesmo ele está com as Oradoras Peixes?

— Eu fui informado, Senhor.

Leto sorriu. E claro que Moneo fora informado.

— Elas o trarão logo para sua primeira visão do Imperador-Deus.

— Inspecionei pessoalmente a sala de audiências. Tudo está pronto, Senhor.

— Algumas vezes acho que você deseja me enfraquecer, Moneo. Deixe

alguns desses detalhes para mim.

Moneo tentou ocultar a constrição do medo. Curvou-se e recuou.

— Sim, Senhor. Mas há algumas coisas que eu devo fazer.

Voltando-se, saiu apressado. Só quando já estava subindo no elevador foi que Moneo percebeu que tinha saído sem esperar a permissão.

“Ele deve saber o quanto estou cansado. Vai me perdoar.”

12

Teu Senhor conhece muito bem o que se encontra em teu coração. Sua alma é o bastante, hoje, como testemunha contra você. Eu não preciso de outros depoimentos. Tu não escutas a tua alma, e sim o teu ódio e a tua raiva

— Lorde Leto a um penitente,
Da História Oral

A seguinte avaliação do estado do Império no ano 3508 do reinado de Lorde Leto foi retirada do Resumo de Welbeck. O original encontra-se nos Arquivos da Ordem Bene Gesserit. Uma comparação revela que o que foi subtraído não prejudica a precisão essencial do relato.

Em nome de nossa Sagrada Ordem, em sua inquebrantável Irmandade, este relato foi julgado confiável e digno de entrar em nossas crônicas.

As irmãs Chenoeh e Tawsuoko retornaram em segurança de Arrakis para nos trazerem a confirmação da execução de nove historiadores que desapareceram na Cidadela durante o ano de 2116 do reinado de Lorde Leto, fato de que há muito suspeitávamos. As irmãs relatam que os nove foram deixados inconscientes e em seguida queimados em piras feitas com seus próprios trabalhos publicados. Isso corresponde exatamente às histórias que circularam através do Império naquela ocasião. Os relatos da época foram julgados como tendo se originado do próprio Leto.

As irmãs Chenoeh e Tawsuoko trazem registros escritos do relato de uma testemunha, dizendo que, quando Lorde Leto foi procurado por outros historiadores, buscando notícias de seus companheiros, ele disse:

“Eles foram destruídos porque mentiram pretensiosamente. Não temam que minha ira caia sobre vocês devido a erros inocentes. Eu não gosto muito de criar mártires. Os mártires tendem a provocar eventos dramáticos no curso dos assuntos humanos.

O drama é um dos alvos da minha predação. Tremam apenas se criarem falsos relatos e se apoiarem orgulhosamente sobre eles. Vão embora agora e não mencionem mais isso.

A evidência interna, no relato escrito a mão, identifica seu autor como Ikonicre, majordomo de Lorde Leto no ano 2116.

Deve-se dedicar atenção ao uso, por Lorde Leto, da palavra predação. Isso é altamente sugestivo em vista das teorias apresentadas pela Reverenda Madre Syaksa, de que o Imperador-Deus vê a si próprio como um predador no sentido natural.

A Irmã Chenoeh foi convidada a acompanhar as Oradoras Peixes no cortejo que seguiu uma das pouco frequentes peregrinações de Lorde Leto. Em certo trecho ela foi chamada para caminhar ao lado da Carreta Real, podendo conversar com Lorde Leto em pessoa. Ela relata o diálogo como se segue:

Lorde Leto disse: “Aqui, na Estrada Real, às vezes me sinto como se me colocasse sobre muralhas, protegendo-me contra os invasores.

A Irmã Chenoeh disse: “Ninguém o ataca aqui, Senhor.”

Lorde Leto disse: “Sua Bene Gesserit me assalta por todos os lados. Mesmo agora, vocês buscam subornar minhas Oradoras Peixes.”

A Irmã Chenoeh diz que se preparou para a morte, mas que o Imperador-Deus apenas deteve sua carreta e olhou por sobre ela para o seu séquito. Ela conta que os outros pararam, aguardando na estrada em bem treinada passividade, todos mantendo respeitosa distância.

E Lorde Leto disse: “Lá está minha pequena multidão e eles me dizem tudo. Não negue minha acusação.”

A Irmã Chenoeh disse: “Eu não estou negando.”

Lorde Leto olhou então para ela e disse: “Não tema por sua pessoa. E meu desejo que relate minhas palavras à sua Irmandade.”

A Irmã Chenoeh diz ter percebido então que Lorde Leto sabia tudo a respeito dela, a respeito de sua missão, seu treinamento como registradora oral, tudo. “Ele era como uma Reverenda Madre”, ela comentou. “Não era possível esconder-lhe coisa alguma.”

E Lorde Leto então lhe ordenou: “Olhe para a minha Cidade Festival e me diga o que vê.”

A Irmã Chenoeh olhou para Onn e disse: “Eu vejo a cidade a distância. Ela é bela à luz da manhã. La’ está a sua floresta à direita. Ela possui tantas tonalidades de verde que eu poderia passar o dia inteiro a descrevê-las. Para a esquerda e por toda a volta da Cidade, espraiam-se os jardins e as casas de seus servidores. Alguns deles parecem muito ricos e outros, muito pobres.”

Lorde Leto disse: “Nós atravancamos esta paisagem! Árvores atravancam. Casas, jardins;,.. Você não pode exultar ante novos mistérios em tal paisagem.

A Irmã Chenoeh, estimulada pelas garantias de Leto, perguntou: “E o Senhor realmente deseja os mistérios?”

Ele respondeu: “Não existe liberdade espiritual externa em tal panorama. Não percebe isso? Não temos um universo aberto para partilhar aqui. Tudo é

fechado... Portas, trancas, trincos!

A Irmã Chenoeh indagou: “Será que a humanidade não tem mais necessidade de privacidade ou proteção?”

Lorde Leto disse: “Quando você voltar, diga a suas irmãs que eu vou restaurar a visão exterior. Uma paisagem como esta leva a pessoa a olhar para seu interior em busca de qualquer liberdade de espírito que possa encontrar dentro de si. E a maioria dos humanos não é suficientemente forte para encontrar liberdade no seu interior.”

A Irmã Chenoeh respondeu: “Eu relatarei suas palavras com precisão, Senhor.”

Lorde Leto disse: “Certifique-se disso. Diga a suas irmãs também que as Bene Gesserits, entre todas as pessoas, devem conhecer os perigos da procriação em busca de uma característica particular, à procura de- um objetivo genético definido.”

A Irmã Chenoeh diz que essa era uma referência óbvia ao pai de Lorde Leto, Paul Atreides. Deve-se notar que nosso programa de procriação conquistou o Kwisatz Haderach uma geração mais cedo. Ao se tornar o Muad’Dib, líder dos Fremen, Paul Atreides escapou ao nosso controle. Não há dúvida de que ele era um macho com os poderes de uma Reverenda Madre, além de outros poderes pelos quais a humanidade ainda se encontra pagando um pesado preço. Como Lorde Leto disse:

“Vocês conseguiram aquilo que não esperavam. Vocês me conseguiram, o coringa do baralho. E eu consegui Siona.”

Lorde Leto recusou-se a esclarecer essa referência à filha de seu majordomo, Moneo. A questão está sendo investigada.

Nos outros assuntos de interesse para a Irmandade, nossas investigadoras forneceram-nos as seguintes informações sobre:

AS ORADORAS PEIXES

As legiões femininas de Lorde Leto elegeram suas representantes para comparecerem ao Festival Decenal em Arrakis. Três representantes estarão presentes para cada guarnição planetária. (Ver, em anexo, relação das escolhidas.) Como de costume, nenhum adulto do sexo masculino comparecerá, nem mesmo os consortes das oficiais Oradoras Peixes. A lista de consortes mudou muito pouco neste período do relatório. Acrescentamos os nomes, com informações genealógicas, onde era possível. Note-se que apenas dois nomes podem ser destacados como descendentes dos gholas Duncan Idaho. Nada há de novo que possamos acrescentar quanto às nossas especulações sobre o uso dos gholas em seu programa de procriação.

Nenhum de nossos esforços no sentido de formar uma aliança entre as Oradoras Peixes e a Bene Gesserit teve sucesso durante este período. Lorde Leto continua a aumentar o tamanho de certas guarnições. Também continua a enfatizar as outras missões das Oradoras Peixes, ao mesmo tempo em que desenfatiza suas missões militares. Isso teve o resultado esperado de aumentar a admiração, o respeito e a gratidão pela presença dessas guarnições em cada local. (Ver, em anexo, a relação das guarnições que aumentaram de tamanho. Nota do Editor: As únicas guarnições pertinentes eram as situadas nos planetas natais das Bene Gesserits, dos Ixianos e dos Tleilaxu. Não houve aumento do número de monitores da Corporação Espacial.)

CLERO

Exceto por algumas substituições e mortes naturais que estão enumeradas nos anexos, não houve mudanças significativas. Os consortes e os funcionários destacados para a realização de tarefas rituais permanecem poucos, seus poderes limitados pela contínua necessidade de consultar Arrakis antes de qualquer ação importante. Na opinião da Reverenda Madre Syaksa e de algumas outras, a característica religiosa das Oradoras Peixes encontra-se em lento declínio.

PROGRAMA DE PROCRIAÇÃO

A não ser a inexplicada referência a Siona e à nossa falha com seu pai, nada temos a acrescentar com relação à nossa contínua monitoração do programa de procriação de Lorde Leto. Existem evidências de uma certa casualidade em seu plano, reforçadas pela declaração de Lorde Leto a respeito de “objetivos genéticos”, mas não temos certeza de que ele tenha sido sincero com a Irmã Chenoeh. Chamamos sua atenção para as muitas ocasiões em que ele ou mentiu ou mudou de direção drasticamente e sem qualquer aviso.

Lorde Leto continua a proibir nossa participação em seu programa de procriação. Suas monitoras em nossa guarnição de Oradoras Peixes permanecem inflexíveis quanto a eliminar nossos nascimentos a que fazem objeção. Somente os mais rigorosos controles nos permitiram manter o nível de Reverendas Madres durante este período do relatório. Nossos protestos não obtiveram resposta. E, em resposta a uma pergunta direta da Irmã Chenoeh, Lorde Leto disse:

“Agradeçam por aquilo que vocês tem.”

Esse aviso é notado aqui. Nós transmitimos uma graciosa carta de agradecimento a Lorde Leto.

ECONOMIA

A Irmandade continua mantendo sua solvência, mas as medidas de economia não podem ser afrouxadas. De fato, como precaução, novas medidas serão instituídas durante o próximo período de relatório. Essas medidas incluirão a redução dos usos rituais da melange e o aumento das taxas cobradas por nossos serviços normais. Esperamos dobrar as mensalidades para o ensino de mulheres das Grandes Casas durante os próximos quatro períodos de relatório. Vocês, portanto, ficam encarregadas de começar a preparar seus argumentos em defesa de tal procedimento.

Lorde Leto negou nossa petição no sentido de um aumento da nossa quota de melange. Nenhuma razão foi fornecida.

Nosso relacionamento com a Combine Honnete Ober Advancer Mercantiles permanece sólido. A CHOAM obteve, no período deste relatório, um cartel regional de Jóias Estelares, projeto do qual obtemos lucro substancial através de nossas atividades de assessoria e barganha. Os atuais lucros desse acordo devem ser mais que suficientes para compensar nossas perdas em Giedi Prime. O investimento em Giedi Prime foi cancelado.

GRANDES CASAS

Trinta e uma das antigas Grandes Casas sofreram desastres econômicos durante o período deste relatório. Somente seis conseguiram manter o status de Casa Menor. (Ver relação em anexo.) Essa continua a ser uma tendência geral, notada durante os mil anos passados, quando as antigas Grandes Casas foram perdendo gradualmente a sua importância. Deve-se notar que as seis que conseguiram evitar o desastre total eram todas fortes investidoras da CHOAM, e cinco dessas seis estavam profundamente envolvidas no Projeto das Jóias Estelares. A única exceção apresentava um portfolio diversificado, incluindo um investimento substancial em antigas peles de baleia de Caladan.

(Nossas reservas de arroz ponji quase dobraram neste período, à custa de nossas ações em peles de baleia. As razões para essa decisão serão revistas no próximo período.)

VIDA FAMILIAR

Como foi observado por nossas investigadoras durante os 2 mil anos precedentes, a homogeneização da vida familiar continua inalterada. As exceções são aquelas que devíamos esperar: a Corporação, as Oradoras Peixes, os Correios Reais e os mutáveis Dançarmos Faciais dos Tleilaxu (que ainda são híbridos, a despeito de todos os esforços no sentido de mudar tal condição), e nossa própria situação, é claro.

Deve-se notar que a estrutura familiar se torna mais e mais semelhante,

não importando qual o planeta de residência, circunstância que não pode ser considerada acidental. Observamos aqui a emergência de um dos grandes desígnios de Lorde Leto. Mesmo as famílias mais pobres são bem alimentadas, é verdade, mas as condições da vida diária se tornam cada vez mais estáticas.

Lembro a vocês uma declaração de Lorde Leto que foi relatada há mais de oito gerações:

"Eu sou o único espetáculo que resta no Império."

A Reverenda Madre Syaksa propôs uma explicação teórica para essa tendência, uma teoria que muitas entre nós estão começando a compartilhar. A RM Syaksa atribui a Lorde Leto um motivo baseado no conceito de despotismo hidráulico. Como sabem, o despotismo hidráulico só é possível quando a substância, ou condição sobre a qual a vida em geral se assenta de modo absoluto, pode ser controlada por uma força relativamente pequena e centralizada. O conceito de despotismo hidráulico originou-se quando o fluxo de água para irrigação aumentava as populações locais até um nível de dependência absoluta. Quando o fluxo da água era interrompido, as pessoas morriam em grande número.

Esse fenômeno tem se repetido muitas vezes ao longo da história humana, e não apenas com a água e os produtos da terra cultivada, mas também com combustíveis hidrocarbonados, tais como o petróleo e o carvão, os quais eram controlados através de oleodutos e outras redes de distribuição. Em certa época, quando a distribuição de eletricidade era efetuada apenas através de complicadas redes de fios estendidos através da paisagem, até mesmo esse recurso energético serviu de base para o despotismo hidráulico.

A RM Syaksa propõe que Lorde Leto está conduzindo o Império rumo a uma dependência cada vez maior em relação à melange. Vale notar que o processo de envelhecimento pode ser considerado uma doença para a qual a melange constitui um tratamento específico, embora não uma cura. A RM Syaksa sugere que Lorde Leto pode mesmo chegar ao ponto de introduzir uma nova doença que só possa ser curada com a melange. Embora essa possa parecer uma idéia extravagante, não deve ser inteiramente descartada como possibilidade. Coisas mais estranhas já aconteceram, e não devemos subestimar o papel da sífilis na história humana inicial.

TRANSPORTES/CORPORAÇÃO

O sistema de transporte por três modos, outrora peculiar a Arrakis (isto é: a pé, com as cargas pesadas montadas em catres erguidos por suspensores; pelo ar, via ornitópteros; e fora do planeta, através dos transportes da Corporação), tem passado a dominar mais e mais planetas do Império. A principal exceção

permanece sendo Ix.

Atribuímos isso, em parte, a uma involução planetária de volta a estilos de vida sedentários e estáticos. E em parte como tentativa de copiar o padrão de Arrakis. A aversão generalizada a tudo que seja Ixiano não desempenha menor papel nessa tendência. E há também o fato de que as Oradoras Peixes promovem esse padrão como um meio de reduzir seu trabalho na manutenção da ordem.

A parte da Corporação Espacial nessa tendência repousa sobre a absoluta dependência de seus Navegadores com relação à melange. Por isso estamos mantendo uma vigilância minuciosa quanto ao esforço conjunto de Ix e da Corporação no sentido de desenvolverem um substitutivo mecânico para os talentos de predição dos Navegadores. Sem a melange ou algum outro meio de se projetar o curso de um heighliner, cada viagem transluz da Corporação arrisca-se a terminar em desastre. Embora não sejamos muito entusiásticas quanto a esse projeto Corporação-IX, há sempre uma possibilidade, e deveremos relatar a respeito disso assim que as condições o permitirem.

O IMPERADOR-DEUS

A não ser por um pequeno crescimento, notamos pouca mudança nas características físicas de Lorde Leto. A falada aversão à água não foi confirmada, embora o uso desse líquido como barreira contra os vermes da areia originais de Duna esteja bem documentado em nossos registros, da mesma forma que a morte da água, pela qual os Fremen matavam um pequeno verme para produzir a essência de especiaria empregada em suas orgias.

Existem evidências consideráveis para a crença de que Lorde Leto aumentou sua vigilância sobre Ix, possivelmente como consequência do projeto conjunto dos Ixianos com a Corporação. Certamente um sucesso nesse projeto reduziria seu domínio sobre o Império.

Ele continua a fazer negócios com Ix, comprando partes sobressalentes para a sua Carreta Real.

Um novo ghola Duncan Idaho foi enviado a Lorde Leto pelos Tleilaxu. Isso deixa claro que o ghola anterior está morto, embora as condições de sua morte não sejam conhecidas. Chamamos sua atenção para indicações anteriores de que o próprio Leto matou alguns de seus gholas.

Existem evidências crescentes de que Lorde Leto emprega computadores. Se ele está, de fato, desafiando suas próprias proibições e as prescrições do Jihad Butleriano, a posse de uma prova quanto a isso aumentaria nossa influência sobre ele, possivelmente ao ponto de possibilitar empreendimentos conjuntos que há muito temos contemplado. O controle soberano sobre nosso programa de procriação é ainda a nossa preocupação primordial. Continuaremos nossas

investigações, tendo em mente, contudo, a seguinte advertência:

Como em cada relatório anterior a este, devemos considerar a presciência de Lorde Leto. Não resta dúvida de que sua habilidade de prever eventos futuros — habilidade oracular muito mais poderosa que a de qualquer um de seus ancestrais — ainda permanece o principal sustentáculo de seu controle político.

Nós não a desafiamos!

E nossa crença que ele conhece cada ação importante que planejamos bem antes de ela acontecer. Guiamos, portanto, pela regra de nunca ameaçar conscientemente sua pessoa ou o que possamos discernir de seu grande plano. Nossa maneira de abordá-lo continuará sendo:

“Diga-nos se o ameaçamos para que possamos desistir.”

E:

“Fale-nos de seu grande plano para que possamos ajudá-lo.”

Ele não nos forneceu nenhuma resposta nova a qualquer das duas perguntas durante este período.

OS IXIANOS

Além do Projeto conjunto Ix-Corporação, existe pouca coisa de importância para ser relatada. Ix está enviando um novo embaixador para a corte de Lorde Leto, uma certa Hwi Noree, neta de Malky, que um dia foi considerado um grande amigo do Imperador-Deus. A razão para a escolha dessa substituta não nos é conhecida, embora haja um pequeno corpo de evidências indicando que essa Hwi Noree foi criada para um propósito específico, possivelmente para ser a representante Ixiana na Corte. Também temos razão para acreditar que, exatamente como ela, Malky foi geneticamente preparado com esse objetivo oficial em mente.

Continuaremos a investigar.

OS FREMEN DE MUSEU

Essas relíquias degeneradas dos outrora orgulhosos guerreiros continuam a operar como a principal fonte de informações confiáveis sobre o que acontece em Arrakis. Eles representam um importante item no orçamento para o nosso próximo período de relatório, de vez que suas exigências de pagamento estão aumentando e não nos atrevemos a antagonizá-los.

E interessante notar que, embora suas vidas tenham pouca semelhança com as de seus ancestrais, seu desempenho nos rituais Fremen e sua habilidade de imitar os antigos costumes permanecem impecáveis. Atribuímos isso à influência das Oradoras Peixes sobre o treinamento dos Fremen.

OS TLEILAXU

Não acreditamos que o novo ghola Duncan Idaho contenha qualquer surpresa. Os Tleilaxu continuam, a ser muito prejudicados pela reação de Lorde Leto à sua única tentativa de mudar a natureza celular e psíquica do original.

Um recente enviado dos Tleilaxu renovou suas tentativas de nos atrair a uma aventura conjunta, o alegado propósito sendo a produção de uma sociedade inteiramente feminina, sem a necessidade de machos. Por todas as razões óbvias, incluindo nossa desconfiança quanto a qualquer coisa oriunda dos Tleilaxu, respondemos com nossa habitual negativa educada. Nossa Comitiva ao Festival Decenal de Lorde Leto fará para ele um completo. relatório a respeito disso.

Respeitosamente, subscrevemo-nos

Reverendas Madres Syaksa, Yitob, Mamulut, Eknekosk e Akeli.

13

Estranho como possa parecer, as grandes lutas, como as que vocês percebem emergir da leitura de meus diários, nem sempre parecem visíveis aos seus participantes. Muito depende do que as pessoas sonham na privacidade de seus corações. Sempre me preocupei em moldar os sonhos assim como as ações. Entre as linhas do meu diário, encontra-se a luta com a visão que a humanidade possui de si mesma — uma disputa suarenta num campo onde as motivações do nosso passado mais obscuro podem brotar de um reservatório inconsciente, tornando-se não apenas eventos com os quais temos de viver, mas eventos que precisamos enfrentar. É o monstro com cabeças de hidra que sempre nos ataca vindo de nosso lado cego. Eu rezo, portanto, para que, quando vocês tiverem atravessado sua porção do Caminho Dourado, a humanidade não seja mais como crianças inocentes dançando ao som de uma música que não podem ouvir.

— Os diários roubados

Nayla caminhava a um passo firme e regular enquanto subia a escadaria circular até a câmara de audiências do Imperador-Deus, no topo da torre sul da Cidadela. A cada vez que ela atravessava o arco sudoeste da torre, as estreitas janelas em fenda lançavam linhas de poeira dourada, bem-definidas, através do seu caminho. Ela sabia que a parede central, ao lado dela, ocultava um elevador Ixiano suficientemente grande para carregar o volumoso corpo de seu Senhor até a câmara de cima. Decerto seria grande o suficiente para carregar seu corpo relativamente pequeno, mas ela não se ressentia do fato de ter de usar as escadarias.

Através das fendas abertas, a brisa trazia até ela o cheiro queimado de pó de pedra da areia soprada. O sol baixo no horizonte incendiava de luz os flocos de mineral vermelho na parede interna, como pontos de rubi brilhante. Aqui e ali, ela lançava uma olhadela pelas janelas em fenda até as dunas lá embaixo. Mas nem uma vez parou para admirar as coisas que via a seu redor.

— Você possui uma paciência heróica, Nayla dissera-lhe seu Senhor uma vez.

A lembrança dessas palavras a animava agora.

Dentro da torre, Leto seguia o progresso de Nayla subindo a longa escada circular que espiralava em redor do tubo Ixiano. Seu avanço era transmitido até ele por um engenho Ixiano que projetava a imagem dela, com um quarto do tamanho, numa região de foco tridimensional diretamente em frente de seus olhos.

"Com que precisão ela caminha", pensou ele.

A precisão, ele sabia, vinha da apaixonada simplicidade da moça.

Ela usava as roupas azuis das Oradoras Peixes e um manto com capuz sem o falcão no peito. Uma vez passado o posto da guarda, no pé da torre, ela retirara a máscara cibus que ele exigia que usasse nessas visitas pessoais. Seu corpo volumoso, musculoso, era como o de muitas outras de suas guardiãs, mas o rosto não era como o de nenhuma outra em toda a sua memória — quase quadrado, com uma boca tão larga que parecia estender-se em torno das bochechas, ilusão causada pelos profundos vincos nos cantos. Os olhos dela eram de um verde pálido, o cabelo, cortado curto, da cor de marfim velho. Sua testa aumentava o efeito de um quadrado, quase chata com sobrancelhas pálidas que frequentemente passavam despercebidas devido aos olhos constrangedores. O nariz era reto, uma linha rasa que terminava junto à boca de lábios finos.

Quando Nayla falava, suas grandes mandíbulas se abriam e se fechavam como as de algum animal primitivo. Sua força, conhecida por poucos fora do Corpo de Oradoras Peixes, era lendária aqui. Leto a vira erguer um homem de 100 quilos com uma só mão. Sua presença em Arrakis fora conseguida originalmente sem a intervenção de Moneo, embora o majordomo soubesse que Leto empregava suas Oradoras Peixes como agentes secretas.

Leto desviou o olhar da imagem em movimento e olhou, através da larga abertura ao seu lado, para o deserto ao sul. As cores das rochas distantes dançaram em sua percepção: marrom, dourado e âmbar profundo. Havia uma linha rosada num penhasco distante, a cor exata das penas da garça pequena. As garças não mais existiam, exceto na memória de Leto, mas ele podia colocar aquela pálida tira de pedra de cor pastel ante um olho interior, e era como se o pássaro extinto voasse diante dele.

A subida, ele sabia, devia estar começando a cansar até mesmo Nayla. Ela finalmente parou para descansar, detendo-se dois degraus além da marca de três quartos. O lugar preciso onde ela repousava todas as vezes. Era parte de sua precisão, uma das razões pelas quais ele a trouxera de volta de uma distante guarnição em Seprek.

Um falcão de Duna passou pela abertura ao lado de Leto, a apenas alguns comprimentos de asa da muralha da torre, sua atenção mantida nas sombras da base da Cidadela. Pequenos animais algumas vezes emergiam ali, Leto o sabia.

No horizonte, além da rota do falcão, ele podia distinguir fracamente uma linha de nuvens.

Que coisas estranhas eram elas para o Velho Fremen que existia nele: nuvens em Arrakis, e chuva, e água a céu aberto.

Leto lembrou suas vozes interiores: “Exceto por este último deserto, o meu Sareer, a remodelação de Duna num Arrakis verdejante prosseguiu implacavelmente desde os primeiros dias do meu reinado.”

A influência da geografia na história fora geralmente despercebida, pensou Leto. Os seres humanos tendiam a observar mais a influência da história na geografia.

“Quem possui esta passagem de rio? Este vale verdejante? Esta península? Este planeta? Nenhum de nós.”

Nayla estava subindo uma vez mais, seu olhar fixo nas escadas que ainda devia suplantar. Os pensamentos de Leto voltaram-se para ela.

“De muitas maneiras, ela é a assistente mais útil que já tive. Eu sou o Deus dela. Ela me adora sem questionamentos. Mesmo quando eu, de brincadeira, ataco a sua fé, ela recebe isso meramente como um teste. E se julga superior a qualquer teste.”

Quando ele a enviara para participar da rebelião e lhe dissera para obedecer Siona em todas as coisas, ela não questionara. Quando Nayla duvidava, mesmo quando colocava suas dúvidas em palavras, seus próprios pensamentos eram suficientes para lhe restaurar a fé... ou tinham sido suficientes até então. Recentes mensagens, contudo, tinham deixado claro que Nayla precisava da Sagrada Presença para lhe restaurar a força interior.

Leto relembrava sua primeira conversa com Nayla, a mulher trêmula em sua avidez para satisfazê-lo:

— Mesmo que Siona a envie para me matar, você deve obedecer. Ela nunca deve perceber que você serve a mim.

— Mas ninguém pode matá-lo, Senhor.

— Mas você deve obedecer Siona.

— E claro, Senhor. Essa foi a sua ordem.

— Deve obedecê-la em todas as coisas.

— Eu o farei, Senhor.

“Outro teste. Nayla não questiona os meus testes. Ela os trata como a picadas de pulgas. Seu Senhor ordena? Nayla obedece. Não posso permitir que coisa alguma mude esse relacionamento.”

Ela teria dado uma soberba Shadout nos velhos dias, pensou Leto. Fora essa uma das razões pelas quais dera a Nayla uma faca cristalina, uma verdadeira faca cristalina preservada do Sietch Tabr. Pertencera a uma das esposas de

Stilgar, e Nayla a usava numa bainha escondida debaixo de seus mantos, mais um talismã do que uma arma. Ele a dera no ritual original, cerimônia que o surpreendera ao evocar emoções que julgara para sempre sepultadas.

— Este é o dente do Shai-Hulud.

E lhe estendera a lâmina com suas mãos de pele prateada.

— Receba-a e você se tornará parte do passado e do futuro Suje-a e o passado não lhe dará futuro algum.

Nayla aceitara a lâmina, depois a bainha.

— Tire o sangue de um dedo — Leto ordenara.

Nayla obedecera.

— Coloque a faca na bainha. E nunca a retire sem tirar sangue.

E novamente Nayla obedecera.

Agora, enquanto Leto observava a imagem tridimensional de Nayla se aproximando, suas reflexões sobre aquela antiga cerimônia eram tocadas pela tristeza. A menos que fosse fixada pela antiga maneira Fremen, a lâmina iria tornar-se cada vez mais quebradiça e inútil. Manteria a sua forma de faca cristalina durante a vida de Nayla, mas não duraria além disso.

“Eu joguei fora um fragmento do passado.”

Como era triste que as Shadout dos antigos dias se tivessem tornado as Oradoras Peixes de hoje. E uma verdadeira faca cristalina fora usada para unir mais fortemente um servo ao seu senhor. Ele sabia que alguns julgavam que as suas Oradoras Peixes eram de fato sacerdotisas — a resposta de Leto à Bene Gesserit.

— Ele cria uma nova religião — disseram as Bene Gesserits.

— Tolice. Eu não crio uma nova religião. Eu sou a religião!

Nayla entrou na torre-santuário e parou a três passos da carreta de Leto, a cabeça curvada em adequada subserviência.

Ainda em suas memórias, Leto disse:

— Olhe para mim, mulher!

Ela obedeceu.

— Eu criei uma sagrada obscenidade! Essa religião criada em torno de minha pessoa me desagrada!

— Sim, Senhor.

Os olhos verdes de Nayla, nas almofadas douradas de suas faces, olharam para ele sem questionamento, sem compreensão, sem a necessidade de qualquer resposta.

“Se eu a mandasse colher estrelas, ela sairia daqui e tentaria fazê-lo. Pensa que a estou testando uma vez mais. Creio que ela poderia enfurecer-me.”

— Essa maldita religião deve terminar comigo! — gritou Leto.

— Por que eu desejaria deixar uma religião à solta entre minha gente? As religiões arruinam por dentro — impérios e indivíduos da mesma maneira! E tudo o mesmo.

— Sim, Senhor.

— As religiões criam radicais e fanáticos como você!

— Obrigada, Senhor.

A pseudo-ira de vida curta reafundou nas profundezas das suas memórias. Nada riscara a superfície dura da fé de Nayla.

— Topri enviou-me um relatório através de Moneo — disse Leto. — Fale-me a respeito desse Topri.

— Topri é um verme.

— Não é disso que você chama a mim quando está entre os rebeldes?

— Eu obedeço o meu Senhor em tudo.

“Touché!”

— Não vale a pena investir em Topri, então? — perguntou Leto.

— Siona o julgou corretamente. Ele é desajeitado. Diz coisas que outros irão repetir, expondo assim sua atuação no assunto. Segundos depois de Kobat começar a falar, ela já tinha a confirmação de que Topri era um espião.

“Todos concordam, até mesmo Moneo”, pensou Leto. “Topri não é um bom espião.

A unanimidade divertia Leto. Essas maquinações insignificantes turvavam uma água que permanecia completamente transparente para ele. Os atores, entretanto, ainda serviam aos seus propósitos.

— Siona não suspeita de você? — perguntou Leto. Eu não sou desajeitada.

— Sabe por que a convoquei?

— Para testar a minha fé.

“Ah, Nayla. Quão pouco você sabe sobre testes.”

— Desejo sua avaliação sobre Siona. Quero vê-la em sua face e em seus movimentos, ouvi-la em sua voz — disse Leto. — Ela está pronta?

— As Oradoras Peixes precisam dela, Senhor. Por que o Senhor se arrisca a perdê-la?

— Forçar a questão é a maneira mais segura de perder aquilo que mais valorizo nela — disse Leto. — Ela deve vir a mim com todas as suas forças intactas.

Nayla abaixou a cabeça.

— Como o meu Senhor ordenar.

Leto reconheceu a resposta. Era a reação de Nayla a qualquer coisa que ela deixasse de entender.

— Será que ela vai sobreviver ao teste, Nayla?

— Como o meu Senhor descreve o teste... — Nayla ergueu os olhos para o rosto de Leto, encolheu os ombros. — Eu não sei, Senhor. Decerto que ela é forte. Foi a única que sobreviveu aos lobos. Mas ela é governada pelo ódio.

— Muito naturalmente. Diga-me, Nayla, que ela vai fazer com as coisas que roubou de mim?

— Topri não o informou a respeito dos livros que eles dizem conter as Suas Sagradas Palavras?

"Estranho como ela é capaz de colocar maiúsculas nas palavras apenas com a voz", pensou Leto. Sua resposta foi áspera.

— Sim, sim. Os Ixianos possuem uma cópia e logo a Corporação e a Irmandade estarão trabalhando duramente nelas.

— Que são aqueles livros, Senhor?

— São as minhas palavras à minha gente. Quero que sejam lidas. O que desejo saber é o que Siona disse a respeito das plantas da Cidadela que ela levou.

— Ela diz que existe um grande tesouro em melange embaixo de sua Cidadela, Senhor. E que as plantas irão revelá-lo.

— As plantas não irão revelá-lo. Ela irá escavar?

— Ela busca ferramentas Ixianas para fazê-lo.

— Ix não irá fornecê-las.

Existe tal tesouro em especiaria, Senhor?

— Sim.

— Há uma história sobre como o seu Tesouro é defendido. De que o próprio Arrakis seria destruído se alguém tentasse roubar a Sua melange. É verdade?

— Sim. E isso despedaçaria o Império. Nada sobreviveria — a Corporação, a Irmandade, Ix ou os Tleilaxu... nem mesmo as Oradoras Peixes.

Ela estremeceu e então disse:

— Eu não deixarei que Siona tente obter a Sua especiaria.

— Nayla! Eu lhe ordenei que obedecesse Siona em tudo. É dessa maneira que você me serve?

— Senhor? — indagou ela, temerosa de sua raiva, mais perto de perder a fé do que ele jamais vira: era a crise que ele havia criado, sabendo como deveria terminar. Lentamente, Nayla relaxou. Ele podia ver a forma de seus pensamentos como se ela os tivesse exibido em palavras luminosas.

"O teste final!"

— Você retornará ao encontro de Siona, e protegerá a vida dela como se fosse a sua própria — disse Leto. — Essa foi a tarefa que preparei para você e que você aceitou. Foi o motivo pelo qual você foi escolhida. É por isso que

carrega a lâmina da casa de Stilgar.

A mão dela estendeu-se para a faca cristalina escondida debaixo do manto.

“Como é verdadeiro”, pensou Leto, “que uma arma pode prender uma pessoa a um padrão previsível de comportamento”.

Ele olhou fascinado para o corpo rígido de Nayla. Os olhos dela estavam vazios de tudo, exceto adoração.

“O derradeiro despotismo retórico... e eu o desprezo!”

— Vá, então! — gritou ele.

Nayla virou-se e fugiu da Sagrada Presença.

“Será que isto vale a pena?” — pensou Leto.

Mas Nayla dissera-lhe o que precisava saber. Ela havia renovado sua fé e revelado com precisão aquilo que Leto não podia encontrar na imagem de Siona, que já se esfumava. Os instintos de Nayla deviam ser considerados.

“Siona chegou ao ponto explosivo de que eu preciso.”

14

Os Duncans sempre acham estranho que eu escolha mulheres para as forças de combate, mas as minhas Oradoras Peixes são um exército temporário em todos os sentidos. Embora possam ser violentas e perversas, as mulheres são profundamente diferentes dos homens em sua dedicação à batalha. O preço da gênese acaba por predispo-las a um comportamento mais protetor em relação à vida. E elas têm se revelado as melhores mantenedoras do Caminho Dourado; eu reforço isso em minhas especificações para o seu treinamento. Elas são poupadas por algum tempo das rotinas ordinárias. Eu lhes designo ações especiais com as quais poderão gozar com prazer o resto de suas vidas. Elas chegam à maturidade na companhia de suas irmãs, preparando-se para acontecimentos mais profundos. Aquilo que você compartilha em tal companheirismo sempre o prepara para coisas mais grandiosas. O ar da nostalgia cobre os dias delas entre suas irmãs, fazendo com que esses dias as transformem em algo diferente daquilo que eram. Essa é a maneira pela qual o hoje modifica a história. Nem todos os contemporâneos habitam o mesmo tempo. O passado está sempre mudando, mas poucos o percebem.

— Os diários roubados

Depois de enviar suas ordens às Oradoras Peixes, Leto desceu à cripta no cair da tarde. Achara melhor começar sua entrevista com o novo Duncan Idaho numa sala escura, onde o ghola pudesse ouvi-lo descrever a si próprio antes de realmente vê-lo no corpo pré-verme. Havia uma pequena sala lateral, escavada na rocha negra, fora da rotunda central da cripta, que era adequada para aquela necessidade. A câmara era suficientemente larga para acomodar Leto em sua carreta, mas o teto era baixo. A iluminação vinha de globos luminosos ocultos, os quais ele controlava. Havia apenas uma porta, mas em dois segmentos — um deles se abria amplamente para admitir a Carreta Real; o outro era um pequeno portal de dimensões humanas.

Leto fez a Carreta Real rolar para dentro da câmara, fechou o grande portal e abriu o menor. Preparou-se então para a sua provação.

O tédio era um problema crescente. O padrão dos gholas Tleilaxu vinha se

tornando tediosamente repetitivo. Certa vez Leto enviara instruções advertindo os Tleilaxu para que não enviassem mais Duncans, mas eles sabiam que iriam desobedecê-lo nesse detalhe.

"Algumas vezes acho que eles fazem isso para manter viva a desobediência!"

Os Tleilaxu confiavam em algo importante que, eles sabiam, os protegia em outras questões.

"A presença de um Duncan satisfaz o Paul Atreides que existe em mim."

Como Leto explicara a Moneo, nos primeiros dias da presença do majordomo na Cidadela:

— Os Duncans devem vir a mim com algo mais que a preparação dos Tleilaxu. Você deve cuidar para que minha gente suavize os Duncans e que as mulheres respondam a algumas de suas questões.

— Que questões elas poderão responder, Senhor?

— Elas sabem.

Moneo, é claro, havia aprendido tudo sobre esse procedimento com o correr dos anos.

Leto ouviu a voz de Moneo do lado de fora da sala escura e então o som da escolta de Oradoras Peixes, seguido pelos passos hesitantes do novo ghola.

— Após aquela porta — disse Moneo. — Estará escuro lá dentro e nós fecharemos a porta atrás de você. Pare logo depois da porta e espere que Lorde Leto fale com você.

— Por que vai estar escuro? — A voz do Duncan estava repleta de agressivos receios.

— Ele irá explicar.

Idaho foi empurrado para dentro da sala e a porta fechada atrás dele.

Leto sabia o que o ghola via: apenas sombras entre sombras e a escuridão onde nem mesmo a fonte de uma voz poderia ser determinada. Como de hábito, ele usou a voz de Paul Muad'Dib.

— Agrada-me vê-lo de novo, Duncan.

— Eu não posso vê-lo!

Idaho era um guerreiro, e um guerreiro ataca. Isso tranquilizou Leto quanto ao fato de esse ghola ter sido completamente restaurado com relação ao original. O jogo de moralidade com o qual os Tleilaxu despertavam as memórias anteriores à morte no ghola sempre deixava algumas incertezas na mente deles. Alguns Duncans acreditavam ter ameaçado um verdadeiro Paul Muad'Dib. Este tinha tais ilusões.

— Eu ouço a voz de Paul, mas não posso vê-lo — disse Idaho. Não tentou ocultar sua frustração, deixando-a transparecer inteiramente em sua voz.

Por que um Atreides joga esse joga estúpido? Paul estava realmente morto, num passado distante, e esse era Leto, o’ portador das memórias renascidas de Paul... e das memórias de muitos outros! — caso se deva crer nas histórias dos Tleilaxu.

— Você foi informado de que é apenas o último de uma longa linha de duplicatas — disse Leto.

— Eu não tenho nenhuma dessas memórias.

Leto reconheceu a histeria na voz do Duncan, quase sem controle sob a bravura do guerreiro. As malditas táticas de restauração pós-tanque dos Tleilaxu tinham produzido o habitual caos mental. Esse Duncan tinha chegado num estado de quase choque, suspeitando fortemente estar louco. Leto sabia que os poderes mais sutis de transmissão de confiança seriam necessários para tranquilizar o pobre coitado. Isso iria esgotar emocionalmente a ambos.

— Houve muitas mudanças, Duncan — disse Leto. — Uma coisa, entretanto, não mudou. Ainda sou um Atreides.

— Eles dizem que seu corpo é...

— Sim, isso também mudou.

— Os malditos Tleilaxu! Tentaram me levar a matar alguém. . Eu... bem, ele se parecia com você. Subitamente me lembrei de quem eu era, e lá estava esse. . Poderia ter sido um ghola Muad’Dib?

— O mimetismo de um Dançarino Facial, eu lhe asseguro.

— Ele falava e se parecia tanto com. . Você tem certeza?

— Um ator, não mais que isso. Ele sobreviveu?

— E claro! Era assim que eles despertavam minhas memórias. Eles explicaram toda a maldita coisa. E verdade?

— E verdade, Duncan. Detesto isto, mas o permito pelo prazer de sua companhia.

“A vítima potencial sempre sobrevive”, pensou Leto. “Pelo menos com relação aos Duncans que eu vejo. Há sempre falhas, o falso Paul morto e os Duncans destruídos. Mas sempre existem mais células cuidadosamente preservadas do original.”

— E quanto ao seu corpo? — quis saber Idaho.

O Muad’Dib poderia retirar-se agora; Leto voltou a usar sua voz normal.

— Eu aceitei as trutas da areia como minha pele. Elas têm me modificado desde então.

— Por quê?

— Explicarei isso na ocasião devida.

— Os Tleilaxu disseram-me que parece um verme da areia.

— E o que minhas Oradoras Peixes disseram?

— Elas disseram que é Deus. Por que as chama de Oradoras Peixes?

— Um antigo conceito. As primeiras sacerdotisas conversavam com peixes em seus sonhos. Elas aprenderam coisas valiosas desse modo.

— Como sabe?

— Eu sou aquelas mulheres... e tudo que veio antes e depois delas.

Leto ouviu a garganta de Idaho engolir em seco, e então a declaração:

— Percebo a razão da escuridão. Está me dando tempo para me ajustar.

— Vocês sempre foram rápidos, Duncan.

“Exceto quando foram lentos.”

— Por quanto tempo tem sofrido essa mudança?

— Mais de 3.500 anos.

— Então, o que os Tleilaxu me contaram é verdade.

— Eles raramente se atrevem a mentir hoje em dia.

— Isso é um tempo muito longo.

— Muito longo.

— Os Tleilaxu... me copiaram muitas vezes?

— Muitas.

“E hora de você perguntar quantas, Duncan.”

— Quantos de mim?

— Deixarei que veja os registros por si mesmo, Duncan.

“E assim a coisa começa”, pensou Leto.

Esse diálogo sempre parecia satisfazer aos Duncans, mas não havia como escapar à natureza da questão:

“Quantos de mim?”

Os Duncans não faziam distinções de carne, embora nenhuma memória mútua passasse entre gholas do mesmo estoque.

— Eu relembro minha morte — disse Idaho. — Lâminas dos Harkonnen, um monte delas tentando atingi-lo e a Jessica.

Leto restaurou momentaneamente a voz do Muad’Dib para um rápido jogo:

— Eu estava lá, Duncan.

— Eu sou um substituto, não é verdade? — indagou Idaho.

— E verdade — respondeu Leto.

— Como foi que os outros de mim... quero dizer, como eles morreram?

— Toda carne se desgasta, Duncan. Está nos registros.

Leto esperou pacientemente, imaginando por quanto tempo essa história suavizada satisfaria esse Duncan.

— Como você se parece realmente? — indagou Idaho. Que é esse corpo de verme da areia que os Tleilaxu descreveram?

— Ele vai produzir algum tipo de verme da areia, um dia. Já está bem avançado na estrada da metamorfose.

— Que quer dizer com algum tipo?

— Eles terão mais gânglios. Serão conscientes.

— Não podemos contar com algum tipo de iluminação? Gostaria de vê-lo.

Leto comandou os holofotes e uma brilhante iluminação inundou a câmara. As paredes negras e as fontes de luz tinham sido preparadas para focalizarem a iluminação sobre Leto, tornando visíveis todos os detalhes.

Idaho percorreu com o olhar o corpo facetado, cinza-prata, notou o início da formação dos anéis do verme, os flexionamentos sinuosos. .. as pequenas protuberâncias que um dia haviam sido as pernas e os pés, uma delas de certo modo mais curta que a outra. E depois trouxe sua atenção de volta para os braços e mãos bem-definidos, erguendo o olhar para a face encapuzada, com sua pele rósea quase perdida na imensidão, um apêndice ridículo em tal corpo.

— Bem, Duncan — disse Leto. — Você foi avisado.

Idaho gesticulou, incapaz de falar, apontando para o corpo pré-verme.

Leto fez a pergunta por ele:

— Por quê?

Idaho assentiu com a cabeça.

— Ainda sou um Atreides, Duncan, e lhe asseguro com toda a honra de meu nome que houve razões que me compeliram a isso.

— Mas o que poderia...

— Você aprenderá com o tempo.

Idaho apenas sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Não é uma revelação agradável — disse Leto. — Vai exigir que aprenda outras coisas primeiro. Confie nas palavras de um Atreides.

Através dos séculos, Leto descobrira que essa invocação da profunda lealdade de Idaho para com tudo que fosse Atreides sufocava a explosão imediata de perguntas mais pessoais. E uma vez mais a fórmula funcionou.

— Assim, devo servir aos Atreides novamente. Isso soa familiar, não soa?

— De muitos modos, velho amigo.

— Velho para você, talvez, mas não para mim. Como irei servi-lo?

— Minhas Oradoras Peixes não lhe disseram?

— Elas disseram que eu iria comandar a sua Guarda de elite, uma força escolhida entre elas. Não entendo isso. Um exército de mulheres?

— Preciso de um companheiro de confiança que possa comandar a minha Guarda. Você faz objeção?

— Por que mulheres?

— Existem diferenças de comportamento entre os sexos que tornam as

mulheres extremamente valiosas nesse papel.

— Não está respondendo a minha pergunta.

— Você as julga inadequadas?

Algumas delas parecem ser bem duras, mas.

— Outras foram, ummm... suaves com você?

Idaho corou.

Leto achou essa reação encantadora. Os Duncans estavam entre os poucos humanos dessa época capazes dessa reação. Era uma coisa compreensível, produto do treinamento inicial dos Duncans, de seu próprio senso pessoal de honra — muito cavalheiresco.

— Não vejo por que confia em mulheres para protegê-lo — disse Idaho, o sangue refluindo lentamente de suas faces. Ele olhou zangado para Leto.

— Mas sempre confiei nelas, assim como confio em você. com minha vida.

— De que deveremos protegê-lo?

— Moneo e minhas Oradoras Peixes deverão atualizá-lo nesses assuntos.

Idaho mudou o apoio de um pé para o outro, seu corpo fazendo um meneio num ritmo rápido. Olhou à volta da sala, seus olhos não se focalizando em coisa alguma. Com o gesto abrupto de uma decisão súbita, voltou sua atenção para Leto.

— Como devo chamá-lo?

Era o sinal de aceitação pelo qual Leto estivera esperando.

— Lorde Leto serviria?

— Sim... meu Lorde. — Idaho olhou diretamente para os olhos, que tinham o azul total dos Fremen. — E verdade o que as suas Oradoras Peixes dizem?.. . que você tem memórias de...

Nós estamos todos aqui, Duncan — respondeu Leto, na voz paternal de seu avô, e então: — Mesmo as mulheres estão aqui, Duncan. — E era a voz de Jessica, a avó paterna de Leto.

— Você os conhecia bem — disse Leto. — E eles a você.

Idaho respirou fundo, de modo trêmulo.

— Vai levar algum tempo para que eu me acostume com isso.

— Foi exatamente essa a minha reação inicial — disse Leto.

Uma explosão de riso sacudiu Idaho, e Leto achou que era mais do que a fraca piada merecia, mas permaneceu em silêncio.

Daí a pouco Idaho disse:

— Suas Oradoras Peixes deviam colocar-me num estado de disposição favorável, não?

— E tiveram sucesso?

Idaho estudou o rosto de Leto, reconhecendo as distintas feições Atreides.

— Vocês Atreides sempre me conheceram muito bem.

— Assim é melhor — disse Leto. — Você está começando a aceitar que eu não sou apenas um Atreides. Sou todos eles.

— Paul disse isso uma vez.

— Assim eu disse! — E com tanto da personalidade original quanto poderia ser transmitido em tom e característica da voz, era o Muad'Dib falando.

Idaho engoliu em seco e olhou para a porta da câmara.

— Você tirou alguma coisa de nós — ele disse. — Posso senti-lo. Aquelas mulheres... Moneo...

"Nós contra você", pensou Leto. "Os Duncans sempre escolhem ficar do lado humano."

Idaho voltou sua atenção para o rosto de Leto.

— Que foi que nos deu em troca?

— Por todo o Império, a Paz de Leto!

— E eu posso ver que todos estão alegremente felizes! E por isso que precisa de um guarda pessoal.

Leto sorriu.

— Minha paz é realmente uma tranquilidade forçada. E os seres humanos possuem uma longa história de reação à tranquilidade.

— Assim, você nos deu as Oradoras Peixes?

— E uma hierarquia que você pode identificar sem qualquer erro.

— Um exército feminino — murmurou Idaho.

— A derradeira força de sedução masculina — explicou Leto.

— O sexo sempre foi uma forma de controlar a agressividade do macho.

— E isso que elas fazem?

— Elas previnem ou controlam os excessos, que levariam a uma violência mais dolorosa.

— E você deixa-as acreditarem que é um deus. Não creio que goste disso.

— A maldição da santidade é tão ofensiva para mim quanto o é para você!

Idaho franziu a testa. Não era a resposta pela qual tinha esperado.

— Que tipo de jogo está jogando, Lorde Leto?

— Um jogo muito antigo, mas com novas regras.

— As suas regras!

— Preferiria que eu tivesse entregue tudo de volta à CHOAM, à Landsraad e às Grandes Casas?

— Os Tleilaxu dizem que não existe mais Landsraad. Você não permite a verdadeira autogestão.

— Muito bem, eu poderia então sair de cena para que as Bene Gesserits

assumissem. Ou talvez os Ixianos ou os Tleilaxu? Você preferiria que eu encontrasse um outro Barão Harkonnen para assumir o controle do Império? Diga o nome, Duncan, e eu abdicarei!

Ante essa avalanche de significados, Idaho sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Nas mãos erradas — disse Leto —, o poder monolítico centralizado é um instrumento perigoso e volátil.

— E as suas mãos são as certas?

— Não tenho certeza quanto às minhas mãos, mas lhe digo uma coisa, Duncan: tenho certeza quanto às mãos daqueles que vieram antes de mim. Eu os conheço.

Idaho virou as costas para Leto.

“Que gesto fascinante, fundamentalmente humano”, pensou Leto. “A rejeição somada à aceitação de sua vulnerabilidade.”

Leto falou para as costas de Idaho.

— Você faz uma objeção honesta a que eu use as pessoas sem o conhecimento e o consentimento pleno delas?

Idaho voltou o perfil para Leto, depois virou a cabeça para fitar a face envolta nas dobras da truta da areia, inclinando-a um pouco para diante, de modo a enxergar o interior dos olhos totalmente azuis.

“Ele está me estudando”, pensou Leto. “Mas só tem um rosto através do qual me avaliar.”

Os Atreides ensinavam sua gente a conhecer os sinais sutis na face e no corpo, e Idaho era bom nisso. Mas a compreensão podia ser notada chegando sobre ele: aquilo estava além da sua capacidade.

Ele pigarreou.

— Qual seria a pior coisa que pediria de mim?

“Quão típico de um Duncan!”, pensou Leto. Este aqui era um exemplo clássico. Idaho daria sua lealdade aos Atreides, ao guardião de seu juramento, mas deixava claro que não iria além dos limites de sua própria moral como pessoa.

— Eu lhe pedirei para me guardar com todos os meios que forem necessários, e lhe pedirei para guardar o meu segredo.

— Que segredo?

— Que sou vulnerável.

— Que não é Deus?

— Não no sentido fundamental.

— Suas Oradoras Peixes falam a respeito de rebeldes.

— Eles existem.

— Por quê?

— Eles são jovens e não se convenceram de que meu caminho é o melhor. E muito difícil convencer os jovens de qualquer coisa. Eles já nascem sabendo tanto.

— Nunca ouvi um Atreides desdenhar os jovens desse modo.

— Talvez seja porque eu sou tão velho... uma velhice composta por muitas velhices. E minha tarefa se torna cada vez mais difícil a cada geração que passa.

— E qual é sua tarefa?

— Vai chegar a entendê-la enquanto prosseguirmos.

— E que acontece se eu falhar ante você? Suas mulheres me eliminam?

— Eu tento não pôr sobre minhas Oradoras Peixes o fardo da culpa.

— Mas o poria sobre mim?

— Se aceitar.

— Se achar que é pior que os Harkonnen, eu me voltarei contra você.

“Quão típico de um Duncan. Ele mede todo o mal em relação aos Harkonnen. Quão pouco ele conhece a respeito do mal.”

Leto disse:

— O Barão devorava planetas inteiros, Duncan. Que poderia ser pior do que isso?

— Devorar o Império.

— Eu estou prenhe do meu Império. E morrerei dando à luz a ele.

— Se eu puder acreditar nisso.

— Comandará minha Guarda?

— Por que eu?

— Você é o melhor.

— Trabalho perigoso, imagino. Foi assim que meus antecessores morreram, fazendo seu trabalho perigoso?

— Alguns deles.

— Eu gostaria de ter as memórias desses outros!

— Não poderia tê-las e ser fiel ao original.

— Mas quero aprender a respeito deles.

— Você aprenderá.

— Assim, os Atreides ainda precisam de uma lâmina afiada?

— Temos tarefas que apenas um Duncan Idaho pode fazer.

— Você” diz que... nós... — Idaho engoliu em seco, olhou para a porta e então de novo para o rosto de Leto.

Leto falou para ele como o Muad’Dib teria falado, mas conservando sua própria voz:

— Quando nós subimos juntos para o Sietch Tabr pela última vez, você tinha minha lealdade e eu tinha a sua. Nada nisso mudou realmente.

— Esse foi seu pai.

— Esse fui eu! — A voz de comando do Muad'Dib, partindo do volume de Leto, sempre chocava os gholas.

Idaho sussurrou:

— Todos vocês... nesse único... corpo... — Ele se interrompeu, incapaz de prosseguir.

Leto permaneceu em silêncio. Este era o momento da decisão.

Daí a pouco Idaho se permitiu aquele sorriso temerário pelo qual os Duncans eram tão bem conhecidos.

— Então eu falarei para o primeiro Leto, e para Paul, aqueles que me conhecem melhor. Façam bom uso de mim, pois eu os amei.

Leto fechou os olhos. Tais palavras sempre o perturbavam. Ele sabia que era o amor que o deixava mais vulnerável.

Moneo, que estivera ouvindo, veio em seu socorro. Entrou e disse:

— Senhor, devo levar Duncan Idaho às guardas que ele irá comandar?

— Sim. — Essa única palavra era tudo que Leto conseguiria pronunciar.

Moneo pegou Idaho pelo braço e o levou.

"Bom Moneo", pensou Leto. "Tão bom. Ele me conhece tão bem, mas não tenho a menor esperança de que ele jamais venha a me compreender."

15

Eu conheço o mal em meus ancestrais porque sou cada uma daquelas pessoas. Esse equilíbrio é delicado ao extremo. Sei que poucos entre aqueles que lêem minhas palavras chegaram a pensar em seus ancestrais desse modo. Por acaso já lhes ocorreu que seus ancestrais foram sobreviventes, e que a própria sobrevivência às vezes envolve decisões selvagens, uma espécie de brutalidade lasciva que a humanidade civilizada se esforça duramente para suprimir. Que preço vocês pagariam por tal controle? Vocês aceitariam a sua própria extinção?

— Os diários roubados

Enquanto se vestia para sua primeira manhã no comando das Oradoras Peixes, Idaho tentava fugir a um pesadelo. Aquilo o tinha despertado duas vezes, e em ambas as ocasiões ele saíra para a sacada, fitando o céu estrelado enquanto o sonho ainda rugia em sua cabeça.

Mulheres... mulheres desarmadas em armaduras negras... correndo ao encontro dele com aquele rugido, o som descerebrado de uma turba... acenando com mãos tintas de sangue vermelho... enquanto elas caíam sobre ele, as bocas abertas para exibir presas terríveis!

Naquele momento ele despertava.

A luz da manhã pouco fizera para afastar os efeitos do pesadelo.

Elas lhe haviam providenciado um quarto na torre norte. A sacada debruçava-se sobre uma vista de dunas, até um distante penhasco que parecia ter um vilarejo de casas de barro na sua base.

Idaho abotoou a túnica enquanto olhava para a paisagem.

“Por que Leto escolhe somente mulheres para o seu exército?”

Várias Oradoras Peixes, muito bonitas, se tinham oferecido para passar a noite com o novo comandante, mas Idaho as rejeitara.

Não era típico dos Atreides usar o sexo como instrumento de persuasão!

Olhou para o seu traje: um uniforme negro com filetes dourados e um falcão vermelho sobre o lado esquerdo do peito. Isso ao menos era familiar. Não havia insígnia de posto.

— Elas conhecem o seu rosto — dissera Moneo.

“Estranho homenzinho, aquele Moneo.”

Esse pensamento o trouxe de volta à realidade. A reflexão lhe dizia que Moneo não era pequeno. “Muito controlado, sim, mas não mais baixo do que eu.” Mas Moneo parecia encolhido, como se... dominado por uma estranha calma.

Idaho olhou em torno do quarto... sibarítico em sua atenção ao conforto — almofadas suaves, equipamentos ocultos por trás de painéis de madeira marrom envernizada. O banheiro era uma adornada exibição de azulejos, num tom azul-pastel, com uma combinação de banheira e chuveiro no qual seis pessoas poderiam tomar banho ao mesmo tempo. O lugar inteiro convidava ao descanso. Eram alojamentos onde você poderia permitir que seus sentidos se perdessem na lembrança de prazeres.

— Muito hábil — sussurrou Idaho.

Uma suave batida na porta foi seguida por uma voz feminina dizendo:

— Comandante? Moneo está aqui.

Idaho olhou para as cores queimadas de sol no penhasco distante.

— Comandante? — A voz foi um pouco mais alta.

— Entre — disse Idaho.

Moneo entrou, fechando a porta atrás de si. Usava túnica e calças de um branco cor de giz, que forçava os olhos e se concentrarem no rosto. Moneo olhou o interior do aposento.

— Então foi aqui que elas o colocaram. Aquelas malditas mulheres! Eu suponho que julgaram estar sendo gentis, mas deviam ser mais perspicazes.

— Como sabe do que eu gosto? — indagou Idaho. Mas ao fazer a pergunta percebeu o quanto era tola.

“Não sou o primeiro Duncan Idaho que Moneo já viu.

Moneo apenas sorriu e encolheu os ombros.

— Não pretendia ofendê-lo, Comandante. Vai ficar com estes alojamentos, então?

— Gosto da vista.

— Mas não da mobília. — Era uma declaração, não uma pergunta.

— Isso pode ser mudado — disse Idaho.

— Cuidarei disso.

— Suponho que esteja aqui para explicar minhas tarefas.

— Até onde eu possa. Sei como tudo lhe deve parecer estranho, a principio. Esta civilização é profundamente diferente daquela que você conhecia.

— Percebo isso. Como meu... predecessor morreu?

Moneo encolheu os ombros. Parecia um gesto padrão, mas nada havia de

displicente nele.

— Ele não foi suficientemente rápido para escapar a uma decisão que havia tomado — disse Moneo.

— Seja específico.

Moneo suspirou. Os Duncans eram sempre assim... muito exigentes.

— A rebelião o matou. Deseja saber os detalhes?

— Serão úteis para mim?

— Não.

— Quero um quadro completo dessa rebelião, mas primeiro: por que não há homens no exército de Leto?

— Ele tem você.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Ele tem uma teoria curiosa a respeito de exércitos. Eu discuti isso com ele em muitas ocasiões. Mas não prefere um desjejum antes que eu explique?

— Não podemos ter as duas coisas ao mesmo tempo?

Moneo virou-se em direção à porta e disse uma única palavra:

— Agora!

O efeito foi imediato e fascinante para Idaho. Uma tropa de jovens Oradoras Peixes enxameou pelo quarto. Duas delas retiraram cadeiras e uma mesa dobrável de trás de um painel e as colocaram na sacada. Outras arrumaram a mesa para duas pessoas. E outras trouxeram a comida: frutas frescas, pastéis quentes e uma bebida fumegante que cheirava fracamente a cafeína e especiaria. Tudo feito com a rápida e silenciosa eficiência, reveladora de uma longa prática. Depois saíram todas como tinham chegado. Sem nenhuma palavra.

Idaho encontrou-se sentado diante de Moneo, naquela mesa menos de um minuto depois do início dessa curiosa exibição.

— Toda manhã vai ser assim? — perguntou Idaho.

— Apenas se você quiser.

Idaho provou da bebida: café com melange. Reconheceu a fruta: uma suave variedade do melão de Caladan, chamada paradan.

“Meu favorito.”

— Você me conhece muito bem — disse Idaho.

Moneo sorriu.

— Nós tivemos alguma prática. Agora, quanto à sua pergunta.

— E à curiosa teoria de Leto.

— Sim. Ele diz que um exército totalmente masculino seria muito perigoso para a sua base civil.

— Isso é loucura! Sem o exército não haveria nenhuma...

— Conheço o argumento. Mas ele diz que o exército masculino é um

resquício da função de seleção delegada aos machos não-reprodutores em grupos pré-históricos. Diz que é um fato curiosamente consistente serem sempre os machos mais velhos que enviavam os machos mais jovens para a batalha.

— Que ele quer dizer com função de seleção?

— Aqueles que estavam sempre no perímetro perigoso, protegendo o núcleo de machos reprodutores, fêmeas e jovens. Os primeiros a encontrarem qualquer predador.

— E como é que isso é perigoso para os... civis?

Idaho mordeu um bocado de melão e o achou perfeitamente maduro.

— Lorde Leto diz que, quando privado de um inimigo externo, o exército inteiramente masculino sempre se volta contra a sua própria população. Sempre.

— Lutando pelas fêmeas?

— Talvez. Mas é óbvio que ele não acredita que seja tão simples assim.

— Não acho que essa seja uma teoria curiosa.

— Ainda não a ouviu toda.

— Tem mais?

— Ah, sim. Ele diz que um exercito inteiramente masculino apresenta forte tendência a atividades homossexuais.

Idaho olhou furioso por cima da mesa para Moneo.

— Eu nunca...

— É claro que não. Ele está falando em sublimação, energias desviadas e todo o resto.

— Que resto? — Idaho estava irritado com o que via como um ataque à sua auto-imagem masculina.

— Atitudes de adolescentes, apenas rapazes juntos, piadas e peças executadas puramente para causar dor, lealdade dirigida unicamente aos companheiros de grupo... coisas dessa natureza.

Idaho falou friamente:

— E qual é sua opinião?

— Eu me lembro — Moneo virou-se, continuando a falar enquanto fitava o panorama — de uma coisa que já foi dita e que tenho certeza de ser verdadeira. Ele é cada soldado da história humana. Ofereceu à minha apreciação um desfile de exemplos — figuras de militares famosos que pareciam congelados na adolescência. Eu declinei da oferta. Já li a história por mim mesmo, com todo o cuidado, e reconheci a característica sozinho. — Moneo virou-se e olhou diretamente nos olhos de Idaho. — Pense nisso, Comandante.

Idaho orgulhava-se de sua honestidade e aquilo o atingia. Cultos de jovens e adolescentes preservados nos militares? Tinha o tom de algo verdadeiro. Havia exemplos em sua própria experiência...

Moneo assentiu.

— O homossexual, latente ou não, que mantém essa condição por motivos que poderiam ser considerados puramente psicológicos, tende a se comprazer com um comportamento de indução à dor — buscando-a para si mesmo ou infligindo-a a outros. Lorde Leto diz que isso remonta ao comportamento de seleção nos grupamentos pré-históricos.

— E você acredita nele?

— Acredito.

Idaho engoliu um pedaço de melão. Tinha perdido toda a sua doçura. Engoliu e largou a colher.

— Terei de pensar nisso — disse Idaho.

— É claro.

— Você não está comendo — observou Idaho.

— Eu me levantei antes da aurora e comi logo depois — respondeu Moneo, apontando para o prato. — As mulheres ficam me tentando continuamente.

— E costumam ter sucesso?

— Ocasionalmente.

— Você está certo. Eu acho essa teoria curiosa. Há mais alguma coisa?

— Oh, sim, ele diz que, quando livre das contenções homossexuais adolescentes, um exército masculino é essencialmente estuprador. O estupro é frequentemente acompanhado do assassinato, e esse não é um comportamento favorável à sobrevivência.

Idaho ficou carrancudo e um pequeno sorriso percorreu a boca de Moneo.

— Lorde Leto diz que apenas a disciplina Atreides e os controles morais evitaram os piores excessos em sua época.

Um suspiro profundo estremeceu Idaho. Moneo reclinou-se no assento, pensando em algo que o Imperador-Deus dissera certa vez: “Não importa o quanto clamamos pela verdade. A autoconsciência é frequentemente dolorosa. Não sentimos simpatia para com uma Reveladora da Verdade.”

— Aqueles malditos Atreides! — deixou escapar Idaho.

— Eu sou um Atreides — revelou Moneo.

— O quê?! — Idaho estava chocado.

— Seu programa de procriação — explicou Moneo. — Estou certo de que os Tleilaxu lhe mencionaram isso. Sou um descendente direto da união da irmã dele com Harq al-Ada.

Idaho inclinou-se por sobre a mesa.

— Diga-me então, Atreides, como é que as mulheres dão soldados melhores que os homens?

— Para elas é mais fácil o amadurecimento.

Idaho sacudiu a cabeça, perplexo.

— Elas possuem uma forma constrangedoramente física de passar da adolescência para a maturidade — explicou Moneo.

Como Lorde Leto costuma dizer: "Carregue uma criança em seu ventre durante nove meses e isso muda você."

Idaho apenas se reclinou.

— E o que ele sabe a respeito disso?

Moneo meramente olhou para ele até Idaho relembrar a multidão que havia em Leto, masculina e feminina. A compreensão desabou sobre Idaho. Moneo viu aquilo, lembrando um comentário do Imperador-Deus: "Suas palavras o marcam com a aparência que você quer que ele tenha."

Como o silêncio continuasse, Moneo pigarreou. Daí a pouco ele disse:

— A vastidão das memórias de Lorde Leto costuma deter minha língua também.

— E ele está sendo honesto conosco? — indagou Idaho.

— Acredito nele.

— Mas ele faz tantas. .. quero dizer, tome como exemplo esse programa de procriação. Há quanto tempo está sendo executado?

— Desde o início. Desde o dia em que ele o tomou das Bene Gesserits.

— E o que ele deseja com ele?

— Gostaria de saber.

— Mas você é...

— Um Atreides, e seu auxiliar chefe.

— Ainda não me convenceu de que um exército feminino é o melhor.

— Elas preservam a espécie.

Finalmente as frustrações e a raiva de Idaho tinham um alvo.

— Era isso que eu estava fazendo com elas naquela primeira noite? Procriando?!

— Possivelmente. As Oradoras Peixes não tomam precaução alguma contra a gravidez.

— Maldito! Eu não sou um animal que ele pode mandar de estábulo em estábulo como... como um...

— Como um garanhão?

— Sim!

— Mas Lorde Leto se recusa a seguir o padrão Tleilaxu de cirurgia genética e inseminação artificial.

— O que os Tleilaxu têm a ver com...

— Eles são uma lição objetiva. Mesmo eu posso perceber isso. Seus

Dançarmos Faciais são híbridos, mais próximos de uma colônia de organismos do que dos seres humanos.

— Aqueles outros de... mim... algum deles foi reprodutor?

— Alguns. Você tem descendentes.

— Quem?

— Eu sou um deles.

Idaho fitou os olhos de Moneo, subitamente perdido num emaranhado de relacionamentos. E achou tais relacionamentos impossíveis de serem compreendidos. Moneo obviamente era muito mais velho do que... "Mas eu sou"... Qual deles seria verdadeiramente o mais idoso? Qual o ancestral e qual o descendente?

— Algumas vezes tenho problemas com isso, eu mesmo — consolou Moneo. — Se o ajuda, Lorde Leto me assegura que você não é meu descendente, não em qualquer sentido comum... Entretanto, você pode muito bem ser o pai de alguns dos meus descendentes.

Idaho sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Algumas vezes penso que apenas o Imperador-Deus em pessoa pode entender estas coisas — disse Moneo.

— Isso é outra coisa — reclamou Idaho. — Esse negócio de divindade.

— Lorde Leto diz que criou uma sagrada obscenidade.

Essa não era a resposta que Idaho tinha esperado. "Que é que eu esperava? Uma defesa de Lorde Leto?"

— Sagrada obscenidade — repetiu Moneo. As palavras escapavam de sua língua com um estranho tom de zombaria.

Idaho olhou para ele avaliadoramente. "Ele odeia esse Imperador-Deus! Não... ele o teme. Mas não odiamos sempre aquilo que tememos?"

— Por que você acredita nele? — perguntou Idaho.

— Você pergunta se eu partilho da religião popular?

— Não! Mas ele?

— Acho que sim.

— Por quê? Por que você pensa assim?

— Porque ele diz que não deseja criar mais Dançarmos Faciais. Ele insiste em que seu estoque humano, uma vez separado aos pares, procrie do modo como sempre tem sido.

— E que diabo ele tem a ver com isso?

— Você me perguntou no que ele acredita. Acho que ele acredita no acaso. Creio que a casualidade é o seu deus.

— Isso é superstição!

— Considerando-se as condições do Império, uma superstição muito

audaz.

Idaho olhou novamente com raiva para Moneo.

— Seus malditos Atreides — murmurou. — Vocês se atreveriam a qualquer coisa!

Moneo notou que havia desgosto misturado com admiração na voz de Idaho.

“Os Duncans sempre começam assim.”

16

Qual a mais profunda diferença entre nós, entre você e eu? Vocês já sabem. São estas memórias ancestrais. As minhas atingem-me num completo clarão de consciência. As suas atuam pelo lado cego. Alguns chamam isso de instinto ou destino. Essas memórias aplicam suas alavancas sobre cada um de nós: naquilo que pensamos e naquilo que fazemos. Vocês se julgam imunes a tais influências? Eu sou Galileu. Eu me coloco aqui e lhes digo: "E no entanto ela se move." E aquilo que se move exerce sua força de maneira que nenhum poder mortal jamais se atreveu a estimar. E eu estou aqui para me atrever a isso.

— Os diários roubados

— Quando era criança, ela me observava, lembra-se? Quando pensava que eu estava distraído, Siona me olhava como o falcão do deserto voando em círculo acima do refúgio de sua presa. Você mesmo mencionou isso.

Leto rolou seu corpo quarto de volta em sua carreta, enquanto falava. Isso trouxe seu rosto para mais perto de Moneo, que caminhava ao lado do veículo.

Era quase aurora na estrada do deserto, que seguia sobre a elevada cordilheira artificial, estendendo-se da Cidadela no Sareer até a Cidade Festival. Essa estrada do deserto seguia com a retidão de um feixe de laser até atingir o ponto em que se curvava amplamente, descendo por desfiladeiros em terraços até cruzar o Rio Idaho. O ar estava cheio das névoas espessas do rio, que rolava em seu distante clamor, mas Leto abrira a cobertura-bolha que fechava a frente de sua carreta. A umidade fazia seu corpo de verme comichar com um vago desconforto, mas havia nessa névoa o perfume suave das plantas do deserto, e suas narinas humanas o saboreavam. Ele ordenou que o cortejo parasse.

— Por que estamos parando, Senhor? — indagou Moneo.

Leto não respondeu. A carreta estalou enquanto ele erguia o corpo numa curva arqueada que levantou sua cabeça, permitindo-lhe olhar por sobre a Floresta Proibida até o Mar de Kynes, que cintilava prateado bem para a direita. Voltou-se para a esquerda e lá estavam os restos da Muralha Escudo, uma sombra baixa e sinuosa à luz da manhã. A cordilheira aqui fora erguida mais de 2 mil metros para envolver o Sareer e limitar a umidade do ar. Do seu ponto de

vista, Leto podia enxergar até o distante desfiladeiro onde ele fizera erguer a sua Cidade Festival de Onn.

— É um capricho que me faz parar aqui — ele disse.

— Não deveríamos cruzar a ponte antes de repousarmos? perguntou Moneo.

— Não estou repousando.

Leto olhou adiante. Depois de uma série de trechos de descida em serpentina, visíveis dali apenas como sombras sinuosas, a estrada elevada atravessava o rio numa ponte etérea, subia uma crista protetora e então descia para a cidade que, dessa distância, oferecia uma visão de agulhas cintilantes.

— O Duncan age de modo contido — comentou Leto. — Você teve aquela sua longa conversa com ele?

— Precisamente como era necessário, meu Senhor.

— Bem, faz apenas quatro dias. Eles geralmente levam mais que isso para se recuperarem.

— Ele tem andado ocupado com a sua Guarda, Senhor. Eles se ausentaram até muito tarde na noite passada.

— Os Duncans não apreciam a caminhada neste espaço aberto. Pensam em coisas que poderiam ser usadas para nos atacar.

— Eu sei, Senhor.

Leto virou-se e olhou diretamente para Moneo. O majordomo usava uma capa verde sobre o uniforme branco. Estava de pé ao lado da cobertura em forma de bolha aberta, exatamente no lugar no qual suas funções exigiriam que ficasse durante essas excursões.

— Você é muito esforçado, Moneo — disse Leto.

— Obrigado, Senhor.

Guardas e cortesãos mantinham uma distância respeitosa, bem atrás da carreta. A maioria tentava evitar até mesmo a aparência de estar escutando o que Leto e Moneo diziam. Não Idaho. Ele posicionara algumas das Oradoras Peixes em ambos os lados da Estrada Real, espalhando sua guarda. Agora permanecia olhando para a carreta. Usava um uniforme negro com bordados brancos, presente das Oradoras Peixes, como Moneo dissera.

— Elas gostam muito desse aí. Ele é bom no que faz.

— E o que ele faz, Moneo?

— Como assim? Guarda a sua pessoa, Senhor.

As mulheres da Guarda usavam uniformes verdes colantes, todos com o falcão vermelho dos Atreides sobre o seio esquerdo.

Elas o vigiam muito de perto — comentou Leto.

— Sim, ele está ensinando a elas os sinais com as mãos. Diz que é o modo

dos Atreides.

— Isso certamente é correto. Eu me pergunto por que o anterior não fez o mesmo.

— O Senhor não sabe?...

— Estou brincando, Moneo. O Duncan anterior não se sentiu ameaçado até que fosse muito tarde. Esse aí aceitou nossas explicações?

— Assim me disseram, Senhor. Ele começou bem no seu serviço.

— Por que ele carrega apenas aquela faca na bainha do cinturão?

— As mulheres o convenceram de que apenas as especialmente treinadas dentre elas devem portar pistolas laser.

— Sua cautela carece de fundamento, Moneo. Diga às mulheres que ainda é muito cedo para começarmos a temer esse ai.

— Como o meu Senhor ordena.

Era óbvio para Leto que o seu novo Comandante da Guarda não apreciava a presença dos cortesãos. Permanecia bem distante deles. A maioria, tinham lhe informado, era de funcionários públicos. Estavam vestidos da maneira mais luxuosa e elegante para esse dia em que podiam desfilar com todo o seu poder na presença do Imperador-Deus. Leto notava como os cortesãos deviam parecer tolos aos olhos de Idaho. Mas podia lembrar-se de outras exibições de luxo ainda mais tolas e achava que a exibição daquele dia podia representar uma melhoria.

— Já o apresentou a Siona? — perguntou Leto.

À menção de Siona, as sobrancelhas de Moneo imobilizaram-se numa contraída expressão de aborrecimento.

— Acalme-se — disse Leto. — Mesmo quando ela me espionava, eu a tratava com carinho.

— Sinto o perigo nela, Senhor. Às vezes tenho a impressão de que ela percebe meus pensamentos mais íntimos.

— A criança sabida conhece o pai.

— Não estou brincando, Senhor.

— Sim, vejo isso. Já notou como o Duncan está impaciente?

— Elas mandaram batedoras sondar a estrada, quase até a ponte.

— E que foi que encontraram?

— A mesma coisa que eu achei... um novo Fremen de Museu.

— Outra solicitação?

— Não fique zangado, Senhor.

Uma vez mais, Leto perscrutou adiante. Essa necessária exposição a céu aberto, a longa e majestosa jornada com todas as suas exigências rituais para tranquilizar as Oradoras Peixes, tudo isso o perturbava. E agora outro suplicante!

Idaho avançou para se deter diretamente na frente de Moneo.

Havia uma aparência de ameaça nos movimentos de Idaho. “Decerto que não pode vir tão cedo”, pensou Leto.

— Por que paramos aqui, meu Senhor? — perguntou ele.

— Eu paro aqui com frequência — respondeu Leto.

Era verdade. Ele se voltou e olhou para além da ponte etérea. O caminho serpenteava para baixo, saindo das alturas do canyon para a Floresta Proibida e daí através dos campos ao lado do rio. Leto frequentemente se detinha ali para observar o nascer do sol. Mas havia algo de especial nessa manhã, no modo como o sol iluminava esse panorama tão familiar... alguma coisa que remexia em antigas memórias.

Os campos das Plantações Reais estendiam-se para além da floresta, de modo que, quando o sol se erguia sobre a extensa curva de terra, ele inundava de dourado os campos ondulantes de cereais. Esses campos lembravam a Leto a areia, as vastas dunas que um dia haviam marchado por esse mesmo solo.

“E que um dia marcharão uma vez mais.”

Os cereais não eram exatamente da cor âmbar brilhante de sílica de seu relembrado deserto. Leto olhou para trás, na direção das distâncias cercadas por penhascos de seu Sareer, seu santuário do passado. As cores eram distintamente diferentes. Dava tudo no mesmo, e quando ele olhou uma vez mais para a Cidade Festival, sentiu uma dor onde seus muitos corações uma vez mais se encontravam em mutação, reformando-se em sua lenta transformação para alguma coisa profundamente alienígena.

“Que há nesta manhã que me faz pensar em minha humanidade perdida?”, perguntou-se Leto.

Dentre todos no Cortejo Real olhando para o cenário familiar da floresta e dos campos de cereais, Leto sabia ser o único ainda capaz de pensar em uma paisagem tão rica quanto o bahr bela ma, o oceano sem água.

— Duncan — disse Leto —, está vendo lá, na direção da cidade? Aquilo era o Tanzerouft.

— A Terra do Terror? — Idaho revelou sua surpresa no rápido olhar que lançou para Onn e na maneira súbita como voltou a fitar Leto.

— O bahr bela ma — disse Leto. — Tem estado oculto sob um tapete de plantas por mais de 3 mil anos. De todos os que vivem em Arrakis hoje em dia, somente nós dois vimos o deserto original.

Idaho olhou na direção de Onn.

— Onde está a Muralha Escudo? — perguntou.

— A Fenda do Muad’Dib é bem ali, o lugar exato onde construímos a Cidade.

— Aquela linha de pequenas elevações, aquilo era a Muralha Escudo?

Que aconteceu com ela?

— Você está em cima dela.

Idaho olhou para Leto, depois para a estrada e o que havia à sua volta.

— Senhor? Devemos continuar? — indagou Moneo.

“Moneo, com aquele reloginho tiquetaqueando em seu peito, é o estímulo ao dever”, pensou Leto. Havia visitantes importantes para ver e outros assuntos vitais. O tempo o pressionava. E ele não gostava quando seu Imperador-Deus falava com os Duncans sobre os velhos tempos.

Leto tornou-se subitamente consciente de que se detivera naquele lugar por mais tempo do que jamais o fizera. Os cortesãos e as guardas estavam gelados depois da caminhada no ar da manhã. Alguns tinham escolhido suas roupas mais para se exibirem do que para se protegerem.

“Mas afinal”, Leto pensou, “talvez a exibição seja uma forma de proteção”.

— Havia dunas — disse Idaho.

— Estendendo-se por milhares de quilômetros — concordou Leto.

Os pensamentos de Moneo se agitaram. Ele estava acostumado aos períodos de reflexão do Imperador-Deus, mas havia um sentimento de tristeza nesse dia. Talvez a morte recente de um Duncan. Leto às vezes deixava escapar informações importantes quando estava triste. Nunca se questionavam os caprichos ou os estados de espírito do Imperador-Deus, mas às vezes eles podiam ser usados.

“Siona terá de ser advertida”, pensou Moneo. “Se aquela jovem tola me ouvir!”

Ela estava mais rebelde do que já estivera. Muito mais. Leto havia dominado o seu Moneo, sensibilizado sua mente para o Caminho Dourado e os deveres legítimos para os quais ele fora criado. Mas os métodos usados com relação a Moneo não funcionariam com Siona. Em sua observação a respeito disso, Moneo aprendera coisas sobre seu treinamento que ele nunca antes suspeitara.

— Não vejo qualquer acidente geográfico identificável — estava dizendo Idaho.

— Bem ali — disse Leto, apontando. — Onde a floresta termina. Aquele era o caminho para a Rocha Partida.

Moneo procurou não ouvir as vozes. “Foi o fascínio básico pelo Imperador-Deus que finalmente me dominou.” Leto nunca deixava de surpreender e assombrar. Ele não era realmente previsível. Moneo olhou para o perfil do Imperador-Deus. “No que ele se tornou?”

Como parte de seus deveres iniciais, Moneo havia estudado os registros

particulares da Cidadela, os relatos históricos da transformação de Leto. Mas a simbiose com a truta da areia permanecia um mistério que nem mesmo as próprias palavras de Leto poderiam decifrar. Se os registros eram confiáveis, a pele de truta da areia tornava seu corpo quase invulnerável ao tempo ou à violência. O núcleo do grande corpo frisado poderia mesmo absorver disparos de armas laser!

"Primeiro a truta da areia, depois o verme — tudo parte do grande ciclo que produzira a melange." E esse ciclo encontrava-se dentro do Imperador-Deus... marcando a passagem do tempo.

— Vamos prosseguir — disse Leto.

Moneo percebeu que perdera alguma coisa. Saiu de seu devaneio e olhou para um sorridente Duncan Idaho.

— Costumávamos chamar isso de sonhar acordado — disse Leto.

— Sinto muito, Senhor — disse Moneo. — Eu estava...

— Você estava sonhando acordado, mas está tudo bem.

"O estado de espírito dele melhorou", pensou Moneo. "Devo agradecer ao Duncan por isso. Creio."

Leto ajustou sua posição na carreta, fechou parte da cobertura-bolha de modo a deixar apenas a cabeça livre. A carreta esmagou pequenas rochas no leito da estrada enquanto Leto a ativava.

Idaho tomou posição junto a Moneo, caminhando ao lado dele.

— Existem bulbos flutuadores sob a carreta, mas ele usa as rodas. Por quê? — perguntou Idaho.

— Agrada a Lorde Leto o uso de rodas em lugar da antigravidade.

— Que faz essa coisa funcionar? Como ele a dirige?

— Já perguntou a ele?

— Ainda não tive a oportunidade.

— A Carreta Real é de manufatura Ixiana.

— E que isso significa?

— Dizem que Lorde Leto ativa sua carreta e a controla unicamente pensando de determinado modo.

— Você não sabe?

— Esse tipo de perguntas não lhe agrada.

"Mesmo para aqueles que partilham de sua intimidade", pensou Moneo, "o Imperador-Deus permanece um mistério."

— Moneo! — chamou Leto.

— É melhor você voltar para as suas guardas — disse Moneo, gesticulando para que Idaho fosse para a retaguarda.

— Eu preferiria ficar na frente com elas — retrucou Idaho.

— Lorde Leto não quer isso! Agora volte.

Moneo correu para se colocar junto de Leto, ao lado da face do Imperador, notando que Idaho recuava através dos cortesãos até o círculo de guardas da retaguarda.

Leto olhou para Moneo.

— Acho que cuidou daquilo muito bem, Moneo.

— Obrigado, Senhor.

— Você sabe por que os Duncans querem ficar na frente?

— Certamente, Senhor. É onde a sua Guarda deveria ficar.

— E esse aí sente o perigo.

— Eu não o compreendo, Senhor. Não entendo por que faz essas coisas.

— Isso é verdade, Moneo.

17

O senso feminino de participação originou-se do modo familiar de compartilhar a vida em comum — o cuidado para com os jovens, a obtenção e o preparo do alimento, o partilhar das alegrias, do amor e das tristezas. As lamentações funerais originaram-se com as mulheres. A relegai-o tornou-se um monopólio feminino, que só foi arrancado das mãos das mulheres quando seu poder social se tornou muito importante. As mulheres foram as primeiras pesquisadoras e praticantes da medicina. Nunca houve qualquer equilíbrio claro entre os sexos porque o poder acompanha certas atividades, assim como o conhecimento.

— Os diários roubados

Para a Reverenda Madre Tertius Eileen Anteac, essa fora uma manhã desastrosa. Ela havia chegado a Arrakis junto com sua companheira Reveladora da Verdade Marcus Claire Luyseyal, ambas descendo com sua comitiva oficial menos de três horas atras, na primeira lançadeira do heighliner da Corporação, flutuando em órbita estacionária. Primeiro haviam recebido quartos nos confins mais remotos do Quarteirão das Embaixadas, na Cidade Festival. E os quartos eram pequenos e não muito limpos.

— Um pouco menos do que isso e nós estaríamos acampando nas favelas — dissera Luyseyal.

E para completar lhes tinham sido negados instrumentos de comunicação. Todas as telas permaneciam apagadas, não importando quantos interruptores fossem acionados ou quantos controles de palma fossem girados.

Furiosa, Anteac se dirigira à corpulenta oficial comandante da escolta de Oradoras Peixes, uma mulher irada com a testa baixa e os músculos de um trabalhador braçal.

— Desejo queixar-me à sua Comandante!

— Não serão permitidas queixas na época do Festival — retrucara a amazona.

Anteac dirigira um olhar furioso à oficial, um olhar que, em seu rosto velho e cheio de vincos, costumava fazer hesitar até mesmo as suas

companheiras Reverendas Madres.

A amazona meramente sorrira, dizendo:

— Eu tenho uma mensagem. Devo dizer-lhe que sua audiência com o Imperador-Deus foi transferida para a última posição.

A maior parte da comitiva Bene Gesserit tinha ouvido isso, e mesmo as que ocupavam os postos inferiores reconheceram o significado. Todas as quotas de especiaria seriam mantidas ou (Que Deus nos proteja!) canceladas dessa vez.

— Nós estávamos em terceiro lugar — disse Anteac, a voz extraordinariamente branda para aquelas circunstâncias.

— É uma ordem do Imperador-Deus!

Anteac reconheceu o tom de voz da Oradora Peixe. Desafiá-lo seria arriscar-se a sofrer violências.

"Uma manhã de desastres e agora isto!"

Anteac ocupava um banco baixo, encostado à parede de um quarto minúsculo, quase vazio, perto do centro de seus inadequados alojamentos. Ao lado havia um catre baixo, não melhor do que seria destinado a uma acólita! As paredes eram de um verde pálido, rugoso, e só havia um velho globo luminoso, tão defeituoso que só podia ser ajustado no amarelo. A sala dava mostras de ter sido uma câmara de armazenagem. Tinha cheiro de mofo. Arranhões e denteados marcavam o plástico negro do piso.

Alisando o manto aba negro sobre os joelhos, Anteac inclinou-se para a mensageira-postulante, que se ajoelhava, a cabeça curvada diretamente em frente da Reverenda Madre. A mensageira era uma criatura loura de olhos de corça, com a transpiração do medo e da excitação no pescoço e no rosto. Usava um manto cor de bronze, empoeirado com a sujeira das ruas ao longo da bainha.

— Você está certa, absolutamente certa? — Anteac falava com suavidade, tentando acalmar a pobre moça, que ainda tremia com a gravidade de sua mensagem.

— Sim, Reverenda Madre. — A garota continuava olhando para o chão.

— Repita uma vez mais — disse Anteac, e pensou: "Estou ganhando tempo. Eu a ouvi corretamente."

A mensageira ergueu o olhar para Anteac, olhando direto em seus olhos totalmente azuis, como todas as acólitas e postulantes eram ensinadas a fazer.

— Como me foi ordenado, fiz contato com os Ixianos em sua Embaixada e apresentei suas saudações. Então perguntei se eles tinham alguma mensagem para que eu trouxesse.

— Sim, sim, garota! Vá ao âmago da questão.

A mensageira engoliu em seco.

— O porta-voz identificou-se como Othwi Yake, superior temporário na

Embaixada e assistente do antigo embaixador.

— Você está certa de que não era um Dançarino Facial substituto?

— Nenhum dos sinais estava lá, Reverenda Madre.

— Muito bem, nós conhecemos esse Yake. Pode continuar.

— Yake disse que eles estavam esperando a chegada da nova...

— Hwi Noree, a nova Embaixadora. Sim, ela é esperada hoje.

A mensageira umedeceu os lábios com a língua.

Anteac fez uma anotação mental para mandar de volta essa pobre criatura a um programa de treinamento mais elementar. As mensageiras deviam ter melhor autocontrole, embora algum desconto devesse ser dado quanto à seriedade dessa mensagem.

— Ele então me pediu que esperasse — disse a mensageira.

— Saiu da sala e voltou pouco depois com um Tleilaxu, um Dançarino Facial. Tenho certeza disso. Havia certos indícios de.

— Tenho certeza de que está certa, menina — disse Anteac.

— Agora vá direto ao...

Anteac se interrompeu com a chegada de Luyseyal.

— Que história é essa que ouvi quanto a mensagens dos Ixianos e dos Tleilaxu? — ela perguntou.

— Esta garota está repetindo agora mesmo — disse Anteac.

— Por que não fui chamada?

Anteac olhou para sua companheira Reveladora da Verdade, pensando que Luyseyal poderia ser uma das melhores praticantes da arte, mas permanecia extremamente consciente do seu posto, Luyseyal era jovem, entretanto, com as sensuais feições ovais do tipo Jessica, e esses genes costumavam carregar uma natureza obstinada.

Anteac disse suavemente:

— Sua acólita disse que estava meditando.

Luyseyal assentiu com a cabeça, sentou-se no catre e disse à mensageira:

— Continue.

— O Dançarino Facial disse que tinha uma mensagem para as Reverendas Madres. E usou o plural — disse a mensageira.

— Ele sabia que haveria duas de nós desta vez — observou Anteac.

— Todo o mundo sabe disso — disse Luyseyal.

Anteac retornou sua plena atenção para a mensageira.

— Você entraria em transe-memória agora, menina, e nos daria as palavras exatas do Dançarino Facial?

A mensageira assentiu, agachou-se nos calcanhares e colocou ambas as mãos sobre o colo. Respirou fundo três vezes, fechou os olhos e arriou os

ombros. Quando ela falou, sua voz tinha um tom nasal agudo.

— Diga às Reverendas Madres que ao cair desta noite o Império estará livre de seu Imperador-Deus. Nós atacaremos hoje, antes que ele alcance Onn. Não falharemos.

Uma inspiração profunda fez tremer a mensageira. Seus olhos se abriram e ela olhou para Anteac.

— O Ixiano, Yake, disse para que eu corresse com esta mensagem. Depois tocou as costas da minha mão esquerda daquele modo particular, convencendo-me ainda mais de que ele não era...

— Yake é um dos nossos — disse Anteac. — Diga a Luyseyal sobre a mensagem dos dedos.

A mensageira olhou para Luyseyal.

— Nós fomos invadidos por Dançarmos Faciais e não podemos nos mover.

Quando Luyseyal se sobressaltou e começou a se levantar. Anteac disse:

— Já tomei as medidas necessárias para guardar nossas portas. — Anteac olhou em seguida para a mensageira. — Você pode ir agora, garota. Desempenhou sua tarefa de maneira adequada.

— Sim, Reverenda Madre.

A mensageira ergueu seu corpo flexível com certa graça, mas não havia dúvida em seus movimentos de que ela conhecia a importância das palavras de Anteac. Adequado não era bem-feito.

Depois que a mensageira saiu, Luyseyal disse:

— Ela devia ter conseguido alguma desculpa para estudar a Embaixada e descobrir quantos Ixianos foram substituídos.

— Acho que não — discordou Anteac. — A esse respeito, ela agiu bem. Não, mas teria sido melhor se ela tivesse encontrado um modo de conseguir um relatório mais detalhado de Yake. Temo que o tenhamos perdido.

— A razão pela qual os Tleilaxu nos enviaram a mensagem é óbvia — disse Luyseyal.

— Eles vão realmente atacá-lo — disse Anteac.

— Naturalmente. E o que os tolos vão fazer. Mas eu me pergunto por que eles nos enviaram essa mensagem.

Anteac assentiu.

— Eles acham que não temos escolha agora senão nos juntarmos a eles.

— E se tentarmos advertir Lorde Leto, os Tleilaxu descobrirão nossas mensageiras e seus contatos.

— E se os Tleilaxu tiverem sucesso? — perguntou Anteac.

— Pouco provável.

— Não conhecemos seu verdadeiro plano, apenas a hora, mais ou menos.

— E essa garota, Siona, tem parte nisso? — perguntou Luyseyal.

— Fiz a mesma pergunta a mim mesma. Já ouviram o relatório completo da Corporação?

— Somente o resumo. Não é o bastante?

— Sim, com elevada probabilidade.

— Você deve ser cuidadosa com termos como elevada probabilidade — advertiu Luyseyal. — Não queremos ninguém pensando que é um Mentat.

O tom de Anteac foi ríspido.

— Presumo que não vai me revelar.

— Acha que a Corporação está certa a respeito dessa Siona? — indagou Luyseyal.

— Não tenho informação suficiente. Se eles estão certos, ela é algo de extraordinário.

— Como o pai de Lorde Leto era extraordinário?

— Um navegador da Corporação podia ocultar-se do olhar oracular do pai de Lorde Leto.

— Mas não de Lorde Leto.

— Li com cuidado o relatório completo da Corporação. Ela não apenas oculta a si mesma e as ações em torno dela, mas também...

— Ela se apaga. Ela se apaga da visão deles.

— Ela apenas — disse Anteac.

— E da visão de Lorde Leto também?

— Eles não sabem.

— Nós nos atreveríamos a fazer contato com ela?

— Não nos atreveríamos? — perguntou Anteac.

— Isso tudo pode ser discutível se os Tleilaxu... Anteac, devemos ao menos fazer uma tentativa de avisá-lo.

— Não temos equipamento de comunicação e agora há guardas Oradoras Peixes na porta. Elas deixam nosso pessoal entrar, mas não deixam sair.

— Devemos falar com uma delas?

— Já pensei nisso. Sempre podemos alegar que temíamos que fossem substitutos Dançarmos Faciais.

— Guardas na porta — murmurou Luyseyal. — Será possível que ele saiba?

— Tudo é possível.

— Sobre Lorde Leto, essa é a única coisa que você pode dizer com certeza? — comentou Luyseyal.

Anteac permitiu-se um leve suspiro enquanto se levantava do banco.

— Como sinto saudade dos velhos tempos, quando tínhamos toda a especiaria de que jamais pudéssemos precisar.

— Jamais era apenas outra ilusão — respondeu Luyseyal. — Espero que tenhamos aprendido bem esta lição, não importa de que maneira os Tleilaxu se saiam hoje.

— Qualquer que seja o resultado, eles o farão de modo grosseiro — resmungou Anteac. — Deuses! Não se encontram mais bons assassinos em parte alguma.

— Há sempre os gholas Idahos — disse Luyseyal.

— Que você disse? — Anteac olhou para a companheira.

— Existem sempre os.

— Sim!

— Os gholas são muito lentos de corpo — comentou Luyseyal.

— Mas não de mente.

— Em que está pensando?

— É possível que os Tleilaxu... não, nem mesmo eles poderiam ser tão.

— Um Dançarino Facial Idaho? — sussurrou Luyseyal.

Anteac assentiu mudamente.

— Tire isso de sua cabeça — disse Luyseyal. — Eles não poderiam ser tão estúpidos.

— Esse é um julgamento perigoso de se fazer quanto aos Tleilaxu — disse Anteac. — Devemos preparar-nos para o pior. Traga aqui uma daquelas guardas Oradoras Peixes!

18

O estado de guerra incessante dá origem a suas próprias condições sociais, que têm sido similares em todas as épocas. As pessoas entram num permanente estado de alerta para evitar ataques. E você presencia a regra absoluta do autocrata. Todas as coisas novas tornam-se perigosas regiões de fronteiras — novos planetas, novas áreas econômicas para explorar, novas idéias ou novos engenhos, visitantes — tudo é suspeito. O feudalismo se estabelece com firmeza, algumas vezes disfarçado como um politburo ou estrutura similar, mas sempre presente. A sucessão hereditária segue as linhas do poder. O sangue dos poderosos domina. Os vice-regentes do céu ou seus equivalentes apoderam-se das riquezas. E eles sabem que devem controlar seus herdeiros ou então o poder lentamente lhes escapará. Agora pode compreender a Paz de Leto?

— Os diários roubados

— As Bene Gesserits terão sido informadas de sua mudança na ordem das audiências? — indagou Leto.

Seu cortejo aproximava-se do primeiro corte na montanha que levaria ao trecho serpenteante da estrada, aproximando-se da ponte sobre o Rio Idaho. O sol encontrava-se no primeiro quarto da manhã e alguns cortesãos retiravam seus casacos. Idaho caminhava com uma pequena tropa de Oradoras Peixes no flanco esquerdo, seu uniforme começando a mostrar sinais de poeira e transpiração. Acompanhar a velocidade da peregrinação real era trabalho duro.

Moneo tropeçou e recuperou o equilíbrio.

— Elas foram informadas, Senhor.

A mudança não fora fácil, mas Moneo já aprendera a esperar erráticos desvios de direção em tempos de Festival. Ele mantinha prontos seus planos de contingência.

— Elas ainda estão solicitando uma Embaixada permanente em Arrakis? — indagou Leto.

— Sim, Senhor. Eu lhes dei a resposta habitual.

— Um simples não seria suficiente — disse Leto. — Elas não precisam

mais ser lembradas de que abomino suas pretensões religiosas.

— Sim, Senhor.

Moneo mantinha-se apenas dentro da distância prevista, do lado da Carreta de Leto. O Verme encontrava-se muito presente esta manhã — os sinais corpóreos bem evidentes aos olhos de Moneo. Sem dúvida, era a umidade no ar. Isso sempre parecia atrair o Verme.

— A religião sempre conduz ao despotismo retórico — disse Leto. — Antes da Bene Gesserit, os jesuítas eram os melhores nisso.

— Jesuítas, Senhor?

— Certamente você os encontrou em suas histórias?

— Não tenho certeza, Senhor. Quem eram eles?

— Não importa. Você aprenderá o bastante sobre despotismo retórico num estudo da Bene Gesserit. É claro que elas não começam se iludindo com isso.

“As Reverendas Madres vão passar um mau pedaço”, Moneo disse a si mesmo. “Ele vai pregar diante delas. E elas detestam isso. Podemos ter sérios problemas.”

— Qual foi a reação delas? — perguntou Leto.

— Disseram-me que elas ficaram desapontadas, mas não insistiram no assunto.

E Moneo pensou: “É melhor que eu as prepare para mais desapontamentos. E elas terão de ficar longe das delegações de Ix e Tleilaxu.”

Moneo sacudiu a cabeça. Isso poderia levar a conspirações terríveis. Era melhor que o Duncan fosse advertido.

— Ele leva à profecia em proveito próprio e a justificativas para todos os tipos de obscenidades — disse Leto.

— Esse... despotismo retórico, Senhor?

— Sim! Ele oculta o mal por trás de muralhas de hipocrisia, que são a prova de qualquer argumento que possa ser apresentado contra. o mal.

Moneo mantinha um olhar cauteloso no corpo de Leto, notando o modo como as mãos se torciam, quase um movimento ao acaso, as contorções dos grandes segmentos. “Que farei se o Ver-me despertar aqui?” A transpiração surgiu na testa de Moneo.

— Ele se alimenta de significados deliberadamente distorcidos para desacreditar a oposição — continuou Leto.

— Tudo isso, Senhor?

— Os jesuítas chamavam isso de “segurar sua base de poder”. Isso conduz diretamente à hipocrisia, que é sempre revelada pela diferença entre ações e explicações. Elas nunca concordam.

— Devo estudar isso com mais cuidado, Senhor.

— E no final ele governa pela culpa, pois a hipocrisia traz a caça às bruxas e a exigência de bodes expiatórios.

— Isso é chocante, Senhor.

O cortejo circundou um canto onde a rocha fora aberta para vislumbrar a ponte a distância.

— Moneo, você está prestando bastante atenção em mim?

— Sim, Senhor, de fato.

— Estou descrevendo o instrumento que constitui a base do poder religioso.

— Eu reconheço isso, Senhor.

— Então, por que está com tanto medo?

— Conversas sobre o poder religioso me deixam pouco à vontade, Senhor.

— Porque você e as Oradoras Peixes o exercem em meu nome?

— É claro, Senhor.

— As bases do poder são muito perigosas por atraírem gente que é verdadeiramente insana, gente que busca o poder apenas pelo benefício do poder. Está me compreendendo?

— Sim, Senhor. É por isso que raramente atendo a pedidos para nomeações em seu governo.

— Excelente, Moneo!

— Obrigado, Senhor.

— À sombra de cada religião se abriga um Torquemada disse Leto. — Você nunca encontrou esse nome. Eu sei, pois fiz com que fosse expurgado de todos os registros.

— Por que fez isso, Senhor?

— Ele era uma obscenidade. Transformava em tochas vivas as pessoas que discordavam dele.

Moneo falou em voz baixa:

— Como fez com os historiadores que o enfureceram, Senhor?

— Está questionando os meus atos, Moneo?

— Não, Senhor!

— Bom. Os historiadores morreram pacificamente. Nenhum deles sentiu as chamas. Torquemada, entretanto, comprazia-se em dedicar ao seu deus os gritos de agonia de suas vítimas em chamas.

— Que horrível, Senhor.

O cortejo contornou outra curva e enxergou novamente a ponte. O vão não parecia mais próximo.

Uma vez mais Moneo observou seu Imperador-Deus. O Verme não parecia ter se aproximado mais, embora ainda continuasse perto. Moneo podia

sentir a ameaça daquela imprevisível presença, a Sagrada Presença, que poderia matar sem aviso.

Ele estremeceu.

Qual teria sido o significado daquele estranho... sermão? Moneo sabia que poucos já tinham ouvido o Imperador-Deus falar assim. Era um privilégio e uma carga. Era parte do preço pago pela Paz de Leto. Geração após geração marchara a seu modo ordenado sob os preceitos daquela paz. Apenas o círculo interno da Cidadela conhecia todas as quebras pouco frequentes daquela paz — os incidentes, quando as Oradoras Peixes eram enviadas numa previsão de violência:

“Previsão.”

Moneo olhou para Leto, agora silencioso. Os olhos do Imperador-Deus estavam fechados e uma aparência de meditação surgira em seu rosto. Esse era outro dos sinais do Verme — e um dos piores. Moneo estremeceu.

Será que Leto previra seus próprios momentos de louca violência? Fora a previsão de violência que enviava tremores de medo e espanto através do Império. Leto sabia onde devia colocar guardas para sufocar revoltas transitórias. Sabia antes que acontecessem.

Só pensar nessas coisas deixava seca a boca de Moneo. Havia ocasiões, Moneo acreditava, em que o Imperador-Deus podia ler qualquer mente. Oh, Leto empregava espiões. Uma ocasional figura envolta em mantos passava pelas Oradoras Peixes para subir a elevada torre de Leto ou descer em sua cripta. Espiões, sem dúvida, mas Moneo suspeitava de que fossem usados apenas para confirmar aquilo que Leto já sabia.

Como que para confirmar os temores na mente de Moneo, Leto disse:

— Não tente forçar um entendimento dos meus modos, Moneo. Deixe que o entendimento venha por si mesmo.

— Vou tentar, Senhor.

— Não, não tente. Diga-me em vez disso se já anunciou que não haverá mudanças nas quotas de especiaria?

— Ainda não, Senhor.

— Atrase o anúncio. Estou mudando de opinião. Você sabe, é claro, que haverá novas ofertas de subornos.

Moneo suspirou. As quantias a ele oferecidas como suborno já eram ridículas de tão altas. Leto, contudo, parecia divertir-se com tal escalada.

— Instigue-os — dissera antes. — Veja até que preço eles chegarão. Faça parecer que você pode ser subornado, afinal.

Agora, enquanto eles dobravam outra curva com vista para a ponte, Leto perguntou:

— A Casa Corrino ofereceu-lhe suborno?

— Sim, Senhor.

— Conhece a lenda que diz que um dia a Casa Corrino irá recuperar seus poderes ancestrais?

— Já ouvi, Senhor.

— Mate o Corrino. É tarefa para o Duncan. Nós o testaremos com isso.

— Tão cedo, Senhor?

— Ainda se sabe que a melange pode prolongar a vida humana. Deixe que seja conhecido que a especiaria também pode encurtar a vida.

— Como ordenar, Senhor.

Moneo conhecia essa resposta dentro de si. Era o modo como ele falava quando não podia verbalizar a profunda objeção que sentia. Também sabia que Leto entendia isso e se divertia. O divertimento o amargurava.

— Tente não ser impaciente comigo, Moneo — disse Leto.

Moneo suprimiu seu sentimento de amargura. A amargura trazia o perigo. Os rebeldes eram amargurados. E os Duncans ficavam amargurados antes de morrer.

— O tempo tem para o Senhor um significado diferente do que tem para mim — disse Moneo. — Eu desejava poder conhecer esse significado.

— Você poderia, mas não o fará.

Moneo ouviu a censura nas palavras e ficou em silêncio, voltando seus pensamentos para os problemas com a melange. Não era comum que Lorde Leto falasse na especiaria, e quando o fazia era para estabelecer quotas ou retirá-las, para conceder recompensas ou enviar as Oradoras Peixes atrás de algum tesouro recentemente revelado. O maior depósito remanescente de especiaria, Moneo o sabia, encontrava-se em algum lugar conhecido apenas do Imperador-Deus. Em seus primeiros dias no Serviço Real, Moneo fora coberto com um capuz e levado pelo próprio Leto ao longo de passagens serpenteantes que, Moneo sentira, encontravam-se debaixo da terra.

“Quando tirei o capuz estava num subterrâneo.”

O lugar o enchera de assombro. Grandes recipientes de melange empilhavam-se numa câmara gigantesca, cortada na rocha nua e iluminada por globos luminosos de um modelo antigo, com arabescos de metal em redor. A especiaria brilhava num azul radiante sob a fraca luz prateada. E o perfume — cheiro de canela amargo, inconfundível. Havia água gotejando num lugar próximo e suas vozes tinham ecoado dentro da pedra.

— Um dia, tudo isto terá acabado — dissera Lorde Leto.

Chocado, Moneo perguntara:

— E o que a Corporação e a Bene Gesserit farão então?

— O que estão fazendo agora, só que de modo mais violento.

Olhando à sua volta nessa gigantesca câmara subterrânea, com seu imenso estoque de melange, Moneo só conseguia pensar nas coisas que sabia estarem acontecendo por todo o Império naquele momento: — assassinatos sangrentos, ataques piratas, intriga e espionagem. O Imperador-Deus evitava o pior, mas o que permanecia já era suficientemente ruim.

— A tentação — sussurrou Moneo.

— A tentação, de fato.

— Não vai haver melange nunca mais, Senhor?

— Algum dia eu retornarei à areia. E serei a fonte da especiaria, então.

— O Senhor?

— E produzirei uma coisa igualmente maravilhosa — truta da areia de uma variedade híbrida e mais prolífica.

Trêmulo ante essa revelação, Moneo olhou para a figura obscurecida do Imperador-Deus que falava de tais maravilhas.

— A truta da areia — disse Lorde Leto. — Elas se unirão em grandes bolhas vivas que aprisionarão a água deste planeta no subsolo profundo. Exatamente como era nos tempos de Duna.

— Toda a água, Senhor?

— A maior parte dela. E dentro de 300 anos o verme da areia reinará aqui uma vez mais. E será um novo tipo de verme da areia. Eu lhe prometo isso.

— Como assim, Senhor?

— Ele possuirá uma consciência animal e uma nova esperteza. A especiaria será muito mais perigosa de se obter e bem mais arriscada de ser mantida.

Moneo olhara para o teto da caverna, sua imaginação sondando através da rocha até a superfície.

— Tudo deserto novamente, Senhor?

— Os cursos de água se encherão de areia. As plantações serão sufocadas e mortas. As árvores serão cobertas por grandes dunas móveis. E a morte da areia se espalhará até... até que um sinal sutil seja ouvido nas terras desoladas.

— Que sinal, Senhor?

— O sinal para o próximo ciclo, a vinda do Produtor, a chegada do Shai-Hulud.

— E ele será o Senhor?

— Sim! O grande verme da areia de Duna se erguerá uma vez mais das profundezas. E esta terra será novamente o domínio da especiaria e do verme.

— Mas e quanto às pessoas, Senhor? Todas as pessoas?

— Muitas vão morrer. As plantas nutritivas e a abundante vegetação

destas terras ficarão ressecadas. Sem nutrição, os animais de corte morrerão.

— E todos passarão fome, Senhor?

— A subnutrição e as velhas doenças se espalharão sobre a terra, onde apenas os mais duros sobreviverão... os mais duros e os mais brutais.

— Precisa ser assim, Senhor?

— As alternativas são piores.

— Fale-me dessas alternativas, Senhor.

— Com o tempo, irá conhecê-las.

Enquanto caminhava ao lado do Imperador-Deus, sob a luz matutina de sua peregrinação para Onn, Moneo podia admitir apenas que tinha, de fato, aprendido os perigos alternativos.

Para a maioria dos dóceis cidadãos do Império, Moneo sabia, o firme conhecimento que ele mantinha em sua própria cabeça jazia oculto na História Oral, nos mitos e nas histórias extravagantes contadas pelos raros profetas loucos que surgiam num planeta ou em outro para conquistar um séquito de vida curta.

“Mas eu sei o que fazem as Oradoras Peixes.”

E ele sabia também a respeito de homens perversos, que se sentavam à mesa, saboreando iguanas raras, enquanto observavam a tortura de seus semelhantes.

Até que as Oradoras Peixes chegassem e a carnificina apagasse tais cenas.

— Eu apreciava o modo como sua filha me observava — disse Leto. — Ela era tão inconsciente de que eu sabia.

— Senhor, temo por ela! Ela é o meu sangue, minha.

— Minha também, Moneo. Não sou um Atreides? Você devia temer mais por si mesmo.

Moneo lançou um olhar temeroso ao longo do corpo do Imperador-Deus. Os sinais do verme permaneciam muito próximos. Moneo olhou para o cortejo seguindo pela estrada. Estavam agora em uma descida íngreme, as voltas da estrada curtas e escavadas nas altas muralhas de rochas empilhadas pela mão do homem que formavam a barreira de penhascos envolvendo o Sareer.

— Siona não me ofende, Moneo.

— Mas ela...

— Moneo! Aqui, em sua misteriosa cápsula, se encontra um dos maiores segredos da vida. Estar surpreso de que alguma coisa nova tenha acontecido, isso é o que eu desejo mais.

— Senhor, eu...

— Novo! Essa não é uma palavra radiante e maravilhosa?

— Se diz assim, Senhor.

Leto se viu forçado a lembrar então: “Moneo é uma de minhas criaturas.

Eu o criei.

— Sua filha vale quase qualquer preço para mim, Moneo. Você deprecia os companheiros dela, mas pode haver um entre eles a quem ela ame.

Moneo deu uma olhada involuntária para trás, na direção do Duncan Idaho marchando entre a guarda. Idaho olhava para a frente como se tentasse sondar cada curva da estrada antes de chegarem a ela. Ele não gostava desse lugar, com suas altas muralhas de pedra para todo lado, lugares de onde poderia brotar um ataque. Idaho enviara batedoras lá para cima durante a noite e Moneo sabia que algumas delas ainda estariam rondando nas alturas. Havia ravinas também, lá na frente, antes que a marcha alcançasse o rio, e não havia guardas suficientes para serem colocados por toda parte.

— Nós confiaremos nos Fremen — dissera Moneo para tranqulizá-lo.

— Fremen? — Idaho não gostava do que tinha ouvido a respeito dos Fremen de Museu.

— Pelo menos eles podem soar um alarme contra intrusos — dissera Moneo.

— Você os viu e lhes pediu para fazerem isso?

— É claro.

Moneo não se atrevera a falar sobre Siona com Idaho. Haveria bastante tempo para isso mais tarde, mas agora o Imperador-Deus dissera uma coisa perturbadora. Teria havido uma mudança de planos?

Moneo voltou sua atenção para o Imperador-Deus e baixou seu tom de voz.

— Amar um companheiro, Senhor? Mas disse que o Duncan...

— Eu disse amar, não procriar com ele!

Moneo tremeu, pensando em como seu próprio casamento tinha sido arranjado, a maneira como fora arrancado de.

“Não! É melhor não seguir tais memórias!”

Tinha havido afeição, mesmo um amor verdadeiro... depois, mas nos primeiros dias.

— Está sonhando acordado novamente, Moneo.

— Perdoe-me, Senhor, mas quando fala de amor...

— Acha que não tenho pensamentos amorosos?

— Não é isso, Senhor, mas...

— Pensa que não tenho memórias de amor e procriação, hein?!

A carreta desviou-se na direção de Moneo, forçando-o a se esquivar, assustado pelo olhar furioso no rosto de Lorde Leto.

— Senhor, eu lhe suplico...

— Este corpo pode nunca ter conhecido tais carinhos, mas todas as

memórias são minhas!

Moneo podia perceber os sinais do Verme tornando-se mais dominantes no corpo do Imperador-Deus, e não havia escapatória em reconhecer esse estado.

"Estou correndo grave perigo. Todos nós estamos." Moneo tornou-se consciente de cada som à sua volta, os estalidos da Carreta Real, a tosse e as conversas em voz baixa no séquito, os pés na rodovia. Havia uma exalação de canela no Imperador-Deus. O ar ali, entre estas paredes de rocha, ainda guardava o frio da madrugada e havia umidade vinda do rio.

Estaria essa umidade atraindo o Verme?

— Escute-me, Moneo, como se a sua vida dependesse disto.

— Sim, Senhor — sussurrou Moneo, e ele sabia que a sua vida dependia do cuidado que tomasse agora, não apenas em ouvir, mas em observar.

— Uma parte de mim habita para sempre os subterrâneos irracionais — disse Leto. — Essa parte reage. Ela faz coisas sem se preocupar com a sabedoria ou a lógica.

Moneo assentiu com a cabeça, sua atenção colada no rosto do Imperador-Deus. Estariam seus olhos a ponto de esgazearem?

— Eu me vejo forçado a me desligar e observar essas coisas. Nada mais — disse Leto. — E tal reação poderia causar a sua morte. A escolha não é minha. Está me ouvindo?

— Eu o ouço, Senhor — sussurrou Moneo.

— Não existe algo como capacidade de escolha em tal acontecimento! Você meramente o aceita. Nunca irá entendê-lo ou conhecê-lo. Que me diz disso?

— Eu temo o desconhecido, Senhor.

— Mas eu não o temo. Diga-me por quê!

Moneo estivera esperando uma crise como essa, e agora que viera quase lhe dava as boas-vindas. Sabia que sua vida dependeria dessa resposta. Ele olhou para o Imperador-Deus, a mente voando.

— É por causa de todas as suas memórias, Senhor.

— Sim?

Uma resposta incompleta, então. Moneo lutou tentando encontrar palavras.

— Pode ver tudo aquilo que conhecemos... tudo como já foi... desconhecido! Uma surpresa para o senhor... uma surpresa deve ser apenas alguma coisa nova para que a conheça?

Enquanto falava, Moneo percebia ter colocado um defensivo ponto de interrogação em alguma coisa que deveria ter sido uma declaração atrevida, mas o Imperador-Deus apenas sorriu.

— Por tamanha sabedoria eu lhe concedo um pedido, Moneo. Que é que deseja?

O súbito alívio apenas abriu caminho para que outros temores emergissem.

— Seria possível eu trazer Siona de volta para a Cidadela?

— Isso fará com que eu a teste mais cedo.

— Ela deve ser separada de seus companheiros, Senhor.

— Muito bem.

— Meu senhor é gentil.

— Eu sou é egoísta.

O Imperador-Deus tirou os olhos de Moneo e ficou silencioso.

Olhando ao longo do corpo segmentado, Moneo observou que os sinais do Verme haviam diminuído de alguma forma. Isso tinha acabado bem, afinal, mas ele pensou nos Fremen com seus pedidos e o medo voltou.

“Aquilo foi um erro. Eles só vão provocá-lo novamente. Por que eu fui dizer que eles poderiam apresentar seu pedido?”

Os Fremen estariam esperando adiante, reunidos deste lado do rio com seus tolos papéis sendo acenados nas mãos.

Moneo marchou em silêncio, a apreensão aumentando a cada passo.

19

Por aqui a areia sopra;
por aqui a areia sopra

Por aqui o homem rico
espera; por aqui ele espera.

— A Voz do Shai-Hulud,
Da História Oral

O relato de Irmã Chenoeh, encontrado em meio a seus papéis, depois de sua morte:

Eu obedeço tanto a meu juramento como Bene Gesserit quanto às ordens do Imperador-Deus, retirando estas palavras de meu relatório mas escondendo-as de modo a que possam ser descobertas depois da minha morte. Pois Lorde Leto me disse:

— Retorne às suas Superioras com a minha mensagem, mas por ora mantenha estas palavras em segredo. Minha ira visitará a sua Irmandade se você falhar.

Como a Reverenda Madre Syaksa me avisara antes de eu partir:

— Você não deve fazer coisa alguma que traga a ira dele sobre nós.

Enquanto eu caminhava ao lado de Lorde Leto, naquela curta peregrinação de que falei, pensei em lhe indagar a respeito de sua semelhança com uma Reverenda Madre. Eu disse:

— Senhor, sei como uma Reverenda Madre adquire as memórias de suas ancestrais e de outras. Mas como foi com o Senhor?

— Foi uma adaptação de nossa história genética e o trabalho da especiaria. Minha irmã gêmea Ghanima e eu fomos despertados no ventre materno, colocados antes do nascimento na presença de nossas memórias ancestrais.

— Senhor... minha Irmandade chama isso de Abominação.

— E com toda a razão — disse Lorde Leto. — O número de ancestrais pode ser esmagador. E quem pode saber antes de acontecer que força irá

comandar tal horda — o bem ou o mal?

— Senhor, como dominou tal força?

— Eu não a dominei — disse Lorde Leto. — Mas a persistência do modelo faraônico salvou a mim e a Ghani. Conhece esse modelo, Irmã Chenoeh?

— Nós da Irmandade somos bem instruídas em história, Senhor.

— Sim, mas vocês não pensam nisso como eu penso. Falo de uma doença de governo que foi apanhada pelos gregos, que a espalham pelos Romanos, os quais a distribuíram de maneira tão ampla e vasta que ela nunca morreu de todo.

— Meu Senhor fala através de enigmas?

— Não, não enigmas. Odeio essa coisa, mas ela nos salvou. Ghani e eu formamos poderosas alianças interiores com ancestrais que seguiam o modelo faraônico. Eles nos ajudaram a formar uma identidade mútua com aquela multidão há muito adormecida.

— Acho isso perturbador, Senhor.

— E realmente deve.

— Por que está me contando isso agora, Senhor? Nunca respondeu a uma de nós dessa maneira, não que eu saiba.

— Porque você me ouve bem, Irmã Chenoeh; porque irá me obedecer e porque nunca mais vou vê-la.

Lorde Leto pronunciou para mim essas estranhas palavras e então me indagou:

— Por que não perguntou a respeito do que Sua Irmandade chama de minha tirania insana?

Estimulada por essas palavras, arrisquei-me à dizer:

— Senhor, sabemos de algumas de suas sangrentas execuções. Elas nos perturbam.

Lorde Leto então fez uma coisa estranha. Fechou os olhos enquanto prosseguíamos e então disse:

— Como sei que você foi treinada para registrar precisamente quaisquer palavras que ouça, eu lhe falarei agora, Irmã Chenoeh, como se fosse uma página de um de meus diários. Preserve bem estas palavras porque não quero que sejam perdidas.

Asseguro agora à minha Irmandade que o que se segue são as palavras pronunciadas por Lorde Leto, exatamente como saíram de sua boca.

— Tenho certeza de que, quando não estiver mais aqui, presente de forma consciente entre vocês, quando estiver aqui apenas como uma terrível criatura do deserto, muitas pessoas me considerarão um tirano.

“É justo. Tenho sido um tirano.

“Um tirano — não inteiramente humano, não louco, apenas um tirano. Mesmo os tiranos normais, porém, possuem motivos e sentimentos além daqueles que geralmente lhes são atribuídos por historiadores ingênuos, e pensarão em mim como um grande tirano. Assim, meus sentimentos e motivos serão um legado, o qual preservarei para que a história não os deturpe em demasia. A história possui um modo de ampliar certas características enquanto exclui outras.

“As pessoas tentarão compreender-se e me enquadrar em suas palavras. Elas buscarão a verdade. Mas a verdade sempre carrega consigo a ambiguidade das palavras usadas para expressá-la.

“Vocês não irão compreender-me. Por mais que tentem, só farão com que eu pareça mais distante, até que finalmente desaparecerei no eterno mito — um Deus Vivo, afinal!

“É isso, está vendo? Não sou um líder, nem mesmo um guia. Um deus. Lembre-se disso. Sou inteiramente diferente de líderes e guias. Os deuses não precisam assumir a responsabilidade por coisa alguma, exceto a criação. Os deuses aceitam tudo e assim não aceitam coisa alguma. Os deuses devem ser identificáveis e ainda assim permanecer anônimos. Os deuses não precisam de um mundo espiritual. Meus espíritos habitam dentro de mim, respondendo ao meu mais leve chamado. Eu partilho disso com você porque me agrada fazê-lo. Aprendi com eles e através deles. Eles são a minha verdade.

“Cuidado com a verdade, gentil Irmã. Embora muito procurada, a verdade pode ser perigosa para quem a busca. Os mitos e as mentiras tranquilizadoras são muito mais fáceis de se encontrar e de se crer. Se você encontra uma verdade, ainda que seja uma verdade temporária, ela pode exigir-lhe ajustamentos, mudanças dolorosas. Oculte as suas verdades dentro das palavras. A ambiguidade natural irá protegê-la, então. As palavras são muito mais fáceis de se absorver do que as agudas punhaladas délficas de mudos portentos. Com palavras você pode sempre gritar em coro: ‘Por que não me avisaram?’

“Mas eu os aviso. Eu a avisei, não com palavras, mas com um exemplo.

“Inevitavelmente existirão palavras mais que suficientes. Você as registra em sua maravilhosa memória, agora mesmo. E algum dia meus diários serão descobertos... mais palavras. Eu a aviso para que leia minhas palavras a seu próprio risco. O movimento não-verbalizado de acontecimentos terríveis jaz logo abaixo de sua superfície. Seja surda! Você não precisa ouvir e, ouvindo, não precisa lembrar. Como é tranquilo poder esquecer. E como é perigoso!

“Palavras, tais como as minhas, há muito têm sido reconhecidas por seu poder misterioso. Existe aqui um conhecimento secreto que pode ser usado para governar aqueles que se esquecem. As minhas palavras possuem a substância

das mentiras e dos mitos com os quais os tiranos sempre contaram para manobrar as massas em favor de seus propósitos egoístas.

"Está vendo? Compartilho tudo com você, até mesmo o maior mistério de todos os tempos, o mistério pelo qual governo minha vida. E eu o revelo a você em palavras.

"O único passado que perdura encontra-se mudo dentro de você."

O Imperador-Deus ficou em silêncio e eu me atrevi a perguntar:

— Essas são todas as palavras que o meu Senhor deseja que eu preserve?

— Essas são as palavras — disse o Imperador-Deus, e eu achei que ele parecia cansado, desanimado.

Ele tinha o tom de alguém que pronunciava seu derradeiro testamento. Lembrei-me de que ele dissera que nunca me veria novamente e fiquei temerosa, mas, graças a minhas mestras, esse temor não emergiu em minha voz.

— Lorde Leto — perguntei —, esses diários de que fala, para quem foram escritos?

— Para a posteridade, após o espaço de milênios. Eu personalizo aqueles leitores distantes, Irmã Chenoeh. Penso neles como primos distantes, cheios de curiosidade quanto à família. Estão absorvidos em revelar os dramas que só eu posso contar. Buscam conexões pessoais com suas próprias vidas. Querem os significados, a verdade!

— Mas nos advertiu contra a verdade, Senhor — eu disse.

— De fato! Toda a história é um instrumento maleável em minhas mãos. Oh, acumulei todos esses passados e possuo cada fato. E no entanto os fatos são meus para usá-los como queira, e mesmo ao usá-los com fidelidade à verdade que contêm eu as altero. Que estou lhe dizendo agora? Que é um diário? Palavras.

Novamente Lorde Leto ficou em silêncio e eu considerei a importância do que ele tinha dito, pesando-a contra a advertência da Reverenda Madre Syaksa, e diante de todas as coisas que o Imperador-Deus me falara anteriormente. Ele disse que eu era uma mensageira e assim senti estar sob sua proteção, podendo atrever-me mais que qualquer outra. Desse modo, perguntei:

— Lorde Leto, disse que não vai me ver outra vez. Isso quer dizer que está perto da morte?

Juro aqui, em meu registro desse evento, que Lorde Leto riu! E então disse:

— Não, gentil Irmã, é você que vai morrer. Você não viverá para ser uma Reverenda Madre. Mas não fique entristecida por isso, já que, com sua presença aqui hoje, ao levar minha mensagem para a sua Irmandade e ao preservar minhas palavras secretas, você conquistará uma importância ainda maior. Você se

tornará parte integrante do mito. Nossos primos distantes rezarão a você para que interceda junto a mim.

Novamente Lorde Leto riu, mas era um riso suave, e ele sorriu para mim calorosamente. Eu acho difícil registrar isso com a precisão que estou acostumada a empregar em cada relato como este. Mas no momento em que Lorde Leto falou aquelas palavras terríveis para mim, senti um profundo laço de amizade com ele, como se algo físico tivesse saltado entre nós, unindo-nos de uma forma que as palavras não podem descrever inteiramente. E foi apenas no momento dessa experiência que compreendi o que ele tinha querido dizer com verdade não-verbalizada. Aquilo aconteceu e no entanto não posso descrevê-lo.

Nota do arquivista

Devido aos eventos intercalados, a descoberta desse registro particular é agora pouco mais que uma nota ao pé da página da história. Interessante por conter uma das mais antigas referências aos diários secretos do Imperador-Deus. Aqueles que desejam examinar mais profundamente esse registro devem buscar as referências no Arquivo de Registros sob o subtítulo Chenoeh, Sagrada Irmã Quintinus Violeta: Chenoeh, Relatório de e Rejeição à melange, Aspectos médicos da.

(Adendo: A Irmã Quintinius Violeta Chenoeh morreu no 53º ano de sua estada na Irmandade, a causa sendo descrita como incompatibilidade com a melange durante sua tentativa de alcançar o status de Reverenda Madre.)

20

Nosso ancestral Assur-nasir-apli foi conhecido como o mais cruel entre os cruéis. Ele se apoderou do trono matando o próprio pai e começando o reinado da espada. Suas conquistas incluíram a região do Lago Urumia, que o conduziu a Commagene e Khabur. Seu filho recebeu tributo dos Shuitas, de Tiro, Sidon, Gebel e mesmo de Jehu, filho de Omri, cujo próprio nome despertava o terror entre milhares de pessoas. As conquistas que se iniciaram com Assur-nasir-apli levaram exércitos para a Média e depois até Israel, Damasco, Edom, Arpad, Babilônia e Umlias. Será que alguém se lembra desses nomes e desses lugares agora? E já lhes dei indícios suficientes: tentem localizar o planeta.

— Os diários roubados

O ar estava estagnado nas profundezas do corte na montanha que conduzia a Estrada Real até o acesso plano à ponte sobre o Rio Idaho. A estrada virava para a direita sobre uma imensidão artificial de rocha e terra. Moneo, caminhando ao lado da Carreta Real, viu a tira pavimentada cruzando um estreito topo de penhasco até o rendado de plasteel constituído pela ponte, ainda distante um quilômetro.

O rio, profundo no abismo, curvava-se na direção deles à direita e corria reto através de cascatas múltiplas em direção ao lado distante da Floresta Proibida, onde as muralhas envolventes desciam quase ao nível da água. Lá, nas fronteiras de Onn, encontravam-se os pomares e jardins que ajudavam a alimentar a cidade.

Moneo, olhando para o distante trecho de rio, visível de onde ele caminhava, viu que o topo do canyon se encontrava banhado em luz, enquanto lá embaixo a água fluía nas sombras quebradas apenas pelo fraco tremular prateado das cascatas.

Diretamente à frente, a estrada que levava à ponte brilhava à luz do sol, as sombras negras de grotas escavadas pela erosão, em ambos os lados, projetando-se como setas a indicar o caminho correto. O sol que se erguia já aquecera o leito da rodovia. O ar tremulava acima numa advertência do dia que chegava.

“Estaremos em segurança na cidade antes que o calor chegue ao auge”,

pensou Moneo.

Ele prosseguiu com a cansada paciência que sempre o dominava nesse ponto, seu olhar fixo adiante, na expectativa dos Fremen de Museu e sua petição. Eles surgiriam de uma das grotas de erosão, sabia ele, em algum lugar deste lado da ponte. Esse fora o acordo que fizera com eles. E o Imperador-Deus ainda mostrava indícios do Verme.

Leto ouviu os Fremen antes que qualquer um em sua comitiva os visse ou ouvisse.

— Escutem! — disse ele.

Moneo ficou totalmente alerta.

Leto rolou seu corpo na carreta, arqueando a frente para cima, erguendo-a para fora do cobertor-bolha e sondando adiante.

Moneo conhecia isso muito bem. Os sentidos do Imperador-Deus, muito mais agudos que os de qualquer um ao redor dele, tinham detectado um distúrbio adiante. Os Fremen estavam começando a caminhar ao longo da estrada. Moneo entrou novamente no passo habitual e se dirigiu até o limite de sua posição de trabalho. Ouviu-os, então.

Havia o som de pedras rolando.

E os primeiros Fremen surgiram saindo das grotas em ambos os lados da estrada, não mais que 100 metros adiante da comitiva real.

Duncan Idaho avançou correndo e se colocou caminhando ao lado de Moneo.

— Aqueles são Fremen? — indagou Idaho.

— Sim. — Moneo falou com a atenção voltada para o Imperador-Deus, que tinha abaixado seu volume de volta no carro.

Os Fremen de Museu enfileiraram-se ao longo da estrada, deixando cair seus mantos externos para revelar outros mantos por baixo, nas cores roxa e vermelha. Moneo soltou uma exclamação de espanto. Os Fremen estavam vestidos como peregrinos, com algum tipo de traje negro debaixo dos mantos coloridos. Os que se encontravam mais perto acenavam com rolos de papel, enquanto o grupo inteiro começava a cantar e dançar na direção do cortejo real.

— Um pedido, Senhor — os líderes gritavam. — Ouça nosso pedido.

— Duncan! — gritou Leto. — Tire-os do caminho!

As Oradoras Peixes avançaram através dos cortesãos ao grito de seu Senhor. Idaho acenou para que elas fossem em frente e começou a correr na direção da multidão que se aproximava. A Guarda formou uma falange com Idaho na ponta.

Leto fechou com um golpe a cobertura-bolha de sua carreta, aumentou a velocidade e gritou num rugido amplificado:

— Saiam do caminho! Saiam do caminho!

Os Fremen de Museu, vendo a Guarda avançar em sua direção e a carreta ganhar velocidade enquanto Leto gritava, pareceram abrir caminho no centro da estrada. Moneo, forçado a correr para acompanhar a carreta, e com sua atenção momentaneamente volitada para os passos apressados dos cortesãos atrás, viu a primeira mudança inesperada no programa dos Fremen.

Como se fosse uma única pessoa, a multidão cantante arrancou as capas de peregrinos para revelar uniformes negros, idênticos ao que era usado por Duncan Idaho.

“Que estão fazendo?”, perguntou-se Moneo.

Mesmo ao fazer a pergunta, Moneo já via a carne dos rostos que se aproximavam fluir para a condição de Dançarino Facial, cada rosto tornando-se uma cópia do de Duncan Idaho.

— Dançarmos Faciais! — alguém gritou.

Leto também fora distraído pela confusão dos eventos, os sons de muitos pés correndo na estrada, as ordens gritadas pelas Oradoras Peixes formando sua falange. Ele aplicara mais velocidade à sua carreta, fechando a distância entre si mesmo e as guardas, e começando a tocar um sino de aviso e soar a buzina de distorção da carreta. Um ruído intenso afogou a cena, desorientando mesmo algumas das Oradoras Peixes a ele condicionadas.

No instante em que os solicitantes abandonaram suas capas de peregrinos e começaram a manobra de transformação, seus rostos tornando-se semelhantes ao de Duncan Idaho, Leto ouviu o grito:

“Dançarmos Faciais!” Ele identificou a fonte, a esposa de um funcionário da Contabilidade Real.

A reação inicial de Leto foi de divertimento.

Guardas e Dançarmos Faciais colidiram entre si. Berros e gritos substituíram o cântico dos solicitantes. Leto reconheceu comandos de batalha dos Tleilaxu. Um círculo de Oradoras Peixes formou-se em torno da figura vestida de negro do seu Duncan. As guardas obedeciam à instrução, frequentemente repetida por Leto, de que protegessem seu ghola comandante.

“Mas como elas irão diferenciá-lo dos outros?”

Leto fez a carreta quase parar. Podia ver Oradoras Peixes à esquerda, brandindo seus cassetetes atordoadores. A luz do sol refletiu-se nas lâminas das facas. E então veio o zumbido de pistolas laser, um som que a avó de Leto certa vez descrevera como “o mais terrível em nosso universo”. Mais berros e gritos roucos partiram da vanguarda.

Leto reagiu ante o primeiro som das armas laser. Desviou a Carreta Real para fora da estrada, indo para a direita, mudou de rodas para suspensores e

lançou o veículo de volta, como um aríete, sobre um grupo de Dançarinos Faciais que tentava entrar na luta do seu lado. Fazendo uma curva estreita, golpeou mais alguns do outro lado, sentindo o impacto esmagador de carne contra plasteel, um esguicho de sangue vermelho, e então estava fora da estrada, dentro de uma grota de erosão. As encostas marrons serrilhadas da grota relampejaram em torno dele. Ele desviou o veículo para cima e depois mergulhou através do canyon do rio, até um elevado mirante cercado de rochas ao lado da Estrada Real. Lá ele parou e se virou, bem fora do alcance de lasers manuais.

“Que surpresa!”

O riso sacudiu seu grande corpo com tremulantes convulsões. Lentamente, o divertimento se esvaiu.

De seu ponto de vista, Leto podia ver a ponte e a área do ataque. Corpos jaziam em misturada desordem por todo o cenário e nas grotas ao lado. Ele reconheceu as roupas finas de cortesãos, os uniformes das Oradoras Peixes, o negro ensanguentado dos disfarces dos Dançarmos Faciais. Os cortesãos sobreviventes aglomeravam-se ao fundo, enquanto Oradoras Peixes corriam entre os corpos tombados, certificando-se de que os atacantes estavam mortos com um rápido golpe de faca em cada corpo.

Leto percorreu com o olhar toda a cena buscando o uniforme negro de seu Duncan. Não havia tal uniforme de pé. Nem mesmo um! Dominou um ímpeto de frustração, e então viu um aglomerado de guardas Oradoras Peixes entre os cortesãos e... uma figura nua.

“Nua!”

Era Duncan! “Nu! É claro!” O Duncan Idaho sem uniforme não era um Dançarino Facial.

Novamente o riso o fez estremecer. Surpresas de ambos os lados. Que choque não devia ter sido para os atacantes. Obviamente eles não se tinham preparado para tal reação.

Leto levou sua carreta de volta para a estrada, baixou as rodas em posição e rolou para a ponte. Cruzou a ponte com uma sensação de déja vu, consciente das incontáveis pontes em suas memórias, as travessias para observar o resultado de batalhas. Quando saiu da ponte, Idaho partiu do grupo de guardas e correu em direção a ele, pulando por sobre os corpos. Leto parou a carreta e olhou para o corredor nu. O Duncan parecia um soldado-mensageiro grego, correndo para relatar a seu comandante o resultado de uma batalha. A condensação da história atordoou as memórias de Leto.

Idaho escorregou parando ao lado da carreta. Leto abriu a cobertura-bolha.

— Dançarinos Faciais, cada um dos malditos! — disse Idaho ofegante.

Sem tentar esconder seu divertimento, Leto indagou:

— Quem teve a idéia de tirar seu uniforme?

— Eu! Mas elas não me deixaram lutar!

Moneo veio correndo com um grupo de guardas. Uma das Oradoras Peixes jogou um manto azul para Idaho, gritando:

— Estamos tentando salvar um uniforme completo de um dos corpos.

— Rasguei o meu — explicou Idaho.

— Algum dos Dançarmos Faciais escapou? — perguntou Moneo.

— Nenhum — respondeu Idaho. — Admito que suas mulheres são boas lutadoras, mas por que elas não me deixaram entrar na. .

— Porque elas tinham instruções para protegê-lo — disse Leto.

— Elas sempre protegem os mais valiosos. .

— Quatro delas morreram tirando-me de lá! — disse Idaho.

— Nós perdemos mais de 30 pessoas ao todo, Senhor — disse Moneo. — Ainda estamos contando.

— Quantos Dançarinos Faciais havia? — perguntou Leto.

— Parece que havia uns 50 deles — disse Moneo, falando suavemente, uma aparência chocada em seu rosto.

Leto começou a rir.

— Por que está rindo? — quis saber Idaho. — Mais de 30 de nossa gente...

— Mas os Tleilaxu foram muito incompetentes — disse Leto.

— Não percebe que apenas 500 anos atrás eles teriam sido muito mais eficientes, muito mais perigosos? Imagine-os tentando esta tola mascarada! E não prevendo sua brilhante resposta!

— Eles tinham pistolas laser — observou Idaho.

Leto torceu seus volumosos segmentos anteriores e apontou para um buraco fundido em sua cobertura, quase no meio do carro. Um asterisco de matéria derretida circundava o orifício.

— Eles atingiram vários outros pontos embaixo — explicou Leto. — Felizmente não danificaram nenhuma roda ou suspensor.

Idaho observou o orifício na capota, notando que ele se alinhava com o corpo de Leto.

— Eles não o atingiram? — perguntou.

— Oh, sim — respondeu Leto.

— Está ferido?

— Sou imune a pistolas laser — mentiu Leto. — Quando tivermos tempo, demonstrarei.

— Bem, eu não sou imune — disse Idaho. — E nem suas guardas. Cada

um de nós deveria ter um cinturão-escudo.

— Os escudos estão banidos do Império — disse Leto. — É uma ofensa capital possuir um escudo.

— A questão dos escudos — arriscou Moneo.

Idaho pensou que Moneo estivesse pedindo uma explicação sobre escudos e disse:

Os escudos desenvolvem um campo de força que repele qualquer objeto que tente penetrar com uma velocidade perigosa. Eles possuem um grande inconveniente. Se você atravessar um campo de força com um raio laser, a explosão resultante iguala a de uma grande bomba de fusão. O atacante e o atacado são destruídos.

Moneo apenas olhou para Idaho, que assentiu com a cabeça.

— Percebo por que foram banidos — continuou Idaho. — Presumo que a Grande Convenção contra os atômicos continue em vigor e funcionando bem.

— Funcionando ainda melhor, já que demos busca em todos os atômicos das Grandes Famílias e os removemos para um lugar seguro — disse Leto. — Mas não temos tempo para discutir tais questões aqui.

— Podemos discutir uma coisa — insistiu Idaho. — Caminhar aqui em campo aberto é muito perigoso. Deveríamos...

— Trata-se de uma tradição e devemos continuá-la — disse Leto.

Moneo inclinou-se bem junto de um dos ouvidos de Idaho e sussurrou:

— Está perturbando Lorde Leto.

— Mas...

— Já considerou o quanto é mais fácil controlar uma população que anda a pé? — perguntou Moneo.

Idaho virou-se de repente para olhar nos olhos de Moneo com súbita compreensão.

Leto aproveitou a oportunidade para começar a dar ordens:

— Moneo, cuide para que não fique nenhum vestígio do ataque por aqui. Nenhuma mancha de sangue, nenhuma roupa rasgada, nada.

— Sim, Senhor.

Idaho voltou-se ante o som de pessoas apinhando-se em torno deles, e viu que todos os sobreviventes, mesmo os feridos usando curativos de emergência, tinham se aproximado para ouvir.

— Todos vocês! — disse Leto, dirigindo-se à multidão em torno da carreta. — Nem uma palavra a respeito disso. Deixem que os Tleilaxu se preocupem. — Voltou-se para Idaho. — Duncan, como foi que esses Dançarinos Faciais entraram em uma região onde apenas os meus Fremen de Museu deviam andar livremente?

Idaho olhou involuntariamente para Moneo.

— É minha falha, Senhor — disse Moneo. — Fui eu que arranjei para que os Fremen apresentassem seu pedido aqui. Eu mesmo tranquilizei Duncan Idaho quanto a eles.

— Lembro-me de você ter mencionado uma solicitação dos Fremen — disse Leto.

— Julguei que poderia diverti-lo, Senhor.

— Pedidos não me divertem, eles me aborrecem. E fico especialmente aborrecido com pedidos de pessoas cujo único propósito em meu esquema de coisas é preservar os antigos costumes.

— Senhor, foi apenas que me falou tantas vezes do tédio destas peregrinações a...

— Mas não estou aqui para aliviar o tédio dos outros!

— Senhor?

— Os Fremen de Museu não entendem coisa alguma a respeito dos velhos costumes. São apenas bons em executar os rituais. Isso naturalmente os aborrece, daí seus pedidos no sentido de se introduzirem mudanças. Isso é que me aborrece. Não permitirei mudanças. Agora, onde foi que soube a respeito desse suposto pedido?

— Dos próprios Fremen — disse Moneo. — Uma dele... — Ele se interrompeu, carrancudo.

— E os membros da delegação lhe eram conhecidos?

— É claro, Senhor. De outro modo eu...

— Eles estão mortos — disse Idaho.

Moneo olhou para ele sem compreender.

— As pessoas que você conhecia foram mortas e substituídas por Dançarinos Faciais imitadores — explicou Idaho.

— Eu tenho sido descuidado — comentou Leto. — Devia ter ensinado todos vocês a reconhecerem os Dançarinos Faciais. Isso será corrigido agora que eles se tornaram ousadamente tolos.

— Por que eles são tão ousados? — perguntou Idaho.

— Talvez para distrair nossa atenção de alguma outra coisa — comentou Moneo.

Leto sorriu para Moneo. Sob a ameaça de um perigo pessoal, a mente do majordomo funcionava bem. Ele falhara ante seu Senhor por confundir os Dançarmos Faciais, com sua mímica, com Fremen bem conhecidos. Agora Moneo sentia que a continuação de seus serviços dependeria das habilidades pelas quais o Imperador-Deus originalmente o escolhera.

— E agora temos tempo para nos prepararmos — disse Leto.

— Distrair-nos de quê? — quis saber Idaho.

— De outra trama de que eles participam — disse Leto. — Eles acham que vou puni-los severamente por isso, mas o núcleo dos Tleilaxu permanecerá seguro por causa de você, Duncan.

— Eles não pretendiam falhar aqui — comentou Idaho.

— Mas essa era uma contingência para a qual estavam preparados — disse Moneo.

— Eles acreditam que não os destruirei porque guardam as células originais do meu Duncan Idaho — opinou Leto. — Compreende isso, Duncan?

— E eles estão certos? — indagou Idaho.

— A abordagem deles é que está errada — disse Leto. Voltou sua atenção para Moneo. — Nenhum indício desse acontecimento deve seguir conosco para Onn. Novos uniformes, novas guardas para substituir as que foram mortas ou feridas... tudo de volta como estava.

— Existem mortos entre seus cortesãos, Senhor — observou Moneo.

— Substitua-os.

Moneo curvou-se.

— Sim, Senhor.

— E mande buscar uma nova cobertura para a minha carreta!

— Como o meu Senhor ordena.

Leto recuou alguns passos a carreta, virou-se e se dirigiu para a ponte, chamando Idaho:

— Duncan, você me acompanhará.

Lentamente a princípio, com a relutância pesando em cada movimento, Idaho deixou Moneo e os outros. Depois, aumentando o passo, ficou junto da bolha aberta da carreta, caminhando enquanto olhava para Leto.

— Que o perturba, Duncan? — perguntou Leto.

— Pensa mesmo em mim como o seu Duncan?

— É claro, exatamente como pensa em mim como o seu Leto.

— Por que não soube que esse ataque estava se aproximando?

— Através da minha presciência?

— Sim!

— Os Dançarmos Faciais não atraem minha atenção há longo tempo — disse Leto.

— Presumo que isso tenha mudado agora?

— De modo algum.

— Por que não?

— Porque Moneo estava certo. Não vou deixar que me distraiam.

— Eles poderiam realmente tê-lo morto aqui.

— Uma possibilidade diferente. Sabe, Duncan, poucos compreendem que desastre seria o meu fim.

— O que os Tleilaxu estarão tramando?

— Uma cilada, eu creio. Uma adorável cilada. Eles me enviaram um aviso, Duncan.

— Que aviso?

— Existe uma nova escalada nos motivos desesperados que impulsionam alguns dos meus súditos.

Deixaram a ponte, começando a subir até o mirante de Leto. Idaho caminhava em agitado silêncio.

No topo, Leto ergueu o olhar sobre os penhascos distantes, fitando a desolação do Sareer.

As lamentações daqueles em seu séquito que haviam perdido entes queridos continuavam na cena do ataque, além da ponte. Com sua audição aguda, Leto podia distinguir a voz de Moneo, advertindo-os de que o tempo para lamentar os mortos seria necessariamente curto. Eles possuíam outros entes queridos na Cidadela, e bem conheciam a ira do Imperador-Deus.

“As lágrimas terão desaparecido e os sorrisos cobrirão suas faces na hora em que chegarmos a Onn”, pensou Leto. “Eles acham que os desprezo! Que isso realmente importa? Esse é um incômodo momentâneo entre os de vida curta e pensamentos estreitos.”

A visão do deserto o acalmava. Ele não podia ver o rio no fundo do seu canyon, a partir desse ponto, sem se virar completamente e olhar para a Cidade Festival. O Duncan permanecia piedosamente silencioso ao lado da carreta. Voltando seu olhar ligeiramente para a esquerda, Leto enxergava a extremidade da Floresta Proibida. Contra esse vislumbre de um verdejante panorama, sua memória subitamente comprimiu o Sareer no minúsculo e fraco remanescente de um deserto planetário, que um dia fora tão poderoso que todos os homens o temiam, até mesmo os Fremen selvagens que nele andavam.

— É o rio — pensou Leto. — Se me voltar, verei aquilo que fiz.

O abismo feito pelo homem, através do qual o Rio Idaho escorria em corredeiras, era apenas uma extensão da fenda que Paul Muad’Dib explodira através da elevada Muralha Escudo para a passagem de suas legiões montadas em vermes. Onde a água fluía agora, o Muad’Dib conduzira seus Fremen saindo de uma tempestade de areia coriólis para entrar na história... “e terminar nisto”.

Leto ouviu os passos familiares de Moneo, os sons do majordomo esforçando-se para subir até o mirante. Moneo veio colocar-se ao lado de Idaho e fez uma pausa para recuperar o fôlego.

— Quanto tempo até que possamos prosseguir? — perguntou Idaho.

Moneo fez sinal para que ele ficasse calado e se dirigiu a Leto:

— Senhor, acabamos de receber uma mensagem de Onn. A Bene Gesserit manda avisar que os Tleilaxu irão atacar-nos antes que alcancemos a ponte.

Idaho resmungou.

— Não estão um pouco atrasadas?

— Não é falha delas — disse Moneo. — A capitão das Oradoras Peixes não acreditou nelas.

Outros membros do cortejo de Leto começaram a aparecer no nível do mirante. Alguns deles pareciam estar drogados, ainda em choque. As Oradoras Peixes caminhavam energicamente entre eles, comandando uma exibição de boa disposição.

— Remova a Guarda da Embaixada Bene Gesserit — disse Leto. — Envie esta mensagem para elas: diga-lhes que sua audiência ainda será a última, mas que não devem temer por isso. Diga-lhes que os últimos serão os primeiros. Elas identificarão a alusão.

— E quanto aos Tleilaxu? — indagou Idaho.

Leto mantinha sua atenção em Moneo.

— Sim, os Tleilaxu. Vou enviar-lhes um sinal.

— Sim, Senhor?

— Quando eu ordenar, e só quando eu ordenar, você fará com que o Embaixador Tleilaxu seja publicamente açoitado e expulso.

— Senhor!

— Você discorda?

— Se devemos manter isto em segredo... — Moneo olhou por sobre o ombro —, como vai explicar o açoite?

— Não explicaremos.

— Não daremos nenhuma razão?

— Nenhuma razão.

— Mas Senhor, as histórias e rumores que irão...

— Eu estou reagindo, Moneo! Deixe que eles conheçam a parte subterrânea de mim, que faz coisas sem o meu conhecimento, pois não possui os meios de conhecer.

— Isso causará um grande temor, Senhor.

Um riso amargurado escapou dos lábios de Idaho. Ele colocou-se entre Moneo e a carreta.

— Ele faz uma gentileza para com esse Embaixador. Já houve governantes que teriam executado o tolo em fogo lento.

Moneo tentou falar com Leto por sobre o ombro de Idaho.

— Mas Senhor, esse ato só confirmará ante os Tleilaxu que o Senhor foi

atacado.

— Eles já sabem disso — respondeu Leto. — Mas não falarão a respeito.

— E quando nenhum dos atacantes retornar... — disse Idaho.

— Está compreendendo, Moneo? — perguntou Leto. — Quando marcharmos para dentro de Onn, aparentemente ilesos, os Tleilaxu acreditarão ter sofrido um completo fracasso.

Moneo olhou à sua volta para as Oradoras Peixes e os cortesãos que ouviam arrebatados essa conversa. Raramente qualquer um deles tinha ouvido tal diálogo revelador entre o Imperador-Deus e seus auxiliares mais imediatos.

— Quando meu Senhor dará o sinal para a punição do Embaixador? — perguntou Moneo.

— Durante a audiência.

Leto ouviu tópteros chegando, viu o cintilar do sol em suas asas e rotores e, quando focalizou com atenção, percebeu a nova capota para sua carreta pendurada embaixo de um deles.

— Faça com que essa capota danificada volte para a Cidadela e seja restaurada — ordenou Leto, ainda perscrutando os tópteros que se aproximavam. — Se alguém fizer perguntas, instrua aos artesãos para dizerem que é apenas rotina, outra capota arranhada pela areia que o vento sopra.

Moneo suspirou.

— Sim, Senhor. Será feito como ordena.

— Vamos Moneo, alegre-se — disse Leto. — Caminhe ao meu lado enquanto prosseguimos. — Virando-se para Idaho, Leto disse:

— Escolha algumas guardas e sonde o caminho à frente.

— Acha que haverá outro ataque?

— Não, mas isso dará às guardas alguma coisa para fazer. E arranje um uniforme novo. Não quero você usando uma coisa que foi contaminada pelos sujos Tleilaxu.

Idaho saiu para obedecer.

Leto fez sinal para que Moneo chegasse mais perto, bem mais perto. Quando Moneo estava curvado sobre a carreta, o rosto a menos de um metro de Leto, este colocou a voz num tom muito baixo e disse:

— Existem algumas lições especiais aqui para você, Moneo.

— Senhor, sei que devia ter suspeitado que os Dançarinos...

— Nada de Dançarinos Faciais! Esta é uma lição para a sua filha.

— Siona? Em que ela poderia...

— Diga-lhe isto: de um modo frágil, ela é como a força dentro de mim, que age sem saber. Por causa dela eu me lembro de como é ser humano... e amar.

Moneo olhou para Leto sem compreender.

— Simplesmente lhe transmita essa mensagem — disse Leto.

— Não precisa tentar entendê-la. Apenas lhe diga minhas palavras. Moneo recuou.

— Como meu Senhor ordena.

Leto fechou a cobertura em forma de bolha, transformando-a em uma unidade para que as equipes que se aproximavam nos tópteros pudessem substitui-la.

Moneo virou-se e olhou para as pessoas que esperavam na área plana do mirante. Notou então uma coisa que não tinha observado antes, uma coisa revelada pelo desarranjo nos trajes que algumas das pessoas ainda não tinham reparado. Alguns dos cortesãos se haviam equipado com delicados engenhos de auxílio à audição. Tinham escutado tudo. E tais engenhos só poderiam vir de Ix.

“Vou avisar ao Duncan e à Guarda”, pensou Moneo.

De algum modo, ele pensava nesta descoberta como um sintoma de decadência. Como eles poderiam proibir tais coisas quando a maioria dos cortesãos e Oradoras Peixes sabia, ou então suspeitava, de que o Imperador-Deus comerciava com Ix para obter tais máquinas proibidas?

21

Estou começando a odiar a água. A pele da truta da areia, que impele a minha metamorfose, já absorveu as sensibilidades do Verme. Moneo e muitas de minhas guardas conhecem essa aversão. Somente Moneo suspeita da verdade, de que isso marca um caminho importante. Posso sentir o meu fim, representado nisso, não breve como Moneo mede o tempo, mas suficientemente breve do modo como eu o suporto. A truta da areia buscava a água nos tempos de Duna, um problema para os primeiros estágios de nossa simbiose. A força de minha vontade controlava esse impulso então, e até que atingíssemos um tempo de equilíbrio. Agora devo evitar a água porque não há mais trutas da areia além das criaturas meio dormentes em minha pele. Sem truta da areia para trazer este mundo de volta para o deserto, o Shai-Hulud não emergirá; o verme da areia não pode desenvolver-se até que esta terra esteja ressequida.

Eu sou sua única esperança.

— Os diários roubados

Era o meio da tarde quando o Cortejo Real surgiu no declive final em direção aos bairros da Cidade Festival. Multidões enfileiravam-se ao longo das ruas para saudá-lo, sendo contidas por filas de robustas Oradoras Peixes em uniformes com a cor verde dos Atreides, seus cassetetes atordoantes cruzados e unidos.

Enquanto o Cortejo Real se aproximava, um rumor de gritos se ergueu da multidão. Então as guardiãs Oradoras Peixes começaram a entoar:

— Siaynoq! Siaynoq! Siaynoq!

Ao ecoar por entre os prédios elevados, a palavra cantada pouía um estranho efeito sobre a multidão, que não fora iniciada no seu significado. Uma onda de silêncio espalhou-se pelas avenidas apinhadas, enquanto as guardiás prosseguiam o cântico. As pessoas olhavam, admiradas, para as mulheres armadas com bastões atordoantes que guardavam a passagem do Cortejo Real, as mulheres que cantavam com os olhos fixos no rosto de seu Senhor que passava.

Idaho, marchando com as guardas Oradoras Peixes, atrás da Carreta Real, ouvia o canto pela primeira vez e sentia o cabelo arrepiar em sua nuca.

Moneo seguia ao lado da carreta, sem olhar para a esquerda ou a direita. Ele certa vez indagara de Leto o significado da palavra.

— Eu dou às Oradoras Peixes apenas um ritual — dissera Leto.

Na ocasião eles estavam na câmara de audiências do Imperador-Deus, logo abaixo da praça central de Onn, com Moneo fatigado após um longo dia dirigindo o fluxo de dignitários que abarrotavam a cidade para as Festividades Decenais.

— Que tem o cantar daquela palavra a ver com isso, Senhor?

— O ritual é chamado de Siaynoq — O Banquete de Leto. Trata-se da adoração da minha pessoa na minha presença.

— Um ritual ancestral, Senhor?

— Era com os Fremen antes que eles fossem Fremen. Mas as chaves para os segredos do Festival morreram com os antigos. Somente eu as relembro agora. Eu recrio o Festival à minha própria maneira e para as minhas próprias necessidades.

— Então, os Fremen de Museu não usam esse ritual?

— Nunca. É meu e somente meu. Reservo-me o direito eterno sobre ele porque eu sou o ritual.

— É uma palavra estranha, Senhor. Nunca a tinha ouvido.

— Ela possui muitos significados, Moneo. Se eu lhe disser, manterá o segredo?

— Meu Senhor ordena!

— Nunca compartilhe com outro ou revele às Oradoras Peixes o que lhe vou dizer agora.

— Eu juro, Senhor.

— Muito bem. Siaynoq significa honrar aquele que fala com sinceridade. Significa a lembrança das coisas que foram ditas com sinceridade.

— Mas Senhor, sinceridade não significa que aquele que fala acredita.. tem fé no que está dizendo?

— Sim, mas Siaynoq também contém a idéia da luz que revela a realidade. Você continua a lançar essa luz naquilo que vê.

— Realidade... esse é um termo muito ambíguo, Senhor.

— De fato! Mas Siaynoq também significa fermentação porque a realidade — ou a crença de que você conhece uma realidade, o que é a mesma coisa — sempre provoca uma fermentação no universo.

— Tudo isso em uma única palavra, Senhor?

— E mais! Siaynoq também contém o chamado à oração e o nome do Anjo Registrador, Sihaya, que interroga os recentemente mortos.

— Uma grande carga para uma única palavra, Senhor.

— As palavras podem transportar qualquer carga que desejemos. Tudo que é necessário é uma concordância e uma tradição sobre a qual se apoiar.

— Por que não devo falar a esse respeito com as Oradoras Peixes, Senhor?

— Porque essa é uma palavra reservada para elas. Elas se ressentirão se eu a compartilhar com alguém do sexo masculino.

Moneo comprimia os lábios em uma linha fina ao se lembrar disso, marchando ao lado da Carreta Real para dentro da Cidade Festival. Muitas vezes ouvira as Oradoras Peixes cantarem ao Imperador-Deus em sua presença, desde aquela primeira explicação, e até mesmo adicionara seus próprios significados à estranha palavra.

"Ela significa mistério e prestígio. Significa poder. Invoca a licença para agir em nome de Deus."

— Siaynoq! Siaynoq! Siaynoq!

A palavra tinha um som desagradável aos ouvidos de Moneo.

Encontravam-se agora bem no interior da cidade, quase na praça central. A luz do entardecer iluminava a Estrada Real por trás da procissão, clareando o caminho a ser percorrido. Ela dava um brilho aos trajes coloridos dos cidadãos. Brilhava nos rostos erguidos das Oradoras Peixes que margeavam o caminho.

Marchando com as guardas ao lado da carreta, Idaho dominou seus susto inicial enquanto o cântico continuava. Ele questionou uma das Oradoras Peixes a seu lado a respeito da palavra.

— Não se trata de uma palavra para homens — ela disse. — Mas algumas vezes o Senhor partilha Siaynoq com um Duncan.

"Um Duncan!" Ele indagara Leto a respeito anteriormente e não gostara das misteriosas evasões.

— Logo vai aprender sobre isso.

Idaho relegou o canto ao papel de ruído de fundo enquanto olhava à sua volta com a curiosidade de um turista. Em preparação para suas tarefas como Comandante da Guarda, Idaho fizera sondagens sobre a história de Onn, descobrindo que partilhava o perverso divertimento de Leto pelo fato de o rio que fluía por perto ter por nome Idaho.

Eles estavam em um dos grandes salões abertos da Cidadela naquela ocasião, o lugar arejado cheio da luz da manhã, as mesas amplas sobre as quais as arquivistas Oradoras Peixes tinham abertos os mapas do Sareer e de Onn. Leto rolara sua carreta sobre uma rampa que lhe permitia olhar para baixo e ver os mapas. Idaho estava diante de uma mesa coberta de mapas, na frente dele, estudando uma planta da Cidade Festival.

— Desenho peculiar para uma cidade — murmurou Idaho.

— Ela possui uma função básica: a visão pública do Imperador-Deus.

Idaho ergueu os olhos para o corpo segmentado na carreta, voltando o olhar para o rosto envolto nas dobras de truta da areia. Perguntava a si mesmo se algum dia acharia natural fitar aquela figura bizarra.

— Mas isso só acontece uma vez a cada 10 anos — disse Idaho.

— A Grande Comunhão, sim.

— E apenas a deixa fechada nesse intervalo?

— Lá ficam as embaixadas, os escritórios dos agentes comerciais, as escolas das Oradoras Peixes, o pessoal de serviços e manutenção, os museus e bibliotecas.

— Que espaço eles ocupam? — Idaho bateu no mapa com os nós dos dedos. — No máximo, um décimo da Cidade.

— Menos que isso.

Idaho deixou o olhar vaguear pensativamente sobre o mapa.

— Existem outros propósitos nesse projeto, meu Senhor?

— Ele é dominado pela necessidade de o público ver a minha pessoa.

— Deve haver trabalhadores administrativos, funcionários do Governo, até mesmo trabalhadores braçais. Onde é que eles vivem?

— Principalmente nos subúrbios.

Idaho apontou para o mapa.

— Essas fileiras superpostas de apartamentos?

— Observe as sacadas, Duncan.

— Todas à volta da praça. — Ele inclinou-se para olhar o mapa. — Esta praça tem dois quilômetros de largura!

— Note como as sacadas dos apartamentos são dispostas em degraus sucessivos até o anel das torres. E a elite fica alojada nas torres.

— E eles podem olhar para o Senhor lá embaixo na praça?

— Você não gosta disso.

— Não existe sequer uma barreira de energia para protegê-lo!

— E que alvo tentador eu não sou.

— Por que faz isso?

— Há um mito adorável no projeto de Onn. Eu estimulo e promovo esse mito. Diz que um dia houve um povo cujo governante devia caminhar entre seus membros uma vez por ano, na total escuridão, sem armadura ou armas. Esse governante mítico usava um traje luminescente enquanto fazia sua caminhada entre a multidão de súditos ocultos pela noite. E seus súditos... Eles se vestiam de preto para a ocasião, e nunca eram revistados para ver se portavam armas.

— E que isso tem a ver com o Senhor e com Onn?

— Bem, obviamente, se o governante sobrevivesse a tal caminhada, isso

provava que ele era um bom governante.

— O Senhor não ordena buscas à procura de armas?

— Não abertamente.

— E acha que as pessoas o vêem representado nesse mito. Isto não era uma pergunta.

— Muitos o fazem.

Idaho olhou para a face de Leto, profunda em seu envoltório cinzento. Os olhos de azul sobre azul o fitaram sem expressão.

"Olhos de melange", pensou Idaho. Mas Leto dissera que não mais consumia a especiaria. Seu corpo lhe fornecia toda a especiaria que seu vício exigisse.

— Você não aprecia minha sagrada obscenidade, minha tranquilidade forçada — disse Leto.

— Não gosto de vê-lo brincando de deus!

— Mas um deus pode controlar um Império como um maestro conduz uma sinfonia, através de seus movimentos. Meu desempenho só é limitado pelo fato de eu estar restrito a Arrakis. Devo reger a sinfonia daqui.

Idaho sacudiu a cabeça e olhou uma vez mais para a planta da cidade.

— Que são esses apartamentos por trás das torres?

— Acomodações menos sofisticadas para visitantes.

— Eles não podem ver a praça.

— Ah, eles podem. Engenhos Ixianos projetam minha imagem nesses quartos.

— Enquanto o círculo interno o observa diretamente. Como é que entra na praça?

— Um palco de apresentação se ergue no centro para me exibir ao meu povo.

— E eles batem palmas? — Idaho olhou diretamente para os olhos de Leto.

— Eles têm permissão para aplaudir.

— Vocês Atreides sempre se viram como parte da história.

— Como você é astuto em entender o significado das palmas.

Idaho voltou sua atenção para a planta da cidade.

— E as escolas das Oradoras Peixes ficam aqui?

— Sob sua mão esquerda, sim. Essa é a academia à qual Siona foi enviada para receber instrução. Ela tinha 10 anos na ocasião.

— Siona... devo aprender mais a respeito dela — murmurou Idaho.

— E eu lhe asseguro que nada ficará no caminho desse desejo. Enquanto marchava ao longo da Peregrinação Real, Idaho foi retirado do seu devaneio pela

percepção de que o canto das Oradoras Peixes estava diminuindo. À sua frente, a Carreta Real iniciara sua descida para as câmaras embaixo da praça, rolando por uma longa rampa descendente. Idaho, ainda sob a luz do sol, olhou para cima e à volta, em direção às torres cintilantes — essa realidade para a qual os mapas não o tinham preparado. Pessoas enchiam as sacadas do anfiteatro de prédios que circundava a praça, formando um anel. Pessoas silenciosas que observavam a procissão.

“Não há palmas entre os privilegiados”, pensou Idaho. O silêncio das pessoas nas sacadas encheu-o de um sinistro pressentimento.

Penetrou então na rampa-túnel cuja boca escondeu a praça. O canto das Oradoras Peixes desapareceu enquanto desciam para as profundezas. Mas o som dos pés marcando à sua volta era curiosamente ampliado.

A curiosidade substituiu o sentimento de presságio opressivo e Idaho olhou à sua volta. O tubo de piso plano era amplo e artificialmente iluminado. Era muito largo, e Idaho estimou que 20 pessoas poderiam marchar lado a lado para dentro das entranhas da praça. Não havia multidões saudando, apenas uma fileira de Oradoras Peixes, com amplo espaço entre elas, que não cantavam, contentando-se em observar a passagem do seu Deus.

A memória das plantas revelou a Idaho o esquema desse gigantesco complexo embaixo da praça — uma cidade particular dentro da Cidade, um lugar onde apenas o Imperador-Deus, seus cortesãos e as Oradoras Peixes poderiam entrar sem uma escolta. Todavia as plantas nada haviam sugerido a respeito das grossas pilastras, do senso de espaços imensos e bem-guardados, da estranha quietude quebrada pelo ruído de passos e o estalar da Carreta de Leto.

Idaho olhou de repente para as Oradoras Peixes enfileiradas ao longo do caminho e percebeu que suas bocas estavam se movendo em uníssono, formando uma palavra não-pronunciada por seus lábios. Ele reconheceu a palavra:

— Siaynoq.

22

Outro Festival tão cedo? — indagou Lorde Leto.

— Faz 10 anos — disse o majordomo.

Você acha, por esse diálogo, que Lorde Leto demonstra ignorância da passagem do tempo?

— Da História Oral

Durante o período de audiências particulares que precedeu o Festival propriamente dito, muitos comentaram que o Imperador-Deus passou mais que o tempo programado com o novo Embaixador Ixiano, uma jovem mulher chamada Hwi Noree.

Ela foi trazida no meio da manhã por duas Oradoras Peixes, e as guardas ainda demonstravam a excitação do primeiro dia. A câmara particular de audiências, embaixo da praça, encontrava-se brilhantemente iluminada. A luz revelava um salão de 50 metros de comprimento por 35 de largura. Antigos tapetes Fremen decoravam as paredes, seus brilhantes padrões trabalhados em jóias e metais preciosos, todos combinados em tramas da inestimável fibra de especiaria. Predominavam os vermelhos sombrios que os Fremen tanto haviam apreciado. O piso da câmara era quase transparente, cenário para peixes exóticos moldados em cristal radiante. Debaixo do piso fluía uma corrente de água azul-clara, toda a sua unidade selada fora da câmara de audiência, mas excitantemente próxima de Leto, que repousava sobre uma elevação acolchoada na extremidade oposta à porta.

Sua primeira visão de Hwi Noree revelou uma extraordinária semelhança com seu tio Malky, mas os movimentos graves e a calma de suas passadas eram igualmente extraordinários em sua diferença. Mas ela tinha aquela pele escura, o rosto oval com as feições regulares. Plácidos olhos castanhos fitavam Leto e, onde o cabelo de Malky fora grisalho, o dela era de um marrom luminoso.

Hwi Noree irradiava uma paz interior que Leto sentia ampliar sua influência à volta dela enquanto se aproximava. Ela parou a 10 passos de distância, abaixo dele. Havia nela um equilíbrio clássico, alguma coisa que não podia ser acidental.

Com crescente excitação, Leto percebeu uma sugestão das maquinações

Ixianas nessa nova embaixadora. Eles estavam bem avançados em seu programa genético para cultivar tipos selecionados para funções específicas. E a função de Hwi Noree era perturbadoramente óbvia — encantar o Imperador-Deus e encontrar uma brecha em sua armadura.

A despeito disso, enquanto o encontro prosseguia, Leto se descobriu verdadeiramente apreciando a companhia dela. Hwi Noree estava de pé, no centro de uma poça de luz diurna, guiada para dentro da câmara por um sistema de prismas Ixianos. Eles enchiam a extremidade da câmara, onde Leto se posicionava, com uma luz dourada cujo centro era agora a Embaixadora, e que diminuía por trás do Imperador-Deus, onde se colocava uma curta fila de guardas Oradoras Peixes — 12 mulheres escolhidas por sua incapacidade de ouvir ou falar.

Hwi Noree usava um vestido simples de tecido roxo, enfeitado apenas por um colar de prata com um pingente estampado no símbolo de Ix. Sandálias suaves, da cor do vestido, surgiam debaixo da bainha.

— Você tem consciência — disse-lhe Leto — de que eu matei um de seus ancestrais?

Ela sorriu suavemente.

— Meu tio Malky incluiu essa informação em meu treinamento inicial, Senhor.

Enquanto ela falava, Leto percebeu que parte de sua educação havia sido conduzida pela Bene Gesserit. Ela possuía o modo típico delas de controlar suas respostas, de sentir os subtons ocultos em uma conversa. Podia notar, entretanto, que o revestimento Bene Gesserit fora uma coisa delicada, que nunca penetrara na suavidade básica de sua natureza.

— Disseram-lhe que eu abordaria esse assunto? — perguntou ele.

— Sim, Senhor. Sei que meu ancestral cometeu a temeridade de trazer uma arma até aqui e tentar feri-lo.

— Assim como fez seu antecessor imediato. Disseram-lhe isso também?

— Não soube senão quando aqui cheguei, Senhor. Eles foram tolos! Por que poupou meu antecessor?

— Não tendo poupado seu ancestral?

— Sim, Senhor.

— Kobat, seu predecessor, me era mais valioso como mensageiro.

— Então me disseram a verdade — comentou ela, e novamente sorriu. — Não se pode contar sempre em ouvir a verdade de nossos colegas e superiores.

A resposta foi tão completamente aberta que Leto não conseguiu suprimir um riso. Mas, mesmo enquanto ria, percebia que essa jovem mulher ainda possuía a Mente do Primeiro Despertar, a mente elementar que surgia com o

primeiro choque de consciência do nascimento. Ela estava viva!

— Então, não me acusa de ter morto seu ancestral? — ele indagou.

— Ele tentou assassiná-lo! Disseram-me que o esmagou, Senhor, com o peso do seu próprio corpo.

— Verdade.

— E que em seguida voltou a arma dele contra a sua própria Sagrada Pessoa, para demonstrar que a arma era inútil... e se tratava da melhor pistola laser que nós Ixianos podemos produzir.

— A testemunha relatou corretamente — disse Leto.

E pensou: "O que demonstra até onde se pode confiar em testemunhas!" Do ponto de vista da precisão histórica, ele sabia ter voltado a arma laser apenas contra seu corpo segmentado, nunca contra seu rosto, mãos ou nadadeiras. O corpo pré-verme possuía uma extraordinária capacidade de absorver calor. A fábrica química dentro dele convertia calor em oxigênio.

— Nunca duvidei da história — disse ela.

— E por que Ix repetiu esse gesto tolo? — perguntou Leto.

— Eles não me disseram, Senhor. Talvez o próprio Kobat tenha assumido essa iniciativa sozinho.

— Penso que não. Ocorreu-me que sua gente desejava apenas a morte do assassino escolhido.

— A morte de Kobat?

— Não, a morte daquele que eles escolheram para empunhar a arma.

— E quem foi esse, Senhor? Não me disseram.

— Isso não tem importância. Recorda-se do que eu disse por ocasião da tolice cometida por seu ancestral?

— O Senhor ameaçou com uma punição terrível se tal violência penetrasse novamente em nossos pensamentos.

Ela abaixou o olhar, mas não antes que Leto vislumbrasse uma profunda determinação em seus olhos. Ela iria usar o melhor de suas habilidades para controlar a ira do Imperador.

— Eu prometi que nenhum de vocês escaparia à minha fúria — disse Leto.

Ela voltou a olhar para o rosto dele com um movimento súbito.

— Sim, Senhor. — E agora suas maneiras revelavam temor pessoal.

— Nenhum de vocês pode escapar de mim, nem mesmo aquela tola colônia que plantaram recentemente em... — E Leto recitou-lhe as coordenadas padrão de uma nova colônia que os Ixianos haviam instalado secretamente, bem além do que julgavam serem as fronteiras do Império.

Ela não demonstrou surpresa.

— Senhor, penso que foi porque os adverti de que tomaria conhecimento disso que fui escolhida como Embaixadora.

Leto estudou-a com mais cuidado. “Que é que temos aqui?”, perguntou-se. A observação dela fora sutil e penetrante. Os Ixianos, sabia ele, haviam julgado que a distância e os custos de transporte enormemente ampliados iriam isolar a nova colônia. Hwi Noree achara que não e o dissera. Mas ela julgava que seus mestres a tinham escolhido como Embaixadora por causa disso — como uma observação sobre a cautela Ixiana. Com ela eles acreditavam possuir uma amiga na corte, mas uma que também poderia ser vista como amiga de Leto. Ele assentiu enquanto o padrão tomava forma. Muito cedo em sua ascendência ele havia revelado aos Ixianos a localização exata do supostamente secreto Núcleo Ixiano, o coração da federação tecnológica que eles governavam. Fora um segredo que os Ixianos julgavam seguro devido aos subornos imensos que pagavam à Corporação Espacial. Leto descobrira através da dedução e da observação presciente — e também através da consulta a suas memórias, onde havia mais que uns poucos Ixianos.

Na ocasião, Leto advertira os Ixianos de que os puniria se agissem contra ele. Eles responderam com consternação e acusaram a Corporação de atraiçoá-los. Isso divertiu Leto, que reagiu com tamanha explosão de riso que os Ixianos ficaram intimidados. Ele então os informou, num tom frio e acusatório, de que não necessitava de espiões, traidores ou outros esquemas comuns de governo.

Eles não acreditavam que ele era um deus?

Por algum tempo depois disso, os Ixianos foram cooperativos ante seus pedidos. Leto não abusara do relacionamento. Suas exigências eram modestas — uma máquina para isso, um engenho para aquilo. Ele declarava suas necessidades e daí a pouco os Ixianos entregavam o brinquedo tecnológico desejado. Apenas uma vez eles haviam tentado entregar um instrumento violento disfarçado em uma de suas máquinas. Ele massacrara toda a delegação Ixiana antes que seus membros pudessem desembrulhar a coisa.

Hwi Noree esperava pacientemente enquanto Leto meditava. Nem o menor sinal de impaciência ela deixou escapar.

“Lindo”, pensou ele.

Em vista de sua longa associação com os Ixianos, essa nova atitude fazia os fluidos correrem mais rápido pelo corpo de Leto. Normalmente as paixões, crises e necessidades que o haviam impelido queimavam amortecidas agora. Ele frequentemente dizia ter vivido além de sua época. Mas a presença de uma Hwi Noree revelava que ele ainda era necessário. Isso o satisfazia. Leto sentia ser até mesmo possível que os Ixianos tivessem obtido sucesso parcial com sua máquina para ampliar a presciência linear de um navegador da Corporação. Um

pequeno blip no fluxo dos grandes acontecimentos poderia Ter-lhe escapado. Será que eles poderiam realmente criar tal máquina? Que maravilha não seria! Propositadamente, ele se recusava a usar o mínimo que fosse de seus poderes para a busca dessa possibilidade.

"Eu desejo ser surpreendido!"'

Leto sorriu benignamente para Hwi.

— Como é que você foi preparada para me cortejar? — indagou. Ela nem piscou.

— Recebi um conjunto de respostas memorizadas para exigências particulares — ela disse. — Eu as aprendi porque me exigiam, mas não pretendo fazer uso delas.

"O que é exatamente que eles desejam?", pensou Leto.

— Diga a seus mestres — ele disse — que você é precisamente o tipo certo de isca para se balançar na minha frente.

Ela curvou a cabeça.

— Se satisfaz ao meu Senhor.

— Sim, você o faz.

Ele se permitiu uma pequena sondagem temporal para examinar o futuro imediato de Hwi, traçando através dele as linhas do passado da moça. Hwi aparecia num futuro fluido, uma corrente cujos movimentos eram suscetíveis a muitas deflexões. Ela iria conhecer Siona, mas apenas de modo casual, a não ser que... As questões fluíram na mente de Leto. Um navegador da Corporação encontrava-se obviamente assessorando os Ixianos e ele sem dúvida já havia detectado a perturbação provocada por Siona no tecido do tempo. Será que o navegador realmente acreditava que poderia proporcionar segurança contra os poderes de detecção do Imperador-Deus?

A sondagem temporal levou vários minutos, mas Hwi não se inquietou. Leto olhou para ela cuidadosamente. Ela parecia atemporal — fora do tempo de um modo profundamente pacífico. Ele jamais havia encontrado um mortal comum capaz de esperar assim, diante dele, sem qualquer nervosismo.

— Onde foi que você nasceu, Hwi? — perguntou ele.

— No próprio Ix, meu Senhor.

— Quero dizer especificamente: o prédio, sua localização, seus pais, as pessoas em volta de vocês, seus amigos e sua família, sua educação, tudo isso.

— Nunca conheci meus pais, Senhor. Disseram-me que eles morreram quando eu ainda era uma criança muito pequena.

— E você acredita nisso?

— No início... é claro. Depois criei fantasias. Até imaginei que Malky fosse meu pai... mas... — Ela sacudiu a cabeça.

— Você não gostava do seu tio Malky?

— Não, não gostava. Mas o admirava.

— Minha reação, precisamente. Mas e quanto aos seus amigos e à sua educação?

Meus professores eram especialistas, até mesmo algumas Bene Gesserits foram trazidas para me treinar em controle emocional e observação. Malky dizia que eu estava sendo preparada para grandes coisas.

— E seus amigos?

— Não creio que algum dia tenha tido amigos verdadeiros. Apenas pessoas que entravam em contato comigo para propósitos específicos de minha educação.

— E essas grandes coisas para as quais estava sendo treinada, alguma vez alguém falou a respeito?

— Malky disse que eu estava sendo preparada para encantá-lo, Senhor.

— Qual é sua idade, Hwi?

— Não sei minha idade exata. Suponho que esteja com uns 26. Nunca comemorei um aniversário. Só tomei conhecimento do que eram aniversários por acidente, uma de minhas professoras dando uma desculpa para sua ausência. Nunca mais tornei a ver aquela professora.

Leto sentiu-se fascinado por essa resposta. Suas observações transmitiam-lhe a certeza de que não tinham ocorrido intervenções dos Tleilaxu na carne Ixiana de Hwi. Ela não tinha vindo de um tanque axlotl dos Tleilaxu. Por que o segredo, então?

— Seu tio Malky sabe a sua idade?

— Talvez. Mas não o vejo há vários anos.

— Ninguém jamais lhe disse quantos anos tinha?

— Não.

— Por que acha que é assim?

— Talvez eles achem que eu perguntaria se estivesse interessada.

— Então, por que não perguntou?

— A princípio pensei que houvesse algum registro em algum lugar. Procurei. Não havia nada. Raciocinei então que eles não iriam responder minha pergunta.

— Pelo que me revela a seu respeito, Hwi, essa resposta me satisfaz muito. Também sou ignorante quanto ao seu histórico, mas posso fazer uma suposição esclarecida quanto ao seu lugar de nascimento.

Os olhos dela focalizaram-se no rosto dele com uma intensidade carregada que não traduzia qualquer fingimento.

— Você nasceu dentro dessa máquina que seus senhores estão tentando

aperfeiçoar para a Corporação — disse Leto. — Você foi concebida lá, do mesmo modo. Até pode ser que Malky fosse o seu pai. Isso não é importante. Você conhece essa máquina, Hwi?

— Não devia conhecê-la, Senhor, mas...

— Outra indiscrição da parte de uma de suas professoras?

— Da parte do meu próprio tio.

Uma gargalhada escapou de Leto.

— Que patife! — exclamou. — Que patife encantador!

— Senhor?

— Esta é sua vingança contra seus senhores. Ele não gostou de ter sido removido da minha corte. Na ocasião ele me disse que sua substituição era mais que uma tolice.

Hwi encolheu os ombros.

— Meu tio é um homem complexo.

— Ouça-me com cuidado, Hwi. Algumas de suas associações aqui em Arrakis podem ser perigosas para você. Eu a protegerei da maneira que puder. Está compreendendo?

— Creio que sim, Senhor. — Ela olhou para ele solenemente.

— Agora, uma mensagem para seus senhores. E evidente para mim que eles andaram ouvindo um Navegador da Corporação e que também se uniram aos Tleilaxu de um modo perigoso. Diga-lhes que seus propósitos são bem transparentes.

— Senhor, não tenho conhecimento do...

— Estou consciente do modo como eles a usaram, Hwi. Por essa razão, você pode dizer também a seus mestres que será a Embaixadora permanente em minha corte. Não receberei outro Ixiano. E se seus senhores ignorarem meu aviso, tentando alguma interferência posterior sobre meus desejos, eu deverei esmagá-los.

Lágrimas rolaram dos olhos de Hwi, escorrendo por sua face, mas Leto ficou grato por ela não se entregar a qualquer outro tipo de demonstração, tal como cair de joelhos.

— Eu já os avisei — ela disse. — Verdadeiramente o fiz. Eu lhes disse que deviam obedecê-lo.

E Leto podia ver que isso era verdade.

“Que criatura maravilhosa é esta Hwi Noree”, ele pensou. Ela parecia o símbolo da bondade. Obviamente gerada e condicionada para essa qualidade por seus mestres Ixianos, com o cálculo cuidadoso do efeito que isso teria sobre o Imperador-Deus.

Dentro de suas apinhadas memórias ancestrais, Leto podia vê-la como

uma freira idealizada, amável e capaz do auto-sacrifício, toda sinceridade. Era sua natureza mais básica, o lugar onde ela vivia. Ela achava mais fácil ser verdadeira e aberta, capaz de obscurecer isso apenas para evitar o sofrimento de outros. Ele viu essa última tendência na mudança profunda que as Bene Gesserits tinham sido capazes de efetuar sobre ela. A verdadeira personalidade de Hwi permanecia aberta, sensível e naturalmente doce. Leto podia encontrar poucos traços de calculismo manipulativo nela. Ela parecia imediatamente impressionável e sensível, excelente ouvinte (outro atributo Bene Gesserit). Nada havia de abertamente sedutor nela, e no entanto esse exato detalhe a tornava profundamente atraente para Leto.

Como ele observara a um de seus primeiros Duncans, em ocasião semelhante:

— Você deve compreender este detalhe a meu respeito, uma coisa de que alguns obviamente suspeitam: por vezes é inevitável que eu tenha sensações ilusórias, o sentimento de que em algum lugar dentro desta forma mutante ainda existe um corpo humano adulto com todas as suas necessidades e funções.

— Todas, elas, Senhor? — o Duncan indagara.

— Todas! Sinto as partes desaparecidas do meu ser. Posso sentir minhas pernas, tão pouco notáveis e tão reais para os meus sentidos. Posso sentir o bombear de minhas glândulas humanas, algumas das quais nem mais existem. Posso até sentir os órgãos genitais que sei, intelectualmente, terem desaparecido séculos atrás.

— Mas certamente se sabe.

— O conhecimento não suprime tais sentimentos. As partes desaparecidas do meu ser ainda estão lá, nas minhas memórias pessoais e nas múltiplas identidades de todos os meus ancestrais.

Enquanto Leto olhava para Hwi, de pé diante dele, não lhe ajudava saber que não possuía mais um crânio, e que aquilo que um dia fora o seu cérebro se reduzira agora a uma maciça rede de gânglios espalhada por seu corpo pré-verme. Nada disso ajudava. Ainda podia sentir o cérebro doendo no lugar onde já repousara; ainda podia sentir o crânio pulsando.

Apenas por ficar diante dele, Hwi gritava a toda a sua humanidade perdida. Era demais para ele, que gemeu em desespero:

— Por que seus senhores me torturam?

— Senhor?

— Ao enviá-la!

— Eu seria incapaz de feri-lo, Senhor.

— Só por existir você me fere!

— Eu não sabia. — Lágrimas escorreram dos olhos dela. — Eles nunca

me disseram o que estavam realmente fazendo.

Ele se acalmou e falou suavemente:

— Deixe-me agora, Hwi. Vá cuidar de seus deveres, mas volte rapidamente se eu a chamar!

Ela partiu com rapidez, mas Leto podia perceber que Hwi também estava torturada. Não havia engano na profunda tristeza que ela sentia pela humanidade que Leto havia sacrificado. Ela sabia o que Leto sabia: eles teriam sido amigos, amantes, companheiros naquele partilhar básico entre os sexos. Seus mestres tinham planejado para que soubesse.

“Os Ixianos são cruéis!”, pensou ele. “Eles sabiam qual seria a nossa dor.”

Hwi partira estimulada pelas memórias do seu tio Malky. Malky era cruel, mas Leto apreciara sua companhia. Malky possuíra todas aquelas virtudes esforçadas de sua gente e o suficiente de seus vícios para fazê-lo completamente humano. Malky tinha adorado a companhia das Oradoras Peixes de Leto. “Suas huris”, ele as tinha chamado, e Leto raramente podia pensar nas Oradoras Peixes, depois disso, sem relembrar o rótulo de Malky.

“Por que penso em Malky agora? Não é só por causa de Hwi. Devo indagar-lhe que incumbência seus mestres lhe atribuíram quando a enviaram para cá.”

Leto hesitou quando estava a ponto de chamá-la de volta.

“Ela me dirá se eu perguntar.”

Os embaixadores Ixianos sempre recebiam a incumbência de descobrir por que o Imperador-Deus tolerava Ix. Eles sabiam que não podiam ocultar-se dele. Essa estúpida tentativa de plantar uma colônia além de sua visão! Estariam testando seus limites? Os Ixianos suspeitavam de que Leto não necessitava realmente de suas indústrias.

“Eu nunca ocultei minha opinião a respeito deles. Disse isto a Malky:

“— Inovadores tecnológicos? Não! Vocês são criminosos científicos em meu Império!”

Malky rira.

Irritado, Leto acusara:

— Por que tentam ocultar laboratórios secretos e fábricas além das fronteiras do Império? Vocês não podem me escapar.

— Sim, Senhor — dissera ele rindo.

— Conheço a intenção de vocês: introduzir um pedacinho disso e um pouco daquilo em meus domínios imperiais. Desagregar! Causar dúvidas e questionamentos!

— O Senhor mesmo é um de nossos melhores fregueses!

— Não é isso que eu quero dizer, e você sabe disso, homem terrível!

— O Senhor gosta de mim porque sou um homem terrível. Eu lhe conto histórias a respeito do que fizemos lá fora.

— Eu sei disso sem precisar das histórias!

— Mas algumas das histórias são consideradas e outras, desacreditadas. Eu desfaço as suas dúvidas.

— Eu não tenho dúvidas!

O que só provocara mais riso em Malky.

“E eu devo continuar a tolerá-los”, pensou Leto. Os Ixianos operavam na terra incógnita da invenção criativa que havia sido proibida pelo Jihad Butleriano. Eles faziam seus engenhos à imagem da mente — a própria coisa que tinha provocado o massacre e a destruição do Jihad. Isso era o que eles faziam em Ix, e Leto só podia deixar que continuassem.

“Eu compro deles! Não poderia nem mesmo escrever meus diários sem seus ditadeiros para responder aos meus pensamentos não-verbalizados. Sem Ix eu não poderia esconder meus diários e seus impressores.

“Mas eles precisam ser lembrados do perigo daquilo que fazem!”

E a Corporação não podia ter o direito de esquecer. Isso era mais fácil. Mesmo enquanto os homens da Corporação cooperavam com Ix, eles nutriam forte desconfiança em relação aos Ixianos.

“Se essa nova máquina Ixiana funcionar, a Corporação terá perdido o monopólio das viagens espaciais!”

23

Do reservatório de memórias no qual posso beber à vontade emergem padrões. Eles são como outra linguagem que posso ver claramente Como os sinais sociais de alarme, que colocam as sociedades em posturas de ataque e defesa, eles são como palavras gritadas para mim. Como pessoa, você reage a ameaças à inocência e aos perigos que cercam as crianças indefesas. Sons, visões e cheiros inexplicados provocam instintos que você esqueceu possuir. Quando alarmado, você se agarra à sua linguagem nativa, porque todos os outros sons padronizados lhe soam estranhos. Você exige um vestuário aceitável por que um traje estranho lhe parece ameaçador. Esse é um sistema de retroalimentação em seu nível mais primitivo. são suas células recordando-se.

— Os diários roubados

As acólitas Oradoras Peixes que serviam como escudeiras nos portais da câmara de audiências de Leto trouxeram Duro Nunepi, o Embaixador Tleilaxu. Ainda era cedo para uma audiência e Nunepi estava sendo trazido fora da ordem anunciada, mas ele caminhava calmamente, com apenas um leve indício de aceitação resignada.

Leto esperava em silêncio, estirado ao longo de sua carreta sobre uma plataforma elevada na extremidade da câmara. Enquanto observava Nunepi se aproximando, suas memórias produziam uma comparação: um periscópio em forma de cobra deixando uma esteira quase invisível sobre a água. A memória trouxe um sorriso aos lábios de Leto. Aquele era Nunepi — homem orgulhoso, de rosto duro, que subira através dos degraus dos postos de gerência dos Tleilaxu. Não sendo ele mesmo um Dançarino Facial, considerava os Dançarmos como seus servos pessoais; eles eram a água através da qual Nunepi se movia. Era preciso ser verdadeiramente perspicaz para enxergar sua esteira. Nunepi era um instrumento que deixara seus traços no ataque ao longo da Estrada Real.

Apesar de ser cedo, Nunepi usava todas as insígnias de embaixador — as calças pretas infladas e as sandálias negras com bordos dourados, a jaqueta vermelha, aberta no peito para revelar um peito peludo atrás do emblema Tleilaxu moldado em ouro e jóias.

Aos 10 passos de distância especificados, Nunepi parou e deixou seu olhar percorrer a fileira de Oradoras Peixes armadas, colocadas em arco em torno e atrás de Leto. Os olhos cinzentos de Nunepi pareciam brilhar com algum divertimento secreto quando ele voltou sua atenção para o Imperador e se curvou ligeiramente.

Duncan Idaho entrou então, com uma pistola laser presa na cintura, e tomou posição ao lado do rosto envolvido do Imperador-Deus.

A aparição de Idaho provocou um estudo cuidadoso da parte de Nunepi, uma avaliação que não produziu resultados agradáveis para o Embaixador.

— Acho os Dançarinos Faciais particularmente detestáveis — disse Leto.

— Eu não sou um Dançarino Facial, Senhor — disse Nunepi. Sua voz era baixa e educada, revelando apenas um leve indício de hesitação.

— Mas você os representa, e isso o transforma num motivo de aborrecimento — disse Leto.

Nunepi esperava uma declaração aberta de hostilidade, mas essa não era a linguagem da diplomacia, além de chocá-lo com uma ousada referência ao que se acreditava ser a força dos Tleilaxu.

— Senhor, ao preservar a carne do Duncan Idaho original e fornecer-lhe gholas restaurados à sua imagem e identidade, nós sempre presumimos...

— Duncan! — Leto olhou para Idaho. — Se eu lhe ordenasse, Duncan, você lideraria uma expedição para exterminar os Tleilaxu?

— Com prazer, meu Senhor.

— Mesmo que isso significasse a perda de suas células originais e de todos os tanques axlotl?

— Eu não acho a memória dos tanques agradável, meu Senhor, e não sou aquelas células.

— Senhor, como foi que o ofendemos? — indagou Nunepi.

Leto ficou carrancudo. Será que esse idiota incompetente esperava que o Imperador-Deus falasse abertamente de um recente ataque dos Dançarmos Faciais?

— Veio a meu conhecimento   disse Leto — que você e sua gente têm espalhado mentiras a respeito daquilo que denominam “meus repugnantes hábitos sexuais”.

Nunepi ficou de boca aberta. A acusação era uma falsidade atrevida, completamente inesperada. Mas Nunepi percebeu que se negasse ninguém iria acreditar nele. O Imperador-Deus havia falado. Esse era um ataque de dimensões desconhecidas. Nunepi começou a falar enquanto olhava para Duncan Idaho.

— Senhor, se nós...

— Olhe para mim! — ordenou Leto.

Nunepi ergueu a cabeça num gesto súbito.

— Vou lhe dizer apenas esta vez — advertiu Leto. — Eu não tenho hábitos sexuais de qualquer espécie. Nenhum.

O suor escorreu no rosto de Nunepi. Ele olhou para Leto com a intensidade fixa de um animal numa armadilha. Quando afinal encontrou a voz, ela não era mais o instrumento baixo e controlado de um diplomata, mas uma coisa trêmula e cheia de terror.

— Senhor, eu... deve haver um engano...

— Fique quieto, seu Tleilaxu desprezível! — rugiu Leto. E então acrescentou: — Eu sou um vetor metamórfico do sagrado verme da areia, o Shai-Hulud! Eu sou o seu Deus!

— Perdoe-nos, Senhor — sussurrou Nunepi.

— Perdoá-los? — A voz de Leto estava cheia de um calmo raciocínio. — É claro que os perdôo. Essa é a função do seu Deus. Seu crime está perdoado. Mas a sua estupidez exige uma resposta.

— Senhor, se eu ao menos pudesse...

— Fique quieto! O fornecimento de especiaria para os Tleilaxu fica cortado por esta década. Vocês não receberão nada. Quanto a você, minhas Oradoras Peixes vão conduzi-lo agora até a praça.

Duas volumosas guardas avançaram segurando Nunepi nos braços. Elas olharam para Leto em busca de instruções.

— Na praça — disse Leto —, suas roupas devem ser arrancadas. E ele deverá ser açoitado publicamente: 50 chicotadas.

Nunepi debateu-se, seguro pelas guardas, a consternação em seu rosto transformando-se em raiva.

— Senhor, devo lembrá-lo de que sou Embaixador de...

— Você é um criminoso comum e deve ser tratado como tal.

— Leto fez sinal com a cabeça para as guardas, que começaram a arrastar Nunepi.

— Eu queria que eles o tivessem matado! — gritou Nunepi furioso. — Eu queria...

— Quem? — bradou Leto. — Quem você desejaria que me tivesse morto? Não sabe que eu não posso ser morto?

Enquanto as guardas arrastavam Nunepi para fora da câmara, ele ainda gritava.

— Eu sou inocente! Eu sou inocente! — O protesto morreu na distância.

Idaho inclinou-se próximo de Leto.

— Sim, Duncan?

— Meu Senhor, todos os enviados temerão isso.

— Sim, estou ensinando uma lição sobre responsabilidades.

— Meu Senhor?

— Ser membro de uma conspiração, assim como de um exército, livra as pessoas do senso de responsabilidade pessoal.

— Mas isso vai causar problemas, meu Senhor. É melhor colocar guardas extras.

— Nem uma guarda a mais!

— Mas será um convite a...

— Será um convite à tolice militar.

— Isso é o que...

— Duncan, eu sou um professor. Lembre-se disso. Pela repetição, eu ensino uma lição.

— Que lição?

— A natureza basicamente suicida da tolice militar.

— Meu Senhor, eu não...

— Duncan, considere o inepto Nunepi. Ele constitui a essência de tal ensinamento.

— Perdoe minha estupidez, meu Senhor, mas não entendo esse detalhe a respeito dos militares.

— Eles acreditam que, ao arriscarem a vida, adquirem o direito a qualquer tipo de comportamento violento contra inimigos de sua própria escolha. Eles possuem a mentalidade do invasor. Nunepi não se acredita responsável por coisa alguma feita contra alienígenas.

Idaho olhou para o portal, onde as guardas tinham desaparecido com Nunepi.

— Ele tentou e perdeu, meu Senhor.

Mas ele se desligou das restrições do passado e faz objeção quanto a pagar o preço.

Para sua gente ele é um patriota.

E como ele vê a si próprio, Duncan? Como um instrumento da história?

Idaho baixou a voz e se inclinou para mais perto de Leto.

— E em que o Senhor é diferente?

Leto riu.

— Ah, Duncan, como adoro a sua perspicácia. Você observou que eu sou o último estrangeiro. Não se pergunta se eu também não posso ser um perdedor?

— O pensamento já atravessou minha mente.

— Mesmo os perdedores podem abrigar-se no manto orgulhoso do passado, velho amigo.

— E o Senhor e Nunepi são semelhantes nesse ponto?

— As religiões de missionários militantes podem espalhar essa ilusão do passado nobre, mas poucos compreendem o perigo final para a humanidade: aquele falso senso de liberdade quanto à responsabilidade por suas próprias ações.

— Essas são palavras estranhas, meu Senhor. Como devo interpretá-las?

— Seu significado é aquele que lhe parecer. Será que é incapaz de ouvir?

— Eu tenho ouvidos, meu Senhor!

— Tem mesmo? Não consigo vê-los.

— Aqui, meu Senhor. Aqui e aqui! — Idaho apontou para as próprias orelhas enquanto falava.

— Mas elas não ouvem. Portanto, você não tem ouvidos, nem orelhas.

— Zomba de mim, meu senhor?

— Ouvir é ouvir. Aquilo que já existe não pode ser criado porque já existe. Ser é ser.

— Suas palavras são estranhas.

— São apenas palavras. Eu as pronuncio. Elas se vão. Ninguém as ouve, portanto elas não mais existem. Se elas não mais existem, talvez possam ser trazidas à existência de novo e, então, talvez alguém as ouça.

Por que fica se divertindo comigo, meu Senhor?

Eu não lhe dirijo nada senão palavras. E o faço sem medo de ofender porque aprendi que você não tem ouvidos.

— Eu não o compreendo, meu Senhor.

Isso é o início da compreensão: a descoberta de alguma coisa que não entendemos.

Antes que Idaho pudesse responder, Leto fez um sinal com a mão para uma guarda nas proximidades. Ela passou a mão diante de um painel de controle cristalino numa parede atrás da plataforma do Imperador-Deus. Uma visão tridimensional de Nunepi sendo punido apareceu no centro da câmara.

Idaho desceu até o assoalho e olhou a cena de perto. Ela era mostrada de um ponto de vista um pouco elevado, olhando-se para a praça, e era completada com sons da multidão que se aglomerara aos primeiros sinais de excitação.

Nunepi estava amarrado a duas pernas de um tripé, os pés bem separados, os braços presos, unidos acima dele, quase no topo do tripé. Suas roupas tinham sido arrancadas do corpo e se encontravam rasgadas no chão em torno dele. Uma imensa Oradora Peixe mascarada erguia-se ao lado, tendo nas mãos um chicote improvisado, feito com uma corda de elacca que fora destrançada na extremidade para formar fios finos como arame. Idaho julgou reconhecer a mulher mascarada como sendo a Amiga de sua primeira entrevista.

Ante um sinal da oficial da Guarda, a Oradora Peixe mascarada avançou

alguns passos e golpeou com o chicote de elacca num arco lancinante sobre as costas expostas de Nunepi.

Idaho estremeceu. A multidão deixou escapar um som de espanto.

Vergões apareceram onde o chicote o atingira, mas Nunepi permaneceu em silêncio.

Novamente o chicote desceu. O sangue apareceu nas linhas desse segundo golpe.

Uma vez mais o chicote cortou as costas de Nunepi. Mais sangue apareceu.

Leto sentiu uma longínqua tristeza. "Nayla é muito ardente" pensou. "Ela vai matá-lo e isso causará problemas."

— Duncan! — chamou o Imperador.

Idaho voltou-se de sua observação fascinada no momento em que um grito se erguia da multidão: a resposta a um golpe particularmente sangrento.

— Mande alguém interromper o açoite depois de 20 chicotadas — instruiu Leto. — Faça com que anunciem que a magnanimidade do Imperador-Deus reduziu a punição.

Idaho ergueu a mão para uma das guardas, que assentiu e correu apressada para fora da câmara.

— Venha aqui, Duncan — chamou Leto.

Ainda sentido com o que julgava ser uma zombaria do Imperador a seu respeito, Idaho retornou para ficar ao lado de Leto.

— O que quer que eu faça — disse Leto —, apenas ensino uma lição.

Idaho usou sua força de vontade para não olhar novamente para a cena da punição de Nunepi. Seria esse o som de Nunepi gemendo? Os gritos da multidão feriam-lhe os ouvidos. Ele fitou os olhos de Leto.

— Existe uma pergunta em sua mente — disse Leto.

— Muitas perguntas, meu Senhor.

— Diga.

— Que lição está contida na punição daquele tolo? Que diremos quando formos indagados a respeito?

— Diremos que a ninguém é permitido blasfemar contra o Imperador-Deus.

— Uma lição sangrenta, meu Senhor.

— Não tão sangrenta como algumas outras que já ensinei.

Idaho sacudiu a cabeça de um lado para o outro em óbvio desalento.

— Nada de bom vai advir disso!

— Precisamente!

24

Safáris através de memórias ancestrais ensinam-me muitas coisas. Os padrões, ah, os padrões que surgem. Os liberais fanáticos são os que mais me perturbam. Eu desconfio dos extremos. Descubra um conservador e você encontrará uma pessoa que prefere o passado a qualquer futuro. Descubra um liberal e você encontrará um aristocrata de gabinete. É verdade! Os governos liberais sempre dão origem a aristocracias. As burocracias traem as verdadeiras intenções das pessoas que formam tais governos. Desde o início, as pessoas pequenas que constituíam governos com promessas igualitárias em termos de cargas sociais viam-se subitamente nas mãos de aristocracias burocráticas. É claro, todas as burocracias seguem esse padrão, mas que hipocrisia encontrar isso até sob uma bandeira comunizada. Ah, enfim, se os padrões me ensinam alguma coisa, é que eles se repetem. Minha opressão de maneira alguma é pior que qualquer outra, e nela, pelo menos eu ensino uma nova lição.

— Os diários roubados

Já era noite escura no Dia das Audiências antes que Leto pudesse receber a delegação da Bene Gesserit. Moneo preparara as Reverendas Madres para o atraso, repetindo as palavras tranquilizadoras do Imperador-Deus.

Em seu relato, Moneo dissera:

— Elas esperam uma rica recompensa.

— Veremos — disse Leto. — Veremos. Agora diga-me o que o Duncan quis saber de você quando entrou.

— Ele queria saber se haviam mandado chicotear alguém antes.

— E que você respondeu?

— Que não havia registro de tal coisa, nem eu tinha jamais testemunhado tal punição.

— E qual foi a resposta dele?

— Que isso não era característico dos Atreides.

— Será que ele pensa que eu estou louco?

— Ele não disse isso.

— Houve mais alguma coisa nesse encontro. Que mais perturba o novo Duncan?”

— Ele encontrou a Embaixadora Ixiana, Senhor. Ele acha Hwi Noree atraente. Ele perguntou a respeito de...

— Isso deve ser evitado Moneo! Confio em você para que erga barreiras contra qualquer ligação entre o Duncan e Hwi.

— Meu Senhor o ordena.

— De fato! Vá agora e faça os preparativos para o nosso encontro com as mulheres da Bene Gesserit. Eu as receberei no Falso Sietch.

— Senhor, há algum significado para essa escolha do local de encontro?

— Apenas um capricho. Quando sair, diga ao Duncan que ele pode destacar uma tropa de guardas e patrulhar a Cidade em busca de qualquer problema.

Esperando pela delegação Bene Gesserit no Falso Sietch, Leto relembrava essa conversa, achando-a ligeiramente divertida. Podia imaginar as reações através da Cidade Festival ante a aproximação de um perturbado Duncan Idaho comandando uma tropa de Oradoras Peixes.

“Como o rápido silêncio dos sapos quando passa um predador.” Agora que se encontrava no Falso Sietch, Leto sentia-se satisfeito com a escolha. Um prédio de formato livre constituído por domos irregulares na extremidade de Onn, o Falso Sietch tinha quase um quilômetro de diâmetro. Fora o primeiro lar dos Fremen de Museu, e agora era sua escola, os corredores e câmaras patrulhados por alertas Oradoras Peixes.

O salão de recepções, onde Leto esperava, era um oval com 200 metros em sua dimensão mais longa, iluminado por globos luminosos gigantes que flutuavam num isolamento azul-everdeado, uns 30 metros acima do chão. A luz suavizava os tons marrons e as cores de bronze da rocha de imitação com que toda a estrutura fora construída. Leto esperava em uma projeção baixa, numa das extremidades da câmara, olhando para fora através de uma janela em forma de meio círculo, mais longa que o seu corpo. A abertura, quatro andares acima do solo, emoldurava uma vista que incluía um remanescente da antiga Muralha Escudo, preservado por suas cavernas na encosta do penhasco onde tropas Atreides haviam sido massacradas por atacantes Harkonnen. A luz gelada da Primeira Lua emprestava tons de prata aos contornos do penhasco. Fogueiras pontilhavam a encosta, as chamas revelando os locais onde os Fremen se atreviam a revelar sua presença. Fogos que piscavam para Leto quando pessoas passavam diante deles — Fremen de Museu exercendo seu direito de ocupar os recintos sagrados.

“Fremen de Museu”, pensou Leto.

Eles eram pensadores de raciocínio estreito fitando horizontes muito próximos.

“Mas por que devo fazer objeção? Eles são o que fiz deles.”

Então Leto ouviu a delegação Bene Gesserit. Elas cantavam ao se aproximarem, um som pesado, cheio de vogais.

Moneo precedeu-as com um grupo de guardas que tomou posição na mesma saliência onde Leto se colocara. Moneo ficou no piso da câmara, logo abaixo do rosto de Leto, olhou para o Imperador e então se voltou para o salão aberto.

As mulheres entraram em fila dupla, 10 delas lideradas por duas Reverendas Madres nos tradicionais mantos negros.

— Aquela à esquerda é Anteac, Luyseyal é a da direita — disse Moneo.

Os nomes trouxeram à memória de Leto palavras anteriores a respeito das Reverendas Madres, trazidas por um Moneo agitado e desconfiado. Moneo não gostava das bruxas.

— Ambas são Reveladoras da Verdade — dissera Moneo.

Anteac é muito mais velha que Luyseyal, mas esta última é considerada a melhor Reveladora da Verdade que as Bene Gesserit possuem. O senhor pode notar que Anteac tem na testa uma cicatriz, cuja origem fomos incapazes de determinar. Luyseyal é ruiva e parece extraordinariamente jovem para alguém da sua reputação.

Enquanto observava as Reverendas Madres se aproximando com seu séquito, Leto sentiu um rápido turbilhão em suas memórias. As mulheres usavam os capuzes colocados para diante, ocultando as faces. Auxiliares e acólitas caminhavam atrás a uma distância respeitosa... e tudo de modo a formar um conjunto. Alguns padrões nunca mudavam. Essas mulheres poderiam estar entrando num verdadeiro sietch, com Fremen de verdade esperando para honrá-las.

“Suas cabeças sabem aquilo que seus corpos negam”, pensou ele.

A visão penetrante de Leto detectou a cautela subserviente nos olhos delas, mas elas atravessaram a longa câmara como pessoas confiantes em seu poder religioso.

Satisfazia a Leto pensar que as Bene Gesserits possuíam apenas os poderes que ele permitia. As razões para sua indulgência lhe eram claras. De todas as pessoas em seu Império, as Reverendas Madres eram as que mais se assemelhavam a ele — limitadas às memórias de suas ancestrais do sexo feminino e às identidades femininas colaterais do seu ritual de herança. Ainda assim, cada uma delas existia, de certo modo, como uma multidão integrada.

As Reverendas Madres pararam à distância exigida de 10 passos da

saliência onde Leto se encontrava. O séquito espalhou-se para ambos os lados.

Divertia a Leio saudar tais delegações usando a voz e a persona de sua avó Jessica. As Bene Gesserits esperavam isso e ele não as desapontou:

— Bem-vindas, Irmãs — disse ele.

A voz era um suave contralto, definitivamente os tons controlados e femininos de Jessica com apenas um ligeiro indício de zombaria — uma voz gravada e frequentemente estudada na Irmandade.

Ao falar, Leto sentiu uma ameaça. As Reverendas Madres nunca ficavam satisfeitas quando ele as saudava desse modo, mas a reação agora trazia consigo tonalidades diferentes. Moneo também o sentiu e ergueu um dedo, fazendo sinal às guardas para ficarem mais perto de Leto.

Anteac falou primeiro:

— Senhor, nós observamos aquela exibição na praça esta manhã. Que ganha com tais demonstrações?

“Então é esse o tom que elas desejam”, pensou ele.

Falando com sua própria voz, Leto disse:

— Vocês se encontram temporariamente em minhas boas graças. Por que mudar isso?

— Senhor — disse Anteac —, nós ficamos chocadas por ter punido um Embaixador desse modo. Não podemos compreender o que ganha com isso.

— Eu não ganho nada. Sinto-me diminuído.

Luyseyal disse:

— Isso só pode reforçar as idéias de opressão.

— Eu me pergunto por que tão poucos já pensaram nas Bene Gesserits como opressoras — replicou Leto.

Anteac disse para a companheira:

— Se satisfizer ao Deus nos informar, ele o fará. Vamos passar os propósitos de nossa Embaixada.

Leto sorriu.

— Vocês duas podem chegar mais perto. Deixem suas auxiliares e se aproximem.

Moneo deslocou-se dois passos para a direita enquanto as Reverendas Madres caminhavam com seu característico modo deslizante até ficarem a três passos da saliência.

— É quase como se elas não tivessem pés! — queixara-se Moneo, certa vez.

Relembrando isso, Leto observou como Moneo vigiava com cuidado as duas mulheres. Elas eram ameaçadoras, mas Moneo não se atrevia a fazer objeção quanto a chegarem mais perto. O Imperador-Deus havia ordenado,

assim seria.

Leto voltou sua atenção para as auxiliares, aguardando onde o séquito Bene Gesserit havia parado pela primeira vez. As acólitas usavam vestidos negros sem capuz. Ele notou pequenos indícios de rituais proibidos entre elas: um amuleto, uma pequena jóia, o canto colorido de um lenço cuidadosamente arranjado de modo a que mais cores pudessem ser exibidas. Leto sabia que as Reverendas Madres permitiam isso porque não mais podiam compartilhar a especiaria, como faziam no passado.

"Substitutos rituais."

Tinha havido mudanças significativas nos últimos 10 anos. Uma nova parcimônia passara a fazer parte do pensamento da Irmandade.

"Elas estão se revelando", Leto disse para si mesmo. "Os velhos, velhos mistérios ainda estão aqui."

Antigos padrões que haviam permanecido dormentes nas memórias da Bene Gesserit por todos esses milênios.

"Agora eles emergem. Devo advertir minhas Oradoras Peixes."

Ele voltou sua atenção para as Reverendas Madres.

— Vocês têm pedidos a fazer?

— Como é ser como o Senhor? — perguntou Luyseyal.

Leto piscou. Esse era um ataque interessante. Há mais de uma geração que elas não tentavam isso. Bem... por que não?

— Algumas vezes meu sonhos são bloqueados e redirecionados para estranhos lugares — ele respondeu. — Se minhas memórias cósmicas são como uma teia, como vocês duas indubitavelmente sabem, então imaginem as dimensões dessa minha teia e para onde tais memórias e sonhos poderão conduzir.

— O Senhor menciona nosso conhecimento indubitável — disse Anteac. — Por que não podemos unir nossas forças, afinal? Nós somos mais semelhantes do que diferentes.

— Eu preferiria unir-me àquelas Grandes Casas degeneradas, chorando suas riquezas perdidas de especiaria!

Anteac ficou quieta, mas Luyseyal apontou um dedo para Leto.

— Nós oferecemos uma comunidade!

— E eu insisto no conflito?

Anteac estremeceu.

— Costuma-se dizer que existe um princípio de conflito que se originou com a célula única e nunca se deteriorou.

— Certas coisas permanecem incompatíveis — concordou Leto.

— Então, como é que nossa Irmandade mantém sua comunidade? —

indagou Luyseyal.

Leto endureceu a voz.

— Como bem sabe, o segredo da comunidade jaz na supressão dos incompatíveis.

— A cooperação pode guardar um valor enorme — disse Anteac.

— Para vocês, não para mim.

Anteac deu um suspiro.

— Então, Senhor, falaria a nós sobre as mudanças físicas em sua pessoa?

— Alguma pessoa além do Senhor devia ter o conhecimento e registrar tais coisas — comentou Luyseyal.

— Para o caso de alguma coisa terrível acontecer comigo? — perguntou Leto.

— Senhor! — protestou Anteac. — Nós na....

— Vocês me dissecam com palavras quando prefeririam usar instrumentos mais afiados — respondeu Leto. — A hipocrisia me ofende.

— Nós protestamos, Senhor — disse Anteac.

— De fato, vocês o fazem. Eu as ouço.

Luyseyal esgueirou-se mais alguns milímetros na direção da saliência, atraindo um olhar severo de Moneo, que olhou para Leto. A expressão de Moneo exigia ação, mas Leto o ignorou, curioso agora a respeito das intenções de Luyseyal. O sentimento de ameaça estava centrado nessa ruiva.

“Que há com ela?”, pensou Leto. “Poderia ser um Dançarino Facial, apesar de tudo?”

Não, nenhum dos sinais indicadores estavam presentes. Não, Luyseyal apresentava uma aparência estudadamente relaxada, nem a menor contorção em suas feições para testar os poderes de observação do Imperador-Deus.

— Não vai nos falar a respeito de suas mudanças físicas, Senhor? — perguntou novamente Anteac.

“Distração!”, pensou Leto.

— Meu cérebro está se tornando enorme — ele disse. — A maior parte do crânio humano já se dissolveu. Não existem mais limites precisos para o crescimento do meu córtex e do sistema nervoso que lhe é associado.

Moneo olhou espantado para Leto. Por que o Imperador-Deus estava cedendo informações tão vitais? Essas duas iriam comerciar com elas.

Mas ambas as mulheres pareciam fascinadas ante tal revelação, hesitantes em relação ao plano que tinham elaborado.

— E seu cérebro possui um centro? — indagou Luyseyal.

— Eu sou o centro — respondeu Leto.

— Uma localização? — perguntou Anteac.

Ela gesticulou vagamente para ele. Luyseyal deslizou alguns milímetros mais para perto da saliência.

— Que valor vocês colocam nas coisas que lhes revelo? indagou Leto.

As mulheres não demonstraram qualquer mudança de expressão, o que em si era um sinal. Um rápido sorriso percorreu os lábios de Leto.

— A mentalidade de mercador dominou vocês — ele disse. — Até mesmo a Bene Gesserit foi infectada pela mentalidade suk.

— Nós não merecemos tal acusação — disse Anteac.

— Mas vocês merecem. A mentalidade suk domina o meu Império. Os hábitos de mercador só foram ampliados e intensificados, pelas exigências dos nossos tempos. Todos nós nos tornamos comerciantes.

— Até mesmo o Senhor? — perguntou Luyseyal.

— Você tenta a minha ira — ele disse. — Você é especialista nisso, não é?

— Senhor? — A voz de Luyseyal era calma, mas completamente controlada.

— Não se deve confiar em especialistas — continuou Leto. — Os especialistas são mestres na exclusão, artífices no que é estreito.

— Nós esperamos ser as arquitetas de um futuro melhor — disse Anteac.

— Melhor que o quê? — perguntou Leto.

Luyseyal colocou-se mais uma fração de passo perto de Leto.

— Esperamos estabelecer nossos padrões através do seu próprio julgamento, Senhor — disse Anteac.

— Mas serão arquitetas. Irão construir paredes mais altas? Jamais se esqueçam, Irmãs, eu as conheço bem. Vocês são eficientes fornecedoras de antolhos.

— A vida continua, Senhor — disse Anteac.

— De fato! E assim também o universo.

Luyseyal colocou-se um pouquinho mais perto, ignorando o olhar fixo de Moneo.

Leto então sentiu o perfume e quase riu alto.

“Essência de especiaria!”

Elas tinham trazido um pouco de essência de especiaria. Conheciam as antigas histórias a respeito dos vermes da areia e a essência de especiaria, é claro. Luyseyal carregava o frasco. Ela pensava naquilo como um veneno específico para os vermes da areia. Isso era óbvio. Os registros da Bene Gesserit e a História Oral concordavam nesse ponto. A essência despedaçava o verme, causando sua dissolução e originando (ao fim) trutas da areia que produziam mais vermes da areia, etc., etc., etc.

— Há outra mudança em mim que vocês deviam conhecer disse Leto. —

Ainda não sou um verme da areia, não inteiramente.

Pense em mim como uma coisa mais próxima de uma colônia de organismos com alterações sensoriais.

A mão esquerda de Luyseyal moveu-se quase imperceptivelmente em direção a uma dobra de seu vestido. Moneo percebeu e olhou para Leto em busca de instruções, mas Leto apenas retornou suas feições encapuzadas para os olhos de Luyseyal.

— A moda dos perfumes tem mudado — ele disse.

A mão de Luyseyal hesitou.

— Perfumes e essências — acrescentou ele. — Eu me lembro de que todos, até mesmo os cultos dos não-perfumes, são meus. As pessoas já usaram sprays debaixo do braço ou na virilha, de modo a mascarar seus odores naturais. Sabiam disso? É claro que vocês sabiam disso!

O olhar de Anteac moveu-se em direção a Luyseyal.

Nenhuma das mulheres se atrevia a falar.

— Instintivamente, as pessoas sabiam que seus ferormônios as trairiam — acrescentou Leto.

As mulheres permaneciam imóveis. Elas o tinham ouvido. E, entre todas as pessoas do seu povo, as Reverendas Madres eram as mais bem equipadas para compreender a mensagem oculta em suas palavras.

— Vocês gostariam de minerar-me em busca das riquezas da minha memória — disse Leto com voz acusadora.

— Nós somos ciumentas, Senhor — confessou Luyseyal.

— Vocês entenderam mal a história da essência de especiaria. A truta da areia a sente apenas como água.

— Era apenas um teste, Senhor — revelou Anteac. — Apenas isso.

— Vocês iriam testar-me?

— Culpa de nossa curiosidade, Senhor — explicou Anteac.

— Eu também sou muito curioso. Coloque sua essência de especiaria na saliência ao lado de Moneo. Eu vou ficar com ela.

Lentamente, demonstrando com a firmeza de seus movimentos que não pretendia atacar, Luyseyal levou a mão debaixo do vestido e removeu uma pequena ampola que brilhava com uma radiação azul interior. Ela colocou a ampola suavemente na saliência. E em momento algum indicou que poderia tentar algum ato desesperado.

— Reveladora da Verdade, de fato — disse Leto.

Ela o favoreceu com uma fraca careta que poderia ter sido um sorriso e recuou para ficar ao lado de Anteac.

— Onde vocês conseguiram a essência de especiaria? — perguntou Leto.

— Nós a compramos dos contrabandistas — revelou Anteac.

— Não tem havido contrabandistas há mais de 2.500 anos.

— Não desperdice nada, não queira nada — citou Anteac.

— Percebo. E agora vocês devem reavaliar aquilo que julgam, como sua própria paciência, não é assim?

— Nós temos observado a evolução do seu corpo, Senhor — disse Anteac. — Nós pensamos... — Ela se permitiu um pequeno encolher de ombros, o tipo de gesto permitido para o uso com relação a uma Irmã, nunca empregado de modo leviano.

Leto comprimiu os lábios em resposta.

— Não posso encolher os ombros — ele disse.

— Vai nos punir? — perguntou Luyseyal.

Por me divertirem?

Luyseyal olhou para a ampola sobre a pedra.

— Eu jurei recompensá-las — disse Leto. — E assim o farei.

— Nós preferiríamos protegê-lo dentro de nossa comunidade, Senhor disse Anteac

— Não busque uma recompensa tão grande.

Anteac assentiu com a cabeça.

— Comercia com os Ixianos, Senhor. Nós temos razões para crer que eles podem aventurar-se contra o Senhor.

— Eu não os temo mais do que temo a vocês.

— Certamente já ouviu falar no que os Ixianos estão fazendo — comentou Luyseyal.

— Moneo me traz uma cópia ocasional de uma mensagem trocada entre pessoas ou grupos de pessoas em meu Império. Eu ouço muitas histórias.

— Nós falamos a respeito de uma nova Abominação, Senhor! — disse Anteac.

— Vocês acreditam que os Ixianos possam produzir uma inteligência artificial? — ele indagou. Consciente do modo como vocês são conscientes?

— Nós tememos isso, Senhor — disse Anteac.

— Quer me fazer acreditar que o Jihad Butleriano sobrevive entre as integrantes da Irmandade?

Não. confiamos no desconhecido que pode emergir de uma tecnologia-imaginativa — disse Anteac.

Luyseyal inclinou-se em direção a ele.

— Os Ixianos gabam-se de que sua máquina irá transcender ao Tempo, do mesmo modo como o Senhor.

— E a Corporação diz que há um caos de Tempo em torno dos Ixianos —

zombou Leto. — Devemos temer toda a criação, então?

Anteac ficou rígida.

— Eu falo a verdade com vocês duas. Reconheço suas habilidades. Por que não reconhecem as minhas?

Luyseyal fez um aceno curto com a cabeça.

— Tleilaxu e Ix fazem alianças com a Corporação e buscam nossa plena cooperação.

— E vocês temem principalmente a Ix?

— Tememos qualquer coisa que não controlamos — disse Anteac.

— E vocês não me controlam.

— Sem o Senhor, as pessoas precisariam de nós! — afirmou Anteac.

— A verdade finalmente! — exclamou Leto. — Vocês vêm até mim como seu Oráculo e me pedem para acalmar seus temores.

A voz de Anteac era gelidamente controlada.

— Ix irá construir um cérebro mecânico?

— Um cérebro? Claro que não!

Luyseyal pareceu relaxar, mas Anteac permaneceu imóvel. Ela não estava satisfeita com o Oráculo.

“Por que será que a tolice se repete com uma precisão tão monótona?”, admirou-se Leto. Suas memórias ofereciam incontáveis cenas para se igualar a essa — cavernas, sacerdotisas e sacerdotes apanhados em sagrado êxtase, vozes portentosas transmitindo perigosas profecias em meio à fumaça de narcóticos sagrados.

Ele olhou para a ampola iridescente na plataforma ao lado de Moneo. Qual seria o valor atual daquela coisa? Enorme. Tratava-se da essência. Concentrado de riqueza concentrada.

— Vocês já pagaram o Oráculo — ele disse. — Diverte-me dar a vocês o valor completo.

Como as mulheres ficaram alertas!

— Ouçam-me! — disse ele. — O que vocês temem não é o que temem.

Leto apreciava o som dessa declaração. Suficientemente impressionante para qualquer Oráculo. Anteac e Luyseyal olharam para ele, suplicantes, respeitosas. Atrás delas, uma acólita pigarreou.

“Esta será mais tarde identificada e repreendida”, pensou Leto.

Anteac, a essa altura, já tivera tempo suficiente para ruminar as palavras de Leto. Ela disse:

— Uma verdade obscura não é uma verdade.

— Mas eu direcionei sua atenção corretamente — comentou Leto.

— Está nos dizendo para não temer uma máquina? — perguntou

Luyseyal.

— Vocês têm o poder do raciocínio — disse ele. — Por que vir pedir a mim?

— Mas não possuímos os seus poderes — disse Anteac.

— Vocês se queixam então de que não sentem as ondas etéreas do Tempo. Vocês não sentem o meu continuun. E estão com medo de uma simples máquina!

— Então, não irá nos responder — queixou-se Anteac.

— Não cometam o erro de me julgar ignorante quanto aos modos da Sua Irmandade — ele disse. — Vocês estão vivas. Seus sentidos são delicadamente aprimorados. Eu não detenho isso, nem vocês.

— Mas os Ixianos brincam com a automação! — protestou Anteac.

— Peças distintas, bits finitos ligados uns aos outros — ele concordou. — Uma vez colocados em movimento, quem irá detê-los? Luyseyal abandonou toda a pretensão ao autocontrole Bene Gesserit, uma perfeita demonstração de seu reconhecimento dos poderes de Leto. A voz dela quase guinchou:

— Sabe do que os Ixianos se gabam? De que a máquina deles irá prever as suas ações!

— E por que eu deveria temer isso? Quanto mais perto eles chegarem de mim, mais serão meus aliados. Eles não podem me conquistar, mas eu posso conquistá-los.

Anteac fez menção de dizer alguma coisa, mas se conteve quando Luyseyal lhe tocou o braço.

— Já se está aliado com Ix, Senhor? — perguntou Luyseyal.

— Ouvimos dizer que teve uma longa conferência com o novo Embaixador deles, essa Hwi Noree.

— Não tenho aliados — respondeu ele. — Somente servos, estudantes e inimigos.

— E não teme essa máquina Ixiana? — insistiu Anteac.

— Será automação um sinônimo de inteligência consciente? — ele perguntou.

Os olhos de Anteac arregalaram-se e ficaram turvos enquanto ela recuava em suas próprias memórias. Leto sentiu-se fascinado ao pensar no que ela estaria encontrando dentro de sua própria multidão interior.

“Nós compartilhamos algumas dessas memórias”, pensou ele. Leto sentiu então a atração sedutora da comunhão com as Reverendas Madres. Seria tão familiar, tão protetora... e tão mortífera. Anteac estava tentando seduzi-lo uma vez mais.

Ela disse:

— A máquina não pode prever cada problema importante para os

humanos. Essa é a diferença entre uma série de bits e um continuun não-interrompido. Nós temos este último. As máquinas ficam confinadas ao outro.

— Vocês ainda possuem o poder de raciocínio — disse Leto.

— Compartilhar! — exclamou Luyseyal.

Era uma ordem para Anteac, e isso revelou de modo bruscamente definido quem dominava nessa dupla — a jovem sobre a mais velha.

"Primoroso", pensou Leto.

— A inteligência se adapta — disse Anteac. "Parcimoniosa com suas palavras, também", pensou Leto, escondendo seu divertimento.

— A inteligência cria — disse Leto. — Isso significa que você deve lidar com respostas nunca antes imaginadas. Deve confrontar o novo.

— Tal como a possibilidade da máquina Ixiana — comentou Anteac. E não era uma pergunta.

— Não é interessante? — perguntou Leto. — Que ser uma soberba Reverenda Madre não seja o bastante?

Seu agudos sentidos detectaram uma contração de temor súbito em ambas as mulheres. Reveladoras da Verdade, de fato!

— Vocês têm razão em me temer — disse ele erguendo a voz. E perguntou: — Como sabem que estão realmente vivas?

Como ocorrera tantas vezes com Moneo, elas perceberam em sua voz as consequências mortíferas de uma falha em lhe responder corretamente. A Leto fascinou que ambas as mulheres olhassem Moneo antes de responder.

— Sou o espelho de mim mesma — disse Luyseyal, uma resposta pronta da Bene Gesserit que Leto achou ofensiva.

— Não preciso de ferramentas preestabelecidas para lidar com meus problemas humanos — disse Anteac. — Sua pergunta é frívola!

Ah, ah! — riu Leto. — Você não gostaria de deixar a Bene Gesserit e se unir a mim?

Ele pôde percebê-la considerando e depois rejeitando o convite, mas ela não ocultou seu divertimento.

Leto olhou para a intrigada Luyseyal.

— Se a coisa cai fora de seus padrões, então você está lidando com inteligência, não com automação — ele disse. E pensou: "Esta Luyseyal nunca mais vai dominar a velha Anteac."

Agora Luyseyal estava furiosa e não se importava em esconder isso. Ela disse:

— Há rumores de que os Ixianos lhe forneceram máquinas que simulam o pensamento humano. Se tem tão baixa opinião a respeito deles, por que...

— Não deviam deixar que ela saísse da Irmandade sem uma guardiã —

disse Leto, dirigindo-se a Anteac. — Estará ela com medo de consultar suas próprias memórias?

Luyseyal empalideceu, mas continuou em silêncio.

Leto a observou friamente.

— O longo e inconsciente relacionamento de nossos ancestrais com as máquinas nos ensinou alguma coisa, não acha?

Luyseyal apenas olhou furiosa para ele, não estando pronta ainda para arriscar a vida num desafio aberto ao Imperador-Deus.

— Você diria que nós pelo menos conhecemos a atração das máquinas? — perguntou Leto.

Luyseyal assentiu.

— Uma máquina bem revisada pode ser mais confiável do que um servo humano — comentou Leto. — Podemos confiar em que as máquinas não se perderão em distrações emocionais.

Luyseyal encontrou sua voz:

— Isso significa que pretende remover a proibição Butleriana contra as máquinas abomináveis?

— Eu lhe asseguro — disse Leto, falando com uma voz gelada de desdém — que, se demonstrar mais uma vez tal estupidez, farei com que seja executada em público. Não sou o seu Oráculo!

Luyseyal abriu a boca e a fechou sem falar.

Anteac tocou o braço da companheira, enviando um rápido tremor através do corpo de Luyseyal. Anteac falou então suavemente, numa hábil demonstração da Voz:

— Nosso Imperador-Deus nunca desafiará abertamente as proscrições do Jihad Butleriano.

Leto sorriu para ela num suave cumprimento. Era um prazer tão grande ver uma profissional dando o melhor de si.

— Isso devia ser óbvio para qualquer inteligência consciente — ele disse. — Existem limites de minha própria escolha, lugares onde não vão interferir.

Ele podia ver ambas as mulheres absorvendo o golpe múltiplo de suas palavras, pesando os possíveis significados e intenções. Estaria o Imperador-Deus tentando distrai-las, focalizando suas atenções sobre os Ixianos enquanto manobrava em outra parte? Estaria dizendo à Bene Gesserit que chegara a ocasião de escolher partidos contra os Ixianos? Seria possível que suas palavras guardassem algo mais que motivações superficiais? Quaisquer que fossem suas razões, elas não podiam ser ignoradas. Leto era indubitavelmente a mais astuta criatura que o universo já produzira.

Ele olhou carrancudo para Luyseyal, sabendo que só poderia aumentar-lhe

a confusão.

— Eu lhe aponto, Marcus Claire Luyseyal, uma lição das antigas sociedades supermecanizadas que você parece não ter aprendido. Os próprios engenhos condicionam os usuários a usarem uns aos outros, do mesmo modo como eles usam as máquinas.

Ele voltou sua atenção para Moneo.

— Moneo?

— Eu o vejo, Senhor.

Moneo curvou o pescoço sobre o séquito Bene Gesserit. Duncan Idaho acabara de entrar pelo portal, do outro lado do salão, e caminhava, através do piso aberto da câmara, em direção a Leto. Moneo não relaxou sua prontidão, sua desconfiança com relação às Bene Gesserit, mas reconhecera a natureza do discurso de Leto. “Ele está testando. Sempre testando.”

Anteac pigarreou.

— Senhor? E quanto à nossa recompensa?

— Vocês foram valentes — disse Leto. — Não há dúvida quanto às razões pelas quais foram escolhidas para esta embaixada. Muito bem, durante a próxima década eu manterei sua quota de especiaria no nível atual. E de resto ignorarei o que realmente pretendiam fazer com a essência de especiaria. Não estou sendo generoso?

— Muito generoso, Senhor — respondeu Anteac, e não havia o menor sinal de amargura na voz dela.

Duncan Idaho passou pelas mulheres e parou ao lado de Moneo para erguer os olhos na direção de Leto.

— Meu Senhor, existe um... — Ele se interrompeu, olhando para as Reverendas Madres.

— Fale abertamente! — ordenou Leto.

— Sim, meu Senhor. — Havia relutância, mas ainda assim ele obedeceu: — Fomos atacados na extremidade sudeste da Cidade, uma manobra diversionista, eu creio, pois agora há mais relatórios sobre violência na Cidade e na Floresta Proibida. Muitos grupos de ataques espalhados.

— Eles estão caçando os meus lobos — disse Leto. — Na floresta e na Cidade, estão caçando os meus lobos.

As sobrancelhas de Idaho contraíram-se numa expressão intrigada.

— Lobos na Cidade, meu Senhor?

— Predadores — disse Leto. — Lobos: para mim, não há diferença essencial.

Moneo abriu a boca, admirado.

Leto sorriu para ele, imaginando como era belo observar um momento de

compreensão — quando um véu é puxado de diante dos olhos e a mente se abre.

— Eu trouxe uma grande força de guardas para proteger este lugar — disse Idaho. — Elas estão colocadas através da...

— Sei que você o faria — disse Leto. — Agora preste atenção enquanto lhe digo para onde enviar o resto de suas forças.

Enquanto as Reverendas Madres observavam admiradas, Leto expôs a Idaho os pontos exatos das emboscadas, detalhando o tamanho de cada força, e fornecendo até mesmo alguns pormenores específicos sobre o pessoal, o tempo exato, as armas necessárias, as precisas distribuições das tropas em cada local. A ampla memória de Idaho catalogou cada instrução. Ele estava muito absorto no recital para questionar, até que Leto ficou em silêncio. Uma aparência de intrigado temor surgiu em Idaho então.

Para Leto, era como se olhasse diretamente na consciência mais básica de Idaho para ler os pensamentos lá existentes. “Eu fui um soldado de confiança do Lorde Leto original”, Idaho estava pensando, “aquele Leto, o avô desse aí, salvou-me e me levou para sua casa como um filho. Mas mesmo que aquele Leto ainda tenha alguma existência nesse aí... esse não é ele”.

— Meu Senhor, por que precisa de mim? — perguntou Idaho.

— Por sua força e lealdade.

Idaho sacudiu a cabeça.

— Mas...

— Você obedece — disse Leto, e notou como essas palavras estavam sendo absorvidas pelas Reverendas Madres. A verdade, somente a verdade, pois elas são Reveladoras da Verdade.

— Porque tenho uma dívida para com os Atreides — disse Idaho.

— E aí que colocamos nossa confiança — disse Leto. — E Duncan?

— Meu Senhor? — A voz de Idaho revelava que ele encontrara um solo firme onde se apoiar.

— Deixe ao menos um sobrevivente em cada lugar — disse Leto. — De outro modo, nossos esforços serão desperdiçados.

Idaho assentiu uma vez, rapidamente, e partiu caminhando por onde tinha entrado. Leto pensou que seria necessário um olho extremamente sensível para perceber que esse Idaho que partia era diferente, muito diferente, daquele que tinha entrado.

Anteac disse:

— Esse é o resultado de chicotear aquele Embaixador.

— Exatamente — concordou Leto. — Conte isso cuidadosamente para a sua Superiora, a admirável Reverenda Madre Syaksa.

Diga-lhe que prefiro a companhia dos predadores e não das presas.

— Ele olhou para Moneo, que se colocava no foco das atenções.

— Moneo, os lobos se foram da minha floresta. Eles devem ser substituídos por lobos humanos. Cuide disso.

25

O estado de transe da profecia é diferente de qualquer outra experiência visionária. Ele não constitui um recuo da exposição bruta aos sentidos (como o são muitos dos estados de transe), mas sim a imersão em uma infinidade de novos movimentos. As coisas se movimentam. Constitui um pragmatismo final no meio do Infinito, uma consciência exigente onde você chega, afinal, à percepção contínua de que o universo se move por si mesmo, de que ele muda, de que suas regras se alteram, de que nada é permanente ou absoluto em tais movimentos e de que uma explicação mecânica para todas as coisas só pode funcionar dentro de limites precisos. Uma vez que as fronteiras de tais limites sejam rompidas, as velhas explicações se desmancham, destruídas e arrastadas pelos novos movimentos. As coisas que vemos nesse transe são sérias, frequentemente demolidoras. Elas exigem um es/orço total para se permanecer intacto, para não se ser destroçado. E ainda assim você emerge desse estado profundamente mudado.

— Os diários roubados

Naquela noite do Dia da Audiência, enquanto outros dormiam, lutavam, sonhavam e morriam, Leto encontrou seu repouso no isolamento de sua câmara, com apenas algumas Oradoras Peixes de confiança para montar guarda nos portais.

Ele não dormiu. Sua mente rodopiava com as necessidades e os desapontamentos.

“Hwi! Hwi!”

Agora ele sabia por que Hwi Noree lhe tinha sido enviada. Ah, como ele sabia!

“Meu segredo mais oculto encontra-se exposto.”

Eles tinham descoberto seu segredo. Hwi era uma prova disso. E ele teve pensamentos desesperados. Poderia essa terrível metamorfose ser revertida? Poderia ele voltar à condição humana?”

“Não é possível.”

E mesmo que fosse possível, o processo lhe tomaria tanto tempo quanto

fora necessário para chegar a esse ponto. E onde estaria Hwi daqui a mais de 3 mil anos? Reduzida a um monte de ossos e poeira seca nesta cripta.

"Eu podia mandar gerar alguma coisa como ela e prepará-la para mim... mas não seria minha suave Hwi."

E que seria do Caminho Dourado enquanto ele estivesse perseguindo tais objetivos egoístas?

"Para o inferno com o Caminho Dourado! Será que esses tolos idiotas alguma vez pensaram em mim? Nem uma vez!"

Mas isso não era verdade. Hwi pensara nele. Ela tinha partilhado sua tortura.

Eram pensamentos loucos, e ele tentou afastá-los de sua mente enquanto seus sentidos lhe traziam os movimentos suaves das guardas e o fluxo da água debaixo de sua câmara.

"Quando fiz essa escolha, quais eram minhas expectativas?" Como a multidão dentro dele ria ante essa pergunta! Não tinha ele uma tarefa a completar? Não era essa a própria essência do acordo que mantinha aquela multidão sob controle?

— Você tem uma tarefa a terminar   eles disseram. — Você tem apenas um propósito.

"O objetivo único é a marca dos fanáticos, e eu não sou um fanático."

— Você deve ser cínico e cruel. Não pode quebrar a promessa.

"Por que não?"

— Quem fez aquele juramento? Você o fez. Você escolheu este caminho.

"Expectativas!"

— As expectativas que a história cria para uma geração frequentemente são destruídas na geração seguinte. Quem sabe isso melhor do que você?

"Sim... E expectativas frustradas podem alienar populações inteiras. E eu sozinho sou uma população inteira!"

— Recorde seu juramento!

"De fato. Eu sou uma força desorganizadora liberada através dos séculos. Eu limito as expectativas... incluindo as minhas próprias. Eu retardo o pêndulo."

— E então o liberta. Nunca se esqueça disso.

"Estou cansado. Ah, como estou cansado. Se ao menos pudesse dormir... dormir de verdade."

— Você está cheio de autopiedade também.

"Por que não? Afinal, que sou eu? O último dos solitários, forçado a olhar o que poderia ter sido. Cada dia eu olho para isto... e agora. Hwi!"

— Sua escolha altruística original o enche agora de egoísmo.

"Existe perigo à nossa volta. Devo usar meu egoísmo como uma

armadura.”

— Existe perigo para todos que o tocam. Não é essa a sua própria natureza?

“Perigo até mesmo para Hwi. Querida, adoravelmente querida Hwi.”

— Você construiu altas muralhas à sua volta apenas para se sentar em seu interior entregando-se à autocomiseração?

“As muralhas foram erguidas porque grandes forças tinham sido liberadas em meu Império.”

— Você as liberou. Agora vai se aliar a elas?

“É obra de Hwi. Esses sentimentos nunca antes tinham sido tão poderosos em mim. São os malditos Ixianos!”

— Como é interessante que eles o ataquem com carne e não com máquinas.

“Porque eles descobriram meu segredo.”

— Você conhece o antídoto.

Ante tal pensamento, o corpo inteiro de Leto estremeceu ao longo de seu comprimento. Ele conhecia bem o antídoto, que sempre funcionara em ocasiões anteriores: deixar-se perder no tempo de seu próprio passado. Nem mesmo as Irmãs Bene Gesserits podiam realizar tais safáris, mergulhando para dentro ao longo do eixo das memórias — para trás, para trás, até os limites da consciência celular, ou parando numa ramificação, para se deleitar num sofisticado prazer sensorial. Certa vez, após a morte de um Duncan particularmente soberbo, ele havia percorrido os grandes desempenhos musicais preservados em suas memórias. Mozart o cansara rapidamente. “Pretensioso! Mas Bach... ah, Bach.”

Leto relembrou o prazer que sentira.

“Eu me sentei ao órgão e deixei que a música me encharcasse.” Somente três vezes em todas as suas memórias tinha havido alguém como Bach. Mas mesmo Licallo não era melhor; igualmente bom, mas não melhor.

Seriam as intelectuais femininas uma escolha adequada para essa noite? Sua avó Jessica fora uma das melhores. Mas a experiência lhe dizia que alguém tão próximo dele quanto Jessica não seria um antídoto adequado para suas atuais tensões. A busca teria que se aventurar mais longe.

Ele se imaginou então descrevendo tal safári a um visitante admirado, um visitante inteiramente imaginário, pois ninguém se atreveria a lhe fazer perguntas sobre um assunto tão sagrado.

“Eu viajo para trás no tempo, no vôo de meus ancestrais, caçando ao longo dos tributários, mergulhando em seus recessos e fendas. Você não seria capaz de reconhecer muitos dos nomes. Quem jamais ouviu falar em Norma Cenva? Eu a vivi!”

— Viveu-a? — seu visitante imaginário indagava.

“É claro. Por que outro motivo julga que alguém manteria um ancestral por perto? Você pensa que foi um homem quem projetou a primeira nave da Corporação? Seus livros de história lhes dizem que foi Aurelius Venport? Eles mentem. Foi sua amante, Norma. Ela lhe deu o projeto, juntamente com cinco crianças. Ele pensou que seu ego não aceitaria menos. No fim, o conhecimento de que não preenchera realmente a imagem que dele faziam foi o que o destruiu.”

— Você o vivenciou também?

“Naturalmente. Eu atravessei as longas peregrinações dos Fremen. Através da linhagem de meu pai, e da de outros, recuei até a Casa de Atreus.”

— Que linhagem ilustre!

“Com sua razoável quota de tolos.”

“Distração é do que preciso”, pensou ele.

Seria então uma viagem através de prazeres e façanhas sexuais, então?

— Você não tem idéia das orgias interiores que me são dispo-níveis! Sou o derradeiro voyeur-participante(s) e observador(es). A ignorância e a má compreensão a respeito da sexualidade já causaram muita mágoa. Como temos sido abismalmente estreitos em mentalidade — e como temos sido miseráveis.

Leto sabia que não podia fazer tal escolha, não essa noite, não com Hwi lá fora em sua Cidade.

Iria escolher uma revista de guerras, então?

— Qual Napoleão foi o maior covarde? indagou a seu visitante imaginário. — Não vou revelar, mas eu sei. Oh, sim, eu sei.

“Aonde posso ir? Com todo o passado aberto para mim, aonde posso ir?”

Bordéis, atrocidades — tiranos, acrobatas, nudistas, cirurgiões, prostitutos, músicos, mágicos, instigadores, sacerdotes, artesãos, sacerdotisas...

— Você sabe — indagou a seu visitante imaginário — que a hula preserva uma antiga linguagem de sinais que um dia foi privilégio dos homens? Nunca ouviu falar na hula? É claro, quem é que dança a hula hoje em dia? As danças preservaram muita coisa, contudo. As traduções se perderam, mas eu as conheço. Durante uma noite inteira fui uma série de califas, movendo-me para leste e para oeste junto com o Islam — uma travessia de séculos. Mas não vou entediá-lo com os detalhes. Vá embora agora, visitante!

“Como é sedutor”, pensou ele. “Este canto de sereia que me faria viver apenas no passado.

“E como o passado é inútil agora, graças aos malditos Ixianos. Como é tedioso o passado quando Hwi está aqui. Ela viria até mim agora mesmo se eu a chamasse. Mas não posso chamá-la... não agora... não esta noite.”

E o passado continuava a atraí-lo.

“Eu poderia fazer uma peregrinação ao meu passado. Não precisa ser um safári. Poderia ir sozinho. A peregrinação purifica. Os safáris me transformam num turista, essa é a diferença. Eu poderia ir sozinho para o meu mundo interior.

“E nunca mais retornar.”

Leto sentiu a inevitabilidade daquilo, aquele estado de sonho que por fim o dominaria.

“E eu crio um estado de sonho especial através do meu Império. Dentro desse sonho, novos mitos se formam, novas direções aparecem e novos movimentos. Novos... novos... novos... Coisas que brotam de meus próprios sonhos, surgindo a partir de novos mitos. Quem mais suscetível a eles do que eu? O caçador apanhado em sua própria rede.”

Leto soube então ter encontrado uma condição para a qual não haveria antídoto — passado, presente ou futuro. Seu grande corpo tremeu nas sombras de sua câmara de audiências.

Diante do portal, uma Oradora Peixe sussurrou para a outra:

— Deus está perturbado?

Sua companheira guarda respondeu:

— Os pecados deste universo perturbariam qualquer um. Leto ouviu-as e chorou em silêncio.

26

Quando parti para liderar a humanidade ao longo de meu Caminho Dourado, eu lhe prometi uma lição que até seus ossos iriam recordar. Conheço um padrão profundo que os humanos negam com suas palavras, ainda que suas ações o confirmem. Eles dizem que buscam a segurança e a quietude, aquela condição a que chamam de paz. E mesmo enquanto falam, eles criam as sementes da agitação e da violência. Se encontram sua quieta segurança, sentem-se mal nela. Quão tediosa a julgam. Olhe para eles agora. Olhe para o que fazem enquanto eu registro estas palavras. Ah! Eu lhes dei eras de tranquilidade forçada que prosseguem a despeito de todos os esforços para se mergulhar no caos. Acreditem-me, a memória da Paz de Leto permanecerá com eles para sempre — Eles só irão buscar sua quieta segurança, daqui para a frente, com extrema cautela e cuidadosa preparação.

— Os diários roubados

Muito contra a sua vontade, Idaho encontrou-se, ao amanhecer, na companhia de Siona, sendo levado para "um lugar seguro" num ornitóptero imperial. Corriam para leste em direção ao arco dourado da luz solar erguendo-se sobre uma paisagem lavrada pelos retângulos verdes das plantações.

O tóptero era um modelo grande, suficientemente espaçoso para conduzir um pequeno esquadra-o de Oradoras Peixes junto com seus dois convidados. A capitã-piloto do esquadrão era uma mulher musculosa e robusta, com um rosto que Idaho podia acreditar nunca ter sorrido, tendo dado seu nome como Inmeir. Ela sentava-se no assento do piloto, diretamente em frente a Idaho, com duas guardas igualmente musculosas em ambos os lados. Mais cinco guardas sentavam-se atrás de Idaho e Siona.

— Deus nos ordenou que o levássemos para longe da Cidade — dissera Inmeir, vindo falar com ele no posto de comando, debaixo da praça central. — É para sua própria segurança. Retornaremos a Siaynoq na manhã do próximo dia.

Idaho, fatigado por uma noite de alarmes, sentira a inutilidade de discutir contra as ordens do "próprio Deus". Inmeir parecia bem capaz de agarrá-lo com um daqueles braços grossos e carrega-lo. Ela o conduziu do posto de comando

para uma noite fria, coberta por uma cúpula de estrelas que pareciam rígidas facetas de brilhantes despedaçados. Foi somente quando chegaram ao tóptero que Idaho reconheceu Siona esperando por eles e começou a questionar o propósito dessa saída.

Durante a noite, Idaho viera a perceber que nem toda a violência em Onn se originara com os rebeldes organizados. Quando perguntou por Siona, Moneo lhe enviou um recado dizendo que minha filha se encontra em segurança, fora do caminho”, acrescentando no final da mensagem: “Recomendo-a aos seus cuidados.”

No tóptero, Siona não respondera as perguntas de Idaho. Mesmo agora ela se sentava ao lado dele em aborrecido silêncio. Lembrava-lhe de si próprio naqueles primeiros e amargos dias, quando jurara vingança aos Harkonnen. E se perguntava qual a razão da amargura dela. O que a impulsionaria?

Sem saber por quê, Idaho se viu comparando Siona com Hwi Noree. Não fora fácil encontrar Hwi, mas ele o conseguira, a despeito das exigências inoportunas das Oradoras Peixes para que se dedicasse a tarefas em outro lugar.

Gentil, essa era a palavra que definia Hwi. Ela agia a partir de um núcleo de imutável gentileza e suavidade que constituía, à sua própria maneira, uma coisa de enorme poder. Ele achava isso intensamente atraente.

“Devo vê-la mais vezes.”

Por hora, entretanto, tinha que se contentar com o carrancudo silêncio de Siona, sentada ao seu lado. Bem... silêncio podia ser correspondido com silêncio.

Idaho olhou para a paisagem que passava. Aqui e ali podiam ser vistos os aglomerados de luzes dos vilarejos, apagando-se ante a aproximação da luz solar. O deserto do Sareer encontrava-se bem atrás, e essa era uma terra que, pela própria aparência, podia nunca ter sido ressecada.

“Algumas coisas não mudam muito”, pensou ele. “São apenas tiradas de um lugar e reformadas em outro.”

A paisagem relembrava-lhe os jardins luxuriantes de Caladan e fazia com que tentasse imaginar o que teria sido feito do verdejante planeta onde os Atreides tinham vivido por tantas gerações antes de habitarem Duna. Ele podia identificar estradas estreitas, estradas mercantis com um tráfego disperso de veículos puxados por animais de seis pernas que ele supunha fossem tavalos. Moneo dissera que tavalos criados para enfrentar as exigências de tal paisagem eram os principais animais usados não apenas ali, mas por todo o Império.

— Uma população que anda a pé é mais fácil de se controlar. As palavras de Moneo repercutiam na memória de Idaho enquanto ele olhava para baixo. Regiões de pastagem apareceram adiante do tóptero, colinas verdes suavemente onduladas, cortadas em padrões irregulares por muros de pedras negras. Idaho

reconheceu ovelhas e vários outros tipos de gado de grande porte. O tóptero sobrevoou um vale estreito, ainda mergulhado na escuridão, com apenas um indício da água que fluía em suas profundezas. Uma única luz e um fio de fumaça azul elevando-se das sombras do vale revelavam a ocupação humana.

Siona subitamente se mexeu e bateu no ombro da piloto, apontando para um ponto à direita e à frente deles.

— Não é Goygoa lá embaixo?

— Sim — respondeu Inmeir sem se virar, a voz tocada por alguma emoção que Idaho não podia identificar.

— Aquele não é um lugar seguro? — perguntou Siona.

— É seguro.

Siona olhou para Idaho.

— Ordene-lhe que nos leve para Goygoa.

Sem saber por que atendia ao pedido, Idaho disse:

— Leve-nos para aquele lugar.

Inmeir virou-se e suas feições, que durante a noite Idaho julgara ser um bloco quadrangular de não emoção, revelaram a evidência clara de algum sentimento profundo. Sua boca parecia presa numa expressão de severidade. Um nervo contorcia-se no canto do olho direito.

— Não Goygoa, Comandante. Há melhores...

— O Imperador-Deus lhe disse para nos levar a algum lugar específico? — perguntou Siona.

Inmeir demonstrou sua ira ante essa interrupção, mas não olhou diretamente para Siona.

— Não, mas Ele...

— Leve-nos então para este Goygoa — disse Idaho.

Inmeir voltou sua atenção bruscamente para os controles do tóptero e Idaho foi lançado de encontro a Siona enquanto a aeronave fazia uma curva brusca e voava em direção a um bolsão arredondado, aninhado entre colinas verdes.

Idaho olhou por sobre o ombro de Inmeir para examinar seu destino. No centro exato do bolsão encontrava-se um vilarejo construído com as mesmas pedras negras das cercas ao redor. Idaho viu pomares em algumas das colinas acima, jardins construídos em terraços que subiam em degraus sucessivos até uma pequena depressão na montanha, onde falcões podiam ser vistos deslizando sobre as primeiras correntes ascendentes da manhã.

Olhando para Siona, Idaho perguntou:

— Que é esse Goygoa?

— Você vai ver.

Inmeir colocou o tóptero num planeio rasante que os trouxe até um pouso suave sobre uma extensão plana de capim, na borda do vilarejo. Uma das Oradoras Peixes abriu a porta do lado virado para a vila e imediatamente as narinas de Idaho foram assaltadas por uma pesada mistura de aromas — capim pisado, estrume de animais, os pungentes cheiros de cozinha. Ela saltou para fora do tóptero e olhou para a rua do vilarejo onde as pessoas começavam a sair de suas casas para fitar os visitantes. Idaho viu uma mulher velha, num longo traje verde, curvar-se e sussurrar alguma coisa para uma criança que imediatamente virou-se e subiu correndo pela rua.

— Gosta deste lugar? — perguntou Siona. Ela saltara ao lado dele.

— Parece agradável.

Siona olhou para Inmeir enquanto a piloto e outras Oradoras Peixes se reuniam a eles no gramado.

— Quando voltaremos a Onn?

— Você não voltará — disse Inmeir. — Minhas ordens são para levá-la à Cidadela. E só o Comandante retornará.

— Percebo — assentiu Siona. — Quando partiremos?

— Amanhã, ao raiar do dia. Vou falar com o líder do vilarejo a respeito de alojamentos.

Inmeir saiu, entrando no vilarejo.

— Goygoa — disse Idaho. — Que nome estranho. Eu me pergunto o que era este lugar nos tempos de Duna.

— Por acaso eu sei — respondeu Siona. — Está marcado nos antigos mapas como Shuloch, o que significa “lugar assombrado”. A História Oral diz que grandes crimes foram cometidos aqui antes de todos os habitantes serem exterminados.

— Jacurutu — sussurrou Idaho, relembrando velhas lendas dos ladrões de água.

Olhou à sua volta, buscando a evidência de dunas e penhascos. Não havia nada — somente dois homens velhos com os rostos plácidos voltados para Inmeir. Usavam calças azuis desbotadas e camisas esfarrapadas. Seus pés estavam nus.

— Você conhece este lugar? — perguntou Siona.

— Somente como um nome de uma lenda.

— Há quem diga que existem fantasmas, mas não acredito nisso.

Inmeir parou diante de Idaho e fez sinal para que os dois homens descalços esperassem atrás dela.

— Os alojamentos são pobres, mas adequados — ela disse. A não ser que vocês prefiram ficar em uma das residências particulares. — Ao dizer isso,

virou-se e olhou para Siona.

— Nós vamos decidir depois — respondeu Siona, enquanto pegava Idaho pelo braço. — O Comandante e eu desejamos dar uma caminhada por Goygoa para admirar a paisagem.

Inmeir fez menção de dizer alguma coisa, mas ficou em silêncio. Idaho permitiu que Siona saísse na frente, passando pelas caras curiosas dos dois homens do lugar.

— Mandarei duas guardas com vocês — gritou Inmeir.

Siona parou e se virou.

— Não é seguro em Goygoa?

— É muito pacífico aqui — disse um dos homens.

— Então não precisaremos de guardas — disse Siona. — Deixe-as guardando o tóptero.

Novamente ela conduziu Idaho para fora do vilarejo.

— Tudo certo — disse Idaho, soltando o braço da mão de Siona.

— Que é este lugar?

— É muito provável que o ache um local de descanso muito repousante. Não é nem um pouco como o velho Shuloch. Muito pacífico.

— Você está aprontando alguma coisa — disse Idaho, caminhando ao lado dela. — Que é?

— Sempre ouvi dizer que os gholas eram cheios de perguntas. Eu também tenho perguntas.

— Ah?

— Como ele era no seu tempo? O homem Leto?

— Qual deles?

— Sim, eu me esqueço que houve dois, o avô e o nosso Leto. Quero dizer o nosso Leto, é claro.

— Era apenas uma criança, é tudo que eu sei.

— A História Oral diz que uma de suas primeiras noivas veio deste vilarejo.

— Noivas? Pensei.

— Quando ele ainda tinha forma humana. Foi depois da morte de sua irmã, mas antes que ele começasse a se transformar no Verme. A História Oral diz que todas as noivas de Leto desapareceram nos labirintos da Cidadela Imperial para nunca mais serem vistas, exceto como rostos e vozes transmitidos holograficamente. E ele não tem tido uma noiva há milhares de anos.

Eles haviam chegado a uma pequena praça no centro do vilarejo, um espaço de aproximadamente 50 metros de lado, tendo ao centro um lago de águas claras cercado por um muro baixo. Siona caminhou até o lado e se sentou

na beirada de pedra, batendo com a mão ao lado para que Idaho se unisse a ela. Ele primeiro olhou à volta, notando como as pessoas do vilarejo os observavam por trás de cortinas, como as crianças apontavam e sussurravam. Depois, virou-se e ficou olhando para Siona.

— Que lugar é este?

— Já lhe disse. Diga-me como era o Muad'Dib.

— Ele era o melhor amigo que um homem poderia ter.

— Assim, a História Oral é verdadeira, mas ela chama o califado de seus herdeiros de Desposyni, e isso soa tão mal.

“Ela está me provocando”, pensou Idaho.

Ele se permitiu um leve sorriso, tentando adivinhar os motivos por trás das ações de Siona. Ela parecia estar esperando que alguma coisa importante acontecesse, ansiosa... mesmo temerosa... mas com o indício de algo ligado ao entusiasmo. Era tudo bem visível e nada do que ela dissesse agora poderia ser considerado outra coisa senão uma conversa banal, uma forma de ocupar o tempo ate... até o quê?

O leve som de pés correndo interrompeu esse devaneio. Idaho voltou-se e viu uma criança de uns oito anos correndo em direção a ele, saindo de uma rua lateral. Os pés descalços da criança erguiam pequenos géiseres de poeira enquanto ela corria, e havia o som de uma mulher gritando, um som desesperado em algum lugar rua acima. O corredor parou a 10 passos de distância e olhou para Idaho com um olhar faminto, com uma intensidade que ele achou perturbadora. A criança parecia vagamente familiar — um menino, uma figura decidida, com cabelo negro encaracolado, um rosto ainda não terminado, mas que já mostrava indícios do homem que iria ser — as maçãs do rosto um pouco altas, uma linha chata atravessando as sobrancelhas. Ele usava um macacão azul desbotado, que revelava o efeito de muitas lavagens, mas que obviamente fora um traje de material excelente. Tinha a aparência de algodão punji trançado de um modo que não permitiria nem que as bordas esfiapadas desfizessem a trama.

— Você não é meu pai — disse a criança, correndo de volta rua acima e desaparecendo numa esquina.

Idaho voltou-se carrancudo para Siona, quase temeroso de fazer a pergunta: “Esse é um filho de meu antecessor?” Conhecia a resposta sem precisar perguntar — aquele rosto familiar, o genótipo verdadeiramente revelado. “Eu mesmo, como uma criança.” A compreensão deixou-o com um sentimento de vazio, uma sensação de frustração. “Qual é minha responsabilidade?”

Siona colocou ambas as mãos sobre o rosto e se apoiou sobre os cotovelos. Não tinha acontecido do modo como ela imaginara que poderia

acontecer. Seu rosto traído por seu próprio desejo de vingança. Idaho não era simplesmente um ghola, uma coisa estranha que não merecesse consideração. Ela o vira ser lançado contra ela no tóptero, vira as emoções claras em seu rosto. E aquela criança. .

— Que aconteceu com meu predecessor? — perguntou ele, a voz saindo acusadora.

Ela abaixou as mãos. Havia uma raiva contida no rosto dele.

— Não estamos certos — ela disse —, mas um dia ele entrou na Cidadela e não saiu mais.

— Aquele era seu filho?

Ela assentiu com a cabeça.

— Tem certeza de que vocês não mataram meu antecessor?

— Eu... — Ela sacudiu a cabeça, chocada por sua dúvida, a acusação latente nas palavras dele.

— Aquela criança foi a razão de termos vindo aqui?

Ela engoliu em seco.

— Sim.

— Que se supõe que eu deva fazer quanto a ela?

Ela encolheu os ombros, sentindo-se culpada e suja por suas próprias ações.

— E quanto à sua mãe? — perguntou Idaho.

— Ela e os outros vivem no final daquela rua. — Siona fez um sinal na direção que o menino tomara.

— Outros?

— Existe um filho mais velho... uma filha. Você quer... Quer dizer, eu poderia arranjar...

— Não! O menino estava certo. Não sou seu pai.

— Sinto muito — sussurrou Siona. — Eu não devia ter feito Isso.

— Por que ele escolheu este lugar? — perguntou Idaho.

— O pai... seu...

— Meu predecessor!

— Porque este era o lar de Irti e ela não sairia daqui. Isso é o que as pessoas disseram.

— Irti... a mãe?

— Esposa, pelos velhos rituais, aqueles da História Oral.

Idaho olhou à sua volta para as frentes de pedra dos prédios que cercavam a praça, para as janelas cobertas, as portas estreitas.

— Então ele vivia aqui.

— Quando podia.

— Como ele morreu?

— Na verdade eu não sei... mas o Verme matou outros. Disso temos certeza!

— Com sabe disso? — Ele centrou um olhar avaliador no rosto dela. A intensidade fez com que Siona virasse o rosto.

— Não duvido das histórias de meus ancestrais — respondeu ela. — Elas são contadas em fragmentos e trechos, uma nota aqui,

um relato sussurrado ali, mas acredito nelas. E meu pai também acredita!

— Moneo não me disse coisa alguma a respeito disso.

— Uma coisa se pode dizer a respeito dos Atreides — ela disse.

— Somos leais, e isso é um fato. Mantemos nossa palavra.

Idaho abriu a boca para falar e a fechou sem fazer nenhum som. É claro! Siona também era uma Atreides. O pensamento o fez estremecer. Ele sabia disso, mas ainda não pudera aceitar. Siona era algum tipo de rebelde, uma rebelde cujos atos eram quase sancionados por Leto. Os limites de sua permissão não eram claros, mas Idaho os sentia.

— Você não deve feri-la — dissera Leto. — Ela deve ser testada.

Ele voltou as costas para Siona.

— Você não sabe de nada com certeza — disse ele. — Fragmentos, rumores!

Siona não respondeu.

— Ele é um Atreides! — afirmou Idaho.

— Ele é o Verme! — respondeu Siona, e o ódio em sua voz era quase palpável.

— Sua maldita História Oral não é nada senão um monte de antigos mexericos! — acusou Idaho. — Só um tolo acreditaria nisso.

— Você ainda acredita nele — ela disse. — Isso vai mudar.

Idaho virou-se, encarando-a furioso.

— Você nunca falou com ele!

— Já falei, sim. Quando era criança.

— Você ainda é criança. Ele é todos os Atreides que já existiram, todos eles. É uma coisa terrível, mas conheci aquelas pessoas. Elas eram minhas amigas.

Siona apenas sacudiu a cabeça.

Novamente Idaho lhe voltou as costas. Sentia-se esvaído de toda emoção. Encontrava-se espiritualmente desossado. Sem querer, começou a atravessar a praça e subiu pela rua onde o menino desaparecera. Siona veio correndo atrás dele, igualou seu passo, mas ele a ignorou.

A rua era estreita, fechada por prédios feitos de pedra, todos de um único

andar, as portas dentro de portais em arco, todas elas fechadas. As janelas eram pequenas versões das portas. Cortinas tremiam quando eles passavam.

Na primeira encruzilhada, Idaho parou e olhou para a direita, na direção seguida pelo menino. Duas mulheres de cabelos grisalhos usando longas saias pretas e blusas verde-escuras encontravam se a alguns passos de distância, cabeças curvadas em uma troca de mexericos. Elas ficaram em silêncio quando viram Idaho e olharam para ele com aberta curiosidade. Ele as encarou e depois olhou para a rua lateral. Estava vazia.

Idaho voltou-se na direção das mulheres e passou por elas a apenas um passo de distância. Elas aproximaram-se uma da outra e se viraram a fim de olhá-lo. Olharam apenas uma vez para Siona, e então voltaram a atenção para Idaho. Siona caminhava em silêncio ao lado dele, com uma expressão estranha no rosto.

“Tristeza?”, pensou ele. “Arrependimento? Curiosidade?”

Era difícil dizer. Ele estava mais curioso quanto às portas e janelas pelas quais iam passando.

— Já esteve antes em Goygoa? — perguntou Idaho.

— Não — respondeu Siona com a voz abafada, como se estivesse com medo daquilo.

“Por que estou caminhando ao longo desta rua?” Mesmo enquanto se fazia essa pergunta, ele já sabia a resposta. “Essa mulher, essa Irti: que tipo de mulher me traria para Goygoa?”

O canto de uma cortina à sua direita se ergueu e Idaho viu um rosto — o menino da praça.

A cortina caiu e depois foi empurrada de lado para revelar uma mulher de pé ante a janela. Idaho olhou sem fala para aquele rosto, imobilizado antes de poder completar um passo. Era o rosto de uma mulher conhecida apenas em suas fantasias mais íntimas — um oval suave com olhos escuros penetrantes, boca sensual.

— Jessica — sussurrou ele.

— Que você disse? — perguntou Siona.

Idaho não era capaz de responder. Era o rosto de Jessica ressuscitado de um passado que ele acreditava perdido para sempre, uma piada genética — a mãe do Muad’Dib recriada em nova carne.

A mulher fechou a cortina, deixando a memória de suas feições na mente de Idaho, uma pós-imagem que, ele sabia, jamais se apagara. Ela era mais velha do que a Jessica que partilhara os perigos de Duna — linhas de envelhecimento ao lado da boca e dos olhos, o corpo um pouco mais cheio...

“Mais maternal”, pensou Idaho. E então: “Será que eu cheguei a lhe dizer

com quem ela se parecia?”

Siona puxou-lhe a manga.

— Quer entrar e conhecê-la?

— Não. Isto foi um erro.

Idaho virou-se para voltar, mas a porta da casa de Irti se escancarou. Um jovem saiu e fechou a porta atrás de si, voltando-se para confrontar Idaho.

Ele calculou a idade em torno de 16 anos, e não havia como negar o parentesco — o cabelo karakul, as feições fortes.

— Você é o novo — disse o jovem, a voz já grave como a de um adulto.

— Sim. — Idaho achou difícil falar.

— Por que veio? — o rapaz perguntou.

— Não foi idéia minha — respondeu Idaho, achando que isso era mais fácil de dizer, as palavras impulsionadas pelo ressentimento contra Siona.

O jovem olhou para Siona.

— Tivemos notícia de que meu pai está morto.

Siona assentiu com a cabeça.

O jovem voltou sua atenção para Idaho.

— Por favor, vá embora e não volte mais. Você causa aflição à minha mãe.

— É claro — concordou Idaho. — Por favor, peça desculpa por mim à Sra. Irti, peça-lhe que me perdoe por esta intromissão. Fui trazido aqui contra a minha vontade.

— Quem o trouxe?

— As Oradoras Peixes.

O jovem assentiu com a cabeça, um curto movimento. Olhou uma vez mais para Siona.

— Sempre pensei que vocês, Oradoras Peixes, fossem ensinadas a tratar sua própria gente com bondade.

Com isso, ele se virou e entrou na casa, fechando a porta com firmeza atrás de si.

Idaho voltou pelo caminho pelo qual viera, agarrando o braço de Siona enquanto se afastavam caminhando. Ela tropeçou, perdeu o passo e então se soltou de sua mão.

— Ele pensou que eu fosse uma Oradora Peixe — disse ela.

— É claro. Você tem a aparência. — Ele olhou para ela. — Por que não me disse que Irti já foi Oradora Peixe?

— Não me parecia importante.

— Ah.

— Foi assim que eles se conheceram.

Haviam alcançado o ponto onde a rua desembocava na praça. Idaho afastou-se da praça, caminhando com firmeza até a extremidade do vilarejo, onde as casas davam lugar aos jardins e pomares. Com o choque sentia-se isolado do mundo, sua consciência encolhendo-se ante tudo aquilo que não poderia ser assimilado.

Um muro baixo bloqueou-lhe o caminho. Ele pulou por cima, ouvindo que Siona o seguia. As árvores em torno deles estavam cheias de flores brancas com centros alaranjados onde insetos marrom-escuros trabalhavam. O ar estava cheio de seus zumbidos, e um cheiro floral lembrava a Idaho o perfume das florestas de Caladan.

Ele parou ao chegar ao topo de uma colina de onde podia voltar-se e olhar para a perfeição retangular de Goygoa. Os tetos eram negros e achatados.

Siona sentou-se no gramado espesso do topo da colina e abraçou os joelhos.

— Não era isso que você pretendia, era? — perguntou Idaho.

Ela sacudiu a cabeça e ele percebeu que Siona estava quase chorando.

— Por que você o odeia tanto? — perguntou ele.

— Nós não podemos viver nossas próprias vidas

Idaho olhou para o vilarejo.

— Existem muitas vilas como essa aí?

— Essa é a forma do Império do Verme!

— Que há de errado com ele?

— Nada, se isso aí é tudo que você deseja.

— Está me dizendo que isso é tudo que ele permite?

— Isso, algumas cidades mercantis... Onn. Disseram-me que até mesmo as capitais planetárias são apenas grandes vilarejos.

— E eu repito: que há de errado com isso?

— É uma prisão.

— Então saia dela.

— Para onde? Como? Você pensa que a gente pode simplesmente entrar em uma nave da Corporação e ir para outro lugar?

Para onde quiser? — Ela apontou para Goygoa, onde o tóptero podia ser visto em uma das extremidades, as Oradoras Peixes sentadas no capim das imediações. — Nossas carcereiras não deixariam que saíssemos!

— Elas saem — disse Idaho. — Elas vão para onde querem.

— Para onde o Verme as manda! — Ela comprimiu o rosto contra os joelhos e falou com a voz embargada. — Como era nos velhos dias?

— Era diferente, frequentemente muito perigoso. — Ele olhou à sua volta para os muros que separavam as pastagens dos jardins e pomares. — Aqui em

Duna não havia linhas imaginárias para marcar limites entre as terras. Era tudo o Ducado dos Atreides.

— Exceto para os Fremen.

— Sim, mas eles sabiam qual era o seu lugar — deste lado de uma determinada escarpa... ou além, onde uma depressão se tornava branca de encontro à areia.

— Eles podiam ir para onde desejassem!

— Dentro de certos limites.

— Alguns de nós anseiam pelo deserto — ela disse.

— Vocês têm o Sareer.

Ela ergueu a cabeça para lhe lançar um olhar furioso.

— Aquela coisinha!

— Mil e quinhentos quilômetros por quinhentos de largura... não é tão pequeno.

Siona levantou-se.

— Já perguntou ao Verme por que ele nos confina desse modo?

— A Paz de Leto, o Caminho Dourado para assegurar nossa sobrevivência. Isso é o que ele diz.

— Sabe o que ele disse para meu pai? Eu os espionava quando era criança. Eu ouvi.

— Que foi que ele disse?

— Disse que nos nega a maioria das crises para limitar nossas forças formadoras. Disse: “As pessoas podem ser sustentadas pela angústia, mas agora eu sou a angústia. Deuses podem transformar-se em fontes de angustia.” Essas foram suas palavras, Duncan. O Verme é uma doença!

Idaho não duvidou da precisão desse relato, mas as palavras não conseguiam estimulá-lo. Ele pensou, em vez disso, no Corrino que lhe haviam ordenado que matasse. “Angústia.” O Corrino, descendente de uma família que um dia governara esse Império, revelara-se um homem gorducho de meia-idade que ambicionava o poder e conspirava para obter especiaria. Idaho ordenara a uma Oradora Peixe que o matasse, ato que provocara um intenso acesso de questionamento da parte de Monco.

— Por que não o matou você mesmo?

— Queria ver como agiam as Oradoras Peixes.

— E seu julgamento quanto ao desempenho delas?

— Eficiente.

Mas a morte do Corrino causara a Idaho um sentimento de irrealidade. Um homenzinho gordo, caído na poça de seu próprio sangue, uma sombra indistinta entre as outras sombras da noite em uma rua de plaspedra. Era irreal.

Idaho podia lembrar-se do Muad'Dib dizendo: "A mente impõe esta estrutura a que chamam 'realidade'. Essa moldura arbitrária tem uma tendência a se tornar bastante independente daquilo que os seus sentidos relatam." Que realidade impulsionava Leto?

Idaho olhou para Siona, erguida contra o fundo dos pomares e as colinas verdes de Goygoa.

— Vamos descer para o vilarejo, achar nossos alojamentos. Gostaria de ficar sozinho.

— As Oradoras Peixes vão nos colocar nos mesmos alojamentos.

— Com elas?

— Não, só nós dois juntos. A razão é bem simples: o Verme deseja que eu procrie com o grande Duncan Idaho.

— Eu escolho minhas próprias parceiras — resmungou Idaho.

— Tenho certeza de que uma de nossas Oradoras Peixes ficaria encantada — disse Siona. Virou-lhe as costas e começou a descer a colina.

Idaho observou-a por um momento, o corpo jovem e flexível oscilando num meneio, como os ramos das árvores do pomar ante o vento.

— Eu não sou o garanhão dele — murmurou Idaho. — Esta é uma coisa que ele vai ter que entender.

27

A cada dia que passa você se torna cada vez mais irreal, mais estranho em relação ao que me descubro sendo no dia seguinte. Eu sou a única realidade e, na medida em que difere de mim, você perde a condição real. E quanto mais curioso eu me torno, menos curiosos ficam aqueles que me adoram. A religião suprime a curiosidade. Tudo que eu faço subtrai alguma coisa de meus adoradores. Assim é que, no final, não farei coisa alguma, entregando tudo de volta ao povo assustado, que se encontrará sozinho e forçado a agir por si próprio.

— Os diários roubados

Era um som como nenhum outro, o som de uma multidão esperando, e subia ao longo do túnel por onde Idaho marchava à frente da Carreta Real — sussurros nervosos, ampliados num sussurro maior, o arrastar de um gigantesco pé, o remexer de um enorme manto. E o cheiro — doce transpiração misturada com o hálito leitoso da excitação sexual.

Inmeir e seu grupo de Oradoras Peixes tinham trazido Idaho para esse lugar nas primeiras horas da manhã, descendo na praça de Onn quando esta ainda se encontrava imersa em frias sombras esverdeadas. Elas haviam decolado imediatamente, depois de entregarem Idaho a outra escolta de Oradoras Peixes. Inmeir estava obviamente infeliz porque devia levar Siona para a Cidadela e assim perderia o ritual de Siaynoq.

A nova escolta, vibrando com a emoção reprimida, conduzira-o para um local bem abaixo da praça, um local ausente de todos os mapas que Idaho estudara. Era um labirinto — primeiro em uma direção, depois em outra, através de corredores suficientemente largos e altos para acomodarem a Carreta Real. Idaho perdeu o senso de direção e ficou refletindo a respeito da noite anterior.

Os quartos de dormir em Goygoa, embora pequenos e espartanos, haviam sido confortáveis — duas camas em cada quarto, cada qual uma caixa com paredes de um branco lavado, uma única janela e uma única porta. Os quartos enfileiravam-se ao longo de um corredor num prédio designado como “Casa de Hospedagem” de Goygoa.

E Siona estava certa. Sem que lhe perguntassem se lhe convinha, Idaho fora alojado com ela, Inmeir agindo como se esse fosse um procedimento consagrado.

Quando a porta se fechou Siona lhe disse:

— Se me tocar eu tentarei matá-lo.

Aquilo foi dito com uma sinceridade tão seca que Idaho quase riu.

— Teria preferido a privacidade   respondeu — Considere-se sozinha.

Ele dormira um sono leve, relembrando noites perigosas a serviço dos Atreides, a prontidão para o combate. O quarto raramente ficava inteiramente escuro — havia a luz do luar atravessando a cortina da janela, até mesmo a luz das estrelas refletindo-se nas paredes brancas de cal. Idaho ficou nervosamente sensível a Siona, sentindo o cheiro dela, sua respiração, seu remexer. Várias vezes ficou inteiramente desperto, consciente em duas dessas ocasiões, de que ela também estava ouvindo.

A manhã e o vôo para Onn vieram como um alívio. Eles haviam quebrado o jejum com um copo de suco de fruta frio, Idaho feliz por sair na escuridão anterior à aurora, caminhando rapidamente em direção ao tóptero. Ele não falara diretamente com Siona e se ressentiu dos olhares curiosos das Oradoras Peixes.

Siona falou com ele apenas uma vez, inclinando-se para fora do tóptero quando ele saía para a praça.

— Não me ofenderia ser sua amiga — ela disse.

Era um modo muito curioso de colocar a questão. Ele se sentiu vagamente embaraçado:

— Sim... bem, por que não?

Então, a nova escolta o levara para longe, chegando por fim a um terminal do labirinto. Leto o esperava lá na Carreta Real. O lugar de encontro era um trecho largo de um corredor que se estendia até convergir na distância, à direita de Idaho. As paredes eram de uma cor marrom-escura, riscadas com linhas douradas que brilhavam à luz amarela dos globos luminosos. A escolta tomou posição atrás da carreta, movimentando-se com habilidade para deixar Idaho confrontando o rosto de Leto envolto nas dobras da truta da areia.

— Duncan, você me precederá quando formos para Siaynoq — disse Leto.

Idaho fitou os poços azul-escuros dos olhos do Imperador-Deus, aborrecido com o mistério e o óbvio ar de excitação desse lugar. Sentia que tudo que lhe fora dito a respeito de Siaynoq só aprofundava ainda mais o mistério.

— Sou verdadeiramente o Comandante de sua Guarda, meu Senhor? — perguntou Idaho, o ressentimento forte em sua voz.

— De fato! E eu lhe outorgo uma honra agora. Poucos homens adultos já

partilharam Siaynoq.

— Que aconteceu na cidade na noite passada?

— Violência sangrenta em certos lugares. Mas está bem calmo esta manhã.

— Baixas?

— Nada que valha a pena mencionar.

Idaho assentiu com a cabeça. Os poderes prescientes de Leto haviam-no advertido de algum perigo para o seu Duncan. Assim, o vôo para a segurança rural de Goygoa.

— Você esteve em Goygoa — disse Leto. — Não se sentiu tentado a ficar?

— Não!

— Não fique com raiva de mim — disse Leto. — Eu não o mandei para Goygoa.

Idaho suspirou.

— Que perigo exigia que me mandasse para longe?

— Não era com você. Mas acontece que você excita minhas guardas a exibirem excessivamente suas habilidades. As atividades da noite passada não exigiam isso.

— Ah?

Esse pensamento deixou Idaho chocado. Ele nunca se julgara capaz de inspirar heroismos, a não ser que pessoalmente o exigisse. É costume estimular as tropas. Líderes como o Leto original, avô desse aí, tinham sido inspiradores por sua própria presença.

— Você é extremamente precioso para mim, Duncan.

— Sim... bem, mas ainda assim não sou seu garanhão!

— Seus desejos serão considerados, é claro. Discutiremos isso em outra ocasião.

Idaho olhou para as Oradoras Peixes da escolta, todas elas de olhos arregalados e atentos.

— Sempre ocorre violência quando vem a Onn? — perguntou ele.

— Acontece em ciclos. Os descontentes estão bem dominados agora. Vai ficar mais pacífico por algum tempo.

Idaho olhou de novo para o rosto inescrutável de Leto.

— Que aconteceu com meu antecessor?

— Minhas Oradoras Peixes não lhe disseram?

— Elas dizem que ele morreu em defesa de seu Deus.

— E você ouviu um rumor em contrário.

— Que aconteceu?

— Ele morreu porque estava muito próximo de mim. Não o removi a tempo para um lugar seguro.

— Um lugar como Goygoa.

— Eu teria preferido que ele vivesse o resto de sua vida lá, em paz, mas você sabe bem, Duncan, que não é daqueles que andam atrás de paz.

Idaho engoliu em seco, encontrando um estranho aperto em sua garganta.

— Ainda assim, gostaria de saber particularidades sobre a morte dele. Ele tem uma família.

— Você terá as particularidades, e não tema pela família dele. Eles são meus protegidos. Eu os manterei a uma distância segura. Você sabe como a violência me acompanha. Essa é uma de minhas funções. É extremamente infeliz que aqueles a quem admiro e amo devam sofrer por causa disso.

Idaho comprimiu os lábios, insatisfeito com o que ouvia.

— Acalme sua mente, Duncan. Seu antecessor morreu porque estava muito perto de mim.

A escolta de Oradoras Peixes remexeu-se, inquieta. Idaho olhou para elas e então para a direita, ao longo do túnel.

— Sim, está na hora   disse Leto — Não devemos deixar as mulheres esperando. Marche bem adiante de mim, Duncan, e eu responderei suas perguntas sobre Siaynoq.

Obedecendo, porque não podia pensar em qualquer alternativa adequada, Idaho virou-se nos calcanhares e liderou a procissão. Ouviu a carreta estalar, entrando em movimento atrás dele, os passos abafados da escolta seguindo.

A carreta ficou silenciosa de repente, o que fez com que Idaho voltasse sua atenção. A razão era imediatamente evidente.

— Está usando suspensores — disse ele, voltando a atenção para a frente.

— Recolhi as rodas porque as mulheres vão se amontoar em volta de mim — explicou Leto. — Não podemos esmagar os pés delas.

— Que é Siaynoq? Que é realmente? — perguntou Idaho.

— Eu lhe contei. E a Grande Partilha.

— Estarei cheirando especiaria?

— Suas narinas são sensíveis. Existe uma pequena quantidade de melange nos biscoitos.

Idaho sacudiu a cabeça.

Tentando compreender esse acontecimento, ele perguntara diretamente a Leto na primeira oportunidade após sua chegada a Onn:

— Que é esse banquete de Siaynoq?

— Nós partilhamos um biscoito, nada mais. Até eu como.

— E como o Ritual Católico Laranja?

— Oh, não! Não é minha carne. E apenas uma forma de partilhar alguma coisa. Elas são lembradas de que são apenas femininas, como você é apenas masculino, mas eu sou o todo. Elas compartilham com o todo.

Idaho não gostara do tom dessa declaração.

— Apenas masculino?

— Você sabe quem elas satirizam durante o Banquete, Duncan?

— Quem?

— Os homens que as ofenderam. Escute-as enquanto falam baixinho entre elas mesmas.

Idaho tomara isso como um aviso: “Não ofenda as Oradoras Peixes. Você correrá perigo mortal atraindo a ira delas!”

Agora, enquanto marchava ao longo do túnel à frente de Leto, Idaho sentia que ouvira as palavras corretamente, mas que não aprendera coisa alguma com elas. Ele falou por sobre o ombro.

— Não entendo essa Partilha.

— Nós ficamos juntos no ritual. Você vai ver, vai sentir. Minhas Oradoras Peixes são um repositório de conhecimento especial, uma linha contínua que só elas partilham. Agora você vai partilhar também, e elas o amarão por isso. Escute-as com cuidado. Elas são abertas às idéias de afinidade. Seus termos de amor, em seu relacicnamento mútuo, não conhecem reservas.

“Mais palavras”, pensou Idaho. “Mais mistério.”

Ele podia discernir uma ampliação gradual do túnel, o teto ficando cada vez mais alto. Havia mais globos luminosos, agora sintonizados num tom laranja-escuro. Ele podia ver o arco elevado de uma abertura a 300 metros de distância, uma rica luz vermelha na qual podia distinguir rostos brilhantes de suor que ondulavam suavemente para a direita e para a esquerda. Os corpos, abaixo dos rostos, eram uma parede negra de roupas. O suor da excitação era forte ali.

Enquanto se aproximava das mulheres à espera, Idaho percebeu uma passagem através delas e uma rampa inclinando-se para uma plataforma baixa à direita. O grande arco do teto curvava-se acima das mulheres, um espaço gigantesco iluminado por globos luminosos regulados em vermelho escuro.

— Suba na rampa à sua direita — instruiu Leto. — Pare um pouco além do centro da plataforma e se vire para encarar as mulheres.

Idaho ergueu a mão direita avisando que entendera. Estava emergindo no espaço aberto e as dimensões dessa câmara o deixaram assombrado. Colocou os olhos treinados na tarefa de estimar as dimensões, enquanto subia na plataforma, e calculou que o salão devia ter pelo menos 1.100 metros de lado — era um quadrado com cantos arredondados. Estava cheio de mulheres, e Idaho se

lembrou de que estas eram apenas as representantes escolhidas nos amplamente dispersos regimentos de Oradoras Peixes — três mulheres de cada planeta. Elas se erguiam agora, os corpos tão comprimidos um contra o outro que ele duvidou de que uma delas pudesse cair. Elas haviam deixado apenas um espaço aberto, de uns 50 metros ao longo da plataforma, onde Idaho parou para observar a cena. Os rostos olhavam para ele — rostos, rostos.

Leto parou a carreta logo atrás de Idaho e ergueu um de seus braços de pele prateada.

Imediatamente, o rugido “Siaynoq! Siaynoq!” preencheu o grande salão.

Idaho ficou ensurdecido. “Certamente esse som deve ser ouvido através da Cidade”, pensou. “A menos que estejamos muito abaixo do solo.”

— Minhas noivas — disse Leto. — Eu lhes dou as boas-vindas a Siaynoq.

Idaho olhou para Leto vendo os olhos escuros brilhando, a expressão radiante. Leto dissera: “Esta amaldiçoada santidade!” Mas ele adorava aquilo.

“Será que Moneo já viu esta reunião?” perguntou-se Idaho. Era um pensamento estranho, mas ele conhecia sua origem. Tinha de haver algum outro humano mortal com quem isso pudesse ser discutido. A escolta dissera que Moneo estava despachando “negócios de Estado” cujos detalhes elas não sabiam. Ouvindo isso, Idaho sentira outra faceta do governo de Leto. As linhas do poder estendiam-se diretamente de Leto para a população, mas não se cruzavam com frequência. Isso exigia muitas coisas, inclusive servos de confiança que aceitassem a responsabilidade de executar ordens sem questionamento.

— Poucos vêem o Imperador-Deus fazer coisas dolorosas — dissera Siona. — Eram assim os Atreides que conheceu?

Idaho olhou para a massa de Oradoras Peixes enquanto esses pensamentos corriam em sua mente. A adulação nos olhos delas! A admiração! Como Leto fizera isto? Por quê?

— Minhas adoradas — disse Leto. Sua voz trovejou sobre os rostos erguidos, sendo levada aos cantos mais remotos por sutis amplificadores Ixianos ocultos na Carreta Real.

As imagens suarentas dos rostos das mulheres preenchiam a mente de Idaho com o aviso de Leto. “Você correrá perigo mortal atraindo a ira delas!”

Era fácil crer no aviso num lugar como esse. Bastaria uma palavra de Leto e essas mulheres estraçalhariam um ofensor. Elas não iriam questionar, mas agir. Idaho começou a sentir um novo gosto por essas mulheres como exército. O perigo pessoal não as deteria. Elas serviam a Deus!

A Carreta Real estalou levemente enquanto Leto arqueava seus segmentos frontais para erguer a cabeça.

— Vocês são as mantenedoras da Fé! — disse Leto.

E elas responderam numa única voz:

— Senhor, nós obedecemos!

— Em mim vocês vivem eternamente! — disse Leto.

— Nós somos o Infinito! — elas gritaram.

Eu amo vocês como não amo a mais ninguém! — ele disse. Amor! — gritaram elas.

Idaho estremeceu.

— Eu lhes dou o meu amado Duncan! — disse Leto.

— Amor! — gritaram elas.

Idaho sentia o corpo inteiro tremendo. Julgava-se capaz de cair ante o peso dessa adulação. Queria fugir e ao mesmo tempo queria ficar e aceitar isso. Havia poder ali. Poder!

Em voz baixa, Leto disse:

— Mudança de Guarda!

As mulheres curvaram suas cabeças, um movimento único, sem hesitação. De um ponto à direita de Idaho, apareceu uma linha de mulheres em vestidos brancos. Elas marcharam para o espaço aberto abaixo da plataforma e Idaho viu que algumas delas carregavam bebês e crianças pequenas, nenhuma com mais de um ano ou dois.

Pela explicação inicial que lhe fora dada, Idaho reconheceu essas mulheres como aquelas que deixavam o serviço imediato nas Oradoras Peixes. Algumas delas se tornariam sacerdotisas, outras passariam todo o seu tempo como mães... mas nenhuma deixaria verdadeiramente o serviço de Leto.

Enquanto olhava para as crianças lá embaixo, Idaho pensava em como a memória dessa experiência não ficaria enterrada bem fundo na mente das crianças. Elas viveriam esse mistério através de suas vidas, uma memória perdida na consciência, mas sempre presente, turvando as respostas desse momento em diante.

A última das recém-chegadas parou abaixo de Leto e olhou para cima. As outras mulheres no salão também ergueram os rostos e focalizaram os olhos em Leto.

Idaho olhou para a direita e para a esquerda. As mulheres de roupas brancas preenchiam o espaço abaixo da plataforma por pelo menos 500 metros em ambas as direções. Algumas delas erguiam suas crianças para Leto. A admiração e a submissão eram algo absoluto. Se Leto ordenasse, sentiu Idaho, aquelas mulheres despedaçariam seus bebês de encontro à quina da plataforma. Elas fariam qualquer coisa!

Leto abaixou seus segmentos frontais sobre a dianteira da carreta num

grave movimento ondulante. Olhou para baixo benignamente e sua voz saiu como suave carícia.

— Eu lhes dou a recompensa por sua fé e seus serviços. Peçam e lhes será dado.

O salão inteiro reverberou com a resposta:

— Será dado!

— O que é meu é teu — disse Leto.

— O que é meu é teu — as mulheres gritaram.

— Partilhem comigo agora — disse Leto — a prece silenciosa por minha intercessão em todas as coisas: que a humanidade nunca termine.

Como se fossem uma, todas as cabeças no salão se curvaram. As mulheres de branco abraçaram suas crianças olhando para elas. Idaho sentia uma unidade silenciosa, uma força que buscava penetrá-lo e dominá-lo. Abriu bem a boca e respirou profundamente, lutando contra alguma coisa que sentia como uma invasão física. Sua mente buscou freneticamente alguma coisa a que pudesse agarrar-se, algo para protegê-lo.

Essas mulheres constituíam um exército de cuja força e união Idaho não suspeitara. Ele sabia que não ia entender essa força. Só podia observá-la e reconhecer que existia.

Era isso que Leto criara.

E as palavras dele durante um encontro na Cidadela, retornaram a Idaho:

— A lealdade, num exército masculino, prende-se ao próprio exército e não à civilização que o criou. A lealdade, num exército feminino, prende-se à figura do líder.

Idaho olhou para a prova visível da criação de Leto, notando a precisão penetrante daquelas palavras, e temendo-as.

“E ele me oferece uma parte disso”, pensou.

Sua própria resposta às palavras de Leto agora lhe parecia pueril.

— Eu não vejo a razão — dissera.

— Na maior parte as pessoas não são criaturas racionais.

— Nenhum exército, masculino ou feminino, garante a paz! Seu Império não é pacífico! O senhor apenas...

— Minhas Oradoras Peixes lhe contaram nossas histórias?

— Sim, mas eu também caminhei por sua cidade e observei o seu povo. Seu povo é agressivo!

— Está vendo, Duncan? A paz encoraja a agressão.

— E o Senhor diz que o seu Caminho Dourado...

— Não é precisamente uma paz. É tranquilidade, campo fértil para o crescimento de classes rígidas e muitas outras formas de agressão.

— Está falando através de charadas!

— Eu falo de observações acumuladas, as quais me dizem que a postura pacífica é a postura dos derrotados. É a postura da vítima. As vítimas convidam à agressão.

— Sua maldita tranquilidade forçada! Que bem ela traz?

— Se não existe inimigo, um tem de ser inventado. A força militar à qual se nega um alvo externo sempre se volta contra seu próprio povo.

— Qual é o seu jogo?

— Eu modifico o desejo humano através da guerra.

— As pessoas não querem a guerra!

— Elas querem o caos. E a guerra é a forma mais facilmente disponível de caos.

— Não acredito em nada disso. O Senhor está jogando algum jogo perigoso, só seu.

— Muito perigoso. Busco antigas fontes de comportamento humano e as redireciono. O perigo é que com isso eu poderia suprimir as forças que asseguram a sobrevivência humana. Mas lhe asseguro que meu Caminho Dourado permanece.

— Suprimiu o antagonismo!

— Eu dissipo as energias em um lugar e as direciono para outro. O que você não pode controlar, você domina.

— E que impede seu exército feminino de assumir o controle?

— Eu sou o líder delas.

Ao olhar para as mulheres apinhadas no grande salão, Idaho não podia negar o foco da liderança. Também percebia que uma parte daquela adulação se dirigia à sua pessoa. A tentação o mantinha imobilizado — qualquer coisa que desejasse delas... qualquer coisa! O poder latente nesse grande salão era explosivo. E essa compreensão o forçava a um profundo questionamento das palavras anteriores de Leto.

Leto dissera alguma coisa quanto à violência explosiva. E mesmo ao observar as mulheres em sua prece silenciosa, Idaho relembrava o que Leto dissera.

— Os homens são suscetíveis a fixação de classe. Eles criam sociedades compartimentadas em camadas. A sociedade de classes é um convite fatal à violência. Ela não desmorona. Ela explode.

— E as mulheres nunca fazem isso?

— Não, a menos que sejam quase completamente dominadas pelos homens ou presas a um modelo masculino de atitudes.

— Os sexos não podem ser tão diferentes.

— Mas são. As mulheres assumem uma causa comum baseadas no seu sexo, uma causa que transcende a classe e casta. É por isso que eu deixo minhas mulheres segurando as rédeas.

E Idaho se viu forçado a admitir que essas mulheres orando seguravam as rédeas.

“Que parte desse poder ele passaria para as minhas mãos?”

A tentação era monstruosa! Idaho ficou trêmulo com ela. E de modo friamente súbito percebeu que essa devia ser a intenção de Leto — “tentar-me”!

No piso do grande salão, as mulheres terminaram sua prece e ergueram os olhos para Leto. Idaho notou nunca antes ter visto tamanho arrebatamento em rostos humanos — nem no êxtase do sexo nem numa gloriosa vitória pelas armas — em parte alguma ele vira algo que se aproximasse dessa intensa adulação.

— Duncan Idaho se coloca ao meu lado hoje — disse Leto. — Duncan está aqui para declarar sua lealdade de modo que todos possam ouvi-la. Duncan?

Idaho sentiu um frio físico disparar por seus intestinos. Leto lhe dava uma escolha simples: “Declare sua lealdade ao Imperador-Deus ou então morra!”

“Se eu assumir uma cara amarrada, vacilar ou fizer algum tipo de objeção, essas mulheres vão me matar com as próprias mãos.

Uma raiva profunda tomou conta dele. Engoliu em seco, pigarreou e então disse: — Que ninguém questione a minha lealdade. Eu sou leal aos Atreides.

Ouviu sua própria voz trovejar através da câmara, amplificada pelo engenho Ixiano de Leto.

O efeito espantou Idaho.

— Nós compartilhamos! — as mulheres gritaram. — Nós compartilhamos! Nós compartilhamos!

— Nós compartilhamos — disse Leto.

Jovens recrutas Oradoras Peixes, identificáveis pelos curtos mantos verdes, enxamearam para dentro do salão, surgindo de todos os lados. Pequenos rolos de movimento que rodopiavam através do desenho formado pelos rostos em adoração. Cada recruta trazia uma bandeja com pequenos biscoitos marrons empilhados. Enquanto as bandejas passavam através da multidão, as mãos se estendiam em ondas de movimento gracioso, pegando os biscoitos numa ondulante dança de braços. Cada mão apanhava apenas um biscoito, segurando-o no alto. Quando uma carregadora de bandeja se aproximou da plataforma e ergueu sua carga em direção a Idaho, Leto disse:

— Tire dois e me passe um.

Idaho ajoelhou-se e pegou dois biscoitos. As coisas eram frágeis, quebradiças. Levantou-se e passou um para Leto.

Numa voz estentórea, Leto perguntou:
— A nova Guarda foi escolhida?
— Sim, Senhor! — as mulheres gritaram.
— Vocês mantêm a minha Fé?
— Sim, Senhor!
— Vocês percorrem o Caminho Dourado?
— Sim, Senhor!
A vibração dos gritos das mulheres lançava ondas de choque através de Idaho, atordoando-o.
— Nós compartilhamos? — perguntou Leto.
— Sim, Senhor!
Enquanto as mulheres respondiam, Leto colocou seu biscoito na boca. Abaixo da plataforma, cada mãe deu uma mordida em seu biscoito e ofereceu o resto ao filho. A massa de Oradoras Peixes atrás das mulheres de branco abaixou os braços e comeu seus biscoitos.
— Duncan, coma o seu biscoito — disse Leto.
Idaho colocou a coisa na boca. Seu corpo de ghola não fora condicionado à especiaria, mas a memória falou aos seus sentidos. O biscoito tinha um gosto ligeiramente amargo, com um suave toque de melange. O gosto trouxe antigas memórias a consciência de Idaho — refeições num sietch, banquetes na Residência dos Atreides... o modo como os sabores de especiaria permeavam tudo naqueles velhos tempos.
Enquanto engolia o biscoito, Idaho tornava-se consciente da quietude no salão, um silêncio de respirações presas quebrado por um alto dique da carreta de Leto. Idaho virou-se e procurou a fonte do som. Leto tinha aberto um compartimento na parte de cima da carreta e estava retirando uma caixa de cristal dela. A caixa brilhava com uma luminosidade cinza-azulada em seu interior. Leto colocou a caixa sobre a carreta, abriu a tampa luminosa e retirou uma faca cristalina. Idaho reconheceu a lâmina imediatamente — o falcão gravado no cabo, as jóias verdes na beirada.
“A faca cristalina de Paul Muad’Dib!”
Idaho sentiu uma emoção profunda ante a visão dessa faca. Olhou para ela como se a imagem em seus olhos pudesse reproduzir o dono original.
Leto ergueu a lâmina e a segurou no alto, revelando sua curva elegante e uma iridescência leitosa.
— O talismã de nossas vidas — disse Leto.
As mulheres permaneceram num silêncio arrebatado, atentas.
— A faca do Muad’Dib — disse Leto. — O dente do Shai-Hulud. Irá o Shai-Hulud retornar outra vez?

A resposta foi um murmúrio contido, feito mais poderoso pelo contraste com os gritos anteriores.

— Sim, Senhor.

Idaho voltou sua atenção para os rostos extasiados das Oradoras Peixes.

— E quem é o Shai-Hulud? — perguntou Leto.

Novamente o murmúrio profundo:

— O Senhor.

Idaho assentiu para si mesmo. Ali se encontrava a evidência inquestionável de que Leto liberara um monstruoso reservatório de poder, nunca antes produzido desse mesmo modo. Leto dissera isso, mas as palavras eram um ruído sem sentido comparadas ao que se via e sentia nesse grande salão. E as palavras de Leto retornaram à mente de Idaho, como se estivessem esperando por esse momento para se revestirem de seu verdadeiro significado. Idaho relembrou o que vira na cripta, aquele lugar sombrio e úmido que Leto parecia achar tão atraente e que ele próprio achava repugnante — a poeira dos séculos que havia lá, os odores de antiga decomposição.

— Eu estive formando esta sociedade humana, moldando-a por mais de 3 mil anos, abrindo uma porta que levasse toda a espécie para fora da adolescência — dissera Leto.

— Nada do que diz explica um exército feminino! — protestara Idaho.

— O estupro é uma coisa estranha à mentalidade das mulheres, Duncan. Você me pergunta por uma diferença de comportamento com base sexual? Aí está uma.

— Pare de mudar de assunto!

— Não estou mudando. O estupro é sempre um pagamento para a conquista militar masculina. Os homens não precisam abandonar nenhuma de suas fantasias adolescentes enquanto se entregam ao estupro.

Idaho lembrou-se do ódio que tomara conta dele ante essa provocação.

— Minhas huris domesticam os homens — disse Leto. E essa domesticação é uma coisa que as mulheres conhecem a partir de eras de necessidade.

Idaho olhara sem palavras para o rosto encapuzado de Leto.

— Domesticar — dissera Leto. — Encaixar em algum padrão ordeiro de sobrevivência. As mulheres aprenderam isso nas mãos dos homens; agora os homens aprendem nas mãos das mulheres.

— Mas acabou de dizer..

— Minhas huris frequentemente se submetem a uma forma de estupro, a princípio, mas apenas para converter isso numa profunda e unificadora dependência mútua.

— Maldição! Esta...

— Unindo, Duncan! Unindo.

— Eu não me sinto ligado a...

— A educação leva tempo. Você é a norma antiga em relação à qual a nova pode ser julgada.

As palavras de Leto momentaneamente esgotaram Idaho de todas as emoções, exceto um profundo sentimento de perda.

— Minhas huris ensinam a maturação. Elas sabem que devem supervisionar a maturação dos homens. E através disso encontram sua própria maturação. No final, as huris transformam-se em esposas e mães, e nós afastamos os impulsos violentos de suas fixações adolescentes.

— Eu terei de ver para crer!

— Você vai ver durante o Grande Partilhar.

E enquanto permanecia ao lado de Leto, no salão do Siaynoq, Idaho admitia a si mesmo ter presenciado alguma coisa de enorme poder, alguma coisa que poderia criar a espécie de universo humano que as palavras de Leto projetavam.

Leto recolocara na caixa a faca cristalina, depositando a caixa em seu compartimento sobre a Carreta Real. As mulheres observavam em silêncio, até mesmo as crianças pequenas — todas dominadas pela força que se podia sentir nesse salão.

Idaho olhou para as crianças, sabendo, a partir das explicações de Leto, que elas seriam recompensadas com posições de poder

— homem ou mulher, cada qual num nicho poderoso. As crianças do sexo masculino seriam dominadas por fêmeas durante toda a vida, fazendo (nas palavras de Leto) “uma fácil transição da adolescência para a masculinidade reprodutora”.

As Oradoras Peixes e sua prole viviam existências “dominadas por uma certa excitação que não é disponível aos outros

“Que irá acontecer aos filhos de Irti?”, perguntou-se Idaho. “Será que meu antecessor ficou aqui e observou sua esposa vestida de branco partilhar o ritual de Leto?

“E o que Leto me oferece aqui?”

Com esse exército feminino, um comandante ambicioso poderia assumir o controle do Império de Leto. Ou não poderia? Não... não enquanto Leto vivesse. Leto dizia que as mulheres não eram militarmente agressivas “por natureza”.

Ele dizia:

— Eu não estimulo isso nelas. Elas conhecem um padrão cíclico, com um Festival Real a cada 10 anos, uma mudança da Guarda, uma bênção para a nova

geração e um pensamento silencioso para as irmãs tombadas e outros seres amados perdidos para sempre. Siaynoq após Siaynoq marcham para o futuro a um passo previsível. A própria mudança torna-se em uma não-mudança.

Idaho ergueu os olhos das mulheres de branco e suas crianças. Olhou através da massa de rostos silenciosos, dizendo para si próprio que esse era apenas um pequeno núcleo da enorme força feminina que espalhava sua teia através do Império. Ele podia acreditar nas palavras de Leto:

— O poder não se enfraquece. Torna-se mais forte a cada década.

“Com que finalidade?”, perguntou-se Idaho.

Ele olhou para Leto que estava erguendo as mãos em bênção sobre o salão de suas huris.

— Nós caminharemos entre vocês agora — disse Leto. As mulheres abaixo da plataforma abriram caminho, pressionando para trás. A abertura aumentou cada vez mais, como uma fissura se abrindo sobre a terra depois de um tremendo desastre natural.

— Duncan, você me precederá.

Idaho engoliu em seco. Colocou a palma de uma das mãos sobre a beirada da plataforma e saltou para o espaço aberto, movendo-se para dentro daquela fissura por saber que somente isso poderia dar fim a essa provação.

Uma rápida olhada para trás revelou a carreta de Leto flutuando majestosamente em seus suspensores.

Idaho virou-se e acelerou o passo.

As mulheres estreitaram o caminho através de suas fileiras. Era algo feito com uma estranha calma, com uma atenção fixa — primeiro em Idaho, depois naquele enorme corpo pré-verme, avançando atrás dele na carreta Ixiana.

E enquanto Idaho marchava à frente com estoicismo, as mulheres estendiam as mãos de todos os lados para tocá-lo, para tocar em Leto ou meramente tocar na Carreta Real. Idaho sentiu a paixão contida desse toque, e conheceu o medo mais profundo de sua vida.

28

O problema com a liderança é inevitável: quem vai bancar Deus?

— Muad'Dib,
Da História Oral

Hwi Noree seguia uma jovem Oradora Peixe para baixo ao longo de uma rampa larga que se espiralava rumo aos subterrâneos de Onn. O chamado de Lorde Leto viera no final da tarde do terceiro dia do Festival, interrompendo um acontecimento que punha à prova sua capacidade de manter o equilíbrio emocional.

Seu primeiro assistente, Othwi Yake, não era um homem agradável — uma criatura de cabelo louro-palha, com rosto comprido e estreito e olhos que jamais olhavam alguma coisa por muito tempo, que nunca olhavam diretamente nos olhos de alguém com quem ele falasse. Yake lhe apresentara uma única folha de papel memoapaga, contendo o que ele descrevia como "um resumo da violência recentemente relatada na Cidade Festival".

De pé junto à escrivaninha diante da qual ela estava sentada, Yake olhara para algum ponto à esquerda dela e dissera:

— Oradoras Peixes estão matando Dançarmos Faciais por toda a Cidade. — Ele não parecia particularmente impressionado com Isso.

— Por quê? — ela quis saber.

— Dizem que a Bene Tleilaxu fez um atentado contra a vida do Imperador-Deus.

O frio do medo percorreu o corpo de Noree. Ela apoiou-se no assento e deu uma olhada no escritório da embaixada — uma sala redonda com uma única escrivaninha em forma de meio círculo, a qual ocultava os controles de muitos engenhos Ixianos embaixo de sua superfície altamente polida. A sala era um lugar escuro, de aparência imponente, com painéis de madeira marrom ocultando os instrumentos que a protegiam contra a espionagem. Não havia janelas.

Tentando não se mostrar perturbada, Hwi olhou para Yake.

— E Lorde Leto...

— O atentado contra sua vida parece ter sido totalmente ineficaz. Mas isso pode explicar aquele açoite.

— Então você acha que houve tal atentado?

— Sim.

A Oradora Peixe de Lorde Leto entrara nesse momento, anunciando logo sua presença no escritório exterior. Era acompanhada por uma Bene Gesserit, uma velha que ela apresentou como “a Reverenda Madre Anteac”. Anteac olhara intensamente para Yake enquanto a Oradora Peixe, uma jovem com feições quase infantis, passava sua mensagem.

— Ele me disse para lembrá-la: “Retorne rapidamente se eu a chamar.” Ele a chama.

Yake começou a se mexer inquieto enquanto a Oradora Peixe falava. Sua atenção percorria a sala inteira como se ele estivesse procurando alguma coisa que não estava lá. Hwi deteve-se apenas para colocar um manto azul-escuro sobre o vestido, instruindo Yake para que permanecesse no escritório até ela retornar.

À luz alaranjada do entardecer fora da embaixada, em uma rua estranhamente vazia de qualquer tráfego, Anteac olhou para a Oradora Peixe e disse simplesmente:

— Sim.

Saiu, então, e a Oradora Peixe levou Hwi através de ruas vazias até um prédio alto e sem janelas, cujo subsolo guardava a rampa espiralada.

As curvas apertadas da rampa deixavam Hwi tonta. Pequenos e brilhantes globos luminosos brancos flutuavam no poço central, iluminando uma trepadeira verde-arroxeada com folhas imensas. A trepadeira pendia de brilhantes fios dourados.

A suave superfície negra da rampa engolia os sons que seus pés produziam, tornando Hwi extremamente consciente dos fracos sons abrasivos causados pelos movimentos do seu manto.

— Aonde está me levando? — perguntou Hwi.

— A Lorde Leto.

— Eu sei, mas onde ele está?

— Em seus aposentos particulares.

— É muito lá embaixo?

— Sim, o Senhor sempre prefere as profundezas.

— Caminhar dando voltas assim deixa-me tonta.

— É melhor não olhar para a trepadeira.

— Que é aquela planta?

— É chamada de trepadeira Tunyon, e se diz que não produz cheiro algum.

— Nunca ouvi falar dela. De onde ela vem?

— Somente Lorde Leto sabe.

Elas çaminharam em silêncio, Hwi tentando compreender seus próprios sentimentos. O Imperador-Deus a enchera de tristeza. Ela podia sentir o homem que havia nele, o homem que ele poderia ter sido. Por que esse homem escolhera tal curso para a sua vida? Será que alguém saberia?

Talvez Duncan Idaho soubesse.

Seus pensamentos gravitaram em torno de Idaho — um homem muito atraente fisicamente. Tão intenso! Podia sentir-se atraída por ele. Se ao menos Leto tivesse o corpo e a aparência de Idaho... Moneo, porém — esse era outro caso. Olhou para as costas de sua acompanhante Oradora Peixe.

— Pode me falar a respeito de Moneo? — perguntou Hwi.

A Oradora Peixe olhou para trás, por sobre o ombro, uma estranha expressão em seus pálidos olhos azuis — apreensão ou alguma forma bizarra de admiração.

— Há algo errado? — perguntou Hwi.

A Oradora Peixe voltou sua atenção para a espiral descendente da rampa.

— O Senhor disse que iria perguntar a respeito de Moneo.

— Então, fale-me a respeito dele.

— Que há para dizer? Ele é o confidente mais íntimo do Senhor.

— Mais ainda do que Duncan Idaho?

— Oh, sim, Moneo é um Atreides.

— Moneo veio a mim ontem — disse Hwi. — Ele falou que eu devia conhecer uma coisa a respeito do Imperador-Deus. Moneo disse que o Imperador-Deus é capaz de fazer qualquer coisa, qualquer coisa se julgar que seja instrutiva.

— Muitos acreditam nisso — disse a Oradora Peixe.

— Mas você não acredita?

Hwi fez a pergunta enquanto a rampa dava uma volta final e se abria para uma pequena ante-sala, com uma entrada em arco a apenas alguns passos de distância.

— Lorde Leto a receberá imediatamente — disse a Oradora Peixe.

Hwi passou pelo arco e se viu numa sala de teto baixo. Era muito menor que a câmara de audiências e o ar parecia seco e quente. Uma pálida luz amarelada vinha de uma fonte oculta nos cantos superiores. Ela fez com que seus olhos se ajustassem à fraca iluminação, notando tapetes e almofadas espalhadas ao redor de um monte de... Hwi levou a mão à boca quando o monte se moveu e ela percebeu que era Leto em sua carreta, mas a carreta se encontrava numa área mais baixa. E ela percebeu imediatamente por que a sala tinha esse detalhe. Aquilo o tornava menos imponente aos convidados humanos, menos dominador

por sua elevação física. Nada podia ser feito, contudo, quanto ao comprimento e à massa inescapável do seu corpo, exceto mantê-lo nas sombras, jogando a maior parte da luz em seu rosto e suas mãos.

— Entre e sente-se — disse Leto. Falou com voz baixa e agradável.

Hwi caminhou até uma almofada vermelha, a apenas alguns metros de distância do rosto de Leto, e se sentou.

Leto observou-lhe os movimentos com óbvio prazer. Ela usava um vestido dourado escuro e seu cabelo estava preso em tranças e amarrado para trás, o que fazia seu rosto parecer viçoso e inocente.

— Eu enviei sua mensagem para Ix — ela disse. — E lhes disse que deseja saber minha idade.

— Talvez eles respondam — disse Leto. — E a resposta pode até ser verdadeira.

— Eu gostaria de saber quando nasci. Todas as circunstâncias. Mas não sei por que isso lhe interessa.

Tudo a seu respeito me interessa.

— Eles não vão gostar que me tenha feito Embaixadora permanente.

— Seus mestres são uma mistura curiosa de meticulosidade e lassidão. E não gosto de aturar os tolos.

— Julga-me tola, Senhor?

— Malky não era um tolo; nem você o é, minha querida.

— Não ouço falar do meu tio há anos. Algumas vezes me pergunto se ele ainda vive.

— Talvez venhamos a descobrir isso também. Alguma vez Malky falou com você sobre a prática do Taquiyya?

Ela pensou a respeito por um momento, depois disse:

— Era chamado de Ketman entre os antigos Fremen?

— Sim. É a prática de ocultar a identidade quando revelá-la pode ser danoso.

— Eu me lembro agora. Ele me contou que o Senhor escreveu histórias sob pseudônimo, algumas delas muito famosas.

— Foi nessa ocasião que conversamos sobre o Taquiyya.

— Por que fala a respeito disso, Senhor?

— Para evitar outros assuntos. Sabe que fui eu que escrevi os livros de Noah Arkwright?

Ela não conseguiu conter um pequeno riso.

— Que divertido, Senhor. Fizeram-me ler a respeito da vida dele.

— Escrevi esse relato também. Que segredos lhe pediram que obtivesse de mim?

Ela nem mesmo piscou ante essa estratégica mudança de assunto.

— Estão curiosos a respeito do funcionamento interno da religião de Lorde Leto.

— Ah, agora estão.

— Querem saber como tomou o controle religioso das mãos da Bene Gesserit.

— Sem dúvida esperando repetir meu desempenho em proveito próprio?

— Tenho certeza de que tal idéia se encontra na mente deles.

— Hwi, você é uma terrível representante dos Ixianos.

— Sou sua serva, Senhor.

— E não tem suas próprias curiosidades?

— Temo que minhas curiosidades possam perturbá-lo — ela disse.

Leto a fitou por um momento e disse:

— Percebo. Sim, você está certa. Por ora devemos evitar conversas mais íntimas. Gostaria que eu falasse a respeito da Irmandade?

— Sim, isso seria bom. Sabe que hoje encontrei uma integrante da delegação Bene Gesserit?

— Deve ser Anteac.

— Eu a achei assustadora.

— Não tema nada quanto a Anteac. Ela foi à sua Embaixada por ordem minha. Está consciente de que vocês foram invadidos por Dançarinos Faciais?

Hwi espantou-se, deixando escapar o fôlego. Depois ficou quieta enquanto uma sensação de frio lhe invadia o peito.

— Othwi Yake? — perguntou ela.

— Você suspeitava?

— Apenas não gostava dele, e me haviam dito que... — Ela encolheu os ombros ao compreender: — Que aconteceu com ele?

— O original? Está morto. Essa é a prática normal dos Dançarinos Faciais em tais circunstâncias. Minhas Oradoras Peixes têm ordens explícitas para não deixarem vivo nenhum Dançarino Facial na sua Embaixada.

Hwi permaneceu em silêncio, mas as lágrimas rolaram em seu rosto. Isso explicava as ruas vazias, o enigmático “sim” de Anteac. Explicava muitas coisas.

— Eu lhe darei assistência através das Oradoras Peixes até que possa fazer outros arranjos — disse Leto. — Minhas Oradoras Peixes a guardarão bem.

Hwi sacudiu as lágrimas de seu rosto. Os Inquisidores de Ix reagiriam com ódio contra os Tleilaxu. Será que acreditariam em seu relatório? Todos em sua Embaixada substituídos por Dançarinos Faciais! Era difícil de acreditar.

— Todos?   perguntou ela.

— Os Dançarmos Faciais não tinham motivo para deixar vivo quem quer

que fosse de seu pessoal original. Você seria a próxima.

Ela estremeceu.

— Eles demoraram — explicou ele. — Porque sabiam que teriam de copiá-la com precisão para poderem desafiar meus sentidos. Eles não estão certos quanto às minhas habilidades.

— Então Anteac...

— A Irmandade e eu compartilhamos a habilidade de detectar Dançarmos Faciais. E Anteac... bem, ela é muito boa no que faz.

— Ninguém confia nos Tleilaxu. Por que não foram exterminados há muito tempo?

— Os especialistas possuem seus usos, assim como suas ilimitações. Você me surpreende, Hwi. Eu não suspeitava de que pudesse ser tão radical.

— Os Tleilaxu... eles são muito cruéis para serem humanos. Eles não são humanos.

— Pois eu lhe asseguro que os humanos podem ser igualmente cruéis. Eu mesmo já fui cruel em várias ocasiões.

— Eu sei, Senhor.

— Sob provocação. Mas as únicas pessoas que já pensei em eliminar foram as Bene Gesserits.

O choque foi muito grande para ser verbalizado.

— Elas estão próximas do que deveriam ser, e contudo muito distantes — ele disse.

Hwi encontrou sua voz.

— Mas a História Oral diz...

— A religião das Reverendas Madres, sim. Certa vez elas projetaram religiões específicas para sociedades específicas. Chamavam isso de engenharia. Como lhe parece?

— Desumano.

— De fato. E os resultados correspondem ao engano. Mesmo depois de todas as grandes tentativas no sentido de se conseguir o ecumenismo, havia incontáveis deuses, divindades menores e pretensos profetas através do Império.

— E o Senhor mudou isso.

— De certo modo. Mas os deuses não morrem com facilidade, Hwi. Meu monoteísmo predomina, mas o panteão original permanece; tornou-se clandestino, sob vários disfarces.

— Senhor, sinto em suas palavras... uma... — Ela sacudiu a cabeça.

— Que sou tão friamente calculista quanto a Irmandade?

Ela assentiu com a cabeça.

— Foram os Fremen que endeusaram meu pai, o grande Muad'Dib.

Embora ele realmente não se importasse de ser chamado grande.

— Mas os Fremen...

— Se eles estavam certos? Minha querida Hwi, eles eram sensíveis aos usos do poder e pretendiam manter sua ascendência.

— Acho isso... perturbador, Senhor.

— Percebo. Você não aprecia a idéia de que se tornar um deus seja simples assim, como se qualquer um pudesse fazer isso.

— Parece trivial demais, Senhor. — A voz dela tinha o tom remoto de alguém que sonda o terreno.

— Eu lhe asseguro que não é uma coisa que qualquer um possa fazer.

— Mas o Senhor sugere ter herdado sua divindade dos...

— Nunca diga isso a uma Oradora Peixe. Elas reagem violentamente à heresia.

Ela tentou engolir, sentindo a garganta seca.

— Eu disse isso apenas para protegê-la.

A voz dela era fraca:

— Obrigada, Senhor.

— Minha divindade começou, quando eu disse aos meus Fremen que não mais poderia dar a água da morte para as tribos. Sabe o que é a água da morte?

— Nos tempos de Duna, era a água recuperada dos corpos dos mortos — disse ela.

— Ah, você leu Noah Arkwright.

Hwi conseguiu esboçar um leve sorriso.

— Eu disse aos meus Fremen que a água seria consagrada a uma Divindade Suprema, à qual não daríamos nome. Ainda se permitia que os Fremen controlassem essa água, graças à minha generosidade.

— A água devia ser muito preciosa naqueles tempos.

— Muito! E eu, como delegado dessa divindade sem nome, detive um controle pouco rigoroso dessa preciosa água por quase 300 anos.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Ainda parece calculista? — perguntou ele.

Ela acenou afirmativamente.

— E era. Quando chegou a ocasião de consagrar a água da minha irmã, eu realizei um milagre. As vozes de todos os Atreides falaram de dentro da urna de Ghani. Assim, meus Fremen descobriram que eu era a Divindade Suprema.

Hwi falou com temor, a voz cheia de incertezas ante essa revelação:

— Senhor, está me dizendo que não é realmente um deus?

— Estou lhe dizendo que não brinco de esconder com a morte.

Ela olhou para ele durante vários minutos, antes de responder de um modo

que lhe assegurava estar entendendo seu profundo significado. Era uma reação que, para ele, apenas lhe intensificava o encanto.

— Sua morte não será como as outras mortes — disse ela.

— Preciosa Hwi — murmurou ele.

— Calculo que o Senhor não tema o julgamento de uma verdadeira Divindade Suprema — ela disse.

— Está me julgando, Hwi?

— Não, mas temo pelo Senhor.

— Pense no preço que eu pago — ele disse. — Cada parte descendente de mim irá carregar algo da minha consciência preso dentro dela, perdida e desamparada.

Ela colocou ambas as mãos sobre a boca e olhou para ele aterrorizada.

— Esse é o horror que meu pai não pôde enfrentar e que tentou evitar: a infinita identidade vega.

Ela abaixou as mãos e sussurrou:

— E o senhor será consciente?

— De certo modo... mas mudo. Uma pequena pérola da minha consciência acompanhará cada verme e cada truta da areia

— dotada de conhecimento e no entanto incapaz de movimentar uma única célula, consciente num interminável sonho.

Ela estremeceu.

Leto observou enquanto ela tentava compreender tal existência. Poderia imaginar o clamor final, quando as peças subdivididas de sua identidade buscassem um minguante controle sobre a máquina Ixiana que escrevia os seus diários? Poderia sentir o silêncio esmagador que se seguiria àquela espantosa fragmentação?

— Eles usariam tal conhecimento contra o Senhor, se eu o revelasse.

— E vai contar?

— É claro que não!

Ela sacudiu a cabeça lentamente de um lado para o outro. Por que ele teria aceito essa transformação terrível? Não haveria escapatória?

Daí a pouco ela disse:

— A máquina que escreve seus pensamentos não poderia ser sintonizada a.

— A 1 milhão de partes de mim? A 1 bilhão? A mais? Minha querida Hwi, nenhuma daquelas pérolas de consciência será verdadeiramente eu.

Os olhos dela turvaram-se de lágrimas. Ela piscou e respirou fundo. Leto reconheceu nisso o treinamento Bene Gesserit, o modo como ela aceitava um fluxo de calma.

— Senhor, deixou-me terrivelmente temerosa.
— E não compreende por que fiz isso.
— É possível que eu compreenda?
— Oh, sim. Muitos podem entender. O que as pessoas fazem com a compreensão é outra coisa.
— Vai me ensinar o que fazer?
— Você já sabe.
Ela absorveu isso silenciosamente, e então disse:
— Tem alguma coisa a ver com religião. Posso sentir.
Leto sorriu:
— Posso perdoar seus mestres Ixianos por quase qualquer coisa devido à preciosa dádiva que me deram através de você. Peça e receberá.
Ela inclinou-se em direção a ele oscilando na almofada.
— Fale-me a respeito dos fundamentos da sua religião.
— Logo você vai conhecer tudo a meu respeito, Hwi. Prometo. Apenas se lembre de que a adoração do sol entre nossos primitivos ancestrais não estava muito distante do alvo.
— Adoração... do sol? — Ela se balançou para trás na almofada.
— O sol que controla todos os movimentos, mas que não pode ser tocado. O sol que é morte.
— Sua... morte?
— Qualquer religião circula como um planeta em torno de um sol que ela deve usar para obter sua energia, e do qual ela depende para sua própria existência.
A voz dela respondeu com pouco mais que um sussurro:
— Que vê no seu sol, Senhor?
— Um universo de muitas janelas através das quais posso olhar. E quaisquer que sejam as molduras das janelas, isso é o que eu vejo.
— O futuro?
— O universo, em suas raízes, não conhece o tempo, e contém por isso todos os tempos e todos os futuros.
— É verdade então — ela disse. — O Senhor viu uma coisa que isto — ela fez um gesto indicando o longo corpo anelado — evita.
— E você julga poder acreditar que isto seja, de algum modo, sagrado? — perguntou ele.
Ela só pôde assentir com a cabeça.
— Se você o partilhar todo comigo — ele disse —, eu lhe previno de que será uma carga terrível.
— E isso tornará sua carga mais leve, Senhor?

— Não mais leve, porém mais fácil de aceitar.
— Então eu a compartilharei. Diga-me, Senhor.
— Não ainda, Hwi. Você deve ser um pouco mais paciente.
Ela absorveu o desapontamento suspirando.
— É apenas que o meu Duncan Idaho se torna cada vez mais impaciente — explicou Leto. — Devo cuidar dele.
Ela olhou para trás, mas a pequena sala continuava vazia.
— Quer que eu saia agora?
— Gostaria que você nunca me deixasse.
Ela olhou para ele, notando a intensidade de seu olhar, o faminto vazio de sua expressão que a enchia de tristeza.
— Senhor, por que me conta os seus segredos?
— Eu não lhe pediria para ser a noiva de um deus.
Os olhos dela se arregalaram com o choque.
— Não responda — disse ele.
Quase sem mover a cabeça, ela enviou o olhar ao longo da extensão sombreada do corpo dele.
— Não procure por minhas partes que não mais existem — ele disse. — Algumas formas de intimidade física não me são mais possíveis.
Ela voltou a atenção para o rosto envolto nas dobras da pele de truta, notando como a epiderme era rosada naquele rosto, o efeito intensamente humano daquelas feições numa moldura tão alienígena.
— Se você quiser filhos — acrescentou ele —, só lhe peço que me deixe escolher o pai. Mas ainda não lhe pedi coisa alguma.
A voz dela era fraca.
— Senhor, não sei o que...
— Vou retornar logo à Cidadela — ele explicou. — Você virá ao meu encontro e então conversaremos. E lhe contarei a respeito da coisa que eu evito.
— Estou assustada, senhor, mais assustada do que jamais imaginei que pudesse ficar.
— Não tenha medo de mim. Não posso ser outra coisa senão gentil com a minha gentil Hwi. Quanto aos outros perigos, minhas Oradoras Peixes a protegerão com os próprios corpos. Elas não se atreverão a permitir que algum mal lhe aconteça.
Hwi levantou-se, trêmula.
Leto notou quão profundamente suas palavras a tinham afetado e sentiu a dor que havia nisso. Os olhos de Hwi brilhavam com lágrimas e ela apertou as mãos fechadas para controlar seus tremores. Ele sabia que de boa vontade ela iria ao seu encontro na Cidadela. Não importando o que ele pedisse, a resposta

dela seria a mesma das Oradoras Peixes:

— Sim, Senhor.

Ocorreu a Leto que, se pudesse trocar de lugar com ele, aceitar sua carga, ela se ofereceria. E o fato de não poder fazer isso aumentava-lhe a dor. Ela era uma inteligência construída sobre uma profunda sensibilidade, sem qualquer das fraquezas hedonistas de Malky. Hwi era assustadora em sua perfeição. Tudo com relação a ela reafirmava sua certeza de que Hwi era o tipo de mulher que, caso tivesse crescido como um homem normal, Leto desejaria (Não! Exigiria!) como esposa.

E os Ixianos sabiam disso.

— Deixe-me agora — sussurrou ele.

29

Eu sou tanto pai quanto mãe para o meu povo. Já conheci o êxtase do parto e o êxtase da morte, e conheço todos os padrões que vocês devem aprender. Já não caminhei embriagado através do universo das formas? Sim! Já vi você delineado em luz, e aquele universo que você diz que vê e sente, aquele universo é o meu sonho. Minhas energias se focalizam sobre ele e eu estou em qualquer reino e ao mesmo tempo em todos eles. Assim você nasceu.

— Os diários roubados

— Minhas Oradoras Peixes me disseram que você foi para a Cidadela logo depois de Siaynoq — disse Leto.

Olhava acusadoramente para Idaho, que se encontrava no mesmo lugar ocupado por Hwi apenas uma hora atrás. Um espaço de tempo tão pequeno — e no entanto Leto sentia nele o vazio de séculos.

— Eu precisava de tempo para pensar — disse Idaho. Olhou para o fosso sombreado onde estava a carreta de Leto.

— E para falar com Siona?

— Sim. — Idaho ergueu o olhar para o rosto de Leto.

— Mas você procurou por Moneo — disse Leto.

— Será que elas relatam cada movimento que eu faço?

— Não cada movimento.

— Às vezes as pessoas têm necessidade de ficar sozinhas.

— É claro, mas não culpe as Oradoras Peixes por se preocuparem com você.

— Siona diz que vai ser testada!

— Foi por isso que procurou Moneo?

— Que teste é esse?

— Moneo sabe. Presumo que é por isso que você desejava vê-lo.

— O Senhor não presume nada! O Senhor sabe.

— Siaynoq o deixou perturbado, Duncan. Sinto muito.

— Tem alguma idéia de como é ser eu... aqui?

— O fardo do ghola não é fácil — disse Leto. — Algumas vidas são mais

duras que as outras.

— Não preciso dessa filosofia juvenil!

— De que você precisa, Duncan?

— Preciso saber algumas coisas.

— Tais como?

— Não entendo nenhuma dessas pessoas que o cercam! Sem demonstrar qualquer surpresa, Moneo me diz que Siona participava de uma rebelião contra o Senhor. A filha dele!

— Em sua juventude, Moneo também foi um rebelde.

— Percebe o que estou dizendo? E o testou também?

— Sim.

— Vai me testar?

— Já o estou testando.

Idaho olhou furioso para ele:

— Eu não compreendo o seu governo, o seu Império, coisa alguma. Quanto mais eu descubro, mais chego à conclusão de que não sei o que está acontecendo.

— Como é feliz que tenha descoberto o caminho da sabedoria — disse Leto.

— O quê? — A ira contida de Idaho elevara sua voz ao tom de um grito de batalha dentro da pequena sala.

Leto sorriu.

— Duncan, já não lhe contei que, quando você julga que conhece alguma coisa, isso constitui uma barreira perfeita contra o aprendizado?

— Então me diga o que está acontecendo.

— Meu amigo Duncan Idaho está adquirindo um novo hábito. Está aprendendo a olhar sempre atrás daquilo que ele julga que sabe.

— Muito bem, muito bem. — Idaho assentiu com a cabeça lentamente. — Então o que havia por trás de me deixar tomar parte naquela história de Siaynoq?

— Estou unindo as Oradoras Peixes ao Comandante da minha Guarda.

— E eu tenho que me esquivar delas! A escolta que me levou para a Cidadela queria parar para uma orgia. E aquelas que me trouxeram aqui quando...

— Elas sabem o quanto fico satisfeito vendo filhos do meu Duncan Idaho.

— Maldito seja! Eu não sou seu garanhão!

— Não precisa gritar, Duncan.

Idaho respirou fundo várias vezes, depois disse:

— E quando eu lhes digo não elas ficam magoadas a princípio, e depois me tratam como um maldito — ele sacudiu a cabeça —, um santo ou coisa

assim.

— Mas elas não lhe obedecem?

— Elas não questionam coisa alguma... a menos que seja algo contrário às suas ordens. Eu não queria voltar aqui.

— E no entanto elas o trouxeram.

— Sabe muito bem que elas não o desobedeceriam!

— Estou feliz por ter vindo, Duncan.

— Ah, isso eu posso ver!

— As Oradoras Peixes sabem o quanto você é especial, como eu me orgulho de você e o quanto eu lhe devo. Nunca é uma questão de obediência ou desobediência no que concerne a nós dois.

— Então é uma questão de quê?

— Lealdade.

Idaho ficou pensativo.

— Você sentiu o poder de Siaynoq? — perguntou Leto.

— Um abracadabra. Uma exibição de mágica!

— Então por que ficou perturbado?

— Suas Oradoras Peixes não são um exército, são uma força policial.

— Pelo meu próprio nome, asseguro-lhe que não é assim. A polícia é inevitavelmente corrupta.

— O Senhor me tentou com o poder — acusou Idaho.

— Esse é o teste, Duncan.

— Não confia em mim?

— Confio em sua lealdade implícita aos Atreides, sem questionamento.

— Então que conversa é essa de corrupção e de teste?

— Você foi quem me acusou de ter uma força policial. A polícia sempre observa que os criminosos prosperam. E é preciso ser um policial muito tolo para deixar de perceber que a posição de autoridade é a mais próspera que existe entre todos os postos criminosos disponíveis.

Idaho umedeceu os lábios com a língua e olhou para Leto, obviamente intrigado.

— Mas o treinamento moral do... Quero dizer, a lei... as prisões...

— Qual a vantagem das leis e das prisões quando infringir a lei não constitui pecado?

Idaho inclinou a cabeça levemente para a direita.

— Está tentando me dizer que sua maldita religião é.

— A punição dos pecados pode ser muito extravagante.

Idaho apontou por sobre o ombro para o mundo além da porta.

— Toda esta conversa a respeito de penas de morte... aquele açoite e...

— Tento passar sem prisões e sem leis, sempre que possível.

— Mas tem que ter algum tipo de prisão!

— Tenho? As prisões são necessárias apenas para fornecer a ilusão de que a polícia e as cortes são eficientes. Elas são uma espécie de seguro do trabalho.

Idaho virou-se ligeiramente e apontou o dedo em direção à porta pela qual entrara na pequena sala.

— O Senhor possui planetas inteiros que não são outra coisa senão prisões!

— Creio que você pode pensar em qualquer lugar como uma prisão, se é isso que suas ilusões desejam.

— Ilusões! — Idaho deixou cair os braços ao lado do corpo e ficou atônito.

— Sim. Você fala em prisões, polícia e leis, as ilusões perfeitas sobre as quais uma próspera estrutura de poder pode assentar-se enquanto sabe, com muita precisão, estar acima de suas próprias leis.

— E o Senhor acha que os crimes podem ser enfrentados com...

— Não são crimes Duncan, mas pecados.

— Então acha que sua religião pode...

— Já reparou nos pecados capitais?

— Quais?

— Tentar corromper um membro do meu governo ou ser corrompido por um membro de meu governo.

— E que corrupção é essa?

— Essencialmente, é a falha em observar e adorar a santidade do Deus Leto.

— O Senhor?

— Eu.

— Mas logo no início me disse que...

— Acha que não acredito na minha própria divindade? Tenha cuidado, Duncan.

A voz de Idaho saiu com uma raiva controlada.

— Disse-me que um de meus trabalhos seria ajudá-lo a manter seu segredo, que.

— Você não conhece meu segredo.

— Que é um tirano? Isso não e...

— Os deuses são mais poderosos que os tiranos, Duncan.

— Não gosto do que estou ouvindo.

— Quando foi que um Atreides já lhe pediu para gostar do seu trabalho?

— Está me pedindo para comandar suas Oradoras Peixes que são juiz, júri

e carrasco... — Idaho interrompeu-se no meio da frase.

— E daí?

Idaho ficou em silêncio.

Leto olhou através da fria distância entre eles, um espaço tão curto e no entanto tão grande.

"É como cansar um peixe na extremidade de uma linha de pesca", pensou Leto. "Você tem que calcular o ponto de ruptura de cada elemento na disputa."

O problema com Idaho era que trazê-lo para a rede sempre lhe apressava o fim. E isso estava acontecendo muito rapidamente dessa vez. Leto sentiu tristeza.

— Não vou adorá-lo — disse Idaho.

— As Oradoras Peixes reconhecem que você possui uma dispensa especial — disse Leto.

— Como Moneo e Siona?

— Muito diferente.

— Assim, os rebeldes constituem um caso especial.

Leto sorriu.

— Todos os administradores em que eu mais confio um dia já foram rebeldes.

— Eu não era um...

— Você foi um rebelde brilhante! Você ajudou os Atreides a tomarem um Império das mãos de um monarca reinante.

Os olhos de Idaho ficaram fora de foco com a introspecção.

— Assim o fiz. — Ele sacudiu a cabeça de modo violento, como se quisesse tirar alguma coisa do cabelo. — E olhe no que o Senhor transformou esse Império!

— Estabeleci um padrão para ele, um padrão entre todos os padrões.

— É o que diz.

— A informação está congelada em padrões, Duncan. E nós podemos utilizar um padrão para decifrar outros. Os padrões de fluxo são os mais difíceis de se reconhecer e compreender.

— Mais abracadabra.

— Já cometeu esse engano antes.

— Por que deixa que os Tleilaxu fiquem me trazendo de volta à vida, um ghola atrás do outro? Onde está o padrão nisso?

— É por causa das qualidades que você possui em abundância. Deixarei que meu pai explique.

A boca de Idaho comprimiu-se numa linha de consternação.

Leto falou com a voz do Muad'Dib, e até mesmo seu rosto assumiu a semelhança das feições paternas.

— Você foi meu amigo mais verdadeiro, Duncan, melhor mesmo do que Gurney Halleck. Mas eu sou o passado.

Idaho engoliu em seco.

— As coisas que anda fazendo!

— São contra a natureza dos Atreides?

— Isso mesmo.

Leto retornou à sua voz normal.

— E no entanto ainda sou um Atreides.

— Será realmente?

— Que mais eu poderia ser?

— Eu desejaria saber!

— Pensa que eu faço mágicas com vozes e palavras?

— O que, por todos os sete infernos, está realmente fazendo?

— Preservando a vida enquanto preparo o palco para o próximo ciclo.

— E a preserva destruindo-a?

— A morte muitas vezes é útil à vida.

— Isso não é algo que um Atreides diga.

— Mas é. Frequentemente percebemos o valor da morte. Os Ixianos, contudo, nunca perceberam esse valor.

— O que têm os Ixianos a ver com...

— Tudo. Eles pretendem fazer uma máquina para ocultar suas outras maquinações.

Idaho falou em tom meditativo:

— É por isso que a Embaixadora Ixiana estava aqui?

— Você já viu Hwi Noree — comentou Leto.

Idaho apontou para cima.

— Ela estava saindo quando eu cheguei.

— Você falou com ela?

— Eu lhe perguntei o que estava fazendo aqui. Ela disse que está escolhendo o seu lado.

Uma gargalhada escapou de Leto.

— Oh, sim. Ela é ótima. E revelou qual seria a sua escolha?

— Ela disse que agora serve ao Imperador-Deus. Não acreditei nela, é claro.

— Mas devia acreditar.

— Por quê?

— Ah, sim, esqueci. Uma vez você duvidou até mesmo de minha avó, Lady Jessica.

— Eu tinha boas razões.

— Também duvida de Siona?

— Estou começando a duvidar de todos!

— E diz que não sabe qual é o seu valor para mim — acusou Leto.

— Que há com Siona? — quis saber Idaho. — Ela diz que você quer que nós... quero dizer, maldição...

— Aquilo em que você deve confiar sempre com relação a Siona é a criatividade dela. Ela pode criar o novo e o belo. E devemos confiar sempre nos verdadeiramente criativos.

— Até mesmo nas maquinações dos Ixianos?

— Isso não é criativo. Sempre se reconhece a criatividade porque ela se revela abertamente O segredo e a dissimulação traem a existência de uma outra força inteiramente diferente.

— Então não confia nessa Hwi Noree, mas...

— Confio nela, e precisamente pelas razões que acabei de lhe dar.

Idaho ficou carrancudo, depois relaxou, suspirando.

— É melhor eu cultivar a amizade dela. Se é alguém que..

— Não! Você vai ficar longe de Hwi Noree. Tenho em mente algo especial para ela.

30

Eu isolei a experiência urbana dentro de mim e a examinei minuciosamente. A idéia da cidade me fascina. A formação de uma comunidade biológica sem o suporte de uma comunidade social operante sempre leva ao caos. Mundos inteiros têm sido transformados em comunidades biológicas únicas sem uma estrutura social interrelacionada, e isso sempre levou à ruína, tornando-se dramaticamente instrutivo em condições de superpopulação. O gueto é letal. As tensões psicológicas da superpopulação criam pressões explosivas. E a cidade constitui uma tentativa de controlar essas forças. As formas sociais pelas quais a cidade faz essa tentativa são valiosas para um estudo. Lembrem-se de que existe certa malignidade na formação de qualquer ordem social. É a luta pela existência da parte de uma entidade artificial. O despotismo e a escravidão pairam em suas fronteiras. Muitas agressões ocorrem, dai a necessidade de leis. E a lei desenvolve sua própria estrutura de poder, criando mais chagas e novas injustiças. Tal trauma pode ser curado pela cooperação, nunca pelo confronto. E o apelo à cooperação identifica o curandeiro.

— Os diários roubados

Moneo entrou na pequena câmara de Leto com evidente agitação. Realmente preferia esse lugar de encontro porque a carreta do Imperador-Deus ficava numa depressão de onde um ataque mortífero da parte do Verme seria mais difícil. Havia também o fato inegável de que Leto permitia que seu majordomo descesse até ali através de um tubo-elevador Ixiano, em vez de usar aquela rampa interminável. Mas Moneo sentia que as notícias que trazia essa manhã certamente iriam despertar o Verme que é Deus.

"Como apresentá-las?"

A aurora ocorrera apenas uma hora atrás; estavam no quarto dia do Festival, fato que Moneo podia saudar com serenidade somente porque o colocava mais perto do final dessas atribulações.

Leto mexeu-se quando Moneo penetrou na pequena câmara. A iluminação ativou-se ao seu sinal, focalizada somente em seu rosto.

— Bom dia, Moneo — ele disse. — Minha guarda me diz que você insistiu em entrar imediatamente. Por quê?

O perigo, Moneo conhecia por sua experiência, encontrava-se na tentação de revelar muita coisa em pouco tempo.

— Passei algum tempo com a Reverenda Madre Anteac — disse ele. — Embora ela mantenha isso bem escondido, tenho certeza de que é uma Mentat.

— Sim, era inevitável que a Bene Gesserit me desobedecesse às vezes. E essa forma de desobediência me diverte.

— Então não vai puni-las?

— Moneo, em última instância eu sou o único pai que meu povo possui. E um pai deve ser generoso, assim como severo.

“Ele está de bom humor”, pensou Moneo. Um pequeno suspiro de alívio lhe escapou, ante o qual Leto sorriu.

— Anteac fez objeção quando lhe disse que o Senhor concedera anistia a alguns Dançarmos Faciais selecionados entre os cativos.

— Tenho um uso festivo para eles.

— Senhor?

— Eu lhe direi depois. Vamos às notícias que o fazem entrar aqui às pressas a esta hora da manhã.

— Eu... ah... — Moneo mordeu o lábio superior. — Os Tleilaxu têm sido muito eloquentes na sua tentativa de me agradar.

— É claro. E que foi que revelaram?

— Eles... ah, forneceram aos Ixianos equipamento e assessoria suficientes para a criação de um... bem, não exatamente um ghola, nem mesmo um clone. Talvez devêssemos usar o termo Tleilaxu: uma reestruturação celular. O... ah, experimento foi realizado com a proteção de algum tipo de escudo que, pelo que os homens da Corporação lhes asseguraram, seus poderes não poderiam penetrar.

— E o resultado? — Leto sentiu estar fazendo a pergunta num frio vácuo.

— Eles não estão certos. Os Tleilaxu não tiveram permissão de testemunhar. Mas eles observaram que Malky entrou nessa... ah, câmara, e que depois saiu com uma criança.

— Sim! Eu sei!

— Sabe? — Moneo estava intrigado.

— Por inferência. E tudo isso aconteceu há uns 26 anos?

— Isso é correto, Senhor.

— E eles identificam essa criança como sendo Hwi Noree?

— Eles não estão certos, Senhor, mas... — Moneo encolheu os ombros.

— É claro. E que deduz de tudo isso, Moneo?

— Existe um propósito profundo nessa nova Embaixadora Ixiana.

— Certamente que há, Moneo. Não lhe ocorreu como é estranha a maneira como Hwi, a gentil Hwi, representa um espelho do formidável Malky? Seu oposto em tudo, inclusive o sexo.

— Não tinha pensado nisso, Senhor.

— Pois eu pensei.

— Farei com que ela seja mandada de volta para Ix imediatamente — disse Moneo.

— Você não vai fazer nada disso!

— Mas Senhor, se eles.

— Moneo, já observei que você raramente vira as costas diante do perigo. Outros frequentemente o fazem, mas em você isso é raro. Por que espera que eu cometa uma estupidez tão óbvia? Moneo engoliu em seco.

— Bom, eu gosto quando você reconhece um erro em seu comportamento.

— Obrigado, Senhor.

— Também gosto quando você expressa a sua gratidão de um modo sincero, como acabou de fazer. Agora, Anteac estava com você quando ouviu essas revelações?

— Como ordenou, Senhor.

— Excelente. Isso vai mexer um pouco com as coisas. Você sairá agora e irá ao encontro de Lady Hwi. Vai dizer-lhe que desejo vê-la imediatamente. Isso irá deixá-la perturbada. Ela está pensando que não vamos nos encontrar até que eu a chame para a Cidadela. Quero que você lhe acalme os temores.

— De que maneira, Senhor?

Leto falou com tristeza:

— Moneo, por que me pede conselho a respeito de um assunto no qual é especialista? Acalme-a e a traga aqui tranquilizada quanto às minhas boas intenções com relação a ela.

— Sim, Senhor. — Moneo curvou-se e recuou um passo.

— Um momento, Moneo!

O majordomo enrijeceu o corpo, o olhar fixo no rosto de Leto.

— Você está intrigado, Moneo — comentou Leto. — Às vezes você não sabe o que pensar de mim. Serei onisciente e todo-poderoso? Você me traz esses pequenos indícios e se pergunta:

“Será que ele já sabe disso? E se ele sabe, por que me importo?” Mas eu lhe ordenei que relatasse tais coisas, Moneo. Será que a sua obediência lhe ensinou alguma coisa?

Moneo começou a encolher os ombros e então pensou melhor. Seus lábios tremeram.

— O tempo também pode ser um lugar, Moneo — disse Leto.

— E tudo depende de onde você se coloca, para onde olha e o que ouve. A medida de tudo isso está na própria consciência.

Depois de um longo silêncio, Moneo arriscou:

— Isso é tudo, Senhor?

— Não, não é tudo. Siona receberá hoje um embrulho que lhe será entregue por um correio da Corporação. Nada deve interferir na entrega dessa encomenda. Está entendendo?

— Que há... nesse embrulho, Senhor?

— Algumas traduções. Matéria impressa que eu desejo que ela leia. Não farei nada para interferir. Não há melange no embrulho.

— Como... como sabe que eu temia que...

— Porque você teme a especiaria. Ela pode prolongar sua vida, mas você a evita.

— Temo seus efeitos colaterais, Senhor.

— Uma natureza dadivosa permitiu que a melange descobrisse para alguns de nós as profundezas inesperadas da psique, e no entanto você teme isso?

— Eu sou um Atreides, Senhor!

— Ah, sim, e para um Atreides a melange pode envolver o mistério do Tempo num processo peculiar de auto-revelação.

— Só preciso me lembrar do modo como me testou, Senhor.

— Não percebe a necessidade de sentir o Caminho Dourado?

— Não é isso o que eu temo, Senhor.

— Você teme aquela outra surpresa, a coisa que me levou a fazer minha escolha.

— Só tenho que olhar para o Senhor e conhecer esse medo. Nós Atreides..

Não conseguiu terminar, a boca seca.

— Você não deseja todas as memórias de seus ancestrais e as outras que se acumulam dentro de mim!

— Algumas vezes... algumas vezes, Senhor, penso que a especiaria foi a maldição dos Atreides!

— Desejaria que eu nunca tivesse existido?

Moneo ficou em silêncio.

— Mas a melange possui seus valores, Moneo. Os Navegadores da Corporação necessitam dela. E sem ela a Bene Gesserit degeneraria num bando desamparado de mulheres lamurientas!

— Nós devemos viver, com ela ou sem ela, Senhor. Sei disso.

— Muito perceptivo, Moneo. Mas escolheu viver sem ela.

— Será que não tenho essa escolha, Senhor?

— Por enquanto.

— Senhor, o que...

— Existem 28 palavras diferentes para designar a melange no Galach comum. Elas a descrevem por seu uso, sua diluição, sua idade, se foi obtida através de uma compra honesta ou por roubo ou conquista, se foi um presente para um homem ou uma mulher, além de muitos outros modos pelos quais é chamada. Que acha disso, Moneo?

— A nós são oferecidas muitas escolhas, Senhor.

— Somente no que concerne à especiaria?

A testa de Moneo se enrugou, pensativa, e então ele disse:

— Não.

— Você diz não tão raramente na minha presença. Adoro ver seus lábios formarem essa palavra.

A boca de Moneo contorceu-se numa tentativa de sorriso.

Leto falou severamente:

— Bem! Agora você deve ir ao encontro de Lady Hwi. E como despedida eu lhe darei um pequeno aviso que poderá ajudá-lo.

Moneo observou atentamente o rosto de Leto.

— O conhecimento das drogas teve origem principalmente com os homens porque eles tendem a ser mais aventureiros — uma extensão da agressividade masculina. Você leu a sua Bíblia Universal Laranja, e assim conhece a história de Eva e da maçã. Há um fato interessante a respeito dessa história: Eva não foi a primeira a colher e provar da maçã. Adão foi o primeiro e, ao fazer isso, aprendeu a colocar a culpa em Eva. Minha história lhe revela algo a respeito de como as sociedades encontram a necessidade estrutural para os subgrupos.

Moneo inclinou a cabeça levemente para a esquerda.

— Senhor, como isso me ajuda?

— Vai ajudá-lo com Lady Hwi!

31

A singular multiplicidade deste universo atrai a minha mais profunda atenção. Trata-se de uma coisa de fundamental beleza.

— Os diários roubados

Leto ouviu Moneo na antecâmara bem antes que Hwi entrasse na pequena sala de audiências. Ela usava largas pantalonas verde-pálidas, ajustadas nos calcanhares com fitas verde-escuras para combinarem com as sandálias. Uma blusa folgada do mesmo verde-escuro podia ser vista sob o manto negro.

Parecia calma ao se aproximar de Leto e se sentou sem esperar pelo convite, escolhendo uma almofada dourada, em vez da vermelha que tinha ocupado antes. Levara menos de uma hora para Moneo trazê-la e a aguda audição de Leto captou o ruído de Moneo inquieto na ante-sala, fazendo com que emitisse um sinal para fechar o portal em arco que dava para lá.

— Alguma coisa perturbou Moneo — disse Hwi. — Ele se esforçou muito para não me revelar isso, mas, quanto mais ele tentava me acalmar, mais despertava a minha curiosidade.

— Ele não a deixou assustada?

— Oh, não. Entretanto me disse algo muito interessante. Disse que devo me lembrar sempre de que o Imperador-Deus é uma pessoa diferente de todos nos.

E por que isso é interessante?

— O interessante foi aquilo para o qual isso era apenas um prefácio. Ele disse que frequentemente se admira do papel que desempenhamos em criar essa diferença no senhor.

— Isso é interessante.

— Creio que é uma verdadeira descoberta. Por que me chamou?

— Certa ocasião, seus senhores em Ix...

— Não são mais meus senhores, Senhor.

— Perdoe-me. Vou me referir a eles daqui em diante como os Ixianos.

Ela assentiu gravemente, e então pediu que ele continuasse, repetindo:

— Certa ocasião..

— Os Ixianos pensaram em criar uma arma... um tipo de caçador-

rastreador, uma coisa mortífera auto-impulsionada com mente mecânica. Seria projetada com a capacidade de auto-aperfeiçoar-se e buscaria a vida para reduzi-la a seus componentes inorgânicos.

— Nunca ouvi falar nessa coisa, Senhor.

— Sei disso. Os Ixianos não reconhecem que os construtores de máquinas sempre correm o risco de se tornarem inteiramente mecânicos. E essa é a derradeira esterilidade. Máquinas sempre falham... com o tempo. E quando essas máquinas enguiçassem não restaria nada, nenhum ser vivo.

— Às vezes acho que eles são loucos.

— Essa é a opinião de Anteac. Esse é o problema mais imediato. Os Ixianos encontram-se agora engajados num empreendimento que estão mantendo oculto.

— Até mesmo do Senhor?

— Até mesmo de mim. Estou enviando a Reverenda Madre Anteac para que investigue isso para mim. Para ajudá-la, quero que você lhe revele tudo o que puder a respeito do lugar onde passou a infância. Não omita qualquer detalhe, não importa quão insignificante. Anteac vai ajudá-la a se lembrar. Queremos cada som, cada perfume, as formas e os nomes dos visitantes, as cores, até mesmo as comichões na sua pele. A menor coisa pode ser vital.

— Acha que esse é o lugar que estão ocultando?

— Sei que é.

— E acha que estão fazendo essa arma nesse.

— Não, mas essa será a desculpa que usaremos para investigar o lugar onde você nasceu.

Ela abriu a boca e aos poucos permitiu que um sorriso se formasse. Então disse:

— Meu Senhor é engenhoso. Falarei com a Reverenda Madre imediatamente.

Hwi começou a se levantar, mas ele a deteve com um gesto.

— Não devemos dar a impressão de estarmos com pressa.

Ela sentou-se outra vez na almofada.

— Cada um de nós é diferente, como observa Moneo — disse ele. — A gênese nunca pára. Seu deus continua a criá-la.

— Que Anteac vai descobrir? Já sabe, não sabe?

— Digamos que eu tenha uma forte convicção. Agora, você nunca mencionou o assunto que abordei antes. Não tem perguntas?

— Vai me fornecer as respostas na medida em que eu precisar delas.

Era uma declaração carregada, dotada de tamanha sinceridade e confiança que deteve a voz de Leto. Ele só podia olhar para ela notando como era

extraordinária essa realização dos Ixianos — essa humana. Hwi permanecia extremamente sincera aos preceitos de uma moral pessoalmente escolhida. Era graciosa, honesta, calorosa e possuidora de um senso de empatia que a forçava a compartilhar cada angústia daqueles com quem se identificava. Ele podia imaginar a consternação de suas professoras Bene Gesserit quando confrontadas com esse núcleo irredutível de sinceridade. As professoras obviamente tinham ficado reduzidas à capacidade de adicionar um pequeno toque aqui, uma habilidade ali, tudo reforçando aquela força que a impedia de se tornar uma Bene Gesserit. E como isso devia tê-las exasperado.

— Senhor — disse ela —, vou conhecer os motivos que o forçaram a escolher essa vida.

— Primeiro deve compreender como é poder ver nosso futuro.

— Com sua ajuda, tentarei.

— Nada pode ser separado de sua fonte — ele disse. — A visão de futuro é a visão de um continuum no qual todas as coisas se moldam como bolhas formando-se embaixo de uma cachoeira. Você as vê e então elas desaparecem na correnteza. Se a correnteza termina, é como se as bolhas nunca tivessem existido. A correnteza é o meu Caminho Dourado, e eu vi o seu fim.

— Sua escolha — ela apontou para o corpo dele — mudou esse fim?

— Está mudando. E a mudança não vem apenas da maneira como a minha vida é construída, mas também da maneira como vou morrer.

— Sabe como vai morrer?

— Não como. Conheço apenas o Caminho Dourado na qual ela irá ocorrer.

— Senhor, eu não...

— E difícil de entender, eu sei. Morrerei quatro mortes — a morte da carne, a morte da alma, a morte do mito e a morte da razão. E todas essas mortes contêm a semente da ressurreição.

— Vai retornar dos.

— As sementes retornarão.

— E, quando tiver partido, que será da sua religião?

— Todas as religiões são apenas uma única comunhão. O espectro permanece contínuo dentro do Caminho Dourado. Apenas acontece que os seres humanos vêem primeiro uma parte e depois outra. As ilusões podem ser chamadas de acidentes dos sentidos.

— As pessoas ainda o adorarão — disse ela.

— Sim.

— Mas quando o sempre terminar restará apenas a cólera — ela disse. — Haverá apenas a negação. E alguns dirão que o Senhor foi apenas um tirano

comum.

— Uma fraude — concordou ele.

Um aperto na garganta impediu-a de falar naquele momento. Depois ela disse:

— Como é que sua vida e sua morte mudam o... — Ela sacudiu a cabeça.

— A vida vai continuar.

— Acredito nisso, Senhor, mas como?

— Cada ciclo é uma reação ao ciclo precedente. Se pensar na forma do meu Império, então conhecerá a forma do próximo ciclo.

Ela virou o rosto a fim de não olhar para ele.

— Tudo que eu aprendi a respeito de sua Família me disse que só faria isso — ela gesticulou na direção dele sem olhar

se tivesse um motivo altruístico. Mas não creio que eu conheça verdadeiramente a forma do seu Império.

— A Paz Dourada de Leto?

— Existe menos paz do que alguns gostariam de nos fazer acreditar — ela disse, olhando de volta para ele.

“A honestidade dela!”, ele pensou. “Nada a deteria.”

— Esta é a hora do estômago — disse ele. — E a hora em que nos expandimos tal como uma única célula se expande.

— Mas alguma coisa está ausente — disse ela.

“Ela é como os Duncans”, ele pensou. “Falta alguma coisa e ela sente imediatamente.”

— A carne cresce, mas a psique não cresce — ele disse.

— A psique?

— Aquela consciência reflexiva que lhe diz quão viva você pode se tornar. Você conhece bem isso, Hwi. E o sentido que lhe revela como ser sincera consigo mesma.

— Sua religião não é suficiente — ela disse.

— Nenhuma religião pode ser o suficiente. E uma questão de escolha — de uma única e solitária escolha. Entende agora por que sua amizade e sua companhia significam tanto para mim?

Ela piscou os olhos cheios de lágrimas, assentindo com a cabeça.

— Por que as pessoas não sabem disso?

— Porque as condições não permitem.

— As condições que o Senhor dita?

— Precisamente. Examine todo o meu Império. Está vendo a forma?

Ela fechou os olhos, pensativa.

— Alguém deseja sentar-se à beira do rio e pescar o dia todo? —

perguntou ele. — Excelente. Esta é sua vida. Você deseja velejar num pequeno bote através de um mar interior e visitar estranhos? Soberbo! Que mais há para se fazer?

— Viajar pelo espaço? — perguntou ela, e havia um tom de desafio em sua voz. Hwi abriu os olhos.

— Você já deve ter percebido que a Corporação e eu não o permitimos.

— O Senhor não o permite.

— Certo. Se a Corporação me desobedece, não recebe especiaria.

— E manter as pessoas presas nos planetas afasta-as de confusões.

— Algo mais importante que isso. Deixa-as com desejo de viajar. Isso cria uma necessidade de realizar viagens longas e ver coisas estranhas. No final, a viagem passará a ser um sinônimo de liberdade.

— Mas a especiaria se esgota.

— E a liberdade se torna mais preciosa a cada dia que passa.

— Isso só pode levar ao desespero e à violência — disse Hwi.

— Um homem sábio entre meus antepassados. .. na verdade eu fui essa pessoa, sabia? Compreende que não há estranhos no meu passado?

Ela assentiu com a cabeça, admirada.

— Esse homem sábio observou que a riqueza é um instrumento de liberdade. Mas a busca da riqueza é o caminho para a escravidão.

— A Corporação e a Irmandade escravizam a si próprias!

— E os Ixianos e os Tleilaxu e todos os outros. Oh, eles conseguem um punhado de melange escondida, de tempos em tempos, e mantêm a atenção fixa. Um jogo muito interessante, não acha?

— Mas quando a violência começar..

— Haverá fome e desespero.

— Aqui em Arrakis também?

— Aqui, ali, por toda a parte. As pessoas olharão para os dias da minha tirania como “os bons tempos”. Serei o espelho do futuro deles.

— Mas isso será terrível! — retrucou ela.

“Ela não podia ter outra reação”, ele pensou.

E continuou:

— Quando a terra se recusar a sustentar as pessoas, os sobreviventes se aglomerarão em refúgios cada vez menores. Um terrível processo de seleção se repetirá em muitos mundos comida decrescendo e taxas de natalidade explodindo.

— Mas a Corporação não poderia.

— A Corporação estará muito desamparada, sem melange suficiente para operar os transportes disponíveis.

— Mas os ricos não vão escapar?

— Alguns.

— Então o Senhor realmente não terá mudado coisa alguma. Só continuaremos lutando e morrendo.

— Até que o verme da areia reine uma vez mais em Arrakis. Então nos teremos testado, com uma profunda experiência compartilhada por todos. Teremos aprendido que algo que pode acontecer em um planeta pode acontecer em qualquer planeta.

— Tanta dor e tanta morte — ela sussurrou.

— Você não entende a morte? — perguntou ele. — Precisa entender. A espécie precisa entender. Toda a vida deve entender.

— Ajude-me, Senhor — disse ela baixinho.

— a experiência mais profunda para qualquer criatura — ele disse. — Perto da morte vêm as experiências que a espelham ou trazem seu risco: doenças graves, acidentes e ferimentos. o parto para uma mulher... como foi um dia o combate para os homens.

— Mas suas Oradoras Peixes são.

— Elas ensinam sobrevivência — ele disse.

Os olhos dela arregalaram-se com o entendimento.

— Os sobreviventes. E claro!

— Como você é preciosa. Como é rara e preciosa. Abençoados Ixianos!

— E malditos também?

— Também.

— Não pensei que pudesse entender suas Oradoras Peixes — disse ela.

— Nem mesmo Moneo percebe — ele disse. — E eu me desespero quanto aos Duncans.

— E preciso apreciar a vida para desejar preservá-la — disse ela.

— E são os sobreviventes que mantêm o contato mais alegre e pungente com as belezas da vida. E mais comum as mulheres saberem disso do que os homens, já que o parto permite uma reflexão a respeito da morte.

— Meu tio Malky sempre disse que o Senhor tinha boas razões para impedir as lutas e a violência fortuita entre os homens. Que amarga lição!

— Sem algum tipo de violência prontamente disponível, os homens têm poucos modos de se testarem quanto às formas de enfrentar essa experiência fundamental — explicou ele. — Alguma coisa está faltando. A psique não se desenvolve. Que é que as pessoas dizem a respeito da paz de Leto?

— Que o Senhor nos faz chafurdar numa inútil decadência, como porcos em sua própria sujeira.

— Sempre reconheça a precisão da sabedoria popular. Decadência.

— A maioria dos homens não tem princípios — disse ela.
— As mulheres de Ix queixam-se disso constantemente.
— Quando preciso identificar os rebeldes, olho para os homens com princípios — ele disse.
Ela olhou para ele em silêncio, imaginando como essa simples reação revelava tão profundamente a sua inteligência.
— Onde acha que encontro meus melhores administradores?
Uma pequena exclamação de espanto escapou dos lábios de Hwi.
— E por princípios que você luta — continuou ele. — A maioria dos homens passa a vida inteira sem ser testada, exceto no momento final. Eles dispõem de muito poucas arenas inamistosas para testarem a si mesmos.
— Eles têm o Senhor — disse ela.
— Mas eu sou muito poderoso. Sou equivalente ao suicídio. Quem buscaria a morte certa?
— Loucos... ou então os desesperados. Rebeldes?
— Sou equivalente à guerra. O último predador. Sou a força coesiva que os despedaça.
— Nunca pensei em mim mesma como uma rebelde — disse ela.
— Você é coisa muito melhor.
— E vai me usar de algum modo?
— Vou.
— Não como administradora.
— Já tenho bons administradores — incorruptíveis, sagazes, filosóficos e prontos a admitir seus erros, rápidos em perceber as decisões.
— E eles foram rebeldes?
— A maioria foi.
— Como são escolhidos?
— Eu diria que a maioria deles escolhe a si própria.
— Ao sobreviverem?
— Isso também. Mas há mais. A diferença entre um bom e um mau administrador conta-se em cinco batidas do coração. Os bons administradores fazem opções imediatas.
— Opções aceitáveis?
— Geralmente funcionam. Um mau administrador, por outro lado, hesita, vacila, pede comissões, pesquisas e relatórios. Acaba agindo de um modo que cria sérios problemas.
— Mas às vezes eles não precisam de mais informações para...
— Um mau administrador está mais preocupado com relatórios que com decisões. Ele quer um registro que possa exibir como desculpa para os seus

erros.

— E os bons administradores?

· Ah, eles confiam em ordens verbais. E nunca mentem a respeito do que fizeram quando suas ordens verbais causam problemas. Além disso, cercam-se de pessoas capazes de agir sabiamente com base em ordens verbais. Frequentemente a informação mais importante é aquela que revela que alguma coisa está indo mal. Os maus administradores escondem seus erros até que seja muito tarde para fazer correções.

Leto a observava enquanto pensava nas pessoas que o serviam — principalmente Moneo.

— Homens de decisão — ela disse.

— Uma das coisas mais difíceis para um tirano encontrar — disse ele —, são pessoas que realmente tomem decisões.

— E seu conhecimento íntimo do passado não lhe proporciona...

— Proporciona algum divertimento. A maioria das burocracias antes da minha buscou e promoveu pessoas que evitavam as decisões.

— Percebo. Como é que vai me usar, Senhor?

Casar-se-ia comigo?

Um fraco sorriso tocou-lhe os lábios:

— As mulheres também podem tomar decisões. Eu me casarei com o Senhor.

— Então vá e instrua a Reverenda Madre. Tenha certeza de que ela saiba o que está procurando.

— Minha gênese. O Senhor e eu já conhecemos meu propósito.

— Que não é isolado de sua fonte — disse ele.

Então ela se levantou:

— Senhor, poderia estar errado quanto ao seu Caminho Dourado? Será que a possibilidade de fracasso...

— Qualquer coisa e qualquer um podem falhar. Mas os amigos bons e corajosos sempre ajudam.

32

Os grupos tendem a condicionar seu ambiente para a sobrevivência do todo. E, quando se desviam desse comportamento, isso pode ser tomado como sinal de doença grupal. Existem muitos sintomas indicativos. Eu, por exemplo, observo o ato de se compartilhar a comida. Essa é uma forma de comunicação, um sinal inescapável de aluda mútua, que também carrega em si um indicio mortífero de dependência. É interessante que hoje sejam os homens aqueles que usualmente cuidam da terra. São homens-maridos. Um dia essa foi uma atividade exclusiva das mulheres.

— Os diários roubados

“Deve perdoar-me a insuficiência deste relatório — escreveu a Reverenda Madre Anteac. — Responsabilize por isso a necessidade de pressa. Parto amanhã para Ix, meu propósito sendo o mesmo que relatei em maiores detalhes anteriormente. O profundo e sincero interesse do Imperador-Deus por Ix não pode ser negado, mas o que devo narrar aqui é a estranha visita que acabo de receber da Embaixadora Ixiana, Hwi Noree.”

Anteac estava sentada num banquinho inadequado, o melhor que conseguira obter naqueles alojamentos espartanos. Estava sozinha em seu minúsculo quarto, o espaço-dentro-de-um-espaço que Lorde Leto se recusara a mudar mesmo depois do aviso da Bene Gesserit quanto à traição dos Tleilaxu.

Sobre o colo de Anteac se encontrava um pequeno quadrado preto tinto, com 10 milímetros de lado e não mais que três milímetros de espessura. Ela escrevia sobre esse quadrado com uma agulha brilhante — uma palavra sobre a outra, todas absorvidas pelo quadrado. A mensagem completa seria impressa sobre os receptores nervosos dos olhos de uma acólita-mensageira, onde ficaria latente até que pudesse ser lida na sede da Irmandade.

Hwi Noree apresentava tamanho dilema!

Anteac conhecia os relatórios das professoras Bene Gesserit enviadas para instruir Hwi em Ix. Mas tais relatos continham demasiadas lacunas. Eles levantavam grandes questões.

“Por que aventuras passou, criança?”

“Quais foram as coisas mais difíceis da sua infância?”

Anteac fungou e olhou para o quadrado-negro que aguardava novas palavras. Tais pensamentos a faziam lembrar-se de uma crença Fremen no sentido de que a terra onde você nasce faz de você o que você é.

— Existem animais estranhos no seu planeta? — os Fremen perguntavam.

Hwi chegara com uma impressionante escolta de Oradoras Peixes, mais de 100 mulheres musculosas, todas fortemente armadas. Anteac raramente presenciara semelhante exibição de armamento: pistolas laser, facas longas, lâminas de prata, granadas atordoantes.

Acontecera no meio da manhã. Hwi entrara deixando as Oradoras Peixes a cercarem os alojamentos da Bene Gesserit, tudo exceto essa espartana sala interior.

Anteac percorreu o alojamento com o seu olhar. Lorde Leto estava dizendo-lhe alguma coisa ao mantê-la aqui.

— É assim que você mede o seu valor para o Imperador-Deus!

Exceto... que agora ele enviava uma Reverenda Madre para Ix, e o declarado propósito dessa jornada sugeria muitas coisas a respeito de Lorde Leto. Talvez os tempos estivessem a ponto de mudar, com novas honras e mais melange para a Irmandade.

“Tudo depende de o quanto eu me sair bem.”

Hwi entrara nesse quarto sozinha e se sentara recatadamente sobre o catre de Anteac, sua cabeça mais baixa que a da Reverenda Madre. Um detalhe interessante que não devia ter acontecido por acidente. As Oradoras Peixes obviamente podiam ter colocado as duas em qualquer outro lugar, em qualquer relacionamento que Hwi ordenasse. E as primeiras palavras e chocantes de Hwi deixaram pouca dúvida quanto a isso:

— Você deve saber desde o começo que eu vou me casar com Lorde Leto.

Fora necessário um profundo controle para evitar que ela abrisse a boca de espanto. O senso de verdade em Anteac confirmava a sinceridade das palavras de Hwi, mas o significado completo disso ainda não podia ser avaliado.

— Lorde Leto ordena que não diga nada a respeito disso para ninguém — acrescentou Hwi.

“Que dilema!”, pensou Anteac. “Será que poderei relatar isso às minhas Irmãs na sede da Irmandade?”

— Todos vão saber no devido tempo — explicou Hwi. — Ainda não é hora. Eu lhe digo isso apenas porque ajuda a conscientizá-la do peso da confiança de Lorde Leto.

— Ele confia em você?

— Em nós duas.

Isto fizera Anteac estremecer de modo quase perceptível. O poder inerente a tal confiança!

— Sabe por que Ix a escolheu como embaixadora? — Anteac perguntou.

— Sim. Desejavam que eu o seduzisse.

— E parece ter tido sucesso. Será que isso significa que os Ixianos acreditam nas histórias dos Tleilaxu a respeito dos hábitos indecentes de Lorde Leto?

— Nem mesmo os Tleilaxu acreditam nelas.

— Posso tomar isso como sua confirmação quanto à falsidade de tais histórias?

Hwi falara com uma estranha ausência de emoção que mesmo o senso de verdade de Anteac e suas habilidades como Mentat acharam difícil decifrar:

— Falou com ele e o observou. Responda essa pergunta por si mesma.

Anteac dominou um pequeno impulso de irritação. A despeito de sua juventude, essa Hwi não era uma acólita... e nunca daria uma boa Bene Gesserit. Que pena!

— Relatou isso ao seu Governo em Ix? — perguntou Anteac.

— Não.

— Por quê?

— Eles logo saberão. Uma revelação prematura poderia prejudicar Lorde Leto.

Ela fala a verdade, lembrou-se Anteac.

— Sua primeira lealdade não é para Ix? — perguntou ela.

— Minha lealdade é para com a verdade. — Hwi sorriu então. — Ix se saiu melhor do que pensava.

— Ix a considera uma ameaça ao Imperador?

— Creio que a preocupação básica deles é com o conhecimento. Discuti isso com Ampre antes de partir.

— O Diretor de Assuntos Ixianos fora da Federação? É esse Ampre?

— Sim. Ampre está convencido de que Lorde Leto permite ameaças à sua pessoa somente dentro de certos limites.

— Ampre disse isso?

— Ele não acredita que o futuro possa ser escondido de Lorde Leto.

— Mas minha missão em Ix traz em si a sugestão de que..

— Anteac interrompeu-se e sacudiu a cabeça, depois acrescentou: — Por que Ix fornece máquinas e armamentos para Lorde Leto?

— Ampre acredita que Ix não tenha escolha. Uma força esmagadora destrói as pessoas que representam uma ameaça muito grande.

— E se Ix se recusasse isso passaria dos limites para Lorde Leto. Sem

meio-termo. Mas já pensou nas consequências de seu casamento com Lorde Leto?

— Quer dizer as dúvidas que tal ato levantará quanto à sua divindade?

— Alguns vão acreditar nas histórias dos Tleilaxu.

Hwi apenas sorriu.

“Maldição!”, pensou Anteac. “Como foi que perdemos essa garota?”

— Ele está mudando a estrutura de sua religião — acusou Anteac. — Claro que é isso.

— Não cometa o engano de julgar os outros a partir de si mesma — disse Hwi e, quando Anteac começou a retrucar, ela acrescentou: — Mas não vim aqui para discutir com você a respeito do Senhor.

— Não, é claro que não.

— Lorde Leto ordenou-me que lhe revelasse, com todos os detalhes de minha memória, a respeito do lugar onde nasci e fui criada.

Enquanto refletia sobre as palavras de Hwi, Anteac olhou para o quadrado preto em seu colo. Hwi passara a contar os detalhes que o seu Senhor (e agora noivo!) lhe havia ordenado, detalhes que teriam sido tediosos, às vezes, se não fossem as habilidades Mentat de Anteac para a absorção de dados.

Anteac sacudiu a cabeça ao considerar o que deveria ser relatado às suas Irmãs na Sede da Irmandade. Elas já estariam estudando a importância de suas palavras anteriores. Uma máquina capaz de ocultar a si mesma e seu conteúdo até mesmo da penetrante presciência do Imperador-Deus? Seria possível tal coisa? Ou seria apenas um tipo diferente de teste, um teste da sinceridade Bene Gesserit contra a de Lorde Leto? Mas e agora? Se ele já não soubesse da gênese dessa enigmática Hwi Noree...

Esse novo desenvolvimento reforçava os resultados da computação Mentat de Anteac quanto às razões pelas quais fora escolhida para essa missão em Ix. O Imperador-Deus não confiava esse conhecimento às suas Oradoras Peixes. Não queria que elas suspeitassem de uma fraqueza da parte de seu Senhor!

Ou seria mesmo tão óbvio quanto parecia? Engrenagens dentro de engrenagens — esse era o estilo de Lorde Leto.

Novamente Anteac sacudiu a cabeça. Curvou-se e reiniciou seu relatório para a Irmandade, deixando de mencionar a revelação de que o Imperador-Deus escolhera uma noiva.

Elas iriam descobrir logo. Enquanto isso, a própria Anteac consideraria as implicações.

33

Se você conhece todos os seus ancestrais, então se torna uma testemunha pessoal dos eventos que criaram os mitos e as religiões do nosso passado. Reconhecendo isso, deve reconhecer-me como um criador de mitos.

— Os diários roubados

A primeira explosão aconteceu exatamente quando a escuridão da noite envolveu a cidade de Onn. A detonação pegou alguns farristas ousados, que passavam diante da Embaixada Ixiana, a caminho de uma festa onde (pelo que fora prometido) alguns Dançarmos Faciais representariam um antigo drama a respeito de um rei que matara seus filhos. Depois dos acontecimentos violentos dos primeiros quatro dias de Festival, essas pessoas precisariam de alguma coragem para emergirem da segurança relativa de seus alojamentos. Histórias de mortes e ferimentos em testemunhas inocentes circulavam através da Cidade — e aqui novamente — mais munição para os cautelosos.

Nenhuma das vítimas e sobreviventes teria apreciado a observação de Leto de que as testemunhas inocentes estavam em escassez.

Os sentidos aguçados de Leto detectaram a explosão e a localizaram. Numa fúria instantânea, da qual depois se arrependeria, ele gritou para as suas Oradoras Peixes e lhes ordenou que “exterminassem os Dançarmos Faciais”, até mesmo aqueles que poupara anteriormente.

Numa reflexão imediata, essa sensação de fúria fascinou Leto. Fazia tanto tempo desde a última vez em que ele sentira uma raiva moderada. Frustração, irritação — esses tinham sido seus limites. Mas agora, com uma ameaça a Hwi Noree, a fúria!

Essa reflexão fez com que ele modificasse a ordem inicial, mas não antes de algumas Oradoras Peixes já terem saído correndo de sua Real Presença, seus mais violentos desejos liberados pelo que tinham visto em seu Senhor.

— Deus está furioso! — algumas delas gritavam.

A segunda explosão pegou algumas Oradoras Peixes entrando na praça, limitando a transmissão da nova ordem de Leto e provocando mais violência. A terceira explosão, perto da primeira, fez com que o próprio Leto entrasse em ação. Ele propeliu sua carreta como um jaganata enlouquecido, saindo de sua

câmara de repouso e entrando no elevador Ixiano, de onde emergiu na superfície.

Saiu na extremidade da praça, encontrando uma cena de caos iluminada por milhares de globos luminosos flutuando livres no ar, liberados por suas Oradoras Peixes. O palco central da praça fora despedaçado, ficando intacta somente a base de plasteel por baixo da superfície pavimentada. Pedaços quebrados de alvenaria espalhavam-se pelo chão, misturados com os mortos e feridos.

Na direção da Embaixada Ixiana, bem do outro lado da praça, havia um combate violento.

— Onde está o meu Duncan? — gritou Leto.

Uma bashar da guarda veio correndo através da praça para se colocar ao seu lado, onde ela relatou, enquanto respirava, ofegante:

— Nós o levamos para a Cidadela, Senhor!

— Que está acontecendo por lá? — perguntou Leto, apontando para a batalha diante da Embaixada Ixiana.

— Os rebeldes e os Tleilaxu estão atacando a Embaixada Ixiana, Senhor. Eles têm explosivos.

Enquanto ela falava, outra detonação ocorreu diante da fachada despedaçada da Embaixada. Leto viu corpos contorcendo-se no ar enquanto voavam para fora num arco para caírem no perímetro de um clarão brilhante que deixou uma pós-imagem laranja cheia de pontos pretos.

Sem pensar nas consequências, Leto fez sua carreta flutuar nos suspensores e a lançou como uma bala através da praça — uma massa em disparada que sugava globos luminosos em sua esteira. Na extremidade da área de luta, ele saltou sobre suas defensoras e mergulhou no flanco dos atacantes, só então percebendo as armas laser que lançavam lívidos arcos azuis em sua direção. Sentiu a carreta golpeando carne, espalhando corpos à sua volta.

A carreta o despejou diretamente em frente da Embaixada, rolando-o sobre uma superfície dura enquanto ele atingia os destroços. Ele sentiu os raios laser comicharem em seu corpo anelado, depois uma onda de calor interior, seguida por um sopro de oxigênio escapando de sua cauda. O instinto o fez mergulhar o rosto profundamente no capuz de truta de areia e dobrar os braços nas profundezas protetoras de seu segmento frontal. O corpo de verme assumiu o controle, contorcendo-se e golpeando, rolando como uma roda louca, chicoteando para todos os lados.

O sangue lubrificou a superfície da rua. Sangue que era água para o seu corpo, mas a morte liberava essa água. Seu corpo chicoteando escorregou e deslizou nela, a água produzindo fumaça azulada de cada junta de flexão, onde ela penetrava através da pele de truta da areia. Isso o enchia de uma agonia da

água que provocava mais violência da parte do grande corpo.

Ao primeiro ataque de Leto, o perímetro de Oradoras Peixes recuou. Uma bashar alerta viu a oportunidade agora apresentada e gritou acima do ruído da luta:

— Peguem os desgarrados!

As fileiras de mulheres guardiãs avançaram.

Houve uma luta sangrenta por alguns minutos, lâminas golpeando à luz implacável dos globos luminosos, a dança dos arcos de armas lazer, e mesmo mãos que golpeavam e dedos que mergulhavam em carne vulnerável. As Oradoras Peixes não deixaram sobreviventes.

Leto rolou para fora da massa sangrenta que restara diante da Embaixada, quase incapaz de pensar ante as ondas de agonia provocadas pela água. O ar à sua volta estava carregado de oxigênio, e isso lhe ajudava os sentidos humanos. Chamou sua carreta e ela flutuou em direção a ele, inclinando-se perigosamente sobre os suspensores danificados. Lentamente, ele coleou para cima da carreta inclinada e enviou o comando mental de retornar aos seus alojamentos debaixo da praça.

Muito tempo atrás ele se havia preparado para a eventualidade de sofrer danos causados por água — uma sala onde descargas de ar seco, superaquecido, limpariam seu corpo e o restaurariam. Areia seria melhor, mas não havia lugar dentro dos limites de Onn para a necessária extensão de areia sobre a qual ele pudesse aquecer-se e raspar seu corpo até a sua pureza normal.

No elevador, pensou em Hwi e enviou uma mensagem para que ela fosse trazida a ele imediatamente.

“Se ela sobreviveu.”

Não tinha tempo agora para realizar a busca presciente, só podia ter esperanças, enquanto seu corpo, humano e pré-verme, ansiava pelo calor purificante.

Uma vez na sala de limpeza, pensou em reafirmar sua ordem alterada. — “Poupem alguns Dançarmos Faciais!” Mas a essa altura as Oradoras Peixes enlouquecidas estariam se espalhando pela Cidade, e ele não tinha forças para fazer a varredura presciente que teria enviado suas mensageiras aos locais de encontro adequados.

Quando ele saía da sala de limpeza, uma capitã da Guarda lhe trouxe a notícia de que Hwi Noree, embora levemente ferida, estava em segurança e seria trazida à sua presença assim que a comandante local julgasse prudente.

No ato, Leto promoveu a capitã da Guarda a sub-bashar. Era uma criatura pesada, do tipo Nayla, mas sem o rosto quadrado desta — tinha feições mais arredondadas, mais próximas dos antigos padrões. Ela estremeceu no calor da

aprovação por seu Senhor e, quando este lhe disse que retornasse para “deixar duplamente certo” que nenhum dano ocorresse a Hwi, ela se virou e saiu em disparada.

“Nem mesmo lhe perguntei o nome”, pensou Leto, enquanto rolava para cima de uma nova carreta, na depressão de sua pequena sala de audiências. Gastou alguns minutos de reflexão para lembrar o nome da nova sub-bashar — Kieuemo. A promoção teria de ser confirmada. Anotou mentalmente para fazer isso em pessoa, depois. As Oradoras Peixes, todas elas, teriam de aprender imediatamente o quanto ele valorizava Hwi Noree. Não que houvesse muita dúvida quanto a isso depois dessa noite.

Então realizou sua varredura presciente e enviou mensageiras para as Oradores Peixes na Cidade. Mas o dano já fora feito — corpos espalhados por toda Onn, alguns de Dançarmos Faciais, outros de gente apenas suspeita de o ser.

“E muitos me viram matar”, pensou ele.

Enquanto esperava pela chegada de Hwi, reviu o que acabara de acontecer. Esse não fora um típico ataque dos Tleilaxu, mas o ataque anterior, na estrada para Onn, encaixava-se num novo padrão, todo ele apontando para uma única mente com um propósito letal.

“Eu poderia ter morrido lá fora”, pensou.

Isso começava a explicar por que não tinha previsto esse ataque, mas ainda havia uma razão mais profunda... Leto podia ver essa razão emergindo em sua consciência, uma soma de todos os indícios. Que ser humano conhecia melhor o Imperador-Deus? Que ser humano possuía um lugar secreto de onde conspirar?

“Malky!”

Leto chamou uma guarda e pediu que perguntasse se a Reverenda Madre Anteac já deixara Arrakis. A guarda retornou num instante para relatar:

— Anteac ainda se encontra em seu alojamento. A Comandante da Guarda de Oradoras Peixes diz que não foram atacadas lá.

— Leve esta mensagem para Anteac — disse Leto. — Pergunte-lhe se agora compreende por que coloquei sua delegação em alojamentos tão afastados de mim. Diga-lhe que, enquanto estiver em Ix, deve tentar localizar Malky. Deve relatar sua localização à nossa guarnição em Ix.

— Malky, o antigo Embaixador Ixiano?

— Ele mesmo. Ele não deve continuar vivo e livre. Você deverá informar a comandante de nossa guarnição em Ix para que trabalhe em conjunto com Anteac, dando-lhe toda a assistência de que ela necessitar. Malky deve ser trazido a mim ou executado — o que for julgado necessário por sua comandante.

A mensageira-guarda assentiu, sombras projetando-se em seu rosto no

lugar onde se colocara, ante o anel de luz iluminando o rosto de Leto. Ela não pediu uma repetição das ordens. Cada uma das guardas que trabalhavam mais junto dele havia sido treinada como gravador humano. Elas repetiriam exatamente as palavras de Leto, com as entonações originais, e nunca esqueceriam aquilo que o tinham ouvido dizer.

Assim que a mensageira saiu, Leto enviou um sinal particular de indagação e, dentro de segundos, teve uma resposta de Nayla. O engenho Ixiano dentro de sua carreta reproduzia uma versão não identificável da voz dela, um recital metálico, unicamente para seus ouvidos.

Sim, Siona estava na Cidadela. Não, Siona não havia contactado seus companheiros rebeldes. “Não, ela ainda não sabe que estou aqui observando-a.” O ataque à Embaixada? Aquilo fora feito por um grupo dissidente chamado “Elemento de Contato Tleilaxu”.

Leto suspirou mentalmente. Os rebeldes sempre davam a seus grupos rótulos tão pretensiosos.

— Algum sobrevivente? — ele perguntou.

— Não há sobreviventes conhecidos.

Leto achou divertido que, embora a voz metálica não fornecesse os tons emocionais, sua memória os suprisse.

— Você fará contato com Siona — instruiu ele. — Revele a ela que você é uma Oradora Peixe. Diga-lhe que não revelou isso anteriormente por saber que ela não confiaria em você e porque temia ser denunciada, já que você é solitária, entre as Oradoras Peixes, em sua fidelidade a Siona. Reafirme-lhe seu juramento de lealdade. Diga-lhe que você jura “por tudo que lhe é sagrado” que obedecerá Siona em tudo o que ela lhe ordenar. Se ela o ordenar, você o fará. E tudo isso é verdade, como você bem o sabe.

— Sim, senhor.

A memória forneceu a fanática ênfase na resposta de Nayla. Ela obedeceria.

— Se for possível, arranje uma oportunidade para que Siona e Duncan Idaho se encontrem a sós — ele disse.

— Sim, Senhor.

“Deixe que a afinidade desempenhe seu papel”, pensou ele.

Interrompeu o contato com Nayla, pensou por um momento e então mandou chamar a comandante de suas forças na praça. A bashar chegou daí a pouco, o uniforme escuro manchado e poeirento, a presença de sangue ainda em suas botas. Era uma mulher alta e magra, com linhas de envelhecimento no rosto que lhe davam feições aquilinas e um ar de poderosa dignidade. Leto lembrou seu nome de tropa, Iylyo, que significava “Confiável” no antigo idioma Fremen.

Mas a chamou pelo nome materno, Nyshae, Filha de Shae, que estabeleceu o tom de sutil intimidade desse encontro.

— Repouse em uma almofada, Nyshae — ele disse. — Você trabalhou duro.

— Obrigada, Senhor.

Sentou-se na almofada vermelha que Hwi usara. Leto notou as marcas de fadiga em torno da boca de Nyshae, mas os olhos dela permaneciam alertas. Ela olhou para ele, ávida por ouvir suas palavras.

— Tudo está tranquilo na minha Cidade, uma vez mais — ele disse, sem dar o tom de pergunta e deixando a interpretação para Nyshae.

— Tranquilo mas não bom, Senhor.

Ele olhou para o sangue nas botas dela.

— E quanto à rua em frente à Embaixada Ixiana?

— Está sendo limpa, Senhor. Os consertos já estão sendo providenciados.

— E a praça?

— Pela manhã, estará como sempre esteve.

O olhar dela permanecia firme em seu rosto. Ambos sabiam que ele ainda não chegara ao motivo dessa entrevista. Todavia, Leto agora identificava uma coisa assomando na expressão de Nyshae.

“Orgulho de seu Senhor!”

Pela primeira vez ela vira o Imperador-Deus matar. E a semente de uma terrível dependência fora plantada. “Se o desastre nos ameaçar, meu Senhor virá.” Era assim que aquilo parecia aos olhos dela. Não mais agiria em completa independência, recebendo seu poder do Imperador-Deus e sendo pessoalmente responsável pelo uso desse poder. Havia algo de possessivo na expressão dela. Uma terrível máquina mortífera esperava ali, esperando que ele chamasse.

Leto não apreciava o que estava vendo, mas o dano já fora causado. Qualquer remédio agora exigiria pressões lentas e sutis.

— De onde os atacantes conseguiram pistolas laser? — indagou ele.

— De nossos próprios depósitos, Senhor. A guarda do Arsenal foi substituída.

“Substituída.” Esse era um eufemismo que possuía certa adequação. As Oradoras Peixes caídas em desgraça eram isoladas e reservadas para o momento em que Leto encontrasse um problema que exigisse a ação de Comandos Suicidas. Elas morreriam felizes, é claro, acreditando que assim expiavam seus pecados. E mesmo o rumor de que essas desesperadas tinham sido enviadas já era suficiente para acalmar os distúrbios.

— O arsenal foi invadido por meio de explosivos? — ele perguntou.

— Explosivos e roubo, Senhor. A Guarda do Arsenal descuidou-se.

— E a fonte dos explosivos?

Parte da fadiga de Nyshae era visível na maneira como ela encolheu os ombros.

Leto só pôde concordar. Sabia que poderia pesquisar e identificar essas fontes, mas isso serviria para muito pouca coisa. Pessoas decididas sempre podiam achar ingredientes para confeccionar explosivos caseiros — coisas comuns como açúcar e alvejantes, fertilizantes e óleo inocentes, plásticos, solventes e extratos da sujeira debaixo de uma pilha de estrume. A lista era virtualmente interminável, crescendo com cada acréscimo ao conhecimento e à experiência humanos. Até mesmo em uma sociedade como aquela que ele havia criado, a qual tentava limitar a adoção de tecnologia e de novas idéias, não havia esperança real de eliminar completamente as armas pequenas que fossem perigosamente violentas. A idéia de controlar tais coisas era uma quimera, um mito perigoso e perturbador. A chave era limitar o desejo da violência. E nesse aspecto essa noite fora um desastre.

“Tanta injustiça nova”, ele pensou.

Como se tivesse ouvido seu pensamento, Nyshae suspirou.

“E claro. As Oradoras Peixes eram treinadas desde a infância para evitarem a injustiça, sempre que possível.”

— Devemos procurar os sobreviventes entre a população — disse ele. — Cuidar para que suas necessidades sejam atendidas. Eles devem ser levados à conscientização de que os Tleilaxu foram os culpados.

Nyshae assentiu com a cabeça. Não havia alcançado o posto de bashar permanecendo ignorante quanto à instrução básica. Por enquanto ela acreditava naquilo. Apenas por ouvir Leto dizer, acreditava na culpa dos Tleilaxu. E havia um sentido prático no seu entendimento. Sabia por que eles não tinham massacrado todos os Tleilaxu.

“Não se devem eliminar todos os bodes expiatórios.”

— E devemos fornecer algum tipo de diversionismo — disse

Leto. — Felizmente, pode haver um bem ao nosso alcance.

Mandarei chamá-la assim que acabar de conferenciar com Lady

Hwi Noree.

— A Embaixadora Ixiana, Senhor? Ela não está implicada na...

— Ela é totalmente inocente — disse ele.

Viu a crença no que dissera estabelecer-se nas feições de Nyshae, uma cobertura de plástico que podia prender-lhe a mandíbula e vidrar-lhe os olhos. “Até mesmo Nyshae.” Ele sabia as razões por que as tinha criado, mas algumas vezes se sentia um pouco assombrado com as suas criaturas.

— Ouço Lady Hwi chegando à minha ante-sala. Mande-a entrar quando

você sair. E, Nyshae.

Ela já estava de pé, mas esperou em paciente silêncio.

— Esta noite promovi Kieuemo a sub-bashar — ele disse.

— Cuide para que isso se torne oficial. Quanto a você, estou muito satisfeito. Peça e receberá.

Ele viu essa fórmula lançar uma onda de prazer através de Nyshae, mas esta se controlou imediatamente, mostrando uma vez mais seu valor para ele.

— Vou testar Kieuemo, Senhor — ela disse. — Se mostrar-se apta, poderei tirar férias. Há muitos anos não vejo minha família em Salusa Secundus.

— Quando quiser.

E ele pensou: "Salusa Secundus. E claro!"

A referência às origens de Nyshae lembrou-lhe a quem ela se assemelhava: "Harq al-Ada. Ela tem o sangue dos Corrino. Somos parentes mais próximos do que eu pensava."

— Meu Senhor é generoso — disse ela.

Saiu, então, com uma nova elasticidade em seu andar. Ele ouviu a voz dela na ante-sala:

— Lady Hwi, nosso Senhor irá vê-la agora.

Hwi entrou, iluminada por trás e por um momento emoldurada pelo arco da porta, com passo hesitante, até que seus olhos se ajustaram à iluminação da câmara interior. E ela veio como uma mariposa atraída pelo brilho em torno do rosto de Leto, afastando o olhar apenas para buscar sinais de ferimentos ao longo do corpo mergulhado nas sombras. Ele sabia que não havia sinal visível, mas ainda lhe restavam dores e tremores internos.

Os olhos de Leto detectaram um coxear quase imperceptível, Hwi apoiando-se mais na perna direita, embora um longo vestido de cor verde-jade escondesse o ferimento. Ela parou na beira do declive que abrigava a carreta, olhando diretamente para os olhos dele.

— Disseram que você tinha sido ferida, Hwi. Está sofrendo?

— Um corte na perna abaixo do joelho, Senhor. Um pequeno pedaço de alvenaria arremessado pela explosão. Suas Oradoras Peixes o trataram com uma pomada que tirou a dor. Senhor, temi por sua segurança.

— E eu temi por você, gentil Hwi.

— Exceto quanto à primeira explosão, eu não corri perigo, Senhor. Elas me carregaram para uma sala subterrânea bem no fundo, embaixo da Embaixada.

"Ela não viu o que fiz", pensou ele. "Posso ser grato por isso."

— Mandei chamá-la para pedir seu perdão — ele disse.

Ela sentou-se sobre a almofada dourada.

— Que há para ser perdoado, Senhor? O Senhor não á a razão de...

— Estou sendo testado, Hwi.

— O Senhor?

— Existem aqueles que desejam saber até onde vai minha preocupação com a sua segurança, Hwi Noree.

Ela apontou para cima.

— Aquilo... foi por minha causa?

— Por nossa causa.

— Oh, mas quem...

— Você concordou em se casar comigo, Hwi, e eu...

Ergueu a mão para silenciá-la quando ela começou a falar.

— Anteac contou-nos o que você lhe revelou, mas isso não se originou em Anteac.

— Então, quem é...

— O quem não é importante. Mas á importante que você reconsidere. Devo dar-lhe a oportunidade de mudar de opinião.

Ela abaixou seu olhar.

"Como são suaves as suas feições", ele pensou.

Era-lhe possível criar, apenas na imaginação, a experiência de toda uma vida humana partilhada com Hwi. Havia exemplos suficientes em seu acervo de memórias sobre os quais poderia construir a fantasia de uma vida conjugal. Podia recolher nuanças ao seu capricho — pequenos detalhes de uma experiência mútua, um toque, um beijo, todo aquele doce partilhar do qual se ergue uma coisa de beleza quase dolorosa. Algo que doía nele com uma dor mais profunda que as lembranças físicas de sua violência na Embaixada.

Hwi ergueu o queixo e olhou dentro dos olhos dele. Ele viu uma ânsia apaixonada de ajudá-lo.

— De que outro modo eu poderia servi-lo, Senhor.

Ele se relembrou de que ela ainda era um primata, algo que ele não era mais, não de todo. As diferenças tornavam-se mais profundas a cada minuto.

A dor permanecia dentro dele.

Hwi era uma realidade inescapável, uma coisa tão fundamental que nenhuma palavra poderia expressá-la. A dor dentro dele quase ultrapassava sua capacidade de suportá-la.

— Eu a amo, Hwi. Eu a amo como um homem ama uma mulher... Mas não pode ser. Nunca.

Lágrimas fluíram dos olhos dela.

Devo partir? Devo retornar a Ix?

— Eles só iriam magoá-la, tentando descobrir o que saiu errado em seu

plano.

“Ela viu a minha dor”, pensou ele. “Ela conhece a frustração e a futilidade. Que irá fazer? Não vai mentir. Não irá dizer que corresponderá ao meu amor como uma mulher em relação a um homem. Conhece a inutilidade. E conhece também seus próprios sentimentos em relação a mim: compaixão, admiração, uma curiosidade que ignora o medo.”

— Então ficarei — disse ela. — Desfrutaremos de tanto prazer quando pudermos obter do fato de simplesmente estarmos juntos. Creio que isto é o melhor que podemos fazer. E se significa que devemos nos casar, então que assim seja.

— Devo então partilhar com você um conhecimento que nunca dividi com outra pessoa. Eu lhe darei um poder sobre mim que...

— Não faça isso, Senhor! E se alguém me forçar a...

— Você nunca mais deixará o meu lar. Meus alojamentos aqui na Cidadela, os lugares seguros do Sareer — este será seu lar.

— Como quiser.

“Como é suave e franca a sua calma aceitação”, pensou Leto. A dor pulsante dentro dele havia se acalmado. Isso em si era um perigo para ele e para o Caminho Dourado.

“Como são espertos os Ixianos!”

Malky notara como os todo-poderosos eram forçados a enfrentar um constante canto da sereia: a atração do autodeleite.

“A constante consciência do poder exercido aos seus menores caprichos.”

Hwi tomou esse silêncio como sinal de incerteza.

— Nós nos casaremos, Senhor?

— Sim.

— Alguma coisa deve ser feita quanto às histórias dos Tleilaxu que...

— Nada.

Ela olhou para ele relembrando a conversa anterior. “As sementes da dissolução já foram plantadas.”

— Temo, Senhor, que eu possa enfraquecê-lo — ela disse.

— Então deve encontrar meios de me fortalecer.

— Como pode fortalecê-lo o fato de diminuirmos a crença no Deus Leto?

Ele pôde notar um sinal de Malky na voz dela, aquele jeito de pesar as coisas que o tornara tão revoltantemente charmoso. “Jamais escapamos aos professores da nossa infância.”

— Sua pergunta pede uma resposta — disse ele. — Muitos continuarão a me adorar de acordo com os meus planos. Outros vão acreditar nas mentiras.

— Senhor... pediria que eu mentisse pelo Senhor?

— É claro que não. Mas lhe peço que fique em silêncio quando poderia falar.

— Mas se eles insultarem.

— Você não protestará.

Uma vez mais as lágrimas rolaram no rosto dela. Leto ansiava por tocá-las, mas elas eram água... dolorosa água.

— Deve ser feito desse modo — concluiu ele.

— Explicará para mim, Senhor?

— Quando eu não mais existir, eles me chamarão de Shaitan, o Imperador de Gehenna. A roda deve girar e girar ao longo do Caminho Dourado.

— Senhor, não seria possível que a ira fosse dirigida apenas contra mim? Eu na....

— Não! Os Ixianos fizeram-na muito mais perfeita do que pensaram. Verdadeiramente a amo. Não posso evitá-lo.

— Não desejo causar-lhe dor! — As palavras pareciam arrancadas com aflição de dentro dela.

— O que está feito está feito. Não vamos chorar.

— Ajude-me a compreender.

— O ódio que vai desabrochar quando eu tiver partido, esse também se apagará num inevitável passado. Um longo tempo vai passar. E então, num futuro muito distante, meus diários serão encontrados.

— Diários? — Ela pareceu chocada com a aparente mudança do assunto.

— Minhas crônicas sobre a minha época. Meus argumentos, minhas justificativas. Existem cópias, e fragmentos dispersos vão sobreviver, alguns numa forma distorcida, mas os diários originais estarão esperando, esperando e esperando. Eu os escondi muito bem.

— E quando forem descobertos?

— As pessoas então saberão que fui uma coisa bem diferente do que elas supunham.

A voz dela saiu num trêmulo sussurro:

— Eu já sei o que elas vão aprender.

— Sim, minha querida Hwi. Creio que você sabe.

— O senhor não é nem deus, nem diabo, mas uma coisa nunca vista antes e que nunca mais será vista outra vez, pois sua presença elimina tal necessidade.

Ela enxugou as lágrimas do rosto, passando a mão sobre elas.

— Hwi, você compreende como é perigosa?

O alarme mostrou-se em sua expressão, na tensão de seus braços.

— Você tem as marcas de uma santa. E pode compreender como é doloroso encontrar uma santa no lugar errado, na época errada?

Ela sacudiu a cabeça.

— As pessoas precisam ser preparadas para os santos — continuou ele. — De outro modo elas simplesmente se tornam suplicantes, seguidores e mendigos, adoradores enfraquecidos, para sempre abrigados à sombra do seu santo. Elas são destruídas por isso, pois isso produz apenas a fraqueza.

Depois de alguns momentos de meditação, ela assentiu, e então perguntou:

— E existirão santos depois que tiver partido?

— Esse é o propósito do meu Caminho Dourado.

— A filha de Moneo, Siona, será.

— Por enquanto é apenas uma rebelde. Quanto à santidade, deixaremos que ela decida. Talvez faça apenas aquilo para o que foi gerada.

— E o que é, Senhor?

— Pare de me chamar de Senhor — disse ele. — Seremos o Verme e sua esposa. Chame-me de Leto se preferir. Senhor atrapalha.

— Sim L... Leto. Mas o que é...

— Siona foi criada para governar. Existe perigo em tal coisa. Quando você governa, adquire o conhecimento do poder. Isso pode levar a uma impetuosa irresponsabilidade, a dolorosos excessos que podem gerar um terrível destruidor — o hedonismo desenfreado.

— Siona iria.

— Tudo que sabemos a respeito de Siona é que ela pode permanecer dedicada a esse desempenho particular, ao padrão que preenche seus sentidos. Ela é necessariamente uma aristocrata, mas a aristocracia se volta principalmente para o passado. Essa é a falha. Você não enxerga muita coisa de qualquer caminho, a menos que seja como Janus, olhando simultaneamente para trás e para a frente.

— Janus? Oh, sim, o deus com dois rostos opostos. — Ela umedeceu os lábios com a língua. — E você é Janus, Leto?

— Eu sou Janus aumentado 1 bilhão de vezes. Mas sou também algo inferior. Tenho sido, por exemplo, aquilo que meus administradores mais admiram: um responsável por decisões que podem ser levadas a cabo.

— Mas se os decepcionar.

— Eles se voltarão contra mim, é verdade.

— Siona irá substitui-lo se.

— Ah, que enorme se! Você observa que Siona ameaça minha pessoa. Mas ela não ameaça o Caminho Dourado. Existe também o fato de que minhas Oradoras Peixes possuem certa ligação com o Duncan.

— Siona parece... tão jovem.

— E eu sou seu figurão favorito. O impostor que mantém o poder sob falsas afirmações, jamais consultando os desejos do seu povo.

— Eu não poderia falar com ela e...

— Não! Nunca tente persuadir Siona a coisa alguma. Prometa-me isso, Hwi.

— É claro, se me pede, mas eu...

— Todos os deuses têm esse problema, Hwi. Na percepção das necessidades mais profundas, devo frequentemente ignorar as mais imediatas. E não responder às necessidades imediatas é uma ofensa aos jovens.

— Não poderia argumentar com ela e...

— Nunca tente argumentar com pessoas que sabem que estão certas!

— Mas quando sabe que elas estão erradas...

— Acredita em mim?

— Sim.

— E se alguém tentasse convencê-la de que sou o maior mal de todos os tempos...

— Eu ficaria furiosa. Eu iria... — Ela se interrompeu.

— A razão só é valiosa — ele disse — quando atua sobre o panorama físico, não-verbal, do universo.

Hwi franziu a testa, pensando. Fascinava Leto sentir-lhe o despertar da consciência.

— Ahhh — suspirou ela.

— Nenhuma criatura racional jamais será capaz de negar novamente a experiência de Leto — disse ele. — Vejo sua compreensão despertando. Despertar! É em torno disso que gira toda a vida!

Ela assentiu com a cabeça.

“Sem discussão”, pensou ele. “Quando percebe a trilha, ela a segue para descobrir aonde conduz.”

— Enquanto houver vida, cada fim é um início. Eu vou salvar a humanidade até de si mesma.

Novamente ela assentiu. A trilha ainda conduzia para a frente.

— É por isso que, na perpetuação da humanidade, nenhuma morte pode ser um completo fracasso. É por isso que o nascimento nos toca tão profundamente. E por isso que a morte mais trágica é a morte de um jovem.

— E Ix ainda lhe ameaça o Caminho Dourado. Sempre soube que eles conspiravam para realizar alguma coisa maligna.

“Eles conspiram. Hwi não percebe a mensagem sub-reptícia em suas próprias palavras. Não tem necessidade de ouvi-la.”

Ele olhou para ela cheio de admiração. Hwi possuía uma forma de

honestidade que para alguns poderia parecer ingênua, mas que Leto reconhecia como não sendo meramente inconsciente. A honestidade não era o seu núcleo, constituía a própria Hwi.

— Então vou mandar realizar uma exibição na praça amanhã — disse Leto. — Será uma exibição dos Dançarmos Faciais sobreviventes. Depois disso, nosso noivado será anunciado.

34

Que não reste dúvida de que eu sou uma reunião de meus ancestrais, uma arena na qual eles exercitam meus impulsos. Eles são minhas células e eu sou o corpo deles Esse é o favrashi através do qual eu falo, a alma, o inconsciente coletivo, a fonte dos arquétipos, o repositório de todo trauma e de toda alegria. E sou a escolha do seu despertar. Meu samhadi é o seu samhadi. Suas experiências são minhas. Seu conhecimento destilado é minha herança. Esses bilhões sou eu.

— Os diários roubados

A exibição dos Dançarmos Faciais ocupou quase duas horas do início da manhã e depois veio o anúncio que enviou ondas de choque através da Cidade Festival.

— Faz séculos desde a última vez que ele escolheu uma noiva!

— Mais de mil anos, minha cara.

O desfile das Oradoras Peixes fora breve. Elas o aplaudiram com entusiasmo, mas estavam perturbadas.

“Vocês são minhas únicas noivas”, ele dissera. Não era esse o significado de Siaynoq?

Leto achava que os Dançarmos Faciais haviam representado bem, a despeito de seu óbvio terror. Os trajes tinham sido encontrados nas profundezas de um museu Fremen — mantos negros com capuz, cinturões de corda branca e falcões verdes, de asas abertas, sobre as costas — uniformes dos sacerdotes itinerantes do Muad’Dib. Junto com esses trajes, os Dançarmos Faciais haviam assumido rostos sombrios, cheios de rugas, e executaram uma dança que contava como as legiões do Muad’Dib haviam espalhado a religião delas através do Império.

Hwi, usando um brilhante vestido prateado, com um colar de jade verde, sentara-se ao lado de Leto na Carreta Real durante todo o ritual. Uma única vez ela se inclinou para junto de seu rosto e perguntou:

— Isso não é uma paródia?

— Para mim, talvez.

— E os Dançarmos Faciais sabem disso?

— Suspeitam.

— Então não estão tão assustados quanto parecem.

— Oh, sim, estão assustados. Acontece apenas que eles são mais valentes do que a maioria das pessoas espera que sejam.

— A valentia pode ser tão tola — sussurrou ela.

— E vice-versa.

Ela lhe concedeu um olhar avaliador antes de retornar sua atenção para o espetáculo. Quase 200 Dançarmos Faciais haviam sobrevivido ilesos e todos eles tinham sido reunidos nessa dança. Os intrincados entrecruzamentos e posturas podiam fascinar a assistência. Era possível observá-los e, por algum tempo, esquecer os sangrentos acontecimentos anteriores a esse dia.

Leto lembrou-se disso ao se encontrar sozinho em sua pequena sala de reunião, pouco antes do meio-dia, quando Moneo chegou. Moneo vira a Reverenda Madre Anteac embarcar num transporte ligeiro da Corporação, conferenciara com a Comandante das Oradoras Peixes a respeito da violência da noite anterior e fizera um rápido vôo de ida e volta à Cidadela para se certificar de que Siona estava bem vigiada e não estivera implicada no ataque à Embaixada. Retornara a Onn logo após o anúncio do noivado, não tendo recebido qualquer aviso prévio.

Moneo estava furioso. Leto nunca o vira antes com tanta raiva. Ele entrou às pressas na sala e só parou a dois metros do rosto de Leto.

— Agora vão acreditar nas mentiras dos Tleilaxu! — disse ele.

Leto respondeu num tom amistoso.

— Como persiste essa exigência de que nossos deuses sejam perfeitos. Os gregos eram muito mais razoáveis quanto a essas coisas.

— Onde ela está? — ele quis saber. — Onde é que.

Hwi está repousando. Foi uma noite difícil e uma longa manhã. Quero que ela esteja bem descansada quando retornarmos à Cidadela, esta noite.

— Como foi que ela conseguiu isso?

— Realmente, Moneo! Será que você perdeu todo o senso de cautela?

Estou preocupado com o Senhor! Tem idéia do que eles dizendo na Cidade?

Estou inteiramente consciente dessas histórias.

— Que está fazendo?

— Sabe, Moneo, creio que apenas os velhos panteístas possuíam a idéia certa a respeito das divindades: fracos mortais sob um disfarce imortal.

Moneo ergueu ambos os braços para o céu.

— Eu vi a expressão no rosto deles! — Abaixou os braços.

— Isso terá se espalhado por todo o Império em duas semanas.

— Certamente levará mais tempo que isso.

— Se seus inimigos precisavam de uma coisa para uni-los.

— Desonrar o deus é uma antiga tradição humana, Moneo. Por que deveria eu ser uma exceção?

Moneo tentou falar, mas se descobriu incapaz de pronunciar uma palavra. Caminhou ao longo da borda do fosso que continha a carreta, depois caminhou de volta, reassumindo a posição diante do rosto de Leto e olhando furioso para a sua face.

— Se vou ajudá-lo, preciso de uma explicação. Por que fez isso?

— Emoções.

A boca de Moneo formou a palavra sem pronunciá-la.

— Elas vieram a mim quando eu pensava que já as tinha perdido para sempre — disse Leto. — E como são doces estes últimos goles de humanidade.

— Com Hwi? Mas certamente não pode...

— Memórias de emoções nunca são o suficiente, Moneo.

— Está me dizendo que se entrega a uma.

— Entrega? Certamente que não! Mas o tripé sobre o qual gira a Eternidade é composto pela carne, o pensamento e a emoção. Senti que estava reduzido à carne e ao pensamento.

— Ela fez algum tipo de bruxaria — acusou Moneo.

— E claro que fez, e como sou grato a ela por isso. Se negamos a necessidade do pensamento, Moneo, como alguns o fazem, perdemos o poder da reflexão; tornamo-nos incapazes de definir o que nossos sentidos relatam. Se negarmos a carne estaremos desgovernando o veículo que nos transporta. Mas, se negamos a emoção, perdemos todo o contato com o nosso universo interior.

E foram as emoções o que eu mais perdi.

— Eu insisto, Senhor, para que...

— Está me deixando zangado, Moneo. Essa é uma emoção.

Leto viu a fúria frustrada de Moneo esfriar, abafada como ferro quente mergulhado em água fria. Mas ainda restava nele um pouco de vapor.

— Não me preocupo por mim, Senhor. Minha preocupação écom o Senhor, e sabe disso.

Leto falou suavemente:

— E a sua emoção, Moneo, e eu a considero muito.

Moneo respirou fundo, trêmulo. Nunca tinha visto seu Imperador-Deus nesse estado de espírito, refletindo essa emoção. Leto parecia ao mesmo tempo exaltado e resignado, se Moneo o estava interpretando corretamente. Não se podia ter certeza.

— Isso é que faz a vida valer a pena — disse Leto. — O que faz a vida cálida e cheia de beleza. E isso que quero preservar, mesmo que me seja negado.

— Então, essa Hwi Noree.

— Ela me lembra de modo pungente o Jihad Butleriano. E a antítese de tudo que é mecânico e não humano. Como é singular, Moneo, que logo os Ixianos, dentre todos os povos, produzissem essa pessoa que incorpora tão perfeitamente as qualidades que eu mais aprecio.

Não compreendo sua referência ao Jihad Butleriano, Senhor. Máquinas que pensam não possuem lugar no...

— O alvo do Jihad eram as atitudes mecânicas, tanto quanto as próprias máquinas. Os seres humanos criaram aquelas máquinas para usurparem nosso senso de beleza, nossa necessária identidade, a partir da qual fazemos julgamentos vitais. Naturalmente, as máquinas foram destruídas.

— Senhor, ainda me ressinto do fato de dar boas-vindas a uma...

— Moneo! Hwi me tranquiliza meramente com sua presença. Pela primeira vez em séculos não me sinto solitário, a não ser quando ela está longe de mim. Se eu não precisasse de outra prova de emoção, essa serviria.

Moneo ficou em silêncio, obviamente sensibilizado pela evocação da solidão de Leto. Certamente podia compreender o que significava não poder partilhar as intimidadas do amor. Sua expressão revelava isso.

E, pela primeira vez em muito tempo, Leto notou o quanto Moneo estava envelhecido.

“Acontece tão repentinamente com eles”, pensou.

Isso deixou Leto profundamente consciente de o quanto se importava com Moneo.

“Eu não devia deixar que essas ligações emocionais acontecessem comigo, mas não posso evitar... principalmente agora que Hwi está aqui.”

— Eles vão rir do Senhor e fazer piadas obscenas — disse Moneo.

— Isso é bom.

— Como pode ser bom?

— E algo novo. Nossa tarefa sempre foi colocar o novo em equilíbrio e com ele modificar o comportamento, sem comprometer a sobrevivência.

— Mesmo assim, como pode gostar de uma coisa dessas?

— A invenção de obscenidades? Qual é o oposto da obscenidade?

Os olhos de Moneo arregalaram-se num súbito questionamento. Ele já vira a ação de muitas polaridades — uma coisa sendo conhecida pelo seu oposto.

“As coisas destacam-se contra um fundo que as define”, Leto pensou. “Certamente Moneo perceberá isso.”

— E muito perigoso — advertiu Moneo.

“O veredicto final do conservadorismo.”

Moneo não estava convencido. Um profundo suspiro o fez estremecer.

“Preciso me lembrar de que não devo afastar suas dúvidas”, pensou Leto. “Foi assim que falhei na praça, ante minhas Oradoras Peixes. Os Ixianos estão segurando a borda esfarrapada das dúvidas humanas. Hwi é uma evidência disso.”

Uma perturbação soou na ante-sala. Leto selou o portal contra qualquer intrusão impetuosa.

— Meu Duncan chegou — comentou ele.

— Provavelmente já ouviu sobre seus planos de casamento...

— Provavelmente.

Leto percebeu que Moneo lutava com suas dúvidas, seus pensamentos inteiramente transparentes. Naquele momento, Moneo se encaixava tão perfeitamente em seu nicho humano que Leto tinha vontade de abraçá-lo.

“Ele representa todas as variações: confiança e dúvida, amor e ódio... tudo! Todas as qualidades que são desfrutadas no calor de uma emoção, no desejo de se entregar à Vida.”

— Como é que Hwi está aceitando isso? — perguntou Moneo.

Leto sorriu. “Já que Moneo não pode duvidar de mim, tem que duvidar dos outros.”

— Admito que esta não é uma união convencional: ela é primata e eu não o sou mais inteiramente.

Novamente Moneo se debateu com todas as coisas que só podia sentir, mas não expressar.

Observando Moneo, Leto sentia o fluxo de uma consciência observacional, um processo de pensamento que ocorria tão raramente, mas como uma ampliação tão vivida, quando acontecia, que Leto nem se mexia para não causar a menor ondulação no fluxo.

“O primata pensa e, ao pensar, sobrevive. Debaixo desse pensamento existe uma coisa que vem com as células. E a corrente da preocupação humana para com a espécie: alguma coisa que eles disfarçam, prendem e escondem debaixo de barreiras espessas, mas eu já sensibilizei Moneo deliberadamente para essa atuação do seu eu mais interior. Ele me segue porque acredita que guardo o melhor caminho para a sobrevivência humana. Sabe que existe uma consciência celular. E o que descubro quando esquadrinho o Caminho Dourado. Isso é humanidade e nós dois concordamos: deve permanecer!”

— Onde, quando e como será conduzida essa cerimônia? perguntou Moneo.

Não por quê?, notou Leto. Moneo não mais buscava entender o porquê.

Retornara ao terreno seguro. Era o majordomo, o diretor da casa do Imperador-Deus, seu Primeiro-Ministro.

“Ele tem nomes, verbos, adjetivos e advérbios com os quais pode agir. As palavras trabalharão para ele ao seu modo habitual. Talvez Moneo jamais vislumbre o potencial transcendente de suas palavras, mas entende bem seus usos mundanos.”

— E quanto à minha pergunta? — insistiu Moneo.

Leto piscou para ele, pensando: “Eu, por outro lado, sinto que as palavras são mais úteis quando me descortinam um vislumbre de lugares atraentes e ainda não descobertos. Mas o uso das palavras é bem pouco compreendido por uma civilização que ainda acredita, sem questionar, num universo mecânico de causas e efeitos absolutos — obviamente redutíveis a uma única causa-raiz e a um efeito primário.”

— Como uma craca, o sofisma Ixiano-Tleilaxu se agarra aos negócios humanos.

— Senhor, perturba-me profundamente quando não presta atenção.

— Mas eu presto atenção, Moneo.

— Não em mim.

— Até mesmo em você.

— Sua atenção vagueia, Senhor. Não precisa ocultar isso de mim: Eu trairia a mim mesmo antes de trair o Senhor.

— Acha que estou sonhando acordado?[5]

— Sonhando o quê, Senhor? — Moneo nunca antes questionara essa palavra, mas agora.

Leto explicou a alusão, pensando: “Quão ancestral!” Os teares e lançadeiras funcionando na memória de Leto. “Pele de animal para trajes humanos... de caçador para pastor... os longos passos ao longo da escada rumo à consciência... e agora eles devem dar outro longo passo, maior ainda que os anteriores.”

— Está se deixando levar por pensamentos fúteis — acusou Moneo.

— Tenho tempo para pensamentos fúteis. Essa é uma das coisas mais interessantes a respeito da minha existência como multidão singular.

— Mas, Senhor, existem assuntos que exigem sua.

— Você ficaria surpreso com o que pode surgir a partir de pensamentos fúteis, Moneo. Nunca me importei de dedicar um dia inteiro a coisas com as quais um ser humano não gastaria nem um minuto. Por que não? Com minha expectativa de vida em torno de 4 mil anos, que é um dia a mais ou a menos?

Quanto tempo conta uma vida humana? Um milhão de minutos? Já vivi quase tantos dias quanto isso.

Moneo ficou imóvel, em silêncio, inferiorizado por essa comparação. Sentia sua própria vida reduzida a um cisco no olho de Leto. — E a fonte dessa alusão não lhe passou despercebida.

“Palavras... palavras... palavras...”, pensou Moneo.

— As palavras são quase sempre inúteis em assuntos do coração — disse Leto.

Moneo conteve sua respiração a um mínimo. “O Senhor pode ler pensamentos!”

— Através da nossa história — continuou Leto —, o uso mais poderoso das palavras tem sido o de enlaçar algum acontecimento transcendental, dando a esse acontecimento um lugar nos registros aceitos, explicando esse acontecimento de tal modo que possamos mais tarde usar tais palavras e dizer: “Era isso que significava.”

Moneo sentiu-se derrotado por essas palavras, terrificado pelas coisas implícitas que elas podiam fazê-lo pensar.

— E assim que os acontecimentos se perdem na história concluiu Leto.

Depois de um longo silêncio, Moneo arriscou:

— Não respondeu a minha pergunta, Senhor. E o casamento?

“Como ele parece cansado”, pensou Leto. “Totalmente derrotado.”

Falou rapidamente:

— Nunca precisei tanto de seus serviços. O casamento deve ser realizado com o maior cuidado. Necessito da precisão de que só você é capaz.

— Onde, Senhor?

“Um pouco mais de vida na voz dele.”

— Na Vila de Tabur, no Sareer.

— Quando?

— Deixo a data por sua conta. Avise quando todas as coisas estiverem prontas.

— E quanto à cerimônia em si?

— Você a conduzirá.

— Vai precisar de assistentes, Senhor? Artefatos de algum tipo?

— Os paramentos do ritual?

— Alguma coisa que eu possa não...

— Não vamos precisar de muita coisa para a nossa pequena charada.

— Senhor! Eu lhe suplico! Por favor...

— Você se colocará ao lado da noiva e a entregará no casamento. Usaremos o ritual dos Antigos Fremen.

— Vai precisar de anéis de água, então.
— Sim! Vou usar os anéis de água de Ghani.
— E quem comparecerá à cerimônia, Senhor?
— Somente uma guarda de Oradoras Peixes e a aristocracia.
Moneo olhou para o rosto de Leto.
— O que... o que meu Senhor chama de aristocracia?
— Você, sua família, o séquito da casa, os cortesãos da Cidadela.
— Minha fam... — Moneo engoliu em seco. — Está incluindo Siona?
— Se ela sobreviver ao teste.
— Mas...
— Ela não pertence à família?
— E claro, Senhor. Ela é uma Atreides e...
— Então inclua Siona!
Moneo tirou de dentro do bolso um minúsculo memogravador, artefato Ixiano preto e desprovido de detalhes, cuja própria existência feria as prescrições do Jihad Butleriano. Um suave sorriso tocou os lábios de Leto. Moneo conhecia seus deveres e iria executá-los.
O clamor de Duncan Idaho, do lado de fora do portal, tornou-se mais estridente, mas Moneo ignorou esse som.
“Moneo conhece o preço dos seus privilégios”, pensou Leto. “E outro tipo de casamento — o casamento entre o privilégio e o dever. E a explicação do aristocrata e sua desculpa.”
Moneo terminou de tomar suas notas.
— Alguns detalhes, Senhor — disse Moneo. — Haverá algum traje especial para Hwi?
— O traje destilador e o manto de uma noiva Fremen, os autênticos.
— Jóias ou outras quinquilharias?
O olhar de Leto fixou-se nos dedos de Moneo, os dedos arranhando o minúsculo gravador, e viu ali a dissolução.
“Liderança, coragem, senso de conhecimento e de ordem Moneo possui tudo isso em abundância. Eles o cercam como uma aura sagrada, mas ocultam de todos os olhos, exceto dos meus, a podridão que o devora por dentro. E inevitável. E se eu partisse ela se tornaria visível para todos.”
— Senhor? — Moneo insistiu. — Está devaneando?
“Ah! Ele gosta da palavra!”
— Isso é tudo — disse Leto. — Apenas o manto, o traje destilador e os anéis de água.
Moneo curvou-se e se afastou.
“Ele está olhando para a frente agora”, Leto pensou. “Mas mesmo essa

novidade vai passar. Ele se voltará para o passado uma vez mais. E eu já tive tantas esperanças em relação a ele. Bem... talvez Siona...”

35

“Não crie heróis”, disse meu pai.

— A voz de Ghanima,
Da História Oral

Só pelo modo como Idaho caminhou pela pequena câmara, seus gritos exigindo uma audiência agora recompensados, Leto pôde ver uma importante transformação no ghola: era uma coisa que já se repetira tantas vezes que se tornara profundamente familiar para ele. O Duncan nem mesmo cumprimentara Moneo, que saía. Tudo se encaixava num padrão. E como o padrão se tornara aborrecido!

Leto tinha um nome para essa transformação nos Duncans. Chamava-a de “Síndrome do Desde”.

Os gholas frequentemente nutriam suspeitas a respeito de coisas secretas que poderiam ter sido desenvolvidas através dos séculos de esquecimento, desde sua última consciência relembrada. O que as pessoas tinham feito durante todo esse tempo? Por que elas poderiam querer a mim, esta relíquia do passado? Nenhum ego poderia dominar tais dúvidas para sempre — especialmente num homem desconfiado.

Um dos gholas acusara Leto:

— O Senhor colocou coisas no meu corpo. Coisas que eu desconheço! Essas coisas no meu corpo lhe dizem tudo o que estou fazendo! Sou espionado por toda parte!

Outro o acusara de possuir “uma máquina manipuladora que nos obriga a fazer tudo o que deseja que façamos”.

Uma vez desencadeada, a “Síndrome do Desde” nunca mais era inteiramente eliminada. Podia ser freada, desviada, mas a semente dormente brotaria à menor provocação.

Idaho parou onde Moneo estivera e havia uma expressão velada, de suspeitas não-especificadas, em seus olhos, na disposição de seus ombros. Leto deixou que a situação fervesse, levando essa condição à consciência. O olhar de Idaho fixou-se no seu, depois se afastou para examinar a sala. Leto reconheceu os sentimentos que havia por trás daquele olhar.

“Os Duncans nunca esquecem.”

Enquanto estudava a disposição da sala, usando os artifícios de percepção que lhe haviam sido ensinados séculos atrás por Lady Jessica e pelo Mentat Thufir Hawat, Idaho começou a perceber um sentimento atordoante de afastamento. Julgou que a sala o rejeitava, cada coisa que havia nela — as almofadas macias: coisas grandes e bulbosas, feitas de ouro verde e de um vermelho que era quase roxo; os tapetes Fremen, cada qual uma peça de museu, dobrando-se um sobre o outro em espessas pilhas em torno do fosso de Leto; a falsa luz solar de um globo luminoso Ixiano, que envolvia o rosto do Imperador num calor seco, tornando as sombras ao redor mais profundas e misteriosas; o cheiro do chá de especiaria, vindo de algum lugar próximo; e aquele rico odor de melange que se irradiava do corpo de verme.

Idaho sentia que muita coisa lhe havia acontecido, e muito rapidamente, desde que os Tleilaxu o tinham abandonado à mercê de Luli e da Amiga naquela despojada cela de prisão.

“Muita coisa... muita coisa...”

“Estarei aqui realmente?”, perguntou-se: “Será que este sou eu? Que pensamentos são esses que eu estou tendo?”

Olhou para o corpo imóvel de Leto, aquela massa enorme e sombria que jazia, silenciosa, na carreta dentro do fosso. A própria imobilidade daquela massa carnuda apenas sugeria energias misteriosas, energias terríveis que poderiam ser liberadas de formas que ninguém mais poderia prever.

Idaho ouvira histórias a respeito da luta na Embaixada Ixiana, mas os relatos das Oradoras Peixes tinham uma aura de intervenção milagrosa que obscurecia os dados físicos.

— Ele caiu voando sobre eles e executou um terrível massacre entre os pecadores.

— Como foi que ele fez isso? — perguntara Idaho.

— Ele era um Deus irado — respondera a informante.

“Irado”, pensou Idaho. “Teria sido por causa da ameaça a Hwi?” As histórias que ele tinha ouvido! Nenhuma era convincente. Hwi casando-se com essa massa... Não era possível! Não a encantadora Hwi, a Hwi de suave delicadeza. “Ele está fazendo algum jogo terrível, está nos testando... nos testando...” Não havia uma realidade honesta nessa época, paz alguma, exceto a presença de Hwi. Tudo mais era insanidade.

Enquanto voltava a atenção para o rosto de Leto — aquela face Atreides esperando em silêncio —, o senso de estar deslocado tornou-se ainda mais forte em Idaho. Começou a imaginar se, por um sutil aumento de esforço mental, ao longo de alguma estranha trilha nova, ele não poderia romper as barreiras

fantasmagóricas e relembrar todas as experiências dos outros Ghola Idahos.

“Que será que eles pensavam quando entravam nesta sala? Será que sentiam esta sensação de deslocamento, esta rejeição?”

“Só com um pequeno esforço extra.”

Sentiu-se tonto e imaginou que poderia desmaiar.

— Há algo errado, Duncan? — Era o tom de voz mais calmo e moderado que Leto podia conseguir.

— Não é real — disse Idaho. — Não pertenço a este lugar.

Leto preferiu fazer-se de mal-entendido.

— Mas minha guarda me diz que você veio até aqui por sua própria escolha, que você viajou de tóptero desde a Cidadela e exigiu uma audiência imediata.

— Eu quero dizer aqui, agora! Nesta época!

— Mas eu preciso de você.

— Para quê?

— Olhe à sua volta, Duncan. As maneiras pelas quais você pode me ajudar são tão numerosas que você não poderia realizá-las todas.

— Mas aquelas suas mulheres não me deixam lutar! Cada vez que tento ir para onde está a...

— Está questionando o fato de ser mais valioso vivo do que morto? — Leto fez um som cacarejante, depois disse: — Use a cabeça, Duncan! É isso o que eu valorizo mais.

— E meu esperma? Que valor ele tem?

— O esperma é seu para o colocar onde desejar.

— Não quero deixar para trás viúva e órfãos, da maneira como...

— Duncan! Eu disse que a escolha é sua.

Idaho engoliu em seco:

— Você cometeu um crime contra nós, Leto, um crime contra nós todos: os gholas que ressuscita sem jamais nos perguntar se é isso que desejamos.

Essa era uma novidade em relação ao pensamento dos Duncans. Leto olhou para Idaho com renovado interesse.

— Que crime?

— Oh, eu o ouvi cuspindo profundos pensamentos — acusou Idaho. Apontou o dedo por sobre o ombro, indicando a entrada do aposento. — Sabe que pode ser ouvido lá fora, na ante-sala.

— Quando desejo ser ouvido, sim. (“Mas somente meus diários ouvem tudo!”) Mas gostaria de saber a natureza do meu crime.

— Há um tempo, Leto, um tempo em que você está vivo. O tempo em que você deve estar vivo. Pode haver uma espécie de mágica nesse tempo, algo que

você sente enquanto está vivendo nele. E você sabe que nunca mais vai haver uma época como essa.

Leto piscou, sensibilizado pela angústia do Duncan. As palavras eram evocativas.

Idaho elevou ambas as mãos, com as palmas para cima, à altura do peito, um mendigo pedindo uma coisa que ele sabia não poder receber.

— Então... você acorda e relembra sua morte... e relembra os tanques axlotl... e a maldade dos Tleilaxu que despertou você... e se supõe que tudo vá começar de novo. Mas não começa. Nunca é mais o que era. Isso é um crime!

— Eu tirei a mágica?

— Sim!

Idaho deixou as mãos caírem nos lados do corpo e as comprimiu em punhos. Sentia-se arrastado na crista de uma vaga que iria afogá-lo à menor distração.

“E quanto à é oca?” Leto pensou “Isso também nunca vai acontecer de novo. Mas o Duncan não entenderia a diferença.”

— Que o fez vir correndo desde a Cidadela? — perguntou Leto.

Idaho respirou fundo e então:

— E verdade? Vai se casar?

— E verdade.

— Com essa Hwi Noree, a Embaixadora Ixiana?

— Correto.

Idaho lançou um rápido olhar ao longo do comprimento de Leto.

“Eles sempre procuram os órgãos genitais”, pensou Leto. “Talvez eu devesse ter feito alguma coisa, uma protuberância volumosa para deixá-los chocados.” Sufocou a risada que ameaçava escapar de sua garganta. “Outra emoção ampliada. Obrigado por isso, Hwi. Obrigado, Ixianos.”

Idaho sacudiu a cabeça.

— Mas você...

— Existem outros elementos fortes num casamento, além do sexo — disse Leto.— Vamos ter filhos de nossa própria carne? Não. Mas os efeitos dessa união serão profundos.

— Eu ouvi enquanto estava falando com Moneo — disse Idaho. — Pensei que fosse algum tipo de piada, uma...

— Cuidado, Duncan!

— Realmente a ama?

— Mais profundamente do que qualquer homem jamais amou uma mulher.

— Bem, e quanto a ela? Será que ela.

— Ela sente uma... uma compaixão arrebatadora, uma necessidade de partilhar comigo, de dar o que puder dar. E a natureza dela.

Idaho suprimiu um sentimento de repugnância.

— Moneo está certo. Vão acreditar nas histórias dos Tleilaxu.

— Esse será um dos efeitos profundos.

— E ainda quer que eu... que eu procrie com Siona!

— Você conhece meus desejos. Eu deixo a escolha para você.

— Quem é aquela mulher? Aquela Nayla?

— Você já conheceu Nayla? Ótimo.

— Ela e Siona agem como irmãs. Aquela brutamontes! Que está acontecendo entre elas, Leto?

— O que você gostaria que estivesse acontecendo? E que importância tem isso?

— Nunca conheci uma pessoa tão brutal! Ela me faz lembrar Raban, a Besta. Você nunca saberia que ela é uma mulher se ela não...

— Vocês já se encontraram antes. Conheceu-a como Amiga. Idaho olhou para ele num rápido silêncio, o silêncio de uma criatura rasteira que sente a aproximação do falcão.

— Então confia nela? — perguntou Idaho.

— Confiar? Que é confiar?

"O momento está chegando", pensou Leto. Podia ver a coisa se formando nos pensamentos de Idaho.

— Confiança é aquilo que se dá num voto de lealdade — ele disse.

— Como a confiança que existe entre mim e você? — perguntou Leto.

Um sorriso amargo tocou os lábios de Idaho.

— Então é isso que você está fazendo com Hwi Noree? Uma associação, um compromisso de.

— Hwi e eu já confiamos um no outro.

— Confia em mim, Leto?

— Se eu não puder confiar em Duncan Idaho, então em quem mais poderei confiar?

— E se eu não puder confiar em você?

— Então terei pena de você.

Idaho recebeu isso com um choque quase físico. Seus olhos se arregalaram com as obrigações não-verbalizadas. Ele queria confiar. Queria a magica que não viria nunca mais.

Então Idaho indicou que seus pensamentos partiam numa curiosa tangente.

— Eles podem nos ouvir lá na ante-sala?

— Não. (“Mas meus diários ouvem!”)

— Moneo estava furioso. Qualquer um podia ver. Mas saiu como um carneiro dócil.

— Moneo é um aristocrata. Está casado com o dever, com as responsabilidades. Quando se lembra dessas coisas, sua raiva desaparece.

— Então é assim que o controla?

— Ele controla a si mesmo — disse Leto, relembrando como Moneo olhara para cima, depois de tomar notas, não à espera de uma aprovação, mas para estimular seu senso de dever.

— Não — insistiu Idaho. — Ele não se controla. É você que o faz.

— Moneo está preso ao passado por vontade própria. Eu não fiz isso.

— Mas ele é um aristocrata... Um Atreides.

Leto relembrou as feições envelhecidas de Moneo, pensando em como era inevitável que a aristocracia se recusasse a cumprir sua derradeira obrigação — que era sair do caminho e desaparecer na história. Ele teria que ser afastado. E o seria. Nenhum aristocrata jamais superara as exigências de mudança.

Idaho ainda não havia terminado.

— Não é um aristocrata, Leto?

Leto sorriu.

— A derradeira aristocracia morre em mim. — E pensou:

“O privilégio transforma-se em arrogância. A arrogância promove a injustiça. As sementes da ruína desabrocham.”

— Talvez eu não vá ao seu casamento. Nunca me imaginei como um aristocrata.

— Mas você o foi. Foi o aristocrata da espada.

— Paul era melhor — lembrou Idaho.

Leto falou com a voz do Muad’Dib:

— Porque você me ensinou! — Depois voltou ao tom normal:

— A tarefa implícita da aristocracia é ensinar, por vezes através de um horrível exemplo.

E ele pensou: “O orgulho do berço leva às fraquezas do casamento consanguíneo e à miséria. Está aberto o caminho para o orgulho da riqueza e das realizações. Entram os novos-ricos, montando no poder como os Harkonnen o fizeram, nas costas do ancient régime.”

O ciclo repetia-se com tamanha insistência que Leto achava que alguém já devia ter percebido como ele se fundira a padrões de sobrevivência de que a espécie já não necessitava, mas nunca perdera.

“Mas não. Ainda carregamos conosco um detrito que devemos eliminar.”

— Existirá alguma fronteira? — perguntou Idaho   Alguma fronteira onde

eu pudesse me perder e nunca mais ser parte disto?

— Se há alguma fronteira, então você deve ajudar-me a criá-la — disse Leto. — Não existe atualmente qualquer lugar para ir aonde outros de nós não possam segui-lo e encontrá-lo.

— Então não me deixaria partir?

— Vá, se quiser. Outros de você tentaram. Digo-lhe que não existe fronteira, nenhum lugar para se esconder. Agora mesmo, como tem sido há muito, muito tempo, a humanidade é como uma criatura unicelular, unida por uma perigosa cola.

— Nenhum planeta novo? Nenhuma estranha...

— Oh, nós crescemos, mas não nos separamos.

— Porque você nos mantém unidos! — acusou ele.

— Não sei se você pode entender isto, Duncan, mas se existe uma fronteira, algum tipo de fronteira, então o que se encontra atrás de você não pode ser mais importante do que o que jaz adiante.

— Você é o passado!

— Não, Moneo é que é o passado. Ele é muito rápido na hora de erguer as tradicionais barreiras aristocráticas contra todas as fronteiras. Você deve entender o poder dessas barreiras. Elas não apenas envolvem os planetas e as terras desses planetas, mas envolvem as idéias. Elas reprimem a mudança.

— Você reprime a mudança!

“Ele não vai se desviar”, pensou Leto. “Mais uma tentativa.”

— O sinal mais seguro de que existe uma aristocracia é a descoberta de barreiras contra a mudança, cortinas de ferro, de aço, pedra ou qualquer substância que exclua o novo, o diferente.

— Sei que deve haver uma fronteira em alguma parte disse Idaho. — Você a está escondendo.

— Não escondo fronteira alguma. Eu quero fronteiras! Quero surpresas!

“Eles chegam direto ao ponto”, pensou Leto, “e então se recusam a atingi-lo.”

Confirmando essa previsão, os pensamentos de Idaho dispararam em nova trilha.

— Realmente fez com que Dançarmos Faciais se exibissem no seu noivado?

Leto sentiu um impulso de raiva, seguido imediatamente por um prazer perverso ante o fato de poder sentir emoções com tal profundidade. Queria deixar que essa emoção gritasse para o Duncan, mas isso nada resolveria.

— Os Dançarmos Faciais se exibiram — confirmou.

— Por quê?

— Eu queria que todos compartilhassem minha felicidade.

Idaho olhou para ele como se tivesse acabado de descobrir um inseto repelente em sua bebida. Com voz tranquila, ele disse:

— Essa é a coisa mais cínica que já ouvi um Atreides dizer.

— Mas um Atreides a disse.

— Está deliberadamente tentando me enrolar! Está evitando minha pergunta.

“Outra vez na briga”, pensou Leto. E disse:

— Os Dançarmos Faciais de Bene Tleilaxu são uma colônia de organismos. Individualmente, são híbridos. Essa é uma escolha que eles fazem para e por si mesmos.

Leto esperou, pensando: “Devo ser paciente. Eles precisam descobrir por si mesmos. Se eu disser, não vão acreditar. Pense, Duncan, pense!”

Depois de um longo silêncio, Idaho disse:

— Fiz o meu juramento. Isso é importante para mim. Ainda é importante. Não sei o que você está fazendo nem por quê.

— Foi por isso que voltou da Cidadela?

— Sim.

— Vai voltar para lá agora?

— Que outra fronteira existe?

— Muito bom, Duncan! Sua raiva sabe, mesmo que sua razão não saiba. Hwi vai para a Cidadela esta noite. Eu me juntarei a ela amanhã.

— Gostaria de poder conhecê-la melhor — disse Idaho.

— Você vai evitá-la — disse Leto. — E isso é uma ordem. Hwi não é para você.

— Sempre soube que havia bruxas — disse Idaho. — Sua avó era uma.

Ele virou-se nos calcanhares e, sem pedir permissão para sair, caminhou de volta por onde tinha vindo.

“Como ele parece um menino”, pensou Leto, observando a rigidez nas costas de Idaho. “O homem mais velho do nosso Universo e o mais jovem — ambos num só corpo.”

36

O profeta não se desvia com ilusões de passado, presente e futuro. A fixação da linguagem determina distinções muito lineares. Os profetas guardam a chave da fechadura que existe na linguagem. A imagem mecânica permanece apenas uma imagem para eles. Este não é um universo mecânico. A progressão linear de eventos é imposta pelo observador. Causa e efeito? Isso não é tudo. O profeta pronuncia as palavras fatídicas. Você vislumbra uma coisa "destinada a ocorrer". Mas o instante profético libera algo de infinito prodígio e poder. O universo sofre uma mudança fantasmagórica e assim o sábio profeta oculta a realidade por trás de rótulos cintilantes. O não-iniciado então acredita que a linguagem profética é ambígua. O ouvinte desconfia do mensageiro profético. O instinto lhe diz como a pronúncia embota o poder de tais palavras, e os melhores profetas o levam através de uma cortina e deixam que você olhe por si mesmo.

— Os diários roubados

Leto falou com Moneo usando a voz mais fria que jamais usara.

— O Duncan me desobedece.

Encontravam-se na sala elevada, feita de pedra dourada, no topo da Torre Sul da Cidadela. Era o terceiro dia desde o Festival Decenal de Onn. Um portal aberto ao lado dele revelava a luz implacável do meio-dia no Sareer. O vento fazia um som ululante através da abertura, erguendo poeira e areia, que faziam com que Moneo mantivesse as pálpebras semicerradas. Leto parecia não notar essa irritação. Olhava para o Sareer, onde o ar estava vivo com os movimentos do calor. O distante fluir das dunas sugeria uma mobilidade na paisagem que somente seus olhos observavam.

Moneo encontrava-se imerso nos odores rançosos do seu próprio medo, sabendo que o vento transmitia a mensagem desses odores aos sentidos de Leto. Os preparativos para o casamento tinham perturbado as Oradoras Peixes — tudo era paradoxal, lembrando a Moneo alguma coisa que o Imperador-Deus dissera nos primeiros dias de sua ligação.

"O paradoxo é um indicador que lhe pede para olhar além dele. Se os paradoxos o incomodam, isso revela seu profundo desejo de absolutos. O

relativista trata os paradoxos como meramente interessantes, talvez divertidos ou mesmo — que pensamento terrível — educativos.”

— Você não responde — disse Leto. Ele se voltou de sua observação do Sareer e focalizou o peso de suas atenções sobre Moneo.

Moneo só podia encolher os ombros. “Quão próximo estará o Verme?”, perguntou-se. Já reparara que o retorno de Onn para a Cidadela algumas vezes despertava o Verme. Nenhum sinal daquela horrível mudança no Imperador-Deus se revelara ainda, mas Moneo podia senti-la. Será que o Verme poderia chegar sem aviso?

— Acelere os preparativos para o casamento — disse Leto.

— Faça-o acontecer assim que seja possível.

— Antes de testar Siona?

Leto ficou em silêncio por um momento, e então:

— Não. Que vai fazer quanto ao Duncan?

— Que desejaria que eu fizesse, Senhor?

— Eu disse a ele que não fosse ver Noree, que a evitasse. Eu lhe disse que era uma ordem.

— Ela tem simpatia por ele, Senhor, nada mais.

— Por que motivo ela teria simpatia por ele?

— Ele é um ghola, não possui ligação com nossa época, não tem raízes.

— Ele tem raízes tão profundas quanto as minhas!

— Mas ele não sabe disso, Senhor.

— Está discutindo comigo, Moneo?

Moneo recuou meio passo, consciente de que isso não o afastava do perigo.

— Oh, não, Senhor! Mas sempre tento lhe dizer com sinceridade o que realmente acredito estar acontecendo.

— Vou dizer a você o que está acontecendo. Ele a está cortejando.

— Mas é ela que toma a iniciativa dos encontros, Senhor.

— Então você sabia disso!

— Não sabia que fora terminantemente proibido, Senhor.

Leto falou com uma voz meditativa:

— Ele é hábil com as mulheres, Moneo, extraordinariamente hábil. Ele vê dentro da alma delas e as faz realizarem o que quer. Tem sido sempre assim com os Duncans.

— Não sabia que tinha proibido todos os encontros entre eles, Senhor! — A voz de Moneo era quase estridente.

— Ele é mais perigoso que qualquer um dos anteriores. E um sinal dos nossos tempos.

— Senhor, os Tleilaxu ainda não têm pronto um sucessor para ele.

— E nós precisamos deste?

— O Senhor mesmo disse isso. E um paradoxo que não entendo, mas o Senhor disse.

— Quanto tempo até que possa vir um substituto?

— No mínimo um ano, Senhor. Devo indagar-lhes quanto a uma data específica?

— Faça isso hoje.

— Ele pode ouvir a respeito, Senhor. O anterior ouviu.

— Não quero que aconteça desse modo, Moneo!

— Eu sei, Senhor.

— E não me atrevo a falar a respeito disso com Noree. O Duncan não é para ela. E no entanto não posso feri-la! — A última frase foi quase um lamento.

Moneo ficou em silêncio, admirado.

— Não pode perceber isso? — exigiu Leto. — Moneo, ajude-me.

— Percebo que é diferente com Noree. Mas não sei o que fazer.

— Que é diferente? — A voz de Leto tinha um tom penetrante que varou Moneo.

— Falo de sua atitude em relação a ela, Senhor. E diferente de tudo que já vi no Senhor.

Moneo notou os primeiros indícios — um contorcer das mãos do Imperador-Deus, o início de um embaçamento em seus olhos. “Deuses! O Verme está vindo!” Sentia-se totalmente exposto. Uma simples pancada daquele grande corpo o esmagaria de encontro à parede. “Devo apelar para o seu lado humano.”

— Senhor — disse Moneo —, li os relatos e ouvi suas próprias palavras a respeito do seu casamento com sua irmã Ghanima.

— Se ao menos ela estivesse comigo agora — disse Leto.

— Ela nunca foi sua mulher, Senhor.

— Que está sugerindo?

O contorcer das mãos de Leto tornou-se uma vibração espasmódica.

— Ela era... quero dizer, Senhor, que Ghanima era a mulher de Harq al-Ada.

— E claro que era! Todos vocês Atreides descendem deles.

— Há alguma coisa que não me tenha dito, Senhor? Seria possível que... isto é, com Hwi Noree... os Senhores pudessem procriar?

As mãos de Leto tremiam tão fortemente que Moneo se admirava de que ele não percebesse. Os grandes olhos azuis ficaram ainda mais vidrados.

Moneo recuou outro passo em direção às escadarias, que levavam para baixo e para fora desse lugar mortalmente perigoso.

— Não me pergunte quanto a possibilidades — disse Leto, e sua voz parecia sinistramente distante, perdida em algum lugar entre as camadas do passado.

— Nunca mais, Senhor — disse Moneo. Ele se curvou, recuando até ficar a apenas um passo da porta. — Falarei com Noree, Senhor... e com o Duncan.

— Faça o que puder. — A voz de Leto já estava muito distante, naquelas camadas interiores onde apenas ele podia penetrar.

Lentamente Moneo saiu pela porta, fechou-a atrás de si e colocou as costas contra ela, tremendo. “Ah, desta vez foi perto, mais perto que em qualquer outra.”

Mas o paradoxo permanecia. Para onde ele apontaria? Qual seria o significado das estranhas e dolorosas decisões do Imperador-Deus? Que teria atraído o Verme Que Era Deus?

Um som pulsante soou de dentro do ninho de Leto, uma batida surda contra a pedra. Moneo não se atreveu a abrir a porta para investigar. Afastou-se da superfície que refletia aquela pavorosa batida e desceu as escadarias com cautela, não se atrevendo a respirar normalmente até alcançar o solo e a guarda Oradora Peixe que lá esperava.

— Ele está perturbado? — perguntou ela, olhando escada acima.

Moneo assentiu. Ambos podiam ouvir as pancadas perfeitamente.

— Que o perturba? — perguntou a guarda.

— Ele é Deus e nós somos mortais — disse Moneo.

Essa era uma resposta que geralmente satisfazia as Oradoras Peixes, mas agora novas forças se encontravam em ação.

Ela olhou diretamente para ele e Moneo viu o treinamento, homicida a ponto de emergir em suas feições suaves. Era uma mulher relativamente jovem, com cabelos castanhos-avermelhados, rosto geralmente dominado por um nariz arrebitado e por lábios grossos, mas agora seus olhos eram duros e indagadores. Somente um tolo daria as costas àquele olhar.

— Eu não o perturbei — disse Moneo.

— É claro que não — concordou ela. Sua expressão suavizou-se um pouco. — Mas gostaria de saber quem ou o que o fez.

— Creio que ele está impaciente com seu casamento — disse Moneo. — Acho que isso é tudo.

— Então antecipe a data! — disse ela.

— E exatamente isso que eu vou fazer.

Moneo virou-se e saiu apressado pelo corredor em direção à sua própria área da Cidadela. Deuses! As Oradoras Peixes estavam se tornando tão perigosas quanto o próprio Imperador-Deus.

“Aquele estúpido Duncan! Colocou-nos a todos em perigo. E Hwi Noree! Que deve ser feito com relação a ela?”

37

O padrão das monarquias e sistemas semelhantes contém uma mensagem de valor para todas as formas políticas. Minhas memórias asseguram-me que governos de todo o tipo podem lucrar com essa mensagem. Os governos só podem ser úteis aos governados enquanto são restritas as tendências inerentes no sentido de uma tirania. As monarquias possuem algumas boas qualidades. Podem reduzir o tamanho e a natureza parasitária da burocracia. Podem tomar decisões rápidas, quando necessário. Encaixam-se numa necessidade humana ancestral (tribal/feudal) de hierarquia paternalista, onde cada pessoa conhece seu lugar. É valioso conhecer o seu lugar, mesmo que esse lugar seja temporário. É exasperante ser mantido numa posição contra a vontade. É por isso que eu ensino a respeito da tirania da melhor maneira que posso — através do exemplo. Mesmo que vocês estejam lendo estas palavras após a passagem de éons, minha tirania não terá sido esquecida. Meu Caminho Dourado assegura isso! E, conhecendo minha mensagem, espero que vocês sejam extraordinariamente cuidadosos quanto aos poderes que delegam a qualquer governo.

— Os diários roubados

Leto preparou-se com paciente cuidado para seu primeiro encontro com Siona desde que ela fora banida, na infância, para as escolas de Oradoras Peixes da Cidade Festival. Ele disse a Moneo que iria vê-la na Pequena Cidadela, uma torre de observação que havia construído no Sareer central. O lugar fora escolhido para proporcionar a visão do antigo, do novo e dos lugares intermediários. Não havia estradas para a Pequena Cidadela. Os visitantes chegavam de tóptero. Leto ia para lá como que por mágica.

Com as próprias mãos, nos primeiros dias de sua ascensão, Leto usara uma máquina Ixiana para escavar um túnel secreto sob o Sareer, até sua Torre, fazendo todo o trabalho ele mesmo. Naqueles dias, uns poucos vermes da areia selvagens ainda vagavam pelo deserto. Ele revestira o seu túnel com paredes maciças de sílica fundida e inscrutara incontáveis bolhas de água em suas camadas exteriores para repelir os vermes. O túnel antecipara seu crescimento

máximo e as exigências de uma Carreta Real que, até então, fora apenas um fragmento de suas visões.

Nas horas anteriores à aurora do dia dedicado a Siona, Leto desceu para a cripta e deu ordens à guarda para que não fosse perturbado por ninguém. Sua carreta correu através de um dos aros escuros da cripta, onde ele abrira um portal oculto, emergindo na Pequena Cidadela menos de uma hora depois.

Uma de suas maiores delícias era sair sozinho para a areia. Sem carreta, apenas seu corpo pré-verme para carregá-lo. A areia o roçava de modo deliciosamente sensual e o calor provocado por sua passagem através das dunas, à primeira luz da aurora, lançava uma esteira de vapor que lhe exigia continuar em movimento. Parou apenas ao encontrar um bolsão relativamente seco, a uns cinco quilômetros de distância. Deixou-se ficar lá, no centro de uma inconfortável umidade deixada pelo orvalho residual, o corpo bem do lado de fora da sombra projetada pela torre, a qual se estendia para ele a partir do leste, através das dunas.

Dessa distância, os 3 mil metros de altura da torre podiam ser vistos como uma agulha impossível golpeando o céu. Somente a união inspirada dos comandos de Leto e da imaginação Ixiana haviam tornado viável essa estrutura. Com 150 metros de diâmetro, a torre acomodava-se sobre fundações que mergulhavam tão profundamente na areia quanto ela se erguia acima. A mágica do plasteel e das ligas superleves mantinham-na flexível ao vento e resistente à ação abrasiva da areia.

Leto gostava tanto desse lugar que racionava suas visitas, organizando uma longa relação de regras pessoais que tinham de ser preenchidas. As regras resumiam-se numa “Grande Necessidade”.

Por alguns momentos, enquanto estava lá, ele pôde libertar-se de algumas cargas do Caminho Dourado. Moneo, o bom e confiável Moneo, cuidaria para que Siona chegasse bem ao cair da noite, e Leto teria um dia inteiro para relaxar e pensar. Para brincar e fingir que não tinha preocupações, para beber o alimento bruto da terra num frenesi de apetite que ele nunca se poderia permitir em Onn ou na Cidadela. Naqueles lugares, ele estava confinado a mergulhos furtivos através de passagens estreitas, tendo apenas a cautela presciente para o impedir de topar com bolsões de água. Aqui, entretanto, podia correr através da areia e por dentro dela, alimentar-se e se sentir forte.

A areia esmagou-se abaixo dele enquanto ele rolava, flexionando o corpo num puro gozo animal. Podia sentir seu lado ver-me sendo restaurado, uma sensação elétrica que enviava mensagens de saúde através dele.

O sol encontrava-se agora bem acima do horizonte, pintando uma linha dourada sobre um dos lados da torre. Havia o cheiro de poeira no ar e o odor de

distantes plantas espinhudas que haviam respondido aos vestígios de orvalho na manhã. Suave-mente a principio, depois com mais rapidez, ele descreveu um largo círculo em torno da Torre, pensando em Siona enquanto o fazia.

Não podiam ocorrer mais atrasos. Ela tinha de ser testada, e Moneo sabia disso tanto quanto Leto.

Ainda naquela manhã, Moneo dissera:

— Senhor, existe uma violência terrível guardada dentro dela.

— Ela está começando a se viciar em adrenalina — dissera Leto. — E hora do escaldamento.

— Hora do quê, Senhor?

— E uma expressão muito antiga. Significa que Siona deve ser submetida a uma privação completa. Deve passar pelo choque da carência.

— Oh... percebo.

Ao menos dessa vez, Leto notou que Moneo estava mesmo vendo. Ele passara pelo seu escaldamento.

— Os jovens são geralmente incapazes de tomar decisões difíceis, a menos que essas decisões estejam associadas à violência imediata e ao consequente fluxo de adrenalina — explicara Leto.

Moneo mantivera-se num silêncio reflexivo, relembrando então:

— E um grande perigo.

— Essa é a violência que está vendo em Siona. Até mesmo as pessoas mais velhas podem prender-se a ela, mas os jovens se entregam.

Enquanto circundava a Torre à luz crescente do dia, apreciando ainda mais a sensação que a areia lhe proporcionava na medida em que ia secando, Leto pensava a respeito dessa conversa. Diminuiu a velocidade de sua passagem através da areia e o vento atrás dele trouxe às suas narinas humanas o cheiro do oxigênio exalado e o odor do pó de pedra aquecido. Ele inalou profundamente, erguendo sua consciência ampliada até outro nível.

Esse dia preliminar tinha um propósito múltiplo. Ele pensava no encontro que se avizinhava da maneira como um antigo toureiro teria julgado seu primeiro exame do adversário chifrudo. Siona possuía sua própria versão dos chifres, embora Moneo pudesse certificar-se de que ela não traria armas físicas para esse encontro. No entanto, Leto tinha de estar certo de conhecer cada força e cada fraqueza de Siona. E teria de criar suscetibilidades especiais sobre ela sempre que fosse possível. Ela precisava ser preparada para o teste, seus músculos psíquicos paralisados por grampos bem plantados.

Pouco depois do meio-dia, seu lado verme saciado, Leto retornou à torre, arrastou-se para cima de sua carreta e se ergueu nos suspensores até o ápice, onde um portal se abria apenas ao seu comando. Pelo resto do dia ele ficou lá

naquele ninho, pensando, tramando.

O esvoaçar das asas de um ornitóptero, sussurrando no ar logo ao cair da noite, assinalou a chegada de Moneo.

“Fiel Moneo.”

Leto fez com que a plataforma de pouso se estendesse de seu ninho e o tóptero deslizou para ela com as asas em concha, pousando suavemente. Ele olhou através da escuridão que se adensava. Siona emergiu e correu em direção a ele, temerosa dessa altura desprotegida. Usava um manto branco sobre um uniforme negro sem insígnias. Deu um rápido olhar para trás ao parar na entrada da torre e então voltou sua atenção para Leto, que esperava na carreta, bem no centro do ninho. O tóptero decolou, mergulhando na escuridão. Leto deixou o portal aberto e a plataforma estendida.

— Existe uma sacada do outro lado da torre — ele disse. — Iremos para lá.

— Por quê?

A voz de Siona era pura suspeita.

— Disseram-me que é um lugar frio. E de fato há uma sensação de frio em minha face quando eu a exponho à brisa deste lugar.

A curiosidade a trouxe mais para perto dele.

Leto fechou o portal atrás dela.

— A visão noturna desta sacada é magnífica — disse Leto.

— Por que estamos aqui?

— Porque aqui não seremos ouvidos.

Ele virou-se em sua carreta e se deslocou silenciosamente para a sacada. Uma fraca iluminação oculta dentro do ninho revelava seus movimentos. Ouviu que ela o seguia.

A sacada era um meio anel no arco sudeste da torre, com um etéreo balaústre correndo à altura do peito em torno do perímetro. Siona caminhou até o balaústre e olhou em volta para aquela extensão de terra.

Leto sentiu sua receptividade expectante. Alguma coisa seria dita ali, e somente para os ouvidos dela. O que quer que fosse ela iria ouvir e responderia a partir do poço de seus próprios motivos. Leto olhou por sobre ela em direção à extremidade do Sareer, onde a muralha artificial de sua fronteira não passava de uma linha chata e baixa vista dali, quase invisível à luz da Primeira Lua que se erguia sobre o horizonte. Ele ampliou sua visão, identificando o distante movimento de um comboio vindo de Onn, o brilho baço das luzes de veículos de tração animal caminhando ao longo da estrada elevada em direção à Vila de Tabur.

Podia relembrar em sua memória a imagem do vilarejo aninhado entre as

plantas que cresciam numa área úmida ao longo da base interior da muralha. Seus Fremen de Museu cultivavam tamareiras, altas gramíneas e até mesmo hortas por lá. Não era como nos velhos tempos, quando qualquer lugar habitado, até mesmo uma minúscula depressão com algumas plantas rasteiras alimentadas por uma única cisterna dotada de armadilha de vento, poderia parecer luxuriante quando comparada com as areias sem fim. A Vila de Tabur era um paraíso em comparação com o Sietch Tabr. Todos no vilarejo sabiam que bem além da muralha da fronteira do Sareer se encontrava o rio Idaho, deslizando para o Sul numa longa linha reta que estaria prateada agora, à luz da lua. Os Fremen de Museu não podiam subir à íngreme face da muralha, mas sabiam que a água estava lá. A terra sabia também. Se um habitante de Tabur colocasse o ouvido contra o solo, ouviria a terra lhe falando com o som de distantes corredeiras.

Haveria pássaros noturnos ao longo da barragem agora, pensou Leto, criaturas que viveriam sob a luz do sol em qualquer outro mundo. Duna exercera sua magia evolutiva sobre eles, que ainda viviam à mercê do Sareer. Leto vira os pássaros lançarem sombras fracas sobre a água e, quando eles mergulhavam para beber, produziam ondulações que o rio apagava.

Mesmo a essa distância, Leto sentia o poder da água longínqua, uma coisa vigorosa vinda de seu passado, que se afastava dele como a corrente fluindo para o sul nas extensões de fazendas e florestas. A água descia através de colinas ondulantes, ao longo das margens de uma abundante vida vegetal que substituíra todo o deserto de Duna, exceto por esse último lugar, esse Sareer, esse santuário do passado.

Leto lembrava-se do impulso rosnante das máquinas Ixianas que haviam imposto à paisagem esse curso de água. Parecia ter sido pouco tempo atrás, pouco mais de 3 mil anos.

Siona remexeu-se e olhou para trás, mas Leto permanecia em silêncio, sua atenção fixa além dela. Uma pálida luz de cor âmbar brilhava acima do horizonte, reflexo de uma cidade em nuvens distantes. Pela direção e pela distância, Leto sabia ser a cidade de Wallport, transplantada para um clima mais quente, ao sul de sua antiga e austera localização, sob a fria e enviezada luz do norte. O brilho da cidade era como uma janela para o passado. Ele sentia um raio daquela luz golpeando através de seu peito, ultrapassando a espessa e escamosa membrana que lhe substituíra a pele humana.

“Eu sou vulnerável”, pensou.

E no entanto sabia ser o senhor desse lugar. E o planeta era o senhor dele.

“Eu sou parte dele.”

Ele devorava o solo diretamente, rejeitando apenas a água. Sua boca e seus pulmões humanos haviam sido relegados a respirarem apenas o suficiente

para sustentar o vestígio de humanidade que lhe restava... e para falar.

Leto disse para Siona, que estava de costas:

— Gosto de falar e tenho horror ao dia em que não mais serei capaz de manter uma conversa.

Com certa desconfiança, ela se voltou, olhando para ele à luz do luar, um desgosto muito óbvio em sua expressão.

— Concordo em que, aos olhos de muitos humanos, eu sou um monstro.

— Por que estou aqui?

"Direto ao ponto!" Ela não se desviaria. A maioria dos Atreides tinha sido assim, ele pensou. Era uma característica que procurava manter ao fazê-los procriar. Revelava um forte senso de identidade interior.

— Preciso descobrir o que o Tempo fez com você — ele disse.

— Por que precisa saber disso?

"Há um pouco de medo na voz dela", pensou ele. "Pensa que vou interrogá-la a respeito de sua tola rebelião e dos nomes de seus companheiros sobreviventes."

Como ele permanecesse quieto, ela perguntou:

— Pretende me matar do modo como matou meus amigos?

"Então ela ouviu a respeito da luta na Embaixada. E presume que eu sei tudo a respeito de suas antigas atividades na rebelião. Moneo andou instruindo-a, maldito! Bem... eu teria feito o mesmo em tais circunstâncias."

— Você é realmente um deus? — perguntou ela. — Não entendo por que meu pai acredita nisso.

"Ela tem algumas dúvidas", pensou ele. "Ainda disponho de espaço para manobrar."

— As definições variam — respondeu ele. — Para Moneo eu sou um deus... e isso é uma verdade.

— Um dia você foi humano.

Ele começou a apreciar os saltos da inteligência de Siona. Ela tinha aquela curiosidade segura que era a marca dos Atreides.

— Você está curiosa quanto a mim — ele disse. — o mesmo comigo: estou curioso quanto a você.

— Que o faz pensar que estou curiosa?

— Você costumava me observar cuidadosamente quando era criança. Vejo o mesmo olhar em seus olhos esta noite.

— Sim, tenho imaginado como é ser como você.

Ele a observou por um momento, notando como a luz do luar desenhava sombras sobre os olhos dela, ocultando-os. Podia imaginar que os olhos de Siona fossem de azul total como os seus, o azul do vício da especiaria. Com esse

acréscimo imaginário, Siona guardava curiosa semelhança com sua irmã Ghani, morta há muito tempo. Eram os contornos do rosto dela e a disposição de seus olhos. Quase disse isso a Siona, depois achou melhor não fazê-lo.

— Você come comida humana? — perguntou ela.

— Por longo tempo, depois que coloquei a pele da truta da areia, senti meu estômago com fome. Ocasionalmente, tentava ingerir alimento. Meu estômago geralmente o rejeitava. Os cílios da truta da areia propagavam-se por toda parte em minha carne humana. Comer tornou-se uma coisa incômoda. Atualmente, costumo ingerir apenas substâncias secas que por vezes contêm um pouquinho de especiaria.

— Você... come melange?

— Às vezes.

— Mas não possui mais apetites humanos?

— Eu não disse isso.

Ela olhou para ele com expectativa.

Leto admirava o modo como ela deixava que as questões não respondidas funcionassem em seu favor. Ela era brilhante e aprendera muito em sua curta vida.

— A fome do estômago era um sentimento terrível, uma dor que eu não conseguia aliviar. Então eu corria, corria pelas dunas como uma criatura insana.

— Você... corria?

— Minhas pernas eram mais longas em relação ao meu corpo naqueles dias. Eu podia caminhar com muita facilidade. Mas a dor da fome nunca me abandonava. Creio que era a fome da minha humanidade perdida.

Ele notou nela o início de uma simpatia relutante, o questionamento.

— Ainda sente essa... dor?

— Agora é apenas uma ligeira ardência. Esse é um dos sinais de minha metamorfose final. Dentro de mais alguns séculos terei voltado para a areia.

Ele viu os punhos dela se contraírem.

— Por quê? — ela exigiu saber. — Por que fez isso?

— Essa mudança não é de todo ruim. Hoje, por exemplo, está muito agradável. Sinto-me bem jovial.

— Há mudanças que não podemos ver — ela disse. — Sei que deve haver. — Relaxou as mãos.

— Minha visão e minha audição tornam-se extremamente agudas, mas não o meu tato. Exceto pelo rosto, não sinto as coisas do modo como sentia outrora. Isso me faz falta.

Novamente ele notou nela a simpatia relutante, um impulso em direção a uma compreensão empática. Ela queria saber!

— Quando se vive tanto tempo — ela disse —, como se sente a passagem do Tempo? Será que ele se acelera à medida que os anos passam?

— Essa é uma coisa estranha, Siona. O Tempo às vezes passa correndo por mim, às vezes se arrasta.

Gradualmente, à medida que conversavam, Leto foi diminuindo a iluminação oculta de seu ninho e movendo a carreta para mais perto de Siona. Agora ele desligou as luzes, deixando apenas a lua. A frente de seu carro projetava-se da sacada, seu rosto a apenas dois metros de Siona.

— Meu pai me disse que, quanto mais velho você se torna, mais lentamente o tempo passa. Foi isso que disse a ele?

"Testando a veracidade das minhas palavras", pensou ele. "Então ela não é uma reveladora da verdade."

— Todas as coisas são relativas, mas, comparado ao sentido humano do tempo, isso é verdade.

— Por quê?

— Tem relação com aquilo em que me tornei. No fim, o Tempo vai parar para mim e eu estarei congelado como uma pérola apanhada no gelo. Meus novos corpos se dispersarão, cada qual com uma pérola oculta em seu interior.

Ela virou-se, olhando na direção oposta a ele, perscrutando o deserto e falando sem olhar para trás.

— Quando falo com você aqui na escuridão, quase consigo esquecer quem você é.

— Foi por isso que escolhi esta hora para o nosso encontro.

— Mas por que este lugar?

— Porque é o último lugar em que posso me sentir em casa.

Siona virou as costas para o balaústre, apoiando-se nele e olhando para Leto.

— Quero vê-lo.

Ele acendeu todas as luzes do ninho, inclusive os ofuscantes globos luminosos brancos ao longo da borda exterior do teto da sacada. À medida que as luzes se acendiam, um escudo transparente Ixiano escorregava para fora de um recesso na parede e fechava a sacada atrás de Siona. Ela sentiu aquilo mover-se atrás dela e se espantou, mas assentiu como se entendesse. Pensava que aquilo fosse uma defesa contra um ataque qualquer. Não era, servia apenas para evitar os insetos noturnos.

Siona olhou para Leto, percorrendo o corpo dele com o olhar, parando nos tocos que tinham sido suas pernas, voltando então a atenção para os braços e as mãos, para o rosto.

— Suas histórias oficiais nos dizem que todos os Atreides são

descendentes de você e de sua irmã Ghanima. A História Oral discorda.

— A História Oral está correta. Seu ancestral foi Harq al-Ada. Ghani e eu nos casamos apenas no nome, um movimento para consolidar o poder.

— Como o seu casamento com essa mulher Ixiana?

— Isto é diferente.

— Vai ter filhos com ela?

— Nunca fui capaz de ter filhos. Escolhi esta metamorfose antes que isso fosse possível.

— Você era uma criança e então — ela apontou — virou isto?

— Nada entre as duas coisas.

— Como uma criança sabia o que escolher?

— Eu era uma das crianças mais velhas que o universo já viu. Ghani era a outra.

— Aquela história sobre suas memórias ancestrais!

— Uma história verdadeira. Estamos todos aqui. A História Oral não concorda?

Ela virou-lhe as costas e ficou rígida. Uma vez mais, Leto sentiu-se fascinado por este gesto humano: a rejeição unida à vulnerabilidade. Daí a pouco ela se voltou, concentrando seu olhar nas feições dentro das dobras do capuz de truta da areia.

— Você tem a aparência dos Atreides — ela disse.

— Cheguei a essa conclusão tão honestamente quanto você.

— Você é tão velho, por que não tem rugas?

— Nada com relação à minha parte humana envelhece do modo habitual.

— Foi por isso que fez essa coisa consigo mesmo?

— Para ter vida longa? Não.

— Não vejo por que motivo alguém poderia fazer tal escolha — murmurou ela. E depois, mais alto: — Jamais conhecer o amor...

— Você está bancando a tola! — ele disse. — Não quer dizer amor, quer dizer sexo.

Ela encolheu os ombros.

— Pensa que a coisa mais importante a que renunciei foi o sexo? Não, a maior perda foi algo muito diferente.

— O quê? — indagou ela com relutância, traindo quão profundamente isso a sensibilizava.

— Não posso caminhar entre meus semelhantes sem que eles notem. Eu não sou mais um de vocês. Estou sozinho. Amor? Muitas pessoas me amam, mas minha forma nos mantém afastados. Estamos separados, Siona, por um abismo que nenhum outro humano se atreve a cruzar.

— Nem a sua mulher Ixiana?

— Sim, ela o faria se pudesse, mas não pode. Não é uma Atreides.

— Quer dizer que eu.. . poderia? — Ela tocou o peito com o dedo.

— Se houvesse uma quantidade suficiente de trutas da areia por aí. Infelizmente, todas elas envolvem a minha carne. Se eu morresse, contudo...

Ela sacudiu a cabeça horrorizada com o pensamento.

— A História Oral diz a verdade — ele disse. — E nunca devemos nos esquecer de que você acredita na História Oral.

Ela continuou a sacudir a cabeça de um lado para o outro.

— Não há qualquer segredo quanto a isso — disse ele. — Os primeiros momentos da transformação é que são críticos. Sua consciência deve mergulhar para dentro e para fora simultaneamente, tornando-se una com o Infinito. Eu poderia fornecer-lhe suficiente melange para que conseguisse isso. Dada uma quantidade suficiente de especiaria, você pode sobreviver àqueles terríveis primeiros momentos... e a todos os outros momentos.

Ela estremeceu incontrolavelmente, seu olhar fixo nos olhos dele.

— Sabe que estou lhe dizendo a verdade, não sabe?

Ela assentiu com a cabeça e inspirou fundo de modo trêmulo. Depois perguntou:

— Por que fez isso?

— A alternativa era muito mais terrível.

— Que alternativa?

— Com o tempo, você poderá entendê-la, tal como Moneo a entendeu.

— Seu maldito Caminho Dourado!

— Maldito não. Muito sagrado.

— Pensa que sou uma tola que não pode...

— Penso que lhe falta experiência, mas que possui uma grande capacidade de cujo potencial nem mesmo você suspeita.

Ela respirou fundo três vezes e então recuperou um pouco da compostura.

— Se não pode unir-se sexualmente à Ixiana, então...

— Criança, por que insiste em não me entender? Não se trata de sexo. Antes de Hwi eu não tinha com quem formar um par. Não havia ninguém como eu. Em todo o vazio cósmico, eu era único.

— Ela é... como você?

— Deliberadamente. Os Ixianos a fizeram desse modo.

— Fizeram-na.

— Não seja uma idiota completa! — retrucou ele. — Ela é a essência da armadilha para deuses. Mesmo a vítima não pode rejeitá-la.

— Por que me diz essas coisas? — sussurrou ela.

— Você roubou duas cópias dos meus diários — ele disse.

— Você leu as traduções da Corporação e já sabe o que poderia me apanhar.

— Então sabia?

Ele viu o atrevimento retornar ao olhar dela, um sentimento de seu próprio poder.

— E claro que você sabia — ela disse, respondendo sua própria pergunta.

— Era o meu segredo — ele disse. — Não imagina quantas vezes eu amei um companheiro e vi esse companheiro me escapar.. . como seu pai está me escapando agora.

— Você... o ama?

— E amei sua mãe. Algumas vezes eles se vão rapidamente, outras vezes com agonizante lentidão. A cada vez eu fico destroçado. Posso bancar o empedernido e tomar as decisões necessárias, mesmo decisões que causam a morte, mas não posso escapar ao sofrimento. Por muito, muito tempo — aqueles diários que roubou dizem a verdade —, essa foi a única emoção que conheci.

Ele viu a umidade nos olhos dela, mas a linha do maxilar ainda revelava uma decisão firme.

— Nada disso lhe dá o direito de governar.

Leto suprimiu um sorriso. Finalmente alcançavam a raiz da rebelião de Siona.

“Por que direito? Onde está a justiça em meu governo? Ao impor minhas leis sobre eles, usando o peso do braço das Oradoras Peixes, estarei sendo justo para com o impulso evolutivo da humanidade? Conheço todo o cântico da evolução, a ladainha e as frases de efeito.”

— Em nenhum lugar você vê sua mão rebelde no poder que eu mantenho — disse ele.

A juventude dela ainda exigia o seu momento.

— Nunca o escolhi para me governar — disse ela.

— Mas você me dá forças.

— Como?

— Opondo-se a mim. Eu afio minhas garras em gente como você.

Ela deu uma rápida olhada nas mãos dele.

— Figura de linguagem — explicou ele.

— Assim, finalmente o ofendi — ela disse, ouvindo apenas a raiva nas palavras e no tom de voz.

— Você não me ofendeu. Somos parentes e podemos falar asperamente um com o outro dentro da família. O fato é que eu tenho mais a temer de você do que você de mim.

Isso a deixou desconcertada, mas apenas por um momento. Ele viu a crença enrijecer-lhe os ombros, e então a dúvida. Ela abaixou o queixo e olhou para cima em direção a ele.

— O que o Grande Deus Leto poderia temer de mim?

— Sua violência ignorante.

— Está me dizendo que é fisicamente vulnerável?

— Não vou avisá-la de novo, Siona. Há limites aos jogos de palavras que podemos fazer. Você e os Ixianos sabem que aqueles a quem amo é que são fisicamente vulneráveis. Logo, a maior parte do Império vai saber disso. É o tipo de informação que viaja com rapidez.

— E todos se perguntarão que direito tem de governar!

Havia uma satisfação na voz dela que fez subir em Leto uma raiva abrupta. Achou difícil controlá-la. Esse era um lado das emoções humanas que ele detestava. Rigozijar-se com a desgraça alheia. Demorou algum tempo antes que ele se atravesse a responder, e então resolveu golpear através das defesas dela até atingir a parte vulnerável que já tinha visto.

— Eu governo pelo direito da solidão, Siona. Minha solidão é em parte liberdade e em parte escravidão. Ela diz que não posso ser comprado por nenhum grupo humano. Minha escravidão a vocês diz que servirei a todos com o melhor das minhas habilidades.

— Mas os Ixianos o pegaram! — ela disse.

— Não, eles me deram uma dádiva que me fortalece.

— Ela o enfraquece!

— Isso também — admitiu ele. — Mas forças muito poderosas ainda me obedecem.

— Oh, sim — concordou ela. — Eu entendo isso.

— Você não entende.

— Então tenho certeza de que vai me explicar — desafiou ela.

Ele falou tão suavemente que ela teve de se inclinar para mais perto dele a fim de ouvir.

— Não existem outros, de espécie alguma, em parte alguma, que possam me atrair para coisa alguma — para compartilhar alguma coisa, para assumir compromissos ou mesmo para a menor tentativa de criar outro governo. Eu sou único.

— Nem mesmo essa mulher Ixiana pode...

— Ela é tão semelhante a mim que não me enfraqueceria desse modo.

— Mas quando a Embaixada Ixiana foi atacada...

— Ainda posso ser irritado pela estupidez.

Ela olhou zangada, franzindo a testa.

Leto julgou ser esse um bonito gesto naquela situação, inteiramente inconsciente. Sabia que a tinha feito pensar. E estava certo de que ela nunca antes considerara o fato de que ser único implicasse algum direito.

Ele olhou para a silenciosa irritação dela, dizendo:

— Nunca antes houve um governo exatamente como o meu. Em toda a nossa história. Sou responsável apenas perante mim mesmo, extraindo um pagamento completo por aquilo que sacrifiquei.

— Sacrificou! — disse ela com sarcasmo, mas ele ouviu as dúvidas implícitas. — Cada déspota diz alguma coisa semelhante — ela continuou. — Você é responsável apenas perante você mesmo!

— O que torna cada coisa viva minha responsabilidade. Eu zelo por vocês através destes tempos.

— Através de que tempos?

— Os tempos que poderiam ter sido e não são mais.

Ele notou indecisão nela. Ela não confiava em seus instintos, em suas habilidades de previsão não-treinadas. Podia dar um salto ocasional, como acontecera ao roubar os seus diários, mas a motivação para o salto se perdia na revelação consequente.

— Meu pai diz que você pode ser muito hábil com as palavras.

— E ele deve saber. Mas existe um tipo de conhecimento que só se pode adquirir através da participação. Não há meios de aprender simplesmente se levantando, olhando e falando.

— E isso que ele quer dizer.

— Você está certa. Não é lógico. E uma luz, um olho que pode ver, mas que não vê a si próprio.

— Estou cansada de falar — ela disse.

— Como eu. — E pensou: “Já vi o bastante, fiz o bastante. Ela está completamente aberta às suas dúvidas. Como eles são vulneráveis na sua ignorância!”

— Não me convenceu de coisa alguma — ela disse.

— Não era esse o propósito deste encontro.

— Qual era o propósito?

— Verificar se já está pronta para ser testada.

— Test... — Ela inclinou a cabeça um pouco para a direita e olhou para ele.

— Não brinque de inocente comigo. Moneo lhe contou e eu digo que você está pronta!

Ela tentou engolir em seco e então começou:

— Que está...

— Já mandei que Moneo a levasse de volta à Cidade — disse Leto. — Quando nos encontrarmos de novo, você aprenderá realmente de que têmpera é feita.

38

Conhecem o mito do Grande Depósito de Especiaria? Sim, eu também conheço essa história. Um majordomo me contou um dia, para me divertir. A história diz que há um tesouro de melange, um gigantesco tesouro, tão grande quanto uma montanha, escondido nas profundezas de um planeta distante. Esse planeta não é Arrakis, não é Duna. A especiaria foi oculta muito tempo atrás, antes mesmo do Primeiro Império e da Corporação Espacial. A história diz que Paul Muad'Dib foi para lá e ainda vive ao lado do tesouro, que o mantém vivo e esperando. O majordomo não entendeu por que essa história me perturbou.

— Os diários roubados

Idaho tremia de raiva enquanto caminhava ao longo dos corredores de plaspedra em direção a seus alojamentos na Cidadela. A cada posto de guarda por que passava, uma mulher batia continência. Ele não respondia. Sabia estar causando inquietação entre elas. Ninguém podia ter dúvidas quanto ao estado de espírito do comandante. Mas ele não perdia o passo firme. A pesada batida de suas botas ecoava pelas paredes.

Ainda podia sentir o gosto do almoço — um familiar cardápio Atreides composto de costeleta, cereais cozidos com uma porção azeda de pseudocarne, tudo acompanhado de um copo de claro suco cidrit. Moneo o encontrara numa mesa de canto, no refeitório da Guarda, com uma tabela regional de operações colocada ao lado do prato.

Sem esperar por um convite, Moneo sentara-se diante dele e puxara para o lado a tabela de operações.

— Trago uma mensagem do Imperador-Deus.

O tom muito controlado preveniu Idaho de que esse não era um encontro casual. Outros sentiram isso. Um silêncio perceptível propagou-se pelas mulheres nas mesas próximas, espalhando-se pela sala.

Idaho abandonou suas costeletas.

— Sim?

— Estas foram as palavras do Imperador-Deus — disse Moneo. — "Foi má sorte minha que Duncan Idaho se tornasse enamorado de Hwi Noree. Esse

infortúnio não deve continuar.”

A raiva fez Idaho comprimir os lábios, mas ele permaneceu em silêncio.

— Essa tolice nos coloca a todos em perigo — disse Moneo.

— Noree é a prometida do Imperador-Deus.

Idaho tentou controlar sua raiva, mas as palavras o traíam:

— Ele não pode casar-se com ela!

— Por que não?

— Qual é o jogo dele, Moneo?

— Sou um mensageiro com uma única mensagem. Nada mais — disse Moneo.

A voz de Idaho era baixa e ameaçadora.

— Mas ele lhe faz confidências.

— O Imperador-Deus tem compaixão de você — mentiu Moneo.

— Compaixão! — gritou Idaho, aprofundando o silêncio na sala.

— Noree é uma mulher de óbvios atrativos. Mas não é para você.

— O Imperador-Deus falou — zombou Idaho — e não há apelação.

— Percebo que entendeu a mensagem.

Idaho fez menção de se levantar da mesa.

— Aonde vai? — quis saber Moneo.

— Vou acertar essa situação com ele agora!

— Isso é suicídio certo — advertiu Moneo.

Idaho olhou furioso para ele, subitamente consciente das mulheres que ouviam atentamente nas mesas à sua volta. Uma expressão que o Muad’Dib teria reconhecido imediatamente surgiu no rosto dele: “Jogando com o Diabo”, era como o Muad’Dib a chamava.

— Sabe o que os Duques Atreides originais sempre diziam?

— perguntou Idaho, e havia um tom de zombaria em sua voz.

— É pertinente?

— Diziam que todas as suas liberdades desaparecem quando você olha para um governante absolutista.

Rígido com o medo, Moneo inclinou-se na direção de Idaho e seus lábios quase não se moveram. Sua voz era pouco mais que um sussurro.

— Não diga tais coisas.

— Porque uma dessas mulheres poderia relatar?

Moneo sacudiu a cabeça, descrente.

— Você é mais descuidado que todos os outros.

— Realmente?

— Por favor! É extremamente perigoso tomar essa atitude.

Idaho ouviu um remexer nervoso propagando-se pelo salão.

— Ele pode apenas nos matar — disse Idaho.

Moneo falou num sussurro nervoso:

— Seu tolo! O Verme pode dominá-lo ante a menor provocação!

— O Verme, você diz? — E a voz de Idaho era desnecessariamente alta.

— Você deve confiar nele — disse Moneo.

Idaho olhou para a esquerda e para a direita.

— Sim, acho que elas ouviram isso.

— Ele é bilhões e bilhões de pessoas unidas num único corpo — disse Monco.

— Assim me disseram.

— Ele é Deus e nós somos mortais.

— Então, como pode um deus fazer coisas más?

Moneo empurrou a cadeira para trás e se levantou bruscamente.

— Eu lavo minhas mãos quanto a você! — Virou-se e saiu apressado do salão.

Idaho olhou para o refeitório, descobrindo-se no centro das atenções de todas as guardas.

— Moneo não julga, mas eu o faço — disse ele.

Para sua surpresa, descobriu alguns sorrisos maldosos entre as mulheres. Todas elas voltaram a comer.

Enquanto caminhava ao longo de um corredor da Cidadela, Idaho repetia essa conversa em sua mente, buscando singularidades no comportamento de Moneo. O terror podia ser reconhecido e até mesmo entendido, mas ali parecia haver muito mais que o medo da morte... muito, muito mais.

“O Verme pode dominá-lo.”

Idaho sentia que isso tinha escapado sem que Moneo o desejasse. Que poderia significar?

— Você é mais descuidado que qualquer um dos outros.

Idaho se incomodava por ter de ouvir comparações entre si mesmo e um desconhecido. Quão cuidadosos os outros teriam sido?

Chegou à porta do seu alojamento, colocou a mão no fecho de palma e hesitou. Sentia-se como um animal caçado recuando para o seu covil. As guardas do refeitório certamente teriam relatado a conversa para Leto a essa altura. O que iria fazer o Imperador-Deus? A mão de Idaho moveu-se sobre o fecho e a porta girou para dentro. Ele entrou na ante-sala de seu apartamento e trancou a porta olhando para ela.

“Será que ele vai mandar suas Oradoras Peixes me buscarem?”

Olhou em volta da área de entrada. Tratava-se de um espaço convencional, com prateleiras para roupas e sapatos, um espelho para o corpo

inteiro, um armário de armas. Olhou para a porta fechada do armário. Nenhuma das armas ali dentro oferecia qualquer ameaça real ao Imperador-Deus. Não havia sequer uma arma laser... embora até mesmo pistolas laser fossem ineficazes contra o Verme, de acordo com todos os relatos.

"Ele sabe que irei desafiá-lo."

Idaho suspirou e olhou para a frente, em direção ao portal arqueado que conduzia à sala de estar. Moneo substituíra a mobília por peças mais pesadas, mais rígidas, algumas delas reconhecivelmente Fremen — escolhidas nas arcas dos Fremen de Museu.

Fremen de Museu!

Idaho cuspiu e passou pelo portal. Dois passos para dentro do quarto e ele parou, chocado. A luz suave das janelas do norte revelava Hwi Noree sentada num longo divã.. Ela usava um vestido azul-brilhante que se colava ao seu corpo, bem revelador. Olhou para ele quando entrou.

— Graças aos deuses você não foi ferido — disse ela.

Idaho olhou para trás, para a porta de fecho. Depois olhou especulativamente para Hwi. Ninguém a não ser algumas guardas selecionadas deveriam ser capazes de abrir aquela porta.

Ela sorriu ante a sua confusão:

— Nós Ixianos fabricamos esses fechos — ela disse.

Ele se sentiu temeroso por ela.

— Que está fazendo aqui?

— Precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Duncan... — Ela sacudia a cabeça. — Sobre nós!

— Elas a avisaram — disse ele.

— Disseram-me para rejeitá-lo.

— Moneo a enviou!

— Duas mulheres da Guarda que o ouviram no refeitório. elas trouxeram a noticia até mim. Acham que você está correndo um perigo terrível.

— E por isso que está aqui?

Ela se levantou num movimento gracioso que fez Idaho lembrar-se do modo como a avó de Leto, Jessica, se movia. O mesmo controle fluido dos músculos, cada movimento cheio de beleza.

A compreensão veio como um choque.

— Você é uma Bene Gesserit.

— Não! Elas estavam entre as minhas instrutoras, mas não sou uma Bene Gesserit.

Suspeitas enevoaram-lhe a mente. Que alianças estariam funcionando no

Império de Leto? Que saberia um ghola a respeito de tais coisas?

“As mudanças desde a época em que eu vivi. .

— Suponho que você ainda seja simplesmente Ixiana.

— Por favor, não zombe de mim, Duncan.

— Afinal, que é você?

— Sou a noiva destinada ao Imperador-Deus.

— E vai servi-lo fielmente!

— Vou.

— Então nada há para conversarmos.

— Exceto esta coisa entre nós.

Ele pigarreou.

— Que coisa?

— Esta atração. — Ela ergueu uma das mãos quando ele começava a falar. — Quero me lançar em seus braços, encontrar o amor e o abrigo que sei que existe aí. E você deseja isso também.

Ele ficou rígido.

— O Imperador-Deus o proíbe!

— Mas eu estou aqui.

Ela deu dois passos em direção a ele, o vestido ondulando sobre o corpo.

— Hwi... — Ele tentou engolir com a garganta seca. — E melhor você sair.

— E prudente, mas não é melhor.

— Se ele descobrir que você esteve aqui.

— Não é meu costume deixar você deste modo. — Novamente ela lhe deteve a resposta erguendo a mão. — Fui criada e treinada com um único propósito.

Suas palavras o encheram de gélida cautela.

— Que propósito?

— Seduzir o Imperador-Deus. Oh, ele sabe disso. E não mudaria coisa alguma em mim.

— Nem eu.

Hwi chegou um passo mais perto de Idaho e este sentiu o perfume leitoso de seu hálito.

— Eles me fizeram muito bem — ela disse. — Fui projetada para agradar um Atreides. E Leto diz que seu Duncan é mais Atreides do que muitos nascidos com o nome.

— Leto?

— De que outro modo eu trataria aquele com quem vou me casar?

Enquanto falava, Hwi inclinou-se na direção de Idaho. E, como se um ímã

tivesse encontrado seu ponto de atração crítica, eles se aproximaram um do outro. Hwi comprimiu o rosto contra a túnica de Idaho, os braços em torno do corpo dele, sentindo-lhe os músculos rijos. Idaho repousou o queixo sobre os cabelos dela, o almíscar enchendo-lhe os sentidos.

— Isto é loucura — sussurrou ele.

— Sim.

Ele ergueu o queixo dela e a beijou.

Hwi pressionou o corpo contra o dele.

Nenhum dos dois teve dúvidas sobre aonde isso levaria. Ela não resistiu quando ele a ergueu nos braços e a carregou para o quarto.

Apenas uma vez Idaho falou:

— Você não é virgem.

— Nem você, amor.

— Amor — sussurrou ele. — Amor, amor, amor...

— Sim... sim!

Na paz posterior ao coito, Hwi colocou ambas as mãos por trás da cabeça e se espreguiçou, contorcendo-se na cama. Idaho sentou-se de costas para ela, olhando para a janela.

— Quem foram seus outros amantes? — ele indagou.

Ela se apoiou sobre um cotovelo.

— Não tive outros amantes.

— Mas... — Ele se virou, olhando para ela.

— Na minha adolescência — explicou ela —, havia um jovem que precisava muito de mim. — Ela sorriu. — Depois me senti muito envergonhada. Como eu tinha sido confiante! Pensei que tivesse falhado diante daqueles que dependiam de mim. Mas eles descobriram e ficaram entusiasmados. Sabe, acho que estava sendo testada.

Idaho ficou carrancudo.

— E foi assim comigo? Eu precisava de você?

— Não, Duncan. — As feições dela ficaram sérias. — Nós demos prazer um ao outro porque assim é que é com o amor.

— Amor! — repetiu ele num tom amargo.

Ela comentou:

— Meu tio Malky costumava dizer que o amor é um mau negócio porque nele não se tem garantias.

— Seu tio Malky era um homem sábio.

— Ele era estúpido! O amor não precisa de garantias.

Um sorriso torceu os cantos da boca de Idaho.

Ela também sorriu para ele.

— Você sabe que é amor quando quer proporcionar prazer e manda para o inferno as consequências.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu penso apenas no perigo que você corre.

— Nós somos o que somos — ela disse.

— E que vamos fazer?

— Vamos lembrar com carinho o que aconteceu aqui pelo resto de nossas vidas.

— Você fala... de modo tão definitivo.

— Falo sim.

— Mas nos veremos um ao outro a cada...

— Nunca mais deste modo.

— Hwi!

Ele se lançou através da cama, colocando o rosto sobre o peito dela. Ela acariciou-lhe o cabelo.

Com sua voz abafada contra ela, ele disse:

— E se eu a tiver fecund...

— Shh! Se houver uma criança, haverá uma criança.

Idaho ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Mas ele saberá com certeza!

— Ele vai saber de qualquer modo.

— Você acha que ele já sabe de tudo?

— Não de tudo, mas saberá disto.

— Como?

— Eu vou lhe dizer.

Idaho afastou-se bruscamente dela e se sentou na cama. A raiva confundia-se com a perplexidade em sua expressão.

— Sou obrigada — ela disse.

— E se ele se voltar contra você... Hwi, contam histórias. Você pode ficar num perigo terrível!

— Não. Tenho necessidades também. Ele sabe disso. Não irá ferir nenhum de nós.

— Mas ele...

— Ele não irá destruir a mim. E sabe que, se o ferir, isso me destruirá.

— Como pode se casar com ele?

— Querido Duncan, ainda não viu que ele precisa mais de mim do que você?

— Mas ele não pode... quero dizer, você não pode...

— Esse prazer que tivemos um com o outro. Não vou tê-lo com Leto, isso

é impossível para ele. Ele me confessou.

— Então por que não... se ele ama você...

— Ele tem planos maiores, necessidades maiores. — Ela se aproximou e pegou a mão direita de Idaho entre as suas. — Eu soube disso desde que comecei a estudar a respeito dele. Suas necessidades são maiores do que qualquer uma das nossas.

— Que planos? Que necessidades?

— Pergunte a ele.

— Você sabe?

— Sim.

— Quer dizer que acredita nessas histórias a respeito de.

— Há honestidade e bondade nele. Sei por minhas próprias reações a ele. O que meus mestres Ixianos fizeram em mim, creio, foi uma espécie de reagente que revela mais do que aquilo que eles desejavam que eu soubesse.

— Então acredita nele! — acusou Idaho. Tentou tirar a mão de entre as mãos dela.

— Se for vê-lo, Duncan, e...

— Ele nunca mais me verá!

— Verá.

Ela puxou a mão dele para junto de sua boca e lhe beijou os dedos.

— Sou um refém — ele disse. — Você me deixou temeroso... vocês dois juntos...

— Nunca pensei que seria fácil servir a Deus — ela disse.

— Mas não pensava que seria tão duro.

39

A Memória tem um significado curioso para mim, um significado que espero outros possam compartilhar. Continuamente me admiro com a maneira como as pessoas podem ocultar-se de suas memórias ancestrais, abrigando-se por trás de uma espessa barreira de mitos. Oh, não espero que elas busquem a terrível proximidade de cada momento vivo que sou obrigado a vivenciar. Posso compreender que não desejem mergulhar numa sopa de insignificantes detalhes ancestrais. Você tem razão em temer que os seus momentos de vida possam ser tomados por outros. E no entanto o significado está lá dentro dessas memórias! Nós carregamos em frente toda a nossa ancestralidade como uma onda viva, com todas as esperanças, alegrias, mágoas, agonias e triunfos do nosso passado. Nada dentro dessas memórias permanece totalmente desprovido de significado ou influência, não enquanto houver uma humanidade em alguma parte. Nós temos esse brilhante Infinito à nossa volta, esse Caminho Dourado da eternidade ao qual podemos continuamente dedicar nossa fraca mas inspirada lealdade.

— Os diários roubados

— Eu o convoquei, Moneo, devido ao que minhas guardas me disseram — disse Leto.

Eles se encontravam na escuridão da cripta onde, Moneo se lembrou, algumas das decisões mais dolorosas do Imperador-Deus se haviam originado. Moneo também ouvira os relatórios e estivera esperando pelo chamado durante toda a tarde, até que ele veio logo depois do jantar. Um momento de terror o engolfara.

— É a respeito... a respeito do Duncan, Senhor?

— É claro que é a respeito do Duncan!

— Contaram-me, Senhor... seu comportamento...

— Comportamento terminal, Moneo?

Moneo curvou a cabeça.

— Se diz assim, Senhor.

— Quanto tempo até que os Tleilaxu nos possam fornecer um outro?

— Eles dizem que têm tido problemas, Senhor. Pode levar até dois anos.

— Sabe o que minhas guardas me disseram, Moneo? Moneo prendeu a respiração. Se o Imperador-Deus soubesse da última... Não! Até mesmo as Oradoras Peixes estavam aterrorizadas com a afronta. Se fosse outro que não um Duncan, as mulheres se teriam encarregado de eliminá-lo.

— Bem, Moneo?

— Disseram-me, Senhor, que ele chamou um grupo de guardas e lhes fez perguntas sobre suas origens. Em que mundos elas tinham nascido? Qual o seu parentesco, sua infância?

— E as respostas não o satisfizeram.

— Ele as assustou, Senhor. Ficou insistindo.

— Como se a repetição pudesse produzir a verdade. Sim.

Moneo permitiu-se a esperança de que essa pudesse ser toda a preocupação do seu Senhor.

— Por que os Duncans sempre fazem isso, Senhor?

— Foi o treinamento inicial deles. O Treinamento Atreides.

— Mas como isso difere do...

— Os Atreides viviam a serviço das pessoas que eles governavam. A medida de seus governos era. encontrada nas vidas dos governados. Assim, os Duncans sempre desejavam saber como as pessoas viviam.

— Ele passou uma noite em um vilarejo, Senhor. Esteve em algumas das cidades. Viu.

— Tudo reside na maneira como você interpreta os resultados, Moneo. A evidência não é coisa alguma sem os julgamentos.

— Tenho observado que ele julga, Senhor.

— Nós todos fazemos isso, mas os Duncans tendem a acreditar que este universo está submetido à minha vontade. E eles sabem que não se pode agir errado em nome do certo.

— E o que ele diz que o Senhor...

— E o que eu digo, o que todos os Atreides dentro de mim dizem. Este universo não permitirá isso. As coisas que você tenta fazer não permanecem caso...

— Mas o Senhor não age de maneira errada!

— Pobre Moneo. Não percebe que criei um veículo para as injustiças.

Moneo não podia falar. Percebeu que fora distraído por um aparente retorno da brandura no Imperador-Deus. Mas agora sentia mudanças ocorrendo no grande corpo, e essa proximidade... Olhou à volta, percorrendo com o olhar a câmara central da cripta e lembrando a si mesmo das muitas mortes que haviam acontecido ali e que ali estavam sepultadas.

“Será que a minha hora chegou?”

Leto falou em tom meditativo:

— Você não pode ter sucesso fazendo reféns. Essa é uma forma de escravidão. Um ser humano não pode possuir outro ser humano. Este universo não vai permitir.

As palavras ficaram brilhando na consciência de Moneo, um contraste aterrorizante com os ruídos da transformação que ele sentia em seu Senhor.

“O Verme está chegando!”

Novamente Moneo olhou para a cripta à sua volta. Esse lugar era muito pior do que o ninho! O refúgio era muito remoto.

— Bem, Moneo, você tem alguma resposta?

Moneo arriscou um sussurro.

— As palavras do Deus me iluminam.

— Iluminam? Você não está iluminado!

Moneo falou desesperado:

— Mas eu sirvo ao meu Senhor!

— Você pede para servir ao seu Deus?

— Sim, Senhor.

— Quem criou a sua religião, Moneo?

— O Senhor.

— Essa é uma resposta sensata.

— Obrigado, Senhor.

— Não me agradeça! Diga-me o que é que as instituições religiosas perpetuam!

Moneo recuou quatro passos.

— Fique onde está! — ordenou Leto.

Com todo o corpo tremendo, Moneo sacudiu a cabeça, atônito. Finalmente encontrara uma pergunta sem resposta. E deixar de responder precipitaria sua morte. Ele esperou por ela, a cabeça curvada.

— Então eu lhe direi, pobre servo.

Moneo permitiu-se ter esperanças. Ergueu o olhar para o rosto do Imperador-Deus, notando que os olhos dele ainda não estavam vidrados... e suas mãos ainda não tremiam. Talvez o Verme não viesse.

— As instituições religiosas perpetuam um relacionamento senhor-servo que é mortífero — explicou Leto. — Elas criam uma arena que atrai os seres humanos orgulhosos e sedentos de poder, possuidores de todos os preconceitos daqueles cuja visão e’ estreita!

Moneo só podia assentir com a cabeça. Estaria havendo um tremor nas mãos do Imperador-Deus? Aquela face terrível estaria se encolhendo dentro das

dobras do seu capuz?

— Secretas revelações de infâmia, isso é o que os Duncans buscam — disse Leto. — Os Duncans possuem muita compaixão por seus companheiros e um limite muito definido de lealdade.

Moneo estudara os holos dos antigos vermes da areia de Duna, as gigantescas bocas cheias de dentes de faca cristalina em torno de um fogo consumidor. Notou a tumescência dos anéis latentes na superfície tubular de Leto. Estariam mais proeminentes? Uma nova boca se abriria abaixo daquela face envolvida nas dobras?

— Os Duncans sabem em seu coração que deliberadamente ignorei a advertência de Maomé e de Moisés — disse Leto. — Até mesmo você sabe disso, Moneo!

Era uma acusação. Monco começou a assentir, então sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Imaginou se deveria atrever-se a tentar outra fuga. Sabia de sua experiência que palestras sobre esse tema não podiam continuar por muito tempo sem a chegada do Verme.

— Que poderia ser essa advertência? — perguntou Leto. Havia um tom zombeteiro em sua voz.

Monco permitiu-se um ligeiro encolher de ombros.

Abruptamente, a voz de Leto trovejou pela câmara, um barítono ancestral que falava através dos séculos:

Vocês são servos de Deus, não servos de servos! Moneo entrelaçou as mãos e implorou:

— Eu sirvo ao Senhor!

— Moneo, Moneo — disse Leto, a voz baixa e ressonante.

— Um milhão de erros não podem criar uma coisa certa, direita. O que é certo se conhece porque perdura.

Moneo só podia esperar em trêmulo silêncio.

— Eu destinara Hwi a procriar com você, Moneo — disse Leto. — Agora é muito tarde.

As palavras levaram um instante para penetrar na consciência de Moneo. Ele sentia que o significado delas estava fora de qualquer contexto conhecido. “Hwi? Quem era Hwi? Oh, sim — a noiva Ixiana do Imperador-Deus. Procriar comigo?” Moneo sacudiu a cabeça.

Leto falou com infinita tristeza:

— Você também deverá passar. Será que todos os nossos trabalhos serão esquecidos como o pó?

Sem o menor aviso, ainda enquanto falava, o corpo de Leto saltou em convulsão, rolando para fora do carro. A velocidade e a monstruosa violência

daquele movimento lançaram-no a centímetros de Moneo, que gritou e fugiu correndo pela cripta.

— Moneo!

O chamado de Leto deteve o majordomo na entrada do elevador

— O teste, Moneo! Vou testar Siona amanhã!

40

A percepção do que eu sou ocorre na consciência atemporal que não estimula nem ilude. Eu crio um campo sem identidade nem centro, um campo onde até mesmo a morte se torna mera analogia. Não desejo resultados. Apenas permito a existência desse campo que não possui objetivos nem desejos, que não tem perfeições nem visões de realização. Nele, a consciência primal onipresente é tudo. É a luz que se derrama através das janelas do meu universo.

— Os diários roubados

O sol se ergueu, enviando seu brilho cruel através das dunas. Leto sentia a areia debaixo dele como uma suave carícia. Somente seus ouvidos humanos, escutando a raspagem abrasiva de seu pesado corpo, informavam o contrário. Era um conflito sensorial que ele aprendera a aceitar.

Ouviu Siona caminhando atrás dele com leveza em seus passos, um suave derramar de areia enquanto ela subia para esse nível no topo da duna.

"Quanto mais eu aguento, mais vulnerável me torno", pensou ele.

Tal pensamento frequentemente lhe ocorria nesses dias em que ia para o deserto. Olhou para cima. O céu estava sem nuvens e com uma densidade de azul que os velhos dias de Duna nunca tinham visto.

Que era um deserto desprovido de um céu sem nuvens? Pena que não pudesse ter o tom prateado de Duna.

Satélites Ixianos controlavam esse céu, nem sempre com a perfeição que ele poderia desejar. Tal perfeição era uma fantasia mecânica que falhava sob o controle humano. Ainda assim, os satélites mantinham um domínio suficientemente controlado para lhe dar essa manhã de calma no deserto. Ele inspirou profundamente com seus pulmões humanos e ouviu a aproximação de Siona. Esta havia parado e Leto sabia que ela estava admirando a vista.

Ele sentia sua imaginação atuando como um feiticeiro a invocar todas as coisas que se haviam unido para produzir o cenário físico desse momento. Sentia os satélites. Ótimos instrumentos que tocavam a música para a dança do aquecimento e resfriamento das massas de ar, perpetuamente monitorando e ajustando as poderosas correntes verticais e horizontais. Divertia-o lembrar que

os Ixianos tinham julgado que iria usar essa delicada maquinaria num novo tipo de despotismo hidráulico — negando a umidade àqueles que desafiassem seu governo, punindo outros com terríveis tempestades. Como tinham ficado surpresos ao se perceberem equivocados!

“Meus controles são mais sutis.”

Lenta e suavemente, colocou-se em movimento, nadando na superfície arenosa, deslizando duna abaixo sem nem uma vez olhar para trás, em direção à fina agulha da torre, sabendo que ela desapareceria daí a pouco na névoa do calor diurno.

Siona o seguia com uma docilidade pouco característica. A dúvida fizera seu trabalho. Ela tinha lido os diários roubados, ouvira as advertências do pai. Agora não sabia o que pensar.

— Que teste é esse? — perguntara a Moneo. — Que ele irá fazer?

— Nunca é a mesma coisa.

— Como foi que ele o testou?

— Será diferente com você. Eu somente a confundiria se lhe contasse minha experiência.

Leto ouvira secretamente enquanto Moneo preparava sua filha, vestindo-a com um autêntico traje destilador Fremen, com um manto negro sobre ele, ajustando corretamente as bombas nas botas. Moneo não se havia esquecido.

Ele olhou para cima, encarando-a enquanto ajustava as botas.

— O Verme virá. Isso é tudo que lhe posso dizer. Você deve encontrar um modo de viver na presença do Verme.

Ele se levantara então, explicando a respeito do traje destilador, de como ele reciclava os fluidos do próprio corpo. Fez com que ela puxasse um tubo do bolsão de recolhimento e o sugasse, depois fechasse de novo o tubo.

— Você estará sozinha com ele no deserto — disse Moneo.

— O Shai-Hulud nunca fica distante quando se está no deserto.

— E se eu me recusar a ir? — perguntou ela.

— Você irá... mas pode não voltar.

Essa conversa acontecera na câmara ao nível do solo da Pequena Cidadela, enquanto Leto aguardava no ninho. Ele desceu quando já sabia que Siona estava pronta, deslizando na escuridão anterior à aurora sobre sua carreta com os suspensores ligados. A carreta ficara numa sala ao nível do solo, depois que Moneo e Siona partiram. Enquanto Moneo andava sobre o solo plano até o seu tóptero e decolava em asas sussurrantes, Leto fez com que Siona testasse o portal fechado da câmara ao nível do solo, então olhou para cima, em direção às alturas impossíveis da Torre.

— O único caminho para fora é através do Sareer — ele dissera.

Ele tomou a frente, conduzindo-a para longe da Torre, nem mesmo lhe ordenando que o seguisse, confiando em seu bom senso, sua curiosidade e suas dúvidas.

O progresso ondulante de Leto levou-o para baixo, ao longo da face escorregadia da duna, e sobre a seção exposta do complexo rochoso do subsolo da torre, depois subindo outra face arenosa em ângulo raso, de modo a criar uma trilha para que Siona seguisse. Os Fremen chamavam esses rastros de compressão de "as dádivas de Deus aos cautelosos". Leto movia-se lentamente, dando a Siona um pouco de tempo para que ela reconhecesse que esse era o domínio dele, seu habitat natural.

Chegou ao topo de outra duna e se voltou para lhe observar o progresso. Ela se mantivera na trilha que ele fizera e parou somente quando chegou ao topo. O olhar dela voltou-se para o seu rosto; depois ela se virou para fitar o horizonte. Ouviu o rápido fôlego da respiração dela. O ar trêmulo pelo calor ocultava agora o topo da torre. A base podia ser apenas um distante afloramento de rocha.

— Isso é como era — ele disse.

Havia alguma coisa com relação ao deserto que falava à alma eterna das pessoas possuidoras de sangue Fremen. Ele escolhera esse lugar pelo seu impacto como deserto — uma duna ligeiramente mais alta que as outras.

— Dê uma boa olhada — recomendou ele, depois escorregou pelo outro lado da duna, a fim de remover seu volume do campo de visão dela.

Siona voltou-se lentamente outra vez, olhando para longe.

Leto sabia qual era a sensação mais íntima produzida pelo que ela via. Exceto pela insignificante mancha borrada da base da Torre, não havia a menor elevação no horizonte — plano, plano por toda parte. Sem plantas, sem qualquer movimento de coisa viva. De seu ponto de vista, havia um limite de aproximadamente oito quilômetros até a linha onde a curvatura do planeta ocultava tudo além.

Leto falou de onde havia parado, logo abaixo da crista da duna.

— Este é o verdadeiro Sareer. Você só o conhece quando está aqui a pé. Isto é tudo que restou do bahr bela ma.

— O oceano sem água — sussurrou ela.

Novamente ela se virou e examinou o horizonte inteiro.

Não havia vento e Leto sabia que, sem o vento, o silêncio devorava a alma humana. Siona estava sentindo a perda de todos os pontos de referência familiares. Fora abandonada num lugar perigoso.

Leto olhou para a próxima duna. Naquela direção, eles chegariam daí a pouco a uma linha de colinas baixas, que originalmente tinham sido montanhas, mas que agora se encontravam despedaçadas no entulho e nas rochas

remanescentes. Continuou a repousar calmamente, deixando que o silêncio fizesse seu trabalho por ele. Era até agradável imaginar que essas dunas seguiam interminavelmente, como um dia o tinham feito, até circundarem totalmente o planeta. Mas mesmo essas dunas estavam degenerando. Sem as tempestades Coriolis originais de Duna, o Sareer não conhecia nada mais forte que uma brisa e os ocasionais vórtices de calor que não tinham mais que um efeito local.

Um desses pequenos "diabos de vento" dançou a uma distância média para o sul e o olhar de Siona seguiu sua trilha. De repente ela disse:

— Você tem alguma religião pessoal?

Leto levou um momento preparando sua resposta. Sempre o surpreendia o modo como o deserto provocava pensamentos religiosos.

— Você se atreve a me perguntar se tenho alguma religião pessoal?

Sem revelar nenhum traço dos temores que ele sabia que ela sentia, Siona virou-se e olhou para ele. A audácia era sempre uma marca dos Atreides, ele se lembrou.

Como ela não respondeu, ele disse:

— Você é sem dúvida uma Atreides.

— É essa a sua resposta?

— Que é que você realmente quer saber, Siona?

— Em que você acredita!

— Ho! Você pergunta pela minha fé. Bem, vejamos... Acredito que alguma coisa não pode emergir do nada sem intervenção divina.

A resposta a intrigou.

— Como é que um...

— Natura non facit saltus — ele disse.

Ela sacudiu a cabeça, não entendendo a antiga citação que saltara dos lábios dele. Leto traduziu:

— A natureza não dá saltos.

— Que língua era essa? — perguntou ela.

— Um idioma que não é mais falado em parte alguma do meu universo.

— Por que a usou, então?

— Para sondar suas memórias ancestrais.

— Não tenho nenhuma! Só queria saber por que me trouxe aqui.

— Para lhe dar o sabor do seu próprio passado. Venha até aqui e suba nas minhas costas.

Ela hesitou a princípio; depois, percebendo a futilidade de um desafio, desceu pela face da duna e subiu nas costas de Leto.

Este esperou até que ela estivesse ajoelhada em cima dele. Não era o mesmo que nos velhos tempos, ele sabia. Ela não tinha ganchos de Produtor e

não poderia ficar de pé nas suas costas. Ergueu os segmentos frontais ligeiramente para fora da superfície.

— Por que estou fazendo isto? — ela perguntou. Seu tom de voz dizia que se sentia uma tola lá em cima.

— Quero que sinta o modo como nossa gente um dia viajou, orgulhosa, através desta terra, no topo das costas do gigantesco Verme da Areia.

Começou a deslizar ao longo da Duna, logo abaixo de sua crista. Siona vira os holos. Conhecia essa experiência intelectualmente, mas o pulso da realidade tinha uma batida diferente e ele sabia que ela responderia ao ritmo.

“Ah, Siona”, pensou ele, “você nem mesmo começou a suspeitar do modo como vou testá-la.”

Leto se endureceu então. “Não devo ter piedade. Se ela morrer, ela morre. Se qualquer um deles morre, é um acontecimento necessário, não mais que isso.”

E tinha de se lembrar de que isso se aplicava até mesmo a Hwi Noree. Apenas não podiam morrer todos eles.

Sentiu quando Siona começou a apreciar a sensação de cavalgar em suas costas. Houve uma leve mudança de peso quando ela se apoiou para trás, sobre as pernas, a fim de erguer a cabeça.

Ele moveu-se para longe, então, subindo uma curva barracan e se unindo a Siona no apreciar das antigas sensações. Leto podia apenas vislumbrar o remanescente das elevações no horizonte à frente. Eram como uma semente do passado aguardando, uma lembrança da força auto-sustentada e expansível que operava num deserto. Podia esquecer por um momento que nesse planeta havia apenas uma pequena fração de superfície ainda como deserto — o dinamismo do Sareer sobrevivia num ambiente precário.

A ilusão de passado estava ali, contudo. Ele a sentia ao se mover. Fantasia, é claro, uma fantasia que se esvaía enquanto sua tranquilidade forçada continuava. Mesmo esse extenso barracan que agora atravessava não era tão grande quanto os que haviam existido no passado. Nenhuma das dunas aqui era tão grande.

Todo esse deserto preservado subitamente lhe pareceu ridículo. Quase parou numa superfície de seixos entre dunas, continuando mais lentamente enquanto tentava conjurar as necessidades que mantinham todo esse sistema funcionando. Imaginou a rotação do planeta, provocando grandes correntes que transportavam ar frio e ar quente para novas regiões a um enorme volume — tudo monitorado e governado por aqueles minúsculos satélites com seus instrumentos Ixianos e seus pratos focalizadores de calor. Se os monitores lá no alto podiam ver alguma coisa, viam o Sareer parcialmente como um “deserto em relevo”, com muralhas físicas e de ar frio a circundá-lo. Isso tendia a criar gelo

nas bordas e exigia mais ajustamentos climáticos.

Não era fácil, e Leto por isso perdoava os erros ocasionais.

Enquanto se movia uma vez mais sobre as dunas, perdia o senso desse delicado equilíbrio, colocando de lado a memória das vastidões pedregosas fora das areias centrais e se entregando à apreciação desse “oceano petrificado”, com suas ondas congeladas e aparentemente imóveis. Voltou-se para o sul, paralelamente às colinas remanescentes.

Sabia que a maioria das pessoas ficava ofendida com essa sua paixão pelo deserto. Ficavam perturbadas e se afastavam. Siona, contudo, não virava as costas. Para todos os lados que ela olhava, o deserto pedia identificação. Ela cavalgava silenciosamente em suas costas, mas ele sabia que seus olhos estavam ocupados. E antigas memórias começavam a se agitar.

Três horas depois ele chegou a uma região de dunas cilíndricas, tipo dorso de baleia, algumas delas com 150 quilômetros de comprimento no ângulo dos ventos predominantes. Além delas se encontrava um corredor rochoso entre dunas, e então uma região de dunas-estrela com quase 400 metros de altura. Finalmente entraram nas dunas trançadas do erg central, onde a elevada pressão do ar eletricamente carregado ergueu-lhes o moral. Sabia que a mesma mágica devia estar funcionando com Siona.

— Aqui foi onde se originaram as canções da Longa Jornada — ele disse. — Estão perfeitamente preservadas na História Oral.

Ela não respondeu, mas ele sabia que ouvira.

Leto atrasou o passo e começou a falar com Siona, contando-lhe a respeito de seu passado Fremen. Sentia o aumento do interesse da moça que até mesmo fazia perguntas ocasionais, mas também podia sentir os antigos temores crescendo nela.

Mesmo a base de sua Pequena Cidadela não era mais visível dali. Ela não podia reconhecer mais nada feito pelo homem. Devia estar pensando agora que ele se entregava a uma conversa informal sobre coisas sem importância para lhe afastar a mente de algo portentoso.

— A igualdade entre homens e mulheres originou-se aqui — disse ele.

— Suas Oradoras Peixes negam que homens e mulheres sejam iguais — ela disse.

Sua voz, cheia de uma descrença indagadora, era um localizador melhor do que a sensação que ela provocava, agachada em suas costas. Leto parou na interseção de duas dunas trançadas e deixou que a exalação do oxigênio por ele gerado diminuísse.

— As coisas não são as mesmas hoje em dia — ele disse.

— Mas homens e mulheres de fato possuem diferentes exigências

evolutivas atuando sobre si. Com os Fremen, entretanto, havia uma interdependência. Isso estimulava a igualdade por aqui, onde as questões da sobrevivência se tornam imediatas.

— Por que me trouxe aqui? — ela exigiu saber.

— Olhe atrás de nós — disse ele.

Sentiu que ela se virava. Daí a pouco ela disse:

— Que é que eu devo ver?

— Deixamos algum rastro? Pode ver por onde passamos?

— Sopra uma brisa fraca agora.

— Ela cobriu nossos rastros?

— Suponho que sim... sim.

— Este deserto nos transformou no que fomos e somos — explicou ele. — É o verdadeiro museu das nossas tradições. E nenhuma dessas tradições foi perdida.

Leto viu uma pequena tempestade de areia, uma ghibli, abrindo caminho através do horizonte sul. Notou as estreitas fitas de pó e areia movendo-se adiante dela. Certamente Siona a tinha visto.

— Por que não me diz para que me trouxe aqui? — ela insistiu. O medo era óbvio em sua voz.

— Mas eu lhe disse.

— Não, não disse!

— Que distância já percorremos, Siona?

— Ela pensou a respeito.

— Trinta quilômetros? Vinte?

— Mais. Posso me mover bem rápido em minha própria terra. Não sentiu o vento em seu rosto?

— Sim — disse ela, taciturna. — Então por que me pergunta a distância?

— Desça e fique onde eu possa vê-la.

— Por quê?

“Bom”, ele pensou. “Ela acredita que vou abandoná-la aqui e correr mais depressa do que ela pode me seguir.”

— Desça e explicarei.

Ela escorregou de suas costas e deu a volta para onde ele podia olhar em seu rosto.

— O tempo passa rapidamente quando os sentidos estão ocupados — explicou ele. — Saímos há mais de quatro horas. Percorremos aproximadamente 60 quilômetros.

— Por que isso é tão importante?

— Moneo colocou alimentos secos no bolso do seu manto. Coma um

pouco e eu lhe direi.

Ela encontrou um cubo seco de protomor e o mordiscou enquanto o observava. Era uma autêntica comida antiga dos Fremen, até mesmo com leve adição de melange.

— Você já sentiu seu passado — explicou ele. — Agora deve ser sensibilizada para o seu futuro, o Caminho Dourado.

Ela engoliu.

— Não acredito no seu Caminho Dourado.

— Se vai viver, deve acreditar nele.

— É esse o seu teste? Ter fé no Grande Deus Leto ou morrer?

— Você não precisa ter qualquer fé em mim. Quero que tenha fé em si mesma.

— Então, por que é importante ter vindo até onde viemos?

— Assim compreenderá por quanto ainda tem de seguir.

Ela levou a mão à face.

— Eu na....

— Bem aí, onde está, você se encontra no meio do Infinito. Olhe à sua volta para perceber o significado do Infinito.

Ela olhou para a direita e para a esquerda, em direção ao deserto continuo.

— Vamos caminhar para fora do meu deserto juntos — ele explicou. — Só nós dois.

— Você não caminha — retrucou ela.

— Uma figura de linguagem. Mas você vai caminhar. Isso eu lhe asseguro.

Ela olhou na direção por onde tinham vindo.

— Então foi por isso que me perguntou a respeito dos rastros?

— Mesmo que houvesse rastros, você não poderia voltar. Não há nada em minha Pequena Cidadela que pudesse usar para a sua sobrevivência.

— Nem água?

— Nada.

Ela encontrou o tubo do bolsão de recolhimento em seu ombro, sugou-o e o recolocou. Ele notou o cuidado com que ela havia selado a extremidade. Mas Siona não puxara sobre a boca a máscara facial, embora Leto tivesse ouvido o pai dela advertindo-a quanto a isso. Queria ter a boca livre para falar.

— Está me dizendo que eu não poderia fugir de você?

— Fuja se quiser.

Ela descreveu meio circulo, examinando a vastidão desolada.

— Existe um ditado sobre estas terras abertas — ele disse.

— Que uma direção é tão boa quanto outra. De certo modo, isso é

verdade, mas eu não contaria com isso.

— Mas sou realmente livre para abandoná-lo se quiser?

— A liberdade pode ser uma condição muito solitária.

Ela apontou para o lado íngreme da duna sobre a qual eles tinham parado.

— Mas eu podia ir até lá embaixo e...

— Se eu fosse você, Siona, não desceria por onde apontou.

Ela olhou com raiva para ele.

— Por quê?

— No lado íngreme de uma duna, a menos que siga as curvas naturais, a areia pode deslizar sobre você e enterrá-la.

Ela olhou para a face inclinada, absorvendo isso.

— Percebe como as palavras podem ser belas? — perguntou ele.

Ela voltou a atenção para o seu rosto. Devemos seguir em frente?

— Aqui você aprende a valorizar o descanso. E a cortesia. Não há pressa.

— Mas não temos água, exceto...

— Usado sabiamente, esse traje destilador a manterá viva.

— Mas quanto tempo vamos levar para...

— Sua impaciência me preocupa.

— Mas só temos esta comida seca no meu bolso. Que vamos comer quando...

— Siona! Já percebeu como está exprimindo nossa situação como mútua? Que iremos comer? Não teremos água. Devemos prosseguir? Quanto tempo vamos levar?

Ele percebeu a secura na boca de Siona, enquanto ela tentava responder.

— Poderia ser que nos tornamos interdependentes? — perguntou ele.

Ela falou com relutância:

— Não sei como sobreviver aqui.

— Mas eu sei?

Ela concordou com um gesto de cabeça.

— E por que eu deveria partilhar tão precioso conhecimento com você? — perguntou ele.

Ela encolheu os ombros, um gesto digno de pena que o sensibilizou. Como o deserto era rápido em eliminar certas atitudes anteriores.

— Partilharei meu conhecimento com você — ele disse. — E você deve encontrar alguma coisa valiosa que possa partilhar comigo.

O olhar dela percorreu-lhe o comprimento, parando nas nadadeiras que tinham sido as pernas e os pés dele, depois voltou para o seu rosto.

— Acordos comprados com ameaças não são acordos — ela disse.

— Não lhe ofereço a violência.

— Há muitos tipos de violência — ela disse.

— E eu trouxe você aqui, onde pode morrer?

— Será que eu tive escolha nisso?

— Não é fácil nascer Atreides. Acredite-me, eu sei — ele disse.

— Você não tinha de fazer isso desse modo.

— Nisso você está errada.

Ele voltou-se na direção oposta a ela e partiu numa trilha senoidal, descendo a duna. Podia ouvi-la tropeçando e escorregando enquanto o seguia. Leto parou bem na sombra da duna.

— Esperaremos o dia passar aqui — explicou. — Consome menos água viajar à noite.

41

Uma das palavras mais terríveis em qualquer idioma é Soldado. Os sinônimos desfilam através da nossa história: yogahnee, trooper, hussardo, kareebo, cossaco, deranzeef, legionário, sardaukar, oradora peixe... conheço todos eles. Eles se erguem nas fileiras da minha memória para me lembrar: sempre tenha certeza de que o exército está com você.

— Os diários roubados

Idaho finalmente encontrou Moneo nos longos corredores subterrâneos que ligavam os complexos ocidental e oriental da Cidadela. Desde o raiar do dia, duas horas atrás, que Idaho estivera rondando a Cidadela em busca do majordomo, e lá estava ele, bem no fim do corredor, falando com uma pessoa oculta num portal. Moneo era reconhecível, mesmo a essa distância, pela postura e pelo inevitável uniforme branco.

As paredes de plaspedra do corredor eram cor de âmbar, ali, 50 metros abaixo da superfície, e iluminadas por tiras luminosas ajustadas para as horas diurnas. As brisas frias eram sugadas para estas profundezas por um simples arranjo de asas de movimento livre, que se erguiam como gigantescas figuras em mantos sobre as torres do perímetro, na superfície. Agora que o sol havia aquecido as areias, todas as pás apontavam para o norte, buscando o ar frio que se derramava no Sareer. Idaho sentia o cheiro de pedra na brisa enquanto caminhava.

Sabia o que esse corredor devia representar. Ele tinha algumas das características de um antigo sietch Fremen. O corredor era amplo, suficientemente largo para acomodar a carreta de Leto. E o teto em arco parecia de pedra. Mas as tiras luminosas gêmeas estavam em desacordo. Idaho nunca vira tiras luminosas antes de ir para a Cidadela. Em sua época, elas haviam sido consideradas pouco inviáveis por consumirem muita energia e serem muito dispendiosas em termos de manutenção. Os globos luminosos eram mais simples e mais fáceis de serem substituídos. Mas ele viera a perceber que Leto considerava poucas coisas como inviáveis.

“O que Leto quer alguém fornece.”

O pensamento tinha um sentido agourento enquanto Idaho marchava pelo corredor em direção a Moneo.

Pequenas salas enfileiravam-se ao longo do corredor, à maneira dos sietch, todas sem portas, com apenas cortinas de tecido castanho-avermelhado a ondularem na brisa, bloqueando as entradas. Idaho sabia que essa área era constituída principalmente de alojamentos para as jovens Oradoras Peixes. Reconhecera uma câmara de reunião, com seus compartimentos para depósito de armas, cozinha, salão de jantar e oficinas de manutenção. Também vira outras coisas por trás da inadequada privacidade das cortinas, coisas que o encheram de fúria.

Moneo virou-se ante a aproximação de Idaho. A mulher com quem Moneo estivera falando recuou e deixou a cortina cair, mas não antes que Idaho vislumbrasse um rosto mais velho, com ar de comando. Idaho não reconheceu aquela comandante em particular.

Moneo acenou enquanto Idaho parava a dois passos de distância.

— As guardas disseram que esteve procurando por mim.

— Onde ele está, Moneo?

— Onde está quem?

Moneo olhou Idaho de cima abaixo, notanto o velho uniforme Atreides, preto com o falcão vermelho no peito, as botas de cano alto brilhando com o polimento. Havia uma aparência ritual no homem.

Idaho respirou e falou através dos dentes trincados:

— Não comece esse jogo comigo!

Moneo desviou sua atenção da faca embainhada na cintura de Idaho. Parecia peça de museu, com seu cabo decorado com jóias. Onde Idaho teria encontrado aquilo?

— Quer dizer o Imperador-Deus... — disse Moneo.

— Onde?

Moneo manteve a voz branda.

— Por que está tão ansioso para morrer?

— Elas disseram que você estava com ele.

— Isso foi mais cedo.

— Vou encontrá-lo, Moneo!

— Não agora.

Idaho levou a mão à faca.

— Terei de usar a força para fazê-lo falar?

— Eu não recomendaria isso.

— Onde... ele... está?

— Já que insiste, está no deserto com Siona.

— Sua filha?
— Existe outra Siona?
— Que estão fazendo?
— Ela está sendo testada.
— Quando voltarão?
Moneo encolheu os ombros, depois disse:
— Por que essa raiva inconveniente, Duncan?
— Que é esse teste de sua.
— Não sei. Agora, por que está tão perturbado?
— Estou enojado deste lugar! Oradoras Peixes! — Ele virou a cabeça e cuspiu.
Moneo olhou ao longo do corredor por onde Idaho viera, relembrando a aproximação do homem. Conhecendo os Duncans, era fácil reconhecer o que alimentara a raiva atual.
— Duncan — disse Moneo —, é perfeitamente normal para mulheres adolescentes, assim como para homens nessa faixa, haver sentimentos de atração física por representantes de seu próprio sexo. A maioria supera isso.
— Devia ser eliminado!
— Mas é parte da nossa herança.
— Eliminado! E isso não é... não é...
— Oh, fique quieto. Se você tentar reprimir isso, só aumentará sua força.
Idaho olhou furioso para ele.
— E você diz que não sabe o que está acontecendo lá com sua própria filha!
— Siona está sendo testada, eu lhe disse.
— E que se supõe que isso signifique?
Moneo levou uma das mãos aos olhos e suspirou. Depois abaixou a mão, perguntando-se por que fizera esse gesto humano tão antiquado, tolo e perigoso.
— Quer dizer que ela pode morrer lá!
Idaho ficou desconcertado, um pouco de sua raiva esfriando.
— Como pode permitir que...
— Permitir? Você acha que tenho escolha?
— Todo homem tem uma escolha!
Um sorriso amargo percorreu os lábios de Moneo.
— Como você pode ser tão mais tolo que os outros Duncans?
— Outros Duncans! — repetiu Idaho. — Como foi que esses outros morreram, Moneo?
— Do modo como todos nós morremos. O tempo deles esgotou-se.
— Você mente — disse Idaho comprimindo os dentes, os nós dos dedos

brancos sobre o punho da faca.

Ainda falando com brandura, Moneo advertiu:

— Tenha cuidado. Há limites ao que eu posso relevar, principalmente agora.

— Este lugar está podre! — disse Idaho, gesticulando com a mão livre para o corredor atrás dele. — Há algumas coisas que nunca vou aceitar!

Moneo olhou para o corredor vazio sem prestar atenção.

— Você deve amadurecer, Duncan. Precisa.

A mão de Idaho comprimiu-se em torno do punho da faca.

— O que quer dizer com isso?

— Esta é uma época sensível. Qualquer coisa perturbadora para ele, qualquer coisa... deve ser evitada.

Idaho mantinha-se à beira da violência, sua raiva contida apenas por alguma coisa intrigante nos modos de Moneo. Haviam sido ditas palavras, entretanto, que não podiam ser ignoradas.

— Não sou uma maldita criança imatura que possa.

— Duncan! — Era o som mais alto que Idaho já ouvira partindo do afável Moneo. A surpresa o conteve enquanto Moneo continuava: — Se as exigências da sua carne voltam-se para a maturidade, mas alguma coisa o mantém na adolescência, um comportamento muito ruim se desenvolve. Vamos.

— Está... me... acusando... de...

— Não! — Moneo indicou o corredor com um gesto. — Oh, sei o que você deve ter visto lá atrás, mas aquilo.

— Duas mulheres num beijo apaixonado! Você pensa que não...

— Isso não tem importância. A juventude explora o seu potencial de muitos modos.

Idaho conteve-se à beira de uma explosão, inclinando-se na ponta dos pés.

— Fico feliz de aprender isso sobre você, Moneo.

— Sim? Bem, já aprendi a respeito de você, muitas vezes.

Moneo observou o efeito dessas palavras, enquanto elas se torciam por dentro de Idaho, deixando-o emaranhado. Os gholas nunca escapavam ao fascínio dos outros que os tinham precedido.

Idaho falou num sussurro rouco:

— E que aprendeu?

— Você me ensinou coisas muito valiosas — disse Moneo. — Todos nós tentamos evoluir, mas, se alguma coisa nos bloqueia, podemos transformar esse potencial em dor: buscando-a ou dando-a. Os adolescentes são particularmente vulneráveis a isso.

Idaho inclinou-se mais para perto de Moneo.

— Estou falando de sexo!
— É claro que está.
— Está me acusando de comportamento adolescente.
— Isso mesmo.
— Eu deveria cortar a sua.
— Oh, cale-se!
A voz de Moneo não tinha as nuanças do treinamento Bene Gesserit sobre o controle da Voz, mas tinha uma vida inteira de comando por trás dela. Alguma coisa em Idaho só podia obedecer.
— Sinto muito — desculpou-se Moneo. — Mas fico perturbado pelo fato de que minha única filha... — Ele não terminou, encolhendo os ombros.
Idaho respirou fundo duas vezes.
— Você é maluco. Todos vocês o são! Diz que sua filha pode estar morrendo, e no entanto você.
— Seu tolo! — retrucou Moneo. — Tem idéia de como suas preocupações mesquinhas me parecem? Suas perguntas estúpidas e seu modo egoísta de... — Ele se interrompeu, sacudindo a cabeça.
— Eu dou desconto porque você tem problemas pessoais — respondeu Idaho. — Mas se você...
— Desconto? Você dá o desconto? — Moneo se conteve, trêmulo. Era demais!
Idaho falou, tentando controlar-se:
— Posso perdoá-lo por...
— Você! Você tagarela a respeito de sexo e de perdão e dor e... pensa que você e Hwi Noree...
— Deixe-a fora disso!
— Oh, sim. Deixe-a de fora. Não toque nesse ponto doloroso! Você compartilha o sexo com ela e nunca pensa a respeito de separação. Diga-me, tolo, como você se entrega em face disso?
Embaraçado, Idaho respirou fundo. Não imaginara uma paixão tão reprimida no calmo e quieto Moneo, mas esse ataque, isso não podia ser...
— Você me julga cruel? — perguntou Moneo. — Eu lhe faço pensar em coisas que você preferiria evitar. Ah! Coisas mais cruéis já foram feitas ao Senhor Leto por nenhuma outra razão senão a crueldade!”
— Você o defende? Seu...
— Eu o conheço melhor!
— Ele usa você!
— Com que finalidade?
— Diga-me você!

— Ele é nossa melhor chance de perpetuar.

— Perverter não é perpetuar!

Moneo falou em tom tranquilizador, mas suas palavras abalaram Idaho.

— Vou lhe dizer isto só uma vez. Os homossexuais encontram-se entre os melhores guerreiros da nossa história, os suicidas de último recurso. Eles também foram nossos melhores sacerdotes e sacerdotisas. O celibato não é um acaso nas religiões. Também não é por acaso que os adolescentes dão os melhores soldados.

— Isso é perversão!

— Exato. Os comandantes militares conhecem a respeito da transformação pervertida do sexo em dor há milhares e milhares de séculos.

— É isso que o Grande Senhor Leto está realizando?

Ainda calmo, Moneo continuou:

— A violência exige que você cause a dor e a sofra. E bem mais controlável uma força militar impulsionada pelos impulsos mais íntimos.

— Ele o transformou num monstro também!

— Você disse que ele me usa. Eu permito isso por saber que o preço que ele paga é muito superior ao que ele exige de mim.

— Até mesmo a sua filha?

— Ele não oculta coisa alguma. Por que deveria? Oh, creio que você entende isso a respeito dos Atreides. Os Duncans sempre foram bons nisso.

— Os Duncans! Maldito, eu não...

— Você apenas não tem coragem para pagar o preço que ele está pedindo — disse Moneo.

Num movimento rápido demais para ser visto com clareza, Idaho tirou a faca da bainha e saltou para Moneo. Mas, por mais rápido que se tivesse movido, Moneo foi mais rápido ainda saltou de lado e derrubou Idaho de cara no chão. Idaho lançou-se para a frente, rolando e se preparando para ficar em pé, e então hesitou, percebendo que realmente tentara atacar um Atreides. Moneo era um Atreides. O choque manteve Idaho imóvel.

Moneo também estava parado, olhando para ele. Havia uma curiosa fisionomia de tristeza na face do majordomo.

— Se vai me matar, Duncan, é melhor fazê-lo à traição, pelas costas. Você pode ter sucesso desse modo.

Idaho apoiou-se num joelho, colocando um dos pés no chão, mas continuou segurando a faca. Moneo havia se movimentado tão rapidamente e com tamanha graça — de modo tão... tão. natural! Idaho pigarreou.

— Como foi que...

— Ele nos tem procriado para isso há muito tempo, Duncan,

aperfeiçoando muitas coisas em nós. Tem cultivado em nós a ligeireza, a inteligência, o autocontrole, a sensibilidade. Você... você é apenas um modelo mais antigo.

42

Sabem o que os guerrilheiros dizem muitas vezes? Afirmam que suas rebeliões são invulneráveis à guerra econômica porque eles não possuem economia, vivem parasitariamente daqueles que vão derrubar. Os tolos só deixam de levar em conta o preço que inevitavelmente devem pagar. O padrão é inexorável em suas falhas degenerativas. Repete-se nos sistemas de escravidão, nos Estados do bem-estar, nas religiões estratificadas, nas burocracias socializantes — em qualquer sistema que crie e mantenha dependências. Seja um parasita por muito tempo e você não poderá existir sem um hospedeiro.

— Os diários roubados

Leto e Siona passaram todo o dia nas sombras da duna, movimentando-se apenas na medida em que o sol se movia. Ele ensinou-a a se proteger sob um cobertor de areia durante o calor do meio-dia. Nunca ficava muito quente ao nível das rochas entre as dunas.

No cair da tarde, Siona aproximou-se de Leto em busca de calor, um calor que ele sabia possuir em excesso nesses dias.

Falavam esporadicamente. Ele lhe contou a respeito da nobreza dos Fremen que haviam dominado essa paisagem. Ela sondou em busca de conhecimentos secretos que ele pudesse estar escondendo.

Uma vez ele disse:

— Você pode achar curioso, mas é aqui que eu posso ser mais humano.

Essas palavras não conseguiram torná-la inteiramente consciente de sua vulnerabilidade humana e do fato de que ela poderia morrer ali. Mesmo quando não estava falando, ela não recolocava a máscara facial de seu traje destilador.

Leto reconheceu a motivação inconsciente por trás desse fracasso, mas sabia da futilidade de abordá-lo diretamente.

No fim da tarde, o frio da noite já começava a avançar sobre a terra quando ele começou a agradá-la com canções da Longa

Jornada que não haviam sido preservadas pela História Oral. Agradou-lhe o fato de ela gostar de uma de suas favoritas, “A marcha de Liet”.

— A melodia é realmente antiga — ele disse — uma coisa pré-espacial da

Velha Terra.

Poderia cantá-la novamente?

Ele escolheu um de seus melhores barítonos, um artista há muito falecido, que enchera vários salões de concertos.

As muralhas do passado além da lembrança
Ocultam-me de uma queda ancestral
Onde todas as águas despencam!
Num jogo de espumas
Escavando cavernas em argila.
Embaixo do rumor da torrente.

Quando ele terminou, ela ficou em silêncio por um momento, e então comentou:

— É uma canção curiosa para uma marcha.

— Eles gostavam dela porque podiam dissecá-la.

— Dissecar?

— Antes que nossos ancestrais Fremen viessem a este planeta, a noite era o tempo de contar histórias, cantar canções e recitar poesia. Nos dias de Duna, entretanto, ela era reservada à falsa escuridão, a hora do brilho do dia no sietch. A noite era a ocasião em que se podia sair e andar... como estamos fazendo agora.

— Mas você falou em dissecar.

— Que a canção significa? — perguntou ele.

— Oh. É... — é apenas uma canção.

— Siona!

Ela notou a irritação na voz dele e ficou em silêncio.

— Este planeta é filho do Verme — advertiu ele. — E eu sou o Verme.

Ela respondeu com surpreendente despreocupação.

— Então me diga o que isso significa.

— O inseto não possui mais liberdade com relação à sua colméia do que nós com relação ao nosso passado. As cavernas estão lá, com todas as mensagens escritas na espuma das correntezas.

— Prefiro canções dançantes — ela disse.

Era uma resposta petulante, mas Leto preferiu tomá-la como simples mudança de assunto. Contou-lhe a respeito da dança matrimonial das mulheres Fremen, com os passos reminescentes do rodopio dos “diabos de pó”. Leto orgulhava-se de ser bom contador de histórias, e era evidente, pela atenção arrebatada de Siona, que ela podia ver as mulheres girando em sua mente, longos

cabelos negros impulsionados por antigos movimentos, colando-se sobre rostos há muito reduzidos ao pó.

A escuridão quase os envolvia quando ele terminou.

— Venha — ele disse. — O amanhecer e o anoitecer ainda são as horas das silhuetas. Vamos ver se alguém partilha nosso deserto.

Siona o seguiu na crista de uma duna e ambos olharam em torno, para o deserto onde a noite chegava. Havia apenas um pássaro bem no alto, atraído pelos movimentos dos dois. Pela disposição das fendas nas pontas das asas e pela forma ele sabia que era um abutre. Apontou-o para Siona.

— O que eles comem? — perguntou ela.

— Qualquer coisa que esteja morta, ou quase.

Isso a impressionou e ela olhou para os últimos raios de sol tingindo de dourado o rabo do pássaro solitário.

Leto insistiu no assunto:

— Algumas pessoas ainda se aventuram no meu Sareer. Algumas vezes, um Fremen de Museu se afasta e se perde. Eles realmente só são bons nos rituais. E além disso há as extremidades do deserto e os restos deixados por meus lobos.

Diante disso, Siona virou-lhe as costas, mas não antes que ele percebesse o sentimento que ainda a consumia. Siona estava sendo duramente testada.

— O dia no deserto é pouco gracioso — continuou ele. — E por isso que viajamos à noite. Para um Fremen, a imagem do dia é a da areia soprada pelo vento apagando nossos rastros.

Os olhos dela brilharam com lágrimas quando ela se voltou, mas suas feições estavam serenas.

— Que vive neste lugar agora?

— Abutres, algumas criaturas noturnas, um remanescente ocasional da vida vegetal dos velhos dias, coisas que se enterram.

— E isso é tudo?

— Sim.

— Por quê?

— Porque foi aqui que nasceram e eu não permito que conheçam nada melhor.

Era quase escuridão, com aquela súbita fosforescência que o deserto de Leto adquiria nesses momentos. Ele a observou naquele instante luminoso, reconhecendo que ela ainda não entendera sua outra mensagem. Mas ele sabia que a mensagem lhe penetraria e se inflamaria dentro dela.

— Silhuetas — ela disse, relembrando-lhe. — Que esperava encontrar quando subimos aqui?

— Talvez pessoas a grande distância. Nunca se tem certeza.

— Que pessoas?

— Já lhe disse.

— Que teria feito se tivesse visto alguém?

— Era costume dos Fremen considerar pessoas distantes como hostis até que jogassem areia no ar.

A escuridão caiu sobre eles como uma cortina.

Siona transformou-se num movimento fantasmagórico sob a luz das estrelas.

— Areia? — ela perguntou.

— Jogar areia é um gesto profundo. Significa: "Nós compartilhamos da mesma carga." A areia é nosso único inimigo. Isto é o que nós bebemos. A mão que segura a areia não segura armas. Está entendendo?

— Não. — Ela o provocou com desafiante falsidade.

Sem uma palavra, ela caminhou ao longo do arco da duna, afastando-se dele com um furioso excesso de energia. Leto deixou-se ficar bem atrás dela, interessado no fato de ela ter escolhido a direção certa instintivamente. As memórias Fremen estavam se remexendo dentro de Siona.

Onde a duna mergulhava para cruzar com outra, ela esperou por ele. Leto notou que a máscara facial do traje destilador permanecia aberta, pendendo, frouxa. Ainda não era hora de censurá-la por isso. Algumas das atitudes inconscientes tinham que seguir seu rumo natural.

Quando ele chegou junto dela, ela disse:

— Esta direção é tão boa quanto qualquer outra?

— Se a mantiver — disse ele.

Ela olhou para as estrelas e ele percebeu que identificava as Ponteiras, as Flechas Fremen que haviam guiado seus ancestrais sobre esta terra. Percebia, entretanto, que seu reconhecimento era apenas intelectual. Ela ainda não chegara a aceitar as outras coisas que agiam dentro dela.

Leto ergueu seus segmentos frontais para perscrutar adiante à luz das estrelas. Eles estavam se deslocando um pouco para noroeste, numa trilha que um dia conduzira, através da Cordilheira Habbanya e da Caverna dos Pássaros, para o grande erg abaixo da Falsa Muralha Oeste e o Caminho do Passo dos Ventos. Nenhum desses marcos permanecia. Ele cheirou a fria brisa, que trazia os odores de pó de pedra e mais umidade do que ele julgava agradável.

Uma vez mais Siona partiu — mais lentamente dessa vez, mantendo a direção por meio de olhares ocasionais às estrelas. Ela confiara em Leto para confirmar o caminho, mas agora se guiava por si mesma. Ele sentia o torvelinho por baixo dos pensamentos cautelosos dela e sabia que as coisas estavam

emergindo. Ela começara a sentir aquela intensa lealdade dos companheiros de viagem em que o povo do deserto sempre confiara.

"Nós sabemos", pensou ele, "que se formos separados de nossos companheiros, estaremos perdidos entre as dunas e as rochas. No deserto, o viajante solitário é um homem morto. Somente o verme vive sozinho aqui".

Deixou que ela assumisse a dianteira de modo a que o ruído raspante de sua própria passagem pela areia não fosse muito audível. Ela tinha de pensar no lado humano dele. Ele contava com a lealdade para trabalhar a seu favor. Siona era frágil, cheia de ódio contido — mais rebelde que qualquer outra pessoa que ele já tinha testado.

Leto deslizou atrás dela, revendo seu programa de procriação, moldando as decisões necessárias para uma substituição, caso ela falhasse.

Enquanto a noite progredia, Siona andava cada vez mais lentamente. A Primeira Lua estava alta no zênite e a Segunda Lua, bem acima do horizonte, antes que ela parasse para repousar e comer.

Leto ficou satisfeito com a pausa. A fricção criara uma dominância do verme, o ar em volta dele cheio das exalações químicas de seus ajustes térmicos. A coisa em que ele pensava como sendo seu supercarregador de oxigênio soprava de modo contínuo, tornando-o intensamente consciente das fábricas de proteínas e dos recursos em aminoácidos que seu lado verme havia adquirido para acomodar o relacionamento placentário com suas células humanas. O deserto apressava o movimento em direção à sua metamorfose final.

Siona parara próximo da crista de uma duna-estrela.

— É verdade que você come areia? — perguntou ela, quando Leto Veio ao seu encontro.

— É verdade.

Ela olhou para o horizonte geado pelo luar.

— Por que não trouxemos um engenho de sinalização?

— Queria que você aprendesse sobre posses.

Ela virou-se em direção a ele e Leto sentiu-lhe a respiração próxima da face. Ela estava perdendo demasiada umidade no ar seco. Ainda não se lembrava da advertência de Moneo. Seria uma amarga lição, sem dúvida alguma.

— Realmente não o entendo — ela disse.

— E no entanto você se dedica a fazer exatamente isso.

— E mesmo?

— De que outro modo poderia me dar algo de valor em troca do que lhe dou?

— Que é que você me dá? — Toda a amargura estava lá, bem como um indício da especiaria de sua comida seca.

— Eu lhe dou esta oportunidade de estar sozinha comigo, de compartilhar comigo e passar o tempo sem preocupação. Você a desperdiça.

— E quanto a posses?

Ele sentiu-lhe a fadiga na voz, a mensagem da água começando a gritar dentro dela.

— Eles, os Fremen, eram magnificamente ativos nos velhos tempos — disse ele. — E sua visão de beleza limitava-se àquilo que fosse útil. Nunca encontrei um Fremen ganancioso.

— E que isso deve significar?

— Nos velhos tempos, tudo que você levava para o deserto era o necessário, e isso era tudo que você levava. Sua vida não é mais livre de posses, Siona, ou você não teria perguntado a respeito de um aparelho sinalizador.

— Por que um sinalizador não é necessário?

— Ele não lhe ensinaria coisa alguma.

Ele moveu-se em torno dela, seguindo a linha indicada pelas Ponteiras.

— Venha, vamos usar esta noite em nosso benefício.

Ela correu para caminhar ao lado de seu rosto envolto nas dobras.

— Que acontecerá se eu não aprender sua maldita lição?

— Você provavelmente vai morrer.

Isso a silenciou por algum tempo. Ela caminhou ao lado dele, dando apenas uma olhadela ocasional para o lado, ignorando o corpo de verme e se concentrando nos remanescentes visíveis de sua humanidade. Depois de algum tempo, ela disse:

— As Oradoras Peixes disseram-me que você ordenou a união da qual eu nasci.

— Isso é verdade.

— Elas dizem que você mantém registros e que ordena esses cruzamentos entre Atreides visando seus próprios fins.

— Isso também é verdade.

— Então, a História Oral está correta.

— Pensava que você acreditasse na História Oral sem questionamentos...

Ela, porém, encontrava-se numa única trilha:

— Que acontece se um de nós faz objeção quando você ordena uma união?

— Eu concedo ampla liberdade, desde que tenha as crianças que ordenei.

— Ordenou? — Siona estava indignada.

— E o que eu faço.

— Você não pode esgueirar-se em cada quarto e nos seguir a cada minuto de nossas vidas! Como pode saber se suas ordens são obedecidas?

— Eu sei.

— Então sabe que não vou obedecê-lo!

— Está com sede, Siona?

Ela se surpreendeu.

— O quê?

— Pessoas que têm sede falam de água, não de sexo.

Ainda assim ela não colocou a máscara sobre a boca e Leto pensou: “As paixões dos Atreides sempre correm desenfreadas, mesmo à custa da razão.

Duas horas depois eles desceram das dunas para uma extensão de cascalho varrida pelos ventos: Leto avançou, Siona sempre ao lado dele. Ela olhava frequentemente para as Ponteiras. Ambas as luas se encontravam baixas no horizonte e sua luz projetava longas sombras de cada pedra.

De certo modo, Leto achava esses lugares mais fáceis de atravessar do que a areia. As rochas sólidas conduziam melhor o calor do que a areia. Ele podia achatar-se sobre as pedras e aliviar o funcionamento de suas fábricas químicas. Cascalho e mesmo pedras de bom tamanho não o detinham.

Siona tinha mais problemas nesse terreno, contudo, e quase torceu o tornozelo várias vezes.

As terras planas podiam ser um local muito difícil para os seres humanos desacostumados a elas, pensou Leto. Se eles ficassem junto do solo, veriam apenas uma grande vastidão vazia, um lugar estranho, especialmente sob a luz do luar — dunas a distância, uma distância que parecia não se modificar com o andar do viajante — nada em parte alguma, a não ser o vento aparentemente eterno, algumas rochas e, quando se olhava para cima, as estrelas implacáveis. Esse era o deserto do deserto.

— Foi aqui que a música dos Fremen adquiriu sua eterna solidão — disse ele. — Não lá em cima, nas dunas. E aqui que você realmente aprende a pensar que o paraíso deve ser o som de água corrente e um alivio, qualquer que seja, para esse vento interminável.

Nem mesmo isso a lembrou da máscara facial. Leto começou a se sentir desesperado.

A manhã os encontrou bem dentro da planura.

Leto parou junto de três grandes pedras, empilhadas uma contra a outra, uma delas mais alta que as suas costas. Siona inclinou-se sobre ele por um momento, gesto que de certo modo lhe restaurou as esperanças. Ela se afastou daí a pouco e subiu na pedra mais alta. Ele a observou virando-se lá em cima para examinar o panorama.

Sem olhar, Leto já sabia o que ela estava vendo: areia soprada formando uma névoa sobre o horizonte que obscurecia o sol nascente. Quanto ao resto,

haveria apenas a planície e o vento.

A rocha estava fria embaixo dele, com o frio de uma manhã no deserto. O frio tornava o ar muito mais seco e ele achava isso mais agradável. Sem Siona ele teria continuado a avançar, mas ela se encontrava visivelmente exausta. Inclinou-se sobre ele uma vez mais, assim que desceu da pedra, e passou quase um minuto antes que Leto percebesse que ela estava escutando.

— Que está ouvindo? — perguntou ele.

Ela respondeu, sonolenta:

— Há um ronco dentro de você.

— O fogo nunca se apaga de todo.

Isso a interessou. Ela se afastou do seu lado e foi para a frente a fim de lhe olhar o rosto.

— Fogo?

— Cada criatura viva tem um fogo em seu interior, alguns lentos, outros rápidos. O meu é mais quente que o da maioria.

Ela se encolheu de frio.

— Então não está sentindo frio aqui?

— Não, mas posso ver que você está. — Ele puxou sua face parcialmente para dentro da depressão formada pelas dobras da pele de truta da areia, produzindo assim uma cova no fundo do arco de seu primeiro segmento. — E quase como se deitar em uma rede — ele disse, olhando para baixo. — Se você se encolher aqui, vai se sentir quente.

Sem hesitar, ela aceitou o convite.

Mesmo tendo-a preparado para isso, Leto achou tocante a confiança dessa resposta. Tinha de lutar contra um sentimento de piedade muito mais forte do que qualquer outro que experimentara antes de conhecer Hwi. Ali não poderia haver espaço para a piedade, lembrou a si mesmo. Siona estava revelando claros indícios de que muito provavelmente iria morrer nesse lugar. Tinha de se preparar para o desapontamento.

A moça cobriu o rosto com o braço, fechou os olhos e dormiu.

“Ninguém teve tantos passados como eu tive”, ele se lembrou.

Do ponto de vista humano, sabia que as coisas que fazia podiam parecer cruéis e insensíveis. Era forçado agora a se enrijecer, buscando apoio em suas memórias, deliberadamente selecionando “erros do nosso passado comum”. Esse acesso de primeira mão aos erros humanos era sua maior força agora. O conhecimento dos erros lhe proporcionava correções de longo prazo. Precisava estar constantemente consciente das consequências. Se as consequências eram ocultas ou perdidas, as lições estavam perdidas.

Mas quanto mais perto ele chegava de se tornar um verme da areia, mais

difícil se tornava tomar decisões que outros chamariam de desumanas. Houvera época em que ele fazia isso com toda a facilidade. Agora, na medida em que sua humanidade lhe escapava, ele se sentia mais e mais tomado por preocupações humanas.

43

No berço do nosso passado, deito-me de costas em uma caverna tão estreita que eu só poderia entrar nela fazendo contorções, não me arrastando. Lá, à luz dançante de uma tocha de resina, desenho no teto e nas paredes as criaturas que caço e as almas do meu povo. Como é esclarecedor sondar o passado através de um círculo perfeito, até aquela luta ancestral por um momento visível da alma. E o tempo inteiro vibra o chamado: "Aqui estou!" Com a mente formada pelos gigantescos artistas que vieram depois, vejo as impressões digitais e os músculos fluidos desenhados sobre a rocha com carvão e nódoas vegetais. Como somos tão mais do que meros eventos mecânicos! E meu lado anticivil se pergunta: "Por que eles não querem deixar a caverna?"

— Os diários roubados

O convite para encontrar Moneo em sua sala de trabalho chegou a Idaho no final da tarde. Durante o dia inteiro, Idaho ficara na rede, em seu alojamento, pensativo. Cada pensamento dirigia-se naturalmente para a facilidade com que Moneo o deixara esparramado no piso do corredor, naquela manhã.

"Você é apenas um modelo mais antigo."

E a cada pensamento Idaho se sentia ainda mais diminuído. Sentia apagar-se a vontade de viver, deixando cinzas onde sua raiva se queimara até se esgotar.

"Sou apenas o recipiente de algum esperma útil e nada mais."

Era um pensamento que convidava à morte ou ao hedonismo. Sentia-se empalado num espinho do acaso, com forças irritantes puxando-o de todos os lados.

A jovem mensageira, em seu limpo uniforme azul, era apenas outra irritação. Ela entrou devido à resposta baixa à sua batida na porta, e parou sob o portal em arco da ante-sala, hesitando até ter julgado o estado de espírito de Idaho.

"Como as notícias viajam rápido", pensou ele.

Ele a via ali, emoldurada pelo portal, uma projeção da essência das Oradoras Peixes — mais voluptuosa que algumas, mas não mais espalhafatosamente sensual. O uniforme azul não ocultava os quadris graciosos,

os seios firmes. Ele olhou para o rosto travesso sob o cabelo louro — o corte das acólitas.

— Moneo me mandou procurá-lo — ela disse. — Pergunta se poderia juntar-se a ele em seu gabinete de trabalho.

Idaho vira o gabinete de trabalho várias vezes, mas ainda se lembrava melhor de sua primeira visita. Sabia, ao entrar na sala, que era o lugar onde Moneo passava a maior parte do tempo. Havia uma mesa de madeira marrom, riscada por finos grãos dourados. Tinha dois metros por um e se apoiava sobre pernas curtas, em meio a almofadas cinzentas. Essa mesa parecera a Idaho alguma coisa rara e dispendiosa, escolhida para se destacar no ambiente. E as almofadas, que eram do mesmo tom cinzento do piso, das paredes e do teto, eram as únicas mobílias.

Considerando-se o poder de seu ocupante, a sala era pequena, não mais que cinco metros por quatro, com teto elevado. A luz penetrava por duas janelas estreitas de vidro opaco, que se opunham uma à outra nas paredes. As janelas abriam-se a uma altura considerável, uma delas voltada para a fronteira noroeste do Sareer e a borda verde da Floresta Proibida, a outra fornecendo uma visão de sudoeste sobre as dunas ondulantes.

“Contraste.”

A mesa produzira uma nuança interessante em seu pensamento. A superfície parecera-lhe um arranjo demonstrando a idéia de confusão. Finas folhas de papel de cristal pareciam espalhadas sobre a superfície, deixando apenas vislumbres da madeira granulada embaixo delas. Letras rebuscadas cobriam alguns dos papéis. Idaho reconheceu palavras em Galach e quatro outras línguas, inclusive um raro idioma transitório de Perth. Várias folhas de papel tinham desenhos e algumas estavam rabiscadas com pinceladas negras de escrita na caligrafia em negrito da Bene Gesserit. O mais interessante de tudo haviam sido quatro tubos brancos enrolados, com aproximadamente um metro de comprimento — impressos tridimensionais produzidos por um computador ilegal. Ele suspeitara de que o terminal do computador estivesse escondido atrás de um painel em uma das paredes.

A jovem mensageira de Moneo pigarreou para tirar Idaho de seu devaneio.

— Que resposta devo levar para Moneo? — perguntou.

Idaho focalizou a atenção no rosto dela.

— Gostaria que eu a fecundasse?

— Comandante! — Ela estava obviamente chocada, não tanto pela sugestão, e sim pelo desvio do assunto.

— Ah, sim — disse Idaho. — Moneo. Que devemos dizer a Moneo?

Ele aguarda sua resposta, Comandante.

— Há realmente alguma importância na minha resposta?

— Moneo disse-me para informá-lo de que deseja conferenciar com o senhor e Lady Hwi juntos.

Idaho sentiu um vago aumento de interesse.

— Hwi está com ele?

— Ela foi chamada, Comandante. — A mensageira pigarreou uma vez mais. — O comandante desejaria que eu viesse aqui mais tarde, esta noite?

— Não, obrigado. Mudei de idéia.

Ele achou que ela ocultara bem seu desapontamento, mas a voz escapou rigidamente formal:

— Devo dizer a Moneo que vai atender seu chamado?

— Faça isso. — Ele acenou para que ela se afastasse.

Depois que ela tinha saído, ele considerou a possibilidade de simplesmente ignorar a convocação. Mas a curiosidade crescia dentro dele. Moneo queria falar-lhe na presença de Hwi? Por quê? Será que ele pensava que isso traria Idaho correndo? Engoliu em seco. Quando pensava em Hwi, o vazio em seu peito se tornava total. Essa mensagem não podia ser ignorada. Alguma coisa de terrível poder o mantinha ligado a Hwi.

Levantou-se, os músculos rígidos depois do longo tempo inativos. A curiosidade e a força de ligação com Hwi o impeliam. Saiu para o corredor, ignorando os olhares curiosos das guardas que passavam, e seguiu aquela constrangedora pressão interior até a sala de Moneo.

Hwi já estava lá, defronte à mesa atulhada de Moneo. Seus pés, calçando chinelos vermelhos, dobravam-se na almofada cinzenta sobre a qual ela se sentava. Idaho só percebeu que ela usava um longo vestido marrom, com um cinturão de pano verde trançado; então ela se voltou em sua direção e ele só pôde notar-lhe o rosto. A boca que formava seu nome mesmo sem pronunciá-lo.

“Até ela ouviu”, pensou ele.

Estranhamente, esse pensamento lhe dava forças. Os pensamentos desse dia começavam a tomar novas formas em sua mente.

— Por favor, sente-se, Duncan — disse Moneo.

Ele indicou uma almofada ao lado de Hwi. Sua voz tinha um tom pausado, curioso, que poucas pessoas além de Leto já haviam notado. Ele mantinha o olhar voltado para baixo, em direção à superfície abarrotada de sua mesa. A luz baixa do sol do fim da tarde lançava uma sombra parecida com uma aranha vinda do peso de papel dourado, em forma de árvore, com um fruto feito de jóias, tudo montado numa montanha de cristal-fogo.

Idaho sentou-se na almofada indicada, observando o olhar de Hwi seguindo-o até que estivesse sentado. Ela então olhou para Moneo e ele julgou

ver ódio na expressão dela. O costumeiro uniforme branco de Moneo estava aberto na gola revelando um pescoço enrugado e uma ligeira papada. Idaho olhou nos olhos do homem, preparado para esperar, forçando Moneo a abrir a conversa.

Moneo devolveu-lhe o olhar; notando que Idaho ainda usava o uniforme negro de seu encontro com ele essa manhã. Havia até mesmo um pequeno sinal de sujeira na frente, lembrando o corredor onde Moneo o derrubara. Mas Idaho não usava mais a velha faca Atreides. Isso perturbou Moneo.

— O que fiz esta manhã foi imperdoável — disse Moneo.

— Portanto, não vou lhe pedir que me perdoe. Apenas lhe peço que compreenda.

Hwi não pareceu surpresa por essa abertura, notou Idaho. Isso revelava muito a respeito do assunto que os dois tinham estado discutindo antes da sua chegada.

Como Idaho não respondesse, Moneo disse:

— Eu não tinha o direito de fazê-lo sentir-se inadequado.

Idaho percebeu que sentia uma reação curiosa aos modos e palavras de Moneo. Ainda havia o sentimento de estar sendo manobrado e superado, de estar muito longe do seu tempo, mas não mais suspeitava de que Moneo pudesse estar brincando com ele. Alguma coisa havia reduzido o majordomo a um arenoso substrato de honestidade. Essa percepção colocava o universo de Leto, o erotismo mortal das Oradoras Peixes, a inegável candura de Hwi — tudo — num novo relacionamento, uma forma que Idaho sentia entender. Era como se os três nessa sala fossem os últimos seres humanos verdadeiros em todo o universo. Ele falou com um sentimento de amarga autodepreciação.

— Você tinha todo o direito de se proteger quando o ataquei. Satisfaz-me que seja tão capaz.

Idaho virou-se para Hwi, mas, antes que ele pudesse falar, Moneo disse:

— Você não precisa me defender. Creio que o desprazer que ela sente com relação a mim é totalmente irredutível.

Idaho sacudiu a cabeça.

— Será que todo o mundo aqui sabe o que vou dizer antes que eu o diga, o que eu vou sentir antes que eu o sinta?

— É uma de suas qualidades mais admiráveis — disse Moneo. — Não ocultar seus sentimentos. Nós — ele encolheu os ombros — somos necessariamente mais circunspectos. Idaho olhou para Hwi.

— Ele fala por você?

Ela colocou a mão sobre a de Idaho:

— Eu falo por mim mesma.

Moneo esticou o pescoço para olhar as mãos unidas, depois afundou em sua almofada com um suspiro.

— Vocês não devem fazer isso.

Idaho segurou a mão dela com mais força, sentindo a resposta.

— Antes que um de vocês pergunte — disse Moneo —, minha filha e o Imperador-Deus ainda não voltaram do teste.

Idaho sentiu o esforço que era exigido de Moneo para falar calmamente. Hwi também percebeu.

— É verdade o que dizem as Oradoras Peixes? — perguntou ela. — Siona morre se fracassar?

Moneo permaneceu em silêncio, mas seu rosto era como rocha.

— É como o teste da Bene Gesserit? — perguntou Idaho.

— O Muad'Dib disse que a Irmandade faz um teste para descobrir se você é humano.

As mãos de Hwi começaram a tremer. Idaho sentiu e olhou para ela.

— Elas testaram você?

— Não — disse Hwi. — Mas ouvi as jovens falando a respeito. Elas dizem que você deve suportar a agonia sem perder o senso de identidade.

Idaho voltou a atenção para Moneo, notando o princípio de um tique nervoso ao lado do olho esquerdo do majordomo.

— Moneo — disse Idaho num suspiro, dominado por uma súbita compreensão —, ele testou você!

— Não desejo discutir testes — respondeu Moneo. — Estamos aqui para decidir o que deve ser feito com relação a vocês dois.

— Não pode deixar isso por nossa conta? — perguntou Idaho. Ele sentia a mão de Hwi tornando-se escorregadia com a transpiração.

— É da conta do Imperador-Deus — respondeu Moneo.

— Mesmo que Siona falhe? — indagou Idaho.

— Principalmente se ela falhar!

— Como foi que ele o testou? — perguntou Idaho.

— Ele me mostrou um pequeno vislumbre de como é ser o Imperador-Deus.

— E?

— Eu vi tanto quanto sou capaz de ver.

As mãos de Hwi comprimiram convulsivamente as de Idaho.

— Então é verdade que você um dia foi um rebelde — disse Idaho.

— Comecei com amor e preces — disse Moneo. — Depois mudei para ódio e rebelião. E fui transformado no que vê diante de você. Reconheço o meu dever e o cumpro.

— Que ele fez com você? — quis saber Idaho.

— Declamou para mim a prece da minha infância: "Eu dou minha vida em dedicação à glória maior de Deus." — Moneo falou numa voz meditativa.

Idaho notou a imobilidade de Hwi, seu olhar fixo no rosto de Moneo. No que ela estaria pensando?

— Eu admiti que essa tinha sido a minha prece — continuou Moneo. — E o Imperador-Deus me perguntou o que eu daria se minha vida não fosse o bastante. Ele gritou para mim: "Que é a sua vida quando você guarda uma dádiva muito maior?"

Hwi mexeu afirmativamente a cabeça, mas Idaho apenas se sentiu ainda mais confuso.

— Ouvi a verdade na voz dele — disse Moneo.

— Você é um Revelador da Verdade? — perguntou Hwi.

— Sob a força do desespero, sim — disse Moneo. — Mas só nesse caso. Eu lhe juro que ele me falou a verdade.

— Alguns Atreides tinham o poder da Voz — murmurou Idaho.

Moneo sacudiu a cabeça.

— Não, era verdade. Ele me disse: "Olho para você agora e se pudesse verteria lágrimas. Considere o desejo como um ato!"

Hwi inclinou-se para diante, quase tocando a mesa.

— Ele não pode chorar?

— Vermes da areia — sussurrou Idaho.

— O quê? — Hwi virou-se em direção a ele.

— Os Fremen matavam Os vermes da areia com água — disse Idaho. — Com o afogamento, produziam a essência de especiaria para suas orgias religiosas.

— Mas Lorde Leto ainda não é totalmente um verme da areia — observou Moneo.

Hwi inclinou-se para trás em sua almofada e olhou para Moneo.

Idaho comprimiu os lábios, pensando. Teria Leto a inibição dos Fremen em relação às lágrimas? Como os Fremen sempre se admiravam do desperdício de umidade! "Dar água aos mortos."

Moneo voltou-se para Idaho:

— Eu tinha esperanças de que você pudesse ser levado a um entendimento. Lorde Leto disse: "Você e Hwi devem separar-se e nunca mais ver um ao outro."

Hwi soltou a mão de Idaho.

— Nós sabemos.

Idaho disse com resignada amargura:

— Nós conhecemos seu poder.
— Mas não o compreendem — disse Moneo.
— Eu não desejo mais do que isso — disse Hwi. Ela colocou a mão sobre o braço de Idaho para silenciá-lo. — Não, Duncan. Nossos desejos particulares não têm lugar aqui.
— Talvez você devesse orar a ele — disse Idaho.
Ela virou-se e olhou para ele, fitando-o até que Idaho baixasse a cabeça. Quando ela falou, sua voz tinha um tom musical que ele nunca ouvira antes:
— Meu tio Malky sempre me dizia que Lorde Leto nunca respondeu a uma prece. Ele dizia que Lorde Leto via na prece uma tentativa de coerção, uma forma de violência contra o deus escolhido, dizendo ao imortal o que fazer: “Dê-me um milagre, Deus, ou não acreditarei no Senhor!
— Prece como hubris — disse Moneo. — Intercessão sobre uma demanda.
Como ele pode ser um deus? — retrucou Idaho. — Como ele próprio admitiu, não é imortal.
— Eu citarei Lorde Leto a esse respeito — disse Moneo.
“Eu sou todos os deuses que precisam ser vistos. Eu sou a palavra convertendo-se em milagre. Eu sou todos os meus ancestrais. Não será isso um milagre suficiente? Que mais vocês poderiam querer? Pergunte a si mesmo: Onde existe um milagre maior?”
— Palavras vazias — zombou Idaho.
— Também lhe disse isso — replicou Monco. — Devolvi-lhe suas próprias palavras da História Oral: “Dê para a glória maior de Deus!”
Hwi ficou boquiaberta.
— Ele riu de mim — disse Monco. — Riu e me perguntou como eu poderia dar o que já pertencia a Deus.
— Você ficou furioso? — indagou Hwi.
— Oh, sim. Ele percebeu e disse que iria me mostrar como contribuir para a glória. Ele disse: “Você pode observar que é, em cada detalhe, um milagre tão grande quanto eu.” — Moneo virou-se, olhando para a janela à sua esquerda. — Temo que minha raiva me fizesse surdo e eu estivesse totalmente despreparado.
— Oh, ele é muito hábil — disse Idaho.
— Hábil? — Moneo olhou para ele. — Não creio, não no sentido em que você diz. Acho que Lorde Leto não é mais hábil do que eu nesse sentido.
— Despreparado para quê? — perguntou Hwi.
— Para me arriscar — respondeu Moneo.
— Mas você arriscou muito com sua raiva — ela disse.
— Não tanto quanto ele. Eu vejo em seus olhos, Hwi, que você

compreende isto. O corpo dele lhe causa repugnância?

— Agora não — respondeu ela.

Idaho trincou os dentes de frustração.

— Ele me enoja!

— Amor, não deve dizer essas coisas — disse Hwi.

— E você não deve chamá-lo de amor — censurou Moneo.

— Você prefere que ela aprenda a amar alguém mais perverso e brutal do que qualquer Barão Harkonnen já sonhou ser — disse Idaho.

Moneo comprimiu os lábios, depois disse:

— Lorde Leto me falou a respeito desse homem perverso do seu tempo, Duncan. Não creio que você entendesse o seu inimigo.

— Ele era gordo, monstruoso...

— Ele era um caçador de sensações — disse Moneo. — A gordura era um efeito colateral, ou então uma sensação em si mesmo, pois ela ofendia as pessoas e ele adorava ofendê-las.

— O Barão consumiu apenas alguns planetas — disse Idaho.

— Leto consome o universo.

— Amor, por favor! — protestou Hwi.

— Deixe-o falar. Quando eu era jovem e ignorante, como minha Siona e este pobre tolo, fiz coisas semelhantes.

— E por isso que deixou sua filha partir para a morte? — perguntou Idaho.

— Amor, isso é crueldade — disse Hwi.

— Duncan, sempre foi uma de suas falhas buscar a histeria. Eu o advirto que a ignorância floresce a partir da histeria. Seus genes proporcionam vigor e você pode inspirar algumas Oradoras Peixes, mas você é um líder fraco.

— Não tente me enfurecer — disse Idaho. — Sei muito bem que não devo atacá-lo, mas não me provoque tanto.

Hwi tentou segurar a mão de Idaho, mas ele a retirou.

— Conheço o meu lugar — ele disse. — Sou um útil seguidor e posso carregar a bandeira dos Atreides. O verde e o negro estão em minha alma!

— Os indignos mantêm o poder promovendo a histeria disse Moneo. — A arte dos Atreides é a arte de governar sem histeria, a arte de ser responsável pelos usos do poder.

Idaho levantou-se num ímpeto.

— Quando é que o seu Imperador-Deus já foi responsável por alguma coisa?

Moneo olhou para a mesa abarrotada e falou sem voltar os olhos para cima.

— Ele é responsável pelo que fez a si mesmo. — Depois ergueu os olhos brilhantes. — Você não tem coragem, Duncan, de aprender por que ele fez isso a si mesmo!

— E você tem?

— Quando eu estava no auge da fúria — disse Moneo —' e ele via a si próprio através dos meus olhos, ele disse: “Como se atreve a ser ofendido por mim?” E foi então — Moneo engoliu em seco — que ele me fez ver o horror... que ele já tinha visto.

— Lágrimas rolaram dos olhos de Moneo, descendo por suas faces. — E fiquei apenas feliz por não ter sido obrigado a tomar tal decisão... por poder me contentar em ser um seguidor.

— Eu o toquei — sussurrou Hwi.

— Então você sabe? — perguntou Moneo.

— Sem ter visto, eu sei — ela disse.

Em voz baixa, Moneo continuou:

— Quase morri daquilo. Eu... — Ele estremeceu, então olhou para Idaho. — Você não deve...

— Malditos sejam todos vocês! — explodiu Idaho. Levantou-se e saiu correndo da sala.

Hwi ficou olhando, seu rosto uma máscara de angústia.

— Oh, Duncan — sussurrou.

— Está vendo? — perguntou Moneo. — Você estava errada. Nem você nem as Oradoras Peixes puderam melhorar o gênio dele. Mas você, Hwi, você só contribuiu para a sua destruição.

Em sua aflição, Hwi voltou-se para Moneo.

— Não vou tornar a vê-lo.

Para Idaho, a passagem em direção aos seus alojamentos tornou-se uma das ocasiões mais difíceis de que tinha memória. Tentava imaginar seu rosto como uma máscara de plasteel, imóvel para ocultar a turbulência interior. Nenhuma das guardas por que passava podia ver sua dor. Não sabia que a maioria delas fizera suposições precisas quanto às suas emoções e tinha compaixão por ele. Todas elas tinham assistido a palestras a respeito dos Duncans e haviam aprendido a ler bem suas emoções.

No corredor perto de seus alojamentos, Idaho encontrou Nayla caminhando lentamente em direção a ele. Havia alguma coisa no rosto dela, uma aparência de indecisão e perda, que o deteve brevemente e quase o tirou de sua concentração interna.

— Amiga? — disse ele, falando quando estava a apenas alguns passos dela.

Ela olhou para ele, o reconhecimento óbvio em sua face quadrangular.

“Que mulher estranha”, pensou ele.

— Não sou mais Amiga — ela disse, e passou por ele sem se virar.

Idaho voltou-se, olhando para as costas dela — aqueles ombros pesados, aquela insinuação de músculos terríveis.

“Para que será que ela foi preparada?”, ele se perguntou.

Mas foi apenas um pensamento passageiro. Logo suas preocupações retornaram, mais fortes que antes. Ele caminhou mais alguns passos até o quarto.

Uma vez lá dentro, Idaho parou com os punhos contraídos.

“Não tenho mais laços com época alguma”, pensou. E como era estranho que esse não fosse um pensamento de liberdade. No entanto sabia que tinha feito aquilo que libertaria Hwi de seu amor por ele. Sentia-se diminuído. Em breve ela iria pensar nele como um bobo, pequeno e petulante, dominado apenas pelas próprias emoções. Podia sentir-se apagado das preocupações imediatas dela.

“E aquele pobre Moneo!”

Idaho sentia a forma das influências que tinham formado o dócil majordomo. “Dever e responsabilidade.” Que abrigo seguro eram elas num tempo de decisões difíceis.

“Um dia eu fui assim”, pensou Idaho. “Mas isso foi em outra época, outra vida.”

44

Os Duncans às vezes perguntam se compreendo as idéias exóticas do nosso passado. E, se as compreendo, então por que não posso explicá-las. O conhecimento, os Duncans acreditam, resume-se apenas aos pormenores. Tento explicar-lhes que todas as palavras são plásticas. As imagens verbais começam a ser distorcidas no momento em que são pronunciadas. As idéias embebidas na linguagem exigem uma língua determinada para serem expressas. Essa é a própria essência do significado da palavra exótico. Percebe como começa a se distorcer? A tradução cambaleia na presença do exótico. O Galach que eu falo aqui impõe-se a si próprio. É uma moldura externa de referência, um sistema particular. O perigo espreita em todos os sistemas. Os sistemas incorporam as crenças implícitas de seus criadores. Adote um sistema, aceite suas crenças, e você ajudará a reforçar a resistência à mudança. Servir-me-á de algum modo dizer aos Duncans que não existem linguagens para certas coisas? Ah! Mas os Duncans acreditam que todas as linguagens me pertencem.

— Os diários roubados

Por dois turnos completos de dias e noites, Siona deixou de fechar a máscara sobre o rosto, perdendo água preciosa a cada respiração. Foi necessária a advertência dos Fremen às crianças antes que ela se lembrasse das palavras de seu pai. Leto falara com ela finalmente, no frio da terceira manhã da travessia, quando eles pararam à sombra de uma rocha na planura varrida pelos ventos do erg.

— Guarde cada fôlego, cada suspiro, pois ele carrega o calor e a umidade da sua vida.

Sabia que passariam mais três dias e três noites no erg antes de alcançarem água. Agora era a quinta manhã desde a partida da Torre da Pequena Cidadela. Eles haviam avançado sobre montes rasos de areia durante a noite — não eram dunas, mas dunas podiam ser vislumbradas adiante, e até mesmo os remanescentes da Cordilheira Habbanya eram uma linha fina e quebrada, vislumbrada na distância, desde que se soubesse para onde olhar.

Agora, Siona tirava a máscara facial apenas para falar claramente. E

falava com lábios negros, que sangravam.

“Ela tem a sede dos desesperados”, pensou Leto enquanto deixava os sentidos sondarem as cercanias. “Logo chegará ao momento de crise.” Seus sentidos lhe diziam que ainda se encontravam sozinhos na extremidade da planície. Aurora estava a apenas alguns minutos no passado. A luz baixa criava barreiras de reflexo na areia, as quais ondulavam, erguiam-se e caíam no vento incessante. Seus sentidos filtraram o vento para que pudesse ouvir outras coisas — a respiração pesada de Siona, o escorrer da areia nas rochas ao lado, seu próprio corpo pesado friccionando uma fina cobertura de areia.

Siona puxou a máscara facial, mas a manteve segura para uma rápida recolocação.

— Quanto tempo até encontrarmos água? Três noites.

— Existe alguma direção melhor para seguirmos?

— Não.

Ela passara a apreciar a economia Fremen como informação importante. Bebeu avidamente as poucas gotas em sua bolsa recolhedora.

Leto reconheceu a mensagem nos movimentos dela — gestos familiares para Fremen in extremis. Siona estava agora totalmente consciente de uma experiência comum entre seus ancestrais — o patiyeh, a sede à beira da morte.

As poucas gotas no bolsão de recolhimento do traje se haviam acabado. Ele a ouviu sugando o ar. Siona recolocou a máscara e falou com a voz abafada.

— Não vou conseguir, vou?

Leto olhou para os olhos dela, vendo aquela clareza de pensamentos trazida pela proximidade da morte, uma consciência penetrante, raramente conseguida de outro modo. Isso ampliava apenas o que era necessário à sobrevivência. Sim, ela estava bem dentro do tedah ri-agrimi, a agonia que abre a mente. Logo estaria tomando aquela decisão final que acreditava já ter sido assumida. Leto reconhecia pelos indícios que era preciso tratar Siona com extrema cortesia. Ele teria que responder cada pergunta com candura porque cada pergunta traria um julgamento.

— Vou? — insistiu ela.

Ainda havia um resto de esperança em seu desespero.

— Nada é certo — ele disse.

Isso jogou-a no desespero.

Não fora essa a intenção de Leto, mas ele sabia que isso acontecia com frequência — uma reação precisa, embora ambígua, era reconhecida como a confirmação dos temores mais profundos da pessoa.

Ela suspirou.

Sua voz abafada pela máscara sondou uma vez mais:

— Você tinha alguma intenção especial para mim em seu programa de procriação.

Não era uma pergunta.

— Todas as pessoas têm intenções — disse ele.

— Mas você queria minha concordância total.

— É verdade.

— Como podia esperar que eu concordasse quando sabe que odeio tudo a seu respeito? Seja honesto comigo!

— O tripé onde assenta a concordância é formado pelo desejo, o conhecimento e a dúvida. Honestidade e precisão têm muito pouco a ver.

— Por favor, não discuta comigo. Sabe que estou morrendo.

— Eu a respeito demasiado para discutir com você.

Ele ergueu ligeiramente os segmentos frontais, sondando o vento. Já começava a trazer o calor do dia, mas havia muita umidade para o seu conforto. Lembrava-lhe de que, quanto mais ordenava o clima controlado, mais coisas existiam exigindo controle. Os absolutos só levavam mais perto das indeterminações.

— Você diz que não está discutindo, mas.

— A discussão fecha as portas dos sentidos — disse ele, abaixando-se de novo na superfície. — Ela sempre mascara a violência. Uma discussão, se prolongada por muito tempo, sempre conduz à violência. Não tenho intenções violentas com relação a você.

— Que quer dizer com desejo, conhecimento e dúvida?

— O desejo une os participantes. O conhecimento estabelece os limites do diálogo. A dúvida molda as perguntas.

Ela aproximou-se a fim de olhar diretamente para o rosto dele de menos de um metro de distância.

Como era singular, ele pensou, que o ódio pudesse fundir-se tão completamente com a esperança, o medo e a admiração.

— Poderia me salvar?

— Existe um modo.

Ela assentiu com a cabeça e Leto percebeu que Siona havia saltado para a conclusão errada.

— Você quer trocar isso pelo meu acordo! — ela acusou.

— Não.

— Se eu passar no seu teste.

— Não é meu o teste.

— De quem é?

— Ele deriva de nossos ancestrais comuns.

Siona abaixou-se para se sentar na rocha fria e ficou em silêncio. Ainda não se sentia pronta para pedir pelo lugar de repouso dentro da borda quente do segmento frontal. Leto julgou poder ouvir o grito que esperava dentro da garganta dela. Agora suas dúvidas estavam em ação. Ela estava começando a se perguntar se ele realmente podia ser encaixado naquela imagem do Último Tirano. Olhou para ele com aquela terrível limpidez que Leto havia identificado nela:

— Que o faz fazer o que faz?

A pergunta era bem colocada. Ele disse:

— A necessidade de salvar o meu povo.

— Que povo?

— Minha definição é mais ampla que a de qualquer outro... mesmo que a da Bene Gesserit, que julga ter definido o que é ser humano. Refiro-me à eterna linha de toda a humanidade, qualquer que seja a definição.

— Está tentando me dizer.

Sua boca tornou-se muito seca para continuar falando. Ela tentou acumular saliva. Leto viu os movimentos dentro da máscara facial. Sua pergunta era óbvia, contudo, e ele não esperou.

— Se não fosse eu, agora não haveria gente em parte alguma, gente alguma. E o caminho rumo a essa extinção da humanidade era mais horrendo do que a imaginação mais extravagante poderia conceber.

— Sua suposta presciência — retrucou ela.

— O Caminho Dourado ainda permanece aberto.

— Eu não confio em você!

— Porque não somos iguais?

— Sim!

— Mas somos interdependentes.

— Qual a necessidade que tem de mim?

"Ah, o grito do jovem incerto do seu nicho." Sentia a força dentro dos laços secretos da dependência e se forçou a ser duro. "A dependência gera a fraqueza!"

— Você é o Caminho Dourado — disse Leto.

— Eu? — era quase um sussurro.

— Você leu aqueles diários que roubou de mim. Eu estou neles, mas onde está você? Olhe para o que eu criei, Siona. E você, você não pode criar nada a não ser você mesma.

— Palavras, mais palavras habilidosas.

— Não sofro por ser adorado, Siona, sofro por nunca terem gostado de mim. Talvez... Não, não me atrevo a ter esperanças com relação a você.

— Qual é o propósito daqueles diários?

— Uma máquina Ixiana os registra. Deverão ser encontrados numa época distante. Farão as pessoas pensarem.

— Uma máquina Ixiana? Você desafia o Jihad!

— Há uma lição nisso também. O que tais máquinas realmente fazem? Elas aumentam o número de coisas que podemos fazer sem pensar. E coisas que nós fazemos sem pensar... esse o verdadeiro perigo. Olhe a distância que você caminhou neste deserto sem pensar na sua máscara facial.

— Você podia ter me avisado!

— E aumentar a sua dependência?

Ela olhou para ele por um momento, depois disse:

— Por que deseja que eu comande as suas Oradoras Peixes?

— Você é uma mulher Atreides, cheia de iniciativa e capaz de pensar com independência. Você pode ser sincera apenas para se manter fiel à verdade tal como a vê. Foi gerada e criada para comandar. O que significa ser livre da dependência.

O vento fazia rodopiar o pó e a areia em torno deles enquanto ela pesava as palavras de Leto.

— E se eu concordar, vai me salvar?

— Não.

Ela estivera tão certa de que a resposta seria o oposto que levou várias batidas do coração para que pudesse compreender aquela única palavra. Durante esse tempo, o vento diminuiu ligeiramente, expondo uma vista da paisagem de dunas até os restos da Cordilheira Habbanya. O ar ficou subitamente gelado com aquele frio que fazia tanto para roubar a umidade da carne quanto a luz solar mais quente. Parte da consciência de Leto detectou a oscilação do controle do clima.

— Não? — Ela estava tão intrigada quanto furiosa.

— Não faço acordos de sangue com pessoas em quem devo confiar.

Ela sacudiu a cabeça lentamente, de um lado para o outro, mas seu olhar permaneceu fixo no rosto dele.

— Que irá fazê-lo salvar-me?

— Nada me obrigará a fazer isso. Por que acha que me levaria a fazer por você o que não pode fazer por mim? Esse não é o caminho que leva à interdependência.

Os ombros dela abaixaram-se.

— Se não posso fazer um acordo com você ou forçá-lo a...

— Então você deve escolher outro caminho.

“Que coisa maravilhosa é observar o crescimento explosivo da

compreensão”, ele pensou. As feições expressivas de Siona não lhe ocultavam coisa alguma. Ela focalizou a atenção em seus olhos, fitando-os como se quisesse penetrar em seus pensamentos. Uma nova força surgiu em sua voz abafada.

— Você me faria conhecer tudo a seu respeito... mesmo cada fraqueza?

— Você roubaria de mim o que eu daria abertamente?

A luz da manhã atingia-lhe duramente o rosto.

— Não lhe prometo coisa alguma.

— Nem eu exijo isso — disse Leto.

— Mas vai me dar... água se eu pedir?

— Não é apenas água.

Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

— E eu sou Atreides.

As Oradoras Peixes não ocultavam a lição referente a essa suscetibilidade especial nos genes dos Atreides. Ela sabia de onde a especiaria se originava e o que poderia fazer com ela. As instrutoras, nas escolas das Oradoras Peixes, nunca lhe tinham falhado. E as pequenas adições de melange na comida seca de Siona também tinham feito seu trabalho.

— Essas dobras pequenas e curvas ao lado do meu rosto — disse Leto. — Acaricie uma delas suavemente com o dedo e ela produzirá algumas gotas de umidade pesadamente carregadas de essência de especiaria.

Ele viu a compreensão nos olhos dela. Memórias que não reconhecia como memórias estavam falando para ela. E Siona era o resultado de muitas gerações através das quais a sensibilidade dos Atreides fora aumentada.

Mesmo a urgência de sua sede não fez com que ela agisse.

Para ajudá-la a superar a crise, contou-lhe a respeito das crianças Fremen buscando trutas da areia na borda de um oásis e tirando a umidade delas para uma rápida revitalização.

— Mas eu sou Atreides — ela disse.

— A História Oral diz a verdade.

— Então eu poderia morrer disso?

— Esse é o teste.

— Você me transformaria numa verdadeira Fremen!

— De que outro modo você poderia ensinar seus descendentes a sobreviverem aqui depois que eu tiver partido?

Ela tirou a máscara e colocou o rosto a um palmo de distância do dele. Um dedo se ergueu e tocou uma das dobras curvas do capuz de truta da areia.

— Coce suavemente — ele disse.

A mão obedeceu, não à voz dele, mas a alguma coisa de dentro de Siona.

Os movimentos do dedo eram precisos, fazendo brotar outras memórias, uma coisa que passara de uma criança para a outra... do modo como tanta informação e tanta desinformação sobreviviam. Leto virou o rosto ao máximo que poderia e olhou de lado para aquele rosto tão próximo ao seu. Pálidas gotas azuis começavam a se formar na borda da dobra. Ricos aromas de canela os envolveram. Ela inclinou-se em direção às gotas e Leto pôde ver os poros ao lado do nariz dela, o modo como a língua se mexia enquanto ela bebia.

Daí a pouco Siona recuou — não totalmente satisfeita, mas movida pela cautela e pela suspeita, do mesmo modo como Moneo tinha agido. "Tal pai, tal filha."

— Quanto tempo até que comece a agir? — perguntou ela.

— Já está agindo.

— Eu quero dizer.

— Um minuto, mais ou menos.

— Não lhe devo nada por isto!

— Não exigirei pagamento.

Ela fechou a máscara facial.

Leto viu as distâncias enevoadas entrarem nos olhos dela. Sem pedir permissão, ela bateu em seu segmento frontal, exigindo que ele preparasse a cálida rede de sua carne. Leto obedeceu e ela se acomodou na suave curva. Se olhasse bem para baixo, ele poderia vê-la. Os olhos de Siona permaneciam abertos, mas ela não mais via esse lugar. Teve uma súbita convulsão e começou a tremer como uma pequena criatura morrendo. Leto conhecia a experiência, mas não podia modificar o menor detalhe. Nenhuma presença ancestral iria permanecer em sua consciência, mas ela carregaria consigo, para sempre, as visões claras, os sons e os cheiros. As máquinas rastreadoras estariam lá, o cheiro de sangue e entranhas, os seres humanos encolhidos em suas tocas, conscientes apenas de que não poderiam escapar... enquanto o tempo todo os movimentos mecânicos se tornavam mais próximos, cada vez mais próximos, mais próximos... tornando-se mais altos... mais altos!

E em todo lugar onde ela procurasse seria a mesma coisa. Não havia fuga em parte alguma.

Leto sentiu a vida dela se esvaindo. "Lute contra a escuridão, Siona!" Essa era uma coisa que os Atreides faziam. Eles lutavam pela vida. E agora Siona estaria lutando por outras vidas além da sua. Mas ele sentia o esgotamento... o terrível esvairse da vitalidade. Ela mergulhava mais fundo na escuridão, mais fundo do que qualquer outro havia penetrado. Ele começou a embalá-la suavemente, com um movimento oscilante do seu segmento frontal. Isso ou então aquele tênue fio quente de determinação, talvez as duas coisas juntas

prevalecessem. Por volta do inicio da tarde, a carne dela passara dos tremores para alguma coisa que se aproximava do verdadeiro sono. Somente um sopro ofegante ocasional traía os ecos da visão. Ele a ninava suavemente, rolando-a de um lado para o outro.

Será que ela poderia retornar daquelas profundezas? Sentia as respostas vitais tranquilizadoras. A força que havia nela!

Siona despertou no final da tarde, uma quietude tomando conta dela de repente, uma mudança no ritmo da respiração. Os olhos abriram-se bruscamente, ela olhou para ele e depois rolou para fora da rede a fim de ficar de pé, de costas para Leto, pensando durante quase uma hora.

Moneo fizera a mesma coisa. Era um novo padrão nesses Atreides. Alguns dos anteriores tinham discursado para ele. Outros haviam recuado e se afastado aos tropeções, olhando para trás, forçando-o a segui-los, remexendo-se e raspando por sobre as pedras. E outros se haviam agachado e olhado para o chão. Nenhum lhe tinha dado as costas. Leto tomou isso como um novo desenvolvimento, um sinal de esperança.

— Você está começando a ter idéia de quão distante minha família se prolonga no passado — disse Leto.

Ela se virou, a boca uma linha contraída, mas não lhe encarou o olhar. Ele podia notar que ela estava aceitando, contudo, uma compreensão que poucos humanos poderiam compartilhar do modo como ela compartilhara: aquela multidão singular feita de toda a humanidade dentro da sua família.

— Você podia ter salvo meus amigos na floresta — acusou ela.

— Você também poderia tê-los salvo.

Ela comprimiu os punhos e os apertou contra as têmporas, enquanto olhava furiosa para ele.

— Mas você conhece tudo!

— Siona!

— Eu precisava aprender desse modo? — sussurrou ela.

Ele permaneceu em silêncio, forçando-a a responder a pergunta por si mesma. Precisava ser conduzida a um reconhecimento de que sua consciência básica funcionava do modo Fremen, e que, como as terríveis máquinas daquela visão apocalíptica, os predadores seguiriam qualquer criatura que deixasse rastros.

— O Caminho Dourado — ela sussurrou. — Posso senti-lo.

— Olhou com raiva para ele. — E tão cruel!

— A sobrevivência sempre foi uma coisa cruel.

— Eles não podiam se esconder — sussurrou ela outra vez. Depois falou alto: — Que fez comigo?

— Você tentou ser uma rebelde Fremen. Os Fremen possuíam uma habilidade quase inacreditável para notarem sinais no deserto. Podiam até mesmo seguir a tênue filigrana dos rastros do vento soprando a areia.

Percebeu o início do remorso na consciência dela, memórias dos companheiros mortos flutuando em sua mente. Falou rapidamente, sabendo que a culpa logo iria passar, seguida de um ódio contra ele:

— Você teria acreditado se eu apenas a tivesse trazido aqui e lhe contado?

O remorso ameaçou dominá-la. Ela abriu a boca por baixo da máscara numa expressão de espanto.

— Você ainda não sobreviveu ao deserto — lembrou ele.

Lentamente, os tremores dela se controlaram. Os instintos Fremen que colocara em ação exerciam sua moderação habitual.

— Vou sobreviver — ela disse. E encarou o olhar dele. — Você nos lê através de nossas emoções, não é?

— Aquilo que acende o pensamento — respondeu ele. — Posso reconhecer a mais tênue nuança comportamental a partir de suas origens emocionais.

Ele a viu aceitar sua própria nudez do modo como Moneo havia aceito; com medo e ódio. Não tinha muita importância. Sondou o tempo adiante deles. Sim, ela iria sobreviver ao deserto porque suas trilhas estavam na areia ao lado dele... mas não viu indícios da carne dela naqueles rastros. Um pouco além dos rastros de Siona, contudo, ele viu uma súbita abertura onde coisas haviam sido ocultas. O grito de morte de Anteac ecoou em sua consciência presciente... e o enxame de Oradoras Peixes atacando!

“Malky vem vindo”, pensou ele. “Nós nos encontraremos novamente, Malky e eu.”

Leto abriu os olhos exteriores e viu Siona ainda olhando furiosa para ele.

— Eu ainda o odeio! — ela disse.

— Você odeia a crueldade necessária do predador.

— Ela falou com uma exaltação maligna:

— Mas eu vi outra coisa! Você não pode seguir meus rastros!

— O motivo para você preservar e transmitir isto.

Enquanto ele falava, começou a chover. A súbita penumbra da nuvem e o cair da água atingiram-nos simultaneamente. A despeito do fato de ter sentido a oscilação do controle do clima, Leto ficou chocado por esse assalto. Sabia que às vezes chovia no Sareer, uma chuva que logo se dispersava na medida em que a água se esgotava e desaparecia. As poucas poças se evaporariam sob a luz do sol que não demoraria a retornar. Na maioria das vezes a precipitação nem tocava o solo; era uma chuva fantasmagórica, vaporizada ao atingir a camada de ar

superaquecida, logo acima da superfície do deserto, e então se dispersando ao vento. Mas essa pancada o ensopou.

Siona tirou a máscara facial e ergueu o rosto ávido para a água que caía, nem mesmo notando seu efeito em Leto.

Na medida em que a água penetrava por trás da cobertura de truta da areia, ele se enrijecia, curvando-se e se enrolando numa bola agonizante. Impulsos opostos de truta e de verme de areia produziam um novo significado para a palavra dor. Leto sentia-se rasgado ao meio. A truta da areia queria correr para a água e englobá-lo. O verme da areia sentia a morte no encharcamento. Espirais de fumaça azul erguiam-se de cada ponto onde a chuva o tocava. A estrutura interna de seu corpo começava a manufaturar a verdadeira essência de especiaria. Uma fumaça azul elevou-se em torno do ponto onde ele jazia em meio às poças de água. Leto se contorcia e gemia.

As nuvens passaram e levou alguns minutos para que Siona sentisse a perturbação.

— Que há de errado com você?

Ele estava incapaz de responder. A chuva se fora, mas a água permanecia nas rochas e nas poças ao lado e embaixo dele. Não havia escapatória.

Siona viu a fumaça azul erguendo-se de cada ponto em que a água o tocava.

— É a água!

Havia, à direita, uma protuberância de terra, ligeiramente mais alta, onde a água não permanecera. Dolorosamente, ele seguiu para ela, gemendo a cada nova poça. A elevação estava quase seca quando Leto a atingiu. A agonia foi se esvaindo lentamente e ele se tornou consciente de que Siona se encontrava bem diante dele. Ela o sondou com palavras de falsa preocupação.

— Por que a água o fere?

“Fere? Que palavra inadequada!” Não havia maneira de escapar às suas perguntas. Agora ela sabia o suficiente para pesquisar as respostas. E a resposta poderia ser encontrada. Hesitantemente, ele explicou a relação que havia entre a truta e o verme da areia. Ela escutou em silêncio.

— Mas a umidade que me deu...

— Estava coberta e mascarada pela especiaria.

— Então, por que se arrisca aqui fora sem a carreta?

— Você não pode ser Fremen na Cidadela ou em uma carreta.

Ela assentiu afirmativamente com a cabeça.

E ele viu a chama da rebelião retornar-lhe aos olhos. Ela não precisava sentir-se culpada ou dependente. Não podia mais evitar a crença no seu Caminho Dourado, mas que diferença isso fazia? As crueldades de Leto não poderiam ser

perdoadas! Ela poderia rejeitá-lo, negar-lhe um lugar em sua família. Ele não era humano, não era como ela, nem um pouco. E ela detinha o segredo da sua destruição! Envolva-o com água, destrua o seu deserto, imobilize-o dentro de um fosso de agonia! Será que ela acreditava poder ocultar seus pensamentos apenas virando-lhe as costas?

“E que posso eu fazer a esse respeito?”, ele se perguntou. “Ela deve sobreviver agora, enquanto eu devo demonstrar não-violência.”

Agora que sabia alguma coisa a respeito da natureza de Siona, como seria fácil entregar-se, mergulhar cegamente nos próprios pensamentos. Era sedutora essa tentação de viver apenas dentro de suas próprias memórias. Mas seus filhos ainda exigiam outra lição através do exemplo para poderem escapar à última ameaça do Caminho Dourado.

“Que decisão dolorosa!” Ele experimentou uma nova simpatia pela Bene Gesserit. Sua dúvida e seu embaraço eram semelhantes ao que elas haviam experimentado ao confrontarem a realidade do Muad’Dib. “O objetivo final do seu programa de procriação — meu pai —, elas também não podiam dominá-lo.”

“Uma vez mais na disputa, queridos amigos”, pensou ele, e suprimiu um sorriso amargo ante seu próprio histrionismo.

45

Dado tempo suficiente para as gerações evoluírem, o predador produz adaptações particulares para a sobrevivência de sua presa, a qual, através de uma operação circular de retroalimentação, produz mudanças no predador, que novamente modificam a presa — etc., etc., etc. Muitas forças poderosas fazem a mesma coisa. E vocês podem incluir entre essas forças a religião.

— Os diários roubados

— O Senhor me ordenou que lhe dissesse que a sua filha vive. Nayla transmitiu a mensagem a Moneo em voz monótona,

olhando por cima da mesa para a figura sentada em meio ao caos de notas, papéis e instrumentos de comunicação.

Moneo pressionou as palmas das mãos firmemente, uma contra a outra, e olhou para a sombra alongada, desenhada em sua mesa pela luz do cair da tarde passando sobre a árvore cheia de jóias do seu peso de papel

Sem olhar para a figura corpulenta de Nayla, de pé e rígida diante dele, Moneo perguntou:

— Os dois retornaram à Cidadela?

— Sim.

Moneo olhou para a janela à sua esquerda, sem ver realmente a borda poeirenta de escuridão suspensa sobre o horizonte do Sareer, nem o vento ávido coletando grãos de areia em cada duna.

— O assunto de que falamos antes? — perguntou ele.

— Foi arranjado.

— Muito bem. — Ele acenou com a mão para mandá-la sair, mas Nayla permaneceu de pé na frente dele. Surpreso, Moneo focalizou a atenção nela pela primeira vez desde que havia entrado.

— Exige-se que eu pessoalmente compareça a esse — ela engoliu em seco — casamento?

— Lorde Leto ordenou. Você será a única a comparecer armada com laser. Isso é uma honra.

Ela permaneceu em posição, o olhar fixo em algum ponto acima da cabeça

de Moneo.

— Sim? — perguntou ele.

A grande mandíbula de Nayla moveu-se convulsivamente, e então ela disse:

— Ele é Deus e eu sou mortal.

Virou-se nos calcanhares e deixou a sala de trabalho.

Moneo tentou imaginar vagamente o que estaria incomodando a volumosa Oradora Peixe, mas seus pensamentos giravam como um compasso em direção a Siona.

"Ela sobreviveu como eu sobrevivi." Siona agora tinha um senso interior dizendo-lhe que o Caminho Dourado permanecia não interrompido. "Como eu tenho." Ele não encontrou qualquer sentido de participação nesse pensamento, nada para fazê-lo sentir-se mais próximo da filha. Era uma carga que iria inevitavelmente dobrar-lhe a natureza rebelde. Nenhum Atreides poderia voltar-se contra o Caminho Dourado. Leto cuidara disso!"

Moneo lembrou-se de seus próprios dias de rebelião. A cada noite uma nova cama e um impulso constante para continuar fugindo. As teias do passado agarravam-se à sua mente, prendendo-se, não importando o quanto ele tentasse sacudir memórias perturbadoras.

"Siona foi enjaulada. Como eu fui enjaulado. Como o pobre Leto foi enjaulado."

O toque do sino que. anunciava o cair da noite penetrou em seus pensamentos e ativou as luzes da sala de trabalho. Ele olhou para o trabalho ainda incompleto dos preparativos para o casamento de Hwi Noree com o Imperador-Deus. Tanto trabalho! Daí a pouco comprimiu um botão de chamada e pediu à acólita Oradora Peixe, que atendeu, que trouxesse um copo com água e depois chamasse Duncan Idaho para a sala de trabalho.

Ela voltou rapidamente com a água e colocou o copo próximo da mão esquerda de Moneo. Este notou os dedos longos, os dedos de uma tocadora de alaúde, mas não olhou para o rosto.

— Mandei alguém chamar Idaho — ela disse.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e continuou seu trabalho. Ouviu-a sair e somente então ergueu a cabeça para beber a água.

"Algumas vidas são como as mariposas de verão", pensou ele. "Mas eu tenho cargas sem fim."

A água tinha um gosto insípido. Ele dominou os sentidos, fazendo o corpo sentir-se dormente. Depois olhou para as cores do poente no Sareer, enquanto se apagavam na escuridão, imaginando que era capaz de reconhecer beleza naquela visão familiar, mas tudo que podia pensar era que a luz se modificava segundo

seus próprios padrões. “Não tem qualquer relação comigo.”

Com a escuridão completa, o nível de iluminação em sua sala de trabalho aumentou automaticamente, trazendo consigo a claridade do pensamento. Sentia-se inteiramente preparado para Idaho. Esse era um que precisava aprender as necessidades, e rapidamente.

A porta de Moneo se abriu, era a acólita novamente.

— Vai comer agora?

— Depois.

Ela começou a sair, mas ele a deteve erguendo a mão:

— Gostaria que a porta ficasse aberta.

Ela franziu a testa, surpresa.

— Você pode praticar sua música — ele disse. — Gostaria de ouvir.

Ela tinha um rosto redondo, liso, quase infantil, que se tornou radiante ao sorrir. Com o sorriso ainda nos lábios, ela se virou e saiu.

Daí a pouco ele ouviu os sons de um alaúde do tipo biwa em seu escritório externo. Sim, a jovem acólita tinha talento. As cordas mais graves eram como chuva tamborilando sobre um telhado, com os tons médios por baixo. Talvez ela pudesse passar ao baliset algum dia. Moneo reconheceu a canção: a memória do sussurro profundo do vento de outono num planeta distante onde nunca existira deserto. Uma música triste, melancólica, e no entanto maravilhosa.

“É o choro dos enjaulados”, pensou. “A memória da liberdade.” Esse pensamento pareceu-lhe curioso. Será que a liberdade sempre exigiria a rebelião?

O alaúde se calou. Ouviu o som de vozes baixas e então Idaho entrou na sala. Moneo o observou entrar. Um truque de iluminação dava ao rosto de Idaho a aparência de uma máscara trágica, com olhos fundos. Sem esperar pelo convite, ele se sentou diante de Moneo e a aparência se foi. “Apenas outro Duncan.” Agora estava usando um uniforme negro sem insígnia.

— Estive me fazendo uma pergunta peculiar — disse Idaho.

— Fico feliz por ter me chamado, queria lhe fazer essa pergunta. Que foi, Moneo, que meu antecessor não aprendeu?

Rígido com a surpresa, Moneo sentou-se com as costas eretas. Que pergunta tão pouco típica de um Duncan. Será que haveria uma peculiar diferença Tleilaxu nesse ai, afinal de contas?

— Que o leva a essa pergunta? — indagou Moneo.

— Estive pensando como Fremen.

— Você não era Fremen.

— Estive mais perto de ser um do que você pensa. Stilgar, o Naib, uma vez me disse que eu provavelmente nascera Fremen sem saber disso até vir para

Duna.

— E que acontece quando se pensa como um Fremen?

— Você se lembra de que nunca deveria estar na companhia de gente por quem você não desejaria morrer.

Moneo colocou as mãos sobre a mesa, as palmas para baixo. Um sorriso cruel surgiu no rosto de Idaho.

— Então que está fazendo aqui? — perguntou Moneo.

— Suspeito que você seja boa companhia, Moneo. E me pergunto por que Leto o escolheria como seu companheiro mais chegado.

— Eu passei no teste.

— O mesmo teste em que sua filha passou?

“De modo que ele ouviu que eles estão de volta.” Isso significa que algumas Oradoras Peixes lhe estavam relatando coisas... a menos que o Imperador-Deus tivesse convocado o Duncan... “Não, eu teria ouvido.”

— Os testes nunca são idênticos — explicou Moneo. — Fui obrigado a entrar no labirinto de uma caverna, tendo apenas uma sacola de comida e um frasco de essência de especiaria.

— O que você escolheu?

— O quê? Oh... se você é testado, você descobre.

— Existe um Leto que eu não conheço — disse Idaho.

— Não lhe falei isso?

— E existe um Leto que você não conhece.

— Porque ele é a pessoa mais solitária que o universo já viu — replicou Moneo.

— Não faça jogos com a emoção tentando despertar minha simpatia — disse Idaho.

— Jogos com a emoção. Essa é muito boa — concordou Moneo. — As emoções do Imperador-Deus são como um rio: contínuas, ininterruptas, espumantes e violentas à menor sugestão de uma barreira. Ele não deve ser obstruído.

Idaho olhou à sua volta para a sala de trabalho brilhantemente iluminada, depois voltou seu olhar para a escuridão exterior e pensou a respeito do curso domado do Rio Idaho em algum ponto lá fora. Voltando a atenção para Moneo, perguntou:

— Que sabe a respeito de rios?

— Em minha juventude, viajei para ele. Até mesmo confiei minha vida à concha flutuante de um barco num rio, e depois num mar cujas praias se perderam durante a travessia.

Enquanto falava, Moneo sentia ter esbarrado no indicio de alguma

verdade profunda com relação a Lorde Leto. A sensação lançou-o num devaneio, fazendo-o pensar naquele planeta distante em que atravessara um mar de uma praia a outra. Acontecera uma tempestade durante a primeira noite da travessia e em algum lugar, dentro das profundezas do navio, havia um ruído irritantemente não-direcional, um "sug, sug, sug, sug" das máquinas em funcionamento. Ele ficara no convés com o capitão, sua mente focalizando-se no som dos motores, recuando e voltando para ele como as montanhas de água verde-escura que iam e vinham sem parar. Cada golpe da quilha abria a carne do mar como o golpe de um punho. Era um movimento insano, uma sacudidela úmida, para cima... para cima... para baixo! E seus pulmões tinham doído com o temor reprimido. A arremetida do navio e do mar tentando vencê-lo — violentas explosões de água sólida, hora após hora, bolhas brancas derramando-se para fora dos conveses, depois outro mar e outro.

E tudo isso era uma chave para o Imperador-Deus.

"Ele é tanto a tempestade quanto o navio."

Moneo voltou a atenção para Idaho, sentado diante dele, do outro lado da mesa. Nem um tremor no homem, mas ali havia um desejo ardente.

— De modo que não vai me ajudar a descobrir o que os outros Duncans não aprenderam — disse Idaho.

— Mas vou ajudá-lo.

— Então, que foi que eu sempre deixei de aprender?

— A confiar.

Idaho recuou da beira da mesa e olhou com raiva para Moneo. Quando sua voz escapou, era rouca e dura.

Eu diria que já confiei em demasia.

Moneo foi implacável.

— Mas como você confia?

— Que quer dizer?

Moneo colocou as mãos sobre o colo.

— Você escolhe seus companheiros por suas habilidades em lutar e morrer a favor do que é direito, tal como o vê. Você escolhe mulheres que possam complementar sua visão masculina de si próprio. Você não permite as diferenças que possam emergir da boa vontade.

Alguma coisa movimentou-se no portal que dava para a sala de Moneo. Ele olhou para cima a tempo de ver Siona entrando. Ela parou, uma das mãos sobre os quadris.

— Bem, pai, de novo com seus velhos truques, hein?

Idaho virou-se bruscamente para ver quem tinha falado.

Moneo a observou procurando sinais de mudança. Ela tinha tomado um

banho e colocado um uniforme novo, o ouro e negro de uma comandante Oradora Peixe, mas as mãos e o rosto ainda traíam a evidência de sua provação no deserto. Ela tinha perdido peso e os ossos da face mostravam-se salientes. O unguento pouco fazia para ocultar as fendas nos lábios, e veias surgiam em suas mãos. Seus olhos tinham uma aparência ancestral e sua expressão era a de alguém que provara resíduos amargos.

— Estive ouvindo vocês dois — ela disse, deixando cair a mão da curva do quadril e se dirigindo mais para o interior da sala. — Como se atreve a falar em boa vontade, pai?

Idaho notara o uniforme. Comprimiu os lábios, pensando:

“Comandante das Oradoras Peixes? Siona?”

— Compreendo sua amargura — disse Moneo. — Já tive sentimentos semelhantes.

— Teve mesmo?

Ela se aproximou ainda mais, parando ao lado de Idaho, que continuou a examiná-la com uma expressão especulativa.

— Estou cheio de alegria por vê-la viva — disse Moneo.

— Como lhe é gratificante me ver a serviço do Imperador-Deus — ela disse. — Você esperou tanto tempo para ter um filho e agora olhe! Está vendo que sucesso eu sou? — Virou-se lentamente para exibir o uniforme. — Comandante das Oradoras Peixes. Uma comandante com uma tropa de uma só pessoa, mas ainda assim uma comandante.

Moneo forçou a voz para um tom frio e profissional:

— Sente-se.

— Prefiro ficar de pé. — Ela olhou para o rosto erguido de Idaho. — Ah, Duncan Idaho, meu companheiro programado. Não acha isso interessante, Duncan? Lorde Leto diz que eu serei encaixada na estrutura de comando das Oradoras Peixes dentro do devido tempo. Enquanto isso, tenho uma auxiliar. Conhece aquela chamada Nayla, Duncan?

Idaho fez que sim com a cabeça.

— Realmente? Eu acho que talvez eu não a conheça. — Siona olhou para Moneo. — Você a conhece, pai?

Moneo encolheu os ombros.

— Mas você fala de confiança, pai — disse Siona. — Em quem confia o poderoso ministro Moneo?

Idaho virou-se para ver o efeito dessas palavras no majordomo. O rosto do homem parecia modificar-se com a emoção reprimida. “Raiva? Não... alguma outra coisa.”

— Eu confio no Imperador-Deus — disse Moneo. — E, na esperança de

que ele possa ensinar alguma coisa a vocês dois, estou aqui para lhes transmitir os seus votos.

— Seus votos? — provocou Siona. — Ouviu isso, Duncan? As ordens do Imperador-Deus agora são votos.

— Fale o que tem a dizer — disse Idaho. — Sei que temos muito pouca escolha, seja lá o que for.

— Você sempre tem uma escolha — disse Moneo.

— Não o escute — disse Siona. — Ele é cheio de truques. Eles esperam que a gente se atire nos braços um do outro e gere mais gente como meu pai. Seu descendente, meu pai!

O rosto de Moneo ficou pálido. Ele segurou a beira da mesa de trabalho com ambas as mãos e se inclinou para a frente.

— Vocês dois são tolos! Mas vou tentar salvá-los a despeito de vocês mesmos. Vou tentar salvá-los.

Idaho viu as faces de Moneo tremerem, a intensidade do olhar do homem, e se sentiu curiosamente sensibilizado por isso.

Não sou o garanhão dele, mas vou ouvir você.

— Sempre um erro — disse Siona.

— Fique quieta, mulher — replicou Idaho.

Ela olhou furiosa para o alto da cabeça de Idaho.

— Não fale comigo desse modo ou enrolarei seu pescoço em volta dos calcanhares!

Idaho ficou rígido e começou a se virar.

Moneo fez uma careta e acenou com a mão para que Idaho continuasse sentado.

— Eu o advirto, Duncan, de que ela provavelmente faria isso. Não sou páreo para ela, e você se lembra de sua tentativa de violência contra mim?

Idaho respirou fundo e rápido, depois deixou o ar escapar lentamente.

— Diga o que tem a dizer.

Siona caminhou até se empoleirar na beira da mesa de Moneo e olhou para os dois.

— Muito melhor — ela disse. — Deixe-o dizer sua fala, mas não ouça.

Idaho comprimiu os lábios.

Moneo soltou a borda da mesa. Sentou-se e olhou de Idaho para Siona.

— Quase completei os preparativos para o casamento do Imperador-Deus com Hwi Noree. Durante essas festividades, quero vocês dois fora do caminho.

Siona voltou um olhar questionador para Moneo.

— Idéia sua ou dele?

— Minha! — Moneo respondeu ao olhar a filha. — Você não tem senso

de dever? Não aprendeu nada ficando com ele?

— Oh, aprendi o que você aprendeu, pai. E dei minha palavra, a qual pretendo manter.

— Então vai comandar as Oradoras Peixes?

— Quando ele me confiar um comando. Você sabe, pai, ele é muito matreiro. Mais do que você.

— Para onde vai nos mandar? — perguntou Idaho.

— Uma vez que concordemos em ir — disse Siona.

— Existe um pequeno vilarejo de Fremen de Museu na extremidade do Sareer — explicou Moneo. — É chamado de Tuono. A vila é relativamente agradável, encontra-se à sombra da Muralha, com o rio do outro lado. Há um poço e a comida é boa.

“Tuono?”, perguntou-se Idaho. O nome lhe parecia familiar.

— Havia uma bacia de Tuono no caminho para o Sietch Tabr.

— E as noites são longas e não há diversão — disse Siona.

Idaho voltou-lhe um olhar de censura e foi correspondido.

— Ele nos quer procriando e o Verme satisfeito — ela disse.

— Quer bebês no meu ventre, novas vidas para perverter e torcer. Eu o verei morto antes de lhe dar isso!

Idaho olhou para Moneo com uma expressão confusa.

— E se nos recusarmos a ir?

— Acho que vocês irão.

Os lábios de Siona se torceram.

— Duncan, já viu um desses pequenos vilarejos no deserto? Não há conforto, não...

— Já vi a vila de Tabur — disse Idaho.

— Tenho certeza de que é uma metrópole comparada a Tuono. Nosso Imperador-Deus não celebraria suas núpcias em qualquer aglomerado de palhoças de lama! Oh, não. Tuono terá casas de lama seca e nada de amenidades, tão perto dos Fremen originais quanto possível.

Idaho manteve a atenção em Moneo enquanto falava.

— Fremen não vivem em casas de lama.

— Quem se importa com onde eles conduzem seus jogos ritualísticos? — retrucou ela.

Ainda olhando para Moneo, Idaho disse:

Os verdadeiros Fremen possuem apenas um culto, o culto da honestidade pessoal. Eu me preocupo mais com a honestidade do que com o conforto.

— Não espere conforto de mim! — retrucou Siona.

— Não espero nada de você — disse Idaho. — Quando partimos para esse

Tuono, Moneo?

— Você vai? — ela perguntou.

— Estou considerando uma aceitação da bondade de seu pai — respondeu Idaho.

— Bondade! — Ela olhou para ele e para Moneo.

— Vocês devem partir imediatamente — instruiu Moneo. — Reservei um destacamento de Oradoras Peixes, sob o comando de Nayla, para escoltá-los e fornecer o que precisarem em Tuono.

— Nayla? — perguntou Siona. — Verdade? Ela vai ficar conosco lá?

— Até o dia do casamento.

Siona concordou com um aceno lento da cabeça.

— Então, aceitamos.

— Aceite por você mesma! — exclamou Idaho.

Siona sorriu.

— Desculpe. Posso pedir formalmente que o grande Duncan Idaho me acompanhe a essa primitiva guarnição onde ele manterá as mãos longe da minha pessoa?

Idaho olhou para ela com as sobrancelhas contraídas.

— Não tema quanto ao lugar onde vou colocar minhas mãos.

— Ele olhou para Moneo. — Está sendo gentil, Moneo? É por isso que está me mandando para longe?

— E uma questão de confiança — disse Siona. — Em quem ele confia?

— Serei forçado a ir com sua filha? — insistiu Idaho.

Siona levantou-se.

— Ou nós aceitamos ou a tropa vai nos amarrar e carregar do modo mais desconfortável. Você pode ver isso no rosto dele.

— Assim, realmente não tenho escolha — disse Idaho.

— Você tem a escolha que todos têm — disse Siona. — Morra agora ou depois.

Idaho continuava olhando para Moneo.

— Suas intenções reais, Moneo? Não satisfaria a minha curiosidade?

— A curiosidade tem mantido muitas pessoas vivas quando tudo mais falhou — respondeu Moneo. — Estou tentando mantê-lo vivo, Duncan. Nunca fiz isso antes.

46

Foram necessários mais de mil anos até que a poeira do antigo deserto planetário de Duna deixasse a atmosfera para se fixar no solo e na água. O vento chamado raspador de areia não era visto em Arrakis há 2.500 anos, e 20 bilhões de toneladas de poeira podiam ser transportadas por aquele vento em apenas uma dessas tempestades. O céu tinha frequentemente uma aparência prateada e os Fremen diziam: "O deserto é um cirurgião cortando a pele do planeta para expor o que está embaixo." O planeta e as pessoas tinham camadas. Podia-se vê-las. Meu Sareer não passa de uma fraca lembrança do que existiu. Devo ser o raspador de areia dos dias de hoje.

— *Os diários roubados*

— Você os enviou a Tuono sem me consultar? Que surpresa, Moneo! Você não tem um pensamento independente assim há muito tempo.

Moneo encontrava-se a 10 passos de Leto, no sombrio centro da cripta, cabeça baixa, usando cada artifício que conhecia para evitar tremores e ciente de que até mesmo isso poderia ser visto e interpretado pelo Imperador-Deus. Era quase meia-noite. Leto deixara o majordomo esperando, esperando.

— Rezo para não tê-lo ofendido, meu Senhor — disse Moneo.

— Você me divertiu, mas não se acostume com isso. Ultimamente não consigo separar o cômico do triste.

— Perdoe-me, Senhor — sussurrou Moneo.

— Que é esse perdão que você pede? Será que sempre deve pedir julgamento? Seu universo não pode apenas ser?

Moneo ergueu o olhar para aquela face espantosa envolta nas dobras. "Ele é tanto o navio quanto a tempestade. O pôr-do-sol existe por si mesmo." Moneo sentia-se à beira de terríveis revelações. Os olhos do Imperador-Deus estavam fixos nele, queimando, sondando.

— Senhor, que deseja de mim?

— Que tenha fé em si mesmo.

Sentindo que alguma coisa poderia explodir dentro dele, Moneo disse:

— Então, o fato de não consultá-lo antes...

— Como você é esclarecido, Moneo! Almas pequenas, buscando o poder sobre os outros, primeiro destroem a fé que os outros possam ter em si mesmos.

As palavras eram perturbadoras para Moneo. Sentia nelas a acusação, a confissão. Sentia seu controle sobre uma coisa terrível, mas infinitamente desejável, enfraquecer. Tentou encontrar palavras que a recuperassem, mas sua mente permanecia vazia. Talvez se ele perguntasse ao Imperador-Deus.

— Senhor, se me contasse seus pensamentos a respeito de.

— Meus pensamentos desaparecem ao contato!

Leto olhava para Moneo de cima para baixo. Como eram estranhos os olhos do majordomo, sobrepondo-se àquele nariz aquilino dos Atreides — olhos livres num rosto de metrônomo. Será que Moneo ouviria aquela rítmica pulsação: “Malky vem vindo! Malky vem vindo! Malky vem vindo!?”

Moneo queria gritar de angústia. A coisa que ele tinha sentido — tudo se fora! Colocou ambas as mãos sobre a boca.

— Seu universo é uma ampulheta bidimensional — acusou Leto.

— Por que tenta conter a areia?

Moneo abaixou as mãos e suspirou.

— Deseja ouvir a respeito dos preparativos para o casamento, Senhor?

— Não seja cansativo! Onde está Hwi?

— As Oradoras Peixes a estão preparando para...

— Consultou-a a respeito dos preparativos?

— Sim, Senhor.

— E ela aprovou?

— Sim, mas me acusou de viver pela quantidade de atividades, não pela qualidade.

— Não é maravilhoso, Moneo? Será que ela notou a perturbação entre as Oradoras Peixes?

— Creio que sim, Senhor.

— A idéia de meu casamento as perturba.

— Foi por isso que mandei o Duncan para longe, Senhor.

— E Siona com ele para...

— Senhor, sei que a testou e que ela...

— Ela sente o Caminho Dourado tão profundamente quanto você, Moneo.

— Então, por que a temo, Senhor?

— Porque você coloca a razão acima de tudo.

— Mas não conheço a razão do meu medo!

Leto sorriu. Isso não era como jogar um dado bolha em uma tigela infinita. As emoções de Moneo eram uma peça maravilhosa, representada apenas nesse palco. Quão perto da beira ele caminhava sem ao menos notar!

— Moneo, por que insiste em tirar fragmentos de um continuum? — perguntou Leto. — Quando vê um espectro, você deseja uma cor acima de todas as outras?

— Senhor, não o compreendo!

Leto fechou os olhos, lembrando-se de incontáveis ocasiões em que ouvira esse grito. Os rostos eram um espectro contínuo. Abriu os olhos para apagá-los.

— Enquanto um ser humano permanecer vivo para vê-las, as cores sofrerão uma mortis linear, mesmo que você morra, Moneo.

— Que coisa é essa de cores, Senhor?

— O continuum, o interminável, O Caminho Dourado.

— Mas pode ver coisas que nós não vemos, Senhor!

— Porque se recusam!

Moneo encostou o queixo no peito.

— Senhor, sei que evoluiu além do resto de nós. E por isso que o adoramos e...

— Maldito seja, Moneo!

Moneo ergueu a cabeça olhando aterrorizado.

— As civilizações desmoronam quando seus poderes deixam para trás as religiões! — disse Leto. — Por que não pode ver isso? Hwi pode...

— Ela é Ixiana, Senhor. Talvez ela.

— Ela é uma Oradora Peixe! Desde o berço ela nasceu para me servir. Não! — Leto ergueu uma de suas minúsculas mãos quando Moneo tentou falar. — As Oradoras Peixes estão perturbadas porque as chamei de minhas noivas, e agora vêem uma estranha, não-treinada no Siaynoq, que sabe mais do que elas.

— Como pode ser, Senhor, quando suas Orado.

— Que está dizendo? Cada um de nós vem a si sabendo quem é e o que deve fazer.

Moneo abriu a boca, mas a fechou sem falar.

— As crianças pequenas sabem — disse Leto. — E só depois que os adultos as confundiram que elas escondem esse conhecimento até de si mesmas. Moneo! Descubra a si próprio!

— Senhor! Não posso! — As palavras foram arrancadas de Moneo. Ele tremia de angústia. — Não tenho seus poderes, seu conhecimento de.

— Basta!

Moneo ficou em silêncio, o corpo tremendo.

Leto foi tranquilizador:

— Está tudo certo, Moneo. Exigi muito de você e posso ver sua fadiga.

Lentamente, os tremores de Moneo diminuíram. Ele respirou fundo, sorvendo o ar.

Leto disse:

— Haverá algumas mudanças em meu casamento Fremen. Não usaremos os anéis de água de minha irmã Ghanima. Usaremos, em vez disso, os anéis de minha mãe.

— Lady Chani, Senhor? Mas onde estão os anéis?

Leto girou o corpo volumoso na carreta e apontou para a intercessão de dois túneis cavernosos à sua esquerda, onde a luz fraca revelava os primeiros nichos sepulcrais dos Atreides em Arrakis.

— Em sua tumba, no primeiro nicho. Você vai tirar os anéis e trazê-los para a cerimônia.

Moneo olhou através da distância sombria da cripta.

— Senhor... não é uma... profanação a...

— Você se esquece, Moneo, de que ela vive em mim. — Ele falou então com a voz de Chani: — Posso fazer o que quiser com meus anéis de água!

Moneo se encolheu:

— Sim, Senhor. Eu os trarei comigo para a vila de Tabur quando...

— Vila de Tabur? — perguntou Leto em sua voz habitual. — Mas eu mudei de idéia. Nós nos casaremos na vila de Tuono!

47

A maior parte da civilização é baseada na covardia. É fácil civilizar ensinando a covardia. Minam-se os padrões que levariam à bravura. Contém-se a livre iniciativa. Regulam-se os apetites, colocam-se cercas nos horizontes. E se faz uma lei para regular cada movimento. Nega-se a existência do caos e se ensina as crianças a respirarem lentamente. Doma-se.

— Os diários roubados

Idaho ficou pasmo ante sua primeira visão da vila de Tuono a curta distância. Aquele era o lar de Fremen?

A tropa de Oradoras Peixes tirara-os da Cidadela ao raiar do dia, com Idaho e Siona espremidos num grande ornitóptero, acompanhado por duas aeronaves de escolta, menores. E o vôo fora lento, quase três horas. Pousaram num hangar de plaspedra, chato e redondo, a quase um quilômetro do vilarejo, e dele separado por velhas dunas, presas no lugar pelo cultivo de capins ralos e alguns arbustos raquíticos. Enquanto desciam, a muralha, diretamente atrás da vila, parecia tornar-se cada vez mais alta, mais alta, o vilarejo encolhendo ante tal imensidão.

— Os Fremen de Museu são mantidos geralmente livres da contaminação por tecnologia de fora do planeta! — explicara Nayla, enquanto a escolta trancava os tópteros dentro do hangar baixo.

Uma integrante da tropa já fora enviada, caminhando na frente, em direção a Tuono, para anunciar a chegada.

Siona permanecera em silêncio durante a maior parte da viagem, mas observara Nayla com uma intensidade dissimulada.

Por algum tempo, durante a marcha através das dunas iluminadas pela luz da manhã, Idaho tentara imaginar que estava de volta aos velhos tempos. A areia era visível nas plantações e, nos vales entre as dunas, havia solo ressequido, capim amarelo, arbustos espinhentos. Três abutres, com suas asas de pontas fendidas, circulavam na abóbada celeste — "a busca elevada", como os Fremen chamavam. Idaho tentara explicar isso para Siona caminhando ao lado dela. Só é preciso preocupar-se com os comedores de carniça quando eles começam a

descer.

— Já me instruíram a respeito dos abutres — disse ela com a voz fria.

Idaho notou-lhe a transpiração no lábio superior. Havia um forte cheiro de suor na tropa que se comprimia à volta deles.

Sua imaginação não conseguia deixar de focalizar as diferenças entre o passado e essa época. Os trajes destiladores padrão, que usavam, eram mais para exibição do que para recolhimento eficiente da água do corpo. Nenhum Fremen verdadeiro teria confiado sua vida a um deles, nem mesmo ali, onde o ar tinha cheiro de água próxima. E as Oradoras Peixes da tropa de Nayla não caminhavam mantendo o silêncio dos Fremen. Elas falavam entre si como crianças.

Siona avançava em passos firmes ao seu lado, em carrancudo silêncio, sua atenção frequentemente se voltando para as costas largas e musculosas de Nayla, que seguia alguns passos adiante da tropa.

Que haveria entre essas duas mulheres? Idaho ficou imaginando. Nayla parecia devotada a Siona, atenta a cada palavra de Siona, obedecendo a cada vontade expressa por Siona... Exceto que Nayla não desobedecia as ordens de trazê-los até a vila de Tuono. Ainda assim, Nayla respeitara Siona, chamando-a de “Comandante”. Havia alguma coisa profunda entre essas duas, alguma coisa que despertava a admiração e o temor de Nayla.

Afinal chegaram a um declive que descia para o vilarejo e a Muralha atrás dele. Vista do ar, Tuono fora um aglomerado de brilhantes retângulos bem do lado de fora da sombra da muralha. Desse ponto de vista mais próximo, entretanto, ficava reduzida a um aglomerado de choças em decomposição, que se tornavam ainda mais deploráveis com as tentativas de enfeitar o lugar. Fragmentos de minerais brilhantes e pedaços de metal desenhavam arabescos nas paredes das construções. Uma bandeira verde esfarrapada ondulava num poste de metal no topo da estrutura mais elevada. A brisa intermitente trazia o cheiro de lixo e de esgotos a céu aberto às narinas de Idaho. A rua central do vilarejo estendia-se através da areia, esparsamente plantada, até onde estava a tropa, terminando numa borda irregular de pavimento quebrado.

Uma delegação trajando mantos esperava perto do prédio com a bandeira verde, aguardando com expectativa junto à mensageira das Oradoras Peixes que Nayla enviara na frente. Idaho contou oito pessoas na delegação, todas homens usando o que pareciam ser autênticos mantos Fremen de cor marrom-escura. Uma fita verde na testa podia ser vista por baixo do capuz de um dos membros da delegação — o Naib, sem dúvida. Crianças aguardavam a um dos lados com flores. E mulheres de capuzes negros podiam ser vistas, olhando das ruas laterais, ao fundo. Idaho achou a cena perturbadora.

— Vamos acabar com isso — disse Siona.

Nayla assentiu, concordando, e liderou a marcha declive abaixo até a rua. Siona e Idaho ficaram alguns passos atrás dela. O resto da tropa se deixou ficar para trás, em silêncio agora, e olhando à volta com indisfarçada curiosidade.

Quando Nayla se aproximou da delegação, o homem com a fita verde se adiantou, curvando-se. Caminhava como um velho, mas Idaho pôde notar que não o era, apenas um homem de meia-idade com as faces lisas e sem rugas, nariz atarracado sem marcas dos tubos de respiração, e os olhos! Os olhos revelavam pupilas definidas, sem o azul total do vício da especiaria. Eram olhos castanhos. Olhos castanhos num Fremen!

— Eu sou Garun — disse o homem, quando Nayla parou diante dele. — Sou o Naib deste lugar. Eu lhes dou as boas-vindas Fremen a Tuono.

Nayla gesticulou por sobre o ombro, indicando Siona e Idaho, que haviam parado logo atrás dela.

— Há alojamentos preparados para os convidados?

— Nós Fremen somos conhecidos pela hospitalidade — disse Garun. — Está tudo pronto.

Idaho cheirou os odores azedos e prestou atenção aos sons desse lugar. Olhou pelas janelas abertas do prédio com a bandeira, à sua direita. A bandeira Atreides tremulando sobre aquilo? A janela mostrava um auditório com teto baixo, uma pequena plataforma a uma das extremidades. Ele viu fileiras de assentos e um tapete marrom no piso. Tudo com a aparência de um palco arrumado, um lugar para o entretenimento de turistas.

O som de passos abafados trouxe a atenção de Idaho de volta para Garun. Crianças estavam se agrupando em volta da delegação estendendo buquês de flores vermelhas em suas mãos sujas. As flores estavam murchas.

Garun falou com Siona, identificando corretamente as insígnias douradas de uma Comandante Oradora Peixe em seu uniforme.

— Vai desejar uma exibição de rituais Fremen? — perguntou ele. — Nossa música ou nossa dança?

Nayla aceitou um buquê de flores de uma das crianças, cheirou-a e espirrou.

Outra criança estendeu flores para Siona, fitando-a com olhos arregalados. Ela aceitou as flores sem olhar para a criança. Idaho meramente fazia sinal para que as crianças se afastassem quando se aproximavam dele. Elas hesitavam, olhando para ele, então saíam correndo em direção ao resto da tropa.

Garun disse a Idaho:

— Se lhes der algumas moedas, elas não o incomodarão.

Idaho estremeceu. Era esse o treinamento de crianças Fremen?

Garun voltou a atenção para Siona. Com Nayla ouvindo, ele começou a explicar a planta de sua vila.

Idaho afastou-se deles e seguiu rua abaixo, notando como os olhares se voltavam para ele e depois se desviavam. Sentia-se profundamente irritado com as decorações superficiais dos prédios, nenhuma delas disfarçando a evidência da decrepitude. Olhou para o portal aberto do auditório. Havia uma severidade em Tuono, alguma coisa lutando por baixo das flores murchas e do tom servil da voz de Garun. Em outra época e outro planeta, essa teria sido uma vila daquelas que têm burros nas ruas — com camponeses em roupas presas por cordas adiantando-se com seus pedidos. Ele podia ouvir as súplicas na voz de Garun. Esses não eram Fremen! Essas pobres criaturas viviam à margem, tentando reter partes de um todo ancestral. E o tempo todo aquela realidade perdida escorregava, cada vez mais longe de seu alcance. O que Leto criara ali? Esses Fremen de Museu haviam perdido tudo, exceto a mera existência e o anunciado vazio de velhas palavras que não entendiam nem mesmo pronunciavam corretamente!

Voltando para junto de Siona, Idaho curvou-se para observar o corte do manto marrom de Garun, vendo como ele era apertado pela necessidade de poupar tecido. O cinza lustroso de um traje destilador podia ser visto por baixo, exposto à luz solar, que um verdadeiro Fremen jamais deixaria tocar o seu traje destilador desse modo. Idaho olhou para o resto da delegação, notando um tratamento idêntico no modo parcimonioso como era usado o tecido, algo que traía o domínio emocional sob o qual eles viviam. Tais roupas não permitiam gestos expansivos nem liberdade de movimentos. Esses mantos eram tão apertados e limitadores como o modo de vida de toda essa gente!

Movido pelo desgosto, Idaho avançou abruptamente e abriu o manto de Garun para olhar o traje destilador. Exatamente como suspeitara! O traje era outra fraude — não tinha braços nem bombas nas botas!

Garun recuou, levando a mão ao punho da faca que Idaho deixara descoberta em seu cinturão.

— Ei! Que está fazendo? — perguntou em voz queixosa. — Não se toca assim num Fremen!

— Você, um Fremen? — perguntou Idaho. — Eu vivi com os Fremen! Eu lutei ao lado deles contra os Harkonnen! Eu morri com os Fremen! Você? Você é uma fraude!

Os nós dos dedos de Garun ficaram brancos sobre o cabo da faca. Ele voltou-se para Siona.

— Quem é esse homem?

Nayla respondeu:

— Esse é Duncan Idaho.

— O ghola? — Garun virou-se para olhar o rosto de Idaho.

— Nunca vimos um de vocês aqui antes.

Idaho sentia-se quase dominado pelo desejo de limpar esse lugar, mesmo que fosse ao custo de sua vida, dessa vida diminuída, que podia ser reproduzida interminavelmente por gente que não tinha verdadeira consideração por ele. “Um modelo antigo, sim!” Mas esse não era o modo Fremen.

— Puxe essa faca ou tire as mãos dela — ordenou Idaho.

Garun tirou a mão da faca num movimento brusco, justificando-se:

— Não é uma faca de verdade, é apenas para enfeitar. — Sua voz tornou-se ávida. — Mas temos facas verdadeiras, até mesmo facas cristalinas! Elas são mantidas trancadas em mostruários de modo a serem preservadas.

Idaho não pôde conter-se. Jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Siona sorriu, mas Nayla o observou, pensativa, e o resto da tropa de Oradoras Peixes se aproximou, circundando-os vigilante.

A gargalhada teve um efeito curioso em Garun. Ele abaixou a cabeça e uniu as mãos bem apertadas, mas não antes que Idaho as visse tremendo. Quando Garun olhou para cima outra vez foi para sondar Idaho, olhando-o debaixo de sobrancelhas carregadas. Idaho sentiu-se sóbrio de repente. Era como se uma bota terrível tivesse esmagado o ego de Garun numa temerosa subserviência. Havia uma espera vigilante nos olhos do homem. E por uma razão que não podia explicar, Idaho lembrou-se de uma passagem da Bíblia Universal Laranja. Perguntou a si mesmo. “Serão esses os humildes que nos irão superar a todos e herdar o universo?”

Garun pigarreou e disse:

— Talvez o ghola Duncan Idaho possa testemunhar nossos modos de vida, nossos rituais e julgá-los?

Idaho sentiu-se envergonhado pelo pedido melancólico e disse sem pensar:

— Eu lhes ensinarei qualquer coisa Fremen de que me lembre.

— Olhou para ver Nayla observando-o, carrancuda. — Vai ajudar a passar o tempo — justificou. — E quem sabe? Pode trazer de volta a esta terra algo dos verdadeiros Fremen.

Siona disse:

— Não precisamos jogar velhos jogos ritualísticos! Leve-nos para nossos alojamentos.

Nayla abaixou a cabeça, embaraçada, e falou sem olhar para Siona.

— Comandante, há uma coisa que ainda não me atrevi a lhe dizer.

— Que irá certificar-se de que nós permaneceremos neste lugar imundo

— respondeu Siona.

— Oh, não! — Nayla olhou para o rosto de Siona. — Para onde poderiam ir? A Muralha não pode ser escalada, e existe apenas o rio além dela, de qualquer modo. E na outra direção fica o Sareer. Oh, não. . é outra coisa. — Nayla sacudiu a cabeça.

— Desembuxe! — ordenou Siona.

— Estou sob ordens estritas, Comandante, que não me atrevo a desobedecer. — Nayla olhou para as outras integrantes da tropa e depois de volta para Siona. — Você e o Duncan Idaho devem ser alojados juntos.

— Ordens de meu pai?

— Senhora Comandante, dizem que são ordens do próprio Imperador-Deus, e não nos atrevemos a desobedecer.

Siona olhou para Idaho.

— Vai se lembrar do meu aviso, Duncan, quando falamos pela última vez na Cidadela?

— Minhas mãos são minhas para que eu faça o que quiser — retrucou Idaho. — E não creio que você tenha alguma dúvida quanto aos meus desejos!

Ela virou-lhe as costas após um rápido aceno da cabeça e olhou para Garun.

— Que importa onde iremos dormir neste lugar desagradável? Leve-nos para nossos alojamentos.

Idaho achou fascinante a resposta de Garun — ele virou a cabeça em direção ao ghola, ocultando o rosto por trás do capuz Fremen, e então deu uma secreta e conspiratória piscada de olho. Somente então Garun os conduziu pela rua suja.

48

Qual é o perigo mais imediato para minha administração? Vou lhes dizer. É um verdadeiro visionário, uma pessoa que tenha estado na presença de Deus com o pleno conhecimento de onde se colocava. O êxtase divisionário libera energias que são como as do sexo-livres de preocupação com qualquer coisa, exceto a criação. Um ato de criação pode ser muito semelhante a outro. Tudo depende da visão.

— Os diários roubados

Leto encontrava-se fora de sua carreta, na sacada elevada da torre de sua Pequena Cidadela, dominando um mau humor que sabia ser proveniente dos necessários atrasos na data de seu casamento com Hwi Noree. Olhou em direção ao sudoeste. Em algum ponto além do horizonte escurecido, o Duncan, Siona e seus companheiros estariam completando seis dias de estada na vila de Tuono.

“Esses atrasos foram falha minha”, pensou Leto. “Fui eu que mudei o local do casamento, tornando necessário que o pobre Moneo revisasse todos os seus preparativos.”

E agora, é claro, havia a questão de Malky.

Nenhuma dessas necessidades poderia ser explicada a Moneo, que Leto ouvia andando dentro da câmara central do ninho, preocupado por estar ausente do posto de comando, onde dirigia os preparativos para a festa. Moneo vivia se preocupando tanto!

Leto olhou na direção do sol poente, que flutuava acima do horizonte, apagando-se no fraco tom laranja de uma tempestade recente. A chuva agachava-se sob as nuvens do sul, agora além do Sareer. Em prolongado silêncio, Leto observara-a estender-se por algum tempo, parecendo não ter começo nem fim. As nuvens tinham crescido num céu cinzento, com a chuva avançando embaixo em linhas visíveis. Sentiu-se dominado por memórias que vinham sem serem desejadas. O estado de espírito que isso provocava era difícil de dominar e, mesmo sem pensar, Leto murmurou alguns versos de um poema muito antigo.

— Falou, Senhor?

A voz de Moneo veio de um ponto mais baixo, bem ao lado de Leto.

Apenas virando os olhos, Leto podia ver o fiel majordomo de pé, esperando atento.

Leto traduziu para o Galach os versos que citara:

— O rouxinol faz seu ninho na ameixeira, mas que fará com relação ao vento?

— Isso é uma pergunta, Senhor?

— Uma velha pergunta. A resposta é simples. Deixe o rouxinol ficar com suas flores.

— Não compreendo, Senhor.

— Pare de dizer o óbvio, Moneo. Incomoda-me quando você faz isso.

— Perdoe-me, Senhor.

— Que mais poderia fazer? — Leto observou as feições abatidas de Moneo. — Você e eu, Moneo, o que quer que a gente faça, fornecemos um bom teatro.

Moneo olhou para o rosto de Leto.

Senhor?

— Os rituais durante as festas religiosas de Baco foram as sementes do teatro grego, Moneo. A religião frequentemente leva ao teatro. E eles vão fazer um ótimo teatro a partir de nós.

Uma vez mais Leto virou-se, olhando para o horizonte sudoeste.

Lá agora havia um vento empilhando as nuvens. Leto podia ouvir a areia impulsionada pelo vento rodopiando entre as dunas, mas na elevada torre havia apenas uma quietude profunda, com um suave assovio de vento ao fundo.

— As nuvens — sussurrou ele. — Eu beberia outra vez uma taça de luar, com uma antiga barcaça oceânica aos meus pés, nuvens finas e meu céu escurecido, o manto azul-cinzento sobre os ombros e os cavalos relinchando por perto.

— Meu Senhor está perturbado — disse Moneo, e a compaixão em sua voz doeu em Leto.

— São as sombras brilhantes do meu passado — disse Leto. — Nunca me deixam em paz. Procuro ouvir um som tranquilizador, como o sino de um vilarejo campestre ao cair da noite, e ele me diz que eu sou o som e a alma deste lugar.

Enquanto ele falava, a escuridão envolveu a torre. Luzes automáticas acenderam-se em torno deles. Leto manteve a atenção voltada para fora, onde a fina fatia de melão formada pela Primeira Lua deslizava acima das nuvens, com a luz alaranjada do planeta revelando o círculo completo do satélite.

— Senhor, por que viemos até aqui? — perguntou Moneo. — Por que não me diz?

— Eu queria o benefício da sua surpresa — respondeu Leto. — Uma nave ligeira da Corporação logo pousará ao nosso lado: minhas Oradoras Peixes trazendo-me Malky.

Moneo sorveu subitamente o ar, prendendo a respiração por um momento antes de exalar.

— O tio... de Hwi? Esse Malky.

— Está surpreso por não ter sido avisado disso.

Moneo sentiu um frio percorrer-lhe todo o corpo:

— Senhor, quando deseja manter coisas fora de meu conhecimento...

— Moneo? — Leto falou em tom suavemente persuasivo. — Sei que Malky lhe ofereceu maiores tentações do que qualquer outro...

— Senhor! Eu nunca...

— Sei disso, Moneo. — Ele continuou falando em tom suave.

— Mas a surpresa revigorou suas memórias. Agora está armado para qualquer coisa de que eu necessite.

— O que... o que meu Senhor...

— Talvez tenhamos que nos livrar de Malky. Esse é o problema.

— Eu? O Senhor quer que eu...

— Talvez.

Moneo engoliu em seco.

— A Reverenda Madre...

— Anteac está morta. Ela me serviu bem, mas agora está morta. Houve uma violência extrema quando minhas Oradoras Peixes atacaram o... o lugar onde Malky estava escondido.

— Nós estamos melhor sem Anteac — comentou Moneo.

— Eu aprecio a sua desconfiança em relação à Bene Gesserit, mas preferia que Anteac nos tivesse deixado de outro modo. Ela era fiel a nós, Moneo.

— Uma Reverenda Madre era...

Tanto a Bene Tleilaxu quanto a Corporação queriam o segredo de Malky — contou Leto. — Quando eles nos viram avançando contra os Ixianos, atacaram antes de minhas Oradores Peixes. Anteac... bem, ela só pôde retardá-los um pouco, mas foi o suficiente. Minhas Oradoras Peixes investiram contra o lugar e...

— O segredo de Malky, Senhor?

— Quando alguma coisa desaparece — explicou Leto —, isso constitui uma mensagem tão significativa quanto o aparecimento de algo. Os lugares vazios sempre valem nosso estudo.

— O que meu Senhor quer dizer com vazio?

— Malky não morreu! Certamente eu teria sabido disso. E para onde ele

foi quando desapareceu?

— Desapareceu... de sua observação, Senhor? Quer dizer que os Ixianos...

— Eles aperfeiçoaram um engenho que me forneceram muito tempo atrás. Eles o aperfeiçoaram lentamente, de modo sutil, carapaças ocultas dentro de carapaças, mas percebi as sombras. Fiquei surpreso. Fiquei satisfeito.

Moneo pensou a respeito disso. "Um engenho que escondia. Ah!" O Imperador-Deus mencionara uma coisa assim em várias ocasiões, um modo de ocultar os pensamentos que gravava. Ele disse:

— E Malky traz o segredo do...

— Oh, sim! Mas esse não é o verdadeiro segredo de Malky. Ele guarda outra coisa pensando que eu não suspeito.

— Outra... mas se ele pode esconder-se até do Senhor..

— Muitos podem fazê-lo agora, Moneo. Eles se dispersaram ante o ataque de minhas Oradoras Peixes. O segredo do engenho Ixiano já se espalhou amplamente.

Os olhos de Moneo arregalaram-se de preocupação.

— Senhor, se alguém...

— Se eles aprenderam a ser hábeis, não deixarão rastros. Diga-me, Moneo, que é que Nayla diz a respeito do Duncan? Será que ela se ressente por relatar diretamente a você?

— O que meu Senhor ordenar... — Moneo pigarreou.

Não podia imaginar por que o Imperador-Deus falara de rastros ocultos, do Duncan e de Nayla ao mesmo tempo.

— Sim, é claro — concordou Leto. — É só eu ordenar que Nayla obedece. E que ela diz do Duncan?

— Ele não tentou procriar com Siona, se essa e a...

— Mas que é que ele tem feito com meus fantoches, o Naib Garun e os outros Fremen de Museu?

— Ele fala com eles sobre os antigos costumes, sobre as guerras contra os Harkonnen e os primeiros Atreides aqui em Arrakis.

— Em Duna!

— Sim, Duna.

— E por não existir mais Duna que não existem mais Fremen — disse Leto. — Você transmitiu minha mensagem a Nayla?

— Senhor, por que aumenta o perigo?

— Você transmitiu minha mensagem?

— A mensageira foi enviada a Tuono, mas ainda posso chamá-la de volta.

— Você não a chamará de volta!

— Mas Senhor...

— Que ela vai dizer a Nayla?

— Que... que sua ordem para Nayla é manter-se em absoluta e inquestionada obediência a minha filha, exceto... Senhor! Isso é perigoso!

— Perigoso? Nayla é uma Oradora Peixe. Ela me obedecerá.

— Mas Siona... Senhor, temo que minha filha não lhe sirva de todo o seu coração. E Nayla é.

— Nayla não deve desviar-se.

— Senhor, vamos celebrar o casamento em outro lugar.

— Não!

— Senhor, eu sei que sua visão revelou.

— O Caminho Dourado perdura, Moneo. Sabe disso tão bem quanto eu.

Moneo suspirou.

— O Infinito lhe pertence, Senhor. Eu não questiono...

Ele interrompeu a frase quando um rugido estremeceu a torre, cada vez mais alto, mais alto.

Ambos viraram-se na direção do som — uma pluma descendente de luz azul alaranjada envolveu-os em rodopiantes ondas de choque e pousou no deserto, a menos de um quilômetro de distância, para o sul.

— Ah, meu convidado está chegando — disse Leto. — Vou mandá-lo em minha carreta, Moneo. Traga somente Malky com você. Diga aos homens da Corporação que eles conquistaram meu perdão e depois os mande embora.

— Seu per... sim, Senhor. Mas se eles possuem o segredo do...

— Eles servem ao meu propósito, Moneo. Você deve fazer o mesmo.

Obediente, Moneo dirigiu-se à carreta que se encontrava mergulhada nas sombras, na outra extremidade da câmara. Subiu nela e observou um círculo de noite aparecer na parede. Uma plataforma de pouso projetou-se na escuridão. A carreta flutuou para fora, leve como uma pena, e deslizou em ângulo até a areia, ao lado da nave ligeira da Corporação, que se erguia como uma miniatura distorcida da torre da Pequena Cidadela.

Leto observou da sacada, seus segmentos frontais ligeiramente erguidos para proporcionarem um melhor ângulo de observação. Sua visão aguda identificava os movimentos da mancha branca que era Moneo, de pé na carreta, sob a luz do luar. Servidores da Corporação, de pernas longas, saíram com uma liteira que colocaram na carreta, parando Por um momento para conversarem com Moneo. Quando partiram, Leto fechou a cobertura-bolha da carreta e viu o luar refletir-se nela. Obedecendo ao chamado de seu pensamento, a carreta e sua carga retornaram à plataforma de pouso. A nave da Corporação ergueu-se com muito ruído enquanto Leto trazia a carreta para a área de iluminação da câmara, fechando a abertura atrás dela. Abriu a cobertura-bolha e a areia raspou embaixo

dele, enquanto rolava até a liteira e elevava seus segmentos frontais para observar Malky. Ele se encontrava como que dormindo, amarrado à liteira por largas faixas de elástico cinzento: o rosto do homem era cinza-pálido sob o cabelo grisalho-escuro.

"Como ele envelheceu", pensou Leto.

Moneo desceu da carreta e olhou para o ocupante da liteira.

— Ele está ferido, Senhor. Queriam mandar um médico...

— Queriam mandar era um espião.

Leto observava Malky — a pele escura enrugada, as fundas maçãs do rosto, o nariz fazendo enorme contraste com o oval arredondado do rosto, as espessas sobrancelhas quase brancas. Não fosse uma vida inteira de testosterona... sim.

Os olhos de Malky se abriram. Era um grande choque encontrar a maldade naqueles olhos castanhos de corça! Um sorriso torceu a boca de Malky.

— Lorde Leto. — A voz de Malky não passava de um sussurro rouco. Seus olhos voltaram-se para a direita, focalizando-se no majordomo. — E Moneo. Perdoem-me por não me levantar.

— Está sentindo dor? — perguntou Leto.

— Às vezes sinto. — Os olhos de Malky percorreram os arredores. — Onde estão as huris?

— Temo que lhe deva negar esse prazer, Malky.

— Muito bem — disse a voz rouca. — Realmente não me sinto apto a suportar as exigências delas. Não foram huris que mandou atrás de mim, Leto.

— Elas foram profissionais em sua obediência a mim — respondeu Leto.

— Eram caçadoras sanguinárias!

— Anteac era a caçadora. Minhas Oradoras Peixes eram meramente a turma da limpeza.

Moneo desviava sua atenção de um para o outro. Havia uns tons perturbadores nessa conversa e, a despeito da voz fanhosa, Malky parecia quase petulante... mas ele sempre fora assim. Um homem perigoso!

Leto disse:

— Pouco antes de sua chegada, Moneo e eu estávamos discutindo o Infinito.

— Pobre Moneo — disse Malky.

Leto sorriu.

— Está lembrado, Malky? Uma vez você me pediu para demonstrar o Infinito.

— E você disse que não havia um Infinito para ser demonstrado. — Malky voltou o olhar para Moneo. — Leto gosta de brincar com paradoxos.

Conhece todos os truques de linguagem que já foram inventados.

Moneo dominou um ímpeto de raiva. Sentia-se excluído da conversa, um objeto de diversão de dois seres superiores. Malky e o Imperador-Deus eram quase como dois velhos amigos, relembrando os prazeres de um passado comum.

— Moneo acusa-me de ser o único possuidor do Infinito — disse Leto. — Ele se recusa a acreditar que possui tanto Infinito quanto eu.

Malky olhou para Leto.

— Está vendo, Moneo? Percebe como ele é hábil com as palavras?

— Fale-me da sua sobrinha, Hwi Noree — pediu Leto,

— E verdade o que eles estão dizendo, Leto? Que vai se casar com a gentil Hwi?

— E verdade.

Malky riu, depois fez uma careta de dor.

— Elas fizeram um estrago terrível em mim, Leto — sussurrou ele, depois disse: — Diga-me, velho verme.

Moneo emitiu um som de espanto.

Malky levou um momento para se recuperar da dor, depois continuou:

— Diga-me, velho verme, existe algum pênis monstruoso escondido nesse seu corpo de monstro? Que choque vai ser para a gentil Hwi!

— Eu lhe disse a verdade muito tempo atrás — respondeu Leto.

Ninguém diz a verdade — disse a voz rouca.

— Você muitas vezes me dizia a verdade — lembrou Leto.

— Mesmo quando não o sabia.

— E porque você era mais esperto do que o resto de nós.

— Vai me falar a respeito de Hwi?

— Acho que já sabe.

— Quero ouvir de você — insistiu Leto. — Você obteve ajuda dos Tleilaxu?

— Eles nos deram o conhecimento, nada mais. Todo o restante fizemos sozinhos.

— Eu achei que não era coisa dos Tleilaxu.

Moneo não pôde mais conter a curiosidade.

— Senhor, que relação é essa de Hwi com os Tleilaxu? Por que o Senhor...

— Ora vamos, velho amigo Moneo — disse Malky, virando os olhos para o majordomo. — Não sabe que ele...

— Nunca fui seu amigo! — retrucou Moneo.

— Companheiro entre as huris, então.

Senhor — disse Moneo, virando-se para Leto —, por que fala de...

— Shhh, Moneo — pediu Leto. — Estamos cansando nosso velho companheiro e ainda tenho coisas para aprender dele.

— Jamais se perguntou, Leto, por que Moneo nunca tentou tomar-lhe o controle de todo este negócio?

— O quê? — perguntou Moneo.

— Outra das velhas palavras de Leto — explicou Malky. -E perfeita. Por que não rebatiza seu Império, Leto? O Grande Negócio?[6]

Leto ergueu a mão para silenciar Moneo.

— Vai me dizer, Malky? A respeito de Hwi?

— Apenas umas pequeninas células do meu corpo — explicou Malky. — Depois o cuidado com a nutrição, o crescimento e a educação... tudo o oposto exato de seu velho amigo Malky. Fizemos tudo numa não-sala onde você não poderia ver!

— Mas eu noto quando alguma coisa desaparece — disse Leto.

— Não-sala? — perguntou Moneo ao captar a importância das palavras de Malky. — Você? Você e Hwi?

— Essa foi a forma que eu vi nas sombras — disse Leto.

Moneo olhou direto para o rosto de Leto.

— Senhor, vou cancelar esse casamento. Vou dizer.

— Você não fará nada disso!

— Mas Senhor, se ela e Malky são.

— Moneo — disse a voz rouca de Malky —, seu Senhor ordena e você deve obedecer!

Aquele tom de zombaria! Moneo olhou para Malky.

— O oposto exato de Malky — disse Leto. — Você não o ouviu?

— Que poderia ser melhor? — perguntou Malky.

— Mas certamente, Senhor, se agora sabe.

— Moneo — disse Leto —, você está começando a me perturbar.

Moneo caiu num embaraçado silêncio.

Leto disse:

— Assim está melhor. Você sabe, Moneo, certa vez, há dezenas de milhares de anos, quando eu era outra pessoa, cometi um engano.

— Você cometeu um engano? — zombou Malky.

Leto apenas sorriu.

— Meu engano foi corrigido pelo belo modo através do qual eu o expressei.

— Truques com palavras — provocou Malky.

— De fato! Foi isto que eu disse: “O presente é uma distração, o futuro é

um sonho; somente a memória pode abrir o significado da vida. Não são palavras bonitas, Malky?

— Primorosas, velho verme.

Moneo colocou a mão sobre a boca.

— Mas minhas palavras são uma tola mentira. Eu sabia disso naquela época — explicou Leto —, mas estava enamorado da beleza das palavras. Não... a memória não abre significado algum. Sem a agonia da alma, que é uma experiência não-verbalizável, não existe significado em parte alguma.

— Não consigo ver significado na agonia causada em mim pelas suas Oradoras Peixes sedentas de sangue — disse Malky.

— Você não está sofrendo agonia — disse Leto.

— Se estivesse neste corpo, você.

— Isso é apenas dor física. Vai terminar logo.

— Então, quando é que conhecerei a agonia?

— Talvez mais tarde.

Leto flexionou seus segmentos frontais para longe de Malky, encarando Moneo.

— Você realmente serve ao Caminho Dourado, Moneo?

— Ah, o Caminho Dourado — zombou Malky.

— Sabe que sim, meu Senhor — respondeu Moneo.

— Então deve prometer-me que nada do que aprendeu aqui jamais escapará dos seus lábios. Nem por palavras, nem por sinais você o revelará.

— Prometo, Senhor.

— Ele promete, Senhor — resmungou Malky.

Uma das pequeninas mãos de Leto gesticulou na direção de Malky, que jazia olhando para o volumoso perfil de um rosto dentro de seu capuz cinzento.

— Por causa da antiga admiração e... muitos outros motivos, não posso matar Malky. Não posso nem mesmo lhe pedir isso... e no entanto ele deve ser eliminado.

— Oh, mas como ele é hábil! — comentou Malky.

— Senhor, se esperar do outro lado da câmara — disse Moneo.

— Talvez, quando retornar, Malky não seja mais um problema.

— Ele vai fazê-lo — disse Malky com sua voz rouca. — Pelos Deuses! Ele vai.

Leto afastou-se para o limite da sala que se encontrava nas sombras, mantendo sua atenção voltada para a fraca linha em arco que se converteria numa abertura para a noite se ele apenas convertesse a vontade num comando de pensamento. Que longa queda haveria lá fora — bastava rolar para fora da plataforma de pouso. Ele duvidava de que até mesmo seu corpo pudesse

sobreviver a tal queda. Mas não existia água na areia embaixo da Torre e ele pôde sentir o Caminho Dourado piscando para dentro e para fora da existência, somente porque se permitira a pensar em tal fim.

— Leto! — Malky gritou por trás dele.

Leto ouviu a liteira arrastando-se sobre a areia soprada pelo vento, que salpicava o piso de seu ninho.

Uma vez mais Malky gritou.

— Leto, você é o maior! Não existe maldade neste universo que possa superar...

O som de uma pancada em algo úmido calou a voz de Malky. “Um golpe na garganta”, pensou Leto. “Sim, Moneo conhece esse.” Então vieram o som do escudo transparente da sacada sendo aberto, o raspar da liteira no gradil e o silêncio.

“Moneo terá que enterrar esse corpo na areia”, pensou Leto. “Ainda não há nenhum Verme para devorar a evidência.” Virou-se e olhou através da câmara. Moneo inclinava-se sobre o balaústre, olhando para baixo.

“Não posso orar por você, Malky, nem por você, Moneo. Posso ser a única consciência religiosa de todo o Império porque estou verdadeiramente só... e assim não posso rezar.”

49

Vocês não entenderão a história a menos que compreendam seus fluxos, suas correntes e o modo como os líderes navegam dentro de tais forças. Um líder tenta perpetuar as condições que exijam sua liderança, e assim precisa do outro. Eu lhes aviso para examinarem minha carreira com muito cuidado. Eu sou tanto o líder quanto o outro. Não cometam o engano de presumir que eu apenas criei a Igreja que constituiu o Estado. Essa era minha função como líder e eu possuía muitos modelos históricos para usar como padrão. Para um indício de meu trabalho como o outro, como aquele que observa e segue o líder, examine as artes da minha época. São bárbaras. A poesia favorita? A época. O ideal dramático popular? O heroísmo. As danças? Amplamente abandonadas. Do ponto de vista de Moneo, ele é correto em descrever isso como perigoso. Isso estimula a imaginação. Faz com que as pessoas sintam falta de algo que lhes foi tomado. E que eu tomei delas? O direito de tomar parte na história.

— Os diários roubados

Idaho esticou-se no catre com os olhos fechados e ouviu algo pesado cair no outro leito. Sentou-se sob a luz da manhã, que passava enviesada através da única janela do aposento, refletindo-se do piso de azulejo branco para as paredes amarelo-claras. Siona, ele viu, chegara para se deitar em sua cama. Já estava lendo um dos livros que carregava sempre consigo num embrulho de tecido verde.

“Por que livros?”, perguntou-se ele.

Girou, colocando os pés no chão, e olhou à volta. Como poderia essa caixa espaçosa, de teto alto, ser considerada, mesmo remotamente, como algo Fremen? Uma larga mesa-escrivaninha, feita de um plástico marrom-escuro, manufaturado no local, separava as duas camas. Havia duas portas. Uma conduzindo diretamente para fora, através de um jardim. A outra dando para o luxuoso banheiro, cujos azulejos azul-pálidos cintilavam sob uma ampla clarabóia. O banheiro continha, entre seus muitos equipamentos funcionais, uma banheira escavada no chão e uma ducha, cada qual com pelo menos dois metros quadrados. A porta que dava para esse espaço sibarítico fora deixada aberta, e

Idaho podia ouvir a água derramando-se da banheira. Curiosamente, Siona parecia gostar de se banhar com água em excesso.

Stilgar, o Naib de Idaho nos velhos dias de Duna, teria olhado para esse alojamento com desdém.

— Vergonhoso! — teria dito. — Decadente! Fraco!

Stilgar teria usado muitas palavras de censura em relação a essa vila, que se atrevia a ser comparada a um verdadeiro sietch Fremen.

O papel fez ruído quando Siona virou uma página. Estava deitada com a cabeça apoiada em dois travesseiros, um fino roupão branco cobrindo-lhe o corpo. Um roupão que ainda se colava à umidade do banho.

Idaho sacudiu a cabeça. Que haveria naquelas páginas que mantinha o interesse dela desse modo? Ela estivera lendo e relendo desde que tinham chegado a Tuono. Os volumes eram finos mas numerosos, exibindo apenas números em suas capas negras. Idaho vira o número nove.

Ele pulou da cama e foi até a janela. Havia um velho lá fora, bem longe, escavando entre as flores. Três lados do jardim eram protegidos por prédios, e as flores tinham botões enormes — vermelhos do lado de fora, mas, quando se abriam, brancos no centro. O cabelo grisalho do velho era uma espécie de flor, ondulando entre os botões brancos. Idaho sentiu o cheiro de folhas secas e de humo recentemente remexido, em meio a um forte perfume floral.

"Um Fremen cuidando de flores a céu aberto!"

Siona nada dissera quanto à sua estranha leitura. "Ela está me provocando", pensou ele. "Quer que eu pergunte."

Tentou não pensar em Hwi. O ódio ameaçava dominá-lo quando o fazia. Lembrou-se da palavra Fremen para uma emoção intensa: kanawa, o anel de ferro do ciúme. "Onde estará Hwi? Que estará fazendo neste instante?"

A porta para o jardim abriu-se com uma batida, e Teishar, ajudante de Garun, entrou. Teishar tinha um rosto de cor morta, cheio de rugas escuras. Seus olhos eram fundos, com um amarelado pálido em torno das pupilas. Usava um manto marrom. O cabelo lembrava capim deixado para apodrecer e Teishar parecia todo ele desnecessariamente feio, como um espírito escuro e elementar. Ele fechou a porta e ficou diante dela, olhando para eles.

A voz de Siona veio de trás de Idaho:

— Bem, que houve?

Idaho reparou que Teishar parecia estranhamente excitado, vibrando com alguma coisa.

— O Imperador-Deus... — Teishar pigarreou e começou de novo. — O Imperador-Deus virá a Tuono!

Siona sentou-se ereta na cama, dobrando o robe branco sobre os joelhos.

Idaho olhou para ela e então uma vez mais para Teishar.

— Ele se casará aqui em Tuono! — disse Teishar. — Será feito à antiga maneira Fremen! O Imperador-Deus e sua noiva serão hóspedes de Tuono!

Ainda inteiramente sob o domínio do kanawa, Idaho olhou furioso para ele, com os punhos contraídos. Teishar inclinou a cabeça brevemente, virou-se e saiu, fechando a porta com força.

— Deixe-me ler alguma coisa para você, Duncan — disse Siona.

Idaho levou um instante para compreender as palavras. Com os punhos ainda fechados, os braços esticados dos lados do corpo, ele se virou e olhou para ela. Siona estava sentada na beira da cama, com um dos livros no colo. Ela tomou sua atenção como concordância.

— "Alguns acreditam" — ela leu — "que você deve unir integridade a uma certa quantidade de trabalho sujo antes de emprestar genialidade ao seu trabalho. Eles dizem que o compromisso começa quando você sai do seu sanctus com a intenção de realizar seus ideais. Moneo diz que minha solução é permanecer dentro do sanctus, mandando outras pessoas fazerem o trabalho sujo." — Ela olhou para Idaho. — São palavras... do próprio Imperador-Deus.

Lentamente, Idaho relaxou os punhos. Sabia que precisava dessa distração e lhe interessava que Siona tivesse emergido de seu silêncio.

— Que livro é esse? — perguntou ele.

Sucintamente, ela lhe contou como roubara, com a ajuda de seus companheiros, as plantas da Cidadela e as cópias dos diários de Leto.

— E claro que você sabia disso. Meu pai deixou claro que nosso ataque foi traído por espiões.

Ele viu as lágrimas latentes nos olhos dela:

— Nove de vocês mortos pelos lobos?

Ela confirmou.

— Você é uma péssima Comandante! — disse ele.

Ela ficou irritada, mas, antes que pudesse falar, ele indagou:

— Quem os traduziu para você?

— Estes vieram de Ix. Eles dizem que a Corporação encontrou a Chave.

— Já sabemos que o nosso Imperador-Deus aprecia conveniências — disse Idaho. — Isso á tudo o que ele diz?

— Leia você mesmo.

Ela mexeu no embrulho ao lado da cama e pegou o primeiro volume da tradução, que jogou para a cama dele. Quando Idaho voltava para a sua cama, ela quis saber:

— Por que disse que sou péssima Comandante?

— Desperdiçar nove de seus companheiros daquele modo.

— Seu tolo! — Ela sacudiu a cabeça. — Você obviamente nunca viu aqueles lobos!

Ele pegou o livro e o achou pesado, percebendo que fora impresso em papel cristalino.

— Vocês deviam ter se armado contra os lobos — retrucou ele, abrindo o volume.

— Com que armas? Qualquer arma que pudéssemos obter teria sido inútil.

— Pistolas laser? — perguntou ele, virando uma página.

— Toque em uma arma laser em Arrakis e o Verme saberá!

Ele virou outra página.

— Seus amigos acabaram conseguindo armas laser.

— E olhe o que aconteceu com eles!

Idaho leu uma linha, depois disse:

— Era possível usar venenos.

Ela engoliu em seco, convulsivamente.

Idaho olhou para ela

— Vocês acabaram envenenando os lobos, não foi?

A voz dela era quase um sussurro.

— Sim.

— Por que não fizeram isso antes?

— Mas nos... não sabíamos... que... poderíamos.

— E você nem ao menos experimentou. — Ele voltou-se para o volume aberto. — Uma péssima Comandante.

— Ele é tão arguto! — disse ela.

Idaho leu uma passagem do volume antes de voltar a atenção para ela.

— Isso o descreve muito pouco. Já leu tudo?

— Cada palavra! Algumas delas várias vezes.

Ele olhou para o livro aberto e leu em voz alta:

— “Eu criei o que pretendia — uma poderosa tensão espiritual através do meu Império. Poucos sentem a força disso. E com que energias eu criei essa condição? Não sou tão forte. O único poder de que disponho é o controle da prosperidade individual. Isso é a soma de todas as coisas que faço. Então por que as pessoas buscam minha presença por outros motivos? O que poderia conduzi-las à morte certa numa fútil tentativa de alcançar minha presença? Será que elas querem tornar-se santas? Será que pensam que desse modo obtêm a visão de Deus?”

— Ele é o maior dos cínicos — disse Siona, o choro evidente em sua voz.

— Como foi que ele a testou?

— Ele me mostrou um... ele me mostrou o seu Caminho Dourado.

— Isso é conveniente.
— E verdadeiro, Duncan. — Ela olhou para ele com os olhos brilhantes de lágrimas não derramadas. — Mas se isso algum dia foi uma razão justificadora para o Imperador-Deus, não é mais motivo para o que ele se tornou!
Idaho respirou fundo e disse.
— Os Atreides chegando a isso!
— O Verme deve acabar! — disse Siona.
— Eu me pergunto quando ele vai chegar.
— O pequeno amigo rato de Garun não disse.
— Devemos perguntar — sugeriu Idaho.
— Mas não temos armas.
— Nayla tem uma arma laser. Nós temos facas, cordas. Vi cordas em uma das salas de depósito de Garun.
— Contra o Verme? — ela perguntou. — Mesmo que pudéssemos obter a arma laser de Nayla, você sabe que não o atingiria.
— Mas será que a carreta dele é à prova de laser?
— Não confio em Nayla — disse Siona.
— Mas ela não lhe obedece?
— Sim, mas...
— Vamos prosseguir, um passo de cada vez — explicou Idaho.
— Pergunte a Nayla se ela usaria sua arma laser contra a carreta do Verme.
— E se ela se recusar?
— Mate-a!
Siona levantou-se, deixando de lado os livros.
— Como é que o Verme vai chegar a Tuono? — perguntou Idaho. — Ele é muito grande e pesado para um tóptero comum.
— Garun nos dirá. Mas acho que ele vai chegar da maneira como geralmente viaja. — Olhou para o teto que ocultava a Muralha do Perímetro do Sareer. — Acho que ele virá em peregrinação, com todo o seu séquito. Virá pela Estrada Real e descerá até aqui flutuando nos suspensores. — Ela olhou para Idaho. — E quanto a Garun?
— E um homem estranho — respondeu Idaho. um verdadeiro Fremen quase que desesperadamente. é nada do que eles foram em minha época.
— Como eles eram no seu tempo, Duncan?
— Eles tinham um ditado que os descreve bem: “Nunca ande na companhia de alguém com quem você não queira morrer.
— Você disse isso a Garun? — perguntou ela.
— Sim.

— Quer ser Sabe que não
— E a resposta dele?
— Disse que eu era a única pessoa assim que ele jamais conhecera.
— Garun pode ser mais sábio que qualquer um de nós — disse Siona.

50

Vocês acham que o poder pode ser a mais instável das conquistas humanas? Então, que acha das evidentes exceções à sua instabilidade inerente? Algumas famílias permanecem no poder. Sabe-se que burocracias religiosas muito poderosas permaneceram no poder. Considere a relação entre o poder e a fé. Serão mutuamente excludentes quando um depende da outra? A Bene Gesserit tem se mantido razoavelmente segura, dentro das leais muralhas da fé, por milhares de anos. Mas para onde foi o poder delas?

— Os diários roubados

Moneo falou num tom petulante:

— Senhor, eu queria que me tivesse concedido mais tempo.

Eles se encontravam no lado de fora da Cidadela, sob as curtas sombras do meio-dia. Leto estava diretamente em frente de Moneo, dentro de sua Carreta Imperial, com a cobertura-bolha retraída. Estivera mostrando o local a Hwi Noree, e ela agora ocupava um assento recentemente instalado, dentro do perímetro da cobertura e bem ao lado do rosto de Leto. Hwi parecia apenas curiosa com toda a agitação que começava a aumentar ao seu redor.

"Como ela é calma", pensou Moneo. Controlou um tremor involuntário, ao pensar no que aprendera a respeito dela a partir de Malky. O Imperador-Deus estava certo. Hwi era exatamente o que parecia ser — o mais gentil e sensível dos seres humanos. "Será que ela teria realmente procriado comigo?" — pensou Moneo.

Sua atenção foi afastada para longe de Hwi. Enquanto Leto a conduzia pela Cidadela em sua carreta elevada em suspensores, um grande grupo de cortesãos e Oradoras Peixes se reunira. Todos os cortesãos usavam luxuosos trajes de comemoração em que predominavam tons dourados e vermelhos, brilhantes. As Oradoras Peixes usavam seus melhores uniformes azul-escuros, distintos apenas pelas diferentes cores dos falcões e guarnições. Uma caravana de transportadores de bagagens, constituída por trenós flutuando em suspensores, fora colocada atrás, com Oradoras Peixes para puxá-la. O ar estava cheio da poeira, dos sons e dos cheiros da excitação. A maioria dos cortesãos

tinha reagido com desapontamento ao conhecer seu destino, e alguns haviam adquirido imediatamente suas próprias tendas e pavilhões. Estes tinham sido mandados previamente, junto com outros embaraços que agora se empilhavam à vista de Tuono. As Oradoras Peixes no cortejo não estavam recebendo isso de maneira festiva. Haviam se queixado em voz alta quando informadas de que não poderiam portar armas laser.

— Só um pouquinho mais de tempo, Senhor — dizia Moneo.

— Ainda não sei como iremos.

— Não existe substitutivo para o tempo na solução de muitos problemas — disse Leto. — Mas você não pode confiar demais nele. Não aceitarei mais atrasos.

— Levaremos três dias só para chegar lá — queixou-se Moneo.

Leto pensou naquele tempo — na suave caminhada-marcha-caminhada da peregrinação... 180 quilômetros. Sim, seriam três dias.

— Tenho certeza de que fez ótimos arranjos para os pontos de parada no caminho — disse ele. — Muita água quente para as cãibras musculares.

— Teremos todo o conforto. Mas eu não gosto de deixar a Cidadela nessa ocasião! E sabe por quê!

— Temos equipamento de comunicações, assistentes leais. A Corporação foi adequadamente punida e disciplinada. Acalme-se, Moneo.

— Podíamos realizar a cerimônia na Cidadela!

Como resposta, Leto fechou a cobertura-bolha à sua volta, isolando Hwi com ele.

— Há perigo, Leto? — ela perguntou.

— Sempre há perigo.

Moneo suspirou, virou-se e caminhou para onde a Estrada Real começava sua longa subida rumo ao leste, antes de se curvar para o sul, em torno do Sareer. Leto colocou a carreta em movimento, atrás do majordomo, ouviu seu acompanhamento heterogêneo entrar no passo atrás.

— Estamos todos em movimento? — perguntou.

Hwi olhou para trás e à sua volta.

— Sim. — Ela virou-se na direção do rosto dele. — Por que Moneo está sendo tão difícil?

— Monco acaba de descobrir que o instante pelo qual acaba de passar está para sempre além do seu alcance.

— Ele tem se mostrado muito pensativo e distraído desde que vocês voltaram da Pequena Cidadela. Não é mais o mesmo.

— Ele é um Atreides, meu amor, e você foi projetada para agradar a um Atreides.

— Não se trata disso, eu saberia se fosse.

— Sim... bem, acho que Moneo também descobriu a realidade da morte.

— Como é a Pequena Cidadela, onde você estava com Moneo? — perguntou ela.

— E o lugar mais solitário do meu Império.

— Acho que você evita minhas perguntas — ela disse.

— Não, amor. Compartilho sua preocupação quanto a Moneo, mas nenhuma explicação minha iria ajudá-lo agora. Moneo está aprisionado. Descobriu que é difícil viver no presente, inútil viver no futuro e impossível viver no passado.

— Acho que foi você que o prendeu, Leto.

— Mas ele deve livrar-se sozinho.

— Por que não pode libertá-lo?

— Porque ele pensa que minhas memórias são a chave para a sua liberdade. Pensa que vou construir nosso futuro a partir do nosso passado.

— Não é esse o modo como sempre se faz, Leto?

— Não, querida Hwi.

— Então como é que é?

— Muitos acreditam que um futuro satisfatório exige o retorno a um passado idealizado, um passado que de fato nunca existiu.

— E você, com todas as suas memórias, sabe que não é assim.

Leto virou o rosto dentro das dobras de truta da areia a fim de olhar para ela, sondando... relembrando-se. A partir das multidões que existiam dentro de si, podia formar uma combinação, uma sugestão genética de Hwi, mas a sugestão não se comparava com a verdade viva. Era assim, é claro. O passado eram fileiras de olhos olhando para fora como olhos de peixes boquiabertos, mas Hwi era a vibração da vida. Sua boca fora feita de curvas gregas, projetada para o cântico profético, mas ela não pronunciava sílabas enigmáticas. Contentava-se em viver, uma pessoa aberta como uma flor, perpetuamente produzindo sua fragrância.

— Por que está me olhando assim? — perguntou ela.

— Eu estava me esquentando em meu amor por você.

— Amor, sim. — Ela sorriu. — Penso que, desde que não podemos compartilhar o amor carnal, devemos compartilhar o amor espiritual. Vai compartilhá-lo comigo, Leto?

Ele fora surpreendido.

— Você pergunta por minha alma?

— Certamente que outros já perguntaram.

Ele falou de modo sucinto:

— Minha alma digere suas experiências, nada mais.
— Eu lhe pedi muito? — perguntou ela.
— Acho que você é incapaz de pedir demasiado de mim.
— Então eu me apóio em nosso amor para discordar de você. Meu tio Malky falava sobre sua alma.
Ele sentiu que não podia responder e ela tomou seu silêncio como um convite a que continuasse.
— Ele disse que você era o maior artista na arte de sondar a alma, sua própria alma em primeiro lugar.
— Mas seu tio Malky negava possuir uma alma!
Ela ouviu a dureza em sua voz, mas não se deixou intimidar.
— Ainda assim, acho que ele estava certo. Você é um gênio da alma, o mais brilhante.
— Você só precisa da insistente perseverança da longevidade. Não há brilho.
Encontravam-se agora na longa subida para o topo da Muralha do Perímetro do Sareer. Ele abaixou as rodas da carreta e desativou os suspensores.
Hwi falou suavemente, sua voz quase inaudível contra o som raspante das rodas da carreta, dos pés em movimento à volta deles.
— Posso chamá-lo de amor, de qualquer modo?
Ele falou dominando um aperto na garganta, que não era mais totalmente humana.
— Sim.
— Eu nasci Ixiana, amor. Por que não posso compartilhar a visão mecânica que eles possuem de nosso universo? Conhece meu ponto de vista, amor?
Ele só podia olhar para ela.
— Sinto o sobrenatural em cada movimento — ela disse.
A voz de Leto saiu rouca, soando com raiva mesmo para ele.
— Cada pessoa cria seu próprio sobrenatural.
— Não fique zangado comigo, amor.
Novamente, aquela terrível voz rouca.
— Para mim, é impossível ficar zangado com você.
— Mas alguma coisa aconteceu um dia entre você e Malky — insistiu ela. — Ele nunca me diria o que foi, mas frequentemente comentava admirar-se por você tê-lo poupado.
— Foi devido ao que ele me ensinou.
— Que aconteceu entre vocês dois, amor?
— Preferia não falar a respeito de Malky.

— Por favor, amor. Sinto que é importante que eu saiba.

— Disse a Malky que tinha de haver algumas coisas que os homens não deveriam inventar.

— E isso foi tudo?

— Não. — Leto falava com relutância. — Minhas palavras o enfureceram. Ele disse: “Você acha que, num mundo sem pássaros, os homens não inventariam o avião! Que tolo é você! Os homens podem inventar qualquer coisa!”

— Ele o chamou de tolo? — Havia um choque na voz de Hwi.

— Estava certo. E, embora o negasse, falava a verdade. Ele ensinou-me que existe uma razão para fugir das invenções.

— Então, teme os Ixianos?

— E claro que os temo. Eles podem inventar a catástrofe.

— Então, que pode fazer?

— Andar mais depressa. A história é uma corrida constante entre a invenção e a catástrofe. A educação ajuda, mas nunca é o bastante. Você também deve correr.

— Está compartilhando sua alma comigo, amor. Sabia disso?

Leto olhou para o lado oposto a ela, focalizando sua atenção nas costas de Moneo. Os movimentos do majordomo, o ar de sigilo tão evidente nele. A procissão tinha alcançado o primeiro aclive suave, agora fazia a curva para começar a subida da Muralha Anel Leste. Moneo andava como sempre, um pé adiante do outro, consciente do lugar onde iria apoiar o próximo passo. Mas havia alguma coisa nova no majordomo. Leto podia sentir o afastamento do homem, não mais contente em marchar ao lado de seu rosto, não mais tentando identificar-se com o destino de seu Senhor. Para o leste, o Sareer aguardava. Para o oeste, viam-se o rio e as plantações. Moneo não olhava nem à direita, nem à esquerda.

— Você não me respondeu — disse Hwi.

— Já conhece a resposta.

— Sim, estou começando a entender alguma coisa a seu respeito — comentou ela. — Posso sentir alguns dos seus temores. E creio que já sei onde vive.

Ele voltou para ela uma expressão de espanto e se sentiu aprisionado por seu olhar. Não podia afastar os olhos. Um medo profundo percorreu-lhe o corpo e ele sentiu suas mãos começarem a se torcer.

— Você vive onde o medo de ser e o amor de existir se combinam, os dois em uma única pessoa.

Ele não podia nem piscar.

— Você é um místico — continuou ela. — Gentil com você mesmo apenas porque se vê no meio deste universo, olhando para fora, olhando de um modo como os outros não podem olhar. Você tem medo disso, e no entanto quer compartilhar esse dom mais que qualquer outra coisa.

— Que você viu? — sussurrou ele.

— Não tenho olhar interior, não ouço vozes — ela disse. — Mas tenho visto meu Lorde Leto, cuja alma interior eu amo, e conheço a única coisa que você verdadeiramente compreende.

Ele conseguiu escapar ao olhar dela, temendo o que pudesse dizer. O tremor em suas mãos podia ser sentido em todo o seu segmento frontal.

— Amor, é isso que compreende. Amor, e isso é tudo.

Suas mãos pararam de tremer. Uma lágrima rolou de cada um de seus olhos. Quando as lágrimas tocaram o capuz, fios de fumaça azul se elevaram. Ele sentiu a queima e ficou grato pela dor.

— Você tem fé na vida — disse Hwi. — E eu sei que a coragem do amor pode encontrar-se apenas nessa fé.

Ela estendeu a mão esquerda e enxugou as lágrimas de sua face. Ele se surpreendeu de que o capuz de truta da areia não reagisse com seu reflexo normal para evitar o toque.

— Sabe que, desde que me tornei assim, você é a primeira pessoa que toca o meu rosto?

— Mas eu sei o que você é e o que você foi — respondeu ela.

— O que eu era... ah, Hwi. O que eu era reduziu-se a esta face, tudo mais se perde nas sombras da memória. . oculto. perdido.

— Não oculto de mim, amor.

Ele olhou diretamente para ela, não mais temeroso de encontrar seu olhar.

— Será possível que os Ixianos saibam o que criaram em você?

— Eu lhe asseguro, Leto, amor da minha alma, que eles não sabem. Você é a primeira pessoa, a única pessoa com a qual já me revelei completamente.

— Então eu não vou lamentar o que poderia ter sido — ele disse. — Sim, meu amor, compartilharei minha alma com você.

51

Pense nela como uma memória plástica, essa força dentro de você e de seus companheiros que os arrasta em direção às formas tribais. Essa memória plástica busca um retorno à sua antiga forma, a sociedade tribal. Está ao seu redor — o feudo, a diocese, a corporação, o pelotão, o clube esportivo, o grupo de dança, a célula rebelde, o conselho de planejamento, o grupo de preces... cada qual com seu senhor e seus servos, seu hospedeiro e seus parasitas. E os enxames de dispositivos alienantes (incluindo estas próprias palavras!) tendem, finalmente, a se unir à argumentação em favor do retorno "aqueles tempos melhores". Eu me desespero ensinando-lhes outras maneiras. Vocês têm pensamentos quadrados que resistem aos círculos.

— Os diários roubados

Idaho descobriu que podia escalar um rochedo sem mesmo pensar a respeito conscientemente. Esse corpo criado pelos Tleilaxu lembrava-se de coisas que seus criadores nem mesmo suspeitavam. Sua juventude original podia estar perdida há eons, mas seus músculos eram jovens, graças aos Tleilaxu, e ele podia enterrar sua infância no esquecimento enquanto subia. Nessa infância ele aprendera a sobreviver nos rochedos elevados de seu planeta natal. Não importava se essas rochas diante dele haviam sido levadas ali pelos homens, também tinham sido esculpidas por eras de exposição aos elementos.

O sol da manhã estava quente em suas costas. Ele podia ouvir os esforços de Siona para alcançar uma posição de apoio relativamente simples numa saliência estreita bem abaixo dele. A posição era virtualmente inútil para Idaho, mas fora a discussão que finalmente levara Siona a concordar em que eles deviam tentar a escalada.

Eles.

Ela discordara de que ele tentasse sozinho.

Nayla, três de suas auxiliares Oradoras Peixes, Garun e três escolhidos entre seus Fremen de Museu aguardavam na areia, ao pé da barreira da Muralha que envolvia o Sareer.

Idaho não pensava na altura da Muralha. Só pensava em onde deveria

apoiar em seguida a mão ou o pé. Pensava no rolo de corda leve em torno de seus ombros. A corda era da altura dessa Muralha. Ele a medira no solo, triangulando-a sobre a areia, sem contar seus passos. Quando a corda era suficientemente longa, ela o era enfim. A Muralha era tão alta quanto a corda era comprida. Qualquer outro modo de pensar embotaria sua mente.

Apalpando em busca de apoios que não poderia ver, Idaho subindo, tateando a face vertical... não, não inteiramente vertical. O vento, a areia e até mesmo um pouco de chuva, as forças do frio e do calor tinham realizado ali seu trabalho de erosão por durante mais de 3 mil anos. Durante um dia inteiro, Idaho ficara sentado na areia abaixo da Muralha, estudando o que o Tempo havia realizado. Fixara certos padrões em sua mente — uma sombra inclinada, uma linha fina, uma protuberância que se esboroava, uma pequena saliência de rocha aqui, outra ali.

Seu dedos entraram numa fenda áspera. Ele testou seu peso delicadamente nesse suporte. Sim. Repousou brevemente, pressionando o rosto contra a rocha morna, sem olhar para cima nem para baixo. Encontrava-se simplesmente ali. Tudo era uma questão de equilíbrio. Não podia permitir que seus ombros se cansassem logo. O peso devia ser equilibrado entre os pés e os braços. Os dedos sofriam um dano inevitável, mas, onde ossos e tendões resistiam, a pele podia ser ignorada.

Uma vez mais ele se arrastou para cima. Uma porção de rocha se esfarinhou em sua mão, o pé e as agulhas de pedra caíram sobre o lado direito de sua face, mas ele nem mesmo sentiu. Cada átomo de sua consciência concentrava-se na mão sondando, no equilíbrio de seus pés sobre as menores saliências. Ele era um ponto, um cisco que desafiava a gravidade... um apoio com o dedo da mão aqui, outro com o dedo do pé ali, agarrando-se ao paredão de rocha às vezes pela pura força da sua vontade.

Nove grampos improvisados faziam volume em um de seus bolsos, mas ele resistia à tentação de usá-los. Um martelo igualmente improvisado pendia de seu cinturão numa corda curta, cujo nós seus dedos tinham memorizado.

Nayla fora difícil. Não entregaria sua arma laser. Mas tinha obedecido uma ordem direta de Siona para que os acompanhasse. Era uma mulher estranha, estranhamente obediente.

— Você não jurou me obedecer? — perguntara Siona.

A relutância de Nayla tinha desaparecido.

Depois Siona explicara:

— Ela sempre obedece minhas ordens diretas.

— Então talvez não precisemos matá-la — dissera Idaho.

— Eu preferiria não tentar. Você não faz a menor idéia da força e da

agilidade dela.

Garun, o Fremen de Museu que sonhava tornar-se um “verdadeiro Naib à moda antiga”, montara o cenário para essa escalada ao responder à pergunta de Idaho:

— Como o Imperador-Deus virá a Tuono?

— Do mesmo modo como nos visitou durante o tempo do meu bisavô.

— E como foi? — provocara Siona.

Na ocasião, eles estavam sentados nas sombras poeirentas, do lado de fora da casa de hóspedes, abrigando-se do sol da tarde, no mesmo dia do anúncio de que Leto se casaria em Tuono. Um semicírculo de auxiliares de Garun agachara-se em torno dos degraus onde Siona e Idaho conversavam com seu líder. Duas Oradoras Peixes apoiavam-se por perto, ouvindo. Nayla devia chegar em questão de momentos.

Garun apontou para a alta Muralha atrás do vilarejo, sua borda brilhando num distante tom dourado sob a luz do sol.

— A Estrada Real passa por ali e o Imperador-Deus tem um engenho que pode fazê-lo descer suavemente das alturas.

— Fica embutido em sua carreta — disse Idaho.

— Suspensores — concordou Siona. — Já os vi.

— Meu bisavô contou que eles vieram pela Estrada Real, com uma grande tropa. E o Imperador-Deus deslizou, planando até a praça de nossa vila. Os outros desceram por cordas.

Idaho falou, pensativo:

— Cordas?

— Por que eles vieram? — perguntou Siona.

— Para confirmar que o Imperador-Deus não havia esquecido seus Fremen, assim disse meu bisavô. Foi uma grande honra, mas não tão grande quanto esse casamento.

Idaho levantou-se enquanto Garun ainda falava. Havia uma visão clara da elevada Muralha nas proximidades — bem no fim da rua principal, uma vista que ia da base na areia até o topo brilhando à luz do sol. Idaho caminhara do canto da casa de hóspedes até a rua central. Lá parou e se virou, olhando para a Muralha. A primeira olhada lhe disse por que todos diziam não ser possível escalar aquela parede de rocha. Mesmo na ocasião, ele resistira em pensar numa medida da altura. Podiam ser 500 ou 5 mil metros. O mais importante residia naquilo que um estudo mais cuidadoso revelava: pequenas fendas transversais, pedaços partidos, até mesmo uma estreita projeção de rocha uns 20 metros acima da areia carregada pelo vento na base... e outra saliência, a dois terços da altura até o topo.

Sabia que uma parte inconsciente de si mesmo, um lado antigo e confiável, estaria fazendo as medidas necessárias, comparando-as com seu próprio corpo — tantos comprimentos de um Duncan até aquele lugar, um apoio para a mão aqui, outro ali. Suas próprias mãos. Já podia sentir-se escalando.

A voz de Siona soou junto de seu ombro direito quando ele se encontrava absorvido naquele primeiro exame.

— Que está fazendo? — Ela chegara em silêncio e agora olhava para onde ele olhava.

— Posso escalar aquela Muralha — disse Idaho. — Se levar comigo uma corda leve, posso puxar para cima uma corda mais pesada. O resto de vocês subirá facilmente.

Garun se unira a eles a tempo de ouvir isso.

— E por que você subiria a Muralha, Duncan Idaho?

Siona respondeu por ele, sorrindo para Garun.

— Para proporcionar uma recepção adequada ao Imperador-Deus.

Isso fora antes de suas dúvidas, antes que os olhos dela e sua ignorância quanto a tal escalada começassem a minar sua confiança.

Com a empolgação inicial, Idaho perguntou:

— Qual a largura da Estrada Real lá em cima?

— Eu nunca vi — respondeu Garun. — Mas me disseram que é muito larga. Uma grande tropa pode marchar através dela, assim dizem. E tem as pontes, os mirantes para olhar o rio... e... oh, é uma maravilha.

— Por que nunca subiu lá em cima para ver por si mesmo? — perguntou Idaho.

Garun apenas encolheu os ombros e apontou para a Muralha. Nayla chegou então e teve início a discussão a respeito da escalada. Idaho pensou a respeito daquela discussão enquanto subia. Como era estranho esse relacionamento entre Nayla e Siona! Elas eram como duas conspiradoras... mas não eram conspiradoras. Siona ordenava e Nayla obedecia. Mas Nayla era uma Oradora Peixe, a Amiga a quem Leto confiara o primeiro exame do novo ghola. Ela admitira ter estado na Guarnição Real desde a infância. E a força que havia nela! Considerando-se essa força, havia algo de espantoso na maneira como se curvava à vontade de Siona. Era como se Nayla escutasse vozes interiores que lhe dissessem o que fazer. Então ela obedecia.

Idaho tateou procurando outro apoio para a mão. Seus dedos serpentearam ao longo da rocha, para cima e para a direita, encontrando afinal uma fenda não-vista onde podiam penetrar. Sua memória fornecia a linha natural da ascensão, mas só o seu corpo podia aprender o caminho seguindo aquela linha. Seu pé esquerdo encontrou uma saliência... devagar, tentando. Mão esquerda para cima

agora... nenhuma fenda, mas uma saliência. Seus olhos e depois seu queixo ergueram-se sobre a elevada plataforma de rocha que tinha visto lá de baixo. Ele subiu apoiando-se nos cotovelos, rolou para a saliência e repousou, olhando para cima e não para baixo. Havia um horizonte poeirento lá fora, uma brisa carregada de areia limitando a visão. Ele tinha visto muitos horizontes assim em seus dias de Duna.

Daí a pouco virou-se para encarar a Muralha, erguendo-se sobre os joelhos, as mãos apalpando para o alto, e continuou a escalada. A imagem da Muralha permanecia em sua mente como a tinha visto lá embaixo. Só precisava fechar os olhos e o padrão estava lá, fixado da maneira como ele tinha aprendido a fazer quando ainda era uma criança escondendo-se dos caçadores de escravos dos Harkonnen. As pontas dos dedos encontraram uma fenda onde podiam apoiar-se. Agarrando-se, ele prosseguiu o caminho para o alto.

Observando de baixo, Nayla experimentava uma crescente afinidade com o alpinista. A distância reduzira Idaho a uma forma muito pequena e solitária sobre o paredão da Muralha. Ele devia saber o que era estar sozinho com decisões graves a serem tomadas.

“Eu gostaria de ter um filho dele”, pensou ela. “Um filho nosso seria forte e desembaraçado. Por que o Imperador-Deus quer um filho de Siona com esse homem?”

Nayla havia despertado antes da aurora e caminhado até o topo de uma duna baixa, na extremidade do vilarejo, para pensar a respeito dessa coisa que Idaho propusera. Fora uma aurora esverdeada, com uma camada de poeira na distância, depois aquele dia implacável e a terrível imensidão do Sareer. Ela soube então que esta questão já fora prevista por Deus. Que se poderia ocultar de Deus? Nada poderia ser oculto, nem mesmo a remota figura de Duncan Idaho tateando em busca de um caminho na borda do céu.

Enquanto observava Idaho subindo, a mente de Nayla fazia um truque com ela, virando a parede da Muralha na horizontal e transformando Idaho numa criança engatinhando sobre uma superfície acidentada. Como ele parecia pequeno... e se tornava cada vez menor.

Uma ajudante ofereceu-lhe água, que ela bebeu. A água trouxe a Muralha de volta à sua verdadeira perspectiva.

Siona agachou-se na primeira saliência, inclinando-se a fim de olhar para o alto. “Se você cair, eu tentarei”, tinha prometido a Idaho. Nayla achara estranha essa promessa. Por que os dois queriam tentar o impossível?

E Idaho não conseguira dissuadir Siona dessa promessa impossível.

“E o destino”, pensou Nayla. “E a vontade de Deus.”

Os dois eram a mesma coisa.

Um fragmento de rocha caiu de onde Idaho se agarrara. Isso já tinha acontecido várias vezes. Nayla observou a rocha caindo. Ela levou um longo tempo para chegar ao chão, saltando e quicando da face da Muralha, num demonstração daquilo que os olhos deixavam de enxergar ao revelarem a Muralha como vestical.

"Ele vai conseguir ou não vai", pensou Nayla. "O que acontecer será a vontade de Deus."

Ela podia sentir, contudo, seu coração bater mais forte. A aventura de Idaho era como o sexo, ela pensou. Não era passivamente erótica, mas próxima de uma rara magia no modo como a envolvia. Tinha que continuar se lembrando de que Idaho não era para ela.

"Ele é para Siona. Se sobreviver."

E se ele falhasse, então Siona tentaria. E Siona teria sucesso ou não teria. Nayla se perguntou se seria capaz de experimentar um orgasmo caso Idaho chegasse ao topo. Ele estava tão perto agora.

Idaho respirou fundo várias vezes antes de deslocar a rocha. Foi um mau momento e ele levou algum tempo para se recuperar, segurando-se num apoio de três pontos na Muralha. Quase que por sua própria vontade, a mão livre tateou para o alto uma vez mais, serpenteando por sobre um lugar roído para alcançar outra fenda delgada. Lentamente ele passou o peso para a outra mão. Lentamente... lentamente. Seu joelho esquerdo sentiu uma posição onde poderia conseguir um apoio para o dedo do pé. Ergueu o pé para esse lugar e o testou. A memória dizia-lhe que o topo estava próximo, mas ele a afastou. Havia apenas a escalada e o conhecimento de que Leto chegaria amanhã.

"Leto e Hwi."

Ele não podia pensar nisso também. Mas o pensamento não se afastava. "O topo... Hwi... Leto... amanhã..."

Cada. pensamento alimentava o seu desespero, forçando-o a uma recordação imediata das escaladas de sua infância. E quanto mais ele se relembrava conscientemente, mais suas habilidades eram bloqueadas. Foi forçado a fazer uma pausa, respirando profundamente numa tentativa de se concentrar, de retornar às maneiras naturais de seu passado.

Mas seriam naturais essas maneiras?

Havia um bloqueio em sua mente. Podia sentir intromissões, uma finalidade... a fatalidade do que poderia ter sido e agora nunca seria.

Leto chegaria lá amanhã.

Idaho sentiu a transpiração escorrendo em seu rosto, em torno do lugar onde o pressionava contra a rocha.

"Leto."

“Vou derrotá-lo, Leto. Vou derrotá-lo por mim mesmo, não por Hwi, apenas por mim mesmo.”

Uma sensação de limpeza começou a se propagar por ele. Era como a coisa que lhe acontecera na noite em que se preparava para essa subida. Siona percebera sua falta de sono. Conversara com ele, contando-lhe os menores detalhes de sua corrida desesperada através da Floresta Proibida e seu juramento na beira do rio:

— Agora fiz meu juramento como Comandante das Oradoras Peixes — ela disse. — Honrarei esse juramento, mas espero que não aconteça do modo como ele deseja.

— E que ele deseja? — perguntou Idaho.

— Ele tem muitos motivos e eu não posso vê-los todos. Quem poderia compreendê-lo? Só sei que nunca vou perdoá-lo.

Essa memória trouxe Idaho de volta à sensação da rocha contra sua face. Sua transpiração secara na brisa e ele se sentia refrescado. Mas havia encontrado o seu centro.

“Nunca perdoar.”

Idaho sentiu os fantasmas de todos os seus outros eus, os gholas que tinham morrido a serviço de Leto. Poderia acreditar nas suspeitas de Siona? Sim, Leto era capaz de matar com seu próprio corpo, com suas próprias mãos. O boato que Siona contara tinha um sentimento de verdade em si. E Siona também era Atreides. Leto se tornara uma outra coisa... não mais Atreides, nem mesmo humano. Ele se tornara menos uma criatura viva e mais um fato brutal da natureza, opaco e impenetrável, com todas as suas experiências seladas dentro de si. E Siona opondo-se a ele. Os verdadeiros Atreides afastavam-se dele.

“Como eu faço.”

Uma realidade brutal da natureza, nada mais. Como essa Muralha.

A mão direita de Idaho tateou para cima e encontrou uma saliência afiada. Não pôde sentir coisa alguma acima dela, e tentou lembrar-se de uma fenda larga que havia nesse lugar, de acordo com o padrão. Ainda não se atrevia a crer que havia alcançado o topo... ainda não. A borda afiada cortou-lhe os dedos enquanto colocava o peso sobre eles. Levou a mão esquerda para esse nível, encontrou um apoio e se ergueu lentamente. Seus olhos alcançaram o nível das mãos. E ele olhou através de uma superfície plana que se estendia à sua frente... até o céu azul. A superfície à qual suas mãos se agarravam mostrava antigas fendas provocadas pelo tempo. Arrastou os dedos sobre essa superfície, uma das mãos de cada vez, buscando as fendas, arrastando para cima o peito... a cintura... os quadris. Rolou então sobre a borda, torcendo-se e se arrastando, até que a Muralha estava bem atrás. Só então se colocou de pé e se permitiu acreditar no

que os sentidos lhe diziam.

“O topo.” E não haviam sido necessários martelos ou grampos.

Um som fraco o alcançou. Palmas?

Ele caminhou para a beirada, olhou para baixo e acenou. Sim, eles estavam aplaudindo. Voltando-se, caminhou até o centro da estrada, sentindo o júbilo, o tremor nos músculos, a dor de seus ombros diminuindo. Lentamente, descreveu um círculo completo, examinando o topo enquanto deixava que suas memórias finalmente estimassem a altura da escalada.

Novecentos metros... no mínimo isso.

A Estrada Real lhe interessava. Não era como ele a tinha visto no caminho para Onn. Era larga, muito larga... pelo menos 500 metros de largura. O piso era liso, um cinza contínuo, com sua beirada a uns 100 metros de cada borda da Muralha. Pilastras de rocha da altura de um homem marcavam a beira da estrada, estendendo-se como sentinelas ao longo da trilha que seria usada por Leto.

Idaho caminhou para o outro lado, oposto ao Sareer, e olhou para baixo. Bem longe, nas profundezas, o fluxo verde de um rio despencava transformando-se em espuma contra as rochas dos contrafortes. Olhou para a direita. Leto viria dali. Estrada e Muralha curvavam-se suavemente naquela direção, a curva começando a uns 300 metros do lugar onde ele se encontrava. Idaho voltou para a estrada e caminhou ao longo de sua beirada, seguindo a curva até onde ela fazia um “S” e se estreitava, inclinando-se suavemente para baixo. Ele parou e olhou o que se revelava agora, vendo um novo padrão tomar forma.

Uns três quilômetros abaixo daquela suave descida, a estrada se estreitava e cruzava uma garganta sobre uma ponte cujas treliças pareciam etéreas e insubstânciais como um brinquedo na distância. Idaho lembrou-se de uma ponte semelhante na estrada para Onn, o sentimento de tê-la percebido consistente sob seus pés. Confiava em sua memória, pensando nas pontes como fora forçado a pensar nelas na qualidade de líder militar — passagens ou armadilhas.

Caminhando para a esquerda, ele olhou para baixo e para a frente em direção a outra Muralha elevada, situada do lado oposto da ponte. A estrada continuava, formando uma curva suave até se transformar numa linha que seguia reta para o norte. Havia duas Muralhas, com o rio correndo entre elas. O rio deslizava num desfiladeiro íngreme, feito pelo homem, sua umidade confinada e canalizada para o norte através do vento, enquanto a água em si fluía para o sul.

Idaho passou a ignorar o rio. Ele estava lá embaixo e lá continuaria no dia seguinte. Fixou sua atenção na ponte, deixando seu treinamento militar examiná-la. Assentiu uma vez para si mesmo antes de voltar pelo caminho por onde viera,

erguendo a corda dos ombros enquanto caminhava.

E foi apenas ao ver a corda serpenteando para baixo que Nayla teve seu orgasmo.

52

Que estou eliminando? A paixão burguesa pela pacífica conservação do passado. Essa é uma força de união, algo que mantém a humanidade como uma unidade vulnerável, a despeito da ilusória separação através dos parsecs do espaço. Se eu posso encontrar os fragmentos separados, então outros também podem localizá-los. Quando vocês estão juntos, podem compartilhar a catástrofe comum. Podem ser exterminados juntos. Assim eu demonstro o perigo terrível de uma mediocridade desapaixonada, do movimento sem ambições nem objetivos. Mostro a vocês que civilizações inteiras podem fazer isso. Dou-lhes eons de uma vida que escorrega suavemente em direção à morte, sem confusão, sem se mexer, sem mesmo perguntar por quê. Mostro-lhes a falsa felicidade e o guarda-catástrofe chamado Leto, o Imperador-Deus. Será que agora vocês aprenderão o que é a felicidade verdadeira?

— Os diários roubados

Tendo passado a noite com apenas um breve cochilo, Leto estava acordado quando Moneo emergiu da casa de hóspedes ao raiar do dia. A Carreta Real estivera estacionada quase no centro de um pátio triangular. Sua cobertura fora regulada para a opacidade em uma única direção, ocultando seu ocupante de olhares externos, e estava totalmente selada contra a umidade. Leto podia sentir o ligeiro ruído dos ventiladores que faziam o ar passar através de um ciclo de secamento.

Os pés de Moneo fizeram barulho nas pedras arredondadas da pavimentação do pátio enquanto ele se aproximava da carreta. A luz da aurora delineou em laranja o telhado da casa de hospedagem acima do majordomo.

Leto abriu a cobertura da carreta quando Moneo parou diante dele. Havia um cheiro de sujeira fermentando no ar, e a acumulação de umidade na brisa era dolorosa.

Devemos chegar a Tuono por volta do meio-dia — disse Moneo. — Gostaria que me deixasse trazer tópteros para guardar o céu.

— Não quero tópteros — disse Leto. — Podem9s descer em Tuono usando suspensores e cordas.

Leto maravilhou-se com as imagens plásticas dessa breve troca de palavras. Moneo jamais gostara de peregrinações. Sua juventude como rebelde deixara-o com suspeita de tudo que não pudesse ver ou rotular. Ele permanecia uma massa de julgamentos latentes.

— O Senhor sabe que não quero tópteros para transporte — disse Moneo. — Eu os quero para vigiar...

— Sim, Moneo.

Moneo olhou para a extremidade aberta do pátio, que se voltava sobre o canyon. A luz da aurora dava um tom gelado à névoa que se erguia lá no fundo. Ele imaginou até onde o canyon descia... um corpo que se torcia, que girava enquanto caia. Moneo sentira-se incapaz de ir até a borda do desfiladeiro, na noite passada, e olhar para baixo. A queda era uma... enorme tentação.

Com aquele poder de percepção que enchia Moneo de assombro, Leto disse:

— Existe uma lição em cada tentação, Moneo.

Sem fala, Moneo virou-se para olhar diretamente nos olhos de Leto.

— Pode ver a lição em minha vida, Moneo?

— Senhor? — Era apenas um sussurro.

— Eles me tentaram primeiro com a maldade, depois com a bondade. Cada tentação moldada com delicada atenção às minhas suscetibilidades. Diga-me, Moneo: se eu escolho o bem, isso me torna bom?

— É claro que sim, Senhor.

— Talvez você nunca perca o hábito de fazer julgamentos.

Moneo olhou uma vez mais para a direção oposta ao Imperador, contemplando a borda do abismo. Leto rolou o corpo a fim de ver para onde ele olhava. Pinheiros anões tinham sido cultivados na beirada do canyon. Havia gotas de orvalho pendendo das agulhas úmidas, cada uma delas enviando uma promessa de dor para Leto. Ele desejava fechar a cobertura da carreta, mas havia algo naquelas jóias que atraía suas memórias, mesmo que lhe repelisse o corpo. A sincronia oposta ameaçava perturbá-lo.

— Eu apenas não gosto de andar a pé — disse Moneo.

— Era o modo Fremen — replicou Leto.

Moneo suspirou.

— Os outros estarão prontos dentro de alguns minutos. Hwi estava fazendo o desjejum quando eu sai.

Leto não respondeu. Seus pensamentos estavam perdidos em memórias da noite aquela que acabara de passar e as milhares de noites que se apinhavam no passado —, das nuvens e das estrelas, das chuvas e do negrume aberto, salpicado com flocos brilhantes de um cosmo despedaçado, um universo de

noites, extravagante com elas como ele fora com as batidas de seu coração.

Moneo subitamente perguntou:

— Onde estão suas guardas?

— Eu as mandei comer.

— Não gosto que o deixem desguarnecido!

O som cristalino da voz de Moneo vibrou nas memórias de Leto, falando coisas que não eram expressas em palavras. Moneo temia um universo onde não houvesse Imperador-Deus. Preferia morrer a viver em tal universo.

— Que irá acontecer hoje? — ele quis saber.

Era uma pergunta dirigida, não ao Imperador-Deus, mas ao profeta.

— Uma semente soprada pelo vento pode ser o salgueiro de amanhã — ele disse.

— O Senhor conhece nosso futuro! Por que não o compartilha?

— Moneo estava perto da histeria... recusava qualquer coisa que seus sentidos imediatos não lhe relatassem.

Leto virou-se com um olhar penetrante para seu majordomo, um olhar tão obviamente cheio de emoções acumuladas que Moneo recuou.

— Cuide de sua própria vida, Moneo!

Moneo respirou fundo, trêmulo.

— Senhor, não queria ofendê-lo. Buscava apenas.

— Olhe para cima, Moneo!

Involuntariamente ele obedeceu, olhando para um céu sem nuvens, onde a claridade da manhã se intensificava.

— Que é, Senhor?

— Não existe um teto protetor acima de você, Moneo. Somente um céu aberto, cheio de mudanças. Dê graças a ele. Cada sentido que você possui é um instrumento para reagir à mudança. Isso não lhe diz nada?

— Senhor, vim aqui apenas para perguntar quando estaria pronto para prosseguir.

— Moneo, peço-lhe para ser sincero comigo.

— Mas eu sou sincero, Senhor!

— Mas se você vive na má fé, as mentiras lhe parecem verdades.

— Senhor, se eu menti... então não sei.

— Isso tem a marca da verdade. Mas sei o que você teme e que não irá contar.

Moneo começou a tremer. O Imperador-Deus estava no mais terrível dos estados de espírito, com uma ameaça profunda em cada palavra.

— Você teme o imperialismo da consciência — disse Leto. — E tem razão de temê-lo. Mande Hwi para cá imediatamente!

Moneo virou-se nos calcanhares e correu de volta para a casa de hospedagem. Foi como se sua entrada alvoroçasse uma colônia de insetos. Em questão de segundos, as Oradoras Peixes emergiam tomando posição ao redor da Carreta Real. Cortesãos olhavam das janelas da hospedaria ou saiam para se colocar sob as beiradas do telhado, com medo de se aproximarem dele. Em contraste com toda essa excitação, Hwi saiu daí a pouco pela ampla porta central e caminhou para fora das sombras, aproximando-se lentamente de Leto, queixo levantado, o olhar buscando-lhe a face.

Leto sentiu que se acalmava ao olhar para ela. Hwi usava um vestido dourado que ele não vira antes. Fora bordado com linha cor de prata e jade em torno da gola e dos punhos das longas mangas. A bainha, quase arrastando-se no chão, tinha um espesso bordado verde para delinear guarnições de um vermelho profundo.

Ela sorriu ao parar diante dele.

— Bom dia, amor — disse ela suavemente. — Que fez para deixar o pobre Moneo tão perturbado?

Tranquilizado pela presença dela e por sua voz, ele sorriu.

— Fiz o que sempre espero fazer. Produzi um efeito.

— Certamente que produziu. Ele contou às Oradoras Peixes que você estava num furioso e terrível estado de espírito. Está aterrorizador, amor?

— Somente para aqueles que se recusam a viver com suas próprias forças.

— Ah, sim. — Ela voltou-se para ele, então, exibindo seu novo vestido... — Gosta dele? Foram suas Oradoras Peixes que me deram. Elas mesmas o decoraram.

— Meu amor — disse ele com um tom caloroso. — Decoração! É assim que você prepara o sacrifício.

Ela veio até a beirada da carreta e se inclinou, apoiando-se nela, logo abaixo do rosto de Leto, uma expressão falsamente solene em seus lábios.

— Elas vão me sacrificar, então?

— Algumas delas gostariam.

— Mas você não permitirá.

— Nossos destinos estão unidos.

— Então não vou ter medo.

Ela estendeu a mão, tocando a pele prateada de uma das mãos dele, mas recuou rapidamente quando os dedos dele começaram a tremer.

— Perdoe-me, amor. Esqueci que estamos unidos em nossas almas, não em nossa carne — ela disse.

A pele de truta da areia ainda estremecia com o toque de Hwi.

— A umidade no ar me torna excessivamente sensível — explicou ele.

Lentamente, os tremores desapareceram.

— Recuso-me a lamentar o que não pode ser — sussurrou ela.

— Seja forte, Hwi, pois sua alma é minha.

Ela voltou-se ante um som vindo da hospedaria.

— Moneo está de volta — ela disse. — Por favor, amor, não o assuste.

— Moneo é seu amigo também?

— Somos amigos pelo estômago. Ambos gostamos de iogurte.

Leto ainda estava rindo quando Moneo parou ao lado de Hwi. Arriscou um sorriso, lançando um olhar intrigado para a moça. Havia gratidão nos modos do majordomo, e algo da subserviência que ele acostumara a mostrar com relação a Leto agora se voltava para Hwi:

— Está tudo bem com a Senhora, Lady Hwi?

— Vai tudo bem comigo.

Leto disse:

— Na hora do estômago, os amigos do estômago devem ser nutridos e cultivados. Vamos prosseguir em nosso caminho, Moneo. Tuono nos espera.

Moneo voltou-se, gritando ordens para cortesãos e Oradoras Peixes.

Leto sorriu para Hwi.

— Eu não faço o papel do noivo impaciente com certo estilo?

Ela saltou num ágil movimento para o leito da carreta, a saia segura por uma das mãos. Desdobrou o assento para si mesma. Só quando estava sentada, seus olhos no mesmo nível dos de Leto, foi que Hwi respondeu, e numa voz apenas para os ouvidos dele.

— Amor de minha alma, capturei outro de seus segredos.

— Diga-me de seus próprios lábios — ele disse, brincando nessa nova intimidade que havia entre eles.

— Você raramente precisa de palavras — disse ela. — Você fala diretamente aos sentidos com sua própria vida.

Um estremecimento percorreu o corpo inteiro de Leto. Demorou um instante antes que ele pudesse falar, e então foi numa voz que a obrigou a se esforçar para ouvir, acima do burburinho do cortejo que se agrupara.

— Entre o sobre-humano e o inumano — ele disse —, tenho muito pouco espaço para ser humano. Eu lhe agradeço, gentil e adorável Hwi, por esse pequeno espaço.

53

Em todo o meu universo, não vi nenhuma lei da natureza que fosse imutável ou inexorável. Este universo apresenta apenas relações mutáveis, por vezes tomadas como leis por consciências de vida curta. Esses sensores corpóreos a que chamamos de eu são efêmeros, pulverizando-se no brilho da eternidade, momentaneamente conscientes de condições temporárias que confinam nossas atividades e se modificam na medida em que elas mudam. Se você quer um rótulo para o absoluto, use seu nome próprio: Temporário.

— Os diários roubados

Nayla foi a primeira a vislumbrar a aproximação do cortejo. Transpirando fortemente sob o sol do meio-dia, encontrava-se junto a uma das pilastras de rocha que marcavam as extremidades da Estrada Real. O súbito lampejo de um reflexo distante captou-lhe a atenção. Olhou naquela direção, comprimindo as pálpebras e percebendo, com entusiasmo, estar vendo o brilho do sol na cobertura da carreta do Imperador-Deus.

— Eles vêm vindo! — gritou ela.

Sentiu a fome então. Na excitação e na unidade de seu propósito, nenhum deles trouxera comida. Apenas os Fremen haviam trazido água, e isso porque "os Fremen sempre carregam água quando deixam o sietch". Faziam isso como rotina.

Nayla tocou com um dedo a coronha da arma laser, presa ao seu quadril. A ponte encontrava-se menos de 20 metros à frente dela, sua estrutura etérea arqueando-se sobre o abismo como uma fantasia alienígena unindo uma superfície desolada a outra.

"Isso é loucura", ela pensou.

Mas o Imperador-Deus havia reforçado a sua ordem. Exigia que sua Nayla obedecesse todas as ordens de Siona.

As ordens de Siona eram explícitas, não deixando espaço para evasões. E Nayla não tinha meios de interrogar seu Imperador-Deus. Siona dissera.

— Quando a carreta estiver no meio da ponte: só então!

— Mas por quê?

Naquele momento elas estavam bem longe dos outros, enfrentando o frio da alvorada no topo da Muralha, Nayla sentindo-se isolada, distante e vulnerável.

As feições graves de Siona, sua voz baixa e intensa não podiam ser confundidas.

— Você julga que pode ferir a Deus?

— Eu... — Nayla só podia encolher os ombros.

— Você deve me obedecer!

Eu devo — concordou Nayla.

Ela observou a aproximação do cortejo distante, notando o colorido dos cortesãos, as espessas massas de azul marcando suas irmãs Oradoras Peixes... a superfície brilhante da carreta de seu Senhor.

Era outro teste, concluiu. O Imperador-Deus saberia. Ele conhecia a devoção no coração de Sua Nayla. Era um teste. As ordens do Imperador-Deus deviam ser obedecidas em todas as coisas. Essa fora a primeira lição de sua infância como Oradora Peixe. O Imperador-Deus ordenara que Nayla obedecesse às ordens de Siona. Era um teste. Que mais poderia ser?

Ela olhou na direção dos quatro Fremen. Eles tinham sido posicionados por Duncan Idaho diretamente no meio da estrada e bloqueando parte da saída nessa extremidade da ponte. Sentavam-se de costas para ela e olhavam para a ponte, quatro montes de mantos marrons. Nayla ouvira as palavras que Idaho dissera a eles.

— Não abandonem este lugar. Vocês devem saudá-lo daqui. Levantem-se quando ele se aproximar e se curvem.

“Saudação, sim.”

Nayla fez um gesto afirmativo para si mesma.

As três outras Oradoras Peixes que tinham escalado a Muralha junto com ela haviam sido mandadas para o centro da ponte. Tudo que elas sabiam era o que Siona lhes dissera na presença de Nayla. Deviam esperar até que a Carreta Real estivesse a apenas alguns passos de distância, então se virar e sair dançando na frente dela, liderando a procissão até o ponto de observação acima de Tuono.

“Se eu cortar a ponte com minha arma laser, aquelas três vão morrer”, pensou Nayla. “E todos os outros que vieram com nosso Senhor.”

Ela inclinou o pescoço para olhar o abismo. Não podia ver o rio dali, mas podia ouvir seu murmúrio distante, um movimento das rochas.

Eles todos vão morrer!

“A menos que Ele realize um Milagre.”

Tinha que ser isso. Siona armara o palco para um Sagrado Milagre. Que mais poderia pretender ela, agora que fora testada, agora que usava o uniforme

de uma Comandante Oradora Peixe? Siona fizera seu juramento ao Imperador-Deus. Fora testada por Deus, os dois sozinhos no Sareer.

Nayla voltou apenas os olhos para a direita, fitando os arquitetos dessa saudação de boas-vindas. Siona e Idaho encontravam-se ombro a ombro na estrada, uns 20 metros à direita de Nayla. Encontravam-se profundamente absortos numa conversa, olhando um para o outro, ocasionalmente assentindo com a cabeça.

Daí a pouco Idaho tocou o braço de Siona — um gesto curiosamente possessivo. Ele concordou com a cabeça uma vez e caminhou em direção à ponte, parando no canto do contraforte, diretamente à frente de Nayla. Olhou para baixo, depois passou para o outro canto desse lado da ponte. Novamente olhou para baixo, assim permanecendo por vários minutos antes de voltar para junto de Siona.

Que criatura estranha era esse ghola, pensou Nayla. Depois daquela espantosa escalada, não mais o julgava inteiramente humano. Ele era alguma coisa a mais, um semideus que se colocava ao lado de Leto. Mas ele podia ter filhos.

Um grito distante captou a atenção de Nayla. Ela virou-se e olhou para o outro lado da ponte. O cortejo estivera avançando no trote costumeiro de uma peregrinação real. Agora estava diminuindo o passo para uma caminhada lenta, a apenas alguns minutos da ponte. Nayla reconheceu Moneo marchando na dianteira, o uniforme brilhantemente branco, o passo determinado, o olhar voltado diretamente para a frente. A cobertura da carreta do Imperador-Deus estava selada. Ela cintilava numa opacidade espelhada enquanto ralava sobre suas rodas atrás de Moneo.

O mistério de tudo aquilo penetrou em Nayla.

Um milagre estava para acontecer!

Nayla olhou para a direita em direção a Siona. Siona retornou o olhar e acenou com a cabeça. Nayla pegou a pistola laser, tirando-a do coldre e a apoiando na pilastra de rocha enquanto mirava ao longo dela. Primeiro o cabo da esquerda, depois o cabo da direita, depois a etérea treliça de plasteel, à esquerda. A pistola laser parecia fria e estranha na mão de Nayla. Ela respirou trêmula antes de recuperar a calma.

“Devo obedecer. É um teste.”

Ela viu Moneo erguer o olhar da estrada e, sem modificar o passo, virar-se a fim de gritar alguma coisa para a carreta ou para os outros que vinham atrás. Nayla não pôde distinguir as palavras. Moneo olhou para a frente uma vez mais. Nayla firmou-se, uma parte da pilastra de rocha ocultando a maior parte de seu corpo.

“Um teste.”

Moneo vira as pessoas na ponte e no lado oposto dela. Identificara os uniformes das Oradoras Peixes e seu primeiro pensamento foi perguntar-se quem teria ordenado essa recepção. Virou-se e gritou uma pergunta para Leto, mas a cobertura da carreta do Imperador-Deus permanecia opaca, ocultando Leto e Hwi dentro dela.

Moneo estava em cima da ponte, a carreta atritando na areia soprada pelo vento, antes de reconhecer Siona e Idaho de pé, bem adiante, no outro lado. Ele identificou quatro Fremen de Museu sentados no meio da estrada. As dúvidas começaram a se agitar na mente de Moneo, mas ele não poderia modificar o padrão. Arriscou uma olhada para o rio lá embaixo — um mundo platinado capturado na luz do sol do meio-dia. O som da carreta era alto atrás dele. O fluxo do rio, o fluxo do cortejo, toda a vasta importância destas coisas nas quais ele desempenhava um papel — tudo isso dominava sua mente com vertiginosa sensação do inevitável.

“Não somos pessoas passando por este caminho”, pensou. “Somos elementos primais, unindo um fragmento do Tempo a outro. E, quando tivermos passado, tudo atrás de nós mergulhará num mundo sem som, um lugar como a não-sala dos Ixianos, e nada será o que fora antes que viéssemos.”

Um fragmento da canção da alaudista flutuou na memória de Moneo e seus olhos desfocaram-se na lembrança. Ele sabia que aquela canção era para os seus desejos, um desejo de que tudo isso terminasse, tudo se tornasse passado, todas as dúvidas banidas, a

tranquilidade restabelecida. A canção melancólica flutuava como fumaça através de sua consciência, enrolando-se e constrangendo:

O som dos insetos nas raízes do capim dos pampas.

Moneo cantarolou a canção para si mesmo:

O grito dos insetos marca o fim
Do outono o meu canto tem a cor
Das últimas folhas
Nas raízes do capim dos pampas.

Ele assentiu com a cabeça para o refrão:

O dia terminou,
Os Visitantes se foram.
O dia está terminado
Em nosso Sietch,
O dia está terminado.
E o vento da tempestade soa.

O dia está terminado.
Os visitantes se foram.

Moneo concluiu que a canção da alaudista tinha mesmo que ser muito antiga, uma velha canção Fremen, sem dúvida alguma. E ela lhe dizia alguma coisa a respeito de si mesmo. Ele desejava que os visitantes realmente fossem embora, que toda a excitação terminasse, que houvesse paz uma vez mais. A paz estava tão próxima... e no entanto ele não podia abandonar seus deveres. Pensou em todo o material empilhado lá na areia, fora do alcance da vista de quem olhasse de Tuono. Eles logo veriam aquilo tudo -tendas, comidas, mesas, pratos de ouro e facas decoradas com jóias, globos luminosos moldados nas formas de arabesco de antigas lâmpadas.. . tudo com a riqueza e a plenitude de expectativas de vidas muito diferentes.

"Eles nunca mais serão os mesmos em Tuono."

Moneo passara duas noites em Tuono, certa vez, numa viagem de inspeção. Ele lembrava o cheiro dos fogos cozinhando as refeições — arbustos aromáticos acesos e queimando no escuro. Eles não usavam fogões solares "porque esta não era a maneira mais antiga".

"A maneira mais antiga!"

Quase não existia cheiro de melange em Tuono. Havia uma suave acridez e os óleos tirados de arbustos de oásis, esse era o odor dominante. Sim... e as fossas e o fedor de lixo apodrecendo. Relembrou o comentário do Imperador-Deus quando terminara de relatar sua viagem.

— Esses Fremen não sabem o que perderam de suas vidas. Julgam manter a essência dos velhos tempos. Esse é o fracasso de todos os museus. Alguma coisa se apaga; evapora-se do que é exibido e se vai. As pessoas que administram os museus e o povo que vem curvar-se sobre as vitrines para olhar — poucos entre eles sentem essa coisa perdida. O que impulsionava o motor da vida nos velhos tempos. E quando a vida se vai, ela se vai.

Moneo voltou os olhos para as três Oradoras Peixes que se erguiam bem adiante dele na ponte. Elas levantaram os braços e começaram a dançar, rodopiando e saltitando, apenas alguns passos adiante.

"Como é estranho", pensou ele. "Já vi outras pessoas dançarem a céu aberto, mas nunca as Oradoras Peixes. Elas só dançam na privacidade de seus alojamentos, na intimidade de suas próprias companheiras."

Esse pensamento ainda estava em sua mente quando ele ouviu o primeiro zumbido terrível de uma pistola laser e sentiu a ponte guinar debaixo de si.

"Isso não está acontecendo!", disse-lhe sua mente.

Ouviu a Carreta Real derrapar de lado sobre o leito da estrada, depois a

pancada da cobertura se abrindo. Um tumulto de berros elevou-se atrás dele, mas não podia virar-se. O tabuleiro da ponte se havia inclinado acentuadamente para o lado direito de Moneo, jogando-o de cara no chão enquanto escorregava em direção ao abismo. Ele se agarrou a um cabo partido para se firmar, mas o cabo desceu com ele, tudo raspando na fina camada de areia que cobrira o leito da estrada. Moneo agarrou-se ao cabo com ambas as mãos, virando-se com ele. Então viu a Carreta Real. Estava escorregando na direção da beirada da ponte, a capota aberta. Hwi se erguia ali, uma das mãos segura ao assento dobrável, enquanto ela olhava para além de Moneo.

Um horrível guincho de metal se rasgando encheu o ar enquanto o leito da estrada se inclinava ainda mais. Ele viu pessoas do cortejo caindo, as bocas abertas, os braços se batendo. Alguma coisa prendera o cabo de Moneo. Com os braços estendidos acima da cabeça, ele virou-se uma vez mais, rolando. Sentia as mãos, lubrificadas pela transpiração do medo, escorregarem ao longo do cabo.

E outra vez seu olhar se voltou para a Carreta Real. Ela se encontrava bloqueada de encontro aos tocos das vigas partidas. E, enquanto Moneo olhava, as mãos inúteis do Imperador-Deus tentavam agarrar Hwi Noree, mas não conseguiam alcançá-la. E ela caiu da extremidade aberta da carreta, silenciosamente, o vestido dourado soprado para cima pelo vento da queda, revelando seu corpo esticado, reto como uma flecha apontando para baixo.

Um gemido profundo, meio ronco, escapou do Imperador-Deus.

“Por que ele não ativa os suspensores?” — perguntou-se Moneo. “Os suspensores irão suportá-lo.”

Mas a arma laser continuava zumbindo e, quando as mãos de Moneo escorregaram para fora da extremidade do cabo partido, ele viu a flecha de chama golpear as bolhas suspensoras da carreta, perfurando uma após a outra em erupções de fumaça dourada. Moneo esticou as mãos sobre a cabeça enquanto caía.

“A fumaça! A fumaça dourada!”

Seu manto chicoteou para cima, virando-lhe o corpo até que seu rosto estava voltado na direção do abismo. Com o olhar nas profundezas, ele reconheceu o redemoinho das corredeiras fervilhantes lá embaixo, um espelho de sua vida — correntezas precipitando-se e mergulhando, todo o movimento reunindo toda a substância. As palavras de Leto serpentearam em sua mente numa trilha de fumo dourado:

— A cautela é o caminho para a mediocridade. A mediocridade flutuante, desapaixonada, é tudo que a maioria das pessoas julga poder conquistar.

Moneo caiu livremente no êxtase da conscientização. O universo abria-se para ele como um vidro transparente, tudo fluindo para o não-Tempo.

“A fumaça dourada!”

— Leto! — gritou ele. — Siaynoq! Eu creio!

O manto foi então arrancado de seus ombros. Ele girou no vento do canyon, tendo um ultimo vislumbre da carreta inclinando-se... inclinando-se no leito partido da estrada. E o Imperador-Deus escorregou da extremidade aberta.

Alguma coisa sólida esmagou as costas de Moneo — sua última sensação.

Leto sentiu-se escorregando de cima da carreta, sua consciência congelada na imagem de Hwi atingindo o leito do rio — uma distante fonte aperolada que marcara seu mergulho nos sonhos e mitos do fim. Suas últimas palavras, calmas e firmes, ainda lhe soavam na memória:

— Eu devo ir na frente, amor.

Quando caiu da carreta, ele viu o arco de cimitarra do rio, uma coisa de bordas lascadas que tremulava em meio às sombras, uma lâmina de água afiada pela Eternidade e pronta agora para recebê-lo em sua agonia.

“Não posso gritar, não posso berrar”, pensou. “Nem mesmo as lagrimas me são mais possíveis. Elas são água e eu terei bastante água dentro de um instante. Só posso gemer em minha dor. Estou sozinho, mais sozinho do que jamais estive.”

Seu grande corpo anelado flexionou-se enquanto caía, girando e torcendo-se até que sua visão ampliada revelou Siona de pé na extremidade partida da ponte:

“Agora você vai aprender!”, pensou ele.

O corpo continuou a girar. Ele observou a aproximação do rio. A água era um sonho habitado pelos vislumbres dos peixes que ativavam a ancestral memória de um banquete ao lado de uma piscina de granito — carne rosada deslumbrando seus apetites.

“Eu me uno a você, Hwi, no banquete dos deuses!”

O clarão de uma explosão de bolhas o envolveu em agonia. Água, correntes violentas de água, o golpeavam de todos os lados. Sentiu o ranger das rochas enquanto lutava para subir, emergindo numa cascata torrencial. Seu corpo flexionava-se num paroxismo involuntário, jogando água para todos os lados com suas contorções. A Muralha do canyon, negra e úmida, passava veloz em seu olhar frenético. Lantejoulas partidas do que fora sua pele explodiam para longe dele, uma chuva de prata à sua volta, mergulhando no rio, um anel de movimentos deslumbrantes e cequins quebradiços — o brilho de escama das trutas da areia deixando para começar suas próprias vidas como colônias.

Á agonia prosseguia. Leto admirava-se de poder continuar consciente com tudo que seu corpo estava sentindo.

O instinto o impulsionou. Ele agarrou-se a uma rocha em torno da qual a

corrente o despejara e sentiu um dos dedos se soltar de sua mão antes que ele pudesse afrouxar o aperto. A sensação era apenas um tom menor numa sinfonia de dor.

O curso do rio lançou-o para a esquerda em torno de um contraforte do abismo e, como que dizendo que já tivera o suficiente dele, jogou-o rolando sobre a beira inclinada de um banco de areia. Ele ficou caído por um momento, a tinta azul da essência de especiaria flutuando para fora dele na correnteza. A agonia o fez mover-se, o corpo de verme arrastando-se sozinho, afastando-o da água. Toda a cobertura de truta da areia se fora, e ele sentia cada toque mais imediato, um sentido perdido restaurado quando tudo que poderia trazer-lhe era mais dor. Não podia enxergar o próprio corpo, mas sentia que uma coisa que teria sido um verme se arrastava, contorcendo-se para longe da água. Olhou para cima com olhos que viam tudo através das folhas de uma chama em que as formas se coagulavam por vontade própria. E finalmente reconheceu o lugar. O rio lançara-o numa curva onde abandonava para sempre o Sareer. Além dele se encontrava Tuono e de um lado da Muralha estava tudo o que restara do Sietch Tabr — o reino de Stilgar, o lugar onde toda a especiaria de Leto estava escondida.

Exalando fumaças azuis, seu corpo se arrastou ruidosamente ao longo de uma praia de cascalhos, deixando uma trilha de tinta azul sobre rochas partidas e um buraco úmido que podia ter sido parte do sietch original. Agora era apenas uma caverna rasa, bloqueada na extremidade interior por um desmoronamento de rocha. Suas narinas relataram-lhe o cheiro úmido de sujeira e o claro perfume da essência de especiaria.

Sons penetraram em sua agonia. Ele virou-se no confinamento da caverna e viu uma corda pendendo da entrada. Uma figura deslizou pela corda e ele reconheceu Nayla. Ela pulou para as rochas e se agachou, olhando para ele nas sombras. A chama que era a visão de Leto abriu-se para revelar outra figura pulando da corda:

Siona. Nayla e ela correram em direção a ele, num barulho de pedras deslocadas, e pararam fitando-o. Uma terceira figura caiu da corda: Idaho. Ele se movia com uma ira frenética, lançando-se em direção a Nayla e gritando:

— Por que você a matou? Não devia matar Hwi!

Nayla o jogou no chão com um movimento quase indiferente de seu braço esquerdo. Ela subiu pelas rochas, apoiando-se nas mãos e nos pés, e parou de quatro, olhando para Leto.

— Senhor? Está vivo?

Idaho estava bem atrás dela, arrancando do coldre a pistola laser. Nayla voltou-se, espantada, enquanto ele apontava a arma e apertava o gatilho. A

combustão começou no topo da cabeça de Nayla e a fez estourar, os pedaços caindo separados. Uma brilhante faca cristalina pulou do uniforme em chamas e caiu nas rochas. Idaho não viu. Com uma careta de ira no rosto, continuou queimando os pedaços de Nayla até que a carga da arma se esgotou. O arco brilhante desapareceu e só restaram pedaços úmidos e fumegantes de carne e roupa espalhados entre as rochas em brasa.

Era o momento pelo qual Siona aguardara. Ela avançou até ele e tomou a arma inútil de suas mãos. Ele lançou-se em direção a ela, que se colocou em posição para subjugá-lo; mas todo o ódio se esgotara.

— Por quê? — sussurrou ele.

— Está feito — ela disse.

Voltaram-se olhando em direção a Leto nas sombras da caverna.

Leto nem podia imaginar o que eles viam. A pele de truta da areia se fora, disso ele sabia. Devia haver alguma espécie de superfície perfurada pelos orifícios dos cílios da pele que sumira. Quanto ao resto, só podia devolver o olhar dessas duas figuras de um universo sulcado pela mágoa. Através das chamas de sua mente, via Siona como um demônio feminino. O nome do demônio veio sem ser solicitado e ele falou numa voz alta, ampliada pela caverna e muito mais elevada do que teria esperado:

— Hanmya!

— O quê? — Ela chegou um passo mais perto dele.

Idaho colocou ambas as mãos sobre o rosto.

— Olhe o que você fez ao pobre Duncan — disse Leto.

— Ele encontrará outros amores. — Quão insensível ela soava, um eco de sua própria juventude violenta.

— Você não sabe o que é amor — ele disse. — Que foi que você já deu algum dia? — Ele só pôde retorcer as mãos, os restos do que já tinham sido suas mãos. — Deuses, e o que foi que eu dei?

Ela se arrastou para mais perto e estendeu a mão em direção a ele, mas recuou.

— Eu sou real Siona. Olhe para mim. Eu existo. Você pode me tocar se tiver coragem. Estenda sua mão. Faça-o!

Lentamente ela estendeu a mão para o que tinha sido seu segmento frontal, o lugar onde ela dormira no Sareer. A mão estava manchada de azul quando ela a retirou.

— Você me tocou e sentiu o meu corpo. Não é mais estranho do que qualquer outra coisa no universo?

Ela começou a lhe virar as costas.

— Existe uma diferença entre nós — ele disse. — Você é Deus

incorporado. Você caminha dentro do maior milagre deste universo, e no entanto se recusa a tocar, ver, sentir, acreditar.

A consciência de Leto flutuou para um lugar envolto pela noite, um lugar onde ele julgou poder ouvir o som metálico de seus impressores ocultos, matraqueando numa sala sem luz. Havia uma ausência total de radiação nesse local, uma não-coisa Ixiana que fazia desse um lugar de ansiedade e alienação espiritual, pois não tinha ligação com o resto do universo.

“Mas vai ter uma ligação.”

Sentia que seus impressores Ixianos tinham sido colocados em movimento, que estavam registrando seus pensamentos sem qualquer comando especial.

“Lembrem-se do que fiz! Lembrem-se de mim! Serei inocente outra vez.

A chama de sua visão dividiu-se para revelar Idaho de pé onde Siona ficara anteriormente. Havia uma gesticulação em algum ponto fora de foco, além de Idaho... ah, sim: Siona acenando instruções para alguém no topo da Muralha.

— Ainda está vivo? — perguntou Idaho.

A voz de Leto escapava em meio ao chiado da respiração:

— Deixe-os dispersarem-se, Duncan. Deixe-os correr e se esconder em qualquer lugar que quiserem, no universo que escolherem.

— Maldito! Que está dizendo? Eu teria preferido deixá-la viver com você!

— Deixar? Eu não deixei coisa alguma.

— Por que deixou que Hwi morresse? — gemeu Idaho. — Não sabíamos que ela estava lá com você.

A cabeça de Idaho tombou para diante.

— Você será recompensado — disse Leto com a voz rouca. — Minhas Oradoras Peixes vão escolher você em vez de Siona. Seja bondoso com ela, Duncan. Ela é mais do que Atreides e carrega consigo a semente da nossa sobrevivência.

Leto mergulhou de volta em suas memórias. Agora eram mitos delicados, mantidos por pouco tempo em sua consciência. Sentia ter caído num tempo que, pela própria natureza, modificara o passado. Havia sons, contudo, e ele lutou para interpretá-los. “Alguém subindo nas rochas?” As chamas partiram-se para revelar Siona ao lado de Idaho. Eles estavam de mãos dadas, como duas crianças, uma tranquilizando a outra antes de se aventurarem num lugar desconhecido.

— Como ele pode viver assim? — sussurrou Siona.

Leto esperou pela força para responder.

— Hwi me ajuda — ele disse. — Nós tivemos uma coisa que poucos experimentaram. Nós nos unimos em nossas forças, e não em nossas fraquezas.

— E olhe para onde isso o levou! — retrucou Siona.

— Sim, e reze para que você consiga o mesmo. Talvez a especiaria lhe dê tempo — disse ele, rouco.

— Onde está a sua especiaria? — ela quis saber.

— Nas profundezas do Sietch Tabr. Duncan vai encontrá-la. Conhece o lugar, Duncan. Agora o chamam de Tabur. As linhas de relevo ainda estão lá.

— Por que fez isso? — sussurrou Idaho.

— Minha dádiva. Ninguém encontrará os descendentes de Siona. O Oráculo não pode vê-la — respondeu Leto.

— O quê? — Os dois perguntaram ao mesmo tempo, inclinando-se mais perto para ouvir a voz que desaparecia.

— Eu lhes dou um novo tipo de tempo, sem paralelos. Sempre divergirá. Não haverá pontos de concorrência nem curvas. Eu lhes dou o Caminho Dourado. Essa é minha dádiva. Nunca mais terão os tipos de coincidências que já tiveram.

Chamas cobriram sua visão. A agonia estava se apagando, mas ele ainda podia sentir os odores e ouvir os sons com uma acuidade terrível. Idaho e Siona estavam respirando com rapidez. Curiosas sensações cinestéticas começaram a ondular para dentro da mente de Leto — ecos de ossos e juntas que ele sabia não mais possuir.

— Olhe! — disse Siona.

— Ele está se desintegrando. — Essa era a voz de Idaho.

— Não. — Era Siona. — o exterior que está desmoronando. Olhe! O Verme!

Leto sentiu partes de si mesmo acomodando-se em morna suavidade. A agonia foi embora.

— Que são aqueles buracos nele? — perguntou Siona.

— Acho que eram trutas da areia. Vê as formas?

— Estou aqui para provar que um de meus ancestrais estava errado — disse Leto (ou pensou ter dito, o que era a mesma coisa com relação aos seus diários). — Eu nasci homem, mas não morro como homem.

— Não posso olhar! — disse Siona.

Leto ouviu-a virar-lhe as costas, um barulho de rochas.

— Ainda está aí, Duncan?

— Sim.

“Então ainda tenho voz.”

— Olhe para mim — pediu Leto. — Eu era um sangrento fragmento de polpa num ventre humano, um fragmento não maior que uma cereja. Olhe para mim, eu digo!

— Estou olhando. — A voz de Idaho era fraca.

— Você esperava um gigante e encontrou um gnomo. Agora está começando a conhecer as responsabilidades que surgem como resultado de suas ações. Que vai fazer com o seu novo poder, Duncan?

Houve um longo silencio, então a voz de Siona:

— Não o escute. Ele era louco!

— É claro — retrucou Leto. — Loucura com método. Isso é genialidade.

— Siona, você entende isso? — perguntou Idaho. Como era triste a voz do ghola.

— Ela entende — disse Leto. — É humano ter sua alma levada a uma crise que você não previu. E como sempre foi com os humanos. Moneo entendeu, afinal.

— Queria que ele se apressasse e morresse logo! — disse Siona.

— Eu sou o deus dividido e você me tornará uno — disse Leto.

— Duncan, creio que de todos os meus Duncans é você que eu aprovo mais.

— Aprova? — Algo da ira retornou à voz de Idaho.

— Existe mágica na minha aprovação. Tudo é possível num universo mágico. Sua vida foi dominada pela fatalidade do Oráculo, não a minha. Agora você percebe os caprichos misteriosos e me pede para afastá-los? Só queria poder aumentá-los.

Os outros dentro de Leto começaram a se reafirmar. Sem a solidariedade do grupo colonial para reforçar sua identidade, ele começou a perder sua posição entre eles, que começaram a falar a linguagem do “SE”. “Se você ao menos tivesse... Se nós tivéssemos podido...” Queria gritar para que ficassem em silêncio.

— Somente os tolos preferem o passado!

Leto não sabia se realmente pensara ou gritara essas palavras. A resposta foi um momentâneo silêncio interior, igualado por um silêncio exterior enquanto ele sentia alguns fios de sua antiga identidade ainda intactos. Tentou falar e conheceu a realidade disso porque Idaho disse:

— Escute, ele está tentando dizer alguma coisa.

— Não temam os Ixianos — disse ele, e ouviu sua própria voz como um sussurro se apagando. — Eles podem fazer as máquinas, mas não podem mais criar ara/e!. Eu sei. Eu estava lá.

Ficou em silêncio, reunindo suas forças, mas sentia a energia lhe escapando mesmo enquanto tentava mantê-la. Uma vez mais o clamor se ergueu em seu interior — vozes suplicando e gritando.

— Parem com essa tolice! — gritou, ou julgou ter gritado.

Idaho e Siona ouviram somente um sopro ofegante.

Dai a pouco Siona disse:

— Acho que ele está morto.

— E todos julgavam que era imortal — disse Idaho.

— Sabe o que diz a História Oral? — perguntou Siona. — Se deseja a imortalidade, você nega a forma. O que quer que possua forma tem mortalidade Além da forma está o informe, o imortal.

— Isto soa como ele falando — acusou Idaho.

— Acho que é — ela disse.

— Que ele quis dizer a respeito de seus descendentes, Siona. se escondendo, não os encontrando? — perguntou Idaho.

— Ele criou um novo tipo de mimetismo. Uma nova imitação biológica. — explicou ela. — Sabia que fora um sucesso. Não podia me ver nos seus futuros.

— Que é você? — quis saber Idaho.

— Eu sou a nova Atreides.

— Atreides! — O nome era uma maldição na voz de Idaho.

Siona olhou para a carcaça em desintegração que tinha sido Leto Atreides II... — e alguma coisa mais. Essa alguma coisa mais estava escorrendo em fios de fumaça azul, onde o cheiro de melange era mais forte. Poças de líquido azul formavam-se nas rochas embaixo da massa que se derretia. Restavam ligeiros contornos do que já fora um ser humano — uma espumante massa rosa dissolvendo-se, um pedaço de osso riscado de vermelho que podia ter contido as formas das faces e da testa.

Siona disse:

— Sou diferente, mas ainda sou o que era.

Idaho falou num rouco sussurro:

— Os ancestrais, todos os...

— A multidão está lá, mas eu caminho em silêncio entre eles e ninguém me pode ver. As velhas imagens se foram, e apenas a essência permanece para iluminar o Caminho Dourado.

Ela virou-se e pegou a mão fria de Idaho entre as suas. Com cuidado, levou-o para fora da caverna, para a luz onde uma corda pendia, convidando-os a voltar para o topo da Muralha, onde os assustados Fremen de Museu aguardavam.

Pobre material com que moldar um novo universo, ela pensou, mas eles teriam que servir. Idaho necessitaria de uma gentil sedução, um cuidado dentro do qual o amor poderia brotar.

Quando ela olhou ao longo do rio, para onde o fluxo emergia desse

abismo feito pelo homem, espalhando-se sobre as terras verdes, viu o vento sul impulsionando nuvens negras na sua direção.

Idaho retirou a mão de entre as suas, mas parecia mais calmo.

— O controle do clima está cada vez mais instável. Moneo julgava ser obra da Corporação.

— Meu pai raramente se enganava quanto a essas coisas — ela disse. — Você terá que verificar isso.

Idaho experimentou uma súbita memória das formas prateadas das trutas da areia fugindo do corpo de Leto no rio.

— Eu ouvi o Verme — disse Siona. — As Oradoras Peixes vão seguir você, não a mim.

Novamente Idaho sentiu a tentação do ritual do Siaynoq.

— Veremos — respondeu. Virou-se, olhando para Siona. — Que ele queria dizer quando falou que os Ixianos não podiam criar arafel?

— Você terá que ler nos diários — ela disse. — Vou mostrá-los a você quando retornarmos a Tuono.

— Mas que significa arafel?

— É escuridão do julgamento sagrado. Vem de uma velha história. Você a encontrará toda nos diários.

54

Extrato do resumo secreto de Hadi. Benotto sobre as descobertas em Dar-es-Balat:

Eis o Relatório da Minoria. Concordaremos, é claro, com a decisão da maioria no sentido de censurar e copidescar cuidadosamente os diários de Dar-es-Balat, mas nossos argumentos devem ser ouvidos; Reconhecemos o interesse da Sagrada Igreja nessas questões, e os perigos políticos também não escaparam à nossa atenção. Compartilhamos o desejo da Igreja de Rakis no sentido de que a Sagrada Reserva do Deus Dividido não se torne “uma atração para turistas maravilhados”.

Entretanto, agora que todos os diários se encontram em nossas mãos, autenticados e traduzidos, emerge a forma precisa do Projeto dos Atreides. Como mulher treinada pela Bene Gesserit para entender os costumes de nossos ancestrais, tenho um desejo natural de compartilhar o padrão que pudemos expor — que é muito mais do que de Duna para Arrakis, de Arrakis para Duna, e daí para Rakis.

Os interesses da história e da ciência devem ser atendidos. Esses diários lançam uma luz valiosa sobre esse acúmulo de recordações pessoais e biografias dos Dias de Duncan, a Bíblia da Guarda. Não podemos esquecer os juramentos familiares: “Pelos milhares de filhos de Idaho!” e “Pelas nove filhas de Siona!”. O persistente culto da Irmã Chenoeh assume novo significado a partir das revelações dos diários. Certamente a caracterização do Judas/Nayla, feita pela Igreja, precisa de cuidadosa reavaliação.

Nós da Minoria devemos relembrar aos censores políticos que os pobres vermes da areia, em sua Reserva Rakiana, não nos podem fornecer ainda uma alternativa para as Máquinas Ixianas de Navegação. Nem as minúsculas quantidades de melange controladas pela Igreja representam qualquer ameaça comercial aos produtos dos tanques Tleilaxu. Não! Nós afirmamos que os mitos, a História Oral e a Bíblia da Guarda, e mesmo os Livros Sagrados do Deus Dividido, devem ser comparados com os diários de Dar-es-Balat. Cada referência histórica à Dispersão e aos Tempos da Fome deve ser reexaminada! Que temos a temer? Nenhuma máquina Ixiana pode fazer o que nós, os

descendentes de Siona e de Duncan Idaho, fizemos. Quantos universos nós povoamos? Ninguém pode avaliar. Nenhuma pessoa jamais saberá. Será que a Igreja teme o profeta ocasional? Sabemos que os visionários não nos podem ver nem predizer nossas decisões. Nenhum tipo de morte jamais poderá alcançar toda a humanidade. Devemos nós da Minoria nos unir aos nossos companheiros da Dispersão antes que possamos ser ouvidos? Devemos deixar o núcleo original da humanidade ignorante e desinformado? Se a Maioria nos expulsar, vocês sabem que nunca mais seremos encontrados!

Mas não queremos partir. Somos mantidos aqui por aquelas pérolas na areia.

Sentimo-nos fascinados pela Igreja, que usa as pérolas como “o sol do entendimento”. Certamente nenhum ser humano racional pode fugir às revelações dos diários a esse respeito. Os usos reconhecidamente fugazes mas vitais da arqueologia terão seu dia de glória! Exatamente como a máquina primitiva que Leto usou para ocultar seus diários nos pode ensinar sobre a evolução de nossas máquinas, assim também se deve permitir que essa consciência ancestral fale conosco. Seria um crime contra a verdade histórica e contra a ciência abandonarmos as tentativas de comunicação com aquelas “pérolas de consciência” que os diários localizaram. Estará Leto II perdido no seu sonho interminável ou poderá ser despertado em nossa época? Trazido à plena consciência como um depósito de precisão histórica? Como pode a Sagrada Igreja temer essa verdade?

A Minoria não tem dúvida de que os historiadores devem ouvir a voz dos primórdios. Se são apenas os diários, devemos ouvi-los. Devemos ouvi-los durante tantos anos em nosso futuro quantos eles estiveram ocultos em nosso passado. Não tentaremos prever as descobertas que ainda serão feitas naquelas páginas. Dizemos apenas que elas devem ser feitas. Como poderíamos virar as costas à nossa mais importante herança? Como disse o poeta Lon Bramlis:

“Nós somos a fonte das surpresas!”

OS HEREGES DE DUNA

Frank Herbert

Tradução de Jorge Luíz Calife
Título Original: *Heretics of Dune*

1

A maioria das disciplinas não se destina a liberar e sim a limitar: Não pergunte por quê. Seja cauteloso com o como. O por quê conduz inexoravelmente ao paradoxo. O como o aprisiona num universo de causa e efeito. Ambos negam o infinito.

— *Os Apócrifos de Arrakis*

— Taraza lhe contou que já tivemos 11 desses gholas Duncan Idaho, não? Este é o 12º.

A velha Reverenda Madre Schwangyu falou com premeditada amargura enquanto olhava do parapeito, no terceiro andar, para a criança solitária brincando no jardim fechado. A forte luz do sol do meio-dia no planeta Gammu refletia-se nos muros brancos do pátio, enchendo a área abaixo com um brilho como se um refletor tivesse sido lançado sobre o jovem ghola.

"Acabou-se", pensou a Reverenda Madre Lucilla. Ela se permitiu um curto aceno de cabeça, pensando em quão friamente impessoais eram as maneiras e a escolha de palavras de Schwangyu. "Nós usamos nosso suprimento; envie-nos mais."

A criança no pátio aparentava ter uns 12 anos, mas a aparência podia ser enganadora em se tratando de um ghola cujas memórias originais ainda não haviam despertado. A criança aproveitou aquele instante para olhar para as mulheres que a vigiavam do alto. Era uma criatura robusta, com um olhar direto que brilhava intensamente debaixo do capuz negro do cabelo karakul. A luz amarela do sol do início da primavera lançava uma sombra curta a seus pés. A pele parecia muito bronzeada, mas um ligeiro movimento mudou o caimento do traje de uma só peça, revelando a pele pálida no ombro esquerdo.

— Esses gholas não são apenas dispendiosos, são altamente perigosos para nós — disse Schwangyu.

Sua voz saía calma e sem emoção, parecendo ainda mais poderosa por isso. Era a voz de uma Reverenda Madre instrutora falando com sua acólita, e enfatizava para Lucilla que Schwangyu era uma das que protestavam abertamente contra o projeto ghola.

Taraza advertira:

— Ela vai tentar convencê-la.

— Onze fracassos já são o bastante — dissera Schwangyu.

Lucilla olhou para as feições enrugadas de Schwangyu e pensou subitamente: “Algum dia eu também posso me tornar velha como ela. E talvez, como ela, me encontre no poder dentro da Bene Gesserit!”

Schwangyu era uma mulher pequena, com muitas marcas de idade recebidas a serviço da Bene Gesserit. Lucilla sabia, a partir dos estudos que lhe haviam ordenado, que o manto negro convencional de Schwangyu ocultava um corpo magro e ossudo que poucas pessoas tinham visto, e não ser suas criadas e os homens que haviam recebido ordem para procriar com ela. A boca de Schwangyu era larga, o lábio inferior comprimido pelas linhas da idade que se expandiam para o queixo proeminente. Seus modos costumavam ser um tanto bruscos, o que fazia as não-iniciadas julgarem que ela estava com raiva. A Comandante do Castelo Gammu era uma das Reverendas Madres mais reservadas.

Uma vez mais Lucilla desejou ter conhecimento de todo o projeto ghola, mas Taraza estabelecera muito claramente os limites: “Não se deve confiar em Schwangyu no que concerne à segurança do ghola.”

— Nós acreditamos que os próprios Tleilaxu mataram a maioria dos 11 anteriores — disse Schwangyu. — Isso devia revelar-nos alguma coisa.

Imitando os modos de Schwangyu, Lucilla adotou uma calma atitude de espera, totalmente desprovida de emoções. Seus modos pareciam dizer: “Eu posso ser muito mais jovem do que você, mas também sou uma Reverenda Madre plena.” Podia sentir o olhar de Schwangyu.

Schwangyu tinha visto os holos dessa Lucila, mas a mulher em carne e osso era mais desconcertante. Uma Impressora muito bem treinada, sem dúvida alguma Os olhos de azul dentro de azul, sem qualquer lente corretora, conferiam a Lucilla uma expressão penetrante que lhe acompanhava o rosto oval. Com o capuz do manto aba lançado para trás, como estava agora, o cabelo castanho se revelava, puxado para trás e preso a um anel para cascatear ao longo de suas costas, e nem mesmo o manto largo podia ocultar os grandes seios de Lucilla. Ela pertencia a uma linha genética famosa por sua natureza maternal e já tivera três filhos, dois do mesmo pai. Sim — era uma sedutora de cabelos castanhos —, seios grandes e disposição maternal.

— Você fala muito pouco — disse Schwangyu. — Isso revela que Taraza a advertiu contra mim.

— Tem motivos para acreditar que assassinos pretendam matar este 12º ghola? — perguntou Lucila.

— Já tentaram.

Era estranho como a expressão “heresia” lhe vinha à mente quando pensava em Schwangyu, pensou Lucilla. Poderia existir heresia entre as Reverendas Madres? Os significados religiosos da palavra pareciam deslocados no contexto da Bene Gesserit. Como poderia haver movimentos heréticos entre pessoas dotadas de uma atitude profundamente manipuladora com relação aos aspectos religiosos?

Lucila voltou sua atenção para o ghola, o qual escolheu o momento para dar uma série de cambalhotas que o levaram numa volta completa até se encontrar novamente olhando para as duas observadoras no parapeito.

— Como ele representa bem! — resmungou Schwangyu.

A voz dela não parecia inteiramente livre da ameaça de violência.

Lucilla fitou Schwangyu. “Heresia.” Dissidência não era o termo adequado. Oposição também não era uma palavra que abrangesse inteiramente o que ela sentia na velha. Essa era uma coisa que poderia destroçar a Bene Gesserit. Revolta contra Taraza, contra a Reverenda Madre Superiora? Impensável! Madres Superioras eram moldadas como monarcas. Uma vez que Taraza houvesse aceito o conselho e tomado sua decisão, as Irmãs eram obrigadas a obedecer.

— Isto não é hora para criar novos problemas! — disse Schwangyu.

O significado era claro. O pessoal da Dispersão estava retornando e as intenções de alguns desses Perdidos ameaçavam a Irmandade. “Honradas Matres”! Como essas palavras soavam semelhantes a “Reverendas Madres”.

Lucilla arriscou uma conversa exploratória:

— Acha que devíamos concentrar-nos no problema daquelas Honradas Matres da Dispersão?

— Concentrar? Ah, elas não possuem os nossos poderes. Não demonstram bom senso. E não têm o domínio da melange! É isso que elas querem de nós, nosso conhecimento da especiaria.

— Talvez — concordou Lucilla.

Não desejava concordar com isso ante uma evidência tão escassa.

— A Madre Superiora Taraza não anda bem do juízo para brincar com essa questão do ghola num momento como este — disse Schwangyu.

Lucilla permaneceu em silêncio. O projeto do ghola definitivamente atingira um nervo sensível entre as Irmãs. A possibilidade, ainda que remota, de que pudesse fazer surgir um outro Kwisatz Haderach transmitia arrepios de medo misturado ao ódio entre suas fileiras. Mexer com os remanescentes do tirano contidos nos Vermes! Isso era perigoso ao extremo.

— Nunca deveríamos levar aquele ghola para Rakis — murmurou Schwangyu. — Deixe os vermes continuarem dormindo.

Lucila desviou sua atenção uma vez mais para o menino ghola. Ele tinha voltado as costas para o parapeito elevado onde estavam as duas Reverendas Madres, mas alguma coisa em sua postura revelava que sabia estarem falando a seu respeito e esperava uma resposta delas.

— Sem dúvida percebe que foi chamado num momento em que ele ainda é muito jovem — comentou Schwangyu.

— Nunca ouvi falar de impressão profunda numa pessoa tão jovem — concordou Lucila.

Ela deixou transparecer uma leve ironia em seu tom de voz, algo que sabia que Schwangyu iria ouvir e interpretar mal. O controle da procriação e de todas as necessidades relacionadas com isso era a especialidade final das Bene Gesserit. Use o amor mas o evite, Schwangyu devia estar pensando agora. As analistas da Irmandade conheciam as origens do amor. Elas as haviam examinado muito cedo em seu desenvolvimento, mas nunca se tinham atrevido a produzi-las naqueles a quem influenciavam. Tolerem o amor, mas estejam prevenidas contra ele — essa era a regra. Saibam que o amor encontra-se profundamente entranhado na estrutura genética humana, como um sistema de segurança para garantir a preservação da espécie. Você faz uso dele quando é necessário, imprimindo indivíduos selecionados (algumas vezes um sobre o outro) para os propósitos da Irmandade e sabendo que tais indivíduos estarão ligados por laços poderosos, imperceptíveis à consciência comum. Outros podem observar tais laços e traçar suas consequências, mas aqueles afetados dançam de acordo com uma música inconsciente.

— Não estou sugerindo que seja um erro imprimi-lo — disse Schwangyu, confundindo o silêncio de Lucilla.

— Faremos o que foi ordenado — provocou Lucilla.

Deixe que Schwangyu interprete como quiser.

— Então não faz objeção quanto a levar esse ghola para Rakis — disse Schwangyu. — Eu me pergunto se você manteria essa obediência sem questionamento se conhecesse a história toda.

Lucilla respirou fundo. Iriam compartilhar com ela, agora, todos os desígnios dos gholas Duncan Idaho?

— Existe em Rakis uma criança do sexo feminino chamada Sheeana Brugh — disse Schwangyu. — E ela é capaz de controlar os vermes gigantes.

Lucilla ocultou seu interesse “Vermes gigantes. Não Shai-hulud ou Shaitan. Vermes gigantes.” O cavaleiro da areia previsto pelo Tirano tinha aparecido afinal!

— Eu não falo sem motivo — disse Schwangyu quando Lucilla continuou em silêncio.

“De fato não fala”, pensou Lucilla. “E você chama uma coisa pelo rótulo descritivo, não pelo nome de importância mística. Vermes gigantes. E você está realmente pensando no Tirano, Leto II, cujo sonho interminável é mantido como uma pérola de consciência em cada um daqueles vermes. Ou assim somos levadas a crer.”

Schwangyu fez sinal com a cabeça na direção da criança brincando no pátio abaixo delas.

— Acha que o ghola será capaz de influenciar a garota que controla os vermes?

“Estamos retirando a casca, afinal”, pensou Lucila e disse:

— Eu não preciso responder tal pergunta.

— Você é muito cautelosa.

Lucilla arqueou o corpo para trás, esticando-se. “Cautelosa? Sim, de fato!” Taraza a advertira quanto a isso. “No que concerne a Schwangyu, você deve agir com extrema cautela, mas rapidamente. Temos uma janela de tempo muito estreita dentro da qual podemos obter sucesso.”

Sucesso no quê?, perguntava-se Lucilla. Ela olhou de lado para Schwangyu.

— Não vejo como os Tleilaxu podem ter conseguido matar li desses gholas. Como eles puderam penetrar em nossas defesas?

— Nós temos o Bashar agora — disse Schwangyu. — Talvez ele possa evitar o desastre.

Seu tom de voz revelava que ela não acreditava nessa possibilidade

A Madre Superiora Taraza dissera: “Você é a Impressora, Lucilla. Quando chegar a Gammu reconhecerá parte do padrão. Mas para sua tarefa você não precisa do projeto completo”

— Pense no custo! — exclamou Schwangyu, olhando furiosa para o ghola. que agora se agachara, puxando tufos de capim.

O custo nada tinha a ver, sabia Lucilla. A admissão tácita de fracasso era mais importante. A Irmandade não poderia revelar sua falibilidade. Mas o fato de uma Impressora ter sido convocada tão cedo — isso era vital. Taraza sabia que a Impressora perceberia isso, reconhecendo o padrão.

Schwangyu gesticulou com uma mão ossuda para a criança, que tinha voltado a sua brincadeira solitária de correr e pular no capim.

— Política — exclamou.

Sem dúvida, a política da Irmandade encontrava-se no centro da “heresia” de Schwangyu, pensou Lucilla. O caráter delicado dessa discussão interna podia ser avaliado pelo fato de Schwangyu ter sido encarregada desse castelo em Gammu. Aquelas que se opunham a Taraza recusavam-se a ser colocadas em

segundo plano.

Schwangyu virou-se e olhou diretamente para Lucilla. Já fora dito o suficiente O suficiente fora ouvido e filtrado através de mentes treinadas na percepção Bene Gesserit. A Irmandade tinha escolhido essa Lucila com grande cuidado.

Ela sentia a cuidadosa avaliação por parte da velha, mas não permitia que isso afetasse seu mais íntimo sentimento de devei; sobre o qual toda Reverenda Madre podia apoiar-se em tempos de tensão. “Vamos, deixe que ela olhe inteiramente para mim.” Lucilla voltou-se e fez sua boca formar um suave sorriso, deixando que o olhar percorresse o topo do telhado diante delas.

Um homem uniformizado com uma pesada arma laser apareceu, olhou uma vez para as duas Reverendas Madres e depois voltou a atenção para a criança abaixo delas.

— Quem é ele? — perguntou Lucilla.

— Patrin, o auxiliar de maior confiança do Bashar. Diz que é apenas o ordenança do Bashar, mas você teria que ser cega e tola para acreditar nisso.

Lucilla examinou o homem com cuidado. Então esse era Patrin. Um nativo de Gammu, como dissera Taraza, escolhido para sua tarefa pelo próprio Bashar. Magro e louro, muito velho para estar na ativa como soldado, mas convocado de seu retiro. O Bashar insistira em que Patrin partilhasse seus deveres.

Schwangyu notou o modo como Lucilla mudava sua atenção de Patrin para o ghola com verdadeira preocupação. Sim, se o Bashar tinha sido convocado para guardar esse castelo, então o ghola corria extremo perigo.

Lucilla começou a falar, subitamente surpreendida.

— Por que... ele...

— Ordem de Miles Teg — respondeu Schwangyu, citando o nome do Bashar. — Todas as brincadeiras do ghola são treinamentos. Seus músculos devem ser preparados para o dia em que for restaurada a sua personalidade original.

— Mas não é nenhum exercício simples o que ele está fazendo lá — disse Lucilla. Ela sentia seus próprios músculos reagirem por afinidade com o treinamento relembrado.

— Nós ocultamos apenas a gênese da Irmandade a esse ghola — disse Schwangyu. — Quase tudo mais em nossa bagagem de conhecimento pode ser dele.

Seu tom de voz revelava que ela tinha fortes objeções a isso.

— Certamente ninguém acredita que esse ghola possa se tornar outro Kwisatz Haderach — discordou Lucilla.

Schwangyu meramente encolheu os ombros.

Lucilla manteve-se quieta, pensando. Seria possível que o ghola pudesse transformar-se numa versão masculina de uma Reverenda Madre? Poderia esse Duncan Idaho aprender a olhar para dentro, onde nenhuma Reverenda Madre se atrevia a olhar?

Schwangyu começou a falai; a voz quase um murmúrio resmungante.

— A concepção deste projeto... trata-se de um plano perigoso. Elas podem cometer o mesmo erro.

Ela se interrompeu.

“Elas”, pensou Lucilla. “O ghola delas.”

— O que eu não daria para conhecer com certeza a posição de Ix e das Oradoras Peixes com relação a isso — disse Lucilla.

— Oradoras Peixes! — Schwangyu sacudiu a cabeça ante a lembrança das remanescentes do exército feminino que um dia servira apenas ao Tirano. — Elas acreditam na verdade e na justiça.

Lucilla dominou uma súbita compressão na garganta. Schwangyu fizera tudo, menos declarar oposição aberta. E no entanto era ela quem estava no comando. A regra política era simples: aquelas que se opõem ao projeto devem monitorá-lo de modo a poder abortá-lo ao primeiro indício de problemas. Mas aquele lá embaixo era um genuíno ghola Duncan Idaho. Comparações celulares e Reveladoras da Verdade tinham confirmado isso.

Taraza dissera: “Você deve ensinar-lhe o amor em todas as suas formas.”

— Ele é tão jovem — comentou Lucilla, mantendo a atenção no ghola.

— Jovem, sim — respondeu Schwangyu. — Por ora, creio que você vá despertar nele suas respostas infantis à afeição materna. Depois.

Ela encolheu os ombros.

Lucilla não revelava qualquer reação emocional. As Bene Gesserit obedeciam. “Eu sou uma Impressora. Assim...” As ordens de Taraza e o treinamento especializado de uma Impressora definiam o curso particular dos acontecimentos.

Lucilla disse a Schwangyu:

— Existe uma pessoa que se parece comigo e fala com a minha voz. Eu o estou imprimindo para ela. Posso perguntar de quem se trata?

— Não.

Lucilla manteve o silêncio. Ela não esperava uma revelação, mas lhe haviam observado mais de uma vez o fato de ela assemelhar-se extraordinariamente à Chefe da Segurança, Madre Darwi Odrade. “Uma jovem Odrade.” Lucilla ouvira em diversas ocasiões. Ambas, Lucilla e Odrade, eram, é claro, da linhagem Atreides, com um forte nível de procriação entre

descendentes de Siona. As Oradoras Peixes não possuíam o monopólio desses genes! Mas as Outras Memórias de uma Reverenda Madre, mesmo com a seletividade linear e o confinamento do lado feminino, forneciam indícios importantes nos aspectos mais amplos do projeto ghola. Lucilla, que viera a depender das experiências da persona de Jessica, sepultadas uns 5 mil anos antes das manipulações genéticas da Irmandade, sentia agora um profundo senso de pavor ante essa fonte. Havia nisso um padrão familiar, e ele transmitia um sentimento de tragédia tão intenso que Lucilla se viu relembrando automaticamente a Litania contra o Medo, a qual lhe fora ensinada em sua primeira introdução aos ritos da Irmandade.

“Não devo temer. O medo é o assassino da mente. O medo é a pequena morte que traz a obliteração total. Eu enfrentarei o meu medo. Permitirei que ele passe sobre mim e através de mim. E, quando ele houver passado, voltarei meu olhar interior para ver o seu caminho. Onde o medo se foi, nada haverá. Somente eu permanecerei.”

A calma retornou a Lucilla.

Schwangyu, sentindo parte disso, permitiu-se baixar ligeiramente a gourela. Lucilla não era tola, não era uma Reverenda Madre especial com um título vazio e o mínimo conhecimento para agir sem embaraçar a Irmandade. Era muito experiente, e algumas reações não lhe poderiam ser ocultas, nem mesmo as reações de outras Reverendas Madres. Muito bem, deixe que ela conheça a extensão da oposição a este projeto tolo e perigoso.

— Não creio que o ghola delas sobreviva para ver Rakis — disse Schwangyu.

Lucilla deixou passar.

— Fale-me a respeito dos amigos dele — pediu.

— Ele não tem amigos, somente professores.

— Quando vou conhecê-los?

Manteve o olhar voltado para o parapeito oposto, onde Patrin se recostava ociosamente contra uma pilastra baixa, a pesada arma laser pronta a abrir fogo se necessário. Lucilla percebeu, com um súbito choque, que Patrin estava a observá-la. Patrin era uma mensagem do Bashar que Schwangyu obviamente via e entendia. “Nós o protegemos!”

— Eu presumo que esteja ansiosa por conhecer Miles Teg — comentou Schwangyu.

— Entre outros.

— Não deseja fazer contato com o ghola, primeiro?

— Já diz contato com ele. — Com a cabeça, Lucila indicou o pátio fechado onde a criança uma vez mais se encontrava imóvel, olhando para ela. —

Ele é bem atento e pensativo.

— Eu disponho apenas dos relatórios a respeito dos outros — respondeu Schwangyu. — Mas suspeito de que ele seja o mais pensativo da série.

Lucilla controlou um tremor involuntário ante a disposição para a oposição violenta demonstrada nas atitudes e nas palavras de Schwangyu. Não havia sugestão de que a criança abaixo delas compartilhasse de uma humanidade comum.

Enquanto Lucilla assim pensava, nuvens cobriram o sol, como frequentemente acontecia a essa hora. Um vento frio soprou sobre os muros do Castelo, rodopiando no jardim. A criança voltou-se e acelerou os exercícios, recebendo calor com o aumento de atividade.

— Aonde ele vai para ficar sozinho? — perguntou Lucilla.

— Geralmente para o quarto. Ele tentou algumas escapadas perigosas, mas nós as desencorajamos.

— Ele deve nos odiar muito.

— Tenho certeza disso.

— Terei que enfrentar isso diretamente.

— Certamente uma Impressora não tem dúvidas quanto à sua habilidade de superar o ódio.

— Eu estava pensando em Geasa. — Lucila olhou para Schwangyu de modo avaliador. — Acho extraordinário que permitissem a Geasa cometer tal erro.

— Eu não interfiro no progresso normal das instruções do ghola. Se uma de suas professoras desenvolve uma verdadeira afeição por ele, isso não é problema meu.

— E uma criança atraente — reconheceu Lucilla.

Ambas ficaram um pouco mais, observando o ghola Duncan Idaho em sua brincadeira-treino. As duas Reverendas Madres pensaram por algum tempo em Geasa, uma das primeiras professoras trazidas até ali para o projeto ghola. A atitude de Schwangyu era evidente: “Geasa foi um fracasso providencial.” Lucilla pensava apenas: “Schwangyu e Geasa complicaram minha tarefa.” Nenhuma das duas mulheres pensou sequer por um momento no modo como tais pensamentos reafirmavam suas lealdades.

Enquanto observava a criança no jardim, Lucilla começou a ver sob novo ângulo o que o Tirano Imperador-Deus tinha realmente conquistado. Leto II fizera uso desse tipo de ghola durante incontáveis gerações — durante uns 3.500 anos, um depois do outro. E o Imperador-Deus não fora nenhuma força comum da natureza, fora o maior jaganatha da história humana, rolando por cima de tudo: sistemas sociais, ódios naturais e não-naturais, formas de governo, rituais

(tanto os que eram tabu quanto os que eram obrigatórios), religiões passageiras e duradouras. O peso esmagador da passagem do Tirano não deixara coisa alguma sem marcas, nem mesmo a Bene Gesserit.

Leto II chamara aquilo de “Caminho Dourado”, e esse tipo de ghola Duncan Idaho tinha figurado com proeminência naquela paisagem. Lucilla estudara os relatos da Bene Gesserit, provavelmente os melhores do universo. Mesmo hoje, na maioria dos planetas Imperiais, após o matrimônio os casais espargiam gotas de água, lançando-as para o leste e o oeste, e murmurando a versão local de: “Que tuas bênçãos refluam para nós desta oferenda, ó Deus de Infinito Poder e Infinita Misericórdia”

Em outro tempo, fora trabalho das Oradoras Peixes e de seu submisso sacerdócio reforçar tal obediência. Mas a coisa desenvolvera seu próprio momentum, tornando-se uma compulsão penetrante. Mesmo entre os mais incrédulos, havia quem dissesse: “Bom, não pode fazer mal algum.” Era uma realização que as melhores engenheiras religiosas da Missionaria Protectiva Bene Gesserit admiravam com frustrado espanto. O Tirano superara o melhor que a Bene Gesserit pudera produzir. E nos 1.500 anos desde a morte do Tirano a Irmande permanecera impotente para desfazer o nó central daquela terrível realização.

— Quem está encarregada do treinamento religioso desta criança? — perguntou Lucilla.

— Ninguém. Por que se incomodar? Se ele despertar suas memórias originais, terá suas próprias idéias. Cuidaremos disso se surgir a ocasião.

Lá embaixo a criança completara seu tempo de treinamento permitido. Com outra olhada às observadoras no parapeito, deixou o jardim e penetrou num amplo portal à esquerda. Patrin também abandonou sua posição de guarda sem olhar para as duas Reverendas Madres.

— Não se deixe enganar pelos homens de Teg — disse Schwangyu.

— Eles têm olhos atrás das cabeças. A mãe de Teg, você sabe, foi uma de nós. Ele está ensinando àquele ghola coisas que não deviam ser partilhadas!

2

Explosões são também compressões de tempo. As mudanças observáveis no universo natural são todas explosivas em algum grau e sob algum ponto de vista; de outro modo, não se poderia nota-las. A uniforme continuidade da mudança, se retardada suficientemente, passa despercebida aos observadores cujo tempo de percepção é muito curto. Assim, eu lhes digo, vi mudanças que vocês nunca teriam percebido.

— Leto II

A mulher, iluminada pela luz da aurora no Planeta da Irmandade, mantinha-se ereta diante da mesa da Reverenda Madre Superiora Alma Mavis Taraza. Era alta e bem-proporcionada, com o longo manto aba a envolvê-la em negro brilhante, dos ombros até o chão, incapaz de ocultar a graça com que seu corpo expressava cada movimento.

Taraza inclinou-se na cadeira e observou o Transmissor de Registros projetar seus caracteres Bene Gesserit sobre o topo da mesa, de modo a serem vistos apenas pelos olhos dela.

“Darwi Odrade”, era como os registros identificavam a mulher de pé; depois vinha a biografia básica, que Taraza já conhecia com detalhes. A exposição servia a vários propósitos — fornecer uma lembrança segura à Madre Superiora e proporcionar-lhe um tempo extra para pensar, enquanto fingia ler os registros, constituindo um argumento final caso algo de negativo emergisse dessa entrevista.

Odrade dera à luz 19 crianças para a Bene Gesserit. A informação passou diante dos olhos de Taraza. Cada criança de um pai diferente. Nada havia de extraordinário com relação a isso, mas mesmo o olhar mais penetrante podia perceber que esse dever essencial à Irmandade não a havia engordado. Suas feições transmitiam altivez no nariz longo e no complemento do rosto anguloso, cada traço apontando em direção ao queixo estreito. A boca, entretanto, era plenamente formada, transmitindo uma promessa de paixões que ela cuidadosamente continha.

“Sempre podemos confiar nos genes Atreides”, pensou Taraza.

A cortina de uma janela tremulou às costas de Odrade e ela olhou para trás. Ambas encontravam-se na sala matinal de Taraza, um espaço pequeno, elegantemente mobiliado, decorado em tons de verde. Somente a cadeira branca de Taraza a separava do fundo formado pelo ambiente. As janelas exibiam um panorama de jardim e gramados, com as distantes montanhas nevadas do planeta da Irmandade servindo de fundo.

Sem erguer os olhos, Taraza disse:

— Fiquei satisfeita quando você e Lucilla aceitaram a missão. Isso torna o meu trabalho muito mais fácil.

— Gostaria de ter conhecido essa Lucilla — disse Odrade, olhando para o alto da cabeça de Taraza.

A voz de Odrade saia como um suave contralto.

Taraza pigarreou.

— Não é preciso. Lucilla é uma de nossas melhores Impressoras. Cada uma de vocês, é claro, recebeu um idêntico condicionamento liberal que as preparou para isso.

Havia algo quase insultante no tom de voz informal usado por Taraza, e somente o hábito provindo de um longo conhecimento controlou o ressentimento imediato sentido por Odrade. Isso se devia, em parte, à palavra “liberal”, ela percebia. Seus ancestrais Atreides erguiam-se em rebelião ante essa palavra. Era como se suas memórias femininas acumuladas saltassem diante dos julgamentos inconscientes e dos preconceitos não-examinados subjacentes a tal noção.

“Somente os liberais são inteligentes. Somente os liberais são intelectuais. Somente os liberais compreendem as necessidades de seus semelhantes.”

Quanta maldade estava escondida nessas palavras, pensou Odrade! Quanto da necessidade de um ego de se sentir superior.

Odrade lembrou-se de que, apesar do tom informalmente insultante usado por Taraza, ela usara o termo apenas num sentido genérico: a educação geral de Lucilla fora cuidadosamente semelhante à de Odrade.

Taraza inclinou-se para trás numa posição mais confortável, mas ainda mantendo sua atenção na exposição holográfica diante de si. A luz das janelas de leste caía diretamente sobre seu rosto, deixando sombras sob o nariz e o queixo. Mulher pequena, só um pouquinho mais velha que Odrade, Taraza mantinha muito da beleza que a tornara uma procriadora muito confiável com homens difíceis. Seu rosto era um longo oval com as maçãs formando curvas suaves. Usava o cabelo negro preso para trás, a partir da testa alta, num pico pronunciado. A boca de Taraza abria-se o mínimo necessário quando ela falava, demonstrando um soberbo controle de movimentos. A atenção de um observador tendia a se focalizar nos olhos dela: aquele constrangedor azul dentro de azul. O

efeito final era de uma suave máscara facial, da qual pouco escapava para revelar suas verdadeiras emoções.

Odrade reconheceu a pose da Madre Superiora. Daí a pouco Taraza iria murmurar algo para si mesma. De fato, bem na hora, Taraza murmurou alguma coisa para si mesma.

A Madre Superiora estava pensando enquanto seguia a exposição biográfica com grande atenção. Muitos assuntos ocupavam essa atenção.

Esse era um pensamento tranquilizador para Odrade. Taraza não acreditava que existisse algo como um poder benévolo guardando a humanidade A Missionaria Protectiva e as intenções da Irmandade eram tudo que contava no universo de Taraza. E tudo que servisse a esses fins, mesmo as maquinações do Tirano há muito tempo morto, poderia ser julgado bom. Tudo mais era o mal. As Intrusões alienígenas dos Dispersados — especialmente a volta daquelas descendentes que se chamavam Honradas Madres — não mereciam confiança. A gente de Taraza, mesmo as Reverendas Madres que se opunham a ela no Conselho, eram o derradeiro recurso da Bene Gesserit, a única coisa em que se poderia confiar.

Ainda sem olhar para cima, Taraza disse:

— Você sabe que, quando comparamos os milênios anteriores ao Tirano com aqueles depois de sua morte, o decréscimo do número de conflitos é fenomenal. Desde a época do Tirano que o número de grandes guerras se reduziu a dois por cento do que era antes.

— Até onde sabemos — comentou Odrade.

Os olhos de Taraza voltaram-se para cima e depois para baixo.

— O quê?

— Não temos meios de avaliar quantas guerras se travaram fora de nossa percepção. Tem estatísticas referentes ao povo da dispersão?

— E claro que não!

— Leto nos domesticou. É isso que está dizendo? — perguntou Odrade.

— Se prefere colocar desse modo.

Taraza inseriu um marco em alguma coisa que viu na exposição de dados.

— Não acha que parte do crédito deve ir para nosso amado Bashar Miles Teg? — perguntou Odrade. — Ou seus talentosos predecessores?

Nós escolhemos aquela gente.

— Não percebo a pertinência desta discussão marcial — observou Odrade. — Que tem isso a ver com nosso problema atual?

— Existem aqueles que acreditam poder reverter às condições anteriores ao Tirano com um perverso golpe armado.

— Oh?

Odrade comprimiu os lábios.

— Vários grupos entre os Perdidos que retornam estão vendendo armas a qualquer um que queira ou possa comprar.

— Especificamente?

— Armas sofisticadas estão sendo derramadas em Gammu, e há poucas dúvidas de que os Tleilaxu estão armazenando as mais perigosas.

Taraza inclinou-se para trás, massageando as têmporas. Ela falou em voz baixa, quase meditativa.

— Nós julgamos tomar decisões importantes partindo dos princípios mais elevados.

Odrade também já vira isso antes, e disse:

— Será que a Madre Superiora tem dúvidas quanto à integridade e ao caráter justo da Bene Gesserit?

— Dúvidas? Oh, não. Mas tenho sentido frustrações. Nós trabalhamos durante toda a vida por esses objetivos altamente sofisticados e, no fim, que é que descobrimos? Descobrimos que muitas das coisas às quais dedicamos nossas vidas surgiram de decisões mesquinhas. Suas origens podem ser traçadas até uma necessidade de conforto e conveniência pessoal, e nada têm a ver com nossos ideais mais elevados. O que realmente estava em jogo era algum acordo funcional para satisfazer as necessidades daquelas capazes de tomar decisões.

— Já a ouvi chamar isso de necessidade política — disse Odrade. Taraza falou com um rígido controle, enquanto voltava sua atenção para a exposição de dados diante dela.

— Se nos tornarmos institucionalizadas em nossos julgamentos, com certeza vamos extinguir a Bene Gesserit.

— Não vai encontrar decisões mesquinhas em minha biografia — disse Odrade.

— Busco fontes de fraquezas, falhas.

— Também não vai encontrá-las.

Taraza ocultou o sorriso. Reconhecia a observação egocêntrica como um meio pelo qual Odrade provocava a Madre Superiora. Odrade era muito eficiente em simular impaciência quando na verdade se encontrava suspensa no fluxo da paciência, imune ao tempo.

Como Taraza não engoliu a isca, Odrade reassumiu sua calma expectativa — respiração tranquilamente firme. A paciência vinha quando não se pensava muito nela. Há muito tempo a Irmandade lhe ensinara a dividir passado e presente em fluxos simultâneos. Enquanto observava as cercanias imediatas, podia captar fragmentos, trechos de seu passado e viver através deles como se estivessem se movendo numa tela sobreposta ao presente.

“Trabalho de memória”, pensou Odrade. Coisas necessárias para se revigorar a mente e repousar, removendo as barreiras. E quando tudo mais parecesse desanimador, ainda lhe restaria sua infância complexa.

Houvera um tempo em que Odrade tinha vivido como vivia a maioria das crianças. Em uma casa, na companhia de um homem e de uma mulher que, se não eram seus pais, pelo menos agiam como tal. Todas as outras crianças que conhecia viviam em situações similares. Elas tinham mães e pais. As vezes apenas o pai trabalhava longe de casa. Outras vezes era apenas a mãe que ia trabalhar. No caso de Odrade, somente a mulher permanecia em casa, e nenhuma babá de creche cuidava da criança nas horas de trabalho. Muito tempo depois Odrade descobriu que sua verdadeira mãe tinha pago uma grande soma em dinheiro para que a menina fosse oculta desse modo.

— Ela a escondeu conosco porque a amava muito — explicou a mulher quando Odrade ficou suficientemente crescida para entender. — É por isso que nunca deve revelar que não somos seus verdadeiros pais.

O amor nada tinha ver com isso, Odrade descobriu depois. As Reverendas Madres não agiam por motivos tão mundanos. E a mãe de Odrade fora uma Bene Gesserit.

Tudo isso foi revelado a Odrade de acordo com o plano original: seu nome era Odrade. Darwi era o nome pelo qual ela sempre fora chamada quando a pessoa que chamava não estava sendo afetuosa ou zangada. Os jovens amigos sempre encurtavam para Dar.

Nem tudo, entretanto, correra de acordo com o plano original. Odrade lembrava-se de um leito estreito, num quarto colorido por pinturas de animais e de paisagens imaginárias nas paredes de um azul suave. Cortinas brancas tremulavam nas janelas ante a brisa suave da primavera ou do verão. Odrade lembrava-se de pular na cama estreita — uma brincadeira maravilhosamente feliz: para cima e para baixo, para cima e para baixo. Muito riso. Braços agarrando-a no meio de um pulo e a abraçando. Havia os braços de um homem: rosto redondo com um pequeno bigode que lhe fazia cócegas e ela ria. A cama batia na parede quando ela saltava e a parede já mostrava marcas desse movimento.

Odrade pensava nessas memórias agora, relutante em abandoná-las no poço da racionalidade. Marcas em uma parede. Marcas de alegria e de risos. Como podiam ser tão pequenas e representar tanto...

Estranho como se via pensando cada vez mais em seu pai nesses dias. Nem todas as memórias eram felizes. Havia ocasiões em que ele estivera triste e furioso, advertindo a mãe para “não se envolver demais”. Tinha um rosto que refletia muitas frustrações. Sua voz era alta quando ele estava furioso, e a mãe se

movia suavemente, os olhos cheios de preocupação. Odrade sentia o medo e a preocupação e ficava com raiva do homem. A mulher sabia muito bem como lidar com ele. Beijava-lhe a nuca, acariciava-lhe a face e sussurrava em seu ouvido.

Essas emoções "naturais" tinham exigido os cuidados de uma analista-inspetora Bene Gesserit trabalhando muito com Odrade até que tais lembranças fossem exorcizadas. Ainda assim, restavam detritos para serem apanhados e jogados fora. Mesmo agora Odrade sabia que nem tudo se fora.

Percebendo o modo como Taraza estudava o registro biográfico com muito cuidado, Odrade perguntou-se se essa era a falha que a Madre Superiora estaria vendo.

"Certamente elas já sabem que posso enfrentar as emoções daqueles tempos."

Tudo acontecera muito tempo atrás. E ainda assim ela admitia que as lembranças do homem e da mulher se encontravam dentro dela, unidas por uma força que nunca poderia ser apagada inteiramente. Especialmente a mãe.

A Reverenda Madre em apuros, que dera à luz Odrade, colocara-a em tal refúgio por motivos que ela agora compreendia demasiado bem. Odrade não tinha ressentimentos, sabia que isso fora necessário para a sobrevivência de ambas. Os problemas tinham surgido pelo fato de a mãe adotiva ter-lhe dado algo que a maioria das mães dá a seus filhos, algo de que a Irmandade tanto desconfiava — amor.

Quando chegaram as Reverendas Madres, a mãe adotiva não se opusera à retirada de sua filha. Duas Reverendas Madres apareceram com um contingente de inspetores masculinos e femininos. Depois Odrade levou um longo tempo tentando entender o significado daquele momento de separação. A mulher sabia que o dia da partida iria chegar, era apenas questão de tempo. Ainda assim, enquanto os dias se tornavam anos — quase seis anos padrão —, a mulher se atreveu a ter esperanças.

E então as Reverendas Madres chegaram com seus corpulentos ajudantes. Elas só haviam esperado até que fosse seguro, até estarem certas de que nenhum caçador soubesse que essa era uma Bene Gesserit preparada para ser herdeira dos Atreides.

Odrade viu um bocado de dinheiro ser entregue à mãe adotiva. A mulher jogou o dinheiro no chão, mas não verbalizou nenhum protesto. Os adultos em cena sabiam onde se encontrava o poder.

Relembrando essas emoções comprimidas, Odrade ainda podia ver a mulher caminhar para uma cadeira de balanço que ficava junto a uma janela voltada para a rua e ficar se balançando para a frente e para trás, para a frente e

para trás. Nenhum som partiu dela.

As Reverendas Madres usaram a Voz e seus muitos truques, mais a fumaça de ervas atordoantes e sua presença dominadora, a fim de atrair Odrade para o carro de solo que esperava.

— Vai ser só por pouco tempo. Sua verdadeira mãe nos enviou.

Odrade percebia as mentiras, mas a curiosidade a compelia. “Minha verdadeira mãe!”

Sua última visão da mulher que para ela representara a mãe foi aquela figura na janela, oscilando para a frente e para trás, um olhar de tristeza no rosto e os braços envolvendo o corpo.

Mais tarde, sempre que Odrade falava em retornar para aquela mulher, essa visão-memória incorporava-se a uma lição essencial das Bene Gesserit.

“O amor leva ao sofrimento. O amor é uma força muito antiga, que já serviu ao seu propósito em sua época, mas hoje não é mais essencial à sobrevivência da espécie. Lembre-se do erro daquela mulher, da dor que ela sofreu.”

Até bem depois de sua adolescência, Odrade se ajustava sonhando acordada. Ela voltaria “realmente” depois que fosse uma Reverenda Madre plena. Voltaria e reencontraria aquela mulher adorável, descobriria seu paradeiro, muito embora não lhe conhecesse outro nome que não “mamãe” ou “Sibia”. Odrade lembrava-se do riso de amigos adultos quando chamavam a mulher de “Sibia”.

“Mamãe Sibia.”

As Irmãs, contudo, detectaram os devaneios e encontraram sua fonte. E isto também foi incorporado a uma lição.

“O devaneio é a primeira manifestação daquilo que chamamos de simulfluxo. Trata-se de uma ferramenta essencial ao pensamento racional. Com ele você pode clarear a mente para pensar melhor.”

“Simulfluxo”

Odrade focalizou sua atenção em Taraza, diante da mesa na sala matinal. Os traumas de infância devem ser colocados cuidadosamente dentro de um lugar-memória reconstruído. Tudo isso estava bem distante de Gammu, o planeta que o povo de Dan tinha reconstruído após os Tempos da Fome e da Dispersão. O povo de Dan — Caladan em outras épocas. Odrade apegou-se firmemente ao pensamento racional, usando a visão das Outras Memórias que haviam fluído em sua consciência durante a agonia da especiaria. Quando ela se tornara uma Reverenda Madre plena.

“Simulfluxo... o filtro da consciência... Outras memórias”

Que ferramentas poderosas a Irmandade lhe dera. E que ferramentas

perigosas. Todas aquelas outras vidas encontravam-se logo além da cortina da consciência. Ferramentas de sobrevivência; não meios de satisfazer uma curiosidade casual.

Taraza falou, traduzindo o material escrito que fluía de baixo para cima diante de seus olhos:

— Você pesquisou muito suas Outras Memórias. Isso consome energias que deviam ser conservadas. — Os olhos de azul total da Madre Superiora fitaram Odrade de baixo para cima de modo penetrante. — Você algumas vezes atinge os limites da tolerância carnal. Isso pode levar à morte prematura.

— Sou cuidadosa com a especiaria, Madre.

— E deve ser mesmo! O corpo só pode suportar certa quantidade de melange. Somente um certo limite de sondagem sobre o seu passado!

— Encontrou minha falha? — perguntou Odrade.

— Gammu! Uma única palavra contendo todo um discurso.

Odrade sabia. O inevitável trauma de todos aqueles anos perdidos em Gammu. Eles eram uma distração que devia ser arrancada e tornada racionalmente aceitável.

— Mas estou sendo enviada para Rakis — disse Odrade

— Percebo que lembra os aforismos da moderação. Lembre-se de quem você é!

Uma vez mais Taraza curvou-se sobre sua exposição de dados.

“Eu sou Odrade”, pensou Odrade.

Nas escolas Bene Gesserit, onde os primeiros nomes tendiam a ser esquecidos, as listas de chamadas eram feitas sempre com o último nome. Amigas e conhecidas adquiriam o hábito de usar o nome da lista de chamada. E aprendiam cedo que compartilhar segredos ou nomes pessoais era um antigo instrumento para se conquistar a afeição de uma pessoa.

Taraza, três classes à frente de Odrade, recebera a incumbência de “conduzir a menina”, uma associação deliberada da parte das mestras vigilantes.

“Conduzir” significava ter certo domínio sobre a mais jovem, mas também incorporava princípios essenciais que seriam mais bem ensinados por uma pessoa de relacionamento mais íntimo. Taraza, tendo acesso aos relatórios pessoais sobre sua recruta, começou a chamar a jovem de “Dar”. Odrade respondia chamando Taraza de “Tar”. Os dois nomes adquiriram certa permanência — Dar e Tar. Mesmo depois que as Reverendas Madres os tinham ouvido e censurado, elas ocasionalmente recaíam no erro, às vezes apenas pelo divertimento.

Odrade, agora olhando para Taraza, disse:

— Dar e Tar.

Um sorriso tocou as extremidades da boca de Taraza.

— Que é que existe em meus registros que você já não conhece de sobra? — perguntou Odrade.

Taraza apoiou-se no recosto do assento e esperou que a cadeira se ajustasse na nova posição. Repousou as mãos unidas sobre o topo da mesa e olhou para a mulher mais jovem.

“Não muito mais jovem, realmente”, pensou Taraza.

Desde a escola que Taraza achava Odrade completamente afastada num grupo etário mais jovem, criando uma brecha que a passagem dos anos não poderia fechar.

— Cuidado com o começo, Dar — disse Taraza.

— Este projeto já passou do inicio há muito tempo — respondeu Odrade.

— Mas sua participação nele começa agora. E nós estamos nos lançando num princípio que nunca antes foi tentado.

— Devo conhecer agora todos os planos para o ghola?

— Não.

Era assim. Toda evidência de uma disputa nos altos escalões e do princípio da “necessidade de conhecer” resumidos numa única palavra. Mas Odrade entendia. Havia uma rubrica organizacional, estabelecida pela Irmandade original da Bene Gesserit, que tinha permanecido, com apenas algumas pequenas mudanças, durante milênios. As divisões dentro da Bene Gesserit eram marcadas por barreiras verticais e horizontais muito bem definidas, dividindo grupos isolados que convergiam para um único comando somente, no topo. Deveres (também chamados “tarefas consignadas”) eram realizados dentro de células distintas. As participantes ativas dentro de uma célula não conheciam suas equivalentes dentro de células paralelas.

“Mas eu sei que a Reverenda Madre Lucilla se encontra numa célula paralela”, pensou Odrade. “Essa é uma resposta lógica.”

Ela conhecia a necessidade disso. Era um modelo muito antigo, copiado de sociedades secretas revolucionárias. E a Bene Gesserit sempre vira a si mesma como revolucionária permanente, envolvida numa revolução que fora sufocada apenas na época do Tirano, Leto II.

“Sufocada, mas não extinta ou desviada”, Odrade lembrou a si mesma.

Diga-me se, naquilo que está a ponto de fazer — disse Taraza —, você sente algum perigo imediato para a Irmandade.

Essa era uma das demandas peculiares de Taraza, algo que Odrade aprendera a responder a partir de um instinto não-verbalizável que comandava a formação das palavras. Rapidamente ela disse:

— Pior será se deixarmos de agir.

— Nós deduzimos que haveria perigo — disse Taraza, falando numa voz seca e distante.

Taraza não gostava de invocar esse talento de Odrade A mulher mais jovem possuía um instinto presciente para detectar ameaças à Irmandade. Algo que vinha de uma influência descontrolada em sua linha genética, é claro — dos Atreides com seus perigosos talentos. Havia uma observação especial no arquivo de procriação de Odrade: “Exame cuidadoso de toda a prole.” E dois elementos dessa prole já tinham sido secretamente condenados à morte,

“Eu não devia ter despertado o talento de Odrade agora, nem mesmo por um momento”, pensou Taraza. Mas às vezes a tentação era demasiado grande.

Taraza fechou o projetor no tampo da mesa e olhou para a superfície vazia enquanto falava:

— Mesmo que você encontre um companheiro perfeito, não deve procriar sem nossa permissão quando estiver afastada da Irmandade.

— O erro de minha mãe natural — disse Odrade.

— O erro de sua mãe natural foi ser reconhecida enquanto estava procriando!

Odrade já ouvira isso antes. Havia aquele detalhe quanto à linhagem Atreides que exigia a mais cuidadosa atenção pelas mulheres no ato de procriação. O talento selvagem, é claro. Ela sabia tudo a respeito desse talento, a força genética que tinha produzido o Kwisatz Haderach e o Tirano. Que é que as encarregadas da procriação estariam vendo agora? Seria a abordagem delas, na maior parte, negativa? Nada de nascimentos perigosos! Ela nunca vira seus bebês depois de nascidos, algo que não era necessariamente extraordinário no caso da Irmandade. E nunca pudera examinar os registros genéticos em seu próprio arquivo. Nisso também a Irmandade operava com uma separação cuidadosa dos elementos e dos poderes.

“E aquelas proibições anteriores em minhas Outras Memórias!”

Encontrara os espaços em suas memórias e os abrira à observação. Era provável que apenas Taraza e talvez duas outras conselheiras (Bellonda era a mais provável, além de outra Reverenda Madre, ainda mais velha) compartilhassem do acesso mais sensível a tal informação sobre nascimentos.

Teriam Taraza e as outras feito o juramento de que morreriam antes de revelar informações privilegiadas a um estranho? Havia, afinal de contas, um preciso ritual de sucessão caso uma Reverenda Madre num posto-chave morresse longe de suas Irmãs e sem qualquer chance de passar as vidas guardadas dentro de si. O ritual fora usado muitas vezes durante o reinado do Tirano. Um período terrível! Saber que as células revolucionárias da Irmandade lhe eram transparentes a ele! Ao monstro! Ela sabia que suas irmãs nunca se

haviam iludido em relação ao fato de que a única coisa que impedira Leto II de destruir a Bene Gesserit fora algum tipo de profunda lealdade à sua avó, Lady Jessica.

“Você está ai, Jessica?”

Odrade sentiu uma comoção bem longe dentro de si. O fracasso de uma Reverenda Madre: “Ela se deixou apaixonar!” Uma coisa tão pequena, mas que consequências imensas! Três mil e quinhentos anos de tirania!

O Caminho Dourado Infinito? E quanto aos megatrilhões perdidos na Dispersão? Que ameaça representaria agora o retorno desses perdidos?

Como se lesse a mente de Odrade, algo que às vezes parecia fazer, Taraza disse:

— Os Perdidos estão lá fora, só esperando para atacar. Odrade já tinha ouvido a argumentação: perigo de um lado e do outro, algo magneticamente atraente. Tantos desconhecidos magníficos. A Irmandade, com seus talentos aperfeiçoados por milênios de uso da melange — que não poderia fazer com tamanho potencial humano ainda intocado? Pense nos incontáveis genes flutuando lá fora! Pense nos talentos em potencial, derivando livres em universos onde poderiam perder-se para sempre.

— E o desconhecido que conjura os maiores terrores — disse Odrade.

— E as maiores ambições — replicou Taraza.

— Então deverei seguir para Rakis?

— Na devida ocasião. Eu a considero adequada para a tarefa.

— Do contrário não me teria escolhido.

Era uma antiga discussão entre elas, que recuava no passado até o tempo da escola. Taraza percebia, entretanto, que não fora levada a essa troca de palavras conscientemente. Muitas memórias as uniam: Dar e Tar. Teria de ter cuidado com isso!

— Lembre-se de onde estão as suas lealdades — disse Taraza.

3

A existência das não-naves traz consigo a possibilidade de destruir planetas inteiros sem medo de retaliação. Um grande objeto, um asteróide ou equivalente, pode ser lançado de encontro ao planeta. Ou as pessoas podem ser atiradas umas contra as outras por meio de subversão sexual, e então armadas de modo a que se destruam. Essas Honradas Madres parecem inclinadas a empregar essa última técnica.

— Análise da Bene Gesserit

De sua posição no pátio, e mesmo quando não aparentava fazê-lo, Duncan Idaho mantinha a atenção voltada para os observadores acima dele. Lá estava Patrin, é claro, mas Patrin não contava. Eram as Reverendas Madres que mereciam sua atenção. Vendo Lucilla, pensou: "Essa aí é nova." O pensamento fez uma onda de excitação percorrer-lhe o corpo, algo que ele aproveitou em novos exercícios.

Completou os três primeiros padrões do jogo de treinamento que Miles Teg tinha ordenado, vagamente consciente de que Patrin relataria quão bem ele se saíra. Duncan gostava de Teg e do velho Patrin, percebendo que o sentimento era recíproco. Essa nova Reverenda Madre, entretanto... sua presença sugeria mudanças interessantes. De um lado, ela era mais jovem que as outras. E a recém-chegada não tentava ocultar os olhos, que constituíam o primeiro indício de sua adesão à Bene Gesserit. Seu primeiro vislumbre de Schwangyu confrontara-o com olhos ocultos atrás de lentes de contato que simulavam as pupilas e as vistas levemente avermelhadas de uma não-adepta da especiaria. Também ouvira uma das acólitas do Castelo dizer que as lentes de Schwangyu corrigiam igualmente uma "fraqueza astigmática" que fora aceita em sua linhagem como um preço razoável em troca de outras qualidades que ela transmitia à sua prole.

Na ocasião, a maior parte dessa observação fora ininteligível para o Duncan, mas ele procurara as referências na biblioteca do Castelo, referências escassas e altamente limitadas em conteúdo. Schwangyu em pessoa esquivara-se de todas as suas perguntas a respeito, e o comportamento subsequente de suas professoras lhe dissera que ela ficara furiosa. Tipicamente, descarregara a raiva

nas outras.

O que realmente a perturbara fora sua indagação quanto a se ela era sua mãe.

Há muito tempo que Duncan sabia ser uma pessoa especial. Havia lugares, nas rebuscadas dependências desse Castelo Bene Gesserit, onde sua entrada não era permitida. Ele encontrara meios particulares de superar tais proibições. Muitas vezes olhara através de janelas abertas para os guardas e as extensões de campo desflorestado que podiam ser cobertas pelo fogo de torretas estrategicamente posicionadas. O próprio Miles Teg lhe ensinara a importância do fogo de cobertura.

Gammu, era como agora chamavam o planeta. Já fora conhecido como Giedi Prime, mas alguém chamado Gurney Halleck havia mudado isso. Era tudo história antiga. Coisa chata. Ainda permanecia um leve cheiro de óleo, da sujeira que cobrira o planeta em seus dias pré-danianos. Milênios de plantações especiais estavam mudando isso, tinham-lhe explicado seus professores. Do Castelo podia ver parte disso. Florestas de coníferas e outras árvores os envolviam ali.

Ainda vigiando secretamente as duas Reverendas Madres, Duncan deu uma série de cambalhotas, flexionando os músculos enquanto se movia exatamente do modo como Teg lhe havia ensinado.

Teg também o instruíra quanto às defesas planetárias. Gammu era cercado por monitores orbitais, cujos tripulantes não podiam levar suas famílias a bordo. As famílias permaneciam em Gammu, reféns para garantir a vigilância dos guardiães orbitais. Em algum ponto entre as naves no espaço, haveria "não-naves" indetectáveis cujas tripulações eram compostas inteiramente por gente dos Bashar e Irmãs Bene Gesserit.

Eu não assumiria esta incumbência sem completo controle de todas as posições defensivas — explicara Teg.

Duncan percebia que ele era a "incumbência". O Castelo existia para protegê-lo. Os monitores orbitais de Teg, inclusive as não-naves, protegiam o Castelo.

Era tudo parte de uma educação militar cujos elementos Duncan agora achava familiares. Aprendendo a defender um planeta, aparentemente vulnerável, de ataques vindos do espaço, ele sabia quando essas defesas estavam corretamente posicionadas. O todo era extremamente complexo, mas os elementos podiam ser identificados e entendidos. Havia por exemplo a monitoração constante da atmosfera e do soro sanguíneo dos habitantes de Gammu. Médicos Suk, pagos pela Bene Gesserit, estavam em toda parta.

— Doenças são armas — dissera Teg. — Nossas defesas contra doenças

devem ser bem preparadas.

Frequentemente Teg chamava a atenção contra defesas passivas. Ele as chamava de “produtos de uma mentalidade de cerco capaz de criar fraquezas mortais”.

Quando chegava a hora das instruções militares de Teg, Duncan ouvia com atenção. Patrin e os registros da biblioteca confirmavam que o Bashar Mentat Miles Teg fora um famoso líder militar da Bene Gesserit. Patrin frequentemente fazia referências ao tempo em que serviam juntos, e Teg sempre aparecia como herói nos relatos.

— A mobilidade é a chave do êxito militar — dissera Teg. — Se você está preso num forte, mesmo que seja um forte do tamanho de um planeta, você está sempre vulnerável, em última análise.

Teg não se importava muito com Gammu.

— Percebo que você já sabe que este lugar foi um dia chamado de Giedi Prime. Os Harkonnen, que governavam o planeta, ensinaram-nos algumas coisas. Nós temos uma idéia melhor, graças a eles, de como os homens podem ser terrivelmente brutais.

Lembrando-se disso, Duncan percebeu que as duas Reverendas Madres a observá-lo do parapeito obviamente estavam falando a seu respeito.

“Serei a incumbência dessa que chegou?”

Duncan não gostava de ser observado e esperava que a recém-chegada lhe desse algum tempo. Ela não parecia ser rígida. Não era como Schwangyu.

Enquanto continuava a fazer seus exercícios, Duncan os ritmava de acordo com sua litania particular. “Maldita Schwangyu! Maldita Schwangyu!”

Ele odiava Schwangyu desde os nove anos de idade — fazia quatro anos agora. Ela não conhecia o seu ódio, pensou. Provavelmente já tinha esquecido tudo sobre o incidente que incendiara aquele ódio dentro dele.

Ele mal completara nove anos no dia em que conseguira esgueirar-se pela guarda interna e atingir um túnel que conduzia a uma das casamatas de defesa. O túnel cheirava a mofo, tinha luzes baças e muita umidade. Ele olhou através das fendas para pontaria de armas antes de ser descoberto e mandado de volta ao Castelo.

A escapada provocou um severo sermão da parte de Schwangyu, uma figura distante e ameaçadora cujas ordens deviam ser obedecidas. Era assim que ele ainda pensava nela, embora tivesse aprendido desde então a respeito da Voz de Comando da Bene Gesserit, aquela sutileza vocal que podia dobrar a vontade de um ouvinte destreinado.

“Ela deve ser obedecida”

— Você fez com que toda a guarda seja punida — disse Schwangyu.

— E eles o serão severamente.

Essa fora a parte mais terrível do sermão. Duncan gostava de determinados guardas e ocasionalmente atraía alguns deles para uma brincadeira de verdade, com muitos risos e quedas. Dessa vez sua brincadeira de escapar até a casamata tinha magoado seus amigos.

Duncan sabia quem devia ser punido.

“Maldita Schwangyu! Maldita Schwangyu!”

Depois do sermão de Schwangyu, Duncan correu para junto de sua instrutora-chefe, naquela ocasião a Reverenda Madre Tamalane, outra das velhas sábias com modos frios e distantes, cabelo cor de neve sobre uma face estreita, de pele coriácea. Ele exigiu que Tamalane lhe dissesse como os guardas iam ser punidos. Tamalane ficou surpreendentemente pensativa, a voz como areia raspando em madeira.

— Punições? Bem, bem...

Os dois encontravam-se na pequena sala de aulas junto à grande área de exercícios de solo aonde Tamalane ia todas as noites a fim de preparar as lições do dia seguinte. Era um lugar cheio de leitores de bolha e de carretel, além de outros meios igualmente sofisticados de armazenagem e recuperação de informações. Duncan gostava mais dali do que da biblioteca, mas não tinha permissão de entrar na sala de aulas sem estar acompanhado. Era um lugar brilhante, inundado pela luz de muitos globos luminosos flutuando em suspensores. Ante sua intrusão, Tamalane voltou-se de onde colocara sua lições.

— Existe sempre algo análogo a um banquete de sacrifício em nossas grandes punições — ela disse. — Os guardas, é claro, receberão uma grande punição.

— Banquete?

Duncan estava intrigado.

Tamalane virou-se completamente em sua cadeira giratória, olhando diretamente nos olhos dele. Seus dentes de aço brilharam como luzes brilhantes.

— A história raramente tem sido misericordiosa com aqueles que devem ser punidos — disse ela.

Duncan estremeceu ante a palavra “história”. Esse era um dos sinais de Tamalane. Ela ia ensinar-lhe uma lição, outra lição aborrecida.

— As punições da Bene Gesserit não podem ser esquecidas.

Duncan prestou atenção na boca murcha de Tamalane, sentindo imediatamente que ela falava a partir de uma dolorosa experiência pessoal. Ia aprender alguma coisa interessante.

— Nossas punições carregam consigo uma lição inescapável — disse Tamalane — É algo pior do que a dor.

Duncan sentou-se no piso diante dos pés dela. Do seu ângulo de visão, Tamalane era uma figura sinistra, envolta em panos negros.

— Nós não punimos com a agonia final. Esta fica reservada para a Reverenda Madre em sua passagem no ritual da especiaria.

Duncan assentiu com a cabeça. Os registros da biblioteca referiam-se à “agonia da especiaria”, misteriosa provação que criava uma Reverenda Madre.

— As grandes punições são dolorosas, não obstante — ela disse — São também emocionalmente dolorosas. A emoção despertada pela punição é sempre aquela que julgamos ser a maior fraqueza do punido. Desse modo, nós tornamos mais forte o penitente.

As palavras enchiam Duncan de um temor não compreendido. Que estariam fazendo com seus guardas? Ele não conseguia perguntar nada mas isso não era necessário. Tamalane ainda não terminara.

— A punição sempre termina com uma sobremesa — disse ela. e bateu com as mãos sobre os joelhos.

Duncan franziu a testa. Uma sobremesa? Isso era parte de um banquete. Como é que um banquete podia ser uma punição?

— Não é realmente um banquete e sim a idéia de banquete explicou Tamalane, enquanto uma mão semelhante a uma garra descrevia um círculo no ar. — Então vem a sobremesa, alguma coisa inteiramente inesperada. E o punido pensa: Ah, fui perdoado afinal! Está compreendendo?

Duncan sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Não, ele não compreendia.

— E a suavidade do momento — ela disse. — Você passou por cada um dos pratos desse doloroso banquete e afinal chegou a uma coisa que é possível de ser saboreada. Mas quando você a saboreia... aí é que vem o momento mais doloroso de todos, o reconhecimento, a compreensão de que não existe prazer no final. Não, realmente não. E essa é a dor maior da grande punição. Ela grava a lição da Bene Gesserit.

— Mas que é que ela vai fazer com aqueles guardas?

As palavras foram arrancadas do Duncan.

— Não posso dizer quais serão os elementos específicos de cada punição. Não preciso conhecê-los. Só posso dizer-lhe que serão diferentes para cada um deles.

Tamalane não diria mais nada. Voltou à elaboração das lições do dia seguinte.

— Nós nos veremos amanhã — ela disse. — Estarei lhe ensinando a identificar as fontes dos vários sotaques do Galach falado.

Ninguém mais, nem mesmo Teg ou Patrin, responderia suas perguntas a

respeito das punições. Mesmo os guardas, quando os viu posteriormente, recusavam-se a falar de suas provações. Alguns reagiam bruscamente a suas indagações e nenhum voltaria a brincar com ele. Não havia esquecimento entre os punidos. Isso era bem claro.

“Maldita Schwangyu! Maldita Schwangyu”

Então começara seu profundo ódio por ela. E todas as bruxas velhas eram objeto desse ódio. Será que aquela jovem recém chegada seria igual às outras?

“Maldita Schwangyu!”

Quando ele exigiu que Schwangyu lhe dissesse o que fizera para puni-los, ela levou algum tempo para responder e então disse:

— É perigoso para você aqui em Gammu. Existem pessoas que desejam feri-lo.

Duncan não perguntou por quê. Essa era outra área do conhecimento em que suas perguntas nunca recebiam respostas. Nem mesmo Teg responderia, embora a presença de Teg enfatizasse a realidade desse perigo.

E Miles Teg era um Mentat que devia conhecer muitas respostas. Duncan frequentemente notava como os olhos do homem brilhavam enquanto seus pensamentos se perdiam em lugares distantes. Mas não havia uma resposta Mentat a perguntas como.

— Por que estamos aqui em Gammu?

— Contra quem você me guarda? Quem deseja me ferir?

— Quem são meus pais?

O silêncio era a resposta a essas perguntas, ou algumas vezes Teg resmungaria:

— Eu não lhe posso responder.

A biblioteca era inútil. Ele descobrira isso quando tinha apenas oito anos e seu instrutor era uma Reverenda Madre que fracassara, chamada Luran Geasa — não tão velha quanto Schwangyu, mas bem adiantada nos anos, com mais de 100 de idade, de qualquer modo.

A seu pedido, a biblioteca lhe forneceria informações sobre Gammu, Giedi Prime, os Harkonnen e sua queda, e vários conflitos em que Teg atuara como comandante. Nenhuma dessas batalhas se revelara muito sangrenta; vários comentaristas referiam-se à “soberba diplomacia” de Teg. Apesar disso, uma informação levando a outra, Duncan aprendeu sobre a era do Imperador Deus e de como sua gente fora pacificada. Esse período atraiu a atenção de Duncan durante semanas. Ele encontrou um velho mapa em meio aos registros e o projetou na parede focalizadora. As superimposições do comentarista disseram-lhe que o Castelo fora um Posto de Comando das Oradoras Peixes abandonado durante a Dispersão.

“Oradoras Peixes!”

Duncan desejava ter vivido na época delas, servindo como um dos raros assessores masculinos no exército de mulheres que adoravam o grande Imperador-Deus.

“Ah, ter vivido em Rakis naqueles dias!”

Teg era surpreendentemente solícito no que se referia ao Imperador-Deus, chamando-o sempre de “o Tirano”. Um cofre da biblioteca foi aberto e informações sobre Rakis derramaram-se em cima de Duncan.

— Será que verei Rakis algum dia? — perguntou ele a Geasa.

— Você está sendo preparado para viver lá.

A resposta o surpreendeu. Tudo que lhe haviam ensinado a respeito daquele planeta distante assumiu novo significado em sua mente.

— Por que devo viver lá?

— Não posso responder.

Com renovado interesse, ele voltou aos seus estudos sobre aquele misterioso planeta e sua miserável Igreja do Shai-hulud, o Deus Dividido. “Vermes.” O Imperador-Deus transformara-se em um daqueles vermes! A idéia enchia Duncan de espanto. Talvez ali estivesse alguma coisa que valesse a pena adorar. O pensamento o sensibilizava. Que teria levado um homem a aceitar tão terrível metamorfose?

Duncan sabia o que seus guardas e os outros no Castelo pensavam a respeito de Rakis e do núcleo do clero que lá vivia. O riso e as zombarias diziam tudo. Teg disse:

— Provavelmente, nunca saberemos toda a verdade a esse respeito, mas eu lhe digo uma coisa, garoto, aquilo não é religião para um soldado.

Schwangyu acrescentou:

— Você vai aprender a respeito do Tirano, mas não deve acreditar em sua religião. Ela é inferior a você, é desprezível.

Em cada momento de folga dos estudos, Duncan curvava-se sobre o que a biblioteca lhe fornecia: o Livro Sagrado do Deus Dividido, a Bíblia da Guarda, a Bíblia Universal Laranja e mesmo os Apócrifos. Aprendeu a respeito do Bureau da Fé, há muito extinto, e sobre a “Pérola Que é o Sol da Compreensão”.

A própria idéia dos vermes o fascinava. Seu tamanho! Um dos maiores se estenderia de uma extremidade a outra do Castelo. Os homens haviam cavalgado os vermes pré-Tirano, mas agora o clero rakiano proibia isso.

Encontrou-se absorvido pelos relatos da equipe de arqueólogos que encontrara a primitiva não-câmara do Tirano. O lugar chamava-se Dar-es-Balat. O relatório do arqueólogo Hadi Benotto estava marcado: “Suprimido por ordem do clero rakiano”. O número de arquivos da Bene Gesserit a respeito era bem

grande e o que Benotto revelava era fascinante.

— Uma partícula da consciência do Imperador-Deus em cada verme? — perguntara ele a Geasa.

— Assim se costuma dizer. E, se for verdade, não se trata de uma consciência. O próprio Tirano disse que entraria num sonho interminável.

Cada sessão de estudo gerava uma palestra especial e explicações da Bene Gesserit a respeito de religião até que finalmente ele encontrou os relatos batizados “As Nove Filhas de Siona” e “Os Mil Filhos de Idaho”.

Confrontando Geasa, ele quis saber:

— Meu nome é Duncan Idaho. Que significa isso?

Geasa sempre se movia como se estivesse se abrigando à sombra do seu fracasso, a cabeça comprida inclinada para a frente, os olhos lacrimejantes apontados para o chão. A confrontação ocorreu perto do anoitecer, no longo salão ao lado da área de exercícios. Ela empalideceu ante a pergunta.

E, quando não respondeu, ele acrescentou:

— Sou descendente de Duncan Idaho?

— Você deve perguntar a Schwangyu.

Geasa falava como se as palavras lhe fossem dolorosas.

Era uma resposta familiar; e o enfureceu. Ela queria dizer que lhe contariam alguma coisa que o fizesse calar a boca, mas que em verdade nada lhe seria revelado. Schwangyu, entretanto, revelou-se mais aberta do que ele teria julgado possível.

— Você carrega o autêntico sangue de Duncan Idaho.

— Quem são meus pais?

— Já morreram há muito tempo.

— Como foi que morreram?

— Não sei. Nós o recebemos como órfão.

— Então por que existem pessoas que me querem fazer mal?

— Elas temem o que você pode fazer.

— E que é que eu posso fazer?

— Estude suas lições. Vai lhe parecer claro com o tempo.

“Cale a boca e estude!” Outra resposta familiar.

Obedeceu porque tinha aprendido a reconhecer quando as portas se fechavam para ele. Mas agora sua inteligência indagadora encontrava outros registros do Tempo da Fome e da Dispersão, as não-câmaras e não-naves que não poderiam ser rastreadas, nem mesmo pelas mais poderosas mentes prescientes deste universo. E ali encontrou o fato de que os descendentes de Duncan Idaho e de Siona, aqueles antigos que tinham servido ao Tirano Imperador Deus, também eram invisíveis aos profetas e prescientes. Nem

mesmo um Navegador da Corporação em profundo transe de melange podia detectar essa gente. Siona, os registros revelaram-lhe, fora uma Atreides de puro sangue e Duncan Idaho, um ghola.

“Ghola?”

Buscou na biblioteca significados para essa palavra peculiar. E a biblioteca não lhe deu mais do que definições simples: “Gholas: seres humanos produzidos a partir das células de um cadáver em tanques axlotl dos Tleilaxu.”

“Tanques axlotl?”

“Engenho Tleilaxu destinado a reproduzir seres humanos vivos a partir das células de um cadáver”

— Descreva um ghola — pediu ele.

“Carne inocente, desprovida das memórias do original. Ver tanques axlotl.”

Duncan aprendera a entender os silêncios, os espaços em branco naquilo que as pessoas do Castelo lhe revelavam. A compreensão propagou-se em sua mente. Ele sabia! Tinha só 10 anos e já sabia!

“Eu sou um ghola.”

Num fim de tarde na biblioteca, toda aquela maquinaria esotérica em torno dele se apagou num fundo sensorial, e um menino de 10 anos se sentou, silencioso, agarrado ao conhecimento de si mesmo.

“Eu sou um ghola!”

Não podia lembrar-se dos tanques axlotl onde suas células se haviam transformado em uma criança. Suas primeiras memórias eram de Geasa a erguê-lo do berço, um interesse alerta naqueles olhos de adulto que logo se transformou em cautela.

Era como se a informação a seu respeito, fornecida de modo tão relutante pela gente do Castelo e pelos registros, tivesse afinal definido uma forma central para si mesmo.

— Fale-me a respeito dos Bene Tleilax — pediu ele à biblioteca.

— Eles são um povo dividido entre Dançarinos Faciais e Mestres. Os Dançarinos Faciais são híbridos, estéreis e submissos aos Mestres.

“Por que eles fizeram isso comigo?”

A informação fornecida pelas máquinas da biblioteca era subitamente estranha e perigosa. Ele estava com medo, não de que suas perguntas pudessem encontrar mais espaços vazios, mas das respostas que poderia obter.

“Por que sou tão importante para Schwangyu e para os outros?” Sentia ter sido enganado, trapaceado até mesmo por Patrin e Miles Teg. Por que seria considerado justo tirar células de um ser humano e produzir um ghola?

Ele fez a pergunta seguinte com grande hesitação. Um ghola pode

lembrar-se de quem foi? Isso pode ser conseguido.

— Como?

— A identidade psicológica de um ghola em relação ao original preestabelece certas respostas que podem ser ativadas mediante um trauma.

Isso não era resposta!

— Mas como?

Schwangyu interferiu nesse ponto, entrando na biblioteca sem se fazer anunciar. Então, alguma coisa em suas perguntas tinha disparado um alerta para preveni-la!

— Tudo vai ficar claro para você no devido tempo — ela disse.

Tentou acalmá-lo, mas ele sentia a injustiça, a ausência de sinceridade. Alguma coisa em seu interior dizia-lhe que possuía mais sabedoria em sua identidade adormecida do que aqueles que se presumiam tão superiores. Seu ódio por Schwangyu atingiu novo cume de intensidade. Ela era a personificação de tudo aquilo que o incitava e depois lhe frustrava a curiosidade.

Agora, entretanto, sua imaginação estava em fogo. Iria recapturar suas memórias originais! Sentia a verdade dessa afirmativa. Lembrar-se-ia de seus pais, de sua família, de seus amigos... e de seus inimigos.

Provocou Schwangyu com isso:

— Vocês me criaram por causa de meus inimigos?

— Você já aprendeu a ficar em silêncio, criança. Use esse aprendizado.

“Muito bem. E assim que vou combater você, maldita Schwangyu. Vou ficar calado, mas vou continuar aprendendo. E vou mostrar como me sinto realmente.”

— Você sabe — acrescentou ela —, acho que estamos criando um estóico.

Ela ficava a dominá-lo com superioridade, e ele não aceitaria esse tipo de paternalismo. Combateria tudo isso com o silêncio e a vigilância. Saiu correndo da biblioteca e se refugiou em seu quarto.

Nos meses que se seguiram, muitas coisas confirmaram que ele era um ghola. Mesmo uma criança sabia quando as coisas ao seu redor eram extraordinárias. Ocasionalmente, podia observar outras crianças além dos muros, caminhando pela estrada do perímetro, rindo e gritando. Em sua biblioteca. encontrara descrições a respeito de crianças. Os adultos não se aproximavam das outras crianças para obrigá-las a se engajar num treinamento rigoroso do tipo que lhe era imposto. Outras crianças não tinham uma Reverenda Madre Schwangyu para ordenar cada pequeno aspecto de suas vidas.

Sua descoberta precipitou outra mudança na vida de Duncan. Luran Geasa foi afastada e não retornou.

“Ela não devia ter permitido que eu soubesse a respeito dos gholas.” A

verdade era, de algum modo, mais complexa, como Schwangyu explicou a Lucilla no parapeito de observação, no mesmo dia de sua chegada.

— Nós sabíamos que chegaria o momento inevitável. Ele aprendera a respeito dos gholas e faria perguntas incisivas.

— Estava mais do que na hora de uma Reverenda Madre cuidar de sua educação no dia-a-dia. Geasa pode ter sido uma má escolha.

— Está questionando meu julgamento? — retrucou Schwangyu.

— Será que o seu julgamento é tão perfeito que nunca pode ser questionado?

Na voz de contralto de Lucilla, a pergunta tinha o impacto de uma bofetada.

Schwangyu ficou em silêncio por quase um minuto. Depois disse:

— Geasa achava que o ghola era uma criança cativante. Ela chorou e disse que ia ter saudade dele.

— Será que não foi prevenida quanto a isso?

— Geasa não possui nosso treinamento.

— Por isso você a substituiu por Tamalane. Não conheço Tamalane, mas presumo que seja muito velha.

— Bastante.

— Qual foi a reação dele ante a retirada de Geasa?

— Perguntou para onde ela iria. Não respondemos.

— Como Tamalane se saiu?

— Em seu terceiro dia com ela, ele lhe disse muito calmamente: “Eu a odeio. E isso que esperam de mim?”

— Tão depressa!

— Agora mesmo ele está observando você e pensando: “Eu odeio Schwangyu. Será que vou ter que odiar essa aí?” Mas ele também deve estar pensando que você não é como as velhas bruxas. Você é jovem. E ele vai calcular que isso deve ser importante.

4

Os seres humanos vivem melhor quando cada um tem seu lugar para ficar, quando cada um conhece a sua posição num esquema de coisas e percebe os limites daquilo que pode conquistar. Destrua esse lugar e você destruirá a pessoa.

— Ensinamentos da Bene Gesserit

Miles Teg não queria essa missão em Gammu. Ser mestre de armas de uma criança ghola? Mesmo uma criança ghola como essa, com toda a história tecida em torno dela. Tratava-se de uma intrusão indesejável na bem-ordenada aposentadoria de Teg.

Mas ele tinha vivido toda a vida como um Mentat Militar sob as ordens da Bene Gesserit e não conseguiria computar um ato de desobediência.

“Quis custodiet ipsos custodiet?”

Quem deve guardar os guardiães? Quem cuida para que os guardiães não falhem?

Essa era uma pergunta que Teg tinha considerado cuidadosamente em muitas ocasiões. Ela formava um dos princípios básicos de sua lealdade à Bene Gesserit. Não importava o que se pudesse dizer a respeito da Irmandade, elas exibiam uma admirável constância de propósitos.

“Propósitos morais”, como Teg os rotulava.

O propósito moral da Bene Gesserit coincidia totalmente com os princípios de Teg. E o fato de tais princípios terem sido condicionados em sua mente pela própria Bene Gesserit não entrava em sua consideração. O pensamento racional, principalmente a racionalidade Mentat, não seria capaz de fazer outro julgamento.

Teg reduzia tudo à sua essência: se apenas uma pessoa seguisse tais princípios de orientação, esse seria um universo melhor. Não era jamais uma questão de justiça. A justiça exigia o recurso da lei, e esta podia ser uma amante volúvel, sempre sujeita aos caprichos e preconceitos de quem a administrasse. Não, era uma questão que envolvia o conceito de merecimento, algo que atingia um nível muito mais profundo. As pessoas que eram objeto de um julgamento deviam considerá-lo merecido.

Para Teg, declarações como “a letra da lei deve ser obedecida” eram perigosas para seus princípios de orientação. Ser justo exigia um tipo de acordo, uma constância previsível e, acima de tudo, uma lealdade sendo exercida para cima e para baixo ao longo da hierarquia. Uma liderança guiada por tais princípios não exigia controles externos. A pessoa cumpria seu dever porque essa era a coisa certa. E não obedecia por ser esse o comportamento “previsivelmente” correto, mas porque a certeza de estar fazendo uma coisa certa pertencia ao momento em que agia. Previsão e presciência nada tinham a ver com isso.

Teg conhecia a reputação dos Atreides no que se referia à presciência confiáveis, mas declarações proféticas não tinham lugar em seu universo. A pessoa aceitava o universo como o havia encontrado e aplicava os seus princípios onde podia. Ordens absolutas dentro da hierarquia eram sempre obedecidas. Não que Taraza tivesse feito da coisa uma ordem absoluta, mas as implicações estavam lá.

— Você é a pessoa perfeita para esta tarefa.

Ele tinha vivido uma vida muito longa, com muitos pontos altos, e se aposentara com honra. Teg sabia que estava velho, velho e lento, com todos os defeitos da idade esperando para traí-lo ali, bem nas fronteiras de sua consciência. Não obstante, o chamado do dever o animou mesmo enquanto ele dominava o desejo de dizer não.

O pedido viera da própria Taraza. A poderosa líder de todas (inclusive a Missionaria Protectiva) o tinha escolhido. Não apenas uma Reverenda Madre, mas a Reverenda Madre Superiora.

Taraza viera até seu retiro em Lernaeus. Era para ele uma honra que ela fizesse isso, e ela sabia. Apareceu em seu portão sem ser anunciada, acompanhada apenas por duas servas acólitas e uma pequena força de guardas, dos quais alguns rostos ele reconhecia. Teg em pessoa os tinha treinado. E a hora da chegada também fora interessante. De manhã cedo, logo depois do café. Ela conhecia o seus hábitos e certamente devia saber que ele estaria ainda mais alerta a essa hora. Queria que ele estivesse acordado e na plenitude de seu potencial.

Patrin, antigo ajudante-de-ordens de Teg, trouxe Taraza para o aposento da ala leste, lugar pequeno e elegante, somente com mobílias sólidas. Teg não gostava de cadeiras-cão nem de qualquer outro tipo de mobília viva. Patrin tinha uma aparência de aborrecimento estampada no rosto enquanto fazia a Madre Superiora, vestida de preto, entrar na sala. Teg reconheceu aquela expressão imediatamente. Para outras pessoas, a face longa e pálida de Patrin poderia, com as muitas rugas da idade, parecer uma máscara imutável. Mas ao olhar alerta de

Teg, o aprofundamento das rugas em torno da boca do homem e a expressão de seus velhos olhos só poderiam significar uma coisa: no caminho até aquela sala, Taraza lhe dissera algo que o tinha perturbado.

Portas de correr, bem altas e feitas de plaz pesado, emolduravam o cenário no lado ocidental da sala, um longo gramado em declive que descia até as árvores junto do rio. Taraza parou, dentro do aposento, para admirar a vista.

Sem que lhe pedissem, Teg apertou um botão. Cortinas deslizaram, tapando a paisagem, e globos luminosos se acenderam. A ação de Teg revelou a Taraza que ele tinha computado a necessidade de privacidade. Ele ainda enfatizou isso ao ordenar a Patrin:

— Por favor, cuide para que não sejamos perturbados.

— As ordens para a Fazenda do Sul, senhor — arriscou Patrin.

— Por favor, cuide delas você mesmo. Você e Firus sabem o que eu desejo.

Patrin fechou a porta um tanto bruscamente ao sair, pequeno sinal que revelava muito para Teg.

Taraza deu um passo para dentro do aposento e o examinou.

— Verde-limão — ela disse. — Uma de minhas cores favoritas. Sua mãe tinha um gosto excelente.

Teg animou-se com a observação. Tinha profunda afeição por esse prédio e por essa terra. Sua família vivera ali durante apenas três gerações, mas tinha deixado sua marca no lugar. E o toque de sua mãe não fora realmente alterado em muitos dos aposentos.

— E seguro amar a terra e os lugares — disse ele.

— Gostei particularmente dos tapetes laranja-escuros no salão e do vitral colorido acima da porta de entrada — disse Taraza. — Aquele vitral é uma verdadeira antiguidade, tenho certeza.

A senhora não veio até aqui para conversar sobre a decoração de interiores — disse Teg.

Taraza riu.

Ela tinha uma voz aguda que seu treinamento na Irmandade lhe ensinara a usar com eficácia devastadora. Não era uma voz fácil de ser ignorada, mesmo quando parecia cuidadosamente informal, como agora. Teg já tivera oportunidade de ver Taraza no Conselho da Bene Gesserit. Suas maneiras eram poderosas e persuasivas, cada palavra uma indicação da mente aguda que lhe guiava as decisões. Agora ele podia sentir uma decisão importante por baixo de suas maneiras.

Teg indicou uma cadeira verde, estofada, à sua esquerda. Ela olhou para o móvel, percorreu uma vez mais o aposento com o olhar e suprimiu um sorriso.

Nem uma cadeira-cão na casa, podia apostar. Teg era uma antiguidade cercada de antiguidades. Sentou-se e alisou o manto enquanto esperava que ele sentasse em outra cadeira igual diante dela.

— Lamento a necessidade de lhe pedir para abandonar sua aposentadoria, Bashar — disse ela. — Infelizmente as circunstâncias me deixam pouca escolha.

Teg deixou os longos braços repousarem informalmente nos braços da cadeira, um Mentat em repouso, à espera. Sua postura dizia: encha minha mente de dados.

Taraza sentiu-se momentaneamente desconcertada. Isso era uma imposição. Teg ainda era uma figura imponente, alto e com uma cabeça volumosa, coroada por cabelos grisalhos. Ela bem sabia que lhe faltavam quatro AP[7] para completar 300 anos. Levando-se em conta que o Ano-Padrão tinha 20 horas a menos que o chamado ano primitivo, essa ainda era uma idade impressionante, revelando experiências a serviço da Bene Gesserit que exigiam que ele fosse respeitado. Notou que Teg usava um uniforme cinza-claro sem qualquer insígnia: calças e jaqueta feitas sob medida, camisa branca aberta na gola para revelar um pescoço profundamente enrugado. Havia um brilho dourado em sua cintura e ela reconheceu o asterisco de Bashar que ele recebera na aposentadoria. Como Teg era utilitarista! Transformara aquela bugiganga dourada num fecho de cinto. Isso a tranquilizava. Teg entenderia seu problema.

— Posso beber um copo de água? — pediu Taraza. — Foi uma viagem longa e cansativa. Nós percorremos o último trecho em um de nossos próprios transportes, que já devia ter sido aposentado há 500 anos.

Teg levantou-se da cadeira, foi até um painel na parede e retirou uma garrafa de água gelada e um copo de dentro de um compartimento atrás do painel. Colocou os dois na mesa baixa, ao alcance da mão direita de Taraza.

— Eu tenho melange — disse ele.

— Não, obrigada, Miles. Tenho meu próprio suprimento.

Teg voltou para a cadeira e notou os sinais de rigidez. Mas ela ainda estava em boa forma, considerando-se a idade que tinha.

Taraza encheu meio copo de água e bebeu em um gole. Recolocou o copo na mesinha com muito cuidado. Como abordar o assunto? Os modos de Teg não a enganavam. Ele não queria deixar sua aposentadoria. Suas analistas lhe haviam advertido a respeito disso. Desde que se aposentara, ele desenvolvera um grande interesse por sua fazenda. Suas extensas terras em Lernaeus eram essencialmente um jardim de pesquisa.

Ela ergueu os olhos e o estudou abertamente. Os ombros quadrados acentuavam a cintura estreita de Teg. Então ele ainda se mantinha ativo. Aquele

rosto longo com feições bem definidas pelos ossos fortes: isso era tipicamente Atreides. Teg devolveu-lhe o olhar, como sempre fazia, exigindo atenção, mas aberto ao que a Madre Superiora pudesse dizer. O boca fina exibia um sorriso irônico, expondo dentes brilhantes e muito perfeitos.

“Ele sabe que me sinto pouco à vontade”, pensou ela. “Maldição! Ele é apenas um servo da Irmandade, tanto quanto eu!”

Teg não a enchia de perguntas. Seus modos permaneciam impecáveis, a curiosidade contida. Ela lembrou a si mesma que essa era apenas uma característica dos Mentats.

De repente, Teg levantou-se e caminhou para um aparador à esquerda de Taraza. Voltou-se, cruzou os braços sobre o peito e ficou recostado, olhando para ela.

Taraza viu-se forçada a girar a cadeira a fim de olhar para ele. Maldito! Teg não ia tornar a coisa mais fácil para ela. Todas as Reverendas Madres Examinadoras tinham mencionado a dificuldade em se conseguir que Teg se sentasse para uma conversa. Ele preferia ficar de pé, os ombros mantidos numa rigidez militar, o olhar voltado para baixo. Poucas Reverendas Madres igualavam sua altura — mais de dois metros. Essa tendência, concordavam as analistas, era a maneira com que Teg (provavelmente de modo inconsciente) protestava contra a autoridade da Irmandade sobre ele. Nada disso, entretanto, transpirava em outras facetas de seu comportamento. Teg sempre fora o mais confiável de todos os comandantes militares que a Irmandade já empregara.

Num universo multi-societário cujas maiores forças unificadoras interagiam de modo complexo, a despeito da simplicidade dos rótulos, comandantes militares confiáveis valiam muitas vezes o seu peso em melange. As religiões e a memória comum das tiranias imperiais sempre figuravam nas negociações, mas eram as forças econômicas que prevaleciam, e a moeda militar sempre podia ser somada na contabilidade de todos. Ela estava em todas as negociações e assim continuaria por muito tempo, enquanto a necessidade impulsionasse o sistema de comércio — a necessidade de algo em especial (como a especiaria ou os tecnoprodutos de Ix), a necessidade de especialistas (Mentats ou médicos Suk), e todas as outras coisas mundanas para as quais existiam mercados: força de trabalho, construtores, desenhistas, vida planiformizada, artistas, prazeres exóticos...

Nenhum sistema legal poderia unir tamanha complexidade num todo, e esse fato, muito obviamente, acarretava outra necessidade — a necessidade de árbitros influentes. As Reverendas Madres, naturalmente, haviam assumido esse papel dentro da teia econômica, e Miles Teg sabia disso. E também sabia que uma vez mais estava sendo colocado em seu papel de elemento de negociação. O

fato de ele gostar ou não desse papel não figurava nas negociações.

— Não é como se você tivesse uma família para mantê-lo aqui — disse Taraza.

Teg aceitou isso em silêncio. Sim, sua esposa estava morta há 38 anos. Os filhos estavam todos crescidos e, com exceção de uma filha, haviam partido. Tinha muitos interesses pessoais, mas nenhuma obrigação familiar. Era verdade.

Taraza recordou-lhe seu longo e fiel serviço à Irmandade, citando várias de suas conquistas mais memoráveis. Sabia que os elogios não teriam muito efeito sobre ele, mas isso lhe dava a abertura necessária para o que devia seguir-se.

— Você tem sido elogiado por sua semelhança familiar — ela disse.

Teg inclinou a cabeça não mais que um milímetro.

— Sua semelhança com o primeiro Leto Atreides, avô do Tirano, é realmente extraordinária — observou ela.

Teg não deu qualquer sinal de que tivesse ouvido ou concordado. Isso era meramente um dado, alguma coisa a mais armazenada em sua copiosa memória. Ele sabia ter o gene dos Atreides. Tinha visto a imagem de Leto I na sede da Irmandade. Fora algo estranho, como se olhar num espelho.

— Você é um pouco mais alto — disse Taraza.

Teg continuava a olhar para ela de cima para baixo.

— Maldição, Bashar — explodiu Taraza. — Quer pelo menos me ajudar?

— Isso é uma ordem, Madre Superiora?

— Não, não é uma ordem!

Teg sorriu lentamente. O fato de Taraza permitir-se tal demonstração emocional diante dele revelava muitas coisas. Ela não faria isso com gente que não julgasse digna de confiança. E certamente não se permitiria tal explosão emocional diante de alguém que considerasse apenas um subordinado.

Taraza recostou-se na cadeira e sorriu para ele.

— Tudo bem — ela disse. — Você já se divertiu. Patrin disse que ficaria muito aborrecido comigo se eu o chamasse de volta ao dever. E lhe asseguro que é fundamental para os nossos planos.

— Que planos, Madre Superiora?

— Estamos criando um ghola Duncan Idaho em Gammu. Ele já tem quase seis anos de idade e está pronto para a educação militar.

Teg permitiu que seus olhos se abrisssem ligeiramente.

— Vai ser uma tarefa aborrecida para você — disse Taraza. — Mas quero que se encarregue de seu treinamento e de sua proteção assim que for possível.

— Minha semelhança com o Duque Atreides — disse Teg. — Vai usar-me para lhe restaurar as memórias originais.

— Dentro de oito ou dez anos, sim.

— Esse tempo todo! — Teg sacudiu a cabeça. — Por que Gammu?

— Sua herança prana-bindu foi alterada pelos Bene Tleilax. sob nossas ordens. Seus reflexos igualarão, em velocidade, os de qualquer pessoa nascida em nossa época. Gammu... O Duncan Idaho original nasceu e foi criado lá. Devido às mudanças em sua herança celular, devemos manter tudo o mais próximo possível das condições originais.

— Por que está fazendo isso?

A pergunta foi feita no tom de um Mentat reunindo dados.

— Uma criança de sexo feminino com a habilidade de controlar os vermes foi descoberta em Rakis. Teremos um uso para o nosso ghola.

— Vai fazê-lo procriar?

— Não estou convocando-o como Mentat. É de sua habilidade militar e de sua semelhança ao Leto original que nós precisamos. Você saberá como lhe restaurar as memórias originais quando chegar a ocasião.

— Assim, está me convocando a voltar à minha função como Mestre de Armas.

— Acha que isso é um retrocesso para o homem que foi o Supremo Comandante Bashar de todas as nossas forças?

— Madre Superiora, a senhora ordena e eu obedeço. Mas não aceitarei esse posto sem o comando geral de todas as defesas de Gammu.

— Isso já foi arranjado, Miles.

— A senhora sempre adivinha como funciona a minha mente.

— E estamos sempre confiantes em sua lealdade.

Teg afastou-se do aparador e parou por um momento, pensando. Depois disse:

— Quem irá me instruir?

— Bellonda, dos Registros, a mesma de antes. Ela vai fornecer-lhe um código seguro para a troca de mensagens entre nos.

— Eu darei à senhora uma lista de pessoas — disse Teg. — Velhos camaradas e os filhos de alguns deles. Quero todos me esperando em Gammu quando eu chegar.

— Não acha que algum deles pode recusar?

O olhar dele dizia: “Não seja tola!”

Taraza riu, pensando: “Existe algo que aprendemos muito bem com os Atreides originais — como produzir pessoas que obtêm a maior devoção e lealdade”

— Patrin cuidará do recrutamento — disse Teg. — Ele não aceitará nenhum posto, eu sei, mas deve receber um pagamento à altura e as cortesias de

um auxiliar de coronel.

— Você, é claro, receberá de volta o seu posto de Supremo Bashar — acrescentou ela. — Nós vamos.

— Não, vocês têm Burzmali. Não vamos enfraquecê-lo colocando seu velho comandante acima dele uma vez mais.

Ela o observou por um momento:

— Ainda não demos a Burzmali o posto de...

— Sei disso. Meus antigos camaradas me mantém inteiramente a par da política da Irmandade. Mas a senhora e eu, Madre Superiora, sabemos que é apenas questão de tempo. Burzmali é o melhor.

Ela só pôde aceitar. Era mais que uma avaliação Mentat. Era uma avaliação de Teg. Outro pensamento lhe ocorreu.

— Então você já sabia a respeito de nossa disputa no Conselho! — acusou ela. — E me deixou.

— Madre Superiora, se achasse que iriam produzir outro monstro em Rakis, eu lhe teria dito. A senhora confia nas minhas decisões, eu confio nas suas.

— Maldito seja, Miles, você esteve afastado por muito tempo. — Taraza levantou-se. — Eu me sinto mais calma só de saber que você está de volta ao seu trabalho.

— O trabalho — repetiu ele — Sim. Reinstale-me como Bashar em missão especial. Desse modo, quando a notícia chegar a Burzmali, não haverá perguntas tolas.

Taraza entregou-lhe um maço de papéis ridulianos tirados de debaixo de seu manto.

— Eu já assinei estes. Preencha seu termo de volta ao serviço. As outras autorizações estão todas aí, transporte e tudo mais. Eu lhe dou essas ordens pessoalmente. Deve obedecer a mim. Você é o meu Bashar; compreende?

— Não foi sempre assim?

— Agora é mais importante do que nunca. Mantenha o ghola em segurança e o treine bem. E sua responsabilidade. Eu o apoiarei nisso contra tudo e contra todos.

— Ouvi dizer que Schwangyu está no comando em Gammu.

— Eu disse contra todos, Miles. Não confie em Schwangyu.

— Percebo. Vai almoçar conosco? Minha filha tem...

— Perdoe-me, Miles, mas devo voltar o mais cedo possível. Vou enviar Bellonda imediatamente.

Teg levou-a até a porta, trocou alguns cumprimentos e trivialidades com seus velhos alunos que faziam parte da escolta e observou enquanto partiam.

Havia um carro de solo blindado esperando na estrada, um dos novos modelos que obviamente tinham trazido. A visão causou em Teg um sentimento de desagrado.

“Urgência!”

Taraza viera em pessoa, a própria Madre Superiora fazendo serviço de mensageira, sabendo o que isso lhe revelaria. Conhecendo tão intimamente o modo como a Irmandade agia, ele percebeu as implicações do que estava acontecendo. A disputa no Conselho da Bene Gesserit era mais profunda do que seus informantes tinham sugerido.

“Você é o meu Bashar.”

Olhou para o maço de autorizações e ordens de pagamento de passagens que Taraza lhe deixara. Todas já tinham seu selo e sua assinatura. A confiança que isso implicava aumentava seu desconforto.

“Não confie em Schwangyu.”

Colocou os papéis no bolso e saiu em busca de Patrin. Este teria que ser adulado e colocado a par do que estava acontecendo. Teriam que discutir sobre quem chamar para essa missão. Começou a enumerar alguns nomes em sua mente. Trabalho perigoso pela frente. Somente os melhores serviriam. Maldição! Tudo na propriedade teria que ser passado para Firus e Dimela. Tantos detalhes! Sentiu o pulso acelerar-se enquanto caminhava pela casa.

Ao passar por um segurança da casa, um de seus antigos soldados, Teg fez uma pausa:

— Martin, cancele todos os meus compromissos para hoje. Encontre minha filha e lhe diga para se reunir a mim no estúdio.

A notícia se espalharia pela casa e, de lá, para toda a propriedade. Os servos e a família, sabendo que a Reverenda Madre Superiora tinha conversado com ele em particular, iriam automaticamente estabelecer uma cortina protetora para afastá-lo de qualquer problema sem importância. Sua filha mais velha, Dimela, interrompeu-o quando começou a enumerar o que era necessário para manter em andamento seus projetos na fazenda experimental.

— Pai, não sou uma criança!

Ambos estavam na pequena estufa ligada ao estúdio. Restos do almoço de Teg tinham ficado sobre um banco, a um canto, e o bloco de notas de Patrin estava encostado à parede ao lado da bandeja de lanche.

Teg olhou sério para a filha. Dimela parecia-se com ele nas feições, mas não na altura. Muito angulosa para ser bela, conseguira, não obstante, um ótimo casamento. Dimela e Firus tinham três crianças adoráveis.

— Onde está Firus? — perguntou Teg.

— Cuidando da replantagem na Fazenda do Sul.

— Oh, sim. Patrin mencionou isso.

Teg sorriu. Sempre lhe agradara que Dimela tivesse recusado a oferta da Irmandade, preferindo casar-se com Firus, nativo de Lernaeus, e permanecer na companhia do pai.

— Tudo que sei é que o estão chamando de volta ao trabalho — comentou Dimela. — É uma missão perigosa?

— Você fala exatamente como sua mãe, sabia?

— Então é perigoso! Malditas, você já não fez o suficiente por elas?

— Aparentemente não.

Ela afastou-se enquanto Patrin entrava pelo outro lado da estufa. Ouviu a filha falar com Patrin enquanto um passava pelo outro.

— Quanto mais velho ele fica, mais se parece com uma Reverenda Madre!

Que mais podia ela esperar? Teg ficou imaginando. Filho de uma Reverenda Madre, tendo por pai um funcionário subalterno da CHOAM, ele crescera em uma casa que funcionava ao ritmo da Irmandade. Sempre lhe fora evidente, desde a mais tenra idade, que a lealdade de seu pai para com a rede de comércio interplanetário da CHOAM desaparecera quando sua mãe lhe fizera objeção.

Essa fora a casa de sua mãe até a morte dela, menos de um ano depois que seu pai morrera. A marca dos gostos dela estava à volta dele, em toda parte.

Patrin parou diante dele.

— Vim buscar meu bloco de anotações. Acrescentou algum nome novo?

— Alguns. É melhor você cuidar disso logo.

— Sim, senhor!

Patrin fez uma careta e voltou por onde tinha vindo, batendo na perna com o bloco de notas.

“Ele sente também”, pensou Teg.

Uma vez mais, Teg olhou à sua volta. Essa ainda era a casa de sua mãe. Depois de todos os anos em que ele tinha vivido lá, criado uma família! Ainda era o lugar dela. Oh, ele tinha construído essa estufa, mas o estúdio ao lado fora o aposento particular da mãe.

Janet Roxbrough dos Lernaeus Roxbrough. A mobília, a decoração, tudo repetia que o lugar ainda pertencia a ela. Taraza percebera isso. Ele e a esposa tinham mudado alguns objetos superficiais, mas o núcleo ainda era um reflexo da personalidade de Janet Roxbrough. E não havia dúvida quanto ao sangue das Oradoras Peixes naquela linhagem. Que prêmio fora ela para a Irmandade! Que ela tivesse se casado com Loschy Teg e passado a vida ali, isso era o mais estranho. Um fato indigerível até que se soubesse como o programa de

procriação da Bene Gesserit funcionava através das gerações.

“Elas o fizeram de novo”, pensou Teg. “Mantiveram-me esperando todo esse tempo, na reserva, só para este momento.”

5

A religião não afirmou deter a patente da criação durante todos estes milênios?

— Indagação Tleilaxu, de O Muad'Dib Fala

O ar de Tleilax estava cristalino, tomado por uma quietude causada, em parte, pelo frio da manhã e, em parte, por um sentimento de temerosa antecipação, como se a vida estivesse em compasso de espera na cidade de Bandalong. Vida voraz e frustrada, que não se mexeria até receber seu sinal pessoal. O Mahai, Tylwyth Waff, Mestre dos Mestres, gostava mais dessa hora do que de qualquer outra do dia. A cidade agora era sua, enquanto ele olhava através da janela aberta. Bandalong só viveria ao seu comando. Isso era o que ele dizia a si mesmo. O medo que podia sentir lá fora era o seu controle sobre qualquer realidade que pudesse brotar daquele reservatório de vida incubada: a civilização Tleilaxu, que se havia originado ali e depois espalhara seus poderes para longe.

Seu povo tinha aguardado milênios por essa época, e agora Waff saboreava esse momento. Durante todos os tempos terríveis do Profeta Leto II (não o Imperador Deus, mas o Mensageiro de Deus), durante toda a era da Fome e da Dispersão, através de cada derrota dolorosa nas mãos de criaturas inferiores, durante todas essas agonias os Tleilaxu tinham acumulado sua paciência para esse momento.

"Chegamos ao nosso momento, ó Profeta!"

A cidade que jazia debaixo da janela elevada parecia aos seus olhos como um símbolo, um marco forte na história dos projetos dos Tleilaxu. Outros planetas dos Tleilaxu, outras grandes cidades, interligadas e interdependentes, todas fiéis ao seu Deus e a essa cidade, aguardavam o sinal que, todos sabiam, logo viria. As forças gêmeas dos Dançarinos Faciais e dos Masheikh tinham unido seus poderes em preparação para uma salto cósmico. Os milênios de espera estavam a ponto de terminar.

Waff pensava naquilo como "o longo começo".

Sim. Assentiu para si mesmo enquanto olhava para a cidade à espera. Desde a sua concepção, desde a mais infinitesimal partícula de idéia, os líderes

da Bene Tleilax tinham compreendido os perigos de um plano tão amplo, tão prolongado, tão sutil e tão complexo. Sabiam desde o início que precisavam superar um período de quase desastre e novamente aceitar perdas, submissão e humilhações terríveis. Tudo isso e muito mais fora empregado na construção dessa imagem particular da Bene Tleilax. Através de milênios de fingimento, eles tinham criado um mito.

"Os vis, destestáveis e sujos Tleilaxu! Os estúpidos Tleilaxu! Os previsíveis Tleilaxu! Os impetuosos Tleilaxu!"

Mesmo os seguidores do Profeta tinham caído presa desse mito. Uma Oradora Peixe aprisionada colocara-se nessa sala mesmo e gritado para um Mestre Tleilaxu:

— O fingimento muito prolongado cria uma realidade! Vocês são verdadeiramente vis!

Por isso eles a mataram e o Profeta não fez coisa alguma.

Quão pouco todos aqueles povos e mundos alienígenas entendiam o domínio dos Tleilaxu sobre si mesmos. Impetuosidade? Deixe que eles reconsiderem isso depois que a Bene Tleilax tiver demonstrado quantos milênios foi capaz de aguardar por sua ascendência.

— Spannungsbogen!

Waff enrolou o antigo termo em sua língua:

"A amplitude do arco!" Até onde você pode curvar o arco antes de liberar a flecha. Essa flecha iria ferir fundo!

— O Masheikh esperou mais tempo do que qualquer outro — sussurrou Waff. Ele se atrevia a pronunciar a palavra para si mesmo no espaço de sua torre: — Masheikh.

Os telhados abaixo dele cintilavam enquanto o sol se erguia. Podia ouvir o movimento da vida da cidade. O suave amargor dos aromas Tleilaxu flutuava no ar até sua janela. Waff inalou profundamente e fechou a janela.

Sentia-se recuperado nesse momento de solitária observação. Afastando-se da janela, envergou o manto branco Khilat de honra, diante do qual todos os Domei estavam condicionados a se curvar. O manto cobria-lhe totalmente o corpo curto, dando-lhe a distinta sensação de ser realmente uma armadura.

"A armadura de Deus!"

— Nós somos o povo do Yaghist — relembrara ele aos seus conselheiros na noite passada. — Tudo mais é fronteira. Nós estimulamos o mito de nossa fraqueza e de nossas práticas perversas durante todos esses milênios com apenas um único propósito. Até mesmo a Bene Gesserit acredita!

Sentados na profunda sagra sem janelas, com o campo de não-câmara ligado, os nove conselheiros tinham sorrido em apoio a suas palavras. No

julgamento do ghufran, eles sabiam. O palco em cima do qual os Tleilaxu determinavam seu destino sempre fora o kehl com seu direito ao ghufran.

Era adequado que até mesmo Waff, o mais poderoso dos Tleilaxu, não pudesse deixar o seu mundo e nele ser readmitido sem se submeter ao ghufran, pedindo perdão pelo contato com os inimagináveis pecados dos estrangeiros. Sair para o meio dos powindah podia corromper até mesmo o mais poderoso. Os khasadars, que policiavam todas as fronteiras dos Tleilaxu e guardavam os selamliks das mulheres, tinham o direito de suspeitar até mesmo de Waff. Ele pertencia ao povo e ao kehl, era verdade, mas precisava provar isso a cada vez que deixava a terra pátria e retornava. E, certamente, também a cada vez que entrava no selamlik para distribuir seu esperma.

Waff andou até o espelho e inspecionou a si mesmo com seu manto. Sabia que, aos powindahs, ele pareceria uma figura de gnomo, com pouco mais de um metro e meio de altura. Olhos, cabelo e pele tinham tonalidades de cinza, acessórios para um rosto oval com uma boca pequena e uma linha de dentes agudos. Um dançarino facial poderia imitar suas feições e sua pose, simulando-o ante uma ordem de um Masheikh. Mas nenhum Masheikh ou khasadar se confundiria. Somente os powindahs seriam tapeados.

“Exceto pela Bene Gesserit”.

Esse pensamento trouxe ao seu rosto uma expressão mal-humorada. Bem, as bruxas ainda não tinham encontrado um dos novos Dançarinos Faciais.

“Nenhum outro povo dominou a linguagem dos genes tão bem quanto os Bene Tleilax”, tranquilizou a si mesmo. “Nós temos o direito de chamá-la de ‘linguagem de Deus’, pois o Próprio Deus nos deu esse grande poder”

Waff caminhou até a porta e esperou pelo sino da manhã. Não havia maneira de descrever a riqueza de emoções que sentia agora. O tempo desdobrava-se diante dele. Não indagava por que a verdadeira mensagem do Profeta tinha sido ouvida apenas pelos Bene Tleilax. Tinha visto a obra de Deus e, nesse aspecto, o Profeta fora o Braço de Deus, devendo ser respeitado como Mensageiro Divino.

“Você os preparou para nós, ó Profeta.”

E o ghola em Gammu, esse ghola nessa ocasião especifica, valia toda a espera.

O sino da manhã tocou e Waff dirigiu-se ao salão, misturando-se com outras figuras de mantos brancos a caminho da sacada ocidental para saudar o sol da manhã. Como o Mahai e Abdl de seu povo, podia agora identificar-se com os Tleilaxu.

“Nós somos os legalistas do Shariat, os últimos de nosso tipo no universo.”

Em parte alguma fora das câmaras fechadas de seus irmãos-malik poderia ele revelar um pensamento tão secreto, mas sabia que esse pensamento seria compartilhado por todas as mentes agora à sua volta, e o trabalho desse pensamento era visível em Masheikhs, Domeis e Dançarinos Faciais. O paradoxo dos laços de parentesco e o senso de identidade social que permeavam o kehl, desde os Masheikh até o Domel mais inferior, não era um paradoxo para Waff.

"Nós trabalhamos para o mesmo Deus."

Um Dançarino Facial disfarçado de Domei se curvara, abrindo as portas para a sacada. Waff, emergindo para a luz do sol com seus muitos companheiros bem próximos, sorriu ao reconhecer o Dançarino Facial. "Um Domei de fato!" Era uma piada entre parentes, embora os Dançarmos Faciais não fossem de sua espécie. Eles eram criações, ferramentas, do mesmo modo como o ghola em Gammu era uma ferramenta, uma ferramenta projetada com a linguagem de Deus falada apenas pelos Masheikhs.

Junto com os outros, que se pressionavam à sua volta, Waff fez sua reverência ao sol. Pronunciou o grito do Abdl e o ouviu ecoar nas incontáveis vozes estendendo-se até os pontos mais distantes da cidade.

— O sol não é Deus! — gritou ele.

Não, o sol era apenas um símbolo dos infinitos poderes e da misericórdia divina — uma criação, outra ferramenta. Sentindo-se purificado pela passagem através do ghufran na noite anterior, e renovado por esse ritual matinal, Waff podia pensar agora a respeito da viagem que fizera até as terras dos powindah e de seu retorno recente, que tornara necessário o ghufran. Outros adoradores abriram caminho para ele, enquanto retornava através dos corredores internos, entrando na passagem deslizante que o levou até o jardim central. Lá pediu aos seus conselheiros que se reunissem a ele.

"Foi uma investida bem-sucedida entre os powindah", pensou.

A cada vez que deixava os mundos internos dos Bene Tleilax, Waff sentia-se como se estivesse num lashkar, um grupo guerreiro buscando a vingança final que o povo secretamente chamava de Bodal (sempre com maiúscula e sempre a primeira coisa a ser reafirmada no ghufran ou no kehl). Esse lashkar mais recente fora curiosamente bem-sucedido.

Waff saiu do deslizador para um jardim totalmente iluminado pela luz do sol, irradiada por refletores prismáticos nos telhados em volta.

Uma pequena fonte tocava sua fuga visual no coração de um circulo de pedras. Uma cerca baixa feita com paus brancos envolvia um gramado muito bem-aparado. Tratava-se de um lugar suficientemente próximo da fonte para que o ar fosse úmido, mas não tão próximo que a água caindo perturbasse a conversa

em voz baixa. Em torno da área gramada havia 10 bancos estreitos feitos de plástico antigo — nove deles dispostos num semicírculo voltado para o 10? banco, ligeiramente afastado.

Parando na beira do gramado, Waff olhou à sua volta, imaginando por que nunca antes sentira um prazer tão intenso com a visão desse lugar. O azul-escuro dos bancos era intrínseco ao material. Os séculos de uso tinham gasto os bancos, produzindo curvas suaves ao longo dos apoios para os braços e onde incontáveis traseiros se haviam sentado. Ainda assim a cor era tão forte nos lugares gastos quanto nas outras partes.

Waff sentou-se voltado para os nove conselheiros, reunindo as palavras que sabia que devia usar. O documento que tinha trazido de volta em seu último lashkar, que de fato fora a própria razão para essa excursão, não podia ter chegado em ocasião mais adequada. O rótulo e as palavras tinham uma mensagem poderosa para os Tleilaxu.

De um bolso interno, Waff removeu uma fina folha de cristal riduliano. Notou o acelerado interesse dos conselheiros: nove rostos muito semelhantes ao dele. Masheikhs do kehl mais interior. Todos refletiam expectativa. Tinham lido este documento em kehl: "O Manifesto Atreides". Tinham passado uma noite inteira refletindo sobre a mensagem do manifesto. Agora as palavras tinham que ser confrontadas. Waff colocou o documento no colo.

— Eu me proponho divulgar amplamente este documento — disse ele.

— Sem mudança?

Era Mirlat, o conselheiro mais próximo da transformação-ghola entre todos eles. Mirlat sem dúvida aspirava a atingir o Abdl e o Mahai. Waff focalizou sua atenção no queixo largo do conselheiro, no ponto onde uma cartilagem crescera ao longo dos séculos como marca visível da grande idade de seu corpo.

— Exatamente como chegou às nossas mãos — disse Waff.

— Isso é perigoso — comentou Mirlat.

Waff virou a cabeça para a direita, seu perfil infantil delineado contra a fonte para que seus conselheiros o observassem. "A mão de Deus esta à minha direita!" O céu acima dele era de uma cornalina polida, como se Bandalong, a mais antiga entre as metrópoles Tleilaxu, tivesse sido construída sob uma daquelas gigantescas coberturas erguidas para proteger os pioneiros nos planetas mais inóspitos. Quando voltou sua atenção para seus conselheiros, as feições de Waff continuavam tranquilas.

— Não é perigoso para nós — disse ele.

— Uma questão de opinião — retrucou Mirlat.

— Então vamos considerar as opiniões — disse Waff. — Temos

necessidade de temer Ix ou as Oradoras Peixes? De fato, não. Eles nos pertencem, embora não saibam disso.

Waff deixou que a afirmação fosse absorvida. Todos sabiam que elementos dos novos Dançarmos Faciais encontravam-se agora infiltrados nos altos conselhos de Ix e das Oradoras Peixes. A troca não fora detectada.

— A Corporação não se colocará contra nós nem se vai opor a nós porque somos sua única fonte segura de melange — acrescentou Waff.

— E quanto a essas Honradas Madres que voltam da Dispersão? — indagou Mirlat.

— Cuidaremos delas quando for preciso — respondeu Waff. — E nisso seremos ajudados pelos descendentes dos de nosso povo que voluntariamente tomaram parte na Dispersão.

— A ocasião de fato parece oportuna — murmurou um dos conselheiros.

Fora Torg, o Jovem, quem falara, observou Waff. Ótimo, ali estava um voto seguro.

— A Bene Gesserit! — retrucou Mirlat.

— Creio que as Honradas Madres vão tirar as bruxas do nosso caminho — disse Waff. — Elas já rosnam umas para as outras como animais num fosso.

— E se o autor do manifesto for identificado? — perguntou Mirlat.

— Que faremos então?

Várias cabeças balançaram afirmativamente entre os conselheiros. Waff marcou as pessoas que deviam ser conquistadas.

— É perigoso ser chamado de Atreides nesta era — disse ele.

— Exceto talvez em Gammu — disse Mirlat. — E o nome Atreides foi assinado naquele documento!

“Que estranho”, pensou Waff. O representante da CHOAM na conferência dos powindah que afastara Waff dos planetas interiores de Tleilax tinha enfatizado esse ponto. Mas a maioria do pessoal da CHOAM era constituída por ateístas secretos que viam como suspeitas todas as religiões. Certamente que os Atreides tinham sido uma potente força religiosa. As preocupações da CHOAM eram quase palpáveis.

Waff relembrou agora essa reação da CHOAM.

— Esse empregado da CHOAM, maldita seja sua alma sem Deus — disse Mirlat. — Mas ele está certo, este documento é insidioso.

“Vamos ter que cuidar de Mirlat”, pensou Waff. Erguendo do colo o manifesto, leu em voz alta a primeira linha:

— “No início havia a palavra, e a palavra era Deus.”

— Diretamente da Bíblia Universal Laranja — lembrou Mirlat.

Uma vez mais as cabeças se moveram em preocupada concordância.

Waff mostrou as pontas dos caninos num breve sorriso.

— Vocês estão sugerindo que há entre os powindah quem suspeite da existência do Shariat ou dos Masheikhs?

Fazia bem pronunciar essas palavras abertamente, lembrando aos seus ouvintes que somente entre os membros dos círculos mais secretos dos Tleilaxu é que as velhas palavras e as antigas linguagens ainda eram preservadas sem alteração. Será que Mirlat ou algum outro temia que as palavras dos Atreides pudessem subverter o Shariat?

Waff colocou também essa pergunta e viu as expressões preocupadas.

— Existe entre vocês — perguntou — quem acredite que um único powindah sabe como usamos a linguagem de Deus?

"Isso, deixe que eles pensem nisso!" Cada um deles já fora despertado muitas vezes na carne de ghola. Havia nesse Conselho uma continuidade carnal que nenhum outro povo tinha conquistado antes. O próprio Mirlat tinha visto de perto o profeta. Scytale tinha falado com o Muad'Dib! Aprendendo como as memórias podiam ser restauradas e a carne renovada, eles haviam condensado esse poder num único governo cuja potência era confinada de modo a não ser exigida em toda parte. Somente as bruxas possuíam semelhante reserva de experiências, e ainda assim agiam com temerosa cautela por medo de produzirem outro Kwisatz Haderach!

Waff disse essas coisas a seus conselheiros, acrescentando:

— A hora de agirmos chegou.

Como ninguém discordou, ele disse:

— Este manifesto tem um único autor. Todos os analistas concordam. Mirlat?

— Escrito por uma única pessoa, e essa pessoa, sem dúvida alguma, é um Atreides — concordou Mirlat.

— Todos na conferência dos powindah afirmaram isso. Mesmo um navegador de terceiro estágio concordou — disse Waff.

Mas essa pessoa produziu algo que excita reações muito violentas entre povos diversos — argumentou Mirlat.

Algum dia já questionamos o talento dos Atreides para a discórdia? — perguntou Waff. — Quando os powindah me mostraram esse documento, eu soube que Deus nos tinha enviado um sinal.

As bruxas ainda negam sua autoria? — perguntou Torg, o Jovem. "Como ele é atento", pensou Waff.

— Cada religião dos powindah é questionada por este manifesto — lembrou Waff. — Cada fé, exceto a nossa, é deixada suspensa no limbo.

— E exatamente esse o problema! — retrucou Mirlat.

— Mas somente nós sabemos disso. Quem mais sabe da existência do Shariat? — perguntou Waff.

— A Corporação — disse Mirlat.

— Eles nunca falaram dele, nem o farão. Sabem qual seria a nossa resposta.

Waff ergueu do colo o maço de papéis e novamente leu em voz alta:

— "Forças que não podemos ver permeiam nosso universo. Vemos apenas as sombras dessas forças quando projetadas sobre uma tela acessível aos nossos sentidos, mas não as compreendemos."

— O Atreides que escreveu isso sabe a respeito do Shariat — murmurou Mirlat.

Waff continuou lendo como se não tivesse havido interrupção.

— "O entendimento exige palavras, e algumas coisas não podem ser reduzidas a palavras. Há coisas que só podem ser experimentadas num nível não-verbal."

Como se estivesse lidando com uma relíquia sagrada, Waff repôs o documento no colo. Baixinho, de modo que para ouvi-lo os outros tiveram que se curvar em sua direção, um deles levando a mão ao ouvido, Waff disse:

— Isso diz que nosso universo é mágico. Diz que todas as formas arbitrárias são transitórias e sujeitas a alterações mágicas. A ciência conduziu-nos a essa interpretação como se nos colocasse num caminho do qual não nos podemos desviar.

Por um momento ele aguardou que essas palavras fizessem efeito e então acrescentou:

Nenhum sacerdote rakiano do Deus Dividido nem outro charlatão qualquer entre os powindah pode aceitar isso. Somente nós sabemos por que nosso Deus é um Deus mágico cuja linguagem falamos.

Seremos acusados da autoria — disse Mirlat. Sacudindo a cabeça de um lado para o outro, acrescentou: — Não! Agora percebo. Percebo o que quer dizer.

Waff manteve o silêncio. Podia ver que todos eles estavam refletindo sobre suas origens Sufi, relembrando a Grande Crença e o ecumenismo Zensunni que gerara a Bene Tleilax. As pessoas de seu kehl conheciam os fatos divinamente revelados em suas origens, mas gerações de sigilo asseguravam que nenhum powindah compartilhasse desse segredo.

As palavras fluíram silenciosamente na mente de Waff: "Pressuposições baseadas na compreensão contêm a crença num absoluto do qual todas as coisas brotam como plantas crescendo de suas sementes."

Sabendo que seus conselheiros também teriam lembrado esse ensinamento

da Grande Crença, Waff lembrou-lhes a advertência Zensunni.

— Debaixo de tais raciocínios está a fé nas palavras que os powindah não questionam. Somente o Shariat questiona e nós ficamos calados.

Seus conselheiros assentiram com as cabeças em uníssono.

Waff inclinou ligeiramente a cabeça e continuou:

— O ato de dizer que existem coisas que não podem ser descritas por palavras abala um universo onde as palavras são a crença suprema.

— Veneno powindah! — gritaram seus conselheiros.

Ele os tinha a todos agora, e assegurou sua vitória perguntando:

— Qual é o credo Sufi-Zensunni?

Eles não podiam falar, mas todos refletiam: "Para conquistar o s'tori, nenhum conhecimento é necessário. O s'tori existe sem palavras, sem sequer um nome"

Num momento, todos se voltaram para cima e trocaram olhares significativos. Mirlat resolveu recitar o voto Tleilaxu:

— "Eu posso dizer Deus, mas este não é o meu Deus. É apenas um som, não mais potente que qualquer outro som"

— Percebo agora — disse Waff — que todos vocês sentem o poder que caiu em nossas mãos através deste documento. Milhões de milhões de cópias já estão circulando entre os powindah.

— E quem se importa com isso? — indagou Mirlat.

— Quem se importa? — retrucou Waff. — Deixem os powindah correr atrás deles, procurar sua origem, tentar suprimi-los, falar contra eles. Com cada uma dessas ações, os powindah injetarão mais poder nessas palavras.

— Não nos devemos pronunciar também contra esse documento? — perguntou Mirlat.

— Somente se a ocasião exigir — respondeu Waff. — Prestem atenção! — Ele bateu com os papéis sobre os joelhos. — Os powindah restringiram sua consciência ao propósito mais mesquinho, e essa é sua fraqueza. Devemos garantir que esse manifesto tenha a maior circulação possível.

— A magia de nosso Deus é apenas uma ponte — entoaram os conselheiros.

Todos eles, observou Waff, refugiavam-se na segurança central de sua fé. Fora fácil de controlá-los. Nenhum Masheikh compartilhava da estupidez do powindah que gemia: "Em tua infinita graça, Oh Deus, por que eu?" Em uma única frase o powindah invocava o infinito e o negava, nunca percebendo sua própria tolice.

— Scytale — chamou Waff.

O mais jovem dos conselheiros, com cara de bebê, sentado mais à

esquerda, como era adequado, inclinou-se para a frente avidamente.

— Arme os fiéis   disse Waff.

— Admira-me que um Atreides nos tenha fornecido essa arma — comentou Mirlat. — Como é possível que os Atreides sempre se agarrem a um ideal que capta a admiração dos bilhões que irão segui-los?

— Não são os Atreides, é Deus — disse Waff. Ele ergueu os braços e citou as palavras que encerravam o ritual: — Os Masheikh encontraram-se no kehl e sentiram a presença do seu Deus.

Waff fechou os olhos e esperou que os outros saíssem. “Masheikh!” Como era bom reunir-se num kehl, falando a linguagem do Islamiyat, que nenhum Tleilaxu falaria fora de seus conselhos secretos, nem mesmo quando se dirigiam aos Dançarmos Faciais. Em parte alguma do Wekht de Jandola, nem mesmo nas extensões mais distantes do Yaghist Tleilaxu, haveria um powindah vivo que conhecesse esse segredo.

“Yaghist”, pensou Waff, levantando-se do banco. “Yaghist, a terra dos que não se deixam governar.”

Achou que podia sentir o documento vibrando em sua mão. Esse Manifesto Atreides era o tipo de coisa que as massas de powindah seguiriam até sua ruína.

6

Em alguns dias é a melange; em outros é sujeira.

— Aforismo de Rakis

Em seu terceiro ano com os sacerdotes de Rakis, a garota Sheeana deitou-se no topo de uma duna alta e curva. Sob a luz do sol da manhã, fitou o horizonte, onde se podia ouvir o rumor de algo se arrastando. A luz era de uma cor prateada, fantasmagórica, que gelava a névoa do horizonte. Ainda se podia sentir na areia o frio da noite.

Ela sabia que os sacerdotes a observavam da segurança de sua torre cercada de água, uns dois quilômetros além, mas isso quase não a preocupava. O tremor da areia debaixo de seu corpo exigia toda a sua atenção.

“Este é grande”, pensou. “Setenta metros no mínimo. Um lindo grandão.”

O traje-destilador cinzento parecia-lhe lustroso e escorregadio em sua pele. Não tinha nenhum dos remendos irritantes do velho traje que usara antes que os sacerdotes passassem a cuidar dela. Sentia-se grata a eles pelo excelente traje-destilador e pelo espesso manto roxo e branco que o cobria. Mas, acima de tudo, sentia a excitação de estar ali. Uma coisa rica e perigosa tomava conta dela em momentos como este.

Os sacerdotes não sabiam o que estava acontecendo ali. Ela tinha certeza disso. Eles eram covardes. Olhou por sobre o ombro para a torre distante e viu a luz do sol refletir-se nas lentes.

Uma criança precoce de 11 anos, esguia, pele escura, cabelo castanho riscado de dourado, ela podia visualizar claramente o que os sacerdotes estariam vendo através de suas lentes de observação.

“Eles me vêem fazer aquilo que não se atrevem a fazer. Eles me vêem na trilha de Shaitan. Eu pareço muito pequena na areia e Shaitan parece muito grande. Eles já podem vê-lo.”

Pelo som da fricção na areia, ela sabia que logo veria também o gigantesco verme. Sheeana não pensava no monstro se aproximando como o Shai-hulud, o Deus das areias, algo que os sacerdotes cantavam todas as manhãs em homenagem as pérolas de consciência de Leto II que jaziam aprisionadas em cada um dos senhores do deserto. Pensava nos vermes, geralmente, como

“aqueles que me pouparam” ou como Shaitan.

Eles agora lhe pertenciam.

Era um relacionamento que começara há pouco mais de três anos, durante o mês de seu oitavo aniversário, o Mês de Igat pelo velho calendário. O vilarejo era bem pobre, uma aventura de pioneiros, construída bem além das barreiras mais seguras, como os qanats e os canais anelares de Keen. Somente um fosso de areia molhada defendia esses empreendimentos pioneiros. Shaitan evitava a água, mas seus vetores formados pelas trutas da areia logo retiravam toda a umidade. Uma umidade preciosa, capturada nas armadilhas de vento, tinha que ser gasta a cada dia para renovar essa barreira. Sua vila era um miserável aglomerado de tendas e barracas com duas pequenas armadilhas de vento, adequadas para fornecer água para o consumo humano, mas com apenas um acréscimo esporádico que poderia ser usado na barreira contra os vermes.

Naquela manhã — muito parecida com esta manhã, o frio da noite cortando-lhe o nariz e os pulmões, o horizonte coberto por uma névoa fantasmagórica —, a maioria das crianças da vila tinha se afastado para o deserto, buscando os restos de melange que Shaitan às vezes deixava em sua passagem. Dois dos grandes tinham sido ouvidos por perto na noite passada, e a melange, mesmo aos preços atuais, desinflacionados, podia comprar os tijolos vitrificados que ergueriam uma terceira armadilha de vento.

As crianças não procuravam apenas a melange, mas também os sinais que revelariam uma das velhas fortalezas dos Fremen, os sietch. Havia apenas vestígios de tais lugares agora, mas as barreiras de rocha forneciam maior segurança contra o Shaitan. E alguns restos de sietch podiam conter depósitos esquecidos de melange. Cada vilarejo sonhava com tal descoberta.

Sheeana, usando seu traje-destilador remendado e um manto fino, saíra sozinha na direção nordeste, rumo ao distante monte de ar fumacento que revelava a direção da grande cidade de Keen, com sua riqueza de umidade sendo erguida pelas brisas aquecidas pelo sol.

Caçar restos de melange nas areias era principalmente uma questão de focalizar a atenção nas narinas. Era uma forma de concentração que deixava apenas um vestígio de consciência, atenta à fricção na areia que denunciaria a aproximação de Shaitan. Os músculos da perna moviam-se automaticamente no modo de caminhar não-rítmico que se fundia aos sons naturais do deserto.

A princípio Sheeana não ouviu os gritos. Aquilo misturava-se com o som da areia soprada pelo vento, friccionando-se nas dunas barracan que ocultavam de seus olhos o vilarejo. lentamente o som penetrou em sua consciência até lhe exigir a atenção.

“Muitas vozes gritando!”

Sheeana esqueceu a precaução dos passos ao acaso. Andando tão depressa quanto lhe permitia sua musculatura infantil, ela subiu pela face escorregadia da barracan e olhou em direção ao som aterrorizante. Teve tempo de ver aquilo que terminou com os últimos gritos.

O vento e as trutas da areia tinham ressecado um amplo arco da barreira no outro lado da vila. Ela podia ver a abertura pela diferença de cor. Um verme selvagem tinha penetrado pela abertura. Ele circulava agora dentro do espaço fechado pela umidade restante, sua boca gigantesca iluminada pelas chamas interiores, engolindo gente e cabanas num circulo que rapidamente se fechava.

Sheeana viu os últimos sobreviventes aglomerados no centro dessa destruição, um espaço já livre das rudes cabanas e cheio dos restos das armadilhas de vento. Enquanto ela observava, algumas pessoas tentavam fugir para o deserto. Sheeana reconheceu seu pai entre os corredores frenéticos. Nenhum escapou. A grande boca tragou a todos antes de se voltar para nivelar o resto do vilarejo.

Areia fumegante foi tudo que restou da frágil vila que se atrevera a reclamar uma fagulha dos domínios de Shaitan. O lugar onde se erguera o vilarejo não tinha mais qualquer marca da passagem de seres humanos.

Sheeana respirou fundo, inalando através do nariz para preservar a umidade de seu corpo, como faria qualquer boa filha do deserto. Esquadrinhou o horizonte em busca de um indicio das outra crianças, mas o rastro de Shaitan revolvera o terreno, deixando grandes curvas por todo o outro lado do vilarejo. Nem um único humano permanecia em seu campo de visão. Ela deu um grito agudo que seria ouvido muito longe através do ar seco. Não houve resposta.

“Sozinha”

Caminhou, como se estivesse em transe, ao longo da crista da duna, em direção ao lugar onde estivera o vilarejo. Enquanto se aproximava do lugar, uma grande onda de cheiro de canela penetrou em suas narinas, transportada pelo vento que ainda soprava o topo das dunas. Sheeana percebeu então o que tinha acontecido. Desastrosamente, o vilarejo se erguera no topo de uma erupção de pré-especiaria. Enquanto o grande tesouro, bem debaixo da areia, amadurecia, expandindo-se numa explosão de melange, Shaitan viera. Toda criança sabia que Shaitan não resistiria a um estouro de especiaria.

O ódio e o desespero começaram a tomar conta de Sheeana. Agindo loucamente, ela correu duna abaixo, em direção a Shaitan, aproximando-se do verme por trás, enquanto ele se virava para voltar pelo trecho de areia seca por onde penetrara no vilarejo. Sem pensar, ela correu ao lado da cauda, pulou nela e subiu ao longo do grande dorso formado por anéis sucessivos. No calombo, atrás da boca, agachou-se e bateu com os punhos contra a superfície dura.

O verme parou.

O ódio subitamente convertido em terror, Sheeana parou de golpear a criatura. Só então percebeu que estivera gritando. Um terrível sentimento de estar exposta e solitária tomou conta dela. Não sabia como fora parar ali em cima. Sabia apenas onde estava, e isso a dominou com a agonia de um pavor imenso.

O verme continuava imóvel na areia.

Sheeana não sabia o que fazer. A qualquer momento a criatura poderia rolar e esmagá-la. Ou poderia mergulhar, deixando-a na superfície para ser engolida facilmente.

De repente, um tremor propagou-se ao longo do verme, da cauda até o ponto onde Sheeana se encontrava, logo atrás da boca. A criatura começou a avançar em linha reta, depois fez uma curva ampla e ganhou velocidade rumando para nordeste.

Sheeana inclinou-se para a frente e agarrou a beirada dianteira de um dos anéis do verme. Temia que a qualquer momento ele pudesse mergulhar na areia. Que faria então? Mas Shaitan não se enterrou. E enquanto os minutos passavam sem que houvesse qualquer mudança no curso retilíneo ou na rápida passagem da criatura através das dunas, Sheeana encontrou sua mente funcionando uma vez mais. Sabia o que estava fazendo. Os sacerdotes do Deus Dividido proibiam que os vermes fossem cavalgados, mas as histórias, tanto a escrita quanto a oral, afirmavam que os Fremen tinham feito coisa semelhante nos tempos antigos. Os Fremen colocavam-se então no alto das costas de Shaitan, seguros por varas delgadas com ganchos nas extremidades. Os sacerdotes diziam que isso fora feito antes que Lato II compartilhasse de sua consciência com o Deus do deserto. Agora, não se permitiria coisa alguma que pudesse aviltar os fragmentos dispersos de Lato II.

Com uma velocidade que a deixou atônita, o verme a transportou em direção à forma enevoada de Keen. A grande cidade aparecia como miragem no horizonte distorcido. O fino manto de Sheeana chicoteava na fina espessura de seu traje-destilador remendado. Seus dedos doíam no ponto onde ela se agarrava a borda dianteira do grande anel. O cheiro de canela, pedra queimada e ozônio produzido pela troca de calor do verme a atingia a cada mudança de vento

A cidade de Keen começou a se tornar mais definida à frente dela. “Os sacerdotes vão me ver e ficarão furiosos”, pensou.

Já podia identificar as estruturas baixas, feitas de tijolos, que marcavam a primeira linha de qanats e, além delas, a superfície curva dos aquedutos. Acima dessas estruturas erguiam-se os patamares sucessivos de jardins suspensos e os perfis elevados das enormes armadilhas de vento. Depois, o complexo do templo

com suas próprias barreiras.

Um dia de marcha através da areia reduzido a pouco mais de uma hora!

Seus pais e os vizinhos do vilarejo tinham feito essa jornada muitas vezes para comerciar e comparecer às danças, mas Sheeana os acompanhara somente duas vezes. Lembrava-se das danças e da violência que geralmente se seguia. O tamanho de Keen a enchia de espanto. Tantos prédios! Tanta gente! Shaitan não poderia causar danos a um lugar assim.

Mas o verme continuava avançando como se fosse passar por cima do qanat e do aqueduto. Sheeana olhava para a cidade, erguendo-se cada vez mais diante dela. O fascínio que sentia dominou-lhe o terror. Shaitan não ia parar!

Mas o verme parou.

As aberturas tubulares de ventilação do qanat encontravam-se a não mais que 50 metros diante da imensa boca aberta. Ela sentiu o cheiro do hálito quente de canela e ouviu o rumor surdo no interior da fornalha de Shaitan.

Tornou-se evidente, afinal, que sua jornada tinha terminado. Lentamente, Sheeana soltou a borda do anel. Ficou de pé esperando que a qualquer momento o verme recomeçasse o seu movimento. Shaitan permaneceu quieto. Movendo-se com cautela, ela saiu de seu posto e pulou na areia. Parou ali por momento. Será que ele ia se mover? Um vago desejo de correr para o qanat passou por sua cabeça, mas o verme a fascinava. Tropeçando e escorregando na areia revolta, Sheeana caminhou até a parte dianteira do verme. Dentro da moldura circular de dentes de cristal, chamas avançavam e recuavam. Um sopro quente de odores de especiaria passou sobre ela.

A loucura da primeira corrida, descendo a duna até o verme, voltou à sua memória.

— Maldito seja Shaitan! — gritou ela, sacudindo um punho em direção àquela boca assombrosa. — Que foi que algum dia lhe fizemos de mal?

Eram palavras que ela tinha ouvido sua mãe dizer ante a destruição de uma horta de trufa. Nenhuma parte de sua consciência jamais questionou aquele nome, Shaitan, nem a fúria de sua mãe. Ela viera da gente mais pobre, da classe inferior de Rakis, e sabia muito bem disso. Sua gente acreditava primeiro em Shaitan e depois no Shai-hulud. Vermes eram vermes e frequentemente coisa ainda pior. Não havia justiça no deserto. Somente o perigo rondava por lá. A pobreza e o temor aos sacerdotes podiam empurrar sua gente para perigosas dunas, mas eles se moviam com a mesma persistência irada que impulsionara os Fremen.

Dessa vez, entretanto, Shaitan tinha vencido.

Finalmente chegou à consciência de Sheeana afato de que se encontrava bem no meio da trilha mortal. Seus pensamentos, ainda não inteiramente

formados, reconheceram que tinha feito uma coisa maluca. Muito tempo depois, quando os ensinamentos da Irmandade já lhe moldavam a consciência, ela percebia ter sido dominada pelo horror à solidão. Quisera que Shaitan a levasse para a companhia de seus mortos.

Um som rapante partiu de debaixo do verme.

Sheeana sufocou um grito.

Lentamente a princípio, depois cada vez mais rápido, o verme recuou vários metros, virou-se e ganhou velocidade ao lado da trilha que escavara ao sair do deserto. O ruído de sua passagem diminuiu na distância e Sheeana se tornou consciente de outro som. Ergueu os olhos para o céu. O tuoc-tuoc de um ornitóptero dos sacerdotes passou sobre ela, roçando-a com sua sombra. A aeronave brilhava ao sol da manhã enquanto seguia o verme para o deserto.

Sheeana sentiu então um medo mais familiar.

“Os sacerdotes!”

Manteve os olhos no tóptero, que pairou ao longe e depois retornou para pousar suavemente sobre um trecho de areia aplainado pelo ver-me. Sheeana podia sentir o odor de lubrificantes e a doentia acridez de combustível do tóptero. A coisa era como um gigantesco inseto aninhado na areia, esperando para saltar sobre ela.

Uma comporta se abriu.

Sheeana encolheu os ombros e se manteve no mesmo lugar. Muito bem, eles a tinham apanhado e ela sabia o que esperar agora. Não ganharia nada fugindo. Somente os sacerdotes usavam tópteros, eles podiam ir a qualquer lugar e ver tudo.

Dois sacerdotes envoltos em ricos mantos, vestes de cor branca e dourada com bainhas roxas, saíram correndo pela areia em sua direção. Ambos ajoelharam-se diante de Sheeana, tão perto que ela podia sentir o odor da transpiração de ambos e o incenso de melange que permeava suas roupas. Eles eram jovens, mas muito semelhantes a todos os sacerdotes de que podia lembrar-se: feições suaves, mãos desprovidas de calos, descuidados quanto à perda de umidade. Nenhum deles usava um traje-destilador por baixo daqueles mantos.

O que estava à esquerda, os olhos no mesmo nível dos de Sheeana, falou.

— Filha do Shai-hulud, nós vimos seu Pai trazê-la de suas terras. As palavras não faziam sentido para Sheeana. Sacerdotes eram homens que deviam ser temidos. Seus pais e todos os adultos a quem conhecera lhe haviam transmitido essa idéia com palavras e ações. Os sacerdotes possuíam ornitópteros. Os sacerdotes jogavam você para Shaitan pela menor infração, ou as vezes sem qualquer motivo, apenas por capricho. Sua gente conhecia muitos casos.

Sheeana recuou ante os homens que se ajoelhavam e olhou à sua volta. Para onde poderia correr?

Aquele que tinha falado ergueu uma mão suplicante.

— Fique conosco.

— Vocês são maus.

A voz de Sheeana estava cheia de emoção.

Ambos os sacerdotes prostraram-se na areia.

Bem longe, nas torres da cidade, a luz do sol brilhou em lentes. Sheeana viu o reflexo. Conhecia bem esse tipo de brilho. Nas cidades, os sacerdotes sempre observavam as pessoas. Quando se via o reflexo das lentes, era hora de ser inconspícuo, de ser "bonzinho".

Sheeana bateu com as mãos diante de si para que parassem de tremer. Olhou para a esquerda e para a direita, depois para os dois sacerdotes prostrados. Alguma coisa estava errada.

Com as cabeças na areia, os dois sacerdotes tremiam de medo e esperavam. Nenhum dos dois falava.

Sheeana não sabia como responder. O impacto de suas experiências recentes não podia ser absorvido pela mente de uma criança de oito anos. Ela só sabia que seus pais e todos os seus vizinhos tinham sido engolidos pôr Shaitan. Seus próprios olhos tinham testemunhado isso. E Shaitan a trouxera para cá, recusando-se a lançá-la em seus terríveis fogos. Fora poupada.

Essa era uma palavra que podia entender. "Poupada". Fora-lhe explicado quando ela aprendera a dançar ao som daquela canção.

"Poupe-nos Shai-hulud!

Lave Shaitan para longe..."

Lentamente, não querendo perturbar os dois sacerdotes prostrados, Sheeana começou os movimentos não-rítimicos da dança. À medida que a música era lembrada com mais força, abriu os braços e começou a erguer os pés em movimentos imponentes. Seu corpo girou, lentamente a princípio, depois cada vez mais rápido, na medida em que o êxtase da música aumentava. Seu longo cabelo castanho chicoteava em torno de seu rosto.

Os dois sacerdotes atreveram-se a erguer as cabeças. A estranha criança estava dançando. A Dança! Ambos reconheceram os movimentos:

A Dança da Conciliação. Ela pedia ao Shai-hulud que perdoasse o seu povo. Pedia a Deus para perdoá-los!

Eles voltaram as cabeças a fim de olhar um para o outro e juntos começaram a oscilar sobre os joelhos. Depois bateram palmas no antigo ritmo para distrair a dançarina. As mãos batiam ritmicamente e eles cantavam os antigos versos:

“Nossos pais bebiam o maná do deserto, Nos lugares flamejantes de onde vinham os redemoinhos.”

Os sacerdotes excluíram tudo de sua percepção, exceto a criança. Era uma criatura esguia, percebiam eles, com pernas e braços finos e musculatura elástica. O manto e o traje-destilador estavam gastos e remendados, como os usados pela gente mais pobre. As maçãs do rosto eram proeminentes, lançando sombras sobre a pele cor de oliva. Olhos castanhos, notaram. Fios de sol avermelhado escorrendo pelos cabelos. Havia em sua compleição a magreza daqueles que poupavam a água — nariz e queixo finos, testa larga, boca ampla e fina, pescoço longo. Ela se parecia com os retratos feitos pelos Fremen dos mais sagrado entre os sagrados em Dar-es-Balat. É claro! A filha do Shai-hulud devia ter esse aspecto.

Ela dançava bem. Não havia um ritmo facilmente copiável em seus movimentos. Havia ritmo, sim, mas uma cadência admiravelmente longa, pelo menos com 100 passos de separação. Ela a manteve enquanto o sol se erguia cada vez mais alto. Era quase meio-dia quando a menina caiu exausta na areia.

Os sacerdotes levantaram-se, olhando para o deserto de onde viera o Shai-hulud. Os pés batendo no chão ao som da dança não o tinham invocado a voltar. Eles estavam perdoados.

E assim a nova vida de Sheeana começou.

Falando alto em seus alojamentos, durante muitos dias, os sacerdotes mais graduados discutiram a respeito dela. Por fim levaram seus relatórios e pontos de vista para o Alto Sacerdote ***Dar–es–Balat***. O encontro aconteceu no meio da tarde, dentro do Salão de Pequenas Assembléias, Tuek e seis sacerdotes conselheiros estavam lá. Murais representavam Lato II, um rosto humano numa grande forma de verme a olhar para eles com benevolência.

Tuek sentou-se num banco de pedra que fora encontrado no Sietch do Passo dos Ventos. Uma das pernas ainda trazia esculpida a marca de um falcão Atreides.

Seus conselheiros ocupavam bancos mais modernos, voltados para ele.

O Alto Sacerdote era uma figura imponente, com cabelos grisalhos muito bem penteados que chegavam até os ombros, moldura adequada para o rosto quadrado com boca larga e espessa, e queixo grosso. Os olhos de Tuek retinham o branco original, cercando pupilas azuis-escuras. Sobrancelhas espessas e emaranhadas, de cor castanho acizentado, sombreavam-lhe os olhos.

Os conselheiros formavam um grupo variado. Descendentes de antigas famílias de sacerdotes, cada qual tinha no coração a crença de que tudo sairia melhor se ele estivesse sentado no banco de Tuek.

O magro Stiros, de rosto enrugado, colocou-se como porta-voz da

oposição:

— Ela não passa de uma órfã do deserto. Cavalgou o Shai-hulud. Isso é proibido e a punição, obrigatória!

Outros falaram imediatamente.

— Não! Não, Stiros. Você não entendeu! Ela não montou nas costas do Shai-hulud como faziam os Fremen. Ela não tinha ganchos produtor nem...

Stiros tentou calá-los.

Era um empate, percebeu Tuek: três a três, com Umphrud, um gordo hedonista, como advogado da “cautelosa aceitação”.

— Ela não tinha meios de guiar o curso do Shai-hulud — argumentou Umphrud. — E todos nós vimos como ela desceu para a areia sem medo e falou com ele.

Sim, todos tinham visto isso, ou na ocasião em que ocorrera ou na holofoto que um observador atento tivera o cuidado de tirar. Órfã do deserto ou não, ela havia confrontado o Shai-hulud e conversado com Ele. E o Shai-hulud não a engolfara. Não, realmente. O Verme-de-Deus tinha recuado ao comando da criança e retornado para o deserto.

— Nós vamos testá-la — disse Tuek.

No início da manhã seguinte, um ornitóptero pilotado pelos dois sacerdotes que a tinham trazido do deserto levou Sheeana para bem longe, fora do alcance das vistas da população de Keen. Os sacerdotes deixaram-na no topo de uma duna e plantaram sobre a areia a cópia meticulosa de um batedor Fremen. Quando o pino de segurança do batedor foi retirado, uma batida forte reverberou através do deserto — o ancestral chamado do Shai-hulud. Os sacerdotes fugiram para o ornitóptero e esperaram bem no alto, enquanto uma aterrorizada Sheeana, seus piores temores concretizando-se, esperou sozinha a uns 20 metros de distância do engenho percussor.

Dois vermes vieram. Não eram os maiores que os sacerdotes já tinham visto, cada qual com não mais que 30 metros de comprimento. Um deles engoliu o batedor e o silenciou. Juntos eles circularam em trilhas paralelas e pararam lado a lado, a não mais de seis metros de Sheeana.

Ela esperava submissa, os punhos fechados na extremidade dos braços unidos ao lado do corpo. Era isso que os sacerdotes faziam: jogavam as pessoas como comida para Shaitan.

Em seu tóptero, pairando no ar, os dois sacerdotes observavam fascinados. Suas lentes transmitiam a cena até os observadores, igualmente fascinados, nos alojamentos do Alto Sacerdote, em Keen. Todos eles já tinham visto algo similar anteriormente. Era uma punição-padrão, um modo conveniente de eliminar oposicionistas em meio à população ou entre os sacerdotes, ou de abrir caminho

para a aquisição de uma nova concubina. Mas nunca antes eles tinham visto uma criança solitária como vitima. E uma criança como aquela!

Os Vermes de Deus arrastaram-se lentamente para a frente depois de sua primeira parada. E mais uma vez ficaram imóveis a apenas três metros de Sheeana.

Resignada ante seu destino, ela não correu. Logo, pensou, estaria junto com seus pais e amigos. E, enquanto os vermes permaneciam imóveis, a raiva substituiu seu terror. Os sacerdotes perversos a tinham deixado ali! Podia ouvir o tóptero deles lá em cima. O quente perfume da especiaria vindo dos vermes preenchia o ar à sua volta. De súbito, ela ergueu a mão direita e apontou para o tóptero.

— Andem! Me devorem! E isso que eles querem!

Os sacerdotes lá em cima não podiam ouvir suas palavras, mas seu gesto era visível e eles podiam perceber que a menina falava com os dois Vermes de Deus, o dedo apontado para eles não devia significar boa coisa.

Os vermes não se mexiam.

Sheeana abaixou a mão.

— Vocês mataram minha mãe, meu pai e todos os meus amigos! — acusou ela, dando um passo à frente e sacudindo o punho para eles.

Os vermes recuaram, mantendo a distância.

— Se não me querem, voltem para o lugar de onde vieram!

Ela gesticulou para o deserto.

Obedientemente, as duas criaturas recuaram, virando-se num movimento único.

Os dois sacerdotes no tóptero rastrearam os dois vermes até que eles mergulharam na areia, a mais de um quilômetro de distância. Só então voltaram, cheios de medo e ansiedade. Apanharam das areias a filha do Shai-hulud e a levaram de volta para Keen.

A embaixada da Bene Gesserit em Keen já recebera um relatório completo ao cair da noite. E a noticia já estava a caminho do planeta da Irmandade na manhã seguinte.

Tinha acontecido, afinal!

7

O problema com determinadas espécies de guerra (e podem estar certos de que o Tirano sabia disso devido à sua lição implícita) é que elas destrõem toda a decência moral em certos tipos suscetíveis. Uma guerra dessa modalidade lançará os sobreviventes destroçados no meio de uma população inocente que será incapaz sequer de imaginar o que esses soldados, voltando da guerra, poderão fazer.

— Ensinamentos do Caminho Dourado, Arquivos da Bene Gesserit

Uma das memórias mais recuadas no tempo que Miles Teg possuía era a de estar sentado para jantar com seus pais e um irmão mais jovem, Sabine. Teg tinha apenas sete anos na ocasião, mas os acontecimentos ficaram marcados indelevelmente em sua memória: a sala de jantar em Lernaeus, colorida com flores recentemente cortadas, a luz baixa de um sol amarelo no horizonte sendo difundida por antigas venezianas. Louça azul brilhante e pratarias adornavam a mesa. Servas acólitas, atentas, esperavam por perto, pois sua mãe podia ser permanentemente afastada, em missão especial para a Irmandade, mas sua função como professora Bene Gesserit não devia ser desperdiçada.

Janet Roxbrough-Teg, mulher que parecia ideal para o papel de grande dama, olhou de uma extremidade a outra da mesa, observando os preparativos para o jantar e verificando a disposição dos talheres. Loschy Teg, pai de Miles, sempre observava tudo com um ligeiro ar de divertimento. Era um homem alto e magro, com testa ampla e rosto tão estreito que seus olhos escuros pareciam projetar-se lateralmente. O cabelo preto era um contraponto perfeito para o louro da esposa.

Acima dos sons abafados do jantar e do rico perfume da sopa de especiaria, a mãe instruía o pai quanto à maneira de enfrentar um inoportuno Comerciante Livre. Ao mencionar a palavra “Tleilaxu”, ela captou toda a atenção de Miles. Sua educação havia recentemente abordado os Bene Tleilax.

Mesmo Sabine, que sucumbiria muitos anos depois a um envenenador em Romo, ouvia com toda a atenção que sua idade de quatro anos podia permitir. Sabine adorava o irmão como a um herói. Qualquer coisa que captasse a atenção

de Miles seria de interesse para Sabine. Os dois meninos ouviam em silêncio.

— O homem é testa-de-ferro dos Tleilaxu — dizia Lady Janet. — Posso notar isso em sua voz.

— Eu não duvido de sua capacidade de perceber essas coisas, querida — disse Loschy Teg. — Mas que devo fazer? Ele tem os créditos adequados e deseja comprar o...

— O pedido de arroz não tem muita importância por enquanto. Mas nunca presuma que aquilo que um Dançarino Facial parece buscar é o que ele realmente quer.

— Tenho certeza de que ele não é um Dançarino Facial. Ele...

— Loschy! Sei que você aprendeu muito bem o que lhe ensinei e pode detectar um Dançarino Facial. Concordo em que o Comerciante Livre não é um deles. Os Dançarmos Faciais ficaram em sua nave. Sabem que estou aqui.

— E sabem que não poderiam enganá-la. Sim, mas...

— A estratégia dos Tleilaxu é sempre uma teia de estratégias, qualquer uma das quais pode ser a verdadeira. Eles aprenderam isso conosco.

— Minha querida, se estamos lidando com os Tleilaxu, e neste ponto eu não questiono o seu julgamento, então passamos a tratar de uma questão de melange.

Lady Janet assentiu levemente com a cabeça De tato, até mesmo Miles já sabia da ligação dos Tleilaxu com a especiaria. Era uma das coisas que o fascinavam a respeito deles. Para cada miligrama de melange produzido em Rakis, os tanques dos Bene Tlailax produziam toneladas. O uso da melange ampliara-se de acordo com o novo suprimento, e mesmo a Corporação Espacial se ajoelhava ante os novos poderosos.

— Mas o arroz... — arriscou Loschy Teg.

— Meu querido marido, os Bene Tleilax não têm utilidade para tanto arroz pongi em nosso setor. Eles o querem para comerciar. E nós precisamos descobrir quem realmente precisa do arroz.

— Você quer que eu atrase a venda?

— Precisamente. Você é soberbo no tipo de sagacidade de que necessitamos agora. Não dê àquele Comerciante Livre a chance de dizer sim ou não. Uma pessoa treinada pelos Dançarmos Faciais apreciará tal sutileza.

— Nós atrairemos os Dançarmos Faciais para fora da nave enquanto você inicia as investigações em outro lugar.

Lady Janet sorriu.

— Você é adorável quando salta na minha frente desse modo.

Um olhar de compreensão passou entre os dois.

— Ele não conseguirá outro fornecedor neste setor — comentou Loschy

Teg.

— E evitará uma confrontação, uma escolha do tipo insista ou desista — disse Lady Janet batendo na mesa. — Atrasos, atrasos e mais atrasos. Você deve atrair os Dançarmos Faciais para fora da nave.

— Eles vão perceber, é claro.

— Sim, meu querido, e isso é perigoso. Você deve sempre confrontá-los em nosso próprio campo e com nossos guardas em volta.

Miles Teg lembrava que seu pai de fato conseguira atrair os Dançarinos Faciais para fora da nave. A mãe levara Miles para junto da tela de observação, pela qual puderam observar a sala de paredes revestidas de cobre onde seu pai fez o negócio que lhe granjeou os mais altos elogios da CHOAM, além de um rico bônus.

Os primeiros Dançarmos Faciais que Miles já vira: dois homenzinhos que pareciam gêmeos. Rostos redondos, quase sem queixo, narizes chatos, bocas pequeninas, olhos negros e redondos como botões, cabelos brancos, cortados curtos, que se erguiam em pé na cabeça como as cerdas de uma escova. Os dois estavam vestidos da mesma maneira que o Comerciante Livre: calças e túnicas negras.

— Ilusão, Miles — disse-lhe a mãe. — A ilusão é o modo de vida deles. Criar ilusões para conquistar objetivos reais, é assim que trabalham os Tleilaxu.

— Como o mágico no Festival de Inverno? — indagou Miles, o olhar atento à tela de visão e sua imagem em miniatura.

— Bem parecido — concordou a mãe.

Ela também observava a tela de visão, mas um de seus braços se colocou protetoramente em torno do filho.

— Você está olhando para o mal, Miles. Estude-o cuidadosamente. Os rostos que você vê podem modificar-se instantaneamente. Eles podem ficar mais altos ou mais gordos. Podem imitar a aparência do seu pai de tal modo que só eu reconheceria a substituição.

A boca de Miles Teg formou um “Oh” mudo. Ele olhou para a tela, ouvindo seu pai explicar que o preço do arroz pongi na CHOAM tinha subido novamente, e de forma alarmante.

E a coisa mais terrível de todas — disse a mãe — é que alguns dos novos Dançarinos Faciais podem absorver algumas memórias da vítima simplesmente tocando-lhe a pele.

— Eles lêem as mentes?

Miles olhou para a mãe.

— Não exatamente. Achamos que eles tiram uma impressão das memórias, quase como num processo de holofotografia. Ainda não sabem que

temos conhecimento disso.

Miles entendia. Não deveria falar sobre isso com ninguém, nem mesmo com seu pai ou sua mãe. Ela lhe ensinara o costume Bene Gesserit de guardar segredo, e ele observou as figuras na tela com cuidado.

Ante as palavras de seu pai, os Dançarmos Faciais não demonstravam qualquer emoção, mas seus olhos pareciam cintilar com maior brilho.

— Como eles se tornam tão maus? — perguntou Miles.

— Eles são seres comunais, criados para não se identificarem com nenhum rosto nem forma. A aparência que apresentam agora é para que eu os veja. Sabem que os estou observando. Por isso relaxaram, adotando sua forma comunal natural. Guarde-a com atenção.

Miles inclinou a cabeça para um lado e examinou os Dançarmos Faciais. Eles pareciam meigos e tolos.

— Eles não possuem senso de identidade própria — explicou a mãe.

— Possuem apenas o instinto de preservar suas próprias vidas, a menos que recebam a ordem de morrer por seus senhores.

— E eles fazem isso?

— Já fizeram muitas vezes.

— E quem são os seus senhores?

— Homens que raramente deixam os planetas dos Bene Tleilax.

— Eles têm filhos?

— Não os Dançarmos Faciais. Estes são híbridos, estéreis. Mas seus senhores procriam. Nós já nos unimos a alguns deles, mas a prole é sempre muito estranha. Nascem poucas meninas, e mesmo com essas somos incapazes de sondar as Memórias Anteriores.

Miles franziu a testa. Sabia que sua mãe era uma Bene Gesserit. E tinha o conhecimento de que as Reverendas Madres guardavam consigo um maravilhoso reservatório de Memórias Anteriores que recuavam através de todos os milênios de existência da Irmandade. Conhecia até mesmo alguns detalhes do projeto de procriação da Bene Gesserit. As Reverendas Madres escolhiam certos homens em especial e tinham filhos com esses homens.

— Como são as mulheres Tleilaxu?

Era uma pergunta inteligente que produziu uma onda de orgulho em Lady Janet. Sim, era quase certo que ela tivesse ali um Mentat em potencial. As encarregadas da procriação estavam certas quanto ao potencial genético de Loschy Teg.

— Ninguém, fora de seus planetas, jamais relatou ter visto uma fêmea Tleilaxu — explicou Lady Janet.

— E elas existem ou são apenas os tanques?

— Elas existem.
— Serão mulheres alguns dos Dançarmos Faciais?
— Mediante sua própria vontade, eles podem converter-se em machos ou fêmeas. Observe-os cuidadosamente. Eles sabem o que seu pai está fazendo e isso os deixa furiosos.
— Tentarão ferir meu pai?
— Não se atreveriam. Nós tomamos precauções e eles sabem disso. Observe como o da esquerda fica mexendo com o queixo. É um de seus sinais de raiva.
— Disse que eles eram... seres comunais.
— Como os insetos de uma colmeia, Miles. Não possuem identidade individual. E, não possuindo noção do "eu", podem colocar-se além da moralidade. Não se pode confiar em nada do que dizem ou fazem.
Miles estremeceu.
— Nunca fomos capazes de detectar um código de ética neles — explicou Lady Janet. — Eles são carne transformada em autômatos. Sem a noção do "eu", não possuem nada para duvidar ou estimar. São criados apenas para obedecer a seus senhores.
— E receberam ordens de vir aqui e comprar o arroz?
— Exato. Disseram-lhes que o obtivessem e não há outro lugar neste setor onde possam fazê-lo.
— Devem comprá-lo de meu pai?
— É a única fonte de que dispõem. Neste exato momento, filho, eles estão pagando com melange. Está vendo?
Miles viu as marcas marrom-alaranjadas de especiaria trocarem de mãos, uma pilha alta que um dos Dançarmos Faciais removeu de uma caixa no chão.
— O preço é muito mais elevado do que eles tinham previsto — disse Lady Janet. — Vai ser uma trilha fácil de ser seguida.
— Por quê?
— Alguém irá á falência adquirindo esse carregamento. Nós achamos que sabemos quem é o comprador. Mas, seja quem for, vamos descobrir logo. E então saberemos o que realmente está sendo comercializado aqui.
Lady Janet começou então a apontar as incongruências identificáveis que revelavam um Dançarino Facial ante olhos e ouvidos treinados. Eram sinais muito sutis, mas Miles os percebia imediatamente. Sua mãe então lhe disse que julgava que ele poderia tornar-se um Mentat... talvez até mais do que isso.
Pouco antes de seu 13º aniversário, Miles Teg foi enviado para a escola avançada na fortaleza da Bene Gesserit em Lampadas, onde o julgamento de sua mãe se confirmou. Ela recebeu a notícia de que sua avaliação tinha sido correta:

“Você nos deu o Mentat Guerreiro de que precisávamos.”

Teg não viu a nota até encontrá-la no dia em que remexia as coisas da mãe, escolhendo o que devia ser guardado depois da morte dela. As palavras, escritas numa pequena folha de cristal roduliano, com a marca da Irmandade embaixo, deram-lhe um estranho senso de deslocamento no tempo. Sua memória o colocou subitamente de volta em lampadas, onde o amor-admiração que sentia pela mãe fora habilmente transferido para a Irmandade, tal como originalmente planejado. Só viera a entender isso mais tarde, durante seu treinamento final como Mentat, mas a compreensão mudou muito pouco. Se muito, acabou por ligá-lo ainda mais à Bene Gesserit, confirmando que a Irmandade devia ser uma de suas forças. Ele já sabia que a Bene Gesserit era uma das forças mais poderosas de seu universo — no mínimo igual à Corporação Espacial, superior ao Conselho das Oradoras Peixes, que herdara o núcleo do antigo Império Atreides, muito superior, de longe, à CHOAM, e em igualdade de condições com a Bene Tleilax e os fabricantes de máquinas de Ix. Uma pequena amostra do poder da Bene Gesserit era o fato de elas manterem sua autoridade a despeito de a melange cultivada em tanques dos Tleilaxu ter destruído o monopólio rakiano da especiaria, exatamente como as máquinas de navegação ixianas tinham destruído o monopólio da Corporação em relação as viagens espaciais.

Então Miles já conhecia sua história muito bem. Os Navegadores da Corporação não eram mais os únicos que podiam passar uma nave através das dobras do espaço — nesta galáxia num instante, numa galáxia longínqua no espaço de uma batida de coração.

Suas professoras da Escola de Irmãs ocultaram-lhe muito pouco, revelando inclusive sua descendência dos Atreides. Essa revelação fora necessária devido aos testes a que o tinham submetido. Obviamente o estavam testando para verificar se tinha poderes de presciência. Será que poderia, como um Navegador, detectar obstruções fatais? Ele fracassou. Depois o testaram em não-câmaras e não-naves. Revelou-se tão cego a tais engenhos como o restante da humanidade. Para esse teste, entretanto, elas o alimentaram com doses crescentes de especiaria, e Miles sentiu o despertar de seu Verdadeiro Eu.

“A Mente no seu Princípio”, foi como o chamou uma Irmã professora quando ele lhe perguntou sobre as curiosas sensações que sentia.

Durante algum tempo o universo parecia mágico e ele o olhava através de sua nova capacidade de percepção. Sua consciência tornou-se um círculo, depois um globo. Formas arbitrárias tornaram-se transitórias. Ele caía sem aviso num estado de transe até que as Irmãs lhe ensinaram o modo de controlar esse poder. Forneceram-lhe relatos de santos e de místicos, e o forçaram a traçar um círculo com ambas as mãos, seguindo a linha com a sua consciência.

No final desse período, sua consciência reassumiu o contato com os rótulos convencionais, mas a memória desse tempo mágico nunca mais o abandonou. Ele passou a usar essa lembrança como uma fonte de força e resistência nas ocasiões mais difíceis.

Depois de aceitar o trabalho como Mestre de Armas para o ghola, Teg sentiu que essa mágica lembrança se tornava mais forte dentro de si. Ela foi especialmente útil durante sua primeira entrevista com Schwangyu no Castelo de Gammu. Os dois encontraram-se no estúdio da Reverenda Madre, um lugar de paredes de metal brilhante e numerosos instrumentos, a maioria com o rótulo de Ix. Até mesmo a cadeira onde ela se sentava, com o sol da manhã brilhando por trás, pela janela, e tornando seu rosto difícil de ser visto, essa cadeira era um modelo ixiano automoldável. Ele foi forçado a se sentar em uma cadeira-cão, muito embora tivesse certeza de que ela conhecia sua aversão ao uso de uma forma de vida para função tão humilhante.

— Você foi escolhido porque tem uma imagem de avô — disse Schwangyu. A luz brilhante do sol formando um halo em torno de sua cabeça envolta no capuz. “Deliberado!” — Sua sabedoria conquistará o amor e o respeito da criança.

— Não há modo de eu me tornar um figura paterna?

— De acordo com Taraza, você tem as características exatas de que ela precisa. E sei de suas honoráveis cicatrizes e do valor que possui para nós.

Isso só confirmava sua conclusão Mentat anterior. “Elas estavam planejando isso há muito tempo. Procriaram-me com esse objetivo. Nasci para isso. Sou parte do grande plano delas.”

Tudo que ele disse foi:

— Taraza espera que essa criança se torne um guerreiro formidável quando recuperar sua verdadeira identidade.

Schwangyu apenas olhou para ele por um momento, depois disse:

— Você não deve responder nenhuma das perguntas dele a respeito de gholas, caso ele toque no assunto. Nem mesmo use essa palavra na presença dele até que eu lhe dê permissão para isso. Vamos fornecer-lhe todos os dados a respeito de gholas que seu trabalho exigirá.

Calculando friamente suas palavras no sentido de obter o efeito máximo, Teg disse:

— Talvez a Reverenda Madre desconheça que sou bem versado em todos os fatos a respeito de gholas Tleilaxu. Já enfrentei os Tleilaxu em batalha.

— E acha que conhece o suficiente a respeito da série Idaho?

— Os Idaho têm a fama de ser brilhantes estrategistas militares.

— Então talvez o grande Bashar não esteja informado quanto as demais

características do nosso ghola.

Não havia dúvida quanto ao tom zombeteiro na voz. E havia mais alguma coisa: ciúme e muita raiva mal dissimulados. A mãe de Teg lhe havia ensinado os modos de ver as emoções além dos disfarces, ensinamento proibido que ele sempre escondera. Fingiu desapontamento e encolheu os ombros.

Era óbvio, entretanto, que Schwangyu sabia que ele era o Bashar de Taraza. Uma linha de separação fora traçada.

— Por ordem da Bene Gesserit — disse Schwangyu os Tleilaxu fizeram uma pequena alteração, embora significativa, na atual série Idaho. Seu sistema neuromuscular foi modernizado.

— Sem mudar a persona original?

Teg dirigiu-lhe a pergunta imaginando como ela se revelaria.

— Ele é um ghola, não um clone!

— Percebo.

— Percebe realmente? Ele precisa do mais cuidadoso treinamento prana-bindu em todos os estágios.

— Foram as ordens de Taraza — disse Teg. — E nós todos obedeceremos.

Schwangyu inclinou-se para a frente, não escondendo seu ódio.

— Pedem-lhe que treine um ghola cujo papel, em certos planos, será extremamente perigoso para todos nós. Não creio que compreenda mesmo remotamente o que vai treinar!

O que vai treinar. Não quem vai treinar. Essa criança-ghola nunca seria alguém para Schwangyu ou para qualquer uma das outras que se opunham a Taraza. Talvez o ghola não fosse realmente alguém até ter restaurada sua identidade original. Até assumir firmemente a identidade do Duncan Idaho original.

Teg percebia agora que Schwangyu tinha mais do que reservas ocultas ao projeto ghola. Ela exercia uma oposição ativa, exatamente como Taraza tinha avisado. Schwangyu era o inimigo e as ordens de Taraza tinham sido explícitas.

— Você deve proteger essa criança de qualquer ameaça.

8

Dez mil anos já se passaram desde que Leto II iniciou sua metamorfose de ser humano para verme de areia de Rakis, e os historiadores ainda debatem quais teriam sido seus motivos. Teria sido ele motivado pelo desejo de uma longa vida? Ele viveu mais de 10 vezes o tempo de vida padrão de 300 AP, mas consideremos o preço que pagou. Teria sido atraído pelo poder? Ele foi chamado de Tirano por bons motivos, mas que foi que o poder lhe trouxe que um ser humano pudesse desejar? Teria sido impulsionado pelo desejo de salvar a humanidade de si própria? Nós temos apenas seus próprios registros a respeito de seu Caminho Dourado para responder essa pergunta, e não posso aceitar as palavras de Dar-es-Balat, que só serviram como justificativa para ele mesmo. Haveria outras gratificações que somente a experiência que ele tinha poderia ter esclarecido? Sem uma evidência maior, essa pergunta é discutível. Ficamos reduzidos apenas à constatação de que ele o "fez". Só o fato físico é inegável.

— A Metamorfose de Leto IL, Conclusão do Discurso do 10.000º. Aniversário, por Gaus Andaud

Uma vez mais Waff se via em lashkar, e dessa vez havia muito em jogo. Uma Honrada Madre da Dispersão exigira sua presença. Uma powindah dos powindah! Descendentes dos Tleilaxu da Dispersão lhe haviam contado tudo que sabiam sobre essas mulheres terríveis.

— São muito mais terríveis do que as Reverendas Madres da Bene Gesserit — disseram-lhe.

"E muito mais numerosas", lembrou-se Waff.

Ele não confiava inteiramente nos descendentes de Tleilaxu que agora retornavam. Seus sotaques eram estranhos, suas maneiras, ainda mais estranhas, e o modo como realizavam os rituais, deveras questionável. Como poderiam ser readmitidos no Grande Kehl? Que possível ritual de ghufran seria capaz de purificá-los após todos esses séculos? Era inacreditável que tivessem mantido o segredo dos Tleilaxu ao longo das gerações.

Eles não eram mais irmãos-malik, e no entanto constituíam a única fonte de informação que os Tleilaxu possuíam a respeito dos Perdidos que agora

retornavam. E as revelações que tinham trazido! Revelações que tinham sido incorporadas aos gholas Duncan Idaho — isso valia todo o risco de contaminação pela maldade dos powindah.

O lugar de encontro com as Honradas Madres seria na presumida neutralidade de uma não-nave ixiana, colocada em órbita bem próxima em torno de um planeta gigante gasoso, mutuamente selecionado, num sistema solar já minerado pelo antigo Império. O próprio Profeta tinha esgotado toda a riqueza desse sistema solar. Novos Dançarmos Faciais faziam-se passar por ixianos entre a tripulação da não-nave, mas ainda assim Waff suava frio ante esse encontro. Se as Honradas Madres eram realmente mais terríveis do que as bruxas Bene Gesserit, será que a troca dos tripulantes ixianos por Dançarmos Faciais não seria detectada?

A escolha desse lugar de encontro e os preparativos necessários tinham colocado os Tleilaxu sob tensão. Seria seguro? Ele procurou tranquilizar-se carregando consigo duas armas seladas que nunca tinham sido vistas fora dos planetas do núcleo Tleilaxu. As armas eram o resultado de um longo e doloroso esforço da parte dos artífices: dois minúsculos lançadores de dardos escondidos em suas mangas. Ele treinara com eles durante anos, até o ato de sacudir as mangas e disparar os dardos envenenados constituir um reflexo quase instintivo.

As paredes da sala de reunião tinham a cor de cobre adequada, indicando que estavam defendidas contra engenhos de espionagem ixianos. Mas que instrumentos o povo da Dispersão não poderia ter desenvolvido além do conhecimento ixiano?

Waff entrou na sala com um passo hesitante. A Honrada Madre já estava lá, sentada em uma cadeira de couro amarrado.

— Você vai me chamar como todo o mundo me chama — disse ela quando ele entrou. — Honrada Madre.

Ele se curvou como tinham lhe dito que fizesse.

— Honrada Madre.

Não havia indício de poderes ocultos na voz dela, um contralto baixo com subtonalidades que revelavam desdém em relação a ele. Ela parecia uma atleta ou acrobata envelhecida, aposentada mas ainda mantendo o tônus muscular e algumas de suas habilidades. A face tinha a pele esticada sobre um crânio com ossos proeminentes nas maçãs do rosto. A boca, de lábios finos, produzia uma aparência de arrogância quando ela falava, como se cada palavra fosse projetada para baixo, em direção a pessoas inferiores.

— Bem, venha e sente-se! — ordenou ela, acenando para a outra cadeira diante de si.

Waff ouviu o assovio da porta pressurizada fechando-se atrás deles.

Estava sozinho com ela! Ela estava usando um detetor. Podia ver o fio do aparelho dirigindo-se para o seu ouvido esquerdo. Os lança-dardos de Waff tinham sido bem selados e “lavados” contra detetores. Tinham sido mantidos a uma temperatura de menos 340° Kelvin em banho de radiação durante cinco AP para se tornarem à prova de detetores. Será que isso tinha sido suficiente?

Devagar, ele se sentou na cadeira indicada.

Lentes de contato de cor laranja cobriam os olhos da Honrada Madre, dando-lhes a aparência de olhos de fera. Sem as lentes ela já era impressionante. Sem falar nas roupas que usava! Malha colante vermelha embaixo de um manto azul-escuro. A superfície do manto fora enfeitada com um estranho material nacarado que produzia arabescos curiosos e desenhos de dragão. Ela se sentava na cadeira como se esta fosse um trono, as mãos em garra repousando sobre os braços do móvel.

Waff olhou para a sala em torno. Sua gente tinha inspecionado esse aposento em companhia dos trabalhadores de manutenção ixianos e das representantes da Honrada Madre,

“Fizemos o melhor que podíamos”, pensou, e tentou relaxar. A Honrada Madre riu.

Waff olhou para ela aparentando tanta calma quanto conseguia simular.

— A senhora está me avaliando agora — acusou ele. — Está dizendo a si mesma que possui enormes recursos para empregar contra mim, instrumentos brutos e instrumentos sutis para realizar suas vontades.

— Não use esse tom de voz comigo.

As palavras saíram baixas e sem emoção, mas carregavam um peso de tamanho veneno que Waff quase recuou.

Ele olhou para a musculatura da perna da mulher, aquele tecido de malha vermelha fluindo sobre ela como se fosse parte orgânica de seu próprio corpo.

A hora do encontro fora ajustada para colocá-los juntos no que seria o meio-dia mútuo, o tempo em que haviam estado despertos tendo sido equilibrado durante a viagem. Ainda assim Waff se sentia deslocado e em desvantagem. Seriam verdadeiras as histórias de seus informantes? Ela devia ter algum tipo de arma consigo.

Sorriu para ele sem qualquer humor.

— Está tentando intimidar-me — disse Waff.

— E estou conseguindo.

A raiva percorreu o corpo do Waff. Ele a manteve fora de sua voz.

— Eu vim aqui a seu convite.

— Espero que não tenha vindo para se colocar num confronto que certamente iria perder — ela disse.

— Vim para estabelecer uma união entre nós — disse ele, enquanto se perguntava: “Que elas podem precisar de nós? Certamente devem precisar de alguma coisa.”

— Que união pode haver entre nós? — perguntou ela. — Você poderia erguer um prédio em cima de uma jangada em desintegração? Ah, acordos podem ser rompidos, e frequentemente o são.

— Que estamos barganhando? — perguntou ele.

— Barganhando? Eu não estou barganhando. Estou interessada nesse ghola que você fez para as bruxas.

O tom de voz dela não revelava coisa alguma, mas as batidas do coração de Waff se aceleraram ante a pergunta.

Em uma de suas vidas como ghola, Waff havia treinado sob a orientação de um Mentat renegado. As capacidades de um Mentat encontravam-se além do seu alcance e além disso o raciocínio exigia palavras. Eles acabaram forçados a matar o Mentat powindah, mas aprenderam algumas coisas de valor com a experiência.

“Ataque e absorva os dados que o ataque produz!”

— A senhora não me oferece nada em troca — disse ele em voz alta.

— A recompensa está a meu critério.

Waff a olhou com zombaria.

— Está brincando comigo?

Ela mostrou os dentes brancos num sorriso feroz.

— Você não sobreviveria à brincadeira, nem eu desejaria brincar.

— Assim, dependo inteiramente de sua boa vontade!

— Dependência! — A palavra escapou-lhe da boca como se produzisse uma sensação desagradável. — Por que enviam esses gholas para as bruxas e então os matam?

Waff comprimiu os lábios e permaneceu em silêncio.

— Vocês mudaram esse ghola de algum modo, deixando-o ainda capaz de recuperar as memórias originais — disse ela.

— Vocês sabem um bocado! — admitiu Waff.

Não era zombaria e ele esperava não ter deixado transparecer coisa alguma. “Espiões!” Ela tinha espiãs entre as bruxas! Haveria também um traidor no coração dos Tleilaxu?

— Existe uma menina em Rakis que figura nos planos das bruxas — disse a Honrada Madre.

— Como sabe disso?

— As bruxas não fazem um movimento sem que fiquemos sabendo! Você pensa em espiãs, mas não imagina até onde vai o nosso braço!

Waff estava impressionado. Como ela poderia ler sua mente? Teria sido alguma coisa que surgira da Dispersão? Um talento desenvolvido lá fora, onde a semente humana original não pudera observar?

— De que modo modificou esse ghola? — indagou ela.

"A voz!"

Waff, prevenido contra tais habilidades por seu professor Mentat, quase balbuciou uma resposta. Essas Honradas Madres possuíam alguns poderes das bruxas! Era algo inesperado vindo da parte dela. Esperava-se tais coisas de uma Reverenda Madre, e se ficava preparado. Waff levou um momento para recuperar o equilíbrio, depois levou as mãos ao queixo.

— A senhora possui recursos interessantes — disse ele.

Uma expressão de moleque surgiu no rosto de Waff. Sabia como podia parecer desarmante.

"Ataque!"

— Sabemos o quanto já aprenderam da Bene Gesserit — ele disse.

Uma expressão de raiva passou pelo rosto dela e se foi.

— Elas não nos ensinaram nada!

Waff modulou a voz para um tom bem-humorado, lisonjeador.

— Certamente isto não é negociar.

— Não?

Ela parecia genuinamente surpresa.

Waff abaixou as mãos.

— Vamos, Honrada Madre, admita que está interessada nesse ghola. Fala em coisas de Rakis. Por que nos toma?

— Por muito pouco. Vocês se tornam menos úteis a cada instante.

Waff sentiu uma fria e mecânica lógica na resposta dela. Nada havia de Mentat ali, mas alguma coisa mais terrível. "Ela é capaz de me matar aqui mesmo!"

Onde estariam as armas dela? Será que ela precisaria de armas? Ele não gostava da aparência daqueles músculos, dos calos nas mãos dela, do brilho predador em seus olhos alaranjados. Será que ela poderia prever (ou mesmo saber) dos lança-dardos que ele trazia?

— Somos confrontadas por um problema que não pode ser resolvido com a lógica — disse ela.

Waff olhou para ela chocado. Um Mestre Zensunni teria dito isso! Ele próprio o dissera em mais de uma ocasião.

— Você provavelmente nunca considerou tal possibilidade — ela disse.

Foi como se as palavras tivessem arrancado uma máscara do rosto dela. Waff subitamente pôde enxergar além, até a pessoa fria e calculista por trás

daquelas posturas. Será que ela o tomava por algum ser inferior, adequado apenas para colher lixo nas ruas?

Tentando transparecer tanta admiração hesitante quanto podia, ele perguntou:

Como tal problema poderia ser resolvido?

— O curso natural dos acontecimentos vai fazê-lo desaparecer.

Waff continuou a olhar para ela em fingida incompreensão. As palavras dela não tinham qualquer tom de revelação. Ainda assim havia tanta coisa implícita! Ele disse:

— Suas palavras me deixam flutuando.

— A humanidade tornou-se infinita. Essa foi a verdadeira dádiva da Dispersão.

Waff lutou para esconder o torvelinho que tais palavras criavam.

— Infinitos universos, tempo infinito. Qualquer coisa pode acontecer — disse ele.

— Ah, você é um manikin muito brilhante — ela disse. — Como alguém pode levar em consideração possibilidades infinitas? Isso não é lógico.

Ela parecia, pensou ele, um daqueles antigos líderes do Jihad Butleriano que tinham tentado livrar a humanidade das mentes mecânicas. Essa Honrada Madre estava curiosamente obsoleta.

— Nossos ancestrais buscaram uma resposta nos computadores — provocou ele.

"Vamos ver como ela reage a isso!"

— Você já sabe que os computadores carecem de uma capacidade infinita de armazenagem.

Novamente as palavras dela o desconcertaram. Será que ela podia realmente ler a mente? Seria uma forma de impressão cerebral? O que os Tleilaxu faziam com seus gholas e Dançarmos Faciais, outros poderiam fazer igualmente. Ele focalizou sua percepção e se concentrou nos ixianos e suas máquinas malignas. Máquinas powindah!

A Honrada Madre percorreu o aposento com o olhar.

Estaremos enganadas em confiar nos ixianos? — perguntou ela. Waff prendeu a respiração.

Não creio que confie neles verdadeiramente — ela comentou. — Vamos, homenzinho. Eu lhe ofereço minha boa vontade.

Tardiamente, Waff começou a suspeitar de que ela estava tentando ser sincera e amistosa com ele. Decerto já tinha colocado de lado toda aquela pose anterior de superioridade furiosa. Os informantes de Waff entre os Perdidos diziam que as Honradas Madres tomavam suas decisões de ordem sexual à

maneira das Bene Gesserit. Será que ela estava tentando ser sedutora? Não obstante ela tinha “compreendido” claramente e apresentado as fraquezas da lógica.

Era tudo muito confuso!

— Nossa conversa está seguindo em círculos — ele disse.

— Muito pelo contrário. Círculos se fecham, abrangem, limitam. A humanidade não tem mais o seu crescimento limitado por questões de espaço.

Lá ia ela de novo! Ele falou com a língua seca:

— Costuma-se dizer que aquilo que não se pode controlar deve-se aceitar.

Ela inclinou-se para a frente, os olhos alaranjados atentos ao rosto dele.

— Você aceita a possibilidade de um desastre final para a Bene Tleilax?

— Se fosse esse o caso, não estaria aqui.

— Quando a lógica falha, outro instrumento deve ser usado.

Waff sorriu.

— Isso parece lógico.

— Não zombe de mim! Como se atreve!

Waff ergueu as mãos de modo defensivo e assumiu um tom de voz tranquilizador.

— Que ferramenta sugere a Honrada Madre?

— Energia!

A resposta dela o surpreendeu.

— Energia? De que forma e quanta?

— Você pede respostas lógicas.

Com um sentimento de desapontamento e tristeza, Waff compreendeu que ela não era, afinal de contas, uma Zensunni. A Honrada Madre só fazia jogos com palavras nas fronteiras da ilogicidade, circundando-a. Sua ferramenta ainda era a lógica.

— A podridão do centro espalha-se para fora — disse ele.

Era como se ela não tivesse ouvido sua declaração de teste.

— Existe energia não-utilizada nas profundezas de qualquer ser humano que nos dignanos a tocar — ela disse, estendendo um dedo magro até a distância de alguns milímetros do nariz dele.

Waff recuou em sua cadeira até ela abaixar o braço e comentou:

— Não foi o que as Bene Gesserit disseram antes de criar seu Kwisatz Haderach?

— Elas perderam o controle sobre si mesmas e, desse modo, sobre ele — zombou a Honrada Madre.

Novamente Waff achou que ela usava lógica ao analisar o não-lógico. O quanto lhe tinha revelado nesses pequenos lapsos... Ele já podia vislumbrar a

provável história dessas Honradas Madres. Uma das Reverendas Madres verdadeiras, dos Fremen do Rakis, participara da Dispersão. Diversas pessoas tinham fugido nas não-naves durante e imediatamente após os Tempos da Fome. Uma não-nave havia semeado algum lugar, deixando lá a bruxa selvagem e seus conceitos. Essa semente agora retornava na forma dessa caçadora de olhos cor de laranja.

Uma vez mais ela o golpeou com a Voz, exigindo:

— Que foi que fiz~1am naquele ghola?

Dessa vez Waff estava preparado e repeliu o golpe sem dificuldades. Essa Honrada Madre teria que ser desviada ou, se possível, exterminada. Ele tinha aprendido muito com ela, mas não haveria maneira de se avaliar o quanto ela aprendera com ele a partir de suas habilidades insondáveis.

“Elas são monstros sexuais”, seus informantes lhe tinham dito. “Escravizam os homens pelos poderes do sexo.”

— Quão pouco você sabe a respeito dos prazeres que eu lhe poderia proporcionar — disse ela, a voz golpeando como um chicote em torno de si.

Quão tentadora! Quão sedutora!

Waff respondeu na defensiva:

— Diga-me por que.

— Eu não preciso lhe dizer nada!

— Então não veio aqui para fazer um acordo — disse ele, tristonho.

As não-naves tinham de fato semeado outros universos com a podridão. Waff sentia o peso da necessidade sobre seus ombros. E se não pudesse matá-la?

— Como se atreve a sugerir um acordo com uma Honrada Madre? Saiba que nós fazemos o preço!”

— Não conheço seus costumes, Honrada Madre. Mas sinto em suas palavras que a ofendi.

— Desculpa aceita.

“Eu não pensei em me desculpar!” Olhou para ela sem emoção. Muitas coisas podiam ser deduzidas a partir do seu comportamento. À luz de suas experiências milenares, Waff examinou o que tinha aprendido ali. Essa mulher da Dispersão viera em busca de uma informação essencial. Portanto, não tinha outra fonte de informação. Sentia o desespero da parte dela, bem disfarçado mas inconfundível. Ela precisava confirmar ou desmentir alguma coisa que temia.

Como se parecia com uma ave de rapina, pousada ali com as garras assentadas levemente sobre os braços da cadeira! “A podridão do centro se espalha para fora.” Tinha dito isso e ela não ouvira. Era evidente que a humanidade atomizada continuava a se expandir em sua Dispersão das Dispersões. As pessoas representadas por essa Honrada Madre não tinham

encontrado nenhum modo de rastrear as não-naves. Era isso sem dúvida. Ela caçava as não-naves do mesmo modo como as bruxas da Bene Gesserit o faziam.

— A senhora busca um modo de anular a invisibilidade das não-naves — ele disse.

A declaração obviamente a deixou abalada. Não tinha esperado isso desse “manikin” com jeito de duende, sentado ali diante dela. Waff viu o medo, depois a raiva e então uma decisão passar pelas feições dela antes de a máscara predadora assentar-se de novo. Ela sabia, entretanto, que ele tinha percebido.

— Então é isso que faz com o seu ghola?

— É o que as bruxas da Bene Gesserit buscam com ele — mentiu Waff.

— Eu o subestimei — ela disse. — Está cometendo o mesmo erro comigo?

— Eu não penso assim, Honrada Madre. O programa de procriação que a produziu é obviamente formidável. Acho que poderia me matar com um chute antes que eu piscasse um olho. As bruxas não se igualam à senhora.

Um sorriso de prazer suavizou-lhe as feições.

— Os Tleilaxu desejam ser nossos servos ou preferem ser forçados a isso?

Ele não tentou ocultar a indignação:

— Está nos oferecendo a escravidão?

— Essa é uma de suas opções.

Ele a tinha nas mãos agora! A arrogância era a fraqueza dela. De modo submisso, perguntou:

— Que me ordenaria fazer?

— Você vai levar como suas convidadas duas jovens Honradas Madres. Elas devem procriar com você e... lhe ensinar nossos métodos de êxtase.

Waff inspirou fundo e soltou lentamente a respiração.

— Você é estéril? — perguntou ela.

— Somente nossos Dançarmos Faciais o são.

Ela já devia saber disso, era conhecimento corrente.

— Você chama a si mesmo de Mestre e no entanto ainda não dominou a si próprio — disse ela.

“Mais do que você, cadela! E eu me chamo Masheikh, fato que ainda pode destruí-la.”

— As duas Honradas Madres que enviarei com você vão fazer uma inspeção de tudo o que for Tleilaxu e voltar para mim com um relatório.

Ele suspirou como se estivesse resignado.

— E são atraentes essas duas mulheres?

— Honradas Madres! — corrigiu ela.

— É esse o único nome que usam?

— Se elas lhe quiserem dar seus nomes, esse é um privilégio delas, não seu.

Ela se inclinou de lado e raspou no piso um nó de seus dedos ossudos. Um metal brilhou na mão dela. A mulher tinha um meio de penetrar no escudo do aposento!

A comporta de entrada se abriu e surgiram duas mulheres vestidas exatamente como essa Honrada Madre. Suas capas negras tinham menos enfeites e ambas eram bem jovens. Waff olhou para elas. Seriam ambas... Ele tentou não demonstrar satisfação, mas sabia que tinha fracassado. Não importava. A velha pensaria que ele admirava a beleza dessas duas, mas, por sinais evidentes somente a um Mestre Waff percebeu que uma das recém-chegadas era um Dançarino Facial do novo tipo. Fizera-se uma troca bem-sucedida e essa gente da Dispersão não pudera detectá-la! Os Tleilaxu tinham superado com sucesso um obstáculo! Seria a Bene Gesserit igualmente cega ante esses novos gholas?

— Você está sendo sensivelmente cooperativo neste aspecto, pelo que será bem recompensado — disse a velha Honrada Madre.

— Eu reconheço seus poderes, Honrada Madre — ele disse.

Era verdade, e Waff curvou a cabeça para ocultar a decisão que tinha tomado e que sabia iria transparecer em seus olhos.

Ela gesticulou para as recém-chegadas.

— Estas duas irão acompanhá-lo. O menor capricho da parte delas será uma ordem para você. Elas devem ser tratadas com todo o respeito e toda a honra.

— E claro, Honrada Madre.

Mantendo a cabeça baixa, ele ergueu ambos os braços como se fizesse uma saudação submissa. Os dardos sibilaram, partindo de cada uma das mangas. Enquanto soltava os dardos, Waff jogou-se de lado. O movimento quase não foi suficientemente rápido. O pé direito da velha Honrada Madre projetou-se para a frente, atingindo-o na coxa esquerda e o jogando para trás com a cadeira.

Foi o último ato da vida da Honrada Madre. O dardo da manga esquerda de Waff entrou pela boca aberta da mulher e se cravou no fundo de sua garganta. Ela morreu de boca aberta num paralisado espanto, o veneno narcótico cortando-lhe qualquer exclamação. O outro dardo atingiu a recém-chegada que não era Dançarino Facial, entrando em seu olho direito. Com um golpe na garganta, o Dançarino Facial evitou que ela emitisse qualquer grito de aviso.

Dois corpos tombaram sem vida.

Dolorosamente, Waff desembaraçou-se da cadeira e a colocou em pé enquanto se levantava. Sua coxa pulsava de dor. Uma fração de metro a mais e ela lhe teria partido o fêmur! Waff percebia que a reação dela não tinha sido

controlada pelo sistema nervoso central. Como no caso de certos insetos, o ataque podia ser iniciado pelo sistema muscular necessário sem que a mente precisasse tomar uma decisão. Esse desenvolvimento teria que ser investigado.

O Dançarino Facial estava escutando o silêncio além da comporta aberta. Saiu de lado, permitindo que entrasse outro Dançarino Facial, este disfarçado de guarda ixiano.

Waff massageou a coxa ferida enquanto os Dançarmos Faciais despiam as duas mulheres mortas. O que tinha copiado o ixiano colocou a cabeça junto à da velha Honrada Madre. Tudo aconteceu muito rapidamente, e daí a pouco não havia mais guarda ixiano, apenas cópias fiéis da velha Honrada Madre e de sua jovem auxiliar. Mais um Dançarino Facial entrou e tomou a forma da segunda moça, morta no chão, e logo restavam apenas cinzas no lugar dos corpos. Uma nova Honrada Madre apanhou as cinzas com uma sacola e as escondeu embaixo do manto.

Waff fez um exame cuidadoso do aposento. As consequências de sua descoberta o deixavam trêmulo. Uma arrogância como a que fora vista ali só podia ser o resultado de poderes espantosos. Tais poderes deviam ser sondados. Ele deteve o Dançarino que copiara a velha.

— Você tomou a impressão dela?

— Sim, Mestre. Suas memórias despertas ainda estavam vivas quando eu a copiei.

— Transfira para ela.

Ele fez um gesto em direção à que tinha sido guarda ixiano. Ambas tocaram as testas por alguns segundos e se separaram.

— Está feito — disse a velha.

— Quantas cópias dessas Honradas Madres nós já fizemos?

— Quatro, Mestre.

— Nenhuma foi detectada?

— Nenhuma, Mestre.

— Estas quatro devem então retornar à pátria das Honradas Madres e aprender tudo que puderem a respeito delas. Uma das quatro deve retornar para nós com o conhecimento.

— Isso é impossível, Mestre.

— Impossível?

— Elas cortaram todas as ligações com suas origens. Esse é seu modo de ação, Mestre. Formaram uma nova célula, tendo se estabelecido em Gammu.

— Mas certamente poderíamos..

Perdoe-me, Mestre, mas as coordenados da origem delas na Dispersão estavam contidas apenas nos instrumentos de uma não-nave, e foram apagadas.

— Seus rastros estão completamente apagados?

Havia desapontamento na voz dele.

— Completamente, Mestre.

“Desastre!” Ele foi forçado a dominar um pânico súbito.

— Elas não devem tomar conhecimento do que fizemos aqui — murmurou.

— Não saberão de nós, Mestre.

— Que talentos elas desenvolveram? Quais os seus poderes? Rápido!

— São os que se poderia esperar de uma Reverenda Madre da Bene Gesserit, mas sem as memórias da melange.

— Tem certeza?

— Não há sinal disso. Como sabe, Mestre, nos.

— Sim, sim, eu sei. — Fez sinal para que ela se calasse. — Mas a velha era tão arrogante, tão.

— Com seu perdão, Mestre, mas o tempo passa. Essas Honradas Madres aperfeiçoaram os prazeres do sexo muito além do que foi desenvolvido em qualquer outro grupo.

— Então é verdade o que disseram nossos informantes.

— Elas retornaram ao tântrico primitivo e desenvolveram seus próprios tipos de estimulação sexual, Mestre. Através disso elas obtêm a adoração de seus seguidores.

— Adoração. — Ele suspirou ante a palavra. — E elas são superiores às Reprodutoras da Bene Gesserit?

— As Honradas Madres acham que são, Mestre. Devemos demonstrar-lhe as.

— Não!

Waff abandonou sua máscara de duende ante essa descoberta e assumiu a expressão de um Mestre dominador. Os Dançarmos Faciais em forma feminina curvaram as cabeças em submissão. Uma expressão de júbilo tomou conta do rosto de Waff. Os Tleilaxu retornados da Dispersão lhe tinham feito um retrato fiel! Com uma simples impressão mental, ele tinha confirmado qual era a nova arma de sua gente!

— Quais são suas ordens, Mestre? — perguntou a velha.

Waff reassumiu a aparência de elfo.

— Nós vamos examinar essas questões somente depois de retornarmos ao núcleo Tleilaxu em Bandalong. Enquanto isso, até mesmo um Mestre não dá ordens a uma Honrada Madre. Vocês serão meus mestres até que estejamos longe de observadores.

— E claro, Mestre. Devemos agora transmitir suas ordens aos outros lá

fora?

— Sim, e minhas ordens são as seguintes: esta não-nave jamais deverá retornar a Gammu. Deve desaparecer sem deixar traço, sem sobreviventes.

— Será feito, Mestre.

9

Como muitas outras atividades, a tecnologia faz com que os investidores procurem evitar os riscos. A incerteza é eliminada sempre que possível. O investimento de capital segue essa regra, já que as pessoas geralmente preferem aquilo que é previsível. Mas poucos reconhecem o quanto isso pode ser destrutivo, como impõe limites severos à variabilidade, tornando assim populações inteiras fatalmente vulneráveis aos modos chocantes com que o universo é capaz de atirar os dados.

— Julgamento de Ix, Arquivos da Bene Gesserit

Na manhã após o teste inicial no deserto, Sheeana acordou no complexo de instalações dos sacerdotes e encontrou sua cama cercada de gente vestida em mantos brancos.

"Sacerdotes e sacerdotisas!"

— Ela está acordada — disse uma sacerdotisa.

O medo atingiu Sheeana. Ela agarrou as roupas de cama, puxando-as para junto do queixo, enquanto olhava para aqueles rostos atentos. Será que iam abandoná-la novamente no deserto? Ela tinha dormido o sono da exaustão na cama mais macia, com os lençóis mais limpos que já experimentara em seus Oito anos de vida, mas sabia também que tudo que os sacerdotes faziam podia ter duplo sentido. Não se podia confiar neles!

— Você dormiu bem?

Foi a sacerdotisa quem falou primeiro. Era uma mulher velha, de cabelos grisalhos, com o rosto emoldurado por um capuz branco com bordas roxas. Os velhos olhos eram úmidos mas alertas, de uma cor azul pálida. O nariz era um toco arrebitado, acima de uma boca estreita e um queixo pontudo.

— Você vai falar conosco? — insistiu a mulher. — Eu sou Cania, que a serviu durante a noite. Lembra-se? Eu a ajudei a se deitar.

Pelo menos o tom de voz era tranquilizador. Sheeana sentou-se na cama e olhou melhor para essas pessoas. Elas estavam com medo! Uma criança do deserto tinha o olfato capaz de detectar os feromônios indicadores. Para Sheeana era uma observação simples e direta: aquele cheiro equivalia ao medo.

— Vocês pensaram em me ferir — ela disse. — Por que fizeram isso?

As pessoas em torno dela trocaram olhares de consternação.

O medo de Sheeana dissipou-se. Tinha sentido uma nova ordem das coisas e a prova por que passara no deserto, no dia anterior; significava outras mudanças. lembrou-se de como fora subserviente a velha... Cania? Fora quase bajuladora na noite anterior. Com o tempo Sheeana aprenderia que qualquer pessoa que sobrevivesse à um teste de morte desenvolvia um novo equilíbrio emocional. O medo era transitório. A nova condição era interessante.

A voz de Cania tremeu quando ela respondeu:

— Na verdade, Filha de Deus, nós não pretendemos magoá-la.

Sheeana colocou as cobertas em seu colo.

— Meu nome é Sheeana. — Essas eram as boas maneiras do deserto. Cania já tinha dado o seu nome. — Quem são os outros?

— Eles serão mandados embora se não os quiser... Sheeana. — Cania indicou uma mulher de rosto alegre à sua esquerda, vestida num manto similar ao seu. — Todas exceto Alhosa, é claro. Ela é a sua serva do dia.

Alhosa fez uma mesura ante a apresentação.

Sheeana olhou para um rosto gordo com a abundância de água, feições envoltas numa nuvem de cabelo louro e fofo. Mudando sua atenção abruptamente, ela olhou para os homens do grupo. Eles a observavam atentos, alguns com expressões de trêmula suspeita. O cheiro do medo era muito forte.

"Sacerdotes!"

— Mande-os embora — indicou Sheeana, apontando para os sacerdotes. — Eles são haram!

Esse era um palavrão, o pior termo para tudo que fosse ruim.

Os sacerdotes recuaram, chocados.

— Vão embora! — ordenou Cania.

A expressão cruel no rosto dela não deixava dúvidas. Cania não fora incluída entre os vis, enquanto esses sacerdotes se destacavam claramente entre os abrangidos pelo rótulo de haram! Certamente eles haviam feito alguma coisa terrível para que Deus enviasse essa sacerdotisa-menina a fim de castigá-los. Cania acreditava nisso com facilidade, já que os sacerdotes raramente a tinham tratado do modo que ela julgava merecer.

Como cães enxotados, os sacerdotes curvaram-se e saíram da câmara de Sheeana. Entre os que saíram para o corredor estava um locutor-historiador chamado Dromind, homem moreno com uma mente ativa que tinha a tendência a agarrar idéias do medo como o bico de um pássaro carniceiro apanha um pedaço de carne. Quando a porta do quarto se fechou atrás deles, Dromind revelou aos trêmulos companheiros que Sheeana era a forma moderna de um

nome ancestral: Siona.

— Vocês conhecem o lugar de Siona nas histórias — ele disse. — Ela serviu o Shai-hulud em Sua transformação da forma humana para a de Deus dividido.

Stiros, o velho sacerdote enrugado, com lábios escuros e olhos pálidos e brilhantes, olhou admirado para Dromind:

— Isso é extremamente curioso — disse Stiros. — As Histórias Orais afirmam que Siona foi fundamental em Sua translação do Um para o Muitos. Sheeana. Você não acha que..

Não nos esqueçamos da tradução de Hadi Benotto das sagradas palavras de Deus — interrompeu outro sacerdote — O Shai-hulud referiu-se muitas vezes a Siona.

— Nem sempre favoravelmente — lembrou Stiros. — lembre-se do nome completo dela: Siona Ibn Fuad al-Seyefa Atreides.

— Atreides — sussurrou outro sacerdote.

— Devemos estudá-la cuidadosamente — recomendou Dromind.

Um jovem mensageiro-acólito entrou correndo pelo corredor até encontrar o grupo e localizar Stiros.

— Stiros — disse o mensageiro —, deve desimpedir esta passagem imediatamente.

— Por quê? — foi a indagação indignada do grupo de sacerdotes rejeitados.

— Ela vai ser transferida para os alojamentos do Alto Sacerdote — revelou o mensageiro.

— Por ordem de quem? — quis saber Stiros.

— Do Alto Sacerdote Tuek em pessoa. Eles estiveram ouvindo.

O mensageiro indicou vagamente com a mão a direção de onde viera.

O grupo inteiro entendeu. Aposentos podiam ser construídos de modo a que as vozes soando em seu interior fossem transmitidas para outros lugares. E sempre havia alguém escutando.

— Que foi que eles ouviram? — quis saber Stiros.

Sua voz de ancião tremia.

— Ela perguntou se seus alojamentos eram os melhores. Eles estão a ponto de transferi-la e ela não deve encontrar nenhum de vocês aqui.

— Mas que devemos fazer? — perguntou Stiros?

— Estudá-la — disse Dromind.

O corredor foi esvaziado imediatamente e todos iniciaram o processo de estudar Sheeana. O padrão de trabalho nascido ali seria impresso em todas as suas vidas durante os anos subsequentes. A rotina que tomou forma em torno de

Sheeana produziu mudanças observadas nos lugares mais distantes da área sob a influência do credo do Deus Dividido. E apenas um verbo iniciara a mudança: estudem-na!

Como ela era ingênua, pensaram os sacerdotes. Como era curiosamente ingênua. Entretanto era capaz de ler e demonstrou um interesse intenso pelos Livros Sagrados que encontrou nos alojamentos de Tuek. Seus alojamentos agora.

Tudo uma questão de sacrifício sendo transmitido dos mais altos escalões para os mais baixos. Tuek mudou-se para o quarto de seu assistente-chefe e o processo de acomodação continuou para baixo. Os alfaiates esperaram a chegada de Sheeana e tomaram suas medidas cuidadosamente. O melhor traje-destilador foi produzido para ela pelos fabricantes. Ela recebeu roupas novas, nas cores sacerdotais branca e dourada, com bainhas roxas.

E as pessoas passaram a evitar o locutor-historiador Dromind. Ele assumira o hábito de expor aos seus companheiros a história da Siona original, como se isso revelasse alguma coisa importante a respeito da atual dona do antigo nome.

— Siona foi a mulher do Sagrado Duncan Idaho — lembrava Dromind a qualquer um que se mostrasse disposto a ouvir. — Os descendentes dela estão por toda parte.

— De fato? Perdoe-me, mas estou realmente com pressa.

A princípio Tuek era mais paciente com Dromind. A história era interessante e, suas lições, muito óbvias.

— Deus nos enviou uma nova Siona — disse Tuek. — Tudo isso deve estar claro.

Dromind foi embora e logo voltou com mais detalhes sobre o passado.

— Os registros de Dar-es-Balat assumem agora novo significado — disse Dromind para o Alto Sacerdote. — Não devemos fazer mais testes ou comparações com essa criança?

Dromind agarrara o Alto Sacerdote logo depois do café da manhã, os restos da refeição de Tuek ainda ocupavam a mesa junto da sacada. Através de uma janela aberta, podiam ouvir os preparativos no quarto de Sheeana.

Tuek colocou um dedo diante dos lábios num gesto de cautela e falou em voz baixa:

— A Sagrada Criança vai partir para o deserto por sua própria escolha. — Foi até o mapa na parede e indicou uma área a sudoeste de Keen. — Aparentemente, esta é a região que lhe interessa... ou, talvez eu deva dizer, que a chama.

— Disseram-me que ela usa os dicionários com frequência — disse

Dromind. — Certamente isso não pode ser uma...

— Ela está nos testando — respondeu Tuek. — Não se deixe enganar.

— Mas Lorde Tuek, ela faz as perguntas mais infantis a Cania e Alhosa.

— Está questionando meu julgamento, Dromind?

Um tanto tardiamente, Dromind percebeu que havia ultrapassado os limites. Resolveu ficar calado, mas sua expressão revelava que ainda havia muito por dizer.

— Deus enviou essa menina para ceifar o mal que penetrou nas fileiras dos consagrados — disse Tuek. — Vá embora! Reze e pergunte a si mesmo se o mal não se alojou dentro de você.

Quando Dromind saiu, Tuek chamou um auxiliar de confiança e perguntou:

— Onde está a Sagrada Criança?

— Ela foi para o deserto, Senhor, a fim de comungar com o seu Pai.

— Para sudoeste?

— Sim, Senhor.

— Dromind deve ser levado para o leste, para bem longe, e abandonado na areia. Plante vários batedores para ter certeza de que ele nunca mais volte.

— Dromind, Senhor?

— Dromind.

Muito depois de Dromind ter sido entregue à Boca de Deus, os sacerdotes continuaram a seguir sua sugestão original. Eles estudavam Sheeana.

E Sheeana também estudava.

Gradualmente, tão gradualmente que ela não seria capaz de identificar o ponto de transição, ela veio a reconhecer o poder que possuía sobre as pessoas à sua volta. No início parecia um jogo, um continuo Dia da Criança, com os adultos pulando para satisfazer cada desejo infantil. Agora parecia que nenhum desejo era impossível de contentar.

Ela pedia uma fruta rara para o lanche?

A fruta lhe era servida numa bandeja de ouro.

Ela via uma criança lá embaixo, nas ruas fervilhantes de gente, e queria brincar com ela?

A criança era trazida aos alojamentos de Sheeana no templo. Depois que passavam o choque e o medo, a criança podia até juntar-se a ela em alguma brincadeira, que sacerdotes e sacerdotisas observavam com toda a atenção. Brincar de correr no jardim do terraço, risinhos e cochichos, tudo era motivo de análise intensa. E Sheeana sentia como uma carga a admiração de tais crianças. Ela raramente chamava de volta a mesma criança, preferindo aprender coisas novas com novos amigos.

Os sacerdotes não chegaram a consenso quanto à inocência de tais encontros. As crianças que brincavam com Sheeana eram submetidas a um interrogatório assustador, até que Sheeana descobriu e ameaçou seus guardiães.

Inevitavelmente, os comentários a respeito dela transpiraram pelo planeta e para fora dele. Os relatórios acumularam-se na Irmandade. Os anos se passavam numa espécie de rotina autocrática subliminar — e a curiosidade de Sheeana era alimentada. Era uma curiosidade que parecia não ter limites. Nenhum de seus servidores mais próximos chegou a pensar nisso como uma educação: Sheeana ensinando o clero de Rakis e este a ensinando. A Bene Gesserit percebeu de imediato esse aspecto da vida de Sheeana e o observou com atenção.

— Ela está em boas mãos. Deixem que fique lá até estar pronta para nós — ordenou Taraza. — Mantenham uma força de defesa em alerta constante e cuidem para que eu receba relatórios regulares.

Nem uma só vez Sheeana revelou suas verdadeiras origens e o que Shaitan tinha feito a sua família e aos seus vizinhos. Essa era uma coisa particular entre ela e Shaitan. Ela pensava em seu silêncio como uma forma de pagamento por ter sido poupada.

Algumas coisas perderam o interesse para Sheeana. Ela passou a fazer poucas viagens ao deserto. A curiosidade continuava, mas se tornava óbvio que uma explicação para o comportamento de Shaitan com relação a ela não seria encontrada nas areias. E, embora ela tivesse conhecimento da existência de embaixadas representando outros poderes em Rakis, as espiãs Bene Gesserit entre suas criadas cuidavam para que Sheeana não expressasse muito interesse pela Irmandade. Respostas tranquilizadoras, destinadas a abafar qualquer curiosidade, lhe eram fornecidas sempre que necessário.

A mensagem de Taraza a suas observadoras em Rakis foi simples e direta:

— As gerações de preparativos tornaram-se os anos de refinamento. Nós agiremos apenas no momento que for mais adequado. Não há mais qualquer dúvida de que essa criança é a que desejamos.

10

Em minha estimativa, mais miséria humana foi provocada pelos reformadores do que por qualquer outra força na história da humanidade. Mostrem-me alguém que diga "Alguma coisa tem que ser feita!" e eu lhes mostrarei uma cabeça cheia de intenções malignas que não possuem outra válvula de escape. O que devemos buscar sempre é encontrar o fluxo natural e seguir com ele.

— Reverenda Madre Taraza
Registro de conversação,
Arquivo BG GSXXMAT9

O céu encoberto foi clareando na medida em que o sol de Gammu subia no céu. Com a névoa se ergueram os perfumes do capim e da floresta ao redor, extraídos e condensados na umidade matutina.

Duncan Idaho encontrava-se na Janela Proibida, inalando esses perfumes. Nessa manhã, Patrin lhe dissera:

— Você tem 15 anos de idade agora. Pode considerar-se um homem jovem e não mais uma criança.

— E meu aniversário?

Os dois estavam no quarto de Duncan, onde Patrin o despertara com um copo de suco cítrico.

— Não sei quando é seu aniversário.

— Será que os gholas fazem aniversário?

Patrin ficou em silêncio. Era proibido falar de gholas com o ghola.

— Schwangyu diz que você não pode responder essa pergunta — comentou Duncan.

Patrin falou com embaraço evidente.

— O Bashar deseja que eu lhe diga que o seu treinamento será atrasado esta manhã. Ele espera que você faça os exercícios para as pernas e os joelhos até ser chamado.

— Eu fiz esses exercícios ontem!

— Apenas transmito as ordens do Bashar.

Patrin pegou o copo vazio e saiu, deixando Duncan sozinho.

Ele se vestiu rapidamente. Estariam esperando por ele para o café da manhã no refeitório. “Malditos!” Não precisava do café da manhã deles. Que estaria fazendo esse Bashar? Por que não podia começar as aulas em tempo? “Exercícios para as pernas e os joelhos!” Isso era só para preencher o tempo porque Teg tinha algum outro trabalho inesperado para fazer. Com raiva, Duncan percorreu o Caminho Proibido até a Janela Proibida. “Deixe que os malditos guardas sejam punidos!”

Achou que os odores vindos da janela aberta eram evocativos, mas não conseguia identificar as memórias que vagavam nas fronteiras da sua consciência. Sabia que haveria memórias. Achava isso assustador e ao mesmo tempo atraente — como caminhar ao longo da borda de um penhasco ou confrontar Schwangyu em desafio. Ele nunca tinha caminhado na beira de um abismo nem confrontado Schwangyu abertamente, mas podia imaginar tais coisas. Ver uma holofoto num livro-filme mostrando um caminho na beira de um abismo era suficiente para fazer o seu estômago contrair-se. E quanto a Schwangyu, ele frequentemente imaginava uma desobediência malcriada e sofria da mesma reação física.

“Alguém mais está em minha mente”, pensou.

Não era só em sua mente — em seu corpo. Podia sentir outras experiências como aquelas de que acabara de despertar, sabendo que tinha sonhado com elas, mas incapaz de relembrar os sonhos. Esse material de sonhos evocava conhecimentos que sabia não poder possuir.

E no entanto possuía.

Podia pensar nos nomes de algumas árvores cujo perfume sentia lá fora, mas esses nomes não se encontravam nos registros da biblioteca.

Essa Janela Proibida era proibida porque perfurava a muralha externa do Castelo e podia ser aberta. Era aberta com frequência, tal como acontecia agora, para ventilação. Podia alcançar a janela desde o seu quarto subindo o gradil da sacada e escorregando através de um duto de ar num depósito. Tinha aprendido a fazer isso sem causar a menor perturbação no gradil, no depósito ou no duto. Aprendera muito cedo que aqueles que tinham sido treinados pela Bene Gesserit podiam detectar sinais e indícios muito pequenos. Podia interpretar alguns desses sinais graças aos ensinamentos de Teg e de Lucila.

Oculto nas sombras da passagem superior, Duncan podia voltar seus olhos para o tapete verde da floresta ondulando sobre as colinas e subindo em direção aos picos rochosos. Achava a floresta muito atraente, e os picos mais distantes possuíam uma qualidade mágica. Era fácil imaginar que nenhum ser humano ainda pisara naquelas terras. Como seria bom perder-se ali, ser apenas ele

mesmo, sem ter que se preocupar com aquela outra pessoa habitando dentro dele. Ser um estranho lá longe.

Com um suspiro, Duncan virou as costas para o panorama e voltou para o quarto percorrendo sua rota secreta. Somente quando se encontrava de volta, na segurança de seu quarto, pôde dizer a si mesmo que tinha conseguido uma vez mais. Ninguém seria punido por sua aventura.

As punições e a dor permaneciam como uma aura desagradável em torno dos lugares que lhe eram proibidos. Isso só fazia com que Duncan usasse de extrema cautela quando quebrava as regras.

Não gostava de pensar na dor que Schwangyu poderia causar-lhe se o descobrisse na Janela Proibida. Mesmo a pior dor não faria com que ele gritasse, pensava consigo mesmo. Nunca gritara, nem durante os piores castigos a que ela o submetera. Apenas olhava para ela, odiando-a mas absorvendo sua lição. Para ele a lição de Schwangyu era muito direta: refine sua habilidade de se mover sem ser visto nem ouvido, sem deixar a menor marca que traia a sua passagem.

Em seu quarto, Duncan sentou-se na beira do catre e contemplou a parede vazia diante dele. Uma vez, quando olhava para aquela parede, uma imagem se formara — a imagem de uma mulher jovem com cabelos cor de âmbar claro e suaves feições arredondadas. Ela olhou para ele da parede e sorriu. Seus lábios moveram-se sem produzir um som. Duncan já tinha aprendido a leitura labial, de modo que pôde entender as palavras claramente.

— Duncan, meu doce Duncan.

Seria aquela a sua mãe?, perguntou a si mesmo. Sua verdadeira mãe?

Até mesmo os gholas tinham mães verdadeiras em algum ponto do passado remoto. Perdida no tempo, além dos tanques axlotl, existira uma mulher viva que o dera à luz... e que o amara. Sim, amara, pois ele fora o seu filho. Se o rosto na parede era o de sua mãe, como é que a imagem tinha chegado até ali? Não conseguia identificar o rosto, mas queria que fosse o de sua mãe.

A experiência o assustou, mas o medo não o impediu de querer repeti-la. Quem quer que fosse a jovem, sua presença passageira o tinha fascinado. O estranho dentro dele conhecia aquela jovem. Tinha certeza disso. Algumas vezes queria ser aquele estranho, ainda que por um instante — um instante suficientemente longo para aprisionar todas aquelas memórias ocultas — e no entanto temia esse desejo. Iria perder sua verdadeira identidade se o estranho penetrasse em sua consciência, pensava.

Isso seria como a morte?, perguntava a si mesmo.

Duncan tivera contato com a morte antes dos seis anos. Sua guarda tinha repelido intrusos e um dos guardas fora morto. Quatro intrusos tinham morrido também, e Duncan observara os cinco corpos serem trazidos para dentro do

Castelo — músculos flácidos, braços pendendo. Alguma coisa essencial escapara deles. Nada permanecia para convocar memórias — próprias ou de um estranho.

Os cinco tinham sido levados para algum lugar bem dentro do Castelo. Ele ouviu um guarda dizer que os intrusos estavam cheios de “shere”. E esse foi seu primeiro contato com a idéia de uma Sonda Ixiana.

— Uma Sonda Ixiana pode vasculhar a mente até mesmo de uma pessoa morta — explicara Geasa. — Shere é uma droga que o protege da sonda. Suas células estarão totalmente mortas antes que passe o efeito da droga.

Ouvindo conversas, Duncan descobriu que os quatro intrusos estavam sendo sondados também de outros modos. Tais métodos não lhe foram explicados, mas Duncan suspeitava de que isso devia ser algum segredo da Bene Gesserit. Pensou nisso como algum truque diabólico das Reverendas Madres. Elas deviam ser capazes de animar os mortos e extrair informações da carne relutante. Duncan visualizou músculos despersonalizados agindo sob o comando de um observador diabólico.

E esse observador era sempre Schwangyu.

Tais imagens preenchiam a mente de Duncan, a despeito de todos os esforços de suas mestras para afastar “as tolices inventadas pelos ignorantes”. As professoras diziam que tais histórias extravagantes eram úteis apenas para espalhar o medo da Bene Gesserit entre os não iniciados. Duncan recusava-se a acreditar que fazia parte dos iniciados. Olhando para a Reverenda Madre, sempre pensava: “Eu não pertenço a elas!”

Lucilla foi muito persistente mais tarde:

— A religião é uma fonte de energia — ela disse. — Você deve reconhecer essa energia. Ela pode ser dirigida para nossos próprios objetivos.

“Os objetivos delas, não os meus”, pensou ele.

Imaginava seus próprios objetivos e projetava imagens de si mesmo triunfando sobre a Irmandade, especialmente sobre Schwangyu. Duncan sentia que suas projeções imaginativas eram uma realidade subterrânea que agia sobre ele a partir daquele lugar habitado pelo estranho. Mas aprendeu a assentir e dar a aparência de que também achava divertida tal credulidade religiosa.

Lucila reconheceu essa dicotomia nele. Ela contou a Schwangyu!

— Ele crê que as forças místicas devem ser temidas e, se possível, evitadas. E enquanto persistir com essa crença não será capaz aprender a usar nosso conhecimento mais essencial.

As duas se haviam encontrado para aquilo que Schwangyu chamava de “sessão regular de avaliação”. A hora era pouco depois de seu leve jantar. Os sons do Castelo ao redor delas eram sons de transição — as patrulhas noturnas

começando, o pessoal que não estava de serviço gozando um de seus breves períodos de tempo livre. O estúdio de Schwangyu não fora completamente isolado de tais coisas, uma disposição deliberada da parte das restauradoras da Irmandade. Os sentidos treinados de uma Reverenda Madre podiam detectar muitas coisas nos sons que a rodeavam.

Schwangyu sentia-se cada vez mais derrotada nessas "sessões de avaliação". Era sempre mais óbvio que Lucilla não poderia ser conquistada por aquelas que se opunham a Taraza. Lucila também era imune aos subterfúgios manipulatórios de uma Reverenda Madre. E, o que era pior que tudo, Lucilla e Teg estavam ensinando habilidades voláteis ao ghola. Habilidades perigosas ao extremo. E, somando-se a todos os seus outros problemas, Schwangyu estava adquirindo um respeito crescente por Lucilla.

— Ele acredita que usamos poderes ocultos na prática de nossas artes — disse Lucilla. — Como foi que ele chegou a essa idéia peculiar?

Schwangyu sentiu a desvantagem imposta por tal pergunta. Lucilla já sabia que isso fora feito para enfraquecer o ghola. Ela estava dizendo implicitamente: "A desobediência é um crime contra a nossa Irmandade!"

— Se ele deseja o nosso conhecimento, certamente vai obtê-lo de você — respondeu Schwangyu.

Não importava o quão perigoso isso fosse na visão de Schwangyu, certamente era verdade.

— Seu desejo de conhecimento é a minha alavanca — explicou Lucilla. — Ambas sabemos que isso não é o bastante.

Não havia censura no tom de voz de Lucilla, mas Schwangyu sentiu isso.

"Maldita! Está tentando conquistar-me!", pensou Schwangyu.

Várias respostas entraram na mente de Schwangyu: "Não desobedeci minhas ordens. Droga!" Uma resposta desprezível! "O ghola tem sido tratado de acordo com as práticas de treinamento-padrão da Bene Gesserit." Inadequado e falso. Esse ghola não era um objeto-padrão de treinamento. Havia profundidades nele que só poderiam ser igualadas por uma Reverenda Madre em potencial. E esse era o problema!

— Cometi erros — admitiu Schwangyu.

"Aí está!" Uma resposta de duplo sentido que outra Reverenda Madre poderia apreciar.

— Não cometeu erro algum quando o danificou — disse Lucilla.

— Mas errei ao não prever que outra Reverenda Madre pudesse expor as falhas nele existentes — disse Schwangyu.

— Ele deseja os nossos poderes apenas para escapar de nós — comentou Lucilla. — Ele está pensando: "Algum dia vou saber tanto quanto elas e nesse

dia fugirei.”

Como Schwangyu não respondesse, Lucilla acrescentou:

— Isso foi muito hábil. Se ele fugir, teremos que caçá-lo e destruí-lo nós mesmas.

Schwangyu sorriu.

— Não cometerei o seu erro — continuou Lucilla. — Digo-lhe abertamente aquilo que sei que vai perceber de qualquer modo. Agora entendo por que Taraza enviou uma Impressora para alguém tão jovem.

O sorriso de Schwangyu desapareceu.

— Que está fazendo?

— Eu o estou prendendo a mim do modo como prendemos todas as nossas acólitas às suas mestras. Eu o estou tratando com candura e lealdade, como se fosse uma de nós.

— Mas ele é homem!

— Assim a agonia da especiaria lhe será negada, mas nada além disso. Acho que ele está respondendo.

— E quando chegar a ocasião para o estágio final da impressão? — perguntou Schwangyu.

— Sim, isso também será delicado. Você pensa que vai destruí-lo. Este, é claro, era o seu plano.

— Lucilla, a Irmandade não é unânime em apoiar o projeto de Taraza para esse ghola. Certamente sabe disso.

Era o argumento mais poderoso de Schwangyu, e o fato de ter ficado reservado para esse momento revelava muito. Os temores de que pudessem produzir outro Kwisatz Haderach eram profundos e a dissensão na Bene Gesserit, comparavelmente poderosa.

— Ele é de um estoque genético primitivo e não foi criado para ser um Kwisatz Haderach — argumentou Lucilla.

— Mas os Tleilaxu interferiram em sua herança genética!

— Sim, por ordem nossa. Eles aceleraram suas respostas musculares e nervosas.

— Será que foi só isso? — perguntou Schwangyu.

— Você viu os estudos celulares — disse Lucilla.

— Se pudéssemos fazer o que fazem os Tleilaxu, não precisaríamos deles. Teríamos nossos tanques axlotl.

— Acha que eles esconderam alguma coisa de nós?

— Eles o tiveram fora de nossa observação durante nove meses!

— Já ouvi todos esses argumentos — concluiu Lucilla.

Schwangyu ergueu as mãos num gesto de capitulação.

— Ele é todo seu, então, Reverenda Madre. E as consequências são do seu conhecimento. Mas não me vai retirar este posto, não importa o que relate à Irmandade.

— Retirar? Certamente que não. Não quero a sua facção enviando alguém que desconhecemos.

— Existe um limite aos insultos que aceitarei de você — advertiu Schwangyu.

E existe um limite ao volume de traição que Taraza pode aceitar — respondeu Lucilla.

— Se criarmos outro Paul Atreides, ou, que os Deuses nos livrem, outro Tirano, será culpa de Taraza. Diga-lhe que eu disse isso.

Lucilla levantou-se.

— Deve saber que Taraza deixou inteiramente por minha conta a quantidade de melange que entregamos a esse ghola. Já começei a aumentar sua ração de especiaria.

Schwangyu golpeou o tampo da mesa com ambos os punhos.

— Malditas sejam todas vocês! Ainda vão nos destruir!

11

O segredo dos Tleilaxu deve encontrar-se no esperma. Nossos testes provam que o esperma dos Tleilaxu não transporta informação de modo puramente genético. Ocorrem brechas. Cada Tleilaxu que examinamos escondeu de nós o seu eu interior. Eles são naturalmente imunes a uma Sonda Ixiana! O segredo nos níveis mais profundos — essa é sua derradeira armadura e sua arma final.

— Análise Bene Gesserit
Código de Arquivo:
BTXX44I WOR

Em uma manhã durante o quarto ano de permanência de Sheeana no santuário dos sacerdotes, os relatórios da espionagem Bene Gesserit despertaram um interesse especial na embaixada da Irmandade em Rakis.

— Ela estava no teto, você diz? — indagou a Madre Comandante do Castelo Rakiano.

Tamalane, a comandante, servira previamente em Gammu e sabia, mais do que ninguém, o que a Irmandade esperava produzir ali. O relatório de espionagem tinha interrompido seu lanche matinal, um composto de cifruta e melange. A mensageira ficou à vontade, ao lado da mesa, enquanto Tamalane voltava a se alimentar, relendo o relatório.

— Ela estava no teto, é verdade, Reverenda Madre — disse a mensageira.

Tamalane olhou para a mensageira, Kipuna, uma acólita nativa rakiana que estava sendo preparada para tarefas locais. Engolindo um bocado do composto, Tamalane disse:

“Traga-os de volta.” Foram exatamente essas as palavras dela?

Kipuna confirmou com um gesto de cabeça. Ela entendera a pergunta: Sheeana tinha dado uma ordem direta?

Tamalane voltou a esquadrinhar o relatório, buscando indícios reveladores. Estava feliz por ter enviado Kipuna para essa missão. Respeitava as habilidades dessa mulher rakiana. Kipuna tinha feições suaves e arredondadas e o cabelo crespo comum à classe de sacerdotes rakianos. O cérebro sob aquele

cabelo era extremamente alerta.

— Sheeana ficou aborrecida — explicou Kipuna. — O tóptero passou perto do teto e ela viu os dois prisioneiros algemados lá dentro de modo muito claro. Sabia que estavam sendo levados para a morte no deserto.

Tamalane colocou o relatório sobre a mesa e sorriu.

— Então ordenou que os prisioneiros lhe fossem trazidos de volta? Acho fascinante a escolha das palavras que ela fez.

— Traga-os de volta? — perguntou Kipuna. — Isso me parece uma ordem bem simples. Por que é fascinante?

Tamalane admirou o modo direto do interesse da acólita. Kipuna não queria deixar passar uma chance de aprender como funcionava a mente de uma verdadeira Reverenda Madre.

— Não foi essa parte do desempenho dela que me interessou — explicou Tamalane. Ela se curvou sobre o relatório, lendo em voz alta:

— "Vocês são servos de Shaitan, não servos dos servos." — Tamalane olhou para Kipuna. — Você mesma viu e ouviu tudo isso?

— Sim, Reverenda Madre. E foi julgado importante que eu lhe relatasse isso pessoalmente para o caso de ter outras perguntas.

— Ela ainda o chama de Shaitan — comentou Tamalane. — Como isso deve irritá-los! É claro que o próprio Tirano disse: "Eles me chamarão de Shaitan."

— Vi os relatórios sobe o tesouro encontrado em Dar-es-Balat — disse Kipuna.

— Não demoraram em trazer de volta os prisioneiros? — perguntou Tamalane.

— Demoraram o tempo necessário para a mensagem ser transmitida ao tóptero, Reverenda Madre. Eles foram trazidos de volta em coisa de minutos.

Isso quer dizer que eles a estão observando e ouvindo o tempo todo. Ótimo. E Sheeana demonstrou algum sinal de conhecer os dois prisioneiros? Houve alguma mensagem entre eles?

— Tenho certeza de que eram perfeitos estranhos, Reverenda Madre. Duas pessoas comuns, das classes inferiores, um tanto sujas e mal vestidas. Tinham o cheiro da gente suja das choupanas do perímetro.

— E Sheeana ordenou que as algemas fossem removidas e falou com essa gente suja? Diga-me agora suas palavras exatas: que foi que ela falou?

— vocês são do meu povo.

— Adorável, adorável — comentou Tamalane. — E Sheeana então mandou que banhassem os dois e lhes dessem roupas novas antes de serem soltos. Diga-me em suas próprias palavras o que aconteceu em seguida.

— Ela chamou Tuek, que veio com três de seus conselheiros. Foi... quase uma discussão.

— Transe de memória, por favor — pediu Tamalane — Repita a discussão inteira para mim.

Kipuna fechou os olhos, respirou fundo e entrou no transe de memória:

— Sheeana diz: “Não gosto quando alimentam Shaitan com o meu povo.” O Conselheiro Stiros diz: “Eles são sacrificados ao Shai-hulud!” Sheeana diz: “A Shaitan!” E bate com o pê no chão, furiosa. Tuek diz: “Basta, Stiros. Não vou continuar ouvindo esta discórdia.” Sheeana diz: “Quando vão aprender?” Stiros faz menção de dizer alguma coisa, mas Tuek o silencia com um olhar de fúria e diz: “Nós aprendemos, Sagrada Criança.” Então Sheeana diz: “Eu quero...”

— É o bastante — interrompeu Tamalane.

A acólita abriu os olhos e esperou em silêncio.

Daí a pouco Tamalane disse:

— Volte para o seu posto, Kipuna. Você agiu realmente muito bem.

— Obrigada, Reverenda Madre.

— Vai haver preocupação entre os sacerdotes — explicou Tamalane.

— O desejo de Sheeana é uma ordem porque Tuek acredita nela. Eles vão parar de usar os vermes como instrumentos de punição.

— E os dois prisioneiros... — observou Kipuna.

— Sim, você é muito observadora. Os dois prisioneiros vão contar o que lhes aconteceu. A história será distorcida. As pessoas vão dizer que Sheeana as protege dos sacerdotes.

— E não é exatamente isso que ela está fazendo, Reverenda Madre?

— Sim, mas considere as opções que ficam abertas aos sacerdotes. Eles irão aumentar suas formas alternativas de punição — açoites e certas privações. E enquanto o medo de Shaitan diminui por causa de Sheeana, o medo dos sacerdotes vai aumentar.

Em questão de dois meses os relatórios de Tamalane à Irmandade continham a confirmação de suas palavras.

O racionamento de rações, principalmente o racionamento de água, tornou-se a principal forma de punição — relatou Tamalane. Rumores extravagantes penetraram nos lugares mais remotos de Rakis e logo encontrarão abrigo em muitos outros planetas também.

Tamalane considerou com cuidado as implicações de seu relatório. Muitos olhos iriam vê-lo, inclusive aqueles que não simpatizavam com Taraza. E qualquer Reverenda Madre seria capaz de visualizar o que deveria estar acontecendo em Rakis. Muitos naquele planeta tinham visto a chegada de Sheeana montada num verme selvagem do deserto. E a tentativa dos sacerdotes

de guardar segredo fora errada desde o começo. A curiosidade insatisfeita tende a criar suas próprias respostas. As suposições são frequentemente mais perigosas que os fatos.

Relatórios anteriores tinham falado a respeito das crianças que eram trazidas para brincar com Sheeana. Histórias confusas sobre tais crianças eram repetidas com distorções crescentes, e tais versões tinham sido enviadas diligentemente para a Irmandade. Os dois prisioneiros, voltando às ruas com suas roupas finas, somente reforçaram a mitologia nascente. A Irmandade, artista em mitologia, possuía em Rakis uma energia pronta para ser sutilmente ampliada e dirigida.

— Nós alimentamos o povo com a crença na satisfação de um desejo — relatou Tamalane.

Pensou nas frases criadas pela Bene Gesserit enquanto relia seus últimos relatórios.

"Sheeana é aquela que esperávamos há tanto tempo."

Era uma declaração suficientemente simples, de modo que seu significado pudesse ser espalhado sem distorções inaceitáveis.

"A Filha de Shai-hulud veio para castigar os sacerdotes!"

Essa fora um pouco mais complicada. Alguns sacerdotes morreram em vielas escuras como resultado da efervescência popular. Isso deixou alerta a guarda dos sacerdotes, fazendo com que injustiças previsíveis atingissem a população.

Tamalane pensou na delegação de sacerdotes que tinha esperado por Sheeana como resultado da agitação entre os conselheiros de Tuek. Sete deles, liderados por Stiros, tinham interrompido o almoço de Sheeana com uma criança da rua. Sabendo que isso ia acontecer, Tamalane estivera preparada e uma gravação secreta do incidente lhe fora trazida, as palavras audíveis, cada expressão visível, os pensamentos bem evidentes para o olho treinado de uma Reverenda Madre.

— Nós estávamos fazendo um sacrifício ao Shai-hulud! — protestou Stiros.

— Tuek já lhe disse para não discutir comigo a esse respeito — disse se Sheeana.

Como as sacerdotisas sorriram ante o embaraço de Stiros e dos outros sacerdotes!

— Mas o Shai-hulud... — começou Stiros.

Shaitan! — corrigiu Sheeana, e sua expressão era facilmente interpretável: "Será que esses sacerdotes estúpidos não sabem nada?"

Mas nós sempre pensamos...

— Vocês estavam errados.

Sheeana bateu com o pé.

Stiros fingiu que precisava de explicação.

— Devemos acreditar que o Shai-hulud, o Deus Dividido, também é Shaitan ?

Que tolo completo ele era, pensou Tamalane. Até uma adolescente podia confundi-lo, como Sheeana fez em seguida.

— Qualquer criança das ruas sabe disso assim que começa a andar! — disse Sheeana.

Stiros falou de modo matreiro:

— Como sabe o que se passa na cabeça das crianças da rua?

— Você faz mal duvidando de mim! — acusou Sheeana.

Era uma resposta que ela havia aprendido a usar com frequência, sabendo que isso traria Tuek e causaria problemas.

Stiros sabia disso muito bem. Esperou com os olhos voltados para o chão, enquanto Sheeana, falando com grande paciência, como alguém que contasse uma velha fábula a uma criança, explicava que deus, o diabo ou ambos habitavam o verme do deserto. Os seres humanos tinham que aceitar isso. Não cabia aos mortais decidir tais coisas.

Stiros tinha mandado abandonar pessoas no deserto por semelhante heresia. Sua expressão (tão cuidadosamente registrada para análise pela Bene Gesserit) dizia que tais idéias loucas estavam sempre brotando do lixo no fundo das regiões inferiores de Rakis. Mas agora ele tinha que aguentar a insistência de Tuek de que esta Sheeana falava a verdade divina!

Enquanto observava a gravação, Tamalane pensou que o caldo estava fervendo lindamente. Relatou isso à Irmandade. Dúvidas fustigavam Stiros; dúvidas por toda parte, exceto na devoção crescente do povo por Sheeana. Os espiões mais próximos de Tuek revelavam que ele estava começando a duvidar de sua sabedoria ao executar o locutor-historiador Dromind.

— Dromind estaria certo em duvidar dela? — Tuek perguntava àqueles que o cercavam.

— Impossível! — respondiam os bajuladores. Que mais poderiam dizer? O Alto Sacerdote era incapaz de cometer erros. Deus não permitiria tal coisa. E no entanto Sheeana claramente o confundia. Ela colocava as decisões de muitos Altos Sacerdotes anteriores a ele num limbo terrível. Reinterpretações eram exigidas de todos os lados.

Stiros continuava perguntando a Tuek:

— Que é que sabemos realmente a respeito dela? Tamalane tinha uma transcrição completa do mais recente desses confrontos. Stiros e Tuek sozinhos,

debatendo noite adentro, julgando-se a sós nos alojamentos de Tuek, confortavelmente instalados nas raras cadeiras-cães azuis, alimentos com melange ao alcance da mão. A holofoto que Tamalane recebera de tal encontro mostrava um único globo luminoso flutuando em seus suspensores logo acima da dupla, a luz reduzida para não cansar os olhos fatigados.

— Talvez aquela primeira vez que a deixamos no deserto com um batedor não tenha sido um bom teste — dizia Stiros.

Era uma declaração astuta. Tuek era notado por não possuir uma mente complexa.

— Não foi um bom teste? Que está querendo dizer?

— Que Deus pode desejar que façamos outros testes.

— Você a viu, com os próprios olhos, muitas vezes no deserto, falando com Deus!

— Sim! — Stiros quase saltou. Evidentemente, essa era a resposta que estava esperando. Se ela pode permanecer ilesa na presença de Deus, talvez possa ensinar outros a fazerem o mesmo.

— Sabe que ela fica zangada sempre que sugerimos tal coisa.

— Talvez não tenhamos abordado o problema do modo certo.

— Stiros! E se a criança estiver certa? Nós servimos o Deus Dividido. Tenho pensado muito a respeito. Por que Deus se dividiria? Não é esse o seu teste final?

A expressão na face de Stiros revelava que esse era o tipo de ginástica mental que sua facção temia. Tentou desviar Tuek desse pensamento, mas Tuek não podia ser arrastado para fora de um mergulho unidirecional no oceano da metafísica.

— O teste derradeiro — insistiu Tuek. — Ver o bem no mal e o mal no bem.

A expressão de Stiros só podia ser descrita como consternada. Tuek era o Supremo Consagrado por Deus. Nenhum sacerdote podia duvidar do que ele dizia. E o resultado de Tuek, tornando público tal pensamento, causaria um abalo profundo nas fundações da autoridade sacerdotal! Obviamente, Stiros estava perguntando a si mesmo se não chegara a hora de mandar para o deserto esse Alto Sacerdote.

— Eu nunca pensaria poder debater idéias tão profundas com meu Alto Sacerdote — disse Stiros. — Mas talvez eu possa sugerir algo que resolveria muitas dúvidas.

— Sugira então — disse Tuek.

— Instrumentos sutis poderiam ser introduzidos nas roupas dela. Com eles poderíamos ouvir enquanto ela fala com.

Acha que Deus não teria conhecimento do que fizéssemos?

— Tal pensamento nunca atravessou minha mente!

— Não vou ordenar que ela seja levada para o deserto.

— Mas e se for idéia dela ir? — Stiros assumiu sua expressão mais cativante. — Ela fez isso muitas vezes.

— Mas não recentemente. Parece ter perdido sua necessidade de consultar Deus.

— Não poderíamos sugerir isso a ela? — indagou Stiros.

— De que modo?

— Sheeana, quando vai falar novamente com seu Pai? Você não se coloca mais em Sua presença.

— Isso parece mais uma provocação do que uma sugestão.

— Estou apenas propondo que..

— Essa Sagrada Criança não é tola! Ela fala com Deus, Stiros. Deus poderia punir-nos apenas por tal presunção.

— Deus não a colocou aqui para que a estudássemos? — indagou Stiros.

Para o gosto de Tuek, isso estava muito próximo da heresia de Dromind. Olhou furioso para Stiros.

— O que eu quero dizer — continuou Stiros — é que certamente Deus deseja que aprendamos com ela.

O próprio Tuek dissera isso muitas vezes, nunca ouvindo em suas próprias palavras um curioso eco das palavras de Dromind.

— Ela não deve ser provocada nem testada — insistiu Tuek.

— Os céus o proíbem! — disse Stiros. — Eu serei a fonte da sagrada cautela. E tudo que eu aprender a respeito da Sagrada Criança lhe será relatado imediatamente.

Tuek meramente acenou com a cabeça. Ele tinha seus próprios modos de se certificar de que Stiros falava a verdade.

Os testes subsequentes foram imediatamente relatados à Irmandade por Tamalane e suas subordinadas.

— Sheeana tem um olhar pensativo — relatou Tamalane. Entre as Reverendas Madres em Rakis e entre aquelas a quem elas informavam, esse olhar pensativo tinha uma interpretação muito óbvia. Os antecedentes de Sheeana tinham sido deduzidos muito tempo atrás e as intromissões de Stiros faziam a menina ficar com saudades de casa. Sheeana mantinha o silêncio com muita sabedoria, mas era evidente que estimava muito a vida que levara numa vila de pioneiros. A despeito do perigo e de todos os temores, aqueles tinham sido tempos felizes para ela. Lembrava-se do riso, de colocar bastões na areia para prever o tempo, caçar escorpiões nas fendas das cabanas ou farejar

especiaria nas dunas. Pelas viagens seguidas que Sheeana fazia naquela área, a Irmandade fizera uma suposição razoavelmente precisa quanto à localização do vilarejo perdido e ao que lhe acontecera. Sheeana olhava com frequência para um velho mapa de Tuek na parede de seu quarto.

E, como Tamalane esperava, certa manhã Sheeana apontou o dedo para uma posição no mapa da parede, o mesmo lugar aonde fora muitas vezes.

— Leve-me até este lugar — ordenou a suas criadas.

Um tóptero foi solicitado.

Enquanto os sacerdotes escutavam avidamente, num tóptero pairando muito alto, Sheeana confrontou uma vez mais seu inimigo na areia. Tamalane e suas assessoras, sintonizadas nos circuitos dos sacerdotes, observavam com igual interesse.

Nada que sugerisse mesmo remotamente um vilarejo permanecia na vastidão varrida pelas dunas onde Sheeana pediu para ser deixada. Dessa vez, entretanto, ela usou um batedor para chamar o verme. Outra das matreiras sugestões de Stiros, acompanhada de instruções cuidadosas sobre o modo antigo de convocar o Deus Dividido.

O verme veio.

Tamalane, que observava em seu próprio projetor, considerou o verme um monstro mediano. Seu comprimento foi estimado em aproximadamente 50 metros e Sheeana ficou a apenas três metros da boca aberta. O bafejar dos fogos interiores do verme era claramente audível aos observadores.

— Vai me contar por que fez aquilo? — perguntou Sheeana.

Ela nem estremecia diante do bafo quente do verme. A areia estalava embaixo do monstro, mas ela não dava qualquer sinal de estar ouvindo.

— Responda-me! — ordenou.

Nenhuma voz partiu do verme, mas Sheeana parecia estar ouvindo alguma coisa, a cabeça inclinada para um lado.

— Então volte para o lugar de onde veio — ela disse.

E acenou para que o verme fosse embora.

Obedientemente, o verme recuou e mergulhou na areia.

Durante dias, enquanto a Irmandade observava com satisfação, os sacerdotes debateram esse breve encontro. Sheeana não podia ser questionada a respeito, ou saberia ter sido espionada. E, como de hábito, ela se recusava a comentar suas visitas ao deserto.

Stiros continuou com suas astutas sondagens. O resultado foi exatamente aquele que a Irmandade esperava. Sem qualquer aviso, Sheeana acordava num determinado dia e dizia:

— Hoje eu irei ao deserto.

Algumas vezes ela usava um batedor, outras vezes dançava para chamar a criatura. De bem longe na areia, além do alcance da visão a partir de Keen ou qualquer outro lugar habitado, os vermes atendiam ao seu chamado. E Sheeana, sozinha diante de um verme, falava com ele enquanto outros ouviam. Tamalane achou fascinantes os registros acumulados, na medida em que passavam por suas mãos a caminho da sede da Irmandade.

— Eu devia odiá-lo!

Que rebuliço isso não causou entre os sacerdotes! Tuek queria um debate aberto: devemos odiar o Deus Dividido ao mesmo tempo em que O amamos?

Stiros mal conseguiu calar essa sugestão com o argumento de que os desejos de Deus ainda não estavam claros.

E Sheeana indagou a um de seus gigantescos visitantes:

— Vai me deixar cavalgá-lo novamente?

Quando ela se aproximou, o verme recuou e não permitiu que o montasse.

Em outra ocasião ela perguntou:

— Devo permanecer entre os sacerdotes?

Esse verme em particular mostrou-se o alvo de muitas perguntas, entre elas:

— Para onde vão as pessoas que você come?

— Por que as pessoas são falsas comigo?

— Devo punir os maus sacerdotes?

Tamalane riu diante dessa última pergunta, sabendo a agitação que ela causaria no meio do pessoal de Tuek. Suas espiãs relataram obedientemente o temor entre os sacerdotes.

— Como Ele responde a ela? — perguntou Tuek. — Alguém já ouviu Deus responder?

— Talvez ele fale diretamente à alma dela — arriscou um conselheiro.

Tuek aceitou de imediato a sugestão:

— E isso! Devemos perguntar a ela o que Deus lhe diz.

Sheeana recusou-se a participar de tais debates.

— Ela tem razoável consciência de seus poderes — relatou Tamalane. — Não está incursionando no deserto com muita frequência agora, a despeito das sugestões de Stiros. Como era de se esperar, a atração diminuiu. O medo e o entusiasmo não podem levá-la muito além. Ela aprendeu, entretanto, a dar uma ordem efetiva:

— Vá embora!

A Irmandade marcou isso como um progresso importante. E quando até mesmo o Deus Dividido passou a obedecer, nenhum sacerdote ou sacerdotisa era mais capaz de questionar a autoridade de Sheeana nesse aspecto.

— Os sacerdotes estão construindo torres no deserto — relatou Tamalane. — Eles querem ter um número maior de locais de onde possam observar Sheeana em suas saídas para o deserto.

A Irmandade tinha antecipado isso e até fizera algumas sugestões veladas para acelerar o projeto. Cada torre tinha a própria armadilha de vento, a própria equipe de manutenção, jardins, barreira de água e outros elementos da civilização. Cada uma representava uma pequena comunidade expandindo-se além das áreas povoadas de Rakis, bem dentro do domínio dos vermes.

As vilas de pioneiros não eram mais necessárias e Sheeana recebeu o crédito por esse desenvolvimento.

— Ela é nossa sacerdotisa — dizia a população.

Tuek e seus conselheiros continuavam presos ao paradoxo: Shaitan e Shai-hulud em um só corpo? Stiros vivia sob o constante temor de que Tuek anunciasse esse fato. Os assessores de Stiros rejeitaram categoricamente a sugestão de que Tuek fosse entregue aos vermes. Outra sugestão, de que Sacerdotisa Sheeana devia sofrer um acidente fatal, foi recebida por todos com horror, e até mesmo Stiros achou muito grande a ousadia.

— Mesmo que removêssemos esse espinho, Deus poderia enviar-nos algo mais terrível — ele disse. E advertiu: — Os livros mais antigos dizem que uma criança vai nos guiar.

Stiros era o mais recente acréscimo ao grupo que olhava para Sheeana como alguém não inteiramente mortal. Era visível que aqueles que a cercavam, inclusive Cania, tinham aprendido a amar Sheeana. Ela era brilhante, sagaz, compreensiva.

E muitos repararam que esse afeto crescente com relação a Sheeana dominava até mesmo Tuek.

Para as pessoas tocadas por esse poder, a Irmandade tinha uma classificação imediata. A Bene Gesserit tinha um rótulo para este efeito ancestral: adoração crescente. Tamalane relatou mudanças profundas acontecendo em Rakis na medida em que as pessoas, por todo o planeta, começavam a orar a Sheeana em vez de ao Shai-hulud ou a Shaitan.

— Eles percebem que Sheeana intercede pelas pessoas mais humildes — relatou Tamalane. — É um padrão familiar. Tudo acontece como foi ordenado. Quando vai enviar o ghola?

12

A superfície externa de um balão é sempre maior que o centro da maldita coisa! Esse é todo o motivo por trás da Dispersão!

— Resposta da Bene Gesserit ante uma sugestão ixiana de que novas sondas investigadoras fossem enviadas para o meio dos Perdidos

Uma naveta rápida da Irmandade levou Miles Teg até o transporte da Corporação circulando acima de Gammu. Miles não gostava da idéia de ter que deixar o Castelo num momento como esse, mas as prioridades eram óbvias. Ele também tinha uma reação instintiva a essa aventura. Em seus três séculos de experiência, aprendera a confiar em suas reações instintivas. As coisas não andavam bem em Gammu. Cada patrulha, cada informação dos sensores remotos, os relatórios dos espiões de Patrin nas cidades — tudo alimentava a inquietação de Teg.

À maneira Mentat, ele sentia o movimento das forças em torno do Castelo e dentro de si. O ghola pelo qual era responsável estava ameaçado. A ordem para que fosse a bordo do Transporte da Corporação sugeria que se preparasse para violência. E no entanto vinha da parte da própria Taraza, com um inconfundível cripto-identificador.

Enquanto a naveta o levava para o alto, Teg se condicionava para a batalha. Os preparativos que poderia fazer tinham sido feitos. Lucilla fora avisada. Tinha confiança em relação a ela. Já Schwangyu era diferente. Pretendia discutir com Taraza algumas mudanças que se faziam necessárias no Castelo Gammu. Antes tinha que vencer outra batalha. Não tinha a menor dúvida de que fosse entrar em combate.

Enquanto a naveta se posicionava para o acoplamento, Teg olhou por uma vigia e viu o gigantesco símbolo ixiano dentro do emblema da Corporação sobre o lado escurecido do Transporte. Essa era uma nave da Corporação convertida para navegar com um mecanismo ixiano substituindo o navegador tradicional. Haveria técnicos ixianos a bordo para a manutenção do equipamento. E um navegador genuíno estaria lá também. A Corporação nunca aprendera a confiar numa máquina, mesmo quando exibia esses transportes convertidos como um aviso aos Tleilaxu e aos Rakianos.

“Estão vendo? Não dependemos inteiramente da sua melange!”

Este era o aviso implícito no gigantesco símbolo de Ix no costado da nave.

Teg sentiu uma leve sacudidela quando as garras de atracação seguraram a naveta, e se acalmou respirando fundo. Sentia-se sempre do mesmo modo antes do combate: vazio de todos os falsos sonhos. Isso era uma falha. As conversações tinham fracassado e agora vinha a disputa de sangue... a menos que pudesse prevalecer de algum outro modo. Naquela época, o combate era raramente de grande porte, mas isso não impedia que a morte se fizesse presente. Isso representava um modo mais permanente de fracasso. “Se não somos capazes de acertar nossas diferenças pacificamente, somos menos humanos.”

Um comissário, com o sotaque inconfundível de Ix em sua voz, guiou Teg até o compartimento onde Taraza esperava por ele. E ao longo de todos os corredores e pneumotubos que o conduziam ao encontro de Taraza, Teg buscou os indícios que confirmassem a advertência secreta contida na mensagem da Madre Superiora. Tudo parecia calmo e costumeiro — inclusive a cortesia do comissário para com o Bashar.

— Fui um comandante Tireg em Andioyu — ele disse, citando o nome de uma das quase-batalhas que Teg vencera.

Chegaram diante de uma comporta oval na parede de um corredor comum. A comporta se abriu e Teg entrou numa sala confortável de paredes brancas, com cadeiras-funda, mesas baixas e globos luminosos ajustados na faixa do amarelo. A comporta deslizou para dentro de seu selo de ar com uma pancada abafada atrás dele, deixando seu guia lá fora, no corredor.

Uma acólita Bene Gesserit abriu as rendas que ocultavam uma passagem à direita de Teg. Acenou com a cabeça para ele. Tinha sido visto e Taraza seria notificada.

Teg controlou um tremor nos músculos da barriga da perna.

“Violência?”

Não interpretara erroneamente o aviso secreto de Taraza. Teriam sido adequados seus preparativos? Havia uma cadeira à sua esquerda, uma mesa baixa diante dela e outra cadeira no lado oposto da mesa. Teg caminhou até esse lado do aposento e esperou com as costas voltadas para a parede. A poeira marrom de Gammu ainda aderia às suas botas, notou.

Havia um cheiro peculiar nessa sala. Ele avaliou e percebeu: shere!

Taraza e sua gente se teriam prevenido contra uma Sonda Ixiana? Teg tomara sua cápsula habitual de shere antes de embarcar na naveta. Havia em sua cabeça muito conhecimento que poderia ser útil a um inimigo. E o fato de Taraza ter deixado o cheiro de shere em seus alojamentos tinha outras implicações: era uma declaração para algum observador cuja presença ela não pudesse evitar.

Taraza entrou passando pelo rendado de cortinas. Teg achou que ela parecia cansada. Considerou isso extraordinário, pois as irmãs eram capazes de ocultar a fadiga até estarem quase no ponto de caírem. Estaria ela realmente esgotada ou seria esse outro gesto em beneficio de observadores ocultos?

Parando na entrada, Taraza observou Teg. O Bashar parecia muito mais velho do que na última vez em que o vira, pensou ela. Seu trabalho em Gammu estava tendo um efeito sobre ele, mas Taraza achou essa observação tranquilizadora. Era sinal de que Teg estava fazendo bem o seu trabalho.

— Sua resposta rápida é muito apreciada, Miles — ela disse.

“Apreciada!” Essa era a palavra-código para: “Estamos sendo observados secretamente por um adversário perigoso.”

Teg fez sinal com a cabeça enquanto seu olhar se voltava para o cortinado por onde Taraza tinha entrado.

Ela sorriu e caminhou mais para dentro da sala. Não havia sinal do ciclo da melange em Teg, observou ela. A idade avançada de Teg sempre levantava a suspeita de que ele pudesse recorrer ao efeito da especiaria. Mas nada nele indicava o menor sinal do vício em que caíam até os mais fortes quando sentiam o fim se aproximando. Teg usava sua velha jaqueta do uniforme de Supremo Bashar, mas sem os asteriscos dourados nos ombros e no colarinho. Esse era um sinal que ela reconhecia. Dizia: “lembre-se de como conquistei isto a seu serviço. E desta vez também não falharei.”

Os olhos que a observavam estavam nivelados com os seus e nenhum indício de julgamento aparecia neles. Toda a aparência de Teg transmitia uma calma interior, tudo de acordo com o que ela sabia dever estar lhe ocorrendo nesse momento. Esperava seu sinal.

— Nosso ghola deve ser despertado da primeira oportunidade — ela disse. Ergueu a mão para silenciá-lo quando tentou responder. — Vi os relatórios de Lucilla e sei que ele ainda é muito jovem. Mas é preciso que entremos em ação.

Taraza falava para aqueles que estavam observando, ele percebeu. Devia acreditar em suas palavras?

— Agora lhe dou a ordem para despertá-lo — disse ela, enquanto flexionava o punho esquerdo num sinal confirmador de sua linguagem secreta.

Era verdade! Teg olhou para as cortinas que ocultavam as passagens por onde Taraza tinha entrado. Quem estaria ouvindo lá?

Colocou seus talentos de Mentat voltados para o problema. Faltavam alguns elementos, mas isso não o detinha. Um Mentat era capaz de trabalhar sem determinados dados, desde que possuísse o suficiente para criar um padrão. Era raro os Mentats possuírem todos os dados de que necessitavam, e algumas vezes bastava o mais leve esboço. Isso fornecia o padrão oculto a partir do qual eles

poderiam encaixar as peças que faltavam para completar o todo. Teg fora treinado para sentir padrões, reconhecer unidades e sistemas. Lembrava-se agora de que fora treinado no derradeiro sentido militar: treina-se um recruta para treinar uma arma, para apontar a arma corretamente.

Taraza o estava apontando. E seu julgamento da situação foi confirmado.

— Serão feitas tentativas desesperadas de matar ou capturar o ghola antes que você possa despertá-lo — ela disse.

Teg reconheceu-lhe o tom de voz: a fria e analítica oferta de dados a um Mentat. Ela percebia que ele estava pensando como Mentat.

O padrão de busca Mentat desenrolou-se em sua mente. Em primeiro lugar havia o projeto da Irmandade para o ghola, o que lhe era na maior parte desconhecido, mas que girava de algum modo em torno da presença em Rakis de uma jovem que (assim diziam) podia controlar os vermes. Os gholas Idaho possuíam uma personalidade envolvente e algo mais que fizera com que o Tirano e os Tleilaxu os tivessem produzido incontáveis vezes. Duncans aos montes! Que serviços esse ghola podia realizar para que o Tirano não o deixasse ficar esquecido entre os mortos? E quanto aos Tleilaxu? Eles tinham decantado gholas Duncan Idaho a partir de seus tanques axlotl durante milênios, mesmo depois da morte do Tirano. Tinham vendido esse ghola para a Irmandade 12 vezes, e a Irmandade pagara na moeda mais valiosa: melange de suas preciosas reservas. Por que os Tleilaxu aceitariam como pagamento coisa que eles produziam com fartura? Era óbvio: para esgotar as reservas da Irmandade. Havia nisso uma forma especial de cobiça. Os Tleilaxu estavam comprando a supremacia — um jogo de poder!

Teg voltou sua atenção para a Madre Superiora, que aguardava calmamente.

— Os Tleilaxu têm matado nossos gholas para controlar nosso cronograma — disse ele.

Taraza fez sinal com a cabeça, mas não falou. Então ainda havia mais. Tornou a mergulhar no modo de pensamento Mentat.

A Bene Gesserit era um mercado valioso para a melange dos Tleilaxu. Não a única fonte, pois havia sempre um fio escorrendo de Rakis, mas era um mercado valioso, sim, muito valioso. Não era lógico que os Tleilaxu alienassem um mercado valioso, a menos que possuíssem outro ainda mais lucrativo em vista.

Quem mais se interessava pelas atividades da Bene Gesserit? Os ixianos, sem dúvida. Mas os ixianos não eram um bom mercado para melange. A própria presença ixiana nessa nave revelava sua independência. Desde que os ixianos e as Oradoras Peixes se tinham unido, aderindo a uma causa comum, as Oradoras

podiam ser deixadas de fora desse padrão de busca.

Que maior poder ou união de poderes nesse universo possuía...

Teg gelou ante esse pensamento como se tivesse aplicado os freios de mergulho num tóptero. Deixou que sua mente flutuasse livre enquanto examinava as outras considerações.

“Não neste universo”

O padrão tomou forma. “Riqueza.” Gammu assumiu novo papel em suas computações Mentat. Gammu fora esgotado pelos Harkonnen, abandonado como um carcaça apodrecendo, até que os Danianos o haviam restaurado. Mas tinha havido um tempo em que até as esperanças em Gammu se tinham esgotado. E sem esperanças não havia nem mesmo sonhos. Erguendo-se desse abismo, a população aderira ao pragmatismo mais elementar. “Se funcionar, é bom.”

“Riqueza”

Em sua primeira avaliação de Gammu, ele tinha notado o número de bancos. Alguns eram mesmo marcados como cofres Bene Gesserit. Gammu servia de eixo para a manipulação de uma enorme riqueza. O banco que tinha visitado para estudar seu uso como contato de emergência entrou em sua consciência Mentat. Soubera de imediato que aquele estabelecimento não se restringia puramente aos negócios planetários. Era um banco para banqueiros.

“Não se tratava meramente de riqueza, mas de RIQUEZA.”

Um padrão primário de desenvolvimento não se formou na mente de Teg, mas ele já possuía o suficiente para uma projeção de teste. Riqueza de fora desse universo. Gente da Dispersão.

Todo esse exame Mentat levara apenas alguns segundos. Tendo alcançado uma proposição de teste, Teg relaxou os músculos e os nervos, uma só vez para Taraza e caminhou até a entrada oculta. Notou que Taraza não dera o menor sinal de ficar alarmada com seus movimentos. Abrindo bruscamente as cortinas, Teg confrontou um homem tão alto quanto ele mesmo: um homem vestido em estilo militar, com lanças cruzadas no emblema do colarinho. O rosto era pesado, os maxilares largos, os olhos verdes. Havia uma expressão de vigília surpreendida, uma das mãos acima de um bolso obviamente estufado com uma arma.

Teg sorriu para o homem e deixou as cortinas caírem em sua posição normal, voltando para junto de Taraza.

— Estamos sendo observados por gente da Dispersão — ele disse.

Taraza relaxou. O desempenho de Teg fora memorável.

As cortinas fizeram ruído, abrindo-se. O estranho alto entrou e parou a dois passos de Teg. Havia uma expressão de ódio frio fixa em suas feições.

— Eu lhe avisei para não dizer nada a ele!

A voz era um barítono áspero com um sotaque novo para Teg.

— E eu lhe avisei a respeito dos poderes deste Bashar Mentat — respondeu Taraza.

Uma expressão de desprezo passou rapidamente em suas feições.

O homem acalmou-se e uma sutil expressão de temor surgiu em seu rosto.

— Honrada Madre, eu...

— Não se atreva a me chamar disso!

O corpo de Taraza ficou tenso numa postura de combate que Teg nunca a tinha visto exibir.

O homem inclinou a cabeça levemente.

— Cara senhora, não está no controle da situação aqui. Devo lembrá-la de que minhas ordens.

Teg já tinha ouvido o bastante.

— Através de mim ela está no controle aqui — disse ele. — Antes de vir para cá, coloquei em ação certos procedimentos de proteção. Esta... — olhou em torno e voltou a atenção para o intruso, cujo rosto agora tinha uma expressão circunspecta — não é uma não-nave. E duas de nossas não-naves monitoras têm vocês na mira neste exato momento.

— Vocês não sobreviveriam — retrucou o homem.

Teg sorriu amigavelmente.

— Ninguém nesta nave sobreviveria. — Ele comprimiu o maxilar para disparar a minúscula chave de sinal nervoso, que ativou o cronômetro de pulsos dentro de seu crânio. Os sinais gráficos foram projetados em seus centros de visão. — E vocês não têm muito tempo para tomar uma decisão.

— Diga-lhe como tomou conhecimento disso — pediu Taraza.

— A Madre Superiora e eu temos nossos próprios meios particulares de comunicação — explicou Teg. — Além disso, não havia necessidade de ela me avisar. Seu chamado era o bastante. A Madre Superiora num Transporte da Corporação numa época como esta? Impossível!

— Impasse — rosnou o homem.

— Talvez — disse Teg. — Acho que nem Ix nem a Corporação se arriscariam a um ataque total por forças da Bene Gesserit sob o comando de um líder treinado por mim. Refiro-me ao Bashar Burzmali. Seu apoio acaba de se dissolver e desaparecer.

— Eu não lhe contei nada disso — explicou Taraza. Acaba de testemunhar o desempenho de um Bashar Mentat que eu duvido possa ser igualado em seu universo. Pense nisso antes de considerar a possibilidade de enfrentar Burzmali, homem treinado por este Mentat.

O intruso olhou de Taraza para Teg e então de volta para Taraza.

— Esta é a saída do seu aparente impasse — disse Teg. — A Madre Superiora Taraza e seu séquito partem comigo. Você deve decidir rapidamente. O tempo está correndo.

— Está blefando — disse o homem, mas não havia força em suas palavras.

Teg voltou-se para Taraza e curvou a cabeça.

— Foi uma grande honra servi-la, Reverenda Madre Superiora. Eu lhe dou o meu adeus.

— Talvez a morte não nos separe — disse Taraza.

Era o tradicional adeus de uma Reverenda Madre a uma Irmã.

— Vão embora! — disse o homem de feições carregadas, enquanto corria para a comporta do corredor e a escancarava. O movimento revelou dois guardas ixianos com olhares de surpresa em seus rostos. Numa voz rouca, o homem ordenou: — levem-nos para a naveta.

Ainda calmo e relaxado, Teg disse:

— Chame sua gente, Reverenda Madre. — Para o homem de pé junto a porta ele disse: — Você dá muito valor à própria pele para ser um bom soldado. Ninguém entre minha gente teria cometido tal erro.

— Existem autênticas Honradas Madres a bordo desta nave — respondeu o homem. — Eu jurei protegê-las.

Teg sorriu e se voltou para o ponto onde Taraza reunira seu pessoal da sala adjacente: havia duas Reverendas Madres e quatro acólitas. Teg reconheceu uma das Reverendas Madres: Darwi Odrade. Ele a vira antes, mas apenas de longe. Mas o rosto oval e aqueles olhos adoráveis prendiam a atenção: tão parecida com Lucila.

— Temos tempo para apresentações? — perguntou Taraza.

— E claro, Madre Superiora.

Teg fez uma mesura e segurou a mão de cada uma das mulheres, enquanto Taraza fazia as apresentações.

Depois, enquanto saíam, Teg se voltou mais uma vez para o estranho uniformizado e disse:

— Devemos sempre manter a educação e as regras de polidez. Do contrário nos tornamos subumanos.

Somente quando já se encontravam dentro da naveta, com Taraza sentada ao lado dele e as acompanhantes por perto, foi que Teg fez a pergunta principal:

— Como foi que eles a capturaram?

A naveta mergulhava em direção ao planeta. A tela de visão diante de Teg mostrava a nave da Corporação, com a marca ixiana, obedecendo sua ordem de permanecer em órbita até que o grupo se encontrasse seguramente atrás das

defesas planetárias.

Antes que Taraza respondesse, Odrade inclinou-se sobre o corredor que os separava e disse:

— Eu anulei as ordens do Bashar para que a nave da Corporação fosse destruída, Madre.

Teg virou a cabeça bruscamente e olhou furioso para Odrade.

— Mas eles mantiveram vocês cativas e... — Seu rosto ficou carregado. — Como sabia que eu..

— Miles!

A voz de Taraza carregava uma total reprovação. Ele sorriu magoado. Sim, ela o conhecia quase tanto quanto ele próprio... até melhor em certos aspectos.

— Eles não nos capturaram, Miles — explicou Taraza. — Nós nos deixamos capturar. Ostensivamente, eu estava escoltando Dar até Rakis. Nós deixamos nossa não-nave em uma Junção e pedimos pelo transporte mais rápido da Corporação. Todo o meu Conselho, inclusive Burzmali, concordou em que esses intrusos da Dispersão iriam tomar o Transporte e nos levar até você, tentando reunir todos os elementos do projeto ghola.

Teg estava abismado. O risco que tinham corrido!

— Nós sabíamos que você nos resgataria — disse Taraza. — Burzmali estava de prontidão para o caso de você falhar.

— Aquela nave da Corporação que a senhora poupou — disse Teg — vai pedir reforços e atacar nosso.

— Eles não vão atacar Gammu — respondeu Taraza. — Há muitas forças diferentes da Dispersão reunidas em Gammu. Eles não se atreveriam a eliminar tantos.

— Gostaria que estivesse tão certa disso quanto tenta aparentar.

— Pode ter certeza, Miles. Além disso, havia outras razões para não destruir a nave da Corporação. Ix e a Corporação foram apanhados tomando partido. Isso é mal para os negócios, e eles vão precisar de todos os negócios que puderem conseguir.

— A menos que possuam clientes mais importantes oferecendo lucros ainda maiores!

— Ah, Miles — disse ela numa voz pensativa. — O que nós, as Bene Gesserit de hoje em dia, fazemos é tentar conseguir um equilíbrio em todas essas questões, uma condição mais calma. Você sabe disso.

Teg achou a afirmação verdadeira, mas sua atenção ficou presa a um termo... de hoje em dia. As palavras tinham um sentido de resumo final. Antes que ele pudesse questionar, Taraza continuou:

— Gostaríamos de resolver as situações mais acaloradas longe do campo de batalha. Tenho que admitir que devemos agradecer ao Tirano por essa mudança de atitude. Não creio que algum dia tenha pensado em si próprio como um produto do condicionamento do Tirano, Miles, mas vocês é.

Teg aceitou isso sem comentários. Era um fator comum em todo o vasto panorama da sociedade humana. Nenhum Mentat podia escapar a esse dado.

— Foi essa qualidade sua que nos atraiu em primeiro lugar — continuou Taraza — Você pode ser terrivelmente frustrante às vezes, mas não o desejaríamos de outro modo.

Através de uma revelação sutil, contida nas maneiras e no tom de voz, Teg percebia que Taraza não estava falando unicamente para ele, mas também dirigia as palavras às suas acompanhantes.

— Tem idéia de o quanto é frustrante, Miles, ouvir você apresentar os dois lados de uma questão discutindo com igual força de argumentos? No entanto sua personalidade é urna arma poderosa. Como alguns de nossos inimigos ficaram aterrorizados ao descobrir você a enfrentá-los onde não tinham a menor suspeita de que fosse aparecer!

Teg permitiu-se um sorriso. Olhou para a mulher sentada no outro lado do corredor, separando as filas de poltronas. Por que Taraza estaria falando assim com o seu grupo? Darwi Odrade parecia estar repousando, a cabeça para trás, os olhos fechados. Algumas das outras conversavam entre si. Nada disso era conclusivo para Teg. Mesmo acólitas Bene Gesserit podiam acompanhar várias linhas de raciocínio ao mesmo tempo. Voltou a atenção para Taraza.

— Você realmente tem um tipo de empatia, sente as coisas do modo como o inimigo sente — disse Taraza. — É isso que eu quero dizer. E é claro que, quando assume essa postura mental, não existe inimigo para você.

— Sim, aí está!

— Não confunda minhas palavras, Miles. Nunca duvidamos da sua lealdade. Mas é estranha a maneira como nos faz ver coisas que não temos outra maneira de enxergar. Há ocasiões em que você é os nossos olhos.

Darwi Odrade, Teg percebia, tinha aberto os olhos e estava olhando para ele. Era uma mulher encantadora. Havia algo perturbador em sua aparência adorável. Como Lucilla, ela lhe recordava alguém de seu passado. Mas antes que Teg pudesse seguir esse pensamento Taraza disse:

— O ghola possui essa habilidade de equilíbrio entre forças opostas?

— Ele poderia ser um Mentat — disse Teg.

— Ele foi um Mentat em uma de suas encarnações, Miles.

— Realmente deseja que ele seja despertado ainda tão jovem?

— É necessário, Miles. Mortalmente necessário.

13

O fracasso da CHOAM? Muito simples: Eles ignoram o fato de que forças comerciais muito maiores aguardam na fronteira de suas atividades. Forças que poderiam engoli-los como uma caçamba engole o lixo. Essa é a verdadeira ameaça da Dispersão — para eles e para todos nós.

— Notas do Conselho da Bene Gesserit,
Arquivos SXX9OCH

Odrade voltara apenas uma parte de sua consciência para a conversa entre Teg e Taraza. Essa naveta era das pequenas, a cabine de passageiros apertada. Ela usaria a resistência atmosférica para frear sua descida e Odrade se preparou para a turbulência. O piloto economizaria os Suspensores numa nave assim, poupando a energia.

Ela usava esse momentos, como usava todo o tempo que tinha agora, preparando-se para as necessidades prementes. O tempo se esgotava e um calendário especial lhe dirigia a vida. Tinha olhado para esse calendário antes de deixar a sede da Irmandade, impressionada, como sempre lhe acontecia, pela persistência do tempo e da linguagem a ele relacionada: segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos... Anos-Padrão, para ser mais precisa. Persistência era um termo inadequado para o fenômeno. Inviolabilidade seria melhor. Tradição. Nunca perturbe a tradição. Mantinha as comparações firmes em sua mente, o fluxo de tempo ancestral imposto a planetas que não se ajustavam ao primitivo relógio humano. Uma semana tem sete dias. Sete! Como esse número permanecia poderoso, místico. Estava lá, na Bíblia Universal Laranja: “O Senhor fez o mundo em seis dias e no sétimo dia descansou.”

“Ótimo para ele!”, pensou Odrade. “Todos nós devíamos descansar depois de grandes tarefas.”

Odrade virou a cabeça levemente e olhou para Teg do outro lado do corredor. Ele não tinha idéia de quantas memórias provocava em Odrade, o quanto ela se lembrava dele. Podia notar facilmente a maneira como os anos tinham marcado aquele rosto forte. Ensinar o ghola lhe esgotava as energias, ela podia notar. Aquela criança no Castelo Gammu devia ser como uma esponja,

absorvendo tudo à sua volta.

“Miles Teg, será que você tem consciência de como nós o usamos?”, ela se perguntou.

Era um pensamento que a enfraquecia masque ela permitiu permanecesse em sua consciência quase num sentimento de desafio. Como seria fácil amar aquele velho! Não como um parceiro de procriação, é claro... mas amá-lo, apesar disso. Podia sentir os laços que a puxavam para ele, reconhecendo-os com a agudeza de suas capacidades de Bene Gesserit. Amor, maldito amor, amor que enfraquece.

Odrade sentira a mesma coisa com relação ao primeiro homem que fora mandada seduzir. Uma sensação curiosa. Seus anos de condicionamento como Bene Gesserit a tinham tornado cautelosa a esse respeito. Nenhuma das inspetoras Bene Gesserit lhe havia permitido o luxo de uma paixão sem questionamentos, e com o tempo Odrade aprendera as razões desse cuidado. Não obstante, ali estava ela, enviada pelas Madres Procriadoras, com ordens para se aproximar de um indivíduo e deixar que ele a penetrasse. Todos os dados clínicos estavam lá, em sua consciência, e ela poderia medir a excitação sexual em seu parceiro ao mesmo tempo em que a permitia em si mesma. Afinal, tinha sido cuidadosamente preparada para esse papel pelos homens a serviço das Madres Procriadoras. Homens que elas selecionavam e condicionavam com primoroso cuidado para isso.

Odrade suspirou e olhou na direção oposta a Teg, fechando os olhos em recordações. Os Homens do Treinamento nunca deixavam que suas emoções refletissem uma união arrebatada com as alunas. Era uma lacuna necessária da educação sexual.

Pensou na primeira sedução que fora mandada realizar: estava totalmente despreparada para o êxtase mútuo de um orgasmo simultâneo, aquela fusão, aquele compartilhar tão velho quanto a própria humanidade... mais antigo ainda! E com poderes que poderiam facilmente sobrepujar a razão. O olhar no rosto do companheiro, o beijo suave, seu total abandono de toda a reserva autoprotetora, desguardado e supremamente vulnerável. Nenhum Homem do Treinamento jamais tinha feito isso! Desesperada, ela se agarrou às suas lições de Bene Gesserit. Através dessas lições pôde ver a essência daquele homem em seu rosto, sentindo aquela essência em suas fibras mais profundas. E por apenas um único instante se permitiu uma resposta equivalente, experimentando um novo ápice de êxtase que nenhum treinamento jamais sugerira que pudesse ser atingido. Naquele instante compreendeu o que tinha acontecido com Lady Jessica e com todas as outras Bene Gesserit que tinham fracassado.

Esse sentimento era o amor!

Sua força a assustou (como as Madres Procriadoras sabiam que assustaria) e ela se refugiou no cuidadoso condicionamento da Bene Gesserit, permitindo que uma máscara de prazer cobrisse a breve expressão natural que surgira em seu rosto, empregando carícias calculadas onde carícias espontâneas teriam sido mais fáceis (porém menos eficientes).

O homem respondeu como esperado, de modo estúpido. Isso a ajudou a pensar nele como uma pessoa estúpida.

Sua segunda sedução fora mais fácil. Mas ela ainda podia relembrar as feições do primeiro, fazendo isso às vezes com um calejado senso de admiração. Algumas vezes aquele rosto surgia em sua mente sem ser invocado, sem qualquer razão imediatamente identificável.

Com os outros homens com quem ela fora mandada procriar as marcas da memória eram diferentes. Ela tinha que sondar o passado para lembrar a aparência deles. O registro sensorial de tais experiências não tinha sido tão profundo. Não como no primeiro!

Era assim o poder perigoso do amor.

Vejam-se os problemas que essa força oculta tinha causado à Bene Gesserit através dos milênios. O amor de Lady Jessica pelo seu Duque fora apenas um exemplo entre incontáveis outros. O amor turvava a razão. Afastava as irmãs de seus deveres. Só poderia ser tolerado quando não causasse qualquer transtorno imediato ou evidente, ou onde pudesse servir aos propósitos maiores da Bene Gesserit. De outro modo, devia ser evitado.

E no entanto permanecia sempre como objeto de inquieta vigilância. Odrade abriu os olhos e tornou a olhar para Teg e Taraza. A Madre Superiora abordava um novo assunto. Como a voz de Taraza podia ser irritante às vezes! Odrade fechou novamente os olhos e ficou ouvindo a conversa, presa àquelas duas vozes por algum elo em sua consciência que não podia ser evitado.

— Muito poucas pessoas percebem o quanto a infra-estrutura de uma civilização consiste numa infra-estrutura de dependência — dizia Taraza. — Fizemos um bom estudo disso.

“O amor é uma infra-estrutura de dependência”, pensou Odrade. Por que Taraza tinha resolvido abordar esse assunto numa ocasião dessas? A Madre Superiora raramente fazia alguma coisa sem motivos muito profundos.

— Infra-estrutura de dependência é um termo que inclui todas as coisas necessárias para que uma população humana sobreviva em número fixo ou crescente — explicou Taraza.

— Melange? — perguntou Teg.

— E claro, mas a maioria das pessoas olha a especiaria e diz: “Como é formidável que possamos ter isto aqui para nos dar vidas mais longas do que as

vividas por nossos ancestrais”

— Desde que possam pagar o preço.

A voz de Teg tinha uma ponta de sarcasmo, notou Odrade.

— Desde que não se permita que um único poder controle todo o mercado, existirá o bastante para a maioria das pessoas.

— Eu aprendi economia sentado no joelho de minha mãe — disse Teg. — Comida, água, ar respirável, espaço para se morar que não esteja contaminado por venenos... Existem muitos tipos de moedas, e o valor varia de acordo com a dependência.

Enquanto ouvia, Odrade quase acenou com a cabeça em concordância. A resposta dele seria a sua. “Não insista no óbvio, Taraza! Vá direto ao ponto”

— Quero que lembre muito claramente os ensinamentos de sua mãe — disse Taraza.

E como a sua voz se tornou gentil! A voz de Taraza mudou de tom abruptamente e de repente ela disse:

— Despotismo hidráulico!

“Ela faz a mudança de ênfase muito bem”, pensou Odrade. A memória derramou informações como uma torneira subitamente aberta a plena força. “Despotismo hidráulico: controle central de uma energia essencial, como por exemplo água, eletricidade, combustível, remédios, melange... Obedeça a esse poder controlador central ou a energia será desligada e você morrerá!”

Taraza estava falando novamente:

— Existe outro conceito útil que tenho certeza que a sua mãe lhe ensinou... o tronco-chave.

Odrade estava muito curiosa agora. Taraza estava se dirigindo a alguma revelação importante com essa conversa. “Tronco-chave”. Era um conceito verdadeiramente antigo, dos dias anteriores aos suspensores, quando os madeireiros lançavam a madeira cortada rio baixo até as serrarias centrais. Algumas vezes os troncos se prendiam uns sobre os outros num ponto estreito do rio e um especialista era chamado para descobrir qual tronco, o tronco-chave, soltaria o encalhe quando liberado. Teg, sabia ela, teria uma compreensão intelectual do termo, mas Odrade e Taraza podiam invocar memórias ancestrais de testemunhas e ver a explosão de lascas de madeira e água quando o encalhe era liberado.

— O Tirano era um tronco-chave — explicou Taraza. — Ele criou o encalhe, o engarrafamento, e ele o desfez.

A nave começou a estremecer em seu mergulho inicial na atmosfera de Gammu. Odrade sentiu o aperto de seu arnês de segurança por alguns segundos e então o vôo retornou à calma. A conversa se havia interrompido nesse momento.

Taraza continuou:

— Além das chamadas dependências naturais, existem as psicológicas, criadas por algumas religiões. Até mesmo as necessidades físicas podem possuir um componente psicológico subjacente.

— Um fato que a Missionaria Protectiva entende muito bem — disse Teg.

Novamente Odrade notou um toque de profundo ressentimento na voz dele. Taraza certamente devia perceber também. Que estaria ela fazendo? Podia enfraquecer Teg!

— Aahh, sim — concordou Taraza. — Nossa Missionaria Protectiva. Os seres humanos possuem uma necessidade muito grande de que a sua estrutura de crenças seja a "verdadeira crença". Se uma coisa lhes dá satisfação ou um sentimento de segurança e se pode ser incorporada à sua estrutura de crenças, que dependência poderosa isso não cria!

Novamente Taraza ficou em silêncio, enquanto a naveta passava através de outra turbulência atmosférica.

— Gostaria de que ele usasse os suspensores! — queixou-se Taraza.

— Está economizando combustível — lembrou Teg. — Menos dependência.

Taraza riu baixinho.

— Oh sim, Miles. Você sabe muito bem a lição. Percebo nisso a mão de sua mãe. Se a criança faz algo errado, a culpa é da mãe.

— A senhora me vê como criança?

— Vejo você como alguém que acaba de ter seu primeiro encontro com as maquinações das chamadas Honradas Madres.

"Então é isso", pensou Odrade. Com um sentimento de choque, ela percebeu que Taraza dirigia suas palavras a um alvo muito mais amplo do que simplesmente Teg.

"Ela está falando para mim!"

— Essas Honradas Madres, como chamam a si mesmas, combinaram o êxtase sexual com a adoração. Duvido de que tenham calculado os perigos que isso implica.

Odrade abriu os olhos e fitou Taraza no outro lado do corredor, entre as poltronas. A atenção de Taraza estava fixa em Teg, uma expressão inescrutável em seu rosto, exceto pelos olhos que flamejavam a necessidade de que ele entendesse.

— Perigos — repetiu Taraza. — Uma grande massa da humanidade possui uma inconfundível identidade unitária. Ela pode ser uma coisa única. Pode agir como um único organismo.

— Assim falou o Tirano — retrucou Teg.

— Assim demonstrou o Tirano! A Alma Grupal foi sua para que a manipulasse. Existem ocasiões, Miles, em que as necessidades da sobrevivência exigem que comunguemos com essa alma. Almas, você sabe, estão sempre buscando uma válvula de escape.

— Será que a comunhão com as almas não saiu de moda em nossa época? — perguntou Teg.

Odrade não gostou do tom provocador em sua voz e notou que despertava uma irritação equivalente em Taraza.

— Você pensa que estou falando de modismos religiosos? — perguntou Taraza, sua voz aguda insistentemente ríspida. — Ambos sabemos que as religiões podem ser criadas! Estou falando dessas Honradas Madres, que imitam alguns de nossos costumes, mas não possuem a nossa percepção profunda. Elas se atrevem a se colocar no centro de uma adoração!

— Algo que a Bene Gesserit sempre evitou — reconheceu Teg. — Minha mãe dizia que adorados e adoradores estão unidos pela fé.

— E pela fé podem ser divididos!

Odrade notou que Teg mergulhara no modo Mentat de pensamento. Havia uma aparência desfocada nos olhos dele, mas as feições estavam tranquilas. Agora percebia parte do que Taraza estava tentando fazer. "O Mentat cavalga à maneira romana, um pé em cada cavalo, cada pé apoiado em uma realidade diferente, enquanto o padrão de busca o lança para a frente. Ele deve cavalgar diferentes realidades com um único objetivo."

Teg falou na voz meditativa de um Mentat, a voz sem qualquer sotaque:

— Forças divididas vão lutar pela supremacia.

Taraza soltou um suspiro de prazer quase sensual, no seu modo natural de expirar.

— Infra-estrutura de dependência — disse ela. — Essas mulheres da Dispersão são capazes de controlar forças divididas, todas as forças engajadas na. busca da supremacia. Aquele oficial na nave da Corporação, quando falou em suas Honradas Madres, havia admiração e ódio em sua voz. Tenho certeza de que percebeu isso na voz dele, Miles. Sei como sua mãe o ensinou bem.

— Eu percebi.

Teg voltara sua atenção uma vez mais para Taraza, ouvindo cada palavra que ela dizia, exatamente como Odrade.

— Dependências — continuou Taraza. — Como elas podem ser simples e, ao mesmo tempo, complexas. Tome por exemplo a perda dos dentes.

— Perda dos dentes?

Teg foi sacudido para fora de sua trilha Mentat e Odrade, observando isso, percebeu que Taraza conseguira exatamente a reação que desejava. Ela estava

conduzindo o seu Bashar Mentat com mão extremamente hábil.

“E eu devo ver isso e aprender”, pensou Odrade.

— Perda dos dentes — repetiu Taraza. — Um simples implante ao nascer evita esse problema para a maioria da humanidade. E ainda assim precisamos escovar os dentes e cuidar deles. E tão natural para nós que raramente pensamos a respeito. Os acessórios que usamos para isso são considerados elementos totalmente naturais de nosso ambiente. E no entanto esses utensílios, os materiais existentes neles, os instrutores na área de cuidados com os dentes, os monitores Suk, todos possuem relacionamentos interligados.

— Um Mentat não necessita que lhe expliquem sobre interdependências — disse Teg. Ainda havia curiosidade em sua voz, mas com um tom subjacente de ressentimento.

— Certo. Esse é o ambiente natural dos processos de pensamento Mentat.

— Então por que insiste nisso?

— Mentat, examine o que sabe a respeito dessas Honradas Madres e me diga: qual a fraqueza delas?

Teg falou sem hesitação:

— Elas só poderão sobreviver se continuarem a aumentar a dependência daqueles que as apoiam. E o beco sem saída do viciado.

— Precisamente. E qual é o perigo?

— Podem levar consigo boa parte da humanidade quando caírem.

— Esse foi o problema do Tirano, Miles. E tenho certeza de que ele tinha consciência disso. Agora preste atenção com muito cuidado. E você também, Dar. — Taraza olhou para o outro lado do corredor e encontrou o olhar de Odrade atento a ela. — Vocês dois me escutem. Nós da Bene Gesserit estamos liberando... elementos muito poderosos na corrente humana. Eles podem encalhar. Certamente vão causar danos. E nós...

Uma vez mais a naveta enfrentou uma área de forte turbulência. A conversa tornou-se impossível enquanto eles se agarravam aos assentos e ouviam o rugir e estalar à sua volta. Quando cessou essa interrupção, Taraza ergueu a voz:

— Se sobrevivermos a esta maldita máquina e descermos em Gammu, Miles, você deve reunir-se com Dar. Você viu o Manifesto Atreides. Ela vai lhe falar a respeito e prepará-lo. Isso é tudo.

Teg voltou-se e olhou para Odrade. Uma vez mais as feições dela estimulavam-lhe as memórias: uma semelhança extraordinária com Lucilla, mas havia algo mais. Ele colocou isso de lado. “O Manifesto Atreides?” Tinha lido, pois viera de Taraza com instruções para que o fizesse. “Preparar-me? Para quê?”

Odrade notou o olhar questionador no rosto de Teg. Agora entendia os motivos de Taraza. E as ordens da Madre Superiora assumiam novo significado, assim como as palavras do próprio Manifesto.

“Assim como o universo é criado pela participação da consciência, o ser humano presciente carrega essa faculdade criativa até seu extremo absoluto. Esse foi o poder profundamente mal-entendido do bastardo Atreides. O poder que ele transmitiu a seu filho, o Tirano.”

Odrade conhecia tais palavras com a intimidade do autor, mas agora elas voltavam em sua memória como se nunca as tivesse encontrado antes.

“Maldita seja, Tar!’; pensou Odrade. “E se você estiver errada?”

14

No nível do quantum nosso universo pode ser visualizado como um lugar indeterminado, estatisticamente previsível somente quando se empregam números suficientemente elevados. Entre este universo e um outro, relativamente previsível, onde a passagem de um único planeta pode ser cronometrada em picossegundos, outras forças entram em ação. E no universo intermediário, onde se passam nossas vidas diárias, aquilo em que você acredita torna-se a força dominante. Suas crenças dirigem o desdobramento dos eventos diários. Se um número suficiente de pessoas acredita em alguma coisa, essa coisa passa a existir. A estrutura da crença cria um filtro através do qual o caos se transforma em ordem.

— Análise do Tirano. O Arquivo de Taraza: Arquivos BG

Os pensamentos de Teg encontravam-se em agitação quando ele retornou a Gammu, vindo da nave da Corporação. Saltou da naveta na extremidade carbonizada do campo de pouso particular do Castelo e olhou à sua volta como se estivesse chegando àquele lugar pela primeira vez. Era quase meio-dia. Tão pouco tempo se passara e quanta coisa tinha mudado.

Até que ponto a Bene Gesserit iria ao transmitir sua lição essencial?, ele se perguntou. Taraza o arrancara de seus processos Mentat familiares. Sentia que todo o incidente a bordo da nave da Corporação fora encenado para seu beneficio. Ele tinha sido sacudido para fora de um curso previsível. Como Gammu lhe pareceu estranho enquanto ele atravessava a pista guardada em direção aos fossos de entrada.

Teg tinha estado em muitos planetas, aprendido seus costumes e a maneira como eles influenciavam seus habitantes. Alguns planetas possuíam um grande sol amarelo, que se mantinha próximo e conservava quentes todas as coisas vivas, evoluindo e crescendo. Já outros planetas tinha sóis pequenos, mortiços, que pareciam muito distantes num céu escurecido e cuja luz realizava muito pouco. E claro que existiam variações dentro e fora dessa faixa. Gammu era uma variante com sol amarelo-esverdeado, dia de 31:27 horas-padrão e Ano-Padrão de 2,6. Teg pensara já conhecer Gammu.

Quando os Harkonnen foram forçados a abandoná-lo, colonizadores deixados pela Dispersão vieram do grupo Daniano e deram ao planeta o nome de Halleck, o qual fora conservado no grande remapeamento. Os colonizadores eram conhecidos naqueles dias como Caladanianos, mas os milênios tendem a encurtar certos rótulos.

Teg parou na entrada dos revestimentos que conduziam dos subterrâneos do campo até embaixo do Castelo. Taraza e seu grupo ficaram atrás dele. Ele viu que Taraza estava falando com Odrade.

“O Manifesto Atreides”, pensou.

Mesmo em Gammu, poucos admitiam ter ancestrais Atreides ou Harkonnen, embora os genótipos fossem visíveis — especialmente o Atreides dominante: narizes longos e pontudos, testas elevadas, bocas sensuais. Frequentemente os elementos se encontravam dispersos — a boca em um rosto, os olhos penetrantes em outro, além das incontáveis misturas. Algumas vezes, entretanto, uma pessoa trazia todos os elementos, e então se podia perceber o orgulho, a certeza interior:

“Eu sou um deles!”

Os nativos de Gammu reconheciam isso e abriam caminho para a pessoa, mas poucos chegavam a rotular essa característica.

Por baixo estava aquilo que os Harkonnen tinham deixado para trás linhas de parentesco que recuavam até os tempos ancestrais dos gregos, patames e mamelucos, sombras de uma história antiga da qual poucos, fora do círculo dos historiadores profissionais e daqueles treinados pela Bene Gesserit, poderiam até mesmo citar os nomes.

Taraza e seu grupo alcançaram Teg. Ele a ouviu dizer para Odrade:

— Você deve contar tudo a Miles.

Muito bem, ela lhe iria contar, pensou. Virou-se e liderou a caminhada, passando pela guarda interna e o longo corredor sob as casamatas que levava ao Castelo propriamente dito.

“Maldita Bene Gesserit!”, pensou. “Que estiveram realmente fazendo aqui em Gammu?”

Podia ver um bocado de sinais da Bene Gesserit nesse planeta, resultados do estímulo a uma reprodução humana controlada para fixar certas características desejáveis, evidentes, aqui e ali, nos olhos sedutores das mulheres.

Teg respondeu à saudação da capitã da guarda sem mudar de foco sua atenção. “Olhos sedutores, sim, isso mesmo.” Tinha notado isso desde sua chegada ao Castelo do ghola e especialmente durante sua primeira viagem de inspeção pelo planeta. Tinha visto a si mesmo em muitos rostos também, e se

lembrara de uma coisa que Patrin havia mencionado muitas vezes.

— Você tem o olhar de Gammu, Bashar.

Olhos sedutores! Aquela capitã da guarda, lá atrás, os tinha também. Ela e Odrade e Lucilla eram semelhantes nesse pormenor. Poucas pessoas prestavam atenção à importância dos olhos em matéria de sedução, pensou. Fora preciso o controle genético da Bene Gesserit para chamar a atenção para esse aspecto. Seios grandes em uma mulher e quadris fortes em um homem (aquela aparência musculosa nas nádegas) eram elementos naturalmente importantes em relações sexuais. Mas sem os olhos o resto nada poderia fazer. Os olhos eram essenciais. A pessoa podia perder-se no tipo certo de olhar, tinha aprendido, sendo atraído por ele e ficando totalmente inconsciente do que lhe estava sendo feito até que o pênis estivesse firmemente encaixado na vagina.

Ele notara os olhos de Lucilla imediatamente após sua chegada a Gammu, e passara a ter cuidado. Não havia dúvidas quanto ao modo pelo qual a Irmandade usava os talentos dela!

E lá estava Lucilla, esperando por eles na câmara central de inspeção e descontaminação. Ela lhe deu o sinal com a mão de que tudo estava bem com o ghola. Teg relaxou e observou enquanto Lucilla e Odrade se confrontavam. As duas mulheres tinham feições extraordinariamente similares, a despeito da diferença de idade. Seus corpos eram diferentes, no entanto, Lucilla mais robusta em relação à forma delgada de Odrade.

A capitã da guarda de olhar sedutor chegou por trás de Teg e se curvou junto dele.

— Schwangyu acaba de saber quem o senhor trouxe — ela disse, indicando Taraza com a cabeça. — Ah, aí vem ela.

Schwangyu saiu do tubo-elevador e caminhou ao encontro de Taraza, concedendo apenas um olhar furioso a Teg.

“Taraza queria surpreendê-la”, pensou ele. “Todos sabemos porquê”

— Você não parece feliz em me ver — disse Taraza, falando com Schwangyu.

— Estou surpresa, Madre Superiora — respondeu Schwangyu. — Não tinha idéia de sua vinda.

Olhou uma vez mais para Teg, uma aparência de ódio em seus olhos.

Odrade e Lucilla interromperam o exame mútuo.

— Eu tinha ouvido a respeito, é claro — disse Odrade. — Mas é uma experiência ver a si própria no rosto de outra pessoa.

— Eu a avisei — disse Taraza.

— Quais são suas ordens, Madre Superiora? — perguntou Schwangyu.

Era o mais perto que ela podia chegar de indagar o motivo da vinda de

Taraza.

— Gostaria de falar com Lucilla em particular — disse Taraza.

— Eu tenho alojamentos preparados para todas — disse Schwangyu.

— Não se incomode — disse Taraza. — Não vou ficar aqui. Miles já providenciou o meu transporte. O dever exige a minha presença no planeta da Irmandade. Lucilla e eu vamos conversar lá fora, no pátio.

— Taraza tocou o rosto com um dedo. — Oh, e eu gostaria de observar o ghola sem ser vista durante alguns minutos. Tenho certeza de que Lucilla pode conseguir isso.

— Ele está recebendo muito bem o treinamento mais intenso — disse Lucilla, enquanto as duas caminhavam em direção ao tubo-elevador.

Teg voltou sua atenção para Odrade, notando, enquanto seu olhar passava pelo rosto de Schwangyu, a intensidade do ódio desta. Schwangyu não estava tentando esconder suas emoções.

Seria Lucilla uma irmã ou filha de Odrade?, perguntou-se Teg. Ocorreu-lhe subitamente que deveria haver um propósito da Bene Gesserit por trás da semelhança. Sim, é claro — Lucilla era uma Impressora!

Schwangyu dominou a raiva que sentia e olhou com curiosidade para Odrade.

— Eu estava a ponto de ir almoçar, Irmã — disse Schwangyu. Gostaria de ir comigo?

— Preciso falar em particular com o Bashar — respondeu Odrade.

Se não há objeção, talvez pudéssemos permanecer aqui para a nossa conversa. Não devo ser vista pelo ghola.

Schwangyu olhou furiosa, sem tentar ocultar sua irritação com Odrade. Elas sabiam, lá no planeta da Irmandade, onde estavam as lealdades! Mas ninguém... ninguém iria removê-la desse posto de comando e observação. A oposição tinha seus direitos!

Seus pensamentos foram transparentes até para Teg. Ele notou a rigidez das costas de Schwangyu quando ela os deixou.

É muito ruim quando Irmã se volta contra outra Irmã — comentou Odrade.

Teg fez um sinal com a mão para sua capitã da guarda, ordenando que ela evacuasse a área. “Sozinhos”, dissera Odrade. “É como vai ser.”

Para Odrade ele disse;

— Esta é uma de minhas áreas. Não há espiões ou outros meios de nos observarem aqui.

— Eu achei que não — disse Odrade.

— Nós possuímos um escritório ali. — Teg fez um sinal para a sua

esquerda. — Há móveis e até cadeiras-cães, se preferir.

— Detesto quando elas tentam me acariciar — disse ela. — Podemos conversar aqui? — Colocou uma das mãos sob o braço de Teg.

— Talvez pudéssemos caminhar um pouco. Fiquei tanto tempo sentada naquela naveta que sinto o corpo rígido;

— Que é que você deve me contar? — perguntou ele enquanto os dois caminhavam.

— Minhas memórias não são mais filtradas seletivamente — ela disse;

— Eu as tenho todas... somente por meu lado feminino, é claro..

— Assim? — perguntou Teg, comprimindo os lábios.

Essa não era a abordagem que ele tinha esperado. Odrade parecia mais uma pessoa que escolheria uma abordagem direta.

— Taraza diz que você leu o Manifesto Atreides. Ótimo. Você sabe que ele vai provocar inquietação em muitos lugares.

— Schwangyu já fez dele o objeto de uma critica a vocês Atreides. Odrade olhou para ele solenemente. Como diziam todos os relatórios, Teg permanecia uma figura imponente, mas ela sabia disso sem precisar de relatórios.

— Somos ambos Atreides, você e eu — disse Odrade.

Teg ficou inteiramente alerta.

— Sua mãe lhe explicou isso em detalhes — disse Odrade. — Quando você voltou a Lernaeus em suas primeiras férias escolares.

Teg parou e olhou para ela. Como poderia saber disso? Pelo que sabia, nunca tinha encontrado ou conversado com essa Darwi Odrade. Seria ele motivo de debates na sede da Irmandade? Manteve o silêncio, forçando-a a continuar a conversa.

— Vou contar-lhe uma conversa entre um homem e minha mãe verdadeira — disse Odrade. — Eles estão na cama e o homem diz: “Fui pai de algumas crianças na primeira vez que escapei do controle da Bene Gesserit, na época em que me julguei um agente independente, livre para me alistar e lutar onde quisesse.”

Teg não tentou ocultar sua surpresa. Essas eram suas palavras! A memória Mentat revelou-lhe que Odrade as tinhas repetido com precisão.

— Quer ouvir mais? — perguntou ela quando ele continuou a fitá-la — Muito bem. O homem diz: “Isso foi antes que elas me enviassem para ser treinado como Mentat, é claro. Como aquilo foi revelador! Eu nunca estivera fora da vigilância da Irmandade, nem por um instante! Eu nunca fui um agente livre.”

— Nem mesmo quando eu pronunciava essas palavras — disse Teg.

— Verdade. — Ela o impeliu pela pressão em seu braço, enquanto os dois continuavam a caminhada dentro da câmara. — As crianças de que foi pai pertenciam todas à Bene Gesserit. A Irmandade não corre risco de que nossos genótipos possam cair num reservatório genético selvagem.

— Que meu corpo vá para Shaitan... seus preciosos genótipos permanecem sob os cuidados da Irmandade — disse ele.

— Meus cuidados — disse Odrade. — Sou uma de suas filhas.

Novamente ele a forçou a parar.

— Eu creio que sabe quem foi minha mãe — ela disse, e ergueu a mão para silenciá-lo quando ele tentou pronunciar um nome. — Nomes não são necessários.

Teg observou as feições de Odrade, notando sinais identificáveis. Mãe e filha eram equivalentes. Mas, e quanto a Lucilla?

Como se tivesse ouvido a pergunta, Odrade respondeu:

— Lucilla é de uma linha paralela de procriação. Bem extraordinário, não? O que a cuidadosa procriação paralela pode conseguir.

Teg pigarreou. Não sentia nenhum elo emocional em relação a essa filha recém-revelada. As palavras dela e outros sinais importantes de seu desempenho exigiam sua atenção primária.

— Esta não é uma conversa casual — ele disse. — Isso é tudo que me devia contar? Pensei que a Madre Superiora tinha dito.

— Há mais — concordou Odrade. — Quanto ao Manifesto, eu sou sua autora. Eu o escrevi, mediante ordem de Taraza e seguindo suas instruções detalhadas:

Teg olhou à volta na ampla câmara, como se quisesse certificar-se de que ninguém tinha ouvido. Disse em voz baixa:

— Os Tleilaxu o estão divulgando amplamente!

— Exatamente como esperávamos.

— Por que está me dizendo isso? Taraza disse que estava aqui para me preparar para.

Vai chegar a ocasião em que deverá conhecer o nosso propósito. É desejo de Taraza que tome suas próprias decisões então, que se torne realmente um agente livre.

Enquanto falava, Odrade viu os olhos dele vidrarem ao modo Mentat.

— Teg respirou fundo. “Dependências e troncos-chave!” Teve a sensação Mentat de vislumbrar um imenso padrão, bem além do alcance de seus dados acumulados. Nem por um instante considerou que algum tipo de devoção de filha para pai tivesse provocado essas revelações. Havia uma essência fundamentalista, dogmática e mesmo ritualística evidente em todo o treinamento

da Bene Gesserit, a despeito de todo o esforço para evitá-lo. Odrade, essa sua filha saída do passado, era uma Reverenda Madre dotada de poderes extraordinários de controle muscular e nervoso — e com memórias integrais pelo lado feminino! Era uma das especiais! Conhecia truques de violência de que poucos humanos suspeitavam. Ainda assim, a semelhança daquela essência permanecia, sempre notada por um Mentat.

"Que será que ela deseja?"

"A confirmação da minha paternidade?" Ela já tinha toda a confirmação de que pudesse necessitar.

Observando-a agora, o modo como ela esperava tão pacientemente que seus pensamentos se concatenassem, Teg refletiu sobre com que frequência se comentava, e com boas razões, o fato de as Reverendas Madres não mais pertencerem totalmente à raça humana. De algum modo, elas se moviam fora do fluxo principal, talvez paralelamente a ele, talvez nele mergulhando ocasionalmente por algum motivo próprio, mas sempre afastadas da humanidade. Destacavam-se por si mesmas. Era um sinal identificador das Reverendas Madres, um senso de identidade extra que as tornava mais próximas do Tirano há tanto tempo morto do que da raça humana da qual tinham brotado.

Manipulação. Essa era a sua especialidade. Elas manipulavam a tudo e a todos.

— Eu deverei ser os olhos da Bene Gesserit — disse Teg. — Taraza quer que eu tome uma decisão humana por todas vocês.

Obviamente satisfeita, Odrade apertou-lhe o braço.

— Que pai eu tenho!

— Será que você tem realmente um pai? — perguntou ele, e lhe contou aquilo que estivera pensando a respeito da Bene Gesserit se afastando da humanidade.

— Fora da humanidade — repetiu ela. — Que idéia interessante. Os navegadores da Corporação também estariam separados de sua humanidade original?

Ele pensou a respeito. Os navegadores da Corporação divergiam amplamente da forma humana mais comum. Nascidos no espaço e vivendo suas vidas em tanques de gás de melange, eles distorciam a forma original, alongando e reposicionando membros e órgãos. Mas um jovem navegador em estrus e antes de entrar no tanque era capaz de procriar com um ser humano normal. Isso já fora demonstrado. Eles se tornavam não-humanos, mas não ao modo da Bene Gesserit.

— Mentalmente os navegadores não são como vocês — disse ele; — Eles pensam do modo humano. Guiar uma nave através do espaço, mesmo usando a

presciência para encontrar o caminho mais seguro, possui um padrão que um ser humano pode aceitar.

— Você não aceita o nosso padrão?

— Até onde posso, mas em algum lugar de seu desenvolvimento vocês se afastaram do padrão original. Acho que podem realizar um ato consciente para parecerem humanas. O modo como segura o meu braço neste momento, como se fosse realmente minha filha.

— Eu sou sua filha, mas me surpreende o modo como nos despreza.

— Muito pelo contrário, eu fico admirado com vocês.

— Admirado com sua própria filha?

— Com qualquer Reverenda Madre;

— Você acha que eu existo apenas para manipular criaturas inferiores?

— Creio que vocês não sentem mais como humanas. Existe uma falha em você. Alguma coisa está faltando, algo que removeu. Você não é mais uma de nós.

— Obrigada — disse Odrade; — Taraza disse-me que você não hesitaria em responder com fraqueza, mas eu já sabia disso.

— Para o que me preparou?

— Vai saber quando acontecer, e isto é tudo que posso dizer... tudo que me permitem dizer.

“Manipulando de novo!”, pensou ele; “Malditas!”

Odrade pigarreou. Parecia a ponto de dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio enquanto guiava Teg na caminhada através da câmara.

Mesmo sabendo o que Teg iria dizer; suas palavras a magoavam. Queria dizer-lhe que era uma daquelas que ainda se sentiam humanas, mas o julgamento que ele fizera da Irmandade não podia ser contestado

“Somos ensinadas a rejeitar o amor. Podemos simulá-lo, mas cada uma de nós é capaz de anulá-lo num momento.”

Houve sons atrás deles. Ambos pararam e se voltaram. Lucilla e Taraza saíam do tubo-elevador falando sobre suas observações do ghola.

— Você estava absolutamente certa em tratá-lo como a uma de nós — dizia Taraza.

Teg ouviu, mas não fez comentários, enquanto esperava a aproximação das duas mulheres.

“Ele sabe”, pensou Odrade; “Não vai me perguntar a respeito de minha mãe; Não havia nenhuma ligação, nenhuma impressão real. E no entanto ele sabe.”

Odrade fechou os olhos e a memória a surpreendeu por produzir a imagem de uma pintura. A coisa ocupava um espaço na parede da sala matinal de Taraza.

Um artificio Ixiano tinha preservado a pintura na melhor moldura hermeticamente selada, por trás de uma cobertura de plaz invisível. Frequentemente Odrade parava diante daquela pintura, sentindo a cada ocasião que sua mão poderia estender-se e de fato tocar a tela ancestral, tão habilmente preservada pelos Ixianos.

“Cottages de Cordeville;”

O nome que o artista dera ao trabalho e seu próprio nome tinham sido preservados numa placa forjada, colocada embaixo da pintura: Vincent Van Gogh.

A coisa era de uma época tão longínqua que apenas raras relíquias, como essa pintura, permaneciam para enviar uma impressão física através das eras. Ela tentara imaginar as jornadas que aquela pintura tinha realizado, o acaso sucessivo que a conduzira até a sala de Taraza.

Os Ixianos tinham sido excelentes na arte da preservação e restauração. Um observador podia tocar um ponto escuro na extremidade inferior esquerda da moldura. Imediatamente seria engolfado no gênio verdadeiro, não apenas do artista, mas do Ixiano que tinha restaurado e preservado seu trabalho. Seu nome estava na moldura: Martin Buro. Quando tocado pelo dedo humano, o ponto se tornava um projetor de sensação, benigno subproduto da tecnologia que tinha produzido a sonda Ixiana. Buro havia restaurado não apenas a pintura, mas o pintor — os sentimentos de Van Gogh que tinham acompanhado cada pincelada. Tudo fora capturado nas pinceladas e gravado ali por movimentos humanos.

Odrade se havia colocado ali, tão e tantas vezes envolvida pela performance que se sentia capaz de recriar a pintura independentemente;

Relembrando essa experiência, logo após a acusação de Teg, ela percebeu imediatamente por que sua memória tinha reproduzido a imagem para ela e por que a pintura a fascinava tanto. Pelo breve período daquela reprodução, sempre se sentia totalmente humana, consciente dos cottages como lugares onde viviam pessoas reais, completamente consciente da corrente humana que fizera uma pausa naquele lugar na pessoa do louco Vincent Van Gogh, parando para registrar a si mesmo.

Taraza e Lucilla detiveram-se a dois passos de Teg e Odrade; Havia um cheiro de alho na respiração de Taraza.

— Nós paramos para uma pequena refeição — explicou Taraza. — Vocês gostariam de comer alguma coisa?

Era exatamente a pergunta errada. Odrade soltou a mão do braço de Teg, virou-se rapidamente e enxugou os olhos com a manga. Olhando novamente para Teg, viu a surpresa no rosto dele. “Sim”, pensou ela, “estas são lágrimas verdadeiras!”

— Creio que fizemos aqui tudo que poderíamos fazer — disse Taraza. — E hora de você seguir para Rakis, Dar.

— Já passou a hora — disse Odrade.

15

A vida não encontrará razões para se manter, não será uma fonte de respeito mútuo, a não ser que cada um de nós resolva emprestar-lhe tais qualidades.

— Chenoeh: “Conversas com Leto II”

Hedley Tuek, Alto Sacerdote do Deus Dividido, estava ficando cada vez mais irritado com Stiros. Embora muito velho para ambicionar o trono de Alto Sacerdote, Stiros tinha filhos, netos e numerosos sobrinhos. Ele transferira para a família as suas ambições pessoais. Stiros era um homem cínico, representante de uma facção poderosa do clero, a auto-denominada “comunidade científica”, cuja influência era insidiosa e penetrante. Eles se aproximavam perigosamente da heresia.

Tuek lembrou-se de como mais de um Alto Sacerdote se havia perdido no deserto. Acidentes lamentáveis... Stiros e sua facção eram capazes de arranjar tais acidentes.

Era uma tarde em Keen e Stiros acabara de sair, obviamente frustrado. Queria que Tuek fosse até o deserto para observar pessoalmente a nova incursão de Sheeana por lá. Suspeitando do convite, Tuek declinara.

Seguira-se uma estranha discussão, cheia de indiretas e vagas referências ao comportamento de Sheeana, mais ataques verbais à Bene Gesserit. Stiros, sempre desconfiado da Irmandade, antipatizara imediatamente com a nova comandante do Castelo de Bene Gesserit em Rakis, aquela... como era mesmo o nome? Oh, sim, Odrade; Nome engraçado, mas as Irmãs frequentemente tinham nomes estranhos. Era um privilégio delas. O próprio Deus nunca se pronunciara contra a bondade básica da Bene Gesserit. Contra esta ou aquela Irmã, sim, mas a Irmandade como um todo tinha compartilhado da Sagrada Visão de Deus.

Tuek não gostava do modo como Stiros falava de Sheeana. Com cinismo. Finalmente havia conseguido silenciar Stiros com pronunciamentos feitos ali, no local sagrado, com seu altar e suas imagens do Deus Dividido. Retransmissores de feixes prismáticos lançavam finas cunhas de iluminação através do incenso que partia da melange que era queimada entre as duplas fileiras de altas pilastras conduzindo ao altar. Tuek tinha certeza de que nesse cenário suas palavras

chegariam diretamente a Deus.

— Deus age através de nossa Siona — Tuek dissera a Stiros, notando a confusão em seu rosto. — Sheeana é a lembrança viva de Siona, aquele instrumento humano que o transformou em Suas atuais Divisões.

Stiros ficou furioso, dizendo coisas que não se atreveria a repetir diante de um Conselho. Confiava demais em sua longa ligação com Tuek.

— Eu lhe digo que ela permanece aqui, cercada por adultos que buscam justificar-se diante dela, e ela.

— Justificar-se diante dela e de Deus!

— Tuek não poderia permitir tais palavras.

Inclinando-se para mais perto do Alto Sacerdote, Stiros resmungou:

— Ela encontra-se no centro de um sistema educacional preparado para lhe dar qualquer coisa que sua imaginação desejar. Nós não lhe negamos nada!

— Nem deveríamos.

Como se Tuek não tivesse falado, Stiros disse:

— Cania tem lhe fornecido os registros de Dar-es-Balat.

— Eu sou o Livro do Destino — entoou Tuek, repetindo as próprias palavras de Deus tiradas do tesouro em Dar-es-Balat.

— Exatamente! E ela ouve com atenção cada palavra!

— Por que isso o perturba? — perguntou Tuek em seu tom de voz mais calmo.

— Nós não testamos o conhecimento dela. Ela testa o nosso!

— Deus deve querer assim.

Não deixando de perceber o amargo ressentimento no rosto de Stiros, Tuek observou seu conselheiro enquanto ele reunia novos argumentos. Os recursos para tais argumentos eram, é claro, enormes. Tuek não negava isso. Eram as interpretações que importavam. Era por isso que o Alto Sacerdote tinha a função de derradeiro intérprete; A despeito do seu modo de visualizar a história (ou talvez devido a ele), o clero sabia muita coisa sobre as circunstâncias que haviam conduzido Deus a residir em Rakis. Ele tinha Dar-es-Balat e todo o seu conteúdo — a mais antiga não-câmara conhecida no universo. Durante milênios, enquanto o Shai-hulud transformava o verdejante planeta Arrakis no deserto Rakis, Dar-es-Balat aguardara debaixo das areias. Do Sagrado Tesouro, o clero obtivera a própria voz de Deus. Suas palavras impressas e até mesmo holofotos. Tudo estava explicado e eles sabiam que a superfície deserta de Rakis reproduzia a forma original do planeta, o modo como ele era no princípio, quando constituía a única fonte conhecida da Sagrada Especiaria.

— Ela faz perguntas a respeito da Família de Deus — disse Stiros.

— Por que precisaria perguntar-nos tal coisa?

— Ela está nos testando. Será que os colocamos em seus devidos lugares? A Reverenda Madre Jessica e seu filho, o Muad'Dib, e seu filho, Leto II, o Sagrado Triunvirato Celeste;

— Leto III — murmurou Stiros. — E quanto ao outro Leto que morreu nas mãos dos Sardaukar? E quanto a ele?

— Cuidado, Stiros — advertiu Tuek. — Você sabe que meu bisavô se pronunciou a respeito dessa questão sentado nesse mesmo assento. Nosso Deus Dividido foi reencarnado, uma parte dele permanecendo no céu para mediar sobre sua Ascendência. Essa parte dele tornou-se então desprovida de nome, como a Verdadeira Essência de Deus sempre deve ser!

— É?

Tuek notou o terrível cinismo na voz do velho. As palavras de Stiros pareciam tremer no ar carregado de incenso, num convite a uma terrível resposta.

— Então por que ela pergunta como nosso Leto se transformou no Deus Dividido? — quis saber Stiros.

Estaria Stiros questionando a Sagrada Metamorfose? Tuek estava horrorizado. Disse simplesmente:

— No devido tempo, ela nos iluminará.

— Nossas frágeis explicações devem deixá-la desapontada — retrucou Stiros.

— Você está indo longe demais, Stiros!

— É mesmo? Não acha esclarecedor que ela pergunte como a truta da areia captura a maior parte de água de Rakis, recriando o deserto?

Tuek tentou esconder sua raiva crescente; Stiros realmente representava uma poderosa facção do clero, mas seu tom de voz e suas palavras levantavam questões que tinham sido respondidas pelos Altos Sacerdotes muito tempo atrás. A Metamorfose de Leto II dera origem a um número incontável de trutas da areia, cada qual carregando um Fragmento Dele; Da Truta da Areia ao Deus Dividido: essa relação era conhecida e venerada. Questioná-la era negar a Deus.

— Você se senta ai e não faz nada — acusou Stiros. — Nós somos peões de...

— Basta! — Tuek tinha ouvido tudo que queria ouvir desse velho cínico. Reunindo sua dignidade, pronunciou as palavras de Deus: — Seu Senhor conhece muito bem o que vai no seu coração. Sua alma é o suficiente para acusá-lo. Eu não preciso de testemunhas. Você não escuta a sua alma, mas ouve o seu ódio e a sua ira.

Stiros retirou-se, frustrado.

Depois de pensar muito, Tuek vestiu seu melhor manto, em branco,

púrpura e dourado, e foi visitar Sheeana.

Ela encontrava-se nos jardins do terraço no topo do complexo, junto com Cania e mais duas pessoas: um jovem sacerdote chamado Baldik, que estava a serviço particular de Tuek, e uma sacerdotisa-acólita chamada Kipuna, que se comportava demais à semelhança de uma Reverenda Madre para o gosto de Tuek. A Irmandade possuía suas espiãs por lá, é claro, mas Tuek não gostava de tomar conhecimento disso. Kipuna encarregara-se da maior parte do treinamento físico de Sheeana, e surgira uma espécie de identificação entre pupila e sacerdotisa-acólita que motivava os ciúmes de Cania. Mesmo Cania, entretanto, não poderia colocar-se no caminho das ordens de Sheeana.

Os quatro encontravam-se ao lado de um banco de pedra, quase à sombra de uma torre de ventilação. Kipuna segurava a mão direita de Sheeana, manipulando os dedos da criança. Sheeana estava ficando alta, notou Tuek. Há seis anos que estava sob proteção. Podia notar as primeiras insinuações de seios começando a se projetar no tecido do manto. Não havia o menor sopro de vento no terraço e o ar parecia pesar nos pulmões de Tuek.

Tuek olhou no jardim à sua volta para se certificar de que suas precauções de segurança não estavam sendo ignoradas. Nunca se sabia de que lado o perigo poderia aparecer. Quatro dos guardas pessoais de Tuek, bem-armados mas ocultando esse fato, compartilhavam do terraço mantendo-se a distância — um em cada canto. O parapeito que envolvia o terraço era alto, e apenas as cabeças dos guardas apareciam acima da borda. O único prédio mais alto do que essa torre dos sacerdotes era a principal armadilha de vento de Keen, uns mil metros a oeste.

A despeito da evidência visível de que suas ordens estavam sendo cumpridas, Tuek sentia o perigo. Seria um aviso de Deus? Ele ainda se sentia perturbado pelo cinismo de Stiros. Estaria errado em permitir que Stiros tomasse esse tipo de atitude?

Sheeana viu Tuek se aproximando e interrompeu os curiosos exercícios de flexionamento dos dedos que fazia, mediante as instruções de Kipuna. Aparentando sábia paciência, a criança ficou em silêncio, o olhar lixo no Alto Sacerdote, forçando seus companheiros a se virarem e olhar junto com ela.

Sheeana não achava assustadora a figura de Tuek. Gostava um pouco do velho, embora algumas perguntas dele fossem muito presunçosas. E suas respostas! Muito por acaso ela descobrira a pergunta que mais perturbava Tuek.

Por quê?

Alguns sacerdotes que serviam de criados interpretaram a pergunta como sendo: Por que você acredita nisso? Sheeana imediatamente adotou a sugestão e daí por diante suas sondagens com Tuek e os outros tomaram invariavelmente a

forma de:

— Por que você acredita nisso?

Tuek parou a dois passos de Sheeana e se curvou.

— Boa tarde, Sheeana.

Ele mexeu o pescoço com nervosismo dentro do colarinho de seu manto. O sol estava quente em seus ombros e ele se perguntava por que a criança gostava tanto de sair para o terraço.

Sheeana manteve o olhar indagador para Tuek. Sabia que esse olhar o perturbava.

Tuek pigarreou. Quando Sheeana olhava para ele daquele modo, ele sempre se perguntava: “Será que Deus está olhando para mim através dos olhos dela?”

Cania disse:

— Sheeana perguntou hoje a respeito das Oradoras Peixes.

Em seu tom mais persuasivo, Tuek disse:

— O Exército Sagrado de Deus?

— Composto só por mulheres? — perguntou Sheeana.

Ela falou como se não pudesse acreditar em tal coisa. Para aqueles situados na base da sociedade Rakiana, as Oradoras Peixes eram um nome da história antiga, pessoas perdidas nos Tempos da Fome.

Ela está me testando, pensou Tuek. Oradoras Peixes. As atuais portadoras dessa denominação possuíam apenas uma pequena delegação de comércio-espionagem em Rakis, composta de homens e mulheres. Suas antigas origens não significam mais nada em suas atuais atividades, onde funcionavam principalmente como um braço de Ix.

— Os homens sempre serviram às Oradoras Peixes como assessores — respondeu Tuek.

Ele observou cuidadosamente, esperando para ver como Sheeana responderia.

— E sempre houve os Duncan Idahos — comentou Cama.

— Sim, sim, é claro, os Duncans.

Tuek tentou não demonstrar aborrecimento. Aquela mulher está sempre interrompendo! Tuek não gostava de ser lembrado desse aspecto da presença histórica de Deus em Rakis. O ghola sempre recriado e sua posição no Exército Sagrado tinham um toque de indulgência para com a Bene Tleilax. Mas não havia como fugir ao fato de que as Oradoras Peixes tinham protegido os Duncans de todo o mal, agindo, é claro, sob as ordens de Deus. Os Duncans eram sagrados, não havia dúvida a esse respeito, mas sagrados de uma categoria especial. Das próprias palavras de Deus, sabia-se que Ele em pessoa tinha

matado alguns Duncans, obviamente transportando-os imediatamente para o céu.

— Kipuna esteve me contando sobre a Bene Gesserit — comentou Sheeana.

“Como a mente dessa criança salta de um assunto para outro!” Tuek pigarreou, reconhecendo sua própria atitude ambivalente com relação às Reverendas Madres. Exigia-se reverência àquelas que tinham sido “Queridas por Deus”, como a Santa Chenoeh. E o primeiro Alto Sacerdote criara um relato lógico de como a Sagrada Hwi Noree, Noiva de Deus, tinha sido secretamente uma Reverenda Madre; Honrando essas circunstâncias especiais, o clero sentia uma irritante responsabilidade para com a Bene Gesserit, obrigação que era cumprida principalmente pela venda de melange à Irmandade a um preço ridiculamente inferior ao que se cobrava dos Tleilaxu.

Em seu tom mais ingênuo, Sheeana disse:

— Conte-me tudo sobre a Bene Gesserit, Hedley.

Tuek olhou rapidamente para os adultos à volta de Sheeana, tentando surpreender um sorriso em seus rostos. Não sabia como reagir ao fato de Sheeana chamá-lo pelo primeiro nome; De certo modo, era humilhante; Mas, por outro lado, ela o honrava com tal intimidade.

“Deus está me testando duramente”, pensou ele.

— As Reverendas Madres são boas pessoas? — perguntou Sheeana. Tuek suspirou. Todos os registros confirmavam que Deus tinha certas reservas com relação à Irmandade; As palavras de Deus tinham sido examinadas cuidadosamente e por fim submetidas à interpretação de um Alto Sacerdote; Deus não permitiria que a Irmandade ameaçasse o seu Caminho Dourado. Isso era claro.

— Muitas delas são boas — respondeu Tuek.

— Onde se encontra a Reverenda Madre mais próxima?

— Na Embaixada da Irmandade, no seu Castelo em Keen — disse Tuek.

— Você a conhece?

— Existem muitas Reverendas Madres no Castelo da Bene Gesserit.

— Que é um castelo?

— É como elas chamam seu lar aqui.

— Uma Reverenda Madre deve ser a responsável. Você a conhece?

— Eu conhecia sua antecessora, Tamalane, mas esta agora é nova. Acabou, de chegar. Seu nome é Odrade.

— E um nome engraçado.

Era o que Tuek pensava, mas ele disse:

— Um dos nossos historiadores me disse que é uma forma do nome Atreides.

Sheeana refletiu a respeito disso. “Atreides.” Era a família que tinha criado Shaitan. Antes dos Atreides, tinham existido apenas os Fremen e o Shai-hulud. A História Oral, que seu povo preservava contra todas as proibições dos sacerdotes, cantava as origens da gente mais. importante de Rakis. Sheeana ouvira seus nomes muitas noites no vilarejo.

— Muad’Dib gerou o Tirano.

— E o Tirano gerou Shaitan.

Sheeana não sentia vontade de discutir a verdade com Tuek. De qualquer modo, ele parecia cansado hoje; Ela disse apenas:

— Tragam-me essa Reverenda Madre Odrade.

Kipuna escondeu por trás da mão seu sorriso de satisfação maldosa. Tuek recuou, consternado. Como poderia satisfazer semelhante exigência? Mesmo o clero Rakiano não comandava a Bene Gesserit! E se a Irmandade recusasse? Será que ele poderia oferecer uma dádiva de melange em troca? Isso poderia ser tomado como sinal de fraqueza. As Reverendas Madres poderiam barganhar! E não havia comerciantes mais duros do que aquelas Reverendas Madres de olhar frio. Essa nova, Odrade, parecia ser uma das piores.

Todos esses pensamentos fluíram pela mente de Tuek num instante.

Cania opinou, dando a Tuek a opção tão necessitada.

— Talvez Kipuna possa transmitir o convite de Sheeana — ela disse;

Tuek olhou rapidamente para a jovem sacerdotisa-acólita. Sim! Muitas suspeitavam (Cania inclusive, obviamente) de Kipuna como espiã da Bene Gesserit. É claro que todo o mundo em Rakis espionava para alguém. Tuek usou seu sorriso mais encantador enquanto olhava para Kipuna.

— Você conhece alguma das Reverendas Madres, Kipuna?

— Algumas delas eu conheço, Meu Senhor Alto Sacerdote — respondeu Kipuna.

“Pelo menos ela ainda demonstra o devido respeito.”

— Excelente — disse Tuek. — Teria a bondade de transmitir O gracioso convite de Sheeana à embaixada da Irmandade?

— Farei o melhor que puder, Meu Senhor Alto Sacerdote; Eu tenho certeza de que fará!

Kipuna começou a se voltar para Sheeana, cheia de orgulho, a certeza do êxito crescendo dentro de si. O pedido de Sheeana fora muito fácil de ser provocado a partir das técnicas fornecidas pela Irmandade; Kipuna sorriu e abriu a boca para falar. Um movimento no parapeito, uns 40 metros atrás de Sheeana, captou a atenção de Kipuna. Alguma coisa brilhava à luz do sol por lá. Algo pequeno e...

Com um grito estrangulado, Kipuna agarrou Sheeana e a lançou para o

espantado Tuek, gritando:

— Corra!

Depois Kipuna avançou ao encontro do brilho que se aproximava — um pequeno dardo caçador puxando um longo shigafio.

Em sua época de jovem, Tuek tinha jogado bola. Ele agarrou Sheeana instintivamente, hesitou por um instante e então reconheceu o perigo. Girando com a garota que se debatia protestando em seus braços, Tuek correu através da porta aberta para a torre das escadarias. Ouviu a porta fechar-se às suas costas, os passos de Cania que o seguia.

— Que foi? Que foi?

Sheeana golpeava o peito de Tuek com seus punhos enquanto gritava.

— Quieta, Sheeana! Quieta!

Tuek parou na primeira plataforma, entre dois lances de escada. Havia uma calha deslizadora e uma queda amparada por suspensores, conduzindo desse lance de escada para dentro do núcleo do prédio. Cania parou ao lado de Tuek, sua respiração ofegante ressoando alto nesse espaço estreito.

— Aquilo matou Kipuna e dois guardas — disse Cania sem fôlego.

— Cortou-os em pedaços! Eu vi. Deus nos proteja!

A mente de Tuek era um redemoinho. Tanto a calha deslizadora quanto a queda em suspensores eram pequenos orifícios feitos na torre; Ambos podiam ser sabotados. O ataque pelo teto podia ser apenas um elemento de uma trama mais complexa.

— Coloque-me no chão! — insistia Sheeana. — Que está acontecendo?

Tuek depositou-a no chão, mas a manteve segura por uma das mãos. Curvou-se sobre ela.

— Sheeana, minha querida, alguém está tentando ferir-nos.

A boca de Sheeana formou um silencioso "oh" e então a pergunta:

— Eles feriram Kipuna?

Tuek olhou para a porta que dava para o terraço. Estaria ouvindo o ruído de um ornitóptero lá em cima? Stiros! Conspiradores podiam levar três pessoas vulneráveis para o deserto com muita facilidade!

Cania recuperara o fôlego.

Estou ouvindo um tóptero — disse ela. — Não devíamos sair daqui?

— Vamos descer pelas escadas — disse Tuek.

— Mas...

— Faça como eu digo!

Segurando firmemente a mão de Sheeana, Tuek liderou a corrida até o próximo patamar. Além da calha e do acesso ao poço suspensor, esse lance tinha uma porta na parede curva. Somente alguns passos além daquela porta ficava a

entrada para os aposentos de Sheeana, outrora o quarto de Tuek. Novamente ele hesitou.

— Alguma coisa está acontecendo no teto — sussurrou Cania.

Tuek olhou para a criança temerosa e quieta ao seu lado. A mão dela estava escorregadia de suor.

Sim, havia algum tipo de tumulto no terraço — gritos, o assovio de queimadores, muita correria. A porta para o terraço, agora fora do alcance de visão, foi arrebentada. Isso fez Tuek decidir-se; Ele abriu a porta para o corredor e caiu nos braços de um grupo de mulheres de mantos negros agrupadas numa formação de cunha. Com um sentimento vazio de derrota, Tuek reconheceu a mulher na ponta da cunha: “Odrade!”

Alguém arrancou Sheeana de suas mãos e ela sumiu no meio do aglomerado de mantos. Antes que Tuek ou Cania pudesse protestar, mãos foram colocadas sobre suas bocas. Outras mãos imobilizaram-nos de encontro à parede do corredor. Algumas das figuras cobertas por mantos saíram pela porta, subindo as escadarias.

— A criança está segura, e isso é o que importa no momento — sussurrou Odrade; Ela olhou nos olhos de Tuek. — Não grite; — A mão foi removida de sua boca. Usando a Voz, ela disse: — Conte-me tudo que aconteceu no terraço!

Tuek obedeceu sem reservas:

— Um dardo caçador puxando um longo shigafio. Veio por cima do parapeito. Kipuna viu e...

— Onde está Kipuna?

— Morta. Cania viu.

— Tuek descreveu a intrépida corrida de Kipuna ao encontro da ameaça.

“Kipuna morta!”, pensou Odrade; Ela escondeu uma raiva furiosa, um sentimento de perda. Que desperdício. Devia haver admiração ante uma morte tão corajosa, mas a perda... A Irmandade necessitava muito de tamanha coragem e devoção, mas também precisava da riqueza genética que Kipuna representara. “Tudo perdido por causa daqueles idiotas!’’

Ante um gesto de Odrade, a mão foi removida da boca da Cania.

— Diga-me o que você viu — ordenou Odrade;

— O dardo enrolou o shigafio em volta do pescoço de Kipuna e...

Cania estremeceu.

A pancada seca de uma explosão reverberou acima deles, depois o silêncio. Odrade fez outro sinal com uma das mãos. Mulheres cobertas por mantos espalharam-se ao longo do corredor, movendo-se silenciosamente para fora do alcance da vista, além da curva na passagem. Somente Odrade e outras duas, ambas jovens de olhos frios, com expressões enérgicas, permaneceram ao

lado de Tuek e de Cania. Sheeana tinha sumido.

— Os Ixianos têm algo a ver com isso — disse Odrade;

Tuek concordou.

— Aquela quantidade de shigafio... Para onde levaram a criança? — perguntou ele.

— Nós a estamos protegendo — disse Odrade; — Fique quieto. Ela inclinou a cabeça, ouvindo.

Uma mulher vestida num manto negro veio correndo pela curva do corredor e sussurrou alguma coisa no ouvido de Odrade; Ela sorriu.

— Está acabado — disse ela. — Vamos ao encontro de Sheeana.

Sheeana ocupava uma cadeira estofada azul no aposento principal de seus alojamentos. Mulheres de mantos negros formavam um arco protetor por trás dela. A Tuek, a criança pareceu bem recuperada do choque do ataque e da fuga, mas seus olhos cintilavam com excitação e perguntas não-respondidas. A atenção de Sheeana estava dirigida para alguma coisa à direita de Tuek. Ele parou, olhou e ficou boquiaberto com o que viu.

O corpo nu de um homem estava tombado de encontro a uma parede em posição curiosamente dobrada, a cabeça torcida até o queixo ficar sobre o ombro esquerdo. Olhos abertos fitavam o vazio da morte.

‘‘Stiros!’’

Os trapos rasgados a que tinha sido reduzido o manto de Stiros, obviamente arrancado dele com violência, formavam agora uma pilha desarrumada ao pé do corpo.

Tuek olhou para Odrade;

— Ele estava envolvido no ataque — ela disse. — Havia Dançarmos Faciais com os Ixianos.

Tuek tentou engolir com a garganta seca.

Cania passou por ele em direção ao corpo. Tuek não podia ver o rosto dela, mas a presença de Cania o fez lembrar-se de que tinha havido algum tipo de relacionamento entre ela e Stiros na juventude; Tuek moveu-se instintivamente para se colocar entre Cania e a criança sentada.

Cania parou junto do corpo e o cutucou com o pé. Voltou-se para Tuek com uma expressão satisfeita.

— Tinha que me certificar de que ele estava realmente morto.

Odrade olhou para uma colega.

— Livre-se do corpo — ordenou.

Depois olhou para Sheeana. Era a primeira oportunidade que Odrade tinha para estudar a criança desde que liderara a força de assalto até esse lugar a fim de enfrentar o ataque ao complexo do templo.

Tuek falou por trás de Odrade;

— Reverenda Madre, por favor pode explicar o que...

Odrade o interrompeu sem se voltar.

— Depois.

A expressão de Sheeana animou-se ao ouvir as palavras de Tuek.

— Eu sabia que era uma Reverenda Madre!

Odrade meramente assentiu com a cabeça. Que criança fascinante; Odrade tinha agora a mesma sensação que sentira diante da pintura nos aposentos de Taraza. Algo do fogo, do calor presente naquele trabalho de arte a inspirava agora. Uma inspiração louca! Essa era a mensagem deixada por um Van Gogh demente. O caos transformando-se em magnífica ordem. Isso não era uma parte do código da Irmandade?

"Esta criança é minha tela", pensou Odrade. Sentia a mão tremer sentindo aquele antigo pincel, as narinas dilatando-se para sorver o perfume de óleos e tintas.

— Deixem-me sozinha com Sheeana — ordenou ela. — Saiam todos.

Tuek começou a protestar, mas se calou quando uma das companheiras de Odrade o segurou pelo braço. Odrade olhou furiosa para ele;

— A Bene Gesserit já o serviu anteriormente — lembrou ela. — Desta vez nós salvamos sua vida.

A mulher que segurava o braço de Tuek puxou-o.

— Respondam as perguntas dele — ordenou Odrade; — Mas façam isso em outro lugar.

Cania deu um passo em direção a Sheeana.

— Esta criança é minha.

— Saia! — gritou Odrade, reunindo nessa ordem todos os poderes da Voz.

Cania gelou.

— Você quase a perdeu para um bando de conspiradores presunçosos! — acrescentou Odrade, olhando furiosa para Cania. — Vamos estudar se você merece outra oportunidade de se ligar a Sheeana.

Lágrimas surgiram nos olhos de Cania, mas a condenação de Odrade não podia ser negada. Virando-se, Cania saiu com os outros.

Odrade voltou sua atenção para a criança vigilante;

— Estivemos esperando por você por longo tempo — disse ela. Não vamos dar outra oportunidade àqueles tolos.

16

A lei sempre busca manter o poder constituído.

Questões de moral e legalidade pouco têm a ver quando a verdadeira pergunta é: quem detém o poder?

— Atas do Conselho da Bene Gesserit: Arquivos X0X232

Imediatamente depois de Taraza e seu grupo deixarem Gammu, Teg lançou-se de volta ao trabalho. Novos procedimentos de guarda tinham que ser estabelecidos de modo a manter Schwangyu a distância do ghola. Ordens de Taraza.

— Ela pode observar tudo que quiser. Mas não deve tocá-lo.

A despeito das pressões do trabalho, Teg se encontrou a fitar o vazio em momentos ocasionais, presa de uma estranha ansiedade. A experiência de resgatar o grupo de Taraza de dentro da nave da Corporação e as curiosas revelações de Odrade não se encaixavam em qualquer padrão de classificação de dados que pudesse criar.

“Dependências... troncos-chaves...”

Teg estava sentado em seu gabinete de trabalho com um quadro de serviço para o pessoal projetado diante de si, contendo mudanças de turno para serem aprovadas, e por um instante não teve idéia do tempo ou da data. Levou um momento para se relocalizar.

Era o meio da manhã. Taraza e seu grupo tinham partido fazia dois dias. Ele estava sozinho. Patrin encarregara-se de seu programa diário de treinamento com o Duncan, deixando Teg livre para tomar decisões de comando.

A sala de trabalho à sua volta parecia estranha. E no entanto, quando olhava para cada objeto, sentia que era familiar. Ali estava o seu próprio consolo pessoal de dados. A jaqueta de seu uniforme fora deixada sobre as costas da cadeira a seu lado. Tentou mergulhar numa análise Mentat e sentiu a própria mente resistindo. Tal fenômeno não acontecia desde seus dias de treinamento.

“Dias de treinamento.”

Taraza e Odrade o tinham colocado em alguma forma de treinamento.

“Autotreinamento.”

Num modo distante, ele sentiu a memória oferecer-lhe uma conversa que

tivera muito tempo atrás com Taraza. Como lhe parecia familiar agora. Sentiu-se deslocado para aquele momento, capturado pela própria capacidade de memória.

Taraza e ele estavam muito cansados depois de tomarem as decisões e agirem para evitar um confronto sangrento — o incidente Barandiko. Nada senão um mero soluço na história, assim parecia agora, mas naquela ocasião tinha exigido todas as suas energias combinadas.

Taraza convidara-o para uma saleta em seus alojamentos na não-nave depois que se assinara o acordo. Ela falava de modo informal, admirando sua sagacidade, o modo como ele tinha percebido e explorado as fraquezas que forçariam o acordo.

Os dois estavam acordados e ativos havia quase 36 horas e Teg estava feliz pela oportunidade de se sentar com Taraza, enquanto ela discava, fazendo um pedido ao aparelho produtor de drinques e refeições. A coisa produziu dois copos grandes de um líquido marrom cremoso.

Teg reconheceu o cheiro quando ela lhe passou o copo. Era uma fonte de energia rápida que a Bene Gesserit raramente compartilhava com gente de fora. Mas Taraza não mais o considerava gente de fora.

Com a cabeça inclinada para trás, Teg tomou um longo gole da bebida, enquanto seu olhar se perdia no teto decorado do pequeno aposento. Essa não-nave era de um modelo antigo, construída na época em que se dedicava maior cuidado à decoração — cornijas cuidadosamente esculpidas, figuras barrocas talhadas em cada superfície.

O gosto da bebida lançou sua memória de volta à infância, a espessa infusão de melange.

— Minha mãe me preparava isso sempre que eu estava muito fatigado — disse ele, olhando para o copo na mão.

Já podia sentir o tranquilizador fluxo de energia percorrendo o seu corpo.

Taraza levou seu drinque para uma cadeira-cão oposta a ele. A peça fofa de mobília animada, de cor branca, ajustou-se a ela com a facilidade de uma longa familiaridade. Para Teg ela providenciara uma poltrona tradicional, com estofado verde, mas percebeu o olhar dele voltar-se para a cadeira-cão e sorriu.

— Os gostos diferem, Miles. — Tomou um gole da bebida e suspirou. — Foi um trabalho árduo, mas foi um bom trabalho. Houve momentos em que me senti à beira de me tornar muito malcriada.

Teg sentiu-se tocado pela tranquilidade dela. Não havia mais pose, nenhuma expressão para separá-los e definir seus papéis na hierarquia da Bene Gesserit. Ela estava sendo obviamente amistosa, sem qualquer indício de sedução. Isso era exatamente o que parecia ser — até onde se pudesse pensar tal coisa num encontro com uma Reverenda Madre.

Sentindo-se rapidamente descontraído, Teg percebeu que se tornara muito hábil em perceber as intenções de Alma Mavis Taraza, mesmo quando ela adotava uma de suas máscaras faciais.

— Sua mãe lhe ensinou muito mais do que lhe dissemos para ensinar — comentou Taraza. — Uma mulher sábia, mas outra herege. É tudo o que parecemos criar hoje em dia.

— Herege?

Teg sentiu certo ressentimento.

— É uma piada que corre na Irmandade — explicou Taraza. — Nós devemos seguir as ordens da Madre Superiora com devoção absoluta. E é o que fazemos. exceto quando discordamos dela.

Teg sorriu e tomou outro gole da bebida.

— É curioso — continuou Taraza —, mas quando estávamos envolvidos naquele confronto eu me vi reagindo a você como reagiria a uma de minhas Irmãs.

Teg sentiu a bebida aquecendo-lhe o estômago. Sentiu um formigar nas narinas. Colocou o copo vazio numa mesa ao lado da cadeira e disse enquanto olhava para ela:

— Minha filha mais velha...

— Dimela. Devia tê-la deixado vir para a Irmandade, Miles.

— A decisão não foi minha.

— Mas uma palavra sua... — Taraza encolheu os ombros. — Bem, isso é passado. Que tem Dimela?

— Ela pensa que eu frequentemente me pareço muito com uma de vocês.

— Se parece muito?

— Ela é muito leal a mim, Madre Superiora. Realmente não entende o nosso relacionamento e.

— Qual é o nosso relacionamento?

— Vocês ordenam e eu obedeço.

Taraza olhou para ele por cima da borda do copo. Quando colocou o copo sobre a mesinha. disse:

Sim, você nunca foi verdadeiramente herético, Miles... Talvez um dia...

Ele falou rapidamente, tentando afastar o pensamento de Taraza de tais idéias:

— Dimela acha que o uso da melange faz muitas pessoas se parecerem com vocês.

— É mesmo? Não é curioso, Miles, que a poção geriátrica tenha tantos efeitos colaterais?

— Eu não acho isso estranho.

— Não, é claro que não acha. — Ela acabou de esvaziar o copo e o colocou de lado. — Eu estava me referindo ao modo como um significativo prolongamento da vida produz em algumas pessoas, especialmente em você, um profundo conhecimento da natureza humana.

— Nós vivemos mais tempo, observamos mais.

— Não creio que seja assim tão simples. Existem pessoas que nunca observam coisa alguma. Para elas, a vida apenas acontece. Elas sobrevivem com pouco mais que uma teimosa persistência, e resistem com raiva e ressentimento a qualquer coisa que possa erguê-los acima dessa falsa serenidade.

— Nunca fui capaz de desenvolver uma folha de equilíbrio aceitável para a especiaria — comentou Teg, referindo-se a um processo de organização de dados comum aos Mentat.

Taraza assentiu com a cabeça. Obviamente, ela encontrava a mesma dificuldade.

— Nós da Irmandade tendemos a ser mais direcionadas num único caminho do que os Mentats — admitiu. — Temos procedimentos para nos sacudir para fora dessa rotina, mas a condição persiste.

— Nossos ancestrais tiveram esse problema por longo tempo.

Era diferente antes da especiaria — ela disse.

— Mas eles viviam vidas muito curtas.

— Cinquenta, 100 anos, isso não parece muito para nós, mas ainda assim...

— Eles comprimiam mais experiências em seu tempo disponível?

— Ah, a época deles era frenética.

Ela estava lhe fornecendo observações de suas Outras Memórias, percebeu ele. Não era a primeira vez que compartilhava desse conhecimento antigo. Sua mãe tinha produzido tais memórias em certas ocasiões, mas sempre para servir a alguma lição. Estaria Taraza fazendo a mesma coisa agora? Ensinando-lhe algo?

— A melange é um monstro de muitas mãos — comentou ela.

— Algumas vezes deseja que nós nunca a tivéssemos encontrado?

— A Bene Gesserit não existiria sem ela.

— Nem a Corporação.

— Mas não teria havido Tirano nem Muad'Dib. A especiaria dá com uma das mãos e tira com todas as outras.

— Que mão contém aquilo que desejamos? — perguntou ele — Não é sempre essa a pergunta?

— Você é uma singularidade, sabia, Miles? É muito raro Mentats mergulharem na filosofia. Acho que isso é uma de suas forças. Você tem uma

capacidade suprema para duvidar.

Ele encolheu os ombros. Esse tipo de assunto o perturbava.

— Você não achou graça — ela disse. — Mas é bom agarrar-se às suas dúvidas, de qualquer modo. A dúvida é necessária ao filósofo.

— Assim dizem os Zensunni.

— Todos os místicos concordam com isso, Miles. Nunca subestime o poder da dúvida. É muito persuasivo. O s'tori guarda a dúvida e a certeza em uma só mão.

Muito surpreso ele perguntou:

— As Reverendas Madres praticam rituais Zensunni?

Jamais esperara tal coisa.

— Só uma vez — respondeu ela. — Nós atingimos uma forma exaltada de s'tori, uma forma total que envolve cada célula do nosso corpo.

— A agonia da especiaria — ele disse.

— Tenho certeza de que sua mãe lhe contou. Obviamente, ela nunca explicou a afinidade com o Zensunni.

Teg engoliu em seco, sentindo uma constrição na garganta. Fascinante! Isso lhe fornecia uma nova compreensão da Bene Gesserit, mudando todo o seu conceito, inclusive a imagem de sua mãe. Elas estavam apartadas dele, colocadas numa posição que jamais poderia alcançar. Podiam tratá-lo como camarada em determinadas ocasiões, mas ele seria incapaz de penetrar no seu círculo mais íntimo. Podia simular, não mais que isso. Nunca seria como o Muad'Dib ou o Tirano.

— Presciência — comentou Taraza.

A palavra desviou-lhe a atenção. Ela mudara o assunto sem realmente mudá-lo.

— Eu estava pensando no Muad'Dib — disse ele.

— Você pensa que ele previa o futuro?

— Esse é o ensinamento Mentat.

— Percebo a dúvida em sua voz, Miles. Será que ele previa ou será que ele criava? A presciência pode ser uma coisa mortal. As pessoas que exigem que o oráculo lhe faça previsões querem saber o preço da pele de baleia no próximo ano ou alguma outra coisa igualmente mundana. Nenhuma quer uma previsão, instante por instante, de sua vida.

— Não haveria surpresas — comentou Teg.

— Exatamente. Se você possuísse tal conhecimento do amanhã, sua vida se tornaria insuportavelmente tediosa.

— Acha que a vida do Muad'Dib era tediosa?

— E a do Tirano também. Acreditamos que as vidas deles foram

inteiramente dedicadas à tentativa de quebrar as correntes nas quais eles mesmos se haviam prendido.

— Mas eles acreditavam...

— Lembre-se de suas dúvidas filosóficas, Miles. Cuidado! A mente do crente torna-se estagnada. Ela deixa de crescer para fora, em direção a um universo infinito e ilimitado.

Teg sentou-se em silêncio por um momento. Sentia a fadiga que fora impulsionada para além de sua consciência imediata pelo efeito da bebida, sentia o modo como os seus pensamentos eram agitados pela introdução de novos conceitos. Essas eram coisas que, tinham lhe ensinado, enfraqueceriam um Mentat, e no entanto se sentia fortalecido por elas.

"Ela está me ensinando", pensou. "Existe uma lição nisto"

Como se fosse projetado em sua mente, delineando-se em fogo, ele encontrou toda a sua atenção de Mentat fixada na advertência Zensunni ensinada a cada aluno principiante na escola de Mentats:

Por sua crença em singularidades granulares, você nega todo o movimento — seja ele evolutivo ou involutivo. A crença fixa um universo granular e faz com que esse universo passe a existir. Não se pode permitir a mudança porque esta faria seu universo imóvel desaparecer. Não obstante ele se move por si mesmo quando você fica parado. Ele evolui à sua volta e se torna inacessível.

— A coisa mais curiosa — disse Taraza, ajustando-se ao estado de espírito que ela mesma tinha criado — é que os cientistas de Ix não percebem o quanto suas crenças dominam seu universo.

Teg olhou para ela, silencioso e receptivo.

— As crenças dos Ixianos são totalmente submissas às escolhas que eles fizeram no seu modo de encarar o universo — explicou Taraza. — O universo deles não age por si mesmo, mas de acordo com o tipo de experiências que eles escolhem.

Repentinamente, Teg escapou de suas memórias, assustado, e acordou no Castelo Gammu. Ainda se encontrava sentado na cadeira familiar de sua sala de trabalho. Um olhar pelo aposento mostrou que nada tinha saído do lugar. Somente alguns minutos se haviam passado naquele gabinete e seu conteúdo não lhe era mais estranho. Ele mergulhara e saíra do transe Mentat: "Restaurado."

O cheiro e o gosto da bebida que Taraza lhe oferecera há tanto tempo ainda podia ser sentido em sua língua e em suas narinas. Num piscar Mentat, ele sabia que poderia reviver a cena uma vez mais — a luz mortiça dos globos luminosos, o sentimento da cadeira embaixo dele, os sons de suas vozes. Tudo estava lá para ser repetido, congelado numa cápsula de tempo de memória isolada.

Chamar de volta aquela memória era como criar um universo mágico onde suas habilidades eram ampliadas além de seus sonhos mais loucos. Não havia átomos naquele universo mágico, somente ondas e espantosos movimentos à sua volta. Ele era forçado a voltar lá para se libertar de todas as barreiras erguidas pela crença e pelo entendimento. Esse universo era transparente. Ele poderia ver através dele sem a interferência de telas sobre as quais tivesse que projetar aquelas formas. O universo mágico o reduzia a um núcleo de imaginação ativa em que suas próprias habilidades de criação de imagens constituíam a única tela sobre a qual se podia sentir uma projeção.

"Lá, eu sou o executor e a execução."

O gabinete de trabalho ao redor de .Teg ondulou para fora de sua realidade sensorial. Sentia sua consciência reduzindo-se a um único propósito, e esse propósito preenchia o universo. Encontrava-se aberto ao infinito.

"Taraza fez isso deliberadamente!", pensou. "Ela me ampliou!"

O sentimento de espanto o ameaçava. Reconheceu como sua filha, Odrade, tinha recorrido a tais poderes a fim de criar para Taraza o Manifesto Atreides. Seus próprios poderes de Mentat encontravam-se submersos num grande padrão.

Taraza estava exigindo um terrível desempenho da parte dele. A necessidade de tal coisa desafiava-o e o aterrorizava. Podia muito bem significar o fim da Irmandade.

17

A regra básica é: nunca apóie a fraqueza; sempre apóie a força.
— Código da Bene Gesserit

— Como é que você dá ordens aos sacerdotes? — perguntou Sheeana. — Este lugar é deles.

Odrade respondeu com aparente superficialidade, mas escolheu as palavras de modo a se ajustarem ao conhecimento que ela sabia que Sheeana já possuía:

— Os sacerdotes têm origens Fremen. Sempre tiveram Reverendas Madres por perto. Além disso, criança, você também lhes dá ordens.

— Isso é diferente.

Odrade controlou um sorriso.

Pouco mais de três horas tinham transcorrido desde que sua força de assalto interrompera o ataque ao complexo do templo. Nesse período Odrade estabelecera um centro de comando nos alojamentos de Sheeana e realizara o trabalho necessário de avaliação dos resultados e da retaliação preliminar, tudo isso enquanto estimulava e observava Sheeana.

“Simulfluxo.”

Odrade olhou para o aposento que tinha escolhido como centro de comando. Um fragmento das roupas rasgadas de Stiros ainda restava junto à parede diante dela. “Baixas.” O aposento tinha uma forma curiosa. Não havia duas paredes paralelas. Ela cheirou o ar. Ainda restava um perfume residual de ozônio dos farejadores com que sua gente havia assegurado a privacidade desse quarto.

Por que a forma estranha? O prédio era antigo, fora remodelado e ampliado em muitas ocasiões, mas isso não explicava esse quarto. Havia uma textura agradável no reboco áspero, cor de creme, sobre as paredes e o teto. Belas cortinas de fibra de especiaria flanqueavam as duas portas. Era o início da tarde e a luz do sol filtrada por gelosias manchava a parede oposta à janela. Globos luminosos de cor amarelo-prata flutuavam perto do teto, todos sintonizados para igualarem a luz do sol. Sons abafados da rua chegavam pelos ventiladores embaixo das janelas. No piso, um suave padrão de tapetes cor de

laranja e azulejos cinzentos revelava riqueza e segurança, mas repentinamente Odrade não se sentiu segura.

Uma Reverenda Madre de elevada estatura entrou da sala adjacente, onde ficara o centro de comunicações.

— Madre Comandante — ela disse —, as mensagens foram enviadas à Corporação, a Ix e aos Tleilaxu.

Odrade respondeu com a mente distante.

— Entendido.

A mensageira voltou às suas tarefas.

— Que está fazendo? — perguntou Sheeana.

— Estudando uma coisa.

Odrade comprimiu os lábios, pensando. Seus guias através do complexo do templo a tinham levado até ali através de um labirinto de corredores, escadarias com vislumbres de pátios através de arcadas e um esplêndido sistema de tubo-suspensores Ixiano que os conduzira silenciosamente até outro corredor, mais escadarias, outro corredor curvo... e finalmente esse aposento.

— Por que está estudando este quarto? — perguntou Sheeana.

— Quieta, criança!

O aposento era um poliedro irregular com o lado menor para a esquerda. Tinha cerca de 35 metros de comprimento, com metade dessa medida de largura, muitos divãs baixos e muitas cadeiras que ofereciam graus variados de conforto. Sheeana estava sentada, com o esplendor de uma rainha, numa poltrona de amarelo brilhante com braços amplos e macios. Não havia cadeiras-cães nesse lugar. Muito tecido marrom e azul. Odrade olhou para o trançado de um gradil branco, uma entrada de ventilação acima de uma pintura de montanhas na parede maior do canto. Uma brisa fresca vinha dos ventiladores abaixo das janelas e subia para o gradil acima da pintura...

— Este é o quarto de Hedley — disse Sheeana.

— Por que o aborrece usando o primeiro nome dele, criança?

— Isso o aborrece?

— Não faça jogos de palavras comigo, menina! Você sabe que isso o aborrece e é por isso que o faz.

— Então por que perguntou?

Odrade ignorou a resposta enquanto prosseguia seu estudo minucioso do aposento. A parede oposta à pintura mantinha um ângulo obliquo com relação á parede externa. Podia entender agora. “Muito hábil!” Esse aposento fora construído de modo a que cada sussurro lá dentro pudesse ser ouvido por alguém colocado atrás da grade de ventilação. Sem dúvida a pintura devia ocultar outro duto de ar para transportar os sons produzidos lá dentro. Nenhum farejador ou

qualquer outro instrumento poderia detectar semelhante disposição. Nada daria sinal de ouvido ou olho espião. Somente os sentidos aguçados de uma pessoa treinada em camuflagens pudera descobrir isso.

Um sinal com a mão chamou uma acólita que esperava. Os dedos de Odrade sinalizaram de modo silencioso: “Descubra quem está escutando atrás daquele ventilador” Fez sinal com a cabeça para a grade acima da pintura. “Deixe-os continuar. Devemos saber para quem passam a informação.”

— Como soube que devia vir me salvar? — perguntou Sheeana.

“A criança tinha uma voz adorável, mas precisava de treinamento”, pensou Odrade. Havia nela uma firmeza que poderia ser transformada num instrumento poderoso.

— Responda-me! — ordenou Sheeana.

O tom imperioso surpreendeu Odrade, produzindo uma rápida irritação que ela foi forçada a suprimir. Correções deviam ser feitas imediatamente!

— Acalme-se, criança — disse Odrade.

Ela moldou a ordem num tenor preciso e viu que fizera efeito.

Novamente Sheeana a surpreendeu:

— Isso é outro tipo de Voz. Você está tentando me acalmar. Kipuna me contou tudo sobre a Voz.

Odrade ficou de frente para Sheeana e olhou para a menina. Sua tristeza inicial já tinha passado, mas ainda havia ódio quando ela falava de Kipuna.

— Estou ocupada estruturando nossa resposta àquele ataque — explicou Odrade. — Por que você fica me distraindo? Pensava que você queria que eles fossem punidos.

— Que vai fazer com eles? Diga-me. Que vai fazer?

Uma criança surpreendentemente vingativa, pensou Odrade. Isso teria que ser dominado. O ódio era uma emoção tão perigosa quanto o amor. A capacidade de odiar equivalia à capacidade de amar.

Odrade explicou:

— Eu enviei para a Corporação, para Ix e para os Tleilaxu a mensagem que sempre despachamos quando ficamos aborrecidas. Três palavras: “Vocês vão pagar”

— E como eles vão pagar?

— Uma adequada punição Bene Gesserit esta sendo elaborada. Eles vão sentir as consequências de seu comportamento.

— Mas o que vão fazer?

— No devido tempo você poderá aprender. Pode até aprender como preparamos nossas punições. Por ora não há necessidade de que saiba.

Uma expressão aborrecida surgiu na face de Sheeana. Ela disse:

— Vocês não estão nem mesmo zangadas. Aborrecidas, foi isso que falou.

— Domine sua impaciência, criança! Existem coisas que você não entende.

A Reverenda Madre da sala de comunicações retornou, olhou para Sheeana e disse a Odrade:

— A sede da Irmandade acusa o recebimento do seu relatório. Elas aprovam sua resposta.

Como a Reverenda Madre das comunicações permanecesse de pé esperando, Odrade perguntou:

— Mais alguma coisa?

Um rápido olhar para Sheeana revelou as reservas da mulher. Odrade ergueu a palma direita, sinal para a comunicação silenciosa.

A Reverenda Madre respondeu, seus dedos dançando com a excitação liberada: "Mensagem de Taraza — Os Tleilaxu são o pivô da trama. A Corporação deve ser levada a pagar caro por sua melange. Feche o seu acesso ao fornecimento Rakiano. Lance juntos a Corporação e Ix. Eles irão esgotar-se diante da esmagadora competição da Dispersão. Ignore as Oradoras Peixes por enquanto. Elas estão com Ix. O Mestre dos Mestres responde a nós de Tleilaxu. Ele vai para Rakis. Pegue-o."

Odrade deu um leve sorriso para indicar que havia entendido. Observou a outra mulher deixar a sala. Não somente a Irmandade concordava com as ações executadas em Rakis como uma adequada punição Bene Gesserit seria preparada com uma velocidade fascinante. Obviamente, Taraza e suas assessoras tinham antecipado esse momento.

Odrade permitiu-se um suspiro de alívio. A mensagem para a Irmandade fora sucinta: um resumo do ataque, a lista das baixas entre as Irmãs, a identificação dos atacantes e uma nota confirmando a Taraza que Odrade já transmitira o aviso aos culpados: "Vocês vão pagar"

Sim, aqueles tolos atacantes agora conheceriam o ninho de vespas que tinham agitado. Isso iria criar o medo — parte importante de qualquer punição.

Sheeana remexeu-se na cadeira. Sua atitude revelava que ela iria tentar uma nova abordagem.

— Uma das suas disse que havia Dançarmos Faciais. Ela indicou o teto com o queixo.

"Que vasto reservatório de ignorância é essa criança", pensou Odrade. Esse vazio teria que ser preenchido. "Dançarinos Faciais!" Odrade pensou nos corpos que tinha examinado. Os Tleilaxu tinham finalmente colocado em ação seus novos Dançarmos Faciais. Era um teste para a Bene Gesserit, é claro. Esses novos eram extremamente difíceis de detectar. Mas ainda deixavam escapar o

cheiro característico de seus feromônios, algo que lhes era único. Odrade enviara esse dado em sua mensagem à Irmandade.

O problema agora era manter secreto o conhecimento da Bene Gesserit. Odrade chamou a acólita mensageira e, indicando o ventilador com um rápido movimento dos olhos, disse na linguagem silenciosa dos dedos: “Mate aqueles que estão ouvindo!”

— Você está muito interessada na Voz, criança — disse ela, falando com Sheeana, ainda na poltrona. — O silêncio é a ferramenta mais valiosa para o aprendizado.

— Mas eu poderia aprender a usar a Voz? Eu quero aprender.

— Estou lhe dizendo para ficar calada e aprender com o silêncio.

— Eu lhe ordeno que me ensine a Voz!

Odrade refletiu a respeito dos relatórios de Kipuna. Sheeana tinha estabelecido um efetivo controle da Voz sobre a maioria das pessoas à sua volta. A criança tinha aprendido sozinha. Um nível intermediário de Voz para uma audiência limitada. Ela era uma criatura natural assustando Tuek, Cania e os outros. Fantasias religiosas contribuíam para esse temor, é claro, mas o domínio que Sheeana tinha do tom e da frequência da Voz exibia uma admirável seletividade inconsciente.

A resposta indicada para tratar com Sheeana era óbvia. Odrade sabia que teria que usar de honestidade. Era o engodo mais poderoso e servia a mais de um propósito.

— Eu estou aqui para lhe ensinar muitas coisas — disse Odrade. — Mas não vou fazer isso sob ordem sua.

— Todos me obedecem! — disse Sheeana.

“Mal entrou na puberdade e já é uma Aristocrata”, pensou Odrade. “Deuses que criamos! Que será que ela pode tornar-se?”

Sheeana levantou-se da poltrona e ficou olhando para Odrade com uma expressão questionadora. Os olhos da criança estavam no mesmo nível dos ombros de Odrade. Sheeana ia ser alta, uma presença dominadora. Se sobrevivesse.

— Você responde algumas de minhas perguntas, mas não responde outras — ela disse. — Diz que estava esperando por mim, mas não me explica por quê. Por que não me obedece?

— Uma pergunta tola, criança.

— Por que fica me chamando de criança?

— Você não é uma criança?

— Já estou menstruando.

— Mas ainda é uma criança.

— Os sacerdotes me obedecem.
— Eles têm medo de você.
— E você não tem?
— Não, eu não.
— Ótimo! É chato as pessoas terem medo de você.
— Os sacerdotes pensam que você foi enviada por Deus.
— E você não pensa isso?
— Por que deveria? Nós...

Odrade interrompeu-se com a chegada da acólita mensageira. Os dedos dela dançaram em silenciosa comunicação: “Quatro sacerdotes escutavam. Eles foram mortos. Todos serviam a Tuek.”

Odrade mandou embora a mensageira.

— Ela fala a você com os dedos — comentou Sheeana. — Como é que ela faz isso?

— Você faz muitas perguntas erradas, criança. E ainda não me disse por que devo considerá-la um instrumento de Deus.

— Shaitan me poupa. Eu caminho pelo deserto e, quando Shaitan vem, eu converso com ele.

— Por que o chama de Shaitan e não de Shai-hulud?
— Todo o mundo me faz essa mesma pergunta estúpida!
— Então me dê sua resposta estúpida.

A expressão aborrecida retornou ao rosto de Sheeana.

— E devido ao modo como nos conhecemos.
— E como se conheceram?

Sheeana inclinou a cabeça para um lado, olhou para Odrade por um momento e então disse:

— Isso é segredo.
— E você sabe como conservar segredos?

Sheeana endireitou-se e fez sinal de que sim com a cabeça, mas Odrade percebeu a incerteza nos movimentos. A criança sabia quando estava sendo conduzida a uma posição impossível de manter!

— Excelente! — exclamou Odrade. — Manter segredos é um dos ensinamentos mais essenciais de uma Reverenda Madre. Fico feliz por não termos que incomodá-la quanto a esse detalhe.

— Mas eu quero aprender tudo!

Havia petulância naquela voz. Controle emocional muito pobre.

— Você deve me ensinar tudo! — insistiu Sheeana.

“Hora do chicote”, pensou Odrade. Sheeana tinha falado e gesticulado o suficiente para que até uma acólita do quinto grau se sentisse confiante em sua

capacidade de controlá-la agora.

Usando todo o poder da Voz, Odrade disse:

— Não use esse tom de voz comigo, criança! Não se quiser aprender tudo!

Sheeana ficou rígida. levou mais de um minuto absorvendo o que lhe tinha acontecido e então relaxou. Daí a pouco sorriu com uma expressão meiga e aberta.

— Oh, ficou tão feliz por você ter vindo! Estava muito chato ultimamente.

18

Nada ultrapassa a complexidade da mente humana.

— Leto II: Registros de Dar-es-Balat

A noite de Gammu, que caía muito depressa nessa latitude, ainda se encontrava a duas horas no futuro. Uma formação crescente de nuvens lançava sua sombra sobre o Castelo e, ao comando de Lucilla, Duncan retornara ao pátio para uma sessão intensa de exercícios autodirigidos.

Lucilla observava do parapeito de onde o tinha visto pela primeira vez.

Duncan movia-se aos saltos e contorções do combate Bene Gesserit, lançando o corpo através do jardim, rolando, arremessando-se para o lado, correndo para a frente e para trás.

Era uma ótima exibição da maneira de se esquivar ao acaso, pensou Lucilla. Ela não podia perceber qualquer padrão previsível nos movimentos dele, e a velocidade era atordoante. O rapaz já tinha quase 16 AP e atingira a plataforma de seu potencial prana-bindu.

Os movimentos cuidadosamente controlados de seus exercícios de treinamento revelavam tanto! Ele tinha respondido rapidamente quando ela ordenara pela primeira vez essas sessões noturnas. O passo inicial nas instruções que recebera de Taraza tinha sido dado. O ghola a amava. Não havia dúvidas a respeito. Ela desempenhava um papel de fixação maternal e isso fora conseguido sem enfraquecê-lo, embora as ansiedades de Teg tivessem sido despertadas.

“Minha sombra encontra-se neste ghola, mas ele não é um seguidor suplicante nem dependente”, procurou tranquilizar-se. “Teg preocupa-se sem motivo.”

Naquela manhã mesma ela tinha dito a Teg:

— Aonde suas forças o levam ele continua a se expressar livremente.

“Teg devia vê-lo agora”, ela pensou. Esses novos exercícios eram, em grande parte, criação do próprio Duncan.

Lucila conteve uma exclamação de entusiasmo ante um salto particularmente ágil que levou Duncan quase ao centro do pátio. O ghola estava desenvolvendo um equilíbrio neuromuscular que, no devido tempo poderia ser igualado por um equilibro psicológico pelo menos igual ao de Teg. O impacto

cultural de semelhante conquista seria imenso. Bastava ver todos aqueles que ofereciam sua lealdade a Teg e, através dele, à Irmandade.

“Devemos agradecer ao Tirano por grande parte disso”, pensou ela. Antes de Leto II, nenhum sistema amplo de ajuste cultural tinha durado o suficiente para se aproximar do equilíbrio que a Bene Gesserit sustentava ser um ideal. Era esse equilíbrio — “fluindo ao longo da lâmina de uma espada” — que fascinava Lucila. Era por isso que ela se entregava sem reservas a um projeto cujo objetivo final não conhecia, mas que lhe exigia um desempenho que seus instintos rotulavam de repugnante.

“Duncan é tão jovem!”

O que a Irmandade queria que fizesse em seguida fora enunciado explicitamente por Taraza: “Impressão Sexual.” Naquela mesma manhã Lucilla se observara nua diante de um espelho, moldando as atitudes e os movimentos de face e de corpo que sabia ter que usar para cumprir as ordens de Taraza. Num repouso artificial, Lucilla vira o próprio rosto aparecer como o de uma deusa do amor pré-histórica — opulenta de carne e de promessa de uma suavidade na qual um macho excitado poderia mergulhar.

Em seu processo de educação, Lucilla tinha visto estátuas muito antigas dos Primeiros Tempos, pequenas figuras de pedra de fêmeas humanas com quadris largos e seios pendentes, que asseguravam abundância a uma criança que estivesse sendo amamentada. Ã sua vontade, Lucilla poderia produzir uma jovem simulação daquela forma ancestral.

No jardim lá embaixo Duncan parou por um momento e pareceu estar pensando em seu próximo movimento. Daí a pouco ele assentiu para si mesmo, deu um salto alto com uma pirueta no ar e caiu sobre uma perna só, o que o lançou de lado em giros mais próximos da dança que do combate.

Lucilla comprimiu a boca numa linha de decisão.

“Impressão Sexual.”

O segredo do sexo não era segredo algum, pensou. Suas raízes estavam ligadas à própria vida. Isso explicava, logicamente, por que a primeira sedução que lhe fora ordenada pela Irmandade tinha plantado um rosto masculino em sua memória. A Madre Procriadora dissera-lhe para esperar algo assim e não ficar alarmada. Mas Lucilla percebia que a Impressão Sexual era uma faca de dois gumes. A pessoa pode aprender a fluir ao longo do fio da lâmina, mas também pode ser cortada por ele. Algumas vezes, quando o rosto masculino daquela primeira sedução ordenada lhe voltava à mente sem ser solicitado, Lucilla sentia-se confundida por ele. A memória vinha com tanta frequência no pico de um momento íntimo que a forçava a grandes esforços de dissimulação.

— Assim você ganha forças — dissera a Madre Procriadora,

tranquilizando-a.

E no entanto havia ocasiões em que ela sentia ter trivializado uma coisa que teria sido melhor guardar como mistério.

Um sentimento de amargura pelo que devia fazer invadiu Lucilla. Esses crepúsculos, quando ela observava as sessões de treinamento do Duncan, tinham constituído sua hora favorita do dia. O desenvolvimento muscular do rapaz mostrava um progresso muito definido, com o crescimento de músculos e ligações nervosas sensíveis — todas as maravilhas da prana-bindu pelas quais a Irmandade era tão famosa. O próximo passo estava quase chegando, contudo, e ela não poderia mais mergulhar na vigilante apreciação de seu pupilo.

Miles Teg viria dai a pouco, ela sabia, e o treinamento do Duncan passaria novamente para o salão, com suas armas mais mortais.

"Teg"

Uma vez mais Lucilla pensou a respeito dele, admirada. Teg a tinha atraído mais de uma vez, num modo particular que ela reconhecera imediatamente. Uma Impressora dispunha de alguma liberdade para selecionar seus próprios parceiros de procriação, desde que não recebesse tarefas anteriores nem ordens contrárias. Teg era velho, mas seus registros sugeriam que ainda poderia ser viril. Ela não teria permissão para ficar com a criança, é claro, mas já tinha aprendido a lidar com isso.

"Por que não?", perguntara a si mesma.

Seu plano era extremamente simples. Complete a Impressão do ghola e então, registrando sua intenção ante Taraza, conceba uma criança do formidável Miles Teg. Uma sedução introdutória, prática, era indicada, mas Teg ainda não tinha sucumbido. Seu cinismo Mentat a detivera numa tarde, na câmara vestuário da Sala de Armas.

— Meus dias como reprodutor estão terminados, Lucilla. A Irmandade já devia estar satisfeita com o que lhe dei.

Teg, vestido apenas com uma malha negra de exercício, terminou de enxugar o rosto suado com uma toalha e a jogou no cesto. Sem olhar para ela, disse:

— Quer por favor me deixar sozinho agora?

"Então ele percebeu minhas insinuações!", pensou ela.

Devia ter previsto isso, sendo Teg quem era. Lucilla tinha certeza de que ainda poderia seduzi-lo. Nenhuma Reverenda Madre com o treinamento dela deveria fracassar, nem mesmo com um Mentat de poderes tão óbvios quanto Teg.

Lucilla permaneceu por um momento sem se decidir, sua mente planejando automaticamente um meio de superar essa rejeição preliminar.

Alguma coisa a deteve. Não era a raiva da rejeição nem a remota possibilidade de que ele poderia ser imune à sua astúcia. O orgulho e um possível fracasso (havia sempre essa possibilidade) pouco tinham a ver com isso.

“Dignidade.”

Havia em Teg uma dignidade tranquila, e ela já tinha o conhecimento comprovado daquilo que sua coragem e sua perícia tinham fornecido à Irmandade. Não inteiramente consciente de seus motivos, Lucilla afastou-se dele. Possivelmente era a gratidão subjacente que à Irmandade sentia com relação a Teg. Seduzi-lo agora seria humilhante, não apenas para ele, mas para ela própria. Não podia realizar tal ato, não sem ordem direta de uma superiora.

Enquanto permanecia no parapeito, algumas dessas memórias turvavam os sentidos de Lucilla. Havia um movimento nas sombras do portal rumo à Ala das Armas, e Teg podia ser vislumbrado por lá. Lucilla dominou suas reações e focalizou sua atenção no Duncan. O ghola havia interrompido seus rolamentos controlados pelo gramado. Ficou quieto, respirando profundamente, sua atenção voltada para Lucilla. Ela notou a transpiração no rosto dele, as manchas escuras no macacão azul-claro.

Inclinando-se sobre o parapeito, Lucilla o chamou.

— Isso foi muito bom, Duncan. Amanhã vou começar a lhe ensinar mais algumas combinações de pés e punhos.

As palavras lhe escaparam espontaneamente e ela soube de imediato qual fora o motivo. Elas eram dirigidas a Teg, cuja sombra aparecia na porta, e não ao ghola. Ela estava dizendo a Miles: Está vendo? Você não é o único que lhe pode ensinar habilidades mortais.

Lucilla percebeu então que Teg se insinuara mais profundamente em sua psique do que deveria permitir. Aborrecida, voltou sua atenção para a figura alta, emergindo das sombras do portal. Duncan já corria em direção ao Bashar.

Enquanto Lucilla focalizava sua atenção em Teg, a mais elementar das reações Bene Gesserit relampejou pelo seu corpo. Os passos de sua reação poderiam ser definidos depois: “Algo está errado! Perigo! Teg não é Teg!” Naquele relâmpago de reação, nada disso, entretanto, tomou uma forma distinta. Ela respondeu empregando todo o volume da Voz que poderia usar:

— Duncan! Para o chão!

Duncan caiu esticado no gramado, sua atenção centrada na figura de Teg que emergia da Ala de Armas. Havia uma arma laser modelo de campo, nas mãos do homem.

“Dançarino Facial!”, pensou Lucilla. Somente os sentidos hiperalertas lhe revelavam isso. “Um dos novos!”

— Dançarino Facial! — gritou Lucilla.

Duncan pulou de lado e depois saltou para cima, rodopiando no ar a pelo menos um metro do solo. A velocidade de sua reação deixou Lucilla chocada. Ela não sabia que um ser humano poderia mover-se tão depressa! O primeiro raio da arma laser cortou o ar embaixo de Duncan enquanto ele parecia flutuar antes da queda.

Lucilla pulou do parapeito e agarrou um apoio no peitoril da janela do nível inferior. Antes que sua queda fosse detida, sua mão direita disparou num movimento rápido, encontrando a calha que sua memória lhe dizia estar ali. Seu corpo arqueou para o lado e ela caiu no peitoril da janela mais abaixo. O desespero a impulsionava, muito embora soubesse que seria muito tarde.

Alguma coisa estalou na parede acima dela. Viu uma linha de matéria derretida correndo em sua direção enquanto se jogava para a esquerda, girando e caindo no gramado abaixo. Seu olhar captou a cena à sua volta num instante, enquanto ela recuperava o equilíbrio.

Duncan corria para o atacante, esquivando-se e se contorcendo numa terrível repetição de sua sessão de prática de solo. A velocidade de seus movimentos era incrível!

Lucilla notou indecisão no rosto do falso Teg.

Ela correu em direção ao Dançarino Facial, sentindo os pensamentos da criatura: “Dois deles atrás de mim!’

Mas o fracasso era inevitável e Lucilla já sabia disso enquanto corria. O Dançarino Facial só tinha que ajustar sua arma para força total a curto alcance e lancetar o ar, sacudindo a arma à sua frente. Nada penetraria tal defesa. Enquanto calculava suas opções, buscando desesperadamente algum meio de derrotar o atacante, Lucilla viu uma fumaça vermelha aparecer no peito do falso Teg. Uma linha vermelha subiu num ângulo oblíquo através da musculatura do braço que segurava a arma laser. O braço caiu como uma peça partida de uma estátua, o ombro soltando-se do torso num esguicho de sangue. A figura tombou e se dissolveu em mais fumaça vermelha e névoa sangrenta, desfazendo-se em pedaços nos degraus, uma mistura de fragmentos escuros e azuis, tintos de vermelho.

Lucilla sentiu o cheiro característico dos feromônios enquanto parava. Duncan parou ao lado dela, olhando para o movimento da porta, atrás do Dançarino Facial.

Outro Teg surgiu por trás do morto. Lucilla identificou a realidade: era o verdadeiro Teg.

— Este é o Bashar — disse Duncan

Lucilla experimentou um breve sentimento de prazer ao ver que Duncan aprendera tão bem suas lições de identificação: como reconhecer seus amigos

mesmo que veja apenas uma parte deles. Ela apontou para o Dançarino Facial morto.

— Sinta o cheiro dele.

Duncan inalou.

— Sim, percebo. Mas não era uma cópia muito boa. Percebi o que ele era assim que você notou.

Teg saiu para o jardim carregando uma arma laser pesada apoiada sobre o braço esquerdo. A mão direita estava firme sobre a empunhadura e o gatilho. Olhou à volta, examinando o pátio, depois voltou sua atenção para o Duncan e finalmente para Lucilla.

— Traga o Duncan para dentro — ele disse.

Era a ordem de um comandante em batalha, dependente apenas de um conhecimento superior sobre o que fazer durante uma emergência. Lucilla obedeceu sem questionar.

Duncan não falou quando ela o puxou pela mão, passando pelo monte de carne sangrenta que fora o Dançarino Facial e o levando para a Ala das Armas. Uma vez lá dentro, ele olhou para a pilha úmida nos degraus lá fora e perguntou:

— Quem o deixou entrar?

Não “como ele entrou?”, observou ela. Duncan já ultrapassara os detalhes menos importantes para enxergar a raiz do problema.

Teg caminhava à frente deles em direção ao seu gabinete. Parou na porta, deu uma olhada lá dentro e fez sinal para que Duncan e Lucilla o seguissem.

O quarto de Teg estava cheio de um cheiro forte de carne queimada com fios de fumaça a exalarem aquele odor de churrasco passado que Lucilla tanto detestava: carne humana assada! Uma figura usando um dos uniformes de Teg estava caída de cara no chão, no ponto onde rolara de cima da cama.

Teg rolou o corpo com a ponta de uma das botas, expondo o rosto:

olhos abertos fixos, sorriso fixo num esgar. Lucilla reconheceu um dos guardas do perímetro, um dos que tinham vindo para o Castelo com Schwangyu, assim diziam os registros.

— O homem deles aqui dentro — disse Teg. — Patrin deu cabo dele e nós o vestimos com um de meus uniformes. Foi o suficiente para confundir os Dançarmos Faciais, pois nós não os deixamos ver o rosto antes de atacarmos. Eles não tiveram tempo de fazer uma impressão de memória.

— Você sabe disso! — surpreendeu-se Lucilla.

Bellonda instruiu-me completamente.

De repente, Lucilla percebeu o significado do que Teg tinha revelado. Suprimiu um sentimento de raiva.

— Como deixou que um deles chegasse até o pátio?

Com a voz calma, Teg explicou:
— Havia coisas mais urgentes a serem feitas aqui. Tive que fazer uma escolha que se revelou certa.
Lucilla não ocultou a irritação:
— A decisão foi deixar o Duncan defender-se sozinho?
— Deixá-lo a seus cuidados ou deixar que outros atacantes se entrincheirassem firmemente aqui dentro. Patrin e eu passamos maus bocados limpando esta ala. Tínhamos as mãos cheias. — Teg olhou para o Duncan. — Ele se saiu muito bem, graças ao nosso treinamento.
— Aquela... aquela coisa quase o pegou!
— Lucilla! — Teg sacudiu a cabeça. — Eu tinha tudo bem cronometrado. Vocês dois poderiam defender-se durante pelo menos um minuto lá fora. Eu sabia que você ia jogar-se na frente daquela coisa e se sacrificar para salvar o Duncan. Mais 20 segundos.
Ante as palavras de Teg, Duncan voltou-se para Lucilla com olhos brilhantes.
— Você teria feito isso?
Como Lucilla não respondesse, Teg disse:
— Sim, ela teria feito isso.
Lucilla não negou. lembrava-se agora da incrível rapidez com que o Duncan se movera, das atordoantes mudanças de direção de seu ataque.
— Foram decisões de Batalha — Teg acrescentou, olhando para Lucilla.
Ela aceitou isso. Como de hábito, Teg tinha tomado a decisão certa. Ela sabia, entretanto, que teria que relatar isso a Taraza. As acelerações prana-bindu do ghola iam além de qualquer coisa que se pudesse esperar. Seu corpo enrijeceu-se quando Teg se virou, completamente alerta, seu olhar no portal atrás dela. Lucila olhou para trás.
Schwangyu estava lá, com Patrin atrás dela segurando outro laser pesado. O cano, percebeu Lucilla, estava apontado para Schwangyu.
— Ela insistiu — disse Patrin.
Havia uma expressão furiosa no rosto do velho ajudante. As linhas profundas ao lado de sua boca apontavam para baixo.
Há um rastro de corpos indo até a casamata do sul — disse Schwangyu. — Sua gente não permite que eu vá até lá inspecionar. Eu lhe ordeno que retire essas ordens imediatamente.
Não até que minhas equipes de limpeza tenham terminado — disse Teg.
Eles estão matando gente lá fora! Eu posso ouvir!
Um tom de raiva tinha surgido na voz de Schwangyu. Ela olhou furiosa para Lucilla.

— Também estamos interrogando gente lá fora — acrescentou Teg.

Schwangyu voltou seu olhar de fúria para Teg.

— Se aqui é muito perigoso, então vamos levar a... criança para os meus alojamentos. Agora!

— Não vamos fazer isso — replicou Teg.

Seu tom de voz era baixo, mas afirmativo.

Schwangyu enrijeceu-se contrariada, e os nós dos dedos de Patrin ficaram brancos em torno do cabo da arma laser. O olhar de Schwangyu passou pela arma, encontrando o olhar avaliador de Lucilla. As duas mulheres olharam nos olhos uma da outra.

Teg aproveitou o momento e disse:

— Lucilla, leve o Duncan para a minha sala de estar.

Indicou uma porta atrás.

Lucilla obedeceu, mantendo seu corpo entre Duncan e Schwangyu o tempo todo.

Uma vez atrás da porta fechada, Duncan disse:

— Ela quase me chamou de ghola. Está mesmo perturbada.

— Schwangyu deixou muitas coisas escaparem à sua guarda — disse Lucilla.

Ela olhou a sala de estar de Teg, a primeira visão que tinha dessa parte dos alojamentos dele. A intimidade do Bashar lembrou-lhe de seus próprios alojamentos — a mesma mistura de ordem e desordem. Rolos de leitura aglomeravam-se sobre uma mesinha ao lado de uma cadeira antiga com um estofado cinza-claro. O leitor de rolos fora colocado para o lado, como se o usuário tivesse saído por um momento pretendendo voltar num instante. Uma jaqueta negra do uniforme de Bashar fora deixada sobre o recosto de uma cadeira próxima, com material de costura numa caixa aberta ao lado. O punho da jaqueta mostrava um buraco cuidadosamente costurado.

“Ele cuida de suas roupas pessoalmente.”

Essa era uma faceta do famoso Miles Teg que ela não tinha esperado. Se tivesse pensado a respeito, teria julgado que Patrin cuidaria dessas tarefas.

— Schwangyu deixou os atacantes entrarem, não foi? — perguntou Duncan.

— O pessoal dela deixou — respondeu Lucilla sem esconder a irritação. — Ela foi longe demais. Um pacto com os Tleilaxu!

— Patrin vai matá-la?

— Não sei nem me importo!

Do lado de fora da porta, Schwangyu falava com raiva, sua voz alta e muito clara:

— Vamos ficar esperando aqui, Bashar?

— Você pode sair a hora que quiser.

— Mas não posso entrar no túnel sul!

Schwangyu parecia petulante. Lucila sabia que isso era alguma coisa que a velha estava fazendo deliberadamente. Que estaria ela planejando? Teg devia ser muito cauteloso agora. Tinha sido muito hábil lá fora, revelando a Lucilla as falhas no controle de Schwangyu, mas eles ainda não tinham dominado todos os recursos desta última. Lucilla se perguntou se não devia deixar o Duncan e voltar para junto de Teg.

Ele disse:

— Você pode ir agora, mas eu a aviso para que não volte aos seus alojamentos.

— E por que não?

Schwangyu parecia surpresa, realmente surpresa, e não escondia isso muito bem.

— Só um momento — disse Teg.

Lucilla tornou-se consciente de gritos distantes. A pancada pesada de uma explosão soou em algum lugar próximo, seguida por outra mais distante. A poeira levantou-se da cornija acima da porta da sala de estar de Teg.

— Que foi isso?

Era Schwangyu novamente, sua voz excessivamente alta.

Lucilla postou-se entre Duncan e a parede que os separava do corredor.

Duncan olhou para a porta, o corpo posicionado para a defesa.

— Aquela primeira explosão é a que eu esperava que eles provocassem — disse a voz de Teg. — A segunda, creio, é a que eles não esperavam.

Um apito soou próximo, suficientemente alto para cobrir alguma coisa que Schwangyu disse.

— Foi isso, Bashar — confirmou Patrin.

— Que está acontecendo? — quis saber Schwangyu.

— A primeira explosão, cara Reverenda Madre, foram os seus alojamentos sendo destruídos por nossos atacantes. A segunda explosão éramos nós destruindo os atacantes.

— Acabo de receber o sinal, Bashar — disse a voz de Patrin. — Pegamos todos eles. Eles desceram de flutuador de uma não-nave, exatamente como esperava que fizessem.

— E quanto à nave?

A voz de Teg transmitia uma exigência cheia de fúria.

— Destruída no instante em que saiu da dobra espacial. Sem sobreviventes.

— Seus tolos! — gritou Schwangyu. — Sabem o que fizeram?

— Eu cumpri minhas ordens de proteger o rapaz de qualquer ataque. — disse Teg. — A propósito, você não devia estar nos seus alojamentos a esta hora?

— O quê?

— Eles estavam atrás de você quando explodiram seu quarto. Os Tleilaxu são muito perigosos, Reverenda Madre.

— Eu não acredito em você!

— Sugiro que dê uma olhada. Patrin, deixe-a passar.

Enquanto ouvia, Lucila percebia a discussão implícita. O Bashar Mentat recebera um voto de confiança maior do que a Reverenda Madre, e Schwangyu sabia disso. Ela devia estar desesperada. Fora um movimento muito hábil afirmar que os alojamentos dela tinham sido destruídos. Mas ela podia não acreditar. Â frente de tudo mais na consciência de Schwangyu devia estar agora a compreensão de que Teg e Lucilla reconheciam a cumplicidade dela no ataque. E não havia modo de avaliar quantos já saberiam disso. Patrin, é claro, sabia.

Duncan olhava para a porta fechada, a cabeça inclinada para um dos lados. Havia uma expressão curiosa em seu rosto, como se ele pudesse enxergar realmente através da porta, vigiando as pessoas lá fora.

Schwangyu disse, com o controle mais cuidadoso de sua voz.

— Não acredito que meus alojamentos tenham sido destruídos.

Ela sabia que Lucilla devia estar ouvindo.

— Só há um meio de se certificar — disse Teg.

“Muito esperto!”, pensou Lucilla Schwangyu não poderia tomar uma decisão até que tivesse certeza de que os Tleilaxu tinham agido traiçoeiramente.

— Vocês vão me esperar aqui, então! Isso é uma ordem!

Lucilla ouviu suas palavras, seguidas do ruído dos mantos da mulher em movimento. A Reverenda Madre saiu.

“Controle emocional muito ruim”, pensou Lucilla. O que isso revelava a respeito de Teg era igualmente perturbador. “Ele fez isso com ela!” Teg tinha feito uma Reverenda Madre perder o equilíbrio.

A porta em frente de Duncan se abriu. Teg apareceu com uma das mãos na maçaneta.

— Rápido! — ele disse. — Devemos estar longe do Castelo antes que ela volte.

— Longe do Castelo?

Lucilla não escondeu o choque.

— Rápido, faça o que eu digo! Patrin tem uma rota de fuga preparada para nós.

Mas eu devo. .

— Você não deve fazer nada! Venha como está. Siga-me ou serei obrigado a forçá-la.

— Você pensa realmente que pode forçar...

Lucilla não completou a frase. Era um novo Teg que estava diante de si, e ela percebia que ele não teria feito semelhante ameaça se não tivesse condições de cumpri-la.

— Muito bem.

Ela obedeceu. Pegou Duncan pela mão e seguiu Teg para fora de seus alojamentos.

Patrin estava no corredor, olhando para a direita.

— Ela se foi — disse o velho. Olhou para Teg.

— Sabe o que fazer, Bashar?

— Pat!

Lucilla nunca tinha ouvido Teg chamar seu ajudante pelo diminutivo.

Patrin sorriu, revelando dentes brancos e perfeitos.

— Desculpe Bashar, mas toda essa excitação, sabe como é. Deixo por sua conta, então. Tenho que fazer a minha parte.

Teg fez sinal para que Lucilla e Duncan seguissem pelo corredor à direita. Ela obedeceu e ouviu Teg seguindo-a logo atrás. A mão de Duncan parecia escorregadia de suor em sua mão. Ele se soltou dela e caminhou livremente ao seu lado, sem olhar para trás.

A queda sustentada por suspensores, no final do corredor, estava guarnecida por dois guardas de confiança de Teg. Ele fez sinal para eles:

— Ninguém deve seguir-nos.

Os dois responderam ao mesmo tempo

— Certo, Bashar.

Ao entrar na queda junto com Teg e Duncan, Lucilla percebeu ter tomado partido numa disputa que ela mesma não entendia totalmente. Podia sentir os movimentos ditados pela política da Irmandade como se fosse uma corrente de água fluindo em torno dela. Em geral o movimento permanecia como uma onda suave, lavando a areia da praia, mas agora ela sentia uma vaga imensa, destruidora, preparando-se para afogá-la em espuma.

Quando eles saíram para a câmara de interconexão da casamata do sul, Duncan disse:

Nós devíamos estar todos armados.

— Logo estaremos — disse Teg. — E espero que você esteja preparado para matar qualquer um que tente nos deter.

19

O fato mais significativo é este: nenhuma fêmea Bene Tleilax jamais foi vista longe da proteção de seu núcleo planetário. (Os Dançarmos Faciais que assumem a identidade de mulheres não contam para esta análise. Eles são híbridos estéreis, não podendo ser contados como reprodutores.) Os Tleilaxu conservam suas mulheres segregadas para mantê-las fora do nosso alcance. Essa é nossa dedução primária. Deve ser nos óvulos que os Mestres Tleilaxu escondem seus segredos mais preciosos.

— Análise da Bene Gesserit, Arquivos XOXTM99041

— Então nos encontramos, afinal — disse Taraza.

Olhava através dos dois metros de espaço que separavam sua cadeira da de Tylwyth Waff. Suas analistas tinham garantido que esse homem era o Mestre de todos os Mestres Tleilaxu. Que uma figura tão frágil pudesse ter tanto poder era difícil de acreditar. Mas os estereótipos gerados pela aparência deviam ser abandonados, lembrou ela a si mesma.

— Há quem não acredite que isto fosse possível — disse ele.

A voz dele era fraca, meio cantada, notou Taraza. Mais uma coisa para ser avaliada por padrões diferentes.

Ambos encontravam-se na neutralidade de uma não-nave da Corporação, com naves monitoras da Bene Gesserit e dos Tleilaxu agarradas ao casco do imenso vaso espacial como pássaros predadores pousados sobre uma carcaça. (A Corporação mostrara-se superansiosa em aplacar a Bene Gesserit. “Vocês vão pagar”, sabia a Corporação. E eles já tinham pago outras vezes.) O pequeno aposento oval no qual o encontro era realizado fora convencionalmente revestido de cobre e se tornara “à prova de espionagem”. Taraza não acreditava nisso nem por um instante. Também presumia que os laços de união entre a Corporação e os Tleilaxu, laços forjados com melange, ainda permaneciam plenamente atados.

Waff não se iludia com Taraza. Essa mulher era muito mais perigosa do que qualquer Honrada Madre. E se matasse Taraza ela seria imediatamente substituída por outra tão perigosa quanto ela. Alguém que possuiria todas as informações atualmente na posse dessa Madre Superiora.

— Achamos seus novos Dançarmos Faciais muito interessantes — disse Taraza.

Waff fez uma careta involuntária. Sim, muito mais perigosas que as Honradas Madres, que ainda nem culpavam os Tleilaxu pela perda de toda uma não-nave.

Taraza olhou para o pequeno relógio digital de face dupla colocado sobre a mesa baixa à sua direita, de onde o relógio podia ser visto pelos dois. O mostrador voltado para Waff fora sincronizado com o relógio interno dele. Ela notou que as duas leituras de relógio biológico encontravam-se a 10 segundos de sincronia com o meio-dia arbitrário. Era uma das sofisticações desse confronto, onde até a posição e o espaço entre as duas cadeiras tinham sido especificados no acordo.

Waff e ela estavam sozinhos na sala. O espaço oval ao redor tinha seis metros no eixo maior e metade dessa distância de largura. Ambos ocupavam cadeiras-fundas de madeira coberta por um tecido laranja, sem qualquer parte de metal ou de material estranho. O único móvel no aposento era a mesinha com o relógio, uma superfície de plaz negro sobre três pés de madeira tipo palito. Cada um dos participantes do encontro fora examinado com detectores. Cada um tinha três guardas pessoais montando guarda fora da única entrada. Taraza não acreditava que os Tleilaxu fossem tentar uma troca com Dançarmos Faciais, não nas atuais circunstâncias!

"Vocês vão pagar"

Os Tleilaxu também estavam conscientes de sua vulnerabilidade, especialmente agora que tinham o conhecimento de que as Reverendas Madres podiam expor os novos Dançarmos Faciais.

Waff pigarreou.

— Eu não espero que cheguemos a um acordo.

— Então por que veio?

— Busco uma explicação para essa mensagem curiosa que recebemos de seu Castelo em Rakis. Pelo que devemos pagar?

— Eu lhe peço, Sr. Waff, que abandone os fingimentos e dissimulações tolas nesta sala. Existem fatos que ambos conhecemos e que não podemos evitar.

— Tais como?

— Nenhuma fêmea Bene Tleilax jamais nos foi fornecida para procriação.

E ela pensou: "Deixe-o suar com isso!" Era terrivelmente frustrante não dispor de uma linha de Outras Memórias Tleilaxu para ser investigada pela Bene Gesserit, e Waff devia saber disso.

Waff olhou, carrancudo.

— Certamente não pensa que pode barganhar com uma linha de.

— Ele se interrompeu, sacudindo a cabeça. — Não posso crer que esse seja o pagamento que estão pedindo.

Como Taraza não respondesse, ele acrescentou:

— Aquele estúpido ataque ao templo Rakiano foi realizado independentemente, por pessoas que se encontravam no local. Elas já foram punidas.

“Movimento esperado numero três”, pensou Taraza.

Ela participara de numerosas sessões de instruções-análise antes desse encontro, se é que se poderia chamá-las de sessões de instrução. Havia análises em excesso. Muito pouco se sabia a respeito desse Mestre Tleilaxu, esse Tylwyth Waff. Algumas projeções opcionais extremamente importantes tinham sido obtidas por inferência (mas ainda era preciso provar que eram verdadeiras). O problema é que alguns dos dados mais interessantes vinham de fontes não muito confiáveis. Mas num fato se podia confiar: essa figura de duende sentada diante dela era uma criatura mortalmente perigosa.

O movimento número três de Waff chamou sua atenção. Era hora de responder. Taraza deu um sorriso:

— Esse era precisamente o tipo de mentira que esperávamos de vocês — ela disse.

— Vamos começar com os insultos? — perguntou ele calmamente.

— Vocês estabeleceram o padrão. Mas me permita adverti-lo de que não vai nos tratar da maneira como tratou aquelas prostitutas da Dispersão.

A expressão de Waff gelou, convidando Taraza a um movimento ousado. As deduções da Irmandade, baseadas parcialmente no desaparecimento de uma nave de conferência Ixiana, eram precisas! Manterido o mesmo sorriso, ela seguiu uma linha de conjectura opcional como se fosse um fato conhecido.

— Eu acho — ela disse — que as prostitutas gostariam de saber que existem Dançarmos Faciais no meio delas.

Waff dominou sua raiva. “Essas malditas bruxas! Elas sabem, de algum modo elas sabem!” Seus conselheiros tinham manifestado dúvidas quanto a esse encontro. E uma minoria substancial fora contra ele. As bruxas eram tão... diabólicas. E suas retaliações!

“Hora de mudar a atenção para Gammu”, pensou Taraza. “Deixá-lo desequilibrado”. Ela disse:

— Mesmo quando vocês subvertem uma de nós, como fizeram com Schwangyu em Gammu, não aprendem coisa alguma que seja de valor!”

Waff deixou transparecer a irritação:

— Ela pensou em... contratar-nos como se fôssemos um bando de assassinos! Nós lhe ensinamos uma lição!

“Ah, seu orgulho começa a aparecer”, pensou Taraza. “Interessante. As implicações de uma estrutura moral atrás de tal orgulho devem ser exploradas.”

— Vocês nunca penetraram realmente em nossas fileiras — comentou Taraza.

— E vocês nunca penetraram entre os Tleilaxu!

Waff conseguiu passar essa ostentação com extraordinária calma. “Ele precisa de tempo para pensar! Para planejar!”

— Talvez queiram saber o preço do nosso silêncio — sugeriu Taraza. Ela tomou a expressão imutável de Waff por um sinal de concordância e acrescentou: — Uma coisa: vocês vão compartilhar conosco tudo que aprenderam sobre aquelas prostitutas criadas pela Dispersão, aquelas que se chamam de Honradas Madres.

Waff estremeceu. Muita coisa fora confirmada através do assassinato das Honradas Madres. As sutilezas sexuais! Somente a psique mais forte poderia resistir ao envolvimento em tamanhos êxtases. O potencial de tal ferramenta era enorme! Devia ser compartilhado com essas bruxas?

— Tudo que aprendeu a partir delas — insistiu Taraza.

— Por que as chama de prostitutas?

— Elas tentam imitar-nos e no entanto se vendem em troca de poder, criando uma farsa a partir de tudo o que representamos. Honradas Madres!

— Elas superam vocês em número, pelo menos na proporção de 10 mil a um! Vimos a evidência.

— Uma de nós poderia derrotar todas elas — disse Taraza.

Waff ficou em silêncio, observando-a. Seria isso mera ostentação? Nunca se podia ter certeza no que dizia respeito às bruxas Bene Gesserit. Elas faziam coisas. O lado sombrio do universo mágico pertencia-lhes. Em mais de uma ocasião, as bruxas tinham derrotado o Shariat. Seria a vontade de Deus que os verdadeiros crentes passassem por outra provação?

Taraza deixou o silêncio continuar construindo suas próprias tensões. Sentia o redemoinho na mente de Waff. Isso lembrava-lhe a conferência preliminar na Irmandade que a preparara para esse encontro. Bellonda tinha feito uma pergunta aparentemente simples:

Que é que realmente sabemos a respeito dos Tleilaxu?

Taraza sentira a resposta inundar cada mente em torno da mesa de conferência no planeta da Irmandade: “Só podemos saber com certeza o que eles querem que saibamos.”

Nenhuma de suas analistas podia evitar a suspeita de que os Tleilaxu tinham criado deliberadamente uma imagem falsa de si mesmos. A inteligência Tleilaxu tinha que ser avaliada diante do fato de que somente eles controlavam o

segredo dos tanques axlotl. Seria um acidente fortuito, como alguns sugeriam? Então por que os outros tinham sido incapazes de duplicar esse feito em todos esses milênios?

"Gholas."

Estariam os Tleilaxu usando o processo de criação de gholas para obter seu próprio tipo de imortalidade? Ela podia ver indícios sugestivos nas ações de Waff... nada definido, mas altamente suspeito.

Nas conferências na Irmandade, Bellonda retornara seguidamente às suas suspeitas básicas, martelando:

— Tudo isso... tudo isso que está em nossos arquivos, eu digo, pode não passar de lixo, comida de lorcos!

Essa menção tinha feito algumas das Reverendas Madres mais descontraídas, em torno da mesa, estremecerem.

"Lorcos!"

Essas criaturas lentamente rastejantes, produto do cruzamento de lesmas com porcos, forneciam carne para alguns dos pratos mais caros de todo o universo, mas as criaturas em si representavam tudo aquilo que a Irmandade achava mais repugnante a respeito dos Tleilaxu. Os lorcos tinham sido uma das primeiras ofertas comerciais dos Tleilaxu, produto cultivado em seus tanques e formado com o núcleo helicoidal de que todos os tipos de vida tomavam suas formas. O fato de os Bene Tleilaxu terem criado tais criaturas aumentava a aura de obscenidade desses seres cujas bocas múltiplas comiam incessantemente qualquer tipo de lixo, transformando-o rapidamente num excremento que não apenas cheirava a chiqueiro, mas também era gosmento.

— A melhor carne deste lado do céu — citara Bellonda, repetindo um anúncio da CHOAM.

— E vem de uma obscenidade — acrescentara Taraza. "Obscenidade"

Taraza pensava nisso enquanto olhava para Waff. Por que motivo possível essa gente poderia ter criado em torno de si uma máscara de obscenidade? A explosão de orgulho de Waff não se encaixava muito bem em tal imagem.

Waff tossiu na mão. Sentia a pressão dos invólucros onde escondera seus dois potentes lança-dardos. A minoria entre seus conselheiros tinha advertido:

— Como no caso das Honradas Madres, o vencedor desse encontro com a Bene Gesserit será aquele que sair carregando a informação mais secreta a respeito do outro. E a morte do oponente é a garantia desse sucesso.

"Eu poderia mata-la, mas e aí?"

Havia mais três Reverendas Madres esperando do lado de fora daquela comporta. Sem dúvida Taraza tinha algum tipo de sinal preparado para o instante em que a comporta fosse aberta. Sem o sinal, a violência e o desastre seriam

instantâneos. Waff não acreditava nem por um instante que mesmo os seus novos Dançarinos Faciais pudessem dominar aquelas Reverendas Madres lá fora. As bruxas estariam totalmente alertas. Elas deviam ter reconhecido a natureza dos guardas de Waff.

— Nós vamos compartilhar — disse Waff.

A admissão implícita nisso o magoava, mas ele sabia não ter alternativa. A afirmação de Taraza quanto a habilidades relativas podia ser imprecisa, devido ao que afirmava, mas ele sentia a verdade ali, não obstante o exagero. Não tinha ilusões quanto ao que aconteceria se as Honradas Madres descobrissem o que realmente acontecera com suas enviadas. A perda da não-nave ainda não podia ser atribuída aos Tleilaxu. Naves desaparecem. Já o assassinato deliberado era outra coisa. As Honradas Madres certamente tentariam exterminar um adversário tão impetuoso, ainda que apenas como um exemplo para os outros. Tleilaxu retornados da Dispersão tinham falado em coisas assim. E, tendo visto as Honradas Madres, Waff agora acreditava nas histórias que se contavam.

Taraza disse:

— O segundo item em minha agenda para este encontro é o nosso ghola.

Waff remexeu-se na cadeira funda.

Taraza sentia-se repelida pelos olhos pequeninos de Waff, a face redonda com o nariz arrebitado e os dentes muito aguçados.

— Vocês têm matado nossos gholas para controlar os movimentos de um projeto no qual não desempenham papel algum que não o de fornecer um único elemento — acusou Taraza.

Waff uma vez mais se perguntou se não devia matá-la. Será que não se podia ocultar nada dessas malditas bruxas? A hipótese de a Bene Gesserit contar com a ajuda de um traidor dentro do núcleo Tleilaxu não podia ser ignorada. De que Outro modo poderiam elas saber?

Ele disse:

— Eu lhe asseguro, Reverenda Madre Superiora, que o ghola..

— Não me assegure nada! Nós mesmas nos asseguramos. — Uma expressão de tristeza surgiu no rosto de Taraza e ela sacudiu a cabeça.

— E pensa que não sabemos que nos tem vendido produtos danificados?

Waff respondeu rapidamente:

— Ele corresponde a cada exigência imposta por seu contrato!

Novamente Taraza sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Este pequenino mestre Tleilaxu não tinha idéia do que estava lhe revelando ali.

— Vocês imprimiram seus próprios esquemas em sua psique — ela disse — Eu lhe aviso, Sr. Waff, que se suas alterações impedirem nossos objetivos nós vamos feri-los mais profundamente do que julgam possível

Waff passou a mão pelo rosto, sentindo a transpiração em sua testa. Malditas bruxas! Mas elas não conheciam tudo. Os Tleilaxu tornados da Dispersão e as Honradas Madres que ela odiava tão amargamente tinham fornecido aos Tleilaxu uma arma sexualmente carregada que não seria partilhada, não importavam as promessas feitas ali!

Taraza avaliou as reações de Waff em silêncio e decidiu partir para uma mentira ousada:

— Quando capturamos sua nave de conferências Ixiana, alguns de seus novos Dançarmos Faciais não morreram suficientemente rápido. Nós aprendemos um bocado.

Waff postou-se à beira da violência.

“Acertei no alvo”, pensou Taraza. A mentira corajosa tinha aberto um caminho de revelações a uma das sugestões mais preocupantes feitas por suas assessoras. Fora considerada uma idéia extravagante, mas não parecia mais assim.

— A ambição dos Tleilaxu é produzir uma completa mímica pranabindu — afirmara sua assessora.

— Completa?

Todas as irmãs presentes à mesa de conferências tinham ficado abismadas com a idéia. Ela implicava uma forma de cópia de memória que ia muito além da impressão mental a respeito da qual já sabiam.

A assessora, a Irmã Hesterion dos Arquivos, viera armada com uma lista muito bem-organizada de material em apoio à sua tese.

Nós já sabemos que aquilo que uma sonda Ixiana faz mecanicamente, os Tleilaxu fazem com carne e nervos. O passo seguinte é muito óbvio.

Vendo a reação de Waff ante sua mentira ousada, Taraza continuou a observá-lo cuidadosamente. Ele se encontrava na sua condição mais perigosa nesse momento.

Uma expressão de ira surgiu no rosto de Waff. As coisas que as bruxas sabiam eram por demais perigosas! Não duvidava nem um pouco da afirmação de Taraza. “Devo matá-la, não importa o que me aconteça! Devemos matar todas elas. Abominações! É uma expressão delas e as descreve perfeitamente”

Taraza interpretou corretamente a expressão dele e falou depressa:

— O senhor não corre qualquer perigo de nossa parte, desde que não prejudique nossos projetos. Sua religião, seu modo de vida, isso é problema de vocês.

Waff hesitou. Não tanto pelo que Taraza dissera, e sim pela lembrança dos poderes dela. Que mais saberiam elas? Mas continuar numa posição subserviente! Depois de rejeitar semelhante aliança com as Honradas Madres. E

com ascendência tão próxima depois de tantos milênios. O desânimo o dominou. A minoria entre seus conselheiros estivera certa, afinal: “Não pode existir laço de união entre nossos povos. Qualquer acordo com as forças dos powindah é uma união baseada no mal.”

Taraza ainda sentia a violência potencial em seu interlocutor. Será que o teria pressionado demais? Colocou-se em prontidão defensiva. Uma contração involuntária dos braços dele a alertou. “Armas em suas mangas!” Os recursos dos Tleilaxu não deviam ser subestimados. Seus detectores não tinham acusado coisa alguma.

— Sabemos sobre as armas que carrega — ela disse. Era outra mentira ousada, sugerida pelo comportamento dele. — Se cometer esse erro agora, as prostitutas também vão saber como usou essas armas.

Waff respirou três vezes. Quando falou, já se colocara sob controle:

— Não vamos ser satélites da Bene Gesserit!

Taraza respondeu numa voz calma, tranquilizadora:

— Por palavra ou por ação, jamais lhes sugeri tal coisa.

Ela esperou. Não houve mudança na expressão de Waff, nem o menor desvio no olhar desfocado que ele lhe dirigia.

— Vocês nos ameaçam — murmurou ele. — Exigem que compartilhemos tudo que...

— Compartilhar! — retrucou ela. — Não se compartilha com parceiros desiguais.

— E que iriam vocês compartilhar conosco? — indagou ele.

Ela falou com o tom de voz que usaria para ralhar com uma criança:

— Sr. Waff, pergunte a si mesmo por que, como membro governante de sua oligarquia, veio a este encontro?

Com a voz ainda firmemente controlada, Waff contra-atacou:

— E por que você, Madre Superiora da Bene Gesserit, veio até aqui?

Ela falou calmamente:

— Para nos fortalecer.

— Ainda não disse o que vai compartilhar — acusou ele. — Ainda espera obter vantagem.

Taraza continuou a observá-lo cuidadosamente. Raramente sentira tamanho ódio reprimido num ser humano.

— Diga-me abertamente o que quer.

— E vocês, com sua grande generosidade, darão?

— Negociaremos.

— Onde é que estava a negociação quando me ordenou... ME ORDENOU que...

— Veio até aqui firmemente decidido a quebrar qualquer acordo que fizéssemos — ela disse — Nem uma vez tentou negociar. Senta-se diante de alguém que quer negociar e só consegue...

— Negociar?

A memória de Waff trouxe-lhe a raiva da Honrada Madre ante essa palavra.

— Foi o que eu disse — insistiu Taraza. — Negociar.

Algo como um sorriso torceu os cantos da boca de Waff.

— Pensa que tenho autoridade para barganhar com vocês?

— Tenha cuidado, Sr. Waff — disse Taraza. — O senhor tem a autoridade final. Ela reside na derradeira habilidade de destruir completamente um oponente. Eu não ameacei tal coisa, mas o senhor o fez.

Ela olhou para as mangas dele.

Waff suspirou. Que dilema. Ela era uma powindah! Como se poderia negociar com uma powindah?

— Temos um problema que não pode ser resolvido por métodos racionais — disse Taraza.

Waff escondeu sua surpresa. Aquelas eram as mesmas palavras que a Honrada Madre tinha usado! Ele estremeceu por dentro ante o que isso poderia significar. Estariam as Bene Gesserit e as Honradas Madres unidas em uma causa comum? O ódio de Taraza revelava o contrário, mas desde quando se podia confiar nas bruxas?

Uma vez mais, Waff se perguntou se deveria sacrificar-se para eliminar essa bruxa. Mas de que adiantaria? Outras delas certamente sabiam o mesmo que essa. Só iria precipitar o desastre. Havia uma luta interna entre as bruxas, mas isso, novamente, podia ser apenas outro ardil.

O senhor nos pede que compartilhemos alguma coisa — continuou Taraza. — Que tal se lhe oferecermos algumas de nossas preciosas linhagens genéticas?

Não havia dúvida agora, o interesse de Waff aumentava.

Ele disse:

— Por que lhes pediríamos tal coisa? Temos nossos tanques e podemos colher amostras genéticas em quase todo lugar.

— Por exemplo?

Waff suspirou. Não se podia escapar ao caráter incisivo das Bene Gesserit. Era como um golpe de espada. Supôs corretamente ter lhe revelado coisas que a levaram naturalmente ao assunto. O dano já fora feito. Ela deduzira corretamente (ou espiões lhe tinham contado) que o reservatório selvagem dos genes humanos tinha pouco interesse para os Tleilaxu, com seu conhecimento mais sofisticado

da linguagem íntima da vida. Eles não podiam subestimar, entretanto, a Bene Gesserit ou os produtos do seu programa de procriação controlada. Deus sabia que elas tinham produzido o Muad'Dib e o Profeta!

— O que vocês pediriam em troca disso? — perguntou ele.

Ah, estamos negociando, afinal! — exclamou Taraza. — Ambos sabemos, é claro, que estou lhe oferecendo madres procriadoras da linhagem Atreides.

E ela pensou: "Deixe-o acreditar nisso! Elas vão parecer Atreides, mas não o serão!"

Waff sentiu o pulso acelerar. Seria possível tal coisa? Será que ela teria a menor idéia do que os Tleilaxu poderiam aprender com o exame de semelhante fonte de material genético?

— Nós exigiríamos prioridade na seleção da prole — disse Taraza.

— Não!

— Uma prioridade alternada, então?

— Talvez.

— Que quer dizer com talvez?

Ela inclinou-se para a frente. As emoções de Waff diziam-lhe estar na pista certa.

— Que mais pediriam de nós?

— Nossas madres procriadoras devem ter acesso irrestrito aos seus laboratórios genéticos.

— Esta louca?

Waff sacudiu a cabeça, exasperado. Será que ela acreditava realmente que os Tleilaxu iriam entregar sua arma mais poderosa assim, desse modo?

— Então aceitamos um tanque axlotl totalmente operacional.

Waff ficou apenas olhando para ela.

Taraza encolheu os ombros.

— Eu tinha que tentar.

— Suponho que tivesse.

Taraza reclinou-se e reviu o que aprendera ali. A reação de Waff àquela sonda Zensunni fora interessante. "Um problema que não pode ser resolvido por meios racionais." As palavras tinham produzido nele um efeito sutil. Ele tinha parecido erguer-se de algum lugar interior com uma aparência questionadora no olhar. "Deus nos preserva a todos! Seria Waff um Zensunni secreto?"

Não importavam os perigos, isso tinha que ser explorado. Odrade devia ser armada com toda a vantagem possível que pudesse usar em Rakis.

— Talvez já tenhamos feito tudo o que podíamos por ora — disse Taraza. — Há tempo para completarmos nosso acordo. Somente Deus, em Sua infinita misericórdia, nos deu este universo infinito onde tudo pode acontecer.

Waff uniu as mãos sem pestanejar:
— A dádiva das surpresas é a maior de todas! — disse ele.
“Não apenas Zensunni.” pensou Taraza. “Sufi também. Sufi!” Começou a reajustar a visão que tinha dos Tleilaxu. “Há quanto tempo eles estarão guardando isso no peito?”
— O tempo em si não conta — disse ela, sondando. — Só precisamos olhar para os círculos.
— Os sóis são círculos — disse Waff. — Cada universo é um círculo.
Ele prendeu a respiração, esperando pela resposta.
— Os círculos são limitações — disse Taraza, colhendo a resposta adequada em suas Outras Memórias. — Tudo que fecha e limita deve expor-se ao infinito.
Waff ergueu as mãos para lhe mostrar as palmas e então deixou os braços caírem sobre o colo. Seus ombros tinham perdido um pouco da tensão.
— Por que não disse essas coisas logo no começo? — perguntou.
“Devo ter muito cuidado”, pensou Taraza. A confirmação nos modos e nas palavras de Waff exigia uma revisão cuidadosa.
— O que se passou entre nós nada revela, a menos que possamos falar abertamente — ela disse. — E mesmo então ainda estaríamos usando apenas palavras.
Waff estudou o rosto dela, tentando ler naquela máscara Bene Gesserit alguma confirmação das coisas que as palavras e as atitudes dela implicavam. Ela era uma powindah, lembrou a si mesmo. Nunca se deveria confiar nos powindah... mas se ela compartilhava da Grande Crença...
— Deus não enviou a Rakis Seu Profeta para testar nossa fé e nos ensinar? — perguntou ele.
Taraza mergulhou profundamente em suas Outras Memórias. “Um Profeta em Rakis? Devia ser o Muad’Dib? Não.. isso não cruzava com as crenças dos Sufi ou dos Zensunni em...
O Tirano! Ela comprimiu a boca numa linha.
— O que não se pode controlar, deve-se aceitar — disse ela.
— Pois certamente é um ato de Deus — completou Waff.
Taraza já tinha visto e ouvido o suficiente. A Missionaria Protectiva a tinha mergulhado em todas as religiões conhecidas. Ela sentia uma grande necessidade de escapar em segurança dessa sala. Odrade devia ser alertada!
— Posso fazer uma sugestão? — perguntou Taraza.
Waff assentiu polidamente.
— Talvez exista aqui a substância para um laço de união entre nós muito maior do que imaginamos — disse ela. — Ofereço-lhe a hospitalidade de nosso

Castelo em Rakis e os serviços de nossa comandante naquele local.

— Uma Atreides? — perguntou ele.

— Não — mentiu Taraza. — Mas é claro que alertarei nossas Madres Procriadoras quanto as suas necessidades.

— E eu reunirei as coisas que exige em pagamento — ele disse. — Por que o acordo será finalizado em Rakis?

— Não é o lugar adequado? — perguntou ela. — Quem poderia faltar com a verdade no lar do Profeta?

Waff recostou-se na cadeira, os braços relaxados sobre o colo. Taraza certamente conhecia as respostas adequadas. Era uma revelação que jamais esperara.

Taraza levantou-se.

— Cada um de nós ouve a Deus pessoalmente — acrescentou ela. "E juntos estamos no kehl." pensou ele. Olhou para ela, lembrando-se de que era uma powindah. Não se podia confiar em nenhuma delas. "Cautela!" Essa mulher era, apesar de tudo, uma bruxa Bene Gesserit. Sabia-se que elas eram capazes de criar religiões para o seu próprio uso. "Powindah!"

Taraza foi até a comporta, abriu-a e fez o sinal de que tudo estava seguro. Voltou-se novamente para Waff, que continuava sentado em sua cadeira. "Ele ainda não penetrou em nossos verdadeiros propósitos", pensou. "Aquelas que lhe vamos enviar devem ser escolhidas com o maior cuidado. Ele nunca deve suspeitar de que é parte de nossa isca.

As feições de duende recompostas, Waff olhou para ela.

Como parecia inofensivo, pensou Taraza. Mas poderia ser capturado! Uma aliança entre a Irmandade e os Tleilaxu oferecia novas atrações. "Mas em nossos termos!"

— Até Rakis — ela disse.

20

Que tipo de fatores sociais se expandiram junto com a Dispersão? Conhecemos aqueles tempos intimamente Conhecemos ambos os cenários, o físico e o mental. Os Perdidos levaram consigo uma mentalidade confinada principalmente às questões de forca de trabalho e tecnologia. Havia uma necessidade desesperada de fronteiras para expansão, uma necessidade impulsionada pelo mito da Liberdade. A maioria não tinha aprendido a lição mais profunda do Tirano, de que a violência estabelece seus próprios limites. A Dispersão foi um movimento selvagem e ao acaso, interpretado como um crescimento (expansão). Algo estimulado pelo medo profundo (frequentemente inconsciente) da estagnação e da morte.

— A Dispersão: Análise da Bene Gesserit (Arquivos)

Odrade estava deitada de lado sobre a saliência formada pela sacada de uma janela curva, uma das faces tocando levemente o plaz morno através do qual podia ver a Grande Praça de Keen. Suas costas eram suportadas por almofadas vermelhas que cheiravam a melange, como a maioria das coisas em Rakis. Atrás delas havia três aposentos, pequenos mas adequados, bem afastados do Templo e do Castelo da Bene Gesserit. Esse afastamento fora consequência do acordo da Bene Gesserit com os sacerdotes.

— Sheeana deve ser guardada com mais segurança — insistira Odrade.

— Ela não pode ficar sob custódia apenas da Irmandade! — discordara Tuek.

— Nem dos sacerdotes — contra-atacara Odrade.

Seis andares abaixo do ponto de observação de Odrade, na janela curva, uma enorme feira se espalhava numa confusão pouco organizada, preenchendo quase todo o espaço da Grande Praça. A luz amarelo-prateada de um sol baixo no horizonte inundava a cena de brilho, destacando as cores brilhantes dos toldos das barracas e lançando longas sombras no calçamento irregular. Havia uma iluminação poeirenta nos pontos onde aglomerados de pessoas caminhavam em torno de guarda sóis remendados e do confuso alinhamento das mercadorias.

A Grande Praça não tinha forma quadrada. A partir da janela de Odrade,

estendia-se por um quilômetro em torno da feira e tinha duas vezes essa distância para a esquerda e a direita — um gigantesco retângulo de pedras e terra compactada, empoeirado pelos fregueses que enfrentavam o calor do dia na esperança de obter uma pechincha.

Á medida que a noite se aproximava, um sentimento diferente de atividade se desenvolvia lá embaixo — mais pessoas chegavam, acrescentando uma pulsação mais rápida, mais frenética, aos movimentos.

Odrade inclinou a cabeça para enxergar o solo logo abaixo, junto às paredes do prédio onde se encontrava. Alguns dos mercadores diretamente abaixo de sua janela tinham se afastado de seus pontos de venda. Iriam voltar logo, depois de uma refeição e uma breve sesta, prontos para aproveitar as horas mais lucrativas, quando os compradores poderiam respirar um ar que não lhes queimasse as gargantas.

Sheeana estava atrasada, notou Odrade. Os sacerdotes não se atreveriam a retardá-la ainda mais. Deviam estar trabalhando freneticamente agora, disparando-lhe perguntas, advertindo-a para que se lembrasse de que era a própria emissária de Deus para a Sua Igreja, lembrando-lhe as muitas lealdades que Odrade teria que esmiuçar e tornar ridículas antes de colocar tais tolices em sua perspectiva adequada.

Odrade arqueou-se para trás e dedicou um minuto de seu tempo aos pequenos exercícios destinados a aliviar tensões. Admitia certa simpatia por Sheeana. Os pensamentos da garota deviam estar caóticos a essa altura. Sheeana sabia muito pouco ou nada do que deveria esperar quando se colocasse inteiramente sob a tutela de uma Reverenda Madre. Havia poucas dúvidas de que sua mente jovem não estivesse cheia de mitos e desinformação.

“Como a minha se encontrava”, pensou Odrade.

Não podia evitar tal lembrança num momento como esse. Seu dever imediato era claro: exorcismo, não apenas por Sheeana, mas por si mesma.

Pensou nos pensamentos de uma Reverenda Madre que assombrava suas memórias: “Odrade, idade cinco anos, casa confortável em Gammu. A estrada fora da casa apresenta uma sucessão de construções que passariam por mansões dos médios escalões nas cidades costeiras do planeta — prédios baixos, de um único andar, com amplas entradas. As casas curvam-se para baixo ao longo de um paredão à beira-mar onde elas são muito mais largas do que ao longo das fachadas. Somente no lado voltado para o mar é que elas se tornam extensas e menos ciumentas de cada centímetro quadrado.”

A memória de Odrade, aguçada pela Bene Gesserit, deslizou para a casa mais distante, seus ocupantes, a entrada, os companheiros de brincadeiras. Sentiu um aperto no peito a revelar que tais memórias se encontravam ligadas a eventos

posteriores.

A creche da Bene Gesserit no mundo artificial de Al Dhanab, um dos planetas seguros da Irmandade original. (Mais tarde ela aprendeu que a Bene Gesserit considerara certa vez a possibilidade de tornar o planeta inteiro uma não-câmara. As exigências de energia tinham derrotado tal projeto.)

A creche era um mundo de variedades para uma criança que viera das amizades e dos confortos de Gammu. A educação da Bene Gesserit incluía intensos treinamentos físicos. Havia censuras frequentes de que ela não poderia esperar tornar-se uma Reverenda Madre sem passar por muitas dores e por diversos períodos de exercícios musculares aparentemente inúteis.

Algumas de suas companheiras falharam nesse estagio. Tornaram-se enfermeiras, servas, operárias, até mesmo reprodutoras casuais. Preenchiam lacunas onde quer que a Irmandade julgasse necessário. Havia ocasiões em que Odrade sentia que um fracasso daqueles podia levar a uma vida melhor — com poucas responsabilidades e objetivos menos importantes. Mas isto fora antes de ela sair do Treinamento Primário.

“Na ocasião pensei que estava saindo vitoriosa. Emergindo do outro lado.”

Somente para se encontrar mergulhada em novas e mais duras exigências.

Odrade sentou-se no patamar de sua janela Rakiana, colocando de lado as almofadas, e voltou as costas para a feira. Estava ficando muito barulhento lá embaixo. Malditos sacerdotes! Estavam esticando a demora até os limites absolutos!

“Devo pensar em minha própria infância porque isso vai ajudar-me com Sheeana”, pensou. Imediatamente, sentiu revolta contra sua própria fraqueza. “Outra desculpa!”

Algumas candidatas levavam até 50 anos para se tornarem Reverendas Madres. Isso era incutido nelas durante o Treinamento Secundário: uma lição de paciência. Odrade demonstrara uma tendência inicial de se engajar em estudos profundos. Houve comentários de que ela poderia tornar-se uma das Mentats Bene Gesserit e provavelmente uma Arquivista. Tal idéia foi abandonada ao se descobrir que seus talentos se voltavam para uma direção mais valiosa. E ela foi conduzida a assumir deveres mais importantes dentro da Irmandade.

“Segurança.”

Aquele talento selvagem dos Atreides frequentemente apresentava sua utilidade. A marca de Odrade era o cuidado com os detalhes. Sabia que suas irmãs podiam prever algumas de suas ações simplesmente a partir do conhecimento profundo que tinham dela. Algo que Taraza usava com frequência. Odrade ouvira a explicação dos próprios lábios de Taraza:

— A personalidade de Odrade reflete-se extraordinariamente nas tarefas que executa.

Havia uma piada na Irmandade: “Sabe para onde vai Odrade quando não está trabalhando? Vai trabalhar”

Na sede da Irmandade havia pouca necessidade de adotar as máscaras expressivas que uma Reverenda Madre usava automaticamente quando no Exterior. Lá ela podia demonstrar suas emoções momentaneamente, enfrentar abertamente seus erros e os erros das colegas, sentir-se triste e amargurada, ou até mesmo, em algumas ocasiões, feliz. Havia homens disponíveis — não para procriação, mas para consolo ocasional. Todos os homens a serviço na sede da Irmandade Bene Gesserit eram muito charmosos, e havia alguns até sinceros com seus encantos. Esses poucos, é claro, eram muito procurados.

“Emoções”

A constatação girou na mente de Odrade.

“Assim eu chego ao ponto crucial, como sempre fiz!’

Sentia o calor do sol da tarde batendo em suas costas. Sabia onde se encontrava seu corpo, mas sua mente se abria para o próximo encontro com Sheeana.

“Amor!”

Pode vir tão facilmente e ser tão perigoso.

Em momentos como esse, ela invejava as Madres Estacionadas, aquelas a quem se permitia viver uma vida inteira com um único parceiro de procriação. Miles Teg surgira de uma união assim. Suas Outras Memórias revelavam-lhe que também fora assim com Lady Jessica e seu Duque. E mesmo o Muad’Dib escolhera essa forma de união.

“Não é para mim!’

Odrade admitia sentir um pouco de mágoa por não lhe terem permitido tal vida. E onde estavam as compensações da vida para a qual fora conduzida?

“Uma vida sem amor pode ser devotada mais intensamente à Irmandade. Nós fornecemos nossas próprias formas de apoio às iniciadas. Não se preocupe quanto aos prazeres sexuais. Eles estarão disponíveis sempre que sentir necessidade”

“Com homens encantadores!”

Desde os tempos de Lady Jessica, passando pela era do Tirano, muita coisa tinha mudado... incluindo a Bene Gesserit. Cada Reverenda Madre sabia disso.

Um suspiro profundo estremeceu Odrade. Olhou para a feira por sobre o ombro. Ainda não havia sinal de Sheeana.

“Não devo amar essa criança!”

Estava feito. Odrade sabia ter realizado o truque mnemônico na forma requerida pela Bene Gesserit. Girou o corpo e se sentou com as pernas cruzadas no patamar. Era uma visão privilegiada da feira e dos telhados da cidade, até o fim da depressão onde ela se localizava. Aquelas poucas colinas remanescentes, lá para o sul, eram, bem sabia, tudo o que restara da Muralha Escudo de Duna, as altas muralhas de rocha que tinham sido abertas pelo Muad'Dib e suas legiões montadas nos vermes gigantes.

O calor fazia o ar tremular junto ao solo, além do qanat e do canal que protegia Keen da intrusão dos novos vermes. Odrade sorriu suavemente. Os sacerdotes não achavam estranho umedecer o solo para evitar que seu Deus Dividido os atacasse.

"Deus, nós ainda o adoramos, mas não nos incomode. Esta é nossa religião, nossa cidade. Está vendo, nem mais chamamos este lugar de Arrakeen. Agora é Keen. O planeta não se chama mais Duna ou Arrakis. Agora é Rakis. Mantenha distância, ó Deus. O Senhor é passado e o passado nos embaraça!"

Odrade olhou para aquelas colinas distantes, que tremulavam no calor. Memórias podiam recriar a antiga paisagem. Ela conhecia o passado.

"Se os sacerdotes atrasarem ainda mais a chegada de Sheeana, vou ter que puni-los!"

O calor ainda dominava a feira lá embaixo, mantido pela armazenagem do solo e as paredes espessas que cercavam a Grande Praça. A difusão da temperatura era ampliada pela fumaça de pequenos fogos nos prédios à volta e entre os aglomerados de vida protegidos pelas tendas da feira. Tinha sido um dia quente, bem acima dos 38 graus. Esse prédio, entretanto, pertencera nos velhos dias às Oradoras Peixes, sendo resfriado por máquinas Ixianas, com tanques de evaporação no teto.

"Nós ficaremos confortáveis aqui!"

E estariam tão seguras quanto poderiam garantir as medidas de proteção da Bene Gesserit. Reverendas Madres caminhavam entre aqueles prédios lá fora. Os sacerdotes tinham representantes nesse prédio, mas nenhum deles se intrometeria onde Odrade não os desejasse. Sheeana se encontraria com eles em determinadas ocasiões, mas Odrade é quem determinaria essas ocasiões.

"Está acontecendo", pensou Odrade. "O plano de Taraza coloca-se em movimento!"

Os últimos comunicados da sede da Irmandade encontravam-se vividos na memória de Odrade. O que revelavam a respeito dos Tleilaxu enchia-a de uma excitação que ela dominava cuidadosamente. Esse Waff, esse Mestre Tleilaxu, seria assunto fascinante para um estudo.

"Zensunni! E Sufi!"

— Um padrão ritualístico congelado durante milênios — dissera Taraza.

Implícita no relatório de Taraza, havia outra mensagem. “Taraza está depositando toda a sua confiança em mim!’ E Odrade sentia uma grande força fluir para dentro dela ante essa percepção.

“Sheeana é o eixo, o ponto de apoio. Nossa força virá de muitas fontes!”

Odrade relaxou. Sabia que Sheeana não permitiria que os sacerdotes a atrasassem ainda mais. A própria paciência de Odrade fora atingida pela expectativa. Teria sido pior para Sheeana.

Elas se haviam tornado conspiradoras. Sheeana e Odrade. O primeiro passo. Para Sheeana, era um jogo maravilhoso. Nascera e fora criada com uma profunda desconfiança em relação aos sacerdotes. Que divertido era ter uma aliada, afinal!

Alguma forma de atividade agitou as pessoas diretamente abaixo da janela de Odrade. Ela olhou para baixo, curiosa. Cinco homens nus tinham dado as mãos, formando um círculo. Os mantos e trajes destiladores que eles tinham usado até então formavam agora uma pilha no chão. Uma jovem morena, usando longo vestido marrom de fibra de especiaria, vigiava as roupas. Seu cabelo estava preso por um pano vermelho.

“Dançarmos!”

Odrade tinha visto muitos relatórios a respeito desse fenômeno, mas essa era sua primeira visão pessoal desde que chegara. A platéia incluía um trio de altos Guardiães dos Sacerdotes, com capacetes amarelos dotados de elevados penachos. Usavam mantos curtos que deixavam as pernas livres para a ação, e cada um portava um cassetete revestido de metal.

Enquanto os dançarmos giravam, a multidão vigilante ficava cada vez mais silenciosa. Odrade conhecia o padrão. Logo haveria um cântico ritmado e depois uma grande confusão. Cabeças seriam quebradas. O sangue escorreria. Pessoas gritariam e correriam. No final, tudo iria acalmar-se sem intervenção oficial. Alguns iriam embora chorando. Outros sairiam rindo. E os Guardiães dos Sacerdotes não interfeririam.

A loucura sem sentido dessa dança e suas consequências tinham fascinado a Bene Gesserit durante séculos. Agora mantinham a atenção arrebatada de Odrade. E uma evolução inversa desse ritual tinha sido seguida pela Missionaria Protectiva. Os Rakianos chamavam-na de “Dança Diversiva”. Havia outros nomes, e o mais significativo era “Siaynoq”. Essa dança era tudo que restava do maior ritual do Tirano, o momento de confraternização com suas Oradoras Peixes.

Odrade reconhecia e respeitava a energia desse fenômeno. Nenhuma Reverenda Madre deixaria de perceber isso. O desperdício, contudo, a

incomodava. Tais coisas deviam ser canalizadas, focalizadas. Esse ritual devia ser empregado de alguma forma útil. Tudo o que ele fazia agora era esgotar forças que poderiam revelar-se destrutivas para os sacerdotes se não tivessem uma válvula de escape.

Um doce cheio de frutas chegou às narinas de Odrade. Ela inspirou e olhou para as aberturas de ventilação ao lado da janela; o calor da multidão e da terra aquecida criava uma corrente de ar ascendente. O ar transportava os odores lá de baixo através dos ventiladores Ixianos. Ela pressionou a testa e o nariz contra o plaz da janela a fim de olhar diretamente para baixo. Ah, os dançarmos ou a platéia tinham derrubado a bancada de um vendedor. Os dançarmos pisavam em cima das frutas enquanto a polpa amarela esguichava-lhes nas coxas.

Odrade reconheceu na platéia o vendedor de frutas, um familiar rosto enrugado que ela tinha visto várias vezes com o tabuleiro junto à entrada do prédio. Não parecia preocupado com a perda. Como todos ao redor, concentrava sua atenção nos dançarmos. Os cinco homens nus moviam-se levantando os pés de uma forma desritmada que parecia totalmente sem coordenação, embora houvesse um padrão que se repetia periodicamente — três dos dançarmos com ambos os pés no chão e os outros dois erguidos pelos companheiros.

Odrade reconheceu o padrão. Tinha uma relação com o antigo método dos Fremen de caminhar na areia. Essa dança curiosa era um fóssil com raízes na antiga necessidade de andar na areia sem atrair os vermes.

As pessoas começavam a se aglomerar junto dos dançarmos, vindas de fora do grande retângulo definido pela feira. Pulavam como brinquedos de criança, tentando obter uma visão dos cinco homens nus por cima da massa da multidão.

Odrade viu então a escolta de Sheeana, caminhando bem à direita, onde uma larga avenida entrava na praça. Símbolos de rastros de animais em um prédio revelavam que a avenida fora a rota usada por Leto II para entrar nessa cidade, vindo de dentro das altas muralhas de seu Sareer, bem ao sul. Com atenção aos detalhes, ainda se podia discernir algumas das formas e padrões daquela que tinha sido a cidade dos festivais do Tirano, Onn, que ele construíra em torno da cidade de Arrakeen, mais antiga. Onn havia obliterado muitas das marcas de Arrakeen, mas tinham restado algumas avenidas: alguns prédios eram muito úteis para serem substituídos. E os prédios inevitavelmente definiam as ruas.

A escolta de Sheeana parou no ponto em que a avenida entrava na feira. Guardas de capacete amarelo vinham na frente, abrindo caminho com seus cassetetes. Os guardas eram altos: quando apoiado no chão, o bastão de dois

metros chegava somente a altura do ombro do mais baixo deles. Mesmo no meio da multidão mais agitada, seria impossível deixar de notar um Guardião dos Sacerdotes, mas os protetores de Sheeana eram os mais altos de todos.

Encontravam-se uma vez mais em movimento, conduzindo seu grupo em direção a Odrade. Os mantos abertos em ambos os lados do corpo revelavam o cinza lustroso dos melhores trajes destiladores. Caminhavam diretamente para a frente, 15 deles formando um amplo “V” que evitava os aglomerados mais espessos de barracas.

Um grupo de sacerdotisas, com Sheeana ao centro, marchava atrás dos guardas. Odrade captou alguns vislumbres da figura distinta de Sheeana, o cabelo riscado de ouro em torno do rosto que se erguia orgulhosamente. Eram os guardas de capacete amarelo que mais atraíam, no entanto, a atenção de Odrade. Caminhavam com uma arrogância condicionada desde a infância. Esses guardas sabiam ser superiores às pessoas comuns. E as pessoas comuns reagiam a eles de modo previsível, abrindo caminho para a passagem da comitiva de Sheeana.

Rido era feito com tanta naturalidade que Odrade podia perceber o padrão ancestral como se estivesse assistindo a outra dança ritualística, algo que não tinha mudado durante milênios.

Como fazia frequentemente, Odrade pensava em si mesma agora como uma arqueóloga. Não aquela que remexia nos detritos poeirentos das eras, mas como uma pessoa que focalizava sua atenção naquilo que muitas vezes era alvo da consciência da Irmandade: os modos como as pessoas carregam seu passado dentro de si. O projeto do Tirano ainda era evidente ali. A aproximação de Sheeana era uma coisa estabelecida pelo próprio Imperador-Deus.

Debaixo da janela de Odrade, os cinco homens despidos continuavam a dançar. Entre a assistência, entretanto, Odrade percebia uma nova atitude. Sem olhar para a falange de Guardiães dos Sacerdotes que se aproximava, aquelas pessoas já tinham consciência dessa aproximação.

“Os animais sempre sabem quando chegam os pastores”

Agora, a inquietação da multidão produzia a aceleração do ritmo. Ninguém lhes negaria o seu caos! Um punhado de terra voou do meio da turba e atingiu o solo perto dos dançarmos. Os cinco homens não perderam o passo no padrão que executavam, mas sua velocidade aumentou. A duração das sequências entre as repetições revelava memórias extraordinárias.

Outro torrão de terra voou da multidão e atingiu o ombro de um dos dançarmos. Nenhum dos cinco homens vacilou.

A multidão começou a gritar e cantar. Alguns gritavam pragas. O canto tornou-se um bater ritmado de palmas que se intrometia nos movimentos dos dançarmos.

Ainda assim o padrão não mudou.

O canto da turba transformou-se num ritmo dissonante, gritos repetidos que ecoavam nas paredes da Grande Praça. Eles estavam tentando romper o padrão dos dançarmos. Odrade sentia uma importância profunda na cena que via lá embaixo.

O grupo de Sheeana chegara à metade do caminho a ser percorrido dentro da feira. Movia-se através das amplas passagens entre as barracas dos vendedores e agora se voltava em direção ao ponto de onde Odrade observava. A multidão estava mais compacta num ponto situado 50 metros à frente dos Guardiães dos Sacerdotes. Eles caminhavam num passo firme, desdenhando aqueles que se afastavam para os lados. Debaixo dos capacetes amarelos, os olhos estavam fixos à frente, olhando por sobre a turba. Nenhum dos Guardiães que avançavam demonstrava o menor indício de consciência para com a turba, os dançarmos ou qualquer outra barreira que pudesse impedi-los.

A multidão parou de cantar instantaneamente, como se um maestro invisível tivesse abaixado a mão ordenando silêncio. Os cinco homens continuaram a dançar. O silêncio abaixo estava carregado de uma força que fazia os pêlos da nuca de Odrade se erguerem. Diretamente abaixo, os três Guardiães dos Sacerdotes misturados à platéia viraram-se como se fossem um único homem e entraram no prédio.

Do meio da massa humana, uma mulher gritou uma praga.

Os dançarmos não deram sinal de terem ouvido.

A multidão avançou, diminuindo pela metade o espaço que a separava dos dançarinos. A garota que guardava as roupas e os trajes destiladores dos dançarmos não mais podia ser vista.

A falange de Sheeana continuou marchando para a frente, as sacerdotisas e sua jovem protegida diretamente atras.

A violência começou num ponto à direita de Odrade. As pessoas começaram a gritar umas com as outras. Mais projéteis descreveram arcos no ar em direção aos cinco dançarmos. A multidão voltou a cantar, agora num ritmo mais acelerado.

Ao mesmo tempo, a retaguarda da multidão se abria para dar passagem aos Guardiães. A platéia não desviava a atenção dos dançarmos, não interrompia sua contribuição ao caos crescente. Não obstante, um caminho fora aberto para a passagem da comitiva.

Totalmente cativada, Odrade olhava para baixo. Muitas coisas estavam acontecendo simultaneamente: a briga, pessoas xingando e golpeando umas às outras, o canto contínuo, o implacável avanço dos Guardiães.

Protegida pelas sacerdotisas, Sheeana podia ser vista olhando de um lado

para o outro, tentando captar a excitação à sua volta.

Algumas pessoas na multidão apareceram com bastões e começaram a distribuir pauladas naqueles que as rodeavam, mas ninguém ameaçou os Guardiães ou qualquer outro integrante da comitiva de Sheeana. Os dançarmos continuavam no seu ritmo dentro de um círculo cada vez mais estreito. Todos aglomeravam-se cada vez mais junto à parede do prédio de Odrade, forçando-a a comprimir a cabeça contra o plaz a fim de olhar para baixo num ângulo ainda mais pronunciado.

Os Guardiães que lideravam o grupo de Sheeana avançaram por uma abertura cada vez mais ampla em meio ao caos. As sacerdotisas não olhavam nem para a esquerda nem para a direita. Os Guardiães de capacete amarelo olhavam só em frente.

Desdém era uma palavra muito branda para a atitude deles, percebeu Odrade. E não seria correto dizer que a multidão rodopiante ignorava o avanço da comitiva. Uma tinha consciência da outra, mas ambas, multidão e comitiva, existiam em mundos separados, observando as regras estritas de tal separação. Somente Sheeana ignorava o protocolo implícito, pulando para tentar enxergar um pouco mais dos corpos à sua volta.

Diretamente abaixo de Odrade, a multidão avançou num movimento súbito. Os dançarmos foram apanhados no fluxo, arrastados para o lado como navios atingidos por uma onda gigantesca. Odrade viu trechos de carne nua sendo esmurrados e jogados de mão em mão no meio do caos ululante. Somente com a concentração mais intensa podia Odrade separar os sons que eram levados até ela.

Uma loucura!

Nenhum dos dançarmos resistiu. Estariam sendo mortos? Seria aquilo tudo um sacrifício? As análises da Irmandade ainda não tinham nem começado a tocar nessa realidade.

Capacetes amarelos moviam-se abaixo de Odrade, abrindo caminho para que Sheeana e o grupo de sacerdotisas passassem, entrando no prédio. Então os Guardiães cerraram fileiras e se voltaram, formando um arco protetor em torno da entrada do prédio. Mantinham seus bastões na horizontal, unidos um ao outro defronte da cintura.

A confusão começou a diminuir. Nenhum dos dançarmos podia ser visto, mas havia feridos. Pessoas estiradas no chão, outros cambaleando, cabeças ensanguentadas.

Sheeana e as sacerdotisas estavam dentro do prédio, fora da visão de Odrade. Ela sentou-se tentando avaliar o que acabara de testemunhar.

Incrível.

Nenhum registro ou holofoto da Irmandade tinha capturado o que acontecia ali! Em parte eram os cheiros — poeira, suor, uma concentração intensa de feromônios humanos. Odrade respirou fundo. Sentia estar trêmula. A turba reduzira-se a alguns indivíduos andando pela feira. Algumas pessoas choravam, outras praguejavam, outras riam.

A porta atrás de Odrade abriu-se subitamente e Sheeana entrou, rindo. Odrade voltou-se e captou uma rápida visão de sua própria guarda e das sacerdotisas antes que Sheeana fechasse a porta.

Os olhos castanhos-escuros da garota brilhavam de excitação. Seu rosto magro, já começando a ser suavizado pelas curvas que teriam quando adulto, estava tenso de emoção contida. A tensão esvaiu-se quando ela focalizou a atenção em Odrade.

“Muito bom”, pensou Odrade ao ver isso. “A lição número um de união já começou!’

— Você viu os dançarmos? — indagou Sheeana, girando a pulando até parar diante de Odrade. — Não estavam lindos? Acho que são tão lindos! Cania não queria que eu olhasse. Diz que é perigoso que eu tome parte no Siaynoq. Mas eu não me importo! Shaitan nunca vai comer aqueles dançarmos!

Com uma súbita consciência fluindo para fora, coisa que experimentara apenas durante a agonia da especiaria, Odrade percebeu todo o padrão inteiro daquilo que acabara de testemunhar na Grande Praça. Fora preciso apenas a presença de Sheeana e suas palavras para tornar a coisa toda muito clara.

“Uma linguagem!”

Aquelas pessoas todas carregavam bem fundo em sua consciência coletiva uma linguagem que lhes podia dizer coisas que elas não queriam ouvir. Os dançarinos falavam essa linguagem. Sheeana também. A coisa era feita de movimentos, tons de voz e feromônios. Uma combinação complexa e sutil que evoluíra do modo como todas as linguagens evoluem.

A partir da necessidade.

Odrade sorriu para a garota feliz diante dela. Agora sabia como capturar os Tleilaxu. Agora sabia mais a respeito do projeto de Taraza.

“Devo acompanhar Sheeana ao deserto na primeira oportunidade que aparecer. Vamos esperar só a chegada desse Mestre Tleilaxu, esse tal de Waff. Vamos levá-lo conosco!”

21

Liberdade e Livre Escolha são conceitos complexos. Eles remontam as idéias religiosas de livre arbítrio e têm uma relação com a Mística do Governante implícita nas monarquias absolutistas. Sem monarcas absolutistas, moldados de acordo com a imagem dos Antigos Deuses e governando por graça da crença na indulgência religiosa, a Liberdade e a Livre Escolha nunca teriam adquirido seu significado atual. Esses dois ideais devem sua própria existência a exemplos passados de opressão. E as forças que mantêm vivas tais idéias irão desgastar-se, a menos que sejam renovadas por ensinamentos dramáticos ou por nova opressão. Essa é a chave mais elementar para compreender minha vida.

— Leto li, Imperador-Deus de Duna
Registros de Dar-es-Balat

Teg deixara-os esperando, sob a cobertura de um escudo-vital, uns 30 quilômetros floresta adentro, a nordeste do Castelo Gammu, até que o sol mergulhasse atrás das montanhas a oeste.

— Esta noite vamos seguir em nova direção — ele disse.

Fazia três noites que ele os conduzia pela escuridão fechada da floresta, numa demonstração maravilhosa da Memória Mentat, cada passo totalmente preciso ao longo da trilha que Patrin lhe deixara.

— Estou rígida por ficar muito tempo sentada — queixou-se Lucilla. — E parece que vamos ter outra noite fria.

Teg dobrou o cobertor do escudo-vital e o colocou em cima de sua mochila.

— Vocês dois podem começar a se mexer um pouco — aconselhou ele. — Mas não vamos partir até que esteja totalmente escuro.

Teg sentou-se com as costas de encontro ao tronco cheio de ramos de uma conífera e olhou para as sombras enquanto Lucilla e Duncan andavam para dentro da clareira na espessa floresta. Os dois ficaram lá por um momento, tremendo enquanto os últimos traços do calor do dia fugiam ante o frio da noite. Sim, ia ser outra noite fria, pensou Teg, mas eles não iam ter muita oportunidade de pensar no frio.

“O inesperado!’

Schwangyu nunca ia esperar que eles ainda estivessem andando a pé, e tão perto do Castelo.

“Taraza devia ter sido mais enfática em suas advertências a respeito de Schwangyu”, pensou Teg. A desobediência violenta e aberta de Schwangyu em relação à Madre Superiora desafiava as tradições. A lógica Mentat não aceitaria tal situação sem ter mais informações.

Sua memória trouxe-lhe um ditado de seus tempos de escola, um daqueles aforismos de advertência pelos quais um Mentat devia dominar sua lógica.

“Dada uma trilha lógica e a navalha de Occam delineada com detalhes impecáveis, o Mentat pode seguir tal lógica em direção à sua tragédia pessoal!’

Sabia-se que a lógica podia falhar.

Ele pensou novamente no comportamento de Taraza na nave da Corporação e logo depois. “Ela queria que eu soubesse que ia estar totalmente por minha conta. Devo perceber os problemas ao meu modo e não ao modo dela!”

Desse modo, a ameaça da parte de Schwangyu tinha que ser uma ameaça real para que ele a descobrisse e a enfrentasse ao seu próprio modo.

Taraza não sabia o que iria acontecer com Patrin por causa de tudo isso.

“Taraza não se importa realmente com o que possa acontecer com Patrin. Ou comigo. Ou com Lucilla. Mas e quanto ao ghola? Taraza deve importar-se com isso!’

Mas não era lógico que o fizesse... Teg abandonou essa linha de raciocínio. Taraza não queria que ele agisse pela lógica. Queria que ele fizesse exatamente o que estava fazendo, o que sempre tinha feito em situações difíceis.

“O inesperado!”

Desse modo, havia um tipo de lógica em tudo isso, mas era uma lógica que chutava os participantes para fora de seu ninho, para dentro do caos.

‘‘Do qual devemos criar nossa própria ordem.”

A mágoa entrou forte em sua consciência. “Droga, Patrin! Você sabia disso e eu não! Que é que vou fazer sem você?”

Teg quase pode ouvir a resposta de seu velho ajudante, naquele tom de voz rigidamente formal que Patrin usava quando brincava com seu comandante.

— Vai fazer o melhor que puder; Bashar.

O raciocínio progressivo mais frio revelava a Teg que ele nunca mais ia ouvir a verdadeira voz do velho ou rever Patrin em carne e osso. Ainda assim... a voz permanecia. A pessoa persistia na memória.

— Não devemos seguir em frente?

Era Lucilla que se colocara de pé diante de Teg junto da árvore. Duncan

esperava ao lado dela. Os dois já tinham colocado as mochilas sobre os ombros.

Enquanto estivera pensando, a noite tinha caído. Uma luz estelar muito forte criava vagas sombras na clareira. Teg colocou-se de pé, pegou a mochila e, curvando-se para evitar os ramos baixos, saiu para a clareira.

Duncan ajudou-o a colocar a mochila nas costas.

— Schwangyu vai considerar esta possibilidade cedo ou tarde — disse Lucilla. — Seus grupos de busca virão aqui atrás de nós. E você sabe disso.

— Não até que eles tenham acabado de seguir a pista falsa até o fim. Venham.

Teg guiou o grupo para oeste, através de uma passagem entre as árvores.

Durante três noites ele os levara ao longo do que chamava de “trilha memorizada de Patrin”. Enquanto caminhava por essa quarta noite, Teg culpava-se por não ter projetado no futuro as consequências lógicas do comportamento de Patrin.

“Eu entendia a dimensão da lealdade dele, mas não projetei essa lealdade em direção ao seu resultado óbvio. Estávamos juntos há tanto tempo que pensei conhecer sua mente como conheço a minha. Patrin, maldito seja, não havia necessidade alguma de você morrer!”

Teg acabou admitindo para si mesmo que tinha existido uma necessidade. Patrin a percebera. O Mentat não se permitira ver tal coisa. A lógica era capaz de se mover tão cegamente quanto qualquer outra faculdade.

Como as Bene Gesserit frequentemente diziam e demonstravam. “Por isso nós vamos a pé. Schwangyu não espera isso!’ Teg também era forçado a admitir que caminhar por esses lugares selvagens de Gammu criava toda uma nova perspectiva para ele. Toda essa região pudera transbordar de vida vegetal durante as épocas da fome e da Dispersão. Mais tarde fora replantada, mas principalmente como floresta selvagem. Marcos e trilhas secretas guiavam o acesso agora. Teg imaginou Patrin como um jovem aprendendo a se orientar nessa região — aquele pico rochoso, visível à luz do céu estrelado através de uma abertura entre as árvores, aquela elevação cheia de árvores e galhos pontudos, os caminhos semelhantes a alamedas em meio às árvores gigantescas.

“Eles estarão esperando que tentemos alcançar uma não-nave.” Teg tinha concordado com Patrin a esse respeito. “A isca deve levar os perseguidores naquela direção.”

Mas Patrin não dissera que ia ser a isca.

Teg engoliu em seco, sentindo um aperto na garganta.

“Duncan não poderia ser protegido no Castelo”, justificou para si mesmo.

E isso era verdade.

Lucilla tinha ficado nervosa no primeiro dia debaixo do escudo-vital, que

os protegia da detecção por instrumentos colocados em aeronaves de busca.

— Devemos comunicar-nos com Taraza.

— Quando pudermos.

— E se acontecer alguma coisa com você? Devo conhecer todo o seu plano de fuga.

— Se acontecer alguma coisa comigo, você não será capaz de seguir a trilha de Patrin. Está gravada na minha memória.

Duncan quase não tomou parte na conversa naquele dia. Ele os observava em silêncio ou cochilava, acordando sempre alerta e com um olhar de fúria nos olhos.

No segundo dia sob o cobertor-escudo, Duncan quis saber de Teg:

— Por que eles querem me matar?

— Para frustrar os planos que a Irmandade traçou a seu respeito — respondeu Teg.

Duncan olhou furioso para Lucilla.

— Qual é o plano?

Como Lucilla não respondesse, ele disse:

— Ela sabe. Sabe porque eu devo depender dela. A idéia é fazer com que eu me apaixone por ela!

Teg achou que Lucilla tinha escondido muito bem seu espanto. Obviamente, seus planos para o ghola tinham sido desorganizados, toda a sequência de eventos planejados desarrumada por essa fuga.

O comportamento de Duncan revelava outra possibilidade: seria o ghola um Revelador da Verdade latente? Que poderes adicionais não teriam sido cultivados nesse ghola pelos traiçoeiros Tleilaxu?

No segundo anoitecer que passaram na floresta, Lucilla estava cheia de acusações:

— Taraza ordenou-lhe que restaurasse as memórias originais dele! Como pode fazer isso aqui?

— Assim que alcançarmos o santuário.

Um Duncan silencioso e agudamente alerta acompanhou-os naquela noite. Havia uma nova vitalidade nele. Ele tinha ouvido!

"Nada deve ferir Teg", pensou Duncan. O que quer que fosse, onde quer que ficasse o santuário, Teg devia alcançá-lo em segurança. "E então eu vou saber!"

Duncan não tinha certeza do que iria saber, mas agora aceitava inteiramente o valor de tal coisa. Essa floresta devia conduzi-los a esse objetivo. lembrava-se de ter olhado lá do Castelo para essas vastidões selvagens e de ter imaginado como seria livre ali. Aquele sentido de liberdade intocada havia

desaparecido. A floresta era apenas um caminho, uma passagem para alguma coisa melhor.

Lucilla, seguindo na retaguarda, forçava-se a permanecer calma e alerta, e aceitar aquilo que não podia mudar. Parte de sua consciência mantinha-se firme na obediência às ordens de Taraza.

— Fique junto do ghola e, quando chegar a oportunidade, complete a tarefa para a qual foi destinada.

Um passo de cada vez. Era assim que o corpo de Teg media os quilômetros. Era a quarta noite. Patrin estimara que levariam quatro noites para alcançar o objetivo.

“E que objetivo!”

O plano de fuga de emergência centrava-se numa descoberta que Patrin tinha feito quando ainda era adolescente e descobrira por acaso um dos muitos mistérios que Gammu guardava. As palavras de Patrin vieram à memória de Teg:

— Na desculpa de que ia fazer um reconhecimento pessoal, eu voltei ao lugar dois dias atrás. Estava intocado. Ainda sou a única pessoa que já esteve lá.

— Como pode ter certeza?

— Tomei minhas precauções quando deixei Gammu, anos atrás. Pequenas coisas que seriam perturbadas por qualquer pessoa que entrasse lá. Nada está fora do lugar.

— É mesmo um não-globo dos Harkonnen?

— Muito antigo, mas as câmaras ainda estão intactas e funcionando.

— E quanto à comida e à água?

— Tudo que vocês possam querer ou necessitar está lá, deixado nos vasos de nulentropia situados no núcleo.

Teg e Patrin tinham feito seus planos na esperança de nunca precisarem usar essa saída secreta, mantendo firmemente o segredo enquanto Patrin contava para Teg qual era o caminho que permanecera oculto até sua descoberta de infância.

Atrás de Teg, Lucilla soltou uma pequena exclamação ao tropeçar em uma raiz.

“Eu devia tê-la avisado”, pensou Teg. Duncan obviamente estava seguindo Teg guiado pelo som. Lucilla, entretanto, tinha muito de sua atenção desviada para seus pensamentos.

Sua semelhança facial com Darwi Odrade era extraordinária, lembrou Teg. Quando as vira lado a lado, no Castelo, Teg marcara as diferenças existentes entre as duas mulheres devido à diferença de idade. A juventude de Lucilla revelava-se na existência de maior quantidade de gordura subcutânea arredondando os traços do rosto. Mas as vozes! O timbre, o sotaque e todos

aqueles truques de inflexão atonal que eram a marca registrada da Bene Gesserit. No escuro, seria impossível diferenciar as duas vozes.

Conhecendo como conhecia a Bene Gesserit, Teg sabia que isso não era coincidência. Dada a tendência que tinha a Irmandade de duplicar as linhagens genéticas que valorizava de modo a proteger o investimento feito em sua obtenção, Lucilla e Odrade deviam ter ancestrais comuns.

“Atreides, como todos nós”, pensou ele.

Taraza não tinha revelado seus objetivos com relação ao ghola, mas só por fazer parte do plano Teg pôde conhecer seus contornos. Não havia um padrão completo, mas ele já podia sentir as linhas gerais.

Geração após geração, a Irmandade negociara com os Tleilaxu, comprando gholas Idaho e treinando-os ali em Gammu apenas para vê-los assassinados. O tempo todo tinham esperado pelo momento certo. Tudo era como um jogo terrível que agora chegara ao auge porque uma garota capaz de comandar os vermes tinha aparecido em Rakis.

O próprio Gammu devia ser parte do plano. Havia marcas Caladanianas em todo o lugar. Sutilezas Danianas empilhadas sobre costumes mais antigos e brutais. Algo mais que uma população tinha surgido do Santuário Daniano onde a avó do Tirano, Lady Jessica, vivera o resto de seus dias.

Teg tinha percebido as marcas implícitas e explícitas quando fizera seu primeiro reconhecimento em Gammu.

Riqueza!

Os sinais estavam lá para serem lidos. A riqueza fluía em torno do universo deles como uma ameba capaz de se insinuar em qualquer lugar, por mais estreito que fosse. Havia riqueza acumulada durante a Dispersão em Gammu, Teg sabia disso muito bem. Uma riqueza tão grande que poucos suspeitavam de seu tamanho e poder ou mesmo chegavam a imaginá-los.

De repente ele parou de caminhar. Padrões físicos na paisagem ao redor exigiam sua atenção total e imediata. Adiante havia uma saliência de rocha nua, as marcas identificadoras implantadas em sua memória por Patrin. Essa passagem seria uma das mais perigosas.

— Não há cavernas ou vegetação espessa para ocultar vocês. Tenham um cobertor pronto.

Teg removeu da mochila o escudo vital e o colocou sobre o ombro. Uma vez mais, indicou que deveriam continuar. A trama escura do tecido do escudo assoviou de encontro ao seu corpo enquanto caminhavam.

Lucilla estava deixando de ser enigmática, pensou ele. Ela aspirava a ter o título de “Lady” antes do nome. “Lady Lucilla”. Não havia dúvida de que devia soar-lhe agradável. Algumas Reverendas Madres com títulos assim estavam

aparecendo, agora que as Casas Maiores começavam a emergir da obscuridade imposta pelo Caminho Dourado do Tirano.

Lucilla, a Sedutora-Impressora.

Todas essas mulheres eram peritas em sexo. A própria mãe de Teg o instruíra no funcionamento de tal sistema, enviando-o a mulheres escolhidas na região onde morava quando ele ainda era bem jovem, de modo que ficasse sensibilizado quanto aos sinais que devia observar em si mesmo, assim como nas mulheres com quem tivesse relações sexuais. Era um treinamento proibido fora da Bene Gesserit, mas a mãe de Teg fora uma das "hereges" dentro da Irmandade.

"Você vai precisar disso, Miles"

Sem dúvida havia um pouco de presciência da parte dela. Ela o armara contra as Impressoras, mulheres como Lucilla, que eram treinadas em ampliação orgásmica de modo a fixar tendências inconscientes entre homens e mulheres.

"Lucilla e Duncan. Uma impressão feita por ela vai funcionar também com relação a Odrade!"

Teg quase pôde ouvir as peças do quebra-cabeças fazerem dique ao se encaixarem em sua mente. E quanto àquela mocinha em Rakis? Lucilla ensinaria técnicas de sedução ao seu pupilo imprimido de modo que ele pudesse dominar aquela que comandava os vermes?

"Ainda não há dados suficientes para uma Computação Primária." Teg parou no final da perigosa passagem sobre as rochas, tirou o cobertor e fechou a mochila enquanto Duncan e Lucila esperavam logo atrás. Teg suspirou. O cobertor sempre o deixava preocupado. Ele não tinha a capacidade de deflexão de um escudo de batalha, mas, quando atingido pelo feixe de uma arma laser o rápido incêndio subsequente era frequentemente fatal.

"Brinquedos perigosos!"

Era desse modo que Teg classificava essas armas e engenhos mecânicos. Melhor confiar em sua própria capacidade, em seus próprios músculos e nas Cinco Atitudes do Modo Bene Gesserit que sua mãe lhe havia ensinado.

"Use os instrumentos apenas quando forem absolutamente necessários para ampliar as capacidades do seu corpo." Esse era o ensinamento da Bene Gesserit.

— Por que estamos parando? — sussurrou Lucila.

Duncan, o rosto transformado numa mancha fantasmagórica sob a luz das estrelas filtrada pelas árvores, olhou para Teg. As feições de Teg o tranquilizaram. Elas tinham ligação com alguma memória que não lhe era acessível, pensou Duncan. "Posso confiar nesse homem"

Lucilla suspeitou de que estivessem parando nesse lugar porque o velho

corpo de Teg exigia descanso, mas não foi capaz de dizer tal coisa. Teg explicara que seu plano de fuga incluía um modo de levar Duncan para Rakis. Muito bem, era tudo que importava nesse momento.

Ela já calculara que o santuário, situado em algum lugar à frente, devia envolver uma não-nave ou uma não-câmara. Nenhuma outra coisa seria suficiente. E de algum modo Patrin devia ser a chave. Os poucos indícios dados por Teg revelavam que Patrin fornecera essa rota de fuga.

Lucilla fora a primeira a perceber que Patrin se sacrificara para que eles pudessem fugir. Patrin era o elo mais fraco. Permanecera lá atrás, onde Schwangyu poderia capturá-lo. A captura do chamariz era algo inevitável e somente um tolo pensaria que uma Reverenda Madre com os poderes de Schwangyu não seria capaz de arrancar segredos de um homem. Ela talvez nem precisasse empregar muita persuasão. As sutilezas da Voz e as dolorosas formas de interrogatório que permaneciam como monopólio da Irmandade — a caixa de agonia e as pressões em nódulos nervosos — seriam tudo de que ela necessitaria.

A forma que a lealdade de Patrin iria assumir fora clara para Lucilla. Como Teg podia ser tão cego?

“Amor!”

O longo laço de confiança entre os dois homens. Schwangyu agiria de modo rápido e brutal, Patrin devia saber disso. E Teg não tinha examinado seus próprios conhecimentos.

A voz de Duncan arrancou-a de tais pensamentos.

— Tóptero! Atrás de nós!

— Rápido!

Teg puxou da mochila o cobertor e o lançou sobre eles. Aconchegaram-se todos, um contra o outro, na escuridão que cheirava a terra, ouvindo o ornitóptero passar acima. A aeronave não parou nem voltou.

Quando estavam certos de não terem sido detectados, Teg novamente os conduziu pela trilha memorizada de Patrin.

— Aquela era uma aeronave de busca — comentou Lucilla. — Eles estão começando a suspeitar... ou então Patrin...

— Poupe sua energia para caminhar — retrucou Teg.

Ela não insistiu. Ambos sabiam que Patrin estava morto. Discutir isso seria perda de tempo.

“Esse Mentat é profundo”, pensou Lucila.

Teg era filho de uma Reverenda Madre e a mãe o treinara além dos limites permitidos pela Irmandade, antes que a própria Bene Gesserit o tomasse em suas mãos manipuladoras. O ghola não era o único dotado de recursos desconhecidos.

A trilha deu voltas em torno de si mesma, tendo se transformado numa

picada de caçadores que subia por um morro através da floresta espessa. A luz das estrelas não penetrava nas árvores ali e somente a maravilhosa memória do Mentat os mantinha na trilha.

Lucilla sentiu o humo sob seus pés. Ouvia os movimentos de Teg, usando-os para guiar seus passos.

“Como Duncan está silencioso”, pensou ela. “Como está fechado dentro de si mesmo.” Ele obedecia as ordens, seguindo para onde Teg os guiava. Ela sentia o tipo de obediência em Duncan. Ele mantinha sua própria opinião e obedecia apenas porque lhe era conveniente fazê-lo — pelo menos até agora. A rebelião de Schwangyu plantara algo de uma independência selvagem nesse ghola. Sem falar nas coisas que os Tleilaxu poderiam ter implantado nele.

Teg parou num ponto embaixo de altas árvores para recuperar o fôlego. Lucila podia ouvi-lo respirar ofegante. Isso a fez lembrar-se uma vez mais de que esse Mentat era um homem velho, muito velho para esse tipo de exercício. Ela disse baixinho:

— Está tudo bem, Miles?

— Eu lhe digo quando não estiver.

— Quanto falta? — perguntou o Duncan.

— Somente um trecho curto agora.

Daí a pouco ele recomeçou a caminhada dentro da noite.

— Devemos apressar-nos — ele disse. — Este morro côncavo é o último trecho.

Agora que já tinha aceito a realidade da morte de Patrin, os pensamentos de Teg giravam como uma agulha de bússola em direção a Schwangyu e ao que ela devia estar experimentando. Devia estar sentindo o mundo desabar em sua volta. Os fugitivos estavam desaparecidos há quatro noites! Gente capaz de confundir desse jeito uma Reverenda Madre poderia fazer qualquer coisa! E claro que os fugitivos já deveriam estar fora do planeta a essa altura. Numa não-nave. Mas e se...

Os pensamentos de Schwangyu deviam estar cheios de “e se”...

Patrin fora o elo frágil na corrente, mas tinha sido bem treinado na remoção de elos frágeis, treinado por um mestre — Miles Teg.

Teg removeu a umidade que surgira em seus olhos com uma rápida sacudidela da cabeça. A necessidade imediata exigia aquele núcleo de honestidade interior que ele não poderia evitar. Teg nunca fora um bom mentiroso, nem para si mesmo. Muito cedo em seu treinamento, percebera que sua mãe, assim como as outras pessoas envolvidas no seu processo de criação, o condicionara a ter um profundo senso de honestidade pessoal.

“Fidelidade a um código de honra.”

O próprio código de honra, quando Teg o reconhecia em si mesmo, o atraía, fascinando sua atenção. Ele começava a reconhecer que os seres humanos não nasciam iguais, que possuíam diferentes habilidades herdadas e tinham diferentes experiências de vida. Isso produzia pessoas com realizações e valores diferentes.

Para obedecer esse código, Teg sabia que primeiro devia posicionar-se precisamente no fluxo das hierarquias observáveis, aceitando que poderia chegar um instante em que não mais seria capaz de evoluir.

Os condicionamentos de tal código eram profundos. Ele nunca pôde encontrar suas raízes mais profundas. Estavam ligadas, obviamente, a alguma coisa que era intrínseca à humanidade. Algo que ditava com um poder imenso os limites de comportamento permitidos a todos aqueles acima e abaixo da pirâmide hierárquica.

“E a moeda-base que se troca é a lealdade”

A lealdade agia para cima e para baixo, encaixando-se onde quer que encontrasse uma ligação merecida. Tais lealdades, Teg sabia, estavam firmemente unidas ao seu comportamento. Não tinha dúvidas de que Taraza o apoiaria em tudo, exceto numa situação que exigisse o sacrifício dele para a sobrevivência da Irmandade. E isso era uma coisa certa. Era onde as lealdades que uniam todos eles acabavam se encaixando.

“Sou o Bashar de Taraza. Isso é o que o código diz”

E fora esse código de honra que matara Patrin.

“Espero que você não tenha sofrido dores, velho amigo.”

Uma vez mais Teg parou à sombra das árvores. Tirando sua faca de combate da bainha localizada na bota, raspou uma pequena marca no tronco da árvore ao seu lado.

— Que está fazendo? — perguntou Lucilla.

— Esta é uma marca secreta — explicou Teg. — Somente as pessoas que eu treinei conhecem seu significado. E Taraza, é claro.

— Mas por que está...

— Explicarei depois.

Ele avançou uma vez mais, parando em outra árvore onde gravou a pequena marca, algo que um animal poderia ter feito com sua garra, uma coisa que se confundia com as formas naturais dessa floresta.

Enquanto seguia o seu caminho adiante, Teg percebia ter chegado a um ponto de decisão com relação a Lucilla. Os planos dela para Duncan deviam ser defletidos. Cada projeção Mentat que Teg podia fazer quanto à segurança e à saúde mental de Duncan exigia isso. O despertar das memórias pré-ghola desse Duncan devia acontecer antes de qualquer impressão sexual da parte de Lucilla.

Mas não seria fácil detê-la, Teg sabia disso muito bem. Seria preciso um mentiroso muito melhor do que ele jamais fora para iludir uma Reverenda Madre.

E tudo devia parecer acidental, o resultado normal das circunstâncias. Lucilla nunca poderia suspeitar da oposição a seus planos. Teg tinha poucas ilusões quanto à sua chance de vencer uma Reverenda Madre irritada num lugar apertado como aquele em que logo estariam. Melhor seria matá-la. Isso ele achava que poderia fazer, mas as consequências! Taraza jamais seria levada a aceitar que um ato sangrento fora realizado em obediência às suas ordens.

Não, ele teria que ganhar tempo, esperar, observar e ouvir.

O grupo saiu da floresta para uma pequena clareira onde uma íngreme barreira de rochas vulcânicas se erguia diante deles. Arbustos espinhentos e moitas de capim mirrado cresciam de encontro às rochas, visíveis como manchas escuras à luz das estrelas.

Teg viu os contornos mais escuros de uma passagem por onde teriam que rastejar debaixo dos arbustos.

— Vamos ter que rastejar daqui para a frente — ele disse.

— Sinto cheiro de cinzas — disse Lucilla. — Alguma coisa foi queimada por aqui.

— É o lugar onde ficava o chamariz — explicou Teg. — Ele deixou uma área queimada à nossa esquerda, simulando as marcas deixadas pela decolagem de uma não-nave.

A respiração de Lucilla foi audível quando ela inspirou, espantada. “Que audácia!” Se Schwangyu se atrevesse a mandar um investigador presciente seguir os rastros de Duncan (pois só Duncan, entre eles, não possuía o sangue de Siona herdado de sua ancestralidade), todas as marcas concordariam com a hipótese de eles terem chegado a esse ponto e abandonado o planeta em uma não-nave... desde que...

— Para onde está nos levando? — perguntou ela.

— Para um não-globo dos Harkonnen. Está aqui há milênios e agora é nosso.

22

É muito natural que aqueles que detém o poder desejem suprimir a livre pesquisa. A busca irrestrita do conhecimento tem uma longa tradição de produzir competição indesejada. Os poderosos querem uma "linha segura de pesquisas", algo capaz de produzir apenas produtos e idéias que possam ser controlados e, o que é mais importante, que permita que a maior parte dos benefícios produzidos fique em poder dos investidores internos. Infelizmente o universo está cheio de variáveis relativas que não permitem a existência de uma "linha segura de pesquisas".

— Avaliação de Ix, Arquivos da Bene Gesserit

Hedley Tuek, Alto Sacerdote e governante titular de Rakis, sentia-se incapaz de enfrentar as exigências que lhe eram feitas.

A noite nebulosa envolvia a cidade de Keen, mas ali em sua câmara particular de audiências o brilho de muitos globos luminosos afastava as sombras. Mesmo ali, no coração do Templo, podia-se ouvir o vento, um gemido distante representando o tormento periódico deste planeta.

A câmara de audiência era uma sala de formato irregular, com sete metros de comprimento e quatro metros no ponto mais largo. A extremidade oposta era quase imperceptivelmente mais estreita. O teto também descia suavemente naquela direção. Cortinados de fibra de especiaria, com uma hábil disposição nas cortinas amarelas e cinzentas, escondiam essas irregularidades. Uma das cortinas ocultava também uma cometa de focalização que conduzia os sons mais débeis para aqueles que ouviam fora da sala.

Somente Darwi Odrade, a nova comandante da guarnição da Bene Gesserit em Rakis, estava sentada com Tuek na câmara de audiências. Os dois encaravam um ao outro no estreito espaço definido pelas almofadas verdes onde descansavam.

Tuek tentava disfarçar uma expressão de desagrado. Esse esforço contorcia suas feições, normalmente imponentes, transformando-as numa máscara reveladora. Ele tivera grande cuidado ao se preparar para os confrontos dessa noite. Criados tinham colocado o manto bem passado sobre sua figura alta

e um tanto corpulenta. Sandálias douradas cobriam-lhe os pés. O traje destilador sob seu manto era apenas para exibição: não tinha bombas nem bolsas de recolhimento, eliminando a necessidade de ajustes demorados e desconfortáveis. O cabelo grisalho e sedoso estava muito bem penteado e caía sobre os ombros, moldura adequada para um rosto quadrado com a boca larga, lábios grossos e queixo pesado. Seus olhos assumiram rapidamente uma aparência benévola, expressão que ele tinha copiado do avô. Fora desse modo que ele se apresentara ao entrar na câmara de audiência para encontrar Odrade. Sentira-se imponente, mas agora tinha a impressão de estar nu e descabelado.

“Ele é realmente um homem de cabeça vazia”, pensou Odrade.

Tuek estava pensando: “Não posso discutir com ela esse terrível Manifesto! Não com um Mestre Tleilaxu e aqueles horríveis Dançarmos Faciais ouvindo na outra sala. Que foi que me possuiu para fazer com que eu concordasse com uma coisa dessas?”

— E uma heresia pura e simples — ele disse.

— Mas vocês representam apenas uma religião entre muitas — retrucou Odrade. — E com as pessoas que estão voltando da Dispersão, a proliferação de cismas e crenças variantes.

— A nossa é a única fé verdadeira! — afirmou Tuek.

Odrade ocultou um sorriso. “Ele falou exatamente de acordo com a deixa. E Waff decerto ouviu isso!’ Tuek era extremamente fácil de se conduzir. E se a Irmandade estivesse certa com relação a Waff, as palavras de Tuek iriam enfurecer o Mestre dos Tleilaxu.

Num tom profundo e portentoso, Odrade disse:

— O Manifesto levanta questões que todos, crentes e não-crentes, devemos examinar.

— Que tem tudo isso a ver com a Sagrada Criança? — indagou Tuek.

— Você me disse que devíamos encontrar-nos aqui para tratar de assuntos que tinham relação com..

— De fato! Não tente negar seu conhecimento de que muita gente já está começando a adorar Sheeana. O Manifesto implica que...

— Manifesto! Manifesto! Não passa de um documento herético que deve ser apagado. Quanto a Sheeana, deve voltar à nossa guarda exclusiva!

— Não — retrucou Odrade com a voz suave.

Como Tuek estava agitado, pensou ela. Seu pescoço rígido movia-se o mínimo possível quando ele virava a cabeça de um lado para o outro. Os movimentos apontavam para a cortina que cobria a parede à direita de Odrade, definindo o lugar como se a cabeça de Tuek carregasse um facho de iluminação para indicar aquela cortina em especial. Que homem transparente era esse Alto

Sacerdote. Poderia muito bem ter anunciado que Waff os estava escutando de algum lugar atrás daquela cortina.

— A seguir vocês vão levá-la para longe de Rakis — disse Tuek.

— Ela fica aqui — disse Odrade. — Exatamente como lhe promete-mos.

— Mas por que ela não pode..

— Ora, vamos! Sheeana deixou clara a sua vontade e eu tenho certeza de que as palavras dela lhe foram relatadas. Ela quer ser uma Reverenda Madre.

— Mas ela já é a...

— Meu Senhor Tuek! Não queira disfarçar comigo. Ela declarou seus desejos e nós estamos felizes em satisfazê-los. Por que deveria opor-se? Reverendas Madres serviram o Deus Dividido na época dos Fremen. Por que não agora?

— Vocês Bene Gesserit possuem meios de obrigar as pessoas a dizerem coisas que elas não desejam dizer — acusou Tuek. — Não devíamos estar discutindo esta questão em particular. Meus conselheiros.

— Seus conselheiros só atrapalhariam nossa conversa. As implicações do Manifesto Atreides.

— Vou discutir somente a questão de Sheeana!

Tuek colocou-se no que lhe parecia a postura de um Alto Sacerdote inflexível.

— Mas estamos discutindo essa questão — disse Odrade.

— Então deve ficar claro que nós exigimos mais gente nossa acompanhando Sheeana. Ela deve ser guardada de todo.

— Guardada do modo como o foi naquele terraço? — perguntou Odrade.

— Reverenda Madre Odrade, este é o Sagrado Rakis! Não tem direitos além daqueles que lhes concedemos!

— Direitos? Sheeana tornou-se o alvo... sim, o alvo... de muitas ambições e vocês ainda querem discutir direitos?

— Meus deveres de Alto Sacerdote são claros. A Sagrada Igreja do Deus Dividido ira...

— Meu Senhor Tuek! Estou tentando com muita dificuldade manter a cortesia necessária. O que faço é para seu benefício, assim como para o nosso. Nossas ações...

— Ações? Que ações? — As palavras escaparam de Tuek num grunhido rouco.

Essas terríveis bruxas Bene Gesserit! Os Tleilaxu atrás dele e uma Reverenda Madre na frente! Tuek sentia-se como uma bola num jogo terrível, chutado para a frente e para trás entre energias formidáveis. Ah, o pacífico Rakis, o lugar seguro de suas rotinas diárias, tinha desaparecido e ele fora

projetado numa arena onde se praticava um jogo cujas regras ainda não compreendera inteiramente.

— Mandei chamar o Bashar Miles Teg — revelou Odrade. — Isso é tudo. Seu grupo avançado deve chegar logo. Vamos reforçar suas defesas planetárias.

— Vocês se atrevem a assumir o controle.

— Não estamos assumindo coisa alguma. A pedido de seu pai, o pessoal de Teg redesenhou suas defesas. O acordo sob o qual isso foi feito contém, por insistência de seu pai, uma cláusula exigindo a revisão periódica.

Tuek sentou-se em silêncio, chocado. Waff, aquele Tíeilaxuzinho sinistro, tinha ouvido tudo isso. Ia haver conflito! Os Tleilaxu queriam um acordo secreto fixando os preços da melange. Não iriam permitir a interferência da Bene Gesserit.

Odrade mencionara o pai de Tuek e ele agora desejava que seu pai, há muito falecido, estivesse sentado ali. Fora um homem duro. Teria sabido como lidar com essas forças opostas. Ele sempre tinha manejado os Tleilaxu muito bem. Tuek lembrava-se de ter ficado ouvindo (exatamente como Waff estava fazendo agora!) um enviado Tleilaxu cujo nome era Wose... e outro chamado Pook. Ledden Pook. Que nomes esquisitos eles tinham.

De repente os pensamentos confusos de Tuek ofereceram-lhe outro nome. Odrade acabara de mencioná-lo: “Teg!” Então aquele velho monstro ainda se encontrava na ativa?

Odrade estava falando novamente. Tuek tentou engolir com a garganta seca enquanto se inclinava para diante, forçando-se a prestar atenção.

— Teg também vai examinar suas defesas no planeta. Depois daquele fiasco no terraço.

— Oficialmente, proíbo qualquer interferência em nossos assuntos internos — disse Tuek. — Não há necessidade. Nossa Guarda Sacerdotal é adequada para...

— Adequada? — Odrade sacudiu a cabeça tristemente. — Que palavra inadequada diante das novas circunstâncias em Rakis.

— Que novas circunstâncias?

Havia terror na voz de Tuek.

Odrade ficou apenas olhando para ele.

Tuek tentou forçar alguma ordem em seus pensamentos. Será que ela saberia a respeito dos Tleilaxu ouvindo lá atrás? Impossível. Inspirou, trêmulo. Que história era essa a respeito das defesas de Rakis? As defesas eram excelentes, tranquilizou-se. Eles tinham as melhores não-naves e monitores Ixianos. Mais do que isso, era vantajoso para todas as potências independentes que Rakis permanecesse igualmente independente como fonte da especiaria.

“Vantajoso para todos, exceto os Tleilaxu, com sua maldita super-produção de melange em seus tanques axlotl!”

Era um pensamento demolidor. Um Mestre Tleilaxu tinha ouvido cada palavra pronunciada nessa câmara de audiências!

Tuek rogou ao Shai-hulud, o Deus Dividido, que o protegesse. Aquele homenzinho terrível lá fora dissera estar falando também em nome dos Ixianos e das Oradoras Peixes. Mostrara documentos. Quais seriam as “novas circunstâncias” de que Odrade falava? Nada permanecia muito tempo escondido das bruxas!

O Alto Sacerdote não podia conter um estremecimento ao pensar em Waff: aquela cabeça pequena e redonda, aqueles olhinhos brilhantes, o nariz arrebitado com os dentes afiados surgindo num sorriso. Waff parecia uma criança crescida até que se olhasse nos seus olhos e se ouvisse aquela voz rouca. Tuek lembrava-se de seu próprio pai queixando-se daquelas vozes: “Os Tleilaxu dizem coisas tão terríveis com suas vozes infantis!”

Odrade mexeu-se nas almofadas. Pensou em Waff ouvindo lá fora. Será que ele já tinha ouvido o suficiente? Suas próprias ouvintes secretas estariam se fazendo a mesma pergunta a essa altura. As Reverendas Madres sempre repassavam repetidas vezes as gravações de duelos verbais como esse, buscando melhorias e novas vantagens para a Irmandade.

“Waff já ouviu o bastante”, disse Odrade a si mesma. “Hora de mudar o jogo.”

Em seu tom de voz mais tranquilo, Odrade disse:

— Meu Senhor Tuek, uma pessoa importante está ouvindo o que dizemos aqui. E polido que tal pessoa escute às escondidas?

Tuek fechou os olhos. “Ela sabe!”

Ele abriu os olhos e encarou a expressão impassível de Odrade. Parecia capaz de aguardar sua resposta por toda a eternidade.

— Polido? Eu... Eu...

— Convide esse ouvinte secreto para vir sentar-se aqui conosco disse Odrade.

Tuek passou a mão pela testa úmida. Seu pai e seu avô, Altos Sacerdotes antes dele, haviam estabelecido respostas rituais para a maioria das ocasiões, mas não havia nada para um momento como esse. Convidar o Tleilaxu para ir sentar-se ali? Nessa câmara com... Tuek lembrou-se subitamente de que não gostava do cheiro dos Tleilaxu. Seu pai também tinha se queixado a respeito disso: “Eles têm cheiro de comida desagradável”

Odrade levantou-se.

— Gostaria de ver esse que ouve as minhas palavras ela disse. — Devo ir

convidá-lo para que...

— Não, por favor! — Tuek continuou sentado, mas ergueu a mão num gesto para detê-la. — Eu não tive escolha. Ele veio com documentos das Oradoras Peixes e dos Ixianos. Disse que iria ajudar-nos a ter Sheeana de volta de sua..

— Ajudá-lo?

Odrade olhou para o sacerdote suando com uma expressão próxima da piedade. Esse era o homem que governava Rakis?

— Ele é um dos Bene Tleilax — disse Tuek. — Chama-se Waff e.

— Sei como se chama e por que está aqui, meu Senhor Tuek. O que me deixa admirada é que tenha permitido que ele espionasse.

— Ele não está espionando! Estamos negociando. Quero dizer, há novas forças diante das quais devemos ajustar nossos.

— Novas forças? Oh, sim, as prostitutas da Dispersão. Esse Waff trouxe alguma delas consigo?

Antes que Tuek pudesse responder, a porta lateral da câmara de audiência se abriu. Waff entrou como se respondesse a uma deixa, com dois Dançarmos Faciais atrás dele.

“Foi lhe dito que não trouxesse Dançarmos Faciais!”, pensou Odrade.

— Só você! — disse Odrade, apontando. — Os outros não foram convidados, foram, Meu Senhor Tuek?

Tuek levantou-se pesadamente, notando a proximidade de Odrade e se lembrando de todas as histórias terríveis a respeito da capacidade física das Reverendas Madres. A presença dos Dançarmos Faciais aumentava sua confusão. Eles sempre lhe davam pressentimentos terríveis.

Voltando-se em direção à porta e tentando compor suas feições numa aparência cortês e convidativa, Tuek disse:

— Somente... somente o embaixador Waff, por favor.

A voz feria a garganta de Tuek. Isso era mais que terrível. Sentia-se nu diante dessa gente.

— Odrade indicou uma almofada perto dela.

Waff, não é? Por favor, venha e sente-se.

Waff cumprimentou-a como se nunca a tivesse visto. “Que polidez!” Fazendo um gesto para indicar a seus Dançarmos Faciais que deveriam ficar lá fora, andou até a almofada indicada, mas ficou de pé junto dela.

Odrade percebeu o fluxo de tensões movendo-se pelo corpo do pequeno Tleilaxu. Algo como um esgar feroz passou por seus lábios brevemente. Será que ele ainda escondia aquelas armas nas mangas? Estaria a ponto de quebrar o acordo que fizera?

Estava na hora, pensou Odrade, de as suspeitas de Waff recuperarem toda a força original, e mais ainda. Ele devia estar se sentindo aprisionado pelas manobras de Taraza. Waff queria ter suas madres procriadoras! O cheiro dos feromônios anunciava seus temores mais profundos. Ele tinha em sua mente essa parte do acordo — ou pelo menos uma interpretação de tal coisa. Taraza não esperava realmente que Waff fosse partilhar com ela todo o conhecimento que tinha obtido das Honradas Madres.

— Meu Senhor Tuek diz-me que estiveram... ah, negociando — disse Odrade.

“Deixe que ele se lembre dessa palavra.” Waff sabia onde a verdadeira negociação devia ser concluída. Enquanto ia falando, Odrade ajoelhou-se, e depois voltou a se sentar na almofada, mas seus pés permaneceram posicionados para lançá-la fora de qualquer linha de ataque da parte de Waff.

Waff olhou para ela e para a almofada que ela indicara. Acomodou-se lentamente, mas seus braços permaneceram apoiados nos joelhos, as mangas dirigidas para Tuek.

“Que está fazendo?”, perguntou-se Odrade. Os movimentos de Waff revelavam que ele tinha embarcado num plano próprio.

Odrade disse:

— Estou tentando fazer com que o Alto Sacerdote sinta a importância do Manifesto Atreides para nossa mútua.

— Atreides! — interrompeu Tuek. Quase desabou em sua almofada. — Aquilo não pode ser Atreides.

— Um manifesto muito persuasivo — comentou Waff, reforçando os temores óbvios de Tuek.

Pelo menos isso estava de acordo com o plano, pensou Odrade. Ela disse:

— A promessa do s’tori não pode ser ignorada. Muitas pessoas associam o s’tori com a presença de seu deus.

Waff enviou um olhar de surpresa e fúria em direção a ela.

Tuek disse:

— O embaixador Waff diz-me que os Ixianos e as Oradoras Peixes estão alarmados com esse documento, mas eu o tranquilizei quanto a..

— Creio que podemos ignorar as Oradoras Peixes — comentou Odrade. — Elas vêem deus em toda parte.

Waff reconheceu o cântico nas palavras dela. Estaria troçando dele? Ela estava certa no que dizia respeito às Oradoras Peixes, é claro. Elas estavam muito enfraquecidas em suas antigas devoções para terem qualquer influencia. E no que quer que influenciassem, seriam guiadas pelos novos Dançarinos Faciais que agora as comandavam.

Tuek tentou sorrir para Waff.

— Você falou em nos ajudar em...

— Há tempo para isso depois — interrompeu Odrade. Tinha que manter a atenção de Tuek voltada para o documento que o incomodava tanto. Citou uma frase do manifesto: — "Sua vontade e sua fé — seu sistema de crenças — domina o seu universo.

Tuek reconheceu as palavras. Ele tinha lido aquele terrível documento. Esse Manifesto dizia que Deus e Sua Obra não passavam de criações humanas. Imaginava como iria responder. Nenhum Alto Sacerdote poderia deixar sem resposta uma coisa dessas.

Mas antes que Tuek pudesse achar as palavras, Waff encarou Odrade e respondeu de um modo que ele sabia que ela interpretaria corretamente. Odrade não faria outra coisa sendo ela quem era.

— O erro da presciência — disse Waff. — Não é isso que diz o documento? Não é onde ele diz que a mente do crente vai estagnar?

— Exatamente! — disse Tuek.

Sentia-se grato pela intervenção do Tleilaxu. Aquele era precisamente o núcleo da heresia!

Waff não olhou para ele, continuando a fitar Odrade. Será que a Bene Gesserit julgava seus propósitos inescrutáveis? Deixe que elas encontrem um poder ainda maior. Ela se julgava tão forte! Mas a Bene Gesserit não podia realmente saber como o Todo-Poderoso guardava o futuro para o Shariat!

Tuek não se deixaria interromper.

— Isso vai de encontro a tudo aquilo que julgamos sagrado! E está começando a se propagar por toda parte!

— Espalhado pelos Tleilaxu — disse Odrade.

Waff ergueu as mangas, apontando as armas para Tuek. Hesitou apenas por perceber que Odrade reconhecera parte de suas intenções.

Tuek olhou de um para o outro. Seria verdadeira a acusação de Odrade? Ou seria apenas Outro truque da Bene Gesserit?

Odrade percebeu a hesitação de Waff e tentou imaginar suas razões. Vasculhou sua mente, buscando uma resposta para as motivações dele. O que os Tleilaxu poderiam ganhar matando Tuek? Obviamente, Waff planejava substitui-lo por um de seus Dançarinos Faciais. Mas que vantagem isso lhe traria?

Buscando ganhar tempo, Odrade disse:

Deve ser muito cauteloso, Embaixador Waff.

— Quando foi que a cautela governou as grandes necessidades? — perguntou Waff.

Tuek colocou-se de pé e caminhou pesadamente para um lado, esfregando

as mãos.

— Por favor! Este é um recinto sagrado. É errado discutir heresias aqui, a menos que planejemos destruí-las. — Olhou para Waff. — Não é verdade, é? Vocês não foram os autores desse documento terrível!

— Não é nosso — concordou Waff.

“Maldito sacerdote imbecil!”

Tuek caminhava para o lado e uma vez mais se tornara um alvo em movimento.

— Eu sabia! — disse Tuek, caminhando em volta de Waff e Odrade.

Odrade continuava de olho em Waff. Ele planejava um assassinato! Estava certa disso.

Tuek falou atrás dela.

— Não sabe como nos julga mal, Reverenda Madre. O Sr. Waff propôs-nos a formação de um cartel da melange. Eu lhe expliquei que nosso preço para vocês deve permanecer o mesmo porque uma Bene Gesserit foi a avó de nosso Deus.

Waff curvou a cabeça, esperando. O sacerdote entraria de novo no alcance dos dardos. Deus não permitiria um fracasso.

Tuek estava atrás de Odrade, olhando para Waff. Um tremor percorreu o corpo do sacerdote. Os Tleilaxu eram tão repulsivos, tão amorais. Não se podia confiar neles. Como poderia ser encarada a negativa de Waff?

Sem descuidar sua observação de Waff, Odrade disse:

— Mas Meu Senhor Tuek, a perspectiva de um aumento de lucros não lhe atraiu?

Ela viu o braço direito de Tuek mover-se levemente, quase apontando para ela. Suas intenções tornaram-se claras.

Meu Senhor Tuek — disse Odrade —, esse Tleilaxu pretende assassinar-nos.

Ao ouvir essas palavras, Waff ergueu ambos os braços num movimento brusco, tentando acertar nos dois diferentes alvos. Antes que seus músculos pudessem responder ao comando do cérebro, Odrade estava em cima dele. Ela ouviu o fraco assovio dos lança-dardos, mas não sentiu picada alguma. Seu braço esquerdo desceu num golpe violento para quebrar o braço direito de Waff. O pé direito quebrou-lhe o braço esquerdo.

Waff gritou.

Nunca suspeitara de que uma Bene Gesserit fosse capaz de movimentos tão rápidos. Ela quase igualara o que ele tinha visto a Honrada Madre fazer na nave de conferência Ixiana. Apesar da dor, percebeu que tinha que relatar isso. As Reverendas Madres comandavam desvios sinápticos quando sob tensão!

A porta atrás de Odrade se abriu bruscamente e os Dançarmos Faciais de Waff entraram correndo na câmara. Mas Odrade já estava atrás dele, com ambas as mãos em sua garganta.

— Parem ou ele morre! — gritou.

Os dois ficaram imóveis.

Waff debatia-se nas mãos dela.

— Fique quieto! — ordenou ela.

Odrade viu Tuek estendido no chão à sua direita. Um dardo tinha atingido o seu alvo.

— Waff matou o Alto Sacerdote — disse Odrade, falando para suas ouvintes secretas.

Os dois Dançarmos Faciais continuavam a olhar para ela. Era fácil notar a indecisão deles. Nenhum dos dois percebia como a situação caíra nas mãos da Bene Gesserit. Uma armadilha para os Tleilaxu, de fato!

Odrade disse aos Dançarmos Faciais:

— Carreguem aquele corpo para o corredor e fechem a porta. Se senhor fez uma coisa tola. Vai precisar de vocês depois. — E para Waff disse: — Neste momento você precisa mais de mim que dos seus Dançarinos Faciais. Mande-os embora!

— Vão — guinchou Waff.

Como os Dançarmos Faciais continuassem a encará-la, Odrade disse:

— Se não saírem imediatamente, vou matá-lo e depois despacharei vocês dois.

— Façam o que ela manda! — gritou Waff.

Os Dançarmos Faciais receberam isso como uma ordem de seu Mestre Odrade percebeu algo mais na voz de Waff. Obviamente, teria que ser convencido a abandonar a histeria suicida em que mergulhara.

Uma vez mais ela estava sozinha com ele. Retirou as armas vazias de suas mangas e as colocou no bolso. Depois poderiam ser examinadas com detalhes. Havia muito pouca coisa que ela podia fazer pelos ossos partidos de Waff, exceto deixá-lo inconsciente por um breve período e encaná-los. Improvisou talas a partir do material das almofadas e de tiras de tecido verde rasgado da decoração da sala do Alto Sacerdote.

Waff despertou rapidamente. Gemeu quando olhou para Odrade.

Somos aliados agora — ela disse. — As coisas que transpiraram desta câmara foram ouvidas apenas por minha gente e pelos representantes de uma facção que desejava substituir Tuek por um de seus membros.

Era muito rápido para Waff. Levou um momento para compreender o que ela dizia. Sua mente se agarrou ao que lhe pareceu mais importante.

— Aliados?

— Imagino que Tuek fosse uma pessoa difícil de se lidar — ela disse.

— Eram-lhe oferecidos benefícios óbvios e ele invariavelmente hesitava. Fez um favor a alguns dos sacerdotes quando o matou.

— Eles estão nos ouvindo agora? — guinchou Waff.

— E claro. Vamos discutir seu proposto monopólio da especiaria. O tristemente falecido Alto Sacerdote disse que mencionou isso. Vejamos se eu posso deduzir a extensão da sua oferta.

— Meus braços — gemeu Waff.

— Você ainda está vivo — ela disse. — Seja grato por minha sabedoria. Podia tê-lo matado.

— Ele virou a cabeça para longe dela.

— Isso teria sido melhor.

— Não para a Bene Tleilax e certamente não para a minha Irmandade — ela disse. — Deixe-me ver... Sim, você prometeu que forneceria a Rakis novas máquinas coletoras de especiaria em grande quantidade. As novas máquinas aéreas, que só tocam o deserto com suas cabeças de varredura.

— Você ouviu — acusou Waff.

— Realmente não. Uma proposta muito atraente, uma vez que estou certa de que os Ixianos as estão fornecendo por seus próprios motivos. Devo continuar?

— Você disse que éramos aliados.

— Um monopólio forçaria a Corporação a comprar mais máquinas de navegação Ixianas — ela disse. — Vocês teriam a Corporação bem nas mandíbulas de seu esmagador.

Furioso, Waff ergueu a cabeça a fim de olhar para ela. O movimento gerou agonia em seus braços quebrados e ele gemeu. A despeito da dor, ele estudou Odrade com seus olhos quase fechados. Será que as bruxas acreditavam realmente que esse era todo o plano dos Tleilaxu? Quase não se atrevia a acreditar que a Bene Gesserit estivesse tão confusa.

— E claro que esse não é o plano básico — disse Odrade.

Os olhos de Waff arregalaram-se. Ela estava lendo a sua mente!

— Estou desonrado — ele disse. — Quando salvou minha vida, salvou uma coisa inútil.

Ele se deixou cair.

Odrade respirou fundo. “E hora de usar as análises feitas na sede da Irmandade.” Inclinou-se para ficar bem perto de Waff e sussurrou no ouvido dele:

— O Shariat ainda precisa de você.

Waff ficou boquiaberto.

Odrade sentou-se diante dele. A expressão de espanto revelava tudo. Análise confirmada.

— Você pensou que tinha aliadas melhores entre a gente da Dispersão — disse ela. — Essas Honradas Madres e outras da mesma laia. Eu lhe pergunto: será que o lorco faz acordos com o lixo que come?

Waff ouvira tal pergunta apenas dentro do kehl. Com o rosto pâlido. respirou lentamente. As implicações das palavras dela! Obrigou-se a ignorar a dor em seus braços. "Aliados", ela dissera. Sabia a respeito do Shariat! De que modo poderia saber?

— Como cada um de nós pode ignorar as vantagens de uma aliança entre a Bene Tleilax e a Bene Gesserit? — perguntou Odrade.

"Aliança com as bruxas powindah!" A mente de Waff era um redemoinho. A agonia de seus braços estava sendo contida de modo tão tentador... Sentia-se muito frágil naquele momento! Sentiu o gosto da biles ácida no fundo de sua língua.

— Ah — exclamou Odrade. — Está ouvindo isso? O sacerdote Krutansik e sua facção chegaram do outro lado daquela porta. Irão propor que um de seus Dançarmos Faciais assuma o disfarce do falecido Hedley Tuek. Qualquer outro curso de ação causaria muitos distúrbios. Krutansik é um homem razoavelmente sábio, que se manteve na retaguarda até agora. Seu tio Stiros o preparou muito bem.

— O que sua Irmandade ganharia com uma aliança conosco? — perguntou Waff.

Odrade sorriu. Agora poderia falar a verdade. A verdade era sempre muito mais fácil e frequentemente constituía o argumento mais poderoso.

— Nossa sobrevivência em face da tormenta que se avolume no meio dos Dispersos — ela disse. — E a sobrevivência dos Tleilaxu também está em jogo. A coisa mais distante dos nossos desejos é a extinção daqueles que preservam a Grande Crença.

Waff estremeceu. Ela falava uma coisa dessas abertamente! Então ele entendeu. Que importava que os outros ouvissem? Eles não poderiam penetrar nos segredos que essas palavras ocultavam.

— Nossas madres procriadoras estão prontas para você — disse Odrade.

Fitou duramente os olhos dele e fez o sinal com a mão dos sacerdotes Zensunni.

Waff sentiu um aperto aliviar-se em seu peito. O inesperado, o impensável, o inacreditável era verdade! As Bene Gesserit não eram powindah! Todo o universo ainda seguiria os Bene Tleilax na Verdadeira Fé. Deus não

permitiria outra coisa. Especialmente ali no planeta do Profeta!

23

A burocracia destrói a iniciativa. Não existe coisa alguma que os burocratas odeiem mais do que a inovação, especialmente a inovação que produz resultados melhores do que as velhas rotinas. Os aperfeiçoamentos sempre fazem com que aqueles que se situam no topo da pirâmide pareçam inaptos. Quem é que gosta de parecer inapto?

— Um guia para a Tentativa e o Erro nos Governos, Arquivos da Bene Gesserit

Os relatórios, os sumários e as pequenas evidências dispersas encontravam-se arrumados em filas na longa mesa diante da qual se sentava Taraza. Exceto pela vigília noturna e os serviços essenciais, o núcleo da Irmandade dormia em torno dela. Somente os sons familiares das atividades da manutenção penetravam em suas câmaras particulares. Dois globos luminosos flutuavam acima da mesa, banhando a superfície de madeira negra e os maços de papel riduliano com uma luz amarelada, A janela além da mesa era um espelho negro refletindo a sala.

“Arquivos!”

O holoprojetor tremulava em sua produção contínua de informações, funcionando acima do topo da mesa — mais fragmentos e pedacinhos de informação que Taraza havia pedido.

Taraza não confiava muito nas Arquivistas, o que reconhecia como sendo uma atitude ambivalente, pois percebia a necessidade das informações. Mas os Registros da Irmandade eram uma mistura de abreviaturas, notações especiais, acréscimos codificados e notas de rodapé. Um material desse tipo frequentemente requeria a tradução de um Mentat ou, o que era pior, em ocasiões de extrema fadiga, exigia que ela mergulhasse em suas Outras Memórias. Todas as Arquivistas eram Mentats, é claro, mas isso não tranquilizava Taraza. Nunca se podia consultar os Arquivos de maneira direta. E muito da interpretação que emergia de tal fonte tinha que ser aceita das palavras da pessoa que a trazia ou (o que era odioso) se tinha que confiar na busca mecânica do holossistema. Isso, por sua vez, exigia uma dependência em relação

àquelas que mantinham o sistema em operação. Dava a funcionárias mais poder do que ela gostaria de delegar.

"Dependências!"

Taraza odiava a dependência. Essa era uma admissão triste de ser feita, lembrando-lhe que poucas situações reais ocorriam exatamente da maneira como se imagina que deveriam ocorrer. Mesmo as melhores projeções Mentat acumulavam erros com o tempo.

E apesar disso cada movimento da Irmandade exigia a consulta aos Arquivos e análises aparentemente intermináveis. Mesmo o comércio rotineiro exigia isso. Era uma fonte contínua de irritação para Taraza. Devemos formar este grupo? Assinar este acordo?

Sempre havia aquele momento, durante uma conferência, em que ela era forçada a introduzir a nota decisória:

— Análise da Arquivista Hesterion aceita.

Ou, o que era mais frequente:

— Relatório da Arquivista rejeitado. Não é pertinente.

Taraza inclinou-se para diante a fim de estudar a holoprojeção:

— Possível plano de procriação para o Sujeito Waff.

Examinou os números, os planos genéticos obtidos de uma amostra celular fornecida por Odrade. Raspas de unhas raramente produziam material suficiente para uma análise segura, mas Odrade se saíra muito bem, aproveitando a desculpa de entalar os ossos quebrados do homem. Taraza sacudiu a cabeça diante dos dados. A prole seria exatamente como todas as outras que a Irmandade tinha conseguido dos Tleilaxu: as fêmeas seriam imunes à sondagem de memória, enquanto os machos, é claro, seriam um caos impenetrável e repelente.

Taraza recostou-se na poltrona e deixou escapar um suspiro. No que se referia aos registros de procriação, o monumental sistema de referência cruzada assumia proporções arrasadoras. Oficialmente era chamado de "Colégio de Pertinência Ancestral", ou CPA, na linguagem das Arquivistas. Entre as irmãs em geral, era conhecido como "Registro de Garanhões", o que, embora fosse uma denominação adequada, deixava de transmitir o senso de detalhes enumerado na denominação oficial dos Arquivos. Ela tinha pedido que as projeções de Waff fossem estendidas até 300 gerações, o que era uma tarefa rápida e fácil, sendo suficiente para todos os propósitos práticos. Trezentas linhagens genéticas principais (e, como no caso de Teg, com os irmãos e consanguíneos) tinham se mostrado dependentes dos milênios. O instinto dizia-lhe que seria perda de tempo desperdiçar mais horas com as projeções de Waff.

A fadiga dominava Taraza. Ela colocou a cabeça entre as mãos e repousou

por um momento sobre a mesa, sentindo o frio da madeira.

“E se eu estiver errada com relação a Rakis?”

Os argumentos da oposição não podiam ser esquecidos na poeira dos Arquivos. “Maldita dependência dos computadores!” A Irmandade mantivera suas linhagens principais registradas em computadores, mesmo nos Dias Proibidos, depois da louca destruição das “máquinas pensantes” pelo Jihad Butleriano. Nesses dias “mais esclarecidos”, não se costumava questionar os motivos inconscientes por trás daquela ancestral orgia de destruição.

“Algumas vezes tomamos decisões muito responsáveis por motivos inconscientes. Um exame consciente dos Arquivos e das Outras Memórias não traz qualquer garantia.”

Taraza liberou uma das mãos e com ela bateu no topo da mesa. Não gostava de lidar com Arquivistas que vinham cheias de respostas para suas perguntas. Era um grupo de gente desdenhosa, cheia de piadas secretas. Ela as tinha ouvido comparar seu trabalho de CPA com as análises de estoque de gado, os Formulários de Fazendas e da Direção de Corridas de Animais. Malditas piadas! A decisão certa era agora muito mais importante do que elas poderiam imaginar. Essas irmãs que só obedeciam ordens não tinham as responsabilidades de Taraza.

Ergueu a cabeça e olhou através da sala para o nicho que continha o busto da Irmã Chenoeh, aquela que conhecera o Tirano e tinha conversado com ele.

“Você sabia”, pensou Taraza. “Nunca chegou a ser uma Reverenda Madre e no entanto sabia. Seus relatórios mostram isso. Como tinha o conhecimento para tomar a decisão certa?”

O pedido de Odrade de ter assistência militar exigia uma resposta imediata. Os limites de tempo eram muito escassos. Mas com Teg, Lucilla e o ghola desaparecidos, o plano de contingência tinha que ser colocado em operação.

“Maldito Teg!”

Mais uma amostra de seu comportamento imprevisível. Ele não podia deixar o ghola em perigo, é claro. As ações de Schwangyu tinham sido previsíveis.

Que teria feito Teg? Escondera-se em Ysai ou alguma outra das grandes cidades de Gammu? Não. Se fosse esse o caso, Teg já teria enviado um relatório a essa altura, através de um dos contatos secretos que tinham preparado. Ele possuía uma lista completa desses contatos e os investigara pessoalmente.

Obviamente, Teg não confiava de todo nos contatos. Vira alguma coisa, durante sua viagem de inspeção, que não tinha transmitido a Bellonda.

Burzmali teria que ser chamado e instruído, é claro. Burzmali era o

melhor, treinado pelo próprio Teg, primeiro candidato a Supremo Bashar. Burzmali devia ser enviado a Gammu.

“Estou agindo em cima de um palpite”, pensou Taraza.

Mas se Teg se escondera, a trilha começava em Gammu e poderia terminar lá também. Sim, mandar Burzmali a Gammu. Rakis teria que esperar. Havia certos atrativos óbvios nesse movimento. Ele não alertaria a Corporação. Os Tleilaxu e aqueles outros da Dispersão, contudo, certamente se ergueriam diante dessa isca. Se Odrade fracassasse em pegar os Tleilaxu numa armadilha... não, Odrade não falharia. Aquele Tleilaxu tornara-se coisa certa.

O inesperado.

“Está vendo, Miles? Aprendi com você.”

Nada disso desviava a oposição dentro da Irmandade.

Taraza colocou ambas as mãos sobre a mesa e pressionou com força, como se tentasse sentir as pessoas dentro da Irmandade, aquelas que compartilhavam das opiniões de Schwangyu. A oposição vocal, aberta, tinha diminuído, mas isso sempre significava que a violência estava sendo preparada.

“Que devo fazer?”

Supunha-se que a Madre Superiora fosse imune à indecisão durante uma crise. Mas a conexão Tleilaxu desequilibrara seus dados. Algumas das recomendações que deviam ser feitas a Odrade pareciam óbvias e já tinham sido transmitidas. Essa parte do plano era plausível e simples.

Leve Waff para o deserto, para bem longe dos observadores indesejáveis. Produza uma situação extrema e a consequente experiência religiosa dentro daquele antigo e confiável padrão ditado pela Missionaria Protectiva. Teste se os Tleilaxu estão usando o processo ghola para obter seu próprio tipo de imortalidade. Odrade era perfeitamente capaz de realizar essa parte do plano revisto. Mas a coisa toda dependia muito dessa jovem, Sheeana.

“O verme é o desconhecido.”

Taraza lembrou-se de que os vermes atuais não eram os vermes originais de Rakis. A despeito do comando que Sheeana demonstrara ter sobre eles, eram imprevisíveis. Como diziam os Arquivos, eles não tinham registros. Taraza não duvidava de que Odrade tivesse feito uma dedução precisa a respeito dos Rakianos e suas danças. Isso era importante.

“Uma linguagem.”

“Mas nós ainda não a falamos.” Isso era negativo.

“Devo tomar uma decisão esta noite!”

Taraza fez sua consciência superficial mergulhar para trás, ao longo da linhagem continua das Madres Superioras, todas memórias femininas capturadas dentro da frágil consciência de si mesma e das duas outras — Bellonda e

Hesterion. Era uma trilha tortuosa através das Outras Memórias, a qual ela se sentia muito cansada para seguir agora. E bem no final da trilha estariam as observações do Muad'Dib, o bastardo Atreides que abalara o universo duas vezes — a primeira ao dominar o Império com suas hordas Fremen, a segunda ao gerar o Tirano.

"Se formos derrotadas desta vez, esse pode ser o nosso fim", pensou ela. "Poderíamos ser engolidas inteiras por essas mulheres infernais da Dispersão"

As alternativas se apresentavam: a menina em Rakis podia ser trazida para o núcleo da Irmandade, de modo a viver toda a sua vida em algum lugar no ponto final de vôo de uma não-nave. Uma retirada vergonhosa.

Tanta coisa dependia de Teg. Será que ele afinal tinha fracassado ante a Irmandade, ou teria encontrado um meio inesperado de esconder o ghola?

"Devo descobrir um meio de atrasar as coisas", pensou Taraza. "Devemos dar um pouco de tempo ao Teg, tempo para ele comunicar-se conosco. Odrade terá que atrasar o plano em Rakis."

Era perigoso, mas precisava ser feito.

Rigidamente, Taraza levantou-se da cadeira-cão e foi até a janela escurecida diante dela. O Planeta da Irmandade encontrava-se mergulhado na escuridão estrelada. Um refúgio: o Planeta da Irmandade. Tais planetas nem recebiam mais nomes, somente números em algum lugar dos Arquivos. Esse planeta tinha assistido a 1.400 anos de ocupação Bene Gesserit, mas até isso devia ser considerado temporário. Ela pensou nas não-naves guardiás orbitando acima: o próprio sistema profundo de defesa de Teg. E apesar de tudo isso a Irmandade permanecia vulnerável.

O problema tinha um nome: "descoberta acidental"

Era uma falha eterna. Lá fora, durante a Dispersão, a humanidade expandira-se exponencialmente, enxameando através de um espaço ilimitado. O Caminho Dourado do Tirano, seguro afinal. Será que estava? Certamente o verme Atreides planejara algo mais que a simples sobrevivência da espécie.

"Ele fez alguma coisa conosco que ainda nem entendemos, mesmo depois de todos esses milênios. Creio saber o que ele fez. Mas a oposição acha que não."

Nunca era fácil para uma Reverenda Madre contemplar a escravidão que tinham sofrido durante o governo de Leto II, enquanto ele lançava o seu Império através de 3.500 anos ao longo do Caminho Dourado.

"Nós hesitamos, trôpegas, quando relembramos esses tempos."

Vendo seu próprio reflexo no plaz escuro da janela, Taraza fez uma cara furiosa. Era um rosto sombrio, com a fadiga muito evidente.

"Tenho todo o direito de estar cansada e aborrecida!"

Sabia que seu treinamento canalizara seus pensamentos deliberadamente em direção a padrões negativos. Essas eram suas defesas e sua força. Ela permanecia distante de qualquer relacionamento humano, mesmo durante as seduções que fizera para as Madres Procriadoras. Taraza era a eterna advogada do diabo, e isso se tinha tornado uma força dominante por toda a Irmandade, consequência natural de sua ascensão ao posto de Madre Superiora. A oposição ganhava forças naturalmente em tal ambiente.

Como tinham dito os Sufis: “A podridão no núcleo sempre se propaga para fora.”

O que eles não diziam é que certas formas de podridão eram nobres e valiosas.

Ela se tranquilizava agora com suas informações mais confiáveis: a Dispersão tinha carregado as lições do Tirano nas migrações humanas para o exterior, mudando de modos desconhecidos, mas, em última análise, submissos ao reconhecimento. E no devido tempo seria encontrado um modo de anular a invisibilidade de uma não-nave. Taraza não acreditava que os povos da Dispersão tivessem descoberto isso pelo menos não aqueles que agora voltavam aos lugares de origem.

Não havia curso seguro através das forças conflitantes, mas Taraza achava que a Irmandade se armara do modo como podia. O problema era semelhante ao de um Navegador da Corporação conduzindo sua nave através das dobras do espaço de um modo que evitasse colisões e aprisionamentos.

Aprisionamentos, essa era a chave, e lá estava Odrade, armando as arapucas da Irmandade para pegar os Tleilaxu.

Quando Taraza pensava em Odrade, o que acontecia com frequência nessa época de crise, a longa ligação das duas se firmava. Era como se ela fitasse um tapete gasto onde apenas as imagens mais brilhantes permanecessem. E a mais brilhante de todas, assegurando a posição de Odrade perto dos assentos do comando da Irmandade, era sua capacidade de dispensar os detalhes e ir direto ao âmago de um conflito. Era uma forma daquela perigosa presciência dos Atreides agindo secretamente dentro dela. O uso desse talento oculto era uma das coisas que tinham levantado a maior oposição, e era o argumento que Taraza admitia ter a maior validade. Isso funcionava muito abaixo da superfície, seus movimentos ocultos revelados apenas por alguma turbulência ocasional. E esse era o problema!

— Usá-la, mas estar pronta para eliminá-la — argumentara Taraza.

— Ainda temos conosco a maior parte de sua prole.

Taraza sabia poder confiar em Lucilla. desde que Lucilla tivesse conseguido abrigo em algum lugar com Teg e o ghola. Havia outros assassinos

no Castelo de Rakis, é claro. Aquela arma talvez tivesse que ser armada logo.

Taraza experimentou uma súbita agitação dentro de si. As outras Memórias aconselharam-na a ter a máxima cautela. Não torne a perder o controle das linhas de procriação! Sim, se Odrade escapasse a uma tentativa de eliminação, estaria alienada para sempre. Odrade era uma Reverenda Madre plena e outras como ela ainda deviam estar lá no meio da Dispersão — não entre as Honradas Madres que a Irmandade havia observado... ainda assim...

"Nunca mais!" Isso se tornara um slogan operacional. Nunca mais outro Kwisatz Haderach ou outro Tirano.

Controle os reprodutores! Controle sua prole!

As Reverendas Madres não morrem quando morre sua carne. Elas afundam cada vez mais no núcleo vivo da Bene Gesserit, até que suas instruções casuais e mesmo suas observações inconscientes se tornam parte do todo da Irmandade.

"Não cometa enganos com Odrade!"

A resposta a Odrade exigia um planejamento minucioso e um cuidado extremo. Odrade, que se permitia ter certas afeições limitadas, "um calor moderado", como as definia, argumentava que as emoções produziam discernimentos valiosos, "desde que você se deixe governar por elas". Taraza via esse calor moderado" como um meio de penetrar no coração de Odrade, uma abertura vulnerável.

"Eu seio que você pensa de mim, Dar, com seu calor moderado voltado para uma antiga colega dos dias de escola. Você me julga um perigo potencial para a Irmandade, mas acha que posso ser salva de mim mesma por 'amigas' vigilantes."

Taraza sabia que algumas de suas assessoras compartilhavam da opinião de Odrade, ouvindo em silêncio e guardando seu próprio julgamento. A maioria ainda seguia a liderança da Madre Superiora, mas muitas conheciam o talento selvagem de Odrade e tinham reconhecido suas dúvidas. Somente uma coisa ainda mantinha a maioria das Irmãs alinhadas com Taraza, e ela não se iludia a esse respeito.

Cada Madre Superiora demonstrava uma profunda lealdade para com a Irmandade. Nada deveria colocar em risco a continuidade da Bene Gesserit, nem mesmo ela própria. Em seu modo duro e preciso de autojulgamento, Taraza examinou seu relacionamento com a existência contínua da Irmandade.

Obviamente não havia uma necessidade imediata de mandar eliminar Odrade. E no entanto Odrade estava agora tão próxima do centro dos motivos do projeto do ghola que pouca coisa que acontecesse em torno disso lhe escaparia à observação. Muito do que não lhe fora revelado se tornaria óbvio. O Manifesto

Atreides fora quase um jogo. Odrade, a pessoa óbvia para produzir o Manifesto, só podia ter alcançado uma percepção profunda enquanto escrevia o documento, mas as próprias palavras eram a barreira final a impedir a revelação.

Waff gostaria disso, sabia Taraza.

Voltando-se para se afastar da janela escurecida, Taraza retornou à sua cadeira-cão. O momento da decisão crucial — ir em frente ou não — podia ser adiado, mas os passos intermediários tinham que ser tomados. Ela preparou uma mensagem em sua mente e a examinou enquanto mandava convocar Burzmali. O aluno favorito do Bashar teria que ser posto em ação, mas não do modo como Odrade desejava.

A mensagem para Odrade era essencialmente simples:

“Ajuda esta a caminho. Você esta no local da ação, Dar. No que concerne à segurança da garota, Sheeana, use o seu próprio julgamento. Em todas as outras questões, onde não houver conflito com minhas ordens, siga o plano”

Aí estava. Era isso. Odrade já tinha as suas instruções, o essencial que ela aceitaria como “o plano”, mesmo que não reconhecesse o padrão completo. Odrade obedeceria. O “Dar” era um toque excelente, pensou Taraza. Dar e Tar. Aquela abertura na direção do “calor limitado” de Odrade não estaria bem guardada com relação ao Dar e Tar.

24

A longa mesa, à direita, está posta para um banquete de lebre do deserto assada em molho cepeda. Os outros pratos, seguindo no sentido dos ponteiros do relógio para a direita, desde a extremidade mais distante da mesa são: Aplomage siriana, chukka sob o vidro, café com melange (Note a crista do falcão Atreides na urna), pot-a-oie e dentro da garrafa de cristal Balut há o cintilante vinho Caladaniana Note o antigo detector de venenos escondido no candelabro.

— Dar-es-Balat, Descrição de uma Exibição do Museu.

Teg encontrou Duncan na pequena alcova que servia como sala de refeições dentro da reluzente cozinha do não-globo. Parando na passagem para a alcova, Teg observou cuidadosamente o Duncan: oito dias passados ali dentro e o rapaz parecia recuperado da ira peculiar que o dominara quando tinham entrado no tubo de acesso ao não-globo.

Eles tinham penetrado em uma caverna rasa, cheia dos odores de um urso nativo. As rochas no fundo da toca não eram rochas, embora pudessem ter enganado o exame mais sofisticado. Uma ligeira projeção nas rochas se moveria se a pessoa soubesse ou, casualmente, acertasse o código secreto. O movimento circular, ou de torção, abria toda a parede do fundo da caverna.

O tubo de acesso que se iluminava automaticamente assim que se fechava o portal atrás, fora decorado com grifos, o símbolo dos Harkonnen nas paredes e no teto. Teg pensou no jovem Patrin descobrindo esse lugar pela primeira vez ("O choque! A admiração! A emoção!") e, fazendo isso, deixou de observar a reação de Duncan até que um grunhido baixo se ergueu no espaço fechado.

Duncan estava parado grunhindo (quase gemendo), os punhos cerrados, os olhos fixos num grifo Harkonnen pintado ao longo da parede direita. O ódio e a confusão lutaram pelo domínio da expressão em seu rosto. Ele ergueu ambos os punhos e com eles golpeou a figura, fazendo sangrar as mãos.

— Malditos sejam nos poços mais profundos do inferno! — gritou ele.

Era uma praga curiosamente madura, saindo de boca tão jovem.

No instante em que acabou de pronunciar essas palavras, o jovem

mergulhou de novo em soluços e tremores descontrolados. Lucila colocou um braço em torno dele e lhe acariciou o pescoço de um modo tranquilizador, quase sensual, até que os tremores cessaram.

— Por que eu fiz aquilo? — ele sussurrou.

— Vai saber quando suas memórias originais forem restauradas — explicou ela.

— Os Harkonnen — sussurrou Duncan, e seu rosto ficou corado. Ergueu a face para Lucilla. — Por que os odeio tanto?

— Palavras não podem explicar isso — ela disse. — Você vai ter que esperar pelas memórias.

— Eu não quero memórias! — Olhou espantado para Teg e então disse: — Sim! Sim, eu as quero.

Depois, quando olhava para Teg na cozinha do não-globo, sua memória obviamente retornou àquele momento.

— Quando, Bashar?

— Logo.

Teg observou o aposento. Duncan estava sentado, sozinho, diante de uma mesa com sistema de limpeza automático, uma xícara de um líquido marrom diante dele. Teg reconheceu o cheiro: era um dos muitos produtos compostos de melange tirados dos vasos de nulentropia. Tais vasos continham um tesouro de comidas exóticas, roupas, armas e outros artefatos — um verdadeiro museu cujo valor não podia ser calculado. Havia uma fina camada de pó cobrindo todo o interior do globo, mas nenhuma deterioração atingira as coisas guardadas nos recipientes. Cada amostra de comida estava condimentada com melange. Não num nível que viciasse, desde que a pessoa não fosse gulosa, mas sempre perceptível. Até mesmo as frutas preservadas tinham sido pulverizadas com melange.

O líquido marrom na xícara de Duncan era uma das coisas que Lucilla tinha provado e considerado capaz de sustentar a vida. Teg não sabia precisamente como as Reverendas Madres faziam isso, mas sua própria mãe fora capaz de tal coisa. Um gole e elas sabiam o conteúdo da bebida toda.

Uma olhada no relógio decorado, colocado na parede da extremidade fechada da alcova, revelou a Teg que já era mais tarde do que ele pensava. A terceira hora de um arbitrário cair da tarde. Duncan devia estar lá em cima, na sofisticada sala de prática de solo, mas ambos tinham visto Lucila subir para a parte superior do globo, e para Teg essa era uma oportunidade de conversarem a sós.

Ele puxou uma cadeira e se sentou no lado oposto da mesa.

Duncan disse:

— Eu odeio esse relógio!

— Você odeia tudo aqui — retrucou Teg, dando uma segunda olhada no relógio. Era outra antiguidade, um mostrador redondo com dois ponteiros análogos e um contador de segundos digital. Os dois ponteiros tinham sido esculpidos com formas humanas, de modo a representarem uma piada debochada: o dos minutos era um homem com um falo enorme, enquanto o das horas era uma mulher com as pernas abertas. Cada vez que os dois ponteiros passavam um sobre o outro, o homem parecia penetrar a mulher.

— Grosseiro — concordou Teg. Apontou para a bebida de Duncan e perguntou: — Que tal?

— Tudo bem, senhor. Lucilla diz que devo beber isto depois dos exercícios.

— Minha mãe costumava preparar-me uma bebida semelhante depois de exercícios físicos pesados — disse Teg.

Inclinou-se para a frente e inalou, lembrando o gosto que ficava na língua após um gole, o perfume penetrante de melange nas narinas.

— Senhor, quanto tempo devemos permanecer aqui? — perguntou Duncan.

— Até sermos encontrados pelas pessoas certas, ou até termos a certeza de não sermos encontrados.

— Mas... isolados aqui, como vamos saber?

— Quando eu julgar que é hora, vou pegar o cobertor do escudo vital e passar a montar guarda do lado de fora.

— Eu odeio este lugar!

— Isso é óbvio. Mas você não aprendeu nada sobre a paciência?

Duncan fez uma careta.

— Senhor, por que evita que eu fique sozinho com Lucilla?

Teg, que exalava o ai; interrompeu-se e então começou a respirar de novo. Sabia, entretanto, que o rapaz tinha reparado. E se Duncan sabia, Lucilla então mais ainda!

— Não creio que Lucilla perceba o que está fazendo, senhor — explicou o rapaz. — Mas está ficando bem óbvio. — Olhou em volta para se certificar de que não eram ouvidos. — Se este lugar não lhe absorvesse tanto a atenção... Para onde ela correu daquele jeito?

— Acho que ela está lá em cima, na biblioteca.

— Biblioteca!

— Concordo que é primitiva, mas também é fascinante.

Teg ergueu os olhos para os arabescos no teto da cozinha. O momento da decisão tinha chegado. Não podia confiar em que Lucilla ficasse distraída por

muito mais tempo. Teg compartilhava do fascínio que ela sentia. Era fácil alguém perder a atenção em meio a tantas maravilhas. Todo o complexo do não-globo, com uns 200 metros de diâmetro, era um fóssil preservado intacto desde os tempos do Tirano.

Quando falava a esse respeito, a voz de Lucilla assumia um tom rouco, sussurrante.

— Certamente o Tirano devia saber da existência deste lugar.

A consciência Mentat de Teg mergulhara imediatamente nessa afirmação: “Por que o Tirano permitiu que a Família Harkonnen desperdiçasse tanto de sua riqueza remanescente na construção de tal empreendimento?”

“Talvez por isso mesmo — para empobrecê-la.”

O custo em subornos e no transporte da Corporação desde as fábricas Ixianas devia ter sido astronômico.

— Será que o Tirano sabia que um dia íamos precisar deste lugar? — perguntou Lucilla.

Teg concordou. Afinal, sempre se demonstrara não haver meios de escapar aos poderes prescientes de Leto II.

Olhando para Duncan sentado diante dele, Teg sentiu os pêlos da nuca se eriçarem. Havia alguma coisa sinistra nesse refúgio Harkonnen, como se o próprio Tirano pudesse ter estado ali. Que será que tinha acontecido com os Harkonnen que haviam construído esse lugar? Teg e Lucilla não tinha encontrado nenhum vestígio que indicasse o modo como o não-globo terminara abandonado.

E nenhum dos dois podia caminhar pelo lugar sem experimentar uma sensação aguda de estar participando da história. Teg era frequentemente confrontado com perguntas sem resposta.

Lucilla também comentou isso.

— Para onde será que eles foram? Não existe ninguém em minhas Outras Memórias que me dê essa resposta.

— Será que o Tirano os atraiu para fora e os matou?

— Vou voltar para a biblioteca. Talvez hoje eu encontre alguma coisa.

Nos dois primeiros dias de sua ocupação, o não-globo fora objeto de um minucioso exame da parte de Teg e Lucilla. Um Duncan silencioso e carrancudo seguia-os por toda parte, como se tivesse medo de ficar sozinho. E cada nova descoberta os deixava cheios de admiração, ou então chocados.

Vinte e um esqueletos tinham sido preservados, emparedados no plaz transparente de uma parede perto do núcleo! Observadores macabros de qualquer um que passasse por lá a caminho das câmaras de máquinas e dos vasos de nulentropia.

Patrin advertira Teg quanto aos esqueletos. Em uma de suas primeiras incursões ao globo, quando era jovem, Patrin encontrara registros que revelavam que os mortos eram os artesãos construtores do lugar, assassinados pelos Harkonnen de modo a que o segredo fosse mantido.

Em si mesmo, o globo era uma extraordinária realização, um lugar fora do alcance do Tempo, isolado de toda a influência exterior. Depois de todos esses milênios, suas máquinas sem atrito criavam uma projeção mimética que mesmo os instrumentos mais modernos não poderiam localizar contra o fundo de terra e rocha.

— A Irmandade deve adquirir este lugar intacto! — dizia Lucilla seguidamente. — E uma casa de tesouro! Eles até mantinham os registros de procriação de sua família.

Não fora só isso que os Harkonnen tinham preservado ali. Teg continuava sentindo repulsa pelos sutis toques de grosseria em quase tudo que existia no globo. Como aquele relógio! Roupas, instrumentos para a manutenção do ambiente, para a educação ou prazer — tudo fora marcado com aquela compulsão dos Harkonnen para exibir seu debochado sentimento de superioridade em relação a todas as pessoas e padrões de bom gosto.

Uma vez mais, Teg pensou em Patrin quando ainda jovem, dentro desse lugar, talvez ainda rapaz como esse ghola. Que teria levado Patrin a guardar segredo, até mesmo de sua esposa, durante tantos anos? Patrin nunca revelara as suas razões, mas Teg tinha feito suas próprias deduções. Uma infância infeliz. A necessidade de ter um lugar secreto, um refúgio. Amigos que não eram realmente amigos, apenas pessoas esperando para zombar dele. Nenhum desses companheiros teria permissão para compartilhar de semelhante maravilha. Era sua! Esse era mais que um lugar de solitária segurança. Fora o símbolo particular de vitória para Patrin.

“Passei muitas horas felizes ali, Bashar. Tudo ainda funciona. Os registros são antigos, mas excelentes, desde que você entenda os dialetos. Existe muito conhecimento guardado naquele lugar. Mas vai entender quando chegar lá. Vai entender muitas coisas que nunca lhe contei.”

O antigo salão de prática de solo mostrava sinais de uso frequente por Patrin. Ele tinha modificado o código de armamento de alguns dos autômatos num modo que Teg reconhecia. Os contadores de tempo revelavam muitas horas de tortura muscular em exercícios complicados. Esse globo explicava aquelas habilidades que Teg sempre considerara extraordinárias em Patrin. Os talentos naturais tinham sido aperfeiçoados nesse lugar.

Os autômatos do não-globo eram outra questão interessante. A maioria deles representara um desafio às prescrições contra tais engenhos. Mais do que

isso, alguns tinham sido projetados para funções de prazer que confirmavam as histórias mais revoltantes que Teg tinha ouvido com relação aos Harkonnen. Dor como fonte de prazer! A seu próprio modo, essas coisas explicavam a moralidade inflexível que Patrin levara de Gammu.

A aversão criava Seus próprios padrões de comportamento.

Duncan engoliu um grande gole de sua bebida e olhou para Teg por cima da borda da xícara.

— Por que veio para cá sozinho quando lhe pedi que completasse uma última sessão de exercícios? — perguntou Teg.

— Os exercícios não faziam sentido. Duncan afastou a xícara.

“Bem, Taraza, você estava errada”, pensou Teg. “Ele partiu para uma atitude de total independência antes do previsto.”

E o Duncan também parara de se dirigir a ele como “senhor”.

— Você me desobedeceu?

— Não exatamente.

— Então, exatamente o que está fazendo?

— Eu preciso saber.

— Não vai gostar muito de mim quando souber.

Duncan olhou espantado.

— Senhor?

“Ah, o ‘senhor’ está de volta.”

— Tenho preparado você para certos tipos de dores muito intensas. — explicou Teg. — Elas serão necessárias antes que possamos restaurar-lhe todas as memórias iniciais.

— Dor, senhor?

— Não conhecemos outro modo de trazer de volta o Duncan Idaho original, aquele que morreu.

— Senhor, se puder fazer isso, só lhe serei grato.

— E o que você diz. Mas pode passar a me ver apenas como mais um açoite nas mãos daqueles que o trouxeram de novo à vida.

— Não é melhor saber, senhor?

Teg passou o dorso de uma das mãos sobre a boca.

— Se vier a me odiar... não poderei culpá-lo.

— Senhor, se estivesse no meu lugar, será que ia sentir-se assim?

A postura de Duncan, seu tom de voz, até a expressão facial, demonstravam uma trêmula indecisão.

“Até agora tudo bem” , pensou Teg. As várias etapas do procedimento encontravam-se determinadas com uma precisão que exigia que cada resposta do ghola fosse interpretada com cuidado. Duncan estava agora cheio de incerteza.

Queria uma coisa que ao mesmo tempo temia.

— Sou apenas o seu mestre, não o seu pai — disse Teg.

Duncan recuou ante o tom duro.

— Não é meu amigo?

— Esta é uma estrada de mão dupla. O Duncan Idaho original terá que responder essa pergunta por si mesmo.

Uma aparência embaçada surgiu nos olhos de Duncan:

— Vou me lembrar deste lugar? Do Castelo, de Schwangyu e...

— De tudo. Você passará por uma espécie de memória de visão dupla durante um certo tempo, mas se lembrará de tudo.

Uma expressão cínica surgiu no rosto do jovem e, quando ele falou, foi com amargura.

— Assim nós nos tornaremos camaradas?

Com toda a presença autoritária de um Bashar em sua voz, Teg continuou seguindo com precisão as instruções do procedimento para o despertar.

— Não me sinto particularmente interessado em me tornar seu camarada. — Fixou um olhar observador na expressão de Duncan. — Você pode tornar-se um Bashar algum dia. Acho até que você tem as qualidades necessárias. Mas quando isso acontecer eu estarei morto há muito tempo.

— Seus únicos camaradas são Bashars?

— Patrin era meu amigo e ele nunca passou do posto de líder de esquadrão.

Duncan olhou para sua xícara vazia e então para Teg.

— Por que não pede alguma coisa para beber? Também se exercitou duramente lá em cima.

“Uma pergunta perceptiva.” Não se devia subestimar esse jovem. Ele sabia que partilhar do alimento era um dos mais antigos rituais de companheirismo.

— O cheiro de sua bebida foi o bastante para mim — respondeu Teg.

Velhas memórias. Não preciso delas agora.

— Então por que desceu até aqui?

Revelados na voz do jovem, havia esperança e medo. Ele queria que Teg dissesse alguma coisa em especial.

— Queria avaliar cuidadosamente até onde aqueles exercícios o levaram — disse Teg. — Precisava vir até aqui e observá-lo.

— Por que tinha de ser tão cuidadoso?

“Esperança e medo.” Era hora de uma mudança de foco precisa.

— Nunca treinei um ghola antes.

“Ghola.” A palavra ficou suspensa entre eles, flutuando nos cheiros da

cozinha que os filtros do globo ainda não tinham varrido do ar.

“Ghola!” Uma palavra entremeada do cheiro de especiaria que restara na xícara vazia de Duncan.

Duncan inclinou-se para diante sem falar, uma expressão ávida no rosto. Uma observação de Lucilla chegou à mente de Teg: “Ele sabe como usar o silêncio”

Quando se tornou óbvio que Teg não ampliaria aquela declaração, Duncan recostou-se na cadeira com uma expressão desapontada. O canto esquerdo de sua boca curvou-se para baixo e ele assumiu uma expressão carrancuda, pensativa. Toda a sua mente estava focalizada no interior, como deveria ser.

— Você não desceu até aqui para ficar sozinho — disse Teg. — Veio aqui para se esconder. Ainda está se escondendo aí e acha que ninguém vai encontrá-lo.

Duncan colocou uma das mãos diante da boca. Era um gesto significativo pelo qual Teg estivera esperando. As instruções para esse m~ mento eram muito claras: “O ghola deseja que suas memórias originais sejam despertadas, mas teme o que isso pode implicar. Essa é a maior barreira que você deve superar”

— Tire a mão da boca! — ordenou Teg.

Duncan deixou cair a mão como se ela tivesse sido queimada. Olhou para Teg como um animal aprisionado.

“Fale a verdade”, advertiam as instruções de Teg. “Nesse momento, com cada um de seus sentidos em fogo, o ghola enxergará dentro do seu coração”

— Desejo que saiba — continuou Teg — aquilo que a Irmandade me ordenou que fizesse com você. Isto me é desagradável.

Duncan pareceu agachar-se dentro de si mesmo.

— Que foi que eles lhe ordenaram que fizesse?

— As habilidades que me ordenaram que lhe desse contêm falhas.

— Falhas?

— Parte delas resume-se ao treinamento abrangente, a parte intelectual. Nesse aspecto você foi erguido até o nível de um comandante de regimento.

— Melhor que Patrin?

— Por que deve ser melhor que Patrin?

— Ele não era seu amigo? Sim.

— Disse que ele nunca subiu acima do posto de líder de pelotão!

Patrin era inteiramente capaz de assumir o comando de toda uma força multiplanetária. Era um mago das táticas cuja sabedoria eu empreguei em muitas ocasiões.

— Mas disse que ele nunca. .

— Foi uma escolha dele. O posto baixo dava-lhe aquela aparência comum

que ambos usamos muitas vezes.

— Comandante de regimento?

A voz de Duncan era pouco mais que um sussurro. Ele olhou para o topo da mesa.

— Você tem uma compreensão intelectual das funções envolvidas, é um pouco impetuoso, mas a experiência geralmente dá conta disso. Suas habilidades com as armas são superiores às de uma pessoa de sua idade.

Ainda sem olhar Irara Teg, Duncan perguntou:

— Qual é minha idade... senhor?

Exatamente como as instruções advertiam: "O ghola irá flutuar em torno de uma questão central: 'Qual é minha idade?' Qual a idade de um ghola?"

Com a voz friamente acusadora, Teg disse:

— Se quer saber sua idade como ghola, por que não pergunta isso?

— Qual... qual é essa idade, senhor?

Havia o peso de tanto sofrimento na voz daquele jovem que Teg sentiu lágrimas começarem a se formar nos cantos de seus olhos. Fora sido advertido a esse respeito também. "Não demonstre muita compaixão!" Teg disfarçou pigarreando. Depois disse:

— Essa é uma pergunta que só você pode responder.

As instruções eram claras: "Devolva as perguntas dele! Mantenha a mente dele voltada para o interior. A dor emocional é tão importante nesse processo quanto a dor física"

Um suspiro profundo fez Duncan estremecer. Ele fechou os olhos, comprimindo as pálpebras. Quando Teg se sentara diante dele naquela mesa, tinha pensado imediatamente: "Será este o momento? Será que ele vai fazer agora?" Mas o tom acusador de Teg, seus ataques verbais tinham sido totalmente inesperados. E agora Teg parecia condescendente.

"Ele está fazendo pouco de mim!"

Uma raiva cínica tomou conta de Duncan. Será que Teg o julgava tão bobo a ponto de ser enrolado pelo truque mais comum a um comandante? "Apenas o tom de voz e a atitude podem dominar a vontade do outro." Duncan sentia outra coisa na atitude condescendente — algo como um âmago de plasteel que não poderia ser penetrado. Integridade... propósito. E Duncan tinha percebido as lágrimas quase brotando, o gesto para disfarçar.

Abrindo os olhos e olhando diretamente para Teg, ele disse:

— Não quero parecer rude, desrespeitoso ou ingrato, senhor, mas não posso ir em frente sem essas respostas.

As instruções de Teg eram explícitas: "Você perceberá quando o ghola atingir o ponto de desespero. Nenhum ghola tenta esconder isso, é intrínseco à

psique deles. Vai reconhecer pela voz e pela postura.”

Duncan já tinha chegado quase ao ponto critico. Agora o silêncio de Teg era importante. Force o Duncan a fazer suas perguntas, a seguir seu próprio caminho.

Ele disse:

— Sabe que uma vez eu pensei em matar Schwangyu?

Teg abriu a boca e a fechou sem emitir qualquer som. “Silêncio!” Mas o rapaz falava sério!

— Eu tinha medo dela — continuou ele. — Não gosto de sentir medo. — Ele abaixou a cabeça. — Uma vez o senhor me disse que só odiamos aquilo que é realmente perigoso.

“Ele vai aproximar-se e recuar, aproximar-se e recuar. Espere até que ele mergulhe.”

Eu não ô odeio — disse Duncan, olhando para Teg uma vez mais.

Fiquei sentido quando disse ghola na minha cara. Mas Lucilla está certa: nunca devemos ressentir-nos da verdade, mesmo quando ela fere.

Teg esfregou os lábios. O desejo de falar era muito forte, mas ainda não estava na hora do mergulho.

— O fato de eu ter pensado em matar Schwangyu não o surpreende?

Teg manteve-se rígido. Mesmo que sacudisse a cabeça, isso seria tomado como resposta.

— Pensei em deixar cair alguma coisa na bebida dela, mas essa seria uma forma covarde e eu não sou covarde. Seja eu o que for, isso não sou.

Teg continuou silencioso e imóvel.

— Acho que se importa realmente com o que me acontecer, Bashar. Mas tem razão quando diz que nunca seremos camaradas. Se eu sobreviver, vou superá-lo. Então... será tarde demais para sermos camaradas. Falou a verdade.

Teg foi incapaz de evitar a reação Mentat de respirar fundo: não havia como evitar os sinais de força desse ghola. Em algum momento recente, talvez ali mesmo naquela alcova, o jovem deixara de ser jovem e se tornara um homem. A percepção desse detalhe entristeceu Teg. Fora tudo tão rápido! Não houvera um crescimento normal, intermediário.

— Lucilla não se importa com o que aconteça comigo, do modo como faz — continuou Duncan. — Ela apenas segue as ordens que recebeu da Madre Superiora Taraza.

“Ainda não!” Teg acautelou-se. Umedeceu os lábios com a língua. O senhor tem obstruído as ordens que Lucilla recebeu — continuou Duncan. — Que é que ela devia fazer comigo?

O momento chegara.

— Que acha que lhe ordenaram fazer? — perguntou Teg.

— Não sei!

— O Duncan Idaho original saberia.

— Você sabe! Por que não me diz?

— Só devo ajudá-lo a restaurar suas memórias originais.

— Então faça isso!

— Só você pode fazer isso.

— Não sei como!

Teg inclinou-se para a frente, colocando-se na beira de sua cadeira, mas não disse coisa alguma. “Ponto de mergulho?” Ele sentia a falta de alguma coisa no desespero de Duncan.

— Sabe que posso ler nos lábios, senhor — disse o ghola. — Uma vez subi na torre-observatório e observei Lucilla e Schwangyu lá embaixo, conversando. Schwangyu dizia: “Não se importe por ele ser tão jovem. Você recebeu suas ordens.”

Mais uma vez, mantendo um silêncio cauteloso, Teg olhou para Duncan. Era típico dele mover-se secretamente pelo Castelo, espionando, buscando reunir conhecimentos. E ele se colocara naquela posição pensativa de novo, sem perceber que continuava espionando e buscando respostas... de um modo diferente.

— Não creio que quisessem que ela me matasse — acrescentou ele. Mas o senhor sabe o que ela deveria fazer porque tem estado a impedi-la. — Duncan bateu com um punho em cima da mesa. — Responda-me, maldito!

“Ahh, o desespero completo, afinal.”

— Só posso dizer-lhe que aquilo que ela planeja entra em conflito com minhas ordens. Recebi ordens de Taraza para lhe dar forças e protegê-lo de qualquer dano.

— Mas disse que meu treinamento foi... falho!

— Algo necessário. Ele foi concebido no sentido de prepará-lo para suas memórias originais.

E que esperam que eu faça?

— Você já sabe.

— Não, não sei. Por favor; ensine-me!

— Você fez muitas coisas sem precisar que o ensinassem a fazê-las. Será que lhe ensinamos a desobediência?

— Por favor, ajude-me!

O pedido era um gemido desesperado.

Teg forçou-se a manter um gélido distanciamento.

— Que diabos você pensa que estou fazendo?

Duncan comprimiu os punhos e com eles golpeou a mesa, fazendo a xícara pular. Olhou furioso para Teg. De repente, uma expressão curiosa surgiu no rosto do rapaz — uma coisa indagadora em seus olhos.

— Quem é você? — sussurrou.

"A pergunta-chave!"

A voz de Teg foi como um chicote atingindo subitamente uma vítima indefesa:

— Quem você pensa que sou?

Uma expressão de total desespero contorceu as feições de Duncan, que só conseguiu balbuciar:

— O senhor é... o senhor é...

— Duncan! Pare com essa tolice!

Teg ficou de pé e olhou para ele com uma raiva fingida.

— O senhor é...

A mão direita de Teg disparou num arco rapidíssimo, a palma aberta estalando na face do rapaz.

— Como se atreve a me desobedecer? — Outro tapa com a mão esquerda. — Como se atreve?

Duncan reagiu tão rapidamente que Teg experimentou um instante eletrizante de choque absoluto. "Que velocidade!" Embora fossem movimentos isolados ocorreram num único borrão indistinto: um salto para cima, apoiando os pés na cadeira, balançando a cadeira e usando esse movimento para golpear com o braço direito na direção dos nervos vulneráveis do ombro de Teg.

Respondendo com seus instintos treinados, Teg esquivou-se de lado e lançou a perna esquerda sobre a mesa, visando a virilha de Duncan. Mesmo assim Teg não escapou totalmente do golpe, O lado da mão do rapaz continuou o golpe para baixo, atingindo de lado o joelho da perna que Teg usara para golpear. Isso deixou-lhe a perna inteira dormente.

Duncan caiu esparramado em cima da mesa, tentando esquivar-se para o lado, apesar do pontapé paralisante que tinha recebido. Teg apoiou-se com a mão esquerda na mesa e, com a outra mão, deu uma cutelada na base da espinha de Duncan, no nexus deliberadamente enfraquecido pelos exercícios dos últimos dias.

Duncan gemeu enquanto uma agonia paralisante lhe dominava o corpo. Outra pessoa teria ficado imobilizada, gritando, mas Duncan apenas gemeu enquanto rastejava em direção a Teg para continuar seu ataque,

Implacável diante das necessidades daquele momento, Teg continuou em sua tarefa de criar a maior dor possível para sua vitima, certificando-se de que o rapaz visse e face de seu atacante em cada instante de agonia extrema.

Vigie os olhos dele! — advertira Bellonda. E, reforçando as instruções, ela dissera: — Seus olhos vão parecer enxergar através de você, mas ele vai chamá-lo de Leto.

Mais tarde Teg achou difícil lembrar cada detalhe de sua obediência ao processo de despertar. Sabia que tinha continuado a agir como fora ordenado, mas suas memórias se foram para outro lugar, deixando a carne livre para fazer o que era preciso. Curiosamente, esse truque mental fixou-se em outro ato de desobediência: a Revolta de Cerbol, quando Teg estava na meia-idade mas já era um Bashar de considerável reputação. Ele tinha vestido seu melhor uniforme, sem as medalhas (toque sutil), e se apresentara ante o calor escaldante dos campos arados pela batalha em Cerbol. Completamente desarmado no caminho do avanço rebelde.

Muitos dos atacantes deviam-lhe suas vidas. A maioria lhe emprestara a lealdade mais profunda em outras ocasiões. Agora se encontravam tomados da mais violenta desobediência. E a presença de Teg em seu caminho dizia o seguinte àqueles soldados que avançavam:

"Eu não estou usando as medalhas que revelam o que fiz por vocês quando fomos camaradas. Não uso nada que diga que sou um de vocês. Só o uniforme que revela ainda ser o Bashar. Matem-me, se chegaram a esse ponto em sua desobediência."

Quando a maior parte da força atacante jogou as armas no chão e veio ao encontro dele, alguns comandantes ajoelharam-se para demonstrar respeito ante o velho Bashar, e ele os censurou:

— Não precisam curvar-se ou se ajoelhar diante de mim! Seus novos lideres lhes ensinaram maus hábitos.

Mais tarde ele contou aos rebeldes que compartilhava com eles algumas de suas queixas. Cerbol tinha sido muito prejudicado. Mas também os advertiu:

Uma das coisas mais perigosas no universo é um povo ignorante que sofre injustiças reais. Mais isso não é nem de longe tão perigoso quanto uma sociedade de gente inteligente e bem-informada que tenha sido injustiçada. O dano que uma inteligência vingativa pode realizar é algo que vocês nem podem imaginar. O Tirano pareceria uma figura paternal, benevolente, diante daquilo que estiveram a ponto de criar!

Era tudo verdadeiro, é claro, mas no contexto da Bene Gesserit esses pensamentos ajudavam muito pouco diante daquilo que lhe haviam ordenado que fizessem com o ghola Duncan Idaho — criar a agonia física e mental numa vítima quase indefesa.

Era mais fácil lembrar o olhar de Duncan. Os olhos dele não perderam o foco, olhando cheios de ódio para o rosto de Teg, mesmo no instante do grito

final:

— Maldito seja, Leto! Que você está fazendo?

“Ele me chamou de Leto.”

Trêmulo, Teg recuou, dois passos. Sua perna esquerda doía e formigava no ponto onde Duncan o tinha golpeado. Teg percebeu então que estava ofegante, no fim de suas reservas de resistência física. Era muito velho para um esforço dessa natureza, e a coisa toda o deixara sentindo-se imundo. O processo de despertar estava completamente fixo em sua consciência, todavia. Sabia que em outra época os gholas tinham sido acordados através de um condicionamento que os levava a, inconscientemente, tentar matar alguém a quem amavam. A psique do ghola, despedaçada e forçada a se recompor, ficava sempre danificada com um trauma. Essa nova técnica deixava as cicatrizes na pessoa que dirigia o processo.

Lentamente, movendo-se contra a vontade de músculos e nervos entorpecidos pela agonia, Duncan escorregou para trás, saindo de cima da mesa e se apoiando de encontro à cadeira onde estivera sentado. Trêmulo, olhava para Teg.

As instruções de Teg diziam: “Você deve ficar muito quieto. Não se mova. Deixe que ele o observe à vontade.”

E Teg ficou imóvel como lhe mandaram. A memória da Revolta do Cerbol deixou sua mente: sabia o que tinha feito agora e naquela ocasião. De certo modo, as duas situações eram semelhantes. Não tinha revelado aos rebeldes nenhuma verdade derradeira (se é que tal coisa existia), somente o suficiente para os atrair de volta ao sistema. A dor e suas consequências previsíveis: “Isto é para o seu próprio bem.”

Seria realmente para o bem o que tinham feito com esse ghola Duncan Idaho?

Teg perguntava-se o que estaria acontecendo na consciência de Duncan naquele momento. Tinham lhe contado tudo que se sabia sobre esses momentos, mas podia ver que as palavras eram inadequadas para descrever o que acontecia. A face e os olhos do rapaz forneciam amostras mais que evidentes de uma violenta confusão mental — horríveis contorções da boca e da face, olhos desviando-se para lá e para cá.

De um modo estranho por sua lentidão, o rosto de Duncan relaxou. O corpo continuou a tremer. Ele sentia a dor pulsante em seu corpo como uma coisa distante, como dores lancinantes que tinham sido infligidas e outra pessoa, não a ele. Estava ali, entretanto, nesse momento imediato — onde quer e quando quer que fosse. Mas suas memórias não se encaixavam. Sentia-se subitamente deslocado, habitando um corpo muito jovem que não se enquadrava em sua

existência pré-ghola. A consciência que saltava de um lugar para outro permanecia subjetiva agora. Não havia mais indícios externos do que ocorria em sua mente.

Os instrutores de Teg tinham-lhe explicado:

— Ele terá filtros do tipo que é imposto aos gholas sobre suas memórias anteriores. Algumas delas fluirão de volta imediatamente. Outras vão retornar com mais lentidão. Não haverá enquadramento, contudo, até que ele se lembre do momento de sua morte original.

Bellonda fornecera a Teg os detalhes conhecidos a respeito desse instante fatal.

— Sardaukar — sussurrou o Duncan. Ele olhou à sua volta para os símbolos Harkonnen que permeavam o não-globo. — As tropas de choque do Imperador usando uniformes dos Harkonnen! — Um sorriso malévolo contorceu-lhe a boca. — Como eles devem ter odiado aquilo!

Teg continuou quieto, vigilante.

— Eles me mataram — disse o rapaz. Era uma declaração totalmente destituída de emoção, ainda mais arrepiante por sua aceitação positiva. Um tremor violento passou por seu corpo, depois todos os tremores cessaram. — Havia pelo menos uma dúzia deles naquela salinha.

— Olhou diretamente para Teg e continuou: — Um deles me pegou, atingindo-me na cabeça com algo como um machado de cortar carne.

— Hesitou, a garganta movendo-se convulsivamente. O olhar permanecia em Teg. — Consegui dar a Paul tempo suficiente para escapar?

“Responda todas as perguntas dele com sinceridade.”

— Ele escapou.

Agora vinha o momento de teste. Onde é que os Tleilaxu teriam adquirido as células de Idaho? Os testes da Irmandade diziam que elas eram originais, mas as suspeitas permaneciam. Os Tleilaxu tinham feito alguma coisa com esse ghola. Suas memórias poderiam dar uma pista valiosa do que fora feito.

— Mas os Harkonnen... Duncan interrompeu-se. As memórias do tempo passado no Castelo voltavam agora. — Oh, sim. Oh, sim! — Uma gargalhada feroz estremeceu-lhe o corpo. Duncan lançou um violento grito de vitória contra o Barão Vladimir Harkonnen, morto há milênios: — Eu lhe dei o troco, Barão! Ah, como eu vinguei todos aqueles que destruiu!

— Você se lembra do Castelo e das coisas que lhe ensinamos? perguntou Teg.

Uma expressão intrigada franziu a testa de Duncan. A dor emocional entrou em choque com as dores físicas. Ele assentiu com a cabeça em resposta à pergunta de Teg. Havia duas vidas, uma que fora isolada além dos tanques axlotl

e outra... outra... Duncan sentia-se incompleto. Alguma coisa permanecia reprimida dentro dele. O despertar ainda não terminara. Olhou furioso para Teg. Haveria mais? Teg tinha sido tão brutal. Brutalidade necessária? Era desse modo que se restaurava um ghola?

— Eu...

Duncan sacudiu a cabeça de um lado para o outro, como um grande animal ferido diante de seu caçador.

— Você conserva todas as suas memórias? — insistiu Teg.

— Todas? Oh, sim. Eu me lembro de Gammu quando ainda era Giedi Prime, o buraco infernal, encharcado de sangue e óleo, que pertencia ao Império! Sim, de fato, Bashar. Fui seu aluno, um aluno muito consciente de seus deveres. Comandante de Regimento!

Novamente ele riu, lançando a cabeça para trás num gesto curiosamente adulto para um corpo tão jovem.

Teg experimentou a súbita liberação de uma satisfação profunda, mais profunda que o alívio. Tinha funcionado como lhe haviam dito que iria funcionar.

— Você me odeia? — perguntou ele.

— Odiá-lo? Não lhe disse que lhe seria grato?

De repente Duncan ergueu as mãos e olhou para elas. Voltou sua atenção para o corpo jovem.

— Que tentação! — murmurou. Deixou cair as mãos e observou o rosto de Teg, buscando os traços de identidade. — Atreides — comentou. — Vocês são todos tão parecidos!

— Nem todos — disse Teg.

— Não estou falando de aparência física, Bashar. — Os olhos dele se desfocaram. — Perguntei minha idade. — Houve um longo silêncio e então: — Deuses das profundezas! Tanto tempo se passou!

Teg disse aquilo que lhe tinham instruído a dizer:

— A Irmandade precisa de você.

— Neste corpo imaturo? E que querem que eu faça?

— Na verdade não sei, Duncan. O corpo vai amadurecer e presumo que uma Reverenda Madre lhe explicará tudo.

— Lucilla?

De súbito, Duncan olhou para o teto decorado, então para a alcova e o relógio barroco. Lembrava-se de ter chegado ali em companhia de Teg e Lucilla. O lugar era o mesmo, mas de algum modo se tornara diferente.

— Os Harkonnen — sussurrou. Lançou um olhar zangado na direção de Teg. — Tem idéia de quantas pessoas da minha família os Harkonnen torturaram

e mataram?

— Uma das arquivistas de Taraza forneceu-me um relatório.

— Relatório? E pensa que palavras podem transmitir o sentimento de uma coisa dessas?

— Não, mas era a única resposta que eu tinha para a sua pergunta.

— Maldição, Bashar! Por que vocês Atreides precisam ser sempre tão honestos e honrados?

— Creio que é alguma coisa que foi gerada em nós.

— Isso é verdade.

A voz de Lucilla os surpreendeu, vinda de um ponto atrás de Teg.

Teg não se voltou. Quanto será que ela tinha ouvido da conversa? Há quanto tempo estaria escutando?

Lucila veio posicionar-se ao lado de Teg, mas sua atenção concentrava-se no Duncan.

— Percebo que você conseguiu, Miles.

— As ordens de Taraza foram cumpridas à risca — disse Teg.

— Você foi muito hábil, Miles — ela disse. — Muito mais esperto do que suspeitei que fosse. Aquela sua mãe devia ter sido severamente punida pelo que lhe ensinou.

— Ah, Lucilla, a sedutora — exclamou Duncan. Olhou para Teg e então voltou sua atenção para Lucila. — Sim, agora posso responder a outra pergunta... o que ela deve fazer.

— Elas são chamadas Impressoras — disse Teg.

— Miles — advertiu Lucilla —, se você dificultou minha tarefa a ponto de impedir que eu cumpra minhas ordens, farei com que seja assado num espeto.

O tom destituído de emoção da voz dela fez Teg estremecer. Sabia que a ameaça era uma metáfora, mas as implicações eram reais.

— Um banquete punitivo! — comentou Duncan. — Que ótimo!

Teg voltou sua atenção para Duncan.

— Não há nada romântico naquilo que fizemos a você, Duncan. Eu assessorei a Bene Gesserit em mais de uma missão que me fez sentir sujo, mas nunca tão sujo quanto agora.

— Silêncio! — ordenou Lucilla.

Usava a plena força da Voz em seu comando.

Teg deixou aquilo fluir e passar através dele como sua mãe lhe ensinara e então disse:

Aqueles entre nós que dedicam sua verdadeira lealdade à Bene Gesserit têm apenas uma preocupação: assegurar a sobrevivência da Irmandade. Não a de qualquer indivíduo em especial, mas da Irmandade em si. Mentiras,

desonestidades são palavras vazias quando está em jogo a sobrevivência da Bene Gesserit.

— Maldita seja aquela sua mãe, Miles!

Lucilla fez-lhe o cumprimento de não ocultar a raiva que sentia.

Duncan olhou para ela. Quem seria? Lucilla? Sentiu suas memórias se agitarem. Lucilla não era a mesma pessoa... não exatamente a mesma... entretanto... fragmentos, partes, eram idênticas. A voz dela, suas feições. Subitamente ele viu de novo o rosto de mulher que tinha vislumbrado na parede de seu quarto no Castelo.

— Duncan, meu doce Duncan.

As lágrimas fluíram em seu olhos. Sua própria mãe — outra vitima dos Harkonnen. Torturada... quem sabia mais o quê? Para nunca mais ser vista novamente pelo seu "doce Duncan".

— Deuses, gostaria de ter um deles em minhas mãos para matá-lo agora mesmo — gemeu.

Uma vez mais focalizou sua atenção em Lucilla. As lágrimas em seus olhos borravam as feições, tornando a comparação mais fácil. A face de Lucilla encaixava-se na de Lady Jessica, a amada de Leto Atreides. Duncan olhou de novo para Teg e para Lucilla, sacudindo as lágrimas de seus olhos enquanto movia a cabeça. Os rostos em sua memória dissolveram-se, revelando a verdadeira Lucilla diante dele... Similaridades.. . mas nunca mais exatamente a mesma coisa. Nunca mais a mesma.

"Impressora"

Podia adivinhar o significado. Uma revolta típica de um Duncan Idaho ergueu-se dentro dele.

— E o meu filho que você quer em seu ventre, Impressora? Sei que não são chamadas de Madres por acaso.

Com a voz gélida, Lucilla respondeu:

— Vamos discutir isso em outra ocasião.

— Vamos discutir num lugar adequado. Talvez eu lhe cante uma canção. Não vai ser uma canção tão boa quanto o velho Gurney Halleck lhe cantaria, mas o suficiente para prepará-la para um pouco de esporte na cama.

— Você acha tudo isso muito divertido, não? — perguntou ela.

— Divertido? Não, mas me lembra o Gurney. Diga-me, Bashar, você o trouxe de volta à vida também?

— Não que eu saiba — respondeu Teg.

— Ah, aquele era um homem que sabia cantar. Podia matar você enquanto cantava, sem errar uma nota.

Com a voz ainda gelada, Lucilla disse:

— Nós da Bene Gesserit aprendemos a evitar a música. Ela evoca muitas emoções confusas. Memórias de emoções, é claro.

Queria deixá-lo admirado com a lembrança de todas as Outras Memórias e dos poderes Bene Gesserit que a menção a esse aspecto podia evocar, mas Duncan apenas riu alto.

— Que vergonha — ele disse. — Vocês perdem tanta coisa da vida. E dizendo isso começou a cantarolar um velho refrão de Halleck:

“Tropas em revista, tropas que há muito passaram em revista...”

Entretanto sua mente voava para outro lugar, na rica agitação de momentos renascidos. Uma vez mais se sentiu ávido por tocar algo muito poderoso que permanecia sepultado dentro dele. O que quer que fosse era algo violento e tinha relação com Lucilla, a Impressora. Em sua imaginação ele a viu morta, banhada no próprio sangue.

25

As pessoas sempre desejam algo mais que o simples prazer imediato ou aquele sentimento profundo que se chama felicidade. Esse é um dos segredos através dos quais moldamos a realização de nossos objetivos. Esse algo mais assume um poder crescente entre as pessoas que não podem identifica-lo, ou que (como é mais frequente) nem mesmo suspeitam de sua existência. A maioria das pessoas apenas reage inconscientemente a tais forças ocultas. Assim, só precisamos apresentar-lhes um algo mais bem adequado, defini-lo, dar-lhe forma, para fazer com que as pessoas nos sigam.

— Segredos da Liderança da Bene Gesserit

Com um silencioso Waff avançando 20 passos adiante delas, Odrade e Sheeana caminhavam por uma estrada orlada por ervas ao lado de um pátio de armazenagem de especiaria. Todos usavam mantos novos para o deserto e brilhantes trajes destiladores. A cerca cinzenta de nulplaz, que definia os limites do pátio, apresentava fragmentos de grama e sementes algodoadas presas em sua trama. Olhando para as sementes, Odrade pensou nelas como formas de vida tentando escapar à intervenção humana.

Atrás do grupo, os prédios maciços que tinham sido erguidos em torno de Dar-es-Balat cozinhavam ao sol da tarde. O ar quente e seco queimava as gargantas quando inalado muito depressa. Odrade sentia vertigem e uma espécie de luta contra si mesma. A sede a incomodava e ela caminhava como se estivesse se equilibrando à beira de um precipício. A situação que tinha criado a partir de uma ordem de Taraza poderia explodir a qualquer momento.

“Como é frágil este equilíbrio.”

Três forças equilibradas sem que nenhuma apoiasse qualquer das outras, unidas apenas por interesses que poderiam mudar a qualquer instante e desfazer essa aliança. Os militares enviados por Taraza não tranquilizavam Odrade nem um pouco. Onde estaria Teg? E Burzmali? E, quanto a isso, onde estaria o ghola? Deveria estar ali agora mesmo. Por que ela teria recebido ordens para atrasar tudo?

A aventura de hoje certamente iria atrasar tudo! Embora tivesse a

aprovação de Taraza, Odrade achava que essa excursão ao deserto dos vermes poderia produzir um atraso permanente. E havia Waff. Se ele sobrevivesse, restariam peças que pudessem ser reunidas para formar um todo?

A despeito das aplicações curativas dos melhores amplificadores de fusão da Irmandade, Waff dizia que seus braços ainda doíam onde Odrade os quebrara. Não estava se queixando, apenas fornecia informação. Aparentemente aceitara a frágil aliança, e até as modificações que agora incluíam o clero Rakiano. Sentia-se tranquilo pelo fato de um de seus Dançarmos Faciais ocupar o trono de Alto Sacerdote, sob o disfarce de Tuek. Waff falara com autoridade ao exigir as “madres procriadoras ‘, que a Bene Gesserit lhe prometera e agora negava, como parte de um acordo ainda não cumprido.

— E apenas um pequeno atraso — explicara Odrade — enquanto a Irmandade revê os termos do novo acordo. Enquanto isso...

Hoje era o “enquanto isso”.

Odrade pôs de lado as objeções e as dúvidas e começou a se colocar no estado de espírito adequado para essa aventura. Waff a fascinava com seu comportamento, especialmente a reação que tivera ao conhecer Sheeana: uma reação temerosa e mais que apenas um pouco admirada.

“A enviada do seu Profeta.”

Odrade olhou para o lado, observando a jovem que caminhava compenetrada ao lado dela — ali estava o ponto de apoio para equilibrar todos esses acontecimentos de acordo com o propósito da Bene Gesserit.

A descoberta, pela Irmandade, do verdadeiro motivo a governar o comportamento dos Tleilaxu deixava Odrade excitada. A fanática “verdadeira fé” de Waff ganhava forma a cada nova resposta dele. Odrade sentia-se feliz em poder estar ali, estudando um Mestre Tleilaxu num cenário religioso. O próprio cascalho sob os pés de Waff induzia a comportamentos que ela era capaz de identificar, pois fora treinada para isso.

“Devíamos ter calculado isso”, pensou Odrade. “As manipulações de nossa própria Missionaria Protectiva deviam ter nos indicado como os Tleilaxu conseguiram aquilo: revelando-se apenas para si mesmos, mantendo segredo, bloqueando qualquer tipo de intromissão durante todos esses milênios.”

Eles não pareciam ter copiado a estrutura da Bene Gesserit. E que outra força poderia realizar coisa semelhante? Uma religião. A Grande Fé!

“A menos que os Tleilaxu estejam usando seu sistema de gholas para obter algum tipo de imortalidade.”

Taraza poderia estar certa. Mestres Tleilaxu reincarnados não seriam como Reverendas Madres — não haveria Outras Memórias, apenas memórias pessoais. Mas prolongadas!

“Fascinante!”

Odrade olhou para as costas de Waff. “Trabalhador.” A denominação parecia encaixar-se naturalmente nele. Lembrava-se de tê-lo ouvido chamar Sheeana de “Alyama”. Outra confirmação linguística quanto à Grande Crença de Waff. Significava “A Abençoada”. Os Tleilaxu tinham mantido uma linguagem ancestral não somente viva, mas imutável.

Será que Waff sabia que somente as forças poderosas como as religiões eram capazes de realizar isso?

“Nós temos a nosso alcance as raízes de sua obsessão, Waff! Não é muito diferente de algumas que nós mesmas criamos. Sabemos como manipular tais coisas para os nossos propósitos.”

O comunicado de Taraza queimou na consciência de Odrade: “O plano dos Tleilaxu é transparente: ascendência. O universo humano deve ser transformado num universo Tleilaxu. Eles não podem esperar alcançar semelhante objetivo sem a ajuda dos Dispersos. Daí...”

O raciocínio de uma Madre Superiora não podia ser desconsiderado. Mesmo a oposição, dentro do grande cisma que ameaçava despedaçar a Irmandade, tinha concordado. Mas o pensamento de todas aquelas massas humanas da Dispersão, seus números explodindo exponencialmente, produzia um solitário sentimento de desespero em Odrade.

“Somos tão poucas comparadas com eles.”

Sheeana deteve-se e pegou um cascalho. Observou-o por um momento e então o atirou na cerca ao lado deles. A pedra voou entre as tramas do gradil sem tocá-lo.

Odrade controlou seus pensamentos. Os sons de seus passos na areia que o vento lançara sobre a rodovia pouco usada pareceu-lhe subitamente muito alto. A ponte estreita que conduzia por sobre o anel de qanats de Dar-es-Balat encontrava-se a não mais de 200 passos adiante, no fim da estrada estreita.

Sheeana disse:

Estou fazendo isso porque ordenou, Madre. Mas ainda não sei para que serve.

“Porque este é o ponto onde testaremos Waff e, através dele, moldaremos os Tleilaxu à nossa vontade.”

— E uma demonstração — explicou Odrade.

Isso era verdade. Não era toda a verdade, mas servia.

Sheeana caminhava de cabeça baixa, olhando para o chão, o olhar atento onde colocava cada pé. Seria desse modo que ela sempre se aproximava do seu Shaitan?, perguntou-se Odrade. Pensativa e distante?

Odrade ouviu o fraco bater das asas de um ornitóptero bem alto e atrás

dela. As aeronaves de vigia estavam chegando. Iriam manter-se distantes enquanto muitos olhos observavam essa demonstração.

— Eu vou dançar — disse Sheeana. — Isso geralmente chama um dos grandes.

Odrade sentiu as batidas de seu coração se acelerarem. Será que "o grande" iria continuar a obedecer Sheeana a despeito da presença de dois companheiros?

"Isto parece uma loucura suicida!"

Mas tinha que ser feito: ordens de Taraza.

Odrade olhou para o pátio do depósito de especiaria, cercado pela cerca atrás deles. O lugar parecia estranhamente familiar. Mais que dejà vu. Era uma certeza interior formada pelas Outras Memórias a lhe revelarem que esse lugar permanecia imutável desde uma época muito distante. O projeto dos silos de especiaria naquele pátio era tão velho quanto Rakis: tanques ovais suspensos em altas pernas como se fossem insetos de metal e plaz aguardando sobre membros compridos para saltarem sobre suas presas. Ela suspeitava de uma mensagem inconsciente da parte dos projetistas originais: "A melange é tanto a bênção quanto a perdição."

Debaixo dos silos havia um deserto arenoso onde não se permitia que nada crescesse junto aos prédios de paredes de barro. Ali, um braço de Dar-es-Balat se estendia como o pseudópode de uma ameba tentando alcançar a borda do qanat. O não-globo do Tirano, escondido há tanto tempo, tinha produzido uma fervilhante comunidade religiosa que escondia a maior parte de suas atividades atrás de paredes sem janelas e sob o solo.

"Como nossos desejos inconscientes, agindo secretamente!"

Sheeana falou novamente:

— Tuek está diferente, Odrade viu a cabeça de Waff erguer-se abruptamente, Ele tinha ouvido e devia estar pensando: "Poderemos ocultar alguma coisa da mensageira do Profeta?"

Gente demais sabia da existência de um Dançarino Facial tomando o lugar de Tuek, pensou Odrade. O clero, é claro, acreditava estar dando ao Tleilaxu corda suficiente para ele enforcar não apenas a Bene Tleilax, mas também a Bene Gesserit.

Odrade sentiu o odor pungente dos produtos químicos usados para matar a vegetação do pátio de armazenagem. Os odores forçavam sua atenção de volta à questão das necessidades imediatas. Ela não se atrevia a mergulhar em devanejos ali! Seria muito fácil para a Irmandade acabar apanhada em sua própria armadilha.

Sheeana tropeçou e deu um gritinho, mais de raiva que de dor. Waff

voltou a cabeça bruscamente e olhou para Sheeana antes de voltar sua atenção para a estrada. A criança apenas tropeçara numa fenda do calçamento, percebeu. A areia soprada pelo vento escondia os lugares onde o piso tinha rachado. A estrutura etérea da ponte adiante deles parecia bastante sólida, entretanto. Não era substancial o suficiente para suportar um dos descendentes do Profeta, porém mais que suficiente para um suplicante humano atravessá-la em direção ao deserto.

Waff via a si mesmo como um suplicante.

"Venho como um mendigo à terra do teu mensageiro, ó Deus!"

Ele tinha suas suspeitas com relação a Odrade. A Reverenda Madre o levara até ali para esgotá-lo de seus conhecimentos antes de matá-lo. "Com a ajuda de Deus, ainda poderei surpreendê-la." Sabia que seu corpo era à prova de uma Sonda Ixiana, embora ela, obviamente, não carregasse consigo um engenho tão grande e desajeitado. Mas a força de sua vontade e a confiança que tinha na graça de Deus é que tranquilizavam Waff.

"E se a mão que elas nos estendem estiver oferecendo a sinceridade?"

Isso também seria obra de Deus.

Aliança com a Bene Gesserit, controle firme sobre Rakis: que sonho maravilhoso isso não era! A ascendência de Shariat, afinal, com as Bene Gesserit agindo como suas missionárias.

Quando Sheeana tropeçou novamente, e emitiu outro queixume, Odrade disse:

— Não seja auto-indulgente, criança!

Ela viu os ombros de Waff enrijecerem-se. Ele não gostava de ouvires-se tom autoritário sendo usado em relação à sua "Abençoada". Havia uma foiça dentro desse homenzinho que Odrade reconhecia como sendo a força do fanatismo. Mesmo que o verme investisse para matá-lo, Waff não correria. A fé em seu Deus o levaria diretamente para a morte — a menos que se abalasse a sua crença.

Odrade reprimiu um sorriso. Podia seguir-lhe os processos mentais:

"Deus logo revelará o Seu Propósito."

Mas Waff estava pensando em suas células crescendo na lenta renovação de Bandalong. Não importava o que acontecesse ali, suas células continuariam para realizar os propósitos da Bene Tleilax... e de Deus. Waffs produzidos em série para ser vir a Grande Crença.

— Posso sentir o cheiro de Shaitan, sabe? — disse Sheeana.

Está sentindo agora?

Odrade olhou para a ponte diante deles. Waff já se encontrava sobre a superfície arqueada.

— Não, só sinto quando ele vem — respondeu Sheeana.

— E claro, criança, qualquer um pode sentir o cheiro.

— Mas eu posso farejá-lo a grande distância.

Odrade inalou profundamente, separando os odores do ambiente do cheiro onipresente de pó de pedra queimado: Havia fracos perfumes de melange... ozônio, alguma coisa distintamente ácida. Fez sinal para que Sheeana fosse na frente dela, em fila única sobre a ponte. Waff mantinha-se uns 20 passos à frente. A ponte mergulhava no deserto, uns 60 metros adiante.

"Vou provar a areia na primeira oportunidade", pensou Odrade. "Isso me dirá muitas coisas."

Enquanto chegava ao centro da ponte, sobre o fosso inundado de água, Odrade olhou para uma barreira comprida ao longo do horizonte, na direção sudoeste. E de repente foi confrontada por uma Outra Memória poderosa. Nada havia da nitidez existente em sua visão presente, mas ele reconheceu assim mesmo — uma mistura de imagens provenientes de outras fontes sepultadas profundamente dentro dela.

"Maldição!", pensou. "Agora não."

Mas não havia como escapar. Tal intrusão em seus pensamentos vinha com um propósito, exigindo de modo inevitável a atenção de sua consciência.

"Cuidado!"

Ela fitou o horizonte distante, permitindo que a Outra Memória se sobrepusesse: havia uma barreira muito alta, lá longe, há muito tempo.. Havia gente caminhando no topo. E uma ponte delgada, bela e insubstancial na distância desta memória. Ligava uma das partes da barreira desaparecida à outra, e ela sabia, mesmo sem ver, que um rio fluíra embaixo da ponte há tanto tempo desaparecida. O rio Idaho! Agora a imagem sobreposta em sua consciência ganhava movimento: havia objetos caindo da ponte. Estavam muito distantes para que pudesse identificá-los, mas já tinha os rótulos adequados para essa projeção de imagens. Com um sentimento de horror e excitação, identificou a cena.

A ponte etérea estava desabando! Caindo no rio.

Não era uma visão de destruição acidental. Tratava-se de uma imagem clássica de violência que inúmeras memórias ainda carregavam, a qual lhe viera em seus momentos de agonia da especiaria. Odrade podia classificar todos os componentes da imagem tão bem sintonizada: milhares de ancestrais seus tinham observado essa cena em reconstituições imaginadas. Não uma memória visual real, mas uma montagem de relatórios precisos.

"Foi lá que aconteceu!"

Odrade parou e deixou que as projeções de imagens se firmassem em sua

consciência. “Cuidado!” Algo de perigoso fora identificado, mas ela não tentou penetrar na substância do aviso. Se o fizesse, ele se dissociaria em diversos elementos, qualquer um dos quais podendo ser relevante, e a certeza original desapareceria.

Aquela coisa que acontecera lá no horizonte ficara marcada na história. Leto II, o Tirano, tinha caído para se dissolver do alto daquela ponte etérea. O grande verme de Rakis, o Imperador-Deus, o Tirano em pessoa, fora derrubado do alto da ponte durante sua peregrinação nupcial.

E ali! Ali mesmo no rio Idaho, debaixo da ponte destruída, o Tirano submergira em sua própria agonia. Ali mesmo ocorrera a transformação de que nascera o Deus Dividido... tudo começara ali.

“Por que este aviso?”

A ponte e o rio há muito tinham desaparecido dessa terra. A alta muralha que cercava o deserto do Tirano, o Sareer, sofrera a erosão, fragmentando-se até se tornar aquela linha de montículos num horizonte trêmulo de calor.

E se um verme viesse, portanto sua pérola de memória encapsulada do Tirano, presa de um sonho eterno, será que essa memória seria perigosa? Era o que argumentava a facção que se opunha a Taraza no seio da Irmandade.

“Ele despertará!”

Taraza e suas assessoras negavam até mesmo a possibilidade de que tal coisa ocorresse.

Ainda assim, esse alarme disparando nas Outras Memórias de Odrade não poderia ser ignorado.

— Reverenda Madre, por que paramos?

Odrade sentiu sua consciência saltar de volta para o presente imediato, exigindo sua atenção. Lá, naquela visão de advertência, o sonho interminável do Tirano tinha começado, mas outros sonhos agora competiam pelo espaço. Sheeana estava diante dela com uma expressão intrigada.

— Eu estava olhando para lá — explicou Odrade, apontando. — Foi lá que surgiu o Shai-hulud, Sheeana.

Waff tinha parado na extremidade da ponte, a um passo da areia cada vez mais funda, e agora uns 40 passos à frente de Sheeana e Odrade. A voz dela colocou-o imediatamente alerta, mas ele não se virou. Odrade poderia perceber o desprazer que sua postura revelava. Waff não gostava do menor sinal de cinismo dirigido contra o seu Profeta. Sempre suspeitara do cinismo das Reverendas Madres. Especialmente com relação a questões religiosas. Ainda não estava pronto para aceitar que um inimigo tão temido e há tanto tempo detestado quanto a Bene Gesserit pudesse partilhar de sua Grande Crença. Essa questão teria que ser examinada com muito cuidado — como sempre se fizera com relação à

Missionaria Protectiva.

— Dizem que havia um grande rio lá — comentou Sheeana.

Odrade percebeu o tom de desprezo na voz de Sheeana. A menina aprendia rápido!

Waff voltou-se e olhou para elas carrancudo. Tinha ouvido também. Que estaria pensando agora com relação a Sheeana?

Odrade segurou um dos ombros de Sheeana e apontou com a outra mão.

— Havia uma ponte bem ali. A grande muralha do Sareer foi deixada aberta naquele ponto para permitir a passagem do rio Idaho. A ponte saltava por sobre essa falha.

Sheeana suspirou.

— Um rio de verdade — comentou baixinho.

— Não era um qanat, mas era muito grande para ser um canal — comentou Odrade.

— Eu nunca vi um rio — disse Sheeana.

Foi ali que jogaram o Shai-hulud no rio — explicou Odrade, gesticulando para a esquerda. — Daquele lado, a muitos quilômetros naquela direção, ele construiu seu palácio.

— Não há nada lá, a não ser areia — comentou Sheeana.

— O palácio foi demolido na Época da Fome — explicou Odrade. — As pessoas pensavam que ele escondia um tesouro em especiaria. Estavam erradas, é claro. O Tirano era muito esperto para fazer uma coisa dessas.

Sheeana inclinou-se para mais perto de Odrade e sussurrou:

— Mas havia realmente um grande tesouro em especiaria. As canções falam dele. Ouvi a história nos cânticos muitas vezes. Meu... eles dizem que ficava numa caverna.

Odrade sorriu. Sheeana referia-se à História Oral, é claro. Ela quase tinha dito: “Meu pai...”, referindo-se ao seu verdadeiro pai, que morrera no deserto. Odrade já tinha conseguido obter essa história da garota.

Ainda sussurrando perto do ouvido de Odrade, ela disse:

— Por que esse homenzinho vai conosco? Não gosto dele.

— Ele é necessário para a demonstração — explicou Odrade.

Waff aproveitou esse momento para sair da ponte, subindo no primeiro montículo de areia. Caminhava com cuidado, mas sem demonstrar qualquer hesitação visível. Uma vez na areia, virou-se, os olhos brilhando ao sol quente, e olhou primeiro para Sheeana e depois para Odrade.

“Ele ainda demonstra admiração quando olha para Sheeana”, pensou Odrade. “Que coisas formidáveis ele crê que vai descobrir aqui. Pensa que vai ser restaurado. E com que prestígio!”

Sheeana protegeu os olhos com uma das mãos e observou o deserto.

— Shaitan gosta do calor — explicou ela. — As pessoas se escondem dentro de suas casas quando está quente, mas é ai que Shaitan vem.

“Não Shai-hulud, mas Shaitan”, pensou Odrade. “Você previu muito bem, Tirano. Que mais saberia sobre nossa época?”

Será que o Tirano realmente se encontrava adormecido em todos os vermes seus descendentes?

Nenhuma das análises que Odrade estudara dava uma explicação segura do motivo que levara um ser humano a se transformar num simbionte do verme original de Arrakis. Que se teria passado em sua mente durante os milênios daquela terrível transformação? Será que até o menor fragmento disso estava preservado nos vermes Rakianos de hoje?

— Ele está perto, Madre — disse Sheeana. — Pode sentir o cheiro dele?

Waff olhou apreensivo para Sheeana.

Odrade inalou fundo: havia um rico acréscimo de canela nos odores de pedra pulverizada. Fogo, enxofre — o inferno envolto em cristal do grande verme. Ela parou e levou um pouquinho de areia, presa entre dois dedos, até a boca. Quando a areia lhe tocou a língua, todo o cenário surgiu em sua mente: o planeta Duna de suas Outras Memórias e o Rakis de hoje.

Sheeana apontou para a esquerda, diretamente para o ponto de onde parecia soprar a brisa suave do deserto.

— Está lá. Temos que correr.

Sem esperar pela permissão de Odrade, Sheeana desceu correndo a ponte, passou por Waff e subiu na primeira duna. Lá parou até que Waff e Odrade a alcançassem. Então elas os liderou, descendo a face oposta e subindo outra duna, enquanto a areia lhe dificultava os passos. Percorreram a grande face curva de uma barracan onde fios de poeira saltavam da crista acima. Lego tinham colocado quase um quilômetro de distância entre eles e a segurança cercada de água de Dar-es-Balat.

Novamente Sheeana parou.

Waff deteve-se atrás dela ofegante, a transpiração brilhando no ponto em que o capuz do traje destilador cruzava sua testa.

Odrade parou um passo atrás de Waff e inspirou fundo várias vezes enquanto olhava além do homenzinho, para o ponto onde a atenção de Sheeana se fixara.

Uma furiosa onda de areia derramara-se sobre o deserto além da duna onde se encontravam, impulsionada pela ventania de uma tempestade. O leito de rocha ficara exposto numa longa e estreita avenida de pedras gigantescas que pareciam viradas e esparramadas como os tijolos de construção de um Prometeu

enlouquecido. E através desse labirinto a areia se derramara como um rio, deixando sua marca em grotas e fendas profundas e então caindo de uma escarpa baixa para formar mais dunas.

— Lá embaixo — apontou Sheeana, em direção à longa avenida formada pelo leito de rochas expostas.

O grupo desceu a duna, escorregando e pulando sobre a areia derramada. No fundo, Sheeana parou ao lado de uma das grandes pedras, uma pedra com duas vezes sua altura.

Waff e Odrade detiveram-se logo atrás.

A face escorregadia de outra gigantesca barracan, sinuosa como o dorso de uma baleia, erguia-se para o céu azul-prata ao lado deles.

Odrade aproveitou a pausa para recompor o equilíbrio da oxigenação em seu corpo. Aquela corrida louca exigira muito de sua carne. Waff, notava ela, tinha o rosto vermelho e respirava profundamente. O cheiro de canela e pó de pedra era sufocante nessa passagem estreita. Waff cheirava e esfregava o nariz com as costas da mão. Sheeana ergueu-se num dos pés, saltou e correu 10 passos pelo comprimento do leito de rochas. Colocou um dos pés no aclive de areia que subia para outra duna e ergueu ambos os braços para o céu. Lentamente a princípio, depois aumentando o ritmo, começou a dançar, subindo para a areia.

Os sons dos tópteros tornaram-se mais audíveis acima.

— Ouçam — gritou Sheeana sem interromper sua dança.

Não era para o ruído dos tópteros que ela chamava a atenção. Odrade virou a cabeça de modo a voltar ambas as orelhas para o novo som que se ouvia, penetrando no labirinto de rochas tombadas.

Um assovio sibilante, vindo de baixo do solo, abafado pela areia, tornava-se cada vez mais alto com uma rapidez chocante. Havia calor junto com esse ruído, um aquecimento sensível na brisa que soprava ao longo da avenida rochosa. Então o assovio cresceu, transformando-se num rugido tremendo. De repente a escuridão de uma boca gigantesca, envolta numa coroa de facas cristalinas, ergueu-se sobre a duna diretamente acima de Sheeana.

Shaitan! — gritou ela sem quebrar o ritmo de sua dança. — Aqui estou, Shaitan!

Enquanto passava pelo topo da duna, o verme inclinou a boca para baixo na direção de Sheeana. A areia caiu em cascata em torno dos pés dela, forçando-a a interromper a dança. O cheiro de canela dominou a garganta rochosa. O verme parou acima deles.

— Mensageiro de Deus! — ofegou Waff.

O calor secou a transpiração no rosto descoberto de Odrade e fez o isolamento automático de seu traje destilador estufar perceptivelmente. Ela

inalou profundamente, analisando os componentes dos odores subjacentes ao cheiro dominante de canela. O ar em torno deles estava cheio de ozônio e se tornava cada vez mais rico em oxigênio. Com os sentidos plenamente alertas, Odrade memorizou suas impressões.

“Se eu sobreviver”, pensou ela.

Sim, esses eram dados valiosos. Podia chegar o dia em que outras precisariam usá-los.

Sheeana recuou, saindo da areia derramada para o leito de rocha. Mi começou a dançar uma vez mais, movendo-se mais loucamente e lançando a cabeça para o lado a cada volta. O cabelo chicoteava sua face e a cada vez que rodopiava para confrontar o verme ela gritava:

— Shaitan!

Timidamente, como uma criança aventurando-se num terreno que não lhe era familiar, o verme avançou uma vez mais. Escorregou sobre o topo da duna, curvando-se para baixo sobre o leito de rocha exposta até apresentar sua boca flamejante, ligeiramente acima e a cerca de dois passos de Sheeana.

Enquanto ele parava, Odrade tomava consciência da fornalha roncando em suas profundezas. Não podia tirar os olhos dos reflexos de chamas alaranjadas bruxuleando dentro da criatura. Era uma caverna de fogos misteriosos.

Sheeana parou de dançar. Comprimiu os punhos, os braços colados aos lados do corpo, e olhou para o monstro que invocara.

Odrade regulava cronometricamente a própria respiração, o que lhe permitia reunir todos os seus poderes de Reverenda Madre. Se esse era o fim... muito bem, ela tinha obedecido as ordens de Taraza. Que a Madre Superiora aprendesse o que pudesse dos observadores vigiando lá em cima.

— Olá, Shaitan — disse Sheeana. — Trouxe comigo uma Reverenda Madre e um homem dos Tleilaxu.

Waff caiu de joelhos e se curvou numa mesura respeitosa.

Odrade passou por ele para se colocar ao lado de Sheeana.

Sheeana respirava fundo, o rosto corado.

Odrade ouvia o clique-clique de seu traje destilador funcionando em sobrecarga. O ar quente e carregado de canela em torno delas estava cheio dos sons desse encontro, sons dominados pelo murmúrio das chamas dentro do verme imóvel.

Waff colocou-se ao lado de Odrade, o olhar fixo no verme como uma pessoa em transe.

— Estou aqui — sussurrou.

Odrade amaldiçoou-o silenciosamente. Qualquer ruído estranho poderia

lançar a fera sobre eles. Mas ela sabia no que Waff estaria pensando: nenhum outro Tleilaxu estivera tão próximo de um descendente do seu Profeta. Nem mesmo os sacerdotes Rakianos tinham feito uma coisa dessas!

Com a mão direita, Sheeana fez um súbito gesto para baixo.

— Desça até nós, Shaitan!

O verme baixou sua boca escancarada até sua fogueira interior ocupar a garganta de rochas diante deles.

Com a voz reduzida a não mais que um sussurro, Sheeana disse:

— Está vendo como Shaitan me obedece, Madre?

Odrade podia sentir o controle de Sheeana sobre o monstro, uma pulsação de linguagem oculta entre a jovem e o verme. Era fantástico.

A voz de Sheeana ergueu-se numa arrogância imprudente:

— Vou pedir a Shaitan que nos deixe cavalgá-lo!

Ela subiu pela face escorregadia da duna ao lado do verme.

Imediatamente a grande boca aberta se ergueu para lhe acompanhar os movimentos.

— Fique aqui! — gritou Sheeana.

O verme parou.

“Não são as palavras dela que o controlam”, pensou Odrade. “E alguma coisa... outra coisa”

— Madre, venha comigo — chamou Sheeana.

Empurrando Waff à sua frente, Odrade obedeceu. Subiram pelo aclive arenoso, seguindo Sheeana. A areia deslocada derramava-se em torno do verme que esperava, enchendo a garganta rochosa. A frente, a cauda cada vez mais fina curvava-se sobre a crista da duna. Sheeana conduziu-os num passo desajeitado pela areia até a ponta da coisa. Lá agarrou a borda anterior de um anel na superfície corrugada e subiu na fera do deserto.

Com mais lentidão, Odrade e Waff seguiram-na. A superfície quente do verme transmitia a Odrade a sensação de algo não-orgânico, como se a criatura fosse um artefato Ixiano.

Sheeana correu adiante ao longo do dorso e se agachou logo atrás da boca, onde os anéis se projetavam, grossos e largos.

— Façam assim! — mostrou.

Inclinou-se para diante e agarrou embaixo do bordo dianteiro de anel, erguendo-o levemente para expor a superfície rosada e macia embaixo.

Waff obedeceu-a imediatamente, mas Odrade se moveu com mais cautela, armazenando impressões. A superfície do anel era dura como piascreto e coberta de minúsculas incrustações. Os dedos de Odrade sondaram a maciez embaixo da borda anterior. Ela pulsava fracamente. A superfície em torno deles se erguia e se

abaixava num ritmo quase imperceptível. Odrade ouvia um som raspante a cada movimento.

Sheeana chutou a superfície do verme atrás dela.

— Shaitan, vamos!

O verme não respondeu.

— Por favor Shaitan — suplicou ela.

Odrade percebia o desespero na voz de Sheeana. Ela estava muito confiante no seu Shaitan, mas Odrade sabia que a jovem só conseguira cavalgar a criatura naquela primeira vez. Odrade conhecia a história toda, desde o impulso suicida até a confusão dos sacerdotes, mas ninguém pudera dizer-lhe o que aconteceria em seguida.

De repente o verme colocou-se em movimento. Ergueu-se bruscamente, curvou-se para a esquerda e fez uma volta apertada para fora da garganta de rochas, movendo-se na direção oposta a Dar-es-Balat, em direção ao deserto profundo.

— Nós vamos com Deus — gritou Waff.

O som de sua voz deixou Odrade chocada. Que loucura! Ela sentiu o poder da fé que ele tinha. O tuoc-tuoc dos ornitópteros que os seguiam soou acima. O vento provocado pela velocidade com que avançavam passava por Odrade cheio de ozônio e dos odores de forno quente provocados pelo atrito da besta avançando.

Odrade olhou por sobre os ombros para os tópteros, imaginando como seria fácil para os inimigos livrarem esse planeta de uma menina que criava tantos problemas, e de uma Reverenda Madre igualmente problemática, assim como do desprezível Tleilaxu que a acompanhava — todos num momento altamente vulnerável no deserto aberto. Os sacerdotes podiam tentar tal coisa, bem o sabia, desde que as vigias de Odrade, lá no alto, fossem muito lentas na hora de protegê-la.

A curiosidade e o medo seriam suficientes para detê-los?

Odrade admitia estar muito curiosa.

“Aonde será que esta coisa nos está levando?”

Certamente que o verme não se dirigia a Keen. Ela ergueu a cabeça e olhou além de Sheeana. No horizonte, diretamente adiante, encontravam-se aquelas formações de pedra denteada, as rochas desmoronadas do lugar onde o Tirano fora jogado de uma ponte graciosamente etérea.

O lugar da advertência de suas Outras Memórias.

Uma súbita revelação dominou a mente de Odrade. Agora entendia o aviso. O Tirano havia morrido num lugar de sua própria escolha. Muitas mortes tinham deixado sua impressão naquele lugar, mas a do Tirano fora a maior de

todas. O Tirano escolhera sua rota de peregrinação com um propósito definido. Sheeana não mandara o verme seguir para lá. Ele se movia por vontade própria. O imã representado pelo sonho interminável do Tirano atraía-o de volta ao ponto onde esse sonho começara.

26

Houve um homem das terras secas a quem perguntaram o que era mais importante, um garrafão de água ou uma vasta piscina cheia. O homem pensou por um momento e respondeu: "O garrafão é mais importante. Nenhuma pessoa poderia guardar só para si uma piscina. Mas um litro se pode esconder embaixo do manto e fugir com ele. Ninguém vai saber."

— Piadas da Antiga Duna,
Arquivos da Bene Gesserit

Era uma longa sessão de exercícios, na sala de treinamento do não-globo, com Duncan em uma gaiola móvel dirigindo o exercício, convicto de que essa série em particular continuaria até que seu novo corpo estivesse adaptado às sete atitudes centrais de respostas em combate contra ataques vindos de oito direções diferentes. Seu macacão verde estava escuro com a transpiração. Há 20 dias que ele se dedicava a essa lição!

Teg conhecia as antigas tradições que Duncan revivia ali, mas sob diferentes nomes e sequências. Depois de passar cinco dias nesse programa de treinamento, Teg já duvidava da superioridade dos métodos modernos. Agora estava convicto de que Duncan estava fazendo algo completamente novo — misturando os antigos conhecimentos de combate com aquilo que tinha visto no Castelo.

Teg estava sentado diante de seu próprio consolo, agindo tanto como observador quanto como participante. Os consoles que dirigiam as perigosas forças das sombras desses exercícios tinham exigido um ajustamento mental. Teg contudo, já se sentia familiarizado com eles, e comandava os ataques com facilidade e frequente inspiração.

Uma Lucilla furiosa olhava ocasionalmente para dentro do salão. Observava e depois saía sem fazer comentários. Teg não sabia o que Duncan estava fazendo com relação à Impressora, mas achava que o ghola desperto fazia um jogo de retardo com sua sedutora. Ela não iria permitir que ele continuasse com isso por muito tempo, Teg sabia muito bem, mas estava tudo fora de suas mãos. Duncan não mais era "muito jovem" para a Impressora. Aquele corpo

jovem carregava agora uma mente masculina madura, cheia de experiências a partir das quais tomaria suas próprias decisões.

Duncan e Teg tinham passado a manhã toda na sala de treinamento, tendo feito apenas uma pausa. A fome já incomodava Teg, mas ele se sentia relutante em interromper a sessão. As habilidades de Duncan haviam atingido um novo nível hoje e ele continuava melhorando.

Teg, sentado dentro de uma gaiola de controle fixa, fez as forças de ataque curvarem-se numa manobra complexa, golpeando da esquerda, da direita e do alto.

O arsenal Harkonnen produzira uma abundância dessas armas e instrumentos de treinamento exóticos, e havia coisas que Teg só conhecera a partir de relatos históricos. Duncan conhecia todos, aparentemente, e com uma intimidade que enchia Teg de admiração. Isso incluía os caçadores-assassinos, estilhas robotizadas, reguladas para penetrarem num escudo de força e que eram parte das forças ocultas no sistema que agora empregavam.

— Elas retardam-se automaticamente para penetrar num escudo — explicou Duncan em sua voz jovem e ao mesmo tempo madura. — Um golpe muito rápido seria repelido pelo escudo, é claro.

— Escudos desse tipo quase não são mais usados — comentou Teg.

— Algumas sociedades os usam como um tipo de esporte, mas de outro modo.

Duncan executou um contra-ataque a uma velocidade que o transformou num borrão, e três “caçadores” caíram no chão, suficientemente danificados para exigir os serviços de manutenção do não-globo. Ele removeu a gaiola protetora e colocou o sistema dormente, porém o deixou funcionando enquanto se aproximava de Teg, respirando fundo mas com facilidade. Olhou para além de Teg, sorriu e assentiu com a cabeça. Teg virou-se rapidamente, mas só conseguiu enxergar um fragmento do vestido de Lucilla enquanto ela saía depressa.

— E como um duelo — disse Duncan. — Ela tenta golpear através da minha guarda e eu contra-ataco.

— Tenha cuidado — advertiu Teg. — Ela é uma Reverenda Madre plena.

— Conheci algumas delas no meu tempo, Bashar.

Uma vez mais Teg se sentiu embaraçado. Tinha sido avisado de que precisaria reajustar sua atitude com relação a esse Duncan Idaho diferente, mas não antevira inteiramente as constantes exigências que tal reajustamento faria sobre sua mente. A expressão nos olhos de Duncan agora era desconcertante.

— Nossos papéis mudaram um pouco, Bashar — disse Duncan.

Pegou uma toalha no chão e enxugou o rosto.

— Não tenho mais certeza quanto ao que lhe posso ensinar — admitiu

Teg.

Desejava, entretanto, que Duncan seguisse seu aviso com relação a Lucilla. Será que ele pensava que as Reverendas Madres de sua época distante eram idênticas às mulheres de hoje? Teg achava tal coisa altamente improvável. Como todas as coisas vivas, a Irmandade evoluirá e mudara.

Era óbvio para Teg que Duncan tomara uma decisão quanto ao papel que desempenharia nas maquinações de Taraza. Não estava apenas ganhando tempo com esses exercícios. Estava treinando o corpo para atingir o ápice da plenitude física que ele mesmo escolhera enquanto fazia seu julgamento sobre a Irmandade.

“Ele fez esse julgamento com dados insuficientes”, pensou Teg. Duncan deixou cair a toalha e olhou para ele por um momento.

— Deixe que eu julgo o que me pode ensinar, Bashar.

Ele virou-se e olhou atento para Teg, ainda dentro da gaiola de controle.

Teg respirou fundo. Sentia o cheiro fraco de ozônio de todo esse equipamento Harkonnen tão duradouro tiquetaqueando à espera de que Duncan retornasse à ação. O suor do ghola tinha um cheiro penetrante.

Duncan espirrou.

— Teg cheirou, reconhecendo a poeira onipresente em suas atividades. As vezes era mais fácil sentir-lhe o gosto que o cheiro. Uma coisa alcalina. E acima de tudo havia a fragrância dos limpadores de ar e regeneradores de oxigênio. Um distinto aroma floral aparecia embutido no sistema, mas Teg era incapaz de identificar a flor. No primeiro mês de sua ocupação, o globo também adquirira odores humanos que lentamente se insinuaram na composição original — transpiração, cheiros de cozinha e a acridez nunca inteiramente suprimida do sistema de eliminação de dejetos orgânicos. Para Teg, esses sinais de sua presença eram curiosamente ofensivos. As vezes se surpreendia cheirando e ouvindo os sons de sua intrusão — algo mais que o eco de seus próprios passos ou os ruídos metálicos abafados na área da cozinha.

A voz de Duncan penetrou em seus pensamentos:

— Você é um homem estranho, Bashar.

— Que quer dizer?

— Há a sua semelhança com o Duque Leto. A identidade facial é estranha. Ele não era tão alto quanto você, um pouco mais baixo, mas a semelhança...

Sacudiu a cabeça, pensando nas maquinações da Bene Gesserit por trás daqueles sinais genéticos no rosto de Teg — o olhar aquilino, as rugas e aquela coisa interior a certeza de uma superioridade moral.

“Quão moral e quão superior?”

De acordo com os registros que tinha visto no Castelo (e Duncan tinha

certeza de que eles tinham sido colocados lá para que ele os descobrisse), a reputação de Teg era algo quase universalmente aceito pela sociedade humana dessa época. Durante a Batalha de Markon, bastara o inimigo tomar conhecimento de que Teg iria enfrentá-lo para pedir trégua e negociações. Seria verdade?

Duncan olhou para Teg na gaiola de controle e lhe fez essa pergunta.

— A reputação pode ser uma linda arma — comentou Teg. — Frequentemente derrama menos sangue.

— Por que se colocou à frente de suas tropas em Arbelough? — perguntou Duncan.

Teg mostrou-se surpreso.

— Onde aprendeu isso?

— No Castelo. Você podia ter sido morto. De que teria adiantado?

Teg lembrou a si mesmo que essa carne jovem diante dele guardava uma sabedoria oculta que devia tê-la guiado em sua busca de informação. Mi estava uma área incógnita, e nela, suspeitava Teg, Duncan seria mais valioso para a Irmandade.

— Nos dois dias anteriores, tínhamos sofrido severas baixas em Arbelough — lembrou Teg. — Eu falhei na hora de fazer um julgamento correto do medo e do fanatismo do inimigo.

— Mas o risco de...

— Minha presença no front dizia à minha própria gente: "Eu partilho seus riscos."

— Os registros de Arbelough dizem que essa batalha foi pervertida pelos Dançarinos Faciais. Patrin disse-me que você recusou o conselho de seus assessores quando eles pediram para que varresse o planeta e o esterilizasse completamente..

Você não estava lá' Duncan.

— Estou tentando colocar-me na situação. Poupou seu inimigo, contrariando todos os conselhos que recebeu.

Exceto os Dançarinos Faciais.

— Mas então caminhou desarmado pelas fileiras dos inimigos e antes que eles tivessem deposto as armas.

— Queria certificar-me de que não seriam maltratados.

Isso foi muito perigoso.

Foi mesmo? Muitos deles passaram-se para o nosso lado durante o assalto final contra Kroinin, onde desbaratamos as forças contrárias à Irmandade.

Duncan olhou duramente para Teg. Não apenas esse velho Bashar se assemelhava a Leto em aparência mas também possuía o mesmo carisma dos

Atreides: uma figura lendária até mesmo entre os inimigos. Teg dissera ser descendente de Ghanima Atreides, mas tinha que existir algo mais nele além disso. O domínio genético da Bene Gesserit em questões de controle da procriação deixava-o assombrado.

Vamos retornar aos exercícios agora — disse Duncan.

— Não vá se machucar.

— Está se esquecendo, Bashar. Eu me lembro de ter um corpo tão jovem quanto este quando estava aqui em Giedi Prime.

— Gammu!

— Foi adequadamente rebatizado, mas meu corpo ainda se lembra do nome original. Sabe muito bem que foi por isso que elas me mandaram para cá.

“E claro que ele tinha que saber isso”, pensou Teg.

Restaurado pelo breve descanso, Teg introduziu um novo elemento no ataque e enviou uma linha flamejante contra o lado esquerdo de Duncan.

Com que facilidade ele se defendeu do ataque!

Estava usando uma variação curiosamente misturada das cinco atitudes, cada resposta parecendo ter sido inventada no momento em que era exigida.

— Cada ataque é como uma pena flutuando sobre uma estrada infinita — explicou Duncan, a voz não transmitindo qualquer sinal de cansaço. — Enquanto a pena se aproxima, ela é desviada e removida.

Enquanto falava ele aparou um ataque móvel e contra-atacou.

A lógica Mentat de Teg seguia os movimentos nos pontos que ele considerava perigosos. “Dependências e troncos-chave!”

Duncan mudou de posição diante do ataque, colocando-se sempre um movimento adiante e igualando os movimentos do atacante, mais do que os respondendo. Teg foi forçado a empregar o máximo de suas habilidades enquanto as forças das sombras queimavam e tremulavam ao longo do piso na sala de treinamento. A figura de Duncan, em sua gaiola de combate móvel, era uma sombra dançante no espaço entre eles. Nenhuma das linhas flamejantes ou caçadores-assassinos de Teg tocou a figura em movimento. Duncan estava acima deles, sob eles, parecendo não ter medo algum da dor real que esse equipamento poderia infligir-lhe.

Uma vez mais Duncan aumentou a velocidade de seu ataque,

Uma pontada de dor disparou pelo braço de Teg, partindo de sua mão colocada nos controles até atingir o ombro.

Com uma exclamação brusca, Duncan desligou o equipamento.

— Desculpe, Bashar. Foi uma defesa soberba de sua parte, mas temo que a idade o tenha derrotado.

Uma vez mais Duncan atravessou a sala e se colocou diante de Teg.

— Um dorzinha para me lembrar da dor que lhe causei — comentou Teg enquanto esfregava o braço dormente.

— Culpe o calor do momento — disse Duncan. — Já treinamos o suficiente por ora.

— Não o suficiente — lembrou Teg. — Não basta reforçar apenas os seus músculos.

Ante as palavras de Teg, Duncan teve uma sensação de alerta em todo o corpo. Sentia o toque desorganizado daquela coisa incompleta que o processo de despertar não conseguira ativar. Algo agachado à espera dentro dele. Era como uma mola pressionada, pronta para disparar.

— Que mais você faria em meu lugar? — perguntou Duncan, a voz soando ríspida.

— Sua sobrevivência repousa no equilíbrio aqui — explicou Teg. — Tudo isto que estamos fazendo visa salvá-lo e transportá-lo para Rakis.

— Para propósitos da Bene Gesserit que você mesmo diz não saber quais são.

— Realmente não sei, Duncan.

— Mas você é um Mentat.

— Mentats precisam de dados para fazer suas projeções.

— Acha que Lucilla sabe?

— Não tenho certeza, mas me deixe adverti-lo com respeito a ela. Recebeu ordens de levá-lo a Rakis preparado para o que deverá fazer lá.

— Deverei? — Duncan sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Será que não sou uma pessoa com direito e tomar suas próprias decisões? Que é que vocês pensam que despertaram aqui? Algum maldito Dançarino Facial capaz unicamente de obedecer ordens?

— Está me dizendo que não irá para Rakis?

— Estou lhe dizendo que vou fazer uma escolha quando souber o que é que esperam que eu faça. Não sou um assassino de aluguel.

— E você pensa que eu sou, Duncan?

— Acho que é um homem honrado, uma pessoa que devemos admirar. Dê-me o seu crédito porque tenho meus próprios valores de dever e de honra.

— Recebeu outra chance de viver e...

— Mas você não é meu pai e isso também não faz de Lucilla a minha mãe. Impressora? Contra o que ela espera preparar-me?

— Pode ser que nem ela saiba, Duncan. Como eu, ela pode ser apenas uma peça de um grande plano. Sabendo como age a Irmandade, é altamente provável que ela não saiba.

— De modo que vocês dois me treinam e me despacham para Arrakis.

Aqui está o pacote que ordenaram!

— Este é um universo bem diferente daquele onde você nasceu originalmente — explicou Teg. — Como nos seus dias, ainda temos uma Grande convenção contra o uso de atômicos e de pseudo-atômicos produzidos pela interação de armas e escudos laser. Ainda dizemos que os ataques traiçoeiros são proibidos. Existem folhas de papel espalhadas por aí onde colocamos nossos nomes e garantimos que...

— Mas as não-naves mudaram todas as bases desses tratados — disse Duncan. — Acho que aprendi muito bem minhas lições de história lá no Castelo. Diga-me, Bashar, por que o filho de Paul fez com que os Tleilaxu lhe fornecessem gholas com minha identidade, centenas de cópias de mim durante todos aqueles milhares de anos?

— O filho de Paul?

— Os registros do Castelo chamavam-no de Imperador-Deus. Você o chama de Tirano.

— Oh, não creio que alguém saiba por quê. Talvez ele fosse solitário, precisando de alguém da...

— Vocês me trouxeram à vida para confrontar o verme!

“Será isso o que estivemos fazendo?”, perguntou-se Teg. Ele tinha considerado essa possibilidade mais de uma vez, mas era apenas uma possibilidade, não uma projeção. Ainda assim devia haver algo mais nos desígnios de Taraza. Teg sentia isso em cada fibra de seu treinamento Mentat. Será que Lucilla saberia? Teg não se iludia quanto à sua capacidade de extrair revelações de uma Reverenda Madre plena. Não... teria que dar tempo ao tempo, esperar, observando e ouvindo. Ao seu próprio modo, fora isso que Duncan decidira fazer. Era um curso de ação perigoso, caso ele se colocasse no caminho de Lucilla!

Teg sacudiu a cabeça.

— Na verdade, Duncan, eu não sei.

— Mas cumpriu ordens.

— Pelo meu juramento à Irmandade.

— Mentiras, desonestidades, essas são palavras vazias quando está em jogo a sobrevivência da Irmandade — citou Duncan.

— Sim, eu disse isso — concordou Teg.

— Agora confio em você porque disse isso. Mas não confio em Lucilla.

Teg abaixou a cabeça. “Perigoso... perigoso...”

De modo muito mais lento do que tinha feito anterioremente, Teg tirou a atenção de tais pensamentos e se submeteu ao processo de esvaziamento mental para se concentrar nos deveres que Taraza lhe confiara.

— Você é o meu Bashar.

Duncan observou o Bashar por um momento. As linhas da fadiga eram óbvias no rosto do velho. lembrou-se subitamente da idade de Teg e se perguntou se homens como ele não se sentiriam tentados a procurar os Tleilaxu e se tornarem gholas. Provavelmente não. Sabiam que poderiam virar fantoches nas mãos dos Tleilaxu.

Esse pensamento inundou a consciência de Duncan, deixando-o tão imóvel que Teg, percebendo, ergueu os olhos imediatamente.

— Algo errado?

— Os Tleilaxu fizeram alguma coisa comigo, algo que ainda não foi exposto — sussurrou Duncan.

— Exatamente o que temíamos! — Era a voz de Lucilla falando do portal atrás de Teg. Ela entrou, avançando até ficar a dois passos de Duncan. — Estava ouvindo. Vocês dois foram muito informativos.

Teg falou rapidamente, procurando bloquear a raiva que sentia nela.

— Ele dominou as sete atitudes hoje.

— Ele golpeia como o fogo — comentou Lucilla. — Mas lembre-se que nós da Irmandade fluímos como a água e preenchemos todos os espaços. — Olhou para Teg. — Não percebe que nosso ghola já foi além dessas atitudes?

— Nenhuma posição fixa, nenhuma atitude — disse Duncan.

Teg olhou de modo penetrante para Duncan, que permanecia com a cabeça erguida, a testa lisa de vincos, os olhos claros, enquanto devolvia o olhar de Teg. Duncan tinha evoluído surpreendentemente desde que despertara para suas memórias originais.

— Maldito seja, Miles — murmurou Lucilla.

Teg manteve sua atenção em Duncan. Todo o corpo do jovem parecia ligado a um novo tipo de vigor. Ele tinha uma pose, uma atitude que não estavam ali antes.

Duncan voltou sua atenção para Lucilla.

— Acha que vai fracassar em seus deveres? — perguntou.

— Certamente que não — respondeu ela. — Você ainda é um homem.

E ela pensou: “Sim, esse corpo jovem deve estar tenso com os fluidos da procriação. De fato, os disparadores hormonais devem estar todos intactos e suscetíveis de serem excitados.” A atitude atual dele, entretanto, e o modo como olhava para ela forçaram-na a elevar sua consciência para novos níveis que demandavam mais energia.

— Que foi que os Tleilaxu fizeram com você? — indagou ela.

Duncan falou com um atrevimento que não sentia:

— O grande Impressora, se soubesse lhe diria.

— Você acha que tudo isto é uma grande brincadeira, não?

— Nem sei de que estamos brincando!

— Por enquanto, muitas pessoas sabem que ainda não chegamos a Rakis, para onde esperavam que fugíssemos — comentou ela.

— E Gammu enxameia de gente retornada da Dispersão — comentou Teg. — Eles contam com gente suficiente para explorar muitas possibilidades por aqui.

— Quem suspeitaria da existência de um não-globo do tempo dos Harkonnen? — perguntou Duncan.

— Qualquer um que fizesse a ligação entre Rakis e Dar-es-Balat. — respondeu Teg.

— Se pensa nisso como num jogo — disse Lucilla —, considere então a urgência com que precisamos jogar. — Apoiando-se em um dos pés, virou-se para se concentrar em Teg. — E você desobedeceu Taraza!

— Está errada! Fiz apenas aquilo que ela me ordenou que fizesse. Sou o Bashar dela e você esqueceu como ela me conhece bem.

De um modo tão abrupto que a silenciou, chocada, Lucilla percebeu as sutilezas das manobras de Taraza..

“Não passamos de peões...”

Que toque delicado Taraza sempre demonstrava no modo como movia os peões de seu grande jogo. Lucilla não se sentia diminuída pela conscientização de que não passava de um peão. Esse era um conhecimento que nascia e era criado com cada Reverenda Madre da Irmandade. Até mesmo Teg tinha consciência disso. “Não, diminuída não.” Essa coisa em que estavam envolvidos ganhara a consciência de Lucilla. Ela se sentia assombrada pelas palavras de Teg. Como fora pobre sua visão anterior das forças envolvidas. Era como se ela tivesse visualizado apenas a superfície de um rio turbulento, vislumbrando apenas as correntezas abaixo. Agora, entretanto, sentia o fluxo inteiro à sua volta numa compreensão atordoante.

“Peões podem ser sacrificados”

27

Pela crença em singularidades, em absolutos granulados, vocês negam o movimento da evolução! E enquanto fazem com que um universo granular persista em sua consciência, ficam cegos ante o movimento. Então as coisas mudam e seu universo de absolutos desaparece, não é mais acessível às suas percepções autolimitadas. O universo colocou-se além do alcance de vocês.

— Primeiro Esboço do Manifesto Atreides,
Arquivos da Bene Gesserit

Taraza colocou as mãos sobre as têmporas, as palmas pressionando as orelhas, e apertou. Mesmo os seus dedos podiam sentir o cansaço ali, bem entre suas mãos — a fadiga. Num breve tremular de pálpebras, mergulhou num transe relaxante. As mãos de encontro à cabeça eram os únicos focos de sua percepção carnal.

“Cem batimentos cardíacos.”

Tinha praticado isso com regularidade desde que o aprendera, ainda criança. Uma das primeiras habilidades que a Bene Gesserit ensinava. Exatamente 100 batimentos cardíacos. Depois de todos esses anos de prática, seu corpo podia medi-los automaticamente, como um metrônomo inconsciente.

E quando ela abriu os olhos na contagem de 100 batimentos, sentia-se muito melhor. Esperava poder trabalhar mais duas horas extras antes que o cansaço a dominasse uma vez mais. Aqueles 100 batimentos lhe haviam fornecido anos extras de vigília em seu tempo de vida.

Essa noite, entretanto, o velho truque fez suas memórias rodopiarem para trás no tempo. Viu-se apanhada nas lembranças de sua infância. O dormitório com a Irmã Monitora andando pelos corredores à noite, certificando-se de que todas estavam devidamente em suas camas.

“Irmã Baram, a Monitora da Noite”

Há anos que Taraza não lembrava desse nome. A Irmã Baram era baixinha e gorducha, uma Reverenda Madre fracassada. Não por algum motivo facilmente perceptível, mas as Irmãs Médicas e os doutores Suk tinham descoberto alguma coisa e Baram nunca pudera tentar a agonia da especiaria. Ela fora muito franca no que sabia sobre seu defeito. Algo que descobriram quando ainda era

adolescente. Tremores nervosos periódicos manifestavam-se quando começava a mergulhar no sono. Sintomas de alguma coisa mais grave que fizera com que fosse esterilizada. Os tremores faziam com que Baram andasse durante a noite e, por esse motivo, a guarda dos corredores fora uma tarefa que obviamente lhe deveria ter sido atribuída.

Baram tinha outras fraquezas não-detectadas por suas superiores. Uma criança desperta, andando até o banheiro, podia atrair Baram para conversas em voz baixa. Questões tolas produziam respostas tolas, mas Baram às vezes transmitia conhecimentos úteis nessas conversas. Fora ela que ensinara a Taraza o truque do relaxamento,

Certa manhã, uma das meninas mais velhas encontrou a Irmã Baram morta no banheiro. Os tremores da Monitora Noturna tinham sido o sintoma de um defeito orgânico fatal, fato importante apenas para as Madres Procriadoras e seus intermináveis registros.

Devido ao fato de a Bene Gesserit não programar uma completa “educação solo para a morte” senão no estágio de acólita, a Irmã Baram foi a primeira pessoa que Taraza viu morta. O corpo dela fora encontrado parcialmente embaixo da pia, o lado direito da face pressionado contra o piso de azulejos, a mão esquerda segurando o cano da pia. Ela havia tentado erguer-se depois da queda e a morte a surpreendera em meio à tentativa, paralisando-a em seu último movimento como um inseto aprisionado no âmbar.

Quando rolaram o corpo para levá-lo, Taraza viu uma marca vermelha no ponto onde a face fora pressionada de encontro aos azulejos. A Monitora do Dia explicou essa marca com uma frieza científica. Qualquer experiência nova devia ser transformada em fonte de informação para que essas Reverendas Madres em potencial as incorporassem em suas “Conversas com a Morte” na fase de acólita.

“Lividez post mortem.”

Sentada diante de sua mesa na sede da Irmandade e separada desse acontecimento por tantos anos, Taraza foi forçada a usar todos os seus poderes de concentração, cuidadosamente focalizados, para afastar essa memória. Só então se sentiu livre para concentrar a atenção no trabalho que tinha diante de si. Tantas lições! Sua memória estava terrivelmente cheia, com tantas memórias de vidas inteiras guardadas dentro dela. Reafirmava sua sensação de estar viva ver todo aquele trabalho à sua frente. Coisas para fazer, coisas para as quais ela era necessária. Avidamente, Taraza curvou-se para cumprir seus deveres.

Maldita necessidade de treinar o ghola em Gammu!

Mas esse ghola exigia isso. A familiaridade com a sujeira sob seus pés precedia a restauração da persona original.

Fora um movimento muito sábio enviar Burzmali para a arena de Gammu.

Se Miles realmente encontrara um esconderijo... e fosse sair dele agora, ia precisar de toda a ajuda que pudesse conseguir. Uma vez mais ela considerou a possibilidade de fazer o jogo da presciência. Era tão perigoso! E os Tleilaxu tinham sido avisados de que um ghola substituto poderia ser necessário.

— Preparem-no para entrega.

Sua mente voltou-se para a questão Rakiana. Aquele tolo do Tuek teria que ter sido monitorado de modo mais cuidadoso. Como um Dançarino Facial poderia personificá-lo em segurança? Entretanto, a decisão de momento tomada por Odrade fora correta. Colocara os Tleilaxu numa posição insustentável. O falso Tuek podia ser desmascarado, mergulhando a Bene Tleilax num poço de ódio.

O jogo dentro do projeto Bene Gesserit tornara-se muito delicado. Há gerações que elas acenavam para o clero Rakiano com a isca de uma aliança. Mas agora! Os Tleilaxu deveriam pensar que eles tinham sido os escolhidos em vez dos sacerdotes. O tripé da aliança de Odrade faria cada sacerdote acreditar que todas as Reverendas Madres iam realizar o Juramento de Subserviência ao Deus Dividido. O Conselho de Sacerdotes iria tagarelar de excitação ante essa perspectiva. Os Tleilaxu, é claro, viam uma chance de monopolizar a melange, controlando a única fonte ainda independente de seu domínio.

Uma batida na porta de Taraza revelou que uma acólita chegara com o chá. Era um procedimento-padrão quando uma Madre Superiora se encontrava trabalhando tão tarde. Taraza olhou para o cronógrafo de mesa, um engenho Ixiano tão preciso que só ganhava ou perdia um segundo por século. O aparelho registrava: 1:23:11.

Mandou entrar a acólita. A garota, uma loura pálida com olhos friamente observadores, entrou e se curvou para dispor os conteúdos da bandeja diante de Taraza.

A Madre Superiora ignorou a jovem e olhou para o trabalho que permanecia na mesa. Tanta coisa a fazer. O trabalho era mais importante que o sono. Não obstante, sua cabeça doía e ela sentia a sensação de estupor indicativa de um cérebro cansado. Sinal de que era hora de descansar um pouco. Colocara-se numa condição de esgotamento mental e teria que se recuperar antes mesmo de pensar em se levantar. As costas e os ombros doíam-lhe.

A acólita ia saindo quando Taraza fez sinal para que esperasse.

— Massageie minhas costas por favor, Irmã.

As mãos treinadas de acólita aliviaram as constrições musculares. “Boa moça.” Taraza sorriu ante esse pensamento. E claro que era boa. Somente as melhores trabalhavam junto da Madre Superior.

Depois que a jovem saiu, Taraza sentou-se em silêncio, a cabeça

mergulhada em pensamentos profundos. “Tão pouco tempo.” Odiava cada minuto de sono e no entanto não havia como escapar. O corpo acabava fazendo suas exigências inevitáveis. Ela tinha pressionado seu organismo a um ponto em que a recuperação não ia ser fácil, e isso já se prolongava por dias. Ignorando o chá colocado ao seu lado, Taraza levantou-se e foi até a passagem que levava ao pequeno cubículo onde dormia. Lá deixou um aviso para ser acordada às 11h da manhã e se deitou, completamente vestida, no catre duro.

Silenciosamente, regulou a respiração, isolando os sentidos de qualquer distração, e se preparou para dormir.

O sono não veio.

Usou todo o repertório de métodos da Bene Gesserit e ainda assim o sono não veio.

Taraza continuou deitada por longo tempo, reconhecendo afinal a futilidade de tentar adormecer com uma das técnicas que conhecia. Primeiro o estado intermediário de pré-sono teria que fazer o seu trabalho de recuperação. Enquanto isso, sua mente continuava a se agitar.

Nunca considerara o clero Rakiano como um problema. Já dominados pela religião, os sacerdotes poderiam ser manipulados facilmente através dela. Eles encaravam a Bene Gesserit principalmente como um poder capaz de reforçar o seu dogma. Que continuassem pensando assim. Era uma isca que os deixaria cegos.

Maldito Miles Teg! Três meses de silêncio e nenhum relatório favorável da parte de Burzmali. Solo queimado, sinais de decolagem de uma não-nave. Para onde Teg poderia ter ido? O ghola podia estar morto. Teg nunca tinha feito uma coisa assim antes. A velha Confiabilidade. Era por isso que o escolhera. Isso e sua habilidade como militar, sua semelhança com o velho Duque Leto — todas as coisas que tinham preparado nele.

Teg e Lucilla. Uma equipe perfeita.

Se não estivesse morto, será que o ghola não estaria fora de alcance? Os Tleilaxu não o teriam capturado? Ou Atacantes da Dispersão? Multas coisas podiam ter acontecido. A velha Confiabilidade. Silêncio. Seria o silêncio uma mensagem? Se fosse, que será que ele estaria tentando dizer?

Com Patrin e Schwangyu mortos, havia um cheiro de conspiração em torno dos acontecimentos em Gammu. Será que Teg não poderia ser um agente plantado há muito tempo pelos inimigos da Irmandade?

Impossível! Sua própria família era uma prova contra todas as dúvidas. A filha de Teg, no lar da família, estava tão intrigada quanto todo o mundo.

Fazia três meses agora e nem uma palavra.

Cautela. Ela avisara Teg para ter a maior cautela ao proteger o ghola. Teg

vira um grande perigo em Gammu é os últimos relatórios de Schwangyu tornavam isso claro.

Para onde Teg e Lucilla poderiam ter levado o ghola?

Onde teriam adquirido uma não-nave? Conspiração?

A mente de Taraza continuava circulando em torno dessas suspeitas profundas. Seria trabalho de Odrade? Então quem conspirava com Odrade? Lucilla? Odrade e Lucilla nunca se tinham encontrado antes daquela breve ocasião em Gammu. Ou teriam? Quem se curvara junto de Odrade e respirara com ela um ar mútuo, cheio de sussurros? Odrade não demonstrara sinal disso, mas que prova isso dava? A lealdade de Lucilla nunca fora questionada. Ambas agiam perfeitamente como lhes era ordenado. Mas assim também agiriam conspiradoras.

Fatos! Taraza tinha fome de fatos. A cama fez barulho debaixo dela e seu sentimento de isolamento desabou, destruído igualmente pelas preocupações e pelo som de seus próprios movimentos. Resignadamente, Taraza recompôs-se uma vez mais para o relaxamento.

Relaxamento e então sono.

Naves da Dispersão esvoaçaram em sua imaginação enevoada pela fadiga. Perdidos retornando em suas incontáveis não-naves. Teria sido assim que Teg encontrara uma nave? Essa possibilidade estava sendo estudada, tão discretamente quanto possível, em Gammu e outros lugares. Tentou contar as naves imaginárias, mas elas se recusavam a seguir do modo ordeiro necessário para induzir ao sono. Taraza ficou subitamente alerta sem se mover em seu catre.

O lado mais profundo de sua mente estava tentando revelar-lhe alguma coisa. A fadiga bloqueara o caminho para essa comunicação, mas agora! Sentou-se totalmente desperta.

Os Tleilaxu tinham andado negociando com gente que voltava da Dispersão. Com as prostitutas Honradas Madres e com Bene Tleilax que voltavam. Taraza sentiu uma ligação em todos esses acontecimentos. Os Perdidos não voltavam por simples curiosidade quanto a suas raízes. O desejo gregário de reunificar toda a humanidade não era suficiente para trazê-los todos de volta. As Honradas Madres vinham claramente com sonhos de conquista.

Mas e se os Tleilaxu enviados para a Dispersão não tivessem levado consigo o segredo dos tanques axlotl? Que restaria então? Melange? As prostitutas de olhos alaranjados obviamente usavam um substitutivo inadequado. O povo da Dispersão podia não ter resolvido o mistério dos tanques axlotl. Eles deviam saber a respeito dos tanques axlotl e tentariam recriá-los. Mas se falhassem — melange!

Ela começou a explorar sua projeção.

Os Perdidos tinham esgotado os estoques de autêntica melange que seus ancestrais haviam levado para a Dispersão. Que recursos teriam? Os vermes de Rakis e a Bene Tleilax original. As prostitutas não se atreveriam a revelar seus verdadeiros interesses. Seus ancestrais acreditavam que os vermes não podiam ser transplantados. Seria possível que os Perdidos tivessem encontrado um planeta adequado para os vermes? E claro que isso era possível. Elas poderiam estar negociando com os Tleilaxu para despistar. Rakis podia ser seu verdadeiro alvo. Ou o inverso podia ser verdade.

“Riqueza transportável.”

Vira os relatórios de Teg sobre a riqueza que se estava acumulando em Gammu. Alguns dos retornados tinham moedas e outras fichas negociáveis. Isso ficava claro pela atividade bancária.

Que outra grande moeda estaria em jogo, contudo, além da especiaria?

Havia muita riqueza, isso era claro, e fosse qual fosse a moeda os negócios já tinham começado.

Taraza tomou consciência de vozes atrás da porta. A acólita Guarda do Sono estava discutindo com alguém. As vozes eram baixas, mas Taraza ouvira o bastante para se colocar inteiramente alerta.

— Ela pediu para ser acordada bem tarde durante a manhã — protestava a Guarda do Sono.

Alguém mais sussurrou:

— Ela disse que devia ser informada no momento em que eu voltas-se.

— Eu lhe digo. que ela está muito cansada. Precisa...

— Precisa ser obedecida! Diga-lhe que eu voltei!

Taraza levantou-se e colocou as pernas sobre a borda do catre. Seus pés sentiram o piso. Deuses! Como seus joelhos doíam. Doía-lhe também o fato de não ter conseguido identificar a pessoa que discutia com a guarda.

“A volta de quem eu... Burzmali!”

— Estou acordada — gritou Taraza.

A porta se abriu e a Guarda do Sono entrou.

— Madre Superiora, Burzmali voltou de Gammu.

— Mande-o entrar imediatamente!

Taraza ativou o único globo luminoso na cabeceira de sua cama. Sua luz amarelada inundou o aposento, varrendo a escuridão.

Burzmali entrou e fechou a porta atrás de si. Sem que ela mandasse, acionou o botão de isolamento sonoro na porta e os ruídos exteriores desapareceram.

“Privacidade?” Então ele trazia más notícias.

Olhou para Burzmali. Era baixo, magro, com um rosto muito triangular

estreitando-se para um queixo fino. O cabelo louro caía sobre a testa larga, os olhos verdes bem espaçados estavam alertas e vigilantes. Parecia muito jovem para as responsabilidades do posto de Bashar, mas, afinal, Teg parecera ainda mais jovem em Arbelough. "Estamos ficando velhas, maldição!" Forçou-se a relaxar e confiar no fato de Teg ter treinado esse homem e expressado plena confiança nele.

— Dê-me as más notícias.

Burzmali pigarreou.

— Ainda não há sinal do Bashar e de seu grupo em Gammu, Madre Superiora.

Ele tinha uma voz forte, masculina.

"E isso não é o pior de tudo", pensou Taraza. Percebia claros indícios no nervosismo de Burzmali.

— Conte tudo — ordenou ela. — Obviamente você completou seu exame das ruínas do Castelo.

— Não houve sobreviventes — ele disse. — Os atacantes não deixaram escapar ninguém.

— Tleilaxu?

— Possivelmente.

— Você tem dúvidas?

— Os atacantes usaram o novo explosivo Ixiano 12-Uri. Eu... Eu acho que ele pode ter sido usado para nos confundir. Havia orifícios de sondas cerebrais mecânicas no crânio de Schwangyu, também.

— E quanto a Patrin?

— Exatamente como Schwangyu — disse Burzmali. — Explodiu naquela nave chamariz. Conseguiram identificá-lo a partir dos fragmentos de dois dedos e de um olho intacto. Não sobrou nada suficientemente grande para eles sondarem.

— Mas você tem dúvidas! Vá direto a elas!

— Schwangyu deixou uma mensagem que só nós poderíamos ler.

— Nas marcas gastas da mobília?

— Sim, Madre Superiora. e...

— Então percebeu que ia ser atacada e teve tempo de deixar uma mensagem. Vi seu relatório anterior sobre a devastação do ataque.

— Foi rápido e totalmente esmagador. Os atacantes não tentaram fazer prisioneiros.

— E que foi que ela disse?

— Prostitutas.

Taraza tentou a conter o choque, embora já estivesse esperando por essa

palavra. O esforço para se manter calma quase lhe esgotou as energias. Isso era muito ruim. Taraza permitiu-se um suspiro profundo. A oposição de Schwangyu tinha persistido até o fim. Então, percebendo o desastre, ela tomara a decisão adequada. Sabendo que ia morrer sem ter a oportunidade de transferir suas Vidas Memorizadas para outra Reverenda Madre, agira motivada pela lealdade mais básica. Se não pode fazer mais nada, arme suas Irmãs e frustre o inimigo.

“Então as Honradas Madres agiram!”

— Fale-me de sua busca do ghola — ordenou Taraza.

— Não fomos os primeiros a procurar naquela região, Madre Superiora. Havia mais árvores queimadas, rochas e arbustos.

— Mas foi uma não-nave?

— As marcas de uma não-nave.

Taraza assentiu para si mesma. Uma mensagem silenciosa da Velha Confiabilidade?

— De que distância examinaram a área?

— Voamos sobre ela numa viagem de rotina de um lugar para outro.

Taraza fez sinal para que Burzmali se sentasse em uma cadeira ao pé de seu catre.

— Sente-se e relaxe. Quero que você me faça algumas suposições.

Burzmali sentou-se cuidadosamente.

— Suposições?

— Você foi o aluno favorito de Teg. Quero que imagine que é ele. Sabe que tem que tirar o ghola do Castelo. Não confiava inteiramente em ninguém ao seu redor, nem mesmo em Lucilla. Que é que você faz?

— Algo inesperado, claro.

— E claro.

Burzmali esfregou o queixo estreito. Daí a pouco ele disse:

— Confio em Patrin, confio nele inteiramente.

— Está certo, você e Patrin. Que é que vocês fazem?

— Patrin é um nativo de Gammu.

— Estive pensando nisso.

Burzmali olhou para o piso diante dele.

— Patrin e eu teremos elaborado um plano de emergência muito antes de ele ser necessário. Sempre deixo preparadas alternativas secundárias de enfrentar problemas.

— Muito bem. Agora o plano. Que é que vocês fazem?

— Por que Patrin se matou? — perguntou Burzmali.

— Tem certeza de que foi isso que ele fez?

— A senhora viu os relatórios. Schwangyu e vários outros tinham certeza

disso. Patrin era suficientemente leal para fazer isso por seu Bashar.

— Por você! Você é Miles Teg agora. Que plano você e Patrin elaboraram?

— Eu nunca mandaria Patrin para a morte deliberadamente.

— A menos?

— Patrin fez aquilo por sua conta. Poderia fazê-lo se o plano de fuga tivesse se originado dele e não... de mim. Ele o faria para me proteger, para se certificar de que ninguém descobriria o plano.

— Como Patrin poderia chamar uma não-nave sem que nós soubéssemos disso?

— Patrin era um nativo de Gammu. Sua família vem dos dias em que o planeta ainda era Giedi Prime.

Taraza fechou os olhos e voltou o rosto para a direção oposta a Burzmali. Então ele seguia as mesmas trilhas sugestivas que ela estivera sondando mentalmente. "Nós conhecemos as origens de Patrin" Qual seria o significado dessa ligação com Gammu? Sua mente recusava-se a especular. Isso era o que acontecia por se ter permitido ficar tão esgotada! Olhou novamente para Burzmali.

— Será que Patrin encontrou um meio secreto de fazer contato com a família e os velhos amigos?

— Investigamos cada contato que pudemos encontrar.

— Mas não confia nessa informação. Vocês não localizaram todos eles.

Burzmali deu de ombros.

— E claro que não. E não agi baseado nessa pressuposição.

Taraza respirou fundo.

— Volte para Gammu. Leve com você tanta ajuda quanto nossa Segurança puder dispensar. Diga a Bellonda que essas são minhas ordens. Você deve insinuar agentes em todos os lugares. Descubra as pessoas que Patrin conhecia. E quanto à sua família? Quantos ainda restam? Amigos? Descubra-os.

— Isso vai causar uma agitação, não importa o quanto sejamos cuidadosos. Outros vão saber.

Isso não pode ser evitado. E, Burzmali...

Ele se colocou de pé imediatamente.

— Sim, Madre Superiora?

— Quanto aos outros que estão procurando. Você deve ficar na dianteira.

— Posso usar um navegador da Corporação?

— Não!

— Então como...

— Burzmali, e se Miles e Lucilla ainda estiverem em Gammu com o

nosso ghola?

— Já disse que não aceito a idéia de que eles tenham partido em uma não-nave!

Por um longo período de silêncio, Taraza estudou o homem que aguardava de pé junto de seu catre. Treinado por Miles Teg. O aluno favorito do velho Bashar. Que estaria sugerindo o instinto treinado de Burzmali?

Em voz baixa, ela o estimulou a dizer o que pensava.

— Sim?

— Gammu foi Giedi Prime, um dos lares dos Harkonnen.

— E o que é que isso lhe sugere?

— Eles eram ricos, Madre Superiora. Muito ricos.

— E daí?

— Ricos o suficiente para conseguirem instalar uma não-sala, talvez mesmo um não-globo de bom tamanho.

— Não há registros disso! Ix jamais sugeriu, mesmo vagamente, tal coisa. Eles não foram sondados em Gammu para...

— Subornos, compras por uma terceira parte, baldeações de uma nave para outra — explicou Burzmali. — Os tempos da Fome foram muito destrutivos, e antes houve todos aqueles milênios sob o jugo do Tirano.

— Quando os Harkonnen mantiveram suas cabeças abaixadas e as perderam. Bem, admito a possibilidade.

— Registros podem ter sido perdidos — disse Burzmali.

— Não por nós, nem por qualquer outro governo que tenha sobrevivido. Que o leva a essa linha de especulação?

— Patrin.

— Ah.

Ele falou rapidamente:

— Se tal coisa foi descoberta, um nativo de Gammu poderia saber a respeito.

— E quantos deles saberiam? Acha que poderiam ter mantido um segredo desses por... Sim! Percebo o que quer dizer. Se fosse um segredo da família de Patrin...

— Não me atrevi a questioná-los a esse respeito.

— É claro que não! Mas aonde você iria procurar... sem alertar...

— Naquele lugar na montanha onde foram deixadas as marcas de uma não-nave

— Vai exigir que você viaje até lá em pessoa!

— Muito difícil de esconder de espiões — concordou ele — A menos que eu vá com uma pequena força e aparentando outro propósito.

— Que outro propósito?

— Colocar um marco funerário em memória do meu antigo Bashar. Sugerindo que nós já sabemos que ele está morto? Sim!

— Já pediu aos Tleilaxu um substituto para o ghola?

Isso é apenas mera precaução e não significa que...Burzmali, isso é extremamente perigoso. Duvido de que possamos enganar o tipo de gente que vai observá-los em Gammu.

— Minha tristeza e a das pessoas que levarei comigo será dramática e convincente.

— Isso não vai convencer necessariamente um observador prevenido?

— Não confia na minha lealdade e na das pessoas que vou levar comigo?

Taraza comprimiu os lábios, pensando. Lembrou a si mesma que a lealdade fixa era algo que tinham aprendido a aperfeiçoar no padrão Atreides. Como produzir pessoas que gerem a mais profunda devoção? Burzmali e Teg eram ótimos exemplos.

— Pode dar certo — concordou Taraza.

Olhou especulativamente para Burzmali. O aluno favorito de Teg podia estar certo!

— Então vou partir — ele disse, virando-se para sair.

— Um momento — disse Taraza.

Burzmali virou-se.

— Vocês devem saturar-se de shere, todos vocês. E, se forem capturados por um desses novos Dançarmos Faciais, devem queimar suas próprias cabeças, estourá-las totalmente. Tome as precauções necessárias.

A expressão subitamente séria no rosto de Burzmali tranquilizou Taraza. Por um momento ele ficara orgulhoso de si mesmo. Melhor sufocar esse orgulho. Não devia deixá-lo descuidado.

28

Há muito sabemos que os objetos de nossa experiência palpável podem ser influenciados por uma escolha consciente e inconsciente. Isso é um fato demonstrável e não exige a nossa crença em alguma força interior que se estende de dentro de nós para tocar o universo. Falo de um relacionamento pragmático entre as nossas crenças e aquilo que identificamos como "real". Todos os nossos julgamentos contém uma pesada carga de crenças ancestrais a que nós, da Bene Gesserit, somos mais suscetíveis que a maioria. E não é suficiente termos consciência e nos prevenirmos contra isso. As interpretações alternativas devem sempre receber nossa atenção.

— Madre Superiora Taraza:
Discussão no Conselho

— Deus vai nos julgar aqui — exultara Waff.

Ele andava dizendo isso nos momentos mais imprevisíveis da longa jornada pelo deserto. Sheeana parecia não notar, mas a voz e os comentários de Waff estavam começando a cansar Odrade.

O sol Rakiano deslocara-se bem para oeste, mas o verme continuava a carregá-los, aparentemente incansável, em seu impulso através do Sareer, rumo aos montes remanescentes da antiga muralha do Tirano.

"Por que esta direção?", perguntava-se Odrade.

Não havia resposta satisfatória. O fanatismo e o perigo renovado da parte de Waff exigiam uma resposta imediata. Ela lembrou o canto do Shariat que sabia impulsioná-lo.

— Deixe que Deus faça o julgamento e não os homens.

Waff olhou carrancudo ante o tom de desafio na voz dela. Fitou o horizonte adiante e depois os tópteros que continuavam a segui-los.

— Os homens devem realizar o trabalho de Deus — murmurou ele. Odrade não respondeu. Waff fora jogado de encontro às suas dúvidas e agora devia estar se perguntando: "Será que essas bruxas Bene Gesserit realmente compartilham da Grande Crença?"

Seus pensamentos impulsionaram-na de volta às questões sem resposta,

tropeçando em tudo que sabia a respeito dos vermes de Rakis. Suas memórias pessoais e as Outras Memórias teceram uma colagem louca. Podia visualizar Fremen envoltos em mantos, no topo de um ver-me ainda maior do que esse, cada cavaleiro inclinando-se para trás enquanto segurava uma longa vara cujo gancho se prendia nos anéis do verme. Anéis como esse que suas mãos agarravam. Sentia o vento em sua face, o manto chicoteando nos joelhos. Essa e outras cavalgadas fundiam-se numa longa familiaridade.

"Já se passou longo tempo desde que um Atreides cavalgou um ver-me."

Haveria algum indício de seu destino em Dar-es-Balat? Como poderia haver? Estivera tão quente e sua mente se voltava então para o que poderia acontecer nessa aventura no deserto. Não estivera tão alerta quando devia.

Em comum com todas as outras comunidades em Rakis, Dar-es-Balat encolhia durante o calor do início da tarde. Odrade lembrava-se da aspereza de seu traje destilador novo, enquanto aguardava à sombra de um prédio perto dos limites ocidentais de Dar-es-Balat. Esperava que as escoltas trouxessem Sheeana e Waff das residências seguras onde ela os instalara.

Que alvo tentador tinha sido ela! Mas eles tinham que ter certeza da concordância Rakiana. E as escoltas da Bene Gesserit se haviam atrasado deliberadamente.

— Shaitan gosta do calor — comentara Sheeana.

Os Rakianos escondiam-se do calor, mas os vermes saíam dele. Haveria algum fator significativo, alguma razão reveladora para que esse verme os conduzisse nessa direção em particular?

"Minha mente está pulando como uma bola de criança!"

Que significado teria o fato de os Rakianos se esconderem do sol enquanto um pequeno Tleilaxu, uma Reverenda Madre e uma mocinha selvagem estavam viajando através do deserto nas costas de um verme? Era um padrão muito antigo de Rakis e nada havia de surpreendente nisso. Os Fremen, contudo, tinham sido criaturas noturnas. Seus descendentes modernos dependiam mais das sombras para protegê-los do sol quente.

Como os sacerdotes se sentiam seguros atrás de seus fossos protetores!

Cada morador de um centro urbano Rakiano sabia que o qanat estava lá fora, água correndo nas sombras, pequenos cursos desviados para alimentar os canais estreitos cuja evaporação era recapturada nas armadilhas de vento.

"Nossas preces nos protegem", diziam eles, mas sabiam o que realmente os protegia.

"Sua sagrada presença pode ser vista no deserto."

"O Verme Sagrado."

"O Deus Dividido."

Odrade olhou para os anéis do verme diante dela. “E aqui está ele!”

Pensou nos sacerdotes entre os observadores nos tópteros acima. Como adoravam espionar os outros! Sentira que a observavam em Dar-es-Balat, enquanto esperava pela chegada de Sheeana e Waff. Olhos por trás das venezianas em altas sacadas ocultas. Olhos espiando através de fendas estreitas em paredes espessas. Olhos ocultos atrás de plaz espelhado ou olhando de dentro das sombras.

Odrade forçara-se a ignorar os perigos enquanto marcava a passagem do tempo pelo movimento de uma linha de sombra na parede acima dela — um relógio preciso nessa terra onde todos se guiavam pela hora solar.

As tensões se haviam acumulado devido à necessidade de parecer despreocupada. Por que iriam atacar? Será que se atreveriam sabendo que ela tinha tomado suas próprias precauções? Como estariam irritados os sacerdotes por terem sido forçados a se unir aos Tleilaxu nesse triunvirato? Suas assessoras, Reverendas Madres do Castelo, não tinham gostado de ela estar bancando a isca para os sacerdotes.

— Deixe que uma de nós seja a isca!

Odrade fora inflexível:

— Eles não acreditariam e a suspeita os manteria afastados. Além disso, com certeza eles enviarão Albertus.

E assim Odrade aguardara naquele pátio em Dar-es-Balat, um pátio sombreado pelo verde nas profundezas onde ela se encontrava a olhar para o alto em direção ao ponto em que a sombra dava lugar à luz do sol, seis andares acima — balaustradas rendilhadas nas sacadas de cada andar: plantas verdes, flores vermelhas, alaranjadas e azuis e, acima de tudo, um retângulo de céu prateado.

“E os olhos ocultos.”

Um movimento numa ampla porta de rua à sua direita! Uma única figura usando o traje dourado, púrpura e branco de sacerdote saiu para o pátio. Ela a observou, procurando indícios de que os Tleilaxu tivessem estendido seu domínio com outra mímica de Dançarino Facial. Mas esse era o homem, um sacerdote que ela reconhecia: Albertus, o senhor de Dar-es-Balat.

‘‘Exatamente como esperávamos.”

Albertus atravessou o amplo átrio em direção a ela, caminhando com cuidadosa dignidade. Haveria indícios de perigo nele? Faria algum sinal para seus assassinos? Ela olhou para cima, em direção às sacadas:

pequenos movimentos tremulantes nos níveis mais elevados. O sacerdote que se aproximava não estava sozinho.

“Mas eu também não estou!”

Albertus parou a dois passos de Odrade e ergueu a cabeça, olhando para

ela. Até agora mantivera a atenção voltada para os intrincados arabescos de ouro e púrpura nos azulejos do pátio.

"Ele tem ossos fracos", pensou Odrade.

Ela não deu sinal de reconhecê-lo. Albertus era um dos que sabiam que seu Alto Sacerdote fora substituído por um Dançarino Facial.

Ele pigarreou e respirou, trêmulo.

"Ossos fracos! Carne fraca!"

Embora o pensamento divertisse Odrade, ela não reduziu a vigilância. Reverendas Madres sempre notavam esse tipo de coisa. Procuravam as marcas hereditárias. E a seletividade que existira no passado de Albertus tinha falhas, elementos que a Irmandade tentaria corrigir em seus descendentes se um dia fosse importante cultivá-los. Isso seria considerado, é claro. Albertus galgara uma posição de poder, de modo discreto mas definitivo, e seria determinado se tal coisa implicava um valor genético. Fora muito mal-educado, contudo. Uma acólita de primeiro ano o teria dominado. O condicionamento do clero Rakiano degenerara muito desde os dias das Oradoras Peixes.

— Por que está aqui? — perguntou Odrade, fazendo da pergunta uma acusação.

Albertus tremeu.

— Trago uma mensagem de sua gente, Reverenda Madre.

— Então diga!

— Houve um ligeiro atraso, algo a respeito de a rota para cá ser conhecida por muitos.

Pelo menos essa era a história que todos tinham concordado em contar aos sacerdotes. Mas outras coisas podiam ser lidas facilmente no rosto de Albertus. Os segredos compartilhados com ele ficavam perigosamente próximos de serem expostos.

— Quase chego a desejar ter dado a ordem para que o matassem — disse Odrade.

Albertus recuou dois passos. Seus olhos ficaram desfocados, como se tivesse morrido ali, na frente dela. Ela reconheceu a reação. Albertus entrara naquela fase reveladora em que o medo lhe contraía o escroto. Sabia que essa terrível Reverenda Madre Odrade podia passar-lhe uma sentença de morte com toda a naturalidade ou mesmo matá-lo com as próprias mãos.

— Você tem estado a estudar se deve matar-me ou destruir nosso Castelo em Keen — acusou Odrade.

Albertus tremeu violentamente.

— Por que diz uma coisa dessas, Reverenda Madre?

Havia um chiado revelador na voz dele.

— Não tente negar — ela disse. — Eu me pergunto quantas pessoas já acharam tão fácil ler seus pensamentos quanto eu acho. Supõe-se que você seja capaz de manter segredos! Não se espera que ande por aí com todos os seus segredos escritos no rosto!

Albertus caiu de joelhos. Ela pensou que ele ia prostrar-se.

— Mas sua própria gente me enviou!

— E você ficou muito satisfeito em vir e verificar se seria possível me matar.

— Por que eu faria isso?.

— Silêncio! Vocês não gostam do fato de controlarmos Sheeana. Têm medo dos Tleilaxu. Há coisas que foram retiradas do controle de vocês e coisas que foram colocadas em andamento que os aterrorizam.

— Reverenda Madre! Que devemos fazer? Que devemos fazer?

— Vocês vão obedecer-nos! Mais do que isso, vão obedecer Sheeana! Estão com medo do que vamos fazer hoje? Há coisas piores para vocês temerem!

Ela sacudiu a cabeça fingindo decepção. Sabia o efeito que tudo isso teria sobre o pobre Albertus. Ele encolheu-se debaixo do peso do ódio de Odrade.

— Fique de pé — ordenou ela. — Lembre-se de que é um sacerdote de quem se exige a verdade!

Albertus cambaleou, colocando-se de pé a cabeça ainda curvada. Podia ver no corpo dele que decidira abandonar os subterfúgios. Que prova devia ter sido para ele! Respeitoso para com a Reverenda Madre que tão facilmente lera seus pensamentos, agora devia obedecer sua religião. Devia confrontar o paradoxo final de todas as religiões.

“Deus sabe!”

— Vocês não escondem nada de mim, nada de Sheeana e nada de Deus.

— Perdoe-me, Reverenda Madre.

— Perdoá-lo? Não depende de mim perdoá-lo, nem devia pedir isso de mim. Você é um sacerdote!

Ele ergueu os olhos para o rosto furioso de Odrade.

O paradoxo estava totalmente em cima dele agora. Deus certamente estava ali! Mas Deus em geral estava muito longe e as confrontações podiam ser adiadas. Amanhã seria outro dia, decerto que seria. E era aceitável que uma pessoa se permitisse cometer pequenos pecados, talvez uma mentira ou duas. Por ora, apenas isso. E talvez um grande pecado se a tentação fosse grande. Supunha-se que os deuses fossem mais compreensivos com relação aos grandes pecadores. Haveria tempo para pedir perdão.

Odrade fitou Albertus com o olhar analítico da Missionaria Protectiva.

“Ah, Albertus” pensou. “Mas agora você se vê na presença de outro ser humano que conhece todas as coisas que você pensava serem um segredo partilhado apenas por você e por seu deus.”

Para Albertus, a atual situação devia ser pouco diferente da morte, aquela submissão derradeira, o julgamento final de seu deus. Isso certamente explicava a razão inconsciente pela qual ele deixara seu poder desmoronar nesse momento. Todos os seus temores religiosos tinham sido invocados e focalizados numa “Reverenda” Madre.

Em seu tom de voz mais seco, sem ao menos usar a Voz para forçá-lo, Odrade disse:

— Quero que esta farsa termine imediatamente.

Albertus tentou engolir em seco. Sabia que não podia mentir. Podia conhecer uma remota possibilidade de mentir, mas seria inútil. Submisso, olhou para a testa de Odrade, onde a linha do capuz do traje destilador lhe comprimia a pele. Então disse, a voz pouco mais que um sussurro:

— Reverenda Madre, é só que nos sentimos destituídos daquilo que

é nosso. Vocês e os Tleilaxu vão para o deserto com a nossa Sheeana.

Vão aprender com ela e... — Os ombros dele caíram. — Por que leva o Tleilaxu?

— Sheeana assim o deseja — mentiu Odrade.

Albertus abriu a boca e a fechou sem falar. Ela podia perceber a aceitação fluindo através dele.

— Você vai voltar para junto de seus companheiros com um aviso — disse Odrade. — A sobrevivência de Rakis e do seu clero depende inteiramente de como me obedecerem agora. Não devem atrapalhar-nos nem um pouquinho! E quanto a essas tramas infantis que concebem contra nós... Sheeana revela-nos o menor de seus pensamentos malévolos!

Albertus surpreendeu-a então. Ele sacudiu a cabeça e emitiu uma risada seca. Odrade já tinha notado que muitos desses sacerdotes se deleitavam com o constrangimento alheio, mas não imaginava que pudessem achar divertidos os próprios fracassos.

— Acho seu riso vazio — ela disse.

Albertus deu de ombros e recuperou um pouco de sua máscara facial. Odrade já tinha visto muitas máscaras como essa. Fachadas! Eles as usavam em camadas. E bem embaixo de todas aquelas defesas havia alguém que se importava, alguém que ela expusera ali tão brevemente. Esses sacerdotes tinham o perigoso costume de recorrer a explicações muito floridas quando pressionados com perguntas.

“Devo trazer de volta aquele que se importa”, pensou Odrade. Ela o

interrompeu quando ele começou a falar.

— Chega! Você vai esperar por mim quando eu voltar do deserto. Por enquanto você é o meu mensageiro. Leve minha mensagem com precisão e ganhará uma recompensa maior do que pode imaginar. Fracasse e sofrerá as agonias de Shaitan!

Odrade observou Albertus sair apressadamente do pátio, os ombros caídos e a cabeça inclinada para a frente, como se quisesse chegar antes do corpo ao alcance da voz de seus companheiros.

No cômputo geral, pensou, saíra-se muito bem. Fora um risco calculado e muito perigoso no que se referia a ela pessoalmente. Tinha certeza de que havia assassinos naquelas sacadas, esperando por um sinal de Albertus. E agora o medo que ele levava dentro de si era algo que a Bene Gesserit compreendia intimamente através de milênios de manipulações. Algo tão contagiosamente virulento quanto uma praga. As Irmãs Instrutoras chamavam isso de “histeria dirigida”. E fora dirigida (apontada seria o termo mais preciso) para o coração do clero Rakiano. Era algo em que se podia confiar, especialmente agora em que um reforço entraria em ação. Os sacerdotes se submeteriam e somente alguns hereges imunes deviam ser temidos..

29

Este é um universo mágico que inspira a admiração: não existem átomos, apenas ondas e movimentos à nossa volta. E aqui a pessoa se livra de toda a crença em barreiras a compreensão. Coloca-se de lado a própria idéia de compreensão. Este universo não pode ser visto, não pode ser ouvido, não pode ser detectado de modo algum pelos sentidos fixos. É o derradeiro vazio, onde não existem telas em que se possam projetar as formas pré-ordenadas. Tem-se apenas uma consciência aqui — a tela dos magos que é a imaginação. Aqui a pessoa compreende o que significa ser humano. É um criador de ordem, de sistemas e formas de beleza, é um organizador do caos.

— O Manifesto Atreides, Arquivos da Bene Gesserit

— O que você está fazendo é muito perigoso — advertiu Teg. Minhas ordens são para protegê-lo e torná-lo mais forte. Não posso permitir que isso continue.

Teg e Duncan encontravam-se no corredor revestido de painéis de madeira do lado de fora da sala de exercícios do não-globo. Era o final da tarde pelo relógio de suas rotinas arbitrárias e Lucilla acabara de sair, cheia de ódio depois de um confronto injurioso.

Todos os encontros entre Duncan e Lucilla vinham adquirindo ultimamente as características de uma batalha. Agora há pouco ela tinha parado na porta do salão de exercícios, uma figura rígida que não chegava a ser impassível devido às suas curvas, os movimentos sedutores óbvios aos dois homens.

— Pare com isso, Lucilla! — ordenara Duncan.

Somente a voz traía o ódio dela.

— Por quanto tempo acha que vou esperar para cumprir minhas ordens?

— Até que você ou outra pessoa me diga que eu...

— Taraza exige coisas de você que nenhum de nós aqui sabe — dissera Lucilla.

Teg tentara acalmar os ódios crescentes.

— Por favor. Não é suficiente que Duncan continue a melhorar seu

desempenho? Dentro de alguns dias vou começar a manter uma vigília regular do lado de fora. Nós poderemos...

— Você pode parar de interferir no meu trabalho, maldito! — retrucou Lucilla enquanto se virava e saía rapidamente.

Enquanto percebia a dura resolução no rosto de Duncan, uma coisa furiosa começou a trabalhar dentro de Teg. Sentia-se impulsionado pelas necessidades daquela situação de isolamento. Seu intelecto, aquele instrumento maravilhosamente afiado pela Bene Gesserit, estava abrigado do ruído mental ao qual tinha que se ajustar no exterior. Achava que, se pudesse apenas silenciar sua mente, colocar tudo num estado de calma, então todas as coisas se tornariam claras para ele.

— Por que está contendo o seu fôlego, Bashar? — perguntou Duncan.

A voz dele deixou Teg sufocado. Foi necessário um supremo ato de vontade para que Teg pudesse voltar a respirar normalmente. Sentia as emoções de seus dois companheiros dentro do não-globo como um fluxo e refluxo de maré algo temporariamente removido de outras forças.

“Outras forças.”

A percepção Mentat podia ser uma idiota na presença de outras forças que varriam o universo. Podia haver no universo pessoas cujas vidas eram permeadas de poderes que ele nem podia imaginar. Diante de tais forças ele era uma palha flutuando em correntezas turbulentas. Poderia mergulhar numa cachoeira e emergir intacto?

— O que é que Lucilla poderá fazer se eu continuar resistindo a ela? — perguntou Duncan.

— Ela já usou a Voz com você? — perguntou Teg.

Sua própria voz lhe parecia distante.

— Um vez.

— E você resistiu?

Uma surpresa remota agitou-se em algum lugar dentro de Teg.

— O próprio Paul Muad’Dib ensinou-me a fazê-lo.

— Ela é capaz de paralisar você e então...

— Acredito que as ordens dela proíbem a violência.

— E que é violência, Duncan?

— Vou tomar uma ducha, Bashar. Vem comigo? Em alguns minutos.

Teg respirou fundo, sentindo o quanto estava próximo da exaustão. Essa tarde no salão de treinamento e o que acontecera depois o tinha deixado esgotado. Observou enquanto Duncan saía. Onde estaria Lucilla? Que estaria planejando? Por quanto tempo mais poderia ela esperar? Essa era a questão central e se ligava à ênfase peculiar do não-globo na questão de seu isolamento

do Tempo.

Novamente ele sentiu aquele fluxo e o refluxo que suas três vidas influenciavam. “Devo conversar com Lucila! Para onde será que ela foi? Fora a biblioteca? Não! Há outra coisa que devo fazer primeiro.”

Lucilla estava sentada num aposento que ela tinha escolhido para seus alojamentos pessoais. Era uma espaço pequeno com um leito decorado encaixando-se em uma depressão na parede. Elementos sutis e grotescos à sua volta revelavam que esse fora o quarto favorito dos Harkonnen. Os tecidos existentes ali eram todos de um azul-pastel com desenhos mais escuros. E, a despeito das esculturas barrocas da cama e do teto da alcova, o quarto podia ser varrido de sua consciência uma vez que ela relaxasse dentro dele. Deitou-se na cama e fechou os olhos às figuras de sexualidade exagerada desenhadas no teto.

“Vou ter que dar um jeito em Teg.”

“Teria que ser feito de um modo que não ofendesse Taraza nem enfraquecesse o ghola. Teg apresentava-lhe um problema especial de muitas maneiras, especialmente no modo como seus processos mentais eram capazes de afundar e emergir de fontes profundas, semelhantes às que eram disponíveis à Bene Gesserit.

“Graças à Reverenda Madre que foi sua mãe, é claro.”

Alguma coisa havia passado de mãe a filho. Algo que começara no ventre e que provavelmente não terminara nem quando ambos tinham sido separados. Ele nunca tinha passado pela devoradora transmutação que produzia as Abominações... não, isso não. Mas possuía poderes autênticos e muito sutis. Aqueles que nasciam de Reverendas Madres aprendiam coisas que eram impossíveis para os outros.

Teg conhecia precisamente o modo como Lucilla encarava o amor em todas as suas manifestações. Ela percebera isso estampado no rosto dele uma vez, nos alojamentos do Castelo.

“Bruxa calculista!”

Teria sido a mesma coisa se ele tivesse falado em voz alta.

Lembrou-se do modo como lhe tinha dirigido o sorriso benevolente e a expressão dominadora. Isso fora um erro, algo indigno de ambos. Tinha percebido em tais pensamentos uma simpatia latente da parte de Teg. Em algum lugar dentro dele, a despeito de todo o cuidadoso treinamento Bene Gesserit, existiam fendas em sua armadura. Suas professoras a tinham advertido muitas vezes.

Para ser capaz de induzir um amor verdadeiro, você deve ser capaz de senti-lo, ainda que temporariamente. E uma única vez é o bastante!

As reações de Teg para com o ghola Duncan Idaho diziam muita coisa.

Teg era ao mesmo tempo atraído e repelido pelo jovem pupilo.

“Exatamente como eu sou.”

Talvez tivesse sido um erro não ter seduzido Teg.

Em sua educação sexual, Lucilla aprendera a ganhar forças numa relação em vez de se entregar nela. Suas professoras tinham enfatizado a análise e as comparações históricas, das quais havia muitos exemplos nas Outras Memórias de uma Reverenda Madre.

Lucilla focalizou seus pensamentos na presença masculina de Teg. Fazendo isso, podia sentir uma resposta feminina, sua carne desejando Teg junto dela e excitado até o ápice sexual — pronto para o momento do mistério.

Um leve senso de humor penetrou na consciência de Lucilla. Não era chamado de orgasmo nem de qualquer outro rótulo científico! Era típico da cantilena Bene Gesserit: “O momento do mistério”, a especialidade última de uma Impressora. A imersão na longa linhagem da Bene Gesserit exigia esses conceitos. Tinham lhe ensinado a crer profundamente na dualidade: no conhecimento científico através do qual as Madres Procriadoras guiavam suas ações, mas, ao mesmo tempo, no mistério daquele momento que confundia todo o conhecimento. A ciência e a história da Bene Gesserit diziam que o impulso para a procriação devia permanecer irrecuperavelmente enterrado na psique. Ele não podia ser removido sem que isso resultasse na destruição da espécie.

“A rede de segurança.”

Lucilla reuniu suas forças sexuais como somente uma Impressora seria capaz de fazer. Começou a focalizar o pensamento em Duncan. A essa altura ele devia estar no chuveiro, pensando em sua sessão de treinamento noturna com sua professora-Reverenda Madre.

“Irei ao encontro de meu aluno dentro em pouco”, pensou ela. “A lição mais importante deve ser ensinada ou ele não estará plenamente preparado para enfrentar Rakis.”

Essas tinham sido as instruções de Taraza.

Lucilla voltou o foco de seus pensamentos inteiramente para Duncan. Era quase como se o visse, de pé nu, debaixo do chuveiro.

Quão pouco ele compreendia do que havia para aprender!

Duncan estava sentado sozinho no vestiário ao lado dos chuveiros, ao lado da sala de exercícios. Encontrava-se mergulhado numa tristeza profunda. Isso lhe trazia à lembrança sofrimentos causados por velhas feridas que essa carne jovem nunca experimentara.

Algumas coisas nunca mudavam! A Irmandade estava metida em seus velhos jogos de novo.

Olhou para cima e à volta desse refúgio dos Harkonnen revestido de

painéis escuros. Arabescos tinham sido esculpidos nas paredes e no teto, estranhos desenhos nos cubos do mosaico do piso. Monstros e lindos corpos humanos entrelaçando-se através das mesmas linhas definidas. Somente um olhar atento distinguia uns de outros.

Duncan olhou para o corpo que os Tleilaxu, com seu tanques axlotl, tinham produzido para ele. Parecia-lhe estranho às vezes. Ele fora um homem com muitas experiências de adulto no último instante que recordava de sua vida pré-ghola — combatendo um enxame de guerreiros Sardaukar, dando ao seu jovem Duque uma chance de escapar.

Seu Duque! Paul então não era mais velho que esse corpo. Condicionado, contudo, à maneira de ser de todos os Atreides: lealdade e honra acima de tudo.

“Do modo como eles me condicionaram depois que me salvaram dos Harkonnen.”

Alguma coisa dentro dele não podia escapar dessa antiga dívida. Conhecia sua fonte e podia delinear o processo através do qual essa dívida de gratidão se havia entranhado nele.

E lá permanecia.

Duncan olhou para o piso azulejado. Palavras tinham sido escritas ao longo do rodapé. Era uma inscrição que parte dele identificava como coisa antiga, dos velhos tempos dos Harkonnen, enquanto outra parte achava que era um Galach muito familiar.

“LIMPEZA PURA

PURA LIMPEZA BRILHANTE PURA LIMPEZA”

A inscrição repetia-se ao longo do perímetro da sala como se as próprias palavras pudessem criar alguma coisa que Duncan sabia ser totalmente estranha aos Harkonnen de suas lembranças.

Nas portas dos chuveiros, mais inscrições:

“CONFESSE TEU CORAÇÃO E ENCONTRE A PUREZA”

Uma advertência religiosa numa fortaleza Harkonnen? Teriam os Harkonnen se modificado nos séculos subsequentes à sua morte? Duncan achava muito difícil acreditar nisso. Essas palavras eram apenas alguma coisa que os construtores tinham julgado apropriado.

Sentiu mais que ouviu quando Lucilla entrou atrás dele. Levantou-se e prendeu os fechos da túnica que escolhera nos vasos de nulentropia (mas somente depois de arrancar todas as insígnias dos Harkonnen!)

Sem se virar, ele disse:

— Que é agora, Lucilla?

Ela acariciou o tecido da túnica ao longo do braço esquerdo dele.

— Os Harkonnen sabiam o que era bom.

Duncan falou calmamente:

— Lucilla, se você me tocar de novo sem minha permissão, vou tentar matá-la. E vou tentar com tanto empenho que é muito provável que você tenha que me matar.

Ela recuou imediatamente.

Ele olhou nos olhos dela.

— Não sou nenhum maldito garanhão para os seus projetos de procriação.

— E isso que você acha que queremos de você?

Ninguém me disse ainda o que vocês querem de mim, mas as suas atitudes são óbvias!

Ele estava nas pontas dos pés, pronto para agir. Aquela coisa ainda não despertada em seu interior remexia-se e fazia seu pulso acelerar-se.

Lucilla observou-o cuidadosamente. “Maldito Miles Teg!” Nunca esperara que a resistência fosse assumir essa forma. Não havia como duvidar da sinceridade de Duncan. Palavras apenas não iam adiantar mais. Ele era imune à Voz.

“Verdade”

Era a única arma que lhe restava.

— Duncan, não sei precisamente o que Taraza espera que você faça em Rakis. Só posso fazer suposições, mas minhas suposições podem estar erradas.

— Faça as suposições então.

— Existe em Rakis uma garota muito jovem, uma adolescente. O nome dela á Sheeana. Os vermes de Rakis obedecem a ela. De algum modo, a Irmandade deve unir esse talento ao seu patrimônio de habilidades.

E que poderia eu possivelmente...

— Se eu soubesse lhe diria agora.

Ele notou a sinceridade dela, revelada pelo desespero.

— E que é que seu talento tem a ver com isso? — indagou ele.

— Somente Taraza e suas conselheiras sabem.

— Elas querem ter algum poder sobre mim, alguma coisa da qual eu não possa escapar!

Lucilla já deduzira isso, mas não tinha esperado que ele chegasse a tal conclusão tão rapidamente. O rosto jovem de Duncan ocultava uma mente que funcionava em níveis que ela ainda não tinha avaliado. Os pensamentos de Lucilla aceleraram-se.

— Controle os vermes e poderá reviver a antiga religião — era a voz de Teg vindo da porta atrás de Lucilla.

“Não o ouvi chegar!”

Ela girou num movimento rápido. Teg estava posicionado com uma das

antigas armas laser dos Harkonnen apoiada naturalmente sobre o braço esquerdo, o cano apontado para Lucila.

— Isto é para garantir que você vai me ouvir — ele disse.

— Há quanto tempo estava nos ouvindo?

O olhar furioso de Lucilla não mudou a expressão de Teg.

— A partir do momento em que admitiu que não sabe o que Taraza espera de Duncan. Nem eu sei — disse Teg. — Mas posso fazer algumas projeções Mentat. Nada muito preciso ainda, mas todas muito sugestivas. Diga-me se estou errado.

— A respeito do quê?

Ele olhou para Duncan.

— Uma das coisas que lhe ordenaram que fizesse foi torná-lo irresistível para a maioria das mulheres.

Lucilla tentou ocultar o desapontamento. Taraza a advertira para que escondesse isso de Teg por quanto tempo fosse possível. Percebia agora que não poderia mais esconder. Teg notara sua reação com uma daquelas malditas habilidades que a maldita mãe lhe havia ensinado!

— Um bocado de energia está sendo reunida e dirigida para Rakis — continuou Teg. Olhou firme para Duncan. — Não importa o que os Tleilaxu tenham enterrado dentro dele, ele tem a marca da antiga humanidade em seus genes. Não é disso que precisam as Madres Procriadoras?

— Um maldito garanhão para as Bene Gesserit — acusou Duncan.

— Que é que você pretende fazer com essa arma? — perguntou Lucilla, indicando a antiga arma laser nas mãos de Teg.

— Isto? Eu ainda nem coloquei o carregador de energia.

Ele abaixou a arma laser e a apoiou no canto da porta ao seu lado

— Miles Teg, você será punido! — ameaçou Lucilla.

— Isso vai ter que esperar — retrucou ele. — É quase noite lá fora e eu saí sob a proteção de um escudo vital. Burzmali esteve aqui. Deixou seu sinal para indicar que leu a mensagem que deixei rabiscada com aquelas marcas de animais nas árvores.

Um brilho de vigilância surgiu nos olhos de Duncan.

— Que vai fazer? — perguntou Lucilla.

— Deixei novas marcas preparando um encontro. Agora vamos todos para a biblioteca, onde estudaremos os mapas. Vamos gravá-los na memória. No mínimo ficaremos sabendo onde estamos quando fugirmos.

Ela concedeu-lhe um curto meneio de aceitação com a cabeça. Duncan notou o movimento de Lucilla com apenas uma pequena fração de sua consciência. Sua mente já tinha saltado adiante, para o antigo equipamento da

biblioteca dos Harkonnen. Fora ele quem demonstrara a Teg e Lucila como usá-lo corretamente, pedindo um mapa de Giedi Prime de uma época em que nenhum não-globo ainda fora construído.

Com a memória pré-ghola do Duncan como guia, e seu conhecimento mais moderno do planeta, Teg tentava atualizar o mapa.

"Estação da Guarda Florestal" tornou-se "Castelo da Bene Gesserit"

— Parte dele era um chalé de caça dos Harkonnen — explicara Duncan. — Eles caçavam seres humanos especialmente criados e condicionados para esse propósito.

Cidades desapareciam na atualização de Teg. Algumas delas permaneciam, mas recebiam novos nomes. "Ysai", a metrópole mais próxima, tornou-se "Baronja" no mapa original.

Os olhos de Duncan ficaram cruéis ante essa lembrança.

— Foi onde eles me torturaram.

Quando Teg esgotou sua memória do planeta, multa coisa estava marcada ainda como desconhecida, mas havia símbolos encaracolados da Bene Gesserit identificando os lugares onde, segundo o pessoal de Taraza explicara a Teg, ele poderia encontrar refúgio temporário.

Eram esses lugares que Teg queria gravar na memória.

Enquanto se virava para guiá-los até a biblioteca, Teg disse:

— Vou apagar o mapa quando o tivermos memorizado. Ninguém pode prever quem é capaz de encontrar este lugar e examiná-lo.

Lucilla passou por ele.

— Está em sua cabeça, Miles! — ela disse.

Teg olhou para as costas dela enquanto se afastava:

— Um Mentat lhe diz que fiz aquilo que me era exigido.

Ela falou sem se virar:

— Que lógico, Miles!

30

Esta sala reconstrói um trecho do deserto de Duna. O Trator da Areia diretamente em frente é da época dos Atreides. Agrupadas em torno dele, no sentido dos ponteiros do relógio a partir da sua esquerda, encontram-se uma pequena colhedeira, uma asa transporta-tudo, uma primitiva fábrica de especiaria e outros equipamentos de apoio. As explicações estão nos stand. Observe-se a citação iluminada em cima de cada stand. "POIS ELES SUGARÃO A ABUNDÂNCIA DOS MARES E OS TESOUROS DAS AREIAS." Essa antiga citação religiosa era frequentemente repetida pelo célebre Gurney Halleck.

— Texto-guia, Museu de Dar-es-Balat

O verme não reduziu sua marcha implacável senão pouco antes do anoitecer. A essa altura Odrade já estudara meticulosamente todas as suas indagações e ainda não obtivera respostas. Como Sheeana podia controlar os vermes? Ela dizia que não estava dirigindo o seu Shaitan naquela direção. Qual seria a linguagem oculta a que respondia o monstro do deserto? Odrade sabia que suas irmãs-guardiãs nos tópteros lá em cima deviam estar se fazendo as mesmas perguntas, e mais uma:

"Por que Odrade deixa essa cavalgada continuar?"

Elas poderiam até mesmo aventar algumas hipóteses: "Ela não nos chama porque isso poderia perturbar a fera." "Ela não confia em nossa capacidade de resgatar o seu grupo"

Mas a verdade era muito mais simples: curiosidade.

A sibilante passagem do verme lembrava o avanço de um navio fendendo os oceanos. Mas os odores de pó de pedra e da areia superaquecida que passavam em torno deles, soprados pelos ventos, revelavam o contrário. Somente o deserto aberto os envolvia agora, quilômetros após quilômetros de dunas dorso-de-baleia, tão regulares em seu espaçamento quanto as ondas de um mar.

Waff estava em silêncio já havia um bom tempo. Agachara-se numa reprodução, em miniatura, da posição de Odrade, sua atenção dirigida para a

frente, uma expressão vazia no rosto. Sua declaração mais recente fora:

— Deus guarda os fiéis na hora do nosso julgamento!

Odrade pensava nele como a prova viva de que um fanatismo suficientemente forte era capaz de sobreviver durante eras. Os Zensunni e os antigos Sufi sobreviviam nos Tleilaxu. Era como um vírus mortífero que tivesse permanecido incubado por todos esse milênios, esperando o hospedeiro certo para alimentar sua virulência.

“Que acontecerá com aquilo que plantei no clero Rakiano?”‘ ela se perguntava. Santa Sheeana era uma certeza.

Sheeana estava sentada num anel de seu Shaitan, o manto puxado para cima a fim de revelar suas canelas magras. Segurava o anel com ambas as mãos colocadas entre as pernas.

Sheeana contara que seu primeiro verme levara-a diretamente para Keen. Por que para lá? Será que o verme estava simplesmente levando-a para junto de sua própria gente?

Este aqui tinha certamente um objetivo diferente. Sheeana não mais o questionava e Odrade ordenara que ela ficasse em silêncio e praticasse o baixo transe. Isso pelo menos garantiria que os mínimos detalhes dessa experiência poderiam ser recuperados facilmente da memória dela. Se houvesse uma linguagem oculta entre Sheeana e o verme, elas descobririam depois.

Odrade olhou para o horizonte. O que restava da base da antiga muralha em torno do Sareer encontrava-se apenas alguns quilômetros à frente. Longas sombras partindo dessas elevações projetavam-se sobre as dunas, revelando a Odrade que esses restos eram mais altos do que ela havia suspeitado. Agora parecia um contorno partido e despedaçado ao longo do horizonte, com grandes pedras lançadas ao longo da base. A fenda onde o Tirano despencara de sua ponte para o rio Idaho estava bem à direita, pelo menos uns três quilômetros fora de seu caminho. Nenhum rio passava por lá agora.

Waff mexeu-se ao lado dela.

— Eu ouço teu chamado, ó Deus — exclamou ele. — É Waff dos Entio que ora em Teu Lugar Sagrado.

Odrade voltou a atenção para ele sem mover a cabeça. “Entio?” Suas outras Memórias conheciam um Entio, líder tribal dos grandes Peregrinos Zensunni, de uma época muito anterior a Duna. Que seria isso? Que antigas memórias esses Tleilaxu ainda manteriam vivas?

Sheeana quebrou seu silêncio.

— Shaitan está diminuindo a marcha.

Os restos da antiga muralha bloqueavam o caminho. Erguiam-se a uma altura de pelo menos uns 50 metros acima das dunas mais altas. O verme virou-

se ligeiramente para a direita e passou entre duas rochas colossais que se erguiam em torno deles. Então parou, o longo dorso anelado paralelo a uma seção quase intacta da base da muralha.

Sheeana levantou-se e olhou para a barreira.

— Que lugar é este? — perguntou Waff.

A voz dele ergueu-se acima do som dos ornitópteros que circulavam lá no alto.

Odrade soltou as mãos cansadas do anel do verme e flexionou os dedos. Continuou agachada enquanto estudava o ambiente ao redor. Sombras das pedras derrubadas traçavam faixas de escuridão definidas sobre os montes de areia desmoronada e as pequenas rochas. Vista de perto, a muralha, a menos de 20 metros de distância, revelava fendas e aberturas, entradas negras para as suas antigas fundações.

Waff levantou-se, massageando as mãos.

— Por que fomos trazidos aqui? — perguntou ele, sua voz ligeiramente suplicante.

O verme contorceu-se.

— Shaitan deseja que saltemos — explicou Sheeana.

“Como é que ela sabe?”, perguntou-se Odrade. Os movimentos do verme não tinham sido suficientes para que nenhum deles caísse. Podia ter sido um reflexo depois de uma jornada muito longa.

Mas Sheeana se voltou para as antigas fundações da muralha, sentou-se na curva do verme e escorregou. Caiu agachada na areia macia.

Odrade e Waff avançaram até a frente do verme e observaram fascinados enquanto Sheeana caminhava com dificuldade através da areia até ficar diante da boca do animal. Lã ela colocou ambas as mãos na cintura e olhou para dentro da criatura, enquanto o brilho das chamas alaranjadas tremulava em seu rosto jovem.

— Shaitan, por que estamos aqui? — indagou ela.

Novamente o verme se agitou.

— Ele quer que vocês desçam — avisou ela.

Waff olhou para Odrade.

— Se Deus desejar que morras, fará com que teus passos o conduzam ao local de tua morte.

Odrade devolveu-lhe uma frase do canto de Shariat.

— Obedeça a mensageira de Deus em todas as coisas.

Waff suspirou. Havia dúvida, bem visível em seu rosto. Mas ele se virou e foi o primeiro a pular de cima do verme, bem na frente de Odrade. Eles seguiram o exemplo de Sheeana, andando até ficarem em frente à criatura. Odrade, com

cada um de seus sentidos em alerta, fixou o olhar em Sheeana.

Era muito quente na frente da boca aberta. O cheiro familiar de melange enchia o ar em torno deles.

— Aqui estamos, ó Deus! — disse Waff.

Odrade, já muito cansada dessa admiração religiosa, deu uma olhada no lugar em que se encontravam — as rochas partidas, a barreira destruída pela erosão subindo ao encontro do céu do entardecer, a areia escorrendo em declives a partir das pedras marcadas pelo tempo, o lento ressecamento do calor vindo dos fogos internos do verme.

“Mas onde estamos?”, perguntou-se Odrade. “Que há de especial neste lugar para fazer dele o destino do verme?”

Quatro tópteros da escolta passaram em fileira acima. O som de suas asas e o sussurro dos jatos abafaram momentaneamente o rumor proveniente do interior do verme.

“Devo pedir que desçam?”, pensou Odrade. Seria preciso apenas um sinal com a mão. Em vez disso ela ergueu ambas as mãos, fazendo o sinal para que os observadores permanecessem no ar.

O frio da noite já tomava conta das areias. Odrade tremeu e ajustou seu metabolismo às novas exigências. Sentia-se confiante em que o ver-me não os engoliria na presença de Sheeana.

Sheeana virou as costas para a criatura.

— Ele quer que fiquemos aqui — explicou ela.

Como se suas palavras fossem uma ordem, o verme virou a cabeça para longe deles e deslizou através do grupo de pedras altas. Puderam ouvi-lo ganhar velocidade enquanto voltava para o deserto.

Odrade olhou para a base da antiga muralha. A escuridão logo os envolveria, mas ainda havia luz suficiente, no longo crepúsculo do deserto, para que pudessem procurar alguma explicação do motivo de aquela criatura tê-los levado até ali. Havia uma fenda comprida na rocha à direita que parecia um lugar melhor que qualquer outro para merecer uma investigação. Mantendo parte de sua atenção voltada para os sons de Waff e Sheeana, Odrade subiu a aclive de areia em direção à abertura escura. Sheeana acompanhou-a.

— Por que estamos aqui, Madre?

Odrade sacudiu a cabeça enquanto ouvia Waff seguindo-as.

A fenda diretamente à frente era uma sombria abertura para a escuridão. Odrade parou e segurou Sheeana para que ficasse ao lado dela. Calculava que a abertura tivesse um metro de largura e quatro vezes isso em altura. Os lados rochosos eram curiosamente lisos, como que polidos por mãos humanas. A areia tinha escorregado para dentro da abertura e a luz do Sol poente nela se refletia

para dar a um dos lados dessa entrada um banho de ouro.

Waff disse atrás delas:

— Que lugar é este?

— Existem muitas cavernas antigas — explicou Sheeana. — Os Fremen escondiam a especiaria em cavernas. — Inalou profundamente. — Está sentido o cheiro, Madre?

Havia definitivamente um odor de melange naquele lugar, concordou Odrade. Waff passou por elas e entrou na fissura. Virou-se, olhando para as paredes no ponto em que elas se encontravam num ângulo agudo acima dele. Voltando-se para Odrade e Sheeana, recuou para dentro da abertura, a atenção concentrada nas paredes. Odrade e Sheeana avançaram para ficar mais perto dele e, com um súbito assovio de areia desmoronando, Waff desapareceu de suas vistas. Ao mesmo tempo, toda a areia em torno de Odrade e Sheeana escorregou para dentro da fissura, arrastando as duas enquanto Odrade segurava a mão de Sheeana.

— Madre! — gritou a jovem.

O som ecoou nas paredes de rocha, invisíveis na escuridão, enquanto elas desciam um longo declive de areia. A areia levou-as até parar num suave movimento. Odrade, enterrada até os joelhos, safou-se e puxou Sheeana para uma superfície mais firme.

Sheeana começou a falar, mas Odrade fez com que ela se calasse:

— Xii. Ouça!

Havia um movimento à esquerda.

— Waff?

— Estou enterrado até a cintura.

Havia terror na voz dele.

Odrade disse secamente:

Deus deve querer assim. Saia daí com cuidado. Parece que temos rocha sob nossos pés. Cuidado agora! Não queremos outra avalanche.

Enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão, Odrade olhou para o declive de areia por onde tinham caído. A abertura por onde haviam entrado era agora uma fenda distante, uma estilha de luz dourada lá em cima.

— Madre — sussurrou Sheeana —, estou apavorada.

Recite a Litania contra o Medo — ordenou Odrade. — E fique quieta. Nossas amigas sabem onde estamos. Vão ajudar-nos a sair.

— Deus nos trouxe a este lugar — comentou Waff.

Odrade não respondeu. No silêncio, comprimiu os lábios e deu um assovio agudo, escutando para ouvir os ecos. Seus ouvidos indicaram-lhe que se encontravam num amplo espaço aberto com algum tipo de obstrução baixa atrás.

Voltou as costas para a fenda estreita e deu outro assovio.

A barreira baixa encontrava-se a 100 metros de distância.

Odrade soltou a mão de Sheeana.

Fique aqui mesmo, por favor, Waff.

— Eu ouço os tópteros — ele disse.

— Estamos ouvindo — disse Odrade. — Estão pousando. Vamos ter ajuda dentro em pouco. Enquanto isso, por favor, fiquem onde estão e permaneçam em silêncio. Preciso desse silêncio.

Assoviando e ouvindo os ecos, colocando cada um dos pés com cuidado, Odrade avançou na escuridão profunda. Uma de suas mãos estendidas encontrou uma superfície de rocha áspera. Ela tateou ao longo desse obstáculo. A altura chegava até sua cintura apenas. Não era capaz de sentir nada além. Os ecos de seus assovios indicavam tratar-se de um espaço menor adiante, parcialmente fechado.

Uma voz chamou de algum ponto alto atrás dela.

— Reverenda Madre? Está aí?

Odrade voltou-se, colocou as mãos em concha em torno da boca e gritou:

— Afastem-se! Escorregamos para dentro de uma grande caverna. Tragam uma luz e uma corda comprida.

Uma minúscula silhueta escura afastou-se na abertura distante. A luz lá em cima estava ficando cada vez mais fraca. Ela abaixou as mãos e falou para a escuridão:

— Sheeana? Waff? Avancem 10 passos e esperem.

— Onde estamos Madre? — perguntou Sheeana.

— Paciência, criança.

Um som baixo e murmurante vinha de Waff, e Odrade reconheceu as antigas palavras do Islamiyat. Ele estava rezando. Waff abandonara qualquer tentativa de lhe esconder suas origens. Ótimo. O crente era um receptáculo para ela encher com as dádivas da Missionaria Protectiva.

Enquanto isso, as possibilidades desse local para onde o verme os trouxera deixavam Odrade excitada. Guiando-se com uma das mãos de encontro à pedra, explorou a barreira para a esquerda. O topo era bem liso em certos lugares. Escorregava para baixo na direção oposta. As Outras Memórias ofereceram-lhe uma súbita projeção.

“Bacia de recolhimento!”

Esse era um tanque Fremen para armazenagem de água. Odrade inalou profundamente, buscando umidade. O ar estava seco e cheio de pó.

Uma luz brilhante apareceu no alto da fissura e afastou a escuridão. Uma voz chamou lá de cima e Odrade a reconheceu como sendo de uma de suas

Irmãs.

— Podemos vê-la.

Odrade recuou, afastando-se do muro baixo e se virando para olhar cm torno. Waff e Sheeana encontravam-se a seis metros de distância, olhando em volta. A câmara era quase circular, com uns 200 metros de diâmetro. Uma cúpula de rocha erguia-se bem alto. Odrade examinou o muro baixo ao seu lado: sim, era uma bacia de recolhimento dos Fremen. Ela era capaz de discernir, no centro, a pequena ilha rochosa onde um verme cativo podia ser mantido, pronto a ser jogado na água. As Outras Memórias reproduziram as contorções daquela morte em agonia que produzia o veneno de especiaria para incendiar uma orgia Fremen.

Uma arcada baixa emoldurava mais escuridão do outro lado do tanque Odrade podia ver o vertedouro por onde a água era trazida para esse lugar, a partir de uma armadilha de vento. Haveria outras bacias de recolhimento por lá, todo um conjunto delas projetado para reter a riqueza de umidade de uma tribo ancestral. Odrade sabia o nome desse lugar agora.

— Sietch Tabr — sussurrou ela.

As palavras provocaram um fluxo de memórias úteis. Essa tinha sido a base de Stilgar nos tempos do Muad'Dib. “Por que aquele verme nos trouxe para o Sietch Tabr?”

Um verme conduzira Sheeana para a cidade de Keen. Outros teriam conhecimento dela? Que haveria para ser descoberto nesse lugar? Haveria pessoas escondidas lá dentro, na escuridão? Odrade não sentia qualquer sinal de vida naquela direção.

Sua Irmã na abertura interrompeu tais pensamentos.

— Tivemos que pedir uma corda em Dar-es-Balat! O pessoal do museu diz que este lugar é provavelmente o Sietch Tabr! Pensavam que tivesse sido destruído!

— Mande uma luz para que possamos explorá-lo — pediu Odrade.

— Os sacerdotes pedem que não perturbemos o local!

— Mande-me uma luz! — insistiu Odrade.

Dai a pouco um objeto escuro escorregou pelo declive de areia com um pequeno desmoronamento. Odrade mandou Sheeana buscá-lo. Um toque num botão e um brilhante raio de luz iluminou a escuridão da arcada além da bacia de recolhimento. Sim, havia outras bacias. E depois dessa em que estavam havia uma escadaria estreita, cortada na rocha. Os degraus conduziam para o alto, fazendo uma curva que os ocultava à visão.

Odrade abaixou-se e sussurrou no ouvido de Sheeana:

— Vigie Waff com cuidado. Se ele se mover atrás de nós, avise.

— Sim, Madre. Aonde vamos?

Devo explorar este lugar. Fui eu a pessoa trazida aqui com um propósito.

Ela ergueu a voz e se dirigiu a Waff:

— Waff, por favor, espere aqui pela corda.

— Que foi que vocês andaram cochichando? — indagou ele. — Por que devo esperar? Que está fazendo?

— Estive rezando — respondeu Odrade. — Agora devo continuar esta peregrinação sozinha.

— Por que sozinha?

Na velha linguagem do Islamiyat, ela disse:

— Assim está escrito.

“Isso o deteve!”

Odrade saiu na frente, caminhando rapidamente para as escadarias.

Sheeana, correndo para manter o passo com ela, disse:

— Nós devemos contar ao povo a respeito deste lugar. As velhas cavernas Fremen são seguras contra Shaitan.

— Fique quieta, criança — censurou Odrade.

Ela apontou a luz para a escadaria. A escada curvava-se na rocha, fazendo um ângulo pronunciado para a direita e para cima. Odrade hesitou. O sentimento de advertência e perigo latente que ela sentira no início dessa aventura, intensificou-se. Era algo quase palpável dentro dela.

“Que haverá lá em cima?”

— Espere aqui, Sheeana — disse Odrade. — Não deixe Waff seguir-me.

— Como poderei detê-lo?

Sheeana olhou com medo para a câmara onde Waff se encontrava.

— Diga-lhe que Deus quer que ele permaneça aqui. Fale deste modo... — Odrade curvou-se junto ao ouvido de Sheeana e repetiu as palavras na antiga linguagem de Waff, depois acrescentou: — Não diga mais nada. Fique na frente dele e repita se ele tentar passar.

Sheeana repetiu as palavras baixinho. Tinha decorado, percebeu Odrade. Essa garota era rápida.

— Ele tem medo de você — explicou Odrade. — Não tentaria feri-la.

— Sim, Madre.

Sheeana virou-se, dobrou os braços sobre o peito e olhou através da câmara para Waff do outro lado.

Apontando a luz à sua frente, Odrade subiu a escadaria de rocha. “Sietch Tabr! Que surpresas guardou para nós aqui, velho verme?”

Num longo corredor no fim da escadaria, Odrade encontrou os primeiros cadáveres mumificados pelo deserto. Era cinco, dois homens e três mulheres,

sem roupas ou marcas de identificação. Alguém os despira e os deixara completamente nus para serem preservados pelo ar seco do deserto. O processo de desidratação havia esticado a pele por sobre ossos. Os corpos estavam sentados em fila, as pernas esticadas para o meio do corredor, e Odrade foi obrigada a pular por cima desses macabros obstáculos.

Lançou o facho da lanterna sobre cada corpo ao passar. Todos tinham sido apunhalados de modo quase idêntico. Uma lâmina havia penetrado bem abaixo do arco do esterno.

“Assassinatos rituais?”

A carne seca e perfurada tinha entrado nos ferimentos, deixando uma nódoa negra para marcá-los. Esses cadáveres não eram da época dos Fremen. Odrade sabia que os alambiques da morte dos Fremen transformavam os corpos em cinzas a fim de recuperar sua água.

Odrade examinou com a luz o corredor adiante e parou para considerar sua situação. A descoberta desses corpos intensificava seu sentimento de perigo. “Eu devia ter trazido uma arma.” Mas isso teria levantado as suspeitas de Waff.

A persistência desse aviso interior não podia ser esquecida. Essa relíquia do Sietch Tabr era perigosa.

O facho de luz revelou outra escadaria no final do corredor. Odrade avançou com cautela. No primeiro degrau, apontou a luz para cima. Degraus estreitos. Somente um lance pequeno, mais rochas e um espaço mais amplo lá em cima. Odrade virou-se e examinou com a luz esse corredor. Lascados e marcas de queimadura ao longo das paredes de rocha. Uma vez mais ela olhou para a escadaria.

“Que haverá lá em cima?”

Subiu devagar um degrau de cada vez, parando frequentemente. Emergiu numa passagem maior, escavada na rocha nativa. Mais corpos a esperavam. Esses tinham sido abandonados em desarranjo nos seus momentos finais. Novamente Odrade viu apenas carne mumificada, sem roupas. Estavam espalhados ao longo da passagem ampla — 20 corpos. Odrade passou com cuidado no meio deles. Alguns tinham sido apunhalados do mesmo modo que os cinco no nível inferior. Outros tinham sido desmembrados, queimados e despedaçados por feixes de armas laser. Um fora decapitado e o crânio, com sua máscara de pele ressequida, encontrava-se junto da parede como uma bola abandonada depois de um jogo terrível.

Esse novo corredor conduzia diretamente à frente, passando pelas aberturas de pequenas câmaras em ambos os lados. Odrade não viu nada de valor nelas: alguns fios dispersos de fibra de especiaria, pequenas poças de rocha derretida, bolhas de rocha coagulada aparecendo às vezes nos pisos, nas paredes

e no teto.

“Que violência foi essa?”

Manchas sugestivas podiam ser vistas no piso de algumas das câmaras. Sangue derramado? Uma câmara tinha um pequeno montinho de roupas escuras num canto. havia fragmentos de tecido rasgado aos pés de Odrade.

E havia o pó. Pó em toda parte. Seus pés erguiam-no ao passar.

A passagem terminava numa arcada que se abria para uma saliência na rocha. Odrade iluminou a câmara além dessa plataforma e viu um espaço enorme, bem maior do que aquele que deixara lá embaixo. O teto curvo subia a tamanha altura que devia entrar na base rochosa da Grande Muralha. Amplos degraus conduziam do alto dessa plataforma ao piso da câmara. Hesitantemente, Odrade desceu por eles e iluminou ao redor com seu facho de luz. Outras passagens saíam dessa grande câmara. Algumas, percebia ela, tinham sido bloqueadas por rochas, e algumas pedras ficavam espalhadas sobre o chão da câmara e da saliência rochosa acima.

Odrade cheirou o ar. Havia um perfume de melange na poeira agitada por seus pés. O cheiro penetrou em seu senso de perigo. Queria sair dali, voltar para junto dos outros. Mas o perigo era um farol a atraí-la. Tinha que descobrir para onde conduzia esse farol.

Sabia onde se encontrava. Essa era a grande câmara de reunião do Sietch Tabr, local de incontáveis orgias de especiaria dos Fremen e de conselhos tribais. Ali havia exercido a presidência o Naib Stilgar. Gurney Halleck estivera ali. Lady Jessica, Paul Muad’Dib, Chani, a mãe de Ghanima. Ali o Muad’Dib treinara seus guerreiros. O Duncan Idaho original tinha estado ali... e também o primeiro ghola Idaho!

“Por que fomos trazidos para cá? Qual é o perigo?”

Estava ali, bem ali! Podia senti-lo.

Nesse lugar o Tirano escondera um tesouro de especiaria. Os registros da Bene Gesserit revelavam que o tesouro tinha enchido toda essa câmara, até o teto, e muitas das passagens adjacentes.

Odrade virou-se, o olhar seguindo o caminho aberto pelo facho de luz. Lá estava a plataforma dos Naibs. E ali a Plataforma Real, mais ampla, que o Muad’Dib mandara construir.

“E lá está a arcada por onde entrei”

Examinou o piso com a lanterna, notando os locais onde grupos de caçadores de tesouros tinham lascado e queimado as rochas, buscando o resto do tesouro do Tirano. As Oradoras Peixes haviam levado a maior parte, o lugar em que fora oculto tendo sido revelado pelo ghola Idaho, que fora consorte da célebre Siona. Os registros diziam que exploradores subsequentes tinham

encontrado outros depósitos de melange atrás de pisos e paredes falsas. Havia muitos relatos autenticados a esse respeito, checados pelas Outras Memórias. os Tempos da Fome tinham trazido muita violência a esse lugar, quando gente desesperada o conquistara. Isso poderia explicar os corpos. Muita gente havia lutado e morrido ali, buscando uma chance de procurar os tesouros do Sietch Tabr.

Como lhe tinham ensinado, Odrade tentou usar como guia seu senso de perigo. Será que o miasma da violência do passado ainda fazia parte dessas paredes depois de tantos milênios? Seu aviso não era a esse respeito, era uma advertência quanto a alguma coisa mais imediata. O pé esquerdo de Odrade sentiu um desnível no piso. A lanterna revelou uma linha escura na poeira. Espalhou a poeira com o pé revelando uma letra e depois uma palavra inteira gravada na pedra numa caligrafia fluida.

Odrade leu a palavra em silêncio e depois a repetiu em voz alta.

— Arafel.

Conhecia a palavra. As Reverendas Madres que tinham vivido nos tempos do Tirano, haviam-na deixado impressa na consciência da Bene Gesserit, suas origens recuando até ás fontes mais antigas.

— Arafel: a nuvem de escuridão no fim do universo.

Odrade sentiu uma acumulação sufocante de seu senso de perigo. Focalizava-se naquela única palavra.

“O julgamento sagrado do Tirano”, era como os sacerdotes chamavam essa palavra, “A nuvem escura do julgamento sagrado!”

Odrade caminhou em torno da palavra, fitando-a, notando a curva da caligrafia no final, que acabava formando uma pequena flecha. Olhou para onde a flecha apontava. No passado, outra pessoa tinha visto a flecha e escavado a saliência para onde ela apontava. Odrade aproximou-se do ponto em que a tocha do caçador de tesouros deixara um monte escuro de pedra derretida no piso da câmara. Fios de pedra derretida escorriam como dedos da saliência, cada qual partindo de um profundo orifício queimado na rocha.

Curvando-se, Odrade olhou dentro de cada buraco com a ajuda da lanterna: nada! Sentia a excitação do caçador de tesouros misturando-se com o temor de seu pressentimento. A extensão da riqueza contida nessa câmara já tinha atordoado as imaginações. Na pior época dos tempos da escassez, uma vali se carregada de melange era suficiente para se comprar um planeta. E as Oradoras Peixes tinham desperdiçado essa riqueza em disputas mesquinhas, enganos terríveis e rixas insignificantes demais para que a história as registrasse. Tinham ficado satisfeitas ao aceitarem a aliança com os Ixianos quando os Tleilaxu quebraram o monopólio da melange.

“Será que os caçadores encontraram tudo? O Tirano era de uma astúcia soberba. Arafel.”

“No fim do universo.”

Teria ele enviado uma mensagem através das eras para a Bene Gesserit dos dias atuais?

Odrade vasculhou a câmara com sua lanterna uma vez mais, depois apontou o facho para o alto.

O teto era uma cúpula perfeita. Fora concebido, Odrade sabia, como um modelo do céu noturno visto da entrada do Sietch Tabr. Mas mesmo no tempo de Liet Kynes, o primeiro planetólogo que chegara a esse lugar, as estrelas originais, pintadas no teto, já tinham desaparecido, perdidas durante pequenos tremores de terra e na abrasão diária da vida.

A respiração de Odrade acelerou-se. O sentimento de perigo nunca fora tão forte. O farol do perigo brilha dentro dela! Rapidamente, Odrade atravessou para o outro lado dos degraus por onde havia descido até esse piso. Voltando-se naquele ponto, deixou a mente recuar no tempo, fazendo as Outras Memórias iluminarem o lugar. Elas vieram lentamente, passando com dificuldade pelas sensações daquele coração batendo muito forte na antevisão do fim. Apontando o facho de luz para cima e olhando na direção dele, Odrade fez suas Outras Memórias sobreporem-se ao cenário diante dela.

“Fragmentos de brilho refletido!”

As Outras Memórias posicionaram-nos: representações de estrelas num céu há muito desaparecido, mostrando que fora bem ali! O semi-círculo prata-amarelado do sol de Arrakeen. Ela sabia que era o símbolo do poente.

“O dia do Fremen começa à noite.”

“Arafel!”

Mantendo o foco da lanterna sobre o marco do sol poente, Odrade subiu os degraus de costas e deu a volta na câmara até a posição exata que vira em suas Outras Memórias.

Nada restara daquele arco de sol ancestral.

Os caçadores de tesouros tinham escavado a parede no ponto onde estivera o marco. Bolhas de pedra fundida e solidificada brilhavam onde uma tocha passara ao longo da parede. Mas não conseguira penetrar na rocha original.

Por um aperto no peito, Odrade soube que se encontrava à beira de uma perigosa descoberta. O farol a conduzira até ali!

“Arafel... nas bordas do universo. Além do sol poente!”

Odrade moveu a luz para a direita e para a esquerda. A entrada de outra passagem abria-se à esquerda. As pedras que a tinham bloqueado encontravam-se espalhadas até as bordas. Com o coração batendo forte, Odrade escorregou

pela abertura e encontrou um pequeno trecho da passagem, fechada com rochas derretidas no final. A sua direita, diretamente embaixo do local onde estivera a marca do sol poente, encontrou um pequeno compartimento cheio do odor de melange. Odrade entrou e viu mais indícios de paredes lascadas e meio derretidas. O perigo era opressivo. Odrade cantou em silêncio a Litania contra o Medo, enquanto vasculhava o cubículo com seu facho de luz. O lugar era quase quadrado, com dois metros de cada lado. O teto encontrava-se a menos de meio metro acima de sua cabeça. O cheiro de canela pulsava em suas narinas. Odrade espirrou e, piscando os olhos, viu uma pequena descoloração no piso ao lado do portal.

Mais marcas de uma busca muito antiga?

Curvando-se e colocando a luz em ângulo reto, percebeu ter vislumbrado apenas a sombra de uma coisa gravada profundamente na rocha. A poeira escondera a maior parte. Odrade ajoelhou-se e raspou a poeira. Uma inscrição profunda e fina. O que quer que fosse, fora destinada a durar. A última mensagem de uma Reverenda Madre perdida? Esse era um artifício conhecido da Bene Gesserit. Pressionou as pontas sensíveis de seus dedos contra a marca da inscrição e a reconstruiu em sua mente.

O reconhecimento saltou em sua consciência: um palavra escrita na antiga linguagem Chakobsa "Aqui".

Não era um "aqui" comum assinalando um lugar qualquer, mas um "aqui" enfático que dizia: "Você me encontrou!" O coração de Odrade, batendo forte, enfatizava isso.

Colocou a lanterna no piso a seu lado e explorou com a mão o antigo portal. A pedra parecia contínua aos seus olhos, mas os dedos detectavam uma minúscula descontinuidade. Pressionou a descontinuidade, girou-a, torceu-a. Mudou várias vezes o ângulo da pressão e repetiu o esforço.

Nada.

Sentando-se de cócoras, Odrade estudou a situação.

"Aqui".

O sentimento de advertência tornara-se mais agudo. Podia senti-lo agora como uma pressão sobre sua respiração.

Recuando um pouco, Odrade afastou a luz e se deitou no piso para olhar ao longo da base do portal. "Aqui!" Será que poderia colocar uma ferramenta ao lado daquela palavra e empurrar a beirada do portal? Não... não havia qualquer indicação de uma ferramenta. Essa coisa tinha o cheiro do Tirano, não de uma Reverenda Madre. Tentou empurrar o portal de lado. Nada se moveu.

Percebendo as tensões e o sentimento de perigo acentuados pela frustração, Odrade levantou-se e chutou o portal ao lado da palavra gravada. E

aquilo se moveu! Alguma coisa raspou a areia logo acima de sua cabeça.

Odrade recuou enquanto a areia se derramava no piso diante dela e um som trovejante enchia a pequena câmara. As pedras sacudiam-se sob seus pés. Então o piso inclinou-se para a frente, sob a porta, abrindo um espaço entre a parede e a entrada.

Uma vez mais Odrade se viu a rolar para baixo em direção ao desconhecido. Sua lanterna caíra com ela, o facho rolando interminavelmente. Viu montes de uma substância castanho-avermelhada à sua frente, o cheiro de canela enchendo-lhe as narinas.

E caiu ao lado da lanterna sobre um monte macio de melange. A abertura através da qual despencara encontrava-se agora fora do alcance, uns cinco metros acima. Odrade apanhou a lanterna e o facho de luz revelou amplos degraus de pedra cortados na rocha ao lado da abertura. Havia alguma coisa escrita nos degraus, mas para Odrade o importante era a existência de uma saída. O pânico inicial diminuiu, mas o senso de perigo a deixara sem fôlego, forçando os movimentos de seus músculos do tórax.

Projetou o facho de luz para a direita e para a esquerda. Era um compartimento comprido, diretamente abaixo do corredor que partia da grande câmara. E em todo o seu comprimento havia melange empilhada!

Odrade apontou com a luz para o alto e percebeu por que nenhum caçador de tesouros, sondando o piso com pancadas, havia descoberto esse lugar. Havia escoras de pedra cruzando sobre o teto, de modo a transferirem todo o peso para as paredes rochosas. Qualquer pessoa que sondasse com batidas lá em cima ouviria apenas os sons de rocha sólida.

Uma vez mais Odrade olhou para a melange à sua volta. Mesmo aos preços atuais, desinflacionados, sabia estar em cima de um tesouro. Um tesouro de muitas toneladas.

“Seria este o perigo?”

O senso de advertência dentro dela continuava tão agudo quanto antes. A melange do Tirano não era o que devia temer. O triunvirato faria uma divisão justa desse tesouro e isso seria o fim dele. Um bônus do projeto ghola.

Outro perigo permanecia. Odrade não podia escapar ao sentimento de advertência.

Uma vez mais lançou o facho de luz sobre os montes de melange. E sua atenção foi captada por um trecho de parede acima da especiaria. Mais palavras! Escritas em Chakobsa, numa caligrafia fina feita por um cortador, a mensagem dizia:

UMA REVERENDA MADRE VAI LER MINHAS PALAVRAS!

Alguma coisa fria acomodou-se nas entranhas de Odrade Caminhou para a

direita com a lanterna, avançando através de melange suficiente para resgatar um império. havia um acréscimo à mensagem:

EU DEIXO PARA VOCÊS MEU MEDO E MINHA SOLIDÃO. E A VOCÊS ENTREGO A CERTEZA DE QUE O CORPO E A ALMA DA BENE GESSERIT ENCONTRARÃO O MESMO DESTINO DE TODOS OS OUTROS CORPOS E TODAS AS OUTRAS ALMAS.

Havia outro parágrafo da mensagem atraindo sua atenção à direita deste aqui. Odrade avançou ao longo das inscrições, parando para ler.

DE QUE SERVE A SOBREVIVÊNCIA SE VOCÊ NÃO SOBREVIVE INTEGRO? PERGUNTE ISSO À BENE TLEILAX! DE QUE VALE SE NÃO E CAPAZ DE OUVIR A MÚSICA DA VIDA? MEMÓRIAS NÃO BASTAM, A MENOS QUE POSSA USÁ-LAS PARA UM NOBRE PROPÓSITO.

Havia mais inscrições na parede mais estreita da longa câmara. Odrade tropeçou na melange e se ajoelhou para ler:

POR QUE SUA IRMANDADE NÃO CONSTRUIU O CAMINHO DOURADO? VOCÊS CONHECIAM A NECESSIDADE. SEU FRACASSO CONDENOU A MIM, O IMPERADOR-DEUS, A MILÊNIOS DE AGONIA PESSOAL.

As palavras “Imperador-Deus” não estavam na linguagem Chakobsa e sim no idioma do Islamiyat, onde transmitiam um segundo significado explícito a qualquer pessoa que dominasse o idioma.

“Teu Deus e teu Imperador porque assim me fizeste.”

Odrade sorriu amargamente. Isso lançaria Waff num frenesi religioso! E quanto mais ele afundasse nisso, mais fácil seria abalar sua segurança.

Odrade não duvidava da precisão da acusação que ali era feita pelo Tirano, nem do potencial de sua previsão quanto ao modo como a Irmandade poderia terminar. O senso de perigo a atrairá para esse lugar com toda a precisão. Alguma coisa mais estivera agindo igualmente. Os vermes de Rakis ainda se moviam segundo os ritmos ancestrais do Tirano. Ele poderia dormitar em seu sonho interminável, mas uma vida monstruosa, uma pérola em cada verme para lembrá-lo, seguia exatamente como o próprio Tirano havia previsto.

Que será que ele contara à Irmandade em sua época? Odrade relembrou as palavras:

Quando eu tiver desaparecido, eles me chamarão de Shaitan, Imperador de Gehenna. A roda deve girar, e girar no Caminho Dourado.

Sim, fora isso que Taraza quisera dizer.

Não percebem? O povo simples de Rakis chama-o de Shaitan há mais de mil anos!

Então Taraza sabia disso. Sem nunca ter visto essas palavras, ela as tinha

visto.

“Percebo seu propósito, Taraza. E agora conheço a carga de medo que tem transportado por todos esses anos. Posso sentir como sente.”

Odrade soube então que aquele sentimento de perigo não terminaria enquanto ela não morresse ou a Irmandade desaparecesse. A menos que o perigo fosse conjurado.

Ergueu a luz, colocou-se de pé e andou através da melange para os amplos degraus que conduziam para fora desse lugar. Nos degraus, recuou. Havia mais palavras do Tirano inscritas em cada um deles. Trêmula, Odrade as leu enquanto subia em direção à abertura.

MINHAS PALAVRAS SÃO TEU PASSADO,
MINHAS PERGUNTAS SÃO SIMPLES:
COM QUEM VOCÊS SE ALIARAM?
COM OS AUTU-IDÓLATRAS DE TLEILAX?
COM A BUROCRACIA DE MINHAS ORADORAS PEIXES?
COM A CORPORAÇÃO QUE VAGUEIA PELO COSMO?
COM OS HARKONNEN E SEUS SACRIFÍCIOS DE SANGUE?
OU COM O POÇO DOGMÁTICO DE SUAS PRÓPRIAS CRIAÇÕES?
COMO VOCÊS VÃO TERMINAR?
COMO NADA MAIS QUE OUTRA SOCIEDADE SECRETA?

Odrade subiu, ultrapassando as perguntas e lendo-as pela Segunda vez. “Um nobre propósito?” Isto era sempre uma coisa muito frágil. E facilmente distorcida. Mas o poder permanecia, imerso em constante perigo. Estava escrito nas paredes e degraus dessa câmara. Taraza sabia o significado sem que lhe precisassem explicar. A mensagem do Tirano era clara: “Unam-se a mim.”

Enquanto saía para a pequena câmara, encontrando uma saliência estreita ao longo da qual pôde apoiar-se para alcançar o portal, Odrade olhou para baixo, na direção do tesouro que encontrara. Sacudiu a cabeça, admirada ante a sabedoria de Taraza. Era assim que a Irmandade poderia acabar. O projeto de Taraza era claro, todas as peças encaixando-se agora. Nada certo ainda. Riqueza e poder, no fim tudo se resumia a isso. O nobre propósito tivera seu início e devia ser completado mesmo que significasse a morte da Irmandade.

“Que toscas ferramentas escolhemos!”

Aquela menina esperando lá fora, na câmara profunda debaixo do deserto. Aquela menina e o ghola que estava sendo preparado em Rakis.

“Eu falo agora seu idioma, velho verme. Ele não tem palavras, mas eu o conheço.”

31

“Nossos pais comeram o maná do deserto
No lugar escaldante de onde brotam os redemoinhos.
Deus, salve-nos daquela terra terrível!
Salve-nos, oh, salve-nos
Daquela terra seca e sedenta.
— Canções de Gurney Halleck; Museu de Dar-es-Balat”

Teg e Duncan, ambos fortemente armados, saíram do não-globo, seguidos por Lucilla, na hora mais fria da noite. As estrelas eram pontos finos de luz acima e o ar estava absolutamente quieto até que os três o perturbaram com sua passagem.

O cheiro dominante nas narinas de Teg era o ranço bolorento da neve, presente em cada inspiração. Quando eles exalavam, nuvens de vapor expandiam-se em torno dos seus rostos.

Lágrimas de frio surgiram nos olhos de Duncan. Estivera pensando muito no velho Gurney enquanto se preparavam para deixar o não-globo. Gurney com sua face marcada pela cicatriz de um chicote inkvine dos Harkonnen. Amigos de confiança seriam necessários agora, pensou Duncan. Não confiava muito em Lucilla, e Teg estava muito velho. Podia ver os olhos de Teg cintilando à luz das estrelas.

Pendurando no ombro uma pesada e antiga arma laser; Duncan enfiou as mãos nos bolsos, buscando aquecê-las. Tinha se esquecido de como podia fazer frio nesse planeta. Lucilla parecia imune ao frio, obviamente obtendo calor de algum de seus truques de Bene Gesserit.

Olhando para ela Duncan reconheceu que nunca confiara muito nas bruxas, nem mesmo em Lady Jessica. Era muito fácil considerá-las traidoras, destituídas de qualquer lealdade, exceto para com sua Irmandade. Elas tinham truques secretos em demasia! Mas Lucilla desistira de seu comportamento sedutor. Sabia que ele fora sincero em suas ameaças. Podia sentir a raiva dela fervendo. “Deixe que ferva!”

Teg estava muito quieto, toda a sua atenção voltada para o exterior, ouvindo. Seria sensato confiar no único plano que tinha concatenado com

Burzmali? Não tinham qualquer alternativa. Fazia mesmo oito dias que tinham decidido seguir em frente com essa idéia? Parecia mais tempo, apesar da pressa dos preparativos. Olhou para Duncan e Lucilla. Duncan levava consigo uma arma laser pesada, um comprido modelo de campo dos Harkonnen. Até mesmo os cartuchos extras de energia eram pesados. Lucilla não aceitara carregar nada além de uma pequena pistola laser em seu corpete. A arma só era capaz de uma rápida descarga. Um brinquedo de assassino.

— Nós da Irmandade somos conhecidas por entrarmos em combate tendo apenas nossas habilidades como armas — ela explicou. — Humilha-nos qualquer modificação nesse padrão.

Mas ela tinha facas em bainhas ocultas nas pernas. Teg tinha visto. Suspeitava de que fossem envenenadas.

Ergueu nas mãos a comprida arma laser um moderno laser de campo que trouxera do Castelo. Sobre o ombro tinha outro laser; idêntico ao que Duncan carregava.

"Devo confiar em Burzmali", pensou Teg. "Eu o treinei, conheço sua capacidade. Se diz que devemos confiar em nossos novos aliados, devemos confiar neles."

Burzmali obviamente estava entusiasmado por encontrar seu antigo comandante vivo e em segurança.

Entretanto, nevara desde seu último encontro e a neve estava por toda parte em torno deles. Seus rastros ficariam nítidos sobre a neve, algo com que não tinham contado. Haveria traidores no Serviço de Controle do Clima?

Teg tremia. O ar estava frio demais. Parecia o frio do espaço, vazio e dando livre acesso à luz das estrelas sobre o bosque em torno deles.

A luz fraca refletia-se do solo branco de neve e das rochas cobertas por minúsculos flocos gelados. Silhuetas negras de coníferas e dos ramos sem folhas de árvores secas exibiam apenas seus contornos difusos. Tudo mais era uma sombra profunda.

Lucilla soprou nos dedos e se inclinou para junto de Teg, sussurrando:

— Ele já não devia estar aqui a esta altura?

Teg sabia que essa não era a verdadeira dúvida: "Podemos confiar em Burzmali?" Era essa a pergunta. Ela a estivera fazendo, de um modo ou de outro, desde que Teg lhe explicara o plano, oito dias atrás.

Tudo que ele pôde dizer foi:

— Apostei minha vida nisso.

— Nossas vidas também!

Teg também não gostava das incertezas acumuladas, mas todos os planos dependiam, em última análise, do talento das pessoas que os executavam.

— Você é uma das pessoas que insistiram em que saíssemos daqui e fôssemos para Rakis   lembrou-lhe.

Esperava que ela pudesse perceber-lhe o sorriso, um gesto para tirar a acusação de suas palavras.

Lucilla não se deixava apaziguar. Teg nunca tinha visto uma Reverenda Madre tão visivelmente nervosa. E ela estaria mais nervosa ainda se soubesse quem eram seus novos aliados! E claro que havia o fato de Lucilla ter fracassado em realizar a missão que lhe fora confiada por Taraza. Como isso devia incomodá-la!

— Nós fizemos o juramento de proteger o ghola — lembrou-lhe Lucilla.

— Burzmali também fez o mesmo juramento.

Teg olhou para Duncan, silencioso entre eles. Duncan que não demonstrava o menor sinal de ter ouvido a discussão ou de compartilhar do nervosismo. Uma ancestral serenidade mantinha suas feições imóveis. Ele estava escutando os sons noturnos, percebia Teg, fazendo o que todos os três deviam estar fazendo agora. Suas feições jovens tinham uma aparência curiosa, a denotar uma maturidade que não dependia da idade.

“Se algum dia precisei de companheiros em que pudesse confiar, esse dia é hoje”, pensava Duncan. Sua mente recuara no tempo para sondar suas raízes pré-ghola, da época de Giedi Prime. Essa era o que eles chamavam de “uma noite dos Harkonnen”. Seguros dentro do abrigo morno de suas armaduras, flutuando em suspensores, os Harkonnen divertiam-se caçando seus súditos em noites como essa. Um fugitivo ferido podia morrer enregelado. “Os Harkonnen sabiam! Malditas sejam suas almas!”

Previsivelmente, Lucilla captou a atenção de Duncan com um olhar que dizia: “Temos negócios a terminar, você e eu.”

Duncan voltou o rosto para o céu estrelado, certificando-se de que ela pudesse ver-lhe o sorriso, uma expressão desafiadora e madura que fazia Lucilla ficar rija por dentro. Tirou a pesada arma laser do ombro e checou-a. Notou os arabescos ao longo da coronha e do cano. Era uma antiguidade, mas ainda possuía um mortal senso de propósito. Duncan apoiou-a sobre o braço esquerdo, a mão direita na empunhadura, o dedo no gatilho, exatamente como Teg carregava a sua moderna arma.

Lucilla voltou as costas aos companheiros e sondou com seus sentidos a encosta da colina acima e abaixo deles. Subitamente, enquanto caminhavam, o som veio de todas as partes em volta. Ruídos tomaram conta da noite — o rolar de alguma coisa grande à direita, depois silêncio. Outro ruído colina abaixo, depois novamente o silêncio. Lá de cima, de todos os lados, vinham ruídos súbitos.

Ao primeiro som, os três se haviam agachado no abrigo das rochas, fora da entrada da caverna do não-globo.

Os sons que enchiam a noite eram indefinidos: um clamor penetrante, em parte mecânico, em parte guinchos, uivos e assovios. Intermitentemente, uma batida subterrânea fazia o chão vibrar.

Teg conhecia esses sons. Havia uma batalha ocorrendo em algum lugar distante. Podia ouvir o assoviar dos queimadores ao fundo e, no céu distante, os raios de armas laser blindadas lancetando o espaço.

Alguma coisa relampejou acima deles, deixando um rastro de centelhas azuis e vermelhas. Depois outra e mais outra! A terra tremeu. Teg inalou, sentindo um cheiro de ácido queimando e um toque de alho.

"Não-naves! Muitas delas!"

Estavam pousando no vale abaixo do antigo não-globo.

— De volta para dentro! — ordenou Teg.

Ao falar, percebeu que já era muito tarde. Havia gente correndo para eles de todas as direções. Teg ergueu a comprida arma laser e a apontou colina abaixo, em direção à fonte de ruído mais alta e ao mais próximo movimento detectável. Muitas pessoas podiam ser ouvidas gritando naquele ponto. Globos luminosos livres moviam-se entre as árvores, soltos por quem quer que estivesse avançando. As luzes dançantes subiam a colina numa brisa fria. Silhuetas negras moviam-se nessa iluminação mutável.

— Dançarmos Faciais! — grunhiu Teg ao reconhecer os atacantes. Aquelas luzes ao vento sairiam do meio das árvores em questão de segundos para se colocarem em posição em menos de um minuto!

— Fomos traídos! — disse Lucilla.

Um grito ergueu-se da colina acima deles:

— Bashar!

Eram muitas vozes!

"Burzmali?", perguntou-se Teg. Olhou de volta na direção do grito, depois para os Dançarmos Faciais que avançavam implacavelmente. Não havia tempo para escolher. Inclinou-se em direção a Lucilla.

— Burzmali está acima de nós. Pegue Duncan e corra! Mas e se...

— E sua única chance!

— Seu tolo! — acusou ela enquanto se virava para obedecer.

O "sim!" de Teg não diminuiu nem um pouco seus temores. Era nisso que dava ficar dependendo dos planos dos outros!

Duncan tinha outros pensamentos. Entendia o que Teg estava a ponto de fazer. Ia sacrificar-se para que eles dois pudessem escapar. Duncan hesitou, olhando para os atacantes que avançavam abaixo deles.

Percebendo sua hesitação, Teg gritou-lhe:

— Isto é uma ordem de batalha! Eu sou seu comandante!

Era a coisa mais próxima da Voz que Lucilla já ouvira partindo de um homem. Ficou boquiaberta diante de Teg.

Duncan viu apenas o rosto do seu Velho Duque dizendo-lhe que obedecesse. Era demais. Agarrou o braço de Lucilla, mas, antes de subir correndo com ela pela colina, disse:

— Mandaremos fogo de cobertura assim que tivermos escapado!

Teg não respondeu. Agachou-se ao lado de uma rocha coberta de neve enquanto Lucilla fugia com o rapaz. Sabia que precisava vender muito caro a sua pele agora. E havia algo mais: "O inesperado." A assinatura final do velho Bashar.

Os atacantes avançavam com rapidez, trocando gritos excitados.

Ajustando a comprida arma laser para a intensidade máxima de feixe, Teg apertou o gatilho. Um arco flamejante varreu a colina abaixo dele. Arvores explodiram em chamas, gente gritou. A arma não funcionaria muito tempo nesse nível de descarga, mas a carnificina que produzia obtinha o efeito desejado.

No silêncio abrupto depois da primeira descarga, Teg mudou de posição para outra rocha à sua esquerda e novamente lançou sua flecha cauterizante sobre a face negra da colina. Somente alguns dos globos luminosos soltos tinham sobrevivido ao golpe da violência inicial, com todas as árvores tombando e corpos desmembrados.

Outros gritos responderam ao segundo contra-ataque. Teg virou-se e correu por cima das rochas para o lado oposto à caverna de acesso ao não-globo. De lá, lançou fogo sobre a colina oposta. Mais gritos, mais chamas e árvores caindo.

O inimigo não respondia ao fogo.

"Querem nos pegar vivos!"

Os Tleilaxu estavam dispostos a sacrificar o número que fosse necessário de Dançarmos Faciais para esgotar as cargas de sua arma laser!

Teg ajustou a alça da velha arma Harkonnen para uma posição melhor, a tiracolo sobre o ombro, deixando-a pronta a entrar em ação. Jogou fora a carga quase vazia de sua laser moderna, recarregou-a e apoiou a comprida arma sobre as rochas. Duvidava de que tivesse chance de recarregar a outra arma. Que eles lá embaixo pensassem que ficara sem cartuchos de recarga. Ainda havia duas pistolas Harkonnen em seu cinturão, como último recurso. Seriam bem potentes a curta distância. E alguns dos Mestres Tleilaxu, aqueles que tinham ordenado tal carnificina, podiam chegar perto. Que chegassem.

Cautelosamente, Teg ergueu a arma longa de cima das rochas e caminhou

para trás, subiu para as rochas mais elevadas, escorregou para a esquerda e então para a direita. Parou duas vezes para varrer a colina abaixo com curtas descargas da arma, fingindo estar poupando energia. Não havia sentido em tentar ocultar seus movimentos agora. Eles deviam ter um rastreador de vida grudado nele a essa altura, e além disso haveria os rastros na neve.

"O inesperado!" Como fazer com que se aproximassem mais?

Bem acima da caverna de acesso ao não-globo, ele encontrou um bolsão profundo nas rochas, o fundo cheio de neve. Mergulhou nessa posição, admirando o ótimo campo de tiro que lhe proporcionava, as costas protegidas por altos penhascos e o declive da colina aberto em três direções. Teg ergueu a cabeça com cautela e tentou enxergar além da barreira de rochas acima.

Estava tudo quieto por lá

Será que aquele grito tinha vindo mesmo do pessoal de Burzmali? Mesmo que tivesse, não havia garantia alguma de que Duncan e Lucilla pudessem escapar nessas circunstâncias. Agora tudo dependia de Burzmali.

"Será que ele é tão cheio de expedientes quanto pensei que fosse?"

Agora não havia tempo de estudar as possibilidades ou mudar um elemento sequer dessa situação. Tinha que enfrentar a batalha, não havia meio de recuar. Teg inspirou fundo e olhou colina abaixo.

Sim, eles tinham se recuperado e estavam avançando de novo. Agora sem globos luminosos para indicar seu progresso e andando em silêncio. Não havia mais gritos de encorajamento. Teg apoiou sua comprida arma laser sobre a rocha diante dele e deu uma descarga longa, varrendo para a direita e a esquerda. Depois deixou a arma apagar-se no final, numa óbvia perda de carga.

Tirou a velha arma Harkonnen de sobre o ombro, preparou-a e esperou em silêncio. Agora eles iriam esperar que ele fugisse, subindo a colina às carreiras. Agachou-se atrás da barreira de rochas, esperando que houvesse movimento suficiente acima para confundir os detectores de vida. Ainda ouvia os movimentos na colina arrasada pelo fogo. Em silêncio contou os minutos, calculando a distância e o tempo que ele sabia, com sua longa experiência, que os atacantes levariam para se colocar outra vez ao alcance do fogo. Ouvia com cuidado, esperando outro som que conhecia de combates anteriores com os Tleilaxu: as ordens bruscas em vozes num tom agudo.

Lá estavam!

Os Mestres estavam bem mais abaixo na colina do que tinha esperado. Terríveis criaturas! Teg ajustou a velha arma para a potência máxima de feixe e se ergueu de repente de sua proteção nas rochas.

Viu o arco de Dançarmos Faciais avançando sob o luz do capim e das árvores em chamas. O som agudo das vozes dos comandantes vinha de bem

detrás do avanço, fora da área de bruxuleantes luzes alaranjadas provocadas pelo incêndio.

Apontando acima das cabeças dos atacantes mais próximos, Teg visou além da confusão de chamas e apertou o gatilho — duas longas descargas, para a frente e para trás. Ficou surpreso momentaneamente com a energia destrutiva contida na antiga arma. A coisa era obviamente o produto de um artesão soberbo, mas não houvera meio de testá-la dentro do não-globo.

Dessa vez os gritos tinham um tom diferente: altos e frenéticos!

Teg abaixou a pontaria e limpou a região mais próxima da colina de qualquer Dançarino Facial, deixando cair sobre eles toda a potência do feixe e revelando carregar mais de uma arma. Para um lado e para o outro, lançou o arco mortal, dando aos atacantes tempo suficiente para verem a carga terminar.

Agora! Eles seriam bem mais cautelosos depois disso. Podia haver uma chance de se unir a Duncan e Lucilla. Com esse pensamento em sua mente, Teg virou-se e correu, subindo as rochas colina acima. No quinto passo, julgou ter batido numa barreira quente. Sua mente teve tempo de reconhecer o que tinha acontecido: a descarga chocante de um atordoador, atingindo-o direto no rosto e no peito! Vinha diretamente do alto da colina, para onde mandara Duncan e Lucilla. A mágoa dominou Teg enquanto ele mergulhava na escuridão.

Outros também podiam fazer o inesperado!

32

Todas as religiões organizadas enfrentam um problema comum, um ponto frágil que podemos atingir para alterá-las de acordo com nossos propósitos: como elas distinguem revelação de presunção?

— Missionaria Protectiva, Ensinamentos Secretos

Odrade mantinha sua atenção cuidadosamente afastada do verde frio do quadrilátero abaixo, onde Sheeana se sentara com uma das Irmãs Instrutoras. A Irmã era uma das melhores, precisamente adequada a essa fase da educação de Sheeana. Taraza as escolhia com muito cuidado.

"Nós prosseguimos com nosso plano", pensou Odrade. "Mas terá antecipado, Madre Superiora, como poderíamos ficar marcadas por uma descoberta casual aqui em Rakis?"

Teria sido mesmo casual?

Odrade dirigiu o olhar para os telhados dos prédios, em direção à fortaleza central da Irmandade em Rakis. Azulejos coloridos cozinhavam ao calor do sol do meio-dia.

"Tudo isso é nosso."

Era a maior embaixada que os sacerdotes permitiam em sua sagrada cidade de Keen. E a presença dela nessa fortaleza da Bene Gesserit desafiava o acordo que fizera com Tuek. Mas isso fora antes das descobertas no Sietch Tabr. Além disso, Tuek não existia mais, não realmente. O Tuek que andava pelos recintos reservados ao clero era um Dançarino Facial desempenhando um papel numa farsa precária.

Odrade voltou os pensamentos para Waff, que aguardava, com duas Irmãs Guardiãs atrás dele, perto da porta dessa cobertura-abrigo. Uma cobertura com ótima visão proporcionada por janelas de plazblindado e um impressionante mobiliário preto, na qual uma Reverenda Madre com seus mantos poderia confundir-se ficando apenas a tonalidade mais clara de sua face visível a um visitante.

Teria avaliado Waff corretamente? Tudo fora feito precisamente de acordo com os ensinamentos da Missionaria Protectiva. Teria aberto uma fenda suficientemente grande em sua armadura psíquica? logo iria fazê-lo falar e então

saberia.

Waff esperava com bastante calma. Podia ver o reflexo dele no plaz da janela. Não demonstrava qualquer sinal de estar percebendo que as duas Irmãs altas, de cabelos escuros, a flanqueá-lo, estavam lá para conter sua possível violência. Mas ele certamente saberia.

"São minhas guardiãs, não dele."

Ele mantinha a cabeça abaixada para ocultar suas feições do olhar dela, mas Odrade sabia de sua incerteza. Disso estava segura. Dúvidas podiam ser como animais famintos, e ela alimentara muito bem aquelas dúvidas esfomeadas. Waff acreditava firmemente em que a jornada pelo deserto poderia trazer-lhe a morte. Suas crenças Zensunni e Sufi diziam-lhe agora que Deus o pouparia nesse lugar.

Com certeza estaria reavaliando seu acordo com a Bene Gesserit, percebendo afinal o modo como comprometera sua gente, como colocara sua preciosa civilização Tleilaxu num perigo terrível. Sim, sua falsa compostura o estava deixando esgotado, mas apenas olhos Bene Gesserit podiam detectar isso. logo seria a ocasião adequada para começar a reconstruir sua consciência de acordo com um padrão mais simpático às necessidades da Irmandade. Que ele cozinhasse um pouquinho mais.

Odrade voltou a atenção para a vista da janela, carregando com mais suspense o seu atraso. A Bene Gesserit. escolhera esse local para sua embaixada devido ao extenso trabalho de reconstrução que modificara a parte nordeste da velha cidade. Ali elas podiam construir e remodelar as coisas a seu modo e de acordo com seus propósitos. Antigas estruturas projetadas para permitir fácil acesso a pessoas a pé, amplas passagens para carros de solo oficiais e praças onde ornitópteros podiam pousar — tudo isso fora mudado.

"De acordo com os novos tempos."

Esses novos prédios ficavam muito mais perto das avenidas flanqueadas de plantas verdes cujas árvores, altas e exóticas, alardeavam um enorme dispêndio de água. Os tópteros ficavam relegados às plataformas de pouso nos terraços de prédios selecionados. As faixas para pedestres restringiam-se a estreitas vias elevadas junto dos prédios. Fendas elevadoras, operadas através de moedas, chaves e identificadores das linhas das palmas das mãos tinham sido inseridas nos novos prédios, seus campos de energia brilhante cobertos por placas de cor marrom-escura, levemente transparentes. Essas fendas elevadoras eram como espinhas de cor escura no cinza plano do plascreto e no plaz dos prédios. Os seres humanos, apenas vislumbrados a subirem e descerem nesses tubos, pareciam impurezas manchando salsichas puramente mecânicas.

"Tudo em nome da modernização."

Waff mexeu-se atrás dela e pigarreou.

Odrade não se voltou. As duas guardiãs sabiam o que ela estava fazendo e continuaram impassíveis. O crescente nervosismo de Waff era demonstração de que tudo corria como planejado.

Mas Odrade sentia que nem tudo estava correndo verdadeiramente como esperado.

Interpretava a visão das janelas como outro sintoma inquietante nesse planeta inquietante. Tuek, lembrava ela, não gostara dessa modernização de sua cidade. Queixara-se que era preciso encontrar um meio de parar com ela para preservar os antigos marcos. Seu substituto Dançarino Facial continuava com essa discussão.

Como esse novo Dançarino Facial se parecia com o próprio Tuek.

Será que tais Dançarmos Faciais tinham pensamentos próprios ou apenas desempenhavam um papel de acordo com as ordens de seus Mestres? Seriam também estéreis esses novos? O quanto seriam diferentes dos verdadeiros seres humanos?

Coisas relacionadas com a dissimulação preocupavam Odrade.

Os conselheiros do falso Tuek, aqueles inteiramente envolvidos com o que definiam como “a trama Tleilaxu”, falavam do apoio público à modernização e se gabavam abertamente de que seus pontos de vista tinham encontrado um caminho aberto, afinal. Albertus relatava tudo regularmente a Odrade. E cada novo relatório a preocupava ainda mais.

Até mesmo a subserviência óbvia de Albertus a incomodava.

— E claro que os conselheiros não estão falando de um apoio público — dissera Albertus.

Ela só podia concordar. O comportamento dos conselheiros indicava que possuíam um apoio poderoso entre os escalões médios da hierarquia do clero, entre os arrivistas que se atreviam a contar piadas a respeito de seu Deus Dividido em festas de fim de semana... entre os que estavam sendo subornados com o tesouro que Odrade encontrara no Sietch Tabr.

Noventa mil toneladas! Metade da colheita de um ano nos desertos de Rakis. Até mesmo um terço disso já representava um importante fator de negociação nas novas alianças.

“Preferia nunca ter conhecido você, Albertus.”

Quisera restaurar nele aquele que se importava. E o que de fato criara seria facilmente reconhecido por alguém treinado nos ensinamentos da Missionaria Protectiva.

“Um bajulador rastejante!”

Agora não fazia diferença que a subserviência dele fosse impulsionada

pela crença total em sua sagrada ligação com Sheeana. Odrade nunca percebera o quão facilmente os ensinamentos da Missionaria Protectiva destruíam a independência humana. Esse era sempre o objetivo, é claro: “Fazer deles nossos seguidores, obedientes às nossas necessidades”

As palavras do Tirano naquela câmara secreta tinham feito muito mais do que simplesmente incendiar seus temores quanto ao futuro da Irmandade.

“Eu deixo para vocês meu medo e minha solidão.”

Daquela distância milenar, ele plantara dúvidas na consciência dela, tão fortemente quanto ela fizera com Waff.

Via as perguntas do Tirano como se fossem delineadas com luz brilhante em sua visão interior.

“COM QUEM VOCÊS SE ALIARAM?”

“Seremos nada mais que outra sociedade secreta? Qual será nosso fim? Uma armadilha dogmática de nossa própria criação?”

As palavras do Tirano queimavam em sua consciência. Onde estaria o “nobre propósito” naquilo que a Irmandade fazia? Odrade quase podia ouvir a resposta cheia de desprezo que Taraza daria a uma pergunta dessas.

Sobrevivência. Dar! Esse é todo o nobre propósito de que precisamos Sobrevivência! Até mesmo o Tirano sabia disso!

Talvez até mesmo Tuek soubesse. E de que lhe valera no fim?

Odrade sentia uma assombrosa simpatia para com o falecido Alto Sacerdote. Tuek fora um exemplo soberbo do que uma família muito unida era capaz de criar. Até mesmo o seu nome era prova disso: não tinha mudado desde o tempo em que os Atreides dominavam esse planeta. O ancestral fundador da família fora um contrabandista, confidente do primeiro Leto. Tuek viera de uma família que se apegava com firmeza às suas raízes, dizendo: “Há muito de valor para preservarmos do nosso passado” E o exemplo que isso deixara para seus descendentes não passara despercebido a uma Reverenda Madre.

“Mas você fracassou, Tuek.”

Aqueles quarteirões modernizados, visíveis através da janela, era um sinal desse fracasso — partes dos novos elementos de poder que cresciam na sociedade Rakiana, elementos que a Irmandade tanto trabalhara para fortalecer. Tuek vira tudo isso como sinal dos dias em que se encontraria muito enfraquecido politicamente para evitar as coisas implícitas em tal modernização:

Um ritual mais curto e mais moderno.

Novas canções, mais de acordo com os novos tempos.

Mudanças nas danças. (As danças tradicionais são tão longas!)

E, acima de tudo, poucas aventuras perigosas no deserto para os jovens postulantes das famílias mais poderosas.

Odrade suspirou e olhou para trás. O pequeno Tleilaxu mordia o lábio inferior. “Ótimo!”

“Maldito seja, Albertus! Como eu adoraria uma rebelião de sua parte!”

Atrás das portas fechadas do Templo, a transição do Alto Sacerdócio já estava sendo debatida. Os novos Rakianos falavam da necessidade de “atualização para fazer face aos novos tempos”. Na verdade, queriam dizer: “Dê-nos maior poder!”

“Sempre foi desse modo”, pensou Odrade. “Até mesmo na Bene Gesserit.”

E ainda assim não conseguia escapar de um pensamento: “pobre Tuek”

Albertus relatara que Tuek, pouco antes de morrer e ser substituído por um Dançarino Facial, tinha avisado a família de que esta poderia perder o controle do clero quando ele morresse. Tuek fora mais sutil e cheio de recursos do que seus inimigos esperavam. Sua família já estava cobrando as dívidas, reunindo recursos para manter uma base de poder.

E o Dançarino Facial que ocupara o lugar de Tuek revelava muita coisa com sua mímica: a família de Tuek ainda não soubera da substituição e se poderia facilmente acreditar que o Alto Sacerdote continuava vivo, tão boa era a simulação. Observar aquele Dançarino Facial em ação era muito instrutivo para as vigilantes Reverendas Madres. E essa, é claro, era uma das coisas que faziam Waff sofrer, angustiado.

Odrade virou-se abruptamente e caminhou ao encontro do Mestre Tleilaxu. “Hora de falar com ele!”

Parou a dois passos de Waff e olhou para ele, furiosa. Waff encarou seu olhar com uma expressão de desafio.

— Já teve tempo suficiente para considerar sua posição — acusou ela. — Por que permanece em silêncio?

— Minha posição? Então acha que nos deu alguma escolha?

— “O homem não passa de um seixo atirado num lago” — disse Odrade, tirando essa citação das próprias crenças de Waff.

Ele respirou, trêmulo. Ela pronunciara as palavras adequadas, mas que haveria por trás dessas palavras? Elas não soavam adequadamente partindo da boca de uma mulher powindah.

Como Waff não respondesse, Odrade terminou a citação:

— “E se um homem não é mais que um seixo, assim é sua obra.”

Um tremor involuntário fez Odrade estremecer, provocando um olhar de contida surpresa das vigilantes Irmãs Guardiãs. Esse tremor não fazia parte do desempenho.

“Por que pensei nas palavras do Tirano neste instante?”, perguntou-se

Odrade.

O CORPO E A ALMA DA BENE GESSERIT ENCONTRARÃO O MESMO DESTINO DE TODOS OS OUTROS CORPOS E TODAS AS OUTRAS ALMAS.

Esse golpe a atingira profundamente.

“Por que eu estava tão vulnerável?” A resposta saltou em sua consciência: “O Manifesto Atreides!”

“Preparar aquele texto sob a orientação vigilante de Taraza deixou falhas em mim.”

Teria sido esse o propósito de Taraza? Deixá-la vulnerável? Como Taraza poderia saber o que ela encontraria em Rakis? A Madre Superiora não somente não exibia capacidade de presciência como tinha uma tendência a evitar esse tipo de talento em outras pessoas. Nas raras ocasiões em que Taraza pedira semelhante desempenho da parte da própria Odrade, a relutância ficara óbvia ao olhar treinado de uma Irmã.

“E no entanto ela me deixou vulnerável.”

Teria sido um acidente?

Odrade mergulhou num rápido recital da Litania contra o Medo, que durou apenas o espaço de alguns segundos, mas nesse tempo Waff chegou a uma decisão.

— Vocês nos forçariam a isso — ele disse. — Mas não sabem os poderes que deixamos reservados para tal momento. — Ergueu as mangas para mostrar onde tinham ficado escondidos os lança-dardos. — Aqueles eram apenas brinquedos comparados com nossas verdadeiras armas.

— A Irmandade nunca duvidou disso — replicou Odrade.

— Tem que haver um conflito violento entre nós?

— E uma escolha sua — ela respondeu.

— Por que vocês provocam a violência?

Existem aqueles que adorariam ver a Bene Gesserit e a Bene Tleilax atirarem-se nas gargantas uma da outra — explicou Odrade. — Nossos inimigos gostariam de reunir os pedaços depois que nos tivéssemos enfraquecido o suficiente.

— Você expõe os motivos para o acordo, mas não deixa espaço para a minha gente negociar! Talvez sua Madre Superiora não lhe tenha conferido a autoridade necessária para isso!

Como seria tentador entregar tudo nas mãos de Taraza, exatamente como Taraza queria. Odrade olhou para as Irmãs Guardiãs. O rosto das duas eram máscaras que não deixavam perceber coisa alguma. Que será que elas realmente saberiam? Seriam capazes de perceber caso ela agisse contra as ordens de

Taraza?

— Você tem tal autoridade? — insistiu Waff.

“Nobre propósito”, pensou Odrade. “Certamente que o Caminho Dourado do Tirano pelo menos demonstrou possuir uma qualidade nesse sentido.”

Odrade decidiu apelar para uma mentira criativa.

— Possuo tal autoridade — ela disse.

Suas próprias palavras faziam da mentira uma verdade. Tendo assumido tal autoridade, fazia com que fosse impossível para Taraza negá-la. Odrade sabia, entretanto, que suas próprias palavras a tinham colocado num curso de ação muito divergente dos passos programados pelo plano de Taraza.

“Ação independente.” Exatamente o que ela desejara de Albertus.

“Estou no campo de ação e sei o que é necessário.”

Odrade olhou para as Irmãs Guardiãs.

— Permaneçam aqui, por favor, e cuidem para que não sejamos perturbados.

A Waff ela disse:

— Podemos ficar à vontade.

Indicou duas cadeiras-cães colocadas em ângulos retos no outro lado da sala.

Esperou até que estivessem sentados antes de recomeçar o diálogo.

— Precisamos de um grau de sinceridade entre nós que a diplomacia raramente permite. Há muita coisa em jogo para permanecermos com evasivas tolas.

Waff olhou para ela de modo estranho:

— Sabemos que há uma dissensão em seus mais altos conselhos. Abordagens sutis nos foram feitas. De nossa parte.

— Sou leal à Irmandade — ela disse. — E aquelas que os procuraram não tinham outro tipo de lealdade.

— Isso é outro truque das...

— Nada de truques!.

— Com a Bene Gesserit, sempre há truques — acusou ele.

— Que temem de nós? Vamos, diga.

— Talvez eu tenha aprendido demais a respeito de vocês para que me deixem vivo.

— Eu não poderia dizer o mesmo a seu respeito? — indagou ela. — Quem mais sabe de nossa afinidade secreta? Quem está falando com você não é uma powindah!

Odrade arriscara-se a usar esse termo com alguma hesitação, mas o efeito não poderia ter sido mais revelador. Waff ficou visivelmente abalado. Levou

todo um minuto para se recuperar. Dúvidas permaneciam, contudo, dúvidas que ela plantara nele.

— E que provam essas palavras? — perguntou ele. — Você ainda poderia partir com as coisas que aprendeu de mim e deixar minha gente sem nada. Ainda mantém o braço do poder sobre nós.

— Eu não carrego armas nas minhas mangas — comentou Odrade

— Mas sua mente possuem conhecimentos que poderiam arruinar-nos!

Ele olhou para as Irmãs Guardiãs.

— Esse conhecimento é parte do meu arsenal — concordou Odrade.

— Devo mandá-las sair?

— Carregando em suas mentes tudo que ouviram aqui? — disse ele, e voltou para Odrade seu olhar de suspeita. — Seria melhor se mandasse suas memórias saírem!

Odrade regulou o tom de sua voz para parecer o mais moderado possível.

— Que é que nós ganharíamos revelando sua paixão missionária antes de estarem prontos para agir? De que nos serviria destruir a reputação de vocês revelando onde plantaram seus novos Dançarmos Faciais? Oh sim, sabemos tudo a respeito de Ix e das Oradoras Peixes. Depois de termos estudado aqueles novos, saímos procurando por eles.

— Está vendo!

A voz dele estava perigosamente aguda.

— Não vejo modo de provar nossa afinidade senão revelando alguma coisa que seria igualmente danosa para nós caso fosse divulgada — disse Odrade

Waff ficou sem fala.

— Pretendemos plantar os vermes do Profeta em incontáveis mundos da Dispersão — revelou ela. — Que será que diria o clero Rakiano se lhe revelassem isso?

As Irmãs Guardiãs olharam para ela com um divertimento cuidadosamente disfarçado. Pensavam que estava mentindo.

— Não tenho guardas comigo — queixou-se Waff. — Quando apenas uma pessoa conhece alguma coisa perigosa de ser revelada, é muito fácil conseguir o silêncio eterno dessa pessoa.

Ela ergueu as mangas vazias.

Ele olhou para as Irmãs Guardiãs.

— Muito bem — disse Odrade. Olhou para as Irmãs e fez um sinal sutil com a mão para tranquiliza-las. — Esperem do lado de fora, por favor; Irmãs.

Quando a porta se fechou atrás delas, Waff retornou às suas dúvidas.

— Minha gente não examinou estes aposentos. Não sei nada das coisas que podem estar ocultas aqui para registrar minhas palavras.

Odrade passou a usar a linguagem do Islamiyat.

— Então devemos usar Outro idioma que só nós conhecemos.

Os olhos de Waff brilharam. Na mesma linguagem, ele disse:

— Muito bem, vou apostar nisso. E lhe peço que me diga qual a verdadeira causa do desentendimento entre as Bene Gesserit.

Odrade permitiu-se um leve sorriso. Com a mudança de idioma, toda a personalidade de Waff, suas maneiras, mudava. Ele estava agindo exatamente como ela tinha esperado que fizesse. Nenhuma de suas dúvidas era reforçada no idioma dele.

Ela respondeu com igual confiança:

— Algumas tolas temem que possamos criar outro Kwisatz Haderach! É isso que algumas de minhas Irmãs discutem.

— Não há mais uma necessidade de tal criatura — disse Waff. — Aquele que podia estar em muitos lugares simultaneamente existiu e se foi. Ele só podia trazer o Profeta.

— E Deus não mandaria tal mensageiro duas vezes — comentou ela.

Era o tipo de coisa que Waff ouvia com frequência em sua língua. Não mais considerava estranho que uma mulher pudesse pronunciar tais palavras. A linguagem e as palavras familiares eram o bastante.

— A morte de Schwangyu restaurou a unidade entre suas Irmãs? — perguntou ele.

— Nós temos inimigas comuns — respondeu Odrade.

— As Honradas Madres.

— Foi sábio de sua parte matá-las e aprender tudo que podia com elas.

Waff inclinou-se para a frente, completamente arrebatado pelo idioma familiar e o fluxo da conversa.

— Elas governam pelo sexo! — revelou, exultante. — Extraordinárias técnicas de ampliação do orgasmo! Nós..

Um pouco atrasado, ele se tornou consciente de quem estava sentada diante dele, ouvindo tudo isso.

— Já conhecemos tais técnicas — disse Odrade para tranquilizá-lo.

— Seria interessante compará-las, mas existem razões óbvias pelas quais nunca tentamos obter o poder de modo tão perigoso. E aquelas prostitutas são estúpidas o suficiente para cometer esse erro!

— Erro?

Ele estava claramente intrigado.

— Elas estão segurando as rédeas desse poder com suas próprias mãos! — explicou Odrade. — À medida que esse poder for crescendo, o controle que elas exercem terá que crescer do mesmo modo. A coisa vai destruir-se com seu

próprio ímpeto!

— Poder, sempre poder — murmurou Waff. Outro pensamento lhe ocorreu. — Está dizendo que foi deste modo que o Profeta caiu?

— Ele sabia o que estava fazendo — explicou Odrade. — Milênios de paz forçada seguidos pelos Tempos da Fome e da Dispersão. Uma mensagem com resultados diretos. Lembre-se! Ele não destruiu a Bene Tleilax ou a Bene Gesserit.

— E que vocês esperam de uma aliança entre nossa gente? — perguntou Waff.

— Esperança é uma coisa, sobrevivência é outra — ela disse.

— Sempre o pragmatismo. E algumas de vocês temem que possam restaurar o Profeta em Rakis com todos os seus poderes intactos?

— Eu não disse isso?

A linguagem do Islamiyat era particularmente poderosa nessa forma questionadora. Ela colocava sobre Waff a tarefa de provar a verdade.

— Então elas duvidam da mão de Deus na criação do seu Kwisatz Haderach — ele disse. — E também duvidam do Profeta?

— Muito bem, vamos deixar tudo isso claro — disse Odrade, lançando-se no caminho escolhido para iludi-lo. — Schwangyu e aquelas que a apoiavam tinham se afastado da Grande Crença. Nós não guardamos nenhum ódio contra a Bene Tleilax por tê-las destruído. Isso poupou-nos muito trabalho.

Waff aceitou isso inteiramente . Dadas as circunstâncias era precisamente o que esperava ouvir. Sabia ter revelado muita coisa que seria melhor ficar em segredo, mas ainda restavam coisas que a Bene Gesserit não sabia. E as coisas que ele tinha aprendido!

Odrade deixou-o totalmente chocado ao dizer:

— Waff, se acredita que seus descendentes retornados da Dispersão vieram totalmente imutados, então você é um tolo.

Ele manteve-se em silêncio.

— Tem todas as peças do quebra-cabeça em suas mãos — ela continuou. — Seus descendentes estão dominados pelas prostitutas da Dispersão. E se acredita que qualquer uma delas seria capaz de manter um acordo, então sua estupidez chegou a um ponto além de qualquer descrição!

A reação de Waff revelou que ela atingira o ponto exato. As peças estavam se ajustando. Odrade dissera a verdade apenas onde isso fora necessário. As dúvidas dele estavam focalizadas onde deviam: no povo da Dispersão. E tudo fora feito usando o próprio idioma dele.

Ele tentou falar, sentiu uma constrição na garganta, e foi forçado a massageá-la antes que pudesse expressar-se.

— Que podemos fazer?

— Isso é óbvio. Os Perdidos encaram-nos como apenas outra conquista. Acham que com isso vão limpar sua retaguarda. Uma cautela comum.

— Mas eles são tantos!

— A menos que consigamos unir-nos num plano comum para derrotá-los, vão devorar-nos do modo como um lorco mastiga seu almoço.

— Não podemos submeter-nos aos impuros powindah! Deus não permitiria tal coisa!

— Submeter? Quem disse que nos vamos submeter?

— Mas a Bene Gesserit sempre faz uso daquela antiga desculpa: “Se não puder derrotá-los, junte-se a eles.”

Odrade deu um sorriso forçado.

— Deus não permitiria que vocês se submetessem! Está dizendo que ele permitiria que isso nos acontecesse?

— Então qual é o seu plano? Que faria contra um inimigo tão numeroso?

— Exatamente o que você planeja fazer: convertê-los. Quando der o sinal, a Irmandade abraçará abertamente a verdadeira fé.

Waff caiu num silêncio atordoado. Então ela conhecia o cerne do plano dos Tleilaxu. Será que também saberia como os Tleilaxu pretendiam executar esse plano?

Odrade olhava para ele de modo especulativo. “Agarre a fera pelo saco se preciso”, pensava. Mas, e se as projeções das analistas da Irmandade estivessem incorretas? Nesse caso, toda essa negociação seria uma piada. E havia algo no fundo dos olhos de Waff que sugeria uma antiga sabedoria... muito mais antiga do que seu corpo. Ela falou com mais confiança do que sentia:

— Aquilo que vocês conseguiram obter com os gholas de seus tanques e mantiveram em segredo, outros pagarão grande preço para obter.

As palavras eram suficientemente enigmáticas (haveria outros ouvindo?), mas Waff não duvidou nem por um instante de que a Bene Gesserit conhecesse até mesmo esse segredo.

— Estão exigindo partilhar isso também? — perguntou ele, a voz rouca na garganta seca.

— Tudo! Vamos partilhar tudo!

— E que vão dar nessa grande partilha?

— Peça.

— Todos os seus registros de procriação.

— Eles são seus.

— Madres Procriadoras à nossa escolha.

— Diga o nome delas.

Waff ficou atônito. Isso era muito mais do que a Madre Superiora tinha oferecido. Era como uma flor se abrindo em sua consciência. Ela estava certa a respeito das Honradas Madres, naturalmente — e a respeito dos Tleilaxu descendentes da Dispersão. Nunca confiara neles, nunca!

— Vão querer uma fonte irrestrita de melange — ele disse.

— É claro.

Olhou para ela, quase não acreditando em tanta boa sorte. Os tanques axlotl ofereciam a imortalidade apenas àqueles que abraçavam a Grande Crença. Ninguém se atreveria a atacar para obter algo que sabiam que os Tleilaxu prefeririam destruir a perder. E agora! Ele tinha conquistado os serviços da força missionária mais poderosa e duradoura que já existira. Certamente que a mão de Deus aparecia nisso. Waff sentiu-se primeiro admirado, depois inspirado. Suavemente, disse a Odrade:

— E você, Reverenda Madre, como chamaria nosso acordo?

— Um nobre propósito — ela disse. — Já conhece as palavras do Profeta no Sietch Tabr. Duvida delas?

— Nunca! Mas... existe uma coisa: que propõem fazer com esse ghola Duncan Idaho e a jovem Sheeana?

— Faremos com que procriem, é claro. E seus descendentes falarão por nós a todos os descendentes do Profeta.

— Em todos os planetas para onde os levarão?

— Em todos os planetas — concordou ela.

Waff recostou-se no assento. “Eu a tenho em minhas mãos, Reverenda Madre!”, pensou ele. “Nós dominaremos este acordo, não vocês. O ghola não lhes pertence, ele é nosso!”

Odrade percebeu uma sombra de reserva nos olhos de Waff, mas sabia ter arriscado o máximo que podia. Conceder mais despertaria novas dúvidas. O que quer que acontecesse, ela havia comprometido a Irmandade desse curso de ação. Agora Taraza não poderia evitar essa aliança.

Waff ergueu os ombros num gesto curiosamente juvenil, traído pela inteligência ancestral em seus olhos.

— Ah, mais uma coisa — ele disse, todo tomado pelo papel de Mestre dos Mestres, falando seu próprio idioma e governando a todos que o ouviam. — Também vão ajudar na divulgação desse... Manifesto Atreides?

— Por que não? Eu o escrevi. Waff deu um salto.

— Você?

— Pensa que alguém menos hábil poderia tê-lo feito?

Ele assentiu, convencido sem necessidade de qualquer outro argumento. Era o combustível necessário para impulsionar um novo pensamento que entrara

em sua mente, um ponto final na aliança: as mentes poderosas das Reverendas Madres aconselhariam os Tleilaxu a cada passo! Que importava que fossem superadas em número pelas prostitutas da Dispersão? Quem poderia enfrentar tamanha sabedoria combinada com armas invencíveis?

— O titulo do Manifesto também é válido — explicou Odrade.

Sou uma autêntica descendente dos Atreides.

— Procriaria comigo, então? — arriscou ele.

— Quase já passei da idade de ter filhos, mas serei sua quando ordenar.

33

Eu relembro amigos de guerras quase esquecidas,
Todos eles repartidos em cada ferimento recebido,
Ferimentos que lembram lugares dolorosos onde lutamos,
Batalhas que é melhor esquecer, coisas que nunca buscamos.
Que foi que perdemos e que conseguimos?

— Canções da Dispersão

Burzmali baseara seu planejamento no melhor que tinha aprendido com seu Bashar, mantendo sua própria opinião quanto às múltiplas opções e posições de retirada. Essa era a prerrogativa de um comandante! Por ser necessário, aprendera tudo que podia sobre o terreno.

Na época do Antigo Império e mesmo sob o reinado de Muad'Dib, a região em torno do Castelo Gammu fora uma reserva florestal, uma região elevada, situada bem acima dos resíduos oleosos que tendiam a cobrir as terras dos Harkonnen. Nesse solo, os Harkonnen haviam cultivado a melhor pilingitam, madeira de uso comercial muito valorizada pelos sumamente ricos. Desde os tempos mais antigos que a classe mais elevada preferia cercar-se de madeiras finas em vez das matérias artificiais produzidas em massa, conhecidas como polastine, polaz e pormabat (mais tarde abreviados para tine, laz e bat). Até mesmo no Antigo Império existira um rótulo pejorativo para os moderadamente ricos e as Famílias Menores, surgido do conhecimento do valor de uma madeira rara.

— Ali está um três P-O — diziam eles, querendo indicar uma pessoa que se cercava das cópias baratas, feitas com substâncias pouco nobres.

E até mesmo quando os sumamente ricos eram forçados a empregar um dos três P-O, eles os disfarçavam, onde era possível, atrás de um U-P (o único P), a pilingitam.

Burzmali sabia disso e muito mais quando fez sua gente procurar por pilingitam estrategicamente colocada perto de um não-globo. A madeira da árvore tinha muitas qualidades que a tornavam preferida pelos artesãos: recém-cortada, ela era macia; seca e envelhecida, tornava-se dura. Era capaz de absorver muitos pigmentos e o acabamento podia ser feito de modo a parecer

natural. Mais importante que tudo, a pilingitam era à prova de fungos e nenhum inseto conhecido chegara a considerá-la um jantar adequado. Por último, era resistente ao fogo e os espécimes mais velhos da árvore viva cresciam a partir de um amplo tubo vazio situado no núcleo.

— Nós faremos o inesperado — dissera Burzmali ao seu grupo de busca.

Notara o distinto verde-limão das folhas de pilingitam durante seu primeiro vôo sobre a região. As florestas desse planeta tinham sido devastadas durante os Tempos da Fome, mas antigas O-Ps ainda eram cultivadas entre as sempre-vivas e as madeiras resistentes replantadas por ordem da Irmandade.

A equipe de busca de Burzmali encontrara uma colina dominada por O-Ps acima do local do não-globo. Ela estendia suas folhas sobre quase três hectares. Na tarde do dia crítico, Burzmali colocou engodos a certa distância de sua posição e abriu um túnel, desde um trecho de terreno baixo até o centro do bosque de pilingitam. Lá posicionou seu posto de comando e o material necessário para a fuga.

— A árvore é uma forma de vida — explicou à sua gente. — Vai ocultar-nos dos rastreadores.

"O inesperado."

Em parte alguma de seus planos Burzmali supôs que suas ações fossem permanecer indetectadas. Tudo que podia fazer era dispersar sua vulnerabilidade.

Quando o ataque viesse, sabia que ia seguir um plano previsível. Burzmali previa que os atacantes contariam com não-naves e superioridade numérica, como acontecera em seu assalto ao Castelo de Gammu. As analistas da Irmandade garantiam que a maior ameaça viria das forças da Dispersão — descendentes dos Tleilaxu comandados por mulheres selvagens e brutais que chamavam a si mesmas de Honradas Madres. Ele via isso como excesso de confiança e não audácia. A verdadeira audácia fazia parte do arsenal de cada aluno do Bashar Miles Teg. Também ajudava o fato de poder confiar nos improvisos que Teg, de sua parte, acrescentaria ao plano.

Através de seus receptores, Burzmali seguiu a corrida de Duncan e Lucilla para a liberdade. Tropas com capacetes de comunicação e visores noturnos criavam uma falsa exibição de atividade nas posições falsas, enquanto Burzmali e seu grupo selecionado vigiavam os atacantes sem jamais revelarem sua posição. Os movimentos de Teg podiam ser acompanhados com facilidade a partir da resposta violenta do inimigo.

Burzmali notou com aprovação que Lucilla não parou ao ouvir os sons da batalha se intensificarem. Duncan, contudo, tentou parar e quase arruinou todo o plano. Lucila salvou o dia ao atingir um nervo sensível do rapaz, gritando:

— Você não pode ajudá-lo!

Ouvindo a voz dela com clareza através dos amplificadores do capacete, Burzmali amaldiçoou em silêncio. Outros poderiam ouvi-la também! Não havia dúvida de que já devia estar sendo rastreada.

Burzmali deu uma ordem subvocal através do microfone implantado em seu pescoço e se preparou para abandonar o posto. Mantinha a maior parte de sua atenção focalizada na aproximação de Lucilla e Duncan. Se tudo corresse como planejado, sua gente traria os dói enquanto dois soldados, sem capacetes e vestidos adequadamente, continuariam a correr em direção às falsas posições.

Enquanto isso, Teg estava criando uma admirável trilha de destruição através da qual um carro de solo poderia escapar.

Um auxiliar entrou em contato com Burzmali:

— Dois atacantes estão se aproximando por trás do Bashar!

Burzmali fez sinal para que o homem saísse. Sabia que as chances de Teg eram poucas. Tudo teria que se concentrar agora no salvamento do ghola. Os pensamentos de Burzmali eram intensos enquanto ele vigiava:

— Vamos! Corra! Corra!

Lucilla tinha pensamentos semelhantes enquanto mantinha Duncan correndo, conservando-se atrás dele para protegê-lo de qualquer ataque pelas costas. Tudo em seu treinamento e no modo como fora criada entrava em ação nesses momentos, reunido para uma resistência final. “Jamais desista!” Desistir seria passar sua consciência para as Vidas Memorizadas de Outra Irmã ou então morrer. Mesmo Schwangyu se redimira no final, revertendo à resistência total e morrendo admiravelmente dentro da tradição Bene Gesserit — resistindo até o fim. Burzmali relatara isso através de Teg. E Lucilla, reunindo suas incontáveis vidas, pensava: “Não posso deixar por menos.”

Ela seguiu Duncan numa depressão rasa junto ao tronco de um gigantesco pilingitam e, quando vultos se ergueram da escuridão em torno deles, quase reagiu de modo enlouquecido. Uma voz, falando em Chakobsa junto de seu ouvido direito, disse: “Amigos!” Isso retardou sua resposta pelo espaço de uma batida de coração enquanto ela via os dois falsos fugitivos saírem correndo da depressão para cobrir sua retirada. Isso, mais que qualquer outra coisa, revelou o plano e a identidade das pessoas, contendo-os em meio aos ricos odores de folhas e de terra. Quando aquela gente fez Duncan escorregar adiante dela num túnel escavado na árvore gigantesca e aconselhou (ainda em Chakobsa) a que ela se apressasse, Lucilla soube estar envolvida num plano audacioso, típico de Teg.

Duncan também tinha percebido isso. Numa abertura do túnel, ele a identificou pelo cheiro e bateu uma mensagem na pele de seu braço, na antiga e silenciosa linguagem de batalha dos Atreides.

— Deixe que eles liderem.

A forma da mensagem espantou-a momentaneamente, até ela perceber que o ghola devia conhecer esse método de comunicação.

Sem falar coisa alguma, as pessoas que os rodeavam retiraram o antiquado e volumoso laser das mãos de Duncan e fizeram os fugitivos entrar pela escotilha de um veículo que Lucilla não foi capaz de identificar. Uma breve luz vermelha brilhou na escuridão.

Burzmali disse subvocalmente à sua gente:

— Lá vão eles!

Vinte e oito carros de solo e li tópteros esvoaçantes partiram das posições falsas. Uma distração adequada, pensou Burzmali.

A pressão no ouvido de Lucilla revelou que a escotilha fora fechada. Novamente a luz vermelha brilhou e se apagou.

Explosivos destruíram a grande árvore em torno deles e seu veículo, agora identificado como um carro de solo blindado, partiu sobre seus jatos e suspensores de sustentação. Lucilla podia seguir o curso somente pelos relâmpagos de fogo e pelos padrões de céu estrelado passando pelas janelas ovais de plaz. O campo suspensor em torno deles fazia os movimentos parecerem bizarros, sensíveis apenas ao olho. Estavam sentados em assentos de plasteel enquanto o carro disparava colina abaixo, diretamente por cima da posição onde Teg se ocultara em sua resistência final. O carro fazia violentas mudanças de direção, mas nada de seu movimento louco se transmitia à carne dos ocupantes. Eles só viam o borrão das árvores passando e as estrelas no céu, o capim queimado aparecendo às vezes.

Estavam passando por cima dos restos da floresta que Teg destruíra com suas armas laser! Só então Lucilla começou a ter esperanças de que pudessem vir a escapar. De repente o veículo estremeceu, passando para um vôo lento. As estrelas visíveis nos ovais de plaz inclinaram-se e foram tapadas por uma obstrução escura. A gravidade retornou e surgiu uma iluminação fraca. Lucilla viu Burzmali abrir uma comporta à sua esquerda.

— Saiam! — gritou ele. — Não podemos perder um segundo!

Com Duncan à frente, Lucilla pulou para fora da escotilha, caindo na terra úmida. Burzmali bateu nas costas dela, agarrou Duncan pelo braço e os puxou para longe do carro.

— Rápido, nesta direção!

Despencaram através do capim alto, entrando numa estreita via pavimentada. Burzmali, agora segurando os dois, os fez atravessar a pista e deitar na valeta ao lado. Puxou sobre eles um cobertor de escudo vital para tapá-los e depois ergueu a cabeça a fim de olhar na direção por onde tinham vindo.

Lucilla olhou por trás dele e viu apenas um céu estrelado acima de uma

colina nevada. Sentiu Duncan mexer-se ao lado dela.

Lá no alto da colina, o carro subiu, deixando um rastro de fogo vermelho a partir dos casulos de jatos que o tinham modificado para se tornar carro aéreo. Visível contra o céu estrelado, continuou subindo, subindo, subindo... De súbito, partiu velozmente para a direita.

— Nosso? — sussurrou Duncan.

— Sim.

— Como ele chegou lá em cima sem deixar um...

— Um túnel abandonado de um aqueduto — explicou Burzmali. — O carro estava programado para seguir automaticamente.

Ele continuou a olhar para o distante rastro vermelho. De repente, uma gigantesca descarga de luz azul expandiu-se na extremidade daquele distante traço vermelho. A luz foi seguida imediatamente por uma pancada surda.

— Ah — sussurrou Burzmali.

Duncan, com a voz baixa, disse:

— Eles vão pensar que nós sobrecarregamos a propulsão.

Burzmali lançou um olhar espantado para o rosto do jovem, de um cinza fantasmagórico sob a luz das estrelas.

— Duncan Idaho foi um dos melhores pilotos a serviço dos Atreides — explicou Lucila.

Era um dado de conhecimento esotérico que servia a seu propósito. Burzmali percebeu imediatamente que não era apenas o guardião de dois fugitivos. Eles possuíam habilidades que poderiam ser usadas quando fosse necessário.

Centelhas azuis e vermelhas correram através do céu em direção ao local onde o carro de solo modificado havia explodido. As não-naves estavam farejando aquele distante globo de gases quentes em dispersão. Que iriam decidir os caçadores? As centelhas azuis e vermelhas mergulharam de novo atrás das colinas.

Burzmali voltou-se ante o som de passos na estrada. Duncan sacou de uma pistola tão rapidamente que Lucilla soltou uma exclamação de espanto. Ela colocou uma das mãos sobre seu braço para contê-lo, mas ele a repeliu. Não percebia que Burzmali tinha aceito o intruso?

Uma voz chamou baixinho da estrada acima deles.

— Sigam-me, depressa!

A pessoa que falara era uma mancha movendo-se na escuridão. Ela saltou ao lado deles e saiu correndo por uma abertura no meio do mato que cercava a estrada. Manchas negras, na colina nevada além do abrigo da vegetação transformaram-se em pelo menos uma dúzia de pessoas armadas. Cinco delas

agruparam-se em torno de Duncan e Lucilla, fazendo sinal para que os seguissem ao longo de uma trilha coberta de neve ao lado dos arbustos. O resto do grupo armado correu abertamente, descendo o declive nevado e rumando para uma fileira escura de árvores.

Depois de uns 500 passos, as cinco figuras silenciosas fizeram o grupo formar fila indiana, com dois deles na frente e três atrás, e os fugitivos abrigados no meio — Burzmali na frente de Duncan e Lucilla atrás. Daí a pouco chegaram a uma fenda em rochas escuras onde esperaram debaixo de uma saliência. Ouviram outros carros de solo modificados trovejarem no ar acima.

— Engodos em cima de engodos — sussurrou Burzmali. — Nós os sobrecarregamos de pistas falsas. Eles sabem que devemos fugir em pânico, tão depressa quanto pudermos. Agora vamos aguardar escondidos. Depois prosseguiremos, lentamente e a pé.

— O inesperado — sussurrou Lucilla.

— Teg?

A voz de Duncan era menos que um sussurro.

Burzmali inclinou-se junto do ouvido esquerdo do rapaz.

— Acho que eles o pegaram.

O sussurro de Burzmali carregava um profundo sentimento de tristeza.

Um de seus companheiros escuros disse:

— Rápido agora. Aqui embaixo.

Foram guiados através da fenda estreita. Alguma coisa estalou por perto. Mãos empurraram-nos para uma passagem oculta. O estalido soou atrás deles.

— Arrumem aquela porta — alguém disse.

Uma luz acendeu-se em torno deles.

Duncan e Lucila olharam para uma grande sala ricamente mobiliada e aparentemente escavada na rocha. Tapetes macios cobriam o chão cores escuras, encarnados e dourados, com um padrão semelhante a ameias bordado em verde pálido. Um monte de roupas encontrava-se numa mesa perto de Burzmali, que conversava baixinho com uma pessoa do grupo de escolta: um homem de cabelos louros com testa ampla e olhos verdes penetrantes.

Lucilla ouviu cuidadosamente. As palavras eram compreensíveis, relacionadas com o modo como os guardas deviam ser posicionados, mas o sotaque do homem de olhos verdes era de um tipo que ela nunca tinha ouvido antes, mistura de consoantes e vogais produzidas de um modo abrupto surpreendente.

— Isto é uma não-câmara? — perguntou ela.

— Não. — A resposta foi dada por um homem ao lado dela, falando com o mesmo sotaque. — As algas nos protegem.

Ela não se voltou em direção ao homem que falara. Em vez disso, olhou para o teto e as paredes. Somente alguns trechos de rocha escura eram visíveis junto do piso.

Burzmali interrompeu a conversa.

— Estamos em segurança aqui. A alga é cultivada especialmente para esta função. Os detectores de vida registram apenas a presença de vida vegetal e nada do que a alga encobre.

Lucilla girou sobre um dos calcanhares, examinando os detalhes do aposento: o grifo Harkonnen trabalhado sobre uma mesa de cristal, os tecidos exóticos das poltronas e sofás. Uma prateleira de armas colocada de encontro a uma das paredes segurava duas fileiras de longas armas laser de campo de um tipo que Lucila nunca tinha visto. Cada uma tinha um cano com a extremidade abrindo-se em forma de cometa e uma proteção trabalhada em ouro sobre o gatilho.

Burzmali voltara à conversa com o homem de olhos verdes. Era uma discussão sobre o modo como deviam disfarçar-se. Lucilla prestou atenção com uma parte de sua mente, enquanto observava os dois outros membros da escolta que permaneciam na sala. O terceiro tinha penetrado por uma passagem ao lado do armário de armas, uma abertura coberta por uma espessa cortina de fios prateados formados por algas pendentes. Duncan, percebia ela, a estava observando com cuidado, a mão em uma pequena pistola laser em seu cinturão.

“Gente da Dispersão”, pensou Lucilla. “Para quem se voltarão suas lealdades?”

Como quem não quer nada, ela andou até ficar ao lado do Duncan e, usando a linguagem de toques, batendo com a ponta dos dedos em seu braço, transmitiu-lhe suas desconfianças. Ambos olharam para Burzmali.

“Traição?”

Lucilla voltou a estudar a sala. Estariam sendo vigiados por olhos ocultos?

Nove globos luminosos iluminavam o espaço, criando seus peculiares techos de iluminação intensa. Estendiam-se numa concentração perto do ponto onde Burzmali ainda conversava com o homem de olhos verdes. Parte da luz vinha diretamente dos globos flutuantes, todos eles regulados para uma intensa iluminação dourada, e parte se refletia mais suavemente nas algas.

O resultado era a ausência total de sombras escuras, mesmo debaixo das mobílias.

Os reluzentes fios prateados do portal do corredor interno separaram-se. Uma velha entrou na sala. Lucilla olhou para ela. A mulher tinha o rosto vincado, tão escuro quanto jacarandá antigo. Suas feições eram bem-definidas numa estreita moldura de cabelos grisalhos emaranhados que caía quase até os

ombros. Usava um longo manto escuro, com um bordado de fios dourados reproduzindo dragões mitológicos. A mulher parou atrás de um sofá e colocou as mãos com veias proeminentes sobre o recosto.

Burzmali e o companheiro interromperam a conversa.

Lucilla olhou para a velha e para seu próprio manto. Exceto pelos dragões dourados, a vestimenta era semelhante em estilo, os capuzes caídos sobre os ombros. Somente na lateral e no modo como se abria na frente é que o desenho do manto do dragão era diferente.

Quando a mulher ficou quieta, Lucilla olhou para Burzmali, buscando uma explicação. Burzmali olhou para ela com uma concentração intensa. A velha continuava a observar Lucilla em silêncio.

A intensidade da atenção dela deixou Lucilla inquieta. Duncan também tinha percebido isso. Mantinha a mão posicionada sobre a pequena arma laser. O longo silêncio enquanto aquele olhos a estudavam com tanto cuidado aumentava o sentimento de desconforto. Havia algo quase Bene Gesserit no modo como a velha ficava ali, só observando.

Duncan quebrou o silêncio, perguntando a Burzmali:

— Quem é ela?

— Eu sou aquela que vai salvar a pele de vocês — respondeu a velha.

Ela tinha a voz fina e fraca, mas o mesmo sotaque estranho daqueles homens.

As Outras Memórias de Lucilla trouxeram-lhe uma comparação sugestiva para o traje da velha: semelhante ao que era usado pelas antigas playfêmeas.

Lucilla quase sacudiu a cabeça. Certamente essa mulher estava muito velha para tal profissão. E a forma do dragão mitológico desenhado no tecido diferia daquela fornecida pela memória. Lucilla voltou a atenção para o rosto da velha: os olhos úmidos com as doenças da idade. Uma crosta seca acumulava-se sobre os vincos onde as pálpebras tocavam os canais ao lado do nariz. Muito velha para ser uma playfêmea.

A velha disse a Burzmali:

— Acho que ela pode usar este traje muito bem. — Começou a despir a roupa como dragão. A Lucilla ela disse: — Isto é para você. Use-o com respeito. Tivemos que matar para consegui-lo.

Quem vocês mataram? — indagou Lucilla. Uma candidata a Honrada Madre!

Havia orgulho na voz rouca da mulher.

— E por que eu deveria usar esse manto?

— Você vai trocar de roupa comigo — disse a velha.

— Não. — Sem uma explicação, Lucilla recusou-se a pegar o manto que

lhe era estendido.

Burzmali deu um passo à frente.

— Você pode confiar nela.

— Sou amiga de seus amigos — disse a velha. Sacudiu o manto na frente de Lucilla. — Aqui, pegue-o.

Lucila voltou-se para Burzmali.

— Devo conhecer o seu plano.

— Ambos devemos conhecê-lo — disse Duncan. — Sob que autoridade nos pede para confiar nessa gente?

— Sob a autoridade de Teg — disse Burzmali. — E sob a minha. — Olhou para a velha. — Pode contar a eles, Sirafa. Temos tempo.

— Você vai usar este manto enquanto acompanha Burzmali até Ysai — explicou Sirafa.

“Sirafa”, pensou Lucilla. O nome tinha quase o som de uma Variante Bene Gesserit.

Sirafa examinou Duncan.

— Sim, ele ainda é suficientemente pequeno. Vamos disfarçá-lo e transportá-lo separadamente.

— Não! — protestou Lucilla. — Recebi ordens de guardá-lo pessoalmente!

— Está sendo tola — retrucou Sirafa. — Eles estarão procurando por uma mulher de sua aparência, acompanhada por alguém semelhante a este jovem. Não vão dar atenção a uma playfêmea das Honradas Madres com seu companheiro noturno... nem a um Mestre Tleilaxu e seu séquito.

Lucilla umedeceu os lábios com a língua. Sirafa falava com a segurança de uma Inspetora da Irmandade.

A velha depositou o manto do dragão sobre o recosto do sofá. Usava agora apenas uma malha negra colante que nada escondia de um corpo ainda flexível e firme, com muitas curvas. Um corpo que parecia extraordinariamente mais jovem do que o rosto. Enquanto Lucilla a observava, Sirafa começou a passar as palmas das mãos sobre a testa e as faces, esfregando-as para trás. Os vincos da idade foram desaparecendo para revelar um rosto jovem.

“Um Dançarino Facial?”

Lucilla olhou com firmeza para a mulher. Não aparecia nela qualquer dos outros estigmas de um Dançarino Facial. Ainda assim.

— Tire o seu manto! — ordenou Sirafa.

Ela agora tinha uma voz de jovem, muito mais dominadora.

— Deve fazer isso — pediu Burzmali. — Sirafa vai tomar seu lugar como outro chamariz. É o único modo pelo qual poderemos passar.

— Passar para onde? — indagou Duncan.

— Para uma não-nave — explicou Burzmali.

— E para onde ela irá nos levar? — indagou Lucilla.

— Para a segurança — explicou Burzmali. — Vamos ser saturados de shere, mas não posso dizer mais nada. Até mesmo o shere se esgota com o tempo.

— Como é que vão disfarçar-me de Tleilaxu? — perguntou Duncan.

— Confie em nós que isso será feito — disse Burzmali, sua atenção ainda voltada para Lucilla. — Reverenda Madre?

— Vocês não me deixam escolha — respondeu ela.

Soltou os fechos e deixou cairo manto. Tirou a pequena pistola da cintura e a atirou sobre o sofá. Sua própria malha era de um cinza claro e ela percebeu que Sirafa estava reparando nisso, bem como nas facas colocadas nas bainhas em suas pernas.

— As vezes usamos malhas negras — explicou Lucilla, enquanto colocava o manto do dragão.

O tecido parecia pesado, mas na verdade era só aparência. Ela girou para sentir o caimento do novo traje, enquanto ele se erguia no giro e lhe envolvia o corpo como se tivesse sido feito de encomenda para ela. Mas havia um ponto áspero no pescoço. Ela estendeu a mão e correu um dedo sobre ele.

— Foi aí que o dardo atingiu a mulher que matamos — explicou Sirafa. — Nós agimos depressa, mas o ácido marcou levemente o tecido. Não é visível.

— A aparência está correta? — perguntou Burzmali.

— Muito boa. Mas vou ter que instruí-la. Ela não deve cometer erros ou eles pegarão vocês dois.

Sirafa bateu com ambas as mãos para dar ênfase ao que dizia.

“Onde foi que vi tal gesto?”, perguntou-se Lucilla.

Duncan tocou a parte de trás do braço direito de Lucilla, seus dedos transmitindo uma mensagem secreta: “Aquela batida de mão! Um maneirismo de Giedi Prime.”

As Outras Memórias confirmaram isso para Lucilla. Seria essa mulher integrante de uma comunidade isolada, que preservava os costumes arcaicos?

O rapaz deve ir agora — disse Sirafa. Fez um gesto para os dois membros remanescentes de seu grupo. — Levem-no até o lugar.

— Eu não gosto disso — comentou Lucilla.

— Não temos escolha — disse Burzmali, furioso.

Lucilla só podia concordar. Estava dependendo totalmente do juramento de lealdade de Burzmali para com a Irmandade. E Duncan não era nenhuma criança, procurou lembrar-se. Suas reações prana-bindu tinham sido

condicionadas pelo velho Bashar e por ela mesma. Havia habilidades ao alcance do ghola que poucas pessoas fora da Bene Gesserit poderiam igualar. Ela observou em silêncio enquanto Duncan e os dois homens saíam através da cortina brilhante.

Depois que eles tinham saído, Sirafa deu a volta no sofá e ficou diante de Lucila com as mãos nas cadeiras. O olhar das duas encontrou-se de igual para igual.

Burzmali pigarreou e remexeu na pilha de roupas na mesa ao seu lado.

O rosto de Sirafa, principalmente seus olhos, tinha uma qualidade fascinante. Olhos de um verde claro, com a parte branca muito límpida. Não havia lentes de contato nem qualquer outro artificio a mascará-los.

— Você tem a aparência certa — disse Sirafa. — Lembre-se de que é um tipo especial de playfêmea e que Burzmali é seu cliente. Nenhuma pessoa comum interferiria nisso.

Lucilla percebeu uma sugestão oculta na frase:

— Mas há aqueles que poderiam interferir?

— Existem embaixadas de grandes religiões em Gammu agora — explicou Sirafa. — Algumas que você nunca conheceu. São daquilo que chamam de Dispersão.

— E de que vocês os chamam?

— Os Caçadores. — Sirafa ergueu a mão num gesto tranquilizador.

— Não tema! Temos um inimigo comum.

— As Honradas Madres?

Sirafa virou a cabeça para a esquerda e cuspiu no chão.

— Olhe para mim, Bene Gesserit! Fui treinada unicamente para matá-las. É minha única função e propósito.

Lucilla falou com cuidado:

— Pelo que sabemos, deve ser muito boa nisso.

— Em certas coisas, talvez, sou melhor que você. Agora ouça! Você é uma perita em sexo. Está entendendo?

— Por que os sacerdotes iriam interferir?

— Você os chama de sacerdotes? Bem... sim. Eles não iriam interferir por qualquer razão que possa imaginar. Sexo por prazer, o inimigo da religião, ah?

— Não aceite qualquer substitutivo para o êxtase religioso — comentou Lucilla.

— Que Tantrus a proteja, mulher! Existem sacerdotes diferentes entre os Caçadores, que não se importam de acenar com o êxtase imediato em lugar de um paraíso em outro mundo.

Lucilla quase sorriu. Será que essa matadora independente de Honradas

Madres achava realmente que podia dar aulas de religião a uma Reverenda Madre?

— Há pessoas por aqui que andam disfarçadas de sacerdotes explicou Sirafa. — Isso é muito perigoso. E os mais perigosos são os seguidores de Tantrus, que afirmam que o sexo é seu modo exclusivo de cultuar seu deus.

— Como poderei reconhecê-los?

Lucilla percebia a sinceridade e a idéia de perigo na voz da mulher.

— Não deve preocupar-se com isso. Nunca demonstre reconhecer tais distinções. Sua maior preocupação é certificar-se de que será paga. Você, eu acho, devia cobrar 50 solares.

— Não me disse ainda por que eles iriam interferir.

Lucila olhou de novo para Burzmali. Ele tinha espalhado sobre a mesa as roupas de tecido grosseiro e estava tirando seus trajes de combate. Ela voltou sua atenção para Sirafa.

— Alguns seguem uma antiga convenção que lhes garante o direito de interromper seu acordo com Burzmali. Na verdade, alguns deles a estarão testando.

— Ouça com cuidado — advertiu Burzmali. — Isso é importante.

Sirafa disse:

— Burzmali estará vestido como um trabalhador do campo. Nada mais disfarçaria os calos provenientes do treinamento com as armas. Você o chamará de Skar, nome comum aqui.

— Mas como devo reagir à interrupção de um sacerdote? Sirafa tirou um pequeno saco da cintura e o passou para Lucilla, que sentiu seu peso em uma das mãos.

— Isso aí contém 238 solares. Se alguém se identificar como um divino... lembre-se, divino.

— Como poderia esquecer?

A voz de Lucilla era quase zombeteira. Sirafa não deu atenção.

— Se alguém assim interferir, você devolverá a Burzmali 50 solares e lhe pedirá desculpas. Também nesse saco está seu cartão de identificação como playfêmea, com o nome de Pira. Deixe-me ouvir você dizer o seu nome.

— Pira.

— Não! Acentue mais o “a”

— Pira!

Está passável. Agora ouça com cuidado. Você e Burzmali estarão andando pelas ruas tarde da noite. Eles imaginarão que você tenha atendido outros clientes anteriormente. Deve haver evidências. Portanto, você irá... ah, entreter Burzmali antes de sair daqui. Está entendendo?

— Que gentileza! — comentou Lucilla.

Sirafa recebeu o comentário como sinal de aprovação e sorriu, mas sua expressão permaneceu controlada. As reações dela eram tão estranhas!

— Uma coisa — disse Lucilla. — Se eu tiver que entreter um divino, como vou reencontrar Burzmali depois?

— Skar!

— Sim, como vou encontrar Skar?

— Ele vai esperar por perto, aonde você for. Irá ao seu encontro quando sair.

— Muito bem. Se um divino interromper-nos, devolverei 100 solares para Skar e...

— Cinquenta!

— Não creio que seja esse o preço adequado, Sirafa — Lucilla sacudiu a cabeça. — Depois de ter sido entretido por mim, o divino vai saber que 50 solares é muito pouco.

Sirafa comprimiu os lábios e olhou além de Lucilla para Burzmali.

— Você me avisou a respeito dela, mas eu não supunha que.

Usando apenas um leve toque da Voz, Lucilla disse:

— Você não deve supor coisa alguma a meu respeito, a menos que ouça de minha boca!

Sirafa olhou com desprezo. Estava obviamente espantada com a Voz, mas se mostrou tão arrogante quanto antes quando voltou a falar.

— Acha que pode dispensar qualquer explicação a respeito de variações eróticas?

— Pode contar com isso — respondeu Lucilla.

— E não preciso dizer-lhe que seu manto a identifica como perita do quinto estágio na Ordem de Hormu?

Foi a vez de Lucilla olhar com desdém.

— E se eu mostrar habilidades além do quinto estágio?

— Ah — respondeu Sirafa. — Ainda aceita meus conselhos, então?

Lucilla fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. Posso presumir que é capaz de administrar pulsações vaginais?

— Posso.

— De qualquer posição?

— Posso controlar qualquer músculo do meu corpo!

Sirafa olhou para Burzmali.

— É verdade?

Burzmali respondeu de um ponto logo atrás de Lucilla:

— Se não fosse ela não diria.

Sirafa olhou pensativa, os olhos focalizados no queixo de Lucilla.

— Isso complica as coisas, acho.

— Não me entenda mal — disse Lucilla. — As habilidades que me foram ensinadas não são para exibição. Têm outro propósito.

— Oh, tenho certeza que sim — disse Sirafa. — Mas a agilidade sexual é uma...

— Agilidade! — Lucila deixou que seu tom de voz transmitisse toda a força da indignação de uma Reverenda Madre. Não importava se era isso que Sirafa desejava, ela tinha que ser colocada em seu devido lugar:

— Agilidade! Eu posso controlar até a temperatura genital. Conheço e posso estimular os 51 pontos de excitação. Eu...

— Cinquenta e um? Mas existem apenas.

— Cinquenta e um! — retrucou Lucilla. — E a sequência com mais as combinações possíveis chega a 2.008. Além disso, em conjugação com as 205 posições de coito.

— Duzentas e cinco? — Sirafa estava evidentemente espantada. — Certamente não quer dizer que...

— Há mais, realmente, se contar com as variações menores. Sou uma Impressora, o que significa que domino os 300 passos da ampliação orgásmica!

Sirafa pigarreou e umedeceu os lábios com a língua.

— Devo avisá-la para que se contenha. Mantenha suas habilidades ocultas ou... — Uma vez mais ela olhou para Burzmali. — Por que não me avisou?

— Eu avisei.

Lucilla percebia claramente o divertimento na voz dele, mas não olhou para trás para confirmar isso.

Sirafa inalou e expirou duas vezes.

— Se lhe fizerem alguma pergunta, diga que está a ponto de ser testada para promoção. Isso pode abafar as suspeitas.

— E se me perguntarem quanto ao teste?

— Oh, isso é fácil. Você sorri misteriosamente e fica calada.

— E se me fizerem perguntas a respeito dessa Ordem de Hormu?

— Ameace denunciar quem perguntar aos seus superiores. As perguntas devem parar.

— E se continuarem?

Sirafa deu de ombros.

— Invente a história que quiser. Mesmo uma Reveladora da Verdade se divertiria com suas evasivas.

Lucilla manteve no rosto uma expressão calma enquanto pensava em sua

situação. Ouvira Burzmali — Skar! — mexendo-se diretamente atrás dela. Não via qualquer dificuldade séria em realizar aquilo que lhe pediam. Podia até mesmo proporcionar um divertido interlúdio que ela poderia depois contar na sede da Irmandade. Sirafa, percebia ela, estava sorrindo para Burzmali... Skar! Lucilla virou-se e olhou para o seu cliente...

Burzmali encontrava-se nu, o capacete e o uniforme de combate bem dobrados ao lado do pequeno monturo de roupas de tecido grosso.

— Percebo que Skar aprova seus preparativos para esta aventura — comentou Sirafa. Indicou com a mão o pênis rígido e ereto de Burzmali. — Devo deixá-los agora.

Lucilla ouviu Sirafa sair através da cortina brilhante. Enchendo seus pensamentos havia uma constatação aborrecida:

“Esse aí devia ser o ghola!”

34

O esquecimento é seu destino. Todas as antigas lições da vida, você perde e ganha, perde e ganha de novo.

— Leto II a Voz de Dar-es-Balat

“Em nome de nossa Ordem e de sua inquebrantável Irmandade, este relato é considerado confiável e válido para fazer parte das Crônicas da Irmandade.”

Taraza olhou para as palavras projetadas pelo equipamento de exibição com uma expressão de desgosto. A luz matinal pintava um indistinto reflexo amarelo na projeção, fazendo com que as palavras parecessem enevoadas e misteriosas.

Com um movimento irritado, levantou-se da mesa de projeção e foi para a janela que dava para o sul. O dia estava apenas começando e as sombras pareciam longas lá no pátio.

“Devo comparecer em pessoa?”

Ela hesitou ao pensar nisso. Esses alojamentos davam-lhe um sentimento de tamanha... segurança. Mas isso era tolice, e ela o sabia com cada fibra de seu ser. A Bene Gesserit estava nesse planeta há 1.400 anos e ainda assim o planeta da Irmandade devia ser considerado um abrigo temporário.

Repousou a mão esquerda sobre a moldura lisa da janela. Cada janela fora posicionada para oferecer uma esplêndida visão. A sala, suas proporções, a mobília, as cores — tudo refletia o pensamento de arquitetos e construtores que tinham agido com o único propósito de criar um sentimento de conforto para os ocupantes.

Taraza tentou mergulhar nesse sentimento de conforto e fracassou.

As discussões por que passara a tinham deixado com um sentimento de amargura, muito embora as palavras tivessem sido ditas nos tons mais brandos. Suas conselheiras haviam sido inflexíveis e (ela concordava sem reservas) por motivos justos.

“Fazer de nós missionárias? E dos Tleilaxu?”

Ela tocou num painel de controle ao lado da janela e a fez abrir-se. Uma brisa morna, perfumada pelas flores da primavera, soprou vinda dos pomares de maçãs. A Irmandade orgulhava-se das frutas que cultivava ali, no centro de

poder de sua fortaleza. Não havia pomares melhores em qualquer outra fortaleza, nas sedes dependentes que formavam a teia da Bene Gesserit através da maioria dos planetas que os humanos haviam ocupado durante o Velho Império.

“Pelos frutos que produzem, nós os conheceremos”, pensou ela. “Algumas das antigas religiões ainda eram capazes de revelar sabedoria.”

De seu ponto elevado onde se encontrava, Taraza podia ver toda a extensão da ala sul, formada pelos prédios da sede da Irmandade. A sombra de uma torre de vigília próxima traçava uma linha irregular sobre telhados e pátios.

Quando pensava nisso ela reconhecia que esta era uma base surpreendentemente pequena para o poder que continha. Além do anel de pomares e jardins, estendia-se um tabuleiro de xadrez bem demarcado, formado pelas residências particulares, cada qual cercada por suas próprias plantações. Irmãs aposentadas e famílias leais selecionadas ocupavam essas privilegiadas propriedades. O serrilhado de montanhas distantes, frequentemente brilhando com a neve, marcava os limites ocidentais. O espaço-porto ficava a 20 quilômetros para o leste. E à volta desse coração da Irmandade havia planícies abertas onde pastava um tipo peculiar de gado, um gado tão suscetível a cheiros estranhos que estourava mugindo ante a menor intromissão de pessoas não marcadas pelo odor local. As residências mais internas, com suas plantações cercadas, tinham sido estabelecidas por um antigo Bashar, de modo que ninguém poderia passar através dos canais serpenteantes, no nível do solo, de dia ou de noite, sem ser observado.

Tudo parecia tão casual e no entanto havia uma ordem rigidamente mantida. Algo que, Taraza sabia, personificava a Irmandade.

Um pigarrear atrás dela lembrou-lhe que uma daquelas assessoras que tinham discutido de modo mais veemente durante o Conselho permanecia esperando pacientemente na porta aberta.

“Esperando pela minha decisão.”

A Reverenda Madre Bellonda queria que Odrade fosse “morta de imediato”, mas não se chegava a qualquer decisão.

“Você realmente conseguiu desta vez, Dar. Eu esperava sua louca independência. Até a desejava. Mas isto!”

Bellonda, velha, gorda e corada, tinha olhos frios e era valorizada por seu temperamento violento. Queria que Odrade fosse condenada como traidora.

— O Tirano a teria esmagado imediatamente! — argumentara Bellonda.

“Será que foi só isso que aprendemos com ele?”, perguntou-se Taraza. Bellonda argumentou que Odrade não era apenas uma Atreides, mas igualmente uma Corrino. Eles tinham sido muitos imperadores, vice-regentes e poderosos administradores na ancestralidade dela.

“Com toda a fome de poder que isso implica!”

— Os ancestrais dela sobreviveram a Salusa Secundus! — ficava repetindo Bellonda. — Será que não aprendemos nada com nossas experiências de procriação?

“Aprendemos a fabricar Odrades”, pensou Taraza.

Depois de sobreviver à agonia da especiaria, Odrade fora enviada a Aí Dhanab, um equivalente de Salusa Secundus, para ser condicionada deliberadamente num planeta de testes constantes: altos penhascos e desfiladeiros secos, ventos quentes ou frígidos, umidade escassa ou demasiada. Era considerado um campo de provas adequado para alguém que o destino poderia conduzir a Rakis. Duras sobreviventes emergiam de tal condicionamento. E a alta, ágil e musculosa Odrade era uma das mais duras dentre os sobreviventes.

“Como poderei salvar esta situação?”

A mensagem mais recente de Odrade revelava que qualquer tipo de paz, mesmo os milênios de opressão do Tirano, irradiava uma falsa aura que poderia ser fatal para aqueles que nela confiassem em demasia. Essa era a força e ao mesmo tempo a fraqueza dos argumentos de Bellonda.

Taraza voltou seu olhar para Bellonda, que esperava junto à porta. “Ela é muito gorda! E nos provoca com isso!”

— Não podemos eliminar Odrade assim como não podemos eliminar o ghola — disse Taraza.

A voz de Bellonda veio baixa e calma.

— Ambos são agora demasiado perigosos para nós. Olhe como Odrade a enfraquece com seu relato daquelas palavras escritas no Sietch Tabr!

— Será mesmo que a mensagem do Tirano me enfraqueceu, Bell?

— Sabe o que quero dizer. Os Bene Tleilax não têm moral.

— Pare de mudar de assunto, Bell. Seus pensamentos estão correndo de um lado para outro como um inseto entre as flores. Que está realmente farejando aqui?

— Tleilaxu! Eles fizeram aquele ghola para seus próprios fins. E agora Odrade quer que...

— Está se repetindo, Bell.

— Os Tleilaxu recorrem a atalhos. Sua visão da genética não é a nossa. Não é uma visão humana. Eles criam monstros.

— Será que é isso que eles fazem?

Bellonda entrou na sala, deu a volta à mesa e ficou junto de Taraza, bloqueando da visão da Madre Superiora o nicho com a estatueta de Chenoeh.

— Aliança com os sacerdotes de Rakis sim, mas não com os Tleilaxu. Os

mantos de Bellonda assoviaram quando ela gesticulou com um punho fechado.

— Bell! O Alto Sacerdote é agora uma simulação feita por um Dançarino Facial. Você fala em se aliar com ele?

Bellonda sacudiu a cabeça, furiosa.

— Os crentes do Shai-hulud formam legiões! Você os encontra em toda parte. E qual será a reação deles com relação a nós se nossa participação nessa farsa ficar exposta?

— Você não percebe, Bell? Já cuidamos para que apenas os Tleilaxu fiquem vulneráveis nesse aspecto. Nesse ponto Odrade está certa.

— Errada! Se nos aliarmos a eles, compartilharemos de sua vulnerabilidade. Seremos forçadas a servir às ambições dos Tleilaxu. Vai ser pior que nossa longa subserviência ao Tirano.

Taraza percebia o brilho de fúria nos olhos de Bellonda. As reações dela eram compreensíveis. Nenhuma Reverenda Madre gostava de lembrar o domínio que a ordem sofrera nos tempos do Imperador-Deus, sem trazer com isso outras memórias ainda mais desagradáveis. Forçadas num curso contra a sua vontade, nunca podendo ter certeza de que sua Bene Gesserit sobreviveria de um dia para o outro.

— Acha que vamos assegurar nosso suprimento de especiaria com essa aliança estúpida? — perguntou Bellonda.

Era o mesmo velho argumento, pensou Taraza. Sem a melange e a agonia de sua transformação, não haveria Reverendas Madres. As prostitutas da Dispersão certamente viam na melange um de seus alvos — a especiaria e o domínio que dela possuía a Bene Gesserit.

Taraza voltou para sua mesa e mergulhou o corpo na cadeira-cão, inclinando-se para trás enquanto a peça viva se moldava aos seus contornos. Era um problema. Um problema peculiar da Bene Gesserit. Embora tivesse procurado e experimentado constantemente, a Irmandade ainda não encontrara um substitutivo para a melange. A Corporação Espacial podia desejar a especiaria para produzir o transe em seus navegadores, mas ela podia substituir os navegadores por máquinas Ixianas. Ix e suas subsidiárias competiam nos mercados da Corporação. Eles tinham alternativas.

“Nós não temos nenhuma.”

Bellonda foi até o outro lado da mesa de Taraza, colocou ambos os punhos sobre a superfície lisa e se inclinou para diante, de modo a encarar a Madre Superiora.

E ainda não sabemos o que os Tleilaxu fizeram com nosso ghola. Odrade vai descobrir.

Isso não é razão suficiente para lhe perdoar a traição! Taraza disse em voz

baixa:

— Nós esperamos por este momento, geração após geração, e você abortaria o projeto desse modo.

Ela bateu com a palma da mão sobre o tampo da mesa.

— O precioso projeto Rakiano não é mais nosso — disse Bellonda. — E pode nunca ter sido.

Com todos os seus poderes mentais finamente sintonizados, Taraza reexaminou as implicações desse argumento familiar. Era algo de que se falara com frequência na sessão tumultuada que tinham realizado ainda há pouco.

Seria o projeto do ghola alguma coisa posta em movimento pelo próprio Tirano? Se fosse, que poderiam fazer a respeito agora? Que deveriam fazer a respeito?

Durante a longa discussão, o relatório da minoria estivera em todas as cabeças. Schwangyu podia estar morta, mas sua facção sobrevivia, e agora parecia que Bellonda se unira a ela. Estaria cega a Irmandade ante essa possibilidade fatal? O relatório de Odrade a respeito daquela mensagem oculta em Rakis podia ser interpretado como um sinistro sinal de advertência. Odrade enfatizava isso ao contar como fora alertada pelo seu senso de perigo. Nenhuma Reverenda Madre podia tratar uma coisa dessas de modo leviano.

Bellonda levantou-se e dobrou os braços sobre o peito.

— Nós nunca escapamos de todo à influência dos professores de nossa infância nem dos padrões que formaram nossa personalidade, não é mesmo?

Esse era um argumento peculiar nas disputas da Bene Gesserit. Lembrava-lhes de suas próprias suscetibilidades particulares.

“Nós somos aristocratas secretas e é nossa prole que herda o poder. Sim, nós somos suscetíveis nesse aspecto, e Miles Teg é um exemplo soberbo.”

Bellonda encontrou uma cadeira de recosto rígido e se sentou, colocando os olhos no mesmo nível dos de Taraza.

— Durante o auge da Dispersão — lembrou ela —, perdemos de vista cerca de 20 por cento de nossos fracassos.

— Não são os fracassos que estão voltando para nos ameaçar.

— Mas o Tirano certamente sabia que isso ia acontecer!

— A Dispersão era seu objetivo, Bell. Era esse o seu Caminho Dourado, a chave da sobrevivência da humanidade!

— Mas nós sabemos o que ele pensava a respeito dos Tleilaxu e no entanto ele não os exterminou. Poderia tê-lo feito, mas não fez!

— Ele queria a diversidade.

Bellonda deu um soco no tampo da mesa.

— Foi certamente o que conseguiu!

— Nós já discutimos isso vezes sem conta, Bell, e ainda assim não vejo meio de fugir ao que Odrade fez.

— Subserviência!

— De modo algum. Será que fomos totalmente subservientes a qualquer um dos imperadores que precederam o Tirano? Não fomos subservientes nem para com o Muad'Dib!

— Ainda estamos na armadilha do Tirano — acusou Bellonda. — Diga-me por que os Tleilaxu continuaram a produzir o seu ghola favorito? Milênios se passaram e aquele ghola continua saindo de seu tanque como um polichinelo.

— Acha que os Tleilaxu ainda cumprem uma ordem secreta do Tirano? Se for assim, você está defendendo Odrade. Ela criou condições admiráveis para que examinemos essa questão.

— Ela não ordenou nada desse tipo! Apenas tornou aquele ghola em particular deliciosamente atraente para os Bene Tleilax.

— E para nós não?

— Madre Superiora, precisamos escapar agora da armadilha do Tirano! E através do método mais direto!

— A decisão é minha, Bell. E ainda me sinto atraída por uma aliança cautelosa.

— Então, pelo menos, deixe-nos matar o ghola. Sheeana pode ter filhos. Nós poderíamos...

— Isso não é nem nunca foi um projeto puramente de procriação!

— Mas poderia ser. E se estiver errada quanto ao poder que se oculta por trás da presciência dos Atreides?

— Todas as suas propostas levariam à nossa alienação de Rakis e dos Tleilaxu, Bell.

— A Irmandade poderia aguentar 50 gerações com nossas atuais reservas de melange. Mais ainda com racionamento.

— E você acha que 50 gerações é um tempo muito longo, Bell? Não percebe que é por essa atitude que você não está sentada aqui na minha cadeira?

Bellonda empurrou sua cadeira para trás, afastando-se da mesa. Os pés da cadeira fizeram um som irritante no piso. Taraza podia notar que ela não fora convencida. Não poderia mais confiar em Bellonda. Ela é que poderia terminar sendo a marcada para morrer. E onde é que estava o nobre propósito em tudo isso?

— Isso não vai nos levar a lugar algum — disse Taraza. — Deixe-me só.

Depois que Bellonda saiu, Taraza refletiu uma vez mais sobre a mensagem de Odrade. Sinistra. Era fácil notar por que Bellonda e as outras tinham reagido com tanta violência. Mas isso demonstrava uma perigosa

ausência de controle.

“Ainda não é hora de escrever o testamento da Irmandade” De modo curioso, Odrade e Bellonda compartilhavam do mesmo medo, mas esse medo as conduzia a decisões diferentes. A interpretação de Odrade para aquela mensagem nas pedras transmitia um antigo aviso:

‘‘Isto também deverá passar.”

“Será que agora chegaremos ao fim esmagadas pelas hordas vorazes da Dispersão?”

Mas o segredo dos tanques axlotl encontrava-se quase nas mãos da Irmandade.

“Se conseguirmos isso, nada nos poderá deter!”

Taraza voltou sua atenção para os detalhes da sala. O poder da Bene Gesserit ainda permanecia ali. A sede da Irmandade continuava escondida atrás de uma cerca de não-naves, sua localização fora dos registros e marcada apenas nas mentes de sua própria gente. Invisibilidade.

Invisibilidade temporária! Acidentes aconteciam.

Odrade ergueu os ombros. “Tome precauções, mas não viva nas sombras, sempre furtiva.” A Litania contra o Medo servia ao útil propósito de evitar as sombras.

Partindo de outra pessoa que não Odrade, a mensagem de aviso, com a perturbadora sugestão de que o Tirano ainda conduzia o seu Caminho Dourado, teria parecido muito menos terrível.

Aquele maldito talento dos Atreides!

“Nada mais que uma sociedade secreta?”

Taraza trincou os dentes de frustração.

“Memórias não são o bastante, a menos que elas conduzam a um nobre propósito!”

E se fosse verdade que a Irmandade não mais escutava a música da vida?

“Maldito!” O Tirano ainda podia alcançá-las.

“Que será que está tentando dizer-nos?” Seu Caminho Dourado não podia estar em perigo. A Dispersão havia assegurado isso. Os seres humanos tinham espalhado sua espécie em rumos incontáveis, como os espinhos de um porco-espinho.

Será que ele tivera a visão dos Dispersos retornando? Seria possível que ele tivesse antecipado essa erva daninha ao pé do seu Caminho Dourado?

“Ele sabia que suspeitaríamos de seus poderes. Ele sabia disso!” Taraza pensou no número cada vez maior de relatórios a respeito dos Perdidos que voltavam para suas raízes. Uma extraordinária diversidade de pessoas e artefatos acompanhada de um grau extraordinário de segredo e evidências de conspiração.

Não-naves de desenho peculiar, armas e artefatos dotados de um espantoso grau de sofisticação. Diversos povos e diversos costumes.

“Alguns espantosamente primitivos. Pelo menos superficialmente”

E essa gente queria muito mais que melange. Taraza reconhecia o tipo peculiar de misticismo que trazia de volta os Perdidos: “Eles querem os segredos de seus antepassados!”

A mensagem das Honradas Madres fora muito clara: “Vamos tomar aquilo que desejamos”

“Odrade tem tudo em suas mãos”, pensou Taraza. Ela tinha Sheeana. E, se Burzmali tivesse sucesso, logo ela teria o ghola. Já tinha em seu poder o Mestre dos Mestres Tleilaxu. Poderia dominar o próprio Rakis!

“Se ao menos não fosse uma Atreides.”

Taraza olhou para as palavras projetadas, ainda oscilando acima do topo da mesa: uma comparação desse novo ghola Duncan Idaho com todos os outros que tinham sido mortos. Cada novo ghola fora ligeiramente diferente dos antecessores. Isso era muito claro. Os Tleilaxu estavam aperfeiçoando alguma coisa. Mas o quê? Será que a pista estaria oculta nesses novos Dançarmos Faciais? Os Tleilaxu obviamente tinham buscado desenvolver um Dançarino Facial indetectável, mímicos capazes de produzir uma mímica perfeita, copiadores de formas capazes de reproduzir não apenas as memórias superficiais de suas vítimas, mas seus pensamentos mais profundos, sua identidade. Era uma forma de imortalidade até mais atraente do que aquela que os Mestres Tleilaxu usavam atualmente. Era por isso, obviamente, que eles seguiam esse curso.

As próprias análises de Taraza concordavam com as da maioria de suas assessoras: tal cópia se tornaria a pessoa copiada. Os relatórios de Odrade a respeito do Tuek-Dançarino Facial eram altamente sugestivos. Mesmo um Mestre Tleilaxu não seria capaz de afastar um Dançarino Facial desse tipo de sua forma copiada e de seu comportamento.

Sem falar de suas crenças.

“Maldita Odrade!” Deixara suas Irmãs sem opção. Elas não tinham outra escolha senão seguir a liderança de Odrade. E Odrade sabia disso!

Como será que ela sabe? Será aquele talento louco de novo?

“Não posso agir às cegas. Preciso saber.”

Taraza induziu seu conhecido método de restaurar o sentimento de calma. Não se atrevia a tomar decisões importantes quando se sentia frustrada. Uma olhada demorada para a estatueta de Chenoeh ajudava nisso. Erguendo-se da cadeira-cão, Taraza voltou para sua janela favorita.

Frequentemente a acalmava o simples ato de olhar para aquela paisagem, observando como as distâncias pareciam alterar-se como movimento diário da

luz do sol e as mudanças do clima bem controlado desse plane-ta.

Sentiu fome.

“Hoje vou comer com as acólitas e as Irmãs leigas.”

Em ocasiões como essa, ajudava reunir as jovens em torno dela e lembrar a persistência dos rituais de alimentação, os ritmos diários a manhã, o meio-dia, a tarde. Isso formava uma base confiável. Gostava de observar sua gente. Elas eram como uma maré indicando coisas profundas, revelando forças invisíveis e grandes poderes que persistiam porque a Bene Gesserit encontrara modos de fluir como fluíam as coisas persistentes.

Tais pensamentos renovavam o equilíbrio de Taraza. As questões e dúvidas que permanecessem podiam ser mantidas a distância. Ela podia olhar para elas sem paixões.

Odrade e o Tirano estavam certos: “Sem um nobre propósito, não somos nada.”

Não se podia escapar, entretanto, ao fato de que decisões críticas estavam sendo tomadas em Rakis por uma pessoa afetada pelas fraquezas peculiares aos Atreides. Fraquezas que Odrade sempre exibira. Ela fora positivamente benevolente com acólitas que cometiam erros. De tal comportamento surgiam afeições!

Afeições perigosas por prejudicarem o raciocínio.

Isso enfraquecia as outras, que eram então obrigadas a compensar tal descuido. Irmãs mais competentes tinham que ser convocadas para corrigir as fraquezas dessas acólitas. É claro que o próprio comportamento de Odrade é que tinha revelado as fraquezas das acólitas. Era algo que precisava ser considerado. Talvez Odrade raciocinasse desse modo.

Enquanto assim pensava, algo sutil e poderoso se movia na percepção de Taraza. Era forçada a dominar um profundo sentimento de solidão. Algo que amargurava. A melancolia podia prejudicar a clareza dos pensamentos do mesmo modo que a afeição... e mesmo o amor.

Taraza e suas vigilantes Irmãs das Memórias consideravam tais respostas emocionais como resultantes da consciência da mortalidade. Era forçada a confrontar a realidade de que um dia não seria nada mais que um conjunto de memórias guardadas no cérebro de outra pessoa.

As memórias e as descobertas casuais, percebia ela, tinham-na tornado vulnerável. E logo quando precisava de todas as suas faculdades!

“Mas ainda não estou morta.”

Taraza sabia como restaurar sua confiança. E sabia quais seriam as consequências. Depois desses ataques de melancolia, sempre conquistava um domínio mais poderoso de sua vida e de seus propósitos. As fraquezas de Odrade

eram uma fonte de força para sua Madre Superiora.

E Odrade sabia disso. Taraza sorriu amargamente ante essa percepção. A autoridade da Madre Superiora sobre suas Irmãs sempre ficava mais forte quando ela se recuperava de um acesso de melancolia. Outras tinham observado tal coisa, mas só Odrade sabia a respeito da raiva.

“Lá dentro!”

Taraza estava enfrentando as sementes de suas próprias frustrações.

Em muitas ocasiões Odrade notara o que havia no núcleo, na origem do comportamento da Madre Superiora. Uma fúria gigantesca contra os usos que outras tinham feito de sua vida. E o poder dessa ira reprimida era surpreendente, mesmo que não pudesse ser usado do modo desejado. Ela nunca poderia permitir que tal ira desaparecesse. Mas como doía! E a percepção por parte de Odrade só tornava a dor ainda mais intensa.

Tais coisas faziam o que deviam fazer, é claro. As imposições da Bene Gesserit desenvolviam determinados músculos mentais. Construíam camadas de dureza que nunca poderiam ser penetradas por gente de fora. O amor era uma das forças mais perigosas do universo. Elas tinham que se proteger dele. Uma Reverenda Madre nunca poderia comprometer-se intimamente, nem mesmo a serviço da Bene Gesserit.

“Dissimulação: desempenhamos os papéis necessários para a nossa salvação. A Bene Gesserit vai permanecer!”

E por quanto tempo iriam permanecer subservientes dessa vez? Mais 3.500 anos? Bem, que se danassem todos! Ainda assim seria uma coisa apenas temporária.

Taraza voltou sua atenção para a janela e sua visão tranquilizadora. Realmente se sentia recuperada. Uma nova força fluía em seu corpo. Força suficiente para vencer aquela relutância que a impedira de tomar as decisões necessárias.

“Vou para Rakis”

Não podia mais escapar à fonte de sua hesitação.

“Talvez tenha que fazer aquilo que Bellonda deseja.”

35

A sobrevivência do eu, da espécie e do meio ambiente, isso é que impulsiona os seres humanos. Pode-se observar como a ordem de importância se altera durante o tempo de vida. Quais são as preocupações imediatas em determinada idade? O estado do clima? Da digestão? Será que ele (ou ela) realmente se importa? Todos aqueles vários tipos de fome que a carne pode sentir e esperar satisfazer. Que mais poderia importar?

— Leto II a Hwi Noree,
Sua Voz: Dar-es-Balat

Miles Teg despertou em meio à escuridão para se encontrar numa liteira carregada sobre suspensores. Através de seu fraco brilho energético, podia ver as pequeninas bolhas suspensoras pendendo para cima numa fileira à sua volta.

Havia uma mordaça em sua boca. Suas mãos estavam firmemente amarradas às costas. Mas os olhos permaneciam descobertos.

"Eles não se importam com o que eu veja."

Quem seriam eles, não podia dizer. Os movimentos ondulantes das formas escuras à sua volta sugeriam que estavam descendo por um terreno irregular. Uma trilha? A liteira deslizava suavemente em seus suspensores. Podia sentir o fraco zumbido dos suspensores quando o grupo parava para transpor um trecho particularmente difícil.

De vez em quando, através de alguma obstrução, podia ver uma luz tremulando adiante. Daí a pouco penetraram na área iluminada e pararam. Teg viu um único globo luminoso flutuando a uns três metros do solo, preso a um poste e se movendo livremente ao sabor dos ventos frios. Através de seu brilho amarelo, pôde discernir um barracão ao centro de uma clareira enlameada, com muitos rastros aparecendo na neve pisada. Viu arbustos e algumas árvores esparsas em torno da clareira. Alguém passou o facho de uma lanterna brilhante sobre o seu rosto. Nada foi dito, mas Teg percebeu um gesto de mão em direção ao barracão. Poucas vezes tinha visto uma estrutura tão arruinada quanto essa. Parecia a ponto de desabar ao mais leve toque. Apostou como o teto tinha goteiras.

Uma vez mais o grupo que o carregava se colocou em movimento, levando-o para o barracão. Ele observou sua escolta àquela luz fraca — rostos cobertos até os olhos com máscaras que escondiam o queixo e a boca. Capuzes ocultavam os cabelos. A roupa era volumosa e escondia os detalhes do corpo, exceto pela articulação dos braços e das pernas.

O globo luminoso preso ao poste apagou-se.

Uma porta se abriu no barracão, lançando uma luz brilhante sobre a clareira. O grupo conduziu-o para dentro e o deixou lá. Teg ouviu a porta ser fechada.

A iluminação lá dentro era quase cegante depois da escuridão que tinha atravessado. Teg piscou até que seus olhos se tivessem adaptado à mudança. Com o estranho sentimento de que aquilo não estava acontecendo realmente com ele, Teg olhou à sua volta. Tinha esperado que o interior do barracão fosse igual ao exterior, mas ali havia uma sala muito bem arrumada, quase sem móveis — somente três cadeiras, uma mesa e... respirou fundo: uma Sonda Ixiana! Será que eles não podiam sentir o aroma de shere em sua respiração?

Se não tinham consciência disso, então que usassem a sonda. Seria uma agonia para ele, mas não iriam arrancar nada de sua mente.

Alguma coisa estalou atrás dele e Teg ouviu um movimento. Três pessoas entraram em seu campo de visão e ficaram enfileiradas junto à liteira. Olhavam para ele em silêncio. Teg observou os três com atenção. O que estava à sua esquerda usava um macacão negro com lapelas abertas. Era homem. Tinha o rosto quadrado que Teg observara em certos nativos de Gammu pequeno, com olhos que pareciam contas olhando diretamente para ele. Era o rosto de um inquisidor, alguém que não sentiria pena diante de sua agonia. No seu tempo, os Harkonnen haviam importado um monte de gente assim tipos bitolados, capazes de provocar a dor sem a menor mudança de expressão.

O sujeito diretamente aos pés de Teg usava roupas volumosas, pretas e cinzentas, semelhantes às usadas pela escolta, mas com o capuz lançado para trás de modo a revelar um rosto sem expressão sob cabelos grisalhos cortados curtos. O rosto não revelava coisa alguma, muito menos as roupas. Não havia meio de dizer se era homem ou mulher. Teg gravou o rosto: testa larga, queixo quadrado, grandes olhos verdes sobre nariz aquilino, boca pequena comprimida em expressão de desagrado.

O terceiro membro do grupo foi o que mais atraiu a atenção de Teg: alto, com um macacão negro feito sob medida e uma jaqueta sobre os ombros. Tudo com um caimento perfeito. Roupa cara. Sem insígnias ou enfeites. Definitivamente, um homem. Aparentava tédio e isso deu a Teg uma indicação. Rosto estreito e arrogante, olhos castanhos, boca de lábios finos. Entediado,

muito entediado! Tudo aquilo era uma interrupção indesejável muito importante em sua vida. Tinha negócios vitais em algum outro lugar, e esses dois, esses inferiores, tinham que perceber isso.

“Este”, pensou Teg, “é o observador oficial.”

O sujeito entediado fora enviado pelos mandachuvas desse lugar para observar e relatar o que visse. Onde estava sua pasta registradora de dados? Ah, sim: lá estava, apoiada de encontro à parede atrás dele. Essas pastas eram como distintivos para tais sujeitos. Em sua viagem de inspeção, Teg vira muitos funcionários como esse caminhando pelas ruas de Ysai e outras cidades de Gammu. Pastas pequenas e finas. Quanto mais importante o funcionário, menor a pasta. A desse mal conteria alguns rolos de dados e um minúsculo olho comunicador. Ele nunca andaria sem um olho para mantê-lo em contato com seus superiores. Pasta fina: esse era um funcionário importante.

Teg viu-se imaginando o que esse observador diria se ele perguntasse:

“Que vai dizer a eles a respeito da minha serenidade?”

A resposta já estava lá naquele rosto entediado. Ele nem mesmo responderia. Não estava ali para responder coisa alguma. “Quando sair”, pensou Teg, “vai caminhar com passadas largas. Sua atenção estará nas distâncias onde só ele conhece os poderes que o aguardam. Vai bater na perna com essa pasta para se lembrar de sua importância e chamar a atenção desses outros para o distintivo de sua autoridade.”

A figura volumosa aos pés de Teg falou, uma voz dominadora e definitivamente feminina em seus tons vibrantes.

— Está vendo como ele se domina e nos observa? O silêncio não vai fazê-lo quebrar. Eu lhe disse isso antes de entrarmos. Está desperdiçando nosso tempo, e não temos tempo para desperdiçar com tal tolice.

Teg olhou para ela. Havia alguma coisa vagamente familiar em sua voz. Tinha algo daquela qualidade dominadora encontrada em uma Reverenda Madre. Seria possível?

O tipo de Gammu, de rosto quadrado, assentiu com a cabeça.

— Está certa, Senhora. Mas eu não dou as ordens aqui.

“Senhora?”, perguntou-se Teg. “Um nome ou título?”

Os dois olharam para o funcionário. Este voltou-se e se curvou junto à sua pasta de dados. Retirou o pequeno olho com indicador e se levantou com a tela escondida da vista de seus companheiros e de Teg. O olho iluminou-se com um brilho esverdeado que lançou uma iluminação doentia sobre as feições do observador. Seu sorriso de importância desapareceu. Ele moveu os lábios silenciosamente, as palavras sendo formadas apenas para alguém que observava através daquele olho.

Teg ocultou sua habilidade de ler nos lábios. Qualquer um treinado pela Bene Gesserit seria capaz de ler nos lábios a partir de quase qualquer ângulo em que fossem visíveis. E esse homem falava numa versão do Galach Antigo.

— E sem dúvida Q Bashar Teg — ele disse. — Já fiz a identificação. A luz verde dançou no rosto do funcionário enquanto ele observava o olho. Quem estivesse se comunicando com ele movia-se agitadamente. Se é que aquela luz significava isso.

Novamente os lábios do funcionário moveram-se sem emitir som:

— Nenhum de nós duvida de que ele tenha sido condicionado contra a dor, e eu posso sentir nele o cheiro de shere. Ele vai.

O sujeito ficou em silêncio enquanto a luz verde uma vez mais tremeluzia em seu rosto.

— Não estou inventando desculpas. — Os lábios moldavam as palavras no Galach Antigo como maior cuidado. — Sabe que faremos o melhor que pudermos, mas recomendo colocarmos toda a ênfase na interceptação do ghola.

A luz verde apagou-se.

O funcionário prendeu o olho comunicador à cintura e se virou para os companheiros, acenando com a cabeça uma vez.

— A sonda-T — disse a mulher.

Eles giraram a sonda, posicionando-a sobre a cabeça de Teg.

“Ela chamou isso de sonda-T”, pensou Teg. Olhou para o capacete da coisa enquanto o posicionavam sobre ele. Não havia nela qualquer marca Ixiana.

Teg experimentou um curioso sentimento de déjà vu. Tinha a impressão de que seu cativeiro nesse lugar já acontecera antes, muitas vezes. Não era a sensação de déjà vu de um acontecimento único, era um sentimento familiar de reconhecimento: o prisioneiro e seus interrogadores — esses três... a sonda. Sentiu-se esvaziado. Como poderia conhecer esse momento? Nunca tinha usado uma sonda dessas pessoalmente, mas estudara seu uso com atenção. A Bene Gesserit frequentemente empregava a dor, mas confiava principalmente nas Reveladoras da Verdade. Ainda mais que isso, a Irmandade acreditava que certos equipamentos a deixariam sob demasiada influência dos Ixianos. Seria uma admissão de fraqueza, sinal de que dependiam de engenhos desprezíveis. Teg até mesmo suspeitava de que parte dessa atitude era uma ressaca do Jihad Butleriano, a rebelião contra as máquinas capazes de copiar a essência dos pensamentos humanos e de suas memórias.

Déjà vu!

A lógica Mentat exigia-lhe uma explicação: “Como é que conheço este momento?” Sabia que nunca antes fora um prisioneiro. Era uma mudança de papéis muito ridícula. O grande Bashar Teg prisioneiro? Podia quase sorrir. Mas

aquele profundo sentimento de familiaridade persistia.

Seus captores posicionaram o capacete do aparelho diretamente sobre sua cabeça e começaram a desenrolar os contatos, que lembravam uma cabeleira de medusa, um por um, fixando-os em seu crânio. O funcionário observava seus colegas trabalharem, dando pequenos sinais de impaciência num rosto de outro modo livre de qualquer demonstração de sentimentos.

Teg prestou atenção aos três rostos. Qual deles iria fazer o papel de "amigo"? Ah, sim, seria a mulher. Fascinante. Será que pertencia às Honradas Madres? Só que nenhum dos outros demonstrava o respeito ou a reverência com relação a ela que tal fato implicaria, como Teg tinha ouvido muitas vezes dos Perdidos retornados.

E no entanto essa gente era da Dispersão — exceto, possivelmente, o homem de rosto quadrado no macacão marrom. Teg observou a mulher com muita atenção: o capuz de cabelo grisalho, a calma naqueles olhos verdes bem espaçados, o queixo levemente proeminente com sua impressão de solidez e confiabilidade. Fora muito bem escolhida para fazer o papel de "amiga". Seu rosto era um mapa de respeitabilidade, alguém em quem se confiaria de imediato. Mas Teg percebia uma qualidade que ela ocultava. Sua função seria igualmente a de observar com cuidado até perceber o momento ideal para se envolver. Certamente devia ter sido, no mínimo, treinada pela Bene Gesserit.

"Ou pelas Honradas Madres."

Eles acabaram de prender os contatos em sua cabeça. O sujeito com a aparência de nativo de Gammu colocou o consolo da sonda em uma posição na qual os três pudessem observar os medidores. Mas a tela visora da sonda estava oculta à visão de Teg.

A mulher tirou-lhe a mordaça, confirmando seu julgamento. Ela seria a fonte de conforto. Ele moveu a língua em torno da boca, restaurando a sensação. O rosto e o peito ainda lhe pareciam um tanto dormentes do atordoador que o tinha derrubado. Há quanto tempo isso teria acontecido? Mas, se podia acreditar nas palavras silenciosas do funcionário, Duncan escapara.

O sujeito de Gammu olhou para o observador.

— Pode começar, Yar — disse o funcionário.

"Yar?", perguntou-se Teg. "Nome curioso." Soava quase como Tleilaxu. Mas Yar não era um Dançarino Facial... nem um Mestre Tleilaxu. Muito grande para ser um e sem os sinais de ser o outro. Como pessoa treinada pela Irmandade, Teg sentia-se confiante quanto a isso.

Yar tocou num controle no consolo da sonda.

Teg ouviu seu próprio grunhido de dor. Nada o preparara para tanta dor. Eles deviam ter regulado a maldita máquina ao máximo para o primeiro golpe.

Não havia dúvida a esse respeito! Sabiam que ele era um Mentat. Um Mentat podia desligar-se dos clamores da carne. Mas aquilo ali era excruciante! Não seria capaz de escapar. A agonia estremeceu todo o seu corpo, ameaçando apagar-lhe a consciência. Será que o shere poderia protegê-lo de uma coisa dessas?

A dor diminuiu gradualmente e se foi, deixando apenas memórias que o faziam estremecer.

De novo!

Teg pensou subitamente que a agonia da especiaria devia ser assim para uma Reverenda Madre. Certamente não podia haver dor maior do que essa. Ele lutava para ficar em silêncio, mas podia ouvir a si próprio gemendo e grunhindo. Cada habilidade que aprendera como Mentat, e da Bene Gesserit, foi colocada em ação, evitando que sua boca formasse palavras, evitando que suplicasse pelo fim dessa agonia, que lhe prometesse dizer qualquer coisa que quisessem ouvir, apenas para que parassem.

Uma vez mais a agonia diminuiu e depois aumentou.

— É o bastante.

Fora a voz da mulher. Teg tentou lembrar o nome dela.

Yar falou com uma voz mal-humorada:

— Ele está carregado com shere suficiente para durar um ano. — Indicou o consolo. — Em branco.

Teg respirava ofegante. A agonia! Ela continuava a aumentar, a despeito do pedido da mulher.

— Eu falei que é o bastante! — retrucou ela.

Tamanha sinceridade, pensou Teg. Sentiu a dor recuar, afastando-se como se cada nervo tivesse sido removido de seu corpo, tirado como fios de uma agonia lembrada.

— E errado o que estamos fazendo — disse a mulher. — Este homem é...

— Ele é como qualquer outro homem — disse Yar. — Devo ligar o contato especial ao seu pênis?

— Não enquanto eu estiver aqui — disse a mulher.

Teg sentiu-se quase sensibilizado por tamanha sinceridade. O último dos fios de agonia deixou sua carne e ele ficou lá, sentindo-se como se flutuasse acima da superfície que o suportava. A sensação de déjà vú permanecia. Ele estava ali e não estava. Estivera ali e não estivera.

— Não vão gostar se fracassarmos — disse Yar. — Está preparada para enfrentá-los com outro fracasso?

A mulher sacudiu a cabeça. Curvou-se sobre Teg, colocando o rosto em sua linha de visão através do emaranhado dos eletrodos.

— Bashar, sinto muito pelo que estamos fazendo. Acredite-me, isto não é responsabilidade minha. Acho tudo isso extremamente desagradável. Diga-nos o que precisamos saber e permita que o deixemos à vontade.

Teg formou para ela um sorriso em sua boca. Era muito boa! Voltou a atenção para o funcionário vigilante.

— Diga isto a seus mestres por mim: ela é muito boa em seu trabalho.

O sangue avermelhou o rosto do funcionário. Ele ficou furioso.

— Dê-lhe o máximo, Yar.

Sua voz era um tenor controlado, sem aparentar o treinamento visível na voz da mulher.

— Por favor! — ela implorou.

Levantou-se, mas manteve sua atenção nos olhos de Teg.

As professoras Bene Gesserit de Teg tinham-lhe ensinado isso.

— Vigie os olhos! Observe como eles mudam de foco. Enquanto o foco se move no sentido do exterior, a consciência se move para dentro.

Ele focalizou a atenção deliberadamente no nariz dela. Não era um rosto feio. Na verdade, era singular. Imaginou que figura não devia existir escondida naquelas roupas volumosas.

— Yar!

Essa era a voz do funcionário.

Yar ajustou alguma coisa no consolo e apertou um botão.

A agonia que atravessou o corpo de Teg revelou-lhe que o nível anterior tinha sido, de fato, mais brando. E com a nova dor veio uma nova claridade. Teg descobriu-se quase capaz de remover sua consciência dessa intromissão. Toda essa dor estava acontecendo com outra pessoa, não com ele. Encontrara um refúgio onde muito pouca coisa o atingia. Sim, havia dor, até mesmo agonia. Aceitava as informações que chegavam a respeito dessas sensações. Isso era parcialmente a ação do shere, ele sabia. E por isso se sentia grato.

A voz da mulher penetrou em sua consciência:

— Creio que o estamos perdendo. É melhor reduzir.

Outra voz respondeu, mas o som se apagou no silêncio antes que Teg pudesse identificar as palavras. Percebeu subitamente que não tinha mais ponto de apoio para sua consciência. Quietude! Pensou ter ouvido o próprio coração batendo muito depressa, de medo, mas não tinha certeza quanto a isso. Tudo era calmo, profundamente quieto, sem nada por trás.

“Será que ainda estou vivo?”

Ouviu a batida de coração, mas não tinha certeza de que fosse o dele. Tum-tum!Tum-tum! Era uma sensação de movimento, não de som. Não podia localizar a fonte.

“Que é que está acontecendo comigo?”

Palavras escritas num branco brilhante, delineadas contra um fundo preto, surgiram diante de seus centros visuais:

— Estou de volta em um terço.

— Deixe aí. Veja se podemos registrá-lo através de suas reações físicas.

— Será que ele ainda pode nos ouvir?

— Não conscientemente.

Nenhuma das instruções que Teg recebera dissera que uma sonda seria capaz de realizar seu trabalho diabólico na presença de sheere. Mas eles tinham chamado a coisa de sonda-T. Será que reações corporais poderiam revelar indícios de pensamentos suprimidos? Haveria revelações que poderiam ser exploradas por meios físicos?

Novamente as palavras surgiram nos centros visuais de Teg.

— Ele ainda está isolado?

— Completamente.

— Certifique-se. Leve-o um pouquinho mais fundo.

Teg tentou erguer a consciência acima de seus temores.

“Devo manter o controle!”

Que é que seu corpo poderia revelar se não tinha contato com ele? Podia imaginar o que estavam fazendo e sua mente registrava o pânico mas sua carne não podia senti-lo.

“Isolar o paciente. Não lhe deixar um lugar para por sua identidade.”

Quem é que tinha dito isso? Alguém. O sentimento de déjà vu retornou a plena força.

“Sou um Mentat”, lembrou a si mesmo. “Minha mente e seu funcionamento estão no meu centro.” Ele tinha experiências e memórias sobre as quais esse centro podia apoiar-se.

A dor voltou. Sons. Altos! Muito altos!

— Ele está ouvindo de novo.

Esse era Yar.

— Como pode ser?

Esse era o tenor do funcionário.

— Talvez você tenha ajustado profundo demais.

Essa era a voz da mulher.

Teg tentou abrir os olhos. As pálpebras não obedeciam. Lembrou-se então. Eles tinham chamado a coisa de sonda-T. Esse não era um engenho Ixiano, era alguma coisa da Dispersão. Podia identificar onde a coisa dominava seus músculos e seus sentidos. Era como outra pessoa compartilhando da sua carne, esvaziando seus próprios padrões de reação. Permitiu-se seguir o funcionamento

das intrusões da máquina. Era um engenho infernal! Aquilo poderia ordenar que ele piscasse, arrotasse, respirasse, cagasse ou mijasse — qualquer coisa. Podia comandar lhe o corpo como se a consciência não desempenhasse função alguma em seu funcionamento. Estava relegado à simples função de observador.

Odores atingiram-no, tomando de assalto a sua consciência. Não podia ordenar aos músculos que franzissem a testa, mas pensou em fazê-lo. Isso era o suficiente. Esses odores desagradáveis estavam sendo produzidos pela sonda. Ela estava jogando com seus sentidos, aprendendo com eles.

— Já tem o suficiente para registrá-lo? — perguntou o funcionário.

— Ele ainda está nos ouvindo! — disse a voz de Yar.

— Malditos sejam todos os Mentats! — disse a mulher.

— Dit, Dat e Dot — disse Teg, relembrando os nomes das marionetes do Espetáculo de Inverno a que assistira em sua infància, muito tempo atrás em Lernaeus.

— Ele está falando! — disse o funcionário.

Teg sentiu sua consciência sendo bloqueada pela máquina. Yar estava fazendo alguma coisa como consolo. Ainda assim Teg sabia que sua própria lógica Mentat lhe revelara uma coisa vital: esses três eram marionetes. E somente os manipuladores dos bonecos eram importantes. Como os bonecos se moviam — isso revelava o que os manipuladores faziam.

A sonda continuava a penetrar. Mas, a despeito da força que era aplicada, Teg sentia sua consciência igualando a força da coisa. Estava aprendendo com ele, mas ele também aprendia com ela.

Podia compreendê-la agora. Todo o espectro de seus sentidos podia ser copiado por essa sonda-T e identificado, mostrado a Yar para ser acionado quando fosse necessário. Havia uma cadeia orgânica de respostas dentro de Teg. A máquina podia rastreá-la como se fizesse uma duplicata dele. O sheere e sua resistência de Mentat desviavam os rastreadores de sua memórias, mas tudo mais podia ser copiado.

“Não vai pensar como eu penso”, tranquilizou a si mesmo.

A máquina não seria a mesma coisa que seus nervos e sua carne. Ela não teria as memórias de Teg ou suas experiências. Não nascera de uma mulher, como ele. Nunca tinha viajado por um canal de parto e emergido para esse universo assombroso.

Parte da consciência de Teg aplicou um marco de memória, dizendo-lhe que suas observações tinham revelado alguma coisa a respeito do ghola.

“Duncan foi decantado num tanque axlotl.”

A observação entrou na mente de Teg com uma súbita queimação de ácido na sua língua.

“A sonda-T novamente”

Teg deixou-se fluir numa consciência múltipla. Seguiu o funcionamento da sonda-T e continuou a explorar suas observações a respeito do ghola, enquanto ouvia o tempo todo Dit, Dat e Dot. Os três marionetes encontravam-se curiosamente silenciosos. Sim, esperando que a sonda-T completasse a tarefa.

“O ghola”: Duncan era uma extensão de células que tinham nascido de uma mulher inseminada por um homem.

“Máquina e ghola!”

Observação: “A máquina não pode experimentar a sensação do parto, exceto de modo remoto e indireto. Um modo que certamente vai perder importantes nuances pessoais”

Exatamente como estavam perdendo coisas importantes a respeito dele agora mesmo.

A sonda-T está repetindo odores. E a cada odor induzido memórias se revelavam na mente de Teg. Ele sentia a grande velocidade com que agia a sonda-T, mas sua consciência estava vivendo fora daquela varredura, capaz de prendê-lo pelo tempo que ele desejasse nas memórias que estavam sendo revividas.

“Lá está.”

Lá estava a cera quente que tinha derramado na mão esquerda quando tinha 14 anos e se encontrava na escola da Bene Gesserit. Lembrava-se da escola e do laboratório como se estivesse lá neste momento. “A escola é ligada à Sede da Irmandade” Ao ser admitido, Teg ficou sabendo que possuía o sangue de Siona em suas veias. Nenhum presciente poderia localizá-lo lá.

Ele via o laboratório e sentia o cheiro da cera — um composto de ésteres artificiais mais o produto natural de abelhas criadas por Irmãs que tinham fracassado no treinamento. Voltou sua memória para o momento em que observara as abelhas e as pessoas trabalhando com elas nos pomares.

O funcionamento da estrutura social da Bene Gesserit parecia complicado até se examinarem suas necessidades: alimento, roupas, calor, comunicações, aprendizado, proteção contra os inimigos (uma variedade do instinto de sobrevivência). A sobrevivência de Bene Gesserit exigia alguns ajustamentos antes que pudesse ser entendida. Elas não procriavam para o benefício da humanidade em geral. Nenhum envolvimento racial que não fosse monitorado! Procriavam para aumentar seus próprios poderes, para manterem a existência da Bene Gesserit, considerando isso como um beneficio suficiente para a humanidade. Talvez fosse. A motivação no sentido de perpetuar a espécie era profunda e a Irmandade se mostrava muito meticulosa nesse sentido.

Um novo cheiro o invadiu.

Teg reconheceu a lã úmida de suas roupas ao chegar na cápsula de comando após a Batalha de Ponciard. O cheiro enchia-lhe as narinas, trazendo consigo o odor de ozônio dos instrumentos da cápsula, o suor de seus ocupantes. “lã!” A Irmandade sempre achara isso uma excentricidade dele, o modo como dava preferência aos tecidos naturais e evitava os sintéticos produzidos pelas fábricas de cativos.

Como também não apreciava as cadeiras-cães.

“Não gosto dos cheiros da opressão de forma alguma.”

Será que essas marionetes Dit, Dat e Dot — teriam conhecimento de o quanto eram oprimidas?

A lógica Mentat zombava dele. Será que os tecidos de lã também não seriam produto das fábricas dos prisioneiros?

Isso era diferente.

Uma parte dele não concordava. Sintéticos podiam ser guardados por tempo indefinido. Bastava ver quanto tempo eles tinham resistido nos vasos de nulentropia do não-globo dos Harkonnen.

— Ainda assim prefiro o algodão e a lã!

— Assim seja!

— Como foi que cheguei a essa opinião?

— É um preconceito dos Atreides e você o herdou.

Teg desligou-se dos odores e se concentrou no movimento da sonda em sua totalidade. Daí a pouco descobriu que era capaz de antecipar a coisa. Era como um novo músculo que tivesse adquirido. Permitiu-se flexioná-lo, enquanto continuava a examinar as memórias que lhe eram induzidas em busca de informações valiosas.

“Estou sentado diante da porta do gabinete de minha mãe em Lernaeus”.

Teg removeu uma parte de sua consciência e observou a cena: tinha 11 anos de idade. Estava falando com uma pequena acólita Bene Gesserit que viera na escolta de uma Pessoa Importante. A acólita é uma criaturinha com rosto de boneca e cabelo louro avermelhado, nariz arrebitado, olhos cinza-dourados. A Pessoa Importante é uma Reverenda Madre de manto negro com aparência verdadeiramente ancestral. Ela entrou atrás daquela porta junto com a mãe de Teg. A acólita, de nome Carlana, está testando suas habilidades nascentes com o jovem anfitrião.

Antes que Carlana pronuncie 20 palavras, Miles Teg reconhece o padrão. Ela está tentando obter informações dele! Essa foi uma das primeiras lições a respeito de simulação delicada ensinada por sua mãe. Afinal, podia aparecer gente questionando um rapazinho a respeito de sua casa, da mãe Reverenda Madre, em busca de informações que pudessem ser vendidas. Havia sempre um

mercado para informações a respeito de Reverendas Madres.

A mãe explicara:

— Você julga o questionador e molda suas respostas de acordo com as suscetibilidades dele.

Nada disso teria servido contra uma Reverenda Madre plena, mas servia contra uma acólita, e especialmente no caso dessa!

Para Carlana ele fingiu uma tímida hesitação. Ela tinha uma visão exagerada de seus próprios atrativos. Ele permitiu que ela vencesse a sua timidez depois de um emprego adequado de suas forças. E o que ela conseguiu foi um punhado de mentiras que, se repetisse diante daquela Pessoa Importante, lá atrás da porta, iria valer-lhe uma censura severa, se não algo mais doloroso.

“Palavras de Dit, Dat e Dot.”

— Acho que agora o dominamos.

Teg reconheceu a voz de Yar, arrancando-o de antigas memórias.

— Molde suas respostas de acordo com as suscetibilidades.

Teg ouviu as palavras na voz de sua mãe.

“Marionetes.”

“Manipuladores de marionetes.”

O funcionário diz:

— Peça uma simulação do lugar para onde eles levaram o ghola.

Silêncio e então um zumbido fraco.

— Não estou conseguindo nada — disse Yar.

Teg ouve as vozes deles com uma sensibilidade dolorosa. Faz os olhos se abrirem, contrariando o comando da sonda.

— Olhem! — diz Yar.

Três pares de olhos fitam Teg. Como eles se movem lentamente. Dit, Dat e Dot: seus olhos piscam... piscam... pelo menos um minuto entre cada piscadela. Yar está estendendo a mão para alcançar alguma coisa em seu consolo. Seus dedos vão levar uma semana para atingirem o objetivo.

Teg explora as ligações que lhe prendem os braços e as mãos. Corda comum! Aproveitando o tempo, coloca os dedos em contato com os nós. Eles se afrouxam lentamente a princípio, depois se soltam. Ele se move em direção às correias que o prendem à liteira. Essas são mais fáceis: simples fechos corrediços. A mão de Yar não está ainda nem a um quarto da distância para o consolo.

Piscando.. . piscando... piscando...

Os três conjuntos de olhos mostram uma ligeira surpresa.

Teg desprende-se da cabeleira de medusa dos eletrodos da sonda. Poppop-pop! Eles voam longe. Surpreende-se ao notar o início de um pequeno

sangramento nas costas de sua mão direita, que ele usou para empurrar para longe os eletrodos.

Projeção Mentat: “Estou me movendo a uma velocidade perigosa.”

Agora ele está fora da liteira. Em câmara lenta, o funcionário leva uma das mãos em direção a um volume num bolso lateral. A mão de Teg esmaga-lhe a garganta. O funcionário nunca mais vai tocar naquela pistola laser que sempre carrega. A mão estendida de Yar ainda não alcançou um terço do caminho para o painel. Há uma expressão de autêntica surpresa em seus olhos. Teg duvida de que o homem chegue a enxergar a mão que lhe quebra o pescoço. A mulher move-se um pouco mais rápido. Seu pé esquerdo lança-se em direção ao ponto onde Teg se encontrava uma fração de segundo antes. Ainda assim, é muito lento! A cabeça dela é lançada para trás, expondo a garganta à cutelada de Teg.

Como eles tombam lentamente!

Teg torna-se consciente do fluxo de sua transpiração, mas não pode perder tempo preocupando-se com isso.

“Eu sabia de todos os movimentos que eles iam fazer antes que os fizessem! Que foi que aconteceu comigo?”

Projeção Mentat: “A agonia da sonda elevou-me a um novo nível de capacidades.”

Uma fome intensa torna-o consciente da perda de energia que sofrera. Coloca de lado essa sensação, sentindo-se retornar a um ritmo normal de tempo. Três sons secos: corpos tombando no chão.

Teg examina o consolo da sonda. Definitivamente, não era Ixiana. Controles similares, contudo. Ele provoca um curto-circuito no sistema de armazenagem de dados, apagando tudo.

“Luzes da sala?”

Os controles estão ao lado da porta que dá para fora. Teg apaga as luzes e respira fundo três vezes. Uma indistinta mancha de movimento, rápida demais para ser seguida, sai pela noite.

Aqueles que o tinham levado para lá, vestidos com suas roupas volumosas contra o frio do inverno, mal têm tempo de se voltar na direção do som estranho antes que aquela mancha rodopiante os derrube.

Teg retorna uma vez mais à escala de tempo normal. A luz das estrelas revela uma trilha descendo a colina através do mato espesso. Ele escorre pelo lamaçal nevado e por fim recupera o equilíbrio, antecipando os acidentes do terreno. Cada passo posiciona-o onde ele sabia que devia apoiar-se. Dai a pouco se encontra em espaço aberto e pode olhar para o vale.

Vê as luzes de uma cidade, com o grande retângulo negro de um prédio no centro. Conhecia esse lugar: Ysai. Os manipuladores das marionetes

encontravam-se lá.

“Estou livre!”

36

Havia um homem que se sentava todo dia olhando para a estreita abertura vertical deixada por uma tábua retirada de uma cerca de madeira. Todo dia um asno selvagem do deserto passava do outro lado da cerca, cruzando na frente da abertura — primeiro o focinho, depois a cabeça, as patas dianteiras, o longo dorso castanho, as pernas traseiras e finalmente a cauda. Uma dia o homem pulou com a euforia da descoberta em seus olhos e gritou para todos que pudessem ouvi-lo: — "É óbvio! O focinho é a causa da cauda!"

— Histórias da Sabedoria Oculta,
da História Oral de Rakis

Em várias ocasiões desde que viera para Rakis, Odrade se vira dominada pela lembrança daquela pintura ancestral que ocupava lugar de destaque na parede dos alojamentos de Taraza, na sede da Irmandade. Quando a memória vinha, sentia as mãos formigarem ao toque do pincel. Suas narinas dilatavam-se com o odor induzido dos pigmentos e dos óleos. Suas emoções dominavam a tela. E a cada vez Odrade terminava com maiores dúvidas de que Sheeana fosse a sua tela.

"Qual de nós está pintando a outra?"

Tinha acontecido de novo essa manhã. Ainda estava escuro do lado de fora da cobertura no Castelo Rakiano onde ela se alojara com Sheeana. Uma acólita entrou com suavidade para despertar Odrade e lhe dizer que Taraza iria chegar daí a pouco. Odrade olhou para o rosto fracamente iluminando da acólita de cabelos negros e imediatamente a memória da pintura relampejou em sua consciência.

"Qual de nós verdadeiramente cria a outra?"

Deixe Sheeana dormir um pouco mais — instruiu Odrade antes de mandar embora a acólita.

— Vai tomar seu desjejum antes da chegada da Madre Superiora? — perguntou a acólita.

— Vamos aguardar a vontade de Taraza.

Levantando-se, Odrade fez uma rápida higiene matinal e vestiu seu

melhor manto negro. Depois caminhou até a janela no lado leste da sala de estar da cobertura e olhou na direção do espaço-porto. Muitas luzes em movimento faziam brilhar o céu empoeirado naquela direção. Ela ativou todos os globos luminosos da sala para atenuar a visão externa. Os globos tornaram-se asteriscos dourados refletindo-se no espesso plaz blindado das janelas. A superfície escura também refletia um fraco contorno de suas próprias feições. As linhas de fadiga revelavam-se claramente.

"Eu sabia que ela viria", pensou Odrade.

Enquanto pensava nisso, o sol Rakiano surgiu no horizonte indefinido, como a bola alaranjada de uma criança. Imediatamente ocorreu a reflexão de calor que tantos observadores de Rakis já tinham mencionado. Odrade virou as costas para a janela e viu abrir-se a porta do corredor.

Taraza entrou com um sussurrar de mantos. Uma mão fechou a porta por trás dela, deixando as duas sozinhas. A Madre Superiora avançou em direção a Odrade, o capuz negro erguido em torno do rosto a lhe emoldurar a face. Uma visão nada tranquilizadora.

Reconhecendo a perturbação de Odrade, Taraza jogou com isso:

— Muito bem, Dar, creio que finalmente nos encontramos na condição de estranhas.

O efeito das palavras de Taraza deixou Odrade espantada. Ela interpretou corretamente a ameaça, mas o medo a abandonou, esvaindo-se como se fosse água derramada de um jarro. Pela primeira vez em sua vida, Odrade reconheceu o momento preciso para cruzar uma linha divisória. Essa era uma linha cuja existência ela suspeitava que poucas de suas Irmãs conhecessem. E, ao transpô-la, Odrade percebeu que sempre soubera que ela estava ali: um lugar onde poderia penetrar no vácuo e flutuar livre. Não era mais vulnerável. Poderia ser morta, mas não seria derrotada.

— Então não é mais Dar e Tar — disse Odrade.

Taraza ouviu o tom claro e desinibido da voz de Odrade e interpretou sua confiança.

— Talvez nunca tenha sido — ela disse com voz fria. — Percebo que se julga extremamente hábil.

"O duelo começou", pensou Odrade. "Mas não estou na frente do ataque dela."

Odrade disse:

— As alternativas à aliança com os Tleilaxu eram inaceitáveis. Em especial quando percebi o que você realmente desejava de nós.

Taraza sentiu-se subitamente muito cansada. Fora uma longa viagem, a despeito dos saltos de dobras espaciais de sua não-nave. A carne sempre sabia

quando fora torcida para fora de seus ritmos familiares. Escolheu um divã macio e se sentou, suspirando no luxuoso conforto.

Odrade reconheceu a fadiga da Madre Superiora e sentiu uma afinidade imediata. De repente eram apenas duas Reverendas Madres com problemas comuns.

Taraza obviamente sentia isso. Bateu na almofada ao lado dela e esperou que Odrade se sentasse.

— Nós devemos preservar a Irmandade — disse Taraza. — Essa é a única coisa que importa.

— É claro.

Taraza fixou seu olhar escrutinador nas feições familiares de Odrade. “Sim, Odrade também está muito cansada.”

— Você esteve em contato intimo com as pessoas e com o problema

— disse Taraza. — Eu quero... não, Dar, eu preciso de seus pontos de vista.

— Os Tleilaxu aparentam total cooperação — explicou Odrade —, mas existe fingimento nisso. Tenho feito a mim mesma algumas perguntas extremamente perturbadoras.

— Tais como?

— E se os tanques axlotl não forem ... tanques?

— O que quer dizer com isso?

— Waff demonstra o tipo de comportamento que se nota numa família quando ela tenta ocultar um filho deformado ou tio louco. Eu lhes asseguro que ele ficou embaraçado quando toquei no assunto dos tanques.

Mas o que eles poderiam ser. Ventres alugados.

— Mas eles teriam que...

Taraza calou-se, chocada com as possibilidades abertas por essa hipótese.

— Alguém jamais viu uma mulher Tleilaxu? — perguntou Odrade.

A mente de Taraza estava cheia de objeções.

Mas o controle químico preciso, a necessidade de limitar as variáveis... — Ela lançou o capuz para trás e libertou os cabelos, sacudindo-os. — Você tem razão: devemos questionar tudo. Mas isso... seria monstruoso.

E ele ainda não revelou toda a verdade a respeito do nosso ghola. Que é que ele diz?

— Nada mais do que aquilo que já relatei: uma variação do Duncan Idaho original e de acordo com todas as exigências prana-bindu que especificamos.

— E não explica por que mataram ou tentaram matar todos os que adquirimos anteriormente?

— Ele afirma, pelo sagrado juramento da Grande Crença, que agiram

envergonhados porque os li gholas anteriores não corresponderam às expectativas.

— Como poderiam saber? Ele afirma que possuem espiões em nosso meio?

— Ele jura que não. Eu lhe perguntei isso e ele disse que um ghola bem-sucedido certamente teria criado uma perturbação visível entre nós.

— Que perturbação visível? Que será que ele está.

— Isso ele não diz. Volta sempre à sua afirmativa de que cumpriram as obrigações contratuais. Onde está o ghola, Tar?

— O quê?.. Oh, em Gammu.

— Ouvi rumores de que...

— Burzmali tem a situação sob controle.

Taraza comprimiu os lábios, torcendo para que isso fosse verdade. O relatório mais recente não a deixara confiante.

— Vocês, obviamente, estão debatendo se o ghola deve ser morto — disse Odrade.

— Não é só o ghola!

Odrade sorriu.

— Então é verdade que Bellonda quer que eu seja permanentemente eliminada.

— Como foi que...

— As amizades podem ser algo bastante valioso em certas ocasiões, Tar.

— Está caminhando num terreno muito perigoso, Reverenda Madre Odrade.

— E não estou tropeçando, Madre Superiora. Tenho pensado muito nas coisas que Waff me revelou a respeito daquelas Honradas Madres.

— Conte-me alguns dos seus pensamentos.

Havia uma determinação implacável na voz de Taraza.

— Não devemos cometer enganos a esse respeito — disse Odrade.

— Elas ultrapassaram as habilidades sexuais de nossas Impressoras.

— Prostitutas!

— Sim, elas empregam seus talentos de um modo que acabará sendo fatal para elas mesmas e para os outros. Estão cegas pelo próprio poder que desenvolveram.

Foi só até ai que chegaram seus pensamentos?

— Diga-me, Tar, por que foi que elas atacaram e apagaram do mapa o nosso castelo em Gammu?

— Obviamente, estavam atrás do ghola Idaho, para capturá-lo ou matá-lo.

— E por que ele seria tão importante para elas?

— Que está sugerindo? — indagou Taraza.

— Será que as prostitutas não estariam agindo com base em informações passadas pelos Tleilaxu. Tar? E se essa coisa secreta que o pessoal de Waff introduziu em nosso ghola for algo que possa fazer dele um equivalente masculino de uma Honrada Madre?

Taraza levou uma das mãos à boca e a deixou cair rapidamente ao perceber o quanto esse gesto havia revelado. Era tarde demais. Não importava, elas ainda eram duas Reverendas Madres reunidas.

Odrade disse:

— E nós ordenamos a Lucilla que o tornasse irresistível para a maioria das mulheres.

— Há quanto tempo os Tleilaxu estão negociando com as prostitutas? — perguntou Taraza.

Odrade encolheu os ombros.

— Talvez fosse melhor perguntar: há quanto tempo eles estão negociando com seus próprios Perdidos retornados da Dispersão? Tleilaxu fala com Tleilaxu e muitos segredos são compartilhados.

— Uma projeção brilhante de sua parte — reconheceu Taraza. — Que valor de probabilidade você lhe dá?

— Sabe tão bem quanto eu. Isso explicaria muitas coisas.

Taraza disse com amargura:

— Que acha de sua aliança com os Tleilaxu neste momento?

— Mais necessária do que nunca. Devemos ficar do lado de dentro. Precisamos colocar-nos numa posição em que possamos influenciar aqueles que negociam.

— Abominação! — exclamou Taraza.

— O quê?

— Esse ghola é como uma máquina gravadora em forma humana. Eles o plantaram em nosso meio. Se os Tleilaxu vierem a colocar suas mãos nele, ficarão sabendo de muitas coisas a nosso respeito.

— Isso seria um movimento muito desajeitado.

— E típico da parte deles!

Concordo em que nossa presente situação traz outras implicações comentou Odrade. — Mas tais argumentos indicam que não podemos matar o ghola até que o tenhamos examinado nós mesmas.

Pode ser tarde demais então! Maldita a sua aliança, Dar! Você lhes deu um poder sobre nós... e nós ficamos com um poder sobre eles... Algo que nenhum dos lados se atreve a deixar escapar.

— Isso não faz uma aliança perfeita?

Taraza suspirou.

— Quão cedo deveremos dar-lhes acesso aos nossos arquivos de procriação?

— Logo. Waff está insistindo nisso.

— Então poderemos ver seus... tanques axlotl?

— É nesse sentido que estou pressionando. Ele concordou com relutância.

— Cada vez mais fundo nos bolsos um do outro — resmungou Taraza.

Com um tom de voz totalmente inocente, Odrade disse:

— Uma aliança perfeita. Como eu disse.

— Maldição, maldição, maldição — murmurou Taraza. — E Teg despertou as memórias originais do ghola!

— E Lucilla conseguiu..

— Eu não sei!

Taraza voltou uma expressão soturna para Odrade e lhe contou sobre os relatórios mais recentes a respeito da situação em Gammu: Teg e seu grupo localizados, em breve relatório sobre eles e nada de Lucilla, os planos para resgatá-los.

Suas próprias palavras produziram uma visão perturbadora na mente de Taraza. Quem seria esse ghola? Elas sempre tinham tido o conhecimento de que os Duncan Idaho não eram gholas comuns. Mas agora, com poderes neuro-musculares aumentados, mais essa coisa desconhecida que os Tleilaxu tinham introduzido nele — era como segurar um porrete em chamas. Você sabe que vai ter que usar o cajado para sobreviver, mas as chamas se aproximam de sua mão velozmente.

Odrade disse em tom meditativo:

— Já tentou imaginar como deve ser para um ghola despertar subitamente num corpo rejuvenescido?

— O quê? Que está.

— Percebendo que seu corpo cresceu a partir das células de um cadáver — continuou Odrade. — Ele é capaz de se lembrar de sua própria morte.

— Os Idahos nunca foram pessoas comuns.

— O mesmo se pode dizer desses Mestres Tleilaxu.

— O que está tentando me dizer?

Odrade passou a mão pela testa, aproveitando o momento para rever seus próprios pensamentos. Isso seria tão difícil de explicar para alguém que rejeitava a afeição, alguém que se deixava impulsionar por uma raiva interior. Taraza não tinha... afinidade. Não podia colocar-se na pele de outra pessoa, exceto num exercício de lógica fria.

O despertar de um ghola deve ser uma experiência esmagadora —

comentou Odrade, abaixando a mão. — Somente aqueles com uma enorme capacidade de reajuste mental sobreviveriam.

— E supomos que os Mestres Tleilaxu sejam mais do que aparentam ser.

— E os Duncan Idahos?

— É claro. Por que outro motivo o Tirano ficaria a comprá-los dos Tleilaxu?

Odrade percebeu que a discussão não teria sentido. Ela disse:

— Os Idahos eram notoriamente leais aos Atreides, e devemos recordar-nos de que eu sou uma Atreides.

— Acha que a lealdade dele vai ligá-lo a você?

— Principalmente depois que Lucilla...

— Isso pode ser extremamente perigoso!

Odrade sentou-se num canto do divã. Taraza queria certezas. E as vidas da série de gholas eram como a melange, apresentando um gosto diferente em cada diferente ambiente. Como poderiam ter alguma certeza quanto a esse ghola?

— Os Tleilaxu brincam com as forças que produziram o nosso Kwisatz Haderach — murmurou Taraza.

— Acha que é por isso que eles querem nossos arquivos de procriação?

— Não sei! Maldição, Dar! Não percebe o que você fez?

— Acho que não tinha outra escolha.

Taraza deu um sorriso gélido. O desempenho de Odrade permanecia soberbo, mas ela precisava ser colocada no devido lugar.

— Acha que teria feito o mesmo?

“Ela ainda não percebeu o que aconteceu comigo” — pensou Odrade. Taraza tinha esperado que sua flexível Dar agisse com independência, mas a extensão de tal independência abalara o Alto Conselho. E Taraza recusava-se a reconhecer que sua própria mão provocara isso.

— Prática costumeira — respondeu Odrade.

As palavras atingiram Taraza como um tapa no rosto. Somente o duro treinamento de toda uma vida na Bene Gesserit a impediu de golpear Odrade violentamente.

“Prática costumeira!”

Quantas vezes Taraza não revelara que essa era uma fonte de sua irritação, uma provocação à sua ira tão cuidadosamente contida? Odrade ouvira isso com frequência.

Odrade repetiu as palavras da Madre Superiora.

— Costumes imutáveis são perigosos. Os inimigos podem encontrar o padrão e usá-lo contra você.

As palavras escaparam forçadas de Taraza:

— Isso é uma fraqueza, sim.

— Nossos inimigos julgavam conhecer nossos hábitos — comentou Odrade. — Até mesmo você, Madre Superiora, julgava conhecer os limites dentro dos quais eu agiria. Eu era como Bellonda. Antes mesmo de ela abrir a boca, você já sabe o que Bellonda vai dizer.

— Será que cometemos o erro de não colocar você numa posição superior à minha? — perguntou Taraza, falando com sua mais profunda lealdade para com a ordem.

— Não, Madre Superiora. Nós percorremos caminhos perigosos, mas ambas sabemos aonde queremos chegar.

— Onde está Waff agora?

— Dormindo e muito bem guardado.

— Chame Sheeana. Precisamos resolver se devemos abortar essa parte do projeto.

— E pagar o preço por isso?

— Como diz, Dar.

Sheeana ainda estava sonolenta e esfregava os olhos quando apareceu na sala de visitas, mas obviamente tinha tido tempo de lavar o rosto e vestir um manto branco limpo. O cabelo ainda estava úmido.

Taraza e Odrade encontravam-se diante da janela do lado leste, as costas voltadas para a luminosidade da manhã lá fora.

— Esta é Sheeana, Madre Superiora — disse Odrade.

Sheeana ficou subitamente alerta, enrijecendo as costas. Tinha ouvido falar dessa mulher poderosa, essa Taraza, que governava a Irmandade numa cidadela distante. A luz do sol penetrava brilhante pela janela atrás das duas mulheres, caindo em cheio no rosto de Sheeana e a ofuscando. Deixava os rostos das duas Reverendas Madres parcialmente ocultos, contornos negros num brilho enevoado.

Instrutoras entre as acólitas a haviam preparado para esse encontro:

— Fique de pé diante da Madre Superiora e fale respeitosamente. Responda apenas quando ela lhe dirigir a palavra.

Sheeana ficou rígida, em posição de sentido, do modo como lhe tinham ensinado.

— Informaram-me que você pode tornar-se uma de nós — disse Taraza.

As duas mulheres viram o efeito que isso teve sobre a jovem. A essa altura, Sheeana estava plenamente consciente das realizações das Reverendas Madres. Uma poderosa luz de conhecimento tinha sido focalizada sobre ela. Começara a vislumbrar o enorme reservatório de Sabedoria que a Irmandade acumulara através de milênios. Tinham lhe contado a respeito da transmissão

seletiva de memórias, da ação das Outras Memórias e da agonia da especiaria. E ali, diante dela, se encontrava a mais poderosa de todas as Reverendas Madres, aquela de quem nada era escondido.

Como Sheeana não respondesse, Taraza perguntou:

— Não tem nada para dizer, criança?

— Que há para dizer, Madre Superiora? A senhora já disse tudo.

Taraza lançou um olhar indagador para Odrade.

— Tem outras surpresas para mim, Dar?

— Eu lhe disse que ela era superior — comentou Odrade.

Taraza voltou sua atenção para Sheeana.

— Sente-se orgulhosa dessa opinião, criança?

— Ela me assusta, Madre Superiora.

Ainda mantendo o rosto tão imobilizado quanto podia, Sheeana passou a respirar de modo mais tranquilo. “Diga apenas a verdade mais profunda que puder sentir”, lembrou-se. Aquela advertência da instrutora fazia sentido agora. Manteve os olhos levemente desfocados e dirigidos para um ponto do piso diretamente em frente às duas mulheres, evitando o pior do brilho do sol. Ainda sentia o coração bater muito rapidamente, e sabia que as Reverendas Madres podiam detectar isso. Odrade o demonstrara muitas vezes.

— Bem, deveria mesmo assustá-la — disse Taraza.

Odrade perguntou:

— Compreende o que estamos dizendo a seu respeito, Sheeana?

— A Madre Superiora quer saber se quero dedicar-me inteiramente à Irmandade — respondeu Sheeana.

Odrade olhou para Taraza e encolheu os ombros. Não havia mais necessidade de qualquer diálogo entre elas. Era assim que acontecia quando se fazia parte de uma família como a Bene Gesserit.

Taraza continuou com sua observação silenciosa de Sheeana. Era um olhar penetrante, que esgotava as energias de Sheeana, a qual sabia que devia continuar quieta e permitir aquela avaliação total.

Odrade dominou seus sentimentos de afinidade. Sheeana era como ela fora quando menina, igual de muitas maneiras. Possuía aquele intelecto globular, que se expandia em todas as direções como um balão ao ser inflado. Odrade lembrava-se agora de como suas professoras tinham admirado isso, mas de um modo cauteloso, exatamente como Taraza se mostrava cautelosa nesse momento. Odrade reconhecera essa cautela quando era ainda mais jovem do que Sheeana, e não tinha dúvidas de que Sheeana estaria percebendo tal coisa. O intelecto tinha suas utilidades.

Hummm — murmurou Taraza.

Odrade ouviu o som produzido pelas reflexões interiores da Reverenda Madre, uma parte do semulfluxo. A própria memória de Odrade lançou-se no passado. As Irmãs que traziam as refeições de Odrade, quando ela trabalhava até tarde, sempre gostavam de observá-la desse modo, exatamente como Sheeana era observada e monitorada todo o tempo. Odrade conhecera essa maneira especial de observação desde muito jovem. Essa era, afinal, uma das grandes atrações da Bene Gesserit. A pessoa queria ser capaz de tais habilidades esotéricas. Sheeana certamente possuía esse desejo. Era o sonho de toda candidata a Bene Gesserit.

“Que eu possa fazer essas coisas!”

Taraza disse finalmente:

— Que você pensa que deseja de nós, criança?

— O mesmo que a senhora julgava desejar quando tinha minha idade, Madre Superiora.

Odrade reprimiu um sorriso. O sentimento selvagem de independência para Sheeana levara-a bem perto de uma insolência, e Taraza certamente teria reconhecido tal coisa.

— Acha que esse é um uso adequado do dom da vida? — perguntou Taraza.

— E o único que conheço, Madre Superiora.

— Sua sinceridade é apreciada, mas eu lhe aviso para ser cuidadosa no modo como a usa. Já nos deve muito e vai nos dever muito mais — comentou Taraza. — Lembre-se disto: nossas dádivas custam caro.

— Sim, Madre Superiora.

“Sheeana não tem a menor idéia do preço que vai pagar por nossas habilidades”, pensou Odrade.

A Irmandade nunca permitia que suas noviças esquecessem o quanto lhe deviam e o modo como deveriam pagar. Não se pagava o que se recebia com amor. Não, o amor era algo muito perigoso, e Sheeana já devia estar aprendendo isso. “O dom da vida?” Um tremor começou a percorrer o corpo de Odrade e ela pigarreou para compensar.

“Será que estou mesmo viva? Será que não morri quando elas me tiraram de minha Mama Sibia? Eu me sentia viva naquela casa, mas será que continuei vivendo depois que as Irmãs me arrancaram de lá?”

Taraza disse:

— Pode sair agora, Sheeana.

Sheeana virou-se e deixou a sala, mas não antes que Odrade percebesse o sorriso contido em seus lábios. Ela sabia que fora aprovada no exame da Madre Superiora.

Quando a porta se fechou atrás dela, Taraza disse:

Você mencionou a habilidade natural que ela possui com a Voz. Eu ouvi, é claro. Extraordinário.

Ela a mantém bem contida — disse Odrade. — Já aprendeu a não tentar usá-la conosco.

— Que temos aqui, Dar?

— Talvez um dia uma Madre Superiora de capacidades extraordinárias.

— Não demasiado extraordinárias?

— Isso teremos que ver.

— Acha que ela é capaz de matar por nós?

Odrade surpreendeu-se e demonstrou isso:

— Agora?

— Sim, é claro.

O ghola?

— Teg não seria capaz de fazer isso — explicou Taraza. — E também duvido de que Lucilla o possa. Seus relatórios tornam claro que ele é capaz de forjar laços poderosos de... de afinidade.

— Até mesmo como eu?

— A própria Schwangyu não era completamente imune.

— E onde estaria o nobre propósito de tal ato? — perguntou Odrade. — Não foi a respeito disso que o Tirano nos..

— Ele? Ele matou muitas vezes!

— E pagou por isso.

— Nós pagamos por tudo aquilo que tiramos, Dar.

— Mesmo pela vida?

— Nunca se esqueça, nem por um instante, Dar, de que a Madre Superiora é capaz de tomar qualquer decisão que seja necessária para garantir a sobrevivência da Irmandade!

— Assim seja — respondeu Odrade. — Tire o que quiser e pague por isso.

Era uma resposta adequada, mas reafirmava a nova força que Odrade sentia, sua liberdade para responder do modo que julgasse necessário dentro de um universo novo. Onde é que essa resistência se originara? Seria alguma coisa proveniente de seu cruel condicionamento Bene Gesserit? Seria derivada de seus ancestrais Atreides? Não tentou enganar-se imaginando que essa liberdade não provinha de outra coisa senão de uma decisão sua de nunca mais seguir a orientação moral de outra pessoa. Essa estabilidade interior sobre a qual se apoiava agora não era apenas pura moral. Nem ousadia. Isso nunca era suficiente.

— Você se parece muito com seu pai — disse Taraza. — Geralmente é a

mãe que nos fornece a maior parte da coragem, mas desta vez acho que ela veio do pai.

— Miles Teg é admiravelmente corajoso, mas creio que você está simplificando demais a questão.

— Talvez esteja. Mas estive certa a seu respeito em todas as ocasiões, Dar, mesmo na época em que éramos estudantes.

“Ela sabe!”, pensou Odrade.

— Nós não precisamos explicar isso — disse Odrade. E pensou: “Vem do modo como nasci, do modo como fui treinada e moldada... do modo como nós éramos: Dar e Tar.”

— É algo na linhagem Atreides que ainda não analisamos totalmente — comentou Taraza.

— Nenhum acidente genético?

— Às vezes me pergunto se sofremos algum acidente desse tipo desde os tempos do Tirano — comentou Taraza.

— Será que ele expandiu sua consciência lá em sua cidadela e olhou através dos milênios até este exato momento?

— Até onde você recuaria para alcançar as raízes?

Odrade respondeu:

— Que acontece realmente quando uma Madre Superiora comanda as Madres Procriadoras: “Faça com que esta procrie com aquele”?

Taraza deu um sorriso gélido.

Odrade sentiu-se subitamente na crista da onda, sua percepção lançando-a num novo mundo! “Taraza deseja minha rebelião! Ela me quer como oponente!”

— Vai querer encontrar Waff agora? — perguntou.

— Primeiro quero ouvir o seu julgamento a respeito dele.

— Ele se vê como o instrumento final da “Ascendência dos Tleilaxu”. Nós somos a dádiva de Deus para seu povo.

— Eles estão esperando há muito tempo por isso — comentou Taraza. — A cuidadosa dissimulação que fizeram, todos eles, por todos esses sons!

— Eles possuem a nossa visão do tempo — concordou Odrade. — Esse foi o elemento final que os convenceu de que partilhamos da Grande Crença.

— Mas por que são tão desajeitados? — perguntou Taraza. — Eles não são estúpidos.

— Isso serviu para desviar nossa atenção do modo como usavam realmente o processo ghola. Quem acreditaria que gente estúpida fosse capaz de uma coisa assim?

— E que foi que eles criaram? — perguntou Taraza. — Somente a imagem de uma estupidez maligna?

— Finja estupidez por muito tempo e você se torna realmente estúpida — comentou Odrade. — A mímica perfeita de seus Dançarmos Faciais e...

O que quer que aconteça, devemos puni-los — disse Taraza. — Percebo isso claramente. Faça com que o tragam aqui.

Depois que Odrade dera a ordem e enquanto esperavam, Taraza disse:

— A sequência da educação do ghola virou bagunça antes mesmo que eles escapassem do Castelo de Gammu. Ele saltou adiante de seus mestres para compreender coisas apenas implícitas e fez isso a um ritmo assustadoramente acelerado. Quem sabe o que ele se tornou a esta altura?

37

Os historiadores adquirem grande poder e alguns deles têm consciência disso. Recriam o passado, modificando-o para se adequar às suas próprias interpretações. Fazendo isso, modificam igualmente o futuro.

— Leto II; Sua Voz,
de Dar-es-Balat

Duncan caminhava atrás de seu guia sob a iluminação da alvorada, marchando num ritmo doloroso. O homem podia parecer velho, mas era ágil como uma gazela e parecia incapaz de se cansar.

Há apenas alguns minutos eles tinham tirado os óculos de visão noturna e Duncan estava feliz por se livrar deles. Tudo fora do alcance dos óculos parecera mergulhado numa escuridão profunda, iluminada apenas pelo fraco brilho das estrelas que se filtrava pelos ramos das árvores. Parecia que o mundo acabava além do alcance dos óculos. E a visão de ambos os lados pulava e fluía — aqui um conjunto de arbustos amarelos, ali duas árvores de troncos prateados, adiante um muro de pedra com portão de plasteel embutido em sua estrutura e guardado pelo azul tremulante de um escudo queimador, depois uma ponte nativa feita de pedra, toda verde e preta sob seus pés. Depois disso, uma entrada em forma de arco feita de pedra branca polida. Todas as estruturas pareciam muito antigas e caras, mantidas com dispendioso trabalho manual.

Duncan não tinha idéia do lugar em que se encontrava. Nada nesse terreno tinha relação com suas memórias dos dias há muito perdidos de Giedi Prime.

A aurora surgiu no momento em que eles seguiam por uma trilha abrigada entre as árvores, subindo a encosta de uma colina. A subida mostrou-se íngreme e a visão ocasional que obtinham através das árvores revelava um vale à sua esquerda. A névoa mantinha-se espessa á cima, guardando a visão do céu, ocultando as distâncias e os envolvendo à medida que subiam. O mundo tornava-se um lugar cada vez mais fechado, enquanto perdiam sua ligação com um universo maior.

Durante uma breve pausa, não para descansar mas para ouvir os ruídos da floresta em volta, Duncan observou o ambiente coberto de névoa. Sentia-se deslocado, removido de um outro universo que tinha céus abertos e paisagens

que o ligavam a outros planetas.

Seu disfarce era simples: vestimentas Tleilaxu para climas frios e almofadas nas faces para fazer seu rosto parecer mais arredondado. Seu cabelo negro encaracolado fora alisado com um composto químico aplicado com calor. O cabelo fora então descolorido até ficar de um louro pálido e escondido debaixo de um capuz. Todo o seu pêlo púbico fora raspado e ele quase não reconhecera a si mesmo no espelho.

“Um Tleilaxu sujo!”

A artesã que produzira tal transformação era uma velha com cintilantes olhos cinza-esverdeados.

— Você agora é um Mestre Tleilaxu — dissera ela. — Seu nome é Wose. Um guia o levará ao seu próximo destino. Você o tratará como Dançarino Facial se encontrarem estranhos no caminho. Em outras circunstâncias, faça o que ele ordenar.

Eles o conduziram para fora do complexo de cavernas, através de uma passagem serpenteante, as paredes e o teto cobertos por uma espessa camada de algas verdes almiscaradas. Depois, na escuridão iluminada pela luz das estrelas, eles o retiraram da passagem e o entregaram a um homem que ele não podia ver — uma figura volumosa dentro de roupas acolchoadas.

Uma voz atrás dele sussurrou:

— Ei-lo, Ambitorm. Faça com que escape.

O guia falou com um sotaque gutural:

— Siga-me.

Prendeu uma corda ao cinturão de Duncan e ajustou os óculos de visão noturna sobre seus olhos. Duncan sentiu um puxão na corda e eles partiram.

Logo reconheceu a utilidade da corda. Não era um artifício para mantê-lo seguindo o guia. Podia ver Ambitorm muito claramente com os óculos noturnos. Não, a corda era para jogá-lo no chão rapidamente, se topassem com algum perigo, sem necessidade de ordem.

Durante algum tempo, na caminhada noturna, eles cruzaram pequenos cursos d’água margeados de gelo. Estavam numa região plana e a luz das primeiras luas de Gammu penetrava ocasionalmente na vegetação. Por fim emergiram numa colina baixa, vislumbrando uma extensão de arbustos prateados sob a cobertura de neve iluminada pelo luar. Desceram, entrando naquela vegetação. Os arbustos tinham o dobro da altura do guia, arqueados sobre passagens enlameadas abertas por animais, as quais eram apenas um pouco mais largas que os túneis onde haviam começado essa jornada. Era mais quente ali, o calor de uma pilha de adubo em fermentação. Quase nenhuma luminosidade penetrava até atingir o solo esponjoso com vegetação apodrecida. Os óculos

noturnos revelavam um panorama interminável de vegetação espessa em ambos os lados. Duncan sentia o cheiro de vegetais em decomposição, e também fungos. A corda que o ligava a Ambitorm era seu frágil elo com um mundo totalmente estranho.

Ambitorm desencorajava a conversa. Respondeu “sim” quando Duncan buscou confirmar seu nome e então disse:

— Não converse.

Toda a noite fora uma travessia inquietante. Ele não gostava de ser lançado em suas memórias do antigo Giedi Prime, mas elas persistiam. Esse lugar não era como o de sua juventude pré-ghola. Imaginava como Ambitorm podia ter aprendido e memorizado esse caminho. Um túnel aberto por animais parecia-se exatamente com qualquer outro.

E nesse passo de caminhada acelerada, havia tempo para que os pensamentos vagueassem em várias direções.

“Devo permitir que a Irmandade me use? Que é que devo a elas?” Pensou em Teg, naquele último gesto galante para permitir que escapassem.

“Eu fiz a mesma coisa por Paul e Jessica.”

Era um laço de união com Teg que deixava Duncan cheio de mágoa. Teg era leal à Irmandade “Será que comprou minha lealdade com aquele último ato de bravura?”

“Malditos Atreides!”

Os esforços noturnos tinham aumentado a familiaridade de Duncan com o novo corpo. Como era jovem essa carne! Com um pequeno impulso de lembrança, podia alcançar sua última memória do período pré-ghola.

Sentia a lâmina do Sardaukar atingindo sua cabeça — uma cegante explosão de dor e luz, o reconhecimento da morte certa e então... nada até aquele momento com Teg no não-globo.

A dádiva de uma outra vida. Seria mais que uma dádiva ou alguma outra coisa? Os Atreides lhe estavam exigindo pagamento.

Por algum tempo antes da aurora, Ambitorm o conduziu numa carreira, chapinhando sobre a água de um arroio. O frio gelado penetrou através das botas à prova d’água que faziam parte de sua vestimenta Tleilaxu. O curso d’água refletia o tom prateado, sombreado pelos arbustos, da lua matutina do planeta antes da aurora.

A luz do dia encontrou-os em outra trilha ampla, também aberta por animais, em meio a árvores, subindo uma colina íngreme Esse caminho levou-os a uma estreita saliência de rochas abaixo da crista de um penhasco cheio de rochas escarpadas. Ambitorm conduziu-o para trás da proteção de uma extensão de capim marrom morto, sujo de neve soprada pelos ventos. Ele soltou a corda

do cinturão de Duncan. Diretamente à frente deles encontrava-se uma depressão rasa nas rochas, que não chegava a formar exatamente uma caverna, mas que ofereceria certa proteção, a menos que um vento muito forte soprasse sobre o capim acima deles. Não havia neve no fundo da depressão.

Ambitorm removeu cuidadosamente uma camada de gelo sujo e várias pedras achatadas que escondiam um pequeno buraco. Tirou do buraco um objeto negro e arredondado e ficou mexendo nele.

Duncan agachou-se sobre a saliência rochosa e ficou observando seu guia. Ambitorm tinha um rosto chato, com uma pele que lembrava couro marrom-escuro. Sim, essas poderiam ser as feições de um Dançarino Facial. Havia vincos profundos propagando-se das extremidades dos olhos do homem, dos cantos da boca fina e na testa. Expandiam-se em torno do nariz chato, aprofundando a depressão de um queixo estreito. Rugas espalhavam-se por todo o rosto.

Odores apetitosos começaram a sair do objeto negro em frente de Ambitorm.

— Vamos comer aqui e esperar um pouco antes de prosseguirmos — ele disse.

Falava no Galach Antigo, mas com um sotaque gutural que Duncan nunca ouvira antes, dando uma ênfase curiosa às vogais adjacentes. Será que Ambitorm viera da Dispersão ou era nativo de Gammu? Obviamente, deviam ter aparecido muitos dialetos e variações linguísticas desde os dias do Muad'Dib. Quanto a isso, Duncan reconhecia que todas as pessoas do Castelo de Gammu, incluindo Teg e Lucilla, falavam um Galach ligeiramente diferente daquele que tinha aprendido em sua infância pré-ghola.

— Ambitorm — disse Duncan. — Esse é um nome de Gammu?

— Você vai me chamar de Tormsa.

— E um apelido?

— E o nome pelo qual deve me chamar.

— Por que aquelas pessoas lá atrás o chamavam de Ambitorm?

— Foi esse nome que lhes dei.

Mas por que...

— Você viveu sob o jugo dos Harkonnen e não aprendeu a mudar de identidade?

Duncan ficou em silêncio. Que significaria isso? Outro disfarce? Ambi... Tormsa não tinha mudado de aparência. Tormsa. Seria esse um nome Tleilaxu?

O guia estendeu a Duncan uma xícara fumegante.

— Uma bebida para restaurar suas forças, Wose. Beba depressa. Vai mantê-lo aquecido.

Duncan fechou as mãos em torno da xícara. "Wose. Wose e Tormsa. Um

Mestre Tleilaxu e seu acompanhante Dançarino Facial.”

Duncan ergueu a xícara em direção a Tormsa no antigo gesto Atreides entre companheiros de luta, então levou os lábios à borda. Quente! Mas esquentava seu corpo enquanto a engolia. Tinha um sabor doce associado a um gosto vegetal. Soprou e bebeu, depois de observar como Tormsa estava fazendo.

“E curioso que eu não suspeite de veneno ou droga”, pensou Duncan. Mas esse Tormsa e os outros, na noite passada, tinham algo do Bashar na maneira como agiam. O gesto a um companheiro de batalha viera naturalmente.

— Por que está arriscando a vida deste modo? — perguntou.

— Conhece o Bashar e precisa fazer essa pergunta?

Duncan ficou em silêncio, envergonhado.

Tormsa inclinou-se para diante e apanhou a xícara vazia. Logo, toda a evidência do lanche desaparecera sob as rochas e a terra.

Esse lanche revelava um planejamento cuidadoso, pensou Duncan. Ele se virou e se agachou no solo frio. A névoa continuava além da barreira de vegetação. Ramos nus de árvores que tinham perdido as folhas no inverno dividiam o panorama em curiosos fragmentos e peças. Enquanto Duncan observava, a neblina começou a se dissipar, revelando os contornos indistintos de uma cidade, na extremidade do vale.

Tormsa agachou-se ao lado dele.

— Cidade muito antiga ele disse. — Um lugar dos Harkonnen, olhe! — Passou a Duncan um pequeno monoscópio. — E para lá que vamos à noite.

Duncan colocou o monoscópio sobre o olho direito e tentou focalizar a lente de óleo. Os controles pareciam diferentes daqueles com que estava familiarizado. Era diferente dos que aprendera a usar em sua juventude pré-ghola ou no Castelo. Removeu o instrumento do olho e o examinou.

— Ixiano?

Não, nós o fizemos — respondeu Tormsa, enquanto apontava para dois minúsculos botões acima do tubo negro. — Lento, rápido Empurre o esquerdo para aproximar, o direito para recuar.

Novamente Duncan ergueu a lente para o olho.

A quem se referia ele ao dizer nós fizemos?

Um toque no botão de aproximação e a visão saltou ao seu olhar. Minúsculos pontos moviam-se na cidade. Gente! Aumentou a ampliação e as pessoas se transformaram em bonecos. Com elas para lhe dar o sentido de escala, Duncan percebeu que a cidade na extremidade do vale era imensa... e estava mais distante do que havia imaginado. Uma única estrutura retangular erguia-se no centro da cidade, seu topo sumindo nas nuvens. Gigantesca.

Duncan sabia agora que lugar era esse. A paisagem em volta havia

mudado, mas a estrutura central permanecia fixa em sua memória.

“Quantos de nós sumiram naquele buraco negro do inferno para nunca mais voltar?”

— Novecentos e cinquenta andares — disse Tormsa, vendo para onde o olhar de Duncan se dirigia. — Quarenta e cinco quilômetros de comprimento por trinta de largura. Toda em plasteel e plaz blindado.

— Eu sei. — Duncan abaixou o monoscópio e o devolveu a Tormsa.

— Era chamada de Barony.

— Ysai — disse Tormsa.

— E assim que a chamam agora. Eu tenho alguns nomes diferentes para ela.

Duncan respirou fundo e dominou os antigos ódios. Aqueles a quem odiara estavam todos mortos agora. Somente o prédio permanecia. E as memórias. Observou a cidade em torno da enorme estrutura. O lugar era uma extensão imensa de prédios baixos. Espaços verdes apareciam dispersos no meio, cada qual cercado por altos muros. Residências com parques particulares, dissera Teg. O monoscópio revelara guardas caminhando sobre os muros.

Tormsa cuspiu no chão diante dele.

— Lugar dos Harkonnen.

— Eles construíam para fazer as pessoas sentirem-se pequenas.

Tormsa concordou.

— Pequenas, sem poder.

O guia agora se tornara quase loquaz, pensou Duncan.

Ocasionalmente, durante a noite, ele desafiara a ordem de silêncio e tentara estabelecer uma conversa.

— Que animais fizeram estas passagens?

Parecera uma pergunta lógica de se fazer quando se caminhava por uma trilha de animais, sentindo-se o cheiro das feras.

— Não fale! — retrucara Tormsa.

Mais tarde Duncan perguntara por que não podiam obter um veículo de algum tipo e escapar nele. Até mesmo um carro de solo teria sido preferível a essa marcha dolorosa através de uma região onde um caminho parecia ser tão bom quanto qualquer outro.

Tormsa o detivera num trecho iluminado pelo luar e olhara para Duncan como se suspeitasse de que seu protegido se tivesse tornado subitamente desprovido de senso.

— Veículos podem ser seguidos!

— E ninguém pode seguir-nos quando andamos a pé?

— Quem segue também deve ir a pé. E aqui eles serão mortos. Eles

sabem.

Que lugar estranho! Que lugar primitivo.

Dentro do abrigo do Castelo da Bene Gesserit, Duncan não pudera perceber a natureza do planeta à sua volta. Depois, dentro do não-globo, também estivera isolado de qualquer contato com o mundo exterior. Tinha memórias pré-ghola e memórias como ghola, mas como eram inadequadas! Quando pensava nisso agora, percebia que tinham existido indícios que poderia ter examinado. Era óbvio, por exemplo, que Gammu dispunha de um controle climático muito rudimentar. E Teg dissera que os monitores orbitais, que guardavam o planeta contra ataques de fora, eram os melhores.

Tudo para a proteção e muito pouco para o conforto. Nisso era como Arrakis.

"Rakis", corrigiu-se.

Teg. Será que o velho tinha sobrevivido? Prisioneiro? Que significaria ser capturado pelo inimigo nessa época? No tempo dos Harkonnen, significara a escravidão brutal. Burzmali e Lucilla... Olhou para Tormsa.

— Vamos encontrar-nos com Burzmali e Lucila nessa cidade?

— Se eles conseguiram escapar.

Duncan olhou para suas roupas. Seriam um disfarce suficiente? Um Mestre Tleilaxu e seu companheiro? As pessoas pensariam que o companheiro era um Dançarino Facial, é claro. E Dançarmos Faciais eram perigosos.

As calças largas que usava eram feitas de um material que nunca tinha visto. Ao toque, lembrava a lã, mas ele sentia que era artificial. Quando cuspiu nele, a saliva não aderiu e o cheiro não foi o da lã. Seus dedos detectaram uma uniformidade de textura que nenhum material natural poderia ter. As botas longas e macias, assim como o chapéu, eram do mesmo tecido. As roupas eram largas e infladas, exceto nos tornozelos. Não eram acolchoadas, contudo. Eram isoladas do frio por algum truque na manufatura que prendia o ar quente entre camadas. A cor era um verde mosqueado e cinza, que constituía camuflagem excelente naquele lugar.

Tormsa vestia trajes semelhantes.

Quanto tempo vamos esperar aqui? — perguntou Duncan.

Tormsa sacudiu a cabeça, pedindo silêncio. O guia agora estava sentado, as pernas dobradas, os joelhos unidos, os braços envolvendo as pernas e a cabeça apoiada nos joelhos. Os olhos vigiavam o vale.

Durante a viagem noturna, Duncan achara as roupas extraordinariamente confortáveis. Exceto por aquele momento na água, seus pés tinham permanecido aquecidos, se bem que não em demasia. Havia espaço suficiente dentro das calças, do blusão e da jaqueta para o corpo movimentar-se livremente. Nada lhe

irritava a pele.

— Quem faz roupas assim? — perguntou.

— Nós as fazemos — grunhiu Tormsa. — Fique calado.

Isso não era diferente daqueles dias, antes do despertar, no Castelo da Irmandade, pensou Duncan. Tormsa estava dizendo: “Não há necessidade de você saber.”

Dai a pouco Tormsa esticou as pernas e endireitou o corpo. Parecia preparado para relaxar a vigilância. Olhou para Duncan.

— Amigos na cidade sinalizaram que há equipes de busca acima de nos.

— Tópteros?

— Sim.

— Então, o que vamos fazer?

— Deve repetir o que eu faço e nada mais.

— Você só está aí deitado.

— Por enquanto, mas logo vamos descer para o vale.

— Mas como?

— Quando você atravessa uma região como esta, deve fingir ser um dos animais que vivem aqui. Olhe os rastros e veja como eles caminham e como se deitam para descansar.

— Mas as equipes de busca não podem perceber à diferença entre...

— Se os animais pastam, você imita os movimentos de pastagem. Se a busca vier, você continua fazendo isso, fazendo o que um animal faria. Aqueles que nos procuram vão estar voando muito alto no céu. Sorte nossa. Não podem distinguir seres humanos de animais, a menos que desçam.

— E eles não vão.

— Eles confiam em suas máquinas e nos movimentos que podem ver. São preguiçosos. Voam muito alto. Desse modo a busca termina mais cedo. Confiam em sua própria inteligência para ler os instrumentos e distinguir o que é animal do que é humano.

— De modo que passarão por nós se acharem que somos animais selvagens.

— Se tiverem dúvidas, farão uma segunda varredura. Não devemos mudar o padrão de nossos movimentos depois de sermos observados.

Era um longo discurso para o taciturno Tormsa. Examinou Duncan com cuidado.

— Está entendendo?

— Como se sabe quando eles estão nos observando com os instrumentos de varredura?

— Você sente uma comichão nas tripas. Sente em seu estômago o

fervilhar de uma bebida que homem nenhum engoliria.

Duncan assentiu com a cabeça.

— Detectores Ixianos.

— Não se deixe assustar por isso. Os animais aqui estão acostumados. Às vezes eles podem parar, mas apenas por um instante, e então continuam aquilo que estavam fazendo, como se nada tivesse acontecido. Algo que para eles é verdade. É só para nós que alguma coisa má poderia acontecer.

Dai a pouco Tormsa levantou-se.

— Vamos descer para o vale agora. Siga-me de perto. Faça exatamente aquilo que eu fizer e nada mais.

Duncan seguiu o passo de seu guia. Logo se encontravam sob a cobertura das árvores. Em algum ponto de sua caminhada noturna, Duncan passara a aceitar este lugar como aceitava os outros. Havia um novo sentimento de paciência em sua mente. E havia a excitação estimulada pela curiosidade.

Que tipo de universo se desenvolvera desde o tempo dos Atreides? “Gammu.” Que lugar estranho se tornara Giedi Prime.

De modo lento mas distinto, as coisas estavam se revelando, e cada nova descoberta abria a mente para outras coisas que podiam ser aprendidas. Podia sentir os padrões tomando forma. Um dia, acreditava, existirá apenas um padrão, e nesse dia ele saberia por que o tinham trazido de volta à vida.

Sim, era uma questão de abrir novas portas. Você abre uma e ela o conduz a um lugar onde existem novas portas. Você escolhe uma delas e examina o que lhe revelou. Pode haver ocasiões em que seja forçado a tentar abrir todas as portas, mas, quanto mais portas você abrir, mais certezas passará a ter quanto a que porta deverá abrir em seguida. E finalmente se abrirá uma porta para um lugar que você reconhecerá. “Ah”, você vai exclamar, “isto explica tudo.”

— A equipe de busca vem vindo! — avisou Tormsa. — Agora somos animais pastando.

Estendeu a mão para o capim que os cobria e tirou um raminho.

Duncan fez o mesmo.

38

Devo governar com o olho e com a garra — como um falcão entre pássaros inferiores.

— Declaração Atreides, (Ref: Arquivos BG)

Ao raiar do dia, Teg saiu de trás dos quebra-ventos que o tinham ocultado, à beira da estrada principal. A estrada era larga, uma via plana com piso endurecido d feixe e desprovida de qualquer vegetação. Dez pistas, estimou Teg, adequada para veículos e tráfego de pedestres. A maior parte do tráfego a essa hora era de pedestres.

Ele havia limpado as roupas de quase toda a poeira e se certificado de que não tinham divisas de posto. Seu cabelo grisalho não estava tão bem penteado quanto gostaria, mas tinha apenas os dedos para usar como pente.

O tráfego na estrada dirigia-se para a cidade de Ysai, que ficava a muitos quilômetros de distância, no interior do vale. O céu da manhã apresentava-se sem nuvens. Uma brisa suave que lhe atingia o rosto vinda do mar, que ficava em algum lugar bem atrás.

Durante a noite ele atingira um equilíbrio delicado com sua nova consciência. As coisas surgiam em segundos na sua percepção. Percebia as coisas à sua volta antes que elas acontecessem, tinha consciência de onde devia colocar o pé antes de cada passo. E por atrás disso se encontrava aquele gatilho reativo que poderia fazê-lo movimentar-se a uma velocidade que a carne não devia ser capaz de suportar. A razão não podia explicar uma coisa dessas. Sentia-se caminhando precariamente no fio de uma navalha.

Embora tentasse, não era capaz de explicar o que lhe acontecera sob a ação da sonda-T. Seria semelhante ao que uma Reverenda Madre experimentava durante a agonia da especiaria? Mas ele não sentia qualquer acumulação de Outras Memórias de seu passado. Achava que as Irmãs não seriam capazes de fazer o que ele fizera. A dupla visão que lhe permitia antecipar cada movimento ao alcance de seus sentidos parecia um tipo novo de verdade.

Os professores Mentat de Teg lhe haviam garantido a existência de uma forma de verdade cuja prova não poderia ser obtida pela reunião costumeira de fatos. Ela aparecia algumas vezes em fábulas e na poesia, e frequentemente agia

contrariamente aos desejos.

— É a experiência mais difícil de ser aceita por um Mentat — disseram-lhe.

Teg sempre reservara sua própria opinião a respeito disso, mas agora era forçado a aceitar. A sonda-T impulsionara-o até o limiar de uma nova realidade.

Não sabia por que tinha escolhido esse momento em particular para sair do esconderijo, exceto por ser uma hora em que podia confundir-se com o fluxo humano normal.

A maior parte do tráfego na estrada era formada por agricultores puxando cestos de frutas e verduras. Os cestos eram sustentados atrás deles por suspensores baratos. A percepção de toda aquela comida lembrou-o da fome aguda que sentia, mas Teg se dominou. Com a experiência obtida em mundos mais primitivos que visitara durante seu longo serviço para a Bene Gesserit, percebia que essa atividade humana não era muito diferente da executada por fazendeiros puxando animais carregados. Esse fluxo de pedestres parecia-lhe uma curiosa mistura do antigo com o moderno — agricultores andando a pé, seus produtos flutuando atrás deles, sustentados por engenhos tecnológicos perfeitamente comuns. Exceto pelos suspensores antigravidade, era uma cena muito semelhante a outras que se haviam desenrolado no passado mais distante da humanidade. Um animal de carga era um animal de carga, mesmo que fosse produzido na linha de montagem de uma fábrica Ixiana.

Usando sua segunda visão, Teg escolheu um dos agricultores, sujeito atarracado, de pele escura, com feições brutas e mãos cheias de calos. O homem caminhava com uma impressão de independência desafiadora. Puxava oito grandes cestos cheios de melões de casca grossa. O cheiro deles era uma agonia para Teg, enchendo-lhe a boca de saliva enquanto ele igualava o passo com o do agricultor. Caminhou em silêncio por alguns minutos e então arriscou:

— Esta á a melhor estrada para Ysai?

— É um longo caminho — respondeu o homem.

Tinha voz gutural, com um tom de cautela.

Teg olhou para os cestos carregados.

O agricultor olhou de lado para ele.

— Nós vamos para um mercado. Outros levarão nossos produtos de lá para Ysai.

Enquanto conversavam, Teg percebeu que o agricultor havia guiado (quase pastoreado) seu passo para a beira da estrada. O homem olhou para trás e acenou levemente com a cabeça, fazendo um sinal para a frente. Mais três agricultores vieram colocar-se ao lado deles, cercando Teg e seu companheiro até os cestos ocultarem-nos do resto do tráfego.

Teg ficou tenso. Que estariam eles planejando? Entretanto, não sentia qualquer ameaça. Sua dupla visão não detectava nada de violento em sua vizinhança imediata.

Um veículo pesado ultrapassou-os em alta velocidade. Teg percebeu sua passagem apenas pelo cheiro de combustível queimado e pelo vento que sacudiu os cestos. Ouviu a batida de um motor poderoso e percebeu a súbita tensão em seus companheiros. Mas os altos cestos ocultaram totalmente a passagem do veículo.

— Estávamos à sua procura para protegê-lo, Bashar — disse o agricultor ao lado dele. — Existem muitos que o estão caçando, mas não há nenhum deles conosco agora.

Teg olhou espantado para o homem.

Nós servimos com o senhor em Renditai — explicou o agricultor.

Teg engoliu em seco. “Renditai?” levou um momento para se lembrar — apenas uma escaramuça menor em sua longa carreira de conflitos e negociações.

— Sinto muito, mas não me lembro do seu nome — ele disse.

— Sinta-se feliz por não se lembrar de nossos nomes. E melhor assim.

— Mas fico grato assim mesmo.

— Esta é uma pequena retribuição pelo que fez por nós. Algo que ficamos gratos em poder retribuir.

— Eu devo chegar a Ysai.

— É perigoso lá.

— Há perigo em toda a parte.

— Nós calculamos que fosse para Ysai. Alguém vai chegar logo e levá-lo escondido. Ah, aí vem ele. Nós não o vimos por aqui, Bashar, o senhor não esteve aqui.

Um dos agricultores encarregou-se de puxar a carga do companheiro, arrastando dois cordões de cestos, enquanto o agricultor que Teg tinha escolhido fez com que ele passasse por baixo de uma corda de reboque e entrasse num veículo preto. Teg teve um vislumbre de plasteel e plaz brilhantes enquanto o veículo reduzia a velocidade apenas o suficiente para apanhá-lo. A porta fechou-se rapidamente atrás dele e Teg se encontrou sobre um macio assento acolchoado, sozinho na traseira de um carro de solo. O veículo acelerou e logo ele perdeu de vista o grupo de agricultores. As janelas em torno de Teg tinham sido escurecidas, de modo que ele tinha uma visão crepuscular do cenário passando lá fora. O motorista era uma silhueta escura.

Era sua primeira chance de relaxar em meio a um cálido conforto desde a sua captura, e isso quase o fez adormecer. Não sentia qualquer ameaça. Seu corpo ainda doía, relembrando as agonias da sonda-T.

Disse a si mesmo, contudo, que precisava ficar acordado e alerta.

O motorista inclinou-se para trás e falou sobre o ombro sem se virar:

— Há dois dias que eles o estão caçando, Bashar. Alguns pensam que já fugiu do planeta.

“Dois dias?”

A arma atordoadora ou qualquer outra coisa que tinham feito com ele o deixara desacordado por longo tempo. Isso só aumentava a sua fome. Tentou visualizar o mostrador do cronógrafo que tinha implantado em seu corpo, fazendo-o projetar os números diretamente em seus centros visuais, mas só conseguiu um tremular, como acontecia sempre que tentava visualizar essa projeção, desde que fora submetido à sonda-T. Todas as suas referências e sua noção de tempo tinham sido modificadas.

“Então alguns deles acham que já abandonei Gammu?

Teg não perguntou quem o estava caçando. Tleilaxu e gente da Dispersão tinham estado presentes no ataque e na tortura subsequente.

Teg examinou seu meio de transporte. Era um daqueles lindos carros de solo dos dias anteriores à Dispersão, com a marca dos melhores fabricantes Ixianos. Nunca andara num desses, mas sabia a respeito deles. Restauradores compravam-nos para reformá-los e reconstruí-los — tudo que pudessem fazer para recuperar aquele antigo sentimento de qualidade. Tinham contado a Teg que tais veículos eram frequentemente encontrados abandonados em lugares estranhos — velhos prédios em ruínas, galerias, depósitos de máquinas, campos de fazendas.

Novamente o motorista se inclinou para o lado e falou por sobre o ombro:

— Há um endereço aonde deseje ser levado quando chegarmos a Ysai, Bashar?

Teg lembrou os pontos de contato que identificara em sua primeira viagem de inspeção em Gammu e deu um desses endereços ao homem.

— Conhece o lugar?

— É principalmente um estabelecimento para encontros, onde servem bebidas, Bashar. Já ouvi dizer que servem boa comida também, mas qualquer um pode entrar se pagar o preço.

Sem saber por que tinha feito essa escolha em particular, Teg disse:

— Vamos arriscar.

Não achou necessário dizer ao motorista que naquele endereço também havia salas de jantar particulares.

A menção da comida trouxe de volta a fome. Os braços de Teg começaram a tremer e ele levou vários minutos para controlá-los. As atividades da noite anterior quase o tinham esgotado, percebia agora. Examinou com o

olhar o interior do carro, imaginando se poderia haver comida ou bebida guardada ali em algum lugar. O trabalho de restauração do carro tinha sido feito com um cuidado apaixonado, mas ele não encontrou qualquer compartimento oculto.

Tais carros não eram exatamente raros em certos ambientes, mas sua posse sempre fora sinal de riqueza. Quem seria o dono deste? Não era o motorista, disso tinha certeza. Ele apresentava todos os sinais de ser um profissional contratado. Mas fora enviada uma mensagem para trazer esse carro, então outros conheciam a sua localização.

— Será que vão nos deter para revistar o carro? — perguntou ele.

— Não este carro. Ele pertence ao Banco Planetário de Gammu.

Teg absorveu em silêncio essa informação. Esse banco tinha sido um de seus pontos de contato. Havia estudado cuidadosamente a localização das filiais mais importantes durante sua inspeção. Tal lembrança conduziu-o de volta às suas responsabilidades como guardião do ghola.

— Meus companheiros — arriscou. — Eles.

— Outros estão encarregados deles. Eu não sei dizer, Bashar.

— Podem enviar uma mensagem para.

— Quando for seguro, Bashar.

— E claro.

Teg afundou de novo no estofamento e observou o ambiente à sua volta. Esses carros de solo tinham sido construídos com muito plaz e um plasteel quase indestrutível. Eram outras coisas que se estragavam com o tempo — o estofamento, os componentes eletrônicos, a instalação dos suspensores, os revestimentos ablativos e os dutos dos turboventiladores. E os adesivos se estragavam, não importava o que se fizesse para tentar conservá-los. Os restauradores, contudo, tinham feito esse parecer como se tivesse acabado de sair da fábrica — todo ú polimentos dos metais, o estofamento que se ajustava ao seu corpo com um ruído de coisa nova se dobrando. E o cheiro: aquele aroma indefinível de coisa nova, mistura de polimento e tecidos finos com apenas um toque de ozônio a indicar a eletrônica funcionando impecavelmente. Mas em parte alguma havia cheiro de comida.

— Quanto tempo até chegarmos a Ysai? — perguntou ele.

— Outra meia hora, Bashar. Há algum problema que exija maior velocidade? Não quero atrair...

— Estou com muita fome.

O motorista olhou para a esquerda e para a direita. Não havia mais agricultores em torno deles. A estrada estava quase vazia, exceto por dois casulos de transporte pesado com seus reboques propulsores mantendo-se na

pista da extrema direita e um grande caminhão carregando um alto apanhador de frutas automático.

— É perigoso nos atrasarmos — disse o motorista. — Mas conheço um lugar onde acho que pelo menos poderemos conseguir uma tigela de sopa.

— Qualquer coisa seria ótimo. É que eu não como há dois dias e fiz um bocado de exercício.

Chegaram a uma encruzilhada e o motorista virou para a esquerda, pegando uma estrada estreita através de um bosque de coníferas altas e igualmente espaçadas. Daí a pouco viraram numa estrada de pista única que penetrava entre árvores. O prédio baixo na extremidade desse caminho fora construído com pedras escuras e tinha um teto de plaz negro. As janelas eram estreitas e brilhavam com os canos de queimadores de proteção.

O motorista disse:

— Só um minuto, senhor.

Saiu e Teg obteve sua primeira visão da face do homem: extremamente magra, com nariz grande e boca pequena. As cicatrizes visíveis de uma reconstrução cirúrgica percorriam as maçãs do rosto. Os olhos tinham um brilho prateado obviamente artificial. O sujeito virou-se e foi para a casa. Quando voltou, abriu a porta de Teg.

— Por favor se apresse, senhor. O sujeito lá dentro está esquentando uma sopa para o senhor. Eu disse a ele que é um banqueiro. Não vai precisar pagar.

O solo estava congelado sob seus pés e Teg teve que andar curvado para a frente até alcançar a porta. Entrou por um corredor escuro, revestido de madeira e com um salão bem iluminado no final. O cheiro de comida o atraiu como um ímã. Seus braços estavam tremendo uma vez mais. Uma pequena mesa fora arrumada junto a uma janela que revelava um jardim interior fechado e coberto. Arbustos cheios de flores vermelhas quase escondiam o muro de pedras que definia os limites do jardim. Plaz quente amarelo brilhava acima desse espaço, banhando-o com a luz de um verão artificial. Teg deu graças por se sentar na única cadeira junto da mesa. Toalha de linho branco com bordas trabalhadas em relevo. Uma única colher de sopa.

Uma porta estalou à direita e uma figura atarracada entrou, carregando uma tigela que exalava vapor. O homem hesitou quando viu Teg, depois trouxe a tigela, colocando-a na mesa diante dele. Alertado por aquela hesitação, Teg forçou-se a ignorar o aroma tentador que flutuava para suas narinas e em vez disso se concentrou no outro.

— É uma boa sopa, senhor. Eu a preparei pessoalmente.

Voz artificial. Teg viu as cicatrizes em torno da mandíbula. Havia uma aparência de algo antigo e mecânico nesse homem — uma cabeça quase

desprovida de pescoço prendendo-se a ombros fortes e braços que pareciam ter juntas estranhas nos cotovelos e nos ombros. E as pernas pareciam articular-se apenas a partir dos quadris. Estava imóvel agora, mas tinha entrado com um andar oscilante e espasmódico que revelava que esse sujeito era feito quase inteiramente de próteses. A expressão de sofrimento nos olhos não podia ser ignorada.

— Sei que não sou nada bonito, senhor — disse o homem com voz rouca. — Fiquei arruinado na explosão de Alajory.

Teg não tinha a menor idéia do que poderia ter sido a explosão de Alajory, mas o sujeito obviamente presumia que ele sabia a respeito. “Arruinado”, entretanto, constituía uma acusação curiosa contra o Destino.

— Eu estava me perguntando se o conheço de algum lugar — disse Teg.

— Ninguém aqui conhece mais ninguém — retrucou o homem. — Tome sua sopa. — Apontou para o teto, em direção à ponta enrolada de um farejador ativado, o brilho de suas luzes revelando que o instrumento estava sondando o ambiente e não detectava qualquer veneno.

— A comida é segura aqui.

Teg olhou para o líquido marrom-escuro em sua tigela. Pedaços de carne sólida eram visíveis. Estendeu a mão para colher, mas sua mão trêmula o obrigou a fazer duas tentativas antes mesmo que pudesse segurá-la. Ainda assim, derramou a maior parte do líquido na colher antes que pudesse erguê-la um milímetro.

Uma mão firme segurou-lhe o pulso e a voz artificial falou, tranquilizadora, junto de seu ouvido:

— Não sei o que eles fizeram com o senhor, Bashar, mas ninguém irá feri-lo sem antes passar por cima do meu cadáver.

— Você me conhece?

— Muitos morreriam pelo senhor, bashar. Meu filho vive graças ao senhor.

Teg deixou que o homem o ajudasse. Não tinha outra alternativa para conseguir engolir a primeira colheirada da sopa. O líquido era saboroso, quente e nutritivo. Sua mão firmou-se daí a pouco e ele fez sinal para que o homem lhe soltasse o pulso.

— Quer mais, senhor?

Teg percebeu que tinha esvaziado a tigela. Era uma tentação dizer “sim”, mas o motorista tinha dito para andar depressa.

— Muito obrigado, mas tenho que seguir em frente.

— O senhor não esteve aqui — disse o homem.

Depois que tinham retornado à estrada principal, Teg recostou-se nas

almofadas do carro e refletiu sobre o curioso caráter repetitivo daquilo que o homem arruinado lhe dissera. Eram as mesmas palavras que o agricultor tinha usado: “O senhor não esteve aqui.” Tinha a impressão de que essa era uma resposta comum agora, e ela revelava algo das mudanças por que passara Gammu desde sua viagem de inspeção.

Daí a pouco penetravam nos subúrbios de Ysai e Teg se perguntou se deveria tentar usar um disfarce. O homem arruinado o reconhecera prontamente.

— Onde as Honradas Madres estão me procurando agora? — perguntou.

— Elas o estão caçando por toda parte, Bashar. Não posso garantir a sua segurança, mas medidas estão sendo tomadas. Informarei onde o deixei.

— Elas dizem por que estão me caçando?

— Elas nunca explicam nada, Bashar.

— Há quanto tempo está em Gammu?

— Há muito tempo, senhor. Eu era criança e fui interno em Renditai.

“Cem anos se passaram”, pensou Teg. “Tempo para reunir muito poder em suas mãos... se é que se deve dar crédito aos temores de Taraza”

E Teg lhes dava crédito.

“Não confie em ninguém que possa ter sido influenciado por essas prostitutas.”

Não sentia qualquer ameaça imediata em sua presente situação. Podia apenas perceber o segredo que obviamente o envolvia agora. Não pressionou por maiores detalhes.

Estavam bem dentro de Ysai e ele podia vislumbrar agora a massa negra que alojara o antigo Baronato dos Harkonnen através de aberturas ocasionais nos muros das grandes residências particulares. O carro entrou numa rua de pequenos estabelecimentos comerciais: prédios baratos construídos em sua maior parte com material de sucata que revelava suas origens nos encaixes malfeitos e nas cores desiguais. Anúncios vistosos advertiam que as mercadorias lá dentro eram as mais finas e os serviços de consertos, melhores que em qualquer outro lugar.

Não era que Ysai se tivesse deteriorado ou mesmo se tornado um conjunto de cortiços. O crescimento da cidade fora direcionado para alguma coisa pior do que feia. Alguém escolhera tornar esse lugar repelente. Essa era a explicação para a maior parte do que tinha visto até então.

O Tempo não tinha parado nesta cidade, tinha recuado. Não era uma cidade moderna, com reluzentes casulos transportadores e prédios utilitários isolados. Era uma massa desconjuntada de antigos prédios unidos a prédios mais antigos ainda, alguns erguidos de acordo com preferências individuais, outros para alguma função que há muito tempo caíra em desuso. Tudo em Ysai era

apinhado para manter uma proximidade cuja confusão por pouco evitava o caos. O que salvava era o antigo padrão de vias principais ao longo das quais essa mixórdia fora montada. O caos fora contido, mas o padrão que restava nas ruas não obedecia mais a qualquer planejamento. Ruas encontravam-se e se cruzavam em ângulos irregulares, com raras praças. Visto do ar, o lugar seria uma louca colcha de retalhos, com apenas o retângulo negro da antiga sede do Baronato para revelar algum plano de urbanização organizada. O resto era uma rebelião arquitetônica.

Teg percebeu de repente que esse lugar era uma mentira armada em cima de outras mentiras, baseadas em mentiras anteriores, tudo formando uma louca mixórdia que nunca seria possível desenredar para encontrar uma verdade útil. Tudo em Gammu estava desse modo. E onde teria começado tamanha insanidade? Teria sido obra dos Harkonnen?

Chegamos, senhor.

O motorista parou diante da calçada de um prédio sem janelas, todo feito em plasteel negro liso e com uma única porta ao nível do solo. Não havia material de sucata nessa construção. Teg reconheceu o lugar. Era o esconderijo que tinha escolhido. Coisas não-identificadas tremeluziram em sua segunda visão, mas Teg não sentiu qualquer ameaça imediata. O motorista abriu a porta para ele e ficou de lado.

— Não há muita atividade por aqui a esta hora, senhor. Eu entraria depressa.

Sem olhar para trás, Teg atravessou a calçada estreita e entrou no prédio. Encontrou um vestíbulo pequeno e brilhantemente iluminado, feito de plaz branco, e somente painéis de olhos comunicadores para recebê-lo. Entrou num tubo elevador e teclou as coordenadas de que se recordava. Esse tubo, se bem se lembrava, subia em ângulo através do prédio até o 57° andar, na parte de trás, onde havia algumas janelas. lembrava-se de um restaurante reservado, decorado em vermelhos-escuros e com mobília marrom, de uma mulher de olhar duro demonstrando os indícios óbvios do treinamento Bene Gesserit, mas que não era ainda uma Reverenda Madre.

O tubo deixou-o no lugar de que se lembrava, mas não havia ninguém para recebê-lo. Teg olhou em volta, observando a mobília sólida. Quatro janelas na parede oposta estavam ocultas por espessas cortinas marrons.

Sabia que tinha sido visto. Aguardou pacientemente, usando a dupla visão, recém-aprendida para prever qualquer dificuldade. Não havia qualquer indício de ataque. Tomou posição ao lado da saída do tubo elevador e olhou à sua volta uma vez mais.

Teg tinha uma teoria a respeito da relação entre salas e janelas — o

número de janelas, sua disposição, tamanho e altura a partir do piso, a relação entre o tamanho do aposento e o das janelas, a altura em se situava o andar e o fato de as janelas possuírem cortinas ou não, tudo isso um Mentat interpretava à luz do conhecimento dos usos do aposento. Este podia ser arrumado com um sentido de ordem meticuloso, definido por uma extrema sofisticação. E claro que usos de emergência podiam acabar com tudo isso, mas de outro modo era possível obter indícios muito confiáveis.

A falta de janelas num aposento muito acima do nível do solo, por exemplo, transmitia uma mensagem especial. Se pessoas ocupavam esse aposento, isso não significava necessariamente que o segredo e a privacidade fossem seu objetivo principal. Ele tinha visto sinais inconfundíveis, em locais de estudo, de que salas de aula sem janelas significavam um desejo de isolamento com relação ao mundo exterior ou uma forte declaração de aversão a crianças.

Mas esse aposento lhe apresentava algo diferente: um segredo provisório mais a necessidade ocasional de vigiar o que acontecia no mundo exterior. “Privacidade protetora quando necessário.” Essa opinião foi reforçada quando ele andou até uma das janelas e afastou a cortina. As janelas eram de plaz blindado triplo. Sim! Isso significava que vigiar o mundo exterior poderia ser um convite ao ataque. Essa era a opinião de quem tinha ordenado que esse lugar fosse protegido desse modo.

Uma vez mais Teg afastou a cortina. Olhou para os cantos. Refletores prismáticos ampliavam a visão ao longo da parede adjacente em ambos os lados e do telhado até o solo.

“Muito hábil.”

Sua visita anterior não lhe dera tempo para um exame tão minucioso. Agora podia fazer um julgamento mais preciso. Uma sala muito interessante. Teg deixou cair a cortina e se virou bem a tempo de ver um homem entrar pelo tuboelevador.

A dupla visão de Teg forneceu-lhe uma previsão precisa sobre o estranho. Esse homem representava um perigo oculto. O recém-chegado era evidentemente um militar o modo como andava, o olhar rápido em busca de detalhes que somente um oficial treinado e cheio de experiência observaria. E havia mais alguma coisa nos seus modos que fez Teg enrijecer-se. Este era um traidor! Um mercenário que se colocava a serviço de quem pagasse mais.

— Foi terrível o modo como eles o trataram — disse ele para Teg.

A voz era de um barítono profundo com a inconsciente presunção de poder pessoal. O sotaque era de uma variedade que Teg nunca ouvira antes. Esse homem era um dos Perdidos da Dispersão! Um Bashar ou coisa equivalente, estimou Teg.

Ainda assim não havia nele qualquer indício de ataque imediato. Como Teg não disse esse nada, o homem apresentou-se:

— Oh, desculpe-me. Sou Muzzafar. Jafa Muzzafar, comandante regional das forças de Dur.

Teg nunca tinha ouvido falar nas forças de Dur.

Havia um monte de perguntas em sua cabeça, mas ele as manteve para si mesmo. Qualquer coisa que dissesse poderia ser um sinal de fraqueza.

Onde estariam as pessoas que havia encontrado ali anteriormente? "Por que escolhi este lugar?" A decisão de ir para lá fora tomada com muita segurança interior.

— Por favor, fique à vontade — disse Muzzafar, indicando um pequeno divã com uma mesa baixa em frente. — Eu lhe asseguro que nada do que lhe aconteceu foi responsabilidade minha. Tentei detê-los quando soube, mas então você já tinha... saído de lá.

Teg percebeu outra coisa na voz de Muzzafar: uma cautela que chegava às raias do medo. Então esse homem ouvira falar ou tinha visto o barracão e a clareira.

— Foi muito hábil da parte de vocês — continuou Muzzafar. — Fazer com que suas forças de ataques esperassem até que seus captores estivessem concentrados na tarefa de tentar arrancar-lhe informações. Eles conseguiram tirar alguma coisa?

Teg sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Sentia-se à beira de responder com um ataque na sua alta velocidade, mas não sentia qualquer violência imediata nesse lugar. Que estariam fazendo os Perdidos? Muzzafar e sua gente tinham feito uma suposição errada quanto ao que acontecera no barracão da sonda-T. isso era óbvio.

— Por favor, sente-se — pediu Muzzafar.

Teg sentou-se no divã oferecido.

Muzzafar escolheu uma cadeira de frente para ele, colocando-se num pequeno ângulo em relação à mesinha de refeições. Havia em Muzzafar uma impressão de animal agachado, pronto a dar o bote. Ele estava preparado para a violência.

Teg observou o homem com interesse. Muzzafar não revelara nenhum posto verdadeiro — somente o de comandante. Alto, rosto vermelho e largo, nariz grande. Os olhos eram cinza-esverdeados e tinham o costume de se focalizar num ponto logo atrás do ombro direito de Teg quando um dos dois falava. Teg conhecera certa vez um espião que era dado a esse tipo de coisa.

— Bem, bem — disse Muzzafar. — Já li e ouvi um bocado a seu respeito desde que vim para cá.

Teg continuou a examiná-lo em silêncio. O cabelo de Muzzafar tinha sido cortado rente e havia uma cicatriz vermelha, de uns três centímetros de comprimento, acima do olho esquerdo, bem na linha do couro cabeludo. Usava uma jaqueta folgada de cor verde-clara e calças que combinavam com ela — não era exatamente um uniforme, mas estava tão bem passado que revelava um asseio costumeiro. Os sapatos engraxados confirmavam isso. Teg achou que poderia ver neles o próprio reflexo caso se curvasse o suficiente.

— Nunca esperei conhecê-lo pessoalmente, é claro — continuou Muzzafar. — Considero isto uma grande honra.

— Sei muito pouco a seu respeito, exceto que comanda uma das forças da Dispersão — disse Teg.

— Hummmm! Não é muito realmente.

Uma vez mais a fome assaltou Teg. Seu olhar voltou-se para o botão ao lado do tubo elevador que, lembrava-se, chamaria um serviçal. Esse era um lugar onde seres humanos faziam o trabalho que normalmente seria entregue aos autômatos — uma desculpa para manter uma grande força reunida e pronta.

Interpretando mal o interesse de Teg no tubo elevador, Muzzafar disse:

— Por favor, não pense em partir. Pedi ao meu médico que viesse dar uma olhada em você. Ele deve chegar num momento. Apreciaria se esperasse calmamente até ele chegar.

— Eu estava apenas pensando em ordenar um pouco de comida — disse Teg.

— Eu o aconselho a esperar até que o doutor faça o seu exame. Atordoadores deixam terríveis efeitos secundários.

— Então sabe o que aconteceu?

— Sei tudo a respeito daquele terrível fiasco. Você e seu camarada Burzmali são uma força para se respeitar.

Antes que Teg pudesse responder, um homem alto saiu do tubo elevador, vestido com jaqueta e um macacão vermelhos. Era tão magro que a roupa ficava folgada nele. A tatuagem em forma de diamante, indicando um médico Suk, fora marcada a fogo em sua testa, mas a marca era de cor laranja, e não do negro habitual. Os olhos do médico estavam cobertos por lentes alaranjadas brilhantes que ocultavam sua verdadeira cor.

“Um viciado de algum tipo?”, perguntou-se Teg. Não havia cheiro dos narcóticos familiares no homem, nem mesmo de melange. Mas havia um perfume azedo, como se fosse proveniente de alguma fruta.

— Ah, ai está você, Solitz! — disse Muzzafar. Indicou Teg. — Dê-lhe uma boa varredura. Um atordoador o atingiu anteontem.

Solitz exibiu um aparelho que Teg reconheceu como um detector Suk,

instrumento pequeno e compacto que cabia na palma da mão. Seu campo de sondagem produzia um zumbido baixo.

— Então você é um médico Suk — disse Teg, olhando para a marca alaranjada na testa do homem.

— Sim, Bashar. Meu treinamento e meu condicionamento são os melhores de acordo com a antiga tradição.

— Nunca tinha visto a marca identificadora dessa cor — comentou Teg.

O médico passou o instrumento em torno da cabeça de Teg.

— A cor da tatuagem não faz diferença, Bashar. O que está por trás é o que importa.

Ele abaixou o scanner para examinar os ombros de Teg e depois o corpo.

Teg esperou até que o zumbido parasse.

O médico recuou e se dirigiu a Muzzafar.

— Ele está em boa forma, Marechal-de-Campo. Extraordinariamente em forma, considerando-se a idade, mas precisa desesperadamente de alimentação.

— Sim... bem, isso é ótimo, Solitz. Cuide para que ele receba alimento. O Bashar é nosso hóspede.

— Vou ordenar que lhe tragam uma refeição adequada para suas necessidades — disse Solitz. — Coma lentamente, Bashar.

Solitz fez uma careta esperta que fez as calças e a jaqueta estremecerem. Depois o tubo elevador o engoliu.

— Marechal-de-Campo? — perguntou Teg.

— Houve um retorno aos títulos ancestrais em Dur — explicou Muzzafar.

— Em Dur? — perguntou Teg.

— Oh, que estupidez a minha!

Muzzafar tirou uma pequena pasta de um bolso lateral da jaqueta e de dentro extraiu um folheto. Teg reconheceu um holostato semelhante ao que tinha carregado consigo durante seu longo tempo de serviço — imagens do lar e da família. Muzzafar colocou o holostato em cima da mesa entre eles e acionou o botão de controle.

A imagem colorida, tridimensional, de uma floresta verde tomou conta do topo da mesa.

— Meu lar — explicou Muzzafar. — Olhe a árvore modeladora no centro. — Indicou com o dedo um lugar na projeção.— Foi a primeira que me obedeceu. As pessoas riam de mim por escolher a primeira daquele modo e ficar com ela.

Teg olhou para a projeção, consciente da profunda tristeza que havia na voz de Muzzafar. A árvore indicada era um agrupamento de ramos esqueléticos com bulbos azuis brilhantes pendendo das pontas.

“Árvore modeladora?”

— E uma coisa esquálida, eu sei — disse Muzzafar, tirando o dedo da projeção. — E não é nem um pouco segura. Tive que me defender sozinho algumas vezes nos meus primeiros meses com ela. Mas acabei me orgulhando dela. Eles correspondem a isso, você sabe. É agora o melhor lar dos vales profundos, pela Rocha Eterna de Dur!

Muzzafar olhou para a expressão intrigada de Teg.

— Ora bolas! Vocês não têm árvores modeladoras, é claro. Perdoe minha terrível ignorância. Nós temos um bocado para ensinar um ao outro.

— Você chamou aquilo de lar? — perguntou Teg.

— Oh sim. Com o controle adequado, uma vez que elas aprendem a obedecer, é claro, as árvores modeladoras crescem para se transformarem em magníficas residências. Só leva uns quatro ou cinco Anos Padrão.

“Padrão”, pensou Teg. Então os Perdidos ainda usavam o Ano Padrão.

O tubo elevador assoviou e uma jovem usando um vestido azul de criada entrou de costas na sala, puxando um casulo aquecido que flutuava em suspensores antigravidade. Ela o colocou perto da mesa diante de Teg. Suas roupas eram do tipo que ele vira em sua viagem de inspeção, mas o rosto redondo e agradável que ela voltou em sua direção não era familiar. O crânio da moça tinha sido depilado, mostrando uma extensão de veias dilatadas. Seus olhos eram de um azul aquoso e havia algo de amedrontado em sua postura. Ela abriu o casulo aquecido e o odor temperado da comida flutuou até as narinas de Teg.

Teg estava alerta, mas não sentiu qualquer ameaça imediata. Podia visualizar-se comendo aquela comida sem qualquer perigo posterior.

A moça colocou uma fileira de pratos na mesa diante dele e arrumou os talheres com cuidado de um lado.

— Eu não tenho farejador, mas posso provar a comida se desejar — disse Muzzafar.

— Não é necessário — disse Teg.

Sabia que isso ia levantar suspeitas, mas achava que eles iriam pensar que ele era um Revelador da Verdade. Seu olhar voltou-se para a comida. Sem qualquer decisão consciente, curvou-se para a frente e começou a comer. Estando familiarizado com a fome-Mentat, suas próprias reações o surpreendiam. Usar o cérebro à maneira Mentat consumia calorias a uma taxa alarmante, mas havia agora uma nova necessidade a impulsioná-lo. Sentia sua própria sobrevivência a controlar suas ações. Essa fome ia além de qualquer coisa que tivesse experimentado anteriormente. A sopa que tomara com cautela na casa do homem arrumado não tinha provocado uma reação como essa.

“O médico Suk escolheu corretamente”, pensou Teg. Essa comida fora selecionada a partir do diagnóstico do aparelho de exame.

E a moça foi trazendo novos pratos, de outros casulos aquecidos, que eram pedidos através do tubo elevador.

Teg teve que se levantar no meio da refeição para usar o sanitário do banheiro adjacente à sala, consciente de que havia olhos observadores mantendo-o sob vigilância. Sabia, por sua reação física, que seu sistema digestivo se havia acelerado de acordo com um novo nível de necessidades corporais. Quando voltou à mesa, sentia-se tão faminto como se ainda não tivesse comido nada.

A criada começou a demonstrar sinais de surpresa e então de preocupação. Ainda assim continuava trazendo mais comida, segundo seus pedidos.

Muzzafar olhava com admiração crescente, mas não dizia coisa alguma.

Teg sentiu o apoio da nutrição que o alimento lhe trazia, o preciso ajustamento de calorias que o médico ordenara. Obviamente, contudo, eles não tinham pensado em quantidade. Era chocada que a moça obedecia aos seus pedidos.

Muzzafar disse finalmente:

— Devo dizer que nunca tinha visto alguém comer tanto de uma sentada. Não consigo compreender como faz isso e porquê.

Teg recostou-se no sofá, satisfeito afinal, sabendo que havia despertado uma curiosidade que não poderia ser satisfeita de modo sincero.

— E uma coisa Mentat — mentiu. — Tive um dia muito cansativo.

— Extraordinário — disse Muzzafar, levantando-se.

Quando Teg fez menção de fazer o mesmo, ele gesticulou para que continuasse sentado.

— Não é preciso levantar-se. Preparamos um alojamento para você atrás daquela porta. Ainda não é seguro movimentar-se muito.

A moça saiu com os casulos de comida vazios.

Teg observou Muzzafar. Alguma coisa nas reações dele tinha mudado durante a refeição. Ele o observava agora de um modo frio e avaliador.

— Você tem um comunicador implantado — disse Teg. — E recebeu novas ordens.

— Não seria recomendável para seus amigos atacar este lugar — disse Muzzafar.

— Acha que é esse o meu plano?

— Qual é o seu plano, Bashar?

Teg sorriu.

— Muito bom.

O olhar de Muzzafar ficou desfocalizado enquanto ele ouvia nova mensagem do comunicador implantado em seu corpo. Quando se concentrou novamente em Teg, seu olhar era o de um predador. Teg sentiu-se agredido por aquele olhar, reconhecendo o indício de que alguém estava a caminho daquela sala. O Marechal-de-Campo pensava nesse novo desenvolvimento da situação como algo extremamente perigoso para seu convidado. Teg, contudo, não percebia coisa alguma que pudesse ameaçá-lo com suas novas capacidades.

— Pensa que sou seu prisioneiro? — perguntou ele.

— Pela Rocha Eterna, Bashar! Você não é o que eu esperava!

— E a Honrada Madre que está vindo, que será que ela espera? — perguntou Teg.

— Bashar, quero dar-lhe um conselho: não use esse tom de voz com ela. Não tem a menor idéia do que está a ponto de lhe acontecer.

— Uma Honrada Madre, isso é o que está a ponto de me acontecer.

— E eu desejo que se saia bem com ela!

Muzzafar virou-se e saiu pelo tubo elevador.

Teg ficou olhando na direção em que ele tinha saído. Podia perceber o tremular de sua segunda visão como uma luz piscando em torno do tubo elevador. A Honrada Madre estava perto, mas ainda não se encontrava preparada para entrar naquele salão. Primeiro iria consultar Muzzafar. Mas o Marechal-de-Campo não seria capaz de revelar nada de importante a essa mulher perigosa.

39

A memória nunca apreende a realidade. A memória a reconstrói. Toda reconstrução modifica o original, tornando-se uma estrutura externa de referência que inevitavelmente apresenta falhas.

— Manual Mentat

Lucilla e Burzmali entraram em Ysai vindos do sul através de um bairro pobre onde os postes de iluminação eram muito espaçados. Já havia passado uma hora desde a meia-noite e no entanto as ruas ainda estavam cheias de gente nesse bairro. Alguns andavam em silêncio, outros falavam com uma euforia induzida por drogas, outros apenas observavam. Agrupavam-se nos cantos e captavam a atenção fascinada de Lucilla.

Burzmali pediu que andasse mais depressa, um freguês ávido, ansioso para ficar sozinho com ela. Lucilla continuava observando disfarçadamente as pessoas.

Que fariam nesse lugar? Aqueles homens esperando junto às portas: esperavam o que? Trabalhadores usando pesados aventais emergiram de uma larga passagem enquanto Lucilla e Burzmali a atravessavam. Tinham forte cheiro de esgoto e transpiração. Estavam divididos igualmente entre homens e mulheres, todos altos, corpulentos e com braços muito grossos. Lucilla não conseguia imaginar qual seria a ocupação deles, mas formavam um tipo singular de gente, conscientizando-a do quão pouco ela sabia a respeito de Gammu.

Os trabalhadores escarravam e cuspiam na sarjeta assim que saíam para a rua. “Estarão se livrando de algum contaminante?”

Burzmali aproximou a boca do ouvido de Lucilla e sussurrou:

— Esses trabalhadores são os Bordanos.

Ela arriscou olhar para trás enquanto entravam por uma rua lateral. “Bordanos?” Ah, sim: gente criada e treinada para trabalhar com as máquinas compressoras que canalizavam os gases do esgoto. Através de procriação controlada, nasciam sem o sentido do olfato e com a musculatura dos ombros e dos braços aumentada. Burzmali a fez virar uma esquina, ficando fora da vista dos Bordanos.

Cinco crianças saíram de um portal escuro ao lado deles e andaram em

fila, seguindo Lucila e Burzmali. Lucilla notou que eles traziam nas mãos pequenos objetos e os seguiam com estranha atenção. De repente Burzmali parou e se voltou. As crianças também pararam e ficaram olhando para ele. Era evidente para Lucilla que as crianças estavam preparadas para cometer alguma violência.

Burzmali uniu as mãos diante do peito, curvou-se para as crianças e disse:

— Guldur!

Quando voltou a conduzi-la pelas ruas, as crianças não mais os seguiam.

— Elas iam apedrejar-nos — explicou ele.

— Por quê?

— Essas crianças são de uma seita que segue Guldur, o nome local do Tirano.

Lucilla olhou à procura das crianças que tinham desaparecido. Haviam partido à procura de outras vítimas.

Burzmali levou-a a dobrar outra esquina. Agora estavam numa rua cheia de pequenos comerciantes vendendo suas mercadorias acondicionadas dentro de carrocinhas — comida, roupas, pequenas ferramentas e facas. Um coro de gritos bem-orquestrado erguia-se no ar enquanto os vendedores tentavam atrair fregueses. Mas suas vozes já tinham o som do final de um dia de trabalho — aquele falso entusiasmo composto pela esperança de que velhos sonhos se realizem e, ao mesmo tempo, a consciência de que a vida para eles não ia mudar. Ocorreu a Lucilla que as pessoas dessas ruas seguiam um sonho esquivo no qual a realização que buscavam não passava de um mito que tinham sido condicionadas a perseguir, do mesmo modo como animais em pistas de corridas eram treinados para correr interminavelmente atrás de uma isca.

Diretamente à frente deles, na rua, uma figura corpulenta, usando um casaco muito acolchoado, discutia em voz alta com um vendedor que lhe oferecia uma saca cheia de bulbos vermelhos de uma fruta ácida. O cheiro da fruta era forte. O vendedor queixava-se:

— Está tirando a comida da boca dos meus filhos.

O sujeito corpulento respondeu com voz aguda, o sotaque terrivelmente familiar a Lucilla:

— Eu também tenho filhos.

Lucilla controlou-se com esforço.

Depois que tinha saído da rua do mercado, ela sussurrou para Burzmali:

— Aquele homem de casaco espesso lá atrás.. era um Mestre Tleilaxu.

— Não podia ser — protestou Burzmali. — Muito alto.

— Eram dois deles. Um em pé sobre os ombros do outro.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Vi outros como ele desde que chegamos, mas não tinha suspeitado.

— Há muitos caçadores procurando por nós nestas ruas.

Lucilla achou que não se importava com a vida que levavam os habitantes das sarjetas desse planeta-sarjeta. Não confiava mais na explicação que a Irmandade dera para trazer o ghola. De todos os planetas onde esse precioso ghola podia ter sido criado, por que tinham escolhido exatamente esse? Será que o ghola era realmente valioso? Ou teria sido meramente uma isca?

Quase bloqueando a passagem na entrada de um beco ao lado deles, havia um homem manipulando um engenho comprido com luzes rodopiantes.

— Vivo! — apregoava. — Vivo!

Lucilla retardou o passo para observar um passante entrar no beco, depois de entregar uma moeda ao sujeito, e se inclinar sobre uma bacia côncava que as luzes tornavam brilhante. O proprietário do aparelho luminoso encarou Lucilla. Ela viu um homem de face estreita e escura, a face de um Caladaniano primitivo num corpo somente um pouco mais alto que o de um Mestre Tleilaxu. Havia uma expressão de desprezo em seu rosto meditativo enquanto ele recebia o dinheiro do freguês.

O freguês ergueu o rosto da bacia com um estremecimento e então saiu do beco cambaleante, os olhos vidrados.

Lucilla reconheceu o engenho. Seus usuários o chamavam de hipnobong e era proibido em todos os mundos mais civilizados.

Burzmali apressou-se em afastá-la da vista do meditativo proprietário do hipnobong.

Chegaram a uma larga rua lateral com um portal bem no prédio da esquina. Gente passava a pé por todos os lados e não havia sinal de veículos. Um homem alto estava sentado nos degraus que conduziam à porta do prédio da esquina, os joelhos dobrados junto ao queixo. Seus braços compridos estavam dobrados em torno dos joelhos, os dedos finos das mãos unindo-se com força. Usava um chapéu preto de aba larga para abrigar o rosto da iluminação da rua, mas o brilho de seus olhos sob a sombra do chapéu revelou a Lucilla que esse não era nenhum tipo de ser humano que ela já tivesse conhecido algum dia. Era alguma coisa a respeito da qual a Bene Gesserit só conseguira especular.

Burzmali esperou até que estivessem bem longe da figura sentada para satisfazer a curiosidade dela.

— Frutar — sussurrou. — E assim que eles chamam a si mesmos. Estão aqui em Gammu há muito tempo.

“Uma experiência dos Tleilaxu”, pensou Lucilla. “Uma falha que voltou da Dispersão.”

— Que é que eles estão fazendo aqui? — perguntou ela.

— Colônia de comerciantes, é o que dizem os nativos.

— Não acredite nisso. Eles são o produto do cruzamento de seres humanos com animais predadores.

— Ah, aqui estamos — disse Burzmali.

Guiou Lucilla por uma porta estreita, entrando num restaurante pouco iluminado. Isso era parte do disfarce. Lucilla sabia muito bem: Faça o que os moradores deste bairro costumam fazer. Mas ela não gostaria de comer num lugar como este, não a partir do que podia interpretar pelos cheiros.

O lugar estivera cheio, mas começava a se esvaziar quando eles entraram.

— Este lugar foi muito recomendado — disse Burzmali enquanto se sentavam numa mecanofenda e esperavam que o cardápio fosse projetado.

Lucilla observou os fregueses saindo. Trabalhadores do turno da noite em fábricas e escritórios próximos, calculou. Pareciam ansiosos e apressados, talvez temerosos do que lhes pudesse acontecer se chegassem atrasados.

Como ficara isolada no Castelo, pensou ela. Não gostava nada do que estava descobrindo a respeito de Gammu. Que lugar sebento era essa lanchonete! Os banquinhos junto do balcão à sua direita estavam lascados e riscados. O tampo da mesa fora esfregado com utensílios de limpeza de má qualidade que o tinham deixado arranhado até não poder ser mais limpo com a mangueira do aspirador que ela podia notar perto de seu cotovelo esquerdo. Não havia indício do limpador sônico mais barato para manter a higiene desse lugar. Restos de comida e outras evidências de deterioração tinham se acumulado nas fendas da mesa. Lucilla estremeceu. Não podia evitar o pensamento de que fora um erro separar-se do ghola.

O cardápio fora projetado e ela podia notar que Burzmali o estava lendo.

— Farei o pedido por você — ele disse.

O modo como Burzmali falou indicava que ele não queria que ela cometesse um erro ao pedir alguma coisa que uma mulher de Hormu não pediria.

Irritava-a sentir-se dependente. Era uma Reverenda Madre! Estava treinada para assumir o comando em qualquer situação, dona do seu próprio destino. Como isso tudo era cansativo. Ela gesticulou em direção à janela suja à sua esquerda, onde se via gente passando na rua.

— Estou perdendo fregueses enquanto demoramos, Skar.

“Isso está de acordo com meu papel.”

Burzmali quase suspirou. “Afinal!”, pensou. Ela recomeçara a agir como Reverenda Madre. Não conseguia entender-lhe a atitude abstrata, o modo como olhava para a cidade e sua gente.

Duas bebidas leitosas emergiram da fenda para cima da mesa. Burzmali

tomou a sua num único gole. Lucilla testou a bebida com a ponta da língua, avaliando seu conteúdo. Uma imitação de cafeinato com um suco com sabor de nozes.

Burzmali gesticulou para cima com o queixo, indicando que ela devia beber rapidamente. Ela obedeceu, disfarçando uma careta ante os sabores químicos. A atenção de Burzmali voltava-se para alguma coisa além do ombro direito dela, mas Lucilla não se atrevia a olhar para trás. Isso não estaria de acordo com o papel que representava.

— Venha.

Ele colocou uma moeda sobre a mesa a saiu com ela apressadamente para a rua. Sorriu como um freguês ávido, mas havia preocupação em seus olhos.

O ritmo da rua tinha mudado. Havia pouca gente agora, e as portas envoltas em sombras transmitiam uma sensação de profunda ameaça. Lucilla lembrou-se de que devia parecer uma integrante de uma poderosa sociedade cujas componentes estavam imunes à violência comum das sarjetas e dos becos. As poucas pessoas na rua de fato lhe abriam caminho, olhando os dragões de seu manto com todo o jeito de admiração.

Burzmali parou junto de uma porta.

Era como as outras ao longo da rua, ligeiramente recuada da calça e tão alta que parecia mais estreita do que realmente era. Um facho de segurança modelo antigo guardava a entrada. Aparentemente, nenhum dos sistemas mais modernos havia chegado a esses cortiços. As próprias ruas eram testemunho disso: projetadas para carros de solo. Lucilla duvidava de que houvesse uma plataforma de pouso no telhado de algum prédio desse bairro. Não se podia ouvir nenhum som de tópteros ou de voadores. Mas se ouvia o som de música — um fraco sussurrar reminescente da semuta. Algo novo no vício da semuta? Esse certamente seria um lugar onde os viciados poderiam alojar-se.

Lucilla examinou a fachada do prédio enquanto Burzmali tomava sua frente e anunciava sua presença, interrompendo o feixe da porta.

Não havia janelas na fachada do prédio. Somente o fraco brilho dos olhos de vigilância e o lustro opaco de plasteel antigo. Eram olhos de vigilância antigos, notou Lucilla, muito maiores que os modelos modernos.

Uma porta oculta nas sombras girou para dentro sobre dobradiças silenciosas.

— Por aqui — disse Burzmali, enquanto estendia um braço para trás e a puxava com uma das mãos no ombro.

Entraram num corredor fracamente iluminado que tinha cheiro de comidas exóticas e essências amargas. Lucilla levou um momento identificando as coisas que lhe atingiam as narinas. Melange, sim, havia o inconfundível cheiro de

canela. E semuta, claro. Identificou o odor de arroz queimado e de sais químicos. Alguém estava disfarçando outro tipo de cozinha. Estavam fabricando explosivos nesse lugar. Pensou em avisar Burzmali, mas reconsiderou. Não era necessário que ele soubesse, e podia haver ouvidos ocultos nesse espaço confinado.

Burzmali conduziu-a por um escuro lance de escadas com uma fraca tira luminosa ao longo do rodapé. No alto encontrou um botão oculto por trás de um conserto no reboco em ruínas da parede. Não se produziu som algum quando ele acionou o botão, mas Lucilla sentiu uma mudança nos movimentos à sua volta. Silêncio. Era um novo tipo de silêncio em suas experiências. O silêncio da expectativa de luta ou violência.

Estava frio na escadaria e ela estremeceu, mas não do frio. Passos soaram além da porta, junto do remendo na parede.

Uma bruxa de cabelos grisalhos, usando um vestido amarelo, abriu a porta e olhou para eles.

— É você — ela disse, a voz trêmula.

Abriu caminho para que entrassem.

Lucilla olhou rapidamente à sua volta enquanto ouvia a porta fechar-se atrás dela. Estavam numa sala que uma pessoa pouco observadora poderia considerar pobre, mas essa aparência era superficial. Por baixo da aparente pobreza havia qualidade. A pobreza era outro disfarce. Esse lugar fora arrumado por uma pessoa muito exigente. Isto fica aqui e em nenhum outro lugar! Aquilo tem que ficar ali! A mobília e as quinquilharias pareciam um pouco gastas, mas quem morava ali não fazia objeções nesse sentido. O aposento estava melhor desse modo. Era esse tipo de ambiente.

Quem seria o dono do lugar? A velha? Ela estava caminhando penosamente para a porta à sua esquerda.

— Não queremos ser perturbados até o dia amanhecer — disse Burzmali.

A velha parou e se virou.

Lucila observou-a com atenção. Seria outra que disfarçava, simulando uma idade avançada? Não. Nessa a idade era verdadeira. Cada movimento era inseguro, fraco — um tremor no pescoço, uma falha do corpo que a denunciava de um modo que ela não poderia evitar.

— Mesmo se for alguém importante? — perguntou a mulher com sua voz trêmula.

Os olhos piscavam quando ela falava e sua boca se abria apenas o mínimo necessário para emitir os sons, as palavras espaçadas como se as retirasse de algum lugar profundo em seu interior. Os ombros, curvados por anos passados dobrada sobre algum trabalho fixo, não se empertigavam o suficiente para que

ela pudesse olhar Burzmali nos olhos. Olhava para cima, em direção às sobrancelhas, numa postura curiosamente furtiva.

— Que pessoa importante está esperando? — perguntou Burzmali.

A velha estremeceu e pareceu levar longo tempo para compreender.

— Gente importante vem aqui — ela disse.

Lucilla reconheceu os sinais corporais e falou porque Burzmali precisava saber:

— Ela é de Rakis!

O olhar curioso da velha voltou-se para Lucilla. Sua voz ancestral disse:

— Fui uma sacerdotisa, Senhora de Hormu.

— É claro que ela é de Rakis — disse Burzmali.

Seu tom de voz advertia para não questionar.

— Eu jamais poderia fazer-lhe mal — gemeu a velha.

— Ainda serve o Deus Dividido?

Novamente houve um longo atraso para que a mulher respondesse.

Muitos servem o Grande Guldur — ela disse.

Lucilla comprimiu os lábios e examinou a sala uma vez mais. A velha fora muito reduzida em sua importância.

— Fico feliz por não precisar matá-la — disse Lucilla.

O queixo da velha caiu numa paródia de surpresa enquanto a saliva escorria de seus lábios.

Seria ela uma descendente dos Fremen? Lucilla deixou escapar sua repugnância num longo estremecimento. Essa escória humilhante fora moldada a partir de um povo que caminhava altivo e orgulhoso, um povo que lutava e morria com bravura. Essa aqui morreria choramingando.

— Por favor, confiem em mim — disse a velha.

Virou-se e saiu.

— Por que você fez isso? — perguntou Burzmali, irritado. — E essa gente que vai nos levar para Rakis!

Ela apenas olhou para ele, reconhecendo o temor em sua pergunta. Ele temia por ela.

“Mas eu não cheguei a imprimi-lo”, pensou.

Com um sentimento de choque, Lucilla percebeu que Burzmali tinha reconhecido o seu ódio. “Eu os odeio!”, pensou. “Odeio o povo deste planeta!”

Era uma emoção perigosa para uma Reverenda Madre. E ainda assim queimava dentro dela. Esse planeta a tinha mudado de um modo que não desejara. Não queria a compreensão de que tais coisas podiam acontecer. A compreensão intelectual é uma coisa. A experiência, outra bem diferente.

“Malditos sejam todos eles!”

Mas eles já estavam amaldiçoados.

Sentia uma dor no peito. Frustração! Não havia modo de escapar a essa nova consciência. Que teria acontecido com essa gente?

“Gente?”

As cascas permaneciam ali, mas eles não mais poderiam ser considerados como totalmente vivos. Eram perigosos, contudo. Terrivelmente perigosos.

— Devemos repousar enquanto podemos — disse Burzmali.

— Quer dizer que não tenho que fazer juz ao meu dinheiro?

Burzmali empalideceu.

— Aquilo que fizemos foi necessário! Tivemos sorte de ninguém nos deter, mas podia ter acontecido!

— E este lugar é seguro?

— Tão seguro quanto eu puder torná-lo. Todo o mundo aqui foi escolhido por mim ou por minha gente.

Lucilla encontrou um longo sofá que tinha o cheiro de antigos perfumes e se recostou nele para se livrar das emoções daquele ódio perigoso. Onde o ódio entrava, o amor poderia segui-lo! Ouviu Burzmali espreguiçando-se sobre as almofadas junto da parede. Logo ele estava respirando profundamente, mas Lucilla não conseguia pegar no sono. Continuava sentido multidões de memórias, coisas impulsionadas pelos outros que compartilhavam de seus depósitos internos de pensamentos. De repente uma visão interior lhe deu um vislumbre de ruas e rostos, gente andando sob o brilho da luz do sol. levou um momento para ela perceber que estava vendo aquilo de um ângulo peculiar — estava sendo carregada nos braços de alguém. Sabia que essas eram memórias pessoais suas. Podia lembrar quem a estava carregando, sentir a batida de seu coração e seu rosto morno.

Lucila sentiu o gosto salgado de suas próprias lágrimas.

E percebeu que Gammu a tinha tocado mais profundamente do que qualquer outra experiência que tivera desde seus primeiros dias nas escolas Bene Gesserit.

40

Guardado por fortes barreiras, o coração transforma-se em gelo.

— Darwi Odrade

Argumento diante do Conselho

Era um grupo dominado por violentas tensões: Taraza (usando uma armadura secreta sob os mantos e consciente das outras precauções que tinha tomado), Odrade (certa de que ia haver violência e por isso extremamente precavida), Sheeana (plenamente instruída quanto ao que podia acontecer ali e resguardada atrás de três Madres da Segurança que andavam em torno dela como uma armadura de carne), Waff (preocupado, achando que seu raciocínio podia ter sido prejudicado por algum artifício da Bene Gesserit), o falso Tuek (demonstrando todos os sinais de estar a ponto de explodir em fúria) e nove conselheiros Rakianos de Tuek (todos altamente preocupados em conseguir a ascensão de suas famílias).

Somando-se a esse grupo, havia cinco acólitas guardiãs, criadas e treinadas para a violência física, todas mantendo-se juntas de Taraza. Waff fazia-se acompanhar de igual número dos novos Dançarmos Faciais.

Estavam reunidos na cobertura no topo do museu de Dar-es-Balat. Era um grande salão, com uma parede de plaz voltada para oeste cruzando um jardim suspenso de plantas delicadas. O interior estava mobiliado com divãs macios e decorado com objetos de arte da não-câmara do Tirano.

Odrade fora contra a inclusão de Sheeana no grupo, mas Taraza permanecera inflexível. O efeito que a jovem exercia sobre Waff e alguns membros do clero representava grande vantagem para a Bene Gesserit.

Escudos dolban baixavam-se sobre a longa fileira de janelas para filtrar o brilho do sol poente. O fato de o salão voltar-se para oeste revelava algo a Odrade. As janelas davam para as terras do crepúsculo, onde repousava o Shai-hulud. Um aposento focalizado no passado, na morte.

Ela admirou os dolbans diante dela. Eram placas negras achatadas, com apenas 10 moléculas de espessura, girando num meio líquido transparente. Regulados automaticamente, os melhores dolbans Ixianos admitiam apenas a passagem de um nível predeterminado de iluminação, sem impedir a visão do

exterior. Artistas e comerciantes de antiguidades preferiam-nos ao sistema de polarização, sabia Odrade, porque deixavam passar todo o espectro da luz disponível. Sua instalação revelava os usos desse salão — um lugar de exibição para o melhor que houvesse no tesouro do Imperador-Deus. Sim, ali estava um vestido que fora usado pela escolhida para ser sua noiva.

Os sacerdotes conselheiros discutiam furiosamente entre si, numa extremidade do salão, ignorando o falso Tuek. Taraza mantinha-se por perto ouvindo. Sua expressão revelava que ela os julgava todos.

Waff mantinha-se junto ao seu séquito de Dançarmos Faciais, perto da ampla porta de entrada. Sua atenção ia de Sheeana para Odrade, de Odrade para Taraza e, ocasionalmente, para a discussão entre os sacerdotes. Cada movimento de Waff traía suas incertezas. Será que a Bene Gesserit iria realmente apoiá-lo? Será que juntos poderiam dominar a oposição Rakiana por meios pacíficos?

Sheeana e sua escolta vieram colocar-se ao lado de Odrade. A jovem ainda mostrava uma musculatura fibrosa, mas estava encorpando e os músculos iam assumindo o padrão definido da Bene Gesserit. A superfície das maçãs do rosto ia se tornando mais arredondada sobre a pele cor de oliva, os olhos castanhos, mais luminosos. Entretanto, ainda havia reflexos vermelhos em seu cabelo castanho. A atenção que ela dedicava aos sacerdotes revelava estar avaliando aquilo que lhe fora revelado.

— Eles vão lutar realmente? — sussurrou ela.

— Escute o que dizem — respondeu Odrade.

— Que vai fazer a Madre Superiora?

— Observe-a com cuidado.

Ambas olharam para Taraza que se destacava em meio à sua escolta de acólitas musculosas. Taraza agora parecia divertida enquanto continuava a observar os sacerdotes.

O grupo Rakiano começara a discussão no jardim da cobertura e fora entrando à medida que as sombras do poente se tornavam mais longas. Respiravam agitados, murmuravam por vezes e então erguiam as vozes. Será que não percebiam como o falso Tuek os vigiava?

Odrade voltou sua atenção para o horizonte, visível além do jardim. Não havia sinal de vida lá no deserto. Em qualquer direção em que se olhasse a partir de Dar-es-Balat, só se viam areia e vazio. As pessoas ali nascidas e criadas tinham uma visão da vida e de seu planeta diferente daquela da maioria desses sacerdotes. Esse não era o Rakis dos cinturões verdes e dos oásis irrigados, que se agrupavam nas altas latitudes como pétalas de flores apontando para as trilhas do deserto. Lá, além de Dar-es-Balat, se encontrava o deserto equatorial a se estender como um cinturão em volta do planeta inteiro.

— Já ouvi o bastante dessa tolice! — explodiu o falso Tuek. Puxou para o lado, violentamente, um dos conselheiros e entrou no meio do grupo que discutia, virando-se para olhar cada um dos rostos. — Vocês ficaram malucos? Todos vocês?

Um dos sacerdotes (era o velho Albertus, por todos os deuses!) olhou na direção de Waff e disse:

— Sr. Waff! Quer por favor controlar seu Dançarino Facial?

Waff hesitou e depois caminhou em direção ao grupo que discutia, seu séquito a acompanhá-lo logo atrás.

O falso Tuek virou-se e apontou o dedo para Waff:

— Você! Fique onde está! Não aceitarei qualquer interferência Tleilaxu! Sua conspiração está muito clara para mim!

Odrade observava Waff enquanto o falso Tuek falava. Surpresa! O Mestre Bene Tleilaxu nunca fora tratado desse modo por um de seus asseclas. Que choque! A raiva desfigurou-lhe o rosto. Um zumbido, como o som de insetos irritados, saiu de sua boca, uma coisa modulada que era evidentemente algum tipo de linguagem. Os Dançarmos Faciais da escolta ficaram imobilizados, congelados, mas o falso Tuek apenas voltou sua atenção para os conselheiros.

Waff parou de zumbir. A consternação tomou conta de seu rosto! Seu Tuek Dançarino Facial não se deixava dominar! Andou furioso na direção dos sacerdotes, mas o falso Tuek o viu e uma vez mais apontou a mão para ele, o dedo trêmulo.

— Eu lhe disse para ficar fora disto! Você pode ser capaz de me eliminar, mas não vai me enterrar em sua sujeira Tleilaxu!

Foi o suficiente. Waff parou, compreendendo afinal. Olhou para Taraza, cuja expressão de divertimento revelava que ela reconhecia suas dificuldades. Agora ele tinha um novo alvo para o seu ódio.

— Você sabia!

— Eu suspeitava.

— Você... você...

— Você o moldou muito bem — comentou Taraza. — Ele é sua criação.

Os sacerdotes ignoravam essa troca de palavras e gritavam para o falso Tuek, mandando-o calar-se e sair dali. Chamavam-no de “maldito Dançarino Facial”.

Odrade observou cuidadosamente o objeto desse ataque. A que profundidade chegaria a impressão? Estaria ele realmente convencido de que era Tuek?

Numa súbita interrupção das vozes, o mímico reuniu sua dignidade e olhou, cheio de desprezo, para seus acusadores.

— Vocês todos me conhecem — ele disse. — Todos têm consciência dos meus anos de serviço ao Deus Dividido que é o Único Deus. Irei ao encontro dele agora, se sua conspiração chega a esse ponto, mas lembrem-se disto: Ele sabe o que se passa em seus corações!

Os sacerdotes voltaram-se para Waff como se fossem uma única pessoa. Nenhum deles tinha visto o Dançarino Facial substituir seu Alto Sacerdote. Não houvera nenhum cadáver para ser visto. Toda a evidência eram vozes humanas dizendo coisas que poderiam ser mentiras. Um pouco tardiamente, vários deles olharam para Odrade. A voz dele fora uma daquelas que os tinham convencido.

Waff também estava olhando para Odrade.

Ela sorriu e se dirigiu ao Mestre Tleilaxu:

— Convém aos nossos propósitos que o posto de Alto Sacerdote não caia em outras mãos nesta ocasião — ela disse.

Waff imediatamente percebeu a vantagem para si próprio. Estava numa corda bamba entre o clero e a Bene Gesserit. E isso afastava um dos trunfos mais perigosos que a Irmandade tinha sobre os Tleilaxu.

— Convém aos meus propósitos também — ele disse.

Quando os sacerdotes ergueram uma vez mais suas vozes em fúria, Taraza entrou na deixa:

— Qual de vocês quebraria nosso acordo? — perguntou.

Tuek empurrou para o lado dois de seus conselheiros e caminhou ao encontro da Madre Superiora. Parou a um passo dela.

— Que jogo é esse? — perguntou.

— Nós o apoiamos contra aqueles que iriam derrubá-lo — ela disse.

— E a Bene Tleilax se une a nós. E nosso modo de demonstrar que também temos direito a votar na escolha do Alto Sacerdote.

Vários sacerdotes ergueram suas vozes ao mesmo tempo:

— Ele é ou não é um Dançarino Facial?

Com expressão benevolente, Taraza olhou para o homem diante dela:

— Você é um Dançarino Facial?

— É claro que não!

Taraza olhou para Odrade, que disse:

— Parece que houve um engano.

Odrade olhou para Albertus no meio dos outros sacerdotes e chamou:

— Sheeana, que é que a Igreja do Deus Dividido deve fazer agora? Como tinha sido instruída a fazer, Sheeana saiu do meio da sua escolta e falou com toda a altivez que lhe tinham ensinado:

— Ela deve continuar servindo a Deus!

— O assunto deste encontro parece ter sido concluído — comentou

Taraza. — Se precisar de proteção, Alto Sacerdote Tuek, um grupo de nossas guardas estará à espera no corredor. Elas obedecerão ao seu comando.

Ela podia notar nele a aceitação e o entendimento. Ele se tornara uma criatura da Bene Gesserit. Não lembrava mais nada de suas origens como Dançarino Facial.

Depois que Tuek e os sacerdotes tinham saído, Waff dirigiu uma única palavra a Taraza, falando na linguagem do Islamiyat:

— Explique!

Taraza saiu do meio de sua guarda, fingindo tornar-se vulnerável. Era um movimento calculado que ela tinha debatido diante de Sheeana. Na mesma linguagem, respondeu:

— Nós renunciamos ao nosso domínio sobre a Bene Tleilax.

Aguardou enquanto ele avaliava essas palavras. Taraza lembrava-se de que o nome Tleilax podia ser traduzido como "os impronunciáveis". Esse era um rótulo frequentemente reservado apenas aos deuses.

Esse deus, obviamente, não havia estendido a descoberta que fizera aqui do que deveria estar acontecendo com seus outros substitutos ante os Ixianos e as Oradoras Peixes. Waff teria outras surpresas e outros choques no futuro. Parecia muito intrigado, contudo. Estava confrontando muitas perguntas sem respostas. Não estava satisfeito com os relatórios que recebera de Gammu. Agora estava fazendo um jogo duplo muito perigoso. Será que a Irmandade fazia um jogo semelhante? Mas os Tleilaxu que estavam entre os Perdidos não poderiam ser afastados sem provocar um ataque das Honradas Madres. A própria Taraza lhe advertira quanto a isso. Será que o velho Bashar em Gammu ainda representava uma força digna de ser considerada?

Ele verbalizou essa pergunta.

Taraza respondeu com sua própria pergunta:

— Como alterou nosso ghola? O que vocês esperavam ganhar?

Ela tinha quase certeza de que já sabia. Mas a ilusão de ignorância era necessária.

Waff queria dizer: "A morte de todas as Bene Gesserit!" Elas eram perigosas demais. E no entanto seu valor era incalculável. Mergulhou num silêncio sorumbático, olhando para as Reverendas Madres com uma expressão meditativa que tornava suas feições de duende ainda mais infantis.

"Uma criança petulante, pensou Taraza. lembrou a si mesma que era perigoso subestimar Waff. Quebra-se a casca dos Tleilaxu apenas para encontrar outra casca por dentro — ad infinitum! Tudo levava de volta às suspeitas de Odrade com relação a discórdias que ainda poderiam provocar uma violência sangrenta dentro desse salão. Será que os Tleilaxu tinham realmente revelado

aquilo que haviam aprendido com as prostitutas e com os outros Perdidos? Será que o ghola era apenas uma arma potencial dos Tleilaxu?

Taraza resolveu sondá-lo uma vez mais, usando como abordagem a

“Análise Nove” de seu Conselho. Ainda na linguagem do Islamiyat, ela disse:

— Você iria desonrar-se na terra do Profeta? Ainda não compartilhou abertamente tudo que disse que iria.

— Nós lhe contamos sobre o controle sexual.

— Não contaram tudo! — interrompeu ela. — E por causa do ghola e sabemos disso.

Ela podia perceber suas reações. Waff era uma animal encurralado. E um animal nessa situação era extremamente perigoso. Tinha visto uma vez um cão mestiço, um sobrevivente selvagem dos animais de estimação de Dan, ser encurralado por uma matilha de animais jovens. O animal voltou-se contra seus perseguidores, abrindo caminho para a liberdade com uma fúria totalmente inesperada. Dois dos perseguidores tinham ficado aleijados para o resto da vida e somente um escapara sem ferimentos! Waff era como esse animal agora. Podia ver suas mãos procurando uma arma, mas os Tleilaxu e as Bene Gesserit tinham examinado uns aos outros com extremo cuidado antes de virem para cá. Sentia-se segura de que ele não tinha arma alguma. Ainda assim.

Waff falou, depois de usar o suspense à sua maneira:

— Pensa que não conheço o modo como esperam governar-nos?

— E existe a podridão que a gente da Dispersão levou consigo — ela disse. — A podridão interior.

As maneiras de Waff modificaram-se. Ele não ignorava as profundas implicações do pensamento Bene Gesserit. Mas não estaria ela semeando a discórdia?

— O Profeta deixou um localizador funcionando nas mentes de cada ser humano. Disperso ou não — disse Taraza. — Ele os trouxe de volta para nós com toda a podridão intacta.

Waff comprimiu os dentes. Que estaria ela fazendo? Imaginou se a Bene Gesserit não teria confundido sua mente com alguma droga secreta vaporizada no ar. Elas conheciam coisas que eram negadas aos outros! Olhou de Taraza para Odrade e de novo para Taraza. Sabia que era velho através das ressurreições em série como ghola, mas não velho do modo como o eram as Bene Gesserit. Essa gente era realmente antiga. Elas raramente aparentavam a velhice, mas eram velhas, velhas além de qualquer coisa que se atrevia a imaginar.

Taraza estava tendo pensamentos semelhantes. Vira o brilho de uma consciência profunda nos olhos de Waff. A necessidade abria novas portas para a

razão. Que profundidade teriam atingido os Tleilaxu? Os olhos dele aparentavam tamanha antiguidade! Ela tinha a impressão de que o que quer que tivesse sido um cérebro nesses Mestres Tleilaxu transformara-se numa outra coisa — uma hologravação da qual todas as emoções que pudessem enfraquecê-los tivessem sido apagadas. Taraza compartilhava da desconfiança em relação às emoções que suspeitava em Waff. Seria isso um laço de união entre eles?

“O tropismo dos pensamentos comuns?”

— Você diz que renunciou à vantagem que tinha sobre nós — resmungou Waff —, mas eu sinto seus dedos em torno de minha garganta.

— Então, eis um aperto em nossa garganta — replicou ela. — Alguns de seus Perdidos voltaram para vocês. Nenhuma Reverenda Madre regressou para nós vinda da Dispersão.

— Mas você disse que sabia tudo sobre.

— Nós possuímos outros modos de obter conhecimento. Que supõe ter acontecido com as Reverendas Madres que enviamos para a Dispersão?

— Um desastre comum?

Ele sacudiu a cabeça. Essa era uma informação absolutamente nova. Nenhum dos Tleilaxu que tinham retornado dissera coisa alguma a respeito. A discrepância alimentava suas suspeitas. Em quem deveria acreditar?

— Elas foram subvertidas — disse Taraza.

Odrade, ouvindo essa suspeita generalizada ser revelada abertamente pela Madre Superiora, sentiu o enorme poder implícito na simples declaração de Taraza. Sentiu-se intimidada. Conhecia os recursos, os planos de contingência, os modos improvisados a que uma Reverenda Madre era capaz de recorrer para superar barreiras. Alguma coisa lá fora era capaz de vencer tudo isso?

Como Waff não respondesse, Taraza disse:

— Veio ao nosso encontro com as mãos sujas.

— Atreve-se a dizer isso? — perguntou Waff. — Vocês, que continuam a minar nossos recursos pelos modos que lhes foram ensinados pela mãe do Bashar?

— Sabíamos que vocês poderiam tolerar suas perdas se contassem com recursos da Dispersão.

Waff inspirou, trêmulo. Então a Bene Gesserit sabia até disso? Percebia, em parte, como ela tinha descoberto. Bem, poderia encontrar um modo de colocar o falso Tuek novamente sob controle. Rakis era o prêmio que os Dispersos realmente buscavam, e isso poderia ser exigido dos Tleilaxu.

Taraza caminhou para ficar ainda mais perto de Waff, sozinha e vulnerável. Viu sua guarda ficar tensa. Sheeana deu um passo em direção à Madre Superiora, mas Odrade a puxou de volta.

Odrade mantinha sua atenção na Madre Superiora e não em seus atacantes em potencial. Será que os Tleilaxu estavam realmente convencidos de que a Bene Gesserit iria servi-los? Taraza tinha testado os limites dessa crença, não havia dúvida disso. E usando a linguagem do Is-lamiyat. Entretanto, parecia muito solitária, afastada de sua guarda e tão perto de Waff e sua gente. Aonde as óbvias suspeitas de Waff iriam conduzi-lo agora?

Taraza estremeceu.

Odrade percebeu isso. Quando criança, Taraza fora anormalmente magra e nunca tivera um quilo em excesso. Isso a tornava extremamente sensível a mudanças de temperatura, intolerante para com o frio. Odrade, contudo, não tinha sentido qualquer mudança de temperatura nesse salão. Então Taraza devia ter tomado uma decisão perigosa, algo tão perigoso que seu corpo a havia traído. Não perigoso para ela, é claro, mas para a Irmandade. A (estava o crime mais terrível que uma Bene Gesserit poderia cometer: ser desleal para com sua ordem.

— Nós vamos servi-los de todos os modos, exceto um — disse Taraza. — Jamais nos tornaremos receptáculos de gholas!

Waff empalideceu.

Taraza continuou:

— Agora e nunca nenhuma de nós jamais servirá de... — Ela fez uma pausa — ... de tanque axlotl.

Waff ergueu a mão direita para iniciar um gesto que toda Reverenda Madre conhecia: o sinal para seus Dançarmos Faciais atacarem.

Taraza apontou para a mão erguida:

— Se completar esse gesto, os Tleilaxu perderão tudo. A mensageira de Deus — Taraza indicou Sheeana — vai virar as costas a vocês e as palavras do Profeta serão pó em suas bocas.

Na linguagem do Islamiyat, tais palavras foram demais para Waff. Ele abaixou a mão, mas continuou olhando furioso para Taraza.

— Minha embaixadora disse que compartilharíamos tudo que sabíamos — continuou Taraza. — Você também disse isso. A mensageira de Deus escuta com os ouvidos do Profeta! E que diz o Abdl dos Tleilaxu?

Waff abaixou os ombros.

Taraza virou-lhe as costas. Era um movimento ensaiado, e as outras Reverendas Madres sabiam que ela o fazia agora em perfeita segurança. Olhando para Odrade do outro lado do salão, Taraza permitiu-se um sorriso que ela sabia que Odrade interpretaria corretamente. Hora de um pouco de punição Bene Gesserit!

— Os Tleilaxu desejam uma Atreides para procriação — ela disse.

— Eu lhes dou Darwi Odrade. Mais lhe será fornecido. Waff tomou uma

decisão.

— Vocês podem achar que sabem muito sobre as Honradas Madres — ele disse —, mas vocês.

— Prostitutas! — exclamou Taraza, voltando-se para ele.

— Como quiser. Mas há uma coisa a respeito delas que suas palavras desconhecem. Eu selo nosso acordo contando-lhe isso. Elas são capazes de amplificar as sensações de uma plataforma orgásmica, trasmitindo-as através de um corpo masculino. Elas produzem um envolvimento sensual no homem. Ondas de orgasmo amplificadas são criadas e podem continuar... sob controle da mulher durante um extenso período.

— Envolvimento total?

Taraza não tentou esconder sua admiração.

Odrade também ouvia com um sentimento de choque, que ela percebia ser compartilhado pelas outras Irmãs presentes e até pelas acólitas. Somente Sheeana parecia não compreender.

— Eu lhe digo, Madre Superiora Taraza — disse Waff com um maligno sorriso de satisfação —, que nós duplicamos isso com nossa própria gente. Comigo mesmo! Em meu ódio, fiz com que o Dançarino Facial que fazia o papel de... mulher se destruísse. Ninguém... eu digo ninguém... pode possuir tal poder sobre mim!

— Que poder?

— Se tivesse sido uma dessas... uma dessas prostitutas, como as chama, eu teria obedecido a ela em tudo que ordenasse, sem questionar. — Ele estremeceu. — Quase não tive forças para... para destruir.

— Sacudiu a cabeça, espantado pela lembrança. — O ódio me salvou.

Taraza tentou engolir sentindo a garganta seca.

— Como...

— Como é feito? Muito bem! Mas antes de compartilhar desse conhecimento com vocês, eu as aviso: se alguma de vocês, algum dia, tentar usar esse poder contra nós, haverá uma matança! Nós preparamos nosso Domei e toda a nossa gente para responder assassinando cada Reverenda Madre que puderem encontrar ao menor indício de que pretendem exercer esse poder sobre nós!

— Nenhuma de nós faria isso, mas não é por causa de sua ameaça. Nós somos contidas pelo conhecimento de que tal coisa nos destruiria. Seu massacre sangrento não será necessário.

— Oh, então por que isso não destrói essas... essas prostitutas?

— Mas destrói! Isso destrói tudo que elas tocam!

— Mas não me destruiu!

— Deus o protege, meu Abdl — disse Taraza. — Como ele protege a todos os fiéis.

Convencido Waff olhou à sua volta e de novo para Taraza.

— Que todos saibam que eu selo nossa união na terra do Profeta.

Este é o modo como elas fazem... — Acenou com a mão para dois de seus Dançarinos Faciais. — Faremos uma demonstração.

Muito depois, quando Odrade se encontrava sozinha no salão da cobertura, ela se perguntou se teria sido sábio deixar Sheeana ver todo o espetáculo. Bem, por que não? Sheeana já estava decidida a se dedicar à Irmandade, e teria despertado as suspeitas de Waff mandá-la sair.

Houvera uma óbvia excitação sexual da parte de Sheeana enquanto ela assistia ao desempenho dos Dançarinos Faciais. As Inspetoras do Treinamento teriam que convocar seus assistentes masculinos mais cedo do que o normal para atenderem a Sheeana. E o que Sheeana faria então? Será que tentaria esse novo conhecimento com os homens? Era preciso criar-lhe inibições para impedir tal coisa! Devia aprender os perigos que isso representava para si mesma.

As Irmãs e acólitas presentes tinham se controlado muito bem, armazenando na memória tudo que viam. A educação de Sheeana devia ser construída em torno dessa observação. Outras dominavam tais impulsos interiores.

Os observadores Dançarmos Faciais tinham permanecido inescrutáveis, mas houvera muito a ser observado em Waff. Ele dissera que iria destruir os dois que faziam a demonstração, mas qual deles destruiria primeiro? Não iria sucumbir à tentação? Que pensamentos passavam em sua cabeça enquanto ele observava o Dançarino Facial masculino debater-se num êxtase que anulava a mente?

De certo modo, a demonstração fazia Odrade lembrar-se da dança Rakiana que tinha visto na Grande Praça de Keen. A curto prazo, a dança fora deliberadamente destituída de ritmo, mas sua progressão criava um ritmo a longo prazo que se repetia a cada 200... passos. Os dançarinos haviam ampliado seu senso de ritmo a um grau extraordinário.

Como os demonstradores Dançarmos Faciais.

“Siaynoq transformou-se numa dominação sexual para incontáveis bilhões de pessoas durante a Dispersão!”

Odrade pensou na dança, no longo ritmo seguido pela violência caótica. A gloriosa união de energias religiosas de Siaynoq tinha evoluído para um tipo diferente de união. Ela pensou na reação excitada de Sheeana ao vislumbrar a dança na Grande Praça. lembrou-se de ter perguntado a Sheeana:

— Que é que eles compartilhavam lá embaixo?

— Os dançarmos, boba!

Esse tipo de resposta não era permitida.

— Eu já lhe avisei a respeito desse tom de voz. Quer aprender imediatamente o que uma Reverenda Madre pode fazer para puni-la?

As palavras repetiam-se como mensagens fantasmagóricas na mente de Odrade enquanto ela observava a escuridão crescente fora da cobertura em Dar-es-Balat. Uma grande solidão cresceu dentro dela. Todas as outras tinham saído da sala.

“Somente o objeto da punição permanece!”

Como os olhos de Sheeana brilhavam naquela sala acima da Grande Praça, a mente tão cheia de perguntas.

— Por que vocês vivem falando em sofrimento e punição?

— Você deve aprender sobre disciplina. Como poderá controlar os outros se não for capaz de controlar a si mesma?

— Eu não gosto dessa lição.

— Nenhuma de nós a aprecia muito... até bem depois, quando aprendemos a reconhecer o seu valor através da experiência.

Como fora pretendido, essa resposta agitou-se durante muito tempo na consciência de Sheeana. No final ela revelou tudo que sabia a respeito da dança.

— Alguns dançarmos escapam. Outros vão diretamente para Shaitan. Os sacerdotes dizem que eles vão para Shai-hulud.

— E que acontece com os que sobrevivem?

— Quando se recuperam, devem unir-se numa grande dança no deserto. Se Shaitan vier, então eles morrem. Se Shaitan não vier, são recompensados.

Odrade percebera o padrão. As palavras de explicação de Sheeana não tinham sido mais necessárias além desse ponto, muito embora fosse permitido que o recital continuasse. Como a voz de Sheeana estivera marcada pela amargura!

— Eles recebem dinheiro, um ponto num bazar, esse tipo de coisa. Os sacerdotes dizem que provaram ser humanos.

— E os que fracassam não são humanos?

Sheeana permanecera em silêncio por um bom tempo, mergulhada em seus pensamentos. Mas para Odrade a origem era clara: o teste de humanidade da Irmandade! Sua própria passagem para as fileiras de uma humanidade aceitável dentro da Irmandade já fora duplicada em Sheeana. Como essa passagem parecia suave comparada com outras dores!

Na iluminação crepuscular da cobertura do museu, Odrade ergueu a mão direita e olhou para ela, lembrando-se da caixa de agonia e do gom jabbar apontado para o seu pescoço, pronto para matá-la se ela retirasse a mão ou

gritasse.

Sheeana também não gritara. Mas ela já conhecia a resposta à pergunta de Odrade, muito antes de passar pela caixa de agonia.

— Eles são humanos, mas são diferentes.

Odrade falou alto no salão vazio, em meio à exposição dos tesouros da não-câmara do Tirano.

— Que foi que você fez conosco, Leto? Será que você é apenas o Shaitan falando conosco? O que vai nos forçar a compartilhar agora?

“Será que a dança fossilizada iria transformar-se em sexo fossilizado?”

— Com quem está falando, Madre?

Era a voz de Sheeana na porta aberta do outro lado do salão. Seu manto cinzento de postulante era apenas uma forma vaga, tornando-se maior à medida que ela se aproximava.

— A Madre Superiora mandou-me vir procurá-la — disse Sheeana enquanto parava junto a Odrade.

— Eu estava falando comigo mesma — disse Odrade. Olhou para a garota, estranhamente quieta, lembrando-se da excitação do momento em que a pergunta crucial fora feita a Sheeana.

— Você quer ser uma Reverenda Madre?

— Por que está falando a si mesma, Madre?

Havia um bocado de preocupação na voz de Sheeana. As Instrutoras teriam as mãos cheias na hora de remover aquelas emoções.

— Estava me lembrando de quando perguntei se desejava ser uma Reverenda Madre — respondeu Odrade. — Isso me trouxe outros pensamentos.

— Disse que eu devo seguir sua orientação em todas as coisas, não escondendo nada, sem desobedecê-la em coisa alguma.

— E você disse: “É só isso?”

— Eu não sabia muita coisa, não é? Ainda sei muito pouco.

— Nenhuma de nós sabe, criança. Exceto que estamos todas juntas em uma dança. E Shaitan certamente virá se uma de nós fracassar.

41

Quando estranhos se encontram, devem-se levar em grande conta as diferenças de costumes e de treinamento.

Lady Jessica,
de “A Sabedoria de Arrakis”

A derradeira faixa de luz esverdeada sumiu no horizonte antes que Burzmali desse o sinal para irem em frente. Estava escuro quando chegaram ao outro lado de Ysai e à estrada perimetral que os levaria ao encontro do Duncan. Nuvens cobriam o céu, refletindo a iluminação da cidade sobre as formas dos barracos urbanos por entre os quais os guias os tinham conduzido.

Esses guias preocupavam Lucilla. Saíam de ruas laterais e surgiam de portas subitamente abertas para sussurrarem novas orientações.

Gente demais sabia a respeito, do casal de fugitivos e de seu encontro!

Lucilla conseguira dominar o ódio, mas o resíduo remanescente se traduzia numa desconfiança profunda com relação a cada pessoa que eles encontravam. Ocultar isso atrás das atitudes mecânicas de uma playfêmea com seu freguês tornava-se cada vez mais difícil.

Havia uma camada de neve misturada com lama sobre a calçada, a maior parte espalhada pela passagem de carros de solo. Os pés de Lucilla ficaram gelados antes que os dois tivessem percorrido meio quilômetro e ela foi forçada a consumir energia para compensar o fluxo extra de sangue enviado às extremidades do corpo.

Burzmali caminhava em silêncio, a cabeça baixa, aparentemente perdido nas próprias preocupações. Lucilla não se deixava enganar. Ele ouvia cada som em torno deles, via cada veículo que se aproximava. Puxava-a para fora da calçada sempre que um carro se aproximava. Os carros passavam zunindo em seus suspensores e a neve suja voava, erguida pelas saias de borracha, tipo hovercraft, que envolviam os veículos, e lançada sobre a vegetação que cercava a estrada. Burzmali mantinha-a abaixada atrás dos montes de neve e do capim até se certificar de que o carro sumira de vista. Não que alguém dentro daqueles carros fosse ouvir ou ver muita coisa naquela velocidade.

Haviam caminhado por duas horas quando Burzmali parou e observou o

caminho adiante. Seu destino era uma comunidade periférica, que lhes haviam descrito como sendo “totalmente segura”. Lucilla, contudo, não se iludia. Nenhum lugar em Gammu seria totalmente seguro.

Luzes amareladas lançavam um brilho nas nuvens adiante, marcando o local da comunidade. O avanço conduziu-os através de um túnel sob a estrada perimetral e subindo uma colina baixa, plantada com algum tipo de bosque. Os ramos pareciam nus e secos à luz crepuscular.

Lucilla olhou para cima e viu que as nuvens começavam a se dissipar. Gammu tinha muitas luas pequenas — não-naves fortalezas. Algumas delas tinham sido instaladas por Teg, mas ela vislumbrava alguns grupos novos compartilhando do papel de guardiãs. Pareciam brilhar quatro vezes mais que as estrelas mais luminosas e frequentemente viajavam juntas, o que tornava sua luz refletida útil, embora errática, já que elas se moviam muito depressa — atingiam o zênite e mergulhavam no horizonte em algumas horas apenas. Lucilla viu um cordão de seis dessas luas através de uma abertura nas nuvens, perguntando-se se seriam parte do sistema defensivo de Teg.

Momentaneamente, ela refletiu sobre a fraqueza inerente à mentalidade de sitiado representada por tais defesas. Teg estivera certo a respeito delas. Mobilidade, essa era a chave do êxito militar, mas ela duvidava de que ele com isso quisesse dizer mobilidade a pé.

Não havia esconderijos fáceis nessa colina coberta de neve, e Lucilla sentia o nervosismo de Burzmali. Que poderiam fazer ali se viesse alguém? Uma depressão coberta de neve descia do lugar onde se encontravam até a comunidade lá embaixo. Não era uma estrada, mas ela achou que podia ser uma trilha.

— Vamos descer por este caminho — disse Burzmali, conduzindo-a pela depressão.

Afundaram na neve até os tornozelos.

— Espero que essa gente seja confiável — comentou Lucilla.

— Eles odeiam as Honradas Madres. Isso é o bastante para mim.

— É melhor que o ghola esteja aqui! — Lucilla conteve uma resposta ainda mais furiosa, mas não deixou de acrescentar: — O ódio deles não é o bastante para mim.

Seria melhor esperar pelo pior, pensou ela.

No entanto passara a encarar Burzmali de um modo tranquilizador. Ele era como Teg. Nenhum deles seguia um curso de ação que pudesse conduzi-los a um beco sem saída — não se o pudessem evitar. Ela suspeitava de que houvesse forças de apoio escondidas no capim em torno deles agora mesmo.

A trilha coberta de neve terminou num caminho pavimentado que se

curvava para dentro a partir das bordas e era mantido livre da neve por um sistema de aquecimento. Havia um fio de umidade escorrendo no centro. Lucila deu vários passos sobre aquela via antes de reconhecer o que devia ser... uma magcalha. Era um antigo sistema de transporte magnético que servira para o transporte de matérias-primas ou mercadorias para fábricas nos dias anteriores à Dispersão.

— Vai ficando mais íngreme — advertiu Burzmali. — Eles esculpiram degraus sobre a superfície, mas é melhor ter cuidado. Eles não são muito profundos.

Daí a pouco eles alcançaram o final da magcalha. Terminava numa parede em ruínas — tijolos sobre um alicerce de plasteel. A luz fraca das estrelas num céu que clareava revelou o modo tosco como os tijolos tinham sido feitos — típica construção dos Tempos da Fome. A parede era uma massa de trepadeiras e manchas de fungo. Mas a vegetação não conseguia ocultar as fendas nos tijolos e os esforços frustrados de preencher rachaduras com argamassa. Uma única fila de janelas estreitas abria-se sobre o local onde a magcalha desembocava numa massa de trepadeiras e arbustos. Três das janelas brilhavam com uma iluminação azul-elétrica, enquanto sons de atividade nó interior eram acompanhados por fracos estalidos.

— Isto era uma fábrica antigamente — disse Burzmali.

— Tenho olhos e memória — retrucou Lucilla.

Será que este macho resmungante a julgava totalmente desprovida de inteligência?

Alguma coisa estalou à sua esquerda. Um trecho de gramado e ervas ergueu-se do topo de um alçapão, acompanhado pelo brilho interior de uma forte luz amarela.

— Rápido!

Burzmali conduziu-a em rápida carreira pela vegetação espessa e eles desceram o lance de degraus revelado pela abertura do alçapão. A abertura fechou-se atrás deles com um ruído de máquinas.

Lucilla viu-se num amplo espaço com teto baixo. A luz provinha de fileiras compridas de modernos globos luminosos, suspensos de vigas maciças de plasteel. O piso estava limpo, mas mostrava arranhões e denteados produzidos por alguma atividade — sem dúvida os locais das máquinas que tinham sido retiradas. Ela percebeu um movimento do outro lado do espaço aberto. Uma jovem usando uma versão do manto de dragão de Lucilla caminhou ao encontro deles.

Lucilla cheirou. Havia um fedor de ácido nesse lugar, com resíduos do odor de alguma coisa estragada.

— Isto era uma fábrica Harkonnen disse Burzmali. — Eu me pergunto o que será que eles fabricavam aqui.

A jovem parou diante de Lucilla. Era uma figura esguia, elegante nas formas e nos movimentos vislumbrados sob o manto justo. Um brilho subcutâneo provinha de sua face, revelando boa saúde e a prática de exercícios. Seus olhos verdes, contudo, eram duros e arrepiantes no modo como avaliavam tudo que viam.

— Então elas mandaram mais de uma de nós para vigiar este lugar — ela disse.

Lucilla colocou a mão sobre o braço de Burzmali, contendo-o antes que ele respondesse. Essa mulher não era o que parecia. “Não mais do que eu sou!” Lucilla escolheu as palavras com cuidado.

— Nós sempre nos reconhecemos, parece.

A jovem sorriu.

— Eu a observei quando se aproximava. Não podia acreditar no que via. — Olhou com desdém para Burzmali. — Esse aí devia ser um freguês seu?

— E guia — disse Lucilla.

Ela notou a expressa-o intrigada no rosto de Burzmali e rezou para que ele nao fizesse a pergunta errada. Essa moça era um perigo.

— Não estávamos sendo esperados? — perguntou Burzmali.

— Ah, isso fala — disse a jovem, rindo.

Seu riso era tão frio quanto seus olhos.

— Prefiro que não se refiram a ruim como “isso” — disse Burzmali.

— Eu chamo a escória de Gammu do que eu quiser — disse a garota. — Não me fale de suas preferências.

— De que me chamou?

Burzmali estava cansado e sua raiva ferveu ante esta ofensa inesperada.

— Eu o chamo do que quiser, escória!

Burzmali tinha sofrido o bastante. Antes que Lucilla pudesse detê-lo, soltou um grunhido e tentou esbofetear violentamente a jovem.

Mas não conseguiu.

Lucilla observou fascinada enquanto a garota se esquivava do ataque, pegava Burzmali pela manga como se pega um pedaço de pano flutuando ao vento e, numa pirueta cuja velocidade quase ocultou sua delicadeza de movimentos, o lançava escorregando pelo piso. Depois a garota se agachou sobre uma das pernas, a outra pronta para um chute.

— Devo matá-lo agora — ela disse.

Lucilla, não sabendo o que poderia acontecer em seguida, curvou o corpo para o lado, evitando por pouco o pontapé da garota, e contra atacou com um

golpe Bene Gesserit padrão que fez a jovem cair de costas, toda curvada sobre o abdômen, onde o impacto do golpe se fizera sentir.

— A idéia de que possa matar meu guia não é bem-vinda, qualquer que seja o seu nome — disse Lucilla.

Sem fôlego, a jovem afinal conseguiu falar espaçadamente:

— Eu me chamo Murbella, Grande Honrada Madre. A senhora me envergonha derrubando-me com um golpe tão lento. Por que fez isso?

— Você precisava de uma lição.

— Recebi meu manto há pouco tempo, Grande Honrada Madre. Por favor, perdoe-me. Eu lhe agradeço pela esplêndida lição e vou lhe agradecer todas as vezes em que empregar essa sua resposta, que guardarei em minha memória.

Ela curvou a cabeça e então se colocou de pé rapidamente, com um sorriso travesso no rosto.

Com sua voz mais fria, Lucilla perguntou:

— Sabe quem eu sou?

Com o canto dos olhos ela viu Burzmali colocar-se de pé com dolorosa lentidão. Ele ficou afastado, observando as duas mulheres, com um ódio visível no rosto.

— Por sua habilidade em me ensinar essa lição, posso ver quem é a senhora, Grande Honrada Madre. Estou perdoada?

O sorriso travesso tinha desaparecido do rosto de Murbella. Ela ficou com a cabeça curvada.

— Está perdoada. Há uma não-nave a caminho?

— Assim dizem. Estamos preparadas para ela.

Murbella olhou para Burzmali.

— Ele ainda me é útil e é necessário que me acompanhe — explicou Lucilla.

— Muito bem, Grande Honrada Madre. Seu perdão inclui a menção do seu nome?

— Não!

Murbella suspirou.

— Nós capturamos o ghola — ela disse. — Ele veio pelo sul disfarçado de Tleilaxu. Eu estava a ponto de me deitar com ele quando chegou.

Burzmali caminhou trôpego em direção a elas. Lucilla notou que ele reconhecera o perigo. Este lugar "totalmente seguro" estava infestado de inimigos! Mas os inimigos ainda sabiam muito pouco.

— O ghola não foi ferido? — perguntou Burzmali.

— Isso ainda fala — comentou Murbella. — Que estranho.

— Você não vai se deitar com o ghola — disse Lucilla. — Essa é minha

tarefa especial!

— Eu o peguei, Grande Honrada Madre. E o marquei primeiro. Ele já está parcialmente dominado.

Ela riu uma vez mais, com um descaso frio que chocou Lucilla.

— Venham por aqui. Há um lugar de onde poderão observar.

42

Que vocês possam morrer em Caladan!

— Antigo Brinde

Duncan tentou lembrar-se de onde estava. Sabia que Tormsa estava morto. Tinha visto o sangue esguichar dos olhos dele. Sim, lembrava-se disso claramente. Eles tinham entrado num prédio escuro e de repente a luz se acendera em volta deles. Duncan sentira uma dor na nunca. Um golpe? Tentou mexer-se e os músculos se recusaram a obedecer.

Lembrava-se de estar sentado à beira de um grande gramado. Estavam jogando um tipo de boliche — bolas esquisitas que saltavam e corriam sem qualquer propósito aparente. Os jogadores eram jovens usando trajes comuns em Giedi Prime!

— Eles estão praticando para serem adultos — dissera ele.

Lembrava-se de ter dito isso.

Sua companhia, uma jovem, olhara para ele sem entender.

— Somente adultos praticam esses jogos ao ar livre — ele explicara.

É?

Era uma pergunta que não se respondia. Ela demonstrou isso com o mais simples dos gestos verbais.

“E me entregou aos Harkonnen no instante seguinte!”

Então essa era uma memória pré-ghola.

“Ghola!”

Lembrava-se do Castelo da Bene Gesserit em Gammu. A biblioteca: holofotos e trifotos do Duque Atreides, Leto I. A semelhança com Teg não era acidental: um pouco mais alto, mas sob outros aspectos estava tudo ali — o rosto magro e comprido com o nariz fino, o renovado carisma dos Atreides...

Lembrou-se do último gesto galante do velho Bashar na noite de Gammu.

“Onde estou?”

Tormsa o trouxera para cá. Tinham andado por uma trilha coberta de vegetação nos arredores de Ysai. “Barony”. Começara a nevar antes que tivessem avançado 200 metros e a neve úmida grudava-se neles. Neve fria e miserável, que deixou seus dentes batendo em questão de um minuto. Pararam

para colocar os capuzes e fechar as jaquetas isoladas. Assim era melhor. Mas ia escurecer logo. Ficaria muito mais frio.

— Existe uma espécie de abrigo adiante — explicara Tormsa. — Vamos passar a noite lá.

Como Duncan não falasse, Tormsa acrescentou:

— Não vai ser quente, mas pelo menos estará seco.

— Trezentos passos depois, Duncan viu a silhueta escura do lugar. Erguia-se sobre a neve suja com dois andares de altura. Reconheceu imediatamente: posto de contagem dos Harkonnen. Observadores ali postados tinham a responsabilidade de contar (e às vezes assassinar) as pessoas que passavam. Era feito de terra nativa transformada num gigantesco tijolo através do expediente simples de pré-moldá-la em lama e depois superaquecê-la com um queimador do tipo que os Harkonnen usavam para controlar motins.

Na medida em que se aproximavam, Duncan viu o que restara de uma completa tela defensiva com aberturas de lança-chamas apontadas para quem se aproximasse. Alguém destruíra esse sistema muito tempo atrás. Buracos rasgados na rede do campo estavam ocupados por arbustos. Mas as aberturas dos lança-chamas permaneciam abertas. Ah, sim... para dar às pessoas lá dentro uma visão de quem se aproximas-se.

Tormsa parou e ouviu, observando as cercanias com cuidado.

Duncan olhava para a estação de contagem. Lembrava-se dela muito bem. O que o confrontava era uma coisa que tinha brotado como uma vegetação deformada a partir de uma semente tubular original. A superfície fora cozinhada para produzir um acabamento vítreo. Verrugas e protuberâncias revelavam os pontos onde fora superaquecida. A erosão das eras deixara finos arranhões, mas a forma original permanecia. Ele olhou para cima e identificou parte do velho sistema de suspensores elevadores. Alguém tinha adaptado um guincho e uma roldana ao exterior.

Então a abertura da tela do campo era recente.

Tormsa desapareceu na abertura.

Como se um botão tivesse sido acionado, a visão na memória de Duncan modificou-se. Encontrava-se na biblioteca do não-globo junto com Teg. O projetor estava produzindo uma série de vistas da moderna Ysai. A idéia de moderno soava-lhe de modo curioso. Baronja tinha sido uma cidade moderna, considerando-se moderno algo tecnologicamente eficiente de acordo com as normas de sua época. Dependia exclusivamente de feixes suspensores para o transporte de gente e materiais — tudo a grande altura. Não havia entradas no nível do solo. Ele estava explicando tudo isso para Teg.

O projeto traduzira-se numa cidade que usava cada possível metro

quadrado de espaço horizontal e vertical para outras coisas que não o movimento de pessoas e bens de consumo. As aberturas para os feixes suspensores exigiam apenas o espaço suficiente para os ombros e as cabeças dentro dos casulos de transporte tipo universal.

Teg disse:

— A forma ideal é a cilíndrica, com teto chato para o pouso dos tópteros.

— Os Harkonnen preferiam quadrados e retângulos. Isso era verdade.

Duncan lembrava-se de que Baronja tivera uma paisagem aberta e desimpedida que o fizera estremecer. Os trilhos dos suspensores percorriam-na como buracos de vermes — retos, curvos, dobrando-se em ângulos oblíquos... para cima, para baixo, para os lados. Exceto pela forma retangular imposta pelos Harkonnen, Baronja fora construída dentro de um critério voltado para o máximo alojamento de população: abrigar o máximo com o mínimo gasto de materiais.

— As coberturas planas eram os únicos espaços voltados para o bem-estar humano naquele maldito lugar! — lembrava-se de ter dito a Teg e Lucilla.

— Lá em cima ficavam os apartamentos de cobertura, com estações de guarda em todas as extremidades, nas plataformas de tópteros, em todas as entradas que davam para a parte de baixo, em torno de todos os parques. Assim as pessoas que viviam nos topos dos prédios podiam ignorar a massa humana vivendo espremida logo abaixo delas. Não se permitia que qualquer ruído ou cheiro dessa confusão de carne apertada chegasse lá em cima. Os servos eram obrigados a se lavar e vestir roupas limpas antes de entrar no mundo superior.

Teg tinha uma pergunta:

— Por que essa massa humana aglomerada e comprimida aceitava viver nessas condições?

A resposta era óbvia e ele explicou. Viver fora da cidade era perigoso. E os governantes da cidade faziam parecer ainda mais perigoso do que realmente era. Além disso, poucos lá dentro sabiam alguma coisa a respeito de uma vida melhor lá fora. A única vida melhor que conheciam estava no alto. E o único caminho para o alto era o da mais total servidão.

“Vai acontecer e não há nada que você possa fazer a esse respeito!” Era outra voz ecoando dentro do Crânio de Duncan. Ele a ouvia claramente.

“Paul!”

Como era estranho, pensou. Havia uma arrogância nos prescientes que lembravam a arrogância de um Mentat apoiando-se em sua lógica mais frágil.

“Eu nunca tinha pensado em Paul como arrogante”

Duncan olhou para o próprio rosto no espelho. Percebeu com parte de sua mente que esta era uma memória pré-ghola. De repente estava olhando para

outro espelho, seu próprio rosto de certa forma diferente. Aquele rosto escuro e redondo começava a tomar as formas mais angulosas do amadurecimento. Olhou para os próprios olhos. Sim, aqueles eram seus olhos. Tinha ouvido alguém defini-los certa vez como profundos. Estavam fundamente alojados embaixo das sobrancelhas e protegidos por faces estufadas. Tinham lhe dito também que era difícil determinar se seus olhos eram azuis-escuros ou cinza-escuros, a menos que a iluminação fosse ótima.

Uma mulher dissera isso. Não conseguia lembrar que mulher fora.

Tentou estender as mãos e tocar o próprio cabelo, mas as mãos não lhe obedeciam. Lembrou-se então de que seus cabelos tinham sido descorados. Quem fizera isso? Uma velha. Seu cabelo não era mais uma touca de caracóis escuros.

Lá estava o Duque Leto olhando para ele da porta da sala de jantar em Caladan.

— Nós vamos comer agora — dissera o Duque.

Era uma ordem real que deixava de parecer arrogante devido ao sorriso franco que dizia implicitamente: “Alguém tinha que dizer isso”

“Que está acontecendo com a minha mente?”

— Lembrava-se de ter seguido Tormsa até um lugar onde ele dissera que uma não-nave desceria para encontrá-los.

Era um prédio volumoso dentro da noite, com várias construções menores abaixo da maior. Elas pareciam estar ocupadas. Vozes e sons mecânicos podiam ser ouvidos, vindos de dentro delas. Mas nenhum rosto apareceu nas janelas estreitas. Nenhuma porta se abriu. Duncan sentiu cheiro de comida sendo preparada ao passar pela maior das pequenas construções. Isso recordou-lhe que só tinham comido tiras secas de um material coriáceo que Tormsa chamara de “comida de virgem”

Entraram no prédio escuro.

As luzes se acenderam.

Os olhos de Tormsa explodiram em sangue.

Escuridão.

Duncan olhava para um rosto de mulher. Tinha visto um rosto como esse antes: um único segmento tridimensional tirado de uma sequência holográfica mais longa. Onde estaria? Onde teria visto essa imagem?

Era um rosto quase oval, com um pequeno alargamento na testa prejudicando sua perfeição curva.

Ela disse:

— Meu nome é Murbella. Você não vai se lembrar disto, mas eu digo agora enquanto o marco. Eu o selecionei.

“Eu me lembro de você, Murbella”

Olhos verdes, bem separados sob sobrancelhas arqueadas, davam às feições dela um ponto focal que deixava o queixo e a boca pequena para serem observados depois. Os lábios eram grossos e ele sabia que formariam um beicinho quando em repouso.

Os olhos verdes olhavam bem nos seus olhos. Que olhar frio. E o poder que havia nele.

Alguma coisa tocou sua face.

Ele abriu os olhos. Isso não era memória! Estava acontecendo com ele, e acontecendo agora!

“Murbella!” Ela havia estado ali e o tinha deixado. Agora estava de volta. Lembrava-se de ter acordado nu em cima de uma superfície macia... um leito. Suas mãos reconheceram isso. Murbella, despida, estava bem em cima dele, olhos verdes fitando-o com terrível intensidade. Ela o tocava simultaneamente em vários locais. Um suave murmúrio escapava de entre seus lábios.

Sentiu a rápida ereção, dolorosa em sua rigidez.

Nenhuma força de resistência permanecia nele. As mãos dela moviam-se sobre seu corpo. A língua, e o murmúrio! Tudo à volta dele, a boca tocando-o, os mamilos esfregando-se em sua face, em seu peito. E quando tornou a ver os olhos dela percebeu neles uma intenção consciente.

Murbella tinha retornado e estava fazendo aquilo novamente!

Acima do ombro direito dela, percebeu uma ampla janela de plaz

Lucilla e Burzmali observavam de trás da barreira. “Um sonho?” Burzmali pressionava as palmas das mãos contra o plaz. Lucilla permanecia de braços cruzados, uma expressão de ódio misturado com curiosidade em seu rosto.

Murbella murmurou em seu ouvido direito:

Minhas mãos são fogo.

O corpo dela ocultou os rostos atrás do plaz. Ele sentia o fogo onde quer que ela o tocasse.

De repente a chama engolfou sua mente. Lugares ocultos dentro dela se tornaram vividos. Ele viu cápsulas vermelhas, como cordões de salsichas brilhantes, passarem diante de seus olhos. Sentiu-se febril. Era uma cápsula que havia sido engolida, a excitação queimando através de sua consciência. Aquelas cápsulas! Ele as conhecia! Elas eram ele mesmo... elas eram...

Todos os Duncan Idahos, o original e a série de gholas, fluíram em sua mente. Eles eram como cápsulas de sementes estourando, negando a existência de todos os outros, exceto de si mesmos. Ele se viu esmagado debaixo de um grande verme com rosto humano.

“Maldito seja, Leto!”

Esmagado, esmagado e esmagado... várias vezes.

“Maldito seja! Maldito seja! Maldito seja!”

Ele morrera sob a espada de uma Sardaukar. A dor explodiu num clarão engolido, logo em seguida, pela escuridão.

Ele morria na queda de um tóptero. Morria pela faca de uma assassina Oradora Peixe. Morria, morria e morria.

E vivia.

As memórias inundaram-no até ele admirar-se com o modo como podia conter todas elas. O encanto de uma filha recém-nascida aninhada em seus braços. Os odores almiscarados de uma companheira apaixonada. A cascata de sabores do vinho Daniano. O cansaço ofegante dos exercícios de solo.

“Os tanques axlotl!”

Lembrava-se nascendo vez após vez: luzes brilhantes e mãos mecânicas acolchoadas. Mãos faziam-no girar e, na visão desfocada de um recém-nascido, ele via um grande monte de carne feminina — monstruoso em seu enorme volume quase imóvel... um labirinto de tubos escuros ligando o corpo dela a imensos containers de metal.

“Tanque axlotl?”

Respirou ofegante sob o domínio da série de memórias que o inundava. “Todas aquelas vidas! Todas aquelas vidas!”

Agora se lembrava do que os Tleilaxu tinham plantado nele, a consciência submersa que separava apenas o momento de sedução por uma impressora Bene Gesserit.

Mas essa era Murbella e ela não era Bene Gesserit.

Mas ela estava pronta, ao seu alcance, e o padrão implantado pelos Tleilaxu dominou suas reações.

Duncan murmurou suavemente e a tocou, movendo-se com uma agilidade que chocou Murbella. “Ele não devia ser tão cooperativo! Não desse modo!” A mão direita de Duncan roçou os lábios da vagina, enquanto a mão esquerda acariciava a base da espinha de Murbella. Ao mesmo tempo a boca moveu-se suavemente sobre o nariz dela, descendo para os lábios, pela depressão da axila do braço esquerdo.

E todo o tempo ele murmurava suavemente num ritmo que pulsava pelo corpo dela, atraindo-a... enfraquecendo-a.

Ela tentou desprender-se dele enquanto ele aumentava o ritmo de suas respostas.

“Como ele sabia que devia tocar-me nesse ponto naquele instante exato? E aqui? E ali? Oh, pela Rocha Sagrada de Dur! Como ele sabe tudo isso?”

Duncan reparou em como os seios dela se inchavam, e no congestionamento de seu nariz. Notou os mamilos rígidos, as aréolas escurecendo-se em torno deles. Murbella gemeu e abriu as pernas.

“Grande Madre, me ajude!”

Mas a única Grande Madre de que ela podia recordar-se estava trancada em segurança na outra sala, impedida de ajudá-la por uma porta aferrolhada e uma barreira de plaz.

Uma energia desesperada fluiu através de Murbella e ela respondeu do único jeito que sabia: tocando, acariciando — usando todas as técnicas que aprendera com tanta diligência nos longos anos de seu aprendizado.

E a cada movimento seu o Duncan respondia com um contramovimento loucamente estimulante.

Murbella descobriu que não era mais capaz de controlar todas as suas respostas. Reagia automaticamente a partir de algum conhecimento entranhando em seu treinamento. Sentiu os músculos vaginais enrijecerem-se, a rápida liberação do fluido lubrificante. Quando Duncan a penetrou, ela ouviu a si mesma gemendo. Seus braços, suas mãos, suas pernas, todo o seu corpo se agitava sob o controle dos dois sistemas de reação: a automação bem-treinada e a consciência profunda de outras demandas.

“Como ele fez isso comigo?”

Ondas de contrações extáticas começaram a alisar a musculatura de seu pélvis. Ela sentiu a resposta imediata dele, a pancada de sua ejaculação. Isso acelerou suas próprias reações. As pulsações do êxtase partindo das contrações de sua vagina... para fora... para fora. O êxtase engolfou todo o seu sistema sensorial. Ela viu um brilho branco propagar-se sobre suas pálpebras, cada músculo de seu corpo tremendo num êxtase que ela não imaginava pudesse sentir.

E outra vez aquelas ondas se espalhando.

Outra e outra vez.

Perdeu a conta das repetições.

Quando Duncan gemia, ela gemia também, e as ondas se propagavam uma vez mais.

E de novo...

Não havia mais sensação do tempo ou do ambiente ao redor, somente o mergulho naquele orgasmo infinito.

Ela queria que durasse para sempre e queria que parasse. Isso não devia estar acontecendo com uma mulher! Uma Honrada Madre não pode experimentar uma coisa dessas. Essas eram as sensações pelas quais os homens eram governados.

Duncan emergiu do padrão de reações que fora implantado nele. Havia outra coisa que devia fazer. Não conseguia lembrar-se do que era.

"Lucilla?"

Ele a imaginou morta diante de si. Mas essa mulher não era Lucilla; essa era... essa era Murbella.

Restavam-lhe muito poucas forças. Levantou-se, separando-se de Murbella, e conseguiu ficar de joelhos. Suas mãos tremiam numa agitação que ele não era capaz de compreender.

Murbella tentou afastar Duncan de si e não o encontrou. Os olhos dela se abriram.

Duncan estava ajoelhado em cima dela. Ela não tinha mais idéia de quanto tempo se passara. Tentou reunir energias para se levantar e não conseguiu. Lentamente o raciocínio voltou.

Olhou nos olhos de Duncan, sabendo agora quem devia ser esse homem. Homem? Era apenas um rapazinho. Mas tinha feito coisas... coisas... Todas as Honradas Madres tinham sido advertidas. Havia um ghola armado com conhecimentos proibidos pelos Tleilaxu. Esse ghola devia ser morto!

Uma pequena descarga de energia fluiu em seus músculos. Ela conseguiu erguer-se sobre os cotovelos. Ofegante, procurando recuperar o fôlego, Murbella tentou rolar para longe dele e caiu de volta sobre aquela superfície macia.

Pela Rocha Sagrada de Dur! Esse homem não podia continuar vivendo! Ele era um ghola e podia fazer coisas permitidas apenas às Honradas Madres. Ela queria golpeá-lo e ao mesmo tempo queria puxá-lo de volta sobre seu corpo. "O êxtase!" Sabia que faria qualquer coisa que ele lhe pedisse nesse momento. Faria por ele.

"Não! Devo matá-lo!"

Uma vez mais Murbella se ergueu sobre os cotovelos e daí conseguiu sentar-se. Sua visão enfraquecida voltou-se para a janela onde ela tinha deixado confinados a Grande Honrada Madre e seu guia. Eles ainda estavam lá, olhando para ela. O rosto do homem estava avermelhado. O rosto da Grande Honrada Madre continuava tão imutável quanto a própria Rocha de Dur.

"Como ela pode ficar lá depois do que viu aqui? A Grande Honrada Madre precisa matar este ghola!"

Murbella chamou a mulher atrás da janela de plaz e rolou em direção à porta trancada ao lado do leito. Quase não teve forças para destrancar a porta e abri-la antes de cair de costas. Seus olhos voltaram-se para o jovem ajoelhado. Gotas de suor brilhavam no corpo dele. Em seu corpo lindo...

"Não!"

O desespero a fez tentar levantar-se de novo. Ficou de joelhos e então,

impulsionada pela pura força de vontade, Murbella ficou de pé. As forças voltavam, mas as pernas tremiam enquanto ela cambaleava em torno do leito.

"Eu vou fazer, eu mesma, sem pensar. Tenho que fazê-lo!"

O corpo dela oscilava de um lado para o outro. Murbella tentou firmar-se pelo tempo suficiente e acertar um golpe no pescoço dele. Conhecia este golpe de suas longas horas de prática. Ele esmagaria a laringe e a vítima morreria asfixiada.

Duncan evitou o golpe com facilidade, mas ele era lento... lento. Murbella quase caiu ao lado dele, mas as mãos da Grande Honrada Madre a salvaram.

— Mate-o! — disse Murbella, ofegante. — É aquele sobre quem nos avisaram. É ele!

Murbella sentiu mãos sobre seu pescoço, os dedos pressionando violentamente os feixes nervosos sob suas orelhas.

E a última coisa que Murbella ouviu antes da inconsciência foi a Grande Honrada Madre dizendo:

— Não vamos matar ninguém. Este ghola vai para Rakis.

43

A pior competição em potencial para qualquer organismo vem dos membros de sua própria espécie. As espécies consomem necessidades. Seu crescimento é limitado pela necessidade que existir em menor quantidade. A condição menos favorável controla a taxa de crescimento. (Lei do Mínimo.)

— De "Lições de Arrakis"

O prédio erguia-se em uma larga avenida por trás de uma fileira de árvores e sebes floridas, muito bem cuidadas. As sebes tinham sido plantadas segundo um padrão de labirinto, com postes brancos da altura de um homem para definir as áreas plantadas. Nenhum veículo entrando ou saindo poderia acelerar além de um lento rastejar. A mente militar de Teg percebeu tudo isso enquanto o carro de solo blindado o levava até a porta. O Marechal-de-Campo Muzzafar, único ocupante além dele no banco de trás do carro, reconheceu a avaliação de Teg e disse:

— Estamos protegidos do alto por um sistema de feixes de flanco.

Um soldado em uniforme camuflado e com uma longa arma laser pendendo do ombro abriu a porta e ficou em posição de sentido quando Muzzafar saiu.

Teg o seguiu. Reconhecia esse lugar. Era um dos endereços "seguros" que a Segurança da Bene Gesserit lhe havia fornecido. Obviamente os dados da Irmandade estavam desatualizados. Recentemente desatualizados, pois Muzzafar não aparentou ter consciência de que Teg já pudesse conhecer esse local.

Enquanto andavam em direção à porta, Teg notou outro sistema de proteção que já existia em sua viagem de inspeção por Ysai. Era uma diferença de altura, quase indistinta, nos postes ao longo das sebes e das árvores. Esses postes eram escanalisadores operados de uma sala em algum lugar do interior do prédio. Seus dispositivos em forma de diamante sentiam a área entre eles e o prédio. E ao suave toque de um botão na sala de vigília escanalisadores reduziriam a pedacinhos qualquer coisa viva que cruzasse seus campos.

Na porta, Muzzafar parou e olhou para Teg.

— A Honrada Madre que está a ponto de conhecer é a mais poderosa de todas as que vieram para cá. Ela não tolera outra coisa senão a mais completa

obediência.

— Parece-me uma advertência.

— Acho que compreende. Chame-a de Honrada Madre e de nada mais. Vamos entrar. Tomei a liberdade de mandar prepararem um novo uniforme para você.

A sala para onde Muzzafar o levou não tinha sido vista por Teg em sua visita anterior. Era pequena e cheia de caixas negras tiquetaqueantes, deixando pouco espaço para eles dois. Um único globo luminoso amarelo, no teto, iluminava esse lugar. Muzzafar ficou num canto enquanto Teg tirava o macacão sujo e amassado que usava desde o não-globo.

— Sinto não poder oferecer-lhe um banho — disse Muzzafar. — Mas não podemos atrasar-nos. Ela ficaria impaciente.

Uma personalidade diferente tomou conta de Teg com o uniforme novo. Era um traje negro familiar, até mesmo com os asteriscos na gola. Isso significava que ele devia aparecer diante dessa Honrada Madre como o Bashar da Irmandade. Interessante. Sentia-se plenamente Bashar de novo. Não que o poderoso senso de identidade lhe houvesse escapado. O uniforme apenas o completava e o anunciava bem alto. Nesse traje, não havia necessidade de enfatizar de qualquer outro modo quem era ele.

— Assim está melhor — disse Muzzafar, enquanto conduzia Teg para o corredor de entrada e através de uma porta de que ele se lembrava.

Sim, fora ali que se encontrara com seus contatos “seguros”. Tinha reconhecido a função da sala então e nada parecia ter mudado. Filas de microscópicos olhos eletrônicos guarneciam a interseção entre o teto e as paredes, disfarçados como tiras prateadas para guiar os globos luminosos flutuantes.

“Aquele que vigia não é visto”, pensou Teg. “E os vigias possuem um bilhão de olhos.”

Sua dupla visão revelou que havia perigo nesse lugar; mas nenhuma violência imediata.

Essas sala, com cinco metros de comprimento por quatro de largura, era um lugar para negociações de alto nível. Ali nunca havia troca de dinheiro vivo. As pessoas viam apenas os equivalentes portáteis da riqueza — melange talvez, ou leitosas pedras suaves do tamanho de um globo ocular, perfeitamente redondas e ao mesmo tempo macias e lustrosas, irradiando um arco-íris onde quer que a luz ciasse sobre elas ou a carne as tocasse. Esse era um lugar onde um danikin de melange ou um saquinho de pedras suaves seria aceito como moeda. O preço de um planeta podia ser negociado com apenas um aceno da cabeça, um piscar de olho ou um murmúrio em voz baixa. Nenhuma carteira de notas jamais

apareceria nesse lugar. A coisa mais próxima de moeda corrente poderia ser uma fina caixa de translux de cujo interior, protegido por veneno, sairiam finas folhas de cristal riduliano com grandes números inscritos nelas com impressão de que não se poderia falsificar.

— Isto é um banco — disse Teg.

— O quê? — Muzzafar estivera olhando para a porta fechada na parede oposta. — Oh sim, ela vai chegar dentro em breve.

— Ela está nos observando agora mesmo, é claro.

Muzzafar não respondeu, mas pareceu melancólico.

— Teg olhou em volta. Será que alguma coisa tinha mudado desde a sua última visita? Não percebia qualquer alteração significativa. Perguntou-se se abrigos como esse tinham sofrido muitas modificações através das eras. Ali estava o carpete de orvalho no chão, tão macio quanto a plumagem inferior de um ganso e tão branco quanto o ventre de uma baleia. Refletia um falso senso de umidade que somente os olhos detectavam. Um pé descalço (não que esse lugar jamais tivesse visto um pé descalço) iria sentir uma secura acariciante.

Havia uma mesa estreita, com dois metros de comprimento, quase no centro da sala. O topo tinha quase 20 milímetros de espessura e Teg supôs que fosse de jacarandá Daniano. A superfície marrom-escura fora polida até adquirir um lustro que atraía o olhar, revelando por baixo veios semelhantes a correntes em um rio. Havia quatro cadeiras de recosto alto em torno da mesa, todas feitas do mesmo tipo de madeira trabalhada por um mestre artesão e estofadas no assento e no recosto com couro de lyr do mesmo tom da madeira envernizada.

Somente quatro cadeiras. Mais seria exagerado. Ele não tentara sentar-se em uma das cadeiras antes e não tentou agora, mas sabia que deviam ser bem confortáveis — quase tanto como uma desprezível cadeira-cão, mas não com o mesmo grau de suavidade e conformidade com o corpo, é claro. Muito conforto levaria ao relaxamento e essa sala, com sua mobília, dizia: “Fique confortável, mas permaneça alerta.”

Não é preciso apenas manter o bom senso num lugar como esse. Deve-se também dispor de um grande potencial de violência, pensou Teg. Chegara a essa conclusão anteriormente e sua opinião não mudara.

Não havia janelas, mas aquelas que ele tinha visto do exterior tremulavam com fios de luz — barreiras energéticas para repelir intrusos e evitar fugas. Tais barreiras, contudo, acarretavam seus próprios perigos, bem o sabia Teg, mas as implicações eram importantes. Só para manter o fluxo de energia era necessária uma força suficiente para iluminar uma grande cidade por todo o tempo de vida de seu morador mais idoso.

E não havia nada casual nessa exibição de riqueza.

A porta pára a qual Muzzafar estava olhando abriu-se com um suave estalido.

“Perigo!”

Uma mulher usando um manto dourado brilhante entrou na sala. Fios de luz vermelho-alaranjada ondulavam no tecido.

“Ela é velha!”

Teg não esperava que a mulher fosse tão velha. Seu rosto era uma máscara enrugada. Os olhos eram profundos, verdes e gélidos, o nariz formava um bico alongado cuja sombra caía sobre os lábios finos e repetia o ângulo pronunciado do queixo. Uma touca negra cobria quase todo o seu cabelo grisalho.

Muzzafar curvou-se.

— Deixe-nos — ela disse.

Muzzafar saiu sem dizer uma palavra, usando a mesma porta pela qual tinha entrado. Quando a porta se fechou atrás dele, Teg disse:

— Honrada Madre.

— Então você reconhece este lugar como sendo um banco.

A voz dela tinha apenas um leve tremor.

— É claro.

— Existem sempre modos pelos quais se pode transferir grandes somas ou vender o poder — ela disse. — Não falo do poder que dirige as fábricas, mas do poder que governa as pessoas.

— E que geralmente recebe os estranhos nomes de governo, sociedade ou civilização — disse Teg.

Eu suspeitava de que você devia ser muito inteligente — ela disse. Puxou uma cadeira e se sentou, mas não fez sinal para Teg fazer o mesmo. — Costumo pensar em mim mesma como uma banqueira. Poupa um bocado de subterfúgios aborrecidos.

Teg não respondeu. Parecia não haver necessidade. Continuou a observá-la.

Por que está olhando para mim desse modo? — indagou ela.

Não esperava que fosse tão velha.

Eh, eh, eh! Nós temos muitas surpresas para você, Bashar. Mais tarde uma jovem Honrada Madre pode murmurar seu nome para marca-lo. Reze para Dur se isso acontecer.

Ele assentiu com a cabeça, não entendendo muito bem o que ela dizia.

Este é um prédio muito antigo — comentou ela. — Eu o observei quando se aproximava. Isto o surpreende também?

— Não.

Este prédio tem permanecido essencialmente igual por vários milhares de

anos. Foi construído com materiais que ainda vão durar muito tempo.

Ele olhou para a mesa.

— Oh, não a madeira. Mas por baixo é polastine, polaz e pormabat.

Os três P-Os nunca são desprezados quando necessários.

Teg permaneceu em silêncio.

— Necessidade — ela disse. — Faz objeção às coisas necessárias que foram feitas com você?

— Minhas objeções não vêm ao caso.

Aonde ela queria chegar? Estava observando-o, é claro. E ele a observava.

— Acha que outras pessoas já fizeram objeção ao que fez com elas?

— Indubitavelmente.

— Você é um comandante natural, Bashar. Creio que nos será muito valioso.

— Sempre me julguei muito valioso para mim mesmo.

— Bashar! Olhe nos meus olhos!

Ele obedeceu, vendo pequenas partículas alaranjadas deslizando pelo branco dos olhos dela. O senso de perigo era agudo.

— Se chegar a ver meus olhos totalmente alaranjados, cuidado! — ela disse. — Terá me ofendido além da minha capacidade de tolerância.

Ele assentiu com a cabeça.

— Gosto que seja capaz de comandai; mas não pode comandar a mim! Você comanda a escória e essa é a única função que temos para você.

— Escória?

Ela acenou com a mão num movimento negligente.

— Lá fora. Você os conhece. A curiosidade deles é estreita, limitada. Grandes problemas jamais penetram em suas consciências.

— Achei que era isso que queria dizer.

— Nós trabalhamos para mantê-los desse modo — explicou ela. — Tudo que destinamos a eles passa por um filtro estreito que exclui o que não tenha importância imediata para a sobrevivência.

— Nada de grandes questões.

— Está chocado, mas isso não importa. Para aqueles que estão lá fora, a grande questão é: “Será que vou ter o que comer hoje? Será que terei um abrigo onde dormir esta noite, um lugar que não seja invadido por assaltantes ou bichos?” Luxo? Luxo é possuir uma droga ou um membro do sexo oposto que possa, por algum tempo, manter as feras afastadas.

“E você é a fera”, pensou Teg.

— Estou dedicando este tempo a você, Bashar, porque percebo que pode vir a ser mais valioso para nós do que Muzzafar. E ele é, de fato, extremamente

valioso. Agora mesmo o estamos recompensando por tê-lo trazido para nós numa condição tão receptiva.

Como Teg continuasse em silêncio, ela riu.

— Não se julga numa condição receptiva?

Teg permaneceu calado. Será que tinham colocado alguma droga em sua comida? Percebia o tremular da segunda visão, mas os movimentos de violência haviam desaparecido como os pontos alaranjados nos olhos da Honrada Madre. Os pés dela deviam ser evitados, contudo. Eram armas mortais.

— Acontece apenas que você pensa do modo errado com relação à escória. Felizmente eles são quase todos autolimitados. Sabem disso no mais profundo de suas consciências, e não podem dispor de tempo para dedicar a qualquer outra coisa que não seja a luta diária pela sobrevivência.

— E não se pode melhorá-los? — perguntou Teg.

— Oh, eles não devem ser melhorados! Nós cuidamos para que o auto-aperfeiçoamento permaneça como a grande moda entre eles. Mas nada para valer, é claro.

— Outro luxo que deve ser negado.

— Não, luxo não! Algo que não existe! Que deve ser escondido todo o tempo sob a barreira daquilo que chamamos de ignorância protetora.

— Aquilo que não sabe não pode magoá-lo.

— Não gosto do seu tom de voz, Bashar.

Novamente os pontos alaranjados dançavam nos olhos dela. A sensação de violência iminente diminuiu, contudo, enquanto ela ria.

— Aquilo de que deve acautelar-se é o oposto daquilo-que-você-não-sabe. Nós ensinamos que o novo conhecimento pode ser perigoso. E você percebe a extensão óbvia: todo conhecimento novo é contrário à sobrevivência!

A porta atrás da Honrada Madre se abriu e Muzzafar retornou. Era um novo Muzzafar, com o rosto vermelho e os olhos brilhantes. Parou junto da cadeira ocupada pela Honrada Madre.

— Um dia poderei permitir que fique atrás de mim deste modo — ela disse. — Está entre meus privilégios permitir isso.

Que teriam feito com Muzzafar? — perguntou-se Teg. O homem parecia drogado.

Não percebe que possuo esse poder? — perguntou ela.

Teg pigarreou.

— Isso é óbvio.

— Eu sou uma banqueira, lembra-se? Acabamos de fazer um depósito em nome do nosso leal Muzzafar. Não nos agradece, Muzzafar?

— Sim, Honrada Madre.

A voz era rouca.

— Tenho certeza de que compreende esse tipo de poder de maneira generalizada, Bashar. A Bene Gesserit o treinou muito bem. Elas são bem talentosas, mas não, temo, tão talentosas quanto nós.

— E me disseram que vocês são bem mais numerosas — comentou ele.

— Nosso número não é a chave para o nosso poder, Bashar. Um poder como aquele de que dispomos tem uma forma de ser canalizado de modo a poder ser controlado por um pequeno número de pessoas.

Era como uma Reverenda Madre, pensou Teg, na maneira como parecia responder uma pergunta sem revelar muito.

— Na essência — continuou ela —, um poder como o nosso pode tornar-se a substância vital para a sobrevivência de muita gente. Então a ameaça de sua retirada é tudo de que precisamos para governá-los.

— Ela olhou por sobre o ombro. — Gostaria que lhe negássemos nossos favores, Muzzafar?

— Não, Honrada Madre.

Ele estava realmente tremendo!

— Vocês encontraram uma nova droga — disse Teg.

A risada dela foi espontânea, alta, quase estridente.

— Não, Bashar, nós dispomos de uma muito antiga.

— E vai fazer de mim um viciado?

— Como todos os outros que controlamos, Bashar. Você tem uma escolha: a obediência ou a morte.

— E uma escolha bem antiga — concordou ele.

Qual seria a ameaça imediata? Ele não podia sentir qualquer prenúncio de violência. Muito pelo contrário. Sua dupla visão mostrava-lhe vislumbres de algo com aspecto extremamente sensual. Será que elas pensavam que poderiam imprimi-lo ao modo de uma Impressora Bene Gesserit?

Ela sorriu para ele, a expressão de quem sabia muita coisa, mas com algo de gélido.

— Ele vai nos servir bem, Muzzafar?

— Acredito que sim, Honrada Madre.

Teg franziu a testa, pensando. Havia alguma coisa profundamente maligna naqueles dois. Eles se opunham a todo tipo de moral que servia a Teg como guia de conduta. Era ótimo lembrar-se de que nenhum dos dois conhecia essa coisa estranha que havia acelerado suas reações.

Pareciam estar apreciando seu desconforto e sua perplexidade.

Teg obtinha algum consolo do fato de nenhum dos dois apreciar realmente a vida. Podia analisá-los claramente com olhos que tinham sido treinados pela

Irmandade. A Honrada Madre e Muzzafar tinham esquecido, ou mais provavelmente abandonado, tudo que sustentava a existência de seres humanos felizes. Ele achou que provavelmente não eram mais capazes de sentir uma verdadeira alegria com seu próprio corpo. A vida deles era uma existência de voyeurs, de eternos observadores, sempre a se lembrarem de como tinham sido antes de ser tornarem o que quer que fosse aquilo em que se haviam convertido. Mesmo quando mergulhavam na representação de algo que um dia significara gratificação, eram obrigados a um esforço extremo para tentar recuperar alguma coisa de suas próprias memórias.

O sorriso da Honrada Madre ampliou-se, revelando uma fileira de dentes brancos brilhantes.

— Olhe para ele, Muzzafar. Não tem a menor idéia do que podemos fazer.

Teg ouviu isso, mas também viu com olhos treinados pela Bene Gesserit. Não havia um miligrama de ingenuidade em qualquer dos dois. Nada poderia surpreendê-los. Nada seria verdadeiramente novo para eles. Ainda assim, treinavam e maquinavam, esperando que esses extremos recuperassem as sensações de que se lembravam. Eles sabiam que isso não ia ocorrei; é claro, e esperavam obter da experiência somente mais ódio para moldar outra tentativa de buscar aquilo que estava fora de seu alcance. Era assim que funcionava a mente deles.

Teg sorriu para eles, usando todas as habilidades que a Bene Gesserit lhe havia ensinado. Era um sorriso cheio de compaixão, compreensão e autêntico prazer pela própria existência. Ele sabia que era o pior insulto que poderia dirigir a esses dois, e viu que tinha atingido o alvo. Muzzafar ficou rubro e a Honrada Madre passou do ódio, com os olhos alaranjados, a uma súbita surpresa, e então, bem lentamente, a um crescente prazer. Não tinha esperado por isso! Era alguma coisa nova!

Muzzafar — ela disse, o laranja diluindo-se em seus olhos —, traga a Honrada Madre que foi escolhida para marcar o nosso Bashar.

Teg, com sua dupla visão revelando perigo imediato, compreendeu afinal. Podia sentir o futuro próximo propagando-se como ondas na medida em que aquele poder crescia dentro dele A louca mudança continuava! Sentia a energia expandir-se. E com ela vinha uma compreensão de suas escolhas. Via-se como um redemoinho açoitando esse prédio — corpos espalhados à sua passagem (os de Muzzafar e da Honrada Madre entre eles) e todo o complexo parecendo um matadouro enquanto ele partia.

“Devo fazer isso?”, perguntou-se.

Para cada um que matasse, mais teriam que ser mortos. Via a necessidade disso, contudo, tal como percebia o último desígnio do Tirano. A dor que podia

ver por si mesmo quase o fez chorar, mas ele se conteve.

— Sim, traga-me essa Honrada Madre — disse ele, sabendo que essa seria menos uma que teria de caçar e destruir dentro desse prédio.

A sala de controles dos escanalisadores deveria ser tomada em primeiro lugar.

44

E você, que sabe o que sofremos aqui,
não nos esqueça em suas preces.
— Letreiro na entrada do Campo de Pouso de Arrakeen (Registros Históricos: Dar-es-Balat)

Taraza observou as flores levadas pelo vento flutuarem como flocos de neve no céu prateado da manhã Rakiana. Havia um brilho opalescente no céu que, a despeito de todas as instruções preparatórias recebidas antes de qualquer viagem, ela não tinha previsto. Rakis mostrava muitas surpresas. O cheiro de falsas laranjas era muito forte ali, na beira do jardim de cobertura de Dar-es-Balat, dominando todos os outros odores.

"Nunca acredite ter alcançado as profundezas de qualquer lugar. ou de qualquer ser humano", lembrou-se.

As conversas tinham terminado, mas não os ecos dos pensamentos que haviam trocado alguns minutos atrás. Todos concordavam, contudo, em que era hora de agir. Logo Sheeana iria "dançar para um ver-me" e uma vez mais demonstrar-lhes seu domínio.

Waff e o novo representante dos sacerdotes iriam compartilhar desse evento sagrado", mas Taraza não tinha certeza quanto a se eles conheciam a natureza real daquilo que estavam a ponto de testemunhar. Waff ainda tinha aquele ar de irritada descrença em tudo que via ou ouvia. Isso formava uma estranha mistura com a sua admiração subjacente por estar em Rakis. O catalisador era, obviamente, seu ódio pelo fato de saber que tolos governavam esse lugar.

Odrade voltou da sala de reunião e parou ao lado de Taraza.

— Estou extremamente preocupada com os relatórios de Gammu disse Taraza. — Traz alguma coisa nova?

— Não. As coisas ainda estão caóticas por lá.

— Diga-me, Dar, que acha que devemos fazer?

— Eu fico lembrando as palavras do Tirano a Chenoeh: "A Bene Gesserit está tão próxima do que deveria fazer e no entanto tão distante."

Taraza apontou para o deserto além do qanat da cidade-museu.

— Ele ainda está lá, Dar, tenho certeza disso. — Voltou-se para encarar Odrade: — E Sheeana fala com ele.

— Ele disse tantas mentiras — comentou Odrade.

— Mas não mentiu sobre sua própria encarnação. Lembre-se do que ele disse: “Cada parte descendente de mim levará um fragmento de minha consciência preso dentro dela, perdida e desamparada — pérolas de minha mente a se moverem loucamente pela areia, presas a um sonho interminável.”

— Está apostando forte em sua crença no poder daquele sonho.

— Devemos recuperar o projeto do Tirano! Todo ele!

Odrade suspirou mas não respondeu.

— Nunca substime o poder de uma idéia — disse Taraza. — Os Atreides sempre governaram com filosofia. E a filosofia é sempre perigosa, pois ela promove a criação de novas idéias.

Ainda assim Odrade não respondeu.

— O verme carrega isso tudo dentro dele, Dar! Todas as forças que ele colocou em movimento ainda estão lá.

— Está tentando convencer a mim ou a si mesma, Tar?

— Estou punindo você, Dar. Exatamente como o Tirano ainda nos pun~

— Por não sermos o que devíamos? Ah, aí vem Sheeana e os outros.

— A linguagem do verme, Dar. Isso é que é importante.

— Se diz assim, Madre Superiora.

Taraza olhou aborrecida para Odrade, que foi receber os recém-chegados. Havia uma perturbadora melancolia em Odrade.

A presença de Sheeana, contudo, restaurou em Taraza o sentimento de propósito. Sheeana, aquela coisinha sempre vigilante. Material muito bom. Sheeana demonstrara sua dança na noite anterior, executando-a no grande salão do museu, sobre um fundo de tapeçarias. Fora uma dança exótica diante de cortinas exóticas de fibra de especiaria com a imagem do deserto e seus vermes. Sheeana parecia quase parte daquela imagem nas cortinas, uma figura projetada do meio daquelas dunas estilizadas e de seus vermes elaboradamente detalhados. Taraza lembrava-se de como o cabelo castanho de Sheeana se lançara nos movimentos rodopiantes da dança, girando num arco indistinto. A iluminação lateral acentuava os brilhos avermelhados do cabelo. Seus olhos estavam fechados, mas o rosto não tinha uma expressão de repouso. A excitação revelava-se na disposição apaixonada de sua boca ampla, na dilatação das narinas, no queixo erguido. Os movimentos revelavam uma sofisticação interior que não correspondia à sua juventude.

“A dança é a linguagem dela”, pensou Taraza. “Odrade está certa. Vendo, aprendemos”.

Waff tinha uma aparência retraída nessa manhã. Era difícil determinar se seu olhar se voltava para o exterior ou para o interior.

Com Waff estava Tulushan, um escuro e belo Rakiano, o escolhido dos sacerdotes para testemunhar o "evento sagrado" desse dia. Ao encontrá-lo na demonstração de dança, Taraza achara surpreendente que Tulushan nunca precisasse dizer "mas", embora essa palavra estivesse presente em tudo aquilo que ele dizia. Um perfeito burocrata. Realmente ambicionava ir longe, mas suas expectativas logo iriam encontrar a derradeira surpresa. Ela não sentia pena dele ao saber disso. Tulushan era um jovem de rosto redondo, com muito pouca capacidade para assumir tal posição de confiança. Não havia mais nada nele, além do que era visível, é claro. E menos ainda.

Waff caminhou para uma extremidade do jardim, deixando Odrade e Sheeana com Tulushan.

O jovem sacerdote era sacrificável, naturalmente. Isso explicava muito sobre os motivos pelos quais ele fora escolhido para esse empreendimento. Revelava a Taraza que ela atingira o nível adequado de violência potencial. Taraza não acreditava, contudo, que qualquer uma das facções do clero se atrevesse a fazer algum mal a Sheeana.

"Nós ficaremos junto de Sheeana"

Elas tinham passado uma semana agitada desde a demonstração das conquistas sexuais das prostitutas. Uma semana muito perturbadora quando se pensava nisso. Odrade mantivera-se ocupada com Sheeana. Taraza teria preferido ver Lucilla incumbida dessa função educativa, mas era preciso fazer o que fosse possível com aquilo que se tinha em mãos, e Odrade, obviamente, era a melhor pessoa em Rakis para tais ensinamentos.

Taraza olhou em direção ao deserto. Estavam esperando pelos tópteros de Keen com suas cargas de Observadores Muito Importantes. Os OMIs ainda não estavam muito atrasados, mas deviam ter deixado tudo para a última hora, como essa gente sempre fazia.

Sheeana parecia estar se saindo bem em sua educação sexual, embora a opinião de Taraza quanto aos homens da Irmandade em Rakis não fosse muito entusiástica. Em sua primeira noite, Taraza solicitara Os serviços de um desses servos masculinos e depois achara que ele lhe dera trabalho em demasia pelo pouco prazer e esquecimento que lhe proporcionara. Além disso, que havia para ser esquecido? Esquecer era tolerar a fraqueza.

"Nunca esqueça!"

Isso era o que faziam as prostitutas. Elas vendiam o esquecimento.

E não tinham a menor consciência do contínuo poder do Tirano sobre o destino humano, nem tampouco da necessidade de quebrar esse domínio.

Taraza tinha ouvido em silêncio a sessão do dia anterior entre Sheeana e Odrade.

“Que é que eu queria ouvir?”

A jovem e sua professora tinham estado lá fora no jardim da cobertura, sentadas uma de frente à outra em dois bancos, com um abafador Ixiano portátil ocultando suas palavras de qualquer um que não possuísse um tradutor decodificador. O abafador de sons, flutuando em suspensores, pairava acima das duas como uma curiosa sombrinha, seu disco negro projetando distorções que ocultavam os movimentos precisos dos lábios e o som das vozes.

Para Taraza, dentro do grande salão de reuniões com o pequeno tradutor colocado sobre a orelha esquerda, a lição parecera uma recordação igualmente distorcida.

“Quando me ensinaram estas coisas, ainda não tínhamos visto o que as prostitutas da Dispersão eram capazes de fazer”

— Por que falamos em complexidade do sexo? — perguntava Sheeana. — O homem que me enviou na noite passada ficava dizendo isso.

— Muitos pensam que entendem, Sheeana. Mas talvez ninguém jamais tenha entendido, pois tais palavras exigem mais da mente do que cobram da carne.

— Por que não devo fazer nenhuma das coisas que vimos os Dançarinos Faciais fazerem?

— Sheeana, a complexidade oculta-se dentro da complexidade Grandes proezas e coisas muito perversas já foram realizadas sob o estímulo das forças sexuais. Nós falamos em “vigor sexual”, “energia sexual” e coisas como “o impulso supremo do desejo”. Não nego que tais coisas sejam observáveis. Mas o que estamos vendo aqui é uma força tão poderosa que poderia destruir você e tudo aquilo que você valoriza.

— E isso que estou tentando entender. Que é que as prostitutas estão fazendo de errado?

— Elas ignoram o funcionamento da espécie, Sheeana. Eu pensava que você já tivesse percebido isto. O Tirano certamente tinha consciência disso. Que era o seu Caminho Dourado senão uma visão das forças sexuais em seu trabalho de recriar interminavelmente os seres humanos?

— E as prostitutas não fazem isso?

— Elas tentam principalmente dominar seus mundos com essa força.

— Parecem estar conseguindo isto.

— Ah, mas e as forças contrárias que elas invocam ao fazê-lo?

— Eu não compreendo.

— Você conhece a Voz e o efeito que ela tem sobre certas pessoas.

— Mas ela não controla todo o mundo.

— Exatamente. Uma civilização que tenha sido sujeita à Voz durante um longo período acaba desenvolvendo meios de se adaptar a essa força, evitando a sua manipulação por parte daqueles que a utilizam.

— Então existem pessoas que sabem como resistir às prostitutas?

— Estamos percebendo indícios inconfundíveis disso. E essa é uma das razões que nos trouxeram a Rakis.

— E as prostitutas vão vir para cá?

— Temo que sim. Elas querem dominar o núcleo do Antigo Império, pois nos julgam uma conquista fácil.

— E não está com medo de que elas vençam?

— Elas não vão vencei; Sheeana. Confie nisso. Mas elas são boas para nós.

— Como podem ser?

O tom de voz de Sheeana refletia o próprio choque de Taraza ao ouvir essas palavras partindo de Odrade. De quanto Odrade suspeitaria? No instante seguinte Taraza compreendeu e se perguntou se essa lição seria igualmente compreensível para a jovem.

— O núcleo é estático, Sheeana. Nós sofremos uma estagnação quase completa por milhares de anos. E a vida e o movimento pertencem àquelas pessoas lá fora que resistem às Prostitutas no meio da Dispersão. O que quer que façamos, devemos tornar essa resistência ainda mais forte.

O som dos tópteros aproximando-se tirou Taraza do devaneio da lembrança. Os OMIs estavam chegando a Keen. Ainda estavam a boa distancia, mas o ar claro levava o som bem longe.

O método de ensinamento de Odrade era muito bom. Taraza teve que admitir isso enquanto esquadrinhava o céu em busca dos tópteros. Aparentemente eles se aproximavam a baixa altura, vindos do outro lado do prédio. Essa era a direção errada, mas talvez tivessem conduzido os OMIs numa breve excursão sobre os restos da muralha do Tirano. Muitas pessoas estavam curiosas quanto ao lugar onde Odrade encontrara o tesouro de especiaria.

Sheeana, Odrade, Waff e Tulushan voltaram para dentro do comprido salão de reuniões. Também tinham ouvido os tópteros. Sheeana estava ansiosa por demonstrar seu poder sobre os vermes. Taraza hesitou. Havia um som forte nos tópteros que se aproximavam. Estariam sobrecarregados? Quantos observadores teriam trazido?

O primeiro tóptero ergueu-se sobre o telhado da cobertura e Taraza viu a cabina blindada. Reconheceu a traição antes mesmo que o primeiro feixe de laser partisse da máquina, cortando-lhe as pernas abaixo dos joelhos. Ela caiu

pesadamente de encontro a um arvoredo que crescia dentro de um vaso, as pernas totalmente separadas do corpo. Outro raio a atingiu, cortando em ângulo sobre seus quadris. O tóptero passou sobre ela num abrupto rugido de jatos impulsores e fez uma curva brusca para a esquerda.

Taraza ficou agarrada na árvore, controlando a agonia. Conseguiu interromper a maior parte do fluxo de sangue para os ferimentos, mas a dor era muito grande. Não tão forte quanto a da agonia da especiaria, contudo. Isso ajudava, mas ela sabia estar condenada. Ouviu gritos e os sons múltiplos da violência em torno do museu.

“Eu venci!”, pensou Taraza.

Odrade veio correndo de dentro da cobertura e se curvou sobre Taraza. Ela não disse coisa alguma, mas Odrade mostrou que compreendia ao colocar a testa sobre a têmpora de Taraza. Era um antigo sinal da Bene Gesserit, e Taraza começou a verter sua vida para Odrade — as Outras Memórias, suas esperanças, seus temores... tudo.

Uma delas ainda poderia escapar.

Sheeana observava da cobertura, permanecendo onde lhe haviam ordenado que esperasse. Sabia o que estava acontecendo lá no jardim. Era o mistério final da Bene Gesserit, e cada postulante tinha conhecimento dele.

Waff e Tulushan já estavam fora do salão quando o ataque começara, e não voltaram.

Sheeana estremeceu, apreensiva.

De súbito, Odrade levantou-se e correu de volta para a cobertura. Havia uma expressão enlouquecida em seus olhos, mas ela agia com um propósito bem-definido. Saltando, agarrou um punhado de globos luminosos, reunindo-os em feixes por seus cordões de amarração. Entregou vários feixes a Sheeana e esta sentiu o corpo tornar-se mais leve devido aos campos suspensores dos globos. Arrastando outros conjuntos de globos para fora do alcance dos campos de fixação, Odrade correu para a extremidade mais estreita do salão, onde uma grade na parede indicava o que ela buscava. Com a ajuda de Sheeana, arrancou a grade e descobriu um profundo poço de ventilação. A luz dos globos luminosos revelava que as paredes interiores eram ásperas.

Mantenha os globos juntos para conseguir o máximo efeito do campo! — explicou Odrade. — Afaste-os para baixar. Vá.

Sheeana agarrou um punhado de globos com a mão suada e saltou para dentro do poço. Deixou-se cair e então, assustada, comprimiu os globos uns contra os outros. A luz acima dela revelou que Odrade a estava seguindo.

Lá embaixo, emergiram numa sala de bombeamento, com os sussurros de muitos ventiladores girando, espécie de fundo para os ruídos de violência vindos

do exterior.

— Devemos chegar à não-câmara e de lá partir para o deserto — explicou Odrade — Todos esses sistemas de máquinas são interligados. Vai haver uma passagem.

— Ela está morta? — sussurrou Sheeana.

— Sim.

— Pobre Madre Superiora.

— Eu sou a Madre Superiora agora, Sheeana. Pelo menos temporariamente. — Apontou para o alto. — Aquelas eram as prostitutas nos atacando. Precisamos correr.

45

O mundo é dos vivos. E quem são eles?
Nós enfrentamos as trevas para alcançar a claridade e o calor.
Ela era o vento, quando o vento ficava em meu caminho.
Viva ao meio-dia, morri com a sua forma,
Que se ergue da carne, no espirito que sai.
Um mundo supera o outro e tudo é luz.

— Theodore Roethke (Citações Históricas: Dar-es-Balat)

Fora necessário muito esforço consciente da parte de Teg para ele transformar-se no redemoinho. Reconhecera, afinal, a ameaça das Honradas Madres. E o reconhecimento se encaixava nas necessidades obscuras da nova consciência Mentat que o acompanhava nessa velocidade ampliada com que era capaz de se mover.

Uma ameaça monstruosa exigia uma reação monstruosa. O sangue respingou enquanto ele atravessava o prédio do quartel-general, matando a todos que encontrava.

Como tinha aprendido com a Bene Gesserit, o maior problema do universo humano resumia-se no modo como se controlava a procriação. Podia ouvir a voz de sua primeira professora enquanto levava a destruição por todo o prédio.

"Você pode pensar nisso apenas como sexualidade, mas nós preferimos o termo básico: procriação. Ela tem muitas facetas e muitas consequências, além de uma energia aparentemente ilimitada. A emoção a que chamam de 'amor' é apenas um aspecto menor."

Teg esmagou a garganta de um homem que estava de pé, rígido em seu caminho, e afinal encontrou a sala de controle para as defesas do prédio. Havia apenas um homem sentado, a mão direita quase tocando um botão vermelho no consolo à sua frente.

Com uma cutelada de esquerda, Teg quase decapitou o homem. O corpo inclinou-se para trás em câmara lenta, os sangue jorrando do pescoço aberto.

"A Irmandade está certa em chamá-las de prostitutas."

Era possível conduzir a humanidade em praticamente qualquer direção

através da manipulação das imensas energias da procriação. Podia-se levar as pessoas a agirem de modos que nunca acreditariam serem possíveis. Uma de suas instrutoras dissera isso abertamente:

— Essa energia deve ter uma válvula de escape. Prenda-a e ela se tornará monstruosamente perigosa. Redirecione-a e ela varrerá tudo em seu caminho. Esse é o derradeiro segredo de todas as religiões.

Teg estava consciente de ter deixado mais de 50 corpos espalhados em seu caminho quando saiu do prédio. O último a morrer fora o soldado em uniforme de camuflagem, de pé na porta aberta, aparentemente a ponto de entrar no prédio.

Enquanto ele passava correndo por pessoas e veículos aparentemente imóveis, sua mente acelerada teve tempo para refletir sobre o que deixara lá atrás. Haveria algum consolo no fato de a última expressão da vida da Honrada Madre ter sido de verdadeira surpresa? Será que poderia congratular-se com o fato de que Muzzafar nunca mais veria seu lar na árvore modelada?

A necessidade daquilo que fizera no espaço de umas poucas batidas de coração era clara, contudo, para uma pessoa treinada pela Bene Gesserit. Teg conhecia a história. Havia muitos planetas paradisíacos no Antigo Império, e provavelmente mais ainda em meio aos mundos da Dispersão. E os seres humanos sempre pareciam capazes de tentar aquela experiência tola. Nesses lugares as pessoas levavam uma vida de ócio. Uma análise imediatista dizia que isso se devia ao clima ameno desses planetas. Ele achava isso estúpido. A verdade é que as energias sexuais eram facilmente liberadas em tais lugares. Deixe as Missionárias do Deus Dividido ou qualquer outra instituição eclesiástica entrar em um desses paraísos e o resultado será a violência extrema.

Nós da Irmandade sabemos disso — dissera uma das professoras de Teg. — Já acendemos esse estopim mais de uma vez com nossa Missionaria Protectiva.

Teg não parou de correr até se encontrar num beco a pelo menos cinco quilômetros do abatedouro que tinha sido o quartel-general da velha Honrada Madre. Sabia que muito pouco tempo se passara, mas havia algo mais importante em que focalizar sua atenção agora. Não tinha morto todos os ocupantes do prédio. Havia olhos lá que tinham visto o que ele podia fazer. Viram-no matar Honradas Madres. Viram Muzzafar cair morto em suas mãos. A evidência dos corpos deixados em seu caminho e a reprodução das gravações em baixa velocidade revelariam tudo.

Teg apoiou-se em uma parede. A pele fora arrancada da palma de sua mão esquerda. Deixou-se retornar ao tempo normal de reação e viu o sangue saindo do ferimento. Era quase negro.

“Mais oxigênio em meu sangue?”

Estava ofegante, mas não tanto quanto seria de esperar após uma atividade daquelas.

“Que está acontecendo comigo?”

Era alguma coisa vinda de sua ancestralidade Atreides, ele sabia. A crise empurrara-o para uma nova dimensão das capacidades humanas. E o que quer que fosse, a transformação era profunda. Podia enxergar agora muitas necessidades novas. E as pessoas por que passara em sua corrida até esse beco tinham parecido estátuas.

“Será que algum dia vou pensar nelas como escória?”

Só aconteceria se ele deixasse acontecer; sabia muito bem. Mas a tentação estava lá, e ele se permitiu um breve sentimento de piedade para com as Honradas Madres. A Grande Tentação derrubara-as sobre sua própria escória.

Que fazer agora?

A principal linha de ação estava aberta para ele. Havia um homem em Ysai, um homem que certamente conhecia todas as pessoas de quem Teg precisava. Olhou para o beco. Sim, esse homem estava perto.

Um perfume de flores e ervas flutuou até ele de algum ponto desse beco. Caminhou em direção ao perfume, consciente de que ele o conduziria aonde precisava ir e de que nenhum ataque violento o esperava ali. Esse era, temporariamente, um afluente calmo.

Chegou rapidamente à fonte do perfume. Era uma porta marcada por um toldo azul, com duas palavras em Galach moderno: “Serviços Pessoais”.

Teg entrou e percebeu imediatamente o que havia encontrado. Esses lugares podiam ser vistos em muitos pontos do Antigo Império: estabelecimentos que serviam refeições como nos tempos ancestrais, sem usar autômatos na cozinha ou nas mesas. Em sua maioria eram lugares “in”. As pessoas contavam aos amigos sobre sua última “descoberta”, advertindo-os para não espalhar a novidade.

“Não queremos estragar o lugar fazendo-o ficar cheio de gente.”

Essa idéia sempre divertira Teg. As pessoas espalhavam a notícia sobre um lugar desses, mas o faziam sob o disfarce de manter o segredo.

Odores que faziam sua boca ficar cheia d’água emergiam da cozinha nos fundos. Um garçom passou com uma bandeja da qual se erguia vapor; prometendo boa comida.

Uma jovem de vestido preto curto e avental branco veio ao encontro dele.

Por aqui, senhor. Temos uma mesa vaga no canto.

Ela puxou uma cadeira para que Teg se sentasse com as costas para a parede.

— Alguém virá atendê-lo num minuto, senhor. — Passou-lhe uma folha dura de papelão barato. — Nosso cardápio está impresso, senhor. Espero que não se incomode.

Ele a observou sair. O garçom que tinha visto passou na direção oposta, a caminho da cozinha. A bandeja estava vazia.

— Os pés de Teg o haviam conduzido até ali como se tivessem andado num trilho fixo. E ali estava o homem de quem precisava. Comendo na mesa ao lado.

O garçom tinha parado para falar com o homem que, Teg sabia, teria a resposta para o próximo movimento que deveria fazer. Os dois riam juntos. Teg observou o resto do restaurante. Apenas mais três mesas estavam ocupadas. Uma velha sentava-se a uma das mesas, mordiscando alguma coisa gelada. Vestia-se no que Teg julgou ser o máximo da moda no momento, um vestido justo vermelho com gola baixa. Os sapatos combinavam. Um jovem casal sentava-se a uma mesa à direita. Nenhum dos dois via ninguém, exceto um ao outro. Um velho de túnica marrom justa, estilo antigo, comia um prato de vegetais verdes perto da porta. Só tinha olhos para a comida.

O homem que falava com o garçom riu alto.

Teg olhou para a parte de trás da cabeça do garçom. Tufos de cabelo louro projetavam-se da nuca como feixes arrancados do feno. O colarinho do homem estava puído embaixo dos tufos de cabelo. Teg abaixou os olhos. Os sapatos do garçom também eram gastos e a bainha de seu paletó fora remendada. Seria alguma forma de economia neste lugar? Economia ou algum outro tipo de pressão econômica? Os odores vindos da cozinha não sugeriam qualquer forma de economia por lá. A mesa era limpa e brilhante. Não havia pratos rachados. Mas a toalha vermelha e branca sobre a mesa tinha sido remendada em vários lugares, com cuidado para igualar o tecido original.

Uma vez mais Teg observou os outros fregueses. Pareciam gente abastada. Nada de pobres famintos. Não apenas era um lugar chique como fora projetado justamente para obter esse efeito. Havia uma mente muito habilidosa por trás de um estabelecimento como esse. Era o tipo de restaurante que jovens executivos revelavam para ganhar pontos diante de clientes em potencial ou para agradar um superior. A comida devia ser soberba, servida em porções generosas. Teg percebia que seus instintos o haviam guiado corretamente até esse lugar. Voltou a atenção para o cardápio, permitindo que afinal a fome penetrasse em sua consciência, uma fome tão violenta quanto aquela que deixara admirado o falecido Marechal-de-Campo Muzzafar.

O garçom apareceu ao lado dele com uma bandeja sobre a qual havia uma caixinha aberta e um jarro do qual subia um odor forte de óleo medicinal.

— Vejo que feriu a mão, Bashar — disse o homem. Colocou a bandeja sobre a mesa. — Permita-me fazer um curativo antes de ouvir seu pedido.

Teg ergueu a mão ferida e observou a rápida competência com que era realizado o curativo.

— Você me conhece? — perguntou Teg.

— Sim, senhor. E depois do que andei ouvindo me parece estranho vê-lo completamente uniformizado. Aí está!

Ele terminou o curativo.

— Que — andou ouvindo? — perguntou Teg em voz baixa.

— Que as Honradas Madres o estão caçando.

Acabei de matar algumas delas e muitos de seus... De que deveria chamá-los?

O homem empalideceu, mas falou com firmeza.

— Escravos seria uma palavra adequada, senhor.

— Você estava em Renditai, não estava?

— Sim, senhor. Muitos de nós nos estabelecemos aqui depois da guerra.

— Eu preciso de comida, mas não tenho como pagá-la.

— Ninguém de Renditai precisa do seu dinheiro, Bashar. Elas sabem que veio para cá?

— Não acredito que saibam.

As pessoas que estão aqui são fregueses costumeiros. Nenhum deles o denunciaria. Vou tentar avisá-lo se entrar alguém perigoso. Que deseja comer?

— Um bocado de comida. Deixo por sua conta. Duas vezes mais carboidratos do que proteína. Nada de estimulantes.

— Que quer dizer com um bocado de comida, senhor?

— Vá trazendo até que eu lhe diga para parar... ou até que sinta que estou abusando de sua generosidade.

— A despeito das aparências, senhor, este estabelecimento não é um lugar pobre. As gorjetas tornaram-me um homem rico.

Um aspecto para avaliar, pensou Teg. A pobreza ali era uma pose calculada.

O garçom saiu e falou com o homem na mesa do centro. Teg observou o homem abertamente depois de o garçom entrar na cozinha. Sim, aquele era o homem. A refeição concentrada em um prato cheio de uma pasta verde.

Esse homem demonstrava poucos sinais dos cuidados de uma mulher, pensou Teg. O colarinho fora abotoado de um modo descuidado, os feixes pendendo. Havia manchas de molho verde do lado esquerdo.

Ele era destro, mas comia com a mão esquerda. As calças tinham bainhas puídas, uma delas parcialmente solta da costura. As meias eram desiguais —

uma azul e outra amarela clara. Nada disso parecia incomodá-lo. Nenhuma mãe ou qualquer outra mulher jamais o trouxera de volta da porta com ordem de se arrumar direito. Sua atitude básica era anunciada em toda a sua aparência:

"O que está vendo é tão apresentável quanto poderia ser."

O homem olhou para cima num movimento súbito, como se tivesse sido espetado. Olhou pela sala, parando para observar cada rosto como se procurasse alguém em particular. Feito isso, tornou a voltar sua atenção para o prato.

O garçom retornou com um prato de sopa clara com pedacinhos de ovo e vegetais verdes.

— Para comer enquanto estamos preparando o resto de sua refeição, senhor.

— Você veio para cá logo depois de Renditai?

— Sim, senhor. Mas também servi com o senhor em Acline.

— O 67º Gammu — disse Teg.

— Sim senhor!

— Nós salvamos muitas vidas naquela ocasião — comentou Teg. — As deles e as nossas.

Como Teg não começasse a comer, o garçom disse com uma voz um tanto fria:

— Vai querer um farejador, senhor?

— Não enquanto estiver me servindo — respondeu Teg. Falava com sinceridade, mas se sentia um pouco mentiroso porque sua dupla visão revelava que a comida era segura.

O garçom fez menção de se afastar, satisfeito.

— Um momento — pediu Teg.

— Sim?

— O homem na mesa do centro. É um de seus fregueses costumeiros?

— O professor Delnay? Oh, sim, senhor.

— Delnay? Sim, achei que era.

— Professor de artes marciais, senhor. E a história é a mesma.

— Eu sei. Quando chegar a hora de servir minha sobremesa, por favor, pergunte ao professor Delnay se ele quer me fazer companhia.

— Devo dizer a ele quem é o senhor?

— Não acha que ele já sabe?

— Isso parece muito provável, senhor. Ainda assim...

— Cautela onde deve haver cautela — disse Teg. — Traga-me a comida.

O interesse de Delnay fora despertado muito antes de o garçom transmitir-lhe o convite de Teg. As primeiras palavras do professor, enquanto se sentava diante do bashar, foram:

— Este é o mais extraordinário desempenho gastronômico que já vi. Com certeza de que vai poder comer a sobremesa?

— Duas ou três no mínimo — respondeu Teg.

— Espantoso!

Teg provou uma colher de um alimento que tinha a doçura do mel. Engoliu e então disse:

— Este lugar é um tesouro.

— Eu o tenho mantido como um segredo cuidadoso — explicou Delnay. — Exceto por alguns amigos mais chegados, é claro. A que devemos a honra de sua visita?

— Você já foi... ah, marcado por uma Honrada Madre?

— Deuses da perdição, não! Não sou suficientemente importante para isso.

— Eu estava pensando em lhe pedir para arriscar sua vida, Delnay.

— De que maneira?

Não havia hesitação na voz dele. Isso era tranquilizador.

— Existe um lugar em Ysai onde meus antigos soldados se reúnem. Quero ir lá e ver o maior número deles que for possível.

— Passando por essas ruas, em uniforme completo como está agora?

— De qualquer modo que puder arranjar.

Delnay colocou um dedo sobre o lábio inferior e se inclinou para trás da cadeira, de modo a poder observar Teg.

— Você não é uma figura fácil de se disfarçar, sabe muito bem. No entanto, pode haver um modo. — Assentiu com a cabeça, pensativo. Sim. — Depois sorriu. — Temo que não vá gostar.

— Que é que tem em mente?

— Alguns acolchoados, algumas almofadas, outras alterações. Você passaria por um capataz Bordano. Vai ter que cheirar a esgoto, é claro. E fingir que não repara.

— Por que acha que desse modo teremos sucesso?

— Oh, vai haver uma tempestade esta noite. Coisa costumeira nesta época do ano. Descarregando umidade para as colheitas a céu aberto do próximo ano. E enchendo os reservatórios para os campos aquecidos, você sabe.

— Eu não entendo o seu raciocínio, mas quando eu terminar outro desses doces vamos sair.

— Vai gostar do lugar onde vamos refugiar-nos da tempestade — disse Delnay. — Eu estou louco entrando numa coisa dessas, mas o proprietário aqui disse que eu devia ajudá-lo ou não voltar nunca mais.

Passava uma hora do anoitecer quando Delnay o conduziu ao ponto, fora

forçado a usar boa parte de seus poderes mentais para ignorar o cheiro. Os amigos de Delnay haviam-no emplastrado de material dos esgotos, e depois secado. O processo de secagem com ar quente produzira a maior parte do cheiro.

Uma estação remota de monitoração do clima junto à porta do local de encontro revelou a Teg que a temperatura tinha caldo 15 graus na última hora. Delnay entrou na frente dele num salão abarrotado e barulhento, com o som de copos batendo. Teg parou para observar a estação ao lado. O vento estava soprando a 30 diques e a pressão barométrica cair olhou para um cartaz sobre a estação:

“Um serviço para os nossos fregueses.”

Presumivelmente um serviço para o bar também. Os fregueses que estivessem saindo poderiam ver o cartaz e resolver voltar para o calor e a camaradagem que haviam deixado.

Numa grande lareira no fundo do bar, havia um fogo verdadeiro queimando. Madeiras aromáticas.

Delnay voltou, torceu o nariz ante o cheiro de Teg e o conduziu, contornando a multidão, até uma sala nos fundos com seu banheiro privativo. O uniforme de Teg, limpo e passado, estava lá sobre uma cadeira.

— Eu estarei no canto, junto da lareira, quando sair — disse Delnay.

— De uniforme completo, hein? — perguntou Teg.

Só é perigoso lá na rua — disse Delnay.

Voltou por onde viera.

Daí a pouco Teg saiu e abriu caminho até junto da lareira, passando por grupos de pessoas que subitamente ficavam em silêncio ao reconhecê-lo. Comentários murmurados eram trocados através do bar. “O velho Bashar em pessoa!” “Oh sim, é Teg, servi com ele!” “Reconheceria aquele rosto e aquela figura em qualquer lugar.”

Os fregueses tinham se aglomerado junto ao calor da lareira. Havia um cheiro forte de roupa úmida e bafo de bebida.

Então a tempestade tinha atraído essa multidão para o bar? Teg olhou para muitos rostos de militares endurecidos por batalhas ao seu redor, pensando que essa não era uma reunião costumeira, não importava o que Delnay havia dito. As pessoas ali se conheciam, contudo, e haviam marcado encontro para essa hora.

Delnay estava sentado em um dos bancos junto à lareira, um copo contendo uma bebida cor de âmbar na mão.

— Você passou o aviso para nos encontrarmos aqui? — perguntou

— Não é o que desejava, Bashar?

— Quem é você, Delnay?

— Eu tenho uma fazenda de inverno alguns cliques ao sul daqui, e tenho

amigos banqueiros que às vezes me emprestam um carro de solo. Se quer que eu seja mais específico, sou como o resto das pessoas nesta sala: alguém que deseja ver as Honradas Madres longe dos nossos pescoços.

Um homem atrás de Teg perguntou:

— É verdade que matou uma centena deles hoje, Bashar?

Teg disse secamente, sem se virar:

— O número foi muito exagerado. Pode me arranjar uma bebida, por favor?

Com sua grande altura, Teg esquadrinhou o salão enquanto alguém ia buscar-lhe um copo. Quando o colocaram em sua mão, era o que ele tinha esperado — um drinque azul Daniano. Esses velhos soldados conheciam o seu gosto.

O consumo de bebidas dentro do salão continuou, mas a um ritmo mais controlado. Eles estavam esperando que ele declarasse suas intenções.

A natureza gregária do ser humano ganhava um impulso natural numa noite tempestuosa como essa, pensou Teg. Reunam-se junto ao fogo na entrada da caverna, companheiros de tribo! Nenhum perigo passará por nós, especialmente quando as feras virem nosso fogo. Quantas reuniões semelhantes a essa não estariam ocorrendo em Gammu esta noite?, perguntou-se ele provando da bebida. O mau tempo poderia disfarçar movimentos que seus companheiros de reunião não desejariam que fossem observados. O tempo também manteria fora das ruas certas pessoas que de outro modo estariam observando.

Teg reconheceu alguns rostos de seu passado — oficiais e soldados — um grupo misturado. A alguns ele associava boas lembranças: gente confiável. Alguns iriam morrer nessa noite.

O nível de ruído começou a aumentar à medida que todos iam ficando mais à vontade em sua presença. Ninguém o pressionava para obter uma explicação. Eles também conheciam esse detalhe a seu respeito. Teg guiava-se pelo seu próprio ritmo.

Os sons de riso e de conversa eram do tipo que deviam ter acompanhado reuniões como essa desde a aurora dos tempos, quando os seres humanos se aglomeravam em busca de proteção mútua. Copos tilintando, risadas súbitas, alguns risinhos mais controlados. Esses deviam ser os mais conscientes de seu poder pessoal. Risos controlados revelavam uma pessoa que podia divertir-se, mas não precisa se fazer de tola alardeando esse divertimento. Delnay era uma delas.

Teg olhou para cima e viu que o teto, sustentado por vigas, era baixo, construído de acordo com as convenções. Fazia aquele espaço fechado parecer

ao mesmo tempo mais amplo e mais aconchegante Houvera uma atenção cuidadosa com relação à psicologia humana na construção desse lugar. Era uma coisa que tinha observado muitas vezes nesse planeta. Um cuidado em manter as pessoas fora de guarda. “Faça-os sentirem-se seguros e confortáveis. Eles não estão, é claro, mas não deixe que percebam isso.”

Por mais alguns momentos, Teg observou as bebidas sendo distribuídas por um grupo habilidoso de garçons: cervejas escuras produzidas lá mesmo e algumas bebidas importadas, caras. Espalhadas pelo bar, sobre as mesas iluminadas com luz indireta, havia tigelas contendo salgadinhos, frituras e picles. Esse movimento óbvio no sentido de promover a sede não ofendia ninguém. Era algo esperado nesse tipo de negócio. As cervejas também deviam conter sal, é claro. Sempre continham. Os donos das cervejarias sabiam como aumentar o consumo.

Alguns dos grupos estavam começando a ficar agitados, falando alto. Era a bebida fazendo sua mágica ancestral. Baco dominava o ambiente! Teg sabia que se deixasse essa reunião seguir o curso natural haveria um ápice de animação e ruído no final da noite e então, gradualmente, muito gradualmente, o nível do ruído iria diminuindo. Alguém olharia para a estação meteorológica junto da porta e, dependendo do que visse, o lugar poderia esvaziar-se rapidamente, ou continuar como estava, num passo mais contido, por algum tempo. Percebeu então que em algum lugar desse bar devia haver um dispositivo para distorcer as leituras da estação meteorológica. Os proprietários não desprezariam esse artifício para aumentar o lucro.

“Faça-os entrar e os mantenha aqui por qualquer meio que não os ofenda.”

As pessoas que dirigiam o lugar iriam aliar-se às Honradas Madres sem piscar o olho.

Teg colocou de lado a bebida e disse em voz alta:

— Posso ter a atenção de vocês por favor? Silêncio.

Até mesmo os empregados do bar interromperam o que estavam fazendo.

— Alguns de vocês vigiem as portas — ordenou Teg. — Ninguém sai, ninguém entra aqui até que eu dê a ordem. Aquelas portas dos fundos também, por favor.

Quando isso fora feito, ele olhou cuidadosamente para as pessoas no salão, escolhendo aquelas que sua dupla visão e a antiga experiência militar lhe diziam serem confiáveis. O que tinha a fazer agora tornara-se claro. Burzmali, Lucilla e Duncan estavam lá, na extremidade de sua segunda visão, suas necessidades fáceis de discernir.

— Presumo que possam conseguir armas rapidamente — ele disse.

— Nós viemos preparados, Bashar! — gritou alguém no salão.

Teg percebeu o efeito da bebida naquela voz, mas também o velho efeito da adrenalina que essas pessoas tanto apreciavam.

— Nós vamos capturar uma não-nave — disse Teg.

Isso os fascinou. Nenhum Outro produto da civilização era mais bem guardado. Essas naves desciam em campos de pouso e outros lugares e partiam logo em seguida. Suas superfícies blindadas estavam sempre cheias de armas. As tripulações permaneciam em alerta constante nos lugares mais vulneráveis. Algum estratagema poderia ter sucesso; um ataque aberto seria impossível. Mas ali naquele salão Teg havia atingido uma nova percepção, impulsionado pela necessidade e pelos genes loucos de sua ancestralidade Atreides. As posições das não-naves pousadas em Gammu e em torno do planeta eram-lhe visíveis. Pontos brilhantes preenchiam sua visão interior, como contas levando de um lugar a outro, mostrando o caminho para fora desse labirinto.

“Oh, mas eu não quero ir”, pensava ele.

A coisa que o impulsionava não podia ser contrariada.

— Especificamente, vamos capturar uma não-nave da Dispersão — ele disse. — Eles possuem algumas das melhores. Você, você, você e você! — apontou, destacando os indivíduos. — Vocês vão ficar aqui e cuidar para que ninguém saia nem se comunique com qualquer pessoa fora deste estabelecimento. Eu acho que vão ser atacados. Aguentem o quanto puderem. O resto de vocês, peguem suas armas e vamos.

46

Justiça? Quem clama por justiça? Nós fazemos nossa própria justiça. Nós a exercemos aqui em Arrakis — vencer ou morrer. Não vamos gritar por justiça enquanto tivermos armas e liberdade para usá-las.

— Leto I: Arquivos de Bene Gesserit

A não-nave aproximou-se em vôo baixo sobre as areias Rakianas. Sua passagem ergueu redemoinhos de poeira que rodopiaram em torno dela enquanto pousava esmagando dunas. O sol amarelo-prateado mergulhava num horizonte agitado pelas miragens causadas pelo calor de um dia longo e sufocante. A não-nave imobilizou-se e estalou, uma brilhante bola de aço cuja presença poderia ser detectada por olhos e ouvidos, mas não por qualquer ato de presciência ou instrumento de longo alcance. A dupla visão de Teg tornava-o confiante em que olhos indesejáveis não tinham visto sua chegada.

— Eu quero os tópteros blindados e os carros lá fora em menos de 10 minutos — ele disse.

Pessoas saltaram em ação atrás dele.

— Tem certeza de que eles estão aqui, Bashar?

A voz era a de um companheiro de copo do bar de Gammu, um oficial de confiança vindo de Renditai, cujo estado de espírito não era mais o de alguém em busca das emoções da juventude. Esse tinha visto velhos amigos morrerem combatendo em Gammu. Como a maioria dos outros que haviam sobrevivido para chegar a Rakis, ele deixara para trás uma família cujo destino não sabia agora qual ia ser. Havia um toque de amargura em sua voz, como se ele estivesse tentando convencer-se de que fora enganado ao embarcar nessa aventura.

— Eles logo estarão aqui — disse Teg. — Vão chegar cavalgando no dorso de um verme.

— Como sabe disso?

— Foi tudo arranjado.

Teg fechou os olhos. Não precisava dos olhos para enxergar toda a atividade à sua volta. Esse era como muitos outros postos de comando que tinha ocupado ao longo de sua vida: uma sala oval cheia de instrumentos e das pessoas que os operavam, oficiais aguardando ordens.

— Que lugar é esse? — perguntou alguém.

— Está vendo aquelas rochas ao norte — disse Teg. — Pode vê-las? Já foram um penhasco elevado. Era chamado de Armadilha de Vento. Havia um sietch Fremen ali, pouco mais que uma caverna agora. Alguns pioneiros Rakianos vivem nela.

— Fremen — sussurrou alguém — Deuses! Quero ver aquele verme chegando. Nunca pensei que fosse testemunhar uma coisa dessas.

— Outros de seus arranjos inesperados, hein? — perguntou o oficial, cada vez mais amargurado.

“Que diria ele se eu revelasse minhas novas habilidades?”, pensou Teg. “Poderia pensar que ocultei motivos que não suportariam um exame minucioso. E estaria certo. Esse homem está à beira de uma revelação. Será que continuaria leal se seus olhos fossem abertos?” Teg sacudiu a cabeça. Esse oficial não teria escolha. Nenhum deles tinha muita opção, exceto lutar ou morrer.

Era verdade, pensou Teg, que o processo de organizar conflitos envolvia sempre o ato de enganar as grandes massas. Como era fácil mergulhar na atitude das Honradas Madres.

“Escória!”

E iludir as massas não era tão difícil quanto alguns supunham. A maioria das pessoas queria ser liderada. Aquele oficial resmungando agora desejara isso. Havia instintos tribais muito profundos (motivações inconscientes muito poderosas) que respondiam por isso. E a reação natural quando se começava a perceber com que facilidade se fora arrastado numa aventura que depois causava o arrependimento era buscar bodes expiatórios. E o oficial lá atrás queria um bode expiatório agora.

— Burzmali quer vê-lo — disse alguém à esquerda de Teg.

— Agora não — ele respondeu.

Burzmali podia esperar. logo teria o seu dia como comandante. Enquanto isso ele representava uma distração. Haveria tempo depois para ele aproximar-se perigosamente do papel de bode expiatório.

Como era fácil criar bodes expiatórios e com que facilidade eles eram aceitos! Tal atitude era particularmente atraente quando a alternativa era admitir a culpa, a estupidez ou ambas. Teg queria dizer isso a todos aqueles à sua volta.

— Procurem ver como foram logrados! Então conhecerão nossas verdadeiras intenções!

O oficial de comunicações à esquerda de Teg disse:

— Aquela Reverenda Madre está com Burzmali agora. Ela insiste em que recebam permissão para vê-lo.

— Diga a Burzmali que eu quero que ele volte e fique junto de Duncan —

disse Teg. — E mande ele dar uma olhada em Murbella e se certificar de que ela está bem presa. Lucilla pode vir.

“Tinha que ser.” — pensou Teg.

Lucilla tinha crescentes suspeitas a respeito das mudanças ocorridas com ele. Era próprio de uma Reverenda Madre perceber diferenças.

Lucilla entrou num sussurro de mantos que acentuavam sua veemência. Estava furiosa, mas ocultava isso muito bem.

— Eu exijo uma explicação, Miles!

Era uma boa abordagem, pensou ele, e perguntou:

— Sobre o quê?

— Por que nós simplesmente não vamos lá e...

— Porque as Honradas Madres e seus companheiros Tleilaxu da Dispersão apoderaram-se da maioria dos centros Rakianos.

— Como... como você...

— Elas mataram Taraza, você sabe.

Ela se conteve, mas não por muito tempo.

— Miles, eu insisto em que me diga.

— Nós não temos tanto tempo assim. O próximo satélite que cruzar o céu vai nos mostrar pousados aqui.

— Mas as defesas de Rakis..

— São vulneráveis como qualquer outro tipo de defesa estática — ele disse. — As famílias dos defensores estão aqui embaixo. Tome as famílias como reféns e você terá um controle efetivo sobre os defensores.

— Mas por que estamos parados aqui no...

— Para apanhar Odrade e aquela moça que está com ela. Ah, e o verme delas também.

— O que vamos fazer com um...

— Odrade saberá o que fazer com o verme. Ela é sua Madre Superiora agora, você sabe.

— Então vai nos levar para.

— Vocês vão aonde quiserem! Eu e minha gente ficamos para criar uma manobra diversiva.

Essa declaração produziu um silêncio profundo na estação de comando.

“Manobra diversiva”, pensou Teg. “Mas que termo inadequado.” A resistência que ele planejava criar produziria histeria entre as Honradas Madres, especialmente quando elas fossem levadas a acreditar que o ghola estava ali. Não somente elas contra-atacariam como recorreriam a procedimentos de esterilização. A maior parte de Rakis se tornaria uma ruína carbonizada. Havia pouca probabilidade de que qualquer ser humano, verme ou truta da areia

sobrevivesse.

— As Honradas Madres têm tentado localizar e capturar um verme sem sucesso — ele disse — Realmente não compreendo como elas podem ser tão cegas em sua concepção de como transplantá-los.

— Transplantar?

Lucilla estava boiando. Teg raramente vira uma Reverenda Madre tão pouco informada. Ela estava tentando concatenar as coisas que ele dissera. A Irmandade compartilhava de algumas das habilidades dos Mentats, ele observara. Um Mentat podia alcançar uma convicção válida sem ter dados suficientes. Ele pensou que estaria bem longe, fora do alcance dela (ou de qualquer outra Reverenda Madre!), muito antes que Lucilla tivesse reunido os dados de que precisava para obter uma conclusão. Então haveria uma correria atrás de sua prole! Elas pegariam Dimella para ser uma Madre Procriadora, é claro. E Odrade. Essa não ia escapar.

Elas tinham a chave para os tanques axlotl dos Tleilaxu, também. Seria apenas uma questão de tempo até que a Irmandade dominasse seus escrúpulos e conquistasse essa fonte de especiaria. Um corpo humano a produzia!

— Estamos correndo perigo aqui, então — comentou Lucilla.

— Algum perigo, é verdade. O problema com as Honradas Madres é que elas são muito ricas. E cometem os erros dos muito ricos.

— Prostitutas depravadas! — exclamou Lucilla.

— Sugiro que vá para a comporta de entrada — ele disse. — Odrade logo estará aqui.

Ela saiu sem dizer mais nada.

— Os blindados foram todos desembarcados e assumiram posições — disse o oficial de comunicações.

— Alerte Burzmali para estar pronto a assumir o comando aqui — disse Teg. — O restante de nós sairá logo.

— O senhor espera que nós todos nos unamos ao senhor? — perguntou o que buscava o bode expiatório.

Eu vou sair — disse Teg. — Vou sair sozinho se for necessário. Só aqueles que quiserem devem ir comigo.

Depois disso todos o seguiriam, pensou Teg. A pressão do grupo era algo que poucos compreendiam fora da Bene Gesserit.

O silêncio caiu sobre a estação de comando, exceto pelo fraco zumbido e os estalidos dos instrumentos. Teg começou a pensar nas “prostitutas depravadas”.

Não era correto defini-las como depravadas, pensou. Por vezes os demasiadamente ricos tornavam-se depravados. Isso vinha da crença de que o

dinheiro (poder) pode comprar tudo e todos. E por que eles não deveriam acreditar nisso? Viam isso acontecer todo dia. Era fácil acreditar em absolutos.

“A esperança brota eterna e todo esse tipo de bobagem!”

Era como uma religião. O dinheiro pode comprar o impossível.

E ai vinha a depravação.

Não acontecia o mesmo com as Honradas Madres. Elas estavam, de certo modo, além da depravação. Tinham passado por ela, ele percebia. Mas agora se encontravam mergulhadas em alguma coisa muito além de mera depravação, e Teg se perguntou se realmente queria entender uma coisa dessas.

O conhecimento, contudo, estava lá, inescapável em sua nova consciência. Nenhuma daquelas pessoas hesitaria um instante sequer antes de torturar um planeta inteiro se isso significasse algum lucro pessoal. Ou se o resultado fosse algum prazer imaginado. Ou se a tortura lhes proporcionasse mais alguns dias ou horas de vida.

Que é que lhes dava prazer? Que é que os gratificava? Elas eram como viciados em semuta. O que quer que simulasse o prazer para elas, elas precisavam de uma quantidade maior em cada ocasião.

“E elas sabem disso!”

Que ódio deviam sentir por dentro! Apanhadas numa armadilha dessas! Tinham visto tudo, feito tudo e nada era suficiente — nenhum bem, nenhum mal. Tinham perdido inteiramente a noção de moderação.

Mas eram perigosas. E talvez ele estivesse errado quanto a uma coisa: talvez elas não mais se lembrassem de como tinha sido antes daquela terrível transformação, antes do estranho estimulante de cheiro ácido que tingira seus olhos de laranja. Memórias de memórias podem tornar-se distorcidas. Todo Mentat era sensibilizado quanto a essa falha.

— Lá está o verme!

Era o oficial de comunicações.

Teg girou no assento e olhou para a projeção. Um holograma em miniatura da paisagem exterior na direção sudoeste. O verme, com os dois pontos minúsculos de seus passageiros humanos, era uma lasca distante e em movimento ondulantes.

Tragam Odrade aqui sozinha quando ela chegar — ele disse. — Sheeana é a jovem. Ela vai ficar para trás, a fim de ajudar a colocar o verme no porão da nave Ele vai obedecer a ela. Cuidem para que Burzmali fique de prontidão por perto. Não vamos ter muito tempo para a transferência de comando.

Quando Odrade entrou na estação de controle, ainda respirava acelerado e tinha o cheiro do deserto, mistura de melange, pó de pedra e suor humano. Teg estava sentado em sua poltrona, aparentemente repousando. Seus olhos

permaneciam fechados.

Odrade julgou ter surpreendido o Bashar numa atitude de repouso pouco característica dele, quase melancolicamente pensativo. Ele abriu os olhos então e Odrade viu a mudança a respeito da qual Lucilla só fora capaz de esboçar um aviso — juntamente com algumas rápidas palavras a respeito da transformação do ghola. Que teria acontecido com Teg? Ele estava quase se exibindo para ela, desafiando-a a perceber o que lhe acontecera. O queixo erguido continuava firme numa atitude normal de observação. O rosto estreito, com sua rede de rugas, não tinha perdido nada de sua aparência alerta. O nariz comprido e fino, tão característico de seus ancestrais Corrino e Atreides, tornava-se um pouco mais comprido com o avançar da idade. Mas o cabelo grisalho permanecia espesso, e aquela pequena elevação na testa atraía os olhos de um observador..

"Ah, os olhos dele!"

— Como sabia que nos ia encontrar aqui? — perguntou Odrade. — Nós não tínhamos idéia de aonde o verme nos levava.

— Existem poucos lugares habitáveis aqui no deserto meridional — disse Teg. — Palpite de jogador. Este lugar perecia provável.

"Palpite de jogador?" Ela conhecia essa expressão Mentat, mas nunca conseguira entendê-la.

Teg levantou-se da poltrona.

— Pegue esta nave e vá para o lugar que vocês conhecem — ele disse.

"O planeta da Irmandade?" Ela quase fez essa pergunta e então pensou nos outros à sua volta, naqueles estranhos militares que Teg reunira em torno dele. Quem seriam? A breve explicação de Lucilla não a satisfizera.

— Nós mudamos um pouco os planos de Taraza — explicou Teg.

— O ghola não vai ficar. Ele deve ir com vocês.

Ela compreendia. Elas iam precisar dos novos talentos de Duncan Idaho para enfrentar as prostitutas. Ele não era mais apenas uma isca para a destruição de Rakis.

— Ele não será capaz de deixar a proteção da não-nave, é claro — acrescentou Teg.

Ela assentiu com a cabeça. Duncan não tinha proteção contra investigadores prescientes, tais como... os navegadores da Corporação.

— Bashar! — Era o oficial de comunicações. — Fomos detectados por um satélite!

— Muito bem, seus ratos do deserto! — gritou Teg. — Todo o mundo para fora! Mandem Burzmali para cá.

Uma comporta na parte de trás do posto de comando se abriu e Burzmali entrou.

— Bashar, que vamos.

— Não há tempo! Assuma o comando! — Teg ergueu-se do assento de comando e fez sinal para que Burzmali o ocupasse. — Odrade lhe dirá para onde deve ir.

Num impulso que sabia ser parcialmente defensivo, Teg agarrou Odrade pelo braço esquerdo e a beijou na face, sussurrando:

— Faça o que é preciso, filha. Aquele verme no porão logo será o único no universo.

Odrade percebeu então: Teg conhecia todo o plano de Taraza e planejava executar até o fim as ordens de sua Madre Superiora.

“Faça o que é preciso” Isso dizia tudo.

47

O que estamos vendo não é um novo estado da matéria e sim uma relação recentemente reconhecida entre matéria e consciência, a qual nos fornece uma compreensão mais profunda do funcionamento da presciência. O oráculo molda a projeção de um universo interior para produzir novas probabilidades externas a partir de forças que ainda não compreendemos. Não é preciso entender essas forças para usa-las de forma a moldar o universo físico. Os antigos ferreiros não precisavam compreender as complexidades moleculares e submoleculares do aço, do bronze, do cobre, do ouro ou do latão. Eles inventavam poderes místicos para descrever aquilo que desconheciam, enquanto continuavam a operar suas forjas e empunhar seus martelos.

— Madre Superiora Taraza, Argumento perante o Conselho

A antiga estrutura em que a Irmandade abrigava sua sede, seus arquivos e os escritórios de sua mais preciosa liderança não produzia ruídos noturnos comuns. Os ruídos eram mais como sinais que Odrade aprendera a interpretar com seus muitos anos de permanência ali. Um estalar tenso vinha de uma viga de madeira no piso que não era substituída há 800 anos. Ela se contraía à noite, produzindo esses sons.

Odrade fazia as memórias de Taraza expandirem-se ante esses sinais. As memórias não estavam completamente integradas, houvera muito pouco tempo. E agora, à noite, no velho gabinete de trabalho de Taraza, Odrade usava os poucos momentos que lhe eram disponíveis para continuar a integração:

“Dar e Tar, uma só afinal.”

Esse era um comentário bem identificável de Taraza.

As Outras Memórias deviam existir em vários planos simultaneamente, alguns deles muito profundos, mas Taraza permanecia junto à superfície. Odrade deixou-se mergulhar mais fundo nas múltiplas existências. Dai a pouco reconheceu uma identidade que continuava respirando, afastada, enquanto outras exigiam que ela mergulhasse em visões envolventes completas, com cheiros, toques, emoções — todas as sensações originais mantidas intactas dentro de sua própria consciência.

“E perturbador sonhar os sonhos de outra pessoa.”

Taraza de novo.

Taraza que fizera um jogo tão perigoso com o futuro de toda a Irmandade! Com que cuidado ela deixara vazar para as prostitutas a notícia de que os Tleilaxu tinham embutido habilidades perigosas no ghola. E o ataque ao Castelo de Gammu confirmara que a informação havia alcançado o seu alvo. A natureza brutal do ataque, contudo, advertira Taraza de que ela dispunha de muito pouco tempo. As prostitutas certamente reuniriam foiças para a destruição total de Gammu — só para eliminar o ghola.

Tanta coisa dependera de Teg.

Ela via o Bashar em sua própria reunião de Outras Memórias: o pai que nunca chegara a conhecer realmente.

“E não o conheci nem no fim!”

Mergulhar nessas memórias podia enfraquecê-la, mas ela não podia escapar à atração desse reservatório de conhecimento.

Odrade pensou nas palavras do Tirano: “A terrível extensão do meu passado! Respostas saltam ao meu encontro como um bando de aves assustadas escurecem o céu de minhas inescapáveis memórias.”

Odrade permanecia como uma nadadora, boiando logo abaixo da superfície.

“E mais provável que eu seja substituída”, pensou ela. “ Talvez até desonrada.” Bellonda certamente não estava aceitando de bom grado o novo comando. Não importava. A sobrevivência da Irmandade era tudo que devia preocupar qualquer uma delas agora.

Odrade flutuou para fora das Outras Memórias e ergueu o olhar para o outro lado da sala, onde um nicho alojando um busto de mulher podia ser visto à luz reduzida dos globos luminosos. O busto permanecia uma forma vaga, nas sombras, mas Odrade reconhecia muito bem o rosto ali representado: Chenoeh, guardiã-símbolo da Irmandade.

“Aqui estou pela graça de Deus...”

Cada Irmã que superava a agonia da especiaria (como Chenoeh não conseguira) dizia ou pensava a mesma coisa, mas que significava isso realmente? A procriação altamente controlada e o treinamento cuidadoso produziam em número suficiente aquelas capazes de sobreviver à agonia. Onde estaria a mão de Deus nisso? Deus certamente não era o verme que tinham trazido de Rakis. Será que a presença de Deus era sentida apenas nos êxitos da Irmandade?

“Eu cai prisioneira das pretensões de minha própria Missionaria Protectiva!”

Ela sabia que pensamentos e perguntas semelhantes tinham sido ouvidos nesse gabinete em ocasiões sem conta. Inúteis! Ainda assim, não seria capaz de remover aquele busto protetor do nicho onde repousava há tanto tempo.

“Não sou supersticiosa”, disse ela para si mesma. “Não sou uma pessoa compulsiva. E apenas uma questão de tradição. Tais coisas têm um valor que conhecemos bem.”

“Certamente nenhum busto meu jamais será tão honrado.” Pensou em Waff e seus Dançarmos Faciais, mortos junto com Miles Teg na terrível destruição de Rakis. Era melhor não pensar muito no terrível massacre que o Antigo Império estava sofrendo. Melhor pensar na retaliação que estava sendo armada pela violência desastrosa das Honradas Madres.

“Teg sabia!”

A sessão do Conselho, recentemente concluída, acabara em fadiga sem chegar a qualquer conclusão. Odrade ficara satisfeita em desviar a atenção para algumas preocupações imediatas. Tão caras a todas elas.

As punições: isso as ocuparia por algum tempo. Os precedentes históricos consubstanciavam as Análises dos Arquivos de forma satisfatória. Aqueles grupos humanos que se haviam aliado às Honradas Madres iam sofrer alguns choques.

Ix certamente se tornaria supercooperativo. Eles não tinham a menor idéia de como a competição da Dispersão os esmagaria.

A Corporação poderia ser isolada e obrigada a pagar muito caro por sua melange e seu equipamento. Ix e a Corporação cairiam juntos.

As Oradoras Peixes podiam ser ignoradas. Satélites de Ix, já estavam desaparecendo num passado que os seres humanos logo abandonariam.

E a Bene Tleilax. Sim, os Tleilaxu. Waff sucumbira às Honradas Madres. Ele nunca admitira isso, mas a verdade era clara. “Só uma vez e com um de meus próprios Dançarmos Faciais”

Odrade sorriu com amargura, lembrando o último beijo do pai. “Vou mandar fazer outro nicho”, pensou. “E vou encomendar outro busto: Miles Teg, o Grande Herege!”

As suspeitas de Lucilla com relação a Teg eram inquietantes, contudo. Será que no final ele se tornara presciente e capaz de ver as não-naves? Bem, as Madres Procriadoras poderiam explorar tais suspeitas.

— Nós acampamos! — acusara Bellonda.

Elas todas conheciam o significado dessa palavra: elas se haviam refugiado numa fortaleza para a longa noite das prostitutas.

Odrade reconheceu que não gostava muito de Bellonda, não gostava do modo como ela ria ocasionalmente para expor aqueles dentes rombudos.

Elas tinham discutido por longo tempo as amostras celulares de Sheeana. A “prova de Siona” estava ali. Ela tinha uma ancestralidade que a protegia da presciência, e podia deixar a não-nave.

— Duncan era um caso desconhecido.

Odrade voltou seus pensamentos para o ghola, lá na não-nave pousada. Erguendo-se de sua cadeira, foi até a janela escura e olhou na direção do distante campo de pouso.

Será que elas poderiam arriscar-se a libertar Duncan do abrigo daquela nave? Os estudos celulares revelavam que ele era uma mistura de muitos ghola Idaho — alguns deles descendentes de Siona. Mas e quanto à mácula do original?

“Não. Ele deve permanecer confinado.”

E quanto a Murbella — a grávida Murbella? Uma Honrada Madre desonrada?

— Os Tleilaxu queriam que eu matasse a Impressora — dissera Duncan.

— Tentará matar a prostituta? — perguntara Lucilla.

— Ela não é Impressora — respondera ele.

O Conselho discutira longamente a possível natureza da união entre Duncan e Murbella. Lucilla insistira em que não havia união alguma, os dois permanecendo como oponentes ferrenhos.

“Melhor não correr o risco de deixá-los juntos.”

A capacidade sexual das prostitutas, contudo, teria que ser estudada longamente. Talvez pudessem arriscar um encontro entre Murbella e Duncan dentro da não-nave Com medidas cuidadosas de proteção, é claro.

Finalmente ela pensou no verme dentro do porão da não-nave — um verme que se aproximava do momento da metamorfose. Uma pequena bacia cercada de terra e cheia de melange esperava esse verme. Quando chegasse a hora, ele seria atraído por Sheeana para o banho de água e melange E as trutas da areia resultantes poderiam então começar sua longa transformação.

“Você estava certo, pai. E tão simples quando se olha com clareza!”

Não havia necessidade de buscar um planeta deserto para os vermes. A truta da areia criaria seu próprio habitat para eles. Não era agradável pensar no mundo da Irmandade com vastas áreas de deserto, mas isso teria que ser feito.

A “Última Vontade e Testamento de Miles Teg”, que ele plantara nos sistemas de armazenagem submoleculares da não-nave, não poderia ser desacreditada. Até mesmo Bellonda concordava com isso.

A Irmandade exigira a completa revisão de todos os registros históricos. Pedia-se nova visão deles à luz do que Teg tinha observado nos Perdidos — as prostitutas da Dispersão.

“Raramente se fica sabendo os nomes dos verdadeiramente ricos e poderosos. Só se conhecem os seus porta-vozes. A arena política faz algumas exceções a essa regra, mas não revela toda a estrutura de poder.”

O filósofo Mentat tinha mastigado devidamente tudo que elas aceitavam, e o que ele digerira não concordava com a dependência dos Arquivos nos “nossos invioláveis resumos”.

“Nós sabíamos disso, Miles, só que nunca o encaramos. Todas nós vamos consultar nossas Outras Memórias através das próximas gerações”

Sistemas fixos de armazenagem de dados não eram confiáveis.

“Se você destruir a maioria das cópias, o tempo se encarregará do resto.”

Como o pessoal dos Arquivos se enfurecera com essa declaração reveladora do Bashar!

“A história escrita é um processo diversivo. A maioria dos registros históricos afasta a atenção das influências secretas em torno dos eventos registrados”

Essa era uma das coisas que tinham conquistado Bellonda. Ela o admitira ao dizer: “As poucas histórias que escapam desse processo restritivo desaparecem na obscuridade através de processos óbvios.”

Teg havia enumerado muitos desses processos: destruir tantas cópias quanto fosse possível, ridicularizar os relatos muito precisos, ignorando-os nos centros educacionais, assegurando-se de que não fossem citados em outros lugares e, em alguns casos, eliminando-se fisicamente os autores.

“Sem mencionar o processo de bode expiatório que levou à morte mais de um mensageiro de más noticias”, pensou Odrade. Lembrava-se de um antigo governante que mantinha à mão uma lança para matar mensageiros que trouxessem más notícias.

Temos uma boa base de informações para construir um melhor entendimento de nosso passado — argumentara Odrade. — Sempre soubemos que aquilo que está em jogo nos conflitos é a determinação de Quem vai controlar a riqueza ou seu equivalente.

Talvez esse não fosse um “nobre propósito” autêntico, mas por ora serviria.

“Estou evitando a questão central”, pensou ela.

Alguma coisa teria que ser feita com relação a Duncan Idaho, e todas sabiam disso.

Com um suspiro, Odrade chamou um tóptero e se preparou para o curto trajeto até a não-nave.

A prisão de Duncan era pelo menos confortável, pensou Odrade quando entrou nela. Tinha sido o alojamento do comandante da não-nave, ocupado por

último por Miles Teg. Ainda restavam sinais de sua presença ali — um pequeno projetor holostático revelando uma cena de seu lar em Lernaeus: a velha casa de fazenda. o longo gramado, o rio. Teg deixara um estojo de costura ao lado da mesinha-de-cabeceira.

O ghola estava sentado numa cadeira, vendo a projeção. Olhou para Odrade com indiferença quando ela entrou.

— Você apenas o deixou lá para morrer, não? — perguntou ele.

— Nós fazemos o que é preciso — ela respondeu. — E eu obedecia às ordens dele.

— Eu sei por que está aqui. E não vai mudar minha opinião. Não sou um maldito garanhão para as bruxas. Está me entendendo?

Odrade alisou seu manto e se sentou na beirada da cama, olhando para Duncan:

— Você examinou a mensagem que meu pai nos deixou?

— Seu pai?

— Miles Teg era meu pai. E eu lhe entrego suas últimas palavras. Ele foi os nossos olhos no fim. Tinha que ver a morte de Rakis. A “mente em seu princípios entende as dependências e os troncos-chaves.

Como Duncan parecesse intrigado, ela explicou:

— Nós ficamos presos muito tempo no labirinto das previsões do Tirano.

Odrade percebeu como ele se sentava mais alerta, os movimentos felinos revelando músculos bem-condicionados para o ataque.

— Não existe modo de você escapar vivo desta nave — ela explicou.

— E sabe por quê.

— Siona.

— Você é um perigo para nós, mas preferíamos que vivesse uma vida útil.

— Não vou gerar filhos para vocês, especialmente com aquela pequena de Rakis.

Odrade sorriu, perguntando-se como Sheeana responderia se ouvisse isso.

— Acha que é engraçado? — perguntou ele, furioso.

— Não realmente. Mas ainda assim teremos a criança de Murbella, é claro. Creio que isto nos satisfará.

— Eu estive falando com Murbella pelo comunicador — ele disse.

— Ela pensa que vai tornar-se uma Reverenda Madre, que vão aceitá-la na Bene Gesserit.

— E por que não? Suas células passaram na prova de Siona. Creio que ela dará uma irmã soberba.

— Ela realmente as enganou?

— Acha que não observamos que ela pensa que vai fingir aliar-se a nós

para aprender nossos segredos e então fugir? Nós sabemos disso, Duncan.

— E acham que ela não é capaz de fazer isso?

— Uma vez que as pegamos, Duncan, nunca as perdemos.

— Não acham que perderam Lady Jessica?

— Ela voltou para nós no fim.

— Por que veio me ver realmente?

— Achei que merecia uma explicação sobre as intenções da Madre Superiora. O objetivo dela era a destruição de Rakis. O que ela realmente queria era eliminar quase todos os vermes.

— Grandes Deuses, por quê?

— Eles eram uma força profética que nos mantinha sob escravidão. Aquelas pérolas de consciência do Tirano ampliavam esse domínio. Ele não previa os acontecimentos, ele os criava.

Duncan apontou para a traseira da nave.

— Mas e quanto ao...

— Aquele? E apenas um. Na ocasião em que se multiplicar até um número suficiente para exercer outra vez sua influência, a humanidade já estará fora do seu alcance. Seremos muito numerosos então, fazendo muitas coisas diferentes por nossa própria vontade. Nenhuma força única dominará completamente todos os nossos futuros. Nunca mais.

Ela se levantou.

Corno ele não respondesse, Odrade disse:

— Dentro dos limites impostos que eu sei que aprecia, por favor, pense no tipo de vida que quer levar. Prometo ajudá-lo de qualquer modo que possa.

— Por que faria isso?

— Porque minhas ancestrais o amaram. Porque meu pai o amava.

— Amor? Vocês bruxas não são capazes de sentir amor!

Ela olhou para ele por quase um minuto. O cabelo clareado estava ficando escuro nas raízes e se encrespando outra vez, principalmente na nuca.

— Eu sinto o que sinto — ela disse. — E sua água é nossa, Duncan Idaho.

Ela viu que a advertência Fremen surtiu o efeito esperado nele, e então se virou, saindo da sala e passando pelos guardas.

Antes de deixar a nave, ela voltou ao porão, onde olhou para o verme dormente em seu leito de areia Rakiana. A escotilha oferecia-lhe um panorama de uma altura de 200 metros sobre o animal cativo. Enquanto olhava, Odrade compartilhou de um riso silencioso com Taraza, cada vez mais integrada em sua memória.

“Nós estávamos certas e Schwangyu e sua gente, erradas. Sabíamos que ele queria escapar. Tinha que desejar isso depois do que fez.”

Ela falou num suave sussurro, tanto para si mesma quanto para as observadoras que aguardavam o momento em que começaria a metamorfose:

— Agora temos sua linguagem.

Não havia palavras na linguagem, só uma adaptação móvel e dançante a um universo móvel e dançante. Só era possível falar a linguagem, nunca traduzi-la. Para conhecer o significado era preciso passar pela experiência, e ainda assim o significado mudava constantemente. O “nobre propósito” era, afinal, uma experiência intraduzível. Mas quando olhava para o couro áspero e imune ao calor do verme do deserto Rakiano, Odrade sabia o que via: a evidência palpável de um nobre propósito.

Baixinho, ela o chamou:

— Ei! Velho Verme! Esse era o seu objetivo?

— Não houve resposta, mas afinal ela nunca tinha esperado por uma.

AS HERDEIRAS DE DUNA

Frank Herbert

Tradução de Marta Rodolfo Schmidt
Título Original: *Chapterhouse Dune*

1

Aqueles que se propõem a repetir o passado devem controlar o ensino da História.

— O Coda Bene Gesserit

Quando veio à luz o bebê-ghola do primeiro tanque axlotl Bene Gesserit, a Madre Superiora Darwi Odrade promoveu uma discreta comemoração em sua sala particular de refeições, no alto da Central. Mal amanhecia, e as duas outras integrantes do Conselho-Tamalane e Bellonda — mostraram impaciência ante a convocação, muito embora Odrade tivesse mandado servir o café da manhã por sua cozinheira pessoal.

— Não é toda mulher que pode estar presente ao nascimento de seu próprio pai — gracejou Odrade, quando as outras se queixaram de que eram ocupadas demais para se permitirem “desperdícios tolos de tempo”.

Apenas a velha Tamalane demonstrou um certo divertimento disfarço. Bellonda manteve suas feições excessivamente carnudas impassíveis, o que, no seu caso, equivalia habitualmente a uma carranca.

Seria possível, pensou Odrade, que Bell ainda não tivesse superado o ressentimento causado pela relativa opulência das instalações da Madre Superiora? Os alojamentos de Odrade eram um sinal distinto de sua posição, mas a honraria representava antes suas obrigações que uma possível superioridade em relação às Irmãs. A pequena sala de jantar permitia-lhe consultar as assessoras durante as refeições.

Bellonda olhava de um lado para o outro, numa impaciência evidente para ir embora. Muito esforço tinha sido gasto inutilmente em tentativas para penetrar a concha fria e remota em que Bellonda se fechava.

— Foi um sentimento muito estranho segurar aquele bebê em meus braços e pensar: “Este é meu pai” — Odrade disse.

— Eu ouvi da primeira vez! — A voz de Bellonda saía do estômago, num retumbante barítono, como se cada palavra lhe causasse uma vaga indigestão.

Compreendeu, entretanto, o gracejo distorcido de Odrade. O velho Bashar Miles Teg tinha, na verdade, sido o pai da Madre Superiora. E a própria Odrade reunira células (como fragmentos de unhas) para criar esse novo ghola, parte de

um antigo “plano de possibilidade”, caso viessem a ter sucesso em duplicar os tanques Tleilaxu. Mas Bellonda teria preferido ser expulsa da Bene Gesserit a concordar com o comentário de Odrade sobre o equipamento vital da Irmandade.

— Acho isso frívolo neste momento — Bellonda disse. — Essas mulheres loucas em nosso encalço para nos destruir, e você querendo comemorar!

Odrade fez um certo esforço para conservar o tom suave.

— Se as Honradas Madres nos encontrarem antes de estarmos preparadas, talvez seja porque falhamos em manter o moral elevado.

Os olhos de Bellonda, fitos nos de Odrade, estavam cheios de acusação frustradora: “Essas mulheres terríveis já exterminaram dezesseis dos nossos planetas!”

Odrade sabia que era errado pensar em todos esses planetas como posses das Bene Gesserit. A mal organizada confederação de governos planetários, reunida depois da Dispersão e dos Tempos da Fome, dependia muito da Irmandade para serviços vitais e comunicações confiáveis, mas as antigas facções persistiam — CHOAM, Corporação Espacial, Tleilaxu, remanescentes do sacerdócio do Deus Dividido, até mesmo auxiliares das Oradoras Peixes e assembléias dissidentes. O Deus Dividido tinha legado à humanidade um império dividido — cujas facções, em sua totalidade, reuniram-se subitamente, em função dos violentos assaltos das Honradas Madres da Dispersão. As Bene Gesserit — fiéis à maioria de suas antigas formas — eram o alvo primordial de ataque.

Os pensamentos de Bellonda nunca se afastavam muito dessa ameaça das Honradas Madres. Era uma fraqueza que Odrade reconhecia. Às vezes, ela chegava a pensar em substituir Bellonda, mas até mesmo na Bene Gesserit havia facções, nesses tempos, e ninguém podia negar que Bell era uma excelente organizadora. Os Arquivos nunca tinham sido mais eficientes do que sob sua orientação.

Como fazia frequentemente, mesmo sem palavras, Bellonda conseguiu concentrar a atenção da Madre Superiora nas caçadoras que as espreitavam com selvagem persistência. Isso estragou a disposição de tranquilo sucesso que Odrade tinha esperado conseguir esta manhã. Forçou-se a pensar no novo ghola. Teg! Se suas memórias originais pudessem ser recuperadas, a Irmandade contaria, mais uma vez, com o melhor Bashar que já tivera a seu serviço. Um Bashar Mentat! Um gênio militar, cuja bravura já era matéria de mitos do Antigo Império.

Mas será que o próprio Teg teria condições de ajudá-las contra essas mulheres vindas da Dispersão?

“Pelos deuses, quem quer que sejam eles, as Honradas Madres não devem

nos encontrar. Ainda não!”

Teg representava um excesso de possibilidades e imprevistos inquietantes. O mistério cercava o período anterior à sua morte, na destruição de Duna. “Ele fez alguma coisa em Gammu para acender a fúria desenfreada das Honradas Madres. Sua persistência suicida em Duna não podia ter sido suficiente para provocar essa resposta frenética.” Havia rumores, fragmentos de seus dias em Gammu antes do desastre de Duna. “Podia mover-se mais rápido que o olhar humano!” Teria ele feito isso? Outro afloramento das capacidades selvagens nos genes Atreides? Mutação? Ou apenas o mito de Teg novamente? A Irmandade tinha de aprender o mais depressa possível.

Uma acólita trouxe o café da manhã para três, e as irmãs comeram rapidamente, como se fosse necessário deixar para trás, sem demora, essa interrupção, pois perder tempo era perigoso.

Mesmo depois que as outras tinham saído, Odrade ficou sob o efeito do medo sem palavras de Bellonda.

“E de meus medos.”

Levantou-se e foi para a vasta janela que dava para os tetos mais baixos e alcançava parte do círculo de pomares e pastagens ao redor da Central. Fim de primavera, e os frutos já começando a se formar. “Renascimento. Um novo Teg nasceu hoje!” Nenhum sentimento de exaltação acompanhou o pensamento. Geralmente ela achava a vista restauradora, mas não essa manhã.

Quais são minhas forças verdadeiras? Qual é minha realidade?

Os recursos sob o comando da Madre Superiora eram formidáveis: lealdade profunda por parte daqueles que a serviam, uma força militar sujeita a um Bashar treinado por Teg (no momento, distante, com uma grande parte de suas tropas protegendo o planeta escola, Lâmpadas), artesãos e técnicos, espiões e agentes por todo o Antigo Império, inumeráveis trabalhadores que esperavam ser protegidos pela Irmandade contra as Honradas Madres, e todas as Reverendas Madres com Outras Memórias penetrando nas origens da vida.

Odrade sabia, sem falso orgulho, que representava o auge do que era mais forte numa Reverenda Madre. Se suas memórias pessoais não fornecessem a informação necessária, ela teria outras à sua volta para preencher a lacuna. Dados informatizados também, embora ela admitisse uma desconfiança natural a seu respeito.

Odrade achou-se tentada a se aprofundar em outras vidas que levava consigo como memória secundária — essas camadas subterrâneas de consciência. Talvez pudesse encontrar, nas experiências de Outros, soluções brilhantes para a difícil condição que viviam. Perigoso! Havia a possibilidade de perder-se durante horas, fascinada pela multiplicidade das variações humanas.

Melhor deixar Outras Memórias equilibradas em seu lugar, disponíveis para uso ou interferindo de acordo com a necessidade. Consciência, era esse o sustentáculo, bem como sua garra sobre a identidade.

A estranha metáfora Mentat de Duncan Idaho vinha em seu auxílio.

“Autoconsciência: o defrontar-se com espelhos que passam através do universo, reunindo novas imagens no caminho — infinitamente reflexivo. O infinito visto como finito, a semelhança da consciência transportando fragmentos percebidos do infinito.”

Ela nunca tinha ouvido nada mais próximo de sua consciência sem palavras. “Complexidade especializada”, era como Idaho o chamava. — Nós reunimos, montamos e refletimos nossos sistemas de ordem.

Realmente era a visão da Bene Gesserit que os humanos representavam a vida projetada pela evolução para criar ordem.

“E como isso pode nos ajudar contra essas turbulentas mulheres que nos perseguem? De que ramo de evolução elas vêm? Será evolução um outro nome para Deus?”

Suas Irmãs olhariam com desprezo essas “especulações sem proveito”.

Ainda assim poderia haver respostas na Outra Memória.

“Ahhh! Que idéia sedutora!”

Com que desespero ela desejava projetar seu *self* confinado nas identidades passadas, e sentir o que teria sido viver nessa época. O perigo imediato dessa tentação a gelou. Sentiu a Outra Memória multiplicando-se nas bordas da consciência. — “Era assim! Não, era assim!” Como eram vorazes! Tinha-se de escolher, dando vida ao passado com prudência. E não era esse o propósito da consciência, a própria essência de estar vivo?

“Escolha uma lembrança do passado e compare-a com o presente: Aprenda as consequências.”

Esse era o ponto de vista das Bene Gesserit a respeito da História, as antigas palavras de Santayana ressoando em suas vidas: “Aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo.”

Os edifícios da própria Central, o mais poderoso de todos os estabelecimentos da Bene Gesserit, refletiam essa atitude em qualquer lugar para onde Odrade se voltasse. Usiforme, esse era o conceito predominante. Em qualquer centro de trabalho Bene Gesserit, muito pouco podia dar-se ao luxo de não ser funcional, conservado por nostalgia. A Irmandade não precisava de arqueólogos. As Reverendas Madres personificavam a História.

Vagarosamente (muito mais devagar que de costume) a vista de sua alta janela produziu seu efeito calmante. A ordem Bene Gesserit era essa que seus olhos relatavam.

Mas as Honradas Madres podiam acabar com essa ordem no minuto seguinte. A situação da Irmandade era muito pior do que a que tinham sofrido sob o Tirano. Muitas das decisões que ela era forçada a tomar agora eram odiosas. Sua sala de trabalho tornava-se menos agradável por causa das ações que aconteciam ali.

“Eliminar nossa fortaleza Bene Gesserit em Palma?”

Essa sugestão estava no relatório matinal de Bellonda, esperando em sua mesa. Odrade afixou-lhe uma nota afirmativa. “Sim.”

“Eliminar, porque o ataque das Honradas Madres é iminente, e não podemos defendê-los ou evacuá-los.”

Somente o Destino e mil e cem Reverendas Madres sabiam quantas pessoas, entre acólitas postulantes e outras, seriam mortas ou teriam pior destino, em função dessa única palavra. Sem mencionar todas as “Vidas Comuns” que existiam à sombra das Bene Gesserit.

A pressão de tais decisões produzia em Odrade uma nova espécie de exaustão. Seria uma fadiga da alma? Existiria essa coisa chamada alma? Ela sentia um cansaço profundo em algum lugar inacessível à consciência. Estava cansada, muito cansada.

Até mesmo Bellonda dava sinais de tensão, e Bell deleitava-se com a violência. Somente Tamalane parecia estar acima dessa pressão, mas isso não enganava Odrade. Tam tinha chegado à idade da observação superior, uma possibilidade no caminho de todas as Irmãs, se vivessem o bastante para alcançá-la. Nada importava, então, exceto observações e julgamentos, nunca mencionados, na maioria das vezes, a não ser em certas expressões fugidias de suas feições enrugadas. Tamalane falava pouco hoje em dia, em comentários tão raros, que chegavam a ser quase ridículos:

— Comprem mais não-naves.

— Informem Sheeana.

— Revejam os registros de Idaho.

— Perguntem a Murbella.

Às vezes, emitia apenas grunhidos, como se as palavras pudessem traí-la.

E as caçadoras sempre lá fora, varrendo o espaço em busca de qualquer pista sobre a localização da Sede.

Em seus mais íntimos pensamentos, Odrade via as não-naves das Honradas Madres como corsários nesses mares infinitos entre as estrelas. Não hasteavam a bandeira negra dos piratas, mas ela estava lá, de qualquer modo. Nada de romântico a seu respeito. “Matar e pilhar! Construa sua riqueza sobre o sangue dos outros. Esgote essa energia e construa suas não-naves assassinas em locais lubrificados com sangue.”

E elas não viam que seriam afogadas em lubrificante rubro se continuassem nesse rumo.

"Deve haver pessoas furiosas lá fora, nessa Dispersão humana onde se originaram as Honradas Madres, pessoas que passam a vida com uma única idéia fixa: Peguem-nas!"

Perigoso universo esse, onde se permitia que tais idéias circulassem livremente. As boas civilizações tinham cuidado para que esses conceitos não ganhassem energia, não tivessem nem mesmo a oportunidade de nascer. Quando ocorriam, por acaso ou acidente, tinham de ser afastados rapidamente, porque tendiam a reunir as massas.

Odrade estava perplexa pelo fato de que as Honradas Madres não viam isso, ou se viam, ignoravam a idéia.

— Histeria plena — era a denominação de Tamalane.

— Xenofobia — discordava Bellonda, sempre corrigindo, como se o controle dos Arquivos lhe desse uma percepção melhor da realidade.

Ambas estavam certas, Odrade pensava. As Honradas Madres comportavam-se histericamente. Todos os *estranhos* eram o inimigo. As únicas pessoas em quem pareciam confiar eram os homens sexualmente escravizados, e mesmo esses, apenas até certo ponto. Testando-os constantemente, segundo Murbella (nossa única Honrada Madre cativa), para ver se seu domínio era firme.

— Às vezes, só para provocar, elas podem eliminar alguém, simplesmente como um exemplo para os outros. — Palavras de Murbella, que forçavam uma pergunta: "Estarão elas fazendo de nós um exemplo?" — "Vejam! Isso é o que acontece àqueles que se opõem a nós!"

Murbella tinha dito: — Vocês as provocaram. Uma vez desafiadas, elas não desistirão, até que as tenham destruído.

"Peguem os estranhos!"

Singularmente diretas. "Um ponto fraco, se fizermos o jogo certo", pensou.

"Xenofobia levava ao extremo ridículo?"

Bem possível.

Odrade bateu pesadamente o punho na mesa de trabalho, consciente de que o ato seria visto e registrado pelas Irmãs que vigiavam constantemente o comportamento da Madre Superiora. Falou, então, em voz alta, para os onipresentes televigias e as Irmãs vigilantes por trás deles.

— Não ficaremos sentadas, esperando na defensiva! Nós nos tornamos tão gordas como Bellonda (ela que se irrite com isso) pensando ter criado uma sociedade intocável e estruturas resistentes.

Odrade passou rapidamente os olhos pela sala familiar.

— Este lugar é um de nossos pontos fracos!

Sentou-se atrás da escrivaninha pensando (entre todas as coisas!) em arquitetura e planejamento comunitário. Bem, esse era um direito da Madre Superiora!

As comunidades da Irmandade raramente se desenvolviam ao acaso. Mesmo quando se apoderavam de estruturas já existentes (como tinham feito com a velha fortaleza Harkonnen, em Gammu), faziam-no com planos de reconstrução. Queriam tubos pneumáticos para conduzir pequenos pacotes e mensagens. Linhas de luz e projetores de raios duros para transmitir palavras em código. Consideravam-se mestras em comunicação de segurança. As mensageiras das acólitas e das Reverendas Madres (que preferiam a autodestruição a traírem suas superioras) transportavam as mensagens mais importantes.

Ela podia visualizar lá fora, além de sua janela e além deste planeta, sua teia, magnificamente organizada e equipada, cada Bene Gesserit como uma extensão das outras. No que dizia respeito à sobrevivência da Irmandade, havia um núcleo intocável de lealdade. Podia haver desertores (alguns espetaculares como Lady Jessica, avó do Tirano), mas eles chegavam só até aí. A maioria das perturbações era transitória.

E tudo isso era um padrão Bene Gesserit. Uma fraqueza.

Odrade reconheceu, dentro de si, uma concordância com os temores de Bellonda. “Que eu me dane se deixar que isso me tire a alegria de viver!” Seria o mesmo que render-se ao que essas loucas Honradas Madres querem.

São nossas forças que elas querem, disse Odrade, olhando para os televigias do teto. “Como antigos selvagens, comendo os corações dos inimigos. Bem...nós lhes daremos mesmo o que comer! E elas só descobrirão que não podem digeri-lo quando for tarde demais!”

A não ser por alguns ensinamentos preliminares programados especialmente para acólitas e postulantes, a Irmandade não se interessava muito por conselhos e provérbios**,** mas Odrade tinha seu próprio lema: “Alguém tem de lavrar a terra.” Sorriu para si mesma, enquanto se debruçava sobre o trabalho, sentindo-se mais confortada. Esta sala, esta Irmandade, este era o seu jardim, e havia ervas daninhas a serem arrancadas e sementes a serem plantadas. “E fertilizante. Não se pode esquecer o fertilizante.”

2

Quando me dispus a conduzir a humanidade pelo meu Caminho Dourado, prometi-lhes uma lição que seus ossos não esqueceriam. Conheço um padrão profundo, que os humanos negam em palavras, mesmo quando suas ações o afirmam. Eles dizem que buscam segurança e tranquilidade, condições que chamam de paz. Mesmo quando falam, criam sementes de tumulto e violência.

— Leto II, o Imperador-Deus

"Então ela me chama de Rainha Aranha!"

A Grande Honrada Madre recostou-se numa pesada cadeira colocada num estrado alto. Seu peito seco sacudia-se com risinhos silenciosos. "Ela sabe o que vai acontecer quando eu agarrá-la em minha teia! Vou sugá-la até que fique seca, isso é o que vou fazer."

Uma mulher pequena, de feições medíocres e músculos que se crispavam nervosamente, ela dirigia seu olhar para o chão de ladrilhos amarelos iluminados pela claridade do dia, na sala de audiências. Uma Reverenda Madre Bene Gesserit jazia estendida no local, amarrada com shigafio. Não fazia esforço algum para lutar. O shigafio era excelente para esse propósito. "Bem que poderia cortar-lhe os braços fora!"

A câmara onde estavam sentadas combinava com a Grande Honrada Madre, tanto pelas dimensões como pelo fato de que tinha sido tomada de outros. Com trezentos metros quadrados, tinha sido destinada a convocações dos Navegantes da Corporação aqui na Junção, cada Navegador com seu tanque monstruoso. A prisioneira nesse chão amarelo era um grão de poeira na imensidão.

"A pobre coitada sentiu muito prazer em dizer a forma como sua dita Superiora me chama!"

Mas ainda assim, era uma linda manhã, pensou a Grande Honrada Madre. A não ser pelo fato de que nenhuma tortura ou sonda mental funcionava com essas bruxas. Como torturar alguém que pode optar pela morte a qualquer momento? E o fazia! Elas tinham, além disso, meios de suprimir a dor. Muito ardilosos, esses primitivos.

E está carregada de shere, também. Um corpo impregnado dessa detestável droga deteriorava além do alcance das sondas, antes que pudesse ser examinado adequadamente.

A Grande Honrada Madre fez sinal a uma auxiliar, que cutucou com o pé a Reverenda Madre estendida e, a um outro sinal, afrouxou as amarras de shigafio a fim de permitir um movimento mínimo.

— Qual é o seu nome, criança? — perguntou a Grande Honrada Madre. Sua voz era áspera e rouca, tanto pela idade como por uma falsa bonomia.

— Sou chamada de Sabanda. — Voz jovem e clara, ainda intocada pela dor das sondas.

— Você gostaria de nos ver capturar um macho covarde e escravizá-lo? Sabanda sabia a resposta adequada. Elas a tinham prevenido. — Prefiro morrer. — Disse isso calmamente, olhando firme para a velha face cor de raiz ressecada. As estranhas pintas laranja nos olhos da velha. Um sinal de raiva. As Instrutoras a tinham avisado.

Sobre a malha vermelha, um frouxo robe cor de ouro avermelhado, com figuras de dragões negros de boca aberta, apenas enfatizava a esquelética figura que cobria.

A Grande Honrada Madre não modificou a expressão nem mesmo com um pensamento recorrente sobre essas feiticeiras: “Malditas sejam!” — Qual era sua função nesse planetazinho sujo de onde nós a trouxemos?

— Professora dos jovens.

— Temo dizer que não deixamos nenhum de seus jovens vivo. — ”Agora, por que ela sorri? Para me ofender, isso sim!”

— Você ensinou os jovens a adorar a bruxa, Sheeana?

— Por que eu lhes ensinaria a adorar uma Irmã? Sheeana não gostaria disso.

— Não gostaria... Está dizendo que ela voltou à vida e que você a conhece?

— São somente os vivos que conhecemos?

Como era clara e corajosa a voz dessa jovem feiticeira. Elas tinham um notável autocontrole, mas nem isso poderia salvá-las. Estranho, entretanto, que esse culto de Sheeana persistisse. Teria de ser arrancado, naturalmente, destruído, da mesma forma que as bruxas estavam sendo eliminadas.

A Grande Honrada Madre ergueu o dedo mínimo da mão direita. Uma auxiliar, já à espera, acercou-se da prisioneira com uma injeção. Talvez essa nova droga soltasse a língua da bruxa, talvez não. Não importa.

Sabanda fez uma careta quando a injeção tocou seu pescoço. Estava morta em segundos. As criadas levaram o corpo que deveria alimentar os Futares

prisioneiros. Não que eles tivessem grande utilidade. Não se reproduziam no cativeiro, não obedeciam às ordens mais comuns. Mal-humorados, à espera.

— Onde Treinadores? — um deles poderia perguntar. Ou cuspiriam outras palavras inúteis de suas bocas humanóides. Mesmo assim, proporcionavam alguns prazeres. O cativeiro também demonstrou que eram vulneráveis. Tanto quanto essas bruxas primitivas. “Nós encontraremos o esconderijo delas. É somente uma questão de tempo.”

3

Aquele que lança uma luz nova sobre o banal e o ordinário,pode aterrorizar. Não queremos ver nossas idéias modificadas. Ficamos ameaçados por esse tipo de exigência. “Já conheço as coisas importantes”, é o que dizemos. Então vem o Transformador e joga fora nossas velhas idéias. .

— O Mestre Zensufi

Miles Teg gostava de brincar nos pomares em volta da Central. Odrade o tinha levado lá pela primeira vez quando ele mal andava. Uma de suas mais antigas memórias: pouco mais de dois anos de idade e já consciente de que era um ghola, embora não entendesse o sentido integral da palavra.

— Você é uma criança especial — Odrade disse. — Nós o fizemos com as células de um homem muito idoso.

Embora fosse uma criança precoce, e as palavras ouvidas tivessem um som vagamente perturbador, ele estava mais interessado, na ocasião, em correr através do mato alto de verão, embaixo das árvores.

Mais tarde, outros dias de pomar juntaram-se a esse, acumulando também impressões sobre Odrade e as outras pessoas que o ensinavam. Bem cedo percebeu que Odrade gostava tanto dessas excursões como ele próprio.

Uma tarde, quando tinha quatro anos, ela lhe disse: — A primavera é a minha estação favorita.

— A minha também.

Quando tinha sete anos, e já demonstrava uma inteligência brilhante aliada à memória holográfica que lhe tinha rendido, por parte da Irmandade, pesadas responsabilidades em sua encarnação anterior, ele, de repente, viu os pomares como um local que tocava algo muito profundo dentro de si.

Esta foi a primeira vez que realmente teve consciência de carregar lembranças impossíveis de trazer à tona. Profundamente perturbado, voltou-se para Odrade, que estava de pé, delineada contra o sol da tarde:

— Há coisas de que não consigo lembrar.

— Um dia você se lembrará — ela disse.

Ele não podia ver sua face contra a luz brilhante, e suas palavras vinham

tanto da enorme sombra como de Odrade.

Nesse ano começou a estudar a vida do Bashar Miles Teg, de cujas células tinha se originado. Odrade explicara algo a respeito disso, mostrando-lhe as unhas: — Tirei pequenos fragmentos de seu pescoço — células da pele, e elas tinham tudo o que precisávamos para dar-lhe a vida.

Havia algo de intenso a respeito dos pomares nesse ano, as frutas maiores e mais pesadas, as abelhas quase frenéticas.

— E por causa do deserto, que está aumentando lá embaixo, no sul — disse Odrade. Ela segurou sua mão enquanto caminhavam pela manhã fresca e orvalhada sob as macieiras em flor.

Teg olhou fixamente através das árvores, momentaneamente hipnotizado pelo efeito da luz do sol entre as folhas. Tinha estudado a respeito do deserto e achava que podia sentir seu peso nesse lugar.

— As árvores percebem a aproximação do fim — Odrade disse. — A vida se desenvolve mais intensamente quando ameaçada.

— O ar está muito seco — ele salientou. — Deve ser o deserto.

— Vê como algumas folhas ficaram pardas e curvadas nas extremidades? Tivemos que irrigar muito este ano.

Teg apreciava o fato de que ela nunca falava com ele de cima para baixo. Era principalmente de uma pessoa para outra. Observou o castanho retorcido das folhas. Era o deserto que fazia isso.

No fundo do pomar ouviram em silêncio os pássaros e os insetos. As abelhas que trabalhavam nos trevos de uma pastagem próxima vieram investigar, mas ele era imunizado por feromônio, como todos os que caminhavam livremente pela Sede. Elas passaram zumbindo por ele, sentiram os identificadores e foram embora para suas atividades na floração.

“Maçãs.” Odrade apontou para o oeste. “Pêssegos.” Sua atenção dirigiu-se para onde ela indicava. Ah, sim, havia cerejas a leste, além das pastagens. Ele percebeu a resina desenhando nervuras nos galhos.

— As sementes e as mudas tinham sido trazidas para cá na não-nave original, há uns mil e quinhentos anos atrás — disse ela — e tinham sido plantadas com um amoroso cuidado.

Teg visualizou mãos cavando a terra, batendo-a gentilmente ao redor das pequenas mudas, a irrigação cuidadosa, a cerca para manter o gado nos pastos selvagens que circundavam as primeiras plantações e os edifícios da Sede.

Por essa época ele já tinha começado a aprender a respeito do gigantesco verme da areia que a Irmandade tinha trazido secretamente de Rakis. A morte do verme tinha produzido criaturas chamadas trutas da areia. Era em função delas que o deserto se desenvolvia. Um pouco desta história estava ligada a relatos de

sua encarnação anterior — um homem que elas chamavam de “O Bashar”. Um grande soldado morto quando as terríveis mulheres denominadas Honradas Madres destruíram Rakis.

Teg achou esses estudos ao mesmo tempo fascinantes e perturbadores. Sentia lacunas em si, lugares onde as lembranças deveriam estar. Essas lacunas desafiavam-no em sonhos. E, às vezes, em devaneio, surgiam rostos diante de si. Quase podia ouvir-lhes as palavras. E então, havia ocasiões em que sabia os nomes das coisas antes que lhe dissessem. Especialmente nomes de armas.

Coisas significativas cresciam em sua consciência. O planeta inteiro ia tornar-se um deserto, uma mudança foi iniciada porque as Honradas Madres queriam matar essas Bene Gesserit que o criavam.

As Reverendas Madres que controlavam sua vida muitas vezes se intimidavam com ele — vestidas de preto, austeras, olhos absolutamente sem nenhum branco, o azul dentro do azul. Era a especiaria que fazia isso, diziam.

Apenas Odrade lhe demonstrava algo que ele tomava por real afeição, e Odrade era alguém *muito* importante. Todos a chamavam de Madre Superiora, e assim ela lhe disse para chamá-la, a não ser quando estivessem sozinhos nos pomares. Então ele podia chamá-la de Mãe.

Durante um passeio matinal, num período próximo da colheita, em seu nono ano de vida, bem na terceira elevação do pomar de macieiras ao norte da Central, eles chegaram a uma depressão pouco profunda, sem árvores e com uma profusão de plantas diferentes. Odrade pôs a mão em seu ombro e segurou-o onde eles podiam admirar as alpondras negras numa trilha sinuosa, através de pequenas flores e densa folhagem. Estava numa estranha disposição de espírito. Ele sentiu isso em sua voz.

— A propriedade é uma questão interessante — ela disse. — Nós possuímos este planeta ou é ele que nos possui?

— Gosto dos cheiros daqui — ele disse.

Ela o soltou e impeliu-o gentilmente para adiante. — Aqui nós plantamos para o olfato, Miles. Ervas aromáticas. Estude-as cuidadosamente e procure-as nos livros quando voltar à biblioteca. Oh! Pise mesmo nelas — encorajou-o, quando ele começou a evitar uma trepadeira em seu caminho.

Ele comprimiu o pé direito firmemente nas gavinhas verdes e aspirou seu aroma penetrante.

— Elas foram feitas para serem pisadas e nos darem seu aroma. As Instrutoras têm ensinado a você como lidar com a nostalgia. Disseram-lhe que ela é dirigida pelo sentido do olfato?

— Sim, Mãe. — Voltando-se para olhar o lugar onde tinha pisado, disse: — Isto é alecrim.

— Como sabe? — ela perguntou com intensidade. Ele encolheu os ombros. — Eu sei, simplesmente.

— Pode ser uma lembrança original. — Ela parecia contente. Enquanto continuavam sua caminhada no vale aromático, Odrade ficou pensativa. — Cada planeta tem seu próprio caráter, onde desenhamos modelos da Velha Terra. Às vezes é apenas um pálido esboço, mas aqui tivemos sucesso.

Ajoelhou-se e puxou um galho fino de uma planta verde-ácido. Esmagou-o nos dedos e chegou-o até o nariz. “Salva.”

Era isso mesmo, mas ele não podia dizer como sabia.

— Senti esse cheiro na comida. E como a melange?

— Melhora o sabor, mas não muda a consciência. — Levantou-se e olhou para ele do alto de sua estatura. — Marque bem este lugar, Miles. Nossos mundos ancestrais se foram, mas aqui recapturamos parte de nossas origens.

Ele sentiu que ela estava lhe ensinando algo importante.

— Por que você se perguntou se este planeta nos possuía?

— Minha Irmandade acredita que sejamos administradoras da terra. Sabe o que são administradores?

— Como Roitiro, o pai do meu amigo Yorgi. Ele diz que sua irmã mais velha será a administradora da plantação deles um dia.

— Isso mesmo. Temos uma residência mais longa em alguns planetas do que qualquer outro povo conhecido, mas somos apenas administradoras.

— Se vocês não possuem á Sede, quem a possui?

— Talvez ninguém. Minha pergunta é: como nos marcamos mutuamente, minha Irmandade e este planeta?

Ele olhou para o rosto dela e depois para suas próprias mãos. Estaria a Sede marcando-o exatamente agora?

— A maioria das marcas são profundas dentro de nós. — Ela tomou sua mão. — Venha. — Saíram do vale aromático e subiram ao domínio de Roitiro, Odrade falando enquanto caminhavam.

— A Irmandade raramente cria jardins botânicos. Os jardins devem dar suporte a muito mais do que olhos e olfato.

— Alimento?

— Sim, apoio a nossas vidas em primeiro lugar. Os jardins produzem alimento. A plantação desse vale aí atrás destina-se a nossas cozinhas.

Miles sentiu sua voz fluir para dentro dele, alojando-se entre as lacunas. Teve a percepção do planejamento para séculos adiante: árvores para substituir vigas e reter bacias hidrográficas, plantas para impedir a queda das margens de rios e lagos, para proteger o solo contra a chuva e o vento, para manter praias, e mesmo nas águas, propiciando locais para a reprodução de peixes. A Bene

Gesserit também pensou em árvores para sombra e abrigo, ou para lançar formas sombreadas interessantes nos gramados.

— Arvores e plantas para todas as nossas relações simbióticas — disse ela.

— Simbióticas? — Era uma palavra nova.

Ela usou um exemplo conhecido dele — sair com os outros para colher cogumelos.

— Os cogumelos não crescem a não ser em companhia de raízes amigas. Cada um tem uma relação simbiótica com uma planta especial. Tudo o que cresce tira de outro algo de que necessita.

Como a explicação se alongasse, ele, aborrecido, chutou uma moita de capim. Viu-a, então, olhar para ele com aquele jeito inquietante. Tinha feito uma coisa ofensiva. Por que era certo pisar numa planta e não em outra?

— Miles! O mato impede que o solo seja levado pelo vento para lugares difíceis como o fundo dos rios.

Conhecia esse tom. Reprimenda. Abaixou os olhos para a planta que tinha maltratado.

— Este capim alimenta nosso gado. Alguns têm sementes que comemos no pão e em outros alimentos. Certos tipos de taquara quebram o vento.

Ele sabia *disso!* Tentando distraí-la, soletrou: — Que-brar o ven-to? Odrade não sorriu, e ele viu seu erro em pensar que podia enganá-la. Resignado, dispôs-se a ouvir a lição.

— Quando o deserto viesse — continuou ela — as uvas, com suas raízes principais enterradas a centenas de metros no chão, seriam provavelmente as últimas a desaparecer. Os pomares morreriam em primeiro lugar.

— Por que eles têm de morrer?

— Para dar lugar a uma forma mais importante de vida.

— Vermes da areia e melange.

Percebeu seu agrado por ele ter demonstrado conhecer a relação entre os vermes da areia e a especiaria de que as Bene Gesserit precisavam para sua existência. Não sabia ao certo como essa necessidade funcionava, mas imaginou um círculo: “vermes da areia, trutas da areia e melange, repetindo-se nessa ordem”. E a Bene Gesserit tomava desse círculo o que precisava.

Eleja estava cansado com todo esse ensinamento.

— Se todas essas coisas vão morrer de qualquer forma, porque tenho de voltar à biblioteca e aprender seus nomes?

— Porque você é humano, e os humanos têm esse desejo profundo de classificar, de dar rótulos a tudo.

— Por que temos de dar nome a coisas como essa?

— Porque desse modo temos o direito de reivindicar o que denominamos. Pretendemos uma posse que pode ser enganadora e perigosa.

Então ela estava de volta à “propriedade”.

— Minha rua, meu lago, meu planeta — ela disse. — Meu rótulo para sempre. O rótulo que se dá a um lugar ou a uma coisa pode nem mesmo durar o tempo de uma vida, a não ser como um apaziguante dado pelos conquistadores... ou como um som para ser lembrado com medo.

— Duna — ele disse.

— Você é rápido!

— As Honradas Madres queimaram Duna.

— Elas farão o mesmo conosco, quando nos encontrarem.

— Não se eu for o seu Bashar! — As palavras saíram sem pensar, mas uma vez pronunciadas, sentiu que poderiam conter uma certa verdade. Relatos na biblioteca diziam que o Bashar tinha feito os inimigos tremerem simplesmente pelo seu aparecimento no campo de batalha.

Como se soubesse o que ele estava pensando, Odrade disse: — O Bashar Teg era igualmente famoso por criar situações onde as batalhas não eram necessárias.

— Mas ele combateu seus inimigos.

— Nunca se esqueça de Duna, Miles. Ele morreu lá.

— Eu sei.

— As Instrutoras já o fizeram estudar Caladan?

— Sim. É chamada de Dan em minhas histórias.

— Rótulos, Miles. Os nomes são interessantes como lembretes, mas a maioria das pessoas não faz outras conexões. História cansativa, não? Nomes — sugestões convenientes, úteis, principalmente em sua própria espécie.

— Você é da minha espécie? — Essa era uma pergunta que o perseguia, embora não tivesse sido formulada até esse instante. “

— Somos Atreides, você e eu. Lembre-se disso, quando retornar a seu estudo de Caladan.

Quando voltaram pelos pomares e pastagens até a colina que lhes dava um excelente ponto de observação, com a vista da Central através dos galhos, Teg viu o complexo administrativo rodeado de plantações com uma nova sensibilidade. Manteve-a consigo enquanto desciam a alameda cercada que conduzia ao arco de entrada da Primeira Rua.

— Uma jóia viva. — Era como Odrade chamava a Central. Quando passaram sob o arco, ele olhou para o nome da rua gravado a fogo. O Galach, em elegantes linhas fluidas, no estilo decorativo das Bene Gesserit. Todas as ruas e todos os edifícios eram rotulados na mesma letra cursiva.

Olhando em volta de si na Central, as águas oscilantes na praça à frente deles, os detalhes graciosos, ele sentiu a profundidade da experiência humana. As Bene Gesserit tinham cuidado deste lugar de um modo que ele não compreendia bem. Coisas reunidas em estudos e em excursões ao pomar, coisas simples e complexas, apareceram sob nova luz. Era uma resposta Mentat latente, mas ele não sabia disso, sentindo apenas que sua memória infatigável tinha modificado e reorganizado algumas relações. Parou de repente e olhou para trás, para o caminho que tinham percorrido — o pomar lá fora, enquadrado pelo arco da rua coberta. Tudo estava relacionado. O escoadouro da Central produzia metano e fertilizante. (Ele tinha acompanhado a planta com uma Instrutora.) O metano fazia funcionar as bombas e fornecia energia para uma parte da refrigeração.

— Para onde está olhando, Miles?

Ele não sabia como responder. Mas lembrava-se de uma tarde de outono, quando Odrade o tinha levado num vôo sobre a Central num tóptero, para falar-lhe a respeito dessas relações e dar-lhe uma "visão panorâmica". Apenas palavras, na ocasião, mas que agora faziam sentido.

— Tão próximo de um círculo ecológico fechado quanto podemos criar — Odrade tinha dito no tóptero. — As pessoas nas órbitas da Meteorologia o controlam e comandam suas linhas de fluxo.

— Por que você está aí, olhando para os pomares, Miles? — Sua voz estava cheia de imperativos contra os quais ele não tinha defesa.

— No ornitóptero você disse que era bonito, mas perigoso. Tinham viajado apenas uma vez juntos no ornitóptero. Ela entendeu a referência imediatamente. "O círculo ecológico." Virou-se para ela, esperando.

— Fechado — disse ela. — Como é tentador levantar altas paredes e deixar de fora a mudança. Apodrecer aqui, na auto-satisfação do nosso próprio conforto.

Suas palavras o encheram de inquietação. Sentiu que já as tinha ouvido antes... em algum outro lugar, com uma outra mulher segurando sua mão.

— Qualquer tipo de fechamento é um terreno fértil para o ódio dos estranhos. Isso produz uma colheita amarga.

Não exatamente as mesmas palavras, mas a mesma lição.

Ele caminhava devagar ao lado de Odrade, sua mão suada na dela.

— Por que está tão quieto, Miles?

— Vocês são fazendeiras — disse ele. — É realmente isso que vocês, Bene Gesserit, fazem.

Ela viu imediatamente o que tinha acontecido. O treinamento Mentat irrompendo sem que ele soubesse. Melhor não explorar isso ainda. — Estamos

ligadas a tudo que cresce, Miles. Foi uma boa percepção sua, ter visto isso.

Quando se separaram, ela para retornar a sua torre, ele para os alojamentos na escola, Odrade disse: — Vou falar com suas Instrutoras para que coloquem mais ênfase nos usos sutis do poder.

Ele entendeu mal. — Eu já estou treinando com armas laser. Dizem que sou bom.

— Foi o que ouvi. Mas há armas que não se podem segurar com as mãos. Apenas com a mente.

4

As regras constroem fortificações atrás das quais as mentes pequenas criam satrapias. Um perigoso estado de coisas nos melhores tempos, desastroso durante as crises.

— O Coda Bene Gesserit

Escuridão infernal no quarto de dormir da grande Honrada Madre. Logno, uma Grande Dama e a ajudante mais antiga de Sua Alteza, entrou através do vestíbulo sem iluminação, como tinha sido convocada, e, vendo a escuridão, estremeceu. Essas conferências no escuro a aterrorizavam, e ela sabia que a Grande Honrada Madre tinha prazer com isso. Entretanto, não poderia ser o único motivo para a escuridão. A Grande Honrada Madre teria medo de um ataque? Muitas Altezas tinham sido depostas na cama. Não... não era simplesmente esse fato, embora isso pudesse pesar na escolha do ambiente.

Grunhidos e gemidos na escuridão.

Algumas Honradas Madres diziam, escondendo o riso, que a Grande Honrada Madre tinha a ousadia de acolher um Futar em seu leito. Logno achou possível. Essa Grande Honrada Madre ousava muitas coisas. Não tinha ela salvo algumas das Armas do desastre da Dispersão? Entretanto, Futares? As Irmãs sabiam que os Futares não podiam ser aprisionados pelo sexo. Pelo menos, não sexo com os humanos. No entanto, esse podia ser o modo como os Inimigos das Mil Faces o faziam. Quem podia saber?

Havia um cheiro de pêlo no quarto. Logno fechou a porta atrás de si e esperou. A Grande Honrada Madre não gostava de ser interrompida em nada que estivesse fazendo aí nessa escuridão protetora. “Mas ela permite que eu a chame de Dama.”

Um outro gemido, e então: — Sente-se no chão, Logno. Sim, aí perto da porta.

“Será que ela realmente me vê ou apenas adivinha?”

Logno não tinha a coragem de testá-lo. “Veneno. Eu a pegarei com isso algum dia. Ela é cautelosa, mas pode se distrair.” Embora suas Irmãs pudessem olhar a idéia com desprezo, veneno era um instrumento de sucessão aceito... desde que o sucessor tivesse outros meios de ascendência.

— Logno, esses Ixianos com quem você falou hoje. O que eles dizem da Arma?

— Eles não entendem sua função, Dama. Eu não lhes disse o que era.

— É lógico que não.

— Sugere novamente que a Arma e a Carga sejam unidas?

— Está caçoando de mim, Logno?

— Dama! Eu nunca faria tal coisa.

— Espero que não.

Silêncio. Logno entendeu que ambas consideravam o mesmo problema. Somente trezentas unidades da Arma sobreviveram ao desastre. Cada uma podia ser usada apenas uma vez, desde que o Conselho (que detinha a Carga) concordasse em armá-los. A Grande Honrada Madre, que tinha o controle da Arma propriamente dita, possuía apenas a metade desse poder terrível. A Arma sem a Carga era apenas um tubo preto a ser manejado manualmente. Com sua Carga, podia cortar o espaço de seu alcance limitado num golpe rápido de morte sem sangue.

— Os das Muitas Faces — murmurou a Grande Honrada Madre. Logno fez um sinal com a cabeça na direção de onde o murmúrio tinha se originado, no escuro.

‘Talvez ela possa me ver. Não sei o que mais ela salvou ou o que os Ixianos possam ter-lhe dado.”

E Os das Muitas Faces, amaldiçoados sejam pela eternidade, tinham causado o desastre. Eles e seus Futares. A facilidade com que quase todas as Armas tinham sido confiscadas! Terríveis poderes! “Precisamos nos armar bem, antes de retornarmos a essa batalha. Dama está certa.”

— Esse planeta, Buzzel — disse a Grande Honrada Madre. — Tem certeza de que não é defendido?

— Não detectamos nenhuma defesa. Os Contrabandistas dizem que não.

— Mas é tão rico em Pedras suaves!

— Aqui, no Antigo Império, as pessoas raramente ousam atacar as bruxas.

— Não acredito que haja apenas um punhado delas nesse planeta! É uma armadilha de algum tipo.

— Isso sempre é possível, Dama.

— Não confio em contrabandistas, Logno. Aprisione mais alguns deles e teste novamente essa coisa de Buzzel. As bruxas podem ser fracas, mas não acredito que sejam burras.

— Sim, Dama.

— Diga aos Ixianos que eles nos desagradarão, se não puderem duplicar a

Arma.

— Mas sem a Carga, Dama...

— Lidaremos com isso quando for necessário. Agora, saia.

Logno ouviu um Ssssiim sibilante quando saiu. Mesmo a obscuridade do vestíbulo era bem-vinda depois daquele quarto, e ela correu em direção à luz.

5

Tendemos a nos tornar o que há de pior em nossos oponentes.

— O Coda Bene Gesserit

“As imagens da água novamente!”

“Estamos transformando todo este maldito planeta em deserto, e eu tenho imagens de água!”

Odrade estava sentada em seu gabinete, tendo à sua volta o costumeiro tumulto matinal, e sentiu a Filha do Mar boiando nas ondas que a banhavam. As ondas tinham a cor do sangue. Sua Filha do Mar antecipava tempos sangrentos.

Ela conhecia o origem de tais imagens: o tempo anterior àquele em que as Reverendas Madres dominavam sua vida; sua infância na bela casa no litoral de Gammu. A despeito de suas preocupações imediatas, não pôde evitar um sorriso. Ostras preparadas por Papai. Seu prato preferido ainda hoje.

O que ela mais lembrava da infância eram as excursões marítimas. Algo relacionado com estar flutuando falava à sua parte mais íntima. O subir e descer das ondas, o sentido de horizontes sem limites com lugares novos e desconhecidos para além da curva do mundo aquático, a emocionante extremidade do perigo implícito na própria substância que lhe dava suporte. Tudo isso combinado para dar-lhe certeza de que ela era Filha do Mar.

Papai era mais calmo lá também. E Mamãe Sibia mais feliz, com a face voltada para o vento, o cabelo escuro esvoaçando. Um senso de equilíbrio irradiava-se desses tempos, uma mensagem tranquilizadora falada em uma linguagem mais antiga que a mais antiga de suas Outras Memórias. “Este é o meu lugar, meu meio. Eu sou Filha do Mar.” .

Seu conceito pessoal de sanidade vinha daqueles tempos. “A capacidade de equilibrar-se em mares estranhos. A capacidade de manter seu eu mais profundo, apesar das ondas inesperadas.”

Mamãe Sibia tinha dado a Odrade essa capacidade muito antes que as Reverendas Madres viessem e levassem sua “descendente Atreides oculta”. Mamãe Sibia, apenas uma mãe adotiva, tinha ensinado a Odrade o amor a si mesma.

Numa sociedade Bene Gesserit, onde qualquer forma de amor era

suspeita, isto permaneceu como seu segredo supremo.

"No íntimo, sou feliz comigo mesma. Não me importo de estar só." Não que alguma Reverenda Madre estivesse alguma vez só, verdadeiramente, depois que a agonia da especiaria a tivesse inundado com Outras Memórias.

Porém Mamãe Sibia e, sim, Papai também, agindo como pais pelas Bene Gesserit, tinham impresso à sua custódia uma força profunda durante aqueles anos ocultos. As Reverendas Madres limitaram-se a ampliar essa força.

As Instrutoras tinham tentado extirpar de Odrade seu "desejo profundo de afinidades pessoais", mas acabaram por fracassar, sem saber inteiramente que o tinham feito, mas sempre com uma certa suspeita. Elas a tinham enviado finalmente a Al Dhanab (um local deliberadamente mantido como uma imitação do que havia de pior em Salusa Secundus) para que fosse condicionada num planeta de testagem constante. Um lugar pior que Duna sob certos aspectos: altos penhascos e desfiladeiros secos, ventos quentes e frígidos, umidade demais e de menos. A Irmandade tinha pensado nele como um adequado campo de provas para aqueles destinados a sobreviver em Duna. Mas nada disso tinha tocado aquele núcleo secreto dentro de Odrade. A Filha do Mar permaneceu intacta.

"E é a Filha do Mar que está me prevenindo agora."

Foi um aviso presciente?

Ela sempre tinha tido esse "pequeno talento", essa pequena contração que a prevenia sobre o perigo imediato para a Irmandade. Os genes Atreides lembravam-na de sua presença. Era uma ameaça à Sede? Não... a dor que ela não podia tocar dizia que eram outros em perigo. No entanto, importante.

"Lâmpadas?" Seu pequeno talento não podia dizer.

As Mestras Procriadoras tinham tentado apagar esta perigosa presciência de sua linhagem Atreides, mas com sucesso limitado. "Não podemos nos arriscar a um outro Kwisatz Haderach!" Elas sabiam desta peculiaridade em sua Madre Superiora, mas a última predecessora de Odrade, Taraza, tinha aconselhado "um cauteloso uso de seu talento". Sua idéia era que a presciência de Odrade só funcionava para alertá-la sobre os perigos que ameaçavam a Bene Gesserit.

Odrade concordava. Experimentava momentos indesejados em que tinha lampejos de ameaças. Lampejos. E ultimamente ela sonhava.

Era um sonho vividamente recorrente, cada sentido sintonizado com a iminência dessa coisa que ocorria em sua mente. Ela caminhava sobre um abismo numa corda bamba e alguém (não tinha coragem de voltar-se para ver quem era) vinha por trás com um machado para cortar a corda. Podia sentir o trançado áspero da fibra sob os pés descalços. Sentia um vento frio soprando, um cheiro de queimado nesse vento. E *sabia* que a pessoa com o machado se

aproximava!

Cada passo perigoso exigia toda a sua energia. Um passo! Outro! A corda oscilava e ela esticava os braços para os lados, lutando pelo equilíbrio.

“Se eu cair, a Irmandade cairá.”

A Bene Gesserit acabaria no abismo abaixo da corda. Como tudo que vive, a Irmandade deve terminar algum dia. Uma Reverenda Madre não ousava negá-lo.

“Mas não aqui. Não caindo com a corda rompida. Não devemos permitir que a corda seja cortada. Preciso atravessar o abismo antes que venha á pessoa do machado.Preciso! Preciso!”

O sonho sempre terminava aí, sua própria voz soando no ouvido, quando acordava no quarto de dormir. Gelada. Nenhuma transpiração. Mesmo nos espasmos do pesadelo, as restrições das Bene Gesserit não permitiam excessos desnecessários.

“O corpo não precisa de transpiração? O corpo não a produz.”

Sentada em seu gabinete, lembrando-se do sonho, Odrade sentiu a profundeza da realidade por trás dessa metáfora da leve corda: “o fio delicado sobre o qual carrego o destino de minha Irmandade”. A Filha do Mar sentiu o pesadelo próximo e interferiu com imagens de águas sangrentas. Esse não era um aviso banal. Agourento. Ela desejava levantar-se e gritar: — Dispersem-se no mato, crianças. Corram. Corram.

E como isso chocaria as vigilantes!

As obrigações de uma Madre Superiora exigiam que mostrasse um semblante adequado, encobrindo seus medos, e agisse como se nada importasse, a não ser as decisões formais diante de si. Deve-se evitar o pânico! Não que alguma de suas decisões imediatas fosse verdadeiramente trivial nesses tempos. Mas exigia-se um comportamento calmo.

Algumas de suas crianças já estavam correndo, saindo para o desconhecido. Vidas compartilhadas em Outras Memórias. O resto delas aqui na Sede saberia quando correr. “Quando formos descobertas.” Seu comportamento seria então governado pelas necessidades do momento. Tudo o que realmente importava era seu magnífico treinamento. Essa era sua preparação mais confiável.

Cada nova célula Bene Gesserit, onde quer que fosse no fim, estava preparada, assim como a Sede: destruição total, de preferência à submissão. O fogo clamoroso iria empanturrar-se de registros e carne preciosa. Tudo que um captor poderia achar seriam escombros inúteis: cacos retorcidos salpicados de cinzas.

Algumas Irmãs da Sede poderiam escapar. Mas a fuga no momento do

ataque — como era fútil!

Pessoas importantes compartilhavam a Outra Memória, de qualquer forma. Preparação. A Madre Superiora evitava isso. *Uma questão de estado de espírito.*

“Para onde correr? Quem poderia escapar? Quem poderia ser capturado?” Essas eram as perguntas reais. E se eles capturassem Sheeana lá embaixo, à beira do deserto, esperando por vermes da areia que poderão nunca aparecer? Sheeana e os vermes da areia: uma potente força religiosa que as Honradas Madres talvez soubessem como explorar. E se as Honradas Madres capturassem o ghola-Idaho ou o ghola-Teg? Poderia nunca mais haver refúgio, se uma dessas possibilidades ocorresse.

“E se? E se?”

Deu expressão a sua frustração irada: — Quisera que tivéssemos matado Idaho no momento em que o tivemos! Não deveríamos nunca ter criado o ghola-Teg.

Somente as integrantes do Conselho, consultoras imediatas e algumas vigilantes participavam de sua suspeita. Reprimiam-na com reservas. Nenhuma delas sentia-se realmente segura a respeito dos dois gholas, mesmo depois de terem minado a não-nave, tornando-a vulnerável ao fogo clamoroso.

Naquelas últimas horas antes de seu sacrifício heróico, teria Teg sido capaz de ver o invisível (inclusive as não-naves?) “Como ele sabia onde nos encontrar no deserto de Duna?”

E se Teg podia fazê-lo, o perigoso talento de Idaho, com suas incontáveis gerações de genes Atreides (e outros, desconhecidos) poderia também desenvolver essa capacidade. “Eu mesma poderia!”

Com um repentino e surpreendente *insight*, Odrade compreendeu, pela primeira vez, que Tamalane e Bellonda espreitavam sua Madre Superiora com os mesmos temores que Odrade sentia ao observar os dois gholas.

O simples fato de saber que podia ser feito — que um humano poderia ser sensibilizado para detectar não-naves e outras formas de proteção — teria um efeito desequilibrador em seu universo. Isso poria certamente as Honradas Madres em fuga. Havia incontáveis descendentes de Idaho soltos no universo. Ele queixava-se de que não era nenhum maldito garanhão da Irmandade, mas tinha atuado em seu favor muitas vezes.

“Sempre pensando que estava agindo em seu próprio interesse. E talvez estivesse.”

Qualquer descendente desta linha principal dos Atreides poderia ser dono desse talento, que o Conselho suspeitava ter vindo a florescer em Teg.

Para onde iam os meses e anos? E os dias? Uma nova estação de colheita,

e a Irmandade permanecia em seu terrível limbo. A manhã já ia quase a meio, compreendeu Odrade. Os sons e cheiros da Central fizeram-se sentir. Pessoas lá fora, no corredor. Frango e repolho sendo preparados na cozinha comum. Tudo normal.

O que era normal para alguém que se demorava em imagens de água durante o trabalho? A Filha do Mar não podia esquecer Gammu, os cheiros, a substância das algas marinhas sopradas pela brisa, o ozônio que propiciava a respiração rica em oxigênio, e a esplêndida liberdade daqueles que a rodeavam, tão visível no modo como caminhavam e falavam. A conversação no mar era mais profunda, de um modo que ela nunca tinha explorado. Mesmo o bate-papo inconsequente tinha seus elementos subterrâneos, uma elocução oceânica que fluía com as correntes submersas.

Odrade sentiu-se compelida a lembrar-se de seu próprio corpo flutuante naquele mar da infância. Precisava recapturar as forças que tinha conhecido nessa ocasião, assumir as qualidades fortalecedoras aprendidas em tempos inocentes.

Com a face voltada para a água salgada, prendendo a respiração tanto quanto podia, ela flutuava num “agora” banhado pelo mar que purgava seus desgostos. Era o gerenciamento do estresse reduzido à sua essência. Uma grande calma a inundou.

“Flutuo, logo sou.”

A Filha do Mar avisou, e a Filha do Mar restaurou. Sem nunca admiti-lo, ela precisava desesperadamente dessa restauração.

Odrade tinha olhado para seu próprio rosto espelhado numa janela do escritório na noite anterior, chocada pelo modo como a idade e as responsabilidades se combinaram com a fadiga para sugar-lhe as faces e curvar para baixo os cantos da boca: os lábios sensuais mais finos, as curvas suaves do rosto alongadas. Somente os olhos de azul dentro do azul chamejavam com sua costumeira intensidade, e ela era ainda alta e musculosa.

Obedecendo a um impulso, pressionou as teclas de projeção e fixou o olhar nas imagens acima da mesa: a não-nave pousada no espaçoporto da Sede, uma saliência de misteriosa maquinaria à parte do Tempo. Pelos anos de sua semidormência tinha causado uma depressão numa grande área na planície de aterrissagem, tornando-se quase cunhada no local. Era uma grande protuberância, seus motores funcionando num tique-taque apenas suficiente para escondê-la de pesquisadores prescientes, especialmente dos Navegadores da Corporação, que teriam um prazer singular em trair as Bene Gesserit.

Por que ela teria invocado essa imagem logo agora?

Em razão das três pessoas lá aprisionadas — Scytale, o último Mestre

Tleilaxu sobrevivente; Murbella e Duncan Idaho, o par sexualmente aprisionado, ambos tão presos pelo seu mútuo vínculo como pela não-nave.

“Nada simples, nenhum deles.”

Raramente havia explicações simples para qualquer empreendimento das Bene Gesserit. A não-nave com seu conteúdo mortal poderia ser apenas classificada como um esforço dos mais importantes. Dispendioso. Muito dispendioso em energia, mesmo na sua qualidade de recurso de prontidão.

A aparência de distribuição parcimoniosa em toda essa despesa denotava crise de energia. Uma das preocupações de Bell. Podia-se senti-la em sua voz, mesmo quando se mostrava mais objetiva: — Já estamos nos ossos, e nada para cortar! — Todas as Bene Gesserit sabiam que os olhos vigilantes da Contabilidade estavam sobre elas nesses dias, numa atitude crítica em relação à dissipação do vigor da Irmandade.

Bellonda entrou na sala em passos largos, sem se fazer anunciar, com um rolo de registros de cristal riduliano sob o braço esquerdo. Caminhava como se odiasse o solo, batendo o pé com força sobre ele, como se dissesse: Tome aí! E mais! Mais esse! Batendo no chão por ele ser culpado de estar sob seus pés.

Odrade sentiu um aperto no peito quando viu o olhar de Bellonda. Os registros foram atirados sobre a mesa com um sonoro “plaft”.

— Lâmpadas — disse Bellonda, e havia agonia em sua voz. Odrade não precisou abrir o rolo. “A água sangrenta da Filha do Mar acaba de tornar-se realidade.”

— Sobreviventes? — Sua voz soou tensa.

— Nenhum. — Bellonda despencou na cadeira-cão que mantinha ao lado da mesa de Odrade.

Tamalane entrou nesse momento e sentou-se atrás de Bellonda. Ambas pareciam atingidas.

“Nenhum sobrevivente.”

Odrade permitiu-se um estremecimento lento, que foi do peito até as solas dos pés. Não se importava que as outras vissem essa reação reveladora. Esta sala tinha visto comportamentos piores das Irmãs.

— Quem relatou?

— As notícias vieram através de nossos espiões CHOAM e tinham a marca especial. O Rabino forneceu a informação, não há a menor dúvida.

Odrade não sabia como responder. Lançou um olhar para a larga janela em arco, atrás de suas companheiras, vendo um suave alvoroço de flocos de neve. Sim, as notícias merecidamente combinavam com o inverno, que comandava suas forças lá fora.

As irmãs da Sede estavam descontentes com a súbita entrada do inverno.

A Meteorologia tinha sido forçada pelas necessidades a deixar a temperatura cair precipitadamente. Não houve o declínio gradual para o inverno, nenhuma gentileza para com as coisas que crescem, que agora tinham de passar pela dormência enregelante. O frio aumentava três ou quatro graus a cada noite. Façam tudo dentro de uma semana mais ou menos, e mergulhem-nas todas no gelo aparentemente interminável.

“Frio para combinar com as notícias sobre Lâmpadas.”

Um dos resultados dessa mudança de tempo era o nevoeiro. Ela podia vê-lo dissipando-se, quando a breve lufada de neve terminou. Tempo muito confuso. Puseram o ponto de orvalho próximo à temperatura do ar, e o nevoeiro rolou para os pontos úmidos restantes. Levantava-se do chão em névoas de tule que vagavam pelos pomares sem folhas como um gás venenoso.

“Absolutamente nenhum sobrevivente?”

Bellonda sacudiu a cabeça de lado a lado em resposta ao olhar inquiridor de Odrade.

Lâmpadas — urna jóia na rede de planetas da Irmandade, terra da escola mais premiada, mais outra bola de cinzas sem vida, outra fusão endurecida. E o Bashar Alef Burzmali, com toda sua selecionada força de defesa. “Todos mortos?”

— Todos mortos — disse Bellonda.

Burzmali, o aluno favorito do Bashar Teg, morto, e nada se ganhou com isso. Lâmpadas — a maravilhosa biblioteca, os professores brilhantes, os primeiros alunos... tudo perdido.

— Até mesmo Lucilla? — Odrade perguntou. A Reverenda Madre Lucilla, vice-chanceler de Lâmpadas, tinha sido instruída a fugir ao primeiro sinal de problema, levando consigo tudo o que pudesse guardar na Outra Memória.

— Os espiões disseram que todos foram mortos — Bellonda insistiu. Era um sinal desalentador para as Bene Gesserit sobreviventes: — Vocês poderão ser as próximas!

Como podia uma sociedade humana ser anestesiada a tal brutalidade? Era o que Odrade se perguntava. Ela visualizou a notícia, na hora do café, em alguma base das Honradas Madres: — Destruímos outro planeta dos Bene Gesserit. Dez milhões de mortos, dizem. Isso completa seis planetas este mês, não é mesmo? Passe o creme, por favor, querida.

Quase petrificada de horror, Odrade pegou o relatório e deu uma rápida olhada. “Veio do Rabino, sem dúvida alguma.” Depôs o relatório suavemente, e olhou para suas Conselheiras.

Bellonda — velha, gorda e rubicunda. Arquivista Mentat, usando óculos

para ler, agora, sem dar importância ao que isso poderia revelar a seu respeito. Mostrou seus dentes rombudos numa larga careta que dizia mais que palavras. Tinha visto a reação de Odrade ao relatório. Bell poderia brigar mais uma vez pela retaliação na mesma moeda. Podia-se esperar essa atitude por parte de alguém que era valorizado por sua violência natural. Era preciso lançá-la de volta ao hábito Mentat, onde poderia ser mais analítica.

“A seu modo, Bell está certa”, pensou Odrade. “Mas ela não vai gostar do que tenho em mente. Preciso ser cautelosa com o que digo agora. É cedo demais para revelar meu plano.”

— Há certas circunstâncias em que a violência pode aplacar a violência — Odrade disse. — Devemos considerar essa questão cuidadosamente.

“É isso! A observação evitaria a explosão de Bellonda.”

Tamalane mexeu-se levemente na cadeira. Odrade olhou para a mulher mais velha. Tam, composta aí, em sua máscara de crítica paciência. Cabelos de neve acima da face estreita: a aparência de uma sabedoria de muitos anos.

Viu, através da máscara de extrema severidade de Tam, a atitude reveladora de seu desagrado por tudo que via e ouvia.

Em contraste com a suave superfície da carne de Bell, havia uma solidez óssea em Tamalane. Ela ainda se mantinha em forma, seus músculos tão bem tonificados quanto era possível. Em seus olhos, porém, estava presente algo que desmentia isso: “uma sensação de retirada, aí, retraindo-se da vida”. Oh, ela observava ainda, mas a retirada final já fora iniciada. A afamada inteligência de Tamalane torna-se uma espécie de perspicácia, mais confiante em decisões e observações passadas do que nas coisas que ela via no presente imediato.

“Precisamos começar a preparar uma substituição. Será Sheeana, eu acho. Sheeana é perigosa para nós, mas demonstra ser uma grande promessa. E Sheeana foi iniciada em Duna.”

Odrade fixou o olhar nas sobrancelhas revoltas de Tamalane. Elas tendiam a pender num desalinho que escondia as pálpebras. “Sim. Sheeana para substituir Tamalane.”

Conhecedora dos problemas complexos que tinham a resolver, Tam aceitaria a decisão. No momento de anunciar o fato, Odrade sabia que apenas teria de chamar sua atenção para a enormidade da crise que atravessavam.

“Sentirei sua falta, maldição.”

6

Não se pode conhecer a História, a menos que se conheça como os líderes seguem seu curso. Todo líder exige que os estranhos perpetuem sua liderança. Examinem minha carreira: fui líder e estranho. Não pensem que simplesmente criei uma Igreja-Estado. Essa era minha função como líder, e copiei modelos históricos. As artes bárbaras de meu tempo revelam-me como estranho. Poesia favorita: épica. Ideal dramático popular: heroísmo. Dançarinos: totalmente abandonados. Estimulantes para fazer com que as pessoas sentissem o que eu lhes tirei. E o que foi que lhes tirei? O direito de escolher um papel na História.

— Leto II (O Tirano) Tradução Vether Bebe

“Vou morrer!”, Lucilla pensou.

“Por favor, queridas Irmãs, não deixem que isso aconteça antes que eu passe o precioso fardo que carrego na mente!”

“Irmãs!”

A idéia de família era raramente expressa entre as Bene Gesserit, mas existia. Num sentido genético, elas *eram* relacionadas. E em razão da Outra Memória, frequentemente sabiam como. Não tinham necessidade de termos como “prima em segundo grau” ou “tia-avó”. Viam o parentesco como um tecelão vê o pano. Sabiam como a urdidura e a trama criavam o tecido.Uma palavra mais adequada que Família era o tecido das Bene Gesserit que formava a Irmandade, mas era o antigo instinto de Família que fornecia a urdidura.

Agora, Lucilla pensava em suas irmãs somente como Família. A Família precisava daquilo que carregava.

“Fui uma tola procurando refúgio em Gammu!”

Mas sua não-nave avariada não conseguiria arrastar-se mais longe. Que extravagância diabólica essa, a das Honradas Madres! O ódio que isso implicava a enchia de terror.

Espalhar armadilhas mortais nas vias de fuga ao redor de Limpadas, deixando o perímetro das Dobras do Espaço semeado de não-globos, cada um contendo um projetor de campo e uma arma laser para disparar quando em contato. Quando o laser atingia o gerador Holzmann do não-globo, uma reação

em cadeira liberava a energia nuclear. Bzzzz no campo de armadilhas, e uma explosão devastadora espalhava-se silenciosamente através da pessoa. Dispendioso, mas eficiente! Um número suficiente de explosões desse tipo, e até mesmo uma gigantesca Nave da Corporação tornar-se-ia um estropiado destroço no vácuo. O sistema de análise defensiva de sua nave tinha penetrado a natureza da armadilha somente quando já era tarde demais, mas ela tivera sorte, supunha.

Não se sentia afortunada, enquanto olhava para fora da janela do segundo andar de uma isolada casa de fazenda, em Gammu. A janela estava aberta, e a brisa da tarde carregava o inevitável cheiro de óleo, uma coisa suja na fumaça de um fogo lá fora. Os Harkonem tinham deixado sua marca oleosa tão profundamente neste planeta que talvez nunca fosse removida.

Seu contato aqui era um médico aposentado Suk, mas ela o conhecia como muito mais, algo tão secreto que somente um número limitado de irmãs partilhava disso na Bene Gesserit. O conhecimento estava numa classificação especial: “Os segredos dos quais não falamos, nem mesmo entre nós, porque isso nos faria mal. Os segredos que não passamos de Irmã para Irmã quando partilhamos nossas vidas, porque não há caminho aberto. Os segredos que não ousamos saber, até que surja uma necessidade!” Lucilla tinha esbarrado nele em função de uma observação velada de Odrade.

— Sabe de uma coisa interessante a respeito de Gammu? Mmmmmmmm. Existe lá uma sociedade inteira unida pela idéia de todos comerem alimentos consagrados. Um costume trazido por imigrantes nunca totalmente integrados. Isolam-se, mostram desagrado quanto à procriação fora do grupo, esse tipo de coisa. Acendem o habitual detrito mítico, naturalmente: cochichos, rumores. Serve para isolá-los ainda mais. Precisamente o que eles querem.

Lucilla sabia de uma antiga sociedade que se encaixava perfeitamente nessa descrição. Estava curiosa. A sociedade que tinha em mente chegara ao fim logo depois da Segunda Migração Interespacial. Uma consulta judiciosa aos Arquivos aguçou sua curiosidade ainda mais. Estilos de vida, descrições de rituais religiosos encobertos pelos rumores — especialmente os candelabros — e a guarda de feriados especiais, uma proscrição do trabalho nessas ocasiões. E eles não estavam apenas em Gammu!

Certa manhã, aproveitando um período incomum de calma, Lucilla entrou na sala de trabalho para verificar sua “suposição projetiva”, algo que não era tão confiável quanto um equivalente Mentat, mas que era mais que uma teoria.

— Você tem um novo encargo para mim, acho eu.

— Vejo que andou consultando os arquivos.

— Pareceu-me uma atividade proveitosa neste momento.

— Fazendo associações?

— Uma suposição. “Essa sociedade secreta em Gammu — eles são judeus, não são?”

— Você pode ter necessidade de informações especiais devido ao lugar para onde pretendemos designá-la. — Seu tom era extremamente casual.

Lucilla afundou na poltrona-cão de Bellonda, sem convite.

Odrade pegou um buril, rabiscou numa folha descartável e passou-a a Lucilla de um modo que a escondia dos televigias.

Lucilla percebeu a intenção e curvou-se sobre a mensagem, segurando-a bem atrás do escudo formado por sua cabeça.

— Sua suposição está correta. Você deve preferir morrer a revelá-la. Esse é o preço da cooperação deles, uma grande prova de confiança. — Lucilla destruiu a mensagem.

Odrade usou identificação de olhos e de palma para descerrar um painel na parede atrás de si. Removeu um cristal riduliano e entregou-o a Lucilla. Estava quente, mas ela sentiu um calafrio. O que poderia ser tão secreto? Odrade tirou o capacete de segurança de sob a mesa e girou o eixo na posição.

Lucilla deixou cair o cristal no receptáculo com a mão trêmula e puxou o capacete sobre a cabeça. Imediatamente as palavras se formaram em sua mente, e ela reconheceu sotaques extremamente antigos: — As pessoas que chamaram sua atenção são os judeus. Eles tomaram uma decisão defensiva há eras passadas. A solução para os massacres recorrentes era desaparecer da vista do público. As viagens espaciais tornaram isso não só possível, como atraente. Esconderam-se em inúmeros planetas — sua própria Dispersão — e provavelmente têm planetas onde somente seu povo vive. Isso não significa que eles tivessem abandonado as práticas antiquíssimas nas quais se especializaram por necessidade de sobrevivência. A antiga religião seguramente persiste, embora um pouco alterada. É provável que um rabino dos tempos antigos não se sinta deslocado diante do candelabro do Sabá de uma casa judia moderna. Mas seu sigilo é tal, que você poderia trabalhar a vida inteira ao lado de um judeu e nunca suspeitar do fato. Eles o chamam de “Cobertura Completa”, embora conheçam seus perigos.

Lucilla aceitou isso sem questionar. Isso que era tão secreto seria reconhecido como perigoso por qualquer um que ao menos suspeitasse de sua presença. “Do contrário, por que eles manteriam um segredo tão grande? Porquê?”

O cristal continuou a despejar segredos em sua consciência. — Diante da ameaça de descoberta, eles têm uma reação padrão: “Nós procuramos a religião de nossas raízes. É um renascimento, trazendo o que há de melhor em nosso

passado.”

Lucilla conhecia esse padrão. Havia sempre “renovadores malucos”. Isso era garantido para aplacar a maior parte da curiosidade. — Eles? Oh, são mais um bando de restauradores!

— O sistema de dissimulação (continuava o cristal) não teve sucesso conosco. Temos nossa própria herança judia bem documentada e um fundo da Outra Memória para nos revelar as razões do sigilo. Não interferimos na situação até que eu, Madre Superiora durante e após a batalha de Corrino (antiquíssimo, de fato), vi que nossa Irmandade necessitava de uma sociedade secreta, um grupo que compreendesse nossas solicitações de ajuda. Lucilla sentiu um impulso de ceticismo. *Solicitações?* A antiga Madre Superiora tinha antecipado o ceticismo. — De vez em quando fazemos exigências que eles não podem evitar. Mas eles também fazem as suas.

Lucilla sentiu-se imersa na mística dessa sociedade oculta. Era mais que ultra-secreta. Suas desajeitadas indagações nos Arquivos tinham suscitado rejeições, na maioria das vezes. — Judeus? O que é isso? Oh, sim uma antiga seita. Procure você mesma. Não temos tempo para pesquisas ociosas sobre religião.

O cristal tinha mais a divulgar: — Os judeus acham divertido, e às vezes espantoso, o que interpretam como sendo nossa imitação deles. Nossos registros de procriação dominados pela linha feminina para controlar o padrão de acasalamento são vistos como judeus. Você será judia somente se sua mãe for judia.

O cristal finalizou: — A diáspora será lembrada. Guardar este segredo envolve nossa mais profunda honra. Lucilla ergueu o capacete da cabeça.

— Você é uma excelente escolha para uma tarefa muito delicada em Lâmpadas — Odrade tinha dito, recolocando o cristal em seu esconderijo. “Isto é passado, e provavelmente morto. Veja ao que me trouxe a *missão delicada* de Odrade!”

Do lugar onde estava na casa de fazenda de Gammu, Lucilla percebeu que um grande carro de transporte de mercadorias tinha entrado no local. Havia um alvoroço de atividade lá embaixo. Os trabalhadores vinham de todos os lados para lançar no carro reboques cheios de verduras. Ela sentia o aroma penetrante dos talos cortados.

Lucilla não se moveu da janela. Seu anfitrião tinha lhe fornecido vestimentas locais — um longo vestido pardo de uso diário e um lenço de cabeça azul-brilhante para conter seu cabelo cor de areia. Era preciso não fazer nada que chamasse indevida atenção para si. Tinha visto outras mulheres pararem para observar o trabalho da fazenda. Sua presença aqui poderia ser tomada como

curiosidade.

Era um grande carro transportador, com os suspensores funcionando sob o peso dos produtos já empilhados em seções articuladas. O operador mantinha-se de pé numa cabine transparente na parte dianteira, com as mãos na alavanca de direção, olhos dirigidos para a frente. Com as pernas bem separadas, ele se inclinava sobre a rede de suportes da rampa, encostando o quadril na barra de força. Era um homem grande, de face escura e enrugada, o cabelo estriado de cinza. Seu corpo era uma extensão da máquina — orientando o pesado movimento. Lançou um olhar rápido, mas penetrante a Lucilla, quando passou, desviando-o a seguir para o caminho que levava à vasta área de carregamento delimitado pelos edifícios abaixo da janela.

“Embutido na máquina”, ela pensou. Isso evidenciava o modo como os humanos se adequavam às coisas que faziam. Lucilla sentiu uma força debilitante nesse pensamento. Se você se integra demasiado a uma única coisa, as outras capacidades se atrofiam. “Nós nos tornamos o que fazemos.”

Imaginou-se de repente como o operador de uma grande máquina, em nada diferente do homem da transportadora.

A grande máquina, passando por ela, fez a volta para fora do pátio, sem que o operador lhe dirigisse outro olhar. Ele já a tinha visto uma vez. Por que olhar de novo?

Seus anfitriões tinham feito uma sábia escolha deste esconderijo, pensou. Uma área escassamente povoada, com trabalhadores confiáveis na vizinhança e pouca curiosidade entre as pessoas que passavam. O trabalho duro aplacava a curiosidade. Tinha percebido a característica da área quando foi trazida para o local. Já era noite, e as pessoas caminhavam pesadamente para casa. Pode-se medir a densidade urbana de uma área pelo momento em que o trabalho pára. Deitar cedo é uma característica de regiões fracamente povoadas. A atividade noturna revela que as pessoas permanecem inquietas, crispadas, tendo a consciência interior de outras ativas e vibrantes nas proximidades.

“O que me trouxe a este estado introspectivo?”

Há muito tempo, no primeiro retiro da Irmandade, antes das piores violências das Honradas Madres, Lucilla tinha experimentado dificuldade em aceitar a idéia de que “alguém lá fora está nos perseguindo com a intenção de nos matar”.

Massacre! Foi esse o nome que o Rabino usou antes de sair aquela manhã “para ver o que posso fazer por você”.

Sabia que ele tinha escolhido a palavra do fundo de uma antiga e amarga memória, mas nunca, desde sua primeira experiência em Gammu antes desta perseguição, Lucilla tinha experimentado um tal confinamento, em

circunstâncias que não podia controlar.

“Eu era uma fugitiva, então.”

A presente situação da Irmandade apresentava algumas semelhanças com aquilo que tinham sofrido sob o domínio do Tirano, com a diferença que o

Imperador-Deus obviamente (em retrospecto) nunca teve intenção de exterminar as Bene Gesserit, apenas de dominá-las. E certamente as dominou!

“Onde estará esse maldito Rabino?”

Ele era um homem grande e veemente, com óculos fora de moda. Uma face larga, queimada pelo sol. Poucas rugas, a despeito da idade que ela podia perceber em sua voz e seus movimentos. Os óculos chamavam a atenção para olhos castanhos fundos, que a olhavam com intensidade peculiar.

— Honradas Madres — ele dissera (bem aqui, neste quarto de paredes nuas do andar superior), quando ela explicou sua difícil situação.

— Oh, Senhor! Isso é complicado.

Lucilla tinha esperado essa resposta e, mais do que isso, percebeu que ele sabia.

— Há um Navegador da Corporação em Gammu, auxiliando na sua busca — disse ele. — É um dos Edrics, muito poderoso, segundo me disseram.

— Tenho sangue de Siona. Ele não pode me *ver.*

— Nem a mim, nem a ninguém do meu povo, pela mesma razão. Nós, judeus, nos ajustamos a muitas necessidades, você sabe.

— Esse Edric é apenas um gesto — ela disse. — Pode fazer muito pouco.

— Mas eles o trouxeram. Temo que não haja um modo de fazê-la sair do planeta com segurança.

— Então, que podemos fazer?

— Veremos. Meu povo não é inteiramente impotente, compreende? Lucilla reconheceu sinceridade e preocupação em relação a ela. Ele falou calmamente sobre o modo de resistir aos agrados sexuais das Honradas Madres, “fazendo isso discretamente, de forma a não provocá-las”.

— Farei uns contatos discretos.

Ela sentiu-se estranhamente confortada com isso. Havia, muitas vezes, algo friamente remoto e cruel em relação a cair nas mãos das profissões médicas. Uma coisa a tranquilizou, entretanto: o conhecimento de que os Suks eram condicionados a se manterem alertas às necessidades de outros, oferecendo compaixão e apoio. (Todas as coisas que podem desmoronar numa emergência.)

Concentrou seus esforços em recuperar a calma, focalizando a atenção no mantra pessoal que tinha obtido na “educação solo para a morte”.

“Se eu tiver que morrer, devo passar adiante minha lição transcendental. Devo partir com serenidade.”

Isso ajudou, mas sentia ainda um tremor. O Rabino tinha saído há muito tempo. Algo estava errado.

“Seria aceitado confiar nele?”

Apesar de um crescente sentido de condenação, Lucilla forçou-se a praticar a candidez Bene Gesserit, enquanto revia seu encontro com o Rabino. Suas Instrutoras chamavam isso de “a inocência que acompanha naturalmente a inexperiência, uma condição frequentemente confundida com ignorância”. Dentro dessa candidez, todas as coisas fluem. Parecia-se com o desempenho Mentat. A informação era admitida sem prejulgamentos. “Você é um espelho no qual se reflete o universo. Esse reflexo é tudo que você vivência. As imagens saltam ao encontro dos seus sentidos. Hipóteses se levantam. Importante, mesmo quando errado. É o caso excepcional, onde mais de um erro pode levar a decisões confiáveis.

— Somos seus fiéis servidores — o Rabino tinha dito.

Era uma afirmação que, com toda a certeza, alertava uma Reverenda Madre.

As explicações do cristal de Odrade se mostraram inadequadas de repente. “Quase sempre é o lucro.” Aceitava isso como um pensamento cínico, mas oriundo de uma vasta experiência. Tentativas de extirpá-lo do comportamento humano sempre se quebravam nas rochas da aplicação. Sistemas comunistas e socializantes somente mudavam os instrumentos de medir os lucros. Enormes burocracias gerenciais. A máquina de contar é que era o poder.

Lucilla preveniu-se de que as manifestações eram sempre as mesmas. Veja esta extensa fazenda do Rabino! Retiro de aposentadoria de um Suk? Ele tinha visto algo do que estava por trás do domicílio: criados, alojamentos mais ricos. E deve haver mais. É sempre a mesma coisa, não importa o sistema: os melhores alimentos, belas amantes, viagens sem limites, magníficas instalações de férias.

“É muito cansativo, para quem já viu isso tudo tantas vezes como eu.”

Sabia que sua mente estava se agitando nervosamente, mas sentiu-se impotente para impedi-lo. “Sobrevivência. O próprio alicerce do sistema de demanda é sempre a sobrevivência. E eu ameaço a sobrevivência do Rabino e de seu povo.”

Ele a tinha adulado. “Sempre tome cuidado com aqueles que nos adulam, aninhando-se em todo esse poder que se espera que tenhamos. Como é lisonjeiro encontrar multidões de criados esperando ansiosos para cumprir nossas ordens! Que total fraqueza nos vem daí.”

“O erro das Honradas Madres.”

“O que estará provocando a demora do Rabino?”

Estaria ele vendo quanto era possível conseguir pela Reverenda Madre

Lucilla?

Uma porta bateu lá embaixo, fazendo estremecer o chão sob seus pés. Ela ouviu passos apressados na escada. Como eram primitivos! O Rabino entrou, trazendo um cheiro rico de melange. Deteve-se de pé, na porta, avaliando o ânimo da hóspede.

— Perdoe-me o atraso, cara senhora. Fui convocado para um interrogatório com Edric, o Navegador da Corporação.

Isso explicava o odor da especiaria. Os Navegadores eram banhados para sempre no gás laranja da melange, tendo suas feições frequentemente anuviadas pelos vapores. Lucilla podia visualizar o pequeno v da boca e a saliência do nariz de um Navegador. A boca e o nariz pareciam pequenos em seu rosto gigantesco, com as têmporas pulsando. Ela sabia como o Rabino devia ter-se sentido ameaçado pela cantilena ululante daquela voz, com sua tradução simultânea mecânica para o Galach impessoal.

— O que ele queria?

— Veio à sua procura.

— Ele...

— Ele não sabe ao certo, mas tenho certeza de que suspeita de nós. No entanto, suspeita de todo mundo.

— Seguiram-no?

— Não seria necessário. Podem me encontrar quando quiserem.

— O que faremos? — Sabia que estava falando depressa demais, alto demais.

— Cara senhora... — Adiantou-se três passos, e ela viu a transpiração em sua testa e nariz. Medo. Podia sentir-lhe o cheiro.

— Bem, o que é?

— A concepção econômica que existe por trás das atividades das Honradas Madres — nós a achamos bem interessante.

Suas palavras cristalizaram os medos de Lucilla. “Eu sabia! Ele está me vendendo!”

— Como vocês, Reverendas Madres, bem o sabem, há sempre lacunas nos sistemas econômicos.

— Sim? — Isso era profundamente cansativo.

— A supressão incompleta de negociação em qualquer mercadoria sempre aumenta os lucros dos negociantes, especialmente os dos distribuidores mais antigos. — Sua voz hesitante era um aviso.

— Essa é a ilusão de pensar que se pode controlar narcóticos indesejados, interrompendo-os nas fronteiras.

O que ele estaria tentando lhe dizer? Suas palavras descreviam fatos

elementares, conhecidos até pelas acólitas. Lucros extras eram sempre usados para abrir caminhos seguros através dos guardas da fronteira, muitas vezes comprando-se os próprios guardas.

“Será que ele comprou os criados das Honradas Madres? Na certa não acredita que o possa fazer com segurança.”

Esperou enquanto ele compunha seus pensamentos, obviamente formando uma apresentação que acreditava poder ter a aceitação dela.

Por que ele chamou sua atenção para os guardas da fronteira? Isso era certamente o que tinha feito. Os guardas dispunham sempre de uma racionalização imediata para trair seus superiores, naturalmente: “Se eu não fizer, alguém o fará”.

Ousou ter esperança.

O Rabino limpou a garganta. Era evidente que encontrara as palavras que queria, e tinha-as colocado em ordem.

— Não acredito que haja um meio de tirá-la de Gammu com vida. Ela não esperava uma condenação tão rude. Mas os...

— A informação que carrega, esse é um outro caso — ele disse. Então era isso que estava por trás de toda essa conversa sobre fronteiras e guardas!

— Você não entende. Rabino. Minha informação não é apenas um punhado de palavras e alguns avisos. — Bateu com um dedo na testa. — Aqui há muitas vidas preciosas, todas elas experiências insubstituíveis, aprendizado tão vital que...

— Ahhh, mas eu entendo muito bem, cara senhora. Nosso problema é que *a senhora* não entende.

“Sempre essas referências ao entendimento!”

— É da sua honra que eu dependo neste momento — ele disse. “Ahhh, a legendária honestidade e confiabilidade das Bene Gesserit, uma vez dada a nossa palavra!”

— Sabe que eu preteriria morrer a traí-los — ela disse.

Ele estendeu as mãos abertas num gesto desamparado. — Confio nisso plenamente, cara senhora. A questão não é de traição, mas de algo que nós nunca revelamos à sua Irmandade.

— O que está tentando me dizer? — falou bem categórica, quase com a Voz (que ela tinha sido prevenida a não usar com aqueles judeus).

— Preciso exigir-lhe uma promessa. Tenho de ter sua palavra de que não se voltará contra nós em razão do que estou para lhe revelar. É necessário prometer-me que aceitará minha solução para nosso dilema.

— Às cegas?

— Somente porque lhe peço, e lhe asseguro que nós honramos nosso

compromisso com sua Irmandade.

Ela lançou-lhe um olhar penetrante, tentando ver através da barreira erguida entre eles. Suas reações podiam ser lidas na superfície, mas o mistério oculto sob seu comportamento inesperado permanecia obscuro.

O Rabino esperou que a mulher atemorizada tomasse sua decisão. As Reverendas Madres sempre o deixavam embaraçado. Ele sabia qual devia ser sua escolha e tinha pena dela. Viu que ela podia ler a piedade em sua expressão. Sabiam tanto e tão pouco. Seus poderes eram manifestos. E seu conhecimento de Israel Secreto tão perigoso!

“Contudo nós lhes devemos isso. Ela não é uma das Escolhidas, mas dívida é dívida. Honra é honra. Verdade é verdade.”

A Bene Gesserit tinha protegido Israel Secreto em muitas horas de necessidade. E um massacre era algo que seu povo conhecia sem precisar de muitas explicações. O massacre era inerente à psique de Israel Secreto. E graças ao *Inefável,* o povo escolhido nunca esqueceria. Não mais do que poderia perdoar.

A recordação mantida viva no ritual diário (com ênfase periódica nas partilhas comunais) lançou uma auréola ardente sobre o que o Rabino sabia que devia fazer. E aquela pobre mulher! Ela também tinha caído na cilada das memórias e das circunstâncias.

“Para o caldeirão! Nós ambos!”

— Tem a minha palavra — Lucilla disse.

O Rabino voltou-se para a única porta do aposento e a abriu. Havia lá uma mulher idosa num longo vestido castanho. A um aceno do Rabino, ela entrou. Seu cabelo tinha a cor da madeira antiga, fortemente preso num coque para trás. A face chupada e enrugada era escura como uma amêndoa seca. Os olhos, porém! Azul total! E que dureza de aço revelavam...

— Esta é Rebecca, uma de nós — o Rabino disse. — Como pode ver, estou certo, ela fez uma coisa perigosa.

— A Agonia — Lucilla murmurou.

— Rebecca o fez há muito tempo atrás, e nos tem servido bem. Agora, ela a servirá.

Lucilla tinha de ter certeza. — Sabe compartilhar?

— Nunca fiz isso, senhora, mas sei como se faz. — Aproximou-se de Lucilla enquanto falava, e parou quando estavam quase se tocando.

Inclinaram-se para a frente até que as testas se tocassem. Suas mãos afastaram-se e procuraram mutuamente os ombros.

Ao se fecharem suas mentes, Lucilla lançou um pensamento projetivo: “Isto deve destinar-se a minhas Irmãs!”

— Eu lhe prometo, cara senhora.

Não podia haver fraude nessa total mistura de mentes, nessa sinceridade máxima movida pela morte certa e iminente ou pela venenosa essência da melange, que os antigos Fremem denominavam, muito adequadamente, “a pequena morte”. Lucilla aceitou a promessa de Rebecca. A selvagem Reverenda Madre dos Judeus comprometeu a vida nessa garantia. Mais uma coisa! Lucilla ofegou, quando percebeu isso. O Rabino tinha a intenção de vendê-la às Honradas Madres. O motorista do transportador de produtos era um agente, vindo para confirmar que realmente havia uma mulher com a descrição de Lucilla na fazenda.

A sinceridade de Rebeca não lhe deu saída: — É a única maneira pela qual podemos nos salvar e manter nossa credibilidade.

Então era por isso que o Rabino a fizera pensar em guardas e intermediários. “Hábil. Muito hábil. E eu aceitei tudo, como ele sabia que eu faria.”

7

Não se pode manipular um fantoche com um único cordão.

— O Açoite Zensunni

A Reverenda Madre Sheeana estava de pé no estrado de escultura, em seu estúdio, as mãos cobertas por fresadoras em garras, como luvas exóticas. Através de seu trabalho, o sensiplaz negro na plataforma vinha tomando forma por quase uma hora. Ela sentia-se próxima da realização criadora projetada de um lugar selvagem dentro de si. A intensidade da força criativa fez sua pele tremer, e ela imaginou se as pessoas que passavam no corredor à sua direita não a perceberiam. A janela norte do estúdio tinha um brilho laranja provocado pelo pôr-do-sol do deserto.

Prester, a assistente mais antiga de Sheeana na Estação de Observação do Deserto, detivera-se na porta há alguns minutos, mas todos na estação sabiam que era melhor não interromper Sheeana quando ela estava trabalhando.

Dando um passo para trás, Sheeana afastou da testa, com as costas da mão, uma mecha de seu cabelo estriado de dourado. O plaz negro estava à sua frente como um desafio, suas curvas e planos “quase” se encaixando na forma que ela tinha sentido interiormente.

“Venho aqui para criar quando meus temores são maiores”, pensou.

Esse pensamento abafou o impulso criador, e ela redobrou os esforços para completar a escultura. Suas mãos revestidas com as limadoras mergulhavam e apanhavam o plaz, e a forma negra reagia a cada interferência, como uma onda conduzida por um vento insano.

A luz procedente da janela norte declinava, e os automáticos a compensavam, das extremidades do teto, com um brilho amarelo-acinzentado, mas não era a mesma coisa. Não era a mesma coisa!

Sheeana afastou-se do trabalho. Mais próximo... mas não o bastante. Ela quase podia tocar a forma dentro de si e senti-la lutando para nascer. Mas não estava dando certo. Um golpe rápido de sua mão direita reduziu o plaz a uma bolha negra sobre a plataforma.

Maldição!

Descalçou as fresadoras e deixou-as cair na prateleira ao lado do estrado.

O horizonte, visível da janela oeste, ainda mostrava uma faixa laranja. Desfazendo-se depressa, assim como se desfazia seu impulso criador.

Andando a passos largos para a janela do pôr-do-sol, ainda teve tempo de ver a volta da última equipe de busca do dia. Suas luzes de aterrissagem eram como vaga-lumes em movimento para os lados do sul, onde uma planície temporária tinha se instalado no caminho das dunas que avançavam. Pelo modo vagaroso como os tópteros desciam, ela podia ver que não tinham encontrado nenhuma florescência de especiaria ou outros sinais de que os vermes da areia estavam afinal se desenvolvendo a partir das trutas da areia lá plantadas.

“Sou guardiã de vermes da areia que poderão nunca aparecer.”

A janela devolveu-lhe um reflexo escuro de suas feições. Podia ver onde a Agonia da Especiaria tinha deixado suas marcas. A esguia e morena menina desamparada de Duna tinha se tornado uma mulher alta e austera. Mas seu cabelo castanho ainda insistia em escapar da touca apertada na nuca. E ela podia perceber a rebeldia em seus olhos totalmente azuis. Os outros também podiam, e esse é que era o problema, fonte de alguns de seus medos.

Parecia não haver meios de interromper a Missionária em sua preparação para a nossa Sheeana.

Se os vermes gigantes se desenvolvessem — Shai-hulud retornaria! E a Missionária Protectiva da Bene Gesserit estava pronta para lançá-la sobre a humanidade que, sem desconfianças, estava preparada para a adoração religiosa. O mito tornado real... do mesmo modo que ela tentava transformar em realidade aquela escultura negra.

Sagrada Sheeana! O Imperador-Deus é seu escravo! Vejam como os vermes da areia lhe obedecem! Leto está de volta!

Isso influenciaria as Honradas Madres? Provavelmente. Elas, pelo menos, falaram muito sobre o Imperador-Deus. usando o seu nome de Guldur.

Não que fosse provável que elas seguissem o comando da “Sagrada Sheeana”, a não ser na questão das explorações sexuais. Sheeana sabia que seu comportamento sexual, considerado abusivo até mesmo pelos padrões da Bene Gesserit, era uma forma de protesto contra esse papel que a Missionária tentava lhe impor. A desculpa de que ela simplesmente aprimorava os homens treinados em domínio sexual por Duncan Idaho era apenas... uma desculpa.

“Bellonda suspeita.”

A Mentat Bell era um constante perigo para as Irmãs que saíam da linha. E essa era a principal razão pela qual Bell mantinha seu poder no alto Conselho da Irmandade.

Sheeana afastou-se da janela e atirou-se sobre a colcha laranja e âmbar que cobria seu catre. Bem à sua frente havia um grande desenho em branco e

preto de um verme gigante suspenso sobre uma minúscula figura humana.

“É assim que eles eram, e talvez não voltem a ser nunca mais. O que eu estava tentando dizer com este desenho? Se soubesse, talvez pudesse terminar a escultura de plaz.”

Tinha sido perigoso desenvolver uma linguagem de mãos com Duncan. Mas havia coisas que a Irmandade não podia saber — ainda não.

“Pode haver uma saída para nós dois.”

Mas para onde iriam? Era um universo cercado pelas Honradas Madres e por outras forças. Um universo de planetas dispersos, povoados principalmente por humanos que apenas queriam viver suas vidas em paz — aceitando a orientação Bene Gesserit em alguns lugares, sofrendo sob a repressão das Honradas Madres em muitas regiões, principalmente esperando governar a si mesmos da melhor forma possível — o perene sonho da democracia. E depois, havia sempre os imprevistos. E sempre a lição das Honradas Madres! Murbella revelava indícios de que as Oradoras Peixes e as Reverendas Madres *in extremis* formaram as Honradas Madres. A democracia das Oradoras Peixes transformara-se na autocracia das Honradas Madres! As pistas eram numerosas demais para serem ignoradas. Mas por que elas teriam enfatizado compulsões inconscientes com suas Sondas-T, com indução celular e perícia sexual?

Onde está o mercado que aceitará nossos instáveis talentos?

Este universo não mais possuía um mercado único. Podia-se circunscrever uma espécie de rede de trabalhos extremamente imprecisa, baseada em antigas concessões e acordos temporários.

Odrade tinha dito uma vez: — Parece um vestido velho, remendado e esfiapado nas pontas.

A compacta rede comercial da CHOAM não existia mais. Consistia agora de tímidos fragmentos e algumas partes reunidas por laços muito frágeis. As pessoas tratavam essa coisa remendada com desprezo, suspirando sempre pelos bons tempos de antigamente.

“Que tipo de universo nos aceitaria simplesmente como fugitivos e não como a Sagrada Sheeana e seu consorte?”

Não que Duncan fosse um consorte. Esse tinha sido o plano original das Bene Gesserit: Liguem Sheeana a Duncan. Nós ò controlamos e ele a controlará.

Murbella cortou o plano. “E foi uma boa coisa para nós dois. Quem precisa de uma obsessão sexual?” Mas Sheeana era forçada a admitir que abrigava sentimentos estranhamente confusos em relação a Duncan Idaho. A linguagem das mãos, o toque. E o que poderiam dizer a Odrade, quando ela se intrometesse? Não se, mas quando.

“Conversamos sobre maneiras de Duncan e Murbella escaparem de você,

Madre Superiora. Falamos sobre o modo de recuperar as memórias de Teg. Discutimos nossa própria rebelião particular contra a Bene Gesserit. Sim, Darwi Odrade! Sua antiga aluna tornou-se uma rebelde contra você.”

Sheeana reconhecia seus sentimentos confusos a respeito de Murbella, também.

“Ela domesticou Duncan onde eu poderia ter falhado!”

A Honrada Madre cativa era um estudo fascinante... e divertido, às vezes. Havia os engraçados versos burlescos de sua autoria, afixados na parede da sala de jantar das Acólitas.

Ei, Deus! Espero que esteja aí.
Quero que ouça minha prece.
Essa imagem esculpida na minha prateleira;
É realmente você ou apenas eu mesma?
Bem, de qualquer modo, aqui vai:
Por favor, mantenha-me alerta.
Ajude-me a superar meus piores erros,
Faça isso por nós dois,
Como um exemplo de perfeição
Para as Instrutor as da minha seção;
Ou simplesmente pelo seu próprio Céu,
Como o pão,pelo seu próprio fermento.
Por qualquer motivo que se apresente,
Por favor, aja por mim e por você.

O subsequente confronto com Odrade, apreendido pelos televigias, tinha sido uma linda coisa de se ver. A voz de Odrade estranhamente aguda:

— Murbella, você?

— Temo que sim. — Nenhuma contrição de sua parte.

— Teme? — Ainda estridente.

— Por que não? — Bastante desafiadora.

— Você graceja a respeito da Missionária. Não proteste. Era essa a sua intenção.

— Elas são umas malditas pretensiosas!

Sheeana sentia uma grande afinidade quando refletia sobre esse confronto. A rebeldia de Murbella era um sintoma. Que coisas estarão fermentando, antes que sejamos forçados a notá-las?

“Eu lutei desse mesmo jeito contra essa perpétua disciplina que a fará

mais forte, criança.”

Como era Murbella, quando criança? Quais as pressões que lhe deram forma? A vida era sempre uma reação às pressões. Alguns se entregavam a distrações fáceis e eram por elas moldados: poros inchados e avermelhados pelos excessos. Baco olhando-os de esguelha. O desejo dando forma a suas feições. Uma Reverenda Madre conhecia isso por observação milenar. “Somos moldados pela pressão, quer resistamos a ela ou não.” Pressões e formas — essa era a vida. “E eu crio novas pressões pelo meu desafio secreto.”

Dado o atual estado de alerta da Irmandade em relação a todas as ameaças, a conversa de mãos com Duncan era provavelmente fútil.

Sheeana inclinou a cabeça e olhou para a bolha negra na banca de escultura.

“Mas eu não desisto. Hei de criar minha própria declaração de vida. Minha própria vida. Malditas Bene Gesserit!”

“E perderei o respeito de minhas Irmãs.”

Havia algo antigo no modo como elas eram sujeitas a uma respeitosa conformidade. Tinham ido buscar essa atitude em seu passado mais remoto, trazendo-a à tona regularmente para aperfeiçoá-la e fazer os reparos necessários, exigidos pelo tempo em todas as criações humanas. E aí estava ainda hoje, mantida numa reverência sem palavras.

“Portanto, você é uma Reverenda Madre, e por nenhum outro julgamento isso será verdade.”

Sheeana soube, então, que seria forçada a testar essa coisa antiga em seus limites, provavelmente quebrando-a. E aquela forma negra de plaz, procurando emergir desse lugar selvagem em seu interior, era somente um elemento daquilo que sabia ser imperioso fazer. Tivesse ela o nome de rebelião ou qualquer outro, a força em seu peito não podia ser negada.

8

Limite-se a observar, e deixará de compreender o que é essencial em sua própria vida. O objeto pode ser formulado deste modo: viva a melhor vida que puder. A vida é um jogo, cujas regras você aprende se mergulhar nele e jogá-lo completamente. Do contrário você se desequilibra, continuamente surpreso com as mudanças nas jogadas. Os não-jogadores sempre lamentam e se queixam de que a sorte sempre os ignora. Recusam-se a ver que podem criar um pouco de sua própria sorte.

— Darwi Odrade

— Já examinou o último informe dos televigias sobre Idaho? — Bellonda perguntou.

— Mais tarde, mais tarde! — Odrade sabia que estava se sentindo irritadiça, e que isso se manifestava na resposta que deu à pergunta pertinente de Bellonda.

Atualmente, as pressões oprimiam a Madre Superiora cada vez mais. Ela sempre tinha procurado encarar suas obrigações com uma atitude de amplo interesse. Quanto mais coisas a interessassem, tanto mais abrangente seria seu exame e isso, com certeza, lhe traria mais informações úteis. Usar os sentidos aperfeiçoava-os. Substância, isso era o que seus interesses perscrutadores desejavam. Substância. Era como ir à caça para saciar uma fome profunda.

Mas seus dias estavam se tornando cópias desta manhã. Seu gosto por inspeções pessoais era bem conhecido, mas as paredes do escritório aprendiam. Ela precisava estar onde pudesse ser alcançada. Não apenas alcançada, mas capaz de despachar comunicações e pessoas no mesmo instante.

“Maldição. Hei de conseguir tempo. Tenho de conseguir!”

Mais que qualquer outra coisa, era a pressão do tempo.

Sheeana dizia: — Caminhamos em círculos sobre dias emprestados.

Muito poético! Mas de pouca ajuda, em face das exigências pragmáticas. Era forçoso ter o maior número possível de células Bene Gesserit dispersas antes do machado cair. Nada mais tinha essa prioridade. O tecido das Bene Gesserit estava sendo rasgado, enviado a destinos que ninguém na Sede podia conhecer.

Às vezes, Odrade via esse fluxo como trapos e resíduos. Eles estavam adejando em suas não-naves, com um estoque de trutas da areia em seus porões, tradições Bene Gesserit, aprendizado e recordações como guias. Mas a Irmandade tinha feito isso há muito tempo atrás, na primeira Dispersão, e ninguém voltou ou enviou qualquer mensagem. Ninguém. Ninguém. Somente as Honradas Madres voltaram. Se elas foram Bene Gesserit algum dia, eram agora uma terrível distorção, cegamente suicida.

“Seremos, algum dia, inteiras outras vez?”

Odrade olhou para o trabalho em sua mesa: mais gráficos de seleção. Quem vai e quem fica? Havia pouco tempo para fazer uma pausa e respirar fundo. A Outra Memória de sua predecessora, Taraza, assumiu um caráter de “Eu avisei! Vê o que eu tive de enfrentar?”

“E cheguei a perguntar um dia se haveria lugar na cúpula.”

Poderia haver lugar no topo (como ela gostava de dizer às acólitas), mas dificilmente haveria tempo suficiente.

Quando pensava na população não-Bene Gesserit, grandemente passiva, “lá fora”, Odrade às vezes sentia inveja. As ilusões eram-lhes permitidas. Que consolo. Podia-se fingir que a vida era eterna, que amanhã seria melhor, que os deuses no céu cuidavam de nós.

Afastou-se desse deslize com asco de si mesma. O olho desanuviado era melhor, não importa o que visse.

— Examinei os últimos informes sobre Idaho — disse, olhando através da mesa para a paciente Bellonda.

— Ele tem instintos interessantes — Bell disse.

Odrade pensou nisso. Os televigias por toda a não-nave deixavam passar muito pouco. A teoria do Conselho a respeito do ghola Idaho tornava-se a cada dia menos uma teoria e mais uma convicção. Quantas recordações das vidas em série de Idaho continha esse ghola?

— Tam está levantando dúvidas sobre seus filhos — continuou. — Terão talentos perigosos?

Isso era de se esperar. As três crianças que Murbella tinha dado a Idaho na não-nave tinham sido removidas no nascimento. Todas elas estavam sendo observadas com cuidado, enquanto se desenvolviam. Teriam elas essa fantástica velocidade de reação que as Honradas Madres exibiam? Cedo ainda para dizer. Era uma coisa que se desenvolvia na puberdade, segundo Murbella.

A Honrada Madre cativa aceitou a remoção de seus filhos com uma resignação irritada. Idaho, entretanto, demonstrou pouca reação. Estranho. Alguma coisa lhe daria uma visão mais ampla da procriação? Quase uma perspectiva Bene Gesserit?

— Outro programa de procriação das Bene Gesserit — ele observou com sarcasmo.

Odrade deixou fluir seus pensamentos. Seria mesmo uma atitude Bene Gesserit que elas viam em Idaho? A Irmandade dizia que ligações emocionais eram antigos detritos — importantes para a sobrevivência humana em sua época, mas não mais necessários no plano Bene Gesserit.

“Instintos.”

Coisas que vinham com o ovo e o esperma. Muitas vezes vitais e sonoras: — Isto é a espécie falando a você, burro!

*Amores... descendência... fomes...*Todos esses motivos inconscientes para forçar um comportamento específico. Era perigoso imiscuir-se em tais assuntos. As Madres Procriadoras sabiam disso, mesmo quando o faziam. O Conselho debatia o assunto periodicamente e ordenava uma observação cuidadosa das consequências.

— Você examinou os informes. Essa é toda a resposta que consigo? — Um tom bastante queixoso, partindo de Bellonda.

A projeção de tanto interesse para Bellonda era a de Idaho questionando Murbella sobre as técnicas das Honradas Madres para promover a dependência sexual. “Por quê?” Suas capacidades paralelas tinham vindo do condicionamento Tleilaxu impresso em suas células no tanque axlotl. As habilidades de Idaho tinham se originado como um modelo inconsciente semelhante aos instintos, mas os resultados eram indistinguíveis do efeito das Honradas Madres: o êxtase, amplificado até a remoção de todo traço de razão, e o aprisionamento de suas vítimas à fonte de tais recompensas.

Murbella chegou somente até aí na exploração verbal de suas capacidades. Uma fúria residual óbvia de que Idaho a tivesse viciado com as mesmas técnicas que lhe tinham ensinado a usar.

— Murbella se fecha quando Idaho questiona os motivos — Bellonda disse.

“Sim, eu já tinha percebido.”

— Eu podia matá-lo, e você sabe disso! — Murbella tinha dito.

O informe projetado mostrara ambos na cama, nos alojamentos de Murbella na não-nave, tendo acabado de saciar seu vício mútuo. O suor reluzia na carne nua. Murbella estava deitada com uma toalha azul na testa, seus olhos verdes olhando fixamente para os televigias. Parecia encarar diretamente seus observadores. Pontinhos laranja nos olhos. Nódoas de ódio, provocadas pelo estoque residual do substituto da especiaria que as Honradas Madres usavam. Ela agora estava na dieta de melange — sem sintomas adversos.

Idaho estava deitado a seu lado, o cabelo em desalinho em volta do rosto,

num acentuado contraste com o travesseiro branco sob a cabeça. Os olhos estavam cerrados, mas as pálpebras vibravam. Magro. Não estava comendo bem, apesar dos pratos tentadores que lhe mandava a cozinheira pessoal de Odrade. Os molares, muito altos, eram fortemente delineados. O rosto se tornara fundo nesses anos de prisão.

A ameaça de Murbella era sustentada por sua habilidade física, sabia Odrade, mas era psicologicamente falsa. “Matar seu amante? Pouco provável!”

Bellonda raciocinava na mesma linha. — O que ela estava fazendo quando demonstrou sua velocidade física? Já vimos isso antes.

— Ela sabe que nós observamos.

Os televigias mostraram Murbella pulando da cama, desafiando sua fadiga pós-coito. Mo vendo-se com velocidade indistinta (muito mais rápida que qualquer coisa que as Bene Gesserit já tinham alcançado), ela deu um chute com o pé direito, interrompendo o golpe a um fio de cabelo da cabeça de Idaho.

A seu primeiro movimento, Idaho abriu os olhos. Observou sem medo, sem recuar.

“Esse golpe! Fatal se fosse certeiro.” Bastava que você visse essa coisa uma vez, para temê-la. Murbella movimentava-se sem recorrer ao córtex central. Como um inseto, um ataque deflagrado pelos nervos ao ponto da ignição muscular.

— Veja! — Murbella baixou seu pé e fixou o olhar no amante. Idaho sorriu.

Observando a cena, Odrade lembrou-se de que a Irmandade tinha três crianças de Murbella, todas do sexo feminino. As Mestras Procriadoras estavam entusiasmadas. Com o tempo, as Reverendas Madres nascidas desta linha poderiam igualar essa capacidade das Honradas Madres. “Dentro de um tempo que provavelmente não teremos.” Mas Odrade compartilhava o entusiasmo das Mestras Procriadoras. Que velocidade! Acrescente-se a isso o treinamento neuromuscular, os grandes recursos pranabindu da Irmandade! O que isso podia criar permanecia sem palavras dentro dela.

— Ela fez isso para nós, não para ele — disse Bellonda.

Odrade não estava certa. Murbella se ressentia da observação constante sobre si, mas estava acomodada à situação. Muitas de suas ações obviamente ignoravam as pessoas atrás dos televigias. O informe projetado mostrou-a retornando a seu lugar na cama, ao lado de Idaho.

— Restringi o acesso a essa projeção — disse Bellonda. — Algumas acólitas estão ficando perturbadas.

Odrade assentiu. “Dependência sexual.” Esse aspecto das capacidades das Honradas Madres criava murmúrios perturbadores na Bene Gesserit,

principalmente entre as acólitas. Muito sugestivo. E a maioria das Irmãs da Sede sabia que apenas a Reverenda Madre Sheeana, entre elas, praticava algumas das técnicas, desafiando o temor generalizado de que isso pudesse enfraquecê-las.

"Nós não devemos nos tornar Honradas Madres!" Bellonda estava sempre dizendo isso. "Mas Sheeana representa um significativo fator de controle. Ela nos ensina a respeito de Murbella."

Uma tarde, pegando Murbella sozinha em seus alojamentos na não-nave e obviamente descansada, Odrade tinha tentado uma pergunta direta. — Antes de Idaho, nunca nenhuma de vocês sentiu-se tentada a, digamos, participar da brincadeira?

Murbella recuou com orgulho irritado. — Ele me pegou por acidente!

"O mesmo tipo de raiva que ela mostrou diante das perguntas de Idaho."

Lembrando-se disso, Odrade inclinou-se sobre a mesa e fez projetar o registro original.

— Veja até que ponto ela se zanga — Bellonda disse. — Uma proibição hipnótica contra responder a essas perguntas. Apostaria minha reputação nessa hipótese.

— É o que será revelado na Agonia da Especiaria — disse Odrade.

— Se algum dia ela chegar a isso!

— Supõe-se que o hipnotranse seja segredo nosso.

Bellonda ruminou sobre a óbvia conclusão. "Até hoje não houve Irmã que tivesse voltado da Dispersão original."

Estava escrito bem grande em suas mentes: "Teriam as renegadas Reverendas Madres criado as Honradas Madres?" Muita coisa sugeria isso. Então por que elas recorreram à escravização sexual dos homens? A tagarelice histórica de Murbella não convencia. Tudo a esse respeito ia contra o ensinamento da Bene Gesserit.

— Temos que aprender — Bellonda insistiu. — Saber tão pouco é muito perturbador.

Odrade reconhecia a preocupação. Em que medida essa capacidade era um chamariz? Bem grande, pensou. As acólitas queixavam-se de sonhar que estavam se tornando Honradas Madres. Com razão Bellonda se preocupava.

Criar ou provocar essas forças irrefreáveis podia construir fantasias carnais de enorme complexidade. Podiam-se conduzir populações inteiras através de seus desejos, suas projeções fantasiosas.

"Aí estava o terrível poder que as Honradas Madres ousavam utilizar." Se escapasse a notícia de que tinham a chave do êxtase cego, a metade da batalha estava ganha para elas. A simples idéia de que essa coisa existia já era o começo da rendição. As pessoas do nível de Murbella nessa outra Irmandade podiam não

compreender, mas as que estavam na cúpula... Seria possível que elas simplesmente usassem este poder sem se incomodar com sua força mais profunda ou mesmo sem suspeitar dela?

“Se esse fosse o caso, como poderiam nossas primeiras Dispersas terem sido atraídas para este beco sem saída?”

Anteriormente, Bellonda tinha oferecido sua hipótese:

Honrada Madre com a cativa Reverenda Madre feita prisioneira nessa primeira Dispersão. — Bem-vinda, Reverenda Madre. Gostaríamos que testemunhasse uma pequena demonstração de nossos poderes. — Interlúdio de demonstração sexual seguida por uma exibição de velocidade física. Então — retirada da melange e injeção de um substituto com base de adrenalina adicionado à droga hipnótica. Nesse transe hipotético, a Reverenda Madre seria sexualmente impressa.

Isso, aliado à agonia seletiva da retirada da melange (sugeria Bell), poderia fazer a vítima negar suas origens.

“Que os fados nos ajudem! Seriam as Honradas Madres todas Reverendas Madres? Ousaremos testar essa hipótese em nós mesmas? O que podemos aprender sobre isso com aquele casal na não-nave?”

Duas fontes de informação estavam lá, sob os olhos vigilantes da Irmandade, mas a chave ainda estava por ser encontrada.

“Homem e mulher não mais como parceiros reprodutores, não mais um consolo e um apoio um para o outro. Algo novo tinha sido adicionado. As apostas tinham ficado mais altas.”

Na projeção, Murbella disse algo que chamou a atenção total da Madre Superiora.

— Nós, Honradas Madres, fizemos isso a nós mesmas! Não podemos culpar ninguém.

— Ouviu isso? — Bellonda interpelou.

Odrade sacudiu a cabeça asperamente, querendo toda a sua atenção voltada para essa troca de palavras.

— Você não pode dizer o mesmo de mim — Idaho objetou.

— Essa é uma desculpa vazia — acusou Murbella. — Então você foi condicionado pelos Tleilaxu para pegar numa cilada a primeira Impressora que encontrasse!

— E matá-la — Idaho corrigiu. — Isso é o que eles pretendiam.

— Mas você nem mesmo tentou me matar. Não que você pudesse.

— Foi aí que... — Idaho calou-se com um rápido olhar involuntário para os televigias.

— O que ele estava a ponto de dizer? — Bellonda arremeteu. — Temos

que descobrir!

Mas Odrade continuou sua observação silenciosa do par prisioneiro. Murbella demonstrava um surpreendente *insight.* — Pensa que me pegou por algum acidente no qual você não estava envolvido?

— Exatamente.

— Mas há algo em você que aceitou tudo isso. Simplesmente você não acompanhou o condicionamento. Você fez o máximo que podia.

Um olhar interior velou os olhos de Idaho. Inclinou a cabeça para trás, esticando os músculos do peito.

— Essa é uma expressão Mentat — Bellonda acusou.

Todas as analistas de Odrade sugeriram isso, mas elas tinham ainda que arrancar uma admissão de Idaho. Se ele era um Mentat, por que reter a informação?

"Pelas outras coisas implícitas nessa capacidade. Ele nos teme, e com razão."

Murbella falou com desprezo. — Você improvisou e aperfeiçoou o que os Tleilaxu lhe fizeram. Havia algo em você que não fez nenhum tipo de queixa!

— Esse é o modo como ela lida com seus próprios sentimentos culpados — disse Bellonda. — Ela não acredita nem um pouco que seja verdade, do contrário ele não teria sido capaz de pegá-la.

Odrade franziu os lábios. A projeção mostrou Idaho divertido. — Talvez tenha sido o mesmo para nós dois.

— Você não pode culpar os Tleilaxu e eu não posso culpar as Honradas Madres.

Tamalane entrou no gabinete e afundou-se na cadeira-cão, ao lado de Bellonda. — Vejo que isso a interessa também. — Fez um gesto para as figuras projetadas.

Odrade desligou o projetor.

— Estive inspecionando nossos tanques axlotl — disse Tamalane. — Esse maldito Scytale tem sonegado informação vital.

— Não há falha em nosso primeiro ghola, há? — Bellonda interpelou.

— Nada que nossos Suks possam encontrar.

Odrade falou num tom suave: — Scytale tem de conservar alguns trunfos para negociar.

Ambos os lados tinham uma fantasia comum: Scytale estava pagando às Bene Gesserit por terem-no salvo das Honradas Madres e lhe dado refúgio na Sede. Mas todas as Reverendas Madres que o estudaram sabiam que algo mais dirigia o último Mestre Tleilaxu.

"Espertos, muitos espertos, os Bene Tleilax. Muito mais espertos do que

suspeitamos. E eles nos sujaram com seus tanques axlotl. A própria palavra ‘tanque’ — um outro de seus engodos. Nós imaginamos vasilhames de fluido amniótico, cada tanque sendo o centro de complexa maquinaria de duplicar (de modo sutil, discreto e controlável) os trabalhos do útero. O tanque está aí, muito bem! Mas vejam o que contém.”

A solução Tleilaxu era direta: use o original. A natureza já o aperfeiçoou através de eras. Tudo o que os Bene Tleilaxu precisam fazer é adicionar seus próprios sistemas de controle, seu modo pessoal de multiplicar a informação armazenada na célula.

“A linguagem de Deus”, era como Scytale a chamava. “A linguagem de Shaitan era um nome mais apropriado.”

Retroalimentação. A célula dirigida em seu próprio útero. Isso era mais ou menos o que um ovo fertilizado fazia, de alguma forma. Os Tleilaxu simplesmente o aperfeiçoaram.

Odrade deixou escapar um suspiro, provocando olhares penetrantes de suas companheiras. “Novas preocupações da Madre Superiora?”

“As revelações de Scytale me perturbam. E o que essas revelações têm feito a nós. Oh, como fugimos da ‘degradação’. Depois, racionalizações. ‘ Se não houver outro meio.’ Se isto produzir os gholas de que necessitamos tanto. Poderemos encontrar voluntárias, com certeza. Foram encontradas! Voluntárias!”

— Você está distraída! — Tamalane resmungou. Lançou os olhos para Bellonda, começou a dizer algo, depois pensou melhor.

O rosto de Bellonda tornou-se suave, um acompanhamento frequente para seus humores mais sombrios. Sua voz era pouco mais que um sussurro gutural. — Chamo a atenção veemente sobre a necessidade de eliminarmos Idaho. E quanto àquele monstro Tleilaxu...

— Por que você faz essa sugestão com eufemismo? — Tamalane interpelou.

— Mate-o, então! E o Tleilaxu deve ser submetido a todo tipo de persuasão que nós...

— Parem com isso, vocês duas! — Odrade ordenou.

Ela pressionou as mãos sobre a testa e, olhando fixamente para a janela em arco, viu a chuva de gelo lá fora. O Controle Meteorológico estava cometendo mais erros. Não se podia culpá-los, mas não havia nada que os humanos odiassem mais do que o imprevisível. “Nós queremos ‘o que é natural’. O que quer que isso signifique.”

Quando tais pensamentos se apossavam de Odrade, ela suspirava por uma existência restrita à ordem que lhe agradava: um passeio ocasional nos pomares. Gostava disso em todas as estações. Uma noite tranquila com os amigos, troca

de idéias em conversas profundas, com aqueles por quem tinha simpatia. “Afeição?” Sim. A Madre Superiora tinha essa ousadia — amor à companhia, mesmo. E boas refeições, com bebidas escolhidas por seu sabor acentuado. Ela queria isso, também. Como era bom brincar com o paladar. E mais tarde... sim, mais tarde — uma cama aquecida com um companheiro gentil, tão sensível às suas necessidades como ela às dele.

A maior parte dessas coisas não era possível, naturalmente. Responsabilidade! Que palavra imensa! Como queimava!

— Estou ficando com fome — disse Odrade. — Querem que eu mande servir o almoço aqui?

Bellonda e Tamalane olharam-na com surpresa. — São somente 11:30h — queixou-se Tamalane.

— Sim ou não? — insistiu Odrade.

Bellonda e Tamalane trocaram um olhar entre si. — Como quiser — disse Bellonda.

Havia um ditado na Bene Gesserit — do conhecimento de Odrade —, que a Irmandade funcionava melhor quando o estômago da Madre Superiora estava satisfeito. Isso pesara na balança.

Odrade ligou o intercomunicador com sua cozinha particular. — Almoço para três, Duana. Algo especial. Escolha você.

O almoço, quando veio, apresentava como atração principal um prato que Odrade apreciava de modo especial. Vitela ao forno. Duana realçou-o com um toque delicado de ervas, um pouquinho de alecrim para dar sabor à vitela, os legumes cozidos ao ponto. Magnífico.

Odrade saboreou cada pedacinho. As outras duas arrastavam-se na refeição, da colher à boca, mecanicamente.

“Será esta uma das razões pelas quais eu sou a Madre Superiora e elas não?”

Enquanto uma acólita tirava a mesa, Odrade voltou-se para uma de suas perguntas favoritas: — Qual é o mexerico do momento entre as acólitas?

Ela se lembrava que em seus dias de acólita tinha dependido das palavras das mulheres mais velhas, esperando grandes verdades e conseguindo, na maioria das vezes, tagarelices a respeito da Irmã tal e os mais recentes problemas da Instrutora X. Ocasionalmente, entretanto, as barreiras caíam, e circulavam informações importantes.

— Um grande número de acólitas fala de sua vontade de sair em nossa Dispersão — disse Tamalane numa voz rascante. — Ratos em navio a pique, é o que digo.

— Tem havido um grande interesse nos Arquivos ultimamente — disse

Bellonda. — As Irmãs que têm mais visão vêm buscar confirmação — se uma determinada acólita tem o sangue de Siona ou não.

Odrade achou isso interessante. Sua ancestral comum Atreides, da época do Tirano, eras atrás, Siona Ibn Fuad al-Seyefa Atreides, tinha legado a seus descendentes essa capacidade de esconder-se dos investigadores prescientes. Todas as pessoas que andavam abertamente na Sede compartilhavam essa proteção ancestral.

— Um sinal marcante? — Odrade perguntou. — Elas duvidam de que as pessoas em questão sejam protegidas?

— Querem ter a certeza — Bellonda rosnou. E agora posso voltar a Idaho? Ele tem e não tem a marca genética. Isso me preocupa. Por que algumas de suas células não têm a marca de Siona? O que os Tleilaxu fizeram?

— Duncan conhece o perigo e ele não é suicida — Odrade disse.

— Não sabemos o que ele é — Bellonda se queixou.

— Provavelmente um Mentat, e todas nós sabemos o que isso significa — Tamalane disse.

— Compreendo por que conservamos Murbella — disse Bellonda. — Informação valiosa. Mas Idaho e Scytale...

— Basta! — Odrade dardejou. — Cães-de-guarda podem ladrar demais! Bellonda aceitou isso de má vontade. “Cães-de-guarda.” O termo das Bene Gesserit para o controle constante por parte das Irmãs, a fim de garantir que não se caísse na frivolidade. Muito penoso para as acólitas, mas apenas uma outra parte da vida para as Reverendas Madres.

Odrade tinha explicado isso uma tarde a Murbella, quando as duas estavam numa câmara de entrevista decorada em cinza, na não-nave. Ambas muito próximas, encarando-se frente a frente. Olhos no mesmo nível. Bastante informais e íntimas. A não ser pelo conhecimento de todos aqueles televigias ao redor.

— Cães-de-guarda — Odrade disse, respondendo a uma pergunta de Murbella. — Isso quer dizer que nos criticamos mutuamente. Não lhes dê importância maior do que têm. Raramente importunamos. Uma simples palavra pode bastar.

Murbella, demonstrando desgosto em seu rosto oval, com seus olhos verdes espaçados bem atentos, obviamente pensou que Odrade se referia a um sinal comum, uma palavra ou ditado que as Irmãs usavam em tais situações.

— Que palavra?

— Qualquer palavra, maldição. O que for apropriado. É como um reflexo mútuo. Compartilhamos um “tique” comum, que não existe para nos aborrecer. Nós o acolhemos porque nos ajuda a manter os pés no chão.

— E vocês *me* vigiarão se eu me tornar uma Reverenda Madre?

— Queremos nossos cães-de-guarda. Seríamos mais fracas sem eles.

— Parece opressivo.

— Não somos da mesma opinião.

— Acho repelente. — Ela olhou para as lentes cintilantes do teto. — Como esses malditos televigias.

— Tomamos conta do que é nosso, Murbella. Uma vez que se é uma Bene Gesserit, tem-se a garantia de uma manutenção para a vida toda.

— Um nicho confortável. — Seu tom era caçoísta.

Odrade falou suavemente. — Algo bastante diferente. Você é desafiada pela vida inteira. Deve retribuir à Irmandade no limite máximo de suas capacidades.

— Cães-de-guarda!

— Estamos sempre atentas umas às outras. Algumas de nós, em posições de poder, são autoritárias às vezes, até mesmo familiares, mas somente até o ponto cuidadosamente calculado para as exigências daquele momento.

— Nunca realmente calorosas ou ternas, não?

— Essa é a regra.

— Afeição, talvez, mas não amor?

— Já lhe disse da regra. — E Odrade podia ver a reação claramente no rosto de Murbella: “Aí está! Elas vão exigir que eu abra mão de Duncan!”

— Então não há amor entre as Bene Gesserit. — Que tom triste era o seu. Ainda havia esperança para Murbella.

— Acontecem amores — Odrade disse. — Porém minhas Irmãs os tratam como aberrações.

— Então o que sinto por Duncan é aberração?

— E as Irmãs tentarão curá-la.

— Curar! Aplicar a terapia correta aos aflitos!

— O amor é considerado um sinal de decadência nas Irmãs.

— Vejo sinais de decadência em vocês!

Como se seguisse seus pensamentos, Bellonda arrastou Odrade para fora do devaneio. — Essa Honrada Madre nunca se comprometerá conosco! — Enxugou um pouco do molho do almoço no canto da boca. — Estamos perdendo tempo, tentando ensinar-lhe nosso modo de ser.

“Pelo menos Bellonda não estava mais chamando Murbella de prostituta”, pensou Odrade. “Era um progresso.”

9

Todos os governos sofrem de um problema recorrente: o Poder atrai as personalidades patológicas. Não que o Poder corrompa; ele é magnético aos corruptíveis. Essas pessoas tendem a se embriagar com a violência, uma condição de que ficam logo dependentes.

— Missionária Protectiva Texto QIV (dicto)

Rebecca ajoelhou-se no chão de azulejo amarelo, como lhe tinham ordenado fazer, não ousando erguer os olhos para a Grande Honrada Madre sentada tão acima, tão perigosa. Por duas horas Rebecca tinha esperado aqui, quase no centro de uma sala gigante, enquanto a Grande Honrada Madre e suas acompanhantes almoçavam, servidas por atendentes obsequiosas. Ela prestou atenção às maneiras das atendentes com cuidado, e procurou imitá-las.

Suas órbitas ainda doíam, em função dos transplantes que o Rabino a tinha feito realizar há menos de um mês atrás. Estes olhos mostravam a íris azul e a esclerótica branca, não dando pista da Agonia de Especiaria do passado. Era uma defesa temporária. Em menos de um ano novos olhos iriam traí-la com seu azul total.

Ela considerava a dor nos olhos como o menor de seus problemas. Um implante orgânico alimentava-a com doses de melange, a intervalos regulares, ocultando sua dependência. O suprimento estava calculado para durar aproximadamente sessenta dias. Se essas Honradas Madres a retivessem mais do que isso, ela seria mergulhada em tal agonia, que a original pareceria branda em comparação. O perigo mais imediato era o shere, administrado junto com a especiaria. Se essas mulheres o detectassem, certamente teriam suspeitas.

“Você está indo bem. Seja paciente.” Era a Outra Memória da gente de Lâmpadas. A voz soou gentilmente em sua cabeça. O tom era de Lucilla, mas ela não podia ter certeza.

Tornara-se uma voz familiar naqueles meses, desde a Partilha, quando tinha se anunciado como “Porta-voz do seu Mohalata”. “Essas prostitutas não podem atingir nosso nível de conhecimento. Lembre-se disso para lhe dar coragem.”

A presença dos Outros Interiores, que não diminuíam em nada sua atenção

sobre o que acontecia à sua volta, tinha-a enchido de respeito. “Nós chamamos isso de simulfluxo”, tinha falado o Porta-voz. O simulfluxo multiplica sua consciência.” Quando ela tentou explicar isso ao Rabino, ele reagiu encolerizado.

— Você foi contaminada por pensamentos impuros!

Eles tinham estado no estúdio do Rabino tarde da noite. — Roubando tempo dos dias que nos cabem — dizia ele. O estúdio era uma sala subterrânea, com as paredes revestidas de velhos livros, cristais ridulianos, pergaminhos. A sala estava protegida de sondas pelos melhores dispositivos Ixianos, aperfeiçoados por seu próprio povo.

Ela tinha permissão para sentar-se ao lado de sua mesa em tais ocasiões, enquanto ele se recostava numa velha cadeira. Um globo de luz, colocado em posição baixa ao lado dele, lançava uma antiga luz amarela em seu rosto barbudo, fazendo reluzir os óculos que usava quase como um emblema do ofício.

Rebecca simulou confusão. — Mas o senhor disse que éramos obrigados a salvar este tesouro de Lâmpadas. As Bene Gesserit não foram honestas conosco?

Viu a preocupação nos olhos dele. — Você ouviu Levi falando ontem, sobre as perguntas que se fazem aqui. Por que a bruxa Bene Gesserit veio até nós? Isso é o que eles perguntam.

— Nossa estória é consistente e plausível — Rebecca protestou. — As Irmãs, nos ensinaram caminhos que nem a Revelação da Verdade pode penetrar.

— Não sei... Não sei. — O Rabino sacudiu a cabeça tristemente. — O que é uma mentira? O que é a verdade? Nós nos condenamos com nossas próprias bocas?

— É ao massacre que resistimos, Rabino! — Isso geralmente fortalecia a resolução dele.

— Cossacos! Sim, você está certa, filha. Tem havido cossacos em todas as eras, e nós não fomos os únicos a sentir seus pontapés e suas espadas, quando eles entravam na cidade com a morte nos corações.

Era estranho, pensou Rebecca, como ele conseguia dar a impressão de que esses acontecimentos eram de ocorrência recente e que seus olhos os tinham visto. Perdoar, nunca. Esquecer, jamais. Lídiche foi ontem. Que coisa poderosa havia na memória de Israel Secreto. Massacre! Quase tão poderoso em sua continuidade como aquelas presenças Bene Gesserit que ela carregava na consciência. Quase. Era a isso que o Rabino resistia, pensou.

— Temo que você nos tenha sido tirada — disse o Rabino. — O que foi que eu lhe fiz? O que foi que eu fiz? E tudo em nome da honra.

Ele olhou para os instrumentos que registravam, na parede do estúdio, a

força acumulada à noite pelos moinhos de eixo vertical localizados em toda a fazenda. Os instrumentos diziam que as máquinas estavam zumbindo lá fora, estocando energia para o amanhã. Isso era um presente das Bene Gesserit: liberdade dos Ix. Independência. Que palavra singular.

Sem olhar para Rebecca, ele disse: — Acho e sempre achei muito difícil essa coisa de Outra Memória. A memória deveria trazer sabedoria, mas não traz. A sabedoria está na maneira de comandarmos a memória e aplicarmos nosso conhecimento.

Voltou-se, o rosto entre as sombras, e olhou para ela. — O que é que diz essa consciência dentro de você? Isso que você considera como a presença de Lucilla?

Rebecca pôde ver que lhe agradava pronunciar o nome da Reverenda Madre. Se Lucilla podia falar através de uma filha de Israel Secreto, então ainda vivia, e não tinha sido traída.

Baixou seu olhar enquanto falava. — Ela diz que temos imagens, sensações e sons interiores que nos vêm quando ordenados ou surgem conforme a necessidade.

— Necessidade, sim! E o que é isso, a não ser relatos dos sentidos da carne, que podem ter estado onde não deveriam, e feito coisas ofensivas?

“Outros corpos, outras memórias”, Rebecca pensou. Tendo-o experimentado, ela sabia que não podia nunca abandoná-lo por sua livre e espontânea vontade. “Talvez eu tenha realmente me tornado uma Bene Gesserit. Naturalmente é isso o que ele teme.”

— Vou lhe dizer uma coisa — disse o Rabino. — Esta “interseção crucial de consciência da vida”, como elas dizem, isso não é nada, a menos que você saiba como suas próprias decisões atingem a vida dos outros, como fios que partem de você.

— Ver nossas ações nas reações dos outros, sim, essa é a maneira como as Irmãs a consideram.

— Isso é sabedoria. O que elas procuram, segundo essa senhora?

— Influência sobre o amadurecimento da humanidade.

— Mmmmm. E ela acha que os acontecimentos estão além de seus sentidos, não além de sua influência. Isso é quase.sábio. Mas maturidade... ahhh, Rebecca. Será que interferimos num plano mais alto? É um direito humano impor limites à natureza de Jeová? Acho que Leto II entendeu isso. Essa senhora em você o nega.

— Ela diz que ele era um abominável tirano.

— E era, mas houve tiranos sábios antes dele e, sem dúvida, haverá outros depois de nós.

— Elas o chamam de Shaitan.

— Ele tinha os próprios poderes de Satã. Compartilho o medo delas a esse respeito. Mais que um ser presciente, ele era um vínculo. Fixava a forma do que via.

— Isso é o que fala a Reverenda Madre. Mas ela diz que o que ele preservou foi o ideal da Irmandade.

— De novo, elas são quase sábias.

Um grande suspiro fez estremecer o Rabino que, uma vez mais, olhou para os instrumentos na parede. “Energia para o amanhã.”

Voltou sua atenção para Rebecca. Ela estava mudada, não pôde deixar de perceber. Tornara-se muito semelhante às Bene Gesserit. Era compreensível. Sua mente estava repleta de toda aquela *gente* de Lâmpadas. Mas elas não eram porcos gadarenos para serem jogadas ao mar, com seu diabolismo. “E eu não sou outro Jesus.”

— E o que elas lhe dizem sobre a Madre Superiora Odrade — que ela muitas vezes pragueja contra suas Arquivistas e seus Arquivos? Que coisa! Os Arquivos não são como os livros em que preservarmos nossa sabedoria?

— Então eu sou uma Arquivista, Rabino?

A pergunta o confundiu, mas também iluminou o problema. Ele sorriu. — Vou lhe dizer uma coisa, filha. Reconheço ter uma certa afinidade com essa Odrade. Há sempre algo mal-humorado em relação aos Arquivistas.

— Isso é sabedoria, Rabino? — Com que timidez ela fez a pergunta!

— Acredite, minha filha, é. Com que cuidado o Arquivista suprime a menor parcela de julgamento. Uma palavra após a outra. Que arrogância!

— Como eles julgam que palavras devem usar, Rabino?

— Ahhh, vejo que alcançou uma certa compreensão, filha. Mas essas Bene Gesserit não atingiram a sabedoria, e é seu ideal que as impede.

Ela podia ler em seu rosto. “Ele tenta me encher de dúvidas sobre essas vidas que carrego.”

— Deixe-me dizer-lhe algo sobre as Bene Gesserit — ele disse. Nada lhe veio à mente, então. Nenhuma palavra, nenhum conselho sábio. Isso não lhe acontecia há anos. Havia um único caminho a seguir; falar com o coração.

— Talvez elas tenham caminhado por demais na estrada de Damasco sem o raio ofuscante da iluminação, Rebecca. Ouço dizer que agem em benefício da humanidade. Seja como for, não consigo ver isso nelas, nem acredito que o Tirano tenha visto.

Quando Rebecca começou a replicar, ele a interrompeu com uma das mãos erguida. — Amadurecer a humanidade? Esse é o seu ideal? Não é o fruto maduro que é arrancado e comido?

No chão da Grande Sala da Junção Rebecca lembrava-se dessas palavras, vendo seu protótipo, não nas vidas que ela conservava, mas nas ações de suas captoras.

A Grande Honrada Madre tinha acabado de comer. Enxugou as mãos no vestido de uma atendente.

— Deixe que ela se aproxime — disse.

A dor lancetou o ombro esquerdo de Rebecca, e ela cambaleou para a frente, sobre os joelhos. Aquela que chamavam de Logno viera por trás, furtiva como um caçador, e dera uma estocada de aguilhão na carne da prisioneira.

O riso ecoou pela sala.

Rebecca vacilou e, mantendo-se um pouco à frente do aguilhão, chegou ao pé dos degraus que levavam à Grande Honrada Madre, onde o ferro a interrompeu.

— Abaixe-se! — Logno enfatizou o comando com uma outra estocada. Rebecca caiu de joelhos, e olhou fixamente para a frente, na direção dos espelhos dos degraus. Os azulejos amarelos mostravam pequenos arranhões. De algum modo, essas falhas a reanimaram.

— Deixe-a, Logno. Quero respostas, não gritos. — E virando-se para Rebecca: — Olhe para mim, mulher!

Rebecca ergueu os olhos e encarou a face da morte. Um rosto tão medíocre e, no entanto, quanta ameaça. Feições tão... tão uniformes. Quase feiosas. Uma pequena figura. Isso aumentou a sensação de perigo que sentia. Que poderes deve ter a mulherzinha, para comandar essa gente terrível!

— Sabe por que está aqui? — A Grande Honrada Madre interpelou. Rebecca usou seu tom mais. obsequioso. — Disseram-me, ó Grande Honrada Madre, que a senhora desejava que eu relatasse o conhecimento da Revelação da Verdade e outros assuntos de Gammu.

— Você foi casada com um Revelador da Verdade! — Era uma acusação.

— Ele está morto, Grande Honrada Madre.

— Não, Logno — As palavras eram dirigidas à assistente, que investiu com o aguilhão. — Esta infeliz não conhece nossos métodos. Agora, fique de pé aí ao lado, Logno, onde eu não seja perturbada por sua impetuosidade.

— Você me dirigirá a palavra somente para responder, ou quando eu ordenar, infeliz! — a Grande Honrada Madre gritou.

Rebecca encolheu-se.

O Porta-voz sussurrou em sua cabeça — “Isso era quase a Voz. Esteja em guarda.”

— Você já conheceu alguém, entre aquelas que dão a si mesmas o nome de Bene Gesserit?

“Realmente agora!” — Qualquer um já encontrou as bruxas, Grande Honrada Madre.

— O que sabe delas?

“Então é por isso que me trouxeram aqui.”

— Somente o que ouvi, Grande Honrada Madre.

— Elas são corajosas?

— Diz-se que elas sempre evitam riscos, Grande Honrada Madre.

“Você é digna de nós, Rebecca. Esse é o padrão das prostitutas. A bolinha rola para baixo em sua própria canaleta. Elas pensam que você não gosta de nós.”

— As Bene Gesserit são ricas?

— Acho que as bruxas são pobres perto de vocês, Honrada Madre — disse Rebecca.

— Por que diz isso? Não fale apenas para me agradar!

— Mas, Honrada Madre, as bruxas poderiam enviar uma grande nave de Gammu até aqui, somente para me trazer? E onde elas estão agora? Elas se escondem de vocês.

— Sim, onde elas estão? Rebecca deu de ombros.

— Você estava em Gammu quando um homem chamado Bashar nos pôs em fuga? — perguntou a Honrada Madre.

“Ela sabe que você estava.” — Eu estava lá, Grande Honrada Madre, e ouvi estórias. Mas não acredito nelas.

— Acredite no que eu lhe disser para acreditar, infeliz! Que estórias você ouviu?

— Que ele se movia com uma velocidade invisível para os olhos. Que ele matou muitas... pessoas apenas com as mãos. Que ele roubou uma não-nave e fugiu para a Dispersão.

— Acredite que ele fugiu, infeliz. “Veja como ela tem medo. Não consegue esconder o tremor.”

— Fale da Revelação da Verdade — ordenou a Honrada Madre.

— Grande Honrada Madre, eu não compreendo a Revelação da Verdade. Conheço apenas as palavras de meu Sholem, meu marido. Posso repeti-las, se desejar.

A Grande Honrada Madre considerou o oferecimento, olhando ao redor, para suas ajudantes e conselheiras, que começavam a mostrar sinais de aborrecimento. “Por que ela simplesmente não mata essa infeliz?”

Rebecca, vendo a violência dos olhos que a encaravam em tons de laranja, recolheu-se. Pensou em seu marido, em seu nome carinhoso, Shoel, agora, e suas palavras a confortaram. Ele tinha mostrado o “talento peculiar” quando ainda

criança. Alguns o chamavam de instinto, mas Shoel nunca usou essa palavra. — Confie em suas entranhas. Isso é o que meus professores sempre diziam.

Era uma expressão tão realista que, segundo ele, afastava os que procuravam "o mistério esotérico".

— Não existe segredo— — dissera Shoel. — É treino e trabalho árduo, como qualquer outra coisa. Você exercita o que eles chamam *petit perception*, a capacidade de detectar pequenas variações nas reações humanas.

Rebecca podia ver tais pequenas reações naquelas que a estavam olhando de cima. "Elas me querem morta. Por quê?"

O Porta-voz tinha um conselho. "Os grandes gostam de mostrar seu poder sobre os outros. Ela não faz o que os outros querem, mas o que acha que eles não querem."

— Grande Honrada Madre — aventurou Rebecca —, a senhora é tão rica e poderosa. Certamente deve ter um lugar de criada, onde eu possa servi-la.

— Você quer entrar para o meu serviço? "Que sorriso feroz!"

— Isso me faria muito feliz, Grande Honrada Madre.

— Não estou aqui para fazê-la feliz.

Logno deu um passo à frente. — Então faça-nos feliz, Dama. Deixe-nos divertir um pouco com...

— Silêncio! "Ahhh, isso foi um erro, chamá-la pelo seu nome íntimo aqui na frente dos outros."

Logno recuou, e quase deixou cair o ferro.

A Grande Honrada Madre baixou os olhos para Rebecca, fixando-a com seus lampejos laranja. — Você voltará à sua mísera existência em Gammu, infeliz. Não vou matá-la. Isso seria uma misericórdia. Tendo visto o que nós poderíamos lhe dar, viva sua vida sem isso.

— Grande Honrada Madre! — Logno protestou. — Temos suspeitas de que...

— Eu tenho suspeitas sobre você, Logno. Mandem-na de volta e viva! Ouviu? Acha-nos incapazes de encontrá-la, se por acaso for preciso?

— Não, Grande Honrada Madre.

— Estamos de olho em você, infeliz — disse a Grande Honrada Madre. "Isca! Ela pensa em você como algo que lhe permitirá capturar caça maior.

Que interessante. Ela usa a cabeça, apesar de sua natureza violenta. Então foi assim que chegou ao poder."

Durante todo o caminho de volta a Gammu, confinada em alojamentos fedorentos de uma nave que um dia serviu à Corporação, Rebecca considerou sua situação. Certamente essas prostitutas não tinham esperado que ela se enganasse a respeito de seu intento. Mas... talvez tenham. Subserviência,

bajulação. “Elas se regalam com essas coisas.”

Sabia que á idéia tinha vindo tanto da Revelação da Verdade de Shoel quanto das conselheiras de Lâmpadas.

— Você reúne uma porção de pequenas observações, percebidas, mas nunca levadas à consciência —, Shoel dissera. — Cumulativamente, elas lhe dizem coisas, mas não em linguagem usada comumente. A linguagem não é necessária.

Ela tinha achado isso uma das coisas mais estranhas que já ouvira. Mas isso foi antes da Agonia. Na cama, à noite, encorajada pela escuridão e pelo toque amoroso da carne, tinha agido sem palavras, mas compartilhara palavras também.

— A linguagem lhe impõe obstáculos — tinha dito Shoel. — O que você faz é aprender a ler suas próprias reações. Às vezes, podem-se descobrir palavras para descrevê-las... às vezes... não.

— Sem palavras? Nem mesmo para as perguntas?

— Você quer palavras, não é? Quais são elas? Confiança. Crença. Verdade. Honestidade.

— São palavras boas, Shoel.

— Mas não chegam ao ponto. Não dependa delas.

— Então, você depende do quê?

— De minhas próprias reações interiores. Eu interpreto a mim mesmo, não a pessoa à minha frente. Sempre conheço uma mentira, porque fico com vontade de virar as costas ao mentiroso.

— Então é assim que você faz! — Bateu em seu braço nu.

— Outros reagem de outra forma. Sei de uma pessoa que conhecia uma mentira, porque tinha vontade de colocar seu braço no do mentiroso e fazer uma caminhada com ele, confortando-o. Você pode pensar que é tolice, mas funciona.

— Acho que é muito sábio, Shoel. — Era a voz do amor. Ela não sabia realmente o que ele queria dizer.

— Meu amor precioso — disse ele, embalando-a em seu braço. — Os Reveladores da Verdade têm um Senso da Verdade que, uma vez desperto, funciona o tempo todo. Por favor, não me diga que sou sábio, quando é o amor que fala por você.

— Desculpe-me, Shoel. — Ela gostava do cheiro de seu braço, e enterrou a cabeça na dobra, fazendo-lhe cócegas. — Mas quero saber tudo o que você sabe.

Ele mudou sua cabeça para uma posição mais confortável. — Sabe o que meu professor da Terceira Série dizia? “Não saiba nada! Aprenda a ser totalmente inocente.”

Ela estava atônita. — Absolutamente nada?

— Você se aproxima de tudo como se fosse uma lousa limpa, nada em cima ou dentro de você. O que quer que surja é escrito lá por si mesmo.

Ela começou a perceber. — Nada para interferir.

— Correto. Você é o selvagem ignorante original, completamente sem sofisticação, até o ponto em que volta à sofisticação última. Você a encontra sem procurá-la, pode-se dizer.

— Agora, isso é sábio, Shoel. Aposto que você era o melhor aluno que eles já tiveram, o mais inteligente e o...

— Eu achava que era uma tolice sem fim.

— Não!

— Até que um dia senti uma pequena contração. Não era o movimento de um músculo ou algo que alguém pudesse perceber. Apenas... uma contração.

— Onde era?

— Em nenhum lugar que eu pudesse descrever. Mas meu professor do Quarto Grau tinha me preparado para isso. "Tome essa coisa com delicadeza. Gentilmente." Um dos alunos pensou que ele estava falando de suas mãos reais. Oh, como nós rimos.

— Isso foi cruel. — Tocou seu queixo, e sentiu o começo da barba escura. Era tarde, mas ela não sentia sono.

— Acho que foi. Mas quando a contração veio, eu a conheci. Nunca tinha sentido isso antes. Estava surpreso, também, porque conhecendo-a, eu sabia que tinha estado lá o tempo todo. Era familiar. Era a minha contração do Senso da Verdade.

Ela achou que podia sentir o Senso da Verdade se mexendo dentro de si. O sentimento de magia em sua voz despertou alguma coisa.

— Era meu, então — disse ele. — Pertencia a mim e eu pertencia a ele. Nunca mais haveria separação.

— Como deve ser maravilhoso. — Havia um respeito temeroso e uma inveja em sua voz.

— Não! Há muita coisa nisso que eu detesto. Ver as pessoas desta forma é como vê-las estripadas, as entranhas penduradas para fora.

— Isso é nojento!

— Sim, mas há compensações, amor. São as pessoas que encontramos, pessoas que são como lindas flores oferecidas por uma criança inocente. Inocência. Minha própria inocência responde, e meu Senso da Verdade é fortalecido. Isso é o que você faz por mim, meu amor.

A não-nave das Honradas Madres chegou a Gammu, e fizeram Rebecca descer para a Plataforma de Aterrissagem no carregamento de lixo. Lançaram-na

para fora ao lado dos detritos e excrementos da nave, mas ela não se importou. “Em casa! Estou em casa, e Lâmpadas sobrevive.”

Contudo o Rabino não partilhou de seu entusiasmo.

Uma vez mais, eles sentaram-se em seu estúdio, mas agora ela se sentia mais familiarizada com a Outra Memória, muito mais confiante. Ele podia ver isso.

— Você está mais que nunca parecida com elas! É impuro.

— Rabino, nós todos temos ancestrais impuros. Tenho a sorte de conhecer alguns dos meus.

— O que é isso? O que você está dizendo?

— Todo nós somos descendentes de pessoas que fizeram coisas ruins, Rabino. Não gostamos de pensar em bárbaros em nosso passado, mas eles estão lá.

— Que conversa!

— As Reverendas Madres podem lembrar-se de todos eles, Rabino. Lembre-se, são os vitoriosos que fazem a raça. Compreende?

— Nunca a ouvi falar com tanta ousadia. O que aconteceu com você, filha?

— Eu sobrevivi, sabendo que, às vezes, paga-se um preço moral pela vitória.

— O que é isso? São palavras más.

— Más? Barbarismo não é nem mesmo a palavra adequada para certas maldades de nossos ancestrais. Os antepassados de todos nós, Rabino.

Viu que o tinha magoado, e sentiu que suas palavras eram cruéis, mas não podia parar. Sendo o homem honrado que era, como ele poderia escapar da verdade que ela lhe dizia?

Falou mais suavemente, mas suas palavras cortaram-no ainda mais fundo. — Rabino, se o senhor compartilhasse o testemunho de algumas das coisas que a Outra Memória me forçou a saber, haveria de procurar novas palavras para definir o mal. Há ações de nossos antepassados que aviltam o pior rótulo que se possa imaginar.

— Rebecca... Rebecca... Sei de necessidades de...

— Não use desculpas a respeito de “necessidades dos tempos”. Um Rabino sabe muito bem. Quando ficamos sem senso moral? É que às vezes não ouvimos.

Ele colocou as mãos no rosto, balançando para frente e para trás na velha cadeira, que estalava dolorosamente.

— Rabino, sempre o amei e respeitei. Vivi a Agonia por sua causa. Compartilhei Lâmpadas pelo senhor. Não negue o que aprendi com isso.

Ele abaixou as mãos. — Não nego, filha. Mas permita-me a minha dor.

— Entre todas as compreensões, Rabino, a mais imediata e importante é que não há inocentes.

— Rebecca!

— Culpado não é bem a palavra, Rabino, mas nossos antepassados fizeram coisas pelas quais é preciso pagar.

— Isso eu entendo, Rebecca. É um equilíbrio que...

— Não me diga que compreende, quando eu sei que não. — Ela levantou-se e fixou-lhe o olhar de cima para baixo. — Não se trata de um livro de contas que se põe em dia. Até que ponto do passado o senhor poderia ir?

— Rebecca, sou o seu Rabino. Não deve falar assim, especialmente comigo.

— Quanto mais longe se vai, Rabino, piores são as atrocidades e mais alto o preço. O senhor não pode ir tão longe, mas eu sou obrigada a isso.

Voltando-se, ela o deixou ignorando a súplica em sua voz, o modo doloroso como ele pronunciou seu nome. Quando fechou a porta, ouviu-o dizer: — O que fizemos? Israel, ajude-a.

10

Redigir a História é em grande parte um processo de diversão. A maioria dos relatos históricos distrai a atenção das influências secretas que se escondem por trás dos grandes acontecimentos.

— O Bashar Teg

Quando entregue a si mesmo, Idaho com frequência explorava sua não-nave prisão. Havia tanto que ver e aprender sobre este artefato ixiano. Era uma caverna de maravilhas.

Fez uma pausa em sua agitada caminhada desta tarde, através de seus alojamentos, e olhou para os pequenos televigias embutidos na luzidia superfície de uma porta. Elas o estavam observando. Tinha a estranha sensação de estar vendo a si mesmo através desses olhos intrometidos. O que pensariam as Irmãs, quando olhavam para ele? O atarracado menino-ghola da há muito destruída Fortaleza de Gammu tinha se tornado um homem magro: pele morena e cabelos escuros, mais longos agora do que quando entrara nessa não-nave, no último dia de Duna.

Os olhos Bene Gesserit espreitavam por debaixo da pele. Estava certo de que elas suspeitavam que ele era um Mentat, e temia como isso podia ser interpretado. Como poderia um Mentat esperar esconder o fato das Reverendas Madres indefinidamente? Tolice! Sabia que elas já suspeitavam dele a respeito da Revelação da Verdade.

Acenou para os televigias e disse: — Estou inquieto. Acho que vou explorar.

Bellonda detestava quando ele tomava essa atitude jocosa com referência à vigilância. Não gostava que ele andasse pela nave e não tentava disfarçar seu desagrado. Idaho podia ver a pergunta não-formulada e suas feições ameaçadoras sempre que se defrontava com ele: “Está procurando um meio de fugir?”

“E exatamente o que estou fazendo, Bell, mas não do modo que você suspeita.”

A não-nave lhe apresentava limites fixos: o campo de força exterior, que ele não podia penetrar, certas áreas de maquinaria, onde a propulsão (assim lhe

disseram) tinha sido temporariamente desativada, alojamentos da guarda (ele podia ver o interior de alguns, mas não tinha permissão para entrar), o arsenal, a seção reservada ao Tleilaxu prisioneiro, Scytale. De vez em quando encontrava Scytale numa das barreiras, e eles se espreitavam mutuamente através do campo silenciador que os mantinha à parte. Então, havia a barreira da informação — seções de Registros da Nave que não respondiam a suas perguntas, e respostas que seus guardas não davam.

Dentro desses limites, havia uma existência de coisas para ver e aprender, mesmo uma existência de trezentos Anos Padrão, aproximadamente, que ele poderia esperar viver.

“Se as Honradas Madres não nos encontrarem.”

Idaho via-se como a caça que elas procuravam, dando-lhe ainda mais importância que às mulheres da Sede da Irmandade. Não tinha ilusões a respeito do que as caçadoras lhe fariam. Elas sabiam que ele estava aqui. Os homens que ele treinava em dependência sexual e que enviava para persegui-las — esses homens espicaçavam as caçadoras.

Quando as Irmãs conhecessem sua capacidade Mentat, saberiam imediatamente que sua mente continha as memórias da existência de mais de um ghola. “O original não tinha esse talento.” Elas suspeitariam de que ele era um Kwisatz Haderach latente. Veja como racionavam sua melange. Estavam visivelmente aterrorizadas em repetir o erro que tinham cometido com Paul Atreides e seu filho Tirano. *Três mil e quinhentos anos de cativeiro.*

Mas lidar com Murbella exigia uma consciência Mentat. Iniciava cada encontro com ela sem esperar alcançar respostas, fosse no momento ou mais tarde. Era uma abordagem tipicamente Mentat: concentrar-se nas perguntas. Os Mentats acumulavam perguntas do mesmo modo que os outros acumulavam respostas. As perguntas criavam seus próprios padrões e sistemas. Isso produzia as mais importantes formas. Você olhava para seu universo através de padrões autocriados — todos compostos de imagens, palavras e rótulos (temporários), todos misturados em impulsos sensórios, que refletiam suas construções internas, do mesmo modo que a luz saltava das superfícies brilhantes.

O professor Mentat original de Idaho tinha formado as palavras temporárias para essa primeira tentativa de construção: — Observe os movimentos consistentes contra sua tela interna.

Desta primeira imersão hesitante nos poderes Mentat, Idaho pôde traçar o crescimento de uma sensibilidade a mudanças, em suas observações, sempre *tornando-se* Mentat.

Bellonda era sua prova mais severa. Ele tinha horror ao seu olhar penetrante e às suas perguntas cortantes. Mentat sondando Mentat. Recebia suas

investidas delicadamente, com reserva e paciência. “Bem, o que você está procurando?”

Como se ele não soubesse.

Usava a paciência como máscara. Mas o medo vinha naturalmente, e não havia mal nenhum em mostrá-lo. Bellonda não escondia seu desejo de vê-lo morto.

Idaho aceitava o fato de que logo as vigias veriam uma única fonte possível para as habilidades que ele era forçado a usar.

As habilidades reais de um Mentat estavam nessa *construção* mental que eles chamavam “a grande síntese”. Exigia uma paciência que os não-Mentats não podiam nem imaginar que fosse possível. As escolas Mentat a definiam como perseverança. Você era um rastreador primitivo, capaz de interpretar minúsculos sinais, pequenas perturbações no ambiente e de segui-las até onde elas o levassem. Ao mesmo tempo, permanecia aberto a amplos movimentos dentro e ao redor de si. Isso produzia a inocência, a postura Mentat básica, semelhante à dos Reveladores da Verdade, mas muito mais devastadora.

— Estamos abertos para o que quer que o universo faça — seu primeiro instrutor tinha dito. — Sua mente não é um computador; é um instrumento de respostas, regulado para qualquer coisa que seja mostrada pelos sentidos.

Idaho sempre reconhecia quando os sentidos de Bellonda estavam abertos. Ficava de pé, com o olhar levemente voltado para o interior, e ele sabia que poucos preconceitos habitavam sua mente. Sua defesa estava na falha básica de Bellonda: abrir os sentidos exigia um idealismo que lhe era desconhecido. Ela não fazia as melhores perguntas, e isso o intrigava. Odrade seria capaz de usar um Mentat com falhas? Isso não combinava com suas outras ações.

“Procuro as perguntas que formam as melhores imagens.”

Fazendo isso, você nunca pensava em si mesmo como inteligente, como a pessoa que tinha a fórmula para a solução. Você permanecia tão receptivo às novas perguntas como aos novos padrões. Testar, retestar, fazer e refazer. Um processo constante, nunca interrompido, nunca inteiramente satisfatório. Era sua própria pavana particular, semelhante àquela dos outros Mentats, mas levava sempre sua postura pessoal única e suas próprias etapas.

“Nunca se é realmente um Mentat. E por isso que nós o chamamos de *Meta Sem Fim.*” As palavras de seus professores estavam escritas a fogo em sua consciência.

À medida que ele acumulava observações sobre Bellonda, veio a valorizar o ponto de vista daqueles grandes Mestres Mentat que o tinham ensinado. As Reverendas Madres não dão os melhores Mentats.

Nenhuma Bene Gesserit pareceu capaz de libertar-se completamente do

vínculo absoluto que alcançava na Agonia da Especiaria: lealdade à sua Irmandade.

Seus professores o tinham advertido contra os absolutos. Eles criavam uma falha séria em um Mentat.

— Tudo que você faz, tudo que você percebe ou diz é experimentado. Não há dedução final. Nada tem fim, até a morte, e talvez nem mesmo aí, porque cada vida cria ondulações intermináveis. A indução salta interiormente, e você se torna sensível a ela. A dedução implica as ilusões dos absolutos. Estilhace a verdade a pontapés.

Quando as perguntas de Bellonda tocavam seu relacionamento com Murbella, ele percebia vagas respostas emocionais. "Divertimento? Ciúme?" Ele podia aceitar divertimento (e até ciúme) em relação às fortes exigências sexuais dessa dependência mútua. "Será que o êxtase é assim tão formidável?"

Ele vagava pelos aposentos nessa tarde, sentindo-se deslocado, como se ainda fosse novo aí e não os estivesse aceitando como sua casa. "É a voz da emoção."

Durante os anos de sua prisão, esses alojamentos tinham adquirido a aparência de uma habitação. Esta era a sua caverna, a antiga suíte de supercarga: grandes salas de paredes levemente curvas — quarto de dormir, biblioteca, escritório, sala de estar, banheiro de azulejos verdes com sistemas de limpeza seca e hidráulica, e um grande salão de prática, que ele compartilhava com Murbella, para os exercícios físicos.

Os aposentos tinham uma coleção única de artefatos e marcas da sua presença: a cadeira linga, colocada bem no ângulo de sua mesa de comando, e o projetor ligando-o aos sistemas da nave, os registros ridulianos na mesinha baixa. E havia as marcas da ocupação — aquela mancha escura na mesa de trabalho. Alimento derramado que tinha deixado sua marca indelével.

Dirigiu-se agitado para o quarto de dormir. A luz estava reduzida. Sua capacidade de identificar as coisas familiares aplicava-se também aos odores. Havia um cheiro de saliva na cama — o resíduo da colisão sexual da noite anterior.

"Essa era a palavra adequada: colisão."

O ar da não-nave — filtrado, reciclado e suavizado — frequentemente o aborrecia. Nenhuma saída dessa confusão para o exterior permanecia aberta por muito tempo. Às vezes, ele sentava-se silenciosamente, fungando, esperando um leve traço de ar que não tivesse sido ajustado às exigências da prisão.

"Há um modo de escapar!"

Saiu de seus alojamentos, desceu o corredor, tomou a calha de descida rápida no fim da passagem, e emergiu no nível inferior da nave.

“O que estará acontecendo realmente lá fora, nesse mundo a céu aberto?”

O pouco que Odrade lhe contava sobre os acontecimentos enchia-o de apreensão e dava-lhe o sentimento de ter caído numa armadilha. “Sem ter para onde correr! Estarei certo em compartilhar meus medos com Sheeana? Murbella simplesmente riu. — Protegerei você, amor. As Honradas Madres não me farão mal. — Outro sonho falso.”

“Mas Sheeana... Com que rapidez ela tinha entendido a linguagem das mãos e entrado no espírito de sua conspiração. Conspiração? Não... Duvido que alguma Reverenda Madre aja contra suas Irmãs. Até mesmo Lady Jessica voltou para elas no fim. Não peço a Sheeana que aja contra sua Irmandade, somente que nos proteja contra a loucura de Murbella.”

O imenso poder das caçadoras fazia com que só se pudesse prever a destruição. Um Mentat precisaria apenas olhar para sua violência destruidora. Elas também traziam algo mais, algo que tinha a ver com as questões da Dispersão, lá fora. O que eram esses Futares que Odrade mencionava tão casualmente? *Parte humanos, par te feras?* Essa tinha sido a suspeita de Lucilla. “E onde estava Lucilla?”

Num instante ele se achou no Grande Porão, o espaço de carga quilométrico, onde tinham transportado o último gigantesco verme da areia de Duna, trazendo-o para a Sede da Irmandade. A área ainda tinha o cheiro de especiaria e areia, enchendo sua mente com os tempos passados e os mortos longínquos. Sabia porque vinha com tanta frequência ao Grande Porão, às vezes até sem pensar, como agora. Ele o repelia e atraía, ao mesmo tempo. A ilusão de espaço ilimitado, com traços de poeira, areia e especiaria trazia-lhe a nostalgia de liberdades perdidas. Mas havia um outro lado. Era aqui que aquilo sempre lhe acontecia.

“O que acontecerá hoje?”

Sem nenhum aviso, o sentido de estar no Grande Porão se desfazia. Então... a rede vislumbrada vagamente num céu incandescente. Tinha consciência de que não “via” realmente uma rede, quando a visão aparecia. Sua mente interpretava o que os sentidos não podiam definir.

“Uma rede bruxuleante, ondulando como um infinito boreal.”

Então a rede se partia, e ele via duas pessoas — homem e mulher. Como pareciam comuns e, ao mesmo tempo, extraordinários. Uma avó e um avô em roupas antigas: macacão de peitilho para o homem e um longo vestido com um lenço de cabeça para a mulher. Trabalhando num jardim de flores. Pensou que seria mais uma ilusão. “Estou vendo isso, mas não é realmente o que vejo.”

Eles sempre o viam, no fim. Ouvia suas vozes: — Lá está ele, de novo, Marty — dizia o homem, chamando a atenção da mulher para Idaho.

— Fico pensando como ele pode ver, estando do outro lado? — Marty perguntou uma vez. — Parece impossível.

— Ele se expandiu numa camada muito fina, eu acho. Será que conhece o perigo?

“Perigo.” Essa era a palavra que sempre o arrancava da visão.

— Não está em sua mesa de comando, hoje?

Apenas por um instante, Idaho pensou que fosse a visão, a voz dessa mulher estranha, mas então compreendeu que era Odrade. Sua voz soou bem atrás de si. Ele rodopiou e viu que tinha esquecido de fechar o alçapão. Ela o tinha seguido até o Porão, espreitando-o silenciosamente, evitando a areia espalhada que poderia ter chiado sob seus pés e traído sua presença. Parecia cansada e impaciente. “Por que ela acha que eu estaria em minha mesa?”

Como se respondesse à pergunta não-formulada, ela disse: — Encontro-o em seu consolo tantas vezes, ultimamente. O que está procurando, Duncan?

Ele sacudiu a cabeça sem falar. “Por que me sinto em perigo de repente?”

Era um sentimento raro, na companhia de Odrade. Entretanto podia lembrar-se de outras ocasiões. Uma vez, quando ela tinha olhado fixamente para suas mãos no campo de sua mesa de comando. “Medo associado à minha mesa. Será que revelo minha fome Mentat de informações? Por acaso adivinham que foi lá que escondi meu eu secreto?”

— Não tenho nenhuma privacidade? — Irritação e ataque.

Ela sacudiu a cabeça devagar, como quem diz: — Você pode fazer melhor que isso.

— Esta é a sua segunda visita hoje — acusou.

— Devo dizer que está com boa aparência, Duncan. — Mais circunlóquios.

— É isso que suas vigias dizem?

— Não seja mesquinho. Vim bater um papo com Murbella. Ela disse que você estaria aqui embaixo.

— Acho que você sabe que Murbella está grávida novamente. — Odrade estaria tentando apaziguá-la?

— Pelo que estamos muito gratas. Vim dizer-lhe que Sheeana quer vê-lo novamente.

“Por que Odrade traria essa notícia?”

Suas palavras trouxeram-lhe imagens da menina abandonada de Duna, que se tornara uma completa Reverenda Madre (a mais jovem de todos os tempos, era o que diziam). Sheeana, sua confidente, lá fora observando o último verme da areia gigante. Teria ele se perpetuado, finalmente? Por que o interesse de Odrade pela visita de Sheeana?

— Sheeana quer discutir o Tirano com você. Viu a surpresa que isso produziu.

— O que eu poderia acrescentar ao conhecimento de Sheeana a respeito de Leto II? — interpelou. — Ela é uma Reverenda Madre.

— Você conheceu os Atreides intimamente. “Ahhh. Ela está caçando o Mentat.”

— Mas você disse que ela queria discutir Leto, e não é seguro pensar nele como Atreides.

— Oh, mas ele era. Tornado mais poderoso que qualquer outro antes dele, mas um de nós, de qualquer forma.

“Um de nós!” Queria lembrá-lo de que ela, também, era Atreides. Cobrando seu interminável débito com a família!

— Assim diz você.

— Não acha que deveríamos parar com esse jogo tolo?

Foi tomado de súbita cautela. Viu que ela percebia isso. Essa detestável sensibilidade das Reverendas Madres. Olhou-a fixamente, não ousando falar, mas sabendo que mesmo isso deixava transparecer mais do que desejava.

— Achamos que você se recorda de mais que uma existência de ghola. — E como ele não tivesse dado resposta: — Vamos, vamos, Duncan! Você é um Mentat?

Pelo modo como ela falou, tanto uma acusação como uma pergunta, ele soube que a dissimulação tinha acabado. Era quase um alívio.

— E se for?

— Os Tleilaxu misturaram as células de mais de um ghola Idaho, quando o criaram.

“Ghola Idaho!” Ele se recusava a pensar em si mesmo como essa abstração. — Por que Leto é, de repente, tão importante para você? — A resposta não representava uma fuga em admiti-lo.

— Nosso verme transformou-se em truta da areia.

— Elas estão crescendo e se propagando?

— Aparentemente.

— A menos que vocês as contenham ou as eliminem, a Sede da Irmandade poderá tornar-se um outro Duna.

— Você planejou isso, não?

— Leto e eu, juntos.

— Então você se lembra de muitas vidas. Fascinante. Isso faz de você uma pessoa semelhante a nós. — Como era firme o seu olhar!

— Muito diferente, eu acho. “Tenho de afastá-la dessa direção!”

— Você alcançou as lembranças durante seu primeiro encontro com

Murbella?

“Quem teria pensado nisso? Lucilla? Ela estava lá, e podia ter adivinhado, confiando suas suspeitas às Irmãs.” Ele tinha que esclarecer o assunto mortal.

— Não sou outro Kwisatz Haderach!

— Não é? — Objetividade estudada. Ela permitiu que isso se revelasse, uma crueldade, ele pensou.

— Você sabe que não! — Ele estava lutando pela vida, e sabia disso. Não tanto com Odrade, mas com as outras que vigiavam e examinavam os registros dos televigias.

— Conte-me a respeito de suas memórias em série. — Era uma ordem da Madre Superiora. Não havia como escapar.

— Conheço essas... vidas. É como se fosse uma única existência.

— Essa acumulação poderia ser muito valiosa para nós, Duncan. Você também se lembra dos tanques axlotl?

A pergunta enviou seu pensamento para as sondagens nebulosas que o fizeram imaginar coisas estranhas sobre os Tleilaxu — grandes elevações de carne humana suavemente visíveis aos olhos imperfeitos do recém-nascido, imagens nebulosas e desfocadas, quase-memórias da emersão pelos canais do nascimento. Como isso podia combinar com “tanques”?

— Scytale nos forneceu o conhecimento para fazermos nosso próprio sistema axlotl — Odrade disse.

Sistema? Palavra interessante. — Isso significa que vocês também duplicam a produção de especiaria Tleilaxu?

— Scytale pede mais do que estamos dispostas a lhe dar. Mas a especiaria virá a seu tempo, de um modo ou de outro.

Odrade ouviu-se falar firmemente e perguntou-se se ele perceberia a incerteza. “Pode ser que não tenhamos tempo de fazê-lo.”

— As Irmãs que vocês dispensaram estão em dificuldades — disse ele, dando-lhe uma pequena prova da consciência Mentat. — Vocês estão tirando do estoque para fornecer-lhes, e as reservas podem chegar ao fim.

— Elas têm nosso conhecimento axlotl e as trutas da areia.

A possibilidade de incontáveis Dunas sendo reproduzidos num universo infinito chocou-o a ponto de silenciá-lo.

— Elas tentarão resolver o problema do suprimento de melange com os tanques, com os vermes ou ambos — disse ela. Nisso podia ser sincera. Tratava-se de uma expectativa estatística. Um entre os grupos dispersos das Reverendas Madres deveria consegui-lo.

— Os tanques — disse ele. — Tenho... sonhos estranhos. — Quase tinha dito “preocupações”.

— E bem deveria. — Em poucas palavras, ela lhe contou como a carne da mulher era incorporada.

— Para fazer a especiaria também?

— Achamos que sim.

— Repugnante!

— Não seja imaturo — ela repreendeu.

Em tais momentos, ele a detestava intensamente. Uma vez ele a censurara pelo modo como as Reverendas Madres se retraíam da "corrente comum das emoções humanas", e ela tinha dado uma resposta idêntica.

"Imaturo?"

— E provavelmente sem remédio — ele disse. — Uma infeliz falha em meu caráter.

— Está pensando em debater moralidade comigo?

Ele pensou ter percebido irritação em sua voz. — Nem mesmo ética. Funcionamos sob normas diferentes.

— Normas são geralmente desculpas para se ignorar a compaixão.

— Será que estou ouvindo um longínquo eco de consciência numa Reverenda Madre?

— Deplorável. Minhas Irmãs me mandariam para o exílio se pensassem que eu era dirigida pela consciência.

— Você pode ser estimulada, não governada.

— Muito bem, Duncan. Gosto muito mais quando você é abertamente Mentat.

— Não confio em seu gosto.

Seu riso soou alto. — Como é parecido com Bell!

Ele fixou-lhe um olhar estúpido. Seu riso tinha-o mergulhado no conhecimento súbito do modo de escapar de suas carcereiras, livrar-se das constantes manipulações Bene Gesserit e viver sua própria vida. A saída não estava na maquinaria, mas nas falhas da Irmandade. Os absolutos pelos quais elas acreditavam tê-lo cercado e preso — aí estava a saída!

"E Sheeana sabe! Essa é a isca com que ela acena para mim."

Como Idaho não falasse, Odrade disse: — Conte-me sobre as outras vidas.

— Errado. Penso nelas como uma vida contínua.

— Sem mortes?

Ele respondeu de forma silenciosa. Memórias em série: as mortes eram tão informativas como as vidas. Morto tantas vezes pelo próprio Leto!

— As mortes não interrompem minhas memórias.

— Uma estranha forma de imortalidade — ela disse. — Você sabe que os Mestres Tleilaxu se divertiam, não sabe? Mas você — o que eles esperavam

conseguir, misturando vários gholas numa só carne?

— Pergunte a Scytale.

— Bell tinha certeza de que você era um Mentat. Ela ficará encantada.

— Acho que não.

— Providenciarei para que fique. Puxa! Tenho tantas perguntas, que não sei por onde começar. — Ela o estudou, com a mão esquerda sob o queixo.

“Perguntas?” Exigências Mentat fluíram na mente de Idaho. Deixou que as perguntas que tinha feito a si mesmo tantas vezes se movimentassem, formando padrões. “O que os Tleilaxu procuravam em mim?” Eles não podiam ter incluído células de todos os gholas nesta encarnação. Entretanto... ele tinha todas as memórias. Que elo cósmico acumulou todas essas vidas num único *self?*. Seria essa a pista para as visões que o tinham assaltado no Grande Porão? Meias memórias formaram-se em sua mente: seu corpo em fluido morno, alimentado por tubos, massageado por máquinas, sondado e questionado por observadores Tleilaxu. Sentiu respostas sussurrantes de eus semi-adormecidos. As palavras não tinham significado. Era como se estivesse ouvindo uma língua estrangeira de seus próprios lábios, mas ele sabia que era o Galach comum.

O alcance que reconhecia nas ações dos Tleilaxu enchia-o de medo e admiração. Eles investigavam um cosmo que ninguém tinha ousado tocar, a não ser as Bene Gesserit. O fato de terem sido movidos por razões egoístas não diminuía seus feitos. Os infindáveis renascimentos dos Mestres Tleilaxu eram uma recompensa digna dessa ousadia.

Dançarinos Faciais para copiar qualquer vida, qualquer mente. O âmbito do sonho Tleilaxu era tão espantoso quanto as façanhas das Bene Gesserit.

Scytale reconhece memórias dos tempos do Muad’Dib — disse Odrade. — Vocês poderiam trocar idéias, qualquer dia.

— Essa espécie de imortalidade é um instrumento de barganha — preveniu ele. — Ele poderia vendê-la para as Honradas Madres?

— É possível. Vamos. Vamos voltar a seus alojamentos.

No gabinete, Odrade fez um gesto para que ele ocupasse a cadeira em sua mesa de comando, e Idaho se perguntou se ela ainda estava atrás de seus segredos. Ela curvou-se sobre ele para manipular os controles. O projetor opaco produziu a cena de um deserto com o horizonte de dunas ondulantes.

— A Sede da Irmandade? — ela disse. — Uma larga faixa ao longo de nosso equador.

A excitação o tomou. — Trutas da areia, você disse. Mas há novos vermes?

— Sheeana espera-os em breve.

— Eles exigem uma grande quantidade de especiaria como catalisador.

— Nós investimos uma grande quantidade de melange lá fora. Leto lhe contou a respeito do catalisador, não foi? Que mais você se lembra dele?

— Ele me matou tantas vezes que é doloroso recordá-lo.

Ela tinha os registros de Dar-es-Balat sobre Duna, que confirmavam o fato. — Matou-o mesmo, eu sei. Jogou-o fora quando você não era mais útil?

— Às vezes eu correspondia às expectativas e tinha direito a uma morte natural.

— O Caminho Dourado valia a pena?

“Nós não entendemos seu Caminho Dourado nem as fermentações que o produziram.” Idaho reproduziu o pensamento como resposta a Odrade.

— Interessante escolha de palavras. Um Mentat pensa nas eras do Tirano como fermentações.

— Que estouraram na Dispersão.

— Levadas também pelos Tempos da Fome.

— Acha que ele não antecipou a Fome?

Ela não respondeu, silenciada pela perspectiva Mentat de Idaho.

“O Caminho Dourado: a humanidade irrompendo no universo... nunca mais confinada a um único planeta e suscetível de um único destino. Não mais todos os ovos na mesma cesta.”

— Leto pensava na humanidade como um único organismo — ele disse.

— Mas ele nos incluiu em seu sonho contra nossa vontade.

— Vocês, Atreides, sempre fazem isso.

“Vocês, Atreides!” — Então você já nos pagou seu débito?

— Eu não disse isso.

— Pode avaliar meu dilema atual, Mentat?

— Há quanto tempo as trutas da areia estão trabalhando?

— Mais que oito Anos Padrão.

— Com que rapidez o nosso deserto está se desenvolvendo?

“Nosso deserto! “Ela fez um gesto para a projeção.— É mais que o triplo do que era, antes das trutas da areia.

— Tão rápido!

— Sheeana espera ver pequenos vermes qualquer dia.

— Eles costumam não aparecer antes de atingir dois metros, mais ou menos.

— É o que ela diz.

Ele falou num tom pensativo: — Cada um como uma pérola da consciência de Leto em seu “sonho sem fim”.

— Foi o que ele disse, e ele nunca mentia sobre essas coisas.

— Suas mentiras eram mais sutis. Como as das Reverendas Madres.

— Você nos acusa de mentir?

— Por que Sheeana deseja me ver?

— Mentats! Vocês pensam que suas perguntas são respostas. — Odrade sacudiu a cabeça numa imitação de tristeza. — Ela deve aprender o máximo possível sobre o Tirano como o centro de adoração religiosa.

— Deuses das profundezas! Porquê?

— O culto de Sheeana se espalhou. Está em todo o Antigo Império e além, levado pelos sacerdotes sobreviventes de Rakis.

— De Duna — ele corrigiu. — Não pense nesse planeta como Arrakis ou Rakis. Anuvia a mente.

Ela aceitou sua correção. Ele estava totalmente Mentat agora, e Odrade esperou pacientemente.

— Sheeana falava com os vermes da areia em Duna — ele disse. — Eles respondiam. — Ele encarou seu olhar inquiridor. — De volta a seus velhos truques com a Missionária Protectiva, hein?

— O Tirano é conhecido como Dur e Guldur na Dispersão — disse ela, alimentando sua inocência Mentat.

— Você tem uma tarefa perigosa para ela. Ela sabe?

— Sabe, e você poderia torná-la menos perigosa.

— Então abra seu sistema de informação para mim.

— Sem limites? — Ela sabia o que Bell diria disso!

Ele assentiu, incapaz de se permitir a esperança de que ela concordasse. “Será que ela suspeita com que desespero eu desejo isso?” Havia uma dor no local onde ele mantinha seu conhecimento de como poderia escapar. “Ilimitado acesso à informação. Ela vai pensar que eu desejo a ilusão da liberdade.”

— Você será meu Mentat, Duncan?

— Que escolha eu tenho?

— Vou discutir seu pedido com o Conselho e lhe darei uma resposta. “A porta de saída estará aberta?”

— Devo pensar como uma Honrada Madre — ele disse, argumentando para os televigias e as vigilantes que examinariam seu pedido.

— Quem poderia fazê-lo melhor do que alguém que vive com Murbella? — Odrade perguntou.

11

A corrupção vale-se de infinitos disfarces.

— Thu-Zen Tleilaxu

“Elas não sabem o que penso nem o que sou capaz de fazer”, pensou Scytale. “Suas Reveladoras da Verdade não podem me penetrar.” Isso, pelo menos, ele havia salvo do desastre — a arte do engodo, aprendida com seus impecáveis Dançarinos Faciais.

Ele movimentava-se suavemente por sua área da não-nave, observando, catalogando, avaliando. Cada olhar seu pesava pessoas ou lugares através de uma mente treinada para procurar falhas.

Cada Mestre Tleilaxu soubera que algum dia Deus poderia dar-lhe uma tarefa para testar seu compromisso.

“Pois bem!” Esta era uma tarefa e tanto. As Bene Gesserit, que alegavam compartilhar sua Grande Crença, juravam falso. Eram impuras. Ele não tinha mais companheiros que o purificassem em seu retorno de lugares estranhos. Tinha sido atirado no universo powindah, feito prisioneiro pelas servas de Shaitan, caçado pelas prostitutas da Dispersão. Mas nenhum desses agentes do mal conhecia seus recursos. Nenhum deles suspeitava de como Deus o ajudaria nesta situação extrema.

“Eu me purifico, Deus!”

Quando as mulheres de Shaitan arrancaram-no das mãos das prostitutas, prometendo-lhe refúgio e “toda assistência”, ele as reconhecera como falsas.

“Quanto maior o teste, maior a minha fé.”

Há apenas alguns minutos ele tinha observado, através da tênue barreira, o passeio matinal de Duncan Idaho pelo longo corredor. O campo de força que os mantinha separados impedia a passagem ‘do som, mas Scytale via moverem-se os lábios de Idaho, e entendeu seu praguejar. “Pode amaldiçoar-me, ghola, mas nós o fizemos e ainda poderemos usá-lo.”

Deus tinha introduzido *um Acidente Sagrado* no plano dos Tleilaxu para este ghola, mas Deus sempre tinha desígnios mais amplos. O dever dos fiéis era encaixar-se nos planos de Deus, e não exigir que Ele seguisse os projetos humanos.

Scytale submeteu-se ao teste, renovando sua sagrada promessa. Isso foi feito sem palavras, no antigo método Bene Tleilax do “s’tori”. — Para se atingir o “s’tori”, não é necessário compreender. Ele existe sem palavras, até mesmo sem um nome.

A mágica de seu Deus era sua única ponte. Scytale sentia isso profundamente. Como o mais jovem Mestre do mais alto kehl, ele soubera, desde o início, que seria escolhido para este trabalho supremo. Esse conhecimento era uma de suas forças, e ele via isso toda vez que se olhava no espelho. “Deus concebeu-me para enganar os powindah!” Sua aparência delgada e infantil era formada de uma pele cinzenta, cujos pigmentos metálicos bloqueavam a ação perscrutadora das sondas. Sua forma diminuta confundia as pessoas que o viam, e ocultava os poderes acumulados em uma série de encarnações ghola. Somente as Bene Gesserit eram portadoras de memórias mais antigas, mas ele sabia que o mal as conduzia.

Scytale esfregou o peito, lembrando-se do segredo ali escondido, com tal habilidade que nem mesmo uma cicatriz era visível no local. Todos os Mestres carregavam esse recurso — cápsula de nulentropia preservando as células-sementes de uma multidão: Mestres companheiros do kehl central, Dançarinos Faciais, técnicos e outros, que seriam de grande atrativo para as mulheres de Shaitan... e para muitos powindah fracos! Paul Atreides e sua amada Chani estavam lá. (Oh, como tinha sido difícil revistar as roupas dos mortos para encontrar células esparsas!) O Duncan Idaho original estava lá com outros servidores dos Atreides — os Mentats Thufir Hawat, Gurney Halleck, o Fremen Naib Stilgar... criados potenciais em número suficiente para povoar o universo dos Tleilaxu.

O prêmio dos prêmios, no tubo de nulentropia, eram aqueles que ele ambicionava trazer à existência, e cuja mera lembrança fazia-o perder o fôlego: Dançarinos Faciais perfeitos! Perfeitos imitadores. Registros perfeitos da persona da vítima. Capazes de enganar até mesmo as bruxas Bene Gesserit. Nem o shere podia impedi-los de capturar a mente de outrem.

Considerava o tubo como seu máximo poder de barganha. Ninguém devia ter conhecimento dele. Por enquanto, Scytale catalogava falhas.

Estava encantado com a quantidade de lacunas existentes na defesa da não-nave. Em suas múltiplas vidas ele tinha colecionado talentos, do mesmo modo que outros Mestres, seus companheiros, colecionavam futilidades interessantes. Era sempre considerado sério demais, mas agora encontrara o tempo e o lugar para a vingança.

O estudo das Bene Gesserit sempre o atraíra. E através dos tempos, tinha adquirido um cabedal de conhecimentos sobre elas. Sabia que havia mitos e

informações distorcidas, mas a fé nos propósitos de Deus davam-lhe certeza de que sua perspectiva pessoal serviria à Grande Crença, não obstante os rigores da Sagrada Prova.

Parte de seu catálogo sobre as Bene Gesserit, ele denominava “Peculiaridades”, em função da frequente observação: — Isso é uma peculiaridade delas!

As “peculiaridades” o fascinavam.

Era uma peculiaridade delas tolerar, nos outros, o comportamento grosseiro, que não fosse ameaçador, uma atitude que elas não aceitariam em si mesmas. “Os padrões Bene Gesserit são mais elevados.” Scytale tinha ouvido isso até mesmo por parte de antigos companheiros já falecidos.

— Temos o dom de ver a nós mesmas como os outros nos vêem — Odrade disse uma vez.

Scytale incluiu a observação entre as “peculiaridades”, mas as palavras de Odrade não estavam de acordo com a Grande Crença. Somente Deus via seu “eu” mais profundo. A ostentação de Odrade soava como arrogância.

— Elas não dizem mentiras ocasionais. A verdade lhes é mais conveniente.

Ele, muitas vezes, questionou-se sobre isso. A própria Madre Superiora citava-o como uma regra da Bene Gesserit. Ainda havia o fato de que as bruxas pareciam ter uma perspectiva cínica da verdade. Ela ousava alegar que era Zensunni. “Que verdade? De quem? Modificada de que modo? Em que contexto?”

Ambos tinham se reunido na tarde anterior, em seus aposentos na não-nave. Ele pedira “uma troca de idéias sobre problemas mútuos”, seu eufemismo para negociação. Estavam sozinhos, anão ser pelos televigias e pelas idas e vindas das vigilantes Irmãs.

Seus aposentos eram bastante confortáveis: três salas com paredes de plaz num verde repousante, uma cama macia, cadeiras adaptadas para seu tamanho reduzido.

Esta era uma não-nave ixiana, e ele tinha certeza de que suas carcereiras não suspeitavam o quanto ele sabia a seu respeito. “Tanto quanto os Ixianos.” Máquinas ixianas em toda parte, mas nenhum Ixiano à vista. Ele duvidava que houvesse um único deles na Sede da Irmandade. As bruxas eram famosas por cuidarem, elas próprias, da manutenção.

Odrade movia-se e falava suavemente, observando-o com cuidado. “Elas não são impulsivas.” Era o que geralmente se ouvia.

Fez perguntas sobre seu conforto, e pareceu preocupada com ele.

Ele olhou rapidamente à volta da sala de estar.

— Não vejo Ixianos por aqui.

Odrade franziu os lábios com desagrado.

— Foi para isso que você solicitou uma conversa?

“Naturalmente que não, bruxa! Estou simplesmente praticando minhas artes de distração. Você não esperaria que eu mencionasse coisas que quisesse esconder. Então por que eu iria chamar sua atenção sobre os Ixianos, quando sei que é improvável que haja perigosos intrusos soltos em seu malfadado planeta? Ahhh, a tão louvada ligação que nós, os Tleilaxu, mantivemos com os Ixianos por tanto tempo. Vocês sabem disso! Vocês puniram os Ix memoravelmente, mais de uma vez.”

Os tecnocratas de Ix poderiam hesitar em irritar as Bene Gesserit, pensou ele, mas seriam extremamente cuidadosos em não provocar a ira das Honradas Madres. A presença dessa não-nave indicava um comércio secreto, mas o preço deve ter sido enorme, e os circunlóquios, excepcionais. Detestáveis essas prostitutas da Dispersão. Elas próprias poderiam precisar dos Ix, pensou ele. E estes poderiam desafiar secretamente as prostitutas, para fazerem acordos com as Bene Gesserit. Mas os limites eram apertados, e havia muitas oportunidades de traição.

Esses pensamentos o confortavam, enquanto negociava. Odrade, de humor instável, perturbou-o várias vezes com silêncios, durante os quais ela fixava-lhe o olhar naquele inquietante jeito Bene Gesserit.

O que estava em jogo era muito — nada menos que a sobrevivência para cada um deles, e sempre em questão essa coisa sutil: ascendência, controle do universo humano, perpetuação de seus próprios métodos, como o padrão dominante.

“Dê-me uma pequena abertura que eu possa expandir”, pensou Scytale. “Dê-me meus próprios Dançarinos Faciais. Meus criados, que cumpram minhas ordens diretamente.”

— É pouca coisa que tenho a pedir — disse. — Procuro meu conforto pessoal, meus próprios criados.

Odrade continuou a olhá-lo fixamente, na maneira ponderada das Bene Gesserit que parecia sempre tirar uma a uma todas as máscaras e ver profundamente dentro do outro.

“Mas tenho máscaras que você não penetrou.”

Podia perceber que ela o achava repulsivo — o modo como seu olhar detinha-se sequencialmente em cada uma de suas feições. Sabia o que ela estava pensando. “Uma figura de elfo, com uma face estreita e olhos travessos. Bico-de-viúva.” Seu olhar desceu um pouco mais: “Boca pequena, com dentes aguçados e caninos pontudos.”

Scytale sabia que era uma figura saída das mais perigosas e inquietantes mitologias da humanidade. Odrade estaria se perguntando: “Por que os Bene Tleilaxu escolheram esta aparência física específica, quando seu controle de genética poderia proporcionar-lhes um aspecto mais imponente?”

Pela simples razão que isso a perturba, vil powindah!

Pensou imediatamente em outra “peculiaridade”: — As Bene Gesserit raramente semeiam a maldade.

Scytale tinha visto a consequência suja de muitas ações Bene Gesserit. “Veja o que aconteceu em Duna! Reduzido a cinzas porque vocês, mulheres de Shaitan, escolheram o solo sagrado para desafiar as prostitutas. Até mesmo os espectros de nosso Profeta elas levaram como prêmio. Todos mortos!”

E ele mal ousava contemplar suas próprias perdas. Nenhum planeta Tleilaxu tinha escapado ao destino de Duna. “As Bene Gesserit causaram isso!” E ele tinha de suportar sua tolerância — um refugiado que contava apenas com Deus para dar-lhe forças.

Ele perguntou a Odrade sobre a maldade semeada èm Duna.

— Você só a encontra quando estamos *in extremis.*

— É por isso que atraíram a violência das prostitutas? Ela recusou-se a discutir isso.

Um dos falecidos companheiros de Scytale tinha dito: — As Bene Gesserit andam em linha reta. Você pode achá-las complexas, mas quando se olha atentamente, seu método se simplifica.

Esse companheiro e todos os outros tinham sido massacrados pelas prostitutas. Sua única sobrevivência jazia nas células da cápsula de nulentropia. Era tudo o que restava da sabedoria de um Mestre morto!

Odrade queria mais informação técnica sobre os tanques de axlotl. Ohhh, como ela ordenava bem suas perguntas!

Negociavam a sobrevivência, e cada partícula tinha um grande peso. O que recebera por seus pequenos e dosados fragmentos de informações sobre os tanques axlotl? Odrade levava-o para fora da nave ocasionalmente agora. Mas, tanto quanto a nave, o planeta inteiro era uma prisão para ele. Aonde poderia ir, sem que as bruxas o encontrassem?

O que elas estariam fazendo com seus próprios tanques axlotl? Ele não estava certo nem mesmo quanto a isso. As bruxas mentiam com tal facilidade!

Seria errado fornecer-lhes conhecimento, ainda que limitado? Compreendia agora que tinha lhes dado muito mais que os simples detalhes biotécnicos aos quais ele se restringira. Elas definitivamente concluíram como os Mestres tinham criado uma imortalidade limitada — sempre um substituto de ghola sendo desenvolvido nos tanques. Isso, também, estava perdido! Ele

desejava gritar-lhe todas essas coisas em sua raiva frustrada.

“Perguntas... perguntas óbvias.”

Ele desviava-se de suas perguntas com prolixos argumentos sobre “minha necessidade de Dançarinos Faciais como criados, e minha própria mesa de controle do sistema da nave”.

Odrade permanecia ardilosamente inflexível, tentando obter mais conhecimentos sobre os tanques. — A informação para produzir melange a partir dos tanques poderia levar-nos a ser mais liberais com nossos hóspedes.

“Nossos tanques! Nossos hóspedes!”

Essas mulheres eram como uma parede de plasteel. Não haveria tanques para seu uso pessoal, pensou Scytale. ‘Todo o poder dos Tleilaxu perdido.” Era um pensamento cheio de pesarosa autopiedade. Recobrou-se, entretanto, com a idéia de que Deus o estava testando em seus recursos. “Elas pensam que me têm preso numa armadilha.” Mas as restrições lhe doíam. Se a possibilidade de Dançarinos Faciais como criados estava afastada, muito bem. Ele teria outros criados. Não Dançarinos Faciais.

Scytale sentia a mais profunda angústia de suas muitas vidas quando pensava em seus Dançarinos Faciais perdidos — seus escravos mutáveis. “Malditas sejam essas mulheres e sua pretensão de que compartilham a Grande Crença! Acólitas e Reverendas Madres onipresentes, sempre bisbilhotando por toda parte. Espiãs! E televigias aonde quer que se fosse. Opressivo.”

Logo que chegara à Sede da Irmandade, tinha percebido uma certa reserva em suas carcereiras, uma privacidade que se tornou intensa quando ele começou a investigar o trabalho da ordem. Mais tarde, reconheceu essa atitude como um círculo fechado, no qual elas se reuniam para enfrentar qualquer tipo de ameaça externa. “O que é nosso, é nosso. Você não pode entrar!”

Ele via nisso uma postura parental, uma perspectiva materna da humanidade: — Comportem-se, ou nós os puniremos! — E as punições Bene Gesserit eram certamente algo a ser evitado.

Enquanto Odrade continuava a exigir mais do que ele estava disposto a fornecer, Scytale fixou a atenção numa “peculiaridade” que lhe parecia, sem nenhuma dúvida, verdadeira: “Elas não podem amar.” Com o que era forçado a concordar. Nem amor nem ódio eram puramente racionais. Ele pensava nessas emoções como uma fonte escura, ensombrecendo tudo ao redor, um jorro primitivo que se espargia sobre seres humanos desavisados.

“Como fala essa mulher!” Ele a observava, sem ouvi-la propriamente. Quais eram as falhas das Bene Gesserit? Seria uma fraqueza o fato de evitarem a música? Quem sabe teriam medo de seu efeito secreto sobre as emoções? A aversão parecia ser fortemente condicionada, mas os condicionamentos nem

sempre tinham sucesso. Em suas muitas vidas ele notara que as bruxas pareciam gostar de música. Quando perguntou a Odrade, ela se tornou bastante veemente, e ele suspeitou que fosse uma demonstração deliberada para iludi-lo.

— Não podemos nos permitir distrações!

— Vocês nunca repetem grandes desempenhos musicais na memória? Disseram-me que antigamente...

— De que serve a música executada em instrumentos que não são mais conhecidos pela maioria das pessoas?

— Hein? Que instrumentos são esses?

— Onde se encontraria um piano? “Ainda essa falsa irritação.” — Instrumentos terríveis de se afinar e ainda mais difíceis de tocar.

“Que beleza de protesto.” — Nunca ouvi falar desse... desse... piano, foi o que disse? É como o baliset?

— Primos distantes. Mas poderia somente ser afinado numa tonalidade aproximada. Uma idiossincrasia do instrumento.

— Por que você citou em especial esse... esse piano?

— Porque às vezes acho uma pena que não o tenhamos mais. Produzir perfeição a partir da imperfeição é, afinal de contas, a mais alta forma de. arte.

“Perfeição a partir da imperfeição!” Ela estava procurando distraí-lo com palavras zensunni, alimentando a ilusão de que essas bruxas compartilhavam sua Grande Crença. Ele tinha sido prevenido muitas vezes a respeito dessa característica da negociação com as Bene Gesserit. Elas se aproximavam de tudo através de um ângulo oblíquo, revelando somente no último instante o que realmente queriam. Mas sabia o que estavam querendo desta vez. Odrade desejava todo o seu conhecimento e procurava não pagar nada. Mesmo assim, como eram tentadoras suas palavras.

Scytale sentiu um profundo cansaço. Suas palavras encaixavam-se tão bem na alegação de que as Bene Gesserit apenas procuravam aperfeiçoar a sociedade humana. Então ela pensava que podia ensiná-lo! Outra “peculiaridade”: — Elas se vêem coma professoras.

Quando ele expressou dúvida sobre essa alegação, ela disse: — Naturalmente nós criamos pressões nas sociedades sob nossa influência. Fazemos isso para que possamos dirigir essas pressões.

— Acho isso contraditório — queixou-se ele.

— Ora, Mestre Scytale! É um padrão muito comum. Os governos geralmente fazem isso para produzir violência contra alvos escolhidos. Vocês mesmos o fizeram! E veja aonde isso os levou.

Então ela ousa dizer que os Tleilaxu é que atraíram esta calamidade sobre si!

— Nós seguimos a lição do Grande Mensageiro — disse ela, reproduzindo, em islamiyat, as palavras do Profeta Leto II. Elas soaram estranhas em seus lábios, mas ele foi tomado de surpresa. Ela sabia como todos os Tleilaxu veneravam o Profeta.

"Mas já ouvi essas mulheres chamarem-no de Tirano!" Ainda falando o islamiyat, ela interpelou: — Não era sua meta afastar a violência, produzindo uma lição valiosa para todos? "Ela brinca a respeito da Grande Crença?"

— É por isso que nós o aceitamos — disse. — Ele não seguia nossas regras, mas agia em função de nossa meta.

Odrade ousava dizer que "ela" aceitava o Profeta!

Não a desafiou, embora a provocação fosse grande. Uma coisa delicada, essa visão de uma Reverenda Madre sobre si mesma e seu comportamento. Suspeitava que elas reajustavam constantemente essa perspectiva, nunca a deixando ir longe demais, em nenhuma direção. Nem amor-próprio, nem ódio a si mesmas. Confiança, sim. Uma confiança insana. Mas isso não exigia nem ódio nem amor. Apenas uma cabeça fria, todo julgamento pronto a ser corrigido, exatamente como ela dizia. Raramente se faziam elogios. "Um trabalho bem-feito? Bem, que mais você esperava?"

— O treinamento Bene Gesserit fortalece o caráter. — Essa era a peculiaridade mais conhecida na Sabedoria Popular.

Tentou iniciar uma discussão com ela sobre isso. — As Honradas Madres não têm o mesmo tipo de condicionamento? Veja Murbella!

— Generalidades — é isso o que quer, Scytale? "Haveria um tom divertido em suas palavras?"

— Uma colisão entre dois sistemas de condicionamento. Não seria essa uma boa forma de examinar esse confronto? — aventurou-se ele.

— E o mais poderoso sairá vencedor, naturalmente. — Seu desprezo era evidente!

— Não é assim que funciona sempre? — A irritação não estava muito controlada.

— Deve uma Bene Gesserit lembrar a um Tleilaxu que as sutilezas são um outro tipo de arma? Vocês não praticam formas de enganar? Uma fraqueza simulada, para desviar a atenção dos inimigos e levá-los a ciladas? Vulnerabilidades podem ser criadas.

"Naturalmente! Ela sabe que os Tleilaxu têm exercido a mentira por muitas eras, criando uma imagem de tolices absurdas."

— Então é assim que vocês esperam lidar com nossos inimigos?

— Pretendemos puni-los, Scytale. Que determinação implacável!

Coisas recentes aprendidas sobre as Bene Gesserit encheram-no de

receios.

Odrade, levando-o para uma caminhada bem protegida, no frio inverno fora da nave (instrutoras corpulentas a apenas um passo atrás), parou, a fim de observar uma pequena procissão que vinha da Central. Cinco mulheres Bene Gesserit, duas delas acólitas, reconhecidas por seus trajes debruados de branco, e outras três em vestes inteiramente cinzentas, que ele ainda não conhecia. Conduziam uma carreta para um dos pomares. Soprava um vento frígido, arrancando folhas secas de seus galhos escuros. A carreta levava um fardo envolto numa mortalha branca. Um corpo? Parecia, pelo formato.

Interrogada, Odrade brindou-o com um relato das práticas funerárias das Bene Gesserit.

Quando havia um corpo para ser enterrado, isso era feito com a presteza casual que ele testemunhava agora. Nenhuma Reverenda Madre jamais teve um obituário, ou desejou rituais prolongados. Sua memória não viveria através de suas Irmãs?

Começou a argumentar que isso era irreverente, mas ela o cortou.

— Dado o fenômeno da morte, todas as ligações na vida são temporárias. Nós modificamos isso, de algum modo, na Outra Memória. Vocês fizeram algo semelhante, Scytale. E nós incorporamos algumas de suas capacidades a nossas caixas de truques. Oh, sim. Essa é a forma como consideramos esse conhecimento. Ele simplesmente modifica o padrão.

— Uma prática irreverente!

— Não há nada de irreverente nisso. Elas vão para a terra, onde, pelo menos, podem tornar-se fertilizante. — E ela continuou a descrever a cena sem lhe dar oportunidade de mais protestos.

Seguiam essa rotina que ele via agora. Uma grande escavadora mecânica, levada para o pomar, abriu um fosso adequado na terra. O cadáver, envolto no tecido barato, foi sepultado verticalmente, e plantaram uma árvore em cima. Os pomares eram dispostos em forma de grade, com um cenotáfio num canto, onde se registravam os locais dos sepultamentos. Viu o monumento fúnebre quando ela o apontou, uma forma verde e quadrada de uns três metros de altura.

— Acho que o corpo está sendo sepultado mais ou menos no 21-C — ela disse, observando a escavadora trabalhando enquanto o grupo esperava, encostado na carreta. — Esse vai fertilizar uma macieira. — Parecia perversamente feliz.

Enquanto observavam a retirada da máquina e a inclinação da carreta para fazer o corpo escorregar para dentro do buraco, Odrade começou a cantarolar.

Scytale estava surpreso. — Você disse que as Bene Gesserit evitavam a música.

— E somente uma velha canção.

As Bene Gesserit permaneciam um enigma e, mais do que nunca, ele percebeu a fragilidade das "peculiaridades". Como se podia negociar com pessoas cujos padrões não seguiam um caminho aceitável? Bastava pensar que as entendia, e elas viravam-se numa outra direção. "Elas não tinham peculiaridades!" A tentativa de entendê-las despedaçava seu sentido de ordem. Tinha certeza de que não recebera nada de Concreto nessa barganha. Um pouco mais de liberdade que, na realidade, era ilusão de liberdade. Nada do que ele realmente queria lhe era dado por essa bruxa impassível! Era uma tortura tentar dar sentido ao que ele conhecia das Bene Gesserit. Havia, por exemplo, a alegação de que elas prescindiam de sistemas burocráticos e manutenção de registros. A não ser pelos Arquivos de Bellonda, naturalmente, mas cada vez que ele os mencionava, Odrade dizia: — Que os céus nos protejam! — Ou algo semelhante.

— Como vocês se mantêm sem funcionários nem registros? — ele perguntava agora. Estava profundamente intrigado.

— Quando é preciso fazer uma coisa, nós a fazemos. Sepultar uma Irmã? — Ela apontou para a cena do pomar, onde se usavam as pás e a terra era socada sobre a sepultura.

— É assim que as coisas são feitas, e há sempre alguém por perto que é responsável por elas. Cada um sabe de si.

— Quem... quem é responsável por este insalubre...?

— Não é insalubre! É parte de nossa educação. As Irmãs fracassadas geralmente fazem a supervisão. Quem faz o trabalho são as acólitas.

— Elas não... quero dizer, não é desagradável para elas? Irmãs fracassadas, você disse. E acólitas. Isso parece mais uma punição do que...;

— Punição! Ora, vamos, Scytale. Sempre a mesma cantilena. É só o que sabe dizer? — Ela apontou para o grupo funerário. — Depois do período de aprendizado, todo o nosso pessoal aceita seus trabalhos com boa vontade.

— Mas não há... ahhh, burocracia...

— Não somos tolas!

Novamente, ele não entendeu, mas ela respondeu à sua muda perplexidade.

— Com certeza você sabe que as burocracias tornam-se aristocracias vorazes, após atingirem o poder de comando.

Ele teve dificuldade em perceber seu ponto. Aonde ela quereria levá-lo?

Como ele permaneceu silencioso, ela disse: — As Honradas Madres têm todas as marcas da burocracia. Ministra disto, Grande Honrada Mãe daquilo,

algumas posições de poder e um grande número de funcionárias abaixo. Já estão repletas de apetites imaturos. Como predadores vorazes, elas não se detêm no modo como exterminam a presa. Uma estreita relação: reduza o número daqueles de quem você se alimenta e fará sua própria estrutura despedaçar-se.

Ele achou difícil acreditar que as bruxas realmente vissem as Honradas Mães desse jeito, e o dissessem.

— Se você sobreviver, Scytale, verá minhas palavras concretizadas. Grandes gritos de raiva dessas mulheres irracionais diante da necessidade de diminuir. Muito esforço novo para extorquir o máximo de cada presa. Capturem mais! Espremam-nas ainda mais! Isso significará extermínio mais rápido, apenas. Idaho diz que elas já estão no estágio de fenecimento.

“O ghola diz isso? Então ela o estava usando como Mentat!” — De onde vocês tiraram essas idéias? Com certeza elas não vêm do seu ghola. — “Continuem pensando que ele é seu!”

— Ele simplesmente confirmou nossa suposição. Um exemplo da Outra Memória nos alertou.

— Oh! — Essa coisa de Outra Memória o incomodava. Estariam elas falando a verdade? Recordações de suas próprias múltiplas vidas eram de enorme valor. Ele pediu confirmação.

— Nós nos lembramos da relação entre um animal chamado coelho-da-neve e um gato predatório com o nome de lince. A população dos linces multiplicava-se para perseguir a população dos coelhos, e então a superalimentação reduziu os predadores a tempos de fome e uma severa e gradual supressão.

— Um termo interessante, supressão.

— Descreve bem o que desejamos para as Honradas Madres. Quando seu encontro terminou (sem nenhum ganho para ele), Scytale achava-se mais confuso que nunca. Era esse o verdadeiro intento dessas mulheres? Maldita bruxa! Ele não conseguia ter certeza de nada do que ela dissera.

Quando retornou a seus aposentos na não-nave, Scytale ficou por um longo tempo olhando, através da barreira, para o comprido corredor onde Idaho e Murbella às vezes passavam, a caminho da sala de exercícios, que ele imaginava ser uma larga porta lá embaixo. Sempre saíam de lá suando e respirando fortemente.

Nenhum de seus colegas prisioneiros apareceu, embora ele tivesse se demorado no local por mais de uma hora.

“Ela usa o ghola como Mentat! Isso quer dizer que ele deve ter acesso à mesa de comando do sistema da nave. Com toda a certeza, ela não privaria seu Mentat dessas informações. Tenho que dar algum jeito de conseguir que nos

encontremos a sós, esse ghola e eu. Sempre há a linguagem sibilante que imprimimos em todos os gholas. Não devo parecer ansioso demais. Uma pequena concessão na barganha, talvez. Uma reclamação de que meus alojamentos são acanhados. Eles podem ver como me desgasto na prisão.”

12

A educação não é substituto para a inteligência. Essa ilusória qualidade define-se apenas parcialmente pela capacidade de resolver enigmas. A definição verdadeiramente se realiza na criação de novos problemas — reflexos do que transmitem os sentidos.

— Texto Mentat Um (dicto)

Eles conduziram Lucilla para ser introduzida à presença da Grande Honrada Madre numa jaula tubular — uma jaula dentro de outra. Uma rede de shigafio confinava-a ao centro da coisa.

— Eu sou a Grande Honrada Madre — cumprimentou-a a mulher na pesada cadeira negra. "Mulher pequena, malha colante vermelho-dourado." — A jaula é para protegê-la, caso se lembre de usar a Voz. Nós somos imunes, e essa imunidade toma a forma de um reflexo que mata. Uma boa quantidade de suas Irmãs tem morrido dessa forma. Conhecemos a Voz e a usamos. Lembre-se disso quando eu soltá-la da jaula. Acenou para dispersar os criados que a tinham trazido. — Vão! Vão!

Lucilla olhou à volta da sala. Sem janelas. Quase quadrada. Iluminada por alguns globos luminosos prateados. Paredes verde-ácido. Um cenário típico de interrogatório. Era em algum lugar alto. Eles tinham trazido sua jaula em um nultubo pouco antes do amanhecer.

Um painel atrás da Grande Honrada Madre afastou-se para o lado com um estalido e uma jaula menor deslizou para dentro do aposento sobre um mecanismo oculto. Essa jaula era quadrada, e nela erguia-se o que ela pensou a princípio ser um homem despido, até que ele se voltou e olhou para ela.

"Futar!" Tinha uma face larga e os caninos à mostra.

— Cocar costas — disse o Futar.

Sim, querido, eu cocarei suas costas depois.

Quer comer — disse o Futar, que lançou um olhar penetrante a Lucilla.

Mais tarde, querido.

O Futar continuou a estudar Lucilla. — Você, Treinador? — perguntou.

— Naturalmente que ela não é uma Treinadora!

— Quer comer — ele insistiu.

— Mais tarde, eu disse! Por enquanto, sente aí e faça um ronrom para mim.

O Futar agachou-se em sua jaula, e um som retumbante saiu de sua garganta.

— Eles não são uma graça, quando ronronam? — A Grande Honrada Madre obviamente não esperava uma resposta.

A presença do Futar intrigou Lucilla. Ao que se sabia, essas coisas deviam caçar e matar as Honradas Madres. Entretanto, esse estava enjaulado.

— Onde o capturou? — Lucilla perguntou.

— Em Gammu — Ela não percebeu o que tinha revelado.

"E aqui é o Entroncamento", Lucilla pensou. Ela o tinha reconhecido pela barcaça espacial na noite anterior.

O Futar parou de ronronar.

— Comer — resmungou.

Lucilla gostaria de comer alguma coisa. Eles não a tinham alimentado durante três dias e ela era forçada a suprimir as pontadas de fome. Pequenos goles de água de um garrafão deixado na jaula ajudavam, mas ele estava quase vazio. As criadas que o tinham trazido riram de seu pedido de comida.

— Os Futares gostam de carne magra!

Era a falta de melange que a incomodava mais. Começara a sentir as primeiras dores da retirada essa manhã.

"Logo terei de matar-me."

A tribo de Lâmpadas suplicou-lhe que resistisse. "Seja corajosa. Que será de nós se a Reverenda Madre selvagem nos falhar?"

"Rainha Aranha. É assim que Odrade chama essa mulher."

A Grande Honrada Madre continuou a estudá-la, com a mão no queixo. Era um queixo fraco. Numa face sem traços positivos, o negativo atraía o olhar.

— Vocês perderão no fim, sabe disso — falou a terrível mulher.

— Assobiando no escuro — disse Lucilla, e então teve que explicar a expressão.

A Grande Honrada Madre demonstrou um interesse polido. "Que interessante."

— Qualquer uma de minhas assistentes a teria matado imediatamente por ter dito isso. Esta é uma das razões pela qual estamos sozinhas. Fico curiosa em saber por que você diria tal coisa.

Lucilla lançou um olhar para o Futar agachado. — Os Futares não acontecem do dia para a noite. São criados geneticamente a partir de reprodutores selvagens, com um único propósito.

— Cuidado! — Os olhos da Grande Honrada Madre lançavam chamas

laranja.

— Gerações de desenvolvimento entraram na criação dos Futares — disse Lucilla.

— Nós os caçamos para o nosso prazer.

— E o caçador se torna a caça.

A Grande Honrada Madre ficou de pé num pulo, os olhos completamente laranja. O Futar agitou-se e começou a choramingar. Isso acalmou a mulher. Devagar, ela voltou a sentar-se. Gesticulou com uma das mãos para o Futar enjaulado. — Está bem, querido. Logo você comerá e eu cocarei suas costas.

O Futar parou de ronronar.

— Então você pensa que viemos para cá como refugiadas. Sim. Não o negue.

— Os vermes quase sempre voltam — Lucilla disse.

— Vermes? Você se refere àquelas monstruosidades que destruímos em Rakis?

Era tentador espicaçar esta Honrada Madre e despertar sua reação dramática. Se ela fosse suficientemente amedrontada, com certeza poderia matar.

“Por favor, Irmã!” — Suplicava a tribo de Lâmpadas. — “Resista.” “Pensam que posso fugir deste lugar?” Isso as silenciou, a não ser por um débil protesto. “Lembre-se! Nós somos como a antiga boneca, que caía sete vezes e erguia-se oito.” Veio-lhe a imagem embaladora de uma pequena boneca vermelha, rosto com um sorriso de Buda e as mãos cruzadas sobre a grande barriga.

— Você está obviamente se referindo aos espectros do Deus-Imperador — disse Lucilla. — Eu tinha outra coisa em mente.

A Grande Honrada Madre levou um certo tempo considerando a observação. O laranja foi desaparecendo de seus olhos.

“Ela está brincando comigo”, Lucilla pensou. “Pretende matar-me e dar-me de comer ao seu bichinho de estimação.”

“Mas pense na informação tática que você poderia fornecer se escapássemos!”

“Nós!” Mas não havia intenção de evitar a exatidão de tal protesto. Elas tinham trazido sua jaula da barcaça quando ainda era dia. O acesso ao covil da Rainha Aranha era bem planejado em termos de dificultar a aproximação, mas o planejamento divertia Lucilla. Planos muito antigos, fora de moda. Locais estreitos nas vias de chegada, com torres de observação projetando-se do solo como cogumelos de um cinza opaco, aparecendo em lugares apropriados em seu micélio. Curvas fechadas em pontos críticos. Nenhum veículo terrestre poderia lidar com essas curvas em alta velocidade. Havia uma referência a isso na crítica

de Teg ao Entroncamento, lembrou-se. Defesas sem sentido. Bastava que se trouxesse equipamento pesado, ou que se atravessassem essas instalações grosseiras de outro modo, e tudo estaria isolado. Ligados subterraneamente, é lógico, mas isso podia ser destruído por explosivos. Era só ligá-los, cortar a conexão com a fonte, e eles cairiam pouco a pouco. "Sem a preciosa energia correndo pelos tubos, idiotas!" Havia um visível senso de segurança, e as Honradas Madres o conservavam. Para sua tranquilidade! Seus defensores devem gastar uma grande quantidade de energia em dispositivos sem utilidade, para dar a essas mulheres um falso senso de segurança.

"Os corredores! Lembre-se dos corredores."

Sim, os corredores deste gigantesco edifício eram enormes, o que havia de melhor para alojar os colossais tanques em que os Navegadores da Corporação eram forçados a viver quando estavam em terra. Sistemas de ventilação na parte de baixo, ao longo de todos eles, para retirar e recuperar o gás melange derramado. Ela podia imaginar alçapões abrindo e fechando com estrondo, provocando reverberações incômodas. Os homens da corporação nunca pareceram incomodar-se em fazer grande barulho. Linhas de transmissão de energia para suspensores móveis eram como grossas serpentes negras dando voltas nas passagens e entrando em todas as salas que ela tinha visto. Não impediriam um Navegador de bisbilhotar em qualquer lugar que quisesse.

Muitas das pessoas que ela vira usavam orientadores de pulso. Até as Honradas Madres. Então elas se perdiam aí. Tudo isso sob um único teto gigante, com torres fálicas. As novas residentes achavam-no atraente. Totalmente isoladas do brutal ambiente externo (onde nenhuma das pessoas importantes vai, a não ser para destruir coisas ou para observar os escravos em seu divertido trabalho e lazer). Através de quase tudo ela tinha percebido uma pobreza que denotava uma despesa mínima de manutenção. "Elas não estão mudando muito. O plano de Teg é ainda preciso."

"Vê como suas observações poderiam ser valiosas?"

A Grande Honrada Madre foi sacudida de seu devaneio.

— É possível que eu lhe permita viver. Desde que você satisfaça minha curiosidade.

— Como sabe que eu não reagiria à sua curiosidade com um jato de pura merda?

A vulgaridade divertia a Grande Honrada Madre. Ela quase riu. Aparentemente ninguém a advertira do perigo que havia quando uma Bene Gesserit recorria à vulgaridade. A motivação para isso era por certo algo infeliz. "Não posso usar a Voz, hein? Ela pensa que é o meu único recurso?" A Grande Honrada Madre tinha demonstrado, em palavras e ações, o suficiente para dar a

qualquer Reverenda Madre um domínio seguro sobre ela. Os sinais do corpo e da fala sempre transmitiam mais informação do que era necessário para a compreensão. Havia informação extra inevitável para servir de exemplo.

— Você nos acha atraentes? — perguntou a Grande Honrada Madre. “Pergunta estranha.” — Todas as pessoas da Dispersão possuem um certo atrativo. — “Deixe que ela pense que eu já vi muitos deles, inclusive seus inimigos.” — Vocês são exóticas, no sentido em que são estranhas e novas.

— E nossa perícia sexual?

— Aí existe uma aura, naturalmente. Excitante e magnética para alguns.

— Mas não para você.

“Ataque o queixo!” Era uma sugestão da tribo. “Por que não?”

— Estive estudando o seu queixo, Grande Honrada Madre.

— Esteve? — Surpresa.

— É obviamente o queixo da sua infância, e essa lembrança da juventude deveria orgulhá-la.

“Nem um pouco satisfeita, mas incapaz de demonstrá-lo. Atinja de novo o queixo.”

— Aposto que seus amantes beijam seu queixo com frequência — disse Lucilla.

Zangada, agora, e ainda incapaz de desabafar. “Ameace-me, sim? Avise-me para não usar a Voz!”

— Beijar queixo — disse o Futar.

— Eu disse mais tarde, querido. Agora fique quieto!

“Descontando no pobre bichinho.”

— Mas você tem perguntas que deseja fazer-me — disse Lucilla. A própria doçura. Um outro sinal de cautela para os conhecedores. “Eu sou uma das que põem açúcar em tudo. Que bom! Como é agradável estar com você! Não é lindo? Você foi tão esperta em conseguir tão barato! Fácil. Rápido. Escolha seu próprio advérbio.”

A Grande Honrada Madre levou um momento compondo-se. Percebia que fora colocada em posição desvantajosa, mas não podia dizer como. Disfarçou com um sorriso enigmático, e então: — Mas eu disse que a soltaria. — Pressionou algo ao lado de sua cadeira e uma parte da gaiola tubular moveu-se para o lado, levando consigo a rede de shigafio. No mesmo instante uma cadeira baixa ergueu-se de um painel diretamente à sua frente, sem desviar-se nem um passo.

Lucilla sentou-se na cadeira, os joelhos quase tocando os da inquisidora. “Pés. Lembre-se de que elas matam com os pés.” Ela flexionou os dedos, percebendo que tinha mantido as mãos crispadas em punhos. Maldita tensão!

— Você precisa comer e beber — disse a Grande Honrada Madre. Apertou um outro dispositivo ao lado da cadeira. Uma bandeja veio até Lucilla — um prato, uma colher, um copo cheio de um líquido vermelho. “Exibindo seus brinquedos.”

Lucilla pegou o copo.

“Veneno? Cheire antes.”

Ela provou uma amostra da bebida. Chá estimulante e melange! “Estou faminta.”

Lucilla retornou o copo vazio à bandeja. O estimulante em sua língua tinha o forte sabor da melange. “O que ela está fazendo? Cortejando-me?” Lucilla sentiu um fluxo de alívio provocado pela especiaria. O prato continha feijões em molho picante. Ela comeu tudo, depois de experimentar o primeiro bocado para descobrir se havia aditivos indesejados. Alho no molho. Ela se deteve uma mínima fração de segundo na Memória deste ingrediente — tempero acessório da cozinha refinada, específico contra lobisomens, tratamento potente contra a flatulência.

— Acha nossa comida agradável?

Lucilla enxugou o queixo. — Muito bom. Cumprimentos pelo seu *chef*. — ”Nunca cumprimente o cozinheiro numa casa particular. Os cozinheiros podem ser substituídos. A anfitriã é insubstituível.” — O alho deu um toque excelente.

— Andamos estudando alguma coisa da biblioteca resgatada de Lâmpadas. — Com exultação maligna: — Vê o que perdeu? — Tão pouca coisa de interesse enterrada em todo aquele blablablá.

“Será que ela quer que você seja sua bibliotecária?” Lucilla esperou em silêncio.

— Algumas de minhas assistentes acham que pode haver pistas sobre o ninho de suas Irmãs lá, ou, pelo menos, um meio de eliminá-las rapidamente. Tantas línguas!

“Ela precisa de uma tradutora? Seja estúpida!”

— O que lhe interessa?

— Muito pouco. Quem precisaria de relatos sobre o Jihad Butleriano?

— Eles destruíram bibliotecas, também.

— Não me trate com superioridade!

“Ela é mais viva do que pensávamos. Continue mostrando-se estúpida.”

— Pensei que eu é que era objeto de paternalismo.

— Ouça-me, bruxa! Você pensa que pode ser impiedosa na defesa de seu ninho, mas não entende o que é ser impiedosa.

— Acho que você ainda não me disse como posso satisfazer sua curiosidade.

— É a sua ciência que nós queremos, bruxa! — Colocou a voz num tom mais baixo. — Sejamos razoáveis. Com a sua ajuda nós poderíamos atingir a utopia.

“E conquistar todos os seus inimigos e chegarão orgasmo todas as vezes.”

— Você acha que a ciência detém as chaves da utopia?

— E a da melhor organização de nossos negócios.

“Lembre-se: A burocracia eleva a conformidade... Diga, em vez disso, eleva a ‘estupidez fatal’ ao *status* de religião.”

— Paradoxo, Grande Honrada Madre. A ciência deve ser inovadora. Isso traz mudanças. É por isso que a ciência e a burocracia vivem numa guerra constante.

“Ela conhece suas raízes?”

— Mas pense no poder! Pense no que você poderia controlar! “Ela não sabe.”

Os pressupostos da Honrada Madre a respeito de controle fascinavam Lucilla. Vocês controlavam seu universo; não entravam em equilíbrio com ele. Olhavam para fora, nunca para dentro. Vocês não treinavam para perceber suas próprias respostas sutis; produziam músculos (forças, poderes) para superar tudo o que fosse definido como obstáculo. Essas mulheres seriam cegas?

Como Lucilla não falasse, a Honrada Madre disse: — Encontramos muitas coisas na biblioteca sobre os Bene Tleilaxu.

— Vocês se ligaram a eles em muitos projetos, bruxa. Projetos múltiplos: como anular a invisibilidade de uma não-nave, como penetrar os segredos da célula viva, sua Missionária Protectiva e uma coisa chamada “A Linguagem de Deus”.

Lucilla deu um sorriso forçado. Elas temiam que houvesse um verdadeiro deus lá fora, em algum lugar? “Dê-lhe um gostinho. Seja sincera.”

— Não nos unimos aos Tleilaxu em nada. Seu povo interpretou mal o que encontrou. Vocês se preocupam em ser paternalizadas? Como acha que Deus se sentiria a respeito? Plantamos religiões protetoras para nos ajudarem. Essa é a função da Missionária. Os Tleilaxu têm apenas uma religião.

— Vocês organizam religiões?

— Não exatamente. A abordagem organizacional da religião é sempre apologética. Nós não fazemos apologia.

— Você está começando a me cansar. Por que encontramos tão pouco sobre o Deus-Imperador? “Ataque!”

— Talvez seu povo o tenha destruído.

— Ahhh, então vocês têm mesmo interesse nele. “Assim como você, senhora Aranha!”

— Pensei, Grande Honrada Madre, que Leto II e seu Caminho Dourado eram objetos de estudos em mitos de seus centros acadêmicos.

“Isso foi cruel!”

— Não temos centros acadêmicos!

— Acho surpreendente seu interesse por ele.

— Interesse casual, nada mais.

“E esse Futar brotou de um carvalho atingido por um raio!”

— Nós chamamos seu Caminho Dourado de “caça aos papéis”. Ele os soprou para os ventos infinitos e disse: Vêem? Lá vão eles. Isso é a Dispersão.

— Alguns preferem chamá-la de a Busca.

— Ele podia realmente predizer o futuro? É isso que interessa a vocês?

“Na mosca!”

A Grande Honrada Madre tossiu na mão.

— Dizemos que Muad’Dib criou um futuro. Leto II o des-criou.

— Mas se eu pudesse saber....

— Por favor, Grande Honrada Madre! As pessoas que exigem que o oráculo faça a predição de suas vidas realmente querem saber onde o tesouro está escondido.

— Mas naturalmente!

— Conhecer todo o seu futuro, e não ter mais nada que a surpreenda? É isso?

— Exatamente.

— Vocês não querem o futuro, vocês querem que o agora se estenda para sempre.

— Eu não diria melhor.

— E você disse que eu a aborrecia!

— O quê?

“Laranja em seus olhos. Cuidado.”

— Nunca mais nenhuma surpresa? O que poderia ser mais aborrecido?

— Ahhh... Bem! Mas não é isso que quero dizer.

— Então, temo dizer que não entendo o que vocês querem, Grande Honrada Madre.

— Não importa. Voltaremos a isso amanhã. “Prorrogação!”

A Grande Honrada Madre levantou-se. — Volte para sua jaula.

— Comer? — O Futar parecia melancólico.

— Tenho uma comida excelente para você lá embaixo, querido. Depois, vou cocar suas costas.

Lucilla entrou na jaula, que se fechou com um choque. A Grande Honrada Madre jogou uma almofada em sua direção. — Use-a para proteger-se do

shigafio. Vê como posso ser gentil?

O Futar em sua jaula deslizou para dentro da parede, e o espaço foi coberto pelo painel.

— Eles ficam tão agitados quando estão com fome — disse a Grande Honrada Madre. — Abriu a porta da sala e voltou-se para contemplar Lucilla por um momento. — Você não será perturbada. Recusei permissão para qualquer um que deseje entrar aqui.

13

Muitas das coisas que fazemos naturalmente tornam-se difíceis apenas quando tentamos transformá-las em matéria do intelecto. É possível saber tanto a respeito de um assunto, que isso nos torne totalmente ignorantes.

— Texto Mentat Dois (dicto)

Periodicamente, Odrade ia jantar com as acólitas e suas Instrutoras-Vigilantes, as sentinelas mais imediatas nessa *prisão-mente*, de onde muitas não seriam nunca libertadas.

O que as acólitas pensavam e diziam realmente informava as profundezas da consciência da Madre Superiora a respeito do funcionamento da Sede da Irmandade. Elas respondiam a partir de suas disposições e de seus pressentimentos de uma forma mais direta do que as Reverendas Madres. As Irmãs já formadas tinham se especializado em não serem vistas sob seus aspectos menos favoráveis. Não tentavam esconder o que era essencial, mas qualquer uma poderia caminhar num pomar ou junto a uma porta e ficar fora da visão das vigilantes.

Mas não as acólitas.

Ultimamente havia pouco tempo de folga na Central. Mesmo as salas de refeições tinham fluxos constantes de ocupantes, independente da hora. Os turnos de trabalho eram escalonados e tornava-se fácil para uma Reverenda Madre ajustar seu ritmo circadiano às mudanças de rotina. Odrade, entretanto, não podia perder energia com esses ajustes. No jantar, ela parou na porta do Salão das Acólitas e percebeu o súbito silêncio.

Até pelo modo como levavam o alimento à boca revelava-se alguma coisa. Aonde iam os olhos quando os pauzinhos se dirigiam para a boca? Essa que apunhalava os bocados, mastigava-os superficialmente e os engolia convulsivamente era digna de observação. Estava antecipando problemas. E aquela outra lá adiante que olhava cada porção como se procurasse veneno escondido? Uma mente criativa por trás desses olhos. Seria bom testá-la para um cargo de maior sensibilidade.

Odrade entrou no salão.

O chão assemelhava-se a um tabuleiro de xadrez, plaz preto e branco,

virtualmente à prova de riscos e arranhões. As acólitas diziam que era para ser usado como um jogo pelas Reverendas Madres: — Coloque-se uma de nós aqui e outra lá, outras ainda na linha central — o vencedor leva todas.

Odrade sentou-se perto do canto de uma mesa ao lado das janelas que davam para o lado oeste. As acólitas fizeram espaço para ela, em movimentos discretos.

Este salão era parte da construção mais antiga da Sede. Construído em madeira, com vigas em vão livre acima, traves pesadas de enorme espessura, com acabamento em negro sem brilho. Tinham cerca de 25m de comprimento sem emenda. Havia na Sede um bosque de carvalhos geneticamente preparados, buscando o sol em plantações muito cuidadas. Árvores de no mínimo 30m, sem um único galho e de mais de 2m de diâmetro. Tinham sido plantadas quando a sala fora construída, substituições para as vigas que se tornassem enfraquecidas pelo tempo. Novecentos Anos-Padrão, era o que as traves deveriam durar.

Com que cuidado as acólitas ao redor da Madre Superiora a observavam, sem ao menos parecer que olhavam diretamente para ela.

Odrade voltou-se para observar as janelas oeste ao pôr-do-sol. “Poeira novamente.” A expansão intrusa do deserto inflamava o sol da tarde fazendo-o brilhar como uma brasa distante que podia explodir a qualquer momento num incêndio incontrolável.

Odrade suprimiu um suspiro. Pensamentos como esse recriavam seu pesadelo: “O abismo... a corda bamba.” Sabia que se fechasse os olhos seria capaz de ver-se oscilar na corda. A caçadora com o machado estava mais próxima!

As acólitas a seu lado mexeram-se nervosamente, como se percebessem sua inquietação. Talvez a tivessem sentido. Odrade ouviu o movimento dos tecidos, e isso arrancou-a de seu pesadelo. Tinha-se sensibilizado quanto a uma nova nota nos sons da Central. Havia um rangido por trás dos movimentos mais rotineiros — uma cadeira arrastada às suas costas... e o abrir e fechar da porta da cozinha. Um ruído irritante de areia raspada. As equipes de limpeza reclamavam da areia e da “maldita poeira”.

Odrade atentou, lá fora, para a fonte dessa irritação: o vento sul. Um nevoeiro baço, algo entre bronze e cor de terra, cerrava uma cortina no horizonte. Depois do vento, a poeira de seus depósitos seria encontrada nos cantos dos edifícios e nas encostas dos morros. Havia no ar um aroma de sílica, um cheiro alcalino que irritava as narinas.

Voltou os olhos para a mesa, onde a refeição estava sendo servida.

Odrade viu-se apreciando essa mudança em relação às refeições rápidas em sua sala de trabalho e em seu refeitório particular. Quando comia lá, sozinha,

as acólitas traziam a comida tão silenciosamente e tiravam a mesa com tanta eficiência, que ela se surpreendia em ver a refeição acabada. Aqui, comia-se em meio ao alvoroço e à conversa. Em seus aposentos, a cozinheira-chefe, Duana, às vezes entrava, dizendo: — Não está comendo o suficiente. — Geralmente Odrade dava atenção a essas observações. As vigilantes tinham sua utilidade.

A refeição de hoje era sligoporco em molho de soja e melado, uma quantidade mínima de melange, um toque de manjericão e limão. Vagens cozidas *ai dente* e pimentões. Suco de uva vermelho-escuro para beber. Ela provou uma porção de sligoporco com antecipação e achou-o passável, um pouco cozido demais para seu gosto. A cozinheira das acólitas não estava muito distante do ideal.

“Então por que o sentimento de estar cansada de refeições desse tipo?”

Sua hipersensibilidade identificou os aditivos. Este alimento não se destinava apenas a repor as energias da Madre Superiora. Alguém lá na cozinha tinha pedido sua lista de nutrição diária e ajustado o prato de acordo com ela.

“A comida é uma cilada”, pensou. “Mais apegos.” Ela não gostava da maneira astuciosa como as cozinheiras da Sede ocultavam as coisas que punham na comida “para o bem dos comensais”. Elas sabiam, naturalmente, que uma Reverenda Madre podia identificar ingredientes e ajustar o metabolismo dentro de seus limites. Estavam observando-a exatamente agora, imaginando o que a Madre Superiora estaria achando do cardápio.

Enquanto comia, ouvia os que estavam à sua volta. Ninguém a importunava — nem física nem vocalmente. Os sons tinham voltado quase ao que eram antes da sua entrada. A tagarelice sempre mudava o tom ligeiramente quando ela entrava, e depois continuava, num volume mais baixo.

Uma pergunta não formulada estava em todas as mentes ao seu redor: “Por que ela está aqui esta noite?”

Odrade percebeu um discreto temor respeitoso nos comensais próximos, uma reação que a Madre Superiora às vezes utilizava em seu benefício. Respeito com uma ponta de perspicácia. As acólitas murmuravam entre si (assim diziam as Instrutoras): — Ela está com Taraza. — Elas queriam dizer que Odrade possuía sua última predecessora como Primária. Ambas constituíam um par histórico, estudo obrigatório para as postulantes.

“Dar e Tar”, quase uma lenda.

Até mesmo Bellonda (a nossa velha maldosa Bell) aproximava-se de Odrade de um modo oblíquo por esse motivo. Poucos ataques frontais, pouca gritaria em seus argumentos de acusação. Taraza era reconhecida por ter salvo a Irmandade. Isso silenciava grande parte da oposição. Taraza tinha dito que as Honradas Madres eram essencialmente bárbaras, e que sua violência, embora

não pudesse ser totalmente afastada, poderia ser orientada para demonstrações sangrentas. Os acontecimentos tinham mais ou menos confirmado isso.

“Você estava correta até um certo ponto, Tar. Nenhuma de nós pôde avaliar o alcance de sua violência.”

Taraza, numa habilidade digna de um toureiro na arena, tinha representado as Honradas Madres em tais episódios de massacre, que o universo estava repleto de mordazes defensores potenciais de suas brutalizadas vítimas.

“Como poderei defender-nos?”

Não era tanto que os planos de defesa fossem inadequados. Eles podiam tornar-se irrelevantes.

“Isso, naturalmente, é o que procuro. Devemos nos purificar e ficar prontas para um esforço supremo.”

Bellonda tinha olhado a idéia com desprezo. — Para a nossa morte? É para isso que devemos nos purificar?

Bellonda se sentiria ambivalente quando descobrisse o que a Madre Superiora planejava.Bellonda odiosa aplaudiria. A Bellonda Mentat discutiria um adiamento “até um momento mais propício”.

“Mas procurarei meu próprio caminho, independente do que pensem minhas Irmãs.”

E muitas Irmãs achavam Odrade talvez a mais estranha Madre Superiora que já tinham aceitado. Elevada mais pelo lado esquerdo que pelo direito. “A Primária de Taraza. Eu estava lá quando você morreu, Tar. Ninguém mais para recolher sua persona. Elevação por acidente?”

Muitas desaprovavam Odrade. Mas quando surgia a oposição, vinha de volta a idéia de “a Primária de Taraza — a melhor Madre Superiora de nossa história”.

Engraçado! A Taraza Interior era a primeira a rir e perguntar: “Por que você não lhes conta os meus erros, Dar? Especialmente o modo como eu a julguei erradamente.”

Odrade refletia enquanto mastigava. “Estou atrasada para uma visita a Sheeana. Tão cedo, e já o vento sul no deserto. Sheeana deve estar preparada para substituir Tam.”

A paisagem em mudança assomou a seus pensamentos. Mais que 1.500 anos de ocupação Bene Gesserit na Sede da Irmandade. “Nossas marcas por toda parte.” Não apenas em bosques, vinhas e pomares especiais. Que efeito deve estar produzindo na mente coletiva ver essas mudanças tomarem conta de sua terra familiar.

A acólita sentada ao lado de Odrade pigarreou discretamente. Teria intenção de dirigir-se à Madre Superiora? Um acontecimento inusitado. A jovem

continuou a comer sem falar.

Os pensamentos de Odrade voltaram-se para sua projetada visita ao deserto. Sheeana não deve ser avisada com antecedência. “Preciso estar certa de que ela é a pessoa de que necessitamos.” Havia perguntas que ela deveria responder.

Odrade sabia o que encontraria em suas inspeções durante o caminho. Nas Irmãs, na vida animal e vegetal, nas próprias bases da Sede da Irmandade, ela veria mudanças grandes e sutis, coisas que abalariam a decantada serenidade da Madre Superiora. Até mesmo Murbella, que nunca se ausentava da não-nave, percebia essas mudanças.

Esta manhã ainda, sentada de costas para sua mesa de comando, Murbella tinha ouvido Odrade, de pé à sua frente, com uma nova atenção. Havia uma vivacidade perspicaz na Honrada Madre cativa. Sua voz traía dúvidas e julgamentos desajustados.

— *Tudo é* transitório, Madre Superiora?

— Esse é um conhecimento impresso em você pela Outra Memória. Não há planeta, terra ou mar, ou parte de algum deles que esteja aqui para sempre.

— Um pensamento mórbido! — Rejeição.

— Onde quer que estejamos, somos apenas administradores.

— Um ponto de vista inútil. — Hesitante, questionando por que a Madre Superiora teria escolhido esse momento para dizer tais coisas.

— Ouço as Honradas Madres falarem através de você. Elas lhe deram sonhos ambiciosos, Murbella.

— É o que você diz! — Profundamente ressentida.

— As Honradas Madres acham que podem comprar segurança infinita: um pequeno planeta, você sabe, com uma grande população subserviente.

Murbella fez uma careta.

— Mais planetas! — Odrade vociferou. — Sempre mais e mais! É por isso que elas voltam em atropelo.

— Pobre colheita neste Velho Império.

— Excelente, Murbella! Você está começando a pensar como uma de nós.

— E isso faz de mim *um zero à esquerda.*

— Nem isso nem aquilo, apenas seu eu verdadeiro? Mesmo aí, você é apenas administradora. Cuidado, Murbella! Pensar que se é dono de alguma coisa é como andar na areia movediça.

Essas palavras provocaram uma careta perplexa em Murbella. Algo precisava ser feito a respeito do modo como ela deixava transparecer as emoções. Ali, isso era permissível, mas algum dia...

— Então, não há nada que se possua com segurança. E daí? — Muita

amargura.

— Algumas de suas palavras são corretas, mas não acho que você tenha encontrado, dentro de si mesma, um lugar para ficar o resto da vida.

— Até que o inimigo me ache e me destrua?

"O treinamento das Honradas Madres adere como cola! Mas ela conversou com Duncan na outra noite de um jeito que me diz que está pronta.

O quadro de Van Gogh sensibilizou-a, eu acho. Percebi pela sua voz. Tenho de rever essa projeção."

— Quem a destruiria, Murbella?

— Vocês nunca farão frente a um ataque das Honradas Madres!

— Eu já declarei o fato básico que nos interessa: nenhum lugar é eternamente seguro.

— Outra de suas malditas lições inúteis!

Na sala das acólitas, Odrade lembrou-se de que não tinha tido tempo de rever a projeção dos televigias de Duncan e Murbella. Quase lhe escapou um suspiro. Disfarçou-o com uma tosse. Nunca aja de modo a permitir que as jovens vejam qualquer perturbação na Madre Superiora.

"Ao deserto e Sheeana! Visita de inspeção assim que eu puder arranjar tempo para isso. Tempo!"

Novamente, a acólita sentada ao lado de Odrade pigarreou. Odrade olhou perifericamente — loira, vestido curto, preto debruado de branco — Terceiro Estágio Intermediário. Nenhum movimento de cabeça em direção a ela, nenhum olhar de soslaio.

"Isso é o que vou encontrar em minhas visitas de inspeção: medos. E na paisagem, as coisas que sempre vemos quando ficamos sem tempo: árvores deixadas sem cortar porque os lenhadores foram embora — forçados, para a Dispersão, para o túmulo, ou talvez mesmo para os trabalhos de peonagem. Será que verei Fantasias arquitetônicas tornando-se atraentes por estarem incompletas devido à ausência dos construtores? Não, não somos dadas a Fantasias."

A Outra Memória continha exemplos que ela desejava poder encontrar: antigas construções mais belas por estarem inacabadas. A falência do construtor ou um proprietário brigado com a amante... Algumas coisas eram mais interessantes por isso: velhos muros, velhas ruínas. O tempo como escultor.

"O que Bell diria se eu mandasse construir uma Fantasia no meu pomar favorito?"

A acólita ao lado de Odrade disse: — Madre Superiora?

"Excelente! Elas raramente reúnem coragem."

— Sim? — Quase imperceptível. "É bom que seja importante." Será que ela ouviria?

Ouviu. — Estou interferindo em função da urgência, e porque conheço seu interesse pelos pomares.

"Magnífico!" Essa acólita tinha pernas grossas, mas isso não se estendia à sua mente. Odrade olhou-a fixamente, em silêncio.

— Sou a pessoa que faz o mapa de seu quarto de dormir, Madre Superiora. Então esta era uma adepta confiável, alguém encarregado de trabalhar para a Madre Superiora. Melhor ainda.

— Terei logo o meu mapa?

— Em dois dias, Madre Superiora. Estou ajustando projeções em *overlay,* onde anotarei o crescimento diário do deserto.

Um breve aceno. Essa tinha sido a ordem original: uma acólita para manter o mapa atualizado. Odrade queria acordar a cada manhã e ter sua imaginação inflamada por essa vista em mudança, a primeira coisa impressa em sua consciência ao despertar.

— Coloquei um relatório em seu gabinete esta manhã, Madre Superiora. *Gerenciamento dos Pomares.* Talvez não o tenha visto.

Odrade tinha visto apenas a etiqueta. Vinha atrasada dos exercícios, ansiosa para a visita a Murbella. Tanta coisa dependia de Murbella!

— As plantações ao redor da Central devem ser abandonadas ou então é preciso que se tomem medidas para conservá-las — disse a acólita. — Esta é a essência do relatório.

— Repita-o palavra por palavra.

Caiu a noite e acenderam-se as luzes, enquanto Odrade ouvia. Conciso. Melhor ainda: direto e sutil. Trazia, além disso, uma nota de admoestação que Odrade reconheceu como de Bellonda. Não havia assinatura dos Arquivos, mas os avisos da Meteorologia passavam por eles, e a acólita tinha usado algumas das palavras originais.

Concluído o relatório, a acólita ficou silenciosa.

"Que devo responder?" Os pomares, as pastagens e as vinhas não eram meros pára-choques contra a intromissão de estranhos, decoração agradável na paisagem. Eram um suporte para as mesas e para o moral da Sede.

"Um suporte para o meu moral."

Com que tranquilidade essa acólita esperava. Cabelo loiro ondulado e face redonda. Fisionomia agradável, embora a boca fosse larga. Havia comida no prato, mas ela não comia. Mãos dobradas no regaço. — Estou aqui para servi-la, Madre Superiora.

Enquanto Odrade compunha sua resposta, a memória interferiu — um antigo incidente em simulfluxo sobre as observações imediatas. Lembrou-se de seu curso de treinamento de ornitóptero. "Duas alunas acólitas ao meio-dia,

sobre as terras úmidas de Lâmpadas.” Ela fazia par com a pior acólita que poderia ser aceita pela Irmandade. Obviamente uma escolha de gene. As Mestras Procriadoras desejavam-na por alguma característica a ser passada aos descendentes. “Com certeza não era equilíbrio emocional ou inteligência!” Odrade lembrava-se de seu nome: Linchine.

Linchine tinha gritado ao instrutor: — Vou pilotar este maldito tóptero!

E o tempo todo, o céu e a paisagem de árvores e praias pantanosas rodopiavam em turbilhão, deixando-as atordoadas. “Era como parecia: nós duas paradas e o mundo girando.” Linchine fazendo a coisa errada a todo momento. Cada movimento criava mais e piores voltas.

O instrutor tirou-a fora do sistema desligando a chave que só ele podia alcançar. Ele não pronunciou palavra até que estivessem voando direto e em nível.

— Nunca mais vai pilotar isto, jovem. Nunca mais! Não tem as reações corretas. Elas têm que ser treinadas antes da puberdade em pessoas como você.

— Vou, sim! Vou, sim! Vou pilotar essa coisa maldita. — Suas mãos agarravam-se convulsivamente aos inúteis controles.

— Não merece confiança, moça. Vai ficar retida em terra.

Odrade respirou aliviada, compreendendo que soubera o tempo todo que Linchine poderia matá-los.

Atropelando-se em direção a Odrade no banco de trás, Linchine gritava: — Diga-lhe! Diga-lhe que deve obedecer a uma Bene Gesserit!

Referia-se ao fato de que Odrade, vários anos à sua frente, exibia uma presença de comando.

Odrade sentou-se em silêncio, com as feições imóveis.

“O silêncio é a melhor coisa para se dizer”, alguma humorista Bene Gesserit tinha rabiscado num espelho de lavatório. Odrade achara um bom conselho naquela ocasião e em outras.

Lembrando-se da necessidade de responder à acólita na sala de refeições, Odrade se perguntou por que a antiga memória teria surgido. Essas coisas raramente aparecem sem um propósito. “Não o silêncio, agora, com certeza. Humor?” Sim! Essa era a mensagem. Odrade com seu humor (usado mais tarde) tinha ensinado a Linchine algo sobre si mesma. “Humor sob estresse.”

Odrade sorriu para a acólita a seu lado no refeitório. — Você gostaria de ser um cavalo?

— O quê? A resposta escapou, revelando surpresa, mas ela respondeu ao sorriso da Madre Superiora. Não havia nada de alarmante nele. Era até mesmo caloroso. Todos diziam que a Madre Superiora permitia-se afeições.

— Você não entende, naturalmente — Odrade disse.

— Não, Madre Superiora. — Ela estava ainda sorridente e tranquila. Odrade deixou que seu olhar se detivesse no rosto jovem de modo indagador. Claros olhos azuis ainda intocados pela cor engolfante da Agonia da Especiaria. Uma boca quase como a de Bell, mas sem a maldade da outra. Músculos confiáveis, assim como a inteligência. Ela seria eficiente em antecipar as necessidades da Madre Superiora. Prova disso era sua tarefa de mapeamento e esse relatório. Sensível. Estava de acordo com sua inteligência superior. Provavelmente não chegaria às posições máximas, mas estaria sempre nas posições principais, onde suas qualidades fossem necessárias.

"Por que me sentei a seu lado?"

Frequentemente Odrade selecionava uma determinada companhia nessas visitas ao refeitório. Quase sempre acólitas. Elas podiam ser tão reveladoras. Os relatórios sempre chegavam ao gabinete da Madre Superiora: observações das Instrutoras a respeito de uma ou outra acólita. Mas, às vezes, Odrade escolhia um lugar sem uma razão aparente. "Como fiz esta noite. Por que esta?"

A conversação raramente ocorria, a menos que a Madre Superiora a provocasse. Geralmente uma iniciação suave, facilitando uma abordagem de outros assuntos mais íntimos. Os outros ao redor ouviam atentamente.

Nesses momentos, Odrade quase sempre assumia uma atitude de serenidade quase religiosa. Isso acalmava os nervosos. Acólitas eram.... bem, acólitas, mas a Madre Superiora era a feiticeira suprema de todas elas. O nervosismo era natural.

Alguém atrás de Odrade sussurrou: — Hoje ela chamou Streggi às falas. "Chamar às falas." Odrade conhecia a expressão. Era usada em seus tempos de acólita. Então Streggi era o seu nome. "Vamos deixá-lo impronunciado, por enquanto. Os nomes têm uma certa magia."

— Gostou de jantar hoje? — Odrade perguntou.

— Está aceitável, Madre Superiora. — Era de praxe que não se dessem falsas opiniões, mas Streggi estava confusa pela mudança na conversação.

— Cozinharam demais — disse Odrade.

— Servindo uma quantidade tão grande de pessoas, como poderiam agradar a todas, Madre Superiora?

"Ela fala o que pensa, e fala bem."

— Sua mão esquerda está tremendo — Odrade disse.

— Estou nervosa com sua presença, Madre Superiora. E acabo de vir das práticas. Hoje foi muito cansativo.

Odrade analisou os tremores. — Eles a estão fazendo praticar a elevação do braço.

— Era doloroso no seu tempo, Madre Superiora? (Naqueles velhos

tempos?)

— Tanto quanto hoje. A dor ensina, elas diziam.

Isso suavizava as coisas. Experiências compartilhadas, o jargão das Instrutoras.

— Não entendo de cavalos, Madre Superiora. — Streggi olhou para seu prato. — Isto não pode ser carne de cavalo. Tenho certeza que...

Odrade riu alto, atraindo olhares espantados. Ela colocou a mão no braço de Streggi e limitou-se a um sorriso suave. — Obrigada, querida. Ninguém me fez rir assim em muitos anos. Espero que este seja o início de uma longa e feliz associação.

— Obrigada, Madre Superiora, mas eu...

— Vou explicar a respeito do cavalo, uma piada minha, sem nenhuma intenção de diminuí-la. Quero que você carregue uma criança em seus ombros, para transportá-la mais rápido do que suas pernas a levariam.

— Como quiser, Madre Superiora. — Sem objeções, nem outras perguntas. Perguntas havia, mas as respostas viriam a seu tempo, e Streggi sabia disso.

“Tempo mágico.”

Retirando a mão, Odrade disse: — Seu nome?

— Streggi, Madre Superiora. Aloana Streggi.

— Fique descansada, Streggi. Vou tomar providências em relação aos pomares. Precisamos deles não só para a alimentação, mas também para manter o moral. Dirija-se ao Reescalonamento esta noite. Diga-lhes que desejo que esteja em meu gabinete às 6h, amanhã de manhã.

— Estarei lá, Madre Superiora. Devo continuar marcando seu mapa? — perguntou ela, quando Odrade se levantou para sair.

— Por enquanto, Streggi. Mas solicite ao Reescalonamento uma nova acólita e comece a treiná-la. Muito em breve você estará ocupada demais para cuidar do mapa.

— Obrigada, Madre Superiora. O deserto está se desenvolvendo muito depressa.

As palavras de Streggi deram a Odrade uma certa satisfação, dissipando a melancolia que tinha toldado a maior parte de seu dia.

O ciclo estava conseguindo uma outra oportunidade, voltando uma vez mais como era impelido a fazê-lo pelas forças subterrâneas chamadas “vida”, “amor” e outros rótulos desnecessários.

“Então ele se modifica. Ele se renova. Mágica. Que bruxaria poderia tirar-lhe a atenção deste milagre?”

Em seu gabinete, ela emitiu uma ordem para a Meteorologia, então

silenciou os instrumentos em seu escritório e dirigiu-se para a janela em arco. A Sede da Irmandade brilhava num vermelho pálido dentro da noite, através das luzes da terra contra as nuvens baixas. Dava uma aparência romântica aos telhados e muros, mas Odrade prontamente a rejeitou.

Romance? Não havia nada de romântico no que ela tinha feito no refeitório das acólitas.

"Eu o fiz, finalmente. Comprometi-me. Agora, Duncan deve recuperar as memórias de nosso Bashar. Uma tarefa delicada."

Ela continuou a olhar fixamente a noite, suprimindo os nós que sentia no estômago.

"Não apenas estou me comprometendo, como comprometo o que resta de minha Irmandade. Então é assim que a gente se sente, Tar."

"E assim que a gente se sente e seu plano é astucioso."

Ia chover. Odrade sentiu-o no ar, vindo dos ventiladores em volta da janela. Não era preciso ler um relatório da Meteorologia, o que ela raramente fazia atualmente. Por que se incomodar? Mas o relatório de Streggi trazia um aviso importante.

As chuvas estavam se tornando mais raras aqui, e eram consideradas uma boa coisa. As Irmãs saíam em caminhada debaixo da água, a despeito do frio. Havia um toque de tristeza no pensamento. Cada chuva que ela via trazia a mesma pergunta: "Será a última?"

As pessoas da Meteorologia faziam verdadeiros milagres para manter um deserto em expansão seco, e as áreas de plantação irrigadas. Odrade não sabia como tinham conseguido aquela chuva para cumprir suas ordens. Daqui a pouco tempo, não poderiam obedecer a comandos desse tipo, mesmo vindos da Madre Superiora. "O deserto triunfará, porque isso é o que pusemos em movimento."

Ela abriu as vidraças centrais de sua janela. O vento nesse nível tinha parado. Apenas as nuvens moviam-se lá em cima. Ventos mais altos devastando as coisas. Um sentido de urgência no tempo. O ar estava gelado. Então elas tinham feito ajustes de temperatura para conseguir esse pouco de chuva. Fechou a janela, não sentindo vontade de ir lá fora. A Madre Superiora não tinha tempo de jogar o jogo da *última chuva*. Uma chuva de cada vez. E sempre, lá fora, o deserto movendo-se inexoravelmente em direção a elas.

"Isso eu posso mapear e observar. Mas, e a caçadora atrás de mim — a figura do pesadelo com o machado? Qual é o mapa que me diz onde ela está hoje à noite?"

14

A *religião (emulação dos adultos pela criança) compreende mitologias passadas: especulações, pressupostos ocultos de confiança no universo, pronunciamentos feitos na busca de poder pessoal, tudo isso combinado com fragmentos de iluminação. E sempre um mandamento não formulado: Vão perguntar ás! Quebramos esse mandamento diariamente na subordinação da imaginação humana à nossa criatividade mais profunda.*

— Credo Bene Gesserit

Murbella sentou-se de pernas cruzadas na sala de exercícios, sozinha, remendo depois da prática. A Madre Superiora tinha estado ali menos que ia hora, essa tarde. E, como quase sempre acontecia, Murbella sentia que fora abandonada num sonho febril.

As últimas palavras de Odrade, antes de partir, reverberavam no sonho: ^ lição mais difícil para uma acólita é que ela deve sempre atingir seu limite. Suas capacidades a conduzirão além do que imagina. Portanto, não imagine. Estenda-se."

"Qual é minha resposta? Que fui ensinada a enganar?" Odrade tinha feito alguma coisa para trazer à lembrança os padrões da infância e a educação das Honradas Madres. "Aprendi a enganar quando criança. Como simular uma necessidade e conseguir atenção." Muitos "como se faz" no modelo de enganar. Ela aprendera que as pessoas grandes i sua volta eram exigentes. "Eu regurgitei na exigência. Isso era chamado de *educação."* O que havia de tão notavelmente diferente no ensinamento Bene Gesserit?

— Não lhe peço para ser honesta comigo — dissera Odrade. — Seja honesta consigo mesma.

Murbella estava perdendo a esperança de algum dia arrancar toda essa mentira de seu passado. "Por que o faria?" Mais mentira!

— Maldita Odrade!

Somente depois que as palavras tinham sido ditas é que percebeu que falara em voz alta. Começou a pôr a mão na boca, mas abortou o movimento. A febre dizia: — Que diferença faz?

— As burocracias educacionais embrutecem a sensibilidade indagadora da criança — era a explicação de Odrade. — Os jovens devem ser sufocados. Nunca os deixe serem tão bons quanto poderão ser. Isso provoca mudanças. Gaste bastante tempo em reuniões discutindo como lidar com alunos excepcionais. Não perca tempo preocupando-se com o fato de que o professor convencional se sente ameaçado pelos talentos que surgem, e os esmaga em função de um arraigado desejo de se sentir superior e seguro num ambiente que não ofereça perigo.

“Ela estava falando das Honradas Madres.”

“Professores convencionais?”

Aí estava: por trás da fachada de sabedoria, as Bene Gesserit eram naturais, sem cerimônia. Elas quase nunca pensavam sobre a maneira de ensinar: elas simplesmente o faziam.

“Deuses! Quero ser como elas!”

O pensamento a chocou, e ela levantou-se de um pulo, lançando-se num treinamento de braço e pulso.

A compreensão atingiu-a mais profundamente que nunca. Não desejava desapontar estas professoras. “Honestidade e franqueza.” Todas as acólitas ouviam isso. — Instrumentos básicos de aprendizagem — dizia Odrade.

Distraída por seus pensamentos, Murbella levou um tombo e levantou-se, esfregando o ombro machucado.

Tinha pensado de início que o protesto Bene Gesserit devia ser uma mentira. “Estou sendo tão franca com você que preciso contar-lhe da minha inabalável honestidade.”

Mas as ações confirmaram suas alegações. A voz de Odrade persistia no sonho febril: — É assim que você julga.

Elas tinham algo na mente, na memória, e um equilíbrio intelectual que nunca uma Honrada Madre havia possuído. Esse pensamento a fez sentir-se pequena. “Torne-se corrupta.” Era como a existência de lugares mais vivos em seus pensamentos febris.

“Mas eu tenho talento! É preciso talento para ser uma Honrada Madre.”

“Ainda me considero uma Honrada Madre?”

As Bene Gesserit sabiam que ela não estava inteiramente comprometida com a Irmandade. “Que habilidades terei eu, para que elas se interessem? Não as habilidades de enganar.”

“As ações combinam com as palavras? Existe a sua medida de confiabilidade. Nunca se limite às palavras.”

Murbella pôs as mãos no ouvido. “Cale a boca, Odrade!”

“Como uma Reveladora da Verdade separa sinceridade de um julgamento

mais fundamental?”

Murbella deixou cair as mãos. “Talvez eu esteja realmente doente.’ Lançou o olhar por toda a extensa sala. Não havia ninguém que pronunciasse essas palavras. De qualquer modo, era a voz de Odrade.

“Se você estiver sinceramente convencida, pode usar um mero palavrório (que palavra antiga maravilhosa; procure-a no dicionário), uma asneira completa e será acreditada. Mas não por uma das nossas Reveladoras da Verdade.”

Os ombros de Murbella curvaram-se. Começou a andar sem direção pela sala de exercícios. Não havia lugar para fugir?

“Procure as consequências, Murbella. É assim que se descobrem as coisas que funcionam. É disso que tratam nossas elevadas verdades.”

“Pragmatismo?”

Idaho encontrou-a nesse momento, e reagiu ao brilho selvagem de seus olhos. — O que foi?

— Acho que estou doente. Bem doente. Pensei que fosse algo que Odrade tinha feito comigo, mas...

Ele segurou-a quando ela tombou.

— Ajudem-nos!

Pela primeira vez era grato aos televigias. Em menos de um minuto uma médica Suk estava com eles. Ela curvou-se sobre Murbella no local em que Idaho a tinha colocado, no chão.

O exame foi breve. A Suk, uma grisalha Reverenda Madre com a marca tradicional do diamante na testa, endireitou-se e disse: — Esgotamento. Ela não está procurando encontrar seus limites, ela os está ultrapassando. Nós a poremos de volta numa classe de sensibilização antes de permitir que continue. Enviarei as Instrutoras.

Odrade encontrou Murbella na Enfermaria das Instrutoras naquela noite, reclinada na cama, com duas Instrutoras se revezando para testar sua resposta muscular. Ante um pequeno gesto, deixaram-nas sozinhas.

— Tentei evitar complicações — disse Murbella. “Franqueza e honestidade.”

— Tentar evitar complicações geralmente cria outras. — Odrade afundou-se numa cadeira ao lado da cama, e pôs a mão sobre o braço de Murbella. Os músculos tremiam sob sua mão. — Dizemos que as palavras são vagarosas, o sentimento é mais rápido. — Odrade recuou. — Que decisões andou tomando?

— Vocês permitem que eu tome decisões?

— Não seja sarcástica. — Ela ergueu a mão pára impedir qualquer interrupção. — Não levei seu condicionamento anterior em bastante

consideração. As Honradas Madres deixaram-na praticamente incapaz de tomar decisões. Isso é típico de sociedades que têm fome de poder. Ensinam as pessoas a hesitarem eternamente. “As decisões trazem maus resultados” — é o que dizem. Ensinam a omissão.

— O que isso tem a ver com o meu colapso? — Ressentimento.

— Murbella! Os piores produtos do que eu estou descrevendo são quase casos únicos — não conseguem tomar decisões sobre o que quer que seja, ou deixam tudo para o último minuto, e então lançam-se sobre as soluções como animais desesperados.

— Você me disse que procurasse alcançar meus limites! — Quase choramingando.

— Seus limites, Murbella. Não os meus. Não os de Bell ou de qualquer outra. Os seus.

— Decidi que desejo ser como vocês. — Muito débil.

— Maravilhoso! Mas não acho que alguma vez tentei matar-me. Principalmente quando estava grávida.

Murbella sorriu, a despeito de si mesma.

Odrade levantou-se. — Durma. Você vai para uma classe especial amanhã, onde trabalharemos sobre sua capacidade de entrosar suas decisões com a sensibilidade a seus limites. Lembre-se do que eu lhe disse: nós nos cuidamos.

— Pertenço a vocês? — Quase um sussurro.

— Desde que repetiu o juramento diante das Instrutoras. — Odrade desligou as luzes quando saiu. — Parem de incomodá-la. Ela precisa descansar.

Murbella fechou os olhos. O sonho febril tinha desaparecido, mas em seu lugar estava sua própria memória. — Sou uma Bene Gesserit. Existo apenas para servir.

Ouviu-se dizendo essas palavras às Instrutoras, mas a memória dava-lhes uma ênfase que não existira na situação original.

“Elas sabiam que eu estava sendo cínica.”

O que se poderia esconder dessas mulheres?

Sentiu a mão da Instrutora em sua testa, na recordação, e ouviu as palavras que somente agora adquiriam significado.

“Estou na sagrada presença humana. Como eu, que você também esteja um dia. Suplico à sua presença que assim seja. Que o futuro permaneça incerto, porque ele é a tela que receberá nossos desejos. Portanto, a condição humana se defronta com sua eterna tabula rasa. Não possuímos mais que este momento, onde nos dedicamos continuamente à sagrada presença que compartilhamos e criamos.”

Convencional, mas ao mesmo tempo não convencional. Compreendeu que

não tinha sido preparada física ou emocionalmente para este momento. Lágrimas escorreram-lhe pelas faces.

15

As leis repressoras tendem a fortalecer aquilo que proíbem. Esse é o ponto essencial onde todas as profissões legais da História basearam sua segurança de trabalho.

— O Coda Bene Gesserit

Em suas agitadas visitas de inspeção através da Central (não muito frequentes, hoje em dia, mas justamente por isso, mais intensas), Odrade procurava sinais de negligência e, especialmente, áreas de responsabilidade que estavam funcionando com exagerada suavidade.

A *Vigilante Maior* tinha seu próprio lema: — Mostrem-me uma operação completamente sem problemas e eu lhes apontarei alguém que está encobrindo erros. Os verdadeiros barcos oscilam.

Ela repetia isso com frequência, a tal ponto que se tornou uma frase que as Irmãs (e mesmo algumas acólitas) usavam para identificá-la.

— Os verdadeiros barcos oscilam. — Risinhos surdos.

Bellonda acompanhava Odrade nessa inspeção matinal de hoje, sem mencionar que "uma vez por mês" tinha se tornado "uma vez a cada dois meses", se tanto. Esta já estava atrasada em uma semana. Bell queria usar esse tempo para preveni-la contra Idaho. E trouxera Tamalane consigo, embora Tam devesse estar examinando o desempenho das Instrutoras nesse momento.

"Duas contra uma?", Odrade pensou. Achava que nem Bell nem Tam suspeitavam do que a Madre Superiora pretendia. Bem, isso viria à tona, como tinha acontecido com o plano de Taraza. "A seu próprio tempo, hein, Tar?"

E assim elas iam pelos corredores, seus mantos negros num ruge-ruge de urgência, e olhos perspicazes aos quais quase nada escapava. Tudo era familiar, mas mesmo assim elas procuravam o que era novo. Odrade levava seu receptor Áudio-V pendente do ombro esquerdo, como se fosse um peso de mergulho fora do lugar. "Nos dias de hoje não se pode estar nunca fora do alcance da comunicação."

Nos bastidores de qualquer centro Bene Gesserit estavam as instalações de apoio: hospital clínico, cozinha, necrotério, controle do lixo, sistemas de recuperação (ligados aos esgotos e ao lixo), transportes e comunicações,

abastecimento da cozinha, salas de educação física, escolas para acólitas e postulantes, alojamentos pessoais para todas, centros de reunião, instalações para testes e muito mais. O pessoal mudava muitas vezes, em função da Dispersão e do movimento para novas responsabilidades, tudo conforme a sutil consciência Bene Gesserit. Mas permaneciam as tarefas e os lugares para todos.

Enquanto caminhavam rapidamente em passos largos, de uma área para outra, Odrade falava da Dispersão da Irmandade, sem tentar esconder seu desalento a respeito da "família atômica" em que haviam se transformado.

— Acho difícil contemplar a humanidade espalhando-se em um universo ilimitado — disse Tam. — As possibilidades...

— O jogo dos números infinitos. — Odrade pisou numa guia quebrada. — Isso deve ser consertado. Estamos jogando o jogo do infinito desde que aprendemos a transpor as Dobras do Espaço.

Não havia alegria no tom de Bellonda. — Não é um jogo!

Odrade podia avaliar os sentimentos de Bellonda. "Nós nunca vimos o espaço vazio. Sempre outras galáxias. Tam está certa. É assustador focalizar o Caminho Dourado!"

Recordações de explorações deram à Irmandade um instrumento estatístico, mas pouco mais que isso. Tantos planetas habitáveis num grupo e, entre eles, um inesperado número adicional, que podia ser formado de terra.

— O que está evoluindo lá fora? — Tamalane interpelou.

Uma pergunta que elas não podiam responder. Pergunte o que o Infinito pode produzir, e a única resposta possível é: qualquer coisa.

"Qualquer bem, qualquer mal, qualquer deus, qualquer demônio."

— E se as Honradas Madres estiverem fugindo de alguma coisa? — Odrade perguntou. — Não é uma possibilidade interessante?

— Essas especulações são inúteis — resmungou Bellonda. — Não sabemos nem mesmo se as Dobras do Espaço nos introduzem em um universo ou muitos... ou até mesmo um número infinito de bolhas que se expandem e se contraem.

— O Tirano teria conseguido entender isso melhor do que nós? — Tamalane perguntou.

Elas pararam, enquanto Odrade observava uma sala onde cinco Acólitas Adiantadas e uma Instrutora estudavam uma projeção de estoques regionais de melange. O cristal que transmitia a informação realizava uma intrincada dança no projetor, saltando sobre seu raio como uma bola na fonte. Odrade viu o resumo final e afastou-se antes de franzir a testa. Tam e Bell não viram a expressão da Madre Superiora. "Teremos de começar a restringir o acesso às informações sobre melange. São por demais deprimentes."

“Administração!” Tudo caía em cima da Madre Superiora. Quando se delega excessivamente às mesmas pessoas, o resultado é a burocracia.

Odrade sabia que dependia demasiado de seu senso interior de administração. Um sistema testado e revisado, que usava a automação apenas onde era essencial. “A maquinaria”, era como elas o chamavam. À época em que se tornavam Reverendas Madres, todas elas possuíam uma certa sensibilidade em relação à “maquinaria” e tendiam a usá-la sem questionamentos posteriores. Era aí que estava o perigo. Odrade fazia pressão para que fizessem um aperfeiçoamento constante (até mesmo pequenas melhoras), afim de introduzir mudança em suas atividades. Imprevisibilidade. Nada de padrões absolutos que os outros pudessem descobrir e usar contra elas. Podia-se não ver tais mudanças no período de uma vida, mas, ao longo de espaços de tempo maiores, as diferenças com certeza seriam mensuráveis.

O grupo desceu para o térreo, ao nível da principal via pública da Central. As Irmãs chamavam-na de “O Caminho”. Tratava-se de uma piada, entre elas, referindo-se ao regime de treinamento popularmente conhecido como “O Caminho Bene Gesserit”.

O Caminho estendia-se da praça ao lado da torre de Odrade até os arrabaldes ao sul da área urbana — direto como um raio de arma laser, quase 12km de edifícios altos e baixos. Estes últimos tinham uma coisa em comum: eram bastante sólidos, visando uma possível expansão vertical.

Odrade fez sinal a um transporte aberto, com lugares vagos, e as três acomodaram-se num espaço onde podiam continuar a falar. A Fachada ostentada no Caminho tinha um apelo antigo, Odrade pensou. Edifícios como esses, com suas altas janelas retangulares de plaz isolante enquadravam os “Caminhos” Bene Gesserit durante longos períodos da história da Irmandade. No centro havia uma fileira de olmos geneticamente programados em função da altura e do perfil estreito. Os pássaros aí faziam seus ninhos, e as manhãs tornavam-se radiantes com movimentos esvoaçantes em vermelho e laranja — papa-figos e sanhaços.

“A preferência por este cenário familiar seria um padrão perigoso para nós?”

O grupo desceu na Trilha do Biriteiro, com Odrade na dianteira pensando como o humor Bene Gesserit se evidenciava em nomes curiosos. Nas ruas, então, o tom brincalhão sobressaía. Trilha do Biriteiro porque a fundação de um dos edifícios tinha baixado levemente, dando à estrutura a aparência curiosa de um bêbado. O único elemento do grupo pisando fora da linha.

“Como a Madre Superiora. Só que elas ainda não sabem.”

Seu receptor tocou quando elas chegavam à Alameda da Torre. — Madre Superiora? — Era Streggi. Sem parar, Odrade deu sinal de que estava na linha.

— A senhora pediu um relatório sobre Murbella. A Central Médica disse que ela já está pronta para recomeçar as aulas.

— Encaminhe-a, então. — Continuaram rua abaixo: só construções de um andar.

Odrade lançou um olhar rápido para os edifícios baixos de ambos os lados. Estava sendo construído um segundo andar num deles. Poderia haver uma verdadeira Alameda da Torre aqui um dia, e a piada que existia a respeito seria esquecida.

Argumentava-se que dar nomes era, de qualquer modo, apenas uma questão de conveniência, e elas poderiam aproveitar a oportunidade para tratar de um assunto que era delicado para a Irmandade.

Odrade parou abruptamente numa passagem movimentada e virou-se para as companheiras. — O que acham da sugestão de darmos nomes de nossas Irmãs falecidas às ruas e às praças?

— Você está cheia de tolices, hoje — acusou Bellonda.

— Elas não estão mortas — disse Tamalane.

Odrade retomou a inspeção. Ela antecipara essa reação. Os pensamentos de Bell podiam quase ser ouvidos. “Trazemos as ‘Irmãs Falecidas’ conosco na Outra Memória!”

Odrade não queria nenhuma discussão em público, mas achava que a idéia tinha mérito. Algumas Irmãs morriam sem Compartilhar. As Linhas de Memória principais eram multiplicadas, mas perdia-se o fio e sua conclusão na carreira. Schwangyu, da Fortaleza de Gammu, tinha ido dessa forma, morta pelo assalto das Honradas Madres. Ficou uma série de lembranças, que lembravam suas boas qualidades... e complexidades. Hesitava-se em dizer que seus erros ensinavam mais que seus sucessos.

Bellonda acelerou o passo para acompanhar Odrade, numa reta relativamente vazia. — Preciso falar-lhe sobre Idaho. Um Mentat, sim, mas essas múltiplas memórias... Extremamente perigosas!

Estavam passando por um necrotério, e sentiram o cheiro forte de anti-sépticos, mesmo na rua. A porta em arco estava aberta.

— Quem morreu? — Odrade perguntou, ignorando a ansiedade de Bellonda.

— Uma Instrutora da Seção Quatro e um homem da manutenção de pomares — disse Tamalane. Tam sempre sabia.

Bellonda estava furiosa por ser ignorada, e não fazia nenhuma tentativa para escondê-lo. — Não fuja do assunto!

— Qual é o assunto? — O tom de Odrade era muito brando. Emergiram no terraço sul e pararam num parapeito de pedra, a fim de olhar as plantações —

vinhas e pomares. A luz da manhã tinha um nevoeiro empoeirado, em nada semelhante às névoas criadas pela umidade.

— Você sabe qual é! — Bellonda não se dobrava.

Odrade examinava o panorama, pressionando o corpo contra as pedras. O parapeito estava gelado. Esse nevoeiro lá fora tinha uma cor distinta, pensou. A luz do sol atravessava a poeira com um diferente espectro reflexivo. Havia mais radiância e nitidez na luz, absorvida de um modo que não era habitual. Os nimbos estavam mais cerrados. A poeira e a areia que sopravam insinuavam-se nas frinchas da mesma forma que a água, mas o rangido áspero e rascante traíam sua origem. O mesmo para a persistência de Bell. Nenhuma lubrificação.

— É a luz do deserto — Odrade apontou.

— Pare de me evitar — Bellonda disse.

Odrade preferiu não responder. A luz poeirenta era algo clássico, mas não tranquilizador como os antigos pintores e suas névoas matinais.

Tamalane aproximou-se de Odrade. — Belo, a seu próprio modo. — O tom remoto denunciava comparações com a Outra Memória semelhantes às de Odrade.

“Se é dessa forma que se foi condicionado a procurar a beleza.” Mas alguma coisa bem dentro de Odrade dizia-lhe que essa não era a beleza pela qual ansiava.

Na rasa planície abaixo, onde uma vez houvera vegetação, havia agora seca, e uma impressão de que a terra estava sendo esvaziada do modo como os antigos egípcios preparavam seus mortos — secos quanto à matéria essencial, preservados para a Eternidade. “O deserto como o senhor da morte, enfaixando a terra em carbonato de sódio, embalsamando nosso belo planeta com todas as suas jóias escondidas.”

Bellonda permaneceu atrás, resmungando e sacudindo a cabeça, numa recusa a olhar para aquilo em que seu planeta se transformaria.

Odrade quase estremeceu num repentino ímpeto de simulfluxo. A memória inundou-a: viu-se procurando as ruínas de Sietch Tabr, encontrando corpos de piratas de especiaria embalsamados pelo deserto, deixados onde os assassinos os tinham derrubado.

“O que é Sietch Tabr agora? Uma torrente solidificada e sem nenhuma marca de sua orgulhosa história. Honradas Madres: assassinas da História.”

— Se você se recusa a eliminar Idaho, então devo protestar contra o fato de usá-lo como um Mentat.

Bell era uma mulher tão difícil! Odrade notou que ela estava mostrando sua idade mais do que nunca. Usando óculos para ler, mesmo agora. Eles aumentavam seus olhos, dando-lhe a aparência de um peixe de grandes órbitas.

O uso de óculos, e não uma prótese mais discreta, revelava algo sobre ela. Ostentava uma vaidade ao contrário, que anunciava: sou maior do que as exigências de meus sentidos enfraquecidos.

Bellonda estava definitivamente irritada com a Madre Superiora. — Por que está me olhando dessa forma?

Odrade, surpreendida pela consciência súbita de uma fraqueza em seu Conselho, desviou a atenção para Tamalane. A carruagem nunca pára de crescer: orelhas, nariz e queixo tinham aumentado em Tam. Algumas Reverendas Madres corrigiam essas manifestações pelo controle de metabolismo ou através de cirurgia corretiva regular. Mas Tam não se curvaria a essa vaidade. “Sou desse jeito. É pegar ou largar.”

“Minhas conselheiras são velhas demais. E eu... eu deveria ser mais jovem e mais forte para ter esses problemas sobre meus ombros. Oh, maldição. Estou escorregando para a autopiedade!”

Apenas um perigo supremo: ação contra a sobrevivência da Irmandade.

— Duncan é um magnífico Mentat — Odrade falou com toda a força de sua posição. — Mas não utilizo nenhum de vocês além de suas capacidades.

Bellonda permaneceu silenciosa. Conhecia os pontos fracos de um Mentat.

“Mentats!” Odrade pensou. Eram como Arquivos ambulantes, mas quanto mais se precisava de respostas, eles recaíam em perguntas.

— Não preciso de outro Mentat — disse Odrade. — Preciso de um inventor!

Como Bellonda ainda permanecesse silenciosa, Odrade continuou: — Estou libertando sua mente, não seu corpo.

— Insisto em uma análise, antes que você abra todas as fontes de informações para ele!

Considerando a postura habitual de Bellonda, sua reação foi suave. Mas Odrade não confiava nela. Detestava essas sessões — intermináveis apresentações de relatórios dos Arquivos. Bellonda explicava-os meticulosamente. Bellonda e suas minúcias dos Arquivos e amaçante insistência sobre detalhes irrelevantes! Quem estava interessado na preferência da Reverenda Madre X por leite desnatado em seu mingau?

Odrade voltou-lhe as costas e olhou para o céu do sul. “Poeira! Ainda teríamos que peneirar mais poeira!” Bellonda estaria flanqueada por assistentes. Odrade sentia-se entediada só de pensar.

— Nada de mais análises — Odrade falou mais asperamente do que pretendia.

— Tenho um ponto de vista — a voz de Bellonda soava magoada. “Ponto

de vista? Não somos nada mais que janelas sensíveis em nosso universo, cada uma com apenas um ponto de vista?”

Instintos e lembranças de todos os tipos... até mesmo Arquivos — nenhuma destas coisas falava por si, a não ser por intrusões constrangedoras. Ninguém carregava peso até que fosse formulado numa consciência viva. Mas quem quer que fizesse a formulação pesava na balança. “Toda ordem é arbitrária!” Por que esta informação, ao invés de outra? Qualquer Reverenda Madre sabia que os acontecimentos ocorriam em seu próprio fluxo, seu próprio ambiente relativo. Por que uma Reverenda Madre Mentat não poderia agir a partir desse conhecimento?

— Você recusa conselho? — Era Tamalane. Será que ela está aliada a Bell?

— Quando foi que recusei conselho? — Odrade deixou transparecer sua indignação. — O que estou recusando é outro carrossel dos Arquivos de Bell.

Bellonda interferiu. — Então, na realidade...

— Bell! Não me fale de realidade! — Ela que se rale por isso! Reverenda Madre *e* Mentat! “Não há realidade. Somente sua ordem imposta a tudo. Um ditado básico Bene Gesserit.”

Havia vezes (e esta era uma delas) em que Odrade desejaria ter nascido numa era mais primitiva — uma matrona romana na prolongada paz dos aristocratas, ou uma vitoriana mimada. Mas estava presa pelo tempo e pelas circunstâncias.

“Presa para sempre?”

“É preciso encarar essa possibilidade.” A Irmandade poderia ter somente um futuro restrito a esconderijos secretos, sempre temendo a descoberta. O futuro dos caçados. “E aqui, na Central, poderemos não ter permissão para errar mais de uma vez.”

— Chega de inspeção! — Odrade chamou um carro particular e apressou-as de volta para seu gabinete.

“O que faremos se as caçadoras nos encontrarem aqui?”

Cada uma delas tinha seu próprio roteiro, uma pequena encenação repleta de reações planejadas. Mas toda Reverenda Madre era bastante realista para saber que seu pequeno ato poderia causar mais estorvo do que ajuda.

No gabinete, com a luz da manhã incidindo sobre tudo ao redor, Odrade afundou na cadeira e esperou que Tamalane e Bellonda tomassem lugar.

Não haveria mais essas malditas sessões de análise. Ela realmente precisava ter acesso a algo melhor que os Arquivos, melhor que qualquer coisa que já tivessem usado anteriormente. Inspiração. Odrade esfregou as pernas, sentindo os músculos tremerem. Não estava dormindo bem há dias. Esta

inspeção tinha tido um efeito frustrador sobre ela.

“Um único erro poderia destruir-nos, e eu acabo de comprometer a Irmandade numa decisão sem volta.”

“Estarei sendo astuciosa demais?”

Suas conselheiras opunham-se a soluções ardilosas. Diziam que a Irmandade deveria mover-se com firme convicção, em terreno previamente conhecido. Tudo o que fizessem teria como contrapeso o desastre, que estaria à sua espera ao menor deslize.

“E eu estou na corda bamba sobre o abismo.”

Teriam ainda a oportunidade de experimentar, de testar possíveis soluções? Todas elas estavam empenhadas no mesmo jogo. Bell e Tam exibiam um fluxo constante de sugestões, mas nada mais efetivo que sua Dispersão atômica.

— Precisamos estar preparadas para matar Idaho ao menor sinal de que seja um Kwisatz Haderach — Bellonda disse.

— Vocês não têm trabalho para fazer? Saiam daqui, as duas. Quando elas se ergueram, a sala de trabalho assumiu, aos olhos de Odrade, uma expressão de estranheza. O que estaria errado? Bellonda encarou-a com aquele terrível olhar de censura. Tamalane parecia mais sábia do que jamais fora.

“O que há com esta sala?”

O gabinete teria sido reconhecido por suas funções por qualquer dos humanos da era pré-espacial. O que produzia a sensação de estranheza? A mesa de trabalho era uma mesa de trabalho, e as cadeiras estavam colocadas adequadamente. Bell e Tam preferiam cadeiras-cão, que teriam parecido bizarras aos antigos humanos da Outra Memória. Os cristais ridulianos podiam brilhar estranhamente, com a vibração da luz fazendo-os piscar. As mensagens que oscilavam ao redor da mesa talvez causassem surpresa. Seus instrumentos de trabalho poderiam parecer incomuns ao humano de outra era que estivesse compartilhando sua percepção.

“Mas está parecendo estranho a mim.”

— Você está bem, Odrade? — preocupou-se Tam.

Odrade fez sinal para que se fossem, mas nenhuma das duas se moveu.

Estavam acontecendo coisas a sua mente que não poderiam ser atribuídas às longas horas de insuficiente descanso. Não era a primeira vez que sentia estar trabalhando em ambiente estranho. Na noite anterior, quando comia um lanche nessa mesma mesa, cuja superfície estava coberta de tarefas como agora, tinha-se achado sentada, olhando fixamente o trabalho por fazer.

Que Irmãs poderiam ser dispensadas de que cargos, para essa terrível Dispersão? Como elas poderiam aperfeiçoar as possibilidades de sobrevivência

das poucas trutas da areia que as Irmãs Dispersas levavam? Qual seria a porção adequada de melange a ser distribuída? Deveriam esperar, antes de enviar mais Irmãs para o desconhecido? Esperar pela possibilidade de que Scytale pudesse ser induzido a lhes dizer como os tanques axlotl produziam a especiaria?

Odrade lembrou-se de que o sentimento de estranheza tinha ocorrido enquanto mastigava um sanduíche. Tinha-o olhado, abrindo-o levemente. “Que coisa é essa que estou comendo?” Fígado de galinha e cebola, no excelente pão da Sede da Irmandade.

Questionar suas próprias rotinas fazia parte dessa sensação incomum.

— Você parece doente — Bell disse.

— Apenas cansada — mentiu Odrade. Elas sabiam que estava mentindo, mas teriam coragem de desafiá-la? — Vocês duas devem estar igualmente cansadas. — Havia afeição em sua voz.

Bell não estava satisfeita. — Você dá maus exemplos!

— Quem? Eu? — A caçoada não escapou a Bell.

— Sabe muito bem que sim!

— São suas demonstrações de afeto — disse Tamalane.

— Mesmo em relação a Bell.

— Não quero sua maldita afeição! Não é correto.

— Somente quando permito que isso governe minhas decisões, Bell. Somente neste caso.

A voz de Bellonda transformou-se num sussurro rouco. — Há gente que acha que você é uma romântica perigosa, Dar. Você sabe o que isso poderia acarretar.

— Vincular-me a Irmãs por outros motivos que não a nossa sobrevivência. É isso que quer dizer?

— Às vezes você me dá dor de cabeça, Dar!

— É minha obrigação e meu direito dar-lhes dor de cabeça. Quando a cabeça não dói, nós nos tornamos descuidadas. As afeições a incomodam, mas os ódios não.

— Conheço meu defeito.

“Você não poderia ser uma Reverenda Madre se não o conhecesse.”

A sala voltou a parecer familiar, mas agora Odrade sabia a origem de seus sentimentos de estranheza. Estava pensando neste lugar como parte da história antiga, considerando-o como o faria depois que tivesse desaparecido. Como certamente aconteceria, se seu plano tivesse sucesso. Sabia o que tinha de fazer agora. Era hora de revelar o primeiro passo.

“Cuidado.”

“Sim, Tar, estou tão cautelosa quanto você.”

Tam e Bell podiam estar velhas, mas suas mentes tornavam-se alertas quando a necessidade se impunha.

Odrade fixou o olhar em Bell. — Padrões, Bell. É nosso padrão não oferecer violência pela violência. — Ergueu a mão para impedir a resposta. — Sim, a violência gera mais violência, e o pêndulo oscila até que os seus agentes sejam destruídos.

— O que está pensando? — Tamalane interpelou.

— Talvez devêssemos pensar em atrair o touro mais agressivamente.

— Não podemos ousar. Não agora.

— Mas ousamos sentar aqui, esperando pacientemente que elas nos encontrem. Lâmpadas e outros de nossos desastres nos mostram o que acontecerá quando elas chegarem. *Quando*, não *se*.

Enquanto falava, Odrade sentia o abismo abaixo de si, a caçadora do pesadelo com o machado cada vez mais perto. Ela queria se aprofundar no sonho, voltar lá para identificar aquela que as espreitava, mas não tinha coragem. Esse tinha sido o erro do Kwisatz Haderach.

“Esse futuro não se vê, cria-se.”

Tamalane queria saber por que Odrade tinha levantado a questão.

— Você mudou de idéia, Dar?

— Nosso Teg-ghola tem dez anos de idade.

— Jovem demais para que tentemos restaurar suas memórias — disse Bellonda.

— Por que recriamos Teg, a não ser para um uso violento? — Odrade perguntou. — Oh, sim! — E como Tamalane começasse a objetar: — Teg nem sempre resolveu nossos problemas com violência. O Bashar pacífico afastaria os inimigos com palavras racionais.

Tam falou pensativamente: — Mas as Honradas Madres podem não negociar jamais.

— A menos que nós as levemos ao extremo.

— Acho que está propondo um movimento rápido demais — disse Bellonda. — Confie em Bell para chegar a uma conclusão final Mentat.

Odrade deu um suspiro profundo e olhou para a mesa de trabalho. Tinha chegado a hora, finalmente. Naquela manhã em que retirou o bebê-ghola daquele tanque obsceno, tinha sentido esse momento esperando por ela. Mesmo na ocasião, soubera que colocaria este ghola em provação antes da hora. Não obstante os laços de sangue.

Esticando a mão, Odrade pressionou uma tecla de chamada embaixo da mesa. Suas duas conselheiras esperavam de pé, em silêncio. Sabiam que estava para dizer algo importante. De uma coisa uma Madre Superiora podia estar certa

— suas Irmãs ouviam-na com imenso cuidado, uma intensidade que gratificaria alguém mais egocêntrico que uma Reverenda Madre.

— Política — disse Odrade.

A palavra, por sua carga, prendeu-lhes a atenção imediata. Quando entrava para a política Bene Gesserit, dirigindo os poderes para chegar ao topo, a pessoa tornava-se prisioneira da responsabilidade. Sobrecarregava-se de tarefas e decisões que a vinculavam às vidas daqueles que dependiam dela. Isso era o que realmente ligava a Irmandade a sua Madre Superiora. Aquela única palavra comunicou às conselheiras e vigilantes que a Primeira-entre-Todas tinha chegado a uma decisão.

Ouviram um leve ruído de alguém que se aproximava do lado de fora. Odrade tocou a placa branca no canto direito da mesa. A porta atrás dela abriu-se, revelando a presença de Streggi, que esperava as ordens da Madre Superiora.

— Traga-o — disse Odrade.

— Sim, Madre Superiora. — Sua voz era quase sem emoção. Uma acólita muito promissora, essa Streggi.

Ela saiu e voltou conduzindo Miles Teg pela mão. O cabelo do menino era bem louro, mas estriado de castanho-escuro, o que indicava que se tornaria mais escuro quando ficasse mais velho. Seu rosto era estreito, com o nariz começando a mostrar aquela angularidade de falcão tão característica dos homens Atreides. Seus olhos azuis moviam-se alertas, absorvendo tanto a sala como os ocupantes com curiosidade e expectativa.

— Streggi, espere lá fora, por favor. Odrade esperou que a porta se fechasse.

O rapaz permaneceu olhando para ela, sem nenhum sinal de impaciência.

— Ghola Miles Teg — disse Odrade —, naturalmente você se lembra de Tamalane e Bellonda.

Ele lançou um olhar para as duas mulheres, mas continuou em silêncio, aparentemente imobilizado pela intensidade de sua inspeção.

Tamalane franziu o cenho. Desde o princípio tinha discordado de chamar essa criança de ghola. Os gholas eram criados a partir de células de um cadáver. Este era um clone, assim como Scytale também o era.

— Vou enviá-lo para a não-nave com Duncan e Murbella — disse Odrade. — Quem melhor do que Duncan para restaurar as memórias originais de Miles?

— Justiça poética — concordou Bellonda. Não apresentou objeções, embora Odrade soubesse que elas viriam assim que o rapaz saísse. “Jovem demais!”

— O que ela quer dizer com justiça poética? — Teg perguntou. Sua voz

tinha uma qualidade estridente.

— Quando o Bashar estava em Gammu, restaurou as memórias originais de Duncan.

— E mesmo doloroso?

— Duncan achou que sim. “Algumas decisões devem ser cruéis.”

Odrade achava que isso era uma grande barreira que a impedia de aceitar o fato de que se podiam tomar decisões próprias. Algo que não precisaria ser explicado a Murbella.

“Como suavizar o golpe?”

Havia ocasiões em que não se podia suavizá-lo; na verdade, era mais humano arrancar as ataduras de uma vez só.

— Esse... esse Duncan Idaho pode realmente devolver minhas lembranças de... antes?

— Não só pode, como o fará.

— Não estaremos sendo precipitadas? — Tamalane perguntou.

— Tenho estudado as estórias sobre o Bashar — disse Teg. — Era um militar famoso e um Mentat.

— E você está orgulhoso disso, não está? — Bell estava descontando suas objeções no garoto.

— Não especialmente — Ele retribuiu seu olhar sem hesitação. — Penso nele como uma outra pessoa. No entanto, é muito interessante.

— Outra pessoa — resmungou Bellonda. Ela olhou para Odrade com mal disfarçada desaprovação. — Você está lhe dando o ensinamento profundo.

— Como o fez sua mãe.

— Eu me lembrarei dela? — perguntou Teg.

Odrade lançou-lhe um sorriso conspirador, do tipo que tinham compartilhado nas caminhadas pelos pomares. — Lembrará, sim.

— Tudo?

— Você se lembrará de todas as coisas — sua esposa, seus filhos, as batalhas. Tudo.

— Mande-o sair! — disse Bellonda.

O menino sorriu, mas olhou para Odrade, esperando sua ordem.

— Muito bem, Miles — disse Odrade. — Diga a Streggi que o leve a seus novos alojamentos na não-nave. Eu irei mais tarde, para apresentá-lo a Duncan.

— Posso ir nas costas de Streggi?

— Pergunte a ela.

Impulsivamente, Teg correu para Odrade, ficou na ponta dos pés e beijou-a no rosto. — Espero que minha mãe verdadeira seja como você.

Odrade deu-lhe um tapinha no ombro. — Bastante parecida. Agora, corra.

Quando a porta se fechou atrás dele, Tamalane disse: — Não lhe contou que é uma de suas filhas?

— Ainda não.

— Idaho lhe dirá?

— Se for indicado.

Bellonda não estava interessada em detalhes insignificantes. — O que está planejando, Dar?

Tamalane respondeu por ela. — Uma força punitiva comandada pelo Bashar Mentat. E óbvio.

“Ela mordeu a isca!”

— É isso? — Bellonda perguntou.

Odrade olhou ambas com dureza. — Teg foi o melhor que tivemos. Se alguém puder punir nossas inimigas...

— É melhor começarmos a desenvolver um outro Teg — disse Tamalane.

— Não gosto da influência que Murbella poderá ter sobre ele — acrescentou Bellonda.

— Idaho está disposto a colaborar? — Tamalane perguntou.

— Ele fará o que um Atreides lhe pedir.

Odrade falou com confiança, mas sentiu que as palavras abriam sua mente para outra fonte de sentimentos estranhos.

“Estou nos vendo como Murbella nos vê! Consigo pelo menos pensar como uma Honrada Madre.”

16

Não ensinamos História: recriamos a experiência. Seguimos a corrente de consequências — o rastro do animal na floresta. Observe o que está por trás de nossas palavras e verá o grande alcance de comportamento social que nenhum historiador chegou a tocar.

— Panoplia Propheticus da Bene Gesserit

Scytale assobiava enquanto caminhava pelo corredor em frente a seus aposentos, no exercício da tarde. Ida e volta. Assobiando.

“Deixe que se acostumem a meu assobio.”

Assobiando, compôs uma cantilena para acompanhar o som: — O esperma dos Tleilaxu não fala. — As palavras giravam em sua mente muitas e muitas vezes. Elas não poderiam usar suas células para cobrir a lacuna genética e aprender seus segredos.

“Terão que vira mim com presentes.”

Odrade tinha passado para vê-lo um pouco antes “a caminho de meu encontro com Murbella”. Ela mencionava a Honrada Madre prisioneira frequentemente, quando falava com ele. Havia um propósito nisso, mas ele não tinha idéia do que pudesse ser. Ameaça? Sempre era possível. Viria à tona eventualmente.

— Espero que não esteja com medo — Odrade tinha dito.

Estavam ao lado da máquina de refeições, enquanto ele esperava que seu almoço aparecesse. O cardápio nunca era inteiramente a seu gosto, mas aceitável. Hoje, tinha pedido frutos do mar. Sem nenhuma indicação da forma como seria servido.

— Com medo? De vocês? Ahhh, querida Madre Superiora, eu sou valiosíssimo para vocês enquanto vivo. Por que teria medo?

— Meu conselho ainda não se manifestou a respeito de suas solicitações mais recentes.

“Eu esperava isso.”

— É um erro cercear-me — disse ele. — Limita suas escolhas. Enfraquece-as.

Levara inúmeros dias planejando a composição dessas palavras. Esperou

pelo efeito que produziriam.

— Depende de como se deseja empregar a ferramenta, Mestre Scytale. Há ferramentas que se quebram quando usadas inadequadamente.

“Maldita seja, bruxa!”

Ele sorriu, mostrando seus caninos aguçados. — Testando para a extinção, Madre Superiora?

Ela fez uma de suas raras demonstrações de humor. — Você realmente espera que eu lhe dê força? O que está querendo agora, Scytale?

“Então, não sou mais Mestre Scytale. Dê-lhe um golpe com a parte lisa da lâmina!”

— Vocês dispersam suas Irmãs, esperando que algumas escapem à destruição. Quais são as consequências econômicas de sua reação histérica?

“Consequências! Eles sempre falam de consequências.”

— Negociamos para ganhar tempo, Scytale. — Muito solene.

Ele refletiu silenciosamente por um momento. Os televigias estavam espionando-os. Nunca se esqueça disso! “Economia, bruxa! Quem e o que vocês compram e vendem?” Este aposento perto da máquina de refeições é um lugar estranho para negociar, pensou ele. Meu gerenciamento da economia. A atividade administrativa, a sessão de planejamento e estratégia deveria ocorrer a portas fechadas, em grandes salas com vistas que não distraíssem os ocupantes dos negócios à sua frente.

As memórias em série de suas muitas vidas não aceitariam isso. “Necessidade. Os humanos conduzem seus negócios comerciais onde podem — nos conveses dos navios, em ruas de mau aspecto, cheias de vendedores apressados, em espaçosos salões de uma bolsa tradicional, com a informação circulando à vista de todos.”

O planejamento e a estratégia poderiam vir dos altos aposentos, mas a evidência deles era como a informação comum da bolsa — visível para todos.

Então, deixe que os televigias presenciem tudo.

— Quais são suas intenções a meu respeito, Madre Superiora?

— Mantê-lo vivo e forte. “Cuidado! Cuidado!”

— Mas não dar-me carta branca.

— Scytale! Você fala de economia e depois quer algo grátis?

— Mas minha força é importante para vocês?

— Acredite!

— Não confio em vocês.

A máquina escolheu esse momento para fazer surgir seu almoço: peixe branco passado de leve num molho delicado. Sentiu o cheiro de ervas. Água num copo alto, com um fraco aroma de melange. Uma salada verde. “Um de

seus melhores esforços.” Sentiu-se salivar.

— Bom apetite, Mestre Scytale. Não há nada que possa fazer-lhe mal. Não é uma prova de confiança?

Como ele não respondesse, ela falou: — O que tem a confiança a ver com a nossa barganha?

“Que tipo de jogo ela está fazendo agora?”

— Você me disse o que pretendem em relação às Honradas Madres, mas não disse o que pretende fazer comigo. — Sabia que estava dando uma impressão lamentosa, mas achou que era inevitável.

— Pretendo tornar as Honradas Madres conscientes de sua mortalidade.

— Assim como faz comigo!

Seria satisfação, essa expressão em seus olhos?

— Scytale. “Como era suave sua voz.” As pessoas que são assim alertadas realmente prestam atenção. Elas o ouvem. — Lançou um rápido olhar à bandeja. — Deseja alguma coisa especial?

Ele empertigou-se como pôde. — Uma pequena bebida estimulante. Ajuda-me a pensar.

— Naturalmente. Providenciarei para que seja mandada imediatamente. — Voltou sua atenção da alcova para o aposento principal do alojamento. Ele observava onde ela se detinha, seu olhar mudando de lugar para lugar, de item para item.

“Tudo em seu lugar, bruxa. Não sou um animal numa caverna. As coisas precisam estar dispostas adequadamente, de modo que eu possa encontrá-las sem pensar. Sim, aqueles são tabletes estimulantes, ao lado da cadeira. Assim, eu uso tabletes. Mas evito o álcool, percebeu?”

O estimulante que foi mandado tinha o gosto de uma erva amarga, que ele levou um momento para identificar. Casmina. Um fortificante do sangue geneticamente modificado, originário da farmacopéia de Gammu.

Será que ela pretendia lembrá-lo de Gammu? Essas bruxas eram tão cheias de rodeios!

Ridicularizando-o sobre a questão de economia. Sentia o ferrão da zombaria enquanto fazia a volta no fim do corredor e continuava seu exercício numa rápida caminhada de retorno a seus alojamentos. Qual era a cola que mantinha unido o Antigo Império? Muitas coisas, grandes e pequenas, mas principalmente razões econômicas. Linhas de conexão geralmente consideradas como conveniências. E o que as impedia de se destruírem umas às outras? A Grande Convenção. — Se você fizer explodir qualquer um, nós nos reuniremos para explodir você.

Ele parou do lado de fora de sua porta, despertado por um pensamento.

Era isso? Como poderia haver castigo suficiente para deter os ambiciosos powindah? Tinha se tornado uma cola composta de coisas intangíveis? A censura de seus companheiros? E se seus companheiros não evitassem nenhuma obscenidade? Você poderia fazer qualquer coisa. E isso significava alguma coisa a respeito das Honradas Madres. Com toda certeza.

Ansiava por uma sala de sagra, onde pudesse despir sua alma.

“O Yaghist desapareceu. Serei o último Masheikh?”

Seu peito parecia vazio. Respirar representava um esforço. Talvez fosse melhor negociar mais abertamente com as mulheres de Shaitan.

“Não! E o próprio Shaitan que está me tentando!”

Entrou em seus aposentos com uma disposição disciplinar.

“Devo fazê-las pagar. Fazê-las pagar caro. Muito, muitíssimo caro.” Cada vez que dizia a palavra *caro* dava um passo em direção a sua cadeira. Quando se sentou, pegou automaticamente um tablete estimulante. Logo sentiu sua mente movimentando-se a alta velocidade, pensamentos se acumulando numa ordem maravilhosa.

“Elas não sabem como conheço bem a nave ixiana. Está aqui, na minha cabeça.”

Passou a hora seguinte imaginando como registraria esses momentos, quando chegasse a hora de contar aos companheiros seu triunfo sobre os powindah. “Com a ajuda de Deus!”

Seriam palavras brilhantes, cheias de drama e das tensões de sua provação. A História, afinal, era sempre escrita pelos vencedores.

17

Dizem que a Madre Superiora não pode descuidar-se de nada — um aforismo sem sentido, até que se perceba sua outra significação: sou a serva de todas as minhas Irmãs. Elas observam sua criada com olhos críticos. Não posso perder tempo demais com assuntos de ordem geral ou trivialidades. A Madre Superiora deve dar demonstrações de ação inspirada, do contrário um sentido de inquietação se instala até nos cantos mais longínquos de nossa ordem.

— Darwi Odrade

Algo do que Odrade chamava de “meu eu servidor” caminhava com ela pelos saguões da Central esta manhã, fazendo da atividade um substituto para sua prática diária de exercícios na sala de educação física. “Um servidor desapontado!” Não gostava do que estava vendo.

“Estamos por demais enredadas em nossas dificuldades, quase incapazes de separar problemas insignificantes dos de maior importância.”

O que tinha acontecido à consciência de todas elas?

Embora algumas o negassem, Odrade sabia que existia uma consciência Bene Gesserit. Mas elas a tinham torcido e reformulado de uma forma quase irreconhecível.

Sentia-se relutante em interferir nisso. Decisões tomadas em nome da sobrevivência, a Missionária (suas intermináveis discussões jesuíticas) — todos divergiam de algo que exigia muito mais do julgamento humano. O Tirano sabia disso.

Ser humano, essa era a questão. Mas antes que se pudesse sê-lo, era preciso senti-lo nas entranhas.

Não havia respostas clínicas! Chegava a ser de uma simplicidade ilusória, cuja natureza complexa se mostrava quando aplicada.

“Como eu.”

A pessoa olhava para seu interior e encontrava quem e o que achava que era. Nada mais poderia servir.

“Então o que sou eu?”

— “Quem faz a pergunta?” — Era uma espetada da Outra Memória.

Odrade riu alto, e uma Instrutora que passava — chamada Praska — olhou-a surpresa. A Madre Superiora acenou para ela e disse: — É bom estar viva. Lembre-se disso.

Praska deu um débil sorriso e foi cuidar de seus afazeres.

“Então, quem pergunta: o que sou?”

Pergunta perigosa. Fazê-la colocava-a num universo onde nada era inteiramente humano. Nada parecia adequar-se a essa coisa indefinida que procurava. Todos à sua volta, palhaços, animais selvagens e marionetes reagiam ao puxar dos cordões. Ela percebia os cordões que *a* faziam mover-se.

Continuou pelo corredor na direção do tubo que a levaria a seus aposentos.

“Cordões.” O que se originava com o ovo? “Falamos muito da *mente em seu começo*. Mas o que eu era, antes que as pressões do viver me dessem forma?”

Não era suficiente procurar algo “natural”. Nada de “O Nobre Selvagem”. Ela já vira muitos em sua existência. Os cordões que os dirigiam eram bem visíveis a uma Bene Gesserit.

Sentia, dentro de si, a compulsão de fazer coisas. Especialmente forte, hoje. Era uma força a que ela às vezes desobedecia ou evitava. Era uma espécie de feitor que lhe dizia: “Fortaleça seus talentos. Não deslize suavemente na corrente. Nade! O que não se usa, se perde.”

Com uma sensação ofegante, próxima ao pânico, compreendeu que mantinha sua humanidade com esforço, e chegara quase a perdê-la.

“Venho tentando seriamente pensar como uma Honrada Madre! Manipular e controlar todos os que eu puder. E tudo em nome da sobrevivência da Bene Gesserit!”

Bell dizia que não havia limites no que a Irmandade pudesse fazer para preservar a Bene Gesserit. Não deixava de haver uma certa verdade nisso, mas era basicamente uma ostentação. Existiam coisas que realmente uma Reverenda Madre não faria para salvar a Irmandade.

“Nós não poríamos obstáculos ao Caminho Dourado do Tirano.”

A sobrevivência do gênero humano tinha precedência sobre a Irmandade. “Do contrário nosso ideal de maturidade humana não teria sentido.”

Mas, oh, os perigos da liderança numa espécie tão ansiosa para que lhe digam o que fazer. Como sabiam pouco das coisas que criavam com suas exigências. Os líderes cometem erros. E estes, ampliados pelo número dos que os seguem sem questionamento, levavam inevitavelmente a grandes desastres.

“Comportamento típico dos lemingues.”[8]

Era correto que as Irmãs a observassem com cuidado. Todos os governos precisavam ficar sob suspeita durante seu período de poder, inclusive o da própria Irmandade. “Não confiem em nenhum governo! Nem mesmo no meu!”

Estão me vigiando agora mesmo. Escapa muito pouco às minhas Irmãs. Saberão meu plano a tempo.

Era necessário fazer uma constante purificação mental para defrontar-se com seu grande poder sobre a Irmandade. “Não procurei esse poder. Foi lançado sobre mim.” E pensou: “O poder atrai os passíveis de corrupção. Deve-se suspeitar de todos os que o procuram.” Sabia que havia muita probabilidade de que tais pessoas fossem suscetíveis à corrupção, ou já estivessem inteiramente perdidas.

Fez uma nota mental para escrever e transmitir um memorando Coda aos Arquivos. (Que Bell se impaciente com isso!) — Devemos conferir poder sobre nossos assuntos apenas àqueles que estiverem relutantes em aceitá-lo, e então somente sob condições que aumentem essa relutância.

“Descrição perfeita da Bene Gesserit!”

— Você está bem, Dar? — Era a voz de Bellonda da porta do tubo, ao lado de Odrade. — Você parece... estranha.

— Estava só pensando em algo que tenho de fazer. Você está saindo? Bellonda encarou-a, quando trocaram os lugares. Odrade entrou no campo de transporte do tubo e foi levada velozmente para longe desse olhar indagador.

Chegando ao gabinete, viu sua mesa repleta de tarefas que suas assistentes achavam que só ela poderia resolver.

“Política”, lembrou, enquanto sentava-se e se preparava para assumir as responsabilidades. Tam e Bell tinham ouvido claramente no outro dia, mas suspeitavam apenas vagamente do que teriam de suportar. Estavam preocupadas e cada vez mais vigilantes. “Como deveriam.”

Quase qualquer assunto tinha elementos políticos, pensou. À medida que se estimulavam as emoções, as forças políticas apareciam de modo crescente em primeiro plano. Isso denunciava a mentira que havia na antiga tolice a respeito de “separação entre a Igreja e o Estado”. Nada mais suscetível ao fogo emocional do que a religião.

“Não admira que desconfiemos das emoções.”

Não todas as emoções, naturalmente. Somente aquelas às quais não se pudesse escapar em momentos de necessidade: amor, ódio. Um pouco de raiva, às vezes, mas sob rédea curta. Essa era a crença da Irmandade. Completa tolice!

O Caminho Dourado do Tirano tornou esse erro não mais tolerável. Deixou a Bene Gesserit numa perpétua estagnação. Não se podia servir até o Infinito!

A repetida pergunta de Bellonda não tinha resposta. — O que ele realmente queria que fizéssemos? — “Em que ações ele estava nos manipulando? (Como manipulamos os outros!)”

“Por que procurar significado onde não há nenhum?”

Caminho Dourado! Uma trilha deixada na imaginação. “O Infinito não está em lugar nenhum!” E a mente finita deve ser recusada. Aí era onde os Mentats encontravam *projeções* mutáveis, sempre produzindo mais perguntas que respostas. Era o ideal vazio daqueles que, com o nariz próximo ao círculo interminável, procuravam “uma única resposta para todas as coisas”.

“Procurando sua própria espécie de deus.”

Achava difícil censurá-los. A mente recuava ao defrontar-se com o infinito. O Vazio! Os alquimistas de todas as eras pareciam catadores de trapos curvados sobre as trouxas, dizendo: — Deve haver ordem em algum lugar aqui. Se eu insistir, tenho certeza de que vou encontrá-la.

E o tempo todo, a única ordem era aquela que eles mesmos criavam.

“Ahh, Tirano, seu brincalhão! Você viu isso. Você disse: — Criarei uma ordem para que a sigam. Aqui está o caminho, vêem? Não, não olhem! Esse é o caminho do Rei Nu (uma nudez visível apenas às crianças e aos loucos). Mantenham a atenção onde eu indicar. Este é meu Caminho Dourado. Não é um lindo nome? E tudo o que há e tudo o que poderá haver.”

“Tirano, você foi outro palhaço. Mostrando-nos um interminável reciclar de células a partir daquela bola de lama solitária e perdida em nosso passado comum.”

“Você sabia que o universo humano nunca poderia ser mais que comunidades e um fraco elemento de ligação entre nós quando fôssemos para a Dispersão. Uma tradição de nascimento comum tão longínqua no passado que as imagens que dela têm os descendentes estão, em sua maioria, distorcidas. As Reverendas Madres possuem o original, mas não podemos impô-lo à força àqueles que não o desejam. Vê, Tirano? Nós ouvimos você: — Deixem que peçam! Só então...”

“E foi por isso que você nos preservou, seu Atreides bastardo! É por isso que tenho de trabalhar.”

Apesar do perigo que isso representava para seu senso de humanidade, sabia que continuaria a insinuar-se nos métodos das Honradas Madres. “Preciso pensar como elas.”

O problema das caçadoras: compartilhado tanto pelo predador como pela presa. Não exatamente a agulha no palheiro. Mais uma questão de rastrear através de um terreno tomado de coisas familiares e desconhecidas. Os logros da Bene Gesserit asseguravam que as familiares causariam pelo menos tanta

dificuldade como as desconhecidas, às Honradas Madres.

"Mas o que elas fizeram por nós?"

A comunicação interplanetária funcionava em favor dos que eram perseguidos. Era limitada pela economia durante milênios. Existente quase que só entre Pessoas Importantes e Negociantes. Importante significava o que sempre significara: ricos, poderosos; banqueiros, funcionários, mensageiros. Militares. "Importante" rotulava muitas categorias — negociantes, artistas do palco, pessoal médico, técnicos especializados, espiões e outros especialistas. Não era muito diferente dos dias dos Mestres Mason da velha Terra.. Principalmente uma diferença em números, qualidade e sofisticação. Os limites eram transparentes para alguns, como sempre foram.

Achou importante fazer revisões ocasionais, à procura de falhas.

A grande massa da humanidade vinculada ao planeta falava do "silêncio do espaço", para dizer que não podiam arcar com o custo desse tipo de viagem ou comunicação. A maioria das pessoas sabia que as notícias recebidas através dessa maneira eram manipuladas por interesses especiais. Sempre tinha sido assim.

Na superfície de um planeta, o terreno e a fuga à radiação denunciada ditavam os sistemas de comunicação usados: tubos, mensageiros, linhas de luz, neurocursores e muitas trocas. O sigilo e a codificação eram importantes nos próprios planetas e não somente entre eles.

Odrade via isso como um sistema que as Honradas Madres poderiam interceptar se encontrassem um ponto de entrada. As caçadoras teriam de começar decifrando o sistema; mas, então, onde se originava a trilha que conduzia à Sede da Irmandade?

Não-naves impossíveis de serem rastreadas, máquinas ixianas, Navegadores da Corporação — todos contribuíam para o manto de silêncio entre os planetas, a não ser por uns poucos privilegiados. Que as caçadoras não tenham ponto de partida!

Foi uma surpresa quando uma idosa Reverenda Madre, de um planeta usado como castigo pela Bene Gesserit, surgiu no gabinete da Madre Superiora pouco antes da hora do almoço. Os Arquivos a identificaram: "Nome: Dortujla. Enviada anos atrás a uma punição especial por infração imperdoável." A Memória dizia que tinha sido algum tipo de caso amoroso. Odrade não procurou saber de detalhes, mas alguns foram mencionados, de qualquer forma. (Bellonda interferindo novamente!) Tinha havido manifestações emocionais de revolta na época em que Dortujla fora banida. Tentativas infrutíferas por parte do amante para impedir a separação.

Odrade lembrou-se de comentários sobre a desgraça. — O crime de

Jessica! Uma grande parte da informação valiosa era recebida através de mexericos. Em que diabo de lugar ela tinha sido colocada? Deixe! Isso não era importante no momento. As perguntas essenciais agora eram: “Por que ela está aqui? Por que arriscaria uma viagem que podia conduzir as caçadoras até nós?”

Perguntou a Streggi, quando esta anunciou sua chegada. Ela não sabia: — Diz que só revelará seus motivos à senhora, Madre Superiora.

— Somente a mim? — Odrade quase riu, considerando o constante controle (supervisão era um termo mais adequado) sobre cada ação sua. — Essa Dortujla não disse por que está aqui?

— As pessoas que me mandaram interrompê-la, Madre Superiora, disseram que a senhora devia vê-la.

Odrade apertou os lábios. O fato de que a Reverenda Madre banida tivesse penetrado até esse ponto atiçou sua curiosidade. Com persistência, ela poderia cruzar barreiras comuns, mas estas não eram assim. A razão de sua vinda já tinha sido revelada. Outros a ouviram e passaram-na adiante. Era evidente que Dortujla não tinha usado de artifícios Bene Gesserit para persuadir suas Irmãs. Isso só lhe traria rejeição imediata. Não havia tempo para esse tipo de tolices! Então ela tinha observado a corrente de comando. Sua ação revelava uma estimativa cuidadosa, uma mensagem dentro da mensagem que trazia, fosse ela qual fosse.

— Traga-a.

Dortujla tinha envelhecido suavemente em seu longínquo planeta. Revelava sua idade principalmente em rugas não muito profundas ao redor da boca. Seu capuz escondia o cabelo, mas os olhos emergiam brilhantes e alertas.

— Por que está aqui? — O tom de Odrade sugeria que só seria aceitável algo extremamente importante.

A estória de Dortujla era bastante objetiva. Ela e três outras Reverendas Madres tinham falado com um grupo de Futares da Dispersão. Estes tinham investigado o cargo de Dortujla e pediram-lhe que levasse uma mensagem à Sede da Irmandade. Ela havia filtrado o pedido através da Revelação da Verdade, lembrando à Madre Superiora que, mesmo no exílio, podia existir *algum* talento. Julgando a mensagem verdadeira, e tendo suas Irmãs concordado, Dortujla agira com rapidez não destituída de cautela.

— Partida imediata em nossa própria não-nave — foi sua maneira de dizê-lo. A nave era pequena, semelhante à de um contrabandista.

— Basta uma pessoa para operá-la.

A essência da mensagem era fascinante. Os Futares desejavam aliar-se às Reverendas Madres, em oposição às Honradas Madres. O tamanho da força que comandavam era difícil de avaliar, segundo Dortujla.

— Recusaram-se a dizer, quando perguntei.

Odrade tinha conhecimento de muitas estórias sobre Futares. Assassinos das Honradas Madres? Havia motivos para se acreditar nisso, mas as ações dos Futares eram confusas, especialmente nos relatos de Gammu.

— Quantos no grupo?

— Dezesseis Futares e quatro Treinadores. É assim que eles se chamavam: Treinadores. E dizem que as Honradas Madres têm uma arma perigosa, que só pode ser usada uma vez.

— Você apenas mencionou os Futares. Quem são esses Treinadores? E o que é isso a respeito de uma arma secreta?

— Deixei de mencioná-los. Parecem ser humanos, dentro de variáveis observadas na Dispersão: três homens e uma mulher. Quanto à arma, não quiseram acrescentar nada.

— Parecem humanos?

— Isso mesmo, Madre Superiora. De início, tive a estranha impressão de que eram Dançarinos Faciais. Mas nenhum dos critérios se aplicou. Feromônios negativos. Gestos, expressões — tudo negativo.

— Apenas a primeira impressão?

— Não posso explicá-la.

— E quanto aos Futares?

— Correspondem às descrições. Humanos na aparência exterior, mas com uma indiscutível ferocidade. Origem felina, eu diria.

— Assim me disseram.

— Eles falam, mas usam um Galach abreviado. Jatos de palavras, me pareceram. “Quando comer?”, “Você boa moça”, “Cocar cabeça”, “Sentar aqui?”. Parecem reagir imediatamente às ordens dos Treinadores, mas não têm medo deles. Tive a impressão de que há respeito e afeto mútuos entre Futares e Treinadores.

— Considerando os riscos, por que achou estas informações bastante importantes para trazê-las aqui?

— São pessoas da Dispersão. Seu oferecimento de aliança é uma abertura para os locais onde se originaram as Honradas Madres.

— Você deve ter-lhes perguntado sobre elas, naturalmente. E sobre as condições na Dispersão.

— Não houve respostas.

O fato, simplesmente relatado. Não se podia olhar com desdém essa Irmã banida, não importa que nuvens ela carregasse sobre o seu passado. Havia mais perguntas a fazer. Odrade observou as respostas atentamente, detendo-se na velha boca semelhante a uma fruta seca, abrindo-se e fechando-se rosada.

Alguma coisa nos anos de serviço de Dortujla, em seus longos anos de penitência, talvez a tivesse suavizado, mas deixaram o núcleo de dureza Bene Gesserit intocado. Ela falou com hesitação natural. Seus gestos eram gentilmente fluidos. Olhava para Odrade com bondade. *(Aí* estava a falha que suas irmãs condenavam: o cinismo Bene Gesserit posto em cheque.)

Dortujla interessava a Odrade. Era alguém que falava de Irmã para Irmã, com uma mente forte e bem constituída por trás das palavras. Uma mente temperada pela adversidade durante o tempo de seu cargo punitivo. Fazendo o que podia para compensar aquele deslize da juventude. Não fazia nenhuma tentativa de contemporizar ou de mostrar-se a par dos assuntos correntes. Um relato restrito ao essencial, deixando ver que tinha, tanto quanto possível, uma consciência das necessidades. Obediente às decisões da Madre Superiora e cautelosa em relação à perigosa visita, mas ainda assim achando que "vocês devem ter essa informação".

— Estou convencida de que não se trata de uma armadilha.

Sua conduta estava acima de reprovação. Olhar direto, com o rosto e olhos serenos, sem nenhum intuito de ocultar nada. Uma Irmã poderia ler sua máscara para uma avaliação adequada. Ela agia com um sentido de urgência. Tinha sido tola um dia, mas não era mais.

Qual era o nome de seu planeta-castigo?

O projetor em sua mesa o forneceu: Buzzell.

Esse nome trouxe um sentimento de alerta a Odrade. Buzzell! Seus dedos oscilaram na mesa de comando, confirmando lembranças. Buzzell: principalmente oceano. Frio. Muito frio. Ilhas estéreis, do tamanho de uma não-nave. As Bene Gesserit consideraram Buzzell, um dia, um lugar de castigo. Lição objetiva: — Cuidado, menina, ou nós a mandaremos para Buzzell. — Odrade lembrou-se de outra característica, então: pedrassuaves. Buzzell era um local onde tinham naturalizado um monopeda do mar, Cholister, cuja carapaça, quando friccionada, produzia tumores maravilhosos, uma das mais valiosas jóias do universo.

Pedrassuaves.

Dortujla estava usando uma delas, apenas visível junto à gola. À luz do gabinete, tomava o aspecto de uma mistura de verde-mar profundamente brilhante e malva. Era maior que uma órbita humana, exibindo-se como uma declaração de riqueza. Em Buzzell, provavelmente, dava-se pouco valor a essas pedras. Era fácil apanhá-las nas praias.

Pedrassuaves. Isso era significativo. Pelo projeto Bene Gesserit, Dortujla tinha negociações frequentes com contrabandistas. (Veja-se sua posse daquela não-nave.) Isto devia ser abordado com cuidado. Independente da discussão de

Irmã para Irmã, tratava-se ainda da Madre Superiora e de uma Reverenda Madre em punição.

Contrabando. Um crime grave para as Honradas Madres e outros que não tinham se defrontado com a realidade das leis inexequíveis. As Dobras do Espaço não mudaram nada em relação ao contrabando; tornaram, quando muito, mais fáceis as intrusões. Minúsculas não-naves. Até que ponto era possível construí-las em tamanho reduzido? Uma lacuna no conhecimento de Odrade, imediatamente corrigida pelos Arquivos: — 140m de diâmetro.

Portanto, pequenas o bastante, pedrassuaves eram uma carga que apresentava atração natural. As Dobras do Espaço constituíam uma barreira decisiva: qual o valor de um carregamento em relação ao tamanho e à massa? Podiam-se gastar muitos Solares para transportar material pesado. Pedrassuaves — magnéticas para os contrabandistas. Tinham interesse especial para as Honradas Madres, também. Simples economia? Sempre um grande mercado. Tão atraente para os contrabandistas como a melange, agora que a Corporação mostrava-se liberal em relação a ela. A Corporação sempre estocara grandes produções de especiaria em depósitos dispersos e (sem dúvida) inúmeros esconderijos.

“Eles pensam que podem comprar imunidade das Honradas Madres!” Mas isso oferecia algo que poderia ser transformado em vantagem, Odrade sentia.

Em sua fúria selvagem, as Honradas Madres tinha destruído Duna, a única fonte *natural* conhecida de melange. Ainda sem pensar nas consequências (estranho, isso), elas eliminaram os Tleilaxu, cujos tanques axlotl tinham inundado o Antigo Império com a especiaria.

“E temos criaturas capazes de recriar Duna. Também temos, possivelmente, o único Mestre Tleilaxu vivo. Trancado na mente de Scytale está o meio de transformar os tanques axlotl em uma cornucópia de melange. Se conseguirmos que ele nos revele como.”

O problema imediato era Dortujla. A mulher comunicou suas idéias com uma consciência que lhe dava crédito. Tanto os Treinadores como os Futares, disse ela, estavam perturbados por algo que não queriam revelar. Dortujla tinha agido bem, não tentando usar com eles os métodos de persuasão Bene Gesserit. Não havia indicação de como o pessoal da Dispersão poderia reagir. Mas o que os perturbava?

— Alguma outra ameaça não representada pela Honradas Madres — sugeriu a exilada. Ela não arriscava outras conclusões, mas a possibilidade estava presente e devia ser considerada.

— O essencial é que eles querem propor uma aliança — disse Odrade.

— Uma causa comum para um problema comum, era como se podia

dizer. Apesar do Senso da Verdade, Dortujla aconselhava somente uma cautelosa exploração da oferta.

Por que ir a Buzzell, afinal? Seria porque as Honradas Madres o tinham poupado ou julgaram-no insignificante em seu furioso arrastão?

— Pouco provável — Dortujla disse.

Odrade concordava. Dortujla, não importa quão comprometida sua posição original, comandava agora uma propriedade valiosa e, muito mais importante, era uma Reverenda Madre com uma não-nave que podia levá-la à Madre Superiora. Conhecia a localização da Sede da Irmandade. Naturalmente um conhecimento inútil para as caçadoras. Elas sabiam que uma Reverenda Madre preferia matar-se a trair esse segredo.

Problemas compreendiam mais problemas. Mas antes, um pouco de confraternização. Dortujla tinha interpretado com exatidão os motivos da Madre Superiora. Odrade mudou o rumo da conversa para assuntos pessoais.

Foi uma boa idéia. Dortujla estava claramente divertida, mas disposta a falar.

As Reverendas Madres em postos isolados tendiam a ter o que as Irmãs chamavam de “outros interesses”. Em eras anteriores eram denominados passatempos, mas a atenção que se devotava a esses interesses era em geral muito grande. Odrade achava a maioria dos interesses desse tipo tediosos, mas achou significativo que Dortujla chamasse os seus de passatempo. “Ela colecionava moedas, então?”

— De que tipo?

— Tenho duas gregas primitivas, em prata, e um perfeito óbolo de ouro.

— Autênticos?

— São verdadeiros. — Isso significava que tinha feito uma exploração pessoal na Outra Memória para autenticá-los. Fascinante. Exercia suas capacidades de um modo fortalecedor, mesmo com seu passatempo. A história interior e a exterior coincidiam.

— Tudo isso é muito interessante, Madre Superiora — disse Dortujla finalmente. — Aprecio a confirmação de que ainda somos Irmãs, e acho seu interesse em pinturas antigas um passatempo paralelo ao meu. Mas ambas sabemos dos motivos pelos quais arrisquei-me a vir até aqui.

— Os contrabandistas.

— Naturalmente. As Honradas Madres não podem ter deixado de constatar minha presença em Buzzell. Os contrabandistas não resistem a propostas vantajosas. Devemos partir do princípio de que eles tiraram proveito de seu conhecimento a respeito de Buzzell, das pedrassuaves e de uma Reverenda Madre residente, com servidores. E não podemos nos esquecer de

que os Treinadores me encontraram.

“Maldição”, Odrade pensou. “Dortujla é a espécie de conselheira que gostaria de ter perto de mim. Eu me pergunto quantos outros tesouros semelhantes estão lá fora, escondidos, por motivos mesquinhos? Por que tantas vezes pomos de lado nossos próprios talentos? Essa é uma fraqueza antiga, que a Irmandade ainda não exorcizou.”

— Acho que aprendemos algo valioso sobre as Honradas Madres — disse Dortujla.

Não havia necessidade de acenar em concordância. Esse era o ponto essencial do que tinha trazido Dortujla à Sede. As vorazes caçadoras vinham enxameando para o Antigo Império, matando e queimando onde quer que suspeitassem a presença das Bene Gesserit. Mas não tinham tocado Buzzell, embora devessem conhecer sua localização.

— Por quê? — Odrade perguntou, dando voz ao que tinham na mente.

— Nunca destrua o próprio ninho.

— Acha que elas já estão em Buzzell?

— Ainda não.

— Mas acredita que Buzzell é um lugar que elas querem.

— Projeção primária.

Odrade simplesmente fitou-a. Então ela cultivava um outro passatempo! Vasculhava a Outra Memória, revivia e aperfeiçoava talentos aí depositados. Quem poderia culpá-la? O tempo devia arrastar-se em Buzzell.

— Uma conclusão Mentat — acusou Odrade.

— Sim, Madre Superiora. — Seu tom era muito brando. As Reverendas Madres podiam investigar a Outra Memória somente com a permissão da Sede, e unicamente se contassem com a orientação e o apoio de companheiras Irmãs. Então Dortujla permanecia uma rebelde. Seguia seus próprios desejos, do mesmo modo que agira com seu amante proibido. Bom! A Bene Gesserit precisava dessas rebeldes.

— Elas querem Buzzell intacto — disse Dortujla.

— Um mundo aquático?

— Daria um habitat adequado para servos anfíbios. Não os Futares ou Treinadores. Estudei-os com atenção.

A evidência sugeria um plano das Honradas Madres para introduzir o trabalho escravo, talvez com anfíbios, para coletar pedrassuaves. As Honradas Madres podiam ter escravos anfíbios. O conhecimento que produziu os Futares poderia criar muitas formas de vida consciente.

— Escravos, um perigoso desequilíbrio — Odrade disse.

Dortujla demonstrou, pela primeira vez, uma emoção mais forte, uma

reação profunda que transformou-lhe a boca numa linha apertada.

Era um padrão há muito reconhecido pela Bene Gesserit: o fracasso inevitável da escravidão e da peonagem. Criava-se um reservatório de ódio. Inimigos implacáveis. Não se tinha esperança de exterminar todos esses inimigos, nem se ousava tentar. Tempere seus esforços com a percepção certa de que a opressão tornará seus inimigos mais fortes. Os oprimidos *terão* sua vez, e que Deus ajude o opressor, quando esse dia chegar. Era uma faca de dois gumes. O oprimido sempre aprendia com o opressor e o copiava. Quando os papéis se invertiam, o palco estava armado para outra rodada de vingança e violência. E os lugares eram trocados repetidamente, até a náusea.

— Será que elas não vão amadurecer jamais? — Odrade perguntou. Dortujla não possuía a resposta, mas tinha uma sugestão imediata: — Preciso retornar a Buzzell.

Odrade considerou a observação. Uma vez mais, a exilada Reverenda Madre estava mais adiantada do que a Madre Superiora. Por muito desagradável que fosse essa decisão, ambas sabiam que era a atitude. Os Futares e os Treinadores retornariam. Mais importante, com um planeta que as Honradas Madres desejavam, havia uma grande probabilidade de que os visitantes da Dispersão tivessem sido observados. As Honradas Madres seriam obrigadas a manifestar-se, e essa manifestação poderia revelar muito a seu respeito.

— Naturalmente, elas acham que Buzzell é a isca de uma armadilha — disse Odrade.

— Eu poderia fazer saber que fui banida por minhas Irmãs — disse Dortujla. — Pode ser verificado.

— Usar a si mesma como isca?

— Madre Superiora, que tal se elas fossem tentadas a participar de uma conferência?

— Conosco? “Que idéia espantosa!”

— Sei que a história delas não conta com negociações razoáveis, mas mesmo assim...

— É brilhante! Mas vamos tornar a idéia mais sedutora. Digamos que eu esteja convencida de que preciso levar-lhes uma proposta de sujeição da Bene Gesserit.

— Madre Superiora!

— Não tenho intenção alguma de me entregar. Mas que outra forma melhor de fazê-las falar?

— Buzzell não é um bom lugar para um encontro. Nossas instalações são muito precárias.

— Elas estão com a força no Entroncamento. Se sugerissem esse local

para o encontro, você poderia deixar-se persuadir?

— Isso requer um planejamento cuidadoso, Madre Superiora.

— Oh, *muito* cuidadoso. — Os dedos de Odrade adejaram sobre as teclas da mesa. — Sim, hoje à noite — disse, respondendo a uma pergunta visível, e então dirigiu-se a Dortujla por sobre a mesa atulhada: — Quero que se aviste com meu Conselho e outras pessoas antes de retornar. Nós a instruiremos em detalhe, mas dou-lhe minha garantia pessoal de que terá liberdade de ação. O importante é conseguir que elas concordem com um encontro no Entroncamento... e espero que saiba o quanto me desagrada usá-la como isca.

Como Dortujla permanecesse mergulhada em seus pensamentos e não respondesse, Odrade disse: — Elas podem ignorar nossas propostas iniciais e eliminá-la. Entretanto, você é a única isca de que dispomos.

Dortujla mostrou que ainda tinha senso de humor. — Não gosto muito da idéia de balançar num anzol, Madre Superiora. Por favor, segure firme essa linha. — Levantou-se e, com um olhar preocupado para a mesa de Odrade, disse: — A senhora tem tanto a fazer, e temo ter ocupado seu tempo além da hora do almoço.

— Almoçaremos juntas, aqui, Irmã. No momento, você é muito mais importante do que qualquer outra coisa.

18

Todos os estados são abstrações.

— Octun Politicus Arquivos BG

Lucilla procurou ter cuidado em não aceitar um sentimento demasiado familiar a respeito desta sala de cor verde-ácido e da constante presença da Grande Honrada Madre. Este era o Entroncamento, fortaleza daquelas que procuravam o extermínio da Bene Gesserit. Era o inimigo. Dia dezessete.

O relógio mental infalível que se tinha instalado em sua mente durante a Agonia da Especiaria dizia-lhe que já estava adaptada aos ritmos circadianos do planeta. Despertar pela madrugada. Nenhuma indicação de quando seria alimentada. A Honrada Madre a tinha confinado a uma única refeição por dia.

E sempre aquele Futar na jaula. Um lembrete: “Vocês ambos em jaulas. É assim que tratamos os animais perigosos. Podemos deixá-los sair, ocasionalmente, para esticar as pernas e nos dar prazer, mas depois disso, para a jaula de novo.”

Quantidades mínimas de melange na comida. Não por parcimônia com sua riqueza. Uma pequena demonstração “do que poderia ser seu, se você fosse ao menos razoável”.

“A que horas ela virá hoje?”

As aparições da Grande Honrada Madre não tinham horário preestabelecido. Aparições ao acaso para confundir a prisioneira? Provavelmente. Deveria haver outras exigências para o emprego do tempo de uma comandante. Encaixe o animalzinho perigoso no seu horário, onde for possível.

“Posso ser perigosa, senhora Aranha, mas não sou seu animalzinho.”

Lucilla sentiu a presença de dispositivos exploradores, coisas que eram mais do que um estímulo para os olhos. Eles examinavam *dentro* da carne, procurando armas escondidas, examinando o funcionamento dos órgãos. “Será que ela tem implantes estranhos? E quanto a órgãos adicionais, cirurgicamente acrescentados ao corpo?”

“Nada disso, senhora Aranha. Confiamos nas coisas que vêm com o nascimento.”

Lucilla conhecia o maior perigo imediato para si — que ela se sentisse inadequada ao ambiente. Suas captoras a mantinham em terrível desvantagem, mas não tinham destruído suas capacidades Bene Gesserit. Podia optar pela morte antes que o shere em seu corpo estivesse esgotado ao ponto de levá-la à traição. Ela ainda tinha sua mente... e a tribo de Lâmpadas.

O painel do Futar abriu-se, e sua jaula deslizou para fora. Então a Rainha Aranha estava a caminho. Exibindo ameaças adiante de si, como de costume. "Vinha cedo, hoje. Mais cedo do que nunca."

— Bom dia, Futar — Lucilla falou com uma cadência alegre e melodiosa. O Futar olhou-a, mas não disse nada.

— Você deve odiar essa jaula — Lucilla disse.

— Não gostar jaula.

Ela já tinha percebido que essas criaturas possuíam certo grau de facilidade linguística, mas seu alcance ainda a iludia.

— Imagino que ela o mantém faminto, também. Gostaria de me comer?

— Comer — Clara demonstração de interesse.

— Desejaria ser sua Treinadora.

— Você Treinadora?

— Você me obedeceria se eu fosse uma?

A pesada cadeira da Rainha Aranha ergueu-se do esconderijo no chão. Nem sinal dela, mas era de se supor que tivesse ouvido a conversa. O Futar olhou para Lucilla com uma peculiar intensidade.

— Os Treinadores mantêm vocês na jaula e com fome?

— Treinador? — Evidente inflexão de pergunta.

— Quero que você mate a Grande Honrada Madre. — Isso não seria surpresa para elas.

— Matar Dama!

— E comê-la.

— Dama veneno. — Desanimado. "Ooooh. Não é uma informação interessante?"

— Ela não é venenosa. Sua carne é igual à minha.

O Futar aproximou-se, dentro dos limites da jaula. Com a mão esquerda, baixou o lábio inferior. Havia a forte vermelhidão de uma cicatriz, com aparência de queimadura.

— Ver veneno — ele disse, deixando cair a mão.

"Imagino como ela teria feito isso?" Não havia cheiro de veneno na Honrada Madre. Carne humana e uma droga com base de adrenalina para produzir os olhos laranja em resposta à irritação... e àquelas outras respostas reveladas por Murbella. Uma sensação de absoluta superioridade.

Até onde ia a compreensão de um Futar? — Era veneno amargo?

O Futar fez uma careta e cuspiu.

“Ação mais rápida e mais poderosa que palavras.”

— Você odeia Dama? Ele exibiu os caninos.

— Tem medo dela? Sorriso.

— Então por que não a mata?

— Você não Treinadora.

“É necessário o comando de um Treinador!”

A Grande Honrada Madre entrou e afundou-se numa cadeira.

Lucilla colocou a voz na cadência melodiosa: — Bom-dia, Dama.

— Não lhe dei permissão para me chamar assim. — Voz baixa, com um início de pintas de laranja nos olhos.

— O Futar e eu estávamos tendo uma conversa.

— Sei. — Mais laranja nos olhos. — E se você o estragou para mim...

— Mas, Dama...

— Não me chame assim! — Fora da cadeira, com os olhos em chamas laranja.

— Por favor, sente-se — disse Lucilla. — Isso não é maneira de conduzir um interrogatório. — Sarcasmo, uma arma perigosa. — Disse ontem que desejava continuar nossa discussão sobre política.

— Como sabe que horas são? — Sentando-se de novo, mas com os olhos ainda flamejando.

— Todas as Bene Gesserit têm essa capacidade. Podemos sentir os ritmos de qualquer planeta depois de algum tempo no local.

— Um talento estranho.

— Qualquer um pode fazer isso. Uma questão de estar sensibilizado.

— Eu poderia aprendê-lo? — O laranja estava perdendo a força.

— Eu disse *qualquer um.* Você ainda é humana, não é? — “Uma pergunta ainda não inteiramente respondida.”

— Por que diz que vocês, bruxas, não têm governo?

“Quer mudar de assunto. Nossas capacidades a preocupam.” — Não foi isso que eu disse. Não temos governo *convencional.*

— Nem mesmo um código social?

— Não existe essa coisa chamada código social para atender a todas as necessidades. Um crime numa sociedade pode ser uma exigência moral em outra.

— As pessoas sempre têm governo. — O laranja completamente apagado. “Por que isso a interessa tanto?”

— As pessoas têm política. Eu lhe disse ontem. Política: a arte de parecer

sincero e completamente aberto ao mesmo tempo em que se oculta tanto quanto possível.

— Então vocês, bruxas, ocultam coisas.

— Não disse isso. Quando se diz "política", isso é uma advertência para nossas Irmãs.

— Não acredito em você. Os humanos sempre criam alguma forma de...

— Acordo?

— Uma palavra tão boa quanto qualquer outra! — "Isso a irrita." Como Lucilla não acrescentasse nenhuma outra resposta, a Grande

Honrada Madre inclinou-se para a frente. — Você está escondendo coisas!

— Não é meu direito ocultar-lhe o que poderia ajudá-las a nos derrotar? — "Essa é uma boa isca!"

— Acho que sim! — Recostando-se com um olhar de satisfação.

— Entretanto, por que não divulgá-lo? Vocês pensam que os nichos de autoridade estarão sempre lá para serem preenchidos, e não sabem o que isso revela sobre minha Irmandade.

— Oh, conte-me, por favor. — "Sarcasmo pesado."

— Vocês acreditam que tudo isso está de acordo com instintos que remontam aos tempos tribais e além. Chefes e Maiores. A Mãe Misteriosa e o Conselho. E anterior a isso, o Homem Forte (ou a Mulher), que providenciava para que todos fossem alimentados e protegidos pelo fogo à entrada da caverna.

— Isso faz sentido. "Faz mesmo?"

— Oh, concordo. A evolução das formas está claramente exposta.

— Evolução, bruxa! Uma coisa em cima da outra. "Evolução. Vê como ela se agarra a palavras-chave?"

— É uma força que pode ser mantida sob controle, fazendo-a depender de si mesma.

"Controle! Veja o interesse que você despertou. Ela adora essa palavra."

— Então vocês fazem leis como qualquer um!

— Regulamentos, talvez, mas não é tudo temporário? Intensamente interessada. — Naturalmente.

— Mas sua sociedade é administrada por burocratas que sabem que não podem aplicar a mais leve imaginação ao que fazem.

— Isso é importante? — "Realmente perplexa. Olhe sua carranca!"

— Somente para vocês, Honrada Madre.

— Grande Honrada Madre! — "Como ela é sensível!"

— Por que não permite que eu a chame de Dama?

— Não somos íntimas. '

— O Futar é íntimo?

— Pare de mudar de assunto!

— Quer escovar dente — disse o Futar.

— Quieto! — “Realmente furiosa.”

O Futar sentou-se nos quartos, mas não ficou intimidado. A Grande Honrada Madre voltou seu olhar laranja para Lucilla. — E quanto aos burocratas?

— Eles não têm vez para manipulações, porque essa é a forma pela qual seus superiores engordam. Quando não se vê diferença entre a lei e o regulamento, ambos têm a força da lei.

— Não vejo diferença. — “Ela não sabe o que está revelando.”

— As leis exprimem o mito da mudança forçada. Um futuro novo e brilhante acontecerá em função desta ou daquela lei. As leis impõem o futuro. Acredita-se que os regulamentos dêem força ao passado.

— Acredita-se? — “Ela não gosta dessa palavra, também.”

— Em ambos os exemplos, a ação é ilusória. Como designar um comitê para estudar um problema. Quanto mais pessoas no grupo, mais idéias preconcebidas serão aplicadas ao problema.

“Cuidado! Ela está pensando sobre o assunto, aplicando-o a si mesma.” Lucilla ajustou seu tom de voz ao nível mais razoável. — Vocês vivem em função de um passado exagerado e tentam entender um futuro não identificado.

— Não acreditamos na presciência. — “Sim, ela acredita! Finalmente. E por isso que nos mantém vivas.”

— Por favor, Dama. Há sempre algo desequilibrado no limitar-se a um reduzido círculo de leis’.

“Tenha cuidado! Ela não reagiu quando você a chamou de Dama.” A cadeira da Grande Honrada Madre rangeu a um movimento seu. — Mas as leis são necessárias!

— Necessárias? Isso é perigoso.

— De que modo?

“Vá devagar. Ela se sente ameaçada.”

— As leis e as regras que são necessárias impedem as pessoas de se adaptarem. Inevitavelmente, tudo acaba por se quebrar. É como os banqueiros, pensando que podem comprar o futuro. — ”O poder para mim! Os descendentes que vão para o inferno!”

— O que é que os descendentes fazem por mim?

“Não o diga! Olhe para ela. Está reagindo com a loucura habitual. Dê-lhe mais um gostinho.”

— As Honradas Madres originaram-se como terroristas. Primeiro, burocratas, e o terror como arma de sua escolha.

— Quando está em suas mãos, use-a. Mas nós éramos rebeldes. Terroristas? Isso é caótico demais.

“Ela gosta dessa palavra, *caos.* Define tudo que é exterior. Ela nem ao menos pergunta como você conhece suas origens. Aceita nossas misteriosas capacidades.”

— Não é estranho, Dama... — ”Não houve reação; continue.”... o modo como os rebeldes logo caem nos antigos padrões, quando são vitoriosos? Não é tanto uma armadilha no caminho de todos os governos, mas uma desilusão à espera de qualquer um que chegue ao poder.

— Ah! E eu pensei que você me diria alguma coisa nova. Nós conhecemos essa: O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.

— Errado, Dama. Algo mais sutil, mas muito mais universal. O poder atrai os corruptíveis.

— Você ousa acusar-me de corrupção? “Observe os olhos!”

— Eu? Acusá-la? A única que pode acusá-la é você mesma. Eu simplesmente lhe dei a opinião das Bene Gesserit.

— O que não me diz nada!

— Entretanto, acreditamos que haja uma moralidade acima de qualquer lei, que deve permanecer vigilante quanto a qualquer tentativa de estabelecer um regulamento imutável.

“Você usou as duas palavras numa única sentença e ela não percebeu.”

— O poder sempre funciona, bruxa. Essa é a lei.

— E os governos que se perpetuam muito tempo sob *essa* crença sempre se tornam acumpliciados com a corrupção.

— Moralidade!

“Ela não é muito boa em mostrar-se sarcástica, especialmente quando está na defensiva.”

— Tentei realmente ajudá-la, Dama. As leis são perigosas para todos, sejam eles inocentes ou culpados. Não importa que a pessoa se acredite poderosa ou desamparada. Não têm compreensão humana nem dentro, nem a respeito de si mesmas.

— Não existe essa coisa chamada compreensão humana!

“Nossa pergunta está respondida. Não são humanas. Fale a seu lado inconsciente. Ela está inteiramente aberta.”

— As leis precisam sempre de interpretações. Os que agem compelidos pela lei não têm abertura para a compaixão. Não há liberdade para agir. A lei é a lei.

— É. — “Muito defensiva.”

— Essa é uma idéia perigosa, especialmente para os inocentes. As

pessoas conhecem isso instintivamente, e se ressentem com essas leis. Fazem pequenas coisas, em geral em nível inconsciente, para incapacitar “a lei” e aqueles que lidam com essa tolice.

— Como ousa chamá-la de tolice? — Quase levantando da cadeira, mas voltando a sentar-se.

— Oh, sim. E a lei, personificada por todos aqueles cuja subsistência depende dela, torna-se indignada quando ouve palavras como as minhas.

— Perfeitamente, bruxa! — “Mas ela não a mandou ficar calada.”

— Mais lei — diz você. — Precisamos de mais lei! Então vocês fazem novos instrumentos de não-compaixão e, incidentalmente, novos nichos de emprego para aqueles que se alimentam do sistema.

— Sempre foi e sempre será assim.

— Errado, novamente. É um rondo, que gira e gira até que fere a pessoa ou o grupo errado. Aí vem a anarquia. O caos. — “Vê como ela pula?” — Rebeldes, terroristas, explosões crescentes de devastadora violência. Um” jihad! E tudo porque vocês criaram algo inumano.

“Mão no queixo, olhe só!”

— Como foi que nos afastamos tanto da política, bruxa? Era essa sua intenção?

— Não nos afastamos nem uma fração de milímetro!

— Suponho que vá me dizer que vocês, bruxas, praticam uma forma de democracia.

— Com uma vigilância que vocês não podem imaginar.

— Tente comigo. — “Ela pensa que você vai lhe contar um segredo. Conte-lhe um.”

— A democracia é suscetível de ser afastada do caminho por fazer desfilar bodes expiatórios diante do eleitorado. Pegue os ricos, os gananciosos, os criminosos, o líder estúpido e assim por diante *ad nauseam.*

— Vocês pensam como nós. — ”Céus! Ela quer desesperadamente que sejamos como ela.”

— Disse que vocês são burocratas que se rebelaram. Conhecem a falha. Uma burocracia desequilibrada, mais pesada em cima do que embaixo, que o eleitorado não pode alcançar, sempre se expande até os limites de energia do sistema. Arranque essa energia dos idosos, dos aposentados, de qualquer um. Especialmente daqueles que outrora se diziam classe média, porque é aí que a maior parte da energia tem origem.

— Vocês se consideram... classe média?

— Não nos classificamos sob nenhuma forma fixa. Mas a Outra Memória nos revela as falhas da democracia. Imagino que vocês têm alguma forma de

serviço civil para as “ordens inferiores”.

— Tomamos conta de nós. — “Esse é um eco desagradável.”

— Então sabem como isso dilui o voto. Sintoma principal: as pessoas não votam. O instinto lhes diz que é inútil.

— A democracia é uma idéia obtusa, de qualquer modo!

— Concordo. Propensa à demagogia. É uma doença à qual os sistemas eleitorais são vulneráveis, entretanto, os demagogos são fáceis de identificar. Gesticulam muito e falam com o ritmo do púlpito, utilizando palavra^ que ressoam com fervor religioso e sinceridade crente. “Ela está rindo!”

— A sinceridade de fachada, que não tem nada por trás, exige muita prática, Dama. E a prática sempre pode ser detectada.

— Pelas Reveladoras da Verdade?

“Vê como ela se inclina para a frente? Nós a pegamos de novo.”

— Por qualquer um que interprete os sinais: Repetição. Grande esforço para manter sua atenção nas palavras. Não se deve prestar atenção às palavras. Observe o que a pessoa faz. Desse modo aprendem-se os motivos.

— Então vocês não têm uma democracia. “Conte-me mais segredos Bene Gesserit.”

— Mas nós temos.

— Pensei que tivesse dito...

— Nós a protegemos bem, prestando atenção às coisas que acabei de descrever. O perigo é grande, mas a recompensa também o é.

— Sabe o que me revelou? Que vocês são um bando de tolas!

— Boa moça! — o Futar disse.

— Cale-se, ou eu o mando de volta para o rebanho.

— Dama não boa.

— Vê o que fez, bruxa? Estragou-o!

— Imagino que haja outros. “Ohhhh. Olhe esse sorriso.”

Lucilla harmonizou-se com o sorriso com precisão, espaçando suas respirações no ritmo das dela. “Vê como somos parecidas? Naturalmente eu tentei feri-la. Você não faria o mesmo em meu lugar?”

— Então vocês sabem obrigar a democracia a fazer o que querem. — Expressão de regozijo.

— A técnica é muito sutil, mas fácil. Cria-se um sistema em que a maioria das pessoas está insatisfeita, vaga ou profundamente.

“É assim que ela pensa. Observe seu aceno em concordância a suas palavras.”

Lucilla manteve-se no ritmo do movimento de concordância da Honrada Madre. — Isso desenvolve sentimentos difusos de ódio vingador. Aí fornecem-

se alvos para essa raiva, conforme a necessidade.

— Uma tática diversiva.

— Prefiro considerá-la uma distração. Não dê tempo para perguntas. Enterre seus erros sob mais leis. Transita-se na ilusão. É a técnica das touradas.

— Oh,sim! Isso é bom! — ”Ela está quase alegre. Dê-lhe mais imagens de touradas.”

— Agite a capa. Eles arremetem, e ficam confusos quando percebem que não há toureiro por trás. Isso embrutece o eleitorado tanto quanto o touro. Menos pessoas usarão o voto inteligentemente na próxima vez.

— E é por isso que o fazemos!

“Nós o fazemos! Será que ela se ouve?”

— Aí você insulta o eleitorado. Faz com que se sintam culpados. Torna-os embrutecidos. Alimenta-os. Diverte-os! Não exagere!

— Oh, não! Nunca exagere.

— Faça-os saber que a fome os espera se não entrarem na linha. Mostre-lhes os aborrecimentos causados aos que fazem balançar os botes. “Obrigada, Madre Superiora. É uma imagem adequada.”

— Vocês não deixam que o touro pegue de vez em quando um matador?

— Naturalmente. Pum! Pegamos um! Aí você espera que o entusiasmo diminua.

— Eu sabia que vocês não permitiam uma democracia!

— Por que não quer me acreditar? “Está desafiando o destino!”

— Porque você teria de permitir votação aberta, júris, juizes e...

— Nós as chamamos de Instrutoras. Uma espécie de Júri de Todos. “Agora você a confundiu.”

— E nenhuma lei... nenhum regulamento, como quer que vocês o chamem?

— Não lhe disse que os definimos separadamente? Regulamento — passado. Lei — futuro.

— Vocês restringem essas... essas Instrutoras, de algum modo!

— Elas podem chegar à decisão que quiserem, do modo que um júri funcionaria. A lei que se dane!

— Essa é uma idéia muito perturbadora. “Ela está de fato perturbada. Veja como seus olhos estão sem expressão.”

— A primeira regra da nossa democracia: nenhuma lei que restrinja o poder do júri. Essas leis são absurdas. É assombroso como os humanos podem ser obtusos quando agem em grupos pequenos, voltados para seus próprios interesses.

— Você está me chamando de obtusa, não está? “Cuidado com o laranja.”

— Parece haver uma regra da natureza que diz que é quase impossível para os grupos que atendem seus próprios interesses agir esclarecidamente.

— De forma esclarecida! Eu sabia!

“Esse é um sorriso perigoso. Tenha cuidado.”

— Significa fluir com as forças da vida, ajustando suas ações de modo que a vida possa continuar.

— Com a maior quantidade de felicidade para o maior número, naturalmente.

“Depressa! Fomos espertas demais! Mude de assunto!”

— Esse era um elemento que o Tirano não considerou em seu Caminho Dourado. Ele não considerou a felicidade, somente a sobrevivência da humanidade.

“Dissemos para mudar de assunto. Olhe para ela! Está furiosa!” A Grande Honrada Madre afastou a mão do queixo. — E eu ia convidá-la para fazer parte de nossa ordem, fazê-la uma de nós. Libertá-la. “Tire-a disso! Depressa!”

— Não fale — disse a Grande Honrada Madre. — Nem abra a boca. “Já está feito!”

— Você ajudaria Logno ou uma das outras e ela ficaria em meu lugar! — Olhou para o Futar agachado. — Comer, querido?

— Não comer boa moça.

— Então vou jogar sua carcaça para o rebanho!

— Grande Honrada Madre...

— Eu lhe disse para não falar! Você teve a ousadia de chamar-me de Dama.

Lucilla teve uma visão nublada da mulher pulando da cadeira. A porta da jaula escancarou-se, batendo com força na parede. Tentou esquivar-se, mas o shigafio restringia seus movimentos. Não chegou a ver o pontapé que lhe esmagou as têmporas.

No momento de sua morte, a consciência de Lucilla foi penetrada por um grito de raiva — a tribo de Lâmpadas dando vazão a emoções sufocadas por muitas gerações.

19

Há pessoas que nunca participam. A vida lhes acontece. Dão um jeito de arranjar-se com pouca coisa além de uma cega persistência, e resistem com raiva ou violência a tudo que poderia afastá-las das rancorosas ilusões da segurança.

— *Alma Mavis Ta aza*

De lá pra cá, de cá pra lá. O dia inteiro, de lá pra cá. Odrade mudava de um registro dos televigias para outro, procurando, indecisa, inquieta. Primeiro olhava para Scytale, depois para o jovem Teg com Duncan e Murbella, em seguida fixava o olhar para fora da janela enquanto pensava no último relatório de Lâmpadas enviado por Burzmali.

Quando poderiam tentar a restauração das memórias do Bashar? E o ghola, uma vez reintegrado, obedeceria?

“Por que a falta de notícias do Rabino? Deveríamos iniciar a Extremis Progressiva, compartilhando entre nós o máximo possível?” O efeito sobre o moral seria devastador.

Os registros eram projetados acima da mesa, enquanto as assistentes e conselheiras entravam e saíam. Interrupções necessárias. Assine isto. Aprove aquilo. Devemos diminuir a melange deste grupo?

Bellonda estava lá, sentada à mesa. Tinha parado de perguntar o que Odrade procurava e simplesmente observava com aquele olhar fixo, inabalável. Sem piedade.

Tinham discutido sobre a possibilidade de uma nova população de vermes da areia na Dispersão restaurar a influência maligna do Tirano. Esse *sonho interminável* em cada espectro do verme ainda preocupava Bell. Mas os números populacionais, por si só, revelavam que o domínio do Tirano sobre seu destino tinha terminado.

Tamalane tinha estado lá mais cedo, procurando um registro de Bellonda. Revigorada por um novo acervo nos Arquivos, esta lançara-se numa diatribe às mudanças de população da Irmandade e ao esgotamento de recursos.

Odrade olhou pela janela agora que o crepúsculo se espalhava pela

paisagem. Estava escurecendo gradativamente, em nuances quase imperceptíveis. Quando anoiteceu por completo, ela tomou consciência das luzes lá longe, nas casas da plantação. Sabia que estavam acesas há mais tempo, mas tinha a sensação de que era a noite que as criava. Algumas se apagavam de vez em quando, conforme as pessoas se movimentavam pelos aposentos. “Onde não houver pessoas — não há necessidade de luz. Não desperdice energia.”

As luzes que piscavam tomaram-lhe a atenção por um momento. Uma variação da velha questão da árvore caindo na floresta: haveria som, se ninguém ouvisse? Odrade era partidária da idéia de que as vibrações existiam independentes de serem registradas por um sensor.

“Haverá sensores secretos seguindo nossa Dispersão? Que novos talentos e que invenções os Primeiros Dispersos usam agora?”

Bellonda já se mantivera em silêncio por tempo suficiente. — Dar, você está transmitindo sinais que nos preocupam pela Sede da Irmandade.

Odrade aceitou a observação sem comentários.

— O que quer que esteja fazendo, está sendo interpretado como indecisão. — ”Como Bell parecia triste.” — Grupos importantes estão discutindo a possibilidade de substituí-la. As Instrutoras estão votando.

— Somente as Instrutoras?

— Dar, você realmente acenou a Praska, no outro dia, e lhe disse que era bom estar viva?

— Isso mesmo.

— O que anda fazendo?

— Reavaliando. Nenhuma notícia de Dortujla?

— Já me perguntou isso uma dúzia de vezes, hoje! — Bellonda fez um gesto para a mesa de trabalho. — Você continua revendo o último relatório de Burzmali a respeito de Lâmpadas. Há alguma coisa que deixamos passar?

— Porque nossas inimigas se agarram a Gammu? Responda-me, Mentat.

— Não tenho dados suficientes, você bem sabe!

— Burzmali não era Mentat, mas sua descrição dos acontecimentos apresenta uma força persistente, Bell. Bem, afinal ele era o aluno favorito do Bashar. É compreensível que mostre características de seu mestre.

— Diga logo, Dar. O que vê no relatório?

— Ele preenche um vazio. Não completamente, mas... é torturante o modo como se refere a Gammu. Muitas forças econômicas têm ligações importantes no local. Por que esses fios não foram cortados por nossas inimigas?

— Elas estão no mesmo sistema, obviamente.

— E se fizéssemos um ataque total a Gammu?

— Ninguém quer fazer negócios em ambientes violentos. É isso que quer

dizer?
— Em parte.
— Muitos dos grupos desse sistema econômico provavelmente gostariam de mudar-se. Um outro planeta, uma outra população subserviente.
— Por quê?
— Poderiam fazer previsões com mais confiabilidade. Aumentariam as defesas, naturalmente.
— Nessa aliança que percebemos, Bell, eles redobrariam os esforços para nos encontrar e destruir.
— Com certeza.
O comentário conciso forçou Odrade a afastar os pensamentos. Ergueu o olhar para as montanhas coroadas de neve, brilhando à luz das estrelas. Os ataques viriam dessa direção?
O golpe desse pensamento poderia ter embotado um intelecto menos privilegiado. Mas Odrade não precisava de nenhuma Litania Contra o Medo para manter a cabeça fria. Tinha uma fórmula mais simples.
“Encare seus medos, do contrário eles lhe subirão pelas costas.”
Sua atitude era direta. As coisas mais aterrorizantes do universo originavam-se na mente humana. O pesadelo (o cavalo branco da extinção da Bene Gesserit) possuía tanto a forma mítica como a real. A caçadora com o machado podia atingir a mente ou a carne. Mas ninguém escapava aos terrores da mente.
“Encare-os, então!”
Com o que ela se defrontava nessa escuridão? Não a caçadora sem rosto com o machado, nem a queda no abismo desconhecido (mas visível ao seu *pequeno talento),* mas as muito palpáveis Honradas Madres e quaisquer que fossem seus aliados.
“E não ouso usar nem mesmo seus diminutos poderes prescientes para nos orientar. Eu poderia trancar nosso futuro numa forma imutável. O Muad’Dib e seu Tirano fizeram isso e o Tirano levou 3.500 anos para nos libertar.”
Luzes móveis a meia distância chamaram-lhe a atenção. Os jardineiros estavam trabalhando até tarde, continuando a podar os pomares como se as veneráveis árvores fossem viver para sempre. Os ventiladores trouxeram-lhe um cheiro de fumaça das fogueiras onde as aparas dos pomares estavam sendo queimadas. Muito atentos a esses detalhes, os jardineiros da Bene Gesserit. Nunca se deviam deixar galhos secos soltos que pudessem atrair parasitas para as árvores vivas. Tudo limpo e arranjado. Planejado com antecedência. Conserve seu habitat. Este momento é parte da eternidade.
“Nunca se devem deixar galhos secos espalhados?”

“E Gammu? Galhos secos?”

— O que existe nos pomares que a fascina tanto? — Bellonda quis saber.

Odrade respondeu sem se voltar. — Eles me restauram.

Há apenas duas noites ela saíra para uma caminhada lá, em meio ao tempo frio e estimulante, com um toque de neblina junto ao chão. Os pés agitavam as folhas. Um leve cheiro de adubo composto onde uma chuva esparsa tinha se instalado em depressões mais aquecidas. Um cheiro de pântano, que não deixava de ser agradável. A vida em seu fermento habitual, mesmo nesse nível. Acima, galhos nus erguiam-se rígidos contra o céu estrelado. Na verdade, deprimente, se comparado à primavera ou à estação da colheita. Mas belo em seu fluxo. A vida uma vez mais esperando pelo chamado à ação.

— Não está preocupada com as Instrutoras? — Bellonda perguntou.

— Como será a votação, Bell?

— Muito reservada.

— As outras as seguirão?

— Há preocupação com suas decisões. Consequências.

Bell era muito boa nisso: muitas informações em poucas palavras. Grande parte das decisões Bene Gesserit era tomada com base num labirinto triplo: Eficácia, Consequências e (mais vital) Quem Pode Realizar as Ordens? Combinavam-se ações e pessoas com muito cuidado e uma atenção precisa aos detalhes. Isso tinha uma grande influência sobre a Eficácia, e esta, por sua vez, comandava as Consequências. Uma boa Madre Superiora podia atravessar os labirintos de decisão em questão de segundos. Havia vivacidade na Central, então. Os olhos brilhavam. E comentava-se por todo lado que “Ela agiu sem hesitação”. Isso criava confiança entre as acólitas e outras alunas. As Reverendas Madres (especialmente as Instrutoras) esperavam para avaliar as Consequências.

Odrade falava para seu reflexo na janela como para Bellonda. — Mesmo a Madre Superiora precisa de tempo.

— Mas o que a prende nesse tumulto?

— Está me pressionando, Bell?

Bellonda retraiu-se na cadeira-cão como se Odrade a tivesse empurrado.

— É extremamente difícil ter paciência nos dias de hoje — ela disse. — Mas a escolha do momento certo influencia minhas escolhas.

— O que pretende fazer com nosso novo Teg? Essa é a pergunta que precisa ser respondida.

— Se nossos inimigos saíssem de Gammu, para onde iriam, Bell?

— Você os atacaria nesse lugar?

— Só um pequeno empurrão.

Bellonda falou suavemente. — É perigoso alimentar essa idéia.

— As Honradas Madres não negociam!

— Mas seus aliados, sim, acho eu. Acha que iriam para... digamos, o Entroncamento?

— O que há de tão interessante nesse local?

— As Honradas Madres estão lá baseadas. E nosso amado Bashar mantém na memória um dossiê do lugar.

— Ohhhhhh. — Era tanto um suspiro como uma palavra.

Tamalane entrou na sala, permanecendo de pé e silenciosa até que Odrade e Bellonda lhe dessem atenção.

— As Instrutoras apóiam a Madre Superiora. — Tamalane ergueu um dedo em garra. — Por um voto!

Odrade suspirou. — Diga-nos, Tam, a Instrutora que eu cumprimentei no corredor, Praska, qual foi sua posição?

— Votou a seu favor.

Odrade dirigiu um sorriso forçado a Bellonda. — Espalhe espiãs e agentes, Bell. Precisamos levar as caçadoras a aceitar uma reunião conosco no Entroncamento.

"Bell deduzirá meu plano pela manhã."

Quando Bellonda e Tamalane saíram, resmungando entre si, demonstrando preocupação na voz, Odrade dirigiu-se para seus aposentos particulares. O corredor estava guardado pelas habituais acólitas e servidoras das Reverendas Madres. Algumas acólitas sorriam para ela. Então, já sabiam da votação. Outra crise tinha passado.

Odrade passou pela sala de estar, a caminho do quarto de dormir, onde se estendeu no catre completamente vestida. Um globo luminoso banhava o aposento com um amarelo pálido. Seu olhar moveu-se do mapa do deserto para a pintura de Van Gogh, na parede ao lado do catre.

"Chalés em Cordeville."

Um mapa melhor que aquele que marca o crescimento do deserto, pensou. "Lembre-se, Vincent, de onde vim e do que ainda posso fazer."

O dia a tinha esgotado. Havia ultrapassado a fadiga e penetrado num lugar onde a mente prendia-se em círculos fechados.

Responsabilidades!

Elas a encurralavam, e ela sabia que podia ser muito desagradável quando assediada pelas obrigações. Forçada a gastar energia simplesmente para manter uma aparência de calma. "Bell observou isso em mim." Era enlouquecedor. A Irmandade era cortada a cada passagem, tornada quase sem efeito.

Fechou os olhos e imaginou-se dialogando com uma Honrada Madre do alto comando. "Velha... encharcada de poder. Musculosa. Forte e com aquela

ofuscante velocidade que elas possuem." Não havia face, mas o corpo visualizado estava lá, em sua mente.

Formando silenciosamente as palavras, Odrade falou à figura sem rosto.

— É difícil para nós deixá-las cometer seus próprios erros. Os professores sempre acham isso penoso. Sim, nós nos consideramos professoras. Não tanto de indivíduos como da espécie. Oferecemos lições para todos. Estarão certas se virem o Tirano em nós.

A imagem em sua mente não deu resposta.

Como as professoras exerciam o magistério, se não podiam sair do esconderijo? Burzmali morto, o ghola Teg ainda uma incerteza. Sentiu pressões invisíveis convergindo para a Sede da Irmandade. Os cordões as prendiam com firmeza. E em algum lugar dessa teia, uma comandante sem rosto das Honradas Madres armava o bote.

Rainha Aranha.

Sua presença era conhecida pelas ações de sua força policial. Bastava que um fio dessa teia tremesse numa cilada, para que as atacantes se arremessassem sobre as vítimas enredadas em violência insana, sem ligar para o número de mortos em sua própria linha, ou quantos teriam sido chacinados.

Alguém comandava a busca: a Rainha Aranha.

"Será que ela é sã, pelos nossos padrões? Para que perigos terríveis terei enviado Dortujla?"

As Honradas Madres estavam além da megalomania. Faziam com que o Tirano parecesse um pirata ridículo em comparação. Leto II, pelo menos, tivera conhecimento daquilo que as Bene Gesserit sabiam: como se equilibrar na espada, consciente de que seria mortalmente ferido se escorregasse dessa posição. "O preço que se paga por deter tal poder." As Honradas Madres ignoravam o destino inevitável, abatendo e açoitando à sua volta, como um gigante em paroxismos de terrível histeria.

Nada havia jamais se oposto a elas com sucesso, e elas escolheram responder agora, com a raiva assassina dos frenéticos. Histeria por escolha. Deliberada.

"Por que deixamos nosso Bashar em Duna, para usar sua lastimável força numa defesa suicida? Não se sabia quantas Honradas Madres ele matara. E Burzmali na morte de Lâmpadas. Com certeza, as caçadoras sentiram seu ferrão. Para não falar dos homens treinados por Idaho e enviados para disseminarem as técnicas de escravidão sexual das Honradas Madres. E para outros homens!"

Isso era suficiente para provocar tanta raiva? Possivelmente. Mas o que dizer das estórias de Gammu? Teria Teg exibido um talento novo que as aterrorizava?

“Se restaurarmos as memórias do Bashar, teremos de observá-lo com muito cuidado.”

Seria possível restringi-lo a uma não-nave?

O que, na verdade, provocou uma reação tão intensa nas Honradas Madres? Eles queriam sangue. Nunca dê más notícias a essa gente. Não era de admirar que suas policiais agissem com tamanho frenesi. Uma pessoa poderosa que estivesse assustada poderia matar o portador de informações desagradáveis. Nunca traga más notícias. É melhor morrer na batalha.

Os súditos da Rainha Aranha iam além da arrogância. Muito além. Não havia censura possível. Seria como repreender uma vaca por comer capim. A vaca se justificaria simplesmente olhando para você com olhos dementes, como que perguntando: — Não é isso que se espera que eu faça?

“Conhecendo as prováveis consequências, porque nós as provocamos? Não somos o tipo de pessoa que cutuca um objeto redondo e cinzento com uma vara e acaba descobrindo que se trata de um ninho de vespas. Sabíamos o que estávamos atacando. Ninguém questionou o plano de Taraza.”

A Irmandade defrontava-se com um inimigo cuja política deliberada era a violência histérica. — Atacaremos com fúria.

E o que aconteceria se as Honradas Madres fossem dolorosamente derrotadas? No que se transformariam suas reações histéricas?

“Tenho medo disso.”

A Irmandade teria a coragem de alimentar esse fogo?

“Temos que fazê-lo!”

A Rainha Aranha redobraria os esforços para encontrar a Sede. A violência seria intensificada em um nível ainda mais repulsivo. E então? As Honradas Madres suspeitariam de todos serem simpáticos à Bene Gesserit? Poderiam voltar-se contra seus próprios aliados? Imaginariam elas a possibilidade de ficarem sozinhas num universo vazio de vida consciente? Muito provavelmente, a idéia nunca tinha alcançado suas mentes.

“Qual é o seu aspecto, Rainha Aranha? Como você pensa?”

Murbella disse que não conhecia sua comandante suprema, nem mesmo as subcomandantes de sua Ordem Hormu. Mas fazia uma descrição sugestiva dos aposentos de uma subcomandante. O que uma pessoa chama de casa? Com quem convive para compartilhar as pequenas homilias da vida?

Muitos de nós escolhemos companheiros e ambientes que nos reflitam.

Murbella fez um curioso relato: — Uma de suas criadas pessoais levou-me à área reservada. Exibindo-se, demonstrando que tinha acesso ao *sanctum.* A área comum era organizada e limpa, mas os quartos particulares estavam desarrumados — roupas espalhadas, potes de creme abertos, camas desfeitas,

comida ressecada em pratos no chão. Perguntei por que não tinha limpado a desordem. Ela disse que não era seu serviço. A encarregada da limpeza era do turno da noite.

“Vulgaridades secretas.”

Essa devia ter uma mente de acordo com esse tipo de exibição.

Os olhos de Odrade se abriram e focalizaram o quadro de Van Gogh. “Minha escolha.” Produzia tensões, no longo período da história humana, que a Outra Memória não poderia criar. “Você me mandou uma mensagem, Vincent. E por sua causa não cortarei minha orelha... ou enviarei inúteis mensagens de amor àqueles que não ligam. É o mínimo que posso fazer para honrá-lo.”

O quarto de dormir tinha um odor familiar, a fragrância picante de cravos. O perfume floral preferido de Odrade. As atendentes o mantinham como um *background* odorífico.

Mais uma vez fechou os olhos, e seus pensamentos voltaram à Rainha Aranha. Achava que o exercício dava uma outra dimensão à mulher sem rosto.

Murbella dizia que uma comandante das Honradas Madres precisava apenas dar uma ordem para que trouxessem qualquer coisa que pedisse.

— Qualquer coisa?

E Murbella descrevia exemplos conhecidos: parceiros sexuais com deformações, doces enjoativos, orgias emocionais inflamadas por desempenhos de extraordinária violência.

— Estão sempre procurando extremos.

Relatos de espiãs e agentes recheavam as estórias que Murbella contava com uma certa admiração.

— Todos dizem que elas têm direito a governar.

“Essas mulheres evoluíram a partir de uma burocracia autocrática.”

Muita evidência o confirmava. Murbella falava de aulas de História que diziam como as primitivas Honradas Madres levaram a efeito pesquisas para adquirir domínio sobre suas populações “quando a taxação tornou-se por demais ameaçadora para as governantes”.

“Um direito de governar?”

Não parecia a Odrade que essas mulheres insistissem em tal direito. Não. Assumiam que isso não devia nunca ser discutido. Nunca! Não havia decisões erradas. Não se consideravam as consequências. Isso nunca acontecia.

Odrade sentou-se no catre, sabendo que tinha encontrado o *insight* que procurava.

“Nunca se cometem erros.”

Era necessária uma enorme inconsciência para abrigar essa idéia. Uma pequena consciência, então, observando um universo em tumulto que elas

próprias criaram!

“Ohhhh, adorável!”

Chamou a atendente da noite, uma acólita de primeiro nível e pediu chá de melange com um perigoso estimulante, algo para ajudá-la a retardar as exigências de sono do corpo. Mas a um alto preço.

A acólita hesitou antes de obedecer. Retornou num momento, com uma caneca fumegante numa pequena bandeja.

Odrade tinha decidido há muito tempo que o chá de melange feito com a profunda água fria da Sede tinha um gosto que afetava o psiquismo. O estimulante amargo não permitia que ela sentisse o gosto revigorante e espicaçava-lhe a consciência. A notícia se espalharia através das observadoras. “Preocupação, grande preocupação.” As Instrutoras fariam outra votação?

Sorveu o chá lentamente, dando ao estimulante tempo para agir. “Mulher condenada rejeita seu último jantar. Bebe chá.”

Em poucos instantes pôs de lado a caneca vazia e pediu roupas quentes. — Vou dar uma volta nos pomares. — A atendente não fez comentários. Todos sabiam que ela, muitas vezes, ia caminhar lá, mesmo à noite.

Em poucos minutos estava na passagem estreita e cercada que conduzia a seu pomar favorito, iluminando o caminho com um miniglobo ligado por um pequeno cordão ao ombro direito. Um pequeno rebanho de gado negro da Irmandade chegou até a cerca a seu lado e olhou-a enquanto passava. Ela olhou os focinhos úmidos, inalou o cheiro rico de alfafa no vapor da respiração e fez uma pausa. As vacas fungaram e sentiram o feromônio que lhes dizia para aceitá-la. Voltaram a comer a forragem empilhada junto à cerca pelos vaqueiros.

Voltando as costas ao gado, Odrade olhou as árvores sem folhas da pastagem. O miniglobo desenhava um círculo de luz amarela que enfatizava a desolação do inverno.

Pouca gente entendia por que esse lugar a atraía. Não bastava dizer que os pensamentos atribulados encontravam calma aí. Mesmo no inverno, com o gelo esmagando-se sob os pés. Este pomar era um silêncio duramente conseguido entre as tempestades. Apagou o miniglobo e deixou que os pés seguissem o caminho familiar na escuridão. De vez em quando olhava de relance para a luz das estrelas, definida pelos galhos sem folhas. “Tempestades.” Via aproximar-se uma que meteorologista algum podia antecipar. Tempestades geram tempestades. Raiva gera raiva. Vingança gera vingança. Guerras geram guerras.”

O velho Bashar tinha sido um mestre em quebrar esses círculos. O ghola teria o mesmo talento?

Que jogo perigoso.

Odrade olhou de novo para o gado, uma bolha escura de movimento e

vapor, iluminado pela luz das estrelas. Tinha se juntado para provocar o calor e ela ouviu um rangido familiar quando ruminavam.

“Devo ir para o deserto, no sul. Ficar frente a frente com Sheeana. As trutas da areia desenvolvem-se. Por que não há vermes?”

Falou alto para o gado agrupado junto à cerca: — Comam seu capim. É a sua função.

Se alguma das vigilantes tivesse oportunidade de ouvir a observação, Odrade sabia que teria que explicar-se seriamente.

“Mas esta noite eu pude ver através do coração de nossas inimigas. E tive pena delas.”

20

Para conhecer bem uma coisa, teste seus limites. É somente quando forçada além da tolerância que se revela sua verdadeira natureza.

— O Código Amtal

Não se apóie apenas na teoria quando sua vida estiver em jogo.

— Comentário Bene Gesserit

Duncan Idaho estava de pé no centro da sala de práticas da não-nave, a três passos do menino-ghola. Muito próximos, à sua volta, havia sofisticados instrumentos de treinamento, alguns exaustivos, outros perigosos.

A criança parecia cheia de confiança e admiração esta manhã.

“Será que o compreendo melhor porque eu, também, sou um ghola? Uma suposição discutível. Esse aí foi criado de um modo muito diferente daquele que foi planejado para mim. Planejado! O termo preciso.”

A Irmandade copiara tanto quanto possível a infância do Teg original. Até mesmo um querido companheiro mais novo, no lugar do irmão há muito perdido. E Odrade lhe dando o ensinamento profundo! Como fizera a mãe de Teg.

Idaho lembrava-se do idoso Bashar, cujas células tinham produzido esta criança. Um homem pensativo, usando comentários que mereciam atenção. Com apenas um pequeno esforço lembrou-se de seus modos e suas palavras.

— O verdadeiro guerreiro compreende o inimigo melhor que o amigo. Uma cilada perigosa, quando se permite que a compreensão conduza à identificação, como acontecerá naturalmente, se for deixada sem orientação.

Era difícil imaginar a mente, por trás dessas palavras, latente em algum lugar nessa criança. O Bashar tinha sido muito perspicaz, ensinando sobre identificação nos velhos tempos da Fortaleza de Gammu.

“Afinidade com o inimigo — uma fraqueza tanto da polícia como dos exércitos. As mais perigosas são as afinidades inconscientes, fazendo com que se preserve o inimigo intacto, porque ele é sua justificativa para existir.”

— Senhor?

Como poderia essa vozinha de flauta transformar-se nos tons de comando do velho Bashar?

— O que é?

— Por que está aí, parado, olhando para mim?

— Eles chamavam o Bashar de “Velha Confiabilidade”. Sabia disso?

— Sim, senhor. Estudei a estória de sua vida.

Seria “Jovem Confiabilidade” agora? Por que Odrade desejaria suas memórias originais restauradas tão cedo?

— Por causa do Bashar, a Irmandade inteira tem estado escavando a Outra Memória, revendo suas perspectivas históricas. Elas lhe contaram?

— Não, senhor. É importante que eu saiba? A Madre Superiora disse que o senhor treinaria meus músculos.

— Lembro que você gostava de beber Danian Marinete, um conhaque muito especial.

— Sou jovem demais para beber, senhor.

— Você era um Mentat. Sabe o que isso significa?

— Saberei quando recuperar a memória, não?

Nada do respeitoso *senhor.* Chamando a atenção do professor pela demora indesejada.

Idaho sorriu, e recebeu de volta um sorriso aberto. Uma criança cativante. Era fácil demonstrar-lhe natural afeição.

— Cuidado com ele — dissera Odrade. — É um sedutor. Lembrou-se da instrução de Odrade, antes de trazer o menino.

— Uma vez que todo indivíduo, basicamente, responde a seu eu — disse — a formação desse eu exige, de nossa parte, cuidado e atenção máximos.

— Isso é necessário com um ghola?

Tinham estado sentados na sala de estar, nessa noite, tendo Murbella como uma ouvinte fascinada.

— Ele se lembrará de tudo que você lhe ensinar.

— Então faremos uma edição crítica do original.

— Cuidado, Duncan. Quando se traumatiza uma criança com um acontecimento desagradável, quando se ensina a ela que não confie em ninguém, cria-se um suicida — a curto ou a longo prazo, isso não faz a mínima diferença.

— Você se esquece de que conheci o Bashar?

— Não se lembra, Duncan, do tempo anterior à restauração de suas memórias?

— Eu sabia que o Bashar podia fazê-lo, e achava que ele era a minha salvação.

— E é assim que ele o vê. É uma forma especial de confiança.

— Serei honesto com ele.

— Você pode achar que age com honestidade, mas aconselho-o a se examinar profundamente toda vez em que se vir frente a frente coma confiança dele.

— E se eu cometer erros?

— Nós corrigiremos, se for possível. — Ela relanceou os olhos para os televigias e fixou-os nele de novo.

— Sei que estará nos vigiando.

— Não deixe que isso o iniba. Não estou procurando deixá-lo constrangido. Apenas cauteloso. E lembre-se de que minha Irmandade tem métodos de cura muito eficientes.

— Serei cuidadoso.

— Talvez você se lembre que era o Bashar quem dizia: “A ferocidade com que atacamos nossos inimigos é sempre temperada pela lição que esperamos ensinar.”

— Não consigo pensar nele como um inimigo. O Bashar era um dos melhores homens que já conheci.

— Excelente. Coloco-o em suas mãos.

E aqui estava o menino na sala de exercícios, sentindo-se algo mais que impaciente com as hesitações de seu mestre.

— Senhor, faz parte da lição ficar aqui, simplesmente? Sei que às vezes...

— Fique quieto.

Teg assumiu uma atenção militar. Ninguém lhe tinha ensinado isso. Veio de suas memórias originais. Idaho ficou subitamente fascinado por esse lampejo do Bashar.

“Elas sabiam que me pegariam desse jeito.”

Nunca subestime a persuasão Bene Gesserit. Era possível encontrar-se fazendo coisas para elas sem saber que se agia sob pressão. Sutis e execráveis! Havia compensações, naturalmente. Vivia-se numa época interessante, enquanto durava a antiga maldição/bênção. No todo, decidiu Idaho, ele preferia épocas interessantes, mesmo esta época.

Ele respirou fundo. — Restaurar suas memórias originais vai causar-lhe dor — física e mental. De certa forma, as dores mentais são piores. É meu dever prepará-lo para isso.

Ainda em posição atenta. Nenhum comentário.

— Começaremos sem armas, usando uma lâmina imaginária na mão direita. Esta é uma variação das “cinco atitudes”. Cada resposta surge antes da necessidade. Deixe cair os braços e relaxe.

Movendo-se por trás de Teg, Idaho segurou firmemente o braço do

menino abaixo do cotovelo, e demonstrou os primeiros movimentos.

— Todo atacante é uma pena flutuante num caminho infinito. Quando ele se aproxima, é desviada e afastada. Sua resposta é como um sopro de ar levando a pena embora.

Idaho ficou de lado e observou enquanto Teg repetia os movimentos, corrigindo de vez em quando com um golpe forte num músculo mal posicionado.

— Deixe que seu corpo realize o aprendizado — dizia quando Teg perguntava por que ele tinha feito aquilo.

Durante um dos períodos de descanso, Teg quis saber o que Idaho queria dizer com "dores mentais".

— Você tem limites impostos por sua natureza de ghola protegendo as memórias originais. No momento adequado, algumas dessas lembranças voltarão, inundando-o. E nem todas serão agradáveis.

— A Madre Superiora disse que o Bashar restaurou suas memórias.

— Deuses das profundezas, garoto! Por que você continua dizendo o Bashar? Era você!

— Mas ainda não conheço isso.

— No seu caso, há um problema. Para que um ghola reviva, deve haver as lembranças da morte. Mas as células que lhe deram origem não transportam essa lembrança.

— Mas o... Bashar está morto.

— O Bashar! Sim, está morto. Você deve sentir isso onde dói mais e saber que *você é* o Bashar.

— Pode mesmo devolver-me essa lembrança?

— Se você puder suportar a dor. Sabe o que eu lhe disse quando *você* devolveu-me as memórias? — Atreides! Vocês são todos infernalmente iguais.

— Você... me odiava?

— Sim, e você estava desgostoso consigo mesmo pelo que tinha feito a mim. Isso lhe dá uma idéia do que tenho de fazer?

— Sim, senhor. — Muito baixo.

— A Madre Superiora diz que não devo trair sua confiança... entretanto, você traiu a minha.

— Mas restaurei suas memórias?

— Vê como é fácil pensar em si mesmo como o Bashar? Você ficou chocado. E, voltando à sua pergunta, sim, você restaurou minhas memórias.

— É tudo o que quero.

— Assim diz você.

— A Madre Superiora disse que você é um Mentat. O fato de que eu

também sou Mentat poderá ajudar?

— Pela lógica, sim. Mas nós, Mentats, temos um ditado que diz que a lógica se move às cegas. E estamos conscientes de que existe uma lógica capaz de jogá-lo fora do ninho para o caos.

— Sei o que quer dizer caos. — Muito orgulhoso de si.

— Assim você o diz.

— E confio em você.

— Ouça-me! Somos servos das Bene Gesserit. As Reverendas Madres não construíram sua ordem baseadas na confiança.

— Não devo confiar na Madre Superiora?

— Dentro de limites que você irá aprender a valorizar. Por enquanto, previno-o de que as Bene Gesserit trabalham sob um sistema de *desconfiança* organizada. Elas já lhe ensinaram a respeito de democracia?

— Sim, senhor. É onde se vota...

— É onde se desconfia de todos que têm poder sobre os outros! As Irmãs o conhecem bem. Não confie demais.

— Então não devo confiar em você, também?

— A única confiança que pode colocar em mim é que farei o possível para restaurar suas lembranças.

— Então não me incomodo com a dor. — Olhou para os televigias, demonstrando na expressão o conhecimento de seu propósito. — Elas se incomodam que você diga essas coisas a seu respeito?

— Seus sentimentos não dizem respeito a um Mentat, a não ser como informação.

— Isso é um fato?

— Os fatos são frágeis. Um Mentat pode se enredar neles. Excesso de informações confiáveis. É como a diplomacia. É necessário ter algumas mentiras para chegar a suas projeções.

— Estou... confuso. — Usou a palavra com hesitação, não muito seguro de que era a que desejava.

— Disse isso uma vez à Madre Superiora. Ela respondeu: — Tenho me comportado mal.

— Não é seu papel... confundir-me?

— A menos que sirva para ensinar. — E como Teg ainda se mostrasse perplexo, Idaho disse: — Deixe-me contar-lhe uma estória.

Teg imediatamente sentou-se no chão, revelando com isso que Odrade usava essa técnica frequentemente. Bom. Ele já era receptivo.

— Em uma de minhas vidas tive um cachorro que detestava mariscos.

— Já comi mariscos. Vêm do Grande Mar.

— Sim, bem, meu cachorro detestava mariscos porque um deles teve a ousadia de cuspir-lhe no olho. O cheiro é horrível. Mas pior ainda, a cuspida veio de um inocente buraco na areia. O marisco não estava visível.

— Que é que seu cachorro fazia? — Inclinando-se para a frente, com a mão no queixo.

— Desenterrava o ofensor e o trazia para mim. — Idaho sorriu. — Primeira lição: não deixe que o desconhecido lhe cuspa no olho.

Teg riu e bateu palmas.

— Mas veja a coisa do ponto de vista do cachorro. Vá atrás de quem cuspiu! Então — recompensa gloriosa: o dono fica satisfeito.

— Seu cachorro desencavou mais mariscos?

— Toda vez que íamos à praia. Ia rosnando à procura de cuspidores e o dono os jogava fora para sempre — conchas vazias com pedaços de carne pendurados.

— Você os comia.

— Veja as coisas do ponto de vista do cachorro. Os cuspidores têm o castigo merecido. Ele tem um meio de livrar o mundo de seres ofensivos, e o dono fica satisfeito.

Teg demonstrou sua inteligência brilhante: — As Irmãs nos consideram cachorros?

— De certa forma. Nunca se esqueça disso. Quando voltar a seu quarto, procure no dicionário o significado de *lese majesté.* Ajuda a entender nosso relacionamento com nossos donos.

Teg olhou para os televigias e depois para Idaho, mas não disse nada.

Idaho ergueu o olhar para a porta atrás de Teg: — A estória era para você também.

Teg deu um pulo, voltando-se, na expectativa de ver a Madre Superiora. Mas era apenas Murbella.

Estava encostada ao lado da porta.

— Bell não vai gostar de vê-lo falar da Irmandade desse jeito.

— Odrade me deu carta branca. — Olhou para Teg. — Já perdemos muito tempo com estórias! Deixe-me ver se seu corpo aprendeu alguma coisa.

Uma estranha excitação tomou conta de Murbella quando entrou na área de treinamento e viu Duncan com o menino. Observou-o por um momento, consciente de que o estava vendo sob uma nova luz, quase Bene Gesserit. A instrução da Madre Superiora transparecia na sinceridade de Duncan ao lidar com Teg. Uma sensação estranhíssima, esta nova consciência, como se ela tivesse se afastado um pouco mais de suas antigas companheiras. O sentimento de perda era pungente.

Surpreendeu-se sentindo falta de coisas inusitadas da antiga vida. Não a caçada nas ruas, procurando novos homens para escravizar e trazer para o domínio das Honradas Madres. Os poderes derivados da criação de viciados sexuais tinham perdido o sabor sob o ensinamento Bene Gesserit e a experiência com Duncan. Reconhecia, entretanto, ter perdido um elemento desse poder: o sentimento de pertencer a uma força que nada podia deter.

Era, ao mesmo tempo, abstrato e específico. Não as repetidas conquistas, mas a expectativa da vitória inevitável que vinha em parte da droga que compartilhava com as Irmãs Honradas Madres. À medida que a necessidade diminuiu com a mudança para a melange, via o antigo vício sob uma perspectiva diferente. As químicas Bene Gesserit, localizando a adrenalina substituta a partir de amostras de seu sangue, podiam fornecer-lhe a droga, se ela o desejasse. Mas ela sabia que não queria mais. Uma outra retirada a atormentava. Não os homens cativos, mas o distanciamento de seus poderes. Algo dentro dela dizia que isso tinha acabado para sempre. Nunca voltaria a experimentá-lo. O novo conhecimento mudara seu passado.

Tinha rondado os corredores entre seus aposentos e a sala de exercícios esta manhã, querendo observar Duncan com o menino, temerosa de que sua presença pudesse interferir. Essa ronda era uma coisa que fazia frequentemente hoje em dia, depois das práticas mais extenuantes com uma professora Reverenda Madre. Nesses momentos os pensamentos das Honradas Madres estavam muito presentes em sua mente.

Não podia fugir a esse sentimento de perda. Era um vazio tal, que ela se perguntava se alguma coisa poderia preenchê-lo, de algum modo. A sensação era pior do que a de estar envelhecendo. Envelhecer como uma Honrada Madre oferecia certas compensações. Os poderes *dessa* Irmandade tinham uma tendência para crescer rapidamente com a idade. Não era isso. Era um sentimento de perda *absoluta*.

"Fui derrotada."

As Honradas Madres nunca se defrontavam com a derrota. Murbella viu-se forçada a isso. Sabia que as Honradas Madres eram, às vezes, assassinadas pelos inimigos. Mas estes sempre pagavam por isso. Era a lei: planetas inteiros devastados para pegar um ofensor.

Murbella sabia que as Honradas Madres estavam caçando a Sede da Irmandade. Por uma questão de antigas lealdades, estava consciente de que deveria ajudá-las. O ponto comovente de sua derrota estava no fato de que não desejava que as Bene Gesserit pagassem o preço lembrado.

"As Bene Gesserit são muito valiosas."

Eram infinitamente valiosas para as Honradas Madres. Murbella duvidava

que qualquer outra Honrada Madre ao menos suspeitasse disso.

Vaidade.

Esse era o julgamento que vinculava às antigas Irmãs. “E a mim mesma, quando era uma delas.” Um orgulho terrível. Tinha surgido de sua subjugação durante tantas gerações, antes de ganharem sua própria ascendência.

Murbella tinha tentado transmitir isso a Odrade, fazendo um relato minucioso da História ensinada pelas Honradas Madres.

— O escravo dá um péssimo senhor — disse Odrade.

Murbella compreendia que havia um padrão antigo que ela aceitara outrora, mas rejeitava agora, e não poderia explicar inteiramente a mudança.

“Deixei para trás todas essas coisas, que hoje seriam infantis para mim.”

Duncan, uma vez mais, tinha interrompido os exercícios. Tanto professor como aluno estavam transpirando muito, ofegantes e tentando recobrar o fôlego. Trocavam olhares estranhos entre si.

“Conspiração?”

O menino parecia extraordinariamente maduro.

Lembrou-se do comentário de Odrade: — A maturidade impõe seu próprio comportamento. Uma de nossas lições — torne esses imperativos conscientes. Modifique os instintos.

“Elas têm me modificado e o farão ainda mais.”

Podia ver a mesma coisa acontecendo no comportamento de Duncan com o menino ghola.

— Esta é uma atividade que cria muitas pressões nas sociedades que influenciamos — dissera Odrade. — Que nos força a constantes adaptações.

“Mas como elas poderão ajustar-se a minhas antigas Irmãs?”

Odrade revelou um sangue-frio característico, quando defrontada com a pergunta.

“Enfrentamos ajustes importantes em função de nossas atividades passadas. Era a mesma coisa no tempo do Tirano.

“Ajustes?”

Duncan estava falando com o menino. Murbella aproximou-se para ouvi-los.

— Já conhece a estória do Muad’Dib? Bem. Você é um Atreides, e isso subentende falhas.

— Isso quer dizer erros, senhor?

— Com os diabos, é isso mesmo! Nunca escolha um caminho simplesmente porque ele lhe oferece a oportunidade de um gesto dramático.

— Foi assim que morri?

“Ele tinha feito a criança pensar em seu antigo eu na primeira pessoa.”

— Seja você o juiz. Mas sempre foi uma franqueza Atreides. Coisas atraentes, os gestos. Morrer nos chifres de um touro, como fez o avô do Muad'Dib. Um grande espetáculo para seu povo. Matéria de estórias durante gerações! Ainda se podem ouvir algumas partes da estórias, mesmo depois de eras passadas.

— A Madre Superiora me contou essa estória.

— Sua verdadeira mãe também, provavelmente.

A criança estremeceu. — Tenho um sentimento esquisito quando você fala em minha mãe verdadeira. — Havia temor na voz infantil.

— Sentimentos esquisitos são uma coisa; esta lição é outra. Estou falando sobre algo com um rótulo permanente: "O Gesto Desiano." Era costume falar "Atreidesiano", mas esse nome é muito incômodo.

Uma vez mais a criança tocou o núcleo de sua consciência amadurecida. — Mesmo a vida de um cachorro tem seu preço.

Murbella prendeu a respiração, num lampejo de como seria — uma mente adulta num corpo infantil. Desconcertante.

— Sua mãe de nascimento era Janet Roxbrough dos Lernaeus Roxbroughs — disse Idaho. — Era uma Bene Gesserit. Seu pai era Loschy Teg, um agente comercial de CHOAM. Daqui a pouco vou mostrar-lhe o quadro favorito do Bashar, de sua casa em Lernaeus. Quero que o conserve consigo e o estude Pense nele como seu lugar favorito.

Teg acenou afirmativamente, mas a expressão de seu rosto mostrava que estava com medo.

Seria possível que o grande Guerreiro Mentat tivesse conhecido o medo? Murbella sacudiu a cabeça. Tinha um conhecimento intelectual do que Duncan estava fazendo, mas sentia lacunas nos relatos. Isso era algo que ela nunca poderia experimentar. Qual seria o sentimento de despertar para uma nova vida, mantendo intactas as lembranças de uma outra? Muito diferente da Outra Memória das Reverendas Madres, pensava.

— A mente em seu começo — era como Duncan dizia. — Despertar seu Verdadeiro Eu. Senti que estava mergulhando num universo mágico. Minha consciência era um círculo, e então um globo. Aí caí em transe — tudo a meu redor tinha uma qualidade fracamente luminosa. Nada era real. Isso passou, e achei que tinha perdido a única realidade. Minha mesa era de novo uma mesa.

Ela tinha estudado o manual Bene Gesserit "Sobre o Despertar das Memórias Originais de um Ghola." Duncan estava divergindo das instruções. Por quê?

Ele deixou Teg e se aproximou de Murbella.

— Tenho que falar com Sheeana — disse ao passar por ela. — Deve

haver um modo melhor.

21

A compreensão imediata é geralmente uma resposta-reflexo, e a mais perigosa forma de entendimento. Lança uma tela opaca sobre a capacidade de aprender. Os precedentes de julgamento da lei funcionam desse modo, atulhando o caminho de becos sem saída. Fique de sobreaviso. Não entenda nada. Toda compreensão é temporária.

— Fixe Mentat (adacto)

Idaho, sentado sozinho em sua mesa de comando, deparou-se com um lançamento que ele mesmo tinha introduzido nos Sistemas da Nave em seus primeiros dias de prisão, e achou-se inundado (aplicou a palavra depois) de atitudes e consciência sensorial daquele tempo. Era o anoitecer de um decepcionante dia na não-nave. Ele estava de volta *lá*, esticado entre o *então* e o *agora*, do modo em que as vidas em série de ghola ligavam esta encarnação a seu nascimento original.

Imediatamente, viu o que viera a chamar de “a rede” e o casal idoso definido por linhas cruzadas, corpos visíveis através de uma luz trêmula formada de fios coloridos — verde, azul, dourado e um prateado tão brilhante que doía nos olhos.

Percebia nessas pessoas uma estabilidade divina e algo bastante comum. A palavra *ordinário* veio-lhe à mente. A já familiar paisagem de jardim estendia-se por trás deles: arbustos de flores (rosas, pensou), gramados ondulantes, altas árvores.

O casal retribuía seu olhar com uma intensidade que o fazia sentir-se nu.

Um novo poder na visão! Não estava mais restrita ao Grande Porão, um ímã de compulsão crescente, puxando-o para lá tão frequentemente que sabia que as vigilantes estavam de sobreaviso.

“Será ele um outro Kwisatz Haderach?”

Havia um nível de suspeita por parte da Bene Gesserit, além do qual ele não poderia ir, sem ser eliminado. E elas o estavam vigiando bem agora!

Perguntas, especulações preocupadas. A despeito disso, ele não conseguia desviar-se da visão.

Por que esse casal idoso parece tão familiar? Alguém de seu passado? Família?

O folhear Mentat de suas lembranças não produziu nada que se adequasse à especulação. Rostos redondos. Queixos reduzidos. Gordas papadas. Olhos escuros. A rede obscurecia sua cor. A mulher usava um longo vestido azul e verde que lhe ocultava os pés. Um avental branco manchado de verde cobria o vestido, desde o amplo colo até abaixo da cintura. Ferramentas de jardinagem pendiam das alças do avental. Carregava uma pá na mão esquerda. Tufos de cabelo grisalho escapavam do lenço verde, e espalhavam-se em volta dos olhos, enfatizando as linhas marcadas pelo riso. Tinha uma aparência de... avó.

O homem combinava com ela, como se ambos fossem criados pelo mesmo artista, para fazer um par. Macacão de peitilho sobre o estômago saliente. Sem chapéu. Os mesmos olhos escuros brilhando em reflexos. O cabelo, cortado rente, era espetado e grisalho.

Ele tinha a expressão mais bondosa que Idaho já vira. Vincos de sorriso, voltados para cima, nos cantos dos lábios, e equilibrava, na palma direita estendida, o que parecia ser uma bola de metal. A bola emitia um assobio penetrante, que fazia com que Idaho tapasse os ouvidos com as mãos. Isso não abafou o som, que diminuiu aos poucos, por si só. Ele abaixou as mãos.

“Rostos tranquilizadores.” O pensamento despertou as suspeitas de Idaho, porque agora reconhecia a familiaridade. Pareciam um pouco com Dançarinos Faciais, até no nariz arrebitado.

Inclinou-se para a frente, mas a visão manteve a distância. — Dançarinos Faciais — sussurrou.

A rede e o casal idoso desapareceram.

Foram substituídos por Murbella em malha de exercício de um negro reluzente. Teve que estender o braço e tocá-la, para acreditar que ela de fato estava lá.

— Duncan, o que foi? Você está todo suado.

— Acho... que é alguma coisa que esses malditos Tleilaxu plantaram em mim. Continuo vendo... Acho que são Dançarinos Faciais. Eles... eles estavam olhando para mim bem agora... um assobio. Doeu.

Ela relanceou para os televigias, mas não pareceu preocupada. Isso era uma coisa que as Irmãs podiam saber sem representar perigo imediato... a não ser para Scytale, possivelmente.

Agachou-se ao lado dele e pôs a mão no seu braço. — Alguma coisa que eles fizeram com seu corpo nos tanques?

— Não!

— Mas você disse...

— Meu corpo não é simplesmente uma parte da nova bagagem para esta viagem. Tem toda a química e a substância que sempre tive. Minha mente é que está diferente.

Isso a inquietou. Conhecia a preocupação das Bene Gesserit a respeito de talentos selvagens. — Maldito Scytale!

— Vou descobrir tudo — ele disse.

Fechou os olhos e ouviu Murbella erguer-se. Sua mão despregou-se do braço dele.

— Talvez não devesse fazê-lo, Duncan. Sua voz soava longínqua.

"Memória. Onde eles guardavam a coisa secreta? Nas profundezas das células originais?" Até esse momento ele tinha considerado sua memória como um instrumento Mentat. Podia evocar suas próprias imagens de antigos momentos em frente de espelhos. Bem de perto, examinando uma ruga da idade. Olhando uma mulher atrás de si — dois rostos no espelho e sua face cheia de perguntas.

Faces. Uma sucessão de máscaras, diferentes perspectivas dessa pessoa chamada *eu*. Faces ligeiramente desequilibradas. Cabelos às vezes grisalhos, às vezes os caracóis negros de sua vida atual. Às vezes humorístico, outras grave, procurando interiormente sabedoria para enfrentar um novo dia. Em algum lugar nisso tudo uma consciência que observava e deliberava. Alguém que fazia escolhas. Os Tleilaxu tinham interferido nisso.

Idaho sentiu o sangue pulsando forte e sabia que o perigo estava presente. Era isso que ele estava destinado a experimentar... mas não pelos Tleilaxu. Tinha nascido com ele.

"Isto é o que significa estar vivo."

Nenhuma lembrança de outras vidas, nem as coisas que os Tleilaxu lhe tinham feito modificavam em nada sua mais profunda consciência.

Abriu os olhos. Murbella ainda estava perto, mas sua expressão estava velada. "Então é assim que ela será, quando se tornar uma Reverenda Madre."

Não gostou da mudança.

— O que acontece quando as Bene Gesserit falham?

Como ela não respondesse, ele acenou com a cabeça. "Sim. É a pior suposição. A Irmandade indo para o esgoto. E você não deseja isso, minha amada."

Podia vê-lo em seu rosto quando ela voltou-se e o deixou.

Olhando para os televigias, ele disse: — Dar, preciso falar com você, Dar.

Não houve resposta de nenhum dos mecanismos à sua volta. Ele não esperava, também. Entretanto, sabia que podia falar com ela, e que Odrade teria de ouvi-lo.

— Tenho examinado nosso problema pelo outro lado — disse. E imaginou o ruído diligente dos gravadores registrando o som de sua voz nos cristais ridulianos. — Tenho penetrado na mente das Honradas Madres. Sei que cheguei lá. Repercutiu em Murbella.

Isso as alertaria. Ele tinha sua própria Honrada Madre. Mas *ter* não era bem a palavra. Ele não tinha Murbella. Nem mesmo na cama. Eles tinham um ao outro. Tão casados como pareciam estar as pessoas da visão. Era isso o que ele tinha visto? Duas pessoas mais velhas treinadas sexualmente pelas Honradas Madres?

— Estou pensando em outro assunto, agora — disse. — Como superar as Bene Gesserit.

Isso lançava o desafio.

— Episódios — disse. Uma palavra que Odrade gostava de usar.

— É assim que devo ver o que está nos acontecendo. Pequenos episódios. Mesmo a pior suposição deve ser examinada contra esse *background*. A Dispersão tem uma magnitude que reduz a dimensão de tudo que fazemos.

Aí estava! Isso demonstrava seu valor para as Irmãs. Punha as Honradas Madres numa melhor perspectiva. Elas estavam de volta ao Antigo Império. Companheiras nessa redução feita pela Dispersão. Sabia que Odrade veria. Bell a faria ver.

Em algum lugar do Universo Infinito, um júri tinha dado um veredicto contra as Honradas Madres. A lei e seus administradores não tinham prevalecido para as caçadoras. Suspeitou que sua visão lhe tinha mostrado dois dos jurados. E se fossem Dançarinos Faciais, não seriam os de Scytale. Aquelas duas pessoas por trás da trêmula rede não pertenciam a ninguém, a não ser a si próprias.

22

As maiores falhas de governo nascem do medo de efetuar mudanças internas radicais mesmo quando obviamente necessárias.

— Darwi Odrade

Para Odrade, a primeira melange da manhã era sempre diferente. O corpo reagia como um esfomeado agarrando um fruto doce. Depois vinha a restauração lenta, penetrante e dolorosa.

Esse era o aspecto assustador do vício da melange.

Ficou de pé junto à janela do quarto de dormir, esperando que o efeito passasse. Notou que a Meteorologia havia conseguido mais uma chuva matinal. A paisagem fora lavada, tudo estava imerso em névoa romântica, os contornos indistintos, e reduzidos a essências, como velhas memórias. Abriu a janela. Um ar frio e úmido soprou-lhe no rosto, envolvendo-a em recordações, como alguém que veste uma roupa familiar.

Respirou fundo. O cheiro após a chuva! Recordou o essencial da vida, ampliado e suavizado por água caindo, mas essa chuva era diferente. Deixava um cheiro de pederneira que sentia no paladar. Odrade não gostava disso. A mensagem não era de algo lavado, limpo, e sim da vida ressentida, querendo que parasse toda a chuva, e fosse trancada em algum lugar. Essa chuva não mais suavizava e trazia a plenitude. Possuía a consciência inevitável de mudança.

Odrade fechou a janela. Encontrou-se logo de volta ao cheiro familiar de seus aposentos, e o aroma constante de shere proveniente dos implantes dosados exigidos em todos que conhecessem a localização da Sede da Irmandade. Ouviu Streggi entrar, e o leve roçar dos mapas do deserto sendo mudados. „

Um som eficiente nos movimentos de Streggi. Semanas de convívio confirmaram a primeira opinião de Odrade. Confiável. Não era brilhante, mas era extremamente sensível às necessidades da Madre Superiora. Veja como seus movimentos são silenciosos. Se a sensibilidade de Streggi fosse transferida para as necessidades do jovem Teg, teriam a altura e mobilidade por ele requeridas. *Um cavalo? Muito mais.*

A assimilação de melange de Odrade alcançou o ponto culminante e entrou em declínio. O reflexo de Streggi na janela mostrava que estava

aguardando instruções. Sabia que esses momentos eram dedicados à especiaria. Na fase em que se encontrava, deveria estar ansiosa pelo dia em que ingressasse nessa intensificação misteriosa.

"Desejo que se dê bem."

A maioria das Reverendas Madres seguia os ensinamentos, e raramente pensava na especiaria como sendo um vício. Odrade sabia todas as manhãs exatamente o que era. Tomavam a especiaria durante o dia atendendo às solicitações do corpo, de acordo com os padrões do treinamento inicial: dose mínima, só o bastante para aguçar o sistema metabólico e levá-lo ao máximo de desempenho. As necessidades biológicas entrosam-se melhor com melange. A comida tem melhor sabor. Fora um acidente ou assalto fatal, vive-se muito mais do que sem melange. Mas é um vício.

Uma vez o corpo restaurado, Odrade piscou os olhos e observou Streggi. A curiosidade sobre o longo ritual matinal era evidente. Dirigindo-se à imagem de Streggi na janela, Odrade disse:

— Você aprendeu sobre a retirada de melange?

— Sim, Madre Superiora.

Apesar dos avisos para não espalhar o conhecimento do caráter vicioso da droga, este estava sempre presente na consciência de Odrade, e ela sentia os ressentimentos acumulados. A preparação mental como acólita (impressa com grande força na Agonia) fora corroída pela Outra Memória e pela acumulação do tempo. A advertência: "A retirada remove um elemento essencial de sua vida, e se ocorrer no final da meia-idade, pode matá-la." Como isso era irrelevante agora.

— A retirada significa muito para mim — disse Odrade. — Sou uma dessas para quem a melange matinal é dolorosa. Tenho certeza que lhe disseram que isso acontece.

— Sinto muito, Madre Superiora.

Odrade estudou o mapa. Mostrava uma ponta mais comprida de deserto alongando-se para o norte, e um alargamento pronunciado de terras áridas para o sudeste da Central, onde Sheeana tinha sua estação. Em seguida, voltou a contemplar Streggi, que observava a Madre Superiora com mais interesse.

"Assustada com a idéia do lado mau da especiaria!"

— A singularidade da melange é raramente levada em consideração em nossa época — disse Odrade. — Todos os narcóticos antigos que os humanos usaram, exceto a especiaria, têm um fator extraordinário em comum. Todos encurtaram a vida e causaram dor.

— Assim nos disseram, Madre Superiora.

— Mas provavelmente não lhe disseram que um fato de domínio pode ser

obscurecido pela nossa preocupação com as Honradas Madres. Existe nos governos uma ganância de energia (sim, mesmo no nosso), que pode jogá-la numa armadilha. Se você me servir, sentirá isso em suas entranhas, porque todas as manhãs me verá sofrer. Deixe o conhecimento dessa armadilha fatal penetrar em seu íntimo. Não se torne uma traficante insensível, presa a um sistema que substitui a vida por uma morte indiferente, como fazem as Honradas Madres. Lembre-se: podem-se cobrar impostos sobre narcóticos aceitáveis, a fim de pagar salários ou criar empregos para funcionários irresponsáveis.

Streggi pareceu confusa. — Mas a melange prolonga nossa vida, melhora a saúde, e desperta o apetite para...

Foi interrompida pelo aspecto severo de Odrade. “Perfeitamente de acordo com o Manual das Acólitas!”

— Tem esse outro lado, Streggi, que você vê em mim. O Manual das Acólitas não mente. Mas a melange é um narcótico e nós somos viciadas.

— Sei que não é de efeito suave para todo mundo, Madre Superiora. Mas disse que as Honradas Madres não a usam.

— O substituto que usam em lugar da melange traz alguns benefícios, exceto o de evitar as agonias da retirada e a morte. É um viciador paralelo.

— E a prisioneira?

— Murbella costumava usá-lo, e agora usa melange. São permutáveis. Interessante?

— Eu... imagino que vamos aprender mais sobre isso. Notei, Madre Superiora, que nunca se refere a elas como prostitutas.

— Como as acólitas fazem? Ah, Streggi, Bellonda está sendo uma influência má. Oh, reconheço as pressões. — Streggi ensaiou um protesto. — As acólitas sentem a ameaça. Olham a Sede e imaginam que é sua fortaleza, para a longa noite das prostitutas.

— E mais ou menos assim, Madre Superiora — Uma grande hesitação.

— Streggi, este planeta é somente mais outro lugar temporário. Hoje iremos para o sul e convenceremos vocês disso. Por favor, procure Tamalane e diga-lhe que tome as providências que já discutimos para nossa visita a Sheeana. Não comente isso com ninguém mais.

— Sim, Madre Superiora. Quer dizer que vou acompanhá-la?

— Quero você ao meu lado. Diga àquela que você está treinando que agora está encarregada de meu mapa.

Quando Streggi saiu, Odrade pensou em Sheeana e Idaho. “Ela quer falar com ele, e ele quer falar com ela.”

A análise dos televigias registrara que esses dois conversavam às vezes por sinais manuais, escondendo a maior parte dos movimentos com os próprios

corpos. Parecia uma linguagem Atreide antiga de batalha. Odrade reconhecia uma parte, mas não o bastante para determinar o conteúdo. Bellonda queria uma explicação de Sheeana. — Segredos! — Odrade era mais cautelosa. — Deixe que continuem um pouco. Talvez surja alguma coisa interessante.

"O que é que Sheeana quer?"

O que quer que Duncan pensasse, dizia respeito a Teg. Criar a dor necessária para que Teg recuperasse suas memórias originais era o que Duncan não queria fazer.

Odrade notara isso, quando interrompera Duncan em sua mesa de comando no dia anterior.

— Você está atrasada, Dar. — Sem levantar os olhos do que estava fazendo. "Atrasada? A noite apenas começara."

Vinha chamando-a de Dar com frequência há vários anos, uma ferroada, um indício de que não gostava de viver como peixe em aquário. A ferroada irritou Bellonda, que criticou "sua infernal familiaridade". Ele chamava Bellonda de "Bell", naturalmente. Duncan era generoso com suas agulhadas.

Lembrando-se disso, Odrade parou, antes de entrar na sala de trabalho. Duncan dera um murro no balcão junto à mesa de comando. — Tem de haver uma coisa melhor para Teg!

"Uma coisa melhor? O que ele está pensando?"

Um movimento no corredor do outro lado da sala de trabalho interrompeu o fluxo de pensamentos. Streggi, voltando de Tamalane. A jovem entrou na Sala de Plantão das Acólitas. "Dando instruções a sua substituta sobre o mapa do deserto."

Uma pilha de registros do Arquivo aguardava Odrade em sua mesa. "Bellonda!" Odrade encarou a pilha. Por mais que tentasse delegar trabalho, havia sempre esse resíduo organizado que suas conselheiras insistiam em submeter à Madre Superiora. A maior parte desse novo lote era consequência da exigência de Bellonda de "sugestões e análises".

Odrade manipulou a mesa de comando. — Bell!

A voz de uma escrivã dos Arquivos respondeu: — Madre Superiora?

— Mande Bell aqui! Quero que esteja aqui, à minha frente, o mais depressa possível para aquelas pernas gordas!

Levou menos de um minuto. Bellonda postou-se em frente à mesa de trabalho como uma acólita que tivesse sido repreendida. Todas conheciam esse tom de voz da Madre Superiora.

Odrade tocou a pilha sobre a mesa e tirou abruptamente a mão, como se tivesse recebido um choque. — Em nome de Shaitan, o que é isso tudo?

— Achamos que era importante.

— Acha que tenho de ver tudo e qualquer coisa? Onde estão as anotações dos pontos principais? É muita negligência, Bell! Não sou uma idiota, nem você. Mas isso... vendo isso...

— Delego tudo que...

— Delega? Olhe isso aqui! O que tenho de ver, e o que posso delegar? Não tem nenhuma anotação!

— Vou providenciar imediatamente para que seja corrigido.

— E vai mesmo, Bell. Porque Tam e eu vamos hoje para o sul, uma inspeção sem avisar, e uma visita a Sheeana. E enquanto estiver fora, você vai sentar em minha cadeira. Vamos ver se vai gostar desse dilúvio diário!

— Vai ficar em contato?

— Usarei uma linha de luz e um comunicador Áudio-V todo o tempo. Bellonda respirou aliviada.

— Sugiro, Bell, que volte aos Arquivos e deixe alguém encarregado de assumir a responsabilidade. Vocês estão começando a agir como verdadeiras burocratas. Só querem se defender!

— Os barcos de verdade balançam, Dar.

Bell, tentando ser engraçada? Nem tudo estava perdido!

Odrade moveu a mão sobre o projetor e lá estava Tamalane, no Hall de Transportes. — Tam?

— Sim? — Sem desviar a atenção de uma lista de tarefas.

— Quando podemos partir?

— Dentro de umas duas horas.

— Chame quando estiver pronta. Oh, Streggi vai conosco. Arranje lugar para ela. — Odrade apagou a projeção antes que Tamalane pudesse responder.

Odrade sabia que havia muito a fazer. Tam e Bell não eram os únicos motivos de preocupação da Madre Superiora.

“Restam-nos dezesseis planetas... e isso incluindo Buzzell, um lugar que decididamente está em perigo. Só dezesseis!” Afastou esse pensamento. Não tinha tempo para isso.

“Murbella. Será que devo chamá-la e... Não. Isso pode esperar. O novo Conselho de Instrutoras? Bell pode tomar conta disso. Dispersão de comunidades?”

A transferência de pessoal para uma nova Dispersão forçara consolidações. “Ficar à frente do deserto!” Era deprimente, e não se achava capaz de enfrentar isso hoje. “Fico sempre inquieta antes de uma viagem.”

De repente, Odrade saiu correndo da sala de trabalho e percorreu os corredores, observando o desempenho de suas protegidas, parando no vão das portas, notando o que as estudantes estavam lendo, como se comportavam nos

eternos exercícios prana-bindu.

— O que está lendo? — perguntou a uma jovem acólita de segundo grau em frente a um projetor na sala semi-escura.

— Os diários de Tolstoi, Madre Superiora.

O brilho malicioso nos olhos da acólita dizia: “Tem as palavras dele diretamente na Outra Memória?” A pergunta estava ali, bem na ponta da língua dela! Estavam sempre experimentando esses gambitos tolos quando a encontravam a sós.

— Tolstoi era um nome de *família!* — Odrade retrucou. — Como mencionou diários, presumo que esteja se referindo ao Conde Leo Nikolaievich.

— Sim, Madre Superiora. — Envergonhada e ciente da censura. Acalmando-se, Odrade citou para a jovem: — “Não sou um rio, sou a rede.” Ele disse isso em Iasnaia Poliana quando tinha só 11 anos. Não vai encontrar essas palavras nos diários, mas provavelmente são as palavras mais importantes que jamais pronunciou.

Odrade virou as costas antes que a acólita pudesse lhe agradecer. “Sempre ensinando!”

Desceu, então, até as cozinhas principais e as inspecionou, passando o dedo nas bordas internas das panelas para ver se estavam gordurosas, notando a maneira cautelosa até do cozinheiro-chefe observando seus passos.

A cozinha recendia a bons aromas dos preparativos para o almoço. Havia o ruído revigorante de golpes de facas e coisas sendo misturadas, mas as brincadeiras pararam assim que entrou.

Contornou o longo balcão com cozinheiros atarefados e dirigiu-se à plataforma elevada do cozinheiro-instrutor. Era um homem alto e corpulento, as maçãs do rosto proeminentes, as faces tão vermelhas quanto as carnes sobre as quais presidia. Odrade não tinha dúvida alguma que era um dos grandes mestres de cozinha da História. O nome lhe assentava bem: Plácido Salat. Ocupava um lugar especial garantido nos pensamentos dela por várias razões, incluindo o fato de que treinara sua cozinheira pessoal. Visitas importantes, nos tempos antes das Honradas Madres, eram levadas para ver a cozinha e provar pratos especiais.

— Deixe-me apresentar nosso chefe da cozinha, Plácido Salat!

Seu bife plácido (com minúscula, a seu pedido) era motivo de inveja de muitos. Quase cru, e servido com um molho de ervas e mostarda picante, que não obscurecia a carne.

Odrade achava o prato por demais exótico, mas nunca dissera nada em voz alta.

Quando Salat lhe deu toda a atenção (após uma ligeira interrupção para corrigir um molho), Odrade disse: — Estou com vontade de comer algo especial,

Plácido.

Conhecia o prólogo.Era sempre assim que começava quando queria pedir seu “prato especial”.

— Talvez ostras ensopadas — sugeriu.

“É uma dança”, pensou Odrade. Ambos sabiam o que ela queria.

— Excelente! — concordou, e prosseguiu com a performance de praxe. — Mas têm de ser tratadas com carinho, Plácido, as ostras não podem cozinhar demais. Um pouco de nosso aipo em pó no caldo.

— E talvez um pouquinho de páprica?

— Prefiro sempre assim. Tome muito cuidado com a melange. Só um pinguinho, nada mais.

— Claro, Madre Superiora! — Virou os olhos, horrorizado com a idéia de usar melange demais. — É tão fácil a especiaria predominar.

— Cozinhe as ostras em caldo de mariscos, Plácido. Prefiro que você mesmo faça isso, mexendo devagar até as beiras das ostras começarem a encrespar.

— Nem um segundo a mais, Madre Superiora.

— Esquente um leite bem cremoso em separado. Não deixe que ferva! Plácido demonstrou espanto de que alguém pudesse suspeitar de ele ferver o leite para o ensopado de outras.

— Um pedacinho pequeno de manteiga na travessa em que for servir — disse Odrade. — E despeje o caldo misturado.

— Sem vinho xerez?

— Que bom que você está, pessoalmente, tomando conta de meu prato especial, Plácido. Esqueci do xerez. (A Madre Superiora jamais esquecia alguma coisa, e todos sabiam disso, mas era mais um passo de dança.)

— Três onças de xerez no caldo — disse ele.

— Esquente para dissipar o álcool.

— É claro! Mas não podemos esmagar os temperos. Vai querer *croutons* ou *crackers?*

— *Croutons*, por favor.

Sentada à mesa em uma saleta, Odrade comeu dois pratos de ensopado de ostras, recordando como a Filha do Mar costumava saboreá-lo. Papai a apresentara a esse prato quando mal conseguia levar a colher à boca. Ele mesmo fazia o ensopado, era sua especialidade. Odrade o ensinara a Salat.

Elogiou o vinho.

— Gostei de sua escolha de um Chablis como acompanhamento.

— Um Chablis com personalidade e um ligeiro sabor acre, Madre Superiora. Uma de nossas melhores safras. Realça o sabor das ostras de forma

espetacular.

Tamalane a encontrou na saleta. Sempre sabiam onde encontrar a Madre Superiora quando precisavam dela.

— Estamos prontas. — Seria desagrado, aquela expressão no rosto de Tam?

— Onde vamos ficar hoje à noite?

— Eldio.

Odrade sorriu. Gostava de Eldio.

“Tam tratando bem de mim porque estou muito crítica? Talvez possa me divertir um pouco.”

Seguindo Tamalane à estação de transportes, Odrade pensou como era típico da mulher mais velha preferir viajar por tubo. Viagens na superfície a irritavam. — Quem quer perder tempo na minha idade?

Odrade não gostava de tubos para transporte pessoal. Sentia-se tão fechada e indefesa! Preferia a superfície ou o ar, e usava tubos somente quando era urgente ser veloz. Não tinha a menor hesitação em usar tubos menores para bilhetes e mensagens. “As mensagens não se importam, desde que cheguem lá.”

Essa idéia sempre lhe trazia à consciência a rede que se adaptava a seus movimentos onde quer que fosse.

Em algum lugar, no coração das coisas (havia sempre um “coração das coisas”), um sistema automatizado traçava o trajeto das comunicações e assegurava (a maior parte do tempo) que mensagens importantes chegassem a seu destino.

Quando não havia necessidade do Transporte Privado (todo mundo o chamava de TP), podiam-se usar reproduções ou visual por meio de separadores misturados e linhas de luz. Fora do planeta era outro problema, especialmente nessa época de caça. O mais seguro era mandar uma Reverenda Madre com mensagens memorizadas ou implantes distrans. Hoje em dia todos os mensageiros tomavam doses maiores de shere. As sondas-T podiam ler até uma mente morta que não fosse protegida por shere. Todas as mensagens para fora do planeta eram criptografadas, mas algum inimigo poderia descobrir a única cobertura que as escondia. Alto risco fora do planeta. Talvez fosse por isso que o Rabino continuava calado.

“Mas por que estou pensando nisso agora?”

— Alguma notícia de Dortujla? — perguntou, quando Tamalane se preparava para entrar na roda de Transporte, onde os outros membros do grupo aguardavam. Tantas pessoas. Por que tantas?

Odrade viu Streggi mais à frente, na beira da ponte, falando com uma acólita de Comunicações. Havia pelo menos mais outras seis pessoas de

Comunicações nas proximidades.

Tamalane virou-se, evidentemente irritada. — Dortujla! Todo mundo já lhe disse que a avisaremos assim que tivermos alguma notícia!

— Só estava perguntando, Tam. Só perguntando.

Documente, Odrade seguiu Tamalane, entrando no Transporte “Eu deveria colocar um monitor na mente e questionar tudo que surgisse “ Havia sempre uma razão forte para as instruções mentais. Essa era a maneira Bene Gesserit, como Bellonda lembrava com frequência.

Odrade ficou surpresa consigo mesma, entendendo então que estava mais do que farta das maneiras Bene Gesserit.

“Que Bell se preocupe com essas coisas, para variar!” Estava na hora de flutuar, livre, de reagir como um fogo-fátuo às correntes à sua volta.

A Filha do Mar conhecia as correntes.

23

O tempo não conta a sua passagem. Basta olhar um círculo, par a que isso seja evidente.

— Leto II (O Tirano)

— Veja só! Veja o que aconteceu conosco! — O Rabino gemeu. Estava sentado de pernas cruzadas no frio chão curvo, com o xale cobrindo a cabeça e quase escondendo o rosto.

A sala onde estava era sombria e ecoava pequenos ruídos de maquinaria que faziam com que se sentisse enfraquecido. Se ao menos esse barulho parasse!

Rebecca estava de pé em frente a ele, com as mãos nos quadris, um ar de frustração cansada espelhada no rosto.

— Não fique aí assim! — o Rabino ordenou. Espiou-a por debaixo do xale.

— Se se desesperar, não estaremos perdidos? — ela perguntou.

O som da voz dela o enfureceu, e levou uns momentos para afastar essa emoção indesejada.

"Ela ousa me dar instruções? Mas não foi dito por homens mais sábios que a sabedoria pode vir de uma erva daninha?" Um imenso suspiro o fez estremecer, e deixou cair o xale para os ombros. Rebecca ajudou-o a ficar de pé.

— Uma não-sala — o Rabino resmungou. — Aqui, nos escondemos de... — Dirigiu o olhar para o teto escuro. — Melhor não dizer nada, mesmo aqui.

— Estamos nos escondendo do que não pode ser mencionado — disse Rebecca.

— A porta nem ao menos pode ficar aberta na Páscoa — ele disse. — Como é que o Estranho vai entrar?

— Não queremos certos estranhos — disse ela.

— Rebecca. — Baixou a cabeça. — Você é mais que uma provação e um problema. Essa pequena célula do Israel Secreto compartilha seu exílio porque compreendemos que...

— Pare de dizer isso! Não compreende nada do que aconteceu comigo. Meu problema? — Inclinou-se bem perto dele. — E permanecer humana estando em contato com todas aquelas vidas passadas.

O Rabino encolheu-se.

— Então você não é mais uma de nós? Agora é uma Bene Gesserit?

— Saberá quando eu for uma Bene Gesserit. Vai me ver olhando para mim mesma como eu me olho.

Ele franziu as sobrancelhas. — O que está dizendo?

— Um espelho olha o quê, Rabino?

— Hmmmmm! Charadas... — Mas um ligeiro sorriso repuxou-lhe os lábios. Um olhar determinado voltou a seus olhos. Olhou em volta de si. Havia oito deles aqui — mais do que o espaço comportava. “Uma não-sala!” Tinha sido montada a duras penas e contrabandeada pedaço por pedaço. Tão pequena, 12,5m de comprimento. Ele mesmo medira. O formato de um antigo barril colocado de lado, oval em corte transversal e com tampas semicirculares nas pontas. O teto se erguia a não mais de 1m sobre sua cabeça. O ponto mais alto no centro não excedia 5m e as curvas do chão e do teto faziam parecer que era ainda menos. Alimentos desidratados e água reciclada. Era com isso que tinham de sobreviver, e por quanto tempo? Um AP talvez, se não fossem encontrados. Não confiava na segurança desse invento. Aqueles ruídos esquisitos na maquinaria.

O dia já estava no fim quando se arrastaram para esse buraco. Lá fora certamente já estava escuro. E onde estava o resto de seu povo? Fugira para qualquer abrigo que pudera encontrar, cobrando dívidas antigas e compromissos honrados por serviços prestados. Alguns iriam sobreviver. Talvez sobrevivessem melhor que esse restinho aqui.

A entrada da não-sala estava escondida embaixo de um depósito de cinzas, com uma chaminé ao lado. O metal que reforçava a chaminé continha fios de cristal riduliano para repassar cenas de fora para o interior. Cinzas! A sala ainda recendia a coisas queimadas, e já começava a adquirir um cheiro de esgoto vindo da pequena câmara de reciclagem. Que eufemismo para um vaso sanitário!

Alguém se aproximou por detrás do Rabino. — O grupo de busca está indo embora. Foi sorte termos sido avisados a tempo.

Era Joshua, que tinha construído essa sala. Era um homem baixo e esbelto, com um rosto triangular que terminava em um queixo fino. Cabelos escuros caíam sobre a testa larga. Tinha olhos castanhos bem separados, que olhavam seu mundo remoendo tudo internamente, o que criava desconfiança no Rabino. “Parece jovem demais para saber tanto sobre tudo isso.”

— Então estão indo embora — disse o Rabino. — Vão voltar. Aí não vai achar que temos tanta sorte.

— Não vão adivinhar que nos escondemos tão perto da fazenda — disse Rebecca. — O grupo de busca estava pilhando, mais que qualquer outra coisa.

— Ouçam a Bene Gesserit — disse o Rabino.

— Rabino! — Que tom de repreensão na voz de Joshua. — Não o ouvi dizer muitas vezes que abençoados são aqueles que escondem os defeitos dos outros mesmo de si próprios?

— Todo mundo agora é professor! — o Rabino disse. — Mas quem vai nos dizer o que vai acontecer agora?

Mas tinha que admitir a verdade das palavras de Joshua. "É a angústia de nossa fuga que me perturba. Nossa pequena diáspora. Mas não estamos nos espalhando de Babilônia. Estamos escondidos em... um porão de proteção contra ciclones!"

A idéia o revigorou. "Os ciclones passam."

— Quem está encarregado da comida? — perguntou. — Devemos racionar tudo desde o começo.

Rebecca suspirou de alívio. O Rabino ficava pior nas grandes oscilações, emocional demais, ou intelectual demais. Estava sob controle de novo. Ia ficar intelectual demais em seguida. Isso teria que ser controlado também. A consciência Bene Gesserit lhe dava uma nova perspectiva das pessoas a seu redor. "Nossa suscetibilidade judaica. Olhe os intelectuais!"

Era uma idéia característica da Irmandade. As desvantagens para qualquer pessoa que confiasse muito nos feitos intelectuais eram imensas. Não podia negar toda a evidência da horda de Lâmpadas. A voz dentro de si confrontava com isso sempre que hesitava.

Rebecca quase chegara a gostar de perseguir as fantasias da memória, como as chamava. O conhecimento de épocas anteriores a forçava a negar seu próprio passado. Fora obrigada a acreditar em tantas coisas, que agora as considerava bobas. Mitos e quimeras, impulsos de comportamento extremamente infantil.

"Nossos deuses deveriam amadurecer, como nós."

Rebecca reprimiu um sorriso. A voz dentro de si fazia isso com ela, muitas vezes — uma cutucada nas costelas, vinda de alguém que sabia que você ia apreciá-la.

Joshua voltara a seus instrumentos. Viu que alguém estava fazendo uma revisão do catálogo do estoque de alimentos. O Rabino observava isso com sua habitual intensidade. Os outros haviam se enrolado nos cobertores e estavam dormindo nos catres no lado escuro da sala. Vendo tudo isso, Rebecca reconheceu qual deveria ser sua função. "Evitar o tédio."

"O mestre de jogos?"

"A não ser que tenha uma sugestão melhor, não tente me falar sobre meu próprio povo, Oradora."

Seja o que for que pudesse dizer sobre essas conversas interiores, não

havia dúvida de que todas as peças estavam ligadas — o passado com essa sala, essa sala com suas projeções das consequências. E isso era uma grande dádiva das Bene Gesserit. “Não pense no ‘Futuro’. Predestinação? Então o que acontece com a liberdade que lhe é dada quando nasce?”

Rebecca encarou seu próprio nascimento sob outro aspecto. Isso a tinha lançado em um movimento em direção a um destino desconhecido. Cheio de perigos ocultos e de alegrias. Então, tinha seguido uma curva do rio e encontrado atacantes. A próxima curva poderia revelar uma cachoeira, ou um panorama de beleza pacífica. E aqui estava o encantamento mágico da presciência, o chamariz a que sucumbiram Muad’Dib e seu filho Tirano. “O oráculo sabe o que virá!” A tribo de Lâmpadas lhe ensinara a não buscar oráculos. O que era conhecido podia assediá-la mais que o desconhecido. A doçura do que é novo residia em suas surpresas. Será que o Rabino via isso?

“Quem vai nos dizer o que vai acontecer agora?, ele pergunta.

“É isso que quer, Rabino? Não vai gostar do que vai ouvir. Garanto. Do momento em que o oráculo falar, seu futuro se tornará idêntico a seu passado. Como se lamentaria em seu tédio. Nada de novo, nunca. Tudo velho, naquele instante de revelação.

“Mas não era isso que eu queria!, posso ouvi-lo dizendo.

“Nenhuma brutalidade, nenhuma selvageria, nenhuma calma felicidade nem alegria explosiva pode lhe acontecer inesperadamente. Como um trem-tubo descontrolado em seu túnel, sua vida correrá impetuosa para o momento do confronto final. Como uma borboleta presa em um carro, baterá as asas contra as paredes e pedirá ao destino que a solte. — Que o tubo mude de direção, por mágica. Que alguma coisa aconteça! Não deixe que essas coisas horríveis que vi aconteçam!”

De repente, ela viu que esse deveria ter sido o esforço penoso de Muad’Dib. A quem dirigira suas preces?

— Rebecca! — Era o Rabino chamando-a.

Foi até onde ele estava, agora junto do homem mais jovem, olhando o mundo escuro lá fora, revelado pela pequena projeção acima dos instrumentos de Joshua.

— Vem aí uma tempestade — disse o Rabino. — Joshua acha que transformará as cinzas em cimento.

— Isso é bom — ela disse. — É por isso que construímos aqui e deixamos a saída destampada quando entramos.

— Mas como saímos daqui?

— Temos ferramentas para isso — disse ela. — E mesmo sem ferramentas, sempre temos as mãos.

24

Um princípio básico guia a Missionária Protectiva: instrução propositada das massas. Isso é baseado firmemente em nossa crença de que a finalidade de um argumento deve ser a de mudar a natureza da verdade. Nessas questões, preferimos o uso do poder ao da força.

— O Coda

Para Duncan Idaho, a vida na não-nave adquirira o aspecto de um jogo estranho, desde o advento de sua visão e percepção do comportamento das Honradas Madres. A entrada de Teg no jogo fora uma medida enganadora, não apenas a introdução de mais um jogador.

Ficou de pé junto à mesa de comando essa manhã e reconheceu elementos nesse jogo que eram um paralelo à sua própria infância ghola na Fortaleza Bene Gesserit em Gammu, com o idoso Bashar como guardião-mestre de armas.

Educação. Era uma preocupação fundamental naquela época, como ainda agora. E as guardas, em geral muito discretas na não-nave, mas sempre presentes, como em Gammu. Ou seus dispositivos de espionagem presentes, artisticamente camuflados e em harmonia com a decoração. Havia ficado perito em eludi-las em Gammu. Aqui, com o auxílio de Sheeana, fizera da evasão uma grande arte.

A atividade ao seu redor fora reduzida a um nível baixo. Guardas não carregavam armas. Mas eram, na maioria, Reverendas Madres com algumas acólitas mais velhas. Não acreditavam que precisassem de armas.

Algumas coisas na não-nave contribuíam para dar uma ilusão de liberdade, principalmente o tamanho e a complexidade. A nave era grande, não podia determinar o tamanho, mas tinha acesso a muitos andares e corredores que se estendiam por mais de mil passos.

Tubos e túneis, canos de acesso que o conduziam em cápsulas suspensoras, calhas de descida rápida e ascensores, vestíbulos convencionais e amplos corredores com escotilhas que se abriam assobiando a um toque (ou permaneciam fechadas: *Proibido!)* — era todo um lugar para ser trancado na memória, tornando-se lá seu próprio terreno, privativo, de maneira muito

diferente do que era para as guardas.

A energia necessária a fim de trazer a nave para o planeta e mantê-la era indício de um grande compromisso. A Irmandade não podia calcular o custo em nenhuma das maneiras usuais. O controlador da tesouraria da Bene Gesserit não lidava somente com tentos monetários. Nada de Solar ou moeda equivalente. Bancavam no povo, em alimentos, em pagamentos devidos às vezes por milênios, pagamentos esses muitas vezes em espécie — tanto materiais quanto lealdades.

“Pague, Duncan! Estamos cobrando sua promissória!”

Essa nave não era só uma prisão. Considerara várias projeções Mentat. Primeira: era um laboratório onde as Reverendas Madres procuravam um meio de anular a capacidade de uma não-nave de confundir os sentidos humanos.

“Um tabuleiro de jogo na não-nave — enigma e colméia. Tudo isso para guardar três prisioneiros? Não. Tinha de haver outras razões.”

O jogo tinha regras secretas, algumas só podia adivinhar. Mas achou tranquilizador quando Sheeana entrou no espírito da coisa. “Sabia que ela teria seus próprios planos. Óbvio quando começou a praticar as técnicas das Honradas Madres. Polindo meus aprendizes!”

Sheeana queria informações íntimas de Murbella e muito mais — suas memórias de pessoas que havia conhecido em suas muitas vidas, especialmente memórias do Tirano.

“E eu quero informações sobre as Bene Gesserit.”

A Irmandade o mantinha em atividade mínima. Frustrando-o para aumentar as habilidades Mentat. Não estava no coração daquele problema maior que pressentia fora da nave. Fragmentos tantalizantes chegavam até ele quando Odrade o deixava vislumbrar a situação difícil da Irmandade, através de suas perguntas.

Suficiente para oferecer novas premissas? Só com acesso a dados que sua mesa de comando se recusava a mostrar.

Era seu problema também, que diabos! Estava em uma cela dentro da cela delas. Todos sem saída.

Odrade estivera em frente dessa mesa de comando numa tarde na semana anterior e afirmara com segurança que as fontes de dados da Irmandade estavam “abertas” para ele. Tinha estado ali mesmo, de costas para o balcão, encostada displicentemente, braços cruzados no peito. Às vezes sua semelhança com Miles Teg adulto era fantástica. Até com relação àquela necessidade (seria uma compulsão?) de ficar em pé enquanto falava. Também não gostava de cadeiras-cão.

Ele sabia que tinha uma compreensão muito vaga de seus motivos e

planos. Mas não confiava neles. Não depois de Gammu.

Engodo e isca. Era assim que o tinham usado. Tivera sorte de não ter seguido o caminho de Duna — uma casca morta. Consumida pelas Bene Gesserit.

Quando ficava irrequieto assim, Idaho preferia esparramar-se na cadeira da mesa de comando. Às vezes sentava ali durante horas, imóvel, a mente tentando abranger as complexidades dos potentes recursos de dados da nave. O sistema podia identificar qualquer ser humano dentro dele. "Portanto tem monitores automáticos." Tinha que saber quem estava falando, fazendo exigências, assumindo o comando temporário.

"Os circuitos de vôo desafiam minhas tentativas de romper as trancas. Desligados?" Era o que as guardas diziam. Mas a maneira em que a nave identificava quem penetrasse nos circuitos — sabia que aí estava a chave!

Será que Sheeana o ajudaria? Era perigoso confiar demais nela. Às vezes, quando ela o observava na mesa de comando, lembrava-se de Odrade. "Sheeana era discípula de Odrade." Isso dava o que pensar.

Que interesse elas tinham em seu modo de usar os sistemas da nave? Como se fosse necessário perguntar!

No seu terceiro ano aqui, fizera o sistema esconder dados para ele, e isso com suas próprias teclas. Para frustrar a espionagem dos televigias, fez tudo abertamente. Inserções óbvias para futura recuperação, mas com uma segunda mensagem criptografada. Fácil para um Mentat e útil principalmente como um truque, explorando o potencial dos sistemas da nave. Fizera uma armadilha e mandara os dados para um depósito aleatório, sem esperança de recuperação.

Bellonda desconfiou, mas quando o interrogou, ele apenas sorriu.

"Escondo minha história, Bell. Minha série vive como ghola — todos eles até o original não-ghola. Coisa íntimas de que me lembro sobre essas experiências: um depósito para memórias pungentes."

Sentado agora à mesa de comando, tinha sentimentos confusos. O encarceramento o exasperava. Apesar do tamanho e da riqueza de sua prisão, não passava de uma prisão. Sabia, já há algum tempo, que era bem provável que pudesse escapar, mas Murbella e seu próprio conhecimento cada vez maior da difícil situação de ambos o impediam. Sentia-se tão preso por seus pensamentos quanto pelo elaborado sistema representado pelas guardas e esse dispositivo monstruoso. A não-nave era um dispositivo, é claro. Uma ferramenta. Uma maneira de se mover invisivelmente em um universo perigoso. Um meio de esconder pessoas e suas intenções até dos prescientes em busca.

Com a perícia acumulada em muitas vidas, olhava a seu redor através de uma tela de sofisticação e ingenuidade. Os Mentats cultivavam a ingenuidade.

Pensar que se sabe alguma coisa é a maneira mais segura de se tornar cego. Não era a maturidade que aos poucos ia freando a capacidade de aprender (ensinavam isso aos Mentats), e sim o acúmulo de “coisas que sei”.

Fontes novas de dados que a Irmandade lhe facilitara (se é que podia confiar nelas) despertavam perguntas. Como era organizada a oposição às Honradas Madres na Dispersão? É claro que havia grupos (hesitava em chamá-los de poderes) que caçavam Honradas Madres da mesma maneira que as Honradas Madres caçavam as Bene Gesserit. Matavam, também, se aceitasse a evidência de Gammu.

Futares e Treinadores? Fez uma Projeção Mentat: uma ramificação Tleilaxu na primeira Dispersão realizara manipulações genéticas. Aqueles dois em sua visão: seriam eles que criaram os Futares? Será que aqueles dois eram Dabçarubis Faciais? Independentes dos Mestres Tleilaxu? As coisas não eram singulares na Dispersão.

Diabos! Precisava ter acesso a mais dados, a fontes potentes. As fontes atuais estavam longe de serem adequadas. Um instrumento de finalidade limitada, a mesa de comando poderia ser adaptada a necessidades muito mais amplas, mas suas adaptações estavam falhas. Precisava lançar-se como um Mentat!

“Acorrentaram-me, e isso foi um erro. Odrade não confia em mim? Ela é uma Atreide, desgraçada! Sabe o que devo a sua família.”

“Mais de uma vida e a dívida nunca foi paga!”

Sabia que estava inquieto. Abruptamente, concentrou-se nisso. Inquietação Mentat! Sinal de que estava à beira de uma revelação. Uma Projeção Primária. Alguma coisa que *não* lhe haviam dito sobre Teg?

Perguntas! Havia perguntas não-formuladas açoitando-o.

“Preciso de perspectiva!” Não necessariamente uma questão de distância. Pode-se adquirir perspectiva do próprio interior, se as perguntas contiverem poucas distorções.

Percebia que em alguma parte das experiências Bene Gesserit (talvez até nos Arquivos tão zelosamente guardados por Bell) jaziam as peças que faltavam. Bell apreciaria isso! Um companheiro Mentat reconheceria a excitação desse momento. Seus pensamentos eram como peças de mosaico, a maior parte à mão e pronta para ser encaixada. Não era uma questão de soluções.

Podia ouvir seu primeiro professor Mentat, as palavras retumbando em sua mente: “Arranje suas perguntas em equilíbrio e jogue os dados temporários em um ou outro lado da balança. As soluções desequilibram qualquer situação. A falta de equilíbrio revela o que procura.”

Sim! Conseguir a falta de equilíbrio com perguntas sensibilizadas era um

ato de malabarismo Mentat.

Alguma coisa que Murbella dissera a noite anterior — o quê? Estavam na cama dela. Lembrava-se de ter visto a hora projetada no teto: 9:47. E pensara: “Essa projeção usa energia.”

Quase podia sentir o fluxo de energia da nave, esse cercado gigantesco recortado do Tempo. Maquinaria sem atritos para criar a presença mimética que nenhum instrumento podia distinguir do *background* natural. Exceto agora, quando estava de prontidão, protegida não contra os olhos, mas contra a presciência.

Murbella a seu lado: outra espécie de poder, ambos cientes da força tentando juntá-los. A energia que levava para suprimir aquele magnetismo mútuo! A atração sexual crescendo, crescendo, crescendo.

“Murbella falando.” É, era isso. Extremamente auto-analítica. Abordava sua vida com nova maturidade, Bene Gesserit — consciência exacerbada e confiança de que algo muito forte crescia em seu interior.

Todas as vezes que reconhecia essa mudança Bene Gesserit, ficava triste. “Está mais próximo o dia de nossa separação.”

Mas Murbella falava. — Ela (Odrade era muitas vezes “ela”) fica me pedindo para avaliar meu amor por você.

Lembrando disso, Idaho deixou que se repetisse.

— Tentou o mesmo comigo.

— O que está dizendo?

— *“Odi et amo. Excrucior!”*

Apoiou-se no cotovelo e olhou para ele. — Que língua é essa?

— Uma língua muito antiga que Leto me fez aprender uma vez.

— Traduza. — Peremptória. Seu antigo ego de Honrada Madre.

— Eu a odeio e a amo. E estou torturado.

— Você me odeia mesmo? — Incrédula.

— O que odeio é estar amarrado dessa maneira, não ser mestre do meu *self.*

— Você me deixaria se pudesse?

— Quero que a decisão ocorra de momento a momento. Quero ter o controle dela.

— É um jogo em que uma das peças não pode ser movida. Era isso! As palavras dela.

Recordando, Idaho não se sentiu exultante, mas como se os olhos tivessem de repente se aberto após um longo sono. “Um jogo em que uma das peças não pode ser movida. Jogo.” Sua visão da não-nave e do que a Irmandade aqui fazia.

Havia mais ainda na troca de palavras.

— A nave é a nossa escola especial — Murbella disse.

Só podia concordar. A Irmandade reforçava suas capacidades Mentat para peneirar dados e expor o que não tinha aparecido. Sentiu onde isso poderia levar e teve um profundo medo.

“Você desobstrui os condutos nervosos. Você bloqueia distrações e devaneios inúteis.”

Você reorientou suas respostas para aquele modo perigoso que todos os Mentats eram ensinados a evitar. Pode perder-se aí.

Levavam os estudantes para ver os vegetais humanos, “Mentats fracassados”, mantidos vivos para demonstrar o perigo.

Mas como era tentador. Podia-se sentir o poder naquele modo. “Nada escondido. Tudo conhecido.”

Em meio àquele medo, com Murbella virando-se para ele na cama, sentiu as tensões sexuais tornarem-se quase explosivas.

“Ainda não. Ainda não!”

Um deles havia dito mais alguma coisa. O quê? Pensava sobre os limites da lógica como um instrumento para expor os motivos da Irmandade.

— Você procura analisá-los com frequência? — Murbella perguntou. Extraordinário como fazia isso, dirigindo-se a seus pensamentos ocultos.

Ela negava que lia mentes. — Só leio você, meu ghola. Você é meu, e sabe disso.

— E vice-versa.

— É verdade. — Quase em tom de brincadeira, mas encobrindo algo mais profundo e complexo.

Havia uma cilada em qualquer análise da psique humana e ele disse isso. — Pensar que você sabe por que se comporta de certa maneira lhe dá toda espécie de desculpas para se comportar de maneira extraordinária.

“Desculpas por comportamentos extraordinários!” Mais uma peça para seu mosaico. Mais jogo, mas essas fichas eram culpa e recriminação.

A voz de Murbella era quase sonhadora. — Suponho que se possa racionalizar quase tudo, atribuindo-o a algum trauma.

— Racionalizar coisas como queimar planetas inteiros?

— Há uma espécie de autodeterminação brutal nisso. *Ela* diz que fazer escolhas definidas firma a psique e dá uma sensação de identidade da qual você pode depender sob estresse. Você concorda, meu Mentat?

— O Mentat não é seu. — A voz não demonstrava força.

Murbella riu e recostou-se no travesseiro. — Você sabe o que as Irmãs querem de nós, meu Mentat?

— Querem nossos filhos.

— Oh, muito mais que isso. Querem nossa participação voluntária em seu sonho.

“Outra peça do mosaico!”

Mas quem, além de uma Bene Gesserit, conhecia esse sonho? As Irmãs eram atrizes, sempre representando, deixando muito pouco do real transparecer através das máscaras. A pessoa real estava atrás de muros e era liberada em pequenas porções conforme necessário.

— Por que ela guarda aquele quadro antigo? — Murbella perguntou. Idaho sentiu os músculos do estômago se contraírem. Odrade lhe trouxera um registro holográfico do quadro que guardava em seu quarto de dormir, *Chalés em Cordeville*, *de Vincent Van Gogh.* Acordando-o na cama, na hora das bruxas, no meio da noite, há quase um mês atrás.

— Você me perguntou sobre minha compreensão da humanidade, e aqui está ela. — Colocando o holograma em frente de seus olhos embaçados de sono. Sentou e olhou a coisa, tentando compreender. O que havia de errado com ela? Odrade parecia tão excitada.

Deixou o holo nas mãos dele enquanto acendia todas as luzes, dando ao quarto uma sensação de formas duras e imediatas, tudo vagamente mecânico, como era de esperar em uma não-nave. Onde estava Murbella? Tinham ido dormir juntos.

Focalizou o holo e este o tocou de uma maneira indefinível, como se o ligasse a Odrade. “A compreensão dela de sua própria humanidade?” O holo estava frio em suas mãos. Ela o tomou e colocou-o na mesinha-de-cabeceira, onde ele ficou contemplando-o, enquanto ela pegava uma cadeira e se sentava junto a sua cabeça. Sentada? Alguma coisa a impelia a ficar perto dele!

— Foi pintado por um louco na Velha Terra — ela disse, quase encostando o rosto no dele enquanto ambos olhavam a cópia do quadro. — Veja só isso! Um momento humano encapsulado.

“Em uma paisagem? É, que diabos. Ela tinha razão.” Olhou fixamente o holo. “Que cores maravilhosas!” Não eram só as cores, era o todo.

— A maioria dos artistas modernos ia rir da maneira pela qual ele criou isso — disse Odrade.

“Por que não ficava calada enquanto ele olhava o quadro?”

— Foi um ser humano com uma capacidade máxima de registro — disse Odrade. — A mão humana, o olho humano, a essência humana focalizados na consciência de uma pessoa que testou os limites.

“Testou os limites!” Outra parte do mosaico.

— Van Gogh fez isso com os materiais e o equipamento mais primitivos.

— Parecia quase bêbada. — Pigmentos que um homem das cavernas reconheceria! Pintados em um tecido que poderia ter feito com as próprias mãos. Poderia ter feito os instrumentos ele mesmo, de pêlos e ramos de arbustos.

Tocou a superfície do holo e um dedo fez uma sombra sobre as árvores altas. — O nível cultural era baixo para os nossos padrões, mas veja o que ele produziu!

Idaho sentiu que devia dizer alguma coisa, mas as palavras não vinham. Onde estava Murbella? Por que não estava aqui?

Odrade afastou-se, e as palavras seguintes foram gravadas a fogo.

— Esse quadro diz que você não pode sufocar a coisa selvagem, a única coisa que *acontece* entre os humanos, apesar de tudo que possamos fazer para evitá-lo.

Idaho desviou os olhos do holo com um esforço e ficou olhando os lábios de Odrade quando falava.

— Vincent nos disse uma coisa importante sobre nossos companheiros da Dispersão.

“Esse pintor morto há tanto tempo? Sobre a Dispersão?”

— Eles fizeram coisas lá fora e estão fazendo outras que não podemos nem imaginar. Coisas loucas! O tamanho explosivo da população Dispersa garante isso.

Murbella entrou por detrás de Odrade, amarrando o cinto de um roupão branco, descalça. Os cabelos estavam úmidos do chuveiro. Então era lá onde ela tinha estado.

— Madre Superiora? — A voz de Murbella era sonolenta. Odrade falou por sobre o ombro, sem se virar.

— As Honradas Madres acham que podem antecipar e controlar todas as loucuras. Que bobagem. Não podem nem controlar isso nelas mesmas.

Murbella se aproximou do pé da cama e olhou para Idaho interrogativamente. — Parece que entrei no meio de uma conversa.

— Equilíbrio, aí está a chave — disse Odrade.

Idaho continuou prestando atenção à Madre Superiora.

— Os humanos podem se equilibrar em superfícies estranhas — disse Odrade. — Mesmo em superfícies imprevisíveis. Chama-se “entrar em sintonia”. Os grandes músicos conhecem isso. Surfistas que costumava ver quando era criança, em Gammu, sabem disso. Algumas ondas o derrubam, mas você está preparado para isso. Sobe de novo e tenta mais uma vez.

Por qualquer razão que não podia explicar, Idaho pensou em outra coisa que Odrade havia dito: — Não temos depósitos no sótão. Reciclamos tudo.

“Reciclagem. Ciclo. Pedaços do círculo. Peças do mosaico.”

Estava caçando ao acaso, e sabia que isso não servia. Não era o caminho Mentat. Mas, reciclagem — então a Outra Memória não era um depósito no sótão, e sim algo que consideravam reciclagem. Queria dizer que usavam o passado somente para mudá-lo e renová-lo.

"Entrar em sintonia."

Uma alusão estranha da parte de alguém que alegava evitar a música.

Relembrando, sentiu seu mosaico mental. Havia se tornado uma confusão. Nada se ajustava em lugar nenhum. Peças aleatórias, que provavelmente não se encaixavam.

Mas se encaixavam, sim!

A voz da Madre Superiora continuou em sua memória."Então ainda tem mais."

— As pessoas que sabem disso vão até o âmago — disse Odrade. — Avisam que você não pode pensar no que está fazendo. Essa é a maneira certa de fracassar. É só fazer!

"Não pense. Faça." Pressentiu anarquia. Suas palavras o jogaram de volta a outros recursos, que não o treinamento Mentat.

"Truques Bene Gesserit!" Fazia isso deliberadamente, sabendo o efeito. Onde estava a afeição que às vezes sentia irradiar dela? Poderia se preocupar com o bem-estar de alguém que tratava dessa maneira?

Quando Odrade os deixou (mal notou quando saiu), Murbella sentou na cama e arrumou o roupão sobre os joelhos.

"Os humanos podem se equilibrar em superfícies estranhas." Movimento em sua mente: as peças de mosaico tentando encontrar afinidades.

Sentiu uma nova onda no universo. Aquelas duas pessoas estranhas em sua visão? Faziam parte disso. Sabia que era assim sem poder dizer por quê. O que era que as Bene Gesserit declaravam? "Nós modificamos modos antigos e crenças antigas."

— Olhe para mim! — Murbella disse.

Voz? Não exatamente, mas agora tinha certeza de que ela estava experimentando e que não lhe dissera que estava sendo treinada nessa bruxaria.

Viu o olhar alienígena em seus olhos verdes que lhe diziam que ela estava pensando em suas antigas companheiras.

— Nunca procure ser mais esperto que as Bene Gesserit, Duncan. "Falando para os televigias?"

Não podia ter certeza. Era a inteligência no fundo de seus olhos que o prendia agora. Ele a sentia crescer, como se os professores soprassem um balão e o intelecto de Murbella se expandisse, assim como seu abdômen se expandia com a nova vida.

“Voz!” O que estavam fazendo com ela?

Que pergunta estúpida. Sabia o que estavam fazendo. Estavam levando-a para longe dele, fazendo dela uma Irmã. “Não mais minha amante, minha maravilhosa Murbella.” Uma Reverenda Madre, então, remota, calculando tudo que faz. *Uma bruxa*. Quem pode amar uma bruxa?

“Eu poderia. E sempre amarei.”

— Elas agarram você pelo seu lado cego e a usam para seus próprios fins — disse.

Podia ver que suas palavras tinham tido efeito. Ela só vira a armadilha depois de armada. As Bene Gesserit eram infernalmente espertas! Tinham conseguido atraí-la para sua cilada dando-lhe pequenos vislumbres de coisas tão magnéticas quanto a força que a unia a ele. Só podia ser enfurecedor para uma Honrada Madre.

“Nós é que apanhamos os outros em armadilhas Eles não nos apanham!” Mas isso havia sido feito pelas Bene Gesserit. Estavam numa categoria diferente. Quase Irmãs. Por que negar? E ela queria as habilidades delas. Queria sair desse treinamento e ter o ensino total que percebia logo além das paredes da nave. Não sabia por que ainda a mantinham em treinamento.

“Sabem que ela ainda se debate na armadilha.”

Murbella deixou cair o roupão e deitou-se na cama ao lado dele. Sem tocá-lo. Mas mantendo aquela sensação armada de proximidade entre os dois corpos.

— De início era intenção delas que eu controlasse Sheeana para elas — ele disse.

— Como você me controla?

— E eu controlo você?

— Às vezes acho que você é um cômico, Duncan.

— Se não puder rir de mim mesmo estou realmente perdido.

— Rir de suas tentativas humorísticas também?

— Essas em primeiro lugar. — Virou-se para ela e segurou o seio esquerdo na palma da mão, sentindo o bico endurecer. — Sabe que eu nunca fui desmamado?

— Nunca em todas aquelas...

— Nem uma vez.

— Devia ter adivinhado. — Um sorriso esboçou-se em seus lábios e de repente ambos estavam rindo, abraçados, dando gargalhadas. No fim Murbella disse: — Dane-se, dane-se, dane-se.

— Dane-se quem? — quando parou de rir e se soltaram, forçando a separação.

— Não é quem, é o quê. Dane-se o destino!

— Acho que o destino não liga a mínima.

— Amo você e não devo fazer isso, se é que vou ser uma Reverenda Madre decente.

Detestava essas divagações tão chegadas à pena de si mesmo. “Então faça uma brincadeira!” — Você nunca foi decente em nada. — Fez uma massagem no abdômen prenhe distendido.

— Eu *sou* decente!

— Essa palavra foi esquecida quando fizeram você.

Ela empurrou a mão dele e sentou-se para olhá-lo. — As Reverendas Madres não devem nunca amar.

— Eu sei. — “Minha angústia estaria se revelando?”

Ela estava totalmente envolvida em seus próprios problemas. — Quando eu chegar à Agonia da Especiaria...

— Amor! Não gosto da idéia de agonia associada a você de maneira nenhuma.

— Como posso evitar isso? Já estou na calha. Logo, logo vão me acelerar. Aí irei muito depressa.

Quis virar as costas, mas os olhos dela o detiveram.

— Verdade, Duncan. Estou sentindo isso. De certo modo é como a gravidez. Chega um ponto em que é perigoso demais abortar. A gente tem de ir até o fim.

— Mas nós nos amamos! — Forçando o pensamento de um perigo para outro.

— E elas o proíbem.

Ele olhou os televigias. — Os cães de guarda estão vigiando e eles têm presas.

— Eu *sei*. Estou falando para elas agora. Meu amor por você não é uma falha. A frieza delas é que é. São iguaizinhas às Honradas Madres!

“Um jogo em que uma das peças não pode ser movida.”

Queria gritar alto, mas as escutas atrás dos televigias ouviriam mais que as palavras faladas..Murbella tinha razão. Era perigoso pensar que se podia burlar as Reverendas Madres.

Alguma coisa velou os olhos que estavam fixos nele. — Que cara estranha você fez de repente. — Reconheceu a Reverenda Madre que ela poderia vir a ser.

“Desvie-se dessa idéia!”

Às vezes ele a distraía com suas estranhas memórias. Ela achava que as encarnações anteriores o tornavam um pouco semelhante a uma Reverenda Madre.

— Já morri muitas vezes.

— Você se lembra? — Sempre a mesma pergunta.

Sacudiu a cabeça, temendo dizer qualquer coisa que pudesse ser interpretada pelos cães de guarda.

“Não das mortes e do novo despertar.”

Isso ficava entorpecido pela repetição. Às vezes nem se dava o trabalho de colocá-los em seu depósito secreto de dados. Não... eram os incomparáveis encontros com outros humanos, a imensa coleção de identificações.

Essa era uma das coisas que Sheeana dizia que queria dele. — Minúcias íntimas. E o que todos os artistas querem.

Sheeana não sabia o que estava pedindo. Todos aqueles encontros vivos haviam criado novos significados. Configurações dentro de configurações. Coisas minúsculas adquiriam uma pungência que não tinha esperança de compartilhar com ninguém... nem mesmo Murbella.

“Um leve toque de mão em meu braço. Um rosto sorridente de criança. As faíscas nos olhos do atacante.”

Coisas mundanas sem conta. Uma voz familiar dizendo: — Só quero pôr os pés para cima e desabar. Não peça para eu me mexer.

Todas se tornaram parte dele. Estavam aglutinadas ao seu caráter. A existência as cimentara inextricavelmente e não podia explicar isso a ninguém.

Murbella falou sem olhar para ele. — Houve muitas mulheres nessas suas vidas?

— Nunca fiz a conta.

— Você as amou?

— Estão mortas, Murbella. Só o que posso prometer é que não há nenhum fantasma ciumento em meu passado.

Murbella apagou os globos luminosos. Ele fechou os olhos e sentiu a escuridão envolvê-lo quando ela se aninhou em seus braços. Abraçou-a apertado, sabendo que ela precisava disso, mas a mente se soltava por vontade própria.

Uma velha recordação produziu o dito de um professor Mentat: “A coisa mais relevante pode se tornar irrelevante no espaço de uma batida cardíaca. Os Mentats devem olhar esses momentos com alegria.”

Não sentiu alegria nenhuma.

Todas aquelas vidas em série continuavam dentro dele, desafiando as relevâncias Mentat. Um Mentat ingressava em seu universo intocado em todos os aspectos. Nada velho, nada de novo, nada fixo em adesivos antigos, nada realmente *sabido*. Era a rede, e existia somente para examinar o que apanhava.

“O que não escapou? Que espessura de malha eu teria usado dessa vez?”

Era esse o ponto de vista Mentat. Mas era impossível que os Tleilaxu

tivessem incluído todas aquelas células ghola-Idaho para recriá-lo. Tinha que haver lacunas na coleção seriada de suas células. Já identificara muitas dessas lacunas.

“Mas não há lacunas em minha memória. Lembro-me de todas elas.”

Ele era uma cadeia ligada fora do Tempo. “É por isso que posso ver as pessoas naquela visão... a rede.” Era a única explicação que a percepção Mentat podia fornecer, e se a Irmandade adivinhasse, ficaria aterrorizada. Não importa quantas vezes ele negasse, diriam: — Outro Kwisatz Haderach! Matem-no!

“Então trabalhe para você mesmo, Mentat!”

Sabia que tinha a maior parte das peças do mosaico, mas elas ainda não se juntavam naquele *Ah! Ah!* conjunto de perguntas que os Mentats tanto prezavam.

“Um jogo em que uma das peças não pode ser movida. Desculpas por comportamento extraordinário.

— Querem nossa participação voluntária em seu sonho. Teste os limites!

Os humanos podem se equilibrar em estranhas superfícies. *Entre em sintonia. Não pense. Faça.”*

25

A melhor arte imita a vida de maneira coerciva. Se imita um sonho, deve ser um sonho da vida. Do contrário, não há lugar algum onde possamos nos ligar. Nossas tomadas não se encaixam.

— Darwi Odrade

Quando viajavam para o sul em direção ao deserto, no início da tarde, Odrade achou que o campo mudara de maneira inquietante desde sua inspeção anterior há três meses. Sentiu-se justificada em ter escolhido veículos terrestres. A vista emoldurada pelo grosso plaz que as protegia da poeira revelava mais detalhes.

“Muito mais seco.”

O grupo mais próximo a ela viajava em um carro relativamente leve — só 15 passageiros, incluindo o motorista. Suspensores e propulsão a jato sofisticada quando não estavam em contato com a terra. Capaz de 300km por hora em superfície lisa. Seus acompanhantes (numerosos demais, devido aos cuidados exagerados de Tamalane) seguiam em um ônibus que também levava roupas, alimentos e bebidas para as paradas durante a viagem.

Streggi, sentada ao lado de Odrade e atrás do motorista, disse: — Não poderíamos arranjar uma chuvinha aqui, Madre Superiora?

Odrade cerrou os lábios. O silêncio era a melhor resposta.

Tinham saído atrasadas. Todas reunidas na ponte de embarque e prontas para partir quando chegou um recado de Bellonda. Outro relatório de desastre requerendo a atenção pessoal da Madre Superiora no último minuto!

Era uma dessas vezes em que Odrade sentia que o único papel que podia desempenhar era de intérprete oficial. Ir à beira do palco e dizer-lhes o que significava: — Hoje, Irmãs, soubemos que as Honradas Madres destruíram mais quatro planetas nossos. Estamos ficando menores.

“Somente 12 planetas (incluindo Buzzell) e a caçadora sem face, com machado, está bem mais perto.”

Odrade sentiu o abismo abrindo-se a seus pés.

Bellonda recebera ordens de guardar essa má notícia até um momento mais apropriado.

Odrade olhou pela janela a seu lado. Qual era o momento apropriado para uma notícia dessas?

Estavam viajando em direção ao sul há pouco mais de três horas, a estrada queimada pela geada, deslizando como um verde rio à frente deles. O caminho os levava por entre colinas de carvalhos de cortiça que se estendiam até os horizontes cercados de serras. Os carvalhos cresciam como gnomos em plantações menos regulares que pomares. Fileiras sinuosas serpeavam colinas acima. A plantação original fora disposta nos contornos existentes, meios-terraços agora escondidos pelo longo capim pardo.

— Plantamos trufas aqui — Odrade disse.

Streggi tinha outra má notícia. — Ouvi dizer que as trufas estão com problemas, Madre Superiora. Não tem chovido bastante.

"O fim das trufas?" Odrade hesitou, prestes a chamar uma acólita de Comunicações da parte traseira do veículo para perguntar à Meteorologia se era possível corrigir essa seca.

Olhou para trás, para suas acompanhantes. Três fileiras, quatro pessoas em cada fileira, especialistas para ampliar seus poderes de observação e cumprir ordens. E olhe o ônibus que os seguia! Um dos maiores veículos da Sede. Pelo menos 30m de comprimento! A poeira rodopiava ao seu redor.

Tamalane viajava lá, a mando de Odrade. A Madre Superiora podia ser irascível quando provocada, todas pensaram. Tam havia trazido gente demais, mas Odrade só descobrira isso quando já era tarde para fazer mudanças.

— Não é uma inspeção! É um diabo de uma invasão! "Siga meu exemplo, Tam. Um pouco de drama político. Torne a transição mais fácil."

Voltou a atenção para o motorista, o único homem no carro. Clairby, um pequeno e azedo técnico em transportes. Rosto mirrado, pele da cor de terra úmida recém-lavrada. O motorista favorito de Odrade. Rápido, seguro, e cauteloso quanto às limitações de sua máquina.

Alcançaram o topo de uma colina e os sobreiros se tornaram mais esparsos, substituídos à frente por pomares rodeando uma comunidade.

Linda essa luz, pensou Odrade. Prédios baixos de paredes brancas e telhas cor de laranja. Uma rua de acesso, sombreada por arcos, podia ser avistada bem abaixo na ladeira e, alinhada atrás dela, a alta estrutura central que continha os escritórios de supervisão regional.

A vista tranquilizou Odrade. A comunidade tinha uma aparência luminosa, abrandada pela distância e por uma neblina que se erguia dos pomares ao redor. Ramos ainda nus aqui nessa região de inverno, mas certamente capazes de pelo menos mais uma colheita.

A Irmandade exigia uma certa beleza em suas redondezas, lembrou a si

mesma. Uma maneira de se mimarem que dava suporte aos sentidos sem subtrair nada das necessidades do estômago. Conforto onde possível.... mas não demais!

Alguém atrás de Odrade disse: — Acho que algumas dessas árvores estão começando a brotar.

Odrade olhou com mais cuidado. Sim! Pequenos pontos verdes nos ramos escuros. O inverno cometera um erro aqui. A Meteorologia, lutando para efetuar mudanças de estações, não podia evitar um erro ocasional. O deserto em expansão estava criando, muito cedo, temperaturas altas demais aqui: pequenos trechos aquecidos que faziam as plantas enfolharem e florescerem justamente em hora de uma geada inesperada. O fenecimento de plantações estava ficando frequente demais.

Um Consultor de Campo desenterrara o termo antigo “veranico” para um relatório ilustrado com projeções de um pomar todo em flor sendo assaltado pela neve. Odrade sentira a memória se agitando com as palavras do Consultor.

“Veranico. Como era apropriado!”

Seus conselheiros compartilhando aquela pequena visão da labuta do planeta reconheciam a metáfora de um congelamento vindo de assalto nos calcanhares de um calor inapropriado: um revivescimento do tempo quente, época em que os saqueadores podiam atormentar seus vizinhos.

Relembrando, Odrade sentiu o frio do machado da caçadora. “Quando?” Não ousava procurar a resposta. “Não sou uma Kwisatz Haderach!” Sem se virar, Odrade falou a Streggi. — Você já esteve em Pondrille? — Não era meu centro postulante, Madre Superiora, mas presumo que seja semelhante.

É, essas comunidades eram muito parecidas: na maior parte, estruturas baixas localizadas em lotes ajardinados e pomares, centros escolares para treinamento específico. Era um sistema de seleção para Irmãs futuras, a malha cada vez mais fina quanto mais perto se chegava da Central.

Algumas dessas comunidades, como Pondrille, concentravam-se em endurecer suas aprendizes. Mandavam as mulheres por longas horas todos os dias fazerem trabalho braçal. Mãos que cavavam a terra e ficavam manchadas de frutos raramente se esquivariam a trabalhos sujos no futuro. Agora que não estavam mais dentro da poeira, Clairby abriu as janelas. Entrou uma onda de calor. O que a Meteorologia estava fazendo?

Dois edifícios na entrada de Pondrille tinham sido unidos em um andar acima da rua, formando um longo túnel. Só faltava, pensou Odrade, uma porta de ferro corrediça para imitar os portões da cidade na história pré-espaço. Cavalheiros de armadura achariam o calor sombrio dessa entrada familiar. Aberturas de televigias no alto eram certamente lugares onde os guardiões esperavam.

A longa e sombreada entrada da comunidade era limpa, ela viu. O olfato raramente era assaltado por podridão ou outros odores ofensivos nas comunidades Bene Gesserit. Nada de favelas. Poucos aleijados mancando pelas ruas. Muita carne sadia. Uma boa administração tinha o cuidado de manter feliz uma população sadia.

"Temos os nossos incapacitados, todavia. E nem todos fisicamente."

Clairby estacionou logo antes da saída da rua sombreada e desceram. O ônibus de Tamalane parou atrás deles.

Odrade tinha pensado que o caminho de entrada aliviasse um pouco o calor, mas a perversidade da natureza tornara o lugar um verdadeiro forno e a temperatura estava ainda mais alta ali. Ficou contente em sair para a luz clara da praça central onde o suor evaporando de seu corpo lhe deu uns segundos de frescura.

A ilusão de alívio passou abruptamente quando o sol queimou-lhe a cabeça e os ombros. Foi forçada a apelar para o controle metabólico para ajustar o calor do corpo.

Água jorrava em um círculo espelhante na praça central, um espetáculo que breve teria fim.

"Deixe por enquanto. Moral!"

Ouviu suas companheiras seguindo-a, os gemidos usuais de "ficar sentada tanto tempo na mesma posição". Uma comissão de recepção podia ser vista vindo às pressas do outro lado da praça. Odrade reconheceu Tsimpay, a chefe de Pondrille, no furgão. As acompanhantes da Madre Superiora foram até os ladrilhos azuis do chafariz da praça — todas, exceto Streggi, que ficou ao lado de Odrade. O grupo de Tamalane, também, foi atraído pela água em borbotões. Tudo parte integrante de um sonho humano tão antigo que não podia jamais ser completamente descartado, pensou Odrade.

"Campos férteis e água aberta — água clara, potável, em que se pode mergulhar o rosto para aliviar a sede."

E na verdade algumas pessoas de seu grupo estavam fazendo exatamente isso no chafariz. Os rostos brilhavam de umidade.

A delegação de Pondrille parou perto de Odrade pisando ainda os ladrilhos azuis do chafariz da praça. Tsimpay trouxera mais três Reverendas Madres e cinco acólitas mais velhas.

Próximas à Agonia, todas aquelas acólitas, observou Odrade. Demonstrando a percepção da provação pela firmeza do olhar.

Tsimpay era alguém que Odrade via de vez em quando na Central, onde ia às vezes como professora. Estava com boa aparência: cabelos castanhos tão escuros que pareciam preto-avermelhados nessa luz. O rosto fino era quase

sombrio em sua austeridade. As feições culminavam nos olhos muito azuis sob sobrancelhas grossas.

— É um prazer vê-la, Madre Superiora. — Parecia ser sincera.

Odrade inclinou a cabeça, um gesto mínimo. “Escutei. Por que está tão contente em me ver?”

Tsimpay entendeu. Apontou para uma Reverenda Madre alta, de faces encovadas, perto dela. — Lembra-se de Fali, nossa Chefe de Pomares? Fali acaba de vir a mim com uma delegação de jardineiras. Uma queixa grave.

O rosto de Fali, marcado pelo ar livre, parecia macilento. “Trabalho excessivo?”

Tinha lábios finos e um queixo pontudo. Unhas sujas. Odrade notou isso e aprovou. “Não tem medo de cavar a terra também.”

“Delegação de jardineiras.” Então havia um escalonamento de reclamações. Deve ter sido sério. Tsimpay não era de descarregar problemas na Madre Superiora. “

— Fale — disse Odrade.

Lançando um olhar para Tsimpay, Fali começou um relatório detalhado, fornecendo até as habilitações dos líderes da delegação. Todas pessoas boas, é claro.

Odrade reconheceu o padrão. Tinha havido conferências com relação a essa consequência inevitável. Tsimpay comparecera a algumas delas. Como você podia explicar a seu povo que um verme de areia distante (talvez ainda não existente) requeria essa mudança? Como você podia explicar aos fazendeiros que *não era* questão de “só mais um pouquinho de chuva”, e sim um ponto fundamental das condições meteorológicas do planeta. Mais chuva aqui poderia significar um desvio de ventos de alta altitude. Por sua vez, isso alteraria as condições em outro lugar, causaria sirocos carregados de umidade, onde não só perturbariam, mas poderiam ser perigosos. Muito fácil produzir grandes furacões se inserissem as condições erradas. A meteorologia do planeta não era uma coisa simples para ser tratada com ajustamentos fáceis. “Como exigi em certas ocasiões.” E cada vez, havia uma equação total a ser examinada.

— O planeta dá o último voto — Odrade disse. Era um velho lembrete da falibilidade humana para a Irmandade.

— Duna ainda tem um voto? — Fali perguntou. Mais amargura na pergunta do que Odrade tinha antecipado.

— Estou sentindo calor. Vimos as folhas em seus pomares quando chegamos — disse Odrade. “Sei o que a preocupa, Irmã.”

— Vamos perder parte da colheita este ano — disse Fali. Acusação em suas palavras: “É culpa sua!”

— O que disse à sua delegação? — Odrade perguntou.

— Que o deserto tem de crescer e que a Meteorologia não pode mais fazer todos os ajustes de que precisamos.

Verdade. A resposta combinada. Inadequada, como a verdade era muitas vezes, mas era só o que tinham agora. Alguma coisa teria que ceder muito em breve. Por enquanto, mais delegações e perdas de colheitas.

— Toma chá conosco, Madre Superiora? — Tsimpay, a diplomata, interferindo. “Está vendo como está escalonando, Madre Superiora? Fali irá agora de volta para suas frutas e legumes. O seu lugar. O recado foi dado.”

Streggi pigarreou.

“Esse hábito infernal tem de parar!” Mas o significado era claro. Streggi estava encarregada do horário. “Temos de ir.”

— Saímos atrasadas — disse Odrade. — Só paramos para esticar as pernas e ver se tinham problemas que não podiam resolver sozinhas.

— Podemos tomar conta das jardineiras, Madre Superiora.

O tom enérgico de Tsimpay dizia muito mais, e Odrade quase sorriu.

“Inspecione se quiser, Madre Superiora. Olhe em toda parte. Encontrará Pondrille em ordem Bene Gesserit.”

Odrade lançou os olhos para o ônibus de Tamalane. Algumas pessoas já estavam voltando para o ar refrigerado. Tamalane estava perto da porta, ao alcance da voz.

— Ouço boas coisas a seu respeito, Tsimpay — disse Odrade. — Você pode se arranjar sem nossa interferência. Não quero de maneira nenhuma me intrometer com uma comitiva que é grande demais. — As últimas palavras bem alto para todos ouvirem.

— Onde vai passar a noite, Madre Superiora?

— Em Eldio.

— Não vou lá há algum tempo, mas ouvi dizer que o mar está bem menor.

— Os sobrevôos confirmam o que ouviu. Não é preciso avisá-las de que estamos indo, Tsimpay. Já sabem. Tivemos de prepará-las para essa invasão.

A Chefe dos Pomares Fali deu um pequeno passo à frente. — Madre Superiora, se pudéssemos ter só...

— Diga a suas jardineiras, Fali, que têm uma escolha. Podem reclamar e esperar aqui até que as Honradas Madres venham para escravizá-las, ou podem escolher a Dispersão.

Odrade voltou para o carro e sentou-se, olhos fechados, até que ouviu as portas fecharem-se e puseram-se a caminho. Eventualmente, abriu os olhos. Já tinham saído de Pondrille e estavam na alameda vidrada, atravessando os

círculos de pomares do sul. O silêncio atrás dela era carregado. As Irmãs estavam contemplando seriamente o comportamento da Madre Superiora naquela ocasião. Um encontro não satisfatório. As acólitas naturalmente captavam o estado de espírito. Streggi tinha um ar taciturno.

Esse tempo exigia atenção. As palavras não podiam mais aplacar as reclamações. Os bons dias eram medidos por padrões mais baixos. Todos sabiam as razões, mas as mudanças continuavam sendo o foco. Visível. Não se podia reclamar da Madre Superiora (não sem boa razão!), mas era possível reclamar do tempo.

"Por que tiveram que fazer o tempo tão frio hoje? Por que hoje, que tenho de estar lá fora? Bem quentinho quando saímos, mas olhe agora. E eu sem agasalho!"

Streggi queria conversar. "Bem, é por isso que a trouxe." Mas tinha se tornado quase tagarela à medida que a intimidade corroía seu temor da Madre Superiora.

— Madre Superiora, procurei em meus manuais uma explicação de...

— Cuidado com manuais! — Quantas vezes em sua vida ouvira ou pronunciara essas palavras? — Os manuais criam hábitos.

Streggi ouvira muitas preleções sobre hábitos. As Bene Gesserit os tinham — essas coisas que o Povo preservava como "Peculiaridades das Bruxas!" Mas padrões que permitiam a outros predizer o comportamento, esses tinham de ser cuidadosamente extirpados.

— Então por que temos manuais, Madre Superiora?

— Principalmente para refutá-los. O Coda é para noviças e outras em treinamento primário.

— E as histórias?

— Nunca ignore a banalidade das histórias registradas. Como Reverenda Madre, você reaprenderá a História a cada novo momento.

— A verdade é uma xícara vazia. — Muito orgulhosa por lembrar-se do aforismo.

Odrade quase sorriu.

"Streggi é uma jóia."

Era uma idéia que induzia cautela. Certas pedras preciosas podiam ser identificadas por suas impurezas. Os técnicos as marcavam dentro das próprias pedras. Uma impressão digital secreta. As pessoas eram assim. Muitas vezes podiam ser conhecidas por seus defeitos. A superfície cintilante diz muito pouco. Uma boa identificação requer que se olhe no fundo para ver as impurezas. *Até* que estava a qualidade preciosa de um ser total. O que teria sido de Van Gogh sem impurezas?

— São os comentários de cépticos com percepção, Streggi, coisas que *eles* dizem *sobre* a História, que devem ser seus guias antes da Agonia. Depois, você será sua própria céptica e descobrirá seus próprios valores. Por enquanto, as histórias revelam datas e dizem-lhe que algo ocorreu. As Reverendas Madres procuram as *coisas* e aprendem os preceitos dos historiadores.

— Isso é tudo? — Profundamente ofendida. "Por que desperdiçaram meu tempo dessa maneira?"

— Muitas histórias são em grande parte inúteis porque são preconceituosas, escritas para agradar um ou outro grupo poderoso. Espere para que seus olhos se abram, minha cara. Nós somos as melhores historiadoras. Estivemos lá.

— E meu ponto de vista mudará diariamente? — Muito introspectiva.

— Essa é uma lição que o Bashar nos lembrou que devíamos manter viva em nossa mente. O passado deve ser reinterpretado pelo presente.

— Não estou certa de que gostarei disso, Madre Superiora. Tantas decisões morais.

Ahhhhh, essa jóia via até o âmago, e dizia o que pensava como uma verdadeira Bene Gesserit. Havia facetas cintilantes entre as impurezas de Streggi.

Odrade olhou de lado a acólita pensativa. Há muito tempo atrás, a Irmandade decidira que cada Irmã deveria tomar suas próprias decisões morais. "Nunca siga um líder sem fazer suas próprias perguntas." Era por isso que o condicionamento moral das jovens tinha uma prioridade tão alta.

"E por isso que gostamos de acolher futuras Irmãs bem jovens. E talvez seja por essa razão que existe uma falha moral em Sheeana. Nós a recebemos tarde demais. O que é que ela e Duncan falam tão secretamente com as mãos?"

— As decisões morais sempre são fáceis de reconhecer — disse Odrade. — Elas existem onde você abandona o interesse pessoal.

Streggi olhou para Odrade com espanto. — Que coragem é preciso para isso!

— Não é coragem! Nem mesmo desespero. O que fazemos, no sentido mais básico, é natural. Coisas feitas porque não existe outra escolha.

— Às vezes me faz sentir muito ignorante, Madre Superiora.

— Excelente! É o princípio da sabedoria. Há muitas espécies de ignorância, Streggi. A mais baixa é de seguir seus próprios desejos sem examiná-los. Há vezes em que o fazemos inconscientemente. Apure sua sensibilidade. Fique consciente do que faz inconscientemente. Pergunte sempre: quando fiz aquilo, o que estava procurando ganhar?

Chegaram ao topo da última colina antes de Eldio, e Odrade acolheu um

momento de reflexão.

Alguém atrás dela murmurou: — Lá está o mar.

— Pare aqui — ordenou Odrade quando se aproximaram de um amplo desvio em uma curva de onde se via o mar. Clairby conhecia o lugar e estava preparado. Muitas vezes Odrade lhe pedia para parar ali. Parou onde ela queria. O carro rangeu quando parou. Ouviram o ônibus parar atrás deles, uma voz alta lá atrás dizendo às companheiras: "Olhem só isso!"

Eldio se estendia lá embaixo, à esquerda de Odrade: edifícios delicados, alguns erguidos acima do solo em tubos delgados, o vento passando por baixo e através deles. Estava tão ao sul e abaixo da altura da Central, que era muito mais quente. Pequenos moinhos de vento de eixo vertical, brinquedos a essa distância, giravam nos cantos dos prédios de Eldio para ajudar no fornecimento de energia à comunidade. Odrade mostrou-os a Streggi.

— Pensamos nisso como uma forma de independência da escravidão a uma tecnologia complexa controlada por outros.

Enquanto falava, Odrade desviou a atenção para a direita. *O mar!* Era um resíduo horrivelmente condensado de sua antiga gloriosa expansão. A Filha do Mar detestou o que viu.

Vapores quentes se erguiam do mar. A púrpura indistinta das colinas secas esboçava contornos embaçados de horizonte do outro lado da água. Viu que a Meteorologia havia introduzido um vento para dispersar o ar saturado. O resultado era uma espuma de ondas crespas batendo no cascalho da praia, abaixo desse ponto de observação.

Havia uma fileira de aldeias de pescadores aqui, lembrou-se Odrade. Agora que o mar tinha recuado, as aldeias estavam mais para trás, na colina. Há tempos atrás, as aldeias haviam sido pontos coloridos ao longo da costa. A maior parte de sua população tinha sido sugada na nova Dispersão. As pessoas que haviam permanecido tinham construído uma via de transporte para tirar e pôr os barcos na água.

Aprovava isso e o lastimava. Conservação de energia. A situação como um todo, de repente, pareceu-lhe lúgubre — como uma das instalações geriátricas do Velho Império, onde as pessoas ficam esperando a morte.

"Quanto tempo até esses lugares morrerem?"

— O mar está tão pequeno! — Era uma voz do fundo do carro. Odrade a reconheceu. Uma funcionária dos Arquivos. "Uma das infernais espiãs de Bell."

Inclinando-se à frente, Odrade bateu no ombro de Clairby. — Leve-nos até a costa mais próxima, aquela enseada ali bem embaixo. Quero nadar no mar, Clairby, enquanto ainda existe.

Streggi e mais duas outras acólitas a acompanharam nas águas mornas da

enseada. As outras passearam pela praia ou ficaram observando a estranha cena do carro e do ônibus.

“A Madre Superiora nadando nua no mar!”

Odrade sentiu a água cheia de energia a seu redor. Era necessário nadar devido às decisões de comando que tinha de tomar.

Quanto desse último grande oceano poderiam manter nesses derradeiros dias de vida temperada do planeta? O deserto estava vindo — “deserto total”, para igualar o do perdido Duna. “Se o machado nos der tempo.” A ameaça estava muito perto e o abismo muito profundo. “Diabos de talento infernal! Por que tenho de saber?”

Aos poucos, a Filha do Mar e o balanço das ondas renovaram seu senso de equilíbrio. Essa extensão de água era uma grande complicação — muito mais importante que pequenos mares e lagos espalhados. A umidade se erguia daqui em proporções significativas. Energia para carregar os desvios indesejáveis da pouco controlada administração da Meteorologia. No entanto, esse mar ainda alimentava a Sede da Irmandade. Era uma via de comunicações e transporte. O transporte marítimo era o mais barato. O custo de energia tinha de ser contrabalançado com outros elementos em sua decisão. Mas o mar ia desaparecer. Isso era certo. Populações inteiras iam enfrentar novos deslocamentos.

As recordações da Filha do Mar interferiram. Nostalgia. Bloqueava o caminho de uma decisão certa. “Quando deveriam eliminar o mar?” Essa era a questão. Todas as mudanças inevitáveis e a acomodação em outros lugares dependiam dessa decisão.

“Melhor fazer isso rápido. Banir a dor para o passado. Vamos em frente com isso.”

Nadou até o mar raso e olhou para a perplexa Tamalane. A saia de Tam estava molhada de respingos de uma onda inesperada. Odrade suspendeu a cabeça acima do mar encapelado.

— Tam! Elimine o mar o mais depressa possível. Peça à Meteorologia que diagrame um esquema rápido de desidratação. Temos que incluir Alimentos e Transportes. Aprovarei o plano final após nossa revisão usual.

Tamalane virou-se sem falar. Chamou Irmãs escolhidas para acompanhá-la, lançando só um olhar para a Madre Superiora. “Está vendo! Eu tinha razão em trazer a equipe necessária!”

Odrade saiu da água. A areia molhada gemeu sob seus pés. “Muito breve será areia seca.” Vestiu-se sem se secar com uma toalha. A roupa agarrou-se à pele causando desconforto, mas ignorou isso caminhando praia acima, para longe das outras, sem olhar para o mar.

“Lembranças na memória têm de ser só isso. Coisas que se pegam e acariciam de vez em quando para evocar alegrias passadas. Nenhuma alegria pode ser permanente. Tudo é transitório. ‘Isso também passará’ se aplica a todo o universo existente.”

Onde a praia se tornava terreno margoso com algumas plantas esparsas, virou-se finalmente e olhou para o mar que acabara de condenar.

Só a própria vida tinha importância, disse a si mesma. E a vida não podia perdurar sem um empurrão à continuidade da procriação.

“Sobrevivência. Nossas crianças têm de sobreviver. A Bene Gesserit tem de sobreviver!”

Nenhuma criança era mais importante que o total. Aceitava isso, reconhecendo que era a espécie lhe falando das profundezas de seu próprio eu, o eu que havia encontrado pela primeira vez como Filha do Mar.

Odrade permitiu à Filha do Mar aspirar o mar pela última vez quando voltavam nos veículos e se preparavam para ir para Eldio. Sentiu que se acalmava. O equilíbrio essencial, uma vez adquirido, não precisava de um mar para ser mantido.

26

Arranque suas perguntas do solo e as raízes suspensas ficarão à vista. Mais perguntas!

— Mentat Zensufi

A Dama estava em seu elemento.

“Rainha Aranha!”

Gostava do nome que as bruxas lhe haviam dado. Aqui estava o coração de sua teia, esse centro de controle em Junção. O exterior do prédio ainda não lhe agradava. Muita complacência da Corporação no planejamento. Conservador. Mas o interior começava a adquirir uma familiaridade que a acalmava. Até podia imaginar que nunca deixara Dur, que não tinha havido Futares e a angustiante fuga de volta ao Antigo Império.

Estava à porta aberta da Sala de Reuniões, olhando para o Jardim Botânico. Logno aguardava quatro passos atrás. “Não fique mais perto de mim, Logno, ou terei de matá-la.”

Ainda havia orvalho no gramado além dos ladrilhos onde, quando o sol estava bastante alto, as criadas colocariam cadeiras confortáveis e mesas. Mandara que fosse um dia de sol e era bom que a Meteorologia cumprisse a ordem. O relatório de Logno era interessante. Então a velha bruxa tinha voltado a Buzzell. E estava zangada, também. Excelente. Era óbvio que sabia que estava sendo vigiada e visitara a bruxa suprema para pedir sua remoção de Buzzell, pedir refúgio. E fora recusada.

“Não se importam que destruamos seus membros desde que o corpo central permaneça escondido.”

Falando a Logno por sobre o ombro, a Dama disse: — Traga-me a velha bruxa. E todas as suas acompanhantes.

Quando Logno virou-se para obedecer, a Dama acrescentou: — E comece a fazer uns Futares passarem fome. Quero que fiquem bem famintos.

— Sim, Dama.

Outra pessoa ocupou o lugar de Logno. A Dama não virou para identificar a substituta. Sempre havia um número suficiente de assistentes para obedecerem às ordens. Uma era muito parecida com a outra, exceto quanto à questão de

ameaça. Logno era uma ameaça constante. “O que me mantém alerta.”

A Dama respirou fundo o ar fresco. Ia ser um bom dia exatamente porque era isso que desejava. Colheu suas memórias secretas, e deixou que elas a acalmassem.

“Guldur seja abençoado! Encontramos o local para reconstruir nossa força.”

A consolidação do Antigo Império prosseguia conforme planejado. Não haveria muitos ninhos de bruxas intactos lá fora e assim que a Sede infernal fosse descoberta, os membros poderiam ser destruídos com calma.

E agora, Ix. Era um problema. “Talvez eu não devesse ter matado aqueles dois cientistas Ixianos ontem.”

Mas os idiotas tiveram a ousadia de exigir “mais informações” dela. Exigir! E isso depois de dizer que ainda não tinham uma solução para o rearmamento da Arma. Claro que não sabiam que era uma arma. Ou sabiam? Não tinha certeza. Então tinha sido bom matar aqueles dois, afinal de contas. Dera uma lição.

“Tragam-nos respostas, não perguntas.”

Gostava da ordem que ela e suas Irmãs estavam criando no Antigo Império. Tinha havido muitas perambulações e culturas diferentes demais, religiões instáveis demais.

“O culto de Guldur os servirá como serve a nós.”

Não sentia nenhuma afinidade mística com sua religião. Era um instrumento útil de poder. As raízes eram bem conhecidas: Leto II, que as bruxas chamavam de “O Tirano”, e seu pai, Muad’Dib. Agentes consumados do poder, todos os dois. Muitas células cismáticas nos arredores, mas podiam ser extirpadas. Guardar o essencial. Era uma máquina bem lubrificada.

“A tirania da minoria disfarçada sob a máscara da maioria.”

Isso fora o que a bruxa Lucilla tinha reconhecido. Não era possível deixá-la viva depois de descobrirem que sabia como manipular as massas. Os ninhos das bruxas tinham de ser encontrados e queimados. A perceptibilidade de Lucilla evidentemente não era um exemplo isolado. Suas ações indicavam o trabalho de uma escola. Ensinavam isso! Idiotas! Era preciso manobrar a realidade, ou tudo ficava fora de controle.

Logno voltou. A Dama conhecia o ruído de seus passos. Furtivos.

— A velha bruxa vai ser trazida de Buzzell — disse Logno. — E suas acompanhantes.

— Não se esqueça dos Futares.

— Já dei as ordens, Dama.

“Voz untuosa! Você gostaria de me dar de comerão rebanho, não é,

Logno?

— E reforce a segurança nas gaiolas, Logno. Mais três escaparam a noite passada. Estavam vagando no jardim, quando acordei.

— Disseram-me, Dama. Foram destacados mais guardas para as gaiolas.

— E não me diga que são inofensivos sem um Treinador.

— Não creio nisso, Dama.

“E está dizendo a verdade, pela primeira vez. Morre de medo dos Futares. Muito bem.”

— Acho que temos nossa base de poder, Logno. — A Dama virou-se, notando que Logno havia avançado pelo menos dois milímetros na zona de perigo. Logno viu isso também, e recuou. “Pode chegar bem perto na minha frente, onde posso vê-la, Logno, mas não nas minhas costas.”

Logno percebeu o brilho alaranjado nos olhos da Dama e quase ficou de joelhos. “Curvou definitivamente os joelhos.” — Estou ansiosa por servi-la, Dama!

“Está ansiosa por tomar meu lugar, Logno.”

— E quanto àquela mulher de Gammu? Um nome esquisito. Qual era?

— Rebecca, Dama. Ela e alguns de seus companheiros conseguiram... ahhh, escapar temporariamente. Vamos encontrá-los. Não podem sair do planeta.

— Acha que eu devia tê-la guardado aqui, não é?

— Foi sábio de sua parte usá-la como isca, Dama!

— Ainda é isca. Aquela bruxa que encontramos em Gammu não encontrou aquelas pessoas por acidente.

— Sim, Dama.

“Sim, Dama!” Mas o som subserviente da voz de Logno era agradável. — Então, ande logo com isso!

Logno saiu apressada.

Havia sempre essas pequenas células de violência potencial reunindo-se secretamente em algum lugar. Incrementando a carga mútua de ódio, apinhando-se para desintegrar as vidas ordeiras a seu redor. Alguém sempre tinha que fazer uma limpeza depois disso. A Dama suspirou. As táticas terroristas eram sempre tão... tão temporárias!

Sucesso, esse era o perigo. Havia lhes custado um império. Se você acenasse com o sucesso como uma flâmula, alguém sempre ia querer derrotá-la. Inveja!

“Desta vez, guardaremos nosso sucesso com mais cautela.”

Caiu em uma espécie de devaneio, alerta ainda aos sons às suas costas, mas apreciando a evidência de novas vitórias que lhe haviam sido reveladas essa manhã. Gostava de rolar os nomes dos planetas cativos silenciosamente na ponta

da língua.

“Wallach, Kronin, Reenol, Ecaz, Bela Tegeuse, Gammu, Gamont, Niushe...”

27

Os seres humanos nascem com suscetibilidade à mais persistente e debilitante enfermidade do intelecto: a de se iludirem a si próprios. O melhor e o pior de todos os possíveis universos recebem disso a sua coloração dramática. Pelo que pudemos apurar, não existe imunidade natural. É necessário estar constantemente alerta.

— O Coda

Com Odrade longe da Central (e provavelmente só por pouco tempo), Bellonda sabia que tinha de agir rápido. "Aquele infernal Mentat-ghola é perigoso demais para ficar vivo!"

Mal o grupo da Madre Superiora desapareceu de vista na tarde que caía, Bellonda já estava a caminho da não-nave.

Uma aproximação sensata pelos anéis de pomares não lhe servia. Tomou lugar em um tubo sem janelas, automático, e veloz. Odrade, também, tinha observadoras que poderiam mandar mensagens indesejáveis.

No caminho, passou em revista sua avaliação das muitas vidas de Idaho. Um registro que havia guardado nos Arquivos, pronto para rápida recuperação. Nos gholas originais e antigos, seu caráter havia sido dominado por impulsividade. Rápido em odiar, rápido em ser leal. Idaho-gholas posteriores temperaram isso com cinismo, mas a impulsividade básica permaneceu. O Tirano a chamara à tona muitas vezes. Bellonda reconheceu um padrão.

"Ele pode ser instigado pelo orgulho."

Fascinava-a o longo tempo em que ele servira o Tirano. Não só tinha sido Mentat muitas vezes, mas havia indícios de que tinha sido um Revelador da Verdade em mais de uma encarnação.

A aparência de Idaho refletia o que vira nos registros. Linhas interessantes de caráter, uma expressão ao redor dos olhos e uma posição de lábios que combinavam com um desenvolvimento interior complexo.

Por que Odrade não aceitava o perigo que esse homem representava?

Bellonda ficava apreensiva quando ela falava de Idaho, alardeando suas emoções.

— O pensamento dele é claro e direto. Sua mente é escrupulosamente

limpa. É revigorante. Gosto dele, e sei que é uma coisa trivial demais para influenciar minhas decisões.

“Ela admite a influência dele!”

Bellonda encontrou Idaho sozinho e sentado à mesa de comando. Fixava atentamente uma imagem linear que ela reconheceu: o esquema operacional da não-nave. Apagou a projeção quando a viu.

— Olá, Bell. Estava à sua espera.

Tocou a mesa de comando, e uma porta se abriu atrás dele. O jovem Teg entrou e ficou perto de Idaho, olhando em silêncio para Bellonda.

Idaho não a convidou a sentar-se nem procurou uma cadeira para ela, forçando-a a trazer uma do quarto de dormir e colocá-la à sua frente. Quando se sentou, ele olhou-a com uma expressão cautelosa e divertida.

Bellonda continuava surpresa pela saudação. “Por que ele estava à minha espera?”

Ela respondeu à pergunta não formulada: — Dar se projetou antes, disse que ia ver Sheeana. Sabia que você não perderia tempo em vir me ver quando ela saísse.

Simples projeção Mentat ou... — Ela avisou você!

— Errado.

— Quais segredos você e Sheeana compartilham? — Exigindo.

— Ela me usa como você quer que me use.

— A Missionária!

— Bell! Dois Mentais juntos. Será que temos de fazer essas brincadeiras estúpidas?

Bellonda respirou fundo e procurou o modo Mentat. Não era fácil nessas circunstâncias, aquela criança olhando para ela, a expressão divertida de Idaho. Estaria Odrade demonstrando uma dissimulação insuspeitada? Trabalhando contra uma Irmã com esse ghola?

Idaho relaxou quando viu a intensidade Bene Gesserit tornar-se o foco duplo da Mentat. — Sei há muito tempo que você quer me ver morto, Bell.

“Sim... Tenho sido transparente em meus temores.” Escapara por pouco, pensou. Bellonda viera a ele com a morte no pensamento, um pequeno drama já preparado, para criar “a necessidade”. Tinha poucas ilusões quanto à sua capacidade de competir com ela em violência. Mas Bellonda-Mentat observaria antes de agir.

— É falta de respeito essa sua maneira de usar nossos primeiros nomes — disse, provocando.

— Reconhecimento diferente, Bell. Você não é mais Reverenda Madre

e eu não sou “o ghola”. Dois seres humanos com problemas em comum.

Não me diga que não sabe disso.

Olhou em volta da sala de trabalho. — Se estava à minha espera, por que não trouxe Murbella aqui?

— Forçá-la a matar você para me proteger?

Bellonda avaliou a idéia. “O diabo da Honrada Madre provavelmente poderia me matar, mas então...” — Você a mandou embora para protegê-la.

— Tenho um protetor melhor. — Indicou a criança.

“Teg? Um protetor? *Havia* umas histórias de Gammu sobre ele. Será que Idaho sabe alguma coisa?”

Queria perguntar, mas ousaria arriscar um desvio do assunto? Os vigilantes deveriam receber um cenário claro de perigo.

— Ele?

— Serviria a Bene Gesserit se visse você me matar?

Como ela não respondesse, disse: — Ponha-se em meu lugar, Bell. Sou um Mentat preso não só em sua armadilha, mas também na das Honradas Madres.

— É tudo que você é, um Mentat?

— Não. Sou uma experiência Tleilaxu, mas não vejo o futuro, não sou um Kwisatz Haderach. Sou um Mentat com memórias de muitas vidas. Você, com suas Outras Memórias — pense na vantagem que isso me dá.

Enquanto falava, Teg veio se encostar na mesa de comando ao lado dele. A expressão do menino era de curiosidade, mas Bell não viu nenhum medo dela.

Idaho indicou o foco de projeção acima da cabeça, grãos de prata dançando, prontos para criarem suas imagens. — Um Mentat vê suas transmissões produzindo discrepâncias — cenas de inverno no verão, sol quando suas visitas vieram na chuva... Não esperava que eu não levasse em conta seus pequenos dramas?

Ela ouviu a exposição de Mentat. Até esse ponto, compartilhavam os mesmos ensinamentos. — Naturalmente você disse a si mesmo para não minimizar o Tao.

— Fiz perguntas diferentes. Coisas que acontecem juntas podem ter laços subterrâneos. O que são causa e efeito quando confrontados com a simultaneidade?

— Você teve bons professores.

— E não só em uma vida.

Teg inclinou-se para ela. — Veio realmente aqui para matá-lo? Não adiantava mentir. — Ainda acho que é perigoso demais. — Que as vigilantes discutam isso!

— Mas ele vai me devolver minhas memórias!

— Dançarinos no mesmo palco, Bell — disse Idaho. — Tao. Pode parecer que não estamos dançando juntos, podemos não usar os mesmos passos ou ritmos, mas somos vistos juntos.

Começou a desconfiar onde ele poderia estar chegando, e pensou se haveria outra maneira de destruí-lo.

— Não sei do que está falando — disse Teg.

— Coincidências interessantes — Idaho disse.

Teg virou-se para Bellonda. — Talvez possa explicar, por favor?

— Ele está tentando me dizer que precisamos um do outro.

— Então por que não diz isso?

— É mais sutil que isso, garoto. — E pensou: "Os registros devem me mostrar avisando Idaho." — O nariz do asno não é a origem da cauda, Duncan, não importa quantas vezes você veja o animal passar no estreito espaço vertical que limita a visão que você tem dele.

Os olhos de Idaho encontraram o olhar fixo de Bellonda. — Dar veio aqui uma vez com um ramo de flores de macieira, mas minha projeção mostrava a época da colheita.

— São charadas, não é? — disse Teg, batendo palmas.

Bellonda lembrou-se do registro daquela visita. Movimentos precisos da Madre Superiora. — Você não desconfiou de uma estufa?

— Ou que ela só queria me agradar?

— É para eu adivinhar? — Teg perguntou.

Após um longo silêncio, olho Mentat dentro de olho Mentat, Idaho disse: — Existe anarquia por trás de minha prisão, Bell. Discórdia nos conselhos mais altos da Irmandade.

— Pode haver deliberação e critério mesmo na anarquia — ela disse.

— Você é uma hipócrita, Bell.

Recuou como se ele a tivesse atacado, um movimento totalmente involuntário que a chocou pela reação forçada. "Voz"? Não... algo mais profundo. Ficou, de repente, com terror desse homem.

— Acho incrível que uma Mentat *e uma Reverenda Madre* possa ser tão hipócrita — ele disse.

Teg puxou o braço de Idaho. — Estão brigando? Idaho empurrou a mão dele. — Sim, estamos brigando. Bellonda não conseguia desgrudar o olhar dos olhos de Idaho. Queria virar-se e fugir. O que ele estava fazendo? Estava saindo tudo errado.

— Hipócritas e criminosos entre vocês? — ele perguntou.

Mais uma vez, Bellonda lembrou-se dos televigias. Ele estava jogando não só com ela, mas também com os vigilantes! E o fazia com um cuidado

extraordinário. Sentiu-se de repente cheia de admiração por seu desempenho, mas isso não acalmou o medo.

— Estou perguntando por que suas Irmãs toleram você. — Os lábios se moviam com precisão tão delicada! — Você é um mal necessário? Uma fonte de dados valiosos e, ocasionalmente, bons conselhos?

Encontrou a fala. — Como ousa? — Gutural, contendo toda a malevolência alardeada.

— Pode ser que você fortaleça suas Irmãs. — Voz sem timbre, sem mudar a inflexão. — Elos fracos criam espaços que outras têm de reforçar e isso dá força a essas outras.

Bellonda percebeu que mal conseguia manter o modo Mentat. Alguma coisa disso podia ser verdade? Seria possível que a Madre Superiora a visse assim?

— Você veio com uma desobediência criminal em mente — ele disse. — Tudo em nome da necessidade! Um pequeno drama para os televigias, provando que não tinha escolha.

Descobriu que essas palavras estavam restaurando suas habilidades Mentat. Ele saberia o que estava fazendo? Estava fascinada pela compulsão de estudar tanto seu modo como suas palavras. Será que ele realmente a lia tão bem assim? O registro desse encontro poderia ser muito mais valioso que seu pequeno drama. E o resultado era igual!

— Acha que as vontades da Madre Superiora são lei? — perguntou.

— Acha realmente que não sou observador? — acenando com a mão para Teg, que estava prestes a interromper. — Bell! Seja apenas uma Mentat.

— Estou ouvindo. — “E muitos outros também!”

— Estou afundado em seu problema.

— Não lhe demos nenhum problema!

— Deram, sim. *Você* deu, Bel. Vocês são avarentas na maneira em que dispensam as peças, mas eu vejo.

Bellonda abruptamente lembrou-se de Odrade dizendo: — Não preciso de um Mentat! Preciso de um inventor.

— Vocês... precisam... de mim — disse Idaho. — Seu problema ainda está no embrião, mas a carne está lá e precisa ser extraída.

— Por que iríamos precisar de você?

— Precisam de minha imaginação, minha inventividade, coisas que me mantiveram vivo face à ira de Leto.

— Disse que ele o matou tantas vezes, que perdeu a conta. — “Engula suas próprias palavras, Mentat!”

Deu-lhe um sorriso primorosamente controlado, tão preciso que nem ela

nem os televigias podiam se enganar quanto à intenção. — Mas como pode confiar em mim, Bell?

“Ele se autocondena!”

— Sem algo de novo, vocês estão condenadas — ele disse. — É somente questão de tempo, e todas sabem disso. Talvez não nesta geração. Talvez nem mesmo na próxima. Mas é inevitável.

Teg puxou a manga de Idaho com força. — O Bashar poderia ajudar, não é?

Então o menino prestava atenção. Idaho deu uma pancadinha no braço de Teg. — O Bashar não basta. — E para Bellonda: — Dois pobres-diabos. Temos que brigar por causa de um osso?

— Já disse isso antes. — “E sem dúvida dirá novamente.”

— Ainda Mentat? — perguntou. — Então jogue fora o drama! Tire essa névoa romântica de nosso problema!

“Dar é a romântica! Eu não!”

— O que há de romântico — ele perguntou — em pequenos agrupamentos de Bene Gesserit Dispersas aguardando o massacre?

— Acha que ninguém escapará?

— Vocês estão semeando o universo com inimigos — ele disse. — Estão alimentando Honradas Madres!

Ficou totalmente (e somente) Mentat então, o que era necessário para competir com esse ghola, habilidade contra habilidade. Drama? Romance? O corpo era um obstáculo ao desempenho Mentat. Mentats têm de usar o corpo, e não deixar que interfira.

— Nenhuma das Reverendas Madres que vocês dispersaram jamais voltou ou mandou um recado — ele disse. — Procuram se tranquilizar dizendo que só as Dispersas sabem onde vão. Como podem ignorar o recado implícito nesse fato? Por que ninguém tentou se comunicar com a Sede?

“Está censurando todas nós, esse demônio! E tem razão.”

— Apresentei o problema em sua forma mais elementar? “Pergunta Mentat!”

— A pergunta mais simples, a projeção mais simples — ela concordou.

— Êxtase sexual amplificado: impressão Bene Gesserit? As Honradas Madres estão pegando sua gente em armadilhas?

— Murbella? — O desafio de uma só palavra. “Avalie essa mulher que você diz que ama! Ela sabe coisas que deveríamos saber?”

— São condicionadas a não levar seu próprio prazer em níveis viciosos, mas são vulneráveis.

— Ela nega que haja origens Bene Gesserit na história das Honradas

Madres.

— Como foi condicionada a fazer.

— Ânsia de poder, então?

— Até que enfim fez uma pergunta apropriada. — E como ela não respondesse, disse: — Mater Felicíssima. — Dirigindo-se a ela no tratamento antigo dado aos membros do Conselho Bene Gesserit.

Ela sabia por que fazia isso e sentiu as palavras produzirem o efeito desejado. Estava em equilíbrio firme agora. Reverenda Madre Mentat envolvida pela *mohalata* de sua própria Agonia de Especiaria — aquela união da benigna Outra Memória protegendo-a do domínio de ancestrais malignos.

"Como é que ele sabia fazer isso?" Todos os observadores atrás dos televigias fariam essa pergunta. "Claro! O Tirano o havia treinado nisso, milhões e milhões de vezes. O que temos aqui? Que talento é esse que a Madre Superiora ousa usar? Perigoso, sim, mas muito mais valioso do que eu suspeitava. Pelos deuses de nossa própria criação! Será ele o instrumento para nos libertar?"

Como estava calmo! Sabia que a havia pegado.

— Em uma de minhas vidas, Bell, visitei sua casa Bene Gesserit em Wallach IX e lá falei com uma de suas ancestrais, Tersius Helen Anteac. Deixe que ela a guie, Bell. Ela sabe.

Bellonda sentiu uma pontada familiar na mente. "Como é que ele podia saber que Anteac era minha antepassada?"

— Fui a Wallach IX por ordem do Tirano — ele disse. — Ah, sim! Pensava muito nele como o Tirano. Minhas ordens eram eliminar a escola Mentat que vocês pensavam que haviam escondido lá.

O simulfluxo-Anteac intrometeu-se: "Vou lhe mostrar agora o acontecimento de que ele está falando."

— Considere — disse ele — eu, um Mentat, forçado a eliminar uma escola que treinava as pessoas da maneira em que fui treinado. Sabia por que ele o ordenara, é claro, e você também sabe.

Simulfluxo derramou em sua percepção: "Ordem dos Mentats, fundada por Gilbertus Albans; santuário temporário com Bene Tleilaxu que esperava incorporá-los na hegemonia Tleilaxu; espalhou-se em inúmeras *escolas-sementes;* suprimidas por Leto II porque formavam um núcleo de oposição independente; espalhadas na Dispersão após a Fome."

— Manteve alguns dos melhores professores em Duna, mas a pergunta com que Anteac está forçando você a se confrontar agora não vai até lá. Onde foram suas Irmãs, Bell?

— Não podemos saber por enquanto, não é? — Olhou a mesa de comando com novos olhos. Era errado bloquear uma mente dessas. Se iam usá-

lo, deveriam usá-lo totalmente.

— A propósito, Bell — disse, quando ela ficou de pé para partir —, as honradas Madres podem ser um grupo relativamente pequeno.

"Pequeno?" Não sabia que a Irmandade estava sendo esmagada por números aterrorizadores de planeta em planeta?

— Todos os números são relativos. Existe alguma coisa no universo que seja realmente inalterável? Nosso Velho Império poderia ser o último refúgio para elas, Bell. Um lugar para se esconderem e tentarem se reagrupar.

— Sugeriu isso antes... a Dar.

"Não Madre Superiora. Não Odrade. Dar." — Ele sorriu. — E talvez pudéssemos ajudar com Scytale.

— Nós?

— Murbella para colher informações, eu para avaliá-las. Não gostou do sorriso que isso provocou.

— O que está sugerindo, exatamente?

— Deixar nossas imaginações divagarem e construir nossas experiências de acordo. Qual seria a utilidade até mesmo de um não-planeta, se alguém pudesse penetrar o escudo?

Ela olhou para o menino. Idaho sabia da suspeita de que o Bashar havia visto as não-naves? Naturalmente! Um Mentat com sua capacidade... bocados e pedaços se juntaram em uma projeção magistral.

— Seria necessária a potência total de um sol G-3 para servir de escudo a qualquer planeta habitável. — Olhou-o de maneira seca e muito fria.

— Nada é impossível na Dispersão.

— Mas não com nossa capacidade atual. Tem alguma coisa menos ambiciosa?

— Faça uma revisão das marcas genéticas nas células de seu povo. Procure padrões comuns na herança Atreides. Pode haver talentos que nem imaginaram.

— Sua imaginação criativa dá grandes saltos.

— Sóis G-3 para genética. Pode haver fatores em comum.

"Por que essas sugestões loucas? Não-planetas e pessoas para as quais os escudos prescientes ficam transparentes? O que ele está fazendo?"

Não se iludiu com a idéia de que falava só para ela. Sempre havia os tele vigias.

Ele ficou calado, um braço descansando com toda a naturalidade nos ombros do menino. Ambos observando-a. Um desafio?

"Seja um Mentat se puder!"

"Não-planetas?" À medida que a massa de um objeto aumentava, a

energia — para anular a gravitação — ultrapassava limites comparáveis a números primos. Não-escudos encontravam barreiras de energia ainda maiores. Estaria Idaho sugerindo que alguém na Dispersão podia ter encontrado uma solução do problema? — ela perguntou.

— Os Ixianos não penetraram o conceito de unificação de Holzmann — ele disse. — Apenas o usam — uma teoria que funciona mesmo quando você não a compreende.

“Por que está dirigindo minha atenção para a tecnocracia de Ix?” Os Ixianos estavam metidos em coisas demais para que as Bene Gesserit confiassem neles.

— Não está curiosa em saber por que o Tirano nunca suprimiu Ix? — perguntou. E quando ela continuou a olhá-lo fixamente: — Apenas os refreou. Estava fascinado com a idéia de humanos e máquinas ligados por indissolúvel laço, um testando os limites do outro.

— Cyborgs?

— Entre outras coisas.

Idaho não sabia do resíduo de repulsa deixado pelo Jihad Butleriano até mesmo entre as Bene Gesserit? Alarmante! A convergência do que cada um — humano *e* máquina — podia fazer. Considerando as limitações das máquinas, era uma descrição sucinta da miopia dos Ixianos. Estaria Idaho dizendo que o Tirano apoiava a idéia da Inteligência das Máquinas? Tolice! Virou as costas para ele.

— Está indo embora depressa demais, Bell. Deveria estar mais interessada na imunidade de Sheeana à ligação sexual. Os jovens que mando para polimento *não* são imprimidos, e nem ela. No entanto, nenhuma Honrada Madre é mais perita que ela.

Bellonda viu então o valor que Odrade dava a esse ghola. “Inestimável! E eu poderia tê-lo matado.” A proximidade desse erro a encheu de consternação.

Quando chegou à porta, ele a deteve mais uma vez.

— Os Futares que vi em Gammu — por que nos disseram que caçavam e matavam Honradas Madres? Murbella não sabe nada sobre isso.

Bellonda saiu sem olhar para trás. Tudo que havia aprendido sobre Idaho hoje aumentava o perigo que ele representava... mas tinham que conviver com isso... por enquanto.

Idaho respirou fundo, e olhou para o confuso Teg.

— Obrigado por estar aqui. Apreciei muito que tenha ficado calado diante de tão grande provocação.

— Ela não teria mesmo matado você... teria?

— Se você não tivesse ganho aqueles primeiros segundos para mim, talvez tivesse.

— Por quê?

— Ela está com a idéia errada de que eu posso ser um Kwisatz Haderach.

— Como Muad'Dib?

— E seu filho.

— Bom, não vai atacar você agora.

Idaho olhou a porta por onde Bellonda saíra. Trégua. Era só o que tinha obtido. Talvez não fosse mais *somente* um dente de engrenagem nas maquinações de outros. Tinham conseguido um novo relacionamento, que poderia mantê-lo vivo, se fosse explorado cuidadosamente. Ligações emocionais não faziam parte disso, nem mesmo com Murbella... nem com Odrade. No fundo, Murbella se ressentia da escravidão sexual tanto quanto ele. Odrade podia fazer insinuações sobre laços antigos de lealdades Atreides, mas não se podia confiar nas emoções de uma Reverenda Madre.

"Atreides!" Olhou para Teg, vendo a aparência de família começando a dar formas ao rosto imaturo.

"E o que consegui realmente com Bell?" Era provável que não lhe dessem mais dados falsos. Podia ter uma certa confiança no que uma Reverenda Madre lhe dissesse, temperando isso com a percepção de que qualquer ser humano pode cometer erros.

"Não sou o único em uma escola especial. As Irmãs estão em minha escola agora!"

— Posso ir procurar Murbella? — Teg perguntou. — Ela prometeu me ensinar como brigar com os pés. Acho que o Bashar nunca aprendeu isso.

— *Quem* nunca aprendeu?

De cabeça baixa, encabulado. — *Eu* nunca aprendi.

— Murbella está na sala de exercícios. Pode ir. Mas deixe que eu conte a ela sobre Bellonda.

O aprendizado no meio Bene Gesserit não parava nunca, pensou Idaho, olhando o menino sair. Mas Murbella tinha razão quando dizia que estavam aprendendo coisas que só podiam aprender com as Irmãs.

Essa idéia despertou apreensão. Viu uma imagem na memória: Scytale de pé atrás de uma barreira em um corredor. O que estaria aprendendo o companheiro de prisão? Idaho estremeceu. Pensar nos Tleilaxu sempre provocava recordações dos Dançarinos Faciais. E aquela habilidade do Dançarino Facial de "reimprimir" as memórias de qualquer pessoa que matasse. Por sua vez, isso o encheu de medo de suas visões. Dançarinos Faciais?

"E eu sou uma experiência Tleilaxu."

Não ousaria explorar isso com uma Reverenda Madre, ou mesmo ao alcance da vista ou do ouvido de uma delas.

Foi então pelos corredores até os aposentos de Murbella, onde sentou-se e examinou o resíduo de uma lição que ela estudara. Voz. Ali estava o timbre-puro, instrumento que usava para repercussão de suas experiências vocais. O aparelho de respiração para forçar reações prana-bindu estava em uma cadeira, jogado com displicência, todo emaranhado. Eram maus hábitos, datados de seus dias como Honrada Madre.

Murbella o encontrou quando voltou. Usava uma malha branca colante manchada de suor e estava com pressa de tirar a roupa e ficar à vontade. Ele a deteve a caminho do chuveiro, usando um dos truques que havia aprendido.

— Descobri umas coisas sobre a Irmandade que não sabíamos antes.

— Conte! — Era a *sua* Murbella exigindo isso, o suor reluzindo no rosto oval, admiração nos olhos verdes. “Meu Duncan as desmascarou de novo!”

— Um jogo em que uma das peças não pode ser movida — ele a fez lembrar. “Que os espiões televigias se divirtam com essa!” — Não só esperam que as ajude a criar uma nova religião em torno de Sheeana, *nossa participação voluntária em seu sonho,* mas também querem que eu seja seu moscardo, sua consciência, fazendo-as questionar suas próprias desculpas por *comportamento extraordinário.*

— Odrade esteve aqui?

— Bellonda.

— Duncan! Ela é perigosa. Você nunca deve vê-la sozinho.

— O menino estava comigo.

— Ele não disse nada!

— Estava obedecendo ordens.

— Está bem! O que aconteceu?

Fez um breve resumo, descrevendo até as expressões faciais de Bellonda e outras reações. (E como os espiões televigias iam se divertir!)

Murbella ficou furiosa. — Se ela fizer algum mal a você, nunca mais vou cooperar com nenhuma delas!

“Resposta na ponta da língua, minha querida. Consequências! Vocês, bruxas Bene Gesserit, devem reexaminar seu comportamento com muito cuidado.”

— Estou suada dos exercícios — ela disse. — Aquele menino. Como é rápido. Nunca vi uma criança tão esperta.

Ele ficou de pé. — Deixe que a ensaboe.

No chuveiro, ajudou-a a tirar a malha suada, os dedos frescos na pele quente. Podia ver como ela gostava de seu toque.

— Tão meigo, mas também tão forte — murmurou.

“Deuses das profundezas!” Olhava para ele como se quisesse devorá-lo.

Excepcionalmente, os pensamentos de Murbella com respeito a Idaho estavam livres de auto-acusação. “Não me lembro de momento algum em que tenha acordado e dito: — Eu o amo!” Não, tinha se insinuado manhosamente nesse vício cada vez mais profundo até que, fato consumado, tinha de ser aceito em cada momento da vida. Como a respiração... ou as batidas do coração. “Uma falha? A Irmandade está errada!”

— Esfregue minhas costas — disse, e riu quando o chuveiro encharcou as roupas dele. Ajudou-o a despir-se e ali mesmo no chuveiro aconteceu mais uma vez: essa compulsão incontrolável, essa amálgama macho-fêmea que afugentava tudo, exceto a sensação. Só depois podia se lembrar e dizer a si mesma: “Ele sabe todas as técnicas que eu sei.” Mas era mais do que técnica. “Ele quer me agradar! Meus deuses de Dur! Como tive tanta sorte?”

Agarrou-se ao pescoço dele enquanto ele a tirava do chuveiro e a deitava ainda molhada na cama. Puxou-o para junto dela é ficaram deitados, quietos, deixando que as energias se recuperassem.

Depois de algum tempo, ela murmurou: — Então a Missionária vai usar Sheeana.

— Muito perigoso.

— Coloca a Irmandade em uma posição muito exposta. Pensei que sempre procurassem evitar isso.

— De meu ponto de vista, é ridículo.

— Acha isso porque tencionavam que você controlasse Sheeana?

— Ninguém pode controlá-la! Talvez ninguém deva. — Olhou para os televigias. — Olá, Bell! Você pegou mais de um tigre pelo rabo.

Bellonda, voltando aos Arquivos, parou à porta do Registro de Televigias e tez uma pergunta com os olhos à Madre Vigilante.

— No chuveiro de novo — disse a Madre Vigilante. — Fica monótono depois de certo tempo.

— A Mística da Participação! — Bellonda disse e foi em direção a seus cômodos, a mente um turbilhão de percepções alteradas que necessitavam ser reorganizadas. “Ele é um Mentat melhor que eu!”

“Tenho ciúmes de Sheeana, diabos! E ele sabe!”

A mística da participação! A orgia como energizante. O conhecimento sexual das Honradas Madres estava tendo um efeito nas Bene Gesserit semelhante aquela imersão primitiva em êxtase compartilhado. Damos um passo nessa direção e um passo na direção contrária

Basta saber que isso existe! Tão repelente, tão perigoso... e no entanto, tão magnético.

“E Sheeana é imune! Maldita!” Por que Idaho tinha de lembrá-la disso logo agora?

28

Dêem-me a decisão de mentes equilibradas de preferência a leis, todas as vezes. Códigos e manuais criam um comportamento padronizado. Todo comportamento padronizado tende a não ser questionado, acumulando um momentum *destrutivo.*

— *Darwi Odrade*

Tamalane apareceu nos aposentos de Odrade, em Eldio, pouco antes do amanhecer, trazendo notícias da estrada vidrada à frente delas.

— A areia levada pelo vento tornou a estrada perigosa ou intransitável em seis locais além do mar. Dunas muito grandes.

Odrade acabara de completar a rotina diária: mini-Agonia de Especiaria, seguida de exercício e um chuveiro frio. O quarto de hóspedes de Eldio só dispunha de uma cadeira-linga (conheciam suas preferências) e tinha se sentado para aguardar Streggi e o relatório matinal.

O rosto de Tamalane parecia pálido à luz de dois globos luminosos prateados, mas sua satisfação era evidente. “Se tivesse me ouvido!”

— Arranje uns tópteros — Odrade disse.

Tamalane saiu, obviamente desapontada com a reação calma da Madre Superiora.

Odrade chamou Streggi. — Verifique as estradas alternativas. Procure saber sobre a passagem pela ponta oeste do mar.

Streggi saiu apressada, quase esbarrando em Tamalane, que estava de volta.

— Lastimo informar-lhe que o Transporte não pode nos dar bastantes tópteros imediatamente. Estão mudando cinco comunidades a leste daqui. É possível tê-los lá pelo meio-dia.

— Não há um terminal de observação na beira daquela ponta de deserto para o sul? — Odrade perguntou.

— A primeira obstrução é logo depois. — Tamalane ainda estava muito satisfeita consigo mesma.

— Mande os tópteros nos encontrarem lá — disse Odrade. — Vamos partir logo após o café.

— Mas Dar...

— Diga a Clairby que você vai comigo hoje, sim, Streggi? — A acólita estava junto à porta, atrás de Tamalane.

A posição dos ombros ao sair demonstrava que Tamalane não considerava o novo arranjo de assentos um perdão.

“ Censura!” Mas o comportamento de Tam se adaptava às necessidades.

— Podemos chegar até o terminal de observação — disse Streggi, indicando que tinha ouvido. — Vamos levantar poeira e areia, mas é seguro.

— Vamos apressar o café.

Quanto mais se aproximavam do deserto, mais árida ficava a região, e Odrade comentou isso enquanto viajavam para o sul.

Dentro de cem quilômetros da última orla de deserto observada, viram sinais de comunidades erradicadas e levadas para latitudes mais frias. Alicerces nus, paredes inaproveitáveis, danificadas ao desmontar, deixadas para trás. Canos cortados ao nível dos alicerces. Caro demais escavá-los. A areia ia cobrir essa sujeira toda em pouco tempo.

Não tinham uma Muralha-Escudo aqui como havia em Duna, Odrade comentou com Streggi. Muito em breve, a população da Sede da Irmandade iria para as regiões polares, minar o gelo para obter água.

— E verdade, Madre Superiora — alguém atrás, com Tamalane perguntou —, que já estamos produzindo equipamento para colher a especiaria?

Odrade virou-se no assento. A pergunta viera de uma funcionária de Comunicações, acólita sênior: uma mulher mais velha, com rugas de responsabilidade sulcando a testa; sombria e vesga, de tantas horas com seu equipamento.

— Temos de estar preparadas para os vermes — disse Odrade.

— Se eles vierem — disse Tamalane.

— Você já andou no deserto, Tam? — Odrade perguntou.

— Eu estava em Duna. — Resposta muito curta.

— Mas foi até o deserto aberto?

— Só até umas pequenas dunas perto de Keen.

— Não é a mesma coisa. — Uma resposta curta merecia uma réplica igualmente curta.

— A Outra Memória me diz o que preciso saber. — Isso foi para as acólitas.

— Não é a mesma coisa, Tam. Você mesma tem de fazer isso. Uma sensação muito estranha em Duna, sabendo que um verme podia vir a qualquer momento e consumir você.

— Ouvi falar de sua... exploração em Duna.

“Exploração. Não *experiência*. Exploração. Muito precisa em sua censura. Isso é típico de Tam. — ‘Está aprendendo coisas demais com a Bell’ — dirão alguns.”

— Andar nesse tipo de deserto muda a gente, Tam. A Outra Memória fica mais clara. Uma coisa é extrair experiências de um antepassado Fremen. É muito diferente andar por lá como uma Fremen, mesmo que seja só por poucas horas.

— Não gostei nada.

O espírito de aventura de Tam se resumia nisso, e todo mundo no carro a tinha visto sob esse aspecto. A notícia se espalharia.

“Ainda furiosa, veja só!”

Mas agora a mudança para Sheeana no Conselho (“se ela servir”) teria uma explicação mais fácil.

O terminal de observação era uma expansão de sílica fundida, verde e vidrada, entremeada de bolhas de calor. Odrade estava em pé na beira fundida e notou que a grama logo abaixo estava desaparecendo, a areia invadindo o sopé da colina, antigamente tão verdejante. Havia uns arbustos novos (plantados pelo pessoal de Sheeana, disse uma das acompanhantes de Odrade) formando um anteparo cinzento ao longo dos braços do deserto que avançavam. Uma guerra silenciosa. A vida baseada em clorofila lutando na retaguarda contra a areia.

Uma duna baixa se erguia acima do terminal à direita. Acenando para que as outras não a seguissem, subiu a colina de areia. Do outro lado, escondido pelo seu volume, estava o deserto da memória.

“Então isso é o que estamos criando.”

Nenhum sinal de habitação. Não olhou para trás, para coisas vivas, empenhadas em sua última luta desesperada contra as dunas invasoras, mas focalizou a atenção ao longe, no horizonte. Era essa a fronteira que os habitantes do deserto vigiavam. Qualquer coisa se movendo naquela vastidão árida era potencialmente perigosa.

Quando voltou para as outras, ficou olhando algum tempo a superfície vítrea do terminal.

A acólita mais velha de Comunicações veio a Odrade com uma solicitação da Meteorologia.

Odrade a examinou. Concisa e inescapável. Nada de repentino sobre as mudanças indicadas nessas palavras. Estavam pedindo mais equipamento térreo. Isso não aconteceu como uma súbita tempestade acidental, mas com a decisão da Madre Superiora.

“Ontem? Foi ontem que resolvi eliminar o mar?”

Devolveu o relatório à acólita de Comunicação e olhou ao longe a superfície vidrada marcada pela areia.

— Solicitação aprovada. — E depois: — Fico triste de ver que todos aqueles prédios lá atrás não existem mais.

A acólita encolheu os ombros. “Encolheu os ombros!” Odrade teve vontade de bater nela. (E isso certamente iria causar grandes confusões na Irmandade!)

Odrade deu as costas à mulher.

“O que poderia lhe dizer? Ocupamos este solo cinco vezes os anos de vida de nossas irmãs mais velhas. E esta aqui encolhe os ombros.”

No entanto... por certos padrões, sabia que as instalações da Irmandade mal tinham alcançado a maturidade. Plaz e plasteel tendiam a manter um relacionamento metódico entre os prédios e o cenário. “Fixo na terra e na memória.” Vilas e cidades não se submetiam facilmente a outras forças... exceto aos caprichos humanos. “Outra força natural.”

O conceito de respeito pela idade era estranho, decidiu. Os humanos o tinham inato. Ela o vira no velho Bashar quando falava da propriedade da família em Lernaeus.

“Achamos apropriado manter a decoração de minha mãe.” Continuidade. Iria um ghola ressuscitado ressuscitar esses sentimentos também?

“Foi aí que minha espécie esteve.”

Isso adquiria uma patina esquisita quando “minha espécie” eram antepassados consanguíneos.

“Veja só quanto tempo nós, Atreides, ficamos em Caladan, restaurando o velho castelo, polindo entalhes profundos em madeira antiga. Equipes de servidores só para manter aquele lugar velho que rangia, em um nível funcional apenas tolerável.”

Mas aqueles servidores não se consideravam maltratados. Havia um senso de privilégio em seu trabalho. As mãos que poliam a madeira quase a acariciavam.

— Velho. Com os Atreides há muito tempo já.

As pessoas e seus artefatos. Sentiu a sensação de ferramentas como se fossem parte dela.

“Sou melhor por causa desse pau em minha mão... por causa dessa lança afiada a fogo para matar a carne... por causa desse abrigo contra o frio... por causa do meu porão de pedra para armazenar a comida no inverno... por causa desse rápido barco à vela... esse gigantesco navio... essa nave de metal e cerâmica que me transporta no espaço...”

Aqueles primeiros aventureiros humanos no espaço — pouco suspeitando até onde a viagem se estenderia. Como estavam isolados naqueles tempos antigos! Pequenas cápsulas de atmosfera habitável ligada a fontes de dados

ineptas por sistemas de transmissão primitivos. Solidão. Isolamento. Oportunidades limitadas para tudo, exceto sobreviver. Manter o ar limpo. Verificar a água potável. Fazer exercícios para evitar a debilitação causada pela ausência da gravidade. Permanecer ativo. Mente sã em corpo são. Afinal de contas, o que era uma mente sã?

— Madre Superiora?

Aquela desgraçada acólita de Comunicações, de novo!

— Sim?

— Bellonda pediu para lhe dizer imediatamente que chegou uma mensageira de Buzzell. Vieram estranhos que levaram todas as Reverendas Madres.

Odrade virou-se rapidamente. — Só isso?

— Não, Madre Superiora. Descreveram os estranhos como sendo comandados por uma mulher. A mensageira disse que parecia uma Honrada Madre, mas não estava usando o manto habitual.

— Nenhuma notícia de Dortujla ou das outras?

— Não tiveram a oportunidade, Madre Superiora. A mensageira é uma acólita do Primeiro Estágio. Veio na pequena não-nave obedecendo a ordens explícitas de Dortujla.

— Diga a Bell que essa acólita não tem permissão para partir. Ela possui informações perigosas. Darei instruções a uma mensageira quando voltar. Tem de ser uma Reverenda Madre. Entendeu?

— Claro, Madre Superiora. — Magoada com a idéia de qualquer dúvida. Estava acontecendo! Odrade teve dificuldade em conter a agitação. “Morderam a isca. Agora... estarão no anzol?

“Dortujla fez uma coisa perigosa dependendo de uma acólita. Conhecendo Dortujla, deve ser uma acólita absolutamente confiável. Pronta a se matar se for capturada. Preciso ver essa acólita. Pode estar pronta para a Agonia. E talvez isso seja uma mensagem que Dortujla está me mandando. É o jeito dela.”

Bell ia ficar furiosa, claro. “É tolice confiar em alguém de uma estação de castigo!”

Odrade chamou uma equipe de Comunicação. — Façam uma conexão com Bellonda.

O projetor portátil não era tão nítido quanto uma instalação fixa, mas Bell e a cena ao redor eram reconhecíveis.

“Sentada à minha mesa como se lhe pertencesse. Excelente!”

Sem dar tempo a Bellonda para uma de suas explosões, Odrade disse: — Verifique se a mensageira acólita está pronta para a Agonia.

— Está. — “Deuses das profundezas! Era bem conciso para Bell.”

— Então providencie. Talvez possa ser nossa mensageira.

— Já providenciei.

— Ela tem expediente?

— Muito.

“O que, em nome dos diabos, tinha acontecido com Bell? Está muito esquisita. Muito diferente do usual. Duncan!”

— Ah, Bell, e quero que Duncan tenha uma ligação aberta com os Arquivos.

— Já fiz isso hoje de manhã.

“Ora, ora. O contato com Duncan está tendo efeito.”

— Falo com você depois de ver Sheeana.

— Diga a Tam que ela estava certa.

— Sobre o quê?

— Só diga isso.

— Muito bem. Devo dizer, Bell, que estou muito satisfeita com a maneira como você está tratando de tudo.

— Depois da maneira como me tratou, como poderia falhar? Bellonda chegou a sorrir quando desligaram. Odrade virou-se e encontrou

Tamalane em pé atrás dela.

— Certa sobre o quê, Tam?

— Que há muito mais nos contatos entre Idaho e Sheeana do que tínhamos suspeitado. — Tamalane chegou perto de Odrade e abaixou a voz. — Não a coloque no meu lugar sem descobrir o que eles mantêm em segredo.

— Sei que percebeu minha intenção, Tam. Mas... será que sou tão transparente assim?

— Em algumas coisas, Dar.

— Tenho sorte de você ser minha amiga.

— Você tem outras que a apóiam. Quando as Instrutoras votaram, foi sua criatividade que pesou a seu favor. “Inspirada”, foi isso que uma de suas defensoras disse.

— Então sabe que farei Sheeana pisar em brasas antes de tomar uma de minhas decisões “inspiradas”.

— Claro.

Odrade fez sinal a Comunicações para retirarem o projetor e foi esperar na beira da área vitrificada.

“Imaginação criativa.”

Conhecia os sentimentos confusos de suas companheiras.

“Criatividade!”

Sempre perigosa para o poder entrincheirado. Sempre aparecendo com

alguma coisa nova. Coisas novas podiam destruir o domínio da autoridade. Até a Bene Gesserit abordava a criatividade com apreensão. Manter o equilíbrio inspirava alguns a pôr de lado os que os ameaçavam. Era isso que estava por trás da transferência de Dortujla. O problema era que as pessoas criativas tendiam a preferir a estagnação. Chamavam isso de "privacidade". Tinha sido preciso muita força para fazer Dortujla emergir.

"Cuide-se, Dortujla. Seja a melhor isca que já usamos."

Os tópteros chegaram nessa hora — dezesseis, os pilotos demonstrando desagrado com essa missão adicional depois de tudo por que tinham passado. "Mudando comunidades inteiras!"

Em um estado de espírito frágil, Odrade olhou os tópteros aterrissarem na superfície vidrada, as asas dobrando-se para dentro das cápsulas — cada nave parecendo um inseto adormecido.

"Um inseto esboçado à sua própria semelhança por um robô louco."

Quando estavam voando, Streggi, mais uma vez sentada ao lado de Odrade, perguntou: — Vamos ver vermes da areia?

— É possível. Mas não há nenhuma notícia deles ainda.

Streggi recostou-se no assento, desapontada com a resposta, mas sem poder aproveitar para fazer outra pergunta. A verdade podia ser perturbadora; às vezes, e tinham expectativas tão altas investidas nessa jogada evolucionária, pensou Odrade.

"Senão, por que destruir tudo que amávamos na Sede?

Simulfluxo se intrometeu com uma imagem de um letreiro antigo no arco de uma entrada estreita de um prédio de tijolos rosados: HOSPITAL PARA DOENÇAS INCURÁVEIS.

Era lá que a Irmandade se encontrava? Ou será que toleraram fracassos demais? Havia uma finalidade na Outra Memória intrusa.

"Fracassos?"

Odrade pesquisou: "Se for o caso, devemos pensar em Murbella como uma Irmã." Não que a cativa Honrada Madre fosse um fracasso incurável. Mas era uma desajustada e estava sendo submetida a treinamento profundo em idade avançada.

Como estavam todas quietas ao seu redor, olhando a areia varrida pelo vento — dunas parecendo baleias cedendo às vezes o lugar a pequenas ondas secas. O sol do início da tarde apenas começara a dar luz lateral suficiente para definir a vista próxima. A poeira obscurecia o horizonte à frente.

Odrade encolheu-se no assento e dormiu. "Já vi isso antes. Sobrevivi a Duna."

A agitação de descerem e circularem sobre o Centro de Observação do

Deserto de Sheeana acordou-a.

“Centro de Observação do Deserto. Estamos nessa de novo. Não lhe demos um nome, realmente... da mesma forma que não demos um nome a este planeta. Sede da Irmandade! Que tipo de nome é esse? Centro de Observação do Deserto! Descrição, mas não um nome. “Ênfase no temporário.”

Ao descerem, viu a confirmação de suas idéias. A impressão de habitações temporárias era intensificada pela aspereza espartana de todas as articulações. Nenhuma suavidade, nenhuma curva nas conexões. “Isso liga aqui e aquilo encaixa lá.” Tudo ligado com conectores retiráveis.

Aterrissaram aos solavancos, o piloto dizendo: — Aqui estão, e folgo em vê-las pelas costas.

Odrade foi imediatamente para o quarto reservado para ela e chamou Sheeana. Acomodações temporárias: outro cubículo espartano com um catre duro. Duas cadeiras dessa vez. Uma janela se abria para o oeste, no deserto. A natureza temporária dessas acomodações a irritava. Tudo aqui podia ser desmontado em horas e levado embora. Lavou o rosto no banheiro ao lado, aproveitando os movimentos ao máximo. Dormira em posição confinada no tóptero e o corpo estava reclamando.

Refrescada, foi até a janela, grata pela inclusão dessa torre no plano de construção: dez andares, e este era o nono. Sheeana ocupava o andar de cima, um posto de observação para fazer o que o nome do lugar descrevia. Enquanto esperava, Odrade fez as preparações necessárias. “Abra a mente. Descarte as idéias preconcebidas.” As primeiras impressões, quando Sheeana chegasse, deveriam ser vistas com olhos inocentes. Os ouvidos não deveriam estar preparados para uma voz especial. O nariz não deveria esperar odores familiares. “Escolhi esta. Eu, sua primeira professora, sou capaz de errar.” Odrade voltou-se, a um som vindo da porta. Streggi. — Sheeana acabou de voltar do deserto, e está com seu pessoal. Ela pede que a Madre Superiora a encontre nos aposentos superiores, que são mais confortáveis.

Odrade acenou com a cabeça.

Os aposentos de Sheeana no andar de cima ainda tinham aquela aparência pré-fabricada. Abrigo rápido à frente do deserto. Um quarto grande, seis ou sete vezes maior que o cubículo de hóspedes, mas era ao mesmo tempo sala de trabalho e quarto de dormir. Janelas de dois lados — oeste e norte. Odrade ficou impressionada com a mistura de funcional e não-funcional.

Sheeana conseguira fazer de seus aposentos um reflexo dela mesma. Um catre padrão Bene Gesserit tinha sido coberto com uma colcha alegre, laranja e castanho. Um desenho preto sobre branco de um verme da areia, de frente, com todos os dentes de cristal à mostra, preenchia uma parede. Sheeana o desenhara,

confiando na Outra Memória e em sua infância em Duna para guiarem sua mão.

Revelava algo sobre Sheeana, que não tinha tentado uma representação mais ambiciosa — em cores, talvez, e no cenário tradicional do deserto. Só o verme, e uma sugestão de areia embaixo dele, uma figura humana minúscula no primeiro plano, vestindo um manto. “Ela mesma?”

Um controle admirável e a lembrança constante da razão de estar ali. Uma impressão profunda de natureza.

“A natureza não produz má arte?”

Era um pronunciamento muito fluido para ser aceito.

“O que queremos dizer com *natureza?*”

Tinha visto florestas “naturais” atrozes: árvores quebradiças que pareciam ter sido imersas em pigmento verde imperfeito e deixadas à beira da tundra para secar em feias paródias. Repelente. Difícil de imaginar árvores assim como tendo alguma finalidade. E vermes-cegos... pele amarela pegajosa. Onde estava a arte neles? Uma parada temporária na viagem da evolução para outro lugar. Será que a intervenção dos humanos sempre fazia uma diferença? Sligos! A Bene Tleilaxu tinha produzido algo revoltante.

Admirando o desenho de Sheeana, Odrade decidiu que certas combinações ofendiam sentidos humanos específicos. Sligos como alimento eram deliciosos. Combinações feias tocavam experiências antigas. As experiências decidiam.

“Coisa ruim!”

“Grande parte do que consideramos ARTE atende o desejo de tranquilidade. Não me ofenda! Sei o que posso aceitar.”

Como esse desenho tranquiliza Sheeana?

“Verme da areia: poder cego guardando riquezas escondidas. Maestria em beleza mística.”

Haviam dito que Sheeana brincava sobre seu encargo. — Sou pastora de vermes que talvez nunca existam.

E mesmo que aparecessem, levaria anos até que algum alcançasse o tamanho indicado pelo desenho. Seria a voz dela saindo da figura minúscula em frente ao verme?

— Isso virá com o tempo.

O cheiro de melange penetrou no quarto, mais forte que de costume nos aposentos de uma Reverenda Madre. Odrade lançou um olhar inquiridor pela mobília: cadeiras, mesa de trabalho, iluminação de globos luminosos fixos — tudo colocado onde funcionaria melhor. Mas o que era aquele monte de plaz preto de formato esquisito no canto do quarto? Mais uma obra de Sheeana?

Os aposentos eram apropriados para Sheeana, Odrade decidiu. Pouco mais

que o desenho para relembrar suas origens, mas a vista das janelas poderia ser de Dar-es-Balat, nas profundezas das terras áridas de Duna.

Um pequeno ruído sussurrante na entrada alertou Odrade. Virou-se e lá estava Sheeana. Quase tímida a maneira como olhou da porta antes de ingressar na presença da Madre Superiora.

Movimento como palavras: “Então veio aos meus aposentos. É bom. Alguém podia ter sido descuidado com meu convite.”

Os sentidos alertados de Odrade vibraram com a presença de Sheeana. A mais jovem Reverenda Madre de todos os tempos. Sempre se pensava na

“Pequena e Quieta Sheeana”. Não era sempre quieta nem era pequena, mas o apelido pegou. Não parecia um camundongo, mas muitas vezes ficava quietinha como um roedor aguardando à beira do campo que o fazendeiro se afastasse. E então o camundongo saía correndo para pegar o grão caído.

Sheeana entrou no quarto e parou a menos de um passo de Odrade. — Estamos separadas há muito tempo, Madre Superiora.

A primeira impressão de Odrade foi estranhamente confusa.

“Franqueza e fingimento?”

Sheeana ficou de pé, quieta e receptiva.

Essa descendente de Siona Atreides tinha desenvolvido um rosto interessante sob a patina Bene Gesserit. Maturidade trabalhando de acordo com os desígnios Atreides e da Irmandade. Marcas de muitas decisões tomadas com firmeza. A esbelta criança abandonada de pele escura e cabelos castanhos estriados de sol tornara-se essa Reverenda Madre de porte nobre. Pele ainda escura, de longas horas ao ar livre. Cabelos ainda com mechas claras. Os olhos, porém — o inflexível azul total que dizia: “Já passei pela Agonia.”

“O que é que sinto nela?”

Sheeana viu a expressão no rosto de Odrade (ingenuidade Bene Gesserit!) e percebeu que era a confrontação há tanto temida.

“Não pode haver defesa, exceto a minha verdade, e espero que ela não vá até uma confissão completa!”

Odrade observou sua ex-aluna com extremo cuidado, todos os sentidos aguçados.

“Medo! O que sinto? Alguma coisa quando ela falou?” A firmeza da voz de Sheeana tinha se formado sobre o instrumento poderoso que Odrade antecipara no primeiro encontro. A índole original de Sheeana (índole tipicamente Fremen!) tinha sido refreada e reorientada. O núcleo vingativo fora serenado. Sua capacidade de amar e odiar, rigidamente controlada.

“Por que tenho a impressão de que ela quer me abraçar?”

De repente Odrade sentiu-se vulnerável.

“Essa mulher penetrou minhas defesas. Não há maneira de excluí-la totalmente nunca mais.”

Lembrou-se da conclusão de Tamalane: “É uma dessas pessoas que se fecha em uma concha. Lembra-se da Irmã Schwangyu? É assim, mas melhor ainda. Sheeana sabe aonde está indo. Temos de vigiá-la com cuidado. Sangue Atreides, sabe?

“Também sou Atreides, Tam.”

“Não pense que jamais esquecemos isso! Pensa que ficaríamos imóveis se a Madre Superiora decidisse procriar por sua conta? Há limites para nossa tolerância, Dar.”

— Tem razão, esta visita está bem atrasada, Sheeana.

O tom de Odrade alertou Sheeana. Olhou-a com a expressão que a Irmandade chamava de “BG plácida”, provavelmente não havia nada mais plácido no universo, nada que mascarasse mais completamente o que acontecia por detrás. Não era só uma barreira, era o *nada*. Qualquer coisa nessa máscara seria transgressão. Isso, por si só, era traição. Sheeana compreendeu imediatamente, e respondeu com uma risada.

— Sabia que viria sondar! A conversa de mãos com Duncan, certo? — “Por favor, Madre Superiora! Aceite isso.”

— Tudo, Sheeana.

— Ele quer que alguém os salve se as Honradas Madres atacarem.

— Só isso? — “Ela pensa que sou idiota?”

— Não. Quer informações sobre nossas intenções... e o que estamos fazendo para enfrentar a ameaça das Honradas Madres.

— O que você lhe disse?

— Tudo que podia. “A verdade é minha única arma. Tenho de distraí-la!”

— Você está do lado dele, Sheeana?

— Sim!

— Eu também.

— Mas Tam e Bell não?

— Minhas informantes me dizem que Bell agora o tolera.

— Bell? Tolerante?

— Você a julga mal, Sheeana. É uma falha em você. — ”Está escondendo alguma coisa. O que você fez, Sheeana?”

— Sheeana, acha que poderia trabalhar com Bell?

— Porque eu a provoco? — “Trabalhar com a Bell? O que quer dizer com isso? Não Bell como chefe daquele desgraçado projeto Missionária!”

Um ligeiro sorriso se esboçou nos cantos da boca de Odrade. “Outra travessura? Podia ser isso?”

Sheeana era o assunto mais falado nos refeitórios da Central. Histórias de como mexia com as Mestras Procriadoras (especialmente Bell) e relatos elaboradamente detalhados de seduções aumentados com comparações a Honradas Madres vindas de Murbella temperavam mais que a comida. Odrade ouvira parte da última façanha há dois dias atrás. — Ela disse: "Usei o método *deixe-que-ele-se-porte-mal.* Muito eficaz para homens que pensam que estão levando você para o mau caminho."

— Provocar? É isso que você faz, Sheeana?

— Uma frase apropriada: dar nova forma, indo contra a inclinação natural. — No momento em que pronunciou as palavras, Sheeana percebeu que tinha cometido um erro.

Odrade sentiu uma advertência silenciosa. "Dar nova forma?" Seus olhos se dirigiram para a estranha massa preta no canto. Olhou-a com uma fixidez que a surpreendeu. Ela absorvia a vista. Sondou procurando coerência, algo que lhe "falasse". Nada respondeu, nem mesmo quando sondou até seus limites. "E é essa a sua finalidade!"

— Seu nome é "Vácuo" — disse Sheeana.

— Sua obra? — "Por favor, Sheeana. Diga que é de outra pessoa. Quem fez isso foi para um local aonde não posso ir."

— Fiz isso uma noite há mais ou menos uma semana.

"Plaz negro é a única matéria a que você dá nova forma?" — Um comentário fascinante sobre arte em geral.

— E não sobre arte específica?

— Tenho um problema com você, Sheeana. Você alarma algumas das Irmãs. — "E a mim. Há um lugar selvagem em você que não conseguimos encontrar. Os marcadores de genes Atreides que Duncan nos disse para procurar estão em suas células. O que lhe deram?"

— Alarmo minhas Irmãs?

— Especialmente quando se lembram que você é a pessoa mais moça a viver a Agonia.

— Com exceção das Abominações.

— É isso que você é?

— Madre Superiora! — "Nunca me magoou de propósito, a não ser como uma lição."

— Você se submeteu à Agonia como um ato de desobediência.

— Não preferia dizer que fui contra conselhos amadurecidos? — "Humor às vezes a distrai."

Prester, a acólita assistente de Sheeana, aproximou-se da porta e bateu de leve na parede ao lado até chamar sua atenção. — Pediu que lhe avisasse

imediatamente assim que as equipes de busca voltassem.

— O que disseram? “Alívio na voz de Sheeana?”

— A equipe oito quer que olhe suas análises exploratórias.

— Sempre querem isso!

Sheeana falou com frustração forçada. — Quer olhar as análises comigo, Madre Superiora?

— Vou esperar aqui.

— Não vai demorar.

Quando saíram, Odrade dirigiu-se à janela que dava para o oeste: uma vista clara sobre os telhados do novo deserto. Pequenas dunas. Quase o pôr-do-sol e o calor seco que tanto lembrava Duna.

“O que Sheeana está escondendo?”

Um rapaz, pouco mais que um menino, estava tomando banho de sol num telhado vizinho, deitado de costas em um colchão verde-mar com uma toalha dourada sobre o rosto. Sua pele era de um dourado aquecido pelo sol combinando com a toalha e com os pêlos do púbis. Uma brisa tocou o canto da toalha e a tirou do lugar. A mão lânguida se ergueu e arrumou-a de novo.

“Como pode estar à-toa? Trabalhador noturno? Provavelmente.”

A ociosidade não era encorajada e isso era uma provocação. Odrade sorriu para si mesma. Qualquer um seria desculpado se deduzisse que era um trabalhador noturno. Ele podia estar confiado nisso. O segredo era não ser visto por aqueles que sabiam o contrário.

“Não vou perguntar. A inteligência merece alguma recompensa. E, afinal de contas, *ele podia* ser um trabalhador noturno.”

Levantou os olhos. Uma nova configuração emergia aqui: ocasos exóticos. Faixa estreita de alaranjado ao longo do horizonte, mais grossa onde o sol acabava de mergulhar abaixo da terra. Azul prateado acima do alaranjado, ficava mais escuro no alto. Vira isso muitas vezes em Duna. Explicações meteorológicas que não queria explorar. Era melhor deixar os olhos observarem essa beleza transitória; melhor permitir aos ouvidos e à pele sentirem a quietude súbita que desceu sobre essa terra na escuridão rápida depois que o alaranjado desapareceu.

Vagamente, viu o rapaz pegar o colchão e a toalha e sumir atrás de um exaustor.

Som de alguém correndo no corredor atrás dela. Sheeana entrou quase sem fôlego. — Encontraram uma massa de especiaria a trinta quilômetros a nordeste daqui! Pequena, mas compacta!

Odrade não ousou ter esperança. — Poderia ser uma acumulação do vento?

— Não é provável. Mandei vigiarem vinte e quatro horas por dia. — Sheeana olhou a janela onde Odrade estava. “Ela viu Trebo. Talvez...”

— Perguntei a você antes, Sheeana, se poderia trabalhar com Bell. Era uma pergunta importante. Tam está ficando muito velha e deve ser substituída em breve. Tem de haver um voto, é claro.

— Eu? — Era completamente inesperado.

— Minha primeira escolha. — “Imperativo agora. Quero você perto, onde possa vigiá-la.”

— Mas pensei... quer dizer, o plano da Missionária...

— Isso pode esperar. E tem de haver outra pessoa que possa servir de pastora dos vermes... se aquela massa de especiaria for o que esperamos.

— Ah? Sim... muitas pessoas, mas ninguém que... Não quer que eu verifique se os vermes ainda me respondem?

— O trabalho no Conselho não deve interferir com isso.

— Eu... pode ver que estou espantada.

— Eu diria chocada. Diga-me, Sheeana, o que realmente interessa você atualmente?

“Sondando ainda. Trebo, ajude-me agora!” — Certificar-me de que o deserto está crescendo bem. — “A verdade!” — E minha vida sexual, é claro. Viu o rapaz no telhado vizinho? Trebo, mais um que Duncan me mandou para polir.

Mesmo depois que Odrade saiu, Sheeana ficou pensando por que essas palavras tinham produzido tanto divertimento. Mas a Madre Superiora tinha sido desviada.

Nem havia necessidade de desperdiçar a sua posição de retaguarda a verdade: Discutimos a possibilidade de eu imprimir Teg e assim reconstituir as memórias do Bashar.”

Evitada a confissão completa. “A Madre Superiora não descobriu que eu tinha achado uma maneira de reativar nossa não-nave prisão e retirar o detonador das minas que Bellonda colocou nela.”

29

Nenhum adoçante encobrirá certas formas de amargor. Se tiver sabor amargo, cuspa fora. É isso que faziam nossos mais antigos ancestrais.

— O Coda

Murbella acordou durante a noite para continuar um sonho, embora acordada e ciente do que a rodeava: Duncan dormindo a seu lado, um ruído leve de maquinaria, a crono-projeção no teto. Ultimamente insistia na presença de Duncan à noite, medrosa quando sozinha. Ele culpava a quarta gravidez.

Sentou na beira da cama. O quarto estava fantasmagórico na luz fraca do crono. As imagens do sonho persistiam.

Duncan resmungou e virou em sua direção. Um braço lançou-se sobre suas pernas.

Sentiu que essa intrusão mental não era sonho, mas tinha algumas características oníricas. Os ensinamentos Bene Gesserit faziam isso. Eles e suas infernais sugestões sobre Scytale e... e tudo mais! Precipitavam um movimento que ela não podia controlar.

Essa noite, estava perdida em um mundo insano de palavras. A causa era clara. Aquela manhã Bellonda soubera que Murbella falava nove línguas í dirigira a acólita suspeitosa para um caminho mental chamado “Herança linguística”. Mas a influência de Bell nessa loucura noturna não permitia i fuga.

Pesadelo. Era uma criatura microscópica presa em um lugar enorme que ecoava onde letras gigantes apareciam onde quer que olhasse: “Reservatório de Dados”. Palavras animadas com mandíbulas careteiras e tentáculos assustadores a rodeavam.

Feras predatórias e ela era sua presa!

Acordada e sabendo que estava sentada na beira da cama com o braço de Duncan jogado sobre as pernas, ainda via as feras. Elas a empurravam para trás. *Sabia* que estava indo para trás, embora seu corpo não se movesse. Impeliam-na em direção a uma terrível catástrofe que não podia ver. A cabeça não virava! Não só via essas criaturas (bloqueavam parte do quarto de dormir), mas também as ouvia em uma cacofonia de suas nove línguas.

“Vão me fazer em pedaços!”

Embora não pudesse se virar, sentiu o que havia atrás dela: mais dentes e garras. Ameaças em toda parte! Se a acuassem, eles a atacariam e estaria perdida.

"Liquidada. Morta. Vítima. Cativa torturada. Caça legal."

O desespero a envolveu. Por que Duncan não acordava e a salvava? Seu braço era um peso morto, parte da força que a segurava, permitindo que essas criaturas a dirigissem para sua armadilha bizarra. Estremeceu. O suor escorria do corpo. Que palavras horríveis! Uniam-se em combinações gigantescas. Uma criatura com presas afiadas veio direto para ela e viu mais palavras na abertura negra entre suas mandíbulas.

"Veja acima."

Murbella começou a rir. Não podia se controlar. "Veja acima. Liquidada. Morta. Vítima..."

O riso acordou Duncan. Sentou-se, acendeu um globo luminoso suave, e olhou para ela. Como estava descabelado depois daquela colisão sexual.

Sua expressão oscilou entre diversão e aborrecimento por ter sido acordado. — Por que está rindo?

O riso diminuiu, transformando-se em arquejos. As costelas doíam. Teve medo de que o sorriso que ele começava a esboçar provocasse um novo espasmo. — Oh... oh, Duncan! Colisão sexual!

Ele sabia que esse era o termo que usavam para o vício que os unia, mas por que isso a fazia rir?

A expressão confusa de Duncan pareceu-lhe cômica.

Entre arquejos, ela disse: — Mais duas palavras. — E teve que cobrir a boca com a mão para evitar outra explosão.

— O quê?

A voz dele era a coisa mais engraçada que já tinha ouvido. Estendeu a mão para ele e sacudiu a cabeça.

— Ohhhh... ohhh...

— Murbella, o que há de errado com você? Só podia continuar sacudindo a cabeça.

Ele tentou um sorriso. Murbella acalmou-se e encostou-se nele. — Não!

— Quando a mão direita dele deslizou: — Só quero ficar perto.

— Veja que horas são. — Apontou com o queixo para a projeção no teto.

— Quase três.

— Foi tão engraçado, Duncan.

— Então me conte.

— Quando tiver fôlego.

Deitou-a no travesseiro. — Até parecemos um casal de velhos. Histórias

engraçadas no meio da noite.

— Não, meu querido, somos diferentes.

— Uma questão de proporção, nada mais.

— Qualidade — ela insistiu.

— O que foi tão engraçado?

Contou sobre o pesadelo e a influência de Bellonda.

— Zensunni. Uma técnica muito antiga. As Irmãs a usam para liberar você de conexões traumáticas. Palavras que detonam respostas inconscientes.

O medo retornou.

— Murbella, por que está tremendo?

— As professoras Honradas Madres nos avisaram que coisas horríveis aconteceriam se caíssemos em mãos Zensunni.

— Besteira! Passei pela mesma coisa como Mentat.

Essas palavras evocaram outro fragmento de sonho. Uma fera com duas cabeças. As duas bocas abertas. Palavras lá dentro. À esquerda, “Uma palavra” e à direita, “leva à outra”.

A hilaridade substituiu o medo. Declinou sem risos.

— Duncan!

— Mmmmmmmmmm. — Distância Mentat no som.

— Bell disse que a Bene Gesserit usa palavras como armas — Voz. “Instrumentos de controle”, foi como as chamou.

— Uma lição que você deve aprender quase por instinto. Nunca vão confiar em você para treinamento mais profundo até que aprenda isso.

“E não confiarei em você depois disso.”

Rolou para longe dele e olhou para os televigias reluzindo no teto em redor da projeção da hora.

“Ainda estou no noviciado.”

Estava ciente de que suas professoras a discutiam em particular. Conversas eram suspensas quando ela se aproximava. Olhavam-na de uma certa maneira especial, como se fosse um espécime interessante.

A voz de Bellonda baralhava sua mente.

Gavinhas de pesadelo. Já no meio da manhã e o suor de seus esforços cheirando mal em suas narinas. A noviça obediente a três passos da Reverenda Madre. A voz de Bell:

— Nunca seja uma especialista. Isso vai prendê-la.

“Tudo isso porque perguntei se não havia palavras para guiar a Bene Gesserit.”

— Duncan, por que misturam ensinamentos mentais e físicos?

— A mente e o corpo reforçam um ao outro. — Sonolento. “Diabos! Ele

vai dormir de novo.”

Sacudiu o ombro de Duncan. — Se as palavras são tão sem importância, por que falam tanto de disciplinas?

— Padrões — murmurou. — Palavra feia.

— O quê? — Sacudiu-o com mais força.

Ele virou de costas, movendo os lábios: — Disciplina igual a padrões igual a um mau caminho a seguir. Dizem que somos todos criadores naturais de padrões... acho que significa “ordem” para elas.

— E por que isso é tão ruim?

— Dá aos outros uma alavanca para nos destruir ou nos capturar em... em coisas que não mudaremos.

— Você está errado quanto à mente e o corpo.

— Hmmmmmmmm?

— São pressões que acorrentam um ao outro.

— Não foi isso que eu disse? Ei! Vamos conversar ou dormir ou o quê?

— Nada de “o quê”. Hoje não. Ele suspirou fundo.

— Não estão querendo melhorar minha saúde — ela disse.

— Ninguém disse que estavam.

— Isso vem mais tarde, depois da Agonia. — Sabia que ele detestava ser lembrado desse teste fatal, mas não era possível evitá-lo. A possibilidade tomava conta de sua mente.

— Muito bem! — Ele sentou, ajeitou o travesseiro e recostou-se para estudá-la. — O que está acontecendo?

— São tão incrivelmente espertas com suas palavras-armas! Ela trouxe Teg a você e disse que você era totalmente responsável por ele.

— Não acredita?

— Ele pensa em você como um pai.

— No fundo não.

— Não, mas... você pensava isso do Bashar?

— Quando reconstituiu minhas memórias? Sim.

— Vocês são dois órfãos intelectuais, sempre procurando pais que não existem. Ele não tem a menor idéia do quanto você vai magoá-lo.

— Isso tende a dividir a família.

— Então você detesta o Bashar nele e está contente porque vai magoá-lo.

— Não disse isso.

— Por que ele é tão importante?

— O Bashar? Um gênio militar. Sempre fazendo o inesperado. Confunde os inimigos aparecendo onde nunca esperam que ele esteja.

— Qualquer pessoa não pode fazer isso?

— Não da maneira que ele faz. Inventa táticas e estratégias. Assim! — Estalando os dedos.

— Mais violência. Igual às Honradas Madres.

— Nem sempre. O Bashar tem fama de ganhar sem batalhas.

— Já vi as histórias.

— Não confie nelas.

— Mas você acabou de dizer...

— As histórias focalizam confrontações. Há alguma verdade nisso, mas ela esconde coisas mais persistentes que acontecem apesar de revoluções.

— Coisas persistentes?

— Que história diz respeito à mulher na plantação de arroz conduzindo um búfalo da índia à frente do arado, enquanto o marido está em alguma parte, provavelmente recrutado, carregando uma arma?

— Por que isso é persistente e mais importante que...

— Os bebês em casa precisam de comida. O homem está fora, nessa loucura eterna? Alguém tem de arar a terra. Ela é a verdadeira imagem da persistência humana.

— Você parece tão amargo... acho isso estranho.

— Considerando minha “história” militar?

— Sim, isso, a ênfase Bene Gesserit em... em seu Bashar e tropas de elite e...

— Você acha que são só mais umas pessoas cheias de importância indo adiante com a violência que lhes é tão importante? Vão passar bem por cima da mulher com o arado?

— E por que não?

— Porque muito pouco lhes escapa. Os violentos “passam” pela mulher com o arado e raramente vêem que tocaram a realidade básica. Uma Bene Gesserit nunca deixaria isso escapar.

— Porquê?

— As pessoas cheias de importância têm visão limitada porque andam em uma realidade-morte. A mulher e o arado são uma realidade-vida. Sem uma realidade-vida não haveria a humanidade. Meu Tirano viu isso. As Irmãs o abençoam por isso, mesmo enquanto o amaldiçoam.

— Então você é um participante voluntário no sonho delas.

— Acho que sim. — Parecia espantado.

— E está sendo completamente honesto com Teg?

— Ele pergunta, eu lhe dou respostas sinceras. Não acredito em fazer violência à curiosidade.

— E é completamente responsável por ele?

— Não foi isso exatamente que ela disse.

— Ahhhhhhhh, meu amor. Não "exatamente" o que ela disse. Você chama Bell de hipócrita e não inclui Odrade. Duncan, se você soubesse...

— Já que estamos ignorando os televigias, fale!

— Mentirosas, fraudulentas, viciosas...

— Ei! A Bene Gesserit?

— Elas têm aquela velha desculpa: a Irmã A faz isso, então se eu fizer não há mal nenhum. Dois crimes se cancelam.

— Que crimes?

Ela hesitou. "Devo lhe dizer? Não. Mas espera alguma resposta." — Bell está muito contente porque os papéis estão invertidos entre você e Teg! Está aguardando ansiosamente a dor dele.

— Talvez devêssemos desapontá-la. — Viu que era um erro ter dito isso assim que falou. "Cedo demais."

— Justiça poética! — Murbella estava encantada. "Distraia-os!" — Não estão interessadas em justiça. Imparcialidade sim.

Elas têm essa homilia: "Aqueles que são julgados devem aceitar a imparcialidade desse julgamento."

— Então condicionam você a aceitar seu julgamento.

— Há sempre uma brecha em qualquer sistema.

— Sabe, querido, as acólitas aprendem muitas coisas.

— É por isso que são acólitas.

— O que quero dizer é que falamos umas com as outras.

— Nós? Você, uma acólita? Você é uma prosélita!

— O que quer que eu seja, tenho ouvido histórias. O seu Teg pode não ser o que parece.

— Mexericos de acólitas.

— Há histórias que vêm de Gammu, Duncan.

Olhou-a fixamente. "Gammu? Não podia pensar nesse nome, só no original: Giedi Prime, o buraco infernal dos Harkonnen."

Ela interpretou seu silêncio como um convite para prosseguir. — Dizem que Teg se movia tão rápido que a vista não podia acompanhá-lo, que ele...

— E provável que ele mesmo tenha lançado esse boato.

— Algumas Irmãs acreditam. Estão adotando uma atitude de esperar-para-ver. Querem precauções.

— Não aprendeu nada sobre Teg em suas preciosas "histórias"? Seria típico dele começar esses rumores. Tornar as pessoas cautelosas.

— Mas lembre-se de que eu estava em Gammu nessa época. As Honradas Madres ficaram muito contrariadas. Furiosas. Alguma coisa deu errado.

— Claro. Teg fez o inesperado. E as surpreendeu. Roubou uma de suas não-naves. — Deu uma pancadinha na parede junto dele. — Esta aqui.

— A Irmandade tem suas coisas proibidas, Duncan. Estão sempre me dizendo que espere a Agonia. Tudo ficará claro! Que vão todas para o inferno!

— Parece que estão preparando você para os ensinamentos da Missionária. Planejar religiões para fins específicos e populações selecionadas.

— Você não vê nada de errado nisso?

— Moralidade. Não discuto isso com as Reverendas Madres.

— Por que não?

— As religiões soçobram nesse rochedo. BGs não soçobram. “Duncan, se você soubesse a moralidade delas!” — Elas ficam irritadas porque você sabe tanto sobre elas.

— Bell só queria me matar por causa disso.

— Não acha que Odrade é tão ruim quanto ela?

— Que pergunta! — “Odrade? Uma mulher aterrorizadora, se você contemplar suas habilidades. Atreides, além disso. Conheci Atreides e Atreides. Esta é Bene Gesserit em primeiro lugar. Teg é o ideal Atreides.”

— Odrade me disse que confia em sua lealdade aos Atreides.

— Sou leal à honra Atreides, Murbella. — “E tomo minhas próprias decisões morais — sobre a Irmandade, sobre essa criança que confiaram aos meus cuidados, sobre Sheeana e... e sobre minha amada.”

Murbella inclinou-se para ele, o seio roçando seu braço, e murmurou no ouvido dele: — Às vezes sinto que podia matar qualquer uma delas ao meu alcance!

“Será que ela pensa que não podem ouvi-la?” Aprumou-se, arrastando-a com ele. — O que provocou você?

— “Ela” quer que trabalhe Scytale.

“*Trabalhar* alguém.” Eufemismo de Honradas Madres. “Ora, por que não? Ela *trabalhou* muitos homens antes de esbarrar comigo.” Mas teve a reação de um marido antigo. E não só isso... Scytale? Um diabo de Tleilaxu?

— Madre Superiora? — Tinha de ter certeza.

— A mesma, a única. — Quase alegre agora que tinha desabafado.

— Qual é a sua reação?

— Ela diz que a idéia foi sua.

— Minha... De jeito nenhum! Sugeri que podíamos tentar arrancar informações dele, mas...

— Ela diz que é comum para as Bene Gesserit, assim como para as Honradas Madres. Vá procriar com este aqui. Seduza aquele ali. Um dia normal de trabalho.

— Perguntei sobre “sua” reação.

— Revoltada.

— Por quê? — “Conhecendo seu passado...”

— É a você que eu amo, Duncan, e... e meu corpo é... é para lhe dar prazer... assim como você...

— Somos um velho casal e as bruxas estão tentando nos separar.

As palavras despertaram nele uma visão clara de Lady Jessica, amante de seu há longo tempo falecido Duque e mãe de Maud’Dib. “Amei aquela mulher. Ela não me amava, mas...” A expressão que via agora nos olhos de Murbella, tinha visto Jessica olhar o Duque assim: amor cego, inabalável.

Em que as Bene Gesserit não confiavam. Jessica tinha sido mais branda que Murbella. Mas de cerne duro. E Odrade... era dura desde o início. Toda de plasteel.

E quanto às ocasiões em que suspeitara que ela compartilhava emoções humanas? O modo como falou do Bashar quando souberam que o velho estava morto em Duna.

“Ele era meu pai, você sabe.”

Murbella arrancou-o de seu devaneio. — Você pode compartilhar o sonho delas, seja lá o que for, mas...

— Cresçam, humanos!

— O quê?

— Esse é o sonho delas. Começarem a agir como adultos e não como crianças zangadas no recreio da escola.

— Mamãe é que sabe o que é melhor para você?

— Sim... acho que sabe.

— É mesmo assim que você as vê? Mesmo quando as chama de bruxas?

— É uma boa palavra. As bruxas fazem coisas misteriosas.

— Não acredita que seja o treinamento longo e severo, e mais a especiaria e a Agonia?

— O que tem a crença a ver com isso? O desconhecido cria sua própria mística.

— Mas você não acha que elas induzem as pessoas a fazerem o que elas querem por astúcia?

— Claro que sim!

— Palavras como armas, Voz, Impressoras...

— Nenhuma tão bela quanto você.

— O que é a beleza, Duncan?

— Há estilos de beleza, claro.

— Exatamente o que ela diz. “Estilos baseados em raízes procriadoras

enterradas tão fundo em nossa psique que não ousamos arrancá-las.” —
Então pensaram em mexer com isso, Duncan.

— E ousariam qualquer coisa?

— Ela diz: “Não vamos distorcer nossa progênie em algo que julgamos ser não-humano.” Elas julgam, elas condenam.

Ele pensou nas figuras alienígenas em sua visão. Dançarinos Faciais. E perguntou: — Como o Tleilaxu amoral? Amoral — não humano.

— Quase posso ouvir as engrenagens rodando na cabeça de Odrade. Ela e suas Irmãs vigiam, escutam, modelam cada reação, tudo calculado.

“É isso que você quer, meu amor?” Sentiu que não havia saída. Ela estava certa e estava errada. Os fins justificando os meios? Como poderia justificar perder Murbella?

— Acha que são amorais? — perguntou.

Foi como se ela não tivesse ouvido. — Sempre se perguntando o que devem dizer em seguida para obter a resposta desejada.

— Que resposta? — Será que ela não ouvia a sua dor?

— Nunca se sabe até que seja tarde demais! — Virou-se e olhou para ele. — Exatamente como Honradas Madres. Sabe como as Honradas Madres me pegaram?

Não pôde reprimir a consciência de como os vigilantes iriam ouvir avidamente as próximas palavras de Murbella.

— Pegaram-me nas ruas depois de uma varredura das Honradas Madres. Acho que a varredura foi por minha causa. Minha mãe era uma mulher belíssima, mas era muito velha para elas.

— Uma varredura? — “Os vigilantes gostariam que eu perguntasse.”

— Atravessam uma área e as pessoas desaparecem. Nenhum corpo, nada. Famílias inteiras somem. É explicado como castigo porque as pessoas conspiram contra elas.

— Que idade você tinha?

— Três... talvez quatro anos. Estava brincando com umas amigas num lugar aberto embaixo de umas árvores. De repente, ouvimos uma barulheira e gritos. Escondemo-nos num buraco atrás de umas rochas.

Ele sentiu-se preso à visão do drama.

— A terra tremeu. — Seu olhar se interiorizou ao relembrar. — Explosão. Após certo tempo ficou quieto e espiamos para fora. A esquina onde era minha casa tinha virado um grande buraco.

— Você ficou órfã?

— Eu me lembro de meus pais. Ele era um homem grande e forte. Acho que minha mãe era empregada em algum lugar. Usavam uniforme para esse tipo

de emprego e me lembro dela de uniforme.

— Como pode ter certeza que seus pais morreram?

— A varredura é tudo» que sei com certeza, mas é sempre a mesma coisa. Havia muita gritaria e pessoas correndo. Ficamos apavoradas.

— Por que pensa que a varredura foi por sua causa?

— Elas fazem esse tipo de coisa.

"Elas." Que vitória os vigilantes iam considerar só naquela palavra.

Murbella estava ainda afundada na memória. — Acho que meu pai recusou se render a uma Honrada Madre. Isso era considerado muito perigoso. Um homem grande, bonito... forte.

— Então você as odeia?

— Por quê? — Realmente surpresa com a pergunta. — Se não fosse isso, nunca teria sido uma Honrada Madre.

Essa insensibilidade o chocou. — Então valeu a pena!

— Amor, você é contra o que me trouxe para junto de você?

"*Touché!*" — Mas não gostaria que tivesse acontecido de outra forma?

— Aconteceu.

Que absoluto fatalismo. Nunca suspeitara isso nela. Seria o condicionamento das Honradas Madres ou algo que as Bene Gesserit tinham feito?

— Você foi só uma aquisição valiosa para seus estábulos.

— Certo. Sedutoras, era como nos chamavam. Recrutamos machos valiosos.

— Foi o que você fez.

— Paguei o investimento delas mais que em dobro.

— Você imagina como é que as Irmãs vão interpretar isso?

— Não faça uma tempestade num copo d'água.

— Então está pronta para "trabalhar" Scytale?

— Não disse isso. As Honradas Madres me manipularam sem meu consentimento. As Irmãs precisam de mim e querem me usar da mesma maneira. Meu preço pode ser alto demais.

A voz custou a passar pela garganta seca. — Preço?

Olhou-o fixamente. — Você, você é apenas parte do meu preço. Nada de trabalhar Scytale. E mais daquela famosa franqueza delas sobre a razão por que precisam de mim.

— Cuidado, amor. Elas podem lhe dizer.

Olhou-o com uma expressão quase Bene Gesserit. — Como pode restaurar as memórias de Teg sem dor?

"Diabos!" Logo agora, que pensou que estava livre daquele descuido.

Nenhuma saída. Podia ver em seus olhos que ela adivinhava.

Murbella confirmou isso. — Já que eu não concordei, tenho certeza que discutiu isso com Sheeana.

Só pôde acenar com a cabeça. Sua Murbella tinha ido mais longe na Irmandade do que suspeitara. E sabia como as múltiplas memórias ghola dele haviam sido restauradas por sua “impressão”. Viu-a de repente como uma Reverenda Madre e teve vontade de gritar.

— Como é que isso faz você diferente de Odrade? — ela perguntou.

— Sheeana foi treinada como Impressora. — As palavras soaram ocas logo que as pronunciou.

— E isso é diferente de meu treinamento? — Acusando. A raiva subiu nele. — Você ia preferir a dor? Como Bell?

— Você prefere a derrota da Bene Gesserit? — Voz macia como seda. Ouviu a distância no tom de voz, como se ela já tivesse se recolhido à posição fria de observação da Irmandade. Estavam congelando sua linda Murbella! Ainda havia aquela vitalidade nela. Isso o dilacerava. Ela emitia uma aura de saúde, especialmente na gravidez. Vigor e prazer de viver ilimitados. Reluzia nela. As Irmãs iam pegar isso e abafar. Ela ficou quieta sob o escrutínio dele.

Desesperado, ele pensou no que poderia fazer.

— Esperava que estivéssemos sendo mais abertos um com o outro ultimamente — ela disse. Outra sondagem Bene Gesserit.

— Discordo de muitos de seus atos, mas não desconfio dos motivos delas — ele disse.

— Conhecerei seus motivos se sobreviver à Agonia.

Ele ficou muito quieto, encarando a possibilidade de que não sobrevivesse. A vida sem Murbella? Um vazio escancarado mais profundo do que jamais tinha imaginado. Nada em suas muitas vidas se comparava com isso. Sem decisão consciente, estendeu a mão e acariciou as costas dela. Pele tão macia e, no entanto, tão resiliente.

— Amo você demais, Murbella. Essa é a minha Agonia. Ela tremeu com esse contato.

Ele se sentiu nadando em sentimentalismo, construindo uma imagem de tristeza até que se lembrou das palavras de um professor Mentat sobre “bebedeiras emocionais”.

“A diferença entre sentimento e sentimentalismo é fácil de ver. Quando você evita matar o bichinho de estimação de alguém na estrada coberta de gelo, isso é sentimento. Se, para se desviar do bichinho, você mata pedestres, *isso* é sentimentalismo.”

Ela pegou a mão que a acariciava e levou-a aos lábios.

— Palavras mais corpo é mais que qualquer um dos dois — ele murmurou.

Suas palavras a mergulharam de novo no pesadelo, mas agora ela foi com gana, consciente de palavras como instrumentos. Estava cheia de um prazer especial face à experiência e disposta a rir de si mesma.

Ao exorcizar o pesadelo, ocorreu-lhe que nunca tinha visto uma Honrada Madre rir de si mesma.

Segurando a mão dele, olhou para Duncan. Um piscar Mentat de pálpebras. Será que ele sabia a experiência que ela acabava de ter? Liberdade! Não era mais uma questão de como ela fora confinada e forçada em canais inevitáveis pelo passado. Pela primeira vez desde que aceitara a possibilidade de se tornar uma Reverenda Madre, ela vislumbrou o que isso poderia significar. Sentiu temor e choque.

“Nada mais importante que a Irmandade?”

Falavam de um juramento, algo mais misterioso que as palavras da Instrutora na iniciação das acólitas.

“Meu juramento às Honradas Madres foi só palavras. Um juramento às Bene Gesserit pode ser mais.”

Lembrou-se de Bellonda resmungando que os diplomatas eram escolhidos por sua habilidade em mentir. — Você seria um diplomata, Murbella?

Não era questão de que juramentos eram feitos para serem quebrados. Como isso era infantil! Ameaça comum na escola: — Se você quebrar sua promessa, eu quebro a minha! Nha, nha, nhaaaaaa!

Era inútil se preocupar com juramentos. Muito mais importante era encontrar aquele lugar dentro de si mesmo onde a liberdade vivia. Era um lugar onde algo sempre estava à escuta.

Segurando a mão de Duncan contra os lábios, murmurou: — Elas escutam. Oh, como escutam.

30

Não entre em nenhum conflito contra fanáticos, a não ser que possa remover seu estopim. Oponha uma religião a outra somente se suas provas (milagres) forem incontestáveis ou se conseguir se entrosar de tal maneira que os fanáticos o aceitem como inspirado pelos deuses. Essa há muito tem sido a barreira à ciência adotando o manto de revelação divina. A ciência é obviamente obra do homem. Os fanáticos (e muitos são fanáticos em uma matéria ou outra) devem conhecer sua posição, mas ainda mais importante, devem reconhecer quem sussurra em seu ouvido.

— Missionária Protectiva Ensino Primário

O fluxo do tempo incomodava Odrade tanto quanto a consciência constante de que as caçadoras se aproximavam. Os anos passavam tão depressa, que os dias se tornavam um borrão. Dois meses de argumentos para conseguir a aprovação de Sheeana como sucessora de Tam!

Bellonda passara a ficar de guarda de dia, quando Odrade estava ausente como estivera hoje, instruindo um novo remanescente Bene Gesserit que estava sendo mandado para a Dispersão. O Conselho continuava isso, mas com relutância. A sugestão de Idaho de que era uma estratégia inútil causara ondas de choque na Irmandade. As instruções agora incluíam novos planos de defesa para “o que vocês encontrarem”.

Quando Odrade entrou na sala de trabalho no fim da tarde, Bellonda estava sentada à mesa. As faces pareciam inchadas e os olhos tinham aquela expressão dura que adquiriam quando ela queria reprimir a fadiga. Com Bell aqui, o resumo do dia incluiria comentários acerbos.

— Aprovaram Sheeana — disse, empurrando um pequeno cristal para Odrade. — Foi o apoio de Tam que conseguiu isso. E a nova cria de Murbella vai nascer dentro de oito dias, “dizem” os Suks.

Bell não tinha muita fé nos médicos Suk.

“Nova cria?” Como podia ser tão infernalmente impessoal sobre a vida! Odrade sentiu o pulso bater rápido com a idéia.

“Quando Murbella se recuperar do parto — a Agonia. Ela está pronta.”

— Duncan está muito nervoso — disse Bellonda, levantando da cadeira. “Agora é Duncan! Esses dois estão ficando extremamente familiares.” Bell não tinha terminado. — E antes que pergunte, nenhuma notícia de Dortujla.

Odrade sentou-se atrás da mesa e equilibrou o cristal-relatório na palma da mão. A acólita de confiança de Dortujla, agora Reverenda Madre Fintil, não arriscaria a viagem de não-nave ou qualquer outro dos estratagemas que haviam preparado só para agradar uma Madre Superiora. Nenhuma notícia significava que a isca continuava lá... ou tinha sido desperdiçada.

— Já disse a Sheeana que ela foi confirmada? — Odrade perguntou.

— Deixei isso para você. Ela está atrasada com o relatório diário de novo. Não é certo para um membro do Conselho.

Então Bell ainda desaprovava a nomeação.

As mensagens diárias de Sheeana tinham se tornado repetitivas. “Nenhum sinal de vermes. Massa de especiaria ainda intata.”

Tudo em que tinham esperanças estava em terrível suspensão. E as fantasmagóricas caçadoras se aproximavam. As tensões se acumulavam. Explosivas.

— Você já viu aquela comunicação entre Duncan e Murbella várias vezes — disse Bellonda. — Era isso que Sheeana estava escondendo? E se fosse, por quê?

— Teg era meu pai.

— Que delicadeza! Uma Reverenda Madre tem escrúpulos em imprimir o ghola do pai da Madre Superiora!

— Ela foi minha aluna pessoal, Bell. Preocupa-se comigo de uma maneira que você nem pode perceber. Além disso, não é só um ghola, é uma criança.

— Precisamos ter certeza a respeito dela!

Odrade viu o nome se formar nos lábios de Bellonda, mas permanecer mudo. “Jessica.”

“Mais uma Reverenda Madre com falhas?” Bell estava certa, precisavam ter certeza sobre Sheeana. “Minha responsabilidade.” Uma visão da escultura negra de Sheeana tremulou na percepção de Odrade.

— O plano de Idaho tem alguma atração, mas... — Bellonda hesitou.

Odrade falou: — É uma criança muito nova, com o crescimento incompleto. A dor da restauração usual de memória poderia aproximar-se da Agonia. Poderia aliená-lo. Mas isso...

— Controlá-lo com uma Impressora, isso eu aprovo. Mas e se isso não restaurar suas memórias?

— Ainda temos o plano original. E “teve” esse efeito em Idaho.

— Diferente para ele, mas a decisão pode aguardar. Você está atrasada para seu encontro com Scytale.

Odrade balançou o cristal na mão. — Sumário diário?

— Nada que você já não tenha visto muitas vezes. — Vindo de Bell, era quase uma demonstração de preocupação.

— Vou trazê-lo aqui. Mande Tam ficar esperando, e você venha mais tarde sob um pretexto qualquer.

Scytale quase se acostumara a esses passeios fora da nave e Odrade observou isso em sua maneira despreocupada quando saíram do transportador ao sul da Central.

Era mais do que um passeio e ambos sabiam disso, porém ela tornara essas excursões regulares, planejando que a repetição o tranquilizasse.

“Rotina. Tão útil em certas ocasiões.”

— Bondade sua me trazer nesses passeios — disse Scytale, olhando-a de lado. — O ar é mais seco do que me lembrava. Aonde vamos esta tarde?

“Como seus olhos eram miudinhos quando semicerrados contra o sol.”

— À minha sala de trabalho. — Fez sinal com a cabeça para os anexos da Central a cerca de meio quilômetro ao norte. Fazia frio sob o céu claro de primavera e as cores quentes dos telhados, as luzes se acendendo na sua torre, acenando com a promessa de alívio do vento gelado que acompanhava quase todos os ocasos nesses dias.

Com atenção periférica, Odrade observava cuidadosamente o Tleilaxu ao seu lado. Quanta tensão! Sentia isso também em Reverendas Madres guardiãs e acólitas logo atrás, todas encarregadas de vigilância especial por Bellonda.

“Precisamos desse monstrinho e ele sabe disso. E ainda não sabemos a extensão das habilidades dos Tleilaxu! Que talentos ele terá acumulado? Por que sonda com tanta displicência evidente um contato com seus companheiros de prisão?”

Os Tleilaxu fizeram o ghola-Idaho, lembrou a si mesma. Teriam escondido coisas secretas nele?

— Sou um mendigo batendo à sua porta, Madre Superiora — disse naquela voz lamurienta e maliciosa. — Nossos planetas em ruínas, meu povo assassinado. Por que vamos aos seus aposentos?

— Para barganhar num ambiente mais agradável.

— Sim, é muito abafado na nave. Mas não entendo por que sempre deixamos o carro tão longe da Central. Por que vamos a pé?

— Gosto de andar.

Scytale olhou as plantações em volta. — Agradável, mas muito frio, não acha?

Odrade lançou um olhar para o sul. As encostas do sul estavam plantadas com uvas, os cumes e as faces mais frias do norte reservados para pomares. Vinífera melhorada, a desses vinhedos. Desenvolvida por jardineiros Bene Gesserit. Videiras velhas, raízes que "iam até o inferno" onde (segundo velhas superstições) roubavam água das almas em chamas. A vinícola era subterrânea, assim como a armazenagem e as cavernas de envelhecimento. Nada para desfigurar uma paisagem de videiras bem cuidadas em fileiras regulares, as plantas bem distanciadas para permitirem a colheita e a passagem de equipamento de cultivo.

"Agradável para ele?" Duvidava que Scytale visse alguma coisa de agradável. Estava nervoso como queria que estivesse, perguntando a si mesmo: "Por que ela *realmente* quer que eu ande neste meio rústico?"

Irritava muito Odrade que não ousassem usar persuasões Bene Gesserit mais fortes nesse homenzinho. Mas concordava com a advertência que dizia que se esses esforços falhassem, não teriam uma segunda oportunidade. Os Tleilaxu tinham demonstrado que morreriam antes de revelar conhecimentos secretos (e sagrados).

— Várias coisas me intrigam — disse Odrade, andando com cuidado para não pisar numa pilha de aparas de videiras. — Por que insiste em ter seus próprios Dançarinos Faciais *antes* de aceder a nossos pedidos? E que interesse é esse em Duncan Idaho?

— Cara senhora, não tenho companheiros em minha solidão. Isso responde às duas perguntas. — Esfregou distraído o peito onde a cápsula de nulentropia estava escondida.

"Por que esfrega esse lugar com tanta frequência?" Era um gesto que a intrigava e aos analistas também. "Nenhuma cicatriz, nenhuma inflamação da pele. Talvez fosse um hábito que vinha da infância. Mas isso tinha sido há tanto tempo! Uma falha nesta reencarnação?" Ninguém sabia. E a pele cinzenta tinha uma pigmentação metálica que resistia aos instrumentos de sondagem. Certamente ele tinha sido sensibilizado a raios mais pesados e saberia se os instrumentos fossem usados. Não... agora tudo era diplomacia. "Maldito monstrinho!"

Scytale estava pensando: será que essa fêmea powindah tinha algum sentimento natural com o qual pudesse jogar? "As peculiaridades" eram ambivalentes nessa questão.

— O Wekht de Jandola não existe mais — disse. — Bilhões dos nossos assassinados por essas prostitutas. Até os limites mais longínquos do Yaghist fomos destruídos e só resto eu.

"Yaghist", ela pensou. "Terra dos não-governados." Era uma palavra

reveladora em islamiyat, a língua Bene Tleilaxu.

Nessa língua, ela disse: — A mágica do nosso Deus é a nossa única ponte.

Mais uma vez ela pretendia compartilhar sua Grande Crença, o ecumenismo Sufi-Zensunni que gerara os Bene Tleilaxu. Ela falava a língua impecavelmente, sabia as palavras apropriadas, mas ele via falsidades. “Chama o Mensageiro de Deus de’ Tirano’ e desobedece aos preceitos mais básicos!”

Onde é que essas mulheres se reuniam em kehl para sentir a presença de Deus? Se realmente falassem a Língua de Deus, já saberiam o que procuravam dele com essas barganhas grosseiras.

Ao subirem a última encosta para a plataforma da central, Scytale invocou o auxílio de Deus. “Os Bene Tleilaxu chegaram a isso! Porque nos deu essa provação? Somos os últimos legalistas do Shariat e eu, o último Mestre de meu povo, tenho de buscar respostas em você, Deus, quando você não mais pode me falar em kehl.”

Mais uma vez em islamiyat impecável, Odrade disse: — Você foi traído pelo seu próprio povo, aqueles que você mandou para a Dispersão. Não tem mais irmãos Malik, somente irmãs.

“Então onde está sua sala sagra, embusteira powindah? Onde está o lugar profundo e sem janelas onde só irmãos podem entrar?”

— Isso é novidade para mim — ele disse. — Irmãs Malik? Essas duas palavras sempre negaram uma a outra. As Irmãs não podem ser Malik.

— Waff, seu antigo Mahai e Abdl, tinha problemas com isso. E levou seu povo quase à extinção.

— Quase? Sabe de algum sobrevivente? — Não pôde conter a excitação na voz.

— Nenhum Mestre... mas ouvimos falar de alguns Domei e todos em mãos das Honradas Madres.

Parou onde a aresta de um prédio cortaria a vista do sol se pondo nos próximos passos e, ainda na língua secreta dos Tleilaxu, disse: — O sol não é Deus.

“O amanhecer e o ocaso adamam o Mahai!”

Scytale sentiu a fé vacilando ao segui-la em uma passagem arqueada entre dois prédios achaparrados. As palavras dela eram apropriadas, mas só o Mahai e Abdl deveriam pronunciá-las. Na passagem sombreada, os passos de sua escolta ecoando perto, Odrade o confundiu dizendo: — Por que você não disse as palavras apropriadas? Não é o último Mestre? Isso não faz de você o Mahai e Abdl?

— Não fui escolhido pelos irmãos Malik. — Soou fraco, mesmo para ele.

Odrade chamou o campo elevatório e parou à entrada do tubo. Em

detalhes de Outra Memória, achou kehl e seu direito de ghufran familiares — palavras murmuradas à noite por amantes de mulheres há muito mortas. “E então nós...” “E então se dissermos essas palavras sagradas...” *Ghufran!* Aceitação e readmissão de alguém que tinha se aventurado entre os powindah, que voltava suplicando perdão pelo contato com os inconcebíveis pecados de alienígenas. “Os Masheikh reuniram-se em kehl e sentiram a presença de seu Deus!”

A entrada do tubo abriu-se. Odrade fez sinal para que Scytale e dois guardas fossem à frente. Quando ele passava, ela pensou: “Alguma coisa vai acontecer em breve. Não podemos continuar com esse jogo até o fim que ele deseja.”

Tamalane estava de pé junto à janela em arco, de costas para a porta, quando Odrade e Scytale entraram na sala de trabalho. A luz do pôr-do-sol inclinava-se abruptamente sobre os telhados. O brilho desapareceu então, e deixou atrás uma sensação de contraste, a noite mais escura por causa daquela última luminosidade ao longo do horizonte.

Na penumbra leitosa, Odrade acenou para que os guardas se afastassem, notando sua relutância. Bellonda os mandara ficar, obviamente, mas não desobedeceriam à Madre Superiora. Indicou uma cadeira-cão perto dela e esperou que ele sentasse. Ele olhou com desconfiança para Tamalane antes de sentar, mas disfarçou dizendo: — Por que não há nenhuma luz?

— É um interlúdio relaxante — ela disse. “E sei que a escuridão o incomoda!”

Ficou um momento atrás da mesa, identificando pedaços luminosos na penumbra, o lustro de artefatos colocados em sua volta para fazer disso o seu cenário: o busto de Chenoeh há muito morta em seu nicho ao lado da janela, e na parede à direita, uma paisagem pastoral das primeiras migrações humanas no espaço, uma pilha de cristais ridulianos na mesa e um reflexo prateado de seu escriba-luz concentrando a iluminação fraca das janelas.

“Eleja está bem assado.”

Tocou uma placa na mesa de comando. Globos luminosos colocados estrategicamente nas paredes e no teto se acenderam. Tamalane virou na hora certa, com o manto produzindo um sussurro deliberado. Ficou dois passos atrás de Scytale, a imagem do mistério agourento Bene Gesserit.

Scytale contorceu-se ligeiramente com o movimento de Tamalane, e depois ficou quieto. A cadeira-cão era grande demais para ele e parecia uma criança sentado nela.

Odrade disse: — As irmãs que salvaram você disseram que comandava uma não-nave no Entroncamento preparando-se para o primeiro salto nas dobras do espaço quando as Honradas Madres atacaram. Você estava indo para sua nave

em um deslizador, disseram, e se desviou um segundo antes das explosões. Detectou os atacantes?

— Sim. — Relutância na voz.

— E sabia que poderiam localizar a não-nave pela sua trajetória. Então fugiu, deixando seus irmãos para serem destruídos.

Ele falou com a amargura total de uma testemunha trágica: — Antes, quando estávamos rumando para fora de Tleilax, vimos o ataque começar.

Nossas explosões visando destruir tudo que tivesse valor para as atacantes e as incendiárias do espaço criaram o holocausto. Fugimos também, então.

— Mas não diretamente para o Entroncamento.

— Elas tinham estado antes de nós em todos os lugares que procuramos. Ficaram com as cinzas, mas eu tinha nossos segredos. “Devo lembrá-la de que ainda tenho algo de valor para negociar!” Bateu com um dedo na cabeça.

— Você procurou refúgio na Corporação ou no CHOAM no Entroncamento — ela disse. — Foi sorte sua que nossa nave espiã estivesse lá para pegá-lo, antes que o inimigo pudesse reagir.

— Irmã... — ”Como essa palavra era difícil!”... se você realmente é minha irmã em kehl, por que não me fornece Dançarinos Faciais como serviçais?

— Ainda há segredos demais entre nós, Scytale. Por exemplo, por que você estava saindo de Bandalong quando veio o ataque?

“Bandalong!”

O nome da grande cidade Tleilaxu constringiu-lhe o peito e pensou que sentia a cápsula de nulentropia pulsar, como se procurasse soltar o precioso conteúdo. “Bandalong perdida. Nunca mais poder ver a cidade de céus de cornalina, nunca mais sentir a presença de irmãos, do paciente Domei e...”

— Está se sentindo mal? — Odrade perguntou.

— Estou doente com o que perdi! — Ouviu um ruído de tecido atrás dele e sentiu Tamalane se aproximar. Como era opressivo este lugar! — Por que ela está atrás de mim?

— Sou a serva de minhas Irmãs e ela está aqui para nos observar.

— Vocês tiraram algumas células de mim, não foi? Estão criando um Scytale substituto em seus tanques!

— Claro que sim. Não pensa que as Irmãs iam deixar o último Mestre terminar aqui, não é?

— Nenhum ghola meu fará qualquer coisa que eu não faria! — “E não terá nenhum tubo de nulentropia!”

— Sabemos disso. — “Mas o que é que não sabemos?”

— Isso não é barganhar — ele reclamou.

— Você se engana a meu respeito, Scytale. Sabemos quando você mente e quando esconde coisas. Usamos sentidos que os outros não usam.

Era verdade! Detectavam coisas dos odores de seu corpo, pequenos movimentos dos músculos, expressões que não podia controlar. “Irmãs? Essas criaturas eram powindah! Todas elas!”

— Você estava sob a influência de lashkar — ela açulou. “Lashkar!” Como gostaria de estar, aqui e agora. Dançarinos Faciais guerreiros. Assistentes Domei — eliminando esse mal abominável! Mas não ousava mentir. A que estava atrás dele provavelmente era uma Reveladora da Verdade. A experiência de muitas vidas lhe dizia que as Reveladoras da Verdade Bene Gesserit eram as melhores.

— Eu comandava uma tropa de khasadares. Buscávamos um rebanho de Futares para nossa defesa.

“Rebanho?” Os Tleilaxu saberiam alguma coisa não revelada à Irmandade sobre os Futares?

— Vocês foram preparados para a violência. As Honradas Madres souberam de sua missão e os interceptaram? Acho isso provável.

— Por que as chama de Honradas Madres? — A voz dele era quase um ganido.

— Porque é assim que elas chamam a si mesmas. — “Muita calma agora. Deixe que ele pague seus próprios pecados.”

“Ela tem razão! Fomos traídos. “Idéia amarga. Agarrou-se a ela, pensando o que deveria responder. “Uma pequena revelação? Nunca há *uma pequena* revelação com essas mulheres.”

Um suspiro sacudiu-lhe o peito. A cápsula de nulentropia e seu conteúdo. Sua maior preocupação. *Qualquer coisa* para lhe dar acesso aos seus próprios tanques de axlotl.

— Descendentes de pessoas que mandamos para a Dispersão voltaram com prisioneiros Futares. Uma mistura de humano e gato, como deve saber. Mas não se reproduziram em nossos tanques. E antes de podermos descobrir a razão, os que tinham sido trazidos a nós morreram. — “Os traidores nos trouxeram só dois! Deveríamos ter desconfiado.”

— Não trouxeram muitos Futares, não foi? Deveriam ter desconfiado que eram iscas.

“Está vendo? É isso que fazem com pequenas revelações!”

— Por que os Futares não caçaram e mataram Honradas Madres em Gammu? — Era a pergunta de Duncan e merecia uma resposta.

— Disseram-nos que nenhuma ordem tinha sido dada. Eles não matam sem ordens. — “Ela sabe isso. Está me testando.”

— Os Dançarinos Faciais também matam sob ordens — ela disse. — Matariam até você se desse a ordem. Não é assim?

— Essa ordem está reservada para manter nossos segredos fora do alcance de inimigos.

— É por isso que você quer seus próprios Dançarinos Faciais? Considera-nos inimigos?

Antes que pudesse compor uma resposta, a figura projetada de Bellonda surgiu acima da mesa, em tamanho natural e parcialmente transluzente, os cristais dos Arquivos dançando atrás dela. — Urgente de Sheeana! — disse Bellonda. — A florescência de especiarias aconteceu. Vermes da areia! — A figura virou e olhou para Scytale, os televigias coordenando seus movimentos perfeitamente. — Então perdeu uma ficha do jogo, Mestre Scytale! Finalmente temos nossas especiarias! — A figura projetada desapareceu com um "clique" audível e um leve cheiro de ozônio.

— Estão querendo me enganar! — ele falou sem pensar.

Mas a porta à esquerda de Odrade se abriu. Sheeana entrou puxando uma pequena cápsula suspensora de não mais de dois metros. Os lados transparentes repetiam os globos luminosos da sala de trabalho em minúsculas explosões de luz amarela. Alguma coisa se contorcia na cápsula!

Sheeana ficou de lado sem falar, deixando que vissem claramente o conteúdo. Tão pequeno! O verme tinha menos da metade do comprimento da cápsula, mas era perfeito em todos os detalhes, esticado em uma cama baixa de areia dourada.

Scytale não pôde conter um grito sufocado de temor. O Profeta!

A reação de Odrade foi pragmática. Inclinou-se para a cápsula, olhando a boca em miniatura. O sopro chamuscante do fogo interior do grande verme reduzido a isso? Quê imitação minúscula!

Dentes de cristal brilharam ao erguer o segmento frontal.

O verme investigou com a boca à esquerda e à direita. Todos viram atrás dos dentes o fogo em miniatura em sua química alienígena.

— Milhares deles — disse Sheeana. — Vieram a uma florescência de especiaria, como sempre fazem.

Odrade continuou em silêncio. "Conseguimos!" Mas esse era o momento de triunfo de Sheeana. Deixe que ela o aproveite ao máximo. Scytale nunca parecera tão derrotado.

Sheeana abriu a cápsula e tirou o verme, embalando-o como se fosse um bebê. Ficou quietinho em seus braços.

Odrade respirou fundo, com satisfação. "Ela ainda os controla."

— Scytale — Odrade disse.

Ele não conseguia desviar o olhar do verme.

— Você ainda serve o Profeta? — perguntou Odrade. — Aí está ele! Não sabia como responder. Um fantasma real do Profeta? Queria negar sua primeira reação de temor, mas seus olhos não lhe permitiam.

Odrade falou mansamente. — Enquanto você estava fora em sua missão tola, sua missão *egoísta,* nós estávamos servindo o Profeta! Salvamos seu último espectro e o trouxemos aqui. A Sede da Irmandade se tornará outra Duna!

Recostou-se e juntou as pontas dos dedos das duas mãos em arco. Bell estava vendo tudo pelos televigias, é claro. As observações de uma Mentat seriam valiosas. Odrade gostaria que Idaho também estivesse olhando. Mas ele poderia ver um holo. Estava claro para ela que Scytale tinha visto as Bene Gesserit somente como instrumentos para a restauração de sua preciosa civilização Tleilaxu. Será que essas novas circunstâncias o forçariam a revelar os segredos íntimos de seus tanques? O que ele iria oferecer?

— Preciso de tempo para pensar. — Sua voz tremia.

— Pensar sobre o quê?

Não respondeu, mas continuou a concentrar sua atenção em Sheeana, que estava colocando o pequeno verme de volta na cápsula. Acariciou-o antes de selar a tampa.

— Diga-me, Scytale — insistiu Odrade. — Como pode haver alguma coisa para você reconsiderar? Este é o nosso Profeta! Você diz que serve a Grande Crença. Então sirva-a!

Podia ver os sonhos dele se dissolvendo. "Seus próprios Dançarinos Faciais para imprimir memórias daqueles que mataram, copiando a forma e a maneira de cada vítima." Nunca tiveram esperanças de lograr uma Reverenda Madre... só acólitas e simples trabalhadoras da Sede... Todos os segredos que esperara conseguir, perdidos! Perdidos assim como a casca seca queimada dos planetas Tleilaxu.

"*Nosso* Profeta, ela dissera." Olhou com expressão arrasada para Odrade, mas sem focalizá-la. "O que devo fazer? Essas mulheres não precisam mais de mim. Mas eu preciso delas!"

— Scytale. — Como falava macio. — A Grande Convenção terminou. Lá fora há um novo universo.

Tentou engolir em seco. Todo o conceito de violência adquirira uma nova dimensão. No Velho Império a Convenção garantira retaliação contra qualquer pessoa que ousasse queimar um planeta atacando do espaço.

— Violência escalonada, Scytale. — A voz de Odrade era quase um murmúrio. — Nós *dispersamos* cápsulas de fúria.

Focalizou nela. "O que está dizendo?"

— O ódio que está sendo armazenado contra as Honradas Madres — ela disse. — ”Você não é o único a perder, Scytale. Uma vez, quando surgiram problemas em nossa civilização, gritaram: *Tragam uma Reverenda Madre!* As Honradas Madres impedem isso. E os mitos são reconstituídos. Luz dourada cai sobre nosso passado. *Era melhor nos tempos antigos quando as Bene Gesserit podiam nos ajudar. Onde se pode ir para encontrar Revelador as da Verdade confiáveis hoje em dia? Arbitragem? As Honradas Madres nunca ouviram essa palavra! Foram sempre muito polidas, as Reverendas Madres. Isso temos que admitir.*

Quando Scytale não respondeu, ela disse: — Pense no que poderia acontecer se essa fúria fosse solta em um Jihad!

Como ele continuasse em silêncio, ela disse: — Você viu. Tleilaxu, Bene Gesserit, sacerdotes do Deus Dividido, e quem sabe quantos mais — todos caçados como feras selvagens.

— Não podem matar todos nós! — Um grito de angústia.

— Não? Os seus Dispersos uniram-se às Honradas Madres. Seria esse o refúgio que você buscava na Dispersão?

“Lá se vai mais um sonho: pequenas cápsulas de Tleilaxu, persistentes como feridas supuradas, aguardando o dia do Grande Renascimento de Scytale.”

— As pessoas ficam fortes debaixo de opressão — ele disse, mas suas palavras não tinham força. — Até os Sacerdotes de Rakis estão encontrando buracos para se esconder! — Palavras desesperadas.

— Quem diz isso? Alguns de seus *amigos* que voltaram? O silêncio dele era tudo que precisava como resposta.

— Os Bene Tleilaxu mataram Honradas Madres e elas sabem disso — ela disse, pressionando-o. — Só ficarão satisfeitas com sua exterminação.

— E a sua!

— Somos sócios por necessidade, se não por crenças compartilhadas. — Disse isso no mais puro islamiyat e viu a esperança saltar dos olhos dele. “Kehl e Shariat podem ainda adquirir seu velho significado entre as pessoas que compõem seus pensamentos na Língua de Deus.”

— Sócios? — Fraco e extremamente tentativo.

Ela adaptou um novo tom rude. — De muitas maneiras, essa é uma base mais confiável para ação em comum do que qualquer outra. Cada um de nós sabe o que o outro quer. Um desígnio intrínseco: peneire tudo através disso e algo confiável pode ocorrer.

— E o que quer de mim?

— Você já sabe.

— Como fazer os melhores tanques, sim. — Sacudiu a cabeça, claramente incerto. As mudanças implícitas nas exigências dela!

Odrade pensou se ousaria ser brusca e áspera, com raiva evidente. Como ele era denso! Mas estava quase em pânico. Velhos valores haviam mudado. As Honradas Madres não eram a única fonte de tumulto. Scytale nem sabia a extensão das mudanças que infestavam seus próprios Dispersos!

— Os tempos estão mudando — Odrade disse. “Mudança, que palavra inquietante” — ele pensou.

— Preciso de meus assistentes Dançarinos Faciais! E de meus próprios tanques! — Quase suplicando.

— Meu Conselho e eu estudaremos isso.

— O que têm para estudar? — Jogando suas próprias palavras nela.

— Você só precisa de sua própria aprovação. Eu preciso da aprovação de outros. — Sorriu para ele com uma expressão severa. — Portanto você tem tempo para pensar. — Odrade acenou com a cabeça para Tamalane, que chamou os guardas.

— De volta para a não-nave? — falou, já na porta, uma figura diminuta entre os guardas corpulentos.

— Mas hoje você vai de carro até lá. Olhou longamente o verme ao sair.

Quando Scytale e os guardas saíram, Sheeana disse: — Você fez bem em não pressioná-lo. Ele estava a ponto de entrar em pânico.

Bellonda entrou. — Talvez fosse melhor matá-lo.

— Bell! Pegue o holo e veja novamente o nosso encontro. Dessa vez como Mentat!

Isso a deteve.

Tamalane deu um risinho.

— Você se diverte demais com a derrota de sua irmã, Tam — disse Sheeana.

Tamalane encolheu os ombros, mas Odrade ficou encantada. “Não ia mais provocar Bell?”

— Quando falou da Sede da Irmandade se tornar uma outra Duna, foi aí que ele começou a entrar em pânico — disse Bellonda, com voz Mentat distante.

Odrade vira a reação, mas não tinha ainda feito a associação. Isso era um valor Mentat: padrões e sistemas, erigindo construções. Bell pressentia um padrão no comportamento de Scytale.

— Pergunto a mim mesma: será a coisa se tornando real mais uma vez? — disse Bellonda.

Odrade viu imediatamente. Uma coisa estranha sobre lugares perdidos. Enquanto Duna tinha sido um planeta conhecido e vivo, existira uma firmeza

histórica sobre sua presença no Registro Galáctico. Era possível apontar para uma projeção e dizer: — Lá está Duna. Antigamente chamado Arrakis e depois, Rakis. Duna devido à sua característica de deserto total nos dias de Muad'Dib.

Destrua o lugar, porém, e uma patina mitológica invectiva contra a *realidade* projetada. Com o tempo, esses lugares tornam-se totalmente míticos. " Arthur e sua Távola Redonda. Camelot onde só chove à noite. Muito bom Controle de Meteorologia para aqueles tempos!"

Mas agora, um novo Duna aparecera.

— Poder do mito — disse Tamalane.

Ahhhhh, sim. Tam, próxima à despedida final da carne, estaria mais sensível aos mecanismos dos mitos. Mistério e sigilo, instrumentos da Misericórdia, também tinham sido usados em Duna por Muad'Dib e o Tirano. As sementes tinham sido plantadas. Mesmo com os sacerdotes do Deus Dividido indo para sua própria perdição, os mitos de Duna proliferavam.

— Melange — disse Tamalane.

As outras Irmãs na sala de trabalho entenderam imediatamente o que ela queria dizer. Novas esperanças poderiam ser injetadas na Dispersão Bene Gesserit.

Bellonda disse: — Por que nos querem mortas e não cativas? Isso sempre me intrigou.

As Honradas Madres talvez não quisessem *nenhuma* Bene Gesserit viva... só a sabedoria da especiaria, talvez. Mas destruíram Duna. Destruíram os Tleilaxu. Era uma idéia prudente para levar para qualquer confrontação com a Rainha Aranha — se Dortujla tivesse sucesso.

— Nenhum refém útil? — Bellonda perguntou.

Odrade viu a expressão no rosto das Irmãs. Estavam pensando igual, como se tivessem uma mente em comum. As aulas práticas das Honradas Madres, deixando poucos sobreviventes, só tornavam a oposição potencial mais cautelosa. Invocava uma regra de silêncio dentro da qual memórias amargas se tornavam mitos amargos. As Honradas Madres eram como os bárbaros em qualquer época: sangue em vez de reféns. Atacar com malevolência casual.

— Dar está certa — disse Tamalane. — Estávamos procurando aliados muito perto de nós.

— Os Futares não criaram a si próprios — disse Sheeana.

— Aqueles que os criaram esperam nos controlar — disse Bellonda. Ouvia-se o som claro de Projeção Primária em sua voz. "Foi essa hesitação que Dortujla percebeu nos Treinadores."

Ali estava e tinham de encará-lo com todos os seus perigos. Acabava se resumindo em pessoas (como sempre). Pessoas — contemporâneos. Você

aprende coisas valiosas com as pessoas que vivem na sua época e da sabedoria que trazem do seu passado. A Outra Memória não era a única viatura da história.

Odrade sentiu-se como se estivesse voltado para casa, depois de uma longa ausência. Havia uma familiaridade na maneira em que as quatro estavam pensando agora. Era uma familiaridade que transcendia o local. A Irmandade, em si, era o Lar. Não onde se alojavam transitoriamente, mas a associação.

Bellonda colocou isso em palavras. — Receio que estivéssemos trabalhando com objetivos opostos.

— O medo faz isso — disse Sheeana.

Odrade não ousou sorrir. Poderia ser mal interpretada e não queria ter de explicar. “Dê-nos Murbella como Irmã e um Bashar restaurado! E então teremos chance de ganhar!”

Nesse momento, em que se sentia tão bem, o sinal de mensagens deu um clique. Ela lançou um olhar para a superfície das projeções, por puro reflexo, e reconheceu uma crise. Uma coisa tão pequena (relativamente) para precipitar uma crise. Clairby ferido mortalmente num desastre de tóptero. Mortalmente a não ser que... O “a não ser que” foi soletrado para ela e o resultado era Cyborg. Suas companheiras viram a mensagem invertida, mas aqui se aprendia a ler informações como em um espelho. Elas sabiam.

“Onde estabeleceremos o limite?”

Bellonda, com seus óculos antigos quando podia ter olhos artificiais ou qualquer outra entre inúmeras próteses, votava com o corpo. “Isso é o que significa ser humano. Tente segurar a juventude e ela ri de você enquanto foge. Melange é o bastante... e talvez demais.”

Odrade reconheceu o que suas próprias emoções estavam lhe dizendo. Mas e quanto à necessidade Bene Gesserit? Bell podia registrar seu voto individual e todas sabiam disso, e até respeitavam. Mas o voto da Madre Superiora levava a Irmandade com ela. “Primeiro os tanques axlotl e agora isso.”

A necessidade dizia que não podiam perder especialistas do calibre de Clairby. Já tinham muito poucos. Estavam tão espalhados que já apareciam espaços em branco. Cyborg Clairby, porém, e essa foi a cunha de abertura. Os Suks estavam preparados. “Uma medida de precaução” se fosse necessária para alguém insubstituível. “Como a Madre Superiora?” Odrade sabia que tinha aprovado isso com suas habituais reservas cautelosas. Onde estavam essas reservas agora?

Cyborg era uma dessas palavras *pot-pourri*, também. Onde foi que o acréscimo à carne humana se tornou dominante? Quando o Cyborg deixou de ser humano? Tentações intensificadas — “Só mais um pequeno ajuste.” E era tão fácil *ajustar* até que o *humano-pot-pourri* se tornasse incontestavelmente

obediente. “Mas... Clairby?”

Condições extremas diziam: — Faça dele um Cyborg! — Estaria a Irmandade tão desesperada? Foi forçada a responder afirmativamente.

Aí estava então — a decisão não completamente fora de suas mãos, mas a desculpa fácil à mão. “A necessidade assim o dita.”

O Jihad Butleriano deixara sua marca indelével nos humanos. Batalhado e ganho... por enquanto. E aqui estava outra batalha naquele antigo conflito. Mas agora, a sobrevivência da Irmandade estava em jogo. Quantos especialistas técnicos ainda permaneciam na Sede? Sabia a resposta sem olhar. Não o suficiente.

Odrade inclinou-se para a frente e tocou as teclas de transmissão. — Cyborg — disse.

Bellonda grunhiu. “Aprovação ou desaprovação?” Nunca diria. Essa era a arena da Madre Superiora, e que fosse bem-vinda!

“Quem ganhou esta batalha?” Odrade perguntou a si mesma.

31

Seguimos uma linha delicada, perpetuando genes Atreides (Siona) em nossa população porque nos ocultam da presciência. Carregamos o Kwisatz Haderach nessa bolsa! A voluntariosidade criou o Muad'Dib. Os Profetas fazem as predições se realizarem. Ousaremos algum dia ignorar novamente nosso senso Tao e servir uma cultura que odeia o acaso e implora profecias ?

— Summário dos Arquivos (adixto)

Foi logo após o amanhecer que Odrade chegou à não-nave, mas Murbella estava de pé e trabalhando com um mek de treinamento quando a Madre Superiora chegou à sala de exercícios.

Odrade percorrera a pé o último quilômetro, atravessando os anéis de pomares ao redor do campo espacial. As poucas nuvens da noite tinham rareado com a aproximação do amanhecer e se dissipado para revelar um céu cheio de estrelas.

Reconheceu uma alteração delicada da Meteorologia para arrancar mais uma colheita dessa região, mas a chuva cada vez mais rara mal bastava para manter os pomares e pastagens vivos.

Enquanto andava, Odrade foi dominada pela melancolia. O inverno que acabava de passar tinha sido um silêncio conseguido a duras penas entre tempestades. A vida era um holocausto. Pólen espalhado por insetos ansiosos, frutificação e semeadura seguindo a flor. Esses pomares eram uma tempestade secreta, cujo poder jazia escondido em fluxos torrenciais de vida. Mas ohhhhh! a destruição. Nova vida acarretava mudanças. A Transformação estava vindo, sempre diferente. Os vermes da areia trariam a pureza do deserto do antigo Duna.

A desolação daquele poder de transformação invadiu sua imaginação. Podia ver essa paisagem reduzida a dunas varridas pelo vento, habitat para os descendentes de Leto II.

E as artes da Sede da Irmandade sofreriam mutações — os mitos de uma civilização substituídos pelos de outra.

A aura desses pensamentos acompanhou Odrade até a sala de exercícios, e

influenciou seu estado de espírito enquanto observava Murbella completar um ciclo rápido de exercícios e dar um passo atrás, ofegante.

Um fino arranhão vermelho marcava as costas da mão esquerda de Murbella, onde errara um movimento do grande mek. O treinador automático estava lá no centro da sala como uma coluna dourada, suas armas retraindo-se e projetando-se rapidamente — mandíbulas exploradoras de um inseto raivoso.

Murbella vestia malha verde justa e a pele exposta reluzia de suor. Mesmo com a saliência proeminente da gravidez, parecia graciosa. A pele brilhava de saúde. Vinha de dentro, Odrade decidiu, em parte da gravidez, mas algo mais fundamental também. Isso impressionara Odrade em seu primeiro encontro, uma coisa que Lucilla comentara após capturar Murbella e salvar Idaho de Gammu. Nela, a saúde vivia sob a superfície, como uma lente para focalizar a atenção na corrente de água doce profunda da vitalidade.

"Tem de ser nossa!"

Murbella viu a visita, mas recusou-se a ser interrompida.

"Ainda não, Madre Superiora. Meu bebê vai chegar em breve, mas este corpo tem necessidades que vão continuar."

Odrade viu então que o mek estava simulando raiva, uma reação programada, acarretada pela frustração de seus circuitos. Um costume extremamente perigoso!

— Bom dia, Madre Superiora.

A voz de Murbella saiu modulada por seus esforços enquanto se esquivava e se contorcia com aquela velocidade incrível de que dispunha.

O mek golpeava e procurava por ela, os sensores dardejando e zunindo em tentativas de seguir seus movimentos.

Odrade fungou. Falar numa hora dessas aumentava o perigo do mek. Não se arrisca nenhuma distração quando se joga uma partida tão perigosa "Basta!"

Os controles do mek estavam em um painel verde grande na parede à direita da porta. As alterações de Murbella podiam ser vistas nos circuitos — fios pendurados, campos luminosos com os cristais de memória deslocados. Odrade estendeu a mão e parou o mecanismo.

Murbella virou-se para encará-la.

— Por que mudou o circuito? — Odrade perguntou.

— Para a raiva.

— É isso que as Honradas Madres fazem?

— É de pequenino que se torce o pepino? — Murbella massageou a mão ferida. — Mas e se o pepino sabe como é torcido e aprova?

Odrade sentiu uma súbita excitação. — Aprova? Por quê?

— Porque há algo... de grandioso nisso.

— Você segue a alta de sua adrenalina?

— Sabe que não é isso! — Murbella voltou a respirar normalmente. Ficou olhando fixo para Odrade.

— Então o que é?

— É... sentir o desafio de fazer mais do que sempre se achou possível. Você nunca suspeitou que pudesse ser tão... tão capaz, tão proficiente e perfeita em tudo.

Odrade escondeu sua exultação.

“*Mens sana in corpore sano.* Ela é finalmente nossa!”

Odrade disse: — Mas ao preço que se paga!

— Preço? — Murbella parecia atônita. — Enquanto eu puder, tenho grande prazer em pagar.

— Tome o que quiser e pague?

— É sua cornucópia mágica Bene Gesserit: à medida que me torno mais aperfeiçoada, minha capacidade de pagar aumenta.

— Cuidado, Murbella. Essa cornucópia, como você a chama, pode se transformar na caixa de Pandora.

Murbella conhecia a alusão. Ficou imóvel, olhando fixamente a Madre Superiora. — Oh! — O som apenas escapou.

— A caixa de Pandora liberta distrações poderosas que desperdiçam energias de sua vida. Você fala livremente de estar “no escorregador” e se tornar uma Reverenda Madre, mas ainda não sabe o que isso significa, nem o que queremos de você.

— Então não eram nossas habilidades sexuais que vocês queriam. Odrade avançou oito passos, majestosamente deliberados. Uma vez que

Murbella começasse esse assunto não haveria como fazê-la parar, a não ser com a solução usual — argumentos suspensos por ordem terminante da Madre Superiora.

— Sheeana dominou facilmente suas habilidades — disse Odrade.

— Então vocês *vão* usá-la naquela criança!

Odrade percebeu seu desagrado. Era um resíduo cultural. Quando começara a sexualidade humana? Sheeana, aguardando agora nas salas de guarda da não-nave, fora forçada a lidar com ela. “Espero que reconheça a origem de minha relutância e por que fui tão reservada, Madre Superiora.”

“Reconheço que uma sociedade Fremen encheu sua cabeça de inibições antes de a controlarmos!”

Isso restabeleceu a harmonia entre elas. Mas como reorientar essa troca com Murbella? “Devo deixá-la correr enquanto.procuro uma saída.”

Haveria repetição. Questões não-resolvidas surgiram. O fato de que quase

todas as palavras que Murbella pronunciava podiam ser antecipadas seria um teste.

— Por que evitam essa maneira testada de dominar os outros agora que dizem que precisam disso para Teg? — Murbella perguntou.

— Escravos, é isso que você quer? — Odrade retrucou.

Com os olhos quase fechados, Murbella considerou isso. "Será que eu considerava os homens nossos escravos? Talvez. Produzi neles períodos de abandono loucamente impensados, de entrega a pináculos de êxtase nunca antes sonhados. Fui treinada para lhes dar isso e, portanto, torná-los sujeitos ao nosso controle."

"Até que Duncan fez o mesmo comigo."

Odrade viu velarem-se os olhos de Murbella, e reconheceu que havia coisas tão contorcidas na psique dessa mulher, que era difícil descobri-las. "Selvageria correndo onde não podemos alcançar". Era como se a clareza original de Murbella tivesse sido indelevelmente manchada, e essa marca coberta, e até essa cobertura mascarada. Havia uma aspereza nela que distorcia pensamentos e ações. Camada em cima de camada em cima de camada...

— Você tem medo do que eu posso fazer — disse Murbella.

— Há verdade no que diz — concordou Odrade.

"Honestidade e franqueza — instrumentos limitados agora para serem usados com cuidado."

— Duncan. — A voz de Murbella saiu inexpressiva com novas habilidades Bene Gesserit.

— Tenho medo do que você compartilha com ele. Acha estranho, a Madre Superiora admitindo ter medo?

— Conheço franqueza e honestidade! — A maneira de usar essas palavras tornava-as repelentes.

— As Reverendas Madres são ensinadas a nunca abandonarem o *self*. Somos treinadas a não nos sobrecarregarmos dessa maneira com os problemas alheios.

— Isso é tudo?

— Vai mais fundo e tem outras ramificações. Ser Bene Gesserit marca você de sua própria maneira.

— Sei o que está pedindo: escolha Duncan ou a Irmandade. Conheço seus truques.

— Acho que não.

— Há coisas que eu não farei!

— Todas nós somos coagidas pelo passado. Faço minhas escolhas, faço o que tenho de fazer porque meu passado é diferente do seu.

— Vai continuar a me treinar, apesar do que acabei de dizer? Odrade ouviu isso com a receptividade total que esses encontros com

Murbella exigiam, todos os sentidos alertas para coisas não ditas, mensagens que adejavam na ponta das palavras como se fossem cílios tremulando, estendendo-se para entrar em contato com um universo perigoso.

"A Bene Gesserit tem de mudar. E aqui está alguém que poderia nos guiar nessa mudança."

Bellonda ficaria horrorizada com essa possibilidade. Muitas Irmãs a rejeitariam. Mas ali estava ela.

Quando Odrade permaneceu em silêncio, Murbella disse: — Treinada. É essa a palavra certa?

— Condicionada. Isso provavelmente é mais familiar para você.

— O que você realmente quer é juntar nossas experiências, tornar-me suficientemente parecida com você para podermos criar confiança entre nós. É isso que toda a educação faz.

"Não brinque de erudita comigo, menina!"

— Fluiríamos na mesma corrente, hein, Murbella?

Qualquer acólita de Terceiro-Grau ficaria alerta e cautelosa ao ouvir esse tom na voz da Madre Superiora. Murbella parecia indiferente. — Exceto que não vou desistir dele.

— Isso cabe a você decidir.

— Vocês deixaram Lady Jessica decidir? "A saída desse beco sem saída, afinal."

Duncan tinha instigado Murbella a estudar a vida de Jessica. "Esperando frustrar-nos!" Holos de seu desempenho tinham provocado análises severas dos registros.

— Uma pessoa interessante — disse Odrade.

— Amor! Depois de todos os seus ensinamentos, seu *condicionamento!*

— Você não achou o comportamento dela desleal?

— Nunca!

"Delicadamente agora." — Mas veja as consequências: um Kwisatz Haderach... e aquele neto, o Tirano! — "Argumento preferido de Bellonda."

— O Caminho Dourado — disse Murbella. — Sobrevivência da humanidade.

— Os tempos da Fome e a Dispersão.

"Está vendo isso, Bell? Não importa. Você verá."

— Honradas Madres! — Murbella disse.

— Tudo por causa de Jessica? — Odrade perguntou. — Mas Jessica retornou ao rebanho e viveu o resto da vida em Caladan.

— Professora de acólitas!

— Um exemplo para elas, também. Vê o que acontece quando alguém nos desafia? — "Desafie-nos, Murbella! Faça-o com mais perícia que Jessica."

— Às vezes vocês me causam aversão! — A honestidade natural a forçou a acrescentar: — Mas você sabe que eu quero o que vocês têm.

"O que nós temos."

Odrade recordou seus primeiros encontros com as atrações Bene Gesserit.

Tudo com relação ao corpo feito com precisão extraordinária, os sentidos afiados para detectar os mínimos detalhes, músculos treinados para funcionar com exatidão maravilhosa. Essas habilidades em uma Honrada Madre só podiam acrescentar uma nova dimensão ampliada pela velocidade do corpo.

— Você está jogando o problema de volta para mim — disse Murbella. — Tentando forçar minha escolha, quando já sabe qual é.

Odrade continuou em silêncio. Essa era uma forma de argumento que os antigos Jesuítas tinham quase aperfeiçoado. O simulfluxo se sobrepunha a padrões de disputas: deixe Murbella convencer-se a si mesma. Dê-lhe apenas cutucadas muito sutis. Proporcione pequenas desculpas, pelas quais ela possa desenvolver-se.

"Mas segure-se, Murbella, por amor a Duncan!"

— Você é muito esperta, desfilando as vantagens de sua Irmandade para mim — disse Murbella.

— Não estamos numa fila de restaurante.

Um sorriso despreocupado esboçou-se nos lábios de Murbella. — Vou levar um desses e um daqueles ali, e acho que vou querer um daqueles cremosos lá.

Odrade gostou da metáfora, mas os vigilantes onipresentes tinham seu próprio apetite. — Uma dieta que pode matar você.

— Mas vejo suas ofertas exibidas de maneira tão atraente. Voz! Que coisa maravilhosa vocês inventaram. Tenho esse instrumento fantástico em minha garganta e vocês podem me ensinar a tocá-lo de maneira sublime.

— Agora você pode reger um concerto.

— Quero sua habilidade para influenciar as pessoas ao meu redor!

— Para que fim, Murbella? Para os objetivos de quem?

— Se eu comer o que você come, vou ficar dura como você: plasteel do lado de fora e ainda mais dura por dentro?

— É assim que me vê?

— O *chef de* meu banquete! E tenho de comer o que você me trouxer — para o meu bem e para o seu.

Soava quase maníaca. Uma pessoa estranha. Às vezes parecia a mulher

mais desgraçada do mundo, andando de um lado para o outro em seus aposentos como uma fera enjaulada. Aquele brilho insano nos olhos, pintas alaranjadas nas córneas... como agora.

— Ainda se recusa a “trabalhar” Scytale?

— Mande Sheeana fazer isso.

— Você a treinará?

— E ela vai usar meu treinamento na criança! -

Encararam-se, entendendo que compartilhavam a mesma idéia. “Não é uma confrontação porque cada uma de nós quer a outra.”

— Tenho um compromisso com você pelo que pode me dar — Murbella disse em voz baixa. — Mas você quer saber se algum dia eu agirei contra esse compromisso?

— Seria capaz de fazer isso?

— Tanto quanto você, se as circunstâncias o exigissem.

— Acha que se arrependerá de sua decisão?

— Claro que sim! — Que pergunta idiota era essa? Todo mundo sempre se arrepende. Murbella disse isso.

— Só estava confirmando sua auto-honestidade. Gostamos do fato de que você não usa cores falsas.

— Vocês encontram cores falsas?

— Certamente.

— Devem ter maneiras de suprimi-las.

— A Agonia faz isso por nós. A falsidade não sobrevive à Especiaria. Odrade sentiu as batidas de Murbella se acelerarem.

— E não vai exigir que eu desista de Duncan? — Muito espinhosa.

— Essa ligação apresenta algumas dificuldades, mas são as suas dificuldades.

— Outra maneira de me pedir que desista dele?

— Aceite a possibilidade, é só isso.

— Não posso.

— Não quer?

— Quero dizer exatamente isso. Sou incapaz.

— E se alguém lhe mostrasse como fazer isso?

Murbella olhou dentro dos olhos de Odrade por longo tempo e depois disse: — Quase disse que isso me libertaria... mas...

— Sim?

— Não poderia ser livre enquanto ele estivesse ligado a mim.

— E isso é uma renúncia à maneira das Honradas Madres?

— Renúncia? Palavra errada. Apenas fui além das minhas ex-Irmãs.

— Ex-Irmãs?

— Ainda são minhas Irmãs, mas são Irmãs de infância. Lembro-me de algumas com carinho, de outras com intensa aversão. Companheiras de brinquedo, num jogo que não mais me interessa.

— Essa decisão a satisfaz?

— Está satisfeita, Madre Superiora?

Odrade bateu palmas com entusiasmo desenfreado. Como Murbella adquiria rápido as respostas Bene Gesserit!

— Satisfeita? Que diabo de palavra infernal!

Enquanto Odrade falava, Murbella sentiu que se movia como em sonho para a beira de um abismo, incapaz de acordar e evitar a queda. O estômago lhe doía com um vazio secreto e as palavras seguintes de Odrade vieram ecoando da distância.

— A Bene Gesserit é tudo para uma Reverenda Madre. Nunca poderá esquecer isso.

Tão célere quanto viera, a sensação de sonho passou. As palavras seguintes da Madre Superiora foram frias e imediatas.

— Prepare-se para um treinamento mais avançado. “Até encontrar a Agonia — viva ou morra.”

Odrade ergueu o olhar para os televigias no teto. — Mandem Sheeana aqui. Ela vai começar agora mesmo com sua nova professora.

— Então vai fazer isso! Vai “trabalhar” aquela criança.

— Pense nela como o Bashar Teg — disse Odrade. — Isso ajuda. — ”E não vamos lhe dar tempo para mudar de idéia.”

— Não resisti a Duncan e não posso discutir com você.

— Não discuta nem consigo mesma, Murbella. Não adianta. Teg foi meu pai, mas tenho de fazer isso.

Até esse momento, Murbella não tinha entendido a força por trás do que Odrade dissera antes. “A Bene Gesserit é tudo para uma Reverenda Madre. Grande Dur, proteja-me! Serei assim também?”

32

Presenciamos uma fase passageira da eternidade. Acontecem coisas importantes mas algumas pessoas nem notam. Os acidentes interferem. Você não está presente aos episódios. Depende de relatórios. E as pessoas fecham suas mentes. De que valem os relatórios? A História em um noticiário? Pré-selecionado em uma conferência editorial, digerido e excretado por preconceito? Os relatos de que você precisa raramente vêm daqueles que fazem a História. Diários, memórias e autobiografias são formas subjetivas de apelo especial. Os Arquivos estão abarrotados desse tipo de material suspeito.

— Darwi Odrade

Scytale notou a excitação dos guardas e de outros quando chegou à barreira no fim do corredor. A movimentação rápida de pessoas, especialmente de manhã tão cedo, o haviam atraído à barreira. Lá ia aquela médica Suk, Jalanto. Reconheceu-a do tempo em que Odrade a tinha mandado vê-lo "porque ele parecia doente". "Mais outra Reverenda Madre para me espionar!"

"Ahhhhhhhh, o bebê de Murbella." Era a razão dessa correria e da Suk.

Mas quem eram todas aquelas outras? Mantos Bene Gesserit em quantidade que nunca vira antes aqui. Não só acólitas. Reverendas Madres eram mais numerosas que as outras que se agitavam lá embaixo. Lembravam grandes aves de carniça. Lá ia uma acólita, afinal, carregando uma criança nos ombros. Muito misterioso. "Se ao menos tivesse uma ligação com os sistemas da nave!"

Encostou-se em uma parede e esperou, mas as pessoas desapareceram em várias escotilhas e portas. Alguns destinos ele podia localizar com bastante certeza, outros eram um mistério.

Pelo Santo Profeta! Lá ia a própria Madre Superiora! Atravessou uma porta mais larga por onde a maioria das outras havia passado.

Não adiantava perguntar a Odrade quando a visse da próxima vez. Ela o tinha em sua armadilha agora.

"O Profeta está aqui e em mãos powindah!"

Quando ninguém mais apareceu no corredor, Scytale voltou a seus aposentos. O monitor de identificação à porta oscilou à sua passagem, mas

forçou-se a não olhar. “A Identificação é a chave.” Com seus conhecimentos, essa falha no sistema de controle da nave ixiana acenava como uma sirena.

“Quando me mover, não vão me dar muito tempo.”

Seria um ato de desespero, com a nave e seu conteúdo como reféns. Segundos para ser bem-sucedido. Quem sabia quantos painéis falsos haviam sido construídos, quantas escotilhas secretas haveria de onde aquelas mulheres horrorosas poderiam saltar em cima dele. Não ousava arriscar antes de esgotar todos os outros caminhos. Especialmente agora... com o Profeta restaurado.

“Bruxas ardilosas. Que mais teriam mudado nessa nave?” Uma idéia inquietante. “Será que meus conhecimentos ainda funcionam?”

A presença de Scytale além da barreira não escapara à atenção de Odrade, mas tinha outros assuntos com que se preocupar. A parturição (gostava da palavra pouco usada) de Murbella ocorrera em momento oportuno. Odrade queria um Idaho distraído com ela para a tentativa de Sheeana de restaurar as memórias do Bashar. Idaho ficava muitas vezes perturbado, pensando em Murbella. E Murbella obviamente não podia estar com ele aqui, não agora.

Odrade mantinha uma vigilância prudente em sua presença. Ele era, afinal de contas, um Mentat.

Encontrara-o novamente à mesa de comando. Ao sair da calha de descida rápida no corredor de acesso a seus aposentos, ouviu o clique de retransmissão e aquele zumbido característico do campo comunicador e viu logo onde o encontraria.

Ele revelou um estado de espírito esquisito, quando o levou para a sala de observação onde iam controlar Sheeana e o menino.

“Preocupação com Murbella? Ou com o que iriam ver em breve?”

A sala de observação era comprida e estreita. Três fileiras de cadeiras ficavam de frente para a parede visora comum à sala secreta onde seria feita a experiência. A área de observação estava em uma penumbra cinzenta só com dois minúsculos globos luminosos nos cantos superiores atrás das cadeiras.

Duas Suks estavam presentes... embora Odrade temesse que fossem ineficazes. Jalanto, a Suk que Idaho considerava a melhor, estava com Murbella.

“Demonstre nossa preocupação. Ela é real.”

Cadeiras-linga tinham sido colocadas ao longo da parede visora. Uma escotilha de emergência, com acesso à outra sala, estava bem à mão.

Streggi trouxe o menino pelo corredor de fora, onde ele não veria os observadores e levou-o para a sala. Tinha sido preparada de acordo com instruções de Murbella: um quarto de dormir, objetos pessoais dele, que tinham sido trazidos de seus aposentos, e algumas coisas das salas usadas por Idaho e Murbella.

Uma caverna de animal, pensou Odrade. Tinha um aspecto pobre e surrado, proveniente da desarrumação propositada, muitas vezes encontrada nos aposentos de Idaho: roupas jogadas numa cadeira-linga, sandálias num canto. A esteira era uma que Idaho e Murbella tinham usado. Ao inspecioná-la antes, Odrade havia notado aquele cheiro parecido com saliva, um odor íntimo e sexual. Isso, também, teria efeito inconsciente em Teg.

"É aqui que as coisas loucas se originam, coisas que não podemos suprimir. Que ousadia, pensar que podemos controlar isso. Mas devemos."

Quando Streggi despiu o menino e o deixou nu sobre a esteira, Odrade sentiu o pulso acelerar. Puxou a cadeira para a frente, notando que suas companheiras Bene Gesserit faziam o mesmo.

"Deus meu", pensou, "não passamos de *voyeurs!*"

Esses pensamentos eram necessários no momento, mas sentiu que a degradavam. Perdeu alguma coisa naquela intrusão. Forma de pensar extremamente não-Bene Gesserit. Mas muito humana!

Duncan adotara um ar estudado de indiferença, um fingimento facilmente reconhecível. Subjetividade demais em seus pensamentos para que funcionasse bem como Mentat. E era precisamente assim que ela o queria agora. Participação Mística. Orgasmo como energizador. Bell havia reconhecido isso corretamente.

Odrade disse a uma das três Instrutoras, escolhidas pela sua força e ostensivamente aqui como observadoras: — O ghola quer suas memórias originais restauradas, e teme isso profundamente. Essa é a maior barreira a ser demolida.

— Besteira! — disse Idaho. — Sabe o que temos a nosso favor agora mesmo? A mãe dele era uma de vocês e lhe deu o treinamento profundo. Qual é a possibilidade dela ter deixado de protegê-lo contra suas Impressoras?

Odrade virou-se rápida para ele. "Mentat?" Não, ele estava de volta ao seu passado imediato, revivendo-o e fazendo comparações. Aquela referência a Impressoras, entretanto... Foi assim que a primeira "colisão sexual" com Murbella restaurou memórias de outras vidas ghola? Numa profunda resistência contra impressões?

A Instrutora a que Odrade se dirigira resolveu ignorar essa interrupção impertinente. Lera o material dos Arquivos quando Bellonda a instruíra. Todas as três sabiam que talvez tivessem que matar a criança-ghola. Teria poderes que seriam perigosos para elas? Os vigilantes nada saberiam até que (ou se) Sheeana fosse bem-sucedida.

Odrade disse a Idaho: — Streggi disse a ele por que está aqui.

— O que foi que ela disse? — Muito peremptório com a Madre Superiora. As Instrutoras lançaram-lhe um olhar feroz.

Odrade modulou a voz para que saísse suave. — Streggi disse-lhe que Sheeana restauraria suas memórias.

— E o que ele disse?

— Por que Duncan Idaho não faz isso?

— Ela respondeu honestamente?

— Honestamente, mas sem revelar nada. Streggi disse-lhe que Sheeana tinha uma maneira melhor. E que você aprovava.

— Olhe para ele! Não está nem se mexendo. Não vai dizer que vocês o drogaram.

Idaho olhou fixamente as Instrutoras.

— Não ousaríamos. Mas está focalizado interiormente. Lembra-se da necessidade disso, não é?

Idaho resvalou na cadeira, encolhendo os ombros. — Murbella continua dizendo: "Ele é só uma criança. É só uma criança." Sabe que brigamos por isso.

— Achei seu argumento pertinente. O Bashar não era uma criança. É o Bashar que estamos despertando.

Ele ergueu os dedos cruzados. — Espero que sim. Ela recuou, olhando os dedos cruzados. — Não sabia que era supersticioso, Duncan.

— Rezaria para Dur se pensasse que ajudaria.

"Ele se lembra da sua própria dor no novo despertar."

— Não mostre compaixão — ele murmurou. — Deixe-o consigo mesmo. Mantenha-o focalizado interiormente. Você quer a raiva dele.

Essas palavras eram de sua própria prática.

Abruptamente, disse: — Isso pode ser a coisa mais estúpida que já sugeri. Devia ir e ficar com Murbella.

— Está em boa companhia, Duncan. E não há nada que possa fazer por Murbella neste momento. Olhe! — Teg saltara da esteira e olhava os televigias do teto.

— Ninguém vai vir para me ajudar? — Teg perguntou. Mais desespero em sua voz do que o previsto para esse estágio. — Onde está Duncan Idaho?

Odrade colocou a mão no braço de Idaho quando ele quis se lançar à frente. — Fique onde está, Duncan. Não pode ajudá-lo. Ainda não.

— Ninguém vai me dizer o que fazer? — A jovem voz tinha um som solitário, agudo. — O que vocês vão fazer?

Era a deixa de Sheeana e ela entrou na sala por uma portinhola escondida atrás de Teg. — Aqui estou. — Usava apenas um roupão transparente azul-claro, que se ajustou em seu corpo quando deu uns passos para enfrentar o menino.

Olhou-a embasbacado. Isso era uma Reverenda Madre? Nunca havia visto uma com uma roupa assim. — Você vai me devolver minhas memórias? —

Dúvida e desespero.

— Vou ajudar você a devolvê-las a si mesmo. — Enquanto falava, despiu o roupão e jogou-o de lado. Flutuou até o chão como uma grande borboleta azul.

Teg a olhou fixo. — O que está fazendo?

— O que pensa que estou fazendo? — Sentou-se ao lado dele e pôs a mão em seu pênis.

A cabeça dele inclinou-se para a frente como se tivesse sido empurrada por trás e ficou olhando a mão dela enquanto uma ereção se formava.

— Por que está fazendo isso?

— Você não sabe?

— Não!

— O Bashar saberia.

Olhou para o rosto dela, tão perto do seu. — Você sabe! Por que não me diz?

— Não sou sua memória!

— Por que está cantarolando assim?

Ela encostou os lábios no pescoço dele. As vibrações de boca fechada estavam claras para as observadoras. Murbella chamava isso de *intensificador Jeedback* sincronizado à reação sexual. O som ficou mais alto.

— O que está fazendo? — Quase um guincho quando ela o sentou escarranchado em cima dela. Ela oscilou, massageando as costas dele.

— Responda, que diabo! — Um verdadeiro guincho. “De onde viera aquele *que diabo?”* Odrade pensou. Sheeana deslizou-o para dentro dela. — Aqui está sua resposta! Os lábios dele formaram um “Ohhhhhhhhh” silencioso.

As observadoras viram sua concentração nos olhos de Teg, mas Sheeana o *vigiou* com outros sentidos também.

“Sinta a tensão das coxas dele, o pulso revelador do nervo vago e especialmente note o escurecimento dos mamilos. Quando conseguir que ele chegue a esse ponto, mantenha-o aí até que suas pupilas se dilatem.”

— Impressora! — O grito de Teg fez as observadoras pularem. Bateu com os punhos nos ombros de Sheeana. Todas elas na parede visora observavam um lampejo em seus olhos enquanto se retorcia, algo de novo despontando dele.

Odrade ficou de pé. — Alguma coisa deu errado?

Idaho continuou sentado. — O que eu predisse.

Sheeana empurrou Teg para escapar de seus dedos em garra.

Ele esparramou-se no chão e rodopiou com uma velocidade que chocou as observadoras. Sheeana e Teg se confrontaram por várias longas batidas do coração. Lentamente, ele empertigou-se, e só então olhou para a parte inferior do

corpo. Pouco depois, fixou a atenção no braço esquerdo esticado à sua frente. Seu olhar foi para o teto, para cada uma das paredes, uma após a outra. E de novo, olhou seu corpo.

— O que, nas profundezas do inferno... — Uma voz aguda, infantil, mas estranhamente amadurecida.

— Bem-vindo, ghola-Bashar — disse Sheeana.

— Você estava tentando me imprimir! — Acusação raivosa. — Acha que minha mãe não me ensinou como evitar isso? — Uma expressão específica inundou seu rosto. — Ghola?

— Alguns preferem pensar em você como clone.

— Quem... Sheeana! — Virou-se rápido, olhando em volta da sala. Esta tinha sido escolhida por seus acessos escondidos, nenhuma portinhola visível. — Onde estamos?

— Na não-nave que você levou a Duna pouco antes de morrer lá. — Seguindo as regras.

— Morto... — Olhou as mãos de novo. As observadoras podiam quase ver os filtros impostos por ghola desaparecerem de suas memórias. — Fui assassinado... em Duna? — Quase lastimoso.

— Heróico até o fim — disse Sheeana.

— Meus... os homens que tirei de Gammu... foram...

— As Honradas Madres fizeram de Duna um exemplo. É uma bola sem vida. Carbonizada, em cinzas.

A cólera tocou suas feições. Sentou e cruzou as pernas, colocando um punho cerrado em cada joelho. — Sim... Aprendi isso na história... na minha história. — Olhou Sheeana de novo. Ela continuava sentada na esteira, absolutamente imóvel. Era um mergulho nas memórias que só quem já tinha se submetido à Agonia podia apreciar. O silêncio total era necessário agora.

Odrade murmurou: — Não interfira, Sheeana. Deixe que aconteça. Deixe que ele faça isso sozinho. — Fez um sinal com a mão para as três Instrutoras, que se dirigiram à portinhola de acesso, olhando para ela e não para a sala secreta.

— Acho estranho me considerar um tópico da história — disse Teg. Voz de criança, mas aquela sensação de maturidade surgindo novamente. Fechou os olhos e respirou fundo.

Na sala de observação, Odrade reclinou-se na cadeira e perguntou: — O que você viu, Duncan?

— Quando Sheeana o empurrou para longe dela, ele virou-se com uma velocidade que nunca vi, exceto em Murbella.

— Mais rápido ainda que ela.

— Talvez... porque seu corpo seja jovem e nós lhe demos treinamento prana-bindu.

— É mais do que isso. Você nos alertou, Duncan. Um elemento desconhecido nos marcadores de células Atreides. — Olhou para as Instrutoras vigilantes e sacudiu a cabeça. “Não. Ainda não.” — Aquela mãe dele que se dane! Indução hipnótica para bloquear uma Impressora, e ela escondeu isso de nós.

— Mas veja o que ela nos deu — disse Idaho. — Uma maneira mais eficiente de restaurar memórias.

— Devíamos ter visto isso nós mesmas! — Odrade sentiu raiva de si mesma. — Scytale afirma que os Tleilaxu usavam dor e confrontação. Tenho minhas dúvidas. ,

— Pergunte a ele.

— Não é tão simples. Nossas Reveladoras da Verdade não têm certeza dele.

— Ele é opaco.

— Quando foi que você o estudou?

— Dar! Tenho acesso aos registro dos televigias.

— Sei isso, mas...

— Diabos! Fique de olho em Teg! Olhe para ele! O que está acontecendo? Odrade desviou bruscamente a atenção para a criança sentada.

Teg olhou para os televigias, com uma expressão de tremenda intensidade.

Fora para ele como acordar de um profundo sono no estresse do conflito, a mão de um ajudante o sacudindo. Alguma coisa necessitava de sua atenção! Recordava sentar-se no centro de comando da não-nave, Dar de pé a seu lado com a mão em seu pescoço. “Cocando?” Algo urgente a fazer. O quê? Seu corpo lhe dava a impressão de algo errado. Gammu... e agora estavam em Duna e... Lembrava coisas diferentes: a infância na Sede da Irmandade? Dar como... como... Mais memórias engrenaram. “Tentaram me imprimir!”

A percepção fluiu ao redor dessa idéia como um rio se espalhando em volta de uma rocha.

— Dar! Você está aí? Você está!

Odrade recostou-se na cadeira e pôs a mão no queixo. “E agora, o quê?”

— Mãe! — Que tom de acusação!

Odrade tocou uma chapa de transmissão junto a sua cadeira. — Alô, Miles. Vamos dar um passeio pelos pomares?

— Nada de brincadeiras, Dar. Sei por que você precisa de mim.Mas vou-lhe avisar: a violência projeta as pessoas erradas no poder. Como se você não soubesse isso!

— Ainda leal à Irmandade, Miles, apesar do que acabamos de tentar?

Ele olhou para Sheeana vigilante. — Ainda seu cão obediente. Odrade lançou um olhar acusador para o sorridente Idaho. — Você e suas histórias!

— Muito bem, Miles — não vou fazer mais brincadeiras, mas tenho de saber sobre Gammu. Dizem que você se moveu mais rápido que um raio.

— Verdade. — Tom de voz monótono, indiferente.

— E há pouco...

— Este corpo é pequeno demais para aguentar a carga.

— Mas você...

— Usei tudo em uma explosão e estou morrendo de fome. Odrade olhou para Idaho. Ele acenou a cabeça. "A verdade."

Fez sinal para que as Instrutoras saíssem da portinhola. Elas hesitaram antes de obedecer. O que Bell teria dito a elas?

Teg não tinha terminado. — Estou certo, filha? Já que cada indivíduo deve dar contas a si próprio no final, a formação do *self exige* o máximo cuidado e atenção.

"O diabo da mãe dele ensinou-lhe tudo!"

— Peço desculpas, Miles. Não sabíamos como sua mãe tinha preparado você.

— Quem teve essa idéia? — Olhou para Sheeana enquanto falava.

— A idéia foi minha, Miles — Idaho disse.

Isso o sossegou. — Anotado, Duncan. Não é preciso pedir desculpas. — Olhou para os alto-falantes retransmitindo suas vozes. — Como está o ar aí em cima, Dar? Rarefeito o bastante para você?

"Que idéia idiota!" — ela pensou. "E ele sabe disso. Não está nada rarefeito." O ar estava espesso com a respiração de todos a seu redor, incluindo os que desejavam compartilhar de sua presença dramática, os que tinham idéias (às vezes a idéia de que seriam melhores que ela na sua posição), os que tinham mãos que ofereciam e mãos que exigiam. Rarefeito! Sentiu que Teg estava tentando lhe dizer alguma coisa. O quê?

"Às vezes tenho de ser a autocrata!"

Ela ouviu a si própria dizendo isso para ele durante um de seus passeios pelos pomares, explicando "autocrata" e acrescentando: "Eu tenho o poder e tenho de usá-lo. Isso me pesa horrivelmente."

"Você tem o poder, então use-o!" Era isso que esse Mentat Bashar estava lhe dizendo. "Mate-me ou solte-me, Dar."

Ainda assim, procurou ganhar tempo e sabia que ele iria sentir isso. — Miles, Burzmali está morto, mas manteve uma tropa aqui que ele mesmo treinou. O melhor de...

— Não me amole com detalhes insignificantes! — Que voz de comando! Aguda e esganiçada, mas com tudo que era essencial.

Sem serem mandadas, as Instrutoras voltaram à portinhola. Odrade acenou para que se fossem, com um gesto zangado. Só aí é que percebeu que tinha chegado a uma decisão.

— Devolvam suas roupas e tragam-no aqui — disse. — Chamem Streggi. As primeiras palavras de Teg ao sair alarmaram Odrade e a fizeram duvidar se tinha cometido um erro.

— E se eu não quiser batalhar da maneira que você quer?

— Mas você disse...

— Já disse muitas coisas em minhas... vidas. A batalha não reforça o senso moral, Dar.

Ela (e Taraza) tinham ouvido o Bashar falar sobre isso mais de uma vez. "A guerra deixa um resíduo de *coma, beba e se divirta* que leva inevitavelmente a um colapso moral."

Correto, mas ela não sabia o que ele tinha em mente com esse lembrete. "Para cada veterano que retorna com um novo senso de destino ('eu sobrevivi; deve ter sido a intenção de Deus') muitos outros voltam para casa com amargura mal disfarçada, prontos a escolher o caminho mais fácil porque viram tanto nos esforços de guerra."

Eram palavras de Teg, mas a crença dela.

Streggi entrou apressada, mas antes que pudesse falar, Odrade fez sinal para que ficasse de lado e esperasse em silêncio.

Excepcionalmente, a acólita teve a coragem de desobedecer à Madre Superiora.

— Duncan devia saber que tem outra filha. A mãe e a criança estão vivas e saudáveis. — Olhou para Teg. — Alô, Miles. — Só aí Streggi foi para a parede dos fundos e ficou lá parada.

"Ela é melhor do que eu esperava", pensou Odrade.

Idaho relaxou na cadeira, sentindo agora as tensões da preocupação que tinha interferido com sua apreciação do que havia observado.

Teg acenou a cabeça para Streggi, mas falou com Odrade: — Mais algumas palavras para sussurrar no ouvido de Deus? — Era essencial controlar a atenção delas e contar com que Odrade o reconhecesse. — Se não, estou realmente faminto.

Odrade ergueu um dedo para fazer sinal a Streggi e ouviu a acólita sair.

Sentiu para onde Teg queria dirigir sua atenção e, para confirmar isso, ele disse: — Talvez você tenha realmente criado uma cicatriz dessa vez.

Uma farpa dirigida à alegação da Irmandade de que "Não deixamos

cicatrizes se acumularem em nossos passados. As cicatrizes muitas vezes escondem mais do que revelam.”

— Algumas cicatrizes *revelam* mais do que escondem — disse. Olhou para Idaho. — Certo, Duncan? — “Um Mentat falando a outro.”

— Creio que me encontro em meio de uma velha discussão — disse Idaho.

Teg olhou para Odrade. — Vê, filha? Um Mentat conhece uma velha discussão de longe. Vocês se orgulham de saber o que é exigido de *vocês* a cada momento, mas o monstro agora foi criado por vocês mesmas!

— Madre Superiora! — Isso veio de uma Instrutora que não queria que ela fosse abordada dessa forma.

Odrade a ignorou. Sentiu a mortificação, aguda e impiedosa. A Taraza Interior lembrou-se da disputa: “Somos formadas por associações Bene Gesserit. De uma maneira estranha, elas nos embotam. Oh, cortamos rápido e profundo quando precisamos, mais isso é outra forma de embotamento.”

— Não quero participar de seu embotamento — disse Teg. Então ele se lembrava.

Streggi voltou com uma terrina de ensopado, caldo escuro com carne flutuando. Teg sentou no chão e comeu sofregamente.

Odrade ficou calada, seus pensamentos indo para onde Teg os havia mandado. Havia uma concha dura que as Reverendas Madres colocavam à sua volta na qual tudo que vinha de fora (incluindo emoções) batia como projeções. Murbella tinha razão e a Irmandade tinha de reaprender emoções. Se fossem somente observadoras, estariam condenadas.

Dirigiu-se a Teg. — Não vamos lhe pedir que nos embote.

Tanto Teg quanto Idaho ouviram alguma coisa mais na voz dela. Teg pôs a terrina vazia de lado, mas Idaho foi o primeiro a falar. — Cultivado — disse.

Teg concordou. As Irmãs raramente eram impulsivas. As reações delas eram sempre ordenadas, mesmo em tempos de perigo. Iam além do que a maioria das pessoas pensava que fosse cultivada. Eram impelidas não tanto por sonhos de poder como por sua própria visão longa, uma coisa composta de imediação e memória quase limitada. Então Odrade estava seguindo um plano cuidadosamente arquitetado. Teg lançou um olhar para as vigilantes Instrutoras.

— Vocês estavam preparadas para me matar — disse.

Ninguém respondeu. Não havia necessidade. Todas reconheceram a Projeção Mentat.

Teg virou-se e olhou para a sala onde havia recuperado suas memórias. Sheeana tinha ido embora. Mais memórias murmuravam à beira da percepção. Falariam na hora certa. Esse corpo diminuto. Isso era difícil. E Streggi...

Focalizou Odrade. — Você foi mais esperta do que pensava. Mas minha mãe...

— Não creio que ela antecipasse isso — disse Odrade.

— Não... ela não era Atreides a esse ponto.

Uma palavra eletrizante nessas circunstâncias introduziu um silêncio especial na sala. As Instrutoras chegaram mais perto. “Aquela mãe dele!”

Teg ignorou as Instrutoras. — Respondendo às perguntas que não fizeram, não posso explicar o que aconteceu a mim em Gammu. Minha velocidade física e mental desafia explicações. Considerando o tamanho e a energia, em uma batida de seu coração eu poderia estar fora desta sala e quase fora da nave. Ohhhh... — Levantou a mão. — ”Ainda sou seu cão obediente. Farei o que mandarem, mas talvez não da maneira que imaginaram.”

Odrade viu consternação no rosto das Irmãs. “O que soltei em cima de nós?”

— Podemos impedir que qualquer coisa viva deixe esta nave — ela disse.

— Você pode ser rápido, mas duvido que seja mais rápido que o fogo que o engoliria se tentasse sair daqui sem nossa permissão.

— Sairei quando quiser e *com a* sua permissão. O que você ainda tem das tropas de Burzmali?

— Quase dois milhões. — Saiu sem perceber.

— Tanto assim!

— Ele tinha mais que o dobro com ele, em Lâmpadas, quando as Honradas Madres os eliminaram.

— Teremos de ser mais espertos que o pobre Burzmali. Quer me deixar discutir isso com Duncan? É por isso que nos mantém aqui, não é? Nossa especialidade? — Dirigiu um olhar sorridente para os televigias no teto. — Tenho certeza de que farão uma revisão de nossa discussão antes de aprovar.

Odrade e as Irmãs trocaram olhares. Compartilhavam uma pergunta que não fora feita. “Que mais poderemos fazer?”

Em pé, Odrade olhou para Idaho. — Aqui está uma tarefa digna de um Mentat Revelador da Verdade!

Quando as mulheres saíram, Teg acomodou-se em uma das cadeiras e olhou para a sala vazia através da parede visora. Tinha sido muito abafado lá e ainda sentiu o coração batendo apressado com o esforço. — Foi um espetáculo e tanto — disse.

— Já vi melhores. — Extremamente seco.

— O que eu gostaria agora mesmo era de um grande copo de Marinete, mas duvido que este corpo pudesse aguentá-lo.

— Bell vai estar esperando por Dar quando ela voltar à Central — disse Idaho.

— Para as profundezas do inferno com Bell! Temos de retirar o detonador dessas Honradas Madres antes que nos encontrem.

— E nosso Bashar tem o plano certo.

— Que se dane esse título! Idaho inspirou profundamente, tolhido pelo choque.

— Vou dizer uma coisa, Duncan! — Intenso. — Uma vez, quando eu chegava para uma reunião importante com inimigos potenciais, ouvi um ajudante me anunciar. "O Bashar está aqui." Quase que tropecei, preso na abstração.

— Confusão Mentat.

— Claro que foi. Mas sabia que a denominação me afastava de alguma coisa que não ousava perder. Bashar? Eu era mais que isso! Era Miles Teg, o nome que me foi dado por meus pais.

— Você estava na cadeia-de-nomes!

— Certo, e compreendi que meu nome estava à distância de algo mais primordial. Miles Teg? Não, eu era mais básico que isso. Podia ouvir minha mãe dizendo: — Oh, que bebê lindo. — E lá estava eu com outro nome: "Bebê lindo."

— Foi mais a fundo? — Idaho estava fascinado.

— Fui apanhado. Um nome leva a um nome leva a nomes leva a não ter nome. Quando entrei naquela sala importante, não tinha nome. Você já arriscou isso?

— Uma vez. — Uma admissão relutante.

— Todos nós fazemos isso pelo menos uma vez. Mas ali estava eu. Tinha sido instruído. Tinha uma referência para todos naquela mesa — rosto, nome, título, e todo o *background.*

— Mas você não estava realmente lá.

— Oh, podia ver os rostos cheios de expectativas me medindo, duvidando, se preocupando. Mas não me conheciam!

— Isso lhe deu uma sensação de grande poder?

— Exatamente como fomos avisados na escola Mentat. Perguntei a mim mesmo: "Essa Mente está em seu início?" Não ria. É uma pergunta tantalizadora.

— Então você foi mais fundo? — Empolgado com as palavras de Teg, Idaho ignorou sinais de alerta à beira de sua percepção.

— Oh, sim. E me encontrei no famoso "Hall de Espelhos" que elas descreveram e nos avisaram para evitar.

— Então você se lembrou como sair de lá e...

— Lembrei? Evidentemente você já esteve lá. Foi a memória que tirou você de lá?

— Ajudou.

— Apesar dos avisos, fiquei por lá, vendo meu *self* dos *selves* e permutações infinitas. Reflexos de reflexos *ad infinitum.*

— Fascinação do “cerne do ego”. Muito poucos escapam dessa profundeza. Você teve sorte.

— Não estou certo se deve ser chamado de sorte. Sabia que tinha de haver uma Primeira Percepção, um despertar...

— Aquele que o descobre não é o primeiro.

— Mas eu queria um *self das* raízes do *self.*

— As pessoas nessa reunião não notaram alguma coisa estranha a seu respeito?

— Descobri mais tarde que sentei com uma expressão totalmente inexpressiva que escondia essa ginástica mental.

— Você não falou?

— Fiquei mudo. Isso foi interpretado como “a reticência devida de um Bashar”. Veja o que é a reputação.

Idaho começou a sorrir e lembrou-se dos televigias. Viu logo como os vigilantes interpretariam essas revelações. Talento impetuoso em um perigoso descendente dos Atreides! As Irmãs sabiam dos espelhos. Qualquer um que escapasse seria suspeito. O que os espelhos lhe mostravam?

Como se tivesse ouvido a pergunta perigosa, Teg disse: — Tinham me apanhado e eu sabia disso. Podia me visualizar como um vegetal acamado, mas não liguei. Os espelhos eram tudo até que, como algo flutuando fora da água, vi minha mãe. Estava mais ou menos com a mesma aparência que tinha pouco antes de morrer.

Idaho inalou uma respiração trêmula. Teg não sabia o que acabava de dizer para os televigias registrarem?

— As Irmãs agora vão imaginar que sou pelo menos um Kwisatz Haderach em potencial — disse Teg. — Outro Muad’Dib. Besteira! Como você tanto gosta de dizer, Duncan. Nenhum de nós dois arriscaria isso. Sabemos o que ele criou e não somos estúpidos!

Idaho não conseguia engolir. Iriam aceitar as palavras de Teg? Falava a verdade, mas...

— Ela pegou minha mão — disse Teg. — Senti isso! E levou-me para fora do Hall. Esperava que estivesse comigo quando me senti sentado à mesa. Minha mão ainda formigava com seu toque, mas tinha ido embora. Sabia disso. Concentrei-me e assumi o comando. A Irmandade tinha vantagens importantes a ganhar e eu as ganhei.

— Alguma coisa que sua mãe implantou...

— Não! Eu a vi do mesmo modo que as Reverendas Madres vêem a Outra Memória. Era sua maneira de dizer: “Por que diabos você está perdendo tempo aqui quando há tanto trabalho a fazer?” Ela nunca me deixou, Duncan. O passado nunca deixa nenhum de nós.

Idaho abruptamente viu o objetivo atrás da narrativa de Teg. “Honestidade e franqueza, que piada!”

— Você tem a Outra Memória!

— Não! Só a que todo mundo tem, em emergência. O Hall de Espelhos foi uma emergência e também me deixou ver e sentir a origem do auxílio. Mas não vou voltar lá!

Idaho aceitou isso. A maioria dos Mentats arriscava um mergulho no infinito e aprendia sobre a natureza transitória de nomes e títulos, mas o relato de Teg era muito mais do que uma declaração sobre o Tempo como imagem fluida ou fixa.

— Achei que já estava na hora de nos apresentarmos às Bene Gesserit — disse Teg. — Elas devem ficar sabendo o quanto podem confiar em nós. Há trabalho a fazer e já perdemos bastante tempo com tolices.

33

Gaste energias com aqueles que o tornam forte. A energia gasta com os fracos os arrasta à ruína. (Regra HM) Comentário Bene Gesserit: Quem julga?

— Registro Dortujla

O dia da volta de Dortujla não correu bem para Odrade. Uma conferência sobre armas com Teg e Idaho terminou sem nenhuma decisão. Sentira o machado das caçadoras durante toda a reunião, e sabia que isso tinha alterado suas reações.

Depois a sessão da tarde com Murbella — palavras, palavras, palavras. Murbella estava confusa em questões de filosofia. Um beco sem saída, era a opinião de Odrade.

Agora ela estava no final da tarde na borda oeste do perímetro de pavimento da Central. Era um de seus lugares favoritos, mas Bellonda a seu lado privava Odrade da apreciação tranquila antecipada.

Sheeana as encontrou ali e perguntou: — É verdade que você deu a Murbella a liberdade de andar pela nave?

— Veja só! — Era um dos maiores temores de Bellonda.

— Bell — Odrade interrompeu e apontou para os anéis de pomares. — Aquela pequena colina ali onde não plantamos nenhuma árvore. Quero que você mande construir um belvedere ali, de acordo com minhas especificações. Um mirante com treliças emoldurando a vista.

Não havia como deter Bellonda agora. Odrade raramente a tinha visto tão exaltada. E quanto mais Bellonda se exaltava, mais decidida Odrade se tornava.

— Você quer um... um mirante? Naquele pomar? Onde mais vai desperdiçar nossa substância? Mirante! Nome apropriado para mais uma de suas...

Era uma discussão tola. Ambas sabiam disso antes de terem pronunciado vinte palavras. A Madre Superiora não podia ceder primeiro, e Bell raramente cedia a qualquer coisa. Mesmo quando Odrade ficou calada, Bell continuou atacando defesas vazias. No final, quando Bellonda esgotou sua energia, Odrade disse: — Você me deve um ótimo jantar, Bell. Providencie para que seja o melhor possível.

— Devo a você... — Bell começou a gaguejar.

— Uma oferta de paz — disse Odrade. — Quero que seja servido no meu belvedere... meu mirante.

Quando Sheeana riu, Bellonda viu-se forçada a juntar-se a ela, mas com um tom gelado. Sabia quando tinha perdido.

— Todo mundo vai olhá-lo e dizer: "Vejam como a Madre Superiora está cheia de confiança" — disse Sheeana.

— Então você quer isso pelo moral! — Nessa altura, Bellonda aceitaria quase qualquer justificativa.

Odrade sorriu para Sheeana. "Minha querida espertinha!" Não só Sheeana tinha deixado de provocar Bellonda, começara a reforçar a auto-estima da mulher mais velha sempre que possível. Bell sabia, claro, e permanecia uma pergunta Bene Gesserit inevitável: "Por quê?"

Reconhecendo a suspeita, Sheeana disse: — Estamos realmente discutindo sobre Miles e Duncan. E, por mim, estou farta!

— Se ao menos eu soubesse o que você realmente está fazendo, Dar! — disse Bellonda.

— A energia tem seus próprios moldes, Bell.

— O que quer dizer com isso? — Muito espantada.

— Elas vão nos encontrar, Bell. E eu sei como. Bellonda ficou boquiaberta.

— Somos escravas de nossos hábitos — disse Odrade. — Escravas das energias que criamos. As escravas podem se libertar? Bell, você conhece o problema tão bem quanto eu.

Excepcionalmente, Bell ficou perplexa.

Odrade olhou-a fixamente.

Orgulho, era o que Odrade via quando olhava suas Irmãs e seus lugares. A dignidade era apenas uma máscara. Nenhuma humildade real. Em vez disso, havia essa conformidade visível, um padrão verdadeiro Bene Gesserit que, em uma sociedade consciente do perigo dos padrões, soava como uma buzina de aviso.

Sheeana estava confusa. — Hábitos?

— Seus hábitos sempre a perseguem. O *self* que você constrói vai assombrá-la. Um fantasma vagando em busca de seu corpo, ansioso para possuí-lo. Ficamos viciadas ao *self* que construímos. Escravas dos atos que praticamos. Estamos viciadas às Honradas Madres e elas a nós!

— Você e seu eterno romantismo! — disse Bellonda.

— Sim, sou uma romântica... assim como o Tirano. Ele se sensibilizou à forma fixa de sua criação. Eu sou sensível à sua armadilha presciente.

“Mas, oh, como o caçador está perto e, oh, como o abismo é profundo.” Bellonda não se aplacou. — Você disse que sabe como vão nos encontrar.

— Basta que reconheçam seus próprios hábitos e... Sim? — Dirigiu-se a uma mensageira acólita que saía de uma passagem coberta atrás de Bellonda.

— Madre Superiora, é a Reverenda Madre Dortujla. Madre Fintil a trouxe para a Plataforma de Aterrissagem e vão chegar dentro de uma hora.

— Leve-a para minha sala de trabalho! — Odrade olhou para Bellonda com olhos quase selvagens. — Ela disse alguma coisa?

— Madre Dortujla está doente — disse a acólita.

“Doente? Que coisa extraordinária para dizer de uma Reverenda Madre.”

— Suspenda o julgamento. — Era Bellonda-Mentat falando, Bellonda inimiga do romantismo e da imaginação desenfreada.

— Mande Tam para lá como observadora — disse Odrade. Dortujla entrou mancando com uma bengala, tendo a ajuda de Fintil e

Streggi. Havia uma firmeza nos olhos de Dortujla, entretanto, e uma sensação de cálculo em cada olhar que dava a sua volta. O capuz estava jogado para trás revelando cabelos castanho-escuros matizados da cor de marfim antigo, e quando falou sua voz transmitia uma sensação de fadiga.

— Fiz o que mandou, Madre Superiora. — Quando Fintil e Streggi saíram da sala, Dortujla sentou sem ser convidada em uma cadeira-linga perto de Bellonda. Um olhar rápido para Sheeana e Tamalane a sua esquerda, depois um olhar fixo para Odrade. — Vão-se encontrar com você no Entroncamento. Acham que o lugar é idéia delas e sua Aranha Rainha está lá!

— Quando? — Sheeana perguntou.

— Querem 100 dias Padrão a contar de agora. Posso ser mais precisa se quiser.

— Por que tanto tempo? — Odrade perguntou.

— Minha opinião? Vão usar esse tempo para reforçar suas defesas no Entroncamento.

— Que garantias? — Isso veio de Tam, concisa como sempre.

— Dortujla, o que aconteceu com você? — Odrade ficou chocada pela fraqueza trêmula aparente na mulher.

— Fizeram experiências comigo. Mas isso não é importante. Os acordos são. Prometem a você uma passagem segura entrando e saindo do Entroncamento. Não acredite. Permitem uma “pequena” comitiva de serviçais, não mais que cinco. Presuma que matarão todos que a acompanharem, embora... Talvez eu lhes tenha ensinado como isso era errado.

— Esperam que eu traga a submissão da Bene Gesserit? — A voz de Odrade nunca fora tão gélida. As palavras de Dortujla criavam um espectro de

tragédia.

— Esse foi o incentivo.

— As Irmãs que foram com você? — Sheeana perguntou. Dortujla bateu com um dedo na testa, um gesto comum da Irmandade.

— Estão comigo. Concordamos que as Honradas Madres devem ser punidas.

— Mortas? — Odrade forçou as palavras entre lábios comprimidos.

— Tentando me forçarem suas fileiras. “Você vê? Mataremos mais uma se você não concordar.” Disse-lhes que matassem nós todas e acabassem com aquilo e esquecessem sobre se encontrarem com a Madre Superiora. Não aceitaram isso até não terem mais reféns.

— Você as compartilhou todas? — Tamalane perguntou. Sim, essa preocupação era típica de Tam pela proximidade de sua própria morte.

— Enquanto fingia que estava me certificando de que estavam mortas. É melhor você ficar sabendo de tudo. Aquelas mulheres são grotescas! Possuem Futares em jaulas. Os corpos de minhas Irmãs foram jogados nas jaulas onde os Futares os comeram. A Aranha Rainha — um nome muito apropriado — me obrigou a ver isso.

— Revoltante! — Bellonda disse.

Dortujla suspirou. — Elas não sabiam, naturalmente, que tenho visões piores na Outra Memória.

— Tentaram dominar suas sensibilidades — disse Odrade. — Tolice. Ficaram espantadas quando você não reagiu como queriam?

— Mortificadas, diria. Acho que tinham visto outras reagirem como eu. Disse-lhes que era uma maneira boa de obter fertilizante. Creio que isso as deixou zangadas.

— Canibalismo — murmurou Tamalane.

— Só na aparência — disse Dortujla. — Os Futares definitivamente não são humanos. Animais selvagens mal domesticados.

— Nenhum Treinador? — Odrade perguntou.

— Não vi nenhum. Os Futares falaram. Disseram: “Comer!” antes de comer e zombaram das Honradas Madres ao seu redor. “Vocês com fome?” Esse tipo de coisa. O mais importante foi o que aconteceu depois de comerem...

Dortujla foi interrompida por um acesso de tosse. — Experimentaram venenos — disse. — Que mulheres estúpidas!

Quando se refez, Dortujla disse: — Um Futar veio até as barras da jaula depois do... banquete. Olhou para a Aranha Rainha e berrou. Nunca tinha ouvido um som assim. Apavorante! Todas as Honradas Madres na sala ficaram petrificadas e juro que estavam aterrorizadas.

Sheeana tocou o braço de Dortujla. — Um predador imobilizando sua presa?

— Sem dúvida. Tinha qualidades de Voz. Os Futares pareceram surpresos que eu não tenha ficado petrificada.

— A reação das Honradas Madres? — Bellonda perguntou. Sim, uma Mentat. precisaria desses dados.

— Um clamor geral quando recuperaram a voz. Muitas gritavam para a Grande Honrada Madre destruir os Futares. Ela, entretanto, olhou isso com mais calma. — São valiosos demais vivos — disse.

— Um bom sinal — disse Tamalane.

Odrade olhou para Bellonda. — Vou mandar Streggi trazer o Bashar aqui. Alguma objeção?

Bellonda acenou ligeiramente com a cabeça. Sabiam que tinham de arriscar isso apesar de questionarem as intenções de Teg.

Odrade disse para Dortujla: — Quero você nas minhas acomodações de hóspedes. Vamos chamar as Suks. Peça o que você quiser e se prepare para uma reunião completa do Conselho. Você é uma conselheira especial.

Dortujla falou enquanto se punha de pé. — Não durmo há quase quinze dias e vou precisar de uma refeição especial.

— Sheena, providencie isso e chame as Suks. Tam, fique com o Bashar e Streggi. Relatórios regulares. Ele vai querer ir ao aquartelamento e se encarregar pessoalmente. Arranje um comunicador ligado a Duncan. Nada deve impedi-los.

— Quer que eu fique aqui com ele? — perguntou Tamalane.

— Você vai ser sua sanguessuga. Streggi não vai levá-lo a parte alguma sem você saber. Ele quer Duncan como Mestre de Armas. Certifique-se de que ele aceita a detenção de Duncan na nave. Bell, qualquer informação que Duncan quiser sobre armas — prioridade. Algum comentário?

Não houve comentários. Idéias sobre as consequências, sim, mas a atitude decisiva de Odrade as contagiou.

Recostando-se na cadeira, Odrade fechou os olhos e esperou até que o silêncio lhe dissesse que estava sozinha. Os televigias ainda estavam lá, é claro.

“Sabem que estou cansada. Quem não estaria nessas circunstâncias? Mais três Irmãs assassinadas por esses monstros! Bashar! Elas têm de sentir nosso açoite e aprender a lição!”

Quando ouviu Streggi chegar com Teg, Odrade abriu os olhos. Streggi o conduzia pela mão, mas havia algo neles que dizia que não era um adulto conduzindo uma criança. Os movimentos de Teg diziam que estava dando permissão a Streggi para tratá-lo dessa maneira. Ela tinha de ser avisada.

Tam os seguiu e foi para uma cadeira perto das janelas, diretamente

embaixo do busto de Chenoeh. Posicionamento significativo? Tam estava fazendo coisas estranhas ultimamente.

— Quer que eu fique, Madre Superiora? — Streggi soltou a mão de Teg e ficou de pé junto à porta.

— Sente-se ali perto de Tam. Escute e não interrompa. Deve ficar sabendo o que será exigido de você.

Teg se acomodou na cadeira há pouco ocupada por Dortujla. — Suponho que seja um conselho de guerra.

“Há um adulto atrás dessa voz de criança.”

— Não vou perguntar seu plano ainda — disse Odrade.

— Muito bem. O inesperado leva mais tempo e talvez não possa lhes dizer o que pretendo até o momento de agir.

— Estivemos observando você com Duncan. Por que está interessado em naves da Dispersão?

— Naves de longo alcance têm uma aparência distintiva. Eu as vi na plataforma de Gammu.

Teg recostou-se e deixou essa declaração ser digerida, satisfeito com a animação que sentia no modo de Odrade. Decisões! Não deliberações prolongadas. Isso atendia a suas necessidades. “Elas não podem saber o alcance total de minhas habilidades. Ainda não.”

— Você disfarçaria uma força de ataque?

Bellonda entrou enquanto Odrade estava falando e resmungou uma objeção ao sentar-se. — Impossível! Elas terão códigos de reconhecimento e sinais secretos para...

— Deixe que eu decida isso, Bell, ou me retire do comando.

— Esse é o Conselho! — disse Bellonda. — Você não...

— Mentat! — Ele olhou-a em cheio, o Bashar evidente em seu olhar. Quando ela ficou calada, ele disse: — Não questione minha lealdade!

Se vai me enfraquecer, substitua-me!

— Deixe-o dizer o que quiser. — Era Tam falando. — Não é o primeiro Conselho onde o Bashar aparece como nosso igual.

Bellonda abaixou o queixo uma fração de milímetro.

Teg disse a Odrade: — Evitar a guerra é questão de inteligência — informações obtidas e poder intelectual.

“Jogando nosso próprio jargão em nós!” Ouviu o Mentat na voz dele e Bellonda evidentemente também ouviu. Informações e inteligência: a visão dupla. Sem ela, a guerra muitas vezes ocorria como um acidente.

O Bashar ficou sentando em silêncio, deixando que nadassem em suas próprias observações históricas. O impulso para o conflito ia muito mais fundo

do que a consciência. O Tirano estava certo. A humanidade agia como “uma fera”. As forças impulsionando aquele grande animal coletivo regredia aos dias tribais e além, assim como tantas forças a que os humanos reagiam sem pensar.

“Misture os genes.”

“Expanda Lebensraum para suas próprias procriadoras.” “Reúna as energias de outros: arrecade escravos, peões, serviçais, servos, mercados, trabalhadores... Os termos muitas vezes eram permutáveis.”

Odrade viu o que ele estava fazendo. A sabedoria absorvida da Irmandade ajudava a fazer dele o incomparável Mentat Bashar. Para ele, essas coisas eram instintos. O consumo de energia impulsionava a violência da guerra. Isso era descrito como “ganância, medo (que outros tomem seu tesouro), fome de poder” e assim por diante até análises inúteis. Odrade ouvira isso até de Bellonda que, obviamente, não estava aceitando bem que um “subordinado” lhes lembrasse o que já sabiam.

— Tirano sabia — disse Teg. — Duncan o cita: “A guerra é um comportamento com raízes na única célula dos mares primordiais. Coma seja o que for que tocar, ou isso comerá você.”

— O que você propõe? — Bellonda, com toda brusquidão.

— Um ataque simulado a Gammu, depois um real à base delas no Entroncamento. Para isso precisamos de observações de primeira mão. — Olhou fixamente para Odrade.

— “Ele sabe!” A idéia relampejou na mente de Odrade.

— Acha que seu estudo do Entroncamento, quando ainda era uma base da Corporação, ainda está certo? — Bellonda perguntou.

— Não tiveram tempo de fazer mudanças sensíveis no que tenho armazenado aqui. — Bateu na testa, numa paródia estranha do gesto da Irmandade.

— Englobamento — disse Odrade. Bellonda olhou-a abruptamente. — O custo!

— Perder tudo é muito mais dispendioso — disse Teg.

— Os sensores das dobras do espaço não precisam ser grandes — disse Odrade. — Duncan os disporia para criar uma explosão Holzmann ao contato?

— As explosões seriam visíveis e nos dariam uma trajetória. — Ele recostou-se na cadeira e olhou para uma área indefinida na parede dos fundos. Aceitariam isso? Não ousava amedrontá-las com outra demonstração de talento selvagem. Se Bell soubesse que ele podia “ver” as não-naves!

— Faça isso! — Odrade disse. — Você está no comando. Use-o. Houve um claro sentido de um risinho de Taraza em Outras Memórias.

“Dê-lhe as rédeas! Foi assim que consegui uma grande fama!”

— Uma coisa — disse Bellonda. Olhou para Odrade. — Você vai ser a espiã dele?

— Quem mais pode ir lá e transmitir observações?

— Vão controlar todos os meios de transmissão.

— Mesmo o que disser à não-nave — à nossa espera — que não fomos traídas? — perguntou Odrade.

— Uma mensagem em código escondida na transmissão — disse Teg. — Duncan inventou um código que levaria meses para decifrar, mas duvidamos que detectem sua presença.

— Loucura — resmungou Bellonda.

— Conheci uma Honrada Madre comandante militar em Gammu — disse Teg. — Relaxada no que diz respeito a detalhes necessários. Acho que estão confiantes demais.

Bellonda o olhou fixamente, e lá estava o Bashar olhando de volta, com os olhos inocentes de uma criança. — Abandone toda a sanidade, você que entra aqui — ele disse.

— Saiam daqui, todas vocês! — ordenou Odrade. — Têm muito a fazer. E Miles...

Ele ja tinha se levantado da cadeira, mas ficou ali com a mesma expressão de quando ficava esperando que a “Mãe” lhe dissesse alguma coisa importante.

— Você fez referência à loucura de eventos dramáticos que a guerra sempre amplifica?

— Certo! Você não ia pensar que eu me referia à sua Irmandade?

— Às vezes, Duncan faz essa brincadeira.

— Não quero que nós peguemos a loucura das Honradas Madres — disse Teg. — É contagiosa, você sabe.

— Tentaram controlar o impulso sexual — disse Odrade. — Isso sempre foge ao controle.

— Insensatez — ele concordou. Encostou-se à mesa, o queixo mal alcançando o tampo. — Alguma coisa arrastou essas mulheres de volta para cá. Duncan tem razão. Estão procurando alguma coisa e fugindo ao mesmo tempo.

— Você tem 90 dias Padrão para se aprontar — ela disse. — Nem mais um dia.

34

Ish yara al-ahdab hadbat-u (Um corcunda não vê sua própria corcova — Dito popular).Comentário Bene Gesserit: A corcova pode ser vista por meio de espelhos, mas os espelhos podem mostrar o ser total.

— O Bashar Teg

Era uma fraqueza na Bene Gesserit que — Odrade sabia — a Irmandade inteira teria de reconhecer muito breve. Não tinha nenhum consolo em tê-la visto em primeiro lugar. “Negar nosso recurso mais profundo quando mais precisamos dele!” As dispersões tinham ido além da habilidade dos humanos de reunir as experiências de forma viável. “Só podemos extrair o essencial, e isso é uma questão de discernimento.” Dados vitais permaneceriam dormentes em grandes e pequenos eventos, acumulações chamadas de instinto. Então era isso finalmente — tinham de recorrer à sabedoria tácita.

Nessa época, a palavra “refugiado” assumia o aspecto de seu significado pré-espacial. Pequenos grupos de Reverendas Madres enviados pela Irmandade tinham algo em comum com velhas cenas de deslocados errantes arrastando-se por estradas esquecidas, humildes pertences amarrados em pedaços de pano, carregados em decrépitos carrinhos de bebê e caminhões de brinquedo, ou empilhados em cima de veículos tortos, o resto da humanidade pendurado do lado de fora e compactada dentro, cada rosto inexpressivo de desengano ou rubro de desesperação.

“Então repetimos, repetimos e repetimos a história.”

Ao entrar na boca de um tubo pouco antes do almoço, Odrade pensava em suas Irmãs Dispersas: refugiadas políticas, refugiadas econômicas, refugiadas pré-combate.

“E esse o seu Caminho Dourado, Tirano?”

Visões de suas Dispersas assolaram Odrade ao entrar na Sala de Jantar Reservada da Central, um lugar onde só as Reverendas Madres podiam entrar. Serviam-se a si mesmas aqui, em estilo de restaurante automático.

Tinham-se passado 20 dias desde que liberara Teg para o aquartelamento. Os boatos voavam pela Central, especialmente entre as Instrutoras, embora não houvesse ainda nenhum sinal de outra votação. Novas decisões tinham de ser

anunciadas hoje e teriam de ser mais do que só nomear as pessoas que a acompanhariam ao Entroncamento.

Olhou em volta da sala de jantar, um lugar austero de paredes amarelas, teto baixo, pequenas mesas quadradas que podiam ser juntadas em fileiras para grupos maiores. Janelas de um lado revelavam um pátio ajardinado sob uma cobertura diáfana. Abricoteiros-anões com frutos verdes, gramado, bancos, pequenas mesas. As Irmãs comiam lá fora quando o sol banhava o pátio cercado. Hoje não havia sol.

Ignorou uma fila onde um lugar estava sendo aberto para ela. “Mais tarde, Irmãs.”

Na mesa de canto, reservada para ela, mudou as cadeiras de propósito. A cadeira-cão marrom de Bell pulsou ligeiramente com esse distúrbio desusado. Odrade sentou de costas para a sala, sabendo que isso seria interpretado corretamente: “Deixe-me com meus pensamentos.”

Enquanto esperava, olhou o pátio. Uma cerca de arbustos exóticos de folhas roxas estava com flores vermelhas — florescências enormes com delicados estames amarelo-escuros.

Bellonda chegou primeiro, caindo em sua cadeira-cão sem comentar sobre sua nova posição. Bell frequentemente parecia desalinhada, cinto solto, manto amarfanhado, pedacinhos de comida no busto. Hoje estava arrumada e limpa.

“Por que isso agora?”

Bellonda disse: — Tam e Sheeana vão se atrasar.

Odrade aceitou isso sem interromper seu estudo dessa Bellonda diferente. Estaria um pouco mais magra? Não havia maneira de isolar uma Madre Superiora completamente do que acontecia dentro dos limites de sua área sensória de preocupações, mas às vezes as pressões do trabalho a distraíam de pequenas mudanças. Essas eram o habitat natural de uma Reverenda Madre, porém, e a evidência negativa era tão elucidante quanto a positiva. Refletindo, Odrade percebeu que essa nova Bellonda já estava com elas há várias semanas.

Algo tinha acontecido com Bellonda. Qualquer Reverenda Madre podia exercer um controle razoável sobre o peso e a figura. Uma questão de química interna — abafar o fogo ou deixá-lo queimar alto. Por muitos anos, a rebelde Bellonda ostentara um corpo volumoso.

— Você perdeu peso — disse Odrade.

— A gordura estava me tornando muito lenta.

Isso nunca fora razão suficiente para Bell mudar seus hábitos. Tinha sempre compensado com velocidade mental, projeções e transporte mais rápido.

— Duncan atingiu você, não foi?

— Não sou hipócrita nem criminosa!

— Está na hora de mandar você para uma Fortaleza de punição, talvez. Essa espetadela humorística geralmente irritava Bellonda. Hoje, não a perturbou. Mas sob a pressão do olhar de Odrade, disse: — Se você quer mesmo saber, é Sheeana. Está atrás de mim para melhorar minha aparência e alargar meu círculo de relações. Irritante! Estou fazendo isso para ela calar a boca.

— Por que Tam e Sheeana estão atrasadas?

— Estão passando em revista sua última reunião com Duncan. Limitei severamente quem tem acesso a isso. Não há como prever o que acontecerá quando se tornar do conhecimento geral.

— Como acontecerá.

— Inevitável. Só posso comprar tempo para nos prepararmos.

— Não queria que fosse suprimido, Bell.

— Dar, o *que* você está fazendo?

— Vou anunciar isso numa Convocação. Sem palavras, mas Bellonda exprimiu surpresa.

— Uma Convocação é meu direito — disse Odrade.

Bellonda recostou-se na cadeira e olhou para Odrade, avaliando, questionando ... tudo sem palavras. A última Convocação da Bene Gesserit tinha sido na ocasião da morte do Tirano. E antes disso, quando o Tirano tomou o poder. Não se pensara que fosse possível haver uma Convocação desde que as Honradas Madres atacaram. Tempo demais roubado a tarefas desesperadas.

Eventualmente, Bellonda perguntou: — Você vai arriscar trazer as Irmãs de nossas Fortalezas que sobreviveram?

— Não. Dortujla as representará. Há precedentes, como você sabe.

— Primeiro, você libera Murbella; agora é uma Convocação.

— Liberar? Murbella está amarrada por cadeias de ouro. Onde ela iria sem seu Duncan?

— Mas você deu liberdade a Duncan de deixar a nave!

— E ele deixou?

— Você acha que aquela informação do arsenal da nave é só o que ele levará? — Bellonda disse.

— Sei que é.

— Isso me lembra Jessica virando as costas ao Mentat que ia matá-la.

— O Mentat estava imobilizado por suas próprias crenças.

— Às vezes o touro chifra o matador, Dar.

— Na maior parte das vezes, não.

— Nossa sobrevivência não deveria depender de estatística.

— Concordo. É por isso que vou fazer uma Convocação.

— Incluindo acólitas?

— Todo mundo.

— Até Murbella? Ela terá um voto de acólita?

— Acho que poderá ser uma Reverenda Madre até lá. Bellonda arquejou: — Você está indo depressa demais, Dar!

— A época requer isso.

Bellonda olhou para a porta da sala. — Lá está Tam. Mais tarde do que eu esperava. Será que consultaram Murbella?

Tamalane chegou, ofegante de tanta pressa. Sentou em sua cadeira-cão azul, notou a nova posição e disse: — Sheeana está chegando. Está mostrando registros a Murbella.

Bellonda se dirigiu a Tamalane — Ela vai mandar Murbella se submeter à Agonia e fazer uma Convocação.

— Isso não me espanta. — — Tamalane falou com sua velha precisão. — A posição daquela Honrada Madre tem de ser resolvida o mais cedo possível.

Sheeana juntou-se a elas, e usou a cadeira-linga à esquerda de Odrade, falando enquanto sentava. — Viram Murbella andar?

Odrade notou como essa pergunta abrupta, feita sem preâmbulos, fixou a atenção. "Murbella andando na nave." Observada naquela manhã mesmo. Uma beleza em Murbella que os olhos não podiam ignorar. Para outras Bene Gesserit, Reverendas Madres e acólitas igualmente, era algo exótico. Chegara amadurecida do perigoso Exterior. "Uma delas." Mas eram seus movimentos que atraíam o olhar. A homeostase nela que ia além das normas.

A pergunta de Sheeana reorientava a mente do observador. Algo sobre a passagem perfeitamente aceitável de Murbella requeria novo exame. O que era?

Os movimentos de Murbella eram sempre cuidadosamente escolhidos. Ela excluía qualquer coisa que não fosse necessária para ir daqui até lá. "Caminho de menor resistência?" Era uma visão de Murbella que abalou Odrade. Sheeana tinha visto isso, é claro. Era Murbella uma dessas pessoas que escolheria sempre a saída mais fácil? Odrade podia ver essa pergunta no rosto de suas companheiras.

— A Agonia esclarecerá tudo — disse Tamalane.

Odrade olhou em cheio para Sheeana. — Então? — Fizera a pergunta, afinal de contas.

— Talvez seja somente que ela não desperdiça energia. Mas concordo com Tam: a Agonia.

— Estaremos cometendo um grande erro? — Bellonda perguntou. Algo na maneira em que essa pergunta foi feita disse a Odrade que Bell havia feito um sumário Mentat. "Ela viu minha intenção!"

— Se você sabe uma solução melhor, fale agora — disse Odrade. "Ou

fique calada.”

O silêncio desceu sobre elas. Odrade olhou as companheiras, uma após outra, demorando mais em Bell.

“Ajudem-nos, quaisquer deuses que existem! E eu, sendo Bene Gesserit, sou agnóstica demais para fazer essa súplica com algo mais que uma esperança de cobrir todas as possibilidades. Não revele nada, Bell. Se você sabe o que vou fazer, sabe que só pode ser visto na hora certa.” Bellonda tirou Odrade de seu devaneio com uma tosse. — Vamos comer ou falar? As pessoas estão olhando.

— Devemos tentar novamente com Scytale? — Sheeana perguntou. “Seria uma tentativa para distrair minha atenção?”

Bellonda disse: — Não lhe dê nada! Ele está de reserva. Deixe-o esperar.

Odrade olhou Bellonda cuidadosamente. Estava fumegando com o silêncio que lhe tinha sido imposto pela decisão secreta de Odrade. Evitando encontrar os olhos de Sheeana. “Com ciúmes! Bell tem ciúmes de Sheeana!”

Tamalane disse: — Sou apenas uma conselheira, mas...

— Pare com isso, Tam! — Odrade disse bruscamente.

— Tam e eu estávamos discutindo aquele ghola — disse Bellonda. (Idaho era “aquele ghola” quando Bellonda tinha alguma coisa depreciativa a dizer.) — Por que ele achou que tinha de falar secretamente com Sheeana? — Um olhar duro para Sheeana.

Odrade viu suspeita compartilhada. “Ela não aceita a explicação. Será que rejeita o preconceito emocional de Duncan?”

Sheeana falou apressada. — A Madre Superiora explicou isso!

— Emoção — Bellonda escarneceu.

Odrade ergueu a voz e ficou surpresa com essa reação. — Suprimir emoções é uma fraqueza!

As sobrancelhas espessas de Tamalane levantaram.

Sheeana interrompeu: — Se não nos curvarmos, podemos quebrar.

Antes que Bellonda pudesse responder, Odrade disse: — O gelo pode ser quebrado ou derretido. As donzelas de gelo são vulneráveis a uma única forma de ataque.

— Estou com fome — disse Sheeana.

“Fazendo as pazes?” Não era um papel que se esperasse para o Camundongo.

Tamalane se levantou. — *Bouillabaisse.* Temos de comer peixe antes que nosso mar vá embora. Não há bastante armazenagem de nulentropia.

No mais suave simulfluxo, Odrade notou que as companheiras tinham ido para a fila pegar comida. As palavras acusadoras de Tamalane lembraram o segundo dia com Sheeana após a decisão de acabar com o Grande Mar. De pé

junto à janela de Sheeana de manhã cedo, Odrade observara uma ave marinha mover-se contra o pano de fundo do deserto. Voou para o norte, uma criatura completamente deslocada naquele lugar, mas linda de uma maneira profundamente nostálgica, exatamente por isso.

Asas brancas reluziam no sol matinal. Um toque preto abaixo e em frente dos olhos. Abruptamente, pairou, as asas imóveis, Então, levantando em uma corrente de ar, aconchegou as asas ao corpo como uma águia e mergulhou atrás dos prédios longínquos. Reaparecendo, carregava algo no bico, um petisco que engoliu voando.

Uma ave marinha sozinha e se adaptando.

"Nós nos adaptamos. Nós certamente nos adaptamos."

Não era um pensamento calmo. Nada que induzisse repouso. Pelo contrário, chocante. Odrade se sentira arrancada de um curso perigosamente à deriva. Não só a sua amada Sede da Irmandade, mas também seu universo humano inteiro estavam irrompendo de seus velhos formatos e tomando novos feitios. Talvez estivesse certo nesse novo universo que Sheeana continuasse a esconder coisas da Madre Superiora. "E ela está escondendo algo."

Mais uma vez, o tom ácido de Bellonda trouxe Odrade de volta à percepção do ambiente. — Se não vai se servir, vamos ter de tomar conta de você. — Bellonda colocou um prato fundo de ensopado de peixe aromático em frente de Odrade, com um pedaço grande de pão de alho ao lado.

Quando todas tinham provado a *bouillabaisse*, Bellonda largou a colher e olhou fixo para Odrade. — Não vai sugerir "amor ao próximo" ou coisa desse gênero, vai?

— Obrigada por ter trazido minha comida — disse Odrade.

Sheeana engoliu e deu um largo sorriso. — Está delicioso.

Bellonda continuou a comer. — Não está ruim. — Mas ouvira o comentário silencioso.

Tamalane comia calmamente, observando Sheeana e depois Bellonda e em seguida Odrade. Tam parecia concordar com a proposta de atenuação das restrições emocionais. Pelo menos não deu voz a objeções e as Irmãs mais velhas tinham mais probabilidades de objetar.

O amor que a Bene Gesserit tentava negar estava em toda parte, pensou Odrade. Em pequenas e grandes coisas. Quantas maneiras havia de preparar pratos deleitosos, alimentícios, receitas que eram realmente a encarnação de amores antigos e novos. Essa *bouillabaisse* tão suavemente restauradora em sua língua; sua origem tinha raízes no amor: a esposa em casa usando a parte da pesca do dia que o marido não pôde vender.

A própria essência da Bene Gesserit estava escondida no amor. Que outra

razão haveria para atender a essas necessidades silenciosas que a humanidade sempre tem? Por que trabalhar para a perfectibilidade da raça humana?

O prato vazio, Bellonda largou a colher e limpou os restos com o último pedaço de pão. Engoliu, com expressão pensativa. — O amor nos enfraquece — disse. Sua voz não tinha força.

Uma acólita não o diria de forma diferente. Exatamente como no Coda. Odrade achou divertido, mas disfarçou e retorquiu com um outro degrau do Coda. — Cuidado com o jargão. Geralmente oculta a ignorância e leva pouca sabedoria.

Uma precaução respeitosa surgiu nos olhos de Bellonda.

Sheeana se afastou da mesa e passou o guardanapo nos lábios. Tamalane fez o mesmo. Sua cadeira-cão se adaptou quando ela se recostou com os olhos brilhando divertidos.

"Tam sabe! A velha bruxa matreira conhece meu jeito. Mas Sheeana...- qual é o jogo de Sheeana? Diria quase que espera me distrair, manter minha atenção longe dela. É muito boa nisso, aprendeu no meu colo. Bem... duas pessoas podem jogar. Pressiono Bellonda, mas vigio minha criança abandonada de Duna."

— Que valor tem a respeitabilidade, Bell? — Odrade perguntou. Bellonda aceitou essa estocada em silêncio. Escondida no jargão Bene

Gesserit havia uma definição de respeitabilidade e todas sabiam isso.

— Deveríamos honrar a memória da Lady Jessica por sua humanidade?

— Odrade perguntou. "Sheeana está surpresa!"

— Jessica colocou a Irmandade em perigo! — "Bellonda acusa."

— Seja leal a suas Irmãs — murmurou Tamalane.

— Nossa definição antiga de respeitabilidade ajuda a nos manter humanas — disse Odrade. "Ouça com atenção, Sheeana."

Em uma voz que mal passava de um sussurro, Sheeana disse: — Se perdermos isso, perderemos tudo.

Odrade reprimiu um suspiro. "Então é isso!" Sheeana olhou-a nos olhos.

— Está nos instruindo, é claro.

— Pensamentos do crepúsculo — resmungou Bellonda. — É melhor evitá-los.

— Taraza nos chamou de "Bene Gesserit de hoje em dia" — disse Sheeana.

O estado de espírito de Odrade tornou-se auto-acusador.

"A maldição de nossa existência atual. Imaginações sinistras podem nos destruir."

Como era fácil evocar um futuro que as fitava dos olhos laranja vidrados

das Honradas Madres frenéticas. Temores de muitos passados agachavam-se dentro de Odrade, momentos sem respirar focalizados nas presas que acompanhavam esses olhos.

Odrade forçou a atenção de volta ao problema imediato. — Quem vai me acompanhar ao Entroncamento?

Sabiam da experiência angustiante de Bortujla e falava-se disso em toda a Sede da Irmandade.

"Quem for com a Madre Superiora pode muito bem virar comida dos Futares."

— Tam — disse Odrade. — Você e Dortujla. "E isso pode ser uma sentença de morte. O próximo passo é óbvio." — Sheeana — disse Odrade —, você vai Compartilhar com Tam. Dortujla e eu vamos Compartilhar com Bell. E eu também Compartilharei com *você* antes de ir.

Bellonda ficou horrorizada. — Madre Superiora! Não posso tomar o seu lugar.

Odrade continuou a prestar atenção a Sheeana. — Isso não está sendo sugerido. Só farei de você o repositório de minhas vidas. — Temor definido no rosto de Sheeana, mas não ousava recusar uma ordem direta. Odrade acenou a cabeça para Tamalane. — Compartilharei mais tarde. Você e Sheeana vão fazê-lo agora.

Tamalane inclinou-se para Sheeana. As restrições da idade avançada e morte iminente tornavam isso uma coisa bem-vinda para ela, mas Sheeana involuntariamente recuou.

— Agora! — Odrade disse. Sheeana inclinou a cabeça em direção à de Tamalane até que se encostaram. O clarão da troca foi elétrico e a sala inteira o sentiu. Toda conversa parou, todos os olhares convergiram para a mesa perto da janela.

Havia lágrimas nos olhos de Sheeana quando se afastou.

Tamalane sorriu e fez um gesto doce de carícia com as duas mãos nas faces de Sheeana. — Está tudo bem, querida. Temos todos esses temores e às vezes fazemos coisas tolas por causa deles. Mas estou contente de chamar você de Irmã.

"Diga-nos, Tam! Agora!"

Tamalane não quis fazer isso. Encarou Odrade e disse: — Temos de nos apegar a nossa humanidade a todo custo. Sua lição é bem recebida e você ensinou Sheeana muito bem.

— Quando Sheeana Compartilhar com você, Dar — começou Bellonda —, não poderia reduzir a influência que ela tem sobre Idaho?

— Não enfraquecerei uma possível Madre Superiora — disse Odrade. —

Obrigada, Tam. Acho que faremos nosso empreendimento arriscado ao Entroncamento sem excesso de bagagem. Agora! Quero um relatório hoje à noite sobre o progresso de Teg. Sua sanguessuga está longe dele há tempo demais.

— Ele vai saber que tem duas sanguessugas agora? — Sheeana perguntou. “Com tanta alegria!”

Odrade ficou de pé.

“Se Tam a aceita, então eu também. Tam nunca trairia nossa Irmandade. E Sheeana — de todas nós, Sheeana é a que mais revela as características naturais de nossas raízes humanas... Gostaria que nunca tivesse criado aquela estátua que chama de *O Vácuo!’*

35

A religião deve ser aceita como fonte de energia. Pode ser dirigida para nossos fins, mas somente dentro dos limites que a experiência revela. Aqui está o significado secreto de Livre-Arbítrio.

— Missionária Protectiva Ensino Primário

Uma cobertura de nuvens espessas localizara-se sobre a Central essa manhã, e a sala de trabalho de Odrade adquiriu um silêncio cinzento ao qual ela reagiu com uma quietude interior, como se não ousasse se mexer porque isso perturbaria forças perigosas.

“O dia de Agonia de Murbella’’, pensou.’ ‘Não devo pensar em presságios.”

A Meteorologia emitira um aviso peremptório sobre nuvens. Eram um “deslocamento acidental”. Medidas corretivas estavam sendo tomadas mas levariam tempo. Por enquanto, esperem ventos fortes e talvez haja precipitação.

Sheeana e Tamalane ficaram à janela olhando o tempo tão mal controlado. Os ombros das duas se encostavam.

Odrade as observava de sua cadeira atrás da mesa. As duas haviam se tornado como uma só pessoa desde que haviam Compartilhado ontem, um acontecimento não inesperado. Conheciam-se precedentes, embora não muitos. Trocas, ocorrendo na presença de essência de especiarias venenosas ou no verdadeiro momento da morte, em geral não permitiam contato vivo entre as participantes. Era interessante observar isso. As duas costas eram estranhamente semelhantes em sua rigidez.

A força de “extremis” que tornava possível Compartilhar causava mudanças extremas na personalidade e Odrade sabia isso tão bem que tinha tolerância. Fosse o que fosse que Sheeana escondia, Tam também escondia. “Alguma coisa ligada à humanidade básica de Sheeana.” E Tam era confiável. Até que outra Irmã Compartilhasse com uma delas, a decisão de

Tam teria de ser aceita. Não que as vigilantes deixassem de sondar e observar detalhes, mas não precisavam de uma nova crise agora.

— Hoje é o dia de Murbella — disse Odrade.

— As probabilidades são de que não sobreviverá — disse Bellonda,

encolhida em sua cadeira-cão. — O que acontece com nosso precioso plano então?

“Nosso plano!”

— “Extremis” — Odrade disse.

Nesse contexto, era uma palavra com vários significados. Bellonda interpretou como uma possibilidade de adquirir as memórias da pessoa de Murbella no momento de sua morte. — Então não podemos permitir que Idaho observe!

— Minha ordem continua — disse Odrade. — É a vontade de Murbella e dei minha palavra.

— Erro... erro... — resmungou Bellonda.

Odrade sabia a origem das dúvidas de Bellonda. Visível para todas elas: em algum lugar em Murbella jazia algo extremamente doloroso. Fazia com que ela se esquivasse de certas perguntas como um animal confrontado com um predador. Fosse o que fosse, era coisa profunda. Indução hipnótica poderia não explicar isso.

— Está certo! — Odrade falou alto para enfatizar que era para todas as suas ouvintes. — Não é a maneira que temos usado sempre. Mas não podemos tirar Duncan da nave, portanto, temos de ir a ele. Ele estará presente.

Bellonda ainda estava muito e realmente chocada. Nenhum homem, “com exceção do diabo do Kwisatz Haderach, o próprio, e seu filho, o Tirano”, tinha jamais conhecido os detalhes desse segredo Bene Gesserit. Ambos “esses monstros” tinham sentido a Agonia. Dois desastres! Não importa que a Agonia do Tirano tivesse penetrado uma célula de cada vez para transformá-lo em um verme da areia simbionte (não mais verme original, não mais humano original). E Muad’Dib! Ele desafiou a Agonia e vejam o que aconteceu!

Sheeana virou-se da janela e deu um passo em direção à mesa, causando em Odrade a sensação curiosa de que as duas mulheres tinham se tornado uma figura de Jano: costas contra costas, mas uma pessoa só.

— Bell está “confusa” com sua promessa — disse Sheeana. Que voz suave.

— Ele poderia ser o catalisador para salvar Murbella — disse Odrade. — Você tende a subestimar o poder do amor.

— Não! — Tamalane falou para a janela em frente. — Tememos seu poder.

— Pode ser! — Bell ainda estava desdenhosa, mas isso era natural nela. A expressão do rosto dizia que continuava implacavelmente obstinada.

— Arrogância — murmurou Sheeana.

— O quê? — Bellonda virou-se na cadeira-cão, fazendo-a ganir com

indignação.

— Partilhamos uma falha comum com Scytale — disse Sheeana.

— Hein? — Bellonda estava mordiscando o segredo de Sheeana.

— Achamos que fazemos a história — disse Sheeana. Voltou para junto de Tamalane, ambas olhando pela janela.

Bellonda voltou sua atenção para Odrade. — Entendeu isso?

Odrade a ignorou. Deixe a Mentat decifrar isso sozinha. O projetor sobre a mesa deu um clique e uma mensagem apareceu. Odrade a repetiu. “Ainda não estão prontos na nave.” Olhou as duas costas rígidas em frente da janela.

“História?”

Na sede da Irmandade, tinha havido muito pouco do que Odrade gostava de chamar “fazer história” antes das Honradas Madres. Somente a formatura constante de Reverendas Madres passando pela Agonia.

“Como um rio.”

Corria e ia a algum lugar. Você podia ficar na margem (como Odrade às vezes achava que faziam aqui) e podia observar a corrente. Um mapa poderia lhe dizer onde o rio ia, porém nenhum mapa poderia revelar coisas mais essenciais. Um mapa nunca poderia mostrar movimentos íntimos da carga do rio. Aonde tinham ido? Os mapas tinham valor limitado nessa época. Uma impressão ou projeção dos Arquivos; não era esse o mapa de que precisavam. Tinha de haver um melhor em algum lugar, um ligado a todas aquelas vidas. Você poderia carregar “esse” mapa em sua memória e tirá-lo de vez em quando para ver melhor.

“O que terá acontecido com a Reverenda Madre Perinte que mandamos lá fora no ano passado?”

O “mapa-na-mente” tomaria conta disso e criaria um “Cenário Perinte”. Era realmente você no rio, é claro, mas isso fazia pouca diferença. Ainda era o mapa de que precisavam.

“Não gostamos de estar presas na corrente de outra pessoa, de não saber o que poderá ser revelado na próxima curva do rio. Sempre preferimos sobrevoar, ainda que qualquer posição de comando tenha de continuar parte de outras correntes. Todos os fluxos contêm coisas imprevisíveis.”

Odrade ergueu os olhos e viu suas três companheiras observando-a. Tamalane e Sheeana tinham virado de costas para a janela.

— As Honradas Madres esqueceram que se agarrar a qualquer forma de conservantismo pode ser perigoso — disse Odrade. — Será que nós também esquecemos?

Continuaram de olhos grudados nela, mas ouviram. Torne-se muito conservadora e você fica despreparada para surpresas. Isso era o que

Muad'Dib tinha-lhes ensinado, e seu filho Tirano tornara a lição inesquecível para sempre.

A expressão sombria de Bellonda não mudou.

Nas profundezas da consciência de Odrade, Taraza murmurou: "Cuidado, Dar. Tive sorte. Rápida em tirar partido. Assim como você. Mas você não pode depender da sorte, e é isso que as incomoda. Nem sequer espere a sorte. Muito melhor é confiar em suas imagens de água. Deixe Bell dizer o que quiser."

— Bell — disse Odrade —, pensei que você aceitasse Duncan.

— Dentro de limites. — Definitivamente acusatória.

— Acho que devíamos ir para a nave — Sheeana falou com ênfase exigente. — Aqui não é lugar para esperar. Temos medo do que ela pode se tornar?

Tam e Sheeana viraram para a porta ao mesmo tempo como se o mesmo titereiro manipulasse seus cordões.

Odrade gostou da interrupção. A pergunta de Sheeana as alarmara. "O que poderia Murbella se tornar? Uma catalisadora, minhas Irmãs. Uma catalisadora."

O vento as sacudiu quando saíram da Central e excepcionalmente Odrade apreciou o transporte por tubo. Andar a pé podia esperar por temperaturas mais amenas sem essa minitempestade açoitando seus mantos.

Quando estavam sentadas em um carro particular, Bellonda, mais uma vez, recomeçou seu estribilho acusatório. — Tudo o que ele faz pode ser camuflagem.

Mais uma vez, Odrade expressou o aviso Bene Gesserit tão repetido de limitar sua dependência de Mentats. — A lógica é cega e muitas vezes só conhece seu próprio passado.

Tamalane intrometeu-se, dando apoio inesperado: — Você está ficando paranóica, Bell!

Sheeana falou mais suavemente. — Ouvi você dizer, Bell, que lógica é bom para jogar xadrez de pirâmide, mas muitas vezes vagarosa demais para as necessidades de sobrevivência.

Bellonda ficou sentada em silêncio carrancudo, somente o rumor sibilante de sua passagem pelo tubo se introduzindo no sossego.

"As feridas não devem ser levadas para a nave."

Odrade falou no mesmo tom que Sheeana: — Bell, querida Bell. Não temos tempo de considerar todas as ramificações de nossa situação. Não podemos mais dizer: "Se isso acontecer, então aquilo deve certamente suceder, e nesse caso devemos agir assim e assim e assim..."

Bellonda chegou a sorrir. — Oh, Céus! A mente comum é tão confusa. E não posso exigir o que precisamos e não podemos ter — tempo suficiente para

cada plano.

Era Bellonda-Mentat falando, dizendo-lhes que tinha uma falha de orgulho em sua mentalidade normal. Que lugar mal organizado, desarrumado era esse. “Imagine o que o Não-Mentat tem de suportar, impondo tão pouca ordem.” Estendeu a mão pelo corredor e bateu no ombro de Odrade.

— Está tudo bem, Dar. Vou me comportar.

O que uma pessoa de fora pensaria vendo essa troca? — pensou Odrade. Todas as quatro agindo em comum para o bem de uma Irmã.

“Para o bem da Agonia de Murbella, também.”

As pessoas só viam o lado de fora dessa máscara de Reverenda Madre que usavam.

“Quando precisamos (o que é a maior parte do tempo hoje em dia), funcionamos em níveis surpreendentes de competência. Nenhum orgulho, nisso; um simples fato. Mas deixe-nos relaxar e ouvimos tagarelices incoerentes interferindo, como acontece com as pessoas comuns. Conosco só tem maior volume. Vivemos nossa vida em pequenas congéries como todo mundo. Compartimentos da mente, compartimentos do corpo.”

Bellonda havia se composto, mãos entrelaçadas no colo. Sabia o que Odrade tinha planejado e ficaria quieta. Era uma confiança que ia além da Projeção Mentat, em algo mais basicamente humano. Projeção era um instrumento maravilhosamente adaptável, mas apenas um instrumento. No final, todos os instrumentos dependiam de quem os usasse. Odrade não sabia como demonstrar seu agradecimento sem reduzir a confiança.

“Tenho de andar em minha corda-bamba em silêncio.”

Sentiu o abismo abaixo dela, a imagem de pesadelo evocada por essas reflexões. A caçadora invisível com o machado estava mais perto. Odrade queria se virar e identificá-la, mas resistiu. “Não cometerei o erro do Muad’Dib!” A advertência presciente que sentira em Duna nas ruínas de Sietch Tabr não seria exorcizada até seu fim ou o fim da Irmandade. “Teria eu criado essa terrível ameaça pelos meus temores? Certamente que não!” Contudo, sentia que tinha encarado o Tempo naquela antiga cidadela Fremen como se todo o passado e o futuro estivessem congelados em um quadro que não podia ser mudado. “Tenho de me libertar de você completamente, Muad’Dib!”

A chegada à Plataforma de Aterrissagem a arrancou desse devaneio pavoroso.

Murbella aguardava em aposentos preparados pelas Instrutoras. No centro havia um pequeno anfiteatro cerca de sete metros ao longo da parede dos fundos. Bancos acolchoados seguiam-se em um arco ascendente, acomodando não mais que 20 observadoras. As Instrutoras a deixaram sem explicação no banco mais

baixo, em frente de uma mesa flutuando em suspensores. Correias estavam penduradas dos lados para confinar quem quer que estivesse nela.

“Eu.”

Uma série incrível de salas, pensou. Nunca tivera acesso a essa parte da nave. Sentia-se exposta aqui, muito mais do que sob o céu aberto. As salas menores que a tinham feito atravessar até chegar a esse anfiteatro eram obviamente destinadas a emergências médicas: equipamento de ressuscitação, odores sanitários, anti-sépticos.

Sua remoção para essa sala havia sido peremptória, nenhuma de suas perguntas respondida. As Instrutoras a haviam tirado de uma aula avançada de acólitas em exercícios prana-bindu. Disseram apenas: — Ordens da Madre Superiora.

A qualidade de suas Instrutoras guardiãs revelava muito. “Delicadas, mas firmes.” Estavam aqui para evitar a fuga e para garantir que fosse para onde era mandada. “Nada vou tentar fugir!”

Onde estava Duncan?

Odrade havia prometido que ele estaria com ela para a Agonia. Será que a ausência dele significava que essa não seria sua última prova? Ou o teriam escondido atrás de alguma parede secreta através da qual ele pudesse ver sem ser visto?

“Quero que ele esteja a meu lado!”

Não sabiam como governá-la? Claro que sim!

“Ameacem me privar desse homem. É só isso que é preciso para me segurar e me satisfazer. Satisfazer! Que palavra inútil. Completar-me. Isso é melhor. Sou menos quando estamos separados. Ele sabe disso, também, diabos.”

Murbella sorriu. “Como ele sabe? Porque se sente completo da mesma maneira.”

Como isso poderia ser amor? Não se sentiu enfraquecida pela força do desejo. Tanto a Bene Gesserit quanto as Honradas Madres diziam que o amor enfraquecia. Ela se sentia fortalecida por Duncan. Mesmo os pequenos cuidados dele eram fortalecedores. Quando lhe trazia uma xícara fumegante de stim-chá de manhã, era melhor vindo das mãos dele. “Talvez tenhamos uma coisa mais que amor.”

Odrade e suas companheiras entraram no anfiteatro, na bancada mais alta, e ficaram de pé um pouco, olhando a figura sentada abaixo delas. Murbella vestia o manto debruado de branco de uma acólita sênior. Os cotovelos se apoiavam nos joelhos, a atenção se concentrava na mesa.

“Ela sabe.”

— Onde está Duncan? — Odrade perguntou.

A essas palavras, Murbella se levantou e virou. A pergunta confirmou o que ela desconfiava.

— Vou indagar — disse Sheeana, e saiu.

Murbella esperou em silêncio, não desviando os olhos de Odrade.

“Tem de ser nossa”, pensou Odrade. Nunca a necessidade da Bene Gesserit havia sido maior. Que figura insignificante era Murbella lá embaixo, para levar tanto em sua pessoa. O rosto quase oval alargando-se nas têmporas revelava uma nova serenidade Bene Gesserit. Os olhos verdes espaçados, sobrancelhas arqueadas — nada de olhos semicerrados — nada de alaranjado. Boca pequena — nada de beicinho.

“Ela está pronta.”

Sheeana voltou com Duncan a seu lado.

Odrade lançou um olhar para ele. “Nervoso.” Então Sheeana tinha lhe dito. “Bom.” Isso era um ato de amizade. Talvez ele precisasse de amigos aqui.

— Você vai sentar e permanecer aqui, a não ser que o chame — disse Odrade. — Fique com ele, Sheeana.

Sem ser mandada, Tamalane ficou ao lado de Duncan, uma de cada lado. A um gesto leve de Sheeana, sentaram.

Bellonda junto dela, Odrade desceu até o nível de Murbella e foi até a mesa. Seringas orais do lado mais afastado estavam prontas para serem erguidas, mas continuavam vazias. Odrade fez um gesto para as seringas e acenou para Bellonda, que saiu por uma porta lateral à procura da Reverenda Madre Suk encarregada da essência de especiaria.

Afastando a mesa da parede dos fundos, Odrade começou a arrumar correias e ajustar almofadas. Movia-se metodicamente, verificando que tudo tivesse sido colocado na pequena prateleira debaixo da mesa. Proteção para evitar que a Agonizada mordesse a língua. Odrade apalpou-a para ver se era bem forte. Murbella tinha mandíbulas musculares.

Murbella observou Odrade trabalhando, calada, tentando não fazer nenhum ruído.

Bellonda voltou com a essência de especiaria e começou a encher as seringas. A essência venenosa tinha um odor pungente — canela amarga.

Atraindo a atenção de Odrade, Murbella disse: — Estou grata que você esteja supervisionando isso tudo.

— Ela está grata! — Bellonda zombou, sem levantar os olhos do que estava fazendo.

— Deixe isso comigo, Bell. — Odrade concentrou sua atenção em Murbella.

Bellonda não parou, mas algo reservado dominou seus movimentos.

Bellonda se eclipsando? Murbella sempre ficava atônita com a maneira das acólitas se apagarem quando entravam na presença da Madre Superiora. Presentes, mas não presentes. Murbella nunca tinha conseguido isso, mesmo quando saiu do noviciado e entrou no estado avançado. “Bellonda, também?”

Olhando fixo para Murbella, Odrade disse: — Sei as ressalvas que mantém em seu seio, os limites que impõe em seu compromisso conosco.

Tudo bem. Não discuto sobre isso porque, de modo geral, suas ressalvas não são muito diferentes das que nós todas temos. “Franqueza.”

— A diferença, se quiser saber, está no sentido de responsabilidade. Eu sou responsável por minha Irmandade... tudo dela que ainda sobrevive. É uma responsabilidade profunda, que às vezes olho com um olhar preconceituoso.

Bellonda fungou.

Odrade pareceu não notar enquanto continuava: — A Irmandade Bene Gesserit tem andado um pouco mal desde o Tirano. Nosso contato com as Honradas Madres não melhorou as coisas. As Honradas Madres têm o odor fétido da morte e da decadência, deslizando morro abaixo no grande silêncio.

— Por que me diz tudo isso agora? — Medo na voz de Murbella.

— Porque, de alguma maneira, o pior da decadência das Honradas Madres não atingiu você. Sua natureza espontânea, talvez. Embora isso tenha sido um pouco amortecido desde Gammu.

— Culpa sua!

— Só tiramos um pouco de sua impetuosidade, demos a você um equilíbrio melhor. Pode viver mais e com mais saúde por causa disso.

— Se sobreviver a isto! — Acenou com a cabeça para a mesa atrás dela.

— Equilíbrio, é o que quero que você se lembre, Murbella. Homeostase. Qualquer grupo que escolhe o suicídio quando tem outras opções faz isso por loucura. Homeostase desembestada.

Quando Murbella olhou para o chão, Bellonda disse: Esteja atenta ao que ela diz, sua tola. Ela está fazendo o máximo para ajudar você.

— Muito bem, Bell. Deixe isso por nossa conta.

Como Murbella continuasse fitando o chão, Odrade exigiu: — Agora é a Madre Superiora lhe dando uma ordem. Olhe para mim!

A cabeça de Murbella ergueu-se abruptamente e ela olhou dentro dos olhos de Odrade.

Era uma tática que Odrade usava raramente, mas com resultados excelentes. As acólitas podiam ser reduzidas à histeria com ela e então ensinadas como lidar com sua reação excessiva a emoções. Murbella parecia estar mais zangada do que medrosa. Excelente! Mas agora estava na hora de ter cuidado. — Você tem reclamado da marcha vagarosa de sua educação — disse Odrade. —

Isso foi feito considerando em primeiro lugar suas necessidades. Suas professoras principais foram todas escolhidas pela sua estabilidade, nenhuma delas impulsiva. Minhas instruções foram explícitas: “Não lhe dar habilidades demais, depressa demais. Não abrir as comportas dos poderes que podem ser mais do que ela é capaz de controlar.”

— Como você pode saber o que eu posso controlar? — Ainda zangada. Odrade simplesmente sorriu.

Como Odrade se manteve calada, Murbella pareceu perturbar-se. Será que tinha feito papel de boba na frente da Madre Superiora, Duncan e todas essas outras pessoas? Que humilhação!

Odrade lembrou a si mesma que não era bom tornar Murbella consciente demais de sua vulnerabilidade. Uma tática errada nesse momento. Não havia necessidade de provocá-la. Tinha um sentido aguçado do que era apropriado, acomodando-se às necessidades do momento. Isso era o que temiam que se originasse da motivação de sempre escolher o caminho mais fácil. “Que não seja assim.” Honestidade completa agora! O último instrumento da educação Bene Gesserit. A técnica clássica que ligava a acólita à professora.

— Estarei a seu lado durante sua Agonia. Se você falhar, eu lamentarei.

— Duncan? — Lágrimas nos olhos.

— Qualquer auxílio que ele puder dar será permitido.

Murbella olhou as filas de bancos e por um breve instante seu olhar cruzou com o de Idaho. Ele se ergueu um pouco, porém a mão de Tamalane em seu ombro o segurou.

“Elas podem matar a minha amada!” Idaho pensou. “Tenho de ficar sentado aqui e ver isso acontecer?” Mas Odrade tinha dito que ele teria permissão de ajudar. “Não há como parar isso agora. Tenho de confiar em Dar. Mas, deuses das profundezas! Ela não sabe a extensão da minha dor. Se... se...” Fechou os olhos.

— Bell. — A voz de Odrade dava uma sensação de abandono, o gume de uma faca em sua fragilidade.

Bellonda segurou o braço de Murbella e a ajudou a subir à mesa, que balançou um pouco, ajustando-se ao peso.

“Agora sim, é a corredeira”, pensou Murbella.

Teve uma sensação distante de correias sendo apertadas ao seu redor, de movimentação a seu lado.

— Esta é a rotina usual — disse Odrade.

“Rotina?” Murbella tinha detestado as rotinas de se tornar uma Bene Gesserit, todo aquele estudo, ouvindo e reagindo a Instrutoras. Tinha detestado especialmente a necessidade de refinar reações que acreditava serem adequadas,

mas não havia como se livrar daqueles olhares vigilantes.

“Adequadas! Que palavra perigosa.”

Esse reconhecimento era precisamente o que elas buscavam. Precisamente a alavanca de que sua acólita precisava.

“Se você o detestar, faça-o melhor ainda. Use sua aversão como guia; focalize exatamente o que lhe falta.”

O fato de que suas professoras compreendiam tão bem seu comportamento, que coisa maravilhosa! Ela queria essa habilidade. Oh, como a queria!

“Tenho de vencer nisso.”

Era uma coisa que qualquer Honrada Madre poderia invejar. Viu-se abruptamente com uma espécie de visão dupla: ao mesmo tempo Bene Gesserit e Honrada Madre. Uma percepção assustadora.

A mão de alguém tocou seu rosto, moveu sua cabeça e desapareceu.

“Responsabilidade. Estou prestes a aprender o que elas querem dizer com *um novo sentido da História.”*

A visão Bene Gesserit da História a fascinava. Como encaravam os passados múltiplos? Seria uma coisa imersa em um esquema maior? A tentação de se tornar uma delas tinha sido extrema.

“Este é o momento de aprender.”

Viu uma seringa oral se posicionar acima de sua boca. A mão de Bellonda a guiava.

— Levamos nosso gral em nossa cabeça — Odrade dissera. — Leve este gral com carinho se estiver em seu poder.

A seringa tocou seus lábios. Murbella fechou os olhos, mas sentiu dedos abrirem sua boca. Metal frio tocou seus dentes. A voz relembrada de Odrade estava com ela.

“Evite excessos. Corrija demais e sempre terá uma bagunça em suas mãos, a necessidade de fazer correções cada vez maiores. Oscilação. Os fanáticos são criadores fantásticos de oscilação.”

“Nosso gral. É linear porque cada Reverenda Madre tem a mesma determinação. Vamos perpetuar isso juntas.”

Um líquido amargo derramou-se em sua boca. Murbella engoliu convulsivamente. Nenhuma dor, exceto a sensação cáustica. Perguntou a si mesma se isso era tudo. Seu estômago estava agora apenas ligeiramente aquecido.

Lentamente, tão lentamente que levou vários batimentos do coração para percebê-lo, o calor fluiu para fora. Quando chegou às pontas dos dedos, sentiu o corpo convulsionar. As costas se arquearam acima da mesa acolchoada. Algo

macio, mas firme, tomou o lugar da seringa em sua boca.

Vozes. Ouviu-as, e sabia que as pessoas falavam, mas não podia distinguir as palavras.

Ao se concentrar nas vozes, teve consciência de que havia perdido o contato com seu corpo. Em algum lugar, a carne se contorcia e havia dor, mas ela estava longe.

Mão tocou mão e segurou-a firme. Reconheceu o toque de Duncan e de repente lá estava seu corpo e a agonia. Os pulmões doíam quando exalava. Não quando inalava. Aí pareciam flácidos e nunca cheios o bastante. A sensação de presença em carne viva tornou-se um fio fino que se enrolava em muitas presenças. Sentiu os outros ao seu redor, gente demais para o pequeno anfiteatro.

Outro ser humano flutuou em sua visão. Murbella sentiu que estava num veículo de vaivém... no espaço. O veículo era primitivo. Controles manuais demais. Luzes piscando demais. Uma mulher nos controles, pequena e desarrumada com o suor de seu trabalho. Tinha cabelos castanhos longos, presos em um coque do qual fios mais claros escapavam e contornavam o rosto magro. Usava uma roupa só, um vestido curto de brilhantes vermelhos, azuis e verdes.

“Maquinaria.”

Havia a percepção da maquinaria monstruosa logo além desse espaço imediato. O vestido da mulher contrastava severamente com a sensação insípida e pesada de maquinaria. Falou, mas seus lábios não se moveram. — Ouça, você aí! Quando chegar a hora de você tomar conta desses controles, não vire uma destruidora. Estou aqui para ajudar você a evitar as destruidoras. Sabe disso?

Murbella tentou falar, porém não tinha voz.

— Não se esforce tanto, moça! — a mulher disse. — Estou escutando você.

Murbella tentou desviar a atenção da mulher.

“Que lugar é este?”

Um operador, um armazém gigantesco... fábrica... tudo automático... teias de linhas de realimentação centralizadas nesse espaço minúsculo com seus controles complexos.

Pensando murmurar, Murbella perguntou: — Quem é você? — E ouviu sua própria voz rugindo. Agonia em seus ouvidos!

— Não tão alto assim! Sou sua guia mohalata, aquela que mantém você afastada das destruidoras.

“Dur que me proteja!” — Murbella pensou. — ”Isto não é um *lugar;* isto sou eu!”

Ao pensar isso, a sala de controle desapareceu. Era uma migrante no vácuo, condenada a nunca ter sossego, nunca encontrar um momento de refúgio.

Tudo, exceto seus pensamentos efêmeros, tornou-se imaterial. Não tinha substância, somente uma fina aderência que reconhecia como consciência.

"Construí a mim mesma da neblina."

A Outra Memória veio, partes e pedaços de experiências que sabia que não eram suas. Rostos malévolos a olhavam e exigiam sua atenção, mas a mulher nos controles do veículo de vaivém a puxou para longe. Murbella percebeu necessidades, porém não podia colocá-las em forma coerente.

— Essas são vidas em seu passado. — Era a mulher nos controles, mas sua voz tinha uma qualidade desincorporada e vinha de algum lugar desconhecido.

— Somos descendentes de pessoas que fizeram coisas sórdidas — disse a mulher. — Não gostamos de admitir que houve bárbaros entre nossos antepassados. Uma Reverenda Madre tem de admitir isso. Não temos escolha.

Murbella tinha pegado o jeito de só pensar suas perguntas. "Por que eu preciso..."

— Os vitoriosos procriaram. Somos suas descendentes. A vitória muitas vezes foi conquistada a um elevado preço moral. Barbarismo não é nem a palavra adequada para algumas das coisas que nossos antepassados fizeram.

Murbella sentiu a mão familiar no seu rosto. "Duncan!" O toque renovou a agonia. "Oh, Duncan! Você está me machucando."

Através da dor, sentiu vazios nas vidas que lhe estavam sendo reveladas. Coisas retidas.

— Só o que você é capaz de aceitar agora — disse a voz desincorporada. — O resto vem depois quando estiver mais forte... se sobreviver.

"Filtro seletivo." Palavras de Odrade. "A necessidade abre as portas."

Lamúrias persistentes vinham de outras presenças. Lamentações: "Viu? Viu o que acontece quando você ignora o bom senso?"

A agonia aumentou. Não conseguia escapar. Todos os nervos estavam em chamas. Queria chorar, gritar ameaças, implorar ajuda. Um turbilhão de emoções acompanhava a agonia, mas ela as ignorou. Tudo acontecia em um delgado fio de existência. O fio poderia arrebentar!

"Estou morrendo."

O fio estava se esticando. Ia arrebentar! Não adiantava resistir. Os músculos não iam obedecer. Provavelmente não tinha mais nenhum músculo. Nem os queria mais. Eram dor. Era um inferno e nunca mais acabaria... nem mesmo se o fio arrebentasse. As chamas ardiam ao longo do fio, lambendo sua percepção.

Mãos sacudiram seus ombros. "Duncan... não faça isso." Cada movimento era uma dor além de tudo que imaginara. Isso merecia ser chamado de Agonia.

O fio não mais se esticava. Estava se retraindo, se comprimindo. Ficou uma coisa pequenina, uma salsicha de dor tão extrema que nada mais existia. A sensação de “ser” tornou-se vaga, translúcida... transparente.

— Está vendo? — A voz da guia mohalata veio de muito longe. “Vejo coisas.”

Não exatamente ver. Uma percepção distante de outros. Outras salsichas. A Outra Memória envolvida nas peles de vidas perdidas. Estendiam-se atrás dela em uma cauda cujo comprimento não podia determinar. Neblina translúcida. Rompia-se de vez em quando, e ela podia vislumbrar eventos. Não... não eventos propriamente ditos. Memória.

— Compartilhe a testemunha — disse a guia. — Está vendo o que nossos antepassados fizeram. Eles degradam a pior maldição que você pode inventar. Não invente desculpas sobre as necessidades da época! Lembre-se só disso: não há inocentes!

“Feio! Feio!”

Não podia se agarrar a coisa alguma. Tudo se tornava reflexos e neblina rasgada. Em algum lugar havia uma glória que certamente poderia atingir.

“Ausência dessa Agonia.”

Era isso. Como seria glorioso!

Lábios tocaram sua testa, sua boca. “Duncan!” Estendeu os braços. “Minhas mãos estão livres.” Os dedos se enfiaram em cabelos relembrados. “Isto é real!”

A Agonia recuou. Só então compreendeu que tinha atravessado uma dor tão terrível que não havia palavras para descrevê-la. Agonia? Queimara a psique e a remodelara. Uma pessoa havia afundado e outra emergia.

“Duncan!” Abriu os olhos e lá estava o rosto dele diretamente acima. “Ainda o amo? Ele está aqui. É uma âncora à qual me agarrei nos piores momentos. Mas será que o amo? Ainda estou equilibrada?”

Nenhuma resposta.

Odrade falou de algum lugar fora de vista. — Tirem essas roupas dela. Toalhas. Está encharcada. E tragam um manto apropriado!

Ouviu sons de movimentação, depois mais uma vez Odrade: — Murbella, você fez isso da maneira mais difícil, estou contente de ver.

Que exaltação em sua voz. Por que estava tão contente?

“Onde está o sentido de responsabilidade? Onde está o gral que devo sentir em minha cabeça? Responda-me, alguém!”

Mas a mulher nos controles do veículo de vaivém tinha sumido.

“Só resto eu. E recordo atrocidades que poderiam intimidar uma Honrada Madre.” Vislumbrou o gral então, e não era uma “coisa”, e sim uma pergunta:

como pôr as balanças em equilíbrio?

36

Nosso deus do lar é isso que transmitimos de geração a geração: nossa mensagem para a humanidade se ela amadurecer. A coisa mais próxima que temos de uma deusa do lar é uma Reverenda Madre fracassada — Chenoeh ali, em seu nicho.

— Darwi Odrade

Idaho pensava em suas habilidades Mentat como um refúgio agora. Murbella ficava com ele sempre que os deveres de ambos permitiam — ele com o desenvolvimento de suas armas e ela recobrando forças enquanto se adaptava a sua nova posição.

Não mentiu para ele. Não tentou lhe dizer que não sentia algo diferente entre eles. Mas ele sentia o afastamento dela, elástico sendo esticado até o limite.

— Minhas Irmãs foram ensinadas a não divulgar os segredos do coração. Aí está o perigo que percebem no amor. Intimidades perigosas. As sensibilidades mais profundas embotadas. Não dê a alguém um bastão com o qual possa lhe bater.

Pensava que suas palavras fossem tranquilizantes para ele, mas ele ouvia a discussão interior. “Seja livre! Corte os laços que a peiam.”

Ele a via muitas vezes nesses dias nos espasmos de Outra Memória. Palavras lhe escapavam no meio da noite.

— Dependências... alma de grupo... cruzamento de percepção viva... Oradoras Peixes...

Ela não hesitava em compartilhar parte disso. — O cruzamento? Qualquer um pode sentir pontos de nexo nas interrupções naturais da vida. Morte, diversões, pausas acidentais entre eventos poderosos, nascimentos...

— O nascimento como interrupção?

Estavam na cama dele, até o crono escurecido... mas isso não os escondia dos televigias, é claro. Outras energias alimentavam a curiosidade da Irmandade.

— Nunca pensou no nascimento como uma interrupção? Uma Reverenda Madre acha isso divertido.

“Divertido! Afastando-se... afastando-se...”

Oradoras Peixes, essa era a revelação que as Bene Gesserit absorveram

com fascinação. Tinham tido suspeitas, mas Murbella lhes deu a confirmação. A democracia das Oradoras Peixes havia se tornado a autocracia das Honradas Madres. Nada de dúvidas.

— A tirania da minoria disfarçada na máscara da maioria — dizia Odrade, exultante. — Queda da democracia. Ou derrubada por seus próprios excessos, ou corroída pela burocracia.

Idaho podia ouvir o Tirano nesse pronunciamento. Se é que a história tinha padrões repetitivos, aqui estava um. Um rufo de tambor de repetição. Primeiro, uma lei de Serviço Público mascarada na mentira de que era a única maneira de corrigir os excessos demagógicos e o empreguismo. Depois, o acúmulo de poder em lugares que os eleitores não podiam tocar. E finalmente, a aristocracia.

— As Bene Gesserit podem ser as únicas a criarem o júri todo-poderoso — disse Murbella. — Os júris não são populares com os legalistas. Júris opõem-se à lei. Podem ignorar os juizes.

Riu na escuridão. — Evidência! O que é evidência exceto o que lhe é permitido perceber? É isso que a Lei tenta controlar: realidade cuidadosamente manipulada.

Palavras para distraí-lo, palavras para demonstrar seus novos poderes Bene Gesserit. As palavras dela não fizeram o menor efeito.

“Ela fala assim de memória.”

Viu que isso incomodava Odrade quase tanto quanto o consternava. Murbella não notava nenhuma dessas reações.

Odrade tentara tranquilizá-lo. — Todas as novas Reverendas Madres passam por um período de adaptação. Maníaco às vezes. Pense no solo novo sob seus pés, Duncan!

“Como posso deixar de pensar nisso?”

— Primeira lei da burocracia — Murbella falou para a escuridão. “Você não distrai minha atenção, amor.”

— Cresça até os limites da energia disponível. — Sua voz estava realmente maníaca. — Use a mentira de que os impostos resolvem todos os problemas. — Virou-se para ele na cama, mas não por amor. — As Honradas Madres fizeram esse jogo todo! Até um sistema de previdência social para acalmar as massas, mas tudo ia para seu próprio banco de energia.

— Murbella!

— O quê? — Surpresa com o tom duro da voz dele. “Ele não sabia que estava falando com uma Reverenda Madre?”

— Eu sei tudo isso, Murbella. Qualquer Mentat sabe.

— Está querendo que eu cale a boca? — Zangada.

— Nossa tarefa é pensar como nosso inimigo — ele disse. — Temos um inimigo em comum, não é?

— Está zombando de mim, Duncan.

— Seus olhos são alaranjados?

— A melange não permite isso e você sabe... Oh.

— As Bene Gesserit precisam da sua sabedoria, mas você tem de *cultivá-la).* — Ele acendeu um globo luminoso e viu sua cólera. Não inesperada e não realmente Bene Gesserit.

"Híbrida."

A palavra saltou em sua mente. Era vigor híbrido? A Irmandade esperaria isso de Murbella? As Bene Gesserit surpreendiam você às vezes. Encontrava-as frente a frente em estranhos corredores, olhos fixos, rostos mascarados daquele jeito delas e, por trás das máscaras, reações desusadas fermentando. Era aí que Teg aprendera a fazer o inesperado. Mas isso? Idaho pensou que poderia vir a ter aversão a essa nova Murbella.

Ela viu isso nele, naturalmente. Continuava aberto para ela como para mais ninguém.

— Não me odeie, Duncan. — Não suplicando, mas algo muito magoado atrás das palavras.

— Nunca odiarei você. — Mas apagou a luz.

Aconchegou-se a ele quase da mesma maneira que antes da Agonia. "Quase." A diferença o dilacerou.

— As Honradas Madres vêem as Bene Gesserit como competidoras no poder — disse Murbella. — Não é só porque os homens que seguem minhas ex-Irmãs são fanáticos, é que se tornam incapazes de uma autodeterminação por causa de seu vício.

— É assim que *nós* somos?

— Ora, Duncan.

— Quer dizer que posso comprar essa mercadoria em qualquer loja?

Ela optou por presumir que ele estivesse falando dos temores das Honradas Madres. — Muitas os abandonariam se pudessem. — Virando-se para ele impetuosamente, exigiu uma reação sexual. Seu abandono o chocou. Como se fosse talvez a última vez que ela poderia sentir tal êxtase.

Depois, ele sentiu-se exausto.

— Espero que esteja grávida outra vez — ela murmurou. — Ainda precisamos de nossos bebês.

"Precisamos. A necessidade das Bene Gesserit. Não mais *elas precisam/'*

Dormiu e sonhou que estava no arsenal da nave. Era um sonho com

toques de realidade. A nave continuava a ser uma fábrica de armas como realmente havia se tornado. Odrade estava falando com ele no arsenal do sonho. — Tomo decisões por necessidade, Duncan. É muito pouco provável que você fuja e seja possuído de fúria assassina.

— Sou Mentat demais para isso! — Como soava cheia de auto-importância a sua voz de sonho! “Estou sonhando e sei que estou sonhando. Por que estou no arsenal com Odrade?

Uma lista de armas desenrolou-se diante de seus olhos.

Atômicas. (Viu grandes aparelhos explosivos e poeira atômica.)

Artilharia-laser. (Não havia como contar os diversos modelos.)

Bacteriológicas.

A lista foi interrompida pela voz de Odrade. — Podemos presumir que os contrabandistas se concentram como sempre em coisas pequenas que vendem a um bom preço.

— Pedrassuaves, é claro. — Ainda cheio de importância. “Não sou assim!”

— Armas assassinas — ela disse. — Planos e especificações para novos dispositivos.

— O roubo de segredos profissionais é um item importante para contrabandistas. “Estou insuportável!”

— Há sempre remédios e as doenças que necessitam deles — ela disse. “Onde ela está? Posso ouvi-la, mas não a vejo.” — As Honradas Madres sabem que nosso universo abriga vilãos que não hesitariam em semear o problema antes de fornecer a solução? — ”Vilãos? Nunca uso essa palavra.”

— Tudo é relativo, Duncan. Queimaram Lâmpadas e mataram brutalmente quatro milhões de nossos melhores membros.

Acordou e sentou na cama. “Especificações para novos dispositivos!” Ali estava, em detalhes delicados, o modo de miniaturar geradores Holzmann. Dois centímetros, nada mais. E muito mais barato! “Como fora isso contrabandeado em minha mente?”

Levantou-se com cuidado, sem acordar Murbella, e procurou um manto. Ouviu-a fungar ao se dirigir à sala de trabalho.

Sentado à mesa de comando, copiou o desenho da sua mente e estudou-o. Perfeito! Englobamento com certeza. Transmitiu para os Arquivos com um sinal para a atenção de Odrade e Bellonda.

Com um suspiro, recostou-se e examinou o desenho mais uma vez. Ele sumiu, voltando à lista do sonho. “Estou sonhando ainda? Não!” Estava sentindo a cadeira, podia tocar a mesa, ouvir o zumbido do campo indutor. “Os sonhos fazem isso.”

A lista produziu armas cortantes e perfuradoras, incluindo algumas destinadas a introduzir venenos ou bactérias em carne inimiga.

Projéteis.

Perguntou a si mesmo como poderia parar a lista e estudar os detalhes.

“Está tudo em sua mente!”

Humanos e outros animais procriados para ataque rolaram à frente de seus olhos, escondendo a mesa de comando e sua projeção. “Futares? Como é que os Futares entraram lá? O que sei sobre os Futares?”

Disruptores substituíram os animais. Armas para embotar a atividade mental ou interferir com a própria vida. “Disruptores? Nunca ouvira esse nome antes.”

Os disruptores deram lugar a “buscadores” gravidade-zero destinados a procurar alvos específicos. “Esses eu conheço.”

Depois, explosivos, incluindo os que espalham venenos e armas bacteriológicas.

Simuladores, para projetar alvos falsos. Teg os usara.

Energizantes vieram depois. Tinha um arsenal particular deles: maneiras, de aumentar a capacidade de suas tropas.

Abruptamente, a rede trêmula de sua visão substituiu a lista de armas que se desenrolava, e ele viu o casal idoso no jardim. Olharam-no ferozmente. A voz do homem tornou-se audível. — Pare de nos espionar!

Idaho agarrou os braços da cadeira e inclinou-se à frente, mas a visão desapareceu antes que pudesse estudar os detalhes.

“Espionando?”

Sentiu um resíduo da lista na mente, não mais visível, mas uma voz contemplativa... masculina.

— As defesas muitas vezes têm de assumir as características das armas de ataque. Algumas vezes, porém, sistemas simples podem desviar as armas mais devastadoras.

“Sistemas simples!” Riu alto. — Miles! Diabos, onde está você, Teg? Estou com suas naves de ataque disfarçadas! Iscas infladas! Vazias exceto por uma miniatura de um gerador Holzmann e uma arma-laser. — Acrescentou isso a suas transmissões para os Arquivos.

Quando terminou, perguntou mais uma vez a si mesmo sobre as visões. “Influenciando meus sonhos? Que ligação foi essa que eu fiz?”

Todos os minutos livres que tinha desde que se tornara o Mestre de Armas de Teg, ligava para os registros dos Arquivos. Tinha que haver algum indício naquela acumulação maciça!

Ressonâncias e a teoria taquiana prenderam sua atenção por algum tempo.

A teoria taquiana figurava no desenho original de Holzmann. “Tecs” é como Holzmann tinha chamado sua fonte de energia.

Um “sistema de ondas” que ignorava os limites da velocidade da luz. A velocidade da luz obviamente não limitava naves da dobra do espaço. Tecs?

— Funciona porque funciona — Idaho resmungou. — Fé. Como qualquer outra religião.

Os Mentats enfurnavam grande quantidade de dados aparentemente insignificantes. Tinha um depósito marcado “Tecs” e começou a repassá-lo, sem resultado satisfatório.

Nem mesmo os Navegadores da Corporação professavam saber como guiavam naves da dobra do espaço. Os cientistas Ixianos faziam máquinas para duplicar as habilidades do Navegador, porém não podiam definir o que faziam.

— As fórmulas de Holzmann são confiáveis.

Ninguém declarava entender Holzmann. Apenas usavam suas fórmulas porque funcionavam. Era o “éter” das viagens espaciais. Você *dobrava* o espaço. Um instante estava aqui e no próximo instante estava a inúmeros parsecs de distância.

“Alguém *lá fora* descobriu outra maneira de usar as teorias de Holzmann!” Foi uma completa Projeção Mentat. Sabia sua precisão pelas novas perguntas que produziu.

As divagações da Outra Memória de Murbella o assediavam, embora reconhecesse nelas ensinamentos básicos Bene Gesserit.

“O poder atrai os corruptíveis. O poder absoluto atrai os absolutamente corruptíveis. Esse é o perigo da burocracia entrincheirada para a população sujeita. Mesmo o empreguismo é preferível porque os níveis de tolerância são mais baixos, e os corruptos podem ser jogados fora periodicamente. A burocracia entrincheirada raramente pode ser tocada, exceto pela violência. Cuidado quando o Serviço Público e os Militares dão-se as mãos!”

A conquista das Honradas Madres.

Poder por amor ao poder... uma aristocracia produzida por uma linhagem desequilibrada.

Quem eram aquelas pessoas que vira? Fortes o bastante para eliminar Honradas Madres. Sabia que era um dado de Projeção.

Idaho achou essa percepção profundamente perturbadora. Honradas Madres fugitivas! Bárbaras, porém ignorantes, como todos os invasores mesmo antes dos Vândalos. Movidas por ganância impulsiva, assim como por qualquer outra força. “Tomem o ouro romano!” Filtravam todas as distrações da consciência. Era uma ignorância estupeficadora que só vacilava quando uma civilização mais sofisticada se insinuava em...

Abruptamente, viu o que Odrade estava fazendo.

“Deuses das profundezas! Que plano frágil!”

Pressionou as palmas das mãos contra os olhos e forçou-se a não gritar de angústia. “Deixe-as pensarem que estou cansado.” Mas por ter visto o plano de Odrade, viu também que ia perder Murbella... de uma maneira ou de outra.

37

Quanto se pode confiar nas bruxas? Nunca! O lado escuro do universo mágico pertence às Bene Gesserit e devemos rejeitá-las.

— Tylwyth Wajf, Mestre dos Mestres

A grande Sala Social da não-nave, com suas arquibancadas e a plataforma elevada em uma extremidade, estava cheia de Irmãs Bene Gesserit, um número que nunca antes havia comparecido a uma assembléia. A Sede da Irmandade quase parará essa tarde porque poucas queriam mandar substitutos por procuração, e decisões importantes não podiam ser delegadas ao quadro de subalternas. Reverendas Madres de mantos negros dominavam a reunião em seus agrupamentos isolados próximo ao palco, mas a sala era um remoinho de acólitas em seus mantos debruados de branco e havia até as que haviam se registrado recentemente. Bandos de mantos brancos assinalando as acólitas mais jovens estavam espalhados em pequenos grupos unidos para apoio mútuo. Todas as outras haviam sido excluídas pelas Instrutoras de Convocação.

O ar estava pesado com hálitos perfumados de melange e tinha aquela característica úmida e reusada que o ar adquire quando a maquinaria de refrigeração está sobrecarregada. Odores do almoço recente, forte em alho, flutuavam na atmosfera como um intruso não-convidado. Isso e as estórias que se espalhavam pela sala aumentavam a tensão.

A maioria prestava atenção à plataforma elevada e à porta lateral por onde a Madre Superiora deveria entrar. Mesmo enquanto conversavam com as companheiras ou passeavam pela sala, ficavam olhando o lugar onde sabiam que alguém iria entrar em breve e criar modificações profundas em suas vidas. A Madre Superiora não as chamaria todas à grande Sala Social prometendo notícias importantes se não houvesse algo que podia abalar os alicerces das Bene Gesserit.

Bellonda precedeu Odrade na sala, subindo à plataforma com aquele bamboleio beligerante que a identificava mesmo à distância. Odrade veio cinco passos atrás de Bellonda. Depois vinham conselheiras sênior e assistentes. Entre elas, Murbella de manto negro (ainda aturdida pela Agonia de apenas duas semanas atrás). Dortujla mancava logo atrás de Murbella com Tam e Sheeana ao

lado. No final dessa procissão vinha Streggi carregando Teg nos ombros. Houve murmúrios excitados quando ele apareceu. Machos raramente participavam de assembléias, mas todo mundo na Sede da Irmandade sabia que esse era o ghola de seu Mentat Bashar, vivendo agora no quartel com o que restava dos militares Bene Gesserit.

Vendo as filas maciças da Irmandade, Odrade teve uma sensação de vazio. Algum patriarca tinha dito tudo, ela pensou. "Qualquer idiota sabe que um cavalo pode correr mais rápido que outro." Muitas vezes, em reuniões menores aqui nessa imitação de um estádio, fora tentada a citar esse conselho; mas sabia que o ritual tinha também melhores objetivos.

"Aqui estamos reunidas. Nossa espécie."

A Madre Superiora e suas acompanhantes moveram-se como um feixe estranho de energia através da multidão até a plataforma, sua posição de eminência na borda da arena.

A Madre Superiora nunca era sujeita às escaramuças das massas de assembléias. Nunca recebia cotoveladas nas costelas ou pisadelas de vizinhos. Nunca era forçada a se mover como as outras em uma espécie de movimento de lesma composto de corpos comprimidos em uma proximidade indesejada.

"Assim chegou César. Polegares para baixo para todo o espetáculo!" Falou para Bellonda: — Vamos começar.

Mais tarde, iria se perguntar por que não havia designado alguém para se apresentar nesse ritual e pronunciar palavras portentosas. Bellonda amaria a posição proeminente e, por isso, nunca deveria tê-la. Mas talvez houvesse alguma Irmã de nível mais baixo que ficaria encabulada pela elevação e obedeceria somente por lealdade, por aquela necessidade básica de fazer o que a Madre Superiora ordenasse.

"Deuses! Se há algum de vocês por aqui, por que permite que sejamos esses carneirinhos?"

Ali estavam, Bellonda preparando-as para ela. "Os batalhões das Bene Gesserit." Não eram realmente batalhões, mas Odrade muitas vezes imaginava as Irmãs enfileiradas, catalogando-as por função. "Aquela ali é chefe de esquerda. Aquela outra é capitão-general. Essa aqui é um simples sargento e aqui está uma mensageira."

As Irmãs ficariam insultadas se soubessem dessa sua esquisitice. Ela a mantinha bem escondida atrás de uma atitude de "distribuição comum de tarefas". Você podia designar tenentes sem chamá-los de tenentes. Taraza fizera o mesmo.

Bell estava lhes dizendo agora que a Irmandade talvez tivesse que fazer uma nova adaptação a seu prisioneiro Tleilaxu. Palavras amargas para Bell: —

Passamos pelo cadinho, Tleilaxu e Bene Gesserit, e saímos mudados. De certa maneira, mudamos uns aos outros.

"Sim, somos como rochas friccionadas umas contra as outras por tanto tempo que cada uma adota parte da forma conformista exigida pela outra. Mas a rocha original ainda está lá no âmago!"

A audiência estava começando a ficar inquieta. Sabiam que isso era preliminar, apesar da mensagem oculta nessas insinuações sobre Tleilaxu. Preliminar e de importância relativa. Odrade aproximou-se de Bellonda, fazendo sinal para que fosse breve.

— Aqui está a Madre Superiora.

"Como é difícil extinguir velhos padrões. Será que Bell acha que não me reconhecem?"

Odrade falou em tons imperiosos, quase na Voz.

— Foram praticados atos que requerem que me encontre no Entroncamento com a liderança das Honradas Madres, um encontro do qual posso não sair viva. *Provavelmente* não sobreviverei. Esse encontro será parcialmente para distrair a atenção. Estamos prestes a puni-las.

Odrade esperou que os comentários cessassem, ouvindo tanto anuência quanto dissidência nos murmúrios. Interessante. Aquelas que concordavam estavam mais perto do palco e mais longe, entre as novas acólitas. Dissidência de acólitas mais avançadas? Sim. Conheciam o aviso: "Não ousamos alimentar aquele fogo."

Modulou a voz, deixando que os transmissores remotos a levassem àquelas nas arquibancadas mais altas. — Antes de ir, Compartilharei com mais de uma Irmã. Os dias de hoje requerem essa precaução.

— Seu plano? — O que vai fazer? — Perguntas surgiam de toda parte em voz alta.

— Simularemos um ataque a Gammu. Isso deve levar as Honradas Madres ao Entroncamento. Aí tomaremos o Entroncamento e, espero, capturaremos a Rainha Aranha.

— O ataque será enquanto estiver lá? — Essa pergunta veio de Garimi, uma Instrutora de aspecto sério, diretamente abaixo de Odrade.

— É esse o plano. Estarei transmitindo minhas observações aos atacantes. — Odrade gesticulou para Teg nos ombros de Streggi. — O Bashar comandará pessoalmente o ataque.

— Quem irá com você? — Sim. Quem você vai levar? — Não havia como não perceber a ansiedade nessas vozes. Então, a notícia não havia se espalhado ainda pela Sede da Irmandade...

— Tam e Dortujla — disse Odrade.

— Quem vai Compartilhar com você? — Garimi novamente. “Claro!

Essa é a questão política mais importante. Quem sucederá à Madre Superiora?” Odrade ouviu movimentos nervosos atrás dela. “Bellonda excitada? Você não, Bell. Já sabe disso.”

— Murbella e Sheeana — disse Odrade. — E mais uma se as Instrutoras quiserem nomear uma candidata.

As Instrutoras formaram pequenos grupos de consulta, gritando sugestões de um grupo para outro, mas não submeteram nenhum nome. Alguém tinha uma pergunta, porém: — Por que Murbella?

— Quem conhece melhor as Honradas Madres? — Odrade perguntou. Isso as fez calar.

Garimi aproximou-se do palco e olhou para Odrade com um olhar penetrante. “Não tente enganar uma Reverenda Madre, Darwi Odrade!” — Depois de nosso ataque simulado a Gammu, estarão ainda mais alertas e reforçadas no Entroncamento. O que a faz pensar que poderemos conquistá-las?

Odrade se afastou e fez sinal para Streggi se aproximar com Teg.

Teg tinha observado o desempenho de Odrade com fascinação. Agora olhou para Garimi. Era atualmente Instrutora Chefe de Indicações, e sem dúvida havia sido escolhida para falar por um grupo de Irmãs. Ocorreu a Teg que essa posição ridícula nos ombros de uma acólita havia sido planejada por Odrade por outras razões que não as que havia mencionado.

“Para colocar meus olhos mais próximos do nível dos adultos ao meu redor... mas também para lembrar-lhes do meu tamanho menor, para tranquilizá-los de que uma Bene Gesserit (se bem que simplesmente uma acólita) ainda controla meus movimentos.”

— Não vou entrar em todos os detalhes das armas no momento — ele disse. “Diabos de voz fininha!” Mas conseguira sua atenção. — Mas vamos nos empenhar em mobilidade, chamarizes que destruirão grande parte da área ao seu redor se o raio de uma arma laser os atingir... e vamos englobar o Entroncamento com dispositivos que revelem os movimentos de suas não-naves.

Quando continuaram a olhá-lo fixamente, disse: — Se a Madre Superiora confirmar meu conhecimento anterior do Entroncamento, conheceremos intimamente a posição de nossos inimigos. Não deve ter havido modificações significativas. Não se passou bastante tempo.

“Surpresa e o inesperado. O que mais poderiam esperar de seu Mentat Bashar?” Olhou fixo para Garimi, desafiando-a a proclamar mais dúvidas quanto à sua capacidade militar.

Ela fez outra pergunta. — Devemos assumir que Duncan Idaho o aconselha quanto a armas?

— Quando você tem o melhor, seria idiotice não usá-lo — ele disse.

— Mas ele vai acompanhá-lo como Mestre de Armas?

— Ele prefere não deixar a nave e vocês todas sabem por quê. Qual é o significado dessa pergunta?

Havia-a dobrado e silenciado e ela não gostara. Um homem não deveria poder manobrar uma Reverenda Madre assim!

Odrade avançou e pôs a mão no braço de Teg. — Esqueceram que este ghola é nosso leal, amigo Miles Teg? — Encarou rostos específicos na multidão, escolhendo aqueles que tinha certeza que observavam os televigias e sabiam que Teg era seu pai, movendo o olhar de rosto a rosto com lentidão deliberada que não podia ser mal interpretada.

"Alguma de vocês tem a ousadia de gritar *nepotismo!* Então olhem mais uma vez sua folha a nosso serviço!"

Os sons de Convocação tornaram-se novamente consoantes com outras graciosidades que esperavam das assembléias. Terminou a dissonância vulgar de vozes existentes disputando a atenção. Agora adaptaram a fala aos moldes do canto gregoriano, embora não chegasse a ser um canto. As vozes moviam-se e fluíam juntas. Odrade sempre achava isso extraordinário. Ninguém dirigia a harmonia. Acontecia porque eram Bene Gesserit. Naturalmente. Essa era a única explicação de que necessitavam. Acontecia porque tinham prática de se ajustarem umas às outras. A dança de seus movimentos do dia-a-dia continuava em suas vozes. Sócias, apesar de discórdias transitórias.

"Vou sentir falta disso."

— Nunca é suficiente fazer predições precisas de acontecimentos aflitivos — disse. — Quem sabe isso melhor que nós? Há alguém entre nós que não tenha aprendido a lição do Kwisatz Haderach?

Não havia necessidade de entrar em pormenores. Predições funestas não alterariam seu curso. Isso manteve Bellonda calada. As Bene Gesserit eram esclarecidas. Não pessoas obtusas que atacavam o portador de más notícias. Desprezar o mensageiro? (Quem poderia esperar algo de útil de alguém assim?) Isso deveria ser evitado a todo custo. "Silenciaremos mensageiros desagradáveis, achando que o silêncio profundo da morte apaga a mensagem?" As Bene Gesserit eram sábias demais para isso! "A morte torna a voz do profeta mais alta ainda. Os mártires são realmente perigosos."

Odrade observou a consciência reflexiva espalhar-se pela sala, até as arquibancadas mais altas.

"Estamos ingressando em tempos difíceis, Irmãs, e temos de aceitar isso. Até Murbella sabe. E sabe agora por que eu estava, tão ansiosa para fazer dela uma irmã. Todas sabemos, de uma maneira ou de outra."

Odrade virou-se e olhou para Bellonda. Nenhum desapontamento. Bell sabia por que não estava entre as escolhidas. “É nosso melhor caminho, Bell. Infiltrar. Pegá-las antes que sequer suspeitem o que estamos fazendo.”

Olhando para Murbella, Odrade viu percepção respeitosa. Murbella estava começando a receber as primeiras remessas de bons conselhos da Outra Memória. O período maníaco havia passado e estava até voltando a sentir uma certa “ternura” por Duncan. Com o tempo, talvez... O treinamento Bene Gesserit garantia que iria julgar a Outra Memória por si mesma. Nada na postura de Murbella dizia: — Guardem a porcaria de seus conselhos! — Tinha comparações históricas e não podia fugir à sua mensagem evidente.

“Não marche nas ruas com outras que compartilham seus preconceitos. Altos gritos geralmente são os mais fáceis de ignorar. — Olhe, olhe só para elas, gritando feito loucas! Você vai querer se juntar à sua causa?”

“Eu lhe disse, Murbella: agora julgue você mesma. Para criar mudanças procure posições vantajosas e use-as. Cuidado com becos sem saída. Ofertas de altas posições são uma distração comum alardeada àqueles que marcham. As posições vantajosas não estão todas em altos postos. Estão muitas vezes em centros econômicos e de comunicações e, se não souber isso, um alto posto é inútil. Até tenentes podem alterar nosso rumo. Não alterando relatórios, mas enfurnando ordens indesejáveis. Bell retém ordens até quando acha que não têm mais efeito. Às vezes dou-lhe ordens exatamente para isso: para que faça seu joguinho de demora. Sabe disso, porém continua fazendo esse jugo. Saiba isso, Murbella! E depois de Compartilharmos, estude meu desempenho com muito cuidado.

A harmonia fora conseguida, mas a um preço. Odrade fez sinal de que a Convocação havia terminado, sabendo muito bem que nem todas as perguntas tinham sido respondidas ou mesmo feitas. Mas as perguntas não-feitas seriam filtradas através de Bell, onde teriam o tratamento mais apropriado.

As mais alertas das Irmãs não fariam perguntas. Já tinham visto seu plano.

Ao sair da Grande Sala Social, Odrade sentiu que aceitava um compromisso total com as escolhas que tinha feito, reconhecendo uma hesitação prévia pela primeira vez. Havia razões de lástima, mas só Murbella e Sheeana talvez as vissem.

Andando atrás de Bellonda, Odrade pensou “nos lugares onde nunca irei, as coisas que nunca verei, exceto como reflexos na vida de outra”.

Era uma forma de nostalgia centralizada nas Dispersões e isso amenizou sua dor. Havia coisas demais para uma só pessoa ver lá fora. Mesmo a Bene Gesserit com suas memórias acumuladas não poderia jamais esperar captá-las todas, não com cada mínimo detalhe interessante. Tinham de voltar aos grandes

desenhos. O Quadro Vasto, o Fluxo Principal. “As especialidades da minha Irmandade.” Aqui estavam os essenciais que os Mentats usavam: padrões, movimentos de correntes e o que essas correntes transportavam, aonde iam. Consequências. Não mapas, mas os fluxos.

“Pelo menos preservei elementos-chave de nossa democracia monitorada por júri em sua forma original. Talvez me agradeçam por isso algum dia.”

38

Procure a liberdade e ficará prisioneiro de seus desejos.
Procure a disciplina e encontrará sua liberdade.

— O Coda

— Quem esperava que a maquinaria do ar quebrasse?

O Rabino fez a pergunta sem se dirigir a ninguém especialmente. Estava sentado em um banquinho baixo, agarrando um rolo de pergaminho ao peito. O rolo havia sido reforçado por artifícios modernos, mas era velho e frágil. Não sabia que horas eram. Provavelmente o meio da manhã. Eles haviam ingerido há pouco tempo uma comida que poderia ser chamada de café da manhã.

— *Eu* esperava.

Parecia que ele estava se dirigindo ao rolo de pergaminho. — A Páscoa veio e se foi e nossa porta estava fechada.

Rebecca veio e ficou em pé perto dele. — Por favor, Rabino. Como isso vai ajudar Joshua em seu trabalho?

— Não fomos abandonados — o Rabino disse para o rolo de pergaminho. — Nós é que nos escondemos. Quando não podemos ser encontrados por estranhos, como poderia alguém nos procurar e ajudar?

Olhou abruptamente para Rebecca, parecendo uma coruja atrás dos óculos. — Você nos trouxe o mal, Rebecca?

Ela entendeu o que queria dizer. — Os estranhos sempre acham que há algo abominável nas Bene Gesserit — ela disse.

— Então agora eu, seu Rabino, sou um estranho!

— Isso é alienar-se, Rabino. Falo do ponto de vista da Irmandade que me fez ajudar. O que elas fazem é muitas vezes maçante. Repetitivo, mas não nefando.

— *Eu* a fiz ajudar? Sim, fiz isso. Perdoe-me, Rebecca. É minha culpa o mal se juntar a nós.

— Rabino! Pare com isso. Elas são um clã ampliado. E apesar disso, mantêm um individualismo sensível. Um clã ampliado não significa nada para você? Será que minha dignidade o ofende?

— Vou-lhe dizer, Rebecca, o que me ofende. Por minha mão você

aprendeu a seguir livros diferentes de... — Ergueu o rolo de pergaminho como se fosse um cacete.

— Livro nenhum, Rabino. Oh, elas têm um Coda mas é só uma coleção de lembretes, às vezes úteis, às vezes para serem descartados. Adaptam sempre o Coda às necessidades atuais.

— Há livros que não podem ser “adaptados”, Rebecca!

Olhou-o fixamente sem esconder sua consternação. Era assim que ele via a Irmandade? Ou seria o medo falando?

Joshua veio ficar junto dela, as mãos cheias de graxa, manchas pretas na testa e nas faces. — Sua sugestão estava certa. Está funcionando de novo. Por quanto tempo, não sei. O problema é que...

— Você não sabe qual é o problema — o Rabino interrompeu.

— O problema mecânico, Rabino — disse Rebecca. — Esse campo de não-câmara distorce a maquinaria.

— Não poderíamos ter trazido maquinaria sem atrito — disse Joshua. — Revelaria demais, sem mencionar o custo.

— Não é só sua maquinaria que foi distorcida.

Joshua olhou para Rebecca, levantando as sobrancelhas. “O que há de errado com ele?” Então Joshua também confiava em percepções Bene Gesserit. Isso ofendia o Rabino. Seu rebanho buscava orientação em outros lugares.

O Rabino a surpreendeu então. — Acha que estou com ciúmes, Rebecca?

Ela abanou a cabeça negativamente.

— Você demonstra talentos — disse o Rabino — que outros imediatamente usam. Sua sugestão consertou a maquinaria? Esses... esses Outros lhe disseram o que fazer?

Rebecca encolheu os ombros. Esse era o antigo Rabino, que não deveria ser desafiado em sua própria casa.

— Eu deveria elogiar você? — perguntou o Rabino. — Você tem poder? Agora vai nos governar?

— Ninguém, muito menos eu, jamais sugeriu isso, Rabino. — Estava ofendida e não se incomodava de demonstrá-lo.

— Perdoe-me, filha. Isso é o que vocês chamam de irreverência.

— Não preciso de seus elogios, Rabino. E é claro que perdôo.

— Seus Outros têm algo a dizer sobre isso?

— As Bene Gesserit dizem que o medo de elogios vem de uma antiga proibição de elogiar seu filho porque isso atraía a ira dos deuses.

Ele abaixou a cabeça. — Às vezes, um pouco de sabedoria.

Joshua parecia encabulado. — Vou tentar dormir. Tenho de descansar. — Dirigiu um olhar significativo à área da maquinaria, de onde vinha um rumor

fanhoso.

Foi em direção ao lado escuro da sala, tropeçando em um brinquedo de criança.

O Rabino botou a mão no banco a seu lado. — Sente-se, Rebecca.

Ela sentou.

— Estou receoso por você, por nós, por tudo que representamos. — Acariciou o rolo de pergaminho. — Fomos leais por tantas gerações. — Seu olhar varreu a sala. — E nem sequer temos um *quorum* aqui.

Rebecca enxugou as lágrimas dos olhos. — Rabino, está fazendo mau juízo da Irmandade. Elas só querem aperfeiçoar os humanos e seus governos.

— É isso que dizem.

— É isso que *eu* digo. O governo, para elas, é uma forma de arte. Acha isso engraçado?

— Você desperta minha curiosidade. Essas mulheres estão iludindo a si mesmas com sonhos de sua própria importância?

— Elas se consideram cães vigilantes.

— Cães?

— Cães *vigilantes*, alertas para quando uma lição possa ser ensinada. É isso que buscam. Nunca tente ensinar uma lição a alguém que não possa absorvê-la.

— Sempre esses bocadinhos de sabedoria. — Ele parecia triste. — E elas se governam *artisticamente?*

— Consideram-se um júri com poderes absolutos que nenhuma lei pode vetar.

Sacudiu o rolo de pergaminho em frente ao rosto dela. — Foi isso que pensei!

— Nenhuma lei “humana”, Rabino.

— Você me diz que essas mulheres que fazem religiões à vontade acreditam em... em um poder maior que elas.

— A crença delas não concordaria com a nossa, Rabino, mas não acredito que seja nociva.

— O que é essa... essa crença?

— Elas chamam de “Tendência niveladora”. Vêem isso geneticamente e como instinto. Pais brilhantes tendem a ter filhos mais perto da média, por exemplo.

— Uma tendência. E “isso” é uma crença?

— É por isso que evitam proeminência. São conselheiras, até mesmo fazedoras de reis em certas ocasiões, mas não querem estar no alvo.

— Essa tendência... elas acreditam que haja um Fazedor de Tendências?

— Não presumem que exista. Somente que há esse movimento observável.

— Então o que fazem com essa tendência?

— Tomam precauções.

— Na presença de Satã, é o que acho!

— Elas não se opõem à corrente, mas parecem só atravessá-la, fazendo com que trabalhe a seu favor, usando os remoinhos.

— Ohhh!

— Os mestres de navegação antigos compreendiam isso muito bem, Rabino. A Irmandade tem o que, na verdade, são cartas marítimas atuais que lhes dizem o que evitar e onde concentrar seus maiores esforços.

Ele acenou novamente com o rolo. — Isto aqui não é uma carta atual.

— Está interpretando mal, Rabino. Conhecem as falácias das máquinas esmagadoras. — Lançou um olhar para a maquinaria esforçando-se para trabalhar. — Elas nos vêem em correntes que a maquinaria não pode arrostar.

— Essas pequenas sabedorias. Não sei, filha. Meter-se em política eu aceito. Mas em assuntos sagrados...

— Uma tendência niveladora, Rabino. Influência da massa em inovadores brilhantes que saem do rebanho e produzem coisas novas. Mesmo quando a novidade nos ajuda, a tendência pega o inovador.

— Quem pode dizer o que nos ajuda, Rebecca?

— Estou apenas dizendo aquilo em que elas acreditam. Vêem impostos como evidência da tendência, tirando energia livre que poderia criar mais coisas novas. Uma pessoa sensibilizada detecta isso, dizem.

— E essas... essas Honradas Madres?

— São parte da configuração. Um governo de poder fechado, concentrado em tornar todos os que o desafiam potencialmente ineficazes. Exclua os muito vivos. Inteligência embotada.

Um leve *bip* veio da área da maquinaria. Joshua tinha passado por eles antes que pudessem se levantar. Inclinou-se sobre a tela que revelava o que se passava na superfície.

— Voltaram — disse. — Vejam! Estão cavando nas cinzas diretamente acima de nós.

— Encontraram-nos? — O Rabino parecia quase aliviado. Joshua observava a tela.

Rebecca colocou a cabeça junto da dele, estudando os cavadores — dez homens com o olhar sonhador daqueles que foram unidos a Honradas Madres.

— Só cavam ao acaso — disse Rebecca, empertigando-se.

— Tem certeza? — Joshua ficou de pé e olhou seu rosto, buscando uma confirmação secreta.

Qualquer Bene Gesserit poderia ver isso.

— Veja você mesmo. — Fez um gesto para a tela. — Estão indo embora. Vão para o chiqueiro-sligo agora.

— É o lugar deles — resmungou o Rabino.

39

As escolhas exequíveis acontecem num cadinho de erros informativos. Consequentemente, a Inteligência aceita a falibilidade. E quando não se conhecem escolhas absolutas (infalíveis), a Inteligência se arrisca com dados limitados, numa arena onde os erros não são apenas possíveis, mas necessários.

— Darwi Odrade

A Madre Superiora não tomou simplesmente uma barcaça espacial que estivesse de saída e transferiu-se para uma não-nave qualquer. Havia planos, providências, estratégias — contingências sobre contingências.

Levou oito dias febris. A distribuição do tempo com Teg tinha de ser precisa. As conversas com Murbella consumiram horas. Ela tinha de saber o que enfrentaria.

"Descubra seu calcanhar-de-aquiles, Murbella, e terá tudo nas mãos. Fique na nave de observação enquanto Teg ataca, mas esteja atenta."

Odrade recebeu conselho detalhado de todos que poderiam ajudar. Então veio o implante de sinais vitais criptografados para transmitir suas observações secretas. Uma não-nave e uma barcaça de longo alcance tinham de ser readaptadas, com a tripulação escolhida por Teg.

Bellonda murmurou e resmungou, até que Odrade interveio.

— Você está desviando minha atenção! É isso que pretende? Enfraquecer-me? — Era já manhã alta, quatro dias antes da partida e estavam temporariamente sozinhas no gabinete. O tempo era claro, porém inusitadamente frio para a estação, e o ar tinha um toque de ocre causado por uma tempestade de areia que assolara a Central na noite anterior.

— A Convocação foi um erro! — Bellonda precisava dar seu golpe de despedida.

Odrade viu-se respondendo com aspereza a Bellonda, que se tornara cáustica demais: — Necessária!

— Para você, talvez! Está dando adeus à *família*. Mas nos deixa aqui, lavando a roupa uma da outra.

— Você veio aqui só para reclamar da Convocação?

— Não gostei de seu mais recente comentário sobre as Honradas Madres! Deveria ter nos consultado antes de espalhar...

— Elas são parasitas, Bell! Era tempo de deixar isso claro: um conhecido ponto fraco. E o que faz um corpo afligido por parasitas? — Odrade disse isso com um largo sorriso.

— Dar, quando você adota essa... essa pose pseudo-humorística, tenho vontade de estrangulá-la!

— Você o faria sorrindo, Bell?

— Maldita seja, Dar! Um destes dias...

— Não temos mais muitos dias juntas, Bell, e isso é o que a está consumindo. Responda à minha pergunta.

— Responda-a você!

— O corpo acolhe bem uma limpeza periódica dos parasitas. Até os viciados sonham com a liberdade.

— Ahhhhhhh. — O Mentat se revelou nos olhos de Bellonda. — Você acha que o vício das Honradas Madres pode ser tornado doloroso?

— Apesar de sua terrível incapacidade para o humor, você ainda consegue funcionar.

Um sorriso cruel curvou a boca de Bellonda.

— Consegui diverti-la — Odrade disse.

— Deixe-me discutir isso com Tam. Ela tem uma cabeça melhor para estratégia. Embora... o Compartilhar tenha-a amolecido.

Depois que Bellonda saiu, Odrade recostou-se e riu silenciosamente. “Amoleceu! Não amoleça amanhã, Dar, quando Compartilhar. O Mentat tropeça na lógica e perde o coração. Ela vê o processo e preocupa-se com o fracasso. O que faremos se... Nós abrimos janelas, Bell, e deixamos entrar o bom senso. Até mesmo hilaridade. Põe mais assuntos sérios em perspectiva. Pobre Bell, minha Irmã defeituosa. Sempre alguma coisa para ocupar seu nervosismo.”

Na manhã da partida, Odrade saiu da Central enredada em seus pensamentos — num humor introspectivo, preocupada com o que aprendera quando Compartilhara com Murbella e Sheeana.

“Estou sendo auto-indulgente.”

Isso não oferecia nenhum alívio. Seus pensamentos estavam enquadrados pela Outra Memória e por um fatalismo quase cínico.

“Abelhas-Mestras enxameando?”

Isso fora sugerido a respeito das Honradas Madres.

“Mas Sheeana? E Tam aprova?”

Havia aí mais do que uma Dispersão.

“Não posso segui-la ao seu lugar selvagem, Sheeana. Minha tarefa é

produzir ordem. Não posso arriscar o que você ousou. Há muitas espécies de arte. A sua me causa aversão.”

Ajudou-a absorver as vidas da Outra Memória de Murbella. Seu conhecimento era uma poderosa alavanca sobre as Honradas Madres, mas estava repleto de matizes inquietantes.

“Não o hipnotranse. Elas usam indução celular, um subproduto de suas malditas Sondas-T! Compulsão inconsciente! Como é tentador usá-la em nosso benefício. Mas é aí que as Honradas Madres são mais vulneráveis — um enorme conteúdo de inconsciência trancado por suas próprias decisões. A solução de Murbella apenas enfatiza seu perigo para nós.”

Chegaram à Plataforma de Aterrissagem em meio a um vendaval que as golpeou quando saíram do carro. Odrade tinha proibido uma caminhada através do que havia restado dos pomares e das vinhas.

Partindo pela última vez? A pergunta estava nos olhos de Bellonda, quando disse adeus. Na carranca preocupada de Sheeana.

“A Madre Superiora aceita minha decisão?

“Provisoriamente, Sheeana. Provisoriamente. Mas não preveni Murbella. Assim... talvez eu compartilhe a opinião de Tam.”

Dortujla, na vanguarda do grupo de Odrade, estava absorta.

“Compreensível. Ela esteve lá... e assistiu à cena de suas Irmãs devoradas. Coragem, Irmã! Ainda não fomos derrotadas.”

Apenas Murbella tinha aparecido para enfrentar a situação, mas estava antecipando o encontro de Odrade com a Rainha Aranha.

“Terei preparado a Madre Superiora o suficiente? Será que ela sabe bem o perigo que corre?”

Odrade afastou esses pensamentos. Havia coisas a fazer na travessia. As Honradas Madres podiam ser analisadas quase fora da realidade, mas o verdadeiro confronto ocorreria como viesse — um desempenho de jazz. Ela gostava da *idéia* do jazz, embora a música a distraísse com seu antigo sabor e seus mergulhos no desvario. Entretanto, o jazz falava da vida. Nunca dois desempenhos idênticos. Os músicos reagiam ao que recebiam dos outros: jazz.

“Alimente-nos com jazz.”

As viagens pelo ar e pelo espaço geralmente não tinham nada a ver com o tempo. Abriam o caminho à força de interferências transitórias. Dependem da Meteorologia para providenciar janelas de lançamento através das tempestades e da cobertura das nuvens. Os planetas desertos eram uma exceção, e teriam de ser introduzidos nas equações da Sede muito em breve. Muitas mudanças, inclusive a volta às práticas mortuárias dos Fremen. O reaproveitamento da água e da potassa dos corpos.

Odrade falava a respeito, enquanto esperavam ser transportadas para a nave. Essa vasta faixa de terra seca e ardente expandindo-se ao redor do equador do planeta começaria logo a gerar ventos perigosos. Um dia, haveria tempestades coriólis: um alto-forno do interior do deserto, com velocidades de centenas de quilômetros por hora. Duna tinha visto ventos de mais de 700km por hora. Até as barcaças espaciais tomavam conhecimento de tal força. As viagens espaciais estariam sujeitas aos constantes caprichos das condições da superfície. E a frágil carne humana deveria procurar encontrar qualquer abrigo que pudesse.

"Como sempre fizemos."

A sala de estar da Plataforma era antiga. Construída em pedra, seu principal material de construção. Cadeiras-linga espartanas e mesas baixas de plaz moldado eram mais recentes. Não se podia deixar de observar a economia, mesmo para a Madre Superiora.

A barcaça chegou num redemoinho de poeira. Nada de tolices de pára-choques suspensores. Seria uma subida rápida, com acelerações gravitacionais desconfortáveis, mas a altura não seria suficiente para machucar a carne.

Odrade sentiu-se quase separada do corpo quando fez suas últimas despedidas, e transformou a Sede da Irmandade num triunvirato de Sheeana, Murbella e Bellonda. Uma palavra final: — Não interfiram com Teg. E não quero que nada de mal aconteça a Duncan. Ouviu bem, Bell?

Com toda essa maravilhosa tecnologia de que dispunham, não podiam, ainda assim, impedir que a espessa tempestade de areia as cegasse quando levantaram vôo. Odrade fechou os olhos e aceitou o fato de que não teria uma última visão de baixo nível do seu amado planeta. Acordou com o baque surdo da nave atracando. O carro-bala esperando no corredor logo adiante da barreira. Uma travessia agitada aos alojamentos. Tamalane, Dortujla e a acólita servente mantinham silêncio, respeitando o desejo da Madre Superiora de estar com seus pensamentos.

Os aposentos, pelo menos, eram familiares, o padrão das naves Bene Gesserit: uma pequena sala de estar, que era ao mesmo tempo destinada às refeições, em plaz de um verde-claro uniforme; um quarto de dormir de dimensões menores, com paredes da mesma cor e um único catre duro. Conheciam as preferências da Madre Superiora. Odrade relanceou os olhos para o sanitário usiforme, com banho e vaso. Instalações padrão. Os aposentos ao lado, para Tamalane e Dortujla, eram semelhantes. Haveria tempo mais tarde para se olharem as readaptações da nave.

Tudo o que era necessário estava lá. Inclusive elementos discretos de apoio psicológico: cores suaves, móveis familiares, um cenário planejado de modo a não perturbar seus processos mentais. Ela deu as ordens de partida antes

de retornar à sala de estar.

A refeição a esperava numa mesa baixa — frutazul, doce e suculenta, uma deliciosa pasta amarela no pão, especialmente para restaurar suas energias. Muito bom. Observou a acólita designada para servi-la, no trabalho discreto de arrumar os pertences da Madre Superiora. Por um segundo, seu nome fugiu à mente de Odrade. Logo depois lembrou-se: Suipol. Uma coisinha escura, com um rosto calmo e redondo e atitudes tranquilas. “Não uma das mais brilhantes, mas de garantida eficiência.”

De repente ocorreu a Odrade que essas atribuições tinham um elemento empedernido em si. “Uma pequena comitiva, para não ofender as Honradas Madres. E ter um mínimo de perdas.”

— Já desempacotou minhas coisas, Suipol?

— Sim, Madre Superiora. — Muito orgulhosa por ter sido escolhida para esta importante missão. Via-se pelo seu andar, quando saiu.

“Há coisas que você não pode desempacotar para mim, Suipol. Carrego-as na cabeça.”

Nenhuma Bene Gesserit da Sede da Irmandade jamais tinha deixado o planeta, sem levar consigo uma certa dose de chauvinismo. Os outros lugares nunca eram tão belos, tão tranquilos nem tão agradáveis como lugar de moradia.

“Mas isso se referia à Sede que existia antes.”

Era um aspecto da transformação do deserto que ela nunca tinha visto dessa forma. A Sede da Irmandade estava removendo a si própria. Indo embora, para nunca mais, pelo menos não no período da vida daqueles que a conheciam agora. Era como ser abandonada por um pai amado — com desdém e maldade.

“Você não é mais importante para mim, criança.”

No processo de tornar-se uma Reverenda Madre, elas eram ensinadas que as viagens podiam oferecer um desvio tranquilo para repouso. Odrade tinha a firme intenção de tirar proveito disso, e avisou suas companheiras logo depois de comerem. — Poupem-me os detalhes.

Através de Suipol, convocou Tamalane e falou-lhe em seu próprio ritmo conciso: — Vistorie os consertos e relate-me o que for necessário. Leve Dortujla.

— Essa aí tem uma boa cabeça. — Era um alto elogio, vindo de Tam.

— Quando tivermos acabado, isolem-me tanto quanto possível. Durante uma boa parte da travessia, Odrade envolveu-se nas correias do catre e ocupou-se do que podia ser chamado de testamento ou últimos desejos.

“Quem seria a testamenteira?”

Murbella era sua escolha pessoal, principalmente depois do Compartilhar com Sheeana. No entanto, a menina de Duria era ainda uma forte candidata, caso esta aventura no Entroncamento falhasse.

Alguns achavam que qualquer Reverenda Madre serviria, se a responsabilidade recaísse sobre seus ombros. Mas não nestes tempos. Não com a cilada armada. Provavelmente as Honradas Madres não evitariam a armadilha.

"Se é que as julgamos corretamente. E as informações de Murbella revelam que fizemos o possível. Aí está a entrada para as Honradas Madres, e oh, como ela parecerá convidativa. Elas não verão o beco sem saída, a não ser quando já estiverem bem dentro dele. Tarde demais! "Mas se falharmos?"

Os sobreviventes (se houvesse algum) olhariam Odrade com desprezo. "Muitas vezes senti-me diminuída, mas nunca um objeto de desprezo. Embora as decisões que tomei possam não ser nunca aceitas por minhas Irmãs. Pelo menos, não me desculpo... nem mesmo com aquelas com quem Compartilhei. Elas sabem que minha resposta vem de uma escuridão anterior ao alvorecer da humanidade. Qualquer uma de nós pode agir futilmente ou mesmo cometer uma grande tolice. Mas meu plano tem possibilidade de dar-nos a vitória. Não' sobreviveremos', simplesmente. Nosso ideal exige que sejamos persistentes com união. Os humanos precisam de nós! Às vezes, eles necessitam de religiões. Outras, precisam apenas saber que suas crenças são tão vazias como suas esperanças de nobreza. Nós somos a fonte. Quando se removem as máscaras, é isso que fica: nosso Nicho."

Sentiu, então, que essa nave a estava levando para o abismo. Cada vez mais próxima da horrível ameaça.

"Sou eu quem vai ao machado; não ele a mim." Não se pensava em exterminar esse inimigo. Desde que a Dispersão aumentara a população humana, isso não tinha mais sido possível. Uma falha nos esquemas das Honradas Madres.

O *bip* agudo e o pisca-pisca laranja que assinalavam a chegada arrancaram-na de seu repouso. Livrou-se, com certa dificuldade, das correias de segurança e, tendo Tam, Dortujla e Suipol logo atrás de si, seguiu um guia até a barreira de transporte, onde uma barcaça espacial de longo alcance estava presa ao frontispício da nave. Odrade pôde vê-la nos dispositivos exploradores da antepara. Incrivelmente pequena!

— Serão apenas dezenove horas — dissera Duncan. — Mas é a distância máxima a que ousamos trazer a não-nave. É certo que elas têm sensores nas dobras do espaço bem em volta do Entroncamento.

Bell, desta vez, estava de acordo. "Não arrisque a nave. Ela está lá para traçar os esquemas das defesas exteriores de receber suas transmissões, não simplesmente para levar a Madre Superiora." A barcaça era o sensor dianteiro, assinalando o que encontrasse.

"E eu sou o sensor extremo, um corpo frágil com instrumentos delicados."

Havia setas de orientação na barreira. Odrade ia à frente. Atravessaram um pequeno tubo em queda livre. Ela viu-se numa cabina surpreendentemente luxuosa. Suipol, saltando logo atrás, reconheceu-a e subiu um ponto na estima de Odrade.

— Era uma nave de contrabandista.

Alguém esperava por elas. Um homem, pelo cheiro, mas um capacete opaco de piloto — cheio de conectores — escondia-lhe a face.

— Entrem todos e atem-se com as correias. Uma voz de homem, dentro dessa instrumentação. “Teg o escolheu. Será o melhor de todos.”

Odrade escorregou para um assento atrás da portinhola de aterrissagem e viu as grossas saliências do equipamento de teia enrolado. Ouviu as outras obedecerem ao comando do piloto.

— Todas seguras? Permaneçam com as correias até que eu diga o contrário. — Sua voz vinha de um alto-falante flutuante atrás de seu assento, no comando da direção.

Ouviu-se o som do umbigo — bap! Odrade sentiu movimentos moderados, mas a visão no retransmissor a seu lado mostrou a não-nave retrocedendo a uma velocidade notável. Desapareceu num piscar de olhos.

“Cuidando de seus negócios, antes que alguém venha investigar.

A barcaça tinha uma velocidade surpreendente. Os dispositivos exploradores davam notícia de estações planetárias e barreiras de transição a mais de 18 horas de distância, mas os pontos cintilantes que as identificavam eram visíveis somente porque tinham sido aumentados. Uma abertura no explorador dizia que as estações seriam visíveis a olho nu em pouco mais de 12 horas.

A sensação de movimento cessou abruptamente, e Odrade não mais sentiu a aceleração que seus olhos denunciavam. “Cabine suspensora. Tecnologia ixiana para um campo nulo deste tamanho.” Onde Teg a teria adquirido?

“Não é necessário que eu saiba. Por que relatar à Madre Superiora onde está localizada cada plantação de carvalho?”

Observou os contatos do sensor começarem dentro de uma hora e, silenciosamente, agradeceu a Duncan por sua astúcia.

“Estamos começando a conhecer essas Honradas Madres.”

O modelo defensivo do Entroncamento era evidente, mesmo sem análise dos dispositivos de exploração. Planos sobrepostos! Bem como Teg tinha predito. Com o conhecimento do espaçamento das barreiras, o pessoal de Teg poderia tecer um outro globo ao redor do planeta.

“Com toda certeza não é assim tão simples.”

Seriam as Honradas Madres tão confiantes em seu poder esmagador a

ponto de ignorar precauções elementares?

A Estação Planetária Quatro começou a chamar quando estavam a menos de três horas da partida. — Identifiquem-se!

Odrade pôde perceber um "ou então..." nesse comando. A resposta do piloto obviamente surpreendeu os observadores. — Vocês vêm numa naveta de contrabandistas?

"Então elas a reconhecem. Teg está certo, mais uma vez."

— Estou me preparando para destruir o equipamento sensor da direção da nave — anunciou o piloto. — Isso nos dará maior impulso. Certifiquem-se de que todas estão bem presas.

A Estação Quatro percebeu. — Por que estão aumentando a velocidade?

Odrade inclinou-se para a frente. — Repita o contra-sinal e diga que nosso grupo está fatigado pela longa permanência em local restrito. Acrescente que estou equipada com um transmissor de sinais vitais para alertar meu povo, caso eu morra.

"Elas não vão encontrar o código! Como Duncan fora esperto. E Bell não estava surpresa com o que ele escondera no sistema da nave? Mais romantismo!"

O piloto retransmitiu suas palavras. Veio a ordem de volta: — Reduzam a velocidade e limitem-se a essas coordenadas para a aterrissagem. Estamos assumindo o controle da sua nave neste ponto.

O piloto tocou um campo amarelo em sua mesa. — Do jeito que o Bashar disse que fariam. — Um tom de satisfação em sua voz. Ergueu o capacete e voltou-se.

Odrade ficou chocada.

"Cyborg!"

O rosto era uma máscara de metal com duas cintilantes bolas de prata no lugar dos olhos.

"Entramos em terreno perigoso."

— Não lhe contaram? — ele perguntou — Não tenha pena. Eu estava morto, e isto me devolveu a vida. É Clairby, Madre Superiora. E quando eu morrer, desta vez, isso me dará vida como ghola.

"Maldição! Estamos negociando numa moeda que pode nos contradizer. Tarde demais para mudar. E esse era o plano de Teg. Mas... Clairby?

A barcaça aterrissou com uma suavidade que revelava o magnífico controle da Estação Quatro. Odrade soube o momento, porque a paisagem bem delineada visível no explorador não se moveu mais. O campo nulificado foi desligado e ela sentiu a gravidade. Abriu-se a portinhola diretamente à sua frente. A temperatura era agradavelmente aquecida. Barulho lá fora. Crianças divertindo-se em jogos competitivos?

Com a bagagem flutuando atrás de si, ela subiu um pequeno lance de escadas e viu que, de fato, o barulho vinha de um grande grupo de crianças num campo das proximidades. Todas do sexo feminino, em final de adolescência. Estavam lançando, de um lado para o outro, uma bola suspensora, gritando e falando alto enquanto jogavam.

"Encenação dirigida a nós?"

Pareceu-lhe que sim. Haveria possivelmente duas mil jovens naquele campo.

"Veja quantas recrutas vêm por aí!"

Ninguém a cumprimentou, mas Odrade viu uma estrutura familiar no fim de uma alameda pavimentada à sua esquerda. Tratava-se obviamente de um artefato da Corporação Espacial aumentada com uma torre recente. Falava da torre enquanto relanceava em volta, dando ao transmissor implantado informações sobre uma mudança na planta de Teg. No entanto, ninguém que algum dia tivesse visto edifícios da Corporação poderia enganar-se a respeito desse lugar.

Então este era igual a outros planetas do Entroncamento. Em algum lugar dos registros da Corporação haveria, sem dúvida, um número de série e um código para ele. Há tanto tempo sob seu controle, antes das Honradas Madres, que nesses primeiros momentos de desembarque, em contato com o solo, tudo a seu redor parecia apresentar as características da Corporação. Até mesmo o campo de jogos — projetado para os encontros ao ar livre dos Navegadores, em seus recipientes de gás de melange.

A característica da Corporação: era composta de tecnologia ixiana e projeto dos Navegadores — construções envolvendo espaço no modo mais conservador de energia, caminhos diretos; poucas pistas deslizadoras. Eram dispendiosas, e somente os que estavam ligados à gravidade precisavam delas. Não havia flores plantadas nas proximidades da Plataforma de Aterrissagem. Eram suscetíveis de destruição acidental. E aquela tonalidade cinza permanente — não prateada, mas opaca como a pele dos Tleilaxu.

A estrutura à sua esquerda era uma grande forma bojuda com protuberâncias, algumas redondas e outras angulares. Não fora uma hospedaria luxuosa. Pequenos cantos opulentos, naturalmente, mas esses eram raros, construídos para pessoas muito importantes, principalmente inspetores da Corporação.

"Mais uma vez Teg está certo. As Honradas Madres apoderaram-se das estruturas existentes, remodelando o mínimo possível. Uma torre!"

Odrade lembrou-se então: "Este não é apenas um outro mundo, mas uma outra sociedade, com seu próprio agente adesivo social." Tinha percebido isso a

partir de seu Compartilhar com Murbella, mas achava que ainda não havia penetrado naquilo que mantinha as Honradas Madres unidas. Com certeza não apenas a sede de poder.

— Caminharemos — disse, e dirigiu-se pela alameda pavimentada em direção à estrutura gigantesca.

“Adeus, Clairby. Faça explodir sua nave o quanto antes. Será a nossa primeira grande surpresa para as Honradas Madres.”

A grande construção assomou mais alta à sua aproximação.

A coisa mais surpreendente para Odrade, sempre que ela via uma dessas construções funcionais, era que alguém tinha tido um enorme cuidado em planejá-la. Detalhes intencionais em tudo, embora às vezes fosse necessário descobri-los. O orçamento determinava a qualidade rebaixada em muitas escolhas, sendo dada preferência à durabilidade, em detrimento do luxo ou do apelo visual. Concessão, e como toda concessão, não satisfazia ninguém. Os tesoureiros, sem dúvida, tinham reclamado do preço, e os ocupantes atuais podiam ainda sentir-se irritados com as falhas. Não importa. A coisa era substância tangível. Devia ser usada agora. Uma outra concessão.

A sala de espera era menor do que esperava. Algumas mudanças interiores. Somente aproximadamente seis metros de comprimento e talvez quatro metros de largura. O balcão de recepção estava à direita de quem entrava. Odrade mandou que Suipol registrasse o grupo e indicasse que o resto da comitiva esperaria na área aberta, a uma considerável distância um do outro. A traição ainda não tinha sido inteiramente descartada.

Dortujla obviamente a esperava. Parecia resignada.

Odrade fez uma cuidadosa inspeção e comentou sobre o ambiente. Cheio de televigias, mas o resto...

Cada vez que entrava num desses lugares tinha a sensação de estar num museu. A Outra Memória dizia-lhe que hospedarias desse tipo não haviam mudado consideravelmente durante eras. Mesmo nos tempos antigos, encontravam-se exemplos. Um lampejo do passado nos lustres — gigantescos objetos resplandecentes, imitando dispositivos elétricos, porém equipados com globos luminosos. Dois deles dominavam o teto como espaçonaves imaginárias, descendo do espaço com esplendor.

Havia mais vislumbres do passado, que poucas pessoas desta era perceberiam. O arranjo da área da recepção atrás de aberturas em grade, o espaço para esperar com sua mistura de assentos e iluminação inconveniente, letreiros indicando a direção de serviços — restaurantes, salas de narcóticos, bares de encontros, instalações para exercícios e natação, salas de automassagem e similares. Somente a língua e a escrita tinham mudado, em relação aos tempos

de outrora. Se a linguagem fosse conhecida, os letreiros seriam reconhecíveis aos primitivos anteriores à era espacial. Esta era uma parada temporária.

Repleto de instalações de segurança. Algumas tinham a aparência de artefatos de Dispersão. Ix e a Corporação nunca desperdiçaram ouro em televigias e sensores.

Havia uma dança frenética de criados-robôs no recinto da recepção — movimento para lá e para cá, limpeza, reconhecimento de detritos, orientação de recém-chegados. Um grupo de quatro Ixianos precedeu a comitiva de Odrade. Ela prestou-lhes bastante atenção. Cheios de auto-importância, ao mesmo tempo que receosos.

A seus olhos Bene Gesserit, as pessoas de Ix eram sempre reconhecíveis, independente dos disfarces. A estrutura básica de sua sociedade coloria seus indivíduos. Exibiam uma atitude hogbenesca em relação à sua ciência: que as exigências econômicas e políticas determinavam a pesquisa que era permissível. Isso revelava que a ingenuidade inocente dos sonhos sociais ixianos tornara-se a realidade do centralismo burocrático — uma nova aristocracia. Assim levados a um declínio que não seria interrompido por nenhuma acomodação que esse grupo ixiano pudesse fazer com as Honradas Madres.

“Independente do resultado de nossa disputa, Ix está no fim. Pode-se testemunhar que não tem havido inovações ixianas durante séculos.”

Suipol voltou. — Pedem que esperemos por um acompanhante.

Odrade resolveu iniciar as negociações imediatamente, com uma conversa que visava atingir Suipol, os televigias e as ouvintes em sua não-nave.

— Suipol, você notou aqueles Ixianos na nossa frente?

— Sim, Madre Superiora.

— Preste bem atenção neles. São produto de uma sociedade em extinção. É ingênuo esperar que qualquer burocracia faça bom uso de quaisquer inovações brilhantes. As burocracias fazem outro tipo de perguntas. Sabe quais são?

— Não, Madre Superiora. — Palavras ditas depois de um olhar perscrutador em volta.

“Ela sabe! Mas está vendo o que estou fazendo. Que garota! Eu a subestimei.”

— São perguntas típicas, Suipol: Quem recebe o crédito? Quem será culpado se houver problemas? Mudará a estrutura de poder, custando-nos empregos? Ou tornará algum departamento secundário mais importante?

Suipol assentiu, atendendo à deixa, mas seu olhar aos televigias parecia um pouco óbvio demais. Não importa.

— Essas perguntas políticas — disse Odrade — demonstram como as razões da burocracia se opõem diretamente à necessidade de adaptar-se à

mudança. A capacidade de adaptação é uma exigência primordial para a sobrevivência.

"Hora de falar diretamente às nossas anfitriãs."

Voltou a atenção para cima, visando um televigia proeminente no lustre. — Observe esses Ixianos. Sua "mente num universo determinista" deu lugar à "mente num universo ilimitado" onde *qualquer coisa* pode acontecer. A anarquia criativa é o caminho para a sobrevivência neste universo.

— Obrigada pela aula, Madre Superiora.

"Deus a abençoe, Suipol."

— Depois de todas as suas experiências conosco — Suipol disse eles com toda certeza não põem em dúvida nossa mútua lealdade.

"Que o Destino a conserve! Essa aí está pronta para a Agonia, e talvez nem chegue a conhecê-la."

Odrade só podia concordar com a conclusão da acólita. A obediência aos métodos Bene Gesserit vinha de dentro, daqueles detalhes constantemente controlados que mantinham sua própria casa em ordem. Não era uma visão filosófica, mas pragmática do livre-arbítrio. Qualquer reivindicação que a Irmandade pudesse ter no sentido de abrir seu próprio caminho num universo hostil jazia na adesão escrupulosa à lealdade mútua, um acordo forjado na Agonia. A Sede da Irmandade e suas poucas restantes subsidiárias eram sementeiras de uma ordem fundada em compartilhar e no Compartilhar. Não baseada na inocência. Isso fora perdido há muito tempo. Era firmemente estabelecida na consciência política e numa perspectiva da história independente de outras leis e costumes.

— Não somos máquinas — Odrade disse, relanceando o olhar pelos autômatos ao redor. — Sempre confiamos nas relações pessoais, sem saber nunca aonde elas nos levarão.

Tamalane aproximou-se de Odrade. — Não acha que elas deveriam enviar-nos um recado, pelo menos?

— Já nos enviaram, Tam, colocando-nos numa hospedaria de segunda classe. E eu dei a resposta.

40

Basicamente, todas as coisas são conhecidas, porque as pessoas querem acreditar que as conhecem.

— Koan Zensunni

Teg respirou profundamente. Gammu estava diretamente em frente, exatamente onde seus navegadores disseram que estaria quando eles emergissem das Dobras do Espaço. Ele observava isso no painel da estação de comando da nave capitania, ao lado de uma atenta Streggi.

Ela não estava satisfeita em vê-lo de pé, em vez de acomodar-se em seus ombros. Sentia-se sem função, em meio à parafernália militar. Seu olhar permanecia voltado para os campos multiprojetores do centro da estação de comando. Auxiliares entravam e saíam com eficiência dos suspensores aerodinâmicos e dos campos em vestimentas esotéricas, sabendo o que estavam fazendo. Ela possuía apenas uma idéia muito vaga dessas funções.

O painel de comunicações para transmitir as ordens de Teg ficava sob suas mãos, erguido nos suspensores. O campo de comando formava um leve brilho azulado em volta de suas mãos. A correia prateada em forma de ferradura que o ligava à força de ataque pendia-lhe levemente dos ombros, numa posição familiar, embora fosse muito maior em relação a seu pequeno corpo do que as antigas conexões de sua vida anterior.

Ninguém à sua volta questionava mais que esse era o famoso Bashar num corpo de criança. Aceitavam suas ordens com imediata aquiescência.

O sistema de alvo parecia comum a essa distância: um sol e seus planetas cativos. Mas o planeta Gammu, no foco central, não era comum. Aí Idaho tinha nascido, aí seu ghola fora treinado, aí foram restauradas suas memórias.

“E aí eu fui modificado.”

Teg não tinha explicação para o que descobrira em si, sob a tensão de sobreviver em Gammu. Velocidade física que esgotara sua carne e uma capacidade de ver as não-naves, de localizá-las num campo imaginário como um bloco do espaço reproduzido na mente.

Ele suspeitava de um afloramento selvagem dos genes Atreides. Tinham-se identificado nele células impressoras, mas não o seu propósito. Era a herança

Bene Gesserit na qual as Madres Procriadoras tinha interferido durante eras. Havia pouca dúvida de que elas considerassem essa capacidade como algo potencialmente perigoso para a Irmandade. Poderiam usá-la, mas certamente ele perderia a liberdade.

Afastou da mente essas reflexões.

— Lancem as armadilhas.

"Ação!"

Teg percebeu-se assumindo uma postura familiar. Havia uma sensação de elevar-se a uma superioridade restauradora, quando o planejamento chegava ao fim. As teorias tinham sido articuladas, as alternativas cuidadosamente exploradas e os subordinados distribuídos, inteiramente instruídos. Os principais chefes de equipes tinham registrado Gammu na memória — onde se poderia contar com o auxílio de guerrilheiros, cada orifício de pino, cada ponto forte conhecido e quais estradas de acesso eram mais vulneráveis. Tinha-os prevenido especialmente quanto aos Futares. A possibilidade de que feras humanóides fossem aliados não poderia ser subestimada. Os rebeldes que tinham ajudado o ghola Idaho a escapar de Gammu insistiram que esses humanóides foram criados para caçar e matar as Honradas Madres. Conhecendo-se os relatos de Dortujla e de outros, era possível quase ter pena das Honradas Madres, a não ser pelo fato de que não se devia desperdiçar piedade com aqueles que não a demonstravam em relação aos demais.

O ataque estava tomando a forma planejada — naves de reconhecimento fazendo uma obstrução de armadilhas e pesados aviões-base movendo-se para a posição de ataque. Teg tornou-se agora o que considerava "o instrumento de meus instrumentos". Era difícil determinar o que comandava e o que respondia.

"Agora, a parte delicada."

Devia-se temer o inesperado. Um bom comandante devia manter isso em mente, com firmeza. Havia sempre o inesperado.

As armadilhas aproximavam-se do perímetro defensivo. Ele *via* as não-naves inimigas e os sensores das dobras do espaço — pontos brilhantes distribuídos através de sua consciência. Teg superimpôs isso às posições de sua força. Toda ordem que ele dava devia parecer originar-se de um plano de batalha que todos compartilhavam.

Sentiu-se agradecido por Murbella não ter-se juntado a ele. Qualquer Reverenda Madre poderia perceber seu engodo. Mas ninguém tinha questionado a ordem de Odrade para que Murbella esperasse com seu grupo a uma distância segura.

"Madre Superiora em potencial. Proteja-a bem."

A demolição explosiva de armadilhas começou com uma demonstração ao

acaso de relâmpagos ao redor do planeta. Inclinou-se para a frente, fixando o olhar nas projeções.

— Lá está o padrão!

Não existia tal padrão, mas suas palavras construíam a crença, e os pulsos se aceleravam. Ninguém questionava que o Bashar tivesse percebido vulnerabilidade nas defesas. Suas mãos voavam no painel de comunicações, enviando adiante as naves num espetáculo chamejante que coalhava o espaço atrás de si com fragmentos do inimigo.

— Tudo certo. Lá vamos nós!

Ele alimentou o curso de nave capitania diretamente na Navegação e depois voltou a atenção total para o Controle de Fogo. Explosões silenciosas pontilhavam o espaço ao redor, enquanto a nave capitania recolhia os sobreviventes ao perímetro dos guardiães de Gammu.

— Mais armadilhas — ordenou.

Globos de luz branca piscaram nos campos de projeção.

A atenção na baía de comando concentrada nos campos, não em seu Bashar. “O inesperado!” Teg, famoso por isso, estava confirmando sua reputação, com justiça.

— Acho tudo isso estranhamente romântico — Streggi disse.

“Romântico?” Não havia romance nisso. O tempo para tal tinha passado e ainda estava por vir. Uma certa aura poderia rodear *os planos* de violência. Ele podia aceitá-lo. Os historiadores criavam sua própria marca de *drama-cum-romance*. Mas agora? Este era o tempo de adrenalina! O romance distraía as pessoas das necessidades. Tinha-se que ser frio interiormente, traçando uma linha divisória nítida e forte entre a mente e o corpo.

Enquanto movia as mãos no campo do painel de comunicação, Teg compreendeu o que tinha levado Streggi a falar. Algo primitivo a respeito da morte e da destruição que estavam sendo criadas aqui. Este era um momento extraído da ordem normal. Uma volta perturbadora aos antigos padrões tribais.

Ela sentia um tam-tam no peito e vozes entoando: — Matar! Matar! Matar!

A visão de Teg das não-naves guardiãs mostrava os sobreviventes fugindo em pânico.

“Bom! O pânico tem uma forma de se espalhar e enfraquecer os inimigos.”

— Lá está o Baronato.

Idaho dera-lhe o antigo nome Harkonnen para a cidade que se expandia em volta de seu centro negro gigantesco de plasteel.

— Desceremos na Plataforma ao norte.

Pronunciou as palavras, mas as ordens foram dadas pelas mãos.

“Depressa, agora!”

Por um breve espaço de tempo, quando vomitavam as tropas, as não-naves eram visíveis e numerosas. Ele estava no controle de todos os elementos da força que respondiam a seu painel, e a responsabilidade era enorme.

— Isto é apenas uma simulação. Entramos e saímos depois de infligir sérios danos. Nosso verdadeiro alvo é o Entroncamento.

O aviso de Odrade na hora da partida estava presente na memória: — As Honradas Madres devem receber uma lição como nunca tiveram antes. Ataquem-nos e vocês serão duramente feridas. Se nos pressionarem, a dor poderá ser enorme. Elas já ouviram a respeito dos castigos Bene Gesserit. São notórios. Sem dúvida a Rainha Aranha riu-se desdenhosa. Faça-a engolir seu desdém.

— Abandonar a nave!

Este era o momento vulnerável. O espaço acima estava limpo de ameaças, mas lanças de fogo vindas do leste formavam um arco interno. Seus atiradores podiam lidar com isso. Concentrou-se na possibilidade de que as não-naves inimigas voltassem num ataque suicida. As projeções da baía de comando mostraram que naves e aviões-base em grande número eram despejados dos porões. A força de choque, uma elite encouraçada sobre suspensores, tinha já o perímetro seguro.

Lá iam os televigias portáteis para estender seu campo de observação e transmitir os detalhes íntimos da violência. Comunicação, a chave do comando responsivo, mas também a fonte de destruição sangrenta.

— Tudo desimpedido!

O sinal ressoou pela baía.

Ele ergueu-se da Plataforma e voltou à posição de total invisibilidade. Agora, somente os comunicadores davam aos defensores uma pista de sua posição, porém isso estava disfarçado pelas transmissões de falsas pistas.

A projeção mostrou o retângulo monstruoso do antigo centro Harkonnen. Tinha sido construído como um bloco de metal absorvente de luz para prender escravos. A elite vivera nas mansões ajardinadas lá em cima. As Honradas Madres tinham retornado a construção à sua antiga opressão.

Três de suas grandes naves batedoras apareceram.

— Limpem o topo dessa coisa! — ordenou. — Limpem completamente a área, mas causem o menor dano possível à estrutura.

Sabia que suas palavras eram supérfluas, mas falava para relaxar. Todos na força de ataque sabiam de sua intenção.

— Relatórios de transmissão — ordenou.

A informação começou a fluir da conexão em forma de ferradura, em seus ombros. Ele ligou na linha secundária. Os televigias mostraram seus homens desimpedindo o perímetro. A batalha no espaço e em terra estava inteiramente sob controle por 50 quilômetros, pelo menos. Estavam indo bem, melhor do que esperara. Então as Honradas Madres mantinham sua artilharia pesada fora do planeta, não antecipando um ataque assim ousado. Uma atitude familiar, e ele tinha que agradecer a Idaho pela previsão.

“Elas têm a cegueira do poder. Acham que a proteção pesada é para o espaço, e somente o armamento leve é indicado para a batalha em terra. As armas pesadas são trazidas para a terra conforme a necessidade. Não há sentido em conservá-las no planeta. Exigem energia demais. Além disso, a consciência de todo esse material lá em cima tem um efeito apaziguante sobre as populações cativas.”

Os conceitos de Idaho a respeito de armamento eram devastadores.

“Tendemos a fixar a mente naquilo que pensamos que sabemos. Um projétil é um projétil, mesmo quando miniaturizado para conter veneno ou bactérias.”

A inovação no equipamento projetivo aperfeiçoou a mobilidade. Embutidos nos uniformes sempre que possível. E Idaho tinha trazido de volta o escudo com sua temível destruição quando atingido por um raio de arma laser. Escudos sobre suspensores escondidos no que parecia serem soldados (mas que na realidade eram uniformes inflados) espalhavam-se adiante das tropas. O fogo da arma laser sobre eles produzia explosões atômicas que destruíam vastas áreas.

“O Entroncamento será assim fácil?”

Teg duvidava. A necessidade forçava uma rápida adaptação a novos métodos.

“Eles poderiam ter escudos no Entroncamento em dois dias.”

E nenhuma inibição sobre como empregá-los.

Os escudos tinham dominado o Antigo Império, ele sabia, em função daquele conjunto de palavras estranhamente importante chamado “Grande Convenção”. As pessoas honestas não faziam mau uso das armas de sua sociedade feudal. Se alguém desonrasse a Convenção, seus companheiros se voltariam contra ele, unidos na violência. Mais do que isso, houvera a “Face” intangível, que alguns chamavam de “Orgulho”.

“Face! Minha posição no bando.”

Mais importante para alguns do que a própria vida.

— Está nos custando muito pouco — Streggi disse.

Ela estava se tornando praticamente uma analista de batalha, e banal em demasia, para o gosto de Teg. Streggi estava querendo dizer que estavam

perdendo poucas vidas, mas talvez falasse mais verdade do que sabia.

— "É difícil imaginar que o trabalho seja feito por dispositivos baratos" — dissera Idaho. — "Mas essa é uma arma poderosa."

Se suas armas custassem apenas uma pequena fração da energia gasta pelo inimigo, você teria uma alavanca possante que podia prevalecer contra possibilidades aparentemente esmagadoras. Prolongando o conflito, esgotaria a substância do inimigo. Ele caía porque o controle da produção e dos trabalhadores estava perdido.

— Podemos começar a retirada — ele disse, afastando-se das projeções, enquanto repetia a ordem com as mãos. — Quero relatórios das baixas assim que... — Interrompeu o que dizia e voltou-se ante um distúrbio repentino.

"Murbella?"

Sua imagem repetia-se em todos os campos da baía. Sua voz soou alto: — Porque está negligenciando os relatórios de seu perímetro? — Ela passou por cima de seu painel, e as projeções mostraram um comandante de campo surpreendido no meio de uma sentença: — ... ordens, terei que negar seu pedido.

— Repita — Murbella disse.

As feições suadas do comandante de campo voltaram-se para seu televigia móvel. O sistema de comunicação compensou, e ele parecia olhar diretamente nos olhos de Teg.

— Repetindo: Tenho aqui uns pretensos refugiados pedindo asilo. Seu líder diz que tem um acordo pelo qual a Irmandade deveria honrar seu pedido, mas sem ordens...

— Quem é ele?

— Ele se dá o nome de Rabino.

Teg virou-se para retomar o controle do painel. — Não conheço nenhum...

— Espere! — Murbella intrometeu-se no painel. "Como ela pode fazer isso?"

Novamente sua voz soou pela baía. — Traga o Rabino e seu grupo para a nave principal. Depressa. — Silenciou a transmissão do perímetro.

Teg estava ofendido, mas em desvantagem. Escolheu uma das múltiplas imagens e fixou-lhe o olhar. — Como ousa interferir?

— Porque você não dispõe das informações necessárias. O Rabino está no seu direito. Prepare-se para recebê-lo com honras.

— Explique-se.

— Não! Não é preciso que saiba. Mas foi acertado, de minha parte, tomar essa decisão, quando vi que você não estava respondendo.

— Esse comandante estava numa área diversiva! Sem importância para...

— Mas o pedido do Rabino tem prioridade.

— Você é tão ruim como a Madre Superiora!

— Talvez pior. Agora ouça-me! Recolha esses refugiados na nave principal. E prepare-se para me receber.

— Em absoluto! Fique onde está.

— Bashar! Há algo a respeito de seu pedido que exige a atenção de uma Reverenda Madre. Ele diz que está em perigo porque deu asilo temporário à Reverenda Madre Lucilla. Aceite isso ou saia.

— Então deixe-me pôr meu pessoal a bordo e retroceder primeiro. Nós nos encontraremos quando tudo estiver desimpedido.

— Concordo. Mas trate os refugiados com cortesia.

— Agora, saia das minhas projeções. Você me tirou a visão e isso foi uma tolice!

— Você está com tudo sob controle, Bashar. Durante este hiato, uma outra nave aceitou quatro Futares. Vieram pedir que nós os levássemos aos Treinadores, mas dei ordens para prendê-los. Trate-os com extremo cuidado.

As projeções da baía retomaram as cenas da batalha. Teg mais uma vez chamou sua força. Estava fervendo, e levou tempo para recuperar ó senso de comando. Murbella sabia como tinha minado sua autoridade? Ou ele deveria tomar isso como uma medida da importância que ela atribuía aos refugiados?

Quando a situação estava segura, ele entregou o controle da baía a um auxiliar e, montado nos ombros de Streggi, foi ver esses refugiados *importantes.* O que haveria de tão vital a respeito deles para que Murbella arriscasse interferir?

Eles estavam no porão de uma nave transportadora de tropas, um grupo compacto, mantido em separado por um comandante cauteloso.

“Quem sabe o que pode estar escondido entre esses desconhecidos?”

O Rabino, identificável pela deferência que lhe era demonstrada pelo comandante de campo, estava de pé, com uma mulher vestida de castanho, próximos a seu povo. Era pequeno, barbudo, e usava um solidéu branco. A luz fria fazia-o parecer antigo. A mulher protegia os olhos com a mão. O Rabino estava falando, e suas palavras tornaram-se audíveis à aproximação de Teg.

A mulher estava sob ataque verbal!

— O orgulhoso será rebaixado!

Sem remover a mão da posição defensiva, a mulher disse: — Não estou orgulhosa do que carrego.

— Nem dos poderes que esse conhecimento possa trazer-lhe? Fazendo pressão com o joelho, Teg ordenou a Streggi que parasse a uns dez passos da cena. Seu comandante relanceou-lhe um olhar, mas permaneceu na posição, pronto a agir defensivamente se houvesse necessidade.

“Bom homem.”

A mulher curvou a cabeça ainda mais baixo, e pressionou a mão contra os olhos enquanto falava: — Não recebemos conhecimento que podemos usar no serviço divino?

— Filha! — O Rabino se mantinha rigidamente ereto. — O que quer que possamos aprender para servir melhor nunca será uma grande coisa. Tudo que chamamos conhecimento, mesmo o que possa abarcar tudo que um coração humilde pode conter, não seria mais que uma semente nos sulcos.

Teg sentiu-se relutante em interferir. “Que modo arcaico de se expressar.” O par o fascinava. Os outros refugiados ouviam o diálogo com atenção arrebatada. Apenas o comandante de campo parecia indiferente, mantendo sua atenção nos estranhos e dando de vez em quando um sinal de mão aos auxiliares.

A mulher mantinha a cabeça respeitosamente abaixada e a mão protetora nos olhos, mas continuava defendendo-se. — Mesmo uma semente perdida nos sulcos pode produzir vida.

Os lábios do Rabino apertaram-se numa linha severa: — Sem água e cuidado, o que significa sem a bênção e a palavra, não há vida.

Um grande suspiro fez estremecer os ombros da mulher, mas ela se manteve naquela posição estranhamente submissa quando respondeu: — Rabino, eu ouço e obedeço. Entretanto, devo honrar este conhecimento que foi lançado sobre mim, porque contém a própria admoestação que acabou de me fazer.

O Rabino pôs uma das mãos em seu ombro. — Então entregue-o àqueles que o querem, e que nenhum mal a persiga.

O silêncio revelou que a discussão tinha terminado. Deu sinal a Streggi para avançar. Antes que ela pudesse mover-se, Murbella passou à frente e acenou ao Rabino, enquanto mantinha o olhar sobre a mulher.

— Em nome da Bene Gesserit e de nosso débito, desejo-lhe boas-vindas e ofereço-lhe asilo — Murbella disse.

A mulher de castanho abaixou a mão e Teg viu o brilho de lentes de contato. Ergueu a cabeça, então, e ouviram-se sons ofegantes à sua volta. Seus olhos tinham o azul total do vício da especiaria, mas apresentavam também a força interior que marcava aquelas que tinham sobrevivido à Agonia.

Murbella identificou-a imediatamente. “Uma Reverenda Madre selvagem !” Não se tinha conhecimento de nenhuma, desde os tempos dos Fremen de Duna.

A mulher fez-lhe uma reverência. — Chamo-me Rebecca. E estou cheia de alegria por estar aqui. O Rabino pensa que sou uma tola, mas tenho uma prenda de ouro, pois trago-lhe Lâmpadas: sete milhões, seiscentos e vinte e dois mil e quatorze Reverendas Madres, todas suas, por direito.

41

As respostas representam um controle perigoso do universo. Podem parecer sensatas e, no entanto,não explicar nada.

— O Açoite Zensunni

Como a espera pelo acompanhamento prometido se prolongasse, Odrade sentiu-se primeiro irritada, depois divertida. Finalmente, começou a seguir os robôs do saguão, interferindo em seus movimentos. A maioria deles era de pequena estatura, e nenhum parecia humanóide.

“Funcionais. A marca registrada dos servomecanismos ixianos. Pequenos acompanhamentos muito, muito atarefados para uma estada no Entroncamento ou seu equivalente em algum lugar.”

Eram tão comuns, que poucas pessoas os notavam. Como não eram capazes de lidar com uma interferência deliberada, reduziram-se a zumbir em imobilidade.

— “As Honradas Madres têm pouco ou nenhum senso de humor. Eu sei, Murbella, eu sei. Mas será que elas receberão meu recado?”

Dortujla obviamente recebeu. Saiu de seu recolhimento observando aquelas extravagâncias com um largo sorriso. Tam olhava com desaprovação, mas com certa tolerância. Suipol estava encantada. Odrade foi obrigada a impedi-la de imobilizar as máquinas.

“Deixe que eu faço o antagonismo, criança. Sei o que está à minha espera.” Quando ela certificou-se de que tinha mostrado seu ponto de vista, tomou posição sob um dos lustres.

— Ouça-me, Tam.

Tamalane obedientemente colocou-se à sua frente com expressão atenta.

— Já notou, Tam, que os saguões modernos tendem a ser bem pequenos? Tamalane olhou ao redor.

— Os saguões antigamente eram grandes — disse. — A fim de proporcionar um sentimento de espaço para os poderosos, e impressionar os outros com sua importância, naturalmente.

Tamalane captou o espírito de encenação e disse: — Hoje em dia você já é importante, se conseguir viajar.

Odrade olhou para os robôs imobilizados, espalhados pelo saguão. Alguns zumbiam e agitavam-se. Outros esperavam quietos que alguém ou alguma coisa restaurasse a ordem.

A auto-recepcionista, um tubo fálico de plaz negro com um único cintilante televigia, saiu da parte de trás de sua gaiola e abriu caminho entre os robôs parados, a fim de se defrontar com Odrade.

— Está muito úmido hoje. — Tinha uma voz feminina sentimental. — Não sei o que a Meteorologia está pretendendo.

Odrade dirigiu-se a Tamalane por cima da máquina. — Por que elas têm de programar esses dispositivos mecânicos para simular pessoas amistosas?

— É obsceno — Tamalane concordou. Ela empurrou com os ombros a auto-recepcionista, que girou para detectar a fonte da interferência, mas não fez nenhum outro movimento.

Odrade conscientizou-se, de repente, de que tinha atingido a força que movera o Jihad Butleriano — a motivação da turba.

“Meu próprio preconceito!”

Analisou o mecanismo à sua frente. Estaria esperando instruções ou será que ela devia dirigir-se diretamente à coisa?

Quatro outros robôs entraram na sala com a bagagem do grupo empilhada sobre eles.

“Todas as nossas coisas cuidadosamente revistadas, tenho certeza. Procurem onde quiserem. Não carregamos nenhuma pista de nossas legiões.”

Os quatro dispararam junto à parede, e encontraram o caminho impedido pelos que estavam paralisados. Diante disso, estacionaram, esperando que esse singular estado de coisas tivesse solução. Odrade sorriu-lhes. — Lá vão os sinais dos visitantes escondendo nossos “eus” secretos.

“Escondendo e secreto.”

Palavras para aborrecer as vigilantes.

“Vamos,Tam! Você conhece o truque. Confunda esse enorme conteúdo de inconsciência, desperte sentimentos de culpa que elas sejam incapazes de reconhecer. Provoque agitação como eu fiz com os robôs. Alerte-as. Quais são os poderes reais dessas bruxas Bene Gesserit?”

Tamalane pegou a deixa. “Visitantes e ‘eus’ secretos.” Explicou as palavras, visando os televigias, como se estivesse falando com uma criança. — O que transportamos quando deixamos o ninho? Você é daqueles que tentam levar tudo? Ou se restringe ao necessário?

“O que as vigilantes classificariam de necessário? Artigos de toalete e roupas laváveis ou descartáveis? Armas? Elas as procuraram em nossa bagagem. Mas as Reverendas Madres costumam não carregar armas visíveis.”

— Que lugar feio — Dortujla disse, juntando-se a Tamalane e entrando no jogo. — Você chega a pensar que é de propósito.

"Ahhh, suas vigilantes asquerosas. Observem Dortujla. Lembram-se dela? Por que teria retornado, quando sabe o que poderiam causar-lhe? Lançá-la aos Futares? Vejam como ela nem se incomoda!"

— Apenas uma passagem, Dortujla — disse Odrade. — A maioria das pessoas nunca desejaria este lugar como ponto de destino. Um inconveniente, e os pequenos desconfortos servem simplesmente para lembrar esse fato.

— Uma escala, e nunca será mais que isso, a menos que seja completamente reconstruído — Dortujla disse.

Elas ouviram? Odrade dirigiu um olhar de total compostura ao televigia escolhido.

"Esta feiúra denota intenção. Ela nos diz: proporcionaremos algo para o estômago, uma cama, um lugar para evacuar a bexiga e os intestinos, um lugar para realizar os pequenos rituais de manutenção exigidos pela carne, mas você deverá ir embora depressa, porque tudo o que realmente queremos é a energia que você deixa atrás de si."

A auto-recepcionista acercou-se de Tamalane e Dortujla, tentando uma vez mais fazer contato com Odrade.

— Quer nos enviar a nossos aposentos imediatamente? — Odrade disse, encarando o olho ciclópico.

— Imagine! Como fomos desatenciosas!

Onde elas foram buscar essa voz caramelada? Repulsiva. Mas Odrade já estava a caminho da saída em menos de um minuto, com a bagagem nos robôs na frente, Suipol logo atrás, seguida por Tamalane e Dortujla.

Havia um ar de abandono em uma ala, claramente visível, quando elas passaram. Isso significaria que o tráfego no Entroncamento tinha diminuído? Interessante. As persianas estavam baixadas ao longo de todo o corredor. Escondendo algo? Na obscuridade, ela percebeu poeira no chão e nas saliências, com poucos vestígios de instrumentos de limpeza. Ocultando o que havia atrás das janelas? Pouco provável. Tinham sido fechadas há algum tempo.

Ela percebeu um padrão naquilo que estava sendo mantido. Pouquíssimo tráfego. O efeito das Honradas Madres. Quem ousava circular muito, quando era mais seguro enterrar-se e rezar para não ser notado por perigosos malfeitores? As vias de acesso aos aposentos particulares da elite estavam sendo conservadas. Somente os melhores estavam sendo mantidos no melhor.

"Quando os refugiados de Gammu chegarem, haverá lugar para eles."

No saguão, um robô dera a Suipol um orientador de pulso. — Para encontrar seu caminho, mais tarde. — Uma esfera azul com uma flecha amarela

flutuante, apontando para o caminho escolhido. — Toca um sininho, quando se chega ao local desejado.

O sino do orientador soou.

“E onde chegamos?”

Um outro lugar que as hospedeiras tinham equipado com “todo o luxo” ao mesmo tempo em que o mantinham repulsivo. Salas assoalhadas de amarelo suave, paredes cor de malva e teto branco. Não havia cadeiras-cão. Devia-se agradecer por isso, embora a ausência denotasse economia e não cuidado com a preferência dos hóspedes. As cadeiras-cão exigiam manutenção e um *staff* dispendioso. Ela viu o estofamento com tecido de permaflox. E por trás do tecido percebeu a elasticidade do plástico. Tudo confeccionado nas outras cores da sala.

A cama era um pequeno choque. Alguém tinha levado a solicitação de um colchão duro muito ao pé da letra. Superfície plana de plaz negro sem acolchoado. Nenhuma roupa de cama.

Suipol, vendo isso, começou a fazer objeções, mas Odrade silenciou-a. Apesar dos recursos Bene Gesserit, o conforto era às vezes deixado de lado. Faça o trabalho! Essa era sua primeira ordem. Se a Madre Superiora tivesse que dormir ocasionalmente numa superfície dura, sem coberta, isso seria feito em nome do dever. Além disso, as Bene Gesserit tinham meios de se ajustar a esses pequenos contratempos. Odrade preparou-se para enfrentar esse desconforto, consciente de que, se objetasse, poderia deparar-se com outro insulto deliberado.”Deixe que elas acrescentem isto a esse conteúdo inconsciente e se preocupem com ele.”

A convocação veio enquanto ela estava inspecionando o resto dos aposentos, demonstrando uma preocupação mínima e um divertimento ostensivo. Uma voz esganiçada soou através dos respiradouros no teto, quando Odrade e suas companheiras apareceram na sala de estar comum: — Retornem ao saguão onde estará à sua espera a pessoa que as escoltará até a Grande Honrada Madre.

— Irei sozinha — Odrade disse, silenciando as objeções.

Uma Honrada Madre vestida de verde esperava numa cadeira frágil, entre o corredor e o saguão. Sua face era construída como uma parede de castelo — pedra sobre pedra. A boca era uma comporta, através da qual ela inalava um líquido por um canudo transparente, que se tingia de roxo. Cheiro de açúcar na bebida. Os olhos pareciam armas espreitando sobre trincheiras. Nariz: um declive sobre o qual os olhos enviavam seu ódio. Queixo: fraco. Esse queixo não era necessário. Um adendo. Algo deixado de uma construção anterior. Podia-se ver a criança nele. E o cabelo: escurecido artificialmente num castanho cor de

lama. Sem importância. Olhos, nariz e boca, esses eram os traços importantes.

A mulher permaneceu vagarosa, insolente, enfatizando o favor que fazia simplesmente por tomar conhecimento de Odrade.

— A Grande Honrada Madre concorda em vê-la.

Voz pesada, quase masculina. O orgulho estava tão cristalizado, que transparecia em todas as suas ações. Um bloco de preconceito imóvel. *Sabia* tantas coisas, que era uma exibição ambulante de ignorância e medo. Odrade percebeu nela uma demonstração perfeita da vulnerabilidade das Honradas Madres.

Ao fim de muitas voltas e corredores, todos eles limpos e brilhantes, chegaram a uma sala comprida — com o sol entrando por uma fila de janelas, e uma sofisticada mesa de comando militar numa extremidade; projeções de mapas de terra e de espaço. O centro da teia da Rainha Aranha? Odrade tinha dúvidas. A mesa de comando era óbvia demais. Um pouco diferente do *design* da Dispersão, mas sem deixar dúvidas quanto ao propósito. Os campos que os humanos podiam manipular tinham limites físicos, e um capacete para intercomunicação mental não podia ser outra coisa, embora tivesse uma colossal forma oval e uma cor peculiar de amarelo sujo.

Varreu a sala com o olhar. Pouco mobiliada. Algumas cadeiras lingas e mesinhas, uma grande área aberta onde (presumivelmente) as pessoas podiam aguardar ordens. Nenhuma desordem. Esse devia ser um centro de ação.

“Cause impressão na bruxa!”

As janelas de uma parede comprida revelavam um pátio lajeado e jardins adiante. Isso tudo era uma montagem!

“Onde está a Rainha Aranha? Onde dorme? Qual é a aparência de sua toca?”

Duas mulheres entraram por uma porta em arco, vindas do pátio. Ambas usavam mantos vermelhos com arabescos cintilantes e formas de dragão. Alguns fragmentos de pedrassuaves como enfeite.

Odrade manteve silêncio, tomando cuidado até depois das apresentações da acompanhante, que pronunciou um mínimo de palavras e retirou-se apressadamente.

Sem as informações de Murbella, Odrade teria tomado por comandante a figura alta que se erguia ao lado da Rainha Aranha. Mas era a pequena. Fascinante.

“Essa aí simplesmente não subiu ao poder. Ela se esgueirou pelas frestas. Um dia, as Irmãs se depararam com o fato consumado. Lá estava ela, firmemente instalada no centro. E quem poderia fazer objeções? Dez minutos depois de deixá-la você teria dificuldade em lembrar-se do alvo de suas

objeções.”

As duas mulheres examinaram Odrade com igual intensidade.

“Muito bem. É necessário neste momento.”

A aparência da Rainha Aranha era mais que uma surpresa. Até esse momento, as Bene Gesserit não tinham conseguido nenhuma descrição física sua. Somente projeções passageiras, construções imaginárias baseadas em fragmentos esparsos de testemunhas. Finalmente, aqui estava ela. Uma mulher pequena. Supostos músculos de aço visíveis sob a malha vermelha embaixo do manto. Rosto oval, facilmente esquecível, com olhos suaves onde dançavam pontinhos laranja.

“Amedrontada, e por isso mesmo irritada, sem conseguir, entretanto, detectar os motivos de seu medo. Tudo que ela tem como alvo sou eu. O que ela pensa conseguir de mim?”

A auxiliar era diferente: na aparência, muito mais perigosa. Cabelo dourado, cuidadosamente penteado numa touca, nariz levemente adunco, lábios finos, pele esticada sobre as maçãs do rosto. E esse olhar venenoso.

Odrade examinou uma vez mais os traços da Rainha Aranha: um nariz que se teria dificuldade em descrever um minuto após deixá-la.

“Reto? Sim, de algum modo.”

As sobrancelhas combinavam com o cabelo cor de palha. A boca se abria para tornar-se visivelmente cor-de-rosa e quase desaparecia quando fechada. Era um rosto em que se tinha dificuldade para encontrar um foco central, de modo que a face inteira ficava indistinta.

— Então você é a líder da Bene Gesserit.

Uma voz niveladamente baixa. Um Galach com inflexões estranhas e sem jargão. No entanto, percebia-se que estava bem na ponta da língua. Havia truques linguísticos aí. O conhecimento de Murbella enfatizava isso.”Elas têm algo parecido com a Voz. Não igual ao que vocês me deram, mas há outras coisas que elas fazem, uma espécie de truque de palavras.”

“Truque de palavras.”

— Como devo chamá-la?

— Ouvi dizer que me chama de Rainha Aranha. — Pontinhos laranja dançando maldosamente nos olhos.

— Aqui, no centro de sua teia, e considerando seus grandes poderes, temo dizer que devo confessá-lo.

— Então é isso que nota — meus poderes! — Vaidosa.

A primeira coisa que Odrade realmente notara fora o perfume da mulher. Ela estava banhada em algum cheiro violento.

“Destinado a cobrir feromônios?”

Prevenida sobre a capacidade Bene Gesserit de julgar, tendo por base dados minúsculos de percepção? Talvez. Era perfeitamente possível que ela preferisse esse perfume. Esse preparado odioso tinha um indefinível traço de flores exóticas. Algo de sua terra natal?

A Rainha Aranha pôs a mão no queixo inexpressivo. — Pode chamar-me de Dama.

A companheira objetou. — Esta é a última inimiga nos Milhões de Planetas!

“Então é assim que elas pensam sobre o Antigo Império.”

A Dama levantou a mão pedindo silêncio. Tão casual e tão reveladora. Odrade viu, nos olhos da ajudante, um brilho que lembrava Bellonda. A maldade estava vigilante e procurando lugares para atacar.

— A maioria é obrigada a chamar-me de Grande Honrada Madre — a Dama disse. — É uma honra que estou lhe conferindo. — Fez um gesto na direção da porta em arco atrás de si. — Caminharemos lá fora, apenas as duas, enquanto conversamos.

Nenhum convite; era uma ordem.

Odrade parou ao lado da porta para olhar um mapa que estava à mostra. Preto e branco, pequenas linhas de caminhos e contornos irregulares com rótulos em Galach. Eram os jardins além do pátio lajeado, identificações de plantações. Odrade curvou-se para estudá-lo, enquanto a Dama esperava com uma tolerância divertida. Sim, árvores e arbustos esotéricos, muito poucos com frutas comestíveis. O orgulho da posse, e o mapa estava aqui para enfatizá-lo.

No pátio, Odrade disse: — Notei seu perfume.

A Dama foi lançada em memórias do passado e sua voz apresentava notas sutis quando respondeu.

“Impressor de identidade floral de sua própria planta flamejante. Imagine! Mas ela está ao mesmo tempo triste e irritada quando pensa nisso. E se pergunta por que chamei atenção sobre isso.”

— De outro modo a planta não teria me aceitado — disse a Dama. “Escolha interessante do tempo verbal.”

O Galach com inflexões não era difícil de entender. Ela obviamente adaptava inconscientemente ao ouvinte.

“Bom ouvido. Gasta alguns segundos observando e ouvindo, e depois faz adaptações para ser compreendida. Uma forma de arte muito antiga, que a maioria dos humanos adota rapidamente.”

Odrade via as origens como uma coloração protetora.

“Não querem ser tomadas por estranhas.”

Uma característica ajustável, introduzida nos genes. As Honradas Madres

não a tinham perdido, mas era uma vulnerabilidade. As tonalidades inconscientes não eram completamente encobertas, e revelavam muita coisa.

A despeito de sua vaidade espalhafatosa, a Dama era inteligente e autodisciplinada. Era um prazer chegar a essa conclusão. Certos circunlóquios eram desnecessários.

Odrade parou acompanhando a Dama, na extremidade do pátio. Estavam quase ombro a ombro, e a Madre Superiora, olhando o jardim lá fora, foi atingida por sua aparência quase Bene Gesserit.

— Diga o que tem para falar — a Dama disse.

— Que valor eu tenho como refém? Ferocidade laranja!

— Obviamente, já fez a si mesma esta pergunta — Odrade disse.

— Continue. — O laranja diminuindo.

— A Irmandade tem três substituições para mim. — Odrade fixou-lhe o olhar mais penetrante de que era capaz. — É possível enfraquecer-nos mutuamente de forma que destruiriam a ambas.

— Poderíamos aniquilá-la como se mata um inseto! “Cuidado com o laranja!”

Odrade não foi desviada por avisos vindos do interior. — Mas a mão que nos matasse infeccionaria e, no fim, a doença a consumiria. “Não poderia ser melhor explicado sem detalhes específicos.”

— Impossível. — Um olhar feroz cor de laranja.

— Acha que não sabemos como vocês foram impelidas de volta para cá por seus inimigos?

“Meu lance mais perigoso.”

Odrade observou o efeito de suas palavras. A carranca sombria da Dama não foi sua única resposta. O laranja desapareceu, deixando seus olhos como uma discrepância estranhamente suave no rosto ameaçador.

Odrade assentiu, como se a Dama tivesse respondido. — Poderíamos deixá-las vulneráveis àqueles que as atacam, aos que as conduziram a este beco sem saída.

— Acha que nós...

— Nós sabemos.

“Pelo menos, agora eu sei.”

O conhecimento dava-lhe, ao mesmo tempo, alegria e medo.

“O que existe lá, que subjuga essas mulheres?”

— Estamos simplesmente reunindo forças antes...

— Antes de retornar a uma arena onde têm certeza de que serão aniquiladas.. . onde não podem contar com números esmagadores.

A voz da Dama recaiu no Galach macio, que Odrade tinha dificuldade de

compreender. — Então eles foram a vocês... e fizeram sua oferta. Que tolas são, por confiarem em...

— Não disse que confiamos.

— Se Logno lá atrás... — aceno de cabeça indicando a auxiliar na sala — ... a ouvisse falar-me assim, você estaria morta em menos tempo do que eu levaria para avisá-la.

— Tenho sorte de estarmos apenas nós duas aqui.

— Não confie na possibilidade de eu levar isso muito adiante. Odrade olhou para a construção por sobre o ombro. As alterações no projeto da Corporação eram visíveis: uma longa fachada de janelas, muita madeira exótica e pedras decorativas.

“Riqueza.”

Ela estava lidando com a riqueza em um extremo difícil de imaginar.

Nada do que a Dama quisesse, nada que pudesse ser proporcionado pela sociedade que lhe era subserviente, seria negado. Nada, a não ser voltar à Dispersão.

Até que ponto a Dama se entregava à fantasia de que seu exílio pudesse ter fim? E qual era a força que tinha mandado esse poder de volta ao Antigo Império? Por que aqui? Odrade não ousava perguntar.

— Continuaremos esta conversa em meus aposentos — a Dama disse.

“No covil da Rainha Aranha, finalmente!”

Os alojamentos da Dama eram, de certa forma, um enigma. Não ricamente acarpetado. Ela chutou as sandálias ao entrar, ficando descalça. Odrade fez o mesmo.

“Veja a calosidade na parte de fora dos pés! Armas perigosas conservadas em bom estado.”

Não apenas o chão macio, mas a sala inteira intrigava Odrade. Uma janela pequena dando para o bem cuidado jardim botânico. Nada suspenso nas paredes, nem mesmo quadros. Nenhuma decoração. A grade de um respiradouro lançava sombras listradas acima da porta por onde tinham entrado. Uma outra porta à direita. Outro respiradouro. Dois sofás cinza-claro. Duas mesinhas em negro brilhante. Uma outra mesa grande, em tons dourados, com uma tênue luz verde na superfície, indicando um campo de controle. Odrade identificou o contorno retangular de um projetor embutido na mesa.

“ Ahhh, este é o seu gabinete de trabalho. Estamos aqui para trabalhar?”

Havia uma concentração refinada no lugar. As distrações tinham sido eliminadas com cuidado. Que distrações a Dama aceitaria?

“Onde estão as salas decoradas? Ela tem de viver num ambiente que lhe seja próprio. Não se pode sempre formar barreiras para rejeitar coisas que

impressionam desfavoravelmente a psique. Quando se deseja conforto verdadeiro, a casa não pode estar disposta de um modo que ataque a pessoa, especialmente com relação a ataques ao inconsciente. Isso é verdadeiramente perigoso, mas ela tem o poder de dizer ‘Sim’.”

Era uma antiga compreensão Bene Gesserit. Procuravam-se as pessoas que podiam dizer “Sim”. Nunca se preocupe com subalternos que somente podem dizer “Não”. Procurava-se aquele que podia fazer um acordo, assinar um contrato, pagar uma promessa. A Rainha Aranha não dizia “Sim” frequentemente, mas tinha o poder de fazê-lo, e sabia disso.

“Eu devia ter compreendido, quando ela me puxou de lado. Deu-me o primeiro sinal quando permitiu que eu a chamasse de Dama. Teria sido precipitada, dando início ao ataque de Teg de um modo que não posso interromper? Tarde demais para reflexões tardias. Sabia disso quando lhe dei liberdade.

“Mas que forças poderemos atrair?”

Odrade tinha registrado o padrão dominante da Rainha Aranha. As palavras e os gestos podiam fazê-la recolher-se, aniquilando-se na consciência intensa das batidas de seu próprio coração.

“O drama tem de continuar.”

A Dama estava fazendo algo com as mãos no campo verde, na superfície da mesa dourada. Estava concentrada nisso, ignorando Odrade de um modo que era ao mesmo tempo um insulto e um cumprimento.

“Você não vai interferir, bruxa, porque esse não é seu melhor interesse e você sabe disso. Além do mais, você não é importante o suficiente para me distrair.”

A Dama parecia agitada.

“O ataque a Gammu teria sido bem-sucedido? Os refugiados estarão começando a chegar?”

Um olhar feroz cor de laranja focalizou Odrade. — Seu piloto acabou de se destruir juntamente com a nave, para não se submeter à inspeção. O que vocês trouxeram?

— Nós mesmas.

— Há um sinal que vem de você!

— Dizendo a minhas companheiras se estou viva ou morta. Você já sabia disso. Alguns de nossos ancestrais queimavam suas naves antes de um ataque. Não há retirada possível.

Odrade falava com cuidado intenso, ajustando o tom e o compasso às respostas da Dama. — Se eu for bem-sucedida, você providenciará meu transporte. Meu piloto era um Cyborg, e o shere não podia protegê-lo de suas

sondas. Tinha ordens de matar-se caso caísse em suas mãos.

— Dando-nos coordenadas a respeito de seu planeta. — O laranja diminuiu nos olhos da Dama, mas ela ainda se mostrava perturbada. — Não sabia que seu povo lhe obedecia a esse ponto.

“Como você os domina sem aprisioná-los sexualmente, bruxa? A resposta não está clara? Temos poderes secretos.”

“Cuidado, agora”, Odrade disse para si mesma. “Uma abordagem metódica, alerta a novas exigências. Deixe-a pensar que escolhemos um método de reação e nos atemos a ele. Quanto ela sabe a nosso respeito? Ela não sabe nem mesmo que a Madre Superiora pode ser uma boa isca, um chamariz para conseguir informações vitais. Isso nos torna superiores? Nesse caso, o treinamento superior pode sobrepujar a velocidade e o número superiores?”

Odrade não tinha resposta.

A Dama sentou-se atrás da mesa dourada, deixando Odrade de pé. Havia uma sensação de aninhar-se nesse movimento. Ela não saía muito desse lugar. Esse era o verdadeiro centro de sua teia. Todas as coisas que ela pensava precisar estavam aqui. Trouxera Odrade a esta sala porque era um inconveniente estar em outro lugar. Sentia-se pouco à vontade em outros ambientes, talvez mesmo ameaçada. A Dama não cortejava o perigo. Tinha feito isso outrora, mas fora há muito tempo, uma experiência abandonada em algum lugar, no passado. Agora queria apenas sentar-se aqui num casulo seguro e bem organizado, onde podia manipular os outros.

Odrade achou essas observações uma afirmação bem-vinda das deduções Bene Gesserit. A Irmandade sabia como explorar esse poder.

— Não tem mais nada a me dizer? — a Dama perguntou.

“Ganhe tempo.”

Odrade arriscou uma pergunta. — Estou extremamente curiosa em saber por que concordou com o encontro.

— Por que está curiosa?

— Parece tão... tão em desacordo com vocês.

— Nós determinamos o que é adequado para nós! — Bastante questionadora.

— Mas qual é o seu interesse em nós?

— Pensa que as achamos interessantes?

— Talvez até nos achem notáveis, porque é assim que as encaramos. Uma expressão satisfeita apareceu, de modo fugitivo, no rosto da Dama.

— Eu sabia que ficariam fascinadas conosco.

— O que é exótico interessa-se pelo exótico — Odrade disse.

Isso trouxe um sorriso sagaz aos lábios da Dama, o sorriso de alguém cujo

bichinho de estimação fez algo inteligente. Levantou-se e dirigiu-se à janela. Chamando Odrade para seu lado, fez um gesto para um grupo de árvores adiante dos arbustos floridos e falou naquela inflexão macia, tão difícil de acompanhar.

Algo fez soar um alarme interior. Odrade entrou em simulfluxo, pesquisando a fonte. Alguma coisa no quarto da Rainha Aranha? Havia uma falta de espontaneidade, combinada com muito do que a Dama fazia. Então, tudo isso tinha sido planejado para criar um efeito. Cuidadosamente articulado.

“Esta será realmente minha Rainha Aranha? Ou haverá uma outra, mais poderosa, observando-nos agora?”

Odrade explorou essa idéia, pondo os pensamentos rapidamente em ordem. Era um processo que oferecia mais perguntas que respostas, uma taquigrafia mental semelhante à dos Mentats. Separe o que é relevante e faça emergir a base latente (mas em ordem). A ordem era, geralmente, um produto da atividade humana. O caos existia como matéria-prima, de onde se extraía a ordem. Essa era a abordagem Mentat, que propiciava não-verdades inalteradas, mas uma notável alavanca para a tomada de decisão: reunião ordenada de informações num sistema não isolado.

Chegou a uma Projetiva.

“Elas se realizam no caos! Preferem essa condição! Viciadas em adrenalina!”

Então a Dama era a Dama, a Grande Honrada Madre. Eterna padroeira, eterna superiora.

“Não existe nenhuma outra maior nos observando. Mas a Dama acredita que isto seja uma negociação. Chega-se a pensar que ela nunca fez isso antes. Precisamente!”

A Dama tocou um ponto abaixo da janela, onde não havia nenhuma marca visível, e a parede deslocou-se, mostrando que a janela era simplesmente um artifício engenhoso. Abria-se para uma varanda alta, revestida de azulejos verde-escuro. Dava vista para plantações muito diferentes daquelas que se observavam pela janela. Aqui o caos estava preservado, a terra inculta deixada a seu próprio destino e tornada mais evidente pelos jardins ordenados que se viam à distância. Sarças, árvores caídas, arbustos espessos. E além: filas criteriosamente espaçadas do que pareciam ser legumes e verduras, com ceifadoras automáticas passando de cá para lá, deixando o solo escalvado atrás de si.

“Amor ao caos, verdadeiramente!”

A Rainha Aranha sorriu e dirigiu-se à varanda.

Quando se aproximou, Odrade uma vez mais foi interrompida pelo que viu. Uma decoração no parapeito à sua esquerda. Uma figura em tamanho natural, feita de uma substância quase etérea, toda cheia de planos leves e

superfícies curvas.

Quando olhou melhor, Odrade percebeu que a intenção era representar uma figura humana. Homem ou melhor? Em algumas posições, homem; em outras, mulher. Fios delgados, quase invisíveis (parecia shigafio) a mantinham suspenso de um tubo levemente curvo, preso a um globo translúcido. As extremidades inferiores da figura quase tocavam a superfície granulada da base de sustentação.

Odrade fixou o olhar, cativada.

“Por que isso me lembra ‘O Vácuo’ de Sheeana?”

Quando o vento a movimentava, a obra parecia dançar, recaindo às vezes num andar gracioso, depois uma curta pirueta e voltas rápidas com a perna estendida.

— Chama-se o “Mestre de Bale” — a Dama disse. — Conforme o vento, ele atira os pés bem alto. Já o vi correr tão graciosamente como um maratonista. Às vezes só faz pequenos movimentos feios, agitando os braços como se estivesse segurando armas. Belo e feio — é tudo o mesmo. Acho que o artista não lhe deu o nome apropriado. “Ser Desconhecido” teria sido melhor.

“Belo e feio — tudo o mesmo. Ser Desconhecido.”

Isso é que era terrível a respeito da obra de Sheeana. Odrade sentiu um calafrio de medo. — Quem foi o artista?

— Não tenho a menor idéia. Uma de minhas predecessoras trouxe-o de um planeta que destruímos. Por que isso a interessa?

“É a coisa selvagem que ninguém governa.” Mas disse: — Acredito que nós duas estejamos procurando uma base para um entendimento, tentando encontrar semelhanças entre nós.

Isso trouxe de volta o laranja em seus olhos. — Vocês podem tentar nos compreender, mas nós não temos necessidade de entendê-las.

— Nós duas viemos de sociedades de mulheres.

— E perigoso pensar em nós como suas ramificações.

“Mas o depoimento de Murbella diz que são. Formadas na Dispersão pelas Oradoras Peixes e as Reverendas Madres *in extremis!*”

Muito ingênua e sem enganar ninguém, Odrade perguntou: — Por que é perigoso?

O riso da Dama não revelava divertimento. Era vingativo.

Odrade sentiu um novo surto de medo.

O que se exigia aqui era mais que uma investigação-exame Bene Gesserit. Essas mulheres estavam acostumadas a matar, quando irritadas. Um reflexo. E a Dama demonstrara isso quando falara a sua ajudante. E agora, dera sinais de que havia limites para sua tolerância.

"Entretanto, a seu modo, ela está tentando negociar. Exibe suas maravilhas mecânicas, seus poderes, suas riquezas. Nenhuma oferta de aliança. Sejam humildes servas, bruxas, nossas escravas, e perdoaremos muito. Para conseguir o último dos Milhões de Planetas? Mais do que isso, certamente, mas um número interessante."

Com uma nova cautela, Odrade reformulou sua abordagem. As Reverendas Madres caíam no padrão adaptativo com muita facilidade. "Sou, naturalmente, muito diferente de você, mas cedo, em benefício do acordo." Isso não funcionaria com as Honradas Madres. Elas não aceitariam nada que sugerisse a inexistência de seu controle absoluto. O fato de permitir a Odrade tanta latitude era uma declaração da superioridade da Dama sobre suas Irmãs.

Uma vez mais, a Dama falou de seu modo imperioso.

Odrade ouvia. Era estranho que a Rainha Aranha pensasse que o que havia de mais atraente nas coisas proporcionadas pela Bene Gesserit fosse a imunidade a doenças.

"Teria sido essa a forma de ataque que as expulsou para cá?"

Sua sinceridade era ingênua. Nada de cansativos *check-ups* periódicos para detectar habitantes secretos em sua carne. Às vezes não tão secretos. Repulsivamente perigosos, até. Mas a Bene Gesserit acabaria com tudo isso e seria devidamente recompensada.

"Que agradável."

Ainda o tom vingativo em cada palavra. Odrade surpreendeu-se pensando: Vingativo? Não exatamente. Algo existente em nível mais profundo.

"Inconscientemente estão ciumentas do que perderam quando romperam conosco!"

Era um outro padrão que fora estilizado!

As Honradas Madres recaíam em maneirismos repetitivos.

"Maneirismos que abandonamos há muito."

Isso era muito mais que uma recusa em reconhecer as origens Bene Gesserit. Era uma remoção de lixo.

"Deixe cair o seu lixo onde quiser. Os subalternos o recolherão. Ela está mais preocupada com seu próximo objeto de consumo do que com o fato de estar sujando seu próprio ninho."

O defeito da Honrada Madre era maior do que se supunha. Muito mais mortais a si mesmas e a tudo que controlavam. E elas não podiam encarar o fato, porque, para elas, não estava lá.

"Nunca existiu."

A Dama permanecia um paradoxo intocável. Não lhe passava pela cabeça nenhuma possibilidade de aliança. Ela parecia brincar com a idéia, mas apenas

para testar o inimigo.

“Eu estava certa em desatrelar Teg.”

Logno entrou no gabinete com uma bandeja, onde repousavam dois copos altos, quase totalmente cheios de um líquido dourado. A Dama pegou um, cheirou-o e tomou um gole com uma expressão satisfeita.

“Que brilho maldoso era esse nos olhos de Logno?”

— Experimente um pouco deste vinho — a Dama disse, fazendo um gesto a Odrade. — E de um planeta do qual nunca ouviu falar, tenho certeza, mas onde concentramos os elementos necessários para produzir a uva dourada perfeita para o perfeito vinho dourado.

Odrade foi surpreendida por essa antiga associação dos humanos com sua preciosa bebida. O deus Baco. Bagos fermentados nos arbustos ou nos recipientes tribais.

— Não tem veneno — a Dama disse, ao ver a hesitação de Odrade. — Asseguro-lhe. Matamos quando é necessário, mas não somos estúpidas. Guardamos a matança espalhafatosa para as massas. E não a considero uma representante das massas.

A Dama riu de seu próprio humor. A familiaridade elaborada era quase grosseira.

Odrade pegou o copo que lhe era oferecido e provou-o.

— É uma coisa que alguém planejou para nos agradar — a Dama disse, com a atenção fixa em Odrade.

Um único gole era suficiente. Os sentidos de Odrade detectaram uma substância estranha, cujo propósito da levou várias batidas de coração para identificar.

“Para anular o shere que me protege das sondas.”

Ajustou o metabolismo para tornar a droga inofensiva, e depois anunciou o que tinha feito.

A Dama dirigiu um olhar feroz a Logno. — É por isso que nenhuma dessas coisas funciona com as bruxas! E você nunca suspeitou! — A raiva era uma força quase física, dirigida à infeliz auxiliar.

— É um dos sistemas de imunidade com que combatemos as doenças — Odrade disse.

A Dama arremessou o copo no chão. Levou algum tempo para readquirir a compostura. Logno afastou-se devagar, segurando a bandeja quase como um escudo.

“Então a Dama fez mais do que esgueirar-se em direção ao poder. Suas Irmãs a consideram mortal. E assim devo considerá-la.”

— Alguém pagará por este esforço inútil — a Dama disse. Seu sorriso

não era agradável.

“Alguém.

“Alguém fez o vinho. Alguém fez a figura dançante. Alguém pagará. A identidade não era importante, somente o prazer ou a necessidade de retribuição. Subserviência.”

— Não interrompa meus pensamentos — a Dama disse. Dirigiu-se ao parapeito e deteve o olhar no Ser Desconhecido, obviamente para recompor a postura de *negociação.*

Odrade voltou a atenção para Logno. O que era essa vigilância continuada, essa atenção absorta fixada na Dama? Não era mais um simples medo. Subitamente, ela parecia extremamente perigosa.

“Veneno!”

Odrade tinha tanta certeza como se a ajudante tivesse gritado a palavra.

“Não sou eu o seu alvo. Ainda não. Ela aproveitou esta oportunidade para fazer seu lance no poder.”

Não havia necessidade de olhar para a Dama. O momento de sua morte era visível no rosto de Logno. Voltando-se, Odrade confirmou-o. A Dama era um volume no chão, abaixo do Ser Desconhecido.

— Você *me* chamará de Grande Honrada Madre — Logno disse. — E aprenderá a me agradecer por isso. Ela (apontando para o monte vermelho no canto da varanda) pretendia traí-la e exterminar seu povo. Eu tenho outros planos. Não sou daquelas que destroem uma arma útil no momento de nossa maior necessidade.

42

Batalha? Há sempre um desejo de espaço para respirar, motivando-a em algum lugar.

— O Bashar Teg

Murbella observava a luta para tomar o Entroncamento com uma indiferença que não refletia seus sentimentos. Ficava no comando central de sua não-nave, rodeada por um círculo de Instrutoras, mantendo a atenção fixa na transmissão de projeções dos televigias de solo.

Havia batalhas por volta de todo o Entroncamento — explosões de luz no escuro, erupções cinzentas durante o dia. Um grande combate dirigido por Teg centrado na “Cidadela” — uma elevação gigantesca projetada pela Corporação com uma nova torre próxima da extremidade. Embora os sinais vitais de Odrade tivessem parado abruptamente nas transmissões, relatórios anteriores confirmavam que a Grande Honrada Madre estava lá.

A necessidade de observar à distância ajudava o senso de imparcialidade de Murbella, mas ainda assim ela sentia a excitação.

“Tempos interessantes!”

Esta nave transportava uma carga preciosa. Os milhões de Lâmpadas estavam sendo Compartilhados e preparados para Dispersão numa suíte comumente reservada para a Madre Superiora. A Irmã inculta com sua carga de Memória tinha prioridade dominante aqui.

“O Ovo de Ouro, com toda a certeza!”

Murbella pensou nas vidas que estavam sendo arriscadas naquela suíte. Preparando-se para o pior. Não havia falta de voluntárias, e a ameaça representada pelo conflito do Entroncamento minimizava a necessidade do veneno da especiaria para inflamar o Compartilhar, reduzindo o perigo. Qualquer um nesta nave podia sentir o tudo-ou-nada na jogada de Odrade. Reconhecia-se a ameaça iminente da morte. Era necessário Compartilhar!

A transformação de uma Reverenda Madre em conjuntos de lembranças passadas entre as Irmãs a um custo perigoso não possuía mais aquela aura de mistério para Murbella, mas assim mesmo ela estava cheia de reverência pela responsabilidade. A coragem de Rebecca... e de Lucilla!... exigia admiração.

“Milhões de Vidas de Lembranças! Todas concentradas no que a Irmandade denominava Extremis Progressiva, de duas em duas, depois de quatro em quatro, de dezesseis em dezesseis, até que cada uma possuísse todas elas e qualquer sobrevivente pudesse preservar a acumulação preciosa.”

O que elas estavam fazendo nos aposentos da Madre Superiora tinha um pouco desse sabor. O conceito não mais aterrorizava Murbella, mas, ainda assim, não era comum. As palavras de Odrade davam algum conforto.

“Uma vez que você tenha se adaptado ao fardo da Outra Memória, tudo o mais entra numa perspectiva que é completamente familiar, como se você sempre a tivesse conhecido.”

Murbella reconhecia que Teg estava preparado para morrer em defesa dessa consciência múltipla que era a Irmandade da Bene Gesserit.

“Posso fazer menos?”

Teg, não mais um enigma completamente, permanecia um objeto de respeito. A Odrade Interior amplificava isso com lembretes de suas explorações, então: “Imagino como estarei me saindo lá. Pergunte.”

O comando dizia: — Nenhuma palavra. Mas suas transmissões podem ter sido bloqueadas por interferência na energia.

Eles sabiam quem tinha feito a pergunta. Estava expresso no rosto de todos.

“Ela possui Odrade!”

Murbella focalizou novamente a batalha na Cidadela.

Suas próprias reações a surpreendiam. Tudo estava colorido pelo desgosto histórico diante da repetição do absurdo da guerra, mas mesmo assim esse espírito exuberante se regozijando pelas capacidades recém-adquiridas da Bene Gesserit.

As forças das Honradas Madres tinham boas armas, ela percebeu, e os abafadores de absorção de calor de Teg estavam sendo atacados, mas mesmo enquanto ela assistia a isso, o perímetro defensivo caiu. Podia ouvir gritos lamentosos quando um grande destruidor projetado por Idaho abriu caminho saltando por entre as árvores altas, nocauteando os defensores à esquerda e à direita.

A Outra Memória forneceu-lhe uma comparação peculiar. Era como um circo. As naves aterrissando, vomitando sua carga humana.

“No centro da arena! A Rainha Aranha! Atos nunca vistos anteriormente por olhos humanos!”

A persona de Odrade deu-lhe uma sensação de divertimento. “Que tal isto para a união da Irmandade?”

“Você está morta aí, Dar? Deve estar. A Rainha Aranha vai culpá-la e

ficará furiosa.”

Viu, na alameda de ataque de Teg, árvores projetando as sombras compridas da tarde. Um convite à cobertura. Ele ordenou a seu pessoal que se desviasse. Ignorem as avenidas convidativas. Usem os caminhos de abordagem difícil.

A Cidadela ficava num jardim botânico gigantesco, onde árvores estranhas misturavam-se a arbustos ainda mais estranhos em meio a plantações prosaicas, tudo espalhado como se tivesse sido lançado aí pela mão de uma criança dançarina.

Murbella achou a metáfora do circo atraente. Dava uma perspectiva ao que ela testemunhava.

Anúncios em sua mente.

“Lá adiante, animais dançantes, defensores da Rainha Aranha, todos obrigados a obedecer! E na Arena Um, o acontecimento principal, supervisionado por nosso Mestre da Arena, Miles Teg! Seu pessoal faz coisas misteriosas. Aqui está o talento!”

Tinha aspectos de uma batalha encenada no Circo Romano. Murbella gostou da alusão. Tornava a observação mais rica.

“Aproximam-se torres de batalha cheias de soldados em armaduras. Eles lutam. Chamas cortam o céu. Corpos caem.”

Mas estes eram corpos verdadeiros, dores verdadeiras, mortes reais. A sensibilidade Bene Gesserit forçou-a a lamentar a perda.

“Isto será igual ao que aconteceu a meus pais quando foram apanhados no ataque?” As metáforas da Outra Memória desapareceram. Ela então viu o Entroncamento do modo como Teg o via, provavelmente. Violência sangrenta, familiar na memória, mas mesmo assim, nova. Via os atacantes avançando, ouvia-os.

Uma voz de mulher, destacada pelo choque: — Aquele arbusto gritou para mim!

Outra voz, de homem: — Não há meios de se descobrir de onde vêm. Essa coisa pegajosa queima a pele.

Murbella ouvia a ação na parte afastada da Cidadela, mas tornava-se assustadora bem em volta da posição de Teg. Ela via suas tropas moverem-se rapidamente pelas sombras, aproximando-se da torre. Lá estava Teg nos ombros de Streggi. Ele deteve o olhar por um momento na fachada à sua frente a meio quilômetro de distância. Escolheu a projeção que tinha o mesmo ponto de vista. Havia movimento atrás das janelas.

Onde estariam as misteriosas armas de último recurso que as Honradas Madres tinham a fama de possuir?

“O que ele fará agora?”

Teg tinha perdido seu Pod[9] de Comando num golpe de laser fora da área principal de conflito. O pod estava caído atrás dele e Teg, a cavalo nas costas de Streggi, erguia-se num canteiro de arbustos de camuflagem, alguns ainda fumegantes. Tinha perdido seu painel de comunicações junto com o pod, mas ainda retinha o cinto comunicador, embora estivesse parcialmente inutilizado devido à perda dos amplificadores do pod. Os especialistas em comunicações agachavam-se ao redor, agitando-se porque tinham perdido o contato direto com a ação.

A batalha além dos edifícios tornou-se mais ruidosa. Ele ouvia gritos ásperos, o sibilar agudo dos combustores e o zumbido mais baixo das grandes armas laser, misturados aos pequenos zip-zaps das armas manuais. Em algum lugar à sua esquerda, ouviu um som áspero que ele reconheceu como o de uma blindagem pesada com problemas. O rangido denunciava a agonia do metal. O sistema de energia estava danificado. Arrastava-se pelo chão, provavelmente fazendo desordem nos jardins.

Haker, o ajudante pessoal de Teg, vinha esquivando-se pela alameda atrás do Bashar.

Streggi percebeu primeiro sua presença, voltando-se sem avisar, forçando Teg a olhar para o homem. Haker, escuro e musculoso, com espessas sobrancelhas (molhadas de suor, agora), parou diretamente na frente de Teg e falou, antes de recobrar completamente o fôlego:

— Temos os últimos redutos sob controle, Bashar.

Haker elevou a voz para sobrepor-se aos sons da batalha e ao zumbido acima de seu ombro esquerdo, um grasnado de conversas em voz baixa — a urgência da batalha mantida em tons moderados.

— O perímetro afastado? — Teg interpelou.

— Desimpedido em meia hora, não mais. Deveria sair daqui, Bashar. A Madre Superiora disse que o mantivéssemos afastado de perigos desnecessários.

Teg fez um gesto indicando seu pod inutilizado. — Por que não tenho um comunicador de reserva?

— Os dois aparelhos de reserva foram destruídos pelo mesmo fogo, quando estavam sendo entregues.

— Estavam juntos?

Haker percebeu a irritação. — Sim, senhor, eles estavam...

— Um equipamento importante não pode ser enviado em conjunto. Vou saber quem desobedeceu as minhas ordens. — A pequena voz produzida pelas cordas vocais ainda imaturas continha mais ameaça que um grito.

— Sim, Bashar. — Estritamente obediente, e nenhum sinal por parte dele de que o erro fosse seu.

"Maldição!" — Quando chegarão os substitutos?

— Em cinco minutos.

— Traga meu pod de reserva o mais depressa que puder. — Teg tocou o pescoço de Streggi com o joelho.

Haker falou antes que ela pudesse voltar-se. — Bashar, eles pegaram o de reserva também. Já mandei vir outro.

Teg reprimiu um suspiro. Essas coisas costumavam acontecer em combate, mas ele não gostava de depender de comunicadores primitivos. — Ficaremos aqui. Consiga mais transmissores individuais. — Esses, pelo menos, eram feitos em série.

Haker olhou a vegetação em torno. — Aqui?

— Não gosto da aparência desses edifícios lá adiante. Aquela torre comanda a área. E eles devem ter acesso pelo subsolo. Eu teria.

— Não há nada na...

— O plano da minha lembrança não inclui aquela torre. Traga os detectores de som para verificar o solo. Quero nosso plano elaborado em minúcias, com informação segura.

O transmissor de Haker deu sinal de vida com uma voz dominante: — Bashar! O Bashar pode atender?

Streggi transportou-o para perto de Haker sem que lhe fosse mandado. Teg pegou o transmissor, assobiando seu código, enquanto o segurava.

— Bashar, está uma confusão aqui na Plataforma. Uma centena deles tentou subir e foi de encontro à nossa tela. Não há sobreviventes.

— Algum sinal da Madre Superiora ou de sua Rainha Aranha?

— Negativo. Não podemos dizer. Quero dizer, está uma verdadeira confusão. Quer que eu lhe mande uma visão por tela?

— Mande-me um despacho. E continue procurando Odrade!

— Digo-lhe que ninguém sobreviveu aqui, Bashar. Houve um clique e um zumbido baixo, depois uma outra voz: — Despacho.

Teg tirou de sob o queixo o codificador de impressão de voz e gritou algumas ordens. — Faça avançar uma nave batedora sobre a Cidadela. Coloque a cena da Plataforma de Aterrissagem e de seus outros desastres em transmissão aberta. Todos os grupos. Certifique-se de que todos possam ver. Anuncie que não há sobreviventes na Plataforma.

O duplo clique de *receber-confirmar* interrompeu a ligação. Haker disse: — Acha mesmo que pode aterrorizá-las?

— Eduque-as. — Ele repetiu as palavras de despedida de Odrade: "Sua

educação tem sido tristemente abandonada.”

O que teria acontecido a Odrade? Tinha certeza de que ela deveria estar morta, talvez a primeira baixa aqui. Ela esperara isso. Morta, mas não perdida, se Murbella pudesse conter sua impetuosidade.

Odrade, nesse momento, tinha Teg inteiramente visível, do ponto em que ela estava, na torre. Logno silenciara as transmissões de seus sinais vitais com um escudo contra-sinalizador, e trouxera-a para a torre logo após a chegada dos primeiros refugiados de Gammu. Ninguém questionou a supremacia da antiga auxiliar. Uma Grande Honrada Madre morta e outra viva era simplesmente algo muito familiar.

Esperando ser morta a qualquer instante, Odrade ainda reunia informações, enquanto subia num nultubo com guardas. O tubo era um artefato da Dispersão, um pistão transparente dentro de um cilindro também transparente. Havia poucas paredes obstruindo os andares por onde passavam. Eram principalmente vistas de áreas de moradia e maquinaria esotérica, que Odrade supunha ter propósitos militares. Demonstração exagerada de conforto e a quietude aumentando à medida que subiam.

“O poder se eleva física e psicologicamente.”

Aqui elas estavam, no topo. Uma parte do tubo cilíndrico projetou-se para fora e uma guarda empurrou-a com rudeza sobre um chão acarpetado espessamente.

“O gabinete de trabalho que a Dama mostrou lá embaixo era outra montagem.”

O sigilo era evidente. O equipamento e o mobiliário aqui teriam sido quase irreconhecíveis, não fosse pelo conhecimento de Murbella. Assim, os outros centros de ação eram para exibição. Aldeias Potemkin construídas para a Reverenda Madre.

“Logno mentiu a respeito das intenções da Dama. Esperava-se que eu saísse incólume... sem levar nenhuma informação útil.”

Que outras mentiras desfilariam à sua frente?

Logno e todas as guardas, com exceção de uma, dirigiram-se a uma mesa de comando à direita de Odrade. Girando sobre um pé, Odrade olhou em volta. Este era o centro verdadeiro. Estudou-o com cuidado. Lugar estranho. Possuía uma aura sanitária. Tratado com produtos químicos, para a limpeza. Nenhuma contaminação por bactéria ou vírus. Nada estranho no sangue. Tudo *depurado* como um mostruário de iguarias finas. E a Dama mostrou interesse na imunidade a doenças conseguida pela Bene Gesserit. Havia guerra bacteriológica na Dispersão.

“Elas querem uma única coisa de nós!”

E uma única Reverenda Madre simplesmente já as deixaria satisfeitas, caso pudessem extorquir-lhe informações.

Um quadro completo de oficiais Bene Gesserit teria de examinar os fios dessa teia para ver aonde ela os levaria.

“Se vencermos.”

A mesa de operações onde Logno concentrava a atenção era menor do que as do mostruário. Manipulação por campo digital. O capacete numa mesinha ao lado de Logno era menor e transparente, revelando um emaranhado de sondas, como tentáculos.

“Shigafio, sem dúvida.”

O capacete mostrava bastante afinidade com as Sondas-T da Dispersão, que Teg e os outros haviam descrito. Essas mulheres possuiriam mais maravilhas tecnológicas? Devem possuir.

Uma brilhante parede atrás de Logno, janelas à sua esquerda, dando para uma sacada, uma vista distante do Entroncamento lá fora com movimento de tropas e blindagem. Reconheceu Teg à distância, uma figura nas costas de um adulto, mas não deu nenhum sinal de que vira algo extraordinário. Continuou seu estudo vagaroso. Uma porta para uma passagem com outro nultubo parcialmente visível numa área separada bem à sua esquerda. Mais azulejos verdes no chão desse lugar. Funções diferentes nesse espaço.

Uma súbita explosão de ruídos irrompeu além da parede. Odrade identificou alguns. As botas de soldados produziam um som característico nos azulejos. Ruge-ruge de tecidos exóticos. Vozes. Distinguiu as inflexões das Honradas Madres respondendo entre si em tom chocado.

“Estamos vencendo!”

Esperava-se que houvesse um choque quando o invencível era rebaixado. Estudou Logno. Seria um mergulho no desespero?

“Se for, ainda poderei sobreviver.”

O papel de Murbella poderia ser modificado. Bem, isso podia esperar. As Irmãs tinham sido instruídas sobre o que fazer no caso de serem vitoriosas. Nem elas nem ninguém mais na força de ataque seria rude com uma Honrada Madre — de modo erótico ou qualquer outro. Duncan tinha preparado os homens, expondo inteiramente os perigos da cilada sexual.

“Não se arrisquem a fazer nenhum cativeiro. Não despertem novos antagonismos.”

A nova Rainha Aranha revelava-se agora como alguém ainda mais estranho do que Odrade suspeitara. Logno deixou a mesa de comando e aproximou-se de Odrade. — Vocês venceram esta batalha. Somos seus prisioneiros.

Não havia laranja em seus olhos. Odrade passou rapidamente o olhar pelas mulheres que tinham sido suas guardas. Expressões vazias, olhos claros. Era assim que elas demonstravam desespero? Não parecia certo. Logno e as outras não revelavam nenhuma resposta emocional prevista.

“Tudo mantido em segredo?”

Os acontecimentos das horas precedentes deveriam criar uma crise emocional. Logno não deu sinal dela. Nenhuma crispação reveladora de nervo ou músculo. Talvez uma preocupação casual, e isso era tudo.

“Uma máscara Bene Gesserit!”

Tinha de ser inconsciente, alguma coisa automática, inflamada pela derrota. Então elas não aceitavam a derrota realmente.

“Estamos ainda presentes nelas. Latentes... porém ainda arraigadas! Não é de admirar que Murbella quase tenha morrido. Ela se defrontou com seu próprio passado genético como uma proibição suprema.”

— Minhas companheiras — Odrade disse. — As três mulheres que vieram comigo. Onde estão?

— Mortas. — A voz de Logno era tão sem vida como a palavra. Odrade sentiu por Suipol. Tam e Dortujla tinham vivido vidas longas e proveitosas, mas Suipol... morta sem nunca ter Compartilhado. “Outra de valor que se perde. Que lição amarga!”

— Identificarei os responsáveis, se desejar vingar-se — Logno disse. “Lição dois.”

— A vingança é para as crianças e os retardados emocionalmente. Um pequeno retorno do laranja aos olhos de Logno.

A autodesilusão humana tomava muitas formas, lembrou-se Odrade. Consciente de que a Dispersão produziria o inesperado, armara-se adequadamente com um distanciamento protetor que lhe permitiria avaliar novos lugares, novas coisas e novas pessoas. Sabia que seria forçada a colocar muitas coisas em diferentes categorias para servi-la ou para desviar ameaças. Tomou a atitude de Logno como uma ameaça.

— Não parece perturbada, Grande Honrada Madre.

— Outros me vingarão. — Sem inflexões, muito serena.

As palavras eram ainda mais estranhas que sua tranquilidade. Ela escondia algo sob esse disfarce contido, pequenos fragmentos revelados agora em movimentos vacilantes despertados pela observação de Odrade. Coisas profundas e intensas, mas enterradas. Estava tudo lá dentro, mascarado como uma Reverenda Madre o faria. Logno parecia não ter poder algum e, no entanto, falava como se nada de essencial tivesse mudado.

“Sou sua prisioneira, mas isso não faz nenhuma diferença.”

Ela estaria realmente sem poder? Não! Mas essa era a impressão que queria transmitir e todas as outras Honradas Madres à sua volta espelhavam essa reação.

"Está nos vendo? Impotentes, a não ser pela lealdade de nossas Irmãs e os seguidores que se vincularam a nós."

As Honradas Madres estariam confiantes a esse ponto a respeito de suas legiões vingadoras? Isso seria possível somente se elas não tivessem nunca sofrido uma derrota desse tipo. Entretanto, alguém as tinha expulsado para o Antigo Império, para os Milhões de Planetas.

Teg encontrou Odrade e suas *prisioneiras* enquanto procurava um lugar para avaliar a vitória. A batalha sempre exigia essa análise posterior, especialmente sob o comando de um Mentat. Esta, mais do que qualquer outra na sua experiência, exigia dele um teste comparativo. O conflito não se alojaria na memória até que fosse avaliado e compartilhado, tanto quanto possível, com aqueles que dependiam dele. Era seu padrão invariável e ele não se preocupava com o que pudesse revelar sobre si. Alguém que rompesse a ligação com os interesses entrelaçados podia preparar-se para a derrota.

"Preciso de um lugar tranquilo para juntar os fios desta batalha e fazer um resumo preliminar."

Em sua opinião, um dos mais difíceis problemas da batalha era conduzi-la de modo a não liberar a selvageria humana. Um ditado Bene Gesserit. A guerra deve ser conduzida para trazer à tona o melhor naqueles que sobreviveram. Quanto mais distante o soldado estivesse da carnificina, mais difícil se tornava fazê-lo. Essa era a razão por que Teg sempre tentava remover-se para a cena de combate e examiná-la pessoalmente. Se você não visse a dor, poderia facilmente causar uma dor ainda pior, sem refletir. Esse era um padrão das Honradas Madres. Mas suas dores tinham sido infligidas em casa. Como elas reagiriam?

Tinha essa pergunta em mente quando saiu do tubo, com seus ajudantes, e viu Odrade se defrontando com um grupo de Honradas Madres.

— Aqui está nosso Comandante, o Bashar Teg — Odrade disse, fazendo um gesto para apontá-lo.

As Honradas Madres encararam Teg.

"Uma criança, montada nos ombros de um adulto? Este é o comandante delas?"

— Ghola — Logno murmurou.

Odrade falou a Haker. — Leve estas prisioneiras a algum lugar próximo, onde possam ficar à vontade.

Haker não se moveu, até que Teg assentisse, e então, delicadamente, fez um sinal para que as prisioneiras o precedessem em direção à área ladrilhada à

esquerda. A dominância de Teg não passou despercebida às Honradas Madres. Olharam-no de um modo ameaçador, enquanto obedeciam ao convite de Haker.

“Homens dando ordens a mulheres!”

Com Odrade a seu lado, Teg tocou o pescoço de Streggi com o joelho, e foram para a sacada. Havia uma singularidade na cena que ele levou um momento para identificar. Vira muitas cenas de combate de postos de observação muito altos, a maioria delas de um tóptero de reconhecimento. Esta sacada estava fixa no espaço, dando-lhe uma sensação de imediação. Estavam aproximadamente a uns cem metros acima dos jardins botânicos onde grande parte do feroz combate tinha sido travada: Muitos corpos se esparramavam num abandono final — bonecos abandonados por alguma criança. Reconheceu alguns uniformes de suas tropas, e sentiu uma pontada.

“Eu poderia ter feito alguma coisa para evitar isso?”

Conhecera este sentimento muitas vezes, e chamava-o “Culpa de Comando”. Mas esta sensação era diferente, não simplesmente na singularidade encontrada em cada batalha, mas no modo em que ela o aborrecia. Achou que era em parte pela paisagem, um lugar mais adequado a festas ao ar livre, agora despedaçado pelo antigo padrão da violência.

Animaizinhos e pássaros estavam retornando, nervosamente, furtivos depois da perturbação de toda aquela barulhenta intrusão humana. Pequenas criaturas peludas, de rabo comprido, farejavam os mortos e fugiam em disparada para o alto das árvores, sem nenhuma razão aparente. Pássaros coloridos despontavam da folhagem protetora ou esvoaçavam pelo local — linhas de pigmentação indistinta, que se tornavam camuflagem quando eles mergulhavam abruptamente sob as folhas. Davam um toque emplumado à cena, tentando restaurar aquela pseudotranquilidade que os observadores humanos tomavam por paz, nesse tipo de cenário. Teg via mais longe. Em sua vida de pré-ghola tinha sido criado em meio à vida selvagem: perto de fazendas, mas na imediação de animais selvagens, além das terras cultivadas. Aí não havia tranquilidade.

Com essa observação ele reconheceu o que tinha golpeado sua consciência. Considerando o fato de que eles tinham tomado de assalto uma posição defensiva bem guarnecida, ocupada por defensores poderosamente armados, o número de mortos lá embaixo era extremamente pequeno. Ele não tinha visto nada que explicasse isso, desde que entrara na Cidadela. Elas teriam sido apanhadas em desequilíbrio? Suas perdas no espaço eram uma coisa — a capacidade que ele tinha de *ver* as naves de defesa produzira uma vantagem devastadora. Mas este complexo tinha posições preparadas, onde os defensores poderiam ter se retraído e tornado o assalto mais difícil. O desmoronamento da resistência das Honradas Madres fora abrupto e agora continuava inexplicável.

“Eu estava errado em deduzir que elas reagiram à exibição de seus desastres.”

Olhou rapidamente para Odrade. — Aquela Grande Honrada Madre lá dentro. Ela deu o comando para interromper a defesa?

— É o que suponho.

Uma resposta cautelosa e típica de uma Bene Gesserit. Ela, também, estava submetendo a cena a uma observação cuidadosa.

Sua suposição seria uma explicação razoável para a brusquidão com que os defensores depuseram as armas?

“Por que o fariam? Para impedir maior derramamento de sangue?”

Dada a insensibilidade que as Honradas Madres geralmente demonstravam, isso era pouco provável. A decisão fora tomada por motivos que o intrigavam.

“Uma armadilha?”

Agora que estava pensando nisso, havia outras coisas estranhas na cena de combate. Nenhum dos costumeiros chamados por parte dos feridos, nenhuma correria em busca de maças e cuidados médicos. Ele podia ver Suks movimentando-se por entre os corpos. Isso, pelo menos, era familiar, mas cada corpo que examinavam era deixado no lugar onde tinha caído.

“Todos mortos? Nenhum ferido?”

Ele experimentou a garra do medo. Não era um sentimento incomum em combate, mas ele aprendera a interpretá-lo. Algo profundamente errado. Os ruídos, as coisas dentro de sua perspectiva, os cheiros — tudo assumiu uma nova intensidade. Sentiu-se vivamente sintonizado, um animal predatório na floresta, conhecendo seu terreno, mas consciente de algo intrusivo, que precisava ser identificado, sob pena de torná-lo a caça, em vez de o caçador. Registrou os arredores em um nível diferente de consciência, interpretando-se ao mesmo tempo, procurando os padrões estimuladores que tinham alcançado esta reação.

— Existe algo muito errado aqui — Odrade disse.

Ele ergueu a mão, exigindo silêncio. Mesmo nesta torre, cercado por tropas vitoriosas, sentia-se exposto a uma ameaça que seus sentidos tumultuados não conseguiam revelar.

“Perigo!”

Estava certo disso. O desconhecimento o enchia de frustração. Recorreu a cada fragmento de seu treinamento para impedir-se de cair em fuga nervosa.

Cutucando Streggi para virar, Teg gritou uma ordem a um ajudante que estava na porta da sacada. Este ouviu com atenção e correu para obedecer. Precisamos conseguir o número de mortos. Quantos feridos comparados aos mortos? Relatórios sobre as armas capturadas. Urgente!

Quando voltou a observar a cena, viu outro detalhe perturbador, uma estranheza fundamental que seus olhos tinham tentado relatar. Havia pouquíssimo sangue naqueles corpos tombados com o uniforme das Bene Gesserit. Esperava-se que as mortes em combate mostrassem a evidência suprema da humanidade ordinária — o fluxo rubro que escurecia em exposição, mas sempre deixava sua marca indelével naqueles que o viam. Carnificina sem sangue era algo desconhecido e, na guerra, o desconhecimento tinha uma tradição de trazer extremo perigo.

Falou a Odrade suavemente. — Elas têm uma arma que ainda não descobrimos.

43

Não se apressem em revelar julgamentos. O julgamento oculto é, muitas vezes, mais poderoso. Pode orientar reações cujos efeitos são percebidos somente quando é tarde demais para desviá-los.

— Conselho Bene Gesserit às Postulantes

Sheeana sentia o cheiro dos vermes à distância: os traços de canela da melange misturados à pederneira e ao enxofre, o inferno cercado de cristal dos grandes comedores de areia de Rakis. Mas ela percebia esses pequenos descendentes somente porque existiam lá fora em tão grande número.

“São tão pequenos.”

Tinha sido um dia quente ali na Estação de Observação do Deserto e agora, à tardinha, ela sentia prazer no interior artificialmente fresco. Havia um ajuste tolerável de temperatura em seus velhos aposentos, embora a janela oeste tivesse sido deixada aberta. Sheeana aproximou-se e olhou a areia fulgurante.

A memória lhe disse como seria esta vista à noite: brilho de estrelas no ar seco, fraca iluminação nas ondas de areia que alcançavam um horizonte curvo e escuro. Lembrou-se das luas de Rakis e sentiu sua falta. Estrelas apenas não satisfaziam sua herança Fremen.

Tinha pensado nesse lugar como um retiro, local e tempo para pensar sobre o que estava acontecendo com sua Irmandade.

‘Tanques axlotl, Cyborgs e agora isto.”

O plano de Odrade não representava mais um mistério desde que tinham Compartilhado. Uma jogada? E se desse certo?

“Saberemos talvez amanhã e, então, o que nos tornaremos?”

Ela reconhecia um magnetismo na Estação do Deserto, mais do que um lugar para considerar as consequências. Tinha caminhado sob o sol causticante hoje, provando a si mesma que ainda podia atrair os vermes com sua dança, emoção expressa em ação.

“A Dança da Conciliação. Minha linguagem para os vermes.”

Tinha dançado em volteios de dervixe numa duna até que a fome arruinasse seu transe de memória. E pequenos vermes se espalhavam em volta numa vigilância embasbacada, chamas relembradas dentro de estruturas de

dentes de cristal.

“Mas por que tão pequenos?”

As palavras dos investigadores explicavam mas não satisfaziam. — “É a umidade.”

Sheeana lembrava-se do gigantesco Shai-hulud de Duna, “O Velho do Deserto”, grande o bastante para engolir fábricas de especiarias, superfícies redondas tão duras como plasteel. Mestres em seu próprio domínio. O deus e o diabo nas areias. Ela percebia o potencial do alto de sua janela.

“Por que o Tirano escolheu uma existência simbiótica num verme?”

Esses pequenos vermes transportariam seu sonho interminável?

As trutas da areia habitavam este deserto. Era só aceitá-las como uma nova pele e ela poderia seguir o caminho do Tirano.

“Metamorfose. O Deus Dividido.”

Ela conhecia a fascinação que isso representava.

“Terei coragem?”

Lembranças de seus últimos momentos de ignorância inundaram-na — pouco mais de oito anos na época, o mês do Igat, em Duna.

“Não Rakis. Duna, como meus ancestrais o chamavam.”

Não era difícil lembrar-se da criança que tinha sido: pele morena, cabelo castanho estriado de dourado. Caçadora de melange (porque essa era uma tarefa das crianças) correndo livre no deserto junto a outros companheiros de infância. Como as lembranças eram queridas!

Mas a memória tinha seu lado sombrio. Concentrando a atenção nas narinas, uma garota detectou odores intensos — uma massa de pré-especiaria.

“A Explosão!”

A explosão de melange trazia Shaitan. Nenhum verme da areia podia resistir a uma florescência de especiaria em seu território.

“Você comeu tudo, Tirano, aquela miserável coleção de choupanas e telheiros que chamávamos de ‘lar’, juntamente com todos os meus amigos e minha família. Por que me poupou?”

Que raiva sacudira aquela criança delgada. Tudo que amava levado pelo verme gigante, que recusou suas tentativas de sacrificar-se em suas chamas e carregou-a para as mãos dos sacerdotes de Rakis e depois para a Bene Gesserit.

“Ela conversa com os vermes, e eles a poupam.”

— Aqueles que me pouparam não são poupados por mim — Isso foi o que dissera a Odrade.

“E agora Odrade sabe o que devo fazer. Não se pode subjugar a coisa selvagem, Dar. Ouso chamá-la de Dar agora que você está dentro de mim.”

Nenhuma resposta.

Haveria uma pérola da consciência de Leto II em cada um dos novos vermes da areia? Seus ancestrais Fremen insistiam nisso.

Alguém lhe deu um sanduíche. Walli, a acólita sênior assistente, que assumira o comando da Estação do Deserto.

“Por minha insistência, quando Odrade me promoveu para o Conselho. Mas não simplesmente porque Walli conhecia minha imunidade ao cativeiro sexual das Honradas Madres. E não porque ela é sensível às minhas necessidades. Falamos uma linguagem secreta, Walli e eu.”

Os grandes olhos de Walli não eram mais entradas para sua alma. Eram barreiras veladas, dando prova de que já sabia como impedir olhares perscrutadores; uma pigmentação azul-clara que logo seria azul total se sobrevivesse à Agonia. Quase albina, e uma linha genética questionável de procriação. A pele de Walli reforçava esse julgamento: pálida e sardenta. Uma pele que se via como uma superfície transparente. Não se focalizava a pele propriamente, mas o que estava sob ela: carne rosa, tingida de sangue, desprotegida ante o sol do deserto. Somente aqui na sombra Walli podia expor essa superfície sensível a olhos indagadores.

“Por que ela, no comando sobre nós?”

“Porque é em quem eu mais confio para fazer o que deve ser feito.”

Sheeana comeu o sanduíche distraidamente, enquanto voltava a atenção para a paisagem de areia. O planeta inteiro assim, um dia. Outro Duna? Não... parecido, mas diferente. Quantos lugares iguais a este estamos criando num universo infinito? Pergunta insensata.

Uma extravagância do deserto pôs um pequeno ponto negro à distância. Sheeana apertou os olhos. Ornitóptero. Foi se tornando maior e depois menor. Percorrendo a areia. Inspecionando.

“O que estamos verdadeiramente criando aqui?”

Quando olhava para as dunas invadidas, tinha a sensação de arrogância.

“Veja minhas obras, humano diminuto, e desespere-se.”

“Mas nós fizemos isto, minhas Irmãs e eu.”

“Fizeram?”

— Estou sentindo uma nova secura no calor — Walli disse. Sheeana concordou. Não havia necessidade de falar. Dirigiu-se à grande mesa de trabalho enquanto ainda tinha luz do dia para estudar o topomapa estendido lá fora: bandeirinhas espetadas, o fio verde nos percevejos, exatamente como ela projetara.

Odrade a questionara uma vez: — É realmente preferível a uma projeção?

— Tenho necessidade de tocá-lo. Odrade aceitara.

As projeções perdiam o interesse. Distantes demais da terra. Não se podia

passar um dedo por uma projeção e dizer: — Vamos lá. — Um dedo numa projeção era um dedo no vazio.

“Os olhos nunca são suficientes. O corpo precisa sentir o mundo.” Sheeana sentiu a pungência de uma respiração masculina, um odor mofado de exercício. Ergueu a cabeça e viu um jovem moreno de pé na porta, pose e olhar arrogantes.

— Oh — disse. — Pensei que estivesse sozinha, Walli. Voltarei mais tarde.

Lançou um olhar penetrante a Sheeana e se foi.

“Há muitas coisas que o corpo precisa sentir para conhecer.”

— Sheeana, por que está aqui? — Walli perguntou.

“Você, que está tão ocupada no Conselho, o que procura? Não confia em mim?”

— Vim para pensar sobre o que a Missionária ainda acha que posso fazer. Elas vêem uma arma — os mitos de Duna. Bilhões rezam a mim: “A Criatura Sagrada, que conversou com o Deus Dividido”.

— Bilhões não é um número adequado — Walli disse.

— Mas dá uma medida da força que minhas Irmãs vêem em mim. Esses adoradores acreditam que eu morri com Duna. Tornei-me “um poderoso espírito no panteão dos oprimidos”.

— Mais que uma missionária?

— O que poderia acontecer, Walli, se eu aparecesse nesse universo expectante, com um verme a meu lado? A potencialidade de tal coisa enche algumas de minhas Irmãs de esperança e receios.

— Receios eu compreendo.

“De fato. A própria espécie de implante que o Muad’Dib e seu filho Tirano soltaram sobre a humanidade incauta.”

— Por que elas pensam até mesmo nisso? — Walli insistiu.

— Tendo a mim como ponto de apoio, que alavanca elas teriam para mover o universo!

— Mas como poderiam controlar essa força?

— Esse é que é o problema. Algo tão inerentemente instável. As religiões não são nunca inteiramente controláveis. Mas algumas Irmãs acham que podem *visar* uma religião construída à minha volta.

— E se seu alvo for pobre?

— Elas dizem que as religiões de mulheres sempre fluem mais profundamente.

— Verdade? — Questionando uma fonte superior.

Sheeana era obrigada a assentir. A Outra Memória o confirmava.

— Por quê?

— Porque dentro de nós a vida se renova.

— Isso é tudo? — Duvidando abertamente.

— As mulheres frequentemente suportam a aura de oprimidas. Os humanos dispensam uma compreensão especial para com aqueles que estão embaixo. Eu sou uma mulher e se as Honradas Madres querem ver-me morta, então devo ser abençoada.

— Você fala como se concordasse com a Missionária.

— Quando se é um dos perseguidos, considera-se qualquer caminho de fuga. Sou reverenciada. Não posso ignorar o potencial.

"Nem o perigo. Então meu nome tornou-se uma luz brilhante na escuridão da opressão das Honradas Madres. Como é fácil a transformação dessa luz em uma chama destruidora!"

Não... o plano que ela e Duncan tinham imaginado era melhor. Escapar da Sede da Irmandade. Era uma armadilha mortal, não só por causa de seus habitantes, como pelos sonhos Bene Gesserit.

— Ainda não entendo por que você está aqui. Pode ser que não sejamos mais perseguidas.

— Pode ser?

— Mas por que logo agora?

"Não posso falar abertamente porque as vigilantes saberiam."

— Tenho essa fascinação pelos vermes. É em parte porque um de meus antepassados liderou a migração original para Duna.

"Você se lembra disso, Walli. Falamos a respeito uma vez lá fora, na areia, sem ninguém por perto para ouvir. E agora você sabe por que vim visitar a Estação.

— Lembro-me de você ter dito que ela era uma verdadeira Fremen.

— E uma Mestra Zensunni.

"Conduzirei minha própria migração, Walli. Mas precisarei de vermes que só você pode fornecer. E precisa ser feito rapidamente. Os relatórios do Entroncamento solicitam velocidade com insistência. E as primeiras naves logo retornarão. Hoje à noite... amanhã. Tenho medo do que elas possam trazer."

— Ainda está interessada em levar alguns vermes de volta à Central, onde poderá estudá-los melhor?

"Oh, sim, Walli! Você se lembra mesmo."

— Poderia ser interessante. Não tenho muito tempo para essas coisas, mas qualquer conhecimento adquirido poderá ajudar-nos.

— Será muito úmido para eles lá.

— O grande Porão da não-nave na Plataforma poderia ser reconvertido

num deserto-laboratório. Areia, atmosfera controlada. Os requisitos essenciais estão lá, desde a época em que trouxemos o primeiro verme.

Sheeana relanceou o olhar para a janela oeste. Pôr-do-sol. Gostaria de voltar lá novamente e caminhar na areia.

"As primeiras naves retornarão hoje à noite?"

— Naturalmente, Reverenda Madre. — Walli afastou-se, deixando livre o caminho para a porta.

Sheeana falou quando estava saindo. — A Estação do Deserto terá de ser mudada em breve.

— Estamos preparados.

O sol mergulhava no horizonte quando Sheeana saiu pela porta em arco na extremidade da comunidade. Caminhou para o deserto iluminado pelas estrelas, explorando com seus sentidos, como fazia quando criança. Ahhh, lá estava a essência de canela. Os vermes estavam próximos.

Fez uma pausa e, afastando-se do último brilho do sol, em direção ao nordeste, colocou as palmas das mãos estendidas acima e abaixo dos olhos, no antigo método Fremen, confinando a vista e a luz. Olhava por essa estrutura horizontal. Tudo o que caísse do céu deveria passar por essa fresta estreita.

"Hoje à noite? Elas virão logo depois do escurecer, para adiar o momento das explicações. Uma noite inteira de reflexão."

Ela esperou com paciência Bene Gesserit.

Um arco de fogo desenhou uma linha fina acima do horizonte norte. Outro. E outro. Estavam se posicionando diretamente para a Plataforma de Aterrissagem.

Sheeana sentiu o coração bater acelerado.

"Chegaram!"

E qual seria sua mensagem para a Irmandade? "Guerreiros de regresso ou refugiados?" A diferença seria pequena, dada a evolução do plano de Odrade.

Ela saberia pela manhã.

Sheeana abaixou as mãos, e descobriu que estava tremendo. Respiração profunda. A Litania.

Agora ela caminhava no deserto, usando o passo da areia, lembrado de Duna. Tinha quase esquecido de como os pés se arrastavam. Como se carregassem um peso extra. Os músculos raramente usados eram chamados a funcionar, mas o andar ao acaso, uma vez aprendido, nunca era esquecido.

"Antes nunca sonhei que pudesse voltar a andar assim algum dia."

Se as vigilantes detectassem esse pensamento, poderiam ficar intrigadas a respeito de sua Sheeana.

Era uma falha sua, pensou. Tinha crescido nos ritmos da Sede da

Irmandade. Este planeta falava-lhe em um nível subterrâneo. Sentia a terra, as flores e todas as coisas vivas como se fossem parte de si. E agora, aqui estava o movimento, algo numa linguagem de um planeta diferente. Percebia o deserto se modificando e isso, também, era uma língua estranha. Deserto.

Não sem vida, mas vivendo de um modo profundamente diferente da outrora verdejante Sede da Irmandade.

“Menos vida, porém mais intensa.”

Ela ouvia o deserto: pequenos deslizes, cricris e chiados de insetos, um obscuro farfalhar de asas caçadoras acima, e *chapes* rapidíssimos na areia — ratos cangurus trazidos para cá em antecipação deste dia, quando os vermes começariam novamente a governar.

“Walli se lembrará de enviar flora e fauna de Duna.”

Parou no alto de um barranco. À sua frente, com as bordas ocultas pela escuridão, estava um oceano em imobilidade, uma sombra de arrebentação batendo numa sombra de praia desta terra em mudança. Era um deserto-mar sem limites. Tinha se originado em lugares muito distantes e se deslocaria para locais ainda mais estranhos que este.

“Eu o levarei lá, se puder.”

Uma brisa noturna vinda das terras secas em direção a lugares mais úmidos atrás dela depositava uma película de poeira nas faces e no nariz, erguendo as pontas do cabelo na passagem. Sentiu-se entristecida.

“O que poderia ter sido.”

Isso não era importante agora.

“As coisas que existem — elas importam.”

Respirou profundamente. Canela mais forte. Melange. Especiaria e vermes próximos. Vermes conscientes de sua presença. Quanto tempo levaria para que o ar ficasse seco o suficiente para que os vermes da areia crescessem e produzissem sua safra, como tinham feito em Duna?

O planeta e o deserto.

Ela os via como duas metades da mesma saga. Exatamente como as Bene Gesserit e a humanidade que elas serviam. Metades combinadas. Cada uma sem a outra ficava diminuída, um vazio com propósito perdido. Melhor do que morta, talvez, mas movendo-se sem objetivo. Aí estava a ameaça da vitória das Honradas Madres. Conduzidas pela violência cega!

“Cegas num universo hostil.”

E *aí* estava por que o Tirano tinha preservado a Irmandade.

“Ele sabia que só nos dava um caminho sem direção. Uma caça de papéis lançados por um humorista e deixada vazia no fim.”

“Um poeta em seus direitos, porém.”

Lembrou-se de seu “Poema da Memória”, de Dar-es-Balat, pequeno fragmento salvo dos escombros pela Bene Gesserit.

“E por que razão o preservamos? Para que eu possa encher minha mente com ele agora? Esquecendo por um momento o que devo enfrentar amanhã?”

“A bela noite do poeta,
Preenche-a com estrelas inocentes.
Orion fica a um passo adiante.
Seu olhar tudo vê,
Marcando nossos genes para sempre.
Bem-vinda escuridão e bem-vindo o olhar,
Cego após o arrebol da tarde.
É a eternidade estéril!”

Sheeana sentiu subitamente que tinha ganho a oportunidade de se tornar a artista suprema, repleta até as bordas e agraciada com uma superfície vazia onde poderia criar o que desejasse.

“Um universo irrestrito!”

As palavras de Odrade, dos tempos de seus primeiros contatos com o propósito da Bene Gesserit, na infância, voltaram-lhe à mente — Por que nos prendemos a você, Sheeana? É muito simples. Reconhecemos em você algo que esperamos há muito tempo. Você chegou, e nós vimos isso acontecer.

— Isso? “Como eu era ingênua!” — Algo novo surgindo no horizonte.

“Minha migração será em busca do novo. Mas... preciso encontrar um planeta com luas.”

44

De um ponto de vista, o universo é movimento browniano, não havendo nada previsível no nível elementar. O Muad'Dib e seu filho Tirano fecharam a câmara de nuvem onde o movimento ocorria.

— Estórias de Gammu

Murbella entrou num período de experiências incongruentes. Isso a aborreceu, de início, por ver sua própria vida com uma visão múltipla. Os acontecimentos caóticos no Entroncamento tinham deflagrado esse estado de coisas, criando uma confusão de necessidades imediatas que não a abandonavam, nem mesmo quando voltou à Sede.

"Eu a preveni, Dar. Você não pode negá-lo. Eu disse que elas podiam transformar a vitória em derrota. E veja a enrascada em que você me meteu. Tive sorte em salvar o que podia."

Este protesto interior sempre a mergulhava nos acontecimentos que a tinham elevado a essa horrível proeminência.

"Que mais eu poderia ter feito?"

A Memória mostrava Streggi caindo de repente no chão, numa morte sem sangue. A cena tinha passado nos transmissores da não-nave como um drama de ficção. A moldura da projeção na estação de comando da nave aumentava a ilusão de que isso não estava acontecendo na realidade. Os atores se levantariam e se curvariam em agradecimento. Os televigias de Teg, zumbindo automaticamente, registrariam toda a cena até que alguém os desligasse.

Ela ficou entregue às imagens, um ocaso assustador: Teg estatelado no chão daquela Honrada Madre irreal. Odrade olhando, petrificada pelo choque.

A declaração de que ela devia ir à terra imediatamente foi cercada de vivos protestos. As Instrutoras estavam irredutíveis, até que ela lhes revelou os detalhes da jogada de Odrade e interpelou-as: — Querem o desastre total?

"A Odrade Interior venceu a discussão. Mas você estava preparada para isso desde o início, não é, Dar? Seu plano!"

As Instrutoras disseram: — Ainda há Sheeana. Deram a Murbella uma barcaça individual e enviaram-na sozinha ao Entroncamento.

Mesmo tendo transmitido sua identidade de Honrada Madre à sua frente,

houve momentos difíceis na Plataforma de Aterrissagem.

Um pelotão de Honradas Madres armadas a confrontou assim que desceu da nave, ao lado de um buraco fumegante. A fumaça tinha cheiro de explosivos exóticos.

"Onde a nave da Madre Superiora foi destruída."

Uma antiga Honrada Madre liderava o grupo, tendo o manto vermelho manchado, alguns enfeites perdidos e um rasgão no ombro esquerdo. Parecia uma lagartixa seca, ainda venenosa, ainda capaz de morder, mas às voltas com raivas já gastas, com a maior parte da energia perdida. Cabelo em desalinho como a casca recém-arrancada de uma raiz de gengibre. Tinha um demônio consigo. Murbella o viu espiando pelos olhos pintados de laranja.

Com toda a presença de um pelotão completo dando suporte à velha, as duas se defrontaram como se estivessem sós junto da prancha levadiça da nave, animais selvagens farejando com cuidado, tentando julgar a extensão do perigo.

Murbella estudou a velha com cuidado. Essa lagartixa mostraria um pouco a língua, testando o ar, dando saída às emoções, mas estava chocada o suficiente para ouvi-la.

— Meu nome é Murbella. Fui aprisionada pela Bene Gesserit em Gammu. Sou uma adepta do Hormu.

— Por que está usando o manto de uma bruxa? — A velha e seu grupo estavam prontos para matar.

— Aprendi tudo o que elas tinham para ensinar, e trouxe esse tesouro para minhas Irmãs.

A velha estudou-a por um momento. — Sim, reconheço seu tipo. Você é uma Roc, uma das que escolhemos para o projeto de Gammu. O pelotão atrás dela relaxou um pouco.

— Você não veio o caminho todo nessa barcaça — a velha acusou.

— Escapei de uma das não-naves.

— Sabe onde fica o ninho delas?

— Sei.

Um sorriso largo espalhou-se pelos seus lábios. — Bem! Você é um prêmio! Como escapou?

— Precisa perguntar?

A velha considerou a resposta. Murbella podia ler-lhe os pensamentos no rosto como se eles fossem falados: "Essas que trouxemos de Roc — mortais, todas elas. Podem matar com mãos, pés ou qualquer parte móvel do corpo. Deviam levar um rótulo: 'Perigosa em qualquer posição'."

Murbella afastou-se da barcaça, exibindo a graça sinuosa que era uma marca de sua identidade.

“Rapidez e músculos, Irmãs. Tomem cuidado.”

Algumas pessoas do grupo adiantaram-se, curiosas. Suas palavras estavam cheias de comparações das Honradas Madres, perguntas ávidas que Murbella foi obrigada a evitar.

— Você matou muitas delas? Onde é seu planeta? É rico? Aprisionou muitos homens lá? Você foi treinada em Gammu?

— Estive em Gammu no terceiro período. Sob o comando de Hakka.

— Hakka! Eu a conheço. Ela tinha aquele machucado no pé esquerdo, quando a conheceu?

“Ainda fazendo testes.”

— Era no pé direito, e eu estava com ela quando se machucou.

— Ah, sim, o pé direito. Lembro-me agora. Como foi isso?

— Chutando um palerma no traseiro. Ele tinha uma faca afiada no bolso de trás. Hakka ficou tão zangada que o matou.

O riso se espalhou pelo grupo.

— Vamos ver a Grande Honrada Madre. “Então passei na primeira inspeção.” Entretanto, Murbella sentia reservas.

“Por que essa adepta de Hormu está vestindo os mantos do inimigo? E ela tem um olhar estranho. Era melhor enfrentar isso de uma vez.”

— Fiz seu treinamento e elas me aceitaram.

— Que tolas! Aceitaram mesmo?

— Duvida da minha palavra? — Como era fácil reverter, adotando os modos suscetíveis das Honradas Madres.

A velha eriçou-se. Não perdeu a altivez, mas deu um olhar de aviso ao grupo. Todas elas levaram um momento para digerir o que Murbella tinha dito.

— Você se tornou uma delas? — Alguém atrás dela perguntou.

— De que outro modo poderia roubar seu conhecimento? Saiba que eu era a aluna pessoal da Madre Superiora.

— Ela lhe ensinou direito? — A mesma voz desafiadora lá detrás. Murbella identificou quem perguntava: pertencente ao escalão médio e ambiciosa. Ávida de reconhecimento e promoção.

“Este é o seu fim, ansiosa. E uma perda pequena para o universo.” Um ataque simulado Bene Gesserit pôs a inimiga, leve como pena, à sua mercê. Um pontapé no estilo Hormu para que elas vissem. A contestadora

jazia morta no chão.

“A união das capacidades Bene Gesserit e Honradas Madres cria um perigo que todas devem reconhecer e invejar.”

— Ela me ensinou admiravelmente — Murbella disse. — Outras perguntas?

— Ehhhh! — a velha entoou.

— Como se chama? — Murbella interpelou-a.

— Sou uma Dama graduada, Honrada Madre de Hormu. Chamo-me Elpek.

— Obrigada, Elpek. Pode chamar-me de Murbella.

— Estou honrada, Murbella. O que nos trouxe é realmente um tesouro. Murbella estudou-a um momento com atenção Bene Gesserit, antes de sorrir sem humor.

“A troca de nomes! Você, com o manto vermelho que a caracteriza como uma das poderosas que cercam a Grande Honrada Madre, sabe o que acaba de aceitar em seu círculo?”

O pelotão permanecia chocado, e olhava Murbella com prudência. Ela percebia isso com sua nova sensibilidade. O esquema da Garota de Antigamente nunca teve uma posição segura dentro da Bene Gesserit, mas funcionava para as Honradas Madres. O simulfluxo divertiu-a com um desfile de confirmações. Com que sutileza o poder se transfere: a escola certa, os amigos certos, formatura e transferência para os primeiros degraus da escada — tudo orientado por parentes e suas relações, uma atenção mútua que dirigia alianças, inclusive casamentos. O simulfluxo lhe dizia que isso levava ao abismo, mas aqueles que estavam na escada, os que controlavam os nichos, nunca permitiram que isso os preocupasse.

“Hoje basta por hoje, e é assim que Elpek me vê. Mas ela não quer ver o que me tornei, somente que sou perigosa, mas potencialmente útil.”

Virando-se vagarosamente sobre um pé, Murbella estudou o grupo de Elpek. Não havia homens escravizados aqui. Essa era uma tarefa muito delicada, apenas para mulheres confiáveis. Bom.

— Agora, ouçam-me, todas vocês. Se têm alguma lealdade para com a Irmandade, o que julgarei pelas ações futuras, saberão honrar o que eu trouxe. Minha intenção é de que seja um presente para aquelas que o merecem.

— A Grande Honrada Madre ficará satisfeita — Elpek disse.

Mas a Grande Honrada Madre não pareceu contente quando Murbella foi apresentada.

Murbella reconheceu o cenário da torre. Era quase noite, agora, mas o corpo de Streggi ainda estava lá onde tinha caído. Alguns dos especialistas de Teg tinham sido mortos, principalmente os da equipe dos televigias, que tinham a função dupla de protegê-lo.

“Não, nós, Honradas Madres, não gostamos que outros nos espiem.”

Viu que Teg ainda vivia, mas estava atado em shigafio e empurrado para um canto com desdém. O fato mais surpreendente: Odrade estava em pé,

desamarrada, ao lado da Grande Honrada Madre. Era um gesto de desprezo.

Murbella sentiu que tinha vivido muitas vezes esta cena — a consequência da vitória das Honradas Madres: fileiras de corpos de seus inimigos deixados onde tinham sido derrubados. O ataque das Honradas Madres com a arma sem sangue fora rápido e mortal, uma depravação peculiar, que matava quando matar não era mais necessário. Ela disfarçou um estremecimento à lembrança dessa reversão mortal. Não houvera aviso, apenas os soldados caindo em filas largas — um efeito dominó que deixou os sobreviventes em estado de choque. O que foi obviamente apreciado pela Grande Honrada Madre.

Olhando para Murbella, a Grande Honrada Madre disse: — Então este é o saco de insolência que você diz ter treinado nos seus métodos.

Odrade sorriu ante a descrição.

“Saco de insolência?”

Uma Bene Gesserit o aceitaria sem rancor. Essa Grande Honrada Madre de olhos remelentos estava diante de um dilema, e não podia recorrer à arma que matava sem sangue. Um equilíbrio de poder muito delicado. Conversas agitadas entre as Honradas Madres revelaram o problema.

Todas as suas armas secretas tinham sido esgotadas, e não podiam ser recarregadas, algo que tinham perdido quando fugiram para cá.

“Nossa arma de último recurso e nós a desperdiçamos!”

Logno, que se considerava suprema, estava numa arena diferente agora. E tivera conhecimento da temível facilidade com que essa Murbella podia matar uma eleita.

Murbella lançou um olhar avaliador sobre o séquito da Grande Honrada Madre, estimando seu potencial. Elas reconheciam essa situação, naturalmente. Como votaram?

“Neutro?”

Algumas estavam cautelosas, e todas estavam esperando.

Antecipando um desvio. Nenhuma preocupação a respeito de quem triunfaria, desde que o poder continuasse a fluir em sua direção.

Murbella permitiu que seus músculos tomassem a posição de espera de combate que tinha aprendido com Duncan e as Instrutoras. Sentia-se tão calma quanto estaria na sala de prática, examinando respostas adversárias. Mesmo quando reagia, sabia que seu movimento correspondia aos modos como Odrade a tinha preparado — mental, física e emocionalmente.

“Primeiro a Voz. Dê-lhes uma prova de frio interior.”

— Vejo que avaliaram as Bene Gesserit muito mal. Quanto aos argumentos de que se orgulham tanto, essas mulheres já os ouviram tantas vezes que suas palavras são mais que tediosas.

Isso foi pronunciado com um controle de voz severo, um tom que trouxe laranja aos olhos de Logno, embora ela permanecesse imóvel.

Murbella ainda não tinha terminado, quanto a ela. — Você se considera poderosa e esperta. Uma coisa dá origem a outra, não é? Que idiotice! Você é uma mentirosa consumada, e mente para si mesma.

Como Logno continuasse imóvel em face desse ataque, as que estavam à sua volta começaram a se afastar, abrindo um espaço que dizia: "Ela é toda sua."

— Sua espontaneidade nessas mentiras não as esconde — Murbella disse. Ela varreu o grupo atrás de Logno com um olhar de desdém. — Assim como aqueles que conheço da Outra Memória, vocês estão fadadas à extinção. O problema é que levam um tempo infernalmente longo para morrer. Isso é inevitável, mas, oh, o tédio enquanto isso dura. Você ousa intitular-se Grande Honrada Madre! — Voltando sua atenção para Logno: — Tudo a seu respeito é uma cloaca. Você não tem estilo.

Era demais. Logno atacou, com o pé esquerdo golpeando o espaço com uma velocidade cega. Murbella agarrou o pé como se fosse uma folha soprada pelo vento e, continuando o próprio movimento, usou Logno como um bastão, atirando-a ao solo, contra o qual esmagou-lhe a cabeça. Sem se deter, fez uma pirueta, quase decapitando a Honrada Madre da direita com o pé esquerdo, enquanto esmagava a garganta de outra, do lado esquerdo, com a mão direita. Tudo estava terminado no tempo de duas batidas de coração.

Examinando a cena sem se mostrar ofegante ("para mostrar-lhes como foi fácil, Irmãs"), Murbella teve uma sensação de choque e reconhecimento do inevitável. Odrade jazia no chão na frente de Elpek, que obviamente tinha tomado partido sem hesitação. A posição torcida do pescoço e a aparência flácida do corpo denunciavam que ela estava morta.

— Ela tentou interferir — Elpek disse.

Tendo assassinado uma Reverenda Madre, Elpek esperava que Murbella (uma Irmã, afinal) a aplaudisse. Mas Murbella não agiu como se esperava. Ajoelhou ao lado de Odrade e pôs a cabeça contra a da morta, ficando lá um tempo interminável.

As Honradas Madres sobreviventes trocaram olhares indagadores, mas não ousaram se mover.

"O que é isso?"

Mas estavam imobilizadas pelas capacidades aterrorizantes de Murbella.

Quando já tinha todo o passado recente de Odrade, todas as novas experiências acrescentadas ao Compartilhar anterior, Murbella ergueu-se.

Elpek viu a morte em seus olhos e deu um passo atrás, antes de tentar defender-se. Ela era perigosa, mas não era páreo para esse demônio de manto

negro. Estava terminado com a mesma brusquidão chocante que tinha levado Logno e suas assistentes: um pontapé na laringe. Elpek estatelou-se por cima de Odrade.

Uma vez mais, Murbella estudou as sobreviventes, depois ficou um momento olhando para o corpo de Odrade.

"De certo modo, fui eu que fiz isso, Dar. E você!"

Sacudiu a cabeça para os lados, absorvendo as consequências.

"Odrade está morta. Viva a Madre Superiora! Viva a Grande Honrada Madre! E possam os deuses nos proteger a todos."

Deu atenção, então, ao que devia ser feito. Essas mortes tinham criado um débito enorme. Murbella tomou fôlego. Era um outro nó górdio.

— Libertem Teg — disse. — Limpem tudo aqui o mais rápido possível. Mandem alguém trazer-me um manto adequado!

Era a Grande Honrada Madre dando ordens, mas as que se movimentaram para lhe obedecer sentiam a Outra nela.

A que trouxe um manto vermelho decorado com pedrassuaves formando dragões segurou-o com deferência, à distância. Uma mulher grande, de ossos pesados e rosto quadrado. Olhos cruéis.

— Segure-o para mim — Murbella disse, e quando a mulher tentou tirar vantagem da proximidade para atacá-la, atirou-a ao chão com violência. — Vai tentar de novo?

Desta vez não houve truques.

— Você é o primeiro membro do meu Conselho — Murbella disse. — Seu nome?

— Angelika, Grande Honrada Madre. — "Veja! Sou a primeira a chamá-la pelo seu devido título. Recompense-me."

— Sua recompensa é que eu a promovo, e permito que viva. Uma resposta adequada a uma Honrada Madre. Aceita como tal. Quando Teg se aproximou, esfregando os braços onde o shigafio o machucara, algumas Honradas Madres tentaram prevenir Murbella. — Sabe o que este pode...

— Ele servirá a mim, agora — interrompeu. Então, usando o tom jocoso de Odrade: — Não está certo, Miles?

Ele lhe deu um sorriso pesaroso, um velho com rosto de criança. — Tempos interessantes, Murbella.

— Dar gostava de maçãs. Providencie isso.

Ele assentiu. Levá-la para um cemitério-pomar. Não que os apreciados pomares da Bene Gesserit fossem durar muito no deserto. Entretanto, valia a pena perpetuar algumas tradições, enquanto fosse possível.

45

O que os Acidentes Sagrados ensinam? Seja elástico. Seja forte. Esteja pronto para a mudança, para o novo. Reúna muitas experiências e julgue-as pela natureza constante de nossa fé.

— Doutrina Tleilaxu

Dentro do tempo originalmente previsto por Teg, Murbella reuniu sua comitiva de Honradas Madres e voltou à Sede da Irmandade. Esperava enfrentar alguns problemas, e as mensagens que enviou à sua frente preparavam terreno para as soluções.

"Trago Futares para atrair Treinadores. As Honradas Madres temem uma arma biológica da Dispersão que as transformou em vegetais, cuja origem pode estar ligada aos Treinadores.

"Preparem-se para manter o Rabino e seu grupo na não-nave. Honrem seu sigilo. E removam as minas protetoras da nave!" (Isso foi enviado por uma Instrutora mensageira.)

Ficou tentada a perguntar por seus filhos, mas essa atitude era não-Gesserit. Algum dia... talvez.

Logo na chegada, foi obrigada a acomodar Duncan, e isso confundiu as Honradas Madres. Eram tão maldosas quanto as Bene Gesserit. — O que há de tão especial num homem?

Não havia mais motivo para que ficasse na nave, mas ele recusava-se a deixá-la. — Tenho um mosaico mental para completar: uma peça que não se pode mover, um comportamento extraordinário, e uma participação voluntária em seu sonho. Preciso encontrar os limites para testar. É o que está faltando. Mas sei como encontrá-los. Harmonize-se. Não pense. Faça-o.

Não fazia sentido. Ela era indulgente, embora ele estivesse mudado. Havia uma estabilidade nesse novo Duncan, que ela aceitava como desafio. Com que direito ele assumia esse ar de auto-satisfação? Não... não era auto-satisfação. Era mais uma aparência de estar em paz com uma decisão. E ele recusava-se a compartilhá-la!

— Aceitei muita coisa. Você deve fazer o mesmo.

Murbella tinha de reconhecer que isso descrevia o que ela estava fazendo.

Na sua primeira manhã, depois da volta, acordou de madrugada e foi para o gabinete. Vestindo um manto vermelho, sentou-se na cadeira da Madre Superiora e convocou Bellonda.

Bell ficou de pé a uma extremidade da mesa. Ela sabia. O plano tornou-se claro na execução. Odrade tinha-lhe imposto um débito também. Portanto, o silêncio: avaliando como pagar.

"Servindo a esta Madre Superiora, Bell! É assim que você paga. Nenhum desvio destes acontecimentos nos Arquivos os colocará na perspectiva adequada. A ação se faz necessária."

Bellonda falou, finalmente. — A única crise que eu poderia considerar comparável a esta é o advento do Tirano.

Murbella reagiu bruscamente. — Segure a língua, Bell, a menos que tenha algo útil a dizer!

Bellonda tomou a reprimenda com calma (uma reação atípica). — Dar tinha mudanças em mente. Era isso que ela esperava?

Murbella suavizou o tom. — Modificaremos a história depois. Este é o primeiro capítulo.

— Más notícias. — Essa era a velha Bellonda.

— Faça entrar o primeiro grupo. Seja cautelosa. Elas representam o Alto Conselho da Grande Honrada Madre.

Bell retirou-se para cumprir as ordens.

"Ela sabe que tenho todo o direito a esta posição. Todas sabem. Não há lugar para uma votação!"

Agora era a hora da arte histórica da política que tinha aprendido com Odrade.

"Em todas as coisas, você deve parecer importante. Nenhuma decisão menor deve passar por suas mãos, a não ser ações discretas chamadas 'favores', para conseguir a lealdade de alguns."

Todas as recompensas vindas de cima. Não era uma boa política para a Bene Gesserit, mas o grupo que ia entrar na sala estava familiarizado com a Grande Honrada Madre Protetora; aceitariam "novas necessidades políticas". Temporariamente. Era sempre temporário, especialmente com as Honradas Madres.

Bell e os cães vigilantes sabiam que ela levaria bastante tempo pondo isso em ordem. "Mesmo com habilidades Bene Gesserit amplificadas."

Isso iria exigir uma atenção extremamente exigente de todas elas. E a primeira coisa era o olhar penetrante da inocência.

"É isso que as Honradas Madres perderam, e precisamos restaurá-lo, antes que elas se enfraqueçam no meio a que pertencemos."

Bellonda introduziu o Conselho, e retirou-se silenciosamente.

Murbella esperou até que estivessem sentadas. Uma mistura: algumas aspirantes ao poder supremo. Angelika estava lá, sorrindo graciosamente. Outras esperando (não ousavam ter esperança ainda), mas juntando tudo o que podiam.

— Nossa Irmandade estava agindo com estupidez — Murbella acusou. Percebeu as que tomaram isso com irritação. — Vocês poderiam ter matado o ganso!

Elas não entenderam. Contou-lhes a fábula, que ouviram com a devida atenção, mesmo quando ela acrescentou: — Não entendem a necessidade desesperada que temos de cada uma dessas bruxas? Somos tão mais numerosas, que ensinar-nos representará para cada uma delas um fardo imenso!

Consideraram o fato e, embora amargo, foram forçadas a aceitá-lo, pejo que ela dizia.

Murbella insistiu no alvo. — Não apenas sou sua Grande Honrada Madre... Alguém tem dúvidas?

Ninguém questionou.

— ...mas sou a Madre Superiora das Bene Gesserit. Elas têm pouquíssimas alternativas, a não ser confirmar-me no cargo.

Duas delas começaram a protestar, mas Murbella cortou logo: — Vocês não têm força bastante para impor-lhes a sua vontade. Teriam que matar todas elas. A mim, porém, elas obedecerão.

As duas continuaram resmungando, mas Murbella as arrasou: — Comparadas a mim, com tudo o que aprendi delas, vocês todas são umas pobres infelizes! Alguém me desafia?

Ninguém desafiou, mas os olhares laranja estavam presentes.

— Vocês são crianças sem conhecimento do que podem tornar-se — disse. — Voltariam, indefesas, a encarar os das muitas faces? Gostariam de tornar-se vegetais?

Isso prendeu seu interesse. Estavam acostumadas a esse tom com as antigas comandantes. O assunto as interessava agora. Era difícil aceitá-lo de alguém tão jovem... Entretanto... as coisas que tinha feito! Também a Logno e suas assistentes!

Murbella viu-as engolir a isca.

“Fertilização. Este grupo a levará consigo. Vigor híbrido. Somos fertilizadas para nos tornarmos mais fortes. E florescer. E semear? Era melhor não se deter nisso. As Honradas Madres não verão isso, até que sejam quase Reverendas Madres. Então olharão para trás tão zangadas como eu fiquei. Como podíamos ter sido tão burras?”

Ela viu a submissão tomar forma nos olhos das conselheiras. Haveria uma

lua-de-mel. As Honradas Madres seriam crianças numa loja de doces. Só gradualmente o inevitável se tornaria claro para elas. Então, já teriam caído na armadilha.

“Como eu caí. Não pergunte ao oráculo o que você pode conseguir. Essa era a armadilha. Cuidado com o verdadeiro adivinho! Gostaria de três mil e quinhentos anos de tédio?”

A Odrade Interior desaprovou.

“Dê algum crédito ao Tirano. Não podia ter sido apenas tédio. Foi mais como um Navegador da Corporação escolhendo sua passagem nas dobras do espaço. O Caminho Dourado. Um Atreides pagou pela sua sobrevivência, Murbella.”

Murbella sentiu-se oprimida. O pagamento do Tirano foi-lhe jogado às costas. “Não lhe pedi que fizesse isso por mim.”

Odrade não podia deixar isso passar. “Ele o fez, contudo.”

“Desculpe-me, Dar. Ele pagou. Agora, eu devo pagar.”

“Então você é uma Reverenda Madre, finalmente!”

As conselheiras tinham-se tornado impacientes sob seu olhar.

Angelika decidiu falar por elas. — Afinal, fui a primeira escolhida.

“Veja essa aí. Uma chama de ambição nos olhos.”

— Que reação está nos pedindo para ter com essas bruxas? — Assustada com a própria ousadia. A Grande Honrada Madre não era também uma bruxa agora?

Murbella falou suavemente: — Vocês vão tolerá-las, sem oferecer-lhes nenhum tipo de violência.

Angelika sentiu-se encorajada pelo tom suave de Murbella. — É uma decisão da Grande Honrada Madre ou...

— Basta! Eu podia ensanguentar o chão desta sala com todas vocês! Querem experimentar?

Elas não queriam.

— E se eu lhes disser que quem fala é a Madre Superiora? Vocês perguntarão se eu tenho uma política para resolver o problema. Direi: política? Ah, sim. Tenho uma política para coisas sem importância, como pragas de insetos. Essas coisas sem importância pedem uma política. Quanto às da sua espécie, livro-me delas facilmente. Moitas, antes de perceberem que foram machucadas! Essa é a minha resposta à presença da poluição. Há poluição nesta sala?

Era uma linguagem que elas reconheciam: a chibata da Grande Honrada Madre aliada à capacidade de matar.

— Vocês são o meu Conselho — disse Murbella. — Espero sabedoria de

sua parte. O mínimo que posso fazer é fingir que vocês são sábias.

Simpatia divertida de Odrade: “Se esse é o jeito com que as Honradas Madres recebem e aceitam as ordens, não haverá necessidade de muita análise de Bell.”

Os pensamentos de Murbella se afastaram. “Não sou mais uma Honrada Madre.”

O passo dado de uma ordem para outra era tão recente que ela achou desconfortável seu desempenho como Honrada Madre. Suas adaptações eram uma metáfora do que aconteceria com suas antigas Irmãs. Um novo papel, e ela não o fazia bem. A Outra Memória estimulava uma longa associação consigo, como essa nova pessoa. Não se tratava de transubstanciação mística, meramente novas capacidades.

“Meramente?”

A mudança foi profunda. Será que Duncan entendia isso? Doeu-lhe que ele possivelmente nunca compreendesse essa nova Murbella.

“Isso é o resíduo de meu amor por ele?”

Retraiu-se de suas perguntas, não querendo uma resposta. Sentia-se repelida por alguma coisa que ia mais fundo do que estava disposta a penetrar.

“Haverá decisões obrigatórias, que meu amor poderá impedir. Decisões a favor da Irmandade, não a meu favor. É para isso que aponta o meu medo.”

As necessidades imediatas a restauraram. Dispensou suas conselheiras, prometendo dor e morte se elas não aprendessem as novas restrições.

A seguir, as Reverendas Madres devem ser ensinadas a ter uma nova diplomacia: não estreitar amizade com ninguém — nem mesmo entre si. Isso se tornaria mais fácil com o tempo. As Honradas Madres deslizando para os modos Bene Gesserit. Um dia, não haveria mais Honradas Madres; somente Reverendas Madres, com reflexos aperfeiçoados e um conhecimento maior da sexualidade.

Murbella sentia-se obcecada por palavras que tinha ouvido, mas não aceitara até esse momento: — As coisas que faremos pela sobrevivência da Bene Gesserit não têm limites.

“Duncan verá isso. Não posso esconder dele. O Mentat não se prenderá a uma idéia fixa do que eu era antes da Agonia. Ele abre a mente como eu abro uma porta. Ele vai examinar sua rede. — *O que eu peguei agora?*”

Foi isso que aconteceu com Lady Jessica? A Outra Memória trouxe Jessica permeada da trama e urdidura do Compartilhar. Murbella desembaraçou-se um pouco, e desfilou conhecimentos mais antigos.

“Lady Jessica herege? Uma conduta imprópria no cargo?”

Jessica tinha mergulhado no amor, assim como Odrade mergulhara no mar e as ondas daí resultantes não engolfaram a Irmandade.

Murbella sentia que isso a levava aonde não queria ir. A dor apertava-lhe o peito.

“Duncan, ohhh, Duncan!” Escondeu o rosto nas mãos. “Dar, ajude-me. Que devo fazer?”

“Nunca pergunte por que você é uma Reverenda Madre.”

“Preciso! A progressão está clara na minha memória e...”

‘ ‘É uma sequência. Pensar nela como causa e efeito afasta-a da totalidade.’’

“Tao?”

“Mais simples: Você está aqui.”

“Mas a Outra Memória vai para trás, para trás e...”

“Imagine que são pirâmides — entrelaçadas.”

“Apenas palavras!”

“Seu corpo ainda está funcionando?”

“Estou sofrendo, Dar. Você não tem mais corpo e não adianta...”

“Ocupamos nichos diferentes. As dores que senti não são as suas dores. Minhas alegrias não são as suas.”

“Não quero sua compreensão! Ohh, Dar! Por que nasci?”

“Você nasceu para perder Duncan?”

“Dar, por favor!”

“Então você nasceu e agora sabe que isso nunca é suficiente. Então se tornou uma Honrada Madre. Que mais podia fazer? Ainda não é suficiente? Agora você é uma Reverenda Madre. Pensa que basta? Nunca será suficiente enquanto viver.”

“Está me dizendo que devo sempre ir além de meus limites.”

“Ora! Não se tomam decisões nessa base. Você não o ouviu? Não pense; faça-o. Você vai escolher o caminho fácil? Por que deveria sentir-se triste quando encontra o inevitável? Se é tudo o que você pode ver, limite-se a aperfeiçoar a raça!”

“Maldição! Por que fez isso comigo?”

“Isso o quê?”

“Fez-me ver a mim e às minhas antigas Irmãs desse jeito!”

“Que jeito?”

“Com os diabos! Você sabe o que quero dizer!

“Antigas Irmãs, você disse?”

“Oh, você é traiçoeira.”

“Todas as Reverendas Madres são traiçoeiras.”

“Você nunca pára de ensinar!”

“É isso que eu faço?”

“Como eu era inocente! Perguntar a você o que faz realmente.”

“Você sabe tanto quanto eu. Esperamos a humanidade amadurecer. O Tirano apenas lhes deu tempo para crescer, mas agora precisam de cuidados.”

“O que o Tirano tem a ver com a minha dor?”

“Que mulher tola! Você fracassou na Agonia?”

“Sabe que não.”

“Pare de tropeçar no óbvio.”

“Cadela!”

“Prefiro bruxa. Qualquer das duas é preferível a prostituta.”

“A única diferença entre a Bene Gesserit e as Honradas Madres é o mercado. Vocês se casaram com a nossa Irmandade.”

“Nossa Irmandade?”

“Vocês se reproduziram pelo poder! No que isso é diferente de...”

“Não distorça os fatos, Murbella. Mantenha os olhos na sobrevivência.”

“Não me diga que você não tinha poder.”

“Uma autoridade temporária sobre as pessoas com o propósito de sobrevivência.”

“Sobrevivência novamente!”

“Numa Irmandade que promove a sobrevivência dos outros. Como a mulher casada que dá à luz crianças.”

“Então isso se reduz à procriação.”

“Essa é uma decisão individual: a família e o que a cerca. O que deleita a vida e faz a felicidade?”

Murbella começou a rir. Deixou cair as mãos e abriu os olhos, dando com Bellonda que estava lá, observando.

— É sempre uma tentação para uma nova Reverenda Madre — Bellonda disse. — Bater um papo com a Outra Memória. Quem era desta vez? Dar?

Murbella as sentiu.

— Não confie em nada do que elas lhe dão. É um conhecimento, e você deve julgar por si.

“Exatamente as palavras de Odrade. Olhe para as cenas há muito vividas através dos olhos dos mortos. Que espreita notável!”

— Você pode perder-se aí por horas seguidas — Bellonda disse. — Procure restringir-se. Esteja certa de onde pisa. Uma mão para você e outra para o barco.[10]*

Aí estava de novo! O passado aplicado ao presente. Como a Outra Memória tornava rica a vida cotidiana.

— Isso passa — Bellonda disse. — Torna-se um chapéu velho depois de

um tempo. — Ela pôs um relatório em frente de Murbella.

“Chapéu velho! Uma mão para você e outra para o barco. Tanta coisa certa nas expressões.”

Murbella recostou-se na cadeira linga para examinar o relatório de Bellonda, imaginando-se de repente na expressão de Odrade: “A Rainha Aranha no centro de sua teia.” A teia podia estar um pouco esfiapada nesse momento, mas ainda estava lá, para agarrar as coisas a serem digeridas. Bastava um sinal de disparo e lá vinha Bell correndo, as mandíbulas mexendo-se com antecipação. As palavras de arranque eram “Arquivos” e “Análise”.

Vendo Bellonda sob essa luz, Murbella percebeu a sabedoria nos métodos em que Odrade a tinha empregado, as falhas tão valiosas como os pontos fortes. Quando Murbella terminou o relatório, Bellonda ainda estava lá, de pé, numa atitude característica.

Murbella reconhecia que Bellonda considerava todos os que a convocavam como pessoas que não estavam à altura, que apelavam para os Arquivos por razões frívolas e tinham de ser postos nos eixos. Frivolidade: a *bête noire* de Bellonda. Achou isso divertido.

Manteve seu divertimento disfarçado, enquanto apreciava Bellonda. A forma de lidar com ela era ser escrupulosa. Nada a subtrair de seus pontos fortes. Este relatório era um modelo de concisão e pertinência de argumento. Manifestava seus pontos de vista com pouca retórica, apenas o suficiente para revelar suas próprias conclusões.

— Você se diverte em me convocar? — perguntou.

“Está mais esperta do que antes! Será que a convoquei? Não exatamente nessas palavras, mas ela sabe quando é necessária. Diz que aqui nossas Irmãs devem ser modelos de docilidade. A Madre Superiora pode ser qualquer coisa que deseje ser, mas não o resto da Irmandade.”

Murbella tocou o relatório. — Um ponto de partida.

— Então comece antes que suas amigas achem o centro de televigias. — Bellonda sentou-se na cadeira-cão com uma confiança familiar. — Tam foi-se, mas eu poderia mandar buscar Sheeana.

— Onde ela está?

— Na nave. Estudando uma coleção de vermes no Grande Porão. Diz que qualquer uma de nós pode ser ensinada a controlá-los.

— Valioso se for verdadeiro. Deixe-a. E Scytale?

— Continua na nave. Suas amigas ainda não o acharam. Estamos mantendo-o em segredo.

— Vamos continuar com isso. Ele é um poderoso instrumento de barganha. E elas não são minhas amigas, Bell. Como estão o Rabino e seu

grupo?

— Bem instalados, mas preocupados. Sabem que as Honradas Madres estão aqui.

— Mantenha-os em segredo.

— E estranho. Uma voz diferente, mas estou ouvindo Dar.

— Um eco na sua cabeça. Bellonda riu de verdade.

— Agora, aqui está o que você deve espalhar entre as Irmãs. Agimos com extrema delicadeza, ao mesmo tempo que nos mostramos como pessoas para se admirar e emular. — "Vocês, Honradas Madres, podem não querer viver como nós, mas podem aprender nossos pontos fortes."

— Ahhhhh.

— Isso tudo vem a dar na propriedade. As Honradas Madres são possuídas pelas coisas. — "Quero aquele lugar, aquela bugiganga, aquela pessoa." Pegue o que quiser. Use até fartar-se.

— Enquanto nós vamos pelo caminho, admirando o que vemos.

— E aí está nossa falha. Não nos entregamos facilmente. Medo de amor e afeição! Ser senhor de si tem sua própria ambição. — "Vê o que possuo? Você não pode tê-lo, a menos que siga meus métodos!" Nunca tomem essa atitude com as Honradas Madres.

— Está me dizendo que devemos amá-las?

— De que outro modo podemos fazê-las admirar-nos? Essa foi a vitória de Jessica. Quando ela entregou, entregou tudo. Tanta coisa refreada pelos nossos métodos e então, a onda esmagadora: tudo entregue. É irresistível.

— Não fazemos concessões com essa facilidade.

— Nem elas.

— Esse é o modo das suas origens burocráticas!

— Ainda assim, é um solo de treinamento para seguir o caminho de menor resistência.

— Você está me confundindo, Da... Murbella.

— Eu disse que deveríamos fazer concessões? As concessões nos enfraquecem, e sabemos que há problemas que as concessões não resolvem, decisões que temos de tomar, mesmo que sejam amargas.

— *Fingir* que as amamos?

— É um começo.

— Será uma união infame, essa junção de Bene Gesserit com Honradas Madres.

— Sugiro que Compartilhemos o máximo possível. Podemos perder gente, enquanto as Honradas Madres estiverem aprendendo.

— Um casamento no campo de batalha.

Murbella ergueu-se, pensando em Duncan na nave como o vira pela última vez. Lá estava ela finalmente, sem mistérios para ninguém. Uma massa de maquinaria inusitada, estranhamente grotesca. Uma selvagem aglomeração de protuberâncias e ressaltos, sem nenhum propósito aparente. Era difícil imaginá-la erguendo-se por sua própria energia, enorme como era, desaparecendo no espaço.

"Desaparecendo no espaço!"

Ela viu a forma do mosaico mental de Duncan.

"Uma peça que não pode se mover! Harmonize-se... Não pense; faça-o."

Com uma brusquidão que a gelou, conheceu sua decisão.

46

Quando se pensa em tomar nas mãos a determinação de seu destino, esse é o momento em que se pode ser esmagado. É preciso cautela. Levar em conta as surpresas. Quando criamos, há sempre outras forças em ação.

— Darwi Odrade

— Mova-se com extremo cuidado — Sheeana o tinha avisado. Idaho não achava que precisava de avisos, mas de qualquer modo, apreciou a idéia.

A presença das Honradas Madres na Sede da Irmandade facilitava sua tarefa. Elas deixavam as Instrutoras da nave, assim como outras guardas, nervosas. As ordens de Murbella mantinham as suas antigas Irmãs fora da nave, porém todos sabiam que o inimigo estava presente. Os retransmissores mostravam uma corrente aparentemente interminável de navetas vomitando Honradas Madres na Plataforma. A maioria das recém-chegadas parecia curiosa a respeito da monstruosa nave ali pousada, mas ninguém desobedecia à Grande Honrada Madre.

— Não enquanto ela for viva — Idaho murmurava, onde as Instrutoras pudessem ouvi-lo. — Elas têm uma tradição de assassinar suas líderes para substituí-las. Quanto tempo Murbella poderá aguentar-se?

Os televigias faziam o seu trabalho por ele. Sabia que seus resmungos se espalhariam pela nave.

Sheeana veio a ele em seu gabinete logo depois, e fez uma demonstração de censura. — O que está tentando fazer, Duncan? Você está perturbando as pessoas.

— Volte para seus vermes!

— Duncan!

— Murbella está fazendo um jogo perigoso !Ela é tudo que se interpõe entre nós e o desastre.

Ele já tinha manifestado sua preocupação a Murbella. Não era novo para as vigilantes, mas o reforço fez com que todos os que o ouviam ficassem irritados — os monitores de televigia nos Arquivos, as guardas da nave, todos.

Exceto as Honradas Madres. Murbella as estava mantendo afastadas dos Arquivos de Bellonda.

— Há tempo para isso mais tarde — disse.

Sheeana tinha sua deixa. — Duncan, ou bem você pára de alimentar nossas preocupações ou nos diz o que devemos fazer. Você é um Mentat. Funcione para nós.

“Ahhh, o Grande Mentat desempenha para que todos vejam.”

— O que vocês devem fazer é óbvio, mas não me diz respeito. Não posso deixar Murbella.

“Mas posso ser levado embora.”

Agora era a vez de Sheeana. Ela o deixou, e foi espalhar sua nova marca de mudança.

“Temos a Dispersão como exemplo.”

Pela noite, todas as Reverendas Madres da nave estavam neutralizadas, e ela lhe deu um sinal de mão de que poderiam dar o próximo passo.

“Elas seguirão o que eu fizer.”

Sem querer, a Missionária tinha preparado o cenário para a ascendência de Sheeana. A maioria das Irmãs conhecia o poder latente que havia nela. Perigoso. Mas *presente.*

O poder não utilizado era como uma marionete com cordões visíveis, que ninguém segurava. Uma atração irresistível: “Eu poderia fazê-lo dançar.”

Alimentando o logro, ele chamou Murbella.

— Quando a verei?

— Duncan, por favor. — Mesmo na projeção, ela parecia atormentada.

— Estou ocupada. Você conhece as pressões. Estarei fora em poucos dias.

— A projeção mostrou as Honradas Madres no fundo, franzindo o cenho a esse estranho comportamento de sua líder. Qualquer Reverenda Madre poderia ler em suas faces.

“A Grande Honrada Madre amoleceu? Isso é apenas um homem!”

Quando desligou, Idaho enfatizou o que todos os monitores da nave tinham visto. — Ela está em perigo! Será que não percebe?

“E agora, Sheeana, é com você.”

Sheeana tinha a chave para reinstalar os controles de vôo da nave. As minas tinham sido retiradas. Ninguém poderia destruir a nave no último minuto, com um sinal para explosivos ocultos. Havia somente a carga humana a considerar. Teg principalmente.

“Teg verá minhas escolhas. Os outros — o grupo do Rabino e Scytale — terão que se arriscar conosco.”

Os Futares nas celas de segurança não o preocupavam. Animais interessantes, mas sem importância no momento. Quanto a Scytale, deu-lhe apenas um pensamento de passagem. O pequeno Tleilaxu permanecia sob os

olhos das guardas, que não relaxavam sua vigilância independente de suas outras preocupações.

Foi para a cama com um nervosismo que tinha uma pronta explicação para qualquer cão vigilante dos arquivos. “Sua preciosa Murbella está em perigo.” E ela estava em perigo, mas ele não podia protegê-la. “Minha própria presença é um perigo para ela agora.” Levantou-se de madrugada e voltou ao arsenal, desmontando uma fábrica de armamentos. Sheeana o encontrou lá, e pediu-lhe que se juntasse a ela na seção de guarda.

Um punhado de Instrutoras o cumprimentou. A líder que tinham escolhido não o surpreendeu. Garimi. Tinha ouvido a respeito de seu desempenho na Convocação. Suspeitosa. Preocupada. Pronta a fazer seu próprio jogo. Era uma mulher de rosto grave. Alguns diziam que ela raramente sorria.

— Desviamos os televigias desta sala — Garimi disse. — Eles nos mostram fazendo uma refeição e questionando você sobre armas.

Idaho sentiu um nó no estômago. O pessoal de Bell localizaria rapidamente uma simulação. Especialmente uma projeção falsificada dele.

Garimi respondeu à sua desaprovação. — Temos aliados nos Arquivos.

Sheeana disse: — Estamos aqui para perguntar se deseja deixar a nave antes de escaparmos.

Sua surpresa era verdadeira.

“Ficar para trás?”

Ele não havia considerado essa hipótese. Murbella não era mais sua. Havia quebrado o vínculo. Ela não aceitava isso. Ainda não. Mas aceitaria na primeira vez que tivesse que tomar uma decisão, pondo-o em perigo pela causa Bene Gesserit. Agora, ela simplesmente ficava longe dele mais tempo que o necessário.

— Você vai Dispersar? — perguntou, olhando para Garimi.

— Salvaremos o que pudermos. Votar com os pés, como era chamado antigamente. Murbella está subvertendo a Bene Gesserit.

Havia um argumento não pronunciado, que ele esperava que as vencesse. Desacordo com o jogo de Odrade.

Idaho respirou fundo. — Vou com vocês.

— Sem arrependimentos — preveniu Garimi.

— Isso é estúpido — disse, dando saída a seu pesar reprimido. Garimi não teria sido surpreendida por essa resposta, partindo de uma Irmã. Idaho a chocou, e ela teve que esperar alguns segundos para se recuperar. A honestidade a compelia.

— Naturalmente que é. Desculpe-me. Está certo de que não quer ficar? Devemos-lhe a oportunidade de tomar sua própria decisão.

“Os melindres da Bene Gesserit com aqueles que a serviam lealmente.”

— Irei com vocês.

A tristeza que viam em seu rosto não era simulada. Mostrou-a abertamente, quando voltou à mesa de comando. “A posição que me foi designada.”

Não tentou esconder suas ações, quando codificou os circuitos de Identificação da nave.

“Aliados nos Arquivos.”

Os circuitos começaram a coriscar nas projeções — fitas coloridas com uma conexão interrompida nos sistemas de vôo. O caminho em volta dessa ruptura era visível após alguns momentos de estudo. As observações Mentat tinham sido preparadas para isso.

“Múltiplos através do núcleo.”

Idaho sentou-se e esperou.

A subida foi um momento atordoante de vácuo, que parou abruptamente quando estavam afastados da superfície o suficiente para engatar os campos nulos e entrar nas dobras do espaço.

Idaho observou sua projeção. Lá estavam eles: o velho casal em seu jardim! Ele viu a rede bruxuleante à sua frente, o homem fazendo gestos na direção dela, sorrindo com total satisfação. Eles se moviam numa retransmissão transparente, que revelava os circuitos de nave por trás. A rede tornou-se maior — não linhas, mas fitas mais grossas que os circuitos projetados.

Os lábios do homem formaram as palavras, mas não havia som. “Nós esperávamos vocês.”

As mãos de Idaho foram para a mesa de comando, dedos em leque no campo comunicador para se apoderar dos elementos necessários do controle de circuito. Sem tempo para sutilezas. Ruptura total. Ele estava no núcleo em um segundo. Daí, era simples descarregar segmentos inteiros. A navegação em primeiro lugar. Ele viu a rede começar a ficar delgada, o olhar de surpresa no rosto do homem. Os campos nulos vinham a seguir. Idaho sentiu a nave dando guinadas nas dobras do espaço. A rede inclinou-se, tornando-se alongada com os dois observadores escorçados e adelgaçados. Idaho apagou os circuitos de memória estelar, levando com eles seus próprios dados.

A rede e os observadores desapareceram.

“Como eu soube que eles estariam lá?”

Ele não tinha resposta, a não ser uma certeza enraizada nas repetidas visões.

Sheeana não ergueu o olhar quando ele a encontrou no painel provisório de controle de combate, nos alojamentos das guardas. Estava curvada sobre o

painel, com o olhar fixo consternado. A projeção logo acima mostrava que tinham emergido das dobras do espaço. Idaho não reconheceu nenhum dos padrões estelares visíveis, mas já esperava por isso.

Sheeana girou e olhou para Garimi que estava de pé a seu lado. — Perdemos toda a armazenagem de dados!

Idaho bateu na testa com o indicador. — Não, não perdemos.

— Mas levará anos para recuperar os dados essenciais! — Sheeana protestou. — O que aconteceu?

— Somos uma nave não identificável num universo não identificável — Idaho disse. — Não é o que queríamos?

47

Não há segredo no equilíbrio. Basta sentir as ondas.

— Darwi Odrade

Murbella sentiu que tinha-se passado um século desde que reconhecera a decisão de Duncan.

"Desaparecer no espaço! Deixar-me!"

O invariável sentido de tempo adquirido na Agonia dizia-lhe que tinham-se passado apenas alguns segundos, mas ela achou que soubera desde o início.

Ele deve ser detido!

Estava se dirigindo ao painel de comunicações, quando a Central começou a estremecer. O tremor continuou por um tempo interminável e diminuiu devagar.

Bellonda ergueu-se. — O que....

— A não-nave da Plataforma acaba de levantar vôo — Murbella disse. Bellonda aproximou-se do painel de comunicações, mas Murbella a deteve.

— Já foi.

"Ela não deve ver minha dor."

— Mas quem... — Bellonda ficou quieta. Tinha sua própria avaliação das consequências, e viu o mesmo que Murbella.

Murbella suspirou. Tinha todas as blasfêmias da História à sua disposição e não queria nenhuma.

— No almoço, comerei em minha sala de refeições particular com as conselheiras, e quero que você esteja presente — Murbella disse. — Mande Duana preparar ostras, novamente.

Bellonda começou a protestar, mas tudo o que conseguiu dizer foi: — De novo?

— Lembra-se de que jantei sozinha lá embaixo, ontem à noite? — Murbella retomou seu lugar.

"A Madre Superiora tem obrigações!"

Havia mapas a mudar, rios a seguir e Honradas Madres a domesticar.

"Algumas ondas a derrubam, Murbella. Mas você se levanta de novo e continua. Cai sete vezes, levanta oito. Você pode se equilibrar em superfícies

estranhas.”

“Eu sei, Dar. Participação voluntária em seu sonho.”

Bellonda ficou olhando para ela, até que Murbella disse: — Fiz minhas conselheiras sentarem-se a uma certa distância, ontem à noite. Foi estranho — somente as duas mesas no refeitório inteiro.

“Por que continuo esta conversa vazia? Que desculpas eu tenho para meu comportamento extraordinário?”

— Ficamos nos perguntando por que nenhuma de nós tinha permissão para entrar em nosso próprio refeitório — Bellonda disse.

— Para salvar suas vidas! Mas você devia ter visto o interesse delas. Eu li seus lábios. Angelika disse: — Ela está comendo uma espécie de ensopado. Eu a vi dando ordens à cozinheira. Que mundo maravilhoso, este aqui! Precisamos experimentar esse prato que ela pediu.

— Amostras — Bellonda disse. — Sei. — E então: — Sabia que Sheeana levou o quadro de Van Gogh de... seu quarto de dormir?

“Por que isso dói?”

— Notei que não estava lá.

— Disse que o estava tomando emprestado para seu quarto na nave. Os lábios de Murbella comprimiram-se.

“Malditos! Duncan e Sheeana! Teg, Scytale.... todos eles foram embora, e não há meio de segui-los. Mas ainda temos os tanques axlotl e células de Idaho de nossos filhos. Não é o mesmo.... mas parecido. Ele pensa que escapou!”

— Você está bem, Murbella? — Havia preocupação na voz de Bell. “Você me preveniu sobre coisas violentas, Dar, e eu não prestei atenção.”

— Depois do almoço levarei minhas conselheiras num giro de inspeção pela Central. Diga à minha acólita que quero suco de maçã antes de deitar.

Bellonda saiu, resmungando. Isso era mais próprio dela. “Que orientação você me dá agora, Dar?”

“Você quer orientação? Uma excursão com roteiro de sua própria vida? Foi por isso que eu morri?”

“Mas eles levaram o Van Gogh também!”

“É disso que você vai sentir falta?”

“Por que o levaram, Dar?”

Um riso cáustico foi a resposta, e Murbella ficou grata por ninguém ouvir.

“Você não percebe o que ela pretende?”

“O esquema da Missionária!”

“Oh, mais do que isso. É a fase seguinte: Muad’Dib ao Tirano, às Honradas Madres, a nós, a Sheeana.... ao que mais? Você não consegue ver? A coisa está bem aí, na ponta da língua. Aceite como se estivesse engolindo uma

bebida amarga."

Murbella estremeceu.

"Viu? O remédio amargo do futuro de Sheeana? Antigamente pensávamos que todo remédio tinha de ser amargo para fazer efeito. Nenhum poder de cura no que era doce."

"Tem de acontecer, Dar?"

"Alguns sufocam com esse remédio. Mas os sobreviventes podem criar padrões interessantes."

48

Os opostos emparelhados definem os seus desejos e esses desejos os aprisionam.

— O Açoite Zensunni

— Você deliberadamente os deixou escapar, Daniel!

A velha esfregou as mãos na frente manchada de seu avental de jardinagem. Era uma manhã de verão, as flores se abrindo, os pássaros chamando das árvores próximas. Havia uma aparência embaciada no céu, um brilho amarelo próximo ao horizonte.

— Ora, Marty, não foi deliberado — Daniel disse. Ele tirou seu chapéu *porkpie* e esfregou a moita espetada de cabelos grisalhos, antes de repô-lo. — Ele me surpreendeu. Eu sabia que ele nos via, mas não suspeitei que ele visse a rede.

— E eu tinha escolhido um planeta tão bom para eles — Marty disse. — Um dos melhores. Um verdadeiro teste para suas habilidades.

— Não adianta se lamentar agora — Daniel disse. — Eles estão onde não podemos alcançá-los. No entanto, ele estava tão frágil, que eu esperava pegá-lo com facilidade.

— Eles tinham um Mestre Tleilaxu também — Marty disse. — Eu o vi quando estavam sob a rede. Eu gostaria tanto de estudar outro Mestre.

— Não vejo por quê. Sempre assobiando para nós, sempre nos obrigando a pisoteá-los. Não gosto de tratá-los assim, e você sabe por quê. Se não fosse por eles...

— Eles não são deuses, Daniel....

— Nem nós.

— Acho que você os deixou escapar. Você é tão aflito para podar suas roseiras!

— De qualquer modo, o que você teria dito ao Mestre? — Daniel perguntou.

— Eu ia fazer uma brincadeira, quando ele perguntasse quem éramos. Eles sempre perguntam isso. Eu ia dizer: “O que você esperava, o próprio Deus, com uma barba ondulante?”

Daniel riu. — Teria sido engraçado. Eles têm tanta dificuldade em aceitar que os Dançarinos Faciais possam ser independentes.

— Não vejo por quê. É uma consequência natural. Eles nos deram o poder de absorver as memórias e experiências de outras pessoas. É só juntar o suficiente e...

— São as personas que pegamos, Marty.

— O que seja. Os Mestres deveriam ter sabido que juntaríamos um número suficiente deles, algum dia, para tomarmos nossas próprias decisões sobre nosso próprio futuro.

— E o deles?

— Oh, eu teria pedido desculpas depois de colocá-lo em seu lugar. Você pode controlar tanto os outros, não é, Daniel?

— Quando você fica com esse ar, Marty, eu vou podar minhas roseiras. — Ele voltou para uma fila de arbustos com folhas verdes e flores negras tão grandes como sua cabeça.

Marty chamou-o: — Se reunirem um numero suficiente de pessoas, terão uma esfera de conhecimento, Daniel! É o que eu lhe teria dito. E aquelas Bene Gesserit na nave! Eu lhes teria dito quantas delas eu tenho. Já notou como parecem alienadas quando percebem que as espreitamos?

Daniel curvou-se sobre suas rosas negras.

Ela o encarou, com as mãos nos quadris.

— Para não falar dos Mentats — ele disse. — Havia dois deles naquela nave — ambos gholas. Você queria brincar com eles?

Os Mestres sempre tentam controlá-los — ela disse.

— Aquele Mestre vai procurar encrenca se tentar se intrometer com o grandão — Daniel disse, cortando fora o broto de um rizoma. — Opa, esta é uma beleza.

— Mentats também! — Marty disse. — Eu lhes teria dito: "Um centavo a dúzia, é o que valem."

— Centavo? Não acho que eles teriam entendido, Marty. As Reverendas Madres, sim, mas não o Mentat grandão. Ele não se distendeu tão longe no passado.

— Você sabe o que deixou escapar, Daniel? — ela interpelou, aproximando-se dele. — Aquele Mestre tinha um tubo de nulentropia no peito. Cheio de células de ghola, também!

— Eu vi.

— É por isso que os deixou escapar!

— Não os deixei. — Suas tesouras continuaram a cortar. — Gholas. Eles o acolherão.

DEDICATÓRIA

Aqui está outro livro dedicado a Bev, amiga, esposa, ajudante de confiança e a pessoa que lhe deu o título. A dedicatória é póstuma, e as palavras que se seguem, escritas na manhã após a sua morte, devem lhes dizer algo sobre a sua inspiração.

Uma das melhores coisas que posso dizer sobre Bev é que não há nada em nossa vida comum que eu precise esquecer, nem mesmo o movimento cheio de graça de sua morte. Ela me deu então o supremo presente de seu amor, uma passagem pacífica, a que ela se referia sem medo ou lágrimas, minorando assim meus próprios medos. Que presente maior pode haver do que demonstrar que você não precisa temer a morte?

O obituário formal dizia: Beverly Ann Stuart Forbes Herbert, nascida a 20 de outubro de 1926 em Seattle, Washington; morta às 5:05 da tarde do dia 7 de fevereiro de 1984 em Kawaloa, Maui. Sei que isso é o máximo de formalidade que ela poderia tolerar. Fez-me prometer-lhe que não haveria um funeral convencional "com o sermão de um pregador e meu corpo em exibição". Como disse: — Não estarei naquele corpo, então, mas ele merece mais dignidade do que uma exibição assim poderia oferecer.

Insistiu que eu não deveria fazer mais do que mandar cremá-la e dispersar suas cinzas por sua querida Kawaloa "onde eu senti tanta paz e tanto amor". A única cerimônia — amigos e pessoas queridas assistindo à dispersão de suas cinzas durante um coro de *Bridge over troubled water.*

Ela sabia que haveria lágrimas nessa ocasião, como há lágrimas enquanto escrevo estas palavras, mas, em seus últimos dias, ela frequentemente falava em lágrimas como coisa fútil. Reconhecia-as como parte de nossa origem animal. O cão uiva com a perda de seu dono.

Uma outra parte da consciência humana dominava sua vida: o Espírito. Não numa religiosidade piegas ou em alguma coisa que á maioria dos

Espiritualistas associaria com a palavra. Para Bev, era a luz brilhando da consciência refletida em tudo que ela encontrava. Em função disso, posso dizer que a despeito do meu pesar, e mesmo dentro dele, essa alegria enche meu espírito através do amor que ela me deu e continua a dar-me. Nada, na tristeza de sua morte, representou um preço demasiado alto para o amor que compartilhamos.

Sua escolha da canção para ser cantada na dispersão de suas cinzas refletia o que dizíamos frequentemente entre nós — que ela era a minha ponte e eu a dela. Isso é a síntese da nossa vida de casados.

Começamos essa vida compartilhada com uma cerimônia diante de um ministro em Seattle, em 20 de junho de 1946. Nossa lua-de-mel foi passada num posto de vigilância de incêndio no topo de Kelley Butte na Snoqualmic National Forest. Nossos alojamentos tinham quatro metros quadrados com uma cúpula acima de apenas dois metros quadrados, na maior parte ocupada pelo detector de incêndio com o qual localizávamos toda fumaça que víamos.

Em acomodações restritas, com uma vitrola de corda e duas máquinas de escrever portáteis ocupando um bom pedaço da mesa, estabelecemos muito bem o padrão de nossa vida em comum: trabalho para manter a música, a atividade de escrever e outras alegrias que a vida oferece.

Nada disso é para dizer que vivemos em constante euforia. Longe disso. Tivemos momentos de tédio, medos e dores. Mas sempre havia tempo para o riso. Mesmo no fim, Bev ainda podia sorrir para dizer-me que eu a tinha colocado bem nos travesseiros, que eu tinha aliviado a dor de suas costas com uma massagem delicada, e outras coisas necessárias, porque ela não podia mais fazê-las sozinha.

Em seus últimos dias, Bev não queria que ninguém a tocasse, a não ser eu. Mas nossa vida de casados tinha criado um tal vínculo de amor e confiança, que muitas vezes dizia que as coisas que eu lhe fazia eram como se ela mesma as fizesse. Embora eu tivesse que prover-lhe os cuidados mais íntimos, os cuidados que se dispensam a uma criança pequena, ela não se sentia ofendida nem achava que sua dignidade estava sendo invadida. Quando eu a tomava em meus braços para torná-la mais confortável ou banhá-la, Bev sempre colocava os braços em meu ombro e seu rosto se aninhava na cava do meu pescoço, como sempre o tinha feito.

É difícil transmitir a alegria desses momentos, mas asseguro que ela existia. Alegria do espírito. Sua mão estava na minha quando morreu, e o médico que a atendia, com lágrimas nos olhos, disse aquilo que eu e muitos outros tínhamos dito a seu respeito.

— Ela tem graça.

Muitos dos que viram essa graça não a compreenderam. Lembro-me da madrugada em que entramos no hospital, para o nascimento de nosso primeiro filho. Estávamos rindo. Os atendentes nos olharam com censura.

Nascimento é coisa dolorosa e perigosa. As mulheres podem morrer dando à luz. Por que eles estão rindo?

Estávamos rindo porque a perspectiva de vida que era parte de ambos nos enchia de alegria. Estávamos rindo porque o nascimento estava para acontecer num hospital construído no local do mesmo hospital onde Bev tinha nascido. Que continuidade maravilhosa!

Nosso riso era contagioso, e logo outros que encontramos a caminho da sala de parto estavam sorrindo. A desaprovação tornou-se aprovação. O riso era sua nota de graça em momentos de estresse.

Era seu, também, o riso do constantemente novo. Tudo que ela encontrava tinha algo novo em si para entusiasmá-la. Havia uma ingenuidade em Bev que era, a seu modo, uma forma de sofisticação. Queria encontrar o que havia de bom em cada coisa e cada criatura. Como resultado, despertava essa resposta nas pessoas.

— Vingança é para as crianças — dizia ela. — Somente pessoas que são basicamente imaturas a desejam.

Ela era conhecida por chamar as pessoas que a tinham ofendido e suplicar-lhes que pusessem de lado os sentimentos destrutivos. — Sejamos amigos. Nenhuma das fontes de condolências que nos inundaram depois de sua morte surpreendeu-me.

Era típico de Bev querer que eu chamasse o radiologista cujo tratamento em 1974 foi a causa aproximada de sua morte, e agradecer-lhe “por ter-me dado estes dez anos maravilhosos. Não deixe de fazê-lo entender que eu sei que ele fez o máximo por mim quando eu estava morrendo de câncer. Ele fez o que havia de melhor, e eu quero que ele saiba do meu reconhecimento”.

É de surpreender que eu olhe para todos esses anos juntos com uma felicidade que transcende qualquer coisa que as palavras possam descrever? É de admirar que eu não queira nem precise esquecer um momento sequer? Muitos outros meramente tocaram sua vida na periferia. Eu a compartilhei nas formas mais íntimas, e tudo que ela fez me fortaleceu. Não teria sido possível, para mim, fazer o que a necessidade exigia que eu fizesse durante os dez anos finais de sua vida, fortalecendo-a, em retorno, se ela não tivesse se dado nos anos precedentes, não retendo nada. Considero isso como minha enorme sorte e o privilégio mais miraculoso.

Frank Herbert
Port Townsend, WA
6 de abril de 1984

SOBRE O AUTOR

Frank Herbert nasceu em 1920 em Tacoma, Washington. Desde cedo soube que queria ser escritor e, em 1939 mentiu sobre a sua idade para conseguir o seu primeiro emprego no jornal Glendale Star.

Houve um hiato temporário em sua carreira de escritor enquanto ele serviu na marinha americana como um fotógrafo durante a Segunda Guerra Mundial. Ele casou-se com Flora Parkinson em 1941, mas se divorciou em 1945 após o nascimento de sua filha.

Depois da guerra, ele foi até a Universidade de Washington onde conheceu Beverly Ann Stuart numa turma de escrita criativa em 1946. Eles eram apenas estudantes numa turma onde ninguém havia vendido qualquer tipo de publicação—Herbert havia vendido duas histórias para revistas e Stuart havia vendido uma história para revista Modern Romance. Eles se casaram em Seattle em 20 de junho de 1946. Seu primeiro filho, Brian Herbert nasceu em 1947.

Frank Herbert não se formou em uma faculdade, de acordo com Brian, porque ele só estudava o que lhe interessava e, portanto, não conseguia completar os cursos necessários.

Depois da faculdade, ele retornou ao jornalismo, trabalhando no Seattle Star e no Oregon Statesman. Ele também foi escritor e editor da revista California Living (da San Francisco Examiner) por mais de uma década.

Herbert começou a ler ficção científica nos anos quarenta e, na década de 50 começou a escrevê-la, com pequenas histórias que eram publicadas em Startling Stories e outras revistas. Durante essa década publicou cerca de 20 histórias.

Herbert recusou-se a permitir que a grande banda inglesa de heavy metal IRON MAIDEN utilizasse o nome da sua obra "Duna" num dos seus temas do álbum "Piece of Mind", A música de Iron Maiden ficou conhecida como "To Tame a Land"

Sua carreira como romancista começou com a publicação de The Dragon in the Sea em 1955, história ambientada num submarino do século XXI como uma forma de explorar sanidade e loucura. O livro previu os conflitos mundiais sobre a produção e o consumo de petróleo. O livro foi um sucesso de crítica, mas não atingiu grande sucesso comercial.

Herbert começou a pesquisar Duna em 1959 e pode dedicar-se em tempo integral a obra porque sua esposa voltou a trabalhar em tempo integral como escritora de propagandas para lojas de departamento. Helbert relatou mais tarde em sua entrevista com Willis E. McNeilly que o romance iniciou-se quando ele supostamente deveria escrever um artigo sobre dunas de areia de Florence, Oregon, mas ele ficou tão envolvido que retornou com muito mais material do que seria necessário para um simples artigo. O artigo nunca foi escrito, mas serviu como base para as idéias que levaram a "Duna".

Depois de seis anos de pesquisa e escrita, Duna foi terminado em 1965. Muito longe do que se esperava de ficção científica na época, ele foi publicado na revista Analog em dois volumes separados, em 1963 e 1965. Ele foi rejeitado por aproximadamente 20 editoras antes de finalmente ser aceito. Um editor profeticamente escreveu "Posso estar cometendo o erro da década, mas...," antes de rejeitar o manuscrito. Mas Chilton, uma editora de pequeno porte na

Filadélfia deu a Herbert um adiantamento de U$7500,00 e Duna logo foi um sucesso de crítica. Ele ganhou o prêmio Nebula pelo melhor romance em 1965 e dividiu o prêmio Hugo em 1966. Duna foi o primeiro romance de ficção científica ecológico, contendo uma grande quantidade de temas inter-relacionados e diferentes pontos de vista de seus personagens - uma característica presente em todo o trabalho maduro de Herbert.

O livro não se tornou um bestseller instantâneamente. Em 1968 Herbert ganhara U$2000,00 com suas publicações, muito mais do que os romances de ficção científica da época estavam lucrando, mas não o suficiente para torna-lo um escritor em tempo integral. Entretanto, a publicação de Duna abriu muitas portas. Ele foi um professor de escrita no Seattle Post-Intelligencer de 1969 até 1972 e estudante de uma série de temas interdisciplinares na Universidade de Washington (1970–2). Ele trabalhou no Vietnam e no Paquistão como consultor social e ecológico em 1972. Em 1973 foi diretor de fotografia do programa de televisão The Tillers.

Um homem é um idiota em não colocar tudo de si, a qualquer momento, no que está criando. Você está fazendo a coisa no papel. Você não está destruindo, está plantando uma semente. Então, não se preocupe com inspiração, ou qualquer coisa como isso. É apenas uma questão de sentar e trabalhar. Eu nunca tive problemas em escrever apenas um parágrafo. Eu já ouvi falar disso. Eu me sentia relutante em escrever em alguns dias, por semanas inteiras, e as vezes até por mais tempo. Eu preferiria muito mais ir pescar, por exemplo, ou apontar alguns lápis, ou ir nadar, ou por que não? Mas, depois, retornando a leitura do que eu havia produzido, eu era incapaz de detectar a diferença do que veio facilmente e do que eu fiz quando me sentei e disse "Bem, agora é hora de escrever e agora eu vou escrever". Não havia diferença entre um papel e outro."

- Frank Herbert

Em 1972 ele pode se tornar um escritor em tempo integral e durante os anos 70 e 80, teve um sucesso comercial considerável como escritor. Ele viveu entre os estados do Hawaii e Washington. Em sua época ele escreveu vários livros e abordou temas ecológicos e filosóficos. Ele continuou a saga Duna, continuando com O Messias de Duna, Os Filhos de Duna e O Imperador Deus de Duna. Outros textos foram The Dosadi Experiment, The Godmakers, The White Plague e os livros que escreveu em parceria com Bill Ransom: The Jesus

Incident, The Lazarus Effect e The Ascension Factor.

Mas sua ascensão foi marcada por tragédia. Em 1974, Bervely foi operada de cancer, o que deu a ela mais dez anos de vida, mas afetou sua saúde. Ela morreu em 7 de fevereiro de 1984. Em sua dedicatória em As Herdeiras de Duna, Herbert escreveu uma nota para sua esposa.

1984 foi um ano tumultuado na vida de Herbert. No mesmo ano que sua esposa morreu, sua carreira decolou com o lançamento da versão filmada de Duna, por David Lynch. Apesar da grande expectativa, de uma produção com grande orçamento e com um elenco classe A, o filme foi pouco elogiado pela crítica e público nos Estados Unidos. Entretanto, apesar da resposta americana desapontadora, o filme foi um sucesso na Europa e no Japão. No mesmo ano Herbert publicou o quinto livro da saga, Os Hereges de Duna. Finalmente, após a morte de Bervely, Herbet casou-se com Theresa Shackelford depois de um ano.

Em 1986 Herbert publicou As Herdeiras de Duna, que deixou em aberto várias possíveis sequências para a saga. Esse foi o trabalho final de Herbert que morreu de cancer do pancreas em 11 de fevereiro de 1986, na cidade de Madison, Wisconsin com 65 anos.

Fonte: Wikipédia

{1} *Uma máquina de efeito de solo é um veiculo que se move sobre um colchão de ar, soprado para baixo por um sistema de hélices ou rotores. O popular bovercraft inglês tornou-se quase um sinônimo destas máquinas. (N. do T.)*

{2} *Guerreiro da mitologia escandinava, componente da guarda de Odin. (N. do T.)*

{3} *Sereia da mitologia germârcica, que habitava o rio Reno antes da poluigão de suas águas. (N. do T.)*

{4} *Espécie de periscópio destinado a abastecer de ar uma tenda recoberta de areia. (N. do T.)*

{5} *Devanear, sonhar acordado, — no original, woolgathering, literalmente "colher lã" — gerou essa cadeia de pensamentos na mente de Leto (N. do T.)*

{6} *No original. o autor faz um trocadilho com a expressão Shebang (armação, negócio). formada pelas palavras she (ela) e bang (som de explosão) numa alusão de Malky à ação do exército feminino de Leto. (N. do T.)*

{7} *Anos-padrio. (N. do T.)*

{8} *Lemingue: mamífero encontrado no norte da Europa e da América do Norte. A espécie é conhecida por seu suicídio em massa. Os animais atiram-se aos milhares do alto de penhascos em direção ao mar. onde nadam até morrerem de exaustão. (N. da T.)*

{9} *Um compartimento destacável, numa espaçonave, para abrigar pessoal ou instrumentos. (N. da T.)*

{10} A expressão em inglês *One hand for your self and one for the ship* tem como correspondente em português "Um olho no padre, outro na missa". (N. da T.)